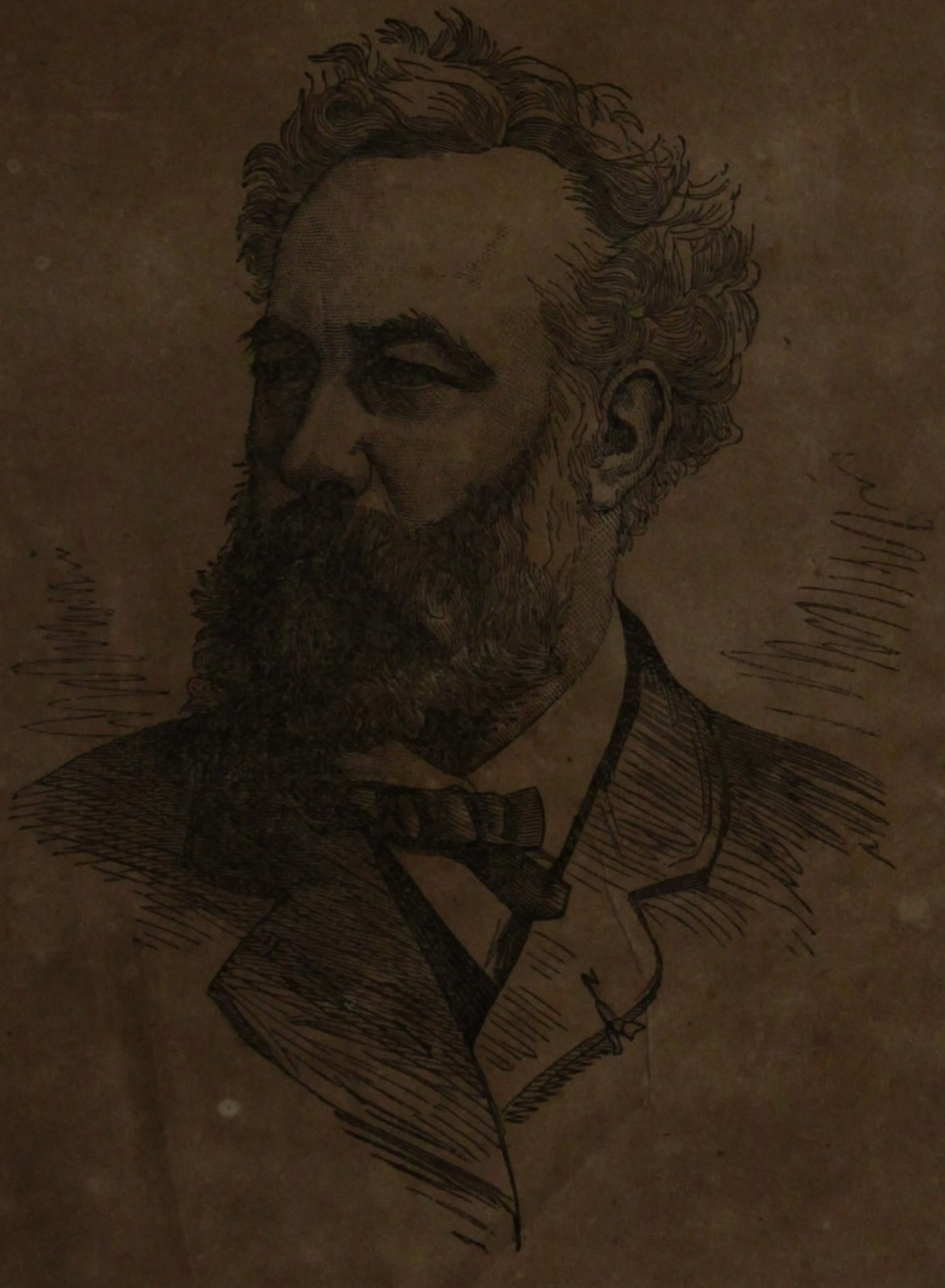
O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

VOLUME PRIMEIRO

(1880—1881)



PORTO
ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO
Praça de D. Pedro, 131
1880-1881

REAL GABINETE PORTUGUEZ
DE LEITURA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

INDICE

(O SIGNAL * INDICA GRAVURA)

* A abbadia de Cluny, 84.
A' beira do Mondego, poesia, por Gonçalves Crespo, 171.
* O abutre dos Alpes, 249.
A. C., poesia, por Alberto Carlos, 30.
Adeus, poesia, por Henrique Marinho, 134.
Adeus, poesia, por Manoel da Motta Manso, 235.
A agonia d'um nobre, por A. A. L. Duque, 366.
Alice, poesia, por Elpidio Pereira, 390.
Amar é viver, poesia, por Ernesto, 331.
A' meia noute, 86, 98, 106, 123, 133, 139.
A minha mãe, poesia, 246.
Amor? poesia, por José Caldas, 198.
* Os Andes, 21.
Anjo, poesia, por Augusta Negrão, 342.
O anjo com quem sonhei, poesia, 310.
* O anno mil, 223, 245, 268.
* Os animaes caçadores, 24.
* Antigona, 308.
A anthropophagia, por Adolpho Salazar, 83, 90, 98.
Ao despertar, poesia, por Joaquim d'Araujo, 271.
Ao redor do mundo sem sahir de casa, 4, 11, 18, 30, 35, 45, 50, 59, 70, 78, 83, 91, 99, 107, 114, 123, 130, 139, 150, 155, 165, 175, 179, 190, 198, 207, 211, 222, 230, 237, 243, 251, 264, 267, 279, 282, 291, 298, 306, 314, 326, 332, 338, 351, 354, 362, 373, 378, 392, 400, 403, 415.
Ao sol posto, poesia, por Alexandre Braga, 115.
Aperto de mão, poesia, por A. Cabral, 411.
* O Ariosto, 57.
* Arte antiga e moderna, 1.
* Aspasia, 229.
A uma peccadora, poesia, por Ernesto Pires, 123.
* Auroras boreaes, 120.
* Auxerre, 289.
* Avignon, 124.
A' Virgem Santissima, poesia, por Anthero do Quental, 130.
* Bahia dos assassinos, 192.
O baile, poesia, por Ernesto, 371.
* O baobab, 72.
* O Barba Azul, por Ernesto de Campos, 228, 238.
* O barometro, 401.
* A batalha das pyramides, 415.
Bellas-Artes, 255, 263.
Bem fazer, poesia, 23.
* Benarés, 328.
* Benjamin Franklin, 37.
* Bernardim de Saint-Pierre, 152.
Bibliographia, 228, 239, 246, 286, 302, 318.
* O bisão, 21.
* O boi, 344.
* Boileau, 265.
* Bombaim, por Heitor de Mello, 5.
* Bombardeamento, 137.
* O Bosphoro, por I. de Vilhena Barbosa, 301.
* Bossuet, por Costa Goes, 180.
* Os botocudos, 280.
A caça, 331, 342, 349, 358.
* A caça da giboia, 177.
* Caçadores selvagens, por J. da Silva, 140.
O café, 208.
* O Cairo, 148.
* A Calabria, 29.
Camões, poesia, por Hermenegilda de Lacerda, 10.
Camões, poesia, por Ernesto Pires, 319.
A Camões, poesia, por Gaspar de Queiroz Ribeiro, 243.
A Camões, poesia, por Braulio Caldas, 211.
Camões e o Oriente, por Edgard Quinet, 406.
Camões e Portugal, por Alberto Carlos, 378, 386.
Canção de Mignon, poesia, por Frei João da Cruz, 6.
O canto do claustro, poesia, por Marcellino Mattos, 203.
* O cão, 356.
* O capitão Cook, 369.
* O capitão Ross, 368.
* Carlos Magno, 41.
* O carneiro selvagem, 208.
A carta, poesia, por Alberto Malheiro, 39.
A castellã, 391, 397, 407.
O castello de Lanhoso, por Pereira Caldas, 159.
As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes, 335, 343, 347, 355, 363, 371, 383.
* Catharina II, 340.
* A cathedral d'Antuerpia, 170.
* A cathedral de Bordeaux, 204.
A cathedral de Colonia, 103, 108, 118, 122, 134.
* A cathedral de Milão, 34.
* A cathedral de Rochester, 114.
Os cavalleiros do amor, 2, 11, 19, 26, 38, 46, 53, 61, 66, 75, 87, 93, 101, 110, 118, 127, 131, 141, 151, 158, 166, 175, 181, 191, 198, 206, 215, 222, 231, 247, 259, 270, 279, 287, 294, 303, 307, 318, 334.
* O cavallo selvagem, 253.
O centenario de Camões, por Madame Rattazzi, 2, 13, 18, 27.
* Chamounix, 9.
* Chandernagor, 348.
O chapéu branco, 222, 227.
Charadas, 7, 15, 23, 39, 79, 200 216.
* As cheias do Nilo, 184.
O chocolate dos jesuitas, por Firmino Pereira, 26.
Chronicas, 111, 119, 135, 151.
As chronicas do povo; os dous pedreiros, 351, 359, 367, 375, 382.
* O colyseu de Roma, por J. da Silva, 204.
* Os combatentes, 285.
Comboio expresso, poesia, por L. A. Palmeirim, 414.
* Comidos pelos tubarões, 101.
Como uns pequeninos animaes preparam uns grandes continentes, por Gonçalves Cardoso, 183, 187, 195.
A condição do homem, por Adolpho Salazar, 342.
* O condor, 217.
Os conhecimentos uteis, 140, 149, 154, 163, 166, 170, 187, 194.
Conselhos ás noivas, 156.
O coração, excerpto, por barão de Roussado, 75, 85.
* Corneille, 164.
Corôa de perpetuas, poesia, por A. Cabral, 379.
* Costumes da China, 116.
* Costumes turcos, 89.
As creanças, poesia, por Helena de Carvalho, 62.
* Cromwel, 292.
Crucifixus! pelo conego Alves Mendes, 258.
* As cruzadas, 3, 365, 415.
* Os cruzados, 316.
A cruz do adro, poesia, por Fausto d'Horta, 223.
Datas memoraveis: O Rio dos Reis, 149; A tomada de Silves, 156; Victoria das linhas de Elvas, 164; Victoria de Duarte Pacheco Pereira, 174; Batalha dos Atoleiros, 182; Tomada de Leiria, 188; Victoria em Damão, 199; Tomada de Goa, 204; Batalha de Touro, 213; Victoria de Mombaça, 222; Primeiro cerco de Malaca, 230; Tomada de Santarem, 236; Tomada de Faro, 247; Acclamação de D. João I, 255; Segundo cerco de Diu, 271; Victoria de Trancoso, 278; Victoria em Masagão, 285; Tomada de Santarem, 293; Defeza de Cananor, 304; Batalha de Montijo, 311; Batalha do Ameixial, 320; Conquista de Tavira, 327; Batalha de Montes Claros, 350.
De madrugada, poesia, por Henrique de Avellar, 15.
De noute, poesia, por A. da Cunha, 334.
Desalento, poesia, por Teixeira de Carvalho, 227.
Desanimo, poesia, por Marianno Augusto, 27.
Desejos, poesia, por Abel Acacio Moutinho, 102.
* Dieppe, 112.
Os dramas do mar; um navio em chammas, 30, 39, 47, 52, 63, 78, 94, 102, 115, 126, 130, 142.
* Os druidas, 49.
Duas datas, poesia, por Teixeira de Carvalho, 202.
* Duguesclin, 298.
* Duquesne, 17.
* O elephante, 300.
Ella, poesia, por J. de Deus, 375.
* Elogio do cão, 60.
A eloquencia forense, por Adolpho Salazar, 189, 195, 203.
Emile Guimé, pelo padre Patricio, 59.
Em dia de S. Martinho, 95.
Em Londres, 117, 123, 131.
Em uma campa, poesia, por João de Deus, 110.
Encanto, poesia, por Annes Baganha, 275.
* O encantador de serpentes, 73.
Enygma, 119.
O espelho da alma, 157, 167, 171.
O espirito humano, excerpto, por Emilio Castellar, 157, 162.
* Os esquimós, 317.
* O estreito do rei Jorge, 193.
Exposição musical de Milão, 279, 283, 295, 303, 310.
Extravagancias humanas, 383, 386, 395.
A filha do rei, por Costa Goodolphim, 50, 58.
Os filhos, poesia, por Henrique Marinho, 35.
* Fenelon, por J. da Silva, 77.
Fragmento d'um poema, poesia, por Alberto Carlos, 162.
* Francisco I, 105.
D. Francisco de Almeida com os rumes, por Bulhão Pato, 390, 394.
No fundo d'um poço, 370, 382, 387.
* Gallileu, 129, 143, 147.
* O Garaguay, 348.
Os gauchos, 189, 197, 205.
* Genebra, 324.
* A giboia, 40.
* O glutão do norte, 8.
* O golfo de Napoles, 335.
* Guilherme Tell, 164.
Guimarães, poesia, por J. Machado Pinheiro, 142.
* O Haiti, 111.
* Hamadan, 44.
* A Hollanda, 201.
O homem que não póde casar, 6, 15, 22.
O homensinho, 97.
Os homens uteis: O infante D. Henrique, 100, 107; Pestalozzi, 115; Colbert, 125; Abbade de L'Epée, 133; Newton, 138; Daguerre, 150; Francisco de Almada, 158, 166; Jenner, 172; Berthollet, 179; João Pinto Ribeiro, 190; Washington, 196; Copernico, 205; Volta, 214; Bourgelat, 219; Diniz Papin, 230; Dombasle, 239; Howard, 246; Montyon, 253; Chaptal, 267; Descartes, 277; Herschel, 287; Laennec, 292; Fulton, 300; Jacquard, 307; Jussieu, 315; Sicard, 325; Madame Fry, 340; Galvani, 350; De Lasteyrie, 358; Gay-Lussac, 363; Watt, 384; Christovão Colombo, 408; Larrey, 412.
* As houris, 108.
* As ilhas Borromeias, 80.
* A ilha dos Cangurus, 329.
* A ilha de Santa Helena, 232.
Ao immortal Camões, poesia, por J. M. Coelho d'Amarante, 286.
Impertinente mosca, por Firmino Pereira, 214.
A Inglaterra, poesia, por Guilhermino Augusto, 323.
Os inglezes na India, 399, 404, 411.

· A innocencia, 97.
Innocente, poesia, por A. E. Macedo Ortigão, 290.
*O invalido, poesia, por J. A. Sant'Anna e Vasconcellos, 402.
· Interlaken, 340.
O inverno, por D. C. Lemos Carneiro, 178.
· A Irlanda, 176, 182.
· Os jardins mouriscos, 212.
· Jerusalem, 372.
· Os jesuitas, 345, 375, 381, 388.
· Joanna d'Albret, 13.
· Joanna d'Arc, 145, 155, 163, 171, 183.
Jorge de Castro, por Alberto Carlos, 173, 178, 186, 194, 202, 210, 218, 226, 234, 242, 250, 258, 266, 274, 282, 290, 298, 305, 314, 322, 330, 341, 346, 356, 364, 372, 380, 390, 394, 401, 409.
· Julio Verne, 153.
Juramento, poesia, por Casimiro d'Abreu, 126.
· Kamtschatka, 256.
· Kosciusko, 220.
· Os kurdos, 212.
· La Fontaine, 185.
· O lago de Nicaragua, 353.
· A Laponia, 136.
O lar, por Virgilio Abreu, 327.
Lembrança, poesia, por J. D. Castro, 147.
A lenda da ilha da Madeira, 247, 254, 265, 275.
No leque d'Annita, poesia, por Vieira Natividade, 63.
· A lytographia, 396.
· O lobo, 272.
*A Luiz de Camões, poesia, por A. J. Viale, 187.
A lyra da natureza, poesia, por Leite de Vasconcellos, 91.
· A macieira d'Eva, 29.
· Madame de Sevigné, 321.
Mais um centenario, pelo padre Patricio, 299.
· O Mammouth, 385.
· O Manuel das Moças, excerpto, por Arnaldo Gama, 21.
· O mar, por João A. Ribeiro, 276.
· Os maronitas, 68.
Marques Gomes, por Costa Goes, 252.
Mater dolorosa, poesia, por Alberto Cruz, 257.
A matança do dia de S. Bartholomeu, por Luiz Mendes, 411.
· Martinho Luthero, 237.
· Meca, 76, 84.
A medicina portugueza, excerpto, por Camillo Castello Branco, 321, 334.
A meditação de Jesus, por H. Herculano, 262, 269.
Melancolia, poesia, por Amelia Janny, 155.
Melancolia, poesia, por João de Deus, 251.
· A mesquita do sultão Achmed, 116.
· Mesquitas turcas, por J. da Silva, 12.
O Mexico, 253.
Miguel y Luiz, poesia, 179.
· As mil e uma noutes, 160.
O missionario, poesia, por Sebastião P. da Cunha, 54.
O Monomotapa, 404, 412.
· Montreal, 277.
· Moscow, 373.
A mulher, excerpto, por visconde de Castilho, 6.
A mulher, por Virgilio Abreu, 248.
· Mulher de Meca, 293.
A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos, 271, 278, 286, 291, 309.
Mythologia vegetal, 389, 398.
· Nadir Shah, 140, 148.
Na aldeia, por Firmino Pereira, 234.
· Na India, 236.
· Nantes, por J. da Silva, 60.
Não chores, poesia, por Teixeira de Carvalho, 43.
· As nascentes do Rheno, 288.
A noite de S. João, poesia, por Alberto Carlos, 355.
No templo, por Azevedo Ramos, 359.
A noite de S. João, por A. Costa Goes, 338.
· Nostradamus, 173.
No tumulo, poesia, por João de Deus, 350.
· Odessa, 56.
Offenbach, por Theodoro, 69.
Os olhos, 309.
A orphã, poesia, por Alfredo Angra, 14.
O orvalho e a lagrima, poesia, 58.
O ostracismo, por Adolpho Salazar, 357.
O ovo, excerpto, por Michelet, 43, 51.
· Pagodes, 360.
Palavras na sombra, poesia, por Ernesto Pires, 174.
· O papa Leão X, 258.
Passando, poesia, por Alfredo Campos, 158.
A patria, excerpto, pelo conego Alves Mendes, 125.
Paulo, poesia, por B. Werneck, 307.
Pedido, poesia, por E. A. Vidal, 195.
· Pekin, por Heitor de Mello, 36.
· O peregrino, 377.
Perfis, poesia, por Ernesto Pires, 78.
Perigos, poesia, por Antonio da Cunha, 283.
As perolas, 351.
Phenix renascida, poesia, por Ernesto, 395.
Phtysico sceptico, poesia, por A. E. Macedo Ortigão, 346.
· O pico de Teneriffe, 172.
· Piratas, 380.
A pobreza e o trabalho, por Jayme, 116.
O poeta, poesia, por Guilherme Braga, 47.
· Poitiers, 364.
· A ponte de Friburgo, 63.
A ponte do Moinho, 27, 34, 42.
· A ponte pensil do Niagara, 305.
· A ponte de Rokeby, 241.
Os portuguezes na India, 243, 254.
· A poupa, 337.
· *Poussin, 234.
O primeiro beijo, poesia, por Adelina Amelia Lopes Vieira, 67.
· Puy, 108.
* Quebec, por J. da Silva, 20.
Que triste fim! poesia, por I. Osorio Gondin, 362.
· Os rajahs, 92.
Realidades, poesia, por Teixeira Bastos, 207.
Recordações, poesia, por Francisco Seara Junior, 387.
· As regiões polares, 96.
Religião e liberdade, pelo conego Alves Mendes, 235.
· As religiões no Japão, 333.
· O relogio da cathedral de Strasburgo, 396.
Remember, poesia, por Teixeira de Carvalho, 86.
· Richelieu, 220.
· O Rheno, 16.
A rosa e a violeta, poesia, por A. E. Macedo Ortigão, 298.
* Rubens, 81.
O rubor da Virgem, poesia, por Balthasar Werneck, 215.
* Ruinas de Carthago, 260.
· Na Russia, 52.
Sá Noronha, 211, 221, 231, 238, 245, 268, 277, 316, 323.
· O Sahara, 104.
Saudade, poesia, 83.
Saudades, poesia, por J. P. Souza Macario, 219.
Scena intima, poesia, por C. de Abreu, 398.
Scena triste, poesia, por Helena de Carvalho, 19.
A sesta, poesia, por Ernesto Rebello, 3.
Sciencia para todos, pelo doutor Jayme; o reino animal, 202, 214, 218, 226, 239, 242, 250, 262; os vegetaes, 311, 315, 325, 330, 350; chimica, 406, 410.
* O Simplon, por J. da Silva, 101.
* O simun, 188.
* O Sinai, 48.
* Smyrna, 92.
* Sobre o gelo, 84.
A sociedade dos tres, 301, 310, 317, 327, 334, 339, 347, 354, 366, 374, 379, 386, 396, 402, 413.
Sol intimo, poesia, por João de Deus, 75.
O solo submarino, 251.
Soneto, por Annes Baganha, 407.
Sonetos, por Anthero do Quental, 99.
Os sonhos dos fumadores d'opio, 135, 138, 147.
· Spira, 284.
· Stromboli, por J. da Silva, 132.
· Sumatra, 325.
Supplica, poesia, 278.
· S. Vicente de Paula, 196.
· O tamenduá-guaçu, 360, 370.
* Templo subterraneo d'Elorá, na India, 225.
* Teneriffe, 210.
* A terra, excerpto, por Buffon, 414.
O testamento da velha, poesia, por Freitas e Costa, 107.
O teu olhar, poesia, por Amelia Janny, 118.
Theresinha, por Costa Goes, 146, 154.
* O Tibre, 44.
* O Tintoreto, 52.
* Tomada de Jerusalem, 200.
* Os torneios, 248.
* A torre de Nesle, 313.
* O Tyrol, 161.
* Torre de porcellana, 216.
* As touradas, 32.
* Tragedias do harem, 63.
* Em Traz-os-Montes, 381.
Tres cantos, poesia, por Casimiro d'Abreu, 315.
Tres phases, poesia, por Sandoval de Aguiar, 94.
A tua roca, poesia, por Simões Dias, 339.
Ultima voz de Camões, poesia, por F. M. Supico, 267.
* Uma victoria naval dos portuguezes, 25, 35, 43.
* Um bom chinez, 281.
Umbra et lux, poesia, por Joaquim d'Araujo, 238.
Um poeta, por Alberto Carlos, 69, 74, 82, 93.
* O urso, 128.
Um theatro particular, excerpto, por Pinheiro Chagas, 367, 370.
* Um viaducto, 320.
* Valparaiso, 144.
* O vampiro, 274, 281, 290.
* Van Dyck, 148.
Vão-se os deuses, poesia, por João Penha, 183.
A variola, 318.
Velhos carapetões, por Manoel M. Rodrigues, 86.
A velhice, fragmento d'um livro inedito, por Alexandre Herculano, 109, 114.
* Em Veneza, 88.
A Venus Negra, 55, 62, 71.
Vera effigie, poesia, por Maria Gastão, 383.
Vesuvio, por Alberto Carlos, 294.
* Viagens em Marrocos, 388.
* Vienna, por A. da Silva, 180.
* Vincennes, 296.
* Volta, 393.
* A voz do progresso, por Augusto Pinheiro, 261.
Voz intima, poesia, por Henriqueta Elisa, 254.
O vulcão de Kilanea, 376.
* O xadrez, 413.
Zamperini, 393.
Zig-Zags, 7, 15, 23, 30, 39, 47, 55, 71, 79, 87, 95, 111, 119, 127, 135, 143, 151, 159, 168, 183, 191, 199, 207, 224, 232, 240, 256, 263, 288, 296, 304, 312, 320, 328, 344, 352, 360, 368, 376, 400.
Zora, 287, 293, 300.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 1

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 30 DE AGOSTO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — Arte antiga e moderna — Os Cavalleiros do amor (romance historico) O centenario de Camões, pela princeza Rattazzi — A sésta (poesia) por Ernesto Rebello — As cruzadas, por J. da Silva — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Bombaim, por Heitor de Mello — De madrugada (poesia) por Henrique d'Avellar — A mulher, excerpto, pelo visconde de Castilho — Canção de Mignon (poesia) por Frei João da Cruz — O homem que não póde casar — Charada, por Julia Lisse — Zig-Zags — O glutão do norte — Prospecto.

Illustrações: — Uma egreja gothica moderna — Um chefe de cruzados — Bombaim — O glutão do norte.

ARTE ANTIGA E MODERNA

Não ha nada que não tenha a sua utilidade real n'este mundo.

Era bom tempo aquelle em que a piedade levada ao excesso do fanatismo, e por aqui se prova que até o fanatismo teve a sua parte d'influencia no progresso material dos povos, era bom tempo aquelle em que o fanatismo dos reis ou dos povos erguia templos como o Escurial, Mafra e tantos outros que ainda hoje são a admiração de quem os vê! O fanatismo fez tudo aquillo, como fez muita cousa má, como ditou a expulsão dos judeus e accendeu as fogueiras da inquisição.

Fosse porém como fosse, o certo é que as paixões apagaram-se e os homens desappareceram, mas os monumentos ficaram; os veos que assombreavam os espiritos rasgaram-se e raiou uma era nova; as crenças populares revestiram uma nova forma; o mundo moderno apresenta uma face muito diversa. Mas o passado impõe-se-nos ainda á consideração, grave, sizudo, austero, como os monumentos que nos falam d'elle.

Por isso digo que o fanatismo fez alguma cousa, fez muito, talvez, á vista d'estes tempos que vão correndo. E não admira, porque emfim o fanatismo era uma força viva que obrava prodigios, fossem quaes fossem as fontes de que dimanava, ou o fim mais ou menos vicioso a que obedecia.

UMA EGREJA GOTHICA MODERNA

Hoje não se levantam egrejas, sobre tudo egrejas, como outrora. O espirito da epoca cousubstancia-se n'outras emprezas menos abstractas, mais positivas e quiçá mais generosas. A devoção é mais simples e a egreja deixou de ser um logar de terror, perdeu os seus foros antigos de calabouço das almas; sem deixarem de ser imponentes, os templos modernos são edificios elegantes, ale-

gres, bem arejados, com uma perspectiva que encanta, um não sei quê que nos diz que a religião do Deus verdadeiro não é uma religião de trevas, mas uma religião de luz suave e amor inefavel.

Ha porém ainda hoje templos que alliam os dous elementos, o antigo e o moderno, e se nos apresentam com as formas primitivas mais aperfeiçoadas, menos pesadas, menos severas, mais simples e mais elegantes.

Tal é a egreja representada na gravura da primeira pagina. E' um bello especimen d'egreja gothica moderna.

Pertence, é verdade, a uma escola antiga, a escola d'architectura rendilhada, recamada de delicados arabescos, como os nossos templos de Belem e Batalha, especie d'epopeias de pedra de seculos cavalheirosos; mas n'este o architecto, mais positivo e menos phantasioso, poz de parte os mil detalhes que tornam ás vezes monotona uma obra d'arte. E esta nem por isso deixa de ser uma manifestação brilhante do talento que a concebeu; não symbolisa menos a nossa fé viva em uma religião que não pode morrer.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

PROLOGO

UM AMOR CRIMINOSO

—

I

Ahi pelas cinco horas da tarde d'um dia do outono de 1776, os bosques de Valsain achavam-se invadidos por uma multidão alegre, irrequieta e buliçosa, que os cruzava em todas as direcções, despedindo gritos jubilosos.

O bom rei D. Carlos III, de Hespanha, entregava-se á caça, sua diversão favorita, e precisamente esta tinha offerecido n'aquelle dia as peripecias e todos os incidentes que tanto enthusiasmam os caçadores.

Dous dias antes o monteiro-mor fôra participar a el-rei que algumas peças se haviam levantado no bosque, tomando por isso as medidas convenientes para não escaparem até ao dia que o soberano designasse.

Carlos, que, quando se tratava d'uma caçada, mostrava sempre as melhores disposições, deu parte do occorrido aos seus cavalleiros; dispoz para d'alli a dous dias o ataque, e o monteiro-mor partiu para o bosque, afim de dispor as cousas para a diversão projectada.

No momento em que a nossa narração começa, a caçada estava, digamol-o assim, no seu periodo algido.

Pela manhã tinham-se levantado um javali, dous ou tres veados e algumas peças menores; os vigias foram estreitando o circulo, os caçadores espalharam-se por diversos sitios, as trompas resoavam cada vez com mais força, as pistas já estavam completamente determinadas; tudo emfim annunciava que a crise suprema se achava proxima.

Em um dos extremos do bosque, onde se abria uma pequena clareira, junto da qual corria um pequeno regato, um cavalleiro, caçador sem duvida, dos que acompanhavam o monarca, estava a falar com um individuo de má catadura, de feições sombrias, e, naturalmente, o fim da conversação era muito grave, porque falavam em voz baixa, e tanto um como o outro não cessavam de dirijir vistas cautelosas ao redor d'elles.

—Que meio tencionas empregar para attrahir Alina a este sitio? perguntou o cavalleiro.

—Não se importe com os meios, respondeu com desembaraço o interlocutor, uma vez que realise o que deseja.

—De modo que tens toda a confiança no exito?

—Tenho-a em tudo quanto faço, respondeu com certa fatuidade o personagem da má catadura.

—Mas vamos a ver, Garcia, disse o cavalleiro. Porque preferes dar-te a essa vida d'aventuras, quando eu podia com uma só palavra alcançar-te um emprego na côrte? Decide-te a abandonar essa existencia aventureira e cheia de perigos, que eu prometto-te...

—Não me prometta nada, snr. conde, porque eu nada aceitaria. Porque não abandona o senhor tambem uma vida de leviandades e até de crimes? Porque alguma cousa o impelle por esse caminho, apesar da posição que disfructa na côrte, apesar de ter uma esposa que o ama, um filho que amanhã poderá ser o seu orgulho e uma filha destinada a ser a herdeira das virtudes e da belleza de sua mãe.

—Queres comparar a tua existencia com a minha?

—E porque não? Duplamente criminoso é o senhor, que, apesar da sua posição, não pode dominar os instinctos preversos.

—E se não fossem elles, não me dirás de que havias de viver?

—Não o nego. O snr. conde enche-me a bolsa quando a tenho vasia, e é graças á sua generosidade que ha annos goso uma vida alegre e divertida. Mas tambem o que é justo ter em conta, é que se eu não o servisse, encontraria outro fidalgo que premiasse os meus serviços com a mesma largueza, porque, sem desvanecimento, julgo que valho alguma cousa.

—Vaidoso! Não nego que tens bastante serventia; mas julgas-te mais do que és.

—Acaso o serviria outro como o eu servi no negocio da duqueza de Jarandilla?

—Não fallemos de tal.

—Se o recordo, tem o conde a culpa.

—Restrinjamo-nos unica e exclusivamente ao que vaes fazer hoje.

—Que quer que lhe diga a esse respeito? Já sabe tudo; talvez que agora me esteja estorvando, porque deve ser chegado o momento em que a minha gente traga para aqui a filha do senador Aldobrantini, e convem que ella não o veja aqui.

—E o monteiro virá tambem?

—Virá, não o duvide.

—E supponho que não sahirá d'aqui.

—Se é isso o que deseja, e foi para livrar-se d'elle que me pagou, porque duvida?

—Alina deve ser minha esta noute.

—E será, tenha essa certeza.

(Continua)

O CENTENARIO DE CAMÕES

E' uma ideia magnifica esta de festejar os centenarios. Os espiritos superficiaes talvez vejam ahi um capricho da opinião, um sopro de gloria pueril, um desejo vão de distracção apparatosa; mas os espiritos serios attribuirão a uma causa mais elevada, a um sentimento mais profundo, estas reuniões seculares em que os povos se combinam para festejar a memoria dos seus grandes homens.

Vivemos em um tempo em que tudo nos convida a sahir dos nossos limites, nos arrasta para além das fronteiras, em que tudo nivela os espaços que separam os povos e os dilata por assim dizer. E' bom, pois, que se forme o equilibrio. Por excellente, porém, que seja esta disposição humanitaria, tem os seus inconvenientes, contra os quaes reagem os sabios. Se é verdade que os homens são irmãos, não se deve esquecer tambem que ha no seio da immensa e vaga humanidade individualidades distinctas, colectividades que teem uma vida propria, que são grandes e poderosas familias, tendo cada uma d'ellas um passado, um presente, um futuro, um nome proprio. Convem observar que ha na solidariedade universal uma solidariedade nacional e que nada ha mais de molde a apertar-lhe os laços do que um sentimento commum d'admiração e reconhecimento pelos grandes mortos, do que o culto pelos *mortos immortaes*

O exemplo foi dado ha annos. As nações que teem o cuidado e a preoccupação da sua grandeza moral tomaram d'alguma maneira a peito dar brilho ás suas apotheoses. A Alemanha, com um orgulho talvez justo, festejou o seu grande poeta Schiller no meio d'uma affluencia consideravel, em que todas as raças d'além Rheno estavam representadas pelo que contavam de mais illustre. A França, em Paris, o foco da grande alma,

deu em 1878 um espectaculo digno do seu espirito pelos centenarios gemeos, que assim se pode dizer, de Voltaire e de Rousseau. Já em 1874, de accordo com a Italia, tinha celebrado em Avinhão o quinto centenario de Petrarcha. A Belgica não quiz ficar atraz, e, em 1877, convidava para Antuerpia a Europa artistica e sabia com o fim de prestar homenagem a Rubens.

Todos os povos teem interesse em se affirmarem assim, em sagrarem o seu direito á existencia, á civilisação, invocando as suas grandes personalidades. Mas não parece justo que este cuidado convenha mais ás nações pequenas, que, por certo mais do que as grandes, tirarão d'ahi gloria e proveito? Mostrando o que foram no passado, deixam ver o que querem ser no presente e o que poderão ser no futuro. Não aspiram a fazer-se temidas, pretenção que além de pueril sería ridicula; mas tornam-se respeitadas, e o respeito pelos povos, como pelos individuos, é sempre uma força suprema, uma fogueira, uma trincheira natural, formidavel.

Ha razões de sobra para applaudir a ideia que levou a praticar com Camões o que se tinha praticado com Petrarcha, Dante, Rubens, Voltaire, Rousseau e Schiller. O bardo portuguez, posto que com razões differentes, tinha direitos iguaes á admiração dos homens, e entre os nomes illustres que acabamos de nomear, para não falar senão dos seus collegas, isto é, os poetas, não estava por certo abaixo de Petrarcha, de Dante e de Schiller.

Ninguem ignora no todo e quasi nas minimas particularidades a historia dramatica e irrequieta d'aquelle grande coração, historia quasi igual, de per si, a uma grande epopeia, a cem actos diversos, cheios de peripecias, de scenas brilhantes, algumas vezes tragicas. Julgamos util e opportuno desenhal-a a traços largos, porque ha alguns pontos obscuros, que nos propomos esclarecer na medida das nossas forças.

A familia de Camões era originaria da Galiza hespanhola e as raizes da sua arvore genealogica remontavam a Pelagio, o heroe legendario das Asturias. Um dos avós do poeta dos *Luziadas*, D. Vasco de Camaño,— era este o seu nome patronymico,— veio fixar a residencia em Portugal no reinado de D. Fernando, em principios do seculo XI, fundando a casa portugueza, que tomou por corrupção orthographica o nome de Camões. Esta transplantação não produziu outros fructos, além do grande cantor das nacionalidades portuguezas. Convem porém acrescentar que era o bastante para illustrar os seus, e ao mesmo tempo illustrar a patria.

Durante muito tempo não se soube ao certo a data do nascimento de Luiz de Camões. Mas a feliz descoberta d'um documento curiosissimo, o livro do registro da Casa da India, declarando que quando o poeta se alistara para servir n'aquelle estado tinha vinte e um annos, marca o anno de 1524 como o do seu nascimento. Nasceu exactamente no anno em que falleceu Vasco da Gama, de cuja gloria devia ser cantor e com quem até era um pouco aparentado pelo lado da mãe.

(Continua)

Maria Letizia de Rute

(Madame Rattazzi)

A SÉSTA

O abbade dormia a quente sésta
Na vetusta cadeira rendilhada
D'artistico lavor;
Tinha a fronte serena, a barba longa,
Os musculos herculeos d'um athleta
Da vinha do Senhor.

Cahiu-lhe no sobrado o breviario,
E da cella a janella meia aberta
A' brisas do verão,
Atravez das nogueiras do quinterio
Deixava da ingente soalheira
Um raio dar no chão.

Debalde um enfezado leigo astuto
A matinas tocára já tres vezes,
Com torvo praguejar;
Entra o côro espaçoso a ordem toda,
Mas falta de quem manda a voz potente
P'ra reza começar,

O bom velho a scismar adormecêra,
Ao som d'uma canção toda d'amores,
No proximo pomar:
Um ninho nas nogueiras perfumadas,
Que lhe envia um chuveiro de harmonias
A cada balouçar.

O sombrio cariz do monasterio
Varrido pela mão d'alguma fada,
N'um sonho s'extinguiu;
Vê-se novo, robusto, esperançoso,
Nos seus braços sustenta uma creança
A flor que morrer viu.

Eu daria— diz elle— ó minha filha,
A vida que me resta, honras, encargos,
O meu convento emfim,
Se Deus me concedesse como outr'ora
No meu collo sentir que descançavas,
Sorrindo para mim.

Eu daria— prosegue— a prata fina,
O vinho que guardamos precioso
Qual fulgido metal.
Os segredos da sciencia que são nossos
E da portada o milagreiro santo
De forma collossal.

Para que resurgida do sepulchro
Nos meus braços poisasses deslumbrante,
O' casta flor do ceo:
Para que no findar da minha vida
As mãos eu te beijasse, a face linda,
Esse cabello teu.

E da cêrca vestida de nogueiras,
Mais puro, mais vibrante, mais sentido,
Ouvia-se o trinar...
Murmuravam do frade os labios grossos
Palavras de carinho entremeadas
D'acerbo soluçar.

Por fim na dura porta de carvalho
Tres pancadas soaram de repente,
A bem da santa fé,
Dizendo a voz do leigo extenuado:
«Abbade, inda no côro á vossa espera
Está tudo de pé!»

Ernesto Rebello

AS CRUZADAS

Qualquer que seja o modo como consideremos essas brilhantes emprezas, que, com o nome de cruzadas, assignalaram a idade media, quer as encaremos como actos de mero fanatismo, quer as tenhamos na conta de manifestações nobres de piedade e religião, é fora de duvida que as cruzadas foram o grito d'alerta contra a escravidão dos povos, foram o primeiro golpe dado no regimen feudal, foram emfim o alvorecer da grande revolução social que o seculo XVIII completou.

Não é nosso proposito traçar a historia das cruzadas, que é muito vulgar; limitar-nos-hemos a assignalar as principaes consequencias para a causa da humanidade.

Sob o ponto de vista da politica, os seus resultados consistiram no enfraquecimento da aristocracia feudal, fazendo surgir o municipio, ou terceiro estado. A maior parte dos senhores arruinaram-se para se enfileirar nos exercitos dos cruzados e acompanhal-os á Palestina; alguns dos dominios por elles alienados foram reunidos á corôa. A' medida que a nobreza perdia parte do seu poder territorial e judiciario, o rei ia proporcionalmente alargando o seu. Depois das cruzadas a auctoridade real estendia-se ao dobro do territorio que em antes lhe era feudatario.

O estabelecimento dos municipios e a emancipação da burguezia foram um golpe profundo dado no regimem feudal; os senhores, apertados pela necessidade de haver dinheiro, não se contentaram com vender parte das suas terras; deram foros e privilegios, a troco de maiores ou menores sommas, ás que ficaram conservando. Um grande numero de servos compraram a liberdade fazendo-se cruzados, isto é, alistando-se na malicia que se propunha ir combater contra os infieis na terro santa. Foi assim que, sob o estandarte da cruz, se aggremiaram não só os nobres, mas os plebeus, o amo e o criado, o senhor e o escravo; e todos ficaram sendo iguaes pelo fim commum que os approximava.

As cruzadas exerceram uma influencia muito notavel não só sobre a moral das nações christãs, sobre o governo ecclesiastico e civil, mas tambem sobre o commercio e a industria, e se não determinaram, apressaram pelo menos a grande transformação que depois se operou no estado da Europa.

As guerras sagradas deram maior actividade e extenção ao commercio que

com o levante faziam diversos portos de mar de França e Italia; os recursos da industria tiveram um notavel desenvolvimento; a Asia e a Europa acharam novos mercados; o augmento do trabalho levou a commodidade geral, o bem estar da vida privada, e contribuiu para a suavisação dos costumes. O cruzado, quasi sempre duro e feroz, tornou-se um homem util e tratavel.

O fabrico das sedas passou da Grecia para a Sicilia e da Sicilia para a Italia; o occidente aprendeu o segredo de varias drogas tintoriaes; Tyro possuia fabricas de vidros muito notaveis, que serviram de modelo ás de Veneza. Dos arabes soube-se a arte de trabalhar os metaes, o esmalte, a de cravar as pedras finas e de polir o diamante.

Vê-se d'este rapido esboço que as cruzadas multiplicaram sobre tudo as manufacturas de luxo. Nos seculos XII e XIII a magnificencia oriental brilhava nos vestidos, nas armaduras e nas equipagens. A architectura civil tomou nova face.

Sob o ponto de vista scientifico e literario, as cruzadas não produziram resultados tão importantes. Os rudes guerreiros do occidente não eram capazes d'uma cultura profunda do espirito ofuscado pelo fanatismo. Tinham ido combater e não instruir-se. Foi em vão que residiram tanto tempo no imperio grego, onde o genio da antiguidade projectava ainda bastante luz. Os prejuisos nacionaes, a differença de lingoa e de religião, foram obstaculos insuperaveis á communicação das ideias. Comtudo deve convir-se que as cruzadas inspiraram os historiadores e poetas, pondo fim ás frias e indigestas chronicas fradescas, que até então haviam sido os unicos signaes do movimento literario da Europa.

J. da Silva

UM CHEFE DE CRUZADOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAIR DE CASA

I

OS PRELIMINARES DA GEOGRAPHIA

Proponho ao leitor uma viagem. Vamos viajar... através da sciencia, isto é, a sciencia geographica, que está hoje em moda. Queres acompanhar-me? Seja.

Em antes dar-te-hei algumas noções do que é esta sciencia. Não descerei á particularidade de dizer-te que a palavra *geographia* se compõe de duas palavras gregas, que significam: *discripção da terra*, porque isso vem em todos os compendios, que o leitor estudioso, que que tenho a honra de contar por companheiro n'esta excursão atravez do mundo scientifico, naturalmente manuseou na escola. Porém não me dispensarei de dizer ao menos lido que ha quatro especies de geographia, como vou explicar.

Geographia mathematica é a que trata das dimensões e posição do globo: geographia physica (configuração terrestre e maritima) comprehende a geologia: formação e natureza dos terrenos; a ethnologia: usos, costumes, raças diversas dos habitantes da terra; a zoologia, ou estudo dos animaes, que não é das partes menos interessantes da geographia; botanica, ou estudo das plantas, outro ramo curiosissimo da sciencia de que nos estamos occupando; emfim a mineralogia, que é o estudo dos mineraes encerrados nas entranhas da terra.

Ha ainda geographia politica, que tem por fim as divisões territoriaes, governos, cidades, etc.; estatistica, isto é, quanto se refere á população, agricultura, commercio e industria.

O leitor parece que não está desgostando d'estas explicações, e isso me anima a proseguir para lhe poupar o trabalho de folhear um compendio, preparação indispensavel para a viagem que projectamos, como lhe disse um pouco acima.

Entrarei de foz em fóra pelos dominios da sciencia e principiarei por explicar-lhe resumidamente o que são pontos cardeaes.

A posição das differentes partes da terra determina-se por meio de quatro pontos cardeaes, ou principaes, a saber: norte ou septentrião; sul ou meio dia, levante, éste, ou oriente; poente, oeste, ou occidente. Levante é o ponto em que o sol parece levantar-se; poente é o lado opposto. Quando o leitor tiver o levante á sua direita, terá o norte na sua frente e o sul atraz de si.

Ha ainda pontos intermediarios, que tomam nomes compostos dos dos pontos cardeaes entre os quaes estão situados. Assim o nordeste está entre o norte e éste; noroeste, entre norte e oeste; sudeste, entre sul e éste ou leste; sudueste entre sul e oeste.

Determinar, com o auxilio dos pontos cardeaes, a posição d'um logar ou a posição que se segue, chama-se orientar-se.

Tratarei agora dos globos, espheras e mappas.

O globo é uma bola que representa a terra e as suas divisões; esphera indica um conjunto de muitos circulos figurando a posição da terra em relação aos principaes corpos celestes; cartas geographicas, mappa-mundo, ou planisphero, são desenhos representando o globo partido em dous.

O leitor deve ter visto nas espheras e mappas traçados uns circulos ou linhas imaginarias, que se suppõe estarem cercando a terra. Pois bem: é o que em lingoagem scientifica se chama circulos e zonas. Eu te digo o que isto é.

O equador, ou linha equinoxial, a distancia igual de cada um dos polos e cortando a terra em duas partes iguaes (hemispherios).

O tropico de Cancer, ao norte; o tropico de Capricornio, ao sul. Entre estes dous tropicos fica a zona, ou região torrida, onde o calor é insupportavel. Nos dous polos, os circulos polares, encerrando as duas zonas glaciaes; entre os circulos polares e os tropicos, as duas zonas temperadas.

A distancia d'um logar ao equador chama-se latitude. Indica-se por graos, representando intervallos de cem kilometros. Ha noventa graos do equador a cada polo.

O grao subdivide-se em sessenta minutos, o minuto em sessenta segundos. Os graos designam-se d'este modo °; os minutos designam-se assim ′ e os segundos por ″.

O meridiano é um grande circulo que passa pelos polos, corta em linha recta o equador e determina d'alto a baixo os graos de longitude. A longitude é oriental ou occidental. O seu ponto de partida differe segundo os usos das diversas nações: os inglezes contam de Greenwich e os francezes de Paris. Antiga-

mente contava-se da ilha do Ferro, que é uma das ilhas Canarias.

Bastará por hoje. Isto de sciencia enfastia se não se dá em pequenas doses, como no systema homoeopathico.

(Continua)

BOMBAIM

Situada na costa occidental da India, a ilha de Bombaim é hoje o principal estabelecimento que os inglezes possuem n'aquella costa.

Bombaim foi possessão portugueza. Possuimol-a mais d'um seculo, até que o rei d'Inglaterra Carlos II a reclamou a Portugal como dote de sua mulher, D. Catharina, filha de D. João IV. Em quanto esteve no nosso dominio não passou quasi d'um deserto; mas depois que a Inglaterra tomou conta d'ella, prosperou rapidamente. O rei de Portugal cedeu-a definitivamente á companhia das Indias em 27 de março de 1668, a preço de dez libras em ouro, pagas anualmente, no dia 30 de setembro.

Bombaim comprehende pouco mais de duas leguas de comprimento por uma de largura; forma com as ilhas visinhas de Colabah, Salsette, Bucher, Caraujah e Elephanta, um dos mais bellos portos de mar indiano. Tem um pharol, cuja altura acima do nivel do mar é de cento e cincoenta pés e que derrama a sua claridade á distancia de sete leguas. A capital da ilha é cercada de fortificações.

A cidade foi principiada pelos portuguezes; mas os inglezes foram os que a terminaram. As casas, apesar de construidas em epocas differentes, apresentam quasi todas um estylo igual ao das casas dos portuguezes, o que dá á povoação uma apparencia pouco agradavel, comparada com outras cidades da India, como Calcuttá ou Madrasta por exemplo.

O mar banha os muros da fortaleza por tres lados; do quarto está a esplanada. O castello é forte, guarnecido de boas muralhas, especialmente do lado que olha para o mar; do lado da terra pouca segurança offerece e não resistiria a um cerco regular.

A parte a que os indigenas dão o nome de cidade nova está construida em um terreno chão e pantanoso, e o solo é tão baixo, que as agoas o invadem a miude, quando a maré enche. As innundações são frequentes; o clima é bastante insalubre.

Sob o ponto de vista da agricultura, Bombaim nada offerece de notavel, porque não passa d'um rochedo esteril; mas no tocante ao commercio, é praça de grande importancia. Não ha em toda a India outro estabelecimento que tenha tão bons estaleiros.

E' d'ali que teem sahido muitos navios de guerra, assim como as embarcações de maior lotação da companhia das Indias. E' a sua magnifica posição topographica que lhe dá a importancia commercial. Além das relações que mantem com as diversas povoações situadas no golfo Persico e no mar da Arabia, com as costas occidentaes e orientaes da India, com a China, para onde exporta annualmente uma fabulosa quantidade d'algodão, Bombaim tem igualmente relações commerciaes com a Europa e differentes partes da America; mas o trafico mais importante é o que faz com a China.

Além do algodão, exporta sandalo, perolas, gomma proveniente da Arabia, da Abyssinia e da Persia, pimenta que lhe manda a costa do Malabar, os ninhos d'aves e outros artigos que vem das Maldivas e das ilhas do Levante; emfim os dentes d'elephante que tira de Cambaya.

A população de Bombaim é de perto de duzentas mil almas, comprehendendo cerca de quinze mil parsis, ou adoradores do fogo, culto que seguem invariavelmente.

Os parsis são inteligentes, de bellas formas, delicados, affaveis, e procuram de preferencia a companhia dos europeus. Calcula-se o numero d'estrangeiros em setenta mil.

A colonia portugueza é muito numerosa.

O unico templo anglicano que existe na cidade está situado no interior da cidadella; mas dentro e fora ha muitas egrejas portuguezas e armenias. Os judeus, que serão dous mil, teem duas synagogas.

Na ilha de Elephanta ha um esplendido templo, especie de pantheão completo, com milhares de figuras esculpidas, representando todas as divindades principaes da mythologia indu.

Eis o que é Bombaim, ilha que para nós os portuguezes tem ainda o interesse d'uma recordação historica.

Heitor de Mello

BOMBAIM

DE MADRUGADA

A lua a cumeada
Ganhou além da serra;
E a noute contristada
Evade-se da terra.

E ás que a cercam flores
Segreda-lhe a fugir:
—Irmãs e meus amores,
O dia está p'ra vir.

Guardei-vos até aqui
Involtas no meu manto;
A aurora já sorri;
Enxuga-vos o pranto.

O sol da madrugada
Os montes vae dourar,
E a brisa perfumada
Espalha-se no ar.

Henrique de Avellar

A MULHER

EXCERPTO

Reuniu Deus para compôr a mulher —remate, corôa e epilogo da creação— a quinta essencia de tudo quanto derramára de melhor no paraizo, onde a collocou, e do qual, ainda depois de perdido, as descendentes de Eva ficariam avivando recordações. Quiz elle, o Summo Factor, fundir-lhe o espirito brilhante e suave de um raio de oiro do sol, e de um raio prateado da lua.

Deu-lhe a pureza da cecem, a alvura do lyrio, o pudor e a graça da rosa, a modestia da violeta; accendeu-lhe no olhar brilho de estrellas; descerrou-lhe auroras de carmim e perolas no sorrir: para falla, concentrou todas as melodias balbuciadas no fremito das virações, no murmurio das fontes e nos canticos das aves; modelou-lhe a estatura pela dos arbustos mais esbeltos e mimosos; arredondou-lhe as fórmas que lembrassem os fructos mais gentis e appetecidos; diffundiu-lhe os cabellos como as ramas pendentes e movediças do salgueiro aquatico; impregnou-lh'os d'electricidade: embebeu-os de um aroma que falla, revestiu-os de brilhantismo; tão esmerado e prodigo os dotou, que o oiro e as perolas, as pedrarias, os perfumes, as sedas e as flores, ambicionando realçal-os, recebessem d'elles novo preço.

Este ente, meio positivo, meio aerio, meio terrestre, meio céo, que volteia por entre nós como anjo desterrado, saudoso, mas contente, tendo por falla um canto, a sujeição e a humildade por imperio; em que a fraqueza é graça e a graça omnipotencia; cujo encargo é mais que eternisar a especie, — é intertecel-a, domestical-a, refinar-lhe o gosto, os instinctos do bello, os arrojos para o bom e para o sublime; a mulher em summa, fadada de alguma sorte a ser mãe e mestra, guia, arrimo, lampada, conselheira, prophetisa, esforçadora, modelo e premio, não só de seus filhos, mas de seus irmãos tambem, de seu consorte, de seu proprio pae, de todos que de perto ou de longe lhe podessem receber directas ou reflexas as influições, a mulher, a mulher— da qual, depois de tantos mil volumes de panegyrico, depois de uma idolatria universal de seis mil annos, ainda se não exhauriram os louvores, nem jámais se hão-de exhaurir— não seria a vice-providencia, que devia ser, e que é, no meio da sociedade, se não possuisse este complexo inefavel de seducções para toda a especie de indoles, de espiritos, de gostos, um laço infallivel para cada sentido; um milagre para cada incredulidade; para cada infortunio, seu balsamo; para cada idade, seu ramalhete; sua estrella para cada noite; mão inesperada e macia para cada desamparo; para cada fronte que se despedaçaria ao cahir, a almofada subita de um braço todo extremos, de um seio todo suspiros, de um coração todo divindade.

VISCONDE DE CASTILHO

CANÇÃO DE MIGNON

NO «WILHELM MEISTER» DE GOETHE

Tu sabes em que terra a larangeira
De perfumes subtis incensa o ar?
Onde ás noites uma aura passageira
Vem do dia o calor attenuar?
Onde o loureiro ao sol a flor descerra
E o myrtho solitario vem crescer?
Tu conhecel-a? Não. Pois olha, é a terra
Onde, comtigo, amor, me quero ver!

Tu conheces a casa onde eu, nascendo,
Pela primeira vez o mundo vi?
Do jardim as estatuas qu'estou vendo
Dizerem-me, ao voltar: Que foi de ti?
A casa, onde á tardinha, na janella,
Por despedida, o sol vinha bater?
Conheces essa casa? Não. E' n'ella
Onde, comtigo, amor, quero viver!

Conheces a montanha, que, no inverno,
Tantas vezes de gelo vi cobrir?
Onde roja o dragão, onde um eterno
Ruido as aguas fazem ao cair?
Pois olha: essa montanha denegrida
Vem commigo transpôr, e de lá ver,
Ao longe, aquella terra conhecida
Onde, comtigo, amor, quero morrer!

FREI JOÃO DA CRUZ

O HOMEM QUE NÃO PODE CASAR

I

Se o leitor tivesse conhecido o meu amigo Gualter Gumerisndo Gallego, não me seria preciso antes de mais nada fazer-lhe o seu retrato. Gallego era o nome do meu amigo; pois no tocante a nacionalidade, era tão portuguez como o leitor ou eu, o que se prova pela certidão do baptismo que tenho á mão, a qual o diz nascido no bairro da Sé, isto é, no Porto primitivo, no genuino, no portuguesissimo Porto.

O pae, esse sim; esse tinha vindo do norte em pequeno para casa d'um pasteleiro ahi da rua Chã, o qual ao morrer lhe deixou o estabelecimento por não ter outros herdeiros; e vendo-se de repente senhor d'uma boa fortuna, porque o homem já de si tinha ajuntado alguns vintens, pensou em assegurar-se uma posteridade que lhe desse honra; casou-se e deu ao mundo quatro filhos, um dos quaes foi o nosso heroe, o meu amigo, cuja historia me proponho contar ao leitor em poucas palavras.

Gualter era rapaz dos seus vinte annos quando eu o conheci. Encontrei-o em um baile de mascaras do antigo theatro Circo, que campeava no sitio onde hoje está o Principe Real, como uma boa parte dos meus leitores se lembrará.

Era alto, esbelto, um todo seductor. Quem o visse não diria senão que alli estava encarnado um conquistador invencivel, um Lovelace de profissão, um D. Juan completissimo.

Mas como se enganaria quem assim pensasse!

II

O honrado pasteleiro fallecera deixando o filho herdeiro d'um par de contos de reis em magnificos bens rusticos e urbanos. Era n'esse tempo o melhor emprego que se dava aos capitaes; não se conheciam bancos, não havia esta relaxação de costumes d'hoje, em que o mais devasso é o que se apregoa mais honrado.

Gualter, como todos os rapazes do tom, fez o que era indispensavel que fizesse: dissipou a herança paterna até aos ultimos cinco reis, e depois que estava pobre fez o que o pae fizera quando se achou rico quasi sem o saber: lembrou-se de casar.

Má ideia a d'este pobre idiota!

III

Mas o destino, que tem os seus caprichos, parece que se apostava em frustrar-lhe um a um os seus planos. E' que o destino era mais sabio do que elle, que pensava d'um modo differente; e não pensava mal, assim as cousas corressem á medida dos seus desejos.

O meu amigo desejava encontrar mulher, fosse de que idade fosse, fosse feia ou bonita, a questão é que fosse rica. Rica a ponto de pagar-lhe as dividas, que não eram poucas nem pequenas.

Mas a cobiçada viuva,— elle procurava sempre as viuvas dos merceeiros da feira de S. Bento, ou dos negociantes de chitas dos Clerigos, que n'aquelle tempo eram os que deixavam as melhores fortunas, algumas em magnifico metal, que encontravam logo depois, se a viuva tratava de procurar substituto ao defunto, quem lhes desse gasto com proveito seu, e dos amigos, e das amantes.

Gualter n'esse ponto era uma desgraça. Tinha o fraco d'apaixonar-se pelas actrizes, e foram ellas que o arruinaram.

Na noute em que eu travei relações com elle no theatro circo por lhe ter sido apresentado por um amigo commum de nós ambos, Gualter trazia entre mãos um namoro que promettia muito. Era a viuva d'um rico capitão de navios, que morrera da febre amarella no Brazil; velha, feia como o diabo, mas immensamente rica.

O casamento estava para breve e fui eu que lh'o estorvei. Eu!...

Que remorsos que sinto quando me lembro de tal!

IV

Imagine o leitor que o meu amigo me levou ao camarote onde se achava a sua futura e me apresentou a ella com um cumprimento sobremaneira amavel.

—Tenho a honra d'apresentar-lhe, disse-me elle, minha...

—Sua mãe, acrescentei eu immediatamente sem o deixar acabar a phrase e mostrando-me perfeito conhecedor da situação.

E, sem dar tempo a que elle me observasse o meu engano, acrescentei immediatamente, dirigindo-me a ella:

—Minha senhora, felicito a Vossa Ex.ª pelo filho que tem. E' um rapaz muito galante, só um poucochinho estoura-vergas. Gosta das raparigas moças e bonitas. Vossa Ex.ª hade desculpar este modo familiar de travar relações com Vossa Ex.ª; mas bem sabe que os rapazes não teem mais na sua mão. E n'este ponto o seu Gualter é menino. Já hoje, lá em baixo, no salão, conquistou quatro costureiras, uma d'ellas com uns olhos negros de matar!...

Quando reparei na perturbação da matrona, e que o meu amigo, prestes a desmaiar, me olhava com olhos supplicantes, era tarde. O tiro havia partido; agora era esperar-lhe as consequencias.

Gualter, no cumulo da desesperação, enfiou o seu braço no meu e arrastou-me d'alli para fóra.

Fôra a sua desgraça que eu acabara de cavar. As suas esperanças cahiam desfeitas uma a uma. Em uma palavra, o casamento estava roto.

V

Encontrei Gualter mezes depois.

Apenas o cumprimentei; receando dizer tolice, deixei-o falar.

Não estava agastado comigo, como ao principio eu julgara.

Disse-me que não atribuia senão á sua má sorte aquella fatalidade que o perseguia no tocante a casamento. A viuva do capitão de navio, que eu julgara ser sua mãe, já não era senão o terceiro casamento que se lhe gorava. Um dera em vaza barris por se descobrir á ultima hora que o meu amigo Gualter era pobre, tão pobre como Job; o segundo gorou-se porque a noiva, uma solteirona durasia, beata e linguareira, o poz no andar da rua quando soube que o homem não se confessava havia tres annos.

Vejam que negra sorte era esta que perseguia aquelle pobre diabo!

—Mas agora, disse-me elle, agora é certo e ficas já convidado para o casamento.

—Com todo o gosto. E quando é?

—D'aqui a oito dias.

—Ah! Bom!

VI

Contou-me em seguida que por acaso se encontrara nos banhos da Foz com uma formosa joven, endinheirada, filha d'um mestre de pianno que amontoara uma enorme fortuna a dar lições a doze vintens cada uma ás filhas dos ferrageiros das Hortas, e que o casamento estava para breve.

Nem sequer me atrevi a dar-lhe os parabens. O que em todo o caso foi uma magnifica ideia porque o casamento gorou-se como os outros. Soube-o quando d'ahi a tempos o vi.

A pequena tinha um tio no Brazil, homem podre de rico e d'annos, e nas vesperas do casamento, o tio tres vezes milionario arrebentou como um raio em casa do cunhado, sem em antes o ter prevenido da sua chegada.

O brazileiro era o proprio Belzebuth; mas os seus milhões constituiam um poderoso talisman que abria todas as portas, que vencia as resistencias mais fortes. Ao ver que tinha uma sobrinha tão gentil, o velhote, que respirava catinga por todos os poros, atirou-lhe aos pés os oculos d'ouro e o chapeo de chili, e confessou-se o seu escravo. D'aqui, o casamento.

Isto passou-se na vespera do dia em que a joven devia casar com Gualter. Nem ao menos houve tempo para prevenir o pobre rapaz. Quando elle chegou a casa do futuro sogro, encasacado, acompanhado dos seus padrinhos, deram-lhe com a porta na cara.

(Continua)

CHARADA

A CORINA DE MAGALHÃES

Detem-te! não prosigas se ver queres,—1
A patria de Camões luza chamada,—1
E no leito de dôr heroes, guerreiros,
Prostrados pelo todo da charada.

JULIA LISSE

ZIG-ZAGS

—

OS LUZIADAS

Eis a approvação do poema *Os Luziadas*, que vem publicada na sua edição de 1572:

«Vi por mandado da Santa e geral inquisição estes dez Cantos dos Luziadas de Luiz de Camoens, dos valorosos feitos em armas que os portuguezes fizeram em Azia e Europa, e não achei n'elles cousa alguma escandelosa, nem contraria a fé e bons costumes, sómente me pareceo que era necessario advertir os lectores que o author para encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos Portuguezes na India, usa de hua ficção dos Deoses dos Gentios. E ainda que Santo Augustinho nas suas retrataccoens se retracte de ter chamado nos livros que compoz de Ordine as Musas Deoses. Todavia como isto he Poesia e fingimento, e o author como poeta, não pertende mais que ornar o estilo Poetico não tivemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal, e ficando sempre salva a verdade da nossa sancta fé, que todos os Deoses dos Gentios são Demonios. E por isso me pareceo o livro digno de se imprimir, e o author mostra n'elle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas. Em fé do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu Ferreira

—

SIMPLICIDADE

Uma lavradeira apresenta-se com o seu melhor fato de ver a Deus na egreja da sua freguezia, acompanhada do seu noivo e de toda a parentella.

O padre encara-a por um momento e diz:

—A noiva parece-me ainda muito nova... Deixem cá ver a certidão do baptismo.

—Para que? perguntou a mãe.

—Para ver se já estará em idade de poder casar.

—Essa agora é nova!... Pois se a cachopa já teve dois filhos!...

—

OS GRANDES RIOS

O maior rio da America é o Amazonas, que percorre um leito de 7 milhões de kilometros quadrados. E' tão largo que os navios sobem-o mil leguas aproximadamente. A massa das suas aguas podia alimentar 3:000 rios como o Douro.

Depois do Amazonas é o Mississippi, que percorre 180:000 leguas quadradas de terreno.

Na Africa ha o Senegal (4:500 kilometros de comprido) e o Nilo (4:880 kilometros). Na Asia o Yang-tse-hiang (5:330 kilometros), o Amor (4:380 kilometros,) o Canbodje (3:890 kilometros), o Ganges (3:000 kilometros). Na Europa os maiores rios são o Volga (3:340 kilometros) e o Danubio (2:750 kilometros).

—

CARIDADE ENTRE CAVALLOS

Boussanelle, capitão de cavallaria, dá noticia do seguinte facto em um curioso livro, intitulado *Observações militares*.

Um cavallo do seu regimento, já muito velho, não podia mastigar a palha nem triturar o grão. Dois cavallos, que comiam ao pé d'elle, encarregaram-se durante dois mezes de nutrir o seu companheiro, mastigando e triturando a comida, e collocando-a assim preparada ao alcance do seu velho companheiro. Diz o auctor que todos os officiaes e soldados do regimento podem attestar a verdade do facto.

—

O GLUTÃO DO NORTE

Os russos conhecem este animal pelo nome de *rossomak*, e Linneu descreve-o sob a denominação de *ursus gulo*. Buffon confundiu-o com outro animal, somente para desmentir o seu colega sueco, que, afinal, é o que demonstra conhecer melhor o glutão.

Este animal é da ordem dos plantigrados, isto é, dos que andam sobre a planta inteira dos pés, como o urso e outros animaes d'aquella especie, e não sobre os dedos somente, como o cão. Pelas formas parece-se bastante com a cabra montez e um pouco tambem com a marta, de que tem os dentes e o caracter. Como que forma a transicção entre os plantigrados e os digitigrados, isto é, occupa o meio termo entre o urso e a marta.

A forma é quasi a d'um cão de caça; mas tem as pernas curtas, e quando anda, a barriga toca-lhe no chão. A pelle é lindissima, e os russos estimam-a muito, empregando-a nos seus vestidos. E' d'um louro acastanhado, com uma mancha quasi redonda no cerro, e algumas vezes o louro é bastante claro. Tem a cauda curta, o corpo grosso e pequeno, e geralmente todas as formas pesadas.

O glutão habita as regiões mais frias do norte da Europa e da Asia e é vulgar na Laponia e nos desertos da Siberia.

Olaus Magnus foi, cremos, o primeiro naturalista que falou d'este animal; mas exagerou em tudo quanto disse ácerca da sua voracidade. Conta elle que quando o glutão devora um cadaver, fica com a barriga como um tambor; depois vae metter-se entre duas arvores para se esvasiar, volta em seguida ao cadaver, torna a ir despejar a barriga pelo mesmo meio, e assim successivamente até que nada lhe reste da sua presa, seja qual fôr o tamanho d'ella. Outros naturalistas dizem que o glutão, ao contrario de todos os seres vivos, não tem o instincto da conservação; não foge quando vê gente, não demonstra medo se um homem se approxima d'elle.

O glutão vive solitario, ou algumas vezes com a femea, em tocas que cava em terreno enxuto, na vertente d'uma colina quasi sempre; só de noute sae para espiar a presa, que consiste ordinariamente em renas, veados e outros animaes. E' quando elles dormem que os caça.

Algumas vezes esconde-se nos matagaes, ou no interior d'um tronco ôco, d'onde espreita a presa, atirando-se sobre ella quando lhe passa ao alcance. Crava-lhe então os dentes no pescoço e com as garras a segura fortemente. Quando o animal não tem vida, entra de devoral-o, e depois de saciado, leva os restos para a toca, ou esconde-os se não pode com elles.

Tão corajoso como voraz, o glutão defende-se dos cães e dos caçadores que o perseguem; mas, como tem as pernas curtas e não pode fugir, apanha-se facilmente. São precisos tres cães valentes para o segurar; mas é raro que um d'elles, pelo menos, não succumba aos ferimentos recebidos no combate.

O GLUTÃO DO NORTE

PROSPECTO

O jornal verdadeiramente popular ainda está por crear em Portugal. Não o jornal politico, noticioso ou satyrico, que se dedicam á defeza d'uma causa mais ou menos nociva ao bem publico; mas o jornal exclusivamente destinado á educação do povo, o jornal que por meio da penna e do buril infiltre nas camadas populares o gosto pelas bellas letras, que instrua deleitando, que vise a um fim mais alto e mais nobre do que a diaria e mesquinha degladiação dos partidos, que promova emfim a morigeração e os bons costumes por meio da instrucção do povo.

Ao prehencher esta lacuna, — não prehenchel-a completamente, mas consoante os recursos do paiz, ou antes os d'esta terra, — occorreu aos fundadores d'este semanario prestar culto ao mais alevantado talento que Portugal ha produzido, dando o nome d'aquelle que mais amou a sua patria a esta publicação, que representa, do mesmo modo que as outras commemorações, o preito d'uma geração á qual não fallecem as aspirações, que ainda tem fé e esperança no bello, que venera como um culto nacional o nome de Camões.

O Camões, semanario popular illustrado, publicar-se-ha regularmente todas as segundas feiras de manhã.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Agencia luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com tres gravuras pelo menos. O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data, 40 reis. A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 2

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 9 DE SETEMBRO DE 1880 | Preçò dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

O MAR DE GELO

SUMMARIO

exto: — Chamounix — Camões (poesia) por Hermenegilda de Lacerda — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Mesquitas turcas, por J. da Silva — Joanna d'Albret — O centenario de Camões, pela princeza Rattazzi — A orphã (poesia) por Alfredo Angra — O homem que não póde casar (conto) por A. A. Leal — Charadas, por um estudante de Leiria — Zig-Zags — O Rheno — Prospecto.

lustrações: — O mar de gelo — Uma mesquita turca — Joanna d'Albret — Queda do Rheno em Schafuse.

CHAMOUNIX

—

No meio das pyramides de gelo onde o gigante das montanhas da Europa, o Monte Branco, desenrola ás vistas do espectador admirado as suas pujantes maravilhas, demora a modesta aldeia de Chamounix, de que provém o nome por que é conhecido o valle, encravado no meio dos Alpes. Conduzem á aldeia mil veredas tortuosas, cortadas umas nos amontoamentos do gelo, que é alli constante, outras formadas pela natureza através das florestas solitarias de pinheiros e larix, cuja folhagem sombria e melancolicos rumores dão a toda a paizagem um colorido triste e desconsolador.

Rochedos gigantescos, cingidos de neves, montanhas cujos cimos agudos se perdem nas nuvens, lagos immensos em cujas aguas tranquillas se desenham as miragens phantasticas dos Alpes; pontes formadas de rocha viva, cujas arcadas foram obra da torrente que as transpõem mugindo enfurecida; por toda a parte um quadro cheio de horror sublime: eis o que fala á imaginação do homem, o que o domina e subjuga, eis o que o precipita em um dedalo confuso de meditações extranhas, que se prolongam ao infinito sem nunca acabarem, sem se apagarem sequer da sua memoria perecedoura.

Algumas vezes o viajante, nas horas de vago scismar, pensa ver a propria sombra da melancolia, pairando por sobre a torrente, d'envolta com as nuvens que a toucam, ou sentada ao pé da velha cruz que domina o precipicio onde tantos homens teem achado uma morte horrorosa, ou debruçada á beira do lago em cuja superficie alvacenta, orlada de verde relva, as aguas retratam os castanheiros esguios, á hora em que o sol poente desdobra o seu véo tenuissimo e desapparece emfim envolto em um lençol de purpura.

Quando a lua se compraz em mandar os seus raios brincar sobre a espelhenta face do gelo, velando com uma diapha-

na obscuridade toda aquella grandiosa scena, é que se deve visitar o valle de Chamounix.

Uma claridade azulada e incerta desce perpendicularmente ao correr das geleiras sem fim, cujas vagas immoveis formam degraos, descrevem sinuosidades, curvas caprichosas, que se vão perdendo até ao fundo do valle, ao passo que as mornas florestas revestem o dorso das montanhas, e a torrente despede, ao despenhar-se dos cabeços abruptos, uma harmonia lugubre, mas cadenciada, cujos eccos vão morrer na vastidão do deserto.

Quem pela primeira vez vê estes sitios, julga-os animados pelo genio da maldição ou pelo anjo das harmonias celestes, tão certo é que os contrastes são frisantes, que o horror está em lucta perpetua com a belleza!

Um atalho sinuoso, cujas curvaturas acompanham o leito do Arve, conduz, por uma ladeira bastante pronunciada, a uma clareira povoada de pinheiros selvagens; mil correntes d'agua crystalina dividem-se em pequenos regatos, que seguem variadas direcções, perdendo-se um pouco alem sob o tapete de relva, que não raro attinge uma grande altura. Não longe da concavidade da rocha, vê-se uma immensa abobada de gelo, de sob a qual sae impetuosa a torrente, precipitando-se por entre as montanhas que são como o caixilho natural d'aquella formidavel paizagem.

Quando as brisas fazem ondular ao de leve as nuvens suspensas sobre o abysmo; quando a aguia, o rei d'aquellas solidões, desce ao imperio das neves e a avalancha despede as suas cataractas d'alabastro com um estampido que faz estremecer os montes, então nascem de todos estes suspiros da natureza scenas sublimes, e não falta para as cantar, senão a harpa romantica do bardo de Morven.

E' necessario subir ao alto da colina para contemplar á vontade aquelle vasto oceano de gelo. Cadeias de rochedos tisnados e estereis cerram o horisonte de todos os lados. Reina uma natureza selvagem, formando um contraste notavel com os frescos panoramas dos Alpes e as verdes sombras que escondem os sentieiros remotos. Mas esse negro quadro não é isento de bellezas. Quando o sol derrama as suas ondas de luz sobre a face do gelo, apparecem bancos de azul purissimo, e a rosa dos Alpes, a flor delicada que cresce ao pé do vetusto carvalho, ostenta a sua corola cheia de vida e frescura, no meio das ruinas da natureza. Imagem fiel da recordação humana, que sobrevive ás tempestades, ás luctas desesperadas, ligando-se ainda ás ruinas, vivendo do passado, a tenra florinha exala o seu perfume no ambiente gelado, morre como a esperança presa ao seu rochedo solitario.

CAMÕES

Quem és, sombra gigante, que passando
Na penumbra dos sec'los, deixas inda
Uma restea de luz?
Ao lado tens a espada, repoisando,
Na mão a lyra, cujo som não finda,
E ante ti a cruz!

Na fronte augusta o selo soberano
Com que Deus marca o genio, a c'roa nobre
Do heroe, do cantor:
Mas em todo o teu ser mais do que humano
Uma expressão que o rosto nos descobre
De desanimo e dôr!!

Quem és? Como esses astros fulgurantes
Com que Deus brinda o ceo, assim no mundo
Inda passando vaes!
Quem és? que após os tempos tens constante
De reis e povos um amor profundo,
Os applausos geraes?

Quem és? Perante um livro teu chamado
Curvam-se as gerações; todo se ufana
O nobre Portugal!
Como a Biblia este livro é adorado
E ao grande resplendor que d'elle mana
Se vê que é immortal!

Quem és? Vae-se c'os tempos a memoria
Dos grandes potentados, só ficando
Vasios mausoleos!
Quem és pois que revives como a historia
E altivo pelas azas caminhando
Chegas ovante aos ceos?

—Quem sou? De glorias passadas
Um ecco apenas, um só!
Que importam hoje as pizadas
De quem jaz no frio pó?
Que importa a historia d'um homem
Que inda as saudades consomem,
Que inspira tristeza e dó?

Fui portuguez, fui soldado,
Fui poeta, amei, soffri;
Pela patria houvera dado
A vida que recebi;
Pela mulher vida e alma,
E dos meus cantos a palma,
E a gloria que nos sorri!

Deixei a patria, deixando
Tambem n'ella o coração,
E o sonho, divino e brando,
Que me prendia a razão;
Pela patria fui ouzado
Combater como soldado,
Erguida a espada na mão.

Que diga Ceuta famosa,
Que fale Ormuz, Malabar,
E essa voz poderosa
Do roixo e tremendo mar
Se uma vez, uma sómente,
Vergou meu braço dormente
Do continuo batalhar.

Que digam se n'este peito
O triste amante, o cantor,
Guardando em sacro respeito
A imagem do seu amor,
Não par'cia só votado
A tornar alto, afamado,
Portugal grande senhor!

Eu a patria ornei de louros,
Os seus heroes lhe cantei,
Não homens, porém thesouros,
Cada um mais do que um rei;
Na lyra entoei a fama
D'Albuquerque, Castro e Gama,
De muitos que eternisei.

E em paga?! Em paga o soldado,
O cantor, o bardo inf'liz
Foi pelos seus desterrado
Tão longe do seu paiz!
Foi pela patria esquecido;
Como o leão abatido
Ninguem mais fital-o quiz!

Caminhei! De terra em terra,
Gemendo no exilio atroz,
Da inveja, o odio que aterra
De mim caminhava apoz!
Por alimento a saudade,
Por conforto a soledade,
D'amigo nem uma voz!

D'amigo?! Ai, não que um amigo
Eu encontrei afinal;
Por mim desceu ao jazigo,
Por mim soffreu todo o mal;
Um filho da natureza,
Que das selvas a grandeza
Tinha n'alma sem igual.

Um escravo que valia
Mais que o mais rico senhor,
Tendo na acção a energia.
No peito brio e valor;
Rei das florestas, que chora
Comigo e mais tarde implora
Esmola para o cantor.

Elle me ouvia as endeixas,
Os cantos, os tristes ais,
Da lyra as sentidas queixas,
Que chamam hoje immortaes;
De Natercia aprende o nome,
Vê que o amor me consome,
Curva a fronte a mais e mais.

Negam-me os homens asylo,
Busco a paz da solidão,
Oiço das aves o estylo,
Que me falla ao coração:
E encontro singela grutta,
Onde minh'alma disfructa
A sombra d'uma visão.

Ali Natercia povôa
As horas do meu viver;
Vejo-a n'uma ave que vôa,
Na flor do alvorecer,
N'essa estrella feiticeira,
Que reveste a luz primeira,
De luz innunda o seu ser.

Depois da mente em delirios
Via fugir-me o ideal
E a luz de funereos cyrios
N'um jazigo sepulchral,
E a patria sempre querida
Descer tambem abatida
A' triste mansão final.

Vi deslizar um cortejo
De vultos heroicos, vi;
Tomei a lyra, um desejo
Ao som da lyra cumpri;
Contei-lhe os feitos brilhantes,
Da patria as glorias constantes
N'esse livro que escrevi.

Depois, ai, pobre proscripto,
Esquecendo a ingratidão,
Só tive um anhelo, um fito:
Voltar á patria, e então
Beijando o solo adorado
Vêr Natercia e afortunado
Ter um futuro loução.

Engano! Bem como a vaga
No seu eterno vaivem,
Que a sorte impelle e esmaga,
Assim eu fui, eu tambem.
De Natercia a sombra apenas,
De irmãos os odios, mil penas
A fome, a mortalha além.

Perdi o amigo extremoso,
O meu escravo leal;
Rojou-se em vão animoso,
Pedindo esmola, inda mal!
Vê só desdens, triste morre,
Ninguem ao vate soccorre,
Dão-lhe em premio um hospital.

A minha historia sombria,
Meus feitos, minhas acções,
Negra esphynge, austera e fria,
Que só viveu d'illusões!
Que importa agora o meu nome?
Mas se o tempo o não consome,
Eu sou Luiz de Camões!

Camões, grande Camões, eu te saúdo;
Não sombra, eterna luz!
Curvem-se as gerações, renda-se tudo
Aos pés da tua cruz!

Salvé, rei da poesia; a tua lyra
E' p'ra sempre immortal;
Caminha ao mago som que nunca expira,
E ajoelha, Portugal!

O poema do heroe torna-te immenso,
Inveja das nações;
Vem, e subam teus hymnos como o incenso,
Em honra de Camões!

HERMENEGILDA DE LACERDA

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

PROLOGO

UM AMOR CRIMINOSO

—

I

(Continuação)

O cavalleiro proseguiu:

—A caçada hade estar a findar, e antes que ella termine quero saber o resultado da tua empreza.

—Vá descansado; tempo terá de sabel-o.

O conde de Lazam, que tal era o titulo que usava na côrte o cavalleiro que falava com Garcia, depois de ter trocado mais algumas palavras com este, fazendo-lhe ainda certas recommendações ácerca do projecto que trazia entre mãos, cravou as esporas na barriga do corcel e sahiu a galope da clareira, dirigindo-se para uma das veredas que n'ella desembocavam, na direcção em que se ouviam os gritos e trompas dos caçadores.

Garcia ficou só, e, sentando-se sobre o tronco d'uma arvore, derribada provavelmente pela força do tufão, murmurou:

—Aqui está o que é a fortuna! Quem diria que o conde e eu nos criamos juntos e juntos passamos os primeiros annos da nossa vida?... Elle, apesar das suas infamias e leviandades, alcança na côrte considerações e honras, e eu, sendo talvez menos criminoso do que elle, arrasto uma vida miseravel e aventureira, exposto sempre a travar relações com a justiça!

Garcia proseguiria sem duvida no seu monologo, se não ouvisse ao longe um arruido que se ia aproximando e para o qual applicou o ouvido, dizendo depois d'um momento de observação:

—Olá! Deve ser a dama que vem para aqui! O que me admira é não ter ouvido o signal.

N'este momento ouviu-se o gorgeio d'uma ave, tão perfeitamente imitado, que o scelerado não pôde deixar d'exclamar:

—Bem te conheço, Passarinheiro! Bem vejo que és digno do teu nome!

Um novo arruido, em direcção opposta á do primeiro, chamou-lhe a attenção, e desapparecendo através do arvoredo, Garcia murmurou:

—Juraria que os caçadores vem para aqui! Diabo! Sería uma contrariedade com que não contava. Fiquemos d'atalaia para o que possa acontecer.

E desappareceu. Um momento mais e a situação complicar-se-ia.

Uma formosissima dama, que talvez ainda não tivesse os desesete annos, montada em um brioso côrcel de pura raça andaluza, appareceu no sitio que Garcia acabava d'abandonar, e fixando nos arredores olhares curiosos, murmurou:

—Não é dos mais pontuaes o bom do monteiro. Se eu adivinhasse que tardava muito, voltaria por onde vim.

Mas de repente ouviu-se um certo rumor nas ramarias proximas. A dama voltou-se e esteve quasi a soltar uma exclamação d'alegria. Abrindo os ramos, o monteiro, que era um rapaz de physionomia sympatica e expressiva, de galharda presença e altivo porte, correu para o lado da dama, exclamando:

—Senhora, perdão pelo que a fiz esperar!

—Não merecia que eu me interessasse tanto por si; e se não fôra lembrar-me que lhe devo a vida...

E a joven fez um gesto como de reprehensão, estendendo a mão ao monteiro, que se apressou a responder:

—Quer dizer que é unicamente a gratidão que a impulsa?

—Oh! Não. Não é unicamente a gratidão. Alguma cousa mais existe no meu coração, bem o sabe.

—Bemditos sejam esses labios que tão doces palavras sabem pronunciar! Senhora, rainha minha, estrella da minha alma, é certo o que me disseram? E' verdade que vae partir, abandonar Madrid? E' verdade que vae trocar as tristes margens do Manzanares pelas aguas azues do Adriatico?

—E quando assim fosse o que receia?

—Ainda m'o pergunta! A senhora que sabe que não tenho mais vida do que o seu olhar, mais alento do que o seu sorriso, ainda me pergunta o que receio? Receio que me aconteça o que acontece á flôr que morre se lhe falta o sol.

—Porque não vem para Veneza comnosco?

—Oh! Isso desejava eu; mas bem sabe que o meu dever...

—E se meu pae pedisse licença a el-rei?

—Estar junto de si, aspirar o seu alento, embriagar-me no seu olhar encantador, abrazar-me no mesmo raio de sol que lhe dá calor, isso sería para mim a felicidade suprema.

—Pois saiba, senhor André de Montalvan, que meu pae, o senador Aldobrantini, pediu esta tarde a el-rei D. Carlos III a graça de tratar de si, de promover o seu adiantamento, já que lhe deve a dita de conservar sua filha.

—De veras?

—Sim, de veras.

—E que respondeu o rei?

—O rei, que deseja estar em paz com a senhoria de Veneza, apressou-se a conceder a meu pae o que elle desejava.

—Bemdita, bemdita a hora em que a conheci! Não ha no meu corpo uma só gota de sangue, nem na minha mente um só pensamento, nem no meu coração um só pulsar que não lhe pertença!

E o joven chegou tão perto do cavallo da dama, que a mão d'esta se encontrou na extremidade dos seus labios, e não teve mais que aproximal-os insensivelmente d'aquella mão delicada, para imprimir n'ella o beijo mais ardente que nunca namorado algum teve a dita de dar.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAIR DE CASA

(Continuação

II

TERRA E AGOA

O nosso globo forma duas grandes divisões: as terras e as agoas. A maior é a occupada pelas agoas.

Chamam-se continentes, vastas extensões de terra, encerrando muitas regiões não separadas pelo mar. Ha tres continentes: o primeiro, formado pela Europa, a Asia e a Africa; o segundo, pela America; o terceiro pela Australia, ou Oceania.

Não darei por certo novidade ao leitor dizendo-lhe que o globo terrestre se divide em cinco partes, a saber: A Europa, a Asia e a Africa, antigo continente ou mundo antigo; a America, novo continente, ou novo mundo; a Oceania, chamada continente austral e tambem mundo maritimo.

As agoas do mar occupam mais de dous terços da superficie do globo. A este vasto espaço dá-se o nome de Oceano.

Ha cinco divisões do Oceano que correspondem exactamente ás cinco divisões terrestres.

O Oceano Atlantico, que banha as costas occidentaes do antigo continente e as costas orientaes da America; o grande Oceano, ou Oceano Pacifico, vasta extensão de mar comprehendida entre as costas occidentaes do novo continente e as costas orientaes do antigo; o Oceano Indico, porção do grande Oceano, situado ao sul da Asia, entre a Africa e o continente austral; os dous Oceanos Glaciaes, Arctico e Antarctico, que estão situados nos dous polos. Estes cinco Oceanos subdividem-se em um grande numero de mares.

Não julgues, amigo leitor, que os antigos, isto é, os nossos avós, conheciam a mesma porção de mundo que nós conhecemos. Não; não o conheciam. As noções geographicas dos antigos eram muito restrictas; as imperfeições da navegação não lhes permittiam ir além das columnas de Hercules, que é nada menos que o estreito de Gibraltar, do qual fizeram o limite do mundo. Os nossos avós julgavam que a terra não era mais do que uma superficie plana e sem antipodas.

A Asia era muito pouco conhecida d'elles; da Africa conheciam apenas o norte. Todavia, pelo anno de 220 antes de Christo, o navegador grego Eratosthene emittiu a opinião de que pelo Atlantico se podia ir da Iberia (Hespanha) ás Indias.

As viagens dos phocianos (gregos) tornaram-lhes conhecidos o Adriatico, a Galia (França) e a Hespanha. Mais tarde os romanos, caminhando de conquista em conquista, lograram entrar na Germania (Alemanha), depois na Bretanha e na Caledonia (Inglaterra e Escossia). A Ibernia (Irlanda) ao noroeste, foi para elles um dos limites do mundo até então conhecido, assim como a Hespanha, a sudueste, o era desde tempos immemoriaes. Pretende-se que a Islandia é a antiga Thulé, conhecida já no tempo de Salomão.

A Scandinavia (Dinamarca, Suecia e Noruega) e o Chersoneso Cimbrico (Jutlandia) eram mal conhecidos.

Dava-se o nome de Scythia aos paizes inexplorados que se estendiam ao norte dos montes Carpathos e do Mar Negro até ao Caspio e ao Tanais (Don). A Scythia europeia, ou pequena Scythia, correspondia á Russia da Europa; a Scythia asiatica á Russia da Asia.

Mas no seculo XV começou a era das viagens de descobertas e ousados navegadores deram-nos mundos novos.

Já que te fallei ao de leve, leitor, nos progressos que a sciencia geographica tem feito, não será mau, parece-me, visto estarmo-nos habilitando com os materiaes que a sciencia nos offerece para a grande viagem que vamos emprehender, esboçar a traços largos a historia da geographia, exhibindo, como em um resumido quadro, os nomes que ella apresenta, isto é, os factos e os homens, na sua natural relação, que os annaes da humanidade registram com jubilo desde Moysés, o primeiro geographo, até aos audaciosos exploradores da Africa, onde nos tempos modernos a sciencia mais tem fixado os olhos, obtendo resultados importantissimos.

UMA MESQUITA TURCA

Disse que Moysés foi o primeiro geographo. O leitor sabe tão bem como eu que o sabio legislador do povo hebreu foi não só o primeiro escriptor geographo, mas tambem o primeiro historiador que houve no mundo. Nem admira. A geographia é irmã e emula da historia. Se esta ultima abrange todos os seculos, aquella abrange todos os logares. Se uma tem o poder de resuscitar, de fazer passar-nos diante dos olhos todas as gerações, a outra mostra-nos em um quadro immenso todas as scenas da historia, apresenta-nos o theatro juncado de vestigios de todos os imperios, de todas as civilisações, de todos os cultos.

O estudo do homem, dos seus costumes, das suas instituições, fica incompleto sem a geographia; todas as sciencias politicas encontram n'ella dados indispensaveis; a geographia é não só o complemento, mas o elemento necessario de todas as sciencias naturaes.

Na sua origem, nas primeiras idades do mundo, reduzia-se, para o homem selvagem, ao conhecimento grosseiro das florestas onde ia caçar para obter a sua alimentação, do rio que lhe fornecia a pesca, das pastagens onde trazia o gado, das montanhas que delimitavam o horisonte patente á sua vista. Só conhecia os povos seus visinhos pelas rixas que tinha com elles. O resto do mundo era para elle como se não existisse. Mas quando á familia succedeu a tribu, quando a tribu se transformou em nação, as relações de povo para povo alargaram-se e então fizeram-se as descobertas. A ambição foi a primeira fonte da geographia, e as conquistas formaram os seus elementos.

(Continua)

MESQUITAS TURCAS

O *Alcorão* prohibe aos christãos, sob pena de morte, a entrada nas mesquitas; comtudo, mediante um *firman* do sultão, podem hoje visitar-se essas casas d'oração dos povos orientaes.

Os musulmanos, porém, não veem com bons olhos os christãos nas suas egrejas, e até teem havido grandes tumultos por esse motivo. Em 1802, quando os embaixadores de Napoles e da Suecia andavam visitando as egrejas de Constantinopla, por decreto especial do sultão, os estudantes, sob pretexto de sacrilegio, insultaram e maltrataram os visitantes. D'aqui nasceu uma revolta. A cidade agitou-se n'um instante; as mulheres vinham ás janellas e gritavam que matassem os cães dos christãos, e a policia viu-se atrapalhada para subtrahir os europeus ao furor da populaça. Alguns dias depois, o sultão fazia estrangular quatro dos principaes amotinadores na presença das comitivas dos embaixadores e mais de trinta desordeiros foram condemnados

sem demora á pena do bastão ou desterro.

Desde 1830 o rigorismo oriental alargou-se um pouco, e os musulmanos toleram sem repugnancia que os christãos visitem os seus templos, tendo estes sempre o cuidado de, ao entrar, substituir as botas pelas chinellas que usam os orientaes.

O musulmano só é obrigado a frequentar a mesquita uma vez por semana, á sexta feira, dia consagrado particularmente ás praticas religiosas. Bandeiras verdes se veem n'este dia arvoradas sobre os edificios religiosos.

Muitas vezes ao dia, collocado no alto do *minarete* (cupula da mesquita) o *muezim* chama os fieis á oração.

—Deus é grande, exclama elle; e eu attesto que Mahomet é o seu propheta! Vinde á oração! A oração é sempre boa. Deus é Deus, e Mahomet é o seu propheta!

A este signal todo o musulmano deve pôr-se de joelhos e resar, ainda quando fôr pela rua. Os imans sobem ao pulpito e o povo enche as mesquitas. A' porta de cada uma d'ellas ha um tanque, alimentado por uma fonte, que serve para a ablução das mãos, pés e orelhas. Antes d'entrar, os musulmanos tiram as chinellas e vão acocorar-se na igreja, em linhas paralellas diante do pulpito.

O iman, que é na religião dos turcos como o abbade da nossa, lê os versiculos do *Alcorão*, que cada um dos assistentes repete, passando o seu rosario, e em certas passagens todos se curvam e beijam o chão. A ceremonia dura cousa de meia hora, e antes e depois d'ella os assistentes podem conversar á vontade. Muitas vezes o iman dirige ao auditorio um substancioso discurso, em que não é raro entrar a politica.

Na seita de Omar o *muezim* chama o povo ás mesquitas cinco vezes por dia: ao nascer o sol, ao meio dia, ás quatro horas, ao pôr do sol e uma hora depois. Os discipulos d'Ali só se reunem tres vezes, ao romper o dia, ás quatro horas da tarde e ás nove da noite.

E' necessario notar que os mouros são mais rigorosos observadores dos costumes religiosos do que os arabes. E comtudo foram os arabes que converteram os mouros ao islamismo.

J. da Silva

JOANNA D'ALBRET

D'Aubigné, fazendo o retrato da mãe de Henrique IV, diz que de mulher só tinha o sexo, a alma era inteiramente propensa ás cousas viris, o espirito fadado para as grandes emprezas, o coração invencivel ás adversidades.

Joanna tivera nos primeiros annos da sua existencia um excellente modelo de firmeza e resolução. Seu pae Henrique d'Albret, rei de Navarra, era homem de caracter energico, e não ha quem não saiba que quando Joanna estava para ser mãe, o rei seu pae aconselhou-lhe que cantasse desde os primeiros signaes do parto. Esta historia do modo singular como veio ao mundo o rei de França, é tão popular como o dente d'alho com que lhe esfregaram os labios delicados.

Na côrte de Navarra, Joanna era o verdadeiro soberano. A incapacidade de seu marido Antonio de Bourbon, duque de Vandome, era-lhe a um tempo origem de desgosto e satisfação. Se a pusilanimidade do marido era de molde a promover-lhe indignação, applaudia-se intimamente de poder dirigir os destinos do seu pequeno reino.

JOANNA D'ALBRET

Filha de Margarida de Valois, neta de Francisco I, herdeira da Baixa Navarra, do Bearn, dos territorios d'Albret, Foix, Armagnac e outros mais, Joanna fôra solicitada por Carlos V para seu filho Filippe II; mas como tal aliança daria á Hespanha uma grande preponderancia, Francisco I apressou-se a dal-a a um principe francez.

Na epoca do seu casamento o protestantismo agitava profundamente a França. O duque de Vandome era propenso á religião reformada. Pouco escrupulosa n'esse ponto, e vendo na nova fé um meio d'engrandecer a familia, Joanna obrigou o marido a abraçar o partido calvinista, no qual igualmente se infileirou.

Joanna havia casado em 1548; cinco annos depois, no coração do inverno, Henrique veio á luz. Dous annos depois morreu o rei de Navarra e ao cabo d'um intervallo quasi igual, o duque de Vandome foi assassinado no cerco de Rouen, onde occupava o posto de logar-tenente de França.

Livre completamente para seguir as inspirações do seu coração, Joanna entendeu chegado o momento de lançar-se de braços abertos no seio do calvinismo, e adoptou publicamente a reforma. A côrte de Roma havia-se julgado no direito d'engrandecer a Hespanha, dando-lhe a investidura do reino de Navarra; Joanna vingou-se negando o poder do successor de S. Pedro.

Observadora rigorosa das praticas do culto reformado, severa nos seus costumes, solicita em attrahir novos partidarios á sua causa, Joanna não se contentou com educar o filho nos principios do calvinismo; mas apresentou-o na Rochella, centro então da reforma em França. Foi alli que a foram encontrar as propostas da côrte. Offereceram-lhe para seu filho a mão de Margarida de Valois, irmã de Carlos IX. Joanna hesitou a principio; mas deixou-se emfim seduzir pela perspectiva d'um futuro brilhante para o joven Henrique, e partiu para Paris, acompanhada do almirante de Coligny. Alli viu-se cercada pelas instancias dos dous partidos; mas como o projectado casamento de Henrique de Navarra e Margarida de Valois devia apagar os odios e aniquilar os partidos, consentiu emfim n'aquelle enlace.

Entretanto que os menos previdentes se admiravam da prompta pacificação d'um reino em que a guerra civil era inevitavel, quando toda a nação se dava os parabens, entrou de correr, no meio das festas com que se solemnisava o hymeneu dos principes, que a rainha fôra atacada d'uma enfermidade subita e mortal.

Os calvinistas espantados attribuiram logo o caso a envenenamento. Diziam uns que Joanna sentira os effeitos do narcotico á sahida d'um banquete em que tinha comido certos doces vindos de Italia; outros affirmavam que o veneno lhe fôra propinado em um par de luvas que lhe tinha vendido o perfumista da rainha. Os medicos negaram toda a ideia d'envenenamento; mas no espirito popular, especialmente entre os calvinistas, uma morte tão inesperada deixou as mais sinistras impressões.

O CENTENARIO DE CAMÕES

(Continuação)

Camões passou os primeiros annos da sua mocidade em Coimbra, em cuja universidade se tornou notado não só pela

sua inteligencia e amor ao trabalho como pela exhuberancia de vida e genio brigão. Aos desoito annos ninguem melhor do que elle sabia glosar um mote e dirigir a ponta d'uma espada. Promettia duplamente o que mais tarde duplamente devia obter. Mas a sêde dos prazeres não lhe fez despresar um momento os estudos. Guiado por seu tio, o monge D. Bento, superior do convento de Santa Cruz, e uma das inteligencias mais esclarecidas do seu tempo, Camões trabalhou com afinco e proveito. Estudou as literaturas antigas, a que a renascença dava nova vida, e analysou todos os auctores modernos, que lhe ficaram de memoria. Foi em virtude d'essa vasta erudicção, adquirida por um trabalho incessante, foi em virtude da grande memoria de que era dotado, que pôde gravar no espirito as bellezas de todos os poetas celebres da antiguidade que o haviam successivamente enthusiasmado e de que reproduzia certas formas sem comtudo as imitar. O campo viridente de Coimbra, o Mondego, cuja cintura argentea aperta entre as suas pregas as montanhas de reflexos de seda, como uma tela amarrotada pela mão d'um titan, a poesia insinuante e melancholica d'aquella terra, coroada d'uma nevoa dourada, não contribuiram pouco para exaltar a imaginação do moço poeta, deixando-lhe no espirito umas doces reminiscencias, que elle soube pôr em versos adoraveis ao escrever o tocante episodio de Ignez de Castro.

Terminados os estudos, voltou a Lisboa em 1544, principiando a figurar na qualidade d'escudeiro na côrte de D. João III. Era um rapagão de physionomia agradavel, cheia de nobreza, ares altivos, olhar vivo e penetrante, a fronte coroada d'uma cabelleira espessa e loura, naturalmente annelada; a bocca sarcastica, assombreada por um bigode ruivo, retorcido nas pontas. Toda a gente o tinha por formoso. Contava n'essa epoca por amigos os filhos das casas mais illustres de Portugal. As mulheres amavam-o á porfia, e elle a nenhuma negava a sua adoração, do que são prova as suas poesias soltas. Mas da admiração á inveja não ha mais do que um passo, e da inveja á inimizade não ha distancia perceptivel sequer; quanto mais da inimizade á calumnia! Camões conheceu-o em breve. Todas aquellas affeições, as sympatias, os enthusiasmos que o haviam acolhido, iam transformar-se em odios implacaveis que deviam acompanhal-o até ao tumulo.

Tres annos depois da sua chegada á côrte, o nome de Camões achou-se ligado a um pequeno escandalo do palacio. O moço vate amava uma donzella da primeira nobreza, por nome Catharina d'Athaide, que tambem o amava, mas cuja familia não acceitaria de bom grado um rapaz sem riqueza. Por que especie d'intriga foram separados os dous amantes? E' o que nunca se soube ao certo. Do que não ha duvida é que Camões foi condemnado a um desterro de dous annos longe da côrte; e é mais que provavel que esta sentença fosse arrancada ao rei pelos parentes da dama, que, pela posição que tinham, deviam gosar uma grande influencia.

Foi durante o tempo do exilio que o poeta compoz a maior parte das suas rimas, eglogas e redondilhas, que pela maior parte são obras primas de graça, finura e sentimento.

Mas Camões era de temperamento ardente de mais, de caracter demasiado aventureiro, para se resignar ao exilio em Santarem, em uma inação aborrecida. Decidiu-se pois a tomar parte nas luctas que Portugal sustentava contra os mouros de Ceuta, e alcançou licença para partir para Africa. Foi em uma d'essas expedições, durante a sua estada em Ceuta, que recebeu no rosto uma bala que lhe tirou um olho.

Terminado o exilio voltou a Lisboa. Mas já não era o bello Camões que fazia palpitar o terno coração das raparigas de Lisboa. Tinha-se tornado um soldado de rosto tisnado, mutilado, de modos rudes e selvagens. Em vão se apresentou na côrte; todos lhe viraram as costas. Não só o evitavam; despresavam-o depois de o terem elevado ás nuvens. Com o coração ulcerado, a alma atrophiada de desgostos, ganhou o mais profundo odio a todos os que o repelliam depois de o adularem. O poeta desappareceu sob o cavalleiro, e cada dia a espada de Camões abria algumas veias. Foi em resultado d'uma d'estas brigas que o prenderam e encarceraram. Mas, cançado de luctar contra homens que acabou por julgar indignos até do seu odio, alcançou licença para se embarcar para a India, partindo em 1553.

Foi então que começou para elle uma vida toda cheia d'aventuras, de luctas, de miseria. Apenas chegado a Goa, mandaram-o com a expedição que devia subir as margens do Mar Vermelho, tomando parte no cruzeiro de Mascate. Esteve alguns annos nos Molucas, e foi por este tempo que principiou os *Luziadas*. Algum tempo depois foi para Macau, onde lhe deram o emprego de curador dos ausentes e defuntos. Os tres annos que alli passou foram talvez os menos trabalhosos da sua vida; pelo menos tinha que comer. O seu poema resente-se d'esse bem estar relativo.

Podia trabalhar com mais liberdade d'espirito, e quando deixou Macau para voltar a Goa, os *Luziadas* estavam quasi terminados. Mas o navio em que elle ia, elle e o pouco dinheiro que penosamente conseguira juntar, e que formava toda a sua parca fortuna, foi arrojado contra a costa de Cambodge, perto da foz do rio Mecom, e Camões conseguiu ganhar a nado a praia, salvando apenas

> ...o canto que molhado
> Vem do naufragio triste e miserando
> Dos procellosos baixos escapado.

A má sorte que o perseguia reservava-lhe ainda outros infortunios. De volta a Goa, accusaram-o de malversações durante o tempo da sua administração n'aquella cidade.

Foi em Goa que Camões soube a noticia do fallecimento de Catharina d'Athaide, de quem tinha sido out'rora violentamente separado, e pela qual tinha sempre conservado o culto mais respeitoso e mais terno. Sahido da prisão, poucos dias gosou de liberdade. Um credor inexoravel fel-o encarcerar de novo por uma divida de vinte mil reis. Os amigos do poeta cotizaram-se para indemnizar o barbaro agiota, e Camões vingou-se d'elle em uma das suas mais bellas inspirações, *O Fios-Seccos*.

Em 1527 o soldado-poeta embarcou-se para Moçambique, onde passou dous annos na mais extrema mizeria, sem lhe ser possivel reunir a somma necessaria para pagar a passagem e voltar á Europa, e chegou a passar algumas vezes fome.

(Continua)

Maria Letizia de Rute
(Madame Rattazzi)

A ORPHÃ

Ai! campa de minha mãe,
Acolhe o pranto saudoso
De quem pesares só tem!

Como secco está o myrtho,
Que te circumvaga a cruz,
Pallido, sem folhas, hirto!...
Não sae de mim a tristeza,
A' orphã, que tanto resa,
N'este agro campo, sem luz!

Ai, triste! limpida a neve,
Que o rispido inverno traz,
D'encontro ao sol não se atreve,
Porque á neve o sol desfaz;
Mas da campa ao duro gelo
Não ha sol a desfazel-o!...

Eu perdi tão santa vida,
A que o era da minh'alma!
Tenho angustias por guarida,
Tenho frio em vez de calma!
Que m'a restitua Deus,
De manhã, de tarde, á noite,
Eu peço;— fecham-m'o os ceos!

Pranteio-me ao vir d'aurora,
Avergada a tantas dôres,
Gotteja o orvalho nas flores...
A luz d'alva tambem chora!

Quando o sol em alto corre,
A supplica nos meus labios,
Sem ser attendida, morre!
Dos sepulchros a aridez
Não me falla uma só vez!

A noite lugubre, escura,
Como o dia é silenciosa!
Só um raio de luz pura
Se desprende d'uma estrella
E a deserta campa vélla!

Ai! campa de minha mãe,
Acolhe este pranto acerbo...
São as lagrimas um bem!

Alfredo Angra

O HOMEM QUE NÃO PODE CASAR

(Continuação)

VII

Não se me dava d'apostar com o leitor em como, se estivesse no logar de Gualter, renunciava a toda a ideia de casamento. Realmente, quando a um homem acontecem cousas como as que acabo de narrar, quando, para que elle tenha a dita d'arranjar a metade que lhe falta se oppõem contrariedades tão fortes, é que o destino não quer que o homem se complete, quer que elle permaneça solteiro, isto é, que ande incompleto no mundo.

O meu amigo andava de facto mal em teimar por vencer o destino que tão adverso lhe era; mas havia uma razão para que elle assim procedesse, e uma razão fortissima, que o obrigava a proseguir tenazmente no empenho d'arranjar mulher.

Não era precisamente mulher que elle necessitava; o que elle procurava, o que lhe fazia falta, aquillo de que não podia prescindir, era meio de pagar as muitas e grandes dividas que tinha, por que os credores, a quem elle, como todos os devedores, promettia sempre pagar, entravam de impacientar-se com elle, por forma a causar-lhe serios embaraços.

Era necessario sahir d'aquelle apuro, custasse o que custasse e fossem quaes fossem os meios a empregar para conseguir pôr-se fóra do jugo esmagador dos desapiedados agiotas.

Está explicado, parece-me, o motivo porque Gualter não renunciava á ideia dominante do casamento com uma herdeira rica. Desfeito um casamento, e vimos já que não foi um, mas quatro os que, contractados, prestes a realisar-se, se desmanchavam em seguida por qualquer motivo, o que não era senão uma fatalidade inexplicavel; desfeito um casamento, dizia eu, tratava immediatamente d'arranjar outro.

Elle bem sabia,— sabia-o, não ha duvidal-o,— que era um terrivel enguiço, aquelle que o perseguia; mas não hesitava; proseguia impassivel, sem desanimar, o seu destino, como o medico que, convicto de que o doente não escapa, receita ainda, receita sempre, entende cumprir o seu dever procurando arrebatar á morte a victima que ella está prestes a fazer.

Mas deixemo-nos de divagações e entremos na narração dos factos que constituem esta veridica historia.

VIII

Um dos mais desalmados credores de Gualter era o seu alfaiate. O meu amigo que era um perfeito modelo de elegancia, estreiava cada mez um fato novo e devia ao alfaiate uma conta calada. Cançado emfim de não receber do freguez mais do que promessas que nunca se realisavam, o bom do homem organisou um systema de perseguição em regra. Todas as manhãs sem excepção, á hora em que entendia que Gualter devia estar em casa, ia bater-lhe á porta do quarto, no hotel que elle habitava na rua do Sol. Gualter, que a principio se dava ao encommodo d'abrir a porta e attender o impaciente credor, acabou por não se encommodar por causa d'um homem que não havia meio de convencer ácerca da espera que devia conceder ao credor até este realisar o casamento que trazia entre mãos e que devia tornal-o sufficientemente rico para pagar tudo quanto devia; assim, entendeu para si que o melhor era não lhe responder sequer quando elle batesse á porta. Foi o que fez. O alfaiate foi um dia, outro e outro; batia, não obtinha resposta, e descia as escadas resmungando.

Mas chegou um dia em que o alfaiate se decidiu a pôr termo á comedia.

—Hoje heide falar com elle, dê por onde der, disse de si para si.

E esse dia foi de manhã cedo para a porta de Gualter.

IX

Aconteceu que esse dia era o destinado para o casamento do meu amigo com uma elegante donzella, sobrinha ou o quer que fosse d'um padre morador para os lados do Fojo, onde tinha numerosas ilhas que lhe rendiam o melhor de cincoenta libras por mez.

A rapariga morria por Gualter; o padre era doido por elle, que lhe aturava algumas vezes massadas de seis horas, nas quaes se falava muito nos direitos inauferiveis do snr. D. Miguel de Bragança e se alcunhavam de pedreiros livres todos os liberaes sem excepção. Gualter, com uma malicia habilissima, ajudava o bom do padre a diffamar tudo o que não pertencesse ao partido seu d'elle, e eis o que lhe valera para captar toda a sympathia do reverendo, que quasi lhe offereceu a mão da sobrinha.

D'esta vez o casamento não podia falhar. Chegou a fixar-se o dia. A ceremonia devia realisar-se pelas quatro horas da tarde, na igreja do Bomfim.

X

Era de manhã muito cedo e Gualter já andava a pé. Chamara o criado, dera-lhe as botas para engraixar e cuidava da sua *toilette*, andando açodado d'um para outro lado, no seu quarto.

De repente, quatro valentes pancadas dadas na porta recordaram-lhe o perseguidor matutino.

—Não abro, disse comsigo Gualter.

O alfaiate, vendo que não lhe respondiam, gritou com voz de trovão:

—Bem sei que está em casa, snr. Gualter. Não quer abrir e anda mal, porque lhe juro que não me arredo d'aqui até que a porta se abra.

O meu amigo sorriu da ameaça. Consultou-se intimamente sobre o que faria; decidido emfim a não abrir a porta, suspendeu os preparativos da *toilette* e foi em bicos de pés estender-se na cama.

Como na noute anterior pouco tinha dormido, porque estivera até muito de madrugada em casa do padre e da futura esposa, não tardou a adormecer.

XI

Sería meio dia quando accordou.

Ainda não tinha almoçado e a fome obrigou-o a levantar da cama. Ia a encaminhar-se para a pôrta, para chamar o criado, quando se lembrou do alfaiate.

—E se o diabo ainda lá está? pensou Gualter.

Deitou-se de bruços junto da porta e espreitou pela fenda que havia entre esta e o soalho.

—Lá está elle! Vejo-lhe os pés!

E volta para a cama.

—Nada; não devo abrir. Teriàmos um escandalo dos diabos!

Convencido de que o homem acabaria por abandonar o posto, entregou-se novamente nos braços de Morpheu. Mas d'esta vez, agitado pela ideia de que era forçoso evitar todo o escandalo, tanto mais que estava por horas apenas a adquirir os meios de resgatar-se das garras de todos os credores, pouco dormiu, e accordou cada vez com mais fome.

—Agora não estará lá, disse para si.

Mas, por cautella, foi espreitar por debaixo da porta.

O inexoravel, o maldito credor, ainda lá estava; viam-se-lhe perfeitamente os pés, voltados para a porta do quarto.

Gualter consultou o relogio. Eram tres horas.

(Continua)

A. A. Leal

CHARADAS

Come-se, limpa-se, leva-se e dá-se— 2, 1

Tem as calças e o pintor esta partedo corpo humano— 1, 2

Medida nos doidos faz poetas d'agua doce—2, 3

Esta vogal que todos temos é uma planta— 1, 2

Canta-se no espaço este navio— 1, 2

Um Estudante de Leiria

ZIG-ZAGS

OS DOUS SABIOS

Irritado Platão contra um seu escravo, dispunha-se a castigal-o quando chegou o seu collega Xenocrates, a quem o philosopho disse:

—Vens muito a tempo. Informa-te do delito d'esse hemem e faz-me o favor de castigal-o, porque eu estou tão encolerisado, que receio exceder-me.

O RHENO

—

As margens do Rheno, especialmente desde Mayença até Colonia, apresentam os panoramas mais variados e dignos da attenção do viajante. Ora são valles estereis, charnecas selvagens, penhascos abruptos; ora aldeias deliciosamente enquadradas em guarnições de verdura; aqui castellos em ruinas, erguidos sobre as montanhas, asylos hoje das aves de rapina; além, durante o percurso do rio magestoso, povoações opulentas, como Colonia, cidade imperial, tão orgulhosa outr'ora das suas franquias e da sua gigantesca cathedral, e Bonn, que communica com Colonia por uma alléa de tilias, cortada de lindas aldeias, que lhe dão um aspecto agradavel.

A paisagem é por toda a parte admiravel, quer a vegetação tapete os montes, quer a natureza se apresente no seu aspecto mais rude e ingrato.

Em Coblentz, onde o Rheno se junta com o Mozella, como o indica sufficientemente o nome latino *confluentia*, a scena augmenta de ponto e torna-se ainda mais bella. Apoz uma successão de montanhas agrestes, vem logares deliciosos de vegetação luxuriante; em seguida a Bingen, onde o Rheno prosegue o curso por meio de rochedos magestosos e selvagens, apparece Johannisberg, famoso pelos seus vinhos, e a antiga Mayença, com os seus sumptuosos edificios.

Desde Mayneça até Colbentz o Rheno alarga consideravelmente; em alguns sitios tem mais de meia legoa. O viajante, vendo-se rodeado d'altas montanhas, procura de balde uma sahida, e quasi sempre a encontra, ao cabo de certo tempo, do lado opposto áquelle onde a julgava encontrar. Esta surpreza continua torna os passeios no Rheno extremamente divertidos.

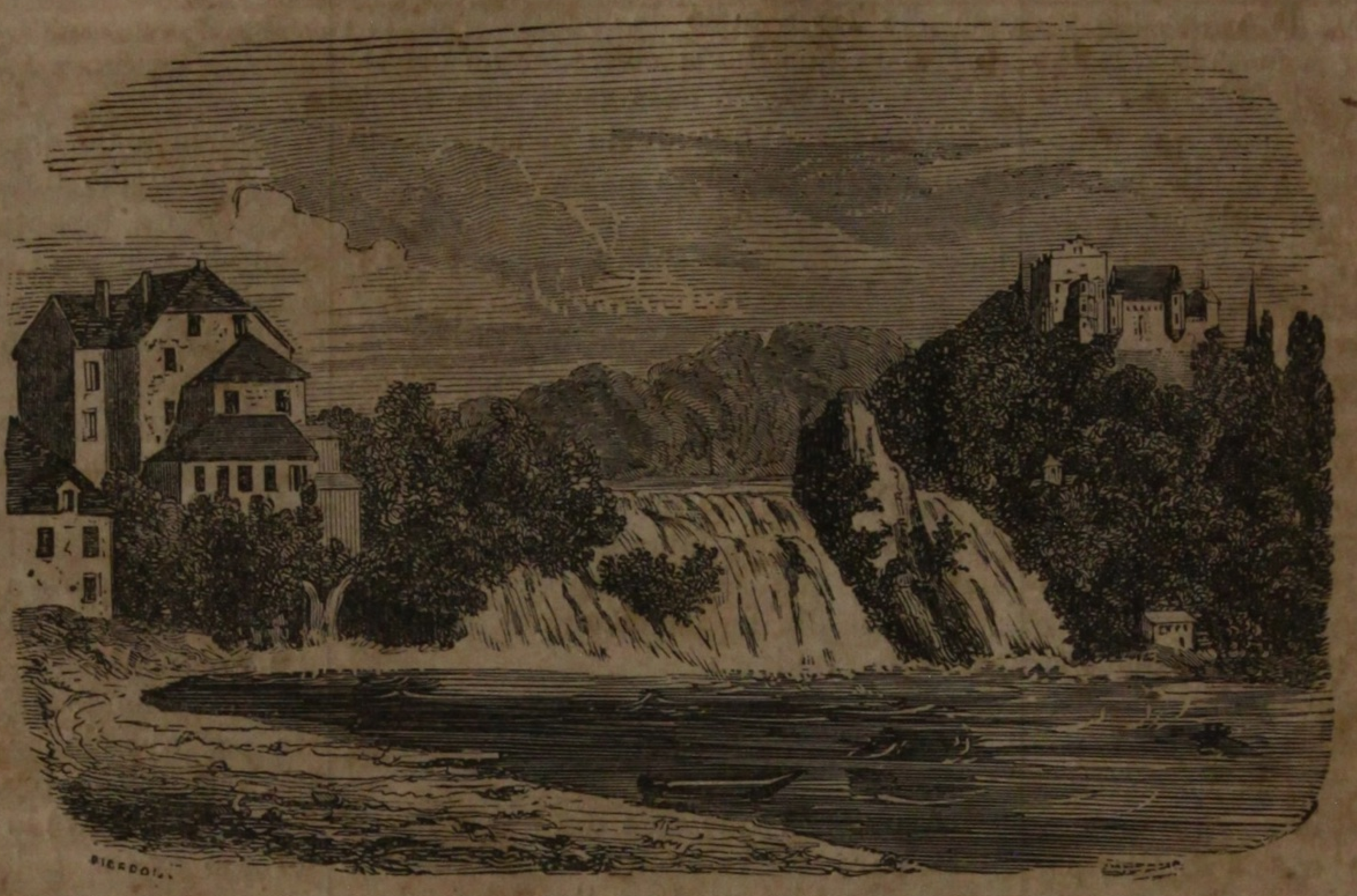
Sabe-se que o Rheno nasce no monte de S. Gothardo, na Suissa. Depois de receber o tributo de diversos affluentes, atravessa o lago de Constancia, e passa por junto de Schafuse.

No pico d'uma montanha demoram os restos do castello de Rolandsech, isto é, o retiro de Rolando. No meio do rio vê-se uma ilha coberta d'arvores, onde está situado o convento de Nonnenwerther. Um pouco além, sobre a rocha de Drachenfels, veem-se os restos d'um forte castello que pertencera aos condes do mesmo nome. Mas voltemos a Schafuse.

E' cerca d'esta cidade que se admira a lindissima cataracta do rio, que cae de vinte a vinte e quatro metros d'altura.

O Rheno é apenas navegavel entre Bale e Strasburgo. E' n'esta ultima cidade que elle toma o nome d'Alto-Rheno; desde Colonia até aos areaes da Hollanda, onde se perde, toma o nome de Baixo-Rheno.

Na Suissa e na Hollanda as margens do Rheno não teem nada de notavel. No ducado de Cleves reparte-se em dous ramos, um dos quaes perde o nome, tomando o de Waal até Dordrecht; alli troca-o novamente, e, unindo-se com o Mosa, vae lançar-se no Oceano. O outro ramo divide-se em dous; um d'elles lança-se no Zuydersée; o outro toma o nome de Rheno-Velho em Leyde e divide-se de novo em diversos ramos, que vão perder-se no meio dos areaes desertos da Hollanda.



QUEDA DO RHENO EM SCHAFUSE

PROSPECTO

O jornal verdadeiramente popular ainda está por crear em Portugal. Não o jornal pelitico, noticioso ou satyrico, que se dedicam á defeza d'uma causa mais ou menos nociva ao bem publico; mas o jornal exclusivamente destinado á educação do povo, o jornal que por meio da penna e do buril infiltre nas camadas populares o gosto pelas bellas letras, que instrua deleitando, que vise a um fim mais alto e mais nobre do que a diaria e mesquinha degladiação dos partidos, que promova emfim a morigeração e os bons costumes por meio da instrucção do povo.

Ao prehencher esta lacuna, — não prehenchel-a completamente, mas consoante os recursos do paiz, ou antes os d'esta terra, — occorreu aos fundadores d'este semanario prestar culto ao mais alevantado talento que Portugal ha produzido, dando o nome d'aquelle que mais amou a sua patria a esta publicação, que representa, do mesmo modo que as outras commemorações, o preito d'uma geração á qual não fallecem as aspirações, que ainda tem fé e esperança no bello, que venera como um culto nacional o nome de CAMÕES.

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publicar-se-ha regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Agencia luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com tres gravuras pelo menos. O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data, 40 reis. A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 3

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 16 DE SETEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: -- Duquesne — Ao redor do mundo sem sahir de casa — O centenario de Camões, pela princeza Rattazzi — Scena triste (poesia) por Helena de Carvalho — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Quebec, por J. da Silva — O bisão — O Manoel das moças (excerpto) por Arnaldo Gama — — O homem que não póde casar (conto) por A. A. Leal — Bem fazer (poesia) —Zig-Zags: — O padre nosso — A solteirona — Charada, pelos Tres Dragões — Os animaes caçadores — Prospecto.

Illustrações: — Duquesne — Quebec — Uma emigração de bisões— A caça com auxilio da panthera.

DUQUESNE

Foi um heroe, na mais lata acepção da palavra, a individualidade que a gravura representa.

Nasceu em Dieppe em 1616 e foi destinado á carreira maritima desde os mais tenros annos, tornando-se em breve um marinheiro destemido e bravo.

A primeira occasião em que se revelou o valor do joven Abrahão Duquesne, o futuro logar-tenente dos exercitos do mar e grande almirante de França, foi na tomada das ilhas de Lerins, Santa Margarida e Santo Honorato, que eram possessões hespanholas. Desde então a sua existencia foi uma continua serie de triumphos.

Requisitado para ir servir a Suecia, que então andava empenhada em uma guerra maritima com a Dinamarca, a rainha Christina nomeou-o successivamente major-general e vice-almirante, e foi n'esta ultima qualidade que assistiu á batalha naval dada por Nicolau Flemming e Torstenson contra o velho rei Christiano IV, da Dinamarca.

DUQUESNE

Em 1653 a marinha real de França tinha chegado ao ultimo grao de decadencia. Convinha bloquear a Gironda para impedir que os revoltosos bordelezes, apoiados pelos partidarios de Condé, se unissem com os hespanhoes que faziam causa commum com os caudilhos da Fronda; mas não foi possivel reunir mais de vinte navios sob o commando do duque de Vandome. Duquesne foi chamado como o unico que podia salvar a França d'um desastre sem igual; e accorreu com os navios equipados á sua custa. No caminho encontrou uma esquadra ingleza, cujo commandante o intimou para se render, arriando a sua bandeira. O bravo marinheiro respondeu com orgulho:

—O pavilhão francez não será deshonrado em quanto eu aqui estiver para

o guardar. De mais, a artilheria decidirá a contenda.

Deu-se a batalha, e os inglezes foram derrotados.

A paz feita pela Hollanda com a Inglaterra, deixou a França a braços com aquella terrivel inimiga, que lhe disputava o poder maritimo, auxiliada ainda pela Alemanha, a Hespanha e as duas Sicilias. N'esse comenos, Messina com uma parte da Sicilia, insurgiu-se contra os hespanhoes, e o rei de França Luiz XIV, por desforço, resolveu apoiar a sublevação. Os revoltados tinham falta de viveres; Duquesne recebeu o encargo de ir soccorrel-os.

Em 11 de fevereiro de 1675, á vista das costas sicilianas, os navios francezes encontraram-se com uma flotilha hespanhola, que se poz em fuga. O almirante seguiu para Messina, onde fez uma entrada triumphal.

De volta a França, soube em Toulon que Ruyter, o grande almirante hollandez, acabava d'entrar no Mediterraneo para operar d'accordo com a esquadra hespanhola.

Duquesne recebeu o commando em chefe d'uma grande armada, com o encargo de dispersar o inimigo. Fez-se de vela para Messina em 17 de dezembro, e em 7 de janeiro seguinte, na altura das ilhas de Lipari, entre Salino e Stromboli, teve logar o encontro com o temivel almirante, o vencedor de Blak, de Monk e dos mais afamados marinheiros inglezes. Durou quatro horas e meia a refrega, terminando com a derrota dos hollandezes. Em 21 d'abril do mesmo anno de 1675, os dous rivaes tornaram a encontrar-se diante do monte Etna, e, d'esta vez, o combate foi decisivo. Dispersos os inimigos, o commandante ficou gravemente ferido e morreu sete dias depois. Duquesne voou no encalço dos fugitivos, e na volta encontrou-se com o navio que conduzia para a Haya os restos mortaes do seu glorioso rival. Mandou-lhe prestar todas as honras funebres, o que era uma homenagem de quem sabia avaliar o merito, ainda nos inimigos.

Luiz XIV quiz recompensar os serviços do seu almirante, insinuando-lhe que o bastão de marechal sería a recompensa se se convertesse ao catholicismo.

—Mas o senhor é protestante... disse o rei.

—E' verdade, respondeu o almirante; mas os meus serviços foram bons catholicos.

E recusou a honra, contentando-se com o dominio d'umas terras que o rei elevou á cathegoria de marquezado.

Duquesne desempenhou ainda outros encargos espinhosissimos, e havia-se retirado á vida privada, quando a revogação do edito de Nantes lhe foi como um golpe fundo, vibrado nas suas crenças d'homem livre, e apesar de ser o unico protestante francez exceptuado da lei do desterro, não pôde resistir ao desgosto, e falleceu em Paris, em 2 de fevereiro de 1688, contando setenta e quatro annos d'idade.

Dieppe, sua terra natal, ergueu-lhe uma estatua em 1844.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

II

TERRA E AGOA

(Continuação)

Sesostris, dizem os historiadores, foi o primeiro homem que teve a ideia de desenhar um mappa para que o seu povo podesse ter noticia das nações que elle submettera. Em breve o ardor do lucro forneceu um novo recurso á sciencia. Os argonautas mettem-se pelo mar dentro á procura do velo d'ouro; são os percursores e typos da multidão de viajantes, que, anciosos de fazer fortuna, de descobrir, uns as ilhas Hesperides, outros o El-Dorado, não descobrem nem o El-Dorado, nem as Hesperides, nem enriquecem, mas dão materiaes para a geographia.

Aos argonautas succederam os phenicios, que atravessaram o Mediterraneo e descobriram o Oceano. O vasto systema colonial de Carthago e as viagens aventurosas de Pytheas, o Marselhez, fazem conhecer o Occidente e principiam a esclarecer a Europa. As conquistas d'Alexandre espalham um vivo clarão sobre o vasto continente asiatico; Diognete e Beton traçam as cartas dos paizes que vão atravessando; o seu almirante Nearco explora a beira-mar.

Os romanos herdaram as descobertas feitas pelas nações policiadas da antiguidade. Imitando Sesostris, Augusto manda fazer por Aggripa e expor ás vistas do povo, em um portico expressamente construido, as listas de todos os povos submettidos ao dominio de Roma. Strabão, Plinio, Ptolomeu, procuram e quasi conseguem coordenar os materiaes legados pelos seus antecessores, e assim se composeram os primeiros compendios de geographia universal. De repente a grande emigração dos povos veio transtornar o edificio da antiga geographia, e os gregos e romanos só ao caír souberam que o mundo era maior do que elles pensavam.

A geographia teve de luctar muito para se restabelecer d'essa commoção violenta. Sabe-se que no seculo IX o conhecimento das terras era tão imperfeito que um historiador italiano, o bispo Luitprande, formando a lista dos estados europeus, de que tinha conhecimento, ou de que ouvia fallar, deixou a França de fóra. Felizmente as cruzadas deram um novo impulso á geographia, e tornaram aproveitaveis á Europa as descobertas dos arabes.

Marco Polo, Rubruqués, Plan-Carpier alargaram os seus dominios. Emfim os italianos e portuguezes, com o auxilio da agulha, abalançaram-se ao mar largo. Colombo deu-nos um novo mundo; Vasco da Gama descobre o caminho das Indias; Magalhães dá volta á terra. Todos os povos se arrojaram por mar e por terra ás descobertas mais difficeis, e por effeito dos esforços reunidos de tantos talentos, o vasto conjunto do globo, á excepção d'algumas lacunas parciaes, é emfim aberto aos olhares da sciencia.

III

AINDA ANTES DE PARTIR

E agora leitor, queres partir? Imagino que estás dizendo que sim e por conseguinte partamos de braço dado, como alegres *touristes*. Arranca-te á commodidade dos penates e toma o bordão de peregrino... Que estou eu dizendo?

A viagem que te proponho não tem igual na historia das viagens; é de todo o ponto differente das que até hoje se teem feito; deixaremos na sombra os Livingstone e Stanley.

E' uma digressão por esse mundo fóra sem te ser necessario preparar as bagagens, nem dar-te ao trabalho de fazer em antes testamento, ou despedir-te dos parentes ou amigos. Para arrancar-te a este meio vicioso em que vivemos, para te dispores a respirar ares mais puros, brisas mais saudaveis, para ver novas terras e novos povos, usos e costumes differentes dos nossos, basta... deixar-te ficar commodamente repotreado na tua poltrona, diante da tua mesa de trabalho, envolto no classico *rob de chambre* e com os pés estendidos para o fogão, onde crepita um bom lume.

Vê que meio commodo de viajar é o que te offereço! E' acompanhar-me apenas com o pensamento, viajar comigo... *á vol de oiseau.*

Eu me encarrego d'indicar-te os sitios onde deves abrir os olhos, pois até a commodidade te concedo de poderes viajar d'olhos fechados, o que não é desagradavel de todo porque ha n'este mundo muita cousa repugnante de ver. Emfim, assignalar-te-hei os sitios onde deveremos parar para ver novos ceos, novas terras, uma natureza totalmente differente da que vemos todos os dias.

(Continua)

O CENTENARIO DE CAMÕES

(Continuação)

Foi graças á generosidade d'alguns amigos que o poeta pôde embarcar-se com o seu escravo, o fiel Jau, e tornar a ver Lisboa, ao cabo de desesete annos d'ausencia.

Em 1572 appareceu a primeira edi-

ção dos *Lusiadas*, não sem que Camões tivesse de corrigir algumas passagens que a censura inquisitorial do Santo Officio reprovara. Pela mesma epoca foi-lhe concedida a pensão annual de 15$000 reis, que nunca chegou a receber regularmente.

Retirado na sua casa da Mouraria, o coração alquebrado pela dôr moral, o corpo quasi paralysado pelo soffrimento physico, Camões procurou ainda prender-se á vida pelo trabalho; mas as forças faltavam-lhe; sentia-se vencido, como elle proprio confessa, apossado d'um desgosto, d'uma fadiga invenciveis:

A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno.

Nos ultimos annos d'existencia compoz ainda, por dinheiro, algumas poesias lyricas sobre assumptos que lhe davam. N'ellas fallava a miude dos seus infortunios; mas da sua penna não sahia nunca uma palavra de queixume. Este recurso, quando não lhe faltava completamente, não era sequer bastante para o livrar da miseria, que o cercava; era ella tamanha que o fiel escravo ia pelo calado da noite mendigar o obolo com que matar a fome a um dos maiores genios que a terra ha produzido. Sentindo o seu fim proximo, Camões escreveu a um dos seus amigos estas memoraveis palavras: «Vou acabar os meus dias, e toda a gente saberá então que amei tanto a minha patria, que não só me dou por feliz com morrer n'ella, mas ainda de morrer com ella!»

Com effeito o desastre de D. Sebastião em Africa tinha feito empalidecer a gloria de Portugal. Philippe II de Hespanha punha-se á frente d'um exercito para invadir a terra dos descendentes de Luso, o solo bem amado, cujos heroes valentes Camões havia cantado.

Camões morreu a 10 de junho de 1580, isto é, no proprio dia em que as tropas hespanholas transpunham a fronteira portugueza.

Como poeta, Luiz de Camões é uma das individualidades mais salientes da Renascença, é talvez a mais completa. E' exactamente o filho d'essa vasta revivescencia philosophica que illuminou o seculo XVI. E' um dos astros mais brilhantes da larga pleiade d'artistas, nascida ao mesmo tempo, berço gigantesco de genios sublimes, cujas aptidões diversas abraçaram todas as artes e todas as sciencias.

Tem-se comparado muitas vezes o poeta portuguez a Homero, Virgilio, Dante ou Petrarcha. A comparação é cabida, mas Camões póde ser considerado mais como homem do meio em que viveu, como a personificação d'uma epopeia brilhante, de que elle soube fazer uma outra epopeia imperecedoura.

Todos os poetas que o precederam procuraram quasi sempre descrever os sonhos da sua imaginação. Camões conta o que viu, o que lhe aconteceu, falla de successos em que tomara parte. E' historiador, mas historiador em que o coração, a sensibilidade dominam. E' um narrador cujo talento sabe fazer sobresahir o discurso, que encanta pela sinceridade da sua narração, que attrae pelas verdades philosophicas e moraes que esmalta com mão certeira. E' sobretudo um poeta divino que põe todas as harmonias da sua lyra, todas as forças da sua inspiração ao serviço do immenso patriotismo de que lhe trasborda a alma. Porque deve dizer-se, e essa é a maior gloria que a geração actual deve ter para manifestal-o publicamente, o que Camões mais amou foi a sua patria, o *ninho seu paterno*. O que deve tornal-o caro aos seus compatriotas, o que o deve fazer objecto d'um culto eterno, é a altura a que elle soube elevar o nome portuguez. Os *Lusiadas* é mais do que uma perola literaria; é o monumento indestructivel de bronze e aço, consagrado á gloria lusitana. E' o foco de gloria immortal em que todo o portuguez deve beber as suas crenças de futuro; é o livro santo que deve beijar religiosamente como o soldado beija as pregas da sua bandeira consagrada.

O que a principio se nota quando se lê o poema portuguez é que a immensa acção de todo o poema não tenha mais do que um desenlace. O panno levanta-se sobre um navio e este navio é até ao fim o palco d'aquelle drama. Camões entendeu que não podia achar quadro mais proprio para as proesas d'uma nação exclusivamente maritima, e logo ás primeiras oitavas faz entrar em scena as galeras de Vasco da Gama navegando á procura das Indias.

(Continua)

Maria Letizia de Rute
(Madame Rattazzi)

SCENA TRISTE

Eu, hoje, quando andava passeando,
Vi um quadro d'aspecto commovente.
Uma velha de faces maceradas
Junto ao seio estreitava um innocente.

Tinha a creança o cunho da miseria
Estampada no rosto... coitadinha!
E a pobre velha já não tinha forças;
Por esforços d'amor é que a sustinha.

Soluçava o anjinho... tinha fome...
E a velha a acalental-a então sorria;
Porém aos olhos lhe assomava o pranto
Como prova dos transes que soffria.

E foi assim que eu vi estes dous entes,
Ambos presos da mesma desventura.
Um debil, sem alento para a vida,
Outro fraco, descendo á sepultura.

Doeu-me ver assim entrelaçados
O principio e o fim, tão desgraçados!

Helena de Carvalho

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

PROLOGO

UM AMOR CRIMINOSO

I

(Continuação)

N'este momento ouviu-se o som das trombetas e a gritaria dos caçadores, de maneira que Alina, porque já sabemos que era este o nome da dama, não pôde deixar d'exclamar:

—Meu Deus! Se a caçada para aqui se dirigisse!

—Não receie nada. Esta parte do bosque está fóra do alcance dos vigias. Foi exactamente o que eu tive em vista quando lhe marquei este sitio para a entrevista que tão feliz me torna.

Porém, no momento mesmo em que elle pronunciava estas palavras, para lhe mostrar o erro em que laborava, ouviu-se a pequena distancia da clareira um rumor extranho, e a joven, ao dirigir as vistas para aquelle lado, despediu um grito de terror.

Um enorme javali, perseguido e instigado pelos cães, havia comprehendido, com aquelle instincto de conservação que lhe é innato, que o arroyo que partia o bosque quasi ao meio podia offerecer-lhe salvação, e arrojou-se a elle, caminhando um bom espaço pela agoa, até chegar á clareira onde estavam os dous namorados.

Se a surpreza d'Alina foi grande, não foi menor a do monteiro, que, dirigindo-se á joven, lhe disse:

—Cuidado, senhora. Não perca a serenidade. Refreie o cavallo; não a vá elle atirar ao chão em algum movimento d'espanto, e deixe o mais por minha conta.

—Mas, o que poderá contra a fera? ponderou Alina com voz tremula.

—Salval-a-hei, ou morrerei.

E o mancebo, tirando a sua faca, atirou-se sobre o javali, que havia parado um momento antes d'acommetter.

E' possivel que, aterrorisada pelos ladridos dos cães, pelos gritos dos caçadores e pelo som das trombetas, a fera passasse de largo, indo procurar salvação no mais cerrado do bosque, porque já havia conseguido subtrahir-se ao circulo dos vigias, fazendo perder a pista aos cães; mas o movimento d'André, o monteiro, fel-a mudar, visivelmente, de parecer.

Fitando alternativamente o olhar feroz em Alina e no monteiro, e comprehendendo que a presa mais segura era a primeira, lançou-se sobre ella, conseguindo illudir o golpe que o monteiro

lhe dirigia, e fazendo-o cahir no chão.

Um novo grito d'espanto soltado por Alina, e um furioso salto do cavallo, obrigaram André a voltar a si do primitivo atordoamento causado pela queda, e, levantando-se immediatamente, foi pôr-se de permeio, entre Alina e a fera. No mesmo momento o ladrar dos cães demonstrou que sem duvida alguns d'elles tinham vadeado o arroyo e achado a pista perdida, chamando para aquelle sitio a attenção dos caçadores. Segundos depois, tres ou quatro grandes cães desembocavam na clareira, atirando-se furiosos ao javali.

Irritado este, pensava em fazer frente aos seus novos inimigos, ao passo que o monteiro, animado com o novo auxilio que lhe chegava, gritava á dama:

—Nada receie, senhora; o perigo passará breve.

E, com effeito, com uma serenidade assombrosa, caminhou para a fera, que luctava desesperadamente com os cães, que a seguravam, e enterrou-lhe a faca no costado.

Mas n'este momento, e quando o joven ia correr para junto d'Alina, que vacilava sobre o cavallo, um caçador que saiu do atalho proximo, caiu sobre elle, d'espada desembainhada, e antes que elle podesse fazer qualquer movimento, atravessou-o com ella, dizendo:

—Miseravel! Que intentos eram os teus?

Um grito de dôr que saiu dos labios d'Alina seguiu-se á queda do monteiro.

—Vinguei-a, senhora, disse o cavalleiro que não era outro senão o conde de Lazan.

Porém Alina não podia ouvil-o. A acção do conde tirara-lhe todas as forças, enfraquecidas já pelas anteriores commoções. Fechou os olhos, e teria sem duvida cahido ao chão se n'aquelle momento não apparecesse na clareira, attrahido pelo ladrar dos cães, um bando de caçadores, alguns dos quaes, reconhecendo o estado d'Alina, se apressaram a soccorrel-a.

Pouco tempo depois o soberano e o senador Aldobrantini, enviado extraordinario da republica de Veneza, junto do rei de Hespanha, eram informados do succedido.

O conde de Lazan contou o caso, dizendo que ao chegar áquelle sitio, julgou que o monteiro tentava alguma cousa offensiva da dignidade d'Alina e apressou-se a castigal-o. O affastado do logar, o achar-se Alina e o monteiro sós, davam alguns visos de verdade á supposição do conde, e por esse motivo todos julgaram o facto como um d'esses desgraçados accidentes, um equivoco lamentavel, e até a propria Alina, quando a commoção lhe permittiu falar, não pôde accusar o conde, que até áquelle momento não lhe havia dado motivos para conceber suspeitas.

O conde de Lazan, ao chegar á clareira, suppunha que Garcia já se tinha desempenhado d'aquillo de que o havia encarregado; mas a apparição do javali em primeiro logar e a chegada dos caçadores depois, obstaram a que Garcia se arriscasse, e o conde, cheio de ira, precipitou-se sobre o monteiro, em quem reconhecia havia tempos um rival perigoso.

Alina esteve gravemente enferma, e apenas se achou restabelecida, partiu com seu pae para Veneza, levando o coração morto para o amor, porque o monteiro tinha sido a sua primeira, e segundo ella pensava, a sua unica paixão.

Pouco tempo depois, o conde de Lazan obteve de Carlos III uma missão para o rei de Napoles e partiu para a Italia, acompanhado de Garcia, a quem disse:

—Perdôo-te a falta d'habilidade no negocio da caçada, com tanto que ponhas Alina em meu poder.

—E se houver que passar por sobre um cadaver para chegar até ella? perguntou o bandido, pois tal qualificação podemos dar-lhe sem receio d'offendel-o.

—Passa, como eu passei sobre o do monteiro.

Garcia inclinou a cabeça em signal d'obediencia, e chegou a Italia em companhia do conde. Este era ainda novo e galante, e permaneceu em Italia tres annos.

Tinha-se jurado não sahir d'ali sem realisar o seu proposito, e realisou-o.

QUEBEC

Um anno depois de ter chegado áquelle paiz, dirigiu-se a Veneza, onde já se achava Garcia. Conseguiu que o rei de Napoles lhe confiasse um encargo, por assim dizer official, e marchou a desempenhal-o. Mas na realidade o seu objectivo não era outro além de pôr-se em presença d'Alina.

(Continua)

QUEBEC

Na margem esquerda do rio S. Lourenço, e perto da sua foz, na America, demora Quebec, cidade forte e capital do baixo Canadá. E' a um tempo fortaleza, porto de guerra, praça commercial d'uma grande importancia e vasto estaleiro de construcções maritimas. Está situada na extremidade d'um promontorio e coroada por uma cidadella, circundada de um fosso de mais de setenta metros de profundidade, o que a torna uma fortaleza de primeira ordem, a ponto de merecer a denominação de Gibraltar da America ingleza.

A situação da cidade não pode ser mais agradavel. Divide-se em alta e baixa. Entra-se n'ella por cinco portas, guarnecidas todas de fortes baterias.

D'entre os edificios notaveis, e não são poucos os que a cidade conta, mencionaremos o castello de S. Luiz, onde reside o governador, e que se ergue á beira d'um precipicio inacessivel, a cathedral gothica, edificio d'aspecto grave e imponente, os quarteis e o arsenal, que póde guardar, segundo se diz, armamento para cem mil homens. As fortificações são porém a obra mais curiosa. A cida-

della, assente no cimo do cabo Diamante, domina a cidade e póde considerar-se inexpugnavel.

Os arrabaldes estão cobertos de deliciosos campos e vistosas vivendas, onde residem os inglezes ricos.

Quebec deve a sua origem a um pequeno forte que Jaques Cartier, navegador francez, depois de subir o S. Lourenço em 1508, fondou oito kilometros acima da ilha de Orleans.

Os inglezes tomaram a cidade aos francezes no anno de 1629; mas os primitivos dominadores disputaram longo tempo a presa, e a Inglaterra só consolidou a sua conquista no anno de 1776.

A população de Quebec consta de sessenta e cinco mil almas.

J. da Silva

O BISÃO

O bisão, commummente chamado buffalo, é o maior animal da America do norte. A sua grande corpulencia, a força prodigiosa, o costume d'andar sempre em bandos muito numerosos, os paizes que frequenta, o valor da carne e da pelle, recursos inestimaveis para o caçador, assim como para as tribus indianas, a maneira de caçal-o e apanhal-o, tudo concorre para fazer d'elle um animal precioso e digno d'interesse.

E' o maior dos ruminantes originarios da America; o seu peso excede o da renna, cujo volume é entretanto igual ao do bisão.

A cabeça grande, a fronte larga e triangular, a bossa conica sobre o cerro, olhos pequenos, mas vivos, hastes curtas e negras, a juba espessa, cobrindo-lhe o pescoço e parte do corpo, a metade posterior d'este comparativamente pequena, a cauda curta e acabando por um tufo de pellos; taes são os caracteres particulares e os traços caracteristicos do animal que nos está occupando.

A côr do bisão é um louro escuro; ás vezes apresenta uma côr tostada, um louro esverdeado, o que depende da estação.

A carne do bisão é succulenta e deliciosa; como alimentação ha quem a repute melhor do que a do boi.

Os bisões circulam livremente em grande parte do territorio americano; mas são menos abundantes do que outr'ora. Onde ha maior quantidade d'elles é no terreno limitado a oeste pelas montanhas Rocheas e a leste pelo Mississipi, perto da nascente d'este grande rio americano.

UMA EMIGRAÇÃO DE BISÕES

No Texas o bisão percorre todo o paiz; no Mexico é raro.

A caça do bisão é para os pelles-vermelhas mais do que um divertimento; é uma occupação util. Os europeus não se arriscam quasi nunca áquella especie de caça com receio de cahirem nas mãos do indios escalpelladores que habitam por aquelles sitios.

O verdadeiro caçador, o caçador de profissão, o batedor dos bosques americanos, quer da raça branca, quer indio, persegue sem tregoas os bandos de bisões, dispersando-os ás frechadas, ás lançadas e a tiro. Não é isenta de perigos tal caça. Corre-se risco eminente de perder a vida, o que não tem acontecido a poucos caçadores. O andar do animal é pesado e desgracioso; se não é tão veloz como o do cavallo, excede muito o do homem, e um homem a pé não o alcança. Quando os bisões caminham em bandos cerrados e o homem não encontra uma arvore á qual trepe, corre o risco de morrer esmagado.

O MANOEL
DAS MOÇAS

EXCERPTO

Ao entrar para dentro do arco da Vandoma, que se erguia, ha poucos annos ainda, ao fundo da rua Chã, ao emboccar para o largo da Sé, via-se do lado direito e pegada á parede do arco uma porta. Esta, que muitas vezes, ao passar, havieis de notar aberta, dava para uma especie de bêco sem sahida, cujas paredes lateraes eram formadas — a do lado esquerdo pela face interior do arco, e a do direito por meia duzia de casas terreas, encostadas ás trazeiras d'aquellas que formam o lado sul ao principio da rua de S. Sebastião.

Esta meia duzia de casas constituiam o que no Porto se chama *ilha*—numero indeterminado de casas terreas, mettidas em bêco sem sahida e as mais das vezes possuidas por um só proprietario.

Esta ilha do largo da Sé, leitor, era porém uma ilha singular. Não tinha, como as outras, a entrada e a sahida maninha. A certas horas da noite fechava-se sobre si, mostrando desprezar-se de fazer parte do antigo burgo do bispo D. Hugo. Esta ilha tinha porta que a fechava, e cujos ferrolhos, depois de corridos, sequestravam os seus habitantes do resto da cidade, e lhes davam caracter de povo independente, de nação no

meio de nação, de verdadeiro *status in statu*.

Com tudo, por muito grande que fosse toda a felicidade que se podesse sonhar n'esta independencia patriarcal, o ar mephitico que ali se respirava, a humidade salitrada das casas, o acanhado do espaço por onde a vista se podia espraiar, não causavam de veras inveja.

Aquella *ilha*, e sobre tudo aquella porta, é historica para mim. Quando existia, e eu passava por ali, parava sempre a recordar-me de uma das muitas travessuras da minha infancia. Aquella porta e aquella *ilha* recordavam-me o *Manoel das moças*, o famoso inculcador de criadas de ha quinze ou dezaseis annos atraz.

Quem se não lembra do *Manoel das moças*? Quem se não lembra d'aquelle honrado ginja— de corpo baixo e magrissimo, e de aspecto de pepino mellado? Quem se não lembra d'aquelle temeroso chapeu, que deixando á vista enorme e abaulada testa calva, elle trazia tão a prumo com o cucuruto da cabeça, que se erguia quasi horisontal com a aba da casaca? Quem não recorda aquella patriarcal casaca de saragoça, aquella gravata branca matisada de simonte, aquelle collete de belbutina, e aquellas enormes botas que por sobre as calças de guingau lhe trepavam pelas pernas acima, meneando borlasinha de seda? Sobre tudo— aquelle andar sacudido, aquelle todo meneado, aquella cabeça lançada sempre para traz, aquella civilidade com que conduzia a criada, os seus cumprimentos á flor dos labios, o cuidado com que limpava com o cotovello a outr'ora seda do seu enorme chapeu, quando no patamar de uma escada, ou dentro de nma sala assistia ao inquerito de criada, que estava apresentando....

Ah! Manoel, Manoel, com que saudade me recordo de ti? com que saudade me lembro do tempo, em que eu, travesso estudante de latim, ia berrar á tua porta a perguntar-te pela saude da *Joanna das Rosas!* Tu sahias furioso do teu covil, e corrias a punir-me; mas as tuas pernas de oitenta annos não podiam competir com a ligeiresa das minhas. Restava-te só o recurso da pedra; mas então, desgraçado! quantas vezes foste victima da minha pontaria certeira! Resignas-te-te por fim aos caprichos da tua sorte fatal, meu desgraçado lamecha; e condemnaste-te a fechar a porta ás horas que eu ousava passar do collegio. Mas de nada a precaução te valia. Que podias tu contra o vivo diabo que eu era, contra o demonio encarnado na figura de um rapaz? Eu descia surrateiramente de Traz da Sé;— depois punha-me a vigiar a tua porta.... Tinhas-l'a fechada.

Então passava mansamente por junto d'ella; escondia-me na viella de Santa Clara, e de lá punha-me a murar como gato que espera esfomeado a presa. Meia hora depois abrias a tua porta; a tempestade já devia ter passado. Noé do arco da Vandoma, tu lançavas a cabeça fóra da tua arca, para a modo de *pomba mensageira*, reconheceres se as cataractas do insulto já tinham passado. Então eu sahia como relampago do meu esconderijo, lançava-me a ti, e mais de uma vez baqueaste ao som dos apupos dos meus camaradas, e ouvindo trovejar sobre a tua cabeça devotada aquella pergunta fatal— *Manoel das Moças, como vai a Joanna das Rosas?*

Manoel, Manoel, em consciencia, encurtei-te a existencia!

Desgraçado lamecha!

Manoel, Manoel,— honrado agiota de criadas, traficante de trabalho alheio, uzurario de braços e pernas feminis, tu morreste!

E os teus desagradecidos compatriotas de todo esqueceram o teu nome!

Honra da cidade eterna, sublime padrão da gloria da invicta, eu te envio uma saudade a esse logar onde estás. Se os teus patricios já te esqueceram, e se na consciencia me pesa a precocidade da tua morte, quero pagar por mim e pelos outros. Exulta; ergo aqui o teu monumento.

Manoel das moças, acredita-me pois o juro pela tua alma. Se quero nome na posteridade; se desejo a eternidade da gloria para este meu romance, é só para que o teu nome, aqui estampado, viva imperecedoiro, e passe com a devida honra aos seculos futuros, illustre Napoleão das moças.

Arnaldo Gama

O HOMEM QUE NÃO PODE CASAR

—

(Conclusão)

XII

—Ainda não é tarde. Mas se o diabo do homem não abandona o seu posto?... Será necessario ir. Sim, custe o que custar; ás quatro horas heide estar no Bomfim. O meu futuro está dependente desse momento.

Deram tres horas e meia, deram quatro, e nada; o alfaiate não se retirava.

—E' de mais! pensou Gualter decidido agora a vencer todas as difficuldades. O homem não me hade comer. Preparemo-nos para sahir. A noiva e os padrinhos devem estar já na egreja.

Entrou de vestir-se, no que gastou mais de meia hora, não se esquecendo de observar de quando em quando pela fenda da porta. O alfaiate lá estava sempre, perfilado, immovel.

—Ora adeus! E' a ultima vez que elle me descompõe. Abramos a porta.

Corre á porta, abre-a e vê... um par de botas... as botas que de manhã cedo entregara ao criado para elle lh'as engraixar.

—Ora esta!

E desatou uma gargalhada homerica, descendo em seguida as escadas quatro a quatro.

Estava livre do credor. Isso estava; mas tinha perdido o casamento.

O padre, a noiva e os padrinhos, fartos d'esperar Gualter na egreja, voltaram para o Fojo indignados.

—Não ha pouca vergonha maior! dizia o padre. Um rapaz a quem eu estimava tanto!...

A noiva lagremejava, metade de raiva e outra metade de paixão.

Consultou-se os padrinhos e a parentella. Decidiram que se escrevesse uma carta a Gualter convidando-o a não pôr mais os pés n'aquella casa. A carta encontrou-o no caminho. Gualter dirigiu-se ainda assim, a casa do padre, para se justificar; mas o reverendo, tão aferrado aos principios da legitimidade como aos da sua dignidade offendida, foi de palavra; não lhe abriu a porta sequer.

XIII

Leitor! Estou chegado ao ultimo capitulo da historia do meu amigo Gualter.

Passaram-se tres mezes sem que eu tivesse noticia do pobre moço, quando uma deliciosa manhã de abril, andando eu a tomar a fresca na Cordoaria, o encontrei, vinha elle dos lados do Anjo.

Escusado é dizer que corremos um para o outro de braços abertos.

Depois dos affectuosos cumprimentos do estylo, disse-me elle sem mais preambulos:

—Convido-te para a minha boda.

—Como! Ainda pensas em casar-te?

—Ora! Mais do que isso. Quasi me considero casado.

—E a noiva é rica?

—Nem se pergunta. Eu daria lá a minha mão a uma pobretona como eu?

—E quando se effectua a ceremonia?

—Amanhã, de manhã, na egreja da Foz.

—Ah! Casas com alguma sanjuaneira?

—Não; é a filha d'um brazileiro riquissimo, que todo o anno reside na Foz por causa dos seus padecimentos asthmaticos. Se queres vem d'ahi e conhecerás a pequena e o seu papá.

—Não póde ser. Não posso nem devo acompanhar-te. E em quanto ao teu convite para assistir ao casamento, recuso formalmente.

—Que dizes?

—Ouve a explicação que vou dar-te. Sabes quão funesta foi para ti a minha apresentação á que então chamavas tua futura, quando ella se achava no camarote do theatro Circo; fui eu a causa involuntaria de que o teu casamento se malograsse. E' possivel que hoje aconteça a mesma cousa, e não quero que esses remorsos me fiquem a pungir na consciencia.

—E's um bom rapaz! exclamou Gualter. Mas sinto dizer-te que d'esta vez não receio nenhum contratempo. Está tudo

preparado; os velhos adoram-me como se eu fosse filho d'elles; a pequena é um anjo, que não póde estar muito tempo longe de mim. Imagina que vim de lá esta noute, ás tres horas pouco mais ou menos, e já para lá volto.

—N'esse caso era melhor teres ficado lá.

—Por vontade da familia ficava, e não era a primeira vez. Mas tinha cá certos arranjos.

—Percebo. Mas em todo o caso não te acompanho por agora, porque sou necessario no Porto. Amanhã porém estarei ao teu dispôr. Parece-te que a minha presença não exercerá uma influencia maligna sobre o teu enlace?

—Tenho a certeza d'isso. Amanhã caso infalivelmente; não ha o mais leve estorvo.

Para poupar ao leitor mais explicações, absolutamente inuteis, salto por cima dos meus escrupulos e declaro-lhe que no dia seguinte, á hora marcada, me apresentei na parochial egreja de S. João da Foz, onde assisti á mais extranha scena que os meus olhos teem visto.

Imagine o leitor que Gualter, radiante de jubilo, entrou na egreja acompanhado da noiva, do sogro, da sogra, dos padrinhos e d'um sem numero d'amigos; que veio o padre; que ajoelharam todos, que se deu principio á ceremonia... emfim que se chegou áquelle ponto, aquelle ponto fatal, especie de vereda estreita, difficil e perigosa, que vae dar á felicidade ou á desventura, vereda, ou antes alçapão, que, como nas magicas, se abre ao som d'uma palavra fatidica, um monosylabo, tres letras apenas —um *sim*.

Palavra fatal, que pode dar um ceo ou um inferno, monosylabo que dá a morte ou a vida!

Perdoa, leitor, se vou fugindo para as divagações, eu que tão amigo sou da concisão. Mas peço-te que te compenetres bem da situação. Depois de teres assistido á serie de desventuras do meu amigo, quasi o consideras já casado, e assim vês desmentido o titulo d'esta historia.

—O homem casou por fim! dirás tu. Não me dás porém quinau, juro-te.

XIV

Aquella palavra *sim* é um abysmo insondavel.

No momento em que a noiva ia a pronuncial-a... caiu fulminada por uma apoplexia.

Nunca em dias da minha vida assisti a uma scena similhante.

O que affirmo, é que sahi da egreja sem dizer adeus a ninguem e vim para o Porto horrivelmente impressionado.

XV

E Gualter? perguntará o leitor ancioso por saber se o pobre diabo continuou a aspirar ao casamento.

Oh! O meu desditoso amigo, d'esta vez, não pôde ser insensivel á dôr, e, ao sahir da egreja, correu á beira do mar e atirou-se de cabeça para baixo.

Quando me lembro d'elle, uma lagrima furtiva orvalha-me sempre os olhos.

A. A. Leal

BEM FAZER

—O' mamã, porque será
Que a filha aqui da visinha
Chora tanto... coitadinha!
Que me parte o coração?!...
—Chora... chora... Oh! tu não sabes
O que é soffrer, minha Arlinda!
Pois essa pobre Lucinda
Chora porque não tem pão!...

—Não tem pão!... Pobre creança!
Eu vou dar-lhe d'este meu
Metade; já que Deus deu
E' p'ra todos, minha mãe.
—Sim, minha filha, vae dar-lhe
Metade do teu pãosinho.
Corre, vae, querido anjinho,
E não te veja ninguem.

—Ninguem me veja!... ninguem!...
E' peccado por ventura
Acudir á desventura,
E dar pão a quem não tem?!
—Não é, filha; é justo: mas
O bem que se faz na terra
Inda mais valor encerra
Não o sabendo ninguem.

ZIG-ZAGS

O PADRE NOSSO

Foi um homem confessar-se e perguntou-lhe o confessor:

—Você sabe o Padre Nosso?

—Não, padre, respondeu o penitente. Comecei-o a aprender muitas vezes e nunca pude conseguil-o.

—Quando empresta dinheiro ou trigo, replicou o confessor, póde por ventura reter na memoria os nomes dos individuos que ficam sendo seus devedores?

—Já se vê que posso. Era o que faltava se eu tinha assim má memoria.

—Pois n'esse caso a penitencia que lhe dou reduz-se a aprender os nomes de todos os individuos, que, enviados por mim, lhe forem pedir emprestado dinheiro ou trigo, pela mesma ordem que lh'o forem pedir, e ao fim d'oito dias venha ter comigo.

Conveio n'isto o lavrador, e no mesmo dia o padre mandou um sujeito para lhe pedir emprestada uma coroa.

—Como se chama? perguntou o usurario.

—Chamo-me Padre Nosso.

Deu-lhe a coroa, e d'ahi a pouco appareceu outro homem, pedindo-lhe certa porção de trigo, e perguntou-lhe da mesma maneira o lavrador:

—Como se chama?

—Que estaes nos ceos.

Chegou d'ahi a pouco um terceiro.

—Como se chama?

—Santificado seja o vosso nome.

D'este modo o confessor mandou a casa do ricaço tantos homens quantos os artigos do padre nosso.

Passados os oito dias, foi o homem ter com o padre, que lhe disse:

—Diga pela sua ordem os nomes dos sujeitos a quem fez emprestimos.

O usurario respondeu sem hesitar:

—Padre nosso, que estaes nos ceos, santificado seja o vosso nome, etc.

O confessor não pôde deixar de sorrir.

—De que se ri? perguntou o penitente.

—De ver com que facilidade você aprendeu o padre nosso.

—Padre, é que os nomes dos nossos devedores nunca esquecem, respondeu o penitente.

—

A SOLTEIRONA

A distincta escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, fallando das mulheres, define do seguinte modo a solteirona:

E' a mulher solteira que não sabe acceitar resignada as amarguras da sua isolação, e as converte em ridiculos quando as não converte em pessimas qualidades; —é pretenciosa, presumida, avida de atrahir a attenção, revolve os olhos sentimentalmente, lê romances, come gulodices, tem um *king charles* e inveja tudo o que é moço, radiante, feliz, tudo que tem esperanças e para quem o futuro desabrocha em promessas; —é egoista, incommodam-na como uma injuria que lhe é particularmente dirigida todas as alegrias que não tem; persegue-a atrozmente a aspiração irrequieta a um pobre marido que pudesse atormentar á vontade; sente-se na vida como n'uma casa que não é sua; d'aqui o seu mau humor continuado que torna d'ella quasi sempre o flagello da familia onde se sente pária!

CHARADA

A JULIA LISSE

N'esta primeira verás— 2
O que esta segunda faz— 2

Se me queres encontrar,
Sae d'aqui, vae viajar.

Os Tres Dragões

—

Sahiu errada a numeração das sylabas da charada antiga do numero primeiro. Era 2 e 3, e não 1 e 1 como sahiu.

A explicação d'essa charada é: Paralysia.

Explicação das novissimas do numero 2: Sopapo, Costella, Metromania, Aveia, Falua.

OS ANIMAES CAÇADORES

Ha fortes presumpções de que ainda hoje existem na parte da Africa que se estende ao correr do Mediterraneo e nas partes da Asia que já eram conhecidas dos antigos, duas especies de pantheras: á maior dá-se o nome de leopardo ou panthera e a mais pequena é a onça, a que allude a maior parte dos viajantes. No que todos estes estão d'accordo é em que a onça se domestica facilmente, que os indigenas a insinam a caçar e que a empregam n'este mister os povos da Persia e de muitas outras partes da Asia. Ha onças tão pequenas que um cavalleiro as póde levar na garupa e são tão doceis que se deixam tocar e acariciar com a mão.

A panthera parece que é de natureza mais altiva e menos flexivel; deixa-se domar e não domesticar; não perde inteiramente a ferocidade natural, e quando a querem empregar na caça, exige muitos cuidados para a industriar e grandes precauções para a conduzir e servir-se d'ella.

Leva-se a panthera sobre um carro, encerrada em uma jaula, cuja porta lhe abrem quando a caça apparece. Ella lança-se então sobre o animal, alcança-o ordinariamente d'alguns saltos, derriba-o, estrangula-o. Affirma-se que, se erra o golpe, torna-se furiosa e atira-se ao proprio dono, que ordinariamente anda prevenido com alguns pedaços de carne, ou animaes vivos, como cordeiros e cabritos, com que acalma o furor da fera.

O que faz com que aquelles indigenas empreguem a onça na caça nas regiões ardentes da Asia, é a grande raridade de cães; não ha senão aquelles que para ali são conduzidos e esses mesmos perdem dentro de pouco tempo a voz e o faro; além d'isso, nem a panthera, nem a onça, nem o leopardo pódem d'ordinario soffrer o cão; atacam-o de preferencia a todos os outros animaes.

Na Europa os nossos cães de caça quasi que não teem outro inimigo além do lobo; mas em um paiz onde pullulam os tigres, os leões, as pantheras, os leopardos, as onças, animaes todos muito mais fortes do que o lobo, é totalmente impossivel conservar por muito tempo um cão. De resto, a onça não tem o faro tão apurado como o cão; não segue o rasto da caça, não lhe sería possivel alcançal-a em uma corrida seguida. A onça só caça os animaes que vê; não faz mais nada, por assim dizer, senão atirar-se a elles, e como salta com espantosa agilidade, traspõe fossos e muros elevados. Muitas vezes a onça trepa ás arvores para esperar pacientemente os animaes que venham a passar por aquelle sitio, deixando-se cahir sobre elles.

Este modo de caçar um animal é, de resto, commum á panthera, ao leopardo e á onça.

A CAÇA COM AUXILIO DA PANTHERA

PROSPECTO

O jornal verdadeiramente popular ainda está por crear em Portugal. Não o jornal politico, noticioso ou satyrico, que se dedicam á defeza d'uma causa mais ou menos nociva ao bem publico; mas o jornal exclusivamente destinado á educação do povo, o jornal que por meio da penna e do buril infiltre nas camadas populares o gosto pelas bellas letras, que instrua deleitando, que vise a um fim mais alto e mais nobre do que a diaria e mesquinha degladiação dos partidos, que promova emfim a morigeração e os bons costumes por meio da instrucção do povo.

Ao prehencher esta lacuna, — não prehenchel-a completamente, mas consoante os recursos do paiz, ou antes os d'esta terra, — occorreu aos fundadores d'este semanario prestar culto ao mais alevantado talento que Portugal ha produzido, dando o nome d'aquelle que mais amou a sua patria a esta publicação, que representa, do mesmo modo que as outras commemorações, o preito d'uma geração á qual não fallecem as aspirações, que ainda tem fé e esperança no bello, que venera como um culto nacional o nome de Camões.

O Camões, semanario popular illustrado, publicar-se-ha regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com tres gravuras pelo menos. O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data, 40 reis. A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

PORTO—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 4

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis pagamento adiantado. | PORTO, 23 DE SETEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — Uma victoria naval dos portuguezes, por J. da Silva — O chocolate dos jesuitas, por Firmino Pereira — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Desanimo (poesia) por Marianno Augusto — O centenario de Camões, pela princeza Rattazzi — A Calabria — A macieira d'Eva — A ponte do moinho (conto) — A C... (poesia) por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Zig-Zags: Os Lusiadas — Pensamentos — Dito d'um portuguez — As touradas — Prospecto.

Illustrações: — Um combate naval — Um salteador calabrez — A macieira d'Eva — O picador.

UMA VICTORIA NAVAL
DOS PORTUGUEZES

—

No principio do seculo XVIII, Portugal não era como hoje uma nação de que todas as nações escarnecem. A sua bandeira tremulava em todos os mares; a fama do seu nome estendia-se a todas as regiões da terra.

Aquelle tempo foi a idade d'ouro de Portugal.

Um facto entre mil mostra até onde chegava o prestigio das nossas armas.

Corria o anno de 1716. O crescente musulmano tornava a levantar-se formidavel do turpor d'alguns annos. As armas victoriosas de Achmet III acabavam de conquistar a Morêa e as ilhas do archipelago. As suas esquadras ameaçavam as costas da Italia e tinham em rigoroso bloqueio a ilha de Corfu. A orgulhosa republica de Veneza, que pouco antes desafiava todo o poder ottomano, tremia agora diante das meias luas vencedoras, não se sentindo assás forte para oppôr a conveniente resistencia.

UM COMBATE NAVAL

Foi em tal apuro que o papa Clemente XI dirigiu a el-rei D. João V vivas e repetidas instancias para mandar uma esquadra em soccorro de Veneza e da christandade. Accedendo aos rogos do pontifice, mandou o soberano aprompṭar uma esquadra, composta de seis naos e tres vasos menores, sendo nomeado commandante o conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça.

Levantou ferro a armada no dia 5 de julho, entrando com feliz exito no estreito de Gibraltar, d'onde sem novidade a esquadra seguiu para Leorne. Ahi o almirante resolveu esperar ordens, afim de juntar-se ás esquadras christãs; mas como tivesse noticia de que estas já tinham partido, fez-se de vela para ir ao seu encontro. Sobreveio, porém, tão forte temporal, que as esquadras, sem poderem juntar-se, tiveram de procurar abrigo em varios portos. Comtudo a nossa pôde chegar a Corfu, onde soube que os turcos, informados da vinda dos portuguezes, tinham levantado o bloqueio, recolhendo-se aos Dardanellos.

D'est'arte ficaram frustradas as esperanças d'esta projectada guerra, pois que n'este anno nem o inimigo sahiu ao mar, nem o mar permittiu aos alliados ir desafiar o inimigo. Adiada, pois, a campanha para o anno seguinte, a esquadra portugueza regressou ao Tejo em 25 de novembro.

No dia 28 d'abril de 1717 tornou a sahir a barra a esquadra, que então contava onze embarcações de guerra, sete naos e quatro vasos menores. O almirante conde do Rio Grande içara a sua ban-

deira na nao *Nossa Senhora da Conceição*, d'oitenta peças, e o conde de S. Vicente, seu immediato, levantara a sua na nao *Nossa Senhora do Pilar*, d'oitenta e quatro peças, commandada pelo capitão de mar e guerra Manoel André dos Santos. Pedro de Sousa Castello Branco, coronel do regimento de marinha, ia na *Assumpção*, do commando do capitão de mar e guerra Simeão Pinto. Commandavam Gillet du Bocage a *Nossa Senhora das Necessidades*; João Baptista Rolhano a *Santa Rosa;* José Pereira de Avila a *Rainha dos Anjos*, e Bartholomeu Freire a *S. Lourenço*. Antonio dos Santos commandava a *S. Thomaz*, de vinte peças; Jorge Mathias de Sotto-Mayor e Thomaz Tulli a dous burlotes e José Barganha a uma embarcação que denominavam tartana. A bordo, além da competente guarnição, iam como voluntarios muitos fidalgos da principal nobreza.

A 10 de junho aportou a Corfu a nossa esquadra, encontrando ahi a armada ligeira de Veneza, capitaneada por André Pisani, a de Roma, composta de cinco embarcações, ás ordens do cavalheiro Ferreti, e duas da Toscana, e a esquadra de Malta, com cinco navios, sob as ordens de Frenois.

A 17 chegou com alguns vasos maltezes o balio de Bellefontaine, tenente general da armada d'el-rei de França, e governador de Toulon, a quem estava confiado o commando em chefe das forças alliadas.

Feito conselho sobre o começo das operações, a 23 largou panno toda a esquadra, e foi reunir-se á esquadra grande de Veneza, que andava cruzando no Adriatico.

Os turcos, entretanto, não estavam occiosos; antes se apercebiam, tendo conseguido juntar quarenta e duas embarcações, para cahir d'improviso sobre a esquadra veneziana.

(Continua) J. da Silva

O CHOCOLATE DOS JESUITAS

Ahi vae uma curiosa historia, em que figuram os reverendos padres de Jesus, hoje tão discutidos, como nas epochas em que se lhes moveu guerra sem tregoas.

O chocolate dos jesuitas é uma pequena historia, muito interessante, que encontramos n'um velho alfarrabio, n'um papel, um tanto sebento já, que veio d'uma mercearia servindo d'envolucro a um kilogramma de arroz!

Sem mais preambulos, ahi vae a historia:

Reinava em Hespanha D. Filippe V, neto de Luiz XIV, n'essa epoca em que a peninsula iberica, depois de haver sido um povo de aventureiros e mendigos, acabava de reduzir-se, mercê da imbecilidade de Carlos II, a um enorme convento de frades e jesuitas.

A companhia de Jesus preponderava em toda a parte, e certa da influencia de que dispunha, introduzia-se nos palacios, onde intrigava, e insinuava-se no espirito dos grandes, para triumphar. Era a senhora directa da consciencia; a sua vontade chamava-se lei, os seus caprichos ordens, os seus egoismos rasões d'estado. Era a unica força conhecida, perante a qual todos se prostravam na grande submissão dos humildes.

Contra ella murmuravam os frades e bispos, mas inutilmente. A companhia era forte, e os seus padres tinham a astucia bastante para resistirem a todos os ataques e removerem todos os attrictos.

Mas... perguntará o leitor, que terá tudo isto com o chocolate que tomavam os jesuitas?...

Vamos satisfazer a curiosidade do leitor.

A influencia dos jesuitas, que demoravam em Hespanha, em 1701, estendia-se ao poderoso imperio colonial, conhecido então por o nome de *Indias*. Imperavam ali como nos seus institutos. Todos os navios traziam-lhes ricos presentes, offerendas valiosissimas.

Pessoa alguma das que frequentavam o convento se espantava dos repetidos presentes com que eram obsequiados os padres. Os empregados tomavam conta d'elles, enviavam-os ao seu destino, com a regularidade e presteza propria de bons servos.

Um bello dia, porém, ao desembarcarem em Cadix os presentes dos jesuitas, encontraram-se oito caixões grandes, lendo-se em uma das tampas o seguinte: *Chocolate para o reverendissimo procurador geral da Companhia de Jesus.*

Nada mais natural do que a remessa d'um presente de chocolate; era um novo brinde que a piedade dos indios tributava aos padres. O empregado encarregado de superintender na descarga dos navios viu o rotulo das caixas, cuspiu fora, porque a ideia de ter diante de si um chocolate excepcional fez-lhe crescer agoa na boca, e ordenou aos moços que levassem os caixões.

Aqui é que o caso todo muda de figura.

Os caixões pesavam que nem as culpas dos reverendos. Os criados, por maiores que fossem os esforços empregados, não conseguiam sequer mexel-os. Chamaram outros carregadores, e outros, e só depois de reunirem um pessoal rasoavel é que conseguiram levantar os pesadissimos caixões.

A murmuração levantou-se logo.

—Que chocolate será este, que pesa extraordinariamente? diziam uns.

—Oh! clamavam outros. Os padres teem recebido presentes maiores conduzidos por menos gente.

E a murmuração recrudescia, mais violenta.

Abertos os caixões, diante dos murmuradores mais acintosos, viram-se apenas bolas de chocolate, collocadas umas sobre outras.

Um dos circumstantes tomou uma; a mão, porém, cahiu-lhe sob o peso que sustentava. As taes bolas pesavam mais do que as fraquezas e os peccados de todos os jesuitas.

—Vamos quebrar uma? disse um dos do grupo; é preciso conhecer este chocolate.

—Vamos lá, bradaram todos, aguilhoados pela curiosidade.

Abriu-se então uma das bolas; tirada uma pequena casca de chocolate, dentro estava uma bola d'ouro!

Feita a operação ás bolas restantes, encontrou-se uma porção d'ouro de lei.

Que tal era o chocolate?...

Esta noticia correu por toda a parte; os padres estavam descobertos, e temia-se um escandalo.

Mas... os jesuitas eram finos e sahiram-se airosamente d'esta embrulhada. Quando foram chamados para responderem por aquelle contrabando, disseram que nada tinham que ver com aquillo, e que protestavam contra a mystificação de que eram victimas!

O ouro foi, por tanto, confiscado em proveito do estado, e Filippe V um bello dia recebe-o em casa.

Imagine-se como elle havia de ficar zangado.

Os jesuitas preferiram perder aquella riqueza a confessarem que ella lhes pertencia.

Innocentinhos!

Firmino Pereira

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

PROLOGO

UM AMOR CRIMINOSO

(Continuação)

II

O senador Aldobrantini tinha-se retirado com sua filha, cuja saude havia soffrido muito depois do regresso de Hespanha, a uma quinta não longe de Veneza, onde o conde de Lazan foi visital-os.

O conde possuia todas as condições favoraveis para seduzir e fascinar uma mulher. Era-lhe, sem embargo, necessario grande esforço para vencer no coração de Alina a lembrança da scena occorrida na caçada de Valsain; porém taes artes teve e de tal modo se houve, que foi a pouco e pouco desvanecendo-se aquella impressão.

O velho senador, até certo ponto, não formava opinião favoravel da Hespanha; mas Alina, que não estava no mesmo caso, cuja inexperiencia os annos não ti-

veram tempo de vencer, escutava o conde com gosto, e até o chegava a defender quando o pae, com mais experiencia e mais conhecimento do mundo, o julgava hypocrita e preverso.

Mas, apesar das sympathias que Alina sentisse pelo conde, não deve presumir-se por tal facto que estivesse disposta a favorecer as suas criminosas aspirações.

Sabia que era casado; conhecera em Madrid sua esposa; e o conde, que tinha motivos para conhecer o modo de pensar e os sentimentos da joven veneziana, absteve-se de fazer indicação alguma que desse causa a um rompimento.

O que porém de bom grado sabia o conde que não se lhe havia de conceder, estava elle resolvido a conseguil-o á força.

Durante o tempo que estivera em Napoles já tinha commettido uma infamia, d'aquellas que assignalavam por toda a parte a sua passagem. A familia Monteleone, uma das mais nobres do paiz, tinha soffrido as consequencias da libertinagem do indecoroso fidalgo hespanhol. O velho Monteleone morrera defendendo a honra de sua filha; dous filhos seus, denunciados como conspiradores ao rei de Napoles, acabaram na forca; a filha do ancião enlouquecera de desesperação e dôr; unicamente podera salvar-se o mais moço de todos os irmãos, mercê a achar-se longe d'aquelles sitios quando tiveram logar os successos que acabamos de narrar.

Com esta façanha tinha o conde de Lazan inaugurado, por assim dizer, a sua estada na Italia, e similhante feito era o prologo do drama sangrento reservado á familia Aldobrantini.

Garcia não se separava do conde. Cumplice seu, ou antes alma de todas as suas infamias, servia-o com uma lealdade extraordinaria, porque realmente lhe pagava os seus serviços com uma largueza superior ainda ao mesmo serviço que prestava.

N'este comenos o conde annunciou um dia a sua volta á Hespanha, e Aldobrantini não pôde deixar de regosijar-se por um successo que affastava da sua presença um homem a quem, sem saber talvez porque, não professava a maior affeição.

A partida realisou-se; mas dous dias depois, por altas horas d'uma noute tempestuosa, a quinta foi assaltada por uma quadrilha de bandidos, á frente dos quaes ia um homem com o rosto coberto, o qual se dirigiu sem demora ao quarto d'Alina, e tomando-a nos braços, arrastou-a para fóra.

O velho senador, para defender a filha, encontrou o antigo brio da sua juventude; mas o raptor de Alina, sustentando o corpo inanimado da joven com um braço e manejando com o outro a espada, arrojou-se a elle e dentro de breves minutos o desditoso pae regava com o seu sangue a deshonra de sua filha.

Porque o miseravel não hesitou em commetter um novo crime.

Mas quando ia a sahir da quinta, os habitantes das proximidades, postos em alarme pelos criados do senador, accudiram em seu soccorro, e o miseravel não teve outro remedio senão abandonar aquelle sitio, acompanhado dos seus cumplices.

Alina, porém, reconhecera-o. Debatendo-se entre os seus braços, conseguira arrancar-lhe a mascara, e um grito de horror exalou-se de seus labios, grito a que se seguiu um prolongado desmaio.

Quando veio a si, viu que ao lado de seu pae, cuidando das suas feridas e auxiliando-o nos seus ultimos momentos, estava um mancebo. Este, ao abrir ella os olhos para inteirar-se do que succedera, disse-lhe:

—Senhora, sei tudo. Confie em mim como confiaria em um irmão.

Alina, vendo que o estado de seu pae era completamente desesperado, não julgou conveniente revelar-lhe o nome do seu infame verdugo, e o senador, poucas horas depois, morria em resultado dos ferimentos.

Então, sobre o cadaver do ancião, o joven que tinha auxiliado Alina nos cuidados prodigados a seu pae, disse-lhe:

—Alina, chamo-me Mario de Monteleone. Sem que m'o dissesse, sei quem foi o assassino de seu pae. Eu tambem tenho de que vingar-me. Quer acceitar-me como companheiro para perseguir sem tregoa nem descanço o miseravel conde de Lazan?

Alina permaneceu pensativa durante um breve instante. Depois ergueu resolutamente a cabeça e respondeu:

—Acceito, irmão.

FIM DO PROLOGO

DESANIMO

—

Faz-se mister morrer... A lampada da vida
Pallida bruxoléa os ultimos clarões...
Volve-te para Deus, ó alma arrependida,
Satura-te de luz nos mysticos vulcões...

Despresa o mundo vil, que incença Torquemada,
E passa indifferente em face de Jesus...
Volve-te para Deus, ó alma angustiada;
Ampara-te da fé, soccorre-te da cruz!

Da fé, que purifica a triste Magdalena,
Que salva Daniel da lapa dos leões,
E o faz psalmodiar na gloriosa arena
Aos martyres do céo dulcissimas canções!

Esquece a sociedade hypocrita, devassa,
Estupida, venal, tartufa e cortezã,
Que vende a consciencia e o assassino abraça,
Que zomba da virtude, e applaude D. Juan!

Desprende-te, subtil, das illusões terrenas,
Dos biblicos heróes— os reptis sociaes,
Que transformam o templo em lubricas gehenas,
E a pratica divina em torpes saturnaes!

Faz-se mister morrer... A candida esperança,
Essa filha do ceo — essa mimosa flor—
Estrella que annuncia os risos da bonança
Balsamo que mitiga a mais teimosa dôr,

A esperança murchou-se á luz dos desenganos;
Minh'alma, sem porvir, que a dôr enregelou,
Chorando as illusões de meus primeiros annos,
Despresa o mundo vil, o mundo que a matou!

O mundo, que innocenta o Lovelace impuro,
Que fareja a donzella— a flor ainda em botão—
Co'o sordido prazer das moscas do monturo,
Sentindo o fermentar da fria podridão...

O mundo escandaloso, amigo dos infames,
Vampiros da luxuria— abutres sensuaes—
Que trazem, á primor, syph'liticos vexames
Na fronte sem pudor, nos labios bestiaes!

O mundo, que respeita o cynico vadio,
Cavalheiro d'industria, fidalgo do milhão,
E deixa agonisar no tremedal sombrio
O livido orphãosinho, o misero ancião!

Despresa, pois, minh'alma, as almas dissolutas...
A vida tormentosa, as commoções sem fim,
As gastas gerações lascivas, prostitutas,
—A chata descendencia espuria de Caim!

MARIANNO AUGUSTO

O CENTENARIO DE CAMÕES

—

(Conclusão)

Alguns criticos acham que ha na narração demasiadas reflexões philosophicas; mas além de que Camões coloca-as quasi sempre no fim das narrativas, e por consequencia sem interromper o discurso, não vemos n'isso motivo de censura. E' dever de todo o poeta encaminhar o homem para a virtude, e Camões sabe-o fazer com toda a philosophia d'uma alma grande, forte, inspirada nos sentimentos mais elevados.

E' com verdadeira commoção que falla a verdadeira linguagem da honra, da coragem, da lealdade, da fraternidade, do amor desinteressado, do amor do proximo. Estygmatisa acremente a covardia e a intriga.

Todas as vezes que Camões allude ás potencias d'este mundo, tem em vista mostrar-lhes o verdadeiro caminho, ou exhortal-as a voltar a elle. Quando toma a seu cargo a causa do povo ou a defensa de seus direitos supremos, sente-se palpitar em cada uma das suas palavras o coração do patriota e do grande humanista.

Tambem se lhe censura ter juntado aos *Lusiadas* mais dous cantos, porque a acção acaba no oitavo.

Camões quiz n'esse ponto seguir o exemplo de Homero, cuja *Iliada* devia acabar na morte de Heitor, e que, comtudo, prolonga-se ainda por mais dous cantos. E' o que pensamos. O poeta portuguez conhecia a fundo os classicos gregos e latinos, de que era apaixonado. De onde em onde deixa até transparecer uma especie de predilecção por Virgilio, sem comtudo imitar ninguem. Se, de facto, o canto oitavo acaba pela descoberta da India, a acção não termina ali; é necessario, para ter um fim racional, que a expedição dos argonautas portuguezes, os filhos de Luso, volte triumphante á sua patria.

Sabemos perfeitamente que criticos eminentes, como La Harpe, Delille, Voltaire, o proprio Voltaire, fizeram do canto nono e da ilha dos Amores uma critica tão violenta e tão pouco rasoavel, que parece menos uma critica do que um ataque acrimonioso. Basta porém ler as traducções e notas d'estes auctores para reconhecer que traduziam e commentavam pelo que ouviam dizer e não sobre o proprio texto, que nunca leram. Quando o abbade Delille diz que a discripção da ilha dos Amores lembra um logar de devassidão, dá mostra de uma ignorancia caustica, ou d'uma má fé imperdoavel.

Quanto a Voltaire, não póde ser mais suspeito; o auctor da *Henriada* via com olhos de ciume tudo quanto não fosse a *Henriada*.

Apressemo-nos a dizer que a critica moderna põe em relevo que Camões, conduzindo a armada dos vencedores até á ilha dos Amores, sob a egide de Venus, de Thetis, das graças e do amor, não pensou enfraquecer a coragem dos guerreiros que cantava, mas sim dar-lhes o descanso necessario, depois de tantos perigos e trabalhos, antes de voltarem á patria. A ilha encantada não é, como pretende Delille, um lugar de devassidão; é uma especie d'estancia phantastica, onde os heroes são coroados pelos immortaes, isto é, onde recebem a consagração solemne dos seus feitos. Investigando com attenção na essencia de todas as criticas, criticas superficiaes porque os auctores nem sequer se deram ao trabalho d'estudar e procurar a explicação das cousas, fica-se sabendo que o grande crime de Camões para quasi todos os seus criticos, é ter misturado no seu poema o elemento christão com o elemento pagão. A questão porém está resolvida desde ha muito em favor do poeta, e madame de Stael julgou-a em algumas linhas da maneira mais justa, e se fallamos n'isto é para dizer que o proprio Camões, com tanta graça como espirito, se explica claramente a tal respeito pela boca de Thetis, quando a deusa mostra o empyreo a Vasco da Gama. Não lhe diz que as divindades do Olympo são seres phantasticos, de pura imaginação, nascidos no cerebro dos poetas; que a providencia de que Jupiter é a poetica imagem, governa o universo sob milhares de formas, e das quaes Homero fez deuses d'odio e d'amor, mas de que um só é verdadeiro, aquelle cuja mão potente suspendeu no espaço todos os globos que admiramos? E se esta explicação tão clara não bastasse, poder-se-ia notar esta rasão concludente: é que os heroes dos *Lusiadas* permanecem sempre christãos, nas suas acções como nas suas palavras, e Camões só se serve do paganismo e das suas phantasias para dar côr, encanto e um tom original ao seu quadro.

Não hesitamos em dizer que Camões, como creador, como inventor, como poeta allegorico, está á altura dos seus predecessores, se não os excede. O sonho de D. Manoel, a profecia dos velhos, representando o Ganges e o Indo, a apparição do gigante Adamastor, são ficções maravilhosas, e nunca a poesia antiga ou a poesia moderna concebeu cousa mais bella, mais attrahente, mais sublime.

Camões creou a lingoa portugueza conforme ella se falla ainda hoje. Elevou a pureza e a elegancia do estylo a uma altura desconhecida até ao seu tempo, e depois d'elle nunca excedida. O que ha de mais interessante no estudo da sua obra é encontrar-se ahi a cada passo o homem de bem, o homem de coração. Camões escreve como pensa; aquella grande sensibilidade da alma foi uma das causas dos grandes infortunios da sua vida.

Camões foi não só um homem de coração, mas um dos maiores cidadãos que teem existido.

Honra pois á geração, que, sem distincção de partidos, se uniu em um pensamento unanime para saudar esse grande symbolo nacional! Tomada de santa commoção, saúdo em Camões o pae da patria lusitana!

Maria Letizia de Rute
(Madame Rattazzi)

UM SALTEADOR CALABREZ

A CALABRIA

A Calabria é uma peninsula que faz parte do reino d'Italia, formando a extremidade meridional da peninsula italiana, banhada a leste pelo golfo de Taranto e o mar Jonio, ao sul pelo Mediterraneo e a oeste pelo Mediterraneo e o estreito de Messina, que a separa da Sicilia; ao norte limita-a a Basilicata. Tem pouco mais ou menos desesete mil kilometros quadrados de superficie e a população calcula-se em um milhão d'habitantes.

O terreno é montanhoso; o paiz estende-se pelas ultimas estribações dos Apenninos, nos intervallos dos quaes se abrem valles profundos, d'entre os quaes se destacam picos elevadissimos, como o Monte Pallino, cuja altura é de dous mil duzentos trinta e tres metros, o Selicelli, Aspromonte, etc.

Os cimos mais elevados das montanhas estão cobertos de neve desde março a novembro, e o frio é extremo. Nos valles abunda a vegetação, predominando a oliveira, o castanheiro e a vinha. Fabrica-se azeite excellente, cuja exportação constitue um importante ramo de commercio.

A' excepção d'um pequeno numero de povoações, as villas e aldeias da Calabria offerecem um aspecto muito miseravel, em rasão dos frequentes tremores de terra, um dos quaes, o de fevereiro de 1783, o mais horrivel do seculo passado, destruiu mais de tresentas casas e matou trinta mil habitantes.

O calabrez, apesar de não estar mais d'oitenta kilometros distante de Napoles, é grosseiro e ignorante, mas sincero e hospitaleiro, e susceptivel em tudo quanto concerne á sua honra. Esta ultima qualidade torna-o ás vezes vingativo e quasi sempre injusto.

Os homens são d'estatura media, mas bem proporcionada; teem os olhos vivos e expressivos, a tez escura, e usam, como os hespanhoes, grandes capas, que dão á sua physionomia um aspecto sombrio.

O salteador calabrez, como o seu irmão hespanhol, é um homem terrivel. A natureza do paiz favorece as suas emprezas; hoje, porém, é uma industria morta.

As mulheres, geralmente, nada teem de bellas; casam cedo e envelhecem prematuramente. Os maridos vigiam-as com excessivo cuidado.

A superstição predomina em todas as classes da sociedade. O proprio bandido

traz ao peito invariavelmente uma reliquia, cuja protecção não se esquece de invocar no momento d'ir perpetrar um crime, e esta interpretação estupida de uma devoção levada ao fanatismo, tinha outr'ora o seu principal apoio em um clero numeroso e legiões de frades pelo geral tão ignorantes como velhacos.

onde agora não ha mais do que ruinas.

A famosa ponte está reduzida a tres ou quatro taboas cobertas de terra, que põem em communicação as duas margens d'um ribeiro pouco profundo, mas que no inverno arrasta copiosas agoas por meio de barrancos solitarios.

A paisagem é agreste e sombria, e o horizonte está apertado entre penhascos negros, primeiros degraos da montanha proxima. Arvores altas e esguias, mas pouco copadas, indicam que o sol só de tempos a tempos visita o valle.

Ao lado do regato veem-se muitas pedras, como restos d'uma casa. Dizem os povos do sitio que em epocas remotas havia ali um lindo moinho, o que a alguns forasteiros tem parecido incrivel,

A MACIEIRA D'EVA

A arvore que a gravura representa chama-se indistinctamente macieira d'Eva e arvore do fructo prohibido, e cresce em Ceylão, uma das ilhas mais bellas e ferteis do mundo, e que pela sua situação deliciosa gosa d'um estio continuado.

A historia natural relativa áquella ilha ainda não está sufficientemente conhecida e faltam completamente os dados ácerca d'essa curiosa arvore. Comtudo, vem mencionada em um catalogo de plantas de Ceylão, escripto em lingoa malaia, segundo o systema de Linneu, onde está descripta com o nome scientifico de *Tabernaemontana dichotoma*. O que os indigenas lhe dão é *Diwi Kaduru*, que quer dizer temida do tigre. Destinguem-se nove especies d'esta arvore, que se dá nas terras baixas ou leves. Onde a ha em maior abundancia é em Colombo, capital da ilha.

Diz-se que a flor espalha um aroma suavissimo; o fructo é grande e bello; tem a côr da laranja por fóra e por dentro é vermelho escuro. O que é notavel é a maneira como a maçã se suspende dos ramos da arvore, e apresenta uma depressão como se tivesse sido mordida. Esta circunstancia, junta ao facto de que o fructo é um dos venenos mais violentos que se conhecem, fez com que os mahometanos, na epoca da descoberta de Ceylão, que consideravam em rasão da benignidade do clima e prodigiosa fecundidade do solo, como o local do paraizo terrestre, dessem áquella arvore o nome d'arvore do fructo prohibido do jardim do Eden.

Segundo contam, a depressão que se nota na maçã é devida aos signaes dos dentes d'Eva, o que constitue um avizo aos homens para que desconfiem d'esse fructo, cuja apparencia é tão seductora e o uso tão funesto.

A MACIEIRA D'EVA

A PONTE DO MOINHO

I

A ponte do moinho era o nome por que, antigamente, se conhecia um sitio

porque o moinho não podia estar no fundo do abysmo, e se, como outros dizem, estava em uma das margens, como é que a agoa movia as pedras?

Para mim é este um problema, que não tratarei d'averiguar. Os problemas não são o meu forte.

Contentar-me-hei com dizer que a ponte, n'esse tempo, não estava reduzida áquellas taboas; constava de boa pedra, e era um commodo meio para se communicarem os povos do valle com as aldeias da montanha.

O moinho era conhecido n'aquellas redondezas por duas denominações: uns chamavam-lhe o moinho das macieiras, por causa de duas grandes macieiras que tinha á porta; outros davam-lhe o nome de moinho da menina branca, alludindo á sua proprietaria.

II

Era ella uma rapariga de vinte annos, possuidora de lindos olhos e algumas moedas que tinha herdado de seus paes.

Maria, que assim se chamava, era bella como um anjo.

Quando nos domingos e dias santos se encaminhava para a aldeia, com a sua saia encarnada, o seu corpete de veludo preto franjado de verde, o seu lenço de filó de seda, as suas meias bordadas e o sapatinho de cordovão com biqueira de verniz, não havia moço que não lhe rendesse mais de mil finezas e moça que não rebentasse d'inveja.

Maria era extraordinariamente pallida; tinha a brancura do marmore, e por isso mesmo participava um tanto da sua frieza.

Dizia-se nas redondezas que nunca amara um homem, e um dos seus mais singulares prazeres era fingir-se morta d'amores por este ou aquelle rapaz, e quando os via rendidos a seus pés, mandava-os passear com quatro palavras d'escarneo, o que fazia exclamar á tia Gertrudes:

—Andas muito mal em procurar amantes para os desprezar depois. Mas anda, anda lá, que algum dia cahirás!

E com mais afinco lhe fallava a boa velha n'estes termos, porque tinha um neto, moço garrido, d'uns desoito annos, o qual principiava a suspirar pela linda moleira.

Mas Maria não fazia caso sequer das prudentes reflexões da tia Gertrudes, e continuava como antes, entregando-se ao seu divertimento favorito.

III

Aconteceu que em certa ocasião o neto da tia Gertrudes, que segundo dizem chamava-se Rafael, disse para sua avó:

—Avó, sabe que me caso com a menina branca do moinho?

Era de manhã muito cedo, e a tia Gertrudes aproximou-se o mais que pôde do rapaz para averiguar com a vista e o olfato se elle teria bebido um copito mais d'agoardente.

N'aquella mesma tarde, passando pela ponte do moinho a avó de Rafael, acercou-se-lhe Maria e disse-lhe:

—Tia Gertrudes, sabe que me caso com Rafael?

Na realidade bem poderia ter acontecido que o rapaz tivesse fixado a inconstancia da moleira, fazendo-a entrar no bom caminho.

A tia Gertrudes informou-se minuciosamente do caso e soube que as relações de Maria e seu neto duravam havia já cerca de seis mezes, espaço de tempo sufficientemente largo para quem não costumava distrahir a attenção d'um homem acima de dez dias, quinze quando muito; mas isso já se contava como um caso raro.

Maria, porém, viera á razão, porque declarou o mais formalmente que estava resolvida a casar-se com Rafael.

Todos na aldeia assim o acreditaram; além d'isso os criados do moinho affirmavam que sua ama só estava contente quando tinha o mancebo a seu lado.

Passados dias, Rafael voltou da cidade com uma saia de baieta finissima, um collar, umas argolas, quatro lenços de seda e não sei que galas mais, para a sua noiva. Pozeram-se immediatamente os papeis em ordem, e fallou-se ao abbade, e dispozeram-se as cousas para o domingo immediato, e toda aquella boa gente da aldeia estava admirada ao ver que a bella moleira se havia apaixonado de veras por um homem que a merecia.

Foi tamanha a surpreza de todos, e a alegria chegou a tal ponto, que, para citar um só facto, direi que a velha Gertrudes prometteu romper a dança na noute da boda com o senhor Damião, o mestre-escola, homem d'idade provecta, e tão sizudo de caracter como convinha que o fosse um funccionario publico, que a patria deixa morrer á fome.

(Continua)

A C***

Creança inexp'riente,
Pomba de niveas asas,
Que os mais isemptos peitos
Em casto amor abrasas;

Rosa, que a fresca brisa
Ha desprendido d'haste;
O' perola formosa
Cahida do engaste;

Estrella scintillante
Solta do firmamento;
Visão encantadora,
Phantasma d'um momento;

Do calyce do lyrio
Aroma desprendido,
Harmonia dolente
D'alaúde tangido;

Brilhante mariposa
D'asas d'azul e ouro;
Das mais santas virtudes
O' perenal thesouro;

Com essa fronte pura,
Com essas brancas vestes,
Pareces enviada
Das legiões celestes!

Foge de sobre a terra;
Libra-te nas alturas;
Que póde o lodo infame
Manchar-te as asas puras!

E não te esqueças nunca
Do muito que te adoro,
Estrella refulgente,
Brilhante meteóro!

ALBERTO CARIO[?]

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

III

AINDA ANTES DE PARTIR

(Continuação)

Antes porém de partirmos, de pensarmos em ver cousas novas, será bom que nos detenhamos um pouco para considerar as cousas velhas, e não ha nada mais velho, bem o sabes, do que a terra.

Ora é exactamente a terra que habitamos que devemos antes de tudo considerar.

A terra é o centro do universo, e, como tantos outros planetas que formam o systema completo outr'ora tão pouco conhecido, rola no espaço, dando uma volta completa ao redor do sol em tresentos sessenta e cinco dias, cinco horas e quarenta e oito minutos, o que constitue o anno e produz a mudança das estações. Este movimento da terra ao redor do seu astro-rei, representa uma velocidade de trinta kilometros por segundo.

A terra recebe em oito minutos a luz do sol, de que está afastada cento cincoenta e dous milhões de kilometros, ou cerca de trinta e oito milhões de legoas.

Além da rotação annual, a terra dá um giro sobre si mesma em vinte e quatro horas, o que constitue o dia. Este movimento diurno divide-se em duas alternativas, o dia e a noute, e em quanto nós estamos sepultados nas trevas, o sol allumia as regiões oppostas, isto é, os antipodas. A ordem das estações é igualmente inversa para os antipodas; quando é inverno em Portugal, reina o estio no Brazil.

A terra tem quarenta mil kilometros de circumferencia. A sua forma é redonda, um pouco achatada nas duas extremidades, chamadas polos. Chama-se polo artico ou boreal a extremidade norte do globo, e polo antarctico ou austral a extremidade sul.

Já temos por estas simples indicações, formado uma ideia aproximada do nosso planeta; agora resta-nos tratar dos homens que o habitam. Será isso objecto do capitulo seguinte.

IV

OS HABITANTES DA TERRA

Está calculado que a terra tem uma população de mil e trezentos milhões d'habitantes. Este calculo porém é aproximativo, em vista da impossibilidade de conhecer ao certo o numero d'habitantes de certas regiões, sobretudo na Asia, na Africa e na Oceania.

Sabes muito bem, leitor, que ha varias raças d'homens; sabes que as raças são quatro e que se subdividem em varios ramos, segundo as differenças de côres, de feições, etc.

As raças são estas:

A caucasica, indo-europeia ou branca, que comprehende os europeus, os arabes, as nações caucasicas, os persas e algumas tribus do norte da Africa, em uma palavra todos os povos considerados como brancos apesar dos tons da côr.

A mongolica, amarella, ou asiatica, que comprehende os mongoes, chinos, thibetanos, mandchus, japonezes, os povos da India d'além do Ganges, etc.

A americana, ou a cobreada, á qual pertencem as tribus indigenas da America, todos os povos malaios do archipelago indico, uma parte dos oceanicos, os habitantes de Madagascar, na Africa, os da ilha Formosa, da peninsula de Malaca e d'algumas outras da Asia.

A ethiopica, africana ou negra, as tribus negras da Africa, d'algumas regiões da Asia e os negros da Oceania.

A diversidade de lingoas tende igualmente a dividir os homens. Lingoa, como sabes, é a ligação de palavras proprias de cada nação; dialectos são as formas diversas d'uma lingoa.

Ha cerca de duas mil lingoas, ou dialectos fallados.

Os mais usados na Europa são o portuguez, hespanhol, francez, inglez, allemão, italiano, russo e grego; na Asia, o chinez, o arabe, o persa e o hebreu; na Africa, o arabe mais ou menos alterado; na America fallam-se quasi todas as lingoas da Europa; na Oceania, a lingoa malaia é a mais usada.

(Continua)

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

I

O KENT

No dia primeiro de março, ás dez horas da manhã, uma magnifica embarcação de tres mastros, com as velas ferradas e postas nos primeiros rizes, e as vergas de papagaio colhidas, achava-se á capa com a vela da mezena sómente, tres rizes colhidos, as escotilhas da popa fechadas e todos os soldados do quarto amarrados a um cabo de segurança estendido pela coberta, luctando contra um dos mais horriveis temporaes que teem soerguido as vagas gigantescas do mar da Biscaya.

Este navio era o *Kent*, magnifico vaso da companhia ingleza das Indias, commandado pelo capitão Henry Cobb e com destino a Bengala e China. Levava vinte officiaes, trezentos quarenta e quatro soldados, quarenta e tres mulheres e sessenta e seis creanças, pertencentes todos ao regimento 31 d'infanteria, além de vinte passageiros e quarenta e oito homens de tripulação, incluindo os officiaes.

O mais alegremente possivel tinha o navio partido das dunas em 19 de fevereiro de 1825. O *Kent* era novo e o capitão experimentado; nada se tinha poupado para proporcionar a bordo todos os commodos desejaveis, havendo todas as esperanças d'uma feliz viagem.

Impellido por uma briza fresca do nordeste, o lindo navio tinha descido magestoso a Mancha, e, a 23 de fevereiro, tendo perdido de vista as costas da Inglaterra, entrou no Atlantico. Apezar de alguns intervallos de mau tempo, a viagem proseguiu sem novidade até á noute da segunda feira 28, em que um furacão de sudueste, cuja violencia augmentou progressivamente durante a manhã do dia 29, o havia de repente obrigado a parar, no momento exacto a que chegamos, isto é, no dia primeiro de março, ás dez horas da manhã.

Apesar das medidas tomadas, o navio, arrojado pelo vento a alturas prodigiosas, e cahindo do alto das colinas aquaticas nos abysmos sem fundo do Oceano revoltoso, debatia-se furiosamente, e o balanço era ainda augmentado pela especie da carga, constante de pipas cheias de bombas e granadas.

Pelo meio dia o balanço era tamanho, que a cada inclinação do navio, fosse para bombordo, fosse para estibordo, os ovens entravam tres ou quatro pés pelo mar dentro. Em resultado, os moveis mais solidamente collocados eram derribados e arremessados d'um para outro lado do navio com força tal, que ninguem se podia ter de pé, quer na grande camara, quer nos camarotes.

Receiando por aquella grande desordem, um official lembrou-se que sería conveniente ir ver o que se passava no porão. Por consequencia chamou dous marinheiros e mandou que um d'elles tomasse uma lanterna de segurança.

Ao entrar no porão, observou que a lanterna não dava luz sufficiente, e, receiando pegar o fogo se elle proprio lhe bolisse, deu-a a um dos marinheiros para elle a ir arranjar no compartimento dos cabos, ficando entretanto ás escuras. Ao cabo de cinco minutos o marinheiro voltou; e observando então que um dos barris d'agoardente estava fóra do seu logar, o official tomou a lanterna das mãos do marinheiro que a segurava e ordenou-lhe, bem como ao seu companheiro, que fossem buscar cunhos para calçarem o barril.

Os dous marinheiros sahiram.

Ficando só, o official teve que segurar em uma das mãos a lanterna e na outra o barril; porém n'esse momento o navio deu uma guinada tão violenta, que o official deixou cahir a lanterna.

Comprehendendo o perigo a que expunha o navio, apressou-se a apanhal-a; mas com a atrapalhação largou o barril, que se abriu ao dar no chão. A agoardente espalhou-se immediatamente, e chegando á luz, a lava ardente correu pelo porão fóra como uma serpente de fogo.

Em vez de gritar, o que sería imprudente, o official procurou apagar o fogo, e, voltando n'esse momento os dous marinheiros, mandou por um d'elles avisar o capitão do que succedia, e entretanto com o outro tratou d'obstar á propagação do incendio.

O capitão encaminhou-se immediatamente para o porão, e pozeram-se em pratica todos os meios d'apagar o fogo, fazendo trabalhar as bombas, lançando baldadas d'agoa e pannos molhados, com que encheram o porão dos vinhos.

A narração do terrivel incendio do *Kent* foi escripta por uma testemunha ocular da catastrophe, o major Mac Gregor. E' por ella que nos guiamos n'este trabalho.

(Continua)

ZIG-ZAGS

OS LUSIADAS

O poema *Os Lusiadas* compõe-se de 10 cantos, 1:102 estrophes, 8:816 versos, 55:433 palavras e 250:470 letras.

Total dos nomes geographicos, 739; total dos nomes historicos, 392; total dos nomes mythologicos, semi-deuses, etc., 539; total dos nomes principiados com letra maiuscula em signal de veneração, como Barões, Fé, Rei, Maura, etc., 935; total dos nomes de Christo, 23; total dos nomes de Deus, 56.

Em leitura regular são precisas 7 horas e 30 minutos para se lêr todo o poema.

Os nomes proprios contidos no poema, segundo João Franco Barreto, são 827.

—

PENSAMENTOS

O homem é um macaco, que tem o inconveniente de fallar.

Se o teu corpo soffre, chama o medico; se a tua alma está abatida, recorre ao teu amigo.

O maior inimigo da sociedade é o ingrato.

O preguiçoso é como um relogio sem corda.

A fé é como a virgindade: uma vez perdida não se recupera.

—

DITO D'UM PORTUGUEZ

D. João da Silva, cavalleiro muito illustre e valoroso que militou em Africa no tempo d'el-rei D. Manoel, costumava dizer:

—Ouvir missa não gasta tempo; dar esmola não empobrece; fazer bem nunca se perde.

—

AS TOURADAS

O leitor que ainda não assistisse a uma corrida de touros fará ideia da barbaridade de tal divertimento pela estampa que aqui lhe apresentamos, a qual representa o picador, um dos personagens mais importantes da peça, quando mette o ferro a todo o comprimento no cachaço do animal inoffensivo, para o instigar á lucta.

Não admitte duvida que este impropriamente chamado divertimento tem seus amadores, e até enthusiastas; ha quem lhe chame exercicio proprio de povos viris, e não falta quem dê foros d'arte a uma lucta selvagem, a esta especie de antagonismo entre dous entes por instincto desiguaes, mas iguaes perante as leis da natureza.

O PICADOR

Que o homem tire proveito da sua força, que aproveite em seu favor ou em favor do seu similhante, a supremacia que a sabia natureza lhe deu sobre todos os outros animaes, é justo, quando se trate de feras, cuja acção seja nociva ao bem publico; é justo que trate d'exterminar o lobo carniceiro, a raposa matreira, o tigre, a serpente, a panthera; isso comprehende-se, essa lucta é nobre, e o homem que succumbir defendendo a vida de seu irmão, ameaçado pela fera, terá direito ás bençãos de toda a gente. Mas que elle se empenhe em martyrisar, em derramar o sangue d'um animal tão util e prestavel como o boi, é improprio de si, é improprio d'um paiz civilisado, é improprio do tempo em que vivemos.

Em Portugal, por fortuna, as corridas de touros não teem a ferocidade que se nota na Hespanha, por exemplo, onde o enthusiasmo popular por similhante divertimento cresce na proporção do sangue derramado; e não é só o sangue do touro o que alastra a arena; é tambem o do cavallo e o do cavalleiro.

A multidão, regosijada com a vista do sangue, applaude os que caem, como se elles succumbissem em defeza d'uma causa nobre.

Mas, apesar de faltar esse especial attractivo ás touradas em Portugal, nem por isso deixam de ser uma barbaridade de inqualificavel, um attentado contra os nossos bons costumes, e tudo indica que é tempo d'acabar com um espectaculo que não nos honra nada, que pelo contrario nos colloca ao nivel dos povos selvagens e embrutecidos.

Toda a imprensa se tem ultimamente pronunciado n'este sentido; obreiros obscuros da mesma ideiá, juntamos a nossa voz a todas aquellas que pedem a cohibição de scenas que são a nossa condemnação moral.

PROSPECTO

O jornal verdadeiramente popular ainda está por crear em Portugal. Não o jornal politico, noticioso ou satyrico, que se dedicam á defeza d'uma causa mais ou menos nociva ao bem publico; mas o jornal exclusivamente destinado á educação do povo, o jornal que por meio da penna e do buril infiltre nas camadas populares o gosto pelas bellas letras, que instrua deleitando, que vise a um fim mais alto e mais nobre do que a diaria e mesquinha degladiação dos partidos, que promova emfim a morigeração e os bons costumes por meio da instrucção do povo.

Ao prehencher esta lacuna, — não prehenchel-a completamente, mas consoante os recursos do paiz, ou antes os d'esta terra, — occorreu aos fundadores d'este semanario prestar culto ao mais alevantado talento que Portugal ha produzido, dando o nome d'aquelle que mais amou a sua patria a esta publicação, que representa, do mesmo modo que as outras commemorações, o preito d'uma geração á qual não fallecem as aspirações, que ainda tem fé e esperança no bello, que venera como um culto nacional o nome de CAMÕES.

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publicar-se-ha regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com tres gravuras pelo menos. O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data, 40 reis. A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

PORTO—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I — PREÇO 20 REIS — NUMERO 5

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 30 DE SETEMBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

CATHEDRAL DE MILÃO

SUMMARIO

TEXTO: — A cathedral de Milão — A ponte do moinho (conto) — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Os filhos (poesia) por Henrique Marinho — Uma victoria naval dos portuguezes — Pekin, por Heitor de Mello — Benjamim Franklin — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — A carta (poesia) por Alberto Malheiro — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Charada — Zig-Zags: Uma recordação historica — Uma aposta — O amor — A giboia — Agradecimento — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— A cathedral de Milão — A porta do norte de Pekin — Benjamim Franklin — A giboia

A CATHEDRAL DE MILÃO

—

Na Italia dá-se indistinctamente a todas as cathedraes o nome de *dome*. *Dome* vem do latim, *domus*, casa, que quer dizer a casa por excellencia, a casa do Senhor.

Attribue-se commummente a João Galeas Visconti a construcção do *dome* de Milão. Esta egreja, o unico monumento notavel d'architectura gothica da Italia, é talvez, depois de S. Pedro de Roma, o primeiro templo do mundo pela sua grandeza e magnificencia. E' inteiramente de marmore branco. Uma multidão inumeravel de graciosos ornatos, de flechas elegantes, d'esculpturas, de baixos relevos, d'estatuas, de columnas, guarnecem as fachadas, as abobadas, as naves, as galerias e os remates. As estatuas são quatro mil e quinhentas; só o frontispicio tem mais de duzentas. Cento trinta e cinco agulhas, d'uma delicadeza de trabalho maravilhoso, coroam o edificio, e cada uma d'ellas sustenta oitenta e sete estatuas. No alto da flecha principal campeia a estatua colossal da Virgem, de madeira dourada. Desde o chão até á cabeça da estatua, a elevação do monumento é de cento e doze metros.

O panorama que se gosa do alto do edificio, enorme pyramide, especie de montanha de marmore, é na verdade admiravel. Em primeiro plano vê-se a cidade, espalhando em torno os seus milhares d'edificios soberbos; além demoram as planicies immensas da Lombardia, que se destacam, sob o azul dos ceus, como um oceano de verdura, e no ultimo plano, perdendo-se nas nuvens, surgem os Alpes e os Apenninos.

O interior do templo não cede em belleza ao exterior. A abobada é sustentada por cincoenta e dous pilares gothicos, d'altura e grossura prodigiosa; os capiteis, differentes todos nos desenhos, são ornados de ogivaes e ricos arabescos.

A egreja tem a forma d'uma cruz latina. Aos lados da porta principal erguem-se duas columnas de granito d'um só pedaço, consideradas até hoje as mais altas que ha em todo o mundo.

Os desesete baixos relevos da parte superior do côro são d'uma finura de cinzel admiravel; representam a historia da Virgem e são obra de Francisco Brambilla. O mesmo artista fez as estatuas dos quatro evangelistas e dos quatro padres da egreja, que adornam os dous pulpitos, assim como o modelo do rico e grande tabernaculo de bronze dourado do altar-mór.

No côro está guardada a reliquia do *santo chiodo*, um dos cravos da cruz do Salvador, reliquia muito venerada, que no dia 3 de maio de cada anno, anniversario da terrivel peste de 1576, é conduzida processionalmente pelo arcebispo de Milão.

Debaixo do côro ha uma capella subterranea, onde está sepultado S. Carlos Borromeu, que é como o heroe d'aquellas regiões: genio vasto, ardente, inflexivel, amigo dos pobres, grande magistrado, cuja memoria, como a de sua familia, está muito superior á de todos os reis e imperadores. O santo arcebispo está com as suas vestes pontificaes, guarnecidas de diamantes; a cabeça mitrada descança sobre um travesseiro d'ouro; o sarcophago é de crystal de rocha e podem contemplar-se á vontade as feições do illustre personagem.

Muitos mausoleus, collocados em sitios diversos da egreja, são dignos tambem d'attenção: executaram-os artistas habilissimos. Citaremos especialmente o de Othão o grande e o de João Visconti, senhores de Milão nos seculos XIII e XIV.

Quanto á ornamentação dos altares, são pela maior parte guarnecidos d'agathas, cornalinas, rubis e outras pedras preciosas. Emfim, tudo n'este admiravel templo, até os menores detalhes, são dignos do grande todo.

Uma cousa lamenta o visitante; é não poder admirar os vidros antigos que representavam historias do antigo e novo testamento. Esses vidros, d'um trabalho notavel, quebraram-se com o estrondo dos tiros d'artilheria disparados por occasião da coroação de Napoleão Bonaparte como rei de Italia.

A PONTE DO MOINHO

—

(Continuação)

IV

Não ha nada mais certo do que o ditado: o homem põe e Deus dispõe.

O dia da boda approximava-se.

Na vespera d'aquelle tão suspirado dia, isto é, no sabbado, ao anoutecer, Rafael, depois do trabalho, dirigiu-se para o moinho, como lhe succedia todas as noutes, ancioso de ver a sua deidade. Maria esperava-o no meio da ponte; depois, dando os braços, encaminhavam-se para casa, onde o noivo permanecia até ás dez horas, hora em que voltava á aldeia.

N'aquella noute Rafael ia mais do que nunca impaciente, e mais do que nunca se regosijava no intimo, lembrando-se só de que na noute seguinte não teria necessidade de voltar, mas ficaria no moinho ao lado da menina branca, de quem nunca mais tornaria a separar-se.

Era uma formosissima noute de luar; creio que se estava em julho.

As cigarras cantavam nos campos; os pyrilampos brilhavam por entre a relva.

A' proporção que se ia acercando do moinho, Rafael via desenhar-se diante dos olhos o negro perfil da ponte, e um pouco mais longe distinguia já as paredes da casa da sua amada. Mas ao chegar ao limiar da ponte deteve-se. Julgou de repente ver que a moleira estava no sitio do costume, mas não só. Esfregou os olhos, abriu-os bem, e reconheceu que ao lado de Maria estava um homem.

Podia ser muito bem um dos criados do moinho.

Rafael avançou entre confuso e resoluto.

O luar, que dava em cheio na ponte, permittiu-lhe ver Maria, que, encostada a uma das varandas, tinha o braço direito indolentemente pousado sobre o hombro d'um individuo, em quem Rafael não tardou a reconhecer um dos rapazes da aldeia.

Avançou mais, e ouviu que fallavam d'amor. A perfida moleira assegurava ao seu novo amante que o seu casamento com Rafael não passava d'um gracejo preparado para magoar o seu amor proprio.

O pobre rapaz sentiu que todo o seu sangue lhe refluia ao coração. N'aquelle momento estava muito mais branco do que a dona do moinho, e não pôde conter uma energica exclamação, que teve por resposta uma dupla gargalhada dos dous amantes.

Sentiu-se tão terrivelmente humilhado n'aquelle momento, que nem sequer lhe accorreu a ideia de vingar-se. Voltou a cabeça e viu que aos seus pés se deslisava mansamente a agoa que movia as pedras do moinho.

Fez o signal da cruz, e saltando por cima da varanda, precipitou-se no abysmo. Na dia seguinte encontraram o cadaver do pobre rapaz despedaçado entre as pedras do moinho.

V

A tia Gertrudes, quando o soube, não amaldiçoou a moleira, nem chorou. Mandou dizer uma missa por alma do neto e entregou-se á occupação costumada de fiar linho finissimo. Sómente todos os sabbados do anno, invariavelmente, com bom ou mau tempo, encaminhava-se para a ponte do moinho e ali esperava a chegada de Maria, que, quando não sahia, vinha todos os dias, ao fim da tarde, tomar ar á sua porta.

Ao vel-a, a velha apontava para o si-

tio por onde Rafael se precipitara no regato, e com uma voz em que não havia ira nem resentimento dizia-lhe:

—Foi por ali. Venho ver quando tu tambem te lanças!

VI

A principio Maria não fez caso d'aquella prophecia. Mas a tenacidade periodica da tia Gertrudes principiou a preoccupal-a e a martyrisal-a. Uma das cousas que mais impressão lhe fazia era a voz perfeitamente tranquilla da velha. Preferiria ouvil-a gritar, ralhar-lhe, insultal-a, amaldiçoal-a. Mas não havia nada d'isso. O acento da voz da tia Gertrudes era natural, e n'aquella tranquilla segurança do que dizia deixava-se ver uma convicção profunda de que um dia viria em que a sua curiosidade ficaria totalmente satisfeita.

Maria entrou a tremer quando o sabbado se approximava. Na sexta feira á noute, sósinha no seu quarto, dizia:

—Talvez cansasse e não venha amanhã!

E se o tempo estava desabrido como costuma acontecer na serra quando o inverno domina, acrescentava ao seu monologo estas palavras:

—E' impossivel que venha! A sua idade já não póde resistir á intemperie!

Mas ao anoutecer do dia seguinte com frio ou calor, com neve, com vento, com raios e trovões, a velha apparecia á entrada da ponte, e a sua voz, quasi melodiosa, murmurava a phrase sabida:

—Foi por ali. Venho ver quando tu tambem te lanças!

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

IV

OS HABITANTES DA TERRA

(Continuação)

Resta-nos considerar o homem sob dous pontos de vista: as religiões e as formas de governo. Certos de que o leitor não se enfadará comnosco se ainda o fizermos assistir a estas ultimas observações, passamos a tratar do assumpto.

As religiões formam dous grandes ramos, que são: o monotheismo, ou culto d'um só Deus; o polytheismo, que obedece a muitos deuses.

Ao monotheismo pertencem: o christianismo, que se fraciona em catholicismo, protestantismo e religião grega; o judaismo, ou islamismo; o brahmanismo, que se subdivide em diversas seitas, uma das quaes é o buddhismo.

O christianismo é especialmente professado pelas nações civilisadas, isto é, quasi todos os povos da Europa e das suas colonias.

O judaismo, fundado por Moysés, é a religião dos judeus. Depois da queda de Jerusalem, ha desoito seculos, os judeus andam dispersos por todo o mundo.

O islamismo, ou mahometismo, fundado por Mahomet, domina na Africa septentrional, na parte occidental da Asia e na Turquia da Europa.

O buddhismo, fundado por Buddha, admitte um deus supremo sob a fórma d'uma trindade obrando por intermedio de bons e de maus genios; esta religião é antiquissima no sul da Asia.

O polytheismo conta apenas dous ramos, que são:

O sabeismo, adoração dos corpos celestes, professado só em alguns pontos da Asia; o fetichismo, adoração d'objectos animados ou inanimados, que existe entre as tribus selvagens da Africa.

Tratemos agora dos governos.

Ha duas formas de governos: monarchia e republica.

A monarchia divide-se em absoluta e constitucional. Na absoluta o soberano gosa de poder illimitado; na constitucional, o soberano está sujeito a uma constituição e a nação nomeia representantes, chamados a votar as leis.

Na republica a nação escolhe os seus chefes, que se chamam presidente, consul, etc., e só lhes confere o poder por tempo limitado.

Uma republica é aristocratica se admitte distincções entre os cidadãos; é democratica quando não admitte taes distincções.

A republica federal é uma associação d'estados, independentes quanto aos seus negocios particulares, mas submettida a uma constituição commum quanto aos interesses geraes.

Temos, leitor, os indispensaveis conhecimentos preliminares da geographia. Estudamos a terra e os homens; vimos as leis por que se rege o mundo scientifico; sabemos o que são pontos cardeaes, globos, espheras, mappas, ou cartas geographicas, circulos e zonas; consideramos as divisões do nosso globo, uma parte do qual consta de terra e outra d'agoa; emfim sabemos quaes são os progressos que o mundo tem feito sob o ponto de vista da sciencia geographica. Que nos resta agora? Partir? Não; nós não partimos, e sem embargo vamos dar uma volta á terra, uma volta *á vol d'oiseau.*

V

A EUROPA

Mas, para percorrer a terra d'uma ponta á outra, isto é, de polo a polo; para atravessar as regiões policiadas ou selvagens, para visitar as zonas torridas ou geladas, para transpor as suas montanhas gigantes, os seus rios vastos e rapidos, os oceanos immensos, os desertos mares d'areia; para seguir ao longo das suas ferteis planicies, dos seus lagos, das suas florestas,— para abraçar este globo, esta bola sobre a qual vivemos, não pediremos a aza á andorinha, que anda por hora mais de cem kilometros, nem empregaremos o balão, porque o gaz ou o lastro nos poderia faltar.

Pedimos ao leitor que tome comnosco logar diante d'esta mesa. Temos diante de nós a esphera, desenhando os seus relevos á luz do candieiro que nos serve de sol; metade do nosso globo ficará allumiado, ao passo que a outra metade ficará na obscuridade. São os nossos antipodas; a illusão não póde ser mais completa.

Em vez de sermos nós que daremos a volta ao mundo, será elle, o nosso globo, que se voltará diante de nós.

Primeiramente analysaremos a Europa.

(Continua)

OS FILHOS

De quantas flores de ventura cria,
Anciada, a mente de quem triste soffre,
Os filhos são as de maior magia,
D'intimo goso verdadeiro cofre.

Caia o graniso d'uma sorte infausta
Da mãe no seio, que um só filho tem:
Feliz será, que, pela dôr exhausta,
Embora soffra, tem um filho, é mãe!

E quantas vezes d'estes lyrios d'alma
Sobem perfumes, que nos matam dôres!
E quantas vezes nossa fronte acalma
O rir celeste d'estas pobres flores!

Oh! a familia! esta palavra santa
De luz, d'esp'rança, de verdade e amor!
Robusta mão que o coração levanta,
Halito puro que lhe dá calor!

E ha quem não tenha n'esta vida ingloria
Seio de mãe onde esconder o pranto...
E ha desherdados do prazer, da gloria,
Que a noite encobre com seu negro manto...

Ai, sonhos d'alma, virginaes, serenos!
Ai, vida, ai, sonhos de quem tanto soffre!
Feliz a mãe, que tem n'um filho, ao menos,
D'intimo goso um verdadeiro cofre!

1873 HENRIQUE MARINHO

UMA VICTORIA NAVAL

DOS PORTUGUEZES

(Continuação)

Ao primeiro arrebol da manhã acharam-se á vista as esquadras inimigas. A ottomana trazia agora mais seis navios, com que prefazia o numero de quarenta e oito, em que entravam vinte e duas nãos. As christãs contavam trinta e quatro ao todo, grandes e pequenas.

O almirante portuguez dispoz rapidamente a sua esquadra em linha de batalha, com mais duas embarcações pontificias e uma fragata veneziana, que se lhe tinham juntado, e á brevidade d'esta manobra deveu o poder supportar com

firmeza o imprevisto accomettimento do inimigo.

O capitão pachá, sem duvida para não dar tempo ao resto da esquadra dos alliados de continuar a linha de batalha feita pela portugueza, veio sobre esta com quinze náos, que, estendidas em linha, romperam um vivissimo fogo de todas as suas baterias.

As náos *Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Pilar, Assumpção, Santa Rosa* e a fragata veneziana, foram as que soffreram a violencia do rompimento do ataque, e responderam-lhe com tal esforço e energia, que sustentaram durante nove horas tão encarniçado e desigual combate, sem conceder ao inimigo a mais pequena vantagem.

O grosso da esquadra alliada e o resto da ottomana, inactivas uma defronte da outra, como que para se conterem mutuamente, presenciavam de longe esta lucta desesperada.

A's cinco horas da tarde os costados da armada portugueza estavam tão crivados de balas, os seus mastros e enxarcias mostravam tamanho destroço, viam-se as velas tão rotas, que, apesar da coragem que ainda sobrava em todos os officiaes e marinheiros, afigurou-se ao nosso almirante muito perigosa, se não impossivel, a prolongação de tão obstinada peleja. Era necessario, pois, um acto de verdadeiro arrôjo, um esforço supremo, que, melhorando a posição da esquadra, lhe desse a victoria, ou pozesse fim á lucta.

O arrôjo appareceu, em fim; o conde do Rio Grande conseguiu romper a linha inimiga, e tomar-lhe o barlavento. Este movimento lançou os turcos em tal desanimo e desconcerto, que desde logo cuidaram de salvar-se, fugindo.

Então correu a todo o panno o resto da esquadra ottomana em soccorro do seu almirante; mas quando este, cobrado o alento, ia voltar o rosto para o inimigo, o conde de S. Vicente, atravessando denodadamente com a sua náo *Nossa Senhora do Pilar* por entre os navios turcos, investe a náo capitanea, de cento e dez peças, e guarnecida com mil e quatro centas praças, prolonga-se com ella, e trava um duello de morte.

O conde do Rio Grande, vendo a perigosa situação da náo *Nossa Senhora do Pilar,* voou logo em sua defeza, e após elle a náo *Santa Rosa,* sem embargo das repetidas ordens do almirante Bellefontaine, que mandava retirar.

Seguiu-se então uma scena verdadeiramente horrivel. As tres náos portuguezas, envolvidas entre as quarenta e oito embarcações turcas, vomitavam fogo para todas as partes, e eram accommettidas de fogo por todos os lados. O estrondo da artilheria, o zinir das balas, as vozes roucas do commando, a grita enthusiastica dos combatentes, o alarido dos que caiam no mar, as imprecações e gemidos dos feridos, formavam um concerto infernal. E n'um relancear d'olhos todo este pavoroso quadro foi encoberto por uma nuvem de espesso fumo, que envolvendo todas as bandeiras em seu negro véo, foi causa de que por algum tempo os navios turcos se canhoneassem como inimigos.

O fogo cessou quasi de repente. A esquadra alliada, que fôra outra vez testemunha queda d'este lucta a todo o transe, agora, talvez, em castigo da corajosa desobediencia dos portuguezes, espera com anciedade o fim d'este tremendo conflicto.

Nos navios portuguezes, que não tinham entrado na acção, ou por obedecer ao commandante em chefe, que tinha ordenado a retirada, ou porque o fumo lhes não deixava distinguir os amigos dos inimigos; nos navios portuguezes, dizemos, estavam todos, officiaes e marinheiros, na maior consternação possivel. E quando os canhões deixaram de troar, apertou-se-lhes dolorosamente o coração, porque viram n'esse repentino silencio a paz do tumulo para os seus companheiros! Todos estavam immoveis, como que pregados ao tombadilho ou ás vergas; calados, como se a voz se lhes prendera na garganta, e olhando sem pestanejar para a nuvem que lhes encobria o que tanto desejavam e tanto temiam ver!

O vento começou, com effeito, a dissipar o fumo, e em pouco tempo mostrou aos christãos, que não podiam crer no que viam, toda a esquadra ottomana fugindo atraz da sua almirante, e as tres náos portuguezas dispondo-se para as perseguir!

(Continua)

PORTA DO NORTE EM PEKIN

PEKIN

A capital do imperio da China é uma grande cidade, que a bem dizer forma tres cidades, umas dentro das outras, a saber: o primeiro recinto é a cidade do commercio e da industria; as ruas são sujas e estreitas: no segundo recinto está a cidade guerreira e os monumentos do luxo e das artes: magnificas muralhas de tijolo e portas de excellente marmore; o terceiro recinto, no centro, é o *Kingtching,* o que significa residencia do imperador e do herdeiro da corôa. E' ali que o monarca tem os seus palacios e jardins. Só esta ultima parte da grande cidade tem dez kilometros de circunferencia.

A população da cidade é de dous milhões d'habitantes.

Vista de longe, Pekin offerece uma perspectiva bastante agradavel; não lhe falta grandeza e imponencia. Mas desde que se entra n'ella o encanto desapparece; as ruas estão atulhadas de casas miseraveis. Não ha gosto, nem aceio.

Não faltam porém os bons edificios, e é justo citar as numerosas escolas, os grandes estabelecimentos de beneficencia, o collegio imperial onde se insina o chino, o mandchu e o russo, a mesquita, a capella catholica, a egreja grega, etc.

Quasi todos os edificios são cercados de pateos e estão quasi escondidos no meio de massiços d'arvores.

Pekin está cercada d'uma muralha muito alta, guarnecida de torres, e com varias portas, altas e magestosas, por onde se communica do exterior para o interior. Nos arrabaldes ha um movimento extraordinario; tudo annuncia uma das maiores cidades do mundo. No interior ha o mesmo bulicio; a maior parte das ruas estão por modo tal atulhadas, em rasão da exhibição das mercadorias que os diversos negociantes expõem aos olhos do publico, em frente das suas tendas e lojas ambulantes, que é extremamente difficil alcançar atravessal-as, ficando apenas no meio um carreiro estreito, por onde circulam incessantemente os mandarins, soldados, viajantes, camellos, carretas puxadas por um só homem, os enterros, os casamentos, ambas estas ceremonias effectuadas com um apparato espantoso; e tudo isto, os differentes cortejos, a multidão que se acotovella, que canta, ri, chora, falla ao mesmo tempo, dão áquella immensa cidade uma physionomia das mais extravagantes.

Heitor de Mello

BENJAMIM FRANKLIN

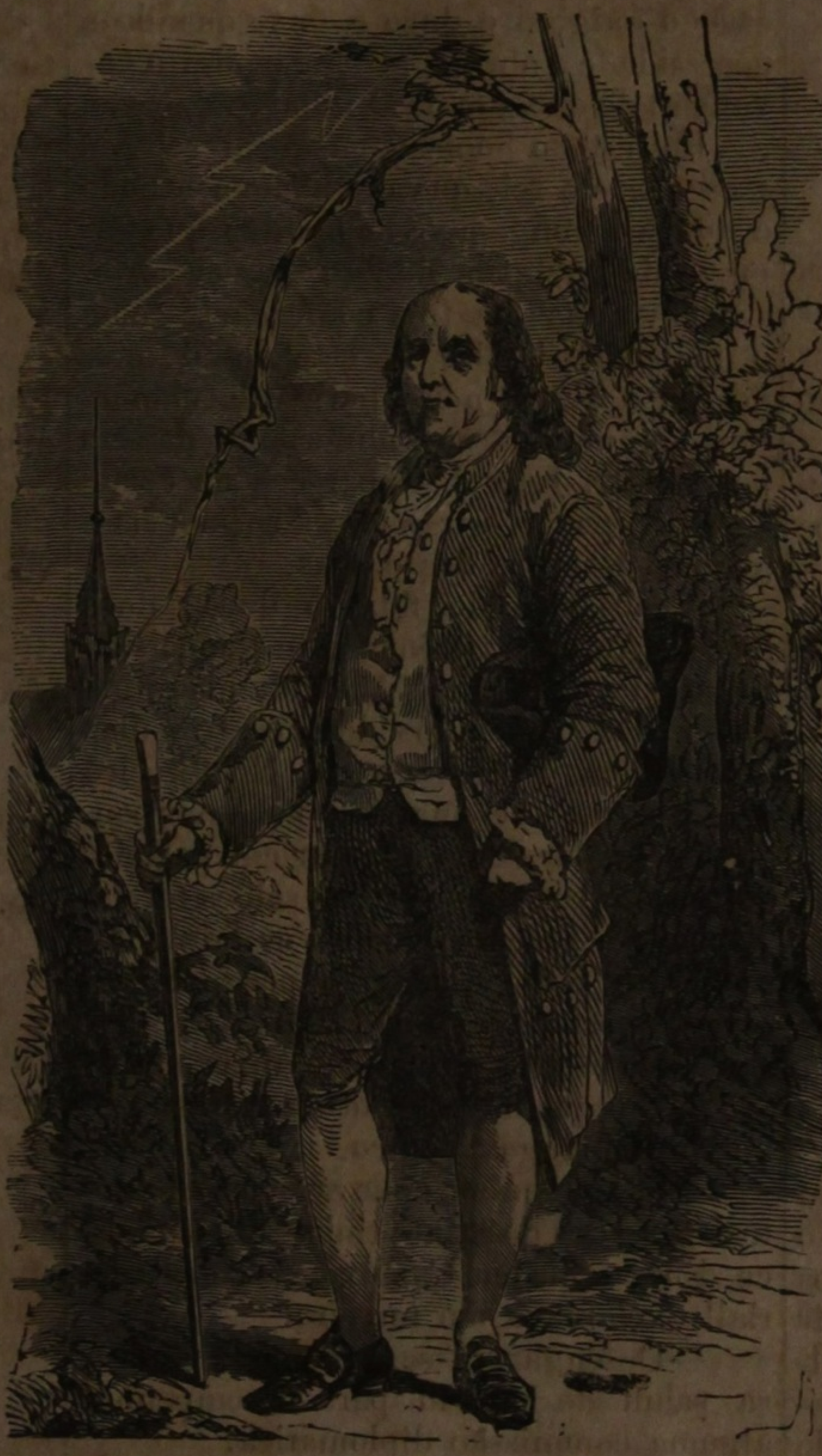
Em Boston, na America do norte, nasceu em 17 de janeiro de 1706, d'uma familia numerosa e pobre, mas honrada e industriosa, o celebre Benjamim Franklin. Distinguiu-se desde creança pela affeição á leitura, disposição que o pae quiz aproveitar fazendo-o ordenar para padre; o rapaz porém não fazia progressos no latim e o pae cansou-se de contrariar-lhe a vocação, renunciando por fim aos seus projectos.

Para poder satisfazer o gosto pela leitura, o rapaz entrou como aprendiz de compositor typographico para a imprensa d'um irmão que tinha. Empregando as horas d'ocio em estudar, chegou a compor baladas e lendas populares, que ia em pessoa vender pelas ruas, e tiveram um certo successo.

Em 1720 o irmão de Benjamim publicava um periodico, e desejando o nosso heroe ver n'elle estampada alguma producção sua, escreveu alguns artigos, disfarçando a letra, e foi de noute mettel-os por debaixo da porta da imprensa. Os redactores leram-os e acharam-os bons dando-lhe publicidade.

Animado pelo exito d'esta primeira tentativa, lembrou-se de montar uma typographia, e n'esse presuposto partiu para Londres; mas alli faltaram-lhe os meios que lhe tinham promettido, e achou-se a braços com a miseria no meio da grande cidade. Não desanimou porém; recorreu ao trabalho e mereceu pelo seu genio trabalhador e conducta exemplar a estima dos companheiros da officina.

Cerca de seis annos depois associou-se com o capitalista Denham, e foi graças ao auxilio d'este que conseguiu montar na Philadelphia uma imprensa, de que mais tarde foi o unico proprietario. Senhor d'um elemento de tamanha utilidade quando em mãos habeis, entendeu que só o devia aproveitar para fazer bem ao seu similhante. Fundou uma sociedade de homens doutos, que se reuniam uma vez cada semana para tratar



BENJAMIM FRANKLIN

das questões moraes, civis e industriaes; comprou um jornal desacreditado e converteu-o em publicação util e excellente; creou uma associação de instrucção, que tinha por auxiliar uma copiosa bibliotheca, e principiou a publicação do seu famoso *Almanak do Bom Homem Ricardo*, livro cujo exito foi assombroso, popularisando o nome do nosso typographo.

Em 1737 foi eleito secretario da assembleia geral da Pensylvania, e immediatamente estabeleceu na Philadelphia o primeiro corpo de bombeiros e a primeira companhia contra incendios. Em 1742 inventou um fogão de sala economico e publicou generosamente o seu segredo. Dous annos mais tarde, quando a Inglaterra luctava com a França e os indios, e a Pensylvania era surda ao chamamento d'um governador impopular, Franklin lembrou-se de crear uma associação livre para a defensa commum, e dez mil voluntarios responderam desde logo á sua voz. Em 1747 foi eleito membro da assembleia e reeleito em 1763.

Vendo as escolas pobres, mal dirigidas e pouco frequentadas, propoz um plano d'instrucção publica, e levou-o á effectividade unicamente com donativos voluntarios. Era irresistivel a eloquencia com que fallava a favor da beneficencia. Apresentaram-lhe um projecto para a fundação d'um hospital e d'um hospicio; abraça-o, propõe-o por subscripção e no mesmo momento todos os seus concidadãos se subscrevem e a propria assembleia vota fundos annuaes para sustentação de tão uteis estabelecimentos.

D'este tempo datam as primeiras experiencias sobre a electricidade, experiencias que tiveram por fim a descoberta do pára-raios. O primeiro instrumento que Franklin empregou para demonstrar a efficacia do seu invento foi uma estrella, esse brinquedo que todos os rapazes conhecem; com elle, pondo-lhe na ponta da cauda um fio de metal, explorou, não sem grave risco da vida, o estado electrico da atmosphera.

A descoberta do pára-raios tornou-o celebre em todo o mundo.

Em 1773 estalou em Boston a revolução em favor da independencia dos Estados Unidos; Franklin foi mandado a França para pedir soccorro contra os inglezes, e, cinco annos depois, a França firmava um tratado d'alliança com o estado americano, que, em 1783, conseguiu livrar-se da tutela da Inglaterra.

Voltando á patria em 1785, Franklin foi recebido na Philadelphia com as honras d'um verdadeiro triumpho; de toda a parte corriam os povos para o saudar. Mas a sua saude estava sobre maneira alquebrada, e atacado de uma molestia dolorosa, falleceu em 17 d'abril de 1799.

O seu ultimo escripto foi contra o trafico da escravatura.

O congresso americano, afim d'honrar a memoria do prestante cidadão, decretou um luto de dous mezes em todos os estados da União, e não houve classe social que não tomasse parte n'esta manifestação de dôr pela perda do grande homem, que sahido da mais humilde condicção, soube só pelos seus meritos elevar-se á posição mais honrosa a que é dado aspirar.

Franklin deixou sabios conselhos para o governo dos homens, além de sommas consideraveis para a fundação d'es-

tabelecimentos uteis. E' muito curioso o epitaphio que elle deixou, para ser posto na sua sepultura. Diz assim:

AQUI DESCANSA
ENTREGUE AOS VERMES,
O CORPO DE BENJAMIM FRANKLIN, IMPRESSOR,
COMO A CAPA D'UM LIVRO VELHO
CUJAS FOLHAS FORAM ARRANCADAS
E TEM O DOURADO E O TITULO APAGADOS;
MAS NEM POR ISSO HA DE PERDER A OBRA,
POIS TORNARÁ A SAHIR,
ASSIM O ESPERA,
EM UMA NOVA E MELHOR EDIÇÃO
REVISTA E EMENDADA
PELO AUCTOR

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

I

QUEM ERA D. LUIZ DE GUEVARA E QUEM ERAM OS CAVALLEIROS DO AMOR

Estamos no anno de 1786. São passados vinte annos depois dos successos narrados no prologo d'este livro.

A Hespanha cada dia via mais motivos para se regosijar pela morte de Fernando VI, que não deixara successores, passando o throno a seu irmão o rei de Napoles Carlos III. A benefica influencia d'este reinado sentia-se por toda a parte, e entre os acontecimentos mais notaveis d'esse tempo contavam-se as recentes colonisações da Serra Morena.

Mas ácerca da formação d'aquellas colonias corriam versões que convinha averiguar, e referiam-se excessos, que não deviam ficar esquecidos.

Um dia Carlos III quiz mandar um homem imparcial que podesse informal-o da verdade do caso, e passeando os olhos á sua roda, não achou ninguem mais digno d'essa commissão do que um fidalgo de quem muitas vezes lhe tinha fallado o conde de Lazan. Chamava-se elle D. Luiz de Guevara e era o mais a proposito para a espinhosa missão.

D. Luiz possuia o que vulgarmente costuma chamar-se uma boa estrella. Não havia ninguem que não sympathisasse com elle, porque nos seus olhos azues estavam pintadas a franqueza e a lealdade; no seu sorrir reflectia-se a nobreza d'uma alma pura, finalmente na sua fronte rasgada e serena não havia a mais leve sombra d'astucia e dobrez.

Era valente, audaz, apaixonado. Dera mostras do seu valor no sitio de Gibraltar; a sua audacia denunciava-se no modo como se apresentara na côrte; o amor que o impulsionava estava bem patente nos obsequios com que cumulava as damas mais nobres.

Mas ao mesmo tempo era grave, circunspecto e reservado.

Respeitava a quantos o tratavam, para os obrigar a que tambem o respeitassem, e ainda quando alegre e buliçoso companheiro nas noutes d'aventuras, perseguindo as damas veladas junto das agoas do Mansanares, ou no prado de S. Jeronymo nas noutes de festa, dirigindo requebros ás filhas do povo nos palanques da praça de touros, ou nos botequins frequentados da plebe, era sempre respeitoso e attento para com as damas, circunspecto e affavel para com os homens. Era ao mesmo tempo o galan mais estimado na côrte e o senhor mais festejado e querido dos bairros baixos.

Generoso, atrevido, altivo e galhardo, era compassivo e humilde quando o caso o exigia, e duro e forte quando a necessidade o obrigava. Era emfim o cavalleiro de quem mais se fallava na côrte.

Foi este o homem em quem recahiu a escolha do rei, que era homem atilado e nunca se enganava na opinião que formava de qualquer fidalgo da sua côrte.

Teve duas ou tres conferencias com o mancebo; inteirou-se este dos desejos do rei, e d'uma noute para pela manhã, sem que amigos ou indifferentes dessem por tal, D. Luiz desappareceu da côrte, com não pouca estranheza dos homens e grande desgosto das damas.

A ausencia do fidalgo durou dous mezes. Ao cabo porém d'este tempo soube-se que estava em Madrid; mas ninguem pôde vel-o nos dous ou tres dias immediatos á sua chegada. No terceiro dia, porém, o rei mandou-o chamar pouco depois d'acabado o jantar em palacio, e a sua apparição nos reaes salões foi um verdadeiro successo. Todos os fidalgos o rodearam e lhe dirigiram perguntas as mais importunas.

—Onde estiveste, Luiz? dizia um.

—Em que nova aventura andaste envolvido? indagava outro.

—Suppunha-mos que arrependido dos teus passados desatinos tinhas ido em busca d'uma cela na Cartuxa, ou no Escurial! exclamava um terceiro.

—Desenganem-se, senhores. Guevara sahiu de Madrid para desempenhar alguma commissão diplomatica.

—Ou talvez arrebatado nos braços d'alguma dama.

—Vamos, senhores, vamos. Não façam juizos temerarios, disse D. Luiz. Se sahi de Madrid, nada tem de particular a minha ausencia. Negocios puramente particulares...

—Tens dividas, Guevara? atalhou um dos seus amigos.

—Bem sabem que me não sobram os rendimentos.

—Desenganem-se, senhores. A ausencia de Luiz foi unicamente negocio d'amores.

—Eu creio que foi de politica, disse outro. A esposa do conde d'Aranda é-lhe favoravel e bem sabemos que a nobre dama é mais astuta e mais politica do que seu proprio esposo.

—Repito o que já disse, tornou o joven com seriedade, e bem sabem que não gosto de que duvidem das minhas palavras.

—N'esse caso, disse o visconde de Lazan, filho do conde do mesmo titulo e irmão d'uma das mais formosas donzellas da côrte; n'esse caso não temos remedio senão acreditar-te.

—E' que quando eu digo uma cousa, é a propria verdade.

—Como n'estes ultimos dias sentiram a tua falta os *Cavalleiros do Amor*... ponderou outro dos seus amigos baixando a voz e olhando cautelosamente para todos os lados.

—Pois que! Para dirigir uma aventura só eu sou o competente!

—Filho, a verdade é que só quando tu estás presente se faz cousa de geito. Dizendo-te que nos dous mezes que estiveste ausente não se quebrou um só lampeão, não se espancou nenhuma ronda, nem os milicias soffreram nenhum dissabor, nem á porta da *Pomba* houve o menor escandalo...

—Vamos; o que isso prova, disse D. Luiz, é que os meus amigos vão tendo mais juizo.

—E' que nos faltava o chefe.

—Mas por fortuna cá o temos de novo.

—Queres dizer que esta noute?...

—Não, esta noute não, apressou-se a responder Guevara.

—Volvemos aos mysterios?

O joven ia a responder; mas n'este momento apresentou-se um official, dizendo a D. Luiz que el-rei desejava fallar-lhe.

(Continua)

A CARTA

Eu tenho escripta uma carta
Que bem quizera mandar-te:
Trago-a escondida no seio,
E levo-a p'ra toda a parte.

São baldados os mil planos
D'uma remessa de geito;
Até que um dia ha-de a carta
Desfazer-se-me no peito.

Releio, torno a reler
O meu amoroso escripto,
Quando ás vezes me é preciso
Renovar-lhe o sobr'escripto...

Não sei, não sei que aventura
Se haverá de melhor arte...
Eu trago a carta no seio,
E levo-a pr'a toda a parte.

Se te avisto, desvairado,
Quero á sorte arremessar-t'a...
Se o pulso me vacillara,
Quem leria a minha carta?...

A' noite ensino ás estrellas
A carta que sei de cór;
Depois no espelho do lago
Releio a carta d'amor.

Momento que eu haja um dia
De feliz, propicio geito,

Esquecerei na gaveta
A carta que trago ao peito!...

Mas eu nunca largo a carta
Que bem quizera mandar-te:
Trago-a escondida no seio,
E levo-a p'ra toda a parte.

ALBERTO MALHEIRO

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

II

ENTRE DOUS PERIGOS

O official do quarto approximou-se do major, que n'esse momento estava na camara do conselho a observar os barometros, e disse-lhe em voz baixa:

—O fogo anda no porão dos vinhos. Vá ver, major.

E Spense, o official, poz-se a passear no tombadilho, dando ordens com toda a tranquilidade que o mar em furia lhe permittia.

O major Mac Gregor não acreditou a principio; mas, correndo á escotilha, d'onde o fumo principiava a sahir, viu o capitão Cobb e os officiaes dando com o maior socego as ordens, executadas com socego quasi igual pelos marinheiros e soldados.

O capitão avistou-o.

—Ah! E' o senhor! disse.

—Sou, meu commandante. Posso servir para alguma cousa?

—Previna os officiaes e evite que a desordem se estabeleça entre os soldados.

—E é serio como se diz, commandante? perguntou o major.

—Se é! Veja, disse o capitão mostrando-lhe o fumo que sahia em rolos pela escotilha.

O major fez com os labios um movimento que significava que o caso era grave e foi procurar o coronel Fearon.

Perguntou por elle e disseram-lhe que estava no seu camarote, com as esposas d'alguns dos officiaes, que, amedrontadas diante da horrivel tempestade e não suspeitando d'outro perigo além d'um perigo tamanho, se tinham reunido ali.

O major bateu á porta com a intenção de chamar de parte o tenente-coronel e annunciar-lhe o novo perigo que ameaçava o navio; mas, apesar de todas as precauções, no rosto do major estavam por tal maneira impressos os signaes d'um terror fundado, que as damas levantaram-se espontaneamente e perguntaram se a tempestade augmentara de fragor.

Mas, sorrindo, o major affirmou-lhes sob palavra d'honra que nada tinham que receiar por esse lado, e estas palavras tranquilisaram-as.

O coronel sahiu para manter a ordem entre os soldados do seu regimento, e o major voltou ao theatro do incendio.

As cousas tinham peorado durante a sua ausencia. A' leve chamma azulada da agoardente, que ainda deixava entrever uma esperança de salvação, succedeu uma espessa fumarada, que formando enormes turbilhões, entrou de sahir pelas quatro escotilhas, rolando em torrentes d'uma á outra ponta do navio.

Ao mesmo tempo um cheiro fortissimo a alcatrão espalhou-se na coberta. O major informou-se com o capitão, que lhe disse:

—O fogo passou do porão do vinho para o paiol dos cabos.

—Então estamos perdidos? disse o major.

—Estamos, disse o capitão com acento o mais tranquilo.

Em seguida, com voz forte e que indicava perfeitamente a eminencia do perigo, o capitão Cobb exlamou:

—Abri veias d'agoa na primeira e segunda coberta; abri as portinholas da primeira bateria para que o mar entre por todos os lados!

A marinhagem apressou-se a obedecer; mas a esse tempo já alguns soldados, uma mulher e muitas creanças tinham morrido ao cabo d'esforços inuteis para alcançar a coberta superior.

Ao descerem á bateria do fundo o coronel, o capitão Braye e dous ou tres officiaes do 31, que queriam abrir as portinholas, encontraram um dos contramestres vacilando, prestes a cahir, extenuado, sem sentidos. Acabava de tropeçar com os cadaveres de varias pessoas, suffocadas pelo fumo, de que ia tambem sendo victima.

Com effeito, o fumo era tão acre e espesso, que, entrando pelo tombadilho, foram envolvidos por elle, e apenas tiveram tempo d'executar as ordens do capitão. Mal abriram as portinholas, as ondas entraram furiosas por ellas, quebrando os tabiques e dispersando como se fossem pedaços de cortiça as caixas mais pesadas e mais bem amarradas.

Era um espectaculo terrivel, e que, entretanto, os espectadores contemplavam com certa alegria, porque se persuadiam que a sua salvação estava n'aquelle recurso violento.

Mettidos na agoa até aos joelhos, os officiaes animavam-se mutuamente com aquella voz aspera e estridente que mostra claramente que o proprio que diz aos outros:— Espera!— não tem a menor esperança.

E, entretanto, essa immensa quantidade d'agoa que se precipitava no porão com furia desmedida, conseguiu deter, não o incendio, mas o seu crescente furor; o que é certo, porém, é que ao passo que o perigo d'ir pelos ares diminuia, o de ir a pique augmentava. O navio estava visivelmente pesado e enterrado alguns pés.

Havia apenas a escolha da morte; preferia-se aquella que offerecia alguma demora.

Os officiaes correram para as portinholas, que fecharam com grande difficuldade; em seguida calafetaram as escotilhas afim de tirarem o ar exterior do fundo do navio, e esperou-se porque se sabia que havia uma ou duas horas de vida.

Então os officiaes que acabavam de pôr o navio a pique subiram á coberta, e lançando os olhos em redor, principiaram a distinguir, no conjunto primeiro e depois a seguir nos minimos detalhes, uma scena terrivel e sublime a um tempo.

(Continua)

CHARADA

A JULIA LISSE

Lê-me de traz p'ra diante,
Lê-me de diante p'ra traz,
O que eu affirmar-te posso
E' que medida terás— 2

Segunda, leitor amigo,
Dizem 'star do sol atraz,
Não sei; porém é bem certo
D'harmonia parte faz— 1

O todo, que nunca vi,
Herva é, isso é que eu li.

—

EXPLICAÇÃO da charada do numero 3: — Cantagallo.

ZIG-ZAGS

RECORDAÇÃO HISTORICA

Tres batalhas portuguezas decisivas:

1.ª— Ourique— que estabeleceu o principio da nacionalidade portugueza.

2.ª— Tarifa— que expulsou completamente os mouros da peninsula.

3.ª— Aljubarrota— que destruiu as ultimas esperanças de Castella e sanccionou a dynastia d'Aviz.

—

UMA APOSTA

Um cego d'um olho apostava com um homem que tinha dous olhos e optima vista, que apesar d'isso via mais do que elle.

—Ganhei eu, diz o cego depois de feita a aposta; eu vejo-lhe dous olhos, e você não me vê senão um.

—

O AMOR

O amor é uma arvore, cujas flores são para as mulheres, os fructos para os amantes e a cortiça para os maridos.

A GIBOIA

Das especies de serpentes conhecidas, a giboia é a de maior corpulencia. Ha-as de quinze a vinte metros de comprido. Teem a pelle guarnecida d'uma só banda d'escamas transversaes, o corpo achatado, um gancho junto do anus e a cauda comprimente.

As côres da giboia são variadissimas e vistosamente dispostas; ao cinzento avermelhado do corpo juntam-se uns tons amarellos e vermelhos e pintas irregulares mais ou menos largas.

A giboia é dotada de força prodigiosa; estrangula os mammiferos de maior corpulencia, como os cabritos montezes e gazellas, envolvendo-os nas pregas tortuosas do seu corpo, e chega até a matar e devorar um touro.

Escolhendo de preferencia os sitios pantanosos, põe-se d'embuscada á beira dos regatos, onde os animaes costumam ir matar a sede, e conserva-se ahi horas e horas, enrolada na forma d'espiral sobre si mesma, e formando um disco de cousa de dous metros de diametro, no centro do qual tem a cabeça, que levanta de tempos a tempos, para observar se a presa se approxima.

Quando julga que o animal está ao seu alcance, a giboia desenrola-se como uma mola que se desprende, precipita-se sobre elle, envolve-se-lhe ao pescoço para o estrangular, e em um momento o animal, que não consegue livrar-se do seu inimigo, está irremediavelmente perdido, morto.

Se é um touro, ou outro quadrupede do mesmo genero, o animal envolvido pela giboia, ouvem-se-lhe de quando em quando estalar os ossos sob o abraço desesperado do possante reptil; emfim, depois de bem triturado, quando o corpo do animal não é mais do que uma massa informe, a serpente entra de devorar a sua presa. Para facilitar a passagem através da garganta, lambe-lhe todo o corpo, cobrindo-o d'uma substancia viscosa. Em seguida trata de devoral-o, e principia sempre pelo lado que offerece menos resistencia.

N'esta operação, a goela dilata-se-lhe extraordinariamente. Far-se-ha ideia d'essa particularidade que não se dá com nenhum outro animal, sabendo-se que a giboia pode engolir d'uma só vez o triplo da sua grossura.

A rapacidade da giboia é bem conhecida. Sabe-se que depois de ter saciado o seu enorme apetite, isto é, depois de ter devorado tudo, cae em um estado tal d'inercia e impotencia, que só cuida então em procurar sitio a proposito, no mais cerrado dos bosques, para digerir á vontade a sua monstruosa refeição.

A GIBOIA

E' este o momento que espiam os caçadores de serpentes, porque é o mais propicio para apanhal-as. Na impossibilidade de defender-se, absorvida no goso relativo e n'aquella especie de somnolencia, que é como o presagio da morte que a espera, a serpente offerece então victoria facil ao caçador.

Mas quantas vezes acontece que a lethargia da serpente não é completa e o misero caçador é victima do furor do temivel reptil!

De facto, a caça da serpente é uma das mais perigosas que se conhecem.

A caça da giboia, não obstante, constitue uma profissão quasi. Em diversas partes da India e em certos logares da Africa os negros andam em procura das giboias, para lhes aproveitar a carne, que se vende aos pedaços nos mercados publicos das grandes povoações. Ha quem a julgue deliciosa, o que quer dizer que não lhe faltam compradores.

AGRADECIMENTO

A' imprensa periodica de todo o paiz, que tem acolhido esta publicação com phrases do mais subido louvor, aos meus amigos que me teem coadjuvado por qualquer modo n'esta empreza, ao publico em geral, sempre bom e generoso para as tentativas uteis e para o trabalho honesto, os meus sinceros agradecimentos e os protestos da minha mais viva e profunda gratidão.

Porto 30 de setembro de 1880.

Antonio Augusto Leal.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

POR 20 REIS, Compra-se n'esta redacção o numero 1 do CAMÕES, que se acha exgotado.

PORTO—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 6

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 7 DE OUTUBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — Carlos Magno — A ponte do moinho (conto) — Não chores (poesia) por Teixeira de Carvalho — Uma victoria naval dos portuguezes — O ovo (excerpto) por Michelet — O Tibre, por J. da Silva — Hamadan — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O poeta (poesia) por Guilherme Braga — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Zig-Zags: Mandamentos d'um avarento — Conselho — Uma cabeça em demanda — O Sinai — Agradecimento — Prospecto.

Illustrações: — Carlos Magno — Descendo o Tibre — Hamadan — Convento de Santa Catharina e o monte Sinai.

CARLOS MAGNO

Nenhum dos heroes dos tempos antigos e cavalheirosos foi tão decantado pela legenda popular como aquelle que a gravura representa. Não daremos conta das legendas; traçaremos rapidamente a sua biographia.

Carlos Magno, Carolus Magnus, ou, segundo outros, Carlos o Grande (do tudesco *Karlmann,* homem forte) rei dos francos e imperador do Occidente, era filho de Pepino, o Breve, e nasceu na Germania, provavelmente no castello de Saltzburgo, na Baviera, em 742, e morreu em Aix la Chapelle em 28 de janeiro de 814. Coroado rei por morte do pae em 768, a morte de seu irmão, em 771, deixou-o senhor absoluto do imperio.

Inaugurou o seu reinado pela submissão da Aquitania e começou no anno seguinte a guerra extensa e encarniçada contra os povos do norte, á qual deve em grande parte a sua celebridade. Impellido por um odio implacavel, perseguiu sem tregoas os homens das raças franca e saxonia, submettendo-os e obrigando-os a abraçar o Evangelho pelos meios mais violentos,

CARLOS MAGNO

chegando a martyrisar aquelles que se recusavam a abjurar a idolatria.

Em 775 preparou uma segunda expedição, traspondo o Rheno e o Weser e levando o terror e a morte adiante de si. Os terrenos eram arrasados e os povos vencidos baptisados á força. Invadindo a Italia, á frente d'um poderoso exercito, fez-se coroar rei dos lombardos; o papa Adriano, querendo premiar o exterminador d'infieis, recebeu-o em Roma com as honras do triumpho.

Tres annos depois a Hespanha era invadida; mas atacado ao retirar pelos vasconços dos Pyreneos, Carlos teve o desgosto de ver a rectaguarda derrotada em Roncesvalles, onde morreu o bravo Rolando, tão famoso nos poemas da cavallaria da idade media.

O anno de 779 foi o mais glorioso para o bravo imperador, que, tres annos depois, triumphava completamente dos seus inimigos, atacando-os nos seus asylos, desbaratando-os, queimando as povoações, destruindo tudo e fazendo degolar em um só dia, em Verdun, quatro mil e quinhentos guerreiros saxões.

Em 786 desfez uma conspiração tramada contra si pelos nobres e acabou de submetter a Italia. Contam-se ainda outras muitas campanhas, contra os bretões, mouros, bohemios, slavos, etc., ao todo umas cincoenta e tres, dirigidas umas por elle em pessoa e outras pelos seus capitães.

O seu vasto imperio estendia-se desde o Baltico ao Elba e do Oceano ao Adriatico e ao Theiss. Era então o maior soberano do mundo, e por isso se lembraram os seus vassallos d'eleval-o á dignidade d'imperador. Em 25 de dezembro de 800 o papa Leão III sagrou-o e coroou-o imperador dos romanos na bazilica de S. Pedro.

Carlos achava-se então no apogeo da sua gloria. Contava por tributarios muitos principes mouros e christãos; o seu nome era conhecido d'uma a outra extremidade da terra; o famoso kalifa de Bagdad, Harun-al-Reschid, mandou-lhe uma embaixada carregada de presentes, alguns dos quaes excitaram vivamente a curiosidade dos gaulezes e germanos: um relogio de dar horas, um elephante, etc.

O celebre imperador não merece menos consideração como legislador do que como guerreiro.

Protegeu as sciencias e as artes e foi assiduo cultor das letras. Estudou rhetorica, astronomia, dialectica, a arte do calculo, a poesia, musica, a lingoa latina, etc.

A PONTE DO MOINHO

(Conclusão)

VII

Passavam as semanas, os mezes e os annos, e a tia Gertrudes parecia que nunca dispozera de tão boa saude para comparecer n'aquella tenaz e mysteriosa entrevista que a si mesma se propozera depois da morte de seu neto.

E o medo foi lavrando tão fundo no coração da menina branca do moinho, que acabou por não sahir de casa em nenhum sabbado e mandava fechar portas e janellas para não ver nem ouvir.

Mas tudo era inutil. A velha atravessava a ponte, dirigia-se ao moinho e batia com força na aldrava da porta, e após aquelle funebre chamamento, apostrophava Maria com a phrase do costume.

Desde aquelle dia em que tão despiedadamente gracejara com o pobre Raphael parece que tudo se conspirou contra a infeliz moleira, parece que a desgraça cahiu sobre aquella casa. A aventura não tardou a divulgar-se no sitio; todos se conspiravam contra Maria e ninguem mais lhe levou o trigo a moer. A fama da moleira entrou de decahir; o desprezo dos visinhos foi o seu castigo. Cessaram os descantes á sua porta, e um domingo que ousou apresentar-se no baile dado no largo da egreja, teve que devorar a injuria de não ser tirada por nenhum rapaz para dansar.

A parte porém mais cruel d'este merecido castigo, era a tia Gertrudes, com a sua voz humilde e a sua tranquilla apparencia. A velha de cabello branco, d'olhar amortecido, de faces cadavericas, era o punhal que ia entrando uma polegada no coração de Maria cada sabbado da semana.

Operou-se então um phenomeno no seu coração, n'aquelle coração impedernido que tanto havia folgado com martyrisar os outros.

Maria teve que soffrer a espantosa expiação d'enamorar-se de Rafael, morto por ella por um modo tão desastroso, e isso contribuiu para que o seu juizo acabasse d'extraviar-se.

Todas as tardes, excepto aos sabbados, sahia, ia até á ponte, inclinava-se para o arroyo, pedia ao abysmo o amante, dirigindo-lhe os nomes mais ternos e carinhosos, sem se lembrar a infeliz que o abysmo não devolve mais o que se lhe entrega.

Maria já não era a rapariga a quem requestavam os rapazes de muitas legoas em redondo, e á medida que se ia completando a ruina de sua casa, ia perdendo tambem os seus encantos.

Já não era a menina branca; era a mulher pallida e macilenta, que uma velhice prematura arrasta ao tumulo. Era a namorada da morte, e não fôra sem rasão que a tia Gertrudes lhe dissera tantas vezes:

—Anda, anda, que algum dia cahirás!

VIII

Declinava a tarde; a noute principiava a cahir sinistra e pavorosa. Era em um sabbado do mez d'agosto.

Durante o dia o calor tinha sido suffocante, um calor dos tropicos. Ao pôr do sol, as nuvens velaram o ceo com um manto cinzento, cheio de manchas avermelhadas e negras. O relampago rasgava a pesada cupula carregada de pedras, e o trovão repetia por uma maneira pavorosa o ecco, que abalava a montanha.

Um sabbado... sim, era o nono depois da morte de Rafael...

Maria, que já não attentava nos dias da semana porque a sua rasão desvairada não lhe permittia esse reparo, sahiu do moinho com a roupa suja e rota e o cabello em desalinho. Inspirava dó e horror. Caminhava com aquelle passo incerto e desigual, peculiar dos loucos e dos ebrios, e tomou a direcção da ponte.

Os seus olhos fixos no espaço olhavam e não viam; nem sequer a luz do relampago fazia n'elles sensação.

Chegou d'este modo ao sitio costumado e inclinou-se para o abysmo, esperando talvez que as agoas turbulentas lhe restituissem o bem amado do seu coração.

Assim permaneceu uns dez minutos.

A tempestade rugia furiosa, ameaçando transtornar a ordem da natureza.

De repente, entre o fragor da torrente, ouviu-se uma voz terrivel, uma voz serena, mas que mettia medo, uma voz assás conhecida que lhe dizia:

—Foi por ali! Venho ver quando tu tambem te lanças!

Maria voltou a cabeça e deu de frente com a tia Gertrudes. Contemplaram-se ambas em silencio, um silencio aterrador, interrompido sómente pela cavernosa voz do trovão.

D'um salto Maria precipitou-se sobre a velha, agarrando-a pela garganta com os seus dedos crispados e principiando a estrangulal-a.

Mas a velha, sem perder a serenidade, não exalava um ai sequer, não pedia que a deixasse.

Maria saccudiu-a com força e atirou ao chão aquelle corpo que não se defendia. Longe d'isso, a velha ergueu-se e entrou de sorrir, um sorriso diabolico, com aquella boca desdentada e horrivel.

A joven tratou de fugir, mas debalde; até que desesperada, não achando outro meio de subtrahir-se áquella horrivel perseguição, subiu á varanda da ponte com o fim de precipitar-se no ribeiro...

IX

N'isto ouviu uma algazarra alegre e desusada.

Eram as suas amigas da aldeia que a iam vestir com os trajos de desposada, em quanto Rafael e os padrinhos a esperavam á porta do moinho.

Maria abriu os olhos e teve um estremecimento d'alegria...

X

Porque a formosa moleira sonhara tudo quanto acima deixo relatado.

NÃO CHORES!

—

Porque choras a perda de teu filho,
O' mãe? porque lhe segues o ataúde?
Não vês que a morte, ás vezes, tem mais brilho
Que o mais lindo sonhar da juventude?

Não sabes, mãe, que o marmore da campa
Esconde, tantas vezes, grandes dores?
Que o caminho da morte é o fim da rampa
Da desgraça fatal, dos dissabores?

Não chores! Se teu filho estremecido
Fugiu da terra para os ceos, ligeiro,
Talvez que no momento derradeiro
Amaldiçoasse o mundo fementido!

Quem sabe se o infeliz nas horas tristes
Passadas a chorar na solidão,
Clamava para Deus:— Senhor, se existes,
Extingue-me esta vida ao coração!

Quem sabe? porque a dôr do moribundo
Aos homens não é dado penetrar;
Quantas vezes lhe foge um ai profundo
Que a nossa alma não sabe avaliar!

....

Não chores, que se Deus ouviu o pobre
Cançado de soffrer a eterna dôr,
Esse pranto de mãe, que é santo e nobre,
Póde ser uma offensa ao Creadôr.

TEIXEIRA DE CARVALHO

UMA VICTORIA NAVAL

DOS PORTUGUEZES

—

(Conclusão)

Durante o mais rijo do combate, quando os nossos só pensavam em vender caras as vidas, fazendo da sua derrota uma acção gloriosa, quiz o acaso, ou determinou a Providencia, que uma bala, partida da náo *Nossa Senhora do Pilar,* levasse a morte ao commandante de uma das náos turcas, que mais empenhadas estavam na acção. Este successo poz tudo a bordo d'aquelle navio em tão grande desordem e confusão, que trataram immediatamente de procurar a salvação na fuga. Outros vasos da esquadra ottomana, ignorando o acontecido, mas vendo a náo em que ia o immediato ao seu almirante suspender o fogo, e retirar-se apressadamente, julgaram que toda a armada inimiga teria entrado em combate e que a sorte da guerra acabava de coroar as armas christãs. E sem esperar por mais voltaram tambem costas ao inimigo. O capitão pachá viu-se pois obrigado a seguir este movimento, que em breve se tornou geral. Tal foi a explicação d'aquelle quasi milagre!

O capitão pachá ainda pretendeu obstar a tão vergonhosa retirada, retrocedendo sobre as nossas náos; porém a esse tempo já toda a armada christã vinha correndo em sua perseguição, e além d'isso as perdas que soffrera no combate eram tão graves, que demandavam prompta reparação. Sete náos principalmente iam muito destroçadas, e quatro d'estas com tão grossa avaria, que se submergiram antes de chegarem ao porto de abrigo.

A noite e um forte temporal que sobreveio, separou os inimigos. A esquadra ottomana acolheu-se ao porto de Napoli de Romania, na Morea, d'onde depois passou para os Dardanellos e Constantinopla. Os venezianos lançaram ferro em Corfu. Os maltezes, romanos e toscanos recolheram-se aos seus estados; e a esquadra portugueza, depois de se reparar em Messina das avarias mais grossas, regressou ao Tejo, aonde entrou no dia 6 de novembro.

A perda dos nossos consistiu em oitenta mortos, em cujo numero entrou o capitão de mar e guerra Manoel André dos Santos, commandante da náo *Nossa Senhora do Pilar,* e cento e vinte feridos. As embarcações trouxeram grande destroço. A perda dos turcos foi calculada em alguns milhares de homens entre mortos e feridos; nos seus navios tiveram gravissimos prejuizos.

Foram os vencedores muito festejados na sua entrada em Lisboa, e el-rei D. João V remunerou generosamente o seu heroico comportamento.

*

Passado pouco tempo chegaram da côrte de Roma dois breves, um para el-rei e outro para o conde do Rio Grande, expressando os mais vivos agradecimentos pelo soccorro enviado tão a proposito em favor da egreja, e os maiores elogios ao esforço e bravura da armada portugueza.

A republica de Veneza não se mostrou menos agradecida do que o santo padre Clemente XI. João Mocenigo veio a Lisboa em embaixada extraordinaria significar ao nosso soberano o reconhecimento da pederosa senhora do Adriatico pela *insigne victoria alcançada pelas armas de Portugal.*

Para celebrar este triumpho cunharam-se em Roma medalhas d'ouro, de prata e cobre, tendo de um lado o retrato d'el-rei, com a letra em torno— *Joannes V. Rex Portug. et Algarb.*—, e do outro uma náo á vela passando entre duas columnas, e em cima— *Qua data porta juvat*— e por baixo— *Fusis, fugatisque Turcis Lusit. Clasis subsid. ad Fœnarun p. 1717.*

Possam estas recordações gloriosas d'um passado não mui remoto, excitarnos os brios, exaltar-nos o espirito amortecido, e fazer emfim com que pensemos seriamente, e trabalhemos com vontade e zêlo para readquirir a posição que perdemos, a posição de potencia maritima respeitada, a que nos dão direito os nossos portos e provincias ultramarinas, e aonde nos chamam todos os interesses do paiz.

O OVO

EXCERPTO

—

A sabia ignorancia, o perspicaz instincto dos nossos antepassados, tinha proferido este oraculo: «Tudo deriva do ovo». Embora a origem seja a mesma, todavia o destino depende, principalmente, da mãe: ella opera e prevê, ama com maior ou menor força, vota-se mais ou menos á maternidade; quanto mais esse sentimento se revela, tanto mais o animal sobe; cada grau na existencia depende do grau de amor.

O que póde fazer a mãe, na vida movel do peixe? Nada mais do que confiar seu ovo ao oceano.

O que póde ella no mundo dos insectos, onde geralmente morre apenas tem deposto o ovo? Obter-lhe, antes de morrer, um logar seguro, para desabrochar e viver.

Mesmo no animal superior, o quadrupede, em que o calor do sangue parece que deve agitar o amor, em que a propria mãe é por tanto tempo para o filho o seu ninho e seu carinhoso abrigo, os desvélos da maternidade nem por isso são maiores: o animal já nasce com as devidas fórmas, vestido, em tudo similhante a sua mãe; um leite substancial espera-o e em muitas especies chega mesmo a realisar-se a educação, sem que a mãe tenha por tal motivo mais cuidados do que na epoca em que o novo sêr se lhe desenvolvia no ventre. Outro é o destino da ave; ella morreria se não fosse amada!

Amada? Toda a mãe ama, desde o oceano até ás estrellas; eu quero dizer desveladamente tratada, cercada d'um amor infinito, envolvida do calor, do magnetismo materno!

Mesmo no ovo, onde vós a observaes resguardada pela concha calcarea, ella sente tão vivamente a impressão do ar, que qualquer ponto resfriado lhe custa no futuro um membro; d'ahi dimana o longo trabalho, tão inquieto, da incubação, o voluntario captiveiro, a immobilidade do mais movel dos sêres! E que doloroso é isso! Uma pedra a comprimir por tanto tempo o coração, a carne, muitas vezes até a carne viva!

Ella nasce, mas no estado de nudez, em quanto que o pequeno quadrupede, vestido desde o seu primeiro dia, rasteja e anda já; a mimosa ave, especialmente nas especies superiores, jaz sem pennugem, immovel sobre o dorso. E' não sómente chocando-a, mas usando d'uma cuidadosa fricção, que a mãe lhe conserva e suscita o calor; o joven mamifero sabe mamar e alimenta-se muito bem por si mesmo; a pequena ave tem d'esperar que a mãe lhe procure, escolha e prepare o sustento, e visto que não póde ser por ella abandonada, o pae virá em seu auxilio. Eis aqui a verdadeira familia; a fidelidade no amor é o primeiro clarão moral!

Nada aqui direi do aturado ensino do vôo, tão especial e tão perigoso; ainda menos do do canto, assaz dedicado nas aves artistas: o quadrupede aprende bem depressa tudo o que tem de saber; alguns quasi que galopam apenas nascem, e dando alguma queda, dizei-me, será por ventura a mesma couza escalar os ceos no vôo altivo, ou cahir sem perigo sobre a herva dos prados?

Peguemos em um ovo; esta forma elliptica, a mais comprehensivel, a mais bella, a que menos pontos expõe a um ataque exterior, dá a ideia de um pequeno mundo completo, ao qual nada se preciza tirar ou accrescentar. As cousas inorganicas não affectam quasi nunca uma fórma tão perfeita: eu desconfio que ha debaixo d'esta apparencia inerte um alto mysterio de vida! Alguma obra esmerada de Deus!

Qual será? O que deve sahir d'aqui? Não o sei... mas assaz o descortina aquella que, com as azas estendidas, tremula, o abraça e o amadurece com o seu calor; aquella que até agora livre e rainha do espaço, vivendo segundo o seu capricho, se apresenta de subito captiva, collocando-se immovel sobre este objecto mudo, que se presumiria uma pedra, e que ainda nada revéla.

Não me falleis do cego instincto; avaliar-se-ha pelos factos quanto este instincto perspicaz se modifica segundo as circumstancias, ou por outros termos, quanto esta razão começada differe pouco em natureza da elevada razão humana.

Sim, esta mãe, pela penetração, pela perspicacia do amor, sabe e vê distinctamente: atravez a espessa concha calcarea, aonde a nossa rude mão nada descobre, ella sente por um tacto delicado o sêr mysterioso que lá se fórma e nutre; é essa vista que a sustenta no duro trabalho da incubação; no seu tão longo captiveiro, ella o observa fraco e cheio de encantos, na sua pennugem da infancia; prevê já pela esperança o que elle será, quando, forte e atrevido, com as azas abertas, fixar o sol e vôar de encontro ás tempestades!

Aproveitemos estes dias, não apressemos as cousas; contemplemos socegadamente esta bella imagem da meditação materna, este segundo parto, pelo qual vae completar-se o invisivel objecto do amor, o filho desconhecido do desejo.

(Continua) MICHELET

O TIBRE

Os italianos chamam Tevere ao rio que banha a cidade eterna, nascido no monte Fumajolo, ramo dos Apenninos, e depois d'atravessar com um curso impetuoso o vale Tiberiano, entra nos antigos estados Pontificios, lançando-se logo abaixo d'Ostia no mar Tyrreno por dous ramos, que formam a ilha Sagrada. O ramo mais septentrional, chamado Fiumicino, tem perto de quatro kilometros; o outro, o mais meridional, chama-se Fiumara e tem sete kilometros.

O curso do Tibre é de tresentos e setenta kilometros; o fundo é baixo e muito areento, e não é nada facil a navegação, especialmente junto de Roma e na foz, onde os barqueiros necessitam ter muito cuidado.

Os barcos que navegam no Tibre teem uma forma particular; são chatos e largos, como se vê da gravura. O barqueiro vae na frente, observando a marcha do barco, que corre ao som da agoa.

Quando os gelos derretem, o Tibre enche consideravelmente, innundando as margens. O leito é lodacento, e a agoa tem uma côr amarellada. Nas margens poucas povoações ha.

A principio dava-se ao Tibre o nome de Albula em rasão da côr alvacenta das agoas; depois deram-lhe o nome de Tibre por causa d'um rei de Toscana, Tibris, famoso pelas suas rapinas, o qual morreu junto d'aquelle rio. Segundo Tito Livio, Tiberinus, rei da Albadeu o nome ao Tibre por se afogar n'elle. Mas é a Roma que deve a sua maior celebridade.

DESCENDO O TIBRE

J. DA SILVA

HAMADAN

Situada na provincia de Irak-Adjemi, no reino da Persia, a cerca de tresentos kilometros de distancia de Teheran, a cidade de Hamadan, que outr'ora gosou de grande celebridade, é ainda hoje notavel por ficar no caminho de Bagdad, Ispahan e Teheran, fazendo um commercio muito importante com essas cidades e produzindo grande quantidade de tapetes, sedas, couros, etc.

Uma cousa muito notavel d'esta cidade toda oriental, é que todas as ruas são plantadas d'arvores, e encontram-se a miude jardins deliciosos. Os arredores, porém, são tristes; só se veem ruinas, vestigios silenciosos, mas eloquentes, de um passado glorioso.

Onde hoje se acha situada Hamadan campeava out'rora uma cidade florescentissima, Ecbatane.

Hamadan encerra lindas mesquitas, basares e caravansarás, os restos d'um castello construido por Agha-Mahomet-Kan e um palacio que se diz ter pertencido aos antigos reis da Media.

Desde Dario até Gengis-Kan, Hamadan foi a côrte dos reis da Persia. Tomada e destruida por Timur no seculo XIV, esteve muito tempo esquecida; nos principios do seculo XVII soffreu rudemente por causa das guerras que se seguiram ao desthronamento de Schah-Hussein, e foi tomada d'assalto pelos turcos em tempo d'Achmed, pachá de Bagdad. Pertenceu á Turquia até que Nadir-Schah repelliu os turcos para além do rio Tigre, reunindo-a á Persia.

A população de Hamadan é de trinta mil habitantes.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

V

A EUROPA

(Continuação)

A Europa tem uma superficie de 10,180:000 kilometros quadrados e é habitada por 300 milhões d'almas, o que dá um habitante por cada kilometro quadrado.

Está situada entre 35° e 71° latitude norte, 13° de longitude oeste e 63° de longitude leste. Tem por limites: ao norte o Oceano Glacial arctico; a leste o pequeno rio Kara, os montes Ouraes, o rio Oural e o mar Caspio; ao sul o monte Caucaso, o mar Negro, o canal de Constantinopla, o mar de Marmara, o estreito dos Dardanellos, o Archipelago, o Mediterraneo e o estreito de Gibraltar; a oeste o Oceano Atlantico.

O clima é temperado, menos do lado do norte; contem numerosas minas de chumbo, ferro, estanho, cobre, carvão e prata.

Graças á suavidade do clima e á excellencia da agricultura, a Europa produz a maior parte das plantas necessarias ao homem.

O reino animal, rico d'especies uteis para o homem, só apresenta duas temiveis: o urso e o lobo.

A Europa conta dezeseis estados principaes, a saber: as ilhas Britanicas, Dinamarca, Suecia e Noruega, Russia da Europa, França, Belgica, Hollanda, estados da Allemanha, Prussia, Austria, Suissa, Hespanha, Portugal, Italia, Turquia da Europa e Grecia.

Contam-se na Europa 16 mares, 17 estreitos, 13 golfos, 42 ilhas ou grupos d'ilhas notaveis, 6 peninsulas, 2 isthmos, 17 cabos, 18 cadeias de montanhas, 3 volcões em actividade e um grande numero de volcões extinctos, 7 lagos principaes, 34 rios e numerosos canaes.

A Europa é a patria das sciencias, das artes e da industria. E' a menor das partes do mundo, mas é a mais povoada e aquella que tem a primasia sob o ponto de vista da civilisação e bem estar dos povos.

HAMADAN

VI

A PENINSULA

Passeemos um pouco na peninsula antes de nos despedirmos dos Pyreneos e tomar a França, para onde seguimos directamente.

Contemplemos antes de tudo o nosso paiz, Portugal, que occupa a parte mais occidental da Europa, pequeno em solo (90:000 kilometros quadrados), pequeno no numero de habitantes (45 milhões, ou 45 habitantes por kilometro quadrado), mas grande pela sua historia, pela recordação do seu passado glorioso.

O seu solo foi conquistado palmo a palmo aos mouros; a sua independencia custou rios de sangue. Este pequeno torrão deu grandes heroes. As descobertas dos nossos audaciosos navegadores dos seculos XIV e XVI, illustraram Portugal e deram-lhe foros de potencia maritima de primeira ordem. Passamos ao dominio hespanhol em 1580 e os hollandezes arrebataram-nos a maior parte das nossas colonias; recobramol-as com a independencia sob o sceptro da casa de Bragança; mas em 1822 o Brazil, o mais precioso florão da nossa corôa maritima, desprendeu-se novamente da metropole.

Portugal tem por limites: ao norte e a leste a Hespanha, ao sul e a oeste o Atlantico.

O solo é rico em metaes e pedras preciosas, e ha algumas minas de ferro; abundam os cereaes e as fructas; os nossos vinhos são afamados em todo o mundo; como a Hespanha, porém, Portugal é muito montanhoso e a sua agricultura e a industria estão bastante atrazadas. O nosso commercio, out'rora importantissimo, pode dizer-se que está hoje inteiramente nas mãos dos inglezes, que nos exploram.

Saudemos, antes d'abandonarmos esta occidental praia, a nossa capital, Lisboa, a cidade do marmore e do granito, agradavelmente recostada á beira do Tejo. Destruida quasi totalmente por um tremor de terra no 1.° de novembro de 1755, foi reedificada sob a direcção do marquez de Pombal, e divide-se em cidade nova e cidade velha. Esta consta de ruas feias e tortuosas; aquella tem ruas largas e direitas. O porto é um dos melhores do mundo: defendem-o duas torres. Possue bom arsenal e estaleiros militares.

Lisboa conta 275:000 habitantes.

A parte continental do reino que estamos contemplando divide-se em oito provincias, duas das quaes ficam ao norte, quatro no centro e duas ao sul. As do norte são: Minho e Traz-os-montes; as do centro, Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Extremadura; as do sul, Alemtejo e Algarve. As oito provincias comprehendem 17 districtos administrativos, que se subdividem em concelhos e estes em parochias. Ha em todo o reino 268 concelhos e 3:799 freguezias.

As principaes cidades, além da capital de que já fallamos, são: o Porto, o baluarte das nossas liberdades, esta famosa cidade onde estamos, que deu, dizem, o nome ao reino, conhecida em todo o mundo pelos excellentes vinhos que exporta para toda a parte, cidade de 120:000 habitantes; Coimbra (20:000 habitantes), celebre pela sua universidade; Braga, a rainha do Minho (18:000 h.), celebre pelo santuario do Bom Jesus do Monte; Evora (15:000 h.), onde se veem as antiquissimas ruinas do tem-

plo de Diana e do aqueducto de Sertorio; Elvas (10:000 h.); Vizeu, patria de Viriato (9:000 h.); Vianna, sobre o Lima, o Lethes dos antigos (8:000 h.), Faro (8:000 h.); Guimarães, o berço da monarchia (7:000 h.); Castello Branco (6:000 h.); Bragança (5:000 h.); Guarda (3:000 h.); Valença, na fronteira de Hespanha (2:000 h.).

De Valença a Hespanha são dous passos. Dizendo pois adeus a Portugal, atravessamos o rio Minho e entramos na Galiza, isto é, achamo-nos na Hespanha, a terra classica dos *hidalgos* e *toreadores*.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

II

CONTINUAÇÃO DO ANTECEDENTE

Os Cavalleiros do Amor era uma sociedade formada de rapazes de bom humor, cujas rapaziadas, por mais d'uma vez, fizeram rir o bom Carlos III, tão rigido no concernente á moral e bons costumes. Com isto queremos dizer que a associação não era em nada contraria á moral. Eram puramente rapaziadas como dissemos, e não excessos dignos de punição, as registradas pelos annaes da sociedade, a respeito da qual, apesar de ser muito conhecida na côrte, não se sabia quem eram os socios.

Armar pequenas desordens nos bailes populares; apasiguar ou promover pendencias nos botequins onde costumava concorrer a sociedade alegre; atar uma corda á aldrava da porta d'um boticario para o obrigar a estar levantado toda a noute; coser as saias das beatas nos sermões, novenas e procissões, de que tão prodiga era a epoca de que fallamos; fazer a côrte a todas as donzellas formosas, fosse qual fosse a sua classe e condicção; estar sempre prompto a tirar a espada em defensa propria e de qualquer companheiro, ou d'um desvalido, ou d'um innocente; zombar das rondas, das milicias ou dos guardas nocturnos, taes eram os estatutos d'aquella associação, ácerca da qual se referiam aventuras as mais chistosas.

Guevara foi desde o primeiro momento aclamado presidente d'aquella sociedade, que já se achava constituida e cujos estatutos não podia alterar. E dizemos isto porque exactamente nos estatutos havia um artigo com o qual o nosso bom amigo não se podia conformar.

Era o de que nenhum dos Cavalleiros do Amor poderia nunca casar-se, pela rasão de que, dedicados completamente ao prazer, o casamento era um jugo de que os proprios socios tratavam mutuamente de livrar-se. Aquelle que infringisse esse artigo, era obrigado a baterse com qualquer dos associados, até pedir perdão, ou se arrependesse do facto, ou em caso contrario até que um dos dous succumbisse.

Esta condicção era excessivamente dura e até immoral; mas Guevara encontrou firmes os seus companheiros em deixal-a subsistir, apesar de que até esse momento não havia tido logar nenhum duello, sem embargo d'alguns socios terem casado, e os estatutos não se modificaram e a sociedade tomou notavel incremento com a entrada de D. Luiz.

A chamada do joven á camara do monarca, de preferencia a outros cavalleiros que antes que elle esperavam audiencia, não pôde deixar de chamar a attenção, dando margem a diversos commentarios.

—Sustento o que disse, exclamou um dos sujeitos. A desapparição de Guevara, de que ha pouco fallamos, foi sem duvida motivada por uma missão particular do soberano.

—E' um fidalgo que entrou com o pé direito na côrte, disse outro.

—Se o protege Floridablanca!

—E tem boas condicções para proseguir.

—Emfim, acrescentou um fidalgo velho, quando elle sahir veremos na expressão do seu rosto se demonstra o modo como foi recebido.

Todos deram rasão ao fidalgo e decidiram-se a esperal-o; mas passada uma hora, o conde de Fernan-Nuñez, gentilhomem da real camara e um dos mais fieis servidores do monarca, appareceu na ante-camara e disse:

—Senhores. Sua magestade encarregou-me de dizer-vos que esta tarde lhe é completamente impossivel receber-vos.

Os cortezãos saudaram o conde e foram pouco a pouco esvasiando a sala, fazendo cada qual os commentarios que a sua imaginação lhes suggeria.

No entretanto o joven, alvo de todos os commentarios, tinha penetrado na real camara, e Carlos III, depois d'estenderlhe affectuosamente a mão, que elle beijou com a expressão do mais profundo respeito, disse:

—Já descançou, D. Luiz?

—Para servir a Vossa Magestade, respondeu o joven, nunca senti o menor cansaço, senhor.

—Desempenhou uma tarefa muito rude e em pouco tempo. Li a memoria que escreveu e por ella se aprecia bem o trabalho que teve.

—Se consegui agradar a Vossa Magestade, se desempenhei o cargo a contento do meu soberano, dou-me por bem pago de todos os sacrificios.

—Sim, de certo. Comprehendeu os meus desejos e apraz-me manifestar-lhe a minha satisfação. Desejo porém que me conte quanto viu e a opinião que forma sobre certos pontos, em que a memoria é pouco explicita e que eu desejava conhecer perfeitamente.

Luiz referiu então ao monarca todos os incidentes da sua viagem, e o rei escutou attentamente a narração, convencendo-se que a missão que lhe confiara a desempenhara elle com o maior escrupulo e fidelidade; mas, desejando ainda que o joven lhe desse francamente a sua opinião, mandou pelo conde de Fernan-Nuñez participar aos fidalgos que esperavam audiencia que os não podia receber aquella tarde.

No fim d'aquella conferencia, o rei deu os parabens ao cavalleiro e disse:

—Parece-me, segundo tenho ouvido dizer, que o senhor alegou certos direitos ao condado e senhorio de Castro-Nuño, que hoje pertence á coroa.

D. Luiz referiu a el-rei as particularidades e direitos que lhe assistiam n'essa pertenção, dizendo que aquelle titulo fôra tirado a seu pae em rasão de seguir a politica contraria a D. João d'Austria, em tempo de D. Carlos II.

—Pois bem, senhor conde de Castro-Nuño, disse o rei; participe a seu pae que lhe devolvo esse titulo.

—Oh! Senhor, tanta bondade! exclamou D. Luiz entre confuso e alegre.

—Apraz-me premiar os leaes servidores, tornou o rei; e diga a seu pae que estimarei vel-o pela côrte. E quanto a si, meu amigo, continue, que eu me encarrego do seu futuro.

—Bastante recompensado estou com o que Vossa Magestade acaba de fazer.

A entrevista terminou, e D. Luiz, depois de beijar ardentemente a mão ao soberano, que com uma só palavra havia mudado de tal modo a sua situação, sahiu da camara e logo depois do palacio.

(Continua)

O POETA

FRAGMENTO

—

Poeta! que nome santo!
Ha quem se ria, bem sei,
D'um rei sem c'roa, sem manto,
Mas ainda assim, sempre rei;
Rei que domina a materia!
Rei que vence a prescripção!
Que tem por manto a miseria,
Por diadema a inspiração!

Vêde Camões; contemplae-o
Com o seu genio immortal!
Da sorte avergado ao raio,
Vem a expirar no hospital!
Dante, cujo fogo eterno
Lhe requeima o coração,
Desce as escadas do inferno
Em busca da inspiração!

Gilbert mata-se! soberbo!
Chatterton morre! que luz!
Expiram de Deus ao verbo
Pregado na immensa cruz!
Terrivel magoa os consome!
Verga-os a dor, a afflição,
Mas nem ao menos a fome
Lhes reprime a inspiração!

Cantam sempre, e sempre á gloria,
Sempre aos diademas do amor,
N'esta vida transitoria
Lançam as mãos com fervor!
Embora a fronte selvagem
Lh'a queime um negro tufão,
Tem, da vida na voragem,
Tem por astro a inspiração!

A inspiração, luz que abraza,
Mas que illumina tambem,
Temos cá dentro uma aza
Como essas que as aguias tem!
Ah! quando essa aza irrequieta
Nos arroja na amplidão,
E' quando Deus ao poeta
Vem ceder a inspiração!

GUILHERME BRAGA

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

III

NAVIO Á VISTA

O tombadilho estava juncado de seis centos a sete centos cadaveres: marinheiros, soldados, passageiros, homens, mulheres e creanças.

Algumas mulheres, que o enjoo retinha nos camarotes, abandonaram-os á pressa quando receberam a noticia do perigo que corriam, e similhantes a phantasmas, no meio d'aquella noute tempestuosa, á luz dos relampagos, no meio do ribombar dos trovões, corriam desordenadamente pela coberta, chamando uma o pae, a outra o irmão e a outra o marido.

Por um instincto natural, essas sete centas pessoas, em logar de se unirem, de se apertarem umas contra as outras, tinham-se dividido em grupos, os fortes unidos com os fortes, os fracos com os fracos.

Os grupos permittiam a circulação nos intervallos que deixavam livres.

Alguns marinheiros e soldados, os mais resolutos, o menor numero por conseguinte, foram collocar-se mesmo por cima do paiol da polvora, afim de serem os primeiros exterminados e para que a explosão no centro da qual deviam acharse pozesse immediatamente termo aos seus soffrimentos.

Entre os diversos grupos uns esperavam a sua sorte com uma resignação silenciosa ou uma insensibilidade estupida. Outros torciam os braços, gritando sem nexo e entregando-se a todas as variantes da desesperação mais completa. Muitos estavam de joelhos e imploravam em altos brados, derramando abundantes lagrimas, a protecção do Altissimo.

Muitas mulheres e filhos de soldados tinham invadido os camarotes da popa e resavam de companhia com as mulheres dos officiaes e passageiros. Entre estas desgraçadas algumas havia, dotadas de sublime coragem, parecendo anjos enviados pelo Senhor para preparar a morte á creatura mortal a quem Deus tem sempre o direito de tirar a vida que lhe ha dado.

No meio d'esta horrenda confusão, algumas creanças, ignorando o perigo, brincavam nas suas camas, ou conversavam alegremente, dando a mostrar pela franqueza do rosto que o Senhor affastava da sua angelica innocencia até a apparencia do perigo.

Mas não acontecia assim com os demais. Um passageiro ainda moço approximou-se do major Mac Gregor.

—Major, disse-lhe; qual a sua opinião?

—Senhor, respondeu o major, preparemo-nos para descansar esta mesma noute no seio de Deus.

O rapaz inclinou-se melancolicamente e apertando a mão do major:

—O meu espirito está em paz com Deus, major, disse; e no entretanto, confesso, receio bem esse momento ultimo, por mais que tenha tal receio por absurdo.

N'este momento, como se o mar se enfurecesse porque um outro elemento se preparava para arrebatar o navio que aquelle já considerava presa sua, que attrahia a si por todas as bocas dos seus abysmos, uma d'essas vagas terriveis que trepam pelos mastros, que se precipitam sobre a coberta e levam tudo, arrancou a bitacula, quebrando as amarras, e fez a bussola em pedaços, levando tudo comsigo.

Foi um momento terrivel. Um morno silencio seguiu a volta de mar, e todos olharam ao redor indagando se faltaria algum ente querido, levado pela vaga alterosa; eis que de repente se ouve a voz do contra-mestre, exclamando com uma grande afflição:

—Capitão! O mar destruiu a bussola!

Toda a gente estremeceu; sabe-se o que é um navio perdido e errante ao acaso no meio do Oceano.

Um joven official, que até então dera mostras da maior serenidade, tirou da sua canana uma trança de cabellos louros e collocou-os sobre o coração. Um outro tomou papel e escreveu a seu pae algumas linhas, introduzindo depois o papel em uma garrafa, esperando que esta, recolhida por alguma alma caridosa, chegaria ás mãos de seu pae e o poria ao facto da catastrophe, poupando ao pobre velho longos annos d'incerteza e anciedade.

Quando o joven official se acercou da amurada para lançar a garrafa ao mar, um dos segundos, de nome Thomson, lembrou-se de mandar subir um marinheiro ao cesto da gavia, para verificar se se avistava algum navio que podesse soccorrer o *Kent*. Era uma esperança ultima, muito fraca por certo, e entretanto reanimou os espiritos mais fracos.

Esperou-se pois com uma angustia inexpimivel.

O marinheiro mergulhou o olhar em toda a vastidão do Oceano. Depois, de subito, agitando o chapeu:

—Uma vela a sotavento! exclamou.

Tres gritos d'alegria se soltaram então.

Deu-se ordem de disparar um tiro de peça de minuto em minuto, e dirigiu-se a manobra de maneira a ir ao encontro do navio á vista.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

MANDAMENTOS D'UM AVARENTO

1.º— Amar a si mesmo sobre todas as cousas.

2.º— Jurar, e não em vão, rir-se das necessidades alheias.

3.º— Santificar o dinheiro, unico deus conhecido n'este mundo.

4.º— Não dar a pae nem a mãe.

5.º— Matar o proximo á força de sugal-o.

6.º— Não dizer mal dos que pagam bem.

7.º— Não furtar mais do que o que póde.

8.º— Não levantar o que tiver cahido.

9.º— Fugir das mulheres, que enganam um santo.

10.º— Cubiçar todas as riquezas do universo.

Estes dez mandamentos encerram-se em dous: o primeiro amar a si proprio sobre todas as cousas e o segundo rir do proximo que se deixa lograr.

—

CONSELHO

Um auctor dá o seguinte conselho a todos os homens:

Se tua mulher se empenhar em que te deites do telhado abaixo, pede a Deus que elle seja baixo.

—

UMA CABEÇA EM DEMANDA

Thomaz Moore, chanceler d'Inglaterra, foi enforcado em Londres em 1535.

No dia anterior ao do seu julgamento ia-lhe o barbeiro fazer a barba na forma do costume; mas elle recusou, dizendo:

—O rei e eu andamos em demanda, para saber a quem pertence a minha cabeça. Ora, se elle tem que m'a expropriar, escusado é estar-lhe eu a fazer bemfeitorias.

E despediu o barbeiro.

—

O SINAI

Entre os sitios mais notaveis da Palestina e da Arabia, occupa um dos primeiros logares o monte Sinai, que está situado quasi no extremo do isthmo que entra pelo mar Vermelho dentro, e junto do qual se vê o mosteiro de Santa Catharina, que a nossa gravura representa.

O mosteiro está cercado d'altos muros de boa cantaria, mas d'altura desigual, em rasão de seguir as sinuosidades do terreno. Só tem uma porta, tapada desde ha muito tempo, por causa dos beduinos que outr'ora invadiam o convento e saqueavam tudo.

Os viajantes são içados pelos frades, dentro d'uma especie de cesto, entrando por uma janella, que está a cerca de dez metros acima do chão. A janella, o cesto e a corda, colhida por meio d'um cabrestante, dão um aspecto grave e solemne ao mosteiro. O viajante, assim içado, experimenta a mesma sensação como se penetrasse em um castello e se fechasse sobre elle a formidavel ponte levadiça.

Ha perto de duzentos annos que não ha outros meios de communicação com o convento. Antes d'isso os ataques dos beduinos eram muito frequentes.

Pela janella atiram os viandantes esmolas aos frades, que não teem outros meios de viver.

O convento é digno d'uma visita. Reina uma ordem e um aceio admiraveis; os frades gosam da melhor saude; o interior, emfim, apresenta um contraste muito notavel com a natureza selvagem do exterior e a physionomia miseravel dos habitantes do deserto.

A egreja é lindissima. Nota-se especialmente um formoso mosaico, que adorna a abobada da capella-mor. E' porém pena que esse bello trabalho esteja enegrecido pelo fumo dos cirios e alampadas que ardem constantemente diante das reliquias que a egreja encerra.

A dupla montanha que se ergue por detraz do convento são os montes Sinai e Horeb. Para subir ao Sinai é necessario transpor um barranco, onde os frades em outros tempos tinham lançado uma escadaria muito regular. Um pouco antes de chegar ao alto do Sinai, no sitio em que as duas montanhas se separam, ha uma porta, em forma d'arco, com uma cruz por cima. Antigamente nenhum viajante passava por aquelle sitio sem que em antes se confessasse a um dos frades, que á vez ali iam orar. Contam os religiosos que querendo um judeu entrar a porta e subir ao Sinai, surgiu uma cruz de ferro a cortar-lhe a entrada, e que, arrependido, o judeu se fez immediatamente baptisar no regato que corre na quebrada.

Dous edificios dominam o Sinai; a capella do convento e uma mesquita. De tudo não ha senão ruinas, que o tempo se vae encarregando de fazer desapparecer.

CONVENTO DE SANTA CATHARINA E O MONTE SINAI

AGRADECIMENTO

A' imprensa periodica de todo o paiz, que tem acolhido esta publicação com phrases do mais subido louvor, aos meus amigos que me teem coadjuvado por qualquer modo n'esta empreza, ao publico em geral, sempre bom e generoso para as tentativas uteis e para o trabalho honesto, os meus sinceros agradecimentos e os protestos da minha mais viva e profunda gratidão.

Porto 30 de setembro de 1880.

Antonio Augusto Leal.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza litteraria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

POR 20 REIS, Compram-se n'esta redacção os numeros 1, 2 e 3 do CAMÕES, que se acham esgotados.

PORTO—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 47.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 7

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 14 DE OUTUBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — Os druidas — Ao redor do mundo sem sahir de casa — A filha do rei (conto historico) por Costa Goodolphim — O ovo (excerpto) por Michelet — Na Russia — O Tintoreto, por J. da Silva — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O Missionario (poesia) por Sebastião Pereira da Cunha — A Venus negra — Zig-Zags: Amor da patria — Odessa — Agradecimento — Prospecto.
Illustrações: — Os druidas — Um trenó atacado pelos lobos — O Tintoreto — Odessa

OS DRUIDAS

OS DRUIDAS

Entre os povos celticos, e especialmente entre as tribus gaulezas e gaelicas da Gram-Bretanha, havia uma especie de religião, cujos ministros se chamavam druidas. A religião cujos sacerdotes eram, não passava d'um como naturalismo, cujos vestigios desappareceram mais tarde, confundidos nos principios do polytheismo romano.

Aquellas tribus semi-barbaras adoravam os phenomenos, os agentes da natureza, as montanhas, os ventos, as tempestades, personificando n'estes elementos as forças do universo e a alma humana. *Tarann* era o deus do ceo, o motor e arbitro do mundo; o sol, sob o nome de *Bel*, fazia crescer as plantas salutares e presidia á medicina; *Heus* ou *Hesus*, era a deusa da guerra; *Teutatés* presidia ao commercio e á industria; *Ognirus* á eloquencia e á poesia.

O druidismo acreditava na eternidade da materia e do espirito e proclamava a metempsycose. A este ultimo dogma andava ligada a ideia moral das penas e das recompensas.

Como muitas castas sacerdotaes da antiguidade, os druidas tinham o monopolio das sciencias do seu tempo e da sua terra. Conheciam a astronomia e exerciam a medicina; mas os seus remedios eram todos baseados na magia. As plantas que empregavam como preservativo e remedio eram colhidas com um grande ceremonial. Mas o remedio, a panaceia universal, era o visco, posto sobre a arvore sagrada, diziam, por uma mão divina e cuja verdura eterna era um symbolo da immortalidade. A arvore sagrada era o carvalho; a planta parasita, para ter virtude, devia ser colhida com a foucinha d'ouro e no meio d'um grande apparato.

Conheciam o futuro, davam prophecias, curavam os males incuraveis, applacavam as tempestades. Por isso a maior parte dos druidas habitavam no meio das ondas, nas ilhas e recifes da costa armonicana. Os seus ritos selvagens, os gritos de que os acompanhavam, os vivos transportes de phrenesi, que tinham certa similhança com o furor das bacchantes e as orgias da Samothracia, enchiam os navegantes d'um terror mystico. Os seus santuarios mais nomeados eram na foz do Loire e na ilha do Sena, em Finisterra.

Outros habitavam no centro d'espessas florestas, e dizem que d'ahi se derivou o nome d'aquelles sacerdotes, por que *druida* é uma palavra celtica, que vem do sanscrito *dru,* arvore, d'onde igualmente se deriva a palavra grega *drus*, carvalho.

Como os aruspices da Etruria e de Roma, os druidas predíziam o futuro pelo vôo das aves e pela inspecção das en-

tranhas das victimas. Se não inventaram os sacrificios humanos, foram elles pelo menos que os introduziram na Galia e Gram-Bretanha. As victimas eram quasi sempre criminosos e prisioneiros de guerra, e sobre o seu sangue fumegante formavam os prognosticos. Algumas vezes apunhalavam-os, outras degolavam-os, outras crivavam-os de flexas, e outras emfim mettiam-os vivos dentro de feixes de vimes, lançando-lhes o fogo.

Como não tinham templos nem altares, faziam os sacrificios sobre enormes pedras, chamadas *dolmens* de que ainda se encontram vestigios numerosos em certos sitios de França, na Inglaterra, na Irlanda, na Dinamarca e na Suecia.

A religião druidica tinha chegado ao apogeo do seu desenvolvimento no seculo que precedeu a conquista de Cesar. N'essa epoca porém parece que já os sacrificios humanos tinham sido proscriptos. Expulsos das Galias, os druidas foram refugiar-se nas ilhas britanicas, onde mais tarde o general Agricola os cercou e exterminou.

O christianismo devia acabar a obra de destruição começada pelo polytheismo romano. Comtudo aquella religião repugnante subsistiu durante muito tempo, especialmente na Irlanda e no paiz de Gales, e diversas das suas praticas e algumas das suas superstições conservaram-se por muito tempo entre as populações christãs.

REAL GABINETE PORTUGUEZ ★ DE LEITURA ★ Rua Luiz de Camões, 30 RIO DE JANEIRO

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

V

A PENINSULA

(Continuação)

Estamos, como te disse, na Hespanha; entramos pela Galiza dentro e vamos seguindo para Madrid. Pelo caminho vamos conversando ácerca do paiz que visitamos.

A Hespanha é limitada ao norte pelo golfo de Gasconha e os Pyreneos; a leste pelo Mediterraneo; ao sul pelo Mediterraneo e o estreito de Gibraltar; a oeste pelo nosso Portugal. A sua superficie é de 465:000 kilometros quadrados e a população consta de 16 milhões de habitantes, o que dá 34 habitantes por kilometro quadrado.

Tem um solo fertil, apezar de montanhoso; ao sul produz abundantemente; dão-se bem as laranjeiras, cidreiras, algodoeiros, a cana do assucar, a vinha. A agricultura, porém, assim como a industria, estão pouco desenvolvidas. São numerosas as minas; ha boas creações de gados, extremando-se as mulas e os carneiros merinos, que são estimados.

Dissemos que a Hespanha era montanhosa: no centro do reino ha montanhas cobertas de neve, d'entre as quaes se destacam os montes Cantabros e os montes Ibericos. O clima é frio nas serras; nos plainos é quente e secco, e assim tambem nas vertentes do Mediterraneo.

Tal é o paiz que atravessamos.

Enriquecida em rasão da descoberta do novo mundo, poderosa pelas suas immensas possessões, a Hespanha parecia, no principio do seculo XVI, que viria um dia a concentrar nas suas mãos o imperio universal. A morte de Carlos V, porém, minou-lhe a decadencia e depois d'isso nunca mais se levantou.

Apezar da riqueza do solo, a Hespanha é pobre; a instrucção está pouco divulgada; miseria physica e moral. Triste quadro! Este reino que outr'ora dava leis ao mundo inteiro, não sabe hoje governar-se a si mesmo!

Os mouros expulsos ao cabo de sete centos annos de guerras encarniçadas, deixaram-lhe ricos monumentos: Sevilha e a sua cathedral, Cordova, antigo centro da dominação dos califas, Toledo, que antigamente produzia optimas armas brancas, Granada, orgulhosa do seu palacio mourisco da Alhambra.

Mas não nos antecipemos.

A Hespanha está dividida em 49 provincias.

A capital é Madrid, cidade de 300:000 habitantes, edificada no meio d'uma planicie areenta, atravessada pelo Manzanares, cuja magnifica ponte é digna de vêr-se. Tem lindas portas, sendo a melhor a Porta do Sol, que é o ponto mais central de Madrid; tem palacios sumptuosos, vastas ruas e praças, em que se acotovela uma população ruidosa e alegre.

Perto de Madrid está o palacio do Escurial, que merece a nossa visita. O mosteiro, que era da ordem de S. Jeronymo e dedicado a S. Lourenço, foi mandado edificar pelo rei Filippe II em memoria de ter alcançado a memoravel batalha de S. Quintino, contra os francezes, no dia de S. Lourenço do anno de 1557.

As cidades principaes da Hespanha são: Barcelona (180:000 habitantes) excellente porto de guerra e de commercio; Sevilha (118:000 h.), cidade notavel pelos seus monumentos, o principal dos quaes é a Giralda; Valencia (107:000 h.), praça forte, e que tem um grande commercio de vinhos; Saragoça (82:000 h.), que em 1809 sustentou um cerco memoravel contra os francezes, Cadiz; cidade forte e muito commercial (70:000 h.); Granada (67:000 h.); Valladolid (40:000 h.); Cordova (36:000 h.); a Corunha (36:000 h.); Alicante, Malaga, Xerez, cidades notaveis pelos seus excellentes vinhos; Pamplona (25:000 h.); Burgos, a patria do Cid (25:000 h.); Victoria (18:000 h.); Badajoz, na fronteira de Portugal (17:000 h.); Salamanca (16:000 h.), celebre pela sua universidade; Bilbao, celebre pelos diversos cercos que tem sustentado (15:000 h.); S. Sebastião (14:000 h.); Segovia, importante fabricação de pannos (10:000 h.).

A Hespanha possue no Mediterraneo o grupo das ilhas Baleares, outr'ora muito celebres pelos seus habeis bésteiros. A capital é Palma, cidade de 53:000 habitantes. As ilhas todas teem 260:000 almas.

Gibraltar, tambem no Mediterraneo, foi outr'ora possessão hespanhola; a Inglaterra tomou-a em 1704.

Retrocedamos agora e tomemos pelos Pyreneos o caminho de França. Encontramos ali, encravada no meio d'um valle, a pequena republica d'Andorra, estado independente, sub o protectorado da França, com um territorio de 495 kilometros quadrados, e uma população de 18:000 habitantes. A capital é Andorra.

Tem a republica, que data do tempo de Carlos Magno, 40 logares, repartidos por seis communas ou parochias.

Eis aqui os plainos de Roncesvalles, as novas Thermopylas, onde os montanhezes vasconços immolaram uma grande parte do exercito de Carlos Magno; eis S. João Pied-de-Port; passamos o desfiladeiro de Haguetta, e chegamos a Bayonna, na fralda dos Pyreneos, pequena cidade de 28:000 habitantes, que defende a fronteira e tem resistido a quatorze cercos. Costeemos agora o canal de Gasconha e estamos em França.

(Continua)

A FILHA DO REI

CONTO HISTORICO

—

I

—Porque vos vejo sempre tão triste, D. Ximena? Que magoa tão profunda vem humedecer de lagrimas esses olhos tão formosos? Cercada de tanta magestade, filha de um rei tão piedoso e querido do seu povo, vejo-vos sempre triste e melancolica como a mais infeliz das donzellas do reino de vosso pae! Dizei-me, D. Ximena, flor dos meus encantos, qual é a magoa que vos opprime?

Era um gentil mancebo da esclarecida nobreza da côrte de D. Ordonho, quem apertando a mão a D. Ximena com intimo transporte, soltava estas palavras.

—Ai! disse a filha de D. Ordonho; a minha dôr é muito intima, o meu soffrimento muito doloroso! Que me importam estas galas de que estou revestida, este fausto que me cerca por toda a parte, estas joias preciosas com que me vejo ornada, se me faltam os carinhos de D. Elvira, minha extremosa mãe! Que me importa este palacio sumptuoso aonde vivo, tantos servos promptos para me obedecerem, se ao lado de tudo isto soffro o genio altivo e a indifferença de Aragonta; se, finalmente, em vez do suave nome de mãe, os meus labios proferem hoje o de madrasta!

E D. Ximena, a mais formosa filha

de el-rei D. Ordonho, ao proferir estas palavras, reclinou a fronte pallida e triste no hombro do gentil cavalleiro com quem fallava.

—Mas, disse o joven a D. Ximena, se vos falta o carinho de mãe, se viveis triste e aborrecida soffrendo o orgulho de vossa madrasta, não tendes em mim um cavalleiro que vos adora, que vos ha de seguir na terra em todos os caminhos, que estará sempre a vosso lado para vos defender com a mais estremada dedicação, porque vós sois o meu unico thesouro, o unico enlevo de todos os meus sonhos!... Não choreis, D. Ximena; nunca a mulher é desgraçada quando tem a seu lado um coração para a idolatrar, um braço para a defender e um alaude para a exaltar!

E D. Ximena, em um jubilo convulsivo, apertou a mão do mancebo contra o seu peito.

—Quereis ir viver comigo para um sitio aonde vosso pae não vos possa perseguir, aonde só as flores, as aves, as estrellas e a lua leiam os sonhos do nosso amor, aonde as lagrimas que hoje vos correm se mudarão em sorrisos de intensa ventura, porque não haverá uma hora no dia em que a mais leve nuvem de tristeza venha toldar o horisonte da nossa alegria? Quereis? Respondei, D. Ximena, flor da minha vida. Quereis a felicidade ou o infortunio, o paraiso ou o inferno, a liberdade ou o captiveiro?

—A'manhã vos darei a resposta. Abandonar a casa de meu pae, tornar-me fugitiva com um mancebo...

— Com um mancebo que sente nas veias correr o sangue nobre dos seus antepassados!

—Bem o sei, cavalleiro.

—Dae-me a resposta, Ximena; não vos quero ver sempre oppressa em tanta dôr. Amanhã vos virei buscar no meu mais veloz ginete, não é assim?

— E juraes-me que sempre me haveis de amar?

—Sempre, sempre, disse o cavalleiro; até ámanhã á noite.

—Entrego-vos o meu destino. Não vades converter uma infeliz em uma martyr.

Um osculo na mão da princeza foi a resposta do cavalleiro.

II

Como é triste o destino da donzella a quem na primavera da existencia faltam os carinhos e os conselhos suaves da mãe que a estremece como a porção mais bella de sua alma! Como os seus passos são incertos e como ella sem pensar se acha á beira de mil precipicios!

A sua alma candida e innocente deixa-se embalar nas esperanças que lhe dão e deposita uma fé pura como os seus pensamentos em todos os conselhos que lhe transmittem. Mas o mundo abusa d'aquella innocencia, sorri d'aquella ingenuidade e acaba por transportar tão mimosa flor para o terreno impuro onde só vejetam as paixões mesquinhas.

Como ha de ser medonha a extrema agonia da mãe, que não comprehendendo o religioso dever de encaminhar a filha, a veja lançada na perdição do mundo, escutando dentro d'alma esta voz terrivel:—«Fui eu quem te desgraçou?»

Mas D. Ximena não tinha que lançar recriminações senão á sua má estrella, que a deixára na terra sem D. Elvira. Aragonta era madrasta e este nome é sufficiente para explicar todo o desamor que havia de ter para com D. Ximena. Por isso as palavras artificiosas do cavalleiro acharam ecco em sua alma dolorida, e não pensando nos perigos a que seria exposta, cerrou os olhos da razão, não escutou a voz de amor de filha para com D. Ordonho, e á hora ajustada, eil-a esperando o gentil cavalleiro, o qual, chegando proximo da janella, a recebeu nos braços, montou no seu formoso ginete e seguiu em direção dos terrenos affastados e cheios de espesso mato, onde seria bem difficil os soldados de D. Ordonho penetrarem, na certeza de os não encontrar.

Mas o cavalleiro, ao passo que ia anoitecendo, sentia fugir-lhe a esperança, em vista do perigo a que se expunha. Se D. Ordonho o encontrasse, se viesse a descobrir que fôra elle quem fugira com a filha, que immenso castigo não o esperava! Estas considerações fizeram affastar de si toda a nobreza de sentimentos, e conceber o mais perfido e vil plano que se póde praticar.

Chegando a sitio onde as arvores formavam um espesso bosque, ali fez apear D. Ximena, dizendo-lhe com as mais convincentes maneiras que ia ao proximo povoado buscar provisões de que careciam, mas em breve voltaria.

Receou D. Ximena ficar sósinha; mas o cavalleiro lhe mostrou os inconvenientes de o acompanhar.

(Continua) COSTA GOODOLPHIM

O OVO

EXCERPTO

(Conclusão)

Delicioso espectaculo; mais do que delicioso, sublime! Aqui devemos ser modestos; na especie humana a mãe ama o que se revolve no seu ventre, o que ella toca, conserva e envolve na evidencia da posse; ama a realidade garantida, agitada e movente, que corresponde aos seus movimentos; mas a outra ama o futuro e o desconhecido: o seu coração pulsa solitario, sem ainda encontrar nenhum ecco, e todavia, nem por isso menos ama, e sacrifica-se, e soffre; soffreria até á morte pelo seu sonho e a sua fé.

Fé poderosa, efficaz, que realisa um mundo, e o mais admiravel, talvez! Não me falleis dos sóes, da chimica elementar dos globos.... A maravilha d'um ovo do passaro-mosca vale tanto como a via lactea! Comprehendei que este pequeno ponto, que julgaes imperceptivel, é um perfeito oceano, o mar de leite, aonde flutua ainda em germen o querido do céo; flutua, é verdade, mas não receeis o naufragio, porque os mais delicados ligamentos o conservam suspenso; está livre dos choques e das contusões: nada mui suavemente no tepido elemento, assim como mais tarde lhe ha de succeder no ar! Que segurança profunda, que estado excellente no seio de uma habitação nutrictiva, e quanto superior á dos que são alimentados!

Mas attendei.... reparai que elle tambem no seu somno divino sentiu a mãe, o seu calor magnetico, e começa dôcemente a sonhar, sonho que se traduz em movimento: elle quer imital-a, sêr-lhe em tudo conforme, e o seu primeiro acto, acto d'amor obscuro, é assimilhar-se-lhe.

Não sabes tu que o amor transforma em si o que ama?!

E logo que se assimilha á mãe, quer reunir-se-lhe; inclina-se, busca um apoio mais proximo da concha, unico obstaculo que dá logar á separação; ella então escuta-o, e é ás vezes tão feliz que póde ouvir-lhe já o seu primeiro reclamo: mas elle não se contentára com isso, enche-se de coragem, toma uma decisão; vendo que tem um bico, emprega-o como auxiliar, fere, racha, fende o muro que o prende: vendo que tem pés, chama-os em ajuda!.. Eis aqui o trabalho começado... A sua retribuição é o livramento... Vae gosar da liberdade!

Pintar o arrebatamento, a agitação, a prodigiosa solicitude, finalmente todos os cuidados maternos, é o que nós aqui não fazemos; ainda ha pouco acabamos de mostrar as difficuldades da educação. A ave não é iniciada senão pelo tempo e pela ternura; superior no vôo, ainda se torna mais distincta em ter tido um lar para o qual a vida irradiava da mãe; assim pois, alimentado por ella, e emancipado pelo pae, este animal, o mais livre de todos da creação, é o favorito do amor.

Se quizermos admirar a fecundidade da natureza, o vigor da invenção, a esplendida riqueza, que espanta, que chega mesmo a aterrar, pelos milhões de milagres oppostos que sabe tirar d'uma creação identica, olhemos para este ovo em tudo similhante a qualquer outro, e d'onde todavia irromperão as tribus infinitas, que vão vôar pelo mundo!

Da obscura unidade, a natureza verte, derrama em numerosissimos raios, prodigiosamente divergentes, estas chammas aligeras, a que chamaes aves, flammejantes de ardor e de vida, de côr e de canto!

Da ardente mão de Deus desliga-se incessantemente este immenso leque de uma diversidade assombrosa, onde tudo brilha, onde tudo canta, onde tudo me

innunda de harmonia e luz... Fascinado... baixo a vista!...

Melodiosas faiscas do lume celestial, aonde é que não attingis?! Para vós não ha altura, nem distancia; o céo, o abysmo, é tudo um; que nuvem, ou que mar profundo deixa de vos ser accessivel?! A terra em sua vasta redondeza, por maior que ella seja, com os seus montes, oceanos e valles, pertence-vos! Eu vos escuto debaixo do equador, ardentes como os raios do sol: eu vos ouço no polo, n'esse eterno silencio onde a vida tem cessado, onde o ultimo musgo se extingue; ahi o proprio urso olha de longe e se afasta rugindo, em quanto que vós ficaes ainda, e viveis, amaes e manifestaes a Deus, daes animação á morte em desertos tão horriveis: os vossos ternos amores tornam innocente aquillo a que os homens chamam a barbaridade da natureza!

Michelet

O TINTORETO

—

Jacopo Robusti era o nome do celebre pintor, um dos mais illustres que conta a escola veneziana. O sobrenome de Tintoreto proveio-lhe de ser o pae tintureiro, em italiano *tintore*, e é por elle que é mais conhecido.

Nasceu em Veneza em 1512 e morreu em 1594.

Foi discipulo de Ticiano e conta-se que este grande mestre não pôde deixar de sentir ciumes das raras disposições que o discipulo mostrava para a arte de que mais tarde devia ser um grande ornamento.

Um dos seus primeiros quadros foi o milagre do escravo, pintado aos trinta annos, para a escola de S. Marcos de Veneza. E' uma pintura admiravel. D'ella disse um auctor celebre: «Não é o milagre do escravo; é o milagre do Tintoreto.»

Parece-nos que não se pode fazer um elogio maior.

São immensas as suas obras; a ennumeração das principaes sequer não caberia nas dimensões d'um breve artigo. Limitamo-nos a dizer que são pela maior parte dignas d'admiração.

Todas as egrejas de Veneza teem pinturas do Tintoreto.

No museu do Louvre, em Paris, ha um retrato do Tintoreto, que elle mesmo executou quando estava velho. E' a copia d'esse retrato que damos aqui, reproduzida pela gravura.

J. da Silva

NA RUSSIA

—

O inverno é uma estação terrivel no grande imperio de todas as Russias. Não é só o frio que apoquenta os habitantes, o gelo que cobre os caminhos, que intercepta as communicações, sendo necessario com immenso trabalho abrir passagem para os pobres que teem que se transportar d'um sitio a outro.

Ha um inimigo mais terrivel. Os lobos, esses carnivoros impiedosos, pululam em todos os districtos, e esfomeados, quando o solo, as arvores e as casas estão cobertas de neve, a falta de sustentação torna-os ferozes. Para fazer ideia do perigo que ha em viajar no inverno, basta ouvir da boca d'algum habitante do vasto imperio a historia d'um d'esses terriveis encontros, que não são raros, e comprehender-se-ha então se é ou não justificado o terror que inspiram aquelles animaes ferozes ás pessoas que são obrigadas a viajar.

O episodio que a gravura representa tem o interesse d'um drama commovente e pinta bem ao vivo as peripecias de uma lucta heroica entre uma mãe que quer arrancar o filhinho ás garras dos lobos esfomeados e os animaes ferozes que procuram arrebatar a presa, que lhes foge, e que emfim conseguiu escapar-lhes ao cabo de esforços os mais desesperados.

UM TRENÓ ATACADO PELOS LOBOS

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

—

(Continuação)

IV

O CAMBRIA

Durante quinze ou vinte minutos todos os olhares estiveram fixos no navio, que mais tarde se soube ser o *Cambria*, pequeno brigue de duzentas toneladas, que ia com destino para Vera Cruz, commandado pelo capitão Cook, e levando vinte a trinta mineiros de Cornouailles e outros empregados da companhia anglo-mexicana.

A anciedade era immensa, porque a todos preocupava esta ideia: se, a seu turno, do *Cambria* se avistava o *Kent*.

Estes vinte minutos foram um seculo.

Não havia a menor duvida de que os tiros disparados de bordo não podiam ouvir-se; a tempestade rugia tão furiosa e o mar despedia um bramido tão medonho, que a artilheria não era nada em comparação; mas o que se podia era ver o fumo que envolvia o navio como um veo negro, e que, similhante a uma tromba, se erguia da superficie do mar.

Ao cabo d'alguns minutos de angustia viu-se o brigue içar pavilhão inglez e correr em soccorro do *Kent*.

Foi uma alegria indiscriptivel.

Este raio d'esperança, este clarão de salvação, que succedia á obscuridade da morte, illuminou todos os corações, e entretanto, calculando o espaço que havia a percorrer, a pequenez do navio que vinha em soccorro do *Kent*, o estado espantoso do mar, havia oitenta probabilida-

des ainda sobre cem que o navio fizesse explosão antes que aquelle que se avistava podesse recolher apenas a decima parte, e emfim tudo indicava que o transbordo era impossivel.

N'esse momento, e ao passo que o capitão Cobb, o coronel e o major Mac Gregor celebravam conselho sobre os meios mais promptos e seguros de pôr as lanchas a nado, um tenente do 31 approximou-se do major e perguntou-lhe em que ordem deviam os officiaes sahir do navio.

—Na ordem que se observa nos funeraes, respondeu com voz segura o major.

Então, como se o official julgasse que convinha receber uma ordem superior, voltou-se para o coronel Fearon e interrogou-o com o olhar.

—Pois que! disse o coronel. Não ouviu? Os aspirantes primeiro; mas, antes de tudo, as mulheres e creanças. Será atravessado á espada o homem que procurar descer antes d'elles.

O official afastou-se, fazendo com a cabeça um signal indicativo de que a ordem sería fielmente executada.

Com effeito, para impedir a agglomeração que era d'esperar, segundo os signaes d'impaciencia que se manifestavam entre os soldados, e até entre os marinheiros, dous officiaes, d'espada desembainhada, pozeram-se de sentinella junto de cada lancha; mas, é justo dizel-o, ao encarar os officiaes e observar o seu ar resoluto, os soldados e marinheiros mais apressados em fugir tiveram modo de si mesmos e foram os primeiros a dar o exemplo da subordinação e da disciplina.

Pelas duas horas ou duas horas e meia a lancha estava prompta. Immediatamente o capitão ordenou que se fizessem descer tantas mulheres d'officiaes, de passageiros e soldados quantas a embarcação podesse conter.

Viu-se então desfilar pela coberta o lugubre cortejo d'aquellas desgraçadas, vestidas com a primeira roupa que encontraram, e que, arrastando as creanças com uma mão, estendiam a outra para aquelle, pae, irmão ou marido, que abandonavam a uma morte quasi certa.

O cortejo seguiu em direcção do castello de popa até á portinhola debaixo da qual a lancha estava suspensa.

Não se despediu um grito, não se proferiu uma queixa. Até as creanças, como se comprehendessem a solemnidade do acto, tinham cessado de chorar. Duas ou tres mulheres apenas pediram que as deixassem ficar junto de seus maridos. Mas a voz do major ou do coronel respondia:— Marche!— e a infeliz tomava o logar na fileira, silenciosa e resignada.

Quando se lhes disse que cada minuto de demora podia ser a perda de tudo quanto ficava a bordo, então, sem pedirem mais nada, nem mesmo aquella triste permissão de morrer com os maridos, ellas arrancaram-se dos seus braços e com a força d'alma que só se encontra em uma mulher, foram tomar o seu logar na lancha, que cahiu immediatamente no mar.

Os mais crentes na misericordia divina não esperavam, tal era o furor do mar, que a lancha podesse conservar-se direita cinco minutos.

Os marinheiros postados aos ovens gritaram por duas vezes que a lancha fazia agoa; mas o major, alongando a mão e com voz forte, disse:

—Aquelle que fez caminhar o apostolo por sobre as ondas poderá muito bem sustentar nossas mulheres e filhos sobre as agoas! Largae!

O major Mac Gregor tinha na lancha a mulher e um filho.

O caso, porém, não era dar a ordem; era executal-a.

(Continua)

O TINTORETO

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

III

DE QUE MODO D. LUIZ DE GUEVARA EMPREGAVA O TEMPO

Acabavam de dar as Ave-Marias, e as ruas da antiga Madrid, estreitas e tortuosas, viam-se illuminadas, mais pelas alampadas dependuradas devotamente diante d'um nicho onde havia uma imagem, ou pelos archotes com que os escudeiros de algum grande fidalgo iam illuminando o seu senhor, do que pelos candieiros que alguns annos antes o rei D. Carlos mandara collocar.

Uma ou outra sombra via-se deslisar ao correr da parede d'uma casa; parava diante d'uma porta ou janella; fazia um signal e abria-se immediatamente a porta e a sombra desapparecia detraz d'ella, ou então na janella apparecia outra sombra e entabolava-se um d'esses dialogos recatados e ardentes que só os namorados sabem entabolar.

Acontecia algumas vezes que outra sombra os interrompia; trocavam-se palavras breves e duras; ouviam-se durante alguns segundos os sons das espadas cruzando-se, até que o rumor d'um corpo que cahia e os passos precipitados d'outro que fugia davam por terminado aquelle incidente.

N'aquella epoca o rumor d'uma lucta, as imprecações de um combate ou os gemidos de um moribundo, eram cousa tão frequente, que ninguem se importava com isso, e se alguma janella se abria ao ouvir o rumor da lucta, podia affirmar-se sem receio d'erro que pertencia á casa d'alguma beata curiosa e intromettida.

O nobre conde de Lazan, D. Diogo Ortiz de Quiñones, habitava um palacete solitario em um dos extremos da cidade, em companhia de sua filha Maria, formosissima donzella de desesete annos, orphã de mãe, tão discreta como formosa e tão meiga como discreta.

O conde de Lazan, homem de letras e cavalleiro d'alta linhagem, passava por um dos mais dignos personagens do seu tempo; mas era de caracter tão brusco e arrebatado, que mais o temiam do que o amavam.

Maria era o unico ser que alegrava o rosto severo de seu pae, a quem na côrte se considerava muito, mas com quem muito poucos sympathisavam.

Maria era uma branca açucena que principiava a romper o involucro, annunciando já todo o thesouro de pureza e formosura que se encerrava n'elle. Nada mais delicado, nada mais suave, nada mais encantador do que aquella joven; educada, porém, por um pae rigido e severo e por um irmão ascetico e nobre, tinha adquirido uma gravidade, um aprumo e um bom juizo, tão recto e digno, que pareciam improprios da sua idade e da corrupção que reinava na côrte.

Luiz de Guevara tivera sempre a entrada franca em casa do conde. Este e o pae de Luiz, foram companheiros sempre

durante o reinado anterior e a pobreza do segundo não foi motivo para esfriarem aquellas relações d'amizade. Muitas vezes, fallando os dous paes, e lamentando-se Francisco de Guevara do triste e obscuro porvir que estava reservado ao seu primogenito, tinha-lhe dito o conde:

—Não tenhas pena, Francisco; teu filho tem um coração d'ouro e uma vontade de ferro. Com taes predicados subirá alto.

A alegria do velho quando soube que o filho tinha entrado ao serviço do rei tocou as raias do delirio, e tanto o conde como a filha felicitaram-o cordealmente.

Maria e Luiz haviam sido companheiros da infancia quando ella foi passar algum tempo no palacio de Ubeda. Viram-se mais tarde na côrte e Luiz sentiu-se perturbado na presença de Maria, notando esta que o seu rosto se coloria e o seu coração palpitava com mais força.

A pouco e pouco estes symptomas tomaram um caracter mais serio, e quando Luiz lhe beijava a mão, os seus labios queimavam e o fogo d'este beijo abrasava o coração da joven. Por fim, sem que dessem por tal, involuntariamente, sem saber o que faziam, os seus labios pronunciaram as primeiras phrases d'amor e os seus corações trocaram os primeiros juramentos.

Unicamente depois, quando Guevara reflexionou a sangue frio sobre a nova situação que se havia creado, estremeceu pensando nas consequencias que ella podia trazer-lhe.

Posto que por nascimento não fosse menos illustre do que a sua amada, era pobre, ao passo que a joven possuia uma das maiores fortunas de Castella.

Mas já não havia meio de retroceder. Amava e era amado. Viu diante de si um futuro immenso e confiou n'elle. Desde esse dia só pensou em uma cousa.

Hespanha era então uma nação respeitada; o rei sabia escolher para os cargos publicos os homens de talento, e elle já estava junto do rei. Chegar a ser primeiro ministro do rei, tal era a sua ambição. Traçado o plano da conducta que devia seguir, não trepidou mais.

Maria era o seu idolo. Por causa d'ella trabalhava, e o galardão que com ella esperava devia compensal-o de sobra do desgosto e repugnancia que lhe inspirava a venalidade e corrupção d'aquella côrte.

Os ultimos sons do toque das Ave-Marias perdiam-se no espaço, como dissemos ao principiar este capitulo, e Maria, anciosa e apaixonada, esperava com impaciencia o querido do seu coração.

A candida joven não tinha outras alegrias além d'aquellas palestras timidas e recatadas, em que dous corações se communicavam mysteriosamente.

Educada quasi sem mãe, pois a perdeu muito nova, seu pae, com os cuidados da côrte, não pôde dar-lhe o carinho, todas essas delicadas attenções que tanto apetecem as creanças e que só as mães sabem dar. Foi assim que desde que entrou d'amar Luiz lhe pareceu que entrava em uma vida nova. Concentrou n'aquelle amor todos os seus gosos e toda a sua ventura, e vivia de contemplar o gentil pagem quando o tinha diante de si e de recordal-o quando elle estava ausente.

Sabido isto, é facil de comprehender a anciedade com que o esperava.

Havia muito tempo que despedira a criada particular, e Luiz não fazia o signal combinado.

Sentada em uma cadeira alta, no fundo do seu quarto, tinha os olhos fitos na janella que ficava em frente, escutando com extraordinaria avidez o mais imperceptivel rumor que se ouvia na rua.

De repente o seu rosto desanuviou-se. Levantou-se de repente e correu á janella.

O debil rumor d'uns pés que iam caminhando pela rua adiante, com a maior precaução, parara de subito, succedendo-lhe uma pequena pancada dada na gelosia.

—Obrigada, minha mãe! murmurou Maria fixando um olhar resplandecente de prazer em uma imagem que se via sobre um reclinatorio, no lado opposto da sala.

Abriu cautelosamente a janella e disse:

—Quanto tardou, Luiz!

—Perdoe-me, luz dos meus olhos! respondeu Luiz com acento namorado. Pesa-me na alma que possa cuidar que a tardança fosse motivada por mim!

—Se soubesse quanto tenho soffrido!...

—O rei foi o culpado.

—O rei! E com que direito se intromette o rei nos nossos amores? Não se julga satisfeito com retel-o junto a si a maior parte do dia, senão que ainda lhe quer roubar as unicas horas em que podemos fallar sem testemunhas? Parece-me que chegaria a aborrecer o rei, apesar do affecto e lealdade tão encarnada na minha familia, se continuasse a retel-o em palacio.

—Não me falle assim, Maria, porque ouvindo-a, a minha resolução vacilla, e devo mantel-a firme pelo nosso mesmo amor.

—Não o comprehendo.

—Já sabe a immensa distancia que nos separa.

—E reparei n'ella para o amar, Luiz? disse a joven com candida singeleza.

(Continua)

O MISSIONARIO

I

Condemne-o o mundo, embora... Ha-de o meu pobre canto,
Singelo, porém livre, em extasi d'espanto,
Alçar-lhe este padrão;
E se ahi me acolher a sceptica risada,
Não calo a minha voz; não paro sobre a estrada,
Nem temo essa irrisão.

Não. Que eu vejo saudar o intrepido soldado,
Que a morte foi buscar nas filas de um quadrado,
Das fauces de um obuz,
E o monge escarnecer, que, humilde, cruza os mares,
Para a crença implantar no chão dos aduares,
Armado só da cruz.

E'-lhe docel de gloria a coma da palmeira,
Junto ao tronco da qual a turba carniceira
Em martyr o inverteu;
E expira! E uma só voz ao mundo não attesta
A serena constancia, a intrepidez modesta
Do que por Deus morreu!...

E' nobre esta missão. Finar-se assim é nobre.
E se o mundo o esqueceu, a mão que o mundo cobre
Do martyr se lembrou;
E, em quanto a turba ignara em seu sangue ainda quente
Ceva a ira voraz, sua alma resplendente
Dos céos no seio entrou.

....

II

De plaga longinqua nos fundos desertos
Um vulto passava, do escuro ao crescer;
Barrancos dentados, abysmos abertos
Galgava, arrojado, sem nada temer.

Um genio par'cia, da noite arrombando
O tetrico seio co'a rigida mão...
Não era! Era um monge que assim caminhando,
Casava co'o peito a cruz do christão.

Qual fosse o destino que ali o levava,
Quem n'essas paragens o ousara saber?
E envolto em mysterios, o ermo crusava,
Aos p'rigos alheio, do escuro ao crescer.

Eis pára...E o lenho sagrado osculando,
Com elle se abraça, e, n'um gesto veloz,
Depois, para as nuvens a vista elevando,
Desprende dos labios a tremula voz.

III

—O' Cruz, esp'rança unica
Do monge desterrado,
Attende, ouve o meu brado,
Reliquia de Jesus.
Conforta o que, solicito,
Desamparou seus lares;
E em virginaes palmares
Veio plantar-te, ó Cruz!

As amplidões arabicas
Atravessei comtigo.
Tu foste o meu abrigo,
A minha força e luz.
Eu vi brotar os barbaros
Dos torridos desertos,
E logo os fiz libertos
Por teu poder, ó Cruz!

Por entre as trevas lôbregas,
Levei-te a toda a parte,
Tu foste-me o estandarte
Nos descampados nus.
Junto á fogueira horrifica,
Em frente da tortura,
Saudei-te com doçura
E vi-me salvo, ó Cruz!

Não quiz Deus o martyrio,
Do monge era outra a sorte;
Pouparam-me ainda á morte
Os inimigos crus.
E então com minhas lagrimas,
Qual por costume tenho,
Banhei-te, ó santo lenho,
Meu refrigerio, ó Cruz.

O' Cruz, esp'rança unica
Do monge desterrado,
Attende, ouve o meu brado,
Reliquia de Jesus.
Conforta o que, solicito,
Desamparou seus lares,
E em virginaes palmares
Veio plantar-te, ó Cruz.»

IV

Homem da fé! heroe! agronomo christão!
Limpa o suor da fronte, e encosta no alvião
O peito e o cançaço.
Teu trabalho não vês? O grão, que já brotou,
Messe pingue se fez, nos sulcos, que lavrou
O teu robusto braço.

Descança... e recomeça, até o sol descer,
No teu, ao seu occaso, e então pódes dizer
Ao terminar a lida:
A obra finda está; pagal-a cumpre a Deus
Co'a feria, que Elle dá aos operarios seus
No sabbado da vida.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

A VENUS NEGRA

—

Desde que o capitão Cook, em fevereiro de 1779, foi morto ás mãos dos selvagens de Hauai e Oahi, até á data d'hoje, o grupo que constitue as ilhas Sandwich tem cambiado completamente de caracter, de forma e até de costumes. Hoje está aquelle reino collocado scb a protecção dos Estados Unidos, ou, para melhor dizer, acha-se annexado á poderosa republica. Convem dizer, antes de penetrar no fundo d'este artigo, que as ilhas Sandwich são onze, entre as quaes ha sete habitadas desde a sua descoberta. Calcula-se que teem uma superficie de oito centas legoas quadradas e tres a quatro mil habitantes.

Que deliciosa e bella porção de terra em sitio tão apartado do mundo, ou antes tão escondida no meio das immensas ondas do Pacifico! Que abençoadas e tranquilas regiões são aquellas que se levantam entre os mysterios geographicos da Polynesia!

Segundo a narração do viajante italiano Botta, que visitou aquelle distante grupo quando os habitantes viviam sob o seu caracter primitivo, resulta que os homens são em geral altos e bem proporcionados, sendo porém diversos na côr, pois ha-os cuja pelle é d'um moreno claro, quasi amarella, ao passo que outros são quasi negros. Teem o rosto largo e quadrado, os olhos grandes, negros e vivos, a boca mais que mediana e bem formada, e o nariz um pouco largo. O cabello é negro e comprido, pouquissimas vezes encrespado, e quasi nunca liso, havendo individuos que lhe dão uma côr avermelhada com oca. Ha velhos com barba espessa e comprida. Quanto ás mulheres, apesar de não serem excessivamente bonitas, tambem não podem ser qualificadas de feias, distinguindo-se especialmente na perfeição das suas formas. Antigamente costumavam abandonar-se desde creanças á prostituição.

Aquelles homens que se pintam com côres tão negras são cheios de bondade e amabilidade. Um europeu pode percorrer só e sem armas todas as partes do archipelago com mais confiança do que em muitas cidades europeias, o que demonstra que, desde a catastrophe do capitão Cook, os costumes foram-se paulatinamente mudando até á adopção dos usos europeus.

Durante este periodo de transformação social, tem desapparecido o costume que tinham os sandwichianos de pintar-se, costume outr'ora tão rigoroso, que nem sequer escapava a ponta da lingoa. Os chefes vestem hoje segundo a moda europeia, assim como as mulheres, entre as quaes ha algumas muito elegantes.

Antes d'esta transformação a gente do povo não usava outro vestido além d'uma faixa, chamada *maro*, uma parte da qual passavam por debaixo das coixas, prendendo-a ao redor dos rins, e as mulheres cobriam-se ordinariamente com um panno, no qual embrulhavam o corpo, adornando-se além d'isso com colares e outros objectos, feitos de flores e pennas.

Quando Laperouse visitou aquelles mares, descobriu de longe as montanhas de Mowna-Kaa, irmã quasi gemea do Mowna-Rocc. Com o fim de reconhecer o paiz, mandou no *Astrolabio* um dos seus mais entendidos officiaes de marinha, para que percorresse e examinasse minuciosamente o archipelago, em quanto atraz d'elle iria fazer aguada nas ilhas Marquezas, já então descobertas e frequentadas pelos francezes.

O official que recebera tão delicada missão do chefe chamava-se Ernesto Bettencourt e era descendente d'um dos mais intrepidos navegadores portuguezes. Era mancebo ainda, d'aspecto jovial e maneiras delicadas. Avançando com o navio pelo lado de leste, diriguiu-se para o Mowna-Kaa, com ideia d'atracar á fralda da montanha, que é a mais elevada da ilha Hauai, e cujo declive offerece os melhores ancoradouros. Quando se achava porém a poucas milhas da ilha, levantou-se uma furiosa tempestade e todos os esforços empregados pelo habil commandante para alcançar terra foram inefficazes. Bettencourt queria a todo o transe cumprir as ordens do seu chefe; mas, por mais diligencias que fez, secundado valorosamente pela tripulação, tudo foi inutil, dando-se ainda a circunstancia de sobrevir a noute, e com a noute augmentou a tempestade. O joven navegante achava-se no seu posto, dando as ordens convenientes, quando uma furiosa volta de mar varreu a coberta, e as ondas enraivecidas arrebataram o official, levando-o comsigo.

A tripulação fez quanto humanamente era possivel para salvar o ousado capitão; mas tudo foi infructuoso. Convencidos emfim de que o bravo Bettencourt encontrara a sepultura no seio dos mares, em cumprimento do seu dever, e como o perigo era imminente, os marinheiros reconheceram a urgencia de se affastarem d'aquella costa, dirigindo-se ás Marquezas para dar conta a Laperouse da perda do commandante do *Astrolabio*.

A borrasca durou toda a noute, e na manhã seguinte o valente Bettencourt, que, arrebatado pelas ondas, havia luctado desesperadamente contra a morte, achou-se, outro Robinson, no meio d'uma praia deserta, onde o mar o tinha arrojado.

Acabava de recobrar os sentidos, e ao abrir os olhos para reconhecer a sua situação, viu ao seu lado, ajoelhada na areia, uma mulher negra, mas joven e formosa, que lhe amparava carinhosamente a cabeça.

Quem era esta mulher?

Bettencourt não se atreveu a interrogal-a. A sua attenção concentrou-se toda nos successos do dia anterior, de que ainda se viam os vestigios, isto é, roupas dos tripulantes que as ondas haviam arrebatado durante a tempestade, a que o navio por milagre escapou.

O desgraçado não possuia então a plena consciencia do que se passava, e olhou para todos os lados como se despertasse d'um sonho. A mulher selvagem que o protegia, a solidão, o mar immenso que se desdobrava na sua frente, sem que se avistasse um barco sequer, tudo isto lhe fez comprehender a realidade, cruel, terrivel, da sua situação.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

AMOR DA PATRIA

O amor da patria é um dos sentimentos mais nobres do homem, e que em todas as epocas tem inspirado acções verdadeiramente heroicas. Quem vive expatriado sente todos os dias as saudades da terra natal a torturar-lhe o espirito e a enegrecer-lhe a existencia.

E' conhecida na Suissa uma canção nacional muito popular, intitulada *Ranz das vaccas*. Esta musica imita o mugido do gado nas montanhas, o echo dos valles e dos lagos, e traz sempre á memoria os primeiros amores, os carinhos dos paes, as doces relações da familia e os encantos da patria.

Esta musica produz tal impressão nos suissos, desperta-lhes por tal forma os sentimentos de patriotismo, que foi preciso prohibir que se tocasse diante dos soldados suissos ao serviço da França e da Hollanda, para evitar a deserção a que não podiam resistir estes bons e leaes soldados.

ODESSA

—

Cidade muito importante do imperio da Russia, na Europa, Odessa está situada no governo de Kherson, a mil e seis centos kilometros de S. Petersburgo, sobre o mar Negro, com dous portos, um na foz do Dnieper e outro na foz do Dniester. A população é de cento e vinte mil habitantes.

E' residencia d'um governador general e de um governador militar, e todas as nações ali teem consules.

O aspecto da cidade é em extremo agradavel. As ruas são largas e perfeitamente alinhadas, guarnecidas todas d'arvores. Encerra edificios muito notaveis, d'entre os quaes devemos especialisar a cathedral, edificio d'estylo severo e coroado por uma cupula elegantissima. Ha mais trinta e seis egrejas, uma catholica, outra protestante e duas synagogas.

E' digna de menção a universidade, fundada pelo duque Armando Manoel de Richelieu, governador que foi d'Odessa desde o anno de 1803 até ao anno de 1815, e a quem os habitantes da cidade levantaram um monumento, que se vê na esplanada, em frente do porto, em memoria dos muitos e valiosos melhoramentos com que dotou a cidade.

A estatua do duque campeia sobre um elevado pedestal, circundado por uma grade.

Além da universidade, possue Odessa dous gymnasios, escolas de commercio e navegação, escola de lingoas orientaes, escola militar, instituida pelo imperador Alexandre, um seminario, jardim botanico, bibliothecas e um museu, onde se juntaram todos os objectos d'arte d'epocas antigas, recolhidos na parte meridional da Russia.

São tambem dignos de mencionar-se, d'entre os edificios d'outra ordem, o almirantado, o hospital civil, a alfandega, a bolsa, o theatro, um hospital militar, um hospicio d'orphãos e um basar.

A cidade é protegida por seis fortes, bem artilhados, e que lhe podem permittir a resistencia a um longo cerco. Um extenso aqueducto abastece-a d'agoa doce.

Em rasão da sua magnifica posição, Odessa é hoje a terceira praça maritima e commercial da Russia. E' necessariamente o imporio de todo o commercio d'aquellas regiões. Exporta prodigiosas quantidades de trigo, cera, madeiras das especies mais estimadas, a que vulgarmente se dão os nomes de pinho e carvalho do norte, tão empregados em construcções de todo o genero, e com especialidade nas navaes; exporta linho, ricas pelles da Ukrania e outros muitos productos.

ODESSA

Importa, além d'isso, os vinhos e fructas do Mediterraneo, os couros e as sedas do levante, assim como os outros artigos permittidos do luxo estrangeiro.

Odessa possue igualmente grande numero de fabricas de sedas, de lans e de sabão.

A cidade está edificada em terreno inclinado, no sopé do qual fica o porto, que tem capacidade para conter tresentos navios, o que produz um immenso movimento commercial. Tambem ali aflue grande numero d'estrangeiros.

AGRADECIMENTO

A' imprensa periodica de todo o paiz, que tem acolhido esta publicação com phrases do mais subido louvor, aos meus amigos que me teem coadjuvado por qualquer modo n'esta empreza, ao publico em geral, sempre bom e generoso para as tentativas uteis e para o trabalho honesto, os meus sinceros agradecimentos e os protestos da minha mais viva e profunda gratidão.

Porto 30 de setembro de 1880.

Antonio Augusto Leal.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza litteraria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.° andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHA-SE já reimpresso o numero 1 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.
Os numeros 2 e 3 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 8

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 21 DE OUTUBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — O Ariosto — A filha do rei (conto historico) por Costa Goodolphim — O orvalho e a lagrima, (poesia) por F. — Emile Guimet, pelo padre Patricio — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Nantes, por J. da Silva — Elogio do cão — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — As creanças (poesia) por Helena de Carvalho — A Venus negra — No leque de Annita (poesia) por Vieira Natividade — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Tragedias do Harem — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Ariosto — Castello de Nantes — O cão de caça — Uma odalisca.

O ARIOSTO

—

Só á Italia foi dado o raro privilegio d'apresentar á admiração do mundo, com um seculo apenas d'intervallo, dous genios como Ariosto e Tasso, dous nomes que compendiam toda a gloria litteraria d'um povo, como o do nosso Camões, e cujos livros são para sempre immortaes. Os *Luziadas*, a *Jerusalem Libertada* e o *Rolando Furioso* são poemas inimitaveis, como aquelles monumentos antigos que a arte moderna procura debalde igualar.

Dos tres poemas que deixamos mencionados, o menos conhecido é o ultimo; e sem embargo não lhe falta o merecimento. Pelo contrario, merece não só ser lido, mas estudado com attenção. Ha n'elle muito que aprender. Deve-se visitar aquella longa galeria de paladinos da côrte de Carlos Magno, remontar a ininterrupta serie de legendas, de bruxedos, de tradicções cavalheirescas, em que os gigantes, os anões, os feiticeiros, as castelãs, representam um papel importante, historias maravilhosas, escrupulosamente reproduzidas pelo bom do arcebispo de Turpin, tão a miude citado pelo poeta italiano.

Entre nós quasi que só se conhece pelo titulo o poema de *Rolando*. E comtudo é uma obra de muito recreio. Nada ha de comparavel aos grandes golpes da espada de Rolando, de Ferragus, de Renaud, de Mandricart, de Sacripanta, de Rodomonte; nada mais gracioso do que Alcina, a seductora fada, e Angelica, a dama de fascinadora belleza. Que incessante variedade de quadros, de discripções animadas, de coloquios alegres! Tudo n'este poema dá as mãos para attrahir o leitor; Astolpho, Rogerio, Marphisa, Bradamante, todos os personagens emfim, figuram em uma serie d'aventuras, de peripecias extranhas, que não nos cançamos nunca d'admirar.

ARIOSTO

Tempo é de dedicarmos duas palavras ao auctor do *Rolando*.

Ludovico Ariosto nasceu em Regio, no estado de Modena, em 8 de setembro de 1474. O pae era fidalgo da côrte do duque de Ferrara, e foi n'esta ultima cidade que o pequeno Ludovico estudou. Desde creança manifestou uma grande vocação para a poesia, compondo peças soltas, que mereceram a approvação dos entendidos.

Foi ali que escreveu o poema, com o qual gastou onze annos, e cuja publicação teve logar em 1516. Era então muito differente do que é hoje; tinha apenas quarenta cantos e estava crivado d'erros. Ainda assim, os erudictos declararam desde logo que era o melhor poema que até áquella data tinha apparecido e a fama envolveu o nome do poeta, que, não se deixando adormecer á sombra dos primeiros louros, tratou de corrigir a obra com uma tenacidade que deve ser mais um motivo da admiração dos estudiosos.

Apesar da grande voga que teve na Italia e das successivas edições que appareciam, o Ariosto não cessava de corrigir o poema, e até chegou a emprehender algumas viagens para receber os conselhos dos homens mais celebres do seu tempo; aproveitando todos os conselhos e a parte sensata das criticas que appareciam, publicou em 1532 uma edição do *Rolando*, em quarenta e seis cantos, com mudanças e addicções consideraveis, emfim conforme hoje está.

Attribue-se ao insano trabalho que esta edição lhe deu o germen da morte, que o arrebatou aos cincoenta annos d'idade, em 6 de junho de 1533. Foi dado á sepultura sem pompa, segundo determinação sua; mas quarenta annos depois um fidalgo ferrarense, discipulo que fôra do grande poeta, mandou-o trasladar para a nova egreja dos benedictinos, onde lhe levantou um soberbo tumulo de marmore, ornado d'elegantes lavores, e no qual pelas suas proprias mãos depositou os restos do seu chorado mestre, no dia anniversario da sua morte. Passados, porém, outros quarenta annos, um neto do Ariosto fez levantar á sua memoria um monumento ainda mais custoso do que o primeiro, para onde foram trasladadas, e onde dormem o somno eterno, as cinzas do grande poeta, que será sempre uma das primeiras glorias da Italia.

A FILHA DO REI

CONTO HISTORICO

—

(Conclusão)

III

—Uma novidade venho dar, senhor lavrador.

—Qual é, meu rapaz?

—E' que ao romper da alva, quando eu levava o rebanho a pastar, divisei caminhando por meio da serra, uma moça, tão bem amanhada como as senhoras da côrte do nosso rei D. Ordonho. Trajava um bem alindado vestido de seda, pente d'ouro, e uns anneis, que bem os via brilhar quando ella segurava os cabellos que o vento despenteava.

—Porque não a chamaste?

—Se ia tão longe...

Assim fallava um pastor com Tello de Menezes, dono do casal conhecido n'aquelles tempos pelo casal dos Menezes, cujos proprietarios descendiam de illustres familias godas, que se refugiaram nas serranias com a invasão dos mouros.

—Pois ide ver se a podeis encaminhar cá para o casal.

Ao proferir estas palavras, á entrada da porta appareceu D. Ximena. Tinha os olhos inchados pelas muitas lagrimas que chorou, as mãos e os pés ensanguentados, e as faces pallidas como se o gelo da morte lhe tivera desbotado a sua mimosa côr.

—Entrae, disse o lavrador; é modesta a casa que vos offereço; mas animo nobre e desinteressado teem os que n'ella vivem. Chamae minha mulher, disse Tello ao pastor.

—Sou uma infeliz, que, levada pelo amor, arrasto hoje a mais pesada cruz. Sou filha de um fidalgo da corte do elrei D. Ordonho. Não podendo aturar os maus tratos d'uma madrasta que em extremo me odeia, escutei as palavras artificiosas d'um homem, que, sendo illustre cavalleiro pelo nascimento, tornou-se o mais despresivel pelos ruins sentimentos. Propoz-me fugir com elle, pintando-me um futuro risonho na sua companhia; não hesitei. Parti, entranhamo-nos em os mais espessos bosques; mas o seductor temeu a ira de meu pae, receou o castigo e abandonou-me, deixando-me só no sitio mais deserto. O susto tem gelado o sangue nas minhas veias, os cardos ensanguentado as minhas mãos. Mas agora, finalmente, Deus acaba de se compadecer da minha dôr, encaminhando-me os passos para este casal.

—Enchugae os vossos prantos, gentil e formosa menina, disse a mulher do lavrador, sentando-se junto de D. Ximena. Nós somos os donos d'este modesto casal, continuou ella; não temos filhos; podeis portanto ficar na nossa companhia o tempo que quizerdes; não é assim, Tello?

—E' minha a vossa vontade.

—Tanto carinho para quem se julgava perdida no mundo! disse D. Ximena, soluçando.

—N'este modesto casal, disse Tello pausadamente, não tereis as galas, o luxo sumptuoso que abrilhantam os festins na côrte; mas, em vez de todo esse brilho, ha a tranquillidade de espirito. Aqui nasceram meus avós e viveram felizes, e da mesma sorte, sem ambição alguma, partilho eu tambem.

IV

Que lidar tão incessante vae no casal dos Menezes! Prepara-se tudo com o maior esmero, tiram-se das arcas as peças de mais valor, alinda-se a fronteira do casal, collocam-se flores pelos caminhos, deita-se areia pela estrada, e Tello de Menezes não cessa de vigiar todos com o maior cuidado, porque tem o maior empenho em que tudo seja digno do hospede que espera. Alguns moços estão postados pelos caminhos para darem o signal da chegada.

O hospede que se espera é D. Ordonho, que desgostoso por haver já uns poucos de annos que perdera a filha que mais estremecia, e de ter repudiado a Aragonta por esse motivo, procura nos passeios pelos sitios menos povoados do seu reino, buscar alivio a estes males que opprimem o seu coração.

D'esta vez soube Tello que D. Ordonho se dirigia por aquelle logar e que pela hora a que chegaria não deixava de ficar aquella noite no seu casal.

Mas lá correm os moços todos enthusiasmados, lá avistam o rei. Tello com as maneiras mais humildes vem receber D. Ordonho.

—Na santa paz do Senhor eu vos encontre, Tello de Menezes.

—O vosso mais humilde vassalo curva-se ante D. Ordonho, seu rei e senhor.

—Sois hoje, honrado lavrador, o hospitaleiro a quem um peregrino cançado pede uma noite de pouzada.

—Achareis falta de tudo quanto seja digno de vós, porque este casal é pobre, mas extremado desejo em vos servir, n'este vosso humilde vassallo.

Depois d'este curto dialogo o rei sentou-se á mesa para tomar algum alimento, apparecendo os dois filhos do lavrador, com uns pellotes feitos do vestido com que Ximena sahira do palacio.

—Que lindas creanças, Tello de Menezes; são vossos filhos?

—Sim, real senhor. São da minha segunda mulher, uma pobre rapariga, a quem um seductor fez deslumbrar com falsas promessas, abandonando-a depois.

—Quem preparou estas *mal assadas*?

—Minha mulher.

—Sentae-vos, Tello, e contae o resto da vossa historia.

—Veio aqui a este casal pedir agasalho, e a minha primeira mulher gostou tanto d'ella, que lhe disse ficasse em a nossa companhia. Minha mulher morreu, e eu, sem ter filhos, considerei que esta pobre rapariga por minha morte ficava abandonada; propuz-lhe casar comigo; aceitou e hoje vivo feliz.

—O meu annel de rubi! O meu annel de rubi! disse Ordonho admirado. Quem deitou o annel n'este prato?

—Eu, meu pae!... A vossa filha que vos implora perdão dos seus erros passados, disse Ximena prostrando-se de joelhos diante de D. Ordonho e beijando-lhe a mão.

—Minha mulher, filha do rei Ordoo nho! dizia Tello de si para comsigo, vendo toda aquella scena sem saber o que fizesse.

—Aqui estão vossos netos, meu pae; elles tambem imploram perdão para vossa filha, disse D. Ximena.

—Estaes perdoada, minha filha, disse D. Ordonho sentindo os prantos correrem pelas faces. Estou cançado; bem sinto que poucos grãos de area me restam na ampulheta da vida. Quiz Deus que te encontrasse; agradeço-lhe. Chegate, meu filho Tello de Menezes. Praticaste uma acção de cavalheiro; é bem que tenhas a recompensa. Irás comigo para receber as honras de que os teus nobres e elevados sentimentos são credores. Nas vossas armas, vós e os vossos descendentes, conservarão um escudo de ouro em memoria dos pellotes com que me appareceram os meus netos.

....

De Tello de Menezes e D. Ximena descendem os marquezes de Villa Real, o illustre ramo dos Noronhas, condes de Tarouca e Cantanhede.

Costa Goodolphim

O ORVALHO E A LAGRIMA

—

Disse uma gotta d'orvalho
P'ra outra gotta de pranto:
—Que vale o teu doce encanto
Junto a mim, que tanto valho?

Eu provenho dos vapores
Celestes do firmamento;
Vida dou e dou alento
A's mil variadas flores.

E com um desdem profundo
A lagrima respondeu:
—Com a esperança mando eu
As divinas leis do mundo.

Tu, desprendida do veo
Que a mais alva nuvem cerra,
Desces do ceo para a terra;
Mas eu vou da terra ao ceo.

F.

EMILE GUIMET

—

Já tinha ouvido fallar d'este illustre sabio francez, mas não esperava ter a fortuna de travar relações com elle sem sahir da patria de Almeida Garrett e

Soares de Passos; foi o congresso antropologico que o trouxe a Lisboa e depois ao Porto, aonde o acaso d'uma apresentação me proporcionou a honra de lhe fallar.

Emile Guimet é um homem de presença agradavel, fino trato e d'uma actividade litteraria que facilmente se conhece nos seus trabalhos já publicados e nas emprezas scientificas a que o seu nome está notavelmente vinculado.

E' ainda novo, mas já tem uma vida litteraria bem longa e brilhantissima: a sua especialidade é o estudo das origens das religiões, vasto campo para serios e aturados estudos, para continuas investigações e lavores.

Uma prova evidente do que elle valle é a missão que desempenhou na sua viagem ao Japão, China e India. Por um decreto do ministerio de instrucção publica, em França, foi Emile Guimet encarregado de estudar as religiões do extremo oriente em abril de 1876.

Partiu sem demora e visitou o Japão, aonde fez serios estudos sobre o budhismo, visitando os templos de Nikko, Tokio, Ishé e Kioto, e assistindo a dansas religiosas, procissões, offerendas, concilios e variadissimas ceremonias do culto, não só budhista como de outras seitas, trazendo para o museu de Lyon, de que é director, tresentas pinturas, seis centas estatuas e mil volumes de obras em chim, japonez e francez.

Na China não foi, porém, já tão feliz, porque teve de luctar com a indiferença dos mandarins, a hostilidade dos sacerdotes e sobre tudo a falta d'interpretes; mas, ainda assim, pôde estudar a influencia religiosa da philosophia de Confucio, e, ajudado pelos missionarios catholicos e protestantes, que lá encontrou, pôde estabelecer relações com alguns sabios europeus, que por lá se tinham estabelecido, e collecionou alguns livros como fizera no Japão.

Continuou as investigações que ahi tinham sido feitas por Thiersant, e completou os estudos proprios que havia já feito ácerca da religião de Mafoma.

Depois da viagem ao Japão e á China, seguiu Guimet para a India, para aquelle solo tão fertil em crenças (*sol fertil en croyences.*)

Ahi offerecia-se á sua investigação a degeneração do budhismo, que se manifestava inficcionado de wishnoismo e obrigado a retomar a corrente das tradições de Sião e Birmania.

O incansavel professor não tardou em obter dos bonzos os esclarecimentos que precisava e entabolou relações com dous sacerdotes, um da seita bumah e outro da seita siameza, para serem os traductores de tudo o que elle precisava para a sua escola oriental que tem em Lyon.

Os sumptuosos templos do oriente detiveram a sua attenção; as dansas das bailadeiras, as procissões de elephantes e as recepções religiosas, vieram dar-lhe ideia mais completa das crenças e do culto dos povos indianos, e por ultimo uma collecção de copias das ceremonias religiosas, espectaculos, vasos sagrados e objectos symbolicos, veio completar a sua curiosidade e fornecer-lhe elementos para os seus continuos estudos.

O relatorio apresentado por este illustre professor ao ministro da instrucção publica em 1877, e que tenho á vista, dá uma ideia completa do merecimento dos trabalhos que tanto honram o distincto orientalista que acaba de visitar este paiz.

Guimet tem publicado varias obras, que muito o recommendam, e entre as quaes se tornam mais salientes as seguintes:— *Croquis Egyptiens*, *L'Orient d'Europe au Fusain*, *Aquarelles Africaines*, *Esquisses Scandinaves*, *A travers l'Espanhe*, *Cinq jours a Dresde* e *Rapport sur la mission scientifique dans l'extreme Orient.*

Nada mais posso dizer da sua vida; já não dizem pouco as suas obras: por isso não tenho a pretenção de escrever os traços biographicos d'este benemerito da sciencia, mas somente fazer conhecido o seu nome e memoravel a sua visita a uma cidade que se honrou de o receber, embora tanto á pressa, visto que o snr. Guimet não pôde dispor de mais de dous dias para se demorar entre os portuenses.

PADRE PATRICIO

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

VI

EM FRANÇA

(Continuação)

França! E' em França que nos achamos. Que bello, que magnifico paiz!

Lancemos, antes de mais nada, uma vista d'olhos sobre o territorio francez; consideremol-o no conjunto antes de o considerarmos em detalhe.

A França occupa uma superficie de 527:000 kilometros quadrados e conta 36,103:000 habitantes, o que dá 18 habitantes por cada kilometro quadrado.

Os seus limites são: ao norte a Mancha, o Pas-de-Calais e a Belgica; a leste, os Vosges, a Suissa e os Alpes; ao sul o Mediterraneo e os Pyreneos; a oeste o Oceano Atlantico.

Dividida em trinta e duas provincias ao tempo d'estalar a revolução de 1789, a França foi repartida em oitenta e tres departamentos pela assembleia constituinte. Engrandecida pelas conquistas do imperio, os desastres de 1815 fizeram-a voltar aos limites de 1789.

Em 1860 foram-lhe annexados pela Italia tres novos departamentos; mas a invasão allemã de 1870-71 tirou-lhe a Alsacia e a Lorena, deixando-a reduzida aos oitenta e seis departamentos actuaes.

O solo da França abunda de mineraes e vegetaes de toda a especie; tem numerosas mattas; cereaes, vinhos, linho, canhamo, lupulo, eis os principaes productos naturaes; a creação de gados constitue o mais importante ramo d'industria em algumas provincias.

As bellas-artes, as sciencias e a industria fazem da França a rainha da civilisação.

Agora que temos alguns conhecimentos em globo do paiz em que nos achamos, corramos sem demora satisfazer a natural anciedade de todo o viajante moderno. Ver Paris! Que magnifica cousa! Paris, o vasto cerebro do mundo, como lhe chamou Luiz Blanc; Paris, a cidade das cidades, a primeira do mundo pela sua historia, a sua grandeza, o seu explendor, as suas desgraças e a sua gloria, aquella que representou e representará sempre um importante papel nos fastos da civilisação!

Passamos Bordeaux, Poitiers, Tours, Orleans, Versailles, S. Cloud... Eis as torres de Notre Dame e S. Sulpicio, o Pantheão, os Invalidos, os arcos de Triumpho... Emfim transpomos as barreiras e achamo-nos na rainha do Sena! Salve, antiga Lutecia!

Depois de Londres, Paris é a mais importante cidade da Europa pela população (1,850:000 habitantes), e pela extenção; é a primeira do mundo pela sua historia, a perfeição dos seus productos, as riquezas e obras primas da litteratura, das artes e da industria.

Apesar de dous cercos importantes e o incendio de numerosos monumentos, a Paris de hoje apresenta-se ainda mais bella e interessante do que outr'ora. Quem vê os seus caes, os jardins, os palacios, esta multidão de viandantes, os innumeraveis vehiculos que cruzam os *boulevardes*, desde a Bastilha até aos Campos Elyseos, os cem mil bicos de gaz, sente um indizivel praser em contemplar esta cidade sempre magnifica, sempre admiravel, que resiste a todas as adversidades.

E' o foco da industria, que exporta para todas as partes do mundo os mais explendidos productos; productos dos generos mais variados: construcções, vestidos, moveis, objectos d'ourivesaria, de impressão e gravura, productos alimenticios, bijouterias, instrumentos de musica e de precisão, artigos de modas, fazendas, plumas, papel, quinquilherias, productos chimicos, de metalurgia, fundição, etc. E' ao mesmo tempo a cidade do luxo e dos prazeres: aqui temos theatros, concertos, passeios deliciosos, como o bosque de Bolonha, os Campos Elyseos; a cidade do trabalho, onde se nos deparam os quarteirões da Bolsa, de Montemartre, do Templo, Popincourt, Santo-Antonio; cidade da sciencia e da intelligencia, contando a Academia franceza, a das bellas-artes, das sciencias, de medicina; cidade das artes: museu do Lou-

vre, palacio das bellas-artes, bibliotheca Nacional, Mazarine, do Arsenal, do Conservatorio das artes e officios. Paris merece a todos os respeitos ser considerada a capital intellectual, commercial, industrial e politica da França. Os seus numerosos monumentos, o Louvre, as Tulherias, o Luxemburgo, o Palacio da Justiça, o Palacio Real, as egrejas de Nossa Senhora, S. Sulpicio, o Pantheão, a Magdalena, a Opera, os Invalidos, o arco do Triumpho, as portas S. Diniz e S. Martinho, as columnas Vendome e de Julho, a praça da Concordia; os museus, as bibliothecas, os estabelecimentos scientificos, o jardim das plantas e o museu; o Conservatorio das artes e officios, o jardim d'acclimação, a escola polytechnica, a de bellas-artes, o Conservatorio de musica, a escola pratica d'estudos superiores, a Sorbona, o collegio de França, os seus theatros, etc. tudo isto concorre para fazer de Paris o ponto de reunião do mundo civilisado, attrahindo uma multidão de visitantes estrangeiros, sempre nova, e sempre deslumbrada pelas novas maravilhas.

(Continua)

NANTES

A' beira do Loire e na confluencia do Erdra e do Sevre, está situada a cidade de Nantes, uma das primeiras da França, cuja superficie é de quatro mil duzentos e oitenta e sete hectares, e a população de cento e desoito mil habitantes.

Sob o ponto de vista de navegação é o quarto porto da França; em relação ao rendimento da sua alfandega é o terceiro.

Nantes é o grande centro do commercio dos assucares em França; importa por anno mais de seis centos mil kilogramas, alem d'outras fazendas, que exporta para toda a França.

As refinações d'assucar e a construcção de navios são os principaes ramos da industria nanteza. Além d'isso, produz machinas de vapor, armamentos para a pesca, etc.

A sua extensão, o rio, as margens, caes, pontes, quarteirões novos, casas imponentes que datam do seculo passado, a sua actividade, o aceio que se nota por toda a parte, dão-lhe a apparencia d'uma capital.

Entre as praças e passeios, tornam-se notaveis a praça de Luiz XVI, adornada com uma columna de vinte e oito metros d'altura, coroada pelo retrato d'aquelle rei; a praça real, com uma bella fonte monumental; as alamedas de S. Pedro e de Santo André, onde estão collocadas estatuas representando o Loire, Anna de Bretanha, Arthur III, Dugnesclin e Oliveiro Clisson; a alameda, no centro da qual se vê a estatua em bronze de Cambronne, etc.

A cathedral é um monumento notavel; estão ali os tumulos de Francisco II e de Margarida de Foix.

A torre tem sessenta e tres metros d'altura, e do cimo descobre-se um panorama delicioso.

Entre os edificios civis deve especialisar-se o castello, antiga residencia de Anna de Bretanha, e que merece uma discripção particular.

Foi Francisco II que o mandou construir no fim do seculo XV. De quatro torres que tinha só tres estão de pé. O salão principal é uma bella amostra do estylo d'architectura que precedeu a Renascença. A sala d'armas é tambem digna da attenção do visitante.

O castello tem servido de prisão d'estado, e entre os prisioneiros contam-se Gilles de Retz, o cardeal de Retz, Fouquet e a duqueza de Berry.

A capella em que Anna de Bretanha casou com Luiz XII foi destruida por uma explosão de polvora, em 1800.

Nantes tem um soberbo theatro, uma boa bibliotheca, tres museus, sendo um de quadros e esculpturas, outro d'historia natural e o outro d'archeologia. Dos seus estabelecimentos scientificos os que merecem particular menção são as escolas preparatorias para as sciencias, as letras, a medicina e a pharmacia; um instituto de surdos mudos e o jardim botanico.

CASTELLO DE NANTES

Nantes tem representado um papel muito importante na historia de França, e com especialidade nas guerras da Reforma. Não ha quem não conheça o famoso edito de Nantes, dado por Henrique IV em 1598 em favor dos protestantes, e revogado mais tarde por Luiz XIV, revogação que será sempre uma das nodoas do reinado d'aquelle grande monarca.

J. da Silva

ELOGIO DO CÃO

O celebre naturalista Buffon, escrevendo ácerca do cão, discorre do seguinte modo:

«Sem ser dotado, como o homem, da luz do pensamento, o cão possue o inteiro ardor do sentimento, e mais do que o homem, a fidelidade, a constancia nas affeições. Desconhece a ambição, o interesse, a vingança, e do receio só tem o de desagradar. Todo elle é zelo, ardor, obediencia.

Mais sensivel á lembrança dos beneficios do que á das offensas, não se furta ao mau trato; soffre-o, esquece-o e recorda-o apenas para vincular-se mais na estima. Longe d'irritar-se, ou de fugir, de bom grado vem sujeitar-se a novas provas, e lambe a mão, esse instrumento de dôr que o fustigou, e a que elle oppoz somente as lagrimas, desarmando-a por fim com a submissão e a paciencia.

Mais docil do que o homem, mais brando do que os outros animaes, o cão não só apprende em pouco tempo, senão que se adapta aos movimentos, aos modos, a todos os habitos emfim de quem o governa. Adquire o tom da casa em que vive; é desdenhoso contra os grandes

entre os demais criados: é rustico no campo. Sollicito para com o dono, amigo dos seus amigos, não liga a minima importancia aos indifferentes e declara-se contra os que por condição nasceram para importunar. Conhece-lhes o fato, a voz, o gesto, e conserva-os a distancia.

De noute, quando lhe fôr confiada a guarda da casa, torna-se altivo, e muitas vezes feroz. Vela, ronda e presente os estranhos, e por pouco que estes se detenham, ou tentem penetrar no recinto vedado, atira-se, oppõe-se, e com reiterados latidos desperta, avisa, combate.

Tão furioso contra o ladrão, como contra os carnivoros, precipita-se-lhes, fere-os, despedaça-os, arranca-lhes o roubo; e depois, contente com a victoria, repousa sobre os despojos, sem que ainda a satisfação do proprio apetite o instigue a tocar-lhes, dando assim exemplos de coragem, de temperança e de fidelidade.»

Que acrescentaremos a esta pintura, feita por mão de mestre? Não diz ella tudo, não pinta bem ao vivo o quadro das grandes e excellentes qualidades de tão prestimoso animal? Qual dos nossos leitores, de resto, não as conhece?

Limitamo-nos a dizer que o cão de caça é uma das especies mais uteis ao homem. E' um exemplar d'esta especie que a gravura representa.

O CÃO DE CAÇA

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

III

DE QUE MODO D. LUIZ DE GUEVARA EMPREGAVA O TEMPO

(Continuação)

—Tambem eu não fiz esse reparo quando permitti ao meu coração que voasse para junto do seu, disse D. Luiz com acento de tristeza; mas desde que me foi dado reflexionar, desde o momento em que vi a impossibilidade...

—Que pensou? perguntou Maria estremecendo.

—Que me era necessario conquistar uma posição para possuil-a.

—Oh! Perdoe-me. Cheguei a duvidar do seu amor. Sim, Luiz; reciei me dissesse que o nosso amor era um sonho insensato e que deviamos esquecel-o.

—Receiou que eu lhe fizesse similhante proposta quando elle é a minha vida inteira? Maria, não se lembre nunca de tal. Amo-a com um amor capaz de vencer todos os obstaculos que se opponham á sua realisação. Dei-lhe a minha palavra, e palavra que Luiz de Guevara pronuncie é porque o seu coração a firma.

—Perdoe-me, Luiz; mas soffro tanto, vejo-me tão só, que ha momentos em que duvido da minha propria felicidade e sinto uma angustia infinita receiando perdel-a de todo. Se a felicidade custa tanto a alcançar!...

—Se hoje tardei, foi em proveito do nosso amor.

—Não entendo.

—A distancia que nos separava encurtou-se um pouco.

—Na verdade? exclamou a joven com infantil alegria.

—Já lhe disse que a mentira nunca manchou os meus labios.

—Perdoe se o offendi, disse Maria; não era intenção minha irrogar-lhe uma censura.

—Fiz mal em mostrar-me resentido; o seu perdão é que eu desejo. Conhecendo como conheço a pureza da sua alma, não podia suspeitar sequer de que me offendia. Perdoa-me?

A encantadora joven passou os seus pequenos dedos atravez da gelosia, e o namorado Luiz, ao aproximal-os dos labios, comprehendeu que estava perdoado.

—Agora espero me diga como é que se encurtou esta noute a distancia que nos separava, tornou Maria fingindo certa gravidade que a tornava ainda mais encantadora.

—Imagine, Maria, que hoje, ao referir a Sua Magestade o modo como desempenhei a commissão de que elle me encarregara, depois que acabei de fallar, me disse el-rei com a amabilidade que o caracterisa:

«—Bem, D. Luiz; estou satisfeito, e como me apraz premiar os serviços que redundam em beneficio do meu povo, sabendo que allegou o direito que lhe assiste ao senhorio e condado de Castro Nuño, faço-lhe mercê d'elle para si e seus descendentes.

—Deus guarde o rei, pelo bem que nos fez! exclamou Maria.

—Eis aqui explicada, Maria, a causa da minha demora. O rei fez-me uma mercê que para o futuro me permittirá viver com mais decencia, dando assim mais fundamento ás minhas aspirações.

—Oh! Que bem me fazem as suas palavras!

—O nosso porvir, creia, está agora mais desanuviado, e espero com impaciencia o dia em que possa pedil-a em casamento a seu pae, o nobre conde de Lazan.

—Mas d'aqui até lá não se esquecerá de mim, não é assim?

—Esquecel-a! Amo-a e heide sempre amal-a, Maria; ainda que leve dous ou tres annos a chegar a posição que tanto ambiciono, a que ambiciono para merecel-a, bem sabe, tanto amor lhe consagrarei então como hoje. Juro-lhe que trabalharei até possuil-a; ou morrerei na lucta ou possuil-a-hei.

—E eu, a meu turno, juro que serei sua, D. Luiz, ou de Deus. Agora, já que em tão bom caminho se acha, peço-lhe que permaneça fiel ao rei, que assim irá subindo de posto, e seja qual elle fôr eu serei sempre por si.

Pouco depois o cavalleiro beijou, atravez da gelosia, a branca mão que a joven lhe alongava, e afastava-se da janella, murmurando:

—Quanta candura aqui e quanto lo-

do n'outras partes! Oh! Não sei se ando bem se mal; mas o que é certo é que só quando estou junto d'esta janella a minha alma gosa verdadeiramente!

E, mergulhado n'estes pensamentos, desappareceu pela rua fóra.

IV

QUEM ERA D. CATHARINA DE SANDOVAL

D. Catharina de Sandoval era a viuva d'um pobre fidalgo da Estremadura, que teve a feliz ideia de morrer antes que as leviandades da esposa o posessem na dura alternativa de matar ou de morrer á mão d'algum dos seus amantes.

Achou-se ella viuva, bella e pobre, e como só desejava offuscar toda a gente com a sua belleza, disfructando ao mesmo tempo as alegrias da viuvez, partiu para a côrte, onde, passando revista aos galanteadores que não tardaram a apparecer-lhe, sollicitando os seus favores, concedeu-os sem a menor reserva ao velho marquez do Alcaçar.

O marquez era de tão antiga nobreza como libertino impenitente, e conservando-se solteiro apesar dos seus cincoenta annos, tinha sabido de tal modo esconder a sua leviandade, que o rei, tão rigido nos seus costumes, continuou a conceder ao marquez o favor que desde a sua estada em Napoles, lhe tinha dado.

D. Catharina, ambiciosa, bella, discreta e astuta, soube excitar poderosamente os desejos do marquez, mercê á sua provocadora formosura e á incontinencia e leviandade d'aquelle, e com a sua sagacidade e astucia tirou largo fructo dos amores com o marquez, á custa do qual dissipava com mãos largas.

Por desgraça D. Catharina não era mais fiel ao amante do que o fôra ao marido. Referiam-se, pela calada é verdade, diversas aventuras com alguns fidalgos da côrte, que provavam com bastante evidencia que a viuva não era nem podia ser leal em materia d'amor.

Luiz, mal entrou na côrte, soube que precisava d'um auxiliar poderoso para a lucta que ia tentar.

Só em duas mulheres podia ter confiança: D. Catharina de Sandoval e a condessa de Santilhana. Ambas eram formosas e gosavam de grandes influencias na côrte.

O accesso até á primeira era facil para um homem ousado e galante como Luiz; quanto a D. Isabel de Zuñiga, esposa do conde de Santilhana, apesar de ser dada bastante ao galanteio, era de uma excessiva rigidez e pureza de costumes, o que tornava bastante difficil o accesso até ella.

Mas não era caso para desanimar; nem o nosso heroe desanimou por tão pouco.

(Continua)

AS CREANÇAS

Apraz-me ver um bando de creanças,
Brincando alegremente;
Então um pensamento de ventura
Sinto cruzar na mente.

Recorda-me essa quadra venturosa
Em que brinquei tambem,
Oh! essa idade em que só viçam flores
Que nem espinhos teem!

A innocencia sobre nós reflete,
E tudo nos seduz.
E' porque os anjos não conhecem trevas:
Somente veem luz.

Depois o tempo corre e nos desperta
D'esse sonho infantil;
Mas nós encadeamos outros sonhos,
Que teem encantos mil.

Mais tarde tudo acaba, e despertamos
Para não mais sonhar;
Então o nosso espirito entristece-se;
Começa a meditar.

De tudo quanto nos sorriu fagueiro
Perdemos a illusão;
Então vem o extremo desconforto,
E invade o coração.

Comtudo no meu peito inda se acalma
Este acerbo pungir,
Ao ver um labio meigo de creança
Entreabrir-se e sorrir.

Porém sombria nuvem de tristeza
Me vem interromper,
E de repente toma vulto, cresce...
Sinto-me commover.

Ao contemplar um grupo de creanças
Meu pensamento diz:
Qual d'estes entesinhos tão formosos
Terá de ser feliz!?...

HELENA DE CARVALHO

A VENUS NEGRA

(Continuação)

—E o *Astrolabio*? perguntou emfim o mancebo á formosa joven que se achava ao seu lado.

Mas esta não respondeu, porque não comprehendera a pergunta, e contentou-se com encolher os hombros. Felizmente o naufrago conhecia uma parte do dialecto da Polynesia, e pôde servir-se d'elle para se fazer comprehender.

—Agora sei o que queres, disse a joven sorrindo docemente. Mas quem és tu? Como vieste aqui parar?

E sem lhe dar tempo de responder, proseguiu com vivacidade:

—Encontrei-te adormecido sobre a areia, n'esta praia deserta. Estás nas fraldas do Mowna-Kaa, na ilha de Oahi. Nada receies. Aqui perto está a minha cabana. Vem comigo; dar-te-hei leito e agasalho.

Bettencourt acceitou o offerecimento. Recordou tudo quanto tinha passado; comprehendeu que, arrebatado pelas ondas, estivera prestes a morrer; emfim, ignorando o destino do *Astrolabio* e dos seus companheiros, não pôde deixar de dar graças á Providencia que o acabava de salvar de tão imminente perigo, e annuindo aos desejos da sua companheira, que instava com elle para que acceitasse a hospitalidade que tão graciosamente lhe offerecia, seguiu apoz a desconhecida.

O caminho era muito pittoresco. Altas arvores cresciam á beira da estrada, trocando-se em breve a aridez da beira-mar pela mais explendida vegetação, no meio da qual se destacavam as primeiras casas da povoação onde se dirigiam. D'ahi a pouco tempo chegavam á cabana da formosa negra.

Bettencourt nunca tinha visto habitação tão encantadora; nunca na sua imaginação suppozera cousa mais bella, mais pittoresca, do que a cabana da sua gentil companheira, que, com os modos mais graciosos, o convidava a entrar.

Era feita de taboas, seguras nas extremidades a barrotes grossos. O interior era, porém, commodamente forrado d'esteiras, de côres variadas. Tinha janellas rasgadas, pelas quaes entrava a luz a jorros: uma luz quente e ao mesmo tempo temperada pela frescura d'um grande lago que demorava a um dos lados da cabana. Era ahi que a bella negra se banhava todas as manhãs; era este um dos seus divertimentos favoritos. Plantas trepadeiras, adornadas de vistosas flores, cresciam por todos os lados, entrando os festões das heras e das sempre-vivas pelas janellas, que apresentavam a vista mais alegre e encantadora. Arvores carregadas de fructos, tamarindos, laranjeiras, cidreiras, as fructas tropicaes mais estimadas, davam se n'aquella especie de paraizo, n'aquelle logar que não tinha rival em todo o mundo, embalsamando os ares com os seus perfumes e encantando as vistas com as suas côres variadas e alegres. Passaros das especies mais raras animavam o quadro, despedindo os seus cadenciados gorgeios, que se casavam com o rumor das brisas, ao deslisarem-se de leve por sobre as agoas crystalinas do lago e fazendo gemer as comas das arvores.

O panorama que das janellas se disfructava não podia ser mais bello, nem mais variado.

O interior da cabana demonstrava a elevada posição social da proprietaria. A mobilia era simples, mas do mais apurado bom gosto. Os assentos eram de madeira, cobertos pelas mais vistosas pelles d'animaes ferozes. Suspensos de ramos seccos, viam-se camas de rede, de tecido raro e custoso.

A admiração do mancebo era extraordinaria. Por fim, reconhecendo que convinha sahir d'aquella especie d'extasi, perguntou á negra:

—E' esta a tua cabana?

—E', respondeu ella.

—Quem vive comtigo?

—Vivo só! Sou a rainha.

—Tu, a rainha!

—Sim. Basta-me soltar um pequeno grito para que todos os meus vassallos accudam.

—Como te chamas?

—Pomaré.

—Conheceste algum estrangeiro antes de mim?

—A muito poucos; mas de nenhum gostei tanto como de ti. E' tu não estás contente ao meu lado?

—Estou; mas tenho saudades.

—De quem?

—Da patria, dos amigos.

—D'onde és?

—Sou francez; mas os meus progenitores eram portuguezes.

—De Portugal?

—Sim. Já ouviste fallar n'esse paiz?

—Já. E' um reino, hoje pequeno, mas que outr'ora produziu grandes heroes.

—Como sabes isso? Quem t'o disse?

—Um pobre velho, naufrago como tu, que recolhi na minha cabana, onde morreu ao fim de tres dias d'atrozes soffrimentos, em resultado d'um grave ferimento feito ao dar d'encontro a umas pedras, onde o mar o arrojou.

—Não te disse o seu nome?

—Disse. Chamava-se Côrte Real e era natural da ilha da Madeira.

(Continua)

NO LEQUE DE ANNITA

Tu tens a vida, tens o amor e a morte
No teu sorriso, em teu olhar, ingrata:
O teu sorriso, é tribunal: condemna;
O teu olhar é o algoz, e mata.

VIEIRA NATIVIDADE

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

V

UM MILAGRE

Eis aqui o modo como se devia fazer o embarque.

Não querendo poupar nenhuma precaução, o capitão tinha feito collocar em cada extremidade da lancha um homem armado d'uma machada, afim de cortar no mesmo momento as polés se houvesse a menor difficuldade em desatal-as.

Ora, a difficuldade de similhante operação, em um mar furioso e com uma lancha sobrecarregada, só pode ser comprehendida por um homem do mar.

Com effeito, depois que os homens encarregados d'esse difficil trabalho tentaram por duas vezes deixar cahir a lancha no mar, deu-se ordem de desfazer as polés; a polé da popa desatou-se sem difficuldade; mas, pelo contrario, as cordas da proa embrulharam-se de maneira que o homem collocado d'esse lado não pôde executar a ordem dada.

Em vão se recorreu então á machada; a corda não estava retesada e a machada não a cortava; mas como acontece sempre que, presa sómente d'uma das extremidades, a lancha acompanha todos os movimentos, e n'esse momento as ondas erguiam-a, houve os mais fundados receios de que a embarcação, suspensa verticalmente pela proa, lançasse ao mar tudo quanto tinha dentro. Por um milagre, n'esse instante uma onda passou por baixo da lancha e levantou-a como se a mão de Deus tivesse accudido a pôr a embarcação em equilibrio.

N'esse momento conseguiu-se desprender a polé e a lancha foi deitada ao mar.

Fizeram-se immediatamente ao largo, e os que ficaram no navio, esquecendo o proprio perigo, correram para a amurada para verem qual sería a sorte dos que acabavam de o deixar.

Foi-lhes facil distinguir a lancha, luctando contra as ondas, erguendo-se como um ponto negro no cimo d'ellas, e depois enterrando-se no abysmo para desapparecer ainda e apparecer de novo.

Este espectaculo era tanto mais temivel, que a distancia a percorrer do *Kent* ao *Cambria* era de perto d'uma milha, e o *Cambria*, tinha-se posto de capa a certa distancia, para não lhe chegarem os destroços inflammados no caso d'explosão, e sobre tudo para evitar os tiros das peças que se iam disparando á proporção que as chammas as alcançavam.

O successo ou insuccesso d'esta primeira tentativa era pois para o futuro a guia para afferir as probabilidades de salvação. Julgue-se pois do interesse com que os paes, os irmãos e os maridos, e ainda aquelles que se achavam possuidos d'um interesse muito mais egoista, seguiam aquella preciosa embarcação.

Afim de manter quanto possivel a lancha em equilibrio, e para que os marinheiros podessem remar sem difficuldade, tinham amontoado juntos debaixo dos bancos as mulheres e as creanças. Bastava isto, que era de resto uma precaução muito necessaria, para os expor a affogarem-se, porque, a cada volta de mar que entrava na lancha, ia-se esta enchendo d'agoa, a qual subia á medida que proseguiam, a tal ponto que, quando chegaram junto do *Cambria*, as mulheres tinham agoa até á cintura e eram obrigadas a sustentar os filhos erguidos no ar.

Emfim ao cabo de vinte e cinco minutos, durante os quaes aquelles infelizes estiveram suspensos entre a vida e a morte, a lancha atracou ao brigue.

Do navio a arder podia ver-se o brigue e a lancha; os pormenores não se podiam porém distinguir.

A primeira creatura humana que passou da lancha para o brigue foi o filho do major Mac Gregor, de tres semanas apenas, que, tomado nos braços da mãe pelo official Thomson, que commandava a lancha, foi erguido até a altura dos braços que do brigue se abaixavam para o receber.

Foi por este modo recompensada a confiança do capitão em Deus.

Em seguida praticou-se o mesmo com as mães, que foram todas salvas, desde a primeira creança até á ultima mãe.

As mulheres sem filhos foram depois trasladadas da lancha para o brigue. Emfim a lancha largou, indo, á força de remos, em soccorro do resto dos naufragos.

Quando todos os homens, marinheiros, soldados, passageiros, viram voltar a lancha vasia, e tiveram a certeza de que as suas mulheres e filhos tinham chegado sem accidente, por um instante aquelles que gosavam a dita de saber que os entes queridos estavam em segurança esqueceram a situação em que estavam, e, suspensos entre dous abysmos, deram graças a Deus.

Mas, ao voltarem da primeira viagem, os marinheiros tentaram debalde fazer atracar a lancha ao *Kent*, porque as vagas açoutavam o costado do navio com força prodigiosa.

(Continua)

TRAGEDIAS DO HAREM

Não intentamos descrever aqui o *harem*, nem dizer o que elle seja, porque suppomos os nossos leitores sufficientemente instruidos n'esse particular. Referimo-nos ao harem do sultão de Constantinopla, que os personifica a todos, e que merece um pouco d'attenção, não em rasão do numero das mulheres ahi encerradas, ou do luxo das ornamentações d'esse recinto exclusivamente dedicado ao praser do principe dos crentes, mas por causa das recordações que n'elle teem deixado as sangrentas tragedias domesticas, ahi passadas, e d'ahi transmittidas á historia. Digamos em breves palavras a sua historia e os nomes das principaes favoritas que n'ella representaram os papeis mais importantes.

A' frente da vasta cohorte d'odaliscas devemos collocar a famosa Roxelana, natural de Sienna, na Italia, oriunda de raça nobre, e que teve a dita de captivar a attenção de Solimão, o Magnifico, cujos olhares disputava um grande numero de bellezas do seu tempo.

Soberana absoluta no harem do sultão, depois de dar-lhe quatro filhos e algumas filhas, visou mais alto e ambicionou o titulo d'esposa. A politica tenebrosa dos sultões não admittia senão escravas no harem. Roxelana, porém, triumphou das vacilações do soberano, que se casou com ella diante do cadi.

Desde esse momento o orgulho da famosa sultana não conheceu limites; o harem foi revolvido d'alto abaixo, a impulso do mais desenfreado ciume d'aquella que só para si queria o poder de mandar. A primeira victima de Roxelana foi Mustapha, que Solimão havia tido de uma georgeana. Depois de tentar em vão envenenal-o, incitou-o indirectamente a revoltar-se contra o pae, que, descoberta a conspiração, o mandou estrangular. Triumphante, a sultana poz em acção muitos outros meios d'assegurar para os filhos a successão, quando a morte a arrebatou.

No reinado de Selim as mulheres não tiveram influencia, e o harem foi um logar triste e soturno, onde os eunucos governavam despoticamente sobre as odaliscas do Grão Senhor.

O advento de Amurath trouxe o da veneziana Baffa, que, graças á sua deslumbrante belleza, gosou, durante quinze annos, d'um poder absoluto sobre os negocios do harem.

UMA ODALISCA

A' morte d'Amurath succedeu no serralho uma tragedia horrivel. Mahomet III pronunciou sentença de morte contra desenove principes, ainda moços, seus irmãos todos, que foram estrangulados, e dez odaliscas em vesperas de ser mães, as quaes foram lançadas ao mar. A favorita do novo sultão foi uma grega chamada Elenka, que, assustada da sorte que a esperava á morte do sultão, fugiu com um filho que tinha.

A sultana mãe, Baffa, retomou o poder e exerceu-o até a morte do filho, dirigindo todos os negocios do fundo dos seus aposentos.

Achmet II concedeu o favor da sua escolha a uma escrava chamada Kiosem, que devia igualar perfeitamente, na ambição, na intriga e na crueldade, a perfida Roxelana. Esta mulher, que pode considerar-se a Catharina de Medicis da historia turca, conseguiu governar o imperio durante o reinado de dous de seus filhos, Amurath IV e Ibrahim I, mas não sem vencer grandes resistencias e difficuldades para outrem insuperaveis. Foi por virtude da astucia que ella chegou a triumphar da crueldade de seu filho Amurath. Este principe tinha prohibido o uso do fumo sob severas penas. Um dia foi encontrar a propria mãe, a sultana Kiosem, de *chibuc* na boca. Imagine-se qual seria o seu espanto. O seu furor subiu a ponto de ella ter que lançar-se-lhe aos pés e implorar o perdão, com lagrimas do mais bem fingido arrependimento, para escapar á morte que a esperava.

No entretanto, apesar do grande ascendente que a sultana tinha no animo do filho, disputavam a sua influencia varias outras favoritas, entre as quaes se contava uma joven armenia, d'estatura magestosa e belleza incomparavel, pela qual Ibrahim se havia apaixonado doudamente. Kiosem, porém, jurou que não se deixaria supplantar, procurando desde logo os meios de se desfazer da sua temivel rival, e, sob pretexto d'uma sumptuosa festa, attrahiu-a aos seus aposentos e mandou-a estrangular, mesmo á sua vista, dizendo depois que a morte fôra causada por uma apoplexia.

Revoluções de tal ordem não eram raras no palacio do sultão. A' morte de cada imperante, todas as odaliscas do defunto, as suas favoritas com especialidade, deviam ser immoladas. Algumas, porém, eram perdoadas, com a condição de irem acabar a vida em uma reclusão obscura.

Kiosem foi assassinada em uma revolta dos janisaros, e depois d'ella, nenhuma sultana chamou sobre si a attenção publica.

Depois da destruição d'aquella milicia privilegiada, o sultão Mamud abandonou para sempre o serralho e foi habitar no seu palacio do Bosphoro. Desde então o sangue das sultanas ou das odaliscas não regou mais os pavimentos, molemente tapetados, do grão sultão de Constantinopla.

EXPEDIENTE

Dos snrs. correspondentes que ainda não nos enviaram as liquidações que lhes pedimos, esperamos o favor de nol-as enviarem com brevidade, a fim de regularisarmos a escripturação.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos. As terras onde temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHA-SE já reimpresso o numero 1 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem. Os numeros 2, 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 9

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 28 DE OUTUBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

TEXTO: — A ponte de Friburgo — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O primeiro beijo (poesia) por Adelina Amelia Lopes Vieira — Os maronitas — Philadelphia, por J. da Silva — Offenbach, por Theodoro — Um poeta, por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa — A Venus negra — Zig-Zags: — O concerto — Jardins botanicos — O baobab — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — A ponte de Friburgo — Maronita do Libano — Egreja de Christo na Philadelphia — O baobab.

A PONTE DE FRIBURGO

Friburgo é uma cidade suissa, edificada na margem esquerda do rio Sarina. Este rio, pouco caudaloso, tem ambas as margens muito escarpadas; formam montes, cuja altura acima do nivel da agoa é de cerca de setenta metros. O viajante que de Berna se dirigia a Friburgo tinha de descer uma colina de setenta metros d'elevação para chegar a uma pequena ponte de madeira, que atravessava o rio, e em seguida, transposta a ponte, era obrigado a subir outra colina da mesma altura, para alcançar o centro da cidade.

Esta travessia, feita em vehiculo, levava mais d'uma hora.

Foi a similhante inconveniente que se tratou de remediar lançando por cima do valle do Sarina, a ponte pensil, que se vê na nossa gravura.

A obra, uma das mais notaveis dos tempos modernos, foi executada pelo engenheiro francez Challey, de Lyon, cujo projecto foi o escolhido, de entre os muitos que appareceram no concurso aberto para

A PONTE DE FRIBURGO

esse fim pelo governo cantonal suisso.

O comprimento total da ponte é de duzentos oitenta e tres metros. O systema de construcção é exactamente igual ao da nossa ponte pensil, o que nos dispensa de fazer a sua discripção. Limitar-nos-hemos a dizer que os quatro cabos que sustentam o taboleiro são compostos, cada um, de mil e duzentos fios de ferro, de cerca de tres milimetros de grossura e de tresentos e quarenta e sete metros de extenção. Calcula-se que estes quatro cabos reunidos poderiam supportar muito bem um peso de tres milhões de kilogrammas.

A construcção da ponte apresentava uma grande difficuldade. Os operarios trabalhavam suspensos, sem que occorresse uma só desgraça.

A obra principiou na primavera de 1832, e em 15 d'outubro de 1834, quinze peças d'artilheria, puxadas por quarenta e quatro cavallos e cercadas por tresentas pessoas, atravessavam a ponte, sem que esta indicasse o mais leve defeito. Dias depois a ponte soffria uma experiencia muito mais importante: era a população toda de Friburgo e dos arrabaldes, que como em procissão se dirigia d'um a outro lado do rio.

A experiencia, porém, official e definitiva, teve logar no mez de janeiro de 1836, carregando-se a ponte com um peso de cem kilogrammas por metro quadrado.

A despeza total d'esta enorme ponte excedeu a cento e dez contos de reis.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

IV

QUEM ERA D. CATHARINA DE SANDOVAL

(Continuação)

Contava-se, a respeito da condessa, uma historia bastante singular.

Dizia-se que estava casada com o conde de Santilhana, mas por uma questão d'honra e não por amor; e acrescentava-se que desde o dia das bodas as portas do quarto da condessa nunca mais se abriram para o conde, de quem, não obstante, era uma fiel alliada. Dizia-se além d'isso que diversos cavalleiros haviam tentado por varias vezes approximar-se de D. Izabel mais do que a etiqueta o permittia; mas que a dama soubera sempre repellil-os e mantel-os a uma respeitosa distancia.

Isto tudo, porém, não passava de tagarelices de cortezãos, tagarelices que podiam ser certas, mas que não tinham uma justificação exacta.

Luiz conhecia todos estes boatos, e apesar do difficil que era a conquista de tão nobre e rebelde dama, emprehendeu-a com toda a astucia de que era capaz.

A protecção que parecia dispensar ao joven o conde de Lazan abria-lhe as portas das principaes casas da côrte, e apesar de a algumas não ir mais vezes do que aquellas que a cortezia exigia, n'outras, e uma d'ellas foi a de Santilhana, foi bastante assiduo.

Joven, atrevido, formoso e nada vulgar, fixou os olhares com força irresistivel em D. Izabel, e a altiva dama não pôde ser-lhe indifferente.

Luiz comprehendeu que o seu primeiro olhar surtira effeito, e a pouco e pouco observou que ganhava terreno.

Em quanto a D. Catharina de Sandoval, toda a gente sabia da predileção que ella mostrava pelo cavalleiro andaluz.

Eis o estado d'aquelles dous amores, tão necessarios ambos, que se impozera o joven.

Quando saiu da entrevista com a filha do conde de Lazan, Luiz dirigiu-se a casa da amante do marquez de Alcaçar. Não parou diante d'uma janella; entrou por uma porta, que abriu com uma pequena chave que tirou do bolso, e desappareceu sem demora.

Pouco tinha caminhado no jardim a que a porta dava accesso, quando uma dama, que sem duvida o esperava, se abeirou d'elle e lhe disse:

—E' o snr. D. Luiz?

—Sou; conduz-me ao quarto de tua ama.

A joven serviu de guia a D. Luiz, encaminhando-o para uma escada, que communicava com o jardim. Subiram pela escada, atravessaram algumas salas, até que Maria, afastando o reposteiro que cobria uma porta, parou, dizendo para D. Luiz:

—Queira entrar, senhor.

O fidalgo entrou resolutamente na sala, e ao mesmo tempo uma mulher de esplendida belleza atirou-se-lhe aos braços, exclamando:

—Por fim chegou!

Luiz depositou aquella preciosa carga sobre a mole almofada d'um sofá e sentou-se ao seu lado.

A belleza de D. Catharina pertencia a uma especie que nos permittimos de qualificar d'esplendida, porque seduzia no todo, mas desagradava em detalhe.

Alta e grossa em proporção, os seus hombros, o peito e collo eram perfeitamente redondos. O seu rosto oval, enquadrado em bastas tranças de cabellos louros, expressava mais o lubrico desejo da bacchante do que o amor puro da virgem. Tinha os olhos rasgados e grandes, o nariz grosso e levemente abertas as narinas; a boca era um pouco larga, e o contorno da barba, não muito delicado, completava, como já dissemos, aquelle todo que agradava e seduzia, mas que não podia resistir ao severo exame da forma.

Mas, apesar d'isto, com a alegria e a sensualidade impressa no rosto, vestida com luxo deslumbrante, e á tenue luz dos candelabros que illuminavam o aposento, a formosura de D. Catharina era esplendida e poderosamente dominadora.

—Estavas impaciente, á força d'esperar-me? perguntou Luiz á dama com uma inflexão de voz doce e carinhosa.

—Impaciento-me sempre que não o vejo, Luiz, porque quando uma dama como eu se entrega a um homem sem reserva como eu fiz, é porque ama, e amando-o não se póde viver sem o ver e sem que os zelos acabem d'arrebatar o socego que similhante amor requer.

—E tu tens zelos, Catharina? exclamou D. Luiz lembrando-se de Maria.

—Feliz de ti se não os tens!

—Mas de quem tens zelos? Que ha em mim que te dê motivo para isso?

—Que ha? Que mais do que a tua gentileza? As damas da côrte teem os olhares muito indiscretos e os sorrisos muito provocadores, e tu não és nenhum cenobita que deixes desesperar umas e de corresponder ás outras! Sei por ventura o que fazes quando não estás ao pé de mim?

—Tenho-t'o dito muitas vezes; passo na camara do rei a maior parte do tempo, ou fallando com outros cavalleiros que me dispensam a sua amizade.

—Porque não quero que estejas na camara do rei todo o dia, obriguei o marquez a influir com o monarca para que elle te conceda esse condado de Castro Nuño que solicítas.

—Com que foste tu?... perguntou Luiz fazendo um imperceptivel signal de desgosto.

—Porque te admiras?

—Porque é um novo laço que mais me obriga a amar-te, respondeu Luiz estreitando a si a joven, que lhe apresentou o rosto.

—Oh! Luiz. Como te eu amo!

—Então foste tu que fallaste ao marquez?...

—Não lhe fallei; mandei, disse Catharina com orgulho. Quando se trata com um homem como o marquez, não se lhe pede, exige-se.

—Tens rasão. O marquez tem grande influencia na côrte.

—Tu has de ter mais. Eu te darei os meios de te engrandeceres.

—Que dizes? exclamou Luiz, por cujos olhos passou um fugitivo relampago d'ambição.

—Digo que subirás tão alto, que calcarás a todos.

—Estás louca. O marquez de Alcaçar nunca cahirá.

—Então cahirás tu.

—Eu?

—Sim, tu, porque o marquez principiará a suspeitar de ti.

—Não o creias. Possuindo o teu amor e o favor do monarca, pouco me encommoda tudo quanto o despeito do marquez possa fazer. Ha aspirações no meu coração; na minha cabeça agitam-se sonhos

d'ambição que a todo o transe realisarei ainda que hajam de custar-me a vida.

—Oh! Não. Morrer, Luiz; nunca! Quero que subas muito alto, porque estou certa de que jámais esquecerás o que por ti fiz!

—Oh! Nunca o esquecerei!

—Bemdito sejas, meu Luiz! Suspeito que enlouqueço á força d'amar-te!

—A felicidade não produz a loucura.

—Mas produzem-a os zelos!

—Já te disse que não te lembres de tal. Só tu és a rainha do meu coração.

—E' certo?

—Duvídas por ventura das minhas palavras?

—Não. Mais do que nunca estou convencida do teu amor.

—Agora adeus.

—Adeus, meu querido Luiz.

Um abraço poz fim a este dialogo, e os dous amantes separaram-se.

(Continua)

O PRIMEIRO BEIJO

(A MINHA MÃE)

I

Em jardim matisado de mil flores,
De torrentes e arroyos serpeado;
Ao escutar do rouxinol o canto,
E o sibilar do vento na floresta;
Ao contemplar a pallidez da lua,
As enormes cascatas prateando;
Ao ver o sol brilhante e magestoso
Dourar os montes e brincar nas agoas;
Respirando os balsamicos effluvios
Que á tarde a brisa dos rosaes trazia,
O rei de tantas creações sublimes,
O Senhor dos prodigios que o cercavam,
Tristemente sorri; e aos ceos, por vezes,
Em lagrimas banhado os olhos ergue.

—O' Deus Eterno! O' Creador immenso!
Se á planta déste irmã! se as ternas aves
Pousam duas a duas em seus ninhos;
Se a panthera, o leão, as feras todas
Teem companheiros que entendel-as sabem...,
Porque me deixas só?! Porque decretas
Dar aos seres creados em que impero
Companhias e affectos que eu não tenho?
Este brilho e o esplendor que me rodeiam
Que valem, se na immensa natureza
Ente não ha que á minha voz responda!

Em sonhos, Jehovah, vejo a meu lado
Um dos mais bellos anjos que te adoram;
Como quizera, ao despertar, prendel-o!
Ai! o sonho se esvae sem deixar traço,
Mais que este anhelo que me opprime o seio.

Senta-se Adão, e reclinando a fronte
No tronco de virente laranjeira,
Mudo contempla um par de meigas rôlas
A esvoaçar em derredor do ninho,
E, desviando os olhos, triste os cerra.

II

Qual é o sonho, Adão, que assim te agita?
Porque suspiras? Vem tingir-te a fronte
O mais vivo rubor... Tremes!... Sorrindo,
Os braços estendendo, prender julgas
O anjo que entrevês, que ancioso almejas?
Oh somno, não lhe fujas!... por instantes
Prolonga ainda esse gosar. Miragem
Que tens o amor e as fadas por cortejo,
Promette-lhe a ventura, que vem perto!

III

Dormiu... dormiu, e Deus ouviu-lhe os rogos,
E formou a mulher linda e piedosa,
N'alma abrigando divinaes thesouros:
O amor, a abnegação, o sacrificio,
Conjuncto de virtudes. Bafejando-a
Com paternal carinho, e vendo-a digna
De ser senhora d'este vasto mundo
(Que para ella preparara, esplendido,)
Satisfeito sorriu ao contemplal-a.
A sciencia... o poder do Omnipotente
S'tava encerrado ali. Essa obra prima
Foi o élo fechando o enorme circulo
Das creações do Immenso.

Emfim do sonho
Acorda o homem rei.

—Oh! não me fujas,
Visão etherea! Celestial encanto!
Mas... que? ficaste!... sonharei ainda!!!
Quão formoso não és! Aureas madeixas
Nos hombros d'alva espuma fluctuando;
Os labios mais vermelhos que a granada;
As faces côr de rosa; o olhar coado
Por entre os longos e sedosos cilios,
Raio de luz serena que penetra
Por entre a nevoa e aclara ceos e terra!
Porque fitas o chão? Que sentimento
Te faz arfar o seio? Empallideces!
Falla... dize... quem és? Quando dormia,
Via-te ao lado meu. Acaso errava
Julgando-te do ceo? D'este universo
E's o resumo? o fim? Tal formosura
E' crivel que pertença á humanidade?
Teus olhos, que me evitam cautelosos,
Teem mais brilho que as fulgidas estrellas;
Teus cabellos, que a brisa afaga e ondeia,
São dos raios do sol delgados fios!
Irei perder-te ainda? Oh! falla; dize
Que não queres deixar-me. Serão nossos
Estes campos de flores esmaltados,
Estas fontes de prata. Subiremos
Ao cimo d'estes montes. Lá mais perto
Renderemos, d'amor, a Deus mil graças.

Ella escutava, embevecida, tremula,
Cruzadas sobre o seio as mãos de neve.

IV

Quem póde suspeitar o sentimento
Que te fazia palpitar medrosa,
E no olhar velado te fulgia!?
Ao ciciar da brisa, ao rumor brando
Das seccas folhas que a teus pés tombavam,
Ao perpassar do insecto, aos pios ternos
Das aves que do sol se despediam,
Tremias, Eva, e em teus cabellos d'ouro
Mais te envolvias e coravas, anjo!

V

De repente uma luz fulgente, nova,
Illumina o terrestre Paraiso,
E o homem, offuscado, delirante,
O collo dobra e se declara escravo.
E' que a mulher erguera o olhar angelico,
Repassado d'amor e de ventura.

—Eu sou, diz ella, a tua companheira,
Uma porção de ti, a mesma essencia,
A mesma natureza, e nossas almas
Aspiram ambas a eternal amplexo.
A força symbolisas e a nobreza,
E's roble na altivez e magestade.
Eu, a singela flor, que enfeita os campos,
A amorosa rolinha dos silvados,
Symboliso o amor e encanto a vida.
Eva chamou-me o Eterno. Sobre a terra
Serei a tua salva-guarda, o riso
Que ha de alegrar a tua vida inteira;
A meiga confidente, a doce amiga,
A tua inspiração, o santo laço,
Que ao Senhor do Universo ha de prender-te.
Levanta-te! Ergue a fronte, que baixas-te;
Percorreremos juntos o caminho
Que o Senhor nos traçou, alegres sempre.
Se rires, eu rirei; se adormeceres,
Velarei o teu somno, a ouvir os cantos
Que ao fim do dia a natureza entôa,
Colhendo o fructo e a flor de que mais gostes.
Já não s'tás só, Adão!

VI

A madre-silva
Espargira no ar denso perfume;
As nuvens purpurinas e douradas
Esconderam o sol. Aura ligeira
Enrugara de leve o rio e os lagos,
Desfolhando por sobre os dous amantes
A perfumada flor da laranjeira,
Que nos cabellos d'Eva se prendia.
Enlaçaram as mãos e mudos ambos
Fitavam-se a tremer e duvidavam
De tamanha ventura. Ai! Quanto tempo
Se passou sem que os labios descerrassem;
Nem o sabiam!...

E' chegada a noite.
Vae a lua já alta; um dos seus raios
Vem acordal-os d'esse goso; e Eva
Tenta fugir; mas vê o amante ancioso
Baixar o olhar que o pranto humedecia.
Lança-lhe ao collo os braços, e offegante
Sobre o seio querido a fronte inclina.

VII

Um rouxinol ergueu seu doce canto;
Os jasmins, os rosaes, as violetas
Espalhavam no ar um doce aroma.
Em cadencia de mystica harmonia,
Murmuravam as agoas. Leve aragem,
Ao perpassar por entre os arvoredos,
Parecia ensinar mil ternas phrases.
A natureza inteira festejava
Esse primeiro amor, esse consorcio
Celebrado no templo do universo,
Tendo por tecto a abobada celeste,
De milhões de luzeiros marchetada,
Em que eram testemunhas as florestas,
A lua, calma e meiga, lampadario,
O sacerdote, o Creador dos Mundos...
O juramento emfim, o laço eterno,
Foi o primeiro beijo, ardente e casto.

ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA

OS MARONITAS

Designam-se pelo nome de maronitas os individuos pertencentes a uma seita christã quasi circunscripta ao monte Libano.

Os maronitas são naturalmente d'origem syriaca, porque a sua lithurgia ainda hoje é redigida no idioma da Syria.

E' á sua fé religiosa que elles devem o ter conservado uma especie d'independencia no meio d'um paiz conquistado pelos turcos.

Os maronitas foram a principio monothelitas, isto é, partidarios da seita que admitte duas naturezas em Jesus Christo. Parece que o seu nome e a origem provém d'um monge, de nome Marun, ou Maron, que no fim do seculo VI ensinava que ha em Jesus Christo uma só vontade, sem deixar de reconhecer as suas duas naturezas. Em 1182 houve uma primeira reconciliação entre es monothelitas do Libano e a Igreja romana,

reconciliação incompleta, que não levou á orthodoxia senão o patriarcha maronita d'Antioquia e alguns bispos. O que os maronitas chamam patriarcha d'Antioquia era e é ainda, até certo ponto, o seu chefe, a um tempo religioso, civil e militar. Mais d'uma vez foi elle que organisou a resistencia dos seus fieis ás ordens e aos ataques do imperador do Oriente. Mais tarde, depois da sua submissão definitiva, que teve logar no seculo XV, os maronitas, ao passo que conservaram uma verdadeira independencia, luctaram com vantagem contra todos os que tentaram atacar a sua fé religiosa e a sua autonomia politica. Os turcos submetteram-os sem os vencerem, tendo de contentar-se com um tributo annual.

Durante as cruzadas os maronitas prestaram os maiores serviços aos exercitos christãos. E' áquella epoca que se póde fazer remontar o direito de protecção que os governos occidentaes, e especialmente a França, se attribuiram sobre os christãos do Libano, tanto contra as machinações da Turquia como contra as vexações dos druzos, que são como os seus inimigos domesticos.

Sob o ponto de vista religioso, os maronitas são considerados pela santa sé como um grupo da grande familia catholica, apesar das suas praticas especiaes e do martyrologio particular. Os padres casam e entregam-se ao trabalho manual, de que tiram os recursos da sua sustentação.

O territorio que elles habitam abrange um grande numero de conventos, nos quaes vejetam, entregues á ignorancia e á ociosidade, vinte e cinco mil religiosos dos dous sexos, submettidos a uma inculcada regra de Santo Antonio.

Encarados pelo lado social, os maronitas são aguerridos, generosos, hospitaleiros, mas extremamente vingativos. Os odios de familia perpetuam-se entre elles como entre os corsos. Os maronitas consideram-se todos de nobre estirpe, e n'esta ideia usam turbante verde.

PHILADELPHIA

A cidade de Philadelphia, onde reside a côrte suprema dos Estados Unidos, está situada no estado da Pensylvania, junto da confluencia dos rios Delaware e Schuylkill.

A sua população, que não passava de setenta mil habitantes em 1800, era de nove centos e vinte mil em 1874, sendo oito centos noventa e dous mil brancos e vinte oito mil negros. Os estrangeiros são em grande numero.

A Philadelphia tem numerosos estabelecimentos scientificos; possue um porto vasto e seguro, um excellente arsenal, e estaleiros, d'onde saem bons navios mercantes e de guerra.

O mercado, no Market-Street, é immenso e passa por ser o maior do mundo. Encontram-se ali os productos das duas Americas, bem como os da Europa e da Asia. Com a Europa sustenta a Philadelphia um commercio muito importante, principalmente com a Inglaterra e com a França, com a America do sul, e sobretudo com o Brazil, com a Asia, a China e as Indias occidentaes.

Philadelphia é uma cidade muito elegante; as ruas são bem calçadas e extensas, com bellos passeios e perfeitamente alinhadas.

MARONITA DO LIBANO

Entre os edificios principaes notam-se a alfandega, toda de marmore, a egreja episcopal de Santo Estevão, a egreja catholica de S. Pedro e S. Paulo, a egreja de Christo, representada na gravura, a bolsa, a casa da moeda, d'onde sae todo o dinheiro que circula nos Estados Unidos, muitos theatros, o museu de Peel; o observatorio, o jardim botanico, etc. A universidade, fundada em 1755, é digna de mensão, e bem assim a bibliotheca publica, fundada pelo illustre cidadão Benjamim Franklin.

Além das duzentas e sessenta egrejas dos differentes cultos christãos, a Philadelphia tem seis templos de quakers; mas esta seita tende a desapparecer.

Foi o celebre William Penn que em 1681 lançou os fundamentos d'aquella cidade, a qual recebeu o nome de Philadelphia em memoria da união perfeita dos habitantes da colonia. Cresceu com rapidez tal, que antes de findo o seculo XVII já era a capital dos Estados Unidos.

Foi ali que em 1749 se concluiu com os indios das seis nações o tratado que poz fim á grande lucta entre colonos e indigenas. Um anno antes de estalar a guerra da independencia foi na Philadelphia que se reuniu o primeiro congresso.

Nos tempos modernos a patria de Franklin assignalou-se nos fastos do trabalho e da actividade humana, celebrando a exposição industrial de 1876, em commemoração do centenario da declaração da independencia dos Estados Unidos.

J. DA SILVA

OFFENBACH

Morreu Offenbach, esse typo celebre e ao mesmo tempo celebre compositor de musica.

Foi o filho querido da Europa musical. Nenhum dos soberanos que estiveram em Paris deixou de ir ouvir a musica ligeira, graciosa, brincalhona, do inspirado maestro. E quasi todos o quizeram conhecer.

Não conhecer Offenbach era de mau gosto. Vamos tambem conhecel-o, e, o que ainda se torna muito mais notavel, vamos conhecel-o depois de elle ter morrido. Façamos de conta que está vivo.

Delgado como um fuso, flexivel como um vime, estou certo de que, sabendo como collocar os braços e as pernas, desconjuntadas, apesar de serem compridas, caberia na caixa d'um chapeo.

Era talvez por isto mesmo que se podia considerar a vera effigie do movimento continuo. Todos os dias, quando não estava em Hamburgo, Baden, Spa, Bruxellas, Homburgo, Nice ou Dieppe, onde na melhor occasião brilhava e desapparecia como um relampago, era facil vel-o no *boulevard* dos Italianos, sahindo de casa de Peter's, entrando no café Bixe, e encaminhando-se para os *Buffos Parisienses*, creação sua, ou para o theatro das Variedades, que lhe é devedor d'uma grande parte da sua fortuna.

A qualquer hora e em qualquer sitio se via, fumando o seu charuto, ou mascando o cordão da luneta, a qual nunca abandonava, ou assobiando a musica de alguma das suas operas.

Nunca tinha, pois, a boca ociosa. E outro tanto acontecia com a sua mão direita, portadora, com todo o tempo, de uma bengala extraordinariamente delgada, com que media os compassos que assobiava ao andar, ou fazia girar em forma de molinete.

Mas continuemos o retrato do celebre maestro.

O nariz, exageradamente aquilino, revelava a sua origem israelita; tinha os olhos pequenos e vivos, as faces encovadas, tão encovadas, que os pomulos pareciam dous botões d'osso.

Collocae esta cabeça mephistophelica sobre um pescoço alto, imaginae uma fronte coroada por uma abundante cabelleira que cae em madeixas d'uma côr louro-cinzenta, ponde-lhe sobre o labio um bigodinho delgado, debaixo d'elle um sorriso zombador, e mais abaixo uma barba muito rara; vesti aquelles braços deslocados com um paletot curto, aquellas pernas nervosas com umas calças estreitas, coroae a figura com um chapeo sempre por escovar, e se está frio abrigae o maestro com um sobretudo largo, e tereis uma ideia do compositor que a França acaba de perder, do typo celebre, o mais popular dos tempos modernos.

Ao contrario do seu talento, era de pequena estatura. Quando Napoleão III o condecorou com a legião d'honra, disse um escriptor humoristico:

—O peor é que não tem onde a collocar.

Queridinho das damas, diz outro escriptor parisiense, porque em caso d'apuro pode até esconder-se no açafate da costura, Adonis-Offenbach emprega para com ellas uma galanteria das mais expressivas.

Talvez fosse em virtude dos favores que mereceu de Apollo e de Cupido que elle adquirira o ar insolente que o caracterisava. Pelo modo como encarava os homens conhecia-se que se julgava superior a todos; nos olhares que dirigia ás mulheres comprehendia a menos atilada que não pedia, mandava.

E sem embargo, a sua jovialidade, o seu porte elegante, a sua divertida conversação, os seus costumes independentes, a graça com que perdia o dinheiro sempre que jogava, conquistaram-lhe amigos, amigos verdadeiros e numerosos, na imprensa e no mundo elegante parisiense.

EGREJA DE CHRISTO NA PHILADELPHIA

Filho d'uma pobre familia de musicos, passara grandes necessidades na infancia, e antes de ser maestro, tinha desempenhado em uma orchestra o cargo de violoncello. Mas a sua facilidade para improvisar, a frescura, a belleza, a graça das suas composições, não tardaram em dar-lhe popularidade.

O povo queria alguma cousa mais do que as canções *pour boire*, a classe media e o grande mundo queriam para divertir-se alguma cousa mais viva do que as operas e operas-comicas. O ponto em que convergiam duas vontades, dous desejos para fundir-se em um só praser, a alegria, foi o theatro dos *Buffos Parisienses*.

Orpheu nos infernos, uma das primeiras obras de Offenbach, representou-se tresentas e sete vezes a seguir. Passam de cento e cincoenta as partituras do fecundo maestro.

Como dissemos acima, compunha quando andava, quando comia e até quando dormia. As suas melodias nasciam sob a forma d'assobio. Por isso dizia Offenbach:

—Não tenho uma só opera que não fosse pateada por mim e applaudida pelo publico.

Em quanto compunha e ensaiava, não havia compositor mais enthusiasta pela sua musica. A' segunda representação, não fazia caso d'ella.

Uma das suas manias era imitar pela musica os sons da natureza. Fez urrar o violão, trinar a flauta, mugir o violoncello, cantar a viola, relinchar o violino.

Tinha uma composição que só executava entre amigos de confiança. Quando a ouve, parece á gente que está dentro da arca de Noé.

THEODORO

UM POETA

I

O manto sombrio da noite descêra vagarosamente, envolvendo a terra nas suas amplas pregas.

Illuminado pela luz pallida da lua, o céo tinha a sublime magestade do infinito, e similhava um vasto mar ermo e tranquillo.

Era profundo o silencio que pairava sobre a terra, como profunda era a insondavel abobada que lhe servia de docel.

Môrno era o ambiente, e perfumes deliciosos n'elle se espalhavam, roubados por mãos invisiveis aos calices das flores.

As arvores similhavam mudos phantasmas, velando solicitos o somno dos pacificos habitantes da aldeia. Suas copas opulentas não se moviam, porque a noite era absolutamente calma.

Doze vibrações sonóras, compassadas, melancholicas, haviam sahido da exigua ventana do modesto campanario da parochia, indo lentamente atravez da amplidão annunciar aos que por ventura ainda velavam, a hora fatidica que, para os filhos do erro e da superstição, é nuncia de tristes vaticinios, de lugubres espectros, de horrendas visões.

Se é certo que o sulco, aberto facilmente no metal exposto á acção do fogo, nada o apagará apenas o arrefecimento do mesmo metal lhe restitúa a solidez nativa; tambem não é menos verdade que as impressões recebidas por nossa alma no alvor da existencia se tornam igualmente indeleveis em todo o decorrer dos tempos. Assim, muito embora a rasão repilla certos factos como impossi-

veis, embora o homem culto sorria desdenhosamente ante as superstições do vulgacho rude; quantas vezes, evocados pelo silencio e solidão da noite, aos tempos em que, na lareira confortavel da casa paterna, ouviamos extaticos, com o espanto desenhado nos rostos infantis, os contos fabulosos da velha cosinheira; quantas vezes, diziamos nós, sentimos um estremecimento repentino abalar-nos os membros ao ouvirmos soar a derradeira pancada que marca no bronze d'um sino o ultimo instante do dia de hontem e o primeiro momento do d'amanhã?

Quantas vezes, passando a deshoras por junto dos muros d'um cemiterio, parece accometter-nos uma horrivel sensação de frio, intenso como deve ser o que envolve os restos dos que dormem o pesado somno do sepulchro, e os cabellos se nos erguem na fronte, d'onde mana um suor glacial?

E, todavia, quão longe estamos de crêr que as gelidas ossadas de nossos irmãos se ergam das campas para virem cingir-nos em horroroso amplexo com seus esqueleticos braços!

Um magestoso edificio, onde a mão implacavel do tempo esculpira os vestigios de mais de um seculo, se alevantava sombrio ao norte do povoado, parecendo com a altivez do *senhor* dominar a humildade das miseraveis casinhas da aldeia.

O exterior ennegrecido e melancolico do palacio contrastava singularmente, segundo diziam, com a opulencia e bellezas encerradas no ulterior.

A lua batia de chapa nas janellas da vasta frontaria, luctando em vão com a luz artificial que brilhava atravez dos vidros das janellas do salão do baile.

Cá fóra mal se ouvia um confuso rumor, conjunto de vozes humanas, notas de musica e tropel de dança; e quando esse rumor lograsse ferir os ouvidos de algum tardo tranzeunte, fôra mister applicar a maior attenção, para conseguir determinar-lhe bem a origem.

Defrontava com o velho solar um largo, circumdado de grades de ferro, com um grande portão aberto de par em par.

Respeitaveis membros da familia vegetal, carvalhos, alamos e outras arvores, que pelo admiravel desenvolvimento, denunciavam a sua provecta idade, campeavam altivas defronte do velho palacio, de que talvez eram coevas.

As roupagens com que a natureza se veste durante o estio, envolviam-lhes os robustos braços e emmaranhados galhos, fazendo projectar opácas sombras ao longo do solo, coberto de formosa alcatifa de relva e flores silvestres. Aqui e além viam-se ao vultos informes de enormes pedras, que segundo a tradição, para ali tinham sido mandadas conduzir pelos antepassados do actual possuidor do palacio, com o fim de fazer novas e importantes edificações em continuação do edificio, já de si vasto em demasia; mas porque o actual proprietario julgasse inutil a realisação d'esses projectos, deixou que a mão do inimitavel artista chamado tempo vestisse de musgo e parasitas a superficie irregular d'esses gigantes monolithos, destinados a darem perenne testemunho do talento dos esculptores d'uma geração remota, e condemnados pelo positivismo de seu ultimo senhor a conservarem as toscas e primitivas formas.

Sobre uma d'essas pedras lobrigava-se a custo um vulto, que, mau grado a sombra projectada ao derredor, se percebia ser humano; vacillar-se-ia porém antes de se affirmar se era creatura viva, se um cadaver, se um busto inanimado de materia identica á do ponto de apoio. Tal era a sua immobilidade.

(Continua) ALBERTO CARLOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

VI

EM FRANÇA

(Continuação)

Cercada por occasião da guerra de 1870-1871, Paris sustentou durante cinco mezes os rigores do bombardeamento, do incendio e da morte, sem que o inimigo podesse apoderar-se d'um só forte ou fazer calar uma só bateria; a população civil deu n'essa triste conjunctura provas d'uma coragem heroica, que merecia outra cousa que não a dôr d'uma capitalação obrigada pela fome.

Paris é a cidade que possue mais estabelecimentos creados pela caridade christã: hospitaes, hospicios, asylos, escolas gratuitas e creches.

A superficie de Paris é de 7:540 hectares. O seu recinto fortificado tem 33 kilometros de circuito; 16 fortes separados defendem as entradas. Contam-se 3:500 ruas, mais de 65:000 casas, 70 boulevards, 230 becos, 40 caes, 244 praças ou encruzilhadas, 26 pontes, 70 mercados, 10 matadouros, 2:098 fontes publicas; 25:515 lanternas, sendo 23:278 a gaz; 333 escolas, muitas d'ellas especiaes; 70 egrejas, 18 quarteis militares, 18 hospitaes, 9 hospicios e 3 grandes cemiterios. Por baixo da cidade ha um vasto systema de canos d'esgoto, que abrangem 700 kilometros; as suas immensas catacumbas são das grandes curiosidades parisienses.

Paris divide-se em 20 districtos, subdivididos em 80 quarteirões. Está assente sobre as duas margens do Sena, que a atravessa em uma extenção de cerca d'oito kilometros.

Basta de Paris; demos agora um passeio pelos arredores. Aqui temos Versailles, S. Cloud, S. Germano, Sceaux, Meudon, Sevres, S. Diniz e a sua abbadia, onde estão sepultados os reis de França; Montretout, onde se deu o ultimo combate do cerco de Paris em 1871, etc.

Percorramos agora em rapida visita as principaes cidades de França. Bastará mencional-as pela ordem da população e a importancia commercial.

Lyon (324:000 habitantes), segunda cidade de França, importante pelas suas fabricas de seda; Marselha (312:000 h.), o primeiro porto de commercio no Mediterraneo; Bordeaux (194:000 h.), porto de bastante movimento e com um afamado commercio de vinhos; Lille (158:000 h.), praça forte e cidade manufactureira; Toulouse (124:000 habitantes), grande e antiga cidade com notaveis monumentos romanos; Nantes, porto commercial sobre o Loire; Santo Estevão (110:000 h.), cidade productora d'armas, fitas, fazendas, e com muitas minas de carvão de pedra; Rouen (103:000 h.), bellos monumentos; Havre (75:000 h.), grande porto commercial na Mancha; Roubaix (75:000 h.), cidade manufactureira, que exporta grande quantidade de fazendas; Reims (70:000 h.), cidade manufactureira e que faz grande commercio com os vinhos de Champagne, nomeados em todo o mundo; Toulon (69:000 h.), porto de guerra no Mediterraneo; Brest (66:000 h.), porto militar, com um arsenal e um excellente ancoradouro; Amiens (61:000 h.), uma bella cathedral; Nines (60:000 h.), numerosos monumentos romanos; Versailles (60:000 h.), castello, parque, museu historico; esta cidade foi o quartel general do exercito allemão em 1870, durante o cerco; depois de feita a paz, a assembleia nacional, reunida em Bordeaux, trasladou-se para ali; Montpellier (56:000 h.), cidade extensa, notavel pela sua faculdade de medicina; Angers (55:000 h.), commercio de vinhos brancos; Limoges (55:000 h.), casa central de detensão; Rennes (52:000 h.), commercio de pannos; Nancy (52:000 h.), cidade formosa, com uma escola florestal; Nice (50:000 h.), notavel pelo seu clima temperado e salubre.

Além d'estas cidades, é justo nomear as seguintes, que teem menos de 50:000 e mais de 25:000 habitantes:

Orleans (49:000 habitantes); Besançon (47:000 h.); Mans (45:000); Tourcoing (43:000); Tours (42:000); Caen (42:000); Grenoble (40:000); Bolonha (40:000 h.); Dijon (39:000 h.); Lorient (38:000); Clermont-Ferrand (38:000 h.) Cherburgo (37:000); Avinhão (37:000); Troyes (36:000); S. Quintino (34:000); Dunkerque (33:000); Poitiers (31:000); Beziers (31:000); Burges (30:000); Rochefort (30:000); S. Diniz (30:000); Aix (28:000 h.); Arles (28:000); Angouleme (25:000 h.).

Não nos despediremos da França sem fazermos uma pequena visita á Corsega, ilha situada ao sul da França e que forma um departamento.

(Continua)

A VENUS NEGRA

—

(Conclusão)

Ernesto referiu então a Pomaré as provas d'estima que havia recebido do commandante e da marinhagem dos navios, d'onde se derivava a grande afflicção que n'aquelle momento sentia por se ver separado de tão affectuosos companheiros, que talvez não tornasse a ver. No fim a rainha sorriu e disse-lhe:

—Descança. Se elles não vierem buscar-te, ficarás comigo. Desagrada-te a minha companhia?

—Oh! Pelo contrario.

—Olha, disse a negra com um certo orgulho infantil. Os meus subditos dizem que sou formosa.

E não era mentira. Aquella selvagem era uma verdadeira Venus d'ebano, de formas seductoras. Parte do corpo, desde os peitos até um pouco acima do joelho, trazia-o coberto com uma faixa de panno, cuja alvura ainda mais realçava o negro aveludado da cutis, dando um aspecto de candura e belleza áquelle todo, que encantava e seduzia.

Bettencourt não teve forças de recusar os offerecimentos da joven rainha. Assim resignou-se a abraçar a corrente das circumstancias.

Por ordem de Pomaré recolheram-se os restos do naufragio. Entre os objectos que o mar lançara á praia, contava-se um cofre de folha, que Bettencourt abriu, encontrando n'elle alguma roupa, que lhe foi de muita utilidade para se mudar, e uns poucos de livros.

A rainha ficou admirada ao ver um livro. Era talvez o primeiro que via. Um d'elles tinha estampas primorosas, e a admiração da negra cresceu de ponto ao contemplar a reproducção das pessoas e dos objectos em uma simples folha de papel. Os seus grandes e formosos olhos, fitos no mancebo, não cessavam de o interrogar.

—Que é isto? perguntou emfim.

—E' um livro religioso; é a Biblia. Estes caracteres referem, por meio da imprensa e da escripta, a historia de tudo quanto succedeu no mundo desde a sua creação até á morte de Jesus Christo.

A joven não podia comprehender nada d'isto. Sorriu meigamente e disse:

—Tu me ensinarás tudo isso.

Desde o dia seguinte, todas as tardes, a Venus negra, aquella rainha solitaria, joven, d'olhar expressivo, ia sentar-se á porta da cabana, diante das agoas tranquillas do lago, que espelhava aquella formosura indigena. Bettencourt sentava-se ao lado d'ella, com o livro aberto na mão; Pomaré fincava docemente o cotovello no joelho do marinheiro e observava com extraordinaria attenção as figuras do livro que elle lhe mostrava.

Que bello, que interessante grupo!

Em certa ocasião, deparando com a pintura d'Adão e Eva no paraiso, a bella selvagem quiz saber o que aquillo significava. Ernesto explicou-lh'o e ella ficou pensativa.

A' noute, quando a lua brilhava no ceo e o mar se achava em profunda calma, a rainha acercou-se do seu hospede e disse-lhe:

—Olha. Este ambiente é um paraiso como o teu. Tu e eu estamos sós. Porque não nos havemos d'amar como se amavam os personagens do teu livro?

Fallava n'ella o coração e a natureza; expressava o que sentia, porque as mulheres das Sandwichs não sabem esconder os seus pensamentos.

Refere a historia o fim d'aquelles episodios, que brotaram espontaneos sob o ceo do tropico de Cancer, sob aquella soledade e no meio d'uma natureza esplendida e voluptuosa? Tudo o que sabemos é que Bettencourt não abandonou mais a bella Pomaré, nem mesmo quando Laperouse voltou a visitar aquellas ilhas e encontrou, com a maior das surprezas, aquelle que todos haviam julgado morto.

Bettencourt foi como o rei d'aquellas regiões, e a elle se deve, e não pouco, o principio da civilisação das ilhas, e o conhecimento da riqueza florestal e dos costumes do até então quasi mysterioso archipelago.

Ainda hoje a tradicção consagra o amor generoso da Venus negra, como lhe chamam os europeus, ao nobre marinheiro, a quem, dando franca hospitalidade, acabou por dar o coração.

Bettencourt fez comprehender aos indigenas que as leis da superstição pelas quaes se governavam eram usos contrarios á moral e aos bons costumes. Visitou as ilhas; percorreu-as em todas as direcções, classificou as plantas, estudou os productos e observou os vulcões. Foi elle que mediu a grande cascata que ha na parte septentrional da ilha, e deve-se-lhe o conhecimento de que tem cem metros d'altura. Visitou o vulcão de Kiro-Ea, bem como as crateras de Puna-Hohoa, muitas das quaes estão em plena actividade.

E' tão quente o terreno circunvisinho dos vulcões, que a comida cose-se sobre folhas postas no chão.

Depois do episodio que acabamos de referir, a civilisação da ilha fez tão rapidos progressos, que não podem deixar de causar admiração.

As ilhas Sandwich teem hoje jornaes, redigidos em dous idiomas, o dos indigenas e o inglez. Estes jornaes conteem noticias de tudo quanto occorre na Europa, na America e na Asia; inserem artigos d'educação, de sciencias, d'artes, e especialmente d'educação. Ha escolas para ensino e sustentação de creanças pobres, e sociedades de soccorros. Vendem-se na ilha todos os productos da Europa, e na capital ha theatros, salão de concertos, bibliothecas e escolas d'agricultura.

No meio de todo este progresso, em um paiz onde dentro de poucos annos os costumes variaram completamente, ainda hoje ha algum ancião, que, sentado tranquilamente á porta da sua cabana, exclame ás vezes para seus filhos e netos:

—Tudo isto devemos á Venus negra. Aquella formosa filha do paiz reteve um estrangeiro na sua cabana e desde então o primeiro raio de luz veio dissipar as trevas em que estavamos envolvidos.

A tradicção subsiste ainda e o nome da formosa Pomaré anda na boca de todos os habitantes das Sandwichs.

Não concluiremos sem dizer que este archipelago é hoje um dos pontos para onde mais converge a corrente da emigração portugueza, especialmente dos colonos das nossas ilhas, onde ha agencias encarregadas de promover a emigração. Se o facto é para lamentar, ha pelo menos a consolação de que os nossos irmãos teem ali um clima saudavel e na docilidade dos naturaes encontrarão, até certo ponto, compensação á falta dos conchegos e carinhos da familia.

E' provavelmente em homenagem á memoria da bella Pomaré e do seu amante, um portuguez de lei, que os sandwichianos tributam amisade e auxilio aos filhos de Portugal.

ZIG-ZAGS

—

O CONCERTO

Um pianista, preparando um concerto para seu beneficio, dizia a um amigo:

—Ah! Não imaginas quanto é duro dar um concerto.

—E então recebel-o! respondeu o outro.

—

JARDINS BOTANICOS

O mais antigo dos jardins botanicos da Europa é o de Padua, fundado em 1540 pela illustre casa de Medicis; os de Piza e Bolonha foram estabelecidos em 1547.

Depois d'estes fundaram-se muitos outros, como o de Montpellier em 1598; o de Paris em 1626; o de Upsal em 1657; o de Edimburgo em 1675; o de Leydo em 1677; os de Berlim e Leipsick em 1680; o de Oxford em 1683; o de Amsterdam em 1688; o de Petersburgo no tempo de Pedro I; o de Madrid em 1756; os de Lisboa e Coimbra no reinado de D. José I.

—

ERRATA—Na pagina 45, columna do meio, linha 13, onde se lê: 45 milhões de habitantes, leia-se 4,500:000 habitantes.

—

O BAOBAB

Durante muito tempo o baobab, conhecido tambem pelo nome de *arvore do pão*, foi considerado o collosso das arvores; mas depois que na California se descobriu a sequoia e outras arvores gigantescas, o baobab perdeu mui grande parte da sua celebridade.

Ainda assim, é uma arvore que, sob diversos titulos, merece a nossa consideração.

Ha só uma especie de baobab; é a *adansonia digitata*, que cresce no Sudão, no Darfur, Abyssinia e costas occidentaes da Africa, desde as ilhas de Cabo Verde até ao Congo.

A sua altura não é extraordinaria; não costuma exceder a nove ou dez metros; mas em largura attinge as maiores proporções. O tronco chega ás vezes a ter trinta metros de circunferencia, e esta massa enorme é coroada de ramos não menos gigantescos, do comprimento de vinte a vinte e cinco metros, e tão grossos como as maiores arvores das nossas florestas.

O peso dos ramos fal-os inclinar, de modo que as extremidades chegam a tocar no chão, e a arvore inteira assimilha uma vasta cupula de verdura. As raizes teem dimensões analogas e estendem-se até muito longe, por cima da terra, como serpentes monstruosas.

O fructo do baobab, conhecido pelo nome de *pão de bugio*, é de forma ovoide, do tamanho d'uma laranja, e cuja polpa é um pouco acidulada, achando-se ahi disseminadas as sementes. Esta polpa é bastante agradavel ao paladar, sendo adoçada. O succo serve para preparar uma bebida muito aprovada contra as febres perniciosas. Quando o fructo está podre, emprega-se como sabão.

Os indigenas do Senegal empregam as folhas, depois de seccas e reduzidas a pó, para addicionar aos alimentos, e servem-se d'esse pó como nós nos servimos do pão.

No interior do tronco usam alguns povos africanos abrir buracos, nos quaes depositam os cadaveres dos feiticeiros, que é assim como elles consideram os seus poetas, os guerreiros, os espiritos superiores emfim, para ahi se reduzirem á condição de mumias. Uma arvore que se distingue por particularidades tão extraordinarias não podia deixar d'excitar ao mais alto grao a admiração de povos ignorantes e supersticiosos; é por isso que aquelles selvagens tributam ao baobab uma especie de culto.

O BAOBAB

Segundo os calculos de Adanson, o baobab não precisa menos de seis mil annos para attingir o seu completo desenvolvimento.

O baobab dá-se muito bem nas regiões mais quentes da Africa, preferindo, comtudo, os terrenos areentos, que é onde se veem os mais corpulentos exemplares d'esta especie. O baobab tambem se aclimou em diversas partes da America meridional; mas, cultivado em estufa, não attinge as proporções collossaes como quando cresce ao ar livre.

E' só então que uma só arvore forma uma floresta completa.

EXPEDIENTE

Dos snrs. correspondentes que ainda não nos enviaram as liquidações que lhes pedimos, esperamos o favor de nol-as enviarem com brevidade, a fim de regularisarmos a escripturação.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos. As terras onde temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza litteraria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHA-SE já reimpresso o numero 1 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem. Os numeros 2, 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 10

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 4 DE NOVEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto.

SUMMARIO

Texto: — O encantador de serpentes — Um poeta, por Alberto Carlos — Sol intimo (poesia) por João de Deus — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O coração (excerpto) pelo barão de Roussado — Meca — Fenelon, por J. da Silva — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Perfis (poesia) por Ernesto Pires — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Charada, por Julia Lisse — Zig-Zags: — Uma comedia em um wagon — A montanha mais alta — As ilhas Borromeias — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — O encantador de serpentes — Meca — Fenelon — As ilhas Borromeias.

O ENCANTADOR DE SERPENTES

Nos immensos desertos da America do sul não são raros os indios, pertencentes ás tribus chamadas dos pelles-vermelhas, que sabem encantar as serpentes por meio dos sons musicaes, sendo commummente os instrumentos a flauta ou o tambor, e algumas vezes ambos juntos.

Em algumas cidades da America, como Boston, Montreal ou Quebec, andam bandos d'esses indios mostrando as suas habilidades ás populações admiradas. São, porém, os europeus os que mais interesse ligam ao espectaculo, e o que vamos contar, por mais que pareça fabula, é referido por um sisudo viajante inglez, testemunha ocular do facto.

Quem ha cousa de dez annos visitasse a celebre cathedral de Montreal, veria, mettido em uma especie de nicho, aberto na grossa parede de cantaria, pela parte de fóra do templo, e junto á praça do mercado, um individuo, vestido á moda dos selvagens do *Far West*, com um largo cesto de vime ao lado d'elle. Estava sentado sobre uma pedra, e, de quando em quando, punha sobre os joelhos uma especie de tambor, no qual dava um rufo corrido para attrahir a gente. Era o signal de que começava o espectaculo.

O ENCANTADOR DE SERPENTES

O publico juntava-se, a principio a respeitosa distancia, e depois approximava-se mais, sem deixar de manifestar um certo instincto repulsivo por aquelle espectaculo. Mas ainda não dissemos em que este consistia.

Tres Rios, que assim se chamava o indio, depois que a concorrencia era numerosa, cessava de tocar o tambor, e tirava do peito uma flauta, na qual modulava uns sons bastante suaves. Via-se então a tampa da cesta agitar-se e não tardava a assomar a cabeça d'uma monstruosa serpente, que a pouco e pouco se indireitava, formava caprichosas ondulações, apoiava-se nos joelhos e nos hombros do indio, e subindo sempre como encantada pelos sons da flauta, acabava por collocar a cabeça junto da boca do domesticador, permanecendo assim largo tempo.

Mas não parava aqui o espectaculo; isto formava a primeira parte. A serpente parecia tremer ao ouvir os cadenciados acordes; abria a boca, agitava a lingoa, experimentava emfim um praser extraordinario. Orpheu com a sua lyra não lograria mais do que este filho da natureza.

Quando Tres Rios tinha conseguido magnetisar a serpente, quando era senhor absoluto d'ella, então estabelecia-se entre elle e a cobra uma communicação mysteriosa, cessava a musica e o indio dizia:

—Vamos, *señorita* (era este o nome da serpente); qual é a menina mais bonita das que estão presentes?

A cobra allongava o colo, olhava para todos os circunstantes que formavam um circulo, e indicava sem vacilar a joven que na realidade era a mais linda de todas as que ali se achavam.

—Qual é o homem mais rico dos que estás vendo?

A serpente fazia a mesma operação sem enganar-se.

—Quem são, dos que estão presentes, os homens casados e solteiros?

A serpente indicava uns e outros sem se enganar uma só vez.

Mas estas perguntas eram d'ordinario rudimentarias. O instincto da adivinhação passava a um grao mais extraordinario.

Um dia a serpente disse que o governador de Quebec havia de morrer em aquelle mesmo anno; Tres Rios contou os mezes e a serpente moveu a cabeça em signal affirmativo ao ouvir o nome do mez d'agosto. O publico pediu que marcasse o dia do fallecimento e a serpente fez a mesma cousa quando o indio chegou ao dia 11. Tudo isto podia ser uma combinação sem consequencia para que o auditorio se risse; mas o notavel do caso é que a prophecia se cumpriu ao pé da letra, morrendo o governador exactamente no dia marcado pela serpente mezes antes.

Poderiamos citar mais casos identicos; mas estes bastam.

Escusado é dizer que o indio possuidor d'um reptil de tanto prestimo juntava muito dinheiro, e além d'isso não havia mulher, nova ou velha, que não levasse á serpente uma libra de carne do proximo mercado, para que ella lhes predissesse se casariam ou não dentro d'aquelle mesmo anno.

E quando ellas a consultavam, podiam ter a certeza de que casariam ou ficariam solteiras, segundo a affirmação da serpente.

O viajante inglez a que nos referimos viu muitos espectaculos d'este genero, não só nas cidades da America do norte, mas nos extensos territorios occupados pelos pelles-vermelhas, entre os quaes o encantar as serpentes é quasi uma profissão, uma arte lucrativa.

UM POETA

I

(Continuação)

Furtemos á lua um raio da sua doce luz, e façamos conhecer aos leitores o mysterioso personagem que, a taes horas, se entregava a tão singular capricho.

E' um mancebo modestamente trajado, cuja fronte altiva denuncia alguma cousa de grande e sublime, alguma cousa mais nobre que a aristocracia dos pergaminhos, a aristocracia do talento. Tem o semblante triste; seus olhos são negros e de expressão concentrada; seus labios delgados, pouco propensos ao riso; a barba é fina e cresce em um desalinho, que harmonisa com o decente abandono dos vestidos, escrupulosamente limpos. Está sentado; serve-lhe de espaldar o tronco d'um carvalho; em uma das mãos conserva uma rosa já murcha; com a outra como que intenta abafar as desordenadas pulsações do coração.

E, atravez das vidraças do salão, veem redemoinhar na vertigem da walsa os vultos formosos das damas, resplandecentes de formosura, ouro e pedrarias, e dos labios do solitario moço se exhala um mal disfarçado suspiro.

II

Que se passava n'aquella alma angustiada? Eis o monologo mental do mancebo:

—Frivola sociedade, teu corpo contaminado pela gangrena da corrupção, dissolve-se, esphacela-se.

De ha muito que a flaccidez de teus membros denuncia o principio morbido, que te havia de lançar aos vermes do sepulchro.

Mais desgraçada do que o Lazaro das Escripturas, porque esse corroia-o a lepra do corpo, e a ti corrompe-te a gafa do espirito, não haverá voz potente, que te faça surgir da campa a que te abeiras.

O ouro é hoje o symbolo do poderio. Só a elle se curvam os filhos abjectos d'esta raça degenerada.

Talento, virtudes, que valem?

Nobres esforços d'almas varonis para a reivindicação das prerogativas a que tem jus, que importam?

Taes dotes são preteridos pelo fastigio do ouro; taes esforços, impotentes ante o indifferentismo dos opulentos e o escarneo dos lisonjeiros servis.

Desgraçado do que descerra os olhos ao sol do dia de hoje! Antes o nada!

De que servem thesouros inexhauriveis de virtude no meio d'uma geração perdida?

Em balde o homem honesto se arrasta a custo pela escabrosa senda da sua misera existencia!

Quando julga ir attingir o sublime scopo a que mira, negam-lhe a protecção de que precisa; fallece-lhe o apoio de que carece; não encontra os meios de que ha mister.

A sua presença é nociva aos que vivem identificados com os vicios da sociedade actual.

Almas immaculadas, que so's, senão uma sombra implacavel que persegue os que venderam em almoeda as consciencias venaes?

Assim como o ar saturado de gazes deleterios perturba as funcções do organismo, causando ás vezes a morte; assim o ambiente perfumado dos salões, transformado em toxico fatal, vos envenena as almas.

Nas vidraças de vossos palacios espraiam-se as ondas do luar; mas a luz pura e melancolica da lampada do Infinito pára assustada antes de transpor os vossos portaes, receiosa por ventura de misturar-se com os clarões dos candelabros que illuminam scenas de devassidão.

Homens corrompidos, paes indignos, que vos regosijaes vendo os franzinos corpos de vossas filhas cingidos nos voluptuosos braços dos netos degenerados de verdadeiros fidalgos; porque vos repugna a alliança d'essas formosas vergonteas com os obscuros, mas honestos filhos da plebe?

Ignoraes, por ventura, que as virtudes que herdamos, e a instrucção que colhemos, valem mais que os encarquilhados pergaminhos, os brazões heraldicos e os thesouros replectos d'ouro, que vos legaram em patrimonio?...

Precisamente no momento em que o mancebo fazia estas amargas reflexões, soava meia noite. Um involuntario estremecimento lhe abalou os membros.

E, no entanto, os vultos das damas viam-se, atravez das vidraças do salão, redemoinhar na vertigem da walsa.

Aquelle estremecimento foi como a sacudidura que mão mysteriosa nos dá a deshoras, despertando-nos bruscamente d'um sonho, para nos lançar immediatamente n'outro.

A ultima pancada do bronze veio chamar o espirito de Fernando para um outro mundo muito diverso, o mundo do seu passado.

As scenas da infancia; os carinhos da mãe, a quem ha muito havia tragado o sorvedouro insaciavel chamado morte; os extremos do pae, cujo passamento recente ainda panteava; os bons tempos do collegio, em que sonhara futuros de rosas; tudo lhe vinha á memoria, não confusamente, mas com aquella pureza de linhas, aquelle relevo de contornos, que costumam denunciar o cunho da actualidade.

Estes quadros, aliás nitidos, passavam porém aos olhos da sua alma com a rapidez do relampago; estas scenas desenrolavam-se-lhe ante o espirito desvairado com a celeridade com que parecem fugir d'um lado e d'outro d'um comboio a toda a força do vapor as paisagens que orlam o caminho.

E n'este divagar incessante, como que em descida vertiginosa de escada ingreme ou empinada ladeira, as suas reflexões vieram cahir no presente, a mais arida phase da sua existencia.

(Continua)

ALBERTO CARLOS

SOL INTIMO

—

Os olhos, sempre que os puz
Fitos no astro do dia
(Parece que se introduz
Tanta luz na phantasia!)
Sabem o que acontecia?
Fechava os olhos e via
Do mesmo modo essa luz!

Assim foi essa visão
Que tive por meus peccados!
Nunca uma breve impressão
Em meus olhos descuidados
Deu tamanhos resultados!
Que é vêl-a d'olhos fechados
Ainda no coração!

João de Deus

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

V

O FINAL D'UMA NOUTE

D. Rodrigo de Cardenas, conde de Santilhana por especiaes serviços d'um de seus antepassados, era um perfeito cavalleiro, valente e atrevido; mais soldado do que cortezão, era excessivamente brusco e arrebatado, mas bom no fundo.

Era fiel ao rei; mas pela noute e depois do toque d'Ave-Marias costumava ir pelas ruas, com outros cavalleiros, á cata d'aventuras, as quaes produziam quasi sempre um escandalo.

Uma das damas de mais nomeada na côrte era D. Izabel de Zuñiga, filha do conde de Placencia. Sua formosura e reputação sem mancha davam-lhe realce sem igual. Altiva e poderosa, nunca soubera o que era amor; D. Rodrigo viu-a e fallou-lhe, sem obter ser correspondido.

O conde não lhe tornou a fallar de amores; mas nem por isso esqueceu o desaire.

Uma noute, os cavalleiros que costumavam então procurar aventuras, entre os quaes ia o conde, mais embriagados todos do que d'ordinario, tinham espancado algumas rondas e particulares, quando encontraram uma liteira escoltada por dous escudeiros com archotes e conduzida por dous robustos alazões.

Os libertinos dirigiram-se á liteira e o conde de Santilhana exclamou:

—Juro pela minha alma que, sendo esta a unica aventura que se nos offerece esta noute, revestida d'algum interesse, hei de dar um beijo na dama que vae na liteira.

—E se fôr um cavalleiro? perguntou um dos da sucia.

—Obrigal-o-hei a sahir e a cruzar a sua espada com a minha.

—E se fôr uma velha?

—Velha ou nova, os meus labios hão de pousar-se-lhe no rosto.

E os rapazes, entre risos e algazarra, rodearam a liteira; afastaram os escudeiros, e o conde abriu a porta, approximou o archote que tirara a um d'aquelles e ao ver a pessoa que ia dentro exclamou:

—D. Izabel!

E, recordando o juramento que fizera, antes que a dama podesse impedil-o, deu-lhe um beijo na bocca, dizendo:

—Tinha-o jurado e um Santilhana não falta á sua palavra!

A dama ficou petrificada pela colera; o ultrage doera-lhe. Os cavalleiros, incluindo o conde, não riam.

D. Izabel, socegando um pouco e dando ao rosto uma expressão de orgulho e altivez indefiniveis, disse a D. Rodrigo:

—Cavalleiro, acaba de commetter uma infamia e é um miseravel; mas como no rosto de D. Izabel de Zuñiga não póde pôr os labios se não o seu esposo, vá pedir amanhã a minha mão. E quanto a vós, senhores, tornastes-vos cumplices do conde e devia despresar-vos. Mas perdôo-vos. Agora acompanhae-me até minha casa.

Ninguem se atreveu a responder.

Mudos e envergonhados, seguiram a liteira, e, no dia seguinte, o conde de Santilhana pediu a mão de D. Izabel, que lhe foi concedida.

A dama, sem embargo, nunca perdoou ao conde. Dando-lhe a mão, nunca lhe deu o coração, nem o deixou passar o limiar da porta do seu quarto. Cada um dos conjuges occupava aposentos differentes na mesma casa.

D. Rodrigo comprehendeu a grave falta que tinha commettido e tomou o proceder de sua esposa como uma espiação e um castigo. Não podendo, porém, duvidar da austeridade de D. Izabel, dormia tranquillo e confiado no tocante á sua honra, apesar de triste e desgostado pelo amor d'ella.

Passaram os annos todavia, e o conde, homem por fim, e homem do seu tempo, procurou os praseres e encontrou n'elles o que lhe faltava em casa.

D. Izabel nada lhe disse e continuou como até ali, apesar de saber das aventuras do conde.

Taes eram as duas pessoas com quem, e especialmente com D. Izabel, devemos travar relações muito intimas no decorrer d'este livro.

Sentada em um riquissimo canapé, no fundo d'uma camara, adornada com todo o luxo da epoca, a condessa de Santilhana apoiava a sua fronte espaçosa e admiravelmente modelada em uma mão morbida e pequena como a d'uma creança.

D. Izabel não teria mais de vinte e quatro annos; mas as suas feições tinham aquella frescura e pureza, por assim dizer, que caracterisam o rosto d'uma virgem. De rosto levemente moreno, destacavam-se d'elle dous olhos negros, grandes, rasgados, ardentes e expressivos, ensombrados por umas largas e espessas pestanas. As sobrancelhas, primorosamente arqueadas, serviam de base a uma testa larga e despejada; os seus labios rosados deixavam escapar um halito perfumado e abrasador, que correspondia ao suave movimento d'um seio alto e da alvura da neve. Gentil, magestoso e altivo, o seu porte impunha e enamorava a um tempo.

No momento em que a apresentamos aos nossos leitores, com os olhos semivelados pelas longas pestanas e a fronte encostada á mão, abstrahida e abandonada, parecia a representação exacta da estatua da melancolia.

Passou assim muito tempo, até que, abrindo-se de repente a porta do quarto, um pagem annunciou:

—O nobre senhor D. Luiz de Guevara!

Ao ouvir este nome, a dama ergueu a cabeça e as suas faces ruborisaram-se levemente. Comtudo, ao apparecer o joven, o seu rosto havia recobrado a sua habitual expressão. Saudou D. Luiz com affabilidade e obrigou-o a sentar-se ao seu lado.

(Continua)

O CORAÇÃO

EXCERPTO

—

A minha carteira de lembranças está cheia de apontamentos ácerca

.... d'este aleijão
D'onde nos vem sangue ás veias,

e não quero privar a humanidade dos fructos do meu estudo e da minha observação. Esses apontamentos ou são extrahidos dos livros dos pensadores notaveis, ou por mim colhidos no grande theatro da philosophia— a experiencia.

Perguntae á medicina o que é o coração e ella vos responderá que não é mais do que a machina de irrigação interna.

Uma especie de bomba, que, comprimindo-se e dilatando-se alternativamente, espalha o sangue pelas vertentes mysteriosas das veias.

Mechanicamente considerado, é a mola real d'este relogio eternamente desacertado que se chama homem, e na linguagem do povo costuma regular pelos candieiros da rua Augusta.

Um apparelho admiravelmente construido; porém nada mais que um apparelho.

A medicina e a mechanica sentam-se ao pé d'este descobrimento com a tranquilidade satisfeita de um viajante que terminou o seu caminho.

Eis ahi o coração, segundo a sciencia.

Pomos a mão sobre elle e sentimol-o bater incessantemente para que nos não esqueçamos de que anda sempre comnosco.

No seu ruido ha o quer que é de impaciencia, fazendo lembrar a precipitação que nos seus movimentos teem as coisas que acabam cedo.

Parece que a rapidez incessante com que se agita é uma voz sem palavras que nos está gritando sempre: *isto vae a galope*.

Algumas vezes creio que é um ser escondido dentro do meu peito, encarregado de contar os momentos da minha vida.

Chronometro terrivel, que não perde um instante sequer.

O seu ruido é como as pancadas surdas de um picarete inexoravel que vae minando lentamente os alicerces d'um edificio.

No dia em que o ruido cessa desmorona-se o edificio.

Para os medicos só arroja o sangue que nos dá a vida.

Observae-o bem e vereis que quando se sente opprimido leva até os olhos torrentes de lagrimas.

O coração, póde dizer-se, é o cerebro dos sentimentos.

A cabeça diz-nos: Pensa; o coração diz-nos: Sente.

A intelligencia discorre; o coração adivinha.

O que na intelligencia é um calculo, no coração é uma esperança.

A rasão teria já convertido em virtudes todos os vicios se tivesse podido seduzir o coração.

A intelligencia mais elevada não vale tanto como um coração formoso.

A intelligencia propõe, e o coração dispõe.

Para bem avaliar a differença que ha entre a philantropia e a caridade, deve ter-se presente que a primeira é uma ideia e a segunda um sentimento.

A logica do coração dispõe de argumentos irresistiveis.

Não ha nada mais facil do que ter uma vez na vida vinte e cinco annos.

Pouco depois de nascer tem-os ahi qualquer pessoa.

Um homem de vinte e cinco annos estuda theologia e dedica-se á vida ecclesiastica; mas encontra um dia uma cabeça formosa, airosamente collocada sobre um corpo flexivel e gentil.

Esta cabeça tem uma cara, esta cara tem uma boca, fresca como a rosa que acaba d'abrir-se, e dois olhos que não deviam fechar-se nunca.

Este encontro é uma mulher, e Lisboa tem muitos d'esses encontros.

(Continua)

Barão de Roussado

MECA

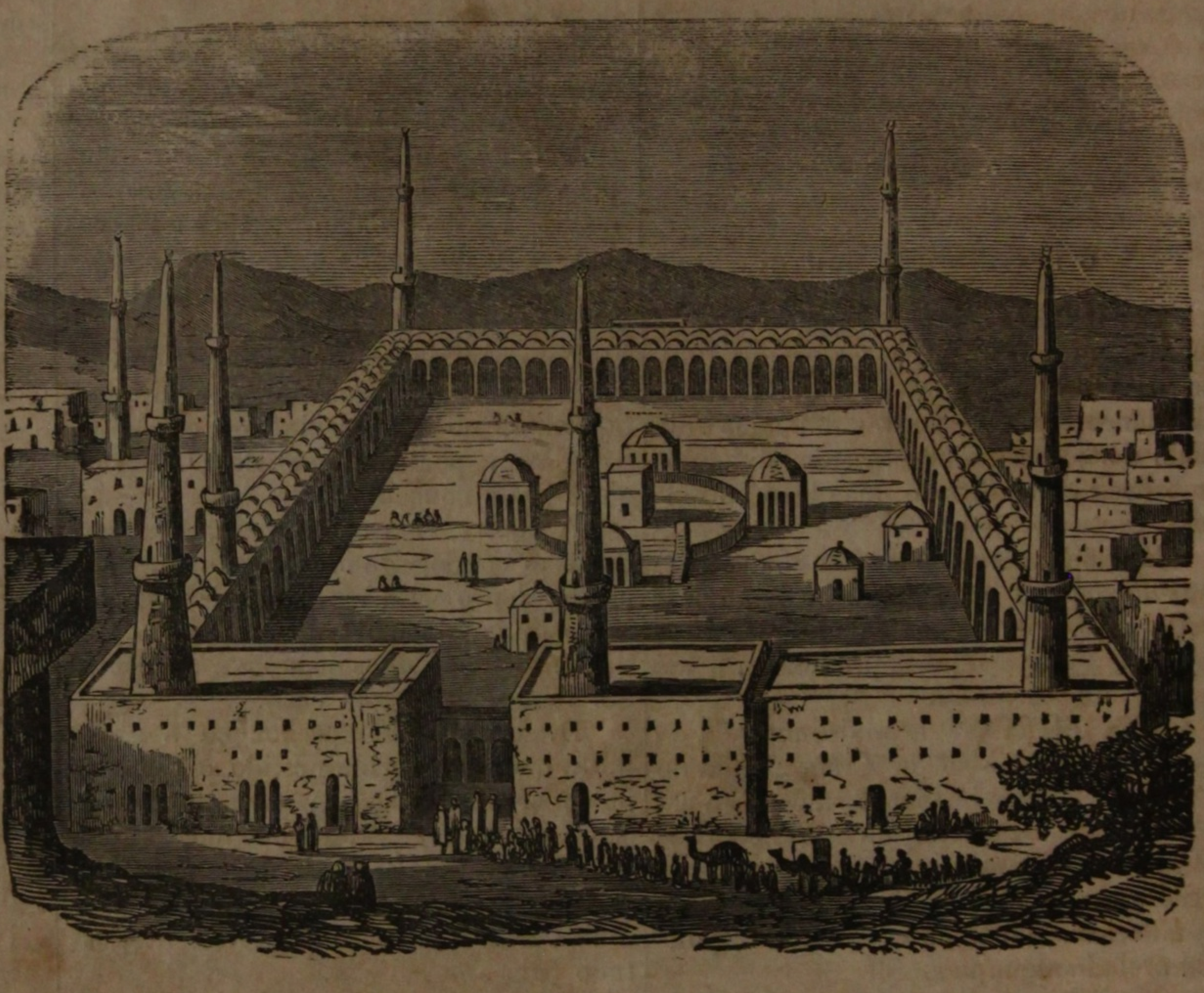
No meio d'um valle profundo, coroado de montanhas a pique, está edificada Meca, antiga capital da Arabia, centro da religião musulmana e objecto de veneração para todo o fiel crente. A Meca era conhecida dos gregos sob o nome de Macoraba; terminação esta que significava a extensão da cidade, a qual, ainda na epoca de maior esplendor, não teria mais de mil e quinhentos hectares de circuito.

Meca tem hoje mais de trinta mil habitantes, e não subsiste senão pela affluencia dos peregrinos que de todas as partes concorrem com grande devoção á santa Kaaba, que é o templo principal dos musulmanos.

Tem-se exagerado muito ácerca da magnificencia do templo de Meca, das suas cem portas, do seu zimborio dourado. Um europeu que se inculcou adorador do propheta para illudir os arabes, pôde examinar á vontade todas aquellas maravilhas e eis o que elle diz:

A grande mesquita de Meca, intitulada a casa de Deus, ou *El Haram*, só é notavel por encerrar a Kaaba. Entra-se em um vasto pateo, cercado de quatro fileiras de columnas, ligadas por arcadas ogivaes, d'onde pendem alampadas, algumas das quaes são accesas de tarde, e todas ardem durante a noute de Ramadham. As columnas teem seis metros d'altura, e são coroadas de pequenas cupulas; umas são de marmore branco, outras de granito e porphyro.

No meio do pateo está a Kaaba. Sete galerias, com a largura sufficiente para caminharem cinco pessoas a par, conduzem ao edificio, cujo nome é devido á sua forma quadrada. Está coberto por um immenso veo de seda negra, no meio do qual se vê escripta em letras grandes d'ouro a profissão de fé dos crentes: «Só Deus é Deus, e Mahomet é o seu propheta.» O uso de cobrir a Kaaba é anterior a Mahomet entre os arabes idolatras.



MECA

Junto da Kaaba e ao lado da porta de prata, está encastoada a celebre pedra negra, cuja superficie está polida e esboroada pelos beijos e abraços de muitos peregrinos. Foi trazida, dizem, pelo anjo Gabriel, e Abrahão sentava-se sobre ella em quanto se construia a Kaaba. Diante das quatro faces do monumento ha quatro pequenas casas onde residem e oram os imans dos quatro ritos musulmanos.

Antes do reinado de Mahomet havia no sitio onde hoje campeia a Kaaba um templo celebre, ponto de reunião religioso de todas as tribus da Arabia; Mahomet destruiu-o, assim como as tresentas e sessenta imagens, ás quaes se faziam sacrificios de carneiros e camellos.

A porta da Kaaba só se abre tres vezes por anno: uma vez para os homens, outra para as mulheres e a terceira emfim quando se lava.

Os peregrinos andam sete vezes ao redor d'ella, entoando orações e beijando-a de cada vez que lhe dão volta. As quatro primeiras voltas devem ser feitas muito depressa, á imitação do propheta. Sabe-se que Mahomet, para desmentir os seus inimigos que o diziam gravemente

doente, poz-se a correr quatro vezes ao redor da Kaaba.

A um lado da grande mesquita está o poço de Zemzem, cuja agoa amarga e salobra é bebida pelos peregrinos e empregada nas abluções. Este poço, dizem os crentes, foi milagrosamente aberto pelo anjo do Senhor em favor d'Agar, no momento em que, repellida por Abrahão, estava a ponto de morrer de fome no deserto com seu filho Ismael. Mal um peregrino d'alta condição chega a Meca, inscreve-se o seu nome no grande livro do chefe do poço de Zemzem. Ao mesmo tempo este encarrega um criado de fornecer agoa ao viajante, o que se executa com assiduidade. Independentemente dos cantaros que enviam para casa dos peregrinos, os conductores d'agoa do Zemzem percorrem todo o dia o templo para vendel-a ou distribuil-a. Usa-se estender no pateo um grande numero d'esteiras, diante das quaes se collocam cantaros com agoa. As pessoas que vão sentar-se nas esteiras teem meio de refrescar-se, o que é muito vantajoso em um clima de fogo, e attrae muita gente ao templo, ainda antes da hora da oração.

(Continua)

FENELON

—

O illustre arcebispo de Cambrai, Francisco de Salignac de La Mothe Fenelon, foi, além d'um prelado exemplar, um sabio litterato, um profundo moralista e habil theologo, qualidades estas que lhe deram fama em todo o mundo. E' um dos nome de que a França se orgulhará sempre.

Nascido no castello de Fenelon, no Perigord, em 1651, d'uma familia nobre, teve por mestre um caracter rigido, um preceptor habil, que lhe deu para modelo os melhores escriptores antigos, de quem o joven La Mothe veio a ser admirador enthusiasta.

Estudou na universidade de Cahors, e foi terminar os estudos com os jesuitas em Paris. Prégou em publico pela primeira vez aos quinze annos d'idade.

Depois da revogação do edito de Nantes, quando se organisaram as missões catholicas, apoiadas mais no direito da força do que na força do direito, missões que na historia são conhecidas sob a denominação de *dragonadas*, Fenelon foi, por indicação do grande Bossuet, nomeado para ir persuadir os hereticos do Poitu a abraçarem o catholicismo; mas recusou-se a partir em quanto não se mandassem retirar as tropas dos sitios onde devia ir missionar, sem recorrer a outros meios que não fossem os da brandura e da caridade christã.

Quando voltou d'esta delicada missão foi nomeado preceptor do duque de Borgonha, neto de Luiz XIV, na educação do qual se esforçou por modo extraordinario, sendo o seu constante pensamento fazer do moço principe um rei philosopho, um novo S. Luiz. Foi com esse fim que compoz varias das suas obras.

Em 1695 foi nomeado arcebispo de Cambrai, d'onde continuou a pensar só no bem do seu paiz; mas, como as suas ideias desagradassem aos cortezãos de Luiz XIV, o rei teve a fraqueza de dar ouvidos aos inimigos do sabio prelado, dando contra elle uma sentença d'exilio, no qual morreu, crivado de desgostos, mas rodeado de numerosos amigos, em 1715.

Como escriptor, Fenelon é caracterisado pelas mesmas qualidades que o distinguem como homem: a graça exquisita, a sensibilidade, a elevação, a doçura, a elegancia, a pureza d'expressão. O seu genio, irmão do de Racine, inspirava-se nos mesmos sentimentos e fallava a mesma lingoagem, aquella lingoagem harmoniosa e limpida que une todas as graças do natural a todas as perfeições da arte. Como prosador, é o que o auctor da *Athalia* é como poeta, a mais alta expressão litteraria, em França, do movimento da Renascença, da alliança do genio antigo e do pensamento christão.

FENELON

As suas principaes obras são, pela ordem da importancia: *Aventuras de Telemaco*, uma das melhores composições da lingoa franceza; *Dialogos dos mortos*, compostos para a educação d'um principe; *Tratado da educação das donzellas*; *Dialogo sobre a eloquencia em geral*; *Exame de consciencia d'um rei;* cartas sobre diversos assumptos de religião e metaphysica, e que são uma das melhores obras de Fenelon; um tratado da existencia de Deus; outro ácerca dos deveres dos bispos; umas explicações das maximas dos santos, etc.

Um dos titulos mais nobres para a glorificação de tão eminente escriptor, é que, apesar d'escrever tanto, nunca aspirou ás honras d'auctor, nunca se deixou embalar com os sonhos da gloria que por ventura proporciona a carreira das letras. Todos os seus livros lhe foram inspirados pelo dever do ministerio que exercia, pelas suas desgraças, ou pelas desgraças da patria, á qual tanto queria, mas que tão mal lhe pagou a dedicação.

A maior parte das obras de Fenelon sahiram-lhe das mãos sem elle o saber e só foram conhecidas depois da sua morte.

Com quantos escriptores se teem dado casos como este? Suppomos que com muito poucos.

J. DA SILVA

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

—

(Continuação)

VI

EPISODIOS TERRIVEIS

O meio que então se poz em pratica foi collocar a lancha por baixo da popa do navio e fazer descer as mulheres e creanças por uma corda, atando-as duas a duas. Como porém o balanço era terrivel, no momento em que iam a ser depositadas na lancha, esta afundava-se e os desgraçados seres eram mergulhados no mar por differentes vezes.

Nem uma só mulher morreu; mas não aconteceu assim com as creanças, entes frageis, algumas do peito, e mais d'uma vez aconteceu, depois d'essas terriveis immersões, a mãe viva e o filho morto serem depositados na lancha.

Principiaram então os episodios terriveis.

Dous ou tres soldados, para aliviar as mulheres ou salvar com mais presteza os filhos, saltaram ao mar depois de os prenderem á cinta, e morreram com elles, envolvidos pelas vagas gigantescas.

Uma donzella recusava abandonar o pae, soldado velho que não podia abandonar o posto. Foi necessario arrancal-a dos seus braços, atal-a á corda e descel-a, apesar dos seus gritos desesperados. Cinco vezes as ondas a envolveram; á sexta vez depositaram-a desmaiada na lancha; julgaram-a morta e iam lançal-a ao mar, quando ella deu signal de vida, o que a salvou.

Um homem achava-se collocado na dura alternativa de perder a mulher ou os filhos: sem hesitar, preferiu a mulher. Esta salvou-se; aquelles morreram.

Um soldado alto, forte, excellente nadador, sem mulher nem filhos, tomou a seu cargo tres filhos d'um companheiro: atou-os ao redor da cinta e lançou-se ao mar. Mas foi debalde que procurou alcançar a lancha; os seus companheiros, vendo-o a ponto de succumbir, lançaram-lhe uma corda e içaram-o para bordo.

Um marinheiro caiu por uma escotilha, e, como se tivesse cahido na cratera d'um vulcão, foi dentro de alguns segundos devorado pelas chammas.

Um outro, ao cahir, quebrou a espinha dorsal, e de tal modo, que ficou dobrado ao meio e não se tornou a levantar.

Outro marinheiro, ao chegar ao *Cambria*, foi arrojado contra o brigue e esmagou a cabeça entre elle e a lancha.

No entretanto as precauções necessarias para a salvação das mulheres e creanças gastavam um tempo precioso. O capitão Cobb deu então ordem d'admittir na lancha alguns soldados; estes atiraram-se de tropel á lancha, e d'uma duzia, cinco ou seis foram cahir no mar, que os engoliu.

Um d'estes homens tinha uma historia, que contaremos em breves palavras.

Era casado e a mulher amava-o excessivamente, a ponto de não querer desamparal-o. Mas, não tendo obtido licença para acompanhal-o, tinha de resignar-se a ficar em Inglaterra. A corajosa mulher, porém, não se conformou com a sua sorte e acompanhou o regimento até Gravesend. Alli, ajudada pelo marido e pelos seus companheiros, teve a habilidade d'illudir a vigilancia das sentinellas e introduzir-se no navio. Durante muitos dias esteve escondida e ninguem soube da sua estada a bordo. Em Deal descobriram-a e mandaram-a para terra; mas, com a perseverança de que só as mulheres são capazes, pôde voltar ao navio, introduzindo-se pela cana do leme, e tomando o antigo esconderijo, ali permaneceu até ao momento do sinistro.

No meio da confusão ninguem reparou n'ella, e quando lhe chegou a vez de ser amarrada para lançar-se á lancha, foi n'ella depositada como as outras mulheres. Mal o marido a viu a salvo, aproveitou-se da ordem dada pelo commandante e lançou-se ao mar, não tardando, excellente nadador que era, a alcançar a lancha.

Iam pois reunir-se aquelles dous entes queridos, e já a mulher allongava os braços para amparal-o, quando uma volta de mar, junto mesmo da lancha, atirou com o infeliz soldado contra o navio. Aturdido, desappareceu, e ninguem mais o viu.

Já dissemos que, no momento em que se deu o grito d'alarma, isto é, depois que o incendio foi conhecido de todos, tripulantes e passageiros, os mais decididos dos soldados e marinheiros foram collocar-se mesmo por cima do paiol para serem os primeiros a ir pelos ares, tendo menos longo martyrio.

Um dos marinheiros, vendo que debalde esperara a explosão durante cinco horas, impacientou-se e exclamou:

—Já que o fogo não nos quer, vamos a ver a agoa!

E atirou-se á agoa, ganhando a lancha á força de nadar.

De facto, o incendio lavrava havia sete horas sem que tivesse chegado ao paiol da polvora. Era quasi um milagre.

(Continua)

PERFIS

—

I

A. B.

Mavioso cantor da natureza!
Quando leio os sentidos versos teus,
Innundam-se-me os olhos de tristeza
E odeio com horror os vis atheus.

E' que sabes sondar toda a grandeza
Que nos occulta a mão fatal de Deus;
E' que trazes á tua sempre presa
Outr'alma que elle guarda lá nos ceos.

A tua lyra sonorosa e crente
Traduz a magoa immensa que ainda sente
Teu peito amante que ningem deffine.

Bemdicta a magoa que teu estro inspira!
Quem tem assim uma formosa lyra
E' grande, é immortal, é Lamartine.

II

P. DE L.

Ha no seu rosto a pallidez do Christo,
Dentro em seu peito uma saudade infinda!
Amar!... soffrer!... é seu destino ainda
N'este mundo que o pranto lhe tem visto.

A lembrança saudosa d'Eva querida
Que Deus cingiu ao seio immaculado
Fez do grande poeta um desgraçado
E um tormento cruel da sua vida.

Não ha consolo que conforte um pae
Se o coração em lagrimas lhe cae
Sobre a campa do filho que morreu.

Deixae chorar o triste, ó venturosos!
Aquelle pranto em vôos gloriosos
Transpõe a immensidade e vae ao ceo.

III

L. DE V.

Auscultando o silencio dos rochedos,
As tradicções saudando do passado,
Ante as ruinas agora extasiado
Invocando seus pávidos segredos;

Logo, arrancando á terra os seus mysterios,
Revolvendo-lhe as intimas entranhas,
Ou trepado no cume das montanhas,
Medindo os divinaes campos siderios;

O seu estro feliz nos vae contando,
Em trovas muitas vezes inspiradas
Pelos arcanos que anda prescrutando,

Uns idylios de mouras encantadas,
Que vão á beira d'agoa suspirando,
Em noites de luar sem alvoradas.

Ernesto Pires

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

VI

EM FRANÇA

(Continuação)

A ilha da Corsega tem uma superficie de 374:745 hectares e uma população de 258:000 habitantes. Está cercada pelo Mediterraneo, que forma ao sul, entre a Corsega e a Sardenha, o estreito de Bonifacio, que tem 12 kilometros de largura.

A capital da ilha é Ajacio; foi ali que nasceu Napoleão I em 1768. E' uma pequena cidade de 15:000 habitantes, mas

notavel pela sua universidade e construcções navaes que produz.

O principado de Monaco merece tambem uma visita. Está encravado no meio dos Alpes maritimos, formando um departamento. A capital, Monaco, e os arredores, teem apenas 1:700 habitantes.

VII

AS ILHAS BRITANICAS

Passemos o canal e estamos na patria de *John Bull.*

As ilhas Britanicas comprehendem um territorio de 300:000 kilometros quadrados de superficie e 30 milhões d'habitantes. Teem por limites, ao norte e a oeste o Oceano Atlantico, ao sul a Mancha, a leste o mar do Norte.

As ilhas Britanicas devem o seu desenvolvimento á conquista da Irlanda em 1171 e ao advento de Thiago I, em 1603, o qual reuniu as tres coroas da Inglaterra, Escossia e Irlanda.

O clima é nubloso, o solo chão. E' boa a agricultura; mas ha carencia absoluta de vinhedos. Abundam os canaes, os rios; são numerosas as estradas e ha mais de 12:000 kilometros de vias ferreas. Minas d'estanho e de ferro; immensos jasigos de carvão de pedra; gado abundante e cavallos afamados. Industria extensa; actividade sem igual; marinha importante; ricas colonias.

As ilhas Britanicas comprehendem:

A Inglaterra propriamente dita, com o principado de Galles; a Escossia; a Irlanda; os grupos das Shetlands e das Orcadas, no mar do Norte; os das Hebridas e das Sorlingas no Atlantico; muitas ilhas pequenas no mar da Irlanda e da Mancha.

As possessões inglezas são numerosas em todas as cinco partes do mundo. Na Europa contam-se a ilha de Helgoland, na foz do Elba; Malta, no Mediterraneo; Gibraltar, cidade fortissima, no estreito de Gibraltar, o fim do mundo conhecido dos antigos geographos.

Não nos desviemos porém da nossa excursão e sigamos para Londres, a capital d'Inglaterra.

E' verdade: ainda não disse ao leitor que a Inglaterra com o principado de Galles tem uma superficie de 93:000 kilometros quadrados e 20 milhões d'habitantes.

Mas achamo-nos em Londres, e devemos empregar o tempo em ver esta moderna Babylonia.

Londres occupa hoje uma area de 122 milhas quadradas, isto é, duplicou em cincoenta annos, e dentro d'essa peripheria cruzam-se 7:415 ruas, que teem extensão total de 2:600 milhas, illuminadas por mais d'um milhão de candieiros, que consommem 800:000 metros cubicos de gaz por noute.

A população de Londres consta de 3,500:000 habitantes, e com a população dos arrabaldes sobe a 4,500:000 habitantes. Aquella cifra é quasi igual á somma dos habitantes de Paris, Berlim e Vienna; esta á da população das capitaes de França, Prussia, Austria e Russia. Emfim só Londres e os arrabaldes teem uma população igual á do nosso reino.

Com quanto Londres seja uma só cidade, o caracter diverso dos seus bairros, cada um dos quaes é habitado por uma classe social differente, dá rasão aos que dizem que não é mais do que uma colonia de grandes cidades reunidas.

Em Londres é grande tudo quanto ella encerra: a população, a industria, o commercio, as vias de communicação e até a miseria. Esta ultima é atenuada em parte, por mais de 1:200 hospitaes, por 500 casas em que se distribuem soccorros a gente pobre, asylos, sociedades de instrucção gratuita, sustentadas por subscripção voluntaria. Apesar de todos estes elementos, Londres é talvez a povoação em que morrem mais pessoas, por falta d'alimentos e por não terem abrigo. Em contraposição a isto, Londres é onde mais se gasta em cousas superfluas; o luxo está por tal forma desenvolvido na classe aristocratica e na classe media, que é impossivel viver-se com mais conforto.

A vida do café e da rua, tão predilecta em Paris e outras capitaes, é ali quasi desconhecida.

Desde as dez horas da noute em diante as ruas ficam desertas, e o silencio que n'ellas reina é apenas interrompido de quando em quando pelo ruido de algum trem, pertencente a um alto personagem, ou pelos passos de algum *gentleman* que regressa do club.

A vida domestica está mais desenvolvida do que em outras capitaes, contribuindo para isto o clima, que chama para o abrigo da casa, e as grandes distancias, que separam os amigos e conhecidos.

Apesar d'isto, Londres tem cincoenta clubs ou casinos, que contam 50:000 socios.

As tabernas são tambem muito concorridas por operarios sem trabalho, que quasi sempre regressam a suas casas acompanhados pelos *policemen.*

(Continua)

CHARADA

—

Aos Tres Dragões

Se faço parte d'um todo— 2
Não sou inteiro por certo— 2
Comigo tendes o todo
Que buscaes, se sois esperto.

Julia Lisse

—

Explicação da charada do numero 5: — Anafa.

ZIG-ZAGS

—

UMA COMEDIA EM UM WAGON

O caso passou-se em Hespanha.

Um estudante que viajava em caminho de ferro, depois que se tinha sentado commodamente no logar que melhor lhe pareceu, viu entrar para o mesmo compartimento duas senhoras, jovens e lindas, acompanhadas d'um sujeito de grandes bigodes, um todo embirrento pelo excessivo cuidado que prodigalisava ás suas companheiras, de quem parecia pae ou tutor.

O estudante, encantado das viajantes, mas aborrecido do sujeito que as acompanhava, e que se sentara no meio d'ellas, lançando para todos os lados olhares de ciume, protestou desforrar-se brilhantemente.

No caminho que o comboyo seguia havia a passar uns poucos de tuneis, circunstancia esta que o estudante se lembrou sagazmente d'aproveitar para pregar uma peça ao seu homem.

Ao passar pois por debaixo do primeiro tunel o estudante deu na mão um beijo sonoro e ardente. O effeito foi prompto. Quando a luz raiou, o viajante dos bigodes tinha uma cara capaz de metter medo a um regimento; os olhos chammejavam-lhe, e tinha os labios contrahidos sob um sorriso feroz.

Nas damas passava-se uma cousa muito differente. Como cada uma d'ellas julgava a sua companheira compromettida no negocio, olhavam-se ambas confusas.

O estudante sorria intimamente, pois que ia tudo ás mil maravilhas.

Ao segundo tunel abraçou a primeira dama, que se callou, já se vê, julgando que não devia denunciar-se, e persuadida além d'isso que o caso do beijo se dera com a sua companheira, que igualmente entendera prudente não fazer motim.

Ao passar o terceiro tunel o estudante deu um beijo na outra dama, com o mesmo successo. D'ali em diante cada tunel cada beijo. Só havia perdido um.

A cara do viajante dos bigodes é indiscriptivel.

—

A MONTANHA MAIS ALTA

O pico do Hymalaya mede a altura de 29:002 pés sobre o nivel do mar.

Era considerado o ponto mais elevado do mundo terrestre. Agora o capitão Lawson calcula a altura do monte do Hercules, em a Nova-Guiné, em 37:786 pés. O capitão chegou a subir 25:314 pés; mas a difficuldade de respirar obrigou-o a descer.

O sangue sahia-lhe pelos ouvidos e pelo nariz.

AS ILHAS BORROMEIAS

No centro do lago Maior, a cerca de um kilometro da costa, entre Stiesa e Pallanza, na Italia, está situado o grupo d'ilhas chamadas Borromeias, as quaes constituem um dos mais bellos sitios do mundo.

São quatro as ilhas, e todas pequenas.

O nome por que são conhecidas é o da familia a quem pertencem desde o seculo XIII. Não passavam de rochedos estereis, quando o conde Vitaliano Borromeo, parente de S. Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, teve a ideia, em 1670, de mandar edificar ali uma casa de recreio. Com esse fim fez transportar da beira do lago grande porção de terra vegetal, fez construir terraços, sobranceiros uns aos outros, conseguindo d'este modo transformar rochedos inhabitaveis em ilhas ferteis e deliciosas.

Enumeraremos as ilhas, indo de norte a sul: Isolino, conhecida tambem pela denominação de S. Giovani e S. Michele; Isola Madre, Isola dei Piscatori, e finalmente Isola Bella.

A primeira, Isolino, pequena ilha, porque é a menor das quatro, está situada perto da terra, do lado do promontorio de Pallanza, e não tem nada de notavel.

Isola Madre, situada no meio do lago, está povoada de faisões; sete terraços cobertos de plantas do sul conduzem ao castello, que se ergue no ponto culminante da ilha.

A terceira, a ilha dos Pescadores, tem pouco mais d'um kilometro de circuito, e contem cerca de duzentos habitantes, pescadores todos. No meio da aldeia, onde não se veem senão redes e outros instrumentos de pesca dependurados, ergue-se a torre d'uma egreja, que vem a ser a parochia de todas as ilhas.

AS ILHAS BORROMEIAS

Emfim Isola Bella, a mais notavel de todas, é uma ilhota coberta de jardins, construidos aos sucalcos, como degraos gigantescos.

E' esta ilha que a gravura representa.

O cimo, que coroa todos os terraços, e d'onde se vê a ilha inteira, o lago e as montanhas, até aos pincaros cobertos de neve dos Alpes, offerece um dos mais bellos pontos de vista que podem imaginar-se.

Do lado do sul ergue-se um palacio vasto e magnifico, que encerra uma soberba galeria de quadros, quasi todos do mesmo auctor, menos notaveis pelo seu merito real do que pelas aventuras do pintor.

Tempesta se chamava elle, e, condemnado á forca por ter assassinado a mulher, refugiou-se em casa do conde Borromeu para evitar a condemnação. O pintor não achara outro meio melhor de desfazer-se da mulher e unir-se em seguida a outra que amava doidamente.

Quem visita o palacio pode ver na galeria, em frente um do outro, os retratos do *signor* Tempesta e sua segunda mulher, uma joven formosissima, contemplando-se ambos com olhar ternissimo, como se entre elles não mediasse um assassinato.

Outra curiosidade a assignalar em Isola Bella: são dous loureiros, os maiores que ha na Europa, e mais antigos do que os jardins artificiaes da ilha. Os *cicerones* mostram em um a palavra *bataglia*, gravada por Bonaparte quando visitou a ilha, e por cima d'aquella palavra um golpe de sabre dado por um austriaco. Sempre inventam cousas os *cicerones!*

Da galeria de pinturas sae-se, por um corredor subterraneo, todo guarnecido de conchas como a grutta d'um rio, para os jardins do palacio.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Villa Real.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHA-SE já reimpresso o numero 1 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem. Os numeros 2, 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 11

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 11 DE NOVEMBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Rubens — Um poeta, por Alberto Carlos — Saudade (poesia) por S. J. — A anthropophagia, por Adolpho Salazar — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Sobre o gelo — A abbadia de Cluny — Meca — O coração (excerpto) pelo barão de Roussado — Velhos carapetões por Manoel M Rodrigues — Remember (poesia) por Teixeira de Carvalho — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Zig-Zags: — A pateada — Insectos luminosos — Em Veneza — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Rubens — Sobre o gelo — Abbadia de Cluny — Santa Maria del Salute.

RUBENS

RUBENS

Pedro Paulo Rubens, um dos grandes pintores da escola flamenga, nasceu em Siegen, no ducado de Nassau, em 20 de junho de 1577. Os paes, no dizer de um dos seus biographos, eram de nobre estirpe, e originarios da Styria, obrigados por causa das guerras religiosas a refugiar-se em Colonia; outros biographos porém dizem que Rubens tivera por antepassados uns merceeiros, droguistas e tanoeiros.

Seja o que fôr, isto não é que vem ao caso, ou antes é um dos grandes meritos do grande homem cuja biographia estamos traçando em breves linhas.

Enviuvando, a mãe de Rubens mudou-se para Antuerpia, consagrando-se toda á educação dos filhos. Pedro, o mais novo, aquelle que devia illustrar o nome da familia, foi destinado á carreira da advocacia, em que o pae fôra distincto; mas sentindo uma grande inclinação para a pintura, pediu e obteve da mãe licença para estudar.

Entrou para a officina de Van Ort, pintor mediocre e de maus costumes; mas passou pouco depois a estudar com Otto Voenius, artista muito notavel.

Em 1600 partiu para a Italia, onde residiu dez annos, estudando com afinco os grandes mestres, e tendo a magnifica recepção a que o seu talento lhe dava direito.

A morte da mãe em 1608, obrigou-o a ir a Antuerpia; pouco depois foi chamado por Catharina de Medicis, que o encarregou da execução de pinturas muito notaveis.

Protegido pelo archiduque de Flandres Alberto, que o nomeou seu pintor official, casado com uma mulher que amava ternamente, Izabel Brandt, e cuja physionomia retratou tantas vezes, o grande artista viu o seu talento tomar em breve tempo uma reputação collossal.

Chamado a Paris em 1620 pela viuva de Henrique IV, dirigiu as decora-

ções das galerias do Luxemburgo, onde deixou bem patentes os traços do seu genio poderoso.

Desesete annos depois teve o desgosto de perder a esposa. Para se distrahir resolveu viajar. Percorreu a Hollanda, a Belgica, e foi pela archiduqueza Isabel encarregado d'uma missão diplomatica, indo a Delft negociar um acordo entre os embaixadores d'Inglaterra e de Hespanha. Em paga dos serviços prestados á ultima nação, Filippe IV chamou-o a Madrid, onde o tratou como um principe, occupando-o em varios trabalhos e encarregando-o um anno depois d'uma embaixada extraordinaria para o rei Carlos I de Inglaterra, em cuja côrte gosou de todas as honras que lhe eram devidas, tendo emfim a satisfação de negociar a paz, para a qual trabalhava havia tantos annos.

De volta a Antuerpia, casou-se novamente com uma formosissima joven de deseseis annos.

Rubens morreu d'um ataque de gota em 1640.

Fizeram-lhe esplendidas exequias na egreja de S. Thiago d'Antuerpia, sendo mais tarde o cadaver depositado em uma capella, construida para elle em 1642, diante do altar onde está uma das suas melhores pinturas: a Virgem sentada diante do menino Jesus, posto em um berço de folhagem. N'esta pintura o artista representou-se a si proprio e a alguns dos membros de sua familia, nas figuras dos differentes santos que cercam o grupo principal. O pae, o doutor João Rubens, está representado na figura de S. Jeronymo; as duas esposas em Martha e Magdalena; Rubens representou-se a si de S. Jorge.

Rubens deixou uma fortuna consideravel, contando os brindes que recebeu dos diversos soberanos.

Calculam-se as suas pinturas em mais de mil e tresentas; não ha museu notavel na Europa que não tenha algumas obras do grande artista.

Rubens tratou com igual superioridade todos os generos: assumptos religiosos, scenas campestres, paisagens, quadros historicos, retratos. Em todos fazia notar a fecundidade da sua imaginação, a energia do desenho, a ousadia e vigor do toque, a força e brilho do colorido. Foi chefe d'uma revolução na arte. Apesar d'estudar com cuidado as escolas da Italia, não imitou nenhuma; é d'uma originalidade admiravel. No que mais se empenhou foi em retratar a natureza com toda a sua seiva, verdade, energia e exuberancia; submetter a forma á côr, sem se apartar comtudo das regras eternas da harmonia; procurar o movimento e a vida, como a escola romana tinha procurado a pureza dos contornos e das linhas: eis o que constitue as qualidades de Rubens. Um critico moderno resume assim a sua apreciação: «Raphael tinha idealisado a ordem; Rubens idealisou o movimento.»

UM POETA

—

III

(Continuação)

Com o espirito culto, mas sem recursos materiaes, luctando corajosamente, mas sem proveito, com os preconceitos sociaes, concebendo a mais violenta das paixões por uma mulher, que lhe dispensara alguns sorrisos, mas cuja posição social (prejuizos miseraveis da epoca!) d'elle muito a distanciava, o porvir antolhava-se-lhe arido como um amplo Sahara, triste como as geladas regiões polares!

Curvar-se a pedir a mão d'aquella que amava com a pureza do platonismo, rojar-se aos pés do argentario, supplicar ao homem que deslenhava da plebe, a alliança de sua filha com elle, pobre rapaz de nascimento obscuro, isso nunca!

Preferia viver eternamente no meio d'aquella titanica lucta, em que se empenhavam, d'um lado, o amor violento, do outro, o orgulho baseado na consciencia da propria dignidade!

Luzia-lhe ainda um astro propicio. Cria na sinceridade dos sorrisos da fidalga!

Ruido de passos e vozes veio roubar Fernando a este devaneiar. Tres vultos sahiram do palacio e se approximavam conversando animadamente.

De repente pararam, e Fernando, graças ao luar que envolvia o grupo, teve ensejo de conhecer os personagens que o compunham. Eram elles Alvaro, filho do morgado, e Guilherme e Ernesto, primos d'aquelle, dous perfeitos *marialvas*, que deixaram por alguns dias a vida de Lisboa, para virem assistir áquella festa de familia, que solemnisava o 16.º anniversario de sua prima Laura, uma rapariga alva e loura, formosa como essas castellãs das balladas d'além-Rheno.

Os mancebos haviam parado para Alvaro accender um charuto.

Ouçamol-os:

—Não sei se te diga, Alvaro, dizia Ernesto, que achei hoje tua irmã mais encantadora e espirituosa do que nunca. Parece que os deseseis annos lhe trouxeram uma satyra mordente e um espirito de critica, que eu nunca imaginara poderem existir n'aquella creatura tão simples, tão ingenua, tão candida, que outr'ora conheci.

Alvaro parou na tarefa de accender o seu *Flor de Creta*, e mordeu despeitado o labio inferior. Remorsos talvez! Lembrou-se então do empenho com que, havia tempos, passava ás mãos de sua irmã os romances de Kock e quejandos compendios de *moral*.

—Que me dizes? observou, restituindo ao primo o charuto, e conservando-se immovel.

—Pois devéras notas esses predicados na minha Laura, que eu suppunha uma creança inexperiente? Desejo que me esclareças a tal respeito, ainda mais: que me proves as tuas asserções.

Fernando escutava com a maior attenção, pois interessava-lhe sobremaneira o assumpto de que se tratava.

—Nada mais facil, replicou Ernesto. Tua irmã contou-me com infinita graça uma interessantissima historia d'amores, que me ia suffocando de riso...

—Ah! bem sei, interrompeu Guilherme, até então silencioso. E' a historia de uma rosa, que firmou um protesto de amor!

—Exactamente! E como sabes tu isso? exclamou Ernesto verdadeiramente maravilhado soltando uma estridula gargalhada, que Guilherme teve as honras de secundar.

N'este ponto, o suor frio deslisava abundante pela fronte do pobre Fernando, que, reconhecendo-se victima do mais cruel dos ludibrios, mal podia conter-se que não sahisse do seu esconderijo a castigar os infames que se riam e zombavam impudentemente á custa da sua nimia boa-fé.

Lembrou-se de saltar de improviso ao meio d'aquelle grupo de insolentes, e esmagal-os todos se possivel fôra; mas, reconhecendo a desigualdade da lucta, viu que seriam baldados os esforços empregados para vingar-se, e resolveu devorar em silencio a affronta, libando até ás fezes o amargo calix da sua desventura. Revestido de nobre resignação, conservou-se pois na mais horrivel das espectativas.

Em seguida áquella monumental gargalhada, que tanto tinha de alvar como de insolente, Fernando ouviu o seguinte:

—Como sei isso? exclamou Guilherme. Essa é original! Revelaram-m'o os labios da seductora prima, que me disse que o pobre Fernando, esse mentecapto que procura a solidão das selvas para desterir as cordas da sua bucolica lyra, esse louco que escreve folhetins, em que intenta reformar a sociedade...

—Peça elle a Deus que algum de nós se não lembre de o civilisar a elle, cortando-lhe a lingua viperina sempre prompta a vomitar injurias contra os fidalgos! atalhou Alvaro em tom de grande irritação.

—Accommoda-te, leão! Deixa-me proseguir, continuou o orador. Não te exaltes, que o pobre rapaz não merece mais que a nossa comiseração; pois segundo Laura me disse, o tôlo escreveu-lhe uma carta em que se declara apaixonado por ella; carta que lhe eu pedi me deixasse ver, e que ella recusou mostrar-me, provavelmente por ter dó do miseravel, e não querer expôl-o mais á irrisão.

—Acho prudente retirarmo-nos d'aqui, observou Alvaro. São horas de comparecermos em casa da Isabel, e meu pae, se vem á janella e nos vê aqui, é muito capaz de nos fazer voltar para traz, o que sería a maior das semsaborias.

—Tens rasão, concluiram os outros. E, aconchegando-se todos nas amplas sobre-casacas, seguiram caminho.

(Continua)

Alberto Carlos

SAUDADE

Vi-a formosa e rosada
Quando a infancia lhe sorria,
Folgar, como ella sofa
Sem leve sombra de dôr.
Innocente e descuidosa,
Aquella creança pura,
Eleita da desventura,
Respirava em tudo amor.

De coral seus labios eram
E os olhos vivos, brilhantes,
Que expressão que tinham d'antes,
Quando eu a via sorrir!...
Em sua voz de serêa
Havia tanta meiguice!...
Ai! então ninguem predisse
Tão desditoso porvir!

Pobre creança! hoje mal vive,
Mudou tudo de quem era;
As galas da primavera
Já nem as ama tambem;
Do rosto murchas as rosas,
A mimosa côr perdida,
Morto já o amor á vida...
Quanto mudado ella tem!

Agora que prelibava
A embriaguez amorosa,
Agora que ella ditosa
Começava de gosar,
Vem a morte arrebatal-a,
Roubar-lhe toda a esperança!...
Ai! desditosa creança...
Possas a morte apiedar!

S. J.

A ANTHROPOPHAGIA

O uso de viver de carne humana conforma-se ou oppõe-se ás intenções da natureza? E' esta uma pergunta que suscitou muitas e acaloradas questões entre afamados auctores de tempos não mui distantes.

A destruição, posto que necessaria, de um ser animado, é um acto de violencia e crueldade que lhe accarreta uma sensação dolorosa, e toda a sensação dolorosa é um mal physico para o mais pequeno insecto, para o mais imperceptivel animalculo que vejeta ou respira na superficie d'este mundo sub-lunar. A maneira de decompôr os elementos brutos e materiaes d'um ser que despojaram da sua organisação intima é, por sem duvida, uma acção indifferente por si mesma; todavia muitas acções indifferentes cessam de o ser na ordem civil e social, na qual os legisladores encaminharam o homem mais pela rasão do que pelas leis, modificando-lhe o coração, captivando-o pela illusão e não pela força, inspirando-lhe o horror ao crime e á imagem e sombra do crime, incutindo-lhe, para que soubesse respeitar os seus similhantes, a veneração pelos mortos, consagrando, por meio de ceremonias imponentes, os deploraveis restos da sua passada existencia.

Parece que o uso de se sustentar de carne humana foi antes vicio d'uma epoca ou d'um seculo, do que d'um povo ou d'um paiz, porque se vê esse uso semeado por differentes partes do globo.

Comtudo, Roemer aponta-nos na sua *Descripção de Guiné*, uma raça de negros, com physionomia tigrina, anthropophagos *por instincto*, que devoravam, introduzindo-se nos navios negreiros, os escravos que se conservavam a bordo. Asseguram varios auctores inglezes que os habitantes da Nova Zelandia, aliás industriosos e humanitarios, comem os inimigos que cahem em seu poder.

Os giagas, piratas que infestam toda a Africa, desde a Abyssinia até ao Congo, vivem, na maior parte, de carne humana, sem que por isso os seus dentes sejam feitos por um plano dissimilhante do resto dos homens.

Alguns naturalistas, que quizeram explicar physicamente a rasão de haver selvagens anthropophagos, imaginaram, na membrana do estomago de individuos de diversas nações, um humor acrimonioso que, carcomendo as paredes d'essa viscera, occasiona uma voracidade extraordinaria e desregrada, que compararam ao apetite picaceo a que estão muitas vezes sujeitas as mulheres pejadas.

Esta explicação tende tanto a abraçar-se ao ridiculo e ao absurdo, que não merece averiguação alguma.

Outros julgaram que o genero humano contava especies d'homens armados de mais dentes caninos do que outros, e, consequentemente, mais carnivoros. Verdade é que os tartaros teem os dentes em uma disposição muito diversa da nossa; que os chinezes teem a maxilla superior saliente, e a inferior mais inclinada para dentro; os antigos syrios tinham os dentes mais curtos do que os restantes asiaticos. Mas estas diversidades de posição, forma e numero de dentes, que é algumas vezes incompleto, não auctorisam a deduzir-se d'isso que existem familias inteiras de homens cujos dentes caninos sejam multiplicados até ao numero de seis, de oito, de dez ou doze. Innumeros viajantes, ainda os mais esclarecidos e perscrutadores minuciosos, jámais encontraram este phenomeno, que um desvio extremo da natureza podia produzir em alguns individuos, que, n'esse caso, se deviam tomar mais por monstros de superabundancia, do que por seres regulares conformes com o modelo commum da ordem animal, a que pertencem.

Os povos do Septentrião teem, em geral, os dentes mais longos e mais disgregados do que os do Meio dia. Se não foi esta observação a causa do engano, necessariamente foram induzidos ao erro pelo artificio de alguns negros da Africa, que aguçam os dentes com uma lima, de modo que as duas maxillas parecem comprehender doze caninos, e afiam os oito incisivos tão ponteaguda e subtilmente que não é difficil enganar-se quem não souber essa particularidade.

Foi, provavelmente, esta extravagancia que deu origem á fabula dos negros com feições de tigres de que falla Roemer.

Se, entre os habitantes de Matamba e do Congo, onde está introduzido o uso de desfigurar a dentadura, ha algumas hordas anthropophagas que seguem a mesma usança, isto basta para fazer suspeitar aos viajantes superficiaes que o gosto pela carne hamana vem da multiplicação dos dentes caninos. Essa explicação merece, pois, tanto assentimento e importancia como aquell'outra da materia do acido do estomago, porque ella não se abraça a nenhum facto, sendo destruida por muitos. Para a repulsar basta apresentar os coraibas da Guyana, que, não tendo nada de extraordinario nos dentes, se sustentam muitas vezes de carne humana.

(Continua)

Adolpho Salazar

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

VII

AS ILHAS BRITANICAS

(Continuação)

O Tamisa divide Londres em dous quarteirões: *City*, sede do commercio, e Souttwark, onde estão as fabricas e manufacturas.

As duas secções da grande cidade communicam-se por cinco pontes, que são: Waterloo, West-minster, Black-Friars, Souttwark e Londres. O movimento geral de transeuntes na capital da Inglaterra póde calcular-se pela observação feita no movimento da ponte de Londres. Calcula-se pois que cada dia passam aquella ponte 120:000 pessoas a pé e 150:000 em vehiculos diversos ou a cavallo.

Londres tem 250:000 casas, 9:000 ruas, 40 praças, 125 egrejas parochiaes, 120 capellas anglicanas, 40 templos de outros cultos christãos, 6 synagogas, 41 tribunaes de justiça, 13 theatros, 14 prisões, 18 bibliothecas, 100 hospitaes, etc.

Notam-se em Londres: a abbadia de Westminster, a cathedral de S. Paulo, construida pelo modelo da egreja de S. Pedro de Roma, o palacio de S. James, a bolsa, a alfandega, a casa da Companhia das Indias, a casa da camara ou *Guild Hall*, as docas, immensos depositos onde os navios desembarcam as carregações, o tunel, construido por debai-

xo do Tamisa, obra do engenheiro francez Brunel, e que é composto de duas ruas largas e guarnecidas de armazens elegantes.

Eis aqui a torre de Londres, que data de Guilherme o Conquistador, e foi theatro de grande numero de crimes politicos; o palacio de Bukingham, actual residencia dos soberanos; Wihthall, palacio diante do qual foi decapitado Carlos I.

Demos um passeio até Windsor, a Versailles d'Inglaterra, castello elegante, cujos fundamentos remontam ao filho de Roberto do Diabo, que se tornou senhor da Inglaterra em consequencia da batalha de Hastings e que a governou sob o nome de Guilherme o Conquistador.

A Inglaterra está dividida em 52 condados, doze dos quaes pertencem ao principado de Galles.

As cidades principaes da Inglaterra são as seguintes:

Liverpool (450:000 habitantes), segunda cidade pelo seu commercio; Manchester (400:000 h.), importantes manufacturas d'algodão; Birmingham (320:000 h.), fabricas d'armas e machinas a vapor; Bristol (160:000 h.), porto de grande commercio; Newcastle (110:000 habitantes), commercio de carvão; Portsmouth (100:000 h.), primeiro porto militar d'Inglaterra; Greenwich (65:000 h.), observatorio e hospicio d'invalidos; Plymouth (63:000 h.), segundo porto militar; Bath (52:000 h.), afamadas agoas de caldas; Chelsea (40:000 h.), invalidos da marinha; Oxford (27:000 h.), celebre universidade; Cambridge (26:000 h.), celebre universidade; Windsor 10:000 h.).

As cidades mais importantes do principado de Galles são:

Mertyr-Tydwill, cidade de 48:000 habitantes, onde foi, segundo se diz, lançada a primeira locomotiva em 1804; Cardiff, celebre pela grande quantidade de carvão que exporta, e que em 1801 não tinha mais de 1:890 habitantes, ao passo que conta hoje 76:000; Pembroke (15:000 h.), excellente arsenal de marinha; Camarthen (10:000 h.), antiga capital do principado de Galles, Cardigan (3:000 h.), porto commercial; Montgomery (1:000 h.), ruinas d'um castello normando.

Os inglezes teem uma especial predilecção, entre elles, pelas suas leis, as suas instituições, o solo; teem no mais alto grao o que se póde chamar o espirito nacional, que a nós tanto nos falta.

(Continua)

SOBRE O GELO

E' um divertimento muito em moda na Russia o que a gravura representa. E' um baile de nova especie.

No principio do inverno, quando o gelo cobre tudo, o praser de patinhar sobre elle desperta todas as affeições, e não ha quem tenha forças de subtrahir-se á moda, indo entregar-se com mais ou menos frequencia a este exercicio extremamente saudavel. Organisam-se salas, restaurantes, emfim sobre o gelo vive-se mais durante a quadra invernosa, na Russia, do que no interior das casas.

A gravura representa uma festa de este genero, dada por um dos muitos clubs organisados para esse fim entre a melhor sociedade de S. Petersburgo.

SOBRE O GELO

A ABBADIA DE CLUNY

Na idade media pululavam por toda a parte, na Europa central com especialidade, as casas religiosas. O espirito dos povos era todo mystico; a feudalidade abafava todas as luzes do espirito e a ignorancia engenhava a superstição. Os principes fundavam conventos, legando aos povos a obrigação de sustental-os. Muitas congregações foram grandemente prejudiciaes aos povos; outras, pelo contrario, influiram por modo notavel no progresso moral e social da humanidade.

Um dos mais illustres mosteiros antigos foi o de Cluny. Fundado em 910 por Santo Odon, sob a regra da ordem benedictina, recebeu a confirmação do rei Luiz IV e do papa João XI.

Engrandecido successivamente pelos abbades que se seguiram ao fundador, o mosteiro teve nos seculos XV e XVI uma epoca de esplendor, chegando a emancipar-se da sujeição do bispo de Macon.

Santo Hugo lançou no anno de 1089 os fundamentos da nova egreja, porque a antiga não condizia com a grandeza do convento; egreja que foi notavel, não pela elegancia de formas e riqueza d'ornatos, mas pelas proporções e severidade da sua architectura, tirada do estylo romano, que servira de transicção entre a arte antiga e a arte gothica, dando-lhe um aspecto imponente.

Decretada a suppressão das ordens monasticas em França por decreto da assembleia constituinte de 13 de fevereiro de 1790, a abbadia de Cluny foi encorporada aos bens da nação. As desordens de 1793 pesaram extraordinariamente sobre a cidade de Cluny; a immensa egreja foi saqueada e destruida. O convento foi aproveitado em 1865 para uma escola normal destinada a fornecer mestres para o ensino primario.

MECA

(Conclusão)

O templo tem um chefe principal, denominado o sheik do *haram*. A Kaaba

é servida por quarenta eunucos negros, guardas e criados da casa de Deus. Usam, como distinctivo, por cima dos trajos ordinarios, uma camisa de linho branco, presa por um cinto, um grande turbante branco e uma varinha na mão. Mas, além d'estes homens, o templo tem um numero immenso d'empregados. Accendedores e apagadores das lampadas, criados de Ibrahim, da Kaaba, de cada uma das casas dos quatro ritos, porteiros, serventes dos minaretes, dos imans e do cadi, cantores do côro, os *munkis*, ou observadores do sol, que teem o encargo d'annunciar a hora da oração, o guarda da chave, o *mufti*, os guias, em uma palavra, póde dizer-se que metade dos habitantes de Meca são empregados ou serventes do templo, não tendo porém outro salario além das esmolas dos viajantes. E' por esse motivo que, mal um viajante chega, aquella multidão o rodeia, comprimenta-o, indaga o que elle quer, trata de servil-o com extraordinaria solicitude; interessa-se ao extremo pela sua salvação e faz quanto póde para abrir-lhe as portas do ceo.

Antigamente, quando de todas as regiões onde se pratica o islamismo affluiam caravanas á cidade santa, os lucros que ellas deixavam bastavam para occorrer ás necessidades dos habitantes de Meca; hoje porém, que os peregrinos são muito menos numerosos, ao passo que o numero d'empregados do templo é o mesmo, o modo como estes sugam os viajantes torna-se escandaloso, e nem sequer poupam os pobres, aquelles que fazem a peregrinação á custa d'esmolas, que são obrigados a largar aos avidos funccionarios quantos reaes trazem.

Outr'ora os peregrinos tinham muitas estações pias a fazer, o que produzia grandes beneficios aos servidores da Kaaba; mas as tribus inimigas destruiram tudo.

A mesquita, ou capella onde nasceu o propheta, o sitio onde recebeu do ceo a primeira revelação, a casa de Abutaleb onde passou parte da sua vida, o logar onde cahiu a milagrosa pedra negra, as capellas de Fathma, filha do propheta, de Sidi-Mahmud e outras, já não existem. Os peregrinos são por consequencia privados do merito espiritual que adquiriam visitando aquelles santos logares, e os habitantes da cidade perderam os bens temporaes que lhes forneciam taes actos de devoção.

A Meca entre os arabes tem titulos muito pomposos: Om-el-Kara, que quer dizer a mãe das cidades, a nobre, a sublime, a patria dos fieis. Aberta de todos os lados, defende-a uma fortaleza de construcção grosseira, na qual reside o sherif. As ruas são pelo geral regulares e cobertas d'areia; todas as casas, solidamente construidas de pedra, teem as fachadas ornadas de pinturas e pedestaes, o que lhes dá um aspecto muito gracioso. Quasi todos os edificios são d'um estylo que imita o persa ou indiano, introduzido durante a residencia dos kalifas em Bagdad.

Não ha talvez cidade musulmana em que as artes estejam tão atrasadas como em Meca; as sciencias estão no mesmo estado que as artes e a industria. Todo o saber do habitante de Meca se reduz a ler o Alcorão. Todos elles se dedicam desde a infancia a aprender as orações e ceremonias da casa de Deus para ganharem dinheiro o mais cedo possivel. Ha creanças de cinco e seis annos que já servem de guias aos peregrinos.

ABBADIA DE CLUNY

O CORAÇÃO

EXCERPTO

(Conclusão)

Dois corações ainda jovens entendem-se n'um momento, porque o coração é mais perspicaz do que a intelligencia.

Avistam-se: é o exordio.

Olham-se: é a exposição.

Fallam-se: é a conclusão.

A força logica d'este discurso produz ao mesmo tempo em ambos o mesmo convencimento. Os dois separam-se certos de haverem nascido um para o outro. O homem de vinte e cinco annos que resistira ás argumentações dos amigos, conhece agora que não deve tomar ordens.

Faça-se do amor uma ideia e esses pobres namorados não se convencerão jámais.

A serpente do paraizo com todo o talento de que dispunha teria luctado muito tempo sem convencer Adão de que devia provar o fructo prohibido.

Para poupar tempo e fadiga poz de parte todos os recursos persuasivos da sua diabolica imaginação, e adoptou por unica figura de rethorica a figura da primeira mulher.

O homem enamorado é uma creatura a quem por um processo incomprehensivel lhe subiu o coração á cabeça.

Por isso discorre de maneira tal que lhe chamamos doido.

Reparae n'aquelle pae severo, que vasou a propria vontade no molde frio da rasão.

Discorre com uma logica incontestavel.

Todo o mundo é do seu parecer, excepto sua filha.

A questão é simples: trata-se de lhe escolher um marido.

O pae poz os olhos da rasão em um; a filha poz os olhos do coração em outro.

O pae destilla uma serie de reflexões profundas, e sustenta a sua ideia com argumentos irrespondiveis.

A filha ouve, calla-se e baixa os olhos: realmente não tem nada que responder; o pae esfrega metalmente as mãos celebrando o triumpho completo da sua intelligencia e a efficacia da sua logica.

Entretanto o coração da filha bate apressadamente como se quizera aturdil-a com seu martellar incessante.

No dia seguinte o pae observa que a filha comeu pouco.

No immediato nota que está extremamente pallida.

No outro dia surprehende-a debulhada em lagrimas.

Estes tres argumentos formulados sucessivamente destroem toda a força da sua convicção.

Uma sombra de tristeza, alguma pallidez e meia duzia de lagrimas, mofam de um cumulo de rasões que pareciam indestructiveis.

Não queira Deus que uma mulher ou uma creança nos peça uma iniquidade por meio de uma lagrima ou de uma caricia, porque nos convencem.

Examinae bem a vossa gaveta.

Os numeros inflexiveis dir-vos-hão com o sangue frio que os distingue, qual a quantidade de dinheiro que constituem os vossos haveres.

O ultimo tostão diz resolutamente que não ha mais nenhum.

Ha todavia no ourives fronteiro á vossa casa um bracelete que vale o dobro do vosso dinheiro.

Tendes uma esposa ou uma filha que namora ha dez dias aquelle bracelete.

O vosso coração tem tambem a sua arithmetica e deita as suas contas.

O bracelete custa o dobro do vosso dinheiro; porém a alegria de uma filha, ou a terna satisfação de uma esposa, valem muito mais que o bracelete.

Isto é quasi uma especulação, e o coração é uma algibeira inexgotavel.

Dobra-se o vosso dinheiro.

Para o coração não existem impossiveis.

A eloquencia seria bem pouca coisa se só tratasse de convencer.

Se não commovesse tambem, seriam desgraçadas as suas conquistas.

O estylo é o homem, repetimos todos os dias; isto para mim quer dizer que o homem é o seu coração.

Nem todos os cadaveres estão no cemiterio; muitos circulam insepultos fingindo uma vida que perderam.

A friâldade moral de suas palavras dir-vos-hão quaes são os homens que passeiam no mundo um coração morto.

A sensibilidade é a intelligencia do coração.

Um homem sem coração é uma estatua que pensa.

Uma mulher sem coração é menos alguma coisa: é uma estatua que não pensa.

Barão de Roussado

VELHOS CARAPETÕES

—

Admira-se a gente da impudencia com que alguns jornaes, e muito especialmente os dos Estados Unidos da America, costumam entreter a curiosidade dos seus leitores, dando-lhes com a maior seriedade noticias estapafurdias de casos estupendos, que o publico de boa fé saboreia e commenta com intimos pontos d'admiração.

Pois o caso não é novo, e já os nossos antepassados, apesar da respeitabilidade dos seus rabichos e dos seus calções, se entretinham a illudir a credulidade do povo, descrevendo-lhes phenomenos tão extraordinarios e sobrenaturaes, que deviam fazer estarrecer de pasmo.

No *Mercurio de França* de setembro de 1725, 2.º volume, pag. 2120, vem narrado um facto, que, por ter referencia com o nosso paiz, merece ser lido, avaliando-se por elle os carapetões que já n'aquella epoca se faziam correr em letra redonda e com todos os visos de verdade.

A noticia consta d'uma carta enviada ao referido *Mercurio* e concebida nos seguintes curiosos termos:

«Vive em Lisboa uma rapariga que possue verdadeiros olhos de lynce: não é exageração; tem uma vista tão penetrante, que descobre na terra, a agoa, esteja a que profundidade estiver, e ainda actualmente faz a esse respeito e todos os dias experiencias uteis aos seus amigos e a muitos particulares, o que lhe attrae uma infinidade de presentes.

O que, porém, lhe dá maior honra e ao mesmo tempo auctorisa o facto, é que tendo o rei de Portugal necessidade de agoa para um novo edificio, e mandando-a procurar inutilmente, esta mulher descobriu na sua presença muitos veios, sem outro auxilio que o dos seus olhos. Sua Magestade Portugueza deu-lhe uma pensão e agraciou-a com o habito e a cruz de Christo, o que lhe permittirá casar com o titulo de Dona. A agoa é a unica cousa que ella pode ver através da terra, e não se pode duvidar que ella a veja effectivamente. Eis as provas:

1.º Ella diz aproximadamente, e tanto quanto se pode medir com a vista, a que profundidade está a agoa.

2.º Menciona as differentes côres da terra desde a superficie até ao sitio em que a agoa se acha.

3.º Designa na terra as diversas direcções em que ella deve cruzar-se: aqui, diz ella, encontrareis uma veia d'agoa a tal profundidade e d'uma tal intensidade; ali, encontrareis uma outra mais pequena; junto da primeira existe uma mais abundante; proximo da segunda ha uma mais rica ainda do que todas as outras; emfim tudo o que ella diz verifica-se ser verdadeiro.

Para procurar a agoa não se serve de varinha magica *(baguette)*, e só a designa, quando a vê; para isso, porém, é preciso estar em jejum. Esta propriedade tão particular como prodigiosa, é-lhe natural, porque não a adquiriu nem pela sciencia nem pelo estudo.

E' pena que ella não saiba medicina, porque, eis o mais surprehendente, vê tambem no corpo humano, com quanto não seja senão em certas ocasiões e quando os poros estão menos fechados. Vê circular o sangue, operar-se a digestão, formar-se o chylo, emfim todas as differentes partes que compõem e alimentam a maquina e as suas diversas operações.

Descobre igualmente doenças que passam desapercebidas ao saber e á experiencia dos medicos mais habeis, que em justificada rasão se podem chamar cegos ao pé d'ella. Por esse motivo consultam-a tambem mais do que a elles. Repito, é pena que não possa curar os males que descobre. Muitos maridos fazem-a visitar suas esposas, e muitas esposas, que temem os effeitos funestos da libertinagem de seus maridos, usam da mesma precaução.

Estou convencido que muitas pessoas tomarão isto por uma fabula; mas pelo menos não fui eu que a inventei, porque tudo quanto deixo narrado foi o que me contou um francez recem-chegado de Portugal. Assegurou-me ter visto essa milagrosa mulher, ter-lhe fallado varias vezes, e ter assistido até a algumas experiencias, graças á amizade intima que mantinha com o marido. Além d'isso mostrou-me tambem cartas que recebeu de Lisboa depois da sua partida d'aquella cidade, e nas quaes lhe fallam da referida mulher.»

O auctor d'esta noticia faz ainda diversas considerações sobre a possibilidade do caso, e conclue por chamar para elle a attenção dos sabios.

Ora o mais curioso de tudo isto, ainda, é que o padre Le Brun, mencionando o facto estupendo da mulher lisboeta na sua *Histoire critique des pratiques superstitieuses* (2.ª edição), Paris, 1750, e desejando saber o que havia de verdade na narração do *Mercurio*, chegou a escrever ao conde da Ericeira, pedindo-lhe que o esclarecesse a respeito da existencia do phenomeno.

A resposta não apparece na referida obra, o que leva a crer, que o nosso conde, em presença de tal carapetão, nem sequer quiz dar-se ao trabalho de desilludir os papalvos que acreditaram no famoso caso da mulher da vista de lynce.

A verdade é que a noticia correu no seu tempo e que está impressa em letra redonda, como o estão as do jejum voluntario do doutor Tanner e outras de igual jaez.

Manoel M. Rodrigues

REMEMBER

—

Quando em noite calada a humanidade
Repousa das fadigas e vaevens,
E se perdem além, na immensidade,
Os canticos suavissimos das Mães;

D'essas puras e santas creaturinhas
Sublimes como as aguias do Thabôr,
Que embalam docemente as creancinhas
Veladas pelos anjos do Senhor;

Eu sinto povoar-se a pouco e pouco
A minha alma de tristes sensações,
E caminho p'ras campas, como um louco
Em busca de phantasticas visões!

E' que eu vivo em penosa escuridade,
E essas notas d'amor, filhas do Bem,
Recordam-me os carinhos de amisade
E o suave cantar de minha Mãe.

Teixeira de Carvalho

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

V

OS AMANTES

Depois de trocadas as phrases de cortezia que em todas as epocas se tem usado, quando duas pessoas principiam a fallar, a dama disse:

—Estimo immenso que o rei lhe fizesse justiça, concedendo-lhe o que pretendia.

—Ah! Já o sabia? disse Luiz com um leve acento de desgosto.

—Por ventura desagrada-lhe?

—Desagrada-me não ter eu sido o primeiro a dar-lhe essa noticia.

—Não ha muito que o mestre de Calatrava m'o disse.

—Parece que essa gente se propoz ser a minha trombeta da fama.

—Isso dá a entender que não lhe quer bem, disse D. Isabel fixando no rosto de Luiz um olhar perscrutador.

—Para que hei-de negal-o? A senhora é a unica pessoa que na côrte me inspira confiança e... amor. Porque não o heide confessar? Com a senhora fallo mais livremente, abro-me a si como me abriria a meu proprio pae. O conde de Aranda inspira-me, não medo, porque nunca o conheci, mas uma especie de terror que não se póde definir nem afastar. Sua esposa causa-me aversão, porque não posso comprehender que um ser tão delicado, cuja missão é a de produzir o bem, se intrometta em intrigas palacianas, que muitas vezes trazem sangrentos resultados, e o amigo d'ambos, o opulento marquez de Rivero, inspira-me repulsão, asco, aborrecimento, porque é um ambicioso e um miseravel, que se atrevia a... pretendel-a.

—A mim? Quem lh'o disse?

—Na côrte, senhora, sabe-se tudo. O meu maior desejo é ver chegado o dia de cruzar a minha espada com a d'esse homem.

—Oh! Não fará tal! exclamou D. Isabel com espanto, tomando maquinalmente as mãos de Guevara.

—Senhora! exclamou este, adivinhando nas palavras da joven parte do que se passava no seu coração.

D. Isabel comprehendeu que se havia deixado levar mais longe do que convinha, e, envergonhada, soltou as mãos do cavalleiro.

Surprehendido este, murmurou:

—Faz bem, D. Isabel. Quem sou eu para que me manifeste sentimento de qualquer especie? E, sem embargo, amo-a, bem o sabe; amo-a com o primeiro amor d'uma creança, com toda a pureza que a senhora merece. Oxalá me encontre com esse homem e elle me dê a morte já que em vida não posso encontrar a felicidade que procuro.

Em quanto Guevara fallou notou-se em D. Isabel uma inquietação extraordinaria. Por mais d'uma vez abriu os labios para fallar; mas as palavras espiravam-lhe na garganta.

Duas lagrimas lhe assomaram aos olhos, e quando o joven cessou de fallar, disse-lhe:

—Fez-me mal fallando d'esse modo; mas perdôo-lhe.

—Maior mal me faz a mim com os seus desdens

—Se lhe disse que não se encontraria com o marquez, porque motivo pensa que lh'o disse?

—Porque receia que na côrte se possa descobrir o meu segredo, e este segredo, bem o sabe, refere-se a si.

—Quer dizer que me julga egoista?

—Egoista não; zelosa do seu nome.

—Ahi está o que são os homens, ponderou D. Isabel. Pensam conhecer o coração das mulheres a quem dizem amar e por fim enganam-se redondamente.

—Diz que me engano? Se não é por egoismo é por causa d'esse homem a quem aborreço.

—Ouvindo-o, parece que se compraz em martyrisar-me.

—Ouça, D. Isabel, e comprehenderá qual de nós soffre maior martyrio. A natureza dotou-me com coração de gigante, mas forças d'anão. A minha posição, bem o sabe, era pouco lisonjeira. Nobre como o primeiro nobre de Castella, meu pae não possuia outros bens além da sua casa em Ubeda, a qual vendeu para que eu podesse vir a Madrid. Desde creança tive sonhos d'ambição; mas ao acordar achava-me no meio da realidade da miseria que me aterrava. Longe das intrigas e corrupção da côrte, o meu coração foi-se formando, nutrindo-se com a amargura que a minha sorte me causava. No dia em que tive ensejo d'encontrar-me com o soberano, fui trahido pela ambição d'um homem, de quem me tornei instrumento. Conhecedor da minha posição longo tempo ha, não me engano quando a julgo como hoje, e póde acreditar que me penaliso immenso ter de confessal-o. Sei que não nasci para ser brinquedo d'um fidalgo, ainda que este seja principe de Esquilache, e hoje vejo que o sou e que não posso romper ainda a cadeia que me sujeita. Vi-a, senhora, e o meu coração infantil, que acabava de perder a illusão da amisade e do desinteresse, o meu coração, que trasbordava d'amargura e de dôr, voou para si como a ave vôa para o ninho onde encontra o repouso e o socego; a senhora era para mim o ceo da paz e da ventura, onde podia refazer-me da dôr que as paixões dos homens poderiam causar-me sobre a terra. Amei-a, e disse-lh'o, porque ainda não aprendi a dominar as minhas commoções; a senhora repelliu-me com indulgencia, devo confessal-o, mas repelliu-me. Nas suas mãos e nas de seu marido eu não era mais do que um brinquedo que podieis utilizar tambem para conhecer os segredos do favorito. Comprehendi isso e apesar da amarga pena que similhante descoberta me causou, apesar de saber que não me amava, não deixei um só dia de vir vel-a, de vir escutar as phrases de carinho que a senhora dirigia a outro homem, a ver os esforços e combinações que fazia para augmentar o seu poder; e eu padeço e venho padecer cada dia similhante martyrio. Amo-a e sempre a amarei, porque ha em si alguma cousa que prende para sempre duas existencias, e a minha está unida á sua para sempre. Comprehendo que a senhora não me amará nunca e desejo morrer porque d'esse modo cessarei d'encomodal-a com as minhas queixas importunas.

A's palavras de Guevara seguiram-se alguns momentos de silencio.

D. Isabel estava agitada e palpitante, por uma maneira que em balde tentava dissimular.

De repente encarou o mancebo e pareceu tomar uma resolução desesperada.

Levantou-se do assento e dirigiu-se á porta da sala; observou se alguem a ouviria, e voltando para junto de D. Luiz, disse com voz tremula e ardente:

—Guevara! Olhe-me bem e responda-me.

—Que quer dizer? perguntou o cavalleiro anhelante.

—Que me desconheceu e me fez soffrer muito.

—Explique-se por piedade!

—Não comprehende que o amo ha muito tempo e que tratei quanto pude de dominar este amor?

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

A PATEADA

Um auctor dramatico infeliz ameaçava um dos seus inimigos de o expor á irrisão publica, mettendo-o em uma comedia.

—Que terrivel vingança! responde o outro. Que mal lhe fiz eu para o senhor me expor a uma pateada!

—

INSECTOS LUMINOSOS

Os habitantes de certas regiões equatoriaes empregam alguns insectos phosphorescentes, como agentes da illuminação. Este facto tem sido confirmado por viajantes e naturalistas, que percorreram a America do sul. Estes insectos luciferos produzem uma luz intensa e brilhante e podem encerrar-se em frascos de vidro, fazendo o serviço de lampadas. São parecidos com os nossos pyrilampos, mas muito maiores, e pertencem ao genero *pyrophorus*.

EM VENEZA

Teremos muitas ocasiões de falar, n'esta galeria de curiosidades naturaes e artisticas, que outra cousa não é um periodico litterario como este, teremos, diziamos, muitas ocasiões de falar da outr'ora florescente rainha do Adriatico, hoje tão decahida da gloriosa posição que gosou e a que tinha jus pela sua admiravel situação, os seus monumentos, a sua historia.

Em que se tornou, de facto, essa grandeza, o movimento immenso, esse commercio activissimo, fonte de prosperidade e gloria? Onde estão as frotas victoriosas que conduziam os thesouros do mundo e as obras primas das artes? Que é feito dos ricos patricios, cujas moradas faustosas brilhavam de luxo e se animavam com os fulgores das suas magnificas festas? Desappareceu tudo como nos sonhos das noutes arabes.

Os seus palacios sumptuosos, tristes e deshabitados hoje, caem em ruinas pela maior parte.

Mas se as expressões faltam para descrever o aspecto original d'aquella cidade, como pintar a commoção profunda que derramam na alma intristecida aquelles restos d'uma grandeza decahida e aquelles contrastes bizarros de magnificencia e abjecção?

Para comprehender toda a tristeza de similhante espectaculo convem ir contemplar essas venerandas tradicções da historia veneziana, esses palacios de marmore, as lagunas tranquillas e silenciosas, onde se passeavam antigamente as damas orgulhosas, casando-se o rumor dos remos com os sons alegres das canções dos gondoleiros, por noutes de luar suavissimo; é necessario ir ver a Piazza, grandioso theatro de tantos e tão diversos acontecimentos, o palacio ducal, as egrejas.

As egrejas, especialmente, devem merecer a attenção do viajante.

Tudo quanto a architectura tem de mais atrevido e de mais variado, tudo quanto a arte do esculptor e do estatuario tem de mais rico e gracioso, tudo o que a pintura tem de mais poetico e grandioso, está reunido nas egrejas de Veneza para despertar na alma do viajante sentimentos deliciosos d'admiração e respeito.

SANTA MARIA DEL SALUTE

Tem muitos templos para ver o viajante enthusiasta.

Aqui está a egreja de Santa Maria Gloriosa, vulgarmente chamada *de' Frari*, resplandecente das obras primas de Canova e dos sublimes quadros do Ticiano; além demora S. Sebastião, onde Paulo Veroneso repousa, cercado das suas obras immortaes. Vede Santa Maria del Salute, um dos mais magestosos monumentos de Veneza, e cuja fachada está representada na gravura que o leitor tem diante dos olhos.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Villa Real, Aveiro.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.° andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHAM-SE já reimpressos os numeros 1 e 2 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elles faltam, para os reclamarem.

Os numeros 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 12

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 18 DE NOVEMBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO: — Costumes turcos — A' meia noite (conto) — A anthropophagia, por Adolpho Salazar — A lyra da natureza (poesia) por Leite de Vasconcellos — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Smyrna — Os rajahs — Um poeta, por Alberto Carlos — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Tres phases (poesia) por Sandoval d'Aguiar — Os dramas do mar: Um navio em chammas — Em dia de S. Martinho — Zig-Zags: — Os hypocritas — As regiões polares — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Interior d'uma casa em Damasco — Smyrna — Um rajah das Indias orientaes — Na Groenlandia.

COSTUMES TURCOS

E' bastante difficil fazer uma ideia justa dos costumes d'um povo, que, apesar de visitado a miude, não se acha ligado por estreitas relações com o resto das nações da Europa, um povo a respeito do qual os viajantes se contradizem tanto. Uns louvam os turcos excessivamente; outros consideram-os uns homens crueis, ignorantes e fanaticos.

De qualquer modo, o turco é um homem muito differente de nós, posto que

INTERIOR D'UMA CASA EM DAMASCO

tenha virtudes que se nos assimilham. Orgulhoso para com os estrangeiros, só se despe do modo altivo diante d'aquelle que recebe como hospede, e então a hospitalidade franca e generosa que concede lembra a dos antigos patriarcas. A sua caridade para com os pobres é illimitada, o que é attestado por um sem numero de *caravansarás*. Não ha fidalgo que não tenha por grande praser fundar um hospicio, dotal-o, ou pelo menos mandar abrir no meio d'uma estrada arida uma fonte, assombreada d'algumas arvores. Com a doce hospitalidade dos tempos primitivos, o turco ha conservado igualmente a maior devoção: nenhum musulmano emprehende uma cousa sem ter em antes dirigido ao ceo uma oração; depois, cheio de confiança em Deus, espera os acontecimentos no meio da mais beatifica resignação, e quando a desgraça o accomette, em vez de derramar lagrimas, roja a fronte no pó e consola-se pensando que Allah o quiz assim.

Na tranquilidade do seu retiro, o turco parece esquecer as penalidades d'esta longa peregrinação chamada vida. A

existencia para elle não passa d'um sonho feliz, que só deve acabar no tumulo, um banquete de que convem saborear as delicias. Grave, silencioso, indifferente a todos os pequenos interesses terrenos, passa o tempo molemente estendido sobre as almofadas do seu sofá, cercado pelas nuvens odoriferas despedidas do vaso em que ardem os perfumes, ou do seu cachimbo longo e ricamente trabalhado. Saborea o café de Moka, e o opio transporta-o em sonhos ao paiz de Mahomet, onde brilham as houris d'olhos negros. Para o distrahirem nas horas d'enfado, as suas mulheres formam ao redor d'elle dansas, acompanhadas de canções voluptuosas. Depois da ceia, faz as abluções do costume, dirige ao ceo a sua oração quando a voz do *muezin* se faz ouvir do alto do minarete e adormece embalado de sonhos amorosos nos braços da sua bella escrava circassiana.

As mulheres, posto que guardadas rigorosamente, não são privadas de toda a liberdade, como dizem certos viajantes. Primeiramente arrogam-se uma especie d'independencia pelo dote, de que são senhoras absolutas; depois o uso da polygamia é bastante raro, apesar de o *Alcorão* permittir o casar com quatro mulheres. Além d'isso sabem vingar-se de um marido infiel, graças a certas mulheres judias ou armenias, que teem livre accesso nos harens. Diz-se que certas flores arranjadas de certa maneira pódem entreter uma correspondencia amorosa, e citam-se casos de bellos aventureiros introduzidos n'aquelle logar temivel apesar dos olhos de lynce dos eunucos. Os cemiterios turcos, plantados de platanos e cyprestes, são especialmente celebres por ser ahi que os amantes teem as suas entrevistas.

As casas turcas, apesar da sua modesta apparencia, aconselhada pelos perigos que cercam aquelle que faz ostentação das suas riquezas, são em geral magnificamente guarnecidas no interior. Numerosos pateos, cercados de galerias e ornados de fontes; vastas salas cobertas de soberbos tapetes da Persia, e decoradas de madeiras preciosas; tectos cheios d'arabescos d'ouro e azul, paredes cobertas de pinturas de flores; uma sala de banho, no meio da qual se ergue um jacto d'agoa pura que cae com um suave murmurio no meio de tanques de marmore; janellas que, n'aquelle clima esplendido, dão livre entrada ao vento e ás aves do ceo, balcões ornados de vasos de flores e plantas odoriferas, que sobem em festões pelos intersticios das janellas; vastos jardins semeados de deliciosos kiosques, onde os lilazes, os loureiros, as rosas e as laranjeiras juntam a sua verde folhagem, e onde o vento brinca em uma atmosphera de perfumes; no sitio mais retirado o harem solitario; tal é a bella habitação onde o musulmano, e especialmente o habitante de Damasco, espera o dia em que hajam de cumprir-se as promessas do *Alcorão*.

Á MEIA NOUTE

CONTO

—

Conto! Não sei se a classificação é cabida. O que sei é que o titulo não podia ser mais mal escolhido.

Um escripto destinado a um jornal popular como este, que deve ser alegre e galhofeiro, e com um titulo que lembra uma historia d'almas do outro mundo, é a ideia mais desastrada que se conhece.

Mas, já agora, o que está escripto, está escripto, e o leitor, se tem medo de chorar, passe em claro esta pagina, que não lhe ficamos querendo mal por isso.

Deixemo-nos, porém, de divagações e principiemos a historia, conto, ou como quizerem chamar-lhe.

I

Maria era a filha unica do mais rico lavrador d'uma pittoresca aldeia do Minho.

Contava apenas desesete primaveras. Dotada de peregrina belleza, possuia uma alma toda candura.

Era o enlevo de seu velho pae, que todo se mirava n'ella. A mãe havia-lhe morrido aos tres annos.

Pedro, que tal era o nome do pae, assim como era o lavrador mais rico da aldeia, era tambem o homem mais honrado das redondezas. Pobre que parasse á sua porta, extenuado de fome ou de fadiga, não se ia sem que da mão do caridoso lavrador recebesse agasalho e conforto. Por isso tambem não havia por aquelles sitios, desde as creanças até aos velhos, pessoa que não o venerasse.

II

Poucos annos depois do fallecimento da consorte, uma manhãsinha em que Pedro ia ver umas sortes que possuia em sitio afastado de sua casa, ao saltar um muro, deparou com um extranho encontro.

Viu primeiramente uns farrapos; depois, como a curiosidade o instigasse a averiguar o que aquillo poderia ser, desembrulhou, e encontrou uma formosa creança.

O bondoso homem tomou nos braços o recem-nascido, prodigou-lhe um semnumero de caricias e formou desde logo uma resolução:

—Adoptarei este pequeno. E' o ceo que m'o envia. Tirando-me a esposa, dá-me mais um filho. Bemdita seja a sua vontade!

III

O orphão cresceu á sombra da caridade de Pedro. Maria, apenas dous annos mais velha do que elle, foi-lhe irmã carinhosa, e com o volver dos annos, as duas creanças tornaram-se companheiras inseparaveis.

Passarei em silencio os primeiros annos da infancia de Miguel, que foi o nome que recebeu o engeitado. Direi apenas que aos oito annos sabia ler correntemente, aos treze ajudava perfeitamente á missa, condição indispensavel, n'aquelle tempo, de toda a educação d'um rapaz fóra do commum dos rapazes da aldeia, e aos desoito era um soffrivel official de carpinteiro.

Pedro havia dito:

—Hei de fazer d'elle um homem.

Fôra elle que o mandara á escola, e depois da escola á officina.

Só uma cousa contristava o bom do lavrador. Era que ao par dos progressos que Miguel ia fazendo na arte não caminhassem tambem os progressos da intelligencia, que parecia velada por densas trevas. Apesar de todos os esforços empregados para lhe avivar o fogo da alma, nunca se conseguiu fazer d'elle cousa de geito.

Era quasi idiota. Tinha medo das almas do outro mundo; acreditava em feitiçarias e bruxedos; era timorato, aprehensivo, covarde.

Até na aldeia o tratavam de lorpa.

Debalde Maria, que tinha a intelligencia um pouco mais desenvolvida, empregava mil meios para lhe aperfeiçoar o espirito; e como ella punha toda a sua alma n'esta ingloria tarefa, e está sabido que o que a mulher não consegue ninguem o consegue, fique assentado que nunca foi possivel desarreigar da esquerda individualidade do engeitado aquelle vicio d'organisação.

(Continua)

A ANTHROPOPHAGIA

—

(Continuação)

Pigafetta diz-nos que o odio violento e indomito, que reina entre differentes povos americanos, os levou a comerem os seus prisioneiros para saciarem toda a sua vingança. Refere mais que em uma região do Brazil, onde os selvagens não tinham sido ainda contaminados da anthropophagia, ella se introduziu pelo exemplo de uma mulher que se lançou com tanta desesperação e raiva sobre o assassino de seu filho, que lhe comeu um hombro.

Tem-se visto tambem entre povos civilisados excessos identicos de animosidade publica. Em Paris devoraram o figado e os pulmões do marechal d'Ancre, e na Hollanda o coração de De Wit; mas estes momentos passageiros de raiva de alguns scelerados obscuros e furibundos não desnaturam, em nenhuma sociedade do mundo, o caracter dos membros; e podiamos concluir racionalmente d'ahi que os francezes foram anthropophagos no reinado de Luiz XIII, ou no de Carlos Magno, porque as leis salicas prohibiam

aos bruxos, sob a pena de duzentos soldos de multa, de comer carne humana, assim como os hollandezes do seculo XVII, ou os egypcios do tempo de Juvenal, porque os fanaticos da cidade de Tentiro devoraram um supersticioso da cidade de Ombre, sem o assar, em um combate religioso, onde se disputava se Deus estava encarnado na figura d'um abutre ou sob a forma d'um jacaré. Esta disputa, tão humilhante para a rasão, deveria causar tedio e menospreso aos theologos, que se occuparam d'ella; mas este exemplo foi contagioso, e annunciou o momento em que se veria a Europa, a Asia e a Africa desoladas pela superstição, armada contra si mesma.

Quando catamos, mais anteriormente, as causas que levaram os homens a sustentarem-se de carne dos seus similhantes, vemos, pelo menos apparentemente, que a dura necessidade da vida selvagem deve ser antolhada como o principio de esta barbarie: o costume que fez tornar todos os abusos toleraveis actuaria ainda depois da insubsistencia da necessidade. Se não é plausivel que a carestia absoluta possa ser muito instante e imperativa entre uma multidão de selvagens, para os constranger a devorarem-se mutuamente, como muitos escriptores julgam, onde procurar então a origem d'essa atrocidade senão no direito affrontoso e arbitrario da guerra e da conquista?

Cook attribue a anthropophagia da Nova Zelandia á esterilidade do seu solo e ao diminuto numero de quadrupedes que possue para nutrimento dos seus habitantes.

As primeiras relações da America diziam que diversas tribus d'esta parte do mundo comiam homens, como na Europa se saboreia um succulento *roast-beef* ou um bem cosinhado fricassé; mas, depois de varias investigações, soube-se que esses selvagens só se entregavam a essa voracidade quando aprisionavam os seus inimigos, ou alguns viajantes europeus, que tomavam por inimigos.

Havia na America tres especies de anthropophagos: os que matavam os prisioneiros para em seguida os comerem; os que apenas comiam os appendices do corpo humano, taes eram os topinambas e tapuias, que, segundo affirma Pisou, devoravam a epiderme e uma parte umbelical das creanças recem-nascidas; e os peruanos, que embebiam o seu pão sagrado em sangue humano. Finalmente, havia outros que comiam os que morriam de doenças ou de feridas, cujo numero era muito diminuto.

Não é facil profundar a origem de tão insolitas usanças. Como o homem é capaz de em tudo pensar e abandonar-se cegamente á extravagancia das suas ideias, as suas acções são muitas vezes ditadas por accessos de delirio e caprichos momentaneos, que desesperam aquelles que pretendem tornal-as racionaes, ou que querem pesquizar-lhes as causas. Entretanto, estas acções transformam-se em exemplos, e estes exemplos arvoram-se em auctoridades tyrannicas. Esta é a origem de tantos usos molestos que ultrajam inutilmente o bom senso, como o de achatar o nariz, estreitar e acurtar os pés, arredondar e esquadrar a cabeça, furar as orelhas, as faces, os labios, o nariz, diminuir o comprimento do collo, estender as orelhas, extirpar dentes ou aguçal-os, pellar o corpo, alongar as palpebras, arrancar as pestanas, as sobrancelhas e a barba, golpear a pelle e tatual-a, incrustar pedras no rosto, cravar longas agulhas ou pennas variegadas na carnosidade das nadegas, queimarem-se, etc.

(Continua)

Adolpho Salazar

A LYRA DA NATUREZA

I

OS ROCHEDOS

Quem vos plantou nos montes arrogantes,
Como enormes cabeças para o ar?
Sois decepados craneos de gigantes,
Ou d'um ignoto deus sois velho altar?

O camponez que passa e vos admira
Não vê em vós os filhos da materia;
Mas ouve as notas d'encantada lyra,
E vê o encanto de belleza etherea.

O' rochedos, vós sois a habitação
Das «mouras» que outro tempo em vós cativas,
Choram hoje, mimosas sensitivas,
Nas noutes festivaes do S. João.

Ouve-se ao longe o reboliço e o gôso,
O pastor ergue ao ar suas cantigas,
Em quanto na fogueira as raparigas
A sorte invocam, ao luar saudoso.

E vós n'essa mudez triste e gelada,
N'esse horrivel silencio sepulchral,
Mais comprimis da virgem encantada
As lagrimas eternas, por seu mal.

Quem sois? Ai, tendes uma longa historia,
Nobres lendas a vós andam unidas:
Estaes cobertos d'indelevel gloria
Nos «dolmens» e «antas», funeraes jazidas.

De vós sahiu o silex que os primeiros
Homens, duros selvagens ainda então,
Empregaram alegres, prazenteiros,
E que mais tarde, ó viva tradição,

Entravam nos horrendos sacrificios.
Inda hoje o pobre habitador da aldeia,
Quando o raio as florestas incendeia
E enche os campos de fundos precipicios,

Adora as «pedras que vê vir do ar...»
O' penedos agrestes, santos vultos,
Quem vos não ha-de com ardor amar,
Se vós nos revelaes extinctos cultos;

E se tendes d'ahi presenciado,
O' sublimes fetiches das alturas,
A evolução do mundo organisado,
E haveis de ver evoluções futuras!

II

O MAR

Camões ergueu-te um cantico sublime,
E Xerxes fustigou as tuas vagas:
Quem absorvera a luz em que te alagas,
O' mar, que um sol fecundador opprime!

Os homens adoraram-te; e era um crime
Talvez por ti buscar longinquas plagas.
Tiveste templos, orações e pragas,
O odio que mata, e o culto que redime.

Outras eras, os rudes navegantes,
No delirio do Ideal, robustos, bravos,
Correram para a gloria, heroicamente:

Mas, melhor tuas ondas triumphantes
Não gemessem ao peso dos escravos
Que os europeus trouxeram do Oriente!

Leite de Vasconcellos

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

VIII

ESCOSSIA E IRLANDA

A Escossia tem uma superficie de 75:750 kilometros quadrados e 3 milhões d'habitantes. Está situada ao norte da Inglaterra. E' um paiz montanhoso, onde abunda o carvão de pedra, o chumbo, o ferro, o marmore e o crystal de rocha. Agricultura sabiamente dirigida e muito productiva.

Os escossezes são religiosos e hospitaleiros.

A Escossia está dividida em 31 condados.

A capital é Edimburgo, cidade de 190:000 habitantes, no golfo do Forth, edificada sobre tres colinas, ligadas por pontes de linda construcção. Industria activissima. Universidade, sociedades sabias; imprensa e livraria nomeada. A unica cousa de notavel a ver é o palacio de Holy-Rood, na cidade antiga, com as recordações historicas que lhe andam ligadas.

As cidades principaes da Escossia são: Glasgow (395:000 habitantes), commercio importante, celebre universidade; Aberdeen (75:000 h.), universidade, porto de mar; Dundee (29:000 h.), armamentos para a pesca, porto florescente; Perth (25:000 h.), antiga residencia real; prisão central. Leith (37:000 h.), no golfo do Forth, serve de porto a Edimburgo.

Passemos á Irlanda, que demora a oeste da Inglaterra, da qual está separada pelo canal de S. Jorge e o mar.

A Irlanda occupa uma superficie de 52:000 kilometros e tem 5,770:000 habitantes. Divide-se em 32 condados.

E' um paiz chão, fertilisado por um grande numero de rios e canaes. Não obstante, a sua industria está muito decahida e a agricultura languidesce por falta de braços, em rasão da emigração dos habitantes, que vão procurar na America trabalho e liberdade.

A capital da Irlanda é Dublin, ci-

dade de 250:000 habitantes. Como Londres, tem quarteirões magnificos, bem ventilados; mas logo ao pé encontram-se ruas estreiras, sujas, onde reina uma miseria espantosa. A cathedral de S. Patrick é digna de ver-se.

As cidades principaes são: Belfast (120:000 habitantes), notavel pelas muitas fiações de linho e d'algodão; Cork (80:000 h.), porto de muito commercio; Limerick (45:000 h.), capital da divisão militar.

Enumeremos emfim os grupos d'ilhas pertencentes á Inglaterra, e teremos concluido a nossa digressão no orgulhoso reino unido.

As Hebridas (105:000 h.); Jersey (56:000 h.); Man (52.000 h.); Wight (35:000 h.); Orcades (32:000 h.); Shetland (30:000); Guernesey (30:000 h.); Sorlingas (3:000 h.).

(Continua)

SMYRNA

A cidade de Smyrna (*Ismir* na lingoa turca) está situada na costa occidental da Asia menor e na extremidade do golfo do mesmo nome. A sua posição não pode ser mais deliciosa.

Tem cento e sessenta mil habitantes, sendo uns oitenta mil turcos, quarenta mil gregos, quinze mil judeus, dez mil armenios e os restantes europeus. Estes formam ali uma especie de republica federativa, pois não obedecem senão aos seus respectivos consules.

Smyrna é sede de um pachá, d'um arcebispo grego e d'outro armenio.

Estende-se a cidade ao longo do magnifico golfo a que ella dá o nome, em um desenvolvimento de cerca de tres kilometros. Do lado de terra as casas formam degraos pelo monte Pagus acima, e do alto d'este gosa-se um panorama esplendido.

«Smyrna, diz Theophilo Gautier no seu interessante livro *Constantinopla*, estende-se aos nossos pés com as suas casas vermelhas e brancas, os seus tectos de tijolo cannelado e d'um vermelho vivissimo, os seus cortinados de cyprestes, os massiços de verdura, os seus zimborios e minaretes, assimilhando mastros de marfim, os seus arredores cultivados de varios fructos, a sua enseada, especie de ceo limpido, mais azul ainda do que o proprio ceo; tudo isto banhado d'uma luz argentea e fresca, d'um ar de transparencia admiravel.» Eis o que é Smyrna.

O interior da cidade está muito longe de corresponder ás magnificencias do exterior, e custa a acreditar que a Smyrna actual seja a cidade que os antigos designavam sob os pomposos nomes de Smyrna a amavel, a coroa da Ionia, a perola do oriente, o olho da Anatolia.

Os gregos e francezes residem á beira do mar e na parte septentrional da cidade; o quarteirão armenio é o mais proximo das alturas, ficando-lhe sobranceiro o quarteirão judeu; emfim os turcos occupam as partes mais elevadas.

As casas são geralmente baixas, de loja e um andar. Teem a frontaria pintada de côres vivas, o que de longe offerece uma vista assás agradavel. Entre as janellas usa-se abrir uma especie de nichos, onde as andorinhas vão fazer os ninhos.

O basar, que é uma rua inteira, torna-se digno da visita do europeu.

Smyrna tem uma excellente escola de medicina.

Diz-se que foi perto d'esta cidade e á beira d'um regato chamado o Melés, que nasceu Homero. N'outros tempos os habitantes mostravam ao viajante uma especie de gruta, em que, diziam, o divino poeta havia composto as suas obras. Tambem lhe tinham levantado um templo, denominado *Homereion*.

Smyrna foi fundada por uma amazona do mesmo nome, a qual em antes tinha conquistado Epheso. Passou para a Turquia no anno 160 antes da era christã; mas a conquista definitiva só teve logar no seculo XV. Desde então

SMYRNA

Smyrna não cessou de pertencer ao imperio ottomano, e é hoje o principal emporio commercial na costa da Asia.

OS RAJAHS

Na India o nome *rajah* significa rei absoluto, e eram-o com effeito os principes que outr'ora dominaram aquellas extensas regiões onde primeiro nasce o dia, na phrase do nosso grande epico. Aquelle termo porém mudou de significação quando os musulmanos conquistaram as Indias, porque então a maior parte dos seus soberanos, obrigados a submetter-se aos vencedores, tornaram-se vassallos tributarios e não deram mais decretos senão em nome dos mahometanos.

Movidos por um sentimento d'independencia, alguns rajahs preferiram comtudo retirar-se para as montanhas mais inaccessiveis, onde deram origem aos *radjaputes*, que quer dizer filhos dos rajahs, os quaes nunca curvaram a fronte ao jugo d'estrangeiros.

Promptos sempre a entrar para o serviço do Grão Mogol, distinguiram-se sempre os rajahs pelo valor e disciplina militar.

Depois da conquista das Indias pelos europeus, foi-se a pouco e pouco perdendo o espirito de nacionalidade, e os rajahs tornaram-se tributarios da Inglaterra depois de o terem sido dos imperadores mahometanos e mongoes.

No principio do seculo passado os radjaputes separaram-se do imperio mongol e quizeram fundar um estado, cuja independencia devia cahir diante das ar-

mas inglezas. Depois da derrota de Tippoo-Sahib, em 1799, os rajahs ficaram reduzidos á mais humilde condição social. Os proprios radjaputes tiveram que acceitar o protectorado da Inglaterra.

Nas Indias orientaes, porém, alguns rajahs ainda conservam a sua independencia.

UM POETA

—

(Conclusão)

IV

Fernando, apenas os marialvas se affastaram, sahiu do seu esconderijo; lançou com horror para longe de si a perfida flor, que pouco antes apertara com tanto amor na mão febril, volveu para o palacio um derradeiro olhar, mas um olhar de profundo desprezo e não de amor, como tantas vezes dirigira, e seguiu inconsciente o caminho que haviam tomado os fidalgos.

O mundo exterior eclipsara-se-lhe aos olhos. A lua, as estrellas, as arvores, os perfumes das flores, os gorgeios das aves, o murmurar das fontes; tudo isso desapparecera para elle, tão concentrado se achava aquelle espirito pela intima dôr que o consummia. Caminhando ao acaso, ao desembocar de uma rua, foi deparar com o cemiterio.

A perspectiva lugubre d'aquelle sombrio e tristonho recinto despertou-o do seu sonhar acordado, e o mancebo, sentindo que o chamava uma attração mysteriosa, transpoz o muro do cemiterio em um ponto em que os rigores do ultimo inverno haviam permittido que a tempestade abrisse um grande rombo.

Depois correu para junto d'um modesto mausoleu, onde repousavam os restos de sua mãe, e cahiu de joelhos sobre a face polida e humida d'essa pobre e solitaria campa, exclamando:

—Minha mãe! E' forçoso que eu parta a reunir-me a ti! Não posso já com o peso d'esta existencia maldicta!

Em seguida ergueu-se, e como que preso d'uma subita resolução, sahiu d'aquella triste mansão, dirigindo os passos vacillantes para a modesta casa que habitava. Os olhos chispavam-lhe clarões sinistros, os membros enfraqueciam-lhe sob a influencia da intensa febre que o devorava.

Chegado que foi ao limiar da sua habitação, abriu cautelosamente a porta para não despertar a velha criada que o servia, subiu mansamente a escada, e penetrou no modesto aposento de que fazia seu quarto de dormir e gabinete de estudo.

Accendeu com mão tremula uma luz; sentou-se junto da tosca banca do trabalho, e começou a escrever umas linhas caprichosas, que pelas ondulações e curvas com que se estendiam na alva superficie do papel, bem denunciavam a extrema commoção de quem as traçava.

Aquella pagina, tão violentamente arrancada do seu livro intimo, retratava fielmente o estado da sua alma. Era como que uma queixa sentida, um lamento plangente, um brado d'indignação, uma gargalhada de cynismo, um grito de desespero, uma blasphemia de condemnado; um resumo, emfim, incongruente, mas cheio de eloquencia, do oceano de paixões tremendas e desencadeadas, que lhe tumultuavam no seio.

A penna, como se possuira a consciencia, parou, ao achar-se frente a frente com a extremidade inferior do papel. Tambem que mais se poderia dizer?

Fernando lançou para longe a penna que lavrara a sentença de morte d'aquelle mesmo em cuja mão fôra instrumento civilisador; ergueu-se precipitado, volvendo com desconfiança os olhos em derredor.

Convencido de que se achava só, lançou mão d'um rewolver, apontou ao meio da fronte, de que, como Chenier, elle poderia dizer: «Et pourtant il y avait lá quelque chose!» balbuciou alguns sons inarticulados, que ninguem poderia comprehender, e desfechou. Foram tres factos, entre os quaes não mediou tempo apreciavel: o estrondo da detonação, o apagar da luz, o baquear do corpo.

E, no entanto, atravez das vidraças do solar do velho morgado, viam-se illuminados por jorros de luz os vultos donairosos das damas, volteando no gyro vertiginoso da walsa, cingidas nos braços dos marialvas!

E a lua, com aquella doce luz que tanta suavidade dá aos quadros que illumina, começava a descer para o seu occaso.

UM RAJAH DAS INDIAS ORIENTAES

V

No dia seguinte, quando as ultimas pás de terra occultavam ao lado da mãe estremecida, o cadaver do pobre Fernando, os convivas do morgado commentavam com sarcasmo e chufas insolentes o suicidio do desventurado moço, e as phrases da carta que foi encontrada sobre a mesa, na qual, occultando o verdadeiro motivo da sua triste resolução, apodava a sociedade, entre que vivera tão desgraçado.

Sorvendo voluptuosamente o delicioso nectar contido em brilhantes crystaes da Bohemia, Guilherme e Ernesto cravavam olhos cupidos no encantador e alegre rosto de Laura, que dizia fleugmaticamente:

—Poetas! Poetas!...

O que nós parodiaremos:

—Mundo! Mundo!...

ALBERTO CARLOS

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

V

OS AMANTES

(Continuação)

Ao ouvir similhante confissão, ao ver a expressão d'aquelles olhos, nos quaes parecia que se reflectia todo o immenso amor de D. Isabel, Guevara impallideceu.

Amava-a, segundo tinha dito; mas

este amor era differente do que sentia por Maria.

Ambos eram grandes, intensos, poderosos; mas differiam essencialmente.

Porque em Guevara, encerrados em um mesmo corpo, havia dous seres. Um, espiritual, candoroso, enthusiasta e simples, amava tudo o que se lhe assimilhava, tudo o que de terno e virtuoso encontrava no mundo. O outro, ardente, ambicioso, audaz e altivo, amava tudo quanto era grande, tudo quanto era atrevido e impossivel, o que o obrigava a arrostar fosse o que fosse para chegar ao fim que se propunha.

Estes dous seres estavam em lucta constante no mesmo corpo.

Amava Maria porque synthetisava a candura, a pureza, a timidez, a innocencia; amava D. Isabel porque personificava a audacia, o orgulho, a ambição, o impossivel. E cada uma d'essas qualidades era o seu ideal.

Ao lado d'uma fallava com sinceridade; ao lado da outra dizia-lhe igualmente o que o seu coração sentia.

A condessa de Santilhana não estava em posição de poder apreciar verdadeiramente o organismo d'aquelle peito, onde se abrigavam a um tempo dous amores, grandes e verdadeiros. Em quanto se viu cercada dos galantes e atrevidos cavalleiros da côrte, soube tel-os a respeitosa distancia; para todos usou das mesmas precauções; mas para Guevara, para aquelle coração nobre, puro e desinteressado, não pôde ter resistencia alguma. Se se achava prevenida contra a corrupção e as paixões impuras, para o verdadeiro amor não o podia estar, e tinha que succumbir. Mas não succumbiu sem ter luctado muito para vencer aquelle amor fatal e criminoso.

Seu amor, abafado durante muitos annos, devia fazer explosão mais tarde ou mais cedo, devia ser forçosamente infinito, ardente, abrasador.

O olhar, sempre sereno, descia-lhe até ao fundo do seu peito, e estremecia ao comprehender todo o grande amor que por Guevara sentia.

E por isso luctava e por isso soffria tanto.

Conhecido já o estado moral de D. Isabel, facilmente se comprehende quanto lhe custaria ouvir as palavras de D. Luiz. Foi necessario que alcunhasse de egoismo o interesse que por elle sentia para que, esquecendo-o, ella rompesse o manto de gelo em que por tanto tempo se envolveu, para mostrar-se apaixonada, ardente, em toda a força do seu amor.

E, de facto, nos olhos da condessa brilhou um raio de tão intensa paixão, que D. Luiz ficou extasiado; depois, attrahindo o mancebo para si, revelou-lhe n'aquella muda lingoagem que só os namorados comprehendem um mundo inteiro d'amor e de felicidade.

Largo tempo permaneceram d'aquella maneira, contemplando-se mutuamente. Emfim Guevara rompeu o silencio:

—Graças, Isabel! Tornaste-me o homem mais feliz do mundo!

—E não sou eu tambem a mais feliz das mulheres? respondeu a dama, envolvendo o seu amante em um olhar abrasador, saturado, se assim se pode dizer, de todos os perfumes que encerrava o seu peito.

Mas de repente, como se uma ideia terrivel lhe viesse á imaginação, rompeu em um choro, exclamando:

—Mas ah! Sel-o-hei muito tempo?

—Sel-o-has sempre! disse Guevara.

—Sempre! Não affirmes o que não sabes se pódes cumprir. Na côrte ha mulheres mais formosas, mais atrevidas e seductoras, e tu tambem és atrevido, seductor e formoso. Mas essas mulheres, Luiz, não te amarão como eu te amo; essas mulheres serão tuas amantes d'um dia, para attrahir-te ao seu cortejo, porque de tudo se faz uma arma, até da paixão mais santa. Não me faças chorar de zelos, quando só quero chorar de felicidade!

—Oh! Juro, Isabel! exclamou Guevara.

—Agora promette-me que não terás conflicto algum com o marquez.

—Se o aborreço...

—Aborreço-o; mas não luctes com elle. Tempo terás para isso, e para vencel-o. Subirás muito alto, eu t'o affirmo, e quando estiveres bastante alto, eu serei a primeira a dizer-te: Fere. Mas hoje seria expores-te a uma morte certa.

—Mas acontecerá isso?

—Acontecerá. Educada no seio da côrte, aprendi a conhecer as pessoas e sei que alcançarás o fim que te propões.

—Bem sei que és discreta, e senão que o digam Floridablanca ou Aranda.

—Esses homens elogiam-me porque me temem. Olha, Guevara; dissimula hoje para triumphar amanhã.

—Oh! Adoro-te, Isabel! Como pagar-te d'outro modo tanto amor?

—Só te peço o teu amor. Não posso viver sem elle. Agora retira-te. Se me amas, deves velar pela minha honra.

—Tens rasão; estimo-a como a minha propria.

—Estimando-a, saberás guardal-a. Queira Deus que algum dia te não esqueças d'ella!

—Confunda-me o ceo com sua justa colera se chegar a commetter tal prejurio!

D. Isabel estendeu-lhe a mão, em que Guevara depoz um beijo ardente, e sahiu apressado do quarto.

(Continua)

TRES PHASES

A MINHA IRMÃ MARIA

Nascera a linda florinha
Em um jardim viçejante;
Entre todas mais brilhante
Ella, rainha, cresceu.

Pelo sol sempre beijada,
Querida das borboletas,
Tambem das auras inquietas,
Sempre rainha viveu.

Ai! depois o norte agudo
Desfolhou a pobrezinha;
Pendida na haste, a florinha
Inda rainha morreu.

SANDOVAL D'AGUIAR

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

VII

O MAJOR

Em quanto que a lancha, á roda da qual se davam os episodios que acabamos de narrar e succediam as catastrophes que já contamos, se dirigia pela segunda vez ao brigue; em quanto que, ao chegar a bordo, a mulher d'um soldado deu á luz uma menina, á qual foi posto o nome de *Cambria*, e que, segundo todas as probabilidades ainda hoje vive, o dia estava a findar e o coronel Fearon e o capitão Cobb e o major Mac Gregor davam-se pressa n'aquella triste faina, procurando por todos os modos soccorrer os seus similhantes antes do que a elles proprios.

Para fazer sahir do *Kent* o resto dos homens que se achavam ainda a bordo, o capitão mandou lançar do lado da popa um cabo, ao longo do qual os homens deviam deixar-se escorregar até cahir na lancha.

Mas corriam-se dous perigos: o primeiro, a vertigem causada pelo movimento do navio, que algumas vezes se elevava a mais de trinta pés acima das ondas; o outro, depois de chegar á ponta do cabo, faltar a lancha e mergulhar no mar ou bater de encontro ao costado do brigue. Assim, aquelles que não tinham a agilidade da gente do mar preferiam lançar-se á agoa pelas escotilhas da popa, tentando alcançar a lancha a nado.

Ao passo porém que estes meios de salvação se punham em pratica, como mais de metade dos homens ainda estavam a bordo, e não se adivinhava o que poderia acontecer no momento em que as chammas obrigassem os ultimos a abandonar o navio, entraram de construir jangadas com as taboas e outros materiaes que poderam reunir.

Ao mesmo tempo todos os homens receberam ordem de passar uma corda ao redor da cinta, para se amarrarem ás jangadas no caso de ser necessario recorrer a esse meio de salvação.

No meio d'estes perigos e soffrimentos que os acompanhavam, quando, ao receio bem natural de ser lançado pelos

ares se juntaram os primeiros ataques de uma sede intoleravel, um soldado descobriu, por acaso, uma caixa de laranjas, dando immediatamente parte do achado aos companheiros. Então todos elles, de commum acordo, com um respeito e uma affeição que em taes circunstancias não eram d'esperar, levaram as laranjas aos officiaes, recusando tocar n'ellas sequer em quanto aquelles não estivessem servidos.

Como entre cada ida e vinda da lancha havia um intervallo de cerca de tres quartos de hora, os officiaes podiam fazer as mais notaveis observações. Vamos pois deixar por um momento suspensa a narração, para estampar as sensatas reflexões do major Mac Gregor.

«O tempo não permitte infelizmente retratar aqui os diversos pensamentos que me assaltaram o espirito durante este dia terrivel, nem as observações que tive logar de fazer ácerca dos sentimentos dos meus companheiros d'infortunio; porém creio que devo consignar aqui um facto moral, cuja recordação distinctamente conservo.

Havia um numero tamanho de pessoas a bordo, que sería facil encontrar, n'essa aglomeração de organisações differentes, caracteres e propensões assás diversas para fazer, se assim me é dado exprimir, uma escala descendente, desde o heroismo até ao ultimo grao da fraqueza e da loucura.

Desenganei-me em breve. A situação mental dos meus companheiros d'infortunio foi desde logo indicada por uma separação que se manifestou entre elles: appareceram duas classes distinctas, duas côres totalmente oppostas.

D'um lado havia os homens d'espirito forte, aquelles cuja coragem o perigo ainda mais exaltava; o outro, o grupo menos numeroso, era composto de aquelles em que o medo tinha paralysado as faculdades de pensar, de obrar, e que se achavam mergulhados em um estado lamentavel de abatimento e delirio.

(Continua)

EM DIA DE S. MARTINHO

Escrevendo em dia de S. Martinho, não extranhará o leitor, nem levará a mal que lhe falle em uma cousa que se conhece pelos classicos nomes de bebedeira, borracheira, embriaguez, e a que tambem ha quem chame turca, moafa, cabelleira, camueca e carraspana. O nome, porém, mais decente d'esta *cousa* é bico.

Tomar o bico, toma-o muito boa gente.

Eu creio que a turca simples é util e digna d'elogio.

As pessoas que fazem opposição á pinga dizem que o ebrio perde a rasão. Eu duvido que a perca toda; ou então, se perde uma, adquire outra, porque todos os dias estamos vendo homens que valem mais noventa e nove por cento quando n'elles falla o vinho. Quantos pregadores, e digamol-o sem offensa de nenhum reverendo, antes de subirem á cadeira da verdade enxugam a sua garrafita do choco! E então é que a verdade lhes sae dos labios em torrentes.

Se se consultar a historia romana, ver-se-ha que Catão, e era um romano ás direitas, tomava a sua touca sem ceremonia nenhuma; Alexandre Magno, n'esse não fallemos, e mais era o conquistador das Indias; esse amiguinho tomava cada moafa de rachar. E os gregos, que não eram nenhuns tolos, concederam um diploma de divindade ao grão borrachão, Baccho, e até lhe associaram Minerva, como quem diz que o vinho vigorisa o engenho.

Folheando a Escriptura Sagrada, vemos que ella diz que o vinho alegra o coração dos homens. Ora a gente tem tantas cousas que nos affligem, os alugeres caros, as decimas, o tabaco podre, os defluxos, que deve querer bem a uma cousa que nos distraia dos pensamentos tristes de todos os dias. Se eu fosse deputado proporia um projecto de lei para que todo o cidadão livre e no uso dos seus direitos fosse obrigado a tomar este meio d'alegrar-se uma ou duas vezes por dia. Dirão que isto é uma asneira; mas eu creio que o estado lucraria muito mais com trazer o povo alegre, porque assim não sentiria o peso dos tributos.

Dionysio era um tyranno, e para que o povo não desse por tal, decretou uma coroa de premio áquelle que mais vinho bebesse em qualquer festa. Nero, que foi um verdugo do genero humano, foi um dos maiores enxuga-botelhas do seu tempo. Mauricio, duque da Toscana, fundou em 1600 uma sociedade chamada de Temperança, e um dos artigos do estatuto determinava que nenhum dos socios bebesse ao dia mais de sete copos de vinho; mas não consta da historia toscana se os copos eram de meio quartilho ou de canada. Emfim um principe inglez, sendo obrigado a escolher o genero de morte, preferiu afogar-se em um tonel de Malvasia.

Por tanto, pelo lado da historia, tudo abona a excellencia do pifão. Pelo lado da sciencia, vemos graves medicos aconselharem o uso do vinho, não o vinho mao, mas o bom, descrevendo as suas qualidades tonicas e diaforeticas, que dão força aos fracos e saude aos enfermos. Vê-se por tanto que a medicina tambem é a nosso favor, e tendo nós pelo nosso lado a historia e a medicina, não precisamos de mais nada. D'onde se conclue que a piteira é boa, util e necessaria.

Os gregos foram os inventores d'esta parvoice de misturar agoa com vinho; mas como elles não sabiam as sciencias physicas teem desculpa. O vinho misturado é prejudicial á economia, pois se a sua virtude está no espirito, é claro que, quanto mais agoa tiver, menos espirito terá. O vinho misturado com a agoa relaxa o estomago e diminue a energia vital.

Os homens que só gostam da agoa são incapazes d'um emprehendimento serio. Senão, veja-se a energia com que um borracho advoga a sua causa e a frieza com que o faz o que só bebe agoa. Se o borracho ama, é capaz, por causa da sua bella, de saltar um quarto ou quinto andar, ao passo que aquelle que só bebe agoa não é capaz d'aparar-lhe um bilhete com medo da patrulha. Se o borracho monta a cavallo, o mais tisico jumento entre os seus joelhos torna-se uma orça ingleza; galopa, salta paredes e rios. Porém o que bebe agoa deixa ir o animalzinho á sua vontade e leva as esporas por decencia. Para o borracho não ha chuva; para o amigo da agoa um orvalho é um diluvio.

Por estas e outras rasões que não diremos, o uso, e até o abuso do vinho, é a cousa melhor que ha n'este mundo, e cremos que tambem no outro. E pondo aqui ponto, peço desculpa ao leitor se o ataquei pelo seu fraco.

Ah! O leitor é devoto do S. Martinho?... Tanto melhor. Vamos fazer-lhe juntos uma saude, e depois entregar-nos-hemos regaladamente nos braços de Morpheu.

Bon Soir.

ZIG-ZAGS

OS HYPOCRITAS

Esta pintura é do nosso inimitavel padre Antonio Vieira:

«E' hypocrita o mercador que dá esmola em publico e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sae mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer e Deus não quer; é hypocrita o sacerdote que sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador que onde falta a esperança do interesse é rigido observador de direito; é hypocrita o prelado que diz que faz o seu officio por zelo da honra e gloria de Deus, não sendo senão pela honra e gloria propria; é hypocrita o que não emenda em si o que reprehende nos outros, o que cala como humilde não calando senão como ignorante; o que dá como liberal não dando senão como avarento solicitador das suas pretenções; o que jejua como abstinente não se abstendo senão como miseravel. Seria nunca acabar pôr em resenha estas capas de virtude cobrindo o vicio. Está logo o mundo cheio de hypocritas, e quasi todos são Cyrineus que levando a cruz não morrem n'ella.»

AS REGIÕES POLARES

A difficuldade da navegação nos mares arcticos provém do frio excessivo que reina n'essas regiões, porque a forma espherica da terra e a obliquidade do seu eixo em relação ao plano da orbita terrestre, privam-as dos raios do sol durante uma grande parte do anno. A neve principia a cahir no mez de agosto; a agoa congela-se rapidamente e as praias apparecem transformadas em longos desfiladeiros, ou antes montanhas de gelo, que em breve cobrem toda a superficie do mar.

A impenetravel obscuridade d'um inverno constante espalha-se por toda a parte e só algumas vezes a pallida claridade da lua vem animar este triste quadro.

Quando o desgelo começa, o que d'ordinario acontece no mez de junho, o mar descobre; mas numerosos perigos se offerecem ainda ao navegante, pois muitas d'essas montanhas temiveis, que fluctuam á flor das agoas, similhantes a altas torres, ameaçam desabar sobre os navios.

Estas massas immensas são formadas pela congelação das agoas vivas que o oceano recebe, e pela condensação dos vapores, que se precipitam nas regiões polares. D'anno para anno vão crescendo estas montanhas, até que emfim, abatendo pelo proprio peso, minadas pela acção dissolvente da agoa do mar, são engolidas por este.

A substancia d'estas montanhas é clara e compacta. Apresentam uma linda côr verde, atirando para azul. Algumas bolhas d'ar prejudicam-lhes a transparencia; mas encontram-se frequentemente enormes pedaços de gelo cuja pureza iguala a do mais bello crystal.

O capitão Scoresby serviu-se muitas vezes, á guisa de lente, d'um pedaço de gelo, cuja convexidade não era muito regular, e os marinheiros admiravam-se vendo que os seus cachimbos se accendiam e a neve permanecia firme e brilhante. A que é formada pelas agoas do mar é pelo contrario porosa; mas a sua limpidez não é tão perfeita e não se conserva d'um anno para o outro, como acontece com a outra especie de gelo.

Poucos espectaculos apresenta a natureza tão interessantes como as ilhas de gelo.

Ao correr das costas occidentaes da Groenlandia os amontoamentos do gelo apresentam uma immensa muralha, que offerece ao navegante a apparencia enganadora, mas graciosa, de torres muito altas, castellos gothicos, ou uma esquadra de navios com todas as velas soltas.

NA GROENLANDIA

Quando junho chega, tudo muda de figura. O sol apparece emfim, apesar de ao principio lhe faltar a força necessaria para aquecer a terra gelada. Todavia, a pouco e pouco, os raios do sol vão-se tornando mais fortes; as neves principiam a derreter; o gelo amolece; o mar fica livre. Mas, impellidas pela violencia dos ventos e das correntes, aquellas moles immensas de gelo, conservando-se muito tempo á flor da agoa, vão arrastadas pelas ondas até grandes distancias; desprendem-se e quebram-se umas contra as outras com horrivel fragor.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 13, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviado em sellos do correio de qualquer especie.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.° andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHAM-SE já reimpressos os numeros 1 e 2 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elles faltam, para os reclamarem.

Os numeros 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 13

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 25 DE NOVEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto: — A innocencia — O homemsinho — A' meia noite (conto) — A anthropophagia, por Adolpho Salazar — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Sonetos, por Anthero do Quental — Os homens uteis de todos os paizes: — O infante D. Henrique — O Simplon — Comidos pelos tubarões — Os Cavalleiros do Amor (romance historico) — Desejos (poesia) por Abel Accacio Moutinho — Os dramas do mar: Um navio em chammas — A cathedral de Colonia — O Sahara — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — A innocencia — A estrada do Simplon — Os tubarões — Um oasis.

A INNOCENCIA

Porque se compara a primeira idade da vida, a idade da innocencia, ao viver doce e tranquillo da alva pombinha? Que affinidade, que magnetica attracção é esta, que impelle a creança para a meiga avesinha? E' porque uma e outra symbolisam a innocencia.

Oh! Quem não amará a innocencia?

Idade primeira da nossa existencia, tu és a eterna poesia da vida! A tua recordação voa diante de nós como a doida mariposa e canta em todas as dôres como o rouxinol escondido nas sombras. A humanidade teve o seu paraiso, e o homem, que é a humanidade em ponto pequeno, tem a sua innocencia. Quando a innocencia rodeia a alma, caminhamos sem vertigem pela beira escura do precipicio e pisamos sem temor as serpentes escondidas entre as pedras do nosso aspero caminho. A vida decorre pura, serena como o arroyo que retrata o ceo e o ceo que deposita o orvalho no calix da flor.

A INNOCENCIA

Uma luz mais pura que a luz do sol e mais poetica do que o reflexo da lua no lago crystalino cobre toda a natureza, e a nossa alma recobra toda a innocencia primitiva.

O furacão das paixões não vem encrespar as ondas da vida. Tudo se anima aos nossos olhos. Na nuvem que passa, no vento que geme, no astro que scintilla, no raio de sol que se coa através da folhagem dos arvoredos, na gota d'orvalho, vemos seres ocultos, e é porque o nosso espirito, longe de encerrar-se nos profundos abysmos do pensamento, voa nas asas da ardente phantasia.

Mas ha alguma cousa mais doce do que a innocencia, do que o descanso do espirito, e é o sol de nossa mãe, que, quando se apaga, leva comsigo todos os encantos e toda a doçura da alma.

Conservae, creanças, conservae sempre a innocencia da vossa alma!

O HOMEMSINHO

Thomaz era ainda muito pequeno, e todo o seu fito havia sido sempre imitar os irmãos mais velhos. Quando algum d'elles estava a escrever, Thomaz pedia papel e tinta aos paes para fazer garatujas; se os via a estudar, pegava em um livro e começava a olhar para elle, ainda que o livro estivesse de pernas para o ar.

A's horas do recreio, era quando Thomaz se comprazia em imitar os irmãos nas fallas e nos gritos que elles soltavam.

Um dia, vendo-os sahir para o collegio, o nosso homemsinho pegou em um caderno de papel, metteu-o debaixo do braço, e foi atraz d'elles pela rua fóra.

O irmão mais velho, dando por Thomaz, pegou-lhe por um braço e levou-o para casa. Thomaz desatou a chorar, e perguntou á mãe porque não quereriam os irmãos mais velhos que elle os acompanhasse ao collegio.

—Porque és ainda muito pequeno, lhe respondeu a mãe. Quando fôres maiorsinho, hei de comprar-te livros para ires com teus irmãos para a aula.

Thomaz, ouvindo isto, foi surrateiro buscar o chapeu do pae, pol-o na cabeça, embrulhou-se em uma coberta branca, e pegando em uma escova espetada em um pau, como quem pega em uma bengala, apresentou-se á mãe, que ficou admirada ao vel-o, bem como o irmão e a irmã mais pequenos.

Thomaz exclamou:

—Já sou homem! Deem-me livros, que quero ir para o collegio.

Depois, vendo-se ao espelho, continuou:

—Sou mais homem que meus irmãos; uso chapeu alto e elles não.

A mãe, sorrindo, pegou-lhe ao collo, e tirando-lhe o chapeu e dando-lhe uns bonitos, disse:

—Quantos homens, como tu, cuidam ser grande coisa, não passando d'uns insignificantes, que não servem absolutamente para nada!

Á MEIA NOUTE

CONTO

—

(Continuação)

IV

Não obstante a differença de caracteres que assignalamos, a amisade entre os dous companheiros da infancia crescia a olhos vistos. Maria e Miguel queriam-se como irmãos; mas na aldeia, onde ha sempre lingoas compridas, dava-se outro nome, que não o d'amisade, a esse doce sentimento que ligava dous entes, cujo destino devia ser mui diverso, para que elles proprios tivessem n'outra conta essa espontanea tendencia de corações juvenis. Sim. Juro pela minha alma que, se era amor aquella amisade, nem elles proprios o suspeitavam.

Mas como tudo caminha para onde a logica dos factos impelle irremediavelmente a humanidade, não tardou o momento em que um e outro lessem claramente em seus corações. Foi quando dolorosamente soou a hora da separação.

V

Miguel havia chegado á idade do recrutamento, e como a sorte é cega e surda, cortou sem dó pelas relações dos dous jovens, obrigando-os a longa separação.

Posto que Pedro, com a grandeza d'alma que todos lhe conheciam, se promptificasse da melhor vontade a pagar um substituto, o pobre rapaz, por um bem entendido orgulho, recusou-se acceitar do seu bemfeitor tamanho sacrificio. Maria, pelo seu lado, hesitando entre interceder diante de seu pae em favor do seu irmão adoptivo, mesmo contra a vontade d'este, e desviar toda a suspeita ácerca do sentimento que lhe tornava o rapaz um ente querido, decidiu-se até a advogar junto do pae a causa de Miguel, isto é, a partilhar a mesma opinião d'elle, declarando que, se estivesse no caso de Miguel, procederia como elle.

—Emfim, disse uma vez Maria para o auctor de seus dias, deixemol-o partir. Talvez até seja bom para elle ir passar esses annos na cidade. A vida do quartel deve abrir-lhe os olhos, e, além d'isso, a carreira militar é gloriosa, e bem póde acontecer que ali esteja a fortuna do pobre rapaz.

O pae sorriu e respondeu:

—Sim, sim. Ainda o havemos de ver voltar general.

—General não digo, observou Maria; mas...

—Emfim, atalhou o pae, que vá, e oxalá seja afortunado.

VI

Chegou o dia da partida.

Descrever esta é cousa impossivel. Limitemo-nos a dizer que os dous jovens derramaram longo e abundante pranto, e então, pela primeira vez, aos labios de ambos assumiu, como por encanto, a palavra *amor*.

E' que só então souberam que se amavam.

Mas era força partir. Os dous amantes arrancaram-se dos braços um do outro, pronunciaram o ultimo adeus, trocaram o ultimo olhar, fizeram o ultimo juramento, e acabou-se tudo.

Maria volveu á casa paterna com o coração despedaçado; Miguel deixou ali o seu.

VII

Desde esse momento operou-se completa transformação na attitude de Maria. Já não era d'opinião que Miguel andara bem em partir e chegava a accusar o pae pelo deixar ir.

—Mas a carreira militar é gloriosa, obtemperava o pae, e póde ser que ali esteja a fortuna de Miguel.

A donzella conhecia perfeitamente a ironia e abaixava a cabeça. Depois ia para o seu quarto e desfazia-se em lagrimas.

Quanto a Miguel, durante os annos que serviu o rei, o seu unico pensamento dominante foi acabar o mais depressa possivel o tempo do serviço, para voltar á aldeia e viver ao lado da companheira da sua infancia.

Ao principio os dous amantes correspondiam-se regularmente todas as semanas; depois as cartas de Maria principiaram a chegar com maiores intervallos; por ultimo, ao cabo d'um anno, Miguel cessou de saber noticias da aldeia natal.

O que não custaria isto ao pobre soldado!

—Ingrata! exclamava elle vinte vezes cada dia. Esqueceu-se de mim. Os seus juramentos, o nosso amor, os nossos innocentes brinquedos, tudo esqueceu! E quem sabe se me esqueceu por outro!

Esta ideia ainda mais o torturava.

Depois fazia um juramento, um juramento terrivel.

—No dia em que chegar á aldeia, dizia elle, se ahi receber a confirmação das minhas suspeitas, mato-me decididamente.

Dizia-o, e era capaz de o fazer.

(Continua)

A ANTHROPOPHAGIA

—

(Conclusão)

Os americanos, a quem a natureza tinha distribuido uma sensibilidade pouco opulenta, eram tambem menos humanos, menos commiseros: o numero de anthropophagos que se descobriu no Novo Mundo é uma prova do que avançamos. Existiam anthropophagos de norte a sul, em toda a extensão do Novo Continente. Os mexicanos e os peruanos, que pareciam ser os mais civilisados, ou menos ferozes, conservam muitos caracteres da vida agreste e brutal. Por outro lado, a sua excessiva indolencia, a ingratidão da sua terra natal, a impotencia dos seus instrumentos grosseiros, o instincto feroz e marruaz de seus animaes, que não podiam domesticar nem reduzir a rebanhos sedentarios, como entre nós os de bois, ovelhas, etc., tiravam-lhes uma infinidade de recursos.

A caça, a que se entregam as tribus americanas, fornece-lhes apenas uma subsistencia precaria, familiarisa o coração do homem com a carnificina, e fomenta desintelligencias e guerras eternas, estado este o mais desvantajoso e nocivo a que os homens pódem chegar.

Os mexicanos engordavam um prisioneiro no templo, e, em seguida, matavam-o e serviam da sua carne aos mais ardentes devotos. Esta barbaridade era mais uma expiação legal, ditada pelo mais transcendente fanatismo, do que um meio adoptado para prover á necessidade dos estomagos d'esses enthusiastas.

Os europeus exterminaram totalmente a maior parte das tribus americanas que tratavam barbaramente os prisioneiros, e acostumaram outras a ser menos ferozes, menos excessivas no seu resentimento.

No tratado que os portuguezes fizeram com os atacapas, exigiram d'elles a abstenção absoluta da carne humana, o

que elles solemnemente prometteram, e souberam melhor conservar a sua palavra do que os carthaginezes, que, sendo obrigados a não sacrificarem as creanças a Saturno, se entregaram de novo, apesar dos tratados e dos seus promettimentos, a essa horrenda superstição.

Ha actualmente menos anthropophagos na America do que se julga: existem apenas nas costas meridionaes, no interior das florestas quasi impenetraveis e nas margens do Yupura. Os gallisbis e algumas familias coraibas, expulsas pelos hespanhoes das suas ilhas nataes e refugiadas nas costas do continente, entre o Orenoco e o rio Amazonas, conservam o seu natural feroz e carnivoro, e ainda nos principios d'este seculo devoraram alguns missionarios europeus, que consideravam como inimigos perigosos e obstinados.

Os antigos escriptores, que historiaram com muita simplicidade e precisão a descoberta da America, offerecem-nos curiosas minudencias ácerca da diversidade dos gostos que subsistia entre os anthropophagos.

Asseguram elles que os cannibaes e os povos de Cumana e da Nova Granada castravam as creanças destinadas a serem comidas, para as entenrecer. Está sobejamente averiguado que a castração nos homens era conhecida e praticada nas Indias occidentaes, antes da chegada dos primeiros europeus.

Os selvagens, que se cevavam com os membros dos prisioneiros, sustentavam prodigamente primeiro as suas victimas, para que engordassem, durante tres semanas; e com effeito engordavam, a dar credito a d'Anghiere, que viveu muitos annos nas Antilhas, e cujos escriptos, muito judiciosos, não manifestam tendencia alguma para a exageração e para as fabulas phantasticas.

Os iroquezes não achavam nada mais delicado e delicioso ao paladar do que o pescoço e tudo o que envolve a nuca. Os caraibas, pelo contrario, preferiam as barrigas das pernas e a carnosidade das côxas: não comiam mulheres nem raparigas, cuja carne lhes parecia menos saborosa ou sem gosto.

Os cães, que os hespanhoes empregavam na destruição dos indios, preferiam igualmente a carne do homem á da mulher, chegando as mais das vezes a desprezal-a.

Oviedo assegura que um dos mais ferozes d'esses cães, havendo sido lançado contra uma americana, recusou mordel-a, posto que tivesse estrangulado na vespera mais de vinte guerreiros selvaticos. Este facto fez sahir da boca dos soldados a palavra: milagre! O maior dos milagres era a brutalidade dos proprios castelhanos, que, asseveram varios auctores, chegavam a arrancar do seio das indianas creanças imbelles ainda para as lançar aos cães! E' triste que a historia d'este desgraçado planeta seja manchada por taes factos, factos que, se a nossa posteridade se não assimilhar a nós, leval-a-hão a julgar que este mundo foi habitado por feras insaciaveis.

Referem alguns viajantes que os americanos anthropophagos são mais melancolicos, taciturnos e menos attreitos á dansa do que aquelles que são puramente frugivoros ou rhisophagos. Estes teem accessos d'alegria que tocam as raias do delirio e do furor, o que se attribue aos licores inebriantes, extractados de fructos e raizes, com que se embriagam continuamente. As partes capciosas d'estas bebidas desarranjam o cerebro, e fazem assimilhar as suas assembleias e festins aos dos capithas.

Os caraibas das ilhas são os unicos que conservam o seu caracter sombrio, concentrado e sonhador: parecem chorar incessantemente o tempo em que assassinavam os seus prisioneiros e despovoavam a ilha de Porto-Rico.

Adolpho Salazar

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

IX

A DINAMARCA

Caminhando sempre para o norte, vamos dar á Dinamarca.

A Dinamarca, que foi um reino poderoso na idade media, não comprehende hoje mais do que a Jutlandia septentrional, o archipelago dinamarquez, que se compõe das ilhas Seeland, Fionia, Falster, Bornholm, etc., o grupo de Foeroé e a Islandia.

A sua superficie é de 38:000 kilometros quadrados; o numero de habitantes é 1,800:000.

A Dinamarca tem por limites: ao sul o Skager-Rack; a leste o Cattegat, o Sund e o Baltico; ao sul a Allemanha e a oeste o mar do Norte.

Solo ingrato; industria, agricultura desprezados; lagoas, turfeiras. O archipelago é fertil: abundam as minas de carvão de pedra, marmores, etc. Cultura e exportação de cereaes.

O archipelago tem um milhão de habitantes. A capital é Copenhague, com 155:000 habitantes; excellente porto; praça forte, que os inglezes bombardearam em 1807. Está situada na ilha de Seeland, assim como a cidade de Elseneur, de 9:000 habitantes, conhecida pelo seu commercio e que tem um ancoradouro seguro e espaçoso. Mas a cidade principal depois de Copenhague é Odensea, de 14:000 habitantes, situada na ilha Fionia, e onde se admira uma soberba cathedral do seculo XI.

A Jutlandia tem 700:000 habitantes. A capital é Aarhuus (11:000 h.), cidade de bastante commercio maritimo. Cidades principaes: Aalborg (10:000 h.); Viborg (5:000 h.).

A Islandia, que é uma grande ilha do Oceano Glacial Arctico, tem 102:600 kilometros de superficie e 65:000 habitantes.

A capital é Reykiawik, de 600 habitantes apenas, porto de pescaria e commercio.

A Islandia é uma região fria e de solo quasi esteril, cortada de grandes rios, cabos, golfos e lagoas, e sempre coberto de neves. Um phenomeno curioso são os *geysers*, ou fontes d'agoa quente, que jorra a grandes alturas. No centro da terra ha grandes depositos de fogo, porque dez vulcões estão em plena actividade; o principal d'estes é o Hecla. Os lagos exhalam vapores e fumo.

As producções do solo reduzem-se a alguns cereaes, batatas e lichen. Bois e vaccas, a maior parte sem pontas: cavallos pequenos, rennas. Pesca productiva. Minas de ferro, cobre e chumbo. Os habitantes são d'estatura mediana; mas briosos e hospitaleiros.

As ilhas Foeroé, entre a Islandia e a Escossia, teem 8:900 habitantes; a ilha Bornholm, no Baltico, é notavel pela pesca do salmão, que se faz em larga escala.

(Continua)

SONETOS

IGNOTUS

Onde te escondes? Eis que em vão clamamos,
Suspirando e erguendo as mãos em vão!
Já a voz enrouquece e o coração
Está cansado, e já desesperamos...

Por ceo, por mar e terras procuramos
O Espirito que enche a solidão,
E só a propria voz na immensidão
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Ceos e terra, clamae, aonde? aonde?
Mas o Espirito antigo só responde,
Em tom de grande tedio e de pesar:

—Não vos queixeis, ó filhos da anciedade,
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,
Tambem me busco a mim... sem me encontrar!

HOMO

Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguem sabe quem sou... e mais, parece
Que ha dez mil annos já, n'este degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pae nem mãe...

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanaz;— talvez um filho
Bastardo de Jehová; talvez ninguem!

Anthero do Quental

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

Nos tempos modernos tudo trabalha: o soldado que protege o cidadão, o magistrado que lhe assegura os beneficios da justiça, o industrial que inventa as machinas, o navegador que descobre novas terras, o physico que adivinha os segredos da natureza, o negociante que transporta até ao fim do mundo os productos do nosso solo ou das nossas manufacturas, o sacerdote que consola as nossas dôres e associa emfim toda a sua existencia á nossa, todos são trabalhadores, todos se tornam benemeritos da patria.

Mas apparecem de tempos a tempos, como dotados d'uma missão divina, homens que se dedicam mais especialmente ao bem de seus irmãos. Esses são mais do que benemeritos da patria; esses são bemfeitores da humanidade.

E' uma galeria d'estes homens, dos homens uteis de todos os paizes, sabios, inventores, trabalhadores infatigaveis do futuro, aquelles que deixaram o seu nome vinculado a alguma obra perduravel, monumento perenne da sua gloria; é d'estes homens que vamos formar uma galeria, que ire nos successivamente desenrolando diante dos olhos do leitor nos numeros subsequentes d'este jornal. E, ao abrir esta galeria, não podemos deixar de pôr á sua frente o nosso grande infante D. Henrique, aquelle que deu impulso á navegação portugueza, abrindo o caminho que nos levou ás conquistas e descobertas que nos fizeram notaveis nas eras passadas.

Possam estas simples notas biographicas servir d'estimulo e incitamento á pratica das virtudes que tornam o cidadão prestante a si, á patria e ao mundo inteiro.

I

O INFANTE D. HENRIQUE

Foi o infante D. Henrique filho de el-rei D. João I e da rainha sua esposa D. Filippa. Nasceu n'esta cidade do Porto em 4 de março de 1394. Desde mancebo applicou-se notavelmente ao estudo, alcançando conhecimentos muito vastos nas mathematicas e especialmente na cosmographia, em uma epoca em que esta sciencia começava a renascer na Europa.

Aos vinte e um annos acompanhou el-rei seu pae na conquista de Ceuta, a qual teve logar em 21 d'agosto de 1415, sendo armado cavalleiro quatro dias depois em memoria dos heroicos feitos que n'aquella campanha praticou.

Recolhendo á patria, meditou desde logo largas emprezas, presentindo que Portugal poderia ter um nome glorioso nos fastos das nações, abrindo caminho pelos mares fóra e arrebanhando para o gremio da civilisação povos selvagens, barbaros e crueis. N'este intento retirou-se para o Algarve, onde fundou a villa de Sagres, junto ao cabo de S. Vicente, dirigindo d'ahi as navegações e descobrimentos, a primicia dos quaes foi a ilha de Porto Santo, e logo depois a da Madeira (1419).

Foram os navegadores mandados pelo infante que primeiro dobraram o temeroso cabo que a superstição havia baptisado com o nome de *Cabo Não*, o que dera logar ao rifão popular: «Quem passar o cabo de Não, ou voltará ou não.» Coube essa gloria a João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, ambos da casa do infante, e Bartholomeu Perestrello, da casa do infante D. João. Foi o ultimo que descobriu Porto Santo; a Madeira foi descoberta pelos dous primeiros navegadores.

O cabo Não ou o promontorio Atlas tinham sido até esse tempo o termo geral de todas as viagens.

O infante D. Henrique colonisou a Madeira, mandando vir de Chypre cepas de vinhas, cuja plantação foi muito productiva áquelle benefico solo.

(Continua)

A ESTRADA DO SIMPLON

O SIMPLON

—

O Simplon é uma montanha dos Alpes Leponteanos, na Suissa, junto do cantão do Valais, confins do Piemonte, não longe do Monte Branco e mais perto ainda do S. Gothardo. O ponto culminante do Simplon tem d'altura tres mil e quinhentos metros.

Não é a altura que lhe dá a celebridade. Como corre ahi um valle transversal, que attinge a crista do monte sem ir até ao limite das neves, esse desfiladeiro offerece uma passagem frequentada, especialmente desde o principio de este seculo, porque em antes d'isso havia pelo meio dos rochedos um carreiro estreito, por onde poucas pessoas se aventuravam a passar.

Napoleão I imaginou uma estrada, que principiou a executar-se em 1801 e levou seis annos a fazer, custando ao thesouro cerca de vinte mil contos de reis. Trabalharam n'ella trinta mil operarios; o plano foi dado pelo general Thureau e pelo engenheiro em chefe Ceard, sendo a obra dirigida pelo ultimo sob a inspecção de quatro engenheiros francezes e cinco italianos, estes do lado de Italia e aquelles do lado de França.

O ponto mais elevado da estrada está a dous mil e cinco metros acima do nivel do mar. A construcção offerecia menos difficuldade do lado da Italia do que da Suissa. D'este lado desemboca na cidade de Brigg, e do lado da Italia no Domo de Ossola. O comprimento total é de sessenta e dous kilometros e tem de largura oito metros e trinta centimetros.

O declive é muito pouco sensivel; podem-a percorrer não só vehiculos ordinarios, como os carros mais pesados e artilheria grossa.

E' uma obra prodigiosa e comparavel só ás que os romanos deixaram nos paizes por onde estenderam a sua conquista.

A estrada corre sobranceira a largos abysmos, no fundo dos quaes se ouvem rugir as ondas; comprehende varias galerias abertas na rocha viva e allumiadas d'onde em onde por meio de aberturas lateraes. Sahindo das galerias, o viajante encontra valles alpestres, semeados de elegantes chalets. Através da verdura sombria dos pinheiros vê-se brilhar o crystal das geleiras, ao passo que no alto os pincaros cobertos de neve formam um contraste notavel com o azul do ceo.

Ha pontos que só se podem passar com o credo na boca. Um pequeno des-

cuido, e lá se vae dar ao fundo do precipicio, onde muitos viajantes teem encontrado uma morte horrivel.. Cruzes de madeira designam esses sitios. Para prevenir os acidentes, construiram-se casas de refugio nos pontos mais ameaçados pelas avalanchas; ha até certos sitios onde a estrada é dupla, isto é, uma para o verão e outra para o inverno.

O aspecto d'este notavel caminho é mais grandioso do lado da Italia do que do lado da Suissa, em rasão dos rochedos serem mais escarpados.

As pontes que se encontram pelo decurso da estrada são seis centas e trese; ha oito galerias muradas, vinte casas de refugio, muitas hospedarias, um hospicio servido pelos religiosos de S. Bernardo e uma aldeia que tem o mesmo nome da montanha.

Em 1853 formou-se uma companhia para unir a Italia com a Suissa por meio d'um caminho de ferro que atravessasse o Simplon por um tunel; chegaram-se a gastar quantiosas sommas n'esta empreza; mas não foi por diante; assim como não o foram outras tentativas renovadas em epocas posteriores.

J. DA SILVA

COMIDOS PELOS
TUBARÕES

O terrivel episodio que a gravura representa aconteceu á tripulação d'uma escuna hollandeza nas alturas da Barbada, nas pequenas Antilhas.

Depois de alguns dias de feliz navegação, sobreveio um de aquelles furacões terriveis e tão communs, e que tantas victimas causa n'aquelles mares encapellados.

O intrepido capitão, ajudado pela tripulação, todos homens experimentados, fez quanto humanamente se póde fazer para evitar a perda do navio; quando, porém, viu que era impossivel conservar-se mais tempo, sem se arriscar á perda total da sua gente, deu ordem d'apromptar as lanchas, unica esperança que restava no meio da furiosa tormenta. A tripulação abandonou immediatamente o navio, que não tardou a ir a pique; mas então principiou para os pobres naufragos uma agonia, senão maior, pelo menos igual áquella porque tinham passado.

As lanchas seguiram vogando por sobre o dorso das ondas cousa de tres quartos d'hora; mas, ao fim d'este tempo, um furioso golpe de mar voltou uma d'ellas, a maior, arrebatando para os abysmos os cinco homens que a tripulavam. A outra lancha, em que ia o capitão e tres marinheiros, foi arrojada para tão longe pelo golpe de mar, que não foi possivel prestar o menor soccorro aos tristes companheiros que o mar engolira. Dando-se por muito felizes por não terem tido a mesma sorte, e reconhecendo que não era possivel continuar a navegar por aquelles mares furiosos, resolveram voltar á escuna, uma parte da qual se via ainda fóra da agoa, para esperarem ahi que o temporal amainasse, embarcando-se então novamente na lancha para procurar terra, ou na esperança d'algum navio os recolher.

O temporal serenou ainda antes de executado este projecto; por consequencia, todos de commum accordo resolveram continuar a navegação.

O naufragio da escuna succedera pelas sete horas da manhã. Pelas quatro da tarde, os naufragos avistaram terra. Era uma ilhota d'areia, para a qual se dirigiram na esperança de ahi descançarem ao menos algum tempo e depois proseguirem viagem até á costa, que não podia estar longe.

A lancha vogou rapidamente em direitura á ilha, e já se achava proximo d'ella, quando uma calamidade horrivel, espantosa e imprevista, veio ainda dar um aspecto sangrento áquelle quadro desolador. Um bando de tubarões, surgindo de repente de sob o banco d'areia, atacou a lancha por todos os lados, assaltando os infelizes naufragos.

OS TUBARÕES

Travou-se então uma lucta desesperada, horrivel, em que nem a serenidade do capitão, nem o valor e agilidade dos marinheiros poderam triumphar dos despiedados inimigos.

Os enormes cetaceos fizeram voltar a lancha e todos aquelles infelizes constituiram um monstruoso banquete para os esfomeados tubarões.

OS CAVALLEIROS DO AMOR
ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

VII

O QUE SE PASSAVA NÃO LONGE DA CASA DE D. ISABEL

Seriam cousa de dez horas da noute quando duas damas, ou pelo menos assim o pareciam pelos longos mantos em que se envolviam, caminhando em direcção á praça das Vistillas, iam apertan-

do o passo á proporção que a noute avançava, e que os bairros que percorriam se iam tornando mais solitarios.

A despeito das pragmaticas e disposições do bom rei Carlos III, a illuminação publica era muito imperfeita, e as ruas quasi que se achavam envoltas em trevas.

As duas damas procuravam evitar cuidadosamente a approximação das casas, para não esbarrarem com algum galante que estivesse conversando com a sua dama junto d'uma janella, ou com algum bando d'estouvados que se atrevessem a querer saber quem ellas eram.

As duas damas, que naturalmente vinham de longe, pararam, ao ouvir o rumor d'umas pisadas que as seguiam e uma d'ellas disse para a outra:

—Ouves, Dolores? Parece que nos seguem.

—Já o notei, senhora; e volvendo a cabeça com toda a cautella, pareceu-me reconhecer que é um cavalleiro que vem atraz de nós, porque á luz d'um candieiro vi reluzir o punho d'uma espada.

—N'esse caso apertemos o passo.

E as damas corriam, e outro tanto fazia o cavalleiro, approximando-se em alguns momentos de tal maneira, que pôde dirigir ás desconhecidas algumas palavras, a que ellas responderam por um gesto d'enfado.

Assim foram andando ruas e travessas, e ao chegarem á rua de D. Pedro, trocaram algumas palavras, que significavam quão as affligia a obstinação do perseguidor. Depois, e vendo que este parava tambem, demonstrando com isso que estava resolvido a saber onde ellas viviam, adoptaram uma resolução extrema, e deitando pela rua fóra, metteram-se por um becco para irem dar ao sitio do Humilhadeiro.

—Agora que se acham no sitio mais solitario, onde não devem receiar os importunos, porque não descobrem o rosto? disse o cavalleiro abeirando-se resolutamente das damas.

— Senhor, já lhe significamos que nos está sendo muito importuno, respondeu a que fallou com Dolores.

—E eu, senhora, repito que as heide acompanhar para onde quer que forem.

—Convem-me ir só.

—Pois a mim convem-me acompanhal-a.

—Mas é uma imprudencia!

—E quem poderá ser prudente depois de a ter visto, minha querida?

—Se o que o senhor tem de galanteador o tivesse de bondoso...

—Que faria, senhora minha?

—Deixar-nos-ia seguir o nosso caminho.

—Se por um acaso é exactamente o meu caminho o que seguem...

—Percebo. Empenha-se em acompanhar-nos.

—Em saber onde mora, diga antes.

—E' de mais.

—Sinto muito contrarial-a; mas...

As damas calaram-se e seguiram o seu caminho, envolvendo-se cautelosamente nos mantos. O cavalleiro igualmente se emboçou na sua capa.

Quando chegaram á praça de S. Francisco o Grande seriam dez horas e meia da noute. Mal os nossos tres personagens tinham desapparecido por traz do angulo da egreja, apresentaram-se tres homens, que olharam os transeuntes e se detiveram exclamando:

—Por onde se escaparia?

—Ainda hoje o não apanhamos, disse outro.

—E' forçoso que morra, disse um terceiro. Já sabem o que o conde disse. Se esta manhã não deixar de viver, a nossa cabeça corre grande perigo, e o conde nunca ameaça debalde.

—Pschiu! disse outro apontando para a egreja. Olhem: elle ahi vem.

—Justamente. Animo! Tomem os punhaes! Livremos o povo d'esse homem, que é seu inimigo.

—E o conde d'um homem que lhe faz sombra.

—Para nós é a mesma cousa.

—Uma vez que nos pagam...

—Pouco se nos dá o resto. Os tempos vão maus e é preciso que a gente arranje a vida.

Ditas estas palavras, os tres honrados assassinos correram em perseguição da victima.

No entretanto as duas damas tambem tinham cruzado algumas palavras em voz quasi imperceptivel.

—Que dirá a condessa quando vir que tardamos tanto? disse a que conhecemos já pelo nome de Dolores.

—Enfurecer-se-ha; mas quando souber os motivos...

—Desculpar-nos-ha.

—Já sabes que a Isabel tem o primeiro repente; depois passa-lhe.

—Senão o conde que o diga.

—Calla-te! Calla-te, Dolores. Seguem-nos e ha cousas que se não devem dizer tão alto.

E ambas, enboçando-se ainda mais nos mantos, seguiram o caminho mais apressadamente.

Achavam-se na praça das Vistillas e acercavam-se do palacio do conde de Santilhana.

O cavalleiro seguiu atraz d'ellas, sendo a seu turno seguido pelos tres assassinos.

De repente ouviu-se atraz d'elle uma voz que exclamou:

—Agora!

E os tres infames lançaram-se sobre o desconhecido. Este não teve mais tempo do que volver o rosto, tirar a espada e preparar-se para vender caro a vida.

Mas a sorte dispoz as cousas d'outra maneira.

Após os assassinos appareceu um homem que pelo trajo parecia ser do povo, o qual, brandindo um enorme cacete, principiou a descarregar basta pancadaria sobre as costas que lhe ficavam em frente.

—Animo, senhor! Descarregue sem medo sobre essa canalha! disse o recemchegado ao desconhecido.

Este não esperou que lhe repetissem outra vez o conselho, e momentos depois os assassinos achavam-se postos em fuga, deixando tres rastos de sangue, signal evidente de que iam bem servidos.

Os dous desconhecidos ficaram sós.

O primeiro lançou a vista em redor, procurando as damas; mas estas tinham-se aproveitado habilmente d'aquelle inesperado incidente, desapparecendo pela rua proxima.

(Continua)

DESEJOS

Quando a lua, astro divino,
Atravessa um ceo sem fim,
Como rosto alabastrino
De celeste cherubim;

Tambem eu, n'esse momento,
Vagueio n'um ceo d'amores,
Como essas auras de flores
Impellidas pelo vento.

Quando dorme a casta lua
Na celeste solidão
Como um anjo que fluctúa
Ao soprar da viração;

Tambem minh'alma languesce
Ao ver-te, rosa d'amor,
Como um anjo que adormece
Junto ao throno do Senhor...

Quando a lua ao declinar
Como o calice da flor,
Imprime no azul do mar
Um casto beijo d'amor;

Tambem eu vou delirante,
O coração ancioso,
Procurar da minha amante,
O rosto meigo e formoso...

Abel Accacio Moutinho

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

VIII

A NARRAÇÃO DO MAJOR

Foi com o mais vivo interesse, continua o major, que notei as mudanças de força e de fraqueza operadas entre aquelles dous grupos, durante as dez ou onze horas em que me foi possivel observal-os.

Alguns homens, por exemplo, que por sua agitação e fraqueza se tinham tornado de manhã alvo do dó e do desprezo de toda a gente, ergueram-se pas-

sadas as primeiras horas, por um grande esforço interior, até ao heroismo mais sublime, ao passo que outras pelo contrario, que, ao principio, tinham dado mostras de socego e coragem admiraveis, se deixaram de repente tomar do desanimo, parecendo abandonar ao medo, á approximação do perigo, o corpo e a alma.

Talvez me fosse possivel explicar taes anomalias; mas como não era o fim que me eu propunha, limitar-me-hei a contar o que vi, ajuntando uma circunstancia que produziu em mim uma viva impressão.

Como me achava na coberta, observando o que deixo narrado, ouvi a um soldado dizer atraz de mim:

—Olha! Vê o sol prestes a desapparecer!

Estas palavras, muito simples n'outras circunstancias, fizeram-me tremer, porque era evidente que o sol que desapparecia era o ultimo que eu podia ver.

Voltei o olhar para o occidente, e jámais esquecerei a impressão que me produziu o declinar do astro do dia.

Persuadido de que aquelle mar em que o sol se mergulhava sería n'aquella mesma noute o meu tumulo, cheguei a pouco e pouco, descendo por assim dizer no meu interior, a representar-me no mais espantoso realismo os ultimos soffrimentos da vida e as consequencias da morte.

O que me pesava não era a saudade d'uma vida que se nos antolha sempre inutil ou mal empregada quando a encaramos do limiar da morte. Não; era como uma presciencia vaga, uma como vista sem limites da propria eternidade, abstrahindo até de toda a ideia de miseria ou de felicidade. Não; a eternidade, conforme se me apresentava n'esse momento, era o vacuo, era uma atmosphera sem horisonte, sem sol, sem noute, sem dôres, sem praseres, sem socego, sem somno, alguma cousa de escuro e azul, mixto incomprehensivel, como no dia em que o homem que se afoga vê através da vaga que se interpõe entre o ceo e elle.

Este pensamento era cem vezes peor do que aquelle que me podia offerecer uma eternidade de chammas, porque o que me preoccupava, conforme eu o comprehendia, não era vida nem morte; era uma especie de somnolencia estupida que tinha parte d'uma e d'outra, e, na verdade, não posso dizer até que sombrio desespero me teria arrastado esta especie de loucura, se de subito eu não fizesse um esforço para sahir d'este principio de lethargia que me podia ser muito fatal.

A perspectiva do sol que ia desapparecer no horisonte encaminhou-me a alma para aquelle que tudo creou; e, deixando o sol esconder-se inteiramente, e tão socegado como se não se tratasse de transpor o terrivel passo que separa a vida da eternidade, desci á camara para procurar cousa com que me cobrisse, porque sentia frio, o qual se tornara mais intenso depois que não havia sol.

Nada dá uma ideia do triste aspecto d'aquella sala, que n'essa mesma manhã era ainda o theatro d'uma palestra jovial e amigavel. Estava deserta; apenas se viam alguns desgraçados, que, tendo procurado no vinho ou na agoardente o esquecimento do perigo, rolavam pelo chão entre a agitação da sua embriaguez fatal, assim como outros que, na avidez da pilhagem, davam busca aos armarios e gavetas, procurando dinheiro ou valores que não encontravam. Os sofás, as commodas, os moveis elegantes que fazem dos navios de transporte inglezes modelos de conforto e bem-estar, jaziam pelo chão feitos pedaços. Pelo meio dos fragmentos passeiavam alguns patos e galinhas, fugidos das capoeiras, ao passo que um porco, que podera sahir da sua prisão, situada no castello da pôpa, se apossara d'um magnifico tapete da Persia, que cobria o soalho d'uma das camaras.

Dei-me pressa em tomar uma capa e voltei á coberta, onde encontrei entre os poucos officiaes que havia a bordo, o capitão Cobb, o coronel Fearon, e os tenentes Ruxton, Rooth e Evans, que dirigiam com zelo admiravel a partida dos nossos infelizes camaradas, cujo numero diminuia rapidamente. Comtudo os homens dotados de verdadeira força de alma não se mostravam apressados para abandonar o navio, nem para se deixarem ficar.

Os soldados velhos tinham o maior respeito para com os seus officiaes, assim como zelo bastante pela sua propria reputação para mostrarem desejos de ser os primeiros a partir; por outro lado, tinham o cuidado de não se demorar um só momento mal recebiam ordem de partir.

(Continua)

A CATHEDRAL DE COLONIA

Estamos na cidade a que a devoção dos povos do occidente da Europa deu o nome de *Roma Germanica*; a cidade dos milagres, das legendas, dos santos martyres, das cathedraes construidas pelo diabo; a cidade dos tres reis magos, dos relicarios ornados de pedras preciosas, dos tumulos incrustados de diamantes; a cidade santa em uma palavra: santa se as praticas religiosas são a santidade; santa pelas recordações, mas muito profana pelos seus costumes d'outr'ora e pelos costumes d'hoje.

O viajante que se lembra das curiosissimas chronicas de Colonia sente a mais viva surpreza quando vê, erguidos no horisonte, os mastros dos navios, as torres das egrejas; experimenta emfim a mesma especie de emoção mistura de curiosidade que deviam experimentar os peregrinos da idade media, quando, fazendo alta antes d'entrarem na cidade, apoiados no seu bastão, contemplavam com intimo recolhimento os muros da Roma Germanica.

Quando, após uma longa e penosa viagem através de caminhos rudes e pouco seguros, depois de terem sido despojados duas ou tres vezes pelos salteadores do Rheno, e tendo mendigado o pão do pobre ás portas architectadas das abbadias, elles avistavam as torres de Colonia, os peregrinos, vindos de longes terras, deviam experimentar uma piedosa sensação, que os não deixaria reparar nas ruas sujas, estreitas, tenebrosas, que parecem acotovelar-se á beira do rio, lançaram-se umas sobre as outras, para obterem uma pequena enseada para a pesca e outras industrias fluviaes dos habitantes.

O viajante da actualidade, que não sente o mesmo ardor dos peregrinos d'outr'ora, e conhece termos de comparação que aquelles não conheciam, não podem entrar em Colonia sem sentir nauseas, e associar-se voluntariamente á opinião geral de que, se Colonia é a mais santa das cidades da Allemanha, é ao mesmo tempo a mais suja e a menos agradavel.

Não obstante, Colonia tem todos os caracteres d'uma cidade episcopal. Ao lado d'um grande numero d'egrejas ainda de pé, veem-se ruinas de muitas outras. Quanto aos conventos de que estava inçada, quanto a esses mosteiros que continham a decima parte da população da cidade, desappareceram quasi todos, para dar logar a edificios d'uma ordem muito differente, para servirem emfim para usos muito profanos. Tudo isto dá a Colonia um ar de melancolia, que se communica ao viajante. O catholicismo encheu aquella cidade; depois que elle desappareceu ficou um vacuo aterrador. A industria e o commercio, com a sua grande actividade, não conseguiram encher o logar que o catholicismo deixou vasio. Este caracter é commum a todas as cidades ecclesiasticas; mas em parte nenhuma é mais pronunciado do que em Colonia.

A cathedral, que é sem contestação uma obra prima da architectura gothica, que é, na espirituosa phrase d'um escriptor contemporaneo, o S. Pedro do christianismo septentrional, esteve por acabar durante seis centos e sessenta e tres annos, facto este que deu logar, como não podia deixar de ser, a uma legenda popular, que affirmava que o magestoso templo nunca sería acabado. Não aconteceu assim. A egreja, cuja primeira pedra fôra lançada em 15 d'agosto de 1248, estava completa a 14 d'agosto d'este anno, facto que foi solemnisado com uma grande pompa.

Apesar pois da legenda ser desmentida, não deixa d'offerecer interesse. Aqui a damos ao leitor.

(Continua)

O SAHARA

E' o Sahara o maior deserto do globo. Tem cinco mil kilometros de éste a oeste e dous mil de norte a sul. Ao norte é limitado pelo grande planalto da Berberia, a oeste pelo Oceano Atlantico, ao sul pela Senegambia e o Sudão, a leste pelo valle do Nilo.

Entre estes limites, o grande deserto, comprehendendo os numerosos sitios cultivados, conhecidos pelo nome de *oasis*, e o territorio de Fezzan, apresenta uma superficie de cerca de oitenta e quatro mil myriametros quadrados.

Sahara deriva-se d'uma palavra arabe, que quer dizer pastar, em opposição a *Tell*, que significa lavrar.

Quasi que só se conhece do Sahara as costas e linhas que seguem as caravanas. Caravanas são grupos de pessoas que se reunem para viajar juntas, preservando-se mutuamente dos ataques dos ladrões, ou com o fim d'evitar qualquer accidente que possa sobrevir em tão perigosa travessia.

As caravanas só marcham de dia. De noute acampa-se em um dos oasis; levantam-se tendas; accendem-se fogueiras; dormem uns em quanto outros velam.

Os oasis são como umas ilhas de verdura no meio d'aquelle immenso oceano d'areia, que tem tempestades horriveis, quando o mortifero *simun* soergue as ondas movediças.

No grande deserto torna-se extremamente sensivel a falta d'agoa. Abunda o sal. A vegetação é debil, com especialidade nos terrenos areentos. E' por tal motivo que os oasis se tornam logares de delicias para o abrasado viajante, que só encontra ali uma pouca d'agoa para matar a sede que o devora, e alguma vegetação onde deite a pastar as suas alimarias. São geralmente camellos os animaes empregados na travessia do deserto.

O oasis mais celebre é o de Insalah, situado no Sahara occidental, que separa a Algeria do Sudão.

A população dispersa por todo o deserto pode calcular-se em um milhão de almas; compõe-se de tribus mouras, arabes e berberes.

Quasi todas estas tribus são nomadas.

O habitante do deserto tem a tez acobreada, é robusto e algumas vezes pratica actos de verdadeira coragem. Ha tribus muito industriosas; sabem tecer pannos com o pello da cabra e do camello, assim como trabalhar os metaes.

Pela maior parte, porém, aquelles homens são crueis e ferozes. Os que habitam as costas praticam actos de crueldade inaudita para com os pobres naufragos dos navios perdidos por aquellas paragens. As tribus do interior não são menos crueis para com os viajantes perdidos no meio do deserto. O roubo é o mobil de todos os crimes.

Os tuaregs, especialmente, são muito temiveis.

UM OASIS

Os viajantes inglezes foram os primeiros a explorar o Sahara. Os ultimos teem sido os francezes, e tudo faz esperar que os seus trabalhos serão de muito proveito para a sciencia geographica.

Entre os mais recentes exploradores francezes deve mencionar-se Dournaeaux Dupéré e Joubert, assassinados pelos tuaregs em 1874.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 13, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

E' nosso unico correspondente em Monsão o snr. João da Cunha Moraes, praça Deu-la-deu n.º 9.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHAM-SE já reimpressos os numeros 1 e 2 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elles faltam, para os reclamarem.

Os numeros 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 14

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 2 DE DEZEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto: — Francisco I — A' meia noite (conto) — O testamento da velha (poesia) por Freitas e Costa — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Os homens uteis de todos os paizes: — O infante D. Henrique — As houris — Puy — A cathedral de Colonia — A velhice (fragmento d'um livro inedito) por A. Herculano — Em uma campa (poesia) por João de Deus — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Chronica — Zig-Zags: — Os maiores sinos — Pensamento — O emprezario — Conselho — O Haiti — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Francisco I — Uma houri — Puy — Ilha de S. Domingos.

FRANCISCO I

FRANCISCO I

Toda a gente conhece a celebre carta em que Francisco I dava parte a sua mãe da perda da batalha de Pavia: «Tudo se perdeu menos a honra.»

Francisco I foi um dos mais illustres reis cavalleiros, e o seu nome enche uma das mais gloriosas paginas da historia de França.

Nascido em Coignac, em 12 de setembro de 1494, a sua educação foi toda militar, manifestando desde creança a sua predilecção para a carreira das armas, em que se estreiou brilhantemente. Encarregado, ainda no verdor dos annos, do commando do exercito destinado a restituir ao throno o rei de Navarra, desempenhou-se d'esta missão com o talento e habilidade d'um general velho, conseguindo pelas suas intelligentes ordens deter os hespanhoes para além dos Pyreneos.

Em 1513 sustentou com o mais completo successo uma guerra defensiva contra a Picardia; ganhou a batalha de Marignan no anno do seu advento ao throno (1515); mas na batalha de Pavia (1525), na qual se cobriu de gloria, teve a infelicidade de cahir prisioneiro, assim como os principaes fidalgos francezes e o rei titular de Navarra Henrique d'Albret, filho d'aquelle que perdera o seu reino, conservando apenas o Bearn.

Pavia era defendida por Pescaire e o condestavel de Bourbon. Os francezes deram o ataque, que a principio prometteu o melhor successo; mas em breve a sorte da guerra mudou e os imperiaes

ficaram triumphantes. A derrota foi geral; quasi que não havia resistencia senão no sitio em que o rei combatia. Enfraquecido em rasão dos muitos ferimentos, derribado do seu cavallo, que morreu debaixo d'elle, Francisco I defendeu-se ainda a pé, com uma coragem heroica; mas cercado pelas tropas hespanholas, foi obrigado a ceder ao numero dos contrarios, entregando a espada na mão de Lannoye, francez como o condestavel de Bourbon, mas que havia, como este, entrado para o serviço de Carlos V.

Dez mil homens perderam a vida n'esta batalha, um dos maiores revezes que a França soffreu nos tempos modernos.

Conduzido a Madrid, o real prisioneiro mostrou no carcere a mesma grandeza d'alma que nunca o havia abandonado. Trocado por dous filhos, Francisco I voltou a França em 1526 e morreu no castello de Rambouillet em 1547, com cincoenta e tres annos d'idade.

Francisco I protegeu como homem de gosto que era as sciencias e as artes, embellezou e augmentou muito a capital da França; deu pensões aos sabios, fundou asylos para os pobres e doentes. O exercito deve-lhe sabias reformas e a cavallaria um novo lustre. Organisou a infanteria em legiões, reformou os abusos em materia de legislação e recrutamento, estabeleceu no exercito uma disciplina até então desconhecida.

Taes são os titulos de Francisco I ao reconhecimento da sua patria.

Á MEIA NOUTE

CONTO

(Continuação)

VIII

Chegou emfim o dia tão ardentemente desejado de receber a baixa.

Preparar tudo, despedir-se dos superiores e dos iguaes, e partir para a terra, foi obra d'um momento.

A jornada foi triste. O horrivel presentimento não cessava d'acompanhal-o.

Proximo a chegar á aldeia onde havia deixado o coração, Miguel deteve-se e reflectiu um momento.

—Convem avisar Maria da minha chegada. Se fôr certo o meu presentimento, não deixará d'avisar-me, e assim me pouparei ao triste espectaculo que iria dar na aldeia, onde todos se ririam de mim. De mim, que tive a loucura de aspirar á mão da filha do meu bemfeitor!

Deteve-se no meio da sua meditação; mas proseguiu decorrido um minuto:

—E'-me impossivel viver sem ella. Mas se estiver casada, não serei eu que vá perturbar a sua felicidade. Não! Tudo menos isso! O recurso que me restará será morrer. Suicidar-me-hei.

E tomando penna e papel, escreveu a seguinte carta:

Maria

Estou livre; já não sou soldado. Amanhã ao anoutecer chego á aldeia. E' indispensavel que me diga se devo ou não chegar á sua presença. Peço-lhe que me tire d'esta duvida, que é horrivel. Nada receie. Amo-a; nunca deixei d'amal-a. E' só a sua felicidade que eu desejo. Por ella dera a minha vida, esta vida que de nada me serve longe de si e cujo fio está na sua mão. Falle; pronuncie a minha sentença. Não hesite. Recebel-a-hei resignado, e, sobretudo, cumpril-a-hei.

Seu até á morte

Miguel

IX

Ninguem na aldeia sabia da chegada de Miguel. Porém cousa d'uma hora depois de elle ter mandado por um rapazito que por acaso ali passou a carta para Maria, abeirou-se d'elle um homem já idoso e disse-lhe:

—Miguel! Tu por cá!

O pobre diabo estava tão embebido nas suas reflexões, que só deu pelo recem-chegado quando elle lhe fallou.

—Olá! E' o tio Ignacio!

E Miguel levantou-se de sobre o tronco d'arvore em que se sentara e onde escrevera, apoiando-se em um enorme penedo, a carta que mandara pelo rapazito.

—Sim! Sou o tio Ignacio! E tu! exclamou o velho. Tu é que não pareces o mesmo.

—Deixemo-nos de fallar de nós, disse Miguel. Fallemos lá da aldeia, dos amigos, dos parentes. Como vae o padrinho?

Era assim que elle tratava Pedro.

—Esse, bom.

—E a Maria?

—Ah! Essa...

O tio Ignacio calou-se e inclinou a vista para o chão.

Miguel, no auge da anciedade, não sabendo como explicar a hesitação do velho, tomou-o valentemente por um braço, e gritou:

—Acabe, tio Ignacio. Que teve Maria?

O velho meneou a cabeça como em signal de dó e disse depois d'um breve silencio:

—Olha, Miguel. Sabes que tenho sessenta annos, e toda a gente na aldeia sabe que sou um homem serio. Vou dar-te um conselho. Volta por onde vieste e não te lembres mais de tornar á casa onde foste creado.

—Mas que mal ha n'isso? disse Miguel. Além de que sería uma grande ingratidão, a minha presença em casa do meu bemfeitor não sei em que possa prejudical-o.

—Não é a elle, tornou o tio Ignacio; é a...

—A Maria! exclamou o soldado. Ah! N'esse caso as minhas suspeitas verificam-se.

—Que suspeitavas tu, meu rapaz?

—Suspeitava... o que tenho a certeza de que se realisou. Maria esqueceu-me.

—Infelizmente é verdade, disse Ignacio em tom sentencioso.

—Maria é uma ingrata. E eu que a amava tanto!...

Aos olhos do soldado assomaram duas lagrimas.

—Já vês, Miguel, que não deves lembrar-te mais d'ella.

—Tem rasão. Foi uma loucura minha pensar que a filha do meu protector quereria ser esposa d'um pobre engeitado! Um engeitado! Oh! Maldito destino!

—Lamento a tua sorte, disse Ignacio. Mas ha quem seja mais infeliz do que tu.

—Não, tio Ignacio. Não póde haver destino mais infeliz do que o meu. Eu que a amava tanto...

—Já te disse que a deves esquecer. E' um serviço que a ella mesma fazes.

—Ah! Quer dizer... que... que... a perfida casou!

—Casou, respondeu o velho por entre dentes.

X

A dôr do infeliz não teve limites.

Deixou-se cahir sobre o tronco, e, encostando a cabeça ao penedo, cobriu o rosto com as mãos e assim permaneceu cousa d'um quarto d'hora.

O tio Ignacio sentou-se ao pé d'elle, guardando silencio.

Emfim, tendo dado largas á sua dôr, Miguel ergueu-se, ainda com os olhos humidos e vermelhos do muito que chorara, e disse com voz serena:

—E com quem casou ella, não m'o diz, tio Ignacio?

—Casou com o morgado do Sardoal!

—Ah! Um homem rico! Um morgado! Logo vi! Mas ao mesmo tempo um malvado, que a tornará desgraçada, tenho a certeza d'isso!

—Oh! Não. Não imaginas a mudança que elle fez. Quanto em solteiro era rufião e inconstante, assim depois de casado se tornou pacato e amigo da familia. Maria não póde ser mais feliz.

—Bem. Essa ideia consola-me ao menos. Mas não podia deixar de ser. Ella, que é tão boa e tão meiga, era capaz até de encaminhar o diabo para a estrada do bem. Estimo que seja feliz. E não serei eu que lhe vá perturbar a sua felicidade, creia.

—Era exactamente o que te eu vinha dizer.

—Ah! Então sabia da minha vinda?

—Soube-o pelo rapaz por quem t'o mandaras a carta a Maria. Encontrei-o

no caminho do Sardoal. Perguntei-lhe onde ia. Mostrou-me a carta. Estremeci quando li o teu nome. «Dar-se-ha caso, disse eu com os meus botões, que esse Miguel, o soldado como se lhe chamava na aldeia, ainda se lembre de Maria?» E, imaginando uma desgraça n'estes infelizes amores, fiz desde logo um proposito. Não restitui mais a carta ao rapaz, porque não era conveniente que Maria a lesse, e puz pernas ao caminho, para te vir aqui dar parte do succedido e pedir-te como te estou pedindo que não penses mais em Maria, que partas, que te afastes d'ella.

—Obrigado, tio Ignacio. Foi um doloroso dever que tomou sobre os hombros. Mas agradeço-lh'o. Despedaçou-me a alma; mas a culpa não foi sua.

—Bem sei de quem foi. Mas que queres? Quem se fia em mulheres...

—Mas eu não me queixo de ninguem, observeu Miguel.

(Continua)

O TESTAMENTO DA VELHA

Se no verdor da minha mocidade
Com lagrimas reguei o pão do pobre,
Se mais tarde, mulher, princeza e nobre,
Votei um culto á patria liberdade;

Se d'este mundo os sonhos me embalaram
Phantasticas visões, tropeis de vicios,
Deus sabe em quanta dôr, quantos cilicios,
Os meus passados erros se expurgaram...

Da extrema luz nos ultimos instantes
Eu lego, em remissão dos meus peccados,
A' Egreja o meu peculio, os meus brilhantes.

E de Christo e dos céos doirando a sapa,
Deixo á pobreza, aos tristes desherdados,
As bençãos telegraphicas do Papa!...

Freitas e Costa

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

X

SUECIA E NORUEGA

Passemos á Suecia e Noruega.

Estes dous paizes comprehendem toda a Scandinavia, sob um só soberano, mas com constituições differentes. Teem de superficie 740:000 kilometros quadrados e 6 milhões d'habitantes.

A peninsula scandinava tem por limites: ao norte o Oceano Glacial Arctico, a leste a Russia, ao sul o Baltico, a oeste o Oceano Atlantico.

A Noruega foi reunida á Suecia pelos tratados de 1814.

A Suecia tem uma superficie de 432:000 kilometros quadrados e 4 mihões d'habitantes.

A capital é Stockolmo, com 130:000 habitantes, cidade edificada em amphitheatro sobre sete ilhotas, ligadas por deseseis pontes, entre o Baltico e o lago Moelar. O palacio do rei é o que ha de notavel a ver.

Cidades principaes da Suecia: Carlskrona (15:500 h.), cidade forte e excellente porto militar; Upsal (8:000 h.), celebre pelo observatorio e universidade, onde Lineu foi professor; Calmar (8:000 h.), celebre pelo acto d'união ali effectuado entre os paizes scandinavos em 1379.

A Noruega occupa uma superficie de 324:500 kilometros quadrados e tem 2 milhões d'habitantes.

A capital é Christiania, cidade de 65:000 habitantes, com uma universidade muito importante. Como Stockolmo, é um excellente porto.

As cidades principaes são: Bergen (25:000 h.), onde se faz uma enorme exportação de bacalhao e arenques; Drontheim (16:000 h.), sobre o golfo do mesmo nome, celebre por ter sido ahi que Bernadotte foi coroado rei da Suecia. Ha ainda Berlscrona, que é uma fortaleza muito importante, e Kongsberg, onde ha excellentes minas de prata.

Os dous paizes que vimos de descrever rapidamente são excessivamente frios e pouco ferteis, excepto do lado do sul. Ha apenas alguns cereaes e excellentes madeiras para as construcções navaes, fornecidas quasi todas pelos Alpes suecos, e de que se faz um commercio consideravel. A industria é igualmente muito activa, não só a da pesca, mas a que se deriva das numerosas minas d'ouro, prata, ferro, cobre, estanho e chumbo.

O sueco é affavel e excellente trabalhador.

Enumeremos os grupos d'ilhas que pertencem aos dous paizes. São: Gottland, com 52:000 habitantes; Oeland (30:000 h.); Lofoden (4:000 h.). Junto das ilhas Lofoden e na costa da Noruega está o perigoso sorvedouro do Maelstrom, cujas ondas fazem um rumor que se ouve de muito longe. Algumas vezes os navios são attrahidos pelo redemoinho das agoas, desapparecendo immediatamente.

Ao norte da peninsula acha-se situada a Laponia sueca, paiz frigidissimo, e cujos habitantes, de baixa estatura, são nomadas e amam a vida errante apesar do rigor do clima. O lapão é affavel, alegre, mas preguiçoso. A renna é um animal particular á Laponia.

Não abandonaremos ainda as frias regiões em que nos embrenhamos, sem deitarmos um rapido olhar ao Spitzberg. Este archipelago deserto pertence geographicamente á Noruega.

N'este triste paiz o frio é excessivo no inverno; mas no verão ha alguns dias muito quentes. Ha uma noute que dura tres mezes, esclarecida apenas pelas auroras boreaes.

O territorio todo não passa d'enormes rochedos escarpados, onde os dinamarquezes vão pescar a baleia.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

I

O INFANTE D. HENRIQUE

(Conclusão)

A desastrosa jornada de Tanger, onde ficou prisioneiro o infante D. Fernando, que na historia é conhecido pelo nome de *Infante Santo*, paralysou por algum tempo os trabalhos do infante D. Henrique; mas em 1432 fez armar um navio, cujo commando deu ao seu escudeiro Gil Eannes, natural de Lagos, o qual foi o primeiro a dobrar o Cabo Tormentoso, a que poz o nome de cabo Bojador.

No anno de 1438 mandou vir o infante para a sua escola de Sagres o insigne mathematico Jacome de Malhorca, que ali introduziu importantes reformas. Em quanto os seus navegadores cruzavam os mares, o infante não cessava de entregar-se ao estudo. Os seus biographos pintam-nol-o, uns discutindo com os seus geographos variados pontos da sciencia sua predilecta; outros corrigindo as cartas do sabio Valseca; outros emfim meditando noute e dia sobre os mais estimados livros da epoca, as obras de João Muller de Koenisberg e de Jorge Purbach.

Foi por virtude dos estudos e deligencias do infante que os portuguezes abriram o caminho por onde mais tarde deviam immortalisar-se. Emfim deixou descobertas no seu tempo e por seu meio tresentas e setenta legoas de costa por tanto espaço de terras quantas ha desde o Cabo Bojador até á Serra Leoa, além de muitas ilhas no Oceano Atlantico e Ethiopico, com que mostrou ao mundo os antipodas e a zona torrida.

A particular solicitude que lhe mereciam os estudos e os estudiosos levou-o a dar á universidade, que então estava em Lisboa, as suas proprias casas para ahi se lerem varias faculdades, além de certos rendimentos, pelo que mereceu de seus contemporaneos o epitheto de *Protector dos estudos de Portugal*.

Todos os rendimentos da sua casa, que comprehendia os cargos mais importantes do reino, como general das armas portuguezas nas costas d'Africa, governador e administrador do mestrado da ordem de Christo, duque de Vizeu, fronteiro-mor da comarca de Leiria, cavalleiro da ordem da Jarreteira em Inglaterra, senhor da Covilhã e de Lagos e de Sagres, no Algarve, de cujo reino foi governador perpetuo; todos os rendimentos

d'estes cargos, diziamos, os applicava o magnanimo infante em cousas de utilidade para a sua patria. Tinha o seu escudo por divisa a letra: *Talaint de bien faire*, e nunca principe algum comprehendeu melhor do que o nosso quanto se póde ser util aos seus concidadãos.

Falleceu o infante D. Henrique na sua villa de Sagres, em 13 de novembro de 1460, sendo depositado na egreja matriz de Lagos, d'onde no anno seguinte o mandou trasladar para o convento da Batalha o infante D. Fernando, seu sobrinho e herdeiro.

AS HOURIS

Entre os nossos leitores não haverá por certo muitos que não tenham umas noções das crenças tão poeticas do Oriente, o paiz onde tudo toma um aspecto ridente, até as ruinas, sobre as quaes a palmeira ergue a sua haste elegante, em Memphis e Balbec. Quem não leu as *Mil e uma noutes*, esses contos maravilhosos, que não passam d'uma pagina d'aquella epopeia tantas vezes contada sob a tenda do arabe, quando o vento do deserto agita o cimo das arvores, ou passa mudo sobre a areia movediça, ou quando o clarão da fogueira accesa no acampamento espalha os raios sobre aquelles grupos pittorescos de mulhéres e creanças semi-nus, de camellos e homens bronzeados, acocorados ao redor do fogo, e saboreando a ponta d'ambar do seu longo cachimbo, e ao mesmo passo prestando ouvidos attentos ás narrações do interminavel palrador?

Toda essa poesia de feiticeiros, genios, fadas, que equivalem ás nossas sombrias legendas de espectros da meia noute, toda a gente a deve conhecer, ainda que não seja senão pelas *Orientaes*, de Victor Hugo, ou os voluptuosos quadros de *Alla-Ruck*, de Tomaz Moore.

Na mythologia oriental as houris representam um papel muito importante. Mahomet, na discripção do paraiso promettido aos crentes, falla d'ellas nos seguintes termos:

«Haverá n'elle (no Jardim das Delicias) jovens, virgens, d'olhar modesto, cuja belleza nunca homem ou genio profanará; serão similhantes ao jacintho e á perola. A recompensa dos justos não deve ser assim magnifica?»

Estes seres espirituaes fazem por consequencia parte dos premios promettidos aos fieis na outra vida de delicias, que deve substituir esta de mortificações e pesares. Por isso o fleugmatico musulmano, cujos dias decorrem pacificamente nas solidões perfumadas do harem, abandona sem dó a vida terrena, consolando-se da perda dos seus praseres com a esperança dos que o esperam no Jardim das Delicias.

A ideia que elles fazem d'essas creaturas nada teem de comparavel aos encantos das bailadeiras indianas, cujas dansas voluptuosas, acompanhadas do tinir das campainhas d'ouro, inebriam e arrebatam, nem com as almeias egypcias, cujos cantos são o enlevo dos pullahs em horas d'aborrecimento. Cada crente phantasia a sua houri, a celeste divindade nos braços da qual ha de cahir ao partir d'este mundo e ao chegar ao outro que o propheta lhe prometteu em paga das suas virtudes.

Veja o leitor na gravura que acompanha este artigo como um artista musulmano phantasiou a sua houri. Esta gravura é copia d'uma antiga miniatura indiana.

UMA HOURI

PUY

A cidade de Puy está situada no departamento do Alto Loire, a quinhentos cincoenta e seis kilometros de Paris. E' bispado e capital do departamento e de dous cantões. Tem uma população de vinte mil habitantes.

Está esta cidade edificada em amphitheatro na encosta do monte Anis, coroando o rochedo basaltico de Corneille, onde em 1860 se collocou a estatua colossal da Virgem, na juncção de tres deliciosos valles banhados pelo Loire, o Born e o Dolezon.

Vista de longe, a cidade de Puy offerece de todos os lados um aspecto muito pittoresco.

Encontram-se ali numerosas antiguidades celticas, como rochedos-altares, sepulturas, grutas, instrumentos de pedra, etc.; muitas antiguidades galo-romanas, inscripções, fragmentos de columnas, etc.

O principal edificio da cidade é a cathedral, ou egreja de Nossa Senhora, construida no cimo do monte Anis, e cujas partes mais importantes datam do seculo XI e XII. Para se ir a esse curioso templo sobe-se uma escadaria cortada na rocha e que tem duzentos e sessenta degraos, dando para um vestibulo ou crypto-portico, cuja abobada tem vinte metros d'altura. Ha no vestibulo duas capellas, uma d'ellas consagrada a S. Gil e a outra a S. Martinho de Tours; as portas d'estas capellas são ornadas de boas esculpturas e admiram-se duas lindas columnas de porphydo antigo.

Na egreja, cuja fachada é bastante regular, notam-se restos de pinturas byzantinas, uma das quaes representa S. Miguel de tamanho colossal.

Além da cathedral, é digna de ver-se a egreja de S. Lourenço, onde está o tumulo do condestavel Duguesclin.

Sobre o rochedo negro chamado o monte Corneille, que coroa o monte Anis, ergue-se, como já dissemos, uma estatua colossal de Nossa Senhora de França, de deseseis metros d'altura e fundida com o metal das peças tomadas aos russos em Sebastopol em 1855.

Não longe da cidade está o monte de S. Miguel, coroado por uma capella romana, para a qual dá accesso uma escadaria cortada na rocha viva.

A cidade de Puy, chamada igualmente Puy no Velay e Puy de Nossa Senhora, não remonta a uma epoca anterior ao seculo X e talvez mesmo ao XII. E' centro de grande commercio de gados, cereaes, lãs, etc. Tanto na cidade como nos arrabaldes ha muitas fabricas. As rendas de Puy são muito estimadas.

A CATHEDRAL DE COLONIA

(Continuação)

Por meiados do seculo XIII era arcebispo de Colonia Conrado de Hochstedten, o qual, querendo mandar construir uma cathedral que offuscasse todas as cathedraes de Allemanha e de França, pediu um risco ao mais celebre architecto de Colonia.

O nome do artista não passou á posteridade; mas não vá o leitor pensar que isso fosse uma sorte commum a todos os architectos que cobriram a Europa da idade media de monumentos gothicos. Ha uma outra causa que se verá.

Uma tarde que o architecto a quem

o prelado se tinha dirigido andava passeando na praia, á beira do Rheno, meditando no risco da cathedral, approximou-se machinalmente da porta chamada dos Fancos, onde ainda hoje se veem algumas estatuas mutiladas. Sentando-se sobre uma pedra, entrou de desenhar, com uma varinha que trazia, na areia da praia, riscos de cathedraes, que apagava logo em seguida, desenhando depois outros. O sol estava prestes a desapparecer, e os ultimos raios reflectiam-se nas agoas do Rheno.

—Ah! exclamava o artista observando o sol poente. Uma cathedral cujas torres altissimas, erguidas para o ceo, conservassem o brilho do dia, ao passo que o rio e a cidade já se achassem mergulhados nas trevas da noute! Sería magnifico!

E recomeçava os desenhos na areia.

Não longe d'elle estava sentado um velho, de baixa estatura, que parecia observal-o com a maior attenção.

Quando o artista terminou o risco da egreja que meditava, exclamou jubilosamente:

—Sim! E' isto!

O velho murmurou em voz baixa, mas não tão baixa que aquelle não ouvisse:

—Ora adeus! Isso é a cathedral de Strasburgo!

E tinha rasão. O artista julgara-se inspirado, e afinal o seu desenho era uma reminiscencia. Apagou-o pois e entrou de fazer outro.

Mas, de cada vez que julgava ter encontrado o que procurava, a cada grito de alegria que soltava, suppondo conseguidos os seus desejos, o velho murmurava sorrindo sarcasticamente:

—Mayença, Amiens!

E assim successivamente, nomeando todas as cidades celebres pelas suas cathedraes.

—Com effeito, meu mestre, exclamou o artista, cansado dos sarcasmos do velho, você que tão bem sabe rir dos outros, é que deve fazer mais do que elles. Vamos; mostre a sua habilidade.

O velho não respondeu e continuou a rir, o que exasperou o artista.

—Vamos. Quero ver a sua obra!

E apresentou-lhe a varinha.

O velho olhou-o por um modo singular. Depois, tomando a varinha que o artista lhe apresentava, começou a traçar na areia algumas linhas; mas isso com uns modos taes de intelligencia e profundo saber, que o artista exclamou immediatamente:

—Oh! Já vejo que sabe da nossa arte! O senhor é de Colonia?

—Não, respondeu seccamente o velho, entregando o instrumento de que se servira.

—Porque não continúa? Vamos: acabe.

—Não acabo. O que você queria era isso para aproveitar-se do meu desenho, de que teria toda a gloria.

—Ouça, meu amigo. Estamos sós.

De facto, o logar da scena estava n'este momento deserto, e a noute tornava-se cada vez mais negra.

—Ouça cá, disse o artista. Dou-lhe dez escudos d'ouro se acaba diante de mim esse risco.

—Dez escudos! A mim!...

E o velho, ao dizer estas palavras, tirou de sob a sua capa uma enorme bolsa, que atirou ao ar, e pelo ruido que fez ao cahir, via-se que estava cheia de ouro.

O artista recuou alguns passos; depois, arrojando-se sobre o velho com ar feroz, agarrou-o por um braço, e, tirando ao mesmo tempo um punhal, gritou:

—Acaba-o, ou morres!

—Ah! Queres obrigar-me! Insensato!

E o velho desembaraçou-se do seu adversario com uma força e agilidade surprehendentes; em seguida lançou por terra o artista, apontando-lhe ao peito um punhal reluzente.

—Agora, disse elle, como conheces que nem o ouro nem a força teem poder para mim, podes, querendo, aproveitar-te do risco que fiz, tirando d'elle todo o proveito como se elle fosse teu.

—E que recompensa exijes? perguntou o artista.

—Dar-me-has a tua alma para toda a eternidade.

O artista soltou um grande grito e fez o signal da cruz. O diabo desappareceu immediatamente.

(Continua)

PUY

A VELHICE

FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO

—

Embora! Mas que guardaes vós para essa dôr que parece petreficar o espirito, que quebra as forças e o movimento, e estampa na fronte do que vive e pensa a quietação do sepulchro?

Tenho ouvido muitas vezes uma expressão abominavel em si, abominavel pelo tom e gesto em que se diz; tom e gesto entre o sorrir e o dó; compaixão similhante á que poderiam ter os demonios dos tractos eternos d'um precito. Esta expressão se applica aos que, sumindo no coração toda a vida para a consummir no intimo padecer do mal e gosos physicos, e dos homens e dos successos que os rodeam; aos que, emfim, perderam a consciencia de metade da vida, a existencia exterior, para a concentrar inteira no cancro incuravel que lhe lavra na intelligencia.

E' d'estes que se diz: «Pobre diabo! —Anda como parvo!»

E d'esses taes de quem dizias isso,

incertos entre o dó e o escarneo, sabeis quanta agonia, quanta procella, quaes trevas de futuro lhes vão lá dentro da alma? Vistel-os voltear mil vezes, por dilatada noite, em leito de espinhos, soluçar e gemer ás horas em que os mais repousam, cahir no lethargo do cançaço, despertar nas ancias do pesadello phantastico e maldicto, em quanto os outros sonham, sorrindo, ambições e esperanças?— Vistel-os na solidão da sua amargura, estorcer-lhes a dôr do espirito os membros, como o redemoinho de vento estorce o vime da sébe? Vistel-os baterem sobre a lagem fria do pavimento com a fronte affogueada, e clamarem ao Senhor, e pedirem-lhe o trance da morte como um momento de refrigerio e a anniquilação como um thesouro de suprema felicidade?

Não! Vistel-os quando a natureza exhausta cobre com o seu manto mortal o incendio que devora e devorará, talvez até o ultimo alento, essas existencias, cuja miseria excede muito todas as outras miserias humanas.

Que ninguem diga: «está tonto!» e sorria, quando vir um velho cego, como o meu, que perdendo mulher, filhos— tudo— ao derradeiro quartel da vida, se foi assentar no marco da estrada, e tranquilamente estende o chapeu, e, sem reflexão na voz, sem expressão no gesto, diz ao que passa: «uma esmola ao ceguinho pelo amor de Deus!» E' que essa alma foi queimada por um grande incendio!

(Continua)

A. Herculano

EM UMA CAMPA

FRAGMENTO

Os olhos são da terra;
A alma, essa é do ceo;
A luz que a alma encerra
Nada a desvaneceu.

Penetra bem no fundo
D'esses immensos mares,
E vae por esses ares
Até ao outro mundo!

João de Deus

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

VII

O QUE SE PASSAVA NÃO LONGE DA CASA DE D. ISABEL

(Continuação)

O desorientado cavalleiro dirigiu-se então ao homem que tão generosamente o havia ajudado e disse-lhe:

—Dou-lhe os agradecimentos, meu amigo. Conte com a minha protecção, que creia que tem algum valor na côrte.

—Em quanto ao primeiro, respondeu o desconhecido, ha muito tempo que o odeio de toda a minha alma; em quanto ao segundo, não me serve para nada a protecção que me offerece.

O individuo que havia acompanhado as damas ficou como assombrado.

O desconhecido proseguiu:

—Não me conhece talvez? Os tres annos decorridos fizeram com que se esquecesse dos meus signaes.

—Lembro-me, um pouco confusamente, que já o vi; mas não posso dizer aonde.

—Eu lh'o recordo, senhor visconde. Ha tres annos amava o senhor, ou fingia amar uma pobre rapariga que vivia na rua de S. Miguel.

—Luiza!... murmurou o visconde.

—Justamente, Luiza. Ella acreditou-o, adorava-o com toda a vehemencia do seu coração, e agora deve lembrar-se do que lhe aconteceu uma noute ao sahir de casa d'ella.

—Lembra, respondeu o interpellado com voz surda.

—Vou porém repetir-lh'o, porque assim convem por causa da scena que vae seguir-se. Luiza era orphã; não tinha no mundo mais ninguem além d'um pobre orphão tambem, a quem sua mãe moribunda a havia confiado. Este adorava-a e tel-a-ia desposado; mas apresentou-se o senhor, escondendo a sua posição e o seu nome; ella, innocente, deu-lhe o seu amor, e o pobre orphão abafou a sua paixão, sacrificando-a á felicidade de sua irmã adoptiva. E foi ella feliz? perguntou com voz colerica o desconhecido. Foi-o, conforme o costumam ser sempre as raparigas do povo com os fidalgos como o senhor. Oh! Os fidalgos! Pensam que as raparigas pobres nasceram para elles, e depois que lhes arrebatam a flor da sua pureza, pisam-as sem compaixão!

—Cala-te, Antonio! disse debilmente o cavalleiro.

—Eu não sou Antonio. Sou o vingador de Luiza. Ha tres annos ninguem o conhecia melhor do que eu. E' verdade que eu o contemplava sem paixão e conhecia toda a baixeza e asquerosidade que está escondida nas dobras do seu coração. Supponho que não se esqueceu do que eu lhe disse n'aquella noute em que o esperei á sahida da casa de Luiza. Diga: lembra-se?

—Lembro.

—E como cumpriu o senhor aquelle juramento? Eu não exigi do senhor mais do que isto: que a amasse como ella o amava, acrescentando que no dia em que Luiza vertesse a primeira lagrima por sua causa, era o ultimo dia da sua vida. O senhor prometteu-me tudo quanto eu exigi, e no dia seguinte contou a nossa conversação á sua amada.

—Mas... disse o visconde como procurando desembaraçar-se d'aquelle importuno.

Mas este continuou:

—Deixe-me fallar. Não pense que me escapa sem me ouvir. Estive calado durante muito tempo e necessito que me ouça. Ao saber Luiza o que entre nós se tinha passado, receiou pela sua vida, e com os modos mais delicados que pôde achar obrigou-me a sahir de sua casa. Assim o fiz. Durante estes tres annos tenho seguido o senhor visconde passo a passo em toda a sua carreira amorosa e politica. Em quanto Luiza ignorou tudo e o senhor cumpria o que me promettera, nada lhe disse.

— Acabemos com isto! gritou o visconde fazendo um esforço. Que é o que deseja? Dinheiro?

—Dinheiro! disse o desconhecido com amargo desdem. De que me serviria o dinheiro? O senhor aborreceu-se de Luiza e deixou-a só com a sua deshonra. Apresentou-se em sua casa a pedir pão para o seu filho e o senhor repelliu-a brutalmente. E ainda me offerece dinheiro! A mim, a quem a sua vida parece pouco para pagar o damno que me fez!

—Que queres dizer?

—Quero dizer que vim matal-o, disse Antonio com voz tranquilla.

—Matar-me!

—Sim. Annunciei-lhe que a primeira lagrima de Luiza era para si a sentença de morte.

—Então porque me livraste dos assassinos que ha pouco me atacaram?

—Porque eu só é que devo ter essa dita.

—A tua resolução é inabalavel?

—E já sabe os motivos que tenho para isso, e é inutil discutir a tal respeito. Luctaremos até que um de nós fique aqui.

A praça do Oriente não era então o que é hoje. Nem jardins, nem casas, se viam ali. Ruinas, casebres de ruim aspecto e meio arruinados, era a unica cousa que por aquelles sitios havia. O local, solitario e sombrio, além d'alluminado pobre e mesquinhamente, e a noute escura e chuvosa, tudo era a proposito para lances como o de que nos occupamos.

O conde vacillava ainda.

O joven tirou um estoque do cacete de que se servira para castigar os assassinos, e dirigindo-se ao seu adversario, disse-lhe:

—Ponha-se em guarda, porque o aviso de que o obrigarei seja por que modo fôr a bater-se comigo!

—Miseravel! gritou o visconde enfurecido.

As espadas cruzaram-se, e durante alguns momentos não se ouviu mais nada além da agitada respiração dos combatentes e o choque estridente do aço contra o aço.

Depois ouviu-se um gemido e após elle o rumor que produz a queda de um corpo.

Em seguida o que havia ficado de pé contemplou alguns momentos o cahido e exclamou com acento indefinivel:

—Deus te perdoe todo o mal que me fizeste!

Quasi ao mesmo tempo um alcaide, seguido da sua ronda, desembocou pela rua de D. Pedro, dirigindo-se para o sitio do combate.

(Continua)

CHRONICA

A Sociedade Nova Euterpe — Exposição do Centro Artistico — Novas publicações — Dous livros novos.

E' sobre modo honroso o pensamento que a sociedade Nova Euterpe trata de levar á realisação. Referimo-nos ao museu commercial.

Segundo a exposição que a mesma sociedade nos enviou, os motivos que n'ella actuaram para meditar tão util emprehendimento, foram as vantagens que devem resultar á classe commercial, tão numerosa no Porto, da collecionação e comparação d'amostras e typos, seja qual fôr o ramo a que pertençam, pois assim como a arte e a sciencia, diz a mesma exposição, tem os seus museus, isto é, exhibições coordenadas de trabalhos e exemplares de differentissimas cathegorias, onde póde exercitar-se e apurar-se o saber humano,—assim no commercio podem e devem iniciar-se estes novos institutos, acommodados ao exame e estudo dos diversos elementos do commercio, que se não é o seu productor, é (o que tanto ou mais valle), pelos poderosos meios da permutação, o principal instrumento do consumo, da vida e do aperfeiçoamento de todas as industrias.

A exposição conclue do seguinte modo:

«O grande apostolo, e poderiamos dizer martyr do progresso industrial em Portugal, Fradesso da Silveira, disse em um dos ultimos livros que escreveu, depois da exposição de Vienna d'Austria, onde foi nosso commissario regio:— «que o futuro pertencia ás exposições permanentes;»— e na verdade bem crivel é que assim venha a succeder.

Iniciando pois esta escóla pratica no seio da «Nova Euterpe» e lembrando-nos de que ella tem por séde a cidade do Porto, este modelo vivo de energia, trabalho e amor patrio, este fóco importante de commercio e industria do paiz, pensamos cumprir um dever a que todos certamente procurarão corresponder, esperamol-o, com os seus generosos esforços e protecção dedicada.»

Não póde ser mais digno de sinceros encomios o pensamento que pretende realisar a sociedade Nova Euterpe. Dando-lhe os mais enthusiasticos parabens, apetecemos-lhe um successo completo. A sociedade tem membros dotados de grande força de vontade e fiamos que applanarão as difficuldades que por ventura possam surgir a estorvar a realisação de uma iniciativa que póde ser tão util e fecunda.

—O Centro Artistico Portuense, uma fundação recente, mas muito prommettedora, projecta realisar nos principios de 1881, no Palacio de Crystal, uma exposição-bazar de bellas-artes, cuja abertura deve ter logar a 27 de março e o encerramento a 1 de maio.

Applaudimos de todo o coração a ideia, pelos elevados intuitos a que ella mira.

—O nosso excellente amigo e colaborador, o snr. Alberto Carlos mandou-nos um exemplar do seu opusculo *A escola realista e a moral*. E' uma valente espadeirada nos desmandos da escola realista, que ahi, cursada por todo o escrevinhador, não converte, mas preverte.

Diz verdades o nosso amigo, e d'aqui lhe enviamos um aperto de mão.

—Visitaram-nos esta semana duas novas publicações. A primeira foi o *Plutarcho Portuguez*, explendida publicação da casa Biel, já conhecida pela magnifica edição dos Luziadas.

Este primeiro fasciculo contem a biographia de Bocage, cujo retrato é devido ao lapis do snr. Julio Costa; a parte litteraria é do snr. Theophilo Braga. Basta citar este nome para aquilatar o seu valor. Do retrato só ha a dizer que não se trabalha melhor no estrangeiro.

A outra publicação, mais modesta, mas tambem digna d'apreço, é o primeiro numero do *Pantheão*, revista quinzenal de sciencia se lettras, de que são redactores o nosso amigo e collaborador o snr. J. Leite de Vasconcellos e o snr. Mont'Alverne de Sequeira.

São 16 paginas de excellente leitura.

—Está no prelo da Imprensa Portugueza o novo volume do distincto poeta Anthero do Quental. Intitula-se *Sonetos*. Pertencem a esse livro os dous sonetos que demos no numero anterior.

Deve apparecer em breve á luz da publicidade.

—Freitas e Costa, um talento robusto que é pena só de longe em longe atire para os prelos com uma joia como a que hoje vae n'este jornal, tambem tem no prelo um volume de versos. Intitula-se *Filigranas*.

Nós sabemos que é ouro de lei a obra do nosso distincto collaborador e sympathico amigo.

ZIG-ZAGS

—

OS MAIORES SINOS

O sino maior que ha em todo o mundo é o do Kremlin, em Moscou, o qual pesa 200:000 kilogrammas; em seguida conta-se o de Vienna, que pesa 30:000 kilogrammas. Em Olmutz ha outro sino d'igual peso.

Na cathedral de Toledo ha um sino que pesa 15:000 kilogrammas; em Rouen ha outro que pesa 14:500 kilogrammas. O maior sino da abbadia de Westminster pesa 13:500 kilogrammas, e em Erfurth ha outro d'igual peso.

O maior sino da America é o que ha em Montreal, no Canadá, que pesa 12:000 kilogrammas. E' igual ao da cathedral de Paris.

Os principaes sinos da Europa depois dos mencionados são: o de S. Pedro de Roma (9:000 kilogrammas); o de Oxford, chamado o *Great Tom* (8:500 k.); o chamado *Jacquetine*, de Paris (8:000 k.); o *Great Tom*, de Lincoln (7:000 k.); o de S. Paulo de Londres (6:000 k.).

—

PENSAMENTO

Ninguem aprecia, diz o malogrado escriptor Lopes de Mendonça, o que se consome de coragem e de esforço para resistir ás luctas que exaltam qualquer vocação litteraria. E' um longo poema de soffrimento, que nem tem o merito da novidade. O mundo só se lembra das agonias do escriptor, quando ellas se terminam por uma sanguinolenta catastrophe. Desde Camões morrendo n'um hospital, até Garção encerrado dentro de uma masmorra, ha mais de um exemplo eloquente, para accusar a sociedade, madrasta que não acolhe o talento senão quando elle brilha com a sua propria gloria.

—

O EMPRESARIO

Um aprendiz d'escriptor dramatico levou uma peça em cinco actos a um empresario. D'ali a dias encontra-o.

—Então já leu a minha peça? pergunta o litterato.

—Li os tres primeiros actos.

—E qual acha o melhor?

—Os dous ultimos.

—

CONSELHO

Assim como não pedimos ajuda ao fraco, nem esmola ao pobre, nem orações ao impio, nem ao cego que seja nosso guia, diz o nosso padre Manoel Bernardes, assim tambem não devemos recorrer por conselho ao homem, de cuja prudencia não tenhamos sufficiente conhecimento.

O HAITI

—

O Haiti é uma ilha do Oceano Atlantico, descoberta em 5 de dezembro de 1492 por Christovão Colombo, que lhe deu o nome de S. Nicolau em memoria do santo cujo dia era. S. Nicolau é ainda hoje o nome do cabo, que forma um ancoradouro seguro e commodo, situado na ponta septentrional da ilha, sitio este a que o navegador genovez aportou quando descobriu aquella nova região.

Os hespanhoes mandados á descoberta no interior da ilha, voltaram dizer ao seu chefe que as bellezas que ahi viram a tornavam similhante á sua patria, pelo que Colombo entendeu dar-lhe o nome de Hespanhola *(Hispaniola)*, o qual mais tarde foi trocado pelo de S. Domingos, em rasão do estabelecimento que os hespanhoes fundaram na parte meridional da ilha, e que desde 1865 se conhece pelo nome de Dominica, ou republica dominicana.

O Haiti é uma das grandes Antilhas, a maior depois de Cuba. Está situada á entrada do golfo do Mexico, e tem cerca de seiscentos kilometros de comprimento, de éste a oeste, e a largura, de norte a sul, varia de duzentos e trinta a vinte e sete kilometros. Calcula-se a sua superficie em setenta e tres mil e trinta e seis kilometros quadrados e a população em oitocentas e cincoenta mil almas.

As costas formam numerosas enseadas, onde os navios pódem commoda-

mente ancorar. O centro é montanhoso, atravessado de leste a oeste pela cadeia do Cibao, cujo ponto central tem dous mil metros d'elevação e projecta ramaes, que vão até ao mar, formando promontorios, peninsulas e bahias.

Em rasão da natureza montanhosa do terreno, é variada a temperatura. Nas partes chãs, um calor excessivo, junto á humidade natural do solo, que em certas epocas é muito mortifero para os europeus, desenvolve uma vegetação luxuriante; á beira-mar as brisas que regularmente correm attenuam consideravelmente o calor do dia e produzem noutes frias. Nos valles, banhados por numerosos regatos, respira-se um ar fresco, e no cimo das montanhas o frio torna-se algumas vezes muito sensivel. De resto, como em todos os paizes situados entre os tropicos, o anno divide-se em duas estações, a das chuvas e a das seccas.

Algumas vezes desencadeiam-se, na parte meridional principalmente, temporaes violentos. Os tremores de terra tambem são frequentes, destruindo povoações inteiras

O Haiti é rico de florestas; a costa produz quantidades consideraveis d'acaju e campeche, que exporta para varias partes. No interior dá-se muito bem a canna do assucar; mas esta industria que podia estar florescente, languesce por falta de braços.

A maioria da população é de raça negra; o resto são mulatos e poucos brancos. Os negros e mulatos são dados á inercia, e nunca se conseguiu fazer d'elles homens uteis.

O Haiti tem nove portos abertos ao commercio: Porto do Principe, que é a capital da ilha, edificada em terreno pantanoso, o cabo Haitiano, Jacmel, as Gonaivas, as Cayas, Jeremias, Aquino, Miragoana e S. Marcos.

Quando Colombo chegou ao Haiti, o paiz estava dividido em cinco reinos, governado cada um pelo seu cacique. De estes nem todos se submetteram voluntariamente ao invasor. A conquista custou uma guerra porfiada, e foi só levando tudo a ferro e fogo que os hespanhoes conseguiram triumphar.

Para se fazer ideia da guerra d'exterminio que a Hespanha moveu áquelle paiz, basta saber que, quinze annos depois da chegada dos conquistadores, o Haiti não tinha mais de sessenta mil habitantes, isto é, a decima sexta parte apenas dos que tinha ao tempo da conquista.

Os hespanhoes foram pois os senhores da ilha; mas esta estava pouco menos do que deserta.

Em 1625 a França e a Inglaterra disputaram a sua posse á Hespanha. A França pôde emfim, em 1644, organisar uma colonia do lado do sul, colonia que em breve tempo tomou grande incremento; mas em 28 de março de 1790, como

ILHA DE S. DOMINGOS

a assembleia nacional igualasse os direitos civis dos brancos e negros, estalou uma revolução na colonia, dando em resultado a abolição da escravidão tres annos depois.

Mas os colonos chamaram em seu auxilio os inglezes e hespanhoes, apossando-se d'uma parte do territorio de S. Domingos. Então um negro, Toussaint Louverture, arvorou-se em chefe das forças indigenas e repelliu as tropas estrangeiras, estabelecendo um governo nacional. Napoleão mandou contra os revoltosos um exercito, que conseguiu apoderar-se do chefe, não alcançando, porém, a submissão dos negros, que, em 1804, proclamaram imperador um successor de Toussaint, com o nome de Thiago I.

Emfim, em 1825, a França reconheceu a independencia do Haiti, que é hoje uma republica.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 13, pedimos a especial fineza de as renovarem; do contrario ser-lhes-ha suspensa a remessa.

—

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

E' nosso unico correspondente em Monsão o snr. João da Cunha Moraes, praça Deu-lá-deu n.º 9.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza literaria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACHAM-SE já reimpressos os numeros 1 e 2 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elles faltam, para os reclamarem.

Os numeros 3 e 4 vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 15

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 9 DE DEZEMBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

CATHEDRAL DE ROCHESTER

SUMMARIO

TEXTO:— A cathedral de Rochester — Ao redor do mundo sem sahir de casa — A velhice (fragmento d'um livro inedito) por A. Herculano — Ao sol posto (poesia) por Alexandre Braga — Os dramas do mar: — Um navio em chammas — Os homens uteis de todos os paizes: — Pestalozzi — Costumes da China — A mesquita do sultão Achmed — A pobreza e o trabalho, por Jayme — Em Londres — A cathedral de Colonia — O teu olhar (poesia) por Amelia Janny — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Chronica — Enygma — Zig-Zags — Auroras boreaes — Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— Cathedral de Rochester — Uma dama chineza — A mesquita do sultão Achmed — Lapões em viagem.

A CATHEDRAL DE ROCHESTER

Rochester é uma pequena cidade do condado de Kent, na Inglaterra. O que a torna celebre é a sua cathedral, fundada, como a de Cantorbery, por Ethelred, o saxão, rei de Kent, logo em seguida á sua conversão ao christianismo. Por aqui se vê quão antiga ella é.

Parte da egreja foi destruida por um incendio no seculo XI, sendo reparada no seculo seguinte; mas as obras mais importantes foram feitas um pouco mais tarde com o producto das esmolas de S. Guilherme.

Este santo era um piedoso e rico padeiro, natural da Escossia, o qual, tendo emprehendido uma peregrinação a Jerusalem, foi assassinado e roubado por um criado junto de Rochester. Enterrado na cathedral, entrou desde logo de fazer grandes milagres, que deram em resultado a sua canonisação.

Além do tumulo de S. Guilherme, ha no templo a que nos referimos ainda outros: o de S. Paulino, o do bispo Gundolpho, que restaurou grande parte da cathedral, etc. Os dos santos estão no côro e os outros na egreja subterranea, que se julga ser obra dos normandos. Aqui ha outros tumulos curiosos, e um dos que merece especial mensão é o de Ricardo Watts Esquire, que era escrivão em Rochester e membro do parlamento no tempo da rainha Isabel. Fallecido em 1579, fundou um hospicio n'aquella cidade. O busto do honrado escrivão vê-se sobre o seu tumulo. Na fachada do hospicio lê-se a seguinte curiosa inscripção:

«Ricardo Watts Esquire, por testamento datado de 22 d'agosto de 1579, fundou este hospicio para seis viajantes pobres, com a condição de não serem procuradores. Receberão por uma noute asylo, sustento e oito soldos cada um.»

Explica-se d'este modo a anthypathia de Watts pelos procuradores: Achando-se perigosamente doente, mandou chamar um procurador para lhe fazer o testamento, e, melhorando, viu com grande espanto que o procurador tinha posto em seu nome toda a herança.

A cathedral de Rochester, apesar dos estragos do tempo e das successivas e desharmoniosas restaurações, é ainda hoje um dos mais bellos monumentos do estylo normando que tem a Inglaterra.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XI

HOLLANDA

A Hollanda tem a singular particularidade de ser um territorio conquistado pela maior parte ás agoas. Com o auxilio de diques e canaes, os habitantes conseguiram transformar pantanos insalubres em extensas campinas, e ao mesmo tempo erguer sobre estacaria povoações lindas e muito aceadas.

O commercio é bastante activo, apesar da concorrencia dos inglezes, americanos e francezes lhe ter feito perder bastante importancia. Agricultura e horticultura aperfeiçoadas; creação de gados; armamentos para a pesca; pannos nomeados; generos coloniaes.

Com uma superficie de 32:000 kilometros quadrados e 3,700:000 habitantes, a Hollanda, a que nos propomos fazer uma rapida visita, tem por limites ao norte e a oeste o mar do Norte, a leste a Prussia e ao sul a Belgica.

A Hollanda, tirada á França pelos tratados de 1815, fez até 1830 um só reino com a Belgica, que, n'essa epoca, se separou por meio d'uma revolução.

Está a Hollanda dividida em 11 provincias, oito das quaes são maritimas.

Capital, a Haya, onde reside o rei. E' uma cidade de 80:000 habitantes, bonita, com uma rica galeria de quadros, um museu d'objectos raros da India, da China e do Japão.

A cidade mais importante, porém, da Hollanda, é Amsterdam, edificada quasi toda sobre estacaria, e formando oitenta e duas ilhas, ligadas por numerosos canaes e duzentas oitenta e duas pontes. O porto é excellente; commercio importante com o mundo inteiro. Os edificios notaveis são apenas a bolsa e a egreja de Santa Catharina.

A população de Amsterdam é de 250:000 habitantes.

Cidades principaes: Rotterdam, patria de Erasmo (110:000 h.), grande e magnifico porto, com excellentes arsenaes; Utrecht (55:000 h.), celebre pelos tratados ahi assignados, e pela sua universidade, onde se estuda direito; Leyde (40:000h.), patria do pintor Rembrandt e celebre por sua universidade, fundada no seculo XV; Groningue (35:000 h.), estaleiros celebres e afamadas fundições de ancoras; Maestricht (25:000 h.), capital do Limburgo hollandez, onde ha importantes feiras de gado; Saardam (12:000 h.), onde Pedro o Grande estudou a construcção dos navios, chegando a trabalhar nos estaleiros como simples calafate. Ha n'esta cidade mais de mil moinhos de vento.

Eis o lago Biesboch, formado por uma innundação do Mosa, que em uma só noute, em 1421, engoliu setenta e duas aldeias.

O Zuyderzea (mar do sul) foi formado no seculo XIII por uma innundação do mar.

Costas semeadas d'ilhas; entre outras a ilha Walcheren; o Texel, grande golfo á entrada do Zuyderzea. Um regimento de cavallaria franceza apanhou ahi em 1794 uma esquadra hollandeza presa no gelo.

A instrucção está muito florescente na Hollanda; o hollandez é instruido e trabalhador.

O clima é humido, e por consequencia favoravel á agricultura.

(Continua)

A VELHICE

FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO

(Conclusão)

Quando eu vejo um velho, em cujo aspecto se pinta certa tristeza indizivel, em cujo olhar incerto se conhece, não o receio de descortinar o futuro, porém o terror de affigurar o passado, cujos labios sorriem sempre ao presente, ainda avesso e triste; quando eu o vejo responder com uma lagrima a recordações dolorosas, digo comigo: Oh desgraçado, desgraçado!— porque quiz a Providencia que esse coração semi-morto vertesse por tanto tempo sangue de suas feridas? Porque ha de ser tua unica esperança a sepultura; tua melhor alegria o saber todas as noites que a eternidade acabá de descontar mais um dia d'aquelles que te estavam marcados no periodo da tua existencia?

Mas quando encontro um velho, por cima de cuja cabeça passaram muitas horas de amargura, muitas procellas da vida, e lhe descubro no rosto certa serenidade como a da fronte de marmore de uma d'essas estatuas que jazem sobre os tumulos da idade media; quando o recordar-lhe uma grande desventura d'outr'ora não acha echo lá dentro; quando para elle o passado, o presente e o futuro merecem a mesma indifferença gelada e medonha, então digo comigo: um morto porque andará na terra?

E' porque, tambem, uma harpa, cujas cordas estouraram todas, ahi fica até que o tempo a consuma. E' porque as cinzas da antiga arvore do valle, abrazada pelo incendio, ahi ficam amontoadas até que as derrame o vento.

Mas o gemido das cordas que estallaram?— mas a intensidade do incendio? Eis o que tem para mim aquelle

terror attractivo, que nos fascina e leva os olhos a escrutar um abysmo escuro, no fim do qual se ouça um longo ruido.

D'ahi vem que a presença d'um ancião sempre me attrahe e subjuga. Que é a vida inteira do mancebo, que revela por tantos modos suas coleras e pezares, seu amor e alegria, seus temores e esperanças? Drama mysterioso, historia intima só ha no velho, que passou por todas as vicissitudes do existir, e que encerrou debaixo do sello de bronze de um aspecto impossivel as tempestades que rugem ou rugiram nas profundezas do seu espirito.

A mocidade é a ribeira, torrente no inverno arrastando penedos nas agoas turbadas, regato no estio murmurando limpido entre os seixinhos. A velhice é o oceano, sereno na superficie, em quanto os sorvedouros e correntes estrepitam debaixo d'esse dorso tranquillo, mas sem que ninguem saiba quando e onde ha calma ou ha tempestade, onde o seu fundo é de arêa, ou onde redemoinham as agoas por entre incognitos baixios.

Respeitae a velhice, como respeitais o oceano!

A. Herculano

AO SOL POSTO

Eil-a, a florida varanda,
A cujas singelas grades
A virgem do eburneo seio
Vinha encostar-se ás trindades:

Formando um sonoro alpendre
De folhagem verde e espessa,
Tremiam-lhe as madre-silvas
Sobre a dourada cabeça:

Abraçadas nas columnas
Onde o telhado repousa,
Pendiam as madre-silvas
A dizer-lhe alguma cousa.

Entre as folhas do loureiro,
Que ella amara desde a infancia,
Iam suspirando as auras
Buscar-lhe dôce fragrancia:

E nos vidros da janella,
Como extremo adeus do dia,
Vinha bater-lhe um reflexo
Do sol que ao longe morria:

Sob os choupos, onde a brisa
Gemia queixosa e branda,
O lago azul a pintava
Na sua florea varanda:

Hoje ainda a natureza
Se ri por estas paragens,
E ao sol posto aqui divagam
Mil phantasticas imagens.

Só a virgem do alvo seio
Não vem scismar á janella,
Quando expira no occidente
Da tarde a luz dôce e bella:

Curvam-se ainda as roseiras
Murmurando alguma cousa:
Mas ella á sombra dos olmos,
No eterno leito repousa.

Alexandre Braga

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Continuação)

VIII

AINDA A NARRAÇÃO DO MAJOR

Apesar d'esta scena não poder prolongar-se por mais tempo, alguns dos infelizes que ainda se achavam a bordo, longe de se mostrarem apressados a partir, testemunhavam pelo contrario a maior repugnancia em servir-se do perigoso meio de salvação que se lhes offerecia.

O capitão Cobb teve pois de renovar, primeiramente com rogos e depois com ameaças, a ordem de não se perder um só momento, e um dos officiaes do 31, que, dedicando-se á salvação de todos, tinha manifestado a intenção de deixar-se ficar até ao fim e ser o ultimo a sahir do navio, foi obrigado a declarar, em vista da hesitação dos seus companheiros, que passado um certo momento que indicou em voz alta para que todos o podessem ouvir, abandonaria o navio, deixando n'elle aquelles cuja hesitação compromettia não só a sua propria salvação, mas ainda a salvação dos outros.

Com estas demoras as seis horas estavam prestes a soar. Alguns homens, receiosos porque a agitação do mar crescia com as trevas, tornando mais difficil o meio de sahir do navio, recusavam terminantemente servir-se d'elle, ao passo que outros pediam que os descessem, atados pela cintura, como as mulheres, o que n'aquelle momento se tornava impossivel.

De repente vieram dar-nos parte que o brigue, enterrado já cerca de nove ou dez pés, acabava de se enterrar ainda mais dous pés.

Calculando emfim que as duas lanchas que nos esperavam á pôpa, juntas áquellas que á luz do incendio se viam dispersas pelo mar, ou de volta do brigue, tinham a capacidade sufficiente para conter todos aquelles que estavam em estado de ser transportados, os tres ultimos officiaes superiores do 31, entre os quaes eu me achava, pensaram seriamente em retirar.

E agora, como não me sería possivel dar melhor uma ideia da situação dos outros do que descrevendo a minha, peço ao leitor licença para lhe fallar alguns momentos de mim, contando-lhe as particularidades do modo como me salvei.

A minha historia será a de centenas d'individuos que me tinham precedido no estreito caminho em que me eu ia aventurar.

Cousa difficil era, na verdade, seguir aquelle caminho; era necessario ir caminhando pelo mastro adiante até alcançar a corda, manobra que exigia, dos marinheiros mesmo, uma pericia e destreza admiraveis.

Muitos homens, a meio do caminho, tinham cahido ao mar; outros haviam chegado a agarrar-se na corda; mas não eram mais felizes. Restava ainda o perigo de esbarrar contra a borda da lancha ao deixar-se escorregar pela corda. Como se vê, não havia grandes probabilidades de salvação na unica esperança de salvação que tinhamos! Repito, porém, como era a unica, não hesitei quando me chegou a vez; e pondo-me a cavallo no mastro escorregadio, apesar da minha inexperiencia, consegui por um modo talvez milagroso chegar á lancha sem mergulhar no mar, como acontecera a todos os homens que me tinham precedido.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

II

PESTALOZZI

Nascido em Zurich, em 1745, o celebre professor Pestalozzi entrou de meditar desde a juventude no estado deploravel d'uma população pobre e numerosa, entregue a todos os males que produzem a ignorancia e a falta d'industria em um solo ingrato, como então era a Suissa. Os seus escriptos, destinados todos a remediar esses males, e dedicados inteiramente ao espirito das classes populares, espalharam-se com incrivel rapidez na Suissa e na Allemanha.

Em 1799, encarregado da direcção d'um collegio d'orfãos em Underwald, publicou um novo methodo, destinado a tornar a instrucção mais facil, desenvolvendo a intelligencia dos discipulos. Mas d'ahi a pouco a suppressão do collegio privou-o de todos os recursos, causando-lhe ao mesmo tempo os mais vivos pesares. Dedicou-se então ao ensino do seu methodo em um outro collegio que estabeleceu em Yverdun.

Em 1803 Pestalozzi foi nomeado membro da deputação que Napoleão chamou a Paris, afim de combinar com elle nos meios a empregar para pacificar a Suissa.

Os escriptos d'aquelle homem esclarecido e desinteressado são quasi todos relativos á educação, dando-lhe por esse facto direito incontestavel a um logar distincto entre os homens uteis de todos os paizes. Inteiramente devotado á causa dos seus similhantes, Pestalozzi nunca sonhou com as honras nem com as riquezas. Morreu em 1827, quasi pobre.

COSTUMES DA CHINA

Os europeus que fazem ideia da physionomia dos habitantes do celeste imperio pelas figuras grutescas que costumam ver-se pintadas nas peças de louça provenientes d'aquella parte do mundo, enganam-se redondamente. A maior parte de taes pinturas não passam de caricaturas grosseiras, do que resulta que muitas pessoas teem uma falsa opinião ácerca d'um povo grave, pensador, justo e digno algumas vezes de servir de modelo aos europeus.

Pelo que respeita ao lado physico, os chinezes que não andam muito expostos á influencia da atmosphera teem a tez tão bella como os hespanhoes ou os portuguezes; mas o effeito do sol sobre a pelle dos que teem necessidade d'andar expostos a elle, sendo certo que os que se empregam em trabalhos manuaes andam nus da cinta para cima, é tal, que, quando se despem, parecem pelo alto do corpo asiaticos e pelos membros inferiores europeus. Geralmente até aos trinta annos conservam uma apparencia agradavel; passada essa idade, a proeminencia dos ossos da cara, dá á sua physionomia uma expressão dura que a mocidade disfarça.

Conhece-se o genero opposto de belleza entre os dous sexos na China. Uma mulher, para merecer a qualificação de formosa, deve ser debil, delgada; um homem, pelo contrario, deve ser robusto, refeito, emfim deve ser alto e gordo.

Uma moda singular entre os chinezes dos dous sexos, é a de deixarem crescer as unhas da mão esquerda até terem as proporções de verdadeiras garras. Ora como as unhas, quando são compridas, estão sujeitas a quebrar, guarnecem-as com pedacinhos muito delgados de bambu.

Uma outra moda não menos bizarra e que difficilmente se explica, é a mutilação do pé das mulheres, mutilação que tem a vantagem de differençar o chinez de todos os outros povos do mundo.

Não se sabe nada de positivo ácerca de tal costume; sabe-se apenas que principiou ahi pelo fim do seculo IX da nossa era.

O principio que ditou o costume das unhas compridas foi com certeza o que tambem ditou a mutilação dos pés desde a mais tenra idade. Esta moda exclue toda a ideia de trabalho, porque todas as mulheres do mundo elegante que n'esse ponto seguem a moda estão prohibidas de todo o genero de trabalho em rasão da pequenez do pé. Os chinezes são apaixonados pelo ar de debilidade e padecimento que a mutilação dá ás mulheres; a elegancia está no aspecto doentio, anemico. Compara-se a mulher que anda difficilmente, tropeçando a miude, com o balancear d'um salgueiro agitado pelo vento.

Nunca a puerilidade e a loucura de uma grande parte da especie humana se evidenciou melhor do que n'estas modas tão variadas, e quasi sempre tão contrarias ás leis da natureza. E' em virtude d'essas modas extravagantes e ridiculas que uma nação esmaga os pés das suas creanças e outra achata a cabeça entre duas taboas. Ao passo que nós os europeus admiramos a alvura dos dentes, os malaios limam o esmalte dos seus e pintam-os de negro, pela rasão unica e forte de que os dentes dos cães são brancos. Um chefe da Nova Zelandia faz esculpir no rosto, nas costas e no peito a especie de vestidura guerreira que o deve distinguir entre os companheiros; um esquimó é menos do que nada se não traz uns pedaços de pao e de pedra mettidos por uns boracos abertos nas faces.

UMA DAMA CHINEZA

Tudo são modas, e o que não pensarão elles das nossas?

A MESQUITA DO SULTÃO ACHMED

A paginas 12 d'este jornal referimos algumas particularidades ácerca das mesquitas turcas; hoje, que pomos diante dos olhos do leitor uma vista interior da mesquita do sultão em Constantinopla, diremos que depois de Santa Sophia, que n'outros tempos foi templo christão, é a mesquita conhecida pelo nome de mesquita do sultão Achmed, porque ahi estão depositados os seus restos, aquella que se torna digna da visita do estrangeiro.

Esta mesquita tem o merito de ser o modelo d'uma architectura nacional. E' uma architectura nobre e imponente.

Encontram-se ahi marmores antigos, sabiamente utilisados, especialmente nos porticos que correm ao longo das galerias. Figure-se uma magnifica columnata, na qual se empregaram com grande profusão o porphydo, o verde antigo e o marmore africano. As columnas são guarnecidas, acima da base, de circulos de bronze, que concorrem a um tempo para a belleza e solidez do edificio. Na maior parte das construcções dos turcos ha circulos como estes nas columnas antigas.

O interior da mesquita é rico d'ornatos e esculpturas, e a cupula corresponde ao resto do edificio.

Os restos do sultão Achmed descansam em um soberbo mausoleu, coroado por um zimborio, e ao redor estão depositados os filhos e parentes d'aquelle principe. Todos os athaudes estão cobertos com pannos brancos.

A mesquita foi inteiramente construida por turcos; não andou aqui mão d'estranhos.

A POBREZA E O TRABALHO

Pobreza não é vileza, diz um rifão popular. Comtudo não ha debaixo do sol um só ente que não aspire á riqueza, ao poder, ao mando, o que não é para admirar, porque tambem entre os ricos, segundo está averiguado, ha-os que aspiram a ser riquissimos, e assim se prova a verdade d'outro rifão, que diz que ninguem está contente com a sua sorte.

Que a felicidade, a felicidade verdadeira, genuina, não está na riqueza, isso é cousa bem sabida, e quantos pobres ha que são mais felizes do que os ricos!

Não queremos aqui philosophar ácerca do despreso das riquezas, nem dos meios d'adquirir a verdadeira felicidade. Esta parece que não depende do individuo; é cousa extranha á nossa vontade; vem já talhada de cima, como carapuça que encaixe em certas cabeças privilegiadas. Quanto ao despreso das riquezas, debalde escreveriamos volumes e volumes, estafariamos a voz, despejariamos o tinteiro, e por fim não teriamos convencido ninguem.

Correr atraz do dinheiro é o constante afan do homem. Por isso, n'essa

vertiginosa carreira, elle dá ás vezes cada trambulhão!...

Procuremos pois consolar os pobres, elogiando o seu estado.

Pobres teem sido todos os homens notaveis em armas, letras e virtudes. Está até mais que provado que o verdadeiro merecimento anda sempre alliado á pobreza. Por isso passaram á posteridade o catre que viu morrer Camões no hospital, as barbas que D. João de Castro empenhou para soccorrer Diu, os olhos do gato do Tasso a quem o poeta dirigiu um soneto, pedindo-lhe que lhe prestasse sua luz á noute por não ter com que se allumiasse para escrever os seus versos.

Apresenta-nos o Evangelho infinitos casos de pobreza.

Jesus Christo, com ser o rei dos reis, o senhor dos ceos e da terra, fez voto de pobreza. «Andava sem cajado, nem alforge, diz o nosso insigne Frei Thomé de Jesus, mais que o que d'esmolas lhe davam para prover estreitas necessidades, sem ter cuidado do dia seguinte. Queria em sua companhia quem deixasse ou vendesse tudo e o desse aos pobres. Escolheu por discipulos os mais pobres do mundo.»

S. Lourenço Justiniano chamava aos pobres porteiros do ceo e á esmola porta por onde só se podia ali entrar.

Frei Miguel, prior de Valença, dizia que quanto mais lhe sahia pela porta, para os pobres, tanto mais lhe entrava pela egreja, para os frades.

S. Pedro Chrysologo denominava a mão do pobre cofre do thesouro de Jesus Christo.

Era opinião de S. Francisco que com a esmola se comprava o amor de Deus.

O virtuoso arcebispo de Braga Frei Bartholomeu dos Martyres costumava dizer que os pobres eram barqueiros pelos quaes as boas obras passavam ao ceo.

A pobreza, no dizer de Seneca, tem um lado pelo qual deve ser agradavel aos pobres. E' porque lhes faz conhecer os verdadeiros amigos, pois como costuma dizer-se, na cadeia e na desgraça é que se conhecem os amigos.

O philosopho Democrito dizia que os pobres eram mais felizes do que os ricos, porque não estavam expostos á inveja, odio e traições.

Com effeito o homem rico vive sepultado em um continuado mar de cuidados. Se gasta muito, chamam-lhe dissipador; se pouco, avarento. Mas que remedio tem elle senão poupar? Como não está acostumado a trabalhar, só esta palavra o faz estremecer. E' um supplicio de Tantalo.

A MESQUITA DO SULTÃO ACHMED

A riqueza pois do pobre é o trabalho. O trabalho póde dar-lhe os maiores bens do mundo.

Que o homem nasceu para trabalhar, tudo o prova, tudo o aconselha, tudo o manda.

Concluamos com o que a este respeito dizem graves auctoridades:

Comerás o pão com o suor do teu rosto, diz o *Genesis*. O ocio tem ensinado muita maldade, acrescenta o *Ecclesiastes*.

O homem, diz Job, nasceu para o trabalho, como a ave para cortar os ares.

E' opinião de S. Paulo que aquelle que não trabalha é indigno de comer.

Não será cidadão do ceo aquelle que amar a ociosidade, diz S. Agostinho.

Deus creou o homem para trabalhar; foi por isso e para isso que lhe formou os membros, de maneira que aquelle que vive da ociosidade não obedece ao fim para que foi creado, diz S. João Chrysostomo.

Quem não aborrecerá o ocio, que torna o homem inferior ás abelhas e ás formigas? pergunta S. Basilio.

Não ha virtude sem trabalho, diz S. Bernardo.

Emfim escreve Victor Hugo: O trabalho é a lei: não queres trabalhar, serás escravo. Não ha tarefa mais pesada do que a ociosidade.

JAYME

EM LONDRES

Imagine o leitor que estou escrevendo isto no segundo andar d'uma casa situada em frente mesmo de Hyde Park, pulmão immenso onde vem diariamente renovar o ar metade pelo menos dos habitantes de Londres.

Oh! Os habitantes de Londres! Não ha gente mais original do que esta. Não ha duvidar: o inglez é uma maravilha humana.

Tive a phantasia de dar um passeio em carro descoberto e de facto não me foi difficil obtel-o. Quando porém tinha andado alguns passos, notei que todas as pessoas que por mim passavam, mulheres formosas, ginetes montando magnificos cavallos, me apontavam ao dedo e me saudavam com sonoras gargalhadas.

—Isto agora é moda? perguntei ao meu guia.

—Não senhor. Riem-se porque o senhor está faltando á etiqueta.

A verdade é que todos me olhavam como se eu fosse um urso e riam de modo a deixar-me confuso.

—Mas então o que quer isto dizer? perguntei impaciente vendo que o cocheiro consultava o relogio sorrindo tam-

bem, o que augmentou a minha confusão.

—E' que aqui a vida é um mecanismo, disse-me o guia. Lance a vista por um e outro lado e não verá uma só carruagem. Todos os passeantes montam soberbos cavallos.

E assim era. Homens e mulheres passeavam no formoso jardim, ao redor de nós, cavalgando magnificos animaes.

De repente notei que se operava um grande movimento entre os concorrentes e todos esporeavam os cavallos, dando-se pressa em sahir do jardim.

—Mas que diabo significa isto? tornei eu.

—Isto quer dizer que são duas horas da tarde.

—Duas horas! E que tem isso?

—Tem que já ninguem se hade rir de vel-o de carruagem.

Então o meu guia explicou-me que ao meio dia todos os elegantes do reino unido acudiam ao parque, mas a cavallo.

A's duas horas em ponto acabava este passeio, e então os mesmos ginetes iam a casa, mudavam de *toilette* e tornavam a ir passear no parqne, mas d'esta vez de carruagem.

E desgraçado do que depois das duas horas da tarde continuasse a passear a cavallo! Teria que soffrer os mesmos risos sarcasticos que eu tragara por andar de carro.

—Oh! civilisação! exclamei. E a isto chamam bom tom, viver á moda, ter *chic!*

E em quanto eu meditava com tristeza sobre estas desrasões humanas, notei que principiavam a chegar em luxuosas carruagens as mesmas mulheres formosas que momentos antes se tinham rido de mim, porque em vez de passear a cavallo eu andava de sege, contra a etiqueta.

Chamou-me então a attenção um lord mais teso do que um fuso que repimpado em uma aceada carruagem, mostrava a toda a gente no laço da gravata negra um alfinete, que era nem mais nem menos do que um brilhante do tamanho d'um ovo de pomba.

O cocheiro trazia um chapeu de tres bicos, trajo agaloado e o cabello coberto de pós. Atraz da carruagem iam dous lacaios montados e vestidos do mesmo modo.

—Quem é este personagem? perguntei.

—E' lord Westminster, o homem mais rico e mais avarento de Londres. Imagine que reunidos todos os Rotschilds, Barings, Murrietas, Warings, e até a rainha, não podiam com as suas riquezas igualar a d'este poderoso miseravel.

—Diabo! E como arranjou elle tão extraordinaria fortuna? perguntei admirado.

(Continua)

A CATHEDRAL DE COLONIA

(Continuação)

Ao recobrar os sentidos, o artista achou-se estendido sobre a areia. Levantou-se e voltou a casa, onde uma criada velha que tinha e que o havia creado lhe perguntou porque motivo se recolhia tão tarde. O artista não lhe prestou attenção.

Serviu-lhe a ceia, em que elle nem sequer tocou. Deitou-se, e todos os sonhos eram povoados d'apparições, phantasmas, representando o velho e o risco admiravel da cathedral que principiara a traçar. A cathedral sem igual, com que elle sonhava, existia, vira o seu risco!

No dia seguinte entrou de desenhar naves, torres, portas; mas nada o satisfazia. O risco do velho, esse risco maravilhoso, era o unico que podia contental-o.

O artista dirigiu-se á egreja dos Apostolos, onde tentou orar. Foi debalde. Esta egreja é baixa, pequena, estreita. O que sería ella ao pé da egreja mysteriosa do velho?

A' noute, sem saber como, achou-se junto do rio, no sitio em que havia estado na vespera. O mesmo silencio, a mesma solidão reinava ahi. Foi dar á porta dos Francos, e viu immediatamente o velho, que estava de pé, com a varinha na mão, fingindo desenhar no muro. Cada linha que fazia era um traço de fogo, e todas essas linhas ardentes cruzavam-se, entrelaçavam-se de mil maneiras, e, apesar d'essa apparente confusão, deixavam ver formas elegantes, torres, campanarios, abobadas, agulhas gothicas, que, depois de brilharem um momento, desappareciam na obscuridade. Algumas vezes as linhas mysteriosas pareciam combinar-se para formar um desenho, um plano regular; o artista imaginava que ia ver resplandecer o risco da cathedral maravilhosa; mas de subito o desenho apagava-se antes de poder-se reconhecer.

—Então, disse o velho. Queres o meu risco?

O artista suspirou profundamente.

—Falla, tornou o velho. Queres o meu risco?

E, ao dizer estas palavras, desenhou no muro, em traços de fogo, a imagem d'um portal, que se apagou de repente.

O artista, desatinado, exclamou:

—Farei quanto quizeres.

—Então, amanhã á meia noute.

No dia seguinte o artista levantou-se alegre e satisfeito. Havia esquecido tudo, excepto que ia emfim possuir o risco d'aquella cathedral invisivel com que sonhava havia tanto tempo.

Chegou á janella. O dia estava magnifico.

O Rheno estendia-se em forma de meia lua, com as suas limpidas ondas, que brilhavam aos raios do sol, e á beira d'elle Colonia parecia descer, espreguiçando-se da encosta do monte até á praia e da praia até ás agoas, onde banhavam os pés as suas muralhas.

—Vamos, dizia o artista de si para si. Onde heide collocar a minha cathedral?

E inquiria com os olhos, sem poder decidir-se.

(Continua)

O TEU OLHAR

Assim é teu olhar; sorri e afaga,
Se um raio de esperança vem ridente
Dissipar a tristeza que te esmaga,
Torna-o suave, alegre e transparente.

Assim é teu olhar, pego medonho,
Se em horas d'agonia, ris do mundo.
Todo sombras e luz, verdade e sonho,
Sombrio, inquieto, zombador, profundo!

Assim é teu olhar; sol da minha alma
Doirando-me o futuro, se fulgindo
Em toda a sua luz serena e calma
Os thesouros me dá d'amor infindo!

AMELIA JANNY

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

VIII

UM ENCONTRO INESPERADO

D. Luiz, depois que sahiu de casa de D. Isabel de Zuñiga, caminhava algum tanto distrahido, quando se lhe afigurou que ao longe lhe appareciam as lanternas da ronda, e d'ahi a pouco notou que um dos alguazis se separou do grupo que lhe despertara a attenção e deitava a correr por uma das ruas transversaes.

—Que aconteceria?

Esta pergunta era natural á vista da attitude dos individuos que compunham a ronda. Do meio d'elles sahiu esta voz:

—Alto!

—Alto, a quem? perguntou D. Luiz porque evidentemente era com elle que se entendia a ordem de parar.

—A' ronda, respondeu a mesma voz.

—E que me quer a ronda?

—Espere e breve o saberá!

Luiz, que era respeitador da auctoridade, parou e esperou que se lhe approximasse o alcaide D. Leoncio Peres de Quintana, a quem escoltavam dous alguazis. Mal a lanterna do alcaide deu no rosto de D. Luiz, a auctoridade exclamou:

—E' o senhor D. Luiz de Guevara!

—Sim, sou eu, e extranho que se me mande parar.

—Queira perdoar, disse o alcaide fazendo uma profunda reverencia. Mas o que acaba de acontecer...

—Então o que foi?

—Primeiramente permitta, senhor D. Luiz, que lhe faça algumas perguntas, de todo o ponto indispensaveis.

—Pergunte, meu amigo; prometto responder-lhe até onde souber.

—Ha muito tempo que anda por estes sitios?

—Cheguei aqui quando os senhores chegaram.

—E não ouviu ruido d'espadas, nem alguma voz que indicasse um combate entre dous homens?

—Nada ouvi. Mas, pelo que vejo, é d'um desafio que se trata.

—Não. Trata-se d'uma desgraça, que com certeza o affligirá.

—A mim?

—Sim, porque um amigo seu...

—N'esse caso vamos soccorrel-o, senhor alcaide, se ainda fôr tempo.

—Creio que é.

Um dos homens da escolta do alcaide adiantou-se e disse:

—O ferido dá signaes de vida.

D. Luiz fez um gesto d'impaciencia e depois perguntou:

—E quem é elle?

—E' o visconde de Lazan.

—O visconde!

O alcaide desviou trez alguazis que rodeavam o corpo de Carlos.

—E que fez o senhor quando encontrou este corpo?

—Fiz tudo quanto se podia fazer em casos similhantes. Mandei buscar uma liteira e dar aviso no proximo convento, para transportar para ali o ferido e fazer-lhe os primeiros curativos em quanto se dá parte á familia.

—E não se póde apanhar o adversario do visconde? O combate devia fazer ruido e se a ronda acudisse mais cedo...

—Tudo isso é verdade. A ronda acudiria se ouvisse esse ruido. Mas não o ouviu. Só descobrimos o corpo quando aqui chegamos.

N'esse momento chegou o alguazil que tinha ido ao convento de S. Francisco, e acompanhavam-o alguns leigos com uma liteira, na qual depositaram o corpo do visconde, levando-o em seguida para o convento.

—Agora, senhor alcaide, disse Guevara, se o julga conveniente, vou a casa do visconde dar parte á familia.

—Muito me obsequiava n'isso. Confesso que não me sinto com animo d'ir cumprir tão triste dever.

Ditas estas palavras separaram-se, D. Luiz para ir a casa de Maria e o alcaide para proseguir nas diligencias indispensaveis para o descobrimento da verdade, relativamente ao triste successo que acabava de dar-se.

(Continua)

CHRONICA

—

Exposição d'aves — Premio Camões — Medalha commemorativa do tricentenario — Sociedade Luz e Caridade

Apraz-nos registrar nas columnas d'este jornal todas as tentativas que se traduzem em progresso para esta terra, quer nas letras, quer nas sciencias, nas artes, ou na industria.

No domingo abriu-se no palacio de crystal a exposição ornithologica. Não faremos a sua discripção minuciosa; diremos apenas que a parte mais importante do tentamem era a collecção de galinhas, collecção numerosa, brilhante, explendida até. A especie mais digna d'admiração, exposta pelo doutor Van der Laan, era a denominada *Sieben burgia*, de pescoço despido de pennas, substituindo-as uma pelle rugosa, de côr vermelha, sanguinea, contrastando singularmente com o resto da plumagem.

O mesmo expositor expoz patos, faisões, pombas, periquitos, etc.

A exposição, que se estendia pela nave central e palco, attrahiu numerosa concorrencia.

São sempre uteis estes certamens, porque d'elles aprende a florescer uma industria que póde, em um futuro mais ou menos afastado, ser uma fonte de receita para uma parte do nosso povo.

—A menina D. Anna Jane Burnys de Mattos, filha da dignissima directora do collegio das Inglezinhas, foi designada pela sorte para receber o premio Camões, iniciado pelo nosso collega do *Commercio do Porto*. A premiada, porém, com um desinteresse que muito a honra, e além d'isso, dando uma prova de philantropia que lhe é duplo attributo da boa formação do seu espirito, cedeu o premio, no valor de 30$005 reis, juntando-lhe ainda mais 500 reis, para ser distribuido aos pobres nas proximas festas do Natal.

Excellente ideia! Que os pobres a agradeçam á generosa creança!

—Vimos a medalha que para commemorar o tricentenario de Camões gravou o habil artista portuense o snr. Molarinho.

E' um trabalho primoroso como todos os que teem sahido das mãos do mesmo auctor, trabalhos que, postos ao lado dos que do mesmo genero produz o estrangeiro, não lhes ficam a dever nada.

Muita força de vontade deve ter em Portugal quem dedique os seus ocios á arte! Aqui nada o convida a sahir do meio vicioso em que a nossa burgueza individualidade atrophia o espirito; não ha amor; não ha vontade; tudo, pelo contrario, faz desanimar o artista.

Quando pois apparecem homens, prodigios antes, porque arrostam com as difficuldades mais invenciveis, homens que conseguem penetrar os additos do templo da arte, onde se recebe a glorificação do genio; quando elles apparecem e alcançam o seu glorioso destino, devemos festejal-os, e nunca será de mais o que em seu favor dissermos.

A medalha do snr. Molarinho apresenta d'um lado o busto do immortal cantor das nossas glorias, circundado da legenda: «Braço ás armas feito, mente ás musas dada», e do outro lado a patria, personificada na figura d'um anjo, e a fama, de pé, sobre o globo, com a divisa: «Se mais mundo houvera lá chegara».

D'esta bellissima medalha tirar-se-hão exemplares em ouro, prata e bronze.

Felicitamos o nosso amigo pelo seu excellente trabalho.

—A sociedade dramatica de amadores Luz e Caridade,— um titulo formoso como a ideia que aggremiou estes rapazes devotados á causa do bello e do bem,— dá hoje no Principe Real espectaculo em favor do cofre da mesma sociedade. Representa-se a opereta *Os sinos de Corneville*. Um arrojo, diante do qual não trepidam, e triumpharão, estamos certos d'isso, os incansaveis e briosos membros d'aquella sociedade.

Actores, coros e orchestra, tudo se compõe d'amadores.

Um bravo, desde já.

ENYGMA

—

Ouço dizer que dou luz,
Que sou peixe ouço dizer;
Sou uma ave com certeza,
Até homem posso ser.

Duarte Junior

—

Explicação da charada do numero 10:—Decifracção.

ZIG-ZAGS

—

ORIGEM DO TE-DEUM DO DIA 1.º DE DEZEMBRO

Nas côrtes reunidas em 20 de janeiro de 1641 apresentaram os procuradores dos povos a el-rei D. João IV varios capitulos ou propostas, sendo a primeira do theor seguinte:

Capitulo 1.º

Pedimos a V. M. que pois a virtude do agradecimento he a de que Deus mais se penhora, para continuar nas mercês o acrescentar nos imperios em reconhecimento da mercê que este Reyno recebeu de poderosa mão de Deus no primeiro de Dezembro de seiscentos e quarenta, em o livrar do captiveiro em que estava; seja V. M. servido mandar ordenar, que no dito dia se faça cada anno sua procissão solemne em todos os logares do reino na forma das mais procissões da obrigação das camaras.

Resposta

Assim o tenho mandado nos logares que convem e vos agradeço a lembrança que n'este particular me fazeis.

—

A AMISADE

—Para que servem os amigos! exclamava um sujeito a quem outro negara cinco tostões que aquelle lhe pedira emprestados.

—Servem para demonstrar, respondeu o outro, que a amisade não vale muitas vezes cinco tostões.

—

PENSAMENTO

A vergonha, diz Terencio, é d'homem livre; o temor é proprio d'escravos.

AURORAS BOREAES

Nas regiões visinhas dos polos, os meteoros luminosos, a que se dá o nome d'auroras boreaes, são, por assim dizer, permanentes e regulares, substituindo de algum modo o sol.

Este phenomeno apresenta quasi sempre o mesmo aspecto. Principiando por jactos brilhantes de luz, logo depois erguem-se a pouco e pouco duas elevadas columnas, cada uma ao seu lado e em uma grande distancia, parecendo subir para o ceo, mudando sempre de côr, e mostrando-se ora amarello e ora verde. Em seguida as duas columnas juntam os cimos em uma grande altura, formando uma immensa abobada de fogo, que subsiste horas inteiras. D'este arco saem jactos de fogo, como foguetes brilhantes, que se vão reunir em um pequeno circulo, o qual forma a coroa, achando-se então este curioso phenomeno no seu maior grao de desenvolvimento.

Em seguida o brilho principia a diminuir; mas é muito vagarosamente que se opéra este movimento de retrocesso.

Nos nossos climas estes meteoros são pouco frequentes e nunca apresentam aspecto tão explendido como nos polos, onde, de duzentos dias, cento e cincoenta teem auroras boreaes.

As auroras, entre nós, parecem ser o resultado de correntes electricas, que partem dos polos para as altas regiões da atmosphera. Então produzem-se, entre a electricidade positiva da atmosphera e a electricidade negativa do globo, descargas, que se desenrolam na forma de pregas, offerecendo á vista um como lençol de fogo, cuja base é vermelha, o meio verde e o resto amarello.

Nas regiões mais proximas do equador a acção do sol separa e mantem separadas as duas electricidades, a da terra e a da atmosphera, impedindo a formação d'essas correntes constantes, qeu se desenvolvem nos polos e dão aos relampagos, ás faiscas e á luz electrica uma extensão, poder e duração incomparaveis.

O phenomeno luminoso das auroras

LAPÕES EM VIAGEM

boreaes é muito commum nas regiões septentrionaes, na Laponia, Noruega, Islandia e Siberia, para cujos povos se traduz em um importante beneficio. Brilhante e immovel durante muitas horas seguidas, allumia-os nas extensas noutes do inverno.

Os lapões aproveitam habilmente o clarão das auroras boreaes para se transportarem d'uns para outros sitios, nos seus trenós, puxados pelas rennas, animaes estes de grande utilidade n'aquellas desoladas regiões.

Ha tambem auroras austraes. São as que se desenvolvem nas regiões do polo do sul.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza litteraria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.° andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 16

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 16 DE DEZEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto:— Os Andes — A cathedral de Colonia — Em Londres — A uma peccadora (poesia) por Ernesto Pires — Ao redor do mundo sem sahir de casa — A' meia noute (conto) — Avignon — Os homens uteis de todos os paizes: — Colbert — A patria (excerpto) pelo conego Alves Mendes — Juramento (poesia) por Casimiro d'Abreu — Os dramas do mar: — Um navio em chammas — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Zig-Zags — Familias d'arvores — O milho no Brazil — O urso — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— Nos Andes — Avignon — Colbert — O urso do norte.

OS ANDES

Os Andes, conhecidos tambem pela designação de Cordilheiras, são uma immensa cadeia de montanhas da America do sul, que se prolongam pela costa occidental desde o cabo Froward até ao isthmo de Darien, comprehendendo uma extensão de cerca de sete mil kilometros. Mas o que ao sul se chama Andes e ao norte Cordilheira, não é, a bem dizer, mais do que uma parte das montanhas Rochosas, que atravessam a America d'um extremo ao outro, desde o estreito de Magalhães até ao de Behring.

A palavra Andes provém do peruviano *antis*, que de per si se deriva de *anta*, que significa cobre. Este nome havia sido dado primitivamente a uma cadeia junto de Cuzco, onde provavelmente havia minas d'aquelle metal.

Esta grande montanha póde dividir-se em diversos ramos: os Andes da Patagonia, chamados tambem *Sierra Nevada de los Andes*, sempre cobertos de neve, e cujo cimo mais elevado, chamado Corcovado, tem d'elevação quatro mil metros e é de constituição geralmente granitica; os Andes do Chili, cujos cimos excedem por toda a parte os limites das neves eternas, e cujo ponto culminante parece attingir seis mil e quatro centos metros. Esta parte da cordilheira contem vinte e seis vulcões em actividade e os valles que a cortam servem de leitos a numerosos lagos, os mais importantes dos quaes são o Villarica, o Nauhalhuapi e o Desaguadero. Os Andes do Chili eram outr'ora riquissimos de metaes preciosos, como ouro, prata, etc.

Os Andes do Peru, conhecidos igualmente pelo nome de Cordilheira real dos Andes, é uma outra ramificação, que de per si forma outras ramificações, uma das quaes vae até ás fronteiras da Colombia. Ha emfim os Andes da Colombia, onde estão situados os elevados pincaros do Chimboraço, do Pichincha, do Cotopaxi, do Antisana e do Cayaba.

Esta parte da cordilheira contem dezoito vulcões em actividade e muitos solfatares' isto é, vulcões apenas apagados.

Desde a viagem de Humboldt considerou-se o Chimboraço como o ponto mais elevado de toda a America; mas um viajante inglez, M. Pentland, reconheceu que o ponto mais elevado dos Andes é o Nevado de Sorata, na cordilheira oriental, pelo decimo quinto grao de latitude sul, e que mede sete mil tresentos e quinze metros d'altura. Depois d'este, os picos mais altos são o Illimani, que tem

NOS ANDES

sete mil tresentos e quinze metros; o vulcão de Gualatieri, sete mil e cem metros; o Acosta, seis mil e sete centos metros; o Chimboraço, seis mil quinhentos e trinta metros.

Os cimos dos Andes estão constantemente cobertos de neve; na fralda, especialmente na região do equador, encontra-se a vegetação dos tropicos; cresce ahi a canna do assucar, as differentes especies de cactus, as plantas oleaginosas, e especialmente a quina, um dos vegetaes mais famosos d'aquella parte da America, e de que ha florestas inteiras nas visinhanças de Quito. Troncos de cedros vermelhos, cyprestes, pinheiros, loureiros, myrtos, assombreiam as vertentes dos Andes. O pinheiro attinge algumas vezes em certas localidades a altura de oitenta e cinco metros, occupando as mais altas regiões; o loureiro é demasiado grosso para construcções e o myrtho fornece excellente madeira para carros.

Além das minas d'ouro e prata, as mais afamadas das quaes são o Potosi e Copiapo, ha nos Andes magnificos jazigos de platina.

Dissemos que abundam os vulcões. Em 1743 teve logar na Nova Granada uma irrupção que havia, dias antes, sido precedida por um arruido terrivel nas concavidades da montanha. Então operou-se uma abertura no cimo d'ella e tres na vertente que a neve cobria. As cinzas, misturadas com a neve e o gelo derretido, foram arrastadas com tal violencia, que cobriram a planicie desde Calhao até Latacunga, e em um momento todo aquelle espaço se tornou um mar, em cujas agoas candentes morreu uma grande parte dos habitantes.

O ribeiro de Latacunga foi o canal por onde as agoas se escoaram; mas como elle não era suficiente para as conter, trasbordaram para o lado das habitações e levaram todas as casas.

Mas isto foi apenas o preludio de uma irrupção ainda mais terrivel, que rebentou no dia 10 de novembro com tal violencia, que todos os habitantes tiveram que deitar a fugir.

Uma parte da provincia foi ainda convulsionada em 1797. Quarenta mil pessoas foram victimas d'um tremor de terra, em seguida ao qual a temperatura de Quito ficou sendo muito mais fria do que em antes o era.

A CATHEDRAL DE COLONIA

(Continuação)

O artista achava-se preocupado com estes pensamentos de orgulho e alegria quando a velha criada se lhe acercou, vestida de negro, e dispondo-se a sahir.

—Onde vaes, vestida de luto? perguntou o artista.

—Vou á egreja dos Santos Apostolos, ouvir uma missa pela remissão de uma alma que está no purgatorio, respondeu ella.

E sahiu.

—Uma missa pela remissão d'uma alma! exclamou o architecto mal se achou só, fechando a janella e atirando-se para cima da cama. Uma missa por uma alma do purgatorio! continuou, derramando adundante pranto. E para mim não haverá missas nem orações que possam redimir-me!... Condemnado para toda a eternidade! Condemnado porque assim o quiz!...

Ainda estava entregue á desesperação que estas palavras indicam, quando a criada voltou da egreja, e esta, observando-o com espanto, perguntou-lhe o que tinha. O architecto não respondeu; mas a boa mulher principiou a orar com tal fervor, que elle, commovido, saltou da cama e tomando-lhe as mãos contou-lhe tudo o que nós referimos.

Imagine-se como a velha ficaria ao ouvir contar as peripecias da entrevista com o velho junto á porta dos Francos!

—Vender a sua alma ao demonio! dizia ella. Mas isso não é possivel. Até esse ponto esqueceria o meu pobre amo os dias da infancia, as orações que eu lhe ensinei e a santa religião de seus paes! Nada! Não póde ser!

A mulher recolheu por um momento o espirito e declarou que era necessario que fosse immediatamente confessar-se.

A principio o artista não respondeu. Chorava como uma creança, sem largar as mãos da boa mulher. Succedia no seu espirito uma lucta desesperada; a imagem d'aquella magnifica cathedral apparecia-lhe diante dos olhos e fascinava-o; desapparecia depois e a lembrança da sua condemnação eterna commovia-o, aniquilava-o.

Não sabendo o que fazer, a criada foi ter com o seu confessor. Contou-lhe o que succedia e o padre entrou de reflectir:

—Uma cathedral que tornaria Colonia a maravilha d'Allemanha e de França! exclamou elle.

—Mas, meu padre... observava a criada.

—Uma cathedral que viriam visitar os peregrinos de todas as partes do mundo! tornava o sacerdote.

Depois de ter meditado muito, o sacerdote entregou um relicario de prata á boa velha e disse-lhe:

—Entregue isto a seu amo: é uma reliquia das onze mil virgens. Quando elle fôr fallar com o diabo, que a leve comsigo. Que procure arrebatar ao diabo o risco da egreja maravilhosa, antes de ter assignado a obrigação, e depois mostre-lhe esta reliquia.

Eram onze horas e meia da noute quando o architecto sahiu de sua casa. A criada, que o havia acompanhado nas orações que elle dirigiu á Virgem, ficou ainda orando. Debaixo da capa, o artista levava escondida a reliquia que devia servir-lhe de salvaguarda. O diabo já o esperava no logar combinado. D'esta vez não vinha disfarçado.

—Nada receies, disse ao artista, que tremia como varas verdes. Approxima-te.

O artista approximou-se.

—Aqui tens o risco da tua cathedral e a obrigação que deves assignar.

O artista comprehendeu que era este o momento fatal, de que dependia a sua sorte. Fazendo uma oração mental, e recommendando-se a Deus, tomou com uma mão o risco da cathedral e com a outra apresentou a reliquia.

—Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo! exclamou elle. Pela virtude d'esta santa reliquia, retira-te, Satanaz! Retira-te!

E, dizendo estas palavras, fazia o signal da cruz com a reliquia.

O diabo permaneceu algum tempo immovel.

—Foi algum padre que te aconselhou! disse elle. Bem vejo que anda aqui velhacaria de padre!

Reflectiu um momento sobre o que deveria fazer. Occorreu-lhe lançar-se sobre o artista, matal-o e recuperar o risco; mas o seu adversario apertava-o contra o peito e cobria-se com a reliquia sagrada, como se esta fosse um escudo.

—Confesso-me vencido! exlamou o diabo. Mas eu me saberei vingar apesar dos teus padres e das tuas reliquias. Esta egreja que tu me roubas nunca se acabará, e, quanto a ti, eu apagarei o teu nome da memoria dos homens. Não te damnarás, architecto da cathedral de Colonia; mas serás esquecido e desconhecido!

Dito isto, o diabo desappareceu.

O architecto ficou vivamente impressionado. Esquecido, e o seu nome desconhecido!

Apesar de ter em seu poder o risco cobiçado, voltou a casa triste e pensativo.

Principiaram os trabalhos da edificação da cathedral.

O artista, vendo adiantar-se o edificio, confiava que as prophecias do diabo não se realisariam. Afim de que o seu nome não ficasse ignorado, propunha-se gravar-o em uma placa de cobre e collocal-a por cima da porta principal. Baldadas esperanças! Sobrevieram renhidas discussões entre o arcebispo e os nobres da cidade e as obras ficaram em meio.

O architecto morreu de repente, e com circunstancias tão extraordinarias, que não faltou quem visse ahi manobra do diabo.

A primeira parte da prophecia d'este realisou-se. O nome do architecto não passou á posteridade. Quanto á segunda parte, porém, o tempo encarregou-se de desmentil-a.

(Continua)

EM LONDRES

—

(Continuação)

O meu guia sorriu e respondeu:

—A origem da fortuna d'aquelle lord tem-a o senhor diante de si. Os seus avós eram senhores dos terrenos que principiam na avenida do Alexandre Hotel e acabam no coração de Londres. Medem tres milhas. Pois bem. Ha noventa e nove annos os velhos Westminster emprasaram esses terrenos com a condição de que os edificios que n'elles se levantassem, passado esse tempo, seriam propriedade dos seus successores.

O contracto acabou ha pouco, e o personagem que eu vira impertigado no seu coche é o unico senhor de todos os edificios que pelo lado do norte alcançam uma area que se perde de vista.

—Mas isso é fabuloso! exclamei eu.

—E', não ha duvida; e se quer conhecer o homem em questão contar-lhe-hei dous rasgos que dão ideia do seu caracter.

—Muito folgarei com ouvil-os.

—Ha tempos, em uma ocasião de crise, o banco de Londres emittiu cinco notas do valor de cem mil libras esterlinas cada uma. Uma d'estas notas foi herdada pelo nosso lord, recebendo os juros correspondentes, que o banco pagava aos seus credores. Mas ha pouco tempo o banco resolveu recolher essas notas e chamou os possuidores para trocal-as a ouro. Lord Westminster não appareceu.

«—Pois não se lhe pagará o juro! exclamou o director do banco.

«—Não importa, disse o lord quando lhe deram esta noticia. Quero ter no meu escriptorio um quadro sem rival.

Effectivamente lord Westminster tem a famosa nota encaixilhada e pendurada na parede, e mostra-a a toda a gente, dizendo:

«—Aqui está o quadro de mais valor que ha no mundo.

E perde o juro d'aquelle grande capital.

—Assombroso! exclamei eu.

—Ainda aqui não pára, disse o meu guia. Vou contar-lhe o outro rasgo do seu genio. Aqui ha tempos lord Westminster entrou no mais afamado armasem de musica da *city* e pediu um exemplar da *Marselheza*. Deram-lh'a, e, levando-a para casa, disse ás filhas:

«—Copiem-a immediatamente.

Uma hora depois voltava ao armasem de musica.

«—Enganei-me, disse. Queria o hymno de Napoleão I.

«—Esse não temos, respondeu o dono do estabelecimento.

Para poupar um schelling tinha feito copiar a musica pelas filhas, enganando o pobre negociante.

—Oh! Mas isso é infame! exclamei indignado.

—Toda a gente sabe d'estes rasgos d'aquelle miseravel milionario. Mas veja. Ahi vae o intimo amigo do lord de quem acabamos de fallar. E' lord Richmond. E' outro typo explendido. Imagine que é o dono da garganta da Malibran.

—Como! Se a Malibran já morreu!

—Não importa. Lord Richmond é dono da sua garganta. Guarda-a como uma reliquia dentro d'um frasco, que é uma maravilha de arte.

—Explique-me essa historia, meu caro amigo.

(Continua)

A UMA PECCADORA

—

Ai! chora mais. O pranto amargurado
Que innunda as faces da miseria, Helena,
Se é um balsamo á dôr que nos condemna,
E' tambem por um Deus abençoado.

Que importa a culpa a quem não é culpado,
Se logo após do crime segue a pena;
Se o remorso terrivel envenena
As illusões fataes d'um condemnado?

São perolas de luz que estás lançando
Dos teus olhos cançados e brilhantes
Pelo choro de dôr que estás chorando!

Chora! D'além, das regiões distantes,
Essas bagas um anjo está guardando
Para fazer estrellas scintillantes.

Ernesto Pires

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XII

BELGICA

A Belgica occupa uma superficie de 29:500 kilometros quadrados, com 5 milhões de habitantes, e tem por limites: ao norte a Hollanda, a leste a Prussia rhenana, ao sul a França e a oeste o mar do Norte.

E' apenas desde 1830 que a Belgica é nação independente. Em virtude de uma revolução separou-se da Hollanda e adoptou uma constituição.

A Belgica, que é pouco extensa, é, proporcionalmente, o paiz mais povoado. Divide-se em nove provincias.

Terreno plaino, excepto nas Ardennas. Clima humido e frio. Solo bem cultivado e fertil, á parte os pantanos da Campina. Sitios pittorescos e rica vegetação, especialmente nas bordas do Mosa e do Dinan, em Maestricht. Numerosos canaes e caminhos de ferro; industria florescente; minas de carvão de pedra, ferro, zinco; pedreiras de marmore, porphydo, etc. A industria agricola consiste na creação de gado, abelhas, bixos da seda e cavallos estimados; a fabril em pannos, rendas, botoaria, sedas, refinação d'assucar, etc.

A capital da Belgica é Bruxellas, cidade elegante de 180:000 habitantes. Encontramos ahi para passear o Parque e os boulevards, e para ver a casa da camara, com a sua alta torre gothica coroada pela estatua collossal de S. Miguel, a cathedral de Santa Gudula e monumentos curiosos, como a estatua collossal de Godofredo de Buillon, o heroe das cruzadas, etc.

Perto de Bruxellas merece a nossa visita a aldeia de Waterloo, onde se deu em 1815 a batalha que eclipsou a estrella de Napoleão, que fulgurara em Austerlitz e Iena e apagou-se de todo em Santa Helena.

Cidades principaes da Belgica: Gand (123:000 h.), praça forte, patria de Carlos V, celebre pela sua universidade e uma bella cathedral; Antuerpia (120:000 h.), cidade forte, porto sobre o Escalda, um dos mais commerciaes da Europa, patria dos pintores Teniers e Van Dyck; Liege (100:000 h.), forte cidadella, minas de hulha, fabricas d'armas e pannos; Bruges (52:000 h.), escolas de cirurgia e pintura; Luvaina (35:000 h.), universidade famosa, numerosas fabricas de cerveja; Malinas (35:000 h.), ponto de juncção dos caminhos de ferro belgas, commercio de rendas; é o unico arcebispado que tem a Belgica; Tournai (30:000 h.), importantes manufacturas; Verviers (30:000 h.), fabricas de pannos muito afamados; Mons (27:000 h.), praça forte, grande exportação de hulha, fabricas de veludos, rendas e algodões; Namur 26:000 h.), cathedral que lembra S. Pedro de Roma, fabricas d'armas; Ypres (18:000 h.), rendas conhecidas pela designação de *ponto de Valenciennes*; Ostende (17:000 h.), banhos do mar e pescarias consideraveis; Charleroi (10:000 h.), lans, sabões, louças estimadas; Arlon (6:000 h.), commercio de ferro e cereaes. Faremos uma pequena visita a Diest, pequena cidade, que tem a pretenção de ter sido o berço da monarchia franceza e a capital do governo de Pharamond e Clodion.

Vejamos ainda Fleurus, Jemmapes, Fontenoy, recordações de victorias alcançadas pelas armas francezas.

(Continua)

Á MEIA NOUTE

CONTO

—

(Continuação)

XI

Houve um grande silencio.

O tio Ignacio não se atrevia a interrogar Miguel sobre o que elle tencio-

nava fazer em vista da noticia de que fôra portador. Porém, como este continuasse a guardar silencio, o ancião não pôde furtar-se a perguntar:

—Miguel, quaes são agora as tuas ideias?

Miguel, que se conservava cabisbaixo, ergueu resolutamente a cabeça, indireitou a parte superior do corpo e disse:

—Bem. Não tornarei mais a ver Maria.

—E' um grande sacrificio que fazes, bem sei; mas não póde deixar de ser. Eu nunca esperei de ti outra cousa. Parte, deixa estes sitios, testemunhas da tua infelicidade, e vae para longe, onde conseguirás esquecer-te completamente d'ella.

—Oh! Pelo contrario, disse Miguel sorrindo, mas sorrindo tristemente.

—Pelo contrario o que? inquiriu Ignacio inquieto.

—Não sahirei mais da aldeia.

—Que dizes, desgraçado!

—Oh! Socegue! Tenha a certeza que não molestarei mais Maria com a minha presença. Pelo contrario...

—Diabos me levem se te eu entendo!

—Quando digo que não sahirei mais da aldeia, mas que não molestarei mais Maria com a minha presença, entende-se que devo deixar d'existir. E' esta a minha resolução. Quero morrer! Devo morrer!

—Infeliz! Que negro pensamento esse!

—E' como lhe digo, e a minha resolução é inabalavel. Já que não posso ser feliz, de que me serve a vida?

—Não digas isso, que offendes o Creador.

—Bem sei. Mas não acha, tio Ignacio, que é o unico meio de livrar-me d'este amor que me torna o mais desgraçado dos homens? Deus bem sabe quanto eu a amava e que era digno d'ella! Deus conhece toda a profundidade da minha dôr em vista de não poder possuil-a! Oh! Elle que é justo, elle que é misericordioso, que é a justiça em pessoa, perdoa-me, porque sabe que não me sería possivel resistir á impetuosidade d'esta paixão que me mata, e que a minha immolação é necessaria para a felicidade de Maria!

—Miguel! Desconheço-te! As tuas fallas não parecem as do pobre rapaz de quem todos nós caçoavamos na aldeia.

—Oh! Eu sou outro. Na cidade aprende-se muito.

—Será verdade?

—Mas de que serve tudo isso? De que me serviu o estudar? Tudo isso o fazia por ella e para ella. Oh! Se eu o soubesse!...

—Não penses mais n'isso. Faze de conta que foi um sonho.

—Sim. Um sonho que teve um horrivel despertar! A realidade está agora bem patente aos meus olhos. Vejo que a vida se me torna impossivel. E'-me impossivel viver sem ella. Morrerei!

—Pobre Miguel!

—Não me lamentem. Foi este o meu destino. Cumpril-o é um dever. Aquelle que tem a força de cumprir o seu destino é um heroe.

—Miguel, as tuas palavras causam-me estranheza. Na verdade não me pareces o mesmo.

—Emfim acabemos com isto.

—Que dizes?

—Tio Ignacio, é a ultima vez que nos vemos. Aquelle sol que além se vae escondendo detraz da crista da serra é o ultimo que me allumia. Esta noute sahirei d'este valle de miserias.

—Esta noute!...

—Sim. Ao dar a meia noute rese pela minha alma. Ter-me-hei lançado á Furna do Diabo!

—A' Furna do Diabo! Ao dar da meia noute! Estás doudo, homem! A tal hora ias tu á Furna do Diabo! Nem ao pino do meio dia, quanto mais á meia noute!

—Verá, tio Ignacio!

—Qual verá, nem qual historia! Isso é que até eu apostava a propria cabeça em como tu não te atrevias a pôr lá os pés. E, além d'isso, atirares-te ao despenhadeiro, abre nuncio! Nem fallar em tal. A' meia noute!... Ora já viram!...

—Urge que eu morra.

—Não morrerás, digo-t'o eu!

—A Furna do Diabo será esta noute a minha sepultura! Eis a minha resolução!

—Qual! Dize isso a outro, que não a mim!

—Digo-lhe que é esta a minha resolução, e pela luz do sol que nos allumia juro-lhe...

—Jura tudo quanto quizeres, Miguel. O que eu juro tambem é que não farás o que dizes!

—Farei.

—Não farás!

—Porque?

—Porque não és capaz d'approximar-te sequer, a uma hora qualquer da noute, da Furna do Diabo. Isso é que não se me dava d'apostar.

—Perdia, tio Ignacio.

—Perdia? Pois nós o veremos.

—Quer dizer que me irá observar?

—Não. Esperar-te-hei á entrada da quelha da Má Sombra. Tenho a certeza, porém, que não nos encontraremos.

—Tenha a certeza que esta noute, ao dar a meia noute, encontremo-nos ou não nos encontremos, o precipicio a que o vulgo ignorante e supersticioso dá o nome de Furna do Diabo, será a minha sepultura.

(Continua)

AVIGNON

AVIGNON

Capital do outr'ora condado d'Avignon, que havia mais de quinhentos annos pertencia aos papas, e foi cedido á França em 1791 pelo papa Pio VI, a cidade do mesmo nome é hoje a capital do departamento do Vaucluse e está situada na margem esquerda do Rhodano, no meio de verdes prados, sob um

ceo que rivalisa em pureza com o da Italia. Avignon sería um logar delicioso se um terrivel vento do noroeste, conhecido n'aquellas regiões pelo nome de *mistral*, não soprasse ás vezes com terrivel furia. Querem alguns auctores que Avignon seja synonimo de ventosa e d'ahi o rifão popular: «Avignon ventosa; sem vento desairosa, com vento horrorosa.»

O mais notavel monumento da antiga cidade papal é o palacio, ou antes castello dos papas, pois sabe-se que Avignon foi no seculo XIV residencia d'alguns papas quando se deu a dessidencia com Roma, de que resultou o schisma.

O palacio é uma verdadeira fortaleza, que domina parte da cidade, e varios papas fizeram ali obras, que duraram desde 1336 até 1370.

A egreja metropolitana de Nossa Senhora dos Doms, ao pé mesmo do castello, é tambem digna de ver-se. A torre é coroada por uma estatua collossal fundida. Repousam n'aquelle templo as cinzas dos papas João XXII e Benedicto XII.

Os outros monumentos são: o museu, o jardim das plantas, a casa da moeda, o theatro, o hospital e a ponte de S. Benezet, cuja construcção a tradicção attribue a um diacono de doze annos, de nome Benezet, o qual viveu no seculo XI e foi canonisado pelo papa Innocencio IV.

D'esta ponte ha apenas ruinas, assim como da muralha que cercava a cidade, a qual a fechava na extensão de cinco kilometros. As trincheiras são hoje bellos passeios.

Pelo que resta da muralha vê-se que á sua construcção não presidiram as indispensaveis regras da arte da guerra, o que não admira por ser obra de padres.

Em Avignon celebraram-se desoito concilios. Os papas que ahi residiram foram sete, a saber: Clemente V, João XXII, Benedicto XII, Clemente VI, Innocencio VI, Urbano V e Gregorio XI.

Avignon tem trinta e sete mil habitantes, cuja industria consiste em fabricas de rendas, fiações de seda e officinas de metaes. Os cereaes e vinhos finos são os principaes artigos de commercio.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

III

COLBERT

Nascido em 1619, Colbert, a quem Luiz XIV foi devedor d'uma parte do esplendor do seu reinado, occupava aos vinte e cinco annos um emprego obscuro no escriptorio d'um dos banqueiros de Mazarino. Este, reparando na sua intelligencia, tomou-o ao seu serviço, fazendo-o seu intendente.

COLBERT

Adivinhando nas suas aptidões os serviços que podia prestar á França, o cardeal recommendou-o á hora da morte a Luiz XIV.

Colbert não deveu a ninguem a sua elevação; só o seu merito lh'a grangeou.

Restabeleceu a ordem nas finanças, que os seus antecessores haviam deixado no estado mais precario; nomeado intendente superior das obras publicas, protegeu as artes; em breve surgiram obras primas de pintura, esculptura, architectura, etc. Fundou a academia das inscripções, a das bellas-letras, a das sciencias, a de architectura; fez prosperar o commercio e a Companhia das Indias, abrir o canal do Languedoc, construir navios; fundou arsenaes, animou a industria, protegendo as fabricas de sedas, de pannos, de metaes, de vidros, de couros, de louça, etc. A sua actividade prodigiosa nada poupou para augmentar a grandeza e prosperidade do paiz.

Em guerra aberta com os fidalgos, não pôde comtudo ganhar as sympathias do povo, que o tinha por auctor dos seus males, quando, pelo contrario, era só o bem do povo que elle procurava, fazendo prosperar o commercio e a industria. A posteridade, porém, soube reconhecer os beneficios que a sua administração não cessou d'espalhar, e considera-o hoje como um dos homens que mais contribuiu para a gloria da sua patria.

Colbert morreu em 1683, quando acabava de ser nomeado ministro das finanças.

A PATRIA

EXCERPTO

—

Patria! Grande vulgaridade, porém vulgaridade sublime, é este dulcissimo nome de patria. Amamol-a com o mais cego e constante dos amores, com o amor proprio. Não sei, que nos prende a esse pedaço de terra, onde vertemos a primeira lagrima e d'onde avistamos a primeira luz. Parece, que dos seus atomos são os nossos ossos, do seu succo é o nosso sangue, do seu calor a nossa vida. Não ha duvida, de que respiramos ar por toda a parte; mas não é aquelle ar que embalou o nosso berço e nos recolheu os primeiros suspiros d'amor. E' certo, que todo o sol é luz; mas não é aquella luz, que beijou a flor das nossas esperanças e nos fez sorrir as mais puras illusões. Sabemos, que todo o mundo é nosso lar, e nossos irmãos todos os homens; mas nenhum lar é como aquelle, onde recebemos a benção de nossas mães, nenhuns homens mais dilectos, do que aquelles homens, que exprimem o pensamento na lingoa sonorissima de nossos paes. E depois de termos percorrido as primeiras nações do mundo; depois de termos visitado as cidades mais celebres e os seus monumentos mais sublimes; depois de termos tratado com os genios eminentes e assistido aos espectaculos

mais assombrosos; depois de termos contemplado um pontifical em S. Pedro de Roma, as ruinas do Colyseu, o pôr do sol na bahia de Napoles, uma erupção do Vesuvio, a festa de côres na Gruta azul, o cemiterio de Piza, uma serenata no grande canal de Veneza, a marmorea cathedral de Milão, uma tempestade no cimo dos Alpes; não encontramos em ponto algum da sociedade, em nenhuma região do espaço, em nenhuma esphera da arte, uma emoção, que possa levemente comparar-se áquellas emoções viçosas e virgens, que nos despertaram os dias da primeira infancia, em que o mundo nos apparecia bello, qual uma flor cheia de mel, sobre cujo calix a alma nos voava, como a mariposa, até lhe beber o nectar de todas as doçuras. Assim, ao deixarmos a patria, parece que deixamos n'ella metade da vida; e toda a viagem, por mais curta que seja, por mais instructiva e alegre que pareça, mesmo no incomparavel jardim da Italia, sería um duro desterro, se ao estendermos a vista para o occidente, nos não lembrassemos, de que em breve volveremos ao meio de nossos compatriotas; de que será ali o nosso tumulo assim como foi o nosso berço; de que as nossas cinzas hão-de misturar-se com as cinzas de nossos paes; porque ellas estariam mais frias e mais despresadas, quando encerradas em sarcophago d'ouro posto em terra estrangeira, do que no seio amoroso do solo natal, ainda que só tivessem por epitaphio a herva dos campos e por asylo a mais humilde sepultura.

Mas o homem não é como o vegetal, que só vive do terreno, onde se lhe embeberam as raizes. A patria não é sómente aquelle ponto querido, em que se nasce. Não é apenas a agoa da fonte, o curso do rio, a verdura do prado, a messe da campina, o chão em que demos os nossos primeiros passos, o ceo aberto a nossas primeiras vistas, o sol formoso de nossos primeiros annos. A patria não está sómente reduzida ás condições physicas do torrão que nos viu nascer, e que, para o nosso coração, tem os mais attrahentes e indiziveis encantos; encantos dos valles, das planicies e das montanhas; encantos das agoas, das flores e das sombras; encantos do ar, do sol e da luz. Todas essas doçuras, que ella nos offerece, mesmo na sua superficie, não passam de reflexos d'alguma cousa mais suave, que nos enlevou logo ao desabrochar da existencia. Se a terra da patria, por mais modesta que seja, vale para nós o universo, é porque é toda de nosso pae, e até no proprio nome nos dá vestigios d'elle. Se a imagem da patria se embelleza á medida que o tempo nos afasta d'ella, e o nosso coração a procura com uma ancia que redobra pela distancia, é porque entre os braços de nossa mãe sentimos caricias e vimos sorrisos, que nunca mais se encontraram. E em todas as recordações que a patria nos envia, e em todas as saudades com que a patria nos persegue, a nossa razão se illumina, e nós conhecemos que o amor da patria é o amor dos amores, porque a amamos com o mesmo amor de nossos paes, e porque comprehendemos n'esse amor toda essa sociedade immensa, que se tem formado, como as terras de alluvião, pelas agglomerações successivas de nossos maiores, trazidas, umas após outras, nas ondas do tempo e espalhadas pela corrente dos seculos no solo bemdito da patria.

CONEGO ALVES MENDES

JURAMENTO

—

Tu dizes, ó Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada
Como has de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento:

Espera... inclina essa fronte...
Assim!... Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado.

—Eu juro sobre estas tranças,
E pelas chammas que lanças
D'esses teus olhos divinos,
Eu juro, minha innocente,
Embalar-te docemente
Ao som dos mais ternos hymnos!

Pelas ondas, pelas flores
Que se estremecem d'amores
Da briza ao sopro lascivo,
Eu juro por minha vida
Deitar-me a teus pés, querida,
Humilde como um captivo!

Pelos lyrios, pelas rosas,
Pelas estrellas formosas,
Pelo sol que brilha agora,
Eu juro dar-te, Maria,
Quarenta beijos por dia,
E dez abraços por hora!

O juramento está feito;
Foi dito c'o a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora, por vida minha,
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

CASIMIRO D'ABREU

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

—

(Continuação)

IX

A DESPEDIDA

O coronel Fearon, que me seguia, continua o major, foi menos feliz do que eu. Depois de balancear suspenso da corda por algum tempo e mergulhar no mar mais d'uma vez; depois de dar umas poucas de pancadas no costado do navio e ser entalado contra a quilha da lancha, perdeu os sentidos e largou a corda. Por fortuna, um dos marinheiros deu fé, e agarrando-o pelos cabellos, tirou-o da agoa.

Quanto ao capitão Cobb, tinha declarado que sería o ultimo a sahir do brigue. Assim, como se tivesse a responder pela vida de todos os individuos que se achavam a bordo do *Kent*, desde o primeiro até ao ultimo, recusava-se abandonar o navio antes de ter empregado quantos meios lhe fossem possiveis para triumphar da irresolução dos poucos homens a quem o medo privara de todas as faculdades.

Todas as suas supplicas, porém, foram inuteis.

Entretanto, como via todas as peças, cujas baterias eram devoradas pelas chammas, cahir no porão e fazerem ahi explosão, reflectiu que uma dedicação mais longa não passaria d'uma loucura, e, lançando um ultimo olhar para o seu navio, disse:

—Adeus, nobre *Kent!* Adeus, meu velho companheiro! Tu merecias uma morte mais digna e mais bella e eu partilharia com gosto a tua sorte se nos tivesse sido necessario ir a pique no meio d'uma victoria! Mas não temos essa felicidade! Adeus, nobre *Kent!* Adeus!

Depois, ao cabo d'alguns segundos de doloroso silencio, tomou a corda de estibordo e deixou-se escorregar por ella, abandonando os desgraçados, que, immoveis, embrutecidos, não ousavam dar um passo nem para diante nem para traz. Deixando-se cahir no mar, o capitão alcançou a lancha a nado.

E, entretanto, apesar da inutilidade das suas supplicas para com elles, o capitão não queria abandonar ainda aquelles corações sem força, que, expondo-se a um perigo maior, não se atreviam a affrontar o perigo menor como os seus companheiros.

Por consequencia resolveu-se deixar de prevenção uma lancha por debaixo da proa, e ali permaneceu em quanto as chammas que entraram de sahir violentamente pela janella da sala do conselho não tornaram impossivel a sua estada ali.

Quando uma hora depois da chega-

da do capitão a bordo do *Cambria*, a lancha chegou tambem por não poder conservar-se mais tempo na posição em que ficara, viu-se com espanto que um só soldado se resolvera a abandonar o brigue.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

IX

ONDE O LEITOR ENCONTRARÁ NOTICIA D'ALGUNS ANTECEDENTES DO VISCONDE

O visconde de Lazan, irmão de Maria e filho do conde do mesmo titulo, protector de Luiz, era um cavalleiro galante que tinha fama de ser um tanto brusco com os homens, mas dado com as damas, e propenso a aventuras e galanterias a despeito do exemplo morigerado e severo dado pelo rei.

Mais d'uma vez os alcaides da côrte tiveram que fazer com o visconde; mas como este tinha bons padrinhos, os alcaides é que ficavam sempre mal e elle ficava bem.

O rei apreciava-o apesar de todos os defeitos que elle tinha e por diversas vezes o reprehendera, mais com a benevolencia d'um pae do que com a severidade d'um juiz.

D. Carlos de Lazan, de quem tinha sido padrinho o rei de Napoles, havia mostrado no campo de batalha que era um valente cavalleiro; mas nos ocios da côrte não podia ter outra occupação além de galantear as damas, desesperar os maridos e sovar as rondas, como elle dizia.

E' escusado dizer que o visconde pertencia á associação dos Cavalleiros do amor.

Tudo quanto elle tinha de elegante e bom moço, tinha-o de estouvado e seductor.

Era rico e derramava o dinheiro ás mãos cheias.

Era joven e procurava com ancia as aventuras.

Era bem appessoado e as damas deixavam-se cahir facilmente na rede que lhes elle tecia.

Era porém galanteador de profissão e as mulheres arrependiam-se em breve quando o faziam senhor do seu coração.

Sem embargo, houve um dia em que o visconde pareceu mudar d'ideias.

Morava junto ao convento das Mercês.

Uma manhã muito cedo, de volta d'uma orgia, lembrou-se d'entrar na egreja. Quatro beatas confessando-se e umas poucas de mulheres murmurando em um grupo, foi o que o visconde encontrou; e, depois de lançar sobre todas ellas um olhar de desdem, ia a sahir quando reparou em uma joven, escondida quasi entre a sombra projectada por um dos pilares que sustentavam a antiga cupula.

A joven trajava de luto, e aquelle vestido negro e as sombras escuras da egreja, davam relevo ás feições admiravelmente bellas do rosto da desconhecida. Attenta ao sacrificio da missa que se estava celebrando, a joven não reparou em D. Carlos, que não se fartava de contemplal-a.

Intima dôr devia sentir aquella joven, porque nos seus olhos brilharam duas lagrimas. Carlos approximou-se d'ella, e ao leve ruido que isto fez a joven ergueu os olhos, tornando a baixal-os immediatamente ao notar a persistencia com que era observada.

Durante o tempo que decorreu até se acabar a missa, os olhares d'um e d'outra encontravam-se de novo, e concluida a missa, ao levantar-se a joven para sahir, o visconde molhou os dedos na agoa benta e offereceu-lh'a.

Ella agradeceu-lhe com uma leve inclinação da cabeça e tocou suavemente com os seus dedos os do cavalleiro.

Sahiram ambos, e a joven tomou uma direcção totalmente opposta á do visconde. Este ficou-se a contemplal-a um momento, e depois de vacillar um pouco, seguiu o seu caminho e foi para casa. Não pôde porem fazel-o sem dirigir um ultimo olhar á desconhecida, murmurando por entre dentes:

—E' lindissima!

No dia seguinte, á mesma hora, o visconde tornou a entrar na egreja e lá encontrou a desconhecida. Acabada que foi a missa, sahiu atraz d'ella, disse-lhe algumas phrases, d'essas que agradam á vaidade de todas as mulheres, e viu-a entrar para uma casa de pobre apparencia, situada na Cava de S. Miguel.

Já era alguma cousa; mas não era tudo o que elle desejava saber a respeito da formosa desconhecida. O que lhe era indispensavel saber era quem ella era e qual o seu modo de vida.

Soube-o facilmente.

Em toda a parte, nas grandes cidades principalmente, ha visinhas lingoareiras que sabem a vida de toda a gente. Foi por uma visinha da joven que Carlos conseguiu saber que era orphã e se chamava Luiza; que seus paes tinham morrido deixando-a quasi na miseria; que velava por ella um rapaz a quem os paes a recommendaram á hora da morte, e que provavelmente o rapaz era seu amante. Pela mesma visinha soube o visconde que com Luiza vivia uma velha que a servia.

Estas informações foram mais que sufficientes para Carlos formar o seu plano de ataque.

O visconde gostava de Luiza e Luiza não desgostava do visconde. A joven estava n'aquella idade em que a alma se abre aos efluvios do amor como a flor matutina abre o calix ao orvalho do ceo. Não tardaram a amar-se.

Luiza permittiu que o visconde fosse a casa d'ella.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

FAMILIA D'ARVORES

Um bosque é um povo de distinctos caracteres. Assim o diz o prologo d'um livro publicado ha pouco; e por certo que nos bosques se offerece ao homem um livro de formosas paginas, ou divague pelos bosques de faias e carvalhos da Allemanha, pelas escuras selvas de abetos da Scandinavia, por entre os magestosos cedros da Asia, sob as pittorescas palmeiras da Africa, ou debaixo das agigantadas arvores da America e da Australia.

Tendo cada arvore a sua physionomia, e uma historia de existencia que n'algumas se torna fabulosa, pois segundo os calculos de Adanson, no Senegal ha-as de 5:150 a 6:000 annos de vida, com 30 pés de diametro, julgamos conveniente fallar d'aquellas que mais chamam a attenção.

As dragoeiras, cyprestes, gomeiras e palmeiras pertencem ás mais velhas, fortes e elevadas da terra; mas entre estas ha-as com uma circumferencia de 102 pés e 65 d'altura media.

Os carvalhos chegam tambem a grande longevidade; os que possue a França em Saintes, departamento do Charente inferior, calcula-se que teem 2:000 annos; no tronco fizeram-lhe um quarto com 12 pés de comprimento por nove de altura, com assentos e janellas. Os yankees foram mais longe, porque estabeleceram nas arvores de maior grandeza da California jogos de bola, bilhares, salões de baile e até theatros.

Que é, porém, tudo isto a par do platano dentro do qual jantou o consul Luciano Muliano com 21 convidados?

No Etna ha um castanheiro que admitte no tronco 100 cavallos.

Entre as palmeiras, planta da mais elegante forma, ha-as de 180 pés de elevação.

—

O MILHO NO BRAZIL

Os indigenas de muitos paizes do litoral do Brazil, fazem grande consumo de milho, ou torrando o grão, ou reduzindo-o a farinha, com a qual fazem um caldo mais ou menos espesso. E' de tal força nutritiva este alimento, que muitos habitantes não comem outra cousa durante mezes successivos, e andam gordos, e até obesos, principalmente no ventre.

O URSO

Ha duas especies d'ursos: o commum, ou que se sustenta de raizes, fructa e herva e só quando a fome o aperta ataca outros animaes e o homem, e o urso do norte, ou feroz, que ataca os caçadores, os guardas de rebanhos, as caravanas de viajantes e os habitantes das aldeias no centro mesmo das povoações.

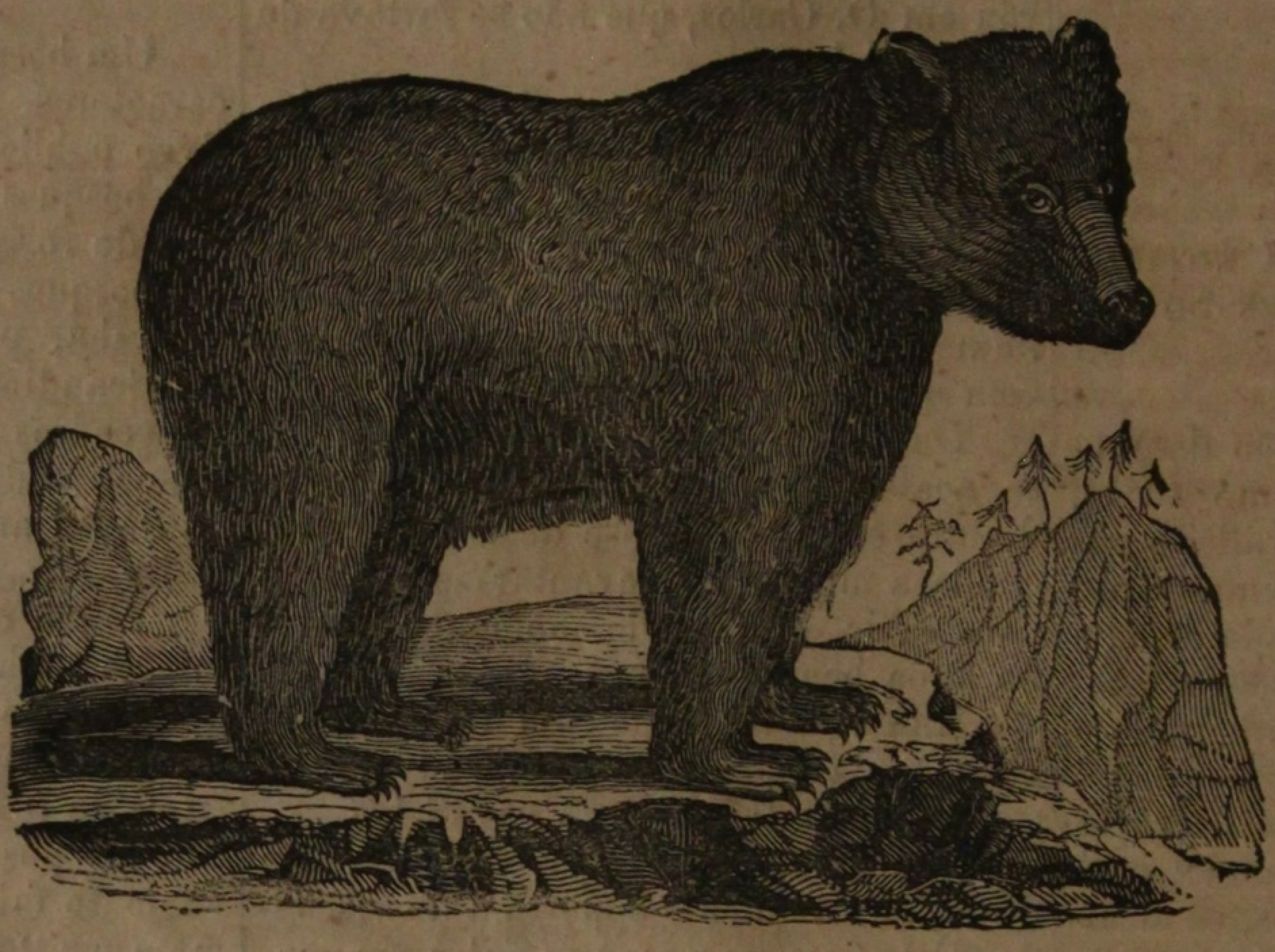
Os ursos vivem nas montanhas mais elevadas ou nas regiões mais proximas dos polos, tanto no antigo como no novo continente, e passam quasi todos os invernos entorpecidos nas cavernas, ou mergulhados em uma funda lethargia no meio do gelo, onde habitualmente residem.

No estio engordam; durante o inverno emmagrecem.

Ha ursos brancos, negros, castanhos, etc. O ultimo é o mais commum na Europa.

O urso lucta pouco mais ou menos como o homem. Apoia-se nas patas trazeiras, lucta com as da frente, bate com o punho cerrado, procura suffocar o adversario nos braços nervosos.

Quando não são atacados é rarissimo o caso em que os ursos se atirem á gente, a menos, como dissemos, que não os aperte a fome. Mas ao sentirem-se feridos, tornam-se furiosos, e batem-se desesperadamente. Affirmam alguns caçadores que o urso defende-se em certas ocasiões atirando pedras ou qualquer outro objecto pesado que encontre á mão. Tambem ha quem diga que cobre as feridas com musgo ou hervas.



O URSO DO NORTE

O urso é pesado e lento nos seus movimentos, excepto quando a agonia ou a fome o atormenta. A gravidade no andar faz com que alguns selvagens da Siberia digam que é um animal de muita sabedoria. Tem o olfato muito desenvolvido, o ouvido fino, o tacto delicado; mas a vista fraca.

Um urso completamente desenvolvido regula por um metro. Ao nascer tem apenas vinte e cinco centimetros; mas cresce rapidamente. Só aos oito dias abre os olhos. A femea tributa uma grande affeição aos filhos.

A caça do urso offerece grande interesse não só ao caçador que corre atraz dos perigos e emmoções fortes, mas para o especulador. A gordura vende-se; na Europa serve para picados e na Tartaria come-se misturada com mel. Um só urso fornece mais de cento e vinte barris de gordura. O presunto d'urso é muito estimado dos entendidos: os chinezes preparam certo prato com os pés do urso. Finalmente a pelle tem grande valor; mas a do urso negro é a mais preciosa.

O modo mais commum de caçar o urso é fazendo-lhe montaria nas florestas, com o auxilio de cães ensinados para a lucta. Como elle é vagaroso nos movimentos, os cães teem tempo de o apanhar. Na Noruega os caçadores servem-se de cães rasteiros, que se mettem surrateiramente por baixo da barriga do urso e o mordem no sitio mais vulneravel.

D'ordinario faz-se-lhe espera; mas é raro derribal-o d'um só golpe, porque tem a pelle muito grossa, o esqueleto vigoroso e os musculos fortissimos. O caçador usa espingarda de dous canos e anda sempre acompanhado d'outro caçador, que o fica esperando a certa distancia. Um assobio surprehende o urso, fazendo-o parar e levantar nas patas trazeiras. E' esse o momento propicio de apontar e desfexar contra a barriga do urso, onde o pello é menos espesso e a pelle menos dura.

O caçador deve ter todo o cuidado em conservar-se immovel; é raro, porém, que o urso se atire ao caçador.

Os kamtschadaes fazem a guerra ao urso com muito encarniçamento. Armados de lança, para o caso de os atacar o urso depois de feridos e antes de terem tempo de disparar segundo tiro, os kamtschadaes acommetem resolutamente os ursos; mas o meio mais facil de os apanhar é em alçapões. Tambem costumam alguns povos embriagal-os com mel e agoardente, o que constitue o modo menos perigoso de os apanhar.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, na Empreza litteraria luso-brazileira, rua da Prata 198, 2.º andar.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 17

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 23 DE DEZEMBRO DE 1880 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Gallileu — Os dramas do mar: — Um navio em chammas — A' Virgem Santissima (poesia) por Anthero do Quental — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Em Londres — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Stromboli, por J. da Silva — Os homens uteis de todos os paizes: — O abbade de L'Epée — A' meia noute (conto) — Adeus (poesia) por Henrique Marinho — A cathedral de Colonia — Os sonhos dos fumadores d'opio — Chronica — Zig-Zags: — O fim d'um traidor — As calamidades — Sabão vegetal — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Gallileu — Vulcão de Stromboli — O abbade de L'Epée — Lapões.

GALLILEU

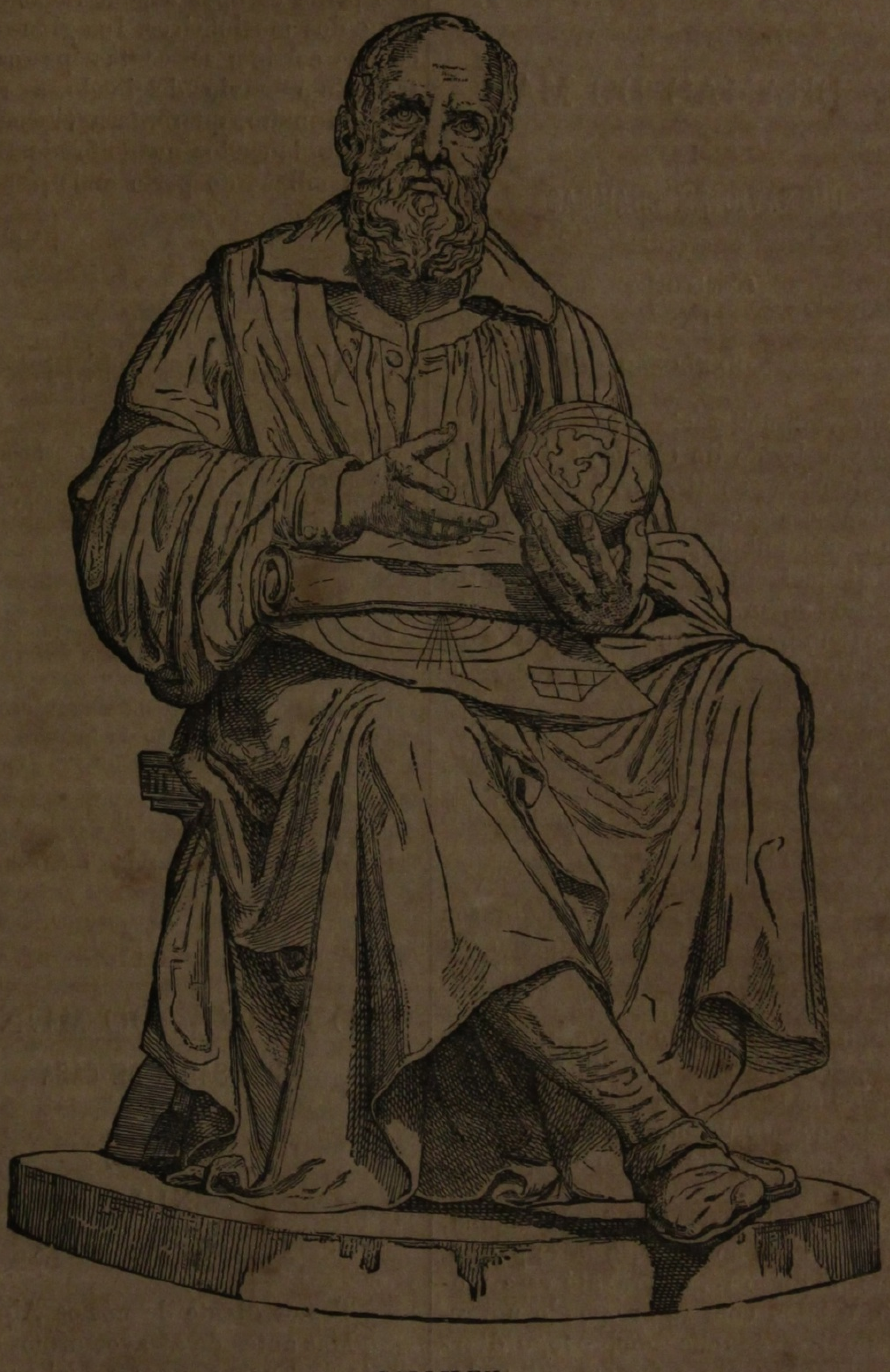
O findar do seculo XVI tornou-se notavel pela grande revolução scientifica que Gallileu iniciou na Italia e Descartes e Bacon continuaram na França e em Inglaterra.

Nascido em Pisa em 1564, d'uma familia nobre, mas pobre, Gallileu estudara a medicina, não por vocação, mas para obedecer á vontade paterna, sem deixar de dedicar todos os seus ocios ao estudo das mathematicas, para as quaes sentia uma inclinação irresistivel, e nas quaes fez tão rapidos progressos que aos vinte e cinco annos foi nomeado professor da universidade de Pisa.

Gallileu justificou o acerto da nomeação com as suas primeiras descobertas, que lhe grangearam uma fama merecida. A republica de Veneza quiz ter no seu seio o sabio professor; mas pouco depois de ter acceitado os offerecimentos do senado veneziano, o grão-duque da Toscana chamou-o para a sua côrte e nomeou-o seu mathematico extraordinario.

Em Veneza, Gallileu professava livremente as suas theorias sobre o mecanismo do mundo, com as quaes se não inquietava o poderoso tribunal dos doges; mas na côrte de Florença não aconteceu assim.

O systema que Gallileu ahi ensinava era o mesmo de Copernico: o sol era o centro fixo do mundo que habitamos, a terra girava ao redor d'aquelle centro, completando cada dia uma volta sobre si mesma. Esta opinião, que em nada destruia a authenticidade e santidade da Biblia, foi tumultuariamente denunciada como uma heresia; o poder do grão-duque da Toscana não pôde subtrahir Gallileu á jurisdicção de Roma e o sabio foi chamado diante do sacro tribunal.



GALLILEU

Gallileu intentou conjurar a tempestade publicando uma carta dirigida ao grão-duque da Toscana, na qual procurava evidenciar theologicamente e por meio de rasões tiradas dos livros santos que as expressões das Escripturas podiam conciliar-se com as suas descobertas ácerca da constituição do universo. Desde logo, porém, os inimigos do sabio o apontaram como heretico, e

não houve meio d'impedir a formação de uma especie de concilio, composto de theologos nomeados pelo papa, e o qual, depois de largos debates, decidiu que «sustentar que o sol, immovel e sem movimento local, occupa o centro do mundo, é uma proposição absurda, falsa em philosophia, e formalmente heretica, porque é contraria ás Santas Escripturas; é igualmente absurdo e falso em philosophia dizer que a terra não está immovel no centro do mundo, e esta proposição, considerada theologicamente, é pelo menos erronea na fé.» São estas as proprias palavras da sentença.

(Continua)

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

—

(Continuação)

IX

A EXPLOSÃO

Cousa difficil sería dizer o que se passava a bordo do *Cambria* á medida que as lanchas, ao atracar, annunciavam ás viuvas e aos orphãos a morte dos que tinham succumbido, ou ás mulheres e filhos d'aquelles a quem Deus permittira que vivessem.

Mas em breve tudo cessou: a dôr e a alegria parou diante do espectaculo que apresentava o *Kent*.

Depois da chegada da ultima lancha a bordo, as chammas que tinham alcançado o tombadilho alto e a coberta, subiram com a rapidez do relampago pelos mastros acima.

Todo o navio apresentou então a vista d'uma immensa fogueira, que abrasou o ceo e allumiava como em pleno dia tudo quanto estava a bordo do *Cambria*, homens e cousas.

As bandeiras de soccorro, içadas de manhã, continuavam a fluctuar no meio das chammas e não cessaram de avistar-se em quanto os mastros, presas das chammas, não abateram com espantoso ruido.

Emfim, pela hora e meia da manhã, o fogo chegou ao paiol, e a explosão, que um prodigio retardara até esse momento, estalou com furor, pondo um remate terrivel áquelle funebre fogo d'artificio, que destruiu e fez em mil pedaços um dos mais lindos navios da Inglaterra.

Depois calou-se tudo e o mar satisfeito voltou ao silencio e á obscuridade.

Fallemos agora do *Cambria*.

Este navio, que, conforme já dissemos, era um pequeno brigue de duzentas toneladas, com destino a Vera Cruz, sob o commando do capitão Cook, com oito homens de tripulação e levando como passageiros trinta mineiros de Cornouailles e alguns empregados da Companhia anglo-mexicana, achara-se, na manhã do desastre, a uma grande distancia por sotavento, no caminho mesmo do *Kent*.

Sabe-se de que modo o capitão Cook deu agasalho aos naufragos. Mas convem dizer que os marinheiros e os passageiros fizeram prodigios para recolher aquelles desgraçados, tomando uns pelos cabellos, outros pelos vestidos, quando a lancha chegava a atracar, conduzindo os naufragos. Não deixaremos de dizer que a agglomeração de tanta gente em um navio tão pequeno era um perigo, que não podia escapar á penetração do capitão e dos marinheiros. Imagine-se o risco que corriam seiscentas pessoas dentro d'um navio destinado a receber, quando muito, quarenta a cincoenta homens, e lançados no golfo de Biscaya, a cem milhas do porto mais proximo.

(Continua)

A' VIRGEM SANTISSIMA

—

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

ANTHERO DO QUENTAL

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XIII

ATRAVÉS DOS ALPES

Temos diante de nós os Alpes.

Mas antes de atravessarmos esse gigante da Europa, para o qual nos dirigimos com o fim de percorrer os variados paizes como nos propuzemos, e em que o leitor nos tem feito a honra d'acompanhar-nos *in mente*, encontramos logo ao sahir da Belgica e confinando com esta e com a Hollanda, o grão-ducado de Luxemburgo, paiz neutro como a Belgica que acabamos d'atravessar.

O Limburgo e o Luxemburgo hollandez, territorio que tem cerca de 2:600 kilometros quadrados e 200:000 habitantes, já não fazem parte da Confederação germanica, a qual cessou d'existir em 1866, ficando por consequencia livres. O Luxemburgo forma actualmente um grão-ducado, sob a dominação do rei da Hollanda, mas inteiramente separado do reino quanto a governo, finanças e exercito.

A capital é Luxemburgo, cidade de 14:000 habitantes e cujas fortificações foram demolidas em 1867.

Passamos agora por Thionville, cidade de 8:000 habitantes, Metz (55:000 h.), os Vosges, departamento que conta 400:000 habitantes, Strasburgo (90:000 h.), cidade notavel, praça de guerra de primeira classe, celebre pela sua magnifica cathedral e pela universidade; encontramos mais de passagem Colmar, cidade de 24:000 habitantes, Altkirch (4:000 h.), emfim Mulhusa, cidade de 60:000 habitantes. Todas estas cidades foram cedidas pela França á Allemanha em resultado da guerra franco-prussiana.

Um francez derramaria lagrimas ao atravessar em seguida a Alsacia-Lorena, provincia outr'ora franceza, formada do alto Rheno e do baixo Rheno, e cedida igualmente á Allemanha, á excepção da fortaleza de Belfort e seu territorio, que comprehende seis cantões e 106 communas, com um total de 56:000 habitantes.

Attingimos emfim o Jura, achamonos diante do lago de Genebra; alvejá na nossa frente o Monte Branco. Eis os Alpes.

Os Alpes, como o leitor sabe, é esse grande systema de montanhas que demoram entre a França, a Italia e a Allemanha. Os seus cimos, os mais altos da Europa, o Monte Branco, o Rosa, o Cervino, o Combino e o Gigante, são porém menos elevados do que os da Asia e da America. Do mar de gelo, immensa geleira d'essa cadeia, derivam-se o Rheno, o Rhodano, o Pó, etc.

Uma soberba estrada, através do Simplon, liga Turin com o valle de Chamounix, e por um tunel de trese kilometros, aberto ha pouco tempo no monte Cenis, a França dá a mão á Italia.

Annibal, Carlos Magno, Bonaparte e os seus exercitos deixaram através dos Alpes uma lembrança que nunca se apagará; mas o que fez a caridade christã é mais duradouro: sobre os alvos cimos dos Alpes fundou-se, ha dez seculos, um hospicio, no qual os humildes discipulos de S. Bernardo, nome dado pelo fundador do hospicio, Bernardo de Menton, auxiliados pelo instincto de bons cães, se dedicam á salvação dos viajantes perdidos. O hospicio, situado a uma altura de 2:430 metros, é a habitação mais alta da Europa.

A Saboya e a Suissa, contempladas do alto dos Alpes, offerecem um espectaculo grandioso. No meio de torrentes impetuosas, uma cascata desce do alto

dos penhascos e some-se no meio d'um grupo de pinheiros selvagens; veredas estreitas e tortuosas costeam vastos abysmos, atravessados por frageis pontes de madeira.

(Continua)

EM LONDRES

—

(Conclusão)

—Estando em Napoles a celebre artista, disse o meu guia, apresentou-se em casa d'ella lord Richmond. A Malibran, casualmente, estava de bom humor, talvez em rasão do triumpho immenso que havia alcançado na noute anterior. O lord fez-se annunciar pela criada e foi recebido immediatamente. A famosa cantora fel-o tomar assento e perguntou-lhe a que devia a honra da visita.

«—Senhora, respondeu o lord, a noute passada ouvi-a cantar em S. Carlos e a sua magnifica voz ainda está vibrando no meu coração.

«— Vejo que é um galanteador...

«—Não, senhora. Venho pedir-lhe um grande favor, um favor que me tornará feliz para toda a vida.

«—Vejamos que favor é.

«—Quer vender-me a sua garganta? perguntou o lord com a seriedade d'uma estatua.

«—O senhor enlouqueceu! exclamou a cantora soltando uma gargalhada.

«—Oh! Pelo contrario! A minha pergunta é filha d'uma demorada reflexão.

«—Mas para eu entregar a minha garganta teria que fazel-o dono de toda a minha pessoa, e previno-o de que não posso dispor de mim.

«—Eu não quero essa preciosa garganta senão depois de a senhora morrer. Dou-lhe por ella quinhentos mil francos.

«—E se o senhor morrer em antes?

«—Os meus herdeiros reclamarão.

A Malibran ficou por um momento pensativa.

«—Vem propor-me um negocio muito exquisito, disse por fim. Que farei eu no dia da resurreição geral sem garganta?

«—Oh! Nada receie. Eu a conservarei, respondeu com enthusiasmo o inglez. No meu testamento desherdarei aquelle de meus descendentes que não a guarde até ao dia do juizo.

«—Sendo assim, estamos tratados.

E o negocio ficou concluido; assignou-se o contracto e o lord pagou o meio milhão de francos, que representa a enorme somma de noventa contos de reis em moeda portugueza.

—E' exacto, respondi eu.

Um anno depois de feito este contracto, a Malibran morria e lord Richmond apresentou-se a reclamar a garganta que havia pago. Tiraram-a á defunta, e o lord levou-a para casa e tem-a guardada em um frasco, coberto com uma rede de fios d'ouro e salpicada de pedras preciosas.

Ahi tem o leitor o que o meu guia me contou em quanto passeavamos no mais aristocratico passeio de Londres. D'ahi a pouco sahiamos do parque.

—Vamos agora, disse eu, visitar um pouco a City.

D'ahi a um momento entravamos na estação do *Metropolitan-Railway*, isto é, do caminho de ferro subterraneo que cruza pela parte debaixo as ruas de Londres.

As carruagens são illuminadas a gaz, e de onde em onde ha nas paredes grandes respiradouros.

Subi a uma carruagem, e em breve um assobio agudo me annunciou que iamos partir.

Reparei n'esse momento em que ao pé de mim ia uma dama loura e na minha frente uma velha frescalhuda, que fallava pelos cotovellos, e um allemão mais secco do que uma mumia do Egypto.

—Oh! Eu adoro as artistas! dizia a velha. E o senhor? perguntou dirigindo-se a mim com este exabrupto.

—Conforme, senhora, respondi eu. Quando uma artista me faz recordar a Venus de Ticiano ou a noute de Pollet, então...

—Não é isso que lhe pergunto! interrompeu a velha em quanto a minha visinha sorria. Eu, por exemplo, adoro a Patti e detesto essa allemã Lucca, que tanto applaudem em Berlin e que, sem embargo, é velha e feia e canta como uma cana rachada.

Aqui o allemão secco olhou com olhos espantados a velha, em quanto a minha visinha se ruborisava.

—Porque me olha d'esse modo? disse a velha ao allemão. Talvez pense que a Lucca valle mais do que a Patti.

—Senhora, respondeu o allemão impassivel, pergunte-o á propria senhora Lucca, que está sentada na sua frente.

Não pude deixar de soltar uma gargalhada, encarando a minha linda visinha. Mas a velha exclamou furiosa:

—Oh! Não sou eu que tenho a culpa de haver acreditado que a senhora Lucca era uma velha sem talento. O culpado é o velhaco do folhetinista da *Gazeta de Voss*, que se propoz desacreditar esta senhora.

A cantora encolheu os hombros, e a velha, fitando-a, continuou:

—Não é verdade, senhora, que a culpa é d'esse miseravel rabiscador?

—Pergunte-o a elle mesmo, que o tem a seu lado, respondeu singelamente a Lucca.

O allemão magro era o folhetinista alludido.

O leitor póde imaginar quanto me deleitaria esta scena.

Em quanto á velha falladora, declarou-se desmaiada até á primeira estação, e ali mudou de carruagem, envolvendo á sahida todos os seus ex-companheiros em um olhar incendido de colera.

Ahi tem o leitor uma pagina arrancada á minha carteira de viajante.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

IX

ONDE O LEITOR ENCONTRARÁ NOTICIA D'ALGUNS ANTECEDENTES DO VISCONDE

(Continuação)

Antonio, o irmão adoptivo de Luiza, era esculptor.

Muitos annos antes d'estes successos, na casa junto á de Luiza, vivia uma familia composta de dous casados e um filho.

O pae era um militar antigo, coberto d'honrosas cicatrizes, que não lhe serviam senão para morrer de fome e gemer de suas molestias.

A pequena pensão que recebia não lhe chegava para as necessidades, e D. Antonio Gil de Mesa era demasiado altivo para pedir cousa alguma aos seus amigos ou parentes. E comtudo era aparentado com as melhores familias de Hespanha.

O pae d'Antonio tinha casado com uma mulher pobre, mas filha de familia honesta e nobre, e os seus parentes nunca lhe perdoaram tal crime, que outra cousa não sabiam considerar aquella grandeza d'alma.

A mãe d'Antonio e a de Luiza tornaram-se em breve muito amigas, e com os paes não tardou a acontecer a mesma cousa. Quanto aos filhos, muito tempo havia já que o eram.

Assim passaram annos.

Morreram os paes d'Antonio, e este, que já era esculptor e começava a gosar de certa nomeada, continuou a viver na mesma casa ao pé d'aquella em que vivia Luiza.

Antonio não podia olvidar a affeição da sua infancia. Pelo contrario, ao mudar de nome cresceu em intensidade. Amava Luiza como creança; depois apaixonou-se d'ella como homem.

Morreram a seu turno os paes de Luiza, e sua mãe, que foi a ultima a desapparecer d'este valle de lagrimas, recommendou-a á hora da morte ao artista, unica pessoa em quem tinha confiança.

Antonio mandou para casa de Luiza uma mulher idosa para lhe servir de criada.

E o seu amor crescia de ponto. Só esperava que passasse o tempo do luto para offerecer áquella que amava a sua mão e a sua posição. O destino, porém, ordenara o contrario.

O leitor sabe do encontro de Luiza com o visconde de Lazan.

Antonio notou n'ella alguma mudança, e não pôde deixar de estremecer. Observou-a com mais attenção e reconheceu que o seu coração andava preoccupado. Dias depois sabia tudo.

O visconde foi a casa de Luiza, que declarou a seu irmão com que fim o visconde a visitava.

O que o esculptor soffreu não se póde descrever; mas ao cabo d'uma grande lucta intima, decidiu que devia sacrificar-se pela felicidade da mulher que tanto amara.

O que porém resolveu tambem foi observar para saber o que devia fazer. Não tardou a convencer-se de que o visconde não casava com Luiza e isso o decidiu a intervir. Uma noute esperou o visconde ao sahir de casa da sua amada, e interrogou-o sem rebuço.

O visconde declarou que pensava casar-se com Luiza; mas Antonio, que conhecia os homens, não viu na resposta a sinceridade que desejava, e ameaçou o visconde no caso de esquecer a sua promessa e illudir as esperanças da pobre Luiza, prohibindo-lhe que a esta dissesse uma só palavra ácerca da entrevista.

Mas o visconde fez o contrario.

Era valente; mas intimidou-se diante da attitude energica do joven.

Luiza era mulher; amava o visconde com a sua primeira, a sua unica paixão. Por tanto magoou-a a scena passada entre os dous jovens.

O visconde disse-lhe que tratasse de afastar de sua casa aquelle homem que a compromettia; ella, que não tinha vontade que não fosse a do amante, dispoz-se a comprazer-lhe.

O esculptor não soltou uma queixa sequer quando a joven lhe manifestou com mil rodeios a vontade que tinha de elle a não visitasse mais, e, comprehendendo d'onde lhe vinha o golpe profundo, quiz completar o sacrificio a que se impuzera. No dia seguinte, quasi com as lagrimas nos olhos, Antonio despediu-se d'aquella casa em que tão felizes decorreram os dias da sua infancia.

Carlos conseguira o seu intento. Livre do seu protector, Luiza era sua. A victoria antolhou-se-lhe desde logo facil.

VULCÃO DE STROMBOLI

O fidalgo não queria senão acrescentar mais uma conquista ao longo catalogo das que já havia feito. E conseguiu-o. Luiza não teve forças para livrar-se do laço que o libertino lhe armou.

Depois passaram dias, aos dias succederam semanas, e o visconde entrou de frequentar menos a casa de Luiza, até que emfim não voltou mais.

Luiza chorou amargamente.

Antonio foi vel-a, e n'aquelles olhos humidos adivinhou tudo.

Rugindo de colera e de desesperação, dirigiu-se a casa do visconde e soube que havia dez dias que estava fóra da terra.

Luiza era mãe.

Antonio correu a casa da infeliz. Nem ella nem o filho necessitavam nada.

Dos labios do artista não sahiu uma censura. Mas tambem não esqueceu a ameaça que fizera ao visconde, e n'outra parte vimos o modo como a realisou.

(Continua)

STROMBOLI

A ilha de Stromboli é a mais septentrional das Liparis, situadas no mar Tyrreno, ao norte da Sicilia e pertencentes ao reino d'Italia. Forma parte da provincia e districto de Messina, e um braço de mar, de cerca de doze kilometros de largura, separa-a da ilha Panaria. Não tem mais de oito kilometros de leste a oeste e seis de norte a sul.

E' a ilha de formação inteiramente vulcanica; não passa d'um pico, que irrompe a prumo do seio das ondas, e cuja altura é de seiscentos e cincoenta metros.

A cratera, que arde sem interrupção, expelle continuamente chammas, que se avistam de noute em uma grande distancia, o que faz com que os maritimos lhe deem o nome de *fanal do Mediterraneo*.

O Stromboli tem uma cousa notavel: é que as irrupções não teem intermittencias; as explosões succedem-se umas ás outras com toda a regularidade e a sua duração é sempre igual. Durante a nou-

te o grande numero de pedras inflammadas que a cratera expelle para o ar lança uma luz muito intensa sobre toda a ilha e uma grande extensão do mar. Quando as pedras chegam a terra, a illuminação parece cessar até ao momento de uma nova explosão produzir outra illuminação similhante.

A cratera de Stromboli differe da dos outros vulcões, do Etna e do Vesuvio por exemplo, em estar situada, não no alto, mas na vertente da montanha, a cousa de metade da costa. Desde a cratera até ao mar o solo da ilha está coberto de materias em fusão, cinzas e lavas, como no Vesuvio; o resto apresenta sitios cultivaveis e até ferteis. Antigamente havia ali grandes plantações d'algodão; mas esta cultura desappareceu, tendo-lhe succedido vinhedos, que pouco produzem.

Ao sul, a pequena distancia da costa, ergue-se um rochedo que parece composto inteiramente de lava e não tem menos de vinte metros d'altura.

A costa, muito aberta e escarpada, offerece ao norte uma planicie muito fertil de vinhos e fructas: é ali que demora a aldeia d'Inostra, que conta mil habitantes e faz consistir os seus principaes ramos de commercio em enxofre, pedra pomes, vinhos e fructas.

As uvas seccam-as e exportam-as em estado de passas, e não são inferiores ás de Corintho.

Os habitantes da ilha são activos e industriosos, e ha entre elles muito bons marinheiros.

A capital da ilha é Lipari.

J. DA SILVA

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

IV

O ABBADE DE L'EPÉE

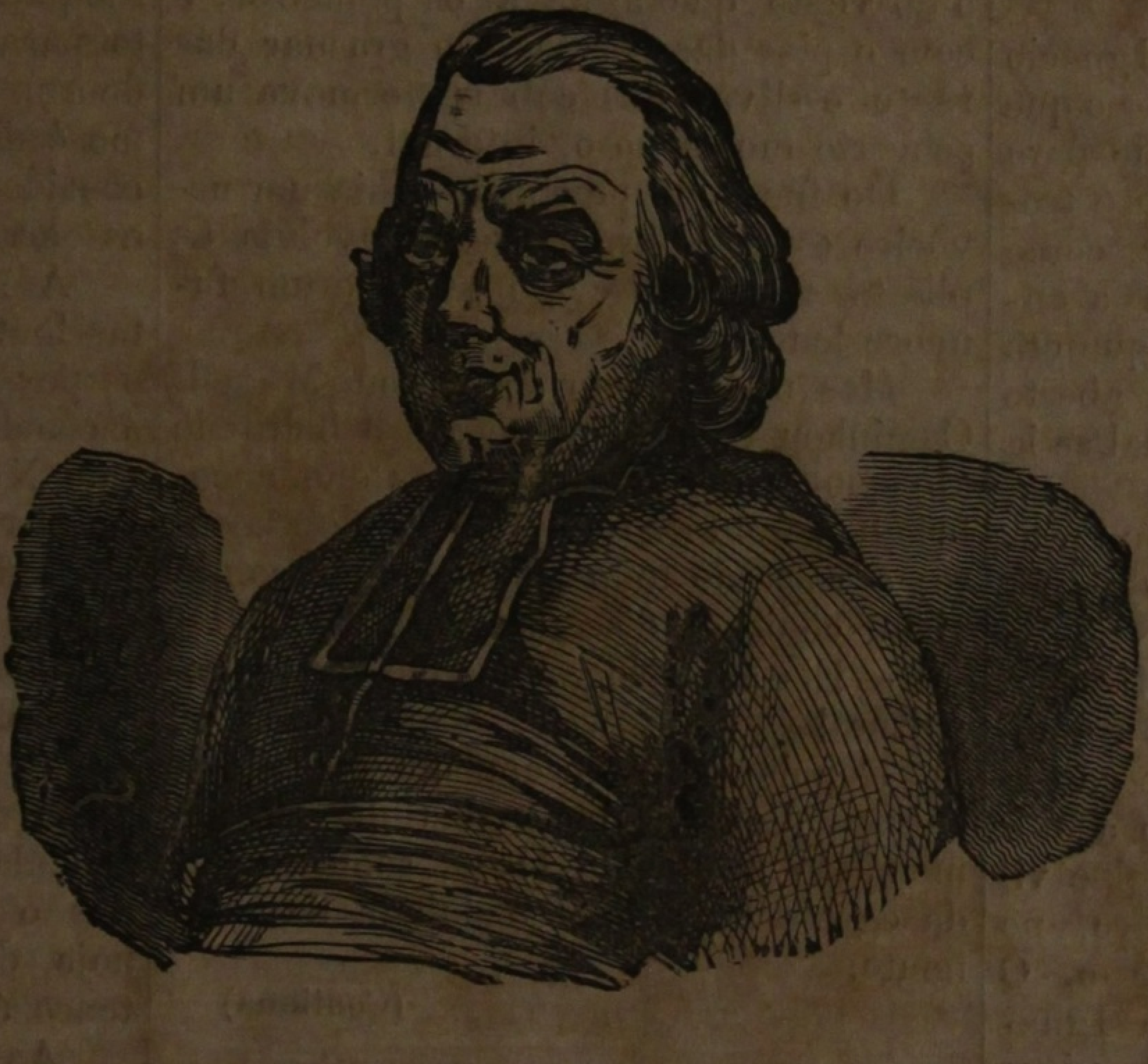
Desde o seculo XV fizeram-se tentativas para dar aos surdos-mudos alguns elementos d'instrucção por meio das combinações infinitas que os movimentos dos dedos podem produzir; mas, privada dos meios d'acção que a indifferença lhe negava, esta generosa ideia definhou incompleta durante mais de duzentos annos.

Espirito methodico, quão engenhoso nas suas concepções, o abbade de L'Epée appareceu a prestar o seu concurso áquella ideia humanitaria. Aproveitando os signaes conhecidos, accrescentou outros, estabelecendo entre elles relações simples e regulares, e fundando sobre bases solidas a arte de comprehender e ser comprehendido que tanta falta fazia aos infelizes que a natureza privara do uso da falla e do ouvido.

A caridade dos seus concidadãos forneceu ao abbade de L'Epée os meios de crear a escola especial dos surdos-mudos.

Inventor d'uma arte tão util á sociedade, o engenhoso professor foi ao mesmo tempo o promotor mais zeloso da sua vulgarisação, e a sua sollicitude não se limitou aos surdos-mudos que a França contava; tornou-se o apostolo dos irmãos d'infortunio d'esses desditosos, qualquer que fosse a sua patria, e, para melhor conseguir os seus fins, levou a dedicação a estudar diversas lingoas estrangeiras.

«Oxalá, dizia elle, que as differentes nações abram os olhos ás vantagens que tirariam do estabelecimento d'uma escola de surdos-mudos! Offereço-lhes os meus serviços com a unica condição de não receber recompensa alguma, seja de que natureza fôr.»



ABBADE DE L'EPÉE

Nascido em Versailles em 1712, o abbade de L'Epée era conego da cathedral de Troyes, e todo o rendimento d'este beneficio o empregou na sua obra de caridade, ajudado ainda assim por alguns generosos bemfeitores, á frente dos quaes se deve contar o duque de Penthievre.

L'Epée, contam os seus biographos, vivia no meio dos seus discipulos como um pae no meio de seus filhos. Andava mal trajado, ás vezes com a roupa rota; mas aos pobres surdos-mudos nada faltava; andavam bem vestidos e eram perfeitamente alimentados.

A grande Catharina da Russia mandou-lhe presentes valiosos; o abbade devolveu-lh'os dizendo que andaria melhor se lhe mandasse algum surdo-mudo do seu paiz.

Ha de acreditar-se que L'Epée nunca pôde obter do governo francez a adopção da sua obra? Foi seu discipulo, o abbade de Sicard, de quem a seu tempo fallaremos, que teve a gloria de ver prosperar uma ideia, de que não foi mais do que o continuador.

O abbade de L'Epée falleceu em 1789.

Á MEIA NOUTE

CONTO

—

(Continuação)

XII

Estava a aldeia situada na aba do monte, que do lado do nascente a abrigava do vento gelado que no inverno desce á planicie e cresta toda a vegetação por sobre a qual passa.

O monte tinha uma côr negra; era como uma agglomeração de penhascos rudes, informes, sombrios, denunciando uma d'essas convulsões por que a terra tem passado em epocas mais ou menos compassadas e cujos vestigios ainda estão patentes em diversos pontos do paiz.

Contemporaneo provavelmente da revolução geologica que atirou para a superficie da terra com aquelles penedos negros, tisnados, que denotavam a sua formação vulcanica, era o precipicio, a especie de barranco, ou brecha natural, a que na aldeia se dava o nome de Furna do Diabo.

Ahi os penedos formavam cavernas, onde habitavam reptis nojentos, que por alta noute se faziam annunciar por meio de silvos agudos, que, casados com o vento que fazia vergar as franças dos pinheiros, pareciam gemidos d'almas penadas.

Na aldeia reinava um terror supersticioso ácerca d'este logar selvagem, e não haveria no mundo riqueza cuja promessa animasse qualquer homem a ir de noute até á beira do precipicio, onde diziam que o diabo apparecia á meia noute na forma de lobis-homem, e reunido ás feiticeiras que accorriam dos pinheiraes proximos, encarnadas em gatos pellados, iam todos correr mundo, deleitando-se em praticar as malfeitorias a que a enfermiça humanidade está sujeita. De ahi os maus olhados, os maus ares, as molestias emfim que a crendice popular ainda hoje conserva nos seus archivos legendarios, e que não são senão obras do diabo.

Em pontos de crendice, os simples habitantes da aldeia de que temos falla-

do eram de uma marca descommunal.

E não fosse lá ninguem querer desenganal-os e mostrar-lhes o seu erro, a sua ignorancia, a loucura das suas crenças supersticiosas. Nem á mão de Deus Padre havia convencel-os, e feliz d'aquelle que lograsse sahir d'ali sem que as suas preciosas costellas tivessem travado relações intimas com os cerquinhos dos mais alentados mocetões da freguezia.

XIII

Pelo que deixamos dito, o leitor comprehende perfeitamente a admiração do tio Ignacio quando o desventurado do Miguel lhe manifestou a intenção de ir lançar-se á Furna do Diabo ao dar da meia noute.

Elle, o pobre diabo, o espirito mais obsecada d'aquellas redondezas, aquelle á quem todos tratavam d'idiota, ir a tal sitio á meia noute! Era isto cousa que alguem esperasse d'elle? Poder-se-ia tomar a serio similhante ameaça?

Tão convencido ficou o tio Ignacio de que elle não era capaz de fazer o que dizia, que se foi muito descansado para sua casa, e deitou-se, persignando-se tres vezes, sem sequer se lembrar d'ir, como promettera, esperar Miguel para a entrada da quelha da Má Sombra, que era uma especie de corredor estreito, aberto no meio da rocha viva, e pela qual se ia para a Furna do Diabo.

A noute estava escura como um prego, e ás oito horas dormia tudo na aldeia.

Só uma pessoa velava: era Miguel.

O infeliz não podia dominar a emoção que a sua triste situação lhe causava. Onde encontrar consolação á dôr que lhe alanceava a alma? O golpe vibrado no seu amor, no primeiro, no unico amor que sentira, aniquilara-o. O coração despedaçara-lh'o o tio Ignacio com a fatal nova. Não podia viver sem Maria. Fôra ella a companheira da sua infancia; devia ser igualmente a companheira da sua decrepitude.

E o pobre rapaz preferia a morte, e estava decidido a morrer visto não poder ser feliz. Renunciar ao amor de Maria era para elle renunciar á vida.

Quando no relogio da egreja matriz deram as onze horas da noute, Miguel, que se conservara mais de quatro horas mudo, extactico, com os olhos estupidamente fixos nos pinheiros que lhe ficavam fronteiros, testemunhas impassiveis d'uma grande dôr e d'uma immensa desventura, levantou-se e disse:

—Vamos. Cumpra-se o meu destino!

E entrou de caminhar apressadamente para a quelha da Má Sombra.

Quando lá chegou, lembrou-se da promessa que o tio Ignacio lhe fizera de o esperar ahi, e não pôde deixar de dizer:

—Qual vieste, meu velho estupido! Eu bem o sabia.

E, ao entranhar-se pela quelha abaixo, foi dizendo comsigo:

—E a mim é que me chamavam idiota! Oh! Como esta gente está enganada comigo! Eu já não sou o mesmo. E ella? Oh! Se ella me visse n'este momento!... Mas que é isto, que vale este sacrificio á vista do que eu faria para possuil-a?...

XIV

Andando sempre, e fazendo mentalmente as reflexões que acabamos d'esboçar, Miguel achou-se diante do medonho abysmo.

Não ha côres que pintem o espectáculo que o sitio apresentava n'esse momento.

Os penhascos escarpados, envoltos nas sombras da noute, pareciam phantasmas horrendos, a que o sussurro das agoas que no fundo corriam parecia dar voz; e esse murmurio, confundido com o do vento que agitava os pinheiros, e com o piar das corujas e o grasnar das rãs e o silvar das cobras, formava um concerto monstruoso, infernal.

Do fundo do precipicio sahia um nevoeiro espesso, branco, que envolvia as plantas rasteiras, como se fosse um funebre lençol.

Mas nada d'isto intimidou Miguel. Caminhou resolutamente até á beira do abysmo, separou as giestas que encobriam o fundo do precipicio e debruçou-se, abraçando todo aquelle logar com a vista, como se dissesse:

—Eis ahi o logar que me vae ser sepultura!

Depois sentou-se em um penedo e entrou d'orar. Mas mal tinha encommendado a alma a Deus, soou no sino da egreja a primeira badalada da meia noute.

(Continua)

ADEUS!

Porque assim partes? Porque assim me deixas?
Vaes, e Deus sabe se meu pobre nome
Comtigo vae!... Oh! não; dize-me ao menos
Mais uma vez—adeus! e que esse pranto
Seja o baptismo d'este amor tão grato.
Que de mim longe, teu olhar suave
Repouse alguma vez na pobre imagem,
Unico indicio a relembrar-te os dias
Que de tanta ventura nos floriram.
Adeus! vae, parte e sê feliz na ausencia.

E certo; pois se a dôr comigo fica
E em noite o coração, que illuminavas
Com a luz d'esses olhos, mil delicias
De sonhos, que outro amor que mais t'enleva,
Porque mais te promette, anima e esquece,
—Comtigo vão, e na tristeza do ermo,
No gemido da vaga e pelos campos
Te hão de filtrar no coração venturas,
Te hão de mostrar por toda a parte galas.
Adeus! ai, parte, e se te apraz, esquece-me.

HENRIQUE MARINHO

A CATHEDRAL DE COLONIA

(Conclusão)

Um viajante erudicto diz que as tres maiores maravilhas da idade media são: a *Divina Comedia* do Dante, as sete Partidas do rei sabio e a cathedral de Colonia.

Como já dissemos, a primeira pedra da celebre cathedral foi lançada pelo arcebispo Conrado de Hochestedten em 15 d'agosto de 1248, desde cuja data, com algumas interrupções, continuaram as obras até aos nossos dias.

O seculo XIII, que foi a idade d'ouro da architectura christã, além do plano geral do edificio, conforme ao qual elle se acabou, deixou fechadas as abobadas e muito adiantadas as demais partes do edificio, sobre tudo no interior. A extraordinaria concorrencia de peregrinos que iam annualmente adorar as reliquias dos Reis Magos contribuiu muito para diffundir por toda a christandade a fama do maravilhoso templo, e, como é de suppor, os rendimentos foram consideraveis, com o que se custearam as obras.

Até ao seculo XVI continuaram estas lentamente; e a Reforma, dividindo os povos allemães, poz novos obstaculos á conclusão da cathedral, que só no seculo XIX recebeu o remate.

O rei Frederico Guilherme IV poz em 1842 a primeira pedra das novas obras, destinando para ellas o thesouro cento e cincoenta marcos por anno, e cobrindo-se o resto por uma subscripção e uma loteria, que em vinte annos produziu duzentos mil marcos annuaes. Calcula-se em mais de dous mil contos de reis o valor que a cathedral representa hoje, dos quaes metade pelo menos pertence ás ultimas obras.

As ultimas pedras collocadas no edificio são as duas cruzes que rematam as agulhas, em uma altura de cento e sessenta metros. Cada uma das cruzes pesa cinco mil kilogrammas pouco mais ou menos, eé obra dos melhores artistas da Allemanha.

O corpo principal da egreja tem quarenta metros de largura e é dividido em cinco naves. O cruzeiro tem setenta metros e divide-se a seu turno em tres naves. O côro está cercado de sete magnificas capellas e eleva-se á assombrosa altura de sessenta metros. As abobadas das naves principaes descansam sobre cem columnas, colocadas em quatro fileiras, para formar as cinco naves, e as do centro teem fustes de cincoenta metros d'altura, sustentando a grande abobada, erguida sessenta metros, e similhando elegante bosque de palmeiras, sobre as quaes assenta o tecto, cujo cume tem a prodigiosa altura de cento e cincoenta metros, sustentando a estrella dourada dos Reis Magos.

Possue a cathedral de Colonia the-

souros artisticos de primeira ordem. Entre outras reliquias ou objectos memoraveis devem contar-se a espada do principe eleitor, uma cruz pastoral, donativo de Frederico Guilherme IV aos arcebispos de Colonia, a caixa de prata do arcebispo Conrado e sobre tudo a immensa caixa, presente do imperador Frederico Barba-Roxa, avaliada em mais de vinte e cinco milhões de marcos, e na qual se guardam as reliquias dos Reis Magos, obra do seculo XII, admiravelmente cinzelada e coberta de pedras preciosas. Em materia de quadros, possue a cathedral um verdadeiro museu, chamando sobre tudo a attenção a adoração do menino Jesus de Lochner e a Assumpção do famoso Overbeck.

OS SONHOS DOS FUMADORES D'OPIO

O opio é para a China o que a cerveja é para a Allemanha, o café para os americanos, o vinho para os portuguezes e a agoardente para os negros. O opio constitue, por assim dizer, uma parte da existencia dos chinos, e sem aquella droga não sabemos o que seria d'um povo tão intelligente, tão laborioso e aferrado á sua historia como são os subditos do irmão do sol e da lua.

Apesar de que na maior parte dos povos orientaes o opio seja tomado sob tres formas distinctas, isto é, mascando-o, bebendo-o de infusão, ou fumando-o, em parte alguma como na China se gasta em tamanha quantidade aquelle artigo, terrivelmente estimulante. As familias mais ricas, os homens de maior importancia na China costumam trazer, em pequenas caixas d'ouro, uma substancia esverdeada e transparente, que não é outra cousa senão o extracto do opio, para ser tomado, graduado de maneira que produza os sonhos mais deliciosos, os mais doces extasis, a enervação da materia e o desenvolvimento do espirito. Esta substancia é o *hatchis*, especifico que serve para dar um tom aprasivel a tudo quanto seja um desgosto para um chino. E' o remedio dos hypocondriacos, dos que soffrem revezes da fortuna, ou experimentam repetidos infortunios.

Um negociante arruinado toma uma porção de *hatchis* do tamanho d'uma lentilha e considerar-se-ha tão feliz como nos tempos em que a sua fortuna estava intacta. Um amante despresado ver-se-ha tantas vezes nos braços da perfida quantas tomar uma certa quantidade do narcotico maravilhoso. De modo que d'isto tudo nasce essa inquebrantavel resignação do chino a toda a especie de contratempos. Muitos d'elles affirmam que tornam a recuperar o perdido, abandonando-se aos doces sonhos, ás deliciosas illusões produzidas pelo *hatchis*, tomado em doses proporcionadas.

Mas nem todos os habitantes do celeste imperio se contentam com estas doses, que constituem a sua felicidade: do refinamento desceu-se ao abuso, e o viajante não encontrará cidade ou aldeia onde não haja um logar destinado aos fumadores d'opio.

Esses estabelecimentos são, segundo a sua cathegoria, elegantes para os ricos, commodos para as classes medias, pobres e nauseabundos para os proletarios. Assim como em uma cidade europeia se encontram cafés e restaurantes, cujo luxo relativo representa a classe de freguezes que os frequentam, assim tambem na China ha fumadoiros, que se distinguem da mesma maneira.

Ha-os esplendidos e ha-os miseraveis.

O fumadoiro, em geral, é um salão escuro.

No fundo veem-se leitos armados ao correr das paredes.

Não ha alli o arruido nem a animação que reina nos nossos cafés; o silencio é solemne n'aquelle logar, commummente triste e sombrio. No centro do salão ha mesas, sobre as quaes está patente em excelentes porcelanas a infusão do opio, que se toma em chavenas, como nós tomamos o café, cachimbos compridos e delgados, cheios do narcotico nacional, e pastas preparadas para mascar-se.

A todas as horas do dia e da noute estão abertas as portas d'aquelles estabelecimentos. A atmosphera que ali se respira é d'entontecer; os leitos estão sempre cheios de homens, os amantes do opio, que succumbem á sua influencia e entram, segundo elles pensam, no mundo dos sonhos, onde gosam ou soffrem, onde veem paraisos ou infernos.

(Continua)

CHRONICA

Em que apenas se trata de publicações novas

A Sociedade de Instrucção do Porto enviou-nos um exemplar do prospecto e uma exposição relativa á revista que a mesma sociedade pretende publicar. Da exposição tomamos os seguintes periodos, que explicam os intuitos da publicação:

«Estudar as questões de methodo, e o modo como elle se traduz nos compendios d'ensino constitue uma das obrigações ponderosas que nos impozemos. Da escolha dos bons livros resulta não só a facilidade, mas, o que é mais importante, a efficacia da instrucção e da educação. Animar os pedagogos intelligentes e dedicados, e cooperar com elles para reconstituir as tradições historicas, que determinaram as mais valiosas feições do caracter da nacionalidade portugueza, são os modos de realisar essa altissima empreza nos dominios da sciencia, da arte, e da industria.

Mas não basta isso; cumpre-nos tambem, aproveitando as lições e os exemplos do passado, e vulgarisando os grandes factos da natureza e os principios da philosophia, promover a diffusão de todos os conhecimentos para elevar o nivel intellectual ao par do dos povos mais bem dotados. N'este sentido toda a cooperação é bem vinda, e todos os obreiros serão benemeritos. Não ha preeminencias, senão na devoção, com que cada um se empenhar n'esta obra verdadeiramente nacional.»

Da *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto* sahirá cada mez um fasciculo de 32 paginas em oitavo regular, custando por assignatura, para os socios, 1$200 reis por anno; para os não socios, 2$250 reis; numero avulso 250 reis.

Deve ser uma publicação magnifica, porque á frente da sociedade estão intelligencias já provadas nas lides litterarias.

—Publicou-se já o volume de sonetos do snr. Anthero do Quental, de que fallamos na ultima revista. Não podemos furtar-nos ao desejo de transplantar para este semanario mais um dos sonetos do volume. E' o que vae n'este numero sob o titulo: A' Virgem Santissima.

O volume *Sonetos* é uma edição nitida, como todas as que saem dos prelos da Imprensa Portugueza, a primeira inquestionavelmente do Porto para os trabalhos de luxo; editou-o a empresa da revista *A Renascença*, de que é director o nosso amigo Joaquim de Araujo.

—Dous novos volumes de poesias no prelo: *O Evangelho da Revolução*, do nosso amigo e collaborador Ernesto Pires, e *Lyra Intima*, de Joaquim d'Araujo. O primeiro é editado pelos snrs. Arthur Jozé de Souza & Irmão, proprietarios da officina typographica onde se imprime este jornal, e o segundo pelo snr. David Corazzi, de Lisboa.

—Foi-nos enviado um folheto de 15 paginas com o titulo *Propaganda revolucionario-socialista, Em face da historia*.

E' um discurso do snr. Guedes d'Oliveira. Agradecemos.

ZIG-ZAGS

O FIM D'UM TRAIDOR

Em um dos livros antigos de despeza da Mizericordia de Lisboa encontra-se um assento do theor seguinte:

«Um lençol para enterrar Miguel de Vasconcellos .... 240 reis.

AS CALAMIDADES

Estava um homem encostado a uma parede que ameaçava ruina.

Um individuo que passava gritou-lhe:

—Fuja d'ahi, homem! Olhe que póde ficar debaixo da parede!

—Não tenha medo, respondeu o sujeito. Tenho sogra, mulher e tres cunhadas, e a um homem em taes circunstancias respeitam-o todas as outras calamidades.

SABÃO VEGETAL

Ha na California uma planta silvestre e bulbosa, que produz nos bolbos uma especie de sabão, com as mesmas qualidades do sabão artificial. Extrahindo as escamas dos bolbos, e esfregando com elles a roupa, obtem-se uma espuma abundante, que tira as nodoas. Se esta planta se aclimar e generalisar na Europa, todos podem ter á sua disposição um meio economico e gratuito de lavar a roupa.

A LAPONIA

Já dissemos n'este jornal que a Laponia é o paiz que está mais ao norte da Europa. E' o paiz mais frio.

O lapão é o typo completo das nações nomadas polares. De baixa estatura, o rosto largo, as faces cavas, o queixo inferior bicudo, a barba rara, os cabellos crespudos e negros, a pelle amarellada, escurecida pelo fumo, o lapão, excitado pela rudeza do clima, é dotado d'uma destreza admiravel. Moços, correm por sobre a neve, nos seus patins, com a velocidade das suas rennas; perseguem a pé o lobo e a raposa, e manejam o arco com pulso vigoroso. Velhos, atravessam a nado os rios mais largos e conduzem carretos pesadissimos. Apesar, porém, da sua robusta constituição, são raros entre os lapões os casos de longevidade. Ordinariamente o lapão não vive mais de cincoenta a sessenta annos.

Nota-se muito aceio no seu vestuario, nas habitações e na comida; mas, não obstante, está sujeito a muitas molestias.

Os lapões são timidos e desconfiados com os estrangeiros, a quem consideram sempre espiões. Juntam a estas qualidades vicios detestaveis. A sua avareza é excessiva; são d'um egoismo desenfreado. O commercio, para elles, é a arte de melhor enganar o seu similhante. O russo mais astucioso cae-lhes no laço.

Sem piedade, abandonam os seus infelizes companheiros na adversidade; para elles todos os meios são bons quando se trata d'arranjar dinheiro. O casamento é entre elles um negocio. Para o viajante não ha melhor carta de recommendação do que uma garrafa d'agoardente.

A embriaguez é o vicio dominante de todos os lapões.

As cartas de jogar apparecem em quasi todas as cabanas. São feitas de casca d'arvores e pintadas com sangue de renna.

As cabanas são feitas d'um feixe de estacas, em forma de pyramide, e cobertas por um pedaço de panno muito grosso. No alto ha uma abertura para sahir o fumo. Do centro pendem, suspensos de cadeados de ferro, os caldeirões em que

LAPÕES

fazem a comida. Ao redor veem-se pelles de rennas, estendidas sobre ramos de salgueiros, e que de dia servem de cadeiras e á noute de leitos, onde dormem, misturados, homens, mulheres e creanças, e algumas vezes os cães e as rennas. Emfim é ahi igualmente que os lapões deitam os seus hospedes.

O vestuario do lapão é feito inteiramente da pelle d'esse animal precioso. As mulheres são que exercem as funcções d'alfaiates. No verão, em vez dos trajos de pelles, usam blusas compridas d'algodão.

Os lapões não conhecem senão duas profissões: ou são caçadores ou pescadores. As emigrações constantes fundam-se n'isso.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lasaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO I | PREÇO 20 REIS | NUMERO 18

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 30 DE DEZEMBRO DE 1880 | Preço dos annuncios: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto: — Bombardeamento — Os homens uteis de todos os paizes: — Newton — Os sonhos dos fumadores d'opio — A' meia noute (conto) — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Caçadores selvagens, por J. da Silva — Os conhecimentos uteis — Nadir Shah — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Guimarães (poesia) por J. Machado Pinheiro — Os dramas do mar: — Um navio em chammas — Gallileu — Zig-Zags — Pontifices medicos — Notavel coincidencia — Valparaiso — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Um bombardeamento — Caçadores selvagens — Nadir Shah — Valparaiso.

BOMBARDEAMENTO

De todos os meios de destruição empregados pela arte da guerra, o mais barbaro é o bombardeamento, porque alcança não só as pessoas que podem defender-se com as armas na mão, mas ainda aquellas que não são d'isso capa-

UM BOMBARDEAMENTO

zes, e leva a ruina e a morte ao seio de populações inoffensivas.

Mas o fim que se propõe uma esquadra quando bombardea uma praça, um porto ou uma cidade, não é matar os habitantes, queimar as casas, destruir os campos, levar emfim tudo a ferro e fogo; mata-se, queima-se, destroe-se é verdade, mas é simplesmente como meio d'aterrorisar, d'intimidar e obrigar os habitantes d'esse logar a render-se á força atacante.

E quantos actos d'heroismo se praticam então para não chegar a tal extremidade! Cita-os a historia a cada passo, e cita igualmente os bombardeamentos mais celebres.

Com a lista dos mais notaveis d'este seculo fecharemos este breve artigo.

Magdeburgo, Glogau e Breslau, todos pelos francezes, em 1806; Copenhague, pelos inglezes em plena paz, em 1807; Schweidnitz, pelos francezes, no mesmo anno; Dantzig, pelos russos, prussianos e inglezes reunidos, em 1813; Anturpia, pelos francezes, em 1832; S. João de Ulloa, pelos mesmos, em 1838;

Beyrouth e S. João d'Acre, pelos inglezes, em 1840; Salé, em 1851; Odessa, pela flotilha anglo-franceza, em 1854.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

V

NEWTON

Isaac Newton nasceu em 1642 em Walstrop, na Inglaterra.

As mathematicas e a geometria fixaram a sua attenção desde a mais tenra infancia; Descartes e Kepler tornaram-se os seus auctores favoritos. Conta-se que aos vinte e quatro annos de idade já tinha feito todas as descobertas que o illustraram d'ahi em diante; mas, querendo que a experiencia lhe provasse se as suas ideias eram ou não justas, esperou a idade madura para as consignar em uma obra que publicou sob o titulo: *Principios mathematicos da philosophia natural.*

Newton desenvolveu o systema da attracção e da gravitação, e, com o seu *Tratado da luz e das côres,* expoz a theoria dos phenomenos luminosos. Foi por esta ocasião que elle aperfeiçoou o telescopio e inventou um novo, que mostra os objectos por reflexão e não por refracção.

A gloria de Newton tornou-se universal, e a sua patria, orgulhosa de possuir um tal cidadão, pensou em recompensal-o. O rei Guilherme nomeou-o director da casa da moeda, e os rendimentos d'este emprego, juntos aos seus particulares, crearam-lhe uma posição de fortuna elevada. Mas, como verdadeiro philosopho, Newton fez um uso nobre das suas riquezas, desprezando o fausto e espalhando por toda a parte beneficios. Com isso alcançou o respeito e a admiração dos seus contemporaneos, e os sabios inglezes escolheram-o por unanimidade seu chefe. Em 1703 foi-lhe dada a presidencia da Sociedade real de Londres, cargo que conservou até morrer.

Newton tinha todas as qualidades de homem de bem, e honrava a humanidade tanto pelas suas virtudes como pelo seu genio.

Graças ás regras de temperança que adoptou, prolongou a existencia até aos oitenta e cinco annos e morreu em 1727.

OS SONHOS DOS FUMADORES

D'OPIO

—

(Continuação)

A phantasia mais caprichosa, mais varia, mais extranha, mais hecterogenia, não pode comprehender o que sonham os fumadores d'opio.

Observando os que estão dormindo por effeito do narcotico, pode-se sem embargo fazer ideia do que o espirito e a imaginação se phantasiam durante essas horas de profundo lethargo. Ver-se-ha que alguns sorriem; outros choram; este estremece; aquelle expelle gritos gutturaes; muitos experimentam horriveis convulsões; a maior parte d'elles parecem mais cadaveres pela sua immobilidade e repouso do que seres dotados de vida.

Ha fumadores que permanecem trinta horas deitados, dormindo, e alguns passam do somno da vida ao somno da eternidade.

—Que vês tu? perguntaram um dia a um chino que começava a entregar-se ao vicio degradante de fumar opio. O que vês n'esses sonhos prolongados, para que tão a miude te entregues á embriaguez?

—Oh! respondeu o interrogado. Não sou feliz senão quando durmo.

—Mas em que consiste essa felicidade?

—Vou dizer-lh'o. O sonho é uma segunda vida. Quando elle me domina, encontro-me de repente trasladado a palacios magnificos: o ouro e as pedras preciosas cercam-me de todos os lados: todas as mulheres formosas do mundo vem dizer-me ao ouvido palavras d'amor. Escolho a mais bella e elevo-a á cathegoria de minha esposa. Escravos numerosos obedecem-me ao mais leve signal; surgem mesas cobertas dos mais exquisitos manjares; todos os praseres estão á minha roda; ouço absorto uma musica divinal. A's vezes caminho por estradas semeadas de pedras preciosas. Emfim, em quanto durmo, estou em um mundo tão differente d'este, que acho preferivel viver a dormir, a viver acordado.

Quando algum tempo depois me encontrei novamente com o mesmo chino que me tinha feito a anterior discripção, vi-o macilento, magro, triste.

—Continuas a fumar opio? perguntei-lhe.

—Continúo.

—E gosas como antigamente?

—Ah! exclamou com certa amargura. Já lá vão aquelles sonhos côr de rosa que formavam a minha felicidade. Agora experimento outra cousa mais rara. Vejo aquellas mulheres formosas; mas fogem de mim. Quero perseguil-as, e então um dragão horrivel apparece e devora-me. A's vezes, quando vejo aquelles palacios maravilhosos onde em outros tempos me serviam á porfia como se eu fosse um rei, as portas fecham-se de repente e uns rostos horriveis despedem espantosas gargalhadas. Em certas occasiões uma serpente interpõe-se ante a felicidade que penso conseguir e causa-me um tormento inexplicavel.

Pela terceira vez e ao cabo de alguns mezes tornei a encontrar-me com o chino a quem me refiro, e mal o conheci. Livido, quasi exausto de forças, o olhar amortecido, os musculos crispados, quasi não podia ter-se de pé, porque o opio mata.

—Que tal? perguntei-lhe; gosas ou soffres?

O chino sorriu tristemente.

—Já não goso nem soffro.

—Não sonhas?

—Não.

—Que vês?

—Sombras e trevas, a noute completa, fria, sem ar, sem vida.

E' que o opio vae enervando todas as faculdades intelectuaes, até as reduzir á insensibilidade mais completa.

Os fumadores d'opio passam, em regra geral, as tres gradações que já mencionamos. Os sonhos adquirem as mais monstruosas extravagancias. Desgraçados dos que chegam á insensibilidade! A morte é o resultado do seu ultimo sonho.

E' por tanto muito commum nas casas onde se fuma, a que já alludimos, recolher, de manhã cedo, os cadaveres dos fumadores que chegaram á ultima gradação. A policia não quer saber d'elles, não se encommoda por tão pouco.

Muitos phylantropos teem tentado combater o vicio de fumar opio; mas as difficuldades com que tropeçam são de tal ordem, que nem um só ha levado por diante a sua ideia, desistindo immediatamente d'uma empresa tão espinhosa. A India sería uma nação independente se os seus habitantes deixassem de tomar o opio nas tres formas mais usuaes que deixamos mencionadas; mas aos inglezes não convem nem pode convir, desarraigar estes usos nas suas extensas colonias do Indostão e são os primeiros a fomentar a enervação d'aquelle povo.

Por ocasião da ultima revolta dos cypaes dizia Nana-Sahib a um inglez de alta posição:

—Não vos lisongieis com a victoria. Tenho a satisfação de dizer que não me haveis vencido.

—Não! respondeu o inglez. Então quem foi?

—O opio. Deixae-me que eu prohiba o uso de tomal-o, e até o de semeal-o; permitti-me que eu infiltre no meu povo a ideia de que o opio nos enerva a ponto de entregar-nos nas mãos dos estrangeiros e depois vinde conquistar-nos. A Europa domina e dominará no Oriente em quanto houver opio.

Nana-Sahib tinha rasão.

Hoje o povo chinez continua a envenenar-se com o opio e até leva esse costume nas suas emigrações. E' o opio que o faz taciturno, sombrio, pouco expansivo, intratavel. Eis uma questão que ainda se não propoz á perspicacia do mundo sabio. Ha pessoas que acreditam que o uso do terrivel narcotico é uma necessidade exigida pela natureza oriental; nós não somos de tal opinião, e parecenos que o abuso do opio hade um dia, tarde ou cedo, acabar.

(Continua)

Á MEIA NOUTE

CONTO

—

(Conclusão)

XV

Miguel não hesitou; não era homem d'isso. Estava resolvido a levar a cabo o seu projecto de desesperação e n'aquelle momento nada havia que fosse capaz de demovel-o.

Assim o infeliz invocou pela ultima vez a misericordia divina, erguendo os olhos para o ceo, que n'esse momento estava pesado, mas sereno; depois lançou ao redor de si um olhar, como a despedir-se de tudo quanto o cercava, da aldeia onde os dias da sua infancia deccorreram felizes, dos amigos, dos parentes... Estou enganado; dos parentes não se despediu, não se podia despedir, porque o infeliz era... engeitado.

Mas n'aquelle olhar, n'aquella suprema despedida, ia toda a alma do misero rapaz. Ia uma infinda saudade; torturava-o a lembrança d'ella, da perfida causadora de todas as suas desditas.

Este pobre rapaz, que poderia ser feliz, se não fosse um triste engeitado, este simples do espirito que podia ser um bom chefe de familia, estava prestes a commetter um crime nefando, estava com um pé no abysmo, e deixava o mundo sem se queixar.

Se Maria o esquecera, se preferira um morgado, um homem rico, a elle, um simples official de carpinteiro, um rapaz sem nome e sem fortuna, quem fôra o culpado? De quem havia elle de queixar-se? De Maria? Mas quem sabe se ella abrigava ainda algum sentimento benevolo a respeito do companheiro da sua infancia? E havia elle de ir acordar esse sentimento, havia de commetter a infamia de a inquietar, sabendo que ella vivia feliz, contente, satisfeita, ao lado de um esposo que a idolatrava? Não, não podia ser. O lorpa, o idiota, o toleirão do Miguel não era d'isso capaz. Mas o que elle sentia tambem, e sentia-o no fundo da sua alma, era que a vida lhe era uma carga insupportavel sem o amor de Maria. A sua alma, uma alma obscura, estreita, sem luz nem calor, abrira, aquecera, animara-se ao fogo d'aquella paixão que o devorava. Maria fôra o sol que fizera desabroxar aquella flor, e a flor estiolava faltando-lhe uma restea d'esse sol. Aquella alma que anceava um mundo novo, aquelle espirito que ao livrar-se das trevas em que estivera envolvido requeria um horisonte muito largo, muito azul, muito puro, muito harmonioso, sentia-se acanhado, torturado, aniquilado n'este mundo em que as almas vulgares vegetam, em que os corações frios arrastam uma existencia miseravel.

Por isso queria morrer.

Pobre Miguel!

XVI

Estava tudo acabado para elle. O abysmo attrahia-o, chamava-o; ahi estava a paz do seu espirito.

Quando no sino soou a ultima badalada da meia noute, Miguel soltou um breve suspiro e deixou-se cahir no precipicio.

Antes porém que o corpo do infeliz galgasse a borda formada pelos penedos e algumas hervas negras, sentiu-se agarrado por duas mãos vigorosas, e ao mesmo tempo uma voz gritou-lhe ao ouvido:

—Detem-te!

Miguel ergueu-se, e encarando aquelle que o tirara quasi do abysmo, disse:

—Oh! E' o tio Ignacio! Mas porque não me deixa morrer?

Ignacio segurara-o; mas Miguel conseguiu livrar-se das mãos do velho e de novo se foi arremessar ao abysmo, que devia ser a sua sepuluura.

XVII

D'esta vez não foram duas mãos que o seguraram; foram quatro.

Miguel soltou um grito de desesperação, e voltando-se, encontrou uns braços abertos que o estreitaram ao coração, e um rosto orvalhado de lagrimas que se encostou ao seu, e uns labios que pronunciaram em um grito em que se vasava uma alma inteira, estas palavras:

—Miguel, amo-te!

E estes braços, e este rosto, e estes labios eram d'uma mulher. E a mulher era Maria.

—Maria! Tu aqui! exclamou Miguel quando a conheceu. Pois isto será possivel! E' um sonho meu!... Digam-me que estou sonhando!

—Não é sonho; sou eu; sou Maria, a tua Maria.

E Maria cada vez o estreitava mais ao coração, lançando-lhe as mãos ao pescoço.

—Mas que quer dizer isto? tornou Miguel.

—Vem, tornou o tio Ignacio. Pelo caminho t'o contaremos.

—Não! exclamou Miguel. Deixem-me morrer aqui. Jurei-o, e não serei eu que falte a um juramento.

—Não! Não morrerás! Já t'o disse hoje, lá em baixo, quando estivemos juntos!

XVIII

Para abreviar esta historia, que já vae mais longa do que a tinhamos planisado, diremos que custou muito a arrancar Miguel áquelle sitio fatal. E como urge pôr aqui um ponto final, vamos informar o leitor do que significava a inesperada presença de Maria e do tio Ignacio junto á Furna do Diabo.

Tudo quanto o tio Ignacio dissera a Miguel a respeito de Maria fôra falso. Maria não só não havia casado, mas até não se esquecera um momento sequer do excellente rapaz.

O que elle e Maria tinham concertado em segredo era submettel-o a uma experiencia, fosse qual fosse, para saber se o amor que testemunhara á filha do seu bemfeitor ainda subsistia e se as trevas do seu espirito se tinham dissipado como convinha. Alcançado este resultado, esclarecidas todas estas duvidas, fez-se a luz n'aquelle oceano d'attribulações em que a alma do pobre rapaz sobrenadava sem saber a que ater-se, e o resultado de tudo isto é facil adivinhar-se.

Miguel e Maria casaram, já teem tres filhos e vivem felizes no seio da sua aldeia, onde são estimados e queridos de todos os habitantes.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XIV

A SUISSA

Eis-nos na Suissa.

Este paiz que tem 40:900 kilometros quadrados de superficie e 2,500:000 habitantes, é limitado, ao norte pela Allemanha, a leste pela Austria, ao sul pela Italia e a oeste pela França.

A Suissa achava-se sob a dominação da Austria, quando, em 1308, tres cantões se associaram para saccudir o jugo que os opprimia. A empresa fructeou, e outros cantões se juntaram aos primeiros, formando uma confederação, que conta hoje vinte e dous estados.

Cada cantão tem um governo particular; no entretanto os negocios da confederação estão a cargo d'uma dieta, presidida pelo chefe do cantão onde ella se celebra.

O clima da Suissa é geralmente frio nas montanhas; mas nos valles gosa-se d'uma doçura primaveral.

No Valais encontram-se os cretinos, homens surdos, imbecis e desfigurados pelas papeiras.

As immensas geleiras, a queda do Rheno, a do Staubach, são curiosidades naturaes que todos os viajantes apreciam quando se dedicam a percorrer a Suissa.

E' uma das regiões mais accidentadas da Europa. Os sitios, os lagos, as montanhas, as paisagens magnificas, a salubridade do seu clima, levam-lhe todos os annos uma grande quantidade de touristas.

Abundam as minas de ferro, cobre, marmore, granito, alabastro e crystal; mas são mal exploradas. Ha muitas agoas mineraes; pastagens, gados numerosos. Os outros productos agricolas são insufficientes.

O suisso é industrioso; os principaes ramos da sua industria consistem em re-

lojoaria, rendas, cambraias. A instrucção está muito desenvolvida na patria de Guilherme Tell.

A capital federal é Berne, cidade de 30:000 habitantes, com uma boa universidade, uma soberba cathedral, arsenal e afamados armazens de polvora.

As cidades principaes da confederação helvetica são: Genebra (42:000 habitantes), sobre o lago do mesmo nome, celebre pelas suas fabricas de relogios, bijouterias e armas; Bale (38:000 h.), centro d'um commercio consideravel com a França, a Allemanha e a Italia; uma bella cathedral gothica; Lausanna (27:000 h.), cidade excellentemente situada, agricola e sabia; Zurich (20:000 h.), patria do poeta Gessner, celebre pela victoria que os francezes alcançaram sobre os russos em 1799; numerosas fabricas de sedas; Neufchatel (10:000 h.), tecidos de lã e algodão; Friburgo (10:000 h.), notavel ponte suspensa de que já se fallou n'este jornal.

(Continua)

CAÇADORES SELVAGENS

Os nossos leitores sabem que a maior parte dos selvagens da Africa, incapazes de procurarem outros meios de subsistencia, vivem da caça ou da pesca, que lhes fornecem em abundancia a alimentação de que necessitam.

Não é pois d'admirar que elles se tenham aperfeiçoado n'essas artes, procurando por todos os meios conseguir os fins que teem em vista.

Um dos meios mais commummente empregados na caça é o que a gravura representa.

E' admiravel a destreza com que um selvagem faz a pontaria e acerta nas aves que por cima d'elle passam voando.

Este modo de fazer uso do arco funda-se na difficuldade de manejal-o, vistas as suas grandes dimensões, e na certeza da pontaria.

O selvagem, em tudo aquillo que pertence á sua conservação pessoal, é industrioso e dá mostras d'uma grande sagacidade. Não nos é n'esse ponto inferior; diremos até que nos leva certas vantagens relativas.

J. DA SILVA

CAÇADORES SELVAGENS

OS CONHECIMENTOS UTEIS

Os conhecimentos são necessarios e uteis, quer se encaminhem a augmentar a commodidade, quer pretendam contribuir para o luxo da vida.

Os conhecimentos são o termo de separação da vida selvagem e da vida civilisada. Estabelecem de per si a superioridade real do homem sobre o homem; acostumam a mocidade á pratica da virtude, desenvolvendo-lhe as faculdades intellectuaes e penetrando-a do sentimento das obrigações moraes.

Os conhecimentos são necessarios e uteis. Os necessarios são os que teem por fim proporcionar ao homem os alimentos indispensaveis á sua existencia; os uteis comprehendem a agricultura, a architectura, a confecção dos vestidos, a medicina, a cirurgia, e todas as artes conservadoras dos interesses sociaes e protectoras da integridade nacional.

Os conhecimentos que contribuem para os deleites da vida comprehendem os que devem a sua origem e progressos ao gosto e á imaginação, como o desenho, a pintura, a poesia, a grammatica, a geometria, a eloquencia, a historia, a musica, a dansa, o theatro e as lingoas vivas.

Os conhecimentos de luxo abraçam as investigações abstractas, a physica transcendente, a metaphysica, todos os estudos especulativos, a heraldica, as antiguidades e as lingoas mortas.

O homem distingue-se dos animaes em rasão da superioridade das suas faculdades; é communicativo, mais social, possue em um grao muito mais eminente o dom da memoria, da imitação, da reflexão e do raciocinio; é da applicação d'estas preciosas vantagens que derivam os conhecimentos; emfim o homem tem uma alma.

O homem, conforme sae das mãos da natureza, parece que occupa um logar pouco avantajado na immensa escala dos seres; não tem vestidos, nem armas defensivas; sujeito ás mesmas necessidades que o bruto, não tem, para as satisfazer, senão as producções silvestres e espontaneas da terra; mas o homem civilisado, o christão, o homem regenerado pelo desenvolvimento das suas faculdades, toma logar á frente da creação, dispõe como rei de todas as riquezas do solo, impõe-se mesmo ás vicissitudes dos climas.

Ha nações que, hoje em dia ainda, vivem continuamente em cavernas subterraneas, em um estado de completa nudez, e só tiram a sua subsistencia das producções brutas da terra e da carne dos animaes que destroem por meio de differentes estratagemas. Taes são alguns povos da Africa, os naturaes da Nova Hollanda, os da bahia de Hudson, uma grande parte dos insulares do mar do sul, os groenlandezes e muitas nações da Siberia.

(Continua)

NADIR SHAH

Nadir, o celebre rei da Persia que sendo simples Thamas Kouli-Khan, illustrara o seu nome em mil acções brilhantes, nasceu em 1688 e era oriundo d'uma familia da tribu de Kirklou. Aos quinze annos tomou as armas para defender as suas propriedades contra as rapinas dos curdos e dos wabecks.

Reinava então na Persia Hussein-Shah, ou antes os seus cortezãos, e os proprios eunucos reinavam em seu nome; os descontentes augmentavam de numero, as revoltas estalavam continuamente, a dynastia dos sophis caminhava emfim para a sua ruina.

O valor de Nadir attrahiu um bom numero de guerreiros, que, infileirados sob a sua bandeira, entraram de praticar feitos de valor. Hussein acabava de ser desthronado e Ispahan cahira nas

mãos dos rebeldes; mas o resultado d'esta revolta foi os turcos e russos apoderarem-se d'uma parte da Persia.

O legitimo herdeiro do throno era Shah Tamas, que implorou o soccorro de Nadir. Este tomou o partido do seu rei e derrotou os inimigos de Thamas.

Esta victoria exaltou a insoffrida ambição de Nadir. Desde então não trepidou diante de nenhum meio para assegurar o seu valimento junto do novo soberano, de quem foi o conselheiro, o ministro, o guia. Foi então que tomou o nome de Thamas Kouli-Khan, o que quedizer *o escravo de Thamas*. Teve artes de ganhar a confiança do soberano e a sympathia das tropas, e em vão os cortezãos do novo rei tentaram oppor-se ao ascendente que Nadir tinha sobre elle. Mas elle triumphou de todas as intrigas e o seu poder não conheceu limites.

Novas victorias alcançadas sobre os afghans augmentaram a fama de Nadir; os persas, que estremeciam só ao ouvir pronunciar o nome d'esses aventureiros, recuperaram, sob o commando do seu valente chefe, o antigo valor, os brios, a disciplina d'outros tempos. Shah Thamas conquistou Ispahan e logrou sentar-se no throno dos seus gloriosos antepassados.

Depois d'esta brilhante expedição, Nadir quiz voltar á vida privada; mas os povos não o consentiram, e obrigaram-o a terminar a sua obra, dando á Persia a tranquilidade e os antigos limites que ella tinha.

Incapaz d'igualar sequer o seu general, e receiando do seu crescente poder, Shah Thamas procurou então afastar Nadir; mas, incapaz de empregar a força, tentou vencel-o pela ambição. Offereceu-lhe a soberania de toda a Persia oriental, mandando-lhe um diadema ornado de brilhantes e propondo-lhe alliança com uma princeza da sua raça. Nadir aceitou; mas antes de cingir a coroa, teve de correr a uma outra parte do imperio, sublevada pelos abdalhis, guerra esta que durou mais d'um anno.

Durante a sua ausencia, Shah Thamas entendeu chegado o momento de restabelecer a sua auctoridade, e concluiu um tratado com os turcos sem o participar a Nadir. Este, para vingar a affronta, corre a Ispahan, convida o soberano a passar uma revista ás suas tropas, seguida d'um esplendido banquete. No meio do banquete prende o rei e manda-o para uma cidade deserta. Faz aclamar rei um filho de Thamas, Abbas III, toma a regencia do reino e torna-se o verdadeiro soberano da Persia.

As proezas de Nadir assombraram o mundo inteiro; os seus compatriotas consideravam-o um enviado do ceo. Abbas morreu quasi de repente e a nação em peso aclamou Nadir rei em 20 de março de 1736.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

X

EM QUE CONTINUAM AS AVENTURAS D'UMA NOUTE

—Eis aqui uma noute, que, sem saber como, se me apresenta cheia d'aventuras.

E Luiz, ao pronunciar estas palavras, embuçou-se na sua capa e metteu resolutamente pela rua de D. Pedro, com direcção á porta de Mouros.

NADIR SHAH

—Que diabo de historia, para que a Carlos acontecesse similhante desventura? continuou. Não ha que ver. Foi algum marido zeloso ou amante despeitado que assim o poz. E como hei-de eu dizer a Maria o estado em que seu irmão se acha? O conde é homem e pode muito bem supportar golpes d'esta classe; mas aquella pobre creatura que é sua irmã e o ama estremecidamente? Demonio de casualidade encontrar-me por estes sitios e a taes horas! Emfim não tenho remedio senão dar cumprimento á missão que me impuz.

E amiudou o passo; mas, ao desembocar na praça da Porta de Mouros, tão preoccupado ia que deu de cara com outro embuçado, que ia em direcção oposta áquella que o nosso heroe levava.

Tão repentino foi o encontro, que ambos recuaram, exclamando Luiz:

—Você não vê?

—Diabo de importuno! exclamou o outro. Se visse por onde ia não nos encontrariamos.

O som d'esta voz era sem duvida conhecida de Luiz, porque disse:

—Perdoe, meu amigo; parece-me que essa voz não me é desconhecida.

—Guevara! disse o desconhecido desembuçando-se.

—Bem me parecia, disse o outro, apertando a mão ao seu interlocutor. Que diabo fazes por aqui, Vicente?

—Ando desesperado.

—Desesperado? Tu, o pintor mais alegre da côrte! Que te aconteceu? Falla.

—Não tomes por gracejo o que te digo. Estou desesperado, e, sem embargo, o teu encontro é-me providencial.

—De veras?

—Sim, Luiz. Quando souberes por que motivo estou desesperado...

—Imagino. Falta de dinheiro...

—Não é isso. E' negocio muito mais serio.

O modo como Vicente disse estas palavras fez com que D. Luiz mudasse de tom, passando do jovial ao grave.

—Mas, meu caro, dize o que te acontece.

—Acontece-me uma grande desgraça.

—Não ha que ver. Esta noute anda o diabo á solta por Madrid, porque acabo de deixar um homem quasi morto, e tu agora...

—Prouvera a Deus que eu tambem o estivesse no corpo, já que o estou na alma.

—Acaba d'explicar-te. Onde vaes?

—Sei-o por acaso? Uma voz interior me está dizendo onde se acha a causa da minha desgraça, e vou em procura d'ella, e não sei onde encontral-a.

—E o caso é que te estou detendo e tu fazendo falta...

—Não; eu é que te estou demorando.

—Mas emfim, se não tens destino, certo, vem comigo.

—Aceito, disse Vicente.

E os dous caminharam juntos, passando a porta de Mouros e dirigindo-se á Cava baixa.

—Com que, não me dirás o que te aconteceu? perguntou Luiz ao seu amigo.

—Dize-me: conheces esse italiano que ha tres mezes chegou á côrte, vindo de Napoles, e se chama ou se inculca marquez d'Adelfi?

—Dizes que se inculca?

—Não sei o que acho n'elle, que me dá ares de um bandido.

—Mas que te fez o marquez?

— Conheces, tornou Vicente, Lola a sapateira?

—Que pergunta! Ha acaso em Madrid quem a não conheça?

—Pois eu não só a conheço; mas amo-a.

—Tu?

—Sim. Dolores é o unico amor da minha existencia. O seu amor, ambicionado por tantos cavalleiros galantes, tornou-me o mais feliz dos homens.

—E como é que agora te julgas tão desgraçado?

—Oh! Tenho motivos para isso.

—E quaes são?

—Lola desappareceu.

—Como? Desappareceu?

—Desappareceu de sua casa. Esta noute, logo depois do toque das Ave-Marias, foram buscal-a da parte d'uma amiga sua, a Concha, moradora na ribeira de Cortidores, e até esta hora não tornou a apparecer. A tia foi procural-a; eu mesmo fui a casa da Concha e Dolores não appareceu lá. Corri todo Madrid e não a encontrei ainda.

—Bom. E que tem o marquez com isso?

—Tem que o marquez conhece-a.

—Como todos nós a conhecemos.

—Mas é que intentou obter o amor de Lola.

—Mas não o conseguiu.

—Já se vê. Depois quiz compral-o. Agora lembra-me que era capaz d'apoderar-se d'ella por força já que á boamente não conseguira o seu fim.

—Que motivo tens para suppor isso?

—Ha dias viu-se um homem diante da casa de Lola, olhando fixamente. Tinha má catadura. Não podia ser manobra do marquez?

(Continua)

GUIMARÃES

I

Quero muito á minha terra,
Linda terra onde nasci;
O que sinto quando a vejo
Em outra nunca o senti;
Que sempre distante d'ella
Esta verdade colhi:
Não ha terra que mais ame
Como a terra onde eu nasci.

Que importa que em outras terras
Só brilhe o ouro, o marfim?
Essas vaidosas grandezas
Não são nada para mim;
Tenho cá maior grandeza,
Grandezas que não tem fim;
Padrões de feitos d'outr'ora
Tenho cá, oh! tenho, sim.

Cada pedra é uma folha
Da historia de Portugal;
Cada monumento um tomo
D'essa historia colossal.
Traz-me constante á memoria
Esse passado immortal
De proezas, em que Roma
Lhe não pôde ser igual.

Quero muito á minha terra,
Tenho-lhe muita affeição,
Que eu tenho dentro do peito
Um portuguez coração.
Essas gloriasjá passadas
Inda p'ra mim hoje o são;
Amo tudo o que é grandeza
De minha heroica nação.

Como portuguez não posso
Nunca deixar de te amar;
Como poeta meus cantos
Hei de-te, ó patria, votar.
O portuguez em teu seio
Vae mil glorias achar;
O poeta em ti encontra
Bellezas para o inspirar.

Portuguez, adoro a terra
Que já foi berço real;
Que n'essas eras famosas
Foi de Lysia a capital.
De Mumadona á igreja
Venha o mouro desleal
Ver de Affonso, o rei primeiro,
Sua pia baptismal.

Venha o fero castelhano
Ver além esse padrão,
Que lhe recorde a victoria
De nosso rei D. João;
Que lhe diz: que ser escravo
Um povo não póde, não,
Quando— sou livre, sou livre—
Brada toda uma nação.

Venham ver os nobres paços
Que el-rei Affonso habitou;
Esse castello gigante
Que tanto mouro assombrou.
Ao vê-lo, tão nobre orgulho
Quem de sentir já deixou?
Só deixará quem da patria,
Quem de Luso renegou.

Vêde esses muros famosos,
Vêde o que tudo isso diz:
—Eis a terra mais amada
Do nosso Rei D. Diniz—
Olha aquella cruz que brada:
—Tambem do Mestre de Aviz—
Vêde tudo o que vos cerca,
Que de nobre não desdiz.

Pergunta a Roma, d'onde era
De S. Pedro um successor,
Esse Santo que fulgura
Lá no reino do Senhor;
Se não teve o mesmo berço
D'esse heroe conquistador,
Um na paz, outro na guerra,
Qual d'elles de mais valor?

II

Poeta, eu amo a verdade,
A singeleza e mais não:
O primor que a arte ostenta
Não me val uma affeição:
Só me apraz a natureza,
Só me encanta o coração.
O poeta não se nutre
No mundo d'uma illusão.

Tenho cá na minha terra
Bellezas que não tem par:
Assim fôra a minha lyra
Bem capaz de as cantar,
Como eu sou para senti-las,
Como sou em as amar!...
Mas ah! que tanto não póde
O meu mesquinho trovar!...

Tenho cá formosa Cintra
A sorrir entre o verdor,
Onde a natureza ostenta
Todo o vivaz esplendor:
Não tem arte, tem verdade
Como a ama o trovador;
Tem a singela belleza
Que lhe deu o Creador.

Tem no cimo a Virgem Santa,
Como vela a vigiar,
A terra aonde nascêra
Quem nunca soube cançar
Em vencer mouros descridos,
Em pela Fé batalhar...
O valente heroe d'Ourique,
Fero vencedor d'Ismar.

Quando o sol abrasa a terra
Como a lava do vulcão;
Quando não move a ramagem
A mais subtil viração;
Minha serra, que doçura,
Que doce consolação,
Ir achar em teus verdores
Um allivio ao coração!...

Depois ver formosa lua
Estes bosques pratear;
Ver o rei das harmonias,
Ouvi-lo no seu cantar;
Ouvir além a fontinha
Como nympha a suspirar!...
Minha serra, quem não te ama,
Não sente, não póde amar.

E quando os ventos do norte,
Soprando no seu furor,
Vem cortar, lançar por terra
Este teu lindo verdor;
Quando vês mudo e sombrio
O teu formoso cantor,
Minha serra, tu não penses
Que não tens algum valor.

Então és tu o gigante,
E's o gigante a dormir,
Zombando da tempestade
Do feroz noto a rugir,
Como zomba a rocha altiva
D'esse mar sempre a bramir:
E's soberba, assim tristonha,
Como bella a reflorir.

Guimarães, como poeta
Meus cantos são para ti;
Como portuguez, um peito
Que sempre leal senti;
Que eu não achei outra terra,
De quantas terras eu vi,
Que amasse, como adoro
Linda terra onde eu nasci.

J. Machado Pinheiro

OS DRAMAS DO MAR

I

UM NAVIO EM CHAMMAS

(Conclusão)

X

MILAGRE

Ao major Mac-Gregor foi dado a bordo do *Cambria* um pequeno camarote, destinado, quando muito, a oito ou dez pessoas, e, não obstante, em breve o occupavam oitenta. Imagine-se como os desgraçados se achariam. Sessenta não tinham logar para se sentarem.

Como a tempestade, em vez de diminuir, augmentava, e uma das cintas do navio tivesse sido na vespera arrebatada pelo mar, as ondas passavam amiudadas vezes por cima do tombadilho, obrigando a fechar as escotilhas. Mas, fe-

chando-as, corria-se um risco não menor do que o da invasão da agoa, como era a suppressão do ar exterior, e os desgraçados seres amontoados ahi corriam o risco d'asphyxiar. Conseguiu-se porém ter as escotilhas fichadas só quando as ondas entravam e abril-as mal estas passavam.

De facto, os passageiros estavam de tal modo apertados, que o calor produzido pelo vapor da respiração fez receiar que no *Cambria*, a seu turno, se declarasse o incendio.

A corrupção do ar era tão forte, que uma vela acesa apagava-se logo.

Não era menos miseravel a condição da multidão que atulhava a coberta, porque eram obrigados a estar mettidos na agoa até ao peito do pé, de dia e de noute, meio nus e transidos de frio.

Por fortuna o vento era favoravel, e, como se comprehendesse que o brigue não podia navegar tão velozmente como era para desejar, redobrou de força. Pelo seu lado, com risco de quebrar a mastreação, o capitão mandou soltar todo o panno, e depois do meio dia, a 3 de março, retiniu do alto do cesto da gavea o grito de:

—Terra! Terra!

Na mesma tarde avistaram-se as ilhas Sorlingas, e depois de dobrar rapidamente a costa de Cornouailles, o navio lançou ancora á meia hora depois da meia noute, no porto de Falmouth.

No dia seguinte o vento, que até então havia estado de sudueste, saltou para noroeste.

Mas este não foi o maior milagre. No que a mão da Providencia se mostrou sem duvida, foi na circunstancia inesperada de, tres dias depois da chegada do *Cambria* com os seus seiscentos naufragos, saber-se que o resto dos homens abandonados no *Kent*, e que todos julgavam despedaçados pela explosão, acabavam de chegar a Liverpool, conduzidos pelo *Carolina*.

Como poderam salvar-se? Foi um verdadeiro milagre. Nem os infelizes naufragos o podiam explicar.

Mas eis o que aconteceu.

Depois da partida da ultima lancha, as chammas que de toda a parte abraçavam o navio, tornaram impossivel a estada n'elle por mais tempo, e obrigados a refugiar-se nos ovens, ahi estiveram até que os mastros, abatendo por sobre o navio, cahiram na agoa meio queimados. Então agarraram-se aos fragmentos dos mastros, pozeram-se a cavallo n'elles e assim passaram a noute e viram romper o dia.

Pelas duas horas da tarde, um dos miseros naufragos, que uma onda fizera erguer a uma altura prodigiosa, sobre uma das vergas do mastro real, lançou os olhos ao redor d'elle e exclamou:

—Uma vela!

Era o *Carolina*, que ia de Liverpool para Alexandria.

Recolhidos pelo capitão Bilbay, chegaram á costa da Inglaterra quarenta dias depois dos seus desgraçados companheiros, que, os julgavam mortos.

Como Deus é grande!

GALLILEU

(Continuação)

Confundido e espantado, o sabio empregou todos os argumentos que a verdade lhe suggeria para defender a sua doutrina. Tudo foi, porém, inutil, e como se mostrasse recalcitrante á decisão do Santo Officio, prohibiram-lhe fazer uso da opinião que acabava de ser condemnada. Gallileu voltou para Florença, onde continuou a occupar-se dos seus trabalhos astronomicos. No entretanto pensou desilludir os seus formidaveis adversarios, reunindo em um só livro todas as provas physicas do movimento da terra e da constituição dos ceos; durante deseseis annos meditou esse livro memoravel, fingindo um dialogo entre dous personagens distinctos, um de Veneza e outro de Florença, apresentando um as duvidas que o novo systema offerecia e defendendo-o o outro com as rasões mais fortes.

Gallileu dirigiu-se expressamente a Roma para obter a permissão de dar a obra á estampa, e ao cabo de mil difficuldades, obteve-a emfim, não em Roma, mas do censor de Florença, com cuja approvação appareceu em 1632.

Quando o sabio julgava que os seus adversarios ficaram convencidos, teve, pelo contrario, o desgosto de ver que a sua publicação mais os irritou.

Não se imagina o effeito que ella produziu em Roma. Gallileu protestou que submettera o livro á approvação da Santa Sé, que n'elle não fizera mais do que expor os systemas de Ptolomeu e de Copernico, sem dar a preferencia a este ou áquelle. Os theologos, enfurecidos, não attenderam a nada; de nada valeu a intercessão do grão-duque da Toscana por via do seu embaixador; a obra de Gallileu foi entregue á inquisição e o auctor citado para comparecer diante do mesmo tribunal.

Gallileu tinha então sessenta e nove annos.

«Cheguei a Roma em 10 de fevereiro de 1653, diz o proprio Gallileu em uma das suas cartas citadas por Tiraboschi, e entreguei-me á clemencia da inquisição e do soberano pontifice Urbano VIII, que me tinha em alguma estima. Mandaram-me sob prisão para o palacio da Trindade do Monte, residencia do embaixador da Toscana. No dia seguinte foi-me visitar o padre Lancio, commissario do Santo Officio, que me fez entrar para a sua sege. Pelo caminho fez-me varias perguntas e manifestou grande desejo de ver-me reparar o escandalo que eu tinha dado a toda a Italia, sustentando a opinião do movimento da terra, e a todas as rasões mathematicas que eu lhe oppunha, não me respondia senão: *Terra autem in aeternum stabit, quia terra in aeternum stat*, como diz a Escriptura. Discorrendo por tal modo, chegamos ao palacio do Santo Officio.

Apresentaram-me ao presidente, com quem estavam dous religiosos dominicanos. Avisaram-me de que me sería permittido explicar as minhas rasões á congregação e que depois me ouviriam a defeza se por ventura me julgassem culpado.

Na quinta feira seguinte expuz as minhas provas; mas não consegui fazer-me comprehender. A todos os meus argumentos respondiam com reptos de zelo; só me fallavam do escandalo que eu tinha dado, e oppunham-me sempre a passagem da Escriptura onde se allude ao milagre de Josué, que era a peça victoriosa do meu processo. Esta circunstancia fez-me lembrar d'outro ponto dos livros santos, cuja lingoagem está evidentemente conforme com as ideias populares, pois que diz que os ceos são solidos e pollidos como um espelho de bronze.

Este exemplo pareceu-me vir muito a proposito para provar que as palavras de Josué podiam ser assim interpretadas e a consequencia parecia-me perfeitamente justa; mas por unica resposta abanavam-me a cabeça.»

(Continua)

ZIG-ZAGS

PONTIFICES MEDICOS

Teem havido papas, que, antes de elevados ao pontificado, se haviam dedicado ao estudo da medicina.

S. Eusebio, filho de um medico, exerceu a profissão de seu pae.

João XXII foi medico da faculdade de Montpellier, e compoz varias obras de medicina, entre as quaes se distingue a intitulada *Thesouro dos Pobres*.

Paulo II, depois da sua elevação ao pontificado, visitava os enfermos, e lhes distribuia os medicamentos por elle proprio receitados.

No cathalogo dos medicos illustres incluiu Firaqueau o pontifice Nicolau V.

NOTAVEL COINCIDENCIA

O famoso pintor Raphael Samzio, d'Urbino, nasceu na sexta-feira de Paixão do anno de 1483, e morreu tambem em igual dia (sexta-feira de Paixão) de 1520.

Nascimento e morte no mesmo dia, e tão assignalado dia, é uma notavel coincidencia.

VALPARAISO

—

Depois de Santhiago, Valparaiso é a cidade mais importante da republica do Chili. Valparaiso é, de certo modo, a foz da capital.

Valparaiso, isto é, valle do paraiso, está situada na America do sul, com um magnifico porto sobre o Pacifico. Tem oitenta mil habitantes.

Demora a cidade no fundo d'uma segura e commoda bahia, abrigada das ventanias pelas ultimas ramificações das Cordilheiras. E' elegante, aceiada, mas pouco regular. A maior parte das casas são de madeira, em rasão dos tremores de terra, tão frequentes n'aquellas calidas paragens.

Os edificios mais notaveis a ver na cidade são a bolsa, a alfandega, com os seus vastos armazens, o hospital da marinha franceza, o da marinha ingleza, o theatro, etc.

Em 1543 Valparaiso não passava d'um porto deserto, cuja utilidade ainda ninguem tinha reconhecido, quando um navio mandado do Peru para conduzir provisões de guerra e de boca a Pedro de Valdivia, general hespanhol, abordou á ponta da costa, e foi só então que se reconheceu a importancia do novo porto. Pouco tempo depois um violento incendio destruia a cidade de Santhiago, e esta circunstancia, junta á outra que apontamos, fez convergir para ali as attenções. A principio, porém, só alguns pescadores transferiram para esse logar as suas habitações; mas tendo circulado a noticia, a bahia principiou a ser extraordinariamente concorrida, datando d'ahi o desenvolvimento da povoação.

Com o tempo ganhou esta uma grande importancia, formando-se uma villa florescentissima onde havia sido uma miseravel aldeia.

Em 1682 a villa foi elevada á cathegoria de praça de guerra, dotando-se ao mesmo tempo com algumas trincheira, afim de ficar protegida contra os atsaques dos piratas e corsarios que n'esse tempo infestavam aquelles mares.

Carlos II deu em 1802 a Valparaiso o titulo de cidade.

Foi sobre tudo desde 1811, epoca em que o governo revolucionario do Chili decretou que os differentes portos do paiz podessem commerciar livremente com todas as nações do mundo, que Valparaiso tomou incremento.

VALPARAISO

Valparaiso dista cerca de cento e cincoenta kilometros de Santhiago, onde se pode ir de sege com toda a commodidade; mas o transporte de bagagens e mercadorias só se pode effectuar por meio de mulas ou carros de bois. Atravessam-se as montanhas, seguem-se varios planaltos, que communicam, por meio de rochedos escarpados, com os cimos da cordilheira; vae-se subindo até ao alto a que se dá o nome de *La Cuesta de Prado*, de onde se desce á planicie em que está situada a capital da republica.

Um dos terremotos que mais estragos fez em Valparaiso foi o de 19 de novembro de 1822.

Como, porém, ali se está acostumado a catastrophes d'esta especie, ninguem lhes liga importancia. Poucos dias depois todos os estragos estão reparados, e nem sequer se falla em tal acontecimento, que se reproduz a miude.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

VOLUME SEGUNDO

(1881—1882)

PORTO

ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO

113 — Rua Nova do Sá da Bandeira — 115

1881-1882

O abbade da minha aldeia, 37
Os aerostatos, 292
Os aerostatos na guerra, 316
Affonso d'Albuquerque, 289
Affonso Domingues, 258
A Africa mysteriosa, 165, 171, 190, 198, 247
Alda, por Costa Goes, 7, 11, 21, 30, 39, 46, 53, 68
A aldeia, 278
A alma d'André Bazilio, por Eduardo Véras, 167, 174, 183, 186, 199, 204, 214, 223, 231, 237, 247, 254, 259, 270
O aloes, 69
O Amazonas, 380
Amor da patria, por Abel Acacio Moutinho, 85
Os Andellys, 56
Anna Bolena, 285
Antiga machina de guerra, 120
Antonio Pedro, 274
Antonio Rodrigues Sampaio, 122
Antonio da Silveira, 410
Ao redor do mundo sem sahir de casa, 4, 10, 18, 26, 34, 43, 51, 60, 65, 75, 82, 90, 98, 107, 114, 127, 130, 142, 147, 154, 166, 170, 182, 191, 194, 202, 211, 223, 227, 235, 246, 251, 258, 266, 274, 284, 294, 302, 310, 319, 327, 335
Os arabes, 332, 341, 350, 363
Arago, 216
A architectura gothica, 29
Através da historia, 66, 68, 83
O auroch, 124
Aurora do amor, por D. Antonio da Costa, 197, 203, 215
As aves caçadoras, 144
Barometro e thermometro, 208
Bartholomeu Dias, 378
Os beduinos, 24
Bejapoor, 2
O berço, por Gabriel Claudio, 139, 150
Bernardo de Palissy, 112, 119, 136.
Bertha, 49, 81, 148, 405, 410
Berthelot, 269
Bianca Capello, 378, 386, 394, 402, 410
A Bretanha, 45
Bruges, 34
Buffon, 256
A bussola, 248
As cabras, 13
A cadeirinha, 53
Camillo Castello Branco, 202
O caminho de ferro do Pacifico, 397
Campinas, por J. J. Gonçalves Pereira, 391, 395
A capella dos ladrões, 84, 92, 100, 108, 115
O capitão Franklin, 392
D. Carlos Mascarenhas, 362
O carnaval em Roma, 196
Carro a vapor, 272
Os cartuxos, 77
A casaca do corregedor, 97, 111, 118, 122
A casa da moeda em Paris, 236
O castello de Blois, 221
O castello de Comburgo, 172
O castello de Vincennes, 180
A cathedral de Bordeus, 188
A cavallaria, por Heliodoro A. Salgado, 215, 219, 238, 242
Os cavalleiros d'esporas douradas, 250
O cego, por H. A. Salgado, 260
Cervantes, 8, 15
O chapeo branco, por Jorge de Macedo, 194, 203, 210, 218, 234, 245, 253, 263, 268, 277, 284, 300, 308, 325
Chateaubriand, 372, 384
Chegar a tempo, 165, 180
O chinchilha, 73
O chlamydosauro, 58, 71
Cidadelhe, por J. J. Gonçalves Pereira, 47, 62
O clepsydro e a ampulheta, 264
Como morre um sabio, 277
Como se fazem as garrafas, 343
O conde d'Amarante, 78, 86, 94, 102, 110, 118, 126, 134, 142, 150. 158, 166, 174, 182, 190, 198, 206, 214, 222, 230, 238, 246, 254, 262, 270, 278, 286, 294, 302, 310. 318, 326, 334, 342, 350, 358, 366, 374, 382, 390, 398, 406, 414
As cruzadas, 20, 55
S. Damaso, 218
De Lisboa á Bahia, por M. J. Leite Galvão, 314, 323, 331
O desgelo, 5
O dia 1.º de dezembro, 106
A dieta de Pesth, 173
Diniz Papin, 164
Diogo do Couto 250
Diogo Lopes de Sequeira, 130
Dowletabad, 204
Os dramas do mar: Bontekoe, 288, 295, 303, 311, 318, 323, 331, 343, 349, 363, 388, 407, 413
Duas palavras ácerca da exposição da arte ornamental e decorativa, por A. Vieira Lopes, 172, 178
Duque de Lafões, 226
Duque de Saldanha, 194
A egreja de S. Miguel em Bordeus, 240
El-rei D. Fernando, 106
Erckmann-Chatrian, 408
Os escocezes, 63
O escola central em Paris, 245
O escravo maldito, por Nuno Rangel, 187, 195, 207, 210, 222, 230, 239, 242, 250, 258, 266, 274, 283,
A espera, 116
Os esquimós, 108
Estevão Arago, 388
Eugenio Pelletan, 405
A expedição scientifica á serra da Estrella, 187, 243. 255, 259, 271
Experiencias electricas, 320
A familia, por Camillo Castello Branco, 139
Fernão de Magalhães, 114
O fogo grego, 88
A força e o direito, 340
A fortuna, 412
Francisco d'Almada, 316
Francisco Lemaitre, 397
D. Frei João de Evora, 402
Gafarias, 347, 358, 367
Garibaldi, 324
Geraldo sem pavor, 370
Gil Vicente, 346
Gounod, 357
O grande Condé, 117
D. Gualdim Paes. 210
Guilherme Cossoul, 330
Guiton, 189
O helice, 232
Herodiades, 384
Herschell, 176
Os hindus, 275, 286, 293, 298
Historia d'um gallo negro, por Nunes d'Azevedo, 92, 101
A Hollanda, 132
O homem do capuz vermelho, 260, 267
Os homens uteis de todos os paizes: De Girard, 16; Linneu, 52; Vauquelin, 87
Horacio Vernet, 101
Huyghens, 128
D. Ignez de Castro, 178
A illuminação electrica, 356
Infante D. Henrique, 242
O infante santo, 306
Infinito amor, por Sousa Macario, 291, 299, 365, 372, 383, 389, 399
Ingres, 328
A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco. 157, 162, 175, 179
A inquisição em Portugal, 58, 67, 75
Os irmãos Montgolfier, 332
O jardim das plantas em Paris, 21
João de Barros, 154
João das Regras, 322
Jorge de Castro, por Alberto Carlos, 2, 10, 22, 28, 39, 44, 52
Jorge Sand, 333, 338
Julio Cesar Machado, 298
Koenisberg, 196
Labiche, 368
La Ferté Bernard, 97
O lago Enghien, 220
Lamego, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio, 4
A lenda das neves, 149, 158, 164, 171
Leon Gozlan, 280
Litré, 381
Os livros, 104
O Louvre, 324
Luiz de Camões. por Latino Coelho, 253, 262, 269
Luiz Ulbach, 416
A luneta astronomica, 192
Madame Dubarry, 261
A manhã do S. João, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio 74, 84
Manoel Fernandes Thomaz, 146
As margens do Rheno, 18
D. Maria Pia, 354
A marinha de guerra, 32
O marquez de Pombal, 382
A Marselheza, 351, 359, 366
Os martyres, 25
A matança do dia de S. Bartholomeu, 2, 12, 22
Do meio dia ás duas horas, 7, 14, 20, 30, 36, 45, 53, 61, 66, 76
Memorias prodigiosas, 95
Mery, 296
O meu gato maltez, por Silvina do Lago, 135
O microscopio, 80
O microscopio solar, 309
Milão, 236
A minha terra, por Barbosa Travessa, 263
O Monomotapa, 5
O monumento da Batalha, por Alfredo Maia. 34, 42, 50, 60
Os mouriscos, 327, 332
A mulher, 184, 191, 199, 207
Narbonna, 228
O natal, 144
A navegação, 48
O negro e o espelho, 152, 160, 168
No ceo, por Costa Goes, 123, 131
Nove de julho, 354
Nunca mais! por Silva Mattos, 76
D. Nuno Alvares Pereira. 170
A ordem da Annunciada, por Narciso Feio, 167
A ordem de S. Bento d'Aviz, 143
O padre Antonio Vieira, por Narciso Feio, 155
O padre Secchi, 200
O palacio ducal de Nevers, 212
O palacio real de Madrid, 189
Palavras celebres de Napoleão I, 403
Os pampas, 61
O pantheon em Paris, 244
O papagaio electrico, 364
O pára quedas. 96
O pára-raios, 376
Pascal, 141
O passado, por Abel Acacio Moutinho, 126

Pedro Alvares Cabral, 394
Pero da Covilhã, 271
Pilatre de Rosier, 360
A Polynesia, 41
O ponto, 156
A primeira exposição, 304
O primeiro vapor, 252
Os processos da inquisição, 84, 91, 99, 103, 114, 125, 132, 151, 159, 162
Ramalho Ortigão, 338
Recordação, por Elpidio Pereira, 221
Recordação por Alexandre Herculano, 47, 54
A Renascença, por Heliodoro A. Salgado 370, 379
O resgate do pintor, 309, 314, 325
O retrato de Camões, por Arnaldo Gama, 93
Ricardo Wagner, 312
Ricardo Wallace, 364
A' sahida da missa, 124
O salteador dos mares, 276, 298 306
O santuario da Senhora dos Remedios, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio, 28
A Scandinavia, 143, 146, 155
Scenas da emigração, 375, 381, 391, 399
Sciencia para todos: Chimica, 3, 14, 19, 26, 35, 43, 50, 59; Metalurgia, 70, 79, 86, 94, 102, 111; Agricultura, 116, 122, 134, 138, 146; Acustica e musica, 154, 163, 175, 178; Optica, 186, 206, 212, 317, 322; Astronomia, 342, 346, 355, 367, 374, 382, 390, 398, 406, 414
A sociedade dos tres, 6, 12, 19, 27
Sonhos-delirios d'um fumador d'opio, por Eduardo Véras, 396, 407, 415
A Sorbonna, 229
Stephenson, 400
Taborda, 138
O telegrapho electrico, 184
A telegraphia submarina, 348
O telescopio, 140
Tentação, por Nunes d'Azevedo, 226, 235
O theatro chinez, 151
Theophilo Braga 186
Thiers, 300
Tombuctu, 388
A torre de Londres, 205
O tosão d'ouro, por Narcizo Feio, 124
Tunneis 276
Uma aventura, por Julio Cesar Machado, 119, 123
Uma casa de campo na Inglaterra, 93
Uma familia chineza, 109
Uma floresta em Ceylão, 181
Uma historia extraordinaria, 62, 71, 87, 95, 103, 111, 117, 133
Uma leitura do Hyssope, 23, 29 38
Uma poesia popular do seculo XVI, por J. Leite Vasconcellos, 231
Uma procissão no Porto no seculo passado 90, 99, 106, 130 138, 147, 159, 163, 170, 179
Uma reliquia historica, por A. Vieira Lopes, 226, 234
Uma vingança, 279
Um castello antigo, 72
Um episodio da vida do marquez de Pombal, 303
Um facto historico, 334 339
Um heroe, 127
Um naufragio, por Heliodoro A. Salgado, 287
Um passeio na minha aldeia, por J. J. Gonçalves Pereira, 315
Um romance intermittente e rapido, 140
Um theatro particular, 70, 79
Do uso e abuso das bebidas alcoolicas, por Narciso Feio, 135
O Usurario por D. Maria do Pilar B. M. Osorio, 100
O vale de Goldan, 213
Vasco da Gama, por Buihão Pato, 291, 301, 307
Os veados e antilopes, 89
Victor Hugo, por Heliodoro A. Salgado, 348, 356
Victor Hugo, 317
Villa Real, por Abel Acacio Moutinho, 156
As vindimas, por J. J. Gonçalves Pereira, 415
O vingador, 9
A vingança d'um morto, 330, 338, 346, 357, 362, 370, 379, 387, 395, 403, 411
Viriato, 234
Visconde d'Almeida Garret, 314
Visconde de Benalcanfor, 266
Visconde de Castilho, 386
Visconde de Paço d'Arcos, 162
Von Moltke, 412
O Zaire, 404
Zanzibar, 412
Zaphira, 31, 37, 41

—

POESIAS

—

A. B., 62
Alchimia, 375
Amor selvagem, 63
Anhelo, 286
Anjinho, 174
Annita, 119
Aos irmãos, 83
Attração, 31
Bandolin da desgraça, 14
Benedicta, 126
A boa nuncia, 379
Bocage, 335
Bom padre e mau pregador, 131
Brincas! 391
A Camões, 367
Camões, 355
Canção do marinheiro, 339
Carmo, 210
O cavalleiro negro, 290
C. P., 107
Creanças, 307
Crepusculos, 403
De luto, 303
Desalento, 162
Desejos do coração, 94
Digressões, 202
Do intermezzo, 235
Dorme! acorda, 166
Emilia das Neves, 395
Em um album, 151
Em um album, 206
A engeitada, 158
Eu e ella, 342
O fim da missa 327
Harmonias intimas, 171, 187
Hespanholadas, 214
A hora do repouso, 397
O hymno do menino, 318
Idolatria, 182
Incomprehensivel, 239
Jasmim no lago, 227
J. M. 383
Julia, 55
Lampejos, 115
Liberdade, 251
Loira, 51
A Luiz de Camões, 47
A' luz das estrellas, 399
Lyra, 138
Lyra de hontem, 123
Maria, 38
Maria, 190
O mausoleo de Phrinea, 243
A minha crença, 5
A minha mãe, 74
A minha patria, 219
Minha terra, 59
A' mulher, 67
Mysterio, 347
Na praia, 310
Nihil, 415
Noute d'estio, 147
Oh! Riso! 179
O que eu amo, 22
Peccadora, 263, 198
O pensamento da mulher, 230
Pepita, 35
Pombal, 299
Portugal e Camões, 259
Qual rispettozo omaggio, 411
Que vale a vida! 103
Recorda, 19
O regato, 54
As rosas, 11
Rosas de Andaluzia, 86
O rouxinol, 267
Saudade, 262, 270, 98, 155
Scena da vida, 151
D. Sebastião, 350
Sevilha, 6
O soldado, 279
Soneto, 142
A tecedeira, 359
Terno amor, 407
Teus encantos, 43
Os teus olhos, 254
Tricentenario de Camões em Coimbra, 387, 323, 371
Triste, 195
Uma amiga, 314
A um amigo, 110
Uma lembrança, 78
Venezia, la bella! 91
Violeta, 134
A viscondessa, 330
A' visão, 71
Visão, 27

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 19

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 6 DE JANEIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Joanna d'Arc — Theresinha (conto) por Costa Goes — Lembrança (poesia) por J. D. Castro — Gallileu — Os sonhos dos fumadores de opio — Nadir Shah — O Cairo — Van Dyck — Datas memoraveis de Portugal: — O Rio dos Reis — Os conhecimentos uteis — Ao redor do mundo sem sahir de casa — Adoração (poesia) por Ernesto Pires — Os homens uteis de todos os paizes: — Daguerre — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Chronica — Zig-Zags: Um alho — Mascaras — Bernardim de Saint Pierre — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Joanna d'Arc — Mesquita das flores no Cairo — Van Dyck — Casa de Bernardim de Saint Pierre.

JOANNA D'ARC

No primeiro quartel do seculo XV uma guerra terrivel e sacrilega dizimava uma parte da França, onde filhos da mesma mãe patria combatiam por causas distinctas, com um encarniçamento inaudito. Os burginhões, antigos e irreconciliaveis inimigos dos francos, para melhor se vingarem dos seus adversarios, entregaram o paiz aos inglezes e as campinas da Lorena eram o theatro das mais atrozes malfeitorias.

Os habitantes da pequena aldeia de Domremy, situada em um valle banhado pelo Mosa, entre Neuf-Chateau e Vaucouleurs, estavam divididos em duas parcialidades, e as escaramuças succediam-se todos os dias.

Foi então que, lamentando as desgraças da patria, appareceu uma joven de quinze annos, por nome Joanna, nascida na mesma aldeia na noute de 5 de janeiro de 1411, e filha de paes lavradores. De cinco irmãos que eram, Joanna tornara-se sempre a mais notavel pela sua belleza, pela modestia, pela piedade, de que dava constantemente provas. Era melancolica e pensativa; dormia pouco e ás vezes desatava a chorar sem se saber porque. Não sabia ler nem escrever, e era habil para todos os trabalhos proprios das pessoas do seu sexo.

Desde a idade dos trese annos manifestou-se uma cousa extraordinaria n'esta pobre rapariga, que em breve teve um poderoso ascendente sobre todos os habitantes da aldeia. Tinham-a uns por santa; outros diziam-a fadada para grandes empresas.

JOANNA D'ARC

Em uma das suas visões appareceu-lhe o anjo das batalhas, S. Miguel, ordenando-lhe que voasse em soccorro da França.

Joanna apressou-se a obedecer.

Caminhou resolutamente para Vaucouleurs, ondė residia o governador Roberto de Beaudricourt, e apresentando-se-lhe, pediu-lhe que a mandasse conduzir onde se achava el-rei. O governador deu-lhe, não sem hesitar bastante, dous fidalgos para lhe servirem d'escolta.

A heroina fez cortar o cabello, tomou trajos d'homem e despediu-se de seus paes, que queriam casal-a para a desviar dos seus temerarios projectos.

Todos os habitantes de Vaucouleurs se interessavam por ella.

—Não me lamenteis, dizia ella vendo-os chorar. Foi para isto que eu nasci.

A partida teve logar em 24 de fevereiro de 1429.

Ao cabo d'uma viagem de cento e cincoenta legoas, atravez de territorios cortados de rios caudalosos, Joanna chegou a Chignon, onde se achava a côrte. Pediu para fallar ao rei, declarando o que lhe desejava, e os cortesãos desataram a rir.

—E' uma louca! disseram uns.

—E' uma feiticeira! exclamaram desde logo os padres.

O duque de Vendome introduziu-a emfim no salão, onde a heroina teve com Carlos VII uma longa entrevista.

Em seguida conduziram-a ao castello de Poitiers, onde o parlamento tinha a sua sede, e, interrogada pelos theologos, respondeu com altivez a todas as perguntas e nada a pôde demover dos seus projectos guerreiros.

—Nasci para salvar a França, dizia, e hei de salval-a!

Os povos olhavam-a enthusiasmados. De toda a parte lhe chegavam as adhesões. Deram-lhe uma brilhante armadura e cavallos; organisaram-lhe um estado como verdadeiro chefe de guerra. Tinha um escudeiro, dous arautos, um esmoler, dous criados, etc. Tambem a acompanhava um irmão seu, por nome Pedro.

Orleans, ultimo baluarte da França, achava-se cercada pelos inglezes; os viveres escasseavam e a praça não podia resistir muito tempo. Foi para alli que Joanna se dirigiu.

Partiu de Tours em 5 d'abril á frente d'um exercito de quatro a cinco mil homens, mandando ao mesmo tempo aos sitiantes uma mensagem, que ella mesma ditou, e na qual intimava os inimigos a levantar o cerco e entregarem-lhe as chaves da cidade.

Os inglezes não poderam deixar de rir quando souberam que era uma mulher que lhes fazia tal intimação.

(Continua)

THERESINHA

CONTO

I

Theresa era uma camponia folgazã e linda como uma qualquer filha de Venus.

Amava o pôr do sol, porque se lembrava dos tempos antigos, quando, pelo meio da tarde, voava pelos campos atraz das borboletas.

Lembrava-se d'esses divertimentos infantis, d'essas boas horas que tinha passado junto com as suas companheiras, contando umas ás outras historias, ou espreguiçando-se pelos extensos campos em busca d'esses insectos volateis.

Por isso, ao declinar da tarde, como que recordando esses tempos, via-se Theresinha no seu jardim tratando das suas mais intimas amigas, as flores.

O melhor jardineiro que houvesse, talvez não fosse muito superior no seu cultivo do que a engraçada folgazã.

Quando na aldeia havia alguma festa, era do jardim de Theresa que se sortiam os festeiros das flores para adornarem a Virgem.

II

Um dia, como de costume, estava Theresinha no seu jardim, juntando umas camelias, para as ir offerecer á Virgem, quando entrou o reitor da freguezia.

—Olá, senhor reitor; vem visitar as minhas flores? disse a camponeza.

—Venho sim, Theresa. Venho ver o teu jardim, e disfructar o perfume das tuas flores, em cujo cultivo tu és desvelada, respondeu o bom do velho sorvendo ao mesmo tempo uma boa pitada de rapé.

—Não me lisonjeie, senhor reitor; não faço mais do que o meu dever. Ellas são muito minhas amigas; dão-me o seu delicioso perfume, em troca do humilde serviço que lhes faço.

—Sim, sim; tu és uma santa. Olha, toma lá esta roseira para plantares em um canteiro do teu jardim. Trata-a e estima-a como dadiva minha.

– Oh! Mil vezes obrigada, disse Theresa. Heide tratar d'ella com carinho maternal.

N'este instante o som do bronze, eccoando no jardim, e dando as Ave-Marias, veio interromper o animado dialogo.

O bom do padre tirou o barrete, e poz-se em ares de elevar uma prece ao Altissimo; Theresa ergueu as mãos ao ceo e pronunciou uma fervorosa oração.

Depois retiraram-se.

III

Desde esse dia Theresa não deixava a pobre roseira.

Todos os disvelos d'ella, até então espalhados por todas as flores do seu bello jardim, eram agora reunidos só para a roseira.

Além d'isso, ella amava-a mais porque no dia em que a plantou foi que principiaram os seus ternos amores com um folgazão camponez d'aquella aldeia.

Rodeou o arbustosinho com umas grades de cana, e todos os dias sem excepção, ao pôr do sol, o ia regar e examinar se já principiava a rebentar alguma rosinha.

Isto quinze dias consecutivos.

Passados elles, ainda a camponeza não via signal algum de brotar o mais pequenino botão.

Theresa quasi que já desanimava.

IV

Era em um domingo.

Ao nascer do sol ouvia-se o som do bronze, chamando os fieis ao santo sacrificio da missa.

No adro da capella viam-se dispersos differentes grupos de aldeões conversando, em quanto não principiava a ceremonia.

Em um momento, quasi que authomaticamente, todas as vistas se fixaram em um ponto e todos exclamaram:

—Como vem encantadora!

Effectivamente Theresa realçava n'esse domingo em belleza.

O seu lenço de grandes ramalhões amarellos cingindo-lhe o nedeo cabello e vindo encruzar-se no peito, as suas arrecadas de lindissimo gosto caindo verticalmente das orelhas; o seu pésinho embutido em uma elegante chinella de verniz; e de mais aquelle sorriso, familiar nos seus labios, dando-lhe uma graça inexplicavel, tudo, tudo, concorria para que Theresinha fosse o alvo de todos os olhares de quantos a rodeavam.

A elegante camponeza atravessou a multidão, entrou na capella e ajoelhou junto ao altar da Virgem.

Passados instantes estava o padre no altar, e todos os fieis a orar.

V

Terminou a missa.

O reitor mandou chamar Theresinha á sacristia.

Ella foi.

—Adeus, Theresa; como tens passado?

—Muito bem, snr. reitor, e V. S.ª?

—Soffrivel, obrigado. Diz-me cá; que tal vae a roseira que te dei? Já deu alguma rosinha?

—Não, senhor reitor, respondeu Theresinha como se estivesse magoada. Ella está muito bonita, muito verdesinha; eu não me canço de a regar e de lhe prodigalisar mil cuidados; mas não sei a que atribuir esse inconveniente.

—Não te affiijas, Theresa; ainda não

é tarde. Quero-te perguntar uma cousa: disseram-me que tu fallas com o José da Monica, meu criado?

A resposta foi uma lagrima rolando silenciosa pela face cheia de rubor.

—Não o occultes, Theresa, insistiu o padre. Já o sei. Diz-m'o a vermelhidão do teu rosto e diz-m'o a experiencia.

—Perdôe-me, se o offendo, senhor reitor; vou dizer-lhe a verdade. Amo-o, adoro-o tanto como ás minhas flores.

—Basta, disse o padre. Era isso que eu queria ouvir da tua propria bocca. Vou dar-te um conselho: tributa-lhe somente uma amizade de irmão, que o vosso consorcio se effectuará quando brotar a primeira rosa da roseira que te eu dei.

Separaram-se.

(Continua)

COSTA GOES

LEMBRANÇA

N'essas noites tenebrosas
D'um inverno impiedoso,
Quando as nuvens furiosas
Choram um pranto ruidoso:

Quando o vento desabrido
Se agita no arvoredo,
E se ouve ao longe o latido
Dos cães que fogem com medo:

Que conforto se não sente
Em um recanto do lar!
Que dulcissimo ambiente
Nos parece rodear!

E ouvindo as velhas d'aldeia
N'um palrar alegre e vivo,
Faz-nos trazer á ideia
Os contos de Pedro Ivo.

Formosos contos, que exalam
A mais suave fragancia;
Canções amenas, que embalam
Os meigos sonhos da infancia.

Não ha flores mais mimosas
Nos jardins da litt'ratura,
Não se encontram mais viçosas,
De mais transparente alvura.

Com os contos feiticeiros
De Ivo e de Julio Diniz,
Passam os dias ligeiros,
Torna-se o tempo feliz.

Int'lligencias peregrinas
Que a mesma escola educou,
Paginas meigas, divinas
Aos dois genios inspirou.

Da aldeia a vida serena
Da familia o santo amor,
Lhes fez deslizar a penna
Co' o mais brilhante fulgor.

Por isso é que eu os adoro
N'um culto rude, sincero...
D'um o destino deploro,
D'outro mais livros espero.

J. D. CASTRO

GALLILEU

(Conclusão)

Vinte dias depois Gallileu foi conduzido ao tribunal do Santo Officio para ahi pronunciar a sua abjuração, que lhe ditaram nos seguintes termos:

«Eu, Gallileu, de setenta annos de idade, achando-me preso e de joelhos perante vossas eminencias, e com os Santos Evangelhos diante de mim e tocando-os com as minhas mãos, abjuro, maldigo e detesto o erro e a heresia do movimento da terra, etc.»

Terminada a expiação, foram prohibidos os seus dialogos, e condemnaram-o a prisão por tempo indeterminado, ordenando-se-lhe, como punição salutar, que recitasse uma vez por semana os sete psalmos penitenciaes durante tres annos.

Diz-se que depois de ter pronunciado a sua abjuração, cheio do sentimento da injustiça que lhe fazia o seu seculo, o sabio não pôde deixar d'exclamar baixinho, batendo com o pé no chão:

—E, apesar de tudo, ella move-se!

Apesar da sentença o mandar para um dos carceres da inquisição, Gallileu ficou sob prisão na habitação d'um dos officiaes do tribunal, com ordem de passear no palacio. Tinha os seus criados e escrevia aos seus amigos. Emfim, em dezembro de 1633, o papa deu-lhe licença para ir residir no campo, junto de Florença, e mais tarde, em rasão das suas infermidades, teve permissão para entrar na cidade.

Gallileu, curvado sob o peso da idade e da doença, tendo perdido a vista aos setenta e quatro annos, não tinha abandonado o estudo; chamou para junto de si discipulos que depois lhe honraram muito a memoria, e um dos quaes foi Viviani, que lhe tinha uma profunda affeição. Cercado pois de seus discipulos e visitado por todos os espiritos cultos de Florença, Gallileu morreu em 9 de janeiro de 1642, anno em que nasceu Newton.

Pisa elevou-lhe em 1839 uma estatua de marmore, obra do esculptor Demi, de Leorne. E' essa estatua que representa a nossa gravura do numero 17.

Terminamos resumindo as descobertas feitas por Gallileu, e, o que ainda é mais, as verdades que elle demonstrou e explicou em um periodo de vinte e cinco annos:

A lei da queda accelerada dos corpos graves, trabalho, diz Bailly, que devia influir sobre todos os trabalhos futuros.

O phenomeno do pendulo. Diz-se que foi observando na cathedral de Pisa as oscilações cadenciadas d'uma alampada suspensa da abobada, que Gallileu achou a theoria do pendulo. Quanto á sua applicação aos relogios, feita deseseis annos mais tarde por Huygens, sabe-se que Gallileu concebera a ideia em 1641, mas não a pudera pôr em pratica por causa da sua cegueira.

As desigualdades da superficie da lua.

As phases de Venus, as estrellas de sexta e setima grandeza, especialmente as da via lactea e o annel de Saturno.

As manchas do sol e emfim os satelites de Jupiter.

O mundo sabio deve admirar em Gallileu não só um philosopho, um geometra, um mecanico, um astronomo profundo, mas tambem o espirito elevado, tão forte na pratica como na theoria, aquelle que dissipou os erros da escola antiga, um dos escriptores mais fundos e elegantes, que tem produzido o solo italico, o mestre de Castelli, de Aggiunti, de Viviani e de Torricelli.

OS SONHOS DOS FUMADORES D'OPIO

(Conclusão)

Nas ilhas Philipinas toda a povoação chineza tem os seus fumadores de opio; mas estes são sujos e nauseabundos.

Certo imperador do Celeste Imperio quiz prohibir o opio, e, para se convencer da rasão que devia ter para tal prohibição, entendeu conveniente experimentar os seus effeitos e mandou que lhe dessem um cachimbo cheio do narcotico, que fumou até ás fezes.

Quando despertou do seu sonho, disse ao seu primeiro ministro:

—Arrependo-me de ter pensado em prohibir o opio. A verdadeira vida está n'elle.

—Mas, senhor . . . atreveu-se a dizer o magnate.

—Quero que te convenças, respondeu o imperador.

Fez trazer dous cachimbos, e o soberano e o subdito fumaram.

Acordaram no dia seguinte.

—Que tal? perguntou o imperador.

—Senhor, desde hoje, respondeu o ministro, juro que sou o partidario mais acerrimo do opio.

O decreto que se pensava dar ficou sem effeito. O imperador e o ministro entregaram-se livremente aos praseres d'aquelle mundo melhor, por mais que esse mundo fosse phantastico.

Porque os sonhos do opio teem o caracter d'uma realidade exacta e positiva, tanto que certos homens pensam que se gosa mais sonhando do que acordado.

Passando a considerar pelo lado pratico e utilitario esta droga tão nociva á economia humana, diremos que o opio extrae-se das capsulas d'uma especie de papoula, por meio d'uma incisão, praticada, depois da queda das flores, na parte inferior do receptaculo das sementes, por onde sae um succo lacteo, que se recolhe cuidadosamente, e, depois de submettido a diversos processos, toma a

consistencia d'um unguento viscoso, de côr parda avermelhada, conservando sempre o forte odor da papoula. Quanto mais fina é a substancia ao tocar-se, melhor é a qualidade. Depois de preparada, põe-se em bolas das dimensões d'uma laranja e é assim que se entrega ao commercio.

Os grandes impostos que pesam sobre esta perigosa substancia formaram na antiguidade uma das principaes fontes de receita dos principes e pachás asiaticos; mas, depois que a companhia ingleza das Indias succedeu aos antigos senhores, quasi que a monopolisa para obter fabulosos lucros. Em Cantão é immenso o commercio do opio, exportado em navios inglezes. Em Macau tambem os portuguezes fizeram outr'ora consideravel commercio com o opio, ao qual os chinezes dão o nome de *anfião*.

E' da India e da Tartaria que elle vem em maior copia; mas o mais estimado pelos consummidores é o procedente de Constantinopla, Smyrna e Egypto.

NADIR SHAH

(Conclusão)

Ao cingir a coroa, Nadir meditou e levou a cabo a conquista de Candahar, capital do paiz afghan, conquista que lhe custou mais de dez mezes d'um cerco heroicamente sustentado, mas de que tirou consideraveis riquezas. Em seguida precipitou-se sobre a India, com o unico fim de haver os thesouros do Industão, e, depois de submetter Cabul, atravessou a vau o Indo, acceitou a rendição de Lahore, e chegando diante de Delhi, poz em fuga o exercito indiano e tomou e saqueou todas as povoações.

Carregado de despojos voltou á Persia. Mas o victorioso Nadir, embrutecido pelas riquezas, já não era o mesmo principe amado dos seus subditos. A avareza, o orgulho, tornaram-o feroz e insupportavel.

A sua chegada a Ispahan foi celebrada com grandes festas, realçadas com a exposição dos riquissimos thesouros que o monarca trouxera da India.

Em 1741 emprehendeu uma campanha contra as tribus do Caucaso; mas durante a marcha, dous assassinos desconhecidos dispararam contra elle um tiro, que o feriu levemente em um braço. Nadir fingiu-se morto e assim escapou aos assassinos.

Este acontecimento tornou-o ainda mais cruel e feroz, e desde esse momento a sua historia não é mais do que uma serie de crimes.

Velho prematuramente, acabrunhado pelas doenças e pelos desgostos cansado pelos revezes ultimamente soffridos, Nadir tornou-se o flagello de seus proprios subditos. Por qualquer leve falta mandava degolar; usava muito igualmente fazer mutilar ou cegar aquelles que lhe cahiam no desagrado. Recreava-se emfim com o espectaculo de pyramides de ossadas humanas.

Os crimes do despota deviam ter um termo: tinha-se tornado insupportavel aos seus subditos, e, quando elle, á frente d'um exercito formidavel, marchava contra os kurdos, achando-se acampado no meio d'uma vasta campina, na noute de 19 de junho de 1747, alguns dos generaes persas, tendo á frente o intendente da sua casa e o capitão das suas guardas, entraram na tenda do rei para o assassinar. Nadir levanta-se sobresaltado, toma o seu sabre; mas cae atordoado por uma pancada dada na cabeça. Pede perdão; mas os conjurados respondem:

—Tu não perdoaste a ninguem; não mereces perdão!

E o tyranno caiu morto. Tinha cincoenta e nove annos.

O chefe secreto da conspiração fôra um sobrinho de Nadir, o qual immolou toda a familia de seu tio, apossou-se das suas riquezas e tomou as redeas do poder, governando a Persia sob o nome de Adel-Shah.

O CAIRO

A capital do Egypto moderno é o Cairo, cidade situada no Baixo Egypto, junto da vertente do monte Mokattam e na margem direita do Nilo, á beira do qual se prolongam os dous arrabaldes Baboul e Velho Cairo. Dista de Constantinopla mil duzentos e cincoenta kilometros.

MESQUITA DAS FLORES NO CAIRO

A população consta de trinta mil habitantes. Esta cifra era muito mais elevada quando todo o commercio oriental seguia o caminho do Mediterraneo e do Mar Vermelho; mas depois da descoberta do cabo da Boa Esperança, a população desceu consideravelmente; a abertura porém do canal de Suez, fazendo voltar o trafico ao seu antigo caminho, deu um grande augmento á população e restituiu á cidade o seu antigo explendor.

O Cairo é centro d'um movimento commercial de primeira ordem.

Tem escolas polytechnica, de desenho, de lingoas, medicina, artes e officios, veterinaria, theologia, engenheria, artilheria, cavallaria, etc.

E', depois de Constantinopla, a cidade mais vasta e mais linda do Oriente musulmano; a leste e sul limitam-a terrenos areentos e a planicie coberta de ruinas do velho Cairo; do lado de leste confina com extensas plantações de palmeiras, magnificas avenidas d'acacias e sycomoros, que vão desde o Nilo até á porta de Baboul e prolongam-se do lado do norte formando as verdes campinas do Delta.

Visto de longe, o Cairo offerece uma perspectiva encantadora. O seu conjunto apresenta um oblongo, que na maior extensão medo de sudueste a noroeste cerca de quatro kilometros por dous de largura.

Outr'ora cercava-o uma forte muralha, de que ainda se veem as ruinas, com especialidade do lado do norte.

O Cairo tem quatro grandes praças, a principal das quaes é o Esbeyeh, no quarteirão europeu; é o principal ponto de reunião da população da cidade. E' um grande jardim, circundado por uma

grande avenida, toda bordada de cafés ao ar livre, o que attrae a multidão de dia e de noute.

D'esta praça parte uma rua muito larga, a de Musky, onde estão os melhores estabelecimentos commerciaes.

Os bazares são uma das grandes curiosidades do Cairo. Os banhos publicos abundam em todos os quarteirões da cidade.

O Cairo tem mais de quatrocentas mesquitas, e uma das mais importantes é a que a nossa gravura representa. Chama-se de El-Azhar; mas dão-lhe vulgarmente o nome de mesquita das flores. E' a mesquita por excellencia, o collegio sagrado, onde concorrem de todas as partes do mundo os musulmanos que querem instruir-se a fundo na theologia e jurisprudencia do islamismo.

Todas as nações mahometanas teem ahi aposentos e bibliothecas para uso dos seus estudantes. O ensino é gratuito. O numero d'estudantes eleva-se ordinariamente a mil e quinhentos. Ha um asylo d'estudantes cegos, sustentados á custa dos fieis.

VAN DYCK

Antonio Van Dyck, celebre pintor e gravador flamengo, nasceu em Antuerpia em 22 de março de 1599, e morreu em 9 de dezembro de 1641 em Blackfriars.

De dez annos principiou a estudar na officina de Henrique Van Balen, d'onde depois passou para a de Rubens.

Viajou na Italia e fixou em 1632 a residencia na Inglaterra, onde o rei Carlos I o tratou com particular estima, nomeando-o seu primeiro pintor, creando-o cavalleiro, dando-lhe uma pensão de duzentas livras por anno e uma casa para residir no inverno em Blackfriars e outra para o verão em Eltham.

Elevado ao fastigio das honras, a casa de Van Dyck tornou-se o ponto de reunião de todas as illustrações do seu tempo, que solicitavam a honra de se retratarem.

Foi no retrato que Van Dyck se tornou notavel, e com especialidade nos retratos das grandes damas e dos mais illustres fidalgos, foi que deu provas da elegancia, da nobreza, da graça, de todas as maravilhas d'estylo e de execução que o tornaram o mais distincto e o mais aristocratico dos pintores. Nenhum melhor do que elle soube exprimir na tela o cunho da abastança, os attractivos da belleza e a encantadora ingenuidade da infancia.

Depois de Rubens, Van Dyck foi o maior artista da escola flamenga. Rubens foi o iniciador, o creador: Van Dyck foi o iniciado, o apostolo, em que se reflectiu a chamma do genio do mestre.

As obras de Van Dyck estão espalhadas por todos os museus e grandes galerias da Europa.

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

O RIO DOS REIS

Recordar as antigas datas dos feitos gloriosos que Portugal praticou nas cinco partes do mundo, é o intuito d'estes breves artigos, em que nos propomos deixar assignaladas essas paginas brilhantes da nossa antiga historia.

Foi no dia 8 de julho de 1497 que partiu da praia do Restello, hoje Belem, a frota com que Vasco da Gama ia descobrir as Indias. El-rei D. Manoel e toda a côrte portugueza assistiram ás despedidas do intrepido navegador.

VAN DYCK

De quatro navios se compunha a expedição, que contava, entre soldados e marinheiros, cento e sessenta homens apenas.

A esquadra navegou em direcção ás Canarias, d'onde mudou de rumo para as ilhas de Cabo Verde. Tendo uma pequena paragem na ilha de S. Thiago, proseguiu viagem, e, debelada uma conspiração que tinha por fim obrigar o commandante a retroceder, tal era o receio que uma grande parte dos tripulantes tinham de passar o temeroso cabo das Tormentas, o Gama passou-o em 25 de novembro, apoz alguns dias de violento temporal, e foi ancorar em um golfo a que deu o nome de Aguada de S. Braz.

No dia 8 de dezembro largou a esquadra ferro, tendo que luctar contra uma outra tormenta, que felizmente não causou damno; no dia 25 avistou-se de novo terra, que recebeu a denominação de Costa do Natal, e no dia 6 de janeiro de 1498 descobriram um grande rio, ao qual, em memoria do dia, pozeram o nome de Rio dos Reis.

Os habitantes d'esta parte da Africa eram de côr baça, mas bem conformados, e muito mais polidos do que os do Cabo da Boa Esperança. Usavam manilhas de cobre e tambem traziam pedaços do mesmo metal atados no cabello. Por esse motivo tambem se chamou áquelle territorio Rio do Cobre.

Eis o facto que commemoramos. Facto de si insignificante; mas que foi, como os anteriores á chegada do grande navegador ao termo da sua derrota, o prologo do grande livro que elle abriu á narração das nossas brilhantes glorias maritimas.

Possam estas singelas recordações avivar o espirito amortecido dos portuguezes d'hoje e acordar os brios patrioticos, adormecidos á sombra dos louros d'outr'ora!

OS CONHECIMENTOS UTEIS

(Continuação)

Conforme já demonstramos, é á cultura dos conhecimentos, não só uteis mas necessarios e indispensaveis, que devemos a nossa grande superioridade sobre os povos barbaros que ha no mundo. As artes uteis aperfeiçoam as sciencias, e as sciencias a seu turno, esclarecidas pelo fanal da religião, eis o que forma o homem civilisado e instruido, eis o que o torna superior ás suas imperfeições naturaes e lhe imprime o caracter da sua dignidade.

Basta comparar as miseraveis cabanas dos selvagens com as commodas e elegantes habitações dos povos civilisados, as suas artes defensivas, os seus trajos, os seus instrumentos domesticos, os fructos da sua industria, os seus progressos intelectuaes; basta comparar os seus gosos e privações, para se conhecer que somma de conhecimentos foram necessarios, que proveito se chegou a tirar da rasão e da experiencia, para collocar o homem da sociedade tanto acima do homem da natureza.

A civilisação, nascida nas viridentes margens do Ganges, percorreu successivamente a Persia, o Egypto, a Grecia e a Italia, d'onde se espalhou pela maior parte da Europa, sustentada pelo genio belicoso dos romanos. A irrupção dos barbaros do norte paralysou durante algum tempo a sua marcha bemfeitora; mas quando, ao cahir o collosso romano, se ergueram as numerosas monarchias que fazem ainda hoje da Europa uma vasta confederação d'estados independentes, a civilisação tomou de novo incremento, e marchando para o fim que

as suas conquistas lhe assignalavam atravez de quinze seculos de combates continuos, ora victoriosa, ora abatida, mas nunca vencida, consolidou emfim o estado social que ao presente gosamos e cujos ramos acabarão por abraçar as duas extremidades do mundo.

Traçar o quadro dos conhecimentos humanos, filhos da civilisação dos povos, seguir a sua marcha progressiva desde os tempos mais barbaros até aos nossos dias, tornal-os queridos á mocidade, á adolescencia, aos espiritos menos cultos emfim, offerecendo-lhes a sua historia sob as formas mais faceis, eis o fim e objecto do trabalho que nos propomos e a que as linhas que deixamos traçadas são uma especie de introducção indispensavel.

Sob o titulo de *Conhecimentos uteis* vamos esclarecer o leitor sobre cousas em que elle não tem feito reparo. E comtudo são cousas bem simples, bem vulgares.

Tem por acaso o leitor reflectido na somma de conhecimentos, no concurso d'ideias, nas successivas transformações porque ha passado a materia prima de que o seu trajo é composto, e porque serie de trabalhos elle chegou até ao seu estado actual?

Uma breve discripção dos processos que levam aos prodigiosos resultados que hoje admiramos n'esses productos, filhos da artee do gosto, tirados á natureza simples, mas próvida e sabia, supprirá a falta de reparo do leitor.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XIV

A ITALIA

Passemos á Italia.

Eis aqui a Lombardia, que espaneja a este bello sol sempre brilhante as suas verdes campinas, por meio das quaes serpenteam os canaes e regatos, bordados d'um e d'outro lado de campos de milho, trigo, arroz, amoreiras e salgueiros.

A Italia, situada ao sul da Europa, apresenta uma superficie de 296:000 kilometros quadrados, e uma população de 25 milhões de habitantes.

Os seus limites são: ao norte os Alpes, a leste o mar Adriatico, ao sul o mar Ionio, a oeste o mar Mediterraneo e os Alpes.

Depois da queda do imperio romano, a Italia, victima das invasões e conquistas, não pôde reconstituir a sua unidade senão em 1870. Hoje o reino de Italia comprehende toda a peninsula, excepto a pequena republica de S. Marino.

A variedade do clima reflecte-se nos seus productos; as riquezas vegetaes e animaes são abundantes; a industria acha-se em um estado muito adiantado.

O reino de Italia, desde 1868 e 1870, está dividido em 69 provincias.

Para vermos a Italia de passagem iremos passando successivamente em revista as terras que encontramos.

Em primeiro logar depara-se-nos Turim, cidade de 180:000 habitantes, antiga capital do reino, cujas ruas são perfeitamente alinhadas. Veremos de passagem a excellente universidade, as ricas bibliothecas, os magnificos museus e os bellos edificios que tornam esta cidade uma das mais agradaveis da Europa.

Aqui temos Milão (230:000 habitantes) na margem esquerda do Olona, com ruas tortuosas e estreitas, mas praças amplas e bellas; com ricos monumentos, apesar de, arrasada por Barba Roxa, ter sustentado mais de quarenta cercos. A' frente das suas egrejas ricamente ornadas deve collocar-se a soberba cathedral, toda de marmore. As escolas são numerosas; os palacios e museus abundam. A bibliotheca Ambrosiana merecenos uma visita.

Proseguindo, encontramos Genova, a soberba, orgulhosa dos seus esplendidos palacios, da sua universidade, das ricas e formosas egrejas, dos museus, que encerram obras primas de valor incalculavel. Situada no fundo d'um vasto golfo, Genova offerece um aspecto imponente. A sua magnifica situação torna-a um porto muito vasto e muito commerciante. Tem 138:000 habitantes.

Atravessamos agora Pavia, cidade de 26:000 habitantes e perto da qual Francisco I perdeu a batalha que o entregou nas mãos do terrivel Carlos V, de Hespanha. Pavia tem uma excellente universidade e notaveis collecções scientificas.

Chegamos a Novara, cidade forte de 27:000 habitantes, celebre pela batalha dada em 1849 pelos austriacos, commandados por Radetzky, e na qual ficou derrotado o rei da Sardenha Carlos Alberto, que, refugiando-se em Portugal, falleceu no Porto em 28 de junho do mesmo anno. Passamos por Marengo, Marignan, Rivoli, Castiglione, Magenta, Mantua, Trevisa, nomes queridos á vaidade franceza, e estamos emfim em Veneza.

Veneza, a bella! Eis aqui uma das mais formosas terras do mundo.

Quem diz Veneza diz as agoas azues do Adriatico, os palacios sumptuosos á beira dos lagos, a ponte dos Suspiros, as canções dos gondoleiros, e por cima de tudo isto aquelle bello ceo da Italia sorrindo sempre!

Fundada no seculo V por uma tribu que fugia diante da invasão dos hunos, Veneza não passou ao principio d'um grupo de miseraveis choupanas de pescadores, que na idade media foram substituidas por sumptuosos palacios e egrejas enriquecidas com as mais preciosas maravilhas da arte. Os filhos dos humildes pescadores tornaram-se reis dos mares e alargaram o seu commercio. A cidade tornou-se rica e poderosa. Na epoca das cruzadas deu um importante soccorro aos obreiros da fé. Mas as descobertas geographicas dos portuguezes, dos hespanhoes, inglezes e francezes, fizeram perder á cidade dos doges a sua supremacia maritima.

(Continua)

ADORAÇÃO

—

Bem sei que te offendi, mas podes crer
Que é eterno este amor que me devora!
Ai! se me abandonasses inda agora,
Não poderia em vida mais viver.

Os homens nascem só para soffrer!
E se não fosse a voz consoladora
Que dos teus labios sae, talvez nest'hora
Nada restasse já de mim, mulher!

Espera-me o ataúde mysterioso,
Convida-me ao repouso a fria morte,
Chama por mim um coração saudoso.

Um passo mais e este meu peito forte
Tombará no sepulchro!... Anjo formoso,
Está nas tuas mãos a minha sorte.

Ernesto Pires

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

VI

DAGUERRE

O inventor do *daguerreotypo* násceu em Cormeilles em 1787 e era um habil pintor scenographo antes de tornar-se conhecido pelo estabelecimento em Paris do *Diorama*, vasto quadro circular, cujos pannos transparentes davam ao espectador o encanto d'uma illusão completa.

Em 1820, Niepce, de Dijon, communicou-lhe o resultado das experiencias que havia feito desde 1813 para fixar, com o auxilio de certas substancias, as imagens produzidas na *camara escura* sobre superficies metalicas polidas. Mas foi só em 1839, ao cabo de dez annos de investigações e depois da morte do seu collaborador, que Daguerre achou a solução d'esse problema e publicou o maravilhoso resultado dos seus esforços.

O governo francez concedeu a Daguerre e aos herdeiros de Niepce uma recompensa nacional, ou antes uma indemnisação do direito ao qual renunciaram de explorar o seu processo, entregue ao publico, e que, graças a successivos aperfeiçoamentos, tornou a photographia tão popular.

Daguerre falleceu em 1851 em Petit-Bris, sobre o Sena, onde a Sociedade das bellas-artes da mesma cidade lhe erigiu um monumento.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

X

EM QUE CONTINUAM AS AVENTURAS D'UMA NOUTE

(Continuação)

Luiz comprehendeu que o seu amigo tinha rasão. Calou-se; mas perguntou-lhe d'ahi a pouco:

—E agora o que intentas?

—Vou collocar-me diante da casa do marquez, para o espiar. Converter-me-hei em sombra d'elle, seguil-o-hei para toda a parte, e assim, tenho a certeza, descobrirei o que desejo.

—E se não descobrires nada?

—Oh! N'esse caso a vida do marquez é que o pagará!

—De vagar, Vicente. Vê lá, não vás precipitar-te. Mas olha. Vejo que amas Lola com delirio.

—Se a amo!... Por ella commetteria a maior loucura!

Caminharam um momento em silencio, e d'ahi a poucos passos tornou o pintor:

—Dizem que o marquez pertence a essa maldita Sociedade dos Cavalleiros do Amor, sociedade que não serve senão para lançar o susto no seio das familias honradas.

—De vagar. Não tens a certeza das tuas suspeitas e accusas uma sociedade que não conheces, observou D. Luiz.

—Como! Pertencerás tu acaso a ella?

—Não pertenço, disse Guevara; mas conheço-a de perto.

—E sabes se o marquez pertence a ella?

—Não sei. Conheço pouco o marquez.

—Com o que não perdes nada. E' um typo com quem eu embirro solemnemente e se é certo o que suspeito... oh! mato-o!

—Socega, Vicente.

—Que socegue!...

—Queres uma cousa? Deixa ao meu cuidado o negocio. Eu indagarei, e tem a certeza de que amanhã te direi o paradouro de Lola.

—Como conseguirás isso? perguntou Vicente.

—Os meios são segredo para mim, respondeu D. Luiz. Basta que te diga onde ella está.

—Mas...

—Não confias em mim?

N'este momento os dous amigos chegaram diante da porta do conde de Lazan.

—Vae para tua casa, tornou Guevara, e eu respondo pelo negocio.

O pintor apertou a mão do seu amigo, e desappareceu nas sombras da noute.

Entretanto D. Luiz bateu com força á porta do palacio do conde, a qual se abriu poucos momentos depois, e D. Luiz subiu para desempenhar a espinhosa commissão de que se encarregara.

D'ahi a pouco havia um movimento extraordinario em toda a casa. Os criados iam e vinham d'um lado para o outro; todos davam ordens, ninguem se entendia

A noticia de que Guevara fôra portador espalhou-se em um momento.

Pouco depois o conde, precedido de dous criados com archotes e seguido de mais quatro criados conduzindo uma especie de maca, sahiram de casa e caminharam em direcção ao convento de S. Francisco.

Quanto a Guevara, depois de conservar-se bastante tempo ao lado de Maria, prodigando-lhe as consolações que o caso pedia, saiu, dizendo comsigo:

—Diabo! Desagradavel dever o que acabo de desempenhar! E linda noute a que vae passando. Principiou ás mil maravilhas; mas vae-se tornando insupportavel. Faltava até o pobre Vicente e a sua Lola, para eu ainda ter que dar mais alguns passos antes de retirar-me a casa. Mas, emfim, prometti-lhe e não retrocederei. Quando lhe disse que me informaria, é claro que entendia dirigir-me a quem melhor póde dizer o que ha sido feito de Lola. Vamos pois á casa do Silencio, porque, se ella foi raptada, ali se hade achar.

E, embrulhando-se na capa, porque o frio era cada vez mais intenso, tomou pela rua do Sacramento, em direcção á de Almudena.

(Continua)

CHRONICA

—

Anno novo e anno velho — Boas festas ao leitor — Publicações — O monumento de Alexandre Herculano.

Sumiu-se na voragem dos tempos o anno de 1880 e surgiu no logar d'elle o de 1881. A algumas pessoas deixaria aquelle saudades; a outras trará este esperanças. Saudades e esperanças, eis do que se compõe esta vida. O passado e o futuro, eis os dous nós que prendem a nossa existencia, e que são como os dous pontos d'um dilemma, que tem sempre por objectivo o desconhecido, o mysterioso.

No meio d'esta incerteza em que a nossa vida paira de continuo uma cousa só ha certa: o meio, o presente, para uns alegre, para outros triste.

—Que o leitor tivesse boas entradas do 81, eis o que lhe desejamos de todo o coração.

—Temos sobre a banca do trabalho o n.º 4 do Pantheão, revista quinzenal de sciencias e letras. Vem como os fasciculos anteriores: optimo.

—Recebemos o prospecto da revista de bellas-artes que o Centro Artistico Portuense se propõe publicar sob a denominação A Arte Portugueza.

Constará a revista de cinco secções, a saber:

I Secção pedagogica ou do ensino artistico:

A) Estado do ensino primario, secundario e superior:
a) Organisação dos cursos.
b) Regulamentos.
c) Material das aulas— Modelo d'uma officina de reproducção.

II Secção da historia da arte nacional:
a) Tratados editos e ineditos.
b) Documentos subsidiarios (exploração dos archivos, cartorios publicos e particulares.)

III Secção archeologica:
a) Explorações scientificas e artisticas.
b) Monumentos nacionaes (seu estado actual e conservação.)

IV Secção bibliographica:
a) Revista critica dos trabalhos nacionaes.
b) Bibliographia geral artistico-archeologica, antiga e moderna.

V Noticias varias.

Eis as condições da publicação:

A Arte Portugueza será publicada mensalmente, formando um fasciculo de 12 paginas in-folio, com numerosos desenhos intercalados no texto. Será, além d'isso, acompanhada de duas grandes illustrações, impressas á parte, executadas pelos processos mais modernos de reproducção.

Nas illustrações intercaladas no texto predominarão, naturalmente, os trabalhos originaes e o elemento nacional.

A assignatura custa: por anno 3$000 reis; semestre 1$500 reis; trimestre 750 reis.

Vem esta publicação prehencher uma lacuna de ha muito sentida no nosso paiz, onde é proverbial o desamor á arte. O Centro Artistico dá por isso um passo que muito o nobilita, e só é para desejar que os seus louvaveis esforços sejam coroados do exhito que merecem.

—Uma commissão composta de jornalistas e homens notaveis de Portugal trata de levantar um monumento ao nosso grande historiador Alexandre Herculano.

Temos presente o convite que ao paiz dirige a mesma commissão, pedindo-lhe que contribua com os seus donativos para o pagamento d'essa divida nacional, que consistirá em um mausoleu no claustro do antigo convento de Santa Maria de Belem, para onde os ossos do eminente escriptor devem ser trasladados.

O paiz não pode faltar ao appello, attestando por esse modo que não pode esquecer quem tão alto elevou o nosso nome.

ZIG-ZAGS

—

UM ALHO

Um millionario, depois de um jantar offerecido a alguns diplomatas, convida-os a irem visitar a sua excellente galeria de quadros.

Um apreciador, parando defronte de um quadro, exclama:

—Este quadro é de Raphael!

O dono da casa, offendido, approxima-se d'elle e diz-lhe com severidade e sobranceria:

—Aqui, de portas a dentro, não ha nada de Raphael ou de Francisco, sabe? Tudo isto é muito meu, entende?

—

MASCARAS

O uso das mascaras nas festas do carnaval teve a sua origem na Italia, principalmente em Veneza. Na Grecia e Roma era empregado este disfarce para caracterisar os actores nos theatros, e distinguiam-se tres especies de mascaras, tragica, comica e satyrica, para representar os principaes typos de actores.

BERNARDIM DE SAINT PIERRE

Será possivel que entre os nossos leitores haja algum que ainda não lesse a immortal obra de Bernardim de S. Pierre? Não o cremos, e sem embargo, esse livro está hoje fora da circulação, perdeu de moda, foi supplantado pelos romances terraillescos e zolanos.

Paulo e Virginia é a novella que marca a transicção da escola antiga para a moderna escola romantica, e foi como o laço que uniu a litteratura do seculo XVIII com a do seculo XIX.

Não obstante a derrota, promovida pelos romances de Dumas, de Sue, de Ponson, e mais tarde pelos de Bellot e de Zola, *Paulo e Virginia* tem um encanto indefinivel; é e será sempre um monumento apreciavel da litteratura intima, delicada e suave, não a litteratura que falla só aos sentidos, mas a que se dirige á alma, a que respira a poesia, o sentimento, o amor humano.

Bernardim de Saint Pierre estudou como ninguem a natureza, e foi a ella que arrancou esse cantico sublime que chega ao ceo.

Foi na ilha de França que a natureza se lhe deparou com tudo o luxo da vegetação tropical; por isso ahi fez passar a acção do romance.

Tendo na mocidade militado nos exercitos estrangeiros, o auctor dos *Estudos da Natureza* recebeu, aos trinta annos, a nomeação d'engenheiro com residencia na ilha, d'onde voltou para se encerrar em um quarto isolado e escrever os seus livros; mas como ainda não tinha nome na republica das letras, a sua obra prima esteve a ponto de não chegar a imprimir-se, por falta d'editor.

Emfim os *Estudos da Natureza* vieram á luz em 1784 e obtiveram um successo esplendido.

Paulo e Virginia, a sua segunda obra, appareceu quatro annos depois, e, para se julgar da sua voga basta dizer que dentro d'um anno se publicaram em França quatro edições fraudulentas.

O exito foi assombroso.

Em 1792 Bernardim de Saint Pierre foi nomeado director do jardim das plantas de Paris, e, amigo da solidão e do retiro, comprou um terreno no valle de Vaus, perto de Essona, onde edificou uma casa, para a qual deu o risco.

Esta casa, que a nossa gravura representa, forma um quadrado perfeito.

O jardim ainda está conforme Bernardim o ideiou, com as mesmas arvores, os mesmos canteiros, os mesmos tapetes de verdura, os mesmos bancos de ferro, hoje cobertos de ferrugem.

O visitante, depois de ter visto tudo,

CASA DE BERNARDIM DE SAINT PIERRE

pode sentar-se no mesmo banco em que se sentava o grande escriptor, aquecer-se aos mesmos raios de sol, tocar a ramaria das mesmas arvores que elle acariciava quando habitou esta especie de paraiso terreal.

Foi ali, no meio do estudo e da contemplação da natureza, que Napoleão I foi encontrar o nosso grande escriptor.

Havia uma poderosa affinidade entre essas duas illustrações do seculo. Bernardim, como profundo philosopho, predisse ao joven guerreiro a sua grandeza futura, como havia predito a revolução, que o elevara, mas que um dia o devia tambem abater.

Napoleão cumullou de favores o grande escriptor, que, não obstante, morreu quasi pobre em 21 de janeiro de 1804, com setenta e sete annos d'idade.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 20

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 13 DE JANEIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Julio Verne — Theresinha (conto) por Costa Goes — Os conhecimentos uteis — Melancolia (poesia) por Amelia Janny — Joanna d'Arc — Ao redor do mundo sem sahir de casa: De Veneza a Roma — Datas memoraveis de Portugal: A tomada de Silves — Conselhos ás noivas — O espirito humano (excerpto) por Emilio Castelar — O espelho da alma — Os homens uteis de todos os paizes: Francisco d'Almada — Passando (poesia) por Alfredo Campos — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O castello de Lanhoso, por Pereira Caldas — Zig-Zags: Um alho — As mil e uma noutes — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Julio Verne — O banquete — O castigo — Ilha de Salahat — O ovo do rochedo.

JULIO VERNE

—

Poucos auctores gosarão hoje de tamanha fama como o escriptor francez cujo retrato publicamos. As suas obras, traduzidas em todos os idiomas, correm de mão em mão, servindo de passatempo, ao mesmo passo curioso e divertido, a todo o genero de leitores, especialmente aos affeiçoados aos romances e escriptos amenos.

As obras de Julio Verne, se outra cousa as não recommendasse, teem o merito de não ser nocivas, como por desgraça acontece com a maioria das que nos vem d'além dos Pyreneos. O auctor porém visa a um fim mais elevado do que só o de deleitar, e n'isto consiste principalmente o seu merecimento. Propõe-se nas suas obras despertar vivamente a curiosidade dos leitores com a narração d'aventuras surprehendentes e maravilhosas, misturando n'ellas noticias scientificas, que, se não iniciam o leitor nos segredos das sciencias, o familiarisam pelo menos com a lingoagem scientifica, acostumando-os a discorrer conforme os calculos e investigações dos doutos. Sob este ponto de vista, as obras de Julio Verne, que chegaram a formar um genero particular de romance, contando hoje grande numero de imitadores, são dignas dos applausos dos amigos das letras.

Julio Verne nasceu em Nantes em 8 de fevereiro de 1828. Depois dos primeiros estudos, passou a Paris com o designio d'escrever para o theatro, para o qual elle sentia uma invencivel inclinação e em cuja carreira se estreiou em 1850 com uma comedia em verso, em um acto, de collaboração com Alexandre Dumas. Em seguida escreveu com Miguel Carré tres librettos d'operas-comicas, que foram muito applaudidas.

JULIO VERNE

Em 1861 abandonou o theatro e escreveu *Cinco semanas em balão*, obra que teve um successo extraordinario, sendo saudada como um genero novo, o genero scientifico, como lhe chamaram os criticos mais auctorisados. A academia franceza, laureando o auctor, coroou o successo, e desde então os editores disputaram as obras do habil escriptor.

Julio Verne deu successivamente os seguintes romances, todos muito conhecidos pela grande voga que tiveram: *Viagem ao centro da terra; Da terra á lua; O deserto de gelo; Ao redor da lua; Os filhos do capitão Grant; Os inglezes no polo do norte; Vinte mil legoas sub-marinas; Uma cidade fluctuante; A ilha mysteriosa; Viagem ao redor do mundo em oitenta dias; O paiz das pelles; Aventuras de tres russos e tres inglezes; O doutor Ox; A galera Chancellor.*

Apesar do grande exito dos seus romances, Julio Verne quiz voltar ao theatro. Em 1873 apresentou a comedia em um acto *Um sobrinho da America*, e no anno seguinte a *Volta do mundo em oitenta dias*, comedia extrahida por D'Ennery do romance do mesmo nome. O exito d'esta comedia foi assombroso, quer nos theatros francezes, quer nos estrangeiros.

Ultimamente Julio Verne apresentou o *Miguel Strogoff*, que D'Ennery adaptou ao theatro, e está dando successivas enchentes ao Chatelet.

O que caracteriza o talento de Julio Verne é o interesse que excita, conduz, sustenta e leva ao fim o leitor, e sempre deleitando-o e sempre instruindo-o.

A sciencia, em todos os seus livros, fórma a essencia; o romance ou o drama é a fórma.

Um critico contemporaneo, fazendo a analyse do *Miguel Strogoff*, diz: «As-

sim como o medico envolve o remedio em um doce, assim Julio Verne sabe envolver o saber em um romance.»

THERESINHA

CONTO

—

(Conclusão)

VI

Theresa, n'esse mesmo dia, ao pôr do sol, lá estava no jardim, acariciando a sua roseira.

Examinava se já vinha a rebentar algum botão, e, effectivamente, no meio do maior jubilo, pôde descobrir uma rosinha, querendo rebentar.

Cheia de enthusiasmo, Theresa correu a casa do reitor e disse-lhe:

—Senhor reitor, já rebentou um botãosinho!

Ao que o reitor respondeu:

—Já? Muito bem, Theresa; agora trata do enxoval e quando nascer a rosa então te casarás.

E Theresa saiu muito contente.

Ao outro dia Theresa não esperou pelo pôr do sol para ir ao jardim, como de costume; foi logo pela manhã.

Mas quando ella esperava ver mais crescido o botãosinho, oh! ceos! que descontentamento! a flor já lá não existia.

Theresa, pensando que elle fosse victima do sopro da brisa nocturna, procurou debaixo do arbusto a flor querida; mas nada; outra sorte a tinha predestinado.

VII

São passados oito dias.

Theresa está outra vez contente, porque descobre outro botãosinho.

Mas, d'esta vez, não o quer dizer a ninguem, porque futura ella que o outro havia sido roubado.

Ao outro dia, ao pôr do sol, corre apressada para o jardim, vae á roseira, e vê com espanto que já lá não existe o botãosinho.

O desespero da joven não se imagina.

VIII

Passaram-se mais alguns dias, e eis que brota outra florsinha.

Theresa dirige-se a casa do seu querido José, e com palavras d'amor, diz-lhe:

—Querido José, venho dizer-te que está proximo o nosso consorcio, porque rebentou já outro botãosinho.

—Sim, minha Theresa? Muito estimo isso, disse o apaixonado camponez.

—Mas has-de ir tu guarda-l'o esta noute; senão levará a mesma sorte que os outros.

—Vou, sim, Theresa. Levarei uma espingarda, e se alguem se atrever, fogo!

IX

Eram oito horas da noute e já se via um vulto no jardim de Theresinha, assentado em uma tosca pedra.

Era o José da Monica, o amante da camponeza.

Soaram onze horas, quando o vigilante guarda ouviu abrir-se o ferrolho da cancella; poz-se logo em ares de atirar.

Depois, passados instantes, descobriu um vulto andando vagarosamente e rodeando a vista por todo o jardim, como que examinando se alguem o espreitava. José da Monica quiz disparar; mas depois resolveu ver o que elle fazia. E que viu?

O vulto encaminhou-se para o canteiro onde estava a roseira, e sem dó cortou o botãosinho tão amado por Theresa.

O vigilante guarda, encolerisado, poz a arma á cara, fez pontaria e atirou.

Ouviu-se a detonação d'um tiro e apoz elle o ruido surdo d'um baque.

X

No dia seguinte toda a população da aldeia clamava justiça contra o assassino do senhor reitor, morto no jardim de Theresinha.

XI

Entre a papelada do reitor encontrou-se um livro de pequeno formato, que demonstrava ser uma reliquia do padre.

Abriu-se e leu-se na primeira pagina:

Apontamentos Secretos

Depois, folheando-se as suas paginas, encontrou-se em uma d'ellas o seguinte:

«José e Maria são irmãos. Sua mãe já morreu; era uma santa mulher. O seu nome occulto-o, bem como o do pae, porque assim o necessita a religião.»

Depois, mais adiante:

«Theresa adora immenso José. Hei-de obstar a isso, nunca revelando que são irmãos.»

XII

Theresa, sabendo toda a realidade, refugiou-se em um convento, onde morreu. José desappareceu e não se soube mais d'elle.

COSTA GOES

OS CONHECIMENTOS UTEIS

—

(Continuação)

Não foi sem intenção que a natureza, tão prodiga para com o homem, o privou do vestuario, de que a maior parte dos outros animaes se acham providos desde que nascem. N'esse ponto tudo nos convence de que a natureza quiz estimular a industria do homem, dando logar ao seu espirito inventivo.

De facto, nada prova melhor a superioridade do homem do que a somma comparativa das suas necessidades e das suas faculdades. Parece que a natureza lhe disse: «Tu és a mais fraca das minhas obras; desenvolve-te e serás senhora de todas as outras.»

O vestuario não é por toda a parte de igual necessidade. Entre os tropicos só serve para luxo, para adorno; mas nas zonas frias e temperadas o homem é obrigado a vestir-se para supportar as vicissitudes rapidas do calor e do frio.

A Escriptura Santa refere que os nossos primeiros paes cobriam a nudez com folhas de figueira entrelaçadas. As nossas fabricas de tecidos tiram ainda hoje, talvez em memoria d'esse facto, as materias primas das fibras dos vegetaes.

As pelles d'animaes serviram a principio de vestuario. Os pastores envolviam-se nas pelles dos seus carneiros e cabras; os caçadores cobriam-se com orgulho com a pelle d'algum animal feroz, victima da sua destreza e coragem. A pelle do cavallo reveste o tartaro, a do bufalo o americano, e em alguns paizes da Europa uma pelle de carneiro forma ainda hoje um trajo de inverno ou de verão, conforme o usam, com a lã para dentro na estação fria e com ella para fora na estação quente.

Muitos insulares do mar do sul embrulham-se em esteiras tecidas com hastes, raizes e fibras vegetaes; outros rasgam e trabalham a casca das arvores; mas nenhum d'estes vestuarios pode lavar-se, sendo por consequencia de curta duração.

Ao civilisar-se, o homem não fez mais do que alargar as primeiras inspirações da natureza. Separou as fibras e entrelaçou-as, formando fios, e, por meio da tecelagem, alcançou ter um estofo commodo e duradouro.

O canhamo é uma das plantas mais uteis para a fabricação dos estofos.

Cultiva-se o canhamo como o trigo. Quando está maduro, aparta-se a linhaça, ou semente do canhamo; depois mergulha-se a haste d'este na agua até se ter operado a inteira absorpção das substancias mucilaginosas e outras que as fibras contem.

Depois de tirada a haste da agua, bate-se, passa-se ao ancinho, para separar a baganha, ou casulo onde está a semente; em rasão d'estas differentes operações, a haste fica emfim reduzida a uma substancia delgada, mole e transparente.

Fia-se então.

Permitta-nos aqui o leitor uma pequena digressão.

A arte de fiar remonta á mais alta antiguidade. As tradicções judias attribuem-a a Noema, mulher ou irmã de Noé, os egypcios a Isis, os chinezes á imperatriz mulher de Yao, os lydios a Archaé, os gregos a Minerva, os peru-

vianos a Mamma-Oella, mulher de Mancocapac, seu primeiro rei.

Um facto notavel é que todas as tradicções são concordes em reconhecer as mulheres como inventoras da arte de fiar. Fundar-se-hão ellas na historia ou nas occupações que em todos os tempos e entre todos os povos foram o attributo da mulher? E' o que não se pode decidir.

(Continua)

MELANCOLIA

O sol desapparece e tu despertas
Deusa do meu viver, desces do ceo,
Alvejas entre as sombras qual um anjo
Que vem trazer esp'rança ao que a perdeu.

Rainha do crepusculo— abre o teu manto,
Esconde-me em teu seio onde o soffrer
Tem a suave magia que embriaga,
Que abrasa, em te adorar todo o meu ser.

Senta-te ali comigo n'essa gruta
Onde o lyrio e a cecem fallam d'amor;
Em que a fonte deslisa entre o velludo
Do prado que pisamos— todo em flor.

Assim, fada gentil, celeste amiga
D'aquelles, que, a gemer, vivem de ti,
Afaga-me esta mente em que se agita
A ambição d'um viver que já perdi!

Vi-te a nevada mão sobre o meu berço,
Onde o pranto materno ia cahir;
Encontrei-te depois velando a estrella
Que eu fitava ao pensar no meu porvir!

Teu olhar meigo e triste, a negra trança
Que a brisa, em beijos mil, te desprendeu;
A fronte lisa e pura, descahindo
Como quem, a scismar, se adormeceu;

Fascinou a minha alma;— idolatrei-te,
Tua sempre fiquei:— mal finda o dia,
Ninguem procure a filha do infortunio
Senão nos braços teus, melancolia.

Amelia Janny

JOANNA D'ARC

(Continuação)

O exercito a cuja frente caminhava a nossa heroina chegou diante de Orleans em 29 d'abril.

N'esse momento os inglezes estavam bastante enfraquecidos por causa de terem sustentado o cerco, que se prolongara pelo inverno dentro. Os seus alliados os burguinhões tinham-os abandonado, e os sitiantes não seriam mais de tres mil, repartidos por doze trincheiras separadas umas das outras.

Pelo outro lado a cidade era defendida por valentes capitães, como La Hire, Xantrailles, Armagnac, Dunois, Gaucourt e outros.

Joanna resolveu penetrar na cidade á frente d'um comboyo de tropas, e, de facto, auxiliada n'este proposito por Dunois e pelo joven duque d'Alençon, que era um dos seus mais enthusiasticos partidarios, o exercito poz-se em marcha para a cidade.

A heroina ia no meio de duzentas lanças, armada d'alto a baixo, montada em um soberbo cavallo branco e empunhando galhardamente a bandeira em que se divisavam as tradiccionaes flores de liz.

A entrada levada a cabo com a maior felicidade, teve logar pelas seis horas da tarde. Toda a cidade estava em festa; é impossivel descrever o enthusiasmo dos habitantes, que tomavam Joanna por um anjo que o ceo mandava em seu soccorro.

No dia seguinte a guerreira tratou de fazer frente aos atacantes, e, não contente com defender a cidade, resolveu ainda tomar a offensiva, atacando os inglezes nos seus intrincheiramentos. Tanta audacia, se por um lado maravilhava os orleanenses, produziu nos inglezes um effeito indiscriptivel. Ninguem acreditava o que via: aquillo não era uma mulher, era o diabo com a sua forma.

No entretanto a sortida esteve a ponto de ser-lhe fatal. Alcançada por um tiro de bésta, Joanna caiu dentro d'um fosso, para onde os inglezes se dirigiram de tropel, julgando aprisionar facilmente aquelle ser extraordinario; mas, protegida pelos seus, a heroina oppoz-lhes uma resistencia tal, que os adversarios tiveram de fugir diante dos golpes vigorosos da sua espada.

Não é nosso intento, nem cabe nos limites d'este breve artigo seguir a heroina nas variadas peripecias do cerco; basta dizer que os prodigios de valor que ella e os seus praticaram foram taes, que em 7 de maio seguinte não havia um unico inglez além do Loire.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XV

DE VENEZA A ROMA

Apesar da sua decadencia politica, Veneza conservou-se ainda grandiosa: 450 pontes ligam as 76 ilhasinhas sobre as quaes está fundada; milhares de gondolas empavesadas sulcam os canaes, que fazem as vezes de ruas.

Notaremos de passagem a praça e egreja de S. Marcos, Rialto, a ponte dos Suspiros, numerosos palacios, os seus ricos museus, em que se guardam as maiores preciosidades artisticas.

Veneza tem uma população de 130:000 almas.

Continuando a nossa digressão, vemos Ferrara, a patria de Ariosto e de Tasso, cidade de 31:000 habitantes; Bolonha (110:000 h.) praça de guerra, com uma universidade celebre, e patria de Guido, de Dominiquino, dos tres Carraches e do sabio physico Galvani; Lucques, (22:000 h.), cidade antiga e industriosa, com um importante commercio de sedas e azeites; Pisa (33:000 h.), com a sua torre inclinada que data do seculo XII, e do alto da qual Gallileu fez as suas experiencias sobre o peso do ar; Arezzo (10:500 h.), patria de Petrarcha.

Eis-nos em Florença, a cidade das flores, antiga capital do ducado da Toscana e depois do reino d'Italia, cidade muito linda, sobre o Arno, com bellos palacios, entre os quaes se extremam o palacio Pitti, o Palacio velho, a galeria de Medicis; magnifica cathedral, bellos jardins, praças amplas e lindamente adornadas. Patria dos Medicis, de Dante, de Boccacio, de Machiavel, d'Americo Vespucio, do musico Lulli e do papa Leão X.

Florença tem uma população de 115:000 habitantes.

Chegamos emfim á cidade eterna. Estamos em Roma.

Roma é a capital do novo reino da Italia; decahida do seu poder, mas conservando ainda, sobre as suas quinze collinas, a magestade dos venerandos monumentos que a coroam.

Que recordações não despertam ainda aquellas margens do Tibre, as ruinas, os templos, os palacios!

Aqui está a collossal bazilica de S. Pedro, desenhada por Miguel Angelo, o Vaticano, o palacio de Latrão, o palacio do Quirinal, o Pantheão, o Coliseo, immenso amphytheatro; a columna Trajano, que serviu de modello á da praça Vandome de Paris; além fica o castello de Santo Angelo, a um tempo palacio, fortaleza e prisão d'estado. Passamos da Roma dos Cesares á Roma dos martyres, á Roma papal, hoje centro da unidade italiana.

N'essa vasta necropole, a magnificencia dos mausoleus faz esquecer o nada d'aquelles cujas cinzas ahi descansam.

As ruinas do Pantheão, do Coliseo e das thermas de Diocleciano fazem-nos reconstituir na mente o passado gigantesco da cidade que representou um importante papel na scena do mundo.

Da Roma moderna fallam os museus, os palacios, os monumentos que adornam as praças publicas.

Roma tem 220:000 habitantes.

Quando se sae de Roma, acha-se a gente no meio de campos de luxuriante verdura; mas os pantanos exalam vapores deletereos. Reina ali a *aria cattiva*, e o cultivador leva, com a sua rica colheita, essa febre lenta e mortal.

De Roma a Napoles os caminhos estão atulhados de touristas, com os seus trajos, os seus usos e prejuizos nacionaes.

Entrincheiradas em caleches velhos, as familias italianas partem para as vindimas; aqui e ali, alguns frades puxam pelas redeas mulas esguias; os lavrado-

res guiam carros puxados por bois, e em vez d'aguilhadas, levam varapaus, com uma imagem da Virgem esculpida na ponta. Camponezas veladas, ou com os cabellos artisticamente entrançados, saia curta de côr viva, colete adornado de fitas, collares e braceletes de conchas; carroças puxadas por mulas, fazendo ouvir o som de agudas campainhas; manadas de jumentos, de cabras e carneiros; mendigos, peregrinos, penitentes, militares; eis a população fluctuante das estradas que cercam Roma.

Digamos um adeus ás outras cidades italianas além das que mencionamos: Leorne (96:000 h.), porto militar e commercial; Verona (60:000 h.), egrejas lindissimas, antiguidades romanas; Padua (54:000 h.) celebre universidade, onde Gallileu ensinou em 1593; Parma (47:000 h.), cidade agradavel, defendida por uma fortaleza; Modena (38:000 h.), canal alimentado por poços artesianos; Ancona (32:000 h.), commercio maritimo extenso e activo; Mantua (30:000 h.), praça de guerra fortissima; Alexandria (27:000 h.), defendida por uma fortaleza; Siena (23:000 h.), cidade onde se falla o idioma mais harmonioso da Italia; Spoleto (19:000 h.), velho aqueduto attribuido aos romanos; Faenza (18:000 h.), onde se fabrica a louça chamada de faiança; Civita-Vecchia (10:000 h.), é o porto de Roma.

Vejamos agora Gaeta, cidade forte de 16:000 habitantes, onde Pio IX se refugiu e residiu perto d'um anno em 1848, e que foi tambem o ultimo asylo do rei de Napoles, que ali sustentou, em 1860, um cerco memoravel contra os piemontezes.

Transposta Gaeta, temos diante de nós o vasto amphytheatro sobre o qual apparece brilhando ao sol ardente, a cidade de Napoles.

E' pois Napoles que vamos ver, leitor.

Lembras-te sem duvida d'um rifão conhecido entre touristas, que diz: «Ver Napoles e depois morrer.»

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

A TOMADA DE SILVES

Pelos annos de 1242 estava a maior parte do reino do Algarve em poder de Aben-Afan, rei mouro, de mais poder do que fortuna, porque esta nem sempre lhe foi propicia nas guerras que lhe moviam os christãos, senhores já d'alguns territorios, tomados á força das armas.

Silves fôra uma das praças que os portuguezes haviam arrancado das mãos dos mouros; mas com o correr dos annos, tornara a cahir no poder de Aben-Afan, que fizera d'ella a sua côrte.

No mez de janeiro de 1242, o rei mouro sahiu de Silves para ir conquistar a villa de Stomba (hoje Estombar), e como o mestre da ordem de S. Thiago D. Payo Peres Correa estivesse espiando o momento favoravel de reconquistar a cidade, caiu d'improviso sobre ella, aproveitando habilmente a ausencia do rei mouro, e reconquistou-a em 9 de janeiro do referido anno de 1242.

Informado porém este, voltou a toda a pressa em soccorro de Silves; mas por maiores esforços que empregou para arrostar com o inimigo, não conseguiu recuperar o perdido, pois a opposição que achou foi de tal ordem, que ficou sem a cidade, que os portuguezes levaram d'assalto, sem a villa, que não chegou a conquistar, e sem a vida, porque tendo fugido, perseguiram-o os christãos, e na vertiginosa carreira que levava, cahiu em um pego, onde morreu.

O pego tem hoje o nome de pego do Pulo, naturalmente em memoria do salto que o rei mouro deu para transpol-o; e antigamente tambem os moradores lhe davam o nome do desventurado rei, isto é, chamavam-lhe o pego de Aben-Afan.

Silves está situada entre elevadas serras, na margem direita do rio Portimão, que vae desembocar cerca de duas legoas e meia abaixo da cidade, formando o porto de Villa Nova de Portimão, que é o melhor do Algarve. A população é de cinco mil habitantes.

Diz-se que foram os phenicios os fundadores da cidade.

CONSELHOS ÁS NOIVAS

Offerecemos ás leitoras como o mais proveitoso e o mais delicado dos acepipes as seguintes reflexões feitas por uma senhora ingleza a sua filha:

O BANQUETE

Menina, o casamento é uma cousa muito séria, e é preciso que a gente pense muito antes de o levar a effeito.

Um bom marido é a mais rara joia que se póde encontrar n'este mundo.

Escuta alguns conselhos que me suggere o amor que te consagro.

O homem que nunca se esquece de limpar os pés no capacho da porta antes de subir a escada ou de entrar na sala, é ordinariamente um bom marido, porque é por força um homem aceado, arranjado e economico.

Quando um homem tem sempre o cuidado de estender o lenço ou o guardanapo nos joelhos antes de tomar chá, podes crer que será um marido prudente.

Toda a desconfiança é pouca para o homem que nunca come o ultimo bocado de pão torrado que fica no prato e espera que cheguem torradas novas mais quentes e com mais manteiga. Esse homem será capaz de dar tres tostões por dia para o jantar da familia e de exigir á mesa prato de meio, sobremesa e vinho do Porto velho. Ao almoço quererá peixe fresco e andará sempre a perseguir-te para que lhe prepares uns certos pratos de que elle gosta. Um marido golosa é a maior praga de que póde ser victima uma esposa.

O homem que traz sempre chapeu de chuva para o que der e vier, que no inverno não anda nunca sem galochas, que nunca vae ao jardim sem chapeu, nem se senta jámais defronte d'uma janella aberta, este homem, que ao primeiro aspecto pareceria ridiculo, fará um optimo marido, muito caseiro, de gosto muito simples, vivendo o mais felizmente d'este modo com tanto que tenha os pés quen-

tes e que lhe deixem ter o barrete na cabeça.

O homem que gosta de chegar o lume á chaleira, de atiçar as brazas no fogão e de pôr manteiga nas fatias, será um marido desvelado, que cercará sempre sua mulher dos mais assiduos cuidados.

O homem que não gosta de cão, que se diverte a fazer desesperar o gato, é um libertino e um monstro.

O homem que não traz bigode apesar de ser novo, que não fuma, que traz a roupa nova muito poupada, que nunca mete as mãos nas luvas e que tem sempre comsigo dois ou tres alfinetes de prevenção na lapella do casaco, este será a flor dos maridos, digno da melhor das esposas e da mais carinhosa das sogras.

O ESPIRITO HUMANO

EXCERPTO

Como corpo, como organisação sujeita ao contingente, o homem necessita do util, da industria, do commercio; como ser sensivel, o homem une-se á natureza, e, vendo n'ella uma das fontes da sua existencia, a alma, comprehende e abraça a sua lei; como artista desprega as brilhantes azas da sua phantasia, á luz do eterno sol, sobe em arrojado vôo ao infinito, e produz harmonias mais bellas que o eterno concerto dos mundos; como ser moral, conhece o seu espirito, cultiva-o, regula toda a sua vida com liberdade e apresenta-a ao eterno juiz; como ser social, procura um ponto de apoio de sua existencia, um centro de gravidade de sua alma, uma lei que o una em reciproca justiça com os seus similhantes, e realisa o direito; como ser religioso, a sua consciencia abre-se á ideia de Deus, como a flor ao orvalho; os seus pensamentos, as suas acções são um continuo hymno, a sua vida é como uma amphora que guarda os aromas do ceo, e o seu desejo, sacudindo a triste larva da materia, tosco casulo, sóbe de esphera em esphera até ao ceo; e em todas estas manifestações que percorrem as varias espheras da vida, desde aquella que o confunde com os ultimos seres, até aquella que o une a Deus, em todas estas manifestações realisa toda a plenitude da essencia do ser. Pois bem; o conjuncto d'estas manifestações uteis, artisticas, moraes, sociaes, scientificas e religiosas, no povo e na humanidade, é o que nós entendemos por Civilisação.

O grande protogonista da historia é o espirito humano, e o instrumento do espirito é a liberdade.

O homem, este anjo cahido, ponto de união entre a natureza e o espirito, ministro de Deus em suas obras, que levanta com seu pensamento o creado ao seu Creador; posto entre o finito e o infinito, como entre dous polos, habitante do mundo sobrenatural pelas suas ideias, pela sua phantasia, e d'esta estreita terra pelo seu corpo; antithetico, inharmonico, e destinado a comprehender e a realisar todas as harmonias; este anjo cahido distingue-se dos seres arrojados como um pedestal a seus pés, e dos orbes, diamantes que corôam sua cabeça; distingue-se d'estes seres pela sua liberdade, santa ideia, sem a qual a religião seria enganosa mentira, a sciencia vã phantasma, a justiça cruel burla, a sociedade um sepulchro, a consciencia um deserto; sim, pela liberdade, sopro creador que ninguem póde roubar ao nosso espirito, e que entre as trevas de todos os tempos, e aos pés de todos os tyrannos, e no seio de todas as tempestades, reluzirá sempre immortal, como a essencia do nosso ser, como a obra mais grande e mais formosa do Eterno.

A historia do mundo, disse-o um escriptor profundissimo, é a historia da liberdade.

A solidariedade humana é evidente, o homem é um na historia. O homem na India estava encerrado na estreiteza da creação; immobil ao pé dos altares, a sua consciencia perdia-se na luz d'aquelles astros como a luzerna nos raios do sol, a sua vida sumia-se no grande ambito da natureza, como a gota de chuva no mar. Mas, um dia, o homem sentiu-se triste; duas paixões luctavam em seu coração, duas ideias na sua mente, dous deuses em seus altares, e foi ousado forjar uma espada no fogo do sacrificio, e se fez guerreiro, sentiu-se mais forte, e chamou-se Persa; e montado no cavallo do deserto, foi disciplinando as raças asiaticas na sua eterna carreira até o Occidente.

(Continua)

Emilio Castelar

O CASTIGO

O ESPELHO DA ALMA

Com cincoenta contos de reis é cousa difficil, direi mais, é impossivel, que uma dama não encontre com quem case, a menos que não esteja já casada, ou não haja tido a precaução de ficar viuva. Porém quando aos cincoenta contos de reis se accrescentam vinte annos d'idade, uma boca risonha, uns olhos irrequietos e uma cintura airosa, ha de convir-se que as probabilidades de encontrar marido augmentam de modo que póde ter-se como cousa certa, infalivel, que com taes predicados não ha mulher que escape de casar-se. Formosura e dinheiro é ouro sobre azul.

Todavia ha homens extravagantes, loucos d'amarrar, verdadeiramente insensatos, que se casam com a primeira mulher que lhes agrada, sob pretexo de que é linda, de que é meiga, de que a amam de veras, ainda que essa pobre filha d'Eva não tenha onde cahir morta. Os homens de juizo, porém, os sensatos e raciocinadores, que consideram o matrimonio pelo seu lado verdadeiro, são d'opinião que o unico encanto da mulher é o dinheiro.

Os primeiros procuram a felicidade e os segundos a riqueza. Aquelles poderão ser ditosos; mas estes preferem ser ricos.

A historia que vou contar dirá de que lado está a rasão.

Helena reunia ao attractivo dos seus

olhos negros, dos labios de carmim e do seu collo de neve, o encanto de sessenta e cinco contos de reis, em bom metal sonante, postos a render no banco de Portugal. Era emfim o que entre os entendedores se chama um bom partido. Podia escolher marido a seu gosto, e era exactamente n'isto que consistia a sua infelicidade.

Não era bastante desprendida de si que não sorrisse diante do espelho quando n'elle via a sua figura garbosa; mas tambem não era tão frivola que não reflexionasse algumas vezes com a maior seriedade do mundo ácerca da importancia da sua riqueza. Comprehendia que podia inspirar amor e cobiça, não acertava distinguir entre os seus pretendentes qual era o que procurava n'ella a felicidade ou a fortuna, e, admirem-se os leitores, affligia-se a miude por ser rica, e para maior crueldade não se resolvia a ser pobre.

Helena tinha fixado as vistas em um sujeito que a tinha enredado na rede dos mais finos obsequios e em cuja physionomia correcta e vulgar pensava ver a rectidão da alma; a regularidade das suas feições era sem duvida um indicio quasi seguro da belleza do seu coração e pensava só que ia enamorar-se quando já estava enamorada.

—O rosto, costumava ella dizer, é o espelho da alma, e este homem generoso é seguramente o que merece o meu amor.

O primeiro amor em uma mulher não passa do desejo d'amar. As mulheres elegem namorados, elegem noivos, elegem maridos com a melhor boa fé do mundo; mas o homem que hão de querer é que não elegem, porque o encontram no fundo da alma muitas vezes quando menos o pensam.

Helena tinha perdido a mãe, e seu pae era um honrado negociante pouco afeito a apreciar os delicados matizes e as mysteriosas inquietações d'esse primeiro sentimento. Além d'isso tinha promettido a sua filha completa liberdade na escolha de marido, e ella emfim decidiu-se a conceder ao que era objecto do seu amor licença para pedir a sua mão.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

VII
FRANCISCO D'ALMADA

Entre os mais illustres filhos de Portugal deve contar-se o grande Francisco d'Almada, de cujo genio emprehendedor e infatigavel existem numerosos monumentos no Porto.

Nascido em 30 de fevereiro de 1757, no concelho dos Olivaes, Francisco d'Almada seguiu os estudos juridicos na universidade de Coimbra, e em 1784 foi nomeado corregedor e provedor da comarca do Porto, cargo que exerceu com o maior zelo e inexcedivel aptidão.

No que Almada se mostrou mais habil foi nas numerosas obras que emprehendeu e algumas das quaes não chegou a realisar.

O genio edificador que desenvolveu por modo tão singular durante a sua administração, e do qual não só esta cidade, mas todo o districto, possuem as mais inequivocas provas, herdara-o elle de seu pae, João d'Almada, a quem igualmente muito devem os portuenses. E' d'este o projecto, que ia levando a effeito, da magestosa entrada da cidade, para o que aformoseou a praça da Ribeira e abriu a rua de S. João, que d'elle tomou o nome, e que devia ir desembocar em frente da egreja da Misericordia. O muro para terrapleno do terreiro da Victoria e a praça de S. Roque foram por elle edificados. E' tambem devida a impulso seu a abertura da rua dos Inglezes, a de Santo Antonio e a do Almada, que assim se ficou chamando do seu sobrenome. Deu grande adiantamento ao edificio da casa para o tribunal e cadeia da Relação, e reformou varias ruas antigas da cidade.

Grandes foram, na verdade, os serviços de João d'Almada, como acabamos de ver; porém os de seu filho deixaram-os muito áquem, se não em magnificencia, ao menos em utilidade. A esforços seus são devidas as seguintes obras: theatro de S. João, o qual foi edificado por meio d'acções; o magestoso quartel de Santo Ovidio; as cavallariças para destacamentos de cavallaria; casa-pia; passeio das Fontainhas, com os tanques e lavadouros; o paredão das Virtudes e o tanque da praça de D. Pedro; as ruas da Rainha e de Santa Catharina, antigamente da Princeza; o melhoramento da estrada para a Foz, Mathosinhos e Leça da Palmeira por Lordello; a egreja matriz de Vallongo; a estrada desde a cidade até Ponte Ferreira; a casa de correcção e audiencias, e cadeia publica da Povoa de Varzim; egreja matriz da mesma villa; as pontes de pedra de Villa do Conde no rio Ave, que as enchentes do rio e as azenhas do convento de freiras derrubaram; a ponte do Couto de Santo Thyrso, no mesmo rio; a de Rio Tinto na estrada de Vallongo, e a de Ponte Ferreira na de Penafiel, e muitas outras obras de interesse publico, como alargamento e melhoramento de ruas, especialmente no sitio da Villarinha, na estrada de Mathosinhos, que era um logar pantanoso.

A ponte de barcas sobre o rio Douro, que dava passagem para Villa Nova antes da construcção da magnifica ponte pensil que ora existe, havia sido por elle projectada; porém não chegou a realisal-a, porque n'esse tempo andava tratando de obter do governo a licença e meios para levantar uma de pedra, desde o postigo do Sol até ao terreiro da Serra do Pilar, cujo desenho foi executado pelo engenheiro Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Se não fôra tão prematura a sua morte, teriamos hoje uma obra que immortalisaria o seu nome e daria grande lustre a esta cidade. Foi tambem este contra-tempo que fez com que a casa-pia, por elle edificada, não preenchesse o fim a que fôra destinada, pois, apesar de terem sido aprovados os planos de regulamento, nunca esse edificio recolheu, sustentou ou educou os orphãos, desamparados e filhos de cidadãos pobres, fim principal para que fôra erecto.

(Continua)

PASSANDO

—

Passei só para vel-a;
Estava recostada
Nas grades da sacada
Do quarto, que é só d'ella!

Formosa como Estella,
Como ella delicada,
Lembrou-me a branca fada
D'alguma lenda bella.

Olhou quando eu passava,
Mas eu louco, indeciso,
Mal vi que ella me olhava,

Lançando-me um sorriso
Que esta alma embriagava,
Que me era um paraiso.

ALFREDO CAMPOS

OS CAVALLEIROS DO AMOR
ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XI
QUEM ERA VICENTE E QUEM ERA LOLA, A SAPATEIRA

Todo Madrid conhecia Dolores.

Dolores era uma flor que tinha vindo ao mundo em um dia em que a creação estava de bom humor, porque a dotou com todas as graças imaginaveis.

Seu pae havia sido um honrado carpinteiro, que um dia, estando occupado a concertar o caixilho d'uma janella, caiu á rua e morreu. A mãe vendia roupa no Rastro, que é a feira da Ladra de Madrid, e depois da morte do marido ficou em uma posição muito precaria, descendo ao tumulo poucos annos depois e deixando no mundo sem arrimo a filha querida.

Dolores foi viver com uma tia, que trabalhava em calçado, profissão que ella tambem adoptou e do que lhe proveio o appelido.

Pedro Cordovilla era então o sapa-

teiro de mais fama que havia na côrte. Era elle que dava o calçado para casa de Lola, e de todas as raparigas que se occupavam em debruar, gaspear e pôr laços nos sapatos das elegantes da epoca, era aquella a que revelava mais habilidade, a que desempenhava aquella arte com maior talento.

Como grande artista que era, Lola trajava com summa elegancia, e como era formosa, realçando-lhe a formosura uma alma terna e pura, não lhe faltavam admiradores, e eram ás duzias os rapazes que morriam por ella.

Uma vez, em uma corrida de touros, divertimento a que ella não faltava, Lola encontrou-se com Vicente Gonzalez.

O pintor era patricio de D. Luiz de Guevara. Seus paes eram nobres e honrados, e enviaram para Madrid o filho, abstendo-se de contrarial-o nas felizes disposições que elle revelava para a arte. Estudou na officina de Mengs e teve por companheiros Maella, Bayeu e Ramos, até que a originalidade de Goya o seduziu e resolveu seguir-lhe as pisadas.

Vicente, como verdadeiro artista, alma ardente e apaixonada pela arte, produziu quadros soberbos, e a celebridade entrou d'aureolal-o.

As damas da nobreza principiaram a encommendar-lhe os seus retratos; a fama do seu nome cresceu de prompto e o ditoso pintor viu-se no cumulo da fortuna.

Como Guevara havia dito, Vicente era o pintor mais alegre da côrte. Não faltava em nenhum divertimento e tinha por companheiros de praser os rapazes mais folgasãos e buliçosos da côrte.

Mas, por uma coincidencia muito extranha, não conhecia Dolores. Tinha ouvido fallar muitas vezes d'ella e desejava conhecel-a; mas umas duas ou tres vezes que tinha ido á praça de touros, aquella não tinha apparecido.

Da mesma maneira Lola, que tinha visto alguns retratos pintados por Vicente, tinha grande curiosidade de conhecel-o.

Uma tarde, por fim, Vicente foi aos touros em ocasião em que Lola tambem concorrera.

(Continua)

O CASTELLO DE LANHOSO

I

No cimo d'um alcantil penhascoso, ergue-se enegrecido dos seculos, como atalaia gigante no meio d'um horizonte immenso, o antiquissimo castello de Lanhoso.

Fica a umas duas legoas de Braga para leste, e umas tres de Guimarães para norte, a cavalleiro da villa da Povoa de Lanhoso, villa a que dera foral em Coimbra o nosso rei D. Diniz, e depois outro novo em Lisboa o nosso rei D. Manoel.

II

Edificado na epoca da dominação romana entre nós, deu guarida nos principios da nossa autonomia politica aos Osorios de Cabreira e Ribeira, assim como aos Fafes a que dera cognome, vindos todos da Hespanha para Portugal.

N'elle residia igualmente a nossa rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, ambos com as ossadas venerandas n'uma capella sombria na Sé de Braga, para onde foram removidos ultimamente.

III

Alli foi assignado n'este castello o tratado de Lanhoso, commemorativo da reconciliação de D. Thereza com sua irmã D. Urraca, e celebrado depois d'alguns dias de cêrco ali a esta nossa rainha, governadora varonil do reino, de quem resa ainda a tradicção, que alli a tivera encerrada seu filho D. Affonso Henriques, por ella se recusar a entregar-lhe o governo de Portugal.

Ali foram emfim assignadas muitas doações reaes, e muitos foraes de muitas terras do reino.

IV

No meio das vicissitudes do castello de Lanhoso, ha uma sobre-modo tragica, de que nos dá conta o *Nobiliario*, do conde D. Pedro de Barcellos, obra summamente rara, e que os bibliographos teem em subida estima, apesar de ser de certo o filho natural do nosso rei D. Diniz, o que menor quinhão tem no livro que se lhe attribue.

Alludimos ao incendio d'este castello, ateado de proposito pelo seu possuidor D. Rui Gonçalves Pereira, filho de D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira, senhor do couto extenso d'este nome, a uma legoa de Braga, e onde na actualidade ha uma ponte digna de ver-se, acima da juncção dos dois rios Homem e Cavado.

E' a ponte de Palmeira, magestosa em situação e graciosa em construcção.

V

Eis-aqui as proprias palavras do *Nobiliario*, em relação ao incendio vingativo do marido de D. Ignez de Sanches:

Ella, estando no castello de Lanhoso, fez maldade com um frade de Bouro; e D. Rodrigo Gonçalves foi d'isto certo e chegou ahi, e cerrou as portas do castello, e queimou a ella e o frade, e homens e mulheres, bestas, cães, gatos e galinhas, e de todas as cousas vivas; e queimou a camara, e pannos de vestir, e camas; e não deixou cousa movel:— e alguns lhe perguntaram, por que queimara os homens e mulheres:—elle respondeu, que aquella maldade havia 17 dias que se fazia; e que não podia ser que tanto durasse, que elles não entendessem alguma cousa, em que puzessem suspeita:—a qual suspeita deviam de descobrir.

IV

Apesar do exemplo da maldade e da severidade do castigo, nem D. Rui se absteve de se enlaçar com outra mulher, nem houve mulher que o não quizesse a D. Rui por marido.

Tempos depois, achamol-o casado com D. Sancha Henriques de Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro, e de D. Ouroana Reimondo de Portocarreiro.

VII

Entre os descendentes memoraveis do fidalgo incendario do castello de Lanhoso e da sua segunda consorte illustre, é um dos de maior vulto D. Gonçalo Pereira, bispo da nossa egreja de Braga nos annos de 1325, no reinado do nosso D. Affonso IV de que fôra intimo.

D'esta intimidade lhe deu provas publicas o mesmo rei, estando em Braga, em 20 d'outubro de 1337, nomeando-o n'esse dia com o auctor do *Nobiliario*, irmão do mesmo D. Affonso IV, para ambos ajustarem pazes com Castella, a instancias do legado do Papa, que para esse fim tinha vindo então de Roma á Hespanha.

VIII

Foi este arcebispo egregio de Braga, de que jaz ossada em mausoleu de pedra, na sua capella da Senhora da Gloria, junto á porta travessa da Sé, do lado do norte, um dos progenitores da nossa casa real de Bragança, como avô do condestavel immortal do reino, D. Nuno Alvares Pereira.

Na orla do mausoleu, n'uma legenda a preto sobre madeira, está indicado o ser elle ainda um dos troncos dos reis christãos da Europa.

Do ardor do seu patriotismo fervoroso, a ponto de só querer administrada por portuguezes e filhos de paes portuguezes a sua capella que erigira, dá-nos testimunho honroso o documento da sua propria instituição.

Pereira Caldas

ZIG-ZAGS

UM ALHO

Em um exame de rethorica:

O professor:

—Disse-me que o latim é uma lingoa morta. Porque é que se chama lingoâ morta ao latim?

Examinando:

—Porque é em latim que se rezam os officios de defuntos.

AS MIL E UMA NOUTES

—

Não ha bibliotheca particular, por pequena que seja, onde se não encontre, de parceria com livros classicos e monumentaes, este de que nos estamos occupando. E' que as *Mil e uma noutes* pertencem a um genero de litteratura que a todos agrada; e sendo certo que existe uma grande quantidade d'obras utilissimas e de raro merito completamente desconhecidas fora do paiz em que seus auctores as escreveram, as *Mil e uma noutes*, á maneira dos *Lusiadas*, trasladadas em quasi todas as lingoas europeias, teem attrahido a attenção de muitos sabios, de muitas academias e d'outras collectividades scientificas, que, de permeio com seus importantes trabalhos litterarios, se não teem dedignado d'investigar a origem d'estes contos.

Pois é de saber que a obra cuja nova edição illustrada e revista com cuidado está publicando a casa Chardron é de uma antiguidade tão remota quanto desconhecida a sua verdadeira origem; e, apesar de não versar sobre qualquer assumpto moral ou philosophico, mal appareceu na Europa foi recebida com verdadeiro alvoroço.

A' similhança dos monumentos colossaes que por sua solidez teem presenciado, sem alteração, a passagem, á sua base, d'inumeraveis gerações, com seus usos, lingoagens e costumes diversos; assim as *Mil e uma noutes*, atravessando as ininterrompidas revoluções acontecidas nas letras, teem resistido aos caprichos da moda e do gosto litterario e conservado o mesmo interesse que despertaram por occasião do seu primitivo apparecimento.

ILHA DE SALAHAT

O OVO DO ROCHEDO

Mas assentando de nós para comnosco que pouco lucro provirá de se saber o nome do verdadeiro auctor, ou em que paiz primeiro se publicaram, inquirição que demandaria extensa discussão scientifica e erudicção que não possuimos, damos aos criticos ampla liberdade para decidirem se as *Mil e uma noutes* vieram da India ou da antiga Persia, da China ou mesmo do Egypto.

O que agora vem ao caso é noticiarse mais uma edição d'esse popularissimo livro, edição que apresenta sobre todas as anteriores a vantagem d'uma esmerada traducção, uma edição elegante e a illustração de numerosas e bellissimas gravuras, das quaes são especimen as d'esta pagina e as das paginas do centro d'este numero.

A obra consta de quatro grossos volumes, com mais de 1:200 paginas e illustrada com 131 gravuras, e custa 2$400 reis.

A casa Chardron dá-nos n'esta nova edição das *Mil e uma noutes* mais uma prova da sua assombrosa actividade.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1880—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 21

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 20 DE JANEIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— O Tyrol, por A. da Silva — Fragmento d'um poema inedito (poesia) por Alberto Carlos — O espirito humano (excerpto) por Emilio Castelar — Os conhecimentos uteis — Joanna d'Arc — Guilherme Tell — Corneille — Datas memoraveis de Portugal: Victoria das linhas d'Elvas — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Para o Oriente — Os homens uteis de todos os paizes: Francisco d'Almada — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O espelho da alma — Zig-Zags: Requerimento que fez um algarvio á rainha D. Maria I — A educação litteraria na China — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: O Tyrol — Capella de Guilherme Tell — Corneille — Messina.

O TYROL

Depois de termos conduzido o leitor até aos cimos escarpados dos Alpes, em que a natureza abriu o valle, onde a neve amontoada forma um verdadeiro mar, do que lhe proveio o nome de mar de gelo; depois de o termos guiado pela famosa estrada do Simplon, o que é a um tempo um primor da arte e uma maravilha da natureza; depois de lhe termos mostrado o Stromboli, com o seu permanente penacho de fogo, fumo e pedras; depois de o termos feito viajar por sobre os Andes, a maior cadeia de montanhas da America, vamos leval-o a um sitio que rivalisa em pureza com a Suissa, onde a natureza se apresenta na sua opulencia primitiva, onde tudo seduz e attrae o tourista.

E' ao Tyrol que vamos levar o leitor.

Em todo o caso, se elle nos quer dar a honra d'acompanhar-nos.

De certo o leitor conhece uns cantos populares muito expressivos, muito caracteristicos, que são como gritos d'uma natureza selvagem, eccos dos montes que os viram nascer, ora graves, ora agudos, significando umas vezes o assobiar do vento atravez dos pinheiros, outras vezes imitando o som monotono da torrente resvalando por meio dos vallados agrestes. Chamam-se esses cantos *tyrolezas*; provém das montanhas do Tyrol que temos diante de nós.

O TYROL

Entre nós os povos do occidente, estes cantos nacionaes são tudo o que nos faz lembrar esse pittoresco tracto de terreno, encravado nas montanhas e dominado pela potencia de tres nações, a Alemanha, a Austria e a Italia, porque cada uma tem o seu bocado.

A população do Tyrol anda por novecentos mil habitantes; a capital é Inspruck.

O Tyrol, como já dissemos, offerece muitos pontos de similhança com a Suissa. Ha ali montanhas, lagos, cascatas, uma natureza agreste e selvagem ao la-

do dos esplendores sublimes dos quadros mais opulentos da creação.

A Suissa sobreleva em belleza; mas no Tyrol a inferioridade está perfeitamente compensada por um caracter pittoresco muito mais pronunciado.

Poucas excepções a esta regra geral offerece o Tyrol, que é quasi sem interrupção uma serie de quadros terrivelmente bellos.

Aquellas montanhas abruptas que fecham o horizonte por todos os lados, são banhadas por numerosas torrentes, formadas pelos gelos; algumas vezes nuvens densas as encobrem inteiramente á vista do espectador; o mais frequente é esses amontoamentos de vapores rolarem por de sobre os pincaros agudos, passarem d'um a outro cimo, encobrirem momentaneamente os cabeços e momentaneamente deixarem ver as partes diversas d'aquelle quadro immenso.

Não é raro ver, no alto d'esses picos aridos, sobre rochedos que são como pyramides isoladas, sentinellas perdidas no meio da planicie, as ruinas de castellos antigos, que concorrem para o effeito do panorama.

O tourista experimenta uma sensação deliciosa, quando, no meio de regiões tão inhospitas, avista o tecto hospitaleiro d'uma estalagem. E diga-se em abono da verdade: o tyrolez é affavel e delicado, alegre e expansivo para com os estrangeiros.

Todos os tyrolezes amam a sua terra natal com um amor entranhado.

O seu grande divertimento é atirar ao alvo: por isso são todos bons atiradores.

Usam um trajo grandemente pittoresco: chapeo de palha alto e d'abas largas, adornado com fitas e ramos de flores; ordinariamente os rapazes guarnecem o chapeu com um pedaço de seda verde e os velhos com seda preta. Os suspensorios são parte obrigada do vestuario tyrolez. São d'ordinario de seda verde e muito largos. Os casacos são de côr verde ou roxa, os colletes de pelle de cabrito, negra; as meias d'algodão, lã ou seda verde, e os sapatos guarnecidos de grandes laçarotes.

As mulheres vestem-se com menos elegancia do que os homens.

Emfim o tyrolez é um pouco supersticioso, o que se explica facilmente pela natureza do territorio que habita. Aquelles valles sombrios, as montanhas escarpadas, as arvores negras e esguias, crestadas pelo gelo quasi eterno, predispõe o espirito para a crença dos phantasmas. Ha muitas feiticeiras no Tyrol; o tyrolez não passa por muitos sitios sem fazer o signal da cruz.

Tudo isto diverte singularmente o tourista.

A. da Silva

FRAGMENTO D'UM POEMA

INEDITO

—

Não viste em pleno oceano, errante, vagabundo,
Um misero baixel,
Já prestes a immergir do pelago no fundo
Ao choque do parcel?

Já viste a pobre flor no viso da montanha
Hontem viçosa e bella,
Hoje, fatal condão! ser victima da sanha
Dos ventos da procella?

Já viste a immensa dôr d'uma pobre andorinha,
Quando demanda alegre o ninho seu querido,
E o acha destruido,
E a prole arrebatada?
Não vos aflige então a pobre da avesinha
Olhando desolada,
Como inquirindo os ceos; o espaço indefinido?

Ao fundo o barco foi; faltou-lhe um porto amigo,
Aonde se acoitar;
A flor emmurcheceu, á mingua do abrigo
De um roble secular;
E a pobre da avesinha, os filhos não ouvindo
Em volta a pipitar,
Aos ceos, ao espaço infindo,
Lá vae sempre voando, até faltar-lhe o alento,
E como a secca folha, impellida do vento,
Cahir precipitada
Nas agoas d'um paúl, ou sobre o pó da estrada.

Assim o triste paria, o pobre desterrado
Do explendido jardim, o Eden da Escriptura,
Trilhando da existencia a tortuosa senda,
Como o judeu errante, o Ashaverus da lenda,
Immerge na amargura,
Se acaso for privado
Da infinita doçura
Dos praseros do lar.
Feliz o que poder taes gosos disfructar!

Ditoso o que demanda, ao fenecer do dia,
Cantarolando alegre, o lar, a pobre aldeia,
E vê sobre o casal o fumo azul, que ondeia!
O' vós que vos sentaes nas fofas almofadas
De um commodo coupé, fitando desdenhosos
Os humildes peões, que, ao longo das estradas
Caminham presurosos;
O' vós a quem o ouro ha tornado insensiveis
A's dôres, á miseria, aos lances commoventes,
Sabei que em pobre albergue, em pequenina choça,
Se abrigam muita vez praseres indiziveis!
E que esses pobres entes
A quem dura miseria, implacavel accossa,
Involtos, tiritando, em trapos despresiveis,
Vão muita vez libar na taça da ventura!

E, se não, contemplae a scena encantadora,
Que passo a apresentar n'esta fiel pintura:

Do estio o sol ardente immerge no horisonte
Dourando, á despedida, a crista do alto monte
Em que assenta graciosa a aldea seductora.

Subindo pela encosta, o pobre lavrador
Afadigado vae, banhado de suor:
Atraz o seu singel, ao hombro a dura enchada,
Ao lado o fiel mastim, saltando de contente,
Fitando no seu dono o olhar intelligente.

Ao cabo do caminho ouvia-se a toada
Então da Ave-Maria,
A oração singella
Que ao homem do trabalho indica o fim do dia.
O humilde camponez, com modo reverente,
Tirou o seu chapeu, e uma oração fervente
Soltou dos labios seus,
Desprendido da terra, a meditar em Deus.

Prosegue ainda o quadro: a simplice aguarella
Carece d'alguns traços
Que venham rematal-a.
O ingenuo lavrador chegara junto á pobre
Modesta habitação, que o leve colmo cobre.
De par em par aberta, a exigua porta exhala
Aromas da frugal, singella refeição.
«Vem cá, vem cá, Leão,
Gritava um pequenito alegre, buliçoso,
Deitando curioso
Fóra d'uma janella a loura cabecinha.
N'isto o intelligente e affectuoso cão,
Que perto d'ali vinha,
Latindo alegremente, accode ao chamamento
D'aquella fresca voz de timbre insinuante,
E vae pousar as mãos no estreito peitoril,
E abraça a creancinha, e como cumprimento,
Põe-se a lamber-lhe o rosto, corado, tão galante,
O rosto tão gentil.

Accommodou-se o gado; á mangedoura foi
Replecta co'a ração; e o paciente boi
Que um dia inteiro andara a rasgar as entranhas
Da terra, foi achar, em premio das façanhas
Do improbo trabalho, uma abundante ceia.

Entanto na cosinha, á luz d'uma candeia,
E ao clarão dos tições, que ardiam na lareira,
Sentado n'um escabello, enchugava o suor
O bom do camponez, co'os filhos ao redor,
Sorrindo-se feliz, olhando com praser
A pequenina cohorte, alegre, galhofeira.

Leão, sentado a um canto, olhava impaciente
O tacho em que fervia a ceia desejada,
E punha-se depois zangado a arremetter
Co'a gata que brincava ao lado descuidada.
Por fim a tia Antonia ergueu toda contente
De sobre o lume o tacho; estava a ceia prompta,
O que então se passou, ninguem de certo o conta.

Dizer-vos a alegria immensa que sentiram
Creanças e animaes,
Quando o farto quinhão da ceia adiante viram,
Quasi impossivel é! o' quadros joviaes!

....

Alberto Carlos

O ESPIRITO HUMANO

EXCERPTO

—

(Conclusão)

No outro dia o genio da civilisação assomou pelas montanhas do Libano; o homem assentou-se debaixo dos seus cedros, e viu ao longe o mar que o convidava, como se fosse um ceo na terra, com as suas argentadas espumas, com os canticos das suas ondas, e se entregou o homem á navegação, chamou-se phenicio e sentiu-se mais livre; aprisionou os ventos e passou com os seus pés os mares, e transformou-se o seu destino.

Ao ver passar um navegante entre as floridas margens do Mediterraneo, do fundo das celestes agoas, se levantaram como nereidas coroadas de perolas a Grecia, a Italia e a Iberia; a Grecia recebeu o genio phenicio, matamorphoseou-o o seu proprio espirito, animou com seu sopro vivificador o homem, creou o cidadão; Roma, recolhendo o genio do Oriente e o da Grecia, as almas de dous mundos em seu gigante seio, forjou a ideia da humanidade, e a humanidade, pelos seus grandes trabalhos, pelo seu continuado martyrio, pelas suas maravi-

lhosas obras, foi já digna de receber em seu seio o espirito de Deus; e Deus e a humanidade uniram-se por meio do Verbo no calvario, e nasceu d'esta união o mundo moderno; no seu nascimento o cercaram mil inundações, mil dôres, mil inimigos; parecia que toda a grande obra da liberdade ia desapparecer, e Deus levantou duas grandes rochas incontrastaveis contra aquellas tormentas, o Castello feudal, para repellir a força com a força, a Egreja para receber como em eterna arca santa os espiritos; a Egreja chamou os Cruzados quando o feudalismo já não era necessario, quando havia concluido a sua obra, e sob o seu manto nasceram as Universidades destinadas a educar o povo, para que acabasse, com os senhores feudaes, o direito romano destinado a quebrantar com a sua mysteriosa unidade o cahos do feudalismo, o municipio, mysteriosa semente de que havia de nascer a arvore da liberdade, a arte antiga destinada a dar sentimento de liberdade aos cidadãos, a auctoridade aos reis, destinada a formar as nacionalidades e imprimir na sua fronte a ideia da igualdade, e quando se havia concluido esta obra, o espirito humano, exhuberante de liberdade e de vida, não cabia no velho mundo, e Deus, no fundo do Oceano, fez sahir outra creação mais perfeita, outro mundo mais formoso, e ao calor das sciencias, das artes, o espirito humano cobrou nova vida, passou incolume por meio das revoluções modernas, tirou do seio d'essas grandes tempestades novos direitos, novas ideias; e nós, filhos de tantas dôres, de tão grandes obras, nascidos n'esta terra ensopada de lagrimas e de sangue, coberta com o pó dos ossos de infinitos martyres da liberdade, devemos conservar e engrandecer esta nossa personalidade, que tem sido toda a obra da civilisação, todo o grande trabalho da historia.

EMILIO CASTELAR

OS CONHECIMENTOS UTEIS

—

(Continuação)

Durante muito tempo a roca e o fuso foram os unicos instrumentos empregados para fiar: a roda só foi inventada em 1530 por Sugen, burguez natural de Brunswick.

A primeira machina de fiar, em ponto grande, foi um inglez, Lombe, que a inventou em 1718. Constava de mais de vinte e cinco mil rodas e fabricava em vinte e quatro horas quinhentas e vinte mil varas de fio de seda. Hargreaves aperfeiçoou mais tarde esta machina, e emfim, em 1770, Arkwight introduziu-lhe taes melhoramentos, que quasi se podem considerar estes dous homens como os inventores da machina de fiação.

A machina de fiar o canhamo e o linho foi inventada na Inglaterra por Guilherme Robinson, em 1798; a de fiar a lã, igualmente inventada na Inglaterra, foi introduzida em França por Douglas em 1803, não tardando a conhecer-se em quasi toda a Europa. Em 1816, Harmann, professor em Ratisbona, inventou a *mesa de fiar*, por meio da qual muitas pessoas pódem fiar ao mesmo tempo, sem mais trabalho do que puxar o fio.

Emfim em 1818, Milne inventou as machinaa de cylindro, proprias para a fiação de toda a qualidade de lã, seda, algodão, etc., sem necessidade de recorrer á cardagem.

O fio, seja de seda, lã, linho ou algodão, serve para coser, ou então passa para as mãos do tecelão, que com elle produz as fazendas.

A agulha foi o primario instrumento de coser. Quem a inventou? Não se sabe. Sabe-se apenas que data de tempos remotissimos. Os inglezes e prussianos tiveram durante muito tempo o monopolio das agulhas, que fabricavam com grande perfeição; depois entraram os francezes de entregar-se a essa industria; mas as agulhas inglezas são ainda hoje reputadas as melhores. Antes de prompta, uma agulha passa por mais d'oitenta mãos.

O companheiro da agulha, o alfinete, que é justo não deixar-mos esquecido, foi inventado em França em 1540. Antes de essa epoca as damas serviam-se de hastesinhas de madeira para segurarem os enfeites.

A machina de coser, que os inglezes Stone e Handerson haviam imaginado no seculo passado, foi inventada por Thimonnier, de Amplepluis (Rodano) em 1825, e o americano Howe aperfeiçoou-a consideravelmente em 1846.

E' tempo de fallar agora da arte da tecelagem.

O processo seguido pelo tecelão é da maior simplicidade. Os fios estendidos a todo o comprimento do tear formam o ordume; o ordume é o cadeado de fios, que estão retesados por meio de pesos que caem das extremidades dos fios, do lado posterior do tear; as outras pontas dos fios formam diante do tecelão duas fileiras. A cada movimento do artifice, a lançadeira, com o fio de tecer, passa por meio das fileiras, une e aperta os fios. A' proporção que a teia se vae fazendo, vae-a enrolando o tecelão em um cylindro de madeira, que tem diante de si, preso ao tear, um pouco acima dos joelhos. O resultado do trabalho do tecelão é a tea de fazenda; mas os teares variam muito, segundo a qualidade e as fazendas, e algumas vezes são muito complicados. Os teares de seda, de damasco, de veludo, de renda, são todos differentes.

E' aos egypcios que deve attribuir-se a arte de tecer. Cecrops importou-a na Grecia. Os athenienses tornaram-se celebres n'esse mister, assim como os babylonios na arte de bordar. A arte d'apisoar e calandrar foi inventada por Nicias de Megara e só se conheceu na Europa depois da guerra de Troya.

Ha poucos dados para se ajuizar dos progressos que a arte de tecer tem feito. Póde-se apenas indicar o tear inventado por Jacquard, de Lyon, o qual tornou extremamente facil aquella arte; mas no que elle foi de grande alcance, foi na fabricação das fazendas entrançadas e lavradas. A invenção de Jacquard data de 1805; em 1806, Coutourier, da mesma cidade de Lyon, inventou um processo para fabricar differentes especies de fazendas ao mesmo tempo, em um mesmo tear e por um só operario.

A fabricação dos tecidos de lã ou seda remonta á mais alta antiguidade, assim como a dos tecidos de canhamo ou linho; mas não se pode apontar a epoca precisa da invenção dos pannos propriamente ditos; sabe-se somente que ao principio eram muito grosseiros e que essa arte permaneceu durante muito tempo estacionaria.

Antes porém de tratarmos dos pannos, o que assignala uma phase já muito adiantada da arte de vestir, de que nos estamos occupando desde a sua phase mais rudimentar, tratemos ainda da preparação das materias primas.

Dissemos como se preparava o canhamo; resta-nos dizer que o seu uso mais geral é para a fabricação de cordas, fabricação antiquissima, de que não se conhece o inventor, nem se sabe a data da invenção. Em 1793 foi inventada em Elseneur, na Russia, a primeira machina de fazer cordas.

Quando a teia sae das mãos do tecelão, branquea-se ao ar ou ao sol, ou antes submette-se á acção de algum acido; em seguida imprime-se segundo o uso a que se destina, chitas ou outra cousa, por meio de moldes de madeira ou de metal; depois alisa-se e dá-se-lhe lustro. E' o que se chama calandrar.

A impressão das teias demanda grandes cuidados e uma experiencia muito esclarecida para que o tecido resista á acção da agoa. Os hindus e chinezes teem ainda hoje a preeminencia na impressão, tinturaria e trabalhos similhantes.

(Continua)

JOANNA D'ARC

—

(Continuação)

A libertação d'Orleans por uma simples mulher, uma santa na opinião do povo, teve um effeito moral immenso no espirito popular. As poucas pessoas que não acreditavam nas palavras de Joanna quando dizia que a missão que Deus lhe dera era a de salvar a França dos seus inimigos, curvaram a cabeça diante dos seus feitos maravilhosos; e em

quanto os inglezes attribuiam a pacto com o diabo o poder da heroina, toda a França via ahi a mão de Deus.

Em memoria do prodigioso successo organisou-se uma procissão solemne, no mesmo dia em que se levantou o cerco, e percorreu a cidade toda e as trincheiras, no meio da maior cumpuncção. Pelo mesmo motivo aquelle dia, 8 de maio, ficou sendo de gala em Orleans, e ainda hoje se festeja com grande pompa.

Joanna, apesar do ferimento que recebera no assalto, continuou a dedicar-se exclusivamente á obra de salvação da patria. Como os dous reis, o de França e o de Inglaterra, tratavam de fazer-se declarar reis de todos os territorios conquistados, Joanna declarou que não deporia as armas em quanto Carlos VII não fosse reconhecido rei de França pelas povoações arrebatadas pelos inglezes.

Nos principios de junho dirigiu-se a Jargeau, d'onde expulsou os inglezes; em seguida tomou-lhes Beaugency e em 29 de junho teve logar a famosa batalha de Patay, onde a heroina se cobriu de gloria, ficando-lhe aberta a estrada para Reims, em cuja cathedral Joanna queria que o rei fosse coroado.

O exercito reuniu-se em Gien, em 28 de junho. Joanna ia sempre na frente, com a sua bandeira desenrolada. Atravessou sessenta legoas de territorio, sendo em toda a parte alvo das mais enthusiasticas demonstrações de sympathia.

Troyes achava-se em poder dos burguinhões e inglezes; mas, atacados em 9 de julho, a praça rendeu-se apoz um vigoroso ataque, em que a heroina foi a primeira a subir á trincheira.

Em 16 do mesmo mez teve logar a chegada a Reims, e no dia seguinte realisou-se na sumptuosa cathedral a imponente ceremonia da sagração de Carlos VII, á qual assistiu Joanna, de pé, com o estandarte desenrolado, junto do monarca, sendo mais os olhares que se fitavam n'ella do que no soberano. Póde-se dizer que foi ella a heroina da festa.

D'ahi em diante todas as praças, ainda as mais dedicadas aos inglezes, se abriram diante da marcha victoriosa de Joanna e do seu exercito. Soissons, Laon, Provins, Coulommiers, Chateau-Tierry, Compiegne, todos os povos emfim abraçaram a causa real.

Paris, porém, resistia, tendo á frente o regente Bedfort, a quem o cardeal Winchester acabava de levar um importante reforço, e além d'isso o velho partido burguinhão era alli muito forte.

Joanna não se intimidou com a desproporção de forças, e resolveu ir atacar Paris. Mas o ataque não produziu o resultado que ella esperava, e ainda teve a infelicidade de ser alcançada por um tiro de bésta em uma côxa.

Joanna reconheceu que a sua estrella principiava a abandonal-a, e já por mais d'uma vez tinha manifestado desejos de retirar-se á vida tranquilla da sua aldeia, dizendo que a sua missão tinha acabado com a sagração do rei em Reims; mas os seus soldados e os povos que viam n'ella uma creatura sobrenatural, não a deixaram satisfazer os seus desejos, e Joanna teve de acompanhar a corrente dos successos. Foi o que a perdeu.

Tendo voado em soccorro de Compiegne, que os burguinhões e inglezes ameaçavam, foi derrotada e ficou prisioneira dos seus ferozes inimigos.

(Continua)

GUILHERME TELL

Um dos vultos mais notaveis da historia liberal de todos os povos foi o celebre Guilherme Tell, o libertador da Suissa.

Era em 1307. A Suissa era uma possessão austriaca; um despota, arvorado em governador, fazia sentir aos rudes habitantes das montanhas o poder da dominação estrangeira. Foi então que appareceu o simples camponez que devia erguer o grito da independencia da patria, aguilhoada sob o jugo dos oppressores.

Suspeitando das intenções hostis de Guilherme, o governador Gessler resolveu lançal-o no fundo d'uma prisão, e para maior segurança elle mesmo o quiz conduzir á fortaleza de Kusmacht. Entraram ambos em uma barca; mas, apenas partidos, ergueu-se uma furiosa tormenta. Guilherme Tell tomou o remo e guiou a barca a porto de salvamento. No momento porém de tocar terra, Guilherme saltou sobre um rochedo e com um impulso vigoroso empurrou a barca para o meio do lago, onde o tyranno morreu.

Dias depois toda a Suissa estava em festa.

Em memoria do heroico feito de Guilherme Tell, os habitantes ergueram uma capella á beira do lago dos Quatro Cantões e sobre o famoso rochedo para onde o celebre revolucionario saltou quando o tyranno o conduzia ao castello de Kusmacht.

Este pequeno edificio, representado na nossa gravura, cahia em ruinas, e acaba de ser restaurado. O anno passado foi necessario demolir a abobada e as paredes, que estavam cobertas de pinturas, representando varias scenas da historia suissa. Os frescos d'agora representam as principaes aventuras do famoso libertador da patria

CAPELLA DE GUILHERME TELL

CORNEILLE

Pedro Corneille, o maior poeta tragico de que a França ainda hoje se orgulha, nasceu em Rouen em 6 de junho de 1606 e falleceu em Paris em 6 d'outubro de 1648.

Filho d'um advogado, a familia dedicou-o ao foro. Estudou em um collegio de jesuitas em Rouen e formou-se em leis, indo para Paris exercer a advocacia.

Ahi um successo casual lhe indicou a verdadeira carreira que devia seguir.

Um sujeito apresentou em casa de uma dama a quem fazia a côrte, um amigo, que, por meios engenhosos, conseguiu fazer-se amar da dama, que não tardou a esquecer o primeiro amante.

Sabedor do caso, Corneille achou-lhe tanta graça, que pensou em fazer d'elle uma comedia. Esta comedia foi *Melite*, representáda em 1629 com o maior applauso.

Desde então o moço poeta cuidou de aproveitar as disposições que em si sentia, e deu successivamente ao theatro comedias como *Clitandra*, a *Viuva*, a *Illusão Comica*, etc.

Em 1635, entrando de estudar os grandes mestres da tragedia, apresentou

Medea, imitada de Seneca, e cujo acolhimento não foi muito lisongeiro. Em seguida inspirou-se no theatro hespanhol e deu o *Cid,* que é incontestavelmente a sua obra prima.

Seguiram-se ao *Cid* outras tragedias como *Cinna*, *Polyucto*, etc. A lista das suas obras é muito extensa.

Os traços mais salientes do genio de Corneille são a energia, a nobreza, a elevação dos pensamentos; o vigor da concepção, o incomparavel talento com que desenvolve os assumptos; a abundancia e variedade dos effeitos dramaticos, a belleza moral dos caracteres, a viril elegancia da expressão, aquella admiravel faculdade emfim de elevar-se ao sublime naturalmente e sem esforço, de um voo, e algumas vezes por uma só d'essas palavras que são como um trovão, que arrancam aos espectadores gritos d'entusiasmo ou lagrimas d'admiração.

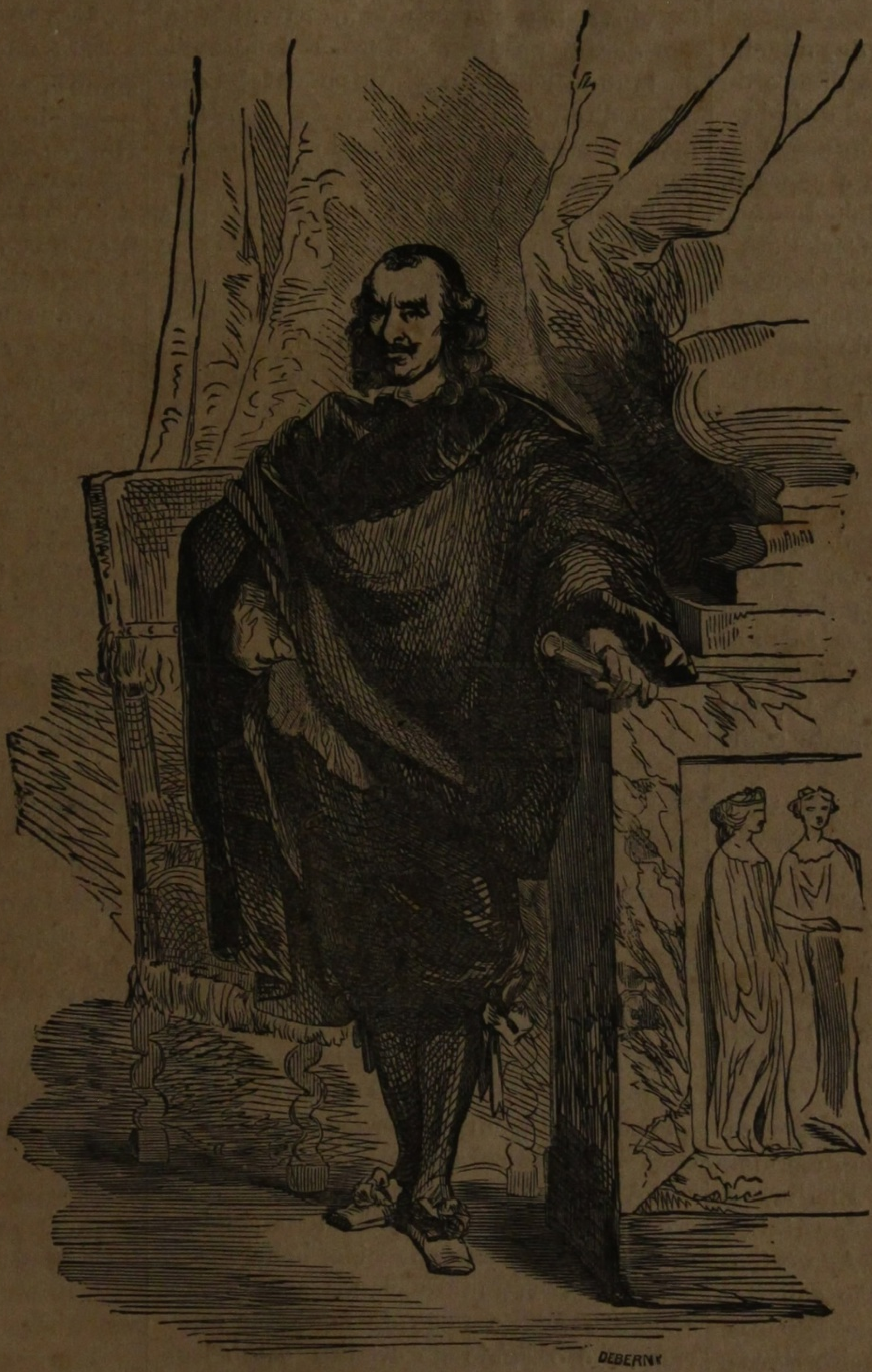
Corneille foi nomeado membro da academia franceza em 1647.

Aquelle grande vulto era d'um exterior simples e vulgar.

Dedicou a vida toda ao estudo e cultura da arte. Morreu pobre e cheio de desgostos. Racine estava então no apogeo da gloria; e em quanto todos applaudiam o discipulo, o mestre era votado ao esquecimento.

Esta é quasi sempre a sorte dos grandes genios; a aura popular passa tão depressa como o orvalho da manhã.

O tempo presente, porém, vingou o grande poeta da ingratidão dos seus contemporaneos. Em 1833 Rouen ergueu-lhe uma estatua de bronze, que mede cerca de tres metros e pesa cinco mil kilogrammas. Foi fundida em quatro pedaços. O modelo é devido ao celebre David, d'Angers, discipulo de Canova.



CORNEILLE

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

VICTORIA DAS LINHAS D'ELVAS

Muito tempo depois da famosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, que restituiu a corôa de Portugal aos seus verdadeiros reis, os hespanhoes não perderam de todo a esperança de rehaver a presa que lhes fugia.

Nos principios do anno de 1659 um aguerrido exercito, a cuja frente vinha o insigne capitão D. Luiz Mendes de Haro, sitiou a nossa praça d'Elvas, no intento de por ahi fazer uma invasão no reino. O cerco tornava-se de dia para dia mais apertado e os moradores da praça só á custa de grandes e insanos sacrificios conseguiam fazer frente ao inimigo, que esperava obrigal-os a render-se pela necessidade.

Nomeado o conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes commandante do exercito que devia voar em soccorro da praça, porque ninguem desconhecia que se os hespanhoes a tomassem não tardariam a fazer irrupção no reino, partiu o mesmo com um exercito de oito mil infantes, dous mil cavallos e sete peças d'artilheria, exercito pequenissimo á vista das inumeraveis forças do inimigo, que, para maior vantagem, se achava abrigado em excellentes linhas construidas sob a direcção d'um official habilissimo, qual era o duque de S. German.

Entre Extremoz e Elvas, os nossos receberam aviso de que os hespanhoes acabavam de receber um reforço de trezentos infantes e quinhentos cavallos; mas nem por isso lhes esmoreceram os brios.

Chegado diante da praça, o conde de Cantanhede mandou por um trombeteiro dizer a D. Luiz de Haro que no dia seguinte o iria buscar, marcando-lhe a hora e o signal onde se encontrariam.

Pasmou o general castelhano com tanta audacia, e aprestou-se para o combate, o qual teve logar no dia seguinte, 14 de janeiro, sahindo os nossos do seu acampamento pelas oito horas da manhã, com as bandeiras desfraldadas e ao som dos tambores e cornetas, ao encontro dos inimigos.

A peleja foi renhidissima. Cortadas emfim as linhas, desbaratados e inteiramente derrotados os hespanhoes, a victoria foi completa. Os nossos, além da gloria, tiraram valiosos despojos.

Calculam-se em dez mil os mortos e prisioneiros, sendo muitos dos principaes cabos castelhanos.

O commandante do exercito escapou fugindo precipitadamente para Badajoz, sem ter tempo sequer para recolher uns papeis em que tratava com o rei d'Hespanha os mais importantes segredos d'estado, papeis que cahiram em poder dos nossos.

Foi de grande alcance esta victoria, porque a praça d'Elvas era a mais importante da provincia do Alemtejo, e d'aquelle lado ficou o reino livre da invasão que a todo o momento nos ameaçava.

Sabida em Lisboa a noticia do famoso successo, celebraram-se grandes festas, repetidas depois em todo o reino.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XVI

PARA O ORIENTE

Napoles é a antiga capital do reino das Duas Sicilias. E' uma cidade magni-

fica, de 450:000 habitantes, que trepa por um monte acima, tendo os pés submergidos no mar.

E' a cidade onde se vê a miseravel cabana ao pé dos palacios sumptuosos.

Soberbas egrejas; bibliothecas, museus, passeio de Villareal; palacio real. Defendem-a tres fortes: o Castello Novo, o castello do Ovo, á beira do mar, e o castello de Santo Elmo, no interior, coroando uma eminencia.

Mas o edificio mais notavel de Napoles é a cathedral de S. Januario.

O lazzarone, esse ocioso, essa praga social, vae rareando.

A oito kilometros da cidade, aquelle penacho de fumo que se ergue diante de nós diz-nos que o Vesuvio arde ainda.

Aos pés da montanha de fogo, estende-se uma campina de gracioso aspecto. Nas vertentes abundam os vinhedos que produzem magnifico lagrima Christi.

Ao longe avistamos Portici, Capreia, Ischia, o monte Pausilippe; o mar semeado de velas brancas, barcos de pescadores pela maior parte, o golfo com as margens bordadas de odoriferos laranjaes.

No meio d'esta luxuriante vegetação demoram as ruinas de Herculanum, Pompeia, Stabia, engolidas pelo mar de lava no anno 79. Desoito seculos depois da terrivel cathastrophe, os monumentos de Pompeia estão ainda intactos da cinza que os cobriu. Nas escavações teem-se encontrado grande numero d'objectos: o antigo proprietario, se voltasse ali, encontraria a sua casa exactamente como a deixara.

Em Herculanum as buscas não teem produzido tão bom resultado, porque a lava destruiu tudo.

A Italia está cercada d'ilhas, as mais importantes das quaes são a Sicilia, que tem 2:400 habitantes, a Sardenha (600:000 h.), e a ilha d'Elba (22:000 h.). As desesete ilhas Lipari e Pantellaria apresentam phenomenos vulcanicos muito notaveis.

O Etna, com as suas numerosas crateras, extinctas ou em actividade, é o mais importante dos vulcões da Sicilia. A terrivel explosão de 1693 immolou 18:000 pessoas e destruiu 60 aldeias. As vertentes da terrivel montanha estão cobertas de verdura, de carvalhos e castanheiros. Um d'estes, o famoso castanheiro *di centi cavalli*, pode abrigar cem cavalleiros á sombra da sua ramaria.

A capital da Sicilia é Palermo, cidade de 200:000 habitantes, celebre na historia pelas vesperas sicilianas, ou carnificina exercida sobre os francezes em 1282. Vejamos ainda Messina, cidade de 100:000 habitantes, com um notavel pharol; Syracusa (19:000 h.), patria de Archimedes; Marsala (25:000 h.), logar onde Garibaldi, em 10 de maio de 1860, derrotou as tropas napolitanas. Marsala produz vinhos, que imitam os nossos da Madeira.

Cagliari, com 30:000 habitantes, é a capital da Sardenha. Emfim a ilha d'Elba tem por capital Porto Ferrajo, com 5:000 habitantes. Foi ahi que residiu Napoleão I em 1814 e 1815.

Não nos despediremos da Italia sem saudarmos de passagem a microscopica republica de S. Marino, que outr'ora estava sob o protectorado do papa e hoje está sob o do rei de Italia.

O territorio da republica comprehende apenas 60 kilometros quadrados, com uma população de 8:000 habitantes.

Capital S. Marino, com 5:000 habitantes.

Passamos agora por diante de Malta, viuva dos seus esforçados cavalleiros, que deram paginas gloriosas á historia do mundo religioso e militar. Malta não passa d'um rochedo coberto de terra, formando uma ilha no meio do Mediterraneo, entre a Sicilia e a Africa. Tem 110:000 habitantes. Carlos V cedeu-a em 1530 aos cavalleiros de Rhodes, a quem Bonaparte a tirou em 1798; hoje pertence aos inglezes, que d'ella fizeram uma importante estação naval.

Entregando-nos emfim aos perigos de Scylla e Carybdes, esses escolhos tão temidos dos navegadores, proseguimos viagem para o Oriente.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

VII
FRANCISCO D'ALMADA

(Conclusão)

Em quanto Francisco d'Almada residiu no Porto e fiscalisou pessoalmente os misteres da policia, gozaram os habitantes o mais completo socego e segurança. Perseguia tão tenazmente os criminosos e mal intencionados, que estes o temiam e se acobardavam na sua presença, o que deu origem a dizer-se que elle os conhecia pela cara.

A casa de Francisco d'Almada era o centro de reunião dos homens celebres d'esta cidade pelas sciencias, bellas-letras e artes; á sua meza e nos seus saraos encontrava-se o moço de fundadas esperanças e o sabio de credito estabelecido.

Tão benemerito cidadão não escapou á condicção dos que são elevados aos primeiros cargos publicos; os amargos dissabores, que a intriga lhe causou, e os golpes da inveja, principalmente pela popularidade que tinha e affeição que o povo lhe consagrava, feriram-o mortalmente e roubaram-lhe a existencia na idade de quarenta e sete annos e meio. Sentindo o fim proximo, Francisco d'Almada mandou chamar o doutor João de Sant'Anna Neves e Sousa, seu compadre e visinho, a quem ditou as bases para uma carta dirigida ao principe regente, na qual se despedia de sua alteza, e lhe recommendava o destino de seus filhos, lembrando-lhe a pobreza em que morria, tanto que jurava não haver em casa com que se lhe fazer o enterro. Poucas horas depois de assignar a carta já não existia. Isto foi a 18 de agosto de 1804.

Quando se tratou de fazer os funeraes, verificou-se que effectivamente tão prestante magistrado havia morrido na maior pobreza; mas todos revalisaram em zelo para que aquelles fossem feitos com a maior pompa. Refere-se que todos os armadores se prestaram gratuitamente a guarnecer as extensas salas da casa-pia, onde o cadaver esteve exposto no dia seguinte ao da sua morte, distinguindo-se como promotor d'este rasgo generoso o pae do insigne jurisconsulto José Ferreira Borges.

Era tal á affeição que D. João VI tinha a Francisco d'Almada, que, vindo este para o Porto por conselho dos medicos da real camara, o principe regente ordenou que o primeiro ajudante da botica da casa real viesse em sua companhia, para ser seu pharmaceutico durante a jornada, com uma botica ambulante que lhe mandou aprontar, e por decreto de 4 de janeiro de 1805 deu-lhe por ajustadas e saldadas todas as contas com a fazenda.

Francisco d'Almada e Mendonça foi commendador da ordem de Christo; moço-fidalgo com exercicio na casa real; do conselho de sua magestade e seu desembargador no paço; 1.º senhor donatario da villa da Ponte da Barca e 1.º alcaide-mór de Marialva; corregedor e provedor da camara do Porto; presidente do cofre da mesma cidade, intendente da marinha, presidente da junta administrativa da fazenda e arsenal; superintendente da alfandega, do tabaco e saboarias; conservador do juiz do sal, e das commendas; juiz do subsidio litterario, da moeda, dos contrabandos e dos processos de policia; inspector das obras publicas nas tres provincias do norte, juiz geral das coutadas reaes do reino, etc., etc.

OS CAVALLEIROS DO AMOR
ROMANCE HISTORICO

—

XI
QUEM ERA VICENTE E QUEM ERA LOLA, A SAPATEIRA

(Continuação)

Costillares acabava de fazer uma d'aquellas admiraveis sortes que só elle sabia executar e que tanta fama lhe deram.

Toda a gente applaudia com enthusiasmo. Dolores tambem agitou as mãos, e n'esse momento uma rosa que levava no peito desprendeu-se e cahiu na praça.

—Ai! disse ella.

Vicente ouviu aquelle grito e atirou-se logo á praça.

Costillares, que o conhecia, correu ao encontro do pintor.

—Que quer o meu amigo? perguntou-lhe.

—Vou apanhar uma flor que cahiu á mulher mais formosa de Madrid.

—Mas é uma loucura, atalhou o toureiro.

—Loucura ou não hei-de apanhal-a.

—Sabe o risco que corre?

—Sei; mas nada me atemorisa. Dê-me a sua capa e a muleta.

—De que lhe servirão? Não vê que o touro que se está correndo é bravissimo!

—Não importa. Eu me defenderei.

—Sou seu amigo e não posso negar-lhe o que me pede; mas sempre ficarei de observação para o que possa succeder.

Todo o publico que assistia á funcção contemplava com assombro aquelle extranho incidente.

A auctoridade entendeu que devia intervir, e com esse fim ia um alguazil a sahir á praça quando um grito saiu de todas as bocas.

Vicente tinha-se dirigido para o sitio onde a flor havia cahido; mas o touro, mais dextro do que elle, poz-se-lhe de permeio, sem comtudo ousar atacar o imprudente mancebo.

Vicente, pelo seu lado, esperava tranquilo o accommettimento da fera, que, passado um momento, retrocedeu alguns passos e lançou-se a correr para se atirar ao joven.

Do seu logar Dolores via tudo isto e estremecia diante do perigo que corria aquelle homem por sua causa.

Vicente não sahiu do sitio em que estava.

Estendeu o panno diante do animal, e fazendo meia volta, saiu incolume da investida do touro.

Um applauso phrenetico, enthusiastico, atroador, atravessou toda a praça.

O touro, rugindo de colera, tornou ao ataque; e Vicente, desprevenido, foi alcançado pela fera, cahindo com ella no chão, envoltos ambos em nuvens de pó.

Todos os espectadores soltaram um grito d'angustia. Dolores cobriu o rosto com as mãos e do seu peito sahiu um gemido d'immensa dôr.

Toda a quadrilha de toureiros correu em soccorro de Vicente; e quando os espectadores julgavam que só o tirariam morto de sob a fera enraivecida, Vicente appareceu, saccudindo o pó que o cobria e empunhando na mão direita a rosa que Dolores tinha deixado cahir.

A dous passos de Vicente via-se o touro com a espada atravessada no coração.

E' indiscriptivel o enthusiasmo da immensa multidão que enchia a praça.

Todos os toureiros deram a Vicente os parabens pelo bem que executara aquella perigosa sorte. Mas elle, sem os attender, pensou só em subir á grade onde se achava Dolores. Aproximou-se d'ella, apresentou-lhe a flor e disse-lhe:

—Eis aqui a rosa que lhe cahiu do peito.

A joven não respondeu, e palpitante e ruborisada colheu com mão tremula a flor que Vicente lhe apresentava.

Acabada a corrida, o pintor estava fortemente enamorado de Dolores e Dolores por igual enamorada do pintor.

Dias depois os dous namorados encontraram-se, e datavam do dia em que se viram pela vez primeira na corrida de touros as relações entre aquelles dous corações juvenis, virgens d'amor.

No meio das mais doces effusões que a ternura pode imaginar passava o tempo para aquelles ditosos namorados. Vicente ia todas as noutes, acabado o trabalho, ver Dolores, e esta era toda extremos para o escolhido do seu coração.

Passaram-se mezes, até que uma noute, indo o pintor a casa de Dolores, não a encontrou. Imaginou immediatamente que algum rico devasso a raptara; veio-lhe aos labios o nome do marquez de Adelfi, e já vimos qual a sua desesperação, restando-nos agora saber o resultado das indagações de D. Luiz de Guevara.

(Continua)

O ESPELHO DA ALMA

—

(Continuação)

No dia em que o noivo devia ir pedir a mão de Helena, achava-se esta graciosamente reclinada em uma poltrona, cuja côr, habilmente escolhida, fazia realçar os encantos da sua pessoa e a singela harmonia dos seus enfeites. Na sua postura havia uma naturalidade um tanto estudada e na expressão do seu rosto uma imobilidade languida. Diante d'ella e a certa distancia via-se o severo triangulo d'um cavalete sustentando a tela d'um quadro por acabar, na qual um pintor famoso traçava com mão firme os bellos rasgos d'uma cabeça gentil.

Helena via sahir do fundo da tela o seu rosto illuminado pelos toques mestres do pincel, como sae a aurora do fundo do mar. Em nenhum espelho se havia achado tão bella e parecia-lhe admiravel aquella similhança resplandecente, porque o pintor, embebido na sua obra, mal olhava para ella; mas o retrato tomava vida na tela como se o pintor tivesse o original nos olhos.

De repente abriu-se uma porta e appareceu o pae da joven familiarmente apoiado no braço do homem que ia ser o marido de sua filha.

—Vamos, disse o pae abeirando-se de Helena. Não gosto dos rodeios que fazem perder um tempo precioso. Este cavalheiro acaba de pedir-me a tua mão e eu venho apresentar-te ao meu futuro genro.

O cavalheiro fez uma mesura em signal de assentimento. Helena baixou os olhos para esconder o repentino rubor de suas faces, e o pintor, meio occulto detraz do cavalete, teve tambem de inclinar-se para apanhar o pincel que lhe cahira da mão.

O pae continuou:

—Muito bem. Vejo o que suppunha, isto é, que estão ambos d'accordo; mas este assumpto necessita outras formalidades muito mais importantes.

—Entendo, disse o futuro genro, que a formalidade mais necessaria é a concordancia d'um mutuo carinho.

Helena abanou a cabeça dizendo:

—E' verdade.

—O mais importante em todos os negocios da vida, tornou o pae de Helena, são os capitaes. E' o dinheiro.

—O dinheiro, disse o noivo, tem sem duvida sua importancia; mas, pelo menos n'este momento, sería de mau gosto fallar em tal.

—Pelo contrario! exclamou o homem de negocios. Agora é que convem fallar d'esse assumpto, porque depois sería tarde.

—Pela minha parte, respondeu o genro, não tenho pressa.

—Tenho-a eu, tornou o sogro, porque gosto de ordem em tudo. Gosto d'andar corrente com a vida; quero saber o que tenho e o que devo.

O genro reflectiu um momento e depois disse:

—Ao pedir ao senhor a mão de sua filha, a quem amo de todo o coração, fiz-lhe saber que não era rico, mas que posso sel-o.

—Perfeitamente, disse o pae de Helena. Imitando eu esse nobre exemplo e correspondendo dignamente a essa confiança, ao conceder-lhe a mão de Helena devo dizer-lhe que minha filha podia ser rica, mas não o é.

O noivo recuou dous passos e fitou os olhos em Helena, que encolheu os hombros, assombrada por aquellas palavras, em quanto o pintor não sabia que côr tomar das que tinha na palheta.

O negociante pousou familiarmente a mão sobre o hombro de seu futuro genro e disse:

—Meu amigo. Uma serie de emprezas desastrosas conduziram-me á ultima extremidade, e sería uma infamia que lhe eu occultasse n'este momento a minha situação, que não pode ser mais precaria.

Helena poz-se de pé e o noivo replicou com vivacidade:

—Ignorava tal desgraça. Mas esta senhora deve ter a legitima de sua mãe, o que lhe deve produzir um rendimento muito consideravel.

A filha do negociante ficou boquiaberta, ao passo que o pintor, escondido atraz do cavalete, apertou os dentes convulsivamente.

—Assim é, respondeu o pae, e a legitima de Helena acha-se intacta. Mas é

necessario dizer tudo. Tenho que proceder inevitavelmente a uma liquidação da casa, e, como o defficit é grande, ou minha filha terá que renunciar á sua legitima ou eu ao meu nome d'homem de bem.

—Minha mãe, disse immediatamente Helena, teria sacrificado até á ultima moeda de cinco reis. Que devo fazer eu que sou sua filha?

—Mas, minha senhora, replicou o noivo, isto é um naufragio em que é necessario salvar alguma cousa.

—Exactamente por isso, disse Helena, pensemos em salvar o nome de meu pae.

O negociante interpoz-se, dizendo:

—Isso esperava eu de ti, minha filha. Mas é preciso pensar em tudo. Este senhor pediu a tua mão e creio que desde este momento não deves resolver nada sem o seu consentimento. Ao entregar-lhe a tua mão entregas-lhe a tua fortuna.

Helena fitou os olhos no seu noivo com profunda anciedade e encontrou-se com um olhar impassivel, frio, que lhe gelou o sangue.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

REQUERIMENTO QUE FEZ UM ALGARVIO Á RAINHA D. MARIA I.

Senhora Rainha— Diz Antonio Martins daqui de Olhão, mestre de calão de Manoel Mezins o bocana que eu tenho minhas desconfianças que me querem illigir este anno para Escrivam deste comprimiguo; porque eu já tenho ouvisto fallar nisso, e tambem se rosna que querem tambem illigir por juiz do mesmo comprimiguo a Manoel Gonçalves o esquenta (esquenta); eu não tinha gosto que elle fosse por que elle é um homem que não acode pela maritiga, e receio que fassa alguma asneira que isso queria eu ver se V. M. lhe podia dar algum remedio a que elle não fosse mandando pedir ao Ouvidor que lhe não aceite Voto, que elle logo lhe faz isso, mas isto debaixo de todo o segredo porque não quero que se conheça esta minha letra porque este homem é meu parente por ser casado com minha prima Maria Chinella, eu fico descançado que heide ser servido porque tenho razão porque ó dipois não quero que se diga que eu sou o canessos de algumas desordens que leve o diabo alma de quem gosta d'ellas porém se me tomar a prôa heide sahir ainda que me queimem e a minha mulher por que receio isto não quero sirva com elle para me não metter em algum de buxo.

MESSINA

Peço a V. M. me fassa este gosto ainda que me não fassa outro só por ver sahir com a minha, e não dar a estes Cães assim N. S. lhe dê Saude e mais aos meninos, e a Senhora Infanta perdoa a minha confiança.

E. R. M.

—

A EDUCAÇÃO LITTERARIA NA CHINA

Na China a lingoa do sul differe muito da do norte, e não podem os indigenas comprehender-se sem o soccorro do pincel; alem d'isso cada provincia tem o seu dialecto particular.

Apesar das difficuldades, que offerece o lêr e escrever os caracteres chinezes, não ha paiz no mundo, comtudo, onde a instrucção primaria esteja mais propagada do que na China. Encontram-se escolas até nas mais pequenas aldeias, onde os agricultores se combinam para a sustentação dos mestres: é raro encontrar mulheres sem instrucção. Os obreiros e campopezes são capazes de entreter a sua correspondencia por si mesmos, e de decifrar os editaes e proclamações governamentaes, e de ter uma nota diaria de seus negocios.

O ensino das escolas primarias tem por base o *San-tse-kiag*, livro sagrado, que se attribue a um discipulo de Confucio, e que resume em cento setenta e oito versos todas as sciencias e todos os conhecimentos adquiridos. Esta pequena encyclopedia, convenientemente explicada e desenvolvida pelo professor, é sufficiente para dar aos meninos chins o gosto das suas cousas positivas, e para os dispôr a adquirirem uma instrucção mais seria.

Nas grandes cidades existem collegios, onde os filhos dos letrados e mandarins recebem uma educação completa; tal é, entre outros, o collegio imperial de Pekin.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 3 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 22

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 27 DE JANEIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

CATHEDRAL DE ANTUERPIA

SUMMARIO .

Texto:— A cathedral de Antuerpia — Os conhecimentos uteis — A' beira do Mondego (poesia) por Gonçalves Crespo — O espelho da alma — Joanna d'Arc — O pico de Teneriffe — Os homens uteis de todos os paizes: Jenner — Nostradamus — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos; carta-prologo ao auctor, por J. Simões Dias — Datas memoraveis de Portugal: Victoria de Duarte Pacheco Pereira — Palavras na sombra (poesia) por Ernesto Pires — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Grecia — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — A Irlanda — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— Cathedral de Antuerpia — O pico de Teneriffe — Nostradamus — Na Irlanda.

A CATHEDRAL DE ANTUERPIA

E' sem contestação um dos mais bellos monumentos gothicos da Belgica a cathedral de Antuerpia.

E' facto averiguado que a construcção d'este magnifico templo começou por meiados do seculo XIII e durou oitenta annos. Tem a invocação de Nossa Senhora e foi erecto em cathedral em 1559 pelo papa Paulo IV, a instancia do rei Filippe II de Hespanha e dos Paizes Baixos.

Tem de comprimento cento sessenta e cinco metros, de largura oitenta e de altura cento e vinte. Consta o corpo da egreja de duzentas e trinta arcadas abobadadas, sustentadas por cento e vinte e cinco columnas, formando tres naves. A do centro é muito mais ampla do que as dos lados.

O altar-mor foi construido em 1624 segundo desenhos de Rubens. Os altares lateraes são trinta e dous, todos de magnifico marmore d'Italia.

Cem altas e bellissimas tocheiras de ouro puro illuminavam outr'ora nos dias festivos o altar-mor, no qual se guardava tambem um magnifico thuribulo de ouro massiço, guarnecido de pedras preciosas finissimas, presente de Francisco I, rei de França. Todas estas riquezas foram arrebatadas em 1797 pelos agentes da republica franceza.

A egreja achava-se muito arruinada quando Napoleão I a mandou restaurar em 1810. O coro, mandado construir em 1521 por Carlos V, que lhe poz a primeira pedra, foi demolido em 1798 por ameaçar ruina.

A torre é toda de boa pedra de cantaria e tem cento e sessenta metros d'altura, isto é, pouco menos elevada é do que a de Strasburgo. Tem de subir-se seiscentos vinte e dous degraos para chegar á ultima galeria. Descobre-se d'ahi um vasto panorama. E' formada a torre de galerias, sobrepostas umas ás outras, e diminuindo de largura em proporção ascendente. A prodigiosa elevação e a delicadeza com que está trabalhada excitam a admiração do viajante.

Foi começada em 1322 e só ficou acabada em 1518. Em 1540 collocaram-se-lhe os sinos, que são sessenta.

A torre que devia ficar em parallelo com esta só se construiu até á primeira galeria.

Quando se entra na egreja pela nave principal, admira-se sobretudo a cupula illuminada lateralmente. O quadro do fundo representa a Virgem, cercada d'anjos, que voam para o ceo. O painel da capella-mor, obra de Rubens, representa a Assumpção de Maria; o rosto da Virgem é resplandecente de frescura e mimo.

Ha muitos quadros dignos d'admiração; taes são: a Elevação da Cruz, a Descida da Cruz, a Visitação da Virgem e a Purificação do Menino Jesus.

OS CONHECIMENTOS UTEIS

(Continuação)

O linho, outra haste fibrosa, é de grande utilidade para a fabricação de cordas e velas de navios, mas tambem entra em grande parte na preparação das fazendas que se empregam nos vestidos.

O linho é originario da Asia, sendo desde longa data introduzido e aclimado na Europa. Ha duas variedades principaes: o annual, ou commum, e o vivaz ou da Siberia. No commercio distingue-se pela côr, em branco e escuro, e pela qualidade da fibra, em fino, mediano e grosso.

Os paizes productores do linho são a Russia, Allemanha, Italia, Irlanda, Hollanda, Belgica e o norte da França; na Hespanha cultiva-se, mas em pequena escala, em Leão, Galiza e Andaluzia; entre nós dá-se nas possessões ultramarinas, nas ilhas da Madeira e dos Açores e em quasi todas as provincias do continente, sendo muito abundante na do Minho; as qualidades dos nossos linhos são consideradas inferiores ás dos estrangeiros.

Mas a substancia fibrosa mais em uso para a confecção dos estofos empregados nos nossos vestuarios é a que se tira d'uma arvore conhecida pelo nome d'algodoeiro. O uso do algodão data da mais alta antiguidade. Pensa-se que já Moysés o conhecia; elle e todos os patriarcas usavam trajos d'algodão. Não se póde dizer ao certo em que epoca foram inventados os estofos tão variados que com elle se fabricam.

Alguns auctores pretendem que a cultura do algodão como a do milho, foi introduzida no Mexico pelos hunos, que para ali emigraram no anno 648.

No linho, como no canhamo, não se utilisa senão a casca, despresando a medula, ao passo que a lã do algodão, recolhe-se da casca da planta em um estado muito mais favoravel ao fabrico, e as Indias occidentaes dão duas colheitas por anno.

Centenares de navios chegam annualmente das Indias carregados d'esse precioso producto. Na Inglaterra as principaes manufacturas d'algodão estão situadas nos condados de Lancastre e Lancashire; são estabelecimentos que dão honra á industria humana.

Em França as cidades de Rouen, S. Quintino, Ville franche e Tarara rivalisam hoje com aquellas velhas rivaes.

As manufacturas de algodões estão hoje espalhadas por toda a França, Hespanha e Portugal, occupando muitos milhares de braços.

O homem civilisado não repudia as descobertas do homem selvagem; adopta-as, embeleza-as, aperfeiço-as. E' assim que elle sabe ainda converter em seu proveito as pelles dos animaes; mas faz-lhes tomar uma forma nova, e antes de se servir d'ellas tira-lhes o cheiro desagradavel e insalubre.

A lã de carneiro forma a materia prima das manufacturas de pannos; mas, antes de ser trabalhado no tear, aquelle producto tem de passar pelas mãos do limpador, que o lava e córa, pelas do cardador e emfim pelas do fiador. Nos ultimos tempos construiram-se machinas de fiar a lã á imitação das que servem para fiar o algodão.

A arte do tecelão consiste em converter a lã fiada em panno, casimira, flanella, ou outra qualidade de fazenda segundo os differentes graos de finura e a qualidade da lã. O tecelão dá-a ao apisoador, que, por meio de certos absorventes, tira-lhe todas as partes gordurentas; em seguida tinge-se, calandra-se e entrega-se ao commercio sob o nome de pannos de differentes qualidades. As larguras variam com as qualidades.

A Inglaterra e o paiz de Galles criam trinta e seis milhões de carneiros: cada um d'elles dá, termo medio, quatro arrateis, ou mil cento vinte e cinco quintaes, no valor, pouco mais ou menos, de sete milhões e quatrocentas mil libras, ou trinta e tres mil e tresentos contos de reis. Esta lã manufacturada produz vinte milhões de libras, o que dá annualmente ás differentes manufacturas um beneficio liquido de tresentos e sessenta contos de reis.

A fabricação dos tecidos de lã ou seda remonta á mais alta antiguidade; mas não se póde dizer com certeza quando nasceu essa arte. Os pannos finos parece que principiaram somente a usar-se no seculo XV. Foi o flamengo João Kemp que importou na Inglaterra esta arte; a França deve a Raynaud e a Fort uma machina de fazer pannos, cuja finura é muito superior á dos pannos obtidos pelos processos antigos. Esta machina principiou a funccionar em 1797. Em 1790 tinha Delorche, de Amiens, inventado uma machina para tosquiar os pannos com muito maior precisão do que a tosquia á mão; em 1791, Grager, d'Anno-

nay, inventou uma machina para fabricar lãs; emfim Mons inventou em 1802 um processo para tornar os pannos impermeaveis. Ternaux foi o primeiro que em França fabricou pannos com a pinha marinha e com a lã de cachemira.

Continua)

Á BEIRA DO MONDEGO

—

Do azul na grande abobada espelhada
Campeia a lua e os astros scintillantes,
Os pés nas frescas agoas murmurantes
Dorme Coimbra triste e socegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Nos bandolins chorava palpitantes:
Tudo é silencio agora, e das amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repousa; a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz oscilla crepitando varia.

Nas lanchas ora dormem os barqueiros,
O poeta no entanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

Gonçalves Crespo

O ESPELHO DA ALMA

—

(Conclusão)

Helena disse:

—Supponho que este cavalheiro não se opporá a que eu cumpra o mais sagrado dos meus deveres.

—Em rigor não tenho duvida nem direito d'oppor-me, respondeu o noivo; comtudo parece-me, minha senhora, que vae fazer uma loucura.

—E' possivel, ponderou o pae, e por isso é necessario proceder com cuidado. Affirmo que não disporei para nada da fortuna de minha filha sem que aquelle que vae ser seu marido dê o consentimento.

—Parece-me que lhes faço um grande favor negando-me a isso, apressou-se a dizer o noivo.

—Pois eu, disse Helena com aborrecimento, renuncio desde este momento á minha fortuna em favor de meu pae.

—Em tal caso, disse o pae, é impossivel chegarmos a accordo.

O noivo tomou o chapeo, que tinha deixado sobre uma cadeira, e disse:

—Sería de mais pretender eu impor a minha opinião depois d'esta senhora declarar a sua vontade; mas ao mesmo tempo sería de mau agouro ceder a uma pretenção tão irreflectida logo ao entrar para esta casa.

—Então, disse Helena sem deixar fallar o pae, o senhor pode dispor livremente da sua palavra e eu da minha fortuna.

—Vejo, tornou o homem escolhido por Helena, que não devo prolongar por mais tempo tão ridicula scena, e peço licença para retirar-me.

Fez uma mesura e sahiu, acompanhado do negociante.

Quando a donzella se viu só, atirou-se sobre uma cadeira e desatou a chorar; em seguida, cobrindo o rosto com as mãos, exclamou:

—E pude amar este homem!...

O pintor, pallido e tremulo, apanhou em um olhar profundo aquella expressão dolorosa e com quatro toques admiraveis transformou a expressão do rosto que estava pintando.

Helena só então reparou que não estava só e enchugou os olhos; mas o retrato continuava a chorar.

Caminhou para o retrato e exclamou:

—Que é isto?

—Isto, respondeu o pintor, é que... que... que sou o homem mais feliz do mundo!

—Feliz!... Dá-se por feliz em ver-me chorar?...

—Perdão, minha senhora; mas quasi... Emfim por poupar-lhe essas lagrimas daria metade da minha vida; mas tambem por vel-as correr daria a outra metade. Não se agaste, peço-lh'o. Ha quinze dias que trabalhamos n'este retrato e durante este tempo sonhei todas as glorias possiveis, todas as riquezas e todos os poderes do mundo! A senhora tem qualidades que a tornam adoravel; mas era rica e eu não me atrevia a fallar.

—Como!... O senhor amava-me?

E, dizendo estas palavras, Helena fitava anciosamente o rosto do pintor.

—Adoro-a! exclamou elle com exaltação. Mas nunca me atreveria a dizer-lh'o se não ouvisse dos labios do pae de V. Ex.ª a confissão de que não é rica como eu julgava. Imagine pois a minha alegria quando soube tal noticia.

Este dialogo foi ouvido pelo negociante, que, sem que a filha nem o pintor percebessem, tinha entrado na sala.

Houve um momento de silencio, durante o qual Helena e o pintor se olharam sem acertar com o que haviam de dizer. Foi o pae da donzella que rompeu o silencio.

—Aquelle homem, disse, queria a tua fortuna, nada mais.

Helena respondeu:

—Eu julgava que o rosto era o espelho da alma.

—Não, filha; o verdadeiro espelho da alma são as acções.

A repentina ruina d'esta casa divulgou-se rapidamente, e Helena, apesar dos seus encantos, comprehendeu que lhe faltava o principal d'elles, isto é, a riqueza.

O pintor atreveu-se um dia a offerecer-lhe a sua mão; o pae deu o consentimento e casaram-se modestamente.

No dia seguinte ao da boda chamou-os o pae e disse-lhes:

—Sois ricos.

—E' verdade, respondeu o pintor, porque somos felizes.

—Conheço os homens, continuou o negociante. Fingi-me arruinado. E's rica. Mas isso era um perigo para a tua felicidade. Fiz-te pobre e és feliz. Tornaes-vos ambos dignos da minha estima e da minha grande fortuna.

Acaba aqui o conto. Deixo aos meus leitores os commentarios que o caso lhes pedir.

JOANNA D'ARC

—

(Continuação)

Parece averiguado que Joanna d'Arc cahiu em poder do inimigo em virtude de traição d'alguns dos seus soldados, vendidos aos inglezes. Affirma-se que João de Ligny Luxemburgo recebera dez mil libras e tres mil Leonel, bastardo de Vendome, que foram os traidores

Quatro mezes foram necessarios para os preparativos da horrivel tragedia meditada para a vingança d'aquelles homens ferozes. Joanna, encerrada a principio na fortaleza de Beaulieu, foi transferida para diversas prisões. Foi o principio do martyrio que ella prophetisara.

O duque de Bedfort queria fazel-a condemnar como feiticeira para reanimar o seu partido abatido e infamar o rei de França. Um conflicto de jurisdicção, porém, sobreveio entre o vigario geral da Inquisição, frei Martinho, e Cauchon, bispo de Beauvais, expulso da sua diocese, pois cada um d'estes dous fanaticos queria que ella fosse submettida á sua alçada, tal era o seu desejo de vingança. A universidade de Paris poz fim á contenda escrevendo ao duque de Borgonha e mandando que a ré fosse entregue a um tribunal ecclesiastico como suspeita de magia e sortilegio. Entregaram-a então a um destacamento de tropas inglezas, que a conduziu a Rouen.

Instruiu-se o processo monstruoso, eterno monumento de vergonha e barbarie. Pedro Cauchon e um inquisidor de nome Lemaire, acompanhados de sessenta assessores, constituiram-se juizes da desventurada Joanna, que, diante dos seus carrascos, não se mostrou menos admiravel do que diante dos inimigos da sua patria. Todas as respostas da heroina foram dignas e nobres, e por mais que aquelles infames procuraram fazel-a cahir em contradicção, a rapariga simples, sem instrucção nem malicia, não se deixou cahir nos laços, que soube habilmente desfazer. Mas a victima tornava-se indispensavel e tudo estava concitado para a perda da pucella.

No dia 24 de maio de 1431 viam-se armados na praça do cemiterio de Santo Ovidio, em Rouen, dous palanques, destinado um para o bispo de Beauvais, o vice-inquisidor, o cardeal de Inglaterra, o bispo de Noyon, o bispo de Bolonha e trinta e tres juizes assessores, e o

outro para Joanna e Guilherme Erard, padre protestante, encarregado especialmente das exhortações necessarias á ré.

Este acto principiou por um discurso violento, em que o padre dirigiu as invectivas mais grosseiras contra o rei Carlos VII e os seus subditos fieis. Em seguida apresentaram a Joanna um escripto d'abjuração, que ella não teve remedio senão assignar. Por este escripto confessava-se ella culpada de todos os crimes que lhe imputavam, obrigava-se a depor as armas, a deixar crescer o cabello e nunca mais usar trajos d'homem.

O bispo pronunciou a sentença, condemnando a ré, em reparação das suas faltas, a passar o resto da vida a pão e agoa, em uma prisão escura; mas esta sentença não contentou os inglezes, que entraram de pedir em altos gritos a morte de Joanna. Ao que respondeu o bispo:

—Não vos inquieteis. Em breve será nossa.

(Continua)

O PICO DE TENERIFFE

Teneriffe é a maior das ilhas Canarias, de que em outro logar trataremos. Por agora fallaremos só da maior curiosidade natural da ilha, o pico, que está representado na nossa gravura.

O pico é um dos maiores cones vulcanicos conhecidos. Ergue-se no meio d'uma especie de valle de cerca de cincoenta e cinco kilometros de circunferencia, formado por uma reunião de montanhas de dous mil duzentos a dous mil e quinhentos metros d'altura, que dos lados das costas apresentam declives pouco pronunciados; mas do lado do centro formam uma especie de trincheira de cerca de duzentos quarenta e cinco metros d'altura. Entra-se no valle, quando se quer ir até ao cimo do pico, por uns desfiladeiros abruptos, estreitos e selvagens, abertos atravez das montanhas.

O pico está mesmo no meio, erguendo-se a mais de tres mil seiscentos e oitenta e seis metros acima do nivel do mar.

O espectaculo que do alto se descobre é encantador. Avista-se todo o archipelago das Canarias, e o proprio espectador, isolado sobre esse ponto perdido no meio do espaço, julga-se separado da ilha. O que elle vê abaixo de si confunde-se de tal maneira, que nem sequer reconhece a terra onde está.

A cratera que está no alto não passa hoje d'uma mina d'enxofre, que tem oitenta metros de diametro e vinte e sete de profundidade.

O cone acaba por uma aresta, cuja elevação maior está inclinada para o lado do nordeste. Do lado do sul nota-se uma grande depressão, causada naturalmente por uma alluvião do terreno.

Quando se sobe ao pico acontece ás vezes ver-se nas nuvens que encobrem a parte inferior da montanha um phenomeno, que os viajantes naturalistas teem tido ocasião d'observar muitas vezes nas montanhas elevadas. Veem todos os contornos do corpo desenhados com as mais bellas côres do arco iris nas nuvens que ficam abaixo d'elles, do lado opposto ao sol. Os raios solares que se decompõem ao passar por sobre a superficie dos corpos são a explicação muito simples d'este brilhante phenomeno.

No cimo do pico o thermometro de Reamur marca sessenta e sete graos acima de zero.

Havia quatro centos trinta e dous annos que na ilha não havia erupção vulcanica, quando no mez de junho de 1798 se abriu um novo vulcão do lado de sudueste do pico. Nos primeiros dias chegaram a contar-se quinze bocas, ou crateras, por onde as chammas eram arrojadas com violencia. Depois reduziram-se a doze, e ao cabo d'um mez eram só duas a expellir a lava.

Teneriffe é a mais fertil, a mais povoada e a mais commerciante das ilhas Canarias. Tem trinta e nove mil habitantes.

O PICO DE TENERIFFE

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

VIII

JENNER

Jenner nasceu em 1749 em Berkely, condado de Glocester, na Inglaterra, filho d'uma familia abastada. Depois de terminados os seus primeiros estudos cirurgicos, foi para Londres afim de se aperfeiçoar na sua arte.

Os illustres navegadores Cook e Bancks fizeram-lhe brilhantes propostas para elle os acompanhar na viagem scientifica que emprehenderam em 1768; mas o desejo de não abandonar um irmão a quem amava extremosamente determinou Jenner a despresar todos os offerecimentos. Voltou á provincia onde exerceu a cirurgia, sem nunca abandonar os estudos especulativos, aos quaes já devia muitas descobertas importantes, sendo sem contradicção a principal de todas a vaccina. Divulgada rapidamente em todo o mundo, o uso d'esse meio preservativo entrou por toda a parte nos costumes e salvou annualmente a vida a milhares d'individuos, que, sem a vaccina, teriam sido ceifados pelo terrivel flagello da variola, que então disimava a Europa.

Tudo favoreceu a propagação d'esse beneficio scientifico: o progresso das lu-

zes, o favor dos soberanos, os esforços dos sabios.

Em França o duque de La Rochefoucaul-Liancourt chamou a attenção dos homens competentes para as vantagens da vaccina. Napoleão I apoiou as medidas tomadas n'esse sentido.

Entre os muitos tratados que Jenner publicou, o que tem por titulo *Investigações sobre as causas e effeitos da vaccina variolica* foi traduzido em todas as lingoas.

A Inglaterra cumulou de honras o seu filho querido. O parlamento votou-lhe louvores, e deu-lhe, a titulo de recompensa nacional, noventa contos de reis. Jenner, sempre modesto, espantava-se com estes testemunhos de reconhecimento.

O inventor da vaccina falleceu em 26 de fevereiro de 1823. Depois da sua morte ergueram-lhe estatuas e cunharam medalhas com a sua effigie

---

NOSTRADAMUS

O seculo XVI foi o seculo dos bruxos e feiticeiros. Havia alma simples que acreditava as historias dos encontros nocturnos d'homens e demonios, os contos das formosas damas encantadas; não faltava quem dissesse ter visto as bruxas dansando convulsivamente ao redor d'uma immensa caldeira cheia de ossos de gatos e coelhos, cujo sangue tinha uma grande serventia para certas mesinhas.

N'esse tempo acreditava-se que havia quem adivinhasse o futuro. Um astrologo era procurado com avidez pela populaça; não tardava a arranjar uma numerosa clientella; era coberto de presentes e distincções.

Mas não era só o povo simples e ignorante que acreditava no poder sobrenatural de certas pessoas. Os grandes senhores, as damas, os principes, partilhavam igualmente d'essa crença geral.

No reinado de Henrique II a côrte de França achava-se em um incrivel estado de superstição e terror. Catharina de Medicis fizera-se cercar de nigromantes e feiticeiros, que tinham a habilidade de a trazer dominada e illudida.

Foi então que á côrte chegou a noticia do apparecimento na Provença de um propheta, Miguel Nostradame por nome, mas que havia latinisado o appellido, sem duvida para se dar mais importancia.

Nascido em Saint Remi, na Provença, em 14 de dezembro de 1503, Nostradamus estudou no collegio de Avignon, retirando-se em seguida para a pequena cidade de Salon, onde se entregou ao estudo da astrologia.

Não se faz uma ideia da celebridade que dentro de pouco tempo alcançou, graças ás suas prophecias, algumas das quaes se realisaram como elle o dissera, affirmam os auctores contemporaneos.

Os principes iam visital-o a Salon; em 1564 o duque de Saboya ali se dirigiu com a sua familia, para o propheta lhes dizer o horoscopo.

Nostradamus seria effectivamente um propheta? Não o creiam os leitores. O que elle foi não é difficil saber-se. Foi um espirito um pouco acima do vulgar dos espiritos do seu tempo, que sabendo aproveitar habilmente as lições da experiencia e explorando com grande tino a ignorancia popular, annunciou os desastres que á França traria a pusilanimidade dos homens que a governavam. Não era nada difficil prognosticar as luctas sangrentas que a guerra civil traria, de mãos dadas com o exaltado fanatismo, origem d'uma guerra religiosa, que dei-

NOSTRADAMUS

xou por toda a parte ruinas deploraveis.

Nostradamus, não obstante, morreu em 1566, cercado das maiores honras que podem aureolar um mortal. E' digno de ler-se o epitaphio que lhe pozeram sobre o tumulo. Diz assim:

«Aqui repousam os ossos de Miguel Nostradame, cuja penna quasi divina foi por todos reputada digna de traçar e annunciar aos homens, segundo a influencia dos astros, os acontecimentos por vir por toda a face da terra. Falleceu em Salon de Craux, na Provença, no anno da graça de 1566, no dia segundo de julho, na idade de sessenta e dous annos, seis mezes e desesete dias. O' posteridade, não toques nas suas cinzas, nem invejes o repouso d'este justo!»

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

CARTA-PROLOGO AO AUCTOR (*)

Ao devolver-lhe o seu *Jorge de Castro*, cuja leitura me interessou vivamente, sinto mais por mim que por interesse do seu livro, que a estreiteza do tempo me não dê ensanchas para as largas considerações que similhante leitura me suggeriu. Entretanto, como a sua curiosidade apenas deseja a minha opinião particular, desauctorisada como é, satisfaço ao seu empenho, expondo breve e singellamente o que penso do seu novo livro.

Se me não engano, o seu *Jorge de Castro* despertará no espirito dos outros os sentimentos de sympathia e complacencia que despertou no meu, e sempre será lido com interesse por todas as pessoas que vêem no coração humano alguma cousa mais que uma viscera.

Porque o novo romance que sahiu da penna que escreveu os bonitos versos *Anhelos e Devaneios* (1 vol.) e as *Impressões aos deseseis annos* (1 vol.), é uma obra despretenciosa e por isso attrahente, delicadamente escripta e por isso appetecivel, recheada de excellente moral e por isso recommendavel, producto d'um espirito culto e de um coração bondoso e por isso reveladora de um grande merito.

Corre parelhas com a doutrina um estylo igual e simples, sem declamações que damnem a singelleza, e sem rethoricas que affoguem o pensamento. As peripecias do enredo nem são tão emmaranhadas que cortem o fio e desvairem a attenção, nem tão sobrias e pouco abundantes que deixem o sentido nu, e como que na espinha.

Apesar d'isso, e talvez por isso mesmo, o seu livro venha a ter serios impugnadores, e creio que os terá.

O seu livro não tem o realismo cru, com sabor apimentado, de que tanto gostam os paladares do nosso tempo; faltalhe aquelle excitante que inflamma o sangue, um poucochinho de phosphoro, similhante áquella *sensação nova* de que resa

---

(*) Antes de principiarmos a publicação do bellissimo romance com que o nosso talentoso amigo o snr. Alberto Carlos honra as paginas do «Camões», entendemos conveniente dar a apreciação que do mesmo romance fez o distinctissimo escriptor o snr. Simões Dias, não só porque n'ella se aquilata o merito do romance, mas tambem porque esta carta-prologo é ao mesmo tempo uma peça litteraria valiosa, pelo modo como o auctor das «Peninsulares» considera a chamada «escola realista» hoje tanto em voga.

o *Primo Bazilio*. Os leitores estão ja costumados áquellas comidas fortes, e já não querem provar de outras, embora reconheçam que é isso um grande defeito da culinaria realista. Demais, os proceres da arte moderna querem mais natureza e menos sentimentalismo: sorriram das lagrymas de *Jocelyn*, das divagaçõs de Sue, do machinismo artificial de Ponson, e só apreciam e teem por bons aquelles dois representantes da moderna escola franceza, a *Comedia humana* e a *Bovary*.

Ora confesso-lhe que o seu *Jorge de Castro* será tudo menos um parente proximo das obras de Flaubert ou Zola. O seu titulo de nobreza remonta a mais affastados ascendentes e nada tem que ver com os processos artisticos posteriores a Balzac.

E' por isso que eu cuido que em volta do seu livro não será feito o arruido que despertaram no publico portuguez o *Crime do Padre Amaro* e a *Comedia do campo*.

O seu Jorge é um ingenuo frequentador dos theatros de Lisboa, que faz versos ás actrizes e bebe capilés no Marrare, que se indispõe com o pae, ou antes que tem um pae que commette a fraqueza de se indispôr com o filho por causa de uma actriz, um galanteador que nunca soube fazer as extravagancias de Musset, que nunca roubou a fortuna do pae para a ir jogar a Monaco, que nunca leu Bellot, que nunca parodiou Zola; que nunca recitou Baudellaire! Bem vê o meu amigo que o seu Jorge não é um rapaz completo. Para o ser faltam-lhe muitos requisitos indispensaveis, como estes: ter sido surprehendido a deshoras em flagrante adulterio com a mulher do seu melhor amigo; ter sido arrastado sobre manhã por dois policias para a primeira esquadra; ter feito chinfrim n'uma plateia; ter jogado o chinquilho nas hortas; ter esperado os toiros; ter roubado a caixa forte d'um banco; finalmente ter nas faces desbotadas pelas orgias repetidas uns laivos caracteristicos do cynismo que é o tom e o chic dos puritanos da moda.

Que importa que o seu Jorge de Castro se apresente como um sonhador que pensa rehabilitar a mulher pelo arrependimento, que proteste em nome da moral contra a renitente gafa que invade o corpo social, como uma lepra incuravel; que recostado á amurada d'um navio que singra para o Brazil, faça versos á lua, como Byron; que seja para com seu pae moribundo mais piedoso do que o filho d'Anchises; que importa esse compendio de virtudes n'um paiz que já possue, pelo menos em musica, *de pudor um armazem*?

Jorge não passa d'um excellente rapaz que vae para o Brazil e sente nostalgias de Portugal, e volta a Lisboa para sentir nostalgias do Rio de Janeiro. E'um moço com alma; que vulgaridade! E' um amigo leal; que excentrico! E' um poeta de talento; que ridicula cousa!

Ahi tem o meu amigo Alberto Carlos as vaias que os malevolos criticos atirarão á cara do seu protogonista. Comtudo é parecer meu que nem todos o julgarão assim. Por mim lhe fallo: o seu Jorge é um typo sympathico de candida ingenuidade, tão facil de seduzir-se como de seduzir. Tanto póde ser explorado por uma actriz ladina como Laura, como por uma titular de sangue inflammado pelo sol americano como Adelina. Ha organisações assim, e o meu caro amigo, traduzindo no papel o caracter impressionavel, candido, aventuroso de Jorge, foi verdadeiro. Este é o elogio do artista.

A historia d'quellas duas mulheres, de tão differente natureza, vem bellamente exposta no seu romance, e enche de interesse a narrativa. Póde dizer-se que são aquellas figuras, a par da de Jorge, os vultos mais salientes do grupo, que, visto de relance, como eu o vejo agora, offerece ao espectador uma como que ternura melancolica á Paulo e Virginia, que enleia os sentidos em um turpôr suave e vae coando na alma uma exquisita sensibilidade doce e triste.

As almas que soffrem ainda, ou soffreram n'outras epocas os variados lances d'uma vida malfadada, taes como aquelles que o amigo descreve tão discretamente e com tanto amor, essas hão de ler o seu livro com olhos marejados; os *criticos*, porém, esses para quem a vida não passa d'uma comedia de *vaudeville* mais ou menos espectaculosa, que nunca tiveram um pensamento generoso, um desejo para o bem, uma lagrima para a miseria, e uma palavra de estimulo para o trabalho honesto, taes criticos não chorarão por certo em nenhuma das paginas do seu romance, mas creio que não hão de rir-se.

Porque o seu livro, se não é uma obra de arte que lhe abra as portas das academias, é uma auspiciosa estreia que não envergonha o seu talento, nem deve produzir-lhe remorsos no futuro.

Tal é o conceito que fórma do seu *Jorge de Castro*

O seu amigo e admirador

Vizeu, novembro de 1878

J. Simões Dias

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

VICTORIA DE DUARTE PACHECO PEREIRA

Pelos annos de 1509 infestava as costas de Portugal um corsario francez, de nome Mondragon, o qual com quatro fortissimas fragatas fazia grandes estragos ao nosso commercio, tomando os navios e assaltando as povoações da beira-mar.

El-rei D. Manoel, querendo livrar-se de tão temivel inimigo, mandou o insigne Duarte Pacheco Pereira, o mesmo cuja pessoa e nome ainda então eram o emprego da fama como pouco depois foram o despojo da inveja, em busca do pirata, com o qual se encontrou na altura do cabo de Finisterra.

Constava de quatro velas a flotilha portugueza, numero igual ao das naos francezas.

Travou-se a peleja, que foi renhidissima, e depois de porfiado combate, em que os nossos obraram prodigios de valor, mettida no fundo uma das fragatas inimigas, rendidas as tres restantes e aprisionado o proprio Mondragon, entrou Duarte Pacheco Pereira victorioso em Lisboa, logrando os applausos que merecia por acção tão illustre, a qual succedeu no dia 18 de janeiro do referido anno de 1509.

PALAVRAS NA SOMBRA

—

Ai! a luz dos teus olhares
E' anemica, doente,
Enche as almas de pesares
E faz muito mal á gente!

Os teus olhos não tem brilhos;
Serenos lagos sem fim,
Fazem lembrar dous vidrilhos,
Engastados em marfim!

Porque esse teu rosto oval,
Scismador, indefinido,
Tem a brancura ideal
D'um Santo Christo benzido?

A tua voz mayiosa
Já não oscila pelo ar,
Scintillante e caprichosa,
Acompanhando Mozart!

Agora murmura a medo
Um cicio incomprehensivel,
Mais profundo que um segredo,
Mais negro que um impossivel!

E a tua mão,— um encanto—
Quando poisa no teclado,
Faz chorar amargo pranto
Ao teu piano doirado!

'Stão Offembach e Lecocq
Poisados na larga estante,
Sem que a tua mão lhes toque,
Como outr'ora, á todo o instante.

E os teus desenhos, coitados!
Andam dispersos no chão,
Acompanhando os bordados
E o bastidor e o crayão!

—Ai! ó doce Leonor,
Quem te faz assim soffrer?
Quem te transformou, ó flor
Que eu vi contente viver,

Em goivo triste de morte,
Sem nervosismo, sem luz?

—Foi a mão cruel da sorte...
O amor!... —O amor, uma cruz!

Ernesto Pires

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XVII

A GRECIA

Eis a Grecia! Ruinas, um povo ainda mal acordado do seu demorado lethargo, mal restabelecido ainda do seu longo captiveiro: eis o que resta da patria de Pericles e de Leonidas! A natureza, só ella, conservou o seu esplendor: a oliveira de Minerva floresce ainda ao pé do loureiro de Salamina.

Abracemos no pensamento o conjunto dos cimos cujos nomes consagraram a fabula e a historia: salvé, velho Pindo; Helicon; Parnaso; Cythera, o Taygetes, celebrados pelos poetas! Abelhas do Hymetto, productoras do mel, amado dos deuses, vós já não fazeis resoar a lyra de Homero! E tu, ó monte Œta, o aquilão dispersou ha muito tempo as cinzas da fogueira de Hercules.

Os logares teem outros nomes: o Achelau tornou-se Aspropotamo; a Alpheia, Roufea; o Iri substitue o Eurotas! Salvé, rios, montanhas! A barbarie nem os nomes vos poupou!

A Grecia comprehende uma area de 52:000 kilometros quadrados, sobre os quaes vivem os seus 1.500:000 habitantes, e compõe-se de tres partes: a Helade, ou Grecia propriamente dita, a Moreia, ou Peleponeso, e as ihas. E' limitada ao norte pela Turquia, o Archipelago a leste, o Mediterraneo ao sul e o mar Jonico a oeste

Provincia romana no anno 146 antes de Christo, a Grecia foi encorporada em seguida ao imperia do Occidente, conquistado pelos arabes em 1453.

Cansada do jugo dos turcos, que a escravisava desde o seculo XV, a Grecia conquistou a sua independencia em 1830, depois de sangrentas luctas, e auxiliada pelas potencias estrangeiras. Em 1863, convenções diplomaticas restituiram-lhe as ilhas Jonicas, collocadas desde 1815 sob o protectorado da Inglaterra.

A Grecia actual divide-se em onze provincias.

A capital é Athenas, que conta 50:000 habitantes; cidade durante longo tempo decahida, mas que se levanta desde que sacudiu a dominação musulmana.

Athenas conserva uma infinidade de vestigios de monumentos que na antiguidade adornaram o seu recinto. Encontramos ahi as ruinas de Acropolis, do Parthenon, dos templos de Theseu, de Jupiter, da Victoria, a porta de Adriano, o porto do Pireo e a sua immensa calçada.

Cidades principaes: Patras (30:000 habitantes), porto muito frequentado; grande commercio de vinhos e uvas de Corintho; Pireo (10:000 h.); Nauplia (8:000 h.), cidade forte e muito commerciante; Missolonghi (5:000 h.), celebre pelo cerco que sustentou contra os turcos em 1826; Corintho (4:000 h.), uma das cidades mais florescentes da Grecia antiga; Lepanto (2:000 h.); no seu golpho ganhou D. João d'Austria, em 1571, uma batalha naval contra os turcos, detendo-os na sua marcha invasora; Navarrino (2:000 h.), celebre pela victoria alcançada em 1827 sobre os turcos pela esquadra franco-anglo-russa. Mistra, cidade edificada sobre as ruinas de Sparta, etc.

A ilhas gregas são: Negrepont, que uma ponta de terra liga ao continente; tem 68:000 habitantes: capital, Negrepont, (5:000 habitantes); Hydra (30:000 h.), capital Hydra (13:000 h.); a população tomou uma parte muito activa na guerra da independencia; Egino (10:000 h.); Milo (7:000 h.); Colouri (5:000 h.), antiga Salamina, celebre pela victoria alcançada por Themistocles sobre Xerxes; Paros (3:000 h.), afamada pelos seus marmores; Antiparos, onde se admiram as grutas cheias de stalactites; Naxos, a maior das Cyclades.

As ilhas Jonicas formam os grupos seguintes:

Corfu (85:000 h.); Cefalonia (70:000 h.); Zante (45:000 h.); Santo Amaro (20:000 h.); Cerigo (12:000 h.); Theaki (11:000 h.); Paxo (5:000 h.).

A Grecia viu crescer os germens civilisadores mandados pelo Egypto, que os colhera da India, o berço da humanidade.

Os spartanos eram robustos, atrevidos, sobrios, de costumes puros, acostumados ás privações, ás fadigas, fieis á patria, mas duros teimosos; a brevidade lacedemonia *(laconismo)* é proverbial.

O Parnaso, morada das musas, e o Helicon, montanhas celebres, erguem-se no meio da antiga Beocia, cujos habitantes, pastores na maior parte, tinham uma celebre fama d'estupidez; o epitheto de *beocio* ficou sendo uma injuria. Os athenienses tinham um espirito vivo; o *sal attico* era uma reunião de palavras frisantes.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XII

UMA HISTORIA QUE VEM A PROPOSITO

A' direita do monte de Leganites, no sitio occupado hoje pelo bairro d'Arguelles, erguia-se na epoca de que estamos fallando uma especie de capella, na qual um pobre ancião retirado do mundo, consagrava os dias ao culto e devoção da Virgem dos Remedios. As esmolas que recebia da visinhança bastavam-lhe para attender á sua subsistencia e ao alimento continuo d'uma alampada, que ardia constantemente diante do altar.

A cousa de cem passos da capella via-se um immenso casarão, pelas proximidades do qual evitavam passar as pessoas supersticiosas.

Chamavam áquella casa a Casa dos Diabos. Porque lhe deram tão extranha denominação? Nem a santidade do logar proximo fôra bastante para desterrar a influencia dos espiritos malignos?

Durante as longas noutes d'inverno o avô centenario contava á numerosa prole reunida em redor d'elle a historia lugubre da Casa dos Diabos.

As raparigas tremiam de medo e os rapazes faziam devotamente o signal da cruz.

Que historia era pois essa?

Era uma lenda, uma tradicção, uma phantasia, filha talvez da imaginação dos homens; mas a que elles mesmos tinham posto um cunho tal de verdade, que os simples campesinos acreditavam-a como um evangelho.

Ouvi-a pois.

Muitissimos annos antes vivia uma opulenta familia na casa forte dos Pombos. D. Pedro de Extremoz, D. Aldonça, sua esposa, e D. Tello, seu filho, cumpunham a familia.

Acrescentae doze cavallos de pura raça na cavallariça, cães amestrados para a caça, pagens, uma infinidade de escudeiros, criados e criadas, occupando as habitações interiores, e tereis feito ideia do immenso estado dos condes. Ha ainda a juntar duas liteiras para os dias de ceremonias e cem homens para guarnecer as torres do castello, que era fortissimo.

D. Pedro era de caracter muito violento. O filho não era menos duro e violento do que o pae, e sob a formosura do rosto escondia uma alma perversa.

Nas visinhanças do Pardo habitavam uma humilde casinha um cavalleiro ancião e sua filha. Brenda d'Attares era como o sonho d'uma creança.

Um dia D. Tello foi caçar para os bosques do Pardo, e ao sahir para uma clareira encontrou-se com uma dama de incomparavel belleza, montada em uma branca hacanea e perseguindo uma lebre. D. Tello, que ia atraz d'um javalli, deixou cahir a lança, tão surprehendido ficou do encontro inesprado.

A donzella d'Attares ficou extremamente ruborisada. D. Tello, que possuia a alta galanteria da côrte, faltou-lhe uma lingoagem desconhecida, e a sua alma adormeceu sob as brandas inflexões de aquella voz que tão docemente a acariciava.

Quando acordou era noute e regressou ao castello cabisbaixa e pensativa. Já não era a virgem pura da montanha; a coroa de pureza ficara-lhe perdida entre as sarças do bosque.

(Continua)

A IRLANDA

A paginas 91 d'este semanario demos umas noções geraes d'este malfadado e de todo o ponto misero paiz; hoje diremos alguma cousa do *fenianismo* e dos seus chefes.

Para comprehender a verdadeira situação em que desde 1800 se acha a *Verde Erin,* torna-se necessario remontar, senão ás origens ou primitivas dissenções entre celtas, saxões e normandos, pelo menos aos tempos de Cromwel cujos soldados repartiram entre si a ilha dos Santos, do mesmo modo que os de Augusto tinham repartido em principios da era christã varias provincias do imperio.

Desde essa epoca, os sete milhões de catholicos, fieis a uma religião mais em harmonia com os seus costumes do que a reformada, começaram o triste e doloroso *exodo,* que ainda não acabou, nem se sabe quando acabará.

NA IRLANDA

Todas as propriedades da egreja catholica cahiram em poder da anglicana, e o resto, pela maior parte, foi parar ás mãos dos vencedores, protegidos, além d'isso, por uma legislação absurda.

As revoltas de 1789 motivaram a suppressão do parlamento irlandez, unica sombra de liberdade que restava aos opprimidos, e até 1832 não foi dado aos catholicos sentarem-se na camara dos communs.

Sabe-se que d'esse mesmo anno datam o primeiro grito de protesto de O'Connel, *Repeal of the Union,* e o primeiro levantamento em massa dos arrendatarios e do clero contra os senhores do directo dominio. A Inglaterra tratou de pôr cobro áquella revolução pacifica, appellando para os meios coercitivos, ao mesmo tempo que eximia os catholicos da obrigação de pagarem o clero anglicano de cada *vestry,* ou parochia; introduziu a lei de pobres, cuja benefica influencia não produziu resultado, e procurou applicar toda a especie de paliativos; mas o mal era demasiado intenso para taes meios de cura.

O'Connel, enganado nas suas esperanças e apartando-se de Roberto Peel, organisou de novo as sociedades de reivindicação *(Repeal societys);* generalisaram-se por toda a ilha as negativas do pagamento de rendas e tributos; e como acontece algumas vezes o movimento ir muito além do impulso, do seio da *joven Irlanda,* cujos membros prégavam a reforma por meio da força moral, surgiu um novo e fogoso partido, que preferiu o emprego da força material para mais depressa chegar aos seus fins.

Ahi está como começou o *fenianismo.*

Digamos de passagem que a palavra *fenian* deriva-se de *feinni,* nome dado em outros tempos aos homens da tribu de Fionn, a mais arrojada e poderosa das tribus gaelicas.

O levantamento parcial capitaneado em 1818 por O'Brien e Smith, foi em breve reprimido, mais pela brandura do que pela força; mas ficaram de pé os elementos mais vigorosos da revolução, addiada apenas a solução total da crise.

Duas tendencias diversas agitavam a Irlanda: a dos que baseando-se na força moral, pediam a autonomia, e a dos *Irieh-Exodus,* isto é, partidarios da peregrinação, que para fugir á tyrannia tinham emigrado e queriam que em massa se emigrasse para os Estados Unidos da America.

Esta segunda doutrina tinha creado no novo continente uma verdadeira nação, cujo odio á Inglaterra se alimentava com o pão do desterro, e que, na certeza d'um rompimento proximo entre a metropole e a sua antiga colonia, em razão das sympathias manifestadas, preparava-se para a lucta. (Continua)

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 23

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 3 DE FEVEREIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar á vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— A caça da giboia — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — O inverno, por D. C. Lemos Carneiro — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Turquia da Europa — Miguel y Luiz (poesia) — Os homens uteis de todos os paizes: Berthollet — Vienna, por A. da Silva — Bossuet, por Costa Goes — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Datas memoraveis de Portugal: Batalha dos Atoleiros — A Irlanda — Como uns pequeninos animaes preparam uns grandes continentes, por Gonçalves Cardoso — Vão-se os deuses (poesia) por João Penha — Joanna d'Arc — Zig-Zags: — Costumes africanos — O telescopio — As cheias do Nilo — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— A caça da giboia — Egreja de S. Carlos Borromeu em Vienna — Bossuet — Nas margens do Nilo.

A CAÇA DA GIBOIA

Daremos a palavra a um celebre viajante escossez para fornecer ao leitor a explicação da gravura que aqui lhe apresentamos.

«O *Caron* (era o nome do navio em que Stedmann viajava) achava-se a meio caminho entre os recifes de Cormo-Etivo e de Barbaça-Eda, quando a sentinella me chamou para dizer-me que via na praia alguma cousa negra que se movia. Fiz immediatamente deitar a ancora, desci para a lancha e encaminhei-me para o sitio indicado. Então um dos escravos, de nome David, declarou que não era um negro, mas sim uma grande serpente amphybia.

Teriamos andado uns cincoenta passos pelo lodo e a agoa quando o negro exclamou:

—Vejo perfeitamente! E' uma serpente!

Só d'ahi a momentos me foi possivel distinguir a cabeça do monstro.

Apontei-lhe e disparei.

O animal, sentindo-se ferido, agitou-se para todos os lados, com tal vigor, que cortou as hastes das plantas que a cercavam, como se fosse uma fouce. Em seguida introduziu a cauda com violencia na agoa, fazendo cahir sobre nós uma torrente de lodo, que ia repuxar a uma grande distancia.

Disparamos as nossas tres armas ao mesmo tempo, e um de nós teve a fortuna d'alcançar o monstro na cabeça.

David correu á lancha e trouxe uma

A CAÇA DA GIBOIA

corda, afim de arrastarmos a serpente para bordo; mas não o conseguimos porque, apesar de ferido mortalmente, o reptil continuava a agitar-se de modo tal, que era muito perigoso chegar-se a gente a elle. O negro, entretanto, fez uma laçada, conseguindo lançar-lh'a ao pescoço quasi por um milagre.

Levamol-a então para a praia. Vivia ainda e nadava como uma anguia. Como não a podiamos transportar em rasão do seu tamanho, resolvemos ali mesmo esfolal-a para lhe aproveitarmos o unto e o oleo.

Com este fim David, tomando uma ponta da corda, trepou a uma arvore, passou-a entre dous galhos e os outros dous negros içaram a serpente. Feito is-

to, David desceu da arvore, e tomando uma faca entre os dentes, deixou-se escorregar pelo monstro abaixo. A serpente vivia e agitava-se desesperadamente.

David, com a faca, entrou d'esfolal-a, começando pelo pescoço e descendo até á cauda. Além da pelle, obtivemos quatro galões de fino oleo clarificado, além de uma enorme quantidade que se perdeu. O que recolhemos offereci-o ao cirurgião do hospital de Wil's harwar, que me agradeceu muito, porque o unto da giboia constitue um excellente remedio para as contusões.

Quando manifestei a minha admiração por o reptil viver ainda, apesar de privado dos intestinos e da pelle, o velho negro camaca disse-me que sabia por experiencia ou por tradicção que só morreria ao pôr do sol. Os negros cortaram-a aos pedaços para a levarem para bordo e regalaram-se com a sua carne, que disseram ser excellente.»

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

I

Havia perto de um mez que a veleira barca *Eugenia* sulcava as agoas do Oceano em demanda de plagas americanas.

Entre os passageiros que transportava esse barco, achava-se um mancebo de vinte e dois annos, cuja physionomia, maneiras e trajo denunciavam um homem de esphera elevada.

Jorge de Castro, era este o seu nome, quando, á noute, os outros passageiros iam recolher-se aos beliches, subia ao convez, fazendo por subtrahir-se ás vistas de todos, e ia recostar-se na amurada, alongando a vista pela abobada constellada dos ceos.

O tempo estava sereno. Os astros derramavam a pallida luz nas ondas, que, no seu continuo movimento, faziam dançar no dorso esses melancolicos reflexos.

Outras vezes Jorge, olhando a esteira luminosa que o navio deixava após de si, parecia procurar, na direcção opposta á do rumo da embarcação, caminho que o conduzisse a um desejado ponto.

Uma noute, em que nem a mais ligeira viração corria, e a superficie do mar estava perfeitamente tranquilla, e o navio estacara no meio das agoas, como o viajeiro que, perdido no deserto, subito parasse não sabendo que direcção seguir; uma noute, emfim, de perfeita calmaria, Jorge, como de costume, fôra recostar-se na amurada, e contemplava absorto o grandioso espectaculo que se lhe offerecia á vista.

Quão magestoso era o quadro! O firmamento recamado de estrellas; a lua brilhando como enorme lampada suspensa da abobada de immenso templo; a luz do saudoso planeta argenteando a ador mecida superficie do Oceano; e, no meio das agoas, o navio immovel, quieto e como que petrificado ante a magestade de solidão e silencio tão augustos!

Nada ha que possa igualar em grandeza estas scenas, que o navegante tantas vezes contempla, e que nós, os que não tiramos os pés da terra firme, nem bem podemos phantasiar!

N'essa noute em que fallamos, o mancebo embevecido na contemplação de tão sublime quadro, não ouviu os passos vagarosos d'um vulto, que para elle se dirigia; e só quando sentiu que de leve lhe tocavam no hombro, é que despertou da apparente lethargia em que se achava, e voltando-se para traz, reconheceu o capitão Pedro da Motta.

Era este um homem de pouco mais de quarenta annos. Tinha uma physionomia sympathica, a que davam realce uns olhos reveladores de penetração e intelligencia. A vasta fronte enrugada, e o cabello e barbas grisalhas, testemunhavam que esse homem luctava, havia já muito, com o liquido e inconstante elemento. Dotado de maneiras um pouco bruscas, como soem ser as dos guerreiros e maritimos antigos, era, todavia, um homem attrahente.

Dando de chofre com os olhos do capitão, o mancebo ficou perplexo e sem proferir palavra, até que este, sorrindo com affabilidade, se lhe dirigiu nos seguintes termos:

—Desculpe-me, snr. Jorge, se venho interrompel-o no meio das suas cogitações, e creia que o movil do meu procedimento é o interesse que tomo pelo seu bem-estar. Sei que o desaffogo é o supremo allivio nas grandes dôres; por isso venho offerecer-me para confidente das suas penas. Sympathiso comsigo, compunge-me a sua infelicidade, desejo minorar-lhe o peso d'ella; conceda-me que o faça.

—Mas; snr., quem lhe disse que sou um desgraçado?... Acaso alguem lhe revelou?...

—Ninguem me revelou os seus segredos, e longe de mim o pretender devassal-os; mas seu pae, pouco antes da nossa partida, deu-me a entender que o senhor soffria, e recommendou-me toda a sollicitude para comsigo. N'essa occasião percebi a violenta commoção que lhe ia dentro, e, por discripção, não tentei arrancar-lhe o segredo da dôr que o consummia. Desde que principiou a nossa derrota, não o tenho perdido de vista, snr. Jorge. As palavras que ouvi a seu pae, teem-me levado a attentar no contrafeito do seu semblante, que denuncia o soffrimento. Estas horas que aqui passa todas as noutes, e durante as quaes julga estar só, tenho-as empregado espiando-o. Hoje não tive forças para reprimir por mais tempo o silencio, e resolvi-me a vir ter comsigo para pedir-lhe um favor...

—Qual é elle? perguntou o mancebo commovido pela sollicitude que lhe dispensava o maritimo.

—O de substituir estas vigilias por um somno placido, que lhe seja reparador das forças.

—Isso não me é possivel! exclamou Jorge com vehemencia. Soffro muito, e só encontro linitivo ás minhas acerbas magoas no meio do silencio augusto da noute, contemplando o mar e o ceo! Por vezes hei tentado conciliar o somno. Baldado empenho! Quando muito, a horas mortas, ao cansaço motivado pela intima lucta em que minha alma se debate constantemente, succede uma especie de modorra febril, de ordinario povoada de pezadelos horriveis. A's vezes cuido enlouquecer. Tenho receiado que a rasão me soçobre durante algumas d'essas horriveis insomnias.

—Pelo que vejo, são demasiado acerbas as suas dôres, tornou Pedro da Motta com voz commovida.

—Oh! Por certo!... E visto que Deus hoje se amerceia de mim, fazendo-me deparar com um amigo, vou, em breves palavras, se quizer ouvir-me, contar-lhe a historia dos meus soffrimentos.

—Desejo ouvil-a, respondeu o capitão, travando mansamente do braço do mancebo; e proseguiu: será prudente recolhermo-nos á minha camara. Lá estaremos mais á vontade.

(Continua) ALBERTO CARLOS

O INVERNO

—

A mythologia costuma representar o inverno por um velho decrepito, macilento, de faces encovadas, de barbas brancas, cabeça despovada de cabellos, e vergando sob o peso do capote que veste. Quando este velho, symbolo do inverno, despeja os odres d'agoa que traz comsigo, novas cataractas surgem de repente, os rios crescem, as arvores despem as folhas, os prados ficam desertos, as aves emigram, e os pobres (que constituem a maioria da humanidade) esfomeados, tiritando de frio, amaldiçoam a vida na alta mansarda onde vivem.

O sol, esse astro esplendido que involve a creação com as ondas de poeira dourada, e derrama por toda a parte a vida, o amor, o sorriso, a alegria; o sol, ou cobre-se de luto, ou apparece triste e palido ao declinar da tarde, como uma alampada prestes a extinguir-se, desenhando ás vezes no extremo oriente, por sobre as nuvens encapelladas, uma extrema faxa luminosa de tintas iriadas, vestigio do seu brilho passado.

A natureza está de luto, o ceo coberto de crepes, nem uma só estrella brilha no firmamento, uma só rosa nos sorri no campo; a terra assimilha-se a um vasto cemiterio, amortalhado pelo

branco lençol de neve, e tendo por cyrios os clarões phantasticos dos relampagos, e as phosphorescencias tremulas da noute, e todo esse lugubre espectaculo, toda essa paisagem tragica, que deleitaria o espirito d'um Byron, tudo está coberto pelo ceo que lhe serve d'ampla cupula.

D. C. Lemos Carneiro

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XVIII

TURQUIA DA EUROPA

Transportemo-nos á Turquia.

Este paiz é atravessado por duas cadeias de montanhas, que são os montes Hellenicos e os Bakans. Das vertentes de este ultimo sae o Danubio, um rio muito impetuoso.

A Turquia occupa uma superficie de 528:000 kilometros quadrados e tem 16 milhões de habitantes.

Ao norte limitam-a a Russia e a Austria; a leste o canal de Constantinopla, o Mar Negro e a Russia; ao sul a Grecia, o Archipelago e o Mar de Marmara; a oeste a Austria e o mar Adriatico.

O imperio ottomano, longo tempo formidavel, declinou sensivelmente desde o principio do seculo XVII; os russos tiraram-lhe a Crimea, a Bessarabia e algumas outras provincias; a Grecia recobrou a liberdade, e de todos os lados os governadores das provincias tornaram-se quasi independentes.

O solo da Turquia europeia encerra immensas riquezas mineraes; plantas textis e tintoriaes, cereaes. O clima é variado; mas favorece a cultura, que, apesar d'isso, está muito despresada. O fatanismo musulmano fez parar o progresso n'esta região favorecida pela natureza, e o uso, ou antes abuso, do opio e do hatchis exerce uma desastrosa influencia sobre o cerebro dos orientaes.

Os turcos são indolentes; é um povo adormecido, que, levado do fanatismo religioso, tem algumas vezes acordado para perseguir os christãos.

População muito misturada: turcos, christãos gregos, armenios, judeus, bohemios.

A Turquia da Europa divide-se em *eyaletos* e *vilayetos*, ou provincias.

Capital Constantinopla, a Bisancio dos antigos, appelidada Stambul pelos turcos, cercada de muros grossos, com um magnifico porto sobre o Bosphoro: 500 fontes e 150 banhos publicos; 350 mesquitas, entre as quaes deve especialisar-se Santa Sophia, construida no anno 532 pelo imperador Justiniano para o culto christão e que os turcos converteram em mesquita em 1453.

Numerosos basares; alguns monumentos: o palacio do grão-senhor, etc.

Vista do mar, com as suas cupulas douradas, os seus minaretes, as casas de côres variegadas, os bosques de cyprestes seculares, Constantinopla offerece um panorama delicioso; mas a desillusão é completa quando se transpõem os muros; as ruas são estreitas, sujas e mal calçadas, cobertas d'immundicies, infestadas de cães vagabundos. As casas são de madeira, o que torna muito frequentes os incendios.

População, 700:000 habitantes.

Cidades principaes, que visitaremos de corrida: Andrinopla (140:000 h.), segunda cidade do imperio; commercio florescente; Sophia (50:000 h.); Salonica (70:000 h.), Janina (40:000 h); Scutari (20:000 h.); Silistria (20:000 h.); Varna (18:000 h.).

Alem das provincias da terra firme, a Turquia possue muitas ilhas no Archipelago; entre ellas notaremos Rhodes, que lembra os cavalleiros de S. João de Jerusalem e a resistencia que oppozeram aos turcos no seculo XV; Candia (a antiga Creta), que teve cem cidades e reis poderosos; Lemnos, hoje Stalimene; Lesbos, que se tornou Metelin.

500 boccas de fogo sobre a costa europeia e 400 sobre a costa asiatica defendem a passagem dos Dardanellos aos navios inimigos.

Passemos uma vista d'olhos aos paizes tributarios da Turquia. São a Moldavia e a Valachia, reunidas em 1861 sob o nome de Roumania, e que contam 4,200:000 habitantes; capital da Moldavia, Jassy (80:000 h.); capital da Valachia, Buccharest (130:000 h.); a Servia, 1,000:000 habitantes; capital, Belgrado, 130:000 habitantes; o Montenegro (160:000 h.), capital, Cettigne.

Atravessemos os Balkans, subamos o Danubio; visitemos a Austria, a Hungria, a Prussia, o imperio da Allemanha.

(Continua)

MIGUEL Y LUIS (*)

Unos dos siglos pasaron,
Si no miente mi memoria,
Que en las puertas de la gloria
Dos genios se tropezaron.
Corteses se saludaron,
Y al preguntar cada cual
Donde su resto mortal
Segó la fiera guadana,
Dijo el uno que en España
Y el otro que en Portugal.

—Que fuisteis allí?—Soldado
De los héroes de D. Juan.
—Y vos?—De D. Sebastian
Derramé mi sangre al lado.
—Gran renombre habreis ganado!
—Fuéme la suerte cruel!
—Y vós?—Solo me fué fiel
La adversidad!—Qué decis?...
Cual fué vuestro nombre?—Luis
Y el vuestro?—El mio? Miguel.

—Mas España...—Tardará
Mucho tiempo en conocerme;
Pero á vos...—Hasta perderme,
Portugal no me honrará.
Monumentos me alzará
Como España os dará a vos,
No olvidando que los dos
Casi en un mismo momento,
Exhalamos nuestro aliento
Sin mas amparo que Dios!

Hasta limosna pedi
De puerta en puerta implorando,
Y de mi patria, cantando
Las glorias, encaneci.
Por gran merced, consegui
Para alívio de mi mal,
Me otorgára Portugal,
Pródigo y agradecido,
Un rincon en el olvido,
Y un lecho en el Hospital.

Entre el rugir de las olas,
Entre las nieblas espesas,
Las galeras portuguesas
Y las naves españolas,
Tan sólo ellas, ellas solas
En sus entranas flotantes
Guardaban tiernas, constantes,
Como sangre de sus venas,
De Camoens las hondas penas,
Las lágrimas de Cervantes!

Hoy desden! más tarde gloria!
Mañana estátua esplendente!
Verde laurel en la frente,
Y una página en la historia.
El mundo á nuestra memoria
Servirá de pedestal,
Y admirará Portugal
Y festejará Castilla
Al loco de la guardilla
Y al ciego del Hospital.

Cual pagan su redencion
Los hombres y las naciones!
Jesus muere entre ladrones!
Hambriento espira Colon!
Camoens y Cervantes son
Astros, que el negro capuz
Rasgando, á su clara luz
Ven las gentes asombradas
Otro mundo! Unas Luisiadas!
Um Quijote! y una Cruz!

(*) De Madrid enviou-nos um nosso assignante esta poesia, que ali appareceu por occasião do centenario de Camões.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

IX

BERTHOLLET

Berthollet nasceu em 9 de dezembro de 1748, em Falloire, na Saboya. Doutorado aos vinte e dous annos, foi para Paris completar os estudos medicos.

As descobertas que a chimica deve a Berthollet são inumeraveis, e collocam-o entre os grandes genios do mundo. Era sobre tudo na applicação da chimica aos progressos da arte medical e da industria que elle trabalhava; uma das suas descobertas mais importantes foi a das propriedades decolorantes do chloro e a sua applicação ao branqueamento do canhamo e do linho.

Berthollet applicou igualmente o chloro á decoloração da cera e á restauração das estampas e livros velhos. Deve-se-lhe ainda o meio de conservar a agoa potavel nos barris carbonatados interiormente, descoberta importante para as longas viagens maritimas.

O general Bonaparte, que tinha estudado com Berthollet os principios da chimica, encarregou-o da composição da expedição scientifica que devia acompanhal-o ao Egypto. Napoleão nomeou-o grande official da legião de honra; Luiz XVIII fel-o barão e par de França. Apesar d'estas altas distincções, o sabio mostrou-se sempre simples nos seus gostos, e os soberanos acharam n'elle um amigo e não um cortezão.

Berthollet falleceu em Arcueil, perto de Paris, em 6 de novembro de 1822.

VIENNA

Vienna está situada em uma planicie, no meio de muitas collinas pittorescas. O Danubio, que a atravessa e rodeia, divide-se em diversos ramos, que formam ilhas muito agradaveis; o rio, porém, perde muito com todas estas voltas e não produz a impressão que promette a sua antiga fama. Vienna é uma velha cidade, não muito grande, mas cercada de immensos arrabaldes. Pretende-se que a parte da cidade contida dentro das fortificações não é hoje muito maior do que quando Ricardo Coração de Leão estava prisioneiro não longe das suas portas. As ruas são estreitas na maior parte, como na Italia; os palacios assimilham-se bastante aos de Florença; finalmente em nada se parece com o resto da Allemanha, a não ser em alguns edificios gothicos, que trazem á imaginação a idade média.

O primeiro d'esses edificios é a torre de Santo Estevão: eleva-se acima de todas as egrejas de Vienna, e domina magestosamente a boa e pacifica cidade, cujas glorias e gerações ella tem visto passar. Foram precisos dous seculos, diz-se, para concluir esta obra gigantesca, que foi principiada no anno 1100. Na egreja de Santo Estevão estão os tumulos do imperador Frederico IV, do principe Eugenio de Saboya, etc.

A egreja de S. Pedro, edificada pela do mesmo nome em Roma, tem uma cupula coberta de cobre. Na egreja dos agostinhos os curiosos podem ver o mausoleu que Canova ergueu á archi-duqueza Christina. E' no subterraneo d'essa egreja, que tem a invocação de S. Ruperto e data de 740, que se enterram os principes da casa d'Austria.

Junto do arrabalde de Widen está a egreja mais regular de Vienna; é a de S. Carlos Borromeu, construida em satisfação d'um voto feito pelo imperador Carlos IV para fazer cessar a peste em 1713.

Todas as grandes cidades teem um edificio, um passeio, uma maravilha qualquer da arte ou da natureza, á qual se ligam as recordações da infancia. O Prater deve ter para o habitante de Vienna um encanto d'este genero. Não se encontra em outra parte, tão proximo d'uma capital, um passeio que proporcione tantas bellezas da natureza, ao mesmo tempo agreste e artistica. Uma floresta magestosa prolonga-se até á margem do Danubio: vê-se de longe grande numero de veados atravessar os campos; chegam pela manhã e fogem de tarde, quando a affluencia dos passeiantes vem perturbar a sua solidão. O espectaculo que, em Paris, só tem logar tres vezes por anno, no caminho de Longchamp, renova-se constantemente em Vienna, no estio. E' ainda um costume italiano este passeio de todos os dias á mesma hora. Uma tal regularidade sería impossivel em Paris, onde os praseres são tão variados; os viennenses, succeda o que succeder, difficilmente poderão deshabituar-se.

EGREJA DE S. CARLOS BORROMEU EM VIENNA

E é força convir que é d'um aspecto surprehendente ver esta grande multidão reunida sob a sombra d'arvores magnificas ou sentada sobre a relva. E todas as tardes, uns que vem de carro, outros a pé, ahi se reunem. N'este sabio paiz trata-se com o mesmo desvelo dos praseres como dos deveres. Ha tanto cuidado e exctidão na dissipação, como nos negocios, e perde-se o tempo tão methodicamente como se aproveita.

A. DA SILVA

BOSSUET

Jayme Benigno Bossuet nasceu em Dijon no dia 27 de setembro de 1627.

Raiou este dia esplendido. O sol appareceu, sahindo do seu occaso, com mais fulgor, enchendo assim de gala o dia do nascimento d'um homem que se tornou tão illustre.

Diz-se que foi Bossuet o homem verdadeiramente eloquente no seculo de Luiz XIV. E, se a eloquencia consiste em pintar com imagens vivas, em engrandecer a alma, em espalhar em todo o discurso um sentimento que se mistura em cada ideia e lhe dá a vida; se consiste em crear expressões profundas e vastas que enriquecem lingoas, em deleitar-

se por meio d'uma harmonia magestosa, em proseguir algumas vezes com uma grandeza respeitavel e tranquilla; se tal é o caracter da sublime eloquencia, quem como Bossuet foi tão eloquente? Quem melhor que elle fallou da vida, da morte, da eternidade, do tempo?

Bossuet apresenta-se-nos á imaginação como um d'esses homens prodigiosos que são faceis d'admirar, e difficeis de se mostrar tão grandes como são. O seu genio colloca-o na fileira dos homens que mais teem honrado o espirito no mais esclarecido dos seculos.

Recebeu as primeiras lições das sciencias no collegio dos jesuitas da terra que lhe foi berço, e distinguiu-se sempre pela vivacidade de concepção, que d'ordinario vaticina e produz grandes talentos.

Destinado desde principio á egreja, aos dezeseis annos de idade foi estudar as altas sciencias na universidade de Paris.

Bossuet foi um bom orador e um historiador excellente. Não foi util só á sua nação; foi-o a toda a Europa.

E' no *Discurso sobre a historia de Portugal* que se póde admirar a influencia do genio do christianismo sobre o genio da historia. O desenvolvimento dos feitos antigos tornou-se o assumpto d'uma obra tão sublime, que, lendo-a, parece, como diz um celebre auctor, que n'ella se acha explicada a propria religião.

Em 1680 o rei nomeou-o capelão d'uma egreja no Delphinado. Em 1681 foi nomeado bispo de Meaux. Alguns annos depois foi conselheiro d'estado, e porfim, em 1698 foi primeiro capelão da duqueza de Borgonha.

Escreveu a *Exposição da Doutrina Catholica*, refutando as falsas opiniões que Paulo Ferry, ministro protestante, nos imputava no seu cathecismo. Obra admiravel, singularmente adoptada pelo clero da França, honrada com elogios de todos os theologos e pelos dos estrangeiros, cumulada de louvores por Innocencio XI, foi traduzida em todas as lingoas e espalhada por todas as nações.

A este tratado succedeu a *Communhão sob duas especies; a Historia das Variações da Egreja Protestante; Livro da Explicação das Maximas dos Santos na vida interior*, e *Orações Funebres*, onde elle desenvolve toda a arte da palavra.

Foi por meio da eloquencia que mais se elevou. O povo chamava-lhe a *aguia de Meaux*, e a elevação das suas ideias justificava esse nome.

Os seus sermões são os monumentos mais sublimes da eloquencia christã.

Bossuet morreu em 1703, com setenta e tres annos d'idade, terminando assim uma tão preciosa carreira.

COSTA GOES

BOSSUET

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

XII

UMA HISTORIA QUE VEM A PROPOSITO

(Continuação)

Tello voltou a casa alegre e satisfeito.

As entrevistas repetiram-se durante tres mezes; mas ao cabo d'esse tempo o primogenito de Estremoz não voltou ao bosque. Passaram ainda alguns mezes, e um dia o ancião do Pardo foi pedir ao ancião da côrte a honra que Tello lhe tinha arrebatado.

Mas Rodrigo d'Attares era pobre e D. Pedro de Estremoz immensamente rico. Além d'isso um odio inextinguivel separava as duas familias.

O pobre ancião sahiu do palacio desesperado.

Entretanto D. Tello blasphemava, entregue á mais desenfreada orgia.

Foi por este tempo que morreu D. Sancho IV, o Bravo, sendo a sua morte o signal das graves desordens que houve em Castella.

Quatro poderes disputavam a coroa; os fidalgos formaram as diversas parcialidades, que não tinham outra ambição senão a de impolgar o mando.

XIII

CONTINUA A HISTORIA

Era em uma tarde de verão.

D. Tello de Estremoz retirava-se a sua casa, d'uma caçada.

Junto da casa, ou antes do castello da familia de Estremoz, havia um bosque, e no meio do bosque uma cruz de pedra, e junto da cruz uma ermida.

Brenda d'Attares ia contar as suas magoas ao cenobita da cruz de pedra. O cenobita chorava com ella, derramando sobre as suas feridas o doce balsamo da religião.

Quando Tello atravessou o bosque era ao anoutecer. Ao redor da cruz era quasi completa a escuridão. De repente o cavallo indireitou as orelhas e estacou. Junto da cruz estava um vulto.

—Quem és e que fazes aqui? perguntou o cavalleiro enfadado.

—Rogo a Deus por ti, Tello de Estremoz! respondeu o cenobita, pois era elle que estava de joelhos ao pé da cruz.

—Basta de imposturas! exclamou o fidalgo agastado. Arreda para eu passar!

—Tenho que fallar-te pela ultima vez.

—Naturalmente para repetir o que me dizes todos os dias.

—Exactamente. Brenda está prestes a ser mãe.

—E que tenho eu com isso? respondeu D. Tello com acento de desespero.

—Dize-me, conde de Estremoz: quando nos teus dominios encontras um caçador furtivo que fazes?

—As cordas dos arcos dos meus monteiros podem responder-te melhor do que eu.

—Pois se tu roubaste o mais santo, o mais puro, a honra d'uma mulher, a paz d'um ancião, a felicidade d'uma familia, que castigo mereces?

—Já te disse que me deixes. Quem és tu para metter-te com os meus negocios? disse Tello encolerisando-se.

—Sou um velho e assiste-me o direito d'aconselhar. Sou um sacerdote, e, revestido do meu sagrado ministerio, as palavras que me saem dos labios são como dimanadas d'um ser supremo, que ao sacrificar-se pela humanidade inteira, não teve outro fim senão attenuar o mal depois de commettida a falta. Deshonraste Brenda; encheste de luto uma casa em que até agora reinou a paz, e já que se não pode evitar o mal, pensa em remedial-o.

—Afasta-te, velho; dá graças a Deus se não te faço pagar cara a inconveniencia das tuas palavras, e guarda os teus sermões para os patetas dos villões.

—Os patetas dos villões, como tu lhes chamas, disse o velho, envergonhar-se-iam de praticar a acção infame que praticou o mais nobre cavalleiro d'estas redondezas!

—Voto a Deus que...

—Não blasphemes, invocando o nome de Deus junto da cruz em que elle morreu por nós.

—Já te disse que me deixes passar! gritou Tello cada vez mais enfurecido.

—Não sahirei d'aqui sem levar a rehabilitação de Brenda.

—Nunca! Foge, velho prégador!

—Teme a colera de Deus, insensato! A Biblia diz: «Dente por dente, olho por olho!» E ai de ti e dos teus se não escutas a voz da consciencia!

—E que me importa a mim a tua Biblia, as tuas palavras e o teu Deus? O que quero é ir-me para o meu castello e dize a Brenda da minha parte que já que tão facil foi em deixar-se seduzir, bastante recompensada está com a honra que lhe fez um fidalgo em reparar n'ella. E agora deixa-me passar!

—Não deixo. Não sahirei d'aqui sem a rehabilitação de Brenda.

—Nunca!

—Pois bem. Lembra-te das palavras da Biblia: «Olho por olho, dente por dente.» Conde de Estremoz, a Providencia de que escarneces castigará na tua honra a infamia que praticaste!

—Miseravel! gritou Tello esporeando o cavallo, que, dando um furioso salto, prostrou por terra o misero anacoreta.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

BATALHA DOS ATOLEIROS

A primeira victoria que dos castelhanos conseguiu o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira foi a dos Atoleiros, assim chamada por succeder em um logar d'este nome, junto á villa de Fronteira, na provincia do Alemtejo, em 29 de janeiro de 1334.

Viera sobre Lisboa com formidavel poder o rei de Castella D. João I, assolando e devastando tudo. O mestre de Aviz, apesar do grande apuro em que estava porque não tinha forças sequer para defender a capital, mandou sahir para aquella provincia o condestavel, o qual, ao chegar a Evora, juntou uma pequena força, que não excedia a mil infantes, tresentos cavallos e cem bésteiros, com a qual correu ao encontro do inimigo.

O exercito d'este não contava menos de mil cavallos e dous mil infantes, á testa dos quaes vinham os mais afamados capitães de Castella, a saber: Diogo Gomes Barroso, mestre de Alcantara, D. Pedro Alvares Pereira, mestre de S. João, D. João Affonso de Gusmão, conde de Niebla, Fernão Sanches de Tovar, almirante de Castella, Pedro Ponce, senhor de Marchena, Pedro Gonçalves de Sevilha, adiantado d'Andaluzia, e outros muitos senhores, não menos illustres em sangue do que em famosas acções que tinham praticado.

O condestavel fez alto no sitio dos Atoleiros, esperando ali o inimigo, que não tardou a apparecer, rompendo o combate, aos gritos de «S. Thiago e Castella» que era o dos castelhanos, e «S. Jorge e Portugal» que era o dos portuguezes.

D. Nuno praticou feitos de muito valor n'esta batalha, que os castelhanos perderam miseravelmente.

Muitos morreram na batalha, e muitos mais ainda na perseguição que os nossos lhes fizerem por espaço de mais de uma legoa. Entre os mortos contaram-se o mestre d'Alcantara e o adiantado de Andaluzia, e entre os feridos o almirante de Castella, o prior de S. João e outros capitães distinctos.

Com esta victoria começou de respirar a provincia do Alemtejo e os castelhanos começaram a conhecer que tinham em Nuno Alvares um forte e fatal inimigo.

A IRLANDA

—

(Conclusão)

O *fenianismo*, que havia apparecido vinte annos antes na Irlanda, manifestou-se constituido e organisado em principios de 1862 entre os emigrados do novo mundo, e os seus chefes mais emminentes nos Estados Unidos foi John O'Mahony e na Inglaterra James Stephens.

Este ultimo era um engenheiro civil, nascido em 1823 no condado de Kilkenny, e em 1848, quando se deu a tentativa de O'Brien, refugiou-se em França, onde, para viver, traduziu as obras de Carlos Dickens.

Voltando á Irlanda em 1862, organisou rapidamente o partido, voltando em seguida aos Estados Unidos, preparando o terreno para a lucta que ia rebentar.

O fim inesperado da guerra norte-americana apressou a hora da revolução, porque regressaram ao seu paiz milhares de soldados irlandezes aguerridos nos combates. Stephens lançou então como uma bomba incendiaria a proclamação de 8 de setembro de 1865: «Não ha tempo a perder. Este anno é o anno de obrar. Antes d'elle findar fluctuará ao ar livre a bandeira da Irlanda, a da republica irlandeza; fluctuará como symbolo d'uma esperança, cuja realisação se approxima. Tende confiança e marchemos com a alegria no coração ao combate decisivo.»

O governo inglez aparou o golpe, apprehendendo o periodico revolucionario *Irish People*, publicado clandestinamente em Dublin, proclamando o estado de sitio e offerecendo uma recompensa de duzentas libras a quem entregasse James Stephens.

Este, á custa de grande trabalho, pôde encontrar salvação na fuga; porém em outubro cahiu nas mãos da policia, evadindo-se dous mezes depois da prisão de Richdmon-Bridewall, prisão do estado de Dublin, de combinação com o carcereiro.

A associação dos *fenians* ficou como desmantellada, dispersos os membros, que pela maior parte se refugiaram em França e na Hollanda.

Stephens promoveu uma nova revolução em 1866, mas não foi mais feliz do que das mais vezes; emfim em 1867 preparou e organisou, do desterro, a revolução, que teve principio com o golpe de mão sobre a fortaleza de Chester, e teve um triste fim no planalto de Tipperary. O vencedor foi implacavel; fusilou grande numero de prisioneiros e repartiu o resto pelos carceres e pelas colonias.

O chefe dos *fenians*, retirado na America, não tomou parte na ultima tentativa, no supremo esforço, cujo triste epilogo foi a execução em Manchester e Londres de varios chefes.

Nunca mais se soube de Stephens. O que se póde porém affirmar é que elle vive em espirito no animo de todos os irlandezes, que suspiram pela sua liberdade, e confiam, em um futuro mais ou menos proximo, ver realisados os seus mais caros e santos desejos.

COMO UNS PEQUENINOS ANIMAES PREPARAM UNS GRANDES CONTINENTES

—

Debaixo da influencia d'uma elevada temperatura, umas creaturas pequeninas, collocadas no ultimo grao da escala dos seres, conhecidas pelo nome de madréporas, se applicam a trabalhos gigantescos na construcção de novos continentes, ferteis e habitaveis. E' ahi que, absorvendo os saes calcareos, conservados em suspensão nas agoas do mar, os caryophilloides, os meandrites e os asteroites, formam bancos solidos, que não teem muitas vezes menos de oitenta legoas de extensão e de que a maior parte está quasi á flor d'agoa. Não podendo viver debaixo d'uma forte pressão, as madréporas estabelecem-se sobre as planuras elevadas e sobre os cumes das montanhas submarinas; primeiramente, construem uma ordem de cellulas que a geração seguinte cobre d'uma outra camada, que serve de base pela sua parte ás futuras construcções, e assim successivamente até que o edificio attinja ao nivel do mar.

Então termina o trabalho das madréporas, e uma serie de novas acções trata de completar a obra e elevar o terreno acima das agoas. As ondas desgastam continuamente as orlas d'estes novos recifes, e transportam os detritos para o centro d'ellas, que assim crescem á sua propria custa.

As plantas marinhas, que as vagas arrancam das praias, os ramos e troncos de arvores, que os grandes rios desarreigam e arrastam na corrente, tudo o que póde fluctuar á superficie do mar, se embaraça e se prende n'esta vasta rêde de pedra para formar, por effeito da sua corrupção, a primeira base d'um terreno proprio aos vegetaes.

De toda a parte veem parar a estes novos terrenos diversas sementes, que o mar ahi conduz; os fétos, as gramineas e os musgos de diversas especies revestem de verdura a superficie dos rochedos; depois alguns côcos, algumas mangas (fructo da arvore), alguns bagos de jacas, algumas sementes de tamara, algumas favas de tamarinho, algumas sementes de areca, que alguma creança lançou a quinhentas legoas d'ali, brincando na areia das praias (quantas vezes nós o fizemos, longe, muito longe, á distancia de duas mil legoas!), germinam de repente no meio das hervas arvores fructiferas; bem depressa, como um fresco oasis no meio do deserto, se prolonga uma ilha nova no meio do oceano, onde as aves do mar construem os seus ninhos, as phocas vem dormir ao sol e as tartarugas vão depositar seus ovos.

(Continua)

Gonçalves Cardoso

VÃO-SE OS DEUSES

—

O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelos ultrages d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, e sem ventura
Indo na bossa d'um camello aguado,
De cidade em cidade era mostrado
A' arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre «aqui jaz»
Hoje assignala um monumento erguido
A's reliquias do pobre Satanaz.

Até contam que um sabio, garantido,
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz,
Provou que uns ossos taes... só d'um marido.

João Penha

JOANNA D'ARC

—

(Conclusão)

O bispo cumpriu a sua palavra. O meio de perder a donzella foi em breve encontrado.

Uma noute, em quanto Joanna dormia, tiraram-lhe o trajo de mulher que ella usava e pozeram no logar d'elle umas roupas d'homem, que ella foi obrigada a vestir quando acordou. Então appareceram uns homens, já d'antemão peitados para servirem de testemunhas da transgressão ás ordens do tribunal reunido no cemiterio de Santo Ovidio, e no dia seguinte o mesmo tribunal reunia-se de novo e declarava Joanna relapsa, excommungada, expulsa do seio da egreja e digna de ser entregue ao braço secular.

Eis-nos no dia da sua execução, 30 de maio.

Desde pela manhã via-se um monte de lenha no meio da praça do Mercado Velho, e este quadro tinha assombrado a multidão.

Joanna foi para ali conduzida em uma carreta, cercada de soldados inglezes, armados de hachas, lanças e espadas. Leram-lhe a sentença, e quando os soldados lhe deitaram a mão, ella exclamou, invocando o senhor Deus das victorias:

—Ah! Rouen! Rouen! Serás tu a minha ultima morada!...

Pozeram-lhe sobre a cabeça a mitra da inquisição, com este letreiro: «Heretica, relapsa, apostata, idolatra.»

O animo não a abandonou n'esse momento supremo. Pede que lhe deem um crucifixio; um inglez faz uma cruz com dous pedaços de pau, e dá lh'a. Joanna toma-a, abraça-a, beija-a, colloca-a sobre o peito.

Prenderam-a a um poste de tijolo, feito expressamente, e lançaram o fogo á lenha.

Em quanto conservou um sopro de vida, da bocca de Joanna não sahiram outras palavras senão as de Jusus, meu Deus, que sahiam como por encanto do seio das chammas. Depois da sua morte o cardeal de Winchester, que presidia ao acto, ordenou que as cinzas da desgraçada se juntassem e fossem lançadas ao rio.

Carlos VII, que não tentou nenhum esforço para salvar Joanna, quiz, cinco annos depois, que o seu processo fosse revisto e a sua memoria rehabilitada. Mas a gloria da pobre martyr não precisava d'isso, e Carlos VII enganou-se se pensou assim salvar a sua.

Os juizes que condemnaram Joanna tornaram-se um objecto d'horror para os francezes e para os inglezes até.

Luiz XI pensou que seu pae não tinha feito quanto devia anulando a sentença. Mandou instruir o processo contra os juizes, que pela maior parte eram fallecidos. Dous que restavam soffreram a pena de talião.

ZIG-ZAGS

—

COSTUMES AFRICANOS

Na Zulandia, o homem que pretende casar compra a mulher a prompto pagamento. Preço fixo: doze cabeças de gado.

Quando não ha filhos, o marido entrega a mulher, e a familia restitue o gado recebido.

O marido deseja ter filhos porque os vende pelo preço por que comprou a mãe.

Os zulus não trabalham: quem trabalha são as mulheres; semeam, ceifam, carreteiam, etc. Ha só uma occupação para os homens; é o mungir as vaccas. A mulher surprehendida a usurpar esta função soffre a pena de morte.

Por toda a costa de Moçambique, desde Lourenço Marques, os casamentos são tratados com os paes da noiva, e o homem toma tantas mulheres quantas póde comprar.

—

O TELESCOPIO

Em 2 de outubro de 1606, João Lipershey, occulista em Middelburgo, Zelandia, pediu aos estados geraes de Hollanda privilegio de trinta annos para o telescopio, que o acaso lhe fizera descobrir.

Conta-se que os filhos de Lipershey, andando a brincar no estabelecimento, se puzeram a olhar para a torre proxima, empregando duas lentes, uma convexa e outra concava, e notaram que a viam muito perto.

O pae aproveitou a descoberta, não logrando, porém, obter o privilegio solicitado.

O primeiro telescopio conhecido foi construido por Newton (1672). Halley aperfeiçoou-o (1766); emfim os ultimos aperfeiçoamentos são devidos a Foucault já no seculo actual.

AS CHEIAS DO NILO

—

Pocurar-se-ia de balde em todo o mundo um rio com os mesmos direitos que o Nilo ao reconhecimento dos homens, com os mesmos titulos a chamarem sobre elle a attenção. Nenhum outro rio tem sido alvo de mais observações e por consequencia de mais absurdas theorias. A's suas agoas bemfeitoras devem os habitantes do Egypto a vida, a riqueza e a felicidade; se, cioso de seus dons, elle as retirasse uma só vez, milhares d'homens pereceriam infalivelmente. Como atravessa quatro mil legoas de terrenos areentos, pode-se dizer que se lhe devem esses terrenos, que sem elle não passariam d'um vasto deserto.

NAS MARGENS DO NILO

O Nilo sae do leito todos os annos, pelo mesmo tempo, e cobre as duas margens em uma distancia muito grande.

Quando as agoas teem penetrado na terra, onde os raios do sol as evaporam, fica nos sitios que ellas cobriram um limo que o rio arrastara ao passar pelo meio de terrenos ferteis. Este sedimento, que consiste em uma mistura d'alumen e magnesia, contem os principios da vegetação e dispensa o lavrador de toda a qualidade de cultura. O solo, melhorado por essas alluviões successivas, produz de per si abundantes colheitas. Sem ellas a secura do clima não permittiria recolher um só dos grãos da semente confiada á terra, e pode-se por aqui imaginar a intensidade do flagello que desolaria o Egypto se o Nilo lhe recusasse o seu tributo annual.

Desde os primeiros seculos do mundo procurou-se saber as causas do phenomeno; mas só no presente seculo se obteve a certeza de as ter effectivamente descoberto.

As cheias do Nilo principiam por meiados de junho; mas só depois de 15 de setembro é que as agoas attingem a maior elevação.

Em uma mesquita antiga, perto do Cairo velho, ha um poço quadrado, no meio do qual se ergue uma columna de granito, de forma octogona, e a qual se acha dividida em quilates, que é a medida do paiz. Dá-se á columna o nome de *Nilometro*. E' a medida das cheias do Nilo.

O poço é invadido pela agoa, que, de ordinario, sobe tres a quatro pollegadas em cada vinte e quatro horas. Quando a agoa tem attingido a sua maior altura, a columna fica coberta totalmente.

A abertura do canal que atravessa o Cairo faz-se com a maior pompa; é uma festa nacional. Esta festa é o signal da abertura dos numerosos canaes que rasgam o Egypto.

A agoa do Nilo é extremamente doce quando a cheia tem attingido a maior altura, e tem a propriedade de não se corromper e conservar-se igualmente em vasos pequenos e cisternas.

As cheias do Nilo são causadas pelas excessivas chuvas da Abyssinia, que começam invariavelmente a cahir nos primeiros dias de junho e duram até ao fim de setembro. Todos os dias chove umas poucas d'horas. O grande volume d'agoa que se junta por sobre a superficie d'essa vasta região não tem senão um canal para correr para o mar. Entra por elle furioso; mas como o Nilo não pode contel-o, deita por fora do leito a agoa.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 24

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 10 DE FEVEREIRO DE 1881 | PREÇO DOS ANNUNCIOS: o que se convencionar vista. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Por t

SUMMARIO

TEXTO:— La Fontaine — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Os conhecimentos uteis — A Luiz de Camões (poesia) por A. J. Viale — Como uns pequeninos animaes preparam uns grandes continentes, por Gonçalves Cardoso — O simun — Datas memoraveis de Portugal: Tomada de Leiria — Talma — Os Gauchos — A eloquencia forense, por Adelpho Salazar — Os homens uteis de todos os paizes: João Pinto Ribeiro — Em um album (poesia) por Guerra Junqueiro — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Austria-Hungria — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Zig-Zags: O marfim — Bahia dos assassinos — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— La Fontaine — O simun — Talma — A Bahia dos assassinos.

LA FONTAINE

João La Fontaine foi o primeiro fabulista e um dos melhores poetas francezes.

Nasceu em Chateau-Thierry em 8 de julho de 1621 e falleceu em Paris em 13 de abril de 1695.

A mocidade do nosso poeta decorreu sem incidente notavel, a não ser que aos vinte e dous annos sentiu nascer em si o gosto da poesia ouvindo ler uma ode de Malherbe.

A sua primeira obra foi a traducção, ou antes a imitação de uma peça de Terencio, o *Eunuco*, peça muito mediocre, mas correctamente escripta.

Mas como a veia poetica não é modo de vida, o pae de La Fontaine, que occupava o cargo d'intendente das agoas e florestas da provincia, demittiu-se do cargo para o ceder ao filho, casando-o ao mesmo tempo. O rapaz, porém, a cujo caracter repugnava toda a occupação seria, não quiz saber do emprego

LA FONTAINE

nem da mulher, entregando-se livremente aos praseres a que era propenso.

Alguns dos seus primeiros ensaios poeticos foram dar ás mãos da duqueza de Buillon, que n'esse tempo habitava Chateau-Thierry, e mandou chamar o poeta á sua presença, levou-o para Paris e declarou-se sua protectora.

La Fontaine teve muitos outros protectores, entre os quaes devem mencionar-se o vice-intendente Fouquet, a quem foi fiel na desgraça, Henriqueta de Inglaterra, o principe de Condé e o duque de Borgonha; comtudo nunca obteve as boas graças de Luiz XIV.

Teve por amigos Racine, Moliere, Bernier, Madame de La Fayette e Madame de La Sabliere, em cuja casa viveu vinte annos na maior liberdade e sem o menor cuidado; e quando a generosa protectora morreu, os esposos Hervart recolheram-o em casa.

La Fontaine teve uma vida muito livre; comtudo nos ultimos annos reconciliou-se com a religião e a pedido do seu confessor supprimiu muitas obras em que a moral não era convenientemente respeitada.

Em 1684 La Fontaine foi recebido membro da academia franceza.

A sua estreia litteraria teve logar em 1664 com os *Contos*, imitados em grande parte de Bocacio, Ariosto e Machiavelo; as primeiras fabulas appareceram em 1668, ganhando-lhe sem demora uma grande celebridade.

Não ha quem não conheça essas pequenas peças de poesia, modellos de delicadeza e simplicidade, qualidades que deram ao auctor o appelido de *Inimitavel*.

Tambem se conhecem algumas elegias, uma d'ellas á morte de Fouquet, comedias, operas, um poema de *Psyché*, etc.

Os contos foram condemnados pelo Indice de Roma.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

II

Jorge, sem proferir palavra, seguiu machinalmente o capitão até á escotilha. Chegado ahi, o mancebo volveu olhos saudosos para aquelle ceo recamado de astros, e, em seguida, desceu, precedido de Pedro da Motta, a escada, em alguns degraos da qual batiam os pallidos raios da lua.

Momentos depois, achavam-se na camara do capitão. Era esta um bello aposento, commodo e espaçoso, tanto quanto o comportava a capacidade da *Eugenia*, um dos melhores navios mercantes da praça de Lisboa. Chronometros, oculos, instrumentos de nautica, armas, varias estantesinhas pejadas de livros de sciencia, mappas geographicos, tudo symetrica e methodicamente collocado, adornavam a camara de Motta, denunciando n'elle um homem intelligente, sabio e de bom gosto.

Uma luz se achava collocada sobre a mesa de trabalho do capitão, junto da qual se viam duas magnificas cadeiras estofadas, em que simultaneamente se sentaram Jorge e o capitão.

O mancebo, como que julgando-se só, permanecia silencioso. Para o fazer despertar d'aquelle sonhar acordado, para o arrancar áquella sombria mudez, foi preciso que o capitão, tomando-lhe uma das mãos, e apertando-lh'a com effusão, lhe dissesse:

—Vamos, snr. Jorge. Conte-me a historia promettida; estou ancioso por ouvil-a.

O mancebo principiou:

—Hade haver um anno, pouco mais ou menos, assistia eu ao espectaculo em um dos theatros dramaticos de Lisboa.

«Laura, uma das actrizes, que desempenhara magistralmente o seu papel em uma das peças que se representaram, merecera repetidos applausos do publico. Coroas, ramos de flores, poesias, juncaram bem depressa o palco, testemunhando solemnemente a satisfação e admiração geraes.

«No meio de tão espontaneas homenagens, eu que tambem me enthusiasmara com o bom desempenho da artista, escrevi á pressa em um fragmento de papel umas estrophes inspiradas, introduzi-a na poesia em um vistoso ramo de flores, e lancei-o ao proscenio.

«Por um notavel acaso, Laura reparara em quem lhe havia lançado aquelle ramo.

«Depois do espectaculo, achando-me em companhia do meu excellente amigo o actor Paulo, a quem eu fazia a apotheose de Laura, entrou no camarim uma gentil rapariga com um bilhete na mão.

«Perguntada sobre o motivo que a trazia ali, respondeu:

—«Venho entregar este bilhete ao snr. Jorge de Castro.

«E a rapariga fitava-me com olhos escrutadores, como que tentando adivinhar se eu sería ou não a pessoa a quem era dirigida a mensagem de que se incumbira.

«Não hesitei. Lancei mão d'aquelle papel graciosamente dobrado e recendente de aromas, e abri-o. Eis o que elle continha:

Ex.mo Sr.

«Sabendo que foi v. ex.a um dos espectadores que me honraram na noute de hoje, e tendo conhecimento de que se acha perto de mim, peço-lhe o obsequio de vir ao meu camarim receber os meus sinceros agradecimentos, caso isto não lhe importe grande sacrificio.»

Laura

«Após da leitura d'aquellas linhas elegantemente traçadas, lancei um olhar interrogador á portadora.

«A rapariga comprehendeu-me, respondendo á minha tacita pergunta com as seguintes breves palavras:

— «Minha ama espera a resposta.

«A leitura d'aquellas phrases deixara-me surpreso, e, ao mesmo tempo, trasbordando d'alegria. Ia ver de perto aquella mulher, que tanto admirara havia pouco. Ia ouvir-lhe a voz melodiosa; ia queimar-me no fogo celeste que dardejavam seus olhos.

«Paulo contemplava-me absorto, parecendo com a vista querer sondar o que se passava no meu intimo. Pedi-lhe desculpa. Arranquei uma folha da minha carteira de lembranças, e escrevi:

Ex.ma Sr.a

«Dentro em poucos momentos terei o infinito praser de ir acceitar as suas ordens.»

Jorge de Castro

«Entreguei a resposta á gentil mensageira, que se apressou em leval-a á sua ama. Eram duas horas da manhã.

«Apenas nos achamos a sós, mostrei a Paulo o bilhete de Laura, e disse-lhe qual fôra a minha resposta.

«O mancebo mostrou-se surprehendido d'aquella aventura, e disse-me:

—«Hasde convir em que o procedimento de Laura é assás significativo, pois que, até hoje, essa mulher singular, que parece não possuir coração, tem-se mostrado indifferente a todos os homens.

- «Convenho n'isso, respondi; e, porque me não parecesse conveniente adiantar a discussão d'aquelle assumpto, escolhi um outro objecto para discursarmos.

«A's duas horas e meia despedi-me de Paulo e dirigi-me ao camarim de Laura, cuja porta se achava entreaberta.

«Bati mansamente, e uma voz harmoniosa, agradavel e sympathica, me ordenou que entrasse.

«Laura estava singellamente vestida, e com os formosos cabellos em desalinho. Todavia não era assim menos bella, do que com os seus brilhantes trajos da scena. Impressionou-me aquella simplicidade. Amei sempre a singelleza de vestuario nas mulheres formosas. A natureza não carece do auxilio da arte para as suas bellezas. Laura, n'aquelle momento, não era a actriz. Apresentava-se como a mulher modesta, occupando o seu singello aposento na casa paterna.

«Achava-se sentada junto d'uma pequena mesa, na qual appoiava o braço direito. Na mão esquerda, que repousava sobre os joelhos, conservava o ramalhete com que eu a presenteara, e tinha os olhos fictos n'essas estrophes, aliás apaixonadissimas, que eu, em um momento de louco enthusiasmo, escrevera e lhe consagrara.

«Cumprimentei-a. Volveu-me os formosos olhos negros, ensombrados de fartas pestanas, e correspondeu ao meu cumprimento com um delicioso sorriso, indicando-me, ao mesmo tempo, com gesto gracioso, uma cadeira que se achava proximo d'ella. Sentei-me.

—«Talvez extranhe o havel-o mandado chamar, disse com um accento de indefinivel doçura; mas não se admire do meu procedimento, que vou tentar justificar a seus olhos. Vi que das suas mãos sahira o formoso ramalhete, em que, como flor principal, se achava a sua poesia. Soube que o auctor d'estas estrophes apaixonadas se achava n'este recinto; e como os formosos versos que se dignou dedicar-me, me impressionaram summamente, desejei conhecer o seu auctor, para, pessoalmente, lhe agradecer os elogios que tece ao meu insignificante merito artistico.

—«Agradeço a v. ex.ª as benevolas expressões que acaba de dirigir-me; e, confessando-lhe, desde já, a respeitosa admiração que tributo á sua modestia, declaro-lhe que jámais esquecerei esta agradavel entrevista, que teve a condescendencia de conceder-me.

«Depois de havermos conversado alguns minutos sobre as futilidades, que, em taes occasiões, soem ser assumpto, convencionou-se que eu no dia seguinte, a uma hora determinada, iria visitar Laura a sua casa.»

(Continua) ALBERTO CARLOS

OS CONHECIMENTOS UTEIS

—

(Continuação)

A industria sabe ainda converter a lã em tapetes; mas na sua fabricação a cadeia que se põe no tear é perpendicular em vez d'horisontal. Os chailes preciosos do Oriente, que, desde certo tempo para cá, se conseguiram imitar na Europa, são feitos da lã mais delicada das cabras que habitam as montanhas do Thibet.

O vestuario mais fino do homem é devido a um pequeno insecto designado sob o nome de bicho da seda. Todas as regiões do sul e do oriente o mantem e propagam. A preparação da seda forma o objecto principal das relações commerciaes da Inglaterra com a China, Persia, a Turquia, a Italia e os paizes meridionaes.

A França, em geral, e a cidade de Lyon em particular, possuem n'esse genero d'industria uma superioridade incontestavel; comtudo, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal produzem muito boas sedas.

Em Portugal deve-se a introducção da industria das sedas ao grande marquez de Pombal; mas em França já era conhecida desde o seculo XV. Luis XI foi o primeiro que pensou introduzir ali esse ramo d'industria, estabelecendo as primeiras fabricas em Tours por 1470. Todavia quasi que foi só no reinado de Francisco I e de Henrique IV que as manufacturas francezas tomaram o grande incremento que hoje as colloca acima de todos os paizes visinhos.

A arte de lustrar os estofos de seda foi inventada no seculo XVII por Octaviomeg, fabricante em Lyon. Em 1709, Bon, presidente do tribunal de contas de Montpellier, imaginou empregar, como a seda, os casulos em que as aranhas dos jardins depositam os ovos e conseguiu fazer punhos e meias. Parece porém que a prova não passou d'isto.

Em 1717, Jurnies de Lyon, inventou o tear actualmente usado para tecer a seda, e em 1738, os irmãos Roumieux, de Paris, inventaram processos para transformar o linho e o canhamo em algodão, seda e cadarço.

Digamos agora alguma cousa ácerca da industria dos bichos da seda.

Estes, antes de nascerem, estão encerrados em pequenos ovos. O calor do sol fal-os abrir; sustentam-se de folhas de amoreiras, arvore que, nos climas quentes, lhes serve de morada.

Depois que o bicho tem attingido todo o seu desenvolvimento, embrulha-se no seu casulo, tecido com a seda, e preso a uma das folhas, e n'essa situação passa ao estado de crysalida.

Ao fim d'alguns dias, a crysalida abre e nasce uma pequena mosca, muito viva, que rasga caminho atravez do casulo, desenvolve as azas dentro de poucos dias, deposita os ovos para a conservação da especie e depois morre; tal é a economia admiravel e singular d'esse pequeno animal, que abastece o homem da materia prima das fazendas de seda.

Os casulos da seda são do tamanho d'um ovo de pomba; mas cada um dos fios que ahi se encontram tem mais de tresentos metros de comprimento. Depois de certas preparações fia-se a seda e vae para o tecelão.

Do pello dos animaes fabricam-se chapeos; no calçado emprega-se a pelle. Primeiramente esta passa pelas mãos do curtidor e do surrador, que lhe tiram as materias gordurosas; limpa-se e tinge-se depois d'um banho de algumas semanas em cubas de tanino.

Quem inventou o calçado?

Naturalmente a primeira pessoa que poz o pé sobre um espinho ou uma pedra angulosa foi quem imaginou a arte de calçar. Tem tido mil formas esta arte. Os povos antigos ligaram-lhe mais importancia do que nós, como objecto de aceio. Usavam muitos dos povos nossos avós não só ornar o calçado de bordados, laços e pedras preciosas, mas até, no dizer de Plinio, levavam o luxo ao excesso de usar chinellas d'ouro massiço.

Em certas epocas era da etiqueta descalçar-se a gente quando ia para a mesa.

(Continua)

A LUIZ DE CAMÕES

HOMENAGEM D'UM VELHO SEPTUAGENARIO EM 10 DE JUNHO DE 1880

—

Nos annos juvenis teu dôce canto,
Cysne immortal, amenisou meus dias,
Bem que ás vezes a flauta que tangias
Saudoso e triste, me arrancava pranto.

Enlevaste-me após, com novo encanto,
Quando a mais alto as azas desferias,
E preclaros varões ao ceo subias,
Que o luso reino sublimaram tanto.

Ha quasi doze lustros que gravada
Tenho na mente a portentosa historia
De seus feitos gentis, por ti contada.

Do seu vate hoje a patria honra a memoria.
Com Lysia a minha voz te acclama e brada:
Salve, cantor da lusitana gloria!

A. J. VIALE

COMO UNS PEQUENINOS ANIMAES PREPARAM UNS GRANDES CONTINENTES

—

(Continuação)

Desde a costa occidental da America até ao cabo da Boa-Esperança, as madréporas preparam sobre todas as cadeias de montanhas uma infinidade de pequenas ilhas que ficam quasi á tona d'agoa. Cercam a Nova-Hollanda de gigantescos recifes, formando sobre a costa oriental d'este continente um formidavel banco, que, na extensão de cento e cincoenta legoas, já não deixa passagem alguma aos navios, e ameaça estender-se mais. Um outro d'estes bancos junta quasi a terra firme á Nova-Guiné, em uma extensão de duzentas legoas, e póde com muita facilidade predizer-se a epoca em que esta ultima fará parte do continente.

Um trabalho ainda mais consideravel ainda, começando no mar d'Oman, no meio da costa do Malabar, forma o banco de Cherbanian, nas ilhas Laquedivas, extenso archipelago das Maldivas, e desce além do equador até ao grupo de Pasos-Banhos. Mas é muito principalmente no meio do grande Oceano Pacifico que as madréporas parecem trabalhar com perseverança na construcção d'um verdadeiro continente: milhares d'ilhas, cumes os mais elevados de grandes cadeias de montanhas submarinas, lhes devem todas a sua origem, e cada dia o espaço que as separa diminue mais.

Já dos pontos extremos d'estes numerosos archipelagos, os naturaes podem viajar seguindo os recifes das madréporas, que formam em muitos logares uma

especie de calçada ao lume d'agoa. O capitão Bernard, explorando estes mares curiosos, encontrou muitas vezes, emigrando de uma ilha para outra, caravanas de selvagens, que caminhavam a pé, no meio do mar, com tão pouco receio como se estivessem sobre a terra firme, e diz-se até que os habitantes das ilhas Veti aproveitam este meio de communicação para fazerem as suas trocas, bivacando sobre as partes que saem do nivel d'agoa, e chegando a ir até ao archipelago d'Amoa, distante duzentas e cincoenta legoas.

Para edificar estes continentes novos, á custa dos antigos, a natureza não se limita ao simples soccorro das madréporas; as commoções violentas, que agitam tantas vezes as profundidades do mar, veem dar a ultima demão á obra começada.

(Continua)

GONÇALVES CARDOSO

O SIMUN

A paginas 104 d'este semanario demos uma rapida noticia do deserto do Sahara, e hoje diremos algumas palavras ácerca do *simun*, que é o vento ardente que sopra n'aquella região e não é dos menores flagellos que affligem o viajante no meio do grande deserto.

O SIMUN

Quando sopra o simun, erguem-se montes d'areia, que escurecem o sol. O calor torna-se insupportavel: o thermometro chega muitas vezes a marcar cincoenta e dous graos.

As areias, agitadas como as ondas de um mar immenso, amontoam-se, formando monticulos irregulares. Por sobre tudo quanto passa, o vento abrasador deixa um pó branco, composto de particulas mineraes, que secca e queima tudo quanto encontra.

O simun annuncia-se por uma mancha que apparece no horisonte, e vae engrandecendo até que o vento irrompe com furia.

O pobre viajante apanhado no deserto pelo mortifero simun não tem outro meio d'escapar-lhe do que lançar-se por terra e tapar com um lenço a boca, as narinas e olhos, para que o pó que o vento arrasta não lhe penetre n'esses orgãos, o que causaria irremediavelmente a morte, como a tantos tem acontecido.

Os escriptores indigenas exageram muito as qualidades mortiferas do simun; os viajantes europeus, porém, não deixam d'estar d'accordo na funesta influencia que elle tem sobre a economia animal.

Não é só nos desertos da Africa que elle se faz sentir. Ventos similhantes reinam em todas as regiões visinhas dos tropicos. Na India costumam soprar uns ventos tão desagradaveis que lhes chamam *ventos dos diabos*. Na Luisiania, no Chili, nos pampas da America, os ventos quentes são temiveis pelos males que produzem: são, dizem os indigenas, percursores de pestes. Nas costas da Nova Hollanda os ventos que sopram do lado de terra teem tambem uma alta temperatura.

Na Arabia, na Persia, e na maior parte das regiões do Oriente chamam-lhe simun e no Egypto chamsim, que significa cincoenta, porque dura cincoenta dias, desde o fim d'abril até junho, que é quando começam as innundações do Nilo.

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

TOMADA DE LEIRIA

No dia 4 de fevereiro de 1145 recuperou D. Affonso Henriques a villa (hoje cidade) de Leiria, que os mouros pouco antes tinham tomado, commettendo toda a casta de barbaridades sobre os christãos seus defensores.

Este facto reclamava vingança e tudo se aprestou para fazer pagar caro aos infieis a ousadia. O monarca portuguez tomou á sua conta a empreza, e reunindo um exercito, mais arrojado do que numeroso, marchou contra os mouros, impedindo o soccorro e mantimentos a fim de os vencer pela fome. Mas os mouros preferiram o combate, que foi um dos mais encarniçados de que reza a nossa historia.

Os infieis venderam caro as vidas: os nossos, animados pelas vozes do seu rei, praticaram os mais assignalados actos de bravura e coragem. Rotas as hostes inimigas, os christãos passaram tudo a fio da espada, não poupando sexo nem idade, e assim ficaram senhores d'aquella formosa povoação, que os mouros nunca mais se atreveram a disputar-nos.

TALMA

Francisco José Talma, grande tragico cujo nome ainda hoje se cita com assombro, nasceu em 1763 e falleceu em 1826 em Paris.

Era filho d'um dentista e exerceu essa mesma profissão durante desoito mezes, dedicando-se em seguida ao theatro, para o qual sentia propensão.

A sua estreia teve logar em 1797, fazendo o papel de Said na tragedia *Mahomet*.

Em 1789 Talma principiou a reforma do vestuario, que elle entendia devia ser em todas as peças conforme as epocas e os logares da acção. Mas esta não foi a maior das suas glorias: o que lhe deu celebridade foram os magnificos papeis que creou, como Manlio, Othelo, Hamlet, Sylla, Regulo, etc. Até ao fim da vida não cessou de estudar a sua arte e augmentar o genio que n'elle pulsava.

Talma foi considerado como o primeiro tragico do seu tempo e o regenerador da arte theatral.

Fallando com perfeição o inglez, deu em Londres diversas representações n'essa lingoa.

Napoleão era seu amigo intimo e pagou-lhe duas vezes as dividas.

OS GAUCHOS

—

As extensas planicies que estão situadas da parte do sul de Buenos Ayres e que se conhecem pelo nome generico de *pampas*, são habitadas por uns povos que bem merecem que lhes dediquemos uma pouca d'attenção. Mas em antes digamos algumas palavras ácerca d'essas immensas savanas americanas que mereceram a qualificação acima indicada.

A breve distancia de Buenos Ayres os bosques cessam; mas o terreno nem por isso deixa de ser proprio para a cultura. O solo é areento e misturado com uns terrões negros. Ao norte estendem-se até perder-se de vista as immensas planicies denominadas *pampas*, onde reinam uns ventos muito impetuosos e onde a vista divaga tristemente entre um arbusto rachitico e um grupo de plantas salinas.

Quasi todos os indios que a pouco e pouco se foram convertendo ao catholicismo, se dedicaram a adquirir terras para cultivar e fizeram-se pastores para melhor se consagrarem ao fomento d'essa importante riqueza. Muitos emigrantes, principalmente hespanhoes habitantes das republicas da Prata, deram-se igualmente á agricultura, apesar de que o que ali os leva não é outra cousa senão a enganadora cubiça de um commercio lucrativo, que não tardam a conhecer não ser o que imaginavam; mas este duplo movimento tem ido alargando os pampas, arrebatando ao mysterioso deserto as suas formas peculiares.

Os lavradores levam muitas vantagens aos pastores, pelo seu caracter moral, pela civilisação e maneira de vestir; mas este genero de vida reduz quasi ao estado selvagem os hespanhoes que o adoptam. Com os pastores ha differença e estes conhecem-se pelo nome particular de *gauchos*.

Que é o gaucho?

Se dermos credito ás versões mais autorisadas, os pastores chamados gauchos dedicam-se á guarda de quinze milhões de vaccas, tres milhões de cavallos e um immenso numero d'ovelhas, sem fallar nos muitos animaes que se tornaram selvagens. Todos os rebanhos domesticos estão repartidos por outros tantos proprietarios; uma pastagem de quatro ou cinco legoas de circuito considera-se como de pouca importancia e no interior d'esse territorio estabelece o pastor a sua morada, d'onde olha pelo seu gado.

Habituado desde a infancia á ociosidade e á independencia, o pastor não conhece regra de proceder, nem ha cousa a que ligue importancia fora do seu mister. Assim o amor á patria, a honra, o dever são sentimentos para elle desconhecidos.

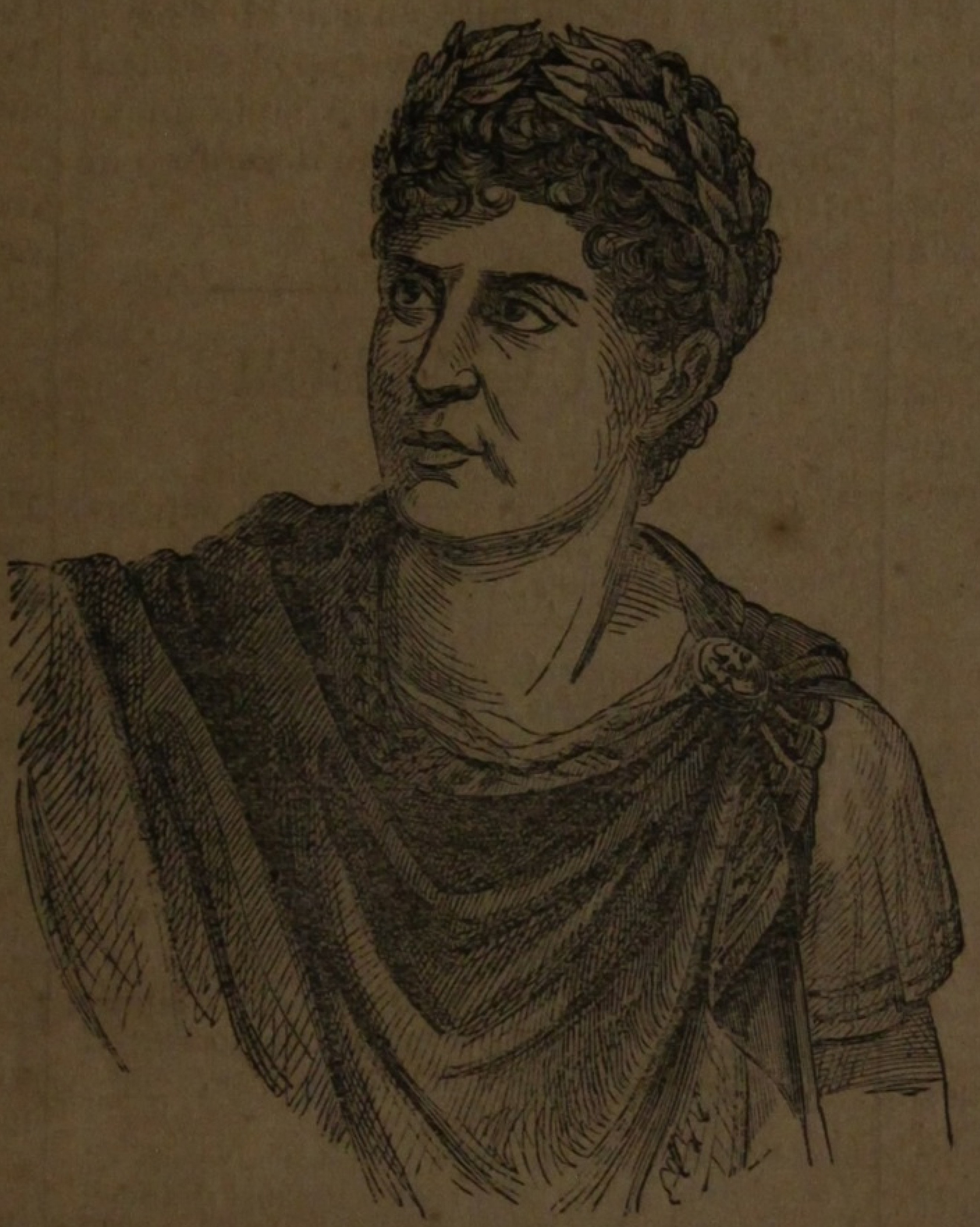
Acostumado a ver degolar animaes, derrama facilmente o sangue dos seus similhantes, mas sempre com indifferença e serenidade; e é igualmente propenso á desconfiança e á astucia, como se o socego do deserto lhe infundisse uma insensibilidade profunda. O gaucho é um selvagem que se vale dos meios da civilisação para subordinal-os aos seus caprichos e paixões, e é cousa digna d'estudo vel-os luctar e vencer as maiores difficuldades com uma força de vontade que assombra.

Quando os gauchos jogam as cartas, o que constitue a sua affeição mais violenta, sentam-se ordinariamente de cocoras, tendo debaixo dos pés as redeas dos seus cavallos para que não lh'os roubem, e não se esquecem de enterrar no chão, ao pé d'elles, a comprida faca, para assassinar o que não jogar licitamente. Em um momento jogam tudo quanto possuem, sempre com o animo mais tranquillo; mas, em troca, teem a virtude dos selvagens; observam a hospitalidade no mais alto grao, alojam e sustentam um viajante que se lhes apresente sem lhe perguntarem quem é, nem d'onde vem, nem para onde vae, ainda quando parmaneça em sua casa muitos mezes.

O gaucho é propenso ao roubo, á caça e muito mais ao amor. Succede muitas ocasiões roubar uma mulher, levando-a para o fundo do deserto, onde vive com ella em doce e carinhosa união por toda a vida.

Entre os mais independentes filhos dos pampas costumam acontecer poemas que ficam escondidos nos limites do deserto, e vamos, de facto, contar ao leitor uma historia que nos parece digna de ler-se.

(Continua)



TALMA

A ELOQUENCIA FORENSE

—

A eloquencia forense era desconhecida dos egypcios e dos hebreus. A simplicidade, a clareza, a sabedoria, e, sobretudo, o limitado numero das suas leis, o cuidado que tinham um e outro povo em fazel-as ensinar e explical-as aos filhos, o que constituia uma parte consideravel da sua educação, tudo isto contribuia para que a applicação d'ellas fosse facil e a inquirição rapida. Todo o cidadão, por mais grosseiro e estupido que fosse, estava nos casos de fazer valer os seus direitos perante os tribunaes com a exposição simples do delito commettido; e, por meio da citação da lei transgredida, o juiz pronunciava a sentença com segurança e convicção. Eis a que se reduziam então todos os processos e causas; tempos felizes e dignos de todos os respeitos d'aquelles que conservam no coração o amor da justiça, da ordem e da paz.

Depois dos egypcios e dos hebreus, são tidos os gregos como o povo mais antigo do mundo. Esta nação, tão conhecida pelos seus talentos, pela sua ambição, pela sua inconstancia e pelo seu amor á liberdade, não conhecendo nunca nem a moderação nem a dependencia, foi a primeira que introduziu a eloquencia no templo da justiça. Não foram os carthaginezes, os corinthios nem os spartanos que a viram nascer. Uns, unicamente entregues ao commercio, os outros, quasi todos soldados, possuindo só as suas armas e o seu valor, não necessitavam do auxilio da eloquencia, nem caso algum fizeram d'ella. Os athenienses, mais cultos, mais instruidos, mais civilisados, possuidores d'um solo mais fertil, foram obrigado a crear um grande numero de leis para manter a justiça entre os cidadãos e a boa ordem no estado. A multiplicidade d'estas leis tornou o seu conhecimen-

to mais difficil e a discussão mais emmaranhada. Os particulares ficaram incapazes de expôr de per si os seus direitos ou pretensões. D'ahi a necessidade de instituir e multiplicar os advogados, os juizes e os tribunaes.

D'estes o mais celebre foi o Areopago. Tinha-se tanta veneração e respeito a este tribunal, que foi julgado digno de sentenciar os reis e os deuses.

Nos primeiros tempos da sua instituição ouviram-se ahi oradores cujo talento correspondia ao caracter existente da nação. Dos seus discursos recendia uma eloquencia varonil, severa, simples, placida, sem atavios, sem arrebiques, interpretação simples e fiel da innocencia e da verdade. Eram ainda ignorados, n'esses seculos afortunados, os exordios seductores, as narrações artificiosas, os rodeios estudados, que depois se empregaram, essas perorações capciosas em que os argumentos accumulados se prestavam mutuamente uma força e uma clareza enganadoras, que offuscavam os juizes em logar de os esclarecer, que os perturbavam em vez de os consolidar e assegurar. Só o amor da gloria e da justiça animava os advogados. Aristophanes e Luciano recebiam um drachma (*) de gratificação, por muito morosa e ardua que fosse a causa de que se encarregavam.

(Continua) ADOLPHO SALAZAR

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

X

JOÃO PINTO RIBEIRO

Um nome que a historia portugueza apresenta com justificado orgulho á admiração d'extranhos, é o do corajoso organisador e promotor da gloriosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, o grande João Pinto Ribeiro, a quem Portugal deve a sua autonomia.

Não se sabe quando este homem illustre nasceu. Sabe-se apenas que em Lisboa viu a luz; seu pae, Manoel Pinto, era natural d'Amarante.

Formado em direito, occupava o cargo de procurador da casa de Bragança, quando meditou a restauração do reino, que era uma simples provincia de Hespanha. Foi a alma da revolução que restituiu a corôa aos ligitimos reis.

Elevado ao throno, D. João IV não esqueceu o que devia a Pinto Ribeiro. Nomeou-o seu conselheiro; e em seguida deu-lhe os cargos de juiz de fóra de Pinhel e Ponte do Lima, desembargador do Paço, agente na côrte de Roma, presidente da camara de contas, guarda-mor do archivo da Torre do Tombo, etc.

Pinto Ribeiro não foi só homem d'acção; foi tambem um profundo jurisconsulto, um notavel litterato. Escreveu obras muito estimadas, nas quaes predominava sobre tudo a ideia patriotica que lhe abrasava a alma. Na *Usurpação, retenção e restauração de Portugal* propozse responder a uma carta que corria em nome de Filippe IV, na qual protestava o monarca castelhano pelos seus direitos á corôa de Portugal; na *Acção d'acclamar D. João IV* domina-o a ideia de mostrar que os motores e executores da revolução praticaram um acto mais honroso do que os que depois assentiram a ella; emfim no *Desengano ao parecer enganoso* refuta com habeis argumentos um projecto apresentado ao rei d'Hespanha para a reconquista de Portugal.

Escreveu ainda outros livros hoje pouco conhecidos.

Pinto Ribeiro falleceu em 11 d'agosto de 1649, sem que a morte podesse apagar o seu illustre nome, que anda anexo á memoravel data do 1.º de dezembro de 1640.

(*) Moeda de prata, correspondente a 28 reis.

EM UM ALBUM

—

Eu já não sei cantar, como cantava outr'ora,
A preciosa flor da tua formosura,
Teus risos matinaes, vermelhos como a aurora.

Na silenciosa paz da minha noute escura
Já não vejo brilhar teus olhos tentadores,
Teus olhos de serpente, ó linda creatura!

Acabou para mim a farça dos amores;
Já não tenho paixão, nem tempo, nem dinheiro,
Para andar pelo mundo a namorar as flores.

Se eu valho para ti mais do que o mundo inteiro,
Se preferes meu corpo espiritualisado
Ao corpo bestial d'um rico brazileiro,

Quando eu durma na campa um somno bem pesado,
Vae chorar sobre mim tres lagrimas d'amor,
Vae chorar sobre mim; mas tem todo o cuidado

Em não o ir dizer ao padre confessor.

GUERRA JUNQUEIRO

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XIX

AUSTRIA-HUNGRIA

Chegamos á Austria-Hungria, nação a bem dizer composta de duas nações: a Austria e a Hungria. Aquella parte da monarchia conhece-se hoje pelo nome de provincias Cisleythanas, e vem a ser o grão-ducado da Austria, que comprehende duas provincias, a alta e a baixa Austria, e provincias Hungaras, ou propriamente o territorio que antigamente formava o reino da Hungria.

A Austria tem uma superficie de 622:500 kilometros quadrados e 36 milhões de habitantes. Está limitada ao norte pelo reino de Saxe, a Prussia e a Russia, a leste pela Russia e a Moldavia, ao sul pela Valaquia, a Turquia e o mar Adriatico, a oeste pelo reino d'Italia, a Suissa e a Baviera.

Tendo entrado na coalisão formada contra a França, por ocasião do primeiro imperio, a Austria perdeu a maior parte das suas provincias; mas os tratados de 1814 restituiram-lh'as, anexando-lhe ainda a Lombardia, a Illiria e a Dalmacia. Em 1846 a Austria reuniu a si a republica de Cracovia, mas em 1859 a França tirou-lhe a Lombardia, que foi dada á Italia. Emfim em 1866 teve de restituir o Veneto.

Hoje o imperio austriaco está dividido em desoito provincias.

O solo é fertil, tem minas copiosas. Os espelhos de Nowhass, os crystaes da Bohemia, as porcellanas de Vienna são muito estimadas.

O grão-ducado da Austria tem por capital Vienna, cidade de 600:000 habitantes, extensa e formosa, na margem direita do Danubio. Numerosas escolas e bibliothecas; imprensa imperial, que só conhece uma rival, a de Paris; palacio dos invalidos, collegio de orphãos. Lindos passeios, monumentos notaveis, entre os quaes deve citar-se a grande cathedral de Santo Estevão e o palacio imperial.

A nordeste de Vienna está a aldeia de Wagram, celebre pela victoria alcançada pelos francezes em 1809; e perto da mesma cidade é digno da nossa visita o castello de Schœnbrunn, onde Napoleão I esteve a ponto de ser assassinado em 1809, e onde em 1832 morreu o duque de Reichstadt (Napoleão II).

Além da alta e baixa Austria, as provincias que formam o grão-ducado, são as seguintes:

O ducado de Salzburgo, capital Salzburgo, cidade de 20:000 habitantes, patria de Mozart; o condado do Tyrol, com duas cidades principaes, Innspruck (16:000 h.) e Trento (15:000 h.), celebre pelo concilio ahi effectuado de 1545 a 1563; o ducado da Styria, capital Gratz, 65:000 habitantes, numerosas manufacturas d'aço e pannos; o ducado de Carinthia, cidade principal Klagenfurth (14:000 h.); o ducado de Carniola, capital Laybach (18:000 h.), minas de mercurio; Istria e condado de Goritz, capital Trieste, cidade de 100:000 habitantes, excellente porto situado no fundo do golfo do mesmo nome; o reino da Bohemia, capital Praga (150:000 h.), cidade celebre pela sua universidade e as numerosas fabricas, que dão magnificas pedras preciosas; a Moravia, capital Brunn (60:000 h.), perto da qual está Austerlitz, onde os francezes ganharam uma memoravel batalha em 1805; a Silesia, capital Troppau (13:000 h.), cidade forte perto dos montes Sudetas; a Gallicia, capital Lembery, 70:000 habitantes quasi todos judeus; a Bukowina, capital Ts-

chernowitz, territorio montanhoso e pittoresco; emfim o reino da Dalmacia, antiga provincia romana, sobre o Adriatico; capital Zara.

As quatro provincias hungaras são: A Hungria, capital Pesth, cidade de 130:000 habitantes, centro d'um importante movimento commercial e notavel pelos seus conhecimentos scientificos; a Transylvania, capital Koslovar (22:000 h.); Croacia e Esclavonia, capital Agram (20:000 h.); os confins militares, cidades principaes Zeng, Essek, Carlstadt, praças fortes.

Notaremos ainda outras cidades importantes, como Cracovia (40:000 h.), outr'ora capital da republica cracoviana; Cronstadt (30:000 h.), junto da fronteira da Turquia; Buda (40:000 h.), capital official da Hungria; Presburgo (40:000 h.), notavel pela sua universidade catholica e manufactura real de tabacos.

A população do imperio austro-hungaro é muito misturada. A maioria compõe-se de allemães; depois vem os hungaros, os habitantes do Tyrol, os bohemios, os polacos, os croatas, alguns italianos; os judeus são numerosos.

Cada provincia tem o seu idioma particular. O latim foi adoptado como laço e esta lingoa é geralmente fallada.

Os hungaros, cujos usos e costumes differem dos dos habitantes do resto do imperio, são vigorosos, altivos, hospitaleiros: constituem um povo guerreiro.

O principado de Lichtenstein, que não tem mais de 8:000 habitantes e está situado á beira do Rheno, entre a Suissa e o Tyrol, concluiu uma união aduaneira com a Austria. A capital é Lichtenstein, cidade de 4:000 habitantes.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

XIII

CONTINUA A HISTORIA

(Continuação)

A guerra civil devastava Castella. D. Pedro d'Estremoz seguiu o partido da rainha regente; seu filho D. Pedro o do infante de La Cerda.

A Providencia principiou a vingar Brenda.

Em uma batalha a lança do filho traspassou o coração do pae, sem que aquelle o conhecesse. Mas o conde conheceu o seu assassino e entre as torrentes de sangue que lançava pela bocca, mandou-lhe a sua maldição.

N'essa noute Tello festejou com uma orgia desenfreada a morte do velho que o deixava senhor da sua immensa fortuna, e áquella mesma hora Brenda expirava depois de ter dado á luz um menino. Um sacerdote com o rosto velado assistiu-lhe nos ultimos momentos.

Passaram annos.

O menino nascido na noute de 13 de setembro de 1304 tinha completado vinte annos. Era o puro retrato de sua mãe, Brenda d'Attares. O avô amava-o com o mesmo amor que tributara á filha. Mas o ancião morreu e a creança ficou entregue aos cuidados do cenobita da cruz de pedra, que o educou e o tornou um cavalleiro completo.

Aos vinte e um annos Tello d'Attares abandonou o castello de seus avós, acompanhado de dous escudeiros, dirigindo-se a Burgos, onde estava a côrte.

Era em 1325; acabava de declarar-se a maioridade de D. Affonso XI.

Perto da cidade o cavalleiro parou, surprehendido por uma immensa gritaria. Uma dama, montando um cavallo que corria á desfilada, passou pelo lado d'elle como um raio. Um touro perseguia de perto a dama. Ao longe via-se uma grande multidão, que corria e gritava, sem poder acudir á dama.

Tello, palpitando de commoção, tomou a lança da mão d'um dos escudeiros, e fazendo voltar o cavallo, dirigiu-se intrepidamente ao encontro da fera, que, estacando diante do ataque, fez um salto para se lançar sobre o mancebo. Mas este, fugindo com o corpo, atravessou-a com a lança. O touro estava sem vida; mas ao seu lado, estendida no chão, a dama achava-se desmaiada.

Tello aproximou-se d'ella e ficou surprehendido; nunca vira um rosto tão formoso.

A dama abriu por fim os olhos e os seus labios desprenderam um sorriso, que mais enamorou o mancebo.

Entretanto as pessoas que gritavam de longe acercaram-se do grupo. Um fidalgo de barbas brancas abeirou-se de Tello e disse-lhe:

—Cavalleiro, dou-lhe os mais sinceros agradecimentos por ter livrado minha esposa da morte. Se vae a Burgos e d'alguma cousa lhe póde servir a protecção de Tello de Estremoz, alferes-mor do reino, póde contar com ella.

O mancebo não soube o que responder. Se o discurso do velho o surprehendeu, o tom d'agradecimento da dama encantou-o. Murmurou algumas palavras, fez algumas reverencias, e tornando a montar o seu fogoso ginete, dispoz-se a continuar a interrompida jornada.

A imagem da formosa dama não lhe sahia da imaginação. Amava-a loucamente desde o momento em que ella fitara no rosto do mancebo os seus olhos divinaes. Fez todos os esforços que pôde para vencer este amor criminoso; mas não conseguiu esquecer aquella que o causava.

Em Burgos passou muitos dias sem sahir á rua receiando encontrar-se com a esposa de D. Tello de Estremoz. Mas um dia o acaso juntou-os e um só olhar bastou para tornar mais viva a chamma em que ardiam os dous corações. Porque a dama tambem amava o seu salvador.

Não podendo suffocar aquella funesta paixão, o mancebo partiu para a guerra contra os mouros. Buscava a morte; mas só encontrou laureis.

Ajustaram-se as pazes e Tello voltou a Burgos mais enamorado do que nunca. D. Affonso XI preparava uma expedição contra a França e D. Tello de Estremoz decidira-se a acompanhar o rei, mandando a esposa para Madrid.

O mancebo, para se distrahir, lembrou-se fazer uma visita ao cenobita da cruz de pedra e partiu para Madrid, longe d'adivinhar que ali se achava a causa do seu tormento. O cenobita tinha morrido e a capella cahia em ruinas. O cavalleiro pensou reedifical-a, dirigindo pessoalmente as obras. Uma tarde em que, solitario e pensativo, se internara um pouco pelo bosque, viu uma dama que caminhava em direcção opposta á sua. Approximaram-se e reconheceram-se. Permaneceram mudos alguns momentos; depois fallaram e communicaram-se mutuamente aquelles dous corações que se amavam.

Quando o encanto findou, Branca de Fuentiduena era a esposa adultera do conde de Estremoz.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

O MARFIM

Ha tres especies de marfim: o marfim verde, o marfim amarello e o marfim fossil. O marfim verde, o mais caro, é aquelle que se tira do elephante morto na caça e vendido logo.

O marfim amarello é aquelle que os indigenas enterram, até achar occasião de vendel-o e para subrail-o á cubiça dos chefes.

O marfim fossil encontra-se nos cemiterios de elephantes. Este animal, chegando á velhice (quatrocentos ou quinhentos annos) e comprehendendo pela diminuição das suas forças que seu fim está proximo, procura no centro das florestas o logar onde seus similhantes foram morrer; achado o logar, ajoelha-se e espera pela morte.

Estes cemiterios são geralmente situados em um claro do matto, e ás vezes cercados por grandes rochedos.

O viajante que descobre um cemiterio de elephantes acha n'elle uma fonte de incalculavel riqueza. Montões de marfim estão ali no chão. Este marfim, mais barato que os outros, tem, ainda assim, valor elevado na Europa.

BAHIA DOS ASSASSINOS

—

Perdida no meio do grande Oceano Austral e correndo de norte a sul, acha-se uma terra que tem pouco mais ou menos a extensão da França e a forma da Italia, cortada a cousa d'um terço por um estreito que faz d'ella duas ilhas.

Esta terra é a Nova Zelandia, descoberta em 1402 por Abel Jansen Tasman e denominada por elle terra dos Estados, nome que depois perdeu para tomar o de Nova Zelandia.

Tasman nunca abordou essa ilha. Atravessou o estreito que separa as ilhas e foi lançar a ancora em uma bahia; mas, atacado pelos indigenas, que chegaram a matar-lhe alguns marinheiros, levantou ferro, depois de dar á bahia o nome de bahia dos Assassinos, pelo qual ainda hoje é conhecida.

Durante mais d'um seculo esta terra foi como um sonho: chamaram-lhe *Terra australis incognita.*

Em 7 d'outubro de 1769 Cook encontrou-a e reconheceu os habitantes por um desenho que deixara Tasman. A recepção que elles lhe fizeram não foi mais lisonjeira do que a que tivera aquelle navegador, e como Cook não obteve d'elles nem sequer os generos de mais necessidade de que carecia, poz o nome á bahia em que ancorou de bahia da Pobreza.

Cook, porém, não deixou sem premio a falta de humanidade d'aquelles malvados.

Um mez depois da passagem de Cook, um outro navegador, por nome Surville, assaltado por uma tempestade, teve de refugiar-se n'aquella bahia, e como os habitantes se apresentassem em uma actitude hostil, travou-se o combate, cahindo em poder dos europeus o chefe, de nome Nanqui-Noui, o qual morreu durante a viagem.

Muitos selvagens ficaram mortos no campo da batalha, outros escaparam fugindo; mas Surville incendiou as aldeias.

Fusilados por Cook, exterminados por Surville, os novos-zelandezes protestaram tirar cruel desforra com os primeiros navios que ali aportassem. Esses navios foram o *Mascarin* e o *Castries*, que ali chegaram, deitando ancora da parte do norte da ilha em 16 d'abril de 1772. Os dous navios vinham da terra de Van-Diemen, sob o commando do capitão Marion, official distincto.

A BAHIA DOS ASSASSINOS

Não cabe nos limites d'este artigo dar conta das numerosas atrocidades que os selvagens commetteram sobre as tripulações dos dous navios, apesar da energica resistencia que a marinhagem lhes oppoz e das sabias ordens do capitão, que n'essa triste conjunctura se portou como um verdadeiro heroe. Mas, infelizmente, o capitão Marion foi do numero das victimas d'este terrivel encontro.

Os que escaparam, collocando-se sob as ordens do immediato Crozet, tomaram uma terrivel vingança, levando tudo a ferro e fogo.

A' luz sinistra do incendio, que tomou proporções collossaes, em 14 de julho de 1772, os dous navios *Castries* e *Mascarin* fizeram-se de vela da bahia dos Assassinos, nome pelo qual ainda hoje é conhecido dos navegadores aquelle sitio de taes tristes recordações.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 25

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 17 DE FEVEREIRO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— O estreito do rei Jorge — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Os conhecimentos uteis — Pedido (poesia) por Eduardo A. Vidal — Como uns pequeninos animaes preparam uns grandes continentes, por Gonçalves Cardoso — A eloquencia forense, por Adolpho Salazar — S. Vicente de Paula — Os homens uteis de todos os paizes: Washington — Os Gauchos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Allemanha — Amor? (poesia) por José Caldas — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Datas memoraveis de Portugal: Victoria em Damão — Zig-Zags: Resposta atrevida d'um portuguez — Amor proprio — Tomada de Jerusalem — Charada — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Uma familia selvagem — Casa de S. Vicente dePaula — Jorge Washington — Jerusalem.

O ESTREITO DO REI JORGE

O estreito do rei Jorge está situado na extremidade sudueste da Nova Hollanda. A doçura do clima e a segurança da bahia, da mesma sorte que os costumes dos selvagens que habitam as margens, tornam esse ponto digno da attenção do leitor curioso.

UMA FAMILIA SELVAGEM

Os naturaes d'aquellas paragens são de talhe medio e constituição um pouco delicada. Poucas vezes abandonam o seu vestuario, que consiste em uma pelle de kanguru, e até, quando o inverno é rigoroso, usam-a virada com o pello para dentro. Comtudo de verão não é raro ver familias inteiras nuas, com uma simples faxa na cintura. A faxa é feita de uma tira de lã fornecida por um animal chamado opossum, que ali abunda. Os homens toucam-se artisticamente com pennas vistosissimas e usam tambem colares da mesma especie.

As mulheres usam o cabello curto e sem ornato.

Ambos os sexos costumam pintar a parte superior do corpo com uma côr vermelha, misturada em gordura, a qual lhes dá um aspecto muito singular. Em signal de luto os homens traçam um risco branco na testa e nas faces; as mulheres cruzam esses riscos em varias direcções, do que provém terem o corpo cheio de cicatrizes.

Os selvagens que habitam no interior das terras são aquelles cujos costumes menos teem variado desde tempos remotos.

Como vivem da caça, usam durante o estio pôr o fogo a uma grande extensão de matto, e, escondidos pelo fumo, deixam-se ficar á espreita nos sitios por

onde a caça deve fugir. E' assim como apanham os kangurus, matando-os depois á lançada. Depois que o fogo se extingue vão procurar nas cinzas os lagartos e serpentes, comendo-as sem a menor repugnancia. Na primavera não teem outros recursos além dos ovos e ninhos d'aves.

Ordinariamente são pescadores; mas como não teem barcos nem redes, apanham o peixe com a lança, espiando o momento em que elle vem á tona d'agoa.

São pouco delicados na escolha dos alimentos; comem todos os insectos, que encontram.

Teem dansas muito variadas e conhecem alguns remedios vegetaes. Tratam com habilidade a mordedura da serpente.

As suas cabanas são grosseiras; não teem instrumentos de nenhuma especie pela rasão de que não conhecem occupação alguma regular.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

III

«No dia seguinte, pouco antes da hora aprazada para a entrevista, procurei Paulo, e referi-lhe o succedido. Depois de me escutar com toda a attenção, o meu amigo declarou-me achar pouco prudente o passo que eu ia dar.

«Insisti com elle para se explicar; mas, por unica resposta, obtive de Paulo um encolhimento d'hombros e o mais profundo silencio.

«Bem pouco lisongeiado com o procedimento do meu amigo, deixei-o, ao que parecia, absorto em profunda meditação, e dirigi-me para a elegante casa em que Laura habitava em uma das mais formosas ruas do aprazivel bairro de Buenos Ayres.

«Por inutil, não refiro o que entre nós se passou durante essa entrevista de meia hora. O que devo dizer é que a indizivel saudade com que, n'essa tarde, deixei a casa de Laura, não foi, por certo, menos intensa, do que a de nossos primeiros paes ao abandonarem para sempre o Jardim das Delicias.

«A conversação de Laura, os seus protestos, os seus juramentos d'uma affeição vehemente, inquebrantavel, eterna; as suas lagrimas, rolando-lhe como aljofares pelas faces mimosas, e alternadas com sorrisos da mais doce expressão; tudo me impressionara tão profundamente, que por mais que, n'essa occasião, me exforçasse para isso, não poderia explicar o que sentia.

«Dominado pela mysteriosa influencia das seducções d'aquella mulher, como que perdera a consciencia. Parecia que o homem cedera ao automato. O coração pulsava-me desordenado em estos vulcanicos. A imaginação hallucinada supplantara a rasão.

«Caminhei ao acaso por algumas das ruas da capital. A violencia da paixão tornara-me louco.

«Era noute cerrada quando cheguei a casa. Entrei agitado.

«Meu pae, que já estava prevenido por alguem das minhas relações com Laura, adivinhou a causa da minha extranha perturbação.

«Quando entrei na saleta, passeava elle ahi a passos largos, como que dominado por singular preoccupação.

«Beijei-lhe, reverente, a mão, e tremi ao ver o olhar severo com que me fitava.

—«Snr. Jorge, me disse elle em um tom extranho, mixto de colera concentrada e de desgosto; pelo que vejo, tenciona acabar com os meus dias no meio de amarguras; quer fazer-me victima dos seus desvarios!...

«Foi tão forte a impressão que recebi ao ouvir aquellas palavras amargas, aquelle olhar severo calou tão fundo em meu coração, que me senti perdido. Não achei palavras com que defender-me. Confessei-lhe tudo no meio de soluços.

«Meu pae sentara-se. Recostara o braço direito sobre uma pequena mesa, e apoiara o rosto na mão. Escutava-me absorto.

«Quando terminei a minha confissão, indicou-me uma cadeira junto d'elle, fazendo-me signal para me sentar. Obedeci.

«Então o austero ancião, cujas venerandas cãs brilhavam á luz tremula do castiçal que nos allumiava, proseguiu com voz commovida:

«—Jorge, fizeste bem em confessar-me tudo. Eu já tinha perfeito conhecimento da verdade; mas nem por isso aprecio menos a tua confissão. Não queiras amargurar ainda mais os dias d'esta existencia, que a morte de tua santa mãe tão pesada e triste me tornou. Reflecte um pouco. Faze por esquecer essa mulher, que tão nociva influencia póde vir a ter no teu futuro. Não me contraries. Peço-t'o pela memoria da santa que por nós ora nos ceos!

«E duas lagrimas assomaram aos olhos de meu pae.

«Aquella violenta dôr commovia-me. A invocação do nome de minha mãe, que eu perdera no alvorecer da existencia, mas cujas caricias ainda não podera olvidar, me levaram a prometter ao desventurado ancião que faria por esquecer aquella paixão fatal.

«Baldada promessa, entretanto! Quem póde, na juventude, lançar algemas ao coração?

«No dia seguinte, ao despertar, a lembrança do que se passara na vespera adejara-me no espirito, similhante á nuvem tenue e pequenina que se libra na immensidade do espaço. A imagem de Laura, essa sim, apparecia clara e distincta em minha mente.

«Por espaço d'alguns dias continuaram as visitas á minha amante.

«Despresei o cumprimento dos mais sagrados deveres. O estudo, o *meio* unico, pelo qual poderia vir a ser alguma cousa, abandonei-o; a conversação com os homens instruidos, que eu d'antes tanto apreciava, aborrecia-me. Poucas horas me detinha em casa. Algumas vezes nem nas occasiões de refeição apparecia. Entre meu pae e eu cavara-se um abysmo. Uma frieza, apparente sim, não vacillo em dizel-o, substituira os carinhos, que outr'ora me eram prodigalisados.

«A colera concentrada que suffocara o ancião, devia um dia estalar. Por mais solido que seja o açude, quando a massa d'agoas que elle retem, engrossa descommunalmente, a obra de Deus destroe a dos homens, e a corrente precipita-se impetuosa, assoladora, terrivel.

«O violento estado moral em que me achava, affectava-me a saude. Perdera a vontade de comer; entretanto, na presença de meu pae, contrafazia-me o mais possivel, apparentando algum appetite. O ancião, porém, lia-me no intimo.

(Continua) ALBERTO CARLOS

OS CONHECIMENTOS UTEIS

(Conclusão)

Fallando do calçado, urge que digamos alguma cousa das meias.

A sua invenção é recente. Foi, segundo se diz, uma mulher que inventou a arte de fazer meia; mas ignora-se o seu nome e a epoca em que viveu. As primeiras meias eram de fio de lã e foram excessivamente raras antes de conhecer-se o tear de as fabricar, que tornou o seu uso quasi geral. Tambem se ignora quem foi o inventor do tear de meia. Auctores ha que attribuem essa engenhosa machina a um serralheiro da Baixa Bretanha, o qual depositou nas mãos de Colbert um par de meias de seda fabricadas á machina, para elle as entregar a Luiz XIV. Sabe-se que o primeiro par de meias feitas a agulha foram usadas, como objecto de grande luxo, por Henrique III, rei de França, nas bodas de sua irmã que casou com o duque de Saboya. Os interessados em que a nova arte não fosse por diante peitaram um criado particular do rei, que cortou algumas malhas ás meias famosas, fazendo assim regeitar uma machina que o inventor levou para Inglaterra, onde foi acolhida com grande enthusiasmo.

Em 1656 foi reimportada essa machina em França por João Indret, que, por um esforço prodigioso de memoria, soube constituil-a com a maior exactidão. Em

1808 aperfeiçoou-a Wiedeman, sargento de infanteria.

A côr das meias foi durante muito tempo a do trajo, com o qual se combinavam; mas ha cousa d'um seculo que a côr se tornou indifferente.

A camisa é uma peça do vestuario tão indispensavel como as meias, e comtudo a camisa é muito moderna; ignora-se porém quando foi inventada. A principio era de fazenda de lã e gritava-se contra o luxo da rainha de França Isabel de Baviera, porque tinha duas camisas de linho.

No vestuario feminino ha uma especie d'estofo que merece um pouco d'attenção: é as rendas. Pensa-se que as primeiras rendas foram fabricadas em Veneza ou Genova; foi pelo menos d'essas duas cidades que ellas vieram para as nossas regiões.

Em França, aonde o luxo das rendas se tornou excessivo, fazendo sahir do reino sommas fabulosas, porque as rendas eram carissimas, foi necessario dar uma lei em 1629 prohibindo trazer renda que custasse mais de tres libras a vara. Esta prohibição deu logar ao estabelecimento das importantes fabricas de Alençon e Argentam, e pouco depois multiplicaram-se na Hollanda e na Inglaterra.

Em 1809 foi inventado por Dervieu e Piaud, de Santo Estevão, um tear de fazer renda, que diminuiu muito o trabalho e o preço d'esse estofo. Em 1812 um tal Penet, de Lyon, inventou tambem um tear de fazer renda, com fundo de fio, ouro e prata. O antigo tear havia sido aperfeiçoado por João Tremel, mecanico allemão, pensionado pelo governo francez e fallecido em 1803.

Emfim consagremos algumas palavras á arte de lavar, visto ter bastantes relações com a arte de vestir.

Os povos antigos não conheciam o sabão, substituindo-o de differentes modos. Jacob falla de lavar os seus vestidos em uma cova com a herva de borith, que era provavelmente uma planta que continha soda. Homero representa Nausica occupada em pisar com os pés, em uma cova, ella e outras companheiras, os seus vestidos, para os lavar. Os gregos e romanos empregavam differentes especies de terras, plantas, etc. Algumas nações ainda hoje não conhecem outros meios.

Depois da descoberta do sabão, uma rotina cega presidiu até aos nossos dias á lavagem da roupa, que era mais ou menos prejudicada ao torcer, bater ou pisar. Berthollet foi o primeiro que applicou o acido muriatico oxygenado á lavagem (1787). A sua descoberta foi um grande beneficio para as artes; mas exige um grande numero de conhecimentos que não a tornam accessivel senão a um pequeno numero d'individuos, especialmente por causa do preço da potassa. Higgins, chimico irlandez, tornou aquelle processo mais economico empregando o sulphureto de cal. Chaptal, aproveitando em 1799 um processo oriundo do levante, imaginou a lavagem por um meio muito simples e muito economico: é a lavagem a vapor. As fazendas ganham por este meio mais duração, porque não são torcidas, nem batidas, nem pisadas, e entretanto ficam muito mais limpas do que pelo antigo processo.

Em 1809, Plaisant, de Valenciennes, imaginou um outro processo de lavagem, por meio das materias animaes, e finalmente, em 1820, Cadet, de Vau, inventou um processo para lavar a roupa por meio do emprego da batata.

E temos concluido o nosso trabalho. Tirará o leitor algum proveito de saber o que aqui deixamos explicado ácerca dos nossos vestidos, do calçado, da arte de fazer pannos, dos meios de lavar a roupa suja? Tira sem duvida; não ha nada que não seja util saber. Fica sabendo pelo menos que as artes uteis não param e que a marcha da civilisação não para e acompanha o movimento que lhe imprime a prodigiosa actividade humana.

PEDIDO

A abelha vive do nectar
Só da flor;
Eu vivo dos teus sorrisos,
Meu amor.

Se a rosa dissesse á abelha
Lá n'um dia:
«Vae-te, insecto!» a pobresinha
Que faria?

Girando, zumbindo em torno
Da cruel,
Nunca mais fabricaria
Doce mel.

Talvez de pena morresse,
Que sei eu!
Talvez o vento a levasse
Pelo ceo.

Não me digas nunca «Vae-te»!
Como a flor,
Que eu morrera como a abelha,
Meu amor.

Eduardo A. Vidal.

COMO UNS PEQUENINOS ANIMAES PREPARAM UNS GRANDES CONTINENTES

(Conclusão)

Sabe-se que, em pleno mar, veem-se elevar do meio das agoas columnas de chammas e lavas de vulcões submarinhos. A terra treme no fundo do mar muitas mais vezes do que nos continentes, e algumas occasiões apparecem ilhas novas, e outras mais antigas são submergidas de repente.

Quando similhantes abalos teem logar debaixo das edificações das madréporas, a sua superficie fica ondulada e apresenta uma serie de colinas ou cordilheiras.

As camadas horizontaes elevam-se successivamente até ficarem verticaes, e affectam então formas pittorescas, que se cobrem de verdura, quebram a força dos ventos, fazem parar as nuvens, e preparam a origem das torrentes, cujas agoas, reunidas, mais tarde, em ribeiros, vão cavar seus leitos no meio de valles, que fertilisam depois, e fornecem ao homem agoa doce agradavel. As Maldivas, Marquezas, Palaos e mil outras ilhas não teem outra origem mais do que as edificações das madréporas pelas convulsões sbmarinhas. O terreno da Australia dizem que é quasi todo formado d'esta maneira, e é de presumir que ainda um dia se engrandeça mais por este meio. Se os polypos trabalham hoje em erigir novas terras, nós tambem lhe devemos muitas regiões nos antigos continentes. Os restos das conchas e as construcções dos polypos enchem quasi por toda a parte as grandes bacias de terrenos primitivos que a sciencia considera, com rasão, como o fundo de antigos mares, cheios em partes por testaceos e polypos. E' aos immensos depositos que é necessario muitas vezes attribuir a forma horizontal das nossas planicies, que a natureza parece ter encarregado estes animaes de sustentar.

Não é grande objecto para o estudo e para a meditação o trabalho silencioso e continuo d'estes artistas microscopicos, chamados a mudar a superficie da terra, e a deslocar, pela unica acção da sua industria, o proprio leito do Oceano? Um dia virá, talvez, em que milhares d'ilhas, reunidas pelo trabalho das madréporas, se elevarão no meio do Oceano Pacifico, como uma vasta terra sobre a qual os habitantes do velho mundo, depois de terem deixado suas praias, que o mar ameaça a cada instante, virão trazer os fructos salutiferos da civilisação. As madréporas gastam mais de cem annos, diz-se, por cada meio pé que elevam de terreno.

Gonçalves Cardoso

A ELOQUENCIA FORENSE

(Continuação)

Posteriormente, os oradores de Athenas afroixaram um tudo nada essa extrema severidade. Os discursos começaram de ser mais ornados, mais patheticos, mais maviosos, mais commoventes: todavia, um gosto assisado e apurado regulava sempre os gestos e movimentos. A graça e o deleite da eloquencia eram emanados da rasão e da verdade, e a gloria d'essa republica foi a de possuir oradores, que foram o recurso da sua patria, os modelos de todos os seculos, de todos os povos, incluindo os romanos.

Em Roma, esse amplifico theatro das artes e dos talentos, a eloquencia guindou-se ao mais altaneiro gráu de perfei-

ção e de gloria. Os romanos fizeram d'ella o seu unico estudo, a sua unica delicia, o unico caminho que conduzia ás maiores honras. Comtudo, teve tambem, como na Grecia, a sua decadencia. Distinguem-se as differentes idades da eloquencia romana por caracteres differentes. Catão, os Gracchos, Scipião e Lælius foram os mais celebres oradores da primeira idade; Antonio, Crassus e Cicero constituiram a gloria da segunda e o exemplo edificativo de todos os outros. No entanto, Brutus, Messalla, Julio Cesar podem equiparar-se áquelles grandes talentos, e não foram muito inferiores a Cicero.

Este tinha tomado para modelos Demosthenes, Platão e Isocrates. Animado d'essa nobre emulação, que só o genio póde excitar em um grande coração, trabalhou para reunir em si o merito d'estes tres oradores, e conseguiu-o. O resultado correspondeu aos seus trabalhos e á sua nobilissima ambição: eram admirados nos seus discursos a força e a vehemencia de Demosthenes, a fluencia de Platão, a elegancia e a amenidade de Isocrates. Alguns o acham superior a Demosthenes, outros dão-lhe o segundo logar na fileira dos oradores. Esta velha contestação, de que não pretendemos nem podemos ser juiz, mais realça a gloria dos dois rivaes.

ADOLPHO SALAZAR

(Continua)

S. VICENTE DE PAULA

—

S. Vicente de Paula nasceu em 1576 em uma pequena aldeia, perto dos Pyreneos. Os paes eram uns pobres lavradores, que viviam muito mal, com seis filhos que tinham. Vicente, que era o terceiro, guardava os rebanhos pelos montes.

A esforços d'um parente seu, o joven pastor entrou para um convento de franciscanos, onde recebeu a primeira educação, e o ardor com que se applicou ao estudo determinou o pae a deixal-o seguir a carreira ecclesiastica. Ordenou-se padre em 23 de setembro de 1600.

Tendo que ir a Marselha tratar de alguns negocios, um seu amigo propozlhe voltar á sua cidade natal por mar; Vicente acceitou, e, durante a viagem, uns piratas turcos aprisionaram tudo e levaram para a sua terra os homens, que foram vendidos na praça publica.

Vicente foi comprado por um renegado de Nice, a quem teve a habilidade de converter, voltando ambos para Avignon.

Pouco depois foi nomeado cura d'uma egreja nos arrabaldes de Paris, d'onde passou para preceptor da rica familia de Gondi.

Foi durante o tempo que esteve n'esta casa que elle meditou a grande obra que lhe deu celebridade em todo o mundo christão. A primeira cousa que fez foi ir visitar os carceres onde os miseros criminosos gemiam sob os maus tratos, e prodigou-lhes consolações e chegou a conseguir que os tratassem com mais humanidade. Em seguida tratou da fundação do collegio que tinha por fim educar os ecclesiasticos que deviam levar para as aldeias os soccorros aos fracos e a consolação aos afflictos. Mas a mais meritoria das instituições de Vicente de Paula foi a do hospicio das creanças abandonadas.

As relações do tempo dizem ser incalculavel o numero das creanças que todas as noutes eram expostas pelas ruas. Vicente, mesmo pelo tempo mais desabrido, ia pela cidade fóra e recolhia as creanças que encontrava, indo em seguida entregal-as no hospicio, onde damas caridosas se encarregavam d'ellas.

O rei Luiz XIII morreu nos braços do santo ecclesiastico, e na administração d'Anna d'Austria foi chamado para entrar no conselho dos negocios ecclesiasticos, cargo que acceitou sómente para melhor exercer o seu benefico ministerio. As memorias do tempo referem que nunca Vicente de Paula assistiu ao conselho que não pedisse alguma cousa para os seus pequenos orphãos e pobres doentes.

CASA DE S. VICENTE DE PAULA

Minado por uma enfermidade que havia muito o perseguia, o illustre varão falleceu em 27 de setembro de 1660. O cadaver esteve exposto até ao dia seguinte, sendo enorme a multidão que concorria vel-o, notando-se entre os homens do povo, os grandes fidalgos, que sabiam comprehender a grande obra do homem que sahia do mundo, deixando porém o seu nome vinculado a instituições immorredouras.

A pedido de illustres personagens, o papa Clemente XII canonisou Vicente de Paula em 16 de junho de 1737. A egreja festeja-o a 19 de julho.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XI

WASHINGTON

Nascido em 1732 no condado de Fairfax, nos Estados Unidos, Jorge Washington dedicou-se muito moço á carreira militar, e seguiu os postos até ser ajudante do general Bradhock, distinguindo-se na guerra de 1754 entre os francezes e inglezes, nas fileiras dos quaes combatia.

Tendo-se retirado depois da guerra, Washington vivia tranquillamente no seio da sua familia, quando estalou a guerra da independencia, por meio da qual as

provincias unidas queriam saccudir o jugo da Inglaterra. Chamado ao commando em chefe pelos colonos revoltados, principiou a sua carreira gloriosa em Wilmington. Durante esta extensa guerra soube contemporisar como Fabio e combater e vencer como Cesar.

O mais brilhante feito de armas de Washington foi o de 1781, em que obrigou lord Cornwailles a depor as armas, constituindo-se prisioneiro com todo o seu exercito. Esta victoria produziu a paz e assegurou a independencia dos Estados Unidos.

Eleito presidente por unanimidade, Washington soube affirmar por meio de sabias leis a nova potencia da joven America. Mostrou no exercicio das suas funcções um zelo e uma dedicação que, não obstante, não o impediram de ser alvo da inveja e da intriga d'alguns maus cidadãos. Mas a nação soube fazer-lhe justiça e o general legislador foi de novo eleito presidente quasi por unanimidade dos suffragios dos seus concidadãos.

Ao acabar a presidencia, em 1797, Washington, abandonou a sua alta posição para se retirar á Virginia e dedicar-se á agricultura. Recebeu com uma simplicidade antiga as homenagens e agradecimentos dos seus concidadãos reconhecidos, e conservaram-lhe o commando supremo dos exercitos americanos.

Washington falleceu em 1799, ao cabo d'uma doença d'algumas horas, contando sessenta e sete annos d'idade.

OS GAUCHOS

(Continuação)

Tupac (nome d'origem selvagem) era um dos gauchos que de melhor credito gosavam em toda a extensão dos pampas. Rico á força de trabalho, possuia um prestigio sobre todos os outros homens, e era elle o que decidia as questões na qualidade de juiz, e como tal a sua justiça era sempre expeditiva, mas severa e imparcial.

Uma manhã achava-se sentado á porta da sua larga cabana quando se lhe apresentou Nolo, joven de vinte a vinte e dous annos, cuja presença varonil chamava geralmente a attenção e cujo valor tocava as raias da temeridade.

Nolo tinha domado os touros mais bravos; tinha vencido todos os gauchos que lhe propunham desafio, e ninguem montava a cavallo como elle e atirava o laço aos animaes selvagens para os aprisionar.

Era o filho da independencia e da natureza.

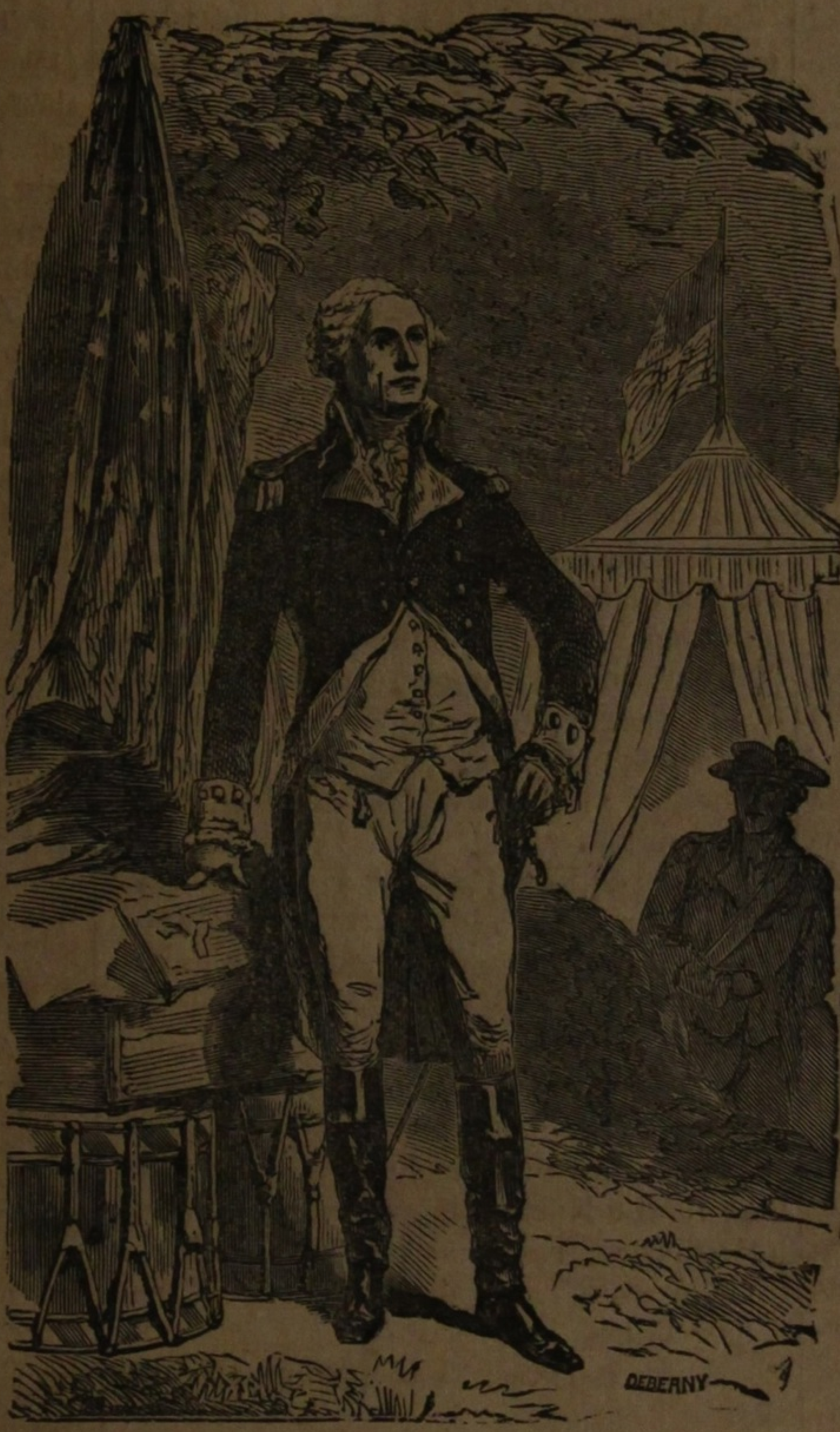
Com a sua calça larga e guarnecida de botões dourados, o seu chapeo de palha d'abas largas, a sua faxa listada de côres vivas, e cujos froques lhe cahiam do lado esquerdo, a sua jaqueta de veludo azul, Nolo era o typo perfeito, admiravel, do destemido *pampanero*, ou habitante dos pampas, bravio como o touro, indomavel como o leão, ameaçador como a tempestade dos Andes.

Tupac encarou-o e disse-lhe ao cabo d'alguns instantes:

—Que queres, Nolo? Pretendes alguma cousa de mim?

—Venho fallar-te d'um negocio que me interessa.

Tupac perguntou:



JORGE WASHINGTON

—Roubaram-te acaso algumas cabeças de gado?

—Não; nada falta no meu rebanho, respondeu o rapaz com voz firme, mas um pouco commovida. Outro assumpto me traz á tua cabana.

—Explica-te então, disse Tupac interrogando-o ao mesmo tempo com o seu olhar vivo e penetrante.

—Venho pedir-te a tua filha Soledade por esposa.

—Minha filha esposa tua! exclamou Tupac soltando uma sonora e ironica gargalhada.

Ao escutal-a, Nolo recuou um passo como se experimentasse um movimento de colera e desgosto.

—Vejo que zombas de mim, Tupac, respondeu o atrevido gaucho com presistente firmeza. Eu sei que és rico, que queres casar tua filha com um pastor que tenha tanta ou mais riqueza do que tu; mas tambem devo dizer-te que se o dinheiro é o que constitue a riqueza, esta, entre nós, provém do valor pessoal. Podes nomear-me, Tupac, um homem que se me ponha diante?

O gaucho Tupac tomou um ar de gravidade, que condizia com as palavras de Nolo.

O argumento d'este era sem replica. Negar que aquelle joven era o mais valente dos que percorriam as grandes planicies da America do norte, era expor-se ás mais serias consequencias.

Tupac reflexionou sem dizer palavra; mas momentos depois levantou-se do logar em que estava sentado e approximando-se d'uma das portas da sua habitação, gritou:

—Soledade!

A este chamamento respondeu uma voz feminina e delicada, e pouco depois appareceu no limiar da porta a joven mais formosa que é dado imaginar-se. Era a verdadeira filha do Plata, com os seus olhos negros e brilhantes, o cabello lustroso, uma cintura flexivel e delgada, e com um rosto em que se retratavam a encantadora mistura do sangue arabe, hespanhol e americano.

Nolo impallideceu de commoção ao ver o adorado objecto dos seus sonhos amorosos. Tupac tornou a sentar-se no tamborete de que se havia levantado, e, dirigindo-se á filha, disse-lhe:

—Nolo vem aqui com o fim de pedir-me a tua mão, e disse-me que, se não tem riquezas que possam igualar-se ás minhas, possue valor, que é entre nós o que produz a riqueza. E' verdade isto; o gaucho é valente; mas como para casar o que mais falta faz, além das riquezas e do valor, é o mutuo consentimento das partes, devo principiar por perguntar-te: Amas Nolo?

Soledade corou; mas respondeu resolutamente:

—Sim, meu pae; amo-o. Ha mais de dous annos que nós protestamos uma mutua affeição e o passo que Nolo dá é o resultado de combinação que fizemos.

—Ah! Vocês estão d'accordo! disse Tupac. Bem. Todos assim somos quando somos jovens. Ora eu não tenho inconveniente em acceder ao pedido; mas antes da boda, se chegar a realisar-se, quero saber o que vale o homem que hade ser marido de minha filha.

—Queres dizer que necessitas provas? perguntou Nolo vivamente satisfeito.

—Adivinhaste o meu pensamento,

respondeu o velho com um sorriso de satisfação.

—Estou prompto a dar-t'as.

Tupac declarou então ao futuro genro que umas quinhentas vaccas do seu rebanho se tinham extraviado em um dos valles que limitam os Andes e que não encontrava meio de resgatal-as.

—Estão marcadas? perguntou Nolo.

—Estão.

—Então o resto é comigo.

Nolo montou a cavallo, despediu-se e desappareceu.

Tupac disse para a filha:

—Este rapaz é um valente; mas veremos se dá conta do recado.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XX

ALLEMANHA

A Allemanha actual comprehende o imperio da Allemanha, o imperio Austro-Hungaro e o pequeno principado de Lichtenstein. D'este e do imperio Austro-Hungaro já fallamos; resta-nos dizer do imperio allemão, de que nos vamos occupar.

O imperio da Allemanha occupa uma superficie de 545:000 kilometros quadrados e é habitado por 40 milhões de habitantes.

Este imperio tinha cessado d'existir em 1806; e apesar de os tratados de 1815 tirarem novamente á França os territorios que o compunham, a Santa Alliança não o restabeleceu. A Confederação germanica durou cincoenta annos, até á batalha de Sadowa (1866), que deu á Prussia a victoria sobre a Austria e a prepotencia sobre a nova Confederação chamada do norte. Depois da derrota da França em 1870, a Baviera, Wurtemberg e Bade voltaram a encorporar-se na confederação para formar o imperio da Allemanha, cuja coroa foi levada de Berlin a Versailles ao rei Guilherme pelos representantes do governo allemão.

Este imperio federativo, comprehendendo tres cidades livres e o territorio da Alsacia-Lorena tirado á França pelo tratado de 1871, compõe-se de 25 estados, a saber: o reino da Prussia; os tres reinos da Baviera, Saxe e Wurtemberg; os seis grão-ducados de Bade, Hesse-Darmstadt, Mecklemburgo-Schwerin, Oldenburgo, Saxe-Weimar e Mecklemburgo-Strelitz; os cinco ducados de Brunswick, Anhalt-Dessau-Bernburgo, Saxe-Meiningen, Saxe-Coburgo-Gotta e Saxe-Altemburgo; os sete principados de Lippe-Detmold, Reuss-Schleiz-Lubenstein-Ebersdorf, Schwarzburgo-Rudolstadt, Schwarzburgo-Sondershausen, Waldeck, Reuss-Greitz e Lippe-Schauenburgo; as tres cidades livres de Hamburgo, Bremen e Lubeck; emfim o governo da Alsacia-Lorena.

Trataremos primeiramente do reino da Prussia.

Este reino, que tem 355:000 kilometros quadrados e 24 milhões d'habitantes, tem por limites: ao norte o mar Baltico, a Dinamarca e o mar do Norte; a oeste a Hollanda, a Belgica e o grão-ducado do Luxemburgo; ao sul a França, o Palatinado, o grão-ducado de Hesse-Darmstadt, a Baviera, a Turingia, o reino de Saxe e a Austria; a leste a Russia.

A Prussia, elevada a reino em 1701, tendeu sempre a engrandecer-se. Consideravelmente reduzida, ameaçada até na existencia pelas victorias de Napoleão I, ergueu-se desde 1814 e está hoje á frente da *Confederação do Norte*.

A sua posição no meio de estados importantes, assegura-lhe um commercio florescente, favorecido por magnificas estradas e grandes rios, entre os quaes devem mencionar-se o Rheno, o Weser, o Vistula, o Elba e o Oder. A industria está da mesma sorte muito desenvolvida. O solo tem numerosas minas de prata, ferro, cobre, zinco e chumbo; agoas mineraes, que são muito frequentadas; pedreiras de marmores e alabastros; pedras lithographicas e pedras preciosas. Florestas; cereaes, legumes, canhamo, vinhedos. Gado, cavallos, abelhas. O solo é muito fertil.

A capital da Prussia e do imperio é Berlin, linda cidade de 700:000 habitantes, sobre o Sprea. As ruas são notavelmente bellas. Edificios soberbos, como o arsenal, onde se admira uma magnifica colleção d'armas antigas; o hotel dos invalidos, hospicio de caridade, a universidade, o museu d'antiguidades, os theatros Real e Nacional; os jardins de Charlottenburgo. Entre as praças a mais notavel é a de Lustgarten e entre as ruas a das Tilias.

A Prussia tem oito provincias, que são:

Brandeburgo, cidade principal Postdam (45:000 h.), cuja curiosidade principal é o castello de Sans-Souci; a Pomerania, cidade principal Stettin, excellente porto, com 60:000 habitantes; o ducado de Posen, capital do mesmo nome, em uma grande e fertil campina, com 45:000 habitantes; a Silesia, capital Breslau (160:000 h.), bella cathedral; Saxe, capital Magdeburgo (80:000 h.), patria de Otto de Guerike, afamado physico; a Westphalia, capital Munster (25:000 h.), celebre pelo seu importante commercio de linho, canhamo, azeite; a provincia do Rheno, cuja capital é Coblentz (25:000 h.); o Hohenzollern; cidades principaes Hechingen e Sigmaringen, berço da familia real da Prussia.

Os paizes anexados em 1866 são:

O Sleswig-Holstein (Slie), cidades principaes Kiel (20:000 h.) e Altona (55:000 h.); o ducado de Lauenburgo, com a cidade do mesmo nome, sobre o Elba, por capital; o Hanovre, capital a cidade do mesmo nome (80:000 h.), patria do astronomo Herschel; Hesse-Cassel (40:000 h.), onde visitaremos Wilhelmshœhe, logar de captiveiro de Napoleão III; Hesse-Homburgo, capital Homburgo, notavel pelos banhos mineraes; o ducado de Nassau, capital Wiesbaden, onde ha excelentes agoas thermaes e que produz bons vinhos intitulados de Johannisberg; emfim Francfort sobre o Meno, cidade livre de 70:000 habitantes, patria de Goethe, e onde se assignou o tratado de 1871; commercio importante.

Temos ainda a mencionar Colonia (120:000 h.) com a sua magnifica cathedral; Koenigsberg, praça forte e patria do celebre philosopho Kant; Dantzig, que é a principal praça maritima da Prussia; Aix la Chapelle, residencia de Calos Magno, etc.

A Prussia possue ainda, no grão-ducado de Oldenburgo, á entrada da bahia de Jahde, um territorio sobre o qual estabeleceu o porto fortificado de Wilhelmshafen, e as ilhas Rugen (35:000 h.), Usedom (11:000 h.), Wollin 6:000; todas tres no mar Baltico.

(Continua)

AMOR?

Não póde ser amor... mas que infinito
E' este que me enleia eternamente?
Que é isto que a minh'alma soffre e sente
Quando, como a tremer, teus olhos fito?

Não é... não póde ser... Mas quem me enleia
Ao pé de ti, creança, como vês?
Quem me impõe n'estes pulsos a cadeia
Que me acorrenta assim junto a teus pés?

Amor? Não póde ser! Mas tenho mêdo
Das luctas que me vão dentro do seio.
Fujo... não quero ler... mas tremo e leio
Nos teus olhos, creança, o meu segredo!

Amor? Não é. Meu Deus! Eu sei que minto;
Mas que inferno! Maldita humilhação!
Mas diz-me tu, creança, o que é que eu sinto,
Remorsos? Nem eu sei! E' maldição!

José Caldas

OS CAVALLEIROS DO AMOR
ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XIV

O FIM DA HISTORIA

Passaram dez mezes. Tinham-se ajustado as pazes entre os reis de Castella e França; mas o conde de Estremoz não

podia apresentar-se na côrte do monarca castelhano. Era o unico a quem a clemencia de D. Affonso XI não tinha alcançado.

Branca de Fuentidueña deu á luz uma creança, que Tello d'Attares levou para o seu castello.

A condessa d'Estremoz, depois de melhorar, costumava ir muito a miudo ao castello d'Attares, e quando voltava, quasi sempre a acompanhava um cavalleiro. Todas estas imprudencias tinham precisamente de dar mau resultado.

Uma noute que Tello estava sentado aos pés de Branca, mostrando-lhe um relicario que tinha na mão, viu de repente erguer-se no fundo do quarto uma sombra que ao approximar-se fez exalar um grito de terror a Branca. O amante d'esta ergueu-se immediatamente; mas tornou a cahir, atravessado o coração pelo punhal do conde de Estremoz.

Um grito de terror sahiu dos labios de Branca, que abandonou a sala immediatamente.

—Eis o teu merecido premio, infame cavalleiro! gritara o conde ao cahir sobre Tello.

O filho de Brenda ficara exanime, e ao cahir, sahiu-lhe das mãos o relicario que estava mostrando a Brenda.

Furioso o conde recolheu-o e cego de colera observou o retrato que n'elle estava.

Um grito rouco, d'uma expressão indefinivel, sahiu-lhe dos labios. Fixou os olhos no joven, cujo rosto iam impallidecendo as sombras da morte, e exclamou:

—São as suas mesmas feições! Será acaso?...

E aterrado não se atreveu a concluir.

Um movimento que fez o moribundo chamou-lhe a attenção, e abeirando-se d'elle, perguntou-lhe com voz afogada:

—Dize: de quem é esse retrato?

Mas Tello não o ouvia.

Ancioso por descobrir aquelle mysterio, chamou os criados, pediu agoa, borrifou com ella o rosto do mancebo, e um movimento seguido d'outros mais preceptiveis fez com que o conde mandasse sahir os criados e tornou a perguntar:

—De quem é este retrato?

—De... minha... mãe, respondeu Tello arrojando as palavras envoltas em sangue.

—Meu Deus! gritou o conde fixando no ceo a vista e sentindo alguma cousa estremecer dentro do seu coração.

—Agoa! murmurou debilmente o moribundo.

—E teu pae quem é? perguntou Tello d'Estremoz com acento angustiado.

—Não... o... conheci!... Deem-me... agoa!

—Não o conheceste? tornou o conde.

—Tinha... seduzido... minha... mãe... e... depois... abandonou-a.

Apoz um violento esforço feito para pronunciar estas palavras, ergueu-se do chão e tornou a cahir pesadamente.

Era cadaver.

Em quanto ao conde, estava petrificado. Largas horas permaneceu contemplando o cadaver do filho.

Quando amanheceu, levantou-se da poltrona em que tinha passado a noute e com um acento estranho murmurou:

—Tinha rasão o monge da cruz de pedra: «Olho por olho, dente por dente!»

E pallido, eriçado o cabello, agitando-se convulsivamente, sahiu do quarto, atravessou por entre os criados, que o contemplavam mudos d'espanto, e de vez em quando ouvia-se-lhe dizer:

—Assassinei meu filho... assim como matei meu pae!...

E a esta exclamação seguia-se uma gargalhada insensata, horrivel, assustadora.

Depois internou-se no bosque e ninguem mais soube d'elle.

Em quanto á esposa adultera, temendo pela sorte do filho, foi refugiar-se no castello de Attares. O filho foi tronco da familia dos condes de Fuentidueña.

O palacio do monte de Leganites permaneceu deshabitado, e entrou de circular a noticia dos successos que deixamos narrados e d'ahi nasceu o titulo de *Casa dos Diabos*, com que a superstição popular o alcunhou.

A esta casa, que toda a gente julgava deshabitada, era que D. Luiz se dirigia.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

VICTORIA EM DAMÃO

Acabava o vice-rei da India D. Constantino de Bragança de conquistar a cidade de Damão, quando chegou a noticia de que tres mil abexins, quasi todos de cavallo, andavam infestando a visinhança com o intento d'obstar ás operações por meio das quaes o vice-rei tratava de consolidar a nova conquista.

D. Constantino, ao propor o caso em conselho dos seus officiaes, ponderou a necessidade de repellir o inimigo, e fez sentir ao mesmo tempo a impossibilidade de effectual-o em vista do grande numero dos abexins. Disse um dos capitães presentes que para se verem livres de taes inimigos eram necessarios pelo menos dous mil homens. Levantou-se então Antonio Moniz Barreto e disse:

—Deem-me quinhentos e pol-os-hei em debandada.

Deu-lhe o vice-rei os quinhentos homens, e com elles sahiu a campo o destemido portuguez, por uma noute escura, dividindo-se a pequena força por varias partes, e sobre a manhã Moniz Barreto achou-se apenas com cento e vinte homens para fazer frente ao inimigo.

Com isto, porém, não lhe falleceu o animo, e voltando-se para os seus, Moniz instigou-os ao combate, dizendo que em quanto a luz do dia não mostrava quão poucos eram, convinha provar fortuna fiando da força dos braços um successo feliz.

Assim se fez, e o inimigo, julgando que tinha sobre si todo o exercito do vice-rei, poz-se em vergonhosa fuga, deixando em poder dos nossos não poucos despojos, entre os quaes se contavam trinta e seis peças d'artilheria de campanha.

Quando foi dia reconheceram os abexins com dôr e assombro o numero dos atacantes que os tinham vencido, e voltando á carga, querendo d'esta vez recuperar o perdido na primeira, o Moniz fez-lhes vigorosa frente com toda a força que se lhe tinha reunido, e empregando contra os inimigos a propria artilheria que lhe tinha tomado, fez-lhe um estrago muito grande. Mais de quinhentos abexins ficaram mortos e o resto fugiu espavorido diante de tanto valor.

Além das peças d'artilheria já referidas, recolheram os portuguezes grande numero de carros, carregados de muitas cousas valiosas, que Antonio Moniz deixou liberalmente aos companheiros, contentando-se com a gloria singular de ter conseguido duas victorias em um só dia, que foi 16 de fevereiro de 1559.

ZIG-ZAGS

—

RESPOSTA ATREVIDA D'UM PORTUGUEZ

Quando á perda do nosso rei D. Sebastião em Africa succedeu no throno o cardeal D. Henrique, pensava-se em assegurar a successão. O povo pretendia chamar a si o direito da eleição do rei. Diogo Salema, procurador de Lisboa, protestava a el-rei que não fosse servido tomar resolução sem consentimento do povo d'aquella cidade, capital do reino, a quem as outras costumavam seguir nas suas resoluções.

Disse-lhe o rei que o povo não era capaz de se lhe communicar pontos tão delicados e de tão altas consequencias. Ao que o Salema respondeu:

—Senhor, admiro-me justamente de que Vossa Magestade não ache capaz o povo de Lisboa para lhe communicarem o ponto da successão, havendo-o Vossa Magestade achado capacissimo quando o acclamou a Vossa Magestade rei.

—

AMOR PROPRIO

O que mais lisonjeia o amor proprio das mulheres, é ser amadas sem que se atrevam a dizer-lh'o, com a condição porém de que o silencio não seja eterno.

TOMADA DE JERUSALEM

Um só dia de batalha foi bastante para roubar ao reino de Jerusalem o seu chefe e os seus mais intrepidos defensores. Uma rainha desfeita em pranto, os filhos dos guerreiros mortos na batalha de Tiberiada, alguns soldados fugitivos, eram os unicos guardas do santo sepulcro.

Precedido da fama das suas victorias, Saladino apresentou-se sob os muros d'essa capital, cujos habitantes não confiavam senão na misericordia de Deus e do vencedor. Mandando chamar os principaes da cidade, o infiel disse-lhes:

—Penso como vós que Jerusalem é a casa de Deus; eu não quero profanar a santidade pela effusão do sangue. Abandonae-me esses muros e dar-vos-ei uma parte dos meus thesouros.

O desespero deu coragem aos habitantes, que responderam:

—Não podemos ceder-te uma cidade onde o nosso Deus morreu, e ainda menos vendel-a.

O sultão jurou então sobre o Alcorão que tomaria a cidade á viva força.

Começou o cerco, que foi continuando com grande vigor. A cidade contava ainda uma população numerosa; mas os habitantes não tinham mais do que supplicas e orações a oppor ao furor dos atacantes. Os proprios que tinham respondido a Saladino com alguma resolução não pensaram senão em implorar a sua clemencia.

Saladino, lembrando-se do seu juramento, mostrava-se inexoravel.

Um dia que o supplicavam mais instantemente, voltou-se para a praça e mostrou-lhes os seus estandartes que fluctuavam sobre os muros da cidade santa, dizendo:

—Como quereis que vos faça concessões se se não trata senão d'uma cidade tomada?

Mas os sarracenos foram repellidos, e o sultão, receando o desespero dos atacados, fez reunir os doutores da lei e perguntou-lhes se podia quebrar o juramento feito de tomar a cidade d'assalto. Os imans e cadis decidiram em favor da humanidade, e o que é digno de notar é que a sua decisão baseou-se nas subtilezas d'Aristoteles, traduzido em arabe.

Saladino concedeu a vida aos habitantes. Ao cabo de quatro dias de cerco entrou triumphante em Jerusalem.

Fazia parte do sequito do imperador victorioso Gui de Lusignan, que voltava captivo a uma cidade onde fôra rei; vinte mil guerreiros, aprisionados na batalha de Tiberiada, e conduzidos atraz do carro do vencedor, tornaram a ver com os olhos humidos de lagrimas aquelles muros que a sua coragem não soubera defender.

JERUSALEM

Foi assim que Jerusalem, a cidade conquistada oitenta e quatro annos antes e que tanto sangue custara á Europa, voltou ao poder dos infieis. Saladino, porém, usou da victoria com generosidade.

CHARADA

No que estás agora lendo
Não me vês tu, ó leitor — 2
Mas uma casa em Lisboa
Esta diz e é de suppor — 2

O todo, por consequencia,
Diz uma grande ascendencia.

Explicação do enygma do numero 15:—Gallo.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 26, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 26

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 24 DE FEVEREIRO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto:— A Hollanda — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: O reino animal, por Doutor Jayme — O canto do claustro (poesia) por Marcellino Mattos — A eloquencia forense, por Adolpho Salazar — A cathedral de Bordeaux — Datas memoraveis de Portugal: Tomada de Goa — O Colyseu de Roma, por J. da Silva — Os homens uteis de todos os paizes: Copernico — Os Gauchos — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Realidades (poesia) por Teixeira Bastos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Ainda a Allemanha — Zig-Zags — O carneiro selvagem — O café —Expediente — Prospecto.
Illustrações:— Na Hollanda — Cathedral de Bordeaux — Combates d'homens e feras — Carneiro e cabra selvagens.

NA HOLLANDA

A HOLLANDA

Não é sem rasão que Voltaire chama á Hollanda a mais prodigiosa obra da industria humana. De facto, a Hollanda é a conquista da industria sobre o mar, que parece a todo o momento querer engulil-a, como se fosse um navio já meio destruido pela tempestade.

Mas o que não póde a vontade e a intelligencia do homem?

Quando se examinam os diques que a Hollanda oppõe aos assaltos d'um inimigo tão terrivel e sempre ameaçador; quando se contemplam aquellas cidades tão ricas e florescentissimas, edificadas, como Veneza, sobre as ondas e offerecendo aos seus habitantes um asylo tão seguro como as cidades do centro da Europa; ao ver tudo isso, não póde a gente deixar de admirar a habilidade dos seus primeiros fundadores, que parece disseram ao Oceano como outr'ora Deus na Biblia: «Não irás mais longe!»

Mas, apesar de o homem, á força de energia e intelligencia, ter effectuado quasi por toda a parte a conquista do mundo material, entretanto, quantas vezes a natureza não tem reassumido o seu poder por um modo terrivel, fazendo-o sentir ás fracas creaturas que haviam

tentado domal-o! Quantas vezes, em um só dia, em uma hora, não tem destruido, nas suas grandes coleras, como dizem os poetas, a obra de muitos seculos!

A historia da Hollanda menciona tres grandes innundações, em 1421, em 1430 e em 1686. A ultima foi a mais terrivel. Povoações inteiras foram arrasadas, milhares d'habitantes, rebanhos sem conta acharam a morte nas agoas, que levavam tudo diante de si.

Sem embargo, a Hollanda é um paiz digno de ver-se. Como o clima é humido, favorece a agricultura; ha pastagens magnificas, sitios muito pittorescos. Um d'estes é o que a gravura representa.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

IV

«Em um dia, ao almoço, pouco antes da hora da entrada na repartição, em que elle era empregado, achavamo-nos á mesa. Como sempre succedia desde a entrevista que tiveramos, dias antes, profundo silencio reinava entre ambos.

«Ao terminar o almoço, meu pae fitou-me com um d'aquelles olhares severos, que me faziam estremecer, e pronunciou estas palavras:

«—Snr. Jorge, d'ora em diante nada mais haverá de commum entre nós. Aqui já não ha pae, nem filho.

«A sua desobediencia desautorou-me, fazendo-me perder a esperança que fundava nos seus sentimentos. Todavia, o ludibrio de que fui victima, a offensa que me arrojou, hão-de ser punidos!

«Repugna-me bastante o emprego de meios vigorosos; mas uma vez que a isso me fórça, vou banil-o de minha casa. Dentro em poucos dias fal-o-hei sahir de Portugal.

«As palavras de meu pae haviam produzido em mim effeitos mui diversos. Umas eram vehementes e arrebatadas, e escaldavam como o metal candente; outras, frias e accentuadas, faziam-me estremecer, como se fôra tocado por pedaços de gelo.

«Os extremos são quasi sempre perigosos. Talvez que se meu pae me houvesse fallado com mais brandura, eu tivesse reflectido e obrado d'outra forma; mas a exaltação em que o vi, mais exacerbou o meu estado. Permaneci mudo alguns momentos. A expressão d'aquella colera, como que me aniquilara momentaneamente. Por fim, senti como que um reflexo de coragem, e respondi com algum arrebatamento:

«—Pois seja, meu pae! Expulse-me de sua casa; desterre-me, muito embora do meu caro paiz; abandone-me completamente; mas creia que a minha resolução é inabalavel. Heide desposar Laura!

«Fôra aquelle o golpe decisivo. Meu pae determinara-o com a sua colera; eu vibrei-o pela minha hallucinação. Sabe Deus quanto hoje estou arrependido!

«—Meu Deus! esclamou o consternado ancião, velando o rosto com as mãos.

«Foram as unicas palavras que lhe ouvi. Depois cahimos na immobilidade de estatuas.

. . . .

«Poucos dias depois, na vespera do aprazado para a minha partida, fui despedir-me de Laura, que ouviu, apparentemente commovida, a narração do succedido. Foi tocante essa ultima entrevista com aquella mulher tão violentamente amada.

«Alguns protestos vehementes se trocaram entre nós, n'esse momento dilacerante. Laura deu-me uma farta madeixa de seus formosos cabellos, e eu offereci-lhe um retrato. Depois, abraçamonos commovidos, e separamo-nos.

«A scena que, em seguida, teve logar na casa paterna, não foi menos commovedora. Meu pae abraçara-me effusivamente. Seu rosto havia perdido a severa expressão do costume e os soluços embargavam-lhe a voz.

«Tenho esta firme convicção: o infeliz desejara n'aquelle momento esquecer-se da scena violenta qu entre nós tivera logar havia dias, e perdoar-me. Comprehendi-o; mas não me atrevi a supplicar-lhe o perdão, que, sem duvida, elle deseja conceder-me.

«—O que se seguiu, sabe-o perfeitamente, snr. Motta. Depois que meu pae me acompanhou ao caes onde embarcamos, um reviramento completo se operara em mim. Desde que o escaler largou a terra até que atracou á *Eugenia*, não desfitei os olhos do vulto venerando de meu pae, que nos acenava com o lenço.

«Mais tarde, quasi ao pôr do sol, quando a *Eugenia* deixava o meu querido Tejo, uma casa que se erguia sobranceira a outras, no bairro de Buenos Ayres, attrahia a minha vista. Era a habitação de Laura.

«Quando, horas depois, o navio, qual brinco de creança lançado em lago immenso, sulcava as ondas do Oceano, e a barra de Lisboa já era longe de nós, uma indizivel saudade se apoderou de mim. N'essa occasião não me sería possivel definir o meu estado psychologico. O arrependimento, o remorso, a saudade, tumultuavam desordenados em mim.

«Desde esse dia, como sabe, a minha existencia tem sido um martyrio, que nada ha suavisado.»

E o mancebo suspirou.

O capitão consultou o relogio, voltou-se para o moço e disse-lhe:

—Snr. Jorge, a noute vae adiantada; peço-lhe, pois, que vá repousar, emquanto eu vou observar o tempo.

Levantaram-se. O capitão acompanhou o mancebo até ao seu beliche, e depois de se haver despedido d'elle, apertando-lhe affectuosamente a mão, subiu ao convés, e observou, por alguns minutos, a atmosphera. Algumas nuvemzinhas atravessavam o espaço, impellidas por um ligeiro vento. O maritimo retirou-se de novo á camara com semblante satisfeito e monologando:

—Felizmente, temos mudança de tempo. Estas nuvens annunciam-me o termo da calmaria.

Uma hora depois, grossas nuvens toldavam o horizonte, e uma aragem forte dava impulso á *Eugenia*, que, com os pannos cheios, começou a sulcar com velocidade as agoas do Oceano, que acordara do seu lethargo.

(Continua) Alberto Carlos

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

—

Todas as substancias conhecidas do homem pertencem a um dos tres reinos da natureza; mineral, vegetal e animal. Linneu, um dos mais eminentes naturalistas, distinguiu d'este modo os tres reinos: As pedras crescem; os vegetaes crescem e vivem; os animaes crescem, vivem e sentem.

Como o animal é o mais importante dos tres reinos da natureza, será d'esse que trataremos em primeiro logar.

Os animaes formam uma classe de seres differentemente organisados do que os vegetaes e mineraes, e dotados da faculdade de mudar de sitio, faculdade a que se dá o nome de locomoção e a que está subordinada a sua inteira organisação.

Para distinguir as especies umas das outras é de importancia reconhecer com exactidão as suas propriedades particulares. Um certo numero de *especies* reunidas forma o *genero* ou tribu. As propriedades communs a todos os generos compõem o caracter que distingue um grupo d'outro grupo e se chama *ordem*. Reunindo as ordens que se assimilham mais formamos uma *classe*, e reunindo todas as classes obtemos uma divisão superior, a que se dá o nome de *reino*.

Nós vivemos em um mundo movente d'atomos, e o animal não passa d'uma accommodação de partes em harmonia com o movimento continuo no qual elle existe, o que se effectua pela respiração, que é um processo por meio do qual o movimento dos atomos se transfere ao animal, que, de per si, experimenta em seguida a commoção que recebera. Mas como esta commoção accummulada causa certa dispersão, o segundo caracter do systema animal consiste na economia pela qual as partes se convertem em su-

bstancia pela acção do comer, da digestão e da assimilação.

Como os seres dotados de movimento não podem ter raizes que os prendam ao solo como os vegetaes, os animaes teem um estomago; esta cavidade é para elles o que o solo é para as plantas: os alimentos concentram-se ahi e entretem a existencia da mesma forma que as raizes entretem a dos vegetaes. D'ahi a necessidade de comer a miude, ou encher o vacuo do estomago. Estas raizes animaes produzem o *chylo*, substancia que se encorpora com o systema ao passo que o resto é expellido.

O animal nasceu para o movimento; assim, tem nervos para sentir e uma modificação do nervos para as sensações externas: tem olhos para ver, ouvidos para ouvir, voz para prevenir os outros homens e reclamar soccorro em caso de perigo. Tem ainda orgãos para o cheiro e o gosto, afim de distinguir os alimentos convenientes ao seu estomago; tem memoria afim de tirar proveito da experiencia e gosa da faculdade de raciocinar para dirigir a memoria. Os orgãos dos sentidos e o poder da vontade procedem do cerebro, pelos nervos; mas as funcções da vida animal são sustentadas por uma machina tão simples como admiravel que reside no estomago, nos pulmões e nas visceras.

Os pulmões são os orgãos principaes da respiração; o coração é o centro d'um grande numero de vasos chamados arterias, que, pela sua contracção, expulsam o sangue para todas as partes da machina e o espalham por ella toda.

O systema nervoso pode ser comparado a uma teia d'aranha e o cerebro ao centro em que a aranha está mettida.

Avalia-se em quinze kilogrammas no homem o peso do sangue que as contracções do coração fazem circular. O sangue penetra não só até ás extremidades das arterias, mas infiltra-se nas veias, que o levam ao coração. O mesmo sangue circula do mesmo modo constantemente do coração para as arterias e das veias para o coração, na proporção d'uma onça por cada contracção. O calor e a fluidez do sangue são entretidos pela sua passagem através dos pulmões, onde se acha em contacto com o ar, de que tira o oxygenio. E' aos alimentos preparados no estomago que se deve o chylo, que, a seu turno, forma o sangue.

O coração consiste em quatro cavidapes, d'uma das quaes, chamada *ventriculo esquerdo*, o sangue é expellido para as arterias; a outra, chamada *auricula direita*, repelle-o e fal-o passar para as veias; d'ahi penetra no *ventriculo esquerdo*, onde toma a mesma direcção e segue o mesmo curso até se extinguir a vida.

Os pulmões são vastas substancias esponjosas que enchem quasi toda a cavidade da caixa thoracica, isto é, o peito; aspiram o ar através da bocca e das narinas, erguem-se á medida que se enchem e abaixam-se conforme se esvasiam.

O ar é um gaz que communica ao sangue a sua parte d'oxygenio; d'ahi o calor e a energia do systema.

O acto da respiração renova-se cerca de vinte vezes por minuto, e de cada vez que se toma a respiração aspiram-se cerca de quarenta polegadas cubicas d'ar. O sangue que se acha nos pulmões apossa-se de duas polegadas d'oxygenio, que, ao mesmo tempo, produzem oitenta e oito graos de calor vital e dão ao sangue a sua côr viva. Os pulmões são formados d'uma materia admiravelmente apropriada para operar o contacto do ar com o sangue; a menor ruptura no seu delicado fabrico, o menor defeito na sua acção, bastam para causar a consumpção. A sua superficie é igual á do corpo.

(Continua)

DOUTOR JAYME

O CANTO DO CLAUSTRO

Como tudo aqui é triste!
Nem dos ceos o fogo assiste
N'esta mansão que resiste
D'aurora ao meigo arrebol!
Quem já viu a natureza
Ostentar sua riqueza
Onde não brilha a belleza,
D'onde foge a luz do sol?

Em ferros des pequenina
Aqui dentro, a minha sina
Se desvaira e desatina!
Como a escrava lá no harem,
Sempre em meus votos trahida,
Na amargura arrasto a vida,
Qual a flôr na haste pendida
Esperando o sol que vem!

Quando de pranto é banhada
Minha face, e a mão gelada
Sustenta a Biblia sagrada,
Oro em balde com fervor...
Se eu não sei se dentro d'alma
Hade entrar-me um dia a calma,
Se de martyr me hade a palma
Sombrear da vida a flor!

Quando ruge em furia o vento
Nas arcadas do convento,
Alta noute, e o pensamento
Vae os tum'los revolver,
Ouço a voz de cem donzellas:
Dizem todas que as estrellas
Fulgem lá fóra mais bellas,
Que não queira assim viver.

E não quero, que a ventura
Não na encontro na clausura;
Trocam-se aqui em tortura
Sonhos fagueiros d'amor...
Restitue-me a liberdade,
Dá-me a luz, ó sociedade,
Que eu não posso por vontade
Ser esposa do Senhor!...

Mas em vão delira a mente!
Bate o peito; mas não sente
Que o cilicio eternamente
Torna em gêlo o coração!...
Pompas engeito do mundo,
Mais o seu prazer jucundo;
Que do enferno lá no fundo
Vá sumir-se atra illusão!

MARCELLINO MATTOS

A ELOQUENCIA FORENSE

(Conclusão)

Depois de Cicero a eloquencia perdeu gradativamente a força, a magestade, a gloria. Roma, subjugada por tyrannos, prostituiu á adulação os seus grandes talentos, que até então tinham sido o sustentaculo da patria e da liberdade publica. Desde o reinado de Augusto o numero dos bons oradores diminuiu consideravelmente, e mais ainda o seu merito. Apenas se lobrigam os nomes dos Porcius, dos Cassius, dos Labienus, dos Asinus Gallus, que muito se distinguiram na advocacia.

Com elles desappareceu quasi inteiramente a eloquencia: Plinio e Seneca passam pelos mais illustres dos seus successores. Tomaram mão das anthitheses e revestiram os seus discursos com um brilhantismo ficticio: fizeram o que havia feito na Grecia Demetrius de Phalere. Seus exitos estrondosos attrahiram a mocidade romana, e presto se achavam rodeiados de imitadores em numero prodigioso. O bello espirito substituiu o genio, e os oradores transformaram-se em rhetoricos. Do mesmo modo, a Grecia, depois de perder os seus philosophos, viu-se reduzida a ouvir e admirar ridiculos sophistas. Roma achava-se rica apesar da sua indigencia. O bello espirito fazia os grandes homens; todos se julgavam no tempo em que só o genio careava este titulo. Só viam successores de Cicero, ninguem julgava vêr senão Ciceros. Contavam os homens, não os pesavam. Tal erro impediu Roma de levantar-se do seu leito de Procusto.

A eloquencia, banida da capital do mundo, refugiou-se nas provincias. Achou sequazes em Capua, em Napoles e em muitas cidades do imperio. Ouviram-a e reconheceram-lhe a voz. Os apologistas da religião christã foram por algum tempo a sua esperança; mas este ultimo lampejo d'uma gloria prestes a apagar-se avivou as suas chagas em logar de sanealas. Extinguiu-se, para só reapparecer depois de muitos seculos de ignorancia e barbarie. Embalde empregavam os imperadores todo o seu poderio para a fazer resurgir. Apesar das suas sabias leis e da magnificencia das suas promessas, a eloquencia esteve por muito tempo votada ao ostracismo, e as leis postergadas e esquecidas. As desavenças, que d'antes se decidiam pelas leis pacificas e pela rasão, eram agora decididas pela violencia e pela força. O direito do mais forte e do mais feliz era julgado o melhor, e a credulidade supersticiosa dos povos, tornados ignorantes e grosseiros, fez-lhes respeitar essas decisões extravagantes e barbaras.

Finalmente, no seculo XIV, que foi o seculo dos Petrarchas, a eloquencia pareceu alentar-se. A invasão dos turcos forçou os gregos a retirarem-se para a Italia, onde introduziram e insinuaram as

obras dos seus antigos oradores e philosophos. Com o preclarissimo fogo que fulgura n'estes livros immortaes, os genios inflammaram-se e esparziram pela Europa inteira um brilho que ainda hoje jaz esperto. Jurisconsultos innumeros entraram na carreira da eloquencia. Viram-se e ouviram-se em França, na Allemanha e na Hespanha homens notaveis pelas graças do estylo, exacção da expressão, clareza e ordem dos raciocinios e das provas, conhecimento dos costumes e das leis. Os inglezes, mais profundos, mais altivos na sua maneira de pensar, mas tambem mais obscuros, menos methodicos e menos naturaes, seguiram aquelles n'essa carreira brilhante; mas não os igualaram. O exemplo de estas nações e a gloria que ellas adquiriam no imperio das letras, excitou a rivalidade da Italia. Esta bella nação fez nascer o nobre desejo de recobrar a antiga gloria, que o amor da eloquencia e das artes lhe tinha outr'ora merecido.

Em uma palavra, não ha nação culta onde a eloquencia do fôro não occupasse um logar honrosissimo. Quanto mais cultivadas são as letras mais considerados são tambem os oradores forenses, prova manifesta da excellencia e utilidade das suas funcções e dos seus trabalhos.

Adolpho Salazar

A CATHEDRAL DE BORDEAUX

—

Foi o papa Urbano II que lançou, em 1096, os fundamentos á cathedral de Bordeaux, a qual foi reconstruida parcialmente em diversas epocas. Tem a invocação de Santo André e é o mais bello monumento religioso da capital da Gironda.

O aspecto exterior não pode ser mais agradavel.

A fachada principal consta de duas portas lateraes, sendo a principal a do norte, que offerece interessantes esculpturas no estylo dos seculos XIV e XV; o arco da abobada é cortado por figuras d'anjos, patriarcas, apostolos e monges; o tympano representa a Cea do Senhor. Os nichos lateraes contem estatuas de cardeaes e o pilar que divide as duas portas é coroado pela estatua do arcebispo Bertrando de Gotha, que depois foi o papa Clemente V.

Adorna a fachada, coroando a portada, um bello florão, que foi restaurado em 1846; por cima elevam-se duas torres terminando em agulhas elegantes e cuja altura é de oitenta metros.

O interior da egreja tem a forma d'uma cruz latina. E' d'uma só nave, e tem de comprimento quarenta e seis metros, largura desoito e altura vinte e sete.

A maior variedade d'estylos torna notavel a ornamentação interior do templo.

As abobadas, destruidas por um terremoto em 1427, foram inteiramente reedificadas no seculo XVI. Dos pilares que as supportam pertencem uns ao estylo romano e outros ao estylo gothico.

O altar-mor data da epoca da Renascença.

Encerra a egreja muitos tumulos, sendo o mais notavel d'elles o do cardeal Cheverus (1763-1836); é todo de marmore branco e foi acabado no anno de 1850.

CATHEDRAL DE BORDEAUX

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

TOMADA DE GOA

Goa, a melhor joia da coroa maritima de Portugal, achava-se em poder do Idalcão quando o nosso grande Affonso d'Albuquerque a tomou pela primeira vez em 27 de fevereiro de 1510.

Os moradores quasi não oppozeram resistencia, porque o monarca que n'ella tinha a côrte andava a esse tempo occupado com a sua gente em uma guerra no sertão. Mas, avisado do perigo, correu em defeza da cidade com cincoenta e cinco mil soldados de pé e cinco mil de cavallo.

Albuquerque, posto não tivesse forças bastantes para oppôr ás do infiel, resistiu denodadamente como era proprio da sua valentia, e deu muito que fazer ao inimigo durante alguns dias em que o tiveram em apertado cerco, até que emfim, proposto o negocio em conselho dos officiaes, resolveram os portuguezes abandonar a cidade aos naturaes, para proseguirem em outra parte as operações d'uma guerra que tanta gloria nos deu n'aquellas apartadas regiões, reservando para mais tarde, conforme o verificaram, a conquista da opulenta cidade, que foi a côrte dos nossos vice-reis e ainda hoje é um padrão das inolvidaveis façanhas dos Albuquerques e dos Castros.

O COLYSEU DE ROMA

—

Roma abunda de ruinas celebres; mas a mais celebre de todas ellas é o Colyseu, ou amphytheatro de Vespasiano, que está de pé ha perto de desoito seculos.

Suppõe-se que o nome Colyseu lhe vem de *Colosseum*, seja por causa da massa de pedra que o edificio apresenta, seja em rasão d'uma estatua collossal de Nero que outr'ora se via ali perto.

No tempo de Nero o sitio em que se levantou o enorme circo era um lago artificial, encerrado dentro dos muros do palacio dourado d'aquelle tyranno. Secco o lago, Vespasiano fez construir o Colyseu, dando-lhe o seu nome. Foi continuado por seu filho Tito, empregando n'essa obra os judeus que haviam sido trazidos captivos para Roma depois da tomada de Jerusalem.

Affirmam auctores dignos de fé que quinze mil homens trabalharam na obra durante dez annos, o que faz suppor que só ficou prompto o amphytheatro no reinado de Domiciano, o qual foi proclamado imperador no annó 81 de Jesus Christo.

Por grande que seja o interesse com que se visitem as ruinas celebres do memoravel edificio, não póde o viajante deixar de recordar com horror as scenas de sangue e os barbaros divertimentos que o Colyseu presenceou.

As festas da inauguração duraram cem dias consecutivos e morreram n'ellas nove mil animaes ferozes.

Mas o Colyseu não presenceou só as luctas das feras; tambem foi theatro das

luctas do homem contra o homem, e das dos animaes com os homens. Qual d'estas tres especies de divertimento sería a mais do agrado do Cesar e do povo? Não o diz a historia. Sabe-se somente que a plebe applaudia com delirio o espectaculo que deixava a arena alastrada de sangue.

Foi ali que os christãos sellaram com o seu sangue, sobre a areia do circo, o triumpho da religião que devia emfim salvar o homem dos seus proprios furores.

Apesar dos editos dos imperadores Constantino e Honorio, que em vão tentaram pôr fim a tanta barbaridade, os combates entre homens e feras só foram inteiramente abolidos no seculo V.

Os patricios davam por escusa, quando alguem censurava aquelles monstruosos divertimentos, que, familiarisando os romanos com a dôr e a morte, faziam d'elles soldados valentes. A deshumanidade, porém, nada tem de commum com o valor, e sabe-se que os imperadores mais affeiçoados aos selvagens espectaculos do circo foram ao mesmo tempo os mais cobardes.

O Colyseu tinha a forma elliptica, e apresentava no maior diametro cento noventa e cinco metros e no menor cento sessenta e sete; a circunferencia era d'uns seis centos metros e a altura de sessenta.

Circundavam o immenso amphytheatro quarenta e quatro ordens de bancadas, com assentos para mais de noventa mil espectadores, sem se contar o compartimento superior, onde se podiam accommodar mais de vinte mil. Oitenta arcadas guarneciam a muralha do immenso Colyseu. Parte d'essas arcadas communicava com os subterraneos onde se guardavam as feras e os prisioneiros que lhes haviam de ser lançados.

Subia-se por cincoenta e duas escadas para um terraço, chamado *podium*, que corria ao redor da arena. Era o logar do imperador, cujo assento ficava um pouco mais elevado do que os outros. Os senadores faziam conduzir para ali pelos seus escravos as cadeiras curues. Um pouco mais longe estavam os embaixadores estrangeiros e os reis alliados de Roma. Emfim até as vestaes tinham logares reservados no *podium*. A plebe occupava os logares mais elevados.

Affastemos os olhos com horror d'estes espectaculos de sangue, que a civilisação christã baniu para sempre da face da terra.

J. da Silva

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XII

COPERNICO

Copernico, celebre astronomo, nasceu em Thorn, na Polonia, em 1472. O seu systema, que as descobertas successivas de Kepler e Newton vieram confirmar integralmente, é este:

O sol está no centro do universo; os planetas descrevem ao redor do sol orbitas mais ou menos extensas, segundo as suas distancias relativas; a terra é um d'esses planetas, e tem dous movimentos de rotação, um diurno e outro nocturno; a lua não é mais do que um satelite; entre as estrellas ha intervallos incommensuraveis; emfim a inclinação da terra sobre o plano da ecliptica é a rasão da volta periodica das estações.

Copernico abriu o campo á maior parte das nossas sciencias exactas e as observações astronomicas que derivam da sua theoria deram á navegação bases solidas e um impulso novo.

No proprio dia da sua morte, algumas horas antes de dar o ultimo suspiro, Rhœticus, seu discipulo, enviava-lhe de Nuremberg o primeiro exemplar do seu livro: *De orbium cœlestium revolutionibus*. Deram-lh'o para as mãos; tocou-o, abriu-o e expirou. Tinha setenta annos.

COMBATES D'HOMENS E FERAS

OS GAUCHOS

—

(Conclusão)

Ao cabo de tres dias, Nolo voltava triumphante e apresentava-se á porta de Tupac com as vaccas que tinha resgatado. Mas para conseguir esse resultado, tivera que sustentar uma lucta desesperada com os outros gauchos que tinham roubado o gado; vencera porém e todo elle respirava alegria.

Em toda a extensão dos pampas ninguem sería capaz de praticar um feito similhante.

Tupac apertou cordealmente a mão do valente rapaz; admittiu-o á sua meza e deu-lhe hospedagem até ao dia seguinte, em que lhe disse:

—Trago uns mil cavallos nas pastagens; mas uns cento e cincoenta fugiram e param na savana da banda oriental. Serás tu capaz de caçal-os com o teu laço?

Nolo sorriu.

—E concedes-me a mão de Soledade? perguntou.

—Concedo.

Não foi mister mais nada. Nolo partiu, e oito dias depois, sem que d'elle se soubesse nenhuma noticia, os cento e cincoenta cavallos achavam-se entre os mais que pretenciam a Tupac.

Esta segunda prova era das mais importantes entre os gauchos, e Tupac, que não esperava outra cousa do valen-

te rapaz, não pôde deixar de mostrar-se satisfeito.

—Cumpri a minha palavra, disse Nolo; agora resta que tu cumpras a tua.

—Falta a ultima prova, respondeu Tupac com a sua natural energia.

—Que prova é? perguntou Nolo.

—Ronda de noute por estas cercanias um formidavel jaguar que me vae dando cabo de todas as ovelhas e carneiros. E' tal a sua astucia, que ninguem pôde ainda vel-o. Atrever-te-ias a atacal-o?

—Atrevo-me a matal-o.

—Acceito a tua palavra. Se o consegues, Soledade é tua.

N'aquella mesma noute Nolo sahiu em busca do jaguar.

O jaguar é o tigre da America, mais temivel algumas vezes do que o tigre da Asia.

O bravo e destemido gaucho não levou para a formidavel empresa outra arma senão a sua faca. Queria matal-o cara a cara.

Tupac queria conhecer o valor do amante de sua filha e marchou com elle para o bosque onde a fera devia ter o seu covil. Não por medo, mas por prudencia, senão para experimentar o valor de Nolo, trepou para uma arvore no sitio por onde o animal devia passar.

A noute estava clara; o ceo apresentava uma limpida transparencia e mil constellações irradiavam com magestade no azul do firmamento.

Nolo tirou a jaqueta e poz-se d'atalaia por traz d'um arbusto baixo. Meia hora depois sentiu-se um rugido surdo e o passo do jaguar, que fazia dobrar os ramos debaixo do seu peso. A fera apresentava-se como a rainha do bosque e avançava magestosamente, movendo para a direita e para a esquerda a sua extensa cauda. Os seus grandes olhos brilhavam como duas luzes phantasticas. Não tinha então um rugido feroz, mas brando e tranquillo como se o esperasse um esplendido festim.

Avançou; mas dentro em breve tempo estacou, tomando uma atitude ameaçadora. Nolo acabava d'interceptar-lhe a passagem.

O sitio onde a scena se passava estava illuminado pela lua, e Tupac, do alto da arvore, podia facilmente ser testemunha do valor do gaucho. Houve um momento de terrivel espectativa. O jaguar foi-se agachando até o ventre lhe tocar em terra, naturalmente para preparar o salto e atirar-se contra o inimigo. Este graduava a distancia. O punhal brilhava na sua mão e era fora de duvida que o combate ia ser encarniçado.

Os dous contemplavam-se em silencio como esperando o momento de principiar a lucta.

De repente o jaguar deu um salto para cahir sobre os hombros de Nolo; mas este, rapido como o pensamento, em vez de retroceder, avançou para ficar debaixo do ventre da fera. Instantaneamente o gaucho e a fera rodaram pelo chão, formando um só grupo, um grupo terrivel.

A camisa de Nolo cahiu feita pedaços e o sangue rebentou em borbotões de uma larga ferida no hombro esquerdo. Mas com este mesmo braço Nolo repelliu a fera, e furtando ao mesmo tempo o corpo, logrou pôr-se de pé antes que o jaguar tivesse tempo de levantar-se e atirar-se novamente a elle. Inclinando-se sobre a fera, cujos olhos chammejavam, o gaucho cravou-lhe a faca no coração.

O jaguar soltou um rugido espantoso e morreu.

A victoria havia sido tão rapida como o combate.

Tupac desceu da arvore d'onde acabava de presenciar a lucta, apertou sem dizer palavra a mão de Nolo, convidou-o com um gesto a carregar com a fera, e encaminharam-se ambos para a cabana.

Soledade esperava com indizivel anciedade.

Quando viu o amante, carregado com o jaguar morto, soltou uma exclamação de alegria.

—Este rapaz é digno de ti, disse Tupac enthusiasmado. E' um verdadeiro gaucho, é o valente dos valentes. Desde pela manhã trataremos da boda. Que sejam felizes!

Com effeito, oito dias depois, Soledade e Nolo receberam a benção nupcial na egreja da proxima aldeia. O deserto é desde esse dia testemunha da sua felicidade.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XV

GIACOMO ZARINI

Pelo anno da graça de 1785, isto é, um anno antes d'aquelle em que principia a nossa narração, em uma casa do bairro da Mouraria, deshabitada havia tempos em rasão de certa fama de cousa ruim, tinha-se estabelecido o italiano Giacomo Zarini, não sem se ter annunciado pomposamente como uma notabilidade em perfumeria, medicina e adivinhar as sinas.

Fez varias curas com bom exito, compoz remedios que mereceram a approvação dos medicos e a sua fama ficou completamente assente. Observava os ritos da sua nova religião com todo o escrupulo, pagava os impostos com pontualidade e ninguem tinha que dizer contra elle.

Da sua vida anterior nada se sabia, e, excepto ás horas em que estava no seu laboratorio, era um mysterio a sua existencia.

A casa tinha um só andar e o exterior era repellente á vista. Entrando-se porém a porta ogival, atravessava-se um saguão humido e infecto, no fundo do qual se erguia uma loja, cujo tecto era sustentado por columnelos delgados, de marmore, indicando este pequeno edificio, pelo gracioso arqueamento dos seus tectos e frisos primorosamente esculpturados, o bom gosto da architectura oriental.

Nos prateleiros que guarneciam as paredes interiores viam-se vasos com drogas.

O interior da casa, isto é, o que ella tinha além da loja, só era conhecido de Lourenço, velho e fiel criado do italiano. Nós, porém, com a liberdade de romancistas, vamos conduzir o leitor á sala onde se acha o bruxo.

Era um salão espaçoso, cujas paredes cobertas de couro, recamado d'estrellas d'ouro, bastante deterioradas, accusavam o luxo d'outros tempos. No tecto, primorosamente trabalhado, viam-se pintadas algumas passagens do Alcorão. Não tinha janella alguma; do tecto pendia uma alampada, que derramava por todo o salão uma luz pallida e triste.

Na parede do fundo via-se um grande escudo, em que qualquer pessoa versada em heraldica reconheceria as armas dos condes de Fuentidueña. Rodeavam o escudo espadas e cottas de malha.

São dez horas da noute, aquella mesma noute em que a D. Luiz de Guevara aconteceu quanto já referimos.

Havia muito tempo que o estabelecimento do italiano se tinha fechado, e Lourenço, o velho e fiel criado, achava-se no seu quarto, preparando-se naturalmente para deitar-se, quando uma pancada secca e forte, dada na porta da rua, o fez dirigir-se a um postigo que abriu, e depois de reconhecer a pessoa que batera, foi-lhe abrir a porta, inclinando-se profundamente diante do embuçado, que passou por diante d'elle em direcção do salão de que fallamos, onde tirou a capa em que se embrulhava, deixando ver uma physionomia nobre e expressiva, apesar d'um pouco gasta, mais pelos trabalhos do que pela idade.

O trajo era de fidalgo pobre, e á cinta, pendente d'um talabarte de couro, trazia uma espada com empunhadura de aço e um magnifico punhal.

Largou as armas, e em quanto se despia perguntou a Lourenço, que permanecia immovel a certa distancia:

—Veio alguem?

—Ninguem, senhor.

Seguiu-se um momento de silencio, e por fim disse o desconhecido:

—Em breve, meu bom Lourenço, deixaremos os nossos disfarces, para sermos, eu o alto e poderoso senhor de Fuentidueña e tu o meu monteiro-mor.

—De veras? disse Lourenço resplandecente o rosto de franca alegria.

—Sim. Floridablanca está ameaçado de morte e até elle proprio pediu ao rei para lhe conceder o retirar-se.

—E quem póde vencer a sua irresolução?

—D. Catharina de Sandoval.

—Ella! disse Lourenço com um gesto de terror. E' ella que excita os inimigos contra...

—Cala-te! A minha vingança hade cumprir-se! atalhou o fidalgo.

—Mas, senhor, isso é horrivel!

—Tambem o crime foi horrivel. Lembras-te, Lourenço? Ha vinte e dous annos.

Lourenço curvou a cabeça sob o peso da recordação que o amo acabava d'evocar.

—A fortuna favorece a minha vingança, tornou o conde. A filha herdou a formosura de sua mãe e uma alma energica e indomavel, que, incitada por mim, executará os meus desejos. Todos a adoram na côrte; o marquez do Alcaçar e Luiz de Guevara estão apaixonados d'ella.

—Tambem elle? Meu Deus! exclamou Lourenço.

—Tambem a adora, replicou o italiano acentuando intencionalmente as suas palavras.

—E ella ama-o? perguntou avidamente o criado.

—Ambos se amam perdidamente.

—Mas, senhor, vós podeis evitar todos esses crimes que se preparam. Fazei-o, senhor; vós, tão bom, tão generoso em outro tempo...

—Basta, Lourenço! Os pecados dos paes pagam-os os filhos, e os seus crimes vingar-me-hão completamente.

(Continua)

REALIDADES

Eil-a! a triste creança! A' beira de uma estrada
Estende humildemente a macilenta mão
Ao povo que ali passa, e com a voz cortada,
Cheia de amarga dôr, eis pede a todos pão!

A's vezes o opulento, o nobre, o perdulario
Com arrogancia diz:—Vae trabalhar, rapaz!
E passa, segue em frente, emquanto o proletario
Se esmola lhe não dá manda o pequeno em paz.

Se ao rotundo burguez disser o desgraçado:
Dê-me trabalho, dê-me, ai! dê por compaixão!
Aquelle dir-lhe-ha, andando apressurado:
—Talvez queiras roubar-me!.., ah! sae d'aqui, ladrão!

TEIXEIRA BASTOS

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXI

AINDA A ALLEMANHA

O reino da Baviera tem uma superficie de 75:000 kilometros quadrados e 4,600:000 habitantes. A capital é Munich (170:000 h.), cidade notavel pela sua universidade e museus. Cidades principaes: Nuremberg (63:000 h.); Augsburgo (40:000 h.).

O reino de Saxe occupa 15:000 kilometros quadrados e tem 2,200:000 habitantes. Capital Dresde, sobre o Elba, cidade lindissima de 130:000 habitantes, appelidada a Florença da Allemanha. Perto de Dresde visitaremos o castello de Pillnitz, famoso pelo congresso de 1791, em que os soberanos da Europa assignaram uma convenção para sustentar os Bourbons em França. Cidade principal, Leipsig (80:000 h.), celebre pela sua universidade, e onde tres vezes por anno se faz uma feira muito importante para o commercio de livros.

O reino de Wurtemberg tem de superficie 20:000 kilometros quadrados e 1,700:000 habitantes. Capital Stuttgard (57:000 h.); linda egreja de Santa Catharina, com magnificos orgãos e tumulos notaveis.

Tratemos dos seis grão-ducados:

Bade tem 15:000 kilometros quadrados e 1,400:000 habitantes. Capital, Carlsruhe, linda cidade de 27:000 almas. Cidade principal, Bade (7:500 h.). A belleza do sitio e as suas agoas thermaes attrahem ali annualmente mais de 50:000 estrangeiros.

Hesse-Darmstadt tem 8:400 kilometros quadrados e 800:000 habitantes. Capital Darmstadt (29:000 h.); escolas: militar, d'artilheria, polytechnica. Instrumentos de mathematica. Cidades principaes: Mayença (41:000 h.), patria de Guttemberg, inventor da imprensa; Worms (11:000 h.).

Mecklemburgo-Schwerin tem 13:530 kilometros quadrados e 550:000 habitantes. Capital, Schwerin (25:000 h.); castello fortificado.

Oldenburgo, 6:300 kilometros quadrados e 300:000 habitantes. Capital, Oldenburgo (10:000 h.). Nas visinhanças ha a ver alguns antigos monumentos pagãos.

Saxe-Weimar, 3:600 kilometros e 300:000 habitantes. Capital, Weimar (14:000 h.), patria do poeta Kotzebue. Cidade principal, Iena (7:000 h.). Celebre universidade. Victoria alcançada sobre os prussianos por Napoleão I em 1806.

Mecklemburgo-Strelitz, 2:300 kilometros e 100:000 habitantes. Capital, Neu-Strelitz (7:000 h.); gabinete de medalhas.

Os cinco ducados são:

Brunswick, 3:680 kilometros quadrados e 280:000 habitantes. Capital, a cidade do mesmo nome, com 42:000 almas, celebre pela sua escola d'anatomia e de cirurgia, institutos de surdos-mudos e de cegos.

Anhalt-Dessau-Bernburgo, 810 kilometros e 180:000 habitantes. Capital, Dessau (16:000 h.); conservatorio de musica. Cidades principaes: Bernburgo (11:000 h.); Coethen (10:000 h.).

Saxe-Meiningen, 2:460 kilometros e 172:000 habitantes. Capital, Meiningen 7:000 h.); castello notavel.

Saxe-Coburgo-Gotta, 1:930 kilometros e 160:000 habitantes. Capital, Coburgo (10:000 h.); instituto de surdos-mudos. Cidade principal, Gotta (17:000 h.); museu de quadros.

Saxe-Altenburgo, 1:310 kilometros e 138:000 habitantes. Capital, Altenburgo (18:000 h.), porcelana fina.

Enumeremos os sete principados:

Lippe-Detmold, 1:100 kilometros e 110:000 habitantes. Capital Detmold (5:000 h.); castello de Alexanderburgo.

Reuss-Schleiz-Lobenstein-Ebersdorf, 1:050 kilometros e 83:000 habitantes. Capital, Gera, 15:000 habitantes.

Schwarzburgo-Rudolstadt, 93 kilometros e 72:000 habitantes. Capital, Rudolstadt, 6:000 habitantes.

Schwarzburgo-Sondershausen, 850 kilometros e 65:000 habitantes. Capital, Sondershausen, 5:000 h.

Waldeck, 1:100 kilometros e 60:000 habitantes. Capital, Corbach, 2:5000 h. Castello de Eisenberg. O principe de Waldeck cedeu á Prussia a administração dos seus estados e hoje é apenas o chefe religioso do consistorio.

Reuss-Greitz, 350 kilometros quadrados e 42:000 habitantes. Capital, Greitz (10:000 h.); arredores pittorescos.

Lippe-Schauenburgo, 439 kilometros e 31:000 habitantes. Capital Buckeburgo (3:000 h.); lindos arredores.

(Continua)

ZIG-ZAGS

OS LIVROS NA IDADE MEDIA

Na primeira metade do seculo XV, eram ainda tão raros os livros, então todos manuscriptos, que fazendo um padre presente d'um breviario a uma egreja de Paris, mandou-o segurar com uma cadeia chumbada á parede, para não o poderem d'ali tirar as pessoas que quizessem ler ou resar por elle.

O doutor Diogo Affonso legou no seu testamento todos os bens que possuia para se estabelecer um collegio em Lisboa, e entre outras disposições ordenou que todos os seus livros se guardassem nas casas do collegio, por cadeias, isto é, preso cada um d'elles a uma corrente, para d'ali não serem levados facilmente.

Este testamento é do anno de 1448.

O CONDE DE VIMIOSO

D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, dizia:

Aonde a rasão se não ouve, doudo é quem se não calla.

O CARNEIRO SELVAGEM

A nossa gravura representa um carneiro e uma cabra selvagens.

Habitam estas especies nos Pyreneos, por onde os caçadores perseguem tenazmente aquelles animaes, cuja pelle lhes é um precioso recurso.

Não descreveremos es pecialmente esta raça, bastante conhecida. Limitar-nos-hemos a dizer que o mais bello exemplar da raça é o carneiro merino hespanhol, cuja altura costuma regular por sessenta e cinco a oitenta centimetros, o comprimento por noventa e sete a cento e trinta centimetros e a grossura cento e oito a cento trinta e cinco centimetros.

O carneiro merino de raça pura não attinge quasi nunca estas dimensões.

A caça é trabalhosa; mas pagam-se bem os que teem boa lã.

Os inglezes são os que dão mais apreço ao carneiro merino, tendo-se por essa rasão applicado ao apuramento da raça. As lãs produzidas pelos carneiros inglezes passam por ser as melhores da Europa, depois da dos merinos, ou hespanhoes. E' pelo cruzamento das raças, a escolha sempre severa dos mais bellos carneiros, os carneiros mais proprios para a multiplicação, e a importação periodica de novos carneiros tirados da costa d'Africa, que os inglezes sustentam a superioridade das suas lãs.

Os hollandezes teem igualmente, pelo cruzamento das raças indigenas com os carneiros da India, obtido bons exemplares. Os paizes do norte da Europa dedicam-se com afinco a esta industria, de que tiram os melhores resultados.

CARNEIRO E CABRA SELVAGENS

O CAFÉ

O café era pouco conhecido no seculo XV, mesmo na Arabia, d'onde elle se espalhou por todo o mundo.

Alguns auctores attribuem a descoberta das suas propriedades a um molah arabe chamado Chadely, que o empregava para se curar d'uma languidez continua. Por 1412, e segundo outros 1450, os arabes principiaram a usar o café, que importavam da Persia, d'onde Gamal-Eddyn, mufti de Aden, o divulgou no seu paiz, habituando os seus derviches a bebel-o para affastar o somno.

Da Arabia passou á Turquia, sendo um negociante, de nome Admard, que o introduziu em Constantinopla.

Foi somente em 1655 que o café começou a ser conhecido em França, onde a principio o receberam muito mal, em consequencia de os medicos o considerarem como um veneno violento, assim como o tabaco, que data da mesma epoca, pouco mais ou menos.

Os hollandezes foram os primeiros que tiraram o café de Moka para o plantarem em Battavia.

O pé de café que serviu para propagar essa arvore nas colonias francezas foi mandado a Luiz XIV pelo burgomestre de Amsterdam em 1714. Levou-o para as Antilhas em 1720 um marinheiro francez, de nome Clieux, o qual, para o conservar, quasi ia morrendo, porque tendo-se esgotado quasi, a bordo, as provisões, elle preferiu regar continuadamente a planta a beber a ração d'agoa que lhe tocava na parca distribuição d'ella.

O café, segundo todas as probabilidades, é originario da Ethiopia.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 26, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

ANNO II | PREÇO 20 REIS | NUMERO 27

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 3 DE MARÇO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

ILHA DE TENERIFFE

SUMMARIO

TEXTO:— Teneriffe — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A Camões (poesia) por Brazilio Caldas — Sá Noronha — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Ainda a Allemanha; a Russia — Os jardins mouriscos — Os kurdos — Datas memoraveis de Port gal: Batalha de Touro — Os homens uteis de todos os paizes: Volta — Impertinentu mosca, por Firmino Pereira — Sciencia para todos: O reino animal, por Doutor Jayme — O rubor da Virgem (poesia) por Balthasar Werneck — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Torre de porcellana — Charada — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Ilha de Teneriffe — Um jardim mourisco — Typos kurdos — Torre de porcellana.

TENERIFFE

Os antigos deram o nome de Afortunadas ás ilhas visinhas da Africa, cuja temperatura e fertilidade os poetas haviam louvado, posto as conhecessem imperfeitamente. No tempo do imperador Augusto, um rei da Mauritania mandou examinar as costas, e, se dermos credito ao que dizem certos auctores, foi pelo grande numero de cães (em latim *canis)* que o navegador ahi encontrou, que a uma d'essas ilhas deu o nome de Canarias.

Nem da historia dos romanos, nem da dos carthaginezes se vê que essas ilhas representassem papel d'alguma importancia na grande scena do mundo; nos tempos modernos, porém, o que vamos relatar indica o grao d'importancia que as Canarias assumiram, sem duvida em rasão da avidez de conquistas que se desenvolveu entre as nações do occidente nos seculos XIV a XVI.

No primeiro d'estes seculos um joven principe hespanhol, neto de S. Luiz e do rei Affonso, vendo-se privado da successão á corôa em consequencia de seu pae ter renunciado a ella, formou o projecto d'ir tomar as Canarias, que os hespanhoes, sempre de balde, tentaram mais d'uma vez conquistar, ciosos das descobertas que nós tinhamos feito ao correr das costas da Africa.

Luiz de la Cerda, assim se chamava o principe hespanhol, fôra educado na côrte de França, e antes de partir para a sua expedição foi a Avignon pedir ao papa Clemente VI a investidura do novo reino, obtendo-a sob a condição de dar para o thesouro do Padre Santo uma somma muito importante. O principe recebeu das mãos do papa um sceptro e uma corôa d'ouro; a ceremonia foi imponente; mas acabou ahi o reinado do novo monarca, que nem sequer chegou a pôr os pés nos seus estados porque lhe faltavam homens e dinheiro.

Um fidalgo francez, de nome João de Bettencourt, imaginou, setenta e dous annos mais tarde, em 1417, levar a cabo o projecto que o neto de S. Luiz não pôde realisar. Organisando uma expedição, sob a protecção do rei de Castella, D. João, apoderou-se de duas das ilhas, Lançarote e Forte Ventura. Mais tarde os hespanhoes descobriram e submetteram o resto das Canarias, exterminando os indigenas. De balde os portuguezes tentaram arrebatar a conquista aos hespanhoes, que nos fins do seculo XV foram reconhecidos possuidores das ilhas.

Esta a historia das Canarias, uma das quaes é a ilha de Teneriffe, que a gravura representa. E' a mais fertil, a mais povoada e a mais commerciante das ilhas, que são vinte, com uma população de duzentas mil almas. Sete são as ilhas que pertencem aos hespanhoes.

Teneriffe tem uma circumferencia de tresentos e vinte kilometros.

O commercio consiste quasi exclusivamente nos vinhos, conhecidos pelo nome de Malvasia, que se exportam para todo o mundo.

A parte mais deliciosa de Teneriffe é o valle de Orotava, que todos os estrangeiros visitam. Ahi, mais do que no resto da ilha, as agoas são abundantes, a temperatura é doce e o solo fertil.

Teneriffe conta dez portos e vinte fortes ou castellos. Santa Cruz é a capital. Esta praça fortificada recebeu grande incremento desde o fim do seculo ultimo e foi testemunha da derrota dos inglezes em 1799. Santa Cruz é o imporio do commercio da ilha. O seu porto é o mais seguro e commodo de todos. A população de Teneriffe não excede a cem mil almas.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

V

Dias depois, a *Eugenia* transpunha a barra do Rio de Janeiro, e Jorge, no tombadilho, recostado negligentemente na amurada, junto d'alguns marinheiros, contemplava, como que em extasis, a scena surprehendente que se lhe offerecia.

Comprazia-se a imaginação do mancebo ao dilatar a vista por aquella bahia, coalhada de baixeis de todos os paizes do globo; e a extensa casaria da cidade, os seus caes, palacios, torres e castellos, formavam um quadro magnifico, em que os olhos de Jorge se fixavam com avidez. Sobretudo, o que mais forte impressão produzia no moço, era a magestade da natureza n'aquellas paragens. A altura prodigiosa das palmeiras e coqueiros, cuja ramagem parecia desenhar-se no fundo transparente d'aquelle quadro, no anil do ceo, maravilhou o mancebo. O que elle sentiu ante aquelle magestoso panorama, foi um mixto de admiração, de praser e de embriaguez.

Pouco tempo duraram, porém, estas impressões. Momentos depois, uma nuvem de sombria tristeza perpassava no espirito de Jorge, e o mancebo olhava para a America, como para o paiz do seu exilio. E' que a imagem seductora de Laura se lhe desenhara com todos os contornos na mente exaltada.

Ao entardecer, um escaler largava de bordo, conduzindo Jorge e o capitão da *Eugenia* para terra, onde desembarcaram pouco depois do pôr do sol.

Pedro da Motta conduziu o mancebo a casa do seu amigo Francisco d'Almeida, que habitava em uma das ruas mais bellas e transitadas da cidade.

*
* *

Francisco d'Almeida era um rico e honrado commerciante portuguez, de ha muitos annos estabelecido no Rio de Janeiro. Homem de meia idade, casado recentemente com uma formosa e opulenta brazileira de deseseis annos, vivia o nosso patricio completamente feliz, no meio da opulencia e commodidades que os seus milhões lhe offereciam. Aquelle homem singelo illudia-se facilmente com as apparencias. As caricias que a joven esposa lhe dispensava, embriagavam-no completamente, porque elle não tinha o condão de ler no intimo das almas.

D. Adelina d'Almeida nunca amara seu marido. Filha d'um fidalgo da côrte do imperio, homem potente e ambicioso, em cujas sallas se reuniam as principaes pessoas da cidade, entre as quaes figuravam os capitalistas e negociantes mais opulentos, ouvia com indifferença os galanteios com que a importunavam, e nunca pensara em casamento, porque, diga-se a verdade, apesar de haver lido alguns romances, não comprehendia ainda o que fosse essa paixão fatal chamada o amor.

A alma da donzella librava-se, para assim dizer, em uma atmosphera de innocencia, inconsciente dos perigos a que podia arrastal-a essa mesma innocencia.

Entre as pessoas que frequentavam a casa de seu pae, uma havia que apparecia com mais assiduidade. Era Francisco de Almeida. A rasão d'isto attinge-a de certo o leitor. O nosso patricio sentira pulsar o coração, (até ahi adormecido no meio dos calculos a que se entregava o seu espirito,) com uma velocidade e violencia espantosas. O homem, cujo idolo até então haviam sido os algarismos, sentia-se outro. A's vezes, encerrado no escriptorio, no meio de seus guarda-livros, Francisco d'Almeida sentia assenhorear-se de si uma especie de doce embriaguez, e julgava-se transportado a um brilhante sallão, onde as mãos delicadas d'uma donzella tiravam maviosissimas notas d'um pianno. A's vezes, em meio d'esses arroubamentos, o pobre homem respondia incoherencias ás perguntas que lhe dirigiam seus empregados.

Todos o extranhavam, e elle não era o que menos se admirava de tal transformação.

Assim decorreram semanas. Francisco d'Almeida amava ardentemente Adelina; mas nunca se atrevera a fazer-lhe a confidencia dos seus sentimentos, de sorte que a donzella estava perfeitamente alheia ao que se passava no intimo do seu adorador.

Um dia, porém, Francisco d'Almeida, que conversava a um canto do sallão com o fidalgo, atrevera-se a pedir-lhe a mão de sua filha. A resposta adivinha-se, logo que digamos ao leitor que o fidalgo sabia a fortuna do pretendente.

⁂

Uma semana depois celebravam-se as ceremonias do casamento com uma pompa notavel. Mal sabia o mundo que a formosa donzella, que via coroada de flores de laranjeira, ia ser uma das muitas martyres do capricho e ambição de paes indignos!

(Continua) Alberto Carlos

A CAMÕES

NA SOLEMNISAÇÃO DO TRICENTENARIO

Tu, bardo e guerreiro; tu, ó vate illustre;
Tu, rei d'harmonia, da patria cantor;
Tu foste entre os lusos assombro do seculo,
Nas luctas da vida um heroe de valor!

Poemas e canticos, da alma nascidos,
Ao longe da patria saudoso cantaste;
Na gruta em Macau, nos valles do Ganges,
Os hymnos se ouviram, que tu nos legaste!

Mas Lysia que fez-te, ó meu vate sublime?...
Que louros a patria n'outr'ora te deu?...
Ouvia teus cantos, teus versos famosos,
E nunca o soffreres a patria moveu!

Só d'ella tiveste os olvidos por premio;
Teus miseros prantos a sós mitigaste:
E tu, que podias calcar mundos d'ouro,
N'um leito de pobre, Camões, expiraste!

Descrença! descrença!... minh'alma se estala!
Nem mais uma nota... que a lyra quebrou!...
O vate dos feitos heroicos do Gama
Em misera fome seus dias findou!

Findaste, é verdade; mas não tua gloria;
Porque hoje a teu nome se curvam nações:
Consagram-te cultos, cantor dos «Lusiadas;»
Exalçam-te aos astros, divino Camões.

Braulio Caldas

SÁ NORONHA

Acaba de finar-se longe da patria, mas rodeado d'amigos e admiradores sinceros, um dos mais bellos talentos que Portugal ha visto nascer, um seu filho que em toda a parte a honrou, um artista eminente cuja perda será sempre chorada pelos verdadeiros amigos da arte.

Francisco de Sá Noronha foi o nome do envoltorio terreno d'aquella alma grande e bem fadada, cuja chamma acaba d'apagar-se para ir brilhar em outros mundos.

O Brazil, que lhe colhera as premicias do seu talento, abundante e espontaneo, foi da mesma sorte o que recolheu o ultimo suspiro do laureado artista, que na hora extrema devia sentir mais lancinante a dôr, a nostalgia da patria, que não cessava d'acompanhal-o nas suas longas peregrinações por terras do novo mundo.

Amigos dedicados do malogrado compositor, apreciadores enthusiastas das suas altas qualidades d'homem e d'artista, vamos pagar á sua memoria o unico tributo que as circunstancias nos permittem; vamos traçar muito por alto a biographia do illustre finado.

Francisco de Sá Noronha nasceu em Vianna do Castello, em 1830. Seu pae era de Mondim de Basto, sua mãe de Guimarães.

Guimarães e Vianna, á imitação de aquellas sete cidades que na antiguidade disputaram a honra de ter visto nascer o cantor da *Illiada,* quizeram roubar-se uma á outra a gloria de ter sido o berço de Noronha; e se similhante disputa provava a grande qualificação em que era havido o homem cujo nascimento se questionava, para justificação da maternidade que cada terra queria para si, ajuntemos então que o Brazil tambem quiz guardar essa honra, que nós de modo nenhum cederemos aos nossos irmãos de além mar.

Com homens assim, todavia, a sua patria é sómente o mundo. Não pertencem a este ou áquelle paiz: cada reino, cada cidade, cada familia, guarda religiosamente similhante nome entre os de todos os bellos genios que tem passado no horizonte da gloria, envoltos nas côres da magestade e da grandeza; esse nome fica pertencendo a todo o paiz onde se ama o bello, a maxima perfeição com que aprouve a Deus crear esses entes privilegiados na natureza, pousando-lhes sobre a fronte o mais bello diadema que póde ornar o homem:— o diadema do genio!

Nascido em Vianna, como dissemos, foi Noronha educado em Guimarães desde a idade de quatro annos. A sua constante applicação e grande vocação para a arte musical, revelou-se n'elle logo aos oito annos; e de tal sorte se elevou, desde tenra idade, esplendida, radiante, primorosa, a estrella de Noronha, que a sua primeira composição, inspirada quando tinha apenas nove annos, foi um *miserere*, que ainda hoje se canta em Guimarães, como trecho de admiravel belleza. Era já o instincto do ideal que tornava aquella creança um ente pensador e fecundo. Era o sopro de Deus, que, fecundando a inspiração humana, agitava aquelle peito infantil. Generosa fermentação d'um coração que sonhava com um mundo exterior, a sua primeira inspiração foi em serviço da divindade.

Contava Noronha apenas desesete annos quando partiu para o Brazil. Que o levava a abandonar a patria, que n'essa idade das illusões se lhe devia antolhar um jardim a semear-lhe o regaço de viçosas flores e mimosos frutos?—Que o levava a outros mundos? Quem o sabe? O destino talvez!...

E Noronha vagueava sob aquelle clima ardente, orphão duas vezes, sem familia nem patria, como Camões na gruta de Macau, ou Ovidio sob as asperezas do Ponto.

Em 1846, desejando Noronha suavisar as magoas do desterro sob a roupeta do peregrino, emprehendeu uma viagem pelo interior da America, subindo o curso do Amazonas, até á cordilheira dos Andes, ao Chili e ao Perú, onde já tinham chegado os eccos do seu grande nome como inspirado cultor da nobre arte de Orpheu.

Sería ainda a adversidade que o levava por tão remotas paragens? Ou sería o seu genio, que, bebendo na grande fonte da natureza, se comprazia já com as grandes scenas dos paizes incultos, as paisagens admiraveis, o homem no seu estado selvagem?

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

XXI

AINDA A ALLEMANHA

(Continuação)

As tres cidades livres são, como já dissemos, Hamburgo (180:000 h.), a maior e a mais commerciante das cidades livres da Allemanha; Bremen (70:000 h.), escolas, polytechnica e d'industria; Lubeck (35:000 h.); esta cidade estava em outro tempo á frente da liga hanseatica, fundada para proteger o commercio contra os piratas.

O governo da Alsacia-Lorena tem 14:474 kilometros quadrados e constava de 1,597:000 habitantes ao tempo da anexação. Compõe-se das provincias tiradas á França, a saber:

Strasburgo (84:000 h.), cidade forte, perto do Rheno, com uma bella cathedral; Metz (55:000 h.), praça fortissima sobre o Mosa; Mulhusa (60:000 h.), cidade industrial; algodões, pannos pintados; Colmar (25:000 h.), lindos passeios; Thionville (10:000 h.), praça forte sobre o Mosa; Schlestadt (10:000 h.) praça forte sobre o Ill.

XXII

A RUSSIA

Com uma visita ao imperio da Russia, o mais extenso do globo, porque comprehende não só o norte e leste da

Europa, mas tambem o norte da Asia e as provincias d'além do Caucaso, daremos por terminada a excursão que nos propozemos fazer pela Europa, excursão em que tivemos o praser de ter o leitor por companheiro, um companheiro como poucos, delicado, condescendente, discreto até ali.

Com um companheiro assim é um praser viajar.

Vamos pois dar um passeio pela Russia.

A Russia, amigo leitor, a região situada mais ao norte da Europa, tem por limites: ao norte o Oceano Glacial; a leste a Suecia, o mar Baltico, a Prussia, a Austria e a Moldavia; ao sul a Turquia da Europa, o Caucaso, os mares Negro e Caspio. A oeste o rio e os montes Ouraes, o rio de Kara, separam-a da Asia. Tem 5,850:000 kilometros quadrados, e é habitada por 75 milhões d'almas.

Só uma terça parte d'este immenso territorio é cultivavel; o resto são *steppes*, ou grandes desertos, e pantanos immensos. As regiões mais ferteis são as do centro e do lado de oeste. Clima e aspecto variados; minas de ferro, chumbo, platina e ouro. Florestas immensas; madeira para construcções navaes. Industria bastante desenvolvida.

A Russia só occupou um logar entre as nações civilisadas no reinado de Miguel Romanow, em 1613. Pedro I, de 1682 a 1725, fez d'aquella nação uma das principaes potencias da Europa.

Divide-se a Russia em 81 governos, dos quaes 66 estão situados na Europa e 15 nas possessões asiaticas. A Polonia está hoje encorporada á Russia.

A Polonia era um reino poderoso nos seculos XIV, XV e XVI; a Prussia e a Austria repartiram-a pela primeira vez entre si em 1772; depois tornaram a dividil-a em 1793 e 1795.

Napoleão I fez-se alliado da Polonia, que, pelo congresso de 1815, foi constituida em reino em favor do imperio da Russia. Hoje essa nação, desmembrada e anexada definitivamente á Russia em 1831, está dividida em dez provincias, que são: Varsovia, Kalich, Killee, Louiza, Lublin, Piotrkow, Poltsck Radom, Suwalki, Siedlee.

A Polonia é entrecortada de pantanos, matagaes e vastas florestas. Invernos longos e rigorosos. Muitos grãos, mas poucos fructos. Gado e caça abundantes.

Capital Varsovia (165:000 habitantes), defendida por um forte intrincheiramento. Contém 112 palacios e muitos estabelecimentos scientificos e litterarios.

Cracovia, tambem outr'ora capital da Polonia, foi anexada á Austria em 1846.

A capital da Russia é S. Petersburgo, cidade de 540:000 habitantes, edificada por Pedro o Grande no principio do seculo XVIII, á entrada do Neva, e defendida pela fortaleza de Kronstadt, que os entendidos consideram inexpugnavel. Ruas e caes admiraveis; os monumentos mais dignos de mensão são o palacio de inverno, a estatua equestre de Pedro o Grande, a cathedral de S. Pedro e S. Paulo e a egreja de Nossa Senhora de Cazan.

Cidades mais importantes: Moscou (350:000 h.), antiga capital do reino, queimada pelos russos por ocasião de a tomarem os francezes, em 1812. No centro da cidade ergue-se o Kremlin. Odessa, magnifico porto commercial fundado por Catharina II; Kiew (70:000 h.), cidade santa, antiga capital da Russia meridional; Wilna (69:000 h.), antiga capital da Lithuania; observatorio, arsenal, jardim botanico; Arkhangel (20:000 h.), centro do commercio maritimo da Russia do norte; Pultava (20:000 h.), onde Pedro o Grande venceu o rei da Suecia Carlos XII; Lublin (19:000 h.); Nijni e Novgorod, onde se effectuam feiras importantissimas; Bender (15:000 h.); Flock (12:000 h.).

Sebastopol, a praça mais forte que a Russia possuia na Crimeia, ao cabo de um anno de cerco foi tomada e destruida em 1855 pelos exercitos colligados da França, Inglaterra, Italia e Turquia.

Alem das possessões continentaes, a Russia possue numerosas ilhas: o Spitzberg, grupo d'ilhas no Oceano Glacial Arctico, a Nova Zembla, a ilha de Kolgouef, as de Dago, de Oesel, Aland, etc.

(Continua)

UM JARDIM MOURISCO

OS JARDINS MOURISCOS

Os mouros são particularmente affeiçoados ás bellezas da natureza. Amam as plantas, que cultivam com esmero em airosos alegretes, as agoas que se comprazem em ver correr de elegantes fontes; gostam de ter a sombra e a frescura das arvores, que lhes é refrigerio nos seus quentes climas; muitas das suas povoações são verdadeiros jardins.

E não admira esta particular predilecção dos povos orientaes.

Scismador e poeta, o turco abandona-se á languidez d'um dia inteiro passado sobre a verde alfombra do seu jardim, saboreando o tabaco do seu cachimbo, cujo fumo sobe em aspiraes para o ceo, em cujas nuvens elle entrevê uma houri d'olhos verdes, que é a promessa d'um mundo melhor, que Mafoma lhe ha promettido como premio á virtude e á paciencia.

Já se vê que esta natureza, em que ha a poesia morbida da voluptuosidade na feição mais pronunciada, identifica-se com a do ceo azul, afogueado, morno, com a dos laranjaes em flor, com a dos prados esmaltados das côres mais vivas e luxuosas da palheta divina.

A vida, n'aquellas paragens perfumadas, decorre breve como um sonho, esvae-se como um ai soltado por uns labios de fada.

OS KURDOS

O Kurdistão é um paiz da Asia, dividido em duas partes; uma, a mais extensa, está comprehendida na Turquia da Asia; a outra forma uma provincia do

imperio persa. O Kurdistão turco divide-se em oito provincias, cujos governadores se chamam arrogantemente pachás. A soberania da Porta é quasi só nominal.

Os kurdos subdividem-se em um grande numero de hordas ou tribus, cujos chefes recebem a investidura do pachá ou do bey. Pertendem descender dos mongoes ou dos surbeks, cujas erupções tantas vezes perturbaram a Asia; mas os olhos grandes e azues, o nariz aquilino, a brancura da pelle e a elevação da estatura desmentem essa origem tartara. Professam o islamismo e seguem a seita de Omar.

A maneira de vestir differe da dos turcos em ser os trajos mais leves, ainda que quasi da mesma forma; cobrem-se com um grande manto de pelle de cabra negra, e em vez de turbante trazem uma especie de carapuça comprida, de panno vermelho, cercada d'um lenço de seda raiado de côres vivas. Da ponta da carapuça pendem largas borlas de seda, que ás vezes passam abaixo dos hombros. Este modo de cobrir-se fica-lhes bem. Rapam a cabeça e usam bigodes. Só os velhos deixam crescer a barba.

Os kurdos são eminentes em manejar a lança e montar a cavallo. A principal occupação dos nomadas consiste na creação de gado.

O principal divertimento d'aquelles homens consiste nos exercicios militares. Amam as historias, e compõem canções, cujo assumpto são quasi sempre os amores ou os combates, ou acontecimentos memoraveis e tragicos.

E' notavel a propensão que teem para o roubo, e não é outra a causa da sua vida vagabunda. Durante o inverno vão pedir pousada ao lavrador cujos fructos roubam no verão. Obrigados pela necessidade, d'independentes e ferozes que são, tornam-se doceis e submissos, e vivem em boa paz com os seus hospedes. Quando a primavera chega, desapparecem para voltar ao genero de vida que lhes é proprio.

Ordinariamente levantam as suas tendas no meio de campinas agradaveis ou á beira d'algum regato.

As graças que as mulheres kurdas apresentam na infancia poderiam fazel-as passar por nymphas das montanhas; mas em breve tornam-se amazonas, seguindo os maridos durante as viagens; e os attractivos desapparecem ao sopro dos trabalhos d'uma vida errante. Até aos quinze ou vinte annos são d'incomparavel belleza; aos vinte e cinco estão gastas. Montam a cavallo com a maior perfeição e supportam corajosamente as penalidades das viagens mais longas.

Os kurdos formam um povo que tende a desapparecer da Asia. Encorralados nas montanhas, perseguidos constantemente pelos russos, as condições da sua existencia são miseraveis, como todas as dos povos que se entregam á rapina.

TYPOS KURDOS

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

BATALHA DE TOURO

Dous poderosos monarcas disputavam a coroa de Castella. Era o rei da Sicilia, D. Fernando, que se dizia com direito a ella por sua mulher D. Izabel, e o rei de Portugal D. Affonso V, que já se intitulava rei de Castella e Aragão, em rasão do seu casamento com a princeza D. Joanna. A contenda não se decidiu pelas vias diplomaticas e a força das armas foi chamada a entervir na questão.

Os dous exercitos avistaram-se no dia 1 de março de 1476, junto da cidade de Touro, e d'esta circunstancia nasceu o nome dado á batalha, a qual se conhece na historia pelo nome de batalha de Touro.

Cada um dos exercitos contendores estava dividido em dous grandes corpos, commandando os de Castella o rei D. Fernando e D. Alvaro de Mendonça, e os de Portugal el-rei D. Affonso e o principe D. João, seu filho. A flor da nobreza dos dous reinos combatia em ambas as fileiras.

O successo da batalha, que durou tres horas, não foi decisivo para nenhuma das partes, porque roto e desordenado o exercito portuguez, o monarca retirou-se para a cidade de Touro, d'onde passou ao castello de Castro Nuno, e o rei D. Fernando, logo no principio da batalha e receando uma prompta derrota, fugiu vergonhosamente para Zamora, esperar a noticia do resultado.

Não obstante, os portuguezes obraram prodigios de muito valor, com especialidade D. Duarte d'Almeida, que levava o estandarte real, o qual, perseguido dos inimigos, forcejou quanto póde para que este não cahisse no poder dos castelhanos.

Perdendo uma mão, sustentou o estandarte na outra, e cortando-se-lhe esta, o tomou com os braços e dentes, e guardou-o até que, traspassado de feridas, acabou a vida n'quelle logar.

Mas o heroe da acção foi o principe D. João, o qual, depois d'investir com muita furia os castelhanos, os desbaratou e poz em fuga, perseguindo-os durante longo tracto de terreno, e voltando ao campo de batalha, achando o pae vencido, sem saber comtudo para onde elle havia ido, se manteve como vencedor, acabando de desbaratar o inimigo.

A perda dos nossos foi grande; mas a dos castelhanos não foi menor.

O resultado da batalha foi que, posto a guerra proseguisse como mesmo encarniçamento, chegou-se emfim a negociar a paz, sem desdouro para os dous principes.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XIII

VOLTA

Augusto Volta, physico, nasceu em Como, na Italia, em 1745. Foi o inventor do instrumento mais maravilhoso devido ao genio do homem, não só considerado nos seus resultados conhecidos, como por todos aquelles que é ainda dado esperar d'elle.

A *pilha de Volta*, ou apparelho electro-motor, é hoje a sibylla, á qual a physica, a chimica, a industria até, vão pedir, seja os segredos da natureza, seja as maravilhas da civilisação. A Volta deve-se, além da pilha conhecida pelo seu nome, o electrophoro, o condensador electrico, etc.

Falleceu este sabio em 1826.

IMPERTINENTE MOSCA

—

—Má sahida, compadre... Quadra e branca... vá lá... Branca e scena... descarregue!

—Podera... São doze...

—Não gostei... quadra e terno... Oh, diabo... que joguei mal.

—Tudo é scenas.

—Eu bem o disse: dei-lhe logo pedra para tapar... Não tenho... vou comprar... Eia, o que aqui vae!... pois senhor... são todas?

O boticario André Pires e o seu compadre Antonio Paiva, regedor, homem de bem e de dinheiro, entretinham-se a jogar o dominó. André era uma excepção a todos os boticarios; não sabia jogar o gamão, nunca aprendeu a deitar os dados no taboleiro e a mudar as pedras encarnadas e brancas. Gostava de jogar a bisca, de quatro, e dava por paus e por pedras quando os parceiros contrarios lhe cortavam um sete ou um az. Berrava, ameaçava, praguejava, chegava muitas vezes a ser imprudente.

Quando não arranjava parceiros, jogava o dominó com o seu compadre Paiva. Jogava mal, não contava as pedras, *mettia ás vezes o seu gato*; mas ria muito quando ganhava, dizendo ao seu parceiro com um certo ar triumphante:

—Você é um pichote, compadre. Não sabe nada d'isto.

Ora, é uma sexta-feira, e nós vamos encontrar o boticario e o compadre a testilharem, jogando ao mesmo tempo o dominó.

Na sala, sentada perto da janella, está a Mariquinhas, a sobrinha do pharmaceutico, uma rapariga airosa, bonita e bem fallante. De quando em quando deita a cabeça fóra da janella, procurando com a vista alguem por quem espera.

—Não vem hoje, murmurou inquieta a Mariquinhas. Onde estará mettido aquelle senhor?

—Oh, compadre... não... isso assim não vale... Casar uma quina com um quatro, é que não póde ser... Olha um duque com um tres!... Ora adeus, assim não fazemos nada... Se quer jogar a serio, muito que bem; senão... adeus.

—Oh, homem, não vale a pena zangar. Então que quer? Enganei-me. Você nunca se enganou?

—Pois sim; quem joga não guarda cabras...

—Vá lá, vamos a outro jogo... Este não vale...

Mariquinhas mexia-se na cadeira, olhava repetidas vezes para a rua; estava agitada, nervosa. Por fim, e não podendo mais conter-se, bradou:

—Ora deixa estar...

—Que é, acudiu o tio boticario, que dizes?

—Eu... nada. E'... é uma mosca que me persegue ha muito tempo... sem eu a poder agarrar...

O boticario olhou a sobrinha... e depois o compadre, meio desconfiado.

—Então, você joga ou está a ver hontem, que já passou? replicou o compadre regedor...

—Ah... quadra e terno...

—Qual quadra... homem! Você está doido... Pois não vê que é tudo quinas?

O boticario estava atrapalhado. Na botica ouvira dizer que um estudante, um valdevinos, arrastava a aza á Mariquinhas. O bom do homem assustou-se; não queria que a pequena namorasse um cabeça de vento... Quando ouviu o «deixa estar» pensou de si para si: «E' o melro... Passou agora!...» E ficou agitado, ao ponto de não atinar com o jogo...

A Mariquinhas ficou enleiada, e o compadre regedor á espreita. Este compadre, homem franco, conhecia os amores da pequena e do rapaz, e estava disposto a protegel-os.

Pouco depois, a Mariquinhas debruçou-se na janella, e com a cabeça e os labios fazia uns signaes quaesquer.

O pharmaceutico não estava em si:

—Oh, compadre... você conhece um tal Pimenta, um estudantorio que ahi está na aldeia?

—Quina e zero... Ora se conheço! Oh, diabo... passo...

—Passa?... Então compre...

—Ai, é verdade... Mas porque pergunta você isso?

—Por nada... Zero e terno...

—Dominó... e apanhou um garoto... Você não sabe nada d'isto; é um desgraçado... Vamos a outra partida?

—Vamos lá... Mas diga-me cá... elle é assim rapaz limpo?

—Olhe, eu nunca o vi sujo.

—Não digo isso; pergunto se é filho de gente decente...

—Doble scena... jógo... Creio que sim. Mas que lhe importa a você que o rapaz?...

Quando a conversa estava n'este ponto, Mariquinhas, esquecendo-se de que tinha junto de si o tio, na embriaguez do seu amor de creança, exclamou, sorrindo-se:

—Deixa estar, que m'as pagarás...

—Ah! acudiu logo o pharmaceutico, erguendo-se, enfiado, colerico, cheio de nervoso. Com quem estavas a fallar, anda, dize?...

—Eu... com ninguem, responde muito enleiada a Mariquinhas... E' com uma mosca, que me persegue ha muito tempo. Agora agarrei-a e...

—Deixa-a ver, volveu o tio.

—Tornou-me a fugir...

—Venha cá, compadre... Que lhe importa a você que a pequena esteja a caçar moscas! Deixe-a lá... Ande, jogue... Quina e az...

—Não está má mosca... az e terno...

—Dominó... Viu; com o sentido na mosca, perdeu.

O pharmaceutico, sempre desconfiado, mandou que a sobrinha se retirasse da janella. Mariquinhas sahiu, dissimulando.

—Vá... jogue... Faltam-me vinte e cinco para ganhar a partida...

—Oh, compadre... A rapariga...

—Ora, a rapariga, a rapariga! Que quer você; deixe-a caçar moscas! Ella lá se entende...

—Deixa estar que a mosca eu lh'a darei... Quina...

—Faz bem... Compre tudo, e dême o dominó. Eia, o que ahi vae... Eu só quero vinte e cinco... Ganhei!

—Ora... que o leve o diabo! Vou ver se tapo aquella janella... por causa da mosca.

—Tape... mas deixe aberta a porta da rua!

FIRMINO PEREIRA

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

Cada cavidade do coração é posta em acção quatro mil vezes por hora, e, no mesmo espaço de tempo, todo o sangue renova vinte vezes a sua circulação. As arterias que elle percorre estendem as suas ramificações por todo o corpo, exactamente como as raizes, os ramos e as folhas das arvores, acabando por perder-se em vasos imperceptiveis.

Por este meio contribuem para a nutrição e o calor, favorecem a transpiração pela pelle, e, penetrando através das glandulas em todas as partes do corpo, auxiliam as diversas secreções e produ-

ções animaes. Onde as arterias não são visiveis, as veias substituem-as; mas na origem estas são igualmente imperceptiveis: o sangue tem uma côr escura, e como a sua volta ao coração é mais lenta, ha o duplo do sangue nas veias do que nas arterias. O sangue, no estado de decoloração, e tendo perdido grande parte da energia e fluidez, é repellido para os pulmões, onde o oxygenio lhe restitue a côr e a fluidez; na volta recebe o chylo. O gaz aspirado pelos pulmões acha-se privado do seu oxygenio, que passa ao sangue e ao systema; e á medida que a gente respira, este excitamento augmenta, apressa-se, até que o fluido se evapora, perde a proporção de calorico que recebera e estabelece o corpo em uma temperatura uniforme. A transpiração faz perder ao corpo humano perto de dous kilogrammas de peso em cada vinte e quatro horas.

O movimento dos pulmões é alimentado pelo da membrana que os cobre; o do coração torna-se sensivel do lado esquerdo. A circulação do sangue reconhece-se pela acção do pulso e em differentes outras partes do corpo. O pulso da creança accusa cento e vinte pulsações por minuto; o d'uma pessoa de vinte annos, cerca de setenta e cinco; aos trinta annos é de setenta; na velhice não passam de cincoenta ou sessenta.

O sangue renova-se e sustenta-se pela alimentação; os alimentos, recebidos pela bocca, triturados pelos dentes e misturados com saliva, passam em seguida ao estomago, onde se dissolvem formando uma especie de papas *(bolo alimentar)* por meio d'um liquido chamado *succo gastrico*. Estas papas passam do estomago aos intestinos, onde, por meio d'outro liquido chamado *bilis*, se dividem em excremento e chylo. Este é absorvido por myriades de pequenos vasos chamados lactiferos, que o guiam para um grande tubo, conhecido da sciencia pelo nome de *ducto thoracico*. Este tubo sobe até á garganta, onde lança o chylo nas grandes veias; mistura-se então com o sangue e chega ao coração.

A força do esqueleto humano é sustentada por um grande numero d'ossos; o movimento é entertido por centenas de musculos e tendões; os nervos espalham-se por todos os lados para a sensação. Uma multidão d'arterias fazem sahir o sangue; as veias encaminham-se para o coração; uma multidão de glandulas fornecem todas as especies de secreções; emfim um numero infinito de vasos lactiferos e lymphaticos absorvem os alimentos e os conduzem ao sangue.

E' para causar extranheza a prolongação da vida quando se considera com attenção esta construcção tão complexa do corpo do animal; e sobretudo se se attende a que o desarranjo d'um só musculo, d'um osso, que a circulação interrompida d'uma só veia ou d'uma arteria, que a acção viciada d'um nervo basta para desorganisar a machina.

Os nervos são cordas macias e brancas, que saem do cerebro, este foco da sensação e da vontade, e cujas ramificações se estendem por todas as partes do corpo. Chama-se *cerebrum* a parte do cerebro que recebe as impressões, e *cerebello* a parte do cerebro em relação com os nervos, por meio dos quaes o cerebro exerce o seu imperio sobre os musculos e as membranas.

As arvores e vegetaes não teem nervos, nem *sensorium;* a sua immobilidade e segurança tornam-lhe o uso superfluo. De resto, a organisação vegetal parece apenas destinada a preparar alimentos para a natureza animal, e a sabedoria da Providencia não se denuncia em parte alguma mais evidente do que na variedade, na abundancia das substancias vegetaes, de que fallaremos a seu tempo.

(Continua) DOUTOR JAYME

O RUBOR DA VIRGEM

Candida, meiga, innocente,
Vieste da mão de Deus;
Tua alma é formosa, ó Virgem,
Como a luz pura dos ceos.

Tua voz semelha o ecco
Do canto de um seraphim:
E' o ramalhar da briza
Da noite em floreo jardim.

Teus virginaes pensamentos
Retratam-se em teu sorrir;
Dá-lhes relevo uma sombra
Do teu incerto porvir.....

Qual chuva de ouro se esparsem
No jaspe do seio bello
As engraçadas madeixas
Do teu ondeante cabello.

Um raio de luz celeste
Brilha em teus olhos d'anil,
Como a lua no Oceano
Quando assoma do alcantil.

Mas nada iguala o encanto
Das tintas do teu rubor,
De que nascendo se veste
No teu gesto o casto amor.

BALTHASAR WERNECK

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

XV

GIACOMO ZARINI

(Continuação)

Em quanto fallava, o estranho personagem ia tirando o trajo de fidalgo, e, em troca, envergou um roupão escuro e poz no rosto uma barba branca, que com uma cabelleira da mesma côr, o transformaram, de conde de Fuentidueña que era, no italiano Giacomo Zarini, sem que fosse facil reconhecer sob o seu disfarce o bravo e galante cavalleiro, como elle antes confessara.

—Dissesete que não veio ninguem? perguntou Giacomo ao criado.

—Ninguem, senhor, senão um criado da marqueza de La Villa, em procura da pomada que para ella confeccionastes.

—E' celebre! murmurou o conde pondo-se a passear pela sala. Não comprehendo como Maria não teve já um desgosto que a obrigue a chamar-me em seu auxilio conforme lhe indiquei. As imprudencias de Luiz hãode produzir forçosamente um conflicto, e receio muito que isso succeda. Se eu mesmo, para satisfazer a minha vingança e pôr frente a frente a D. Catharina e ao conde de Lazan, e ao marquez de Alcaçar em frente de Floridablanca, e Luiz em lucta com todos elles, iria mais longe do que devia!... Hoje que a todos tenho collocados na situação que desejava; hoje que até o proprio marquez Adelfi veio, sem elle o saber, proteger os meus planos, receio e não sei que catastrophe poderá sobrevir ao que quero.

Duas pancadas dadas na porta da loja interromperam este monologo, e voltando-se para Lourenço, que tambem estava pensativo, disse o italiano:

—Acende a luz, põe-a no laboratorio e vae abrir.

O monteiro trouxe um grande candieiro de latão, pousou-o sobre a mesa e encaminhou-se para a porta, na qual soaram, antes d'elle a abrir, mais duas pancadas, indicio certo de que a pessoa que desejava entrar não estava acostumada a estar á espera.

—Apressa-te, Lourenço, disse o amo. Ella não gosta de esperar.

—Ella! disse com acento de terror o bom Lourenço.

—Deve ser; anda.

Aberta a porta, entrou por ella uma dama envolta completamente no seu veo, deixando á porta os escudeiros que a tinham conduzido na sua liteira, e aos quaes disse com ademan imperioso:

—Esperem.

Quando tirou o manto, depois de se deixar cahir em uma poltrona diante do italiano, que não pôde conter um gesto de surpreza, deixou ver o bellissimo rosto de D. Catharina de Sandoval; mas as suas feições estavam veladas sob o peso d'uma grande commoção.

Os seus formosos olhos negros ainda tinham lagrimas; as faces estavam pallidas e os labios agitavam-se em um tremor convulsivo.

Ao vel-a em tal estado, o italiano perguntou:

—Que tem, senhora?

—Oh! bom Giacomo! Nunca como hoje necessito do teu prestimo.

—Então que succede?

—Succede que me engana infamemente.

—Quem?

—Quem hade ser? Luiz, o homem por quem sacrifiquei a minha honra, por quem dera a vida, porque o amava de todo o meu coração.

—Mas explique-se, senhora.

—D. Luiz de Guevara ama a filha do conde de Lazan, essa mosca morta que nunca levanta os olhos do chão e por quem debalde tem suspirado mais do que um cavalleiro da côrte.

—Mas está certa d'isso?

—Acabo de sabel-o por meio de um aviso mysterioso que me mandaram.

—Pois bem, senhora, tornou o perfumista perfeitamente tranquillo. Em que posso ser-lhe util?

—Tu possues o segredo de certas hervas que matam. Pois bem. Preciso de um toxico d'essa especie.

Nem um musculo se alterou na physionomia de Giacomo; mas os seus dedos apertaram convulsivamente o roupão, e, fazendo um violento esforço, perguntou:

—E que mais?

—Quero uma bebida que faça desfallecer d'amor, que inspire uma paixão violenta a quem o tomar com relação a quem lh'o tiver dado; quero que Luiz me adore como eu o adoro a elle, e tirado o obstaculo de Maria, poderei disfructar o seu amor sem medo de nenhuma outra rival.

—E nada mais quer, senhora?

—Nada mais, senão que me contes a historia de minha familia como tantas vezes me tens promettido.

—Não é esta a ocasião mais propria.

—Porque?

—Esquece, senhora, que a esta hora costuma concorrer a minha clientella?

—Diz que não estás em casa.

—Não póde ser.

—Pagarei quanto perderes com isso.

—Não me comprehende, senhora.

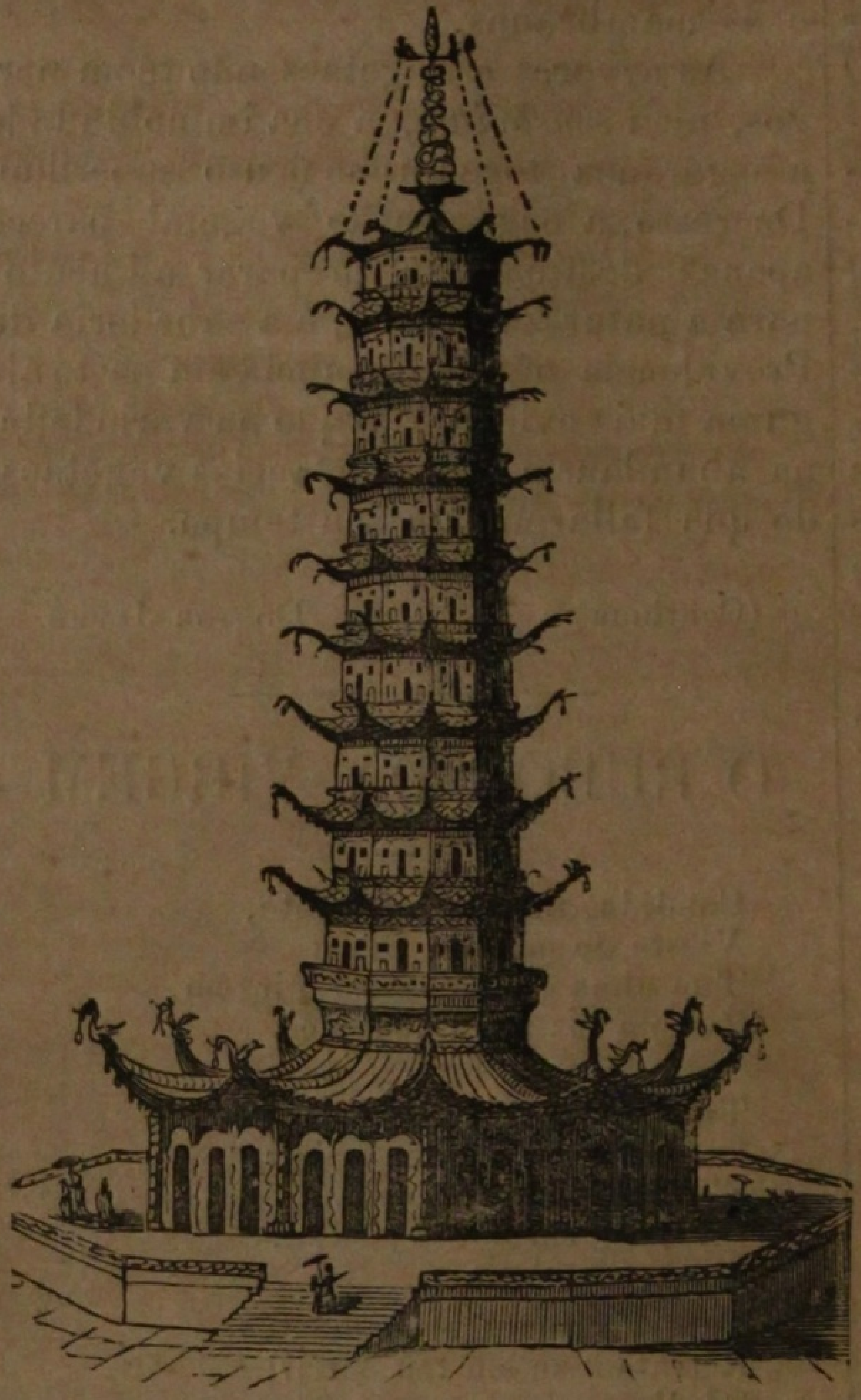
—Punhamos de parte todas as difficuldades. Queres ou não contar-me a historia?

O italiano pareceu meditar breves instantes. Depois disse, como decidindo-se:

—Bem. Vou satisfazer o seu desejo.

O falso bruxo preparou-se para principiar a narração e D. Catharina para escutal-o.

(Continua)



TORRE DE PORCELLANA

TORRE DE PORCELLANA

No centro da cidade de Nankin, outr'ora capital da China, eleva-se uma torre de singular construção, que todos os viajantes europeus admiram. E' octogona e tem cêrca de sessenta e seis metros de altura, sendo dividida em nove andares, aos quaes se sobe por meio d'uma escadaria, composta de cento oitenta e quatro altos degraos. Em cada andar tem uma galeria, cercada de larga columnada e protegida por um tecto elevado, á maneira chineza, nas pontas do qual estão suspensas campainhas de bronze, que, quando agitadas do vento, espalham sons harmoniosos e de surprehendente effeito.

Exteriormente, a torre é coberta de porcelana, d'onde lhe vem o nome, e pintada de côres brilhantes, que dão realce ao aspecto pittoresco, e no topo é coroada por uma facha de madeira, que os chinezes dizem ser coberta d'uma lamina d'ouro fino.

Do alto d'este edificio, a vista abraça não só a immensa extensão de Nankin, povoada de quinhentas mil almas, mas ainda todo o campo que a cerca. A vista d'esta magnifica cidade e da paisagem rica e variada que envolve o rio nas suas porfundas sinuosidades, é um dos mais formosos espectaculos que podem offerecer-se ao viajante.

A origem da torre é pouco conhecida. Parece datar do seculo XIII da era christã. Uns dizem ser um monumento de piedade; outros querem que commemore uma victoria alcançada pelos chinezes sobre os tartaros, ha perto de setecentos annos. O que é fóra de duvida, é que estes ultimos a respeitaram, quando pela ultima vez invadiram e devastaram Nankin.

CHARADA

A primeira diz estima,
Diz acção de desejar — 2
A segunda, sem se ver,
Ninguem a pode negar —1

Marujo! Desfralda a vela;
Tempo é já de pôr-te ao mar!

Explicação da charada do numero 25: — Prosapia.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 26, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 28

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 10 DE MARÇO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— O condor — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: O reino animal, por Doutor Jayme — Saudades (poesia) por J. P. de Souza Macario — Os homens uteis de todos os paizes: Bourgelat — Kosciusko — Richelieu — Sá Noronha — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Os confins da Europa — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Datas memoraveis de Portgal: Victoria de Mombaça — A cruz do adro (poesia) por Fausto d'Horta — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — O anno mil — Zig-Zags: Exhumação de Santa Isabel — Os justos — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— O condor — Kosciusko na batalha de Dubieka — Richelieu — Uma abbadia da idade media.

O CONDOR

O condor é a mais gigantesca da aves de rapina que pairam por sobre as eminencias dos Andes espiando a presa. Os naturalistas exageram o seu tamanho, de que se fará ideia, porém, sabendo que as azas abertas medem cinco ou seis metros. E' duas vezes maior do que a aguia

O CONDOR

mais collossal. E' por causa d'estas dimensões que o condor não pode penetrar nas florestas e anda só pelas alturas.

Ordinariamente vôa a uma elevação seis vezes maior do que aquella a que se sustentam as nuvens acima das nossas planicies. Frequenta os sitios mais solitarios, preferindo quasi sempre as cristas dos rochedos nus que avisinham o limite inferior das neves eternas.

O condor é, como o lama, a vigonha, etc., particular á grande cadeia dos Andes.

A região do globo que parece preferir é a que está situada a mil e duzentos metros d'elevação. E' ali que essas aves se reunem ás tres ou quatro, seguras com as suas immensas garras aos rochedos escarpados. Não desconfiam do homem e só fogem quando elle está á distancia de tres ou quatro metros apenas.

Conta-se de condores que teem arrebatado creanças, touros e veados.

Na idade de dous annos o condor não tem a plumagem negra como ao depois, mas d'um pardo arruivado; a femea, até essa idade, não tem o colar branco, formado, na parte inferior do pescoço, por umas pennas mais compridas do que as outras, colar ou capuz que os hespanhoes denominam *golilla*.

O abutre dos Andes não é tanto pa-

ra admirar pelo tamanho como pela audacia, pela enorme forma do seu bico, das azas e das garras. O bico é fortemente recurvado na extremidade; a queixada inferior é muito mais curta do que a superior. A plumagem é branca por diante e tudo o mais cinzento. Tem a cabeça e o pescoço nus e cobertos de pelle dura, secca e engelhada; a pelle é avermelhada e guarnecida em certos pontos de pellos pardos ou avermelhados. O craneo é singularmente achatado no alto, como acontece com todos os animaes de grande ferocidade.

Se em geral é a ave que se afasta mais do nosso planeta, não é menos verdade que a fome a obriga a descer ás planicies, especialmente quando estas estão perto das cordilheiras. Entretanto teem-se observado que poucas horas permanecem nas regiões baixas, preferindo a solidão das montanhas, como já dissemos.

Quando desce á planicie, ataca não só o veado, mas o leão pequeno, ou puna, a vigonha, o guanaco e o novilho. O modo d'apanhar este ultimo animal é perseguil-o até elle ficar prostrado pela fadiga, com a lingoa de fóra da bocca. O condor agarra-lhe então n'ella, porque a lingoa é o seu prato favorito, assim como os olhos, que é o que em seguida arranca ao novilho com as unhas.

Depois de saciado, o condor permanece fleugmaticamente empoleirado no cimo d'um rochedo, e Humboldt, que o examinou n'esta posição, achou-lhe um certo ar de gravidade, taciturno e sinistro. Pelo contrario, quando a fome o apoquenta, eleva-se a alturas prodigiosas e paira nos ares, para examinar com os olhos o sitio onde encontrar a presa. E' sobretudo quando o ar está sereno que o condor attinge as maiores alturas, pela simples rasão de que é quando com a vista abrange mais extenso panorama.

No Peru os caçadores apanham o condor a laço. Para isso matam uma vacca ou um cavallo, e o cadaver, exposto em logar elevado, breve attrae a ave de rapina, cujo olfato é d'uma finura extraordinaria.

O condor come com uma voracidade espantosa; principia sempre por comer os olhos e a lingoa, de que é muito goloso, como dissemos. Em seguida abre o ventre á sua presa, para lhe comer os intestinos. Depois de bem farto fica como entorpecido, e é então que o caçador o ataca. A's vezes consegue fugir, porque com os esforços que faz para voar e evitar o caçador, vomita quanto tem no estomago e fica mais leve; mas isto é raro.

A caça do condor, a que os hespanhoes chamam *correr buitres*, é um divertimento muito do aprazimento dos povos visinhos das cordilheiras, que tambem usam caçal-o por meio d'envenenamento, isto é, introduzindo certas hervas venenosas no ventre do animal que lhe dão a comer.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

VI

Quando Pedro da Motta e Jorge de Castro chegavam á porta de Francisco d'Almeida, o primeiro obrigou o mancebo a parar, fazendo-lhe signal para que o escutasse. Jorge obedeceu.

—Snr. Jorge, antes de transpormos estes humbraes, convém que lhe diga algumas palavras. A casa em que vamos entrar, é a d'um amigo meu da infancia, homem opulento e virtuoso, que o hade accolher como filho. Não pense que a sua presença aqui possa, de alguma forma, desagradar. Antes, pelo contrario, affianço-lhe que hade ser accolhido com jubilo. Nada lhe faltará. Hade ter carinhos sinceros, todas as commodidades imaginaveis, todas as distracções possiveis; de sorte que, estou d'isso convencido, verá tão suavisados os dias do exilio, a que o arrastou a sua verdura d'annos, que quando regressar á patria, talvez sinta saudades ao abandonar estas regiões. Seu pae havia-me recommendado que o empregasse em alguma casa de commercio onde auferisse meios sufficientes para sustentar-se decentemente, que velasse sempre por si com a maior sollicitude, e que lhe communicasse, ou fizesse saber por algum amigo meu, qual o seu procedimento e disposições.

Jorge escutava attentamente o capitão, que proseguiu:

—Desejando satisfazer cabalmente aos desejos do meu amigo Ernesto, que melhor expediente poderia eu tomar do que appresental-o em uma casa, onde a par do trabalho honesto e bem retribuido, o senhor encontrará o mais lisonjeiro tratamento e a mais sincera hospitalidade? Subamos, continuou Motta, travando do braço do mancebo, e conduzindo-o para o interior do amplo vestibulo da entrada.

—Obrigado! mil vezes obrigado! exclamou Jorge, ao ouvir as ultimas palavras do seu amigo, e apertando-lhe a mão com effusão de reconhecimento.

Ao fundo do vestibulo havia uma elegante escada de caracol, pela qual tomaram o capitão e Jorge.

Ao fim da escada, através dos vidros córados que sobrepujavam uma larga porta com humbraes de marmore polido, brilhavam raios de luz.

Era já noute.

Pararam ahi. Pedro da Motta, com o desembaraço d'um familiar da casa, abriu o fecho da porta, e impelliu-a, fazendo soar as campainhas, que annunciavam a entrada dos visitantes, embora estes quizessem penetrar na casa secretamente.

Atravessaram um vasto aposento adornado com elegantes moveis, que servia de salla de espera, e encaminharam-se para uma porta que lhes ficava em frente, e que conduzia para a salla de visitas. A' direita, ficava-lhes uma outra porta, que era a do escriptorio, e á esquerda, uma janella com formosas cortinas bordadas.

Um magnifico e elegante candeeiro de porcellana, representando uma Venus sahindo do banho, se achava sobre uma das mesas, illuminando a espaçosa salla.

A porta, para a qual dissemos se haviam encaminhado os nossos dous personagens, abrira-se, dando passagem a um bojudo homem de meia-idade, bem trajado, que para elles se dirigiu com modos prasenteiros

Era Francisco d'Almeida.

—Meu velho amigo! exclamaram simultaneamente Pedro da Motta e Francisco d'Almeida, abraçando-se affectuosamente.

Passado aquelle transporte de amizade, o ingenuo commerciante olhou para Jorge, como que um tanto admirado, e cumprimentou-o.

—Apresento-te o snr. Jorge de Castro, filho do meu amigo e nosso compatriota Ernesto de Castro. E' um mancebo intelligente e honesto, que pretende seguir a carreira commercial, para assegurar-se um futuro solido. N'este intuito, demanda as terras de Santa Cruz, onde espero, em alguns annos, comprar com o trabalho honrado a sua independencia. Se o lugar de guarda-livros que ha mezes vagou na tua casa, ainda não está preenchido, espero que n'elle empregarás o nosso conterraneo.

Jorge, pensativo, fitava os olhos na esteira que cobria o pavimento. Francisco d'Almeida respondeu ao capitão nos seguintes termos:

—Com todo o praser acceito o meu novo guarda-livros, que, d'hoje em diante, ficará sendo meu hospede familiar.

—Obrigado! Muito obrigado, senhor, exclamou o mancebo apertando a mão, que Almeida lhe estendia.

—Mas que indiscripção a minha! proseguiu o negociante. Pois eu recebo as minhas visitas na ante-salla? Meus amigos, queiram entrar.

E Francisco de Almeida conduziu Motta e Jorge para a salla de visitas.

(Continua) ALBERTO CARLOS

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

O ouvido é um instrumento collocado na cabeça, perto do cerebro, receptaculo commum de todos os sentidos, afim de prevenir o mais promptamente possivel todos os perigos exteriores, perigos annunciados pela vibração do ar. O ou-

vido no homem está em harmonia com as outras partes da sua organisação; na ave é d'uma forma propria ao vôo. Nos quadrupedes, que vivem debaixo da terra, o ouvido não é formado como o dos quadrupedes que vivem nos bosques e planicies.

A estructura da orelha, que serve para proteger o ouvido, é admiravelmente organisada para receber as ondulações dos sons e transmittil-os ao *cerebrum*. A primeira parte do ouvido, *auricula*, ou orelha exterior, recebe e recolhe as ondulações sonoras e leva-as á *concha*, longa cellula situada á entrada do ouvido. No interior está o *ducto auditivo*, que abre ao som uma passagem commoda para as partes internas mais afastadas.

As pessoas que teem a orelha cortada teem um ouvir confuso e são obrigadas, para ouvir melhor, a formar, por assim dizer, uma orelha postiça com a mão. Um humor viscoso e amargo chamado *cera*, ou *cerumen*, protege a abertura do ouvido e obsta á entrada d'insectos nocivos; o *tambor* ou membrana do tympano, é a parte mais proxima. O *vestibulo*, ou passagem situada detraz do *tambor*, está á entrada de duas outras cavidades, chamadas *labyrintho* e *caracol*.

As narinas e os nervos olfativos, cujas ramificações penetram até ás narinas, são os principaes orgãos do *olfato*. Este sentido provém das essencias odoriferas espalhadas no ar, que as narinas respiram e affectam os nervos com uma força tal, que occasionam o sentimento do suave, do aromatico, do amargo, do fetido.

O *gosto* é a sensação que todas as cousas produzem na bocca; todavia ha quem considere o paladar como instrumento principal do gosto.

Pelo que respeita ao olho, fallaremos quando tratarmos da optica.

Parece que o creador estabeleceu uma conexão intima entre o olho, o paladar e o nariz, dirigindo para cada uma d'estas partes ramos dos mesmos nervos, o que serve para proteger o animal contra toda a comida nociva. Antes de passar ao estomago, o alimento deve soffrer o exame de dous d'esses sentidos, sem contar o dos olhos, que é o primeiro de todos.

O *tacto* dá-nos ideia do quente, do frio, do solido, etc. As suas impressões são tão extensas e tão intimamente ligadas na maior parte dos casos com o olho, o ouvido, etc., que os outros sentidos parecem que não passam de modificações d'aquelle. O mais universal dos nossos sentidos, o tacto, é possuido, em uma perfeição talvez maior do que no homem, pelas aranhas, as formigas e as moscas; nos cegos a sua finura suppre a falta da vista.

Todos os nossos sentidos derivam dos nervos sensitivos e dos seus instrumentos. Certos costumes chamados *instincto* pertencem a alguns animaes e não passam de effeitos da imitação e d'uma educação passageira, de que é susceptivel a conformação pouco complicada do cerebro dos animaes d'essas especies.

Os ossos formam a base do esqueleto: são acompanhados de *ligamentos* para os segurarem; e para não se embaraçarem uns com os outros, as junturas estão separadas por *cartilagens* e providas de glandulas para as secreções do *mucus*, que exhudam constantemente pelas junturas. Ha duzentos quarenta e oito ossos distinctos no corpo humano, dividindo-se em ossos da cabeça, do tronco e das extremidades.

A cabeça ou craneo compõe-se d'oito peças e serve para proteger o cerebro; ha além d'isso os ossos da face, as queixadas com os seus trinta e dous dentes, etc. A cabeça está segura ao tronco por vertebras.

Na frente e no centro do tronco está o osso *sterno*, que vae desde o pescoço até o abdomem; e do lado opposto, isto é, nas costas, está a *espinha dorsal*, que principia na cabeça e acaba abaixo dos rins, formando uma extensa cadeia de pequenos ossos separados e chamados *vertebras*. Estes ossos servem para segurar as sete costellas, que formam por cada lado a caixa do thorax, do coração, dos pulmões e dos orgãos da digestão. Um pouco abaixo estão as cinco costellas falsas. Os ossos dos quadris chamados *pelvis*, estão ligados a outros ossos para sustentarem o abdomem ou ventre.

Dous ossos, chamados *omoplatas*, prolongam-se dos dous lados do pescoço até ao alto de cada braço. O osso do braço que vem desde a espadua até ao cotovello chama-se *humerus*; o exterior que vem desde a espadua até ao pulso, *radius*; o interior *cubitus*. O osso da coixa chama-se *femur*; o dos joelhos *rotula*; o exterior das pernas *peroneus* e o interior *tibia*.

(Continua) DOUTOR JAYME

SAUDADES (*)

—

Assim como o proscripto em seu desterro
Recorda a sua terra e o patrio lar,
E as aves quando voltam d'outros climas
Não podem os seus ninhos olvidar;

Tambem aqui, distante do meu berço,
Da terra onde nasci e me creei,
Eu sinto, de saudades opprimida,
Minha alma recurvar-se á mesma lei.

Por isso eu busco a horas melancolicas
Da tarde ao declinar, a soledade,
E venho procurar n'este retiro
Alivio á minha dôr, minha saudade.

Aqui o patrio Douro em seus murmurios
A mim vem revelar segredos seus,
Que são d'elle os segredos meus segredos,
Seus amores tambem amores meus.

Elle sente saudades d'outras margens,
Onde encontrou campinas e verdores;
E eu sinto reviver dentro em minha alma
Saudades do meu lar, das minhas flores.

Elle vem recordar-me os bellos dias
Do tempo em que eu infante o visitava,
Quando na margem proxima ao meu berço
Alvas conchas e seixos apanhava.

Aqui vejo-o mais forte e magestoso
D'embarcações coberto e concorrido;
Mas junto do meu lar é mais singelo,
De margens mais formosas guarnecido.

Aqui é pelo mar torvo e arrogante
A' lucta d'exterminio provocado;
Além, onde eu nasci, elle é mais livre,
E dorme entre verduras embalado.

Aqui, como elle, encontro n'este imporio
Mais pompas, mais deslumbres, mais grandeza,
Mais vida, mais labor, primores d'arte;
Mas eu dou mais valor á natureza.

Aqui as distracções são incessantes;
Mas eu não posso emfim viver contente;
Alem, aonde tudo é mais modesto,
A vida me ficou do adolescente.

E' lá o ceo mais puro e os arvoredos
Teem mais risonho aspecto e formosura,
E' mais saudosa a lua, e as aves cantam
Com mais grato gorgeio e mais doçura.

Aqui a vida corre pressurosa
Entre illusorios visos de grandeza;
Ha quem ame a illusão, porém minha alma
Só ama a innocencia, a singeleza.

Se pompas lá não tenho deslumbrantes,
Que são, em quanto a mim, tristes chimeras,
Recamam-se os pomares de bons fructos,
Como de flores mil nas primaveras.

Ali passei a infancia, a mocidade,
Brincando d'entre as relvas no matiz;
Costumado ao socego dos meus campos,
Não posso aqui gozar, nem ser feliz.

Não posso, não; em nós ha um affecto
Que minha alma até hoje não perdeu;
Que não tem coração quem não suspira
Pelo saudoso ninho em que nasceu.

Por isso eu venho a sós n'este retiro,
Fugindo do bulicio da cidade,
Ao meu saudoso Douro contar magoas,
Dar pasto á minha dôr, minha saudade.

E ás agoas que me escutam e caminham
Seguindo eterno fado, eternos giros,
Peço que ao berço meu levem ligeiras
Meus protestos d'amor e meus suspiros.

J. P. DE SOUZA MACARIO

(*) Poesia escripta na Serra do Pilar, junto á ponte metalica no Porto.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XIV

BOURGELAT

Bourgelat nasceu em Lyon em 27 de março de 1712 e exercia a profissão de advogado quando um acontecimento muito honroso para o seu caracter o obrigou a renunciar de repente a uma carreira em que tanto se distinguia.

Acabava de ganhar uma causa importante; em seguida, por um acaso, soube que havia sido enganado e que o seu triumpho não passava d'uma odiosa offensa á verdade. Não podendo transigir com a sua indignação, foi-se ter com os juizes e com toda a energia d'uma consciencia immaculada pediu a annulação da sentença; mas não pôde obtel-a.

Renunciou pois ao foro e consagrou a sua alta intelligencia e todo o tempo de que podia dispor á sciencia veterinaria.

As suas primeiras obras denunciaram-o como reformador das doutrinas viciosas admittidas até esse dia não só no tocante á medicina propria da raça cavallar, mas ainda a tudo quanto diz respeito aos cuidados reclamados pelos animaes domesticos, empregados nas explorações ruraes. O mais bello titulo para recommendar este benemerito ao reconhecimento publico está na fundação das escolas veterinarias.

Bourgelat hypothecou a sua mediocre fortuna para fundar as escolas de Lyon e Alfort, que não cessaram, desde então, de prestar os serviços mais eminentes á economia rural. A escola de Tolouse, dedicada especialmente á raça bovina, é uma derivação do pensamento fecundo d'esse reformador.

Bourgelat terminou a sua util carreira em 3 de janeiro de 1779.

KOSCIUSKO

O heroe polaco conhecido na historia pela phrase *Finis Poloniæ!* nasceu em 1746 na Lithuania, e antes de declarar-se o caudilho da independencia da sua patria fez a campanha da America na qualidade d'ajudante do grande Washington, e voltando á Europa em 1783, serviu sob as ordens do principe Estanislao Poniatowsky como major general do exercito que combatia contra os russos.

Kosciusko cobriu-se de gloria na batalha de Dubieka, junto de Lublin, em 1792, disputando ao inimigo o territorio que elle ambicionava.

A fraqueza do rei Estanislao, assignando cobardemente um convenio que entregou a Polonia nas mãos dos russos, desgostou por tal modo o heroico caudilho da liberdade patria, que abandonando a Polonia retirou-se para Leipsick.

Opprimidos pela tyrannia dos russos, os polacos entenderam chegado o momento de sacudir o jugo, e em 1794 chamaram Kosciusko como o unico que podia pôr-se á sua frente. O heroe abandonou o seu retiro e acceitou o importante papel que lhe davam na grande lucta que tornou o seu nome immortal como um dos mais decididos partidarios da liberdade dos povos.

Elevado ao cargo de chefe supremo de todas as forças nacionaes, derrotou os russos em Wraclawice, perto de Cracovia; mas foi obrigado a retirar-se para Choczim, diante dos prussianos, que acabavam de colligar-se com os russos.

Quatro mezes depois, em 4 d'outubro, atacado em Macijowice por um exercito russo muito superior ao seu, Kosciusko foi derrotado e caiu crivado de feridas, gritando em um transporte de desespero:

—Finis Poloniæ!

Effectivamente a Polonia acabava n'esse dia.

Conduzido debaixo de prisão a S. Petersburgo, Kosciusko esteve dous annos encarcerado.

Mas Paulo I restituiu-o á liberdade, e o heroe foi viajar pela Inglaterra e America, e esteve em Paris em 1798, indo emfim viver para Soleure, na Suissa, em 1814, e ali morreu em 15 d'outubro de 1817.

Kosciusko deixou no seu testamento fundos destinados á creação d'uma escola para ministrar instrucção aos negros americanos, e Jefferson, em cujas mãos havia depositado as sommas necessarias para aquella obra phylantropica, realisou o pensamento do nobre polaco, fundando em Newarke a escola Kosciusko, hoje florescentissima.

KOSCIUSKO NA BATALHA DE DUBIEKA

RICHELIEU

Montesquieu disse do cardeal de Richelieu:

«Este homem fez representar ao seu soberano o segundo papel na monarchia, representando elle o primeiro na Europa; mas illustrou o reinado.»

Espirito feito a proposito para governar os povos, grande nos seus projectos, firme nas suas resoluções, implacavel para com os seus inimigos, infatigavel no trabalho, cioso das honrarias, ambicioso d'uma immortalidade gloriosa, Richelieu fez mais do que a maior parte dos homens de genio que tem pisado o tablado politico nas grandes epocas de transicção. Ministro d'um rei, soube dominal-o sem o adular nem irritar o seu amor proprio. Foi o contrario da maior parte dos favoritos, que quasi sempre se tornam nocivos á causa publica e acabam por incorrer nas iras dos amos, o que quer dizer que nem são uteis a si, nem aos seus concidadãos.

Mas não foi somente para satisfazer um pueril desejo de dominação que o cardeal se apoderou do sceptro e da espada do rei de França. Para um homem d'esta tempera relevava mais do que o praser de arrogar-se o poder absoluto no interior d'uma côrte e entre um enxame

de cortesãos mais ou menos venaes: como Luiz XI, como Pedro o Grande, como o marquez de Pombal, queria a reforma do governo, a restauração das instituições, o engrandecimento do seu paiz. Amigo das artes e sciencias, fundou a Academia franceza e protegeu a universidade de Paris, que lhe deve a reconstrucção da Sorbona, onde está o tumulo do grande ministro de Luiz XIII.

Sería extremamente longa a enumeração de todos os factos notaveis da vida do grande homem, cujo retrato apresentamos ao leitor. Basta que digamos que os fins mais importantes a que os seus esforços se encaminhavam, o abatimento dos grandes e da casa d'Austria, conseguiu-os plenamente.

Richelieu, que nascera em 1585, falleceu em 1641, depois de ter durante desoito annos representado na Europa o papel mais importante.

Eis as suas ultimas palavras:

—Nunca tive outros inimigos que não fossem os da nação. Deixo o reino no mais alto grao de gloria em que nunca esteve.

Depois da morte do seu grande ministro, Luiz XIII achou as arcas do thesouro cheias de dinheiro.

SÁ NORONHA

(Continuação)

Noronha achou o seu bello ideal na natureza.

E não será a musica a mais suave traducção da natureza? Não será ella a linguagem que nos falla o ribeiro, serpeando por entre as margens de relva, o monte retalhando as nuvens, que lhe servem de docel, o gado que se espreguiça, a flor que se espaneja aos raios do sol, o lavrador que lança á terra os germens do seu lavor? Não será tudo isto uma harmonia suave e regeneradora, que nos falla de Deus e de uma outra vida, d'um paraiso e d'uma eterna manhã d'abril?

Percorrendo esses terrenos selvagens, estudando a vida d'esses homens tisnados pelo sol dos tropicos, identificando-se com o fogo d'esse clima, bebeu Noronha a longos haustos d'aquelle manancial copioso, que se lhe abriu ao bater na rocha com essa outra vara de Moysés; então, por um esforço da sua potente imaginação, povoou aquellas solidões d'homens como elles lhe appareciam nos seus sonhos de poeta; elle os fez curvarem-se para agradecerem a Deus o ter-lhes dado aquelle grande espaço para serem senhores d'elle, aquellas maravilhas, aquella grandeza; elle deu relevo ás suas tradicções; coloriu essas creações de poeta: foi um *fiat lux!*

Não passaremos adiante sem consagrarmos duas palavras á peça de musica a que Noronha poz o titulo *Tristes do Peru*, peça caracteristica d'aquelle povo singular, que elle nos quiz fazer conhecer por meio dos inspirados sons da sua rebeca.

RICHELIEU

Deve saber-se, primeiro que tudo, que o homem dos tropicos é essencialmente pensador, triste e melancolico, já pela uniformidade dos seus habitos, já pela natureza pesada da sua atmosphera, e não pouco pela falta de vida em uma existencia, livre sim, mas amesquinhada, porque se desenvolve com a natureza, regularmente, triste e regrada. Não é pois difficil encontrar entre aquelles homens, permaturamente gastos, algum poeta, mas poeta da alma, rico de crenças e de sentimentos, porque se a poesia vive com a natureza, em parte alguma se observa tão de perto a natureza como sob o sol abrasador dos tropicos.

Quereis saber o que faz o peruviano quando lhe morre a amante, porque aquelle homem ama como nós, ou melhor do que nós, ou uma irmã, ou finalmente qualquer pessoa cuja memoria lhe deve ser cara? Deixa passar um anno, dous, tres, o tempo bastante para que o cadaver se cahe completamente gasto pela terra, vae ao sitio onde repousa, descobre-o, corta-lhe uma canella, e tral-a comsigo. Não é só isto. Depois, toma este pedaço d'osso, fura-o por dentro, abre-lhe uns poucos de buracos, e eil-o transformado em flauta! O som de este originalissimo instrumento em nada se parece com o de qualquer genero de flauta conhecida. E' pouco brilhante, sem ser desagradavel; mas quando o peruviano invoca a lembrança do seu passado d'amores por meio do seu querido instrumento, sabe tirar d'elle sons que commovem.

Esta musica, especie de canção, simples, natural, sem arte, não podia deixar de ser triste, melancolica, plangente, como ecco que é d'uma esperança perdida, d'uma flôr murcha ao desabrochar, d'uma aurora de felicidades, seguida d'um dia d'amargura. Ha tanta poesia, tanto amor, tanto sentimento no desespero do peruviano!

O homem dos tropicos não é um Paulo depois da morte de Virginia. Não se desespera como nós, depois que perde a mulher que amava. Não. Senta-se sobre um penedo, no meio d'um campo, ou á porta da sua cabana, tira a sua flauta, leva-a aos labios; e então, a sua saudade, o desespero sem fim, tudo o que na alma lhe deve dizer o que lhe falta, passa da alma aos labios, dos labios á flauta, e de esta aos eccos da montanha, ou da floresta proxima, que suspiram com o infeliz amante, não com esse pranto dos homens vulgares, mas em notas d'um canto sereno e regular, em que parece vasar-se toda a alma do tocador, para se debruçar á borda da campa meia aberta, onde a virgem dorme o somno eterno.

E' preciso ouvil-o, de noite, ao clarão da lua, debaixo d'aquelle ceo velado, mas brilhante, no meio d'aquella natureza de fogo, para comprehender e sentir o

effeito magico d'esta elegia do homem selvagem! Ninguem que tenha viajado na America do Sul e observado os costumes dos peruvianos, poderá negar as sensações que experimentara ao ouvir o canto dos *tristes* do Peru. Para o europeu, o effeito é tanto mais poderoso, quanto a natureza do clima, o silencio da noite, a simplicidade d'aquella vida selvagem, o faz esquecer completamente do ruido das cidades, onde os poetas da alma são difficeis d'encontrar, e o identifica com a natureza do solo que pisa, com o ar que respira e com a musica que ouve, que dirá ser o ecco da sua propria paixão.

Diz-se que o peruviano, depois que começa a tocar o seu instrumento favorito, ficaria dias e noites successivas, tocando, sem comer, sem descançar, sem deitar o menor cuidado ao seu presente, mas só vivendo do passado, a ponto de morrer infallivelmente. Constitue isto uma terrivel molestia, muito frequente no paiz, chamada *melancolia*, cujos effeitos julgaram necessario prevenir, por meio de guardas, convenientemente collocados pelas montanhas, valles e montados, e munidos de longos chicotes, com que arrancam os tristes trovadores ao seu sonho de amor mortal.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXII

OS CONFINS DA EUROPA

Temos visto a Russia, e proseguindo viagem sempre para o norte, encontramos ao sul, desde o mar Caspio até ao mar Negro, o monte Caucaso; ao norte o Baltico, os golfos de Finlandia e de Botnia, o mar Branco e o Oceano Glacial.

No circulo polar depara-se-nos a Nova Zembla, região inhabitavel, onde os pescadores e caçadores de Arkangel vão á procura dos cetaceos, como esqualos, phocas, ursos brancos, rennas, isatis e lontras. Ha ali uma noute de tres mezes.

O imperio russo, d'origem recente, como já dissemos, compõe-se d'elementos diversos: as classes altas são instruidas, fallam muitas lingoas, especialmente a franceza; mas a maior parte da nação é ignorante.

Ainda não ha muito tempo os camponezes eram servos, isto é, pertenciam á terra ou propriedades, cujos senhores eram os boyardos, isto é, os fidalgos. A alforria dos servos foi decretada pelo governo russo, que deu o exemplo alforriando os servos da coroa.

Na Russia meridional habitam as differentes tribus de cossacos, organisadas militarmente. E' a melhor cavallaria ligeira do imperio. O herdeiro da coroa é *hetman* geral dos cossacos.

A Transcaucasia é limitada ao norte pelo Caucaso, cuja visinhança lhe dá o nome; é para os russos uma possessão de além do Caucaso; ao sul tem por limites a Turquia da Asia e a Persia.

Notaremos Tiflis, antiga capital do reino da Georgia, hoje residencia do governador russo, cidade muito commerciante; Bakou, praça forte, com os seus mananciaes de naphta.

A immensa cadeia dos montes Ouraes, que vão desde o mar Caspio até ao mar de Kara (sob os polos) desenha o limite da Europa. E' necessario transpol-a para visitar a Siberia, essa triste Russia da Asia.

Mas antes de nos embrenharmos por essa região desagradavel, consideremos um pouco a Asia, essa parte do mundo em que vamos entrar, e que foi, segundo se diz, o berço da civilisação humana.

(Continua)

O CHAPEO BRANCO

Se o leitor tivesse conhecido meu avô, poupar-me-ia o trabalho de fazer-lhe aqui a sua discripção. Sou porém obrigado a dizer-lhe antes de mais nada que, se não o conheceu, tambem eu não.

Tudo quanto posso dizer a respeito d'esse bom velhote foi meu pae que m'o contou.

Feita esta declaração previa e de todo o ponto necessaria, direi que meu avô era um portuguez de lei, um homem como hoje ha poucos, que não conhecia outra estrada que não fosse a do dever, nem outro dever que não fosse o cumprimento das maximas do Evangelho.

Não se pense porém pelo que acabo de dizer que meu avô fosse ahi um fanatico, um santarrão como se diz em phrase vulgar. Meu avô não era nada d'isso. Era religioso sem fanatismo, e nas mesmas normas educou os filhos, e os filhos educaram os netos.

Este o retrato moral do bom do velho. No tocante ao physico, basta dizer que apesar dos seus setenta annos, e da cabeça completamente calva, e da falta de dentes, e das suissas brancas, meu avô era um velho bonito, mais bonito do que alguns novos d'hoje.

Usava regularmente todos os domingos ir á missa do meio dia ao Carmo. Dava depois a sua volta pela feira do Anjo, e recolhia a casa pela hora e meia, hora marcada por elle para o jantar.

Era a pontualidade em pessoa. Nunca houve ninguem mais methodico do que elle. Foi talvez por isso que chegou aos noventa e nove annos, e, se morreu, foi com certeza uma pena, porque o que posso assegurar ao leitor é que, com a vida regular que tinha, se não tivesse morrido, ainda hoje era vivo.

Façam ideia sabendo que todos os dias fazia a barba e confessava-se uma vez cada mez. Não podia ser mais regular em cuidar da limpeza do corpo e da alma.

Todos os domingos invariavelmente vestia meu avô a sua vistosa camisa de peitos bordados, o seu colete de setim roxo, as suas calças de ganga amarella, a sua casaca de panno azul finissimo, com botões de metal amarello; todos os domingos punha a sua gravata alta, de seda preta, segura por uma fivela quasi ao pé da nuca; todos os domingos emfim cobria a respeitavel cabeça com o seu chapeo branco.

O seu chapeo branco... Eis onde eu queria chegar.

Meu avô era alto, muito direito, e ao andar tinha uma certa magestade que infundia respeito. Apoiado na sua bengala d'unicorneo com castão de prata, parecia uma estatua movente.

Quando entrava na egreja, as pessoas que não o conheciam se não de vista diziam de si para si:

—Ahi vem o velho do chapeo branco.

Na feira do Anjo, quando, depois de acabada a missa, principiava a affluir o povo, diziam as regateiras umas para as outras:

—Não tarda por ahi o velho do chapeo branco.

E elle não tardava a apparecer.

O chapeo branco de meu avô era como se vê um distinctivo. Era mais do que isso; era um symbolo. Para elle era um objecto que lhe merecia quasi adoração. Era porque ao precioso chapeo andavam ligadas recordações, que não lhe podiam esquecer. Em fim o chapeo branco de meu avô tinha uma historia, e é essa historia que me proponho contar ao leitor nos numeros seguintes d'este jornal se Deus me der vida e saude. Amen.

(Continua) JORGE DE MACEDO

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

VICTORIA DE MOMBAÇA

Por fins do seculo XVI, sendo governador da India D. Manoel de Souza Coutinho, andava um temivel pirata turco, de nome Mir Alebet, infestando aquelles mares e ameaçando as povoações em que tremulava victoriosa a bandeira das quinas. Era tamanha a audacia d'aquelle pirata, que chegou a atacar Melinde, onde Mathias Mendes de Vasconcellos lhe oppoz uma vigorosa resistencia.

Convindo pois dar uma lição ao atrevido Mir Alebet, e ao mesmo tempo livrar os povos da sua encommoda visita, mandou o governador seu irmão Tomé de Souza Coutinho com novecentos homens, repartidos por vinte embarcações, dar caça ao infame turco.

Chegado a Mombaça, para onde sa-

bia que o pirata se havia retirado, achou-o ali fortificado, guardado o rio com quatro galés e as margens guarnecidas de soldados e bocás de fogo, parecendo esperar o assalto, certo do triumpho.

Mas não lhe aconteceu assim, porque logo no principio do combate se renderam aos nossos duas das galés do turco e cahiram em nosso poder muitos homens, o que desanimou os restantes.

Os portuguezes, além da tomada da cidade e de trinta peças de artilheria, tiveram o praser de restituir á liberdade alguns milhares de christãos que se achavam na cidade em miseravel captiveiro.

Mir Alebet foi do numero dos prisioneiros que os portuguezes fizeram. Trataram-o com a maior humanidade, e conduzido a Goa, d'ahi veio a Portugal, onde se baptisou e morreu christão.

A insigne victoria de Thomé de Souza Coutinho teve logar em 7 de março de 1589.

A CRUZ DO ADRO

No adro do presbyterio
Negreja triste uma cruz;
Entenebrece-a o mysterio,
Mas no intimo tem luz.

Assim eu vivo no mundo
Cercado d'escuridão;
Na fronte pezar profundo,
Todo luz coração.

Mas se á cruz do presbyterio
Manda a aurora os raios seus;
Se ao monge do er'miterio
O illumina a luz dos céos:

Se ao pagão que o sol adora
O inflamma o astro-rei,
Sê tu minha doce aurora;
A cruz do adro eu serei.

Fausto d'Horta

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XVI

A HISTORIA DO BRUXO

O conde disse passados alguns momentos:

—Quereis saber a vossa historia e fazeis mal, segundo penso. Se passastes vinte e quatro annos ignorando realmente o vosso passado; se ao casar, vosso esposo vos julgou filha de Marianno Sandoval, refugiado em Portugal desde a guerra de 1761; se, viuva já, o marquez de Alcaçar não attendeu senão á vossa formosura; se sois rica, joven e formosa, que vos importa o passado, onde talvez se escondam para vós lagrimas e desesperação? Gosae da vida, que tão bella se vos apresenta, e não invoqueis o passado, que não vos pode ser agradavel.

—Acabaste? perguntou D. Catharina friamente.

—Quanto vos disse foi unicamente para vosso bem.

—Agradeço-te; mas é-me absolutamente necessario conhecer essa historia, que de balde perguntei tantas vezes a Marianno Sandoval.

—Vede, senhora, que talvez essa historia vos leve a uma vingança horrivel.

—Que importa! Falla.

—Bem. Fallarei já que assim o quereis. Escutae-me. Ha vinte e cinco annos pouco mais ou menos chegou a Madrid um cavalleiro castelhano que havia passado muitos annos na America, onde, ao passo que adquiriu grandes riquezas, o seu caracter, que era duro e intractavel, se tornou mais sombrio e violento. Encerrou-se no seu antigo solar, d'onde sahia muito de longe em longe, e o seu modo de viver deu margens a supposições as mais absurdas.

Julgaram-o um homem sem coração, e sem embargo o pobre homem soffria d'amores, mas não como os conhece o vulgo.

Passara a maior parte da sua vida na America, e mais a proposito para combater do que para amar, quasi não tivera tempo para comprehender o que era aquella paixão.

Uma manhã em que andava a passear no seu jardim foi despertado por uma voz harmoniosa, que lhe tocou as fibras mais intimas do coração.

Junto da casa do cavalleiro de quem estou fallando vivia um italiano chamado Zanetti, professor de musica, chegado havia pouco tempo da Italia. O professor tinha uma filha. O cavalleiro quiz vel-a, e para isso apresentou-se em casa do visinho, pedindo-lhe que lhe ensinasse a sua arte. O italiano escusou-se, dizendo que tinha que partir em breves dias para o seu paiz.

Mas o cavalleiro conseguira o que queria, que era ver a filha do professor.

Era deslumbrante de belleza. O cavalleiro amou-a, e a donzella correspondeu-lhe. Mas a partida do pae não fôra um pretexo para se recusar a ensinar musica ao visinho, e dentro de breves dias tudo em casa de Zanetti eram preparativos para a jornada projectada.

O cavalleiro estava no cumulo da desesperação. Podia elle renunciar ao amor d'aquella mulher por quem se apaixonara em um momento? Era um sacrificio de que o seu coração não era capaz.

Dias antes do marcado para a partida do professor de musica, uma noute escurissima, uma mulher deslisava-se por uma corda d'uma das janellas da casa de Zanetti, e deixava-se cahir nos braços d'um cavalleiro, que momentos depois cavalgava pela estrada que conduzia a Valencia, ao lado d'uma liteira, sustentada por dous robustos machos e escoltada por alguns ginetes.

Dentro da liteira ia Alina, filha de Zanetti, e o cavalleiro que cavalgava ao seu lado era o alto senhor D. Manoel de Castanheda, conde de Fuentidueña.

Foram estes os vossos paes, senhora.

(Continua)

O ANNO MIL

Ha epocas em que na vida dos povos se abrem como parenthesis destinados á superstição e ás crenças do maravilhoso. Tal foi o grande movimento que sobresaltou a Europa ao approximar-se o anno mil.

Uma prophecia, baseada não se sabe em que, dizia que n'esse anno se acabaria o mundo; um terror inexprimivel reinava entre o povo, e de toda a parte se elevavam clamores, pedia-se perdão ao ceo, pois todos julgavam que a tremenda catastrophe era o castigo de Deus pelas offensas dos homens.

D'ahi o grande movimento religioso que marca na historia dos povos do occidente da Europa a passagem do seculo X para o seculo XI.

Quando a dôr conduz a todas as exaltacções da alma, o fanatismo é a consequencia necessaria da contenção dos espiritos; quando se está a ponto de fugir do mundo não é raro lançar-se a humanidade no ardor das crenças, que consolam todas as tristezas humanas.

O povo via com terror a chegada do dia fatal em que as prophecias deviam cumprir-se, e precipitava-se nas egrejas para orar com fervor. Julgava-se a casa de Deus isenta de perigo, ou pretendiase afastar a colera celeste com as lamentações que eccoavam sob as abobadas das velhas cathedraes.

Como as egrejas eram pequenas para conter a populaça, pensou-se em construir novas egrejas e tornal-as mais vistosas para melhor agradar á magestade divina.

Por um movimento espontaneo principiaram a construir-se egrejas e a multiplicar-se os altares. O fim do seculo X viu levantar os alicerces da maior parte das cathedraes que exaltam ainda hoje o pensamento christão. Até então dominava a severa basilica; grande, mas escura, triste, egreja e castello a um tempo. Novas formas se introduziram desde então nas construcções sagradas; levantaram-se ousadas ogivaes, crearam-se florestas de columnas terminando em fustes airosos; os campanarios rasgados, as torres subindo até ás nuvens, annunciaram aos transeuntes a casa de Deus.

Formaram-se corporações d'operarios para trabalhar nos edificios sagrados. Que obra mais meritoria do que a de construir a casa da oração! Populações inteiras lançavam-se ao trabalho com incrivel ardor;

era a obra mais digna para resgatar os pecados dos homens.

A maior parte das grandes e magnificas cathedraes, com as suas arcadas ogivaes, as vidraças de côres, os rendilhados florões, os tumulos dos fundadores, condes ou bispos; todas essas esplendidas producções da arte christã foram concebidas em uma epoca de terror, com auxilio da fé e da oração; foram o producto simples, espontaneo, do movimento religioso da idade media.

Os auctores das legendas piedosas foram os primeiros architectos; as suas poeticas tradicções, as maravilhas que contavam ao povo absorto, foram o mobil poderoso das grandes construcções christãs. As vidas dos santos, as epopeias magnificas dos heroes da fé, serviram de bases populares ás egrejas medievicas. Os architectos, os pedreiros, os carpinteiros e os trolhas reproduziam na pedra, na madeira ou na cal, as historias commovedoras que os monges tinham confiado aos pergaminhos; foi, por assim dizer, que petrificaram a sua poesia nas obras da architectura que nos legaram. Os martyrios da paixão, os transes da vida do Salvador, alguns episodios relativos aos santos patronos, decoraram os muros das egrejas; algumas vezes o architecto representou legiões de diabos, serpentes, monstros horriveis, symbolos do peccado, para lembrar ao homem que por toda a parte o cercam as suggestões do inferno.

Todos esses monumentos nasceram das legendas. Em todas as epocas a imaginação foi uma só nas artes. A legenda fez a architectura; a fé fez o artista. As corporações não conceberam taes maravilhas senão porque tinham uma crença profunda nas suas obras portentosas.

Foi igualmente este sentimento profundo, esta crença poderosa, a origem da organisação monastica. Até então os mosteiros não tinham regras exactamente observadas. Os monges entregavam-se a todas as liberdades da sociedade feudal; uns caçavam pelas florestas seculares; as matilhas de cães dos abbades alarmavam

UMA ABBADIA DA IDADE MEDIA

com os gritos descompostos os fieis até no limiar das egrejas: outros cobriam-se com o capacete do guerreiro e de lança na mão iam combater, como o abbade Turpin.

Quando entrou de correr o boato do fim do mundo, boato fundado em signaes evidentes como adiante diremos, a ideia da reforma monastica apresentou-se como uma necessidade imprescindivel. De todos os lados se erguiam clamores contra a desmoralisação religiosa. A solidão do claustro tinha as suas orgias, a vida do deserto as suas festas, em que o vinho generoso corria abundante no meio de convivas femininos, novos e galantes. Convinha pôr um dique a este estado de cousas.

(Continua)

ZIG-ZAGS

EXHUMAÇÃO DE SANTA ISABEL

No dia 26 de março de 1612 foi aberta a sepultura da rainha Santa Isabel, por mandado do Summo Pontifice Paulo V, em ordem á sua canonisação, a que assistiram o bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, e de Leiria Martim Affonso Mexia, o padre-mestre Francisco Soares, lente de Prima n'aquella Universidade, e outras pessoas de graduação conhecida. Foi achado o sagrado corpo inteiro e flexivel, respirando suavissima fragancia, o rosto com admiravel viveza de côr, alegre e magestoso, os cabellos louros, braços e mãos como de pessoa viva. Foi visto com igual ternura e admiração de todos os que se acharam presentes.

—

OS JUSTOS

Assim como o senhor do pomar ás vezes colhe a fructa verde por lh'a não levar outrem, assim, diz Frei Heitor Pinto, colhe Deus ás vezes para si os justos no principio da sua vida, por lh'os não levar o mundo.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 26, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO — PREÇO 20 REIS — NUMERO 29

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

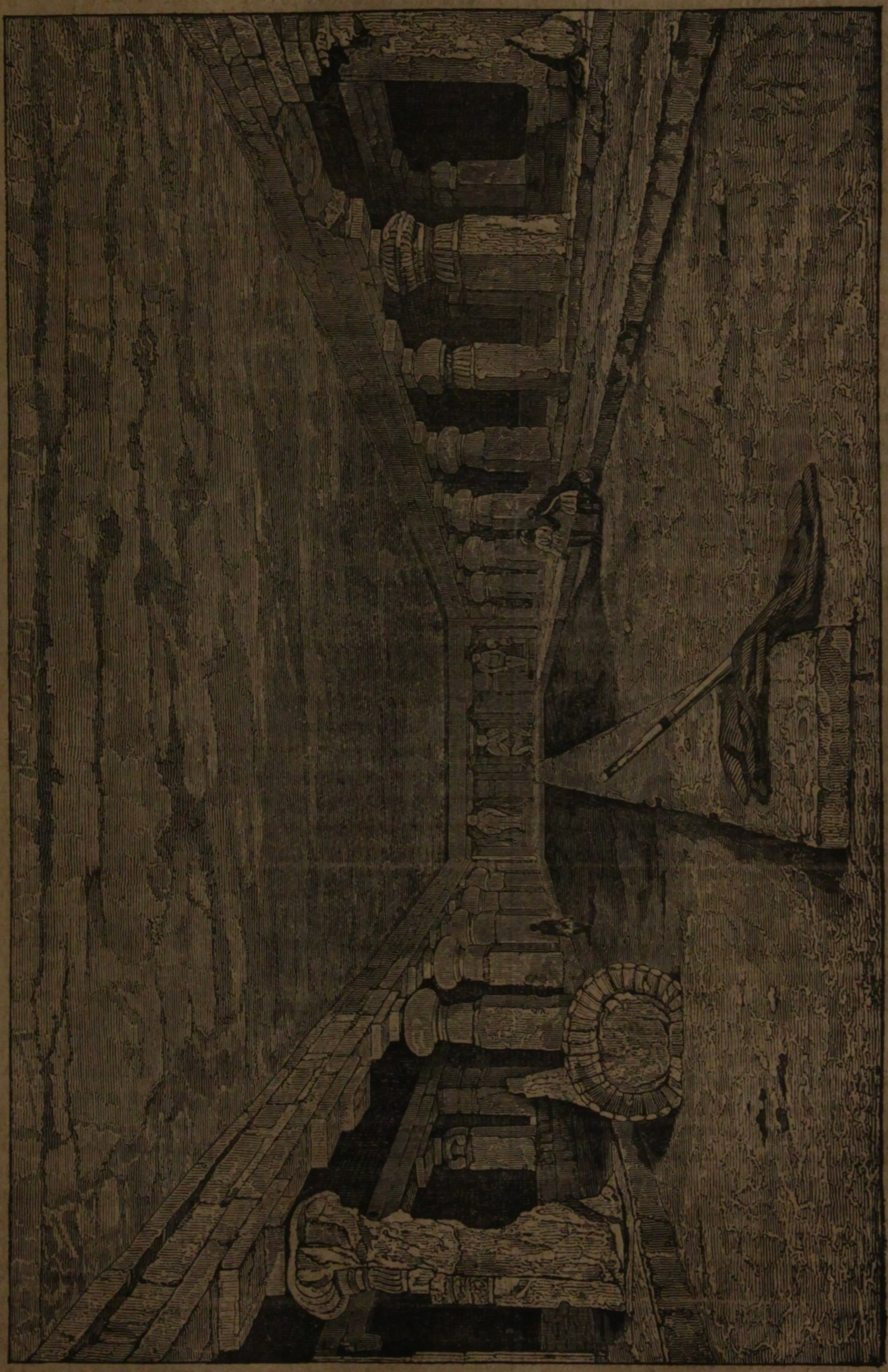
PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 17 DE MARÇO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Templo subterraneo de Elorá, na India — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: O reino animal, por Doutor Jayme — Desalento (poesia) por Teixeira de Carvalho — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Barba-azul, por Ernesto de Campos — Bibliographia, por A. Vieira Lopes — Aspasia, por Juca — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Asia; a Siberia — Os homens uteis de todos os paizes: Diniz Papin — Datas memoraveis de Portugal: Primeiro cerco de Malaca — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Sá Noronha — A ilha de Santa Helena — Zig-Zags: Memoria prodigiosa — Bom dito — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Templo de Elorá na India — Ruinas do castello de Barba-Azul — Aspasia — Tumulo de Napoleão I.



TEMPLO DE ELORÁ NA INDIA

TEMPLO SUBTERRANEO
DE ELORÁ, NA INDIA

Elorá, ou Ilour, está situada a um quarto de legoa das grutas sagradas, ás quaes naturalmente aquella povoação deve a sua existencia. E' o asylo dos peregrinos indus que vão em grupos visitar os templos visinhos.

As escavações de Elorá, distribuidas em muitos andares, occupam o espaço de legoa e meia; constam de egrejas, capellas, corredores inumeraveis, aberto tudo á força de picareta na rocha viva. As paredes estão cobertas de baixos relevos, cujo numero é infinitamente incalculavel. Uma grande quantidade d'essas figuras tem-as o tempo destruido; outras acham-se mutiladas em rasão do fanatismo musulmano. Pinturas magnificas adornavam outr'ora os templos; hoje não passam d'uma amalgama confusa de côres, tudo enegrecido pelo fumo, porque o indu, apesar de toda a veneração, quando vae visitar aquelle celebre templo, aloja-se dentro d'elle, cosinha e dorme ahi.

As noticias ácerca da origem e antiguidade dos subterraneos d'Elorá limitam-se a duas tradicções, transmittidas, uma por um musulmano e a outra por um

brahmane. A dar credito ao ultimo, as escavações de Elorá datam de sete mil nove centos e cincoenta annos; foram obra do radjá Ilon, que, atacado d'uma molestia vermicular, recorreu ás agoas da piscina de Siva, famosas pelas suas virtudes depurativas. Como logo á primeira immersão ficasse curado, Ilon pensou consagrar aquelle logar á devoção do deus, e mandou fazer os templos subterraneos. Segundo o musulmano, foi o mesmo radjá Ilon que edificou o templo, mas ha apenas nove centos annos. Esta versão parece a mais provavel.

De todos os tempos os devotos indus costumaram evitar os perigos do mundo, retirando-se ás mais profundas solidões; o seu fim principal era imporem-se aos seus discipulos com o recolhimento e mysterio precisos para exaltaram a imaginação e inspirarem respeito. Animar essas verdadeiras inspirações, facilitar a sua piedosa execução, foi o alvo do zelo de todos os principes indus, que rivalisaram entre si em qual desenvolveria mais magnificencia na construcção dos templos subterraneos. Tal parece ser o destino das cavernas de Elorá, que são ainda hoje uma das maravilhas da mysteriosa região chamada India.

Por toda a costa de Coromandel e Malabar, em uma extensão de cerca de cento e cincoenta legoas, abundam os templos subterraneos. O principal, porém, é o de que acabamos de fallar.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

VI

(Continuação)

Era esta uma vasta quadra, ricamente mobilada e adornada, onde, a par da sumptuosidade, se percebia o mais fino e apurado gosto na escolha dos objectos. Os leitores com rasão extranharão que, em casa d'um homem que lhes apresentamos sob umas apparencias de tanta singeleza, se encontre elegancia, boa disposição e gosto nos moveis que a ornam; mas se lhes dissermos que tudo o que havia de bello na casa de Francisco de Almeida se devia a sua joven e intelligente esposa, que instara com elle para que vendesse a deselegante mobilia que possuia, e fizesse acquisição d'outra mais em harmonia com o gosto da epoca e com as exigencias da moda, já não se admirarão, pois sabem perfeitamente que a mulher intelligente desbanca-nos sempre em questões de gosto e de elegancia.

Varias luzes dispostas symetricamente pelas mesas de marmore que adornavam a salla, esclareciam profusamente aquelle recinto luxuoso, parecendo dar vida aos vultos desenhados por mão de mestre em algumas telas que pendiam das paredes forradas de damasco azul claro.

Uma custosa alcatifa cobria o pavimento. Magnificas cadeiras estofadas, de varios feitios, convidavam a repousar nas suas flaccidas almofadas.

Entre todos os moveis que ali se achavam formando um admiravel conjunto de elegancia e riqueza, um havia que mais captivava as attenções do visitante. Era um magnifico piano vertical, collocado ao fundo do sallão, no espaço que mediava entre duas largas janellas, com cortinados de damasco azul e branco. Junto do elegante movel de que fallamos, estava sentada uma joven e formosa mulher. Era D. Adelina de Almeida.

Olhava pensativa para o teclado do piano, que ha pouco fizera vibrar, e que agora se achava mudo e como que participando da tristeza, que parecia pesar sobre aquella fronte gentil e intelligente.

D. Adelina parecia mergulhada em profunda meditação, e, ou por este motivo, ou porque a fôfa alcatifa abafava totalmente o ruido dos passos, a joven senhora parecera não ter dado tento á entrada dos, por ventura, importunos visitantes que seu marido conduzia.

Depois de haver percorrido a salla com um rapido olhar, Jorge fixou a vista no vulto sympathico de D. Adelina. A belleza scismadora d'aquella gentil creatura impressionou-o fortemente. Com a rara intuição dos espiritos privilegiados, a mente exaltada do mancebo apresentou-lhe aquella mulher como a victima d'algum estupido capricho.

N'aquelle momento, singular phenomeno! o mancebo sentira instantaneamente como que apagarem-se todas as suas saudades e recordações! Um completo extasis se apossara do seu espirito á vista de D. Adelina.

Trocados os cumprimentos do estylo, Francisco d'Almeida apresentou á esposa o sympathico hospede, e dirigiu-se com Pedro da Motta para o seu escriptorio. Deixemos os dous velhos amigos ahi entretidos, fallando provavelmente do passado, e vejamos a scena que tem logar entre as duas jovens e interessantes personagens que ficaram sós no sallão do negociante.

VII

A um aceno de D. Adelina, o mancebo tomou logar junto d'ella, em uma commoda poltrona.

Jorge, aliás dotado d'aquelle desembaraço peculiar aos mancebos nascidos e educados em uma capital, sentia-se como enleiado perante aquella mulher. E' que a formosura da gentil brazileira perturbara-o, e as sombras de soffrimento que lhe lia no rosto, haviam-no sensibilisado em extremo.

Breve silencio reinou entre ambos. Quebrou-o, por fim, D. Adelina com as seguintes palavras:

—Gosta de musica, snr. Castro?

—Infinitamente, minha senhora! E sentiria immenso praser se v. ex.ª não julgasse importuno um pedido...

A brazileira sorriu com benevolencia, e para mostrar que havia comprehendido o pensamento do mancebo, preludiou no seu Erard umas toadas sentimentaes. Em seguida, fazendo sempre gemer sob os formosos dedos o teclado, cantou com voz melodiosa uma das mais bellas *romanzas*, que andavam em voga.

Jorge estava enlevado ante aquella mulh r, que, vista pela primeira vez, tão grande prestigio sabia exercer sobre o seu animo.

Quando os eccos das ultimas notas se esvaeciam, o mancebo applaudiu a formosa pianista, que agradeceu modestamente.

Depois, travou-se um interessante dialogo, em que a brazileira e o nosso compatriota fizeram succinta rezenha dos costumes mais caracteristicos dos respectivos paizes.

(Continua) ALBERTO CARLOS

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

Como a transpiração e a evaporação enfraquecem constantemente o corpo humano, as forças d'este renovam-se por meio dos alimentos recebidos pelo estomago, e assim cada parte experimenta uma mudança, mais ou menos sensivel, no decurso d'um anno. Todas as differentes substancias que compõe o corpo animal são segregadas por meio de glandulas.

As operações que concorrem para a sustentação do corpo são: a *digestão*, a *absorpção*, a *circulação*, a *respiração* e a *reacção*. A alimentação converte-se em *chimo*, ou excrementos, evacuados pelo corpo, e *chylo*, que é absorvido pelos vasos lactiferos e conduzido aos vasos sanguineos, d'onde se reparte pelo organismo. O systema absorvente consiste nos lactiferos lymphaticos, ducto thoracico e glandulas chamadas *conglobadas*, dispersas por todo o corpo.

As glandulas são corpos compostos d'uma multidão de tubos ou pequenas esponjas, encerradas em um tecido celluloso, destinado a segregar os diversos humores, quer do sangue, quer d'outros fluidos. Dividem-se em quatro classes: simples, compostas, conglobadas e aglomeradas.

Pela secreção as glandulas separam diversos fluidos do sangue. As secreções são salinas (suor, ourina, etc.), oleaginosas (gordura, cerumen dos ouvidos), sapidas (bilis, leite), mucosas, como a que está na superficie das membranas, etc.

A *sensibilidade*, geralmente espalhada nos nossos orgãos, mas em graos differentes, é a sensação que faz experimentar o contacto d'um corpo extranho. A modificação d'esta sensação chama-se *nevrose*; o systema nervoso tem a similhança d'uma teia de aranha; o fio compõe-se de duas fibras, uma das quaes communica com o *cerebellum*, ou sede da vontade, e a outra com o *cerebro*, ou sede da percepção.

O *movimento* effectua-se pela acção da vontade sobre as fibras musculares, vontade que o exercicio e a educação aperfeiçoam. Da acção contra o solo nasce a força. A simples economia animal permitte ao animal formar uma alavanca solida com os seus musculos, e apoiando contra o solo os musculos inferiores, produzir por tal meio uma reacção nos musculos superiores. A perfeição dos musculos é um effeito da pratica, como nos tocadores d'instrumentos de musica, nos dansarinos de corda, etc.

Todos os sentidos dos animaes, todas as variedades na sua poderosa actividade, são exactamente adaptados aos seus differentes modos d'existencia. O que é alimento para um, é veneno para outro, e todos encontram os alimentos que lhes são proprios. Assim tudo está em uma exacta proporção, e os cuidados da natureza observam a mais perfeita harmonia com as necessidades e desejos do animal.

Não podendo percorrer a admiravel historia da natureza nas suas ramificações, variedades e analogias; depois de termos, como acabamos de fazer, dado uma ideia geral da existencia animal e das suas relações com os vegetaes, vamos bosquejar as diversas classes estabelecidas pelos naturalistas.

A natureza animada divide-se da seguinte forma:

1.° Quadrupedes (mammiferos), de que se conhecem cerca de 250 especies.
2.° Aves (1:300 especies).
3.° Amphybios (130 especies).
4.° Peixes (550 especies).
5.° Insectos (2:500 especies).
6.° Vermes (900 especies).

A primeira classe d'animaes, chamados *mammiferos*, comprehende todos aquelles que aleitam os filhos e teem sangue vermelho nas arterias. Teem para a vida sangue, para a força ossos, para a sensação nervos, para o movimento musculos.

O corpo dos mammiferos é pela maior parte coberto de pellos, e a quantidade d'estes está na proporção do clima e do meio que habitam. Por baixo do pello ha uma pelle de differente espessura, envolvendo uma massa d'ossos, sob um systema de musculos e tendões, que são postos em movimento pelo gaz absorvido pelos pulmões e dirigidos pelos nervos submettidos á vontade do animal.

Dividem-se os mammiferos em sete ordens, segundo o numero e situação dos dentes.

(Continua)

DESALENTO

Nas luctas da desgraça, o fogo da descrença
Das flores da minh'alma as pétalas queimou,
E só vejo, ao redor, a escuridão immensa
Que em meu peito o calor e a paz aniquilou.

E heide sempre sentir, no decorrer da vida,
O martyrio que mata e o peso d'esta cruz,
Sem ter um raio só da aurora promettida,
N'um passado que amei, de esp'ranças e de luz!

E heide sempre verter as lagrimas pungentes
Que o mundo não conhece, o mundo que só quer
Os gosos de uma orgia e as scenas decadentes
Passadas em festins, n'uns braços de mulher!

E heide morrer assim, longe de um seio pulchro
Prostrado pela dôr, cançado de soffrer,
Só tendo por alivio a pedra do sepulchro,
Por descanço final o eterno adormecer!

Cadaver ambulante, eu vou todos os dias,
Ferindo os magros pés nas urzes d'este chão,
Sem ter alguem que venha as palpebras ja frias
Cerrar-me, quando fôr, já morto, no caixão!

E hade chamar-se vida a esta existencia ingrata!
E hade chamar-se amor ás seducções de alguem!
A vida não é assim... o amor... o amor não mata,
E eu sinto-me finar, morrer como ninguem!

Morrer! e como é negro o occaso da existencia
Quando se é novo ainda e se começa a amar!
Como é triste, meu Deus, a funebre eloquencia
D'um tumulo que pode os corações gelar!

Mas se heide assim viver, para que serve a vida
Ao pobre condemnado á lucta das paixões?...
Seja-me pois a morte a aurora promettida,
E esmaguem-se em meu peito as santas illusões.

Talvez que o desgraçado ao proseguir na rampa
Onde a morte começa e a vida se acabou,
Encontre um mundo novo, alem da escura campa
Ninho do amor feliz que tanta vez sonhou!

TEIXEIRA DE CARVALHO

O CHAPEO BRANCO

(Continuação)

Ha bons cem annos a rua da Bainharia era uma das principaes ruas commerciaes do Porto, e um dos primeiros estabelecimentos que ali havia era o do negociante de ferragens e drogas Francisco do Nascimento, o qual gosava dentro e fóra do paiz de creditos illimitados.

Era o typo do commerciante austero e methodico Francisco do Nascimento.

Desde pela manhã até á noute estava sentado á sua escrevaninha, no fundo da loja, junto d'umas grandes janellas de peitoril que davam para a Biquinha, e d'ali vigiava quanto se passava e dava as ordens necessarias aos seus numerosos caixeiros e rapazes, que lhe obedeciam sem resmungar.

O seu estabelecimento era uma perfeita alfandega.

Viam-se arrumadas ás portas barricas de drogas, montes de pau campexe, saccas de salitre, caixas de folha de Flandres, feixes de juncos, ceiras de pregos e pacotes de fechaduras. O tecto estava guarnecido de bambolins de garrafões empalhados, enormes panellas de ferro, vassouras e meadas de cordas. Enormes estantes, divididas em uma infinidade de repartimentos, mostravam outras tantas gavetas, todas com os seus disticos, indicativos das drogas que ahi se guardavam. No centro da loja pendia do tecto uma grande balança, onde um dos caixeiros, auxiliado por dous galegos, estava quasi constantemente occupado em pesar os variados productos comprados pelos freguezes, que enchiam quasi sempre a loja.

Nos dias de feira era incrivel o movimento d'esta casa. A rua chegava a estar interceptada horas inteiras, em rasão dos muitos carros que iam ali carregar as fazendas que Nascimento enviava para os estabelecimentos da provincia, que do seu se sortiam.

Nascimento era homem d'uma actividade espantosa para esta especialidade de negocio, que demandava conhecimentos especiaes; mas, por grande que fosse a sua competencia, por muita que fosse a sua diligencia no desempenho das obrigações que aquelle ramo de commercio impunha, de per si pouco poderia, se não tivesse um grande auxiliar no seu primeiro caixeiro, um homem quasi da sua idade, um typo todo commercial como elle.

José Vieira dos Santos se chamava este, e era n'aquella casa o braço direito do patrão.

Nascimento confiava n'elle como em si proprio, porque tinha cabal conhecimento da probidade incontestavel do seu caixeiro. Ordem que o caixeiro desse estava bem dada; negocio feito por elle não o desmanchava o patrão, que estimava Vieira mais como igual do que como inferior.

Hoje já não ha d'estes patrões nem d'estes caixeiros.

Nascimento era viuvo e tinha uma unica filha, verdadeiro retrato de sua mãe, que fôra considerada a mulher mais linda do Porto. O seu casamento com o negociante da Bainharia fôra um negocio, porque o pae, tendo empobrecido pela quebra d'um seu correspondente da Bahia, viu desapparecer um a um os pretendentes á mão da filha, e só Francisco do Nascimento ficou fiel na desgraça. Não que elle fôsse dos adoradores mais enthusiastas da gentil Mafalda da rua dos Canos, que era assim que se chamava então a entrada da rua das Flores, do lado de S. Bento, mas porque o pae, o outr'ora opulento mercador Vicente Luiz da Silva, quasi com as lagrimas nos olhos propoz o casamento ao seu collega da Bainharia, certo de que este não deixaria morrer o sogro á fome.

Com a grande alma que o caracterisava Nascimento annuiu, e o casamento celebrou-se com grande murmurio da visinhança meticulosa, a qual era de parecer que a belleza da noiva não estava ao par dos bons milhões de cruzados do noivo,

e que este, se queria casar, não lhe faltavam raparigas com bons dotes, mesmo na sua rua.

Homem d'um grande bom senso, Nascimento deixou fallar os visinhos; casou-se e amou extremosamente a mulher e foi o amparo do sogro. Mafalda, porém, era d'uma constituição em extremo delicada, e fallecia um anno depois, ao acabar de dar á luz uma formosa menina, que na pia da Sé recebeu o nome d'Alexandrina.

(Continua) JORGE DE MACEDO

O BARBA-AZUL

Não é da opereta d'Offenbach que vamos fallar. Propomo-nos escrever alguns apontamentos ácerca do personagem singular, que, sob a denominação de *Barba-Azul*, passou á historia.

RUINAS DO CASTELLO DE BARBA-AZUL

Não foi só o compositor parisiense que tornou aquelle nome popular. Carlos Perrault, nos *Contos de fadas*, narra a vida do celebre faccinora; mas, ao passo que não segue nem a côr local, nem os costumes do tempo, attenua bastante os crimes do seu heroe.

O verdadeiro *Barba-Azul* era Gil de Laval, marechal de Retz, senhor de Chantocé e de muitos outros logares, pois, além de ser marechal de França, possuia, por herança de seus antepassados, os dominios de Blaison, Chamellier, Fontaine-Milon, Gratecuisse, Briollays e Ingrande, onde tinha casado com Catharina de Thuars, que lhe levara em dote as terras de Pouzages, Tiffauges, Chambenais, Confolens, Chateau-Morand, Savenay, Lombert e Grez sobre o Meno. O producto de todos estes dominios, junto ao que elle recebia do rei Carlos VII como marechal e por outros titulos, além dos bens moveis no valor de cem mil escudos d'ouro, podia dar ao senhor de tantos vassallos uma brilhante posição de principe, pois eram muito consideraveis os seus rendimentos, tanto em dinheiro, como em generos, e o seu total sería hoje imperfeitamente representado por duzentos mil contos de reis.

Nascido pelos annos de 1396, Gil de Retz assignalou-se pela bravura de que deu provas durante as guerras do reinado de Carlos VII, e especialmente no cerco d'Orleães. Mas, tendo apenas vinte annos, entrara na posse de todos os seus direitos, e as lisonjas e as seducções, os maus conselheiros e os falsos amigos, não faltaram, como é de crer, a perverter um joven principe, que tinha tanto ouro e contava numerosos vassallos. Deixou-se pois arrastar aos praseres infames, que consommem prematuramente o corpo e aniquilam depressa o espirito. Dentro de pouco tempo dissipara tantas riquezas, que aos vinte e cinco annos tinha vendido ou empenhado a maior parte das suas propriedades. Vendo chegar a pobreza, dirigiu-se aos alchimistas, que prometteram fornecer-lhe dinheiro, quando não fizeram mais do que roubar-lhe o ultimo que possuia, fugindo em seguida.

Então pensou em entregar-se ao seu inimigo e quiz fazer pacto com o diabo. Um florentino chamado Prelati, mas que pretendia fazer-se passar por mago da India, obrigou-se a negociar-lhe uma entrevista com o chefe dos anjos caidos. O marechal declarou, por um pequeno resto de temor de Deus, que o diabo alcançaria d'elle tudo, menos a vida e a alma. Um medico de Poitou era o cumplice do inculcado mago da India; e ambos estavam combinados com Sillé, administrador dos bens do marechal.

Encontram-se nas memorias escriptas pelos descendentes da antiga casa de Retz o retrato de Prelati e a scena da evocação do espirito das trevas:

«Feições veneraveis e severas; olhos vivos e penetrantes; barba singularmente notavel pela brancura, distinguiam Prelati, o pretendido mago do Oriente; as suas maneiras elegantes annunciavam que tinha communicado frequentemente com os grandes da terra, cujos nomes se encontravam a miude nos seus discursos. Parecia que não havia cousa que lhe fosse desconhecida. Guardava quasi sempre silencio, e quando era obrigado a fallar, contava successos extraordinarios, maravilhosos ou terriveis, sempre passados na sua presença. Por meio d'estas artes conseguiu apossar-se de todas as faculdades do marechal, que lhe poz á disposição todo o seu poder e cabedaes.

Foi então que os calabouços do seu castello retiniram com gritos horriveis; os pavimentos foram regados de lagrimas e as paredes salpicadas de sangue. Tratava-se de conciliar o rei dos anjos caidos, o competidor de Deus, o diabo emfim, e a coragem que só podia perseverar o imprudente evocador dos primeiros effeitos da sua colera, devia ser regada com sangue humano.

Omittimos aqui horriveis pormenores.

A pequena distancia do castello de Tiffauges, erguia-se uma floresta, tão velha como o mundo. Mesmo no meio da floresta havia um pequeno regato, que corria d'um rochedo selvagem e formava um lago, perdendo-se depois no solo. Este logar selvagem não era frequentado dos pastores, nem dos lenheiros, e contavam-se d'elle cousas terriveis.

Foi ali que Prelati se propoz chamar os espiritos rebeldes e sujeitar o mais poderoso d'elles ás vontades do marechal.

Depois d'horrendos sacrificios, o theatro da scena, que era apenas allumiado por alguns raios da lua, foi subitamente esclarecido por uma luz extranha. O magico ia pronunciando palavras barbaras e sacrilegas, ao passo que um fumo espesso se escapava de sob a pedra que servia d'altar. De repente, saiu do meio da columna de fumo uma chamma azulada, que os olhos mal podiam supportar.

(Continua) ERNESTO DE CAMPOS

BIBLIOGRAPHIA

Encomio a Camões em uma poesia hespanhola de D. José Lopez de la Vega em 1855, antecedido d'um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.

1 vol. em 4.º atlantico, broch. e impresso em Braga em 1881.

Eis o titulo com que se exorna um opusculo, que acaba de ver ha dias a

luz da publicidade em Braga, sendo obsequiados com um exemplar, que nos foi delicadamente offerecido pelo editor e prefaciador, o indefeso e illustradissimo professor do Lyceu de Braga, e nosso amigo, o dr. Pereira Caldas.

O principal assumpto d'este precioso livro prende com o nome do illustre epico portuguez, para quem são poucas e pequenas as homenagens prestadas depois do seu fallecimento até nossos dias. D. José Lopez de la Vega compoz em 1855 uma maviosa poesia em honra do immortal auctor dos Lusiadas debaixo do titulo de *Un recuerdo á Camoens* e dedicado ao nosso compatriota, o dr. José Francisco d'Almeida, notavel medico de Valença, do Minho.

Lopez de la Vega foi um dos mais queridos e illustrados filhos da nação visinha, um dos mais estrenuos e decididos obreiros da civilisação moderna; por isso não quiz deixar de tambem prestar as honras devidas ao *divino* cantor das nossas glorias, a quem elle em algum lugar dá o honroso titulo de mestre da lingoa portugueza.

Esta maviosa peça poetica é composta de quatorze excellentes quadras, em que se fica desde logo conhecendo o quanto o bardo hespanhol exalça as virtudes e altas qualidades, que adornaram aquelle, a quem elle dá a designação de *numen sobrehumano*.

O dr. Pereira Caldas, amigo e confrade de Lopez de la Vega, reconhecendo a seu turno o elevado merecimento litterario d'este tão *gracioso ramilhete,* fez, como diz no seu prefacio que precede esta publicação, differentes transcripções d'esta sublime composição em diversos jornaes litterarios, e se a renovou agora, foi porque mais uma vez quiz mostrar como era affecto a Portugal, nos seus escriptos, D. José Lopez de la Vega.

O dr. Pereira Caldas declara logo no começo d'este opusculo, que «é de 150 exemplares a tiragem; 50, em papel de côr; e 100, em papel selecto. Nem um só exemplar é posto á venda: e serão numerados e tymbrados todos.»

O prefacio ou preambulo que antecede a poesia de Lopez de la Vega, revela a elevada erudição, que possue o illustradissimo professor do Lyceu de Braga, cujo nome é bem conhecido desde muito no mundo litterario, onde tem apparecido grande numero d'obras e escriptos, em que assenta a mais solida reputação, não, só de distincto professor, como profundo pensador e elegante escriptor publico.

A. Vieira Lopes

ASPASIA

—

Aspasia, mulher duplamente celebre pela belleza e pelo espirito, foi natural de Mileto, famosa cidade da Asia Menor, que pelos seculos anteriores á vinda de Christo foi a primeira potencia commercial do mundo depois de Tyro e Carthago.

Por aquelles tempos Athenas era o centro de todas as celebridades conhecidas; as artes, a litteratura, as sciencias, tudo ahi florescia. Aspasia seguiu o movimento da moda e procurou aquelle ponto em que melhor podessem brilhar os seus talentos. Trasladada a Athenas, a sua casa tornou-se em breve o ponto de reunião dos homens mais distinctos de toda a Grecia, chegando ahi a celebrar-se, como se fosse uma academia, conferencias em que se discutiam os mais altos pontos de philosophia, politica e litteratura do tempo.

E' muito crivel que em todas essas materias a opinião da dona da casa fosse muito d'aproveitar.

ASPASIA

Entre os mais assiduos frequentadores da casa, notavam-se, diz a historia, Socrates, Pericles e Alcibiades, e por aqui se faz ideia do escolhida que era a companhia. Pericles, aquelle famoso capitão atheniense cuja vida escreveu Plutarco, concebeu por Aspasia uma paixão tão violenta, que chegou a repudiar sua mulher para casar com aquella sereia. Pericles fazia-se notar pelo seu amor ás letras, ás artes e ao luxo; conclue-se d'aqui que Aspasia, a par de bella e intelligente, era garrida como não podia deixar de ser, e tudo isso seduziu o grande tribuno. Mas o que parece tambem fóra de duvida, é que a ligação, em má hora contrahida, foi funestissima para o esposo, e a esposa, não concorreu pouco para que elle perdesse a grande popularidade de que gosava. Affirma com effeito a historia que Aspasia tomara sobre Pericles um tal ascendente, que teve uma parte muito activa nos mais importantes negocios da Grecia e até se diz que fôra ella que suscitara guerras in justas como as de Samos, Megara e Peloponeso.

Pericles adorava-a perdidamente, pois quando os seus inimigos accusaram Aspasia d'impiedade, o que era uma calumnia, seu esposo defendeu-a com enthusiasmo perante o severo Areopago e chegou a derramar lagrimas sinceras, que enterneceram os juizes e salvaram a accusada.

Pericles veio por fim a morrer miseravelmente na desgraça, odiado do seu povo e victima da peste que flagellou Athenas quatro centos vinte e nove an-

nos antes de Christo; mas Aspasia nem por isso sentiu a sua morte e ficou ainda cercada de todas as antigas graças, que o hymeneu não murchara, capazes de inspirar profundo amor a qualquer outro mortal. D'esta vez, porém, a sorte não lhe deparou nenhuma celebridade. O seu segundo amante chamava-se simplesmente Lysicles e era de familia obscura; mas ella teve ainda influencia bastante para o fazer trepar ás primeiras dignidades da republica.

Amiga de tudo o que era bom e nobre, Aspasia contribuiu fortemente para inspirar aos athenienses o gosto das artes e attribue-se-lhe em grande parte a eloquencia de Pericles.

JUCA

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXIII

A ASIA

A segunda parte do mundo que vamos percorrer, e na qual encontraremos muitos vestigios do antigo dominio dos portuguezes, o que deve lisongear o nosso amor proprio, tem 42,160:000 kilometros quadrados de superficie e uma população de 700 milhões de habitantes.

A Asia contém onze estados principaes, a saber: a Siberia e Transcaucasia, a Turquia da Asia, a Persia, o Afghanistan, o Herat, Turkestão, a China, o Japão, a Indo-China, o Hindustão e a Arabia.

Os seus limites são: ao norte o Oceano Glacial arctico; a leste o estreito de Behring e o Grande Oceano; ao sul o Oceano Indico; a oeste o Mar Vermelho, o isthmo de Suez, o Mediterraneo, o estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara, o estreito de Constantinopla, o mar Negro, o Caucaso, o rio e os montes Ouraes e o rio de Kara.

Como se prolonga desde o polo até ao equador, o clima da Asia offerece todas as temperaturas e as suas producções são infinitamente variadas. O centro forma um vasto planalto, cercado de montanhas elevadas.

A fertilidade das planicies do sul excede a tudo quanto se possa imaginar; mas ao norte só se nos deparam *steppes* desoladas, cobertas de neve durante uma parte do anno.

Cercam a Asia numerosas ilhas, e as suas costas irregulares apresentam grandes peninsulas, immensos rios cujas cheias innundam o territorio; mas os seus prejuisos são compensados pela fecundidade que derramam. Infelizmente as partes mais ferteis são insalubres e infestadas d'animaes ferozes.

O solo encerra numerosas minas de metaes e jazigos de pedras preciosas.

A raças d'homens são tão variadas como os climas.

Isto posto, entremos agora na Siberia.

XXIV

A SIBERIA

Occupa esta possessão asiatica da Russia 14 milhões de kilometros quadrados de superficie e tem seis milhões d'habitantes, o que não chega a dar um habitante por cada dous kilometros quadrados.

Os limites são: ao norte o Oceano Glacial, a leste o Grande Oceano, ao sul a China e o Turkestão, a oeste a Russia da Europa.

A Siberia foi descoberta em 1749 pelos russos, que a occuparam rapidamente, acrescentando-lhe nos ultimos annos uma grande parte da bacia do Amor, grande rio que desagua no Oceano Pacifico, a costa de Mandchouri e importantes porções da Mongolia e do Turkestão.

A Siberia é o logar de exilio dos criminosos e condemnados politicos russos. E' mais um vasto deserto de gelo do que região habitada; o inverno dura nove mezes. Ha immensos pantanos e florestas sombrias; rios extensos, como o Amor (3:450 kilometros), o Ienissei e o Obi. Abundam os animaes de pelles preciosas: o arminho, a marta zibelina, a raposa negra, a renna, ou cão da Siberia, e o urso branco.

Frio insupportavel ao norte, ou regiões polares, onde não se encontram senão alguns lichens e musgo. A cultura é ali impossivel; mas os lados sul e oeste são ferteis. Na Nova Siberia (ilhas Liaiklos) o mar está quasi sempre coberto de enormes montes de gelo.

Vestigios de cetaceos, mammuthos; camadas de madeira petrificada; minas d'ouro, prata, cobre, ferro, petroleo; graphites, amethystas, saphiras, etc. Grande commercio de pelles.

Capital Tobolsk, cidade de 30:000 habitantes, imporio das pelles da coroa e das mercadorias da China. Cidades principaes: Irkoutsk (16:000 h.); Tomsk (13:000 h.); Petropaulovsk (1:100 h.); cidade forte e principal porto da Russia no Grande Oceano.

Atravessando o estreito de Behring, que liga o Oceano Pacifico com o Oceano Glacial Arctico, e não tem mais de 88 kilometros de largura, chegariamos á America, onde a Russia possuia Alaska, peninsula que cedeu aos Estados Unidos; mas como por em quanto não queremos sahir da Asia, desceremos o mar de Okhostk até ao estreito de La Perouse e chegamos ao Japão.

Antes d'isso, porém, não nos despediremos das possessões russas da Asia sem dizermos que a Transcaucasia, paiz de 200:000 kilometros e 2,500:000 habitantes, é composta de tribus de diversas origens e costumes, e submettidas mais de nome do que de facto aos russos.

Divide-se em tres provincias, que são: Georgia; capital Tiflis, 60:000 habitantes.

Armenia russa; cuja capital, Erivan, tem 14:000 habitantes.

Daghestan; capital Derbent, 13:000 habitantes.

Bakou (13:000 h.) é um porto fortificado sobre o mar Caspio.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XV

DINIZ PAPIN

Foi Salomão de Caus o primeiro que, em 1615, se lembrou de empregar o vapor como força motriz; mas Diniz Papin foi o que imaginou a primeira machina a pistão; e posto que James Watt, de quem em tempo competente fallaremos, elevasse aquelle apparelho a um tal grao de perfeição, que se pode, em boa rasão, ter como o primeiro inventor da machina de vapor, o sabio francez nem por isso deve ficar esquecido.

Diniz Papin, physico e mechanico, nasceu em Blois em 1647 e foi o inventor dos principios essenciaes da machina de vapor conforme hoje se emprega, porque descreveu nas *Actas de Leipsig* uma machina de pistão subindo e descendo alternativamente em um cylindro pela *expansão e condensação successiva* do vapor.

Antes de 1710 tinha imaginado a primeira machina de vapor d'alta pressão com o seu condensador e registro, que tem um papel capital em muitas combinações mechanicas. Em 1682 inventou o digestor, ou marmita, tão preciosa para a industria, e a valvula de segurança, uma das partes mais importantes da machina de vapor.

Obrigado pela revogação do edito de Nantes a refugiar-se na Allemanha, occupou a cadeira de mathematicas na universidade de Marburgo, foi membro correspondente da Academia das sciencias de Paris e publicou numerosas memorias scientificas de importancia real.

Papin morreu em 1710.

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

PRIMEIRO CERCO DE MALACA

Conquistada pelo grande Affonso de Albuquerque, a cidade de Malaca crescera por tal modo com o commercio, o numero d'habitantes e a grandeza dos edificios, que entrou desde logo de nascer a inveja no espirito dos principes confinantes, desejosos de nos arrebatarem tão formosa possessão.

Um d'elles, o mais atrevido talvez,

Mohamed, rei de Bintão, poz-se em campo no anno de 1518, com o fim de nol-a tomar.

Sabendo que a fortaleza estava apena defendida por duzentos homens, e d'estes uma grande parte estavam doentes, caiu d'improviso sobre a praça com mil e quinhentos infantes escolhidos e muitos elefantes bem armados, alem de sessenta embarcações por mar com numerosa soldadesca e todos os instrumentos proprios para o intento.

Alvoroçados os portuguezes, e dado o signal de rebate, viu-se uma rara maravilha, que foi os proprios enfermos que a febre retinha nos leitos sahirem d'elles, e como o ar lhes desse alento, ou a coragem os instigasse contra os inimigos, acharam-se tão bons que combateram como os sãos, repelindo o inimigo ao cabo de tres horas, que tanto durou o assalto, em 12 de março do referido anno de 1518.

Mohamed, porém, não perdeu a esperança de nos arrebatar a praça e durante vinte dias repetiu os assaltos, sendo emfim derrotado com perda d'uma terça parte dos seus soldados. Aos portuguezes custou o successo apenas desoito homens.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XVII

EM QUE TERMINA A HISTORIA

O bruxo proseguiu:

—Por espaço d'um anno viveram em Valladolid, onde vossa mãe abraçou a religião do seu amante e se tornou uma senhora poderosa ao casar-se com vosso pae.

Chegou porém um dia em que os inimigos d'Hespanha entraram pela nossa patria dentro, e vosso pae, fiel aos deveres da honra, abandonou os amantes braços de sua esposa e partiu para o campo da batalha, levando na alma o presentimento d'uma grande desgraça.

Por aquelle tempo o conde de Lazan, tendo visto vossa mãe, enamorou-se d'ella e esperava o momento de fallar-lhe. Com a ausencia do conde estava a ponto de lograr os seus desejos, ou n'outros termos, chegou a conseguir o que tão ardentemente desejava.

N'este ponto da narração os olhos de D. Catharina de Sandoval chamejaram com furor e dos seus labios sahiram estas palavras:

—Queres dizer que minha mãe...

—Oh! Quão melhor fôra que eu me enganasse! Mas infelizmente o que vos estou contando é a pura verdade.

Uma noute estava o conde de Lazan no quarto de vossa mãe, sentado aos seus pés, quando de repente appareceu no limiar da porta o conde de Fuentidueña, pallido, excessivamente pallido, quasi um cadaver.

Lazan soltou um grito e o marido ultrajado chegou junto d'elle e levou a mão á espada.

Ouviu-se um rumor confuso e um corpo caiu no chão, atravessado pela espada do conde. A esposa adultera caiu para não se levantar mais.

A espada de vosso pae cruzou-se então com a do conde; mas, mais habil do que valente, Lazan susteve o ataque do seu adversario até chegar á porta do quarto, e d'ali fugiu covardemente.

O conde de Fuentidueña confiou-vos ao cuidado d'um perfumista chamado Marianno Sandoval, que vos creou como se fosseis sua filha.

—E meu pae, que foi feito d'elle? perguntou D. Catharina.

—Vosso pae morreu desesperado pouco tempo depois, não conseguindo vingar a affronta, mas legando á filha esse encargo.

A estas palavras seguiram-se alguns momentos de silencio. Mas quando o bruxo víu que as suas ultimas palavras deviam ter produzido todo o effeito no animo de D. Catharina, disse com acento calculadamente socegado:

—E agora mandaes-me mais alguma cousa, senhora?

D. Catharina disse com energia:

—E'-me indispensavel saber como foi que alcançaste essas informações ácerca dos meus progenitores.

—Duvidaes por ventura das minhas palavras? disse Giacomo. O que vos acabo de contar não está d'harmonia com o que alguma vez vos diria o meu parente Marianno?

—Ah! Marianno era teu parente?

—Era. Por elle soube toda esta historia.

—E que foi feito de Zanetti?

—Do pae de vossa mãe, do vosso avô, não é isso?

– Sim, que foi feito d'elle?

—Morreu pouco tempo depois do casamento da filha.

—E onde estão as provas do meu nascimento?

— O conde de Lazan é que póde apresental-as, porque é elle que está disfructando os vossos haveres e o vosso titulo.

Um relampago d'odio, mas d'odio terrivel, implacavel, faiscou nos olhos de D. Catharina com uma rapidez tal que o bruxo mal o percebeu.

Mas Giacomo bradou immediatamente:

—Oh! Sim! Vingareis vossa mãe!

—Podias duvidal-o, Giacomo? Juro-te que a minha vingança hade ser maior do que a offensa.

E depois de se despedir do bruxo D. Catharina saiu do aposento.

(Continua)

SÁ NORONHA

—

(Continuação)

Depois, não é só pelas montanhas que o peruviano desfere o seu canto favorito.

De noute, ao clarão da lua, que illumina como uma luz opaca e sem transparencia aquelle paiz tão rico d'aves e flores, vereis o habitante dos campos, sentado á porta da sua cabana, meia escondida sob a folhagem das palmeiras e coqueiros, abandonar-se ás delicias da sua singela canção. Então, este canto é acompanhado pelos sons d'outros dous instrumentos, tocados por dous differentes personagens. O primeiro é uma especie de guitarra, formada por uma metade d'uma abobora, ou cabaça, depois de secca, com o amago cavado, e coberto de pelle de cobra, sobre a qual se dilatam as cordas, presas nas extremidades. O som d'este instrumento é surdo e plangente. O outro é como um tambor: consiste em um tronco cavado interiormente, de fórma que as duas extremidades fiquem abertas, e pregadas n'estas duas pelles delgadas; acompanha, tangido pausadamente por um pedaço de madeira, o som dos outros instrumentos. O effeito d'esta musica selvagem é maravilhoso. O viajante, surprehendido no meio da noute, quando dorme no seu leito aerio, suspenso dos toncos das arvores, não póde mais conciliar o somno; levanta-se, vae procurar o sitio d'onde parte aquella musica mysteriosa; e, feliz se a encontra, senta-se defronte dos tres tocadores, e não póde retirar-se do lado d'elles em quanto a musica durar. Tocadores e espectadores ficam depois, por horas inteiras, absortos em profundo meditar. Os eccos da floresta, que parecem suspirar com a canção do peruviano, como que ficam a repetir durante muito tempo as notas d'aquella musica singular, que se diria feita para operar sómente sobre o coração do homem.

Quando Noronha percorreu esses extensos paizes que bordam o Amazonas, teve occasião d'ouvir estas canções, e desejando perpetuar as impressões que lhe causaram, recolheu-as, corrigindo-as segundo a arte, e formou d'esta musica selvagem a peça a que deu o mesmo titulo, *los tristes del Peru*, que tocou em muitos dos seus concertos, e que foi uma das perolas da sua bella corôa.

Debaixo do ponto de vista artistico, a canção dos pobres peruvianos nada offerece de notavel. E' uma musica simples, em que ha só o colorido do sentimento, que consegue muitas vezes, se não sempre, fazer com que o simples seja bello, porque falla mais directamente ao coração.

Em 1851 propoz-se Noronha uma pequena digressão pela Europa, onde os magicos sons da sua rebeca não tinham ainda sido ouvidos. No inverno d'esse

anno tocou em Londres, sendo muito applaudido e elogiado por toda a imprensa periodica, merecendo especialmente á *Illustração* mui bem cabidas reflexões, que sobejamente provam o apreço dado por aquella culta nação ao grande artista portuguez.

De Londres veiu Noronha a Lisboa. Era a primeira vez que elle pisava terra portugueza, depois da sua longa peregrinação. E receberia Portugal, Lisboa com especialidade, condignamente o grande homem e excellente filho, que vinha agora depor aos pés da patria a bella coroa que por outras partes tinha conquistado com o seu talento, e queria que ella partilhasse da gloria que tantos titulos lhe conferiam? Responda a esta interrogação o seguinte trecho d'uma noticia devida á penna do nosso distincto poeta Mendes Leal.

(Continua)

A ILHA DE SANTA HELENA

Foi o navegador portuguez João da Nova que, em 13 de agosto de 1502, vindo da India, descobriu a ilha a que deu o nome de Santa Helena, em memoria d'esse dia.

A ilha de Santa Helena está situada no Oceano Atlantico, distante mil quinhentos e cincoenta kilometros da costa d'Africa e tres mil e tresentos da do Brazil.

Os hollandezes tomaram-a em 1610, e em 1650 passou para a Inglaterra, que ainda hoje a possue, sendo um dos pontos mais importantes que a poderosa nação tem n'aquelles mares.

O que dá celebridade á ilha é o ter ahi morrido o primeiro imperador dos francezes, Napoleão Bonaparte, cujo tumulo está representado na nossa gravura.

Sabe-se que Napoleão, vencido em Waterloo, foi conduzido pelos inglezes para a ilha de Santa Helena, onde permaneceu seis annos em duro captiveiro, guardado á vista por sir Hudson Low, e falleceu em 5 de maio de 1821. O seu tumulo, que consta d'uma pedra quadrada cercada por uma grade e ensombrada por alguns chorões, está situada a cerca de uma legoa de Longwood, residencia que foi do imperador.

TUMULO DE NAPOLEÃO I

ZIG-ZAGS

MEMORIA PRODIGIOSA

Esta faculdade nem sempre acompanha no seu desenvolvimento o grau da intelligencia. Podem porém citar-se alguns exemplos notaveis de talentos superiores, verdadeiramente privilegiados por uma memoria extraordinaria.

Metrodero, contemporaneo de Diogenes, decorava todos os discursos e conversações que ouvia. Themistocles conhecia pelo nome todos os habitantes de Athenas. Cyro, rei da Persia, sabia o nome de trinta mil dos seus soldados. Mithridates fallava vinte e duas lingoas. Julio Cesar dictava simultaneamente dez cartas a seus secretarios. Simplicio, um dos amigos de Santo Agostinho, sabia de cór as obras de Cicero. Pico de Mirandola recitava immediatamente e com extrema facilidade tudo o que se lia diante d'elle. José Scaligero decorou em vinte e um dias as obras de Homero e as dos outros poetas gregos em quatro mezes.

Em Portugal tambem tivemos um verdadeiro prodigio de memoria. O celebre padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o *Voador*, e que foi entre nós o inventor dos balões aerostatos, tinha tal memoria, que, abrindo-se um livro que elle nunca tivesse lido, depois de ler duas ou quatro paginas uma só vez, as tornava a repetir fielmente; e o que mais admirava, era repetil-as tambem debaixo para cima!

Isto é attestado pelo padre João Baptista de Castro, que presenceou este facto em 1725, quando andava a aprender philosophia com o padre Filippe Neri, da congregação do Oratorio.

Um outro contemporaneo do padre Gusmão não só confirma o mesmo, d'elle repetir uma pagina, depois d'uma unica leitura, repetindo-a igualmente ás avessas; mas acrescenta que sómente d'ouvir um sermão, o repetia palavra por palavra.

BOM DITO

Affonso, rei d'Aragão, quando o louvavam sobre os seus antepassados, dizia:

—Eu não estimo o que tanto estimaes em mim. E' a grandeza dos meus antepassados, e não a minha, que vós louvaes. A verdadeira nobreza não é um bem de successão; é o fructo e a recompensa da virtude.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

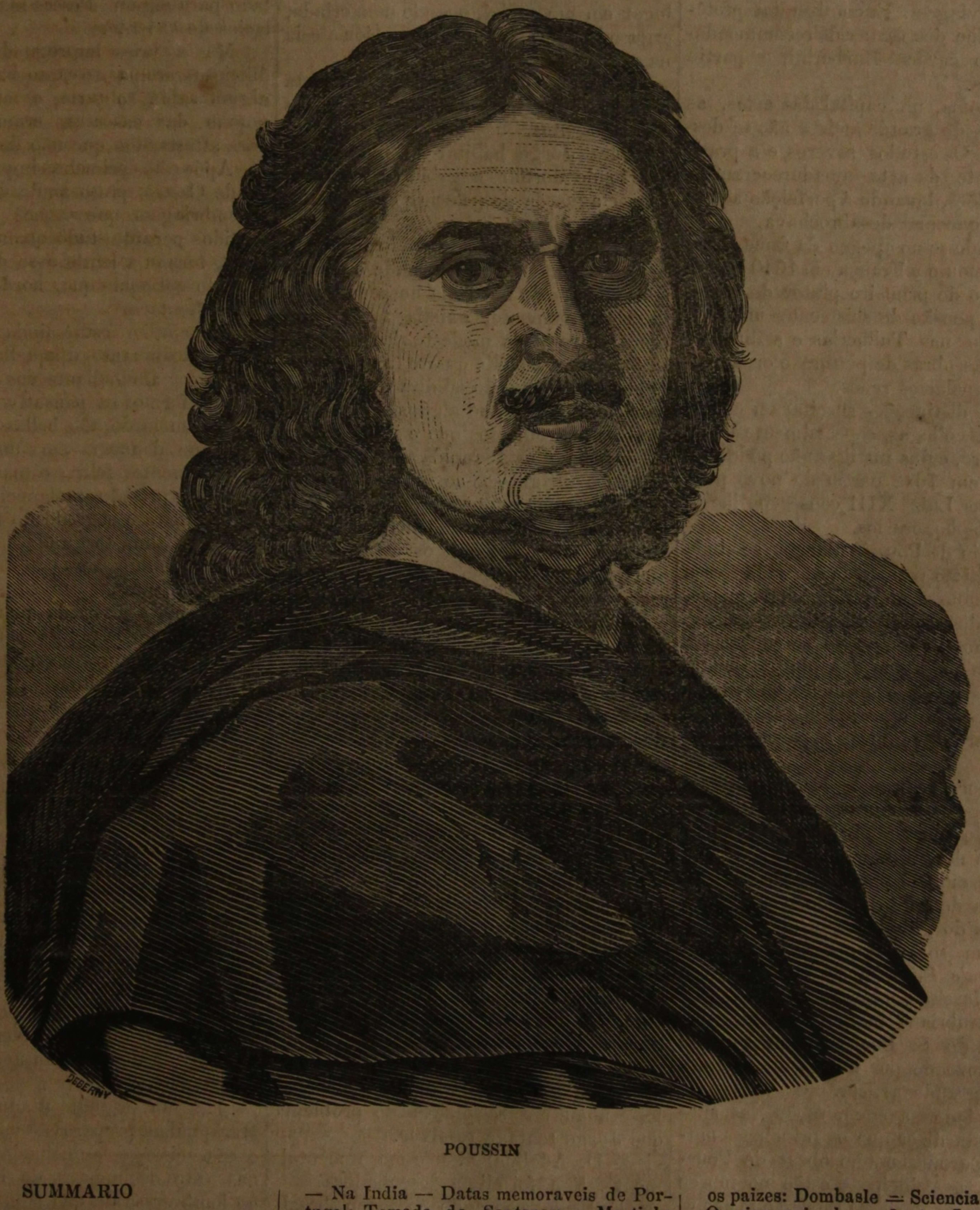
II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 30

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 24 DE MARÇO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$5 rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto



POUSSIN

SUMMARIO

TEXTO:— Poussin — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Na aldeia, por Firmino Pereira — Religião e liberdade, pelo conego Alves Mendes — Adeus (poesia) por Manoel da Motta Manso — Na India — Datas memoraveis de Portugal: Tomada de Santarem — Martinho Luthero — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Japão — Umbra et lux (poesia) por Joaquim de Araujo — O Barba-Azul, por Ernesto de Campos — Sá Noronha — Bibliographia — Os homens uteis de todos os paizes: Dombasle — Sciencia para todos: O reino animal, por doutor Jayme — Zig-Zags: Quem não trabuca não manduca — Honras a pintores celebres — Inteireza de um portuguez — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Poussin — Na India — Luthero — Uma tempestade na India.

POUSSIN

—

Nicolau Poussin, um dos mais illustres pintores da escola franceza, ou, para melhor dizer, o chefe d'essa escola, o philosopho da pintura, como lhe chamou Cousin, nasceu nos Andellys no mez de junho de 1594 e estudou a pintura em Paris com artistas mediocres.

As suas aspirações consistiam em uma viagem a Roma; mas diante da magreza da sua bolsa força lhe era renunciar áquelles brilhantes projectos. Um acaso porém proporcionou-lhe os meios de emprehender a viagem. Encontrou um protector, que lhe deu cartas de recommendação para o cardeal Barberini, e partiu para Roma.

Em Roma, na capital das artes, as esperanças do grande artista não se desmentiram. Os estudos severos e a pratica constante da arte amadureceram as suas aptidões, levando á perfeição aquelle talento que mal desabrochava.

Achando-se no apogeo da fama, Luiz XIII chamou-o a França em 1640 e deu-lhe o cargo de primeiro pintor da côrte, com uma pensão de seis centos mil reis, alojamento nas Tuilherias e a direcção de todas as obras de pintura e ornamentação dos palacios reaes.

Estas distincções suscitaram contra elle os seus collegas, especialmente Vouet e Fouquiere, cujas intrigas não pôde supportar, e em 1642 partiu de novo para Roma. Mas Luiz XIII conservou-lhe os titulos e os honorarios.

O genio de Poussin alargou-se ainda mais no ultimo periodo da sua vida; o seu pincel tornou-se mais rico, mais suave, e o seu talento mais variado.

Até ao seu tempo só se conhecia a pintura de paisagem e a pintura historica. Poussin foi o primeiro que reuniu com successo as duas aptidões e creou o novo genero de pintura, a paisagem historica.

Lesueur, Lebrun e Mignard foram seus discipulos e honraram o mestre.

Poussin morreu em Roma em 19 de novembro de 1665.

A sua morte foi considerada em Roma digna de luto publico. Os ultimos momentos do grande pintor mereceram a Granet um soberbo quadro; *os ultimos momentos de Poussin*, no qual se vê o cardeal Massimo ministrando-lhe o via-

Chateaubriand mandou levantar-lhe na egreja de S. Lourenço um soberbo tumulo, coroado por um busto em marmore do grande artista.

Sería longa a enumeração das suas telas. Basta dizer que os principaes museus da Europa contém obras de Poussin; mas as principaes estão no museu do Louvre em Paris. O retrato que acompanha este artigo é copia do que está no mesmo museu, devido ao pincel de Chantelau.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

VII

(Continuação)

Estava Jorge seduzido ouvindo a sua interlocutora descrever-lhe em colorida lingoagem uma das opulentas paisagens d'aquellas privilegiadas regiões, quando Francisco d'Almeida e Motta entraram na salla, fallando animadamente.

Acabavam os dous amigos de tomar logar em um sophá, quando uma criada, erguendo um reposteiro, annunciou a ceia na mesa.

A' meia noute terminava a lauta refeição, e os hospedes recolhiam aos seus aposentos.

Para Jorge habitar destinou-se um quarto de dormir e gabinete contiguo na rectaguarda do palacio e com janellas para o jardim.

Francisco d'Almeida conduziu o mancebo aos seus aposentos, onde o deixou maravilhado de tão bella hospedagem.

Effectivamente, existia tanta differença entre a sua modesta alcova da casa paterna e aquelle quarto luxuosamente mobilado, que não admira que o nosso patricio consagrasse alguns minutos de analyse aos objectos que o rodeavam.

Depois d'esta rapida inspecção, o mancebo dirigiu-se ao gabinete, onde encontrou uma estante de acaju, pejada de livros de litteratura moderna, uma ampla mesa com todos os utensilios de escripta e de desenho, e algumas cadeiras.

Aquelle gabinete era todos os dias visitado por D. Adelina, que ali se entretinha algumas horas, ou lendo algum livro mais seu predilecto, ou contemplando da janella as bellezas do seu magnifico jardim.

Sobre a mesa de que fallamos, ao lado d'uma brochura de Lamartine, deram os olhos do mancebo com um objecto que lhe attrahiu a attenção.

Era uma formosa aguarella representando parte d'um jardim com um lago ao centro. No meio da agoa azulada via-se um cysne côr de neve, em attitude de mergulhar.

—Que maravilhosa execução! murmurou Jorge enthusiasmado. Como está natural o desenho! Que primoroso artista traçaria tão bella paisagem!

E, rapido como o relampago, um nome perpassou no espirito do mancebo. Esse nome era a solução do problema que Jorge tentava resolver.

—D. Adelina! disse o moço mentalmente. Sim, foi ella a desenhadora.

E Jorge, pensando na joven brazileira, dirigiu-se para a janella, através da qual entravam os palidos raios da lua.

Tinha um aspecto magico aquelle recinto. Grandes arruamentos com suas paredes verdejantes, entresachadas de flores, specimens de toda a opulenta vegetação dos tropicos, desde o mais rasteiro arbusto até ao colossal coqueiro, lagos de varios feitios, cascatas de grande altura, aviarios magnificos, tudo se achava n'aquelle jardim encantado.

Estava-se no plenilunio. O luar banhava todo aquelle recinto, dando-lhe uma perspectiva phantastica e arrebatadora.

Debruçado na janella, Jorge contemplava maravilhado o quadro que tinha ante si, perguntando-se mentalmente se sonhava, ou se havia sido transportado para algum d'esses magnificos palacios do Oriente.

Mas a brisa impregnada dos mais diliciosos aromas, o canto harmonioso de algum sabiá solitario, o murmurio monotono das cascatas, eram sufficientes para attestar-lhe que não dormia.

Após estas primeiras impressões, Jorge de Castro, preso ainda d'aquella dôce embriaguez que se nos apodera dos sentidos perante tudo quanto é bello e novo, tornou a lembrar-se de D. Adelina e do colloquio que, horas antes, com ella sustentara.

Parecia-lhe estar ainda escutando o timbre insinuante d'aquella voz; parecia-lhe ter ainda diante dos olhos aquelle rosto formoso e pensativo.

No meio de tão bellas exterioridades, que denunciavam uma existencia materialmente feliz, o mancebo julgou ler na expressão melancolica do rosto da brazileira o segredo do triste romance d'uma alma torturada.

Decorreram horas n'este tumultuar de pensamentos.

Rompia a alvorada quando o mancebo, extenuado de fadiga, cançado de sensações, foi procurar o repouso do somno no seu luxuoso leito.

(Continua) ALBERTO CARLOS

NA ALDEIA

—

A Mariquinhas estava sentada em uma cadeira baixa, diante da sua banca de costura, a bordar umas iniciaes muito vistosas em um lenço de bretanha. Prestava uma attenção religiosa ao seu delicadissimo trabalho: de quando em quando parava e olhava para o seu bordado, collocando-o em diversas posições, e proseguia depois, com um casto sorriso de satisfação.

Era um presente d'annos. A gentil Mariquinhas preparava um mimo para o seu noivo, e, antecipadamente, sentia uns estremecimentos de intimo praser, ao lembrar-se de que elle, ao receber a mimosa prenda, diria, no terno enleio dos namorados:

—Obrigada, Mariquinhas! Consinta que eu beije a mão delicada que bordou este primor!

Eram tres horas da tarde d'um formosissimo dia de maio. Estava tudo em silencio; de quando em quando ouvia-se o chiar d'um carro que ia pelo atalho, ou a voz, argentina e insinuante, d'alguma camponeza. Fazia calor, e a natureza, como cedendo á influencia d'elle, parecia dormitar, indolente, como um oriental, adormecido pelo opio e perdido de volupia, entre as mulheres formosissimas do harem. E a Mariquinhas, toda presa áquelle lenço de fina bretanha, bordava sempre, alterando caprichosamente o risco.

A encantadora menina levantou os olhos do bordado, casualmente encarou com um quadro mettido em uma rica moldura e collocado na parede da salla.

Como se nunca o tivesse visto, fitou-o attentamente, demorando-se um minuto na sua contemplação.

Era uma soberba oleographia, representando um idyllio: —uma camponeza, sorrindo-se, a fitar extremosamente um camponez, que lhe collocava, muito enleiado, uma flor no peito...

Mariquinhas olhava com attenção para a moldura, achava encantadora a camponeza, e meditava em uma scena que dias antes tivera com o seu namorado. Ella é que lhe collocou na lapella do casaco uma flor, e elle, quando teve perto da sua boca a mão fina e macia da sua amada, depositou-lhe um beijo, furtivamente, sem dizer nada, como receando molestar a casta menina.

De repente olhou para a janella. Defronte havia um campo, e lá, uma rapariga fresca e guapa cantava em uma voz crystallina:

Eu amante e tu amante
Qual de nós será mais firme?...
Eu, como o sol a buscar-te,
Tu, como a sombra a fugir-me!

A Mariquinhas poisou o bordado. Estava tão encantadora n'aquelle momento, que um anjo se prostraria diante d'ella para a adorar.

A mesma voz cantou:

Hei-de amar-te, se me amares;
Querer-te, se me quizeres;
Deixar-te, se me deixares;
Farei o que tu fizeres.

Estes versos, tão desalentados, incommodaram-a. Levantou-se. No quintal, um gallo que viu passar perto d'elle uma pomba, cantou. Mariquinhas tomou o canto da ave como de mau agouro. Teve medo e empallideceu. Ouviu passos no atalho e correu á janella.

Era *elle* que passava.

—Ai, José, que estava tão triste; de repente, o coração como que se me cobriu com um veu preto.

—Ora, doidinha, que has-de ser sempre creança!

O gallo cantou outra vez.

—Ouves?... Tenho medo d'esse gallo: assusta-me o seu cantar...

A mesma voz cantou:

Rosa branca, toma côr,
Não andes tão desmaiada,
Que eu assim mesmo te quero
Mais do que á rosa encarnada...

—E' a Joaquina do Eirado, disse a Mariquinhas, aquelle rouxinol da aldeia, que canta desde pela manhã até á noute.

—Ai, é a Joaquina... volveu o moço, muito enleiado... a sorrir-se...

—Parece que te causou impressão este nome! Que tens? Estás tão calado...

—Eu... eu nada, meu amor. E' que aquella rapariga, quando canta, é que adivinha...

—O que, o que? atalhou a Mariquinhas.

—Noivado, doidinha... A Joaquina, em cantando muito, é certo haver boda proxima...

Mariquinhas ficou pensativa, e disse baixinho:

—Se fosse a nossa...

E soltou um ai muito amoroso...

E a voz da camponeza, continuou:

Rosa branca, toma côr...

Firmino Pereira

RELIGIÃO E LIBERDADE

Divina religião catholica, numen de todas as virtudes, fonte de todas as inspirações, manancial de todos os consolos, consolo de todas as lagrimas:

Tu, que tens procreado tantos espiritos valorosos e livres;

Tu, que tens matisado de flores e embalsamado de aromas o aspero caminho dos affligidos e dos pobres;

Tu, que desceste rutilante e formosissima ao negro ergastulo do escravo e ali quebraste para sempre as suas aviltantes cadeias;

Tu, que has aureolado com a luz da fé e mimoseado com o pão da vida a milhares e milhares de gerações;

Tu, que despertaste no coração humano o estimulo d'uma esperança infinita e o sentimento d'um ideal celeste;

Tu, mestra soberana de Paulo, sybilla incomparavel de Agostinho, sublime inspiradora de Raphael, casta musa do Dante;

Tu, que primeiramente pronunciaste a palavra liberdade;

Tu, dulcissima amiga do homem, que assim estrellas noutes e balsamisas dôres, e que, unica, sabes transmudar as lagrimas que caem na terra em perolas que se enthesouram nos ceos;

Perdoa aos que te fazem cumplice das tyrannias e fiel alliada dos tyrannos, a consocia do fanatismo e a protectora dos fanaticos;

Perdoa-lhes, como em sua agonia perdoara o teu divino Auctor aos mesmos que o crucificaram.

Conego Alves Mendes

ADEUS!

(A MEU IRMÃO D. M. MANSO, POR OCCASIÃO DA SUA PARTIDA PARA A AMERICA)

Vaes, emfim, deixar a terra
Que te viu surgir á vida;
Vaes partir, e na partida
Levas triste o coração;
Vaes pisar extranho sólo,
Vaes ver novos horizontes,
Novos prados, novos montes,
Maiores, mais bellos não.

Se eu fosse agora vidente
Rasgara o veu do futuro
E dir-te-hia se elle é escuro,
Ou se o tinge rosea côr;
Mas não sou vate inspirado,
Mem tenho o dom de propheta;
Tenho um peito onde vegeta
Da amisade a meiga flor.

Um peito que sentir sabe
O travor d'uma saudade,
E que em nome d'amisade,
Só te dissera; não vás!
A rasão porem segreda-me
Que a vida não se limita
A uma aldeia bonita,
A um remanso de paz.

Vaes partir, sem saber quando
Serás de volta ao teu ninho:
Ai, não te esqueça o caminho
Da tua terra natal.
Ai, não te esqueça! No meio
Do labutar incessante
Recorda a patria distante,
Recorda o teu Portugal.

Lembra a terra onde innocente
Brincaste, debil creança,
Que d'esse tempo a lembrança
Ao coração nos é grata.
Recorda os doces folguedos
Nas quentes noutes do estio,
E aquellas tardes no rio,
E aquellas margens de prata.

Vae! Que Deus de ti affaste
O genio mau da procella,
E que seja a tua estrella
Formosa, pura, sem veu;
Nunca o lethal desalento
Tenha entrada em tua alma,
Seja teu iris de calma
A esperança, a filha do ceo.

Emfim, adeus! Se nos olhos
Me borbulha inquieto pranto,
Se turva meu rude canto
Esta sincera expansão;
E' que é penoso apartarem-se
Dous elos d'uma cadeia,
E' que me contrista a ideia
Da nossa separação.

Lá, quando as brisas mareiras
Te bafejarem a fronte,
Quando fôr teu horizonte
O azul do ceo e do mar,
Manda um suspiro saudoso
Nas azas subtis do vento;
Pensa em nós e o pensamento
Virá comnosco fallar.

Manoel da Motta Manso

NA INDIA

—

A India é o paiz dos eternos contrastes, onde, a par d'uma natureza luxuosa e variada, reina a desolação e a tristeza, onde, a par das campinas ferteis, banhadas d'um sol vivificador, se veem agrestes penedias, pantanos profundos, exalando pestiferos miasmas.

Em 1852 dizia um dos empregados superiores da companhia ingleza, chamado a depor na camara alta:

«A India é um paiz á parte. A natureza, o estado da sociedade e da civilisação, o caracter e usos das populações, tudo ahi differe nos diversos graos em que é conhecido e usado entre nós. De facto, o estudo da India devia ser uma profissão distincta como a do medico ou a do advogado.»

Estamos á beira-mar, perto do golfo de Benguella; estende-se diante de nós um mar d'areia avermelhada. Mais alguns passos e esta perspectiva desapparece para dar logar a uma planicie verdejante, um verdadeiro oasis, um paraiso de frescura, de harmonias e de perfumes. Mil pequenas correntes, atravessadas por elegantes pontes de madeira, espalham a vida por toda a parte; pirogas d'um só remador sulcam as agoas limpidas, que despedem um som suave e agradavel; avistamos á nossa direita um pagode, ornado de esculpturas phantasticas e cujo cimo se destaca no meio d'um bosquesinho de palmeiras. Passa ao nosso lado um elephante com o seu cornac, e saudanos com a sua tromba para lhe darmos uma pequena moeda de cobre. Mais adiante encontramos uma multidão de mendigos, que vão entoando uma cantilena exquisita; junto do mar, mulheres negras, nuas até á cinta, carregam á cabeça cestos de vime, cheios de pimenta colhida de fresco.

Pois bem. Se visitarmos este mesmo logar no dia seguinte, todo o encanto terá desapparecido; a natureza terá variado por forma que não reconheceremos o mesmo sitio da vespera.

O ar está pesado; o sol dardeja raios que suffocam. Do mar saem vapores que velam toda a paisagem. Ribombam trovões surdos; abrem-se as cataractas do ceo e os campos estão em breve transformados em immensos lagos.

A gravura representa uma familia surprehendida pela tempestade no meio d'uma viagem.

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

TOMADA DE SANTAREM

Era Santarem o ponto melhor fortificado que os mouros tinham proximo das fronteiras portuguezas, e as chronicas contam que amiudadas vezes sahiam os infieis d'aquelle baluarte inexpugnavel a encommodar os christãos. A situação da cidade, edificada no cimo d'uma montanha, bem mostra ainda hoje quanto só mesmo pela natureza estava defendida.

D. Affonso Henriques, cuja vida foi uma continua cruzada contra os mouros, sentiu desde logo a necessidade de tomar tão importante posição.

A' frente d'uma pequena hoste, o monarca portuguez partiu de Coimbra, e, para enganar os mouros, em vez de tomar o caminho de Santarem, seguiu para sudueste; mas chegando á serra de Albardos, indireitou para o Oriente e caminhando sempre por montanhas e de noute, conseguiu chegar a Pernes sem que se soubesse o fim da expedição.

Conta-se que foi ao chegar ao alto da serra d'Albardos que D. Affonso Henriques fez voto de dar as terras que constituiam o couto d'Alcobaça para um mosteiro da ordem de Cister se Deus o fizesse senhor de Santarem. O facto é que no anno seguinte se principiou a obra do mosteiro em memoria d'aquelle voto e depois no alto da serra se levantou um arco triumphal de pedra de cantaria, com uma inscripção composta por Fr. Bernardo de Brito, em commemoração do successo.

Foi em Pernes que o rei deu parte, aos seus cavalleiros do fim da expedição

NA INDIA

a qual todos tomaram por temeraria e perigosa; mas o rei teve artes de animar a todos e deu ordem para o ataque, que devia fazer-se por dez escadas ao mesmo tempo, em pontos diversos da muralha, subindo doze homens por cada escada, e apenas chegados ás ameias hasteassem ahi o pendão real.

O melhor sitio para o ataque era o em que os mouros tinham apenas duas vigias.

Esperaram os christãos, escondidos em uma seara. a chegada da noute, e as vigias, descuidadas, adormeceram. Então pelo tecto da casa d'um oleiro, contigua á muralha, Mem Ramires tratou de segurar uma escada. Esta caiu, e o motim esteve a ponto de fazer malograr a emprensa. Não vacilou Mem Ramires, e fazendo do seu corpo degrau para um soldado subir, este conseguiu prender a escada em uma das ameias. Trepou depois o alteres-mór, e ahi plantou o estandarte real. Ao mesmo tempo se arvorou outra escada, e por ella subiram vinte cinco homens. No castello era horrivel a confusão e vosearia, ao grito de guerra soltado pelos portuguezes, e Affonso Henriques dividindo as suas pequenas forças em dois terços, acommetteu com ellas o castello. Faltavam porém instrumentos aos vinte e cinco esforçados que estavam dentro de Santarem para lhe quebrar as portas; mas um malho de ferro que se lhes jogou por cima do muro, as fez voar feitas em estilhas. Então o exercito portuguez entrou em Santarem, e o sol do dia seguinte alumiou com os seus raios a horrivel carnificina que as espadas christãs tinham feito durante aquella memoravel noute em corpos de infieis.

Teve logar este glorioso successo no dia 15 de março de 1147.

Os cavalleiros portuguezes não passavam de cento e vinte e cinco.

MARTINHO LUTHERO

O lutheranismo é, como se sabe, uma das varias divisões da religião christã; é o protestantismo, seguido hoje em diversos paizes e com especialidade na Allemanha.

O chefe da reforma foi Martinho Luthero, frade agostinho, nascido em 1482 em Eisleben, na Suissa, e filho d'um pobre mineiro.

Em 1517 o papa Leão X publicou uma bula d'indulgencias, encarregando os frades dominicanos da sua distribuição na Allemanha. Os agostinhos não viram com bons olhos a preferencia do papa, e protestaram vingar-se. Luthero poz-se á frente do movimento, que não tardou a rebentar, e a audacia do terrivel antagonista de Leão X levou-o a ponto d'atacar o proprio dogma das indulgencias, para o que publicou um programma contendo noventa e cinco proposições, cuja doutrina contou em breve numerosos adeptos.

Essas proposições foram queimadas por ordem do papa, que de balde convidou o rebelde a ir a Roma abjurar os seus erros.

Protegido pelo eleitor de Saxe, Luthero continuava a sua obra de propaganda, a despeito de todas as ameaças, e a nova religião fazia de dia para dia assombrosos progressos. Luthero negava a auctoridade do papa, regeitava o culto das imagens e apenas reconhecia dous sacramentos, o do baptismo e o da eucharistia sob as duas especies.

Leão X publicou contra o heresiarca, em 1520, uma bulla d'excommunhão, fazendo ao mesmo tempo queimar os seus livros. Usando de represalia, Luthero deu ás chammas a bulla do papa com todas as decisões emanadas da Santa Sé.

E' este episodio que a gravura representa.

Perseguido abertamente, Luthero refugiou-se no castello de Watburgo, onde o eleitor de Saxe, seu protector, o conservou escondido nove mezes, e esse tempo aproveitou-o elle para compor obras em que expunha as suas opiniões religiosas, vendo em breve crescer o numero dos seus sectarios, entre os quaes se contavam os principes mais poderosos.

Tendo casado em 1525 com uma freira, de quem teve varios filhos, empregou o resto da vida em fazer vingar a nova religião, empregando para isso os meios da penna e da palavra, e falleceu em 1546.

As doutrinas de Luthero foram expostas e refutadas por Bossuet sob o titulo de *Historia das variações*.

LUTHERO

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXIV

O JAPÃO

Com uma superficie de 400:000 kilometros quadrados, contém este imperio 35 milhões d'habitantes.

Os portuguezes chegaram ao Japão em 1543 e introduziram o christianismo em substituição da idolatria. A nova religião não tardou porém a ser perseguida e a sua proscripção arrastou a dos europeus. Todos os portos lhes foram fechados; só os hollandezes alcançaram ser exceptuados. Comtudo em 1854 todos os portos foram abertos aos europeus.

Composto de tres ilhas grandes, Nippon, Kiou-siou, Si-kok, e outras muitas pequenas, pela maior parte vulcanicas, o Japão encerra numerosas minas d'ouro, prata e cobre; o solo produz cereaes, arroz, chá, opio, tabaco, algodão, camphora, gomma laca, canhamo, especiarias; o japonez educa o bicho da seda e dá-se á criação de bois e cavallos. Industria adiantada em fazendas de seda, armas e porcellanas. A imprensa é ali conhecida desde o anno de 1206.

Longo tempo separados do resto do mundo, os japonezes votam soberano despreso a todas as nações estrangeiras, apesar de que, ha poucos annos, entraram de relacionar-se com as nações do occidente; actualmente mandam missões aos grandes centros, afim d'estudarem a organisação politica, militar e administrativa d'algumas nações. O roubo e a fraude são quasi desconhecidos no Japão. As creanças teem um grande respeito aos seus parentes.

Ha no Japão uma classe de mendigos, que teem, de paes a filhos, o privilegio de mendigar e não podem ter outra profissão.

Os japonezes dão-se á agricultura; fabricam com perfeição a porcellana. Os seus mandarins fallam as lingoas europeias.

Capitaes na ilha de Nippon: Yeddo, 1,500:000 habitantes, residencia do imperador temporal; Mykao, 1 milhão de habitantes, residencia do *taicum*, ou so-

berano espiritual, que reside em um palacio immenso, no meio de mais de 50:000 monges, brahmanes e serventes. Em Yeddo admira-se a formosa ponte Nippon-baixa, ponto de partida das distancias para todas as estradas da ilha de Nippon.

Cidades principaes: Osaka, 200:000 h., praça maritima muito importante; Yokohama; Nangazaki, 50:000 h. A ultima foi durante muito tempo o unico porto aberto aos estrangeiros, e ainda assim esse privilegio só era gosado pelos chinezes e hollandezes.

(Continua)

UMBRA ET LUX

—

Nos desertos, a sombra da palmeira
Acolhe os pobres caminhantes lassos,
E reanima-os, em meio da carreira,
Como ao lilaz o orvalho dos espaços.

A tua alma é toda luz radiante;
Todo ella nos domina e nos assombra...
E, apesar d'essa antithese gigante,
Iguala sempre da palmeira a sombra.

Joaquim de Araujo

O BARBA-AZUL

—

(Conclusão)

O indio deu uma pancada em um escudo d'aço, que fez um barulho espantoso, eccoando pela floresta, e um ente cujas fórmas horriveis ficaram para sempre gravadas na imaginação do marechal, e que era muito similhante a um enorme leopardo, se adiantou lentamente, soltando rugidos inarticulados, que o magico explicava em voz baixa e perturbada ao companheiro.

—E' o proprio Satanaz, disse elle. Acceita as proposições que lhe fiz e consente pôr-se á vossa disposição. Mas esqueceu-me uma cousa importante nas minhas conjurações, e o espirito não quer fallar-vos.

—Então que faltou? perguntou o marechal. Não se póde recomeçar a ceremonia?

O magico não lhe respondeu e applicou o ouvido.

Uma voz sinistra pronunciou estas palavras com longos intervallos:

—Em Florença... em uma caverna escura e profunda... mas torna-se ainda necessaria a morte de...

—Pelo ceo! exclamou o marechal. Que Deus te confunda! Pois não prometti tudo?...

Mas como tinha pronunciado o nome do pae de misericordia, os eccos repetiram gritos lamentosos e a escuridade substituiu a luz brilhante que allumiava o logar da scena.

—Tinha-vos recommendado que guardasseis silencio, disse Prelati. O nome que vos escapou privou-vos de entrar na posse de todos os thesouros, escondidos no centro da terra. O talisman que nol'os deve entregar acha-se depositado em uma urna e esta encerrada em um tumulo, perto de Florença.

—Iremos lá, respondeu o marechal.

—Só eu lá posso entrar, tornou o magico; e eis aqui, ajuntou abaixando-se para tomar uma pequena medalha d'ouro que Gil não tinha visto; eis aqui o signal que me ha de dar entrada nos logares mais occultos. Descobrirei grandes mysterios, cujo conhecimento tendes o direito de partilhar comigo. Dentro d'um anno estarei de volta com as consideraveis riquezas que o destino nos reserva.

O marechal voltou para o seu castello; entregou ao indio importantes sommas e viu-o partir, desesperado por ter perdido por uma falta de tino o praser de o acompanhar, mas ancioso pelo termo do praso marcado pelo feiticeiro. Entretanto continuou a vida licenciosa, em que tinha dado os primeiros passos.

Narrações contemporaneas fazem crer que, na evocação que teve logar na floresta de Tiffauges, foi Sellé, o procurador do marechal, que fez o papel do diabo.

O magico não tornou a apparecer; e ao cabo d'aguns annos d'escandalos, excitados os publicos clamores pelos infames attentados de Gil de Retz, e junto a isso o ter tomado parte em uma conspiração contra a auctoridade de João IV, duque da Bretanha, foi preso e processado. Pelo decurso do processo, depoimentos das testemunhas e confissões do réo, soube-se com horror que durante os annos da sua vida licenciosa, tinha arrastado para os castellos de Mechecou e Chantocé, e para os palacios que possuia em Nantes e Vannes, mais de cento e quarenta creanças dos dous sexos, que assassinava depois de as fazer servir aos seus abjectos praseres, ou sacrifical-as a atrozes superstições.

O parlamento da Bretanha formou-lhe um tribunal, composto de juizes leigos e ecclesiasticos, porque era accusado simultaneamente dos crimes d'homicidios e feitiçarias. O marechal insultou os juizes; quiz declinar a sua jurisdicção, e disse-lhes:

—Quizera antes ser enforcado do que responder-vos.

Comtudo, o receio de ser posto a tormentos fel-o confessar todos os crimes diante do bispo de S. Brieuc e do presidente Pedro do Hospital. O presidente interrogou-o sobre o motivo porque tinha feito morrer tantos innocentes, queimando em seguida os seus corpos, e o marechal respondeu-lhes:

—Com taes perguntas incommodaes-vos, e incommodaes-me a mim tambem, inutilmente. Já vos disse bastante para fazer morrer dez mil homens.

No dia seguinte, o réo confirmou as suas confissões em audiencia publica, e foi condemnado a ser queimado vivo a 25 d'outubro de 1440. A sentença foi executada na praça da Magdalena, perto de Nantes.

Alguns annalistas dizem que morreu arrependido.

A's ruinas formidaveis do castello de Chantocé ainda hoje o povo dá o nome de castello do Barba-Azul.

Ernesto de Campos

SÁ NORONHA

—

(Continuação)

Eis a noticia:

«Ainda os sons magicos do violino de Sivori eccoavam na vasta sala de D. Maria II, e já se annunciava a apparição d'um novo prodigio musical. D'esta vez porém é um portuguez que vem á sua terra procurar os suffragios dos seus compatriotas, depois de ter colhido vastos louros, desde as margens do Hudson até ás do Tamisa. E' uma gloria nacional que se levanta no horisonte da arte, quando Sivori toca o seu apogeu.

«O sr. Noronha deu hontem o seu primeiro concerto no theatro do Gymnasio, e foi recebido com uma verdadeira e estrepitosa ovação. Noronha, como Arthur Napoleão, como Mazzoni, como Constantino, como Moura, lembra, sustenta entre estranhos o nosso nome, e accrescenta o catalogo das glorias portuguezas do nosso seculo, que vão lá fóra conseguir o que é tão raro aqui, recebendo a sua consagração nas primeiras capitaes do mundo. Em quanto a confiança nos falta, e a cada momento accusamos a nossa inferioridade, a Europa sauda os nossos principes e os nossos artistas, logo que os vê de perto. Não será este exemplo bastante para restaurar e reconfortar a fibra nacional, amolecida talvez pelo infortunio?

«Não compararemos Noronha e Sivori: a arte é bastante larga para ambos, e os applausos chegam para cada um. Noronha distingue-se sobre tudo por um sentimento, uma delicadeza, um gosto e uma expressão, verdadeiramente admiraveis. A sua rebeca tem uma alma, a sua execução phantastica tem o poder d'electrisar.

«Sivori é uma reputação consummada: Noronha é uma reputação que principia entre nós. Mas esta, repetil-o-hemos, é uma reputação portugueza, creada entre nossos irmãos d'além-mar, volvendo á patria, como um filho piedoso, para lhe render a homenagem do seu talento. Quem deixará d'ir ouvil-o e corôal-o?»

Chegamos agora ao ponto mais importante da biographia de Noronha. E' a sua vinda ao Porto, em 1855.

Agora tambem o eminente artista se nos vae revelar debaixo d'outra face mui distincta. Vimol-o como concertista; vamos vêl-o como compositor. Como compositor, veremos igualmente que essa estrella que o guiava aos mundos novos,

o levou até ás amplidões do sublime, onde o seu espirito descançou um momento, contemplando o espaço que o separava d'este mundo de desenganos e ingratidões.

Como concertista já nós sabemos que desde a mais tenra idade dera elle as mais exuberantes provas d'esse grande talento que o distinguia; talento que n'outra terra, sería infinitamente desenvolvido, como o foram Sivori, Vieux-temps e Ernest, e affoutamente se póde dizer que Noronha igualaria, se não excederia Paganini. Elle, que soube vencer toda as difficuldades do seu instrumento e tirar d'elle, sómente pelo poder da sua inspiração, todos os recursos musicaes!... E isto tudo sem eschola e sem mestre! «Que sería elle então se desde os seus primeiros annos tivesse cursado os conservatorios? pergunta o auctor d'uma biographia de Noronha, escripta no Brazil «Sería o primeiro artista do mundo; e, comtudo, talvez não possuíra a extraordinaria originalidade que o singularisa, essa excentricidade, essa riqueza de inspiração magnifica e caprichosa, como a vegetação tropical, agreste e grandiosa, como as gigantes e virgens florestas que bordam as margens do Amazonas!»

O Porto não pôde ouvir o eminente artista sem lhe tocar a grande maestria e profundo talento a corda dos mais sinceros affectos; e a recepção foi a mais festiva e ruidosa. Nem d'outra sorte poderia ser, se o Porto estendeu sempre os braços d'amigo a todo o ser superior, mas infeliz, que dentro d'estes muros procurou um pouco de repouso ás attribulações do espirito. (Continua)

BIBLIOGRAPHIA

—

O Sello da Roda, por Pedro Ivo.

1. vol. em 8.º— 3.ª edição. Porto, 1881.

Temos sobre a nossa banca d'estudo o livro, cujo titulo fica esboçado acima, e que é devido á penna d'um mancebo, que apenas conta poucos annos d'idade, mas que tem sabido conquistar já um certo renome na republica das letras pelos seus trabalhos literarios, que são vantajosamente conhecidos e devidamente apreciados pelos nossos conterraneos.

Pedro Ivo, ou antes, Carlos Lopes, pois é este o seu verdadeiro nome, aproveitando as horas d'ocio que lhe ficam livres dos seus affazeres commerciaes, tem já produzido e publicado alguns livros, em que elle fidellissimamente copía e nos deixa ver o que é e o que vale o seu bem conformado coração, aberto só á defeza dos grandes principios e de certas classes, que se tornam credoras de se verem advogadas por patronos como Pedro Ivo. Este novel escriptor, condoido da sorte que afflige os desherdados da communhão social, e que não podem dizer abertamente que teem pae ou mãe, pois que a Providencia lhes *negou* a qualidade de filhos legitimos, conhecendo profundamente a *pathologia* das paixões humanas, quiz remir com o seu livro estes desventurados, suavisando as amarguras que elles de certo soffrem, quando são compellidos a pronunciar a fatidica palavra *engeitado*.

O *Sello da Roda* está admiravelmente bem architectado, e é tal o seu valor litterario, que dentro em muito poucos annos teve a felicidade de ser publicado em terceira edição, o que em geral não tem succedido n'este paiz a muitas das obras d'este genero, o que prova até á evidencia que se tem sabido fazer justiça a este estudioso mancebo.

—

O Evangelho da Revolução, por Ernesto Pires.

Opusculo de 48 pag.— Porto, 1881.

Ernesto Pires é um moço de muito talento, e no opusculo que acaba de dar á luz affirma mais uma vez as qualidades que o distinguem como poeta de combate. Segue brilhantemente as pisadas de Guilherme Braga: versos valentes; ideias elevadas.

A edição, obra da typographia dos snrs. Arthur José de Sousa & Irmão, a quem o *Evangelho da Revolução* é dedicado, é nitidissima.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XV

DOMBASLE

Matheus de Dombasle nasceu em Nancy em 1777. Os primeiros estudos foram encaminhados para a carreira militar, em que chegou a fazer a sua estreia; mas em breve se cançou de similhante profissão, renunciando a ella para se dar inteiramente ao estudo das sciencias, e escolheu de preferencia aquellas que podiam conduzil-o ás descobertas uteis á humanidade. Foi sobre tudo a agricultura que se tornou alvo dos seus trabalhos.

Estudou a chimica e publicou obras relativas a esta sciencia, na qual fez diversas experiencias que lhe deram muita fama. Em 1822 Dombasle foi nomeado director da granja modelo de Roville (Meurthe), cuja organisação aperfeiçoou. De dia para dia as suas combinações lhe produziam novos resultados. A charrua aperfeiçoada, que inventou, e ainda hoje se designa pelo nome do inventor, foi universalmente adoptada.

Foi Dombasle o primeiro a imaginar os concursos de instrumentos agricolas, que produziram a emulação entre os agricultores e levaram aos mais brilhantes resultados a agricultura franceza.

Dombasle é auctor de muitas obras sobre a agricultura, os instrumentos aratorios, o assucar de beterraba e das batatas, etc. O reconhecimento publico foi a melhor recompensa do auctor de tantos trabalhos uteis. Depois da sua morte, que teve logar em 1843, a cidade de Nancy ergueu-lhe uma estatua.

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

As sete ordens são:

1.º *Bipedes*; animaes com duas mandibulas e quatro dentes incisivos, e providos de duas mammas; pertencem a esta classe o homem, o macaco, o morcego, etc.

2.º *Desdentados*; animaes sem incisivos nas queixadas, como o elephante, o tamanduá, a preguiça.

3.º *Carnivoros*; animaes cujos incisivos variam desde dez a doze. Esta ordem encerra a maior parte dos animaes caçadores, como o leão, o tigre, o urso, etc.

4.º *Ruminantes*; animaes não ferozes, sem incisivos na queixada superior, como o camello, o veado, o carneiro, etc.

5.º *Roedores*; animaes só com dous incisivos, sem dentes caninos, como a lebre, o esquilo, o rato.

6.º *Quadrupedes*; animaes com incisivos nas queixadas, como o cavallo, o javali, etc.

7.º *Cetaceos*; animaes cujos dentes variam nos differentes generos. Esta ordem comprehende todas as familias de baleias, que, em rasão de certas similhanças na estructura, teem sido collocadas na classe dos quadrupedes, isto é, animaes de quatro pés.

As aves, animaes cobertos de pennas, teem duas azas para voar, uma cauda para governar o voo e um bico osseo. Os seus ossos são occos e leves; toda a sua organisação as torna proprias para abrir sem difficuldade caminho através dos ares. Algumas tribus viajam, em certos tempos, d'uma região para outra. Muitas visitam-nos durante a primavera e abandonam-nos no outono; outras vem acabar o anno comnosco e annunciam-nos a volta da estação florida.

Ha seis ordens d'aves, a saber:

1.º *Aves de rapina*, especie voraz (aguia, abutre, gavião, condor, etc.).
2.º *Trepadores* (papagaio, corvo).
3.º *Palmipedes* (cysne, ganso).
4.º *Pernaltos* (garça real, etc.).
5.º *Gallinaceos* (pavão, gallo, perdiz).
6.º *Passaros* (pombo, melro, cotovias, rouxinol).

A terceira classe de seres animado,

é composta d'amphybios, sem dentes nem barbatanas, corpos nus e cobertos d'escamas.

1.° *Reptis* (crocodillos, lagartos, tartarugas, etc.).

2.° *Serpentes* (giboia, vibora, cobra de cascavel). Alguns d'elles são inoffensivos.

3.° *Meantos* (sereias, etc.).

4.° *Nautas* (torpilio, etc.).

A quarta classe comprehende os peixes que habitam agoa, cuja organisação é igualmente admiravel e as forças variadas. Grande numero d'elles, que habitam os abysmos impenetraveis do Oceano, são desconhecidos do homem. O nosso olhar abre apenas um caminho muito limitado através das profundidades do mar, e para isso mesmo é necessario que a superficie esteja lisa e socegada. Em alguns mares não se distingue mais do que um fundo areento e luzente, que se prolonga em uma extensão de muitos centos de kilometros; em outros, especialmente no Mar Vermelho, o espectaculo é differente: todo o fundo de aquelle vasto leito é, a bem dizer, uma floresta immensa de plantas marinhas e coraes; é tapetado d'esponjas, musgos, madréporas, conchas marinhas e outras producções oceanicas. O leito de muitas partes do mar, perto da America, offerece um outro espectaculo não menos agradavel: está coberto de vegetaes, formando um tapete de verdura, e no fundo veem-se milhares d'animaes marinhos movendo-se em todos os sentidos.

Se as marés, as correntes e a força dos ventos não entretivessem o movimento do mar, tudo ahi morreria de corrupção.

Os peixes dividem-se em quatro ordens:

1.° *Apodos*, sem barbatanas, como as anguias.

2.° *Jugullares*, com barbatanas ventraes, collocadas antes dos peitoraes.

3.° *Thoracicos*, que só respiram pelos ouvidos, como a perca.

4.° *Abdominaes*, com barbatanas ventraes, situadas detraz dos peitoraes, no abdomen, como o lucio, o salmão, etc.

(Continua) DOUTOR JAYME

UMA TEMPESTADE NA INDIA

ZIG-ZAGS

—

QUEM NÃO TRABUCA NÃO MANDUCA

Quando o veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres foi á Italia assistir ao concilio de Trento, deu-lhe de presente o Summo Pontifice uma excellente mula, com o nome d'*Aguia*. Assim que o arcebispo chegou a Braga, ordenou que o animal trabalhasse desde pela manhã até á noute, no serviço mais violento da casa. Passou um dia a mula carregada por defronte do prelado, o qual sorrindo lhe disse:

—Cuidavas que por serdes dadiva d'um tal senhor, serieis aqui privilegiada? Enganastes-vos; na casa do pobre todos são pobres, e não come senão quem trabalha.

—

HONRAS A PINTORES CELEBRES

Julio III fazia assentar Miguel Angelo diante de si, e Paulo III fez-lhe uma visita d'honra precedido por dez cardeaes.

Retratando Ticiano a Carlos V pela terceira vez, disse-lhe este:

—E' pela terceira vez que me daes a immortalidade.

Em outra occasião cahiu a Ticiano um pincel no chão, estando a pintar na presença d'este monarca; o imperador abaixou-se a colhel-o e vendo o pintor confundido com tanta honra, disse-lhe:

—Ticiano merece ser servido por Cesar.

Guido cobria-se diante de Paulo V, e dizia que, se o papa lhe não facultasse esta graça, elle a tomaria.

—

INTEIREZA D'UM PORTUGUEZ

Depois da tomada de Malaca, o grande Affonso d'Albuquerque mandou degolar por traidores a Utamara-Raya e a um filho seu. A mulher d'este mandou offerecer pela vida d'ambos cem mil cruzados para a despeza da guerra. Ao que o afamado capitão respondeu com grande dignidade:

—A justiça não tem preço e não se póde vender.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 31

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 31 DE MARÇO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto: — A ponte de Rokeby — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: O reino animal, por doutor Jayme — A Camões (poesia) por Gaspar de Queiroz Ribeiro — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A China — Os portugezes na India — O anno mil — Sá Noronha — A minha mãe (poesia) por A. N. — Os homens uteis de todos os paizes: Howard — Bibliographia — Os Cavalleiros do amor (romance historico)— Datas memoraveis de Portugal: Tomada de Faro — A lenda da ilha da Madeira — Os torneios — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Ponte de Rokeby — Entrada da cidade de Cantão — Frade pregando as cruzadas — Um torneio.

A PONTE DE ROKEBY

A Escossia não offerece muitas vistas tão pittorescas como a do valle de Mortham, banhado pelo Gritam, rio que tira o seu nome do verbo *gritar*, porque realmente os eccos que a torrente despede parecem lamentações humanas. Como não podia deixar de ser, a superstição popular tirou d'esta circumstancia elementos para compor uma lenda tenebrosa, em que figuram feiticeiras e diabos, que por altas horas da noute celebram ali, em um bosque proximo, sacrilegos conciliabulos. Os gritos, dizem os simplices camponezes dos arredores, são despedidos por uma formosa castelã, cujo espectro ainda apparece a miude no meio da ponte d'onde a precipitou na voragem um marido zeloso, que tendo partido para a guerra, recebeu d'um servo fiel a noticia de que a perfida o trahira, averiguando-se a final que o homem a quem a castelã dava entrada por horas mortas era um seu irmão, que andava foragido em rasão de ter entrada em uma conspiração contra o tyranno reinante a esse tempo na Escossia.

PONTE DE ROKEBY

O marido morreu de remorsos, e o seu castello, que cae em ruinas, é evitado pelo pastor que por aquelles sitios traz o gado a pastar. Diz-se que habita ali o diabo, e quando por descuido alguma pessoa se aproxima d'elle mais do que convem, morre infalivelmente n'esse mesmo anno.

As ruinas do castello, a paisagem que rodeia a ponte, os rochedos negros e escarpados que obstruem o leito do rio, as arvores esguias e quasi sem folhagem, a corrente que despede um som monotono e sinistro, tudo dá áquelle sitio um tom de mysterio, que impressiona vivamente o viajante.

A ponte, não obstante, é elegante e denota grande antiguidade. Os parapeitos ameiados dão-lhe ares d'uma fortaleza. E de facto, os velhos barões, ao tempo da invasão dos barbaros, defendiam d'ali a entrada do fertil valle de Mortham, logar de delicias, especie de paraiso terreal para quem acaba de sahir do lado da ponte que domina o profundo rio de Gritam e a que por abreviatura os povos visinhos chamam Grita. Mas o nome verdadeiro da ponte é Rokeby, derivado do castello, cujas rui-

nas se veem ao longe, sobre um monticulo.

Os senhores de Rokeby foram poderosissimos na idade media. O ultimo representante morreu com as armas na mão no tempo de Cromwel.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

VIII

Um magnifico relogio de bronze dourado marcava nove horas no momento em que Jorge de Castro despertava. Vendo entrar o sol através das persianas verdes que guarneciam a janella do quarto, e ouvindo as horas vibradas na sonora campainha do relogio, o mancebo ficou surprehendido e sentiu-se vexado por ser já tão tarde.

—Que vergonha! pensou elle, erguendo-se e vestindo-se á pressa. Pela primeira noute que passo n'esta casa, commetto um tal abuso! Que se dirá de mim?

Acabava o mancebo de atar o laço da sua modesta gravata preta, quando uma voz desconhecida pediu licença para entrar.

Jorge foi abrir a porta e deu de rosto com o escudeiro da casa, sympathico velho em quem os annos depunham uma confiança illimitada.

—Senhor Jorge, a senhora manda-me saber como passou a noute, e juntamente dizer-lhe que o espera o almoço.

—Senhor Bernardo, tenha a bondade de conduzir-me á salla da mesa, pois eu ainda não conheço bem a topographia do palacio.

O mancebo, precedido do velho famulo de Francisco d'Almeida, atravessou varios corredores e aposentos, desceu uma bella escada de marmore, e achou-se na salla de jantar, que era ao rez do chão e communicava com o jardim.

Bernardo, que ficara á porta quando o mancebo entrou, retirara-se.

Junto da mesa, sentada defronte de um bastidor em que bordava, estava D. Adelina. Quando Jorge entrou, a brazileira ergueu a cabeça e correspondeu ao cumprimento de seu hospede, sorrindo complacentemente.

O mancebo balbuciou uma desculpa, por se haver levantado tão tarde, e perguntou por Francisco d'Almeida e Motta.

—Almoçaram ha pouco e sahiram. Ambos sentiram não poderem esperar mais tempo; mas isso fôra-lhes totalmente impossivel, porque tinham de comparecer ás dez horas em uma casa commercial, onde haviam de effectuar uma transacção importante.

—Minha senhora, só da muita benevolencia de v. ex.ª, disse Jorge tomando logar em uma cadeira junto da mesa, onde o aguardava o almoço, espero indulto para a falta que acabo de commetter. Que juizo fará, porem, de mim o snr. Almeida, vendo-me proceder assim?

—Socegue, snr. Jorge, respondeu a esposa de negociante, envolvendo o mancebo em um olhar affectuoso. Não se inquiete; almoce tranquillo, e convença-se de que todos creem que a sua falta fosse devida a alguma ligeira indisposição, ou á fadiga da longa viagem, que acaba de fazer.

Jorge fez um gesto de agradecimento ao ouvir estas palavras.

Fosse porque fosse, n'aquelle momento a physionomia do mancebo passou por uma completa e repentina transformação. Parecia que uma nuvem de sombria tristeza lhe perpassara no espirito. Levava, de quando em quando, aos labios, como que maquinalmente, a magnifica chavena de porcellana, sorvia distrahido alguns goles de chá, e olhava para D. Adelina, que, de novo, proseguira no seu delicado bordado.

A joven brazileira, extranha á preoccupação do mancebo, proseguiu, com os olhos fitos no seu trabalho, que estava quasi concluido:

—Tenho a dar-lhe uma nova. Meu marido resolveu dar hoje um feriado para solemnisar a chegada do seu novo guarda-livros: convido-o pois a acompanhar-me em um passeio ao jardim.

O mancebo proseguia silencioso.

Profunda devia de ser a abstracção d'aquelle espirito! Que serie de phenomenos se operariam na alma de Jorge?

(Continua) ALBERTO CARLOS

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

A quinta classe, *insectos*, torna-se notavel, especialmente, pela immensa variedade de formas d'estes animaes, e pelos seus costumes. Estes animalculos, um milhar dos quaes se póde tomar na ponta d'uma agulha, são tão bem formados e mostram no seu conjunto a mesma perfeição, que o animal mais collossal. Os insectos parecem-nos a nossos olhos pequenos; mas não o são para o creador, que d'um olhar abranje o infinito, e, comparado ao infinito, um insecto é tão vasto como o systema solar; a grandeza e pequenez não passam de termos relativos.

A vista dos insectos através do microscopio deve ensinar as creanças a respeitar a vida e os praseres de seres tão maravilhosamente constituidos, abstendo-se de darem-se um brinquedo com a sua inutil destruição. O insecto sente os horrores da morte com tanta força, como um dos nossos similhantes. Fazer soffrer os animaes indica um espirito cruel, um coração mau.

Os insectos dividem-se em sete ordens, a saber:

1.º *Coleópteros* (quatro azas, as duas superiores crustáceas e fornecidas d'uma sutura direita).

2.º *Hemípteros* (mais pequenos que os precedentes, com quatro azas, as duas superiores semi-crustaceas e as bordas exteriores dobradas uma sobre a outra.)

3.º *Lepidópteros* (com quatro azas cobertas de pequenas escamas).

4.º *Nevrópteros* (com quatro azas entrelaçadas de veias, tendo quasi a forma d'uma rede).

5.º *Hymenópteros* (iguaes aos precedentes, com a excepção de serem armados de dardos).

6.º *Dípteros* (com duas azas e dous apendices collocados debaixo das azas).

7.º *A'pteros* (insectos privados de azas).

Todos os insectos teem cabeça e pés e alguns ha que teem seis ou mais pés; respiram o ar vital através dos poros lateraes chamados *stigmatos*; a sua pelle é durissima; é a que lhes sustenta o vigor, supprindo a falta d'ossos.

Não ha parte alguma do seu corpo que não tenha merecido as indagações particulares dos entomologistas.

Os *vermes* dividem-se em seis classes: uns não teem senão dous sentidos e outros são desprovidos de cabeça; uma grande parte não tem pés.

Dividem-se em quatro ordens:

1.º *Vermes intestinaes*, que são os que habitam nos intestinos do homem.

2.º *Moluscos*, que vivem d'ordinario na agoa.

3.º *Testáceos*, como a ostra, etc.

4.º *Zoóphytos*, meio animaes e meio vegetaes, animalculos geralmente invisiveis a olho nu.

Nas Indias orientaes ha o *verme fita*, que penetra na pelle e cuja extracção é muito dolorosa. Outro tanto acontece com o *favia* da Suecia. Um verme terrestre é a causa, segundo se diz, do panaricio. O *nercis* é um verme marinho. O lagarto favorece a vegetação, porque amolece o solo.

O caracol nasce com uma concha pegada ás costas; esta cresce com a idade do animal, por meio de certas secreções que servem para a reparar quando ella quebra. Estes insectos possuem na sua concha um preservativo de tal modo efficaz, que voltam á vida depois de estarem encerrados durante vinte annos em um vaso, ou mergulhados em agoa a ferver.

Os coraes são substancias produzidas pelos insectos; crescem em alguns mares em tal quantidade e até uma altura tamanha, que formam ilhas habitadas. Assim as ilhas dos Amigos, no Oceano Pacifico, sahiram do mar em resultado da formação de bancos de coral. N'esses

bancos teem naufragado muitos navios.

As abelhas recommendam-se aos olhos do observador pela sua infatigavel industria, a sua surprehendente economia e a harmonia do seu governo. As suas cellas, ou alojamentos, são formadas de cellulas, ou fileiras hexagonaes, trabalhadas com muita arte. Cada cella consta de duas fileiras de cellulas applicadas á extremidade uma da outra. Esta accommodação serve para espaçar o cortiço e dar uma dupla entrada para as cellulas, porque a base das cellulas de uma fileira serve igualmente de base á fileira opposta. As abelhas ajudam-se umas ás outras com tal diligencia e ajuntam-se tão apertadamente, que é raro reconhecer as suas operações individuaes. Entretanto conseguiu-se saber que empregam os dentes em modelar e polir a cera. Entre as cellas, que geralmente seguem uma direcção parallela, acha-se um espaço ou caminho livre, que serve de passagem ás abelhas e lhes permitte communicarem com as differentes cellas do cortiço. Além d'estes caminhos parallelos, com a largura sufficiente para duas abelhas poderem passar de frente, ellas teem, para abreviar as suas viagens, muitos caminhos cobertos que circuitam o cortiço.

(Continua) Doutor Jayme

A CAMÕES

NO TRICENTENARIO

—

A juventude, que em seu seio abriga
O mais alto e sincero patriotismo;
Que odiando os grilhões do despotismo,
Ama da sciencia a bemfazeja luz,
Não podia olvidar Vate Divino,
De Lysia grandioso e excelso vulto,
Que ha já seculos tres é nosso culto,
E os fulgores do genio espalha a flux.

Não podia olvidar-te, Augusto Poeta,
Que em ti reunes toda a nossa gloria:
Não podia esquecer-te da memoria,
Sem macula fatal d'ingratidão!
Quando todos celebram calorosos
Do Gran-Cantor o nome resplendente;
A' juventude cumpre excelsamente
A Lysia acompanhar do coração.

A morte, com a mão pallida e fria,
Aniquilou teu rosto, onde brilhara
A lucidez da inteligencia clara,
Depurada no filtro do soffrer.
A divida, porem, que a Patria deve
A genio tão illustre e sublimado,
Reconhece-a o presente no passado,
Como em conta o porvir a ha de ter.

Esta homenagem d'entranhado affecto,
Esta homenagem de leal respeito,
Sincera irrompe d'entre nosso peito,
Deposta humilde de Camões aos pés.
Não a regeites, Lusitano Homero,
Da Patria exaltador em diva lyra:
E pelo ardente amor, que nol-a inspira,
Desculpa-nos da offerta a pequenez.

Em Nome da Commissão Academica Bracarense

Gaspar de Queiroz Ribeiro

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXV

A CHINA

Este imperio, que é o maior estado do mundo depois da Russia, tem 13 milhões de kilometros quadrados e 450 milhões d'habitantes. Os seus limites são: ao norte a Siberia, a leste o Grande Oceano, ao sul a Indo-China e o Hindustão, a oeste o Turkestão.

Os esforços dos missionarios europeus e as tentativas dos viajantes guiados pelo amor da sciencia, deram-nos luzes sobre a China, até então pouco conhecida. A expedição franceza de 1860, conduzindo os exercitos victoriosos até Pekin, abriu as portas do *Celeste Imperio* e obrigou os chinezes a sahir do seu systematico isolamento.

A China divide-se em desoito provincias, e tem muitos estados tributarios.

As suas producções são sufficientes para as necessidades dos habitantes. Ricas minas de prata, ouro, cobre, ferro, carvão de pedra; pedreiras de lousa, marmore, lapis-lazuli, crystal e jaspe. A agricultura, honrada, animada pelo governo, chegou a um alto grao de perfeição: os seus productos principaes são o chá e o arroz. O reino animal está representado pelo elephante, o rhinoceronte, o tigre, a panthera, etc. Abundam os cavallos, os porcos, carneiros; ha aves vistosissimas. Antes dos recentes tratados os chinezes não commerciavam com os estrangeiros senão nos pontos que lhes eram designados. Apesar do seu marcado despreso pela sciencia estrangeira, o chinez assimilha-se e imita perfeitamente o que vê: a industria, bastante atrazada em rasão da falta de relações exteriores, aproveitará com o espirito imitativo dos habitantes.

O mais importante ramo da industria chineza é o fornecido pelo bicho da seda que os chinezes educam com grande esmero.

Uma das grandes curiosidades da China é que até a superficie dos rios é habitada; erguem-se cabanas, ha jardins muito bem cultivados sobre jangadas. O chino muda a casa e a familia quando quer.

Eis, pouco mais ou menos, o retrato d'este povo: rosto largo, olhos obliquos, boca e nariz pequenos, pomulos salientes, tez amarella: docil, pacifico; mas poltrão, trapaceiro, propenso á mentira, á fraude, ardente na vingança; nota-se no chino um excessivo orgulho nacional.

Apesar da inculcada reputação de sabio, o codigo chinez tolera que as mães atirem para os rios as creanças recemnascidas; os castigos das bastonadas, as torturas, as decapitações e enforcamentos são ahi habituaes. A tortura consiste ás vezes em applicar ao criminoso um ferro em braza. Os annaes dos corajosos e dedicados missionarios fornecem horriveis dados ácerca dos supplicios inflingidos aos desgraçados, forçados a estar dia e noute com a cabeça e os braços mettidos pelos chamfros de duas taboas, a que dão o nome de *canga*. Algumas vezes trazem-os assim em exposição pelas cidades, villas e aldeias.

O chino procura no opio, fumando-o ou mascando-o, sonhos que lhes fazem esquecer os cuidados da vida, mas que os tornam apathicos, brutos, idiotas, loucos.

O imperio da China encerra cerca de mil e sete centas cidades. Está semeado de canaes, o mais notavel dos quaes corta a China do norte o sul em uma extensão de 2:800 kilometros, obra superior a tudo quanto o mundo conta de mais maravilhoso em tal genero.

Capital Pekin, de que já se fallou a paginas 36 d'este jornal.

Cidades principaes, a saber: Cantão, 1,200:000 habitantes, a cidade mais importante do imperio; centro do commercio exterior. Junto d'esta cidade está a nossa possessão de Macao, porto franco, que nos pertence desde 1563. População 80:000 habitantes. E' a sede d'um dos governos geraes e independentes que possuimos na Asia. O verdadeiro nome da cidade é Santo Nome de Deus de Macao. Está situada na parte sul da China, junto do rio Tigre, em cuja foz está situada a cidade de Cantão.

O pequeno territorio que occupamos em Macao tem uma legoa escaça de comprimento e meia legoa ainda mais escaça na maior largura. Dos lados norte e sul é murada a cidade.

Além de Cantão a China contém mais as seguintes cidades importantes:

Wou-tchang (600:000 h.); chá afamado; King-te-tching (500:000 h.); fabricação de porcellana fina; Nankin (500:000 h.), celebre pela sua torre de porcellana, de que já se fallou n'este jornal, e pelos tecidos que produz, chamados *nankins*; Ning-pô (300:000 h.); ruas espaçosas, vastos templos, arrabaldes immensos, industria activa; Shang-hai (200:000 h.), porto franco, desde 1842, aos europeus; Fou-chan (200:000 h.); uma parte da população habita sobre barcos; produz sedas, etc.

A China tem duas ilhas: Formosa, 2,500:000 habitantes; em parte chineza e em parte independente; Hai-nan, um milhão d'habitantes.

(Continua)

OS PORTUGUEZES NA

INDIA

—

As philosophicas considerações que vão ler-se são textualmente as expressões por meio das quaes seu auctor, o jesui-

ta Manoel Godinho, pintou o quadro dos estados portuguezes na India até ao auge da sua grandeza.

O estado ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava d'oito mil legoas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios; pondo em admiração o mundo com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios, e immensas riquezas: no presente, ou seja por culpas, ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle estado mais pequeno no principio do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi, e é agora o estado da India, deve considera-lo nas quatro idades do homem, pueril, juvenil, varonil, e de velhice: consideração de que já se valeu Lucio Floro, para com propriedade escrever o principio, progressos e fim de seu imperio romano, cuja puericia quer fosse, em todo o tempo que Roma teve reis, por espaço de duzentos e cincoenta annos. A adolescencia ou segunda idade durou duzentos annos, que Roma foi governada por consules. A terceira desde os consules até Augusto Cesar, em que se contam duzentos e cincoenta annos. De Cesar Augusto até o imperio de Trajano vão perto de duzentos; e tantos teve de velho aquelle imperio.

Todas estas quatro idades acharemos com a mesma propriedade no estado da India; ao qual se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira idade no feliz reinado d'el-rei D. Manoel; porque no segundo anno de seu governo nasceu para nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o estado da India. Ao primeiro abrir d'olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a da Ethiopia, Arabia e Persia, com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios: sómente brincar não soube; porque em todas as guerras que n'aquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar: seus jogos eram tirar reis e pôr reis, depondo os inconfidentes, e coroando os fieis.

Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas náus por que a fortuna tinha trocado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua.

Com estar n'aquelle tempo o estado na primeira puericia não deu uma só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios que matou: seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle estado só no nome e na idade foi menino. E descendo ao particular, em tempo d'el-rei D. Manoel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas d'Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulon, Colombo, Chaul, Pacem, Ternate, Cranganor e Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os reis d'Ormuz, de Tidore, de Ceilão, das Maldivas, de Coulon, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalé, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco.

Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que, vencidos pelos portuguezes, fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por

ENTRADA DA CIDADE DE CANTÃO

toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras, que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão, com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malabar, e a de Macáo na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur, rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao hidalcão, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore, e Bachão; fóra outros muitos, que por menos conhecidos deixo de nomeal-os. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor do nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então pozeram toda a sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes; como o hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Viantana, o de Adem, o de Cachem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim.

(Continua)

O ANNO MIL

(Continuação)

O poderoso regulador das ordens religiosas fôra S. Bento; o primeiro dos santos que usou o nome de Bento foi o creador das ordens monasticas no Occidente como Antonio o fôra no Oriente. No deserto de Sobiaco, a quinze legoas de Roma, S. Bento concebeu o profundo pensamento da sua regra, que tão admiravelmente correspondia ás necessidades da terra invadida: recommendou aos seus discipulos o estudo e o trabalho manual, o estudo para engrandecer as sciencias quando a barbarie principiava a obscurecer tudo e o trabalho para fertilisar os terrenos incultos, devastados pelas invasões dos infieis.

Mas o triumpho do espirito monastico manifestou-se sobretudo no fim do seculo X. A multidão corria de tropel para as egrejas; a sociedade tinha necessidade d'orações; a fundação d'egrejas e mosteiros parecia ser o pensamento commum.

A geração do seculo X foi marcada por dous grandes caracteres. Aqui reuniam-se os homens nas solidões para se exaltarem piedosamente; ali sentia-se a necessidade da vida errante, aventurosa, até no arrependimento. Os velhos barões renunciavam ás armas e recolhiam-se ao claustro; a mocidade ia combater pela fé. A primeira corrente povoou os conventos; a segunda originou as cruzadas.

Eis esboçado o caracter sombrio, mas grandioso, do movimento das almas, abaladas pelo terror da morte, no anno mil. Eis como o papado alcançou o seu alto dominio. O immenso poder de Gregorio VII foi o resultado d'esse inexprimivel terror que impellia pequenos e grandes a construir egrejas, a fundar mosteiros, a erguer emfim templos a Deus, ao passo que a parte ardente e bellicosa da sociedade abraçava a vida activa das peregrinações, perferia os perigos dos combates á quietação do claustro. O que tinha seiva precipitava-se na carreira aventurosa; o que sentia a morte na alma ajoelhava e rezava. O papa tornou-se o chefe natural d'uma sociedade que punha todas as suas forças á disposiçao do catholicismo. Roma foi a cabeça d'essa geração, que produziu a esplendida epoca das cruzadas.

Taes foram as manifestações d'uma epoca maravilhosamente activa e crente em uma fé inabalavel, que ditou as paginas d'uma historia fecunda em grandes feitos.

Resta-nos dizer quaes foram os prenuncios do fim do mundo, que tanto assustaram as populações do limiar do seculo XI.

(Continua)

SÁ NORONHA

(Continuação)

N'este logar quizeramos não ter restricta obrigação de relactar os factos segundo os temos escriptos nos apontamentos d'onde substanciamos esta narrativa, porque desejaramos poupar-nos o desgosto de considerar uma lucta tão desleal como indecorosa em que o nome de Noronha se viu comprimido entre as linhas d'uma critica injusta, que alvoroçou toda a imprensa periodica.

Porém isso mesmo era preciso para que o martyrio d'aquelle homem fosse completo. Não teem todos os talentos esse

FRADE PRÉGANDO AS CRUZADAS

destino que os persegue, mas que não os vence, essas invejas que não os escurecem, essas guerras que trazem sempre um triumpho? Demais, similhantes luctas foram sempre o cadinho em que se apurou o talento, que poucas, raras vezes, não sae d'esta prova robusto, energico, solido, como deve ser o verdadeiro talento.

Com Noronha aconteceu assim tambem. Não succumbiu a sua grande alma, nem lhe seccou esse vento nocivo as folhas da coroa viridente, nem lhe embaciou a estrella, que continuava a brilhar esplendida no ceo da divina arte. Em quanto até se debatia essa lucta, em que um homem só teve a leviandade, perdoenos elle! de vir lançar a luva, que seis ou sete campeões apanhavam ao mesmo tempo, recebia Noronha as mais significativas provas d'aquelles que, extranhos a tudo isso, sómente viam um grande nome a saudar. Sirva-nos para apoiar esta asserção a carta em que Camillo Castello Branco, esse outro talento de que a nossa terra se ufana, agradeceu a dedicatoria d'uma peça de musica que Noronha endereçou ao fecundo romancista:

«Meu amigo.— Eu tenho pensado muitas vezes em tirar resultados judiciosos d'um principio absurdo. Este empenho estimulou-m'o, talvez, ter eu visto muitos absurdos triumphantes no campo dos factos, e muitas theorias, das perpectuadas pela philosophia, desmentidas na pratica.

«Quer o meu amigo saber que é o absurdo em cuja alchimia me tenho consumido, com menos gloria que Peracelso? E' desfazer-me d'um ente moral que me incommoda, d'uma excrescencia que me traz o espirito em aleijão desde que tenho consciencia dos meus actos. Este ente moral é um sexto sentido, que os phisiologistas não baptisaram ainda. E' o orgão onde batem as impressões de tudo que não é d'este mundo, e custa muitas lagrimas áquelles que vivem muito d'um outro.

«Ora, d'este sexto sentido, d'este orgão, é que eu me queria desfazer, porque não sei de que me serve sentir tanto entrar tão dentro com a imaginação nas cousas tristes, sahir tanto do *eu* humano, para perder-me no mundo das chimeras, e achar-me lá sosinho!

«Sosinho, sim, quasi sempre, meu caro poeta! E eu teria sido talvez um homem mediocremente importante no trafego d'esta mercadoria cá debaixo, se não tivesse aqui dentro da cabeça essa alguma cousa, cuja existencia Chenier suspeitou, quando cantava a *Marsellaise*, aquelle grande hymno de morte que valeu a vida a seu author.

«O poeta elegiaco, n'esse instante supremo, em face da guilhotina, não teria um encontro n'esse mundo altissimo onde procurava a consolação do supplicio? Não seria o hymno de Lille que o levou tão alto? Não seria esse arrojado improviso que o fez martyr como assim o fizera heroe?

«Foi. Deixe-me a minha superstição, se o é; mas eu creio que a musica tem podido transfigurar o homem, quebrando-lhe os liames que o atam ao pó, remindo-o da miseria terrena, insuflando-lhe um ether que o divinisa, uma electricidade que o communica aos puros espiritos. E' então que o homem, proscripto aqui, depára lá, no seu paiz d'infancia, as imagens phantasticas, os typos grandiosos que acinzelou na solidão Niobe, Werther, Chatterton, Margarida Gauthier, e todos os typos celebres pelas lagrimas no martyrologio das conveniencias sociaes.

«Ouvindo a sua composição, meu amigo, esqueci-me de v. s.ª como homem,

como portuguez, como artista, como alma motora d'aquelle drama, que os gemidos da sua elegia vinham contando. O que eu vi, através do prisma que o seu genio me emprestou, foi o meu mundo imaginario, e lá encontrei essa mulher com faces aradas pelo sopro da morte, com os labios crestados pela ultima golfada do inferno que a queimava dentro, com as mãos descarnadas perseguindo a vida que lhe foge, com a vibração dos gritos derradeiros, que nem eu sei se eram a contricção de peccadora, se a blasfemia da infeliz que os homens fizeram.

«Noronha! A sua face não tinha lagrimas quando o coração lhe revelava os segredos d'aquella martyr? Na sua fronte não resplendia o clarão da eternidade que amanhecia para ella!

«A arte seria um calculo, e a dôr uma fria operação do talento, se as notas lhe cahissem da penna inspirada sobre um papel enchuto. Eu não creio que o homem possa tanto! Do coração esteril não mana a fronte copiosa de nectar, que nos escalda as veias, e nos faz estremecer do phrenesi da gloria, que as almas tibias não sentiram nunca. A sua *Phantasia* era uma attribulada realidade. O coração atormentado concebeu-a, o genio adivinhou-a e a faisca electrica achou francos todos os peitos.

«Como lhe lembrou o meu pobre nome nos momentos d'esse improviso, que será o seu florão, por mais fecunda que a imaginação lhe vice as flores da corôa? Como fui eu o escolhido para a offerta d'esse quadro, escripto sobre o tumulo da mulher *perdida*, que foi a sacerdotisa da honra, confessando o amor, a mais nobre das paixões, na sua ultima paragem ao pé dos vermes?

«E' que o meu amigo contava com um coração?

«Encontrou-o. E, se uma pedra lhe tivesse cahido em cima, essa pedra partil-a-hia o primeiro gemido que fallou nas convulsões do arco.

«Olhe, meu caro Noronha: já não tenho vontade de me descartar do sexto sentido, porque venho de conhecer que eu, sem elle, não poderia comprehender a sua inspiração.—7 de maio de 1855.—*Camillo Castello-Branco.*»

Que sublimidade de pensamentos n'esta carta, em que um poeta falla a outro poeta, em que dous bellos genios conversam com palavras d'um mundo á parte; em que elles mutuamente communicam seus grandes pensamentos, seus sonhos dourados, e as suas illusões, e se ajudam a levar a cruz do infortunio, e a sustentar a corôa d'espinhos que o mundo lhes tem decretado, fortificando-se ao mesmo tempo a crença que os impelle para esses mundos de luz a que pertencem!...

(Continua)

A MINHA MÃE

—

Sentada na praia
Teu nome gravei;
Ali o deixei
A's ondas do mar,
P'ra que ellas fulgindo
A' luz d'estes ceos,
Ao nosso bom Deus
O possam levar.

E sabes qual seja
O nome bemdito,
Que assim quero escripto
No fundo do mar?
O teu!... O mais lindo,
Mais santo e profundo,
Que Deus n'este mundo
Nos manda adorar.

A. N.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XVI

HOWARD

John Howard nasceu em Hacney, na Inglaterra, em 1726, e morreu em 1790. Seu pae era estofador e deixou-lhe uma riqueza sufficiente para viver independente.

Ainda moço, Howard achou-se a bordo d'um navio que foi capturado pelos francezes, e cujos passageiros foram tratados com a maior deshumanidade.

Os maus tratos d'esse captiveiro, que durou alguns mezes, inspiraram-lhe a ideia de se dedicar ao alivio dos prisioneiros.

De volta a Inglaterra, foi nomeado sheriff e apresentou ao parlamento uma memoria sobre o estado das prisões, fazendo adoptar dous projectos de lei, que introduziram grandes reformas no regimen seguido até então.

Howard não limitou á Inglaterra a sua obra bemfeitora. Percorrendo a Europa toda, visitando as prisões e os hospitaes, penetrando até nos lazaretos, cheios de pestiferos, exerceu o grande apostolado d'uma caridade inexgotavel, e falleceu na Russia, victima da sua dedicação em resultado d'uma febre maligna adquirida á cabeceira do leito d'um enfermo.

BIBLIOGRAPHIA

—

O Priorado de Cedofeita, pelo conego Alves Mendes.

1. vol. Porto, 1881.

No periodo que atravessamos de esphacelamento moral, em que os controversistas azedos, esquecidos do que devem a si e ao publico que os escuta, produzem scenas repugnantes de desenfreada sultura de phrase, é-nos agradavel ver sair á liça da imprensa, de luva branca, um mantenedor intrepido dos sãos principios de jurisprudencia ecclesiastica, a esgrimir digna e elevadamente contra os que em tempo lhe fizeram força, imaginando que assim lhe estorvariam a estrada larga da justiça que elle trilhara. Queremos fallar do distincto orador sagrado e já agora eminente publicista, Alves Mendes, com relação ao seu recente e notabilissimo trabalho *O Priorado de Cedofeita.*

Os que se extasiavam escutando a sua inspirada voz na cadeira sagrada não adivinhavam que aquella imaginação ardente tanto se prestava a deslumbrar-nos com as côres finissimas de seus admiraveis quadros no pulpito, como a enfeitiçar-nos com os vigorosissimos traços que a sua aprimorada penna sabia dar aos tons locaes. Para luzimento das letras patrias, do orador sublime surgiu, pois, o escriptor insigne.

Quem se não recorda com gratissima impressão da amena leitura da *Italia*?

Preluzia tambem no gigantesco vulto de que nos occupamos uma feição carecteristica de polemista terrivel. Os que ha annos o viram subir com um collega á tribuna da imprensa, e defender os direitos, que o snr. D. João de França Castro e Moura lhe não reconhecia, de dispensa de obrigações coraes, hão de lembrar-se de que sómente podia attribuir-se a Alves Mendes aquella argumentação cerrada, que se enquadrava em uma forma suavissima, encantadora.

Hoje, porém, com o seu novo livro, *O Priorado de Cedofeita*, erigiu-se um perduravel monumento de abalisado controversista.

Com tão provado athleta corre risco de ficar pulverisado o mais habil contendor.

Veem-se no fim da leitura do livro que nos occupa, feitas pedaços todas as armas que os adversarios empregaram; triumpha na plenitude da evidencia a causa que elle defende. Poucas vezes se vê na arena da discussão um tão completo successo.

Se nos fosse permittido, se a nossa voz tivesse auctoridade, diriamos ao estylista insigne que não precisa de se impor á admiração da critica imparcial, desenrolando opulencias de lingoa no emprego de palavras que o uso não sanciona. Assim, desadoramos *pesadumbre*, cuja desinencia tem resaibos de hespanhola. *Harto*, synonimo d'assás, é um neologismo de mau gosto.

Releve-nos o consciencioso litterato estes ligeirissimos reparos, que nada empanam o esplendor do livro, significando apenas o desejo de o ver impoluto no convivio dos escriptores de primeira plana, onde pelos seus elevados dotes conquistou já um logar de honra.

Não felicitamos o auctor de tão improba como gloriosa tarefa; registramos

com espanto a intemerata isempção d'um tal protesto contra a justiça opprimida.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XVIII

COMO D. LUIZ CUMPRIU A PROMESSA

Os nossos leitores estão lembrados de termos abandonado D. Luiz de Guevara no momento em que chegava á casa dos Diabos, depois de se ter separado do pintor á porta do conde de Lazan.

O cavalleiro entrou resolutamente e depois de bater por um modo particular em uma janella que havia junto á porta, parou diante d'esta.

—Boas noutes, Gonçalves, disse D. Luiz para o individuo que lhe abriu a porta.

—Que o ceo o guarde, senhor, respondeu Gonçalves, que era um homem de mais de quarenta annos.

E depois de fazer uma profunda reverencia, acrescentou:

—A estas horas não o esperava por cá.

—Queres dizer que ias deitar-te.

—Sim, senhor.

—O que indica que não ha nada de novo por cá.

—Absolutamente nada.

—Estás bem certo que não ha nada? tornou Luiz.

O interrogador respondeu affirmativamente; mas D. Luiz, cuja penetração não era facil enganar-se, fitou o rosto do seu interlocutor por um modo singular, e na expressão que Gonçalves fez para evitar o olhar de Guevara, leu este perfeitamente que aquelle o enganava. De mais Gonçalves era um homem de bem e custava-lhe enganar fosse a quem fosse.

—Se promette guardar segredo, direi a verdade.

—Falla, disse Luiz.

Não foi preciso mais nada para que este soubesse tudo quanto se passava.

N'aquelle momento o marquez de Adelfi e quatro amigos seus, banqueteavam-se regaladamente para festejar o triumpho que aquelle havia alcançado. O triumpho do marquez, como os nossos leitores sabem, consistia no rapto de Dolores, a qual havia sido conduzida para a Casa dos Diabos em uma cadeirinha, tirando-a de dentro d'ella dous homens, quando ali chegou, porque a formosa amante de Vicente ia desmaiada.

—O marquez, disse Gonçalves, recommendou-me que não dissesse nada ao snr. D. Luiz, ameaçando-me se não cumprisse as suas ordens.

—Elle bem sabia a infamia que commettia. E tu igualmente devias oppor-te aos seus intentos, pois sabes perfeitamente que é prohibida a entrada n'esta casa a mulheres desmaiadas.

—Acredite que fiz quanto pude para impedir...

—Deixemo-nos de desculpas, atalhou D. Luiz, cujo rosto denunciava a indignação que lhe ia na alma. Em que sala está preparada a ceia?

—No salão dos espelhos.

—Está bem.

D. Luiz dispunha-se a sahir.

—Onde vae? perguntou Gonçalves, receando ver-se descoberto.

—Vou fazer o que devo, respondeu D. Luiz com uma serenidade que tranquilisou Gonçalves.

—E' que se o snr. marquez sabe que eu revelei...

—Descansa, que não serás castigado, apesar de teres deixado de cumprir as minhas ordens.

—Fui obrigado, objectou Gonçalves.

—Pede a Deus, no entanto, que eu não chegue tarde; do contrario tu é que o pagarás.

E o joven, depois de pronunciar estas palavras, sahiu de casa, deixando o guarda terrivelmente preocupado com os successos que necessariamente haviam de sobrevir.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

TOMADA DE FARO

Na primavera do anno de 1249 avançou D. Affonso III rapidamente com o seu exercito para o Algarve. Santa Maria de Faro foi a primeira cidade que os christãos acommetteram e que levaram de vencida. Estava ella, como dizem os nossos historiadores, bem guarnecida e provida de gente d'armas e munições, e portanto confiado o seu alcaide na propria força de que dispunha. Viera o rei de Portugal acompanhado do infante seu tio, do mestre d'Aviz, dos seus cavalleiros, e do commendador de Mertola á frente dos freires de Santiago, e de mais alguns cavalleiros seculares notaveis por esforço. Não acompanharam el-rei n'esta empreza, nem os governadores do districto, nem os prelados e barões que era costume andarem na sua côrte, talvez porque o estado ainda inquieto do reino exigisse a presença d'elles nas suas provincias, ou porque a presteza com que se preparou a expedição, não désse tempo a reunil-os.

Por mar ordenara D. Affonso que se dirigissem áquelle porto alguns navios da sua frota, para cortar aos infieis a esperança de nenhum soccorro por elle. Os navios atravessaram-se no rio, e fortalecidos de couros enervados e outras invenções de guerra, se oppozeram assim a qualquer tentativa de rompimento que por ali pretendessem fazer os sarracenos.

Tirada assim a esperança aos sitiados, renderam-se estes, permittindo elrei sahissem da praça aquelles moradores que quisessem, com seus bens e familias, e os que pretendessem viver na cidade ficassem vassallos do rei de Portugal, a quem pagariam certo tributo.

Foi D. Affonso, em companhia de dez cavalleiros tomar conta do castello, e como os que estavam de fóra receassem alguma traição, deram rebate no exercito, e com grande alvoroço se foram ao combate.

Os mouros resistiram, e d'um e outro lado morreram alguns. D. Affonso, que soube a causa d'aquelle alvoroto, deu-se pressa a subir ao castello, e, mostrando aos seus as chaves d'elle, fez cessar a peleja.

Foi no dia 28 d'abril de 1249 que Faro caiu em nosso poder.

A LENDA DA ILHA DA MADEIRA

Entre todas as bellezas que ornavam a côrte de Inglaterra durante o bellicoso reinado de Eduardo III, a mais linda e mais admirada era Anna d'Arfet, unica filha d'uma illustre casa, e herdeira de vastas possessões. Até á epoca da sua apresentação na côrte, só havia frequentado pessoas do seu sexo, á excepção do respeitavel capellão da familia, que era um padre virtuoso e intelligente, de quem Anna recebera uma educação superior á das sociedades d'aquelles tempos grosseiros e ignorantes. A sua belleza era tambem d'uma natureza delicada e especial, que dizia bem com a cultura e elegancia do seu espirito, e a fazia parecer, quando transplantada para entre as outras bellezas da côrte, como o delicado e engraçado lyrio ao pé da rubicunda e soberba rosa.

A sensibilidade d'Anna d'Arfet havia sido alimentada pela infeliz sorte de sua mãe, que soffria em segredo o procedimento de seu marido, a quem havia ternamente amado. O barão d'Arfet era um soldado, um dos mais valentes entre os muitos nobres que combateram em Cressy Poitiers; mas se era o bravo no campo, o seu procedimento no interior da sua familia era rispido e grosseiro no ultimo ponto. A mãe d'Anna soffria sem se queixar, e no espirito da sua sensivel filha ficou naturalmente uma profunda impressão contra as guerras que causavam a sua infelicidade. Esta menina bem quizera passar a sua vida longe do mundo; mas as ordens do barão obrigaram-a, e a sua mãe, a apparecer na côrte, o que fizeram pela occasião da volta

triumphal do *Principe Negro*, das guerras de França, trazendo prisioneiro o rei João.

Depois d'uma residencia d'alguns mezes na côrte, principiou de novo a fazer-se sentir o mao genio do barão, o que deu a sua mulher e filha saudades da solidão do castello d'Arfet. A belleza d'Anna attraiu muitos pretendentes, todos pouco mais ou menos do mesmo caracter de seu pae. Já se vê que as grosseiras maneiras d'estes espiritos guerreiros, não eram muito capazes de seduzirem o coração da timida e sensivel Anna; e de mais teve logar um acontecimento que a deixou sem coração que podesse dar aos nobres companheiros de seu pae. O barão de Berkley era favorecido pelo pae de Anna; mas, d'entre todos era justamente elle o que mais lhe desagradava. Tinha a reputação de ser um soldado feliz, mas cruel; e as torres do seu castello, nas margens do Severn, dizia-se que haviam sido theatro de muitos barbaros assassinios.

N'aquelles tempos de despotismo feudal, fazia-se em geral pouco caso d'estes boatos; mas Anna d'Arfet nunca olhava para as feições do seu pretendente, sem n'ellas ler os signaes do sangue e da crueldade. Assim, posto que, submissa á ordem de seu pae, recebesse respeitosamente os cumprimentos de Berkley, todavia o seu coração se revoltava á ideia de se unir a um homem, cujo caracter detestava.

(Continua)

OS TORNEIOS

Nos antigos tempos da cavallaria os torneios eram as festas militares de mais nomeada. Era o divertimento por excellencia, d'origem muito antiga, e por isso o predilecto dos principes e senhores que se presavam de cavalleiros.

Celebravam-se estas festas com extraordinario explendor, construindo-se estrados para os principes, os grandes senhores e as damas, em honra das quaes algumas vezes era dada a festa.

UM TORNEIO

Os torneios tinham por fim não só exercitar no manejo das armas os que d'ellas faziam profissão, mas ainda excitar nos mancebos o ardor das paixões nobres, demonstrando-lhes que deviam sempre pôr-se do lado da rasão e da justiça.

Os contendores eram muito festejados quando nos torneios se não esqueciam os preceitos da honra.

A's damas competia distribuir os premios aos vencedores, ceremonia esta que coroava dignamente a festa.

Muitos d'estes divertimentos acabaram por uma forma desastrosa. Por engano ou proposito, alguns cavalleiros feriam mortalmente os adversarios. Tal foi o fim do rei de França Henrique II, morto em um torneio, diante de toda a sua côrte, em 1559. Por tal motivo diversos papas prohibiram-os, e um divertimento que podia ter fins tão sinistros passou de moda, e com elle o antigo espirito de cavallaria, que apenas ficou vivendo nos romances.

Em Portugal fizeram-se torneios assás notaveis, e cuja minuciosa discripção nos transmittiu a historia. Ninguem ignora qual foi a sumptuosidade dos que em Evora fez celebrar o rei D. João II, por occasião do casamento do principe seu filho, dos quaes nos deixou memoria Garcia de Rezende. Não são menos celebres os com que se festejaram defronte dos paços d'Enxobregas os desposorios do principe D. João, filho de el-rei D. João III.

Em 13 de junho de 1627 celebraram-se em Braga brilhantes torneios para celebrar a entrada n'aquella cidade do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual, antes d'ir occupar a cadeira de primaz das Hespanhas, foi bispo do Porto. Estes torneios, suppomos, foram os ultimos que entre nós se celebraram conforme ao rigor das leis da cavallaria.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Ovar, Villa Real, Lamego, Estremoz.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

ACABA de reimprimir-se o numero 4 do CAMÕES, o que se participa aos srs. Assignantes a quem elle falta, para o reclamarem.

Os numeros que faltam vão seguidamente entrar no prelo.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 32

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 7 D'ABRIL DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— O abutre dos Alpes — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: O reino animal, por doutor Jayme — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A China; Afghanistan e Turkestan — Melancolia (poesia) por João de Deus — O solo submarino — Marques Gomes, por Costa Goes — O cavallo selvagem — O Mexico — Os homens uteis de todos os paizes: Montyon — Voz intima (poesia) por Henriqueta Elisa — Os portuguezes na India — A lenda da ilha da Madeira — Datas memoraveis de Portugal: Acclamação de D. João I — Bellas-Artes, por Manlius — Kamtschatka — Zig-Zags: O almiscar — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Abutre dos Alpes — Cavallos selvagens — Mexico — Vulcão de Kamtschatka.

O ABUTRE DOS ALPES

ABUTRE DOS ALPES

No seu romance *Carlos o Temerario*, Walter Scott pinta o joven Arthur, filho do conde de Oxford, perdido no meio das montanhas da Suissa, e obrigado a deter-se á borda d'um precipicio, extenuado de fome e de fadiga. De repente, do alto do rochedo elevado, desprendeu-se um enorme penedo, pondo em fuga as aves de rapina refugiadas n'aquelle asylo sombrio.

«Bandos de mochos, morcegos e outras aves noturnas, alarmadas pela queda do penedo, diz o romancista, espalharam-se nos ares, até voltarem a esconder-se novamente sob o musgo ou nas fendas d'alguns rochedos visinhos, que lhes serviam de esconderijo durante o dia. Entre aquelles passaros de mau agouro notava-se um, o *lammergeyer*, ou abutre dos Alpes, ave maior e mais voraz do que a propria aguia.

Com o instincto da maior parte das aves de rapina, esta costuma, quando está saciada, retirar-se a um logar inaccessivel e permanece estacionaria e immovel até que o trabalho da digestão esteja completo, depois do que retoma a sua actividade e antigo apetite.»

O romancista escossez continua a descrever a scena em que o joven principe conseguiu livrar-se do terrivel animal a quem perturbara no repouso solitario de uma digestão trabalhosa, o que o livrou das garras do animal, que em outras circunstancias se teria lançado sobre elle, devorando-o muito á vontade, pois sabe-se que muitos caçadores teem sido victimas da sua imprudencia.

Quasi tudo o que dissemos n'este jornal com relação ao condor se póde applicar ao abutre, porque na realidade o condor é para os Andes o que o abutre é para os Alpes, onde tem a habitação.

A familia dos abutres comprehende todas as aves de rapina de bico direito, recurvado apenas na ponta; teem o pescoço comprido e nu na parte superior, cercado apenas na parte inferior por uma especie de colar. O abutre tem um voar desgracioso; mas attinge alturas prodigiosas. E' espantosa a sua voracidade; são estomagos destinados a servir de sepultura aos corpos corrompidos.

O tamanho do abutre regula por me-

tro e meio; mas tem-se visto muito maiores.

A' familia d'abutres pertencem, além do *lammergeyer*, de que acabamos de fallar, o *gypaeta*, que é como o intermediario entre aquella especie e o abutre commum, o *sarcorampha*, inimigo das serpentes e amigo da corrupção, o abutre egypcio, ou *galinha de Pharaó*, que tem a seu cargo, em concorrencia com a hyena, o chacal e o crocodillo, limpar o Egypto e a Libya; emfim o condor pertence á mesma familia dos abutres.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

IX

E' cousa geralmente sabida que, por mais pungentes que sejam as dôres d'um coração, por mais pesada que seja a desventura do homem, por mais negros que sejam os horizontes que o rodeiam; uma longa viagem, as peripecias que a acompanham, a entrada d'um paiz desconhecido, o encontro de pessoas nunca vistas, são outras tantas circunstancias que occasionam e favorecem uma transformação moral satisfatoria, ainda que ephemera. Foi o que succedeu a Jorge.

Já em outro logar dissemos as impressões que sentiu ao ver ainda do convés do navio, a magestade da natureza n'aquellas esplendidas regiões. A entrada no faustoso palacio de Francisco d'Almeida, o colloquio com D. Adelina, a belleza da brazileira, o tom melancolico de seu rosto, a aguarella que encontrara no seu gabinete, a vista phantastica do jardim, illuminado por aquella brilhante lua dos tropicos, tudo isto embriagara de tal sorte o espirito do mancebo, que a patria, o pae, a amante, tudo, emfim, que de mais caro possuia, fôra momentaneamente esquecido.

Já ouvistes, leitor, fallar nos maravilhosos effeitos do *hatchis*, n'aquella dôce embriaguez em que os orientaes se engolpham com delicia? Sabeis que o miraculoso narcotico, á medida que subjuga os sentidos, vae descerrando, pouco e pouco, portas mysteriosas, patenteando palacios encantados, povoados de formosas houris? Ajuizaes, sem duvida, que as horas decorridas durante essa profunda lethargia são felizes e dignas de inveja; deveis tambem, por conseguinte, julgar da tristeza com que o narcotisado se verá desperto, e transportado subitamente dos mundos phantasticos e deliciosos, que percorreu, para a positiva, e, muitas vezes, medonha realidade.

Pois o phenomeno que se operara em Jorge, era em tudo similhante ao despertar de que fallamos.

Uma saudade lancinante, como o golpe d'um punhal, viera ferir o coração do mancebo, que estava como que extranho a quanto o rodeava.

D. Adelina, admirada de tão prolongado silencio, ergueu a formosa cabeça, e, volvendo os languidos olhos para Jorge, que a fitava com uma expressão de indizivel tristeza, dirigiu-lhe as seguintes palavras, repassadas de affectuosa ternura:

—Que tem, snr. Jorge? Vejo-o tão triste, que me assusta. Porque emmudeceu? São saudades que o atormentam? Se assim é, mais um motivo para acceitar o meu convite. Convenço-me de que um passeio no jardim o distrahirá.

—Perdão, minha senhora, por não ter, ha mais tempo, agradecido o obsequioso offerecimento de v. ex.ª! A subita tristeza que se apoderou de mim, nem me deixou reflectir sobre a indiscripção que acabo de commetter.

E o mancebo, erguendo-se, dirigiu-se para a sua interessante interlocutora.

D. Adelina, comprehendendo a significação do movimento de Jorge, largou o bordado e levantou-se tambem.

O mancebo offereceu o braço á gentil esposa de Francisco d'Almeida e dirigiu-se, conversando com ella sobre uma d'essas futilidades, a que d'ordinario recorremos afim de occultar a preoccupação do espirito, para o formoso e vasto jardim, que limitava a extensa area occupada pelo palacio do nosso opulento compatriota.

O dia, que alvorecera esplendido, tinha mudado de aspecto. Grossas nuvens, pairando sobre a terra, roubavam-na no excessivo calor dos raios d'aquelle sol abrazador. Do sul corria uma aragem morna, que apenas ciciava por entre as folhas das arvores do jardim. As aves multicores que, momentos antes, soltavam seus alegres cantos, haviam emmudecido, e atravessavam, de quando em quando, o ar, pousando já em um, já em outro galho, como que impacientes pelo desapparecimento do esplendido astro que ha pouco abrilhantara a natureza.

O aspecto que o tempo tomara incutia nos espiritos uma vaga melancolia. D. Adelina e Jorge experimentaram essa indefinivel sensação, misto de praser e de dôr, apenas penetraram no jardim.

Silenciosos ambos, atravessaram a rua principal, em cujo extremo havia uma gruta artificial, perfeita imitação de uma d'essas habitações que a mão previdente da natureza levantou para abrigar os indomitos e ferozes habitantes das selvas.

Dentro da gruta achava-se um tosco banco de cortiça, onde tomaram logar D. Adelina e Jorge. Para mais completa illusão, em um dos recessos da caverna, cahia d'um orificio bastante largo um grosso jorro d'agoa crystalina, formando uma graciosa cascata na sua queda pelas anfractuosidades da pedra.

O ambiente, ali, era fresquissimo. No dia de maior calor, embora o sol estivesse no seu zenith, quem se achasse n'aquelle recinto gosaria de tão agradavel frescura, que se julgaria sob a influencia do mais temperado clima da Europa.

Depois d'um curto colloquio, a brazileira offereceu-se para ir mostrar ao mancebo as maravilhas contidas no jardim, ao que elle de bom grado accedeu.

Quando os dous regressaram a casa, eram horas de jantar. Ficaram ambos surpresos do relogio da salla de jantar marcar tres horas, e D. Adelina sentiu uma vaga inquietação ao encontrar o marido á sua espera.

(Continua) Alberto Carlos

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Continuação)

A affeição e dedicação das abelhas para com a sua rainha é uma das cousas mais dignas d'admiração n'aquelles pequenos animaes. Se a rainha morre, toda aquella colonia fica em desordem; os trabalhos cessam de repente.

O trabalho da vespa, apesar de não ser de tanto proveito para o homem como o da abelha, não é menos engenhoso e torna-se igualmente credor da nossa admiração.

Outro tanto succede com as formigas.

Chama-se *Conchiologia* o estudo das conchas. Contam-se mais de cem especies, que se dividem em tres classes, a saber: *multivalvas*, *bivalvas* e *univalvas*, conforme as peças de que se compõe cada concha. *Multivalvas* são as de muitas peças, especie de escamas, sobrepostas, como as differentes partes d'uma cotta de malha. As *bivalvas* consistem em duas peças, como as ostras e mexilhões. As *univalvas* comprehendem todas as que formam uma espiral regular; n'esta numerosa divisão conta-se o caracol, o petunclo, etc., e outras especies sem espiral regular.

As perolas, resultado d'uma molestia do marisco, encontram-se nas ostras e mexilhões, e não passam de concreções calcarias, formadas pelo liquido de que se compõe a superficie externa das conchas.

Nas camadas da terra encontram-se muitos centos d'especies de conchas mineraes desconhecidas. São vestigios de mares e costas desapparecidas, resultado das revoluções da superficie do globo, produzidas pela acção do mar.

O polypo é um insecto da substancia do caracol, isto é, d'uma substancia gelada. Se se toca, torna-se um ponto redondo, verde; mas na forma natural tem o aspecto d'um longo tubo provido d'uma

cabeça e d'uma boca e munido de oito ou dez braços compridos, que se alongam para apanhar os insectos. Os novos polypos saem-lhes dos lados; mutilado e partido em um grande numero de pedaços, e em sentidos differentes, cada parte se reconstrue, formando um polypo perfeito. Emfim as partes cortadas d'um polypo unem-se com as d'um outro e formam um polypo verdadeiro.

Depois de termos examinado com os olhos os mais pequenos insectos, podemos, com o auxilio do microscopio, ver outros de tal modo pequenos, que um milhar d'elles não tem um volume igual ao mais pequeno d'aquelles que se offerecem á simples vista. Ha insectos vistos pelo microscopio, vinte e sete milhões dos quaes igualam o tamanho d'um dos bichinhos que costumam encontrar-se no queijo, e quatro milhões o d'um grão d'areia. Cada um d'esses pequenos animalculos, não obstante, tem um corpo bem organisado, provido de coração, musculos, glandulas, arterias e veias, que são atravessadas pelo sangue e outros fluidos.

O vigor e a força activa d'estes seres são geralmente superiores aos dos grandes animaes; da mesma sorte a duração da sua vida é muito longa em proporção do seu tamanho. Os bichos do queijo dão quinhentos passos por segundo; os animalculos nadam nas gottas d'agoa com tanta commodidade como a baleia no mar largo, e aquelles que se alimentam de folhas parecem bois pastando nos prados immensos.

Os animalculos são formados como os peixes, os reptis, as anguias, etc; teem trombas e tentaculos, e a sua conformação é tão perfeita, que, apesar de não se poder distinguir os olhos em alguns, movem-se com surprehendente vivacidade nos fluidos em que habitam.

(Continua) Doutor Jayme

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

XXV

A CHINA

(Continuação)

Tratemos agora dos estados tributarios da China. São estes:

Mandchuria, capital Mukden. A sua parte maritima foi ha pouco tempo anexada á Russia, comprehendendo uma vasta extensão de costas. A população é de 1,500:000 habitantes.

Coreia, 8 milhões de h.; grande peninsula montanhosa. Capital Han-yang.

As ilhas de Liu-khieu.

A Mongolia, comprehendendo uma grande parte do deserto de Gobi e separado da China pela grande muralha que os chinezes construiram para obstar ás invasões dos tartaros. A parte banhada pelo rio Amor foi ultimamente adquirida pela Russia.

Thibet, 6 milhões de h.; cabras afamadas; o pelo emprega-se na fabricação das cachemiras. Capital Lassa, com 50:000 h.

Boutan, 2,000:000 h. Capital Tassusidon.

XXVI

AFGHANISTAN E TURKESTAN

O Afghanistan, um dos paizes mais centraes da Asia, tem 6 milhões d'habitantes. Capital Cabul, 50:000 h. E 'uma das cidades mais deliciosas da Asia. Ricos basares, fabricas de sedas, d'algodões, tapetes, chailes. Grande feira de cavallos.

Cidades principaes, Candahar, com 100:000 h.; Gisneh, 12:000 h.

Herat, pequeno reino protegido pela Inglaterra, tem 2 milhões d'habitantes. Capital Herat, com 45:000 h.

Passemos ao Turkestan.

Este estado, que comprehende 960 mil kilometros quadrados e 7 milhões d'habitantes, é povoado d'hordas barbaras: uma parte é chineza e a outra forma a Tartaria independente. Composto em grande parte de desertos, encerra comtudo regiões muito fertis. Divide-se em uma multidão de khanatos, ou pequenos reinos, sendo os principaes os seguintes:

O khanato de Khokand, 400:000 h. Capital Khokand, 100:000 h.; 400 mesquitas; fabricas de sedas adamascadas de ouro e prata. Foi residencia do celebre Gengis-Khan.

O khanato de Bukharia, 2,500:000 h. Capital Bukhara, 100:000 h., uma das cidades santas do islamismo. Numerosos basares, 360 mesquitas, 60 collegios e mais de 100 escolas. Samarkand, segunda cidade do khanato, 10:000 h., foi no tempo de Tamerlan uma das mais formosas cidades da Asia; os russos tomaram-a ha pouco tempo e não passa hoje d'um montão de ruinas.

O khanato de Khiva, 900:000 h. Capital Khiva, 12:000 h.

A oeste está situado o paiz dos Turcomanos, que contem apenas salteadores.

A Russia apoderou-se d'uma parte dos tres khanatos de que acabamos de fallar.

Temos diante de nós as montanhas de Cachemira e em seguida desenham-se-nos no horisonte os altos picos do Himalaya, que é a montanha mais alta do mundo. O grande rio Mé-Kong, que atravessa o Tonkin, leva-nos á Cochinchina, paiz que no futuro deve ter uma grande importancia commercial.

A Cochinchina faz parte da Indo-China, paiz que comprehende 2 milhões de kilometros quadrados e encerra 25 milhões d'habitantes.

A Indo-China divide-se em sete estados, que são:

Imperio Birman, 500:000 kilometros quadrados e 4 milhões de h.

Imperio d'Annam, 530:000 k. e 15 milhões de h.

Cochinchina franceza, 61:000 k. e 1,500:000 habitantes.

Cambodge, 250:000 k. e 1 milhão d'habitantes.

Siam, 495:000 k. e 7 milhões de h.

Indo-China britanica, 145:000 k. e 2 milhões de h.

Malaca independente, 200:000 k. e 1 milhão de h.

Faremos uma rapida visita a cada um d'estes estados; mas fica isso para o capitulo seguinte.

(Continua)

MELANCOLIA

—

Oh sol da noite! oh lua!
Que luz suave a tua
E como se insinua
Em alma que fluctua
De engano em desengano!...
Oh creação sublime!...
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E á dôr que nos opprime,
Abre-lhe um oceano!...

Será o ceo um lago,
E tu reflexo vago
D'um rosto, como eu trago
Na alma onde o afago,
Na alma onde o aperto?...
Oh luz orphã do dia!
Que mystica harmonia
Ha n'essa luz tão fria,
E a sombra que me guia,
N'este areal deserto?...

Embora as nuvens trajem
De dia outra roupagem,
O sol, de que és imagem,
Não tem essa linguagem...
Que encanta, que namora!
Fita-te a gente, estuda
(Sem medo que se iluda)
Essa linguagem muda...
O teu olhar ajuda,
E a gente sente e chora!

Ah! sempre que descrevas
A orbita que levas,
Confia-me o que escrevas,
De quanto vês nas trevas,
Que a luz do sol encobre...
As victimas, que escutas,
De traças mais astutas
Que as d'essas feras brutas...
E as lastimas, as luctas
Da orphã e do pobre!

João de Deus

O SOLO SUBMARINO

—

No tempo em que não se conhecia a figura da terra, a profundidade do mar era objecto das mais exageradas supposições, achando-se a cada passo nos escriptos dos geographos as expressões de mar *sem fundo nem limites*, quando queriam designar o Atlantico. Hoje nada d'isto se crê, pois chegou a averiguar-se que sendo desigual a crusta terrestre, naturalmente as agoas retiraram-se para

os pontos mais baixos, cuja profundidade não passa de nove kilometros.

Suppondo a terra por um momento sem agoa, apresentaria desigualdades de deseseis a desesete kilometros, correspondendo o mais alto aos picos do Himalaya e o mais baixo ao sitio por onde se divide o Gulf-Stream, entre o banco da Terra Nova e as Bermudas, onde a sonda marca nove mil e tresentos metros de profundidade.

Sahindo das costas americanas, a sonda só chega a assignalar seis centos metros até chegar ás de Yucatan, depois das quaes alcança mil metros aproximadamente. De Yucatan a Cuba são pequenas as differenças de nivel submarino; mas desde Cuba ao Hayti encontra-se uma ladeira de dous mil e tresentos metros, que é, com pequena differença, a profundidade que ha entre Hayti, Porto Rico, as ilhas de Barlaventò e as pequenas Antilhas.

Passadas estas, o nivel chega a descer cinco mil e quinhentos metros, pouco mais ou menos, e com pequenas variantes marca de quatro mil a cinco mil, até elevar-se de repente nas ilhas de Cabo Verde, que estão tres mil metros sobre o nivel do mar, o que dá uma differença de nivel quasi repentina de mais d'oito mil kilometros. Profundos canaes de tres mil tresentos e noventa kilometros separam umas d'outras estas ilhas, e outro que principia com aquella profundidade e acaba com a de dous mil e cem metros, conduz á costa africana do Senegal.

Pelo que acabamos de ver, o mar tem suas colinas e valles, montanhas e planicies, umas nuas e aridas e outras revestidas de luxuriante vegetação; o mar encerra nos seus antros desigualdades de terreno como não ha similhantes nos nossos continentes, e n'essas espantosas profundidades erguem-se montanhas, rochedos, escolhos e ilhas verdejantes.

MARQUES GOMES

Não pretendo traçar aqui a biographia d'este distincto escriptor. Sería empreza assás arrojada para uma penna tão debil como a minha.

Só tenho em vista pintar bem ao vivo o grao de elevação do talento de Marques Gomes.

Marques Gomes nasceu para ser escriptor, e morrerá deixando gravado o seu nome no coração de todos aquelles que admiram os seus escriptos.

No meio d'esta vasta amplidão litteraria, no meio d'esta carreira cercada de espinhos, e mais tarde corôada de glorias, surge Marques Gomes, espraiando aos quatro ventos da publicidade os frutos do seu elevado talento e do seu genio trabalhador.

E a terra que lhe serviu de berço, foi aquella que viu nascer José Estevão, aquella que tem produzido grandes talentos; foi Aveiro.

CAVALLOS SELVAGENS

Aveiro deve-se ufanar de ter creado em seu seio homens illustres, talentos elevados, genios fecundos, que depois apparecem victoriosos no meio da sociedade, como os heroes dos tempos antigos fazendo as suas conquistas.

Corria, pois, o anno de 1878. Corria o anno em que devia apparecer á luz a obra, de ha muito desejada, que prehencheria uma lacuna na litteratura portugueza. A historia é, como se sabe, indispensavel na litteratura. E' ella que nos faz lembrar as façanhas dos tempos antigos; é ella que nos marca os graos da civilisação; é ella o unico meio das investigações scientificas no mundo moral. Sem a historia viveriamos na obscuridade, e os nomes dos heroes remotos e dos seus feitos, esquecer-se-hiam com o decorrer dos tempos.

E, observando todos os seres que nos cercam, vemos que ha um ente na nossa vida que nos é caro, e a quem, por mais amor que lhe devotassemos, nunca saldariamos uma divida que lhe devemos.

E' a mulher.

Como mãe, é ella que nos bafeja em creança, e depois em nosso tumulo vae derramar immensas lagrimas, orvalhando assim os goivos e os cyprestes que o envolvem; como esposa, é ella o primeiro paraiso do homem; como irmã, é ella que nos consola em nossas afflições; emfim, como simples mulher, é ella quem nos inspira o amor.

E no meio dos grossos e immensos volumes de historia, que se estendem nas parteleiras das bibliothecas, lamentava-se a falta d'um estudo historico sobre a condição politica, civil, moral e religiosa da mulher. Tinha-se desejos de saber qual a origem d'esse archanjo divino, e as vicissitudes porque passara através da voragem dos tempos.

Esse vasio litterario, até então não prehenchido, foi cabalmente satisfeito por Marques Gomes, na sua obra, *A mulher através dos seculos*.

E Marques Gomes, alevantando esse padrão perduravel á gloria da mulher, foi util a toda a sociedade e a todo o paiz.

N'essa obra relata o refutador de Camillo Castello Branco, a historia da mulher através do tempo e do espaço, dizendo-nos qual foi a sua origem, sua educação e civilisação, e isto nas primitivas sociedades, na China, na India, na Persia, na Assyria, no Egypto e em Israel.

E' a obra mais completa que n'este genero tem a lingoa portugueza e n'ella revela o auctor conhecimentos muito profundos.

Marques Gomes escreveu tambem mais obras, taes como: *Memorias d'Aveiro*, *D. Duarte de Menezes*, *O Distrito d'Aveiro*, e além d'isso tem collaborado em diversos jornaes.

Mas a obra em que elle mais primou, mostrando o seu elevado talento e o seu genio emprehendedor, foi na já citada historia da mulher, padrão que lhe dá a celebridade a que tem juz.

COSTA GOES

O CAVALLO SELVAGEM

—

No dizer de muitos viajantes, encontram-se na America austral, ao sul do Rio da Prata, bandos de cavallos, cujo numero algumas vezes chega a doze mil. D'ordinario o cavallo selvagem é baio-castanho ou d'uma só côr. Na Asia central tambem se encontram numerosos bandos de cavallos.

A patria do cavallo em estado selvagem parece ser os desertos que cercam o mar Caspio e o mar d'Aral. Os cavallos que possue a America foram para ali levados pelos hespanhoes, que deixaram muitos n'aquelle paiz, onde elles eram totalmente desconhecidos antes da conquista pelos europeus.

Sabe-se que os indigenas da America, quando viram os primeiros cavallos, os tomaram por monstros formidaveis, meio homens e meio quadrupedes, porque julgavam que cavallo e cavalleiro eram um só animal, e era tal o terror que taes monstros lhes inspiravam, que, vendo-os mastigar os freios, julgavam que comiam metal, o que determinava aquelles homens simples a irem buscar quantos metaes preciosos possuiam para os lançarem aos cavallos, pensando que assim lhes abrandavam o furor.

N'esses prados immensos da America hespanhola os cavallos multiplicaram-se por forma que não é possivel domestical-os.

Como vivem em inteira liberdade, o seu andar, o galope, os saltos prodigiosos, não teem nada que se pareça com os modos dos animaes seus iguaes, creados sob as vistas do homem. Orgulhosos da sua independencia, evitam a presença do homem, e vagueam á ventura n'aquellas campinas sem fim. Sem morada fixa, sem outro abrigo além d'uma temperatura serena, de dia um sol esplendido, de noute um ceo constelado d'estrellas brilhantes, respiram um ar mais puro do que aquelles que habitam os paizes civilisados; são muito mais fortes, mais ageis, mais nervosos do que a maior parte dos animaes domesticos; teem tudo quanto dá a natureza: a força e a altivez; os outros só teem o que póde dar a arte: elegancia e agrado.

O MEXICO

—

Os azteques, ou primitivos habitantes do Mexico, tinham edificado uma grande cidade, que lhes servia de capital dos seus estados, pelo anno de 1325. Quatro annos depois da conquista pelos hespanhoes, Fernando Cortez edificou uma nova cidade no logar da antiga, mas totalmente differente d'esta. Os canaes tornaram-se ruas bem calçadas, os templos dos idolos foram substituidos por egrejas formosas, e no logar que occupavam os palacios dos antigos reis erguem-se hoje sumptuosas casas.

A cidade do Mexico, capital da republica do mesmo nome, está assente na terra firme, quatro mil e quinhentos metros distante dos antigos lagos, hoje quasi seccos.

O Mexico é uma cidade notavel pela belleza das casas e regularidade das ruas. Conta duzentos mil habitantes.

O primeiro e mais importante edificio é a cathedral, que se ergue mesmo no centro da cidade. Foi começada em 1573, no reinado de Filippe II, no sitio que occupava uma modesta egreja edificada por Fernando Cortez. O *Sagrario* é uma immensa capella, dependente da cathedral, e onde se celebram os casamentos, baptisados e enterros.

E' ainda notavel o Palacio Nacional, que occupa o lado oriental da praça d'armas, e com uma elegante fachada, que mede duzentos metros. E' a residencia do presidente da republica, e, alem d'isso, estão ali os ministerios, o senado, a camara dos deputados, o supremo tribunal de justiça, o commando geral do exercito, a thesouraria, a casa da moeda, o correio, etc.

O museu d'antiguidades, fundado em 1828, encerra objectos muito curiosos, tornando-se digno d'especialisar-se o grande idolo de Teoyaomiqui, isto é, a deusa da morte, estatua de construcção extravagante e de tres metros d'altura e quasi outros tantos de largura.

A capital da poderosa tribu dos aztеques contava tresentos mil habitantes quando os hespanhoes chegaram ao Mexico, em 1526. A Hespanha conservou-a até 1810, epoca em que o estado inteiro conquistou a sua independencia.

MEXICO

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XVII

MONTYON

Virtuoso magistrado e sabio distincto, o conde de Montyon possuia uma grande fortuna, que veio a ser o patrimonio dos pobres. Despresando as superfluidades do luxo, havia limitado as suas necessidades ao estrictamente indispensavel. Tendo perdido successivamente todos os membros da sua familia, julgou-se só no mundo para fazer bem aos seus similhantes, e tornou-se d'algum modo o pae dos infelizes que lhes eram indicados. Para chegar a conhecel-os, poz-se em relação com as instituições de caridade, ás quaes recommendara que guardassem o maior segredo sobre o seu nome.

Foi depois da morte d'este homem de bem que os piedosos mysterios d'aquella existencia se tornaram conhecidos, attrahindo sobre a sua memoria as benções dos numerosos infelizes que elle havia soccorrido.

Montyon morreu em 1820, na idade de oitenta e sete annos. Legou aos hospicios uma somma de tres milhões de francos, ou cerca de quinhentos e cincoenta contos de reis; á academia das sciencias e á academia franceza deu dotações sufficientes para instituir premios,

destinados a animar os trabalhos uteis á humanidade e as obras proveitosas para os costumes; emfim dedicou uma somma consideravel para auxiliar os homens virtuosos, aquelles que praticam o bem nas regiões mais infimas da sociedade.

VOZ INTIMA

Quem póde sofrear as magoas d'alma
Que negras se condensam no agro pranto?
Quem póde suffocar tormento tanto,
Martyrio que nos cinge negra palma?

Quem póde serenar a ardente calma
Que lagrimas nos dá, em vez de canto?
Quem póde levantar sombrio manto
Lançado pela dôr que nada encalma?

Uma voz se levanta poderosa
Em minha alma abalada da tormenta,
E clama, já plangente e maviosa:

—Se o cego padecer roubar-te intenta
A crença que tens n'alma tão formosa,
Aos pés do teu Jesus refugio tenta.

HENRIQUETA ELISA

OS PORTUGUEZES NA INDIA

(Conclusão)

Iguaes progressos se faziam na conversão das almas, que nas armas: receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimilarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tonor, e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda idade do estado da India e por isso lhes podemos chamar adolescencia.

Chegou a idade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou n'ella desde o anno de 1561 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique, e D. Filippe. Já n'este tempo o estado attendia mais a se conservar, que a conquistar: comtudo fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor, e Onor, a de Serião em Pegu, os fortes de Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente, e defendeu-se o estado no sitio geral, que a todo o estado pozeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O hidalcão desceu sobre Goa, o isamaluco sobre Chaul, o çamorim sobre Chale, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor da nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de prevalecerem contra um estado, que ao mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa: nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o estado: o de Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino: tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, aceitando outros por vassallos d'esta coroa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este, de mais de render vassallagem a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de pais e avós.

N'esta idade do estado da India acham os antigos que foi a sua flor dos annos; porque opprimidos ou compostos nossos inimigos, gosava o estado de todos os bens, que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros, como d'antes; porque já lhe tinhamos tomado os passos de sua navegação, assim com fortalezas em terra, como principalmente com as armadas no mar das Maldivas, de Mecca e da Arabia.

Pagavam os reis tributarios suas pareas, procuravam todos ser amigos do estado: os portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares de valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata: da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Malucas o cravo; da Sunda a maça e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegu os estimados rubins; de Ceylão a canela; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem o bejoim; de Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elephantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu pau; de Borneo a canfora; de Maduré o salitre; de Cambaya o anil, lacre, e roupas de contrato; as beatilhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotará; ouro de Sofala; marfim, ebano, e ambar de Moçambique; d'Ormuz, Diu, e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das náus que por ali passavam. E emfim não havia cousa d'estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do estado. Os seus vice-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.

A LENDA DA ILHA DA MADEIRA

(Continuação)

Seu pae notou facilmente esta antipathia, que ella realmente não podia occultar, e determinou-lhe que tratasse de outra maneira aquelle que estava destinado para seu esposo. As lagrimas d'Anna não fizeram impressão alguma no duro Arfet, e bem triste era a perspectiva que ella tinha diante de si.

O mesmo barão de Berkley não tardou a conhecer que lhe desagradava, e sendo de genio tão impaciente como grosseiro, resolveu-se a insistir na sua pretenção, mas não com boas maneiras como até ali, visto que nenhum progresso tinha feito.

Confiando na amisade de Arfet, traçou o plano de roubar Anna e leval-a para o seu castello, onde não tinha duvida que havia de achar meios de obrigal-a a dar-lhe promptamente a sua mão.

Este plano era possivel até certo ponto. No jardim da casa de seu pae, foi Anna agarrada por um bando de emissarios de Berkley, que, pondo-a á garupa d'um dos seus conductores, apesar dos gritos que soltava, a levaram para o sitio em que o inventor do projecto esperava o resultado. Mas antes que a sua victima lhe fosse entregue, os seus gritos, que seus roubadores não poderam abafar de todo, chegaram aos ouvidos de gente que tinha a força e a vontade de a libertar. Uma partida d'homens armados, pertencentes ás tropas do rei, passava por acaso na visinhança, commandada por um joven cavalleiro, que logo que ouviu gritos de mulher, correu a toda a pressa, e mandou fazer alto á gente de Berkley, cuja replica foi uma tentativa de o lançarem por terra; mas o cavalleiro, evitando os seus golpes, derrubou o que o acommettera. Chegando n'este momento os seus soldados, facilmente libertaram a fraca menina das mãos dos seus roubadores, que, depois de precipitada resistencia, fugiram, deixando um dos seus mortalmente ferido. O cavalleiro, tendo animado Anna com promessas de segurança e protecção, sentou-a no seu proprio cavallo, e com o maior cuidado a conduziu na direcção que ella designou como sendo a da sua casa, d'onde estava ainda poucas milhas distante.

O mancebo, que assim soccorreu lady Anna d'Arfet, era um filho da antiga familia de Mackhain. Estava ao serviço do principe Negro, e era tão bem visto pela sua coragem e boas maneiras, como pela elegancia da sua pessoa. O seu nobre procedimento fez uma viva impressão no espirito d'Anna, e Roberto Mackhain não ficou menos subjugado pela extrema amabilidade da menina que teve a dita de soccorrer. Para resumir, antes de chegarem á casa de Arfet, tinham-se excitado nos corações d'ambos, sensações que o tempo não devia mais destruir.

A ausencia d'Anna não tinha sido tão demorada que assustasse a familia; mas quando ella chegou e contou o perigo de que tinha escapado pelo valor de Mackhain, até o barão foi sincero nas

suas expressões de gratidão para com o seu generoso libertador. Por espaço de alguns mezes depois d'este successo foram as visitas de Roberto á familia d'Arfet auctorisadas pelo barão, que não concebera nem um só momento a possibilidade de pretender um simples gentil-homem amar a filha d'uma casa que era alliada com principes. Mas o amor não estuda o brasão e Roberto e Anna amavam-se vivamente. As primeiras suspeitas que d'isso teve o barão foram-lhe suggeridas pelo descontente Berkley, que causou ainda maior admiração ao pae irritado, confessando-lhe que elle fôra o auctor do roubo d'Anna.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO I

Por morte d'el-rei D. Fernando, ficou a coroa de Portugal sem successor legitimo, porque o finado não deixara filho varão.

D. Pedro I, pae de D. Fernando, tivera da formosa e infeliz Ignez de Castro dous filhos varões, D. João e D. Diniz; mas estes andavam homisiados em Hespanha, e o monarca hespanhol, mal soube da morte de D. Fernando, mandou-os prender para elle se aclamar rei de Portugal.

De D. Pedro, o *Justiceiro*, havia porém ficado um outro filho bastardo, que era o infante D. João, mestre da ordem d'Aviz, e foi n'este principe, que reunia as qualidades de valente cavalleiro ás de uma alma magnanima, que o povo portuguez poz as suas vistas.

Ficara regente do reino, por disposição d'el-rei D. Fernando, a rainha sua mulher D. Leonor Telles; mas esta em breve se tornou antipathica ao povo em rasão de ter ao seu lado um valido odioso, o conde de Ourem, João Fernandes Andeiro, e quer a regente, quer o valido, ambos favoreciam os projectos do rei castelhano.

Era pois necessario vencer estas resistencias. O conde Andeiro foi assassinado dentro do proprio paço, e, intimidada a rainha, entregou o governo e retirou-se para Alemquer. A ira popular porém ainda não estava acalmada nos que seguiam a parcialidade de Castella, e o bispo de Lisboa, D. Martim, o prior de Guimarães e um outro homem que tinham subido á torre da cathedral para tocarem os sinos a rebate, foram despenhados da torre e os cadaveres estiveram expostos alguns dias ao rigor do tempo, sendo emfim devorados pelos cães.

D. João foi aclamado rei em Coimbra em 6 d'abril de 1385, concorrendo muito para a feliz acclamação o illustre João das Regras, o mais afamado jurisconsulto do seu tempo. O brio portuguez fez o resto, e pouco depois a contenda era decidida a nosso favor pela força das armas na celebre batalha d'Aljubarrota.

BELLAS-ARTES

—

EXPOSIÇÃO-BASAR DO CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

Talvez o leitor não se lembre, ou mesmo ignore que existe n'esta cidade uma sociedade de corajosos mancebos intitulada Centro Artistico, agremiação que foi fundada com intenções verdadeiramente civilisadoras e que segundo o seu programma tem por fim inocular por todos os meios possiveis, até á medula dos ossos, nos cidadãos portuenses, o gosto pelas bellas-artes, gosto de que são completamente destituidos, segundo a arriscada opinião dos illustradissimos membros do dito Centro.

Approvariamos de bom grado o fim que se propõem e concordamos que para se chegar á perfectibilidade social, é absolutamente necessario a cultura das artes plasticas, se os meios persuasivos que teem procurado para realisar tão linda ideia, não fossem d'uma indelicadeza bysantina.

Nós, fazendo parte d'esse publico tão ligeira e injustamente acoimado de indifferentismo e de mau gosto, aproveitamos esta occasião, para protestarmos contra essa accusação pouco propria de cultores da divina arte de Raphael.

A sociedade do Palacio de Crystal, cedendo-lhes gratuitamente o seu salão de Bellas-Artes, para ali exporem os trabalhos da sua lavra artistica, prova muito contra o pretendido indifferentismo, e que os portuenses não são tão desprovidos do sentimento do bello quando se trata de manifestações artisticas.

Lembra-nos ainda um beneficio dado em um dos theatros d'esta cidade em favor do cofre do Centro, beneficio que foi sufficientemente concorrido pelo publico, para accudir de prompto ás suas necessidades. A benevolencia com que os portuenses recebem a actual exposição, parece-nos tambem que é uma prova exuberante de bom gosto e bom senso.

Não se queixe pois o Centro Artistico da falta de illustração e boa vontade do publico; seja menos injusto, e; se os seus desejos não teem sido integralmente realisados, crimine-se a si proprio.

Feitas estas reflexões previas, passemos a fazer uma apreciação imparcial do valor artistico e civilisador da exposição.

Nós, ainda que barbaros em materia d'artes, tambem fomos dos que correram pressurosos, como qualquer membro do Centro, em procura de sensações novas, á tão celebrada exposição-basar, e o que sentimos diante d'essa diminutissima fileira de tellas, mais ou menos cobertas de côres a oleo, de photographias e lithographias já muito conhecidas, d'algumas gravuras e malas de viagem, foi extremamente desagradavel ao nosso espirito, e com franqueza confessamos que a exposição não corresponde aos elevados intuitos do Centro. Sem o concurso amavel d'algumas pessoas, estranhas ao Centro, o seu resultado seria completamente negativo: é para admirar que apropriando-se o Centro d'uma ideia tão bella, não tenha podido obter resultados mais satisfactorios e em harmonia com o seu programma feiticeiro, e dá-nos o direito de julgar d'um modo menos lisongeiro os conhecimentos e trato sociavel dos seus membros. A ideia de organisar uma sociedade d'artistas de merecimento, com o fim de introduzir na massa geral da população um gosto mais pronunciado pelas bellas-artes, é magnifica, é digna de todos os incomios; mas já não é nova entre nós. Impressiona tristemente o visitante a grave lacuna de certos nomes, conhecidos no mundo artistico, e faz-nos acreditar que o Centro, quando se organisou em sociedade militante, por um descuido condemnavel ou pretenciosamente, afastou do seu seio, ainda inexperiente, as pessoas que pela sua competencia, ou ainda que estranhas ás lides artisticas, pela sua posição social podiam protegel-o e auxilial-o efficazmente.

Com o mesmo fim existem desde longa data em paizes mais adiantados que o nosso, sociedades identicas, que teem obtido optimos resultados, e continuarão a obtel-os pela simples rasão de que, desde o principio, souberam angariar os homens de talento e as pessoas opulentas. O egoismo mesquinho que presidiu á organisação do Centro Artistico, ou a falta lamentavel de conhecimentos apropriados ao assumpto, hão de causar fatalmente a sua ruina. Principiou com pretenções demasiado revolucionarias, e nós não somos partidarios d'este nihilismo de nova especie.

Conhecedores do pomposo programma e attrahidos irresistivelmente pelas maravilhas promettidas, dirigimos os nossos passos em direcção á exposição, dispostos a consummir as tres ou quatro horas indispensaveis a uma excursão artistica de tal ordem. O pensamento mais feliz que teve o Centro Artistico, organisando o seu certamen, foi o d'estabelecer a entrada gratuita. Sem esta generosa lembrança, talvez tivesse o desgosto de soffrer reclamações d'algum caturra portuense, d'esses que o Centro pretende civilisar agradavelmente, exhibindo-lhes os thesouros do seu labor.

(Continua) MANLIUS

KAMTSCHATKA

—

A peninsula situada na parte oriental da Siberia e denominada Kamtschatka, é, como póde fazer-se ideia, uma das regiões menos favorecidas da natureza.

O inverno é rigoroso e dura mais tempo do que nos climas mais meridionaes, o que se attribue aos ventos d'oeste, que sopram muito a miude n'aquellas regiões inhospitas.

A agricultura está atrasadissima, como succede em todos os paizes onde o gelo é frequente. A maior riqueza consiste no commercio das pelles. O urso, a raposa e a marta zibelina, fornecem pelles quentes e commodas.

A pesca podia ser uma das fontes de prosperidade nas mãos d'homens industriosos e se leis sabias regulassem a troca dos productos. Abunda a pesca nos diversos rios que atravessam o paiz, até se lançarem no Oceano. O rio mais importante é o Kamtschatka, que tem um curso de cento trinta e cinco legoas. Os harenques são ali em tamanha quantidade que quasi se podem tomar á mão.

A humidade do clima e inconstancia da temperatura prejudicam sensivelmente a vegetação. O larix e o vidoeiro são as unicas arvores que crescem á vontade. A casca da ultima, preparada com ovas de solho, salgadas, fornece um prato muito agradavel, ao passo que com a seiva se faz uma bebida assás tonica. As plantas medicinaes são ali mais numerosas do que no resto da Asia septentrional, e varias especies d'ortigas dão um fio, que póde, sem desvantagem, substituir os do canhamo e do linho.

O solo da peninsula é de formação vulcanica. Uma dupla cadeia de montanhas atravessa-a em toda a extensão; a occidental compõe-se de rochas antigas; a oriental é de rochas vulcanicas, que vão até ao mar. Muitos d'esses picos são crateras ainda em plena actividade. Calcula-se em desesete o numero das que estão extinctas. O mais celebre de todos os vulcões é o Kliontchevskaia-Chapka, que passa por ser mais elevado do que o pico de Teneriffe. Por tempo sereno avista-se á distancia de sessenta legoas por mar. Uma enorme massa de gelo cerca as vertentes, e um facto notavel é que é a unica geleira que ha na Siberia. O cimo é aspero e a boca do vulcão tem cerca d'um quarto de legoa de circumferencia. Uma das erupções mais terriveis foi a de 1821.

VULCÃO DE KAMTSCHATKA

Um grande numero de cidades foram edificadas n'aquelle solo mais inculto do que rebelde; são mais aldeias do que cidades, ou, para melhor dizer, não passam de grupos de cabanas grosseiras. Avatcha, ou Petropavlofsh, uma das povoações mais importantes da ilha, tem apenas quinhentos habitantes. Toda a importancia está no porto, d'onde saem os navios destinados á pesca da baleia.

A peninsula inteira não tem mais de oito mil habitantes.

ZIG-ZAGS

—

O ALMISCAR

O almiscar, perfume hoje tanto em voga, é produzido por um pequeno animal, especie de rato; é uma secreção formada em um duplo reservatorio inguinal, situado debaixo da cauda do animal e que este despeja á vontade.

São os hollandezes os que da extracção d'este perfume fazem um lucrativo ramo de commercio.

Mettem o animal em uma especie de gaiola estreita, onde elle não pode voltar-se, e abrindo-a pelo lado de trás, puxam-o pelas patas posteriores, obrigando-o a permanecer em tal posição por meio d'um pao que collocam atravessado á porta da gaiola. Então introduzem uma pequena colhér no sacco que encerra o perfume, extraem-o e guardam-o em frascos, hermeticamente fechados.

Esta operação faz-se duas ou tres vezes por semana.

A quantidade do perfume depende da qualidade da alimentação e do apetite do animal. Para este dar muito almiscar é indispensavel que coma bem.

E' tão forte o cheiro do pequeno animal que fornece o almiscar, que se communica a todas as partes do seu corpo. Depois de morto, a pelle conserva o cheiro durante muito tempo. Morreria infalivelmente quem vivesse com um d'esses animaes em um quarto.

Como succede com todas as industrias, tambem ha meio de falsificar, ou pelo menos augmentar artificialmente a producção do almiscar. Consiste em irritar o animal, a ponto de o fazer suar, porque então recolhe-se o suor, que tambem é perfumado, e serve para juntar ao verdadeiro perfume. No Darfur usa-se introduzir no deposito do perfume pequenas quantidades d'unto ou gordura, saccudindo depois violentamente o animal, para que elle sue e o suor se misture com a gordura, communicando-lhe o perfume.

EXPEDIENTE

—

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO PREÇO 20 REIS NUMERO 33

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 14 D'ABRIL DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

O PAPA LEÃO X

SUMMARIO

TEXTO:— O papa Leão X — Crucifixus! pelo conego Alves Mendes — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Mater dolorosa (poesia) por Alberto Cruz — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Ruinas de Carthago — A voz do progresso, por Augusto Pinheiro — A meditação de Jesus, por A. Herculano — Sciencia para todos: O reino animal, por doutor Jayme — Bellas-Artes (carta) por M. M. Rodrigues — Zig-Zags: Grandes fomes — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Indo-China — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— O papa Leão X — Tunel do monte Cenis — Mario em Carthago — Como se viaja na Biscaya.

O PAPA LEÃO X

—

No seculo XVI quatro illustres personagens adquiriram celebridade pela aureola de gloria de que se fizeram cercar. Foram Francisco I, rei de França, Henrique VIII, rei d'Inglaterra, Solimão, imperador dos turcos, e o papa Leão X. O ultimo foi inquestionavelmente aquelle que mais concorreu para o esplendor da sua epoca. Além da importancia do papel politico que foi chamado a representar em consequencia da grande scissão religiosa operada por Luthero, bastaria para dar-lhe celebridade a influencia que exerceu sobre a revolução levada a cabo na Europa, nas artes e na litteratura.

Leão X pertencia á nobre familia dos Medicis, de Florença; seu pae foi Lourenço, por alcunha o Magnifico. Tinha trese annos quando o papa Innocencio VIII o nomeou cardeal. Quatro annos depois recebeu as primeiras ordens, apparecendo em Roma, onde as suas brilhantes qualidades lhe conciliaram a affeição dos grandes e a estima dos homens de letras.

Por morte de Julio II, de quem foi particular amigo, o cardeal João de Medicis foi eleito papa, sob o nome de Leão X, em 11 de março de 1513.

Seria fastidioso traçar aqui o vasto quadro dos acontecimentos politicos e religiosos que assignalaram o reinado do novo pontifice. O que por agora consideramos em Leão X é o protector das artes, das letras e das sciencias, e é sob este ponto de vista, sobretudo, que elle mereceu dar o seu nome a um dos seculos mais brilhantes da historia.

Os modelos da litteratura grega e latina, Homero, Platão, Sophocles, Pindaro, Theocrito e Tacito, sahiram da obscuridade e foram dados á estampa a diligencias do soberano pontifice e sob a direcção d'homens competentes. Duas bibliothecas, a do Vaticano e a que fez construir por Miguel Angelo em Florença, enriqueceram-se com livros, restos da antiguidade, e com os productos das bellas-artes que Leão X fazia juntar á custa d'enormes despezas.

Foi no seu pontificado que Miguel Angelo e Raphael adornaram com as magnificas pinturas que serão a admiração de todos os tempos, o palacio do Vaticano e outros muitos dos principaes monumentos de Roma.

Leão X animou o estudo da arte musical, cujos segredos conhecia a fundo.

A liberdade do commercio, a opulencia do seu reinado, a sabedoria da sua administração concorreram poderosamente para o bem-estar geral, attrahindo sobre o nome do esclarecido pontifice as bençãos de toda a nação, que não teve mais do que um grito d'enthusiasmo para applaudir, quando no Capitolio se levantou a estatua do grande principe, devida ao genio maravilhoso de Miguel Angelo.

O divino Raphael traçou de Leão X um retrato fiel, cuja copia damos na gravura da primeira pagina. Este retrato está no Vaticano e é uma das mais bellas obras do grande artista. A' esquerda do pontifice está o cardeal Rossi e á direita o cardeal Julio de Medicis, que depois foi elevado ao pontificado sob o nome de Clemente VII.

Havia apenas nove annos que Leão X tinha cingido a theara quando morreu subitamente. Contava quarenta e sete annos.

O mausoleu que se lhe ergueu na igreja de Santa Maria de La Minerva havia sido delineado por Miguel Angelo. A estatua do pontifice é de Raphael Monte-Lupo.

CRUCIFIXUS!

—

Emmudecei, harpas de Sião!

Não mais se repercutam nas quebradas das montanhas os eccos das tuas harmonias dulcissimas!

Fugi, prophetas d'Israel!

Nem as vossas terribilissimas verdades, mais imponentes que a tempestade, nem a vossa lingoagem de fogo, capaz d'amaciar feras e de dar vida a penhascos, bastaram para suster os homens em seus crimes!

Cala-te, melancolico Jeremias!

A tua voz inspirada não é ouvida da senhora das gentes: a rainha das nações foi surda aos teus magoados lamentos!

Abafa no peito a tua dôr sentida, poetico David; não mais eleves ao throno de Deus os teus canticos arrebatadores!

Os descendentes d'Abrahão escarneceram a tua fé, riram-se dos teus extasis sublimes!

Pára no teu curso sereno, formosissimo Jordão!

As tuas agoas, que eram o symbolo da redempção humana, foram tidas como corruptas e pestiferas!

Nunca mais desabrocheis na primavera, rosas de Jerichó!

O suão abrasador da impiedade fez desapparecer Aquelle que dava matiz e aroma ás vossas petalas brilhantes!

Terra, cobre-te d'aridez e subverte nas tuas entranhas essa alfombra de verdura que foi regada com o sangue do Justo!

Esconde-te para sempre, sol, que tambem se apagou o grande lampadario do grande templo!

Vela-te, graciosa lua, que se sumiu já a pura imagem da formosura e da graça!

Apagae-vos, estrellas, que allumiastes em pleno dia o tragico sacrificio do Golgotha!

Desapparece, creatura, que desconheceste o teu Creador!

Madeiros carcomidos e desconjuntados da arca de Noé, se ainda alguma cousa de vós resta no monte Ararat, juntae-vos, que a humanidade afunde-se!

Venha essa jangada ver se a livra dos horridos baixios, onde a lançou a sua ingratidão e cegueira!

Venha depressa, que se commetteu o mais tremendo dos crimes: foi crucificado o Homem-Deus!

CONEGO ALVES MENDES

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

X

Alguns mezes se passaram, sem que nenhum incidente notavel occorresse em casa de Francisco d'Almeida.

O nosso compatriota parecia estar plenamente satisfeito com o seu novo guarda-livros. Jorge era zeloso no cumprimento de seus deveres e tão intelligente que, no curto espaço de quinze dias, lograra aproveitar das lições do negociante, mais do que outros que tinham mezes de tirocinio.

Em taes condições, parece que o futuro do mancebo devia estar garantido; mas quem, illudido pelas apparencias, assim julgasse, enganar-se-ia redondamente, porque Francisco d'Almeida desde o dia em que teve logar o passeio de sua mulher e Jorge no jardim, concebera uma vaga suspeita, que o torturava. Aquelle facto, na apparencia insignificante, tinha para elle tomado o vulto d'um grande acontecimento. Cioso em demasia, considerou, desde aquelle momento, Jorge de Castro como seu rival, e espiou, posto que discretamente, todos os passos de sua mulher, na dolorosa espectativa de, um dia, encontrar motivo de sobejo para deixar estalar a colera concentrada, que se lhe aninhava no seio.

A alma, porém, d'Adelina, tão immaculada como ardente, entregue a uns loucos devaneios, alimentando em segredo um amor impossivel, ia-se no dôce pendor d'um desvairamento fatal, sem nem sequer suspeitar da tempestade que lhe estava iminente. Amava Jorge; mas isso que importava se o segredo d'esse afecto jazia sepultado no mais escuro recesso de seu coração? Demais, não se desviando um ponto da linha recta dos seus deveres d'esposa, que tinha que deixasse pulsar o coração por aquelle mancebo infeliz como ella, e, como ella, bom?

Pela sua parte, Jorge de Castro não saberia explicar as emoções que sentia junto de D. Adelina. Se era amor, ou se não era, não o poderia dizer affoitamente; mas o que, sem receio de men-

tir, poderia affirmar, era que a presença da joven brazileira fazia-lhe esquecer a imagem de Laura.

E que não sirva esta revelação para acoimar de inconstante o nosso patricio.

Jorge de Castro amava ainda aquella mulher, que, em Lisboa, era o enlevo das plateias; mas a circunstancia seguinte viera diminuir um pouco a intensidade da sua paixão.

Tres dias depois da sua chegada ao Rio, escrevera elle tres cartas para Portugal: uma a seu pae, outra a Laura e a terceira ao seu amigo Paulo.

Na primeira d'estas cartas, o mancebo pintava com vivas e sombrias côres as saudades que o torturavam, fallava do bello acolhimento que lhe tinham feito e referia com surpreza a sahida precipitada do capitão Pedro da Motta.

Na segunda fazia mil protestos d'amor e pedia encarecidamente á sua querida Laura que lhe escrevesse; que não o esquecesse nunca, que ainda tinha esperanças de realisar a sua mais cara aspiração.

Na terceira carta, finalmente, contava ao seu amigo Paulo as peripecias da viagem e fallava-lhe, cheio de gratidão, da magnifica hospitalidade que recebera da parte de Francisco d'Almeida.

Laura, porém, não se dignara de escrever duas linhas em resposta á apaixonada carta do mancebo, e este começava a lançar á conta d'um ingrato olvido aquelle silencio.

(Continua) ALBERTO CARLOS

MATER DOLOROSA

—

E' noite. Duvidosa a luz da lua
Rompe as espessas nuvens de um ceo triste,
Calado, escuro e só.
Que funebre espectaculo alumia
A lampada nocturna dos espaços,
Sanguinea, envolta em dó!

Ao pé de uma cruz ensanguentada
Chora uma mãe na lousa de uma campa
Tombada com fragor.
No viso altivo e çafaro do Golgotha
Maria afflicta sente o espinho agudo
De incomparavel dôr.

E o mar de Galilea ruge ao longe
Uma elegia rouca; envolve a terra
Um veo de escuridão.
E a brisa mal balouça o lençol branco
Na levantada cruz; perto murmuram
As agoas do Cedron.

Que lucta significa a natureza!
O inanimado sente e se lamenta,
O espaço, a terra, o mar.
Mas o conjunto de essas grandes dores
Não vale um só suspiro dos que a Virgem
Não cessa de exhalar.

Eil-a, que está qual pomba solitaria
Viuva e mal ferida e só carpindo-se
Em dôr, que não tem fim.
A soledade viva lhe desprende
As lagrimas em fio pelas faces
Mais alvas que o marfim.

A mão põe sobre o peito trespassada
De penetrante setta, e ao ceo eleva
O magoado olhar:
Pede ao Senhor que lhe remova o calix
Do soffrimento amargo, que lhe experta
O funebre chorar.

Chora o trespasse sangrento
Do seu amado Jesus,
Que pelos homens se affronta
Aos vexames de uma cruz,
E á vereda da verdade,
Convertida a humanidade,
Com mil prodigios conduz.
Sendo de entre as creaturas
Como o sol é nas alturas,
Como nas trevas a luz.

Chora aquelle, que nascido
Nos presepes de Bethlem,
E' saudado pelas turbas,
Que de longes terras vem;
E de Tyro e da Judea,
E de Sidonia e Idumea,
E das terras de Salem,
Pela voz da grande fama,
Pequenos e grandes chama
E de si ao redor tem.

Que nos montes de Betsaida
Quer os pães multiplicar:
A quem viu dar vista aos cegos
Dalmanuta e Genesar;
Que apenas com gesto alçado
Põe preceito ao vento irado,
Aplaca as ondas do mar;
Que aos enfermos dá mil curas,
E tocando as sepulturas,
Os mortos faz levantar.

Chora aquelle, que nas bodas
De Caná inspira a fé
No ideal dos paranymphos,
Em Jesus de Nazareth;
Que falla, grande Messias,
Com Moysés e com Elias
No monte de Bethfagé;
E para alivios de magoas
Dá virtude ás fundas agoas
Do tanque de Siloé.

Que aos judeus e publicanos
Acompanha n'um festim,
Dizendo: São os enfermos
Que mais carecem de mim;
Que a Martha leva conforto
Dando vida ao filho morto
Da viuva de Naim;
No qual, segundo Isaias,
Teem a luz e os claros dias
Zabulen e Neftalim.

Que humilha os grandes e exalta
Os de humilde condicção,
E manda allivio e esperança
Na maior tribulação;
Que perdoa e não condemna,
E ouve attento a Magdalena,
A Levi e a quantos vão;
Que entre canticos e hossanas
Entra nas ruas profanas
Da rebellada Sião.

Que prega nas synagogas
De Judá e de Israel,
Nas cidades e nos campos,
Ao povo rude, infiel,
A doutrina e os casos sabios
Dimanando-lhe dos labios
Bons como efluvios de mel;
Cumprindo as vozes discretas,
As promessas dos prophetas
De David e Ezequiel.

Que uma corôa de espinhos
Soffre com resignação,
Trajando um manto vermelho
Como um alvo da irrisão;
E por vereda luctuosa
Arrasta a cruz affrontosa,
Onde o prega a multidão,
E a hora nôa soando,
—Eli, Eli! exclamando,
Pende a fronte para o chão!

ALBERTO CRUZ

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XIX

DE QUE MODO PODE PRINCIPIAR UM BANQUETE

O marquez Adelfi era um italiano que havia algum tempo estava em Madrid e cujo pae tinha sido um dos cavalleiros do rei Carlos III durante o seu reinado em Napoles.

Sob um exterior agradavel e sympathico, occultava o marquez um coração vil, e, corrompido e audaz, tinha sido o heroe de mais aventuras escandalosas, que deram muito que fallar na côrte. Mas Julio, que assim se chamava, pouco se lhe dava que o seu proceder merecesse ou não censuras, e proseguia n'aquella carreira de devassidão, em que era professo.

Como muito bem tinha dito o pintor quando o vimos fallando com Luiz de Guevara, o marquez vira Dolores e apaixonou-se d'ella. Poz desde logo em acção quantos meios de seducção lhe era dado empregar para conseguir que a dama o amasse, e não o conseguindo á boamente, jurou que o obteria á força.

Com uma persistencia extraordinaria entrou d'observar quantas pessoas entravam em casa de Dolores, as horas a que ella entrava e sahia, emfim adquiriu o conhecimento tão exacto da vida da pobre mulher, que facil lhe foi formular o seu plano, confiando na infallibilidade do triumpho.

Sabia a que horas Vicente ia a sua casa, e partindo d'essa base, fingiu que uma amiga d'ella chamada Concha a mandava chamar, precisamente em uma ocasião em que Concha não estava em casa.

Sem desconfiar do laço que lhe armavam, a amante de Vicente encaminhou-se para casa da sua amiga e quando entrou no portal d'esta é que reparou em um homem que no mesmo momento entrava tambem. Sem se assustar, porque longe estava de suppor o fim que aquelle homem tinha em vista, Lola chamou pela sua amiga; mas n'esse momento o homem que entrava cingiu-a pela cintura, em quanto outro que immediatamente appareceu lhe lançou pelo rosto um lenço, empregnado sem duvida por uma substancia forte, porque a pobre rapariga perdeu de repente os sentidos.

Os dous homens conduziram-a com a maior precaução para a rua, fazendo-a entrar para uma cadeirinha que se achava á porta.

A noute era escura e a rua era pouco concorrida áquella hora.

Já sabemos que Lola dera entrada, desmaiada, na Casa dos Diabos.

Quando ella recuperou os sentidos, o marquez não estava na sua presença. Tinha ido em busca de uns amigos, companheiros de devassidão, afim de celebrarem juntos com um sumptuoso banquete a aposta que o marquez ganhara.

Quando os cinco amigos voltaram, e a ceia foi para a mesa, romperam desde logo sobre o marquez as interrogações, porque este tinha-lhes promettido a presença da sua conquista, e todos esperavam anciosos a sua chegada.

—Parece-me, disse um dos jovens, que Julio está caçoando comnosco.

—O caso é, disse outro, que toda a noute está fallando de Lola, e ella não apparece.

—Parecia-me, acrescentou o terceiro, que uma vez que é por causa d'ella que aqui nos achamos, já era tempo de a apresentar.

—Isso, apressou-se a dizer o quarto conviva, era bom se Julio tivesse effectivamente triumphado da resistencia da sua bella; mas o que me parece é que tudo isto não passa d'uma burla do marquez.

—Alto lá, acrescentou este. De tal é que eu não era capaz. E se querem a prova, vou apresental-a.

—Mandando vir Lola?

—Exactamente.

O marquez levantou-se, o que mereceu dos seus amigos uma salva de palmas.

—Já ha muito a deverias ter mandado vir.

—E' que quiz dar-lhe tempo para ella reflexionar ácerca da sua situação.

—Que, quanto a mim, não póde ser melhor, observou um dos jovens.

—Ser amante d'um marquez não é cousa d'engeitar.

—Tanto mais que o marquez promette guardar-lhe fidelidade os primeiros dous ou tres mezes.

—Ou pelo menos alguns dias, o que vale o mesmo, acrescentou o marquez.

—Mas Lola é formosa.

—E o marquez inconstante.

—Não, meus amigos, atalhou o marquez. Prometto guardar-lhe constancia.

—Quanto tempo?

—Oito dias.

—Bravo! Bravo!

O marquez, entre as gargalhadas e applausos dos seus amigos, dirigiu-se para a porta da sala.

(Continua)

RUINAS DE CARTHAGO

Carthago! Que recordações desperta o nome d'esta cidade famosa!

Fundada por uma colonia de phenicios, oitocentos oitenta e tres annos antes de Christo, governada pela celebre Dido, aquella rainha a quem a brilhante fabula de Virgilio deu tanta poesia, tornou-se depressa a herdeira do sceptro dos mares, que perdia a mãe patria, a apregoada Tyro. Cercada de asperos areaes, comprehendeu bem cedo que o commercio era o unico dote que os deuses lhe haviam legado; assim, todos os seus esforços se voltaram para este ramo da industria e todos os mais interesses foram sacrificados áquelle.

TUNEL DO MONTE CENIS

Escusado seria procurar dentro de seus muros as artes d'Athenas, ou as sabias instituições dos padres do Egypto; o negocio era a sua unica occupação, a unica arte dos seus habitantes. Entre estes a guerra não foi mais do que uma especulação de negociantes e meio de conservar os seus vastos depositos, disseminados pela Hespanha, Secilia e Sardenha.

Os seus navios sulcam os mares em todas as direcções. Os seus navegadores, tão intrepidos como os modernos Gamas, estendem as suas aventurosas excursões até mares então desconhecidos, que banham a Europa septentrional, e chegam a um tempo ás margens glaciaes da Inglaterra e das Gallias, assim como ás aridas plagas do deserto africano, onde as hordas errantes lhe vendem a baixo preço o ouro e o marfim. Alguns auctores pretendem até que o novo mundo lhes não era desconhecido; pelo menos é certo que todos os annos os carthaginezes enviavam numerosas frotas a uma terra que chamavam Atlantida, situada muito além do estreito de Gadés (Gibraltar).

Do outro lado do Mediterraneo, erguia-se uma cidade poderosa. Roma tinha subjugado todos os pequenos povos da Italia; toda a peninsula obedecia ás suas leis, e já ella lançava olhares cobiçosos sobre a Secilia, de que só estava separada pelo estreito de Messina.

Até então as duas cidades tinham permanecido como desconhecidas uma da outra; mas quando as suas fronteiras se tocaram, tornaram-se rivaes e em breve inimigas. Rebentou uma lucta violenta, e depois de longa peleja, a Africa foi obrigada a pedir a paz. Obteve-a; mas com condicções muito prejudiciaes para o seu commercio. Assim, esperou o primeiro momento favoravel para a romper.

N'essa epoca um homem, sahido dos seus muros ainda creança, passou á Hespanha e reduziu a cinzas Sagunto, a alliada dos romanos; atravessou as florestas da Gallia, pelo meio de povos bellicosos e ferozes; passou os Alpes com um punhado de soldados; despenhou-se sobre as ferteis planicies que banham o Pó e com tres sangrentas batalhas lançou o terror em Roma. Sustentado unicamente pelo odio mortal, que tinha jurado, diante do altar e entre os braços de seu pae, á rival da sua patria, resiste durante quinze annos aos esforços de toda a Italia; depois, obrigado a ceder, retira-se para a Africa e combate ainda contra o seu moço e brilhante adversario, e expulso pela ingratidão dos seus concidadãos, vae procurar no fundo da Asia Menor os inimigos de Roma, e ahi morre quasi esquecido pela sua patria, mas não pelo odio do senado italiano, que só depois da sua morte pôde respirar.

Este homem era Annibal. Quando o seu braço potente não pôde proteger mais a Africa, a ruina de Carthago tornou-se inevitavel. Assim, apesar da coragem desesperada dos seus habitantes, cahiu a famosa cidade aos golpes de Scipião, que não deixou no seu logar mais do que um monte de ruinas fumegantes, sobre as quaes Mario ia, ao pôr do sol, meditar sobre a instabilidade da fortuna.

Hoje, os viajantes que a tempestade arroja para aquellas praias desertas, procuram debalde reconhecer o sitio onde se ergueu a cidade de Dido. Alguns fragmentos de muros, que defendiam os portos, restos d'aqueductos d'origem romana, são tudo o que resta da cidade

famosa, onde succederam tantas gerações. Nos mares d'agoa suja que a cercam, o flammante, que choca os seus ovos, parece de longe a flor vermelha d'alguma planta gigantesca; os carneiros passeiam por cima das ruinas; por meio d'esses tristes restos galopam os cavalleiros mouros, e o vento do deserto geme por entre os buracos d'alguns muros derrocados, e o mar, outr'ora coberto de innumeros navios, desenrola as suas ondas azues sobre as areias estereis, onde a vegetação é rara e enfesada.

A VOZ DO PROGRESSO

Decididamente o pittoresco desapparece diante da voz do progresso.

Pobre mundo! O teu destino é de veras digno de lastima. Bandos d'engenheiros, obedecendo ao impulso da mola irresistivel que se chama o progresso, espalham-se por sobre a tua face para te revolverem as entranhas, transformando-te, tirando-te toda a poesia local, dada, não pelos homens, mas por uma natureza providencial. Em nome da civilisação de que se dizem apostolos, procuram arrebatar-te a poesia dos teus rios, dos teus campos, das tuas colinas cultivadas e ferteis; procuram até arrebatar-te a suavidade do teu ceo, a doçura e pureza do teu clima!

MARIO EM CARTHAGO

Conhece o leitor cousa mais funebre do que um caminho de ferro, com os seus rails e wagões, o seu fumo negro e espesso, sahindo d'umas chaminés que parecem bocas do inferno quando despedem o silvo rouco, que se repercute de quebrada em quebrada como a voz da tempestade? Conhece nada mais desagradavel do que o sussurro da machina e o perpassar terrivel, methodico, pautado, silencioso, da locomotiva, que se assimilha ao esquife eterno do velho barqueiro dos abysmos?

A unica poesia que nos restava, a poesia das viagens, tudo se concitou para nol-a arrebatar.

Do interior do mais modesto vehiculo avistava-se ao menos, através dos vidros das janellas, a folhagem verde e o ceo azul; podia-se ao menos ouvir o terno chilrear das aves ao redor do ninho; podia-se gosar o perfume das flores, agitadas do zephyro. Pois todos estes encantos, estas delicias campestres, tão amadas dos poetas arcadicos, desterrou-as o progresso. O barbaro!

E que nos deu elle em paga? Deu-nos o caminho de ferro, isto é, uma mistura de ferro e madeira, de carvão e agoa!

E isto é que é a alavanca do progresso; é com isto que se quer offuscar as bellezas da natureza!

A natureza!... Pois se o barbaro, até quando a paisagem é mais formosa, quando o terreno forma um declive mais pronunciado, de cujo alto pode a vista abraçar um horisonte mais largo, elle evita tudo isso e mette-se pelo centro da terra, dominado só da ideia de chegar mais depressa, como receando perder-se na contemplação de tantas maravilhas e esquecer-se da sua missão!

O espirito mercantil da epoca parece ter horror a tudo o que é attrahente. O ferro e a madeira substituem a relva da campina, as arvores seculares desapparecem diante das officinas; monumentos de formas pesadas, macissas, erguem-se sobre as ruinas das flechas elegantes, das torres esveltas, que, como os gigantes da idade media, estavam postados á entrada das cathedraes gothicas: em uma palavra o desgracioso wagão succedeu ao elegante caleche. Nada de paisagem, de florestas, de côr local, para o viajante avido de commoções ternas; tudo desappareceu, espavorido, diante da voz do progresso. Morreram as delicias campestres. O campo já não é campo. Ao cantar das aves succedeu o murmurio surdo da locomotiva, o silvo agudo da machina; ao dôce azul dos ceos prefere-se um ambiente negro de fumo espesso; o suave perfume das flores foi substituido pelo cheiro acre do enxofre.

O progresso é isto; é o positivo, a prosa vil da vida.

Quando me lembro que ainda hoje, nas pittorescas montanhas da Biscaya, o viajante tem uma commoda liteira, puxada por duas mulas garridamente empenachadas e guiadas por um arrieiro não menos garridamente enfeitado do que as passiveis alimarias; quando me lembra esse delicioso meio de viajar, sinto-me tentado a amaldiçoar o progresso que furou o monte Cenis, que abriu o canal de Suez, que lançou sobre o nosso patrio Douro a elegante ponte de Maria Pia. Sim. Prefiro viajar na Biscaya, ainda que me chamem rotineiro, fossil, retrogrado, ainda que me digam que estou afastado dous seculos da minha epoca, a ir de Paris a Nice, ou de Florença a Roma, em uma sumptuosa carruagem de primeira classe.

Mas o mundo caminha, e a voz do progresso arrasta-nos, bom ou mau grado nosso, para mundos desconhecidos. Vamos lá. O melhor será deixar-nos ir com a moda.

Mesmo porque póde algum leitor tomar isto a serio e chamar-nos por ahi sebastianista...

AUGUSTO PINHEIRO

A MEDITAÇÃO DE JESUS

—

Oh Christo! Quando no meio d'uma plebe corrompida pela servidão, e incendida contra ti pela credulidade em palavras d'hypocritas, tu eras arrastado pelas vagas populares na terrivel procella do dia extremo da vida, por certo que o teu coração verteu sangue debaixo do peso de tão dilatada agonia.

Como, pois, foi possivel que, diante dos insensatos que te atormentaram, Rei da philosophia eterna, não clamasses segunda vez ao pae como na solidão de Gethsemani, para que te affastasse dos labios o calix que trasbordava de fel e d'amargura?

Como foi possivel que tu, o que havias condemnado as gerações passadas, e arremessado as futuras por um caminho até ahi incognito, não curvasses a cabeça diante do espectro de padecer atroz e não trahisses a tua missão dizendo—Basta? — fazendo cair a teus pés com a face no pó os verdugos da tua innocencia?

N'essa hora, filho do homem, não eras tu fraco e mortal como todos os teus irmãos?

Na historia da tua mysteriosa passagem na terra muitas paginas quizeste, oh Christo, que fossem deixadas em branco; por ventura, porque se a historia fosse completa, a sabedoria do homem poderia igualar a sabedoria de Deus.

Nós achamos hoje os vestigios dos teus pés pela subida do Golgotha; mas estão apagados os que estampaste nas ruas de Salêm na hora em que os assassinos tinham vestido a toga de juizes, e julgando-te pela lei do odio popular blasfemavam da justiça.

Foi essa hora de dolorosa anciedade que a tradicção guardou no incompleto thesouro do Evangelho, e por isso a tua constancia entre as afrontas e atrocidades das turbas desenfreadas por hypocritas é o mais terrivel e profundo dos mysterios da tua morada na terra.

Na cruz semi-morto estorceste-te, oh Christo, nos transes da agonia e bradaste ao Senhor: — *Heli! Heli!* — Porque padeceste e soffreste em silencio na hora em que eras cheio de vida?

Por certo que quando os esbirros e algozes te levaram entre apupos e risadas perante Pilatos, e entre os brados de morte d'aquelles para quem o teu exemplo era um remorso, elles te deixaram repousar assentado sobre o marco da estrada no transito d'amargura.

E tu, oh Christo, ficaste alguns momentos só com os teus pensamentos, immensos e insondaveis qual o espaço em que está derramada e perdida a infinidade dos mundos: e estes momentos avivaram e consolaram o teu espirito.

Depois que o governador romano procurara resgatar-te, por preço de vituperios e cruezas da sanha sanguisedenta dos hebreus, e não o alcançando te entregara aos furiosos para que te arrastassem ao calvario, lavando as mãos do crime, emquanto elles clamavam que o sangue do justo cahisse em cima de suas cabeças e das cabeças de seus filhos, os soldados te conduziam ao publico.

E o pobre Simão de Cyrene não tinha ainda tomado aos hombros o instrumento ignominioso do teu suplicio, que hoje é para os homens o pharol da esperança.

Foi então talvez, que encostaste os membros pisados e feridos sobre a pedra fria á borda do caminho do Golgotha.

Porque o Senhor que te enviara á terra moveu os animos dos algozes para que te deixassem repousar e n'esses curtos instantes a ideia da tua missão, generosa e terrivel, aniquilando em ti o sentimento da existencia material, te avigorou o espirito até o logar do sacrificio.

A consolação desceu sobre ti, oh atribulado, esquecendo-te do logar em que estavas, e dos que ao redor da victima esperavam em silencio que ella se erguesse para proseguirem no seu prestito festivo d'antropophagos.

Com a fronte encostada ao braço, firmado sobre os joelhos, foi larga e profunda a tua meditação, que abrangia, no espaço o mundo, e no tempo os seculos passados, o presente e o indifinito porvir.

Porque para ti não havia estas medidas por onde o homem é constrangido a aferir os phenomenos do universo, e que tirando-as do seu modo de existir para as applicar ao que o rodeia, denominou — duração — extenção.

Sobre a tua cabeça um ceo sem limites patenteava os mysterios que encerra a teus olhos divinos, e volvendo estes para a terra vias o orbe inteiro a teus pés; e a sua historia desde o primeiro até o ultimo dos dias estava escrita na face d'elle.

Que viste, oh Jesus, na historia que passara, e na que passava rapida ao redor de ti? *Corrupção* e *miseria.*

Vistes os homens separados dos homens detestarem-se e perseguirem-se ignorando que eram irmãos: viste o crime de Caim convertido em norma dos povos.

Viste que a virtude era uma ostentação vã — um embuste contado ás multidões, porque não se firmava nem no ceo nem na esperança: que o poder era uma tyrannia insofrivel, e a obediencia servidão: tyrannia até no ser pae, escravidão até no ser filho.

Viste á roda de ti desmentidos todos os affectos humanos: viste a espada posta no logar da lei: viste combate de gladiadores e o pão arrojado pelos despotas ao tigre popular para haverem de pôr mais longe a hora de serem devorados por elle.

Viste a superstição dos idolos, um culto dissoluto e infame aos deuses das mãos dos homens, e os vicios e crimes santificados por hypocritas.

As gerações que te precederam e a que te rodeava estavam como um cadaver gangrenado: a civilisação era um outropel, a vida um materialismo incensato.

A sociedade fôra pois, até a tua vinda, uma mentira maldicta: engano cruel continuaria a ser, se tu, oh Christo, não tiveras vindo para a transformares com a tua sabedoria celeste.

Tu afastaste então os olhos horrorisado d'este espectaculo atroz para contemplares o futuro, que, filho do teu Evangelho, rejeitava e condemnava o passado.

E a temerosa Cruz do suplicio te appareceu gloriosa, porque se erguia como um pendão, em volta do qual se ajuntavam os que pelejavam por ti com as armas da verdade, da resignação e do amor.

(Continua) A. Herculano

SCIENCIA PARA TODOS

I

O REINO ANIMAL

(Conclusão)

O *hydatido*, que se encontra nos carneiros, não passa d'um pus aquoso, e parece desprovido de toda a faculdade animal. Comtudo, excitado ou picado, *contracta-se* e mostra a sua *irritabilidade.*

Que progressão maravilhosa vae desde estes animaes de construcção tão simples até essa vasta complicação de espirito e de corpo, que se nota no homem!

A linha é porém interrompida pela addicção de musculos, pelo augmento do movimento, por outros sentidos como a vista e o ouvido, e pelos differentes graos d'irritabilidade d'um dos sentidos.

O sangue renova-se ao circular atravès dos pulmões e os musculos do coração concorrem para a sua acção. As secreções teem logar pelas diversas glandulas; os musculos fazem mover os ossos; os nervos transmittem o effeito da percepção áquella parte do cerebro que se chama *cerebrum,* onde produzem as sensações, ao passo que a vontade procede do *cerebello.*

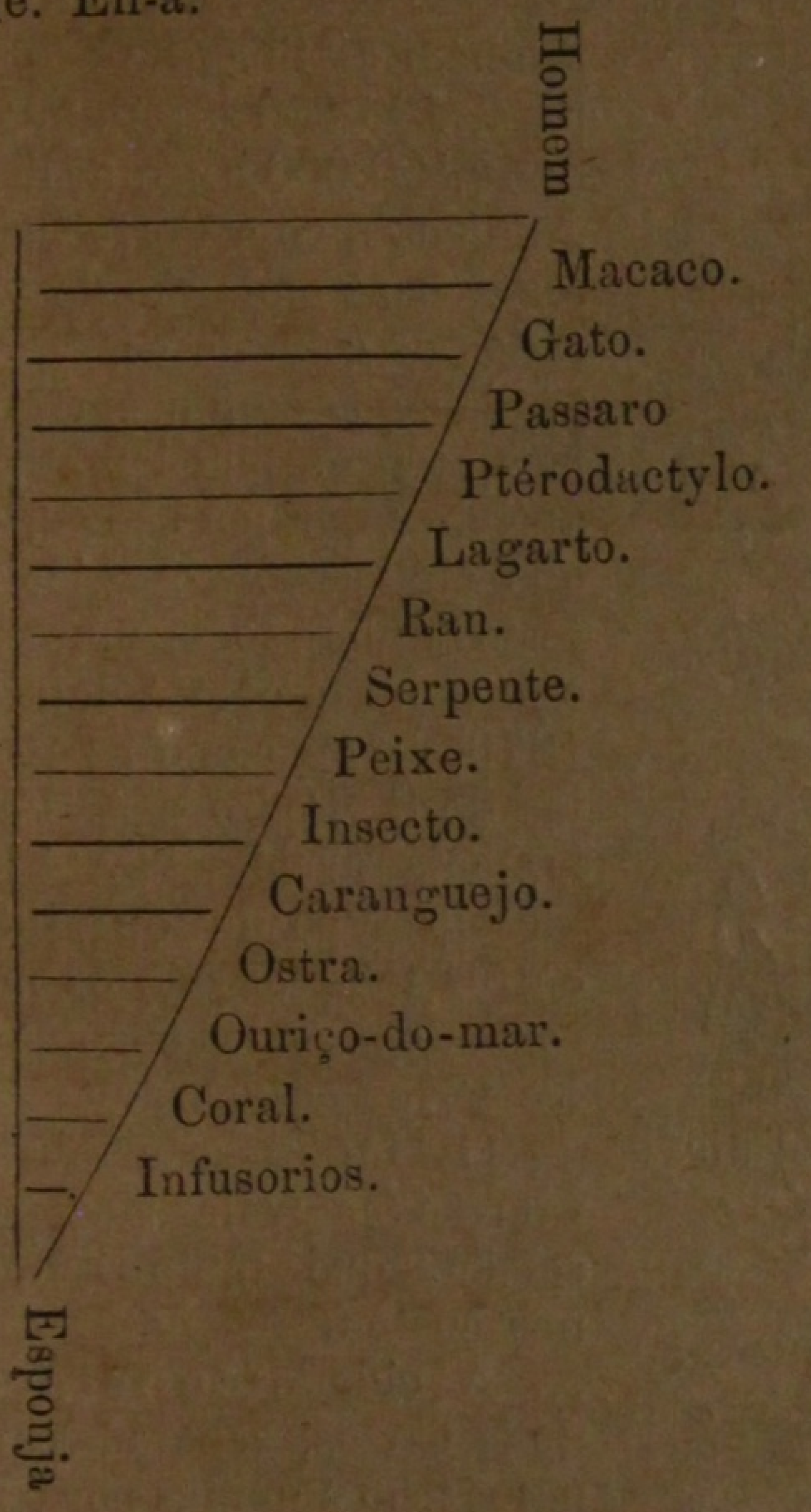
Toda a natureza animal está dividida em animaes *simples* e animaes *complicados.* Os simples são os que não possuem as faculdades da contracção muscular e da absorpção alimentar.

Posto que os animaes em geral se distingam sufficientemente dos vegetaes, entretanto as gradações da natureza são tão pequenas, que muitos animaes parecem muito pouco affastados dos vegetaes e não teem mais d'um ou dous sentidos; alguns até são privados da faculdade locomotora; taes são muitos mariscos.

Na vasta escala dos seres, segundo o que acabamos de ver, temos o homem occupando o ponto culminante, o primeiro

grao, como rei que é de toda a creação, ao passo que o ultimo grao é occupado pelos zoophytos, verdadeiros animaes-plantas, ou seres que marcam a transicção entre os dous reinos da natureza, animaes e vegetaes a um tempo, e cuja organisação não é menos perfeita do que a do mais completo animal ou a do vegetal mais bem desenvolvido.

Concluiremos este trabalho offerecendo ao leitor, para melhor comprehensão do que acabamos d'expor, uma escala zoologica confeccionada por Mr. Blainville. Eil-a:



O ponto mais elevado d'esta escala é o occupado pelo homem, e o ultimo pela esponja. O espaço que os separa é reservado para a multidão immensa d'animaes. Cada um corresponde a uma linha, tanto mais longa quanto a organisação é mais perfeita. As especies fosseis occupam um logar muito importante n'este systema. Bastantes graos ficariam vasios se para os encher M. Blainville não exhumasse alguns velhos restos de tempos anti-historicos. E' por isso que para ter um elo que unisse os reptis aos passaros, a natureza parece haver creado de proposito o ptérodactylo, animal anti-diluviano, especie de lagarto-voador.

Doutor Jayme

BELLAS-ARTES

EXPOSIÇÃO-BASAR DO CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

Collega e amigo Leal

Permitte-me que em desafronta das insinuações perfidas que transpiram, de envolta com um despeito suez, d'um artigo que no ultimo numero do teu apreciavel semanario publicaste a respeito da exposição do Centro Artistico Portuense, eu venha desafivelar a mascara truanesca do anonymo que subscreve essa verrina e desfazer a má impressão que por acaso esse escripto podesse causar no animo do publico desprevenido.

Conheço que a indole da tua folha não permitte polemicas que roubam certamente leitura mais agradavel e proveitosa aos teus assignantes; mas tambem o teu bom criterio não deve estranhar que sendo eu um dos fundadores do Centro Artistico, ao qual continuo a dedicar todos os esforços e boa vontade do meu pequeno prestimo, me magoe fundamente o ver um *Manlius* qualquer, tentar, com a peçonha da sua animadversão, macular as intenções desinteressadas e honestas d'uma agremiação que tem sabido merecer os elogios e a consideração de todos, excepto d'uns poucos, diminutos burlões, que por ahi vegetam na importancia balofa das suas personalidades irrisorias.

Não é a apreciação critica do merito dos objectos expostos que me preoccupa n'este momento, mas unicamente a intenção que o sujeito revela em desvirtuar as intenções e os esforços do Centro Artistico, na sua cruzada.

Assim, pois, principio por declarar que o anonymo falta impudicamente á verdade quando insinúa que o Centro, ao constituir-se, afastou do seu seio as pessoas que pela sua competencia ou pela sua posição social podiam protegel-o. Dirigiram-se, desde o começo, a todos os artistas, professores e pessoas que pela sua fortuna ou pela sua intelligencia podiam auxiliar-nos, pedidos para se agremiarem, espalhando-se além d'isso, para o mesmo fim, numerosos prospectos. E se os nossos rogos não foram attendidos pela maioria d'essas pessoas, o que nos restou foi lastimar-mo-nos da infelicidade de não podermos contar no nosso gremio pessoas cuja camaradagem nos sería tão honrosa como estimavel.

Quanto á lacuna que o auctor do escripto diz notar na exposição, de certos nomes conhecidos no mundo artistico, a culpa é d'essas sumidades, entre as quaes talvez se conte o anonymo, e não do Centro, que espalhou grande quantidade de programmas pelos artistas e pessoas que sabia poderem concorrer, tendo além d'isso a imprensa dado sobejo conhecimento, por todo o paiz, da tentativa que o Centro ia levar a effeito. Ainda assim é-nos grato, por muito que pese a *Manlius*, ver que corresponderam brilhantemente ao nosso appello, artistas, corporações e colleccionadores, respeitaveis entre os mais respeitaveis.

Sobre o numero *diminutissimo* de telas «mais ou menos cobertas de côres a oleo» que se veem na exposição, o cerzidor de disparates sabe tão bem como eu que as nossas exposições artisticas são por via de regra concorridas em relação ao meio em que vivemos e á quantidade de cultores que possuimos, e a prova são as exposições triennaes da nossa academia, que apesar da boa vontade e dos esforços que ella emprega sempre, não poderam ainda attingir o brilhantismo que sería para desejar; são em identidade de circunstancias as exposições da Sociedade Promotora, e ainda agora, quando, para Portugal se fazer representar sem pejo na Exposição de Madrid, foi infelizmente necessario recorrer a trabalhos, na sua grande parte feitos de ha muito e depositados nas academias ou em poder dos seus auctores, indo até ali figurar producções d'um artista já fallecido.

Por igual calumniosa é a asserção de que á organisação do Centro presidiu «um egoismo mesquinho» e n'esse intuito emprazo o anonymo para que venha, de face descoberta, proval-o.

Por ultimo, o anonymo, depois de assacar ao Centro a asseveração da falta de gosto do publico, contra o que diz protestar, depois d'uns rodeios e d'umas illacções lorpas, tenta dar a conhecer que no nosso paiz não ha indifferentismo pelas bellas-artes e que os nossos artistas vivem, graças á protecção e aos estimulos que se lhes dá, em um completo *el dorado*.

A isto respondo unicamente com a phrase d'aquelle conhecido conto popular:

—Quem não te conhecer que te compre.

E basta d'importancia ao alinhavado de toleimas e de insinuações perfidas.

A ti, amigo Leal, peço me desculpes o espaço que occupei no teu semanario, e os termos um tanto duros d'este desagravo, termos de que nunca usaria se a isso não fosse cumpelido pelas inepcias e artimanhas do rabiscador, a quem voto o mais completo despreso.

Por tudo, beija-te as mãos, o

Teu amigo, collega, obrigado,

Manoel M. Rodrigues

Porto 8 d'abril de 1881.

ZIG-ZAGS

GRANDES FOMES

Em agosto de 1126 houve nas provincias setentrionaes da Russia uma fome espantosa por causa das extraordinarias neves do inverno anterior e das inundações que se lhe seguiram. Os indigentes chegaram a vender seus filhor como carneiros, e o paiz, em breve, ficou deserto.

Em 1127 e 1128, peste e fome devoraram em toda a Europa uma quantidade prodigiosissima d'individuos, e o mesmo em 1197, na Inglaterra e Hespanha.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXVII

A INDO-CHINA

Tem este paiz 2 milhões de kilometros e 25 milhões d'habitantes. Encerra, como já dissemos, sete estados.

O imperio Birman, que no principio d'este seculo ficou sem diversas provincias, como Aracan e o Pegu, que lhe tiraram os inglezes. Capital Ava, 50:000 habitantes.

Cidade principal, Umerapura, hoje um montão de ruinas. Admira-se ahi um idolo colossal.

O Laos birman é uma região montanhosa e pouco conhecida, repartida entre pequenos principes tributarios ou subditos do imperio Birman.

O imperio d'Annam é formado do Tonkin e da Cochinchina. Capital Hué, 100:000 h. Forte praça de guerra.

Cidades principaes, Kecho, 40:000 h.; Turon, cidade forte, excellente porto de mar.

A baixa Cochinchina, (Cochinchina franceza) pertence á França desde 1862. E' um paiz cortado de grandes montanhas e rios extensos, com cheias periodicas; duas colheitas annuaes: arroz, milho, assucar, algodão, canella, pimenta, anil; a goma laca mana d'algumas arvores em resultado da picadura d'um insecto; teca (madeira dura e preciosa); pau-ferro, sandalo, aloés. A industria consiste na creação de bichos da seda; ninhos d'andorinhas. Ricas minas d'estanho.

Abundam as giboias; ha crocodilos cuja carne se come, tartarugas com uma casca lindissima e grande numero d'insectos nocivos.

Capital Saigon, cidade importante de 100:000 habitantes. Arsenaes, fundições de peças d'artilheria, estaleiros. Industria e commercio florescentes.

Cidades principaes Bieu-hao e Mitho.

A França tomou em 1867 Vinh-long, Chan-dsé e Ha-ien.

O reino de Cambodge, que é uma parte do antigo estado do mesmo nome, reconheceu em 1863 o protectorado da França. Siam conquistou a parte occidental; o Annam, parte oriental, tornou-se francez.

Siam tem por capital Bangkok, 400:000 h. Palacio real, notavel pelo seu luxo e prodigiosa altura.

Cidade principal Siam, antiga capital, 90:000 h.

O Laos siamez é composto de pequenos principados tributarios; são igualmente tributarios do Siam alguns estados pequenos da peninsula de Malaca.

As provincias do norte da Indo-China britanica compõem-se d'Assam, Arakan, de que dependem muitas ilhas, o Pegu e o Tenasserim.

Cidades principaes, Rangun, 40:000 h.; Anherst, 20:000 h.; Arakan, 9:000 h.; Akyab, 8:000 h.; Merghi, 8:000 h.; Pegu, 7:000 habitantes.

Os inglezes possuem tambem as ilhas de Singapura, 100:000 h.; Pulo-Pinang, 60:000 h.; e as ilhas Andaman, com Port-Blair, logar para onde são desterrados os criminosos.

Eis-nos emfim em Malaca, torrão que lembra o antigo valor portuguez, de que ainda são vestigios os restos d'uma forte muralha e uma porta com a data de 1670, assim como as egrejas de S. Pedro e S. Paulo, cuja architectura é do mesmo typo da de tantos outros templos que os nossos antepassados por aquellas terras edificaram.

Os inglezes arrebataram-nos aquella rica possessão, que tanto sangue nos custou.

A cidade consta de duas partes, separadas por um riacho e unidas por pontes. A parte do sul, composta de boas casas, é onde residem as auctoridades inglezas; o outro bairro, de casas humildes, é exclusivamente habitado por uma raça que descende dos portuguezes.

E' um porto excellente; mas a rivalidade da ilha do Principe de Galles tem-o prejudicado muito.

A população da cidade é de 30:000 habitantes.

O interior da peninsula encerra cinco pequenos estados e é pouco conhecido.

(Continua)

COMO SE VIAJA NA BISCAYA

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 34

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 21 D'ABRIL DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 25 rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Boileau — A lenda da ilha da Madeira — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Ultima voz de Camões (poesia) por Francisco Maria Supico — Os homens uteis de todos os paizes: Chaptal — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Industão — O anno mil — Sá Noronha — A meditação de Jesus, por A. Herculano — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Ao despertar (poesia) por Joaquim de Araujo — A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos — Datas memoraveis de Portugal: Segundo cerco de Diu — O lobo — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Boileau — Um castello da idade media — Ruinas d'um mosteiro — O lobo na ratoeira.

BOILEAU

BOILEAU

O celebre auctor da *Arte Poetica*, o cantor do *Lutrin*, nasceu em Paris em 1636 e fez a sua estreia na carreira das letras em 1660, com umas satyras, cujo effeito não podia ser mais ruidoso, effeito de todo o ponto merecido, não só em rasão do espirito mordaz e da critica fina e maliciosa que n'ellas transpiram, como por causa dos bellos versos, que observam todos os preceitos da arte.

A's satyras succederam umas epistolas, em seguida appareceu a *Arte Poetica* e emfim viu a luz o *Lutrin (A estante do coro)*, satyra viva e pungente, cuja ideia serviu, no dizer de varios auctores, para o nosso immortal Antonio Diniz escrever o *Hyssope*.

Boileau escreveu ainda algumas odes e epigrammas, assim como não deixou de provar o seu talento em bastantes escriptos em prosa.

Luiz XIV nomeou-o seu historiographo, cargo que exerceu de companhia com Racine, partilhando com este uma pensão avultada.

Nomeado membro da academia franceza em 1684, Boileau falleceu em Auteuil em 1711, victima d'uma hydropesia do coração.

Os escriptos de Boileau serão sempre estimados dos cultores das letras. Apesar, porém, da riqueza da sua imaginação, imitou muito Horacio e Juvenal.

O que não se pode negar é que prestou grandes serviços á litteratura franceza, tornando o seu seculo indifferente ás obras futeis, então tanto em voga, e fazendo nascer o gosto pelos auctores de solida reputação, como Corneille, Moliere e Racine.

A LENDA DA ILHA DA MADEIRA

(Continuação)

Berkley desculpou-se observando a nenhuma esperança que tinha de ser bem succedido por outros meios, e seduziu Arfet a ponto, não só de se esquecer d'aquella tentativa, mas de o auctorisar a repetil-a. E, como são as cousas! no mesmo dia em que Mackhain fez a sua primeira declaração a Anna, e ouviu da sua bocca a confissão de ser retribuido, n'esse mesmo dia foi ella roubada segunda vez da casa de seu pae.

E' impossivel descrever a dôr de Mackhain quando a baroneza lhe contou o que tinha succedido. Todas as pesquizas foram inuteis, como é de suppor, e como o barão as dirigia, fazia-o de maneira que não tivessem resultado algum. Por muito tempo andou Mackhain como alienado; mas por ultimo lembrou-se que podia ainda viver o homem que fôra ferido no primeiro roubo. Pelas ordens do mesmo Mackhain havia elle sido conduzido n'aquelle tempo a uma casa, para d'elle tratarem, e o amante, com outros cuidados, tinha-se totalmente esquecido d'elle. Mas agora lembrou-lhe que ambos os roubos poderiam ter sido feitos

pela mesma pessoa, provavelmente um rival, e tratou de ver se descobria aquelle homem, o que alcançou sem difficuldade. Este tinha tido tempo para reflectir nos erros da sua vida passada, e sendo ao mesmo tempo agradecido a Mackhain pelo cuidado que d'elle tomara, voluntariamente communicou ao joven amante todas as circumstancias da primeira tentativa. Por analogia ficou Mackhain convencidissimo de que Berkley era o auctor d'este segundo rapto. Rogerio (assim se chamava o ferido) confirmou-o n'esta ideia, certificando-lhe que o barão nunca abandonava uma empreza sem ser bem succedido. Determinado a empregar todos os esforços para libertar Anna, Mackhain levou Rogerio comsigo, esperando que elle poderia ser-lhe util n'alguma empreza futura. Adiante se verá se esta esperança devia ou não realisar-se.

Não se tinham passado muitas semanas, quando se pôde ver ao luar uma pequena chalupa ancorada na foz do Severn. Da margem parecia uma pequena nuvem, e alguns homens a espreitavam com attenção de cima d'um promontorio, ao abrigo do qual estava tranquillo um pequeno bote. Estes homens estavam a conversar uns com os outros com calor, e de vez em quando volviam os olhos da chalupa para as torres d'um castello, que não estava longe d'elles, e cujos contornos se desenhavam sobre o horizonte. D'ali a alguns minutos ouviu-se alguem de terra chamando em alta voz pelo bote. Aquella gente poz-se logo álerta; alguns saltaram para dentro, e pegaram nos remos, em quanto os outros prepararam as suas armas e caminharam para a parte da voz que os chamava. Poucos passos tinham dado quando appareceram duas pessoas, tendo uma nos seus braços cousa que parecia o cadaver d'uma senhora, pela maneira porque estava pendente a cabeça sobre o hombro.

—Para o bote, meus amigos, se fazeis algum caso das vossas vidas! Elles descobriram-nos e correm sobre nós!

Os homens chegaram-se todos para o bote, mas esperaram que primeiro entrasse com a sua carga aquelle que tinha fallado, e depois entraram com elle.

—Remem, com força; remem! gritava Mackhain, porque era elle.

Remaram tão bem que d'ali a dez minutos, caminhando na direcção da chalupa, esta se tornava cada vez mais visivel.

N'este meio tempo os gritos confusos que na praia se ouviam mostraram o perigo de que os fugitivos tinham escapado. Mas a nossa gente, e particularmente o seu commandante, faziam pouco caso do que havia em terra.

—Anna! gritava elle; fala-me!... tudo vae bem! Estás livre!... Oh! exclamava elle em tom afflicto e delirante; o terror e a agitação opprimem-lhe os sentidos... mas... deem-me agoa, meus amigos!

Anna torna a si; mas, achando-se só no meio de gente estranha, e homens todos, é por ventura para admirar que aquella donzella timida e delicada escondesse a sua cabeça no peito do homem que amava e que a salvou d'um perigo peor do que a morte? E' impossivel descrever as varias sensações que agitavam o coração de Roberto Mackhain, quando abraçava aquella que duas vezes tinha salvado, e que era agora sua para sempre! Ora estava alegre, ora triste, lembrando-se que esta linda e fragil flor se entregara á mercê das ondas, para se salvar d'um perigo maior.

(Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XI

Em um domingo, ás tres horas da tarde, jantavam Francisco d'Almeida, sua mulher e Jorge de Castro.

O negociante tinha um aspecto triste. Conservava-se silencioso e olhava de quando em quando para sua mulher, que conversava com o mancebo ácerca d'umas musicas recentemente apparecidas.

Jorge, que, por mais d'uma vez, surprehendera os olhares d'Almeida, extranhara o modo grave como o negociante fitava a esposa e o silencio obstinado que elle conservara desde que se haviam sentado á meza. Se o mancebo tivesse já pensado na hypothese de amar Adelina, póde ser que adivinhasse a causa do procedimento do infeliz marido; mas, innocente como estava, attribuiu a uma circunstancia qualquer, muito diversa, aquella fria reserva.

Entretanto, para quebrar a mudez de Francisco d'Almeida, Jorge aventurou estas palavras:

—Já por varias vezes, snr. Almeida, tenho pensado na inopinada sahida do snr. Pedro da Motta, sem poder atinar com o motivo que o obrigou a deixar-nos tão rapidamente, que nem sequer se despediu de mim!

—O capitão, respondeu Almeida, deixou o Rio no dia seguinte ao da sua chegada, porque um imprevisto transtorno o obrigou a esta sahida precipitada. Encarregou-me de lhe apresentar as suas despedidas, o que, por um involuntario esquecimento, não fiz opportunamente.

O tom da voz do negociante era grave, melancolico. No seu rosto havia o cunho d'uma profunda tristeza.

Depois do jantar Francisco d'Almeida propoz a sua esposa um passeio de carruagem, e convidou Jorge a acompanhal-os. O negociante formara um plano insensato, ditado pelo ciume. Alvitrara aquelle passeio e convidara o mancebo, para ter occasião d'avaliar a intimidade que porventura existia entre a esposa e Jorge de Castro. Distrahidos com o mundo exterior, no meio do bulicio de uma cidade populosa, devia ser facil surprehender um gesto, uma palavra qualquer, que fizesse luz sobre o objecto que tão atrozmente o preoccupava.

O mancebo, porém, teve a felicidade de se escusar delicadamente ao convite, adiando assim, ainda que involuntariamente, o desfecho dos acontecimentos.

O negociante sentiu-se contrariado com a recusa; mas, julgando que o receio de se trahir fosse o mobil do procedimento de Jorge, protestou intimamente procurar melhor ensejo para a realisação do seu plano.

Apenas o rodar da carruagem de Francisco d'Almeida deixou de se ouvir, o mancebo dirigiu-se ao seu gabinete e foi sentar-se junto da elegante meza onde viramos o desenho de D. Adelina. Algumas brochuras recentes ali se achavam.

Jorge folheou distrahido parte d'esses livros, leu algumas paginas; mas sentia-se de tal modo preoccupado, que tudo isto fazia como que maquinalmente.

Por fim, um relampago brilhou n'aquella vasta fronte, scintillaram-lhe os olhos com um fogo extranho, pegou d'uma penna, lançou mão d'uma folha de papel e escreveu algumas estrophes.

A febre da poesia incendiara aquelle cerebro. A inspiração visitara o mancebo.

Aquelle canto magoado, composto de notas arrancadas á lyra intima da sua alma apaixonada, reflectia a intensa e profunda saudade da patria, que, momentaneamente, mais uma vez viera salteal-o.

Os espiritos, que não rastejam na baixa esphera das almas vulgares, soffrem, de quando em quando, d'estas commoções que fazem do homem um genio, e, ao mesmo tempo, um louco.

Era quasi noute quando Francisco d'Almeida e sua esposa recolheram do passeio.

Jorge foi esperal-os no vestibulo de entrada, e acompanhou-os até á sala que precedia os aposentos dos dous esposos.

Ahi, D. Adelina pousou o chale e o chapeo sobre um camapé, e todos tres tomaram assento junto d'uma sacada, que deitava para o jardim.

A lua cheia despontava no horizonte, e a luz palida do seu disco illuminava os rostos de Francisco d'Almeida e de D. Adelina. Jorge, meio occulto na penumbra, podia impunemente contemplar o rosto da brazileira.

O tempo estava bello. Aquella noute ostentava todo o explendor da natureza tropical. Lufadas de aromas inebriantes entravam pela janella.

(Continua) ALBERTO CARLOS

ULTIMA VOZ DE CAMÕES

POESIA RECITADA NO SARAU MUSICO-LITTERARIO EM QUE A SOCIEDADE AMIZADE RECREIO INSTRUCÇÃO, DOS AÇORES, CELEBROU O TERCEIRO CENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES

—

Não é ao peso dos annos
Que vejo a fronte curvar;
São do mundo os desenganos
Que a vida me vem ceifar.
Nos fastos negros da sorte
A palavra, que diz morte,
Ha muito que soletrei.
Inda bem! Seja chegado
Esse momento sagrado
Porque tanto suspirei.

Vejo-te, patria, perdida,
Perdida sem remissão,
N'esse naufragio da vida,
Sem taboa de salvação!
Para ti, tambem o instante,
Se aproxima, em que, gigante,
Vaes o colo submetter.
Ao menos logro a ventura,
De caír na sepultura
O teu cadaver não ver!

Somente ás portas da morte
Que p'ra mim se vão abrir,
Me permitte a acerba sorte
Consagrar-te o meu carpir.
Por tributo derradeiro
A ti meu pranto, o primeiro,
Vertido d'ardente dó,
E que eu succumba, inundado,
N'este chorar magoado
Que vae sumir-se no pó.

Mas o que!... dorido pranto,
Verter pela patria, Camões!
Quem por ella soffreu tanto
A troco de ingratidões!
Quem n'este peito esforçado
Valor d'altivo soldado
Tantas vezes demonstrou!
Quem por trophéos offertar-lhe,
Quem por glorias consagrar-lhe
Tantos p'rigos affrontou!

Oh!... quem n'essas longes plagas
A serviu como eu servi?
Quem por ella fundas chagas
Supportou, quaes eu senti!
Quem do repouso os momentos
Consagrou a monumentos,
A padrões lhe alevantar?
E quem assim, a tormentas,
Se arriscou, tão violentas,
Para um livro lhe offertar?

Quem tão alto lhe cantara
Nobres glorias que ella tem?
Quem seus bravos lhe exaltara...
Quaes os meus versos? Ninguem!
Esses assombros da fama,
Heroicidades do Gama,
D'Albuquerque e do Cabral,
E de Castro a fid'lidade,
Do Egas a lealdade
Cantou alguem que me igual?

Tenho orgulho do presente
D'um livro que lhe offertei
E das luctas no Oriente
Em que as forças esgotei;
Tantos amores, pagou-me
Com a dor que me consome,
N'esta angustia sem igual;
Pedi-lhe pão e um leito,
Respondeu-me com o estreito
Asylo n'um hospital!

Feliz se eu fôra finado
Lá na gruta de Macau;
Morria ali consolado
Nos braços do meu bom Jau!
Cá, ou lá, ser esquecido,
Era o mesmo; mas soffrido
Nao teria a privação!
Nem tanta vez a meu lado
Ergueria Jau o brado
Da terrivel maldição!

Em ondas me corre o pranto
E é por ti, pobre nação!
Quasi envolvida no manto,
Te vejo da escravidão.
Vou morrer... talvez que ouse,
Uma campa onde repouse,
Que me negues suspeitar;
Mas do vate generoso,
No transe mais doloroso,
A vingança... é perdoar.

Esta dor que o peito mata
Do pobre Luiz de Camões,
E', patria, a nota d'ingrata
Que te hão de impor as nações;
Dás-me a morte de mendigo...
E eu ainda te bemdigo
Do leito do hospital!
E' que a justiça não morre
E p'lo tempo que decorre
Será justo... Portugal.

FRANCISCO MARIA SUPICO

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XVIII

CHAPTAL

Chaptal nasceu em Logaret (Lozere) em 5 de junho de 1756, e tendo seguido os estudos, foi a Montpellier sustentar a sua these, no que se houve brilhantemente, e em seguida recebeu o grao de bacharel.

Os estados do Languedoc, conhecedores das aptidões do sabio, crearam de proposito uma cadeira de chimica em Montpellier, e as lições do novo professor attrahiram logo no começo um numero tamanho de discipulos, que teve de escrever expressamente para elles os *Elementos de Chimica*, obra que foi traduzida na maior parte das lingoas da Europa.

Chaptal quiz dotar a França com fabricas de productos chimicos, e com esse intuito creou um estabelecimento cuja reputação se propagou por todo o mundo.

Foi este sabio o primeiro a compor o alumen artificial e assignalou principios faceis e seguros para a fabricação do acido sulphurico, devendo-se-lhe igualmente outras descobertas notaveis no dominio das sciencias naturaes.

No tempo da primeira republica dirigiu, de companhia com Monge e Berthollet, os grandes armamentos que a defeza da patria reclamava. Em 1797 reorganisou a escola de medicina de Montpellier.

Nomeado membro do Instituto em 1798, foi elevado a conselheiro d'estado depois do 18 brumario, e em seguida a ministro do interior.

Chaptal não abandonou nunca os estudos scientificos. Foi elle que protegeu e até praticou com successo a feliz ideia da fabricação do assucar indigena extrahido da betterraba. Os seus escriptos, actos e lições contribuiram efficazmente para os progressos das sciencias.

Morreu em 30 de julho de 1832, chorado dos sabios, de quem era amigo e protector.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXVIII

O INDUSTÃO

Depois de subirmos o golfo de Bengala, de passarmos diante de Siam, da Indo-China e do imperio Birman, encontramos á nossa esquerda o Industão, paiz que tem uma superficie de 3,500:000 kilometros quadrados e 180 milhões de habitantes.

O Industão tem por limites: ao norte o Thibet, a leste o golfo de Bengala, ao sul o mar das Indias, a oeste o Sind e o golfo d'Omam.

O clima é variado. Tem grandes rios, á frente dos quaes poremos o Ganges, que tem a sua nascente no Himalaya. Vegetação prodigiosa; as plantas crescem sem cultura; os ramos d'uma só arvore, o *pipal*, ou arvore dos banians (especie de figueira), tocando apenas o solo, ganham raizes, originando vastas florestas. Não ha senão duas estações: a das chuvas e a das seccas.

Uma das riquezas do Industão é a creação dos bichos da seda; outro ramo d'industria, muito productivo, é a pesca das perolas chamadas de Ceylão.

Os animaes domesticos transportados da Europa tem-se aclimado na India; os indios sabem domesticar o elephante. Ha pavões soberbos, lindos bengalis e colibris, ou passaros-moscas, de vistosissima plumagem.

As florestas pululam d'animaes temiveis, entre os quaes citaremos o urso, o lynx, o leopardo, a onça e finalmente o tigre real.

A India é muito nomeada pelas suas immensas riquezas: encontra-se o ouro, o ferro, a prata, o chumbo, o zinco; ha tambem minas de diamantes, rubis, lapis-lazzuli, amethistas, etc.

Pela simplicidade dos costumes, e sobretudo graças aos recursos d'aquella natureza exhuberante, o operario que fabrica os admiraveis tecidos de Cachemira ganha 40 ou 50 reis por dia, e este salario é o sufficiente para as suas necessidades. A bananeira dá-lhe o sustento já prompto e uma parte do seu vestuario; o bambu fornece-lhe os materiaes da sua cabana; o arroz cresce a olhos vistos.

Apesar de todas estas incomparaveis vantagens, grandes fomes affligem de tempos a tempos estas regiões; motivam-as quasi sempre doenças epidemicas, originadas pela insalubridade do ar, e que o governo inglez não tem poder para combater. As victimas são então numerosas entre aquelles pobres *parias*, que constituem como uma raça amaldiçoada.

A Inglaterra apoderou-se violentamente d'uma parte da India, e o seu regimen oppressor tem por mais d'uma vez originado terriveis insurreições; a mais notavel foi a de 1857, que só foi vencida fazendo verter rios de sangue.

A capital do Industão é Calcuttá, sobre o Hugli, cuja barra é defendida pelo forte William. Encerra esta fortaleza um arsenal e uma magnifica fundição de peças d'artilheria, e póde conter uma guarnição de 20:000 homens. A belleza dos edificios da cidade branca mereceu-lhe o nome de *cidade dos palacios;* a cidade negra não passa d'um amontoamento de cabanas miseraveis.

Em todas as colonias inglezas se nota isto: os funccionarios, o alto commercio, os ricos proprietarios, habitam faustosos palacios; as raças indigenas teem quasi sempre bairros separados, insalubres e feios, e habitações repellentes, imagens do captiveiro em que vivem.

A população de Calcuttá consta de 700:000 habitantes.

(Continua)

O ANNO MIL

(Conclusão)

Dous frades, Adhemar de Chabanais e Raul Glaber, deixaram a narração dos factos sobre que se baseou o terror popular.

Havia no convento de Reome um frade de costumes austeros, por nome Wulfer, o qual uma manhã teve uma visão estranha. Achava-se na egreja, depois de resar, e já todos os companheiros tinham sahido quando elle se viu cercado d'homens vestidos de branco e vermelho.

A um homem chamado Arlebaud, morador junto do castello de Joigny, aconteceu um caso de veras notavél.

Durante tres annos seguidos cairam quasi sem interrupção sobre a casa d'Arlebaud pedras de diversos tamanhos, muitas das quaes ainda pódem ver-se, dizia a chronica. Vinham no ar ou entravam pelo tecto? E' o que ninguem sabia dizer. O que é certo é que esta chuva, que cahia de dia e de noute, não feriu ninguem, nem quebrou nenhum movel.

No mez de setembro appareceu um cometa, que se avistou durante tres mezes, e era d'um brilho extraordinario.

Quatro annos antes, do mar tinha surgido uma enorme baleia junto d'um logar chamado Berneveux. Era gigantesco o monstro e caminhava do septentrião para o occidente.

Tinha-se igualmente visto na igreja das Virgens piedosas um Christo de madeira derramar lagrimas, e, cousa mais estranha ainda, na cathedral d'Orleans introduzira-se um lobo, que, agarrando-se á corda do sino grande, tocou-o com força, alarmando tudo. Triste indicio este, diz a chronica, porque no anno seguinte toda a cidade foi destruida por um terrivel incendio.

Por aquelles tempos houve uma grande erupção do Vesuvio, que, durante muitos dias, expelliu fogo e cinzas por varias bocas.

Quasi todas as cidades da Italia e da Gallia foram desvastadas por incendios violentos, e Roma, a propria Roma, não escapou ás chammas. O fogo nem sequer respeitou o madeiramento do tecto da egreja de S. Pedro.

No anno mil começou igualmente uma grande fome, que durou cinco annos. Mais de vinte mil indigentes, homens, mulheres e creanças, morreram só no ducado de França.

Tudo isto eram tristes symptomas dos males por vir, e annunciavam que o fim do mundo não estava longe. Porque emfim as calamidades, os prodigios, as epidemias não eram senão os annuncios d'uma immensa catastrophe, para convidar os peccadores á penitencia e ao arrependimento. Que outro recurso pois do que o da oração, das obras pias, das peregrinações, das fundações religiosas, que encaminhavam o homem para Deus?

Apressemo-nos a dizer que se o mundo não acabou então, não foi certamente por causa das pretendidas expiações, que o terror e a superstição imaginaram, mas com que a civilisação não perdeu de todo. Já dissemos que do movimento religioso operado ao começar o seculo XII resultaram bens incalculaveis para a causa da humanidade. Não foram só as egrejas, os mosteiros que se fundaram, as congregações que se regularisaram; foi a regeneração dos costumes, até então bastante despresados, que se operou quasi pela base. Os senhores tornaram-se menos ferozes para com os seus inferiores; as cruzadas foram um laço que apertou mais as relações entre amo e servo. No seio mesmo da familia os fidalgos da idade media tornaram-se mais trataveis. E' d'então que data verdadeiramente a consideração dada á mulher, que até ali era julgada de condicção muito inferior á do homem.

UM CASTELLO DA IDADE MEDIA

D'essa epoca emfim datam os mais bellos monumentos que se acham disseminados pela face do velho mundo. Muitos caem em ruinas como o velho mosteiro que a gravura da outra pagina representa; outros porém, como o elegante castello representado n'esta gravura, estão de pé e attestam a grandeza das concepções d'um tempo em que tudo visava ao extraordinario, em que o homem era mais do que homem, em que o mundo era um campo estreito para os feitos prodigiosos, inpirados pela fé e baseados no solido terreno da crença viva e pura.

SÁ NORONHA

(Continuação)

Partiu Noronha novamente para o Brazil, e com as saudades da patria levava uma grande magoa que o atormentava, e era a lembrança do mao pago com que ella tinha agradecido aquella visita de bom filho, depois d'uma ausencia de desesete annos. E o pobre Noronha gemia, definhava-se, agonisava sob os espinhos d'essa tortura que lhe corroía o peito. E' de crêr até que em um de esses momentos, Noronha amaldiçoasse o poder que o fizera um homem superior.

Mas Noronha arrancou um a um os espinhos pungentes d'aquella corôa de martyr; arremessou para longe o calix amargoso que lhe tinham chegado aos

labios; desceu d'aquella cruz a que o tinham pregado; mas não com a crença morta, nem com a alma gasta, porque a crença d'uma alma assim é uma luz eterna que se apura n'estes soffrimentos.

Um dia, em que elle errava á margem dos regatos, por entre as florestas virgens d'America, debaixo d'aquelle sol abrasador, no meio d'aquella rica vegetação, que faz elevar a alma até ao throno de Deus, Noronha teve uma não sei que divina visão, um não sei que sonho, um extasi, um transporte, que lhe desprendeu os pés da terra onde pousavam, que lhe deu azas, que o levou aos ceos, que lhe abriu as portas do mundo ideal, com que havia sonhado tanta vez, durante esses longos colloquios com a figura da victoria, que lhe segredára sempre ao ouvido palavras de fatidico encanto. E então, o seu espirito, elevado áquellas regiões, dominou por um pouco a immensidade que lhe ficava derredor; sentou-se sobre o mundo e abraçou os espaços! Cegou seus olhos uma luz que ardia aos seus pés; achou nuvens por cima da sua cabeça, aos seus lados anjos!... E quando a visão desappareceu e Noronha se tornou a achar sentado á beira dos regatos, entre as florestas virgens d'America, seu peito soltou um longo suspiro, que os eccos das florestas trouxeram até Portugal, e seus labios pronunciaram um *Eureka*, que queria dizer: *Agora é meu o mundo!*

Assim nasceu *Beatriz*. De um sonho sahiu uma realidade; a visão converteu-se em uma estatua. Depois soprou-lhe o genio, e essa estatua teve vida, moveu-se, fallou, avassalou o mundo!

Toda a gente sabe que *Beatriz de Portugal* foi escripta no Brazil, depois da vinda de Noronha ao Porto, em 1855, e viajando elle pelas provincias d'aquelle imperio. Todos sabem que o libretto é de A. Carlos Montoro, e que o assumpto são os infelizes amores da princeza D. Beatriz, filha do nosso venturoso rei D. Manoel, com o poeta Bernardim Ribeiro. Assumpto mil vezes digno d'inspirar sublimes harmonias era elle. E então, se é certo que a musica traduz perfeitamente a paixão, pinta o amor, faz sentir melhor o quilate e a grandeza dos quadros mais sublimes, não o é menos que Noronha se inspirou perfeitamente dos amores infelizes d'esses dous entes. Como elle traduziu em suaves harmonias aquelles ternos pensamentos, os arrebatamentos d'aquelles corações creados um para o outro, aquella profunda angustia quando soou a hora da separação para nunca mais se verem!

Aos portuenses, que applaudiram a grande obra de Noronha, não iremos nós dizer o que ella valle, que de sobejo se sabe, porque não fazemos aqui uma analyse musical para que não estamos habilitados, nem julgamos que precise de fortificar-se a boa conta em que é tida.

(Continua)

A MEDITAÇÃO DE JESUS

(Conclusão)

Os christãos das catacumbas passaram diante de ti como um exercito de martyres, que testificavam a philosophia da redempção, e cujos hymnos d'esperança retumbavam por essas arcarias immensas e tenebrosas, em quanto por cima d'elles no solo de Roma restrugiam os cantos obscenos, as risadas ebrias nas orgias dos senhores do orbe.

Depois vistel-os diante da luz do dia assistindo á longa agonia do imperio, e offerecendo ao povo gigante, que morria, como um velho infame, á força de dissoluções, a unica salvação que lhe restava — a que o Senhor guardou para arrependimento — a *d'além do sepulcro.*

Os selvagens do norte se aglomeraram então diante de teus olhos, sobre o vulto d'essa sociedade moribunda, e despedaçando e triturando entre as suas mãos de ferro templos, palacios, monumentos, leis, sciencias, tudo, na sua nativa fereza, na sua barbara virtude, não tomaram uma só peça de tantos thesouros: salvo duas cousas peregrinas em Roma, duas cousas que nunca tinham podido ligar-se e harmonisar-se com os objectos de luxo, com

RUINAS D'UM MOSTEIRO

as obras primas da civilisação antiga.

Eram estas duas cousas, oh christãos, um madeiro tosco, um rôlo de pergaminho pouco extenso! *a tua Cruz — o teu Evangelho!*

Porque para os pobres e rudes barbaros estes dous monumentos eram simples e intelligiveis: o esforço generoso e indomavel d'aquelles homens ingenuos comprehendia o teu sacrificio: a singeleza do seu coração comprehendia as virtudes que tu ensinavas, novas para elles como o tinham sido para a sociedade corrompida, que se desfazia debaixo dos seus pés.

N'este momento que separava duas formas d'existir humanas, a antiga e a moderna, a tua crença, oh filho do homem, tomava pela mão as nações, e os que surgiam do meio d'uma grande revolução social, e guiava-se pelo caminho d'uma nova civilisação bem diversa da que cessava.

Quanto hoje é honra e gloria dos grandes povos, tudo tu viste nascer da tua palavra como de fonte caudal: o facho que tu accendeste foi que alumiou o mundo.

Viste que o tronco, onde devias soffrer transe affrontoso no tôpo do Calvario, sería asylo junto do qual viriam abrigar-se milhões d'homens das gerações futuras.

Depois de haveres contemplado a tua obra, oh Jesus, ergueste-te para caminhares ao supplicio, e os que te rodeavam viram no teu rosto divino um jubilo inefavel, um sorriso de bemaventurança nos teus labios. O que tanto amara os homens julgava-se acaso pago d'um sacrificio immenso?...

A tua boca não o disse: tu guardaste para ti esse mysterioso segredo!

O juiz a quem se revelou a tua innocencia chamou-te o *homem*. Nós a quem tu revelaste os nossos eternos destinos, e os mais puros e santos affectos da vida moral, nós te chamamos um Deus.

Mas a ingratidão não foi exterminada da terra!

Veio um seculo em que a arvore da civilisação e da sciencia estava robusta e cheia de viço: a vasta sombra de seus ramos abrigava a melhor parte do genero humano: e os filhos da civilisação e da sciencia começaram a envergonhar-se de ti, e logo depois a motejar-te, e a cuspir-te nas faces como haviam feito os judeus.

Os desgraçados pensavam que essa arvore plantada por ti, e por ti só, tinha chegado á perfeição do vicejar, e que os que viviam debaixo d'ella eram bem superiores ao que escondera na terra a sementinha incognita da qual ella nascera.

O Evangelho era porém eterno!

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos turvados do alto dos ceos para condemnares estes homens orgulhosos, estes sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, elles tinham passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o *grande silencio das suas campas*.

E a nós que lhes succedemos, vistenos de joelhos de roda da tua cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens, e foi-nos provado então que ella nascera no calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina: a philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o Lábaro da tua philosophia.

A sciencia que indaga maravilhas pelos plainos do ceo, ou vae procural-as nas lobregas entranhas da terra, que as busca nos continentes, ou no vulto enorme dos mares, amontôa-as para com ellas tecer a coroa da tua gloria.

As nações que vês agitarem-se, e rugirem dolorosamente em luctas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas taboas de bronze das Leis duas palavras que rezumem todo o Evangelho — *Liberdade* e *fraternidade*.

Aquellas, emfim, a quem a natureza enriqueceu com os thesouros do genio, derramam a teus pés quantas harmonias mais sublimes e suaves a poesia revelou a este seculo, que crê e espera, como Maria, o balsamo do nardo.

A mim, que sou pobre como a viuva que afastou o obulo, perdoarás por certo, oh Christo, estas linhas escriptas no pedestal da tua cruz, durante os dias em que os teus crentes celebram a memoria do tremendo sacrificio do Golgotha.

A. Herculano

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XX

O FIM DA CEIA

Ainda que o primeiro impulso do marquez foi dirigir-se pessoalmente á sala onde estava Dolores, mudou subitamente d'ideia, e, chamando um criado, deu-lhe ordem para que fosse dizer a Lola que o acompanhasse, sem comtudo lhe dizer para onde a ia conduzir.

Lola, que esperava a todo o momento ver chegar o marquez, não deixou de surprehender-se ao ver o criado, e perguntou-lhe:

—Manda-te teu amo?

—Eu não tenho amo, respondeu o criado.

—Então que me queres?

—Quero dizer-lhe que póde sahir.

—Para ir para minha casa?

—Sim, para lá, ou para onde quizer.

—Restituem-me então a liberdade? Já era tempo.

Lola não reflectiu que era pouco provavel terem-a levado para aquella casa para pouco depois a deixarem ir muito a seu salvo; assim, acompanhou o criado até á porta, e ali, depois d'este se adiantar alguns passos, abriu uma porta e disse:

—Póde sahir.

N'aquelle momento o marquez, que para fazer mais forte a surpreza tinha pedido aos seus amigos que guardassem o maior silencio, aproximou-se da porta, e no momento de n'ella apparecer Lola, tomou-a violentamente por um braço, e dando ordem ao criado que fechasse a porta, arrastou-a para junto da mesa.

Uma salva de palmas acolheu a entrada de Dolores.

Esta, surprehendida a principio, socegou immediatamente.

—Digna façanha de cavalleiros como os senhores! exclamou ella, lançando sobre o marquez um olhar de desprezo.

—Vamos, Lola, disse um dos amphytriões levantando-se da cadeira e apresentando-lhe um copo cheio de vinho. Não te tornes esquiva e vem fazer uma saude com os Cavalleiros do Amor.

—Vamos, disse o marquez; está aqui um assento reservado para ti.

—A minha dignidade, respondeu Lola com altivez, manda-me repellir a vossa companhia.

E Dolores deu um passo para a porta.

—Sinto dizer-te, atalhou o marquez, que, se para entrares as portas estavam abertas, para sahires estão todas fechadas.

O marquez lançou novamente a mão a Dolores para a obrigar a tomar o assento que lhe tinham destinado; mas n'este momento a porta abriu-se com estrondo, e assomou a ella Luiz de Guevara.

O assombro foi geral.

—Que é isto, senhores! exclamou elle.

Lola, que conhecia D. Luiz e adivinhou desde logo n'elle um salvador, correu para elle.

—Estes senhores trouxeram-me para aqui á força, exclamou ella, e agora querem obrigar-me a beber com elles, depois de dizerem-me que não sahirei mais d'aqui.

D. Luiz sorriu, o que tranquilisou a donzella.

—Era isso que lhe diziam? Pois eu vou mostrar-lhe o contrario. Siga-me e verá.

E offereceu o braço a Lola, que não póde deixar d'apoiar-se n'elle, lançando para o marquez um olhar de soberano desprezo e ao mesmo tempo de triumpho, que devia excitar grandemente a sua colera.

Adiantando-se para Luiz:

—Cavalleiro... disse o marquez.

—Que me quer? perguntou Luiz com serenidade.

—Quero perguntar-lhe com que direito vem interromper a nossa ceia e que lhe importam os meus negocios particulares.

—O senhor esquece a casa em que está? perguntou D. Luiz.

—Dentro d'ella tenho os mesmos direitos que o senhor.

— Lembra-se dos estatutos que jurou cumprir?

—A pergunta é intempestiva.

—Não o é. Ha um artigo que o senhor acaba d'infringir. E' aquelle que prohibe attrahir a esta casa uma mulher contra sua vontade. Estou certo que esta joven veio para aqui á força.

—Trouxeram-me em uma cadeirinha, para onde dous homens me atiraram, e quando aqui cheguei estava eu desmaiada disse Lola.

—Bem, disse D. Luiz. E' justo pôr termo a este escandalo. A senhora vae ser conduzida a sua casa.

—Por quem? perguntou o marquez.

—Por mim, respondeu D. Luiz.

—Quer dizer que se oppõe aos meus desejos? tornou o marquez.

—Bem vê. Não sería eu que consentisse em uma tal infamia.

—Essas palavras!... exclamou furioso o marquez levando a mão ao punho da espada.

—Não retiro uma unica. Espere que eu volte d'acompanhar Lola e estarei ás suas ordens, senhor seductor.

—Mas repare, D. Luiz, disse um dos amigos do marquez, que por similhante cousa não vale a pena cruzar as armas.

—Silencio! gritou Luiz. Voltarei em breve, e se quizerem esperar-me, ainda hoje, amanhã ou quando quizerem, estarei ás suas ordens se se julgam offendidos.

E, voltando-se para Lola, o cavalleiro offereceu-lhe de novo o braço, ao passo que o marquez, continuando a afagar o punho da espada, exclamou:

—Juro que heide vingar-me d'esta affronta.

Luiz não respondeu; mas, ao sahir da sala, voltou a cabeça para dizer:

—Espero que, por dignidade propria, os senhores guardarão silencio sobre o que acaba de succeder.

(Continua)

AO DESPERTAR

Hontem sonhei comtigo, minha amada!
Vi-te junto de mim, como se fosses
A visão das visões puras e doces
D'uma noute ideal e constellada.

Que ventura o sonhar a cada instante
Um sonho, como aquelle, onde surgisse,
A meu lado, o teu palido semblante,
Como um lyrio de luz, que se entreabrisse!

Se ninguem me chamasse á realidade,
E eu consumisse a minha vida inteira,
A vêr-te nos meus sonhos, companheira
Da minha desmaiada mocidade!...

Mas! vê lá, acordei estremunhado,
E ao fugir-me a dulcissima esperança,
Sorria, junto a mim, uma creança,
N'um retrato, que eu tinha encaixilhado...

Joaquim de Araujo

A MULHER NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

I

Perde-se na noute infinda dos tempos a historia do christianismo. A sciencia no seu incessante caminhar através das idades, não póde ainda com firmeza dizer ao homem qual a sua verdadeira origem. Se seguirmos a opinião, reproba, de Lamark, veremos no homem apenas um aperfeiçoamento do macaco. Mas similhante theoria foi magistralmente refutada por Stephens, Liell e tantos outros que se teem occupado do assumpto.

E' por conseguinte inegavel que o homem é uma creação especial d'um ser supremo, a cuja voz a natureza inteira obedece.

O homem destaca-se dos outros seres como o sereno e limpido luar se destaca da noute escura e procellosa, ou como a casa da oração se differença do covil tetrico do criminoso; tem um não sei que d'especial, de magestatico emfim. Do irracional ao homem ha um salto, que a lei da evolução dos corpos não pode de per si só salvar, como com elevado criterio disse Marques Gomes, o consciencioso escriptor da *Mulher através dos seculos.*

Se porém a origem nativa do homem é ainda um ponto negro por esclarecer no vasto oceano da historia; se o veo negro do ignotus encobre ainda á limpida chamma da sciencia a descendencia definitiva do homem, não é certamente tão insondavel segredo o momento da apparição do homem sobre a terra.

Não disse por em quanto a sciencia a sua ultima palavra n'este ponto; mas quasi se tem já por certo que esse apparecimento teve logar no começo da epoca quaternaria, isto é, antes do phenomeno geologico do diluvio, ou mesmo ainda antes do periodo glacial que precedeu aquelle grande cataclismo cosmico. (1)

Em quanto ao berço primitivo da humanidade, segundo a confirmação das ultimas descobertas scientificas, foi a Asia o paiz das origens. Mas a sciencia não pode ir mais alem, pára aqui. Que serie de phenomenos sociologicos se deram ao despontar da existencia humana? Quaes os primeiros passos do homem sobre a terra? Quaes os impulsos do coração do homem primitivo? Talvez não tarde o dia em que o facho luminoso e refulgente da sciencia responda a estas perguntas.

E' certo porém que o homem na sua primitiva existencia devia exceder em grosseria os selvagens d'hoje.

Errante no meio dos vicejantes prados orientaes, onde a providencia o collocou, a sua vida era uma lucta constante com a natureza inteira; perseguido pelas féras, acossado pelas tempestades, pelo frio e pela fóme, sem armas para se defender dos seres irracionaes, a sua existencia tormentosa e insoffrida resumia-se n'isto: caçar para comer, alojar-se de noute no mais recondito dos valles, nas cavernas mais immundas e infectas, onde não entrassem as feras que tanto o perseguiam, e... mais nada. Sem tecto nem lar, sem familia nem lei, a sua vida era um martyrio. A natureza inteira conspirava-se contra elle em eterna lucta.

Não, que o homem fôra destinado por Deus para ser o rei da creação! Mas era elle quem havia de levantar e de firmar no sólo movediço o seu throno magestatico, com os esforços do seu braço e da sua intelligencia. E cada passo mais dado na senda do progresso, devia ser mais uma pedra fina engastada na sua coróa de monarca. A estrada do progresso vae dar á realeza do homem. (2)

II

Durante o longo periodo que acabamos de descrever, geologicamente chamado a idade de pedra, qual sería a posição moral da mulher? E' o que vamos tentar descrever a traços largos visto não termos a robustez d'intelligencia precisa para penetrar no emmaranhado labyrintho da historia antiga. Ainda felizmente conhecemos e admiramos as descripções imponentes traçadas pela mão habil dos grandes mestres da antiguidade que se occuparam em especial da mulher; taes são: Pindaro, Petrarcha, Lycurgo, Numa, etc.

A mulher, como é facil de prever, não era a rainha do lar domestico, nem tão pouco o ser mais querido e mais affeiçoado do homem; era apenas uma besta de carga para transportar os utensilios da caça e da pesca, unica industria com que o homem provinha á sua subsistencia.

Porque o selvagem perseguido constantemente pela natureza e obrigado a repousar em rochedos e a dormir em cavernas, não tinha o tempo disponivel para consagrar á sua companheira d'infortunio a verdadeira amizade conjugal, nem o conhecimento preciso para saber comprehender a elevada missão da mulher sobre a terra.

Com effeito o troglodita (é sabido que a especie humana no seu principio foi troglodita) não sentia dentro em si o germen divinal do amor.

(Continua) Azevedo Ramos

(1) M. Gomes «A mulher através dos seculos»

(2) Luiz Figuier «As raças humanas»

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

SEGUNDO CERCO DE DIU

Em 20 d'abril de 1546 começou Coge Sofar, capitão d'el-rei de Cambaya, o segundo cerco da fortaleza de Diu, entrando a ilha e cidade d'este nome com oito mil soldados, pela maior parte turcos, mil janisaros, sessenta peças d'artilheria grossa e grande quantidade de munições e mantimentos.

Era então governador d'aquella fortaleza D. João Mascarenhas, heroe a quem a gloriosa defeza da praça tornou mais illustre do que até ali o era, porque vendo o inimigo que nada conseguia, veio o proprio rei em pessoa com todas as forças do seu reino, capitães e soldados mais experimentados de todas as nações do oriente.

Os portuguezes, no principio do cerco, eram apenas duzentos, e mesmo depois de reforçada a guarnição com todas as forças disponiveis, nunca passaram de seiscentos.

Com forças tão desiguaes obraram os nossos prodigios de valor, escurecendo tudo quanto dos seus famigerados heroes escreveram os gregos e romanos.

Escusado nos parece dizer que os sitiantes, admirados de tanto valor, abandonaram o projecto d'arrebatar-nos a famosa praça, theatro de façanhas que assombraram o mundo inteiro, como poderá verificar quem se der ao trabalho de compulsar a nossa historia.

O LOBO

E' o lobo um dos animaes cujo apetite pela carne é o mais vehemente, e posto que com esse gosto recebesse da natureza os meios de satisfazel-o, porque lhe deu armas, astucia, agilidade e força, tudo quanto é necessario em uma palavra para achar, atacar, vencer, devorar a sua preza, entretanto morre amiudadas vezes á fome, porque o homem, declarando-lhe guerra sem tregoas, chegando até a premiar quem o mate, o obriga a fugir, a esconder-se nos bosques, onde apenas encontra alguns animaes selvagens, que lhe escapam, ageis como são ao correr, e muitas vezes depois de os espiar horas e horas nos sitios por onde sabe que elles costumam passar.

Em geral o lobo é estupido e covarde; comtudo a necessidade torna-o habil e atrevido. Obrigado pela fome, affronta os maiores perigos, ataca os animaes vigiados pelo homem, aquelles sobretudo que póde arrebatar com facilidade, como os carneiros, as cabras e os pequenos cães.

De dia está escondido no seu covil e só sae de noute para rondar ao redor das casas, para atacar os aidos, cavando fundamente a terra por baixo das portas para poder entrar.

Quando a necessidade é extrema, ataca as mulheres e as creanças, chega mesmo a atirar-se ao homem, e acaba ordinariamente por se damnar e morrer.

A sua força principal reside nas partes anteriores do corpo, nos musculos do pescoço e da queixada. Leva na boca um carneiro sem o deixar tocar no chão, e corre ao mesmo tempo tão depressa como os pastores, de sorte que só os cães o pódem alcançar e fazel-o largar a preza.

Quando cae na ratoeira o lobo fica reduzido a um estado em que é facil matal-o, ou amarral-o e leval-o para onde se deseje.

Prefere a carne viva á carne morta, e comtudo devora as materias mais putrefactas. Tem um faro delicado, que conhece de longe as emanações dos corpos vivos ou mortos que o vento lhe leva: E' guloso pela carne humana, e, se fosse o mais forte, não comeria d'outra.

O lobo commum é d'um pardo escuro; mas ha-os inteiramente negros, ha-os brancos e até se teem visto vermelhos e com a juba negra. A ultima especie é

O LOBO NA RATOEIRA

commum no Paraguay, onde abundam os lobos.

E' tal a similhança do lobo com o cão, que parecem ambas estas especies modeladas pela mesma fôrma. Entretanto o cão domestica-se facilmente, chegando até a ser considerado o amigo do homem pelos assignalados serviços que lhe presta, ao passo que a natureza feroz e maliciosa do lobo o torna rebelde a toda a ideia de domesticidade. Buffon, o sabio naturalista a quem a sciencia deve tantos serviços, enganou-se n'este ponto. As experiencias tentadas no jardim das plantas de Paris, fazendo viver em commum os lobos com os cães, nunca deram resultados favoraveis, antes desmentiram uma tal theoria.

Antigamente, nas povoações ruraes, havia corpos organisados com o fim especial de perseguir os lobos; hoje fazem-se montarias e em alguns paizes ha premios instituidos para quem exterminar um animal tão damninho.

EXPEDIENTE

Recebemos uma carta do cavalheiro que se assigna *Manlius*, em resposta á do snr. Manoel Maria Rodrigues, com relação á exposição do Centro artistico portuense.

Apesar da consideração que nos merece o auctor da carta, não a publicamos em rasão de termos por inconveniente prolongar uma questão, a que se oppõe terminantemente a natureza d'este jornal.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data, 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 35

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 28 D'ABRIL DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

OS VAMPIROS

SUMMARIO

TEXTO:— O vampiro — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Encanto (poesia) por Annes Baganha — A lenda da ilha da Madeira — O mar, por João A. Ribeiro — Os homens uteis de todos os paizes: Descartes — Montreal — Sá Noronha — Datas memoraveis de Portugal: Victoria de Trancoso — Supplica (poesia) — A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: o Industão — Exposição musical de Milão — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Os botocudos — Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— Os vampiros — Um naufragio — Montreal — Botocudos.

O VAMPIRO

—

Ha pouco mais ou menos duzentos annos que em uma pequena aldeia da Bohemia vivia uma donzella lindissima, filha d'uns honrados lavradores. Maria era tão meiga como formosa, porque tinha todas as qualidades que tornam a mulher verdadeiramente amavel. Em casa toda a gente a amava; na visinhança todos a estimavam porque viam n'ella um exemplo de piedade filial; emfim o seu proceder honesto tinha-lhe grangeado a estima e a consideração geral.

Maria tinha desoito annos quando á aldeia chegou um joven estrangeiro de boa presença e maneiras muito distinctas, e que não só por isto, mas pelo seu trajar á moda da cidade, se differençava muito dos habitantes da aldeia. Por ajuizada que fosse, Maria, como todas as raparigas do sitio, não pôde deixar de fazer reparo n'elle, e desde então a sua sorte parece que ficou decidida.

O estrangeiro tomou habitação junto da de Maria, de sorte que todos os dias se encontravam e olhavam-se mutuamente. Mas elle olhava-a com uns olhares singulares, estranhos, com uns olhares cuja expressão Maria nunca tinha visto nos olhos de nenhum dos rapazes da terra. E aquelles olhares tinham para ella uma fascinação irresistivel, a que ella não podia fugir, a ponto de lhe causar vontade de chorar sem motivo, de experimentar alegrias desusadas, de sentir commoções violentas e singulares.

Alguns dias depois, Hantz, que assim se chamava o mancebo, fallou-lhe e então tudo mudou de figura.

Desde esse momento a desgraçada nunca mais dormiu, e se por acaso a fadiga lhe fechava os olhos, visões exquisitas e mysteriosas lhe agitavam o somno.

A imagem do estrangeiro apparecia-lhe em todos os sonhos, mas de maneira differente sempre: ora via-o como um anjo do ceo, mandado para lhe dar a felicidade; ora era um demonio do inferno vindo expressamente á terra para a perder e arrastal-a com elle ao abysmo eterno. Então a desgraçada debatia-se contra essa horrivel visão e acordava sobresaltada, pallida, extenuada, innundada de suor glacial; depois uma febre lenta foi apagando a pouco e pouco as rosas das suas faces e o carmim de seus labios; emfim a tristeza que a consummia augmentou a par e passo com as inquietações vagas, mortaes, que lhe opprimiam o coração.

Durante muito tempo Maria luctou contra esta tortura, sem lhe valerem as orações, os jejuns, as promessas que fez a todos os santos do paraiso.

Um dia, ao cahir da noute, ao voltar da aldeia proxima, caminhando apressada porque a lua não tardaria a romper detraz das montanhas, Maria foi surprehendida por um ruido, e uma especie de phantasma se desenhou diante d'ella, no meio d'um massiço de pinheiros, e cujos olhos chammejavam como lumes. Depois viu-lhe chifres, uma extensa lingoa vermelha, garras nas pontas dos dedos e os pés revirados em forma de ganchos. Maria quiz fugir; mas poucos passos tinha andado, que uma voz melodiosa a chamou de mansinho:

—Maria! Maria!

A donzella sentiu que um cruel destino a perseguia, e não se julgando com forças para a lucta, parou e esperou.

Hantz, pois era elle, aproximou-se de Maria e tomou-a pela mão, dizendo-lhe:

—Tu tremes! Tens medo de mim, de mim que te amo e só te desejo ver feliz!

N'este momento a lua cheia surgiu detraz das montanhas, e a pobre Maria, ao clarão dos seus pallidos raios, não viu lingoa vermelha, nem chifres, nem garras, nem pés enganchados; mas sim achou-se diante d'um bello mancebo que lhe apertava a mão e lhe dizia:

—Amo-te!

A desgraçada não teve forças para responder, e Hantz proseguiu:

—Tu tambem me amas, e, pelo ceo ou pelo inferno, seremos felizes!

Ao ouvir estas palavras a donzella estremeceu. Mas, apesar da horrivel blasphemia do seu namorado, não retirou a mão d'entre as d'elle, e ambos voltaram á aldeia encantados um do outro.

O mancebo conduziu-a a casa dos paes e pediu-a em casamento. Foi-lhe concedida a mão de Maria e combinou-se que o casamento se effectuasse d'ali a vinte e cinco dias, porque, por um estranho capricho que então se não soube explicar, o noivo quiz que a ceremonia se realisasse em um dia de lua cheia.

Maria tornou-se mais bella e mais fresca do que uma flor da primavera. Comtudo a vaga inquietação em que a sua alma pairava não a abandonava, porque tinha sempre diante dos olhos um demonio negro, consequencia da blasphemia do seu amante e do adiamento do casamento até a lua cheia.

De repente Hantz mostrou-se triste, depois cahiu em uma sombria melancolia; uma pallidez mortal se espalhara sobre o seu rosto; todas as forças o abandonaram. Não quiz consultar medico algum, e quando Maria lhe perguntava do que soffria, respondia com um sorriso doloroso, que dilacerava a alma. Emfim na vespera da lua cheia morreu, o que lançou Maria na maior consternação. Os paes e os visinhos choraram igualmente a morte do rapaz, que todos estimavam.

Durante tres dias Maria não fez mais do que chorar; a sua desesperação era extrema, e receiava-se até pela sua vida, quando de repente se mostrou serena e resignada.

(Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

XI

(Continuação)

—Snr. Castro, disse D. Adelina, procurando com os olhos negros e brilhantes o rosto do mancebo, creio ter-lhe ouvido dizer que sabe musica, e que o seu instrumento predilecto é a flauta. Não imagina que apreço eu daria a ouvil-o executar n'este momento algum trecho de sua escolha! Por uma noute d'estas, casar ás harmonias da natureza as notas da musica, é como que consubstanciar os prodigios da creação com o que ha de mais bello na arte!

—Minha senhora, respondeu o mancebo erguendo-se e caminhando para D. Adelina, em Portugal era a musica uma das minhas mais caras distracções. Trouxe comigo algumas das composições mais sentimentaes dos auctores italianos, e a flauta, minha fiel e doce companheira dos momentos de tristeza. Desde, porém, que deixei a minha patria, nunca mais me entreguei a tal distracção. Entretanto, como v. ex.ª me concede a honra de manifestar um tal desejo, irei mostrar-lhe a boa vontade que tenho de satisfazer a elle.

E Jorge correu aos seus aposentos, voltando pouco depois com a flauta.

Em seguida executou alguns bocados de musica repassados de melancolia, que muito sensibilisaram D. Adelina.

Quando o mancebo depoz o instrumento em uma das mesas da sala, Francisco d'Almeida e sua esposa agradeceram-lhe a condescendencia em termos tão captivantes, que elle sentiu-se encantado.

Mal sabia Jorge o vulcão d'odio que rugia no peito do negociante, n'aquelle momento!

XII

D. Adelina era uma perfeita creança.

Dotada d'uma alma pura e candida, d'um coração aberto a todos os grandes

sentimentos, aquella innocente creatura passava no meio da sociedade corrupta, como um anjo atravessando uma legião de demonios.

Não se conseguia macular-lhe a alvura das azas; mas escarnecia-se d'ella, porque tinha o *defeito* de ser franca e ingenua. Dura provação!

As pessoas dotadas de tão *fatal* condão sujeitam-se a innumeros e profundos dissabores. A cega confiança com que essas almas se abrem a extranhos. tornam-as, por vezes, um joguete da sociedade! E' por isso que, ao cabo de muitos e atrozes desenganos, alguns espiritos feridos pelos injustos motejos de essa sociedade corrupta e corruptora, attingem uma bem triste méta, o scepticismo, abysmo terrivel onde morre tudo quanto é nobre, justo e santo!

A convivencia e a homogeneidade de sentimentos haviam estabelecido entre Jorge e Adelina uma grande intimidade. Na ausencia do negociante, e sempre que os seus trabalhos terminavam, o mancebo procurava ensejo de achar-se perto da brazileira, e como esta não desejasse evitar a sua presença, taes entrevistas repetiam-se amiudadamente. E, cousa notavel! durante essas horas que aos dous se affiguravam instantes, não havia um momento de tedio. Quer o colloquio seguisse o seu curso natural, quer o silencio surgisse, d'espaço a espaço, abysmando aquelles dous espiritos no vasto oceano calmo da meditação, o tempo como que voava.

Um dia, Adelina manifestara desejos de saber alguma cousa da historia de Jorge, a qual a brazileira entendia que devia prender intimamente com a sua vinda para o Brazil.

O mancebo, que, quando mais não fosse, olhava para a brazileira como que para uma irmã, não teve repugnancia alguma em satisfazer tal desejo, e contou sem a minima reserva aquella serie de episodios que, a bordo da *Eugenia*, havia narrado a Pedro da Motta.

D. Adelina ouvia com interesse a narrativa de Jorge, e promettera-lhe que um dia tambem lhe contaria o romance da sua vida, affirmando-lhe que essa historia havia de interessar-lhe muito, quando mais não fosse, ao menos, porque se relacionava com a d'elle.

O mancebo scismara por varias vezes em qual sería o ponto de contacto que, por ventura, havia entre a sua e a existencia d'aquella mulher. Não lhe fôra possivel, porém, achal-o. Esta circunstancia excitara-lhe sobremodo a curiosidade, fazendo-o esperar com certa anciedade pela occasião de ver decifrado aquelle enigma.

Finalmente, alguns dias depois dos successos referidos no anterior capitulo, appareceu ensejo favoravel para a realisação d'aquelle designio.

Depois do jantar, Francisco d'Almeida sahira, deixando dito á esposa que não o esperasse á hora do chá, porque negocio de ponderação o forçava a demorar-se fóra de casa até tarde.

Adelina, em vista d'esta circunstancia, resolveu destinar aquella tarde para cumprir a promessa que fizera a Jorge.

Pouco depois da sahida de seu marido, a brazileira convidou o mancebo para acompanhal-a ao jardim. Chegados ali, percorreram a rua principal, e foram tomar logar na gruta de que os nossos leitores já teem conhecimento.

(Continua) ALBERTO CARLOS

ENCANTO

Que luminoso raio
Prende meu ser a ti,
De sorte que desmaio
Se ólho e te não vi!

Que incognita grandeza
Contemplo n'essa luz,
Na divinal belleza
Que a falla não traduzl

Que mundo, que universo
Resumes no fulgor
Dos olhos, onde immerso
Me traz o teu amor!

De tudo quanto existe
E que os meus olhos veem,
E quanto est'alma triste
Concebe ainda álem

Da scintillante esphera
Dos mundos sideraes,
E quanto a mente gera
Em sonhos immortaes,

Nada seguramente
Se pode comparar
Ao que minh'alma sente
Vendo-te aproximar;

Vendo o teu rosto, aurora
Dos sonhos juvenis,
Onde te eu vi, senhora,
Envôlta em veos subtis.

A dura realidade
Da vida despar'ceu.
Se a tua claridade
Dá luz á terra e ceo!

Completa-se a chimera;
Aromas tem o ar;
Na terra, a primavera;
Mira-se o ceo no mar!

Junto de nós perpassa
O mundo um turbilhão;
Olhas p'ra mim com graça;
Aperto a tua mão.

Escondo-a no meu peito;
Um pouco o teu subiu;
O mundo e o seu conceito
Nenhum de nós ouviu.

Passou uma andorinha
Fallando pelo ar;
Dissesto-me:— Adivinha
O que ella vai buscar...

—Os filhos escondidos,
O esposo que lh'os deu,
Os beijos repetidos,
O infinito, o ceo!...

ANNES BAGANHA

A LENDA DA ILHA DA MADEIRA

(Conclusão)

Logo que o bote chegou á chalupa, levantou-se a ancora, e com vento favoravel navegaram para o mar. E' agora preciso explicar a maneira porque a fugida se effectuou. Por conselho de Mackhain, tornou Rogerio a entrar no serviço de Berkley, e não só achou lady Anna no castello do barão, mas teve a fortuna de ser um dos que foram encarregados de a guardarem. Pelo seu lado, Mackhain empregou todos os meios para preparar uma embarcação, e tomou comsigo alguns poucos camaradas fieis para o ajudarem. E para socegar o espirito d'Anna, que elle sabia ser muitissimo melindroso, levou tambem comsigo um padre para o casar com ella, logo que estivessem a bordo, para assim alcançar o direito de a proteger.

Com effeito Rogerio teve a astucia, auxiliado pelo mesmo Mackhain, d'arrancar esta victima do poder de Berkley e entregal-a nas mãos do seu amante.

A intenção de Mackhain era de partir directamente para as costas de França. No primeiro dia foram bem, sem perderem de vista as costas de Inglaterra; mas a segunda noute não foi como a primeira. O luar foi substituido por uma inteira escuridão. Em logar do zephyro que até ali os levara, levantou-se um fortissimo vento, e uma tempestade tal, que passado pouco tempo nenhum homem a bordo sabia em que altura estavam. Entregues andaram á furia dos ventos durante toda a noute, até que o dia acalmou alguma cousa a furia da tempestade, mas sem offerecer consolação alguma aos desgraçados navegantes. Assim se passaram muitos dias e muitas noutes no meio de um mar desconhecido. Finalmente, á duodecima manhã, quando o sol vinha raiando, reconheceram que estavam á vista de terra. A' medida que chegavam mais perto, viram distinctamente as costas do que lhes parecia uma ilha, e aves desconhecidas, de pennas lindas e de côr variada, principiaram a esvoaçar em torno dos mastros da barca. Immensas florestas d'arvores cobriam esta ilha, cujas costas ninguem a bordo conhecia.

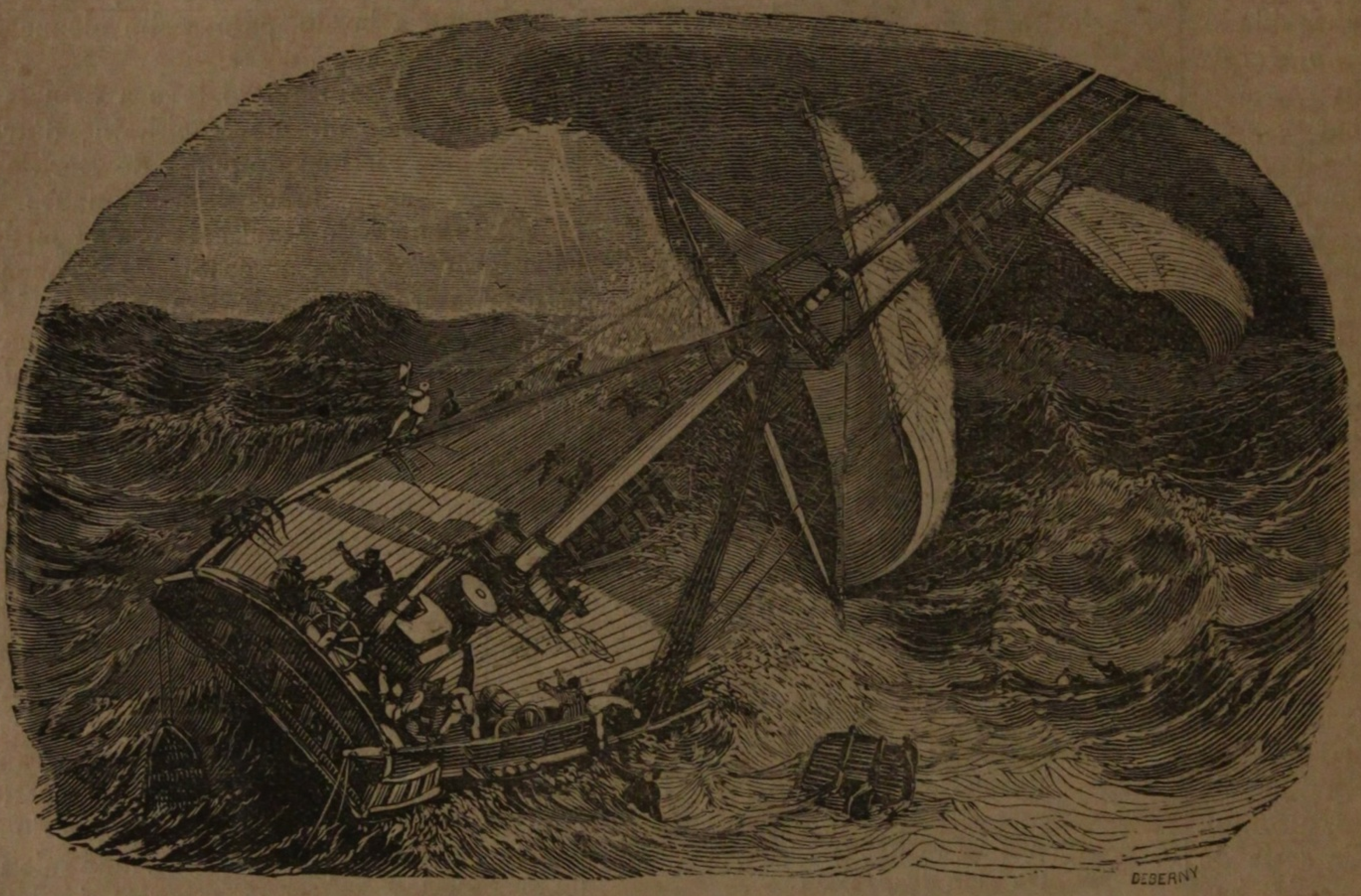
Tendo Mackhain mandado a terra um bote, que voltou com favoravel resposta, desembarcou com a sua tremula esposa, e animou-a com a prespectiva de ficarem em terra firme até conhecerem bem a sua situação. Alguma gente ficou na barca, e os que desembarcaram passaram a explorar o interior do paiz. Uma abertura que acharam no bosque, offereceu aos nossos aventureiros uma agradavel posição para descançarem, e á sombra d'uma grandissima arvore, vermelha como a rosa, cunstruiu Mackhain uma linda barraca com os muitos materiaes que logo achou. Ali persistiram muitos dias, fazendo incursões nas florestas; e tal foi a

influencia do clima excellente e a ausencia total de tudo o que poderia perturbar a sua tranquilidade, que as faces d'Anna recuperaram o seu antigo brilho, e ella gosou da melhor saude.

Eram todavia passadas algumas semanas, e os companheiros de Mackhain, refeitos já de suas fadigas, começavam a enfastiar-se da solidão. As multiplicadas diligencias que fizeram para conhecer toda a extensão da ilha, serviram só de os convencer de que ella era inteiramente deshabitada de toda a creatura humana. Este desengano lhes despertou o desejo de partirem, e confiarem-se de novo ao inconstante e enganoso elemento que ali os havia arrojado. Mackhain procurava dissuadil-os d'este projecto, pois estremecia só á ideia de confiar de novo ao furor das ondas a preciosa vida a que a sua estava ligada. Anna oppunha-se tambem a esta tentativa, e recordando com horror os perigos que havia corrido sobre as agoas, temia perder de novo a paz e saude, de que apenas começava a gosar.

Mas quanto mais combatidos, mais cresciam os desejos dos marinheiros, de voltarem á sua patria: não tinham na ilha uma bella amante que lhe aformoseasses as tristezas da solidão; ao contrario, alguns d'elles haviam deixado na Inglaterra uma esposa, uma namorada, uma familia que para ali os atrahia; e determinaram partir.

Começaram pois a tractar de pôr a barca em estado de soffrer o mar; mas tres dias depois, uma furiosa tempestade do nordeste se levantou durante a noute, e arrebentando as amarras foi lançar a barca sobre as oppostas costas d'Africa, onde despedaçando-se sobre os rochedos, a equipagem foi tomada pelos mouros e mettida em escura prisão.



UM NAUFRAGIO

No dia seguinte Mackhain, não encontrando vestigios do naviq, julgou que elle havia sido tragado pelas ondas. Esta desgraça abateu-lhe por um pouco a coragem; mas tomando logo novo animo, lança-se nos braços da esposa, e exclama:

—Anna, é aqui que devemos viver e morrer juntos. Prenda adorada, continua elle com todo o enthusiasmo do amor; eu renovo os meus juramentos de viver só para ti, de te consagrar todos os meus dias. Esqueçamos para sempre esses paizes, onde a injustiça, a intolerancia e os prejuizos só dominam; o nosso amor nos fará as vezes de todos os bens do mundo; esta ilha será para nós o universo!

Rogerio Pendewel foi o unico de seus companheiros, que com elles ficara na ilha: votado ao serviço dos dous esposos, a quem de todo o coração se havia affeiçoado, foi para elles mais um amigo, que um servo fiel.

Por muitos annos Mackhain e Anna gosaram n'aquella solidão o repouso e felicidade que não tinham achado entre os homens. A terra lhes fornecia o sustento, quasi espontaneamente; os lindos passarinhos, que haviam encontrado logo á sua chegada á ilha, cada vez mais meigos, lhes serviam de companheiros, em logar d'aquelles de quem a mão do fado os havia separado; e quando o anjo da morte os chamou, quasi ao mesmo tempo, d'este logar de descanço para irem gosar o premio de suas virtudes, Mackhain e Anna foram sepultados, pelo seu fiel servidor, que ainda lhes sobreviveu algum tempo, em a mesma cova por elles aberta e preparada ao pé d'um altar de pedra, que haviam levantado á sombra d'uma arvore, para renderem todos os dias as graças ao supremo auctor da natureza: uma inscripção grosseira aberta por Mackhain continha em poucas palavras a sua lastimosa historia, e acabava pedindo aos christãos, se algum dia viessem áquelle logar, que edificassem ali uma egreja com a invocação de Jesus Salvador.

Ainda hoje a villa de Machico recorda em seu nome, a corrupção do de Mackhain, a memoria d'este seu primeiro descobridor.

O MAR

—

Em tarde de nuvens espessas d'uma côr pesada te contemplei, oh mar!

Tu, bramindo qual féra no sertãos arrojavas ás praias com impetuosidade a, vagas encapelladas.

O relampejar, succedido pelo medonho ribombar do trovão, dava a esta triste scena um aspecto horroroso.

O tufão, soprando com violencia, parecia abalar o universo.

O luctuoso quadro me confundia o imaginar.

Em dias similhantes, quantos nautas perdidos na tua invia vastidão, luctando com a força das tuas agoas, eram arremessados d'encontro ás syrtes e d'ahi mergulharem-se nos abysmos insondaveis do teu leito!

Quantos entes lamentarão a perda de pessoas que lhes foram caras, submergidas no teu seio, nas quaes depositavam todas as esperanças do futuro!

Sim, todas as esperanças do futuro, porque a necessidade, inimiga do bem-estar, obriga o homem a transpôr a tua grandeza!

Tu desenganas os possuidos da vaidade humana, pois que a tua presença, symbolo da eternidade, as leva a despresar os vãos orgulhos.

Corações frios e torpes para os quaes nunca houve commoção, tu os sensibilizas.

Tu demonstras ao atheu a existencia d'um Ente Supremo, o qual não póde ser senão Deus.

Por isso, terror, saudade, arrependimento e crença, tudo encerras.

Depois de longo meditar, similhante á visão aterradora para a qual o despertar é o unico allivio, assim eu, retirando-me encontrei no povoado conforto para tamanha dôr.

João A. Ribeiro

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

XIX

DESCARTES

Descartes nasceu em Haye, (Turenne) em 1596. Abraçando primeiramente a carreira das armas, a sua pouca saude e inclinações para as mathematicas o apartaram d'aquella carreira, levando-o para os estudos, em que veio a ter um nome illustre.

Dotado d'uma imaginação viva e de um espirito capaz de seguir os mais profundos raciocinios, quiz achar em si mesmo os principios que procurava. Não tendo em França inteira liberdade para combater as opiniões em voga, percorreu a Italia e foi estabelecer-se na Hollanda, onde pôde exprimir com desassombro os seus pensamentos. Depois de visitar a Inglaterra, foi a Paris, onde Luiz XIII tentou retel-o; a rainha Christina, da Suecia, logrou emfim attrahil-o a Stockolmo, e, enthusiasmada da profunda erudicção do sabio, cumulou-o de beneficios.

O rigor do clima, porém, prejudicou-lhe altamente a saude e Descartes morreu em 1650 com cincoenta e quatro annos d'idade.

Christina quiz erguer-lhe um mausoleu entre os dos monarcas suecos; mas o embaixador de França fez transportar os restos para Paris, onde foram sepultados na egreja de Santo Estevão do Monte.

MONTREAL

Cidade da America do norte, no baixo Canadá, Montreal está situada na parte oriental da ilha do mesmo nome e um pouco abaixo dos primeiros rapidos que entravam a navegação do rio S. Lourenço, no ponto de junção das agoas do Champlain e do Otawa com as do grande rio.

E' a cidade mais florescente de todo o Canadá. Dista de Quebec cerca de duzentos e trinta kilometros. Conta cento e dez mil almas.

A cathedral é o primeiro monumento da cidade; é construida de pedra vermelha, no estylo gothico e sem ornato esculptural; pode conter, segundo se diz, dez mil pessoas.

O mercado de Bonsecours, de estylo dorico e que custou perto de duzentos contos, é coberto por um tecto de estanho, que brilha muito ao sol. Nas coberturas das casas o estanho é commummente empregado em Montreal, o que faz com que se lhe tenha dado o nome de *cidade de prata*.

Entre os mais edificios merecem citar-se as egrejas de S. Patricio e Santa Maria, o seminario de S. Sulpicio, os templos protestantes de Santo André e S. Paulo, a bolsa, o hospital, a alfandega.

Montreal chamava-se a principio Villa Maria. O general inglez Amherst tomou-a aos inglezes em 1760; quinze annos depois os americanos, sob o commando do general Montgomery, tomaram-a aos inglezes, mas tiveram de restituil-a.

SÁ NORONHA

(Continuação)

Faremos sentir ao leitor que ha poucas ou nenhumas carreiras artisticas que tenham tão auspiciosos principios. E' verdade tambem que *Beatriz de Portugal* se não póde dizer a primeira tentativa de Noronha em uma carreira em que elle já tinha colhido tantos louros. Aquella não foi a sua primeira opera, como erradamente se tem julgado. No Brazil, onde Noronha era conhecido mais como compositor do que como concertista, e onde a fama que o havia acompanhado lhe grangeou o logar de director do theatro da opera-comica e vaudeville do Rio de Janeiro, deixou elle escriptas cêrca de vinte operas-comicas e mais de tresentos vaudevilles, merecendo entre estes especial menção a *Graça de Deus*, *Esmeralda*, *Bahiano na Côrte*, *Familia Morel*, e outras composições, todas cheias de frescura e de graça, pelas quaes soube fazer nascer n'aquella cidade o gosto para este genero d'espectaculo. Ha trinta

MONTREAL

annos, pouco mais ou menos, que o theatro brazileiro conserva essas reliquias do grande engenho do artista portuguez, trinta annos durante os quaes ellas não tem deixado de ser representadas em todas as partes do imperio brazileiro, onde o nome de Noronha tem sido laureado por entre os triumphos alcançados pelas brilhantes obras do seu fecundo talento.

Além d'estas operetas, que pelo seu estylo ligeiro, conviremos em separar do grupo a que pertence a *Beatriz de Portugal*, que foi a sua segunda opera séria, escreveu Noronha no Brazil, em 1848, a opera *Independencia da Grecia*, em quatro actos, a qual nunca se representou, pela reservar o auctor mais como obra de estudo do que d'effeito, cantando-se comtudo alguns trechos em differentes concertos. Mas a sua primeira opera foi a *Descoberta da America por Christovão Colombo*, em tres actos, que escreveu na Philadelphia em 1846, a pedido da sociedade intitulada *sacred music's society*, que se compunha da melhor sociedade. O libretto d'esta opera era em inglez; e escreveu-a Noronha em dous mezes. Representou-se um sem numero de vezes e com extraordinario successo. A orchestra era de duzentos e cincoenta musicos, e os côros foram cem socios do sexo masculino e cincoenta do feminino. O enthusiasmo com que o seu auctor foi acolhido não se descreve. Até as damas tomaram parte n'esta demonstração, tão honrosa para o artista portuguez, quanto lisongeira para a sua patria.

Tal foi o primeiro trabalho de Noronha em um genero de musica totalmente inculto no nosso paiz. E tal estreia não o podia deixar ali. Elle continuou pois, caminhando sempre pelo amplo e

florido caminho da arte, e cada tentativa era para elle um triumpho, a que *Beatriz de Portugal* veio pôr o sello.

Para os theatros de Portugal escreveu mais Noronha, nos ultimos tempos, o drama sacro *Santa Iria*, libretto do snr. Cesar de Vasconcellos, que se representou no theatro do Gymnasio de Lisboa, recebendo grandes elogios de toda a imprensa e do publico em geral. Tambem escreveu para o mesmo theatro o *Filho familia*, traducção do snr. Julio Cesar Machado, que se representou com o mesmo applauso. D'elle são tambem muitas operetas representadas aqui e em Lisboa, como *Miguel o torneiro*, *Raros, mas ainda os ha*, etc. A' morte de D. Pedro V, a quem consagrava uma profunda affeição, escreveu uma elegia para violino, com acompanhamento de piano, de magnifico effeito.

No Porto, á imitação do que tinha praticado no Brazil, quiz introduzir o gosto pela opera-comica, chegando a organisar a companhia que em 1861 nos deu no theatro Baquet o *Dominó preto* e *Fra-Diavolo;* porém a falta de cantantes o obrigou a abandonar essa ideia, tão louvavel na sua realisação, como para sentir em não ter produzido o desejado effeito.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

VICTORIA DE TRANCOSO

Intentava o rei de Castella D. João I entrar em Portugal com um poderoso exercito, para se vingar da perda de gente e reputação que havia padecido no cerco de Lisboa, e com esse fim, ajuntando as tropas de todo o seu reino, commandadas pelos mais nobres e aguerridos fidalgos, entrou pela provincia da Beira, chegando até Vizeu.

Havia então na Beira dous illustres cavalleiros, que por leves contendas viviam em desharmonia, e eram elles Martim Vasques da Cunha, governador da villa de Linhares, e Gonçalo Vasques Coutinho, que governava a de Trancoso. Um cavalleiro porém não menos illustre do que estes, João Fernandes Pacheco, fez-lhes ver que não deviam medear differenças quando o perigo era um só, e conseguiu que elles se congraçassem, servindo de laço a unir mais aquella alliança a necessidade e o vehemente desejo de fazer frente ao inimigo.

Convindo escolher um chefe, conveio-se que o fosse o governador de Trancoso, e tratou-se então de oppôr resistencia aos castelhanos, que iam assolando todas as povoações por onde passavam.

Juntando rapidamente tresentas lanças e alguns soldados de pé, além d'enorme quantidade de populares para fazerem numero, resolveram os portuguezes esperar o inimigo em um logar distante meia legoa da villa de Trancoso. Chegaram os castelhanos, cujo exercito constava de quatrocentas lanças, duzentos ginetes e bom numero de bésteiros, e levavam setecentas cargas das cousas mais preciosas que tinham saqueado e muitos portuguezes, homens e mulheres, na qualidade de prisioneiros.

Travado o combate, durou todo o dia, que foi o de 25 d'abril de 1385, sendo os castelhanos derrotados de forma que dos quatrocentos homens d'armas nem um só escapou á carnificina. Os despojos foram restituidos, bem como os prisioneiros, dos quaes muitos, trocada a sorte, prenderam aos que os traziam presos.

A victoria porém custou-nos a perda d'alguns illustres cavalleiros.

Foi a victoria de Trancoso uma das mais gloriosas que o braço portuguez conseguiu dos castelhanos, que tanto nos encommodavam n'aquelle tempo.

SUPPLICA

—

Mandae-me, estrellas tranquillas,
Que n'essa altura brilhaes,
A luz d'aquellas pupilas
Que vós na terra banhaes.

Dos olhos puros, eternos,
Dos filhos do meu amor,
Dae-me a vida, e os beijos ternos
D'aquelles labios em flor!...

Tu que passas, vento triste,
Se lhe ouviste a doce voz,
Ai! conta-me o que lhe ouviste,
Mitiga-me esta ancia atroz!...

Se passaste e elles dormiam,
Dá-me apenas um bafejo
Dos labios que se estendiam,
Para mim n'um terno beijo.

* *

A MULHER NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

—

II

(Continuação)

A natureza estupida do homem primitivo, a nenhuma instrucção ou civilisação, tudo emfim contribuia para desconhecer o sentimento imponente e grandioso do amor, essa ideia nobre e palpitante que mais tarde o devia guiar e elucidar na espinhosa senda que Deus lhe predestinara.

Volvido porém esse periodo da sua mais alta fereza, o homem começa a conhecer que não póde viver só, porque a tristeza e o aborrecimento lhe vem povoar a existencia, e a falta de convivencia impressiona-o profundamente, a ponto d'elle pensar em congregar-se mutuamente e formar a sociedade, e por consequencia a familia.

Congregado com o seu similhante é differente o seu pensar; já não respira essa atmosphera de morte que lhe amargurava a existencia. O isolamento em que vivera desappareceu completamente para dar logar á convivencia social; as suas palavras que em antes se perdiam no espaço eccoando lugubremente sem resposta, encontram agora um sonoroso ecco no seio da familia. Sente expandir-se-lhe a alma em ondulações de luz e o espirito vae a pouco e pouco descortinando pensamentos nobres e sublimes ideias; e juntamente com o seu similhante concebe o meio de pôr em pratica as suas mais urgentes necessidades indispensaveis na sociedade ou na familia.

Reflexiona e medita, e cuida então em casar-se. Deseja encontrar no fim de um penoso dia de trabalho uma esposa que lhe amenise os soffrimentos intimos, que o acaricie um collo em que possa repousar a enrugada fronte: e o instincto cede então aos impulsos do coração; o espirito aniquila a materia; mas não é ainda o sentimento do amor que lhe guia este pensamento; não, pelo contrario, são as armas que decidem este consorcio, é a força e não a paz que o põe de posse da mulher. O mais bravo é justamente o que a desposa; ella é o despojo d'essas luctas sangrentas travadas entre os homens.

Ainda hoje, apesar do adiantamento social, apesar do progressivo augmento da instrucção e civilisação, que tem levado a toda a parte a prosperidade vital, expulsando assim da sociedade a crassa ignorancia dos antigos tempos; ainda hoje, diziamos, não obstante todos esses progressos do espirito humano, restam ainda vestigios d'esses estupendos consorcios em diversos pontos do globo, sobresaindo todavia n'esse barbaro costume as tribus selvagens da America do norte. Ali o homem que pretende casar-se rouba uma donzella á tribu mais proxima; trava-se então rijo combate entre as duas tribus, e a força decide da sorte da donzella; o mais valente é o seu direito senhor. Por aqui se vê o que havia de ser o consorcio nas primitivas idades.

Conglobadas as forças e os pensamentos, cresce bafejada pelo puro e santo amor da familia, a titanica lucta do homem com a natureza. Vastas campinas, aridas e incultas, se lhe espraiam á vista até se perderem no espaço. E o homem começa a crear a industria e ella vae crescendo acalentada pela sua energica actividade e segundo as necessidades a que tem de prover.

A agricultura porém é o ello que vem unir a familia á propriedade, ligando assim as familias e despertando-lhes no seio o amor da patria.

A estabilidade do lar estende a toda a tribu o sentimento domestico. A sociabilidade estabelece-se definitivamente, profundamente arreigada pelo amor da propriedade que lhe custara o suor de

muitos dias e o insano trabalho que lhe alquebrara as forças. A agricultura é principiada a cultivar na epoca de bronze, embora alguns auctores queiram fazer-nos acreditar que já na idade de pedra se cultivava o solo; juizo a nosso ver erroneo, por quanto, confrontando a historia com a geologia, vemos esta opinião inteiramente refutada e aquella baseada profundamente.

(Continua) AZEVEDO RAMOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

XXIX

O INDUSTÃO

(Continuação)

Cidades principaes, Bombaim, com 800:000 h.; o importante commercio que faz com a China torna-a a primeira cidade da India ingleza; cedida aos inglezes por D. Affonso IV; Madrasta (700:000 h.); commercio activo de fazendas d'algodão conhecidas pelo nome da cidade exportadora; Patna (300:000 h.); cidade forte; commercio vasto d'opio e salitre; Luchnow (300:000 h.); arsenal e bibliotheca preciosissima; antiga capital do reino de Aoude; Surate (300:000 h.); hospital para os animaes doentes; Benarés (200:000 h.); a mais rica, a cidade santa, ornada de ricos pagodes, centro dos conhecimentos religiosos e litterarios dos hindus; Delhy (200:000 h.); antiga residencia do grão-mogol, que em 1857 oppoz grande resistencia aos inglezes; Punah (115:000 h.) collegio hindu; Nagpur (100:000 h.); cidade decahida; bellas ruinas; Mirzapur (100:000 h.); algodões e sedas da India; tapetes afamados; Lahore (95:000 h.); fabricas de tecidos de algodão, lãs e armas; Multan (70:000 h.); universidade musulmana; Agra (65:000 h.); emporio do commercio entre a Persia e o Industão; Jagrenatha (36:000 h.); o seu templo attrae grande numero de peregrinos; Alah-Abad (20:000 h.); este nome significa *cidade de Deus*.

Madrasta, Bombaim e Surate teem as casas ornadas com laminas de porcellana. Os vidros das janellas são substituidos por cascas de crocodillo ou de tartaruga, cujos reflexos tornam a luz mais suave.

Visitaremos ainda duas cidades que recordam as epocas da nossa antiga grandeza: Cochim (30:000 h.), bom porto, fundado em 1503 pelo grande Affonso d'Albuquerque; Calecut (24:000 h.), primeiro porto indico a que aportou Vasco da Gama em 1498.

Emfim visitemos as ilhas, que são: Ceylão (a antiga *Taprobana*), com 2:000 habitantes, capital Colombo; todo o archipelago das Laquedivas (10:000 h.).

Os hindus são supersticiosos. Para aplacar a colera das suas divindades precipitam-se nos rios, ou enterram-se vivos. Na morte dos maridos as mulheres queimam-se sobre os seus cadaveres. Graças á influencia europeia, estes usos tendem a desapparecer. A lingoa sanscripta em uso no Industão, é a empregada na litteratura e nas ceremonias do culto.

(Continua)

EXPOSIÇÃO MUSICAL DE MILÃO

Sabem os nossos leitores, naturalmente, que vae realisar-se uma exposição musical em Milão, nos proximos mezes de maio, junho e julho. Portugal far-se-ha representar n'este novo certamen da intelligencia e do trabalho. A commissão italo-portugueza, encarregada de colligir no paiz os objectos dignos de figurar n'aquella festa artistica, concluiu já os seus trabalhos, e os objectos colligidos vão n'este momento caminho da famosa cidade, centro da divina arte que immortalisou Rossini.

A commissão, na louvavel ideia de fazer com que o nosso nome figurasse dignamente na exposição, fez preceder o catalogo dos objectos enviados d'uma magnifica introducção ou prologo, que é uma excellente resenha da historia da arte em Portugal. Por este motivo, e porque sendo escripto em idioma italiano, este trabalho pouco conhecido deve ser no paiz, fizemol-o trasladar para o nosso idioma e vamos inseril-o nas columnas do *Camões*, para que os nossos leitores apreciem convenientemente a importancia d'um trabalho, que se recommenda pelo pouco que n'este sentido ha escripto entre nós.

SECÇÃO PORTUGUEZA

INTRODUCÇÃO DO CATALOGO

A estreiteza do tempo concedido á Commissão italo-portugueza, nomeada para organisar a *Secção portugueza na exposição musical de Milão*, não lhe permitte expôr n'esta reunião, constituida do que ha de mais bello na arte, o que se cultiva em todas as phases da civilisação humana, mas apenas apresentará um incompleto ensaio das composições portuguezas, que lhe foram presentes desde os primeiros dias da sua existencia consagrada por Portugal.

Os elementos geraes da historia da arte musical n'este paiz, não se encontram, infelizmente, reunidos, e nunca o serão em rasão dos muitos que se perderam, muitos se acham dispersos por collecções particulares, e outros completamente inutilisados pelas discordias civis, invasões, e pela dominação estrangeira que se soffreu durante o quinto lustro do seculo actual, não fallando dos cataclismos naturaes, que destruindo templos e palacios, arruinaram as bibliothecas, onde estavam conservados muitos elementos, de que teriamos hoje necessidade para organisar este simples arrasoado.

Com quanto, auxiliados pelas tradições escriptas e verbaes, se póde fixar aproximadamente, com mais ou menos exactidão, os factos geraes da historia da musica, indicar as suas diversas phases d'existencia, progresso e decadencia, e recompôr o perfil dos grandes que foram os primeiros no seu sacerdocio e rememorar todos os trabalhos com que os enriqueceram, não é facil, quasi que poderemos dizer impossivel, apresentar á apreciação d'um tão illustre jury documentos, que attestem a verdade dos nossos assertos, nem mesmo outras bases sobre que formar mais seguro juizo.

Crêa-se, pois, que a Commissão italo-portugueza é forçada a apresentar apenas algumas considerações elucidativas na exposição do catalogo, para o melhor possivel levar a cabo a sua missão.

A Commissão não póde por si mesma examinar os archivos, porque se acham distantes da sua séde (Lisboa), nem conseguir o concurso dos amadores, dos artistas e dos colleccionadores, attenta a falta de tempo, senão por meio d'annuncios nos jornaes, resultando d'aqui que a concurrencia dos expositores que annuiram ao convite, foi, se assim se póde dizer, minima, e é este um facto originado na peculiar reticencia manifestada em occasiões identicas.

Comtudo isso, Portugal tem uma tradicção musical, tem phases brilhantes, tem enthusiasticos cultores, e teve engenhos que se immortalisaram com o seu talento, e que, adquirindo o titulo de benemeritos, deixaram imperecedouros os seus nomes na biographia artistica europeia, que os consagrou á posteridade.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XXI

GRAVE COMPROMISSO DO CONDE DE LAZAN

Passaram-se oito dias depois do encontro de Luiz com o marquez Adelfi na Casa dos Diabos, e durante este espaço de tempo deram-se successos que não podemos deixar de referir ao leitor.

Em primeiro logar realisou-se um duello entre o joven e o raptor de Lola, ficando o marquez gravemente ferido e sendo necessario a Luiz esconder-se para evitar a colera do rei Carlos III e sobretudo o rigor das pragmaticas referentes aos duellos.

A custo pôde Guevara participar á filha do conde de Lazan a sua obrigada reclusão. Maria não pôde deixar de sentir vivamente aquelle contratempo, muito mais quando motivos tão graves tinha para achar-se profundamente desgostosa.

O conde, dias antes da chegado de Guevara de Sierra Morena, segundo vimos no capitulo primeiro, tinha chamado a filha ao seu quarto, e participou-lhe sem rodeios que o conde de Floridablanca tinha-lhe pedido a mão de Maria para seu sobrinho o visconde do Juncal, n'esse tempo secretario da embaixada de Londres.

Similhante pedido era d'uma grande importancia para o conde, porque havia annos que sustentava com aquelle mancebo uma demanda e precisamente as ultimas noticias que d'ella tinha não lhe eram nada favoraveis. A perda da demanda significava para o conde a sua completa ruina, ao passo que o casamento conciliava tudo.

A isto devemos acrescentar que o visconde era um bello mancebo de vinte e oito annos, que, uma vez, á sahida da missa, encontrou-se com Maria e apaixonou-se d'ella.

O conde entendeu que a proposta lhe era altamente conveniente, e como ignorava o que se passava no coração de Maria, nem sequer suspeitou que ella recusasse similhante alliança. Maria, porém, que só amava Luiz, recusou terminantemente.

O conde não insistiu, nem tratou de indagar os motivos d'uma tal recusa; mas passados dias, a tia de Maria, marqueza de Monte-Santo, apresentou-se no quarto de sua sobrinha e principiou a fallar-lhe, em nome do conde, das vantagens do casamento proposto.

A franqueza que Maria não tivera com o pae teve-a com a tia. Disse-lhe que amava um homem que era digno do seu amor e não casaria com outro.

A marqueza, depois d'elogiar o seu proceder, despediu-se, e quando fallou com o irmão disse-lhe que não devia violentar a filha a um casamento que não podia ser-lhe sympathico.

E' indiscriptivel o estado de desesperação do conde, quando, d'ahi a dias, se encontrou com Floridablanca, que lhe disse:

—Meu sobrinho insta pela resposta do negocio que me commetteu. Que lhe heide dizer?

O conde não soube o que devia responder. No entanto prometteu uma resposta breve, e o que desde esse momento meditou foi terrivel.

—O que não se consegue por bem consegue-se á força, disse elle. Maria hade casar com o visconde.

Exactamente depois que Maria acabava de saber o que acontecera a D. Luiz de Guevara, o pae entrou no seu quarto sem a ter prevenido e disse-lhe:

—Minha filha, acabo de fallar com o conde de Floridablanca, que me reiterou o pedido de seu filho. Que lhe heide dizer?

Maria ficou tão perturbada que não atinou com o que havia de responder. Julgava que o pae tinha abandonado totalmente a ideia de tal casamento, e só a preocupava a reclusão do seu querido Luiz. Emfim, não tendo outro meio de manifestar a dôr que n'esse momento a opprimia, desatou a chorar.

O conde, sem se commover com aquellas lagrimas ardentes, disse:

—Comprehendo a tua commoção; mas supponho que não pensas já em oppor-me uma recusa, que nada póde justificar. Participo-te pois que dentro d'um mez hade celebrar-se o teu casamento com o visconde.

E sahiu do quarto.

(Continua)

OS BOTOCUDOS

Foram os portuguezes que descobriram o Brazil que deram o nome de botocudos a essas tribus que habitam o territorio comprehendido entre o Rio Doce e o Rio Pardo, na provincia de Minas Geraes. O nome que os distinguia era o de aymorés; o de botocudos, que teem por injurioso, foi-lhes dado em rasão da especie de batoques que introduzem nas orelhas e nos beiços e que constituem o seu principal ornato.

BOTOCUDOS

Menos garridos do que os outros povos selvagens, os indios botocudos, não obstante, usam ainda arrancar as sobrancelhas e rapar a cabeça, deixando apenas no alto d'ella uma especie de gorra, assim como pintam o corpo por uma forma tão grosseira, que ficam repellentes, horriveis.

A côr da pelle é amarelenta, mais ou menos escura, e as feições indicam mais uma variedade da raça chineza do que da mongolica. Entre as mulheres ha algumas com os olhos azues, o que é para elles um grande signal de belleza.

São habeis em servir-se do arco; vivem da caça, como a maior parte dos selvagens, e não teem morada fixa, o que é consequencia do modo de procurar a subsistencia. Quando a caça falta comem os insectos e larvas mais repellentes.

As habitações não passam de miseraveis cabanas de folhas.

Outr'ora os botocudos eram anthropophagos; hoje os seus costumes teem-se adoçado muito.

Casam muito novos e só os chefes das tribus são polygamos.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 36

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 5 DE MAIO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 25 rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Um bom chinez — O vampiro — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Industão, a India portugueza — Perigos (poesia) por Antonio da Cunha — Exposição musical de Milão — Spira — Datas memoraveis de Portugal: Victoria em Mazagão — Os combatentes — A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos — Ao immortal (poesia) por João Hermeto Coelho d'Amarante — Bibliographia — Os homens uteis de todos os paizes: Herschel — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Zora — As nascentes do Rheno — Zig-Zags: A negrinha — Bons ditos — Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— Um bom chinez — Spira — Os combatentes — Nascentes do Rheno.

UM BOM CHINEZ

O titulo da gravura dispensa todo o artigo.

O leitor tem diante dos olhos, nedio, rubicundo, cercado d'emblemas, d'attributos, das armas, pode-se dizer assim, do celeste imperio, o subdito fiel do filho do sol e neto da lua, caricatura viva dos nossos velhos habitos europeus, permanente interjeição do espirito nacional, denunciado por umas feições que a natureza pintou em um momento de bom humor, sob a impressão ratona da pasmaceira indigena.

Que mais havemos de dizer?

A figura que a gravura representa é uma vulgaridade na terra do chá e do bicho da seda; mas não deixa de excitar a nossa curiosidade porque nos recorda os costumes pittorescos d'um paiz até ha pouco tempo todo cercado de mysterios.

A China porém progride, e á luz do facho da civilisação o chinez vae-se transformando em um sujeito serio, apresentavel, digno de respeito, e não tardará muito que esses perfis grutescos como são hoje os sectarios de Confucio, não figurem mais do que nas caixas de chá e nos taboleiros de charão, isto é, como puras curiosidades archeologicas.

UM BOM CHINEZ

O VAMPIRO

(Continuação)

Passaram-se tres mezes.

Maria tinha retomado o curso ordinario dos seus trabalhos; mas notava-se que já não ia á missa e uma profunda melancolia se lhe pintava no rosto, ao passo que emmagrecia a olhos vistos. Nunca mais pronunciou o nome de Hantz e parecia tel-o esquecido completamente.

Sua mãe julgou notar que estava muito mais pallida de manhã do que á tarde, especialmente durante a lua nova, e como uma mãe não cança em sollicitude a respeito dos filhos, fez um buraco na porta do quarto onde Maria dormia, para se assegurar se sua filha, de noute, se entregava a alguma vigilia que lhe alquebrasse as forças. Nas primeiras noutes não viu nada; mas emfim...

Acabava de dar meia noute no relogio da freguezia. Maria estava deitada, e a lua, sahindo detraz d'uma nuvem, lançava os seus raios sobre a janella do quarto, illuminando-o completamente.

A mãe ouviu primeiramente um longo suspiro, depois uma voz debil que murmurava estas palavras:

—Oh! Hantz! exclamava Maria, sonhando sem duvida. Hantz do meu coração! Amo-te! Sim, amo-te muito! Mas parece-me que as tuas caricias gelam-me o coração, que os teus beijos trazem comsigo a morte!... Oh! Elles suffocam-me, matam-me!

Em seguida expelliu um prolongado suspiro, e a mãe não ouviu mais nada.

Applicando porém um olho ao buraco da porta, viu...

Imaginem do seu espanto, do terror que se lhe apoderou da alma. Esfregou os olhos, saccudiu-se para se certificar de que estava acordada, enfim fez o signal da cruz, não podendo duvidar de que aquillo era cousa ruim. Porque o que ella viu... era um vampiro.

Certificou-se e reconheceu Hantz. Não o Hantz magro, pallido, abatido pela doença como no dia em que morreu; mas o Hantz gordo, fresco, corado, bonito como quando chegou á aldeia.

E comtudo havia mais de tres mezes que Hantz morrera e fôra sepultado no cemiterio da freguezia.

O espectro estava de pé, ao lado do leito, com a cabeça pendida sobre o travesseiro em que Maria descansava o rosto, envolto nas formosas tranças do seu cabello, e tinha os labios collados ao pescoço de alabastro da donzella. A velha julgou ver que d'esse collo sahia uma gotta de sangue, que o amante sugava com avidez. Então a pobre da mulher deu um grito e cahiu por terra sem sentidos.

Ao arruido da queda correram o pae de Maria e todas as pessoas de casa, que lhe prestaram os necessarios soccorros, e abrindo a porta do quarto correram ao leito, onde nada acharam d'extraordinario, a não ser o corpo de Maria, que se achava morta.

Chamado o medico, declarou que não havia meio de restituil-a á vida, porque, cousa espantosa! não havia nas suas veias uma só gotta de sangue; mas não sabia explicar como o ella havia perdido. Entretanto, examinando escrupulosamente o cadaver, descobriu-lhe no pescoço umas pequenas nodoas violetas, absolutamente como picadellas de sanguesugas, e duas ou tres gottas de sangue que tinham cahido no travesseiro.

Esta aventura deu muito que fallar n'aquelles sitios, e não se pensava em outra cousa, quando uma outra rapariga, bella como Maria, visinha e amiga d'esta, por nome Joanna, foi atacada de uma melancolia exactamente igual á de aquella. Espreitaram-a e viram o phantasma de Hantz bebendo-lhe o sangue.

Chamou-se o abbade, e Joanna confessou-lhe que o espectro a visitava todas as noutes, especialmente durante a lua cheia, mas não lhe fazia mal nenhum. Comtudo o seu pescoço mostrava as mesmas picadellas, e, apesar dos soccorros, Joanna morreu dias depois.

Com outras raparigas succedeu em seguida a mesma cousa, tornando-se geral o horror, e por toda a parte, em diversas provincias da Allemanha e da Hungria, os vampiros multiplicaram-se e as raparigas morriam sugadas. Durante muito tempo os medicos e os padres empregaram os meios mais apropriados para debellarem o inimigo, chegando a escrever-se grossos volumes, com os casos referidos minuciosamente, o que mais augmentava o terror, fazendo acreditar na existencia dos vampiros. (Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XIII

Como que para excitar mais a curiosidade do mancebo, Adelina conservou-se silenciosa durante alguns minutos.

Por fim, surprehendendo-o de olhos cravados n'ella e como que ancioso pela narrativa, a juvenil senhora principiou n'estes termos:

«—Meu pae é o conde de ***.

«Minha mãe, victima d'uma phthysica pulmomar, doença que herdara de seus antepassados, morreu, ainda eu era de leite.

«Fiquei entregue aos cuidados d'uma ama, que me adorava como se eu fôra sua filha. Aos oito annos, mandou-me meu pae para um collegio.

«Felismina, a santa mulher que me fôra segunda mãe, chorou amargas lagrimas ao saber da resolução de meu pae. Debalde instou com elle para eu ficar em casa, onde poderia receber a educação e a instrucção, que tantas lagrimas me custaram no collegio, cuja disciplina era bastante rigorosa.

«A boa mulher, quando se desenganou de que nada conseguia, abraçou-me commovida, e despediu-se de mim chorando.

«Sahimos no mesmo dia de casa; ella, para a sua terra natal, Petropolis; eu, para o collegio, onde meu pai me acompanhou.

«Posto que em idade mui tenra para apreciar devidamente as cousas, soffri muito com aquella mudança. Nos primeiros dias sentia-me tão triste, que nem tocava nos mais exquisitos manjares. Foi então que comecei a sentir a immensa perda causada pela morte de minha mãe. Se minha mãe fosse viva, pensava eu, meu pai não me traria para esta casa desconhecida, porque ella não consentiria n'essa separação.

«E, n'essas occasiões, derramava copiosas lagrimas, e lamentava a ausencia da minha querida Felismina, que sempre tinha novos carinhos para me fazer.

«Aquella solidão moral matava-me as mais doces illusões, as mais fagueiras esperanças. Tinha muitas companheiras, e, algumas d'ellas, verdadeiras amigas; mas que importava, se me achava separada de meu pae e da minha querida ama?!

«Passados alguns mezes, depois da minha installação no collegio, afizera-me um tanto á minha nova existencia; mas o isolamento em que sentia o coração gerara em mim uma melancolia, bem impropria d'aquella idade, vulgarmente chamada dos risos e das flores.

«Algumas das minhas companheiras, com quem convivia em mais intimidade, estranhavam a minha tristeza, e perguntavam-me porque não as acompanhava nos seus brinquedos.

«Por unica resposta, assomavam-me as lagrimas aos olhos e acudia-me aos labios um monosyllabo, a palavra mãe.

«Em vão tentavam desvanecer aquella minha tristeza, porque ella parecia haver-se identificado comigo.

«Meu pae visitava-me algumas vezes. N'essas occasiões, depois de longas conversações com a directora do collegio, perguntava-me em particular se eu estava satisfeita, se era bem tratada e outras cousas similhantes.

«Bastantes vezes desejei fallar-lhe com franqueza, confessar-lhe a magoa que sempre me acompanhava, as saudades que sentia e os dissabores que me rodeavam n'aquella casa; ao fitar porém os olhos no seu rosto severo, abafava os suspiros da minha alma atribulada e calava as vozes do coração, com receio d'elle se encolerisar.

«Demais, fôra escusado fazer-lhe revelações. Acaso um pae não lê na physionomia d'uma filha a dôr que lhe punge no intimo? Por ventura o rosto não será o espelho da alma?...

«Meu pae parecia dar-se por satisfeito com as minhas respostas e deixava-me entregue á habitual tristeza. Nunca o disse a ninguem, snr, Jorge; confio-o, porém, de si, porque me merece um grande conceito. Estou convencida de que meu pae nunca me consagrou affecto. Mesmo as suas caricias eram frias; não me commoviam como devem commover os affagos d'um pae.

N'este ponto, Jorge interrompeu a narrativa com um sentido suspiro. A joven brazileira, com uma voz em que tremia a commoção, proseguiu como se não houvera percebido aquelle incidente:

«Assim volveram os annos. Aos quatorze sahi do collegio, com o espirito sufficientemente culto e o coração bastantemente ferido. N'aquella casa uma só pessoa ficara, de quem eu trazia verdadeira saudade. Era uma companheira minha, mais velha alguns annos do que eu, e que fôra sempre minha confidente. Chamava-se Laura de Menezes.

(Continua) ALBERTO CARLOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

XXIX

O INDUSTÃO

(Continuação)

Visitemos agora os estados alliados dos inglezes, principiando por mencionar entre os paizes alliados ou tributarios, mas não submettidos á sua dominação, os Mamattes, que durante muito tempo contrabalançaram o poder inglez.

O reino de Nizam, ou Deccan, com 270:000 kilometros quadrados e 10 mi-

lhões d'habitantes. Capital Hyderabad (200:000 h.); guarnição ingleza. Cidades principaes, Golconda, d'onde vem os diamantes e pedras preciosas; Aurengabad (20:000 h.); cidade grande, mas em ruinas.

Myssore (90:000 kilometros quadrados e 3,500:000 h.); capital Myssore (50:000 h.), cidade forte.

Travancore (11:950 kilometros quadrados e 1,600:000 h.); capital Trivanderam.

Cachemira (80:000 h.); com o seu soberbo valle, 1:800 metros acima do nivel do mar e bordado do Himalaya. Foi outr'ora um estado independente. A população foi cruelmente disseminada pelo cholera e a fome em 1836. A sua riqueza consiste na fabricação dos magnificos chales, cujas felizes imitações feitas na Europa não poderam ainda diminuir-lhes o valor. Capital Cachemira, ou Sirinigar, cidade de 40:000 habitantes.

A Radjeputanah, confederação de pequenos estados; capital Adjemir, cidade de 25:000 habitantes.

Resta-nos emfim, antes de deixarmos a India, visitar os estados independentes, assim como a India portugueza e a India franceza. Quando dizemos a India portugueza queremos referir-nos á pequenissima parte do opulento territorio que outr'ora adquirimos no Oriente á custa de verdadeiros actos d'heroismo.

Hoje o que nos resta é apenas uma recordação, são os vestigios d'um passado glorioso, que nunca mais volverá, porque esta terra já não produz homens da tempera dos Gamas e dos Albuquerques.

Pondo termo a estas reflexões, que são puros desabafos d'uma alma que ainda tem amor ao *ninho seu paterno*, na conceituosa phrase do nosso grande epico, prosigamos a digressão que nos propozemos fazer por esse mundo além.

XXX

A INDIA PORTUGUEZA

A India portugueza, ou como officialmente se lhe chama, o Governo Geral dos Estados da India, divide-se em Velhas e Novas Conquistas.

As Velhas Conquistas comprehendem as provincias de Goa, Salsete e Bardez, de cujos territorios se apossaram os portuguezes desde 1510 até 1534.

As Novas Conquistas, que vieram á posse de Portugal desde 1763 até 1783, são Pondá, Zambaulin, Bicholim, Satary e Pernem.

Com as praças de Damão e Diu, estes territorios constituem a India Portugueza, que está situada na costa occidental do Industão. A superficie total das Novas e Velhas Conquistas é de 3:370 kilometros quadrados, com uma população approximadamente de 500:000 almas, pertencentes a diversas castas, como europeia, brahmane, chardó, sudra e preta.

Comprehendem estes territorios quinze provincias. Teem 5 ilhas importantes e oito menores; cinco montanhas notaveis e tres cascatas, a mais bella das quaes é a de Sonaulim, ou Dudsagar, em Embarbacem. Os rios são oito e os portos seis, sendo os mais importantes Goa e Murmugão, nos quaes ancoram embarcações que demandem até 14 pés de agoa.

Goa foi outr'ora a capital de todos estes estados.

Situada na peninsula, além do Ganges, foi conquistada e reconquistada ao Hidalcão pelo celebre Affonso d'Albuquerque em 1508.

(Continua)

PERIGOS

(NA CARTEIRA D'UMA DAMA)

—

I

Eram bons aquelles tempos
Em que bastava uma flor,
Um olhar, uma saudade,
Para um poema... d'amor!

Inspirava a meiga lua
Versos lindos a mais não
Aos poetas, uns rapazes
Que só tinham... coração.

Se, já tarde, um passarinho
Se ouvia, ao longe, cantar,
A inspiração não faltava,
Durava... até acabar!

Eram imagens aos centos,
Comparações divinaes:
Fallavam no ceo, na terra,
Nas agoas, nos salgueiraes...

E o amor dos juramentos,
O amor sentimental,
Passava a noute á janella
Sem temer um catarrhal!

II

Mas o lyrismo cançou-se
Com as tolices que fez
E deixou aos realistas
Todo o campo d'uma vez.

Retirou-se a tomar ares
E não mais nos appar'ceu;
A acreditar as más lingoas
Deu-lhe a phthysica e morreu.

Não vou jurar, mas quem sabe
Se é verdade o que se diz?
Talvez viva com a amante
Em um ignoto paiz...

Pois não foi sonho constante
D'aquella alma, uma cecém,
Ter, n'um bosque, uma cabana
Para elles... e mais ninguem?

III

Agora, co'a nova escola
De Baudelaire e Zolá,
Phantasias, devaneios,
São coisas que já não ha.

Tornou-se em photographia
A maneira de escrever:
Copia-se a natureza...
E o mais que se pode vêr.

Em logar das doces phrases,
Cheias de pureza e luz,
Empregam termos estranhos
Em que o mao francez transluz.

Cantavam-se outr'ora os lyrios,
Juliettas e Romeus;
Agora cantam-se os vicios,
Duvida-se até de Deus...

Fugimos d'um exagero,
Fomos em peor cahir;
De sorte que eu, ao vêr isto,
Não cesso de repetir:

Eram bons aquelles tempos
Em que bastava uma flor,
Um olhar, uma saudade,
Para um poema d'amor!

IV

Pediu-me que lhe escrevesse
Na carteirinha gentil;
Mas fazer versos, agora,
Tem p'rigos aos mil e mil!

Quaes elles são, bem o sabe;
Por isso, não lh'o direi...
Ser lyrico não é moda,
Realista não serei!

Eu acceder bem quizera
Ao pedido feito assim:
Mas não posso... tenho medo;
Ha de perdoar-me... sim?

ANTONIO DA CUNHA

EXPOSIÇÃO MUSICAL DE MILÃO

—

(Continuação)

A tradicção pretende que em remotissimos tempos os povos d'esta região emanavam as suas leis cantando e que as guerras se pugnavam entre canticos e hymnos bellicos, que, excitando os animos, conduziam á victoria. (Vide *Chronica de Garcia de Resende.*) Nas egrejas o povo tomava parte nos canticos religiosos, associando-lhes as suas cantilenas nacionaes (*vilhancicos*), e ainda hoje em dia em algumas aldeias se canta exterior e interiormente nos templos. Nas festas populares, nos trabalhos dos campos, nas fainas domesticas, o canto era e é a consolação da tristeza, a origem da alegria, o que faz esquecer as fadigas e que acompanha o amor. Uma infinidade de musicas nacionaes andam acompanhadas das respectivas poesias; mas existem na maior parte ineditas, o que torna impossivel á Commissão addiccional-as á collecção. Desde os mais remotos tempos teve a musica uma parte importantissima nas festas regias portuguezas e nos festejos publicos; os reis, que desde então dispunham da sua influencia e riqueza, encontravam nos seus palacios os elementos da civilisação que, vinda do estrangeiro, devia diffundir-se no paiz.

Effectivamente, do mesmo modo que tiveram os melhores jograes, os mais afamados menestreis e poetas provençaes de mais nomeada, os soberanos, pois, faziam vir, por meio dos seus embaixadores, informações exactas dos progressos da arte no estrangeiro, para facilitar e fomentar d'este modo os *maestros* compositores nacionaes em beneficio da arte em Portugal. Fundaram as melhores capellas, creando as melhores escolas de musica; ao mesmo tempo protegiam o exordio das novas representações d'operas sacras, bem como outras de varias formas, começando pelas farças *(entremezes)* do tempo de D. João II, os *autos* de Gil Vicente, no reinado de D. Manoel e de D. João III, e terminando com as operas bufas d'Antonio José da Silva, e pela fundação da Opera italiana na época de D. João V e de D. José I.

D. Diniz, tendo fundado em 1288 em Lisboa uma Universidade, denominada *Escolas Geraes*, transportou-a em 1308 para Coimbra e ahi estabeleceu a primeira escola de musica, que ainda hoje existe, e que produziu varios e excellentes cantores, tanto sagrados como profanos.

O mesmo rei organisou a real capella de musica no seu palacio d'Alcaçova, dando forma definitiva á tradicção catholica da peninsula, e que veiu seguindo desde o rei D. Affonso I, II e III e D. Sancho I e II, os quaes todos protegeram as composições sacras e profanas nos templos e nas capellas, que eram por elles subsidiadas com generosidade.

No tempo em que reinava D. Sancho I (1185 a 1211), que então residia em Coimbra, foi introduzido nos sagrados ritos da egreja de Santa Cruz o *Te-Deum*.

D. Pedro I, seu successor, gostava immensamente dos cantos populares e das dansas publicas, em que muitas vezes tomava parte, dando preferencia sobretudo a uma especie de trompas de prata, chamadas *bastardas*, que tocavam muito bem um tal Lourenço Pallos e João Marcos. (Vid. *Chronica de Fernão Lopes*). D. João I era compositor e consta que escreveu varios psalmos.

O proprio D. Duarte compilou os estatutos por que se deviam regular os artistas da capella real. D. Affonso V apreciava e honrava os artistas e augmentou o numero dos da sua propria capella. D. João II tinha feito vir para junto de si excellentes artistas de musica, que serviam nas suas apparatosas e soberbas festas publicas, para divertir o povo com representações, compostas de dramas e farças, adornadas com mecanismos; existiam tambem nos seus tempos celebres cantores, aos quaes se referem escriptores de aquella epoca. (Vid. Garcia de Resende).

Não se ignora que no tempo de D. Manoel, além dos seus esplendidos saraus, dados por elle aos seus cortezãos no palacio da Ribeira, edificado por sua ordem, se deram as primeiras representações dos *autos* (Vid. Theophilo Braga) compostos por Gil Vicente, os quaes eram acompanhados por córos e dansas.

Este monarca escripturou nas principaes cidades da Europa os mais eximios cantores e tocadores, agradando-lhe na hora da *sesta* ouvir os seus cantos e os seus sons, bem como pouco antes de se recolher á cama, e aos jantares que dava e igualmente á ceia. Tinha uma *banda* formada e concertada com instrumentos chamados *Charamelas*, *Sacabuxas*, trombetas, tambores e violinos, (Vid. *Chronica de D. Manoel*, cap. 84), sendo igualmente fama que elle possuia a melhor orchestra de capella dos seus tempos, e isto o assevera Damião de Góes, que foi o seu chronista, o qual, além de ser cantor e musico, era ao mesmo tempo litterato, tendo composto *A Arte de musica* e varias outras obras. O rei tinha igualmente diversos musicos arabes, que cantavam acompanhando-se com alaúdes, tamborillo (pandeiro), charamellas, harpas, violinos e timbales.

Foi durante este reinado e no seguinte de D. João III, que se activou em Portugal o movimento, que data da opera em Italia; foi então que a arte musical, como um relampago, augmentou tanto, que, ultrapassando os limiares dos templos saltou para fóra, e de sacra que até então tinha sido sempre, passou a ser profana, fraternisando com o drama. Os mysterios e os *autos* tinham-se mesclado de córos e dansas, *vilhancicos* e outras peças cantadas. Em 1589 viveram os celebres cantores Francisco Mendes, Rodrigo Velho, Luigi Vittorio; o poeta Antonio Caminha notou este ultimo como cheio de suavidade e doçura; é preciso advertir que estes e outros floresceram nos reinados anteriores.

(Continua)

SPIRA

SPIRA

Spira, uma das cidades mais importantes da Allemanha na idade media, não é hoje mais do que uma cidade de terceira ordem, sem deixar comtudo d'inspirar interesse sob o ponto de vista historico e architectural.

Está situada na Baviera rhenana, junto da margem esquerda do Rheno e a cerca de duzentos e sessenta kilometros de Munich. Tem uma população de treze mil almas.

A cidade actual é aceiada, bem construida e provida d'agoa. A rua principal é a rua Maximiliano, que vae pelo lado oeste da cathedral, até ao Altpaertel, um dos raros vestigios da antiga cidade episcopal.

A cathedral escapou por milagre aos desastres que a cidade soffreu. Este edificio, designado pelo nome de Dom, foi começado por Conrado I, continuado por Conrado II e Henrique III e acabado por Henrique IV em 1097, e póde considerar-se um dos mais bellos modelos da architectura do seculo IX. Incendiada tres vezes, foi reconstruida pelo rei da Baviera Maximiliano José. E' depois da cathedral de Colonia a maior egreja da Allemanha.

Em 1356 celebrou-se em Spira um concilio. Bertholdo de Rorbach ensinava na Allemanha que Jesus Christo, na paixão, fôra abandonado por seu pae e que na cruz amaldiçoara a Virgem Maria. O bispo de Spira chamou o heretico a um concilio e tratou de o fazer retractarse. Não o conseguindo, foi condemnado e entregue ao braço secular, sendo queimado vivo na cidade de Spira.

Emfim Spira torna-se notavel na historia por ser ali que se reuniu no mez de março de 1529, a dieta em que se redigiu o celebre protesto, de que proveio aos partidarios da religião reformada a denominação de protestantes.

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

VICTORIA EM MAZAGÃO

Achava-se a praça de Mazagão sitiada por um grande numero de tropas do Xerife imperador de Marrocos, commandadas por seu proprio filho, e os portuguezes que defendiam a praça eram poucos em numero, mas muitos no valor com que resistiam.

O imperador, acceso em ira, bramava como um leão, não sabendo a que attribuir em tão debil poder tão dura resistencia. Tratou a toda a pressa de recrutar tropas escolhidas, abastecendo-as com tudo o necessario para vencer os portuguezes, e se por acaso algum dos soldados que combatiam diante da praça desertava e voltava a Marrocos, mandava-o açoutar barbaramente para exemplo.

A este tempo, sabendo-se em Portugal do apertado cerco em que os mouros tinham aquella praça, tratou-se de mandar uma armada em soccorro dos nossos valentes soldados.

Foi nomeado commandante o duque de Bragança D. Theodosio, e em quanto se aprestavam os navios que deviam compôr a armada, mandaram-se adiante os que estavam disponiveis, entre os quaes se contava o famoso galeão S. Sebastião, que jogava tresentas e sessenta peças d'artilheria e era commandado por Francisco Barreto, que fôra governador da India. Iam quatro mil soldados e grande copia de munições.

Antes porém de chegado o soccorro, mas sabedores os mouros que não tardaria, resolveram dar um grande assalto, o qual se realisou no dia 30 d'abril de 1562, sendo destroçados completamente. Durou cinco horas e meia a contenda em que os nossos, arrasadas as muralhas da fortaleza, combateram o inimigo corpo a corpo e fazendo nos atacantes grande mortandade.

Foi esta uma das mais insignes victorias de que reza a nossa historia.

OS COMBATENTES

—

O nome de combatentes que diversos naturalistas deram á ave representada na gravura diz sufficientemente do seu caracter belicoso. Como as femeas d'esta especie só raras vezes tomam parte nas luctas que os combatentes se dão entre si, pretende-se que o amor era unicamente o motivo das rixas; mas esta asserção não é verdadeira.

Os combatentes dão-se ás luctas, quer sós, quer em bandos, sobretudo nos mezes d'abril e maio, de manhã ou de tarde, e até mais d'uma vez ao dia, e quasi sempre a lucta só termina depois d'algum sangue derramado. As femeas esperam a alguma distancia do campo de batalha que esta acabe; os seus gritos entretem e reanimam o ardor dos rivaes, e quando os vencidos são postos em fuga, ellas recebem as homenagens dos vencedores. Muitas vezes os fugitivos, reanimados alguns momentos depois da derrota pelos gritos das femeas, voltam ao combate contra novos campeões com um ardor que parece ser sempre o mesmo.

O combatente macho tem uma especie de collar, que é a um tempo arma defensiva e adorno, de que são orgulhosos. Compõe-se o collar de pennas compridas e bastas, que encrespam nos momentos de colera e lucta. Perdem-o ordinariamente no mez de junho.

A côr do collar varía segundo os individuos, e a forma tambem muda durante o periodo do desenvolvimento. Na maior parte dos individuos a côr é uma mistura de tons, dominando o negro, a violeta e o castanho. São raras as aves cujo collar seja inteiramente branco.

OS COMBATENTES

Dissemos que o amor não era o unico movil das suas guerras encarniçadas. Batem-se, de facto, pelo motivo mais futil. Uma nesga de relva verde a occupar, uma pouca de alimentação a tomar, a presença d'alguns espectadores que os excitam ao combate, tudo lhes é motivo de rivalidade. As proprias femeas são de natureza bellicosas, e ha-as muito mais temiveis do que os machos.

O que prova ainda que o ciume amoroso não é só o que justifica o nome dado aos combatentes, é que estas avesdesafiam todas as das outras especies quando as encerram com ellas. Os inglezes costumam engordal-as, alimentando-as com leite e migas de pão; mas teem de guardal-as em sitio escuro para as conter em paz, porque vendo a luz principiam a brigar.

Os combatentes abundam na Inglaterra, e com especialidade no condado de Lincoln. Na primavera habiam as costas da Picardia, Hollanda, Flandres e Allemanha. São communs na Suecia, na Islandia, na Russia e na Siberia.

O modo d'apanhal-os é a laço no momento em que estão brigando.

O combatente faz o ninho debaixo da terra, em um buraco cercado de relva. Os ovos são bons para comer e em alguns paizes procuram-os com avidez, pois dão bom dinheiro. A carne tambem se come; mas só é saborosa no estio. Os hollandezes são os que d'ella fazem maior consummo.

Quanto a dimensões, o combatente costuma regular por trinta centimetros.

A MULHER NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

—

II

(Continuação)

Por consequencia é fóra de duvida que o homem da epoca de bronze começou a procurar no solo a alimentação que a caça e a pesca muitas vezes lhe negavam, e n'este ponto é á mulher que cabe a honra de iniciar a cultura. Deus, no seu elevado espirito, assim o entendera e fizera executar.

A mulher, vendo-se rodeada dos entes que gerara em seu ventre e que pedindo-lhe pão não tinham ainda a idade para poderem de per si prover á sua subsistencia, começa cultivando o solo, semeando de volta da triste cabana algumas plantas que possam fornecer o necessario alimento a si e a seus filhos; inconscientemente vae alargando dia a dia a sua horta, que, á maneira que vegeta, vae-lhe fazendo nascer o gosto pelo trabalho agricola, e este vae a pouco e pouco tornando-se uma imperiosa necessidade, indispensavel á familia que vae crescendo.

III

A principio a tribu é composta unica e exclusivamente de membros unidos pelo parentesco; estreita-os e enlaça-os a sympathia do sangue. A tribu assim constituida tratava de procurar no solo o sustento, a vida, a riqueza; a preguiça, apossando-se dos membros d'algumas tribus, dava origem á sua extrema pobreza; d'ahi a inveja, causada pela riqueza d'uns e a pobreza d'outros, gera nas diversas tribus uma perpetua guerra de morte. Alliam-se as tribus entre si por meio de confederações e o mais mesquinho antagonismo reina por toda a parte.

Estabelecida assim esta patriarchal sociedade, o casamento, isto é, a maneira de contrahir o consorcio, varía completamente; já não são as armas que decidem da sorte da mulher; é outra cousa differente na ideia, mas irmã no pensamento: é a compra. A mulher deixa então de ser um despojo de batalha para ser uma escrava, uma mercancia e nada mais; mas ainda assim esta fórma de commercio é bem melhor do que aquella, é mais um passo dado nos progressos do seu destino, embora o marido exerça sobre ella um perfeito absolutismo proveniente da compra.

O pae, ao dispôr do coração e da liberdade do sangue do seu sangue, recebe do que a vae desposar o respectivo *mohar*, que quasi sempre consiste em serviços prestados. Se n'este ponto consultarmos os livros sagrados veremos no *Genesis* a affirmativa d'este facto, por quanto quatorze annos Jacob serviu Labão para obter as mãos de suas duas filhas Rachel e Lia.

Desde o momento pois em que o consorcio se tornou um espirito puramente de ganancia, em diversas cidades do Oriente e em dias d'antemão designados, eram as donzellas postas em leilão (tendo ellas para isso a competente idade, sem o que não podiam ali concorrer) sendo o pae o promotor da venda das filhas. Escusado será dizer que a belleza era a ordem da venda, sendo o preço da compra o dote das que por menos sympathicas não encontravam comprador.

A riqueza delimitava o numero de mulheres que cada um tinha; comprar uma só, ou muitas, era indifferente. Tinham até por um titulo de grandeza o possuir muitas mulheres; tal era a unica aspiração do chefe da tribu.

Estabelece-se então na face da terra, em toda a sua hediondez, a polygamia, esse veneno leproso que destroe a familia e escravisa a mulher a ponto de a tornar um ente que o marido espanca a toda a hora sob o simples pretexto de superioridade. A polygamia, tal qual nol-a apresenta a historia antiga, isto é, nas epocas chamadas patriarchaes, é a peste que envenena e mata a liberdade da mulher e os sagrados vinculos do verdadeiro amor; é o cancro que apossando-se do lar domestico o converte em miseravel alcouce, fazendo actuar sobre a mulher a despotica e tyrannica oppressão do marido, que desconhecendo o amor se deixa arrastar pela vil sensualidade ao abysmo, que destruindo a familia nega á mulher a liberdade e o logar que de direito lhe pertence no lar domestico. Infelizmente ainda hoje existem, com pequenissimas differenças, costumes que a civilisação na sua marcha progressora não pôde ainda de todo apagar de sobre a face do globo. N'essas grandes regiões da Africa e da America, onde existem grandes e vastas florestas selvagens e onde a vista se perde sem encontrar uma humilde cabana que indique a existencia d'um ser humano; ali, n'aquellas immensas paragens onde vegetam e crescem os enormes sycomoros e as gigantescas palmeiras, e em que o rei dos bosques, com a sua voz forte e rancorosa, mostra ao homem a força das suas garras e a magestade do seu caracter, vivem tribus de milhares d'individuos em que a polygamia é rigorosamente seguida segundo a riqueza de cada um. O pó dos seculos não pôde ainda apagar após o volver de tantos annos esse nefando vicio, origem da mais degradante sensualidade e bachica orgia.

Analysemos em rapida passagem as descripções de viajantes illustres e de arrojados exploradores e veremos a affirmativa d'esta triste verdade. Na Africa, por exemplo, este costume está implantado entre todos os selvagens d'aquella ardente região onde tanto predominam as febres palodosas.

(Continua) AZEVEDO RAMOS

AO IMMORTAL CAMÕES

VERSOS RECITADOS PELO AUCTOR COMO EPILOGO D'UM DISCURSO ÁCERCA DE CAMÕES E OS LUSIADAS, NO SARAU LITTERARIO QUE TEVE LOGAR NO PAÇO MUNICIPAL D'ANGRA DO HEROISMO EM 10 DE JUNHO DE 1880

—

Camões! Só o teu nome é uma immensa gloria,
E immortal o preserva a nossa antiga historia,
Essa mesma que tu, ó grande e nobre artista,
Como igual entre nós talvez jamais exista,
Enfloraste no teu sublime monumento,
Lição do heroismo e á lingoa ensinamento!

Da patria, quasi inculto, houveras por idioma
A absurda confusão dos barbaros com Roma;
E tão ameno o fez o teu estro sob'rano
Que ainda é de primor o estylo camoneano!
Fundiste o mat'rial da ingente architectura,
Dando a forma e o relêvo á nossa litt'ratura!

Em tudo foste grande, e até a dura sorte
Assim te foi na vida e sempre até á morte!
Mallogrado no amor e da patria offendido,
A caridade acolhe o teu final gemido!
E pôde o teu paiz mostrar-se tão avaro
A um filho tão illustre, ao teu engenho raro?

Chegarias, talvez, até a ser mendigo,
Se por ti o não fôra o bom Jau, teu amigo!
Mas, se á vida d'alem chega a voz d'este mundo,
Deverás tu sentir o praser mais profundo,
Quando o teu Portugal, jubiloso e eloquente,
Te proclama o maior da sua antiga gente!

JOÃO HERMETO COELHO D'AMARANTE

BIBLIOGRAPHIA

—

Manual theorico-pratico de gymnastica para uso dos lyceus, collegios, escolas municipaes e primarias, por Paulo Lauret.

1 vol. em 8.°, com estampas intercalladas no texto; Lisboa, 1881.

A Empresa das *Horas Romanticas* acaba de editar mais um livro util, cujo titulo fica mencionado acima, e que é devido á intelligencia e ao estudo pratico do snr. Paulo Lauret, feito ha alguns annos n'esta especialidade na leccionação d'alguns collegios de Lisboa e Porto.

Este meio d'educação physica tem merecido ultimamente a attenção e os cuidados de todas as pessoas, que se interessam pela instrucção das creanças, pois contribue poderosamente para modificar em fortes fracas constituições organicas, e os seus beneficos resultados justificam plenamente a acceitação provada, que tem tido, e ainda ultimamente a reforma de instrucção primaria proposta pelo snr. Sampaio, quando esteve no ministerio, que cahiu em 1878, indicava como obrigatorio o estudo da gymnastica, proposta esta que mereceu uma approvação quasi unanime; e se alguem discordou, não cause isso grande reparo nem estranheza, pois que o sabio Herbert Spenser prefere para o desenvolvimento physico das creanças os jogos á gymnastica.

O modo como o snr. Paulo Lauret

distribuiu as differentes partes do seu livro é digno de seria attenção, e o methodo claro e preciso como trata cada uma das materias sobre que discretea, constitue esta obra um precioso subsidio, para quem se incumbir de leccionar esta secção de pedagogia, modernamente empregada na educação primaria.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XIX

HERSCHEL

Herschel, celebre astronomo, nasceu em uma aldeia no Hanover em 1738; era filho d'um musico habil e seguiu a carreira de seu pae em Inglaterra, onde residiu durante muito tempo em um estado quasi miseravel.

Do estudo da musica passou ao das mathematicas e em seguida ao da astronomia, que cultivou a principio por distracção e ao qual acabou por consagrar-se inteiramente.

Por suas proprias mãos construiu um telescopio do comprimento de doze metros, com o auxilio do qual fez descobertas muito importantes, entre outras a do planeta Urano, em 1781, e dos seus satelites. Em 1787 Herschel creou a astronomia estellaria e forneceu sobre a constituição do ceo novas e mui preciosas noticias.

Morreu aquelle grande sabio em Londres em 1822, coberto d'honras e distincções.

OS CAVALLEIROS DO AMOR
ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XXII

EM QUE O CONDE DE LAZAN SE ENCONTRA COM UM AUXILIAR QUE NÃO ESPERAVA

Maria chorou largamente; depois, comprehendendo que era necessario tomar uma resolução, lançou mão d'uma penna e escreveu a Luiz de Guevara uma carta, mandando-a para a casa onde elle se achava escondido. Mas o criado, vendido a D. Catharina de Sandoval, em vez d'ir entregar a carta a Luiz, entregou-a a D. Catharina, e precisamente essa carta produziu a scena que os nossos leitores presencearam em casa de Giacomo Zarini, onde os ciumes da rival de Maria a conduziram.

Como sahir-se o conde do grave compromisso em que estava para com Floridablanca, em cujo desagrado não queria incorrer?

O casamento de Maria com o sobrinho d'este era para elle uma necessidade imprescindivel, não só porque lhe assegurava maior influencia na côrte por meio de seu genro, mas tambem em vista do immenso dote que alcançaria sua filha, dote em que se incluiriam aquellas famosas propriedades, litigadas durante tantos annos, e cuja demanda, se o conde a perdesse, equivaleria á sua ruina completa.

D'aqui todos os esforços para fazer com que Maria consentisse em casar com o visconde do Juncal, e d'aqui tambem o seu profundo desgosto por ver que nada conseguia e que todos os planos que formava lhe falhavam.

Uma outra cousa o preoccupava. Se Maria não queria casar com o visconde é porque já amava outro homem. Quem seria elle?

Maria sabia tão de longo a longe, que o conde não podia atinar como foi que ella se captivou d'um homem. E de mais, se de veras amava, não o teria dito a seu pae?

Mas o conde não podia duvidal-o. Ali andavam outros amores.

No dia seguinte áquelle em que teve a entrevista com a filha, o conde de Lazan achava-se no seu quarto, vivamente preocupado, quando um criado lhe deu parte de que o procuravam.

—Disse o seu nome esse sujeito?

—Não, senhor.

—Bem, que entre.

Mal o criado sahiu do quarto para introduzir o desconhecido, o conde disse:

—Quem será? Se ao menos fosse Garcia!...

A porta do quarto abriu-se e appareceu n'ella a figura gasta, repugnante, a verdadeira personificação do vicio, seu intimo amigo e cumplice Garcia.

—Quanto me alego que viesses! exclamou o conde.

—Eu alegro-me mais de vel-o.

—Porque?

—E que me queria o senhor conde?

—Estou desesperado.

—Estimo muito.

—Estou furioso com minha filha.

—Ainda melhor.

—Maria vae cobrando atrevimento com a protecção de sua tia.

—Infinitamente melhor! exclamou Garcia esfregando as mãos de contentamento.

—Mas que estás dizendo? perguntou formalisando o conde.

—Digo que tudo isto me é altamente agradavel.

—Estás louco ou pensas zombar comigo?

—Ah! Se estou louco já não lhe sirvo para nada, e não tem mais que desculpar.

E dizendo isto, Garcia ia a encaminhar-se para a porta, sem duvida para sahir. O que vendo o conde, levantou-se como tomado de subita ira, e agarrando Garcia por um braço, obrigou-o a retroceder.

—Onde ias tu?

—Ia-me embora.

—Vamos, disse o conde. Queres ir embora quando chegaste exactamente no momento em que precisava de ti?

—N'esse caso aqui estou ao seu dispôr.

E Garcia sentou-se familiarmente em uma cadeira.

(Continua)

ZORA

—

As pessoas que estudaram a geographia politica do imperio de Marrocos sabem que ao norte do paiz de Darah e nas vertentes do grande Atlas estende-se o antigo reino de Tafilete, onde em primeiro logar se encontra a cidade de Zayana, povoada de *chilluks*, que não poucas vezes se negam a reconhecer o imperador.

Estes filhos das tribus mais indomitas que povoam todo o Mohgreb sublevam-se a miude, e n'essas ocasiões é tão difficil submettel-os, que se empregam exercitos inteiros e se dão batalhas sangrentas para conseguir a submissão momentanea d'aquelles povos indoceis.

Nos tempos de Sidi-Mahomet tinham chegado as cousas a tal extremidade a respeito das continuas sublevações dos *chilluks*, que o proprio imperador se viu na necessidade d'ir em pessoa, pondo-se á frente d'um verdadeiro exercito, afim de submetter e acabar de vez com o espirito de rebellião tão commum entre aquelles povos.

O imperador atravessou todo o territorio que demorava entre a capital e o reino de Tafilete e chegou por fim a Damnat, primeira aldeola dos *chilluks*.

Não houve resistencia; mas apresentou-se uma deputação ao imperador, pedindo-lhe que se retirasse, que elles de bom grado pagariam os dous annos de tributos que deviam. A resposta do imperador foi mandar enforcar os deputados e continuou a marchar em direcção a Zayana.

Dous dias depois apresentou-se uma nova deputação, fazendo as mesmas propostas que a anterior, só com a differença que vinham com os deputados as tres mais formosas filhas dos *chilluks*, destinadas a entrar no serralho do imperador.

Sidi-Mahomet mandou enforcar os deputados e ficou com as tres formosas jovens que deviam servir de garantia á paz pedida pelas tribus sublevadas.

No dia seguinte, ao chegar o imperador a Zayana, os *chilluks* apresentaram-se em som de guerra e não tardou a dar-se a batalha, que foi horrivel d'encarniçamento e crueldade d'ambos os lados. Os selvagens defendiam a vida, as casas, as mulheres, e batiam-se como verdadeiros leões. Todo o extenso valle cortado pelo rio Ziz ficou semeado de cadaveres. O proprio imperador viu-se obrigado a retroceder duas vezes diante

da resistencia dos seus subditos rebeldes. Foi-lhe necessario pôr fogo aos bosques proximos para abrir caminho ás tropas e só á custa dos mais heroicos esforços pôde o imperador contar com a victoria, não sem perder metade dos seus soldados.

O imperador encontrou amplo o caminho até Zayana; mas se é certo que a resistencia dos *chilluks* foi energica e valorosa, maior foi a que oppozeram os velhos, as creanças e as mulheres por detraz dos debeis muros da pequena cidade. Foi necessario appellar para o incendio, para o assalto, para a destruição mais completa, para que Sidi-Mahomet podesse considerar-se senhor de Zayana. Uma vez porém dentro da povoação, e assombrado d'aquella resistencia heroica e admiravel, apesar de a colera lhe offuscar a rasão, mandou enforcar todos os homens validos da cidade, que se fizesse uma leva com todas as mulheres jovens para serem transportadas a Fez na qualidade d'escravas e que todos os moveis, dinheiro, effeitos, cavallos e armas se considerassem propriedade do sultão.

Estas medidas exterminadoras iam principiar a cumprir-se quando se apresentou a Sidi-Mahomed um homem d'aspecto nobre e vestido com um trajo rico e esplendido, o qual avançou para o imperador sem baixar a vista nem vacillar um momento.

—Quem és? perguntou o imperador arrogantemente.

—Sou Sed-Figuig, chefe dos *chilluks*, respondeu aquelle homem com tanta altivez como valentia.

(Continua)

AS NASCENTES DO RHENO

O Rheno é um dos rios mais importantes da Europa. O seu nome é d'origem celtica. Tem as nascentes na Suissa, nos Alpes dos Grisões, a cerca de tres kilometros do hospicio de Santa Maria, situada na estrada que de Airolo vae dar ao monte Lukmanier.

Este celebre rio, importante já no tempo dos romanos, que lhe deram a denominação de *soberbo*, é formado pela juncção de tres braços, que são o Rheno anterior, o Rheno do meio e o Rheno posterior. O Rheno do meio não passa d'um afluente do Rheno anterior, e os dous juntam-se com o Rheno posterior em Reichenau, formando o Rheno propriamente dito.

NASCENTES DO RHENO

O curso total do Rheno é de mil e tresentos kilometros, sendo só novecentos navegaveis.

O Rheno tem margens muito pittorescas. E' notavel o que d'elle escreveu Victor Hugo. «O Rheno, diz o celebre auctor da *Legenda dos seculos*, reune tudo. E' rapido como o Loire, bordado de rochas como o Mosa, tortuoso como o Sena, limpido e verde como o Danubio, mysterioso como o Nilo, semeado d'ouro como um rio da America, coberto de fabulas e phantasmas como um rio da Asia.»

ZIG-ZAGS

A NEGRINHA

E' assim chamada uma insignia do mordomo-mór da casa real portugueza, com a qual assiste a todos os actos publicos da côrte.

Pelos annos de 1442, no reinado de D. Affonso V, vieram os primeiros negros trazidos da Guiné a Portugal por Antão Gil, criado do infante D. Henrique, e pelos de 1448 vieram tambem a Portugal, da costa do sul de Cabo Verde, os primeiros dentes de elephante.

Desde então Affonso V ordenou a Alvaro de Souza, seu mordomo-mór, que usasse uma bengala de marfim, tendo por castão uma cabeça negra, em todos os actos publicos da côrte, como para indicar o seu novo dominio n'aquellas remotaspartes do mundo.

BONS DITOS

D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, costumava dizer que haviamos usar das palavras como dos vestidos, que uns traziamos e outros guardavamos.

O mesmo dizia que aquelle que persuade a virtude sem dar de si exemplo nas obras é como o que atiça a luz sem lhe deitar azeite.

Era ainda sentença do mesmo fidalgo que o estar ocioso era pagar a vida de balde.

O bem, dizia elle, deve crer-se de todos, mas o mal de ninguem sem provas.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 37

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 12 DE MAIO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 25 rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

Texto:— Auxerre — O vampiro — Innocente (poesia) por A. E. Macedo Ortigão — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A India portugueza — Cromwel — — Os homens uteis de todos os paizes: Laennec — Mulher de Meca — Datas memoraveis de Portugal: Tomada de Santarem — Zora — Vesuvio (poesia) por Alberto Carlos — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Exposição musical de Milão — Vincennes — Zig-Zags: A imprensa — Um alho — Expediente — Prospeto.

Illustrações:— Cathedral de Auxerre — Cromwel — Mulher de Meca — Parque de Vincennes.

CATHEDRAL DE AUXERRE

AUXERRE

Entre as mais bellas cidades da Borgonha occupa um logar muito notavel a de Auxerre, capital do departamento do Yonna. Situada junto de collinas verdejantes, correndo-lhe aos pés as agoas limpidas d'aquelle rio, é uma das mais agradaveis da Europa.

Pouco tem que ver pelo lado de edificios e monumentos. Das suas tres egrejas, a cathedral, da invocação de Santo Estevão, é a mais digna de ver-se. A entrada é ornamentada, como as de tantas outras egrejas gothicas, d'um grande numero de figuras e emblemas religiosos. O interior do templo é imponente pela sua magestade sombria, e as vidraças, que o tempo tem poupado, brilham das côres mais vivas quando os raios do sol dão relevo aos mil arabescos da frontaria.

Uma das cousas mais notaveis que apresenta a cathedral é o tumulo do illustre bispo de Auxerre, Amyot, cuja estatua, de excellente marmore, coroa o monumento.

Sabe-se que Amyot, o sabio traductor de Plutarco, foi filho de paes humildes e soube pelo talento elevar-se aos cargos mais altos da gerarchia ecclesiastica.

Das outras duas egrejas a mais notavel é a de S. Germano, que se diz ter sido fundada por este mesmo santo ha mil e quatrocentos annos e na qual estão sepultados mais de sessenta santos.

A população de Auxerre é de dezeseis mil habitantes.

O viajante encontra ali passeios magnificos, que o compensam da falta de monumentos a visitar.

A industria consta de vinhos afamados, carvão, tanino, botões e pannos.

O VAMPIRO

—

(Conclusão)

Entenderam que o melhor era desenterrar o corpo de Hantz para ver se se encontrava meio de fazer cessar aquelle horrivel flagello. Como porém procederam á exhumação durante a lua cheia não acharam nada no caixão. Um doutor, á força de levar as noutes mal dormidas estudando e consultando os livros proprios, descobriu que os vampiros não gosavam o poder infernal de sahir dos caixões senão durante a lua nova.

Por consequencia restituiram as cousas ao seu estado primitivo, e quando a lua estava em quarto mingoante abriu-se novamente a sepultura e encontrou-se dentro do caixão o tratante do Hantz, que dormia muito socegado, com o sorriso nos labios, as faces coradas e todas as apparencias da mais perfeita saude. Atravessaram-lhe o corpo com uma espada e o diabo não se levantou mais. Em seguida queimaram-o e espalharam as cinzas ao vento.

Este exemplo intimidou todos os outros vampiros. Deram cabo pelo mesmo meio de mais umas duas ou tres duzias d'elles, e desde então nunca mais appareceu nenhum.

Ao passo que isto succedia na Europa e punha em sobresalto todos os espiritos supersticiosos, outros vampiros, mas d'uma especie menos apocrypha, lançavam o terror e a morte n'algumas quentes regiões do novo mundo. Se um viandante tinha a infelicidade de adormecer ao ar livre, mesmo em pleno dia, um ou mais vampiros acercavam-se d'elle, e ao passo que com as suas longas azas faziam correr um ar dôce que refrescava os membros abrazados do viajante, fazendo-o dormir mais profundamente, furavam-lhe a pelle com o fino dardo da lingoa e sugavam-lhe o sangue até o deixarem morto. Os cães e outros animaes domesticos eram igualmente exterminados pelos crueis vampiros, a darmos credito ao que do caso nos deixaram referido viajantes illustres, d'entre os quaes merecem especial menção os padres jesuitas que desbravaram muitos plainos incultos da America dos seculos XVI e XVII.

Como quer que seja, o vampiro (*phyllostoma spectrum* dos naturalistas), appellidado andira-guaçú pelos brazileiros, não passa d'um morcego em ponto grande, do tamanho d'um coelho pequeno e com umas azas de cerca de tres palmos. A pelle d'estas possue uma sensibilidade tão delicada, que suppre a vista, faculdade esta muitissimo imperfeita em rasão da pequenez dos olhos e da escuridão que o animal procura para as suas empresas. As azas e as orelhas, que são grandes, constituem os auxiliares para se governarem de noute no ar. A lingoa termina por papillas, que parecem dispostas para formar um orgão de sucção, e nos labios tem tambem tuberculos dispostos symetricamente.

A maior parte dos viajantes modernos não attribuem ao vampiro os costumes mortiferos de que fallam os antigos viajantes hespanhoes. Cuvier é d'opinião que a picadella do vampiro é muito pequena e se se torna funesta é em rasão de o clima quente malignar a ferida.

O vampiro, emfim, sustenta-se de raizes, plantas e mais commummente de insectos.

INNOCENTE

—

Olha p'ra ti, pastorinha:
Guarda mais o coração...
Não corras assim, louquinha...
Cresta o sol quando é de verão...

Tens sede de amor? E os prados,
Aves tão lindas, e as flores?!...
Não devem ser engeitados...
São puros estes amores!...

Que enamorados gorgeios
Não cantára cada folha!...
Que casto goso nos seios
Da flor que amasses! E olha:

Ficavas assim mais qu'rida
Entre as filhas do Senhor:
Dá elle com o amor a vida
A's aves, ao campo, á flor.

Tens sede de amor? E os prados,
Aves tão lindas, e as flores?
Não devem ser engeitados...
São puros estes amores!...

A. E. Macedo Ortigão

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XIII

D. Adelina não reparou na commoção que Jorge experimentou ouvindo aquelle nome, commoção que se traduziu n'uma subita vermelhidão que lhe invadiu o rosto, e continuou:

«Laura era filha d'um portuguez obscuro, mas honrado, que ao cabo de grandes sacrificios, conseguira grangear uma fortuna mediana no Rio de Janeiro, para onde viera em creança.

«Sua mulher era uma virtuosa senhora hespanhola, residente no Brazil ha muitos annos e viuva d'um official superior do exercito imperial. O casamento dos paes de Laura não fôra, por certo, consequencia d'uma d'essas paixões violentas, tão frequentes na juventude, pois que os noivos, quando se viram pela primeira vez, estavam já n'aquella prosaica e positiva quadra chamada *meia-idade*.

«Uma affeição nascida accidentalmente, e robustecida pela convivencia, e, alem d'isso, a conveniencia reciproca, foram as causas d'aquelle enlace.

«D'este matrimonio houve um unico fructo, uma risonha e loura creança, formosa como um anjo, Laura, emfim.»

XIV

Jorge escutava cada vez mais attento a interessante narrativa da brazileira. Aquelle nome de Laura, aquelles cabellos louros da filhinha do ditoso par, não teriam acaso relação com a gentil creatura que o mancebo amava?!...

Cheio d'anciedade, pois, o moço aguardava o desenlance d'aquelle romance.

«Os paes de Laura, loucos pela felicidade que Deus lhes enviava, idolatravam a gentil filhinha e sonhavam com o futuro da innocente.

«Dous annos antes de mim, entrou Laura para o mesmo collegio. Tinha ella então doze. No espaço de tempo que precedeu a minha entrada, Laura tivera occasião de manifestar uma brilhante intelligencia. Nos misteres proprios do seu sexo, na musica, nas letras, em tudo dava provas d'um talento predestinado. Principalmente para a arte dramatica é que ella mostrava uma decidida propensão.

«N'aquella curta idade era um gosto vel-a no formoso theatrinho do collegio desempenhar, com o maior gosto e naturalidade, os papeis que lhe commettiam. Sem duvida, estava ali um grande genio.

«Dias depois da minha entrada, já grande parte das minhas companheiras me tinham fallado da notavel actriz, que a todas deleitava nas noutes do innocente regosijo que o theatrinho lhes offerecia.

«A gloria que aquella creança conquistara no meio das outras collegiaes impressionou-me vivamente e arrastou-me para ella irresistivelmente.

«Dentro em poucos dias estabeleceu-se entre nós uma rara intimidade. Eramos como duas irmãs. Nas horas de recreio, Laura deixava as demais companheiras para se ir acolher commigo á sala do piano. Ahi, conversavamos sobre os nossos estudos, ou nos entretinhamos, ella recitando os mais bellos trechos de seus papeis, eu executando no piano as mais sentidas composições que sabia.

«Um anno decorreu n'esta dôce convivencia, que tanto suavisava as minhas tristezas e saudades. A esse tempo, um estranho boato começava a circular entre as collegiaes. Dizia-se que Laura fôra vista algumas vezes trocando signaes de uma das janellas do collegio com um mancebo elegantemente vestido, que passava frequentes vezes por aquelles sitios. Murmurou-se por muitos dias do procedimento da interessante collegial; porém ella de tal modo sabia encobrir a verdade, que, dentro em pouco, julgou-se o boato

simplesmente nascido da calumnia e da inveja d'algumas de nossas companheiras menos bemquistas do que nós.

«Entretanto, a directora do collegio, austera, mas bondosa senhora, parecera nem ter dado tento ao que se passara, continuando a dispensar sempre a mesma consideração á intelligente Laura.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A MULHER NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

(Continuação)

IV

O casamento na Africa merece relatar-se, ainda mesmo muito por alto, visto não estar nas attribuições d'um artigo d'esta ordem o entrar em minuciosidades para as quaes seria preciso um volume de não pequenas dimensões. Nada mais exotico nem mais excentrico para o europeu do que um casamento na Zululandia, Cafraria, etc. O noivo que quer casar veste-se com os seus trajos de galla, e, acompanhado por alguns membros da sua familia e ainda mesmo da tribu, percorre em viagem d'analyse physionomista as tribus visinhas, até que encontre a mulher que por mais belleza ou attractivos lhe agrade mais; achado o que deseja, trata immediatamente do seu ajuste, sendo o pae d'ella o encarregado sempre da venda; a mãe, n'este caso, não tem voz activa nem vontade propria; prohibem-lh'o as prescripções e costumes da tribu.

A moeda que circula n'este ramo de negocio é o gado; quanto ao preço, uma mulher regula desde doze a vinte cabeças de gado, segundo as narrações de varios viajantes que nos merecem todo o credito.

Ajustado o dia do casamento, o noivo retira-se e manda em seguida ao pae da noiva as cabeças de gado do contracto, visto ser de uso e costume a paga adiantada. Encorporam-se então os diversos membros da tribu, d'uma e d'outra parte, e ella é levada em palanquim triumphal, ricamente ajaezado; conduzem-a quatro ou seis das suas companheiras, como ella vestidas a capricho com os melhores adornos da familia. Rompe este prestito estupendo uma multidão de musicos tão horripilantes á vista como desagradaveis ao ouvido. Imagine o leitor uma caterva d'homens tocando tambores, ferrinhos, pifanos, pandeiros, emfim uma infinidade de instrumentos impossivel de descrever, e em que toma o primeiro logar o tambor de barro, que aguenta na sua pelle surrada com uma especie de maceta durante todo o tempo que duram os desposorios. Uma matilha de cem cães ladrando não é o preludio sequer d'esta musica diabolica.

Encontram-se as duas tribus, e seguidas poucas formalidadess começam as dansas, que chegam ás vezes a durar oito dias. Antes porém d'ellas começarem, procede-se á ceremonia do casamento, nomeando-se os membros da familia da noiva para deslustrar o caracter e as virtudes do noivo, e a familia do noivo para dizer outro tanto da noiva. Findo isto está o casamento consummado; os noivos reunem-se debaixo do mesmo tecto, e começa para a mulher a vida do martyrio e do opprobrio. Se ao fim d'um certo praso não tiver filhos, o noivo torna a entregal-a ao pae, recebendo em troca o gado que lhe havia dado. A mulher é encarregada de todo o trabalho da casa, sendo o marido apenas para comer e dormir (salvo em tempo de guerra), e por isso quando a esposa vê entrar no kraal mais alguma mulher (casada segundo o uso da polygamia, que permitte ao marido ter tantas quantas poder comprar), alegra-se toda, porque a sua nova companheira vem aliviar em parte o seu encargo domestico, ficando assim a cargo das duas o trabalho que d'antes uma só fazia.

Eis ahi a largos traços o casamento d'hoje na Africa.

Voltando outra vez ás sociedades primitivas, vamos descrever o logar e a posição social da mulher na India, berço nativo d'esses vultos imponentes que se nos destacam da historia antiga como a luz se destaca das trevas, ora legislando com a penna, ora batalhando com a espada em prol da emancipação da mulher; taes são: Zoroastro, Manú e Confucio.

E' a Manú, principalmente, que as primeiras sociedades da India devem a sua legislação e a promulgação das suas leis.

A mulher nas primitivas epocas indicas occupa o primeiro logar no lar domestico; só á mulher é permittido o sacerdocio, só a ella assiste o direito de apanhar na relva a herva sagrada e a aromatica flor para os sacrificios em honra dos deuses. Que esplendido quadro se nos offerece á vista! E' o culto indico em toda a sua magnitude! Mixto de fanatismo e amor, é esta religião pantheista que elevando a mulher ao cumulo das divindades, lhe demarca soberanamente a sua verdadeira posição social! Mas este estado de cousas, infelizmente, durou pouco; as bases pouco seguras d'este monumento grandioso levantado pelos vedas em honra da mulher, estremeceram nos alicerces levantados sobre o fanatismo religioso d'um povo e baquearam estrondosamente, cahindo por terra. E' que Manú apparecera repentinamente, organisando sobre bases inteiramente novas a sociedade indiana, e a mulher, por uma d'essas contradicções problematicas das sciencias sociaes, cae do alto pedestal em que o espirito religioso a collocara.

(Continua) AZEVEDO RAMOS

AO REDOR DO MUNDO SEM SAHIR DE CASA

XXX

A INDIA PORTUGUEZA

(Continuação)

Em tempos antigos foi a cidade de Goa muito florescente, por ser a chave e deposito das riquezas e commercio da Asia. Era a principal feira das Indias e a mais opulenta cidade do mundo. A sua decadencia entrou com a anti-politica medida da expulsão dos judeus, seus principaes negociantes e capitalistas. Depois, molestias epidemicas, causadas pelos miasmas d'uma lagoa que lhe ficava proxima, afogentaram os habitantes, e no anno de 1827 até os empregados das repartições publicas se mudaram para Pangim, hoje chamada Goa Nova, cidade de 18:000 almas.

Já não parece a mesma a famosa capital dos Albuquerques e dos Castros. Já ninguem a conhece. Por toda a parte não ha senão ruinas; ruinas magestosas, é verdade; mas que importa? Uma admiravel cathedral, uma linda egreja, que encerra o custosissimo tumulo de prata do infatigavel apostolo das Indias S. Francisco Xavier, alguns conventos, hoje desertos, o magnifico hospital da Misericordia, um vasto arsenal da marinha, as ruinas d'um sumptuoso palacio dos vice-reis, além d'outros edificios publicos e particulares, todos caindo de velhos; eis tudo o que nos falla d'um passado grandioso, que não podemos recordar sem pungentissima mágoa; eis o que attesta ao viajante a admiravel riqueza, o lustre e a magnificencia da famosa Goa; eis os unicos vestigios da nossa passada grandeza, em epocas de brilhante esplendor.

Para se fazer ideia da magnificencia dos edificios de Goa, basta lembrar o hospital da misericordia, que era um longo edificio, ornado de galerias, porticos e jardins, em que floresciam as mais bellas arvores. As paredes eram guarnecidas de excellentes pinturas a fresco; as agoas corriam abundantemente de diversas fontes, disseminadas por debaixo das arcadas, e os doentes, sem distincção de classes, eram servidos em pratos de porcellana da China, com tanta abundancia como aceio.

Foi Goa erecta em metropole primaz da India no anno de 1552, e no seculo ultimo residia ali o arcebispo e um inquisidor, o governador e o capitão general. Estas duas ultimas dignidades militares foram instituidas por D. José 1, em substituição dos antigos vice-reis, e pela mesma epoca se reduziram os nossos restantes dominios da Asia a uma unica capitania geral.

Em Cochin, Meliapor e Macau havia bispos suffraganeos de Goa.

As condicções hygienicas de Pangim

deixam muito a desejar, o que se attribue á proximidade de pantanos e falta geral d'aceio. Pangim foi edificada sobre um pantano; o seu nivel é inferior ao rio; o Mandovi descobre extensos lamaçaes; cercam os terrenos incultos e alagados arrosaes e marinhas.

A agricultura está muito atrazada n'aquella nossa possessão; basta dizer que a India importa o proprio arroz para seu sustento.

Nova Goa tem um lyceu e um instituto profissional.

Passemos a fallar de Damão e Diu.

O districto de Damão divide-se em tres praganãs; tem 384 kilometros quadrados, e 41:000 habitantes. As praganãs Naer e Calana Pavory, uma com doze, outra com trese aldeias, ficam ao norte do rio Calen, sendo separadas d'elle pelo collectorado de Tamá e ao sul pelo Corleque, que as separa d'elle pelo collectorado de Surrate. Banha-as a oeste o golpho de Cambaya, e termina-as a éste a linha ferrea de Bombaim a Barodá, a qual passa a 6 milhas da praça de Damão. A terceira praganã, Nagar Avely, tem setenta e duas aldeias, intercaladas com outras do dominio inglez, e do radjá Dramapur.

As principaes industrias são a tecelagem, a tinturaria, a pesca e o fabrico do sal.

A praça de Damão tem 29 peças de bronze, 1 obuz, 2 graes, 34 peças de ferro e 5 de campanha, quasi todas apeadas, e o carretame está pôdre. Algumas das peças antigas são verdadeiros monumentos historicos a fallar-nos do passado.

Nagar Avely é a provincia que mais rende. Dista do primitivo territorio de Damão 20 kilometros. De permeio ha aldeias inglezas. Tem 4:654 familias com 23:766 pessoas, e as suas castas principaes são os radjaputrás, doriás, dublás e varlys, que são idolatras ou religionarios de Zoroastro. A sede da administração é em Dadra, aldeia separada das outras por territorio britanico! Não ha demarcação de territorio, nem carta geographica que o delimite! As balisas da demarcação de 1863 já não existem.

Em Nagar Avely ha 70:000 cajurys, que dão a bebida *sura*, especie de agoardente; cincoenta mil estão arrendados.

Os principaes animaes das florestas de Damão são o porco, o urso, o tigre e varias cabras.

Diu é uma ilha de constituição vulcanica, formada de rochas na sua maxima extensão. A fortaleza ergue-se sobre as rochas que se elevam até 26 metros acima do nivel do mar. Fica na provincia de Kattianar, peninsula de Guzerate. O clima é saudavel. Dos seus 12:000 habitantes apenas 150 são christãos. A praça tem 60 peças, mas falta-lhe o material correspondente, e tem apenas 6 artilheiros.

Eis o que nos resta d'aquelle immenso imperio que os Gamas, os Castros e os Albuquerques nos conquistaram!

(Continua)

CROMWEL

Um dos homens mais extraordinarios, um dos que teem representado os papeis mais importantes na grande scena do mundo, foi Oliveiro Cromwel, o celebre protector da republica de Inglaterra.

Sahido da obscuridade, sem talentos nem ideias, teve meios d'elevar-se aos cargos maisi mportantes do estado, tornando-se o querido do exercito e alcançando logar no parlamento, em que foi um dos mais exaltados adversarios da monarchia. Diz-se que foi elle o que mais concorreu para a condemnação á morte de Carlos I, e a historia nunca lhe perdoará o acto de crueldade que praticou, fazendo abrir o caixão que encerrava o cadaver real para se certificar de que o monarca estava realmente morto, scena esta que forneceu assumpto para um quadro admiravel de Paulo Delaroche.

Em seguida á execução do rei, Cromwel fez proclamar a republica (1649); emfim dissolveu o parlamento e elegeu outro, que lhe conferiu o titulo de protector, e conferir-lhe-ia o de rei se elle quizesse.

E' a scena da proclamação da republica por Cromwel que a nossa gravura representa.

A biographia do celebre protector irá em outro numero.

CROMWEL

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XX

LAENNEC

Nascido em Quimper em 1781, Laennec abriu á sciencia medica uma via nova, para tratamento d'uma das mais horriveis molestias que affligem a nossa triste natureza, as affecções do peito.

Depois de longas experiencias methodicamente consignadas, o sabio medico reconheceu que applicado o ouvido sobre o peito do doente, aquelle orgão transmittia fielmente ao observador o estado mais ou menos alterado das vias res-

piratorias. Auscultação foi o nome que elle deu a esse systema de diagnostico, sobre o qual estabeleceu os seus meios de medicação graduada.

Graças á feliz descoberta de Laennec, o numero dos phtysicos diminuiu sensivelmente, porque o medico pode explorar e combater victoriosamente á nascença qualquer alteração dos pulmões.

Havia annos que Laennec professava a clinica interna em Paris quando a morte o arrebatou em 1826.

MULHER DE MECA

Ao apresentar ao leitor o retrato de uma mulher de Meca, é justo dizer alguma cousa d'essa mais bella parte da população da cidade santa, objecto da veneração dos arabes. A mais bella parte é força d'expressão porque as mulheres de Meca nada teem de bellas.

Uma cousa notavel é que em Meca as mulheres gosam de mais ampla liberdade do que em todas as outras cidades musulmanas, o que se pensa ser causado por que nas epocas de grande esplendor, a enorme affluencia d'estrangeiros contribuiu para prevertel-as, e a miseria e tristeza habitual dos habitantes acabaram por votar-lhes uma indifferença profunda. A opulencia e a pobreza são duas extremos igualmente oppostos á conservação dos costumes antigos e da sua primitiva severidade.

Como no Egypto, a mulher de Meca usa trazer o rosto coberto com um veo, que apenas lhe deixa descobertos os olhos; muitas, porém, trazem o rosto completamente descoberto, patenteando o mau gosto com que se pintam de côres negra, azul ou amarella; mas os indigenas teem este costume como uma belleza inapreciavel.

O seu vestuario é bastante original. O da dama representada na gravura indica uma pessoa d'alta condição. O das mulheres do povo não passa d'uma longa camiza d'algodão azul, que trazem atada á cinta, e um veo vermelho ou negro diante do rosto.

MULHER DE MECA

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

TOMADA DE SANTAREM

Pelos annos de 1144 era alcaide da famosa villa de Santarem um valoroso mouro chamado Ansecri, o qual, com repetidos e inesperados assaltos, infestava as terras circunvisinhas possuidas dos christãos.

Residia então D. Affonso Henriques em Coimbra, e sabedor dos vexames que dos mouros soffriam os seus vassallos, resolveu ir em soccorro d'estes, castigando a ousadia dos infieis.

Partindo com duzentos e cincoenta soldados, pois não podera reunir maior numero, o destemido monarca atacou a praça uma noute, para que os defensores não conhecessem a desproporção das forças, que os encheria de coragem, causando a nossa perda. Lançaram escadas aos muros e conseguiram os portuguezes abrir uma porta, por onde el-rei entrou com alguns poucos cavalleiros, travando-se rija peleja, de que os nossos afinal sahiram vencedores, pois os mouros, temendo verem-se a braços com um poderoso exercito, como tudo lhes fazia persuadir, foram evacuando a praça, na qual os nossos entraram ao cabo d'uma hora de encarniçadissimo combate.

Teve logar este brilhante feito d'armas no dia 8 de maio do referido anno de 1144.

ZORA

(Continuação)

Sidi-Mahomet sabia que a este terrivel caudilho devia a resistencia que os moradores lhe haviam opposto, e, diante d'aquelle homem que se apresentava sereno no meio de tamanha catastrophe como era a guerra sem tregoas que o imperador lhes movia, não pôde deixar de sentir a colera que o dominava.

—Tu!... Tu, o infame que te oppões aos meus decretos!...

—Não dizes bem, Mahomet. Dize que sou o que me opponho ás tuas injustiças.

—Tratas de julgar-me?

—Deus hade julgar-te melhor do que eu.

Havia uma selemnidade terrivel em similhantes palavras. O imperador sentiu-se quasi subjugado.

—Deus, disse, concedeu-me a auctoridade; tu és um rebelde e os rebeldes exterminam-se!

—E pensas que detraz de mim não virá outro?

O imperador sentiu-se impulsado por um terrivel phrenesi, e, voltando-se para os seus homens, bradou com voz de trovão:

—Vamos. Levae este homem para fora da cidade, despi-o e matae-o á bastonada!

O chefe dos *chilluks* sorriu em ar de mofa e disse:

—Mataste os meus irmãos, os meus companheiros, os meus filhos. E' justo que tambem eu morra. Mas não penses, Mahomet, que nos vences!

Sed-Figuig foi conduzido ao campo por quatro homens, que o despiram completamente, e depois, fazendo-o deitar no chão, com a bocca para baixo, principiaram a descarregar sobre elle valentes bastonadas.

Estava porém decretado que Sed-Figuig não havia de morrer por um modo tão barbaro. Mal os verdugos principiaram a sua tarefa, sentiram immediatamente o galopar d'um cavallo e viram d'ahi a pouco chegar um official com uma ordem do imperador para que se suspendesse a execução.

Devia ser ponderoso o motivo que impulsava o terrivel imperador á clemencia. Eis o que se passara:

Mal Sed-Figuig sahira para o logar do supplicio, apresentou-se ao imperador uma joven de cerca de vinte annos, cuja formosura era sómente comparavel com a da estrella da manhã, se nos é permittido servir-nos d'uma comparação oriental. Nunca creação mais admiravel se apresentara aos olhos de Sidi-Mahomet. As mulheres mais formosas do seu harem não valiam nada ao pé d'aquella *houri*, que parecia ter fugido do paraiso do propheta.

O imperador retrocedeu e perguntou com arrogancia:

—Quem és? D'onde vens? O que queres?

A joven deu um passo para o sultão e respondeu:

—Sou filha de Sed-Figuig; venho do meu asylo retirado; quero a vida de meu pae.

—Ignoras que teu pae é o primeiro rebelde d'entre os *chilluks*?

—Sei que meu pae quer justiça e não tyrannia, senhor.

O imperador mandou, como dominado pelo prestigio d'aquella singular formosura, suspender o castigo de Sed-Figuig.

—Quero ser-te agradavel. E's uma divindade a quem se não pode negar nada. Teu pae não morrerá! Irá comigo para Fez como garantia para o futuro.

—Não, não; quero a liberdade de meu pae!

—Isso é impossivel.

—Não ha nada impossivel para a vontade de Deus.

—Fallas em nome de Deus?

—Fallo.

—Mas Deus não protege os rebeldes. Não sabes que teu pae é o chefe dos *chilluks* e que para eu chegar até Zayana tive de deixar os caminhos semeados de cadaveres?

—E tu, poderoso imperador, não sabes que com as tuas excessivas depredações, com os teus exorbitantes impostos trouxeste a desesperação a este paiz? Porque veem os teus ministros e nos levam todo o nosso trigo, todo o nosso dinheiro, todo o nosso mel, todos os nossos camellos e todos os nossos cavallos, deixando-nos sepultados na mais horrorosa miseria? Não nos deixam nem ar para respirarmos. Aqui veem os teus pachás roubar as filhas aos paes, recrutar escravos entre os homens livres: aqui vens tu com o alfange tinto de sangue para reinar sobre ruinas! Olha em redor de ti, poderoso imperador! Não ha um coração que se incline para ti; todos te odeiam, todos te temem. Pensas por ventura que é esse o caminho que Deus marca aos senhores da terra para exercer a justiça e proteger os fracos?

O imperador luctava horrivelmente comsigo mesmo. Nunca tinha escutado uma lingoagem como aquella; ninguem se atrevera a tanto; mas a força da verdade penetra muitas vezes no coração e Sidi-Mahomet não pôde deixar de comprehender que na terrivel lucta que tinha a sustentar entre a sua auctoridade e os *chilluks* mais conseguiria inclinando a vara da justiça para o lado da clemencia do que para o lado da vingança.

(Continua)

VESUVIO

—

I

Por sob um ceo ridente, por sob um ceo azul,
O lindo ceo da Italia, rival do de Stambul,
Perto da gentil patria do feroz Masaniello,
Repousa a nossa vista n'um panorama bello.

Veem-se nos ferteis campos casaes, de espaço a espaço,
Seáras ondulantes, arroios de crystal,
Mil pampanos virentes, em fraternal abraço,
Cingidos ás figueiras, enlevo do zagal!
Frondosas amoreiras projectam fresca sombra
No solo alcatifado de relva e varias flores:
Rebanhos vão pascendo; no entanto os seus pastores
Repousam descuidosos sobre a macia alfombra.

E' seductora a téla; pasmado, o peregrino,
Sua alma sente presa de um natural espanto;
Alonga mais os olhos; no fundo crystalino
D'esse opulento quadro a vista pousa.

Entanto
Atalaia sombria, velando eternamente,
Lá se ergue sobranceiro, titanico, imponente,
O vulto majestoso do implacavel Vesuvio,
O monstro que vomita de lavas um diluvio!
O monstro inexoravel, que se a raiva o incendeia,
Sotterra, com seus jactos, Herculanum, Pompeia!

II

Do Etna rival altivo, tu causas-me terror!
O teu lugubre aspecto, sombrio, pavoroso,
Te assimilha a um phantasma, que se erga vingador
Co'o vulto informe envolto n'um crêpe luctuoso!

Tu és insaciavel, colérico, feroz,
Quando as sedentas fauces abres em convulsões,
E a lava incandescente se expende aos borbotões,
E assola os ferteis campos do modo mais atroz!

Não ha dique seguro, nem solida barreira
Que a furia da torrente por momentos supporte!
Qual Attila insensivel, segue a feroz carreira
Deixando após destroços, desolação e morte!

Se em nuvens condensados teus humidos vapôres
Remoinham, se alcandoram, quaes bandos de condôres,
E a tua cratéra enorme de chammas se corôa,
E as entranhas restrugem nos seios d'esse abysmo,
Um panico indizivel diffunde-se, revôa,
E os campos tornam-se ermos temendo um cataclismo.

O' tu, que ao velho Plinio, sacerdote da Sciencia,
A audacia castigaste, roubando-lhe a existencia,
Por que esses ruins instinctos de rabida panthera
Um dia não abafas? Porque hade essa cratèra
Vomitar despiedosa, fundidos, abrazados,
Os metaes, os betumes, em lava transformados?!
Porque hade essa torrente mortifera assolar
Vergeis e louras messes?! Porque hão de affugentar
Tua voz atroadora, teus sulphurosos lampos
Os pobres habitantes d'estes virentes campos?!
Por que has de perseguil-os, quando elles na anciedade
D'um perigo imminente, demandam a cidade,
Tremendo apavorados, contorcendo-se afflictos,
Em confusão horrivel de chôros, queixas, gritos?
Porque hasde, inda sedento, da cidade a muralha
Transpôr impetuoso, derruindo monumentos,
Derrocando palacios, conseguindo em momentos
Mudar esses prodigios em horrida fornalha?

III

Dorme em paz, ó velho cyclope,
Cerra a vorace cratera,
Desenruga a fronte austera,
Que a Natureza é louçan!
Suspende os ferozes impetos,
Da tua cólera immensa,
Saccode a grenha tão densa
D'essa fronte de Titan!

Emmudece a voz horrisona,
Suspende o arfar de teu seio!
Não mais o pasmo e o receio
Morem de ti ao redor!
Extingue os clarões fatidicos
Das horrendas almenaras,
Que fulgem quando escancáras
Tuas fauces de Stentor!

Que não mais á pobre Napoles
Os fundamentos oscillem,
E os edificios vacillem
Tombando inertes no chão!
Que não mais nas agoas limpidas
D'essa formosa bahia
Brilhe, envolto na ardentia,
O teu sinistro clarão!

Que a tristo mudez dos tumulos
Ao teu seio inquieto desça,
Que em teu dorso livre cresça
O silvestre vegetal;
Que n'essas vertentes ingremes,
Alveos de lavas candentes,
Surjam pomares virentes
Se erga o modesto casal!

IV

Mas quem hade, gigante, ir aquietar a escoria,
Que a ebulição eterna arroja para os ceos?!
Alguem concebe acaso a esperança irrisoria
De accorrentar na riba os bravos escarcéus?!

Sonhou alguem, um dia, em sustar ao planeta
O seu eterno giro?! Oh! não! Embora a fé
Com sua ferrea mão nossa rasão submetta,
Não temos o poder da voz de Josué!

Sempre o Universo inteiro a leis indestructiveis
Obedeceu: ninguem lhe é dado derogal-as!
Ouvi a Gallileu se as molas invisiveis
Da terra alguem as move, ou consegue encraval-as!

ALBERTO CARLOS

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

XXII

EM QUE O CONDE DE LAZAN SE ENCONTRA COM UM AUXILIAR QUE NÃO ESPERAVA

(Continuação)

—Saberás, disse o conde, que tive uma conferencia com minha prima marqueza.

—E qual foi o resultado?

—Que nos zangamos mais uma vez.

—Isso não me admira nada. Se fizesse o que eu lhe dizia, isto é, se não se tivesse casado...

—Pensas que?...

—E' verdade, observou Garcia, que então não teria o snr. conde o que hoje tem, nem chegaria a ser um personagem tão importante.

—Mas, Garcia, atalhou o conde enfadado. Vamos ao que importa.

—Vamos lá.

—Minha filha não quer fazer o que eu digo.

—Isso prova que tem o snr. conde uma filha desobediente.

—E' verdade.

E o conde entrou a passear na sala com ares de desespero.

Garcia contemplou-o um momento, sem se atrever a fallar. Por fim o conde foi o que rompeu o silencio, dizendo:

—O certo é que se Maria não casa com o sobrinho de Floridablanca a minha fortuna corre grave risco. E no meio de tudo isto a marqueza de Montesanto mostra-se intransigente.

—Bom remedio, disse Garcia; é passar sem ella.

—Não te comprehendo. E' só ella que, á força de persuadir minha filha a que case com o visconde, pode conseguir....

—Vamos, snr. conde, atalhou Garcia dando-se ares de importancia. Alguem mais pode alcançar o que o senhor deseja.

—Quem? perguntou o conde.

—Eu. Já me não conhece?

—Como! Que queres dizer?

—Que farei com que Maria case com o visconde.

Foi tal a serenidade com que Garcia disse estas palavras, que o conde não pôde deixar de olhal-o surprehendido.

Nós sabemos que Garcia era um instrumento da vontade do conde de Lazan, e se recordarmos o prologo d'esta obra, conheceremos os vinculos poderosos que uniam os dous personagens de que agora nos estamos occupando. Garcia era capaz de tudo por dinheiro. O conde sabia o e não duvidava de que descobrisse o meio de obrigar Maria áquelle casamento que elle ambicionava.

Garcia repetiu aquellas palavras que fizeram estacar o conde.

—Eu farei com que sua filha case com o visconde.

—E quanto queres por esse serviço? indagou o conde.

—Deixo-o á sua generosidade; por agora preciso que me adiante alguma cousa.

O conde correu á sua secretaria, tirou um punhado de moedas d'ouro e deu-as a Garcia, dizendo:

—Toma. Conta com uma boa recompensa se conseguires o que me é indispensavel.

—Oh! Tenho-o por certo.

—Quando tornas a apparecer?

—D'aqui a oito dias.

—Que meios pensas empregar?

—Não sei; mas não tenha cuidado n'isso. Todos os meios são bons quando os resultados correspondem aos nossos desejos.

—Comtudo desejaria sabel-o.

—Deixe-me primeiramente formar o meu plano. Quando o tiver formado, eu lhe darei parte.

—O que te recommendo é que procures evitar violencias.

—Descance, que não hade ser necessario.

E ditas estas palavras, Garcia sahiu do quarto do conde fazendo tinir as moedas d'ouro que o fidalgo lhe dera.

(Continua)

EXPOSIÇÃO MUSICAL DE MILÃO

(Continuação)

Os que deram impulso á tragi-comedia foram os jesuitas, os quaes fizeram nascer, lentamente é verdade, mas irresistivel, o antagonismo entre este genero de musica e o da musica profana, que era nova, e naturalmente como nova e desconhecida, era mais sympathica, e ouvida com mais satisfação e agrado da mocidade e sociedade elegante.

Na cidade de Coimbra, e precisamente no collegio *das artes*, que então era o mais importante instituto musical, que existia em Portugal, representaram-se com a maior sumptuosidade até 1550 as tragi-comedias.

Em 1570 foi representada a tragicomedia *Sedecias*, em presença do rei D. Sebastião.

Estas composições eram enriquecidas com musica, com córos cantados por figuras imitando anjos e personagens tirados da Biblia sagrada.

Foi expulsa de Portugal, por essa epoca, e por intermedio dos padres jesuitas, uma companhia de cantores italianos, só porque tinha entre si mulheres, que figuravam nas partes, que até então eram só executadas por homens ou rapazes imberbes. Era n'aquella epoca, em que reinavam os *autos de fé*, uma innovação, que devia produzir escandalo.

No tempo da invasão hespanhola, isto é, desde 1580 a 1640, Portugal contava grande quantidade de musicos, e o canto coral teve, na entrada de Filippe II, uma distincção bem merecida. Foi então que os hespanhoes, reconhecendo a superioridade dos artistas portuguezes, fizeram brilhar a arte musical em Hespanha.

Filippe II conferiu á capella real os estatutos. Soara a hora, que devia marcar o apogêo da arte musical em Portugal; devia ser firmada pela independencia nacional e ser iniciada por D. João IV.

Este principe, educado no castello de Villa Viçosa, berço da actual familia reinante, era já desde muito tempo o receptaculo da arte musical, porque, educado quasi que no isolamento, viu nascer e desenvolver em segredo os germens das faculdades artisticas, produzindo a consequencia que, depois de ter sido acclamado, attrahiu junto de si todos os grandes artistas, seus contemporaneos. Discipulo de João Lourenço Rebello e de Roberto Thomaz, tinha-se tornado compositor e executante, e um dos criticos os mais illustrados.

Collecciou a melhor bibliotheca musical, que existiu nos seus tempos, e que foi destruida em 1755 pelo sempre memoravel terremoto de Lisboa; escreveu importantissimos livros, e entre elles são dignos de menção:

«A defensa da musica moderna contra a errada opinião do bispo Cyrillo Franco. «Resposta ás duvidas que se pozeram a uma missa de Palestrina. «Concordancia da musica. «Principios da musica.»

E varias outras obras; escreveu tambem varias musicas sagradas para quatro e oito vozes, varias missas, hymnos e canções, que mereceram os louvores de varios criticos imparciaes.

D. João IV continuou augmentando a capella real, que se achava adicta á egreja de Nossa Senhora da Conceição, cuja cupula foi mandada edificar no reinado de D. João V, sobre cuja capella fez retumbar o seu genio musical.

D. Pedro II fez construir de proposito um palacio, que ainda hoje existe, chamado *Seminario*, onde eram educados na musica os seus vassallos que mostrassem vocação para esta arte, e alguns dos ultimos discipulos d'esta extincta escola ainda sobrevivem, sendo-lhes dado pelo actual rei, o snr. D. Luiz I, uma pensão mensal.

A capella real tinha em 1754 cento e trinta cantores, sendo trinta capellães e setenta coristas dos mais bem educados, como já fica dito acima, entre os vassallos instruidos no seminario.

Tinha-se finalmente produzido o gosto e a paixão pela musica, fundando-se simultaneamente dous theatros, um para a opera portugueza, e sendo introduzida sob o reinado de D. José I a opera italiana em outubro de 1720, como o assevera Vasconcellos, que reune as mais completas informações até agora publicadas a respeito da musica nacional (Vid. *Os Musicos portuguezes*).

Foi no palacio denominado da *Ribeira*, que se cantaram as primeiras operas italianas. Em 1735 foi fundado em Lisboa um outro theatro lyrico em frente do convento da Trindade, onde tambem o povo pôde gosar um espectaculo, que por espaço de quinze annos era sómente reservado para as pessoas adstrictas á côrte.

Em 1739 representou-se a opera italiana em um outro theatro, e foi o da *Rua dos Condes*, onde foram ouvidas as musicas de Schiassi, Giacomelli, Sala, Caldara e outros varios; reproduziram-se depois no theatro de D. João V no real palacio d'Ajuda e em Queluz as mesmas operas; foram pouco depois ouvidas em Salvaterra, logar situado na margem direito do Tejo, em dous outros theatros lyricos.

No ultimo dia de março de 1755 foi inaugurado um esplendido theatro em Lisboa, que se denominou *Opera do Tejo*, destruido pelo terremoto alguns mezes depois. Foram chamados os melhores artistas d'aquelle tempo, e entre elles Caffarelli, que em menos de tres mezes ganhou 13:000$000 de reis (72:000 liras italianas), somma enorme para aquelles tempos; David Peres, que foi escripturado de proposito, Piccioni, Jomelli, Cimarosa, Gebry, e os mestres portuguezes Xavier dos Santos, Francisco de Lima, Cordeiro da Silva e J. da S. Carvalho, foram os compositores das operas destinadas a ser representadas n'aquellas scenas. O rei D. José pagou mil e duzentos ducados d'ouro pela composição de duas operas e d'uma cantata. Foi n'es-

te reinado que transcorreu o periodo mais esplendido da arte musical em Portugal.

(Continua)

VINCENNES

—

A entrada de Paris pelo lado de leste, desde o tempo de Carlos V, é a entrada militar da capital. Foi ali situada a antiga porta de Santo Antonio, guarnecida de torres, e que em 1670 Colbert transformou em elegante monumento, para delimitar o arrabalde por aquelle lado.

A barreira do Throno foi construida em 1788. E' a mais monumental de Paris depois da da Estrella. São dignas de ver-se as duas elegantes columnas, encimadas pelas estatuas em bronze de S. Luiz e Filippe Augusto.

Um pouco adiante da barreira do Throno ergue-se o castello de Vincennes e a povoação, que conta quinze mil habitantes.

O castello foi começado por Filippe Augusto e serviu durante muito tempo de casa de recreio em que os reis de França residiam longas temporadas. Depois foi prisão d'estado e fortaleza. Hoje está ali aquartelado um parque d'artilheria, com a sua competente escola. As grandes obras ali effectuadas nos ultimos tempos tornam Vincennes uma praça de primeira ordem.

Foi nos fossos da fortaleza que o duque de Enghien foi fusilado em 1804.

Uma das cousas mais notaveis da povoação é o grande bosque, transformado em parque, e de que a gravura representa uma parte.

PARQUE DE VINCENNES

ZIG-ZAGS

—

A IMPRENSA

Por mais que o pareça, incontestavelmente não é a força que domina o mundo; são as ideias. A guerra foi já um principio de civilisação, mas não porque a guerra fosse apenas o desenvolvimento da força bruta; pensal-o sería um erro grosseiro, affirmal-o seria um monstruoso paradoxo; foi, sim, a guerra foi já um elemento de civilisação, porque abriu a porta para a communicação do pensamento. Depois veio o commercio, que, a par das importações e exportações de fardos, começou em breve como não podia deixar de ser, a fazer tambem importações e exportações de ideias, habitos, usos e costumes. O commercio tem sido um poderoso e infatigavel agente da civilisação. Por fim veio a imprensa, esse bello e grandioso instrumento da redempção por que a humanidade ainda espera, que, como o espirito de Deus, abrange o espaço infinito, e bradando d'uma á outra extremidade do mundo, *fiat lux*, afugenta e desfaz as trevas que empecem a peregrinação para a terra promettida.

E' por estas vias que a sociedade tem caminhado á conquista dos principios. E' por estes meios que nos temos aproximado tanto da solução do problema da solidariedade e fraternidade dos povos, que só os cegos ou os obstinados o consideram ainda uma irrealisavel utopia.

Hoje os povos amam-se sem se conhecerem, conhecem-se sem se fallarem, fallam-se sem se ouvirem e sem se verem. E' um progresso immenso, que se deve todo inteiro á communicação do pensamento. E o que é certo, é que nós já não podemos passar sem esta conversação muda, mas proficua, sem esta troca, sem esta correspondencia de affectos que se comprehende, que se adivinham mesmo antes de manifestados.

—

UM ALHO

Em uma loja de chocolate:

—De quantos preços teem vocemecês chocolate?

—Temol-o até de 200 reis o kilo.

—Não o haverá mais barato, ainda que seja peor?

—Homem, mais barato pode ser que o encontre n'outra parte; mas peor, não.

EXPEDIENTE

—

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 38

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 19 DE MAIO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Duguesclin — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Persia — A rosa e a violeta (poesia) por A. E. Macedo Ortigão — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Mais um centenario, por padre Patricio — Zora — O elefante — Os homens uteis de todos os paizes: Fulton — O Bosphoro, por I. de Vilhena Barbosa — A sociedade dos tres — Duas datas (poesia) por Teixeira de Carvalho — Bibliographia, por A. C. — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Exposição musical de Milão — Datas memoraveis de Portugal: Defeza de Cananor — Zig-Zags: Antigualhas — Resposta real — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Duguesclin — O elephante — Constantinopla — Fulton — O Clermont

DUGUESCLIN

—

O condestavel Bernardo Duguesclin hade ser sempre um dos maiores vultos da antiga historia de França.

Filho d'uma das mais nobres familias da Bretanha e nascido em 1314 no castello de La Motte Broon, principiou desde tenra idade a dar mostras de grande coragem, e iniciou-se na carreira das armas, que tanta gloria lhe devia dar, nas guerras sustentadas entre Carlos de Blois e João de Montfort, os quaes se disputavam a herança do ducado da Bretanha. Duguesclin combatia pelo primeiro, que triumphou da contenda.

Passando ao serviço da França, celebrou o advento de Carlos V derrotando em Cocherel o exercito do rei de Navarra. Depois d'esta victoria, como a Bretanha fosse novamente agitada pelas luctas intestinas, Duguesclin voou em soccorro de Carlos de Blois, que d'esta vez não foi tão feliz como da primeira, pois apesar dos grandes actos de bravura do esforçado campeão, o seu exercito foi derrotado em Aury no dia 29 de setembro de 1364. Carlos morreu na batalha e Duguesclin ficou prisioneiro.

Posto em liberdade mediante o pagamento de cem libras, Duguesclin foi encarregado por Carlos V de limpar o paiz das *grandes companhias*, nome que se dava a uns bandos de soldados indisciplinados, francezes, inglezes e bretões, ao todo uns trinta mil homens, que an-

DUGUESCLIN

davam devastando as provincias. Duguesclin persuadiu-os a irem combater na Hespanha, e, pondo-se á sua frente, foi com elles defender Henrique de Transtamara que disputava a D. Pedro o Cruel a corôa de S. Fernando; mas o ultimo, chamando em seu soccorro os inglezes, obteve dous numerosos exercitos, commandado um pelo principe Negro e o outro por Chandos, o mesmo que tinha aprisionado Duguesclin em Aury, e na impossibilidade de fazer-lhes frente, Duguesclin decidiu retirar-se; a sua gente, porém, mais atrevida do que prudente, obrigou-o a dar uma batalha, que perdeu. Mas o heroe desforrou-se da perda da batalha de Navarrete derrotando os inglezes em Montiel e restabelecendo no throno Henrique de Transtamara.

Foi depois de tantos triumphos que o rei de França o nomeou condestavel.

Duguesclin expulsou os inglezes que

estabam quasi ás portas de Paris, obrigando-os a largar a Normandia, a Guyavan o Poitou.

Quando em 1378 Carlos V uniu a Bretanha á França, os soldados bretões, ciosos da independencia da sua patria, derrotaram o exercito do condestavel e chegaram a manchar a reputação d'este com a nota de traidor. Quando Duguesclin o soube, mandou ao rei a sua espada de condestavel, e apesar de o rei, reconhecendo a sua innocencia, não querer acceitar similhante renuncia, nunca foi possivel demovel-o do seu proposito.

Formando o projecto de passar á Hespanha para servir no exercito de Henrique de Transtamara, quiz primeiro illustrar o seu nome por um feito glorioso, e dirigiu-se ao castello de Randam (Chateauneuf-Randon) que o marechal de Sancerre cercava inutilmente. Depois de varios assaltos, a praça prometteu render-se se dentro de quinze dias não recebesse os reforços que esperava. No intervallo morreu o condestavel, em 13 de julho de 1380, e o governador, que só a elle promettera render-se, expirado o praso sem ter recebido os reforços, foi depositar as chaves do castello sobre o seu tumulo.

Carlos V, que conhecia o valor do seu condestavel, quiz honrar o seu cadaver, mandando-o transportar para Paris e enterrar em S. Diniz, onde estão os reis de França.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXXI

A PERSIA

Passemos á India franceza, cuja capital, Pondichery, conta 57:000 habitantes. As cidades principaes são: Chandernagor (30:000 h.), Karikal (10:000 h.), Yanon (7:000 h.), Mahé (3:000 h.).

Os estados independentes são os seguintes:

Reino de Nepal, no Himalaya, com 500:000 habitantes; capital Katmandu, 20:000 habitantes.

Belutchistan, 500:000 h. E' uma confederação de pequenos estados, com um chefe supremo, chamado *khan*. Capital Kelat, com 20:000 h.

O archipelago das Maldivas, no oceano indico, é tambem um estado independente.

No mesmo oceano encontramos as seguintes ilhas pertencentes á França: Reunião, Santa Maria, Mayota e Nossi-Be; algumas das Comores tambem lhe pertencem. Estão estas ilhas situadas ao norte do canal de Moçambique, que liga a Africa com a grande ilha de Madagascar, no mar das Indias.

Visitemos agora os descendentes de Zoroastro, com permissão do *schah* da Persia.

A Persia é um extenso planalto, cortado de planicies areentas. O solo é geralmente arido; mas dá excellentes fructos, tabacos e vinhos afamados. No estio o calor é insupportavel, sobre tudo no golfo Persico; o inverno é rigorosissimo no pico central. Bellas raças cavallares; numerosos camellos. Animaes ferozes e insectos em quantidade. Riquezas mineraes pouco conhecidas: rubis, turquezas. O pecegueiro é originario da Persia; a amoreira fornece a sustentação a milhares de bichos da seda. A industria produz armas brancas, tecidos de seda e lã, tapetes, chales, fazendas bordadas de ouro e prata.

Os limites da Persia são: ao norte o Araxes, a leste o Afghanistan e o Belutchistan, ao sul o golfo Persico e a oeste o imperio ottomano. Occupa uma superficie d'um milhão de kilometros quadrados e tem de população 6 milhões d'almas.

A Persia actual, ou antes imperio de Iran, reconstituida no principio do seculo XIX por Feth-Ali-Schah, já nem sequer dá ideia da grandeza do imperio de Cyro. Está dividida em 19 provincias; o governo é despotico.

Capital Teheran (140:000 h.); palacio do schah, obra digna de ver-se pela sua magnificencia; jardins deliciosos. N'esta cidade o calor é excessivo; por isso no verão emigra uma grande parte da população.

As cidades principaes são: Tauris (160:000 h.), estação das caravanas; commercio importante, industria florescente; fabricas de sedas e algodões; deve ver-se o Kaiserich, que é um dos mais bellos basares da Persia; Ispahan com 100:000 h., antiga capital; d'entre os seus monumentos é celebre a mesquita real; Schiraz (30:000 h.), patria dos poetas Hafiz e Saadi, situada junto das ruinas de Persepolis; Hamadan (30:000 h.), sobre as ruinas de Ecbatane; tumulos do medico Avicenna e dos poetas Habul-Hasit e Attar.

Em Chiraz ainda se vê de pé o palacio de Dario. Por um rico corredor de pedra azul vae-se até um atrio bordado de columnas e de pilastras meio-quebradas. Uma escadaria triplice conduz ao terraço, sustentado por uma muralha de marmore e ostentando 80 estatuas alinhadas em tres fileiras. Ahi perto estão os tumulos dos antigos reis da Persia.

Este paiz é rico de recordações; mas o que lhe está visinho ainda o é mais. Depois de terem sido o theatro dos mais solemnes acontecimentos da historia sagrada e profana, Armenia, Syria, Phenicia, Palestina, Mesopotamia, Assyria, Babylonia, outr'ora imperios potentes e gloriosos, achamol-os hoje escravisados ao jugo ottomano.

(Continua)

A ROSA E A VIOLETA

—

Disse um dia á violeta
Com vaidade a linda rosa:
—Não reparas que os amantes,
Ebrios d'amôr, delirantes,
Me colhem por ser mimosa?

Todos me aclamam rainha,
Despresando as outras flores;
Rendem todos homenagem
A' linda, mimosa imagem
De seus mimosos amôres.

E's a flor mais ignorada
De tantas que o jardim tem;
Tu vives na soledade,
Tu imploras a piedade
Até da humilde cecem. .

—Respeito, diz a violeta,
O teu sceptro no vergel:
E's de certo mui formosa;
Mas perdes por ser vaidosa,
Não tens da meiguice o mel...

Deus fadou-te p'ra rainha;
Imploro sim a piedade,
Como tu, não invejada,
Vegeto só, isolada,
N'esta triste soledade.

Mas espera... um dia chega
O terrivel furacão...
E então a gentil rainha
Rolará como a florinha,
Confundida pelo chão.

Na terra iguaes nós não somos,
Tão pouco os astros nos ceos...
Deixa pois vãos preconceitos.
Porque encetar estes pleitos?
Não é tudo obra de Deus!!...

A. E. Macedo Ortigão

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XIV

«Aquelle incidente contribuiu para mais se arraigar a minha affeição pela gentil confidente das minhas penas.

«Oh! Como a innocencia se deixa ludibriar! Cheguei a derramar lagrimas quando ouvi dizer que Laura era uma estouvada, cujo procedimento pouco serio desacreditava a casa e desmoralisava as companheiras!

«Sem nunca ter alimentado um unico sentimento de odio, experimentava comtudo uma certa antipathia por todas as minhas companheiras que se atreviam a manchar a reputação da minha amiga, que, por seu turno, de dia para dia, se me tornava credora de mais estima.

«Laura correspondia, pelo menos apparentemente, aos meus extremos, confiando-me as suas penas, queixando-se da *injustiça* que lhe faziam e enchendo-me de caricias.

«Depois da minha sahida do collegio, correspondi-me ainda alguns mezes com

a minha amiga. As nossas cartas eram recheadas de tudo quanto ha de sincero e puro em corações juvenis como os nossos.

D. Adelina e Jorge estavam tão entretidos com aquella interessante historia, que, no recondito da gruta em que se achavam, não se lembravam de mais nada. No entanto, alguem, atravez d'uma copada alameda, caminhava em direcção d'aquelle encantado retiro. Era Francisco d'Almeida.

Naturalmente a maioria dos nossos leitores hade extranhar a presença do negociante em tal conjuntura, quando é certo que elle sahira havia pouco prevenindo a esposa de que recolhia tarde; mas quem se lembrar do estado de excitação a que o ciume levara aquelle desgraçado, mas quem o vir, em vez do caminho que conduz á entrada da gruta, tomar por uma rua affastada e ir, como um miseravel espião, collocar-se detraz da gruta e collar o ouvido a uma estreita abertura que havia perto do logar onde se achavam Adelina e Jorge, terá percebido, sem duvida, qual a intenção que houvera em fazer-se suppor ausente de casa por muito mais tempo.

Um d'esses inexplicaveis presentimentos, que, ás vezes, nos salteiam, dissera ao nosso compatriota ser chegado o dia solemne em que o vulcão de paixões que lhe rugiam no seio devia fazer erupção; por isso pouco tempo depois de ter sahido, voltou a casa, e, não encontrando ali a esposa, dirigiu-se para o jardim, não hesitando nem um momento ácerca do local onde poderia surprehendel-a.

A abertura junto da qual se collocara, achava-se tão bem mascarada com os arbustos, que, n'aquelle ponto, vestiam as paredes interiores da gruta, que ninguem poderia suspeitar da sua presença.

Entretanto, a narradora proseguiu:

«Ao fim, porém, de seis mezes, e no dia em que devia ter carta de Laura, esperei debalde até á tarde pela missiva da minha amiga. Ao anoutecer, perdida já a esperança de me dar ao dôce praser de ler essas agradaveis phrases, com que Laura sabia ornar as suas cartas, uma das criadas do collegio me veio procurar. Trazia uma carta; porém a letra do sobrescripto, embora me não fosse totalmente desconhecida, não era aquella letra fina e elegante do costume.

«Achava-me só no meu quarto. A mensageira fôra até ali introduzida por minha ordem. Uma das minhas criadas accendeu uma vela e retirou-se, deixando-me a sós com a portadora da carta.

«Toda febril lancei mão da mensagem, e abri-a. Eis o que ella continha.

E a narradora tirou da algibeira uma carta, que desdobrou e leu.

(Continua) ALBERTO CARLOS

MAIS UM CENTENARIO

A briosa nação que deu o berço ao illustre poeta D. Pedro Calderon de la Barca festeja-lhe o segundo centenario no meio das estrondosas acclamações de uma solemnidade nacional; mas assim como as obras dramaticas d'esse grande vulto litterario do paiz visinho ultrapassaram os limites da patria e são hoje conhecidas em todo o mundo, segue-se que esta festa não se limitará sómente á Hespanha; as outras nações clamam o logar que lhes pertence e enviam as suas felicitações a Madrid, compartilhando assim das alegrias e dos meritos d'esta luzente homenagem.

São sempre um grande estimulo estas consagrações com que modernamente se estão rememorando os grandes vultos que se altearam acima do commum da humanidade. Da aureola dos grandes genios parte sempre essa luz civilisadora dos grandes exemplos que tão utilmente se gravam na consciencia humana: estudar-lhes a historia, exhalçar-lhes as virtudes e consagrar-lhes culto é sempre uma proveitosa lição para os que teem sede de verdade e de justiça.

Mais um centenario, quer dizer mais um livro aberto para tantos ensinamentos; e que livro, que lição, que espelho, o que nos offerece a Hespanha, venerando assim o grande Calderon de la Barca?

Recordemos os traços da sua vida e veremos a sua importancia.

Nasceu em Madrid a 17 de janeiro de 1600, filho do secretario da camara do conselho da fazenda, D. Diogo Calderon de la Barca Barreda, e de sua mulher D. Anna Gonzales de Henao, descendente d'uma familia nobre de Flandres. Recebeu a sua educação litteraria em um convento e aos quatorze annos publicou a primeira comedia *O carro do ceo*, seguindo depois a vida militar aos vinte e cinco annos; combateu nos Paizes Baixos, na Italia e na Catalunha. Chamado á côrte por Filippe IV, substituiu Lope de Vega na composição de dramas para o theatro da côrte e recebeu d'este monarca altos favores e o grau de cavalleiro de S. Thiago, com fôro e tença.

Em 1651 abraçou a vida ecclesiastica e foi colocado em uma capellania das mais rendosas, passando depois a ser conego de Toledo.

O seu espirito altamente illustrado e o seu animo trabalhador e activo não pararam diante das riquezas e commodos da vida canonical; Calderon continuou a escrever os seus dramas e alguns autos, não só para os theatros de Madrid, como tambem para as festas religiosas de Sevilha, Toledo e Granada. Aos 25 de maio de 1681 falleceu em Madrid, legando os seus haveres á congregação dos presbyteros da mesma cidade, e, depois de varias trasladações, repousam os ossos d'este grande poeta na egreja do Hospital (invocação de S. Pedro) sita na rua de Torrecilla del Leal.

As obras theatraes que escreveu são tantas que ainda a critica litteraria não póde marcar-lhes o numero exacto. Em todas ellas se manifestam, não só o grande genio e profundo talento, como tambem as grandes qualidades pessoaes e os nobres sentimentos de seu auctor; em todas se revellam os principios da mais sã moral e da mais recta justiça.

Cervantes, Lope de Vega e Calderon são tres astros que vieram alumiar brilhantemente a litteratura hespanhola desde o ultimo quartel do seculo XVI até quasi ao fim do XVII.

Em um artigo da *Illustração militar*, excellente publicação que vê a luz em Madrid, encontramos o seguinte e expressivo trecho, que, para concluir, trasladamos. N'elle se resume a critica ligeira, mas frisante, do merito litterario d'esse grande escriptor a quem a Hespanha vem prestar o culto d'um centenario:

«Calderon tem sido objecto de contrarias e acervas criticas.

Que virtudes, que merito não tem sido discutido sobre a terra!

Mas os que o censuram, sobre tudo debaixo do aspecto d'uma moral restricta, os que tão severamente o julgam, porque extrema as virtudes e doira os vicios dos seus contemporaneos, parecem olvidar a influencia, a obsessão, a tyrannia do *meio*.

Calderon tinha nascido nobre; vivia entre os nobres; vivia entre os rixosos fidalgos d'uma côrte galante e aventureira.

Podemos queixar-nos dos seus retratos?

O typo sahia vigoroso e fiel dos bicos da penna, e isto é o positivo, o substancioso para a critica historica.

Que o poeta pretendesse logo por meios dialecticos atenuar o debuxo, que importa? Era este um tributo de necessaria e obrigatoria cortezia; mas o debuxo permanece; o quadro está ahi, e consideradas objectivamente as contradicções do poeta, não eram por si mesmas um tom mais, uma fiel e acabada expressão d'aquella epoca a seu turno hypocrita e licenciosa, conceitista e credula?

Primeiro soldado de Flandres, logo soldado e poeta, depois poeta e cortezão, por ultimo poeta e sacerdote, Calderon condensa fielmente em sua vida, como em suas obras, o caracter d'esse povo que por tão faceis transições passava da egreja para a guerra, da oração para a espada, e do deleite peccaminoso da poesia erotica para o extasi contemplativo de uma prece monotona.»

PADRE PATRICIO

ZORA

—

(Conclusão)

Aquella voz pura, virginal, persuasiva, que se erguia diante do terrivel caracter do monarca como uma barreira indestructivel, fel-o estremecer um momento.

—Ouve! exclamou elle. Sabe que ninguem se atreveu ainda a fallar-me d'esse modo! Como te chamas?

—Zora.

—Vou propor-te uma transacção. A tua lingoagem, os teus costumes, a tua formosura captivam. Ha um meio de combinarmos tudo.

—Qual? perguntou a donzella.

—Estou disposto a levantar o castigo que impuz ao teu povo com a condição de seres minha esposa.

—Eu tua esposa!

—Sim.

—E' impossivel.

—Porque? Não sabes, insensata, que no caso de te negares aos meus desejos eu te levaria como escrava para o meu harem?

Um sorriso amargo brilhou nos labios de Zora.

—Tu não tens poder para tanto, respondeu.

Um movimento de colera agitou o imperador.

—Dizes que não tenho poder para tanto!

—Digo.

—E quem se opporia á minha vontade?

Zora tirou um punhal d'entre as dobras da sua tunica e respondeu:

—Antes de pôres sobre mim a tua mão ensanguentada, este punhal atravessar-me-ia o coração. Só poderias dispôr d'um cadaver.

O imperador recuou espantado. Aquella energia, aquella serenidade admiravel vencia-o, subjugava-o, e só a ideia de que uma creatura tão formosa podesse morrer fel-o estremecer. Zora tinha vencido.

—Ah! Reconheço no teu sangue o sangue do chefe dos *chilluks*; comprehendo agora o que é essa tribu a que pertences. Dominas a minha vontade; sou o teu escravo. Estipula as condições para um tratado de paz que quero fazer com os teus compatriotas.

N'este momento entrou Sed-Figuig, o qual, ao ver a filha na presença do tyranno, despediu um grito selvagem.

—Tranquilisa-te, disse-lhe o imperador. Tens uma filha digna de ti, e a ella deves a vida.

—E porque preço? perguntou o feroz caudilho.

—O preço é o premio da virtude.

Desde aquelle momento estavam feitas as pazes, e os dous chefes pactuaram as condições, pelas quaes os *chilluks*, posto continuassem a ser subditos do imperador, teriam um abatimento consideravel nos tributos que pagavam, seriam respeitados os seus costumes e dar-se-lhes-ia governadores mais humanos.

O imperador subscreveu todas as condições, ditadas por Zora, e quando tomou a penna para assignar o tratado olhou para a joven e disse-lhe:

—Acceitei quanto me propozeste. Falta que tu acceites tambem a minha proposta. Dize que queres ser minha esposa.

—Nunca! respondeu Zora. Se não tivesses tingido as mãos no sangue de meus irmãos, accederia aos teus desejos; mas a espada da maldição separa-nos. Vive nos teus palacios e deixa-me a mim nos desertos. Para ti o imperio, para mim a solidão.

Zora separou-se do monarca, que ficou cabisbaixo vendo-a ir pela mão do pae.

No dia seguinte o exercito invasor retirou para Marrocos e a paz ficou restabelecida.

Ainda hoje os conductores de caravanas que chegam do interior da Africa, quando param para pernoutar á sombra das palmeiras, referem a historia de Zora como uma das recordações encerradas no meio da immensa poesia do deserto.

O ELEPHANTE

O ELEPHANTE

—

Tem-se escripto tanto ácerca dos costumes dos elephantes, são tão conhecidas as qualidades d'este intelligente animal, que nos limitamos a apontar ao leitor menos lido o assumpto da gravura que acompanha este artigo.

Chama-se *cornaca* o homem que tem por profissão acompanhar e cuidar dos elephantes. D'ordinario entre o elephante e o seu *cornaca* estabelecem-se relações as mais affectuosas; mas quando o animal se enfada com o seu conductor, o modo de testemunhar-lhe a sua colera é inclinar sobre elle a sua enorme tromba e despejar a agoa de que anda provido.

E' este um dos habitos mais originaes do prestimoso animal.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XXI

FULTON

Fulton nasceu em 1766 em Litll-Britain, no condado de Lancastre (Pensylvania), filho d'uma pobre familia irlandeza. A sua educação foi muito descuidada; mas um genio precoce suppriu a falta de conhecimentos.

Aos treze annos entrou para casa de um ourives e dedicou-se á pintura nas horas d'ocio; arrastado, porém, por uma inclinação natural para a mecanica, passou a Inglaterra para se applicar aos estudos.

Em 1793 Fulton propoz ao governo inglez um projecto de melhoramento para os canaes, que foi despresado. Pouco depois apresentou um moinho, invenção sua, para serrar e polir o marmore, machinas para fiar o canhamo e fazer cordas. Alcançou quatro breves d'invenção; mas não explorou nenhum.

Esperando encontrar em França melhor acolhimento do que em Inglaterra, partiu para Paris, onde chegou por fins de 1796, e construiu um barco submarino, que offereceu ao directorio. Aproveitando-se das experiencias de Jouffroy, o engenheiro mecanico occupava-se havia muito tempo em construir um barco a vapor. A primeira experiencia d'esta tentativa, que era o germen do grande projecto realisado mais tarde, fez-se no Sena, dando o melhor resultado; Napoleão encarregou o exame do invento a uma commissão, e esta declarou impossivel o resultado imaginado pelo sabio, que não foi mais feliz em Inglaterra do que o fôra em França.

Decidiu-se então a ir para a America, tratando de construir um barco a vapor para navegar no Hudson. No mez d'agosto de 1807 foi experimentado o *Clermont*; o resultado não podia ser mais satisfatorio. A causa do vapor applicado á navegação estava emfim ganha.

Fulton falleceu em 24 de fevereiro de 1815.

O BOSPHORO

O Bosphoro, ou canal de Constantinopla, pois que esta grande cidade se alevanta proximo da sua entrada, é um estreito por onde o mar de Marmara se communica com o mar Negro. Tem de comprimento quasi quarenta kilometros, e a sua largura varía de quinhentos e sessenta metros até um pouco mais de dous kilometros.

O seu curso em zig-zags entre elevadas montanhas, que ora avançam como cabos, mergulhando-se nas suas agoas, ora recuam, formando amplas bahias; mil especies differentes de arvores collossaes, debruçando-se sobre a onda fugitiva, vestindo as encostas e coroando os cabeços; numerosas povoações guarnecendo as margens do canal como alas de soldados, em ceremonia solemne e festiva, ou subindo como em throno pelas quebradas das serras; soberbos castellos de diversas eras; venerandas ruinas de monumentos de differentes nações; esplendidos palacios do sultão, dos pachás e dos embaixadores estrangeiros; sumptuosas mesquitas, cercadas de seus esbeltos *minaretes*, que parecem querer esconder entre as nuvens sua fronte orgulhosa; lindos *kioscos*, ou casas de regalo, de mil variadas invenções, todas phantasiosas e ornamentadas com os maiores esplendores do luxo oriental; jardins sempre floridos e bosques frondosos, entremeiando ou cercando todos esses magnificos edificios, specimens variadissimos da architectura de differentes povos e de diversas epocas; todos esses objectos, collocados como por mão de artista, ou contrastando pittorescamente, ou sobresaindo uns aos outros com elegancia e garbo, como em vaidosa competencia, e, dando animação e singular realce a essas perspectivas encantadoras, uma prodigiosa quantidade de navios de vela e movidos por vapor, de barcos e escaleres de variados e exquisitos feitios, empavesados de bandeiras multicôres e tripulados por gente de quasi todos os paizes civilisados do universo; eis em pobre e mesquinho esboço os panoramas, de incomparavel belleza e louçania, que o Bosphoro offerece ao viajante.

I. de Vilhena Barbosa

CONSTANTINOPLA

A SOCIEDADE DOS TRES

I

ENTRE CASADOS

—Suzanna! Que acontece na rua?

—Nada de extraordinario.

—O extraordinario, n'esse caso, é tu estares ha mais de meia hora de janella.

—Faze a barba e não te importes comigo.

—Mas é que dizia minha avô...

—Vamos, que dizia tua avô?

—Dizia que uma mulher posta á janella é como uma cepa plantada á borda d'uma estrada.

—Porque?

—Porque todos os transeuntes depenicam as uvas.

—E depois?

—Depois, é que o marido fica só com o bagaço. Ora eu que sou teu marido, vê lá...

—A palavras loucas orelhas moucas.

Este dialogo, como o leitor comprehende, passa-se entre marido e mulher.

Suzanna, a esposa que se acha á janella, não é precisamente uma beldade; mas não lhe faltam prendas para merecer a qualificação de formosa, e alliando a isso uns vinte annos apenas, é uma d'essas mulheres que enfeitiçam ainda mesmo antes de se fallar com ellas.

Filha de paes pobres, mas honrados, encontrou-se em uma reunião com um ricaço, que se agradou tanto d'ella, que a foi pedir no dia seguinte em casamento.

O ricaço era trinta annos mais velho do que ella; mas isso pouco importava se Tiburcio do Valle e Vasconcellos, que assim se chamava o capitalista, não tivesse outras qualidades que realmente o deviam tornar aborrecido d'uma mulher nova e bonita. Era ciumento como todos os maridos velhos, e como uma boa parte dos ricaços era sovina a ponto de viver em um modesto primeiro andar da rua do Almada, quando podia ter casas de seu.

Suzanna porém não o aborrecia. Era uma alma candida demais para ter pelo marido outra cousa que não fosse uma amizade misturada de dó; e quando se davam entre os dous conjuges scenas como a que estamos descrevendo, era ella que acabava sempre por bater em retirada, deixando Tiburcio triumphante.

Era uma manhã de julho e Tiburcio, de pé, diante d'um espelho alto, estava fazendo a barba a si mesmo. Suzanna, abrindo a janella, conservava-se n'esta havia uns dez minutos.

—Suzanna! tornou o marido.

—Outra vez! disse Suzanna.

—Porque não continuas a bordar as chinellas?

—Por mil rasões.

—Podem saber-se?

—A primeira é porque não quero.

—Bom. Supprime as outras.

Momento de silencio.

—Aqui ha cousa, disse de si para si Tiburcio. Não quer bordar-me as chinellas, mao signal! Pois heide ver o que ha na rua.

E foi pé ante pé espreitar por detraz de Suzanna, sem que ella visse.

—Bem me parecia! exclamou com ar triumphante voltando para a sala. Lá está um janota parado debaixo da janella! Pois espera, que te ensino!

Dirigiu-se ao lavatorio, tomou a bacia cheia d'agoa, e, sahindo á janella, com a cara ensaboada mesmo, despejou a bacia sobre o janota parado á porta.

—Apaguemos esse vulcão, disse voltando para dentro, antes que faça erupção!

A esposa, fechando a janella com estrondo, exclamou:

—Já se viu imprudencia assim!

—Ah! Tens pena que eu o molhasse! Então é certo...

—Certo o que? Eu nem sequer tinha reparado n'esse homem. O que te digo é que o pozeste uma sopa e se elle vae queixar-se á policia far-te-hão pagar uma multa, e é bem feito. Para isso hade ter dinheiro, o senhor que não quer que lhe chamem sovina.

—Economico é que é o termo proprio. Eu bem sei que as mulheres não gostam d'homens assim. Por exemplo, tu não pódes levar a bem que eu mandasse pôr escriptos nas janellas e julgas que é por eu achar elevada a renda que mudamos d'aqui.

—Pois pelo que é? Não dissestе tu que ha casas mais baratas em ruas de menos transito e que um primeiro andar é luxo de mais?

—Estás enganada; não me convem este sitio porque ha por aqui muitos Tenorios como esse que ha pouco estava de bocca aberta olhando para ti. Não; a mim ninguem me faz o ninho atraz da orelha. Eu bem sabia que havia mouro na costa! E a proposito, quem era esse tal?

—Não sei de quem fallas.

—Fallo do mouro que eu acabo de baptizar.

Suzanna fez um gesto de indignação e ia a responder quando se ouviu uma grande pancada na porta.

—Agora é que o mouro te vae fallar! disse ella. Vem sem duvida acompanhado d'um policia. Pague, senhor economico. Pague e não bufe! Nem eu quero presencear a scena que aqui vae passar-se. Não quero ser testemunha da sua vergonha!

Suzanna sahiu da sala, fechando atraz de si a porta, que dava communicação para o seu gabinete de trabalho, em quanto que Tiburcio, depois de soltar um enorme grito de desespero, correu abrir a porta, na qual soara uma outra pancada dada ainda com mais força do que a primeira.

(Continua)

DUAS DATAS

—

(1580 e 1880)

Já nas agoas do Tejo os velhos galeões
Que Portugal mandava ás praias do Oriente
Mostravam na amurada a castelhana gente
Ousada, escarnecendo as nossas tradicções!

Em terra o povo escravo erguia maldições
Ao Cardeal traidor, n'um desespero ingente;
Era o occaso fatal da patria decadente
Precedendo a agonia e a morte de Camões!

Do guerreiro e cantor, que mesmo abandonado,
Tinha frases d'amôr para o seu povo amado
Que o deixava esmolar o pão que pouco vall?!

Tres sec'los já lá vão e a geração briosa
Veste galas e canta a data vergonhosa
Em que o poeta morreu nas palhas do hospital.

TEIXEIRA DE CARVALHO

BIBLIOGRAPHIA

—

O Evangelho da Revolução, por Ernesto Pires.

Faz-se por ahi tanto contrabando em materia de bellas-letras; vende-se por boa tanta fazenda avariada; que é caso para estranhar ter o bibliographo ensejo favoravel de tecer justos encomios a um livro que apparece de novo.

Felizmente, d'entre as muitas publicações nocivas, traduzidas e originaes, de que abunda o nosso mercado litterario, surgem, de tempos a tempos, producções que teem o duplo condão de possuirem verdadeiro merito e de serem inoffensivas.

Está n'este caso o livrinho, com que recentemente fui brindado, e que se intitula: *O Evangelho da Revolução.*

Quando vi o nome de Ernesto Pires, auctor dos *Perfis* (1) e d'outras amenas composições poeticas, firmando um livro de titulo tão frisantemente revolucionario, cheguei a crer que o meu amigo houvesse já participado da influencia deleteria d'umas certas ideias e tremi ao pensar em que o poeta nos ia surgir desgrenhado, de facho incendiario na mão, proclamando umas theorias endiabradas, enroupadas no phraseado indecoroso dos realistas de baixo cothurno.

Não succedeu, porém, assim.

Li d'um folego a brochura, e confesso que, no decurso das suas paginas, não me agitou sentimento algum d'horror ou de repugnancia; antes senti fremitos de enthusiasmo, experimentei emoções gratissimas, na maioria d'ellas.

(1) «O Camões», n.º 10.

Emancipar do jugo do despotismo as classes escravisadas; estabelecer a igualdade e a fraternidade; desmascarar os tramas odiosos do vil jesuitismo, abrindo os olhos dos incautos, e estampando na fronte ignobil dos hypocritas o stygma do publico despreso; exaltar os obreiros do progresso, synthetisando a historia das conquistas da civilisação; eis o ideal do poeta ao traçar o seu quadro, ideal este que todo o espirito esclarecido deve abraçar.

Não se arrouba a alma do poeta nos extasis do pantheismo; nem tão pouco se resentem os seus cantos da suffocante aridez do materialismo.

N'aquelle espirito bem formado abriga-se a crença pura na existencia d'um Deus, em nada similhante ao dos inquisidores, mas sim

«...um Deus d'amor, immaculado e puro,
«Que tem nos labios seus palavras de perdão,
. . . .
«E nunca foi carrasco— é como nosso irmão.»

E essa crença, que é para a alma humana, no meio da aridez da existencia, o mesmo que para os labios sequiosos do peregrino um jorro d'agoa crystalina em pleno Sahara, é o facho bemdito que esparge uns como que suaves clarões nas estrophes do poeta, impregnando d'um certo perfume dulcissimo os seus cantos.

Ernesto Pires não segue as pisadas dos poetas demolidores. Odeia os excessos da demagogia, mas não transige com os dogmas terroristas de Roma, e, seguindo a luminosa esteira de Hugo, exclama com elle:

«Pourquoi tant de détresse et de calamité?
Pourquoi le grondement du gouffre illimité?
Pourquoi le coté noir du dogme et de la bible?»

Fazer de Deus um mytho, consagrando-lhe este epitaphio:

«Ha muito que exhallou seu ultimo gemido
O Deus Omnipotente, essa ideal chimera» (1)

ou chamar-lhe «chimpanzé» (2), como fazem os sectarios da revolução litteraria, entre nós, nunca! Mas, abraçado ao esteio da crença, constituir-se em vidente que prophetisa o advento da aurora da revolução, que, novo Genesis, virá mudar a face do mundo social, eis a missão do verdadeiro poeta!

Ao rematar estas ligeiras considerações ácerca do seu trabalho, permitta-me o poeta a transcripção d'uma das suas mais bellas estrophes, na qual se encerra o seu credo social:

«Teremos no futuro o sol por nosso guia,
Por Evangelho a paz, por Divindade o amor!
Da liberdade a luz por luz do nosso dia
E as crenças no porvir por astro salvador.»

A. C.

(1) Guerra Junqueiro.
(2) Angelina Vidal.

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XXIII

D. CATHARINA DE SANDOVAL VISTA NO INTERIOR DE SUA CASA

Quasi ao mesmo tempo que o conde de Lazan encontrava um auxiliar com quem não contava, a formosa querida do marquez do Alcazar achava-se no seu toucador.

Era esta sala rica e caprichosamente ornamentada.

Sentada em uma poltrona, D. Catharina tinha detraz de si as suas criadas, que acabavam de compor lhe o toucado. Ao seu lado um mancebo de alegre e franca physionomia contemplava, ora o rosto da formosa dama, ora o espelho cujo crystal reflectia as mesmas feições adoradas.

Por fim as criadas acabaram a sua tarefa e sahiram, deixando sós os dous jovens.

—Que tal te pareço, Gil Peres? Estou formosa? perguntou a dama.

—Oh! respondeu o mancebo. Não sei palavras com que possa pintar a tua belleza. O meu coração comprehende-o; mas os meus labios não sabem expresal-o.

—Pensas que poderei fascinar o marquez?

—Podes, como me fascinaste a mim. Vi-te e não pude resistir-te.

—Ouve, meu amigo, disse D. Catharina. Amo-te, bem o sabes; mas ha no meu peito outra cousa além do nosso amor. Ha o desejo de vingança, que deves partilhar se me amas como creio. E' necessario que o homem que abusou da amizade de meu pae morra. Cumprido o meu desejo, entregar-me-hei completamente a ti. Iremos para a Italia, onde viveremos só um para o outro.

—Oh! exclamou o mancebo. Tanta dita...

—Crê-me. São estes os meus planos.

—Mas D. Luiz de Guevara?

—Ah! Tens zelos d'esse homem!

—Se tenho!... Sei que o amas e todo o meu desejo sería acabar com elle!

D. Catharina ergueu-se de repente e soltou um grito.

- Oh! Se és capaz de mover uma espada, aponta-a antes contra o conde. Sim, contra esse infame conde de Lazan! E' necessario vingarmo-nos d'elle, de sua filha, de seu filho, de todos os seus! Mas não. Tu não podes converter-te em um miseravel assassino. Tratemos de perder o conde para com Jovelanos. A tua habilidade caligraphica vae servir-nos de muito. E' necessario fazer chegar ao conhecimento do ministro que o conde de Lazan é um traidor que vende os segredos que se lhe confiam ao conde de Aranda.

—Mas isso é infame! bradou Gil Peres.

—Não trates de qualificar as cousas. Dize-me só se me obedeces.

—O que queres então que eu faça?

—Quero que falsifiques a letra do conde de Lazan, fazendo-o passar por traidor.

—Bem. Farei quanto quizeres, com uma condição.

—Qual é?

—Que cortarás as tuas relações com Luiz de Guevara.

—Pensas que o amo e enganas-te. Luiz é um homem necessario á minha vingança. Quando não precisar d'elle despresal-o-hei.

—E outro tanto me farás a mim, ponderou Gil Peres.

—A ti não porque te amo. E se não te amasse tornar-te-ia confidente dos mysterios que cercam a minha existencia?

—Sou um teu escravo. Dispõe de mim, disse o mancebo não podendo resistir áquella fascinação que dimanava do gesto imperioso de D. Catharina.

D'ahi a pouco ficava esta só. O amante deixou-a para procurar os meios de obedecer ao que ella lhe ordenara. Mal elle sahiu a imperiosa dama exclamou:

—Anda, imbecil. Quando me não servires para nada eu te direi qual hade ser o pago do amor que me tens!

E soltou uma estrondosa gargalhada.

(Continua)

EXPOSIÇÃO MUSICAL DE MILÃO

—

(Continuação)

Em 1791 formou-se uma companhia de negociantes, para fundar um grande theatro que devia substituir o chamado do *Tejo*. Deram a este novo theatro a denominação de *S. Carlos*, e foi inaugurado em 29 d'abril de 1793, tendo sido construido por José da Costa e Silva, architecto portuguez que tinha estudado em Roma e Bolonha, e por Fabri, architecto italiano; ambos elles desenharam tambem o risco do palacio d'Ajuda. A gloria historica d'este theatro, e conjuntamente o de S. João, do Porto, constitue ainda hoje as duas scenas lyricas portuguezas: omittiremos a historia d'estes dous theatros por ser demasiadamente conhecida em Italia. Luiza Rosa d'Aguiar, conhecida pelo pseudonimo de *Luiza Todi*, d'origem portugueza e sublime cantora, percorreu entre repetidos applausos os principaes theatros da Europa, cercada sempre dos esplendores que traz comsigo a fama conquistada.

Com relação a *maestros* podemos referir Marcos Antonio Portugal, cujas composições sacras são ainda hoje as mais bellas do reportorio musical das egrejas nacionaes, e a sua musica profana foi applaudidissima nas scenas lyricas, sendo 29 das suas composições repetidamente executadas em Milão, Bolonha, Florença, Genova, Napoles, Roma, Ferrara, Parma, Placencia, Veneza e Turim, sendo igualmente representadas 7 na Allemanha e 5 em França, Inglaterra e Russia.

Foi sómente em 1836 que se fundou definitivamente em Lisboa o conservatorio real, a que se annexou a academia de musica creada em 1835, e que pertencia ao *Regio Orfanotrofio*, para substituir o antigo seminario decretado em 7 d'abril de 1713 por ordem de D. João V, mas estabelecido definitivamente por D. João VI no principio d'este seculo, não tendo desde logo produzido resultado algum com relação á arte, a que se destinava.

O celebre escriptor portuguez, o visconde d'Almeida Garret, tinha resolvido fundar um theatro nacional com uma escola de declamação e canto; porém mudou d'opinião e incitou o ministro Passos Manoel a crear um conservatorio, que se inaugurou a 15 de novembro de 1836, addicionando a este a escola de musica do orfanotrofio e a de declamação.

Garret tratou immediatamente do seu melhoramento, e modelou-o copiando os conservatorios italianos, e especialmente o de Milão, terminando as reformas em 1838. (Vid. Silvestre Ribeiro, *Hist. dos estabelecimentos industriaes, litterarios e artisticos*) Para seu director foi nomeado Domingos Bomtempo, que tinha estudado em Paris e Londres. O conservatorio foi dividido em tres classes: *declamação, musica, baile e mimica*; a escola musical era composta de 12 classes divididas da maneira seguinte:

1.° Escola preparatoria e solfejos. 2.° Canto (sexo masculino), canto (sexo feminino). 3.° Piano forte. 4.° Harpa. 5.° Violino e viola. 6.° Violoncello e contrabasso. 7.° Flauta e otavino. 8.° Clarinete e *ofygley*. 9.° Oboé, corne inglez e fagote. 10.° Cornetim, trompa e trombone. 11.° Harmonia e accessorios annexos. 12.° Contraponto e composição.

Esta é quasi ainda a actual organisação do conservatorio real de musica de Lisboa, não lhe tendo sido tiradas mais do que as classes de baile e mimica e as de harpa, estando comtudo esta ultima em via de ser restabelecida.

A parte litteraria era igualmente importantissima; este estabelecimento tinha socios honorarios, confirmados pelo rei, que concorriam para o seu esplendor, e entre elles contavam-se Rubini, Lablache, Mercadante, Admenson, Auber, Casimir de Lavigne, Scribe, Martinez de la Rosa, Cesare Cantu, Duque de Ribas, Donizetti, Rossini e Meyerbeer.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

DEFEZA DE CANANOR

Pelos annos de 1559 conjuraram-se os reis e principes do Malabar contra os portuguezes, intentando expulsar-nos da nossa fortaleza de Cananor, empresa que, se a levassem a cabo, os animaria a maiores commettimentos.

A praça achava-se desguarnecida de gente e munições, e não resistiria de certo ao ataque dos gentios se por ali perto não andasse o insigne capitão Luiz de Mello da Silva com a sua armada, o qual, sabendo do designio dos mouros, abicou em terra e desembarcou a sua gente á vista mesmo do inimigo e protegido pela artilheria da praça, e pondo-se a caminho para a fortaleza, a guarneceu, de forma que ao todo formaram os portuguezes um corpo de cerca de seiscentos homens.

Os mouros passavam de cem mil, e no dia 13 de maio do referido anno, logo de madrugada, romperam o fogo e atacaram por um sitio por onde lhes pareceu que os nossos menos podiam resistir; mas enganaram-se porque os portuguezes, apesar de serem poucos, eram bravos e offereceram resistencia tal, que durando a batalha desde as tres horas da manhã até ás quatro da tarde, não conseguiram os inimigos tomar-nos a praça, antes pelo contrario foram repelidos, deixando mortos mais de quinze mil homens.

Dos nossos apenas morreram vinte e cinco homens; mas os que sobreviveram ficaram tão feridos, tão cobertos de sangue, suor e pó, e tão abrazados do fogo, que não se conheciam uns aos outros.

Foi esta uma das mais insignes victorias que as nossas armas alcançaram n'aquellas remotas paragens.

ZIG-ZAGS

ANTIGUALHAS

Em 1490 ajustou-se o casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II, com a princeza de Castella D. Isabel. Estava o rei, na segunda feira de Pascoela d'aquelle anno, passeiando na praça d'Evora, quando soube a noticia de que o casamento já se havia celebrado em Sevilha por palavras de presente, e tão grande alegria com isto experimentou, que correu logo á Sé, e mais o principe que com elle andava, a darem graças a Deus, e d'ahi ao palacio, onde se achava a rainha, para com ella se congratularem da noticia.

Quando o rei sahia da Sé, era já tanto o alvoroço e alegria em Evora com bailes, folias e festas, que nunca outro assim fôra visto. A vertigem era tanta, que até os velhos assaltou. Ruy de Souza e Diogo da Silva, homens de idade avançada e de respeito, viram-se dansando com o povo. O rei, vindo da sé para o paço e saindo-lhe á rua cantando com um pandeiro na mão D. Briolanja Henriques, dona muito honrada, mulher de Ayres de Mendonça, a tomou nas ancas da mula, e assim foi com ella apresental-a á rainha.

Que felizes tempos aquelles!

—

FULTON(*)

RESPOSTA REAL

Muitos magnates da côrte de Vienna queixaram-se ao imperador José II, de não poderem pusar commodamente dos asseios publicos, porque estavam sempre occupados de uma multidão de inferior nobreza e de muito povo, e lhe pediram que os mandasse retirar e só fosse permittida a entrada ás pessoas da sua qualidade.

—Se eu só quizesse ver iguaes, disse o imperador, teria d'encerrar-me no cemiterio, onde repousam só as cinzas dos meus antepassados. Amo os homens indistinctamente e prefiro os que teem virtudes e talentos áquelles, cujo merecimento é só contar principes entre os seus avós.

Boa resposta!

O «CLERMONT»(*)

(*) Gravura extrahida das «Grandes Invenções» por Luiz Figuier, edição da casa Chardron.

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 39, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular, illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 39

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 26 DE MAIO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— A ponte pensil do Niagara — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Turquia asiatica — Paulo (poesia) por B. Werneck — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Os homens uteis de todos os paizes: Jacquard — Antigona — Os olhos — A mulher nas sociedades primitivas, por Azevedo Ramos — O anjo com quem sonhei (poesia) por Ernesto — Exposição musical de Milão — A sociedade dos tres (romance) — Datas memoraveis de Portugal: Batalha de Montijo — Sciencia para todos: Os vegetaes, por doutor Jayme — Zig-Zags: Costumes russos — O rei e o criado — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Ponte pensil do Niagara — Antigona — Um combate naval — Jacquard.

A PONTE PENSIL DO NIAGARA

—

A ponte que a gravura representa é uma das mais notaveis que se conhecem em todo o mundo. Construida em 1859, para unir as duas margens do Niagara, está situada a alguma distancia das celebres cataractas d'esse grande rio.

Tem dous andares, um para a via ferrea e outro para os carros e viandantes a pé.

A gravura pertence á excellente obra de Luiz Figuier *As grandes invenções*, edição da casa Chardron, sahida dos prelos do snr. A. J. da Silva Teixeira.

PONTE PENSIL DO NIAGARA

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

XIV

(Continuação)

Adelina

«Eram bem fundados os boatos que ha tempos correram com respeito a Laura. Aquella louca namorava um d'esses rapazes da moda, que tudo sacrificam aos seus caprichos.

«Hontem á noute Laura faltou ao refeitorio. Ninguem suppoz a verdadeira causa d'aquella falta; entretanto a directora mandou-me procural-a ao dormitorio, julgando que algum ligeiro encommodo a demorasse.

«Procurei debalde por toda a parte. Laura não se achava em casa. Fiquei attonita, e lembrei-me logo das suspeitas que tinham recahido na nossa companheira havia tempos. Occorreu-me uma ideia extravagante, a evasão de Laura.

«Em todo o vasto dormitorio não havia senão uma janella aberta. Corri para ella. Suspensa do peitoril achava-se uma escada de seda, por onde, evidentemente, descera a fugitiva.

«Vendo realisados os meus presentimentos, corri presurosa a dar parte do succedido. A minha curta narração foi ouvida com palpitante interesse. Todos

me escutaram boqui-abertos. Apenas acabei de fallar, em meio do silencio que reinava em virtude da estupefacção geral, soou a voz severa da directora, que proferiu estas breves palavras:

«—Nunca esperei um desenlace d'estes!

«Minha querida Adelina, não posso alongar-me mais por hoje. Acceita um terno abraço da tua antiga companheira e fiel amiga

Elisa de Moura

XV

«Esta carta, snr. Jorge, continuou D. Adelina, fitando o mancebo que se achava um tanto pallido, incidente que escapou á joven brazileira, distraida com a narrativa, veio causar-me uma profunda e terrivel impressão.

«Aquella que eu reputara, senão a unica, pelo menos a mais dedicada de minhas amigas, acabava de commetter um acto escandaloso. Laura de Menezes fugira em companhia d'um aventureiro devasso, com quem se correspondia havia já bastante tempo.

«Soube mais tarde essa triste historia. Os paes da desgraçada, apenas tiveram conhecimento de tão inopinada quão profunda desgraça, choraram amargamente a perdição da filha que lhes fôra enlevo e objecto de esperanças, e vestiram-se de luto.

«Ninguem mais viu os desventurados: suppõe-se que abandonassem este paiz.

«Por alguns mezes Laura viveu vida escandalosa em companhia do infame seductor. Em quanto durou essa existencia dourada a preço da deshonra, viram muitas vezes os dous amantes, em luxuosa carruagem atravessarem ao galope de dous formosos cavallos as ruas da cidade. Nos theatros, nos passeios, em todos os pontos de reunião onde não havia portas que se cerrassem á deshonra, aquella mulher, que realçava em formosura e graças, tinha vasto tapete de corações onde pousar as mimosas plantas. Rodeava-a um numeroso bando de adoradores. Não foram poucos os duelos a que deu causa essa mulher.

«O sol é bem radiante, e, todavia, tem o seu occaso. Aquella vida dourada de praseres e gosos de toda a especie devia um dia tambem ter o seu termo.

«Em uma bella occasião, o seductor, como aventureiro que era, queixou-se a Laura, com, ou sem fundamento, da complacencia com que ella recebia as homenagens d'um certo fidalgo, muito rico e muito boçal, que importunava todas as mulheres bellas com quem deparava; Laura fingiu-se offendida com tão grave accusação, que, mui directamente ia ferir o seu melindre, e respondeu emphatica e colericamente ao amante; este esbofeteou-a, e a desgraçada viu-se forçada a sahir d'aquella casa onde fôra rainha, para percorrer as ruas d'uma capital sugeita ao despreso do publico.

«Laura conheceu então o horrivel da sua posição. Maldisse a nefanda hora em que commetteu tão escandaloso acto, e chorou lagrimas de sangue, ao ver-se rodeada dos motejos, dos que, ainda hontem, a enchiam de lisonjas e adulações.

«Ignorando o paradeiro de seus paes, vendo-se completamente isolada, pensou um pouco no futuro que a aguardava, por ventura o mais triste possivel, um abysmo de deshonra e miseria. Comtudo um ponto brilhante lhe surgia em meio das espessas trevas que a circundavam. Lembrou-se de que poderia aproveitar a sua vocação para o theatro. Achara o porto de salvamento; demandou-o.

«Calcou aos pés o seu indomavel orgulho, cravou no seio o punhal de humilhação, pediu para ser admittida em uma companhia, e o emprezario, ignorando ainda os recursos de que Laura dispunha para aquella carreira, acceitou-a, naturalmente commovido pelas emoções que sentia n'aquella voz harmoniosa e seductora e encantado pela belleza da infeliz.

«Escusado fôra dizel-o: A actriz era completa. Na noute da sua estreia Laura conquistou os mais calorosos applausos, obteve um completo triumpho.

«Pouco depois a companhia partiu para Lisboa, onde, segundo consta, a nova actriz tem recebido as mesmas honras.

«A triste historia d'essa desgraçada, a quem eu votava uma sincera estima, commoveu-me demasiado e contribuiu para aggravar a minha habitual melancolia.

(Continua) Alberto Carlos

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXII

A TURQUIA ASIATICA

Que somma de recordações nos desperta este paiz a que acabamos de chegar!

Na Asia Menor estavam Troya, a Syria, as colonias jonicas. Foi na Palestina que o Homen-Deus pregou a sua doutrina divina e foi crucificado; foi nas agoas do Jordão que João baptisou Christo. Os montes Libano conservam a sua corrente e o lago Asphaltite (Mar Morto) recebe ainda aquelle rio que fez recuar Josué.

Para o lado do golfo Persico encontramos o Euphrates e o Tigre. Nas margens erguia-se a torre de Babel; Nemrod e Assur lançaram ali os fundamentos dos seus imperios. Era n'esta parte da Asia que estava situado o paraiso terrestre.

Eis a Armenia, com seus valles profundos, no meio dos quaes apparece o monte Ararat, que sustentou a arca biblica; as margens do Tigre, do Euphrates, as ricas campinas da Taurida e da Anatolia.

Onde estaes, principados christãos fundados pelas cavalheirescas cruzadas da idade media?

Passemos em revista a Turquia asiatica.

Limitam-a ao norte o estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara, o Bosphoro e o mar Negro; a leste a Transcaucasia e a Persia; ao sul a Arabia; a oeste o Mediterraneo e o Archipelago.

Antigo theatro de factos para sempre memoraveis na historia do mundo, a Turquia asiatica não passa hoje d'uma solidão, onde a terra, de per si fecunda, não produz mais do que hervas á mingoa do cultura. O clima, temperado nas montanhas, é ardente nas planicies.

Occupa uma superficie de 1,250:000 kilometros quadrados e contém uma população de 16 milhões d'habitantes.

Divide-se em quatro grandes regiões naturaes, que são: Anatolia, Armenia, Aldjezireh (antiga Mesopotamia), comprehendendo o Kurdistan (antiga Assyria) e Irak-Arabi, e emfim a Syria.

A Anatolia tem as seguintes cidades principaes: Smyrna, principal emporio do commercio da Asia occidental com o levante; Brussa (60:000 h.), praça forte, commercio de sedas; capital do imperio ottomano nos seculos XIV e XV; Scutari (50:000 h.), porto sobre o mar Negro, em frente de Constantinopla, de que é um arrabalde; commercio de transito e fabricação d'armas e algodões; Kutaieh (50:000 h.), productos agricolas, pello de cabra, etc; Tokat (50:000 h.), ponto de reunião de numerosas caravanas; Angora (45:000 h.), fazendas feitas com pello de cabra, muito afamadas; Trebizonda (40:000 h.), porto e praça forte sobre o mar Negro; commercio de transito; Ismid (30:000 h.), estação para as caravanas; Konieh, com 20:000 h.; os seus muros provém d'edificios antigos.

A Armenia tem só duas cidades principaes: Erzerum, com 80:000 habitantes; cidade forte, fabrica afamada de armas brancas; Kars, (12:000 h.), praça forte.

No Aldjezireh notamos: Mossul, com 60:000 habitantes, no logar da antiga Ninive; cidade celebre pelos tecidos de algodão que do seu nome se chamam *musselinas*; Orfa (48:000 h.), antiga Edessa, sobre as ruinas do Ur, patria d'Abrahão; ruinas d'uma cidadella, palacio de Nemrod; Diarbekir (40:000 h.), convento onde o viajante recebe hospitalidade.

O Irak-Arabi tem as seguintes cidades notaveis: Bagdad (100:000 h.),

antiga capital do imperio dos kalifas; fabricação de armas brancas, muito superiores ás de Damasco; Bassorah, com 60:000 h., cidade grande, mas muito insalubre; fabrica d'essencia de rosas; Helleh (12:000 h.), construida no sitio onde foi Babylonia.

O Kurdistan tem apenas uma cidade, Keruk; mas é de pequena importancia.

A Syria tem as seguintes cidades principaes: Damasco (200:000 h.), cidade grande e industriosa; armas brancas, sedas, grande commercio, caravanas para Meca; Alepo (80:000 h.); esta cidade, destruida por varios terremotos, tem Alexandretta por porto; Beiruth, com 60:000 h., principal porto commercial da costa da Syria; Jerusalem (20:000 h.), cidade santa dos christãos, musulmanos e judeus; S. João d'Acre (10:000 h.), celebre pelos diversos cercos que tem sustentado; Jaffa (6:000 h.), tomada por Bonaparte em 1799; em seguida á conquista declarou-se uma peste que dizimou o exercito francez; Antokieh, com 5:000 h., edificada sobre as ruinas da antiga Antiochia.

Visitemos emfim as ilhas do Archipelago.

Chypre (180:000 h.), notavel pelos vinhos do mesmo nome; tomada pela Inglaterra em 1878; Scio (61:000 h.); em 1822 insurgiu-se contra os turcos; um terremoto destruiua-a ha pouco tempo; Samos (50:000 h.); Rhodes (38:000 h.), celebre pelo seu golfo, onde outr'ora campeava o collosso, que um terremoto destruiu; Cos (10:000 h.); Tenedos, com 7:000 h., é a chave dos Dardanellos; em frente estava a cidade de Troya, cujo prolongado cerco foi cantado por Homero; Pathmos (4:000 h.), onde residiu S. João Evangelista; Scarpanto (3:000 h.); Metelin (antiga Lesbos).

Ha na Turquia asiatica poucos turcos, muitos gregos, arabes, armenios e judeus. Os turcomanos, povo nomada muito temido, habitam, assim como os drusos e maronitas, as montanhas do Libano. (Continua)

PAULO

Em bravo corcel montado,
Olhos em fogo, açodado,
Lá parte o impio soldado
Caminho de perdição!
Mar, que nunca tem bonança,
Sopra-lhe o inferno vingança;
Acera-lhe a inutil lança
Contra um Deus de mansidão.

Qual fogo, que arde na pyra,
Eil-o, eil-o acceso em ira;
Vae, corre, vôa, delira
O flagello dos christãos.
Veloz, como o rijo vento,
A Damasco vae, sedento,
Vae tigre no manso armento
Saciar seus odios vãos.

Cerrando os olhos á luz,
Deslembra-se d'essa cruz
Onde o bondoso Jesus
Pelos homens se immolou!
Deslembra os altos prodigios
Do Golgotha nos fastigios,
E esses recentes vestigios
Que o Homem-Deus lá gravou!...

A galope, a galope, voando,
Qual simoun no tostado areal,
Transpõe valles, ribeiros, montanhas,
Sem parar, esse genio do mal.

Na cançada, anciosa carreira,
Esvoaçam-lhe ao lado arvoredos;
Foge, foge uma flor, um arbusto,
Fogem, fogem-lhe alados rochedos.

Como fita alvacenta se enrola
A seus pés o caminho sonoro;
Aos ouvidos o ar lhe troveja
Qual de tetricos duendes um côro.

De repente o Empyreo se rasga,
Desce rapido um raio de luz!
Deslumbrado, perdido de susto,
Fica em trevas o imigo da Cruz.

Melodia de um hymno ineffavel
Vem suave uma voz lá dos ceos:
—Saulo, Saulo, porque me persegues,
Porque assim vens de encontro ao teu Deus?

Como torre, que esb'roa em ruinas,
Paulo em terra tremente baqueou!
—Meu Senhor, diz, meu Deus, falla, manda,
Aos teus pés no meu nada aqui estou.

—Surge e vae, essa voz lhe tornára,
A' cidade, aonde ousado corrias;
O sentido das minhas palavras
Lá, por mim, te abrirá Ananias:

Limbo seus olhos são, sua alma espanto!
O dragão da heresia arqueja exanime
Aos pés do Anjo de Deus, que entra formoso
Por sua alma sombria, como a aurora,
Que rasga a escuridão da opaca noute.
A' luz do véro Sol se annulla o astro
Que deslumbrou o sabio Areopago;
E a lança, que nas trevas se affiára
Contra o Deus-humano, se transforma
N'essa haste luminosa, onde fluctua
Da eterna sapiencia o eterno labaro.

B. Werneck

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XXIV

ZELOS DE MULHERES

Possuidora da carta que a filha do conde de Lazan escrevera a D. Luiz de Guevara, D. Catharina de Sandoval ardia em zelos e sentia-se animada para a vingança. Aquella carta era uma arma terrivel, que, manejada por mãos habeis, tanto poderia ferir a um ou a outro, isto é, a Maria ou a Luiz, e D. Catharina vacilava sem saber a qual dos dous atacaria primeiramente porque de ambos elles tinha recebido terriveis ultrages.

Mulher toda paixão, fosse como amante, fosse como inimiga, era uma fera, que só respirava vingança.

Não era porém só ella que com aquelles zelos exagerados perseguia os dous amantes. Os nossos leitores não se esqueceram de certo de D. Isabel de Zuñiga, esposa de D. Rodrigo de Cardenas, conde de Santillana, a qual exactamente na noute em que travamos conhecimento com D. Luiz abandonou-se sem receio algum ao amor que o joven lhe inspirava, amor primeiro e unico na sua existencia.

A' falta de praseres do amor, como já dissemos, D. Isabel tinha-se refugiado nas intrigas e no emmaranhado labyrintho da politica, e quando um dia seu marido lhe disse que D. Luiz gosava de grande favor na côrte, e o seu proximo casamento com a filha do conde de Lazan ainda ia augmentar o seu valimento, D. Isabel sentiu-se como ferida d'um raio. Era pois esta mulher uma outra inimiga de D. Luiz.

N'aquelle tempo era moda as damas irem consultar o feiticeiro Giacomo Zarini quando alguma cousa as affligia. Vimos que foi em casa do perfumista italiano que D. Catharina obteve a certeza de que D. Luiz de Guevara a enganava; em casa pois de Giacomo obteve a esposa do conde de Santillana o mesmo triste desengano.

Sahiu desesperada de casa do feiticeiro. Faltava-lhe aquelle amor e sentia na sua alma um vacuo immenso.

Quando chegou a casa, atirou-se para cima d'uma poltrona e permaneceu largas horas abysmada em profunda meditação. Emfim cobrou animo, e, erguendo-se de repente, exclamou:

—E' necessario luctar! Não se fará esse casamento! Não sei precisamente qual o meio porque heide impedil-o; mas não importa. Eu o encontrarei.

Depois de dar duas ou tres voltas na sala, parou, e, como tomada d'uma subita ideia, exclamou:

—Ah! Eis o momento em que Simão me pode ser util. Vou mandal-o chamar.

Tocou a campainha, e ao criado que appareceu deu ordem para mandar chamar Simão.

Pouco tempo depois um individuo de má catadura, d'olhar feroz, rosto pequeno e maneiras bruscas, entrou na sala onde se achava D. Isabel.

Convém, antes de sabermos as ideias da dama, conhecer o novo personagem que apresentamos ao leitor.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

XXII

JACQUARD

Jacquard nasceu em Lyon em 1752. Foi primeiramente fabricante de cha-

peos de palha e só depois da paz de Amiens é que principiou a dedicar-se á mecanica.

Um jornal inglez que por acaso encontrou annunciava um premio a quem inventasse uma machina para fabricar renda. Foi o bastante para o incitar ao descobrimento que lhe grangeou reputação. A' força de genio, de trabalho e de paciencia, conseguiu construir a machina; mas como a sua tenção não era concorrer ao concurso annunciado pelo jornal inglez, poz de parte o invento, esquecendo-o completamente, depois de offerecer a um amigo seu um pedaço de renda fabricada pelo meio engenhoso que havia descoberto. O amigo mostrou-a a diversas pessoas, e, ao passar de mão em mão, a amostra chegou a ser conhecida das auctoridades lyonezas.

D'ahi a tempos o perfeito de Lyon, depois de convidar Jacquard a pôr a sua machina a trabalhar, foi de tal modo surprehendido pelos resultados obtidos, que a submetteu á approvação do governo. Jacquard foi mandado a Paris, e depois d'um demorado exame no conservatorio das artes e officios, apresentaram-o ao imperador Napaleão e a Carnot, então ministro do interior.

A machina foi posta a funccionar diante dos dous illustres personagens, que não souberam como testemunhar a sua satisfação. Jacquard obteve uma pensão pelo seu maravilhoso invento.

Operando depois novos aperfeiçoamentos, applicou a machina á tecelagem de fazendas lavradas. Esta magnifica descoberta, que tão felizes resultados devia produzir para a industria lyoneza, encontrou em Lyon a opposição mais brutal: o conselho dos peritos fez quebrar o tear na praça publica e a vida de Jacquard foi ameaçada por uma populaça furiosa e estupida. Entretanto a pouco e pouco os prejuisos desappareceram e hoje o tear á Jacquard está em toda a parte adoptado. Encontra-se em todos os paizes da Europa e da America e até na China.

Graças á bella invenção de Jacquard, á tecelagem deixou de ser apanagio de alguns homens, tornando-se facil para todos, e a cidade de Lyon não fez mais do que pagar uma divida de gratidão erguendo uma estatua ao seu filho benemerito e illustre cidadão.

Jacquard, o homem util e dedicado ao bem-estar dos seus similhantes, falleceu em 1834.

ANTIGONA

ANTIGONA

Immortalisada por Sophocles na tragedia do mesmo titulo, Antigona, tão a miude citada pelos escriptores, é o modelo da piedade filial.

Conta a historia que foi filha de Œdipo e de Jocasta e teve por irmãos Eteoclo e Polynice.

Œdipo foi aquelle celebre heroe thebano, da raça de Cadmo, que, indo a Delphos consultar o oraculo, recebeu a prophecia de que seria o assassino de seu pae e casaria com sua propria mãe. O oraculo verificou-se, no dizer d'alguns auctores, e quando este triste desenlace foi conhecido, Jocasta matou-se e Œdipo arrancou os olhos desesperado.

Antigona foi desde então a guia de seu velho pae, e infringindo as ordens de Creon, rei de Thebas, prestou as ultimas honras ao cadaver de seu irmão Polynice, pelo que foi condemnada a ser enterrada viva.

Na tragedia de Sophocles, o tyranno affronta com todas as leis para vingar na pessoa da dedicada Antigona a infracção da ordem barbara, e nem sequer o move o saber que seu filho Hemon ama a desventurada princeza. Antigona, arremessada para o fundo d'uma caverna, ahi morre de fome; mas Creon recebe o castigo no suicidio do filho, que se mata atravessando o peito com uma espada depois de recolher o ultimo suspiro da amante.

OS OLHOS

Tenho ouvido dizer que os olhos são o espelho da alma. Será verdade? Pela minha parte não afirmo nem nego. Direi só que os olhos constituem a mais fundamental das feições humanas.

Com olhos bonitos não ha cara feia. E, pelo contrario, o rosto mais bello desfigura-se sob o influxo d'uns olhos feios.

Ha pessoas que, não sendo bonitas, não são desagradaveis. Porque será? E' porque teem olhos bonitos.

Os olhos dão tom ao rosto como o claro-escuro aos quadros.

Assim como ha quadros incorrectos sob o ponto de vista do desenho, e não obstante fazem-se admirar pela riqueza dos tons, assim tambem ha rostos irregulares, e até contrafeitos sob o ponto de vista das linhas, que se convertem em tentadores, e até irresistiveis, pela illuminação dos olhos.

Os olhos formam a physionomia do homem, real e verdadeiramente. Por isso em rigor não teem physionomia os cegos. Um cego é um cadaver ambulante; um cadaver é um cego sem movimento.

A ambos elles falta a luz dos olhos, isto é, a luz da vida.

Sejam ou não o espelho da alma, o que é fóra de duvida é que os olhos podem considerar-se como o sentido por excellencia, ou melhor ainda, o resumo de todos os sentidos.

O tacto dá-nos ideia da dimensão dos

corpos; o olfato faz-nos conhecer as suas propriedades odoriferas; o ouvido communica-nos as suas condições harmonicas; mas os olhos mostram-nos os objectos d'uma só vez sob todos os seus variados aspectos.

O profundo abysmo da nossa retina é o laboratorio inesgotavel dos nossos primeiros raciocinios. Eis porque rasão os olhos, além de serem um sentido corporal, são tambem uma faculdade da alma.

Repare-se no influxo directo dos olhos sobre o coração e o cerebro.

Quando se vê um desconhecido, da impressão que nos resulta á vista depende o nosso primeiro movimento de sympathia ou antipathia para com esse individuo.

D'um olhar depende tudo.

Com um abrir e fechar d'olhos elege-se algumas vezes um amigo ou uma esposa. Com um abrir e fechar d'olhos decidimos muitas vezes do nosso futuro.

E' difficil deixar d'amar a mulher que se nos apoderou da alma por meio da dominação dos olhos.

Os olhos são o melhor conductor d'aquella electricidade moral que se chama o sentimento.

Além de serem um sentido e uma potencia, os olhos são igualmente um tyranno. Os puros contornos d'um lindo rosto de mulher captivam-nos contra nossa vontade. A um terno olhar não se resiste.

Os olhos azues difundem uma mysteriosa suavidade de que nasce a ternura.

Os olhos negros arrancam de suas ardentes profundidades raios de contagiosa energia, que despertam as paixões varonis.

Os olhos castanhos communicam a voluptuosidade a torrentes.

Os olhos grandes predispõem para a admiração e o respeito.

Os olhos pequenos inspiram desconfiança.

Os olhos rasgados impõem o amor e revelam franqueza.

Os olhos entreabertos indicam timidez e pudor, e provocam a illusão e a confiança.

Os olhos bogalhudos, mais proprios de passaros noturnos que de seres humanos, repellem.

Os olhos insinuantes attrahem.

Os olhos do homem mandam; os da mulher seduzem.

Os olhos são as janellas por onde a alma se compraz em vir ás vezes espiar as nossas acções.

O estudo dos olhos deveria constituir uma parte do ensino academico. A psychologia ganharia muito com esta nova parte da sciencia. Porque no globo do olho está o espirito impalpavel como no ovo da galinha está o ser embryonario.

Não sem rasão se diz que os olhos teem eloquencia. E' na physionomia da mulher, n'essa especie de ceo breve e inefavel, onde brilham como as estrellas scintillantes do firmamento, que elles teem uma lingoagem irresistivel.

Os olhos são para o rosto o que a atmosphera é para as pinturas. A nossa physionomia está toda n'elles.

Mudae os olhos e tereis mudado o rosto.

Se não são transparentes não são olhos.

Tristes, affligem-nos; alegres, regosijam-nos. Se choram, fazem-nos chorar; se riem, fazem-nos rir. Encolerisam-nos quando iracundos; piedosos, commovem-nos; audazes, animam-nos; timidos, seduzem-nos.

No seu disco crystalino esperamos encontrar a revelação de todos os enygmas.

Para penetrar nos segredos da consciencia interrogae os olhos.

Por isso mentem com tanta facilidade e enganam tanto a miude.

A MULHER NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

(Conclusão)

V

Manú não foi de certo o culpado d'esta transformação rapida, porque nos seus escriptos adivinha-se o desejo que tinha de collocar o sexo feminino a par do masculino; mas as suas leis não tiveram o cumprimento da vontade que as ditara; a India retrográda alguns seculos com as novas reformas e a mulher sente-se opprimida sob o peso servil da despotica tyrannia.

O esposo é o seu Deus, diz Manú; mas o sagrado legislador não previu que elle se tornasse, acobertado com esta lei, o despota do lar e o tyranno da esposa; eis a rasão da condicção servil da mulher.

A má estrella da mulher indiana surge após o seu nascimento. A mãe vae dar á luz uma creança; d'envolta do leito agrupa-se toda a familia em anciosa perspectiva; sentem-se os queixumes provenientes das dôres da maternidade e pouco depois uma creança apparece á vista dos circunstantes. E' um menino. Que alegria reina então em toda a familia! O pae corre a buscar-lhe os dous productos mais preciosos que a natureza e a terra crearam, mel e ouro. Com mel roça-lhe os labios, com o ouro engrinalda-lhe a fronte. Este dia festivo é de gala para toda a familia, que felicita a mãe por tão feliz successo. Mas se em logar d'um filho nasce uma filha, que differença de côres apresenta aquella tela domestica! Um silencio lugubre acolhe o seu nascimento, a indifferença do chefe e de toda a familia são o premio das dôres maternaes. E' uma menina, diz o marido com ar de desespero. A mulher que só gerar creanças do sexo feminino pode ser expulsa do lar conjugal ao decimo terceiro anno; rasão porque os paes educam as filhas as mais das vezes para vis serviços e ignobeis misteres; taes são os de bailadeiras, cantoras e concubinas dos varios reis e principes reinantes.

UM COMBATE NAVAL

Ainda hoje a educação da mulher indiana reduz-se a duas cousas: cosinhar e tecer algodão. E' que a India tem resistido como nenhum outro paiz ao incremento da moderna civilisação, abrigando ainda debaixo do seu manto de trevas as velhas crenças de tempos que foram.

Esboçando os costumes e a posição social da mulher na antiga India, restanos fallar do seu casamento, visto ser elle o acto mais importante da sua vida. Manú apresenta, que nós saibamos, oito formas de casamento, distinguindo-se comtudo entre todas ellas o rito de Brahma, pelo escrupuloso exame com que o pae procede á escolha de marido para sua filha. E' preciso que a virtude lhe embelleze o caracter e a honestidade lhe engrinalde a fronte, tendo além d'estes predicados conhecimento profundo das sagradas letras, sem o que nunca poderá contrahir matrimonio. As ceremonias seguidas nas varias formas de casamento entre os indios são tão diversas, segundo a sua casta, posição social e culto religioso, que impossivel se torna relatal-as. A India antiga, se por um lado nos apresenta passagens brilhantes e grandiosissimos feitos a favor e em honra da mulher, apresenta-nos por outro prescripções barbaras que tocam os limites da crueldade; tal é a fogueira.

Compulsando os diversos auctores antigos e modernos que têem escripto sobre a historia da India antiga, chega-se á firme conclusão de que a fogueira foi introduzida alli pelo legislador Krichna, celebre pelas barbaras leis que ditou em relação á mulher. A principio foi a fogueira apenas um acto d'espontanea vontade da viuva para provar á tribu o amor e a dedicação que devotava a seu marido, fazendo-se queimar na fogueira em que poucos dias antes aquelle homem fôra reduzido a cinzas.

Mas o que a principio era uma espontaniedade foi em breve um dever, convertido em lei pelo barbaro legislador. A mulher, diz Krichna, deve acompanhar seu marido á ultima morada, deve partilhar com elle os praseres do ceo ou as penas do inferno.

Os europeus, avassalando a India, quizeram exterminar por leis energicas e severas este barbaro costume; mas, por mais que a corrente civilisadora lhe illuminasse o intumecido cerebro e a força fizesse respeitar a lei, não foi possivel sanar ainda este mal que affecta a familia indiana; ao embate da civilisação, oppõe-se a barreira inabalavel do fanatismo e das velhas crenças religiosas.

Muito mais poderiamos acrescentar a este pequeno artigo que nos propozemos escrever em relação á mulher, esboçando a sua condição politica e religiosa em cada uma das primitivas nações asiaticas; mas entendemos que abalisados escriptores teem tratado de mais d'este assumpto. Dispensando-nos portanto de entrar em mais minuciosidades, diremos apenas que a condição da mulher, como todas as cousas sugeitas á corrente da educação e da politica, através dos tempos, se tem tido epocas de decadencia, tem em compensação merecido um dos primeiros logares na sociedade, o logar que de direito lhe compete e que já hoje ninguem lhe pode negar.

Azevedo Ramos

O ANJO COM QUEM SONHEI

—

Já não me encanta das auras
O melodioso carpir;
Nem me distráem as flôres,
Que se adornam de mil côres,
Desabrochando a sorrir.

Já não amo os doces cantos
D'ave saudando a manhã;
Nem já me deslumbra essa hora
Em que surge a fresca aurora
Rasgando o manto louçã.

Do formoso astro das noutes
Não me encanta o scintillar,
Nem seus raios, que prateiam
Doudas ondas, que se alteiam
Nas praias d'inquieto mar.

Nada me int'ressa no mundo,
Nem mesmo o que já presei;
Meu viver é concentrado
No culto que hei dedicado
Ao anjo com quem sonhei.

Ernesto

EXPOSIÇÃO MUSICAL DE MILÃO

—

(Conclusão)

A 4 de julho de 1840 foi concedida ao conservatorio de Lisboa a designação de *Real*, e subsequentemente foram admittidas as classes da lingoa e litteratura italiana. No anno de 1841 tinha matriculados para cima de 230 alumnos, e nos seguintes excederam a 300.

A Bomtempo succedeu Xavier Migoni, que regeu tambem a cadeira de contraponto; morreu em 10 de junho de 1861. A cadeira de composição foi regida pelo *maestro* Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida, distincto compositor de musica sacra e auctor d'alguns *spartitos* d'operas buffas, postas em scena nos theatros de declamação. Comtudo devemos confessar que não tendo este genero de composições uma escola especial em Lisboa, fizeram-se sómente poucas tentativas, mais ou menos felizes, nas quaes lampejam algumas vezes os esforços vigorosos, que se buscam fazer reviver em Portugal n'este genero de musica.

As operas sacras, pelo contrario, tiveram bom resultado, e n'estes ultimos annos foram representadas no theatro lyrico de Lisboa, e foram applaudidas: *O Arco de Sant'Anna* (1), do *maestro* Sá Noronha, que morreu no Brazil em 1881, e o *Eurico* (2) do *maestro* Miguel Angelo.

Ha tambem em Lisboa duas philarmonicas ou sociedades musicaes, compostas de professores e amadores, que estimulados por um nobre antogonismo conservam as tradicções da arte.

Existem no Porto outras duas identicas sociedades, uma das quaes cultiva com preferencia o genero classico; tanto n'estas duas cidades, como em todas as outras de Portugal, não excluindo os mais pequenos logares, existem geralmente bandas de musica, e não exageraremos fazendo elevar o numero até a mais de uma centena; estas philarmonicas geralmente são compostas de pacificos operarios e jornaleiros, que, movidos pelo desejo de se divertirem, preferem as reuniões pacificas e a occupação intellectual ao vicio e á embriaguez.

Lisboa, 31 de março de 1881.

Presidente
Ernesto Lambertini

Secretario da sessão portugueza
Augusto Machado

Secretario da sessão italiana
Napoleone Vellani

Vogaes
Antonio Duarte da Cruz Pinto
Antonio Vieira Lopes
Conde da Torre
Eduardo Coelho
Manoel Innocencio dos Santos
Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida
Evaristo Lambertini
Francisco Gazul
João Guilherme Daddi
Prospere Peragalo.

(1) «Beatriz de Portugal», em Lisboa, e o «Tagir» no theatro de S. João, do Porto.
(2) O «Eurico» foi primeiro cantado no theatro de S. João.

(Nota da Redacção)

A SOCIEDADE DOS TRES

—

(Continuação)

II

A CASA COM ESCRIPTOS

—Dá licença? perguntou uma voz de mulher.

—Entre, snr.ª Margarida, disse Tiburcio.

Era uma mulher de cerca de cincoenta annos, alta, magra, mal trajada, a qual entrou com toda a franqueza, dizendo:

—Pois é verdade. E' um senhor que quer ver a casa. Posso mandal-o entrar?

—Mande.

E, chegando á porta, a snr.ª Margarida voltou acompanhada d'um mancebo vestido na ultima moda, o qual de-

pois d'um ligeiro cumprimento, exclamou:

—Oh! Se me não engano foi este cavalheiro... Sim, foi o senhor...

—O que? perguntou Tiburcio.

—Que me molhou até aos ossos.

—Como? Era o senhor que estava parado debaixo da janella e olhando cá para cima?

—Bem sabe que quem anda em procura de casa não olha para o chão.

—Ah! Mas eu pensava...

—O que foi que pensou? Pela minha parte pensei em queixar-me á policia; mas desisti e corri mudar de roupa ao hotel onde vivo.

—Eu peço desculpa, atalhou Tiburcio. Se soubesse que era o senhor... e que era para ver a casa...

—Pois é verdade, disse a snr.ª Margarida. E' para ver a casa que este senhor vem cá.

E, voltando-se para o mancebo, acrescentou:

—A casa é magnifica; só o que ha é que este snr. Tiburcio, para poupar alguns tostões, quer uma casa mais barata.

—Quem lhe disse tal? perguntou Tiburcio escandalisado.

—Nós cá sabemos tudo. E hade negar que a sua senhora não é da mesma opinião, e por causa d'isso?...

—Basta, senhora. Peço-lhe que se limite ao que aqui a trouxe.

O mancebo, que, durante este curto dialogo, se entreteve a observar todos os cantos da casa, entendeu que devia intervir, e disse:

—Como esta senhora está encarregada pelo senhorio de alugar a casa é por isso que lhe pedi para me acompanhar.

—Está bem. Pode ver tudo á sua vontade.

Tiburcio tirou o relogio, viu quantas horas eram e exclamou:

—Onze e tres quartos! E eu que ao meio dia tenho d'estar na bolsa! Deixo-os sós, continuou dirigindo-se aos seus interlocutores. Mas veja tudo; veja tudo á sua vontade, acrescentou apertando a mão ao desconhecido.

Tomando em seguida o chapeu, sahiu, não sem deitar um olhar de desconfiança sobre o mancebo que deixava em casa.

Mal a porta se fechou, Tiberio, que assim se chamava elle, tirou do bolso meia libra, e mettendo-a na mão da mulher que o acompanhava, disse-lhe sem lhe dar tempo para ella fallar:

—E' casado este homem?

—E', sim, senhor.

—E a mulher é nova e bonita?

—Oh! E' um anjo.

—Naturalmente não ama o marido, que é ciumento, velhaco, sovina...

—Quem disse isso ao senhor?

—Faço ideia. Basta olhar para elle para adivinhar...

—Pois é verdade. Elle é que quer á fina força mudar de casa; mas ella...

—Fallemos d'ella. Como se chama?

—D. Suzanna. Uma casa como esta, quero dizer, um andar que vale uma casa inteira, por vinte e quatro libras, é de graça. Só o snr. Tiburcio não o comprehende assim.

—Então D. Suzanna não ama o marido?

—Andam sempre em guerra viva. Ella puxa ao luxo; já se vê, é nova... mas elle, que, tirar-lhe dinheiro é como quem lhe tira os dentes... Emfim...

—E ella onde está agora?

—Está no seu gabinete, a trabalhar, porque é muito trabalhadeira. Ella já foi pobre como eu. Depois appareceu-lhe este homem, feio como vê, mas rico... rico que nem elle sabe quanto tem de seu. Casaram, ou antes foram os parentes que a casaram com elle; mas depois é que foram ellas. Coitada! D'ella tenho eu pena!

Ia naturalmente aquella boa mulher a proseguir nas suas caridosas reflexões ácerca de D. Suzanna quando uma pancada secca dada na porta a obrigou a encaminhar-se para ali.

—E' o marido, pensou Tiberio. Suspeitou de mim e voltou atraz.

Em vez de Tiburcio, entrou porém um mancebo de bigode louro, que, depois de affirmar-se em Tiberio, correu para elle de braços abertos.

—Pois és tu, Tiberio!

—E tu tambem por aqui, Marmolilho!

E os dous amigos lançaram-se nos braços um do outro, e entraram de fazer-se mutuamente perguntas, que a mulher que entrara para mostrar a casa a Tiberio entendeu interromper para perguntar:

—O senhor tambem quer ver a casa?

—Nós, respondeu Tiberio, procuramos casa.

—Pois então veem-a ambos juntos e é trabalho que me poupam.

—Pela minha parte já vi quanto precisava ver, disse Tiberio; agora não queria retirar-me sem ver tambem...

—O que?

—D. Suzanna.

—Olhe, ella ahi vem.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

BATALHA DE MONTIJO

No dia 26 de maio de 1644 deu-se entre portuguezes e castelhanos, junto do logar chamado de Montijo, a batalha que d'ahi tomou o nome.

Commandava o barão de Molinguen as tropas hespanholas, que constavam de seis mil infantes e dous mil e quinhentos cavallos; as portuguezas não chegavam a seis mil infantes e mil cavallos e eram commandadas por Mathias d'Albuquerque.

Ao principio os hespanhoes conseguiram romper a nossa cavallaria, composta em grande parte de soldados hollandezes, gente bisonha e mal affeita a batalhar, e, carregada pelo inimigo, retirou, e esteve isto a ponto de dar a victoria aos hespanhoes, que não souberam tirar d'essa vantagem todo o proveito que podiam, pois demorando-se, na forma do seu costume, a despir os mortos e roubar as bagagens, accudiram o famoso Mathias d'Albuquerque, D. João da Costa e outros cabos principaes, e juntando uns quarenta cavallos e toda a infanteria que poderam, carregaram sobre os hespanhoes e os derrotaram completamente. O barão de Molinguen foi obrigado a passar rapidamente o Guadiana, deixando mortos mais de tres mil homens, sendo tres mestres de campo, nove capitães de cavallaria e quarenta e cinco d'infanteria.

Disse-se d'esta batalha que nem os portuguezes a souberam principiar nem os hespanhoes acabar, como confessou o marquez de Torrecuça, que então era governador das armas castelhanas, quando em Badajoz teve noticia do successo, que a Hespanha cobriu de vergonha e a Portugal encheu de gloria.

SCIENCIA PARA TODOS

—

II

OS VEGETAES

A natureza forma um circulo d'existencia em que os mesmos principios se mostram sob formas diversas, segundo as suas differentes combinações.

Os gazes combinam-se com os mineraes e os alteram; os mineraes entretem a vegetação e esta a vida animal. E' n'esta ordem que os tres reinos parecem proceder um do outro, e, com effeito, é geralmente por intermedio dos vegetaes que os animaes se assimilam os mineraes e os gazes; os animaes, a seu turno, restituem á terra o auxilio que d'ella tiraram.

A existencia dos vegetaes poderia comparar-se á vida passiva do animal entregue ao somno; o mecanismo das plantas é entretanto muito admiravel e corresponde magnificamente é sabedoria e potencia do creador.

A semente que o cultivador lança á terra parece-se, na sua conformação, com o ovo do animal; a acção da terra sobre a semente é admiravel como a da galinha, que, por meio da cobrição, converte os ovos em pintos.

Ao cabo de poucos dias as duas extremidades da semente abrem-se; d'uma sae uma planta verde e da outra uma porção de filamentos.

Seja qual fôr a posição da semente, a parte verde rompe o solo e sobe para o ar; as fibras, pelo contrario, enterram-

se pela terra dentro e d'ahi absorvem e transmittem os alimentos á planta.

Nada mais digno d'admiração do que a sabia repartição dos numerosos meios que a natureza emprega para a conservação das plantas.

Algumas sementes são providas de azas, ou uma especie de pello, como o taráxaco; outras tornam-se pasto dos animaes e são atiradas para campos afastados; emfim o vento dispersa-as a todas; mas, preservadas de todos os riscos pelo envolucro que as cobre, chegam com a volta da primavera á feliz germinação.

Os botanicos dividiram as plantas em 24 classes e 121 ordens; descobriram 2:000 generos, 30:000 especies e um numero infinito de variedades.

Cada planta tem a sua habitação individual, e colhem todas do mesmo solo o alimento que convém a cada uma em particular. E' a esta combinação admiravel que se devem todos os tons, todos os graos de sabor, de cheiro, todas as propriedades venenosas ou alimenticias, o veneno ou o alimento que nos offerecem.

Só as folhas apresentam mais de cem variedades, considerando a sua forma e disposição; mas todas são essencialmente destinadas a augmentar a energia da seiva nutritiva e a dirigil-a para os tenros rebentos. Ha duas fileiras de veias e nervuras em cada superficie da folha: as ramificações da superficie inferior são mais extensas e penetram-se mais dos liquidos que as atravessam. Suppõe-se que esta parte da folha é destinada a receber, preparar e transmittir a humidade de que a embebem os vapores da terra e que formam em grande parte o alimento das arvores e das plantas, de maneira que as folhas prestariam, por assim dizer, o mesmo serviço á vida vegetal, como os pulmões á vida dos animaes.

Uma outra funcção importante da folha é a de alimentar e preparar os botões para os rebentos futuros, que se formam sempre na base do seu peciolo, isto é, no seu pé; diz-se tambem que protegem os botões novos contra os ardores do sol. E' ainda á folha que a planta deve o ar indispensavel á sua existencia. Se á folha falta o ar, a planta morre. Tem-se repetido esta experiencia com a machina pneumatica e sabe-se que a vida da planta depende immediatamente das suas folhas.

Todas as plantas se compõem de raizes, botões, hastes, folhas, orgãos da florescencia e fructificação.

Com relação á sua constructura, as plantas dividem-se em arvores, arbustos e hervas.

Segundo a sua duração respectiva, são annuaes, morrendo todos os annos e renascendo da semente; bisannuaes quando de dous annos produzem no primeiro e florescem no segundo; vivazes quando duram muitos annos como as arvores.

JACQUARD(*)

As plantas, em relação ás raizes, são bulbosas como a cebola e a tulipa; tuberculosas como o nabo e a batata; fibrosas como as couves. Com relação ás folhas, umas caem no outono e outras são sempre verdes; tal é a maior parte das arvores resinosas.

Chamam-se dormentes quando as folhas ou as flores mudam d'aspecto durante a noute. São indigenas ou nativas, e exoticas ou estrangeiras.

(Continua) Doutor Jayme

(*) Gravura extrahida das «Grandes Invenções» por Luiz Figuier, edição da casa Chardron.

ZIG-ZAGS

—

COSTUMES RUSSOS

Quando os russos entram em uma sala, a primeira cousa que fazem é inclinar-se diante d'um santo, que está sempre collocado em logar bem visivel, e ordinariamente sobre a pedra do fogão; depois de feita a reverencia é que saudam o dono ou dona da casa.

No tempo do czar Pedro principiaram os estrangeiros a estabelecer-se na Russia, e em vez de guarnecerem as suas salas á moda russa, usaram pôr espelhos sobre a pedra do fogão.

Os russos, segundo o seu costume, procuravam com os olhos, ao entrar na sala, o santo para o reverenciarem, e como a sua profunda inclinação era correspondida pelo espelho, em que julgavam estar o santo, exclamavam:

—Os santos dos estrangeiros são bem mais delicados do que os nossos!

—

O REI E O CRIADO

O rei da Prussia Frederico o Grande tinha ordenado ao seu criado particular que em toda a estação do anno entrasse no seu quarto ás cinco horas da manhã, o acordasse se elle dormisse e lhe tirasse a roupa da cama se elle tardasse em levantar-se.

Um dia que o amo lhe ordenara que o deixasse repousar um pouco, o criado exclamou:

—Bem percebo a manobra! O que Vossa Magestade quer é ver se eu desobedeço á ordem que me deu, para me pôr na rua! Nada, nada! Fora da cama!

Não houve meio de demovel-o, por onde se prova que um simples criado pode ás vezes mais do que um rei.

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 39, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 40

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 2 DE JUNHO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— A torre de Nesle — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Arabia — Tres cantos (poesia) por Casimiro de Abreu — Os homens uteis de todos os paizes: Jussieu — Sciencia para todos: Os vegetaes, por doutor Jayme — Os cruzados — Sá Noronha — Os esquimós — A sociedade dos tres (romance) — Os Cavalleiros do amor (romance historico) Bibliographia, por A. Vieira Lopes — A variola — Camões (poesia) por Ernesto Pires — Datas memoraveis de Portugal: Batalha do Ameixial — Um viaducto — Zig-Zags: Henrique IV e o n.º 14 — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Torre de Nesle — Partida para a cruzada — Esquimós — Um viaducto.

A TORRE DE NESLE

O drama e o romance encarregaram-se de tornar celebre este nome. A torre que a gravura representa tem uma historia lugubre nos annaes do crime.

Affirma a tradicção que uma princeza devassa que habitava o castello de

TORRE DE NESLE

Nesle tinha por unica ocupação conservar-se á janella que dominava a estrada, a ver passar a gente, e quando avistava um transeunte galante, fosse de que condicção fosse, chamava-o, dava-lhe entrada no seu quarto, e depois de o fazer participe dos mais ardentes transportes d'uma paixão irresistivel, mandava-o metter em um sacco e atirar ao rio.

E' possivel que haja n'isto exageração e até que seja pura fabula; comtudo affirmam-o graves historiadores, e um de elles, Brantome, cita o nome da heroina d'estas aventuras tenebrosas, a qual era nem mais nem menos que Joanna de Borgonha, esposa de Filippe o Longo.

O que se sabe positivamente é que Joanna habitou o castello ahi por 1350, isto é, durante os oito annos da sua viuvez.

O nome de Nesle que se deu ao castello procedeu d'um dos seus primitivos possuidores, Amaury de Nesle, que o vendeu em 1308.

Por meados do seculo XV o castello era propriedade da corôa e foi dado por Carlos VII a Francisco I, duque de Bor-

gonha; mas como este não teve filhos varões, passou novamente á corôa e foi vendido a particulares, um seculo depois, por Henrique II.

Constava a propriedade de Nesle de duas torres, uma redonda e muito alta e a outra mais baixa, com uma escadaria em espiral. Estava ligada a uma das portas de Paris, e conservou-se de pé até 1663. N'essa epoca foi arrasada, e no terreno edificou-se o collegio Mazarino, que depois foi o Instituto.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XVI

«A existencia deslisava-se-me triste, entre as luxuosas paredes do palacio de meu pae. Sentia-me como que abandonada. Nunca mais soubera da minha querida Felismina, que me fôra segunda mãe; perdera aquella amiga com quem por largo tempo repartira as minhas magoas; meu pae era um homem frio e austero, que nunca me dispensava uma palavra de consolação. A minha vida era triste. Pesava sobre mim o mais doloroso isolamento.

«Em tão tenra idade, poucos terão soffrido tão intensas dôres!

«Amiudadas vezes havia reunião de familias em nossa casa. A dansa, o piano, a conversação, distrahiam essas familias. Para mim é que não havia distracção possivel, a não ser no piano, quando, sosinha, n'elle dedilhava algum d'esses trechos sentidos que costumava tocar na companhia de Laura.

«Creio que a natureza não deixou de se esmerar alguma cousa commigo. Sem vaidade, confesso-lhe que o cortejo de admiradores que me cercava, não era pequeno. Mas eu não podia supportar as tôrpes adulações que me dirigiam os mancebos devassos que consideram a mulher formosa como um objecto de luxo, e os velhos odiosos que escancaram a boca desdentada, em sordidos sorrisos, para as mulheres bellas. Aborrecia-me aquillo tudo. Por vezes senti amargamente não ter ido mais cedo fazer companhia a minha santa mãe, que, porventura, ja teria chorado muito por mim, se no Empireo houvesse lagrimas!

«No meio dos numerosos cortezãos que me rendiam homenagens, havia um homem singelo, mas bom, typo da honradez, senhor de uma fortuna collossal. Esse homem, já de edade madura, era o que de coração me estimava. Era Francisco de Almeida, hoje meu marido.

«Meu pae, quando esse homem lhe pediu a minha mão, assegurou-lhe logo a minha acquiescencia. Depois consultou-me, por mera formalidade; pois fallando com os seus modos austeros e imperativos, respondi-lhe, dominada por uma cega obediencia, que acceitava o partido que me offerecia. Meu pae ficou satisfeitissimo com a minha resposta, não porque no meu enlace visse a minha felicidade, mas porque via amontoar-se ouro sobre ouro. Loucuras! Quando teve o ouro o sublime prestigio de abafar as dôres moraes?!...»

Francisco d'Almeida escutava offegante sua esposa, que falava com verdadeira inspiração, na linguagem opulenta da mulher apaixonada. Com que interesse o nosso compatriota aguardava o seguimento da narração, que o prendia tão directamente, como ao heroe do nosso romance!

No entanto a narração proseguiu:

«No mesmo dia, em que promettera a meu pae desposar o homem que me escolhera para marido, momentos depois da sentença condemnatoria que eu mesma havia proferido, recolhi-me ao meu quarto de dormir, e, a sós, me entreguei a um terrivel desespero.

«Chorei amargas lagrimas. Arrependi-me da minha condescendencia; mas era tarde. A nova bem depressa se espalhou, e eu, para evitar um escandalo, não tive a coragem de retractar a minha palavra.

«Quando a mais luxuosa carruagem de meu pae conduzia do templo, onde tivera logar o casamento, os dois noivos, eu a custo retinha as lagrimas que me assomavam aos olhos.

«Meu marido, louco de felicidade, nem sequer poderia imaginar os transes dolorosos por que minh'alma então passava. O coração parecia querer-me estalar em estos de dôr; todavia durante todo o dia e noute das nupcias diligenciei apparentar a maior alegria. Quão doloroso é para uma alma pura e ingenua, o impor-se o sacrificio de occultar uma dôr violenta e dilacerante! Começava o meu martyrio.

«Ora eis o que a estupida e frivola sociedade não comprehende!

«Para essa entidade corrupta a felicidade deve necessariamente sorrir a todos os que possuem uma fortuna collossal e só esses teem jus á vassalagem dos menos favorecidos!

«Bem cedo comprehendi o mundo de miserias, em que vivemos! Precoce e triste tirocinio, em verdade!

«Poucos dias depois do meu casamento viemos residir para o palacio de meu marido. A minha vida, desde o dia fatal do casamento, tem sido uma ininterrompida serie de dissabores. Imagine a minha triste posição!... lagrimas nos olhos, sorrisos nos labios, dôres no coração!

«Impuz-me, ou melhor direi, impozeram-me um bem novo sacrificio! Ter de viver eternamente ao lado de um homem que me adora, e a quem eu não amo; ter de mostar-lhe uma affeição que não sinto, acaricial-o para o illudir, é triste e é repugnante; comtudo devo fazel-o, porque o infeliz que ligou ao meu o seu destino, não tem culpa alguma da adversidade que me persegue.»

(Continua) ALBERTO CARLOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXIII

ARABIA

Com a visita á Arabia daremos por terminada a excursão que fizemos á Asia.

Os antigos geographos dividiam este paiz em tres regiões: a Arabia Petreia, a Arabia Feliz e a Arabia Deserta. A Arabia Feliz era a região fertil; a Deserta era a que formava o planalto d'uma cadeia de montanhas estereis e areentas; a Petreia era o deserto de Siu, onde os hebreus vaguearam durante quarenta annos depois que sahiram do Egypto. Os geographos modernos conservaram as mesmas denominações; mas os arabes, que as não conhecem, dividem o paiz nas seguintes regiões: Hedjaz, (Arabia Petreia) ao nordeste; Yemen (Arabia Feliz) ao sudueste; Oman, ao sueste; El Hassa, ou Hadjar, a leste; Nedjed, ou Barria, ao centro.

A Arabia comprehende um territorio de 2,150:000 kilometros quadrados e tem uma população de 12 milhões d'almas. Os seus limites são: a leste o golfo Persico e o Oceano Indico; ao sul o golfo d'Aden e o Oceano Indico; a oeste o mar Vermelho. Os vastos desertos que se estendem ao norte tornam incertos os limites por esse lado.

Clima ardente; ha uma especie de gafanhotos que devastam tudo; o terrivel *simun* sepulta caravanas inteiras na areia. No mar Vermelho pesca-se o coral e a ostra que dá as perolas. Balsamo, incenso, myrra. O café é originario da Arabia; a palmeira fornece a principal sustentação dos povos indigenas. O balsamo de Meca é a mais odorifera das gommas resinosas.

Os arabes são sobrios, magros, robustos; amam os cavallos, as armas, o ruido, a caça. Pela maior parte vivem no estado nomada. As populações sedentarias entregam-se á agricultura, cultivando o milho, o cafezeiro, o algodoeiro, as plantas aromaticas, etc. O deserto abunda de cavallos afamados, jumentos, camellos, carneiros, abestruzes; ha feras terriveis.

O islamismo principiou na Arabia. Os arabes dividem-se em duas classes: os beduinos, que são nomadas, e os arabes, sedentarios.

Os beduinos vão através do deserto com as familias e rebanhos; o seu vestuario consta d'uma camisa de panno de

linho, apertada na cinta; na cabeça usam turbante.

Cidades principaes: a Meca, patria de Mahomet, da qual já se fallou n'este jornal; Sana (40:000 h.); é a capital do Yemen, notavel pelos seus fructos deliciosos; Djeddah (15:000 h.), emporio do café, fazendas d'algodão, musselinas, chales, tecidos da India; em 1858 foram ali assassinados os consules francez e inglez; Medina (6:000 h.), a segunda cidade santa do islamismo, onde está o tumulo de Mahomet; foi em Medina que o propheta se refugiou quando fugiu de Meca; Mascate (6:000 h.), grande emporio dos productos da Asia, da Africa e da Oceania; Moka (1:500 h.); ha vinte annos que o seu outr'ora importante commercio está muito decahido.

Resta-nos visitar o archipelago de Aden, capital Aden, cidade de 35:000 habitantes, sobre o golfo do mesmo nome. E' o principal porto da costa da Arabia, ao sul. Era na idade media florescentissima e fazia grande commercio com a India. Os inglezes augmentaram as suas fortificações, fazendo de Aden uma posição militar unica. E' o emporio do commercio da Arabia e da Abyssinia e a estação principal da navegação a vapor entre Bombaim e Suez.

Tanto o archipelago, como as ilhas Perim e Camaran, pertencem á Inglaterra.

Atravessando agora o mar Vermelho, ou golfo d'Aden, alcançamos a costa d'Africa.

O isthmo de Suez separa o golfo de Aden do Mediterraneo e o estreito de Bab-el-Mandel une-o ao mar das Indias.

Saudemos de passagem a obra de Lesseps!

(Continua)

TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos de innocencia,
Nos delirios de creança,
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura,
N'essa continua ventura
E' toda um hymno: esperança

Depois .. na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella,
Idolatrando a donzella,
Soletra em trevas: amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma, cansada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida,
Só tem um canto: saudade!

CASIMIRO DE ABREU

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

—

XXIII
JUSSIEU

Bernardo de Jussieu, nascido em Lyon em 1699, foi um dos mais celebres botanicos de que a França se orgulha.

Tendo ao principio estudado a medicina, a sua extrema sensibilidade obrigou-o a renunciar áquella carreira. Acceitou então um modesto emprego no Jardim das plantas, em Paris, onde seu irmão Antonio de Jussieu era professor. Aos vinte e seis annos teve a honra de ser recebido na Academia das Sciencias, onde tinha lido algumas memorias muito apreciaveis.

Bernardo de Jussieu imprimiu um immenso progresso no estudo das plantas. O seu saber era realçado por uma grande modestia, que o punha ao abrigo da critica amarga do amor proprio. Tinha, além d'isso, a simplicidade, a candura e o desinteresse d'uma creança.

A morte de seu irmão foi-lhe extremamente dolorosa. Desde então entregou-se á solidão e só sahia de casa para os seus trabalhos no Jardim das plantas. Falleceu quasi cego em 1777.

Foi um sobrinho do precedente, Antonio Lourenço de Jussieu, o auctor do methodo de classificação natural do reino vegetal conhecido pelo nome do inventor. Occupou o cargo de demonstrador de botanica no Jardim das plantas depois da morte de seu tio e falleceu em 1836.

SCIENCIA PARA TODOS

—

II
OS VEGETAES

(Continuação)

Os orgãos da fructificação compõem-se do calice, que é o envoltorio exterior da flor.

As corolas são essas folhas delicadas que constituem a belleza da flor; o nectario é a parte abaixo da corola que segrega o mel.

O calice e a corola são leves expansões da casca da planta, e o seu fim evidente é proteger os orgãos da fecundação denominados pistillo e estame.

O pistillo tem no alto uma materia gordurenta e o estame uma especie de pó chamado pollen; quando este pó cae sobre o alto do pistillo, é absorvido e conduzido através do estylete do pistillo até ao centro da flor, onde a semente, em seguida, se produz nos pericarpios, chamados mais tarde fructos.

Os fructos, que nos são tão agradaveis á vista, não passam de envolucros ou preservativos da semente das plantas, e os botanicos chamam-lhes *pericarpios*; alguns pericarpios são pulposos como os da batata, da pera e da ameixa; outros são duros como a noz; outros formados de escamas como a pinha.

E' necessario ter em vista que o designio das lindas flores que tapetam a terra é crear sementes para as plantas futuras, que as folhas, as corolas, não servem senão para proteger o delicado pistillo, o estame e o germen, e que n'este ultimo nascem as sementes, que são protegidas pelo pericarpio, que nós denominamos fructo.

Linneu servia-se da variação do numero de estames para classificar o reino vegetal sob 24 denominações.

A's flores que não teem mais d'um pistillo e um estame chamou elle *monandria*; ás de dous estames *diandria*; ás de tres *triandria*, e assim successivamente; as que teem mais de trinta denominou *polyandria*. Quando encontrou estames em uma flor e pistillo em outra da mesma planta, deu-lhes o nome de *diœcia*, e sobre differentes plantas *polygamia*, e se ambas são invisiveis, *cryptogamia*.

Nada mais facil do que reter na memoria os nomes d'estas 24 classes. Ei-l-as:

1.° *Monandria*, um estame.
2.° *Diandria*, dous estames.
3.° *Triandria*, tres estames.
4.° *Tetrandria*, quatro estames.
5.° *Pentandria*, cinco estames.
6.° *Hexandria*, seis estames de igual comprimento.
7.° *Heptandria*, sete estames.
8.° *Octandria*, oito estames.
9.° *Enneandria*, nove estames.
10.° *Decandria*, dez estames.
11.° *Dodecandria*, doze a desenove estames inseridos no receptaculo.
12.° *Icosandria*, vinte estames e mais, mas no mesmo calice.
13.° *Polyandria*, de vinte a cem estames não reunidos, mas presos sobre o receptaculo.
14.° *Didynamia*, quatro estames separados, sendo dous maiores.
15.° *Tetradinamia*, seis estames separados, sendo quatro maiores.
16.° *Monadelphia*, estames em numero determinado, reunidos em um só corpo pelos seus filetes.
17.° *Diadelphia*, filamentos reunidos dos dous lados.
18.° *Polyadelphia*, estames em numero indeterminado reunidos pelos seus filetes em diversos corpos.
19.° *Sngeneysia*, filamentos unidos e cinco estames.
20.° *Gynandria*, estames em numero indeterminado collocados sobre o pistillo.
21.° *Monœcia*, estames e pistillo em corolas separadas, sobre a mesma planta.
22.° *Diœcia*, estames e pistillos em corolas distinctas, sobre differentes plantas.

23.° *Polygamia*, situações variadas, estames sós ou pistillos sós.

24.° *Cryptogamia*, flores invisiveis.

A triandria encerra principalmente as familias naturaes dos legumes, a hexandria o lis.

A icosandria encerra os fructos que se podem comer e a polyandria tem muitas plantas venenosas.

A tetradynamia comprehende a familia natural das flores antiscorbuticas.

A monadelphia é composta principalmente da familia das malvas.

A diadelphia encerra a familia das hervilhas, que produz sementes alimenticias.

A syngenesia possue flores compostas.

As cryptogamas conteem as familias naturaes dos fetos, relvas, plantas marinhas e cogumellos.

A primeira ordem da 14.ª classe, sob o nome de *didynamia gymnoso permia*, não encerra senão plantas salutares e bemfeitoras; as da segunda ordem são fetidas, narcoticas e perigosas, sendo alliadas a uma grande parte da pentadria *monogynia*, que se reconhece por venenosas.

(Continua) DOUTOR JAYME

OS CRUZADOS

Já no primeiro numero d'este jornal escrevemos algumas palavras ácerca dos cruzadas. Damos agora na gravura d'esta pagina a effigie de dous guerreiros partindo para a Palestina.

Em um dos proximos numeros começaremos um resumo da historia das cruzadas.

PARTIDA PARA A CRUZADA

SÁ NORONHA

(Continuação)

Após os triumphos que o infatigavel maestro alcançou com as suas operas *Beatriz de Portugal*, *Arco de Sant'Anna* e *Tagir*, o espinho agudo da adversidade entrou de feril-o cada vez mais fundo nos seios amantissimos; foi então que principiou a ultima agonia d'aquella existencia preciosa.

Não descreveremos um a um os transes d'essa dolorosa via sacra, que teve por Golgotha a modesta cama d'uma hospedaria na capital do Brazil. D'um jornal do Rio de Janeiro transcreveremos os ultimos momentos do malogrado artista.

«A's seis horas da manhã do dia 22 de janeiro ultimo, em um aposento do hotel de França, rompeu os laços que por espaço de cincoenta e oito annos, o prenderam a este mundo, aquelle que em vida se chamou Francisco de Sá Noronha, e cujo nome se conservará por muito tempo na lembrança de todos os que o conheceram pessoalmente, ou o admiraram pelas suas composições musicaes. Portuguez d'origem, filho de Vianna do Castello, uma das mais bellas cidades da opulentissima provincia do Minho, foi educado na cidade de Guimarães, o berço da nacionalidade a que sempre se orgulhou de pertencer, e sentindo desde precoce idade irrisistivel vocação pela sagrada arte de Bellini, a sublime inspiradora de Beethoven e Carlos Gomes.

Envolta na chamma luminosa do talento creador, aquella grande alma, sempre aberta a todos os sentimentos generosos e inquebrantavel ao soprar das ventanias da sorte, inimiga irreconciliavel dos que se esforçam para erguerem-se acima da multidão anonyma, entregava-se ao trabalho com a assiduidade constante, cujo premio consolador e valiosissimo eram os applausos freneticos do povo ao ouvir-lhe as composições musicaes.

Impellido pelo destino, e não encontrando talvez no seu paiz espaço para a sua grande actividade, procurou em terras estranhas ambientes mais largos, e, trazido por essa fraternidade de dous povos que fallam a mesma lingoa, aportou ás nossas plagas, onde foi o primeiro a introduzir a opera-comica, escrevendo os librettos diversos escriptores nacionaes.

De volta á patria, fez ali representar a sua opera *Beatriz de Portugal*, em noute do seu beneficio, e teve a honra de ser chamado ao camarote real, onde sua magestade el-rei D. Luiz I o agraciou com o officialato da ordem de S. Thiago.

Foi uma noute de triumpho para o maestro. O povo, que enchia o theatro, applaudiu-o freneticamente, e, mais de seis vezes Sá Noronha foi chamado á scena. Era a maior consagração que podia receber em vida aquelle que não ignorava quanto indifferentismo existia n'essa epoca em Portugal por todas as producções nacionaes, fossem ellas de que genero fossem.

A opera *Arco de Sant'Anna*, cujo libretto é extrahido do magnifico romance do mesmo titulo, devido á penna d'Almeida Garrett, fez sensação e foi cantada innumeras vezes, sempre applaudida.

No intuito de escrever uma opera brazileira, internou-se pelos sertões do Alto Amazonas, chegando até á Bolivia, afim de estudar de perto os indigenas e poder transportar para a sua nova composição as melopeias selvagens e dar-lhe toda a côr local.

D'este estudo nasceu a opera *Tagir*, que dedicou a sua magestade o imperador. Nós, que ouvimos trechos d'esta originalissima composição, conhecemos de quanta exuberancia de talento, pofunda e minuciosa observação era elle dotado.

Desnecessario é querer apreciarmos singularmente cada uma das operas e operetas de que Noronha é auctor; falta-nos tempo, e em uma noticia escripta ao correr da penna, profundamente magoados pelo infausto acontecimento, é-nos impossivel fazel-o, e mesmo porque o merito d'ellas está na consciencia de todos; no entretanto, não deixaremos de assignalar a *Elegia a Camões*, *Hymno a Camões*, a musica para os dramas *A Graça de Deus* e *Esmeralda*, a *Romanza*, sua ultima composição, com letra italiana *Tu e Dio*, e as operas comicas *Princeza dos Cajueiros*, *Os Noivos*, *O Califa da rua do Sabão*, librettos do festejado escriptor brazileiro Arthur de Azevedo.

(Continua)

OS ESQUIMÓS

—

Constitue a raça dos esquimós um povo da America septentrional, nas costas do Lavrador e da bahia de Hudson.

Os esquimós são de pequena estatura e teem a tez branca. Apesar do rigor do clima não accendem lume e vivem dos productos da caça, para a qual se servem das flechas guarnecidas de ponteiras de ferro ou de dentes de vaccas marinhas.

Comem todos os alimentos crus: raizes, carne, ou peixe. A sua principal sustentação é a carne dos lobos e veados marinhos. Um oleo extrahido d'estes animaes é-lhes immensamente agradavel.

Com a pelle dos animaes marinhos formam saccos, em que guardam, partida em boccados, a carne para o inverno.

Habitam em covas feitas na terra, e os seus vestidos constam de pelles de aves, com as pennas para dentro para mais se aquecerem, e por cima envergam outra especie de tunicas, feitas de pelles d'animaes, cosidas aos pedaços, afim de que a chuva não lhes chegue ao corpo.

As mulheres trazem os filhos ás costas seguros entre as duas tunicas.

Os barcos dos esquimós são de madeira coberta de pelles. O esquimó é habil em governar o seu barco.

A SOCIEDADE DOS TRES

—

II

A CASA COM ESCRIPTOS

(Continuação)

Não se imagina o effeito que produziu nos dous mancebos a inesperada apparição d'aquella formosa creatura, que por seu lado não ficou menos enleiada ao ver os desconhecidos. Tiberio ia a dirigir-lhe um apaixonado cumprimento quando a porta se abriu com estrondo e appareceu Tiburcio.

—Com mil diabos! exclamou elle. Isto é o mesmo que viver no meio da rua!

—Pois é verdade, disse a snr.ª Margarida; estes senhores já viram a casa e gostaram immenso d'ella.

—Estimo, respondeu Tiburcio com modo brusco.

Pensando que era forçoso retirarem-se, Tiberio trocou uma vista d'olhos significativa com o seu amigo e disse de si para si:

—E' forçoso que eu volte a esta casa. Mas de que modo?

Quanto a Marmolilho, espantado diante da belleza de Suzanna, formulou comsigo este pensamento:

—Vel-a e não lhe fallar!... Como heide arranjar a volar aqui?

ESQUIMÓS

—Fingirei que deixei a bengala por esquecimento, disse Tiberio concluindo o seu raciocinio.

—Ah! pensou Marmolilho. Excellente ideia! Deixarei por esquecimento a minha carteira sobre aquella mesa.

Se bem o disseram melhor o fizeram; depois do que, correram despedir-se de Suzanna; mas Tiburcio, pondo-se diante d'ella, despediu-os com um — Passem muito bem — que os desesperou.

III

O LAGARTO

—Estou suando! exclamou Tiburcio quando se viu só com a mulher.

—Tu é que tens a culpa.

—Eu? Em que?

—Em querer mudar de casa. Mas se era essa a tua ideia, o que devias era não consentir que pozessem os escriptos antes de nós termos sahido.

—Isso não podia ser.

—Porque?

—Porque tinhamos que mudar-nos em antes. E para onde haviamos d'ir? E não temos aqui o aluguer pago até ao S. Miguel?

—Bom. Mas com as tuas ideias de economia vaes aturando estas massadas.

—E bem massado me deixaram os taes sujeitos. Confesso-te que do primeiro tive minhas desconfianças, tanto que não pude parar na bolsa, onde negocios importantes me deviam reter.

—E porque não te deixaste estar?

—Se tinha o pensamento em casa...

—Meu amigo, quando deixarás de ser ciumento?

—Sou ciumento porque te amo. Mas socega; agora estou descansado e peço-te perdão se acaso te offendi por causa do tal rapasote sobre o qual despejei a bacia.

—Na verdade suspeitaste de mim, ponderou Suzanna.

—E' verdade; mas perdoas-me, sim, minha amiga?

—Perdôo-o; mas bem sabes qual é a condição.

—O que dizes?

—Lembra-te o que combinam os da ultima vez que nos zangamos. Para obteres o perdão quando o implorasses, porque a final não é raro que tu te dês por vencido e acabes por pedir misericordia, combinamos que havias de dar-me uma prenda.

—Não estava muito bem certo; mas emfim...

—Ora a prenda que eu quero é aquella pulseira que no outro dia vimos em casa do nosso ourives.

—Uma pulseira carissima!... exclamou Tiburcio.

—Deseseis libras que são para o senhor? Um capitalista como o senhor não deve dar prendas de menos valor a sua mulher, respondeu Suzanna com um sorriso encantador.

—Uma ideia estupida! Uma pulseira indigna de ti!

—Diga que as deseseis libras é que não são dignas de si!

—Um lagarto de esmeraldas feiissimo!...

Tiburcio pronunciou esta phrase com uma certa entoação comica, e fez uma visagem que faria rir Suzanna, se aquella scena não tivesse tão pouco de alegre para ella. Tambem se Tiburcio estivesse menos preoccupado do que estava, por causa do lagarto estupido, teria reparado que pouco antes d'elle pronunciar aquella terrivel phrase, a porta do fundo abriu-se e assomou por ella uma cabeça, e quando elle acabou de fallar, Tiberio, pois era d'elle a cabeça, pronunciou estas palavras de si para si:

—Nega-lhe um lagarto... o crocodillo!

E, fechando de mansinho a porta, acrescentou:

—O lagarto vae ser o pomo vedado com que ganharei esta Eva!

E desceu as escadas quatro a quatro, dizendo:

—Por fortuna o Leitão está perto e deve ter um lagarto como o que ella deseja. Vamos lá buscar-lh'o. Um homem deve ser para as occasiões.

(Continua)

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

XXV

QUEM ERA SIMÃO

Dous annos antes dos successos que vimos narrando achava-se D. Isabel em uma das suas magnificas propriedades de Granada.

Findava o mez de junho, e, por uma noute lindissima, tarde já, a formosa dama achava-se sentada em um banco do seu jardim, respirando o ar fresco que lhe chegava perfumado pela dôce fragrancia das flores.

Quando D. Isabel estava mais abysmada nos seus profundos pensamentos, foi despertada por um grito penetrante, acompanhado d'um rumor confuso.

Ergueu-se e correu para sua casa. Era d'ali que partia o arruido. Ao chegar á porta, viu uma criada, que sem duvida ia chamal-a e que exclamou mal a viu:

—Senhora, um ladrão acaba d'entrar em casa!

—E fugiu? perguntou D. Isabel.

—Não, minha senhora. Como todos ainda estavamos a pé, contra o que elle esperava, os criados deram fé pelo ruido que fez ao quebrar o vidro por onde se introduziu no quarto da senhora, e travou-se uma lucta entre elle, Romão e Jeronymo; mas estes a final conseguiram prendel-o. Lá o teem seguro e querem que a senhora diga o que se lhe hade fazer.

—Quero ver o atrevido, disse D. Isabel com acento varonil.

E dirigindo-se ao quarto que a criada lhe indicara, encontrou o ladrão, que era um homem novo e alentado, no meio dos dous criados, que o seguravam contra os esforços que elle fazia para livrar-se.

D. Isabel mandou-o soltar, e depois d'inquirir os pormenores da entrada do ladrão, disse para este:

—De nada me serviria perder-te. Pede-me perdão e deixo-te ir em paz.

O ladrão, surprehendido de tanta generosidade, lançou-se aos pés de D. Isabel e pediu-lhe perdão com uns modos tão ternos, que D. Isabel quasi se commoveu.

– Creia a senhora, disse Simão, que nunca esquecerei este rasgo de generosidade, e se algum dia poder ser-lhe util, não tem mais que mandar, que eu protesto ser um seu fiel escravo.

Esta promessa foi um raio de luz para D. Isabel.

—Quem sabe, pensou para si, se este homem me poderá algum dia ser util?

Mandou-o pôr em liberdade e Simão sahiu, agradecendo aquelle extraordinario favor.

Quando se viu na rua, disse:

—Vamos. Não me sahi mal. Ha males que trazem bens. Aquella dama parece que se interessa por mim.

Quanto a D. Isabel, retirou-se ao seu quarto, dizendo:

—Este homem tem um rosto que revela intelligencia. Pode ser-me muito util. Em todo o caso não ganhava nada com entregal-o á justiça.

Por seu lado os dous criados que tinham apanhado o ladrão diziam:

—Ha tratantes afortunados. Ora vejam se este merecia tanta generosidade!

(Continua)

BIBLIOGRAPHIA

Seis estrophes do episodio do Adamastor, extrahido dos Lusiadas, *de Camões, com a versão hespanhola de D. Patricio de la Escosura, inedita ainda: antecedidas d'um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.*

1 vol. em 4.°, brochado. Braga, 1881.

A *especie camoneana*, cujo titulo deixamos transcripto acima, manifesta-nos não só o grande talento do honrado estadista e eminente poeta hespanhol, o snr. de la Escosura, mas tambem põe bem em relêvo a grande actividade intellectual do indefeso professor do lyceu de Braga, o dr. Pereira Caldas.

Este ultimo, querendo enfileirar-se no cortejo dos que honraram a memoria litteraria de Calderon de la Barca, na actual solemnisação secular do seu obito, em 25 de maio ultimo, apresenta no seu preambulo uma curiosa collecção de noticias bibliographicas ácerca do episodio do Adamastor (*Lusiadas*, Canto V.), como ainda até agora não viram a luz da publicidade em parte alguma, e esmerilhadas com tal cuidado e minucia, como só o poderia fazer este infatigavel e auctorisado homem de letras, que possue uma das mais selectas e raras bibliothecas do paiz.

O dr. Pereira Caldas, querendo que este seu opusculo tivesse um certo valor para de futuro, apenas fez uma tiragem de 200 exemplares: 50 em papel de côr e 150 em papel branco. Nem um só exemplar foi posto á venda, sendo todos numerados e tymbrados, unicamente para obsequiar os mais devotados colleccionadores da Camoneana.

Correndo-nos a imprescriptivel obrigação de deixar aqui consignado o nosso protesto de gratidão para com o eminente bibliographo e sabio professor do lyceu de Braga, pelo seu delicado mimo, com que nos brindou, não podemos deixar de nos confessar enleiados pelo receio de o não podermos fazer em termos tão levantados, como o fizeram muitos dos nossos primeiros homens de letras d'este paiz; por isso limitar-nos-hemos a enviar-lhe um aperto de mão pela distincção com que nos honrou.

A. Vieira Lopes

A VARIOLA

I

Principiando por indagar a origem d'esta terrivel infermidade, resulta das nossas diligencias que pelos melhores documentos historicos se prova que a variola era desconhecida dos gregos e romanos.

Diz-se que foi Aaron quem primeiro falleceu da variola, com o nome de *djidri*, no anno de 622 da nossa era. Mas a sua descripção deve-se incontestavelmente a Rhazés, medico persa, que no seculo X escreveu um tratado a respeito de tal doença.

Indigena d'alguma provincia da Asia passou depois para a Africa, e mais tarde para as provincias meridionaes da Europa, trazida pelos barbaros. A's cruzadas se deve tambem a sua propagação, como aos europeus devem os americanos a importação da variola no novo mundo.

Hoje, quasi pode dizer-se, não ha povoação que não tenha sido affectada

mais ou menos pelas bexigas, produzindo enormes estragos.

II

E' pela sua alta gravidade que muito se teem occupado os medicos de todas as nações em estudar a origem da variola, tratamento e meios de attenuar-lhe a propagação. Eminentemente contagiosa, mortifera, a ponto de no seculo passado ter succumbido a decima parte da humanidade (400:000 individuos por anno na Europa), tem ainda a propriedade de deixar impresso no corpo o stigma indelevel que revela a sua passagem, desfigurando grande numero das pessoas que ataca. Dizem que ha meios curativos capazes de evitar as cicatrizes que deixam as bexigas, especialmente as confluentes. E' falso. Os que asseveram tal asserção, em homenagem ao desejo que todos devem ter de conservar a belleza physica com que a natureza os dotou, são simplesmente ignorantes de medicina, sobretudo de anatomia, ou charlatães. Quando as ulcerações, inevitaveis grande numero de vezes, teem destruido os tecidos que constituem a pelle, a cicatriz é consequencia fatal e inevitavel. Esta é a verdade.

III

A variola é uma affecção febril, aguda, contagiosa, caracterisada pelo apparecimento de pequenas manchas, ou pontos vermelhos, que se transformam em vesiculas e depois em pustulas, á superficie do corpo. Por varias transições passam ellas, deixando por ultimo ou uma mancha escura, ou uma cicatriz indelevel.

Percorre pois a variola differentes periodos na sua marcha, desde a incubação até á descamação da epiderme. Geralmente o individuo que foi affectado do virus variolico, está por alguns dias sem sentir alteração no seu estado de saude; depois apparecem os symptomas da doença, começando por frios de intensidade variavel, que terminam pela febre, sede, seccura de pelle, dôres de cabeça, dôres fortes na região lombar, falta de appetite, constipação do ventre; ás vezes agitação, sobresaltos, insomnia, delirio, ou ao contrario prostração, somnolencia. E' o que constitue o segundo periodo ou invasão.

Do segundo para o terceiro dia começa ordinariamente a manifestar-se na pelle a erupção, em forma de pontos ou manchas vermelhas; é o periodo chamado a erupção.

Estes pontos ou manchas transformam-se em vesiculas, que suppuram; é o periodo de suppuração, um dos mais graves e em que a febre augmenta de intensidade. Do oitavo ao decimo dia da doença começam a crear as costas, é o periodo da descamação. A variola affecta differentes fórmas; as mais benignas são a varioloide e a varicella: as mais graves são a confluente e homorrhagica.

IV

O tratamento é prophylatico ou curativo. O primeiro tem por fim prevenir a invasão da doença, obstar a que sejamos atacados por ella.

E' a Eduardo Jenner que se deve a famosa descoberta do agente preventivo, a vaccina. Pesteriormente, havendo-se reconhecido que o poder preservador do virus vaccinico, cessa, decorrido um certo tempo, veio a necessidade de submetter os individuos a uma nova inoclação, revaccinação. Faz-se de dez em dez annos. Vaccina e revaccina são pois os meios a oppôr preventivamente á variola. São tão uteis e necessarias, que hoje põem-se em pratica em todas as nações cultas do mundo; n'algumas, como Inglaterra e Allemanha, a vaccina é obrigatoria.

O tratamento curativo é sobretudo ao medico que compete dirigil-o, para combater as complicações, que possam sobrevir, como para indicar os cuidados e prescripções que devem ser observadas na marcha da affecção.

No começo da erupção são uteis os pediluvios, as cataplasmas sinapisadas, applicadas ás extremidades inferiores, as bebidas temperantes. O resto confia-se ao medico.

V

Não ha doença que tenha dado origem a mais prejuizos populares que as bexigas, e desgraçadamente todos são mais ou menos prejudiciaes e reprovados pela hygiene. E' pratica muito vulgar envolver o doente n'um cobertor encarnado, fechar portas e janellas, reduzindo-o ás condições de uma planta de estu a. Não se deve fazer tal. A temperatura elevada, a falta de ventilação e luz são por extremo nocivas aos dentes.

Julga o povo que quem nasce nos annos bissextos está isento das bexigas. Está simplesmente, emquanto as não tiver. Um preconceito tambem muito espalhado é que a creança que está vaccinada perde a immunidade, quando do seu braço se tire vaccina para uma outra, o que leva muitas mães a recuzarem os filhos, para se lhes extrahir a lympha vaccinica. Só a ignorancia pode auctorisar este érro, porque a pustula é o signal de que o virus vaccinico foi absorvido pelo organismo, d'onde se não pode tirar.

Nenhum inconveniente ha na vaccinação e revaccinação que se faz durante as epidemias. E' exactamente quando ellas mais aproveitam, não só como preventivo individual, mais ainda como meio poderoso e unico capaz de cortar os progressos do mal epidemico. A lympha colhida opportunamente do braço para braço não é vehiculo da scrofula, de tuberculo e da febre typoide, como se tem supposto.

O que se pode affirmar, é que livrando as pessoas da morte, pelas bexigas, as deixa em condições de contrahirem qualquer d'aquellas doenças ou outras, o que não succederia, se tivessem morrido da variola.

VI

Tem-se attribuido á vaccina, injustamente, a propriedade de provocar o apparecimento das bexigas. Quando tal cousa acontece, o que se deve concluir é que a operação se fez quando o individuo já estava sob a influencia do virus variolico, mas no periodo d'encubação, em que phenomeno algum morbido annuncia a existencia da doença. O melhor conselho que podemos dar ao leitor é este: vaccinae-vos e revaccinae-vos.

CAMÕES

(A' ACADEMIA DE COIMBRA)

Na mesma campa a luza patria e o poeta
Encontraram abrigo á desventura!
O ceo destino igual aos dois decreta,
Dá-lhes o mesmo pranto d'amargura!
Da nossa ruina o divinal propheta
Com a patria tombou na sepultura!
Camões e Portugal, terrivel sorte
Vos fez irmãos na vida, irmãos na morte!

Camões, grande cantor da luza fama,
Nas solidões dos indicos palmares
Que suave melodia que derrama
A tua lyra em dulcidos cantares!
Agora eleva um hymno ao nobre Gama,
Que ás Indias vae, sulcando novos mares,
E logo junta um gemebundo canto
Da triste Ignez ao magoado pranto.

Os sons da tua lyra desprendidos
Do Ganges sobre a riba, inda resoam,
Ainda vêm encher nossos ouvidos
Da harmonia subtil que alli entoam,
Maviosos, febris, indeffinidos
Como suspiros que no espaço voam
Em noutes de luar, em noutes bellas,
Soltadas pela voz das philomelas.

Camões, na gruta de Macau sombria,
Tu fizeste immortal a patria querida!
O' rei da inspiração, rei da harmonia,
E a patria ingrata abandonou-te em vida!
Vergonha eterna, eterna villania
Da luza terra a extranhos já vendida,
Deixar morrer n'um hospital de fome
Quem deu a Portugal alto renome.

Voltaste á patria a receber insultos,
Tu, que andaste a gravar c'oa pena e a espada
Entre selvagem povo e povos cultos
A gloria d'essa patria respeitada,
A quem déste os affectos mais occultos,
A quem déste a ufania sublimada
De ter, além da Historia ennobrecida,
A maior Epopea conhecida.

Mas... silencio! Dobrou já o passado
O negro limiar da Eternidade
E teu nome de ha muito idolatrado
E' hoje repetido com vaidade
Entre os povos do mundo civilisado
Como gloria de toda a humanidade!
Camões, grande Camões, tu és a fama
Da terra de Cabral, de Castro e Gama!

Ernesto Pires

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

BATALHA DO AMEIXIAL

Nos principios do anno de 1663 sahiu de Badajoz um poderoso exercito, commandado por D. João d'Austria, filho natural de D. Filippe IV, e composto de doze mil infantes, seis mil e quinhentos cavallos, desoito peças de artilheria e grande numero de munições e mantimentos, conduzidos em tres mil carros, além de muitos outros com bagagens.

Cahindo sobre Evora, não foi difficil aos castelhanos obrigar a cidade a entregar-se-lhes, em consequencia de não se achar preparada para a defeza; mas esta victoria foi para os castelhanos de mais estrondo do que effeito, porque não tendo meios de proseguir a marcha, tiveram de contentar-se com a conquista da praça.

Sahiram as forças portuguezas a deter o passo ás estrangeiras, e constavam de onze mil infantes, tres mil cavallos e quinze peças d'artilheria com todas as munições competentes. Era governador das armas D. Sancho Manoel, conde de Villa Flor, general de cavallaria Diniz de Mello de Castro; da artilheria D. Luiz de Menezes, e governador das armas estrangeiras, com exercicio de mestre de campo general, o conde de Schomberg.

Seguiu o nosso exercito a marcha sem opposição, e depois de tomar varios postos se alojou sobre o Odegeve, rio que nasce na serra de Ossa e corre uma legoa distante d'Evora.

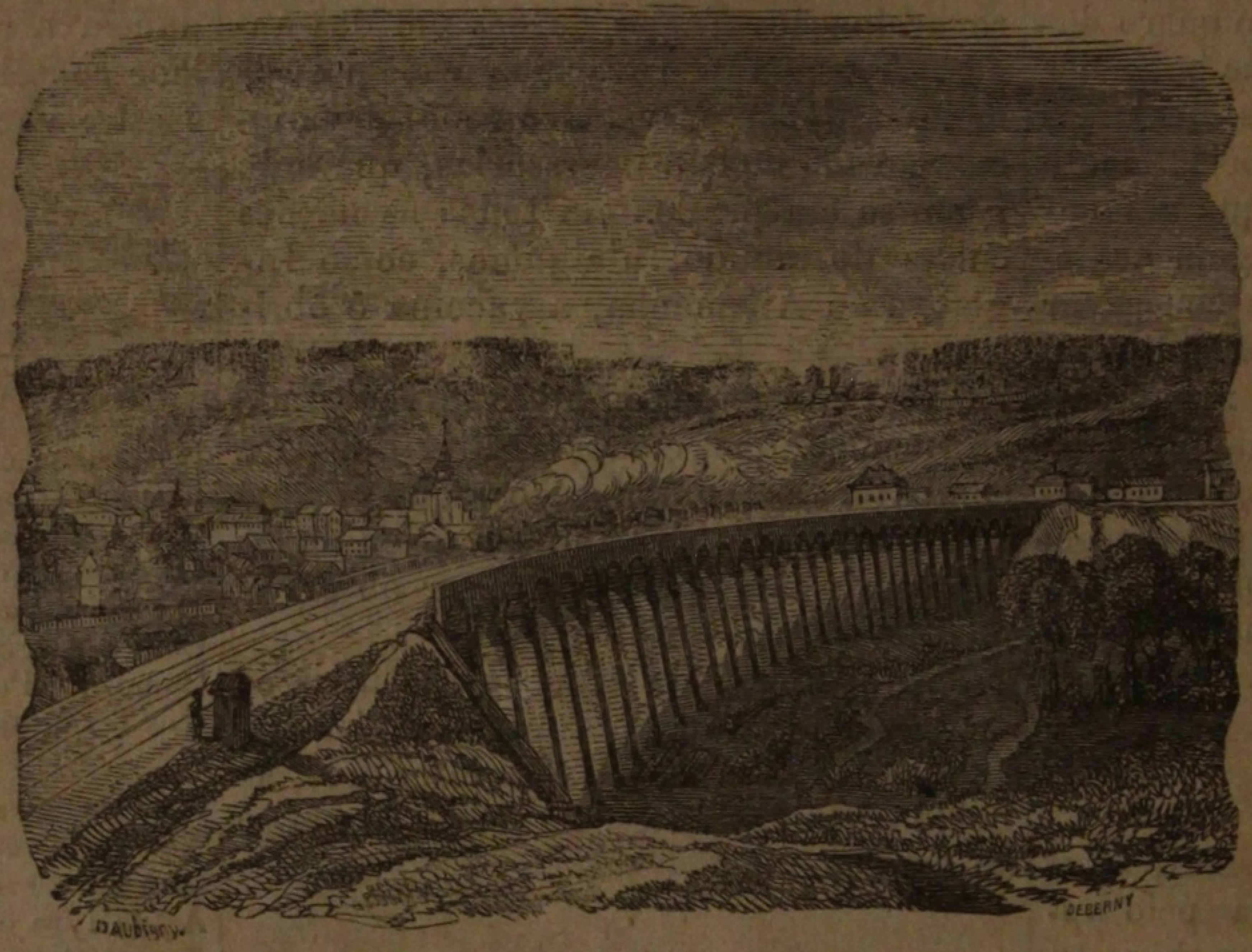
Marchou ao mesmo tempo D. João d'Austria na volta do mesmo rio e na passagem padeceu tamanho estrago da nossa artilheria, que ficou o campo alastrado de cadaveres.

A batalha proseguiu um pouco mais adiante, achando-se D. João aquartellado no alto d'um monte, onde os nossos o atacaram e desbarataram completamente, sendo o capitão castelhano obrigado a fugir para Arronches com os restos do seu desmantellado exercito.

Ficaram mais de mil mortos, contando-se entre elles os mais illustres chefes. Os prisioneiros foram mais de seis mil. Ficaram em poder dos portuguezes oito peças d'artilheria, um morteiro, grande quantidade d'armas, mil e quatrocentos cavallos, mais de dous mil carros carregados de preciosos despojos, como ouro, prata e joias, desoito carroças, sendo tres de D. João d'Austria, e em uma d'ellas estava a sua secretaria, na qual se acharam segredos muito importantes, grande quantidade de bandeiras e o proprio estandarte de D. João d'Austria.

Morreram mil soldados portuguezes e ficaram feridos quinhentos.

Teve logar esta memoravel victoria no dia 8 de junho do já referido anno de 1663.



UM VIADUCTO

UM VIADUCTO

—

Dá-se o nome de viaducto a uma das mais importantes obras d'arte dos caminhos de ferro. São pontes de pedra, mais ou menos longas, estabelecidas com o fim de nivellar os terrenos por onde teem de passar os comboyos.

O viaducto que a gravura representr está situado no reino de Saxe, Allemanha, e denomina-se viaducto de Goltsch. A sua altura maxima é de oitenta metros e a extensão de perto de seiscentos metros.

ZIG-ZAGS

—

HENRIQUE IV E O N.º 14

Quando Henrique IV foi assassinado, fizeram-se estes curiosos calculos sobre o numero 14:

Henrique IV nasceu 14 seculos, 14 decadas e 14 annos depois do nascimento de Christo; nasceu a 14 de dezembro; morreu a 14; o seu nome (Henrique de Bourbon) compunha-se de 14 letras; viveu 4 vezes 14 annos, 4 vezes 14 dias e 14 semanas; foi ferido por João Chatet 14 dias depois de 14 de dezembro, em 1594, entre o qual tempo e o do seu fallecimento mediam 14 annos, 14 mezes e 14 vezes 15 dias; ganhou a batalha de Ivry a 14 de março; foi morto a 14 de maio, 14 seculos e 14 olympiadas depois da encarnação. O assassinato effectuou-se 14 horas depois d'entrada a rainha na egreja de S. Diniz, para ser coroada. O assassino, Ravaillac, foi executado 14 dias depois de commetter o crime, em 1610, que é exactamente divizivel por 14, que entraram n'aquelle numero por 115 vezes. O filho mais velho de Henrique nasceu 14 dias depois de 14 de setembro e foi baptisado a 14 d'agosto.

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 39, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 41

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado. | PORTO, 9 DE JUNHO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, 1 anno, moeda forte, 2$ rs. Redacção, Praça de D. Pedro, 131, Porto

SUMMARIO

TEXTO:— Madame de Sevigné — A medicina portugueza no seculo XVII, por Camillo Castello Branco — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A Inglaterra (poesia) por Guilhermino Augusto — Sá Noronha — Genebra — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Os homens uteis de todos os paizes: Sicard — Sumatra — Sciencia para todos: Os vegetaes, por doutor Jayme — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Diante da Africa — A sociedade dos tres (romance) — O lar, por Virgilio Abreu — Datas memoraveis de Portugal: Conquista de Tavira — Benarés — Zig-Zags: Antiguidade do ferro — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Madame de Sevigné — Egreja da Conceição em Genebra — Uma casa na ilha de Sumatra — Um pagode em Benarés.

MADAME DE SEVIGNÉ

Maria de Rabutin, senhora de Chantal e marqueza de Sevigné, nasceu em Pariz em 1626 e morreu em 1696. Tinha um anno quando perdeu o pae, que morreu defendendo a ilha de Ré contra os inglezes. Foi sua mãe que a educou, tendo primeiramente por tutor seu avô, o marquez de Coulanges, e depois seu tio o abbade de Livry.

Em 1644 casou com o marquez de Sevigné, de quem teve um filho e uma filha. Ao cabo de seis annos de casada, perdeu o marido, que foi morto em um duello pelo cavalleiro d'Albret. Toda cheia d'amor maternal, recusou todos os casamentos que depois se lhe offereceram. Em 1669 casou a filha com o conde de Grignan, governador da Provença, que levou comsigo a esposa para aquella provincia.

Madame de Sevigné consolou-se da ausencia da filha escrevendo-lhe a miude cartas muito affectuosas. Morreu victima da sua ternura maternal. Da ultima vez que fôra a Grignan, a filha adoeceu, e ella não quiz sahir de junto do seu leito; d'ahi lhe resultou uma febre, que a arrebatou em 14 de janeiro de 1696.

Foram as cartas de que acima fallamos que lhe deram celebridade. Imagine-se do seu merecimento por este facto. São inimitaveis na opinião dos mais auctorisados escriptores, sendo todos concordes em consideral-as modello unico do estylo epistolar. São a pintura mais fiel, a noticia mais propria para dar a conhecer os costumes, o tom, o gosto, a etiqueta que reinava na côrte de Luiz XIV.

A primeira edição d'estas cartas pu-

MADAME DE SEVIGNÉ

blicou-se em 1726; desde então tem-se feito successivas edições.

Tal é a dama representada na gravura.

A MEDICINA PORTUGUEZA
NO SECULO XVII
(EXCERPTO)

Direi muito de passagem o que era a profissão da medicina em Lisboa quando Izaac Eliot ali chegou, apregoado pelo conde do Rio Grande, e o que ella continuara a ser no lapso de meio seculo. Os monumentos escriptos que uma van curiosidade conserva nas estantes empoadas representam os medicos mais famigerados d'aquelle tempo.

Simão Felix da Cunha, Manoel da Silva Leitão, Joseph Rodrigues d'Abreu, Francisco da Fonseca Henriques, Morato Roma, o hebreu Antonio Nunes Ribeiro Sanches— que valia mais que todos— denotam, segundo o voto dos historiographos medicos, á mistura com muitas crendices já refugadas então das universidades europeas, uma parte do adiantamento da sciencia, principalmente da hygiene, no ultimo escriptor referido. Se, todavia, dermos fé ás virtudes apregoadas pelos forasteiros que assentavam em Portugal e annunciavam na *Gazeta* as suas boticas, é rasão acreditar que os medicos dados á escripta e ás theorias haviam resvalado o grande descredito. E até certo ponto, D. João V participava da descrença publica dos doutores conimbricenses e nos que já tinha de fóra quando em 1723 mandou consultar os medicos de Marselha ácerca da peste que então ardia em Lisboa.

Desde muito, a concorrencia de curandeiros a Portugal disputava-se a posse da ignorancia do povo, e melhor direi, de todas as classes, porque a rudeza era quasi geral, e ainda os poucos intelligentes não saberiam estremar o empyrismo, quando a enfermidade lhes cegava o entendimento.

Um dos forasteiros que mais de assalto conquistaram a confiança de Lisboa, e anniquilaram a sciencia naciona l foi o boticario Alberto Leonardo Koning que, na *Gazeta* de 20 de abril de 1724 se annunciava «official maior da botica imperial de Vienna d'Austria» e viera a Lisboa para assistir como provisor á botica da rainha nossa senhora; e acrescentava que «trazia comsigo muitos segre-

dos medicinaes da augustissima casa d'Austria para a rainha e sua familia, e muitos simples e medicinas uteis e frescas.» E frescas!

Este boticario desbancara o medico de Souzel, o doutor Jeronimo Moreira de Carvalho, que, em fevereiro do mesmo anno, annunciava, na mesma *Gazeta*, que morava em «Sete-cotovelos, junto ao becco sem sahida, e offerecia os seus remedios de carnosidade e mais achaques de rins, bexiga, achaques de pescoço e alporcas, febres e nevoas de olhos, e outros mais remedios efficazes.»

Não conseguiu, porém, o boticario austriaco descer inteiramente da sua «reputação na especialidade» hemorrhoidas, o acreditado ferrador que se annunciava d'este feitio, na *Gazeta* de maio: «Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, cursos de sangue e dôr de cadeiras sem prejuizo da sua saude vá fallar com Manoel Correia, ferrador ás Portas de Santo Antão, que dirá onde se vende.» Era elle o inventor do remedio; e tão limpo de burla que restituia o preço da droga (4$800 reis) se o enfermo, passado um mez, não funccionasse com a maxima sanidade physiologica.

O ferrador já em 1717 havia luctado scientificamente com o «chymico valenciano» D. Balthazar Gisbert. Este sujeito, que tambem morou no Arco dos Sete-cotovelos, curava no espaço de 18 dias, as doenças torpes e inveteradas, desde a 1.ª até á 4.ª especie inclusive. Afóra isto, curava «tres castas de hydropsia, e todos os mais affectos uterinos.» Que affectos! Não levava dinheiro sem curar; se matava era gratuitamente.

Quem desluziu algum tanto a estrella do boticario de D. Marianna d'Austria, foi um pseudo fr. Antonio de Castro, que em uma *Gazeta* de junho de 1724 se annunciou hespanhol e religioso da ordem de S. João de Deus. Vendia: «Agoa para tinnidos e zunimentos dos ouvidos, etc.

«Balsamos para preservar de aborto, para confortar a memoria e os nervos, etc.»

Tinha outrosim «unguento para almorreimas de eximia virtude.» N'aquelle tempo ainda as «almorreimas» podiam ser «eximias». Depois, tirou-se o adjectivo ás mesmas, e grudaram-n'o aos patriotas— «patriotas eximios», verdadeiras e importunas hemorrhoidas dos intestinos do Estado.

Os remedios do frade estavam no galarim, quando o encoberto auctor, vaidoso do exito, sahiu com este desmentido na *Gazeta* de 28 de junho de 1725: «Os remedios publicados na *Gazeta* de 15 de junho de 1724 em nome de fr. Antonio de Castro, foram inventados por Luiz da Maya Pinto, boticario do duque de Lafões, e morador ás portas de Santa Catharina, e por modestia se publicaram com o tal nome», etc. Parece que, desde que o frade deixou de collaborar no gral do boticario, a freguezia voltou-se para o ferrador ou para o ex-official maior da botica da imperatriz d'Austria; pois foi ingratidão tanto maior quanto o modesto Maya, n'este funesto contra-annuncio, declarava ter inventado tambem um «agradavel e efficaz remedio, entre todos os maiores, para defender o coração de todos os vapores, melancolias, e toda outra malignidade de que fôr acommettido.»

E promettia mais invenções em outra *Gazeta*.

(Continua) CAMILLO CASTELLO BRANCO

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XVII

D. Adelina proferiu com voz tão commovida estas ultimas palavras, que Jorge sentiu borbulharem-lhe as lagrimas nos olhos. Uma dôr d'aquellas era, na verdade, incentivo para chorar. A joven brazileira ficou immersa por alguns momentos no abysmo da sua dôr e o mais solemne silencio reinou por espaço d'alguns segundos na encantadora gruta.

Francisco d'Almeida, receiando que a narração houvesse terminado e que sua mulher e Jorge deliberassem sahir d'ali, tomou a precaução de retirar-se do seu esconderijo; mas fel-o com tanta precipitação que os arbustos que o occultavam fizeram na sua passagem um ligeiro ruido, que foi ouvido por D. Adelina. Um debil grito sahiu dos labios da brazileira, que empallideceu. Jorge, tão exaltado tinha o cerebro, que ficou espantado do grito que ouvira e volveu um olhar interrogador á sua interlocutora.

—Parece-me que alguem nos tem espiado, disse ella a meia-voz e tremula de receio.

Aquelle *alguem*, pronunciado intencionalmente, referia-se evidentemente a Francisco d'Almeida.

Entretanto este tivera tempo de atravessar por uma das virentes ruas do jardim e recolher-se a casa. Chegado ali, foi para o seu escriptorio commercial, e começou, machinalmente, a folhear um dos seus livros de escripturação.

Jorge ficou muito sobresaltado com as palavras que ouvira a D. Adelina, e offerecendo-lhe o braço, que ella aceitou, dirigiram-se ambos para a sala da mesa, onde os encontraramos horas antes.

Adelina e Jorge olharam para um magnifico relogio que se achava collocado sobre o fogão de marmore. Os ponteiros marcavam sete horas. Ficaram estupefactos.

Quem diria, assistindo á interessante entrevista, que ella se prolongara tanto tempo?

Jorge conduziu D. Adelina a uma cadeira de espaldar, onde ella se sentou offegante.

A sala estava deserta. A um aceno da brazileira, o mancebo tomou logar junto d'ella.

Era sol-posto. O astro-rei, prestes a immergir-se no occaso, mandava como um saudoso adeus os extremos clarões, que, atravez da folhagem dos arbustos que cresciam junto ás janellas, projectavam na sala umas sombras caprichosas e phantasticas.

A cruel suspeita que, havia momentos, assaltara o espirito de Adelina, desvanecera-se, e, tanto ella como Jorge, suppunham já uma simples chiméra o incidente fortuito, que, tão profundamente, os abalara.

Effectivamente, como já tivemos ensejo de fazer sentir aos leitores, os dous jovens enamorados estavam tão longe de adivinhar a lucta de paixões que agitavam a alma de Francisco d'Almeida, que não lhes era licito, por mais tempo, aceitarem a hypothese de, por elle, serem espiados.

Se Adelina e Jorge haviam calado até então a affeição que mutuamente se consagravam; se aquelle sacratissimo segredo lhes jazera sempre no fundo dos corações, que motivo havia para acreditarem que o negociante armasse uma cilada á esposa, a quem consagrara até então o mais acrysolado affecto, e a quem, nem um dia sequer, deixara de prodigalisar as mais affectuosas attenções?

Eis ahi como raciocinavam aquellas cabeças inexperientes! Desgraçadamente, o cerebro da pobre victima d'aquelles devaneios é que não se entregava a sonhos côr de rosa.

XVIII

Decorreram alguns momentos de silencio. Jorge, ainda commovido pela narrativa que ouvira, olhava pensativo para aquella infeliz mulher, cuja indole romanesca tanto o interessava, e aguardava em silencio a explicação do motivo porque Adelina o fizera permanecer a seu lado.

Depois de lhe haver contado a historia de toda a sua existencia, que mais teria a brazileira a revelar-lhe?

Eis o que o mancebo pensava no momento em que a juvenil senhora quebrou o silencio com estas palavras:

—E agora, snr, Jorge; depois de ler, folha a folha, o triste romance da minha existencia; agora que está senhor de tão intimos segredos; não deve estranhar que lhe faça mais uma revelação... uma confidencia que desejara eternamente calar no fundo do seio...

—Minha senhora... titubeou o mancebo, como que receioso de adivinhar o pensamento da sua interlocutora; supplico-lhe não prosiga...

Todavia este pedido, por onde bem se poderia afferir a magnanimidade do

mancebo, não achou ecco em D. Adelina, tão exaltada tinha ella a imaginação!

Similhante á borboleta que procura doidamente a chamma que hade roubar-lhe a vida, a brazileira corria vertiginosamente para o abysmo, que aos pés lhe cavava o destino.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A INGLATERRA

Sobre os mares mais profundos
Ergueu Deus uma nação!
Deu-lhe a c'rôa de dous mundos
Sobre toda a creação!
Deu-lhe instinctos de pobreza,
Apontou-lhe a ampla riqueza
D'outras terras, d'outros ceos;
Poz-lhe abysmos por barreiras:
Contra as hostes estrangeiras
Foi cercada d'escarceus...

Quando o braço d'um gigante
Quiz seu throno derrocar,
Deus susteve a mão possante
Que se atreve a tanto ousar;
O colosso não sustenta
Essa furia da tormenta;
Tomba em terra, faz-se em pó!
E pagou tal ousadia
Nos rochedos d'agonia,
Onde expira, triste e só!

Deus o quer... Astro da terra,
Brilha á frente das nações!
E' juiz na paz, na guerra,
Quebra sceptros, põe grilhões;
Tem monarcas por vassallos,
Do seu braço c'os abalos
Imperios cahem no chão!
O leopardo d'Inglaterra
Tem rugido em toda a terra,
Desde Londres ao Japão!

És rainha... do Oceano,
Empunhas sceptro real!
O teu genio sobrehumano
Deu-te imperio colossal...
Sobre o dorso d'altas vagas
Inda ás mais remotas plagas
Envias tuas galés!
O teu braço nos espaços,
Faz mil sceptros em pedaços,
Vae lançal-os a teus pés!...

Oh! Embora! Activa e grande
Entre todas as nações...
Não me vedas que te mande,
Nos meus cantos, maldições!
Minha patria desgraçada
Jaz no campo amortalhada;
Tu lhe cravaste o punhal!
E depois até a mortalha,
Triste pó que o vento espalha,
Tens roubado a Portugal!

Contra a dura tyrannia,
Praticada só por vós,
Ergue vozes d'agonia
Todo o mundo, como nós!
Quando vences, nos espaços
O vestigio de teus passos
Marca sempre assolação;
Essas terras, que dominas,
Empobreces com ruinas;
Tens por armas a traição!

E's o pomo, que na terra
Por discordia Deus lançou!
Tu só folgas quando a guerra
Pelo mundo retumbou...
Quando o sangue tudo ensopa,
Pões teus olhos sobre a Europa
D'entre as vagas... e sorris...
Em quanto as garras afias,
Vês contente as agonias
De teus infames ardís...

De ser livre és orgulhosa;
Liberdade é o teu brazão!
Mas a voz é mentirosa,
Que em ti pesa a escravidão:
Enfeudada a alguns senhores,
Soffres sempre amargas dôres
D'uma miseria sem par!
Quando o povo morre á fome,
Vê-se o grande, que consome
Seus thesouros a folgar!

E's esteio dos tyrannos,
Que tu podes sustentar,
Quando por ser deshumanos
Querem ferros arrastar!
E se um sceptro derrocado,
E se um throno esmigalhado
Resta apenas d'esse rei...
Dás-lhe asylo hospitaleira,
Entre todas a primeira
A bradar que foi de lei...

Inglaterra, tu assentas
Sobre um grande pedestal!
Só por elle tanto intentas...
E' teu amor nacional.
Mas embora... Esse egoismo
Hade cavar-te o abysmo
Na hora da corrupção!
E's escrava aborrecida;
Quando fores corrompida
Deixarás de ser nação.

Orgulhosa!... até se esquece
Que é bem quista por temor!
Ai de ti, se impallidece
Por um pouco o teu fulgor!
Has de ver, como em cruzada,
Toda a Europa levantada
A vingar sua oppressão...
Lê nos fastos de Carthago
O teu brilho, o teu estrago:
Has de ter um Scipião!

O teu manto de grandezas
Hão-de os povos retalhar;
Levarão tuas riquezas,
Teu imperio sobre o mar:
Quebrarão teu ferreo sceptro,
Ficará teu vil espectro
Em ruinas sobre o chão:
Ao passar o navegante
Só verá campa gigante
Onde outr'ora foi nação!

Quando o genio das idades
Caminhar sobre o teu pó,
O silencio das cidades
Hade vel-o correr só!
—Onde estão cousas tamanhas?
Taes grandezas, taes façanhas?
Os homens perguntarão...
Só o ecco em tom profundo
Repetirá pelo mundo:
—Taes grandezas onde estão?

GUILHERMINO AUGUSTO

SÁ NORONHA

(Conclusão)

Na opera comica a musica de Noronha tornou-se popularissima, e não haverá, talvez, em todo o Brazil, quem desconheça as suas composições, que tão populares se tornaram.

Não descançando nunca á sombra dos louros, sobre a sua mesa de trabalho, onde a morte o veiu surprehender, existem muitas missas e harmonias ineditas e algumas operas bastante adiantadas.

Sá Noronha era condecorado tambem com o habito de Christo e tinha muitas medalhas de merito.

A's cinco horas da tarde de hontem, acompanhado por poucos, mas sinceros amigos, o feretro seguiu para o cemiterio de S. Francisco Xavier, levando sobre o caixão o collar da ordem de S. Thiago, duas coroas de saudades, uma offerecida pelos seus amigos, e a outra pela redacção d'esta folha, com a seguinte dedicatoria:—*Saudosa homenagem do* Cruzeiro *ao maestro F. de Sá Noronha.*

Ao ser o caixão collocado no carro, parece que o proprio ceo sentiu profunda dôr, porque das nuvens lagrimas pesadas cahiram.

No cemiterio, ao ser o corpo dado á sepultura n.º 11:278, s. ex.ª o snr. barão de Wildik, consul de Portugal, em nome do povo que representa, pronunciou poucas, mas sentidas palavras, dizendo-lhe os seus ultimos adeuses.

Descançaria em campa rasa o cadaver de Sá Noronha, se o snr. barão de Wildik não tivesse aventado a ideia de levantar-se-lhe um mausoleo. O snr. Heller, emprezario do theatro Phenix Dramatica, que tem no seu reportorio todas as operetas do maestro, com aquelle cavalheirismo que o caracterisa, immediatamente offereceu um beneficio para esse fim, fazendo cantar n'essa noute uma das festejadas composições do maestro.

Descança em paz, e possa a tua perseverança e força de vontade servir de exemplo e estimulo a todos aquelles que, como tu, se abraçam a essa arte tão gloriosa como ingrata. Longe da patria, não desceste á sepultura sem que uma lagrima não te fosse humedecer a terra, que reclamou o seu direito brutalmente.»

A biographia de Noronha ficaria incompleta se a não fizessemos acompanhar d'uma circunstancia, triste, profundamente triste.

Sá Noronha tinha uma irmã no Porto, que fôra sempre a sua companheira e a sua amiga mais intima. Ultimamente, cheio de saudades, pedira-lhe que fosse para o Rio de Janeiro. Estava ella proxima a partir para ali quando chegou a noticia da morte do irmão estremecido. Imagine quem poder o que soffreu aquella alma amoravel e boa!

Saudosa do irmão, quiz ir ao Brazil dar-lhe uma derradeira prova do seu affecto, levando para serem collocadas sobre o seu ataúde as coroas que Sá Noronha recebera entre os applausos e as ovações da sua gloriosa vida d'artista. Não a demoveram conselhos e supplicas. Partiu. Chegada ao Rio de Janeiro, sobreveiu-lhe uma angina, de que foi salva, felizmente, pelos extremosos cuidados dos medicos. Chegou a ir até ao pé da sepultura do seu irmão, a ajoe-

lhar ante ella e a desfolhar ali as pobres flores da sua alma angustiada.

Dias depois vinha a febre amarella, com a sua fatalidade inevitavel, e a desditosa senhora succumbiu a ella. E, coincidencia notavel, a estremosa irmã foi sepultada ao lado de Sá Noronha. Ella que fôra ali com intuito de depositar sobre aquella sepultura as saudades sempre vivas da sua alma d'irmã e as flores das coroas do artista laureado e distincto, deu-lhe tudo quanto lhe podia dar, as saudades, as lagrimas e a vida!

GENEBRA

Pittorescamente situada sobre o lago Léman e o Rhodano, é a cidade de Genebra capital do cantão do mesmo nome, na Suissa. Dista de Paris quinhentos kilometros e duzentos vinte e quatro de Berne. A sua população é de quarenta e dous mil habitantes, sendo cerca de metade catholicos.

Genebra possue uma bibliotheca publica, uma escola d'artes e officios, um collegio, um observatorio, um museu, um gabinete d'historia natural, um jardim botanico, sociedades sabias, hospitaes e prisões.

Entre os seus monumentos tornam-se dignos de mensão a estatua de João Jacques Rousseau, obra de Pradier, a casa da camara, o arsenal e cathedral de S. Pedro, onde está o tumulo de Agrippa d'Aubigné. Magnificos passeios dão vida a esta cidade, que o Rhodano divide em tres partes, a saber: a cidade alta, propriamente chamada a cidade, a ilha e o quarteirão de S. Gervasio.

Tem Genebra numerosas fabricas de instrumentos de precisão, armas de fogo, tabacos, fazendas de lã e seda, celebres fabricas de relojoaria e bijouteria. E' centro d'um commercio consideravel e uma industria activissima.

Genebra tornou-se muito celebre na idade media, pelas luctas suscitadas entre os seus condes e os seus bispos. Aos condes succederam os duques de Saboya, que a dominaram durante oitenta annos, até que Genebra fez alliança com as cidades de Berne e Friburgo.

Em 1533 Calvino retirou-se para Genebra, obtendo um grande successo e fazendo expulsar o bispo. A cidade formou uma republica e foi denominada a Roma do protestantismo. Algum tempo depois de declarada a sua independencia, foi esta reconhecida e alliou-se com a França, Berne e a Confederação suissa. Os francezes tomaram-a em 1798; em 1815 entrou para a Confederação, e as suas fortificações, emblema unico da sua antiga independencia, foram arrasadas em 1849.

Em 1867 celebrou-se em Genebra o congresso da paz; mas não pôde attingir o fim meritorio que se propunha em rasão da falta de harmonia entre os seus membros.

Genebra é patria de muitos homens celebres, como Rousseau, o naturalista Saussure, o physico Deluc, o theologo Pictet, o botanico Caudolle, o ministro Necker e o romancisca Topffer.

EGREJA DA CONCEIÇÃO EM GENEBRA

OS CAVALLEIROS DO AMOR

ROMANCE HISTORICO

—

(Continuação)

XXVI

A PROMESSA D'UM TRATANTE

—Simão, senta-te e escuta-me com attenção. Nada receies; ninguem nos ouve.

—Estou ás ordens de v. ex.ª Acho-me bem de pé.

—Como quizeres. Supponho, Simão, que ainda não esqueceste os beneficios que me deves.

—De forma alguma. Sei antes de tudo que a primeira visita que tive a honra de fazer á senhora marqueza na sua casa em Granada, certa noute, ha dous annos, podia valer-me um passeio até á costa d'Africa; não esqueci tambem que desde então para cá, graças á sua protecção, tenho-me sahido bem de todos os lances em que me tenho achado, sem ter ido dar com o corpo ao Saladero, apesar dos conflictos que tenho tido com a policia.

—Bom. Agrada-me que a memoria te seja fiel, e espero que, chegado o momento opportuno de manifestar-me a tua adhesão, saberás aproveital-o.

—Isto cheira-me a negocio! disse de si para si aquelle tratante.

E exclamou em voz alta:

—Mande a senhora, ainda que seja um impossivel, e verá do que é capaz Simão Zamarra para servil-a.

—Agrada-me a tua resposta, disse D. Isabel. Procedamos porém com ordem. Como estás de dinheiro?

—Ai, senhora da minha alma! Os tempos estão tão maos, que é quasi impossivel ganhar honradamente a vida. Trago os bolsos tão leves como pesado o estomago com a muita fome que o opprime. E o que mais me apoquenta é que tenho certas dividas que não posso pagar.

O grande tratante comprehendeu que era necessario para alguma cousa, e com o maior descaramento tratou de aproveitar-se o melhor possivel da situação.

A condessa dirigiu-se a uma secretaria de pao-rosa que estava a um canto do gabinete; abriu uma das gavetas e

tirou algumas notas que entregou a Simão.

—Toma: tens aqui dez mil reales.

Os olhos de Simão brilharam de cobiça ao tomar com as mãos aquellas notas.

—Por agora, continuou a condessa, creio que terás o sufficiente.

—Por agora, pensou Simão; isto quer dizer que tenho uma mina para explorar. Que ha a fazer? perguntou com desembaraço.

—Ouve. Habita em Madrid um joven chamado D. Luiz de Guevara. Este joven teve uma pendencia com o snr. marquez Adelfi. O marquez está gravemente ferido e o primeiro desappareceu. Consta-me porém que está em Madrid e torna-se-me absolutamente necessario saber a morada que lhe serve de guarida, e isto por todo o dia d'amanhã.

—Ainda quando esse homem estivesse escondido nas entranhas da terra, respondeu Simão, eu o descobriria.

O rosto de D. Isabel illuminou-se de subita alegria, o que não passou desapercebido aos olhos do seu interlocutor.

—Confio portanto na tua diligencia.

—Fique descançada. Pode acontecer que haja alguns gastos a fazer, pois será talvez preciso valer-me de certa gente que não faz nada sem interesse...

—Gasta e pede. O essencial é que amanhã eu saiba onde está escondido D. Luiz. Não te esqueças do nome e do appellido.

—D. Luiz de Guevara. Está-me gravado na memoria. Agora, senhora, até outra vez. Vêr-nos-hemos em breve. Talvez tenha que voltar por dinheiro...

—O que quizeres. Não percas tempo.

—Fique descançada, senhora condessa.

Dizendo estas palavras, saudou respeitosamente e sahiu.

—Entendo, ia dizendo com os seus botões o honrado Simão. A minha protectora e o tal D. Luiz... entendo, entendo. Mas que me importa isso? O que desconfio é que tenho um bom filão a explorar.

D. Isabel ficou abysmada nos seus pensamentos, mas completamente segura de que no dia seguinte conheceria o paradouro de D. Luiz de Guevara.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XXIV

SICARD

O abbade Sicard, nascido em 1742 em Fousserets, perto de Tolosa, foi o digno successor do abbade de L'Epée, que o iniciara ao ensino dos surdos-mudos.

Sendo vigario geral da diocese de Bordeaux, o bispo mandou-o estudar em Paris aquelle methodo, e, de volta, em 1786, creou ali uma escola, que regeu até 1792, epoca em que foi chamado a Paris para tomar conta da de L'Epée, que fallecera. Obrigado a sahir de França durante as perturbações da Revolução, voltou ahi depois do 18 brumario, podendo emfim consagrar-se inteiramente aos interessantes alumnos que eram alvo dos seus cuidados.

Recebido pela Academia franceza em 1816, morreu em 1822, com oitenta annos d'idade.

Deixou varios escriptos sobre o ensino dos surdos-mudos, á educação dos quaes tinha acrescentado uteis aperfeiçoamentos.

UMA CASA NA ILHA DE SUMATRA

SUMATRA

E' Sumatra a maior das ilhas Malaias; banha-a ao norte, sul e oeste o Oceano Indico, a sudueste o estreito da Sonda e o mar de Java, a leste o mar da China e a noroeste o estreito de Malaca. Tem uma superficie de mil e seiscentos kilometros de comprimento por tresentos de largura, e uma população de seis milhões de habitantes. Os do interior, principalmente, são preguiçosos, sanguinarios, dissimulados.

Apesar porém d'estes defeitos são habeis em fabricar obras de filigrana de ouro e de prata, de muito merecimento, e o que é mais curioso é que se servem para isso d'instrumentos os mais grosseiros. Um pedaço de ferro espetado em um pau serve-lhes de bigorna, dous pregos atados pelas extremidades substituem o compasso; fundem o ouro na mesma panella em que cozem o arroz, e, em vez de folle, dous operarios sopram com força pelo interior d'uns pedaços de bambu. Com estes meios primitivos fazem obras admiraveis.

As minas d'ouro e prata seriam fontes de riqueza se fossem bem exploradas.

A Hollanda possue na ilha de Sumatra estabelecimentos muito importantes.

A ilha é atravessada pelo monte Gunang-Api, ou Ophel, cujo ponto culminante attinge quatro mil e quinhentos metros. Descem d'ali importantes correntes d'agoas, como o Siak, Indragiri, Tulany, Mussi.

O clima é saudavel. Produz assucar, café, arroz, especiarias; dão-se bem as larangeiras e bananeiras. Ha animaes de todas as especies, como elephantes, rhinocerontes, tigres, etc.

Sumatra encerra grandes riquezas mineraes: ouro, ferro, cobre, enxofre, estanho; e faz importante commercio de coral, arroz, camphora, especiarias.

Descoberta em 1508 pelo portuguez Sequeira, Sumatra foi conquistada pelos hollandezes em 1599. Os inglezes tiveram ahi um estabelecimento, que abandonaram em 1824, em troca de possessões hollandezas na India.

Esta ilha foi durante muito tempo pouco conhecida dos europeus.

SCIENCIA PARA TODOS

II

OS VEGETAES

(Continuação)

Toda a classe *Tetradinamia* é innocente. Todas as vezes que os estames saem do calice, indicam que o fructo

pulposo d'essa planta é bom e bemfeitor; as plantas papilionaceas são sãs, á excepção das sementes do raburno, que, comidas verdes, são um emetico violento e perigoso. Em geral deve haver cuidado com as plantas leitosas. As plantas ombeliferas que crescem nos sitios aridos e elevados são aromaticas, suaves e quasi sempre sãs, ao passo que as dos logares baixos e humidos são os venenos mais violentos.

Outras distincções em cada classe produzem as ordens. As distincções reconhecidas em seguida ao nectario conduziram á divisão por generos. As distincções de raizes, folhas e hastes fizeram nascer as especies e as differenças accidentaes nas especies teem o nome de variedades.

E' ao sabio botanico francez Antonio Lourenço de Jussieu que se deve o methodo mais natural de classificação do reino vegetal; é este methodo o que hoje está em voga.

Tournefort, sabio medico do seculo XVII, foi o primeiro que tentou introduzir uma classificação, tomando por base a flôr e suas diversas formas; mas era um primeiro ensaio bastante imperfeito para subsistir por muito tempo. Linneu, naturalista sueco, entrou em melhor via, classificando os vegetaes segundo os seus orgãos reproductores, e o systema sexual de Linneu foi por longo tempo o unico em uso entre os botanicos europeus, até que cedeu o logar ao methodo de Jussieu, chamado *natural*, que, fundado a um tempo na flôr, nos orgãos reproductores e nos outros orgãos essenciaes das plantas, permitte assignalar a cada um sem confusão o logar que lhe convém. A classificação de Jussieu junta todos os vegetaes conhecidos, segundo a maior analogia entre elles, de modo que é impossivel desconhecer o parentesco, aproximando uns dos outros pelo methodo natural.

As plantas dividem-se em tres ramos principaes, que formam quinze classes, cada uma das quaes é composta de certo numero de familias.

As plantas de cada familia são divididas em generos e estes em especies, e quando teem logar, as especies teem por subdivisões as variedades e sub-variedades. Além dos caracteres distinctivos da sua classe, da sua familia e do seu genero, cada planta apresenta, de maneira facil a conhecer, certo numero d'outros caracteres, que determinam a especie ou a variedade, e, além d'isso, quando as familias são muito numerosas, para prevenir toda a confusão, são repartidas em grupos, sob o nome de tribus, segundo os caracteres botanicos, para tornar as plantas da mesma tribu facilmente conhecidas.

O numero de vegetaes conhecidos e classificados é de cerca de 300:000; mas ainda ha muitos outros de que os botanicos não teem conhecimento Que memoria humana sería capaz de reter os nomes e caracteres de tantas plantas se não fosse ajudada por uma classificação racional? Eis a rasão porque a sciencia é devedora a Jussieu d'um grande serviço.

As substancias naturaes que se acham nos vegetaes são o assucar na cana do assucar, na beterraba e na cenoura: a gomma ou mucilagem que exhuda de muitas arvores; o succo que se obtem de varios fructos; a terebentina ou alcatrão do pinheiro; o amargo do lupulo e ribes-negro; o principio narcotico do leite das leitugas, etc.

(Continua) Doutor Jayme

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXXIV

DIANTE DA AFRICA

Eis-nos na terra dos negros. As difficuldades da viagem através d'uma região onde faltam todos os recursos, o clima, mortal para os europeus, a hostilidade dos indigenas, tudo isso que n'outros tempos foi grande obstaculo para os mais audaciosos exploradores, nos obrigará a demorar-nos pouco tempo n'esta parte do mundo, que estamos contemplando da margem do mar Vermelho.

O littoral é o que podemos percorrer com mais segurança: desde o seculo XV que os viajantes o exploram. O interior, pouco conhecido mesmo dos viajantes modernos, convida pouco a entrar-se n'elle.

Mas antes de nos embrenharmos n'esses sertões, consideremos de longe esta parte do mundo.

A Africa é uma peninsula que se estende por 30 milhões de kilometros quadrados e comprehende 17 regiões, encerrando quasi todas um certo numero d'estados ou colonias, a saber: ao norte, Berberia, Sahara, Egypto; ao centro Senegambia, Guiné superior, Sudão; ao sul, Guiné inferior, Zanguebar, Moçambique, Cafraria, Ovampia, Hotentotia e Cabo.

Os limites da Africa são: ao norte o estreito de Gibraltar e o Mediterraneo; a leste o canal de Suez, o mar Vermelho e o Oceano Indico; ao sul o Oceano Austral; a oeste o Atlantico.

Situada em grande parte sobre a zona torrida, a Africa soffre os ardores d'um clima abrasador e insalubre. As suas riquezas mineraes parecem consideraveis; encontra-se ahi o diamante.

A Africa apresenta o contraste de uma vegetação vigorosa nas suas regiões banhadas e desertos espantosos nas partes aridas. O reino animal é variadissimo: ha o leão, panthera, chacal, cavallo, camello, diversas especies de macacos, o abestruz, a aguia, o abutre, etc. Commercio de ouro em pó, marfim, anil, coral, etc.

Desde a abertura do isthmo de Suez a Africa está cercada de mar. Os cabos são numerosos: os mais importantes são: Bom, Ceuta, Não, Bojador, Branco, Verde, das Palmas, Negro, Frio, da Boa Esperança, Delgado, Guardafui. No interior conhecem-se diversas cadeias de montanhas, como o Atlas, na Berberia, Congo, ao norte da Guiné, Nieuweveld, no Cabo, Lupata, em Moçambique, e montes da Lua, ao noroeste de Zanguebar.

Os rios principaes são: o Nilo, no Egypto, Senegal e Gambia, na Senegambia, Niger, na Guiné septentrional, Zaire, ao norte do Congo, Quanza, em Angola, Cunene, ao sul de Benguella, Orange, a noroeste do Cabo, Limpopo e Zambeze, em Moçambique, Djuba, ao norte de Zanguebar. Os lagos principaes são: Tanganika, Victoria e Alberto, a oeste de Zaguebar, Tchad, Dembeah, Nyassi e Ngami.

Cerca a Africa um grande numero d'ilhas, sendo as mais importantes: no Atlantico, o archipelago das Canarias e de Cabo Verde, Bijagoz, Fernando Pó, S. Thomé e Principe, Ascenção, Santa Helena; no mar das Indias, Madagascar, Reunião (ou Bourbon), Mauricia (ou ilha de França), Comores, Seychelles, Zanzibar e Socotorá.

Ainda não dissemos nada da população da Africa.

O pouco que se sabe do seu interior só permitte dar uma cifra approximativa. Ha quem a compute em 200 milhões d'habitantes.

As populações africanas compõem-se de muitas variedades da raça humana, entre as quaes se contam os negros, que, predestinados á escravidão, teem sido enviados em grande numero para as colonias europeias. Os hottentotes e cafres habitam ao sul, os negros a sudueste, a raça caucasica encontra-se na Abyssinia e os cophtas e fellahs no Egypto.

Quanto á religião, não tem forma bem definida na maior parte das regiões: fetichismo grosseiro, christianismo corrompido e falso e mahometismo idolatra, eis pouco mais ou menos os tons das seitas religiosas que dominam entre aquellas tribus, que, afastadas de todo o contacto com a Europa, estão ainda sepultadas, e para muito tempo, na barbarie mais profunda.

A civilisação só tem penetrado um pouco nas costas da Africa; o interior permanece tal como era ha mais de quinhentos annos

Foi só no seculo XVIII que principiou a saber-se alguma cousa com certeza do interior da Africa. A expedição franceza, commandada por Bonaparte, e as indagações de innumeros viajantes, abriram o campo ás explorações e é de crer que não venha longe a epoca em

que a Africa não terá segredos para a sciencia.

(Continua)

A SOCIEDADE DOS TRES

—

III

O LAGARTO

(Continuação)

Voltemos a casa de Tiburcio.

Suzanna, depois de pronunciar aquellas palavras:— As deseseis libras é que não são dignas de si!— levantou-se e ia a encaminhar-se para a porta do seu quarto, quando Tiburcio soltou aquella exclamação que dissemos faria morrer com riso a mulher, se a ocasião fosse para rir.

Suzanna voltou-se e disse com um ar de dignidade, que contrastava singularmente com o comico da situação:

—Está bem. Não fallemos mais de similhante cousa. Eu é que fui uma louca em pensar que o senhor era capaz de ter um dia um rasgo. Oh! E' assim como são todos os homens: sovinas para com as mulheres legitimas e mãos largas para com as amantes!

Tiburcio correu atraz d'ella, de mãos postas.

—Meu anjo, disse elle, pois acreditas que eu?...

—Basta. Demos este incidente por acabado, e permitta-me que eu me recolha por um momento ao meu quarto.

—Até logo, Suzanninha. Deixa estar que ainda hasde fazer justiça ás minhas intenções. Bem sabes que te amo tanto!...

E quando Suzanna ia a transpor o limiar da porta, Tiburcio atirou-lhe com um beijo ardente.

Quando ficou só, atirou-se para cima d'uma cadeira e exclamou:

—Os homens são uns sovinas para com as mulheres legitimas e uns mãos largas para com as amantes. Foi isto o que ella disse. Oh! Dar-se-ha o caso de que saiba que eu faço a côrte a Mademoiselle Cabriola, primeira bailarina do Circo Olympico do palacio de crystal?... Esta agora é que é d'embarrilar um homem Não me faltava mais nada senão que ella o soubesse. Então é que para obter o meu perdão não bastariam quantos lagartos ha no mundo.

E o pobre diabo poz-se a passeiar na sala, vivamente agitado.

—E tudo isto, proseguiu, por causa de pôr escriptos na casa, por atirar uma pouca d'agoa sobre aquelle sujeito!

Dizendo estas palavras aproximou-se machinalmente da mesa sobre a qual estava a carteira que Marmolilho tinha deixado e estacou.

—Que é isto?

Pegou na carteira e examinou-a detidamente. Encontrou-lhe alguns papeis sem importancia e acabou por metel-a no bolso, dizendo:

—Bem. Alguem te reclamará!

A bengala que Tiberio deixara sobre uma cadeira, fingindo esquecimento, não tardou igualmente a dar-lhe na vista.

—Isto agora é de mais, disse.

E agarrando na bengala, atirou-a pela janella fóra.

Em seguida parou e bateu na testa.

—Nada. Aqui ha o quer que seja de extraordinario. Fingirei que saio e vou pôr-me de alcateia. E' um recurso muito usado, mas sempre novo.

E sahiu, ou fingiu sahir.

IV

UMA IDEIA PRODIGIOSA

Não se tinha passado muito tempo quando a porta do fundo se abriu muito de mansinho e uma cabeça assomou por ella, observando cuidadosamente se alguem estava na sala. Depois de se certificar de que ninguem o via, Tiberio, pois era elle, adiantou-se em bicos de pés, e aproximando-se d'uma mesinha que estava junto á porta que dava entrada para o quarto de Suzanna, tirou do bolso uma caixinha forrada de veludo carmesim e pousou-a sobre a mesinha, dizendo ao mesmo tempo:

—Grande ideia a nossa! Salvé, Sociedade dos Tres, que te inauguras por um golpe de mestre como este! A ideia é prodigiosa. Visitando as casas com escriptos, surprehendem-se segredos interessantes, descobrem-se filões inexgotaveis! Oh! Interessantissima Suzanna! Eu realisarei os teus desejos! Tranquilisa-te, bella Danae! Um pequeno Jupiter acode a satisfazer os teus caprichos!

Como n'este momento se ouvisse um arruido de passos proseguiu:

—Alguem chega. E' ella talvez. E' Danae. Jupiter, encobre-te na nuvem!

E Tiberio foi esconder-se atraz d'um sofá.

De facto era Suzanna que chegava.

Vinha mais bella do que nunca. Tinha mudado de vestido e ostentava agora um trajo muito mais simples, mas que a tornava muito mais encantadora.

O primeiro impeto de Tiberio foi cahir-lhe aos pés e confessar-lhe que a amava. Cont ve-se porém vendo que Suzanna, como por encanto, se aproximou da mesa e encontrou immediatamente a caixinha forrada de veludo carmesim.

—Já a viu! disse de si para si Tiberio.

—O que é isto?!... exclamou assombrada Suzanna.

Mas o seu assombro cresceu de ponto quando, abrindo a caixinha, encontrou a pulseira representando um lagarto, todo coberto d'esmeraldas.

—Como veiu isto aqui parar?

—Deslisando-se como um reptil, disse Tiberio do seu esconderijo.

—Não é possivel que meu marido... tornou Suzanna. Mas então, se não foi elle, quem seria que?...

(Continua)

O LAR

—

Abençoado sejas tu, oh lar da familia, sacrario de todas as dôres e cofre de todas as alegrias!

Como eu te amo! Como te aprecio quando muitas vezes, cansado das fadigas do dia, venho achar repouso em ti!

Como então é bom termos uma companheira fiel, uma mãe, uma irmã, a quem contemos os nossos trabalhos, os fructos d'elles, a quem, confiemos os nossos projectos, e a quem, sem receio do escarneo do estranho, relatemos até as cousas mais pueris e futeis!...

Oh! o lar!

O lar tem consolações e mimos!...

E quando adoecemos?

Então é que, mais do que nunca, se avalia o lar da familia; quando nos estorcemos no leito da dôr, vendo ao nosso lado um ente querido, quando vemos que esse ente compartilha da nossa dôr, que soffre a par do nosso soffrer, oh então, abençoamos a Providencia, que nos deu o lar da familia!

Oh! o lar!

O lar tem consolações e mimos!...

A's vezes, uma ligeira nuvem vem por momentos perturbar a tranquilidade do lar; mas essa nuvem depressa desapparece, deixando outra vez limpo o nosso ceo.

E quando a desgraça nos vem ferir, oh quanto é doce haver um regaço de mulher, onde se desafogue o nosso soffrimento!...

E quando a ventura nos sorri, então os nossos partilham d'esse sorriso, ás vezes bem escaço, e nós bem dizemos ainda a Providencia, que nos deu o lar da familia, sacrario de todas as dôres e cofre de todas as alegrias.

Virgilio Abreu

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

—

CONQUISTA DE TAVIRA

Achava-se Tavira em poder dos mouros pelos annos de 1242. O Algarve estava dividido entre christãos e infieis, e sem deixarem de combater-se uns aos outros, estavam nos principios de junho em tregoas por alguns dias.

Sahiram do nosso campo seis cavalleiros a montear por distracção perto da cidade, o que visto dos mouros, tomaram o caso por affronta e correu immediatamente sobre elles uma nuvem de in-

fieis, que os apertou no alto d'uma imminencia, onde os esforçados cavalleiros se defendiam com todo o denodo da sua desesperada situação.

Quiz o acaso que por ali perto passasse um mercador rico, de nome Garcia Rodrigues, com algumas cargas, e sabendo o que se passava, deixou-as entregues aos criados e voou em soccorro dos portuguezes.

Durou o combate muitas horas, até que, não podendo fazer face ao grande numero d'inimigos, os sete christãos ficaram crivados de feridas, exhalando o ultimo suspiro depois de fazerem grande estrago nos mouros.

A morte porém d'estes bravos foi brilhantemente vingada. Avisado o mestre de Santiago D. Payo Peres Correa, que perto se achava, appareceu immediatamente com um troço de tropas; e informado da inutilidade do soccorro por os sete cavalleiros estarem mortos, voltou a sua sanha contra a cidade de Tavira, onde ainda não haviam recolhido os mouros, e entrando n'ella valorosamente, vencidos quantos obstaculos encontrou, a conquistou para Portugal.

Teve logar este brilhante feito d'armas no dia 11 de junho de 1242.

BENARÉS

A cerca de seiscentos kilometros de Calcutá, é a cidade de Benarés uma das maiores e mais florescentes da India ingleza, na presidencia de Pendjab. E' a capital da provincia e districto do mesmo nome e tem seiscentos e trinta mil habitantes.

O que a torna mais notavel são os numerosos pagodes, ou templos indus, cuja architectura elegante e riqueza de ornamentação surprehendem o viajante europeu. Ha-os cujas paredes são d'ouro massisso e as torres de crystal purissimo, esmaltado de côres brilhantes. O mais celebre de todos os pagodes é o chamado Vishvaiska.

As mesquitas são tresentas e trinta, e entre ellas nota-se a de Aureng-Zeb, imperador do Mogol. Benarés tem um observatorio muito curioso, construido pelo rajah Jehsingh antes da conquista musulmana. A torre está coroada por um enorme quadrante solar, cujo indicador tem sete metros de altura. A universidade é a sede principal da litteratura brahmanica e metropole ecclesiastica da India.

UM PAGODE EM BENARÉS

Possue Benarés numerosas fabricas de seda, de algodões finos, fazendas bordadas a ouro e prata. Exporta para toda a India riquissimos turbantes de veludo bordado; joias e objectos d'ourivesaria, brinquedos de creanças, chales, musselinas finas, pedras preciosas, diamantes da India meridional.

Benarés foi cedida aos inglezes em 1775 pelo nababo de Aoude.

O districto de Benarés tem uma superficie de doze mil kilometros quadrados e tres milhões de habitantes. Esta parte da India é a que se acha mais florescente. Pertencia outr'ora á provincia de Allahabad.

ZIG-ZAGS

ANTIGUIDADE DO FERRO

Parece averiguado que o ouro, a prata, o cobre e o estanho foram os primeiros metaes empregados para a construcção dos objectos de luxo e de utensilios e machinas industriaes e guerreiras. Hesiodo affirma em termos muito explicitos que em eras remotas se empregava o cobre para lavrar a terra e explorar as minas, não sendo ainda conhecido o ferro; e esta opinião é confirmada pela descoberta de instrumentos de cobre nas minas da Siberia e da Nubia, abandonadas ha milhares de annos.

Quando os portuguezes descobriram o Brazil, os indigenas ainda se serviam de foucinhos e anzoes de ouro, e o mesmo succedeu em S. Domingos e no Mexico, quando os hespanhoes conquistaram estes paizes. As armas de todos estes povos eram formadas de uma liga de cobre e de estanho.

Na Dinamarca tem-se encontrado em muitos mausoleus scandinavos facas, espadas, punhaes, machados, martellos, e outros instrumentos de cobre. Tambem se tem achado alguns utensilios de ouro, tendo apenas uma pequena porção de ferro na ponta ou no gume. Tudo isto demonstra que o ferro não é muito antigo.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

PORTO: 1881—Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos, 74.

II ANNO PREÇO 20 REIS NUMERO 42

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 16 DE JUNHO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, por um anno, moed forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados

SUMMARIO

Texto: — A ilha dos Cangurus — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: Os vegetaes, por doutor Jayme — Amar é viver (poesia) por Ernesto — A caça — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Egypto — As religiões no Japão — A sociedade dos tres (romance) — De noute (poesia) por Antonio da Cunha — A medicina portugueza no seculo XVII (excerpto) por Camillo Castello Branco — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — O golfo de Napoles — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — A ilha dos Cangurus — Luqsor — Idolos Japonezes — O golfo de Napoles.

A ILHA DOS CANGURUS

Está situada na costa sul da Nova Hollanda, onde forma o golfo de S. Vicente, a ilha dos Cangurus, que é uma das da Australia. Tem de comprimento cento e quarenta kilometros e trinta de largura.

A ILHA DOS CANGURUS

Esta ilha foi descoberta em 1802 pelo viajante Flinders, que lhe deu o nome por que é conhecida em rasão dos numerosos bandos de cangurus, que a tripulação dos seus navios matou. O almirante Baudin visitou-a em 1803.

O canguru é um animal roedor, da ordem dos marsupiaes frugivoros, isto é, que se nutre de fructas, e vive em tocas que cava na terra. E' pesado e desgracioso; tem as formas do arganaz e o tamanho do teixugo.

Os membros de trás muito mais longos do que os da frente, permittem-lhe dar saltos enormes, que o vigor da cauda favorece. O naturalista Geoffroy Saint-Hilaire comparou ao papel d'um membro suplementar o officio d'essa cauda, que lhe serve de ponto d'apoio quando anda e contrapeso quando corre.

O canguru gigante, descoberto por Cook em 1779 na Nova Hollanda, vive e reproduz-se na Europa. Chega a dous metros d'altura.

São muitas as especies conhecidas de cangurus, que são animaes extremamente doceis. Uma unha larga, que envol-

ve a extremidade do seu dedo mediano posterior á maneira de sócco, é para elles um orgão de defeza.

Os zoologistas que se occupam hoje com tanto successo da acclimação dos animaes estrangeiros são concordes em esperar que o canguru, como o phascolome, se tornarão uma caça tão util como o coelho. O grande canguru pesa de cem a cento e cincoenta kilogrammas.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XVIII

(Continuação)

—O mundo, proseguiu Adelina com emphase, que não concebe que, em meio da opulencia, exista uma mulher tão infeliz que de bom grado trocaria as alfaias riquissimas que a rodeiam e o sumptuoso palacio que habita pela humilde choça dos campos com seu modesto tecto de colmo; o mundo que não comprehende como uma mulher nobre, joven e rica inveja a existencia pobre mas feliz d'essas singellas raparigas do povo, que todos os dias, ahi pelas aldeias, encontramos com o sorriso expansivo nos labios; esse mundo torpe que só sabe julgar pelas apparencias, riria se me ouvisse dizer que de boa vontade daria o meu ouro, os meus vestidos, o meu palacio, por um pouco de socego, por uma parcella da felicidade, que disfructam essas ditosas creaturas! E eu sería apontada como louca e condemnar-me-hiam, porque o fétiche a que a sociedade actual rende culto é o ouro, e o mundo escarnece de todos os espiritos que, a esse idolo, antepõem um ideal sublime, o amor! Mas eu, que apesar de haver nascido no meio d'esta sociedade torpe e egoista, não me sinto ainda eivada da lepra que a corrompe; eu que fui indignamente sacrificada a uma ambição que nada justifica; porque heide, condemnando a hypocrisia da geração actual, deixar de ser franca? Porque heide deixar de dizer, ao unico homem capaz de me comprehender, um segredo que me tortura, que me asphyxia a alma?

Jorge, como que suspenso dos labios da brazileira, escutava-a immerso no mais religioso silencio.

Adelina proseguiu:

—Snr. Jorge, amo-o!...

Posto que o mancebo já tivesse adivinhado os sentimentos de Adelina, aquellas palavras produziram n'elle uma profunda impressão, que o fizeram cahir de joelhos aos pés da brazileira, como se o prostrara um violento choque electrico.

—Minha senhora! exclamou o moço, apertando inconscientemente as mãos de Adelina.

N'aquelle momento abriu-se estrepitosamente uma das portas da sala e a figura pallida e ameaçadora de Francisco d'Almeida appareceu no limiar.

—Infamia! deshonra! bradou com voz terrivel o desventurado.

A'quella inopinada apparição, Adelina desmaiou nos braços de Jorge, que se ergueu aterrado.

—Meu Deus! exclamou o mancebo allucinado.

Francisco d'Almeida avançou com ar solemne para o meio da sala, bradando com voz de stentor:

—Saia da minha presença. Deixe essa desgraçada. Eu lhe prestarei os soccorros necessarios.

E apontou para uma das portas.

Jorge hesitava em deixar a infeliz senhora entregue á colera do marido.

Este comprehendeu-o e proseguiu:

—Já lhe disse. Saia da minha presença. Nada receie pela sorte de sua...

Ia por certo proferir uma palavra vergonhosa; mas conteve-se.

O mancebo, menos receioso já, depoz aquelle corpo gentil e inanimado sobre o camapé, e, avergado ao peso da dôr, sahiu com o semblante triste do condemnado que deixa a sala do tribunal, para subir as escadas do patibulo.

Era angustioso o estado da sua alma. Não soffria tanto por si, como por aquelle desditoso anjo condemnado fatalmente a uma perpetua desventura.

XIX

Eis ahi tres infelizes, cujas dores não differiriam muito de intensidade, posto que a sensibilidade não fosse em todos elles no mesmo grau. Isolados uns dos outros, davam livre curso á torrente impetuosa da sua desventura.

Quando Adelina voltou a si, achou-se deitada no seu leito. A' tibia luz de uma lamparina, uma criada velava á sua cabeceira.

O estado psychologico da desventurada não era facil de definir. Recopilando mentalmente os acontecimentos occorridos, a desolação que sentia ao recordar o passado, martyrisava-a menos do que o horror que experimentava ao pensar no porvir! Se a narração que fizera das suas desventuras lhe aprofundara os vestigios das passadas dores, aggravando-lhe feridas que o tempo já tinha, por ventura, meio cicatrisadas; o inesperado apparecimento de seu marido no momento em que um outro homem se achava prostrado a seus pés, denunciava-lhe a existencia d'um abysmo, cujas fauces hiantes eternamente a separariam d'aquelle a quem jurara inquebrantavel fidelidade á face dos altares. Depois de tão violentos e repetidos embates, em que sua alma andara agitada como o fragil batel em meio dos escarceos, uma febre intensa viera prostral-a, roubando-lhe a natural energia.

O mancebo, pela sua parte, era presa de horriveis apprehensões. Participava do soffrimento de Adelina, porque se interessava por ella, e, ao mesmo tempo, sentia como que o desvanecer d'uma illusão bem querida, o despertar d'um bello sonho, ao recordar-se da historia de Laura de Menezes. Evidentemente, a mulher que elle amara e amava ainda, era a heroina do romance que a brazileira lhe contara.

Todavia, como a fascinação que a actriz exercera sobre elle, fôra grande, Jorge esforçava-se por desterrar a idea de que a sua amante e a aventureira de que lhe fallara Adelina fossem a mesma pessoa, e, apesar da identidade de nome, de profissão, de genio e de belleza, o mancebo inclinava-se á hypothese pouco provavel de que se dava a coincidencia de existirem duas creaturas n'aquellas condições, por onde se vê que é bem certo o adagio— *quod volumus, facile credimus*.

(Continua) Alberto Carlos

SCIENCIA PARA TODOS

II

OS VEGETAES

(Continuação)

Os vegetaes mais preciosos para o homem são os que produzem abundantemente, como o trigo, a batata, o milho, a cevada, a fava, etc. O oleo provém da semente de certos vegetaes, como a oliveira, o linho, a amendoeira, etc. Os oleos volateis são destilados da hortelã e da alfazema; as abelhas colhem a cera em todas as flores.

As resinas exhudam como a gomma do pinheiro e d'outras arvores; taes são o balsamo, os vernizes, o pez, etc.

A essa classe pertence tambem a gomma-gutta que exhuda de certas arvores da America do sul.

O ferro mistura-se com as substancias de bastantes vegetaes e produz a belleza das suas côres. A potassa extrae-se das cinzas dos vegetaes, como os fetos, as cepas, etc.

As classes monœcia e diœcia que teem pistilos e estames nas differentes flores e nas differentes plantas são fructificadas pelas abelhas e outros insectos que se introduzem nas corolas para extrahir o nectar. O pollen n'estas flores que não teem estames, cae sobre os seus corpos; é transportado ás flores que só teem pistilos, e convem observar como uma prova da sabedoria divina que, quando o pistilo é mais curto do que o estame, as flores crescem direitas para que o pollen possa cahir das antenas do estame sobre os estigmas dos pistilos; mas quando o pistilo é mais comprido do que o estame, a flor inclina-se de lado para que o pollen ao cahir possa ser regularmente recolhido.

Os principios chimicos ou elementares dos vegetaes são: o carbone, a agoa e o ar; 100 partes d'agoa são formadas de 15 de hydrogenio e 85 d'oxygenio; 100 partes d'ar atmospherico são formadas de 72 d'azote e 28 d'oxygenio.

Uma pouca de madeira queimada em um vaso bem tapado até á perda total do seu sabor e do seu cheiro, dará a base da materia vegetal chamada carvão ou *carbone* no seu estado puro. E' a substancia mais indestructivel da natureza. O diamante é carbone chimicamente puro.

A agoa é composta de dous gazes, um inflammável ou luminoso chamado hydrogenio; o outro vital chamado oxygenio. Pode-se fazer agoa por meio da sua combinação, ou, em outros termos, pode-se decompor a agoa em dous principios. E' a reunião dos dous que forma o ar salubre que nós respiramos.

Os vegetaes, do mesmo modo que os animaes, devem a sua energia vital á acção dos elementos atmosphericos, que se assimilam ás suas substancias e tornam-se partes integrantes d'ella.

Os vegetaes produzem ou exhalam oxygenio ou ar vital durante o dia por um processo natural que lhes é proprio.

O ar ou o gaz que é respirado pelos animaes fica privado da maior parte do seu oxygenio e não pode já entreter a vida. Da mesma maneira um corpo ao queimar-se priva o ar da maior parte do seu oxygenio e a chamma extingue-se em um ar privado d'oxygenio; mas mergulhando ahi os vegetaes, elle adquire de novo as condicções necessarias á vida animal.

As folhas dos vegetaes exhalam oxygenio durante o dia na proporção necessaria á vida animal; as folhas das plantas aquaticas e herbaceas dão-o em maior quantidade.

As producções succarinas e oleosas dos vegetaes são partes da sua seiva ou succo; mas o terebintho, os principios acidulados, são considerados como os effeitos da secreção.

As côres verdes dos vegetaes provém do oleo que encerram; os raios do sol extrahem o oxygenio da superficie exterior e deixam em liberdade o carbone e o hydrogenio que se sabe ser a parte constituinte do oleo.

Os vegetaes deixam transpirar cada vinte e quatro horas, pela parte inferior das suas folhas, uma quantidade d'agoa igual á terça parte do seu peso; é tambem pela mesma via que exalam o oxygenio. Não é á materia do solo onde nascem que devem principalmente a sua substancia, mas á acção especial das suas propriedades particulares, e exteriormente á do ar, da agoa e dos gazes combinados com esses dous agentes. E' d'ahi que provém todas as destincções que se notam no seu sabor, cheiro e substancia.

(Continua) Doutor Jayme

AMAR É VIVER

Era no templo! Pela nave augusta
Soava magestosa a voz do orgão,
Cantando hymnos a Deus, sagrada musica,
Com que, d'envolta, para o ceo se elevam
Do contricto christão piedosas preces!...

Eu estava de pé! Altivo e frio,
Vinha o sorriso descerrar-me os labios,
Ao ver a turba immensa ajoelhar-se
Ante um homem na cruz! Seguindo o impulso
Do seculo fallaz, cria-me sceptico,
E ostentava uma impia irreverencia
Pela imagem de Christo... Estulta gloria!...

E vi-te então, oh bella! E n'esse instante
Senti rasgar-se o veo d'essa descrença,
Que no peito julguei pesasse eterna!...
E vi-te e ajoelhei... Confessei n'alma
Esse Deus, que suppunha um sonho outr'ora,
Que só um Deus podera em um só ente
Reunir tantas graças; tão perfeito
Mandal-o á terra, para dar aos homens
Da existencia dos anjos testemunho!...

E vi-te, e qual centelha refulgente,
Instantanea paixão me ardeu no peito!
Ver-te, como eu te vi, ajoelhada,
Pendida a fronte sobre o livro santo,
Onde buscavas expressões bastantes
Para elevar a Deus o hymno mystico,
Que o teu anjo da guarda te inspirava,
Ver-te assim, como eu vi, é dar-te a vida,
E' dar-te o coração... morrer de amores!...

E vi-te, e amei-te! E' minha dita amar-te,
Embora meu amor te não declare!
Só o pensar em ti, trazer-te a imagem
Gravada em fundos, indeleveis traços
No intimo do peito, essa ventura,
Para mim sem igual, só hoje a goso.

O amor é dom de Deus. Quem nunca amasse
Passaria na terra, sem ter n'ella
Completado a existencia... O amor é vida!
Não vivemos senão quando encontramos
A parte de nossa alma que nos falta.
Foi em ti que eu a achei... Que importa agora
Que tu m'a negues? que não queiras dar-ma,
Se eu tinha de t'a dar se ainda a tivesse?

Amo-te! E meu amor, que nem suspeitas,
Viverá só de si... Talvez que nunca
Tu saibas que entre a multidão ociosa
Dos que te cercam para ver sómente
Em ti formosa estatua, haja um mancebo,
Que vae buscar um dia de ventura
No olhar que em torno desdenhosa lanças,
Sem que n'elle se fixe um curto instante!...

Em mim não pensas, bem o sei; nem mesmo
Sabes que existo; mas que importa? Eu amo-te!
Despede acaso o sol fulgentes raios
Afim de illuminar sómente um globo?
Brilha só para mim no firmamento
Oh! não... e eu amo o sol, que me allumia!...

Amo-te, virgem! Para mim um culto
Será o nome teu! Sempre bemdito
O dia chamarei em que no templo
Te vi orando ajoelhada e triste!...

Ernesto

A CAÇA

Antes de se darem á cultura das terras e de terem moradas fixas, os homens foram pastores e caçadores, porque em todos os tempos conheceram a superioridade que a intelligencia lhes dá sobre os animaes, ainda os mais terriveis. Obrigados a defender-se dos animaes ferozes, acabaram por atacal-os a seu turno, e, desde então, transformou-se em um praser o que ao principio fôra uma necessidade. Nemrod foi o primeiro grande caçador conhecido.

Este Nemrod foi nada menos que o que fundou Babylonia á beira do Euphrates e junto da torre de Babel. A Escriptura Sagrada diz que era grande caçador diante de Deus. Depois de ter feito a guerra ás feras, fel-a aos homens, subjugando a terra de Sennaar e fundando o mais antigo reino da Asia. O seu povo adorou-o como se fosse um deus sob o nome Belus ou Baal. Viveu mais de dous mil annos antes de Christo.

Apontado o que diz a historia com relação ao primeiro caçador celebre, é de rasão mencionar igualmente o que a mythologia apresenta com relação a Diana, deusa da caça. Porque a mythologia, que dava deuses a tudo, não podia deixar de dar tambem um deus á caça, e deu-lhe uma deusa naturalmente para mais a honrar.

A deusa da caça era, como dissemos, Diana, filha de Jupiter e de Latona, e irmã de Appollo. A fabula chamava-lhe Phebea, ou Lua no ceo, Diana na terra e Hecate nos infernos. Representava-se usualmente sobre um carro d'ouro, puchado por corças, armada d'arco e aljava, vestida com roupas côr de purpura, apanhadas até ao joelho, e com um crescente na testa. Além de deusa da caça era tambem considerada deusa da castidade. Transformou em veado o caçador Acteon porque teve a indiscripção de olhar para ella quando ella se banhava em uma fonte. Entretanto a sua castidade symbolica não deixou de succumbir diante dos encantos de Endymião. Diana tinha um templo magnifico em Epheso; Erostrato queimou-o para immortalisar o seu nome.

Voltemos á historia, deixando em paz a fabula.

Os povos antigos, a quem a flecha e o dardo não permittiam a perseguição tenaz d'uma caça rapida, tinham cães para forçar o animal, e não podiam combater senão de perto quando a matilha fazia bem o seu dever.

Na idade media a caça ao falcão era um dos praseres mais estimados dos grandes senhores e das damas de alto cothurno, e os nossos leitores hão de ter visto muitos retratos de castelãs empunhando um falcão. Esta ave era tida em tal veneração, que as penas mais severas foram formuladas para a salvaguardar de todo o perigo.

Na côrte dos reis de França era estimadissima a falcoaria, que se tornou uma arte. João o Bom achava n'essa qualidade de caça tal attractivo, que mesmo durante o seu captiveiro em Inglaterra fez escrever um tratado em ver-

so sobre a falcoaria para servir á instrucção de seu filho.

Foi na idade media, como dissemos, que a falcoaria teve o seu maior grao de esplendor. Não havia senhor que não tivesse a sua falcoaria e o seu falcoeiro. Francisco I, de França, gastava sommas immensas com tal divertimento. A sua falcoaria constava de tresentas aves. Intitulava-se grande falcoeiro o official encarregado de vigiar a falcoaria: tinha sob as suas ordens cincoenta fidalgos e outros tantos ajudantes. Nas caçadas competia-lhe apresentar o falcão ao rei; tinha o direito de caçar em todo o reino; nenhum falcão podia ser vendido sem que lhe fosse primeiro apresentado para elle o comprar convindo-lhe.

Na Allemanha a caça ao falcão não estava menos em voga do que em França. Conta-se que o imperador Frederico II era tão apaixonado por aquelle genero de caça, que se dava a ella mesmo diante do inimigo. Ainda hoje, se a Europa renunciou á caça ao falcão, o Oriente, mais estacionado nos seus gostos, conserva esse uso. Os persas sabem muito bem adestrar esse animal impetuoso.

Convem explicar como se fazia esta qualidade de caça.

O caçador ia a cavallo e levava na mão direita o falcão até o sitio mais conveniente. Chegado ahi, tirava ao falcão a especie de chapeo que o cobria e a ave partia immediatamente. Depois de subir a uma altura prodigiosa, precipitava-se sobre a caça que avistava e voltava depois collocar-se sobre o braço do caçador. Este não tinha mais do que ir recolher a caça.

A Allemanha, coberta outr'ora de extensas florestas, tinha vastas associações de caçadores que fallavam uma linguagem especial e usavam entre si de iniciações mysteriosas; tinham igualmente as suas côres e os numeros symbolicos 3 e 7. D'um extremo ao outro do paiz um caçador podia, por meio de signaes analogos aos dos fran-mações, encontrar soccorro e protecção. As balladas allemãs, tão numerosas, indicam que era sobretudo os animaes ferozes que elles preseguiam. Os germanos chamavam á caça o mysterio dos bosques e das ribeiras.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXV
O EGYPTO

Foi em 1869 que se abriu em Suez o famoso canal que, fazendo communicar o Mediterraneo com o mar Vermelho, encurtou oito mil kilometros a viagem da Europa ás Indias. Este canal, acompanhado em todo o percurso por um caminho de ferro, tem 162 kilometros de extensão, 60 a 100 metros de largura e 8 a 9 metros de profundidade. A sua travessia dura 13 a 14 horas.

O Egypto tem por limites ao norte o Mediterraneo, a leste o mar Vermelho e o canal de Suez, ao sul a Nubia, a oeste o deserto. Occupa uma superficie de 550:000 kilometros quadrados e tem uma população de 5 milhões de habitantes.

O valle do Nilo, ou baixo Egypto, deve a sua fecundidade ás cheias periodicas d'aquelle rio, que, ao entrar no leito, no equinoxio de setembro, deixa as terras cobertas d'um limo fertilisador. O resto do Egypto é um deserto arido, á excepção d'alguns oasis, que quebram a esterilidade: o pequeno Oasis, o oasis Dakel, o grande Oasis e o oasis de Syouah, que corresponde ao antigo oasis Ammom, famoso na antiguidade pelo seu templo de Jupiter.

O Egypto está quasi circunscripto ao valle do Nilo; é só ali que ha cidades e

LUQSOR

ali tambem se passaram todos os successos importantes da sua historia. A oeste e leste d'este valle demoram os desertos, as montanhas estereis e deshabitadas. O Egypto está collocado no centro exactamente do antigo continente e no ponto de juncção da Europa, da Asia e da Africa. Assim quasi todos os grandes acontecimentos do globo tiveram ahi influencia ainda quando esse paiz não fosse o theatro. A primeira nação civilisada de que falla a historia foi o Egypto. Tinha um governo, monumentos, uma legislação antes ainda que a Europa tivesse habitantes.

O clima é muito quente e o ar secco; as chuvas são raras. Só a decima parte do paiz está povoada e é productiva. Produz trigo, algodão, amoreiras e milho. Poucos metaes; mas bellos marmores e porphydo nas montanhas. Os animaes indigenas são: o buffalo, o crocodillo e o icheneumon seu inimigo, o leão, o hyppopotamo, a hyena, o chacal e sobretudo o burro e o camello.

O Egypto é nominativamente uma dependencia da Turquia; mas o vice-rei (khediva) que o governa, é realmente um soberano independente e hereditario. Divide-se o reino em 25 provincias, com o Cairo por capital.

O Cairo é uma cidade de 300:000 habitantes, notavel pela sua cidadella, as suas mesquitas, que são mais de 400, as suas escolas. As casas são mal construidas. O porto está situado em Boulak, onde ha uma escola d'engenharia e estaleiro de construcção para a marinha. E' digno de ver-se o palacio do vicerei á beira do Nilo.

Cidades principaes: Alexandria, com 170:000 habitantes, estação dos vapores-

correios francezes; commercio do Egypto, Arabia, Nubia e Abyssinia; edificada sobre as ruinas da antiga Alexandria, destruida pelo kalifa Omar, que incendiou a bibliotheca reunida pelos Ptolomeus; Damietta (30:000 h.), na foz oriental do Nilo; cidade tomada em 1249 por S. Luiz, que a entregou pelo seu resgate; Rosetta (15:000 h.), na foz occidental do Nilo; arrabaldes deliciosos; Suez (5:000 h.), cidade mal construida, sem agoa nem vegetação; Porto-Said, á entrada do canal de Suez. Mencionemos Aboukir, onde a armada franceza foi derrotada por Nelson em 1798; Bonaparte destruiu ahi os turcos em 1799; Karmak, aldeia que occupa o terreno onde esteve Thebas, a cidade das cem portas; Denderak e o seu templo; Luqsor, onde se veem as ruinas d'um antigo palacio de Amenophis Memnon e cujo obelisco adorna a praça da Concordia em Paris.

Temos diante de nós as famosas pyramides de Cheops, Chephrem, Mycerus, todas elevadas e muito largas na base. Foi junto d'esses monumentos, que serviam de tumulo ás mumias e animaes sagrados, que Bonaparte disse ao exercito francez:

—Do alto d'essas pyramides quarenta seculos vos contemplam!

O monumento mais curioso do reinado dos Pharaós era o lago Mœris, destinado a avisar da insufficiencia ou excesso das cheias do Nilo. Junto d'esse lago, cavado pelas mãos dos homens, estava situado o labyrintho descripto por Homero.

Hoje as cheias do Nilo tem uma marca mais exacta: é o Nilometro, que é uma columna dividida em covados e meios covados, que as agoas vão cobrindo á medida que sobem.

Os antigos diziam: «O Egypto é um presente do Nilo.» Celebravam uma festa em honra d'este rio, sacrificando-lhe touros negros, e espalhando sobre suas ondas empoladas flores de loto. Até as mães eram tão credulas nas virtudes divinas d'aquellas agoas, que mergulhavam n'ellas os filhos.

O Nilo tinha um templo admiravel em Nicopolis, onde se via representado, em marmore negro, sob as feições d'um deus poderoso, apoiado sobre uma sphynx e coroado d'espigas e louros. Os arabes e egypcios ainda hoje teem um grande respeito, e até um culto, por aquelle rio, que denominam santo, sagrado, abençoado.

(Continua)

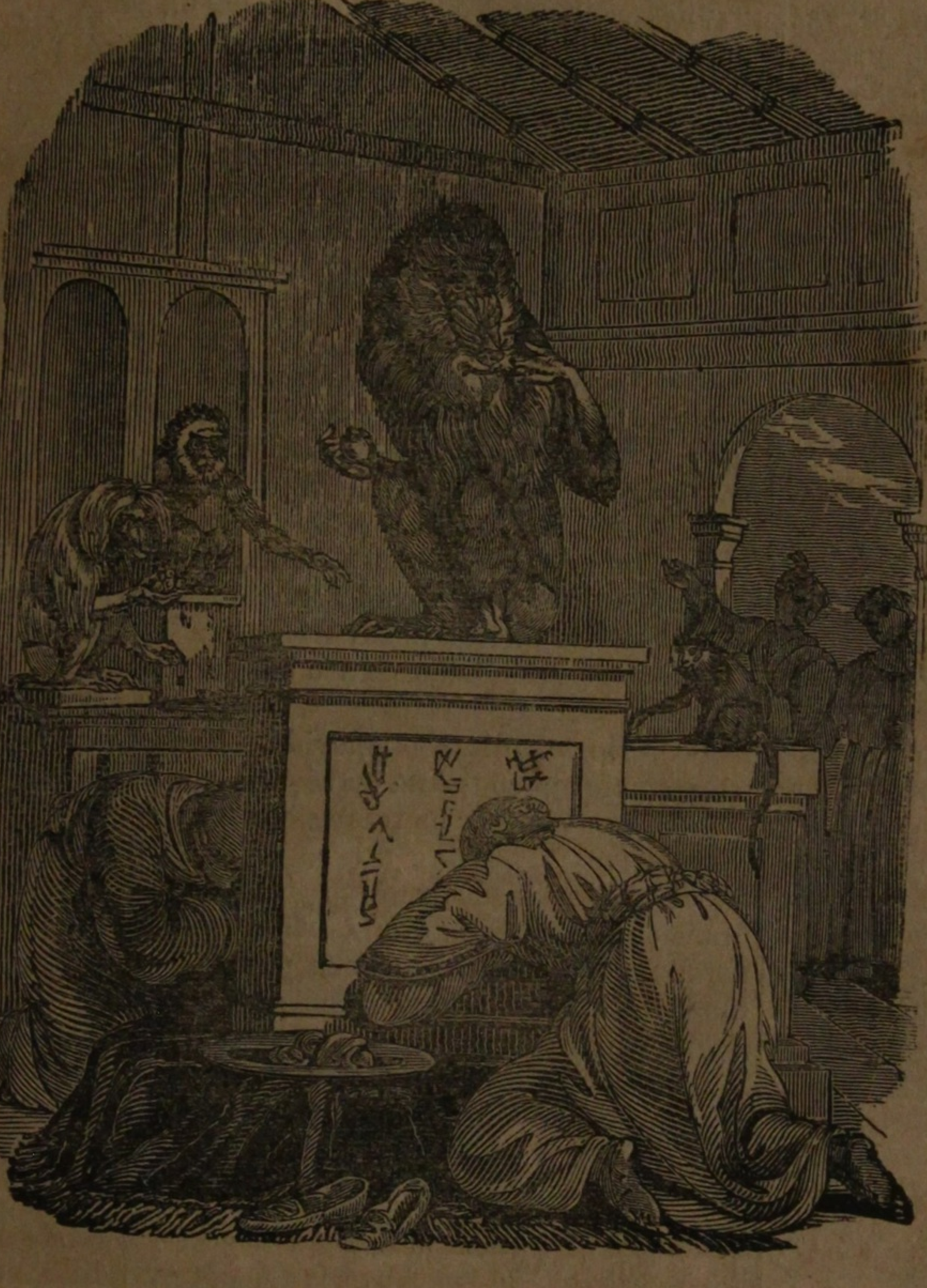
AS RELIGIÕES NO JAPÃO

Sabe-se que Marco Polo foi o primeiro viajante europeu que fallou do Japão, paiz a que deu o nome de Lipangu. O navegador portuguez Fernão Mendes Pinto chegou ao Japão em 1542, tendo naufragado n'aquellas costas, e desde logo entabolou relações commerciaes com os indigenas. Annos depois o jesuita Francisco Xavier foi ali pregar o christianismo, conseguindo converter um grande numero d'habitantes.

Data de 1549 a entrada no Japão dos primeiros jesuitas, que se espalharam por todo o reino guiados pelas indicações d'um joven japonez, que fôra expressamente baptisar-se em Goa. O neophyto apontou tambem aos portuguezes as vantagens que tirariam indo commerciar na sua patria. N'aquelle tempo era permittido aos frades o commercio, de mistura com as obrigações pastoraes.

O exhito, especialmente no espiritual, foi muito além das suas esperanças. Muitos principes japonezes abraçaram o christianismo. Os portuguezes casaram com mulheres indigenas e fixaram ali a sua residencia; emfim os missionarios adquiriram tamanha importancia, que chegaram a mandar uma embaixada de japonezes, com ricos presentes, ao papa Gregorio XIII. Mas os progressos dos jesuitas e futeis questões de etiqueta entre os dignitarios ecclesiasticos estrangeiros e os da côrte, foram invocados como pretexto para uma perseguição. Promulgada a ordem d'exterminio, mais de vinte mil christãos foram condemnados á morte dentro d'um anno.

Em 1597 as perseguições recomeçaram com redobrada violencia. Foi prohibida toda a especie de predica e a maior parte dos padres morreram ás mãos dos barbaros. Em 1637 o imperador ordenou que os portuguezes e os seus alliados fossem desterrados para Macao. Os portos do imperio fecharam-se para todos os navios estrangeiros, á excepção dos dos chinezes e hollandezes, que para isso tiveram de submetter-se ás condicções mais humilhantes. Os hollandezes foram admittidos a commerciar com o Japão em paga do apoio que tinham prestado para expulsar os portuguezes e tambem porque affirmaram que eram d'uma religião differente da dos jesuitas. Mas tendo a seu turno excitado desconfianças, foram desterrados para Nangasaki.



IDOLOS JAPONEZES

A religião dominante hoje no Japão é o culto de Sinto, ou Siusiu. O japonez venera os Ramiu, isto é, os antepassados, as divindades creadoras, como o sol e os genios, os animaes sagrados, o cão, o macaco, a raposa. Os letrados professam a religião de Confucio.

Nada mais irrisorio do que os templos das diversas seitas idolatras. São pela maior parte repellentes. Ha deuses para todas as profissões, pouco mais ou menos como entre os gregos e romanos.

No meio da frandulagem dos deuses immundos, o Japão conserva uma ideia, um pouco confusa é verdade, do ser supremo.

Um dos seus templos mais notaveis apresenta uma estatua de madeira, tão colossal, que o concavo da mão pode conter seis homens sentados á moda do paiz; os hombros teem de largura oito metros. Um outro idolo, no dizer d'um viajante, está cercado de trinta e tres mil

cento e trinta e tres deuses inferiores, para indicar, sem duvida, a multiplicidade dos seus attributos.

O padre japonez não officia nem canta. As portas dos templos estão abertas todo o dia; os devotos podem ahi entrar a toda a hora para fazer as suas orações ou depositar as suas offerendas. Os estrangeiros podem visitar livremente os templos.

No meio do templo está de ordinario collocado um grande espelho de metal fundido e pollido, para indicar aos homens que os deuses descobrem todas as manchas, ainda as mais escondidas, do seu coração, tão distinctamente como elles veem no espelho as manchas do seu rosto. Os fieis, quando entram no templo, collocam-se diante do espelho, inclinam a cabeça respeitosamente para a terra, voltam a encarar o espelho, fazem a sua oração e depositam a sua offerenda. Depois d'estas ceremonias tocam uma campainha suspensa do tecto e retiram-se.

A SOCIEDADE DOS TRES

—

IV

UMA IDEIA PRODIGIOSA

(Continuação)

Tiberio entendeu chegado o momento de mostrar-se e ergueu a cabeça, atraz da qual não tardou a apparecer o corpo.

—Meu Deus! O senhor aqui outra vez! exclamou Suzanna assustada. A que veio cá?

—Vim buscar a minha bengala, que me esquecera ha pouco, e, ao mesmo tempo, como soube que v. ex.ª tinha desejos de possuir essa pulseira...

—Comprehendo, e sinto não ter meio de significar-lhe a minha indignação pelo seu infame offerecimento.

—Mas v. ex.ª desejava-a tanto, e foi por isso que me atrevi...

—A insultar uma mulher honrada, não é assim? Pois digo-lhe que se enganou e peço-lhe que saia immediatamente d'esta casa!

—Senhora! V. ex.ª julga-me mal. Eu sou incapaz de... Permitta-me que entre em explicações e...

—Não admitto nem uma palavra! Saia immediatamente e leve a sua pulseira. Aqui tem a minha resposta!

E tomando uma attitude cheia de dignidade, arremessou a pulseira pela sala fóra.

—Bravo, Suzanna! Bravo! exclamou Tiburcio, que entrou n'esse momento. E's um anjo! Já te não recuso nada. Ouvi tudo e portaste-te divinamente. Esta pulseira vae ser vendida para o producto ser entregue ao asylo de mendicidade, continuou, apanhando a pulseira. E agora nós, concluiu dirigindo-se a Tiberio. A que veio o senhor aqui?

—Vim buscar a minha bengala, que me esqueceu ha pouco.

—Ah! Está muito bem. Encontral-a-ha ali, n'aquelle quarto. Vá buscal-a.

Tiberio entrou no quarto indicado e Tiburcio fechou-o á chave.

—Procura, maroto, procura!

—Dá licença? disse uma voz desde a porta do fundo.

Tiburcio voltou-se e deu de rosto com Marmolilho.

—Mau, que está cá o marido! murmurou o recemchegado por entre dentes.

—Esqueceu-lhe alguma cousa, aposto! exclamou Tiburcio.

—Sim, senhor. Uma carteira verde.

—Está ali dentro. Pode ir buscal-a.

E indicou-lhe com a mão a porta que ficava mesmo em frente d'aquella por onde Tiberio tinha entrado, e mal Marmolilho desappareceu, fechou a porta como tinha feito áquelle.

—Que fazes? perguntou-lhe Suzanna assustada.

—Ponho-os seguros. Mas não ha tempo a perder. Está lá embaixo uma sege para conduzir-nos.

—Aonde?

—Não sei. A outra casa, a uma hospedaria. E' mister sahir d'aqui. Não se pode viver n'esta casa depois que se pozeram nas janellas os malditos escriptos.

—E elles? perguntou Suzanna alludindo aos dous encarcerados.

—Oh! Os melros ficam na gaiola.

Suzanna respondeu com uma gargalhada.

—Avia-te, disse o marido. Basta pôres qualquer cousa na cabeça. Depois mandaremos buscar os trastes e a roupa. Vamos.

E sahiram. Entretanto Tiberio e Marmolilho principiaram a bater desesperadamente cada um na sua porta, gritando ao mesmo tempo como se tivesse pegado fogo á casa.

No meio d'este tumulto entrou a snr.ª Margarida, munida d'uma comprida vassoura, com a qual andava varrendo as escadas, e atraz d'ella acompanhavam-a dous sujeitos, naturalmente com o fim de verem a casa.

Segundo o modo habitual que aquella mulher tinha de principiar uma conversa:

—Pois é verdade, disse. A casa não pode ser melhor. Vê-se perfeitamente para a Praça Nova, e quando ha illuminações na camara é um ceo aberto.

O barulho infernal nos quartos contiguos interrompeu este discurso.

—Que será isto? disse um dos desconhecidos.

—Sume-te! Parece cousa ruim! exclamou a boa da mulher.

—Vejamos o que é, disse o outro homem, encaminhando-se para uma das portas lateraes, ao passo que o seu companheiro fazia outro tanto com relação á outra porta que ficava em frente da primeira.

Uma avalancha dos Alpes não pinta a furia com que Tiberio e Marmolilho se precipitaram pelas portas fóra mal as viram abertas. Basta dizer que os dous individuos que haviam entrado com a snr.ª Margarida rodaram pelo chão, arrastando a mesma na queda, e em quanto os dous amigos já nossos conhecidos se punham a andar pela porta do fundo, que ia dar á rua, os outros dous homens trataram de pôr-se a pé e seguil-os. A snr.ª Margarida conseguiu igualmente levantar-se e acompanhou-os até á porta da rua, destribuindo sobre os dous ultimos vasta pancadaria com a vassoura e gritando como uma possessa:

—E' diabo! E' diabo que anda aqui!

(Continua)

DE NOUTE

—

Quando se esconde o sol, quando a tristeza
Vem a terra inundar,
Eu sento-me, sosinho, na deveza
E ponho-me a esperar.

Aguardo um velho amigo, hoje esquecido
Por tantos que inspirou;
O doce confidente, o mais querido
Que foi, de quem amou...

O rouxinol, emfim! Lá surge a lua
Despresada tambem,
Que ouviu a Julietta: «Sim, sou tua!
Romeu, és o meu bem!»

E a lua e o rouxinol, pois que os amantes
Não lhes dão já valor,
Aprazam-se entrevista e, como d'antes,
Fallam de puro amor.

E não tratam dos outros, dos ingratos,
Nem tal deve lembrar...
Elle envia-lhe os cantos seus, mais gratos,
Ella dá-lhe o luar!

Ali, na solidão, em frente á immensidade,
Muito gósto de ouvir o meigo trovador...
Vejo a lua espreitar... E o espinho da saudade
Punge-me o coração n'uma suave dôr!

Antonio da Cunha

A MEDICINA PORTUGUEZA
NO SECULO XVII
(EXCERPTO)

—

(Conclusão)

Poucos facultativos podiam ganhar a sua vida decentemente em concorrencia com os curandeiros de casa e de fora. Em 1731 um notavel cirurgião era obrigado a curar as almas, á mingua de corpos doentes, como se deprehende do seguinte annuncio da *Gazeta* de 13 de dezembro: «Sahiu á luz uma novena para se festejar o transito do gloriosissimo patriarcha S. José; auctor José da Silva Fernandes, cirurgião approvado e morador á Horta Secca, em cuja casa,

ou na sachristia da parochial igreja de Nossa Senhora da Encarnação a póde procurar quem quizer.»

O medico Braz Luiz de Abreu escrevia no mesmo tempo a Vida de Santo Antonio, e Manoel da Silva Leitão offerecia o seu «Regimento de paridas» á immaculada e sempre Virgem Mãe de Deus.

Quem manteve sempre inabalavel fama foi um medico lisboeta, de alcunha «Machuca.» Este doutor, á imitação do medico arabe Thabet, estudava as doenças nas physionomias. O cavalheiro de Oliveira tratou-o pessoalmente, e refere a seu respeito o seguinte caso: «Fingia conhecer no pulso as desordens commettidas pelos seus doentes; umas vezes, adivinhava que um bebera o vinho prohibido, e outro não observava o silencio prescripto. Tomava o pulso da donzella, da casada, do mancebo. A' primeira dizia elle por exemplo: «a menina comeu uma azeitona, sugou uma laranja.» A' segunda: «a senhora tem ciumes; e desconfio que alguma rasão tem... seu marido, posto a ame, ama alguem mais.» Ao rapaz, finalmente, dizia: «o senhor teve certa visita, ou recebeu carta do namoro... Não negue, que o pulso denuncia-o». E fallava quasi sempre tão ao certo que passava por adivinho. E d'ahi o conceito publico, mui grande clinica, e dinheiro a rodo. Um seu collega, medico de nome e charlatão professo, visinho e amigo d'elle, disse-lhe um dia: «O senhor, que é illustrado e digno, deve saber que eu sou uma das duas cousas, ou muito bruto ou muito infeliz. Temos ambos o mesmo officio e começamos a praticar ao mesmo tempo. O senhor ganhou celebridade e riqueza; e eu... ninguem sabe o meu nome, e tenho apenas o triste rendimento quotidiano da minha pobre familia. Em nome de Deus lhe rogo que me ensine uma diminuta parte do processo que o faz adivinhar; que com isso me fará feliz.»

—Visinho, respondeu o «Machuca», eu não adivinho; mas, condoído das lastimas do outro, lealmente lhe declarou que todo o seu saber consistia em certa prespicacia, tino e habilidade no descobrimento de certas coisas que sómente os ignorantes podiam imaginar extraordinarias. E acrescentou: Entro no quarto de um doente: supponha que é uma rapariga incapaz de observar a severa abstinencia que lhe prescrevi; por acaso descubro ao pé de seu leito um caroço de uma azeitona ou a tona de uma laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe que ella comeu isto ou aquillo: adivinho: ella nega; mas no seu ar perturbado está a confirmação; insto, ella succumbe, confessa o facto, cuida que adivinhei, e divulga o caso. Os outros succesos de que o colega me falla são tão simples, e naturaes como este». O charlatão replicou: Agora percebi o seu segredo: espero sahir-me bem. Muitissimo obrigado. Eu lhe darei noticia dos meus progressos.

«Sae o homem de casa do conselheiro, e topa uma consternada mulher que o chama para lhe ir ver o marido que tem febre. Segue-a, e encontra um homemzarrão, prostrado na cama, a queixar-se de violentas dores de cabeça. Senta-se o medico, toma-lhe o pulso; e observando que debaixo da cama está uma pouca de herva, diz ao doente que elle comeu muita herva, e por isso está mal.

—O senhor é um bebado! exclamou o doente— E vossê é uma besta que come herva!— retruca-lhe o doutor.— O enfermo irrita-se, esquenta-se, e diz-lhe que a mulher não topou mau burro na rua. Sustenta o doutor que burros são os que comem herva. O doente enraiva-se, salta da cama já curado pela ira, a mulher faz côro com elle, saltam em cima do medico, e pregam-n'o de trambulhão no fundo da escada. Com a espadua contuza, o adivinho infausto foi contar o exito ao collega. Divulgou-se a desgraçada aventura, e todos zombavam do charlatão.

Conhecedor dos medicos e do paiz, Izaac Eliot, aconselhando á tôa o leite de jumenta no maior numero das enfermidades, dizia com protervo sarcasmo que os portuguezes deviam ser curados com remedios extrahidos dos seres da mesma especie.

Isto dizia elle ao seu patricio Estienne, que então fabricava em Lisboa uma beberagem de virtudes medicatrizes universaes: chamava-se a panacêa— «agoa do francez», e o francez provavelmente chamava-lhe «agua do chafariz.» Não quero dizer que esta medicina fosse a preexistencia da homœpathia; porém, menciono o caso em confirmação dos elogios que respeitaveis auctores fizeram aos predicados medicinaes da agua do poço do Borratem, do chafariz de El-rei, e varias outras bicas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AS CATACUMBAS DE ROMA

—

I

Montesquieu escreveu em alguma parte, que se não deve prescrutar a origem dos poderes, mais do que a das fortunas. O poder publico, segundo a sua opinião, ganha em perder-se em uma especie de distancia mysteriosa, atrás da qual se encobre para evitar ser interrogado e incommodado.

Os espiritos fortes deixam-se arrastar singularmente até fazer d'uma tal maxima uma arma chimerica contra a religião, cuja evidencia contestam sem lhe comprehender a authenticidade.

Ouvindo-os, a religião seria completamente como uma especie de partido tomado, uma especie de reviravolta nas opiniões, um habito contrahido pela conducta. O homem que crê, reduzir-se-hia, segundo elles, a não ser mais do que um espirito fraco dominado pelo fanatismo ou por uma indifferença conquistada pela rotina.

Entretanto a auctoridade religiosa e a tradição catholica conservam esta superioridade imcomparavel e inteiramente excepcional, que em logar d'assentar sobre argumentos, que se podem sempre contestar, tiram toda a sua força e todo e seu valor de factos, que se não podem desmentir.

Não é preciso argumentação e sylogismo para verificar o heroismo e o martyrio dos primeiros christãos, para os ver praticando no mysterio e no silencio das catacumbas as virtudes das primeiras idades, de que a tradição christã devia recolher o patrimonio e constituir o heroismo. Basta descer ás catacumbas, e, se nos é permittida a phrase vulgar, abrir mais simplesmente os olhos para ahi ver escriptos debaixo da forma de monumentos authenticos e incontestaveis os testemunhos, que as proprias pedras prestam á religião de Jesus Christo.

A historia da egreja nol-a mostra de seculo em seculo sustentada e defendida por uma intervenção especial da Providencia. A' medida que a incredulidade, fecunda em hypotheses, imagina algum novo argumento contra a fé, verifica-se, por um acaso que não sería muito para admirar, nem para louvar, que aos argumentos antigos e já consagrados pelo seu triumpho se vem juntar, como por milagre, um novo genero de provas inteiramente e visivelmente destinado a responder ás objecções mais recentemente imaginadas.

Não se soccorrem os livres pensadores da nossa época da sciencia como argumento favorito? A historia, segundo a opinião d'elles, bem interrogada e mais bem comprehendida, daria um flagrante desmentido á verdade de tradições e de doutrinas, que a Egreja oppõe com tanta auctoridade ás fluctuações dos seus adversarios. Quer-se a toda a força descobrir no ensino da fé, não as definições de que a Egreja se tornou testemunho pelo orgão inspirado dos seus concilios, mas um systema de verdades progressivas, addiccionadas umas ás outras por via da geração logica. Esta estranha interpretação da historia succumbe a duas refutações, provenientes uma da discussão das ideias, a outra do espectaculo dos monumentos.

(Continua) A. VIEIRA LOPES

O GOLFO DE NAPOLES

—

O mar Tyrreno, que demora entre a Italia, a Corsega, a Sardenha e a Sicilia, forma os estreitos de Messina, de Bo-

nifacio, o canal da Corsega, os golfos de Napoles, de Salerno e de Policastro. Encontram-se ali as ilhas de Elba, Ischia, Procida, Capri, Lipari e Egades, postadas como sentinellas perdidas no meio d'aquelle oceano d'ondas sempre azues e transparentes.

O golfo de Napoles está situado na costa do antigo reino do mesmo nome, entre os cabos Della Campanella e Miseno, occupando uma superficie de trinta kilometros de comprimento por vinte e dous de largura.

A montanha do Vesuvio, prolongando-se pelo mar fóra, offerece d'este lado uma serie de collinas, cobertas de vegetação, que, ao espirar no mar, apresentam, como sentadas em um regaço prateado, povoações, que são como moradas de fadas, escondidas no meio dos olivaes e dos laranjaes em flor.

Do seio das agoas saem como por encanto, cidades, villas e aldeias, em que se agglomera uma população descuidosa, desvanecida das delicias com que a Providencia dotou o seu abençoado torrão. Descendo do morro da montanha do fogo encontram-se reclinadas para as agoas tranquillas do golfo, Castellamare, que é como um ninho de pombas suspenso á beira de um abysmo, Sorrento, a patria do Tasso, de cuja casa ainda hoje se veem os restos, assim como curiosas gruttas e passeios encantadores. Mais adiante alvejam as ruinas de Pompeia, a esplendida cidade soterrada pelo Vesuvio ha mais de dous mil annos; encontramos igualmente Torre del Grecco, Stabia Resina, Portice, e emfim apparece-nos no meio de toda a sua sumptuosidade Napoles, a famosa perola dos mares italianos.

Ver Napoles e depois morrer, diz o ditado popular, e se alguma vez o ditado popular fallou verdade, foi com certeza quando considerou aquelle sitio uma maravilha.

Napoles é uma terra privilegiada, uma natureza excepcional, que tem inspirado os melhores artistas e escriptores, e para fecharmos com chave d'ouro este pequeno artigo, vamos transcrever as palavras que no seu formoso livro *A Italia*, o nosso talentoso colaborador e amigo, o distinctissimo escriptor e orador sagrado, o snr. conego Alves Mendes, dedica ás paragens de que vimos de fallar.

«Nunca olhos humanos poderam ver natureza de mais brilhantes harmonias e de mais pronunciados contrastes. O viajante portuguez tem cidades no seu paiz, que na claridade do ceo, na abundancia de luz, na formosura das campinas, no genio dos habitantes e até no primor dos monumentos, podem competir com as mais elegantes e ricas cidades italianas. Como lá, tambem aqui se vestem de anil os nossos ceos, de prata os nossos rios, de ouro os nossos laranjaes. Como lá tambem teem flores e aromas os nossos prados, verdura e sombra os nossos montes, magestade e poesia os nossos mares. Como lá, tambem aqui são estrelladas as noutes, fulgurantes os nossos dias, limpidos os nossos arreboes, purpurinos os nossos crepusculos, dulcissimas e tepidas as nossas auras.

Pois ainda assim surprehende e fascina o panorama de Napoles. Que riqueza e profusão de colorido desde o azul claro da bahia até o violeta escuro do Vesuvio! Em parte alguma a luz offerece

O GOLFO DE NAPOLES

refracções mais variadas, e a terra apresenta opposições mais bellas. E se a formosura está na variedade de contrastes, é este o ponto mai formoso da terra. Aqui se encontram agrestes montanhas e amenos vergeis; cuspides de neve nas longinquas cordilheiras dos Abruzzos e cuspides de fogo nas proximas gargantas do Vesuvio; em cima grinaldas de pampanos e em baixo coroas de algas; de uma parte o camponez recolhendo em cestos de vime as laranjas, da outra parte o bateleiro recebendo em canastreis de esparto o pescado; a escura oliveira no campo e a branca véla no mar; as rosas e os jasmins na floresta, e as conchas e os caramujos nas praias; a morte que se estampa nas ruinas frias dos monumentos, e a vida que se produz na fragua ardente dos vulcões; cidades animadas e povoações desertas; a alegria das serenatas e das canções, e a tristeza melancolica dos sepulchros: apuros de civilisação juntos ás delicias do campo; a esperança do futuro e a recordação do passado; a caverna silenciosa e a onda sonora; os matizes mais bellos da luz, e os fogos mais caprichosos das sombras; os termos mais oppostos da historia, e os contrastes mais bruscos da vida.»

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 43

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis: provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 23 DE JUNHO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— A Poupa — A noute de S. João, por A. C. Costa Goes — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Nubia e Abyssinia — A tua roca (poesia) por Simões Dias — A sociedade dos tres (romance) — Interlaken — Os homens uteis de todos os paizes: Madame Fry — Catharina II — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A caça — Anjo (poesia) por Augusta Negrão — A condição do homem, por Adolpho Salazar — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — O boi — Zig-Zags: Mulheres — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— A poupa — Interlaken — Catharina II e Potemkin — O boi.

A POUPA

A poupa deve collocar-se na classe das aves viajantes, porque emigra na estação fria para as regiões visinhas do equador, e quando o sol vem fecundar as regiões mais visinhas dos polos, volta para os nossos climas, certa de que já não tem de padecer a penuria que causa o inverno.

Em geral a poupa prefere os terrenos plainos ás montanhas e sitios accidentados; mas é sobretudo os logares humidos e pantanosos que habita de preferencia, porque enterrando o bico comprido na vasa pôdre, extrae os bichos de que é golosa.

A poupa não tem predilecção por este ou aquelle logar para fazer n'elle o seu ninho: colloca-o indifferentemente em um velho tronco, na fenda d'um rochedo carcomido do tempo, ou na cornija d'uma casa arruinada. Em quanto a poupa está no ninho, o macho vae em busca dos alimentos; mas nunca se affasta do ninho e anima a sua companheira por meio de cantos alegres e ruidosos.

A poupa passa o verão na Europa e o inverno na Africa e Asia.

A POUPA

Tem-se dito muitas fabulas ácerca da poupa. Os antigos contavam cousas surprehendentes da piedade filial d'esta ave, tirando d'ahi muitas imagens symbolicas; mas os viajantes e naturalistas modernos são concordes em dizer que raras vezes se encontram poupas reunidas em familias nas suas emigrações d'uma parte do mundo ao outro. Não se encontram n'ellas os habitos sociaes da maior parte das aves emigrantes.

A pretendida piedade filial da poupa não é o facto mais extraordinario da sua historia; á sua carne attribuem-se propriedades curativas maravilhosas e até em certas partes consideram-a como uma panaceia universal. D'estas superstições populares podia fazer-se um livro, e os nossos leitores sabem que ha poucos animaes ou plantas que não possam fornecer o seu capitulo de singulares e inexplicaveis crenças. A medicina moderna só com desenraizar tão inveterados prejuizos, teria prestado um immenso serviço á causa da civilisação.

As diversas obras d'historia natural mencionam um numero muito grande de

especies de poupas; mas a verdade é que todas essas especies se reduzem realmente a duas ou tres quando muito. Os dous typos mais notaveis d'estas classes são: a poupa commum da Europa e da Africa e a poupa largup da Africa. A poupa commum, que é a que a gravura representa, tem as partes superiores de um vermelho roxo, ou côr de vinho, com uma lista transversal negra; as pennas da cabeça, que são o mais bello ornamento da poupa, são d'uma côr loura, ou côr de laranja, com as pontas negras, acabando em uma mancha branca. As partes inferiores apresentam uma côr loura acinzentada, mais escura nas coixas; o ventre branco; os pés avermelhados, assim como o bico, cuja ponta é negra. O macho tem cerca de vinte e cinco centimetros de comprimento.

A NOUTE DE S. JOÃO

Que poetica que é esta noute!...

Que de alegrias se expandem á luz prateada do luar!

Quantos infelizes, todo o anno mergulhados na desgraça que os atormenta, ultrapassam os umbraes dos seus casebres para virem juntar-se á folgança popular!

Noute de S. João, noute cheia de poesia, amor e jubilo! Quem te souber sondar bem os teus attractivos, que de encantos que ahi encontra! Davas assumpto para um poema d'amor.

Aqui o fadista folgasão empunhando a sua querida amiga, aquella que nunca o desampara e que lhe proporciona momentos de satisfação, a guitarra, entoa canções apaixonadas, que dão bem a conhecer quaes os seus sentimentos.

Ali descantes populares, em que ao som da classica viola as guapas raparigas elevam aos ares as suas vozes desempenadas, que parecem ter uns longes da de Patti.

Mais além, grupos dispersos de amantes, que, sentados sobre a relva do campo, conversam animadamente.

E como elles se julgam felizes n'esses momentos, em que lhes sorri um ceo dourado pelos vislumbres do amor!

Apertam-se em um abraço convulso, sentem o palpitar dos seus corações, e de seus labios expira uma palavra que lhes sôa bem, e que faz renascer novos sentimentos em seus peitos:

—Amo-te!

E de que maneira concebem elles a palavra amor? Como o alimento mais precioso á vida d'uma pessoa. E é por isso que elles sorriem quando ouvem proferir a unica palavra que lhes dá consolação.

E a lua, espalhando sobre elles os seus palidos raios, é a unica testemunha do amor concentrado nos seus corações, e dos sentimentos abrigados no mais recondito d'aquellas almas.

Raphael teria então uma encantadora paisagem para pintar, e o poeta um lindo quadro para descrever. E depois todos anceiam a meia noute, esperam-a com febril excitação.

E porque não havia de ser assim, quando n'essa hora vão ver, por intermedio d'esses prodigios em que o povo acredita, se são ou não amados, o nome d'aquella que vergonhosa não tem declarado o seu amor, e emfim a sorte que os espera!

E os guapos rapazes, e as amantes raparigas, voltam depois dizendo:

—Oh! que felicidade! Sou amada!... E ella, adora-me, e quanto eu a amo!

Outros, mas felizmente d'este numero são poucos, agourando mal a sua sorte:

—Que infeliz que eu sou! Não ter um coração amigo com quem possa partilhar o meu amor!

Mas ainda assim a tristeza que atormenta estes ultimos desapparece logo com o louco enthusiasmo da reinação popular.

Começam outra vez as folias e a melancolia perde-se no tumultuar alegre do povo.

Quem me dera n'essa noute! Sinto-me tambem immensamente feliz, e digo aos turbilhões de povo:

—Correi, encantadoras raparigas; saltae alegre rapazes; o tempo é vosso!

Horas d'alegria são pois aquellas! E depois, quando dos cumes das montanhas desponta a brilhante aureola d'um esplendido dia, um veo de saudades cobre os rostos de todos quantos partilharam da poesia da noute que já lá vae!

Com os raios do sol vem a lembrança saudosa dos momentos nocturnos que só d'ahi a um anno voltam!

Sentem-se então rolar pelas faces duas lagrimas cheias de saudade, que prendem a nossa imaginação á noute de poesia, amor e jubilo, que tão depressa passou!

E eu então digo saudoso:

—Adeus, poetica noute de S. João!

A. C. Costa Gomes

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXVI

NUBIA E ABYSSINIA

Ao sul do Egypto encontramos a Nubia, paiz de 2 milhões de habitantes e 800:000 kilometros quadrados, e que, como o seu visinho, deve ao Nilo que o atravessa de norte a sul, a sua fecundação. O clima é menos quente e mais são do que o do Egypto.

Entre o Nilo e o mar Vermelho estendem-se longos desertos de areia e rochedos, semeados de alguns oasis.

Commercio importante, que se faz por caravanas ou por barcas pelo Nilo. Os artigos mais importantes que exporta são ouro em pó e pennas d'abestruz. As suas producções naturaes são tabaco, canna de assucar, dura, planta cujo fructo é um excellente alimento e serve para fazer bebidas refrigerantes como a cidra e a cerveja; o elephante, a hyena, o crocodillo, o abestruz e a girafa, são ahi communs. Invasão de gafanhotos; formigas brancas, ou termitas, insectos muito prejudiciaes á agricultura.

A Nubia está dividida em pequenos estados, que reconhecem a auctoridade do vice-rei do Egypto, ao qual pagam um tributo. Os estados mais importantes são: Sennaar (12:000 h.); Schendy (7:000 h.); Halfay (4:000 h.).

Os nubios, d'origem arabe, besuntam os seus cavallos, assim como o proprio corpo, com unto de camello; trazem anneis d'ouro pendentes do nariz e das orelhas e usam braceletes nos braços e nas pernas. Os bicharieh são uma especie de tribu, que vive em cavernas, como os antigos trogloditas.

A unica cidade importante da Nubia é Khartum, com 40:000 habitantes.

Passemos á Abyssinia, vasto paiz de 4 milhões de habitantes, limitado ao norte pela Nubia, a leste pelo mar Vermelho, a oeste pelo Kordofan e ao sul por uma alta cadeia de montanhas, que o atravessa quasi de lado a lado; é ali que o Nilo tem a nascente.

O clima é temperado, apesar da visinhança do equador; nas montanhas ha geleiras profundas, vastas planicies de sal gemma, minas de ouro e de prata. As colheitas fazem-se tres vezes por anno em diversos pontos; mas no geral são duas as colheitas, uma durante a estação das chuvas e a outra na primavera. O cafezeiro dá-se espontaneamente pelas montanhas. O hydromel é a bebida predilecta dos abyssinios.

Abundam os quadrupedes, cujas especies são variadissimas. Notaremos o boi galla, de pontas immensas, e o boi de cerro, ambos muito gordos; ha uma especie particular de carneiros, cuja cauda pesa de 15 a 20 kilogrammas. Infestam a Abyssinia animaes ferozes, como o leão, a panthera, a hyena, o leopardo; a zebra vive nas regiões meridionaes. Os buffalos andam em bandos no estado selvagem. Os gafanhotos são uma praga d'estas regiões. Os cavallos são notaveis pela sua elegancia e rapidez com que correm. Os abyssinios servem-se pouco do camello, substituindo-o vantajosamente pelo burro e a mula, sobretudo nas partes montanhosas do paiz.

Nas montanhas ha minas de cobre e chumbo; mas a sua exploração é muito imperfeita. Retira-se ouro purissimo da lavagem das areias e pedregulho tirado de covas pouco profundas; nas provin-

cias occidentaes o ouro encontra-se na fralda das montanhas. Nas planicies situadas na base d'estas ha sal gemma em crystaes de dimensões consideraveis.

Os abyssinios são hospitaleiros para com os estrangeiros e crueis para com os seus inimigos. Fabricam fazendas de algodão e commerceiam em ouro, marfim, etc. São de côr negra; mas pelas suas feições estão ligados á raça branca. Os diversos povos que se estabeleceram nos planaltos e valles da Abyssinia differem de raças, costumes e linguagem.

A Abyssinia é uma parte da vasta região que os antigos chamavam Ethiopia e formou uma monarchia poderosa, cujo soberano se chamava rei dos reis da Ethiopia. Este soberano era o grande Negus, ou *Preste João* das lendas da idade media.

Os principaes estados da Abyssinia são: Choa (1,500:000 h.); capital Ankobert (5:000 h.); Ambara, capital Gondar (10:000 h.), onde mora o rei; Tigré, capital Adova (8:000 h.).

(Continua)

A TUA ROCA

—

Quando te vejo á noitinha
N'essa cadeira sentada,
O chaile posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuso nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho
Pondo os olhos na tua roca:
«Se eu podesse ser estriga
Beijaria aquella bocca!»

Eu nunca te vi fiando
Sem invejar os desvellos
Com que desfias do linho
Os brancos finos cabellos.

E aquella fita de sêda
Que se enleia no fiado?
Eu nunca vejo essa fita
Que me não sinta enleado.

Parece aquillo um abraço
D'um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabello
Em volta do meu pescoço.

Eu digo sempre baixinho
Vendo a fita que se enreda:
«Quem me dera ser a estriga
E ella a fitinha de seda!»

Eu por mim não sei que sinto,
Se tristeza, se ventura,
Mal que suspendes a roca
Da tua breve cintura.

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida,
Ao pé de ti sempre curta,
Ao longe sempre comprida.

Pareces-me um ramilhete
Sentada n'essa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva d'uma roseira.

Meu amor, quando acabares
D'esfiar a tua estriga,
E ouvires por alta noute
Em voz baixa uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Dos beijos da tua bocca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca.

SIMÕES DIAS

A SOCIEDADE DOS TRES

—

(Continuação)

V

UM JANTAR DE RAPAZES

E' necessario retroceder um pouco.

Cerca de quinze dias antes das scenas que narramos nos capitulos precedentes, em uma formosa tarde do mez de junho do anno de 1875, achavam-se sentados diante d'uma mesa, no restaurante do palacio de crystal, tres rapazes, que se banqueteavam alegremente.

Não vem aqui a pelo descrever o *menu*, nem tão pouco trataremos de retratar um a um os alegres amphytriões, dous dos quaes já são nossos conhecidos. Um d'elles era Tiberio e o outro Marmolilho. O terceiro chamava-se Frederico e era jornalista.

Quem era Tiberio? Quem era Marmolilho?

Do ultimo sabia-se que era esculptor, que era uma alma apaixonada pela arte, e que os seus trabalhos mereciam em toda a parte o apreço dos entendidos. Marmolilho era uma alcunha pela qual os amigos o conheciam e não se baseava n'outra cousa, naturalmente, senão no enthusiasmo com que elle fallava da esculptura em marmore, pela qual tinha uma predilecção que chegava ao delirio.

Era no fundo um bom rapaz.

Tiberio era um typo notavel por isto: figurava no *hig-liffe* da cidade invicta e ninguem sabia dizer d'onde lhe vinha o dinheiro que gastava com mãos largas. Era um mysterio a sua vida. Alguem se incumbira de vigial-o durante dous mezes a fio e não estava mais adiantado no particular ao cabo de sessenta dias de vigilancia do que no primeiro dia em que se propoz seguil-o como se fosse a sua sombra.

Tiberio não tinha parentes; vivia só no hotel de Francfort. Não se lhe conhecia uma amante porque fazia a côrte a todas as mulheres; não jogava... emfim, conforme já dissemos, a sua vida era um perfeito mysterio.

Dizia-se que todos os mezes, no ultimo dia, uma mão mysteriosa lhe atirava pela janella dentro, de noute, um rolo de livras, cuidadosamente embrulhadas em um papel branco. Sería verdade? Alguem quiz certificar-se d'isso; mas por mais que esperou em uma das noutes em que o protector desconhecido devia levar a esportula, nada viu.

O terceiro conviva, o poeta, era o mais pobre dos tres e tambem o mais ingenuo. Era uma alma delicada, doente, como deve ser a alma do verdadeiro poeta.

Não nos demoraremos mais a descrever estes tres personagens, os mais importantes talvez d'esta veridica historia. Passaremos a narrar o final do jantar a que o nosso dever de romancista nos leva já quasi no fim.

Tiberio tem a palavra.

Houvera um momento de silencio.

—Tenho uma ideia, uma ideia excellente! Supponho que todos nós amamos o bello sexo, que corremos atrás d'aventuras que tenham como premio uns amores correspondidos, a minha ideia abre-nos o campo para as emprezas mais arriscadas, mas que podem ser o mais largamente recompensadas se procedermos com tino e ordem.

—Que diabo d'ideia é essa? perguntou Marmolilho.

—Não trata d'outra cousa este homem, ponderou Frederico, senão de mulheres!

—Pois então! disse Tiberio. Cada um no seu officio. Tu, meu caro Frederico, pensas nos teus folhetins; Marmolilho não cuida senão nos seus bustos, e eu... eu em que heide pensar? Em uma cousa que reune todas essas juntas, que tem o seu tanto de poesia e d'arte, que vale por todas as tiradas as mais eloquentes, que resume todas as concepções as mais atrevidas. Refiro-me á mulher. Algum de vocês não é do meu parecer? Quem não ama, não adora, não idolatra essa divina creação chamada mulher?

—Bravo! Fallou muito bem o nosso Tiberio! disse Marmolilho. Eu porém declaro que para mim a mulher é um estudo, nada mais. Eu não conheço mais do que o amor da arte. O bello, o sublime... eis a minha paixão! Isso constitue a minha vida! Quando amo uma mulher é com o fim exclusivo de estudar-lhe a pureza de linhas, a firmeza dos contornos, a gentileza das formas; é para estudar uma bocca, um nariz, um braço, um pé de que a arte necessita para gloria sua! Já vês, meu caro Tiberio, que os nossos amores não se parecem em nada.

—Mas com esses sermões, atalhou Frederico, não saberemos nunca qual é a ideia de Tiberio. Deixemos fallar Tiberio.

—Apoiado! exclamou o esculptor.

—Seja qual fôr o fim, nada importa isso. O certo é, disse Tiberio, que todos amamos o sexo bello. Pois bem. Offerece-se-nos actualmente um meio excellente para procurar aventuras amorosas.

(Continua)

INTERLAKEN

—

A Suissa abunda em sitios deliciosissimos. Um d'estes é o que a gravura representa. Chama-se Interlaken e é uma aldeia situada no cantão de Berne, cerca de quarenta kilometros da cidade do mesmo nome, entre os lagos de Thun e de Brienz, e junto da margem esquerda do Aar.

A doçura do clima e a belleza da paisagem attraem muitos estrangeiros a este ponto, onde ha a ver, além dos primores naturaes, o antigo castello, o velho convento d'agostinhos, supprimido no tempo da reforma, e um estabelecimento sanitario muito afamado.

O panorama é enquadrado pelas montanhas, que se cortam em picos, fendendo as nuvens, e pela luxuosa vegetação, que contrasta suavemente com o azul escuro das agoas do lago, em que a aldeia se espelha com frescura e graça.

INTERLAKEN

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XXV

MADAME FRY

Madame Fry nasceu na Inglaterra, em Norwich, em 1780. Desde a mais tenra infancia deu as provas mais brilhantes d'uma caridade que não se desmentiu em toda a sua vida. As suas occupações consistiam em cuidar dos enfermos e dos pobres e em instruir as creanças.

Alguns annos depois consagrava-se á obra das prisões de mulheres, fundando uma associação para a reforma do regimen adoptado na Inglaterra. Os seus esforços secundados pelos d'outros corações nobres, como Anna Buxton, sir Thomaz Buxton e seus parentes, tiveram um successo completo, e graças ás suas diligencias a prisão de Newgate transformou-se em uma morada de paz e de trabalho. Por toda a parte por onde aquella dama passava, organisava ou fundava alguma instituição util: asylos, caixas economicas, bibliothecas, etc.

Falleceu em 12 d'outubro de 1845.

CATHARINA II

—

Filha do principe Christiano Augusto d'Anhalt-Zerbet, a celebre imperatriz da Russia conhecida na historia pelo nome de Catharina II, nascera em Stettin em 1729, e casada em 1744 com Carlos Pedro Ulrico, duque de Holstein-Gottorp, foi designada para succeder á czarina Isabel. Em 1754 deu á luz um filho, que foi mais tarde Paulo I.

O historiador Segur, fallando do casamento de Catharina, exprime-se n'estes termos: «Nunca se viu casamento mais desgraçado. A natureza, avara dos seus dons para com o joven gran-duque, fôra prodiga em favor de Catharina. Parecia que, por um extranho capricho, a sorte quiz dar ao marido a pusilanimidade, a inconsequencia, a sem rasão de um ser destinado a servir, e a sua mulher o espirito, a coragem e a firmeza d'um homem nascido para governar.»

Apesar do seu alto nascimento, Catharina conservou-se sempre afastada dos negocios publicos. Foi só depois do advento de seu esposo Pedro III, que o seu caracter se revelou. Entretanto a vida intima da nova imperatriz não era isenta de censura.

A Sotikof, seu primeiro amante, succedeu Poniatowski. Pedro III, excitado pela sua amante Isabel Vorontzof, preparava-se para fazer annullar o casamento, quando Catharina o preveniu, obrigando-o a uma abdicação immediata (1762).

O advento de Catharina foi saudado pelo povo como uma era de regeneração. Em 3 d'outubro de 1762 fazia-se a nova soberana coroar em Moscow.

Catharina foi muito feliz em todas as suas emprezas; mas a mais importante das suas obras foi a divisão e submissão dos polacos. Em 1763 o throno da Polonia estava vago e Catharina tratou de fazer subir a elle o seu antigo amante.

Entre os seus numerosos amantes houve dous sobretudo que tiveram uma parte activa no governo de Catharina: foram Potemkin e Orloff. Durante perto de nove annos foi o ultimo que a governou, até que, cansada das suas exigencias, o mandou para Moscow.

Foi Potemkin que succedeu a Orloff nas boas graças da imperatriz. Filho de paes polacos, Potemkin era alferes do exercito russo por occasião do advento da imperatriz, a qual, ao passar uma revista ás suas tropas, reparou n'elle, nomeou-o coronel e depois gentil-homem da sua camara. Orloff, seu rival, desafiou-o, e d'ahi resultou o novo amante da imperatriz ficar sem um olho. Catharina consolou-o d'este desastre nomeando-o ministro da guerra.

Potemkin excitou-a ás guerras com os turcos e deu-lhe os territorios da Crimeia, a Nova Russia e o Caucaso. Nas guerras que sustentou com a Polonia, a Turquia, a Suecia e a Persia, sahiu-se sempre victoriosa; mas ao mesmo tempo o thesouro publico ia emmagrecendo, porque o ministro, amigo do fausto e dos praseres, gastava com mãos largas.

Catharina, fora do seu reino, era exaltada pelos escriptores a quem cumulava de favores e com os quaes estava em relações constantes; mas aquelle cuidado com que ella mantinha as relações exteriores impediram-a de levar a cabo a obra de transformação interior. Acabava de declarar a guerra á Persia e pensava marchar pela segunda vez sobre Constantinopla, quando morreu d'um ataque apopletico em 9 de novembro de 1796.

Adelino

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

XIX

(Continuação)

Havia, porém, momentos em que Jorge, cotejando os factos com uma rara intuição, não podia deixar de convir em que os seus primeiros amores haviam apenas constituido a satisfação d'um capricho feminil, e maldizia então a mulher cynica e perversa, que, despenhada no abysmo da deshonra, acceitara o fervoroso culto que elle lhe offerecera. E lembrava-se então da repugnancia que Paulo lhe manifestara em elle ir a casa da actriz, e de algumas palavras pouco lisonjeiras que, ácerca d'ella, o amigo lhe dirigira; e a recordação d'este incidente, illuminando-lhe o cerebro escandecido, fazia-o ver a claro a torpeza d'aquella mulher.

E é n'esta athmosphera de inconstancia que se libra a alma do homem apaixonado! Se a saudosa lembrança de uma entrevista lhe apresenta a mulher amada como um anjo de ternura e pureza, outras vezes o ciume, o odio, o despeito, lh'a fazem encarar como um monstro abominavel de perversidade!

Por isso as paixões aniquillam o homem. Esse continuo vaivem de desencontrados sentimentos d'odio, de affecto, de execração, de idolatria, prostra a mais robusta organisação.

Depois de tão intensa lucta, o mancebo, prostrado de forças, foi sentar-se em uma cadeira junto á janella do seu quarto, aspirando anhelante a tepida viração que lhe vinha do jardim.

Largas horas de vigilia teve elle essa noute. O espirito abysmava-se-lhe em um immenso e tempestuoso mar de pensamentos. Para cumulo de desventura vinha ainda martyrisal-o a lembrança de, ainda que involuntariamente, haver contribuido para Adelina perder o bom conceito de seu marido e para este se achar collocado em tão critica situação!

Pelo que respeita a Francisco d'Almeida, achava-se de improviso precipitado no fundo d'um abysmo, de cuja existencia apenas suspeitava. Soffria, é verdade, ha tempos os effeitos d'esse toxico

CATHARINA II E POTEMKIN

chamado o ciume; mas em quanto a duvida o embalava, podia alimentar uma esperança, uma illusão qualquer. Agora é que nada lhe restava.

A suspeita convertera-se em certeza. Ante a evidencia dos factos não havia que duvidar da infidelidade da esposa. Depois, o seu natural ciumento, desconfiado, apprehensivo, levava-o a dar tamanho vulto áquelle desastrado incidente, que a esposa já se lhe afigurava uma d'essas mulheres vulgares a quem escasseiam as mais simples noções de pudor, uma d'essas creaturas repellentes que sacrificam á satisfação do gozo material as mais sagradas conveniencias sociaes, a paz domestica, a inviolabilidade do thalamo, a propria dignidade, emfim!

Mal sabia o desventurado a injustiça que fazia á esposa, julgando-a capaz de alienar em detrimento d'elle mais do que o coração!

Aquelle modo de ver as cousas, aquella especie de pessimismo, tornava-o duplamente desgraçado.

Era commovente o seu estado. Viver por tanto tempo crente da affeição da esposa, e, quando menos o pensava, ver-se ludibriado pelo ente mais caro que tinha no mundo! O despertar de tão doce illusão para esta triste realidade, fôra similhante á decepção que o viajante do deserto experimenta quando vê dissipar-se como fumo a risonha miragem ante a qual se extasiou por alguns momentos.

A vida humana é assim: muitas legoas de aridez e poucos oasis; muitas dores e poucos praseres; muitas lagrimas e poucos sorrisos.

Lagrimas!... Ainda aquelle que as tem é feliz. Desafoga a sua dôr. O choro é allivio. Desgraçado do que vê secco o manancial do pranto.

Ao primeiro a magoa, transformada em torrente caudal de lagrimas, acha livre curso, e extingue-se; ao segundo, a dôr concentra-se no amago do coração, funde-se em lava incandescente, que lavra de continuo, cada vez mais abrasadora e desapiedada.

Francisco d'Almeida não conhecia esse supremo allivio. Não lhe era dado o chorar; por isso a dôr suffocava-o. Sentia-se como o asphixiado, nos primeiros paroxismos da morte.

A cabeça parecia pesar-lhe, como se

sobre ella assentasse uma enorme pedra. Mil pensamentos extravagantes e terriveis se lhe revolviam no cerebro escandecido pela febre, como succede ao ebrio, a quem os vapores do alchool começam a perturbar.

A vibora do ciume roía-lhe o coração. Um desejo de vingança o assaltava, por vezes.

Lembrava-lhe dar um tiro em Jorge, repudiar a esposa, suicidar-se, e mil outras cousas terriveis, como o estado da sua alma. Jamais houvera tamanha agitação n'aquelle espirito; nunca tão grande tempestade de paixões se desencadeara no seio do nosso infeliz compatriota.

Francisco d'Almeida em um dos momentos de maior exaltação, ergueu-se do seu logar, sahiu do escriptorio e dispunha-se a dirigir-se ao aposento de Jorge; porém, ao dar os primeiros passos n'aquelle sentido, veio a reflexão mostrar-lhe a inconveniencia de tal modo de proceder, de que podia resultar grandes dissabores, e voltou a sentar-se de novo na sua cadeira.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A CAÇA

—

(Continuação)

A caça das feras por meio de cães bons corredores chama-se arte venatoria. Foi sempre a especie de caça mais estimada. Nos tempos antigos e na idade media consideravam-a como o mais nobre exercicio depois da guerra, de que era a imagem. Assim a nobreza, apaixonada por esse exercicio, reservava-se esse monopolio.

Os reis de França da primeira raça passavam estações inteiras nas grandes florestas, para mais commodamente poderem entregar-se aos praseres da caça. Alguns eram tão apaixonados d'ella, que não tinham morada fixa e preferiam ao morar em palacios o de certas granjas nas proximidades dos sitios frequentados da caça.

Em Portugal os nossos primeiros reis eram tambem apaixonados de tal divertimento. Sabe-se que D. Affonso, por alcunha o *Bravo*, era tão dado á caça, que despresava os negocios do governo em um tempo em que o reinar era um cargo da maior responsabilidade. Mas isso esteve a ponto de custar-lhe caro, porque uma ocasião, voltando a Lisboa depois de passado cerca d'um mez a caçar em Cintra, foi para conselho de seus ministros, e um d'elles, por acordo de todos, lhe fallou n'estes termos:

—Senhor, deveis d'emendar a ordem que levaes e lembrar-vos que nos sois dado por rei para nos regerdes e por isso vos damos nossos tributos e mantemos na honra em que estaes, e vós tomaes a caça por officio e o governo de vosso reino por passatempo, sendo certo que Deus não vos hade pedir conta dos porcos ou veados que não matastes, senão das partes que não ouvistes e dos negocios de vossa obrigação que não despachastes, como agora fizestes, que estando no meio de coisa tão importante á republica, deixastes o conselho em que ereis tão necessario e fostes á caça por tantos dias, e nós aqui ociosos esperando por vós! Levae outro caminho, senão...

El-rei, que de natureza era agastado e fero, ouvindo tão aspera censura, bradou indignado:

—Senão o que?

Ao que todos os do conselho responderam:

—Senão buscaremos rei que nos governe em justiça e não deixe de governar seus vassallos por andar após as bestas feras.

E, ainda mais indignado, tornou o rei:

—Os meus são os que me dizem «senão»?... A mim... «senão»!...

—A vós, responderam os ministros, diremos a mesma cousa todas as vezes que fizerdes o que não deveis.

Voltando a tratar do assumpto a que nos propozemos n'estes despretenciosos artigos, diremos que o direito de caçar parece de todo o ponto natural, e os povos antigos usaram d'elle livremente; mais tarde porém conheceu-se a necessidade de oppôr certas restricções afim de proteger o direito de propriedade que os caçadores quasi não respeitavam. Em França, antes da revolução, a caça era o apanagio das classes privilegiadas; no tempo de Henrique IV foi enforcado mais d'um plebeu por ter matado uma lebre, o que prova que n'esse tempo a vida d'um animal era mais preciosa do que a d'um homem.

O bom Gontrando, rei de Orleãs, fez executar tres dos seus cortezãos que tinham matado um veado sem licença sua. Se tivessem matado, já não diremos um escravo, não diremos mesmo um romano livre, mas um franco, teriam sido postos em liberdade depois de pagarem o *wehrgeld*, ou compensação. A vida dos homens tinha uma tarifa; a dos animaes do rei implicava a pena de talião.

No seculo XIII Enguerrand de Coucy mandou enforcar tres mancebos por commetterem o delito de caçar nas suas terras, e S. Luiz excitou grandes murmurios entre os barões por ter condemnado o assassino a pagar doze mil livras de multa, além das privações do direito de caça e de justiça. Henrique IV, o pae do povo, que queria, diz a historia, que todos os seus camponezes ao domingo mettessem na panella uma galinha comprada com o seu dinheiro, não deixava regalal-os com uma lebre, ainda quando a encontrassem em flagrante delito estragando os seus jardins. Luiz XI prohibiu a forca por delitos de caça; mas não revogou as outras penas impostas pelos reis anteriores.

Quando se reuniram os estados geraes em 1789, o conselho dos ministros hesitava sobre qual séria o logar da convocação. Uns propunham Paris, outros Tours, Orleãs, Rouen, Pontoise, etc.; Luiz XVI matou a questão dizendo:

—Não pode ser senão Versailles por causa da caça.

Alguns dias depois as capitanias de caça eram abolidas, sem exceptuar as capitanias reaes.

—O rei, disse Mirabeau, poderá, como todo o proprietario, caçar nas suas terras, e elle tem-as sufficientemente extensas para isso.

E' escusado dizer que com a revolução de 1789 aconteceu a respeito da caça o que aconteceu a respeito d'outras cousas; todos os privilegios cahiram e hoje caça quem quer mediante uma licença para o porte d'armas.

(Continua)

ANJO

A MEU SOBRINHO ANTONIO ORTIGÃO

—

Anjo formoso,
Flor de jardim,
Crayo em botão,
Alvo jasmim;

Doiram-te a fronte
Louros cabellos,
Doiram-te a vida
Santos desvellos.

Tu és n'este mundo
Aura d'abril,
Tu és do teu ninho
A ave gentil.

Oh! pisem teus pés
Caminho de flores;
Que nunca tu vivas
No mundo das dôres!

Faro 1877 AUGUSTA NEGRÃO

A CONDIÇÃO DO HOMEM

—

A condição d'um homem designa o logar que elle tem e que deve manter nas diversas ordens, que constituem as sociedades e a economia politica.

Cada condição tem seus deveres, suas obrigações, suas congruencias. Amovermo-nos d'ella é delinquirmos mais ou menos contra a moral.

Guardando a nossa condição, não quer dizer que não devamos por amor de nós mesmos, por amor de nossa familia, muitas vezes por amor do bem publico, melhorar o nosso estado exterior, d'onde a nossa condição depende tanto como do nascimento.

Muitas vezes, por este amelhoramento mudamos de condição, e, alçando-nos a uma ordem superior, contrahimos novas obrigações, que é tambem dever nosso cumprir estrictamente.

As simples riquezas tornam-nos de uma vaidade ridicula quando, fazendo-nos olvidar a nossa condição primitiva, nos levam a pretender, a exigir os privilegios d'uma condição superior.

Se, d'um outro lado, para sahir da nossa condição, empregamos meios injustos, criminosos nos tornamos então.

Emfim, erro não pouco perigoso é o julgar do merito ou da preeminencia das condições pelo brilhar dos dispendios, ou pelo luzimento d'algumas distincções.

E' a utilidade de cada condição, com referencia á sociedade, que deveria determinar-lhe o logar, assim como a estima devida a cada particular deveria ser ajustada pela maneira como cada um se havém na condição em que a Providencia o collocou. Vê-se, por tanto, que a condição d'um homem se refere ao logar que elle deve ter e ao estado que mais relação tem com o seu genero de vida na sociedade.

Todo o homem deve estar contente com a sua condição. E' o que mui raro se vê. E a quem imputar a culpa? A nós, simplesmente a nós. Não ha condição, por mais má que seja, que não offereça um lado bom. Cada estado tem o seu ponto de vista. Devemos attender a isso. A culpa não cabe ás situações, cabe-nos a nós. Devemos queixar-nos mais do nosso caracter do que da nossa fortuna. Attribuimos aos acontecimentos os defeitos, que não proveem senão do nosso caracter. O mal está em nós: não o procuremos fóra de nós. Amaciando o nosso genio, damos muitas vezes uma nova face e mais sorridente á nossa fortuna. E'-nos muito mais facil ajustarmonos ás cousas, do que ajustar as cousas a nós. Frequentemente, a applicação em procurar o remedio irrita o mal, e a imaginação, de intelligencia com a dôr, augmenta-o e fortifica-o. O attentar nas desgraças agglomera-as, conservando-as presentes á alma. Uma resistencia inutil retarda o habito, que ella contrahiria com o seu estado. E' necessario ceder ás desgraças. Enviemol-as á paciencia: só a ella respeita suavisal-as... Attendamos aos bens do nosso estado, que as penas, que d'elle proveem, serão melhores de supportar. Um homem prudente, em condições taes, frue evidentemente mais bens e soffre menos males.

Devemos ter sempre em vista que não ha condição alguma que deixe de ter as suas penas. E' esse o estado da vida humana. Nada puro; tudo é misturado.

Pretender uma felicidade constante e absoluta, é querer isentar-se da lei commum. As pessoas, que se nos antolham as mais felizes, não nol-o pareceriam de modo algum se ponderassemos a sua fortuna ou a sua alma. Os mais elevados são, quantas vezes! os mais desgraçados. Com grandes cargos e maximas vulgares está-se sempre alvoroçado. E' a rasão que varre os cuidados da alma, e não as posições. Se se é prudente e circumspecto, a sorte não pode augmentar nem diminuir a felicidade.

Julguemos por nós mesmos, e não pela opinião de outrem. As desgraças e os desregramentos dimanam dos falsos juizos, os falsos juizos dos sentimentos, e os sentimentos do trato que se tem com os homens, da sociebilidade. Para attenuar a impressão, que elles nos causam, e para moderar os nossos desejos e os nossos males, pensemos em que o tempo arrebata os nossos pesares e os nossos praseres; que cada instante, por muito jovens que sejamos, nos rouba uma parte de nós mesmos; que todas as cousas se subvertem continuamente, aceleradamente, no immenso sorvedouro do passado, do qual nunca mais sahem.

Tudo o que ha de maior e mais elevado nem por isso é mais bem tratado do que nós. Essas honras, essas dignidades, essas preferencias estabelecidas na sociedade pela sociedade são espectaculos e ceremonias varias de realidades: não vá julgar-se que são qualidades ligadas á essencia do homem.

Eis como devemos olhar aquelles que estão acima de nós. Mas não percamos de vista um numero infinito de desgraçados que estão abaixo. Não devemos senão ao acaso a differença que vae de nós a elles.

O orgulho e a alta opinião, que temos de nós mesmos, faz-nos olhar como para um bem, que nos é devido, o estado em que estamos, e como uma extorsão tudo o que não temos. Ver que nada ha mais injusto do que isto não é difficil.

Gosemos das vantagens do nosso estado; mas soffGramos resignadamente os desaires, que d'elle nos advem.

Pensa-se que por toda a parte onde ha homens ha desgraçados. Obtenhamos, se é possivel, uma extensão de espirito que faça ver os accidentes como previstos e conhecidos. Emfim, lembremo-nos que a felicidade depende dos costumes e do proceder, mas que o cumulo da ventura está em procural-a na innocencia, onde nunca foi procurada em vão.

Adolpho Salazar

AS CATACUMBAS DE ROMA

I

(Continuação)

A integridade, a constancia, a perpetuidade dos dogmas christãos deduzem-se com a evidencia a mais completa e a mais triumphante do estudo theologico das decisões tomadas pela egreja. Vê-se esta em todas as epocas e pela boca dos seus mais eminentes doutores, não imaginar verdades, mas recolher definições. A confirmação das verdades, que ella dispõe a seu tempo entre os artigos da fé formulada, não tem por fim nem descobril-as, nem desenvolvel-as, mas simplesmente desviar os erros, que um abuso da liberdade transforma em heresias.

Estas verdades essenciaes acham uma ou outra confirmação, e estes erros uma outra resposta, na linguagem incorruptivel dos monumentos authenticos. Todos sabem que nos primeiros seculos da era christã, e desde a origem da egreja, os christãos perseguidos sepultaram os corpos de seus irmãos e recolheram piedosamente os restos de seus martyres nas vastas galerias subterraneas abertas debaixo da Roma dos Cesares. Esta mansão de repouso, de recolhimento e de oração, visitada na idade media pelos peregrinos de todo o universo, perdida de vista depois, e depois desapparecida da vista dos nossos contemporaneos, senão da recordação de nossos paes, era o argumento que a Providencia de Deus tinha posto em reserva para responder ás doutrinas dos nossos livres pensadores. Hoje que se não tem poupado objecção alguma, mesmo aos espiritos os mais fracos e os menos capazes de as supportar, deve-se estar satisfeito em ter á mão um argumento tão simples e tão accessivel, como um simples olhar passado ao longo d'estas abobadas e fixado por um momento n'estes tumulos.

II

Não se devem apresentar, como faz um grande numero d'imaginações, as catacumbas christãs debaixo da forma muito conhecida d'estas cryptas, sobre que assentam as nossas egrejas romanas. Sería fazer uma ideia muito falsa da sua disposição como da sua extensão. As catacumbas, que se offerecem á contemplação dos visitantes, teem cinco andares sobrepostos, e descem para o interior até á occasião, que a mão do operario deixou de encontrar tufo, especie de pedra porosa e mole muito commoda para fazer excavações. O cavalheiro Rossi, fallando das catacumbas, apresenta um calculo curioso, e diz que, graças a esta successão d'andares, ha tal extensão do campo romano, que mede 125 pés romanos por cada um dos lados do quadrado, e que, explorado nas ultimas profundidades do sul, não colhe menos de setecentos a oitocentos metros de galerias. Assim deve ser, pois é quasi certo que a extensão das excavações exploradas pelos archeologos não comporta menos de 550 kilometros de circumferencia, isto é, a longitude total da Italia.

As pinturas que ornam os seus corredores são tiradas das representações, que ornam o mais das vezes os tumulos dos christãos, como as inscripções attestam d'uma maneira peremptoria a antiguidade de certos dogmas, de que o protestantismo se tem esforçado por negar a authenticidade para supprimir a pratica.

(Continua) A. Vieira Lopes

O BOI

O boi tem sido considerado em todos os paizes que se tem occupado com preferencia da agricultura, como o servidor mais util ao homem, chegando até mesmo as leis civis e religiosas a dispensarem-lhe uma protecção decidida.

Na antiguidade alguns povos adoravam-o, julgando-o sagrado, castigavam os que os maltratavam ou matavam, e qualificavam de sacrilegos aos que comiam da carne d'esse animal, que imaginavam proceder da divindade.

Em alguns paizes tributavam ao boi tal veneração, que Plinio, referindo-se a este animal, conta que um cidadão que tinha morto um para curar com as suas entranhas a enfermidade de que padecia um individuo da sua familia, foi immediatamente desterrado, como se tivesse praticado algum assassinato.

A festa do boi gordo ainda usada em França é uma reminiscencia das festas que se celebravam na primavera, sob o signo de Touro. Os gaulezes adoravam um touro revestido de insignias religiosas; os egypcios passeiavam o boi Apis, mas não o sacrificavam. Os chinezes passeiam um boi gordo por ocasião da festa da primavera, e em Pekin o imperador faz distribuir os pedaços aos seus grandes mandarins. Os reis preguiçosos mostravam-se em carros puxados por bois.

Não se pode pôr em duvida e está admittido que o boi é o animal domestico mais util ao homem, por cuja rasão merece, com preferencia a outro qualquer, ser attendido com solicitude. Elle é um dos mais fortes apoios da agricultura; a sua alimentação é pouco dispendiosa, os trabalhos que executa são penosos, a sua força é consideravel, a resistencia que apresenta para os trabalhos em que é empregado é extraordinaria, a sua carne é um dos alimentos mais nutritivos que o homem consome, a sua pelle tem muitissimas applicações para a industria, e os seus paus servem para fabricar uma multidão de objectos applicaveis ás artes e aos usos domesticos.

E é um animal tão prestimoso que o homem martyrisa e se compraz em verter o seu sangue inutilmente! E chama-se a esta barbaridade divertimento!

O BOI

ZIG-ZAGS

MULHERES

A importancia que se dá ás esposas varía segundo os paizes e as latitudes. Por exemplo, em muitos pontos do universo são ás vezes companheiras dispendiosas; mas nas regiões septentrionaes do rio Amor, assim como na Siberia, segundo as informações do reverendo Lansdell á sociedade Scientifica de Inglaterra, o valor de uma mulher é o de oito ou dez cães, um trenó ou duas caixas de agoardente, conforme a idade e corpolencia.

Na Nova Bretanha e nas ilhas visinhas ás costas da Guiné, as mulheres são propriedade absoluta dos maridos que as compram, vendem e mesmo as comem em caso de necessidade. Infelizmente, não se comem só mulheres na Nova Bretanha; os naturaes são muito amantes da carne dos missionarios, e acham os inglezes estupidos por não saberem apreciar uma perna de carne humana bem assada, regada depois com leite de coco e servida em folhas de bananeira!

O sabio viajante Powel termina a narração da sua viagem aos paizes septentrionaes da America, aconselhando as mulheres brancas a não se aventurarem por aquellas paragens, se não quizerem sujeitar-se a ser comidas.

A condição da mulher nos paizes selvagens é de todo o ponto digna de lastima; mas mais perto de nós, na Europa mesmo, ha uma nação, a Turquia, onde a mulher não passa d'uma escrava.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o Camões pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 44

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 30 DE JUNHO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

Texto: — Os jesuitas — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos —Phtysico (poesia) por A. E Macedo Ortigão — A sociedade dos tres (romance) — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — Chandernagor — A mulher — O Garaguay — A caça — Datas memoraveis de Portugal: Batalha de Montes Claros — No tumulo (poesia) por João de Deus — Os homens uteis de todos os paizes: Galvani — Sciencia para todos: Os vegetaes, por doutor Jayme — As perolas — As chronicas do povo: Os dous pedreiros — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Tripoli e Tunis — Zig-Zags: O inimigo — Expediente — Prospecto.
Illustrações: — Um jesuita — Chandernagor — O Garaguay na Provença — Tunis.

OS JESUITAS

Agora que se falla tanto dos jesuitas não virá fóra de proposito uma historia a traços largos d'essa celebre companhia, de que se tem dito tanto mal e tanto bem.

Sabe-se que o instituidor da ordem dos jesuitas foi um fidalgo hespanhol, natural da provincia de Guiposcoa, o qual, depois de se distinguir na carreira das armas, se armou cavalleiro da Virgem por uma inspiração que teve em um sonho. Ignacio de Loyola fez-se mendigo, anachoreta, foi visitar a Terra Santa, e entrou emfim para um collegio em Paris, onde se associou com outros fanaticos, os principaes dos quaes foram Francisco Xavier, Affonso Salmeron, Nicolau Boabdilha e Simão Rodrigues.

Foram estes os primeiros membros da ordem, e os seus votos tiveram logar em 1534 na egreja de Montmartre.

Partindo em seguida para Roma, dirigiram-se d'ahi a Veneza, onde se ordenaram padres, entregando-se desde então á predica publica.

Ignacio tornou a Roma em 1537, e apresentou ao papa Paulo III o projecto do seu instituto. O papa objectou algumas duvidas; mas Ignacio sanou-as todas, acrescentando aos tres votos de pobreza, castidade e obediencia um quarto voto d'obediencia absoluta ao pontifice romano. Paulo III confirmou a ordem em 1540 sob o titulo de padres da Companhia de Jesus, e os companheiros

UM JESUITA

de Loyola intitularam-se desde logo jesuitas.

Ignacio foi eleito em 22 d'abril de 1541 geral da ordem, e teve a satisfação de a ver espalhada e implantada na Hespanha, em Portugal, na Allemanha, nos Paizes Baixos, no Japão, na China e na America. Francisco Xavier e outros missionarios sahidos da Companhia de Jesus levaram o nome da nova ordem até aos confins da terra. Em França a ordem só teve entrada em 1550, o anno mesmo em que o papa Paulo III lhe deu uma nova bulla de confirmação; mas, longo tempo combatida pela Sorbonna, foi só em 1556 que o parlamento deu licença para ella se estabelecer em Paris.

O fundador da ordem morreu em 28 de julho de 1556. A companhia contava n'essa data doze provincias, cem collegios e mil associados, e tinha alem d'isso missões na America, na Asia e na Africa. A ordem prosperou com tanta rapidez, que em 1614 contava trinta e oito provincias e mais de treze mil membros. Foi sobre tudo na Allemanha que ella por aquella epoca se tornou poderosissima.

Em França a sua influencia foi aba-

lada um pouco pelas *Provinciaes* de Pascal e o povo não a olhava com bons olhos depois do attentado de Ravaillac; mas isso não obstou a que Luiz XIV cobrisse de distincções os jesuitas, escolhendo um d'elles para seu confessor, e crê-se até que nos ultimos dias da sua vida o rei se filiou na sociedade.

As congregações jesuiticas invadiram então até o exercito.

No fim do seculo XVII a ordem tinha seiscentas casas e vinte mil membros, sendo oito mil padres. O seculo seguinte foi-lhe menos favoravel, em rasão de se lhe imputar o attentado de Damiens contra Luiz XV, e os odios populares augmentaram com esse facto, não tardando a dar-se a grande lucta entre a ordem e o parlamento, que a final terminou pelo decreto de dissolução da sociedade, em 1761. Depois de demonstrar que as obras dos jesuitas tendem a «romper todos os laços da sociedade civil, auctorisando o roubo, a mentira, a impureza mais criminosa, e geralmente todas as paixões e todos os crimes, pelo ensino da compensação occulta, do equivoco, das restricções mentaes, do probabilismo e do peccado philosophico», ordenava o decreto que ninguem mais entrasse para uma ordem tão perigosa á religião e ao estado, «inadmissivel pela sua natureza em todo o estado policiado, como contraria ao direito natural, attentatoria de toda a auctoridade espiritual e temporal e tendente a introduzir, sob o veo d'um interesse religioso, um corpo politico, cuja essencia é uma actividade continua para chegar, por toda a especie de caminhos, directos ou indirectos, conhecidos ou occultos, primeiro a uma independencia absoluta e depois successivamente á usurpação de toda a auctoridade.»

Este decreto ordenava, alem d'isso, a dissolução da sociedade de Jesus e o encerramento dos collegios. Os bens dos jesuitas foram confiscados; mas concedeu-se uma pensão vitalicia a cada associado. De cinco mil jesuitas que a França contava só cinco acceitaram a pensão. Os ex-jesuitas foram internados em diversos pontos do reino, prohibindo-se-lhes voltarem á capital.

(Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XX

Jorge accendeu uma vela e foi sentar-se junto da secretaria de que, por varias vezes, temos fallado. Sobre o elegante movel achava-se uma carta com a marca do correio de Portugal, dirigida para Jorge de Castro. A letra era decerto muito familiar ao mancebo, porque ao ler o sobscripto brilharam-lhe os olhos d'alegria. Abriu a carta. Era de seu pae e concebida nos seguintes termos:

Meu Jorge

«Sinto-me á beira do tumulo. A eternidade de que me avisinho, faz-me lembrar de Deus e da sua infinita bondade.

O redemptor da humanidade ensinou-nos a perdoar; perdoado estás, pois, tambem dos teus erros.

Do coração já ha muito te havia perdoado; restava apenas lavrar no papel a mais sublime palavra da humana linguagem.

Tenho soffrido muito. Fui rigoroso contigo: Deus sabe quanto hoje estou arrependido. Não tenhas resentimento algum pela minha passada severidade; esquece o que te fiz soffrer e roga a Deus por mim, que vou breve fazer companhia a tua santa mãe.

Esta carta vae de certo affligir-te demasiado; mas era-me forçoso escrevel-a. A constante tristeza em que tenho vivido desde a tua sahida tem-me affectado seriamente a saude.

Sinto, de continuo, uma dôr penetrante. Os medicos receitam-me varios remedios, creio que mais para me animar do que para d'elles colher algum resultado. Creio que tenho uma lesão no coração, que pouco tempo me deixará de vida.

Sinto-me fraco. Com grande sacrificio me levanto da cama para comparecer na repartição. Meu Jorge, não quero morrer sem ver-te. Remetto-te a inclusa nota de 100$000 reis para as tuas despezas de viagem. Não tardes. Despede-te dos teus protectores, agradece-lhes as suas bondades e apressa-te em regressar á patria a abraçar teu pae.

Quem me tem feito mais assidua companhia, tem sido o nosso Pedro da Motta, que muito se te recommenda.

Adeus: recebe a minha benção e crê-me

Teu pae muito aff.º

Ernesto

Jorge rompeu em soluços ao depôr a carta sobre a secretaria.

—Não cabe em mim tanto soffrer! exclamou o mancebo apertando a cabeça nas mãos. Isto é para enlouquecer!..

E ficou por largo espaço mergulhado n'aquella dor intensa, com os cotovêllos firmados na secretaria e a fronte entre as mãos.

Ha dôres que petrificam. Assim foi aquella. Jorge conservou-se mudo e immovel por algum tempo. Veio tiral-o d'aquelle lethargo a voz de Bernardo, que o chamava para a ceia.

O mancebo, ao ouvir aquella voz, ergueu a cabeça, olhou para a porta, e, reconhecendo Bernardo, fez-lhe signal para que se approximasse.

O velho obedeceu. No rosto franco e expansivo trazia pintada uma grande dôr.

—Diga-me uma cousa, snr. Bernardo; sabe o que hoje se passou?

—Sei apenas que D. Adelina está de cama, perigosamente doente, e que o snr. Almeida está muito afflicto, e triste como nunca o vi. Perguntei-lhe o que a senhora tinha e elle não me respondeu. Não me atrevi a interrogal-o segunda vez.

Não era necessario ir mais alem. Pelo que Bernardo dizia, as cousas tinham tomado um aspecto pouco lisongeiro. Em vista do que se passara, a saida de Jorge do Rio de Janeiro era uma cousa necessaria, mormente depois da leitura da carta de seu pae. Resolveu, pois, immediatamente voltar a Portugal.

—Está bem, snr. Bernardo, disse o mancebo depois de alguns momentos de reflexão; sei o que desejava. Pode, pois, retirar-se, e obrigado.

—Então não vem ceiar? perguntou o velho, olhando para Jorge com certa admiração.

—Não ceio hoje, respondeu este seccamente.

Bernardo retirou-se e o mancebo cahiu em profunda meditação.

(Continua) ALBERTO CARLOS

PHTYSICO SCEPTICO

Eu vou em breve morrer!
Não m'o dizem, bem o sei;
Mas a febre que me inflamma,
Esta ardente, intensa chamma...
E' a morte... Morrerei!...

Da vida não levo pena,
Nem quero o mundo lembrar;
Só tenho affectos perdidos...
Não creio em prantos vertidos
Na campa que me abrigar!

A ninguem a minha morte
Sombra de dôr levará!
—Mais uma vida ceifada,
Mais uma despida ossada,
Sem crença o mundo dirá.

Nem um goivo, uma saudade
Mão amiga irá depôr!...
Nem uma lagrima qu'rida
Sobre a terra revolvida...
Nem triste canto d'amor!

Tive amigos. Na amisade
Luz serena julguei ver...
Soletrei essa palavra,
Que no peito doce lavra...
Mas jamais a pude ler!

Tive paes que amava muito:
Olhar de Deus os chamou...
Tive irmãos estremecidos;
Mas são amigos perdidos,
Que a morte a todos ceifou.

Tive amor ás mansas agoas
Do arroio cercando o val',
A's aves soltando endechas,
Saudosas e ternas queixas
No rescendente rosal.

Era-me encanto a pureza
Da natureza sem veo,
Inspirava-me a harmonia
Dos astros, da noute e dia,
E das estrellas do ceo.

Enlevavam-me os suspiros,
Que vem da campina em flôr,
Onde cresce o verde olmeiro,
E o deslisar do ribeiro
Par'cia um hymno d'amor.

Amei sim! E não me dóe
Ver fugir tanta illusão!...
Olhava... Prendeu-me o abysmo,
E as trevas do scepticismo
Toldaram-me o coração!

As crenças minhas murcharam,
No mundo vejo-me só,
E as flores tão mal fadadas...
Penderam. Eil-as calcadas
Seccas, envoltas no pó!

Eu vou em breve morrer!
Não m'o dizem, bem o sei:
Mas a febre que m'inflamma,
Esta ardente, intensa chamma...
E' a morte... Morrerei!...

A. E. Macedo Ortigão

A SOCIEDADE DOS TRES

V

UM JANTAR DE RAPAZES

(Continuação)

—Que meio é esse? perguntou Frederico.

—Ouçam-me com attenção. Não é costume, d'aqui até ao S. Miguel, pôr escriptos nas janellas de todas as casas cujos moradores tencionam mudar-se? E'; isso sabem-o vocês tão bem como eu. Pois bem. Um homem que se dedicasse a visitar quantas casas apparecem com escriptos, desde as mais nobres até as mais mesquinhas, surprehenderia segredos recatados, entraria em relações intimas, alcançaria emfim o que d'outro modo não sería capaz d'alcançar, no interior das familias. Que me dizem á minha ideia? Olhem que é o fructo das minhas lucubrações ha desesete dias.

—Magnifico! exclamaram a um tempo o esculptor e o litterato.

Tiberio soltou uma gargalhada de satisfação e disse:

—Eu bem sabia que haviam de approvar.

—E como se hade pôr em pratica a tua ideia? perguntou Marmolilho.

—E' simples, respondeu Tiberio. Constituimo-nos todos tres em sociedade para a explorar-mos. Eu não quero nada pelo privilegio.

—E' uma ideia magnifica, sim senhor! exclamou o esculptor; e tanto mais que para a explorar, bastamos nós os tres.

—E não precisamos de capital para formar a sociedade, ponderou o litterato.

—N'esse caso approvam? tornou Tiberio.

—Já se vê que sim, responderam os dous.

—E quando entraremos em exercicio?

—D'aqui a oito ou quinze dias. Por em quanto ha poucos escriptos.

—Lembro uma cousa, disse Frederico. Conviria dar um titulo á sociedade.

—Exacto, replicou Marmolilho. Mas já que o Tiberio é que teve a ideia, elle é que deve baptisar a sua obra.

—Chamar-se-ha a Sociedade dos Tres, disse Tiberio.

—Apoiado, e assim fica entendido que não podemos admittir mais nenhum associado, respondeu Marmolilho.

—Está claro, concluiu Frederico; mas o que pode acontecer é que algum de nós, por uma circunstancia imprevista, seja obrigado a sahir da sociedade, e n'esse caso sería bom estatuir-se que poderia admittir-se um novo socio para a vaga do que faltasse.

—Isso sim, disse Tiberio. Que dizes tu, Marmolilho?

—Tambem assim o entendo, pois é justo que sejamos sempre tres. Tres! Sempre tres! exclamou Frederico.

—Proponho agora um brinde á Sociedade dos Tres, disse Tiberio.

—Um brinde á sociedade e outro ao iniciador, acrescentou Marmolilho.

—Alto. Proponho um terceiro, disse Tiberio. A's bellas de que vamos ser os encarniçados perseguidores!

—Apoiado! Apoiado! gritaram em côro o jornalista e o esculptor.

Os brindes foram enthusiasticamente correspondidos e o banquete terminou no meio da maior alegria.

O leitor comprehende agora que a visita de Tiberio e Marmolilho a casa do marido ciumento foi a inauguração dos trabalhos da Sociedade dos Tres. Mas o exito d'esta tentativa, como viu o leitor, não correspondeu ao que elles esperavam. No entanto não desanimaram e vamos ver o mais que se seguiu ás scenas que narramos nos capitulos anteriores.

(Continua)

AS CATACUMBAS DE ROMA

II

(Continuação)

Por toda a parte se encontram invocações dirigidas a Deus por intermedio dos santos e dos martyres, em nome d'aquelles cujas virtudes lhe foram agradaveis. Por toda a parte se encontra o symbolo das especies eucharisticas. Os apostolos S. Pedro e S. Paulo, e em particular o principe dos apostolos, se destaca do grupo dos seus companheiros. Manifestam-se á vista dos visitantes debaixo de formas consagradas e já tradicionaes.

O Christo, pastor dos povos, está o mais das vezes acompanhado d'uma mulher magestosa, que ora em pé. Suas feições, como a sua attitude, são por toda a parte as mesmas, e, segundo o testemunho fornecido pelos vasos de vidro que prolongavam nos tumulos dos martyres a sua fragil immortalidade, esta mulher não é outra senão a Santa Virgem, Mãe de Deus, já na posse das homenagens e do logar que a nossa fé lhe attribue. As narrações do antigo testamento confundem-se n'estas representações singelas, com as parabolas do Evangelho. O mais das vezes a narração da Biblia é interprete da maneira mesmo e com os commentarios, que encontramos nos padres os mais antigos. A figura que toca no rochedo, e que no deserto faz correr na presença dos israelitas a fonte miraculosa, acha-se algumas vezes indicada n'estes monumentos christãos, e fica-se surprehendido de ahi encontrar a palavra *Petrus*. Este symbolismo explica-se. O apostolo é a pedra fundamental da egreja; é, como o disse M. Rossi: Moysés que apaga no deserto a sêde do seu povo eleito por meio da fonte, que faz correr da pedra, figura Pedro, o novo Moysés do novo povo, que, no deserto d'este mundo, faz jorrar a agoa espiritual e vivificadora da fé em Jesus Christo; S. Paulo disse-o em termos formaes: *Petra autem erat Christus.*

Não faltam pessoas que das janellas com grades, pelas quaes as catacumbas recebiam a luz, ou das da porta negligentemente entreaberta, se contentavam em lançar sobre estas pinturas envolvidas na sombra um olhar distrahido e cançado. Não se deve julgar que todos os espiritos sejam capazes de supportar a admiração da grandeza d'este espectaculo e a multiplicidade d'estes objectos. Muitas pessoas, depois de se terem debatido contra estas impressões, que as surprehende até as dominar, se acham vencidas, e á força de olhar, terminam por nada mais ver. E' assim que, apesar do seu bom desejo, da sua piedade, da sua intelligencia, muitas pessoas não referem da sua visita ás catacumbas mais do que essa recordação confusa e incerta. Mas não teriam o pezar de ter perdido uma occasião unica, se tivessem querido durante um quarto de hora despertar o seu espirito d'aquelle somno, e lançar sobre cada um d'estes compartimentos, que elles percorreram, um golpe de vista mais attento e mais esclarecido.

Tinham n'este numero de camaras um exemplo de tudo o que as catacumbas contem de mais curioso.

Depara-se logo com o *arenarium*. São caminhos, explorados industrialmente pelos romanos e d'onde extraem a pozzolana.

(Continua) A. Vieira Lopes

CHANDERNAGOR

—

Cidade do Industão francez, na provincia de Bengala, a vinte e cinco kilometros de distancia de Calcuttá, é a cidade de Chandernagor uma das mais notaveis da India. Tem uma população de trinta mil habitantes. A sua industria consiste em fabricas de tecidos e o commercio consta de exportação de opio.

Os inglezes apoderaram-se de Chandernagor em 1757; em 1763 foi restituida, retomada e entregue de novo. Os francezes occupam-a desde 1806.

A MULHER

—

D'entre todas as maravilhas da creação, destaca-se uma, que foi, sem duvida, a obra prima do Creador! E essa obra prima do Creador, foi a mulher, essa companheira inseparavel do homem desde o berço até á sepultura! Apenas nascemos, começam logo os disvellos e caricias da mulher, que, cumprindo a sua doce missão de mãe, nos prodigalisa os primeiros cuidados.

E, quando pela primeira vez abrimos os olhos á luz do dia, é a mulher o primeiro ente que apparece ante nós, sorrindo, como podem sorrir os anjos!

E depois... eil-a com o filho nos braços!... Como ella chora de alegria! Com que soffreguidão o beija! Como estremece de praser ao amamental-o!...

E a creança vae crescendo, sempre guiada por esse anjo d'amor, a que chamamos mãe! Mãe! Que poemas se encerram n'estas tres letras!

CHANDERNAGOR

Mãe!... Este nome é doce e terno! E' um nome santo!

O nome de mãe é o reflexo brilhante do amor do Creador!

A mãe é muitas vezes o anjo do soffrimento, quando não é a martyr da sua dedicação sublime!

Quando a creança chega á idade da comprehensão, principia então a mãe a dizer-lhe que existe um Deus, que dirige os destinos do homem... e assim vae, pouco e pouco, incutindo no espirito do filho a ideia de Deus e as crenças religiosas, que muitas vezes lhe servirão de alivio no peregrinar da vida!

E ninguem melhor que a mulher pode enraizar no coração do filho as crenças religiosas!

Quantas vezes o homem, no correr da vida, no meio das grandes dôres e dos maximos infortunios, quando está já prestes a descrer de tudo, e até ás vezes a fazer uma loucura... um crime, se recorda de sua mão, ás vezes já morta; essa recordação, avivando-lhe as crenças, faz brotar uma lagrima de seus olhos, e essa lagrima sustem-lhe os passos que o levavam ao scepticismo!

E' ainda a mãe quem descobre o primeiro amor do filho, quem soffre ao vel-o soffrer e quem muitas vezes, no silencio da noute, chora amargo pranto pelos soffrimentos d'aquelle a quem deu o ser.

Vê muitas vezes a mãe expirar-lhe nos braços o filho do seu coração, apesar de ter pedido a Deus que salvasse a vida d'elle a troco da sua propria!

E quem não sentirá uma lagrima cahir pelas faces, ao ver uma mãe na sua afflicção immensa, abraçada ao cadaver de seu filho?

E depois a mãe que perde um filho nunca o esquece! Muitas vezes se recorda d'elle, e tem sempre uma lagrima para verter á memoria do ente querido!

A missão mais sublime da mulher sobre a terra é, pois, a que ella desempenha como mãe!

A mulher mãe será sempre o vulto grandioso de todos os seculos e de todos os tempos!

Tambem a mulher esposa desempenha na terra uma missão sublime e grandiosa!

Dedicando ao homem todo o amor que encerra o coração da virgem, ella, deixando o pae, a mãe, os irmãos, todos os seus, e ás vezes até abandonando a patria, une para sempre os seus destinos ao homem a quem dedica todo o seu amor, a sua vida e o seu futuro!

Depois, unida a esse homem, partilhando das suas dôres e das suas alegrias, quinhoando muitas vezes da miseria que paira no seu lar, ella não desanima! Ao contrario, escondendo as lagrimas, é ella que muitas vezes anima o esposo, quando vê que o desalento se apossa d'elle, e, enchendo-o de affagos, suavisa o seu pesar!

E, no meio dos seus maiores infortunios, o homem olha em torno de si e só vê a mulher que o acaricia!... E só no regaço d'ella é que pode derramar o amargo pranto da sua enorme desventura!

E como alivia o pranto derramado em um seio de mulher, seja ella mãe, esposa ou irmã!

E' porque só a mulher sabe enchugar as lagrimas!

E' porque a mulher é o anjo que Deus lançou sobre a terra para nos conduzir ao ceo!...

E assim como ao nascer é a mulher o primeiro ente que nos sorri, assim ao expirar tambem a vemos ao nosso lado, e, ao dar o ultimo suspiro, ainda o homem sente cahirem-lhe nas faces as lagrimas da mulher!...

A mulher é pois o balsamo consolador de todas as dôres da vida!... E' a obra prima do Creador!

Virgilio Abreu

O GARAGUAY

—

A Provença é, como se sabe, uma provincia situada ao norte da França,

limitada ao sul pelo Mediterraneo e a leste pelos Alpes e o Var, que a separam do Piemonte e do condado de Nice. Tem de superficie uns vinte mil kilometros quadrados; a capital é Aix.

O solo é pulverulento e arido, cortado de montanhas nuas e descarnadas, ramificações dos Alpes occidentaes, que formam costas elevadas, accidentadas de cabos, de peninsulas e de golfos numerosos, e bordadas de diversas ilhas, as mais importantes das quaes são as de Lerins e de Hyeres.

E'em uma d'essas partes dos Alpes, na ponta d'uma garganta elevada, que ha a gruta, ou especie d'arco natural, chamado Garaguay, que a gravura representa.

Um ceo sempre azul, cuja belleza lembra o da Italia, um clima doce, temperado e que podia ser delicioso se o terrivel *mistral* não viesse a miude, com as suas rajadas furiosas, modificar a agradavel doçura, tães são os caracteres physicos d'essa região, notavel sob o ponto de vista do clima, quente e salubre, e das producções, que são variadas, sendo os principaes os cereaes, figos, amendoas, uvas, etc.

A Provença formou outr'ora um reino e um condado, com soberanos particulares, e foi reunida á França em 1487, reinando Carlos VIII.

A CAÇA

(Continuação)

Na antiga Roma dava-se o nome de caçadas do circo ás luctas entre homens e feras de que fallamos já a paginas 204 d'este jornal.

Povo nenhum levou mais longe do que os romanos a paixão pelos combates do circo e pelo praser feroz de ver correr o sangue. Tiveram primeiramente os gladiadores, que d'ordinario não passavam de prisioneiros de guerra e soffriam indifferentemente na arena a morte que lhes recusaram na guerra. Esta voluptuosidade do assassinato tinha os seus requintes: já não se contentavam com a lucta d'homens contra homens; mas exigiam a introducção no circo de animaes ferozes, que os senhores do mundo faziam vir, á custa de grandes sommas, da Asia e da Africa.

Chamou-se a essa innovação *as caçadas do circo*, e houve-as de tres especies: as d'homens expostos ás feras e sem armas para se defenderem, as das feras combatidas pelos homens e emfim as de feras contra feras.

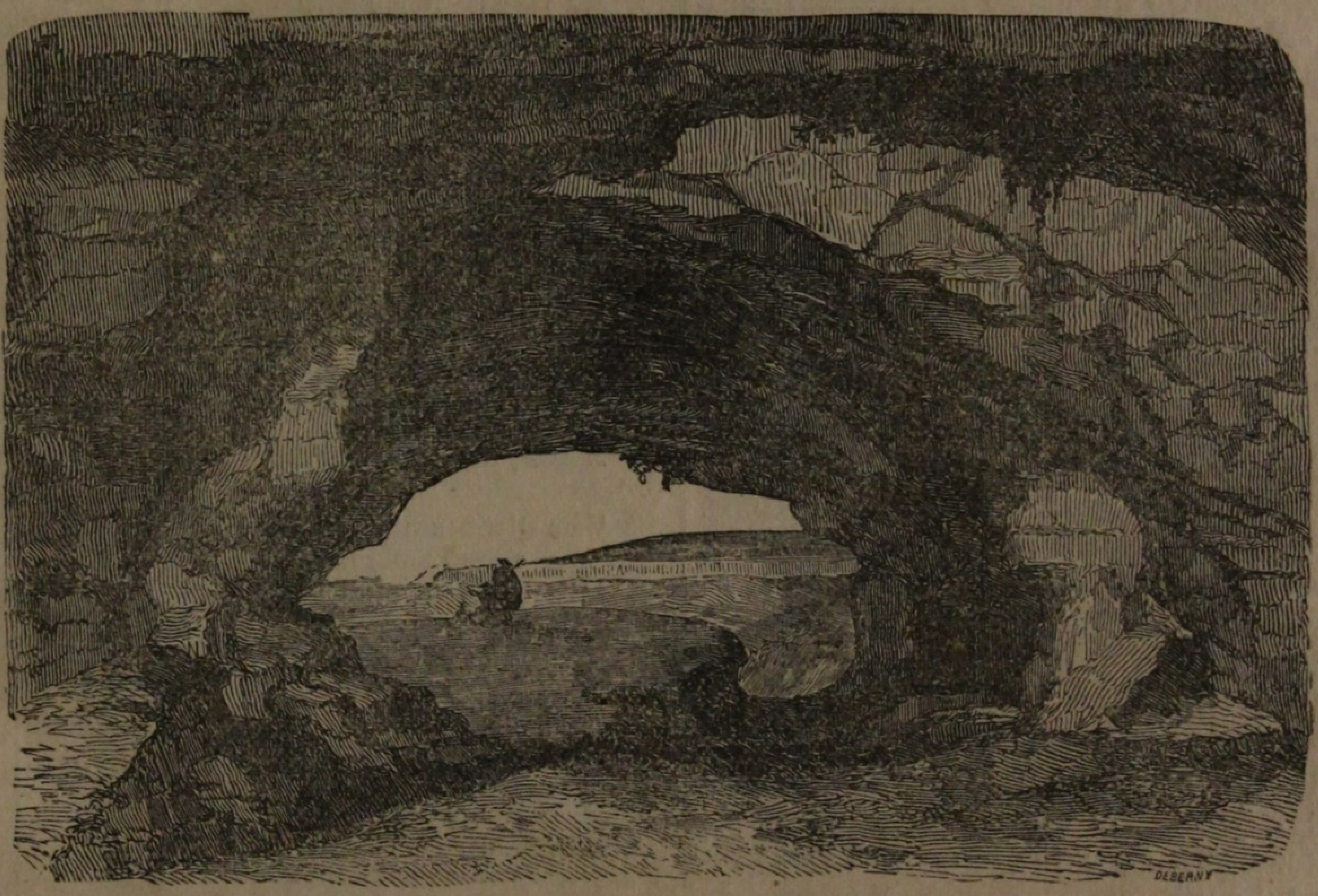
No dia marcado para a festa a multidão encaminhava-se para o amphitheatro, e pelas ruinas do Coliseu pode-se ainda hoje fazer uma ideia do que era um circo destinado aos divertimentos do povo-rei. Era assim que se immolavam os prisioneiros de guerra e os escravos fugitivos. Ora expunham-os em lucta desigual contra um touro, um urso ou um leão; ora um bando d'aquelles desgraçados era opposto a um bando de feras; emfim as caçadas de feras contra feras offereciam todo o apparato de magnificencia dos ambiciosos que queriam ganhar popularidade.

Custa a acreditar que o dictador Sylla desse uma caçada de cem leões, Cesar uma de quatrocentos e Pompeu uma de seiscentos; que Augusto reunisse quatrocentas e vinte pantheras e que Caligula offerecesse, em um só dia, quatrocentas pantheras e quatrocentos ursos.

Comparavel só a esta ferocidade é a sanha com que ainda hoje certas tribus da Africa atacam inopinadamente uma outra tribu menos forte, constituindo prisioneiro todo o folego vivo que encontram e dando barbaramente a morte a quem ousa resistir-lhes. Chama-se a isso a caça ao homem; é o direito do mais forte sobre o mais fraco, que, apesar de todas as theorias phylantropicas, tarde será desterrado de sobre a face da terra.

Desviemos, porém, os olhos d'estas scenas repugnantes que nos apresenta o velho mundo, e descrevamos muito por alto as caças variadas que se fazem ainda hoje em diversas partes do globo.

A caça do javali offerece muitos perigos para poder ser considerada como um divertimento. O javali é um animal brutal, que illude as combinações dos caçadores e faz grandes estragos entre os cães. E' raro poder caçar-se um javali em menos de cinco ou seis horas e algumas vezes leva tres ou quatro dias. Quando o animal desespera d'escapar á



O GARAGUAY NA PROVENÇA

morte, roja-se por terra, forma um salto terrivel, ou senta-se, apoiado na raiz d'alguma arvore, e espera atrevidamente o ataque dos seus inimigos, que ás vezes deixa bem marcados.

Muito mais terrivel por certo é o urso, que obriga o caçador a outras precauções. E' conhecida a sua astucia. Acontece muitas vezes, quando estão á sua espreita, ser elle o que cae d'improviso sobre o caçador. De resto quasi que só é dado descobril-o na epoca das primeiras neves, observando as suas pegadas. Ordinariamente o urso esconde-se no fundo das floresta, ou antes no inverno intrincheira-se em uma caverna, onde se conserva na mais completa immobilidade.

Na India, esquelecticos inglezes, encarapitados no dorso de elephantes, atacam o tigre nos seus esconderijos. Se o perigo é ás vezes o principal attractivo d'esta qualidade de divertimento, a necessidade é não raro o movil de similhante exercicio. O tigre é um animal carniceiro e convem exterminal-o.

A caça das rennas usada pelos jukaquires das margens do Anius, na Russia asiatica, é mais uma necessidade do que divertimento, e tambem não é isenta de perigos serios. Dentro de embarcações frageis, aquelles homens atacam de frente os bandos de animaes que atravessam o rio a nado, e, apesar das pancadas que estes dão nos barcos, conseguem, por um esforço d'habilidade, mantel-os em equilibrio. Um homem pode matar um cento de rennas em uma hora.

Esta especie de caça é o unico recurso d'uma população que se vê reduzida á maior penuria, quando por acaso as rennas, em vez de atravessarem o rio, se desviam para internar-se nas montanhas.

Transportemo-nos á Nubia e assistiremos á caça cheia de peripecias aventurosas que se faz ao hippopotamo, que é necessario harpoar de perto, e que, ora mergulhando, ora defendendo-se com furia, é uma caça pouco commoda, ainda depois de morta, porque o seu peso, que equivale ao de quatro ou cinco bois, é tamanho, que os caçadores, para conduzirem a presa, são obrigados a partil-a em pedaços no logar mesmo em que a apanharam.

(Continua)

DATAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL

BATALHA DE MONTES CLAROS

Uma das batalhas que mais contribuiu para firmar em bases solidas a independencia da nação portugueza, foi a de Montes Claros, dada em 17 de junho de 1665.

Montes Claros é um sitio junto de Villa Viçosa. Foi ali que se encontraram as guardas avançadas dos exercitos hespanhol e portuguez, commandado pelo marquez de Caracena o primeiro e o segundo pelo conde de Schomberg. O inimigo era em força de vinte e dous mil e seiscentos homens e os portuguezes vinte mil e quinhentos, entrando n'este numero quatro mil e oitocentos inglezes, francezes, allemães e italianos.

Os hespanhoes haviam acampado no dia 9 diante de Villa Viçosa, pondo immediatamente cerco á mesma praça, e tendo noticia da approximação dos portuguezes, sahiram para dar-lhes batalha, esperando surprehendel-os durante a marcha. Acharam-se porem enganados, porque, descoberto este ardil, o conde de Schomberg executou uma manobra tanto a tempo, que frustrou a estrategia do marquez.

Durou muitas horas a acção com fortuna varia para os dous exercitos, devendo porém dizer-se que a nossa artilheria, habilmente collocada como estava, causou grande prejuiso nas fileiras do exercito inimigo, devendo accrescentar-se que os hespanhoes não poderam servir-se dos seus pesados canhões, que se achavam na rectaguarda.

A cavallaria inimiga, simulando uma contra-marcha, procurou retirar-se do combate. Sendo, porem, percebida a sua intenção, foi carregada por toda a cavallaria portugueza, o que transformou a retirada em fuga desordenada. Mas os nossos perseguiram tenazmente os fugitivos, cuja derrota foi completa. Cahiram em nosso poder mais de seis mil prisioneiros, quatorze peças d'artilheria, dous morteiros, cento e quatro bandeiras e tres mil e quinhentos cavallos.

Assim terminou aquella memoravel acção, cujo exito, inegavelmente devido á energia do conde de Castello Melhor, poderosamente contribuiu para a fixação da paz entre as duas potencias belligerantes.

NO TUMULO

Vae-se a tarde despedindo,
Vae fugindo,
Vae levando a luz do ceo...
Vem-se a noute approximando,
Desdobrando
Desdobrando o negro veo!

Horas são. Desce, oh! mysterio,
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Desce, desce, aerea sombra!
Não me assombra
Teu phantasma encantador!

Do sepulchro te desprende,
Surge, accende
Em minha alma vida e luz!
Vida e luz que em tempo ainda,
Viva e linda,
Me juraste por Jesus!

Morta mesmo, nada importa,
Se é que morta
Tua alma não jaz aqui...
Morta mesmo, ai! vem sorrir-me!
Repetir-me:
«Não me esqueço, não, de ti!»

Vem dizer-me: «Falsas juras,
Vans, perjuras,
Nunca em vida te jurei;
Que meus cantos, meus sorrisos,
Prantos, risos,
Noites, dias, te votei.»

Vem dizer-me: «Só comtigo,
Terno amigo,
Meus sonhos sonhei... em vão!
Só por ti senti que a morte
D'esta sorte
Me gelasse o coração!»

Mas não digas, não, mysterio...
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Não desças, aerea sombra,
Que me assombra
Teu phantasma assustador!

João de Deus

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XXVI

GALVANI

Galvani, medico e physico celebre, nasceu em Bolonha em 1737 e em 1762 foi nomeado professor d'anatomia na escola d'aquella cidade.

A experiencia seguinte de Galvani foi a origem da descoberta da pilha, cujos usos estão tão vulgarisados.

Formando-se um arco com dous metaes soldados ponta com ponta, e tocando-se com uma das extremidades os nervos dos rins d'uma ran esfolada, e com a outra extremidade as patas do mesmo animal, aquelles orgãos experimentam violentas commoções.

O inventor não soube tirar da sua descoberta resultados tão notaveis como Volta e os outros physicos que teem levado tão longe as applicações da pilha electrica; mas é inegavel que a sua experiencia foi o ponto de partida dos progressos consideraveis realisados na physica e na chimica.

Depois de ter dado durante toda a vida provas do mais nobre patriotismo e desinteresse, Galvani morreu em 1798.

SCIENCIA PARA TODOS

II

OS VEGETAES

(Conclusão)

Algumas plantas apresentam uma certa sensibilidade mecanica e todas ellas experimentam fortemente a acção da luz.

Chama-se *excitabilidade* a propriedade fundamental sob a influencia da qual estão collocadas a *contractibilidade* e a *irritabilidade*. E' esta excitabilidade que é particularmente exercida pelo ar, o calor, a humidade e a electricidade, agentes sem influencia sobre a materia inerte.

A *irritabilidade* é uma exageração local da excitabilidade e existe particularmente em certas epocas, ou em certos momentos, nas plantas. Em algumas é permanente; assim, mal se tocam as folhas da sensitiva, ellas dobram-se sobre si mesmas. Os estames da berberis approximam-se de repente do pistillo quando se toca na base.

A *contractibilidade* é aquella propriedade em virtude da qual o orgão excitado reage. E' ella que preside ao movimento da seiva, etc.

Apesar de ser facil observar uma gradação de seres na natureza, ha entretanto tons particulares que illudem o observador. A percepção começa no ponto em que cessa, ou parece cessar toda a vegetação, o que se nota na anemona, as ostras e o escaravelho. Os polypos collocam-se no primeiro logar das plantas e no ultimo dos animaes, isto é, occupam e formam a transicção d'um para ouro reino; a sua propagação por meio de rebentos assimilha-se á fructificação das plantas. A existencia sobe então de grao em grao tão distinctos, marcados por faculdades mais ou menos activas, por orgãos mais ou menos numerosos, até as creaturas que se approximam mais do homem, que se encontram alguns vestigios afastados da sagacidade no elephante, da sua applicação social nas abelhas e nos castores e traços mais grosseiros da sua forma no macaco.

A flores podiam servir para marcar as horas do dia e da noute quasi tão fiel-

mente como os ponteiros d'um relogio: assim a flor da leituga abre ás seis horas da manhã, a do nenuphar ás sete, a do morrião ás oito, a do malmequer silvestre ás nove, a da herva do orvalho napolitana ás dez, a do leite de galinha ás onze, a da glacial ás doze, a do cravo prolifero á uma, a da franja vermelha ás duas, a da barcausia ás tres, a do alyssão ás quatro, a das boas-noutes ás cinco, a do geranio livido ás seis, etc.

O malmequer pluvial tem a propriedade de servir de barometro. Se durante o dia tiver de fazer bom tempo, as suas flores abrem pelas sete horas da manhã e fecham entre as tres e quatro horas da tarde; se tiver de chover não se abrirão todo o dia.

Para terminar estas breves noções da sciencia botanica, diremos algumas palavras da geographia botanica, que vem a ser a parte da mesma sciencia que trata da distribuição dos vegetaes por sobre a face da terra.

Chama-se *estação* d'uma planta a sua existencia em tal ou tal meio, apresentando um certo conjunto de condicções physicas, como a sua existencia em uma floresta, um campo, etc. Habitação de uma planta é a sua existencia n'este ou n'aquelle paiz.

Quatro causas influem na vegetação e distribuição geographica das plantas. Estas causas são: o calor, a luz, a humidade e o solo.

O calor vae diminuindo do equador para os polos. Esta diminuição é influenciada pela exposição, as montanhas, a visinhança do mar, etc.

O solo é o meio em que uma planta pode crescer, sem exceptuar as agoas.

A humidade influe igualmente sobre a estação e habitação; emfim a luz é a que tem menos acção sobre a distribuição geographica das plantas.

DOUTOR JAYME

AS PEROLAS

São corpos globulosos, de forma variavel, compostas de camadas muito delgadas, constituidas por nacar inteiramente igual ao que cobre o interior das conchas onde se acham, sendo devidos geralmente a um estado de enfermidade do animal; assim, um corpo estranho, um pequeno grão d'areia que casualmente penetra dentro da concha, é para o animal um estimulo continuo, e em roda da dita causa de irritação se effectua um deposito de substancia nacarada, que se converte em uma orla de forma variavel e sem adherencia com a concha.

Dissolvendo uma perola em acido sulphurico chega a encontrar-se muitas vezes o grão d'areia, que serviu de nucleo ás camadas finissimas de nacar; mas n'outras occasiões falta, havendo-se então formado a perola em roda d'um ponto enfermo do corpo do animal.

Submettida á analyse chimica, a perola apresenta carbonato de cal e um pouco de materia animal.

As perolas encontram-se ora adherentes á concha dos moluscos, ora livres e como envolvidas nas pregas do animal.

O molusco que produz a perola mais apreciada é a madre-perola (*Avicula-margaritifera* de Linneo), que vive em bancos consideraveis nos mares da Asia, a uma grande profundidade. As mais estimadas perolas são as que se encontram junto da ilha de Ceylão e no lago de Tay, na Escossia; de resto encontram-se em todos os mares.

Linneo, fundando-se na observação de que as perolas são o resultado de lesões que provocam irritações entre os moluscos e produzem secreções, serviu-se d'esse meio para estabelecer perleiras artificiaes.

A pesca verifica-se por mergulhadores, que submergindo-se no mar, as arrancam dos sitios onde se encontram e as collocam por um momento em uma rede que levam comsigo, até as deitarem nos barcos, quando voltam á superficie da agoa; em seguida põe-as em terra ao ar livre, para que o animal morra e se abra espontaneamente a concha, procedendo-se então ao exame interno d'ella em procura das perolas, que possa conter.

Em Ceylão a pesca das perolas começa em fevereiro e acaba em abril. Ha uns barcos proprios para este mister, que tem seus perigos.

E' muito difficil encontrar perolas, que apresentem todas as qualidades que se desejam, isto é, muita regularidade na forma espherica, ovoidea ou periforme, uma bella côr branca, pronunciada, com reflexos brilhantes, e, finalmente, um tamanho consideravel; todas as que reunirem estas condições são d'um preço elevadissimo.

Desde a mais alta antiguidade as perolas foram apreciadas como objecto d'ornato; as da India valiam um preço fabuloso. Serviam-se os povos antigos, especialmente os orientaes, para compor collares e guarnecer o calçado.

Julio Cesar presenteou a irmã de Catão de Utica com uma perola que havia comprado por cerca de dous mil contos; a perola que Cleopatra engoliu diante de Antonio, depois de a ter feito dissolver em vinagre, tinha custado perto do dobro d'aquella somma. No tempo dos imperadores o luxo das perolas foi levado ao requinte. Um par de sapatos de Paulina, mulher de Caligula, era avaluado em mil e quinhentos contos de reis.

Além d'estas perolas, são tambem notaveis pelo seu valor a que o shah da Persia comprou ao viajante Tavernier, a comprada por Leão X e a apresentada a Filippe II de Hespanha, do tamanho d'um ovo de pomba.

AS CHRONICAS DO POVO

I

OS DOUS PEDREIROS

I

—

Albacete é uma cidade de Hespanha; mas ha cincoenta annos não passava de uma aldeia com honras de capital. Quer dizer que o seu progresso foi lento e chegou tarde. Mas quando o silvo da locomotiva se ouviu por aquelles campos e a electricidade imprimiu uma nova face ás communicações dos povos, a transformação foi completa. Foi n'esse periodo de febril regeneração que as artes e a industria receberam vigoroso impulso; foi então que o trabalho, symbolo civilisador da vida dos povos, principiou a estender os seus beneficios por essa quasi olvidada região de Hespanha. Foi n'essa epoca tambem que succedeu a historia que vamos contar.

O tio Martinho era um honrado pedreiro, carregado de filhos e de virtudes... carga demasiado pesada no seculo XIX! Pedro era um orphão, sem outros bens de fortuna além dos seus braços robustos e seus sentimentos nobres... valores que não teem cotação em bolsa nenhuma do mundo!

A historia que uniu estes dous seres conta-se em poucas palavras.

Uma noute de janeiro Martinho saía de casa do alcaide, onde tinha concluido uma obra. Ao transpor o limiar da porta tropeçou em um embrulho, e esteve quasi a ir ao chão. Examinou o que aquillo era e viu-se diante d'um rapasito, pallido e desfalecido pelo frio e pela fome.

—Diabo de tropeço! gritou o pedreiro. Pois não ia eu cahindo!...

O pequeno apenas balbuciou umas palavras, como para escusar-se.

—Que tens? perguntou o tio Martinho. Que é isso? tornou em um tom mais doce. Tens por ventura medo?

—Tenho, disse a creança; e tenho frio e... fome.

A palavra *fome* fez estremecer a seu turno o honrado operario.

Acercou-se do pequenito, ajoelhou junto d'elle e entrou de contemplar aquella physionomia triste e resignada, em que o infortunio tinha impresso os seus profundos traços.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXXVII

TRIPOLI E TUNIS

Ao norte da Africa e entre o Sahara, o Mediterraneo, o Egypto e o Atlantico, estende-se uma vasta região, que é

a Berberia ou Maghreb e comprehende as regencias de Tripoli e de Tunis, a Algeria e o imperio de Marrocos. Trataremos em primeiro logar das primeiras.

A regencia de Tripoli tem uma superficie de 160:000 kilometros quadrados e uma população de 600:000 habitantes. E' o emporio do commercio entre a Europa, o Sahara e a India. Governa-a um bey, considerado subdito da Porta, mas com poderes absolutos, e tendo como subordinados beys particulares que nomeia e de que exige certos tributos.

O Mediterraneo forma ali os golfos de Gabès e de Sidra, que são a grande e pequena Syrthe.

A capital é Tripoli, porto sobre o Mediterraneo, com 25:000 habitantes, sendo 3:000 judeus. Ha ali de notavel a ver o castello do pachá, um bello arco de triumpho antigo, levantado em honra de Marco Aurelio em 164, e meio enterrado; 6 mesquitas, sendo uma d'ellas magnifica, de marmore cinzento, d'architectura dorica; dous basares, um dos quaes serve de mercado dos escravos. Feiras muito frequentadas. Commercio importante d'ouro em pó, pennas d'abestruz, marfim, ruiva, soda, tamaras e outros productos do deserto. Foi patria do imperador romano Septimo Severo.

Ao sul da regencia estão o paiz de Barca, tributario de Tripoli, 100:000 h.; capital Barca; o Fezzan, 60:000 h., governado por um logar-tenente do pachá; capital Murzuk.

Passemos a Tunis. Esta regencia tem uma superficie de 137:000 kilometros quadrados e 2 milhões de habitantes. E' limitada ao norte pelo Mediterraneo, a leste pelo Mediterraneo e a regencia de Tripoli, ao sul pelo Sahara e a oeste pela Algeria.

E' por Tunis que vem do interior da Africa o marfim, as pennas d'abestruz e o ouro em pó. O commercio com o centro da Africa faz-se por meio de caravanas.

O governo da regencia está submettido á suserania nominal do sultão e é d'elle que o bey recebe a investidura.

A capital é Tunis, cidade de oitenta mil habitantes, sendo cerca de 30:000 judeus, e situada a 45 kilometros da costa, communicando com o golfo de Tunis pelo canal da Goletta.

A cidade está edificada em amphitheatro na extremidade do lago salgado de El-Bahira. Contam-se mais de 12:000 casas em estylo oriental.

TUNIS

As ruas são estreitas, tortuosas e mal calçadas; comtudo notam-se alguns edificios formosos; ha numerosas mesquitas, o novo palacio do bey, a bolsa, os banhos publicos, escolas, um collegio e um aqueducto. Commercio importante com Marselha, Genova, o levante, o Egypto e a Abyssinia; exportação de cereaes, lãs, azeite, pelles, ruiva, cera, coral, etc. Fabricas de sedas, marroquins, veludos, fazendas de lã, etc.

Perto de Tunis, sobre as ruinas de Carthago, eleva-se uma capella dedicada a S. Luiz. Foi mandada edificar pelo rei de França Luiz Filippe em 1841.

Tunis assumiu uma grande importancia depois da destruição de Carthago pelos mouros. Na idade media os normandos occuparam-a durante algum tempo. Luiz IX morreu da peste quando estava cercando esta cidade. Em 1535 Carlos V tentou de balde conquistal-a, e não conseguiu tomar senão o forte da Goletta, que os turcos rehaveram vinte annos depois.

Hairuan, no interior da Tunisia, é para os mahometanos uma cidade santa.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

O INIMIGO

O inimigo, em termo de guerra, é aquelle que a faz a um soberano. Os que se organisam em bandos e se armam para a guerra de partidarios são bandoleiros ou piratas. Se combatem para derribar um governo dá-se-lhes o nome de insurgentes ou rebeldes.

O novo direito das gentes proclama que as nações devem fazer o mais bem possivel durante a paz e o menos mal possivel durante a guerra, e que os soberanos que recorrerem ao supremo argumento da artilheria, *ultima ratio regum*, devem sobretudo usar de grande lealdade com respeito a tregoas e capitulações.

Na antiguidade consideravam-se facilmente como inimigo as massas inoffensivas que por sua fraqueza eram incapazes d'usar das armas, e não era raro, na tomada das cidades, ver passar a fio d'espada as creanças, as mulheres e os velhos.

Taes crueldades nunca foram uma necessidade, e hoje, se se quizesse fazer reviver os usos das guerras antigas, sublevariam até a indignação da nação em favor de quem se pensasse empregar taes meios de triumphar.

EXPEDIENTE

—

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o Camões pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO PREÇO 20 REIS NUMERO 45

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 7 DE JULHO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO: — O lago de Nicaragua — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Algeria — A sociedade dos tres (romance) — A noute de S. João (poesia) por Alberto Carlos — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — O cão — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — O ostracismo, por Adolpho Salazar — Os homens uteis de todos os paizes: De Lasteyrie — A caça — No templo, por Azevedo Ramos — As chronicas do povo: Os dous pedreiros —Pagodes — Zig-Zags: O clima do Mexico — Um alho — A navegação — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — O lago de Nicaragua — O cão — A caça entre os selvagens — Um pagode persa.

O LAGO DE NICARAGUA

A abertura do isthmo americano de Panamá, a que em breve se vae proceder, para a communicação dos dous mares, Atlantico e Pacifico, importa incalculaveis vantagens para o commercio e para a civilisação e vem marcar uma

O LAGO DE NICARAGUA

epoca memoravel nas relações dos povos modernos.

Acha-se actualmente organisada nos Estados-Unidos a grande companhia, que ha de levar a effeito esta importante obra, na qual estão interessados os mais poderosos bancos americanos, tendo a concessão sido feita pelas republicas da Colombia, sob a approvação e beneplacito dos Estados-Unidos. De longa data era conhecida a necessidade de accelerar o transporte de mercadorias através do isthmo, cuja largura tem doze a doze legoas, sendo o comprimento de vinte, apresentando-se diversos alvitres, já da construcção de um caminho de ferro, já da feitura de um canal de determinadas dimensões, que estabeleça uma communicação navegavel entre os dous mares; mas obstava sempre á execução d'estes planos a consideração da grande differença de nivel do isthmo na parte interior. Coube porém a gloria ao distincto engenheiro, M. Fernando de Lesseps, que em 1857 dera os planos para a abertura do isthmo de Suez, de vencer todas as difficuldades, e de ver acceites e appro-

vados os seus trabalhos para a abertura do canal do Panamá, que vae abrir vasto horisonte ao commercio do grande mar Pacifico.

São consideraveis as vantagens e interesses, que resultam do estabelecimento d'este canal, que encurta tres mil legoas, termo medio, a derrota dos navios, que pretendem passar d'um oceano para o outro, e que até agora tinham para este fim de dobrar o cabo Horn.

O centro da communicação dos dous mares é o lago de Nicaragua, representado na gravura. Acha-se este lago situado na America central, e estado do seu nome, junto do Grande Oceano, e unido pelo rio S. João ao mar das Antilhas.

A superficie do lago é de cento noventa e tres kilometros de comprimento por setenta e sete de largura.

Encontram-se ahi numerosas ilhas habitadas.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XXXVIII

ALGERIA

A Algeria, ou Argelia, é a mais importante possessão franceza na Africa. A superficie mede 390:000 kilometros quadrados e tem 2,600:000 habitantes.

Conquistada em 1830, está hoje esta provincia dividida em tres departamentos, administrados por prefeitos. Tem um governador geral nomeado pelo ministro da guerra.

O clima é são e temperado; nos sitios onde o solo pode ser regado, a vegetação é abundante, magnifica. Prosperam ali os animaes domesticos da Europa. Bellas raças de cavallos; animaes ferozes, como leão, hyena, chacal. Os gafanhotos fazem ás vezes devastações importantes. Minas de ferro, chumbo e cobre; agoas thermaes.

O departamento d'Argel tem 113:000 kilometros de extensão e um milhão de habitantes. Está situado no centro da Argelia, entre os departamentos d'Oran e de Constantina, este a leste e aquelle ao oeste. Comprehende a Grande Kabilia, submettida em 1857.

Capital Argel, com 60:000 habitantes. Construida em amphitheatro á beira do mar, forma um triangulo no alto do qual está a fortaleza ou Kasbah, antiga habitação dos beys, dominada pelo forte do Imperador. Ruas estreitas e tortuosas; grande numero de casas arabes. A rua Bab-Azun, a praça do governo, tem uma physionomia franceza: porto seguro e commodo desde o acabamento do molhe é o levantamento d'um pharol. Argel é o emporio principal do commercio e da navegação da Argelia.

A 26 kilometros d'Argel está a bahia de Sidi-Ferruch, onde os francezes desembarcam em 1830; defende-a um forte.

Cidades principaes: Blidah (10:000 h.), residencia dos beys de Titery. Ruinas romanas.

Milianah (8:000 h.), dominando o valle de Chelif.

O departamento de Constantina está situado a leste do de Argel e a oeste da regencia de Tunis. Tem florestas magnificas; a colonisação desenvolve-se em ponto grande.

Capital Constantina, cidade de 37:000 habitantes, cercada de cordilheiras e assente sobre um rochedo banhado pelo Rummel. E' a antiga Birta, e os bellos restos dos monumentos romanos que ahi se admiram recordam o seu antigo esplendor.

Cidades principaes: Bone (15:000 h.), antiga Hipponia, patria de Santo Agostinho.

Philippeville (17:000 h.), simples posto militar em 1836, reconhecida como cidade em 1845.

Setif (10:000 h.); cereaes, gado, cavallos, sal, tecidos.

Bugia (3:000 h.); commercio d'azeite, mel, cereaes e cera.

O departamento de Oran, situado entre o departamento de Argel a leste e o imperio de Marrocos a oeste; terrenos proprios para a cultura do algodão; florestas importantes.

Capital Oran, com 30:000 habitantes. O porto não comporta navios grandes, que são obrigados a fundear oito kilometros distante, em Mers-el-Kebir.

Cidades notaveis: Tlemcen (21:000 h.), grande mercado da região do Tell; Mostaganem (11:000 h.), cortimentos de couros, marroquins, tapetes, tecidos; Mascara (8:000 h.); fabricas de albornós negros e tapetes.

São ainda dignas de menção as seguintes povoações: Masagrão, onde durante quatro dias, em 1840, 123 francezes resistiram a um grande numero de arabes; Djema-Ghazuat, perto da qual os francezes experimentaram uma grande perda em 1845, em Sidi-Brahim.

As tribus barbarescas que habitam a Algeria, assim como o imperio de Marrocos e as regencias de Tunis e Tripoli, pertencem a duas raças, berberes e arabes. Chamam-se mouros os arabes misturados com as populações procedentes da Europa; habitam geralmente as cidades, assim como os judeus.

Calcula-se em 120:000 os europeus que habitam os estados da Algeria.

(Continua)

A SOCIEDADE DOS TRES

—

(Continuação)

VI

UMA FAMILIA POBRE

E' a um pobre terceiro andar da rua do Bomjardim que vamos conduzir o leitor.

Tudo denuncia n'esta casa a extrema pobreza dos seus habitantes.

São estes homem, mulher e uma filhinha.

No momento d'entrarmos está o marido sentado diante d'uma pobre mesa de pinho, tendo a cabeça entre ás mãos em attitude desesperada, e na outra extremidade da mesa, a mulher, sentada tambem, remenda umas meias muito velhas, erguendo de quando em quando para o marido os olhos arrasados de lagrimas.

Mathilde, que assim se chamava a esposa, teria, quando muito, vinte e cinco annos. Era formosa; mas os traços denunciadores d'um longo infortunio que se desenhavam na sua fronte, levemente morena, velavam o brilho d'uma belleza que se assimilhava com a d'uma madona calma e melancolica de Raphael. Tinha cabellos negros e abundantes, cahindo-lhe em desalinho por sobre uns hombros, mal cobertos com um lenço velho de lan. Um vestido de fazenda, escuro e desbotado, era o seu vestuario.

O marido era um pouco mais velho e vestia tambem pobremente.

Estiveram um pouco de tempo silenciosos. Depois o marido levantou-se e disse com modo saccudido:

—Fazes muito bem, Mathilde, mas do que podes ter a certeza é de que D. Henriqueta não escutará as tuas supplicas.

—Ah! Não digas isso, Jeronymo, atalhou a mulher. D. Henriqueta tem bom coração; conheço-a bem.

—Sim, não duvido. Mas a sua posição é muito differente da nossa. O pae d'ella é riquissimo.

—Bem sei.

—N'esse caso para que lhe mandaste aquella carta? Olha que nem sequer te responde.

—Não a julgues tão má, homem. Eu conheço-a melhor do que tu. Quando meu pobre pae me deixou no collegio, Henriqueta foi a minha primeira amiga, a que me prodigou consolações nos primeiros tempos, e depois, quando sahi d'ali para casar comtigo, lembra-me muito bem o que ella me disse. «Mathilde, disse-me, sou muito mais rica do que tu, e se algum dia precisares de mim, não tens mais do que pedir.»

—Isso foi ha muitos annos; não passou de creancice. Quantos annos tinha ella então?

—Deseseis.

—Ahi tens. N'essa idade promette-se muita cousa, que depois se esquece.

—Nada, disse Mathilde enxugando uma lagrima. O coração diz-me que Henriqueta virá em nosso soccorro.

—Pois bem. Veremos qual de nós se engana. Mas como ha um ditado que diz: «Fia-te na Virgem e não corras,» eu vou ver o que ha de novo pelo governo civil. Se eu obtivesse o emprego que pretendo não necessitariamos da tua amiga.

—E' verdade; mas ha quanto tempo tu andas a sollicital-o e entretanto que necessidades não temos passado!...

—E' exacto; mas tenho cá uma esperança...

—Tal e qual como eu, respondeu a esposa, a cujos labios assomou um sorriso triste. Tu tens esperança no emprego; eu espero muito da minha antiga amiga.

—Quanto a isso não tardará muito o desengano e então veremos qual de nós conhece melhor o mundo. Agora, adeus; não me demoro.

E Jeronymo sahiu, em quanto a esposa ficou dizendo para si:

—Pobre Jeronymo! Bem se cança em correr para o governo civil, onde lhe prometteram um emprego! Oh! Mas se o coração me não engana, em breve terão acabado as nossas aflicções. Nada. Henriqueta não pode deixar d'enternecer-se com a minha carta. Confessar-lhe como lhe confessei, eu, a sua melhor amiga, que tenho esposo e uma filha, e, por mais que trabalhe, não consigo obter os meios de sustental-os!... E ella, cujo coração conheço; ella, que vive na abundancia, cercada de honras e riquezas, não correr a minorar-me os soffrimentos!... Não pode ser, não, porque Deus é bom e hade interceder por mim. E' tal a confiança que tenha na minha amiga, que a todo o momento applico o ouvido, julgando ouvir parar uma sege á porta. Sim, Henriqueta hade vir...

(Continua)

A NOITE DE S. JOÃO

—

I

Pallida a lua resvalla
No ceruleo, puro ceo,
Sem que lhe empane o aureo brilho
D'alguma nuvem o veo.

Não sibilla o norte agudo,
Nem tenue brisa murmura,
Dos copados arvoredos
Suspirando na espessura.

Horas mortas, e n'aldeia
Reina o borborinho ainda;
Porque véla o povo todo
N'uma noute que é tão linda?

Porque o repouso do somno
Inda não vão procurar
Os que passaram o dia
Em continuo labutar?

Porque a noute d'hoje é grande;
E' noute de São João!
Noute sagrada aos praseres,
Noute grata ao coração!

II

Ao longo da rua crepitam fogueiras,
E á roda de todas mil vultos perpassam;
E ao som da viola, nas danças ligeiras,
Os moços da aldeia co' as moças se abraçam.

E soam cantigas, e o giro da dança
Redobra, e se tórna veloz remoinho;
Coitado d'aquelle que diz que se cança,
Que os outros o olham por fraco, mesquinho!

E os seios palpitam. De goso e ventura
As moças sorriem co'os seus namorados,
Em vão n'esses rostos a vista procura
Vestigios de dores, martyrios passados!

Tudo é jubiloso! Dos olhos resaltam
Ardentes scentelhas, que abrasam de amores,
Aos labios das bellas sorrisos não faltam,
Contentes dançando, c'roadas de flores.

Distante das danças, sosinho, sentado
Na tosca peanha do antigo cruzeiro,
Observa um mancebo, de muito enlevado
No riso dos astros de ceo tão fagueiro.

Depois da guitarra nas cordas vibradas,
Mil notas plangentes no espaço echoaram;
E as almas de subito encanto agitadas,
Suspensas, a doce harmonia escutaram.

E as danças cessaram; e os grupos dispersos
Ao pé do mancebo se vão assentar,
E ouvindo a guitarra se ficam immersos
De taes melodias sentirem vibrar.

III

E as aprasiveis notas da guitarra
Soavam como voz de bandolim;
E o moço desprendia de seus labios
Singela trova, que dizia assim:

Não ha noute como esta
Do popular São João;
Em que tudo são folguedos,
Em que tudo risos são.

O' noute de illusões bellas,
Noute consagrada a amor,
Hoje são-te dedicados
Os versos do trovador.

E nos cantos, que elle solta
Transluz tambem a alegria,
Que, em vossos rostos singellos,
Resplendece e se irradia.

Que sincero enthusiasmo
Os nossos peitos inflamma,
Vendo, em serpentes de fogo,
Subir da fogueira a chamma!...

Como bella esplende a lua
E as estrellas, no horisonte!
Com que brilho vem seus raios
Beijar-nos de manso a fronte!

Folga o povo. N'esta noute
Esquecem passadas dores;
Reina o delirio nas danças;
Escutam-se os cantadores.

E a singela rapariga
Vae a fogueira atear,
Para, nas chammas, já tarde,
Sua alcachofra queimar.

E o crepitar das fogueiras,
A dança, a terna canção,
E' tudo em honra da noute
Do popular São João!

IV

Callou-se o mancebo; seu canto magoado,
Co'a ultima nota da corda expirou.
Dispersam-se todos, no sitio, calado,
O moço, sosinho, comsigo ficou.

Depois reparando que a alegre fogueira
Nas ultimas vascas se estava a morrer,
Tirou da guitarra a canção derradeira,
Co'os olhos na lua, no occaso a descer.

Alberto Carlos

AS CATACUMBAS DE ROMA

—

II

(Continuação)

Caracteres bem manifestos impedem absolutamente confundir estas explorações com os cemiterios christãos. Não se deve esquecer que os tumulos pagãos, na falta de inscripções, que os fazem reconhecer, não foram destinados a conservar os corpos dos defuntos. Não se deve esquecer que o uso dos romanos era entregar os cadaveres ás chammas. O que se conservava, era unicamente as cinzas tiradas das pyras funerarias e recolhidas as mais das vezes em um tecido de amyantho. A palavra *cemiterio*, que na sua etymologia grega quer dizer *campo do repouso, do somno*, explica a ideia, eminentemente christã, da resurreição, do despertamento na dôr solemne do julgamento final.

Na extremidade do vestibulo, e antes de voltar para as galerias e capellas, que se vae percorrer, o visitante atravessa diante de duas passagens fechadas.

Não são, como se poderia julgar, o que se chama hoje em termo de architectura e de construcção *desvios*, isto é, indicação de passagens, que o constructor teria completado, se tivésse podido dar mais desenvolvimento ao edificio. Encontram-se a todos os momentos nas catacumbas romanas passagens assim obstruidas. A' medida que a corporação dos coveiros caminhava no seu trabalho subterraneo, era costume encher com terra os corredores, em que não havia mais logar para novas exhumações. Apenas se deixavam vasias as capellas destinadas ao cumprimento do sacrificio, o qual se celebrava ordinariamente sobre a mesa de pedra, que servia d'accesso aos corpos gloriosos dos martyres.

(Continua) A. Vieira Lopes

O CÃO

—

A paginas 60 d'este semanario transcrevemos as palavras com que o mais celebre dos naturalistas, Buffon, teceu o pomposo elogio do cão, e n'essa ocasião apresentamos aos leitores um especimen d'um d'esses nobres animaes, pertencente á raça chamada de caça. E' ainda o especimen d'um cão da mesma qualidade que aqui apresentamos, e pelo que pertence á sua descripção, limitar-nos-hemos a dizer que o cão não é um animal como tantos outros que se ligam ao homem por medo, mas sim em rasão do reconhecimento pelos beneficios que lhe deve.

O cão vive em companhia do homem entre as tribus menos civilisadas.

Na America septentrional, na Terra Nova, em outras diversas regiões, encontram-se cães selvagens; cavam tocas, em que vivem, andam em bandos, sustentando-se da caça, perdem o ladrar e adquirem um pello avermelhado

Parece que o cão é originario do Oriente. Da mesma sorte que os outros animaes mais antigamente domesticados, encontra-se em um grande numero de paizes.

Onde falta absolutamente a vegetação, e onde o herbivoro morre, o cão vive ainda dos restos da caça ou da pesca de seus amos. O mesmo animal que no sul vela sobre os carneiros sem lã do africano, caça para o indio do Amazonas, serve de alimento aos chinezes e defende as cabanas do papua; encontra-se ao norte guardando as rennas do lapão e arrastando o esquimó até aos gelos polares.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XXI

Na manhã do dia seguinte ao do triste episodio de que vimos de nos occupar, Jorge, ás horas do costume, dirigiu-se para o escriptorio.

Achava-se ali Francisco d'Ameida e o segundo guarda-livros, homem velho e um dos mais dedicados amigos da casa.

Conversavam no vão d'uma janella.

O mancebo cumprimentou os dous, recebendo de ambos uma fria inclinação de cabeça ao seu cumprimento.

O CÃO

Jorge sentiu-se vexado. Subiu-lhe o sangue ao rosto, por ver-se assim menospresado injustamente. Foi sentar-se á sua mesa e continuou a escripturação d'umas contas que deixara interrompidas no ultimo dia de trabalho. O mancebo esperava occasião opportuna para expor a verdade de tudo a Francisco d'Almeida, provar a sua innocencia e justificar o procedimento de D. Adelina.

Era ardua a missão; mas que importava? Devia desempenhal-a, porque tinha um caracter leal.

Meia hora depois o velho guarda-livros foi sentar-se no seu logar e Almeida encaminhou-se para a sala contigua. Jorge seguiu-o.

—Snr. Almeida, tartamudeou o mancebo visivelmente commovido; peço-lhe o favor de me ouvir por alguns minutos.

O negociante voltou-se, olhou soberanamente para Jorge de Castro, e respondeu, sentando-se em uma cadeira de espaldar:

—Queira fallar, senhor.

Jorge chamou em seu auxilio todo o sangue frio de que podia dispor, e, fingindo-se não se aperceber da desconsideração com que o tratavam, pois nem sequer o tinham mandado sentar, principiou n'estes termos:

—E'-me bastante penoso ter de tocar em tão melindroso objecto; mas a consciencia impõe-me isto como um imperioso dever. D'um bem simples incidente nasceu um tristissimo dissabor...

Francisco d'Almeida interrompeu bruscamente o mancebo:

—Ah! Pois quer defendel-a? Pois afianço-lhe que perde o seu tempo. São ambos culpados; ella, porque falta aos deveres da fidelidade conjugal, manchando a minha honra, e o senhor porque abusa da hospitalidade e protecção, que veio encontrar sob o meu tecto. E' impossivel que isto assim prosiga. Não póde continuar a abrigar-se no meu lar a serpente, que me dá a mordedura da ingratidão. Portanto, snr. Jorge de Castro, considere-se despedido do meu serviço, e diligenceie o nunca mais me encontrar. Vou pagar-lhe o que lhe devo do seu ordenado, que deve chegar-lhe para as suas despezas de viagem, caso queira voltar para Portugal.

E n'isto, Francisco d'Almeida ergueu-se arrebatadamente, dirigindo-se para o escriptorio.

—Siga-me, disse elle seccamente ao mancebo, que se sentia como aniquillado perante aquella colera.

—Senhor, balbuciou Jorge; peço-lhe que me escute...

Mas Almeida transpozera já a porta

do escriptorio, e o infeliz moço seguiu-o machinalmente.

Ali, o negociante fez a conta do que devia a Jorge, e tirando d'um pequeno cofre a quantia correspondente, dirigiu-se para o mancebo.

—Aqui tem, senhor, o que lhe devo. Siga o rumo que lhe aprouver, e aconselho-o a que não abuse d'outrem, como abusou de mim.

O velho guarda-livros, desde que fallamos, cessara de escrever, e prestava toda a sua attenção á scena que se passava.

Jorge não tinha forças para tanto. O sangue frio abandonou-o ao ouvir aquelles insultos; subiu-lhe ás faces um estranho rubor, os olhos faiscaram-lhe de colera. Estava em um tremor convulso.

—Senhor! bradou elle com emphase, a circunstancia de ser dono d'esta casa não lhe dá o direito de me insultar. Uma vez que insiste em dizer que eu abusei da sua hospitalidade, o dinheiro que me offerece é mais uma injuria que me arroja ás faces. Guarde-o pois. Esse ouro escaldar-me-hia as mãos, porque seria o preço d'um insulto, que acabo de receber. O que sinto deveras é que alguem, tão innocente como eu, soffra tambem por causa d'este incidente. Snr. Francisco d'Almeida, adeus. Oxalá que se não arrependa do estranho procedimento que acaba de ter para comigo. Em quanto a mim, pela perfeita tranquilidade da minha consciencia, considero-me feliz. Adeus. Creia que não tornarei a apparecer-lhe por minha vontade.

E o mancebo sahiu precipitadamente, deixando perplexos o infeliz negociante e o velho guarda-livros.

Jorge usara de tão nobre energia, que Francisco d'Almeida não achara que responder áquellas amargas phrases, em que ponderava um tão justo resentimento.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A CAÇA ENTRE OS SELVAGENS

O OSTRACISMO

Ostracismo era uma lei pela qual o povo atheniense condemnava, sem desdouro nem deshonra, a dez annos de exilio os cidadãos poderosos suspeitos de aspirarem á tyrannia.

Era applicado só quando a liberdade estava ameaçada. Se acontecia, por exemplo, que a inveja ou ambição punha em discordia os chefes da republica e que se formavam differentes partidos que faziam receiar alguma revolução no estado, o povo então reunia-se e deliberava sobre os meios que devia tomar para prevenir as resultas de uma divisão que podia tornar-se funesta á liberdade.

O ostracismo era o remedio ordinario a que recorriam n'este caso. As deliberações do povo terminavam muitas vezes por um decreto que assentava em certo dia uma assemblea particular para proceder-se á applicação d'aquella pena. Então os que se viam ameaçados pelo ostracismo recorriam a tudo o que lhes podesse conciliar a protecção do povo e persuadil-o da injustiça que faziam condemnando-os áquelle exilio.

Dias antes de se reunir a assemblea, construia-se no meio da praça publica um circo de taboas com dez portas, isto é, tantas quantas as tribus em que estava dividida a republica, e, quando repontava o dia designado, os cidadãos de cada tribu entravam pelas suas respectivas portas e lançavam ao meio do circo uma especie de concha, onde estava escripto o nome do cidadão que queriam condemnar. Aquelle que fosse condemnado por seis mil dos seus concidadãos, porque eram precisos seis mil votos condemnatorios para ser applicado o ostracismo, era obrigado irremissivelmente a sahir da cidade dentro de dez dias.

Posto que não tenhamos informações ácerca da epoca precisa da instituição do ostracismo, affirmam comtudo varios historiadores que foi estabelecido depois da tyrannia de Pesistrato, tempo em que o povo atheniense, tendo a facilidade de quebrar as gargalheiras da tyrannia, começava a saborear os dolçores da liberdade.

Extremamente avaros d'esta liberdade, os athenienses tratavam pois de augmentar a attenção para prevenir e afastar tudo o que podesse acarretar-lhe o menor detrimento. Posto que Pesistrato não governasse a republica com demasiada aspereza e desigualdade, comtudo a ideia d'um soberano despotico infundia um tal horror a este povo, que julgou insufficientes as precauções tomadas para não recahir subjugado pela canga tyrannica. Propenso por gosto e discernimento á democracia, entendeu que o unico meio de a manter era equilibrar todos os cidadãos na balança da igualdade, e era a isto que elle imputava a felicidade do estado.

Os athenienses presentiram, por sem duvida, os inconvenientes d'esta lei; mas preferiram expor-se a castigar innocentes ou menos culpados a viver inquietados por continuas amotinações e sobresaltos; e como vissem que a injustiça causaria uma displicencia geral se condemnassem o merito com as mesmas penas com que condemnavam o crime, leniram do melhor modo possivel o rigor do ostracismo. Os bens dos condemnados a este castigo não eram confiscados e apenas eram desterrados por tempo limitado, ao passo que os sentenciados a desterro ordinario eram-lhes sempre confiscados e podiam perder as esperanças de voltar á patria.

O ostracismo, apesar das modificações que os athenienses lhe fizeram para tornar menos duro o seu rigor, se por um lado era favoravel á liberdade, por outro era odioso, pois julgava os cidadãos sem permittir-lhes que se defendessem, e entregava a sorte dos grandes homens á delação artificiosa e ao capricho d'um povo inconstante e esquipatico.

Vantajosa seria esta lei ao estado se ainda mesmo que a tivessem estabelecido, usassem sempre de discernimento e igualdade bastantes para a applicarem nos casos em que a liberdade fosse realmente ameaçada; mas a historia da republica de Athenas justifica por exemplos numerosos o abuso que o povo fez do ostracismo.

O unico escolho que a liberdade tinha a temer era a reunião da auctoridade nas mãos d'um só homem: o ostracismo levantou esse escolho, augmentando o credito e o poder d'um cidadão pelo afastamento de seus concorrentes. Pericles hostilisava, servindo-se d'estes meios, Cimon e Thucydides, os dous unicos rivaes de gloria que lhe restava para empunhar as redeas do estado.

Vendo que não só poderia alcançar o seu poder por sobre as ruinas do de Cimon, excitou contra elle a inimizade publica e o fez desterrar pelo ostracismo como inimigo da democracia e fauctor dos lacedemonios. Thucydides formou um poderoso partido contra o de Pericles. Debalde. Todos os esforços concorreram para a sua ruina. O povo reuniu a assembleia do ostracismo para desterrar um d'estes dous chefes. Thucydides foi o condemnado, e deixou Pericles tyranno desarmado na posse do governo com uma auctoridade absoluta, que conservou até ao fim da sua vida.

Porém, este mesmo povo, informado á saciedade dos inconvenientes do ostracismo, sentiu mais uma vez o mal que este abuso tinha causado á republica. Mas estas não foram as causas que levaram o povo atheniense a abolil-o: foi um motivo totalmente opposto e na verdade singular.

Tinha-se levantado uma grande desavença entre Alcibiades e Nicias, e essa desintelligencia crescia tão desmesuradamente, que o povo teve de recorrer ao ostracismo. Uns detestavam os costumes dissolutos de Alcibiades e temiam o seu arrojo; outros invejavam a Nicias as grandes riquezas que possuia, e outros censuravam-lhe a sua conducta austera em extremo.

Os mancebos que desejavam a guerra queriam que o rigor do ostracismo fosse applicado a Nicias; os velhos sollicitavam-o para Alcibiades.

Hyperbolus, homem contemptivel e truculento, mas ambicioso e emprehendedor, julgou que esta diversão de partidos era uma occasião propicia para abarcar os primeiros cargos da republica. Chegou a adquirir uma certa auctoridade e prestigio entre o povo, devido mais á sua impudencia do que á sua importancia. Esperava, se Alcibiades ou Nicias fosse desterrado, arvorar-se em concorrente do que ficasse. N'esta esperança, manifestava a todos a alegria que sentia em vel-os inimigos um do outro e instigava o povo contra elles. Os partidarios de Nicias e do seu contrario, notando a insolencia d'um homem de tão baixa condição, reuniram-se e condemnaram Hyperbolus ao ostracismo.

A principio o povo riu d'este acontecimento; mas logo envergonhado e despeitado por ter applicado uma pena tão nobre a um homem de estirpe tão ignobil, aboliu-o.

O ostracismo foi uma lei prejudicial ao povo atheniense, privando-o de homens sabios e virtuosos de quem poderia auferir as mais sabias leis e as mais brilhantes virtudes.

ADOLPHO SALAZAR

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XXVII

DE LASTEYRIE

Carlos de Lasteyrie é certamente um dos homens, que, sem terem desempenhado funcções publicas, prestaram mais serviços ao seu paiz. A sua longa carreira foi consagrada a emprezas uteis, que tiveram constantemente por fim o bem da humanidade.

Oriundo do Limousin e filho de paes abastados, Lasteyrie prescindiu de todas as vantagens que se offereciam á sua ambição, entregando-se ao estudo da agricultura e da economia domestica. Bem preparado pelo conhecimento de muitas lingoas, emprehendeu, com esse fim, uma serie de viagens por quasi todas as partes da Europa, visitando as granjas e officinas de preferencia aos salões dourados. A maior parte das viagens foram feitas a pé, para ver de perto o povo, que amava e cuja industria e necessidades queria conhecer.

Por todas as partes Lasteyrie tomava notas, no interesse da sua patria, de tudo quanto podia ser util. Foi assim que, desde o fim do seculo passado, demonstrou a possibilidade de naturalisar em França a raça dos merinos de Hespanha, e que, por 1814, trazia de Munich a invenção novissima da lithographia, sem querer para si privilegio d'importação, que lhe teria sido fonte de grandes riquezas.

Durante perto de quarenta annos, com um zelo que não se desmentiu nunca, occupou-se em confeccionar methodos d'ensino e estudar os aperfeiçoamentos industriaes, tomando uma parte muito activa nos trabalhos da sociedade d'agricultura.

As sociedades asiatica, d'horticultura, d'ensino elementar, contam-o igualmente entre os seus fundadores. Os seus escriptos, muito numerosos, são todos relativos a objectos d'utilidade publica.

Carlos de Lasteyrie, que nascera em 1759, falleceu em 1849

A CAÇA

(Conclusão)

Não sahiremos da Nubia sem admirar a caça aos crocodillos, occupação muito proveitosa durante o inverno, pois é então facil apanhal-os a dormir sobre a areia.

Entre os indios da America a caça e a guerra confundem-se nas vastas e humidas campinas, banhadas de immensos rios, onde vagueam na sua liberdade nativa a corça, o buffalo e o cavallo selvagem. O ultimo, o cavallo, deve ser apanhado durante a sua carreira, e nos pampas seguram-o com o laço, que aquelles homens são habeis em atirar.

Nos Alpes o homem roubou á camurça até os pontos mais elevados da sua morada. Obrigadas a viver no meio de rochedos inaccessiveis, de noute, as camurças descem timidamente para procurarem uma pouca de herva. O olho e o ouvido álerta, estão sempre promptas a desapparecer.

Para alcançar uma caça tão veloz e desconfiada, o caçador lucta com ella em agilidade e preseverança. Ao anoutecer parte da sua cabana, levando uma pesada espingarda de grande alcance, um oculo e uma sacca com as provisões indispensaveis. Vae dormir em algum sitio mais abrigado da montanha, ordinariamente em uma caverna.

Antes de romper a aurora está á espreita em um ponto que domina a pastagem affastada onde o animal costuma ir de noute. Quando o dia apparece elle escolhe a presa. Aponta, desfecha, parte o tiro. Muitas vezes o animal não é alcançado. O rebanho assustado estremece; mas nem sempre foge. Um momento depois voltam a pastar descuidadamente. Mas se um d'elles fica ferido, o resto debanda e deita a fugir. Se a ferida é uma mãe, os filhos ficam ao pé d'ella, e é mais facil caçal-os do que fazel-os affastar de junto do cadaver.

Os habitantes das costas da Groenlandia, do Spitzberg e das outras regiões arcticas, encontram na caça da phoca, que vamos descrever em poucas palavras, recursos contra as privações que lhes impõe um clima rigoroso.

E' a caça da phoca uma occupação penosissima, porque o mar cerca-a de perigos.

Desde que os caçadores chegam ao alcance das phocas, o harpoador lança á mais proxima um dardo, na ponta do qual vae segura por uma corda uma bexiga cheia d'ar. A phoca ferida mergulha immediatamente, arrastando comsigo a bexiga, que, pela resistencia a emergir-se, impede os movimentos do animal e indica a sua volta ao lume da agoa para respirar. Outras vezes usam os caçadores aturdir as phocas com uma gritaria infernal.

D'inverno os groenlandezes põem-se á espreita, dias inteiros, á beira das fen-

das abertas no gelo, e que são como janellas a que as phocas costumam vir respirar. E' então que as apanham.

Na Escossia, onde este animal abunda, vão os caçadores procural-o em barcos, por debaixo das abobodas formadas pelos rochedos, e matam-o a tiro.

E' especialmente na ilha de Ceylão que se usa a caça do elephante selvagem.

Um dos meios empregados, é cobrir com folhas grandes covas, onde o animal cae, quebrando uma perna, e morre ali á fome; outras vezes conseguem apanhar o monstruoso quadrupede com o auxilio d'alguns da sua raça, e eis aqui o meio que empregam para isso: os cornacs avançam com precaução para o sitio d'onde partem os rugidos, conduzindo dous elephantes domesticados, que abandonam a pouca distancia; aquelles continuam a caminhar ao encontro do animal selvagem, como se fossem seus companheiros habituaes. Depois d'algumas manobras, conseguem pol-o no meio d'elles, vigiando-o como se fossem duas sentinellas postas aos lados d'um desertor.

Os cornacs voltam, trepam lestamente acima d'uma arvore e prendem ao tronco d'esta com cordas solidas uma das pernas do seu prisioneiro de caça. Feito isto retiram-se e dão um signal. Os dous elephantes domesticados seguem os seus donos, e quanto ao pobre captivo, deixam-o abanbonado aos horrores da fome e da sede.

Quando o julgam bem domado pelas privações, voltam ao pé d'elle com os dous elephantes, que o entregaram, e no meio d'elles o levam para a cidade, tendo o cuidado de castigal-o com grandes trombadas se elle resiste; mas d'ordinario o elephante caçado d'este modo é muito docil e não tarda a civilisar-se como os seus falsos companheiros.

NO TEMPLO

Nada mais suave, mais harmonioso, mais sublime, do que uma festa religiosa na egreja.

Ao penetrarmos no templo sentimos a doce sensação que provém da suavidade dos canticos sacerdotaes, de mistura com as notas harmoniosas, com as doces vibrações da orchestra, que esparge pelos ambitos do monumento os dulcissimos sons da musica sagrada; respira-se ali as odoriferas exalações do incenso, cujo fumo sobe airosamente em graciosas espiraes até perder-se no tecto, impregnando a atmosphera de suaves aromas, que produzem o enebriamento do espirito.

A magestade do logar, a par do silencio austero que ali se observa, traznos á mente as magas recordações da sagrada e sublime tragedia do Golgotha. O ambiente morno, saturado do olôr delicioso do incenso, arrasta-nos insensivelmente para o campo da meditação, e sentimos então um praser desconhecido a invadir-nos o cerebro, em que a nossa crença cada vez mais se arreiga.

Ao som de candidas modulações perpassam nos pela mente como que em quadro immenso os vultos legendarios dos inumeros martyres do cristianismo, que morreram victimas da fé que os acalentou até aos ultimos instantes da vida; e apparece-nos então ocupando o primeiro plano entre myriades de scintillações divinas, o vulto imponente do Redemptor da humanidade, modelo inimitavel de abnegação e coragem, de bondade e resignação; parece ouvirmos eccoar ainda ao longe, através dos tempos, as sublimes palavras que lhe expiraram nos macerados labios ao esvair-se-lhe o ultimo alento: *Perdoa lhes, meu pae, que elles não sabem o que fazem.* Santas palavras que a historia sagrada gravou em caracteres indeleveis, e que penetrando-nos até o intimo do coração, nos ensinam a perdoar aos nossos similhantes.

Lancemos a vista para os grupos de lustres que ornamentam o templo: que profusão de lumes! Como brilham as scentelhas de crystal! Que goso infindo ao contemplarmos extaticos as franjas e bambinellas que nos apparecem por entre as nuvens de fumo do incenso, similhando luxuosas decorações d'um palacio de fadas! Que conjunto harmonioso e agradavel nos offerece á vista o assumpto d'esta tela profunda, copia fidelissima da nossa crença! Que suave e estranha sensação ao fitarmos a vista no rosto candido e meigo d'uma imagem vista através dos rolos do fumo que satura a languida atmosphera d'aquelle logar sagrado! Adivinha-se no serafico d'aquelle rosto indolentemente reclinado, a innocencia da sua alma e a pureza dos seus sentimentos. Que profundo respeito e admiração nos incute o rosto grave e austero d'um apostolo, em cuja fronte, sulcada de rugas, transluz a scentelha divina do martyrio e que de per si só bastaria para inocular-nos na alma as emanações celestes da crença religiosa?

Oh! A religião é o nectar inapreciavel que nos amenisa as agruras da vida; sem ella a nossa existencia seria apenas uma serie d'atribulações sem conforto, qual noute sem lua. Isto é, a verdadeira religião, livre de fanatismo, desinfectada d'hypocrisia, desprendida de jesuitismo.

AZEVEDO RAMOS

AS CHRONICAS DO POVO

I

OS DOUS PEDREIROS

I

(Continuação)

Aquella physionomia revelava tudo. As almas grandes e generosas adivinham, melhor do que a intensidade de praser, a profundidade do soffrimento.

O tio Martinho comprehendeu que aquella creança era um desherdado da fortuna, como tantos que por ahi vagueam á mercê da sorte, filhos talvez de um crime, sem outro presente venturoso além da innocencia e outro futuro feliz além da morte.

Para que interrogar com a lingua quando os olhos eram testemunhas de tanta miseria?

O tio Martinho tomou o pequenito nos braços, apertou-o contra o peito e embrulhando-o na sua capa deitou a correr apressadamente.

Pela primeira vez confundiu-se o pulsar d'aquelles dous corações. O infortunio e a caridade unidos d'esta sorte formaram esse hymno mudo que a virtude eleva ao Creador. As lagrimas que deslisaram pelas faces do tio Martinho foram o premio mais completo da sua boa acção. Que outro mais grato do que a silenciosa explosão do sentimento que se desata em pranto!

Por fortuna para o honrado pedreiro uma bocca mais ou menos não era cousa de cuidado para elle, que, na realidade, não tinha mais de sete filhos. Mas, em troca, ganhava deseseis vintens de jornal, e ficava uma cousa pela outra.

Quando chegou a casa e deu parte do achado á mulher, houve um momento de perplexidade. A pobre mãe alongou a vista para a prole, que enxameava ao redor d'ella e soltou um suspiro que o proprio Job teria invejado no fundo do seu pacientissimo coração.

—Repara que não pode ser! disse ella. Não temos já creanças de mais?

O tio Martinho, em vez de responder, abriu a capa e mostrou o pequenito.

—Ai, pobresinho da minha alma! exclamou a boa mulher. Está quasi estarrecido do frio!...

—E de fome.

—Dá-m'o, dá-m'o, que vou pol-o ao pé do lume, em quanto lhe faço uma sopinha!

O tio Martinho abeirou-se da mulher e apertou-a nos braços.

A boa mãe perguntou depois:

—E que faremos ao innocentinho?

—Deus manda-nos mais um filho. Devemos cumprir os seus decretos.

Desde aquelle momento Pedro formou parte integrante d'aquelles seres e teve os tres bens mais apeteciveis da terra: uma familia, uma saude completa e um pedaço de pão.

E a creança fez-se homem e sentiu os tres amores mais necessarios á alma: o amor de Deus, o amor do trabalho e o amor dos seus similhantes.

(Continua)

PAGODES

—

Os templos dos hindus e outros povos da Asia meridional chamam-se pagodes. Estes edificios, de que aqui apresentamos um especimen, são geralmente notaveis pelas suas proporções gigantescas e o luxo excessivo que preside á sua ornamentação.

Os mais celebres pagodes são os de Benarés, do Pegu, etc.

As imagens dos deuses que n'esses templos estão expostos á veneração dos fieis são de ordinario de barro polido, grosseiramente modelado, mas adornadas com um luxo deslumbrante.

ZIG-ZAGS

—

O CLIMA DO MEXICO

Sabe-se que o Mexico forma um vasto cerro, á imitação da espinha dorsal d'um animal, entre o Atlantico e o Pacifico, no sitio em que os dous mares, separados pelo immenso continente americano, parecem querer aproximar-se progressivamente para se irem quasi tocar pelo sul no isthmo de Panamá, tenue obstaculo para a sua reunião, que o trabalho do homem vae em breve romper. A cadeia das cordilheiras que atravessa o paiz de norte a sul, forma a mais alta crista e divide-o em duas vertentes de rapido declive. A que olha para o Pacifico é muito mais rapida que a outra.

O clima das duas vertentes apresenta tres variedades distinctas, que não dependem da latitude, mas sim da maior ou menor elevação dos terrenos acima do nivel do mar.

A terra quente é uma fita estreita que se prolonga pelo litoral dos dous mares até aos pés das montanhas. Ali reina poderosa vegetação, que dá vida a todas as exquisitas producções das terras tropicaes, mas que ao mesmo tempo produz molestias e febres. E' a morada habitual do famoso vomito negro, tão fatal aos europeus em certas estações do anno.

A terra temperada comprehende o reverso das cordilheiras abaixo de 2:000 metros. A sua temperatura média é de 18 a 20 graos com poucas variantes.

Finalmente, todos os terrenos cuja altura excede a 2:000 metros, formam a terra fria, que n'esta situação, por assim dizer, entermediaria, entre os terrenos temperados e os torridos, gosa ainda, com pequena excepção, da temperatura media de Turim ou Florença, com menos calor durante o estio e menos frio durante o inverno.

Resulta d'esta singular disposição natural que os vegetaes de todas as zonas se dão no Mexico. Um viajante que desça d'um ou outro lado das cordilheiras o plano inclinado que se estende até aos oceanos, pode passar em revista todas as culturas e contemplar, por assim dizer, com um só olhar, tudo o que a natureza distribue por distancias sem fim.

UM PAGODE PERSA

—

UM ALHO

Dous noivos ajustam uma criada, uma criadinha fina, petulante, á moda das *soubrettes* de Moliére.

Depois de discutir as obrigações que lhe impunham, os direitos que lhe concediam, acaba ella por perguntar ao amo:

—Só tenho então de servir os dous?

—A nós dous, é claro.

—O senhor não tem filhos?

—Não.

—E a senhora?

— Tambem não.

—

A NAVEGAÇÃO

E' ponto averiguado que a navegação começou por occasião do diluvio universal, pois que os netos de Noé que vieram á Hespanha e ás ilhas haviam forçosamente de embarcar-se.

Os gregos teem pela mais antiga navegação a da nao *Argos*, em que Jason passou os mares para ir á conquista do Vellocino d'ouro.

Strabão diz que Minas, rei de Creta, foi o primeiro poderoso pelo mar.

Eusebio attribue aos samotraces a innovação das naos, outros aos mysios e troyanos para fazerem a guerra aos tracios, e outros ao rei Erythrio.

Plinio diz que a nao grande fôra invento de Danao, rei do Egypto.

A bussola e o astrolabio, introduzidos na marinha no seculo XIV, fizeram uma revolução completa, e foi só então que os navegadores se aventuraram no mar largo, pois até então a navegação era só costeira.

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS AMAVEIS CORRESPONDENTES

—

Tendo de proceder-se sem demora á reimpressão (pela terceira vez) dos primeiros numeros d'este jornal, pedimos urgentemente aos nossos estimaveis correspondentes nos digam os exemplares que precisam do primeiro numero, o qual deve entrar no prelo por toda a semana proxima.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 46

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 14 DE JULHO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

Texto: — O tamenduá-guaçu — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Marrocos — Que triste fim! (poesia) por I. Osorio Gondim — Os homens uteis de todos os paizes: Gay-Lussac — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — Poitiers — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — As cruzadas — A agonia d'um nobre, por A. A. de L. Duque — A sociedade dos tres (romance) — Um theatro particular (excerpto) por Pinheiro Chágas — As chronicas do povo: Os dous pedreiros — O capitão Ross — Zig-Zags: A maior ponte do mundo — Bem pensado — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — O tamenduá-guaçu — Poitiers — As cruzadas — Viagem do capitão Ross

O TAMENDUÁ-GUAÇU

—

Era em uma pequena floresta situada ao pé das montanhas que separam Uruba de S. Salvador, no Brazil, que o jaguar costumava esconder-se durante o dia, depois de ter por aquelles arredores

O TAMENDUÁ-GUAÇU

espalhado a desolação e a morte na noute anterior. Resolvidos pois a dar cabo da fera, partimos para aquelle sitio; eramos doze os caçadores e cada um de nós levava um criado e dous cavallos. Como tinhamos a percorrer desoito legoas antes de chegarmos ao ponto combinado, resolvemos passar uma noute no meio do caminho, para o que nos prevenimos com duas tendas e viveres indispensaveis.

Partimos pela manhã muito cedo, e durante algumas horas seguimos o curso do rio S. Francisco, como se nos dirigissemos para o Paraguay.

O dia estava lindissimo e viajamos com praser até á noute, em que nos foi forçoso procurar sitio apropriado para armar as tendas em que haviamos de ficar. Escolhemos para esse effeito um bosquesinho copado, ensombrado de grandes arvores, cuja folhagem, d'um verde claro, formava como uma cupula deliciosa, que, de dia mesmo, não deixa-

ria penetrar os raios do sol. Logo pelo lado de baixo corria o rio, o que mais augmentava a frescura que o sitio nos offerecia. Deitamo-nos sobre as esteiras, bem embrulhados nas nossas mantas, e tratamos de conciliar o somno. Pela minha parte confesso que me foi totalmente impossivel pregar olho porque um exercito inumeravel de mosquitos envolveu-me como uma nuvem, e para lhes escapar não tive outro remedio senão ceder-lhe o logar.

Levantei-me, sem accordar os meus companheiros, e tomando a minha espingarda, dirigi-me para a beira do rio, para respirar a frescura da noute.

Estava um luar magnifico, como só o ha debaixo d'aquelle ceo dos tropicos. Caminhei por entre os monticulos da areia e acabei por ir sentar-me sobre um pedaço de rocha, que ficava sobranceira ao rio, e deixei-me por ali ficar, no proposito de admirar uma noute de luar junto do equador, quando de repente avistei, caminhando para mim, um animal como eu nunca vira.

Teria o tamanho d'um cão grande, isto é, cerca de um metro, sem contar a cauda, e toda a sua côr era um vermelho pardo, com uma banda negra, bordada de branco, de cada lado dos hombros. A principio não destingui senão confusamente as formas exquisitas do animal; mas como me conservei immovel e silencioso, elle não me avistou e caminhou direito para mim sem a menor desconfiança. Reparei então que tinha a cabeça muito pequena em comparação do corpo; mas o mais notavel era a tromba, que teria cerca de meio metro, isto é, metade ou mais do comprimento do corpo. As orelhas eram muito curtas, mal se viam, e os olhos, tambem muito pequenos, tinham uma expressão de tristeza, assás commum a todos os animaes nocturnos.

Ao caminhar arrastava pelo chão a cauda longa e chata, guarnecida de pellos hirsutos; outras vezes arribitava-a para o ar e formava com ella um vistoso penacho. Dizem que quando anda de dia e o sol é mais ardente, forma com ella um bello guarda-sol.

Notei que tinha cinco unhas nas patas trazeiras e quatro nas de diante; estas ultimas eram maiores do que as primeiras e com certeza deviam constituir umas armas defensivas muito temiveis. Quando anda, as unhas ficam meio escondidas debaixo das patas, e d'ahi resulta que tem de pousar os pés de lado, o que torna o seu andar lento, difficil e pouco gracioso.

O animal vagueou durante algum tempo ao redor de mim; depois dirigiu-se para um monticulo de terra, uma especie de cone erguido por uma republica de formigas a que os naturalistas dão o nome de termitas. Sabe-se que estes cones são a morada das termitas, e edificam-os com tal solidez, que não se deixam abaixo com a facilidade que se imaginaria vendo-os. Vi o animal observar com a maior attenção o monticulo, caminhar ao redor d'elle duas ou tres vezes, e emfim sentar-se diante d'elle e principiar a destruil-o com as suas longas unhas.

Comprehendi então que a sua intenção era procurar as formigas para as comer.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXIX

MARROCOS

O imperio de Marrocos, na Africa septentrional, é o estado mais importante de todo o Maghreb, situado entre o Sahara, o Atlantico, o Mediterraneo e o Kis, que a separa da Argelia. Superficie, 55:000 kilometros quadrados; população, 8,500:000 habitantes. Clima muito quente.

O solo é atravessado de norte a oeste pelo Atlas, cujo cimo principal é o Miltzin, de 3:475 metros d'altura: encerra minas de cobre, estanho e ferro; produz cereaes em abundancia; mas a agricultura está muito pouco desenvolvida. Creação de cavallos estimados e de merinos. Fabricas de vestuarios de lan e de marroquins pintados d'amarello.

O paiz é governado por um imperador, auxiliado de cadis, que administram as tribus. Um primeiro ministro está encarregado das relações com os europeus. A religião basea-se no Alcorão e no livro de Malek-Ben-Anés; é o mahometismo que domina, tendo por chefe o sultão. Os judeus teem uma synagoga em cada cidade e os christãos um convento de franciscanos em Tanger.

Capital Marrocos, cidade de 50:000 habitantes, em uma planicie fertil de palmeiras e larangeiras. O soberano reside ahi parte do anno. Entre os seus monumentos notaremos a mesquita El-Kutubia, que tem uma linda torre, o palacio imperial, o hospital Bel-Abbas, o basar Al-Kaisseria e a praça principal em que o sultão dá audiencia aos seus subditos. Importantes fabricas de marroquim amarello; commercio de sedas, tecidos, chailes, lençoes, tapetes, facas.

Esta cidade, de ruas sujas e estreitas, foi fundada pelos almoravides em 1069 e chegou a contar 300:000 habitantes.

Cidades principaes: Mequinez, uma das tres residencias do imperador e onde se guarda o thesouro imperial; 50:000 habitantes; esta cidade, defendida por uma triplice muralha e torres elevadas, data do seculo X; Fez (60:000 h.); os arabes consideram-a uma cidade santa; na idade media tornou-se celebre pela cultura das sciencias; está edificada no fundo d'um valle fertil e delicioso; commercio importante, que envia duas caravanas cada anno a Tombuctu; ruas estreitas e tortuosas e casas sem janellas; os judeus, de noute, ficam fechados em um quarteirão especial; Tetuão (30:000 h.), porto aberto sobre o Mediterraneo; cidade murada; a Hespanha occupou-a em 1860; Rabat (28:000 h.); no Atlantico, em frente de Salé, é um estaleiro de construcções militares; Tanger (9:000 h.); fundada pelos carthaginezes, foi durante muito tenpo a capital da Mauritania Tingitana, e pertenceu aos visigodos da Hespanha, aos arabes, aos mouros, e em 1472 conquistaram-a os portuguezes; em 1662 o rei D. Affonso VI deu-a em dote a sua irmã D. Catharina, mulher de Carlos II, rei de Inglaterra; a Inglaterra abandonou-a aos mouros em 1684; os francezes bombardearam-a em 1844; Ceuta (10:000 h.); situada no estreito de Gibraltar, pertence á Hespanha e é a um tempo fortaleza, prisão e logar de desterro; os portuguezes tomaram-a aos mouros em 1515.

Atravessando o estreito de Gibraltar, que tem apenas 15 kilometros de largura no ponto mais apertado, estariamos na Hespanha, isto é, na Europa; mas resta-nos visitar outros logares importantes da Africa para dar-nos por terminada a nossa excursão n'essa parte do velho mundo, onde outr'ora os portuguezes deixaram levantados os melhores padrões da sua gloria.

E' assim que, singrando directamente pelo canal de Moçambique, que separa a Africa por oeste e Madagascar por leste e tem cerca de 900 kilometros de largura, vamos dar á capitania geral das nossas possessões na costa oriental da Africa.

(Continua)

QUE TRISTE FIM!

I

Era na primavera: as frescas margens
D'um ribeiro, bordadas de salgueiros,
Formavam denso toldo de verdura
Por sobre a lympha pura da corrente:
Aqui e alem os ramos inda tenros,
D'aromatica brisa sacudidos,
Vinham lamber o dorso crystallino
Do placido regato que ensombravam.

No bosque extenso, emmaranhado e espesso,
Que a margem torta do ribeiro segue,
Lá bem no centro, entre a folhage escura,
Dois passarinhos ternos saltitando
Seus alegres trinados entoavam.
O vôo levantando alegremente,
Musgo e feno buscavam da floresta;
No bico o transportavam, e com geito
O depunham n'um ramo bifurcado,
Voltando ao longe a procurar de novo.

Zelosos d'esse amor que os abrasava,
Foram assim buscar tão ermo sitio
Para o ninho fazer; o caro ninho
Que havia de abrigar seus ternos filhos.
No meio do silencio assim gosavam
Ternas caricias que o amor inspira,

Quando cançados repousavam juntos,
Ora as macias plumas alisavam
Um ao outro co'o bico entre meiguices,
Ora branda harmonia desprendiam,
Alegremente seu amor cantando.

II

Já quasi feito estava o fofo ninho,
Forrado agora de macias pennas;
E os felizes esposos, sempre unidos,
Esperavam gosar ventura infinda.
Um d'elles repousava do trabalho
Offegante n'um ramo junto á margem.

Tinha troado ao longe havia pouco,
Rouco estampido annunciando horrendo
Que feroz caçador anda no bosque.
A triste não sabia que na vida
Se pagam caro passageiros gosos;
Quando assim repousava a innocentinha,
O fero caçador que ali passara,
Vendo tão perto a presa desejada,
Aponta o ferreo cano á sem ventura,
Que serena encarava a morte proxima...
Pontaria certeira visa o barbaro,
Desfecha... e cae ferida a infeliz victima
Tentando ainda esvoaçar... embalde!

Estupido prazer brilhou nos olhos
Do feroz matador que avante segue,
Emquanto em convulsões estremecia
A triste da avezinha angustiada,
Gotejando do bico espedaçado
Sangue innocente que lhe tinge as plumas.
Ainda um pouco se arrastou a custo:
Sem alento ficou... e em breve expira.

III

Chegou depois o companheiro amado
Co'a tarefa no bico: eis vê cahida
Sobre os duros espinhos d'um silvado
A cara companheira... mas immovel...
Junto d'ella voou, e tenta embalde
Despertal-a do somno em que jazia.
Viu a fria sanguenta e o sangue negro
Já coalhado nas plumas delicadas,
D'aquella que inda ha pouco tanto amava.

Redobra mil esforços por chamal-a;
E quando viu baldado o seu intento,
Compr'endeu todo o horror do seu destino:
Longos pios soltou, que na floresta
Em lugubres accentos echoaram.
Mas ella não o ouvia! Os fracos membros
Inteiriçados já, hirtos, immoveis,
Eram mais frios que a mais fria neve!

A ave pelo bosque o dia inteiro
Seus queixumes soltou: mas veio a noute:
Guarda fiel da esposa desditosa,
Foi junto d'ella repousar n'um ramo;
Toda a noute velou calado e triste,
Na densa escuridão que o valle enchia:
E ao outro dia, immovel sobre o ramo
Em que tinha pousado, permanece.

Ora, sombrio, contemplava ao lado
Da sua companheira os tristes restos;
Ora, a cabeça recolhia languida
Entre as azas; e assim passara o dia.
E quando o sol á tarde da floresta
Fugiu p'ra alem dos montes, a avesinha
Sentiu que era chegada a hora extrema:
Aconchegou-se mais da companheira,
Quiz expirar assim bem junto d'ella.
Com placidez amarga a olhal-a sempre,
Tremulo estende as azas, já de gelo...
Tres vezes abre o bico... e ahi fica ao lado
D'aquella a quem amou e que o amára.

Eis de tanta ventura o que restava!
Que triste fim tiveram taes amores!

I. Osorio Gondim

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

—

XXVIII

GAY-LUSSAC

Gay-Lussac nasceu em S. Leonardo (Haute-Vienne) em 6 de dezembro de 1778 e foi como chimico uma das illustrações do seu seculo.

Sendo um dos primeiros discipulos da escola polytechnica de Paris, a sua intelligencia e profunda aptidão valeram-lhe a protecção e amisade de Bertholet. Frequentou depois a escola de pontes e calçadas. Muito moço ainda, descobriu a lei da dilatação dos gazes e o trabalho que por este tempo publicou levantou uma grande discussão, em que o sabio tomou uma parte muito activa.

Possuidor de magnificos instrumentos para as suas experiencias, Gay-Lussac emprehendeu duas ascenções aerostaticas, uma com o sabio Biot e outra só. Na ultima chegou a uma altura de sete mil metros acima do nivel do mar. Estas arriscadas expedições deram-lhe uma justificada consideração entre os homens da sciencia. Nomeado membro do instituto, foi depois professor de physica na faculdade das sciencias, professor de chimica na escola polytechnica e no museu, etc.

Entre os seus trabalhos scientificos são dignas de mensão as investigações feitas em 1808 de companhia com Thenard, por meio da pilha de Volta, acerca do potassium e do sodium, descobertos por Humphry David.

Numerosos pontos de physica e de chimica fixaram em seguida a attenção de Gay-Lussac; os seus trabalhos sobre o iodo, o chloro, o acido fluorico e o acido prussico; os seus estudos sobre a expansão do vapor, sobre a hygrometria e a capilaridade, a invenção do alcoometro, methodos mais seguros para experimentar o ouro e a prata, etc.

Deputado em 1831, par de França em 1839, Gay-Lussac morreu em 1840.

AS CATACUMBAS DE ROMA

—

II

(Continuação)

Encontram-se nos angulos das portas, e collocadas de maneira a aproveitar os recanto de maior dimensão, aberturas preparadas para ataúdes de creanças. Esta disposição apresentava além d'isso a vantagem de não enfraquecer por cavidades muito profundas a solidez do terreno e visinhança das portas e das aberturas.

Quando os coveiros enchiam uma galeria, para facilitar o seu trabalho, e caminhavam para diante, tinham sempre grande cuidado de não entulhar os caminhos principaes. Condemnavam sómente as passagens lateraes; mas a circulação principal era sempre cuidadosamente poupada até ao mais profundo d'este reino subterraneo.

No fundo do vestibulo volta-se á direita, e apresenta-se verdadeiramente á vista o aspecto authentico d'estas galerias, taes como se nos apresentam habitadas pela morte.

Estas aberturas, quasi todas tapadas, de que algumas foram sómente abertas para nos dar uma ideia da sua composição interior, constituem o que se chama em latim *locoli*. E' ahi que se depositavam os corpos dos fieis, que morriam na fé de Jesus Christo. Estes nichos eram mais habitualmente dispostos para receberem o corpo d'uma unica pessoa. Algumas vezes preparava-se mais profundamente, de maneira a receber doue e mesmo tres corpos. Estão dispostos com muita symetria e sobrepostos uns nos outros como os raios d'uma estante. Interiormente não apresentam superficide nivel. O pavimento preparado para o repouso do morto está ligeiramente inclinado, a cabeça mais alta e os pés mais baixos.

Nos nichos fechados ha uma inscripção, que recorda o morto aos seus parentes e á piedade dos transeuntes. O mais das vezes os que os presaram na terra, e que lhes estavam unidos pelos laços do sangue, dirigem-se ao morto para o tornar seu intercessor e seu apostolo junto de Deus. Aos que valiam menos costumavam collocar sobre as campas: ✠ *Rogae por elle!* N'estes tempos de fé e n'estas epocas de martyres, em que se conhecia melhor o caminho do ceo, dirigia-se com confiança a estes novos bemaventurados, escrevia-se sobre o seu tumulo com uma confiança tocante: ✠ *Rogae por nós.*

III

Debaixo d'um outro ponto de vista, da grammatica, da archeologia, da linguistica, as inscripções que se veem, merecem o mais serio exame. Apesar do seu pequeno numero, foram muito bem escolhidas, e, se assim se pode dizer, tão maravilhosamente coordenadas, que quasi podem fazer parte das bellas obras de M. Rossi e de M. Leblaut ácerca das incripções christãs. O que se apresenta á vista aqui, não é sempre o testemunho, algum tanto facticio, dos auctores officiaes, dos poetas, dos historiadores, dos oradores, em uma palavra, dos homens de letras, propriamente ditos. As linguas que elles fallam não eram as do verdadeiro povo. Havia em Roma, mais ainda do que entre nós, uma especie de jargão (algaravia), de dialectos conforme o costume das classes inferiores.

(Continua)

A. Vieira Lopes

POITIERS

A cidade de Poitiers, que é a capital do departamento de Vienna (França) está situada na confluencia do Clain e do Boivre, no meio de rochedos elevados. Dista de Paris tresentos trinta e sete kilometros e tem uma população de trinta mil e quinhentos habitantes.

Tem uma academia universitaria, faculdade de sciencias, de letras e de direito; escola preparatoria de medicina e de pharmacia; lyceu; escola normal de professores; escola de desenho e d'architectura; sociedades d'antiquarios, agricola, scientifica, litteraria e artistica; bibliotheca, museu d'historia natural e de antiguidades; gabinete de medalhas; jardim botanico, etc. Notam-se ahi curiosas ruinas do tempo dos romanos, assim como um monumento druidico.

Poitiers está cercada de velhas muralhas, flanqueadas de torres, e nas quaes estão abertas sete portas.

São dignos de ver-se, entre os seus edificios, a cathetral gothica, da invocação de S. Pedro, fundada por Henrique II de Inglaterra em 1152, as egrejas de Moutier-Neuf de Santa Radegonda, que data do seculo VI, de Nossa Senhora, do X; de S. João e de Santo Hilario; o palacio da justiça, etc.

O commercio da cidade consiste em vinhos, trigos, couros, pelles de carneiro, queijo, canhamo, ovos de pato, etc. Tem fabricas de lans, de louça de faiença, de licores, etc.

Esta cidade, capital dos pictões em tempos muito remotos, teve por bispo Santo Hilario, pelos annos de 350, e serviu de residencia a Alarico II, rei dos visigodos. Os normandos devastaram-a por diversas vezes e no seculo IX foi capital d'um vasto condado.

Os inglezes derrotaram João II, o Bom, na celebre batalha intitulada de Poitiers, em 17 de setembro de 1356, e o tratado de Bretigny entregou-lhes a cidade em 1360. Duguesclin readquiriu-a em 1372. O Delphim, depois Carlos VII, estabeleceu ahi a sua côrte em 1418; os protestantes cercaram-a em vão em 1569.

Em Poitiers celebraram-se oito concilios; emfim, em 1577, Henrique III publicou ahi um edito, que tinha por fim assegurar aos protestantes o exercicio do seu culto. Foram-lhes concedidas nove praças de segurança, nas quaes podiam ter tropas.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XXII

O mancebo dirigiu-se para o seu aposento. Quando ali chegou, encontrou Bernardo, que arrumava, ou fingia arrumar uma cadeira que estava fora do seu logar.

—Snr. Jorge de Castro, entre a correspondencia que veio para a casa, encontrei uma carta de Portugal dirigida para v. ex.ª. Colloquei-a sobre a sua mesa, onde já não a vejo. V. ex.ª já tomou conta d'ella?

—Já a li. E' de meu pae, que se acha perigosamente enfermo, e que me ordena que volte immediatamente para Portugal.

—Então deixa-nos tão depressa? interrogou o velho criado com certo tom de sentimento.

—E' verdade, respondeu Jorge. E ainda mesmo que se não desse tão dolorosa circunstancia, ver-me-ia forçado a abandonar esta casa, em rasão de um triste incidente que acaba de ter logar...

—Bem sei, interrompeu o velho famulo. A snr.ª D. Adelina, que me honra com a sua amizade e confiança, contou-me tudo. Pobre senhora! Como ella está doente! Ella já me disse que previa a sua sahida, pois sabe o genio do snr. Almeida. Mas talvez não imagine o que ella me disse que mais a afflige: é o não poder fallar-lhe antes do senhor sahir.

POITIERS

—Mas não será isso possivel, snr. Bernardo? perguntou Jorge exaltado por aquellas revelações.

—Como! respondeu Bernardo; pois se ella está de cama e vela sempre junto da sua cabeceira uma criada da confiança do snr. Almeida, que lhe iria contar tudo o que se passasse!

—Tem rasão, snr. Bernardo; eu fui um louco em dizer similhante cousa. Não exponhamos a infeliz senhora a mais algum desgosto. Bastante sinto o não poder satisfazer-lhe esse desejo, e isto quero que lh'o diga.

—Tenho a entregar-lhe uma cousa, tornou Bernardo, dirigindo-se com ar mysterioso para o mancebo, que se havia sentado em uma commoda cadeira; é uma cousa que lhe manda a senhora.

E tirou do bolso um pequeno pacote, que entregou a Jorge.

—Mas, continuou, recommendou-me lhe pedisse com instancia que não abrisse o sobrescripto senão em Portugal. Agora cumpri a minha missão. Adeus, snr. Jorge.

O mancebo, tão surpreso estava pelo que ouvira, que deixou sahir Bernardo sem proferir uma unica palavra. Guardou no bolso o pacotesinho que lhe fôra entregue e cahia n'esse abatimento profundo, que se succede sempre ás grandes commoções.

Passados alguns momentos ergueu-se, como quem tomara uma repentina resolução. Dirigiu-se para o sitio onde tinha as suas malas de viagem e começou a arrecadar n'ellas a sua roupa e mais objectos. D'ahi a pouco tinha tudo arranjado.

Pouco depois do mancebo ter fechado as suas malas e vestido o seu fato de

viagem, apparecia-lhe Bernardo no gabinete.

—Snr. Jorge, o snr. Almeida mandou-me entregar-lhe este dinheiro, que diz pertencer a v. ex.ª.

E estendeu a mão com um rolo de libras para o mancebo.

—Diga ao snr. Almeida que eu não retractarei jamais o que lhe disse, e que meu pae me enviou o dinheiro sufficiente para a viagem.

E com um gesto despediu o velho criado, que se retirou a passos vagarosos.

—Esquecia-me uma cousa. V. ex.ª visto já ter tudo prompto, hade querer que lhe conduzam a sua bagagem, e então terá a bondade de indicar para onde.

—Diz bem, snr. Bernardo. Tenha a bondade de fazer-m'a conduzir para o Hotel de ***

Bernardo retirou-se. Jorge abriu a sua carteira, metteu dentro a carta de seu pae com a nota, e guardou tudo na sua bolsa de viagem. Depois abriu uma gavetinha da sua secretaria, tirou de lá alguns papeis e o dinheiro das suas economias, que da mesma forma guardou.

(Continua)

ALBERTO CARLOS

AS CRUZADAS

AS CRUZADAS

Havia longo tempo que os christãos iam visitar por devoção os logares onde Jesus tinha sido flagellado. O fanatismo ia tão longe, que se enviava para a Europa terra da Palestina, como hoje vem a agoa de Lourdes, e não havia que receiar o influxo de Satanaz aquelle que andasse munido de alguns grãos d'essa terra sagrada. Pelo seculo IV espalhou-se a noticia de que acabava de descobrir-se a cruz em que Jesus fôra cruxificado, e desde logo se viu correr de todas as partes uma multidão anhelante por repartir entre si os fragmentos da preciosa reliquia.

E' á imperatriz Helena que se deve o descobrimento da cruz, e em geral não se vê no successo mais do que um meio habil, uma manobra politica, com o fim d'augmentar a influencia do imperio do Oriente, fazendo reviver as superstições antigas.

No seculo VIII os padres da Palestina annunciaram que, por um novo milagre, as alampadas da egreja da Resurreição se apagavam na vespera de Paschoa e se accendiam de per si n'esse dia. Bandos de peregrinos accorreram de todas as partes do mundo para presenciarem esse novo milagre e recolherem uma scentelha da chamma divina, que tinha a propriedade de curar todas as enfermidades do corpo.

As peregrinações tinham para aquelle paiz a inapreciavel vantagem d'attrahir os commerciantes ao Oriente, e o trafico que se fazia chegou a tomar proporções collossaes, protegido pelos arabes, senhores da Palestina, que se contentavam com um leve tributo da parte dos peregrinos.

Entretanto a Palestina, tendo escapado aos kalifas de Bagdad, cahiu nas mãos dos do Egypto no seculo X, e os peregrinos christãos começaram a ser vexados pelos novos senhores das terras que presencearam a paixão do Salvador.

Pelo fim do seculo X, quando todos esperavam o fim do mundo predito por S. João, os peregrinos affluiram mais do que nunca á Palestina, para pedirem aos logares santos o perdão dos seus peccados, e as perseguições de que foram alvo excitaram ao mais alto grao a indignação de toda a christandade.

Em 1038 os turcos seldjucidas arrebataram Jerusalem aos kalifas do Cairo e a sorte dos christãos do Oriente tornou-se ainda mais precaria. Os imperadores gregos, despojados da Asia, chamaram em seu soccorro o Occidente, que tremia d'horror ao ver os christãos insultados pelos infieis.

O momento da exaltação geral dos animos pareceu favoravel ao papa para emprehender uma guerra santa, pois urgia castigar os rebeldes profanadores do santo sepulchro. N'esse tempo a cavallaria corria atrás de aventuras extraordinarias; os grandes vassallos esperavam obter estabelecimentos na Asia; os servos viam em uma guerra como esta o meio de se subtrahirem á escravidão. Emfim o poder religioso, d'accordo com os soberanos, concedeu privilegios áquelles que partissem para a cruzada. Ficavam livres da perseguição por dividas; não tinham que pagar juros das sommas emprestadas durante a cruzada; eram dispensados de pagar taxas e impostos; podiam alienar as suas terras sem auctorisação do directo senhorio; tinham o privilegio de não poderem ser julgados senão pelos tribunaes ecclesiasticos; as suas pessoas e os seus bens ficavam sob a protecção de S. Pedro, em nome do qual anathematisavam aquelles que molestassem os cruzados; emfim estes tiveram indulgencia plenaria e a remissão de todos os seus peccados.

Pedro o Eremita, fidalgo da Picardia, prégou com enthusiasmo a guerra na Palestina. Em 1095 o papa Urbano II convocou um concilio para Clermont, no Auvergne. Do alto d'uma tribuna prégou a cruzada, e todos os assistentes se alistaram nas suas fileiras ao grito de:

—Deus o quer! Deus o quer!

Fidalgos, bispos, frades, artistas, lavradores, ladrões, assassinos, todos se fizeram cruzados, e tiveram no hombro como distinctivo a sua cruz de panno, vermelho para os francezes, amarello para os italianos, negro para os allemães, branco para os inglezes e verde para os flamengos. Os historiadores contemporaneos avaliam em muitos milhões de homens os que constituiram esta primeira expedição.

(Continua)

A AGONIA D'UM NOBRE

A tarde ia em meio. Luzia, ao fundo d'um pobre quarto, uma pequena

claridade, que a moribunda lamparina dispensava ainda, e a cuja luz se destinguia, recostado sobre um antigo leito de castanho, um velho emmagrecido pelos dissabores e terrivelmente desfigurado pelo desespero.

E esse velho, arquejando de colera e de agonia, ainda sustinha uma penna e ainda escrevia umas phrases que retratavam com nitidez a visivel decadencia de seus irmãos e o profundo pelago a que descera a sua tão querida patria.

—Ai! meu santo ideal, exclamava o enfermo; como é possivel que eu tenha de renegar na hora ultima os sagrados juramentos da minha infancia e os protestos, já compridos, do meu viver de moço?

Como é possivel, ó patria amiga, que os villões d'este seculo maldito não respeitem os heroes, que já são cinza, e vão cuspir affrontas nos seus brazões sublimes, sagrados com o sangue de suas veias, espargido sobre a terrra lusitana?

E, comtudo, as illusões do teu passado são desfeitas na actualidade, com a vida miseravel que vaes gastando, e os louros conquistados por teus avós foram desfolhados sem piedade pelos filhos degenerados que sustentas!»

E o desgraçado sentia approximar-se o derradeiro momento; a falla era confusa e titubeante; o rosto tomava uma feição medonha, e, ainda assim, debruçava-se para o papel que sustinha nos joelhos e escrevia com uma febre de louco o seu protesto á patria, que ennodoara as quinas sacrosantas no paul do desleixo e da deshonra.

A penna paralysou-se, emfim. Um grito, exalado d'esse peito enfermo; um grito agonioso e horrivel, em que se casavam o odio e o amor, foi marcar, na ampulheta da existencia do infeliz, a queda do ultimo grão d'areia que arrastara comsigo, ao mover-se, a perda d'um grande fidalgo, cuja alma, cheia de dignidade, se desprendeu da terra a carpir da patria.

Terminava assim o manuscripto do ancião:

Abnegação, nobreza de sentimentos, sublimidade de ideias, e outros dotes que tanto ornavam os espiritos de nossos avós, no seculo da média idade, é tudo, hoje, um archaismo, que não se usa, um thesouro, que se enterrou nas cinzas do seculo XV.

Ai! sociedade egoista e torpe, que é feito da religião de nossos paes, da moral que lhes deu brilho, dos exemplos que nos legaram e do valor e heroismo impresso em letras d'ouro nos escudos nobilissimos da velha fidalguia?

Oh! Sumide-vos, neologistas titulares ridiculos; ide esconder-vos nos archivos em que jazem os processos dos vossos roubos e a deslealdade dos vossos contractos, que serviriam de degrao para o solio miseravel da pseudo-gerarchia de que tanto vos blasonaes!

Ide esconder-vos junto aos occultos documentos da vossa inepcia e não queiraes fazer reviver os bobos com as vossas pretenções ridiculas, desgraçado arremedo da san nobreza, injuriada e cuspida pelas insignias enjoativas dos nossos barões burguezes.

E tu, Portugal, velho nucleo, onde girava um sangue que nada tinha de villão, porque sumiste com as derrotas do Oriente o esplendor do teu caracter aristocratico e o teu nome gerarchico de guerreiro?

Hoje és um pallido reflexo do que foste, do tempo em que, avassalando o mundo com o brilho das tuas espadas, cahiste envenenado pelos teus filhos sem honra e gemes as saudades do sol que te illuminou a fronte augusta e choras sentidamente as trevas que te cobrem o corpo enfermo.»

Aqui acabava o protesto do venerando successor d'esses valentes castellões que a idade d'ouro erigiu; a sua alma, nobre como os seus feitos, não podia voar da terra sem deixar manifestada amargamente a sua justa e santa indignação.

Repousa, filho leal das crenças do feudalismo, e que essas lagrimas que legaste á tua patria sejam o eterno pergaminho da tua heroica nobreza!

A. A. DE L. DUQUE

A SOCIEDADE DOS TRES

VI

UMA FAMILIA POBRE

(Continuação)

Uma pancada dada na porta poz termo ao monologo que acabamos de referir.

—Oh! Meu Deus! Se fosse ella!... exclamou sobresaltada a pobre Mathilde.

E, correndo abrir a porta, deu de frente com um mancebo de rosto pallido.

—Ah! E' o snr. Frederico! disse ella. Pode entrar, apesar de cá não estar o meu Jeronymo. O senhor é quasi da familia.

Mathilde disse isto com um acento jovial, que contrastava singularmente com a tristeza que n'aquelle momento devia ir-lhe na alma. De repente, porém, o seu rosto annuviou-se.

—Mas que tem? Está pallido como nunca o vi assim! Está doente? Queira entrar e sentar-se. Diga-me: em que posso ser-lhe util?

—Minha amiga, disse Frederico sentando-se na cadeira que a boa da mulher lhe apresentava. Agradeço; mas não preciso de nada. O que aqui me traz é apenas a necessidade de desabafar, e como não tinha mais ninguem...

—Fez bem; mas então que lhe aconteceu? Fallo com franqueza. Somos pobres; mas tornamo-nos dignos de ser confidentes...

VII

A CONFIDENCIA

Supponos que o leitor já adivinhou que o mancebo pallido que encontramos em conversação com a triste esposa de Jeronymo não é outro senão o litterato, um dos tres rapazes alegres que em um dos anteriores capitulos vimos no jantar do palacio de crystal. Mas que terá elle agora, que traz no rosto estampadas as côres da afflição e do desespero?

Será elle que nol-o dirá. Ouçamos a sua conversação com Mathilde.

—Como sabe a minha boa visinha, ha seis mezes que eu entrei para a redacção do jornal em que tenho escripto, além de varios artigos politicos e não politicos, uns folhetins, ou revistas de modas, theatros, bailes, etc. Pois saberá que aquelle logar que tanto me custou a alcançar, acaba de ser-me tirado.

—Que me diz?...

—O proprietario do jornal, um ignorante chapado, despediu-me hontem, ao pagar-me o ordenado do mez que findou.

—E que motivos teve elle?... Faltou o senhor por acaso ás suas obrigações?

—Pelo contrario. N'isso fui eu sempre rigoroso.

—Então não percebo.

—O que lhe digo, minha boa snr.ª Mathilde, é que lá se me vão todas as esperanças que eu tinha d'um futuro venturoso. Nunca lhes contei, apesar de a senhora e o snr. Jeronymo serem para mim mais do que visinhos amaveis, serem quasi meus irmãos; mas hoje vou dizer-lhe tudo. Eu amava...

—Ah! Bem me parecia a mim que andavam amores no caso! exclamou Mathilde sorrindo bondosamente.

—Eu amava uma joven formosa como um anjo, e rica... como... nem sei como. Direi só que se chegasse a alcançar a sua mão seria o homem mais feliz d'este mundo!

—Era talvez a filha do proprietario do jornal e foi por isso que elle...

—Está enganada. Mas deixe-me contar-lhe tudo.

Frederico enxugou a fronte, d'onde lhe corria o suor em fio, e proseguiu:

—Na minha qualidade de folhetinista recebia convites para bailes, com o fim já se entende de eu nas minhas revistas descrever aquellas festas, desfazendo-me em elogios aos donos da casa. E' este o costume.

—Não o sabia eu. Ora vejam o que é o mundo!... ponderou Mathilde.

—Uma das casas que eu mais frequentava era a d'um rico proprietario, homem velho e amigo de dar-se importancia, mas no fundo uma excellente

pessoa. Tinha elle uma filha um verdadeiro anjo, como já disse. A' força de apparecer nas suas salas, de esmerar-me em requebros para com a joven, emfim, graças aos elogios extraordinarios que lhe eu fazia nos meus folhetins, consegui ser amado da rica herdeira.

—Bravo! Sim senhor! E não nos tinha dito nada! Que ingrato!

(Continua)

UM THEATRO
PARTICULAR
(EXCERPTO)

Uma noute representava-se em casa de Adjuto José da Conceição, pae de Lucrecia e de Antony, *Ignez de Castro*, drama em cinco actos, composto pelo proprio Adjuto, e em que elle, para maior brilho da representação, se encarregara generosamente do papel de Pedro o Cru, dando a sua filha o papel da protogonista.

O theatrinho do nosso amigo tinha sido arranjado na sala que era espaçosa, com uns bastidores pintados por um compadre de Adjuto, que desprezava a perspectiva com a altivez dos talentos superiores.

Duas cobertas de cama, atadas uma á outra, serviam de panno de bocca, e dous caixeiros da loja, armados cada um de uma flauta, esfolavam os ouvidos dos espectadores, sob pretexto de comporem uma orchestra. Um candieiro de dois bicos, magestosamente pendurado do tecto da casa, formava a illuminação do theatro, com o auxilio de quatro vellas de cebo collocadas em cima das mezas. Alguns visinhos e parentes do auctor dramatico compunham a platéia, e os refrescos consistiam n'uma borracha do tinto, que circulava por entre os espectadores, em cujas gargantas corria o vinho com tanta abundancia, como o sangue dos personagens no palco improvisado.

A peça até ahi tinha caminhado maravilhosamente, e só um desgosto lacerava o espirito do snr. Adjuto; era a falta de senhoras que representassem, o que o tinha obrigado a pôr de parte a ideia de metter no seu drama Carlota Corday e a imperatriz Agrippina.

Tambem não havia muita gente para os papeis masculinos, e o digno burguez não tivera remedio senão acceitar para o papel de Alvaro Gonçalves um parasita seu conhecido, homem de maneiras muito attenciosas e pae de uma numerosa familia.

Trouxera elle comsigo os pequenos para fazerem os papeis de filhos de Ignez de Castro. Emquanto não entraram em scena, não tiveram os demonicos outra cousa que fazer senão saquear a dispensa hospitaleira, puxar as orelhas ao gato e quebrar duas chicaras do apparelho de chá. Finalmente, quando lhes competia apparecer no theatro, tinham feito uma grande berraria, pedindo bolos na occasião em que matavam a mãe, o que, digamos a verdade, tinha transtornado um pouco a solemnidade da situação.

Para cumulo de desgraças, o papel de Pedro Coelho era desempenhado pelo visinho amanuense, que tinha um namoro ferrado com Lucrecia Borges, e a quem o pae recusára com fervor a mão de sua filha, quando elle tivera a audacia de a vir pedir em casamento.

Mas a necessidade tudo desculpa, e o rapaz representava tão bem, que fôra mister admittil-o, apesar do que se tinha passado.

Acabara o 4.° acto; Ignez de Castro fôra assassinada sem maior novidade, e os espectadores tinham bebido á saude da morta, por ella ter caído perfeitamente, ao receber as punhaladas. Um ligeiro incidente viera só alterar o bom exito da peripecia.

No drama do snr. Adjuto apparecia no fim do 4.° acto o principe D. Pedro, que apunhalava, afim de vingar Ignez, todos os que tinham a desgraça de estar em scena n'essa occasião.

O snr. Adjuto entrara perfeitamente, trazendo na cabeça um chapeu de tres bicos, e por cima da couraça uma capa á romana; vinha de mais a mais de calção e sapato de fivella, tal era o escrupulo historico do digno merceeiro; não se poupava a despezas para dar verosimilhança aos trajos.

Entrou, deu punhalada bravia, e, como Alvaro Gonçalves ia já fugindo para os bastidores, saltou-lhe em cima e enterrou-lhe o punhal nas costas.

O homem estava morto infallivelmente, se não vê um dos filhos, que tinha trepado ao armario da casa de jantar, para tentar apanhar um queijo, perder o equilibrio, e caír no meio do chão. Então não se lembra de mais nada, e apesar das punhaladas que ferviam, ficou em pé a levantar o pequeno e a prometter-lhe bolos para o calar. Adjuto furioso virou-se para o outro lado, e, se não cae o panno, apunhalava os dous caixeiros da orchestra. Era bem feito, aqui para nós.

Deixemos começar o quinto acto, em que Pedro o Cru come cozidos os corações dos assassinos, e, emquanto Adjuto se senta á mesa, aproveitemos a occasião de estarem os pequenos e o pae entretidos pela criada na cosinha, os outros personagens na plateia, e vamos ouvindo o dialogo que se está travando em voz baixa na casa de jantar entre Ignez de Castro e Pedro Coelho, seu assassino.

(Continua) PINHEIRO CHAGAS

AS CHRONICAS DO POVO
I
OS DOUS PEDREIROS
II

(Continuação)

Quando fez os vinte annos e entrou de pensar no seu passado e no seu presente, comprehendeu o muito que devia á familia que carinhosamente lhe dera agasalho, e o seu coração abriu-se á gratidão como a flor do val abre a agreste corola á primeira luz do dia.

Deccorreram annos. O tio Martinho não deixara de ser modello de todas as virtudes; Pedro era a inveja dos rapazes e o querido das raparigas.

Porque o joven pedreiro era tão formoso da alma como do rosto, e ninguem o excedia em garbo e vigor. A vida denunciava-se exuberante nos seus grandes e rasgados olhos negros, e todos os seus movimentos tinham um cunho especial de distinção e nobreza, que formavam um inexplicavel contraste com o seu trajo habitual.

Porque extranhar pois que todos os olhares se cravassem em Pedro? Porque extranhar que uma mulher gravasse a imagem d'elle no mais recondito arcano de seu coração, para afagal-a em silencio?

Mas por desgraça o amor atraiçoa aquelle que se lhe entrega. Um dia Pedro viu um rosto ruborisado pela anciedade e o receio, e ao contacto d'aquelle olhar um estremecimento turvou-lhe a rasão e os sentidos.

De que mais precisam duas almas amantes para comprehender-se do que um olhar? Pedro sentiu-se subjugado por aquelle olhar, e uma felicidade suprema, que até então não tinha conhecido, veio dourar as suas esperanças com as mais risonhas illusões.

Aquella mulher estava longe, muito longe d'elle pela sua classe, pela sua posição e pela sua fortuna; mas o amor não repara em desigualdades e Pedro viu abater-se uma a uma todas as barreiras suggeridas pela sua imaginação viva e perspicaz.

O mysterio mais profundo venceu todas as invejas e todos os receios, e um dia Pedro pôde ler estas consoladoras linhas, que eram a realisação das suas mais fagueiras esperanças:

«Orphã e rica, muitos homens fingem querer a minha mão; mas nenhum a obterá porque tu és o eleito do meu coração. Dentro de um mez não haverá leis humanas que possam estorvar a sagrada união das nossas almas. Até então prudencia e segredo, que eu te juro, Pedro da minha alma, que seremos ditosos e abençoados de nossos paes. Que mais necessitaremos para a nossa felicidade além do teu amor e da minha fé!»

(Continua)

O CAPITÃO ROSS

Todas as descripções de viagens despertam interesse ao leitor estudioso; é por isso que tanto se apreciam os trabalhos d'esses modernos obreiros do progresso, que trabalham para a sciencia como outr'ora os missionarios trabalharam para a fé.

Uma das mais notaveis narrações é a que relata as aventuras da viagem do capitão inglez Ross, encarregado em 1818 de procurar uma passagem para o polo do noroeste.

Na impossibilidade de transcrever aqui, mesmo muito em resumo, a descripção d'essa viagem, vamos dar uma noticia do capitão Ross.

John Ross nasceu em 1777 em Balsarroch, na Irlanda. Embarcou-se aos nove annos e serviu na marinha militar no tempo do primeiro imperio, quando Napoleão Bonaparte pensava avassalar o mundo inteiro. Finda a guerra, que acabou com a prisão do feliz aventureiro, Ross alistou-se nas expedições que tinham por fim ir descobrir novas terras nos mares longinquos.

Encarregado de descobrir a passagem ao noroeste da America, partiu com seu sobrinho James Ross e Eduardo Parry, que depois se illustraram igualmente em tão arriscadas emprezas, e todos tres exploraram os mares de Hudson e de Baffin e o estreito de Cumberland. Chegado ao grao setenta e seis de latitude, reconheceu que não podia continuar a navegação, e retrocedeu. Como despojo da viagem, deixou ficar um dos navios, a *Fury*, enterrada no meio do gelo.

Dez annos depois, em 1829, Ross partia para uma nova viagem d'exploração scientifica. O governo inglez recusou-se auxiliar a empreza e Ross organisou-a á sua custa.

D'esta vez descobriu e explorou a peninsula e o golfo a que deu o nome de Boothia, em memoria de Mr. Booth, antigo funccionario de Londres, que o havia auxiliado com dinheiro para esta empreza. Demorou-se quatro annos nos mares polares; descobriu o polo magnetico; mas teve o desgosto de perder um dos seus navios, a *Victoria*, que os gelos não largaram mais.

VIAGEM DO CAPITÃO ROSS

A tripulação teria igualmente ali ficado se o governo inglez, temeroso de que a Ross houvesse succedido alguma desgraça, não mandasse outro intrepido viajante, Back, em procura de Ross.

De volta á patria, deu á estampa a narração da sua segunda viagem, como da primeira já o tinha feito, e quando se soube do alcance das suas descobertas, cobriram-o d'honras e distincções e o governo inglez nomeou-o consul em Stockolmo. Consagrando uma grande parte dos seus haveres a animar as viagens scientificas, foi nomeado vice-almirante em 1851 e falleceu em 1856.

ZIG-ZAGS

A MAIOR PONTE DO MUNDO

Acaba de terminar-se sobre o Volga, na Russia, para o caminho de ferro que vae para Oremburgo, uma ponte em dimensões superiores á de Moerdijk, na Hollanda, que era a maior que se conhecia, pois esta ultima tem menos seis metros.

O comprimento da nova ponte é de mil duzentos e setenta metros; tem trese arcos; empregaram-se n'ella seis mil quinhentas e cincoenta e duas toneladas de ferro e custou perto de cinco milhões de rublos, ou quarenta mil contos de reis. De arco a arco cabe, á altura, o palacio d'inverno de S. Petersburgo.

A construcção principiou em 1877 e durou tres annos.

BEM PENSADO

O condestavel Duguesclin, a quem Carlos V deu o commando dos seus exercitos, dizia frequentemente que a gloria, essa nobre paixão que toca mais sensivelmente o coração dos heroes, se devia repartir entre os homens como as riquezas, e assim fazia sempre reverter grande parte d'ella em proveito dos soldados que o acompanhavam em qualquer acção e na proporção em que para ella concorriam.

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS AMAVEIS CORRESPONDENTES

Tendo de proceder-se sem demora á reimpressão (pela terceira vez) dos primeiros numeros d'este jornal, pedimos urgentemente aos nossos estimaveis correspondentes nos digam os exemplares que precisam do primeiro numero, o qual deve entrar no prelo por toda a semana proxima.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 47

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 21 DE JULHO DE 1881. | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— O capitão Cook — Um theatro particular (excerpto) por Pinheiro Chagas — O tamenduá-guaçu — No fundo d'um poço — O baile (poesia) por Ernesto — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — Jerusalem — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Moscow — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Moçambique — A sociedade dos tres (romance) — Ella... (poesia) por João de Deus — Os Jesuitas — As chronicas do povo: Os dous pedreiros — O vulcão de Kilanea, por F. — Zig-Zags: O peru — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— O capitão Cook — Jerusalem — O incendio de Moscow.

O CAPITÃO COOK

James Cook, celebre navegador inglez, nasceu em Marton, no condado de York, em 1728. Era filho d'um simples jornaleiro, e como seu pae, trabalhou nas minas de carvão. Aos desoito annos fez a primeira viagem em um navio do commercio.

Em 1755, quando estalou a guerra entre a França e a Inglaterra, Cook foi mandado na qualidade de marinheiro no navio de Hugo Palliser. Subiu ao cargo de contramestre e distinguiu-se no cerco de Quebec, durante o qual recebeu a perigosa missão de sondar o canal do rio S. Lourenço, e quando voltou da expedição, publicou um mappa do mesmo rio.

Tinha alcançado o posto de capitão quando emprehendeu a primeira viagem ao redor do mundo no navio *Endeavour*, em 30 de julho de 1768. Voltou ao cabo de tres annos, depois de ter enriquecido a sciencia com observações muito preciosas. Partiu de novo em junho de 1772 e foi esta viagem a mais importante para a sciencia geographica, a historia natural e a ethnographia.

Cook tinha comsigo dous navios: a *Resolução* e a *Adventure;* penetrou nos mares austraes até ao grao setenta e um e parou diante das montanhas de gelo depois de ter verificado que não existia continente austral.

O CAPITÃO COOK

Voltando em 20 de julho de 1775, partiu novamente no anno seguinte com a *Resolução* e a *Descoberta*. Dobrou a Nova Zelandia e fundeou na costa de Otaiti. D'ahi encaminhou-se para a costa americana, visitou o estreito que separa a Asia septentrional da America, e desembarcando na bahia de Karakakua, foi assassinado pelos indigenas em 24 de fevereiro de 1780.

Um dos seus companheiros de viagem, o capitão Keing, dá d'elle a seguinte opinião: «Nunca sciencia nenhuma foi levada, pelos trabalhos d'um só homem, a um tão alto grao de perfeição, como o foi a sciencia geographica pelos do capitão Cook.»

Na primeira viagem ao mar do sul descobriu as ilhas da Sociedade, verificou que a Nova Zelandia era uma reunião de duas ilhas e descobriu o estreito que as separa, conhecido hoje pelo seu nome. Visitou em seguida as costas orientaes da Nova Hollanda, desconhecidas até ao seu tempo, em uma extensão de vinte e sete graos de latitude.

Na segunda expedição resolveu o grande problema do continente meridional, tendo atravessado essa parte do hemispherio entre os graos quarenta e setenta de latitude, de maneira a assegurar-se da impossibilidade da sua existencia, a menos que não se colloque o mesmo continente junto do polo e fora do alcance da navegação.

Foi n'esta viagem que elle descobriu a Nova Caledonia, a qual forma a costa mais extensa do mar Pacifico, do lado do sul. Depois da Nova Zelandia descobriu a ilha da Georgia e uma terra desconhecida, a que deu o nome de terra de Sandwich.

Depois d'atravessar duas vezes os mares do tropico, determinou a posição das suas anteriores descobertas e fez outras novas. Além de pequenas ilhas na parte meridional do mar Pacifico, descobriu o grupo de ilhas a que deu o nome de ilhas Sandwich, as quaes, pela situação e variedade das suas producções podem tornar-se de muito mais importancia, no systema de navegação europeia, do que todas as outras descobertas

nos mares do sul. Em seguida descobriu tudo quanto nos era desconhecido na costa occidental da America, desde o grao quarenta e tres até ao setenta de latitude norte, em uma extensão de perto de mil e duzentas legoas: assegurou-se da proximidade dos dous grandes continentes da Asia e da America, entrou no canal que os separa e visitou as costas oppostas a uma grande altura de latitude septentrional, para demonstrar a impossibilidade de achar uma passagem que conduzisse do mar Atlantico ao oceano Pacifico, quer se dirija a navegação para leste ou para o poente. Emfim, exceptuando o mar do Amor e o archipelago japonez, pode dizer-se que o capitão Cook completou a hydrographia do globo habitavel.

UM THEATRO PARTICULAR

(EXCERPTO)

—

(Conclusão)

—Pois não teremos nós outro recurso? dizia Ignez de Castro com as lagrimas nos olhos. Repugna-me tanto deixar assim meu pae!

—Que havemos de fazer, filha? respondia o assassino. Teu pae é inexoravel; acha-me pobre de mais para ser teu marido e nunca me hade conceder a tua mão. Occasião como esta não a tornaremos a encontrar. Está tudo preparado; a sege espera-nos á porta. A criada, a quem dei uns poucos de cruzados novos, está entretendo os pequenos na cosinha, dando-lhes a elles e ao pae os restos do jantar; o snr. Adjuto está na scena, os oulá fóra na sala... Não recuses, se com effeito me tens o amor que dizes.

—Podes duvidar do meu amor, João, quando dou por ti um passo tão inconsiderado! Não, não! Amo-te e sigo-te.

—Vem, meu anjo; os momentos são preciosos e d'aqui a pouco deves entrar em scena.

E pé ante pé, Ignez de Castro e o seu assassino desceram a escada, subiram para a sege que os esperava a pouca distancia e d'ahi a cinco minutos estavam já longe da casa paternal.

Entretanto Pedro o Cru, com um diadema de papel doirado na cabeça, nem sequer suspeitava tão inesperada resurreição, e tão magnanima clemencia da *misera e mesquinha*. Continuava trincando os corações com um desespero, que fazia brotar na sala bravos enthusiasticos. Já elle começava a roer o prato, quando se lembrou do beijamão da morta; ordenou aos cortezãos que fossem buscar o cadaver, e um barbeiro seu primo, que elle tinha promovido ao posto de ministro do reino, foi á cosinha procurar Ignez de Castro.

—Está na casa de jantar, respondeu Alvaro Gonçalves com a boca cheia.

Foi á casa de jantar, nem viva alma! Penetrou no santuario da alcova, ninguem; chegou até a ir á dispensa, nada de novo. Desesperado, foi metter o nariz na carvoeira, e encontrou o gato, que se tinha refugiado n'esse asylo para escapar ás barbaridades dos filhos de D. Pedro I.

Voltou para a scena, onde Adjuto, que não sabia já o que havia de dizer, pedia em altos berros o figado e o baço dos assassinos.

—Ignez de Castro não apparece! disse-lhe o barbeiro em voz baixa.

—Não apparece Ignez de Castro! retrocou espantado o rei de Portugal.

—Nada!

—Entretenham vocês os espectadores, que eu a vou procurar.

E sahiu da scena, correndo a bom correr.

Procurou por toda a parte, chamou Lucrecia em voz baixa, para não fazer escandalo, depois em voz alta, e nem o ecco lhe respondeu, porque era coisa que não havia em casa.

Para maior desventura, o pae dos pequenos, que ficara com remorsos de não ter morrido em occasião opportuna, não o deixava um momento, dizendo-lhe polidamente:

—Snr. Adjuto, eu peço desculpa de não ter caído banhado no meu proprio sangue; mas houve circumstancias...

—O' homem, deixe-me! interrompeu o merceeiro, já enfastiado da lenga-lenga. Onde está Ignez de Castro?

—Ignez de Castro! Eu deixei-a na casa de jantar, conversando pacificamente com Pedro Coelho!

—Com Pedro Coelho! bradou Adjuto, unindo as mãos. Ah! percebo tudo! Has-de-m'o pagar, perfido amanuense!

E entrou em scena, correndo, com o semblante trastornado.

Os cortezãos, que tinham estado olhando uns para os outros com cara de patetas, ficaram satisfeitissimos com a chegada de Adjuto, e os espectadores, que estavam já muito animados pelos refrescos, começaram a berrar:

—Ignez de Castro! Ignez de Castro!

Adjuto deixou cahir os braços, desanimado, e bradou com voz entrecortada:

—O drama não pode continuar, meus senhores, porque Ignez de Castro fugiu com um dos assassinos.

E as cobertas da cama desceram lentamente, deixando ficar estupefactos actores e espectadores.

PINHEIRO CHAGAS

O TAMENDUÁ-GUAÇU

—

(Conclusão)

Depois de ter feito no cone de que acabo de fallar um buraco profundo, o animal introduziu por elle a lingoa, que tinha cerca de dezoito pollegadas, e retirou-a coberta de termitas, que enguliu avidamente, operação esta que repetiu mais algumas vezes.

Procurei aproximar-me silenciosamente do tamenduá; mas o meu movimento foi observado por elle, que não fugiu, por saber que não conseguiria escapar; mas poz-se em guarda, apoiando-se nas patas trazeiras, escondendo a tromba diante do peito e apresentando-me as unhas aceradas, que eram uma poderosa arma defensiva. Não podendo apoderar-me d'elle d'outro modo, matei-o com um tiro.

O ruido despertou os meus companheiros, que appareceram immediatamente ao pé de mim, e então um dos criados indigenas explicou-nos que o animal que eu acabava de matar era conhecido pelo nome de tamenduá-guaçu; mas os naturalistas chamam-lhe *myrmecophaga jubata*. E' o maior dos animaes que se alimentam de formigas e não tem a faculdade de trepar ás arvores. O seu andar é vagaroso e só habita sitios baixos.

Apesar de pouco favorecido da natureza, o tamenduá tem porém qualidades que o tornam recommendavel. E' corajoso, apesar de mal armado, e defende-se até contra o jaguar. Se este tem a imprudencia de chegar-se para elle sem cautella, o tamenduá apanha-o entre as mãos e não o deixa sem o ter suffocado.

A femea põe só um filho de cada vez e tem-lhe amisade extraordinaria. Nunca o deixa, e quando tem de sahir da sua toca para ir á caça dos termitas, leva-o ás costas, e passa até os rios a nado com aquella preciosa carga.

O tamenduá-guaçu não se sustenta só de formigas; come toda a qualidade d'insectos.

Caçado novo, acostuma-se facilmente á escravidão e sustenta-se de pão e bocados de carne. E' dedicado ao amo até um certo ponto. A sua tristeza habitual augmenta com a idade, e ordinariamente morre de desgosto mal chega á idade adulta.

O brazileiro que me deu estas explicações acabou por me dizer que se elle se mostrara para comigo irritado e tratara de defender-se, foi por eu o ter surprehendido no momento mais interessante da sua caça; do contrario ter-me-ia sido facil approximar-me d'elle e fazel-o caminhar adiante de mim até á minha barraca, tendo apenas o cuidado de não o fazer andar muito depressa, para não o cansar, o que poderia irrital-o a ponto de resistir.

NO FUNDO D'UM POÇO

—

As mulheres contavam aos homens que voltavam dos campos a horrivel catastrophe que a todos horrorisava.

Claudio, o rendeiro, e o poceiro Onésimo, andavam alimpando o poço da quinta, quando as paredes d'alvenaria, desabando repentinamente, suterraram os dous homens vivos!...

—Só por milagre poderão escapar! disseram todos... Vamos a ver se é possivel salval-os!

E todos pozeram mãos á obra com ancia. O tio Claudio era estimado no sitio; havia poucas familias que lhe não devessem alguma obrigação. Onésimo era um excellente rapaz, ainda que um tanto estouvado; mas era apesar d'isso estimado de todos. O espantoso desastre de que haviam sido victimas commovera toda a gente. Os homens revesavam-se e auxiliavam-se á porfia e as mulheres resavam.

A noute não fez interromper o trabalho; acenderam archotes; á meia noute nasceu a lua.

E a mulher de Claudio saberá o que succedeu?

Estava a estender roupa, quando voltou a cabeça sobresaltada com o estrondo e com o grito terrivel dos dous homens. Ao ver o que havia succedido deu-lhe um ataque de nervos, que ainda a não deixou.

Pobre mulher! Era tão amiga de seu marido, apesar da differença d'idades... E elle era tão bom para ella...

Para ella e para toda a gente!

O trabalho insano da noute não produzira resultado apreciavel; havia muito que desentulhar; era necessario cavar até grande profundidade. Todos começaram a desanimar.

—Já não ha esperança; é impossivel chegarmos a tempo! O mais que podemos fazer é rezar-lhes por alma! Estão mortos.

Collando o ouvido ao solo na abertura do poço, não se ouvia nada.

E, comtudo, no fundo d'esse poço havia um homem que desde a vespera não cessara de soltar rugidos desesperados; mas a voz embaça nas pedras a um palmo de distancia da boca, ao passo que ouvia distinctamente a menor palavra proferida por cima de si. Ouvia o bater das enchadas, o rodar dos carros de mão e as palavras dos trabalhadores, e calculava em mortal angustia os progressos da escavação.

Esse homem era Onésimo, o poceiro...

Uma pedra enorme cuja queda o devia esmigalhar, fôra detida por duas saliencias das paredes a um metro de distancia do fundo, na occasião em que elle por felicidade estava agachado. E desde então tivera de se conservar n'essa posição, accocorado, com a cabeça dobrada e enterrado no lodo, mas respirando ainda.

—Meu Deus, ó meu Deus, dizia elle; não me deixeis morrer assim! Animo, meus amigos, animo, ainda podeis salvar-me... porque ainda estou vivo! Como trabalham! Bravo!... mas porque parariam elles?... Ha, sim, ainda ha esperança!... Tirae-nos d'esta sepultura!... Tirae-nos a ambos, porque estamos aqui dous, o tio Claudio, um velho, um homem que todos estimaes, um chefe de familia... oh! salvae-o!... Salvaenos... Então, está callado, tio Claudio; porque é que não falla?... Estará vossê morto, tio Claudio! Não, não, não está morto! Não quero que esteja morto! Se eu estivesse só aqui abandonavam-me!... Meu Deus, entrego-vos a minha alma!... Padre nosso que estaes nos ceos... Quero sahir d'aqui; quero sahir já!... Quero viver! Lá em cima ha luz, ha arvores verdejantes, ha o ceo azul!

—E ha tambem amor, não é verdade, Onésimo?

—O tio Claudio esta vivo! Então resuscitamos!... Porque é que não fallava... Estamos já ha tanto tempo na escuridão!

—E ha tambem amor lá em cima, não é verdade, Onésimo? respondeu a voz. E o amor é realmente uma bella coisa! Ah! como é doloroso trocal-o pela morte, pela horrenda morte!

—Que estarão elles a fazer lá em cima!... deixariam de trabalhar! Estão a fallar, estão cantando em côro... Estão pronunciando as orações dos finados, sobre os nossos cadaveres, Onésimo; por que nós já somos cadaveres. Já nos despedimos de tudo o que ha lá em cima... até do amor!

—E' horrivel! essa gente está doida! são uns assassinos!... Eu não estou morto; estou vivo! Quero viver!... Soccorro!... Soccorro!

(Continua)

O BAILE

—

Outr'ora nos bailes
Delfina dançava,
Dançava contente,
Sorria e brincava.

Seus olhos formosos
De negros brilhavam;
Seus pés tão ligeiros
No chão mal tocavam.

Nos labios um riso
Celeste pairava,
Um riso donoso
Em tudo encantava.

Eu vi n'esses bailes
Seu gesto mimoso,
Seus doces encantos,
Seu talhe gracioso.

Eu vi nos meus braços
Sua cinta de fada,
Eu tive nas minhas
Sua mão delicada!

Quem dera viver
Mil annos assim!
Viver nos seus braços
N'um baile sem fim!

Oh! como ligeiro
O tempo corria,
Quando ella em meus braços
Dançava e sorria!

Como ella dançava,
Dançava e sorria,
Com terna modestia,
Com doce magia!

Quem dera viver
Mil annos assim!
Viver nos seus braços
N'um baile sem fim!

ERNESTO

AS CATACUMBAS DE ROMA

—

III

(Continuação)

A linguagem de Plauto pode-nos dar uma ideia. Encontra-se tambem um especimen na collecção de *grafite* publicada ainda não ha muito em Roma. Na primeira galeria lê-se: *Faustina dulcisb ibus in Deo* —Oh doce Faustina vive Deus! O povo tinha-se aventurado a dizer *bibus* por *vivas*. Tambem se encontra mais adiante uma inscripção destinada a rememorar um individuo chamado Ermaiskus. Este nome de per si só indica uma origem oriental; effectivamente a sua epigraphe, metade grega, metade latina, offerece a seguinte particularidade curiosa, de que as palavras da lingoa romana ahi estão escriptas em caracteres gregos.

Tambem existe a de uma creança, cuja inscripção accusa uma mistura extravagante do sagrado com o profano.

A pedra que o cobre não tem signal de cruz, nem emblema algum christão. Vê-se pelo contrario a lampada, que recordava os costumes dos reis pagãos. A inscripção, de que apenas apresentamos a traducção do texto, está assim redigida:

AOS DEUSES MANES

«Flurentius a seu filho Apronius, que bem mereceu fez esta inscripção. Viveu um anno, nove meses e cinco dias. Tendo sido extremosamente amado por sua avó, e vendo-o em perigo de morte, elle sollicitou á egreja de o fazer sahir do seculo com o distinctivo de fiel (o baptismo).»

Flurentius, como se vê, era um pae pagão, que, não operando por si proprio, e não estando talvez muito firme na sua incredulidade na nossa fé, tinha concedido á boa da avó fazer baptisar esta pobre creança no acto da sua morte.

A galeria em que nos achamos está interrompida á direita por uma abertura, a qual vae dar á direita, ao que se chama uma *camara*, em latim *cubiculos*.

(Continua A. VIEIRA LOPES)

JERUSALEM

—

Todos os povos parecem ter pela antiga capital dos reis da Judeia uma veneração particular, conforme se pode ver pelas denominações que lhe teem sido dadas. Os hebreus chamavam-lhe Jeruschsalaim, isto é, *visão da paz*; os gregos e latinos Solyma e Hierosolyma; os turcos e os arabes, *El-Kods*, que significa *a santa*.

Jerusalem está edificada junto da torrente do Cedron, na parte sul da Palestina. O seu aspecto exterior é bastante notavel em rasão das muralhas guarnecidas de torres que a circundam; mas no interior a vista entristece-se de ver ruas lamacentas e estreitas e casas mal construidas, sem regularidade. De onde em onde notam-se alguns monumentos, que ainda attestam o antigo esplendor de que gosou esta região privilegiada. A mesquita de Omar, construida no estylo bysantino, é ainda um monumento notavel; distinguem-se ainda a egreja do Santo Sepulchro e uma multidão de conventos de quasi todos os ritos.

Jerusalem comprehende quasi a mesma circumferencia que no tempo das cruzadas; todavia se attrae ainda multidão de visitantes, não é, por assim dizer, senão em rasão das numerosas e interessantes reminiscencias que se prendem áquelles sitios que depois de verem correr o sangue de Jesus, viram tambem os feitos de nossos paes e ás vezes tambem as suas derrotas.

Jerusalem constituiu-se em reino no tempo da primeira cruzada. Em 15 de julho de 1099, quando Godofredo de Buillon se apoderou da cidade, as suas tropas acclamaram-o rei d'aquelle paiz, que comprehendia toda a Palestina. A suserania do novo reino estendia-se sobre os condados de Tripoli, Edessa e os principados de Tiberiada e d'Antiochia. Em 1239 o reino de Jerusalem, que vivera sempre em guerra com os mamelucos, caiu em poder dos seus inimigos.

Em Jerusalem celebrou-se no anno 50 de Jesus Christo o primeiro concilio ecumenico, em que se tratou de conciliar a religião nova com as formas das religiões antigas. As decisões do concilio foram uma especie de composição, que salvou a egreja christã.

A antiga capital da Judeia está hoje encorporada no vasto imperio da Turquia asiatica e conta vinte e cinco mil almas.

JERUSALEM

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XXIII

Jorge, durante o resto do dia, não tomou alimento algum, nem se tirou do seu gabinete, d'onde só sahiu ao cahir do dia. Não tornou a ver Almeida nem a infeliz D. Adelina. Opprimia-o uma pesada melancolia.

Perto do anoutecer dirigiu-se para o hotel de ***, onde já se achava a sua bagagem, e, apenas se achou no quarto que lhe estava destinado, fechou-se por dentro e deitou-se sobre o elegante leito que lhe tinham preparado.

Só no dia seguinte pela manha é que devia embarcar no paquete que havia de reconduzil-o á patria. Os papeis que lhe eram necessarios, tinha-lh'os arranjado o sollicito Bernardo, naturalmente em virtude de alguma secreta ordem de D. Adelina. O caso é que Jorge não teve a dar passos nenhuns como preparativos para a longa viagem, que ia emprehender no dia seguinte.

Bernardo viera trazer-lhe os papeis ao hotel. O mancebo agradeceu os serviços do obsequioso velho, e, ao despedir-se d'elle, abraçou-o reconhecido, dando-lhe o nome de amigo. Não lhe offereceu dinheiro, premio vil dos serviços de qualquer lacaio; recompensou-o com um abraço, digno galardão do homem de sentimentos nobres.

Anoutecera. Jorge não accendera luz. Para certos lances, quando a alma se sente avergada ao peso da desventura, a solidão e as trevas parece que se identificam com o nosso estado physico, ao passo que a luz e o estrondo, manifestações de vida, nos confrangem.

Quantas vezes nos succede, durante o crepusculo saudoso da tarde, quando se effectua essa m e l a n c olica transicção da luz para as trevas, o sentarmo-nos junto da janella d'onde se descobre um panorama esplendido, um amplo horisonte, deixarmos errar os olhos pela amplidão dos espaços, onde começam a tremeluzir as myriades de astros? Quantas vezes preferimos a contemplação d'esse quadro triste e bello, a um tempo, á deslumbrante perspectiva da mais esplendida diversão?

Como explicar o phenomeno, senão pela estranha predilecção de certas almas por tudo o que respira tristeza e melancolia?

Para as almas vulgares, para os espiritos chatos e repugantes, que preferem a leitura das escandalosas obras de Terrail ás paginas sublimes de unção e sentimentalismo de Lamartine; para os que se deleitam com Paulo de Kok e riem cynicamente do auctor de *Jocelyn*, não existe esse encanto mysterioso, esse dulcissimo arroubamento, que de nós se apodera muitas vezes e parece transportar-nos a mundos ideaes de ignota belleza.

Esse estado d'alma, quando não o procuramos como que instinctivamente, manifesta-se de ordinario sempre que algum golpe moral nos tem ferido. Existe n'essa especie de doce embriaguez uma voluptuosidade e um goso innefaveis, embora ás vezes as lagrimas subam do coração aos olhos. Em taes occasiões sen-

te-se o que o nosso immortal Garrett chamou á saudade, um —delicioso pungir de acerbo espinho.— A dôr assimilha-se então ao chloroformio, que, ao passo que vae anniquilando as forças vitaes, faz entrever, á pessoa a quem é ministrado, mil visões encantadoras, através dos mais deslumbrantes prismas.

Assim estava Jorge de Castro. Immerso na tristeza, que redobrava com o silencio e as trevas que o rodeavam, sentia um certo goso inexplicavel, experimentava umas emoções doces, cuja causa desconhecia. E' que n'aquelle cerebro onde tumultuavam mil pensamentos diversos, surgiam de espaço a espaço recordações bem queridas!

No dia seguinte Jorge, depois de haver almoçado, fez-se conduzir para bordo do paquete, que devia parir para Lisboa na tarde d'esse mesmo dia.

Bem tristemente impressionado deixou a basta bahia do Rio de Janeiro.

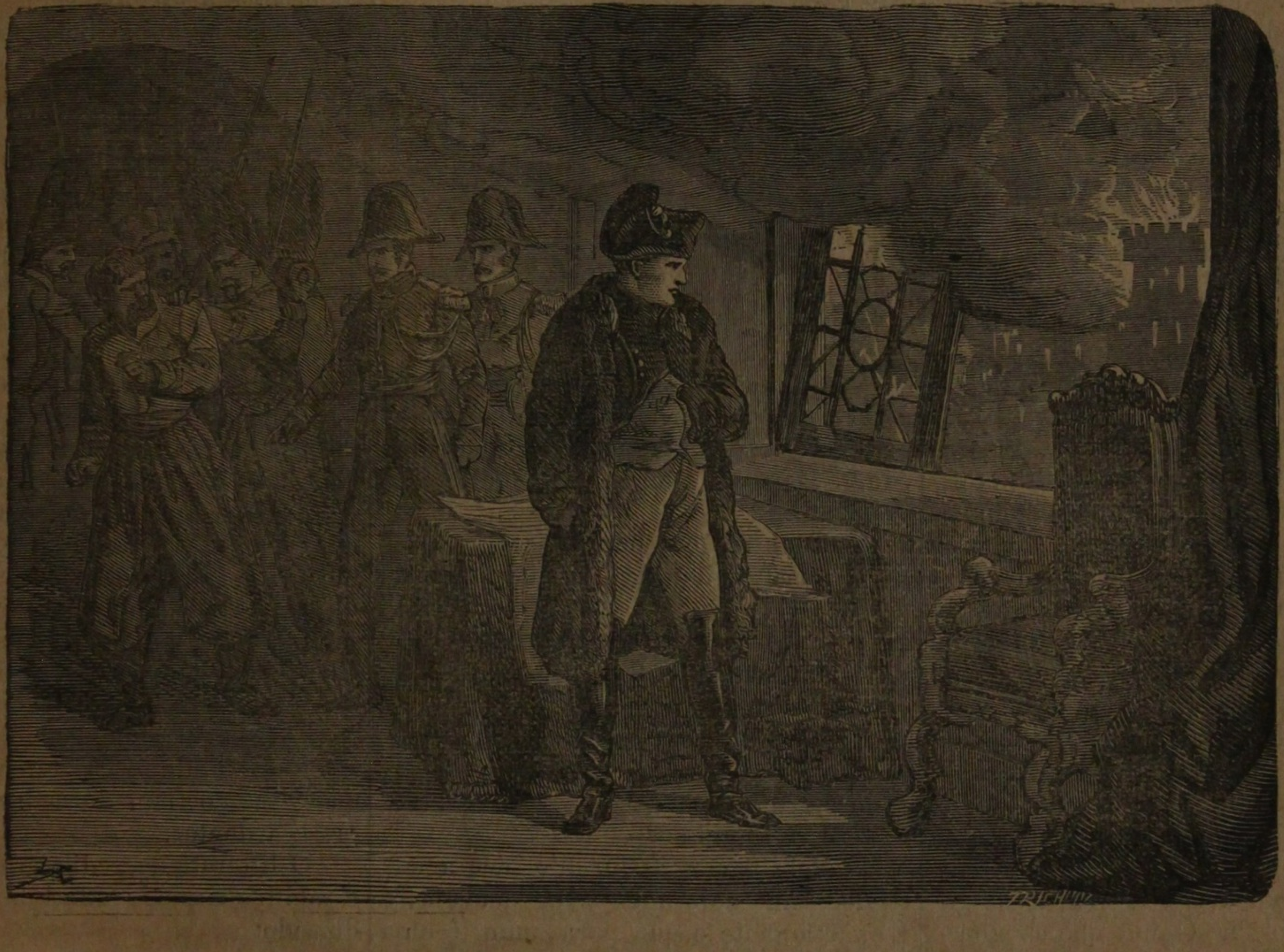
Tinha, é verdade, soffrido muito durante a sua estada no Brazil; mas levava uma saudade pungente d'essa infeliz creatura, que lhe fizera a confidencia dos seus intimos soffrimentos. Por outro lado regressava á patria, que amava como bom filho, ia talvez encontrar já morto o auctor de seus dias e quem sabe? Obter um cruel desengano sobre a identidade de Laura. Nenhuma esperança lhe acalentava o espirito n'este triste regresso Até mesmo o seu amigo Paulo não respondera á carta que lhe dirigira do Rio!

(Continua) ALBERTO CARLOS

MOSCOW

Capital do governo do mesmo nome, na Russia da Europa, Moscow está situada perto do rio Moskowa e distante seiscentos quarenta e sete kilometros de S. Petersburgo. A sua população é de perto de quatro centos mil habitantes e tem quarenta e cinco kilometros de circunferencia.

Tem uma celebre universidade, varias academias, sociedades sabias e litterarias, muitas bibliothecas, museus e collecções de historia natural. Ha quarenta e sete hospitaes imperiaes ou particulares e sessenta e cinco asylos para os pobres.



O INCENDIO DE MOSCOW

E' digno de notar-se o Krenlim, ou cidadella, numerosos palacios, entre outros o do imperador, o do bispo, o da imperatriz Catharina e o do patriarcha; a cathedral da Assumpção, onde antigamente tinham logar as ceremonias da coroação dos czares; a torre de Ivan-Veliki, com os seus trinta e dous sinos; mais de tresentas egrejas, o arsenal, etc.

O commercio é immenso e consiste em pelles, oleos, açafrão, opio, sabões, lans, pedras preciosas, pennas, etc.; a industria consta de tecidos de seda, lan e algodão, productos chimicos, machinas, instrumentos d'optica, etc. Celebram-se exposições periodicas dos productos da industria nacional.

Moscow foi fundada por Dolgoruki em 1147. A sua importancia cresceu rapidamente: os seus principes tornaram-se os mais notaveis da Russia. Foi sede do governo desde 1300 até 1703, epoca em que perdeu grande parte do antigo esplendor em consequencia da fundação da cidade de S. Petersburgo. Foi cercada pela primeira vez por Olgierd, no anno de 1369, e pela ultima por Napoleão em 1812.

Em um momento de heroico desespero, o governador Rostopchin lançou o fogo á cidade para não entregar ao feroz vencedor mais do que ruinas. Só escapou o Krenlim e o quarteirão de Bielgorod. Moscow, porém, resurgiu em breve das suas ruinas e tornou-se a cidade mais aristocratica de toda a Russia.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XXXIX

MOÇAMBIQUE

O governo geral de Moçambique, situado entre a bahia de Lourenço Marques ao sul e o Cabo Delgado ao norte, comprehende um territorio cuja superficie mede 729:000 kilometros quadrados

e tem uma população de 300:000 habitantes.

O clima é fertil, mas insalubre, principalmente para os europeus; o solo contem ricas minas d'ouro e vastas florestas, onde vivem bandos d'elephantes. Commercio d'arroz, ambar, gomma e marfim. As tribus d'esta região são governadas por chefes e os portuguezes quasi que só exercem sobre elles uma soberania nominal.

Comprehende a provincia de Moçambique a ilha do mesmo nome e a de Cabo Delgado e os vastissimos territorios d'Angoche, Quilimane, Tete, Rio de Sena, Inhambane, Sofala e Lourenço Marques, este na bahia do mesmo nome e aquelles no continente africano.

Capital da capitania geral S. Sebastião de Moçambique, cidade situada em uma pequena ilha do canal do mesmo nome, com uma população de 8:000 habitantes. Praça forte; ancoradouro vasto e seguro. Importante commercio d'ouro, marfim, pelles, ambar, arroz, tapioca e outr'ora d'escravos. As casas são construidas de pedras de coral.

Foi Vasco da Gama o primeiro europeu que desembarcou em Moçambique em 1498; mas foi obrigado a fugir; os primeiros estabelecimentos portuguezes foram fundados por Affonso d'Albuquerque em 1506.

As principaes povoações da provincia são, além da capital: as ilhas de Ibo, Quilimane, Tete, Sena, Sofala, Inhambane e Lourenço Marques. A ultima está situada junto do rio do mesmo nome, cuja nascente é desconhecida, e que se lança no Oceano Indico pela bahia, chamada tambem de Lourenço Marque, ou de Lagoa, nos limites da capitania de Moçambique e da Cafraria.

E' na Cafraria que os inglezes possuem a terra de Natal, vasta colonia com uma superficie de 47:000 kilometros quadrados e 165:000 habitantes. Solo fertil e banhado de numerosos rios; produz canna do assucar, café, anil, algodão. A principal industria é a creação de gado. Foi Vasco da Gama que chegou a essa região no dia de Natal do anno de 1497, dando-lhe por esse motivo o nome de terra do Natal. Os hollandezes e boers refugiados estabeleceram uma republica no paiz, e os inglezes apoderaram-se d'este em 1842.

Na Cafraria ainda encontramos o estado de Zanguebar, que conta um milhão de habitantes. Toda a costa de Zanguebar está dividida entre muitos chefes, que se adornam pomposamente com o titulo de sultão. O iman de Mascate possue ali Quiloa, que durante os seculos XVII e XVIII foi uma possessão portugueza. E' um reino com 50:000 habitantes. A capital, Quiloa, com 2:000 habitantes, gosou de grande esplendor no seculo XV.

As ilhas de Zanzibar (100:000 h.), capital Zanzibar (25:000 h.), pertencem tambem ao mesmo iman.

O Somal, ou costa de Ajan, a leste d'Africa, é uma região arida e pouco conhecida. A costa d'Aden, descoberta pelos portuguezes no seculo XVI, era sede d'um reino poderoso, hoje decahido.

Cidades principaes: Zeila (5:000 h.); Barber.

A Cafraria é uma vasta região da Africa austral, com uma superficie de cerca de 3 milhões de kilometros quadrados. Cafre é uma palavra que vem do arabe e que significa infiel. Os cafres distinguem-se dos negros pelas feições mais regulares e um caracter mais guerreiro; teem uma intelligencia bastante desenvolvida, criam numerosos rebanhos, sabem trabalhar o ferro e conhecem algumas noções d'agricultura. São fetichistas e polygamos. Levaillant foi um dos primeiros viajantes que visitou esse paiz.

(Continua)

A SOCIEDADE DOS TRES

—

VII

A CONFIDENCIA

(Continuação)

A esposa de Jeronymo pronunciou estas palavras em um tom de suave reprehensão e o ingenuo rapaz quasi que corou. Depois Frederico respondeu affavelmente:

—Tem rasão e peço desculpa. Mas se eu quasi adivinhava o que havia de acontecer!...

—Então o que lhe aconteceu? O pae da joven soube-o e fechou-lhe as portas, foi isso?

—Não, senhora. Esse deu-me sempre provas d'estima, apesar de saber, creio eu, que...

—E ella ama-o?

—Pelo menos assim m'o deu a entender; mas hoje deve estar mudada, e é exactamente o que para mim é uma grande desgraça.

—Porque motivo?

—A snr.ª Mathilde não sabe o que é o grande mundo? Eu tinha entrada n'aquella casa quando era jornalista, quando tinha á minha disposição aquelles quatro pedaços de columnas do jornal para tecer louvores á gentileza da filha e ao bom gosto do pae. Hoje, estou certo d'isso, não só não me ligariam consideração se eu lá apparecesse, mas até me mandariam despedir por um criado! O mundo é assim e eu conheço-o por desgraça. Aqui tem a minha boa amiga a triste posição em que me acho. Desempregado, isto é, sem aquelles dez tostões diarios, e, de mais, sem esperanças d'um futuro que se me antolhava tão feliz.

—Mas eu, no logar do senhor, não me desesperava assim. Havia de procurar meio d'encontrar-me com a joven e depois...

—Não tenho forças para isso. Sei que ella me demonstra indifferença.

—Uma lembrança. Não lhe appareça. Ella manda-o chamar e então...

—Não manda, tenho a certeza d'isso. Oh! A senhora não a conhece. E' a mulher mais orgulhosa que eu tenho visto.

—N'esse caso não atino...

—Mas eu já tomei a minha resolução.

—Meu Deus! Diz isso d'um modo que é para assustar uma pessoa!

—Oh! Socegue. Quero dizer que estou resolvido a sahir do Porto. Se tenho de fazer uma triste figura, não hade ser aos olhos d'ella!

—Isso é de quem tem muito brio; mas não hade ser preciso isso. Se eu conhecesse a tal joven...

—Oh! Vive em uma esphera elevada!... Emfim, para concluir, com o que me resta do meu ordenado vou trasladar-me a Lisboa e d'ali talvez siga para o Brazil. Acabo de pôr escriptos nas janellas do meu quarto e quero encarregar a snr.ª Mathilde de o alugar pelo que poder até ao S. Miguel, em que está pago, na certeza de que o que poder obter é para fazer um vestidinho á sua Carolina.

—Ah! A Carolina é que hade sentir a sua falta. O senhor dava-lhe doces tanto a miude!... Mas que digo? O senhor não vae, não nos deixa!

—Parto amanhã no comboyo da manhã, disse Frederico com resolução. Como heide sahir cedo, metterei a chave do quarto ali por debaixo da porta. A' noute ainda me heide vir despedir do snr. Jeronymo e da Carolininha. Creia que de mais ninguem levo saudades.

—Pois se eramos como tres irmãos!

E Mathilde enxugou os olhos, pelos quaes lhe corriam duas lagrimas sinceras e ardentes.

O litterato despediu-se d'ahi a pouco e sahiu, deixando Mathilde, que ficou dizendo:

—Pobre rapaz! Bem digno era de melhor sorte!

E encaminhou-se para a janella, pois affigurou-se-lhe ouvir o arruido de uma sege, e pensou immediatamente em Henriqueta.

Frederico, com a preocupação com que sahira, deixara a porta da sala aberta.

Quando Mathilde se voltou, desenganada de que não era Henriqueta que chegava, viu no limiar da porta um sujeito, novo, vestido na ultima moda e de luneta assestada no nariz.

A esposa de Jeronymo deu um grito.

—Quem é o senhor? perguntou.

(Continua)

ELLA...

—

A's vezes trémula, inquieta,
Como estrella em noute escura,
Encontro-a, lagrima pura
N'um calix de violeta.
Se os anjos choram de encanto,
Deve assim ser o seu pranto.

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa,
Como de boca formosa
Mudo e intimo suspiro!
Então a sua existencia
Não passa de pura essencia.

Ouço-lhe em noutes serenas,
E noutes tempestuosas,
Como umas vozes saudosas
Que parecem ais apenas.
Não sei que lingoagem falla
N'esses gemidos que exhala.

Quantas vezes ao sol posto,
N'aquellas nuvens douradas,
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sobre o rosto!
Fica-me a alma suspensa
N'aquella abobada immensa!

Mas quanto mais admiravel
Quando tudo em si resume!...
Quando é orvalho e perfume,
Mysterio e luz inefavel!...
E não me fartar de a ver,
Em fórma d'anjo ou mulher!

João de Deus

OS JESUITAS

—

(Continuação)

Deve notar-se que quando o parlamento de Paris decretou a expulsão dos jesuitas, já havia muito que outros paizes os haviam expulsado. A Inglaterra expulsou-os em 1579, 1581 e 1586; o Japão em 1587; a Hungria e Pensylvania em 1588; a Hollanda em 1596; pela segunda vez a Inglaterra em 1601 e 1604; a Bohemia em 1618; a Moravia em 1619; Napoles, os Paizes-Baixos e a China em 1622; Malta em 1634; a Russia em 1676 e a Saboia em 1729.

De Portugal foram os jesuitas expulsos por decreto de D. José I de 3 de setembro de 1759, depois de provada a cumplicidade no attentado contra a pessoa d'aquelle soberano no sitio da Ajuda. Os padres mais compromettidos no attentado estiveram presos até á expulsão da companhia.

As casas dos mesmos religiosos tiveram os seguintes destinos: em Lisboa o collegio de Santo Antão converteu-se em hospital com o titulo de S. José; a casa professa de S. Roque ficou sendo um recolhimento d'orphãos; o noviciado da Cotovia passou a ser collegio dos nobres; o outro noviciado d'Arroyos foi transformado em mosteiro das freiras da Conceição. Em Coimbra o real collegio das artes foi encorporado á universidade e mandou-se mudar para o seu templo, á Sé Episcopal. Em Evora, o collegio do Espirito Santo foi dado aos padres da ordem terceira de S. Francisco. E por igual modo se dispoz das outras casas, e os bens dos jesuitas foram tambem repartidos.

O papa Clemente XIV, pela bula, *Dominus, ac Redemptor noster Jesus Christi*, de 21 de julho de 1773, extinguiu a companhia de Jesus, abolindo e abrogando todos e cada um de seus officios, ministerios e administrações; casas, escolas, collegios, hospitaes, granjas e quaesquer logares existentes em qualquer provincia, reino e dominio, de qualquer modo que lhe pertencessem; todos os seus estatutos, costumes, decretos e constituições; assim como todos os seus privilegios e indultos geraes e especiaes.

Declarou igualmente o papa na mesma bula por cassada para sempre, e por totalmente extincta toda e qualquer auctoridade do preposito geral, dos provinciaes, dos visitadores e de todos outros quaesquer superiores da dita companhia, tanto no espiritual como no temporal; e transferiu para os ordinarios dos logares essa jurisdicção e auctoridade; prohibindo que jámais entrasse pessoa alguma na referida companhia, ou fosse n'ella admittida á roupeta e noviciado; e que aquelles que até então haviam entrado, de nenhum modo podessem ser admittidos á profissão de votos simples ou solemnes; mas antes mandava que os que se achassem no noviciado fosse immediatamente despedidos.

E da mesma sorte prohibia, que aquelles que tinham feito profissão de votos simples e não tivessem ainda recebido algumas ordens sacras, podessem ser promovidos a essas mesmas ordens maiores, com o pretexto ou titulo, ou da profissão que já haviam feito na companhia, ou dos privilegios que contra os decretos do concilio de Trento lhes tinham sido concedidos.

A esta bulla do papa Clemente XIV foi por el-rei D. José, pela carta de lei de 9 de setembro do mesmo anno de 1773, accordado o real beneplacito e regio auxilio, munindo com a sua auctoridade a execução das determinações apostolicas contidas na mencionada bulla, em todos os seus reinos e dominios.

No mesmo dia 9 de setembro de 1773 foi expedida uma carta regia a todos os prelados diocesanos e seculares para darem á sua execução a bulla da extincção dos jesuitas.

Tendo fallecido el-rei D. José em 24 de fevereiro de 1777, succedeu-lhe sua filha D. Maria I, a qual nomeou um ministerio declaradamente adverso ao marquez de Pombal, composto do marquez de Angeja, visconde de Villa Nova da Cerveira, Ayres de Sá e Mello e Martinho de Mello e Castro.

(Continua)

AS CHRONICAS DO POVO

I

OS DOUS PEDREIROS

—

II

(Continuação)

Esta carta suspendeu por um momento o alento do pobre namorado, porque ha alegrias que opprimem o coração mais do que a dôr. Por fim rompeu em gritos d'enthusiasmo:

—Unidos... unidos para sempre... Dentro d'um mez serei o homem mais feliz da terra!

—Dentro d'um mez, disse o tio Martinho entrando de repente no quarto onde estava Pedro, dentro de um mez teremos terminado a obra mais importante da nossa vida!

—Uma obra!

—Sim, meu filho, sim; o rebocamento da fachada da egreja parochial da villa proxima. Já vês se é ou não importante.

Pedro esteve a ponto de dizer o que n'aquelle momento pensava de si para si; mas a prudencia fechou-lhe os labios.

—Bem, mestre; faremos o que quizer.

E Pedro separou-se do tio Martinho para se inebriar a sós nos sonhos de felicidade, em que se embalava a sua potente imaginação.

III

A egreja parochial de *** era um monumento d'antigas eras. Vista pela primeira vez, parecia mais uma torre quadrada do que um templo; e as pedras, enegrecidas pelo tempo, estavam pedindo uma restauração, tarefa que afinal a camara encarregou á pericia do tio Martinho.

A obra caminhava com rapidez assombrosa. Faltava picar a pedra e renovar as linhas da cornija, desfeitas pelas tempestades.

A' medida que a obra caminhava para o fim, o tio Martinho estava mais satisfeito e desvanecido.

—Amanhã ficará esta mole de pedra branca e lustrosa como se fosse de marmore, disse um dia o honrado pedreiro.

E, de facto, no dia seguinte, aos primeiros alvores da aurora, os dous pedreiros estavam sentados sobre uma larga prancha, dando a ultima mão á sua obra.

—Louvado seja Deus! exclamou o tio Martinho pousando o instrumento do trabalho e limpando o suor que lhe escorria da fronte. Temos acabado.

—E acabamos de trabalhar para sempre, disse Pedro sorrindo com orgulho.

—Como para sempre?

—E' um segredo que não posso revelar por agora. Amanhã lhe contarei

tudo. Que quer, tio Martinho? Ha um juramento e eu não devo proceder como um garoto. Por hoje baste-lhe saber que me julgo o mais feliz dos homens.

—Bom, respondeu bondosamente o tio Martinho. Isso basta para que eu me julgue igualmente muito feliz.

E ambos principiaram a esfregar as mãos com extraordinario contentamento.

De repente ouviu-se um estalido secco e o sangue gelou-se nas veias d'aquelles dous homens. Pedro sentiu na fronte o suor da agonia.

Acabava de estalar a taboa que formava a prancha em que os dous pedreiros se achavam sentados.

Ha situações que o pensamento abarca subitamente, mas que a penna não pode descrever.

O tio Martinho e Pedro estavam no limiar da eternidade. Aquelle ruido pavoroso não permittia duvidal-o.

(Continua)

O VULCÃO DE KILANEA

O archipelago de Havai ou Sandwich, nome por que tambem é conhecido, é um dos mais importantes da Polynesia e de certo o mais civilisado de todos. Consta este archipelago de numerosas ilhas, disseminadas entre desenove e vinte e dous graos de latitude norte e das quaes as mais notaveis são: Cahu, onde é situada a capital Honolulu, Mani e Havai, a unica em que ha vulcões em actividade, se bem que em todo o archipelago se encontrem numerosos vestigios da acção dos fogos subterraneos; é n'ella que se encontra o vulcão de Kilanea junto á base do Mauna Loa *(grande montanha.)*

Ordinariamente imaginamos os vulcões como montanhas cujo vertice vomita fumo e fogo; mas aqui não succede o mesmo; uma immensa depressão do solo a mil e quinhentos metros d'altitude representa o unico respiradouro que a natureza offerece ao fogo central. O viajante francez Varigny, que residiu durante quatorze annos no archipelago, desempenhando ahi, no reinado de Kaméhaméha V, as funções de ministro da fazenda e mais tarde geriu a pasta dos negocios estrangeiros, descreve nos seguintes termos a cratera que elle visitou acompanhado de Von Holt em novembro de 1857:

«E' quasi noute fechada; apenas alguns raios do sol moribundo envolvem de reflexos rosados o cimo longinquo da grande montanha. De traz de nós, á direita e á esquerda, uma sombria floresta onde um leve nevoeiro chora sobre as flores e cae em gotas silenciosas a nossos pés. Estamos em uma estreita clareira. Dos dous lados, as arvores attingem até ás bordas d'um precipicio e inclinam-se sobre o abysmo como curiosas de sondar-lhe a profundidade.

O abysmo está na sombra; mas um resto de luz permitte-nos seguir-lhe os contornos enormes de mais de dez legoas de circumferencia e que se perdem em um obscuro longinquo. Este circo immenso tem mil pés de profundidade; na disposição d'espirito em que estamos dar-lhe-hiamos o dobro. As suas paredes são cortadas a pique; no fundo um clarão avermelhado brilha mais vivo a cada estrella que se accende no firmamento.

Uma immensa columna de fogo ergue-se no centro, illuminando com um reflexo sinistro as rochas calcinadas que a rodeiam. Traços d'um fumo branco e ligeiro escapam-se em espiraes de milhares de fendas que sulcam a crusta negra e endurecida que distinguimos apenas de cima. A nosso lado em uma meia obscuridade uma choupana sem janellas, e cuja unica porta consiste em alguns bambus mal ligados, offerece-nos um asylo incerto e parece prestes a desabar com o solo minado que a supporta. Um trovejar surdo e continuo que só posso comparar ao do mar em noute de tempestade, sahe d'este espantoso golfo.»

Esta notavel cratera, que os viajantes exploraram com grande risco, longe de infundir terror aos habitantes da ilha, é para elles uma como valvula de segurança, e é só quando ella se cala que o susto os acommete, porque então uma erupção está proxima. Foi assim que em abril de 1868 a cratera, tendo perdido toda a sua actividade e tendo além d'isso a lava desapparecido do fundo, deixando a descoberto uma cavidade de quatro kilometros de circumferencia, este phenomeno foi seguido d'uma das mais desastrosas erupções das que nos ultimos tempos teem tido logar n'aquella ilha.

F.

ZIG-ZAGS

O PERU

Começou a ser conhecida esta ave na Europa em meiado do seculo XVI. Foi a 27 de junho de 1570, por occasião de serem celebrados no Louvre os esponsaes de Carlos IX com Isabel de Austria, que chegaram a França alguns perus importados da America do Norte.

Um bando d'estas gallinaceas veio a bordo d'uma caravella equipada em Boston e desembarcou no porto de Saint-Maló. D'ahi foi expedido, pela posta, ao superintendente das cosinhas do rei. Na mesa nupcial figuraram 12 perus recheados. Os altos dignitarios da côrte, sem exceptuar o duque de Guisa, o cardeal de Lorena e a rainha mãe, dirigiram louvores ao superintendente culinario pela petisqueira com que os regalou.

Carlos IX, apreciando igualmente esta caça de nova especie, recommendou que se diligenciasse a sua reproducção no bosque de S. Germano.

Em pouco tempo se multiplicou, sendo fonte de boa receita para os creadores e um comestivel dos mais apreciados para os gastronomos, que lhes foram addicionando trufas para melhor sabor.

A carne mais delicada é a do peru branco e a do cinzento, tambem os mais raros pela côr das pennas. A femea, a perua, ainda hoje tem mais amadores.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o CAMÕES pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO PREÇO 20 REIS NUMERO 48

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis: provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 28 DE JULHO DE 1881. | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— O peregrino — Camões e Portugal, por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Cabo da Boa Esperança — Coroa de perpetuas (poesia) por A. Cabral — A sociedade dos tres (romance) — Piratas — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Em Traz-os-montes — Os Jesuitas — As chronicas do povo: Os dous pedreiros — No fundo de um poço — As catacumbas de Roma, por A. Vieira Lopes — Vera effigie (poesia) por Mario Gastão — Extravagancias humanas — Os homens uteis de todos os paizes: Watt.

ILLUSTRAÇÕES:— O peregrino — Os piratas — Traz-os-montes — James Watt.

O PEREGRINO

O PEREGRINO

—

De rosario á cinta, bordão na mão e farnel ás costas, o peregrino era um typo que desappareceu na bruma dos tempos, mas que deixou notaveis reminiscencias. Abandonando o lar, os parentes e amigos, percorria o mundo em todos os sentidos; visitava os santuarios celebres, S. Thiago de Compostella na Galiza, os tumulos de S. Pedro e S. Paulo em Roma e o sepulchro de Christo em Jerusalem.

Quando voltava á patria, o peregrino abusava quasi sempre do privilegio d'aquelles que fallam de logares longinquos aos simples habitantes das aldeias montesinhas, auditores boqui-abertos e credulos diante dos maiores absurdos.

As discripções maravilhosas do Oriente, dos costumes extravagantes d'aquelles povos desconhecidos, inflamavam poderosamente a imaginação dos christãos; as narrações da Escriptura, dos patriarcas, dos prophetas, dos apostolos, do Christo morto na cruz, enternecia-os até ás lagrimas, e quando o peregrino, sobrecarregado de ramos d'oliveira e de palmas verdejantes, colhidas em Bethlem ou Jerichó, revelava a que ultrages estava exposto o tumulo do Salvador; quando dizia que as imagens de Mahom, de Tervagant, de Baraton e d'Alpolin cercavam aquelle tumulo sagrado; quando, com modos supersticiosos, contava que só o poder das suas orações derribara e fizera em mil pedaços dous ou tres idolos de Mafoma, então a munificencia publica não conhecia limites e choviam os donativos sobre o narrador. Uns pediam-lhe que acceitasse algum dinheiro para emprehender uma nova viagem, outros enchiam-lhe o alforge de viveres, afim de elle poder recobrar as forças que tão longa viagem devia ter-lhe roubado; outros emfim despojavam-se dos seus vestuarios, para brindar com elles o pobre peregrino que andava todo esfarrapado,

Em troca, o peregrino distribuia pe-

los fieis algumas reliquias, que ficavam sendo sagradas para aquella gente; eram ordinariamente pedrinhas colhidas sobre os montes Thabor ou Sião; mas tambem, quando não tinha que dar, os auditores contentavam-se com a applicação saudavel dos sete psalmos penitenciaes, que o peregrino recitava em voz alta e com ardente fervor, não esquecendo prometter inesgotaveis bens no ceo aos que a tal ponto desprezavam os bens transitorios da terra.

De noute viam-o sentado nas ruas escuras, sobre o tosco banco de pedra, collocado por baixo da santa, grosseiramente esculpida e illuminada apenas pelos raios pallidos d'um lampeão vacillante; ali, em extasi, affirmava, como Porphyro, bispo de Gaza, que o proprio Christo lhe fallara e lhe dera um pedacinho da sua cruz. O peregrino explicava os milagres que cada dia se operavam no cimo do Calvario; referia o numero certo das estrellas que desciam do ceo para se collocarem ao redor da cabeça de Christo; contava como as estatuas dos deuses sarracenos, de marmore branco, se tornavam negras durante a semana santa; emfim assegurava a multidão de que o fim do mundo estava proximo, porque ouvira os primeiros sons da trombeta eterna no limiar do valle de Josaphat.

A taes revelações, a multidão, transida de terror, lançava-se por terra e pedia perdão a Deus em altos brados.

O peregrino exagerava, sempre que os contava, os perigos que correra durante a viagem no Oriente, e quando dizia que ao atravessar o Egypto estivera a ponto de ser devorado por um dragão, a multidão gritava em côro:

—Santo homem! Não pode deixar d'ir para o ceo!

Se algum incredulo se ria da narração do homem extraordinario, era expulso, corrido e apupado como um filho de Belzebuth e neto de Satanaz.

Na Palestina o peregrino acabava sempre os seus dias em um morno retiro sito no monte Sinai; no Egypto em uma das numerosas cellulas do dezerto de Nitricia; na Europa em um convento; mas o seu desejo mais ardente era morrer junto do santo sepulchro.

Chegado a Jerusalem, impunha-se a rigorosos jejuns, mortificações, envergava cilicios, caminhava descalço por sobre a areia abrasadora, deitava-se em cama de cardos, expunha-se aos insultos dos musulmanos, provocava-os até para merecer a palma do martyrio e só se affastava da cidade santa depois de perder a derradeira esperança de exalar o ultimo suspiro n'aquelle logar de delicias.

Não ha hoje virtudes d'este quilate; por isso os santos são raros, ou acabaram de todo para melhor dizer.

CAMÕES E PORTUGAL

I

Ha tres seculos que a fronte aureolada do illustre cantor das nossas glorias pendia para o sepulchro; ha tres seculos que a mão cavalleirosa que nos plainos africanos empunhara a espada que foi o terror dos mouros, se crispava nas convulsões da agonia extrema; ha tres seculos, emfim, que o gigante espirito do mais excelso poeta nacional se desprendia do mesquinho involucro terreno para voar aos deslumbrantes páramos da eternidade.

Morrera o poeta, é verdade, mas o seu nome egregio, vinculado ao sublime poema que nos legou, passara á posteridade, esculpira-se, a traços indeleveis, na mente dos povos, e, ao invéz do que succede com essa primorosa estatua de Appollo que o estrangeiro ainda hoje admira na sumptuosa galeria de Belvedére, no Vaticano, cujo esculptor se ignora, todo o mundo sabe que o creador da mais famosa epopeia do seculo XVI se chamou Luiz de Camões.

Não cabe nos estreitos limites do estalão o egregio vulto dos heroes. Esses espiritos predestinados para a gloria, alcandoram-se, aguias altivas, a tão vertiginosas alturas, que, raro, os contemporaneos logram encaral-os sem sentirem o deslumbramento que nasce da inveja.

D'ahi, a perseguição que levou o Tasso a um hospital de doidos e que arrastou Camões ao exilio.

Só mais tarde o volver dos annos e o consecutivo perpassar das gerações levam ao Capitolio, nas azas da tradicção, os semi-deuses da lyra.

Por isso o sublime creador da epopeia nacional, o homem extraordinario que produziu o maior poema do seu seculo, esse livro que hade sobreviver aos primores sahidos dos cinzeis de Praxiteles e de Phidias, ás telas de Raphael e de Rubens e aos prodigios de Buonarotti e de Peruzzi; esse homem legendario, que, vibrando a lyra de Homero, foi perseguido como o amante de Leonor de Ferrara, e que empunhando as armas de Tyrteo, esmolou o pão de Belizario; teve, pungente ironia, como galardão dos serviços feitos á patria, a enxerga de um hospital.

Oh! mal dirias tu, quando, com a profunda intuição do genio, vertias lagrimas de sangue ao prophetisares o baquear da nação após a punhalada de Alcacer-Kibir, que teus ingratos concidadãos te haviam, moderno Prometheu, de accorrentar ao Caucaso da desventura!

Quando a dubia luz do crepusculo se côa através dos esguios portaes da abbadia de Westminster e da collegiada de Stratford, vae illuminar escassamente dous bellos monumentos erigidos em honra de Shakspeare. O primeiro levantou-o o governo em homenagem ao mais predilecto poeta do paiz; o segundo, ergueram-lh'o os proprios conterraneos, para n'elle enthesourarem as suas preciosas cinzas.

Portugal, porém, que teve a generosidade de conceder a Camões, em vida, o pão esmolado pelo pobre Jau, honrava-o, na morte, com um miseravel lençol, por mortalha, e a campa rasa do templo de Sant'Anna por mausoleu!

Tão indesculpavel desprezo inspirou a um nosso illustre compatriota a acerada ironia d'esta interrogação:

«Onde jaz, portuguezes, o moimento,
Que do immortal cantor as cinsas guarda?»

Tão flagrante injustiça mereceu a um distincto poeta estrangeiro os dous versos cheios de amarga verdade:

«Un pobre negro, un barbaro, un salvage,
Tuvo mas caridad que un pueblo blanco!»

(Continua) ALBERTO CARLOS

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XL

O CABO DA BOA ESPERANÇA

Eis-nos em uma terra que recorda um dos feitos mais notaveis da nossa historia maritima, a descoberta da India. Foi Bartholomeu Dias que descobriu o Cabo da Boa Esperança em 1497; mas o primeiro navegante que o dobrou foi Vasco da Gama na viagem eternisada pela lyra sonorosa de Camões.

Esta colonia, fundada pelos hollandezes em 1650 e tomada pelos inglezes em 1806, tem uma superficie de 260:000 kilometros quadrados e uma população de 500:000 habitantes. O clima é bastante sadio.

Capital, a cidade do Cabo, com 25:000 habitantes. E' uma forte praça de guerra e bom porto; param ali todos os navios que vão para as Indias.

Perto do Cabo está a villa de Constança, afamada pelos bons vinhos que produz.

Ao norte do Cabo demora o paiz conhecido pelo nome de Hottentotia, paiz que podia ser florescente, mas que a escravidão a que os inglezes o reduziram tornou completamente exausto. O hottentote, de tez escura e de caracter inoffensivo, é um desgraçado tanto no moral como no physico, e vive no seio da ignorancia; a sua industria é pequenissima; reduz-se a fazer arcos, esteiras e vasos de louça. E' bom caçador.

O paiz encerra minas de ouro e diamantes.

Parte da Cafraria maritima de que já falla nos foi descoberta por Vasco da

Gama e os inglezes usurparam-a aos hollandezes em 1842. A colonia principal é a do Natal, capital Porto Natal.

Demora contigua a republica do Transwaal, ou territorio dos boers, descendentes dos antigos colonos hollandezes do Cabo, que em 1806, não querendo sujeitar-se ao dominio dos inglezes, emigraram para o interior e fundaram uma colonia, que veio a ser o Transwaal, annexado pela Inglatera em 1876 e cujas cidades principaes são Pretoria e Potchefstrom.

A Cafraria, além da parte occupada pelos inglezes, é povoada por diversas tribus, sendo a principal a dos zulus, ao norte. A' Cafraria pertence tambem a republica d'Orange, de origem hollandeza e cuja população é de 65:000 habitantes, e tem por capital Bloemfontein, 12:000 habitantes.

A Guiné inferior, ou Congo, apresenta-se immediatamente á nossa consideração. Vemos ali o antigo reino descoberto por Diogo Cão, hoje transformado em uma porção de tribus, compostas de homens miseraveis, embrutecidos pela embriaguez e que passam a dormir a maior parte do tempo. Clima muito quente e pestilencial; rica vegetação, especialmente á beira do Zaire; minas de prata, cobre, ferro e sal.

O clima do interior é mais sadio do que o das costas.

A capital é S. Salvador.

Os missionarios portuguezes civilisaram aquellas terras nos annos de 1539 a 1615.

Entre a Guiné inferior e o paiz dos hottentotes está a Cimbebasia, onde os inglezes teem um estabelecimento.

Os portuguezes teem ali o governo geral d'Angola, cuja provincia tem uma população de 659:000 habitantes, sendo 12:000 brancos. Esta provincia encerra todas as estações do commercio dos portuguezes na costa d'Angola e de Benguella. Os primeiros estabelecimentos foram fundados em 1845; hoje a nossa auctoridade limita-se a um pequeno reino ao redor d'este estabelecimento.

A população d'Angola é de 2,500:000 habitantes, que fazem um commercio activo de marfim, ouro, fructas, gomma e drogas. O paiz é coberto de montanhas, mas banhado de grandes rios e com uma vegetação admiravel.

Comprehende o governo geral d'Angola, Benguella, Golungo Alto e Mossamedes. Capital, S. Paulo de Loanda, 14:000 habitantes.

A Guiné superior, situada na zona torrida, comprehende differentes estados. O littoral foi durante muito tempo a unica porção conhecida dos europeus, e por isso ás suas subdivisões deram o nome de costas.

A costa da Serra Leoa é uma importante colonia de negros, cuja capital é Free-Town, de 4:000 habitantes. Em 1822 os americanos fundaram para os negros alforriados a republica de Liberia, capital Monrovia, que se declarou independente em 1847.

(Continua)

COROA DE PERPETUAS

Á MEMORIA DO MEU AMIGO
ARNALDO ALBERTO DA SILVA GUIMARÃES
FALLECIDO NO PORTO
AOS 14 DE SETEMBRO DE 1878

—

Os infinitos páramos da morte,
Em negras sombras, um mortal escondem,
Tão cheio de vigor e juventude,
Que aos olhos d'alma se afigura um sonho;
Porém é triste e misera verdade!
Vinte e seis primaveres só contava,
Quando o mundo sorri por mil encantos
E a mente se povôa d'aureos sonhos;
Arnaldo Guimarães baixou á campa
Deixando assim em lagrimas submersos
Inconsolaveis paes. irmãos queridos
E amigos extremosos.
E' profunda
E acerba a dor que o peito opprime e rala!
Oh! ninguem que seus dotes singulares
Aquilatar soubesse poderia
Indifferente ser...
Foi grande a perda
Com que o fatal destino quiz provar-nos,
Uma vida cortando esperançosa!

Prestante cidadão, leal amigo,
Culto espirito e genio dedicado
A' virtude evangelica de Christo,
A caridade, o bem-fazer a todos,
Que a todos tu amavas compassivo,
Prestando-lhes conforto e valimento:
Tua memoria não esquece nunca,
Pois deixaste implantadas, muito fundas,
Immorredouras, vividas saudades!..

E' que adorado n'este mundo foste
Só pelo justo apreço que te davam
Os que alma teem magnanima, sincera.
Recebe pois o triste, amargo pranto,
Que pêlas faces minhas se derrama;
Mas... assim elle sirva, como coroa
De perpetuas, amigo, ahi deposta
Sobre esse tumulo, onde jaz teu corpo.

Porto, setembro de 1878

A. Cabral

A SOCIEDADE DOS TRES

—

(Continuação)

VIII

BOA NOVA

—Não se assuste, disse Tiberio, pois era elle o que entrara.

—Procurava alguem? tornou Mathilde.

—Procurar... precisamente não; vi escriptos nas janellas e entrei. Agora encontro a senhora e não é preciso mais nada. Não se assuste, continuou vendo Mathilde fazer um movimento d'impaciencia. Creia que a minha visita não significa hostilidade... Oh! Pelo contrario... Emfim, para que heide estar com mais rodeios? Vi-a, gostei immenso de si. E' pobre, já vejo. Eu sou rico e posso fazel-a feliz.

Não se descreve a indignação de Mathilde ao ouvir similhantes palavras.

—Senhor, disse ella com a maior serenidade, essa declaração é um insulto á minha pobreza. Engana-se a meu respeito. Sou pobre, porem honrada. Se se aproveitou d'um descuido para entrar n'esta casa, para sahir bastará esta palavra: Saia!

—Oh! Não se escandalize. E' assim que são todas. A principio mostram-se esquivas; mas por fim vem á rasão. Peço-lhe que me ouça com socego. Sente-se.

—Estou bem.

—Tranquilize-se. Eu não sou nenhum Tenorio façanhudo. A declaração que acabo de fazer-lhe não é para corresponder-me com tanta ingratidão. Posso fazel-a feliz, já lhe disse.

—Senhor, peço-lhe que se retire. Se até aqui o escutei, é porque julguei que outro motivo o trouxera a esta casa; agora que vejo qual o fim que o senhor se propõe, só lhe digo que sou casada e honesta e comprehende por esta minha resposta terminante que não tem aqui mais nada que fazer.

—Uf! E' casada! exclamou Tiberio.

—Além d'isso, continuou Mathilde, pode chegar meu marido e não respondo pelas consequencias de tal encontro.

Mal Mathilde acabava de pronunciar estas palavras ouviu se na escada arruido de pés e uma voz que gritava:

—Mathilde, trago-te uma boa noticia!

Era a voz de Jeronymo.

—E' meu marido, disse Mathilde para Tiberio. Dissimule se não quer pagar caro o atrevimento.

Tiberio não teve tempo de responder. Jeronymo entrou n'este momento, atirando com o chapeu para cima d'uma cadeira.

—Venho a suar em bica, disse elle.

Reparou n'este momento em Tiberio, que não perdera a serenidade.

—Ah! Este senhor procurava-me? perguntou Jeronymo examinando Tiberio dos pés até á cabeça e interrogando ao mesmo tempo a esposa.

—Não, respondeu Mathilde. E' que como o nosso visinho Frederico, o poeta como tu lhe chamas, resolveu mudar de casa e poz escriptos nas janellas, encarregou-me de tratar do ajuste com quem viesse ver o quarto. Ora este senhor estava-me perguntando...

—Eu volto n'outra ocasião, atalhou Tiberio. Não quero ser importuno.

E, dando meia volta, desappareceu pela porta fora.

Jeronymo ficou por um momento silencioso, olhando desconfiado para a porta por onde Tiberio sahira e quasi ao mesmo tempo para Mathilde.

(Continua)

PIRATAS

—

Pelo nome de pirata designa-se aquelle que percorre os mares afim de atacar e saquear os navios mercantes que encontra. Tambem se lhes chama ladrões do mar. O nome de corsario applica-se especialmente aos piratas dos estados barbarescos, onde a pirataria se organisava e até animava.

Nos tempos antigos, os piratas enfestaram de tal modo o Mediterraneo, que os romanos viram se na necessidade de dirigir contra elles muitas expedições navaes. Pompeu livrou de piratas as costas da Italia; mas esses ousados aventureiros não cessaram de devastar as costas da Grecia, da Hespanha e da Africa, recolhendo preciosos despojos.

A monarchia franca luctou muito contra os piratas normandos; Carlos Magno combateu-os tenazmente. O estabelecimento dos turcos na Africa e na Grecia deu em resultado uma recrudescencia da pirataria, que se mostrou mais do que nunca organisada e mais do que nunca atrevida. Tunis resistiu a ataques formidaveis em 1682, 1688 e 1816. Os francezes, com a tomada da Argelia em 1830, expulsaram aquelles scelerados do seu principal ninho.

Os mares da Malasia e das ilhas da Sonda e a costa do Riff veem ainda surgir flotilhas de piratas, que levam o terror a povoações inteiras.

Durante a guerra do Oriente os piratas albanezes experimentaram por mais d'uma vez o rigor com que as potencias civilisadas estão decididas a proceder contra os que não teem respeito nem consideração pelo direito das gentes.

OS PIRATAS

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XXIV

Dezoito dias depois da sua partida, Jorge chegava a Lisboa. Com a alma attribulada pelos crueis revezes que o perseguiam, o mancebo não experimentara nenhuma d'aquellas gratas emoções que costumam sentir geralmente os expatriados que volvem aos seus lares.

Era a hora do crepusculo. O tempo corria sereno e formoso. Jorge, em companhia de varios outros passageiros, entrara em um escaler, que ia conduzil-o a terra. A tristeza que lhe ensombrava a fronte contrastava singularmente com a alegria que transluzia nos rostos dos demais. Comtudo experimentava uma certa voluptia em respirar a aragem impregnada da maresia.

Quando o escaler abordou ao caes, era quasi noute cerrada. Os primeiros raios da lua cheia luctavam com a luz dos candieiros de gaz, recentemente accesos.

No momento em que os viajantes desembarcavam, uma carruagem a toda a brida passava.

O cocheiro, homem previdente, com receio de atropellar alguma das pessoas que começavam a dispersar-se, moderou o ardor dos cavallos, e o vehiculo foi andando vagarosamente por entre a multidão. Quando a carruagem se achou desembaraçada, Jorge de Castro, que caminhava na mesma direcção, ia quasi a par d'ella. N'aquelle momento a pessoa que ia dentro gritou com impaciencia para o cocheiro:

—A toda a brida!

Aquella voz varonil, bem conhecida do mancebo, fez-lhe pulsar com violencia o coração, e ainda bem o cocheiro não tinha agitado no ar o chicote, já Jorge lhe bradava com toda a força dos pulmões:

—Pára! para!

O trem, no entretanto, corria com velocidade. Jorge, porém, não desistiu, e, continuando a gritar, correu algum tempo atraz da carruagem, até que o cocheiro, voltando-se para traz, fez parar os cavallos.

Quando Jorge chegou junto do trem vinha offegante.

O cocheiro, admirado, perguntou-lhe o que elle queria; porém o mancebo não respondeu, e dirigiu-se para a portinhola do vehiculo, que se abriu immediatamente.

Pedro da Motta, que não era outra a pessoa que ia dentro, surpreso por aquelle incidente, olhara para fora e reconhecera Jorge. Fel-o subir e ordenou ao cocheiro que proseguisse com a maior velocidade.

Abraçaram-se commovidos os dous, sem poderem proferir palavra. Só passados alguns momentos, é que o mancebo rompeu o silencio, perguntando:

—Meu pae, como se acha?

—Seu pae, respondeu Motta com voz commovida, talvez já não pertença a este mundo. Mandou-me chamar à toda a pressa, porque queria dar-me o ultimo abraço.

Alguns soluços abafados se seguiram áquellas palavras.

Ambos aquelles homens choravam.

No fim de poucos minutos a carruagem parou á porta da casa de Ernesto de Castro; Pedro da Motta e Jorge desceram, e depois d'aquelle ter pago ao cocheiro, transpuzeram ambos os humbraes da modesta habitação do pae de Jorge. Este mal se sustinha nas pernas, e, com custo, subiu até ao terceiro andar, appoiado sempre no braço do capitão.

A porta estava meio cerrada. Entraram na sala de espera. Achavam-se ali dous homens conversando em voz baixa. Um d'elles era o medico que tinha tratado o enfermo, ancião respeitavel, homem encanecido no estudo da sciencia a que se votara. O outro era um mancebo elegantemente trajado e de rosto sympathico.

Quando Motta e Jorge entraram, os dous voltaram-se para traz. A sala estava frouxamente illuminada; todavia o medico reconheceu o capitão, que via quasi todos os dias ali, e dirigiu-se para os recem-vindos. Apertou silenciosamente a mão de Pedro da Motta e cumprimentou attenciosamente a Jorge, que se sentou extenuado em uma cadeira.

—Apresento-lhe o snr. Jorge de Castro, filho do nosso infeliz amigo, e chegado hoje do Rio de Janeiro.

O medico correu a abraçar o mancebo, que se erguera, e o outro personagem, que até ali presenceara, como com-

parsa, aquella scena, correu tambem para Jorge, a quem abraçou com effusão.

—Paulo!...

—Jorge!

Exclamaram simultaneamente em voz baixa os dous.

—Meu pae! meu pae! soluçou Jorge. Quero vel-o.

—Espere um pouco, snr. Jorge. Não convem interromper a confissão de um moribundo. Já não deve esperar muito, e, ao que me parece, o enfermo ainda terá mais de uma hora de vida.

(Continua) ALBERTO CARLOS

EM TRAZ-OS-MONTES

A scena que a gravura representa tanto pode passar-se na nossa provincia de Traz-os-montes, como na Inglaterra, na Suissa, ou na Hollanda. E' uma scena da vida real de todos os povos, que teem por indeclinavel missão o trabalho, d'onde nós todos tiramos os meios de subsistir, já que não nos é dado gosar sem trabalhar, o que, no dizer das sagradas letras, aconteceria infalivelmente se não fosse o peccado da nossa mãe Eva.

Ai! que sempre aquella maçã que a Eva pareceu tão bonita, muito mal nos sabe, muitos amargores de boca nos causa! Pois haveria nada melhor do que a gente passar a vida estendido ao sol, de barriga para o ar como um *lazzarone*, e a comida cahir-nos na boca sem a gente se dar mesmo ao trabalho de a colher? E appareceriamos vestidos sem nos darmos ao encommodo de nos abotoarmos, e teriamos tudo quanto quizessemos sem o minimo trabalho. E' certo que não teriamos criados para nos servirem, por que ningem se sujeitaria a isso, nem haveria sapateiros, nem alfaiates, nem cosinheiros; mas comeriamos tudo cru, andariamos descalços e nus, que assim andou o nosso pae Adão e era o homem mais feliz do mundo se não desse ouvidos a Eva.

Ora assim como Eva foi a perdição d'Adão, tambem as mulheres... Agora reparo que n'este andar ia dando ao

EM TRAZ-OS-MONTES

leitor uma massada sem exemplo, a proposito da gravura, que representa uma scena em Traz-os-montes, no Minho, ou onde quizerem, e com isto está dito tudo.

OS JESUITAS

(Continuação)

Parecia, portanto, que os jesuitas podiam ser novamente admittidos em Portugal; mas não o conseguiram, com quanto a situação lhes devesse ser favoravel.

E' certo que em dezembro de 1777 chegaram a Lisboa seis jesuitas; mas, apezar das suas activas diligencias e dos seus partidarios, não obtiveram o restabelecimento da companhia de Jesus.

Só se tolerou a permanencia d'aquelles que despissem a roupeta jesuitica; e ainda essa permissão não se estendia aos jesuitas do quarto voto, para os quaes nem assim era permittida a residencia no reino.

Posteriormente, o papa Pio VII, pela bulla *Solicitudo omnium*, de 7 de agosto de 1814, restaurou a companhia de Jesus.

Logo que na côrte do Rio de Janeiro se soube d'este acontecimento, o ministro dos negocios estrangeiros, marquez de Aguiar, em nome do principe regente, dirigiu um energico officio ao nosso ministro na côrte de Roma, José Manoel Pinto de Sousa, afim de que elle apresentasse ao papa uma nota declarando que não admittia negociação, fosse de que especie fosse, para a restauração da companhia; na mesma data dirigiu o marquez de Aguiar ao conde do Funchal, nosso ministro em Londres, outro officio, e finalmente, em cumprimento das ordens recebidas do Rio de Janeiro, o membro da regencia do reino, D. Miguel Pereira Forjaz, dirigiu a monsenhor Vicenti Machi, delegado apostolico em Portugal, outro officio em data de 13 de outubro de 1815, inteiramente moldado por aquelle que o marquez de Aguiar dirigira ao nosso ministro em Roma.

Pela sua parte este ministro communicou em data de 24 de agosto de 1815 ao cardeal Gonsalvi, secretario de estado do papa, as instrucções que lhe haviam sido dirigidas pelo governo portuguez; ao que respondeu o cardeal Gon-

salvi, em nome do papa, dando-se por inteirado da communicação, lamentando taes disposições, que contrastavam, no seu dizer, com as reclamações geraes dos catholicos para o restabelecimento da companhia de Jesus, ás quaes, acrescentava elle, sua santidade se vira obrigado a satisfazer.

Ao passo que os diversos governos absolutos d'este reino, a contar do marquez de Pombal, tenazmente se oppunham á existencia da companhia de Jesus em Portugal e seus dominios, o governo absoluto, illegitimo, de D. Miguel, auctorisou o restabelecimento n'este reino da companhia de Jesus, por decreto de 10 de julho de 1829, referendado pelo duque de Cadaval.

Effectivamente os jesuitas vieram para Portugal no referido anno de 1829, conservando-se até 1834, em que foram mandados sair do reino pela seguinte portaria do ministro das justiças Joaquim Antonio de Aguiar:

«Constando ao duque de Bragança, regente em nome da rainha, que alguns membros da companhia de Jesus, correram a estes reinos no tempo da dominação do usurpador, e apoiando-se no favor das circumstancias, conceberam o temerario projecto de restabelecer ahi a sociedade a que pertencem, extincta pelos muitos, e mui ponderosos motivos que foram presentes ao senhor rei D. José I: sendo certo que taes individuos confiaram em que pelo apoio que d'elles devia esperar a causa da usurpação, que é a da ignorancia e do fanatismo, facilmente lograriam o fim que se propozeram, o que em verdade aconteceu, obtendo do governo intruso, o irrito e nullo beneplacito á bulla do santo padre Pio VII, que principia, *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, datada aos 21 de agosto de 1814: e sendo infelizmente de notoriedade publica que os ditos religiosos se mostravam fieis aos principios da companhia de que fazem parte: ordena sua magestade imperial que o corregedor da comarca de Coimbra intime ordem a todos os membros da companhia de Jesus que na dita cidade se acharem, para que d'ella saiam immediatamente, dando-lhes itenerario, e no prazo mais curto possivel se apresentem n'esta secretaria de estado, onde se proverá aos meios do seu embarque para fora do reino e seus dominios; sendo certo que em caso de contravenção o governo de sua magestade imperial usará para com os ditos religiosos da severidade em que já incorreram por seu arrojado e criminoso projecto. Paço das Necessidades, em 24 de maio de 1835. *Joaquim Antonio de Aguiar.*»

E' digna de passar á historia esta portaria e por isso aqui a transcrevemos por extenso.

(Continua)

AS CHRONICAS DO POVO

I

OS DOUS PEDREIROS

III

(Conclusão)

A taboa que sustentava os dous pedreiros ia quebrar de repente: qualquer movimento, um esforço por pequeno que fosse bastaria para precipitar a queda. A mão não chegava aos extremos da taboa para agarrar uma corda; não havia um angulo saliente, um ponto d'apoio, um meio de salvação. Na frente a superficie de granito; no alto a immensidade; em baixo o abysmo. Que fazer?

Pedro comprehendeu com a rapidez do raio que a taboa não podia sustentar duas pessoas, que era forçoso alivial-a do peso, que havia ali um homem de mais e que esse devia fazer pelo outro o sacrificio da sua vida.

—O tio Martinho tem filhos e eu sou só no mundo! Que Deus tenha piedade de mim!

E estendendo rapidamente as mãos para o vacuo, Pedro deixou-se cahir, indo despedaçar-se sobre as pedras da rua.

Mudo d'assombro, o tio Martinho sentiu-se arrastado por uma vertigem espantosa. Um estremecimento convulsivo apoderou-se de todo o seu corpo e cahiu com as mãos crispadas sobre a taboa, pela qual conseguiu arrastar-se até chegar a uma das extremidades.

Quando o tio Martinho, com os olhos fora das orbitas e o rosto cadaverico, chegou a casa, quizeram interrogal-o:

—Não me pergunteis nada! exclamou. Pedro! Pedro da minha alma!

E cahiu de novo aniquilado nos braços da esposa e dos filhos.

IV

Nem uma lousa, nem uma cruz, nem um letreiro, recordam aquella heroicidade sem exemplo nos fastos dos sacrificios humanos.

A tyrannia e a barbarie teem a sua epopeia na historia do mundo. Nero e Atila prestam seu nome á poesia e ao lyrismo. Falla-se dos grandes crimes; emudece-se diante das grandes virtudes. Napoleão enche o mundo; Pedro existe apenas na memoria d'alguns honrados habitantes da cidade onde se passou este drama.

E sem embargo, Napoleão, o Grande, não chegava á grandeza de Pedro, o pedreiro d'Albacete.

Sacrificar a vida! Isso fazem-o alguns por egoismo, por orgulho, por desesperação, por dignidade. Isso poderia tel-o feito Napoleão. Mas sacrificar uma mocidade radiante de ventura, um amor, a felicidade, as esperanças d'um futuro feliz, isso fazem-o poucos, muito poucos. Isso fel-o Pedro o pedreiro.

Quando me contaram esta simples historia que acabo de transmittir ao papel para não morrer a recordação d'aquelle feito heroico, alonguei a vista ao redor de mim, procurando um monumento digno de Pedro. Nada; nada havia na terra que me cercava. Ergui os olhos para o ceo. E' certo, disse para mim mesmo; ali deve estar.

E afastei-me murmurando:

—Pode faltar á grandeza da virtude a gloria humana; mas nunca lhe faltará a gloria divina.

NO FUNDO D'UM POÇO

(Continuação)

Onésimo reuniu todas as suas forças para gritar... E exalou a vontade, a alma e o alento em um grito, que apesar d'isso não conseguiu atravessar as paredes da sua sepultura; depois, já sem forças, callou-se. A voz replicou immediatamente:

—Tambem eu, Onésimo, choro como tu quando penso que o amor morreu para mim! Senti-o e gosei-o quando vivia. E' verdade que já era no declinar da vida, quando os cabellos alvejam e quando as rugas sulcam a fronte. Ai, foi só então que devaniei a ventura! E foi então que eu, como que para reparar o tempo perdido, como que tendo o presentimento dos poucos instantes que me restavam de vida, quiz ser feliz e gosar! E amei Martha com todo o amor que um coração d'homem póde conter sem rebentar, e entreguei-me á paixão em corpo e alma. Eu, quando lia romances, encolhia os hombros... Os heroes de romance não amam as amantes! Eu sim, eu amava Martha, com um amor de velho e de rapaz ao mesmo tempo; com o amor do pae já velho por sua neta orphã, com o amor do soldado pela bandeira, com o amor do exilado pela patria, com o amor que o devoto tem a Deus! Amava-a como tu amas a vida, Onésimo!...

—Ah, é verdade; como é bom viver! Quero viver!

—Quando a vi pela primeira vez tive compaixão d'ella... Era bem digna de lastima... Tu deves-te lembrar, Onésimo...

—Deixe-se de contar historias, tio Claudio; a sua voz não me deixa ouvir... estão fallando...

—Escuta, Onésimo; estão dizendo que já estamos mortos!...

Effectivamente eram estas as palavras que chegaram aos ouvidos dos soterrados:

—Que nos importa a nós o logar em que estão os cadaveres? Vale lá a pena fazer tantos esforços, para não encontrar mais que restos esmigalhados?... diziam os de fóra.

—Miseravel! bradou Onésimo.

—Mas é preciso que os ossos d'esses

infelizes vão repousar em terra sagrada, proseguiu outra voz, que elles reconheceram ser a do cura da aldeia... Vamos, meus amigos, continuemos...

Os trabalhadores responderam com um rumor confuso... Onésimo continha a respiração para ver se percebia alguma palavra n'aquelle maralhar de vozes. O suor deslisava-lhe em bagas pela fronte.

Começaram outra vez o trabalho...

—Não é verdade, Onésimo, que conheceste Martha, quando era tão desgraçada! Chamavam-lhe *Parigota*, a engeitada! Não tivera infancia. Saiu aos seis annos do asylo para ganhar a sua vida, e foi trabalhar em casa d'um tecellão. Maltratada pelo patrão, espancada pelas outras creanças, apupada nas ruas, não tendo nunca tido nem uma boneca, nem uma caricia, nem um beijo, a pobre rapariga precisava bem d'amar. E eu amei-a e disse comigo: hei-de estimal-a e amal-a tanto que hei-de conseguir que me ame. Quando lhe fallei em esposal-a não me quiz logo acreditar; imaginou que eu estava brincando: eu tinha fama de rico; possuia a estima e a consideração de todos os meus visinhos, e poderia escolher qualquer rapariga que me agradasse. Mas quando ella viu que eu lhe fallava seriamente deixou trasbordar a alegria! Que transportes de reconhecimento! Ria e chorava ao mesmo tempo, e esquecendo as conveniencias, agradecia-me e jurava que havia de fazer a minha felicidade. E cumpriu a sua palavra; tu, Onésimo, que ias tão a miude á quinta, sabes perfeitamente como ella me fazia feliz!...

(Continua)

AS CATACUMBAS DE ROMA

III

(Conclusão)

Encontra-se nas catacumbas, por intercepções muito approximadas, cavidades similhantes. Podem conter, em geral, cento e vinte e cinco pessoas, e a maior parte do tempo estão ornadas como as galerias. A disposição das sepulturas não é sempre a mesma. Ahi dispõe-se, o mais das vezes, em frente da porta d'entrada, um espaço vasio, que termina na parte superior por uma especie de nicho semi-circular. A esta disposição dava-se o nome de *arcosalium*. Debaixo d'este segmento d'abobada, o corpo está disposto em uma especie de arcada de pedra, cuja parte superior está coberta por uma especie de taboleiro. Era ahi, sobre o corpo do martyr, estando presentes seus irmãos, que o sacerdote celebrava o sacrificio.

A luz deixava muito a desejar nas catacumbas. Uma das mais bellas pinturas do cemiterio de S. Calixto, que representa, conforme a tradição do symbolismo christão, a multiplicação dos pães e dos peixes, apresenta vestigios evidentes de fumo. Na mesma pintura a fresco ha um pequeno nicho para receber uma lampada. As catacumbas recebem a luz pelo que se chama *lucernarias*. Estas lucernarias teem grande analogia com o respiradouro d'uma cisterna. Primitivamente existia muito pouca, talvez pelo receio d'attrahir sobre este lugar de reunião secreta a vigilancia e a perseguição dos pagãos. Mais tarde, pelo contrario, quando estas cryptas foram abertas á veneração dos fieis, que ahi vinham reverenciar um dos mais illustres berços do christianismo, as lucernarias foram multiplicadas por toda a parte. Vastas escadas de marmore davam entrada para estes subterraneos, a fazer-se obra pela discripção que faz Prudencio do cemiterio de Santo Hypolito.

Grande é a emoção que sente o visitante em presença d'esse espectaculo e do contraste que se lhe offerece á sua vista curiosa; mas é legitima a sua curiosidade, que se não assimilha a uma inquietação sem objecto na sua avidez, como sem resultado nas suas indagações; augmenta a segurança da nossa alma, como o faz, na satisfação do nosso coração, o contentamento da nossa rasão.

A. Vieira Lopes

VERA EFFIGIE

Como é gentil! A sua tez mimosa
E' como a rosa, que, no mez d'abril,
Perfuma os prados, montanhosas selvas,
Té dando ás relvas divinaes agrados.

O seu olhar, d'uma eternal magia,
Oh! inebria, faz-nos meditar.
Tem n'elle ceos, em que diviso estrellas,
A fulgir bellas quaes os olhos seus.

O seu cabello, tão gentil, sedoso,
Convida ao goso, deslizando bello
Por sobre o seio, palpitante e lindo,
Qual mar infindo de celeste anceio.

Tem a cintura, o pesinho breve,
O pisar leve, aerea creatura!
Tem b'leza em flor que nem sei dizel-a.
Por mim é vel-a, e... morrer d'amor.

Mario Gastão

EXTRAVAGANCIAS HUMANAS

Não se julgue que trataremos de explicar aqui as excellencias de algum delicioso manjar, e por isso não esperem os gastronomos que este capitulo satisfaça as illusões do seu estomago; não creia tão pouco o curioso leitor, que vamos passar revista aos pratos da habitação de Hermann, ou á sala de jantar do Palais-Royal de Paris.

Nós, os homens civilisados, temos felizmente muitos manjares selectos, preparados para todos os gostos e adubados para todas as extravagancias, incluindo os pasteis, que é optima iguaria para os amantes de tal petisco. Não succede, porém, o mesmo áquelles que não teem a precisa illustração, porque esses só podem dispôr de algum prato favorito, e, com permissão dos estomagos europeos, iremos citar varios productos das cosinhas indigenas.

E' o povo arabe um dos que mais luxo tem em tudo que sejam questões gastronomicas. Desde a fructa secca e leite fermentado, que constitue o alimento dos filhos do Sahara, até á carne de carneiro passada por ovos, e outros ingredientes, que é o manjar dos ricos, medeia um abysmo, que só vence o incomparavel kuskus. Esta comida, cuidadosamente cosida a vapor, está ao alcance de todas as fortunas: o pobre entretem o estomago com ella meio crua; o rico, como mais guloso, costuma assucaral-a, para assim lhe saber melhor, e o homem da classe media unta-a com margah.

O kuskus assucarado é um prato famoso; porém, ha arabe que não sabe o que seja assucar. Mas como Deus é grande, o desfavorecido, que jámais consegue apanhar alguns pós d'elle para adoçar o seu petisco favorito, costuma algumas vezes salpical-o com margah, invenção nacional digna de tão excellente guizado. Este môlho, composto de varias especiarias saborosissimas, produz na garganta nada menos que o effeito d'uma dezena de agulhas, arranca lagrimas á pessoa mais risonha, e, segundo a opinião d'aquella boa gente, despertaria até o apetite no estomago d'um defunto.

O beduino é mais sobrio, e tanto que, durante o dia, não faz mais do que uma comida, composta de pão de durá, especie de milho, com leite de camello.

Temos os persas, que preferem a tudo um prato de arroz cosido de diversas maneiras, não fallando em occasião de festim, porque então muda o caso de figura. Quando se solemnisa algum successo de estrondo, o arroz leva diversas iguarias, de modo a tornal-o optimo. N'este caso, costumam aquelles povos, antes de começarem a comer, pegar em uma grande toalha, a que chamam sofra, e estendem-a no chão sob as pernas dos convidados. Estes, postos de cocoras, teem não só que sustentar as pontas da toalha, mas tambem os pratos cheios de differentes especies d'arroz, o qual vão comendo sem variar de postura e sem tombar nenhum pratinho, porque tal falta d'educação seria imperdoavel e aquelle que a praticasse tornar-se-ia indigno de figurar em taes solemnidades.

Os afghans, que vivem em um paiz cujo clima produz as mais violentas mudanças de temperatura, sustentam-se simplesmente com pão, leite coalhado e agoa fresca.

Os belutchis, habitantes da Asia, saboream com delicia os talos da as-

sa-fetida, mal assados em umas brasas.

Os bukharos sustentam-se de leite e sal, de envolta com outras comidas bastante exquisitas.

Os wzbekos, são povos que teem gostos mais elegantes; depois de comerem algum melão (fructa que elles conservam) bebem o seu calix de licor de aniz.

Os tunguzes, esses teem a mania de ser caçadores, triturando com apetite as aves ou animaes que apanham, seja de que raça fôr, á excepção da carne de lobo, que é manjar que lhes não vae á boca.

No paiz dos iakutas tambem se come o que apparece; porém, de seis em seis dias juntam-se diversas familias, e de cada ajuntamento resulta um festim, e por consequencia danças e alegrias; é uma reinação completa.

O nectar celestial dos vogules, povos dependentes da Russia, é a agoardente anizada. Por uma garrafa d'este licor são capazes de dar a cabana, a camiza e até a mulher. Ha comtudo uma differença que não deixa de ter sua pilheria: a mulher vende filhos e marido por um copo do tal anizado. Tal é o gosto que ella lhe acha.

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XXIX
WATT

James Watt, celebre engenheiro mecanico, nasceu em Greenock, na Escossia, em 1736. Filho d'uma familia pobre, dirigiu-se a Londres aos desoito annos, entrando como aprendiz para a officina d'um habil constructor de instrumentos de mathematica.

Obrigado por doença a voltar para a Escossia, estabeleceu-se como engenheiro em Glasgow, onde pouco depois recebeu a nomeação de conservador dos modellos da universidade da mesma cidade.

Em 1664, encarregado de concertar o modello d'uma machina a vapor construida por Newcommen, reconheceu todas as imperfeições d'aquella machina e introduziu-lhe os melhoramentos que entendeu, começando por substituir o jacto d'agoa fria, que na machina de Newcommen condensava o vapor no cylindro depois da ascenção do pistão, por um tubo adaptado ao corpo do cylindro e para o qual o vapor se dirigia depois de produzir o effeito desejado. Este mesmo condensador havia sido imaginado por Papin em 1710.

JAMES WATT

Em 1774 Watt conseguiu applicar a força do vapor tanto ao movimento descendente como ao d'ascenção do pistão, fechando o cylindro pelo alto e adaptando dous condensadores, funcionando alternativamente. E' ao que se chama machina d'effeito duplo. E igualmente invenção sua o regulador e o parallelogrammo.

Auxiliado pelo doutor Roebuck e por um rico fabricante de Birmingham, Watt montou uma officina, obrigando-se a substituir todas as machinas antigas por novas, com a condicção de receber um terço da economia obtida no consumo do combustivel. Só nas minas de Chacewater, no Cornouailles, a terça parte de lucros subia a mais de cem contos por anno. Pode imaginar-se a grande riqueza que Watt juntou, mas que não o impediu de continuar a trabalhar para os progressos da sciencia.

Antes d'elle, a elasticidade do vapor era mais um obstaculo do que um meio. Watt estudou os effeitos d'essa causa desprezada; as modificações e aperfeiçoamentos effectuados depois na execução das modernas machinas de vapor tiveram origem nos principios que Watt definiu ou entreviu.

Em 1784 Watt imaginou as machinas locomoveis sobre estradas ordinarias, e já antes d'isso tinha inventado uma machina para copiar cartas. Foi elle que importou na Inglaterra o processo de Berthollet para o branqueamento por meio do acido muriatico.

Watt tinha uma memoria prodigiosa e uma aptidão notavel para todas as sciencias, a physica, a chimica, a medicina, a architectura e até a litteratura e a poesia.

Watt falleceu perto de Birmingham em 1819.

EXPEDIENTE
MUITA ATTENÇÃO

Já se acha reimpresso o numero 1 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Na semana proxima ficará reimpresso o numero 5, entrando no prelo logo em seguida o numero 6, etc.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos em enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa das contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 49

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

Preço da assignatura: no Porto, 3 mezes, 260 reis: provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 4 D'AGOSTO DE 1881 | Assignatura: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

Texto: — O Mammouth — Camões e Portugal, por Alberto Carlos — Extravagancias humanas — A sociedade dos tres (romance) — Recordações (poesia) por Francisco Seara Junior — No fundo de um poço — Os Jesuitas — Mythologia vegetal — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Alice (poesia) por Elpidio Pereira — D. Francisco de Almeida com os rumes (excerpto) por Bulhão Pato — A castellã — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A costa d'Africa — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Cavernas de Mammouth no Kentucky — Musicos judeus do Mogador — Praça de Larache — Um pagode chinez.

O MAMMOUTH

O Mammouth é uma celebre grutta que se acha nos Estados Unidos da America e que constitue um immenso subterraneo natural do lado do sul do estado de Kentucky.

As explorações mais authenticas dão

CAVERNAS DE MAMMOUTH NO KENTUCKY

a esta caverna a extensão de vinte e dous kilometros e meio, em linha recta.

O limite das explorações é uma entrada muito além das montanhas Rochosas. Mas até onde vão ellas? E' o que se ignora.

Parece que a caverna de Mammouth foi habitada em tempos muito remotos, mas naturalmente por varias raças hoje extinctas.

Em 1813 examinou-se um corpo humano encontrado ahi, assim como os numerosos utensilios encontrados junto d'elle, fazendo-se de tudo um inventario exacto.

O corpo, d'estatura gigantesca, media cerca de cinco pés e doze pollegadas inglezas. Estava acocorado em um boraco, cuja entrada não tinha mais de tres pés em quadro, e sobre uma pedra chata. O vestuario, as armas, os differentes instrumentos encontrados junto d'elle, pareciam-se com os das tribus indianas d'hoje, e indicavam, pela maneira como estavam fabricados, a existencia d'uma industria bastante adiantada.

CAMÕES E PORTUGAL

—

II

(Conclusão)

Estava contrahida uma divida, que tanto tinha de grande, como de sagrada.

Portugal, immortalisado pelos *Lusiadas*, devia uma reparação condigna ás cinzas do poeta, que tão mal galardoara em vida.

Duzentos quarenta e cinco annos depois do passamento do nosso epico, erguia-lhe o genio immortal de Garrett um perduravel monumento no seu formoso poema *Camões*.

Mas esta brilhante homenagem á memoria do desventurado amante de Catharina de Athayde nascera da iniciativa individual, e, se honrava sobremaneira aquelle de quem partira, mais a claro punha a ingratidão da patria.

Finalmente, no dia 9 d'outubro de 1867, despertava Lisboa em jubilos, para assistir á augusta solemnidade da inauguração d'uma estatua erigida ao Orpheu nacional; e essa esplendida manifestação do genio de Victor Bastos, modelada em bronze, erguendo-se sobranceira em uma das praças da capital, era como que o testimunho mudo, mas eloquente, do muito que a patria ainda ficara devendo a tão preclaro filho, porque

«........esa estatua y pompa transitoria
Caéran en la noche del olvido.»

Todavia, os annos succediam-se, e este velho titan, que, n'outras eras, tivera jus, pela sua vigorosa energia, ao assombro universal, dormia descuidoso o somno do indifferentismo. Recentemente, porém, a França, mais sollicita em desonerar-se de tão sagrados encargos, havia celebrado em 1878 o primeiro centenario de Voltaire, nobilitando a memoria d'aquelle gigante vulto, a quem a nação agradecida offerecera o pantheon, em troca da sepultura que o fanatismo clerical lhe havia recusado.

Este honroso procedimento da França achou finalmente écco em o nosso Portugal, que, despertando inflammado de nobre civismo, se ergueu em massa ao ouvir a voz insinuante de um dos mais distinctos vultos da nossa moderna geração litteraria, ao escutar o verbo eloquente de Simões Dias, que reboou vibrante sob as abobadas de S. Bento, pedindo ao parlamento e ao governo a solemne consagração do immortal cantor das nossas glorias pela pomposa celebração do terceiro centenario do seu passamento.

Singular coincidencia! Foi um poeta notavel, Garrett, que iniciou a apotheose do maior vate portuguez; foi um trovador illustre, Simões Dias, que consummou essa deificação, fazendo conduzir em triumpho ao templo de Santa Maria em Belem, transformado hoje em pantheon nacional, as preciosas cinzas de Camões, e transfigurando a coroa de espinhos outorgada pelos coévos ao creador da *Odissea* luzitana, no esplendoroso diadema que a posteridade hoje entretece sobre o sarcophago do principe dos nossos poetas.

Por isso, em uma das mais radiosas paginas da moderna historia de Portugal scintillarão, eternamente vinculados em luminoso triangulo, os nomes de Camões, Garrett e Simões Dias.

ALBERTO CARLOS

EXTRAVAGANCIAS HUMANAS

—

(Continuação)

Os habitantes de Atchinsk, na Siberia, andam ao despique para ver qual ha de apanhar mais depressa os fructos dos magnificos cedros d'aquella região. A maior fineza que um leão póde fazer á sua dama, é offerecer-lhe um punhado dos taes fructos, a que os entendedores chamam *avelãs das mulheres galantes*.

Teem os eleutas um gosto bastante exquisito. Um dos seus maiores praseres consiste em beber leite de egoa, e para que o liquido lhe saiba bem, é preciso que tenham ao lado um companheiro que vá saboreando tambem a sua parte; do contrario, tem o eleuta um grande desgosto.

Os mogoles sustentam-se engulindo, ás horas de comer, bocados de carne crua, sem cosimento algum; tambem costumam pegar em uma porção de farinha de milho, e depois de lhe deitarem sal, manteiga e nata, comem-a, bebendo-lhe em cima um copo de saborosa bebida.

São os chinos mais porcos no uso da alimentação, creando expressamente cada familia uma boa manada de suinos, para nutrir os mui illustres estomagos. O porco chino, creado com todo o zelo e afan, é petisco saboroso, que entretem admiravelmente os dentes do mais atilado filho do celeste imperio. Ha ali ricos, que, para revelarem o fausto com que vivem, teem escravos para lhes metter o comer na boca, em quanto que os pobres, victimas da fome, apanham e devoram o que encontram, sem exceptuar os animaes que morrem de alguma enfermidade.

No que mais se parecem os pobres com os ricos, é no louvavel uso da pinga. Mal rompe a manhã, tratam elles de preparar e encher um grande vaso de optima bebida e ali vae beber, durante o dia, toda a familia. Se por acaso succede cair na vasilha alguma aranha ou outro bicho, é o mesmo que nada. Cada um vae saboreando por sua vez, até que o ultimo traga o desgraçado naufrago, condemnando-o, depois de mastigado, a ir habitar as regiões estomocaes.

Os vedhas, povos que habitam no Ceylão, comem madeira pulverisada.

Para se livrarem das formigas que lhe atacam os comestiveis, costumam os birmanes collocar ao lado de uma luz alguns pratos com agoa. As formigas acodem ao chamariz e afogam-se, e os birmanes, depois de as prepararem convenientemente, comem-as. Dizem elles que é um saboroso manjar.

O grande prato, a excellente bebida, a sublime petisqueira de um tavayano é um cigarro puro. Na idade de trez annos começam os meninos a fumar e a mascar gigantescos charutos.

Os tchongs, da India Oriental, comem arroz, peixe e carne de corvo. Porém o seu melhor prato é o lagarto, pelo grande apreço que lhe dão.

Os filhos da Cochinchina devoram com singular apetite a carne de alligator, bem como tudo quanto é pescado corrompido. E' petisco que teem em grande consideração os habitantes da Asia.

Na Abyssinia, merece as sympathias de todos os estomagos, a carne crua, mas ainda ensanguentada.

Uma borracheira de melaffo (vinho de palma) é o grande enlevo dos povos do Congo.

Os hotentotes, sem duvida para provar o horror que lhes inspiram certos insectos, habitantes da sua cabelleira, caçam-os e comem-os.

Os indios de Huallaga, na America, reduzem a bebida a raiz de yuca; deitamlhe saliva e agoa e fermentam-a. Depois de a baptisarem com o nome de masato, embebedam-se com ella.

Em Java comem os povos uma especie de massa, tostada sobre uma prancha de ferro. Este alimento repugnante e nocivo, é reputado pelos javanezes como bom, pois o devoram dando signaes de grande satisfação.

(Continua)

A SOCIEDADE DOS TRES

—

VIII

BOA NOVA

(Continuação)

—E' incrivel, observou elle, o modo como esse homem desappareceu mal eu entrei! Mathilde, proseguiu encarando a mulher, tu enganas-me sem duvida. Aquelle homem não veio aqui com o fim que me disseste!

Mathilde era um ser muito puro para deixar a alma d'um esposo que idolatrava fluctuar na duvida que mata. Além d'isso, sabendo que Jeronymo não podia duvidar dos seus sentimentos honestos, preferiu dizer-lhe a verdade.

—O infame! exclamou Jeronymo depois d'escutar a esposa com attenção.

Fizeste bem em não o desmascarar diante de mim, pois não poderia conter-me, e quem sabe o resultado!

—Vamos, não penses mais n'isso e dize-me porque vinhas gritando desde o fundo da escada. Por ventura alcançaste o emprego que te tinham promettido no governo civil?

—Não. Não encontrei ali o meu amigo. E' outra cousa. E' que depois de ir ao governo civil passei por casa da tua amiga.

—De Henriqueta?

—Exactamente.

—E soubeste alguma cousa? Receberia a minha carta? Que disse? Vem cá? Falla, meu amigo.

— Vamos devagar. Não te impacientes. A primeira cousa que vi foi uma elegante sege á porta e uns dous criados preparando-se sem duvida para subirem á almofada. Dirigi-me immediatamente a um dos criados e perguntei-lhe quem ia sahir na sege. —«E' D. Henriqueta, disse-me o criado. —E sabe para que lado vae? tornei eu. —Vae visitar uma amiga sua que mora na rua do Bomjardim. Mas que lhe importa isso? disse o criado. E' alguma esmola que quer pedir-lhe? Para isso é melhor esperar que ella volte.» Nem sequer respondi ao criado. Deitei a correr, não só para te dar esta boa nova, mas tambem receiando que ella chegasse cá primeiro do que eu.

Mathilde lançou-se ao pescoço de seu marido e exclamou:

—Ah! meu bom Jeronymo! O meu coração não me enganava. Henriqueta é ainda a mesma. Eu bem o dizia.

—Oh! Mas não imaginas o effeito que aquellas palavras do criado:—«E' alguma esmola que quer pedir-lhe», produziram na minha alma! Uma esmola! Oh! E' uma palavra que revolta!...

—Tens rasão; mas no estado miseravel a que chegamos não devemos ter orgulho.

—Oh! Não; os pobres não devem ter orgulho. Mas elles, os ricos, os grandes, os vaidosos do mundo é que o teem. Se fazem bem a qualquer é por ostentação; é para que depois todos saibam das suas acções e as louvem. Se tivesse a certeza de que D. Henriqueta...

—Continuas a fazer injustiça ao seu caracter. Affirmo-te que te enganas redondamente. Vaes vel-a, e bastará isso para que mudes d'opinião a seu respeito. De mais não é uma esmola que eu lhe quero pedir: bastaria que ella se empenhasse com o pae para este te alcançar um emprego.

N'este ponto da conversação fez-se ouvir o ruido d'uma sege. Os dous conjuges não tiveram mais tempo do que chegar á janella e exclamar em côro:

—E' ella!...

(Continua)

RECORDAÇÕES

Amei-te, oh! Virgem dos meus sonhos bellos,
Gratos desvellos só a ti botei;
Foste o transumpto d'um porvir ditoso,
Que em pleno goso loucamente ideei!

Eras a rosa de virente côma,
Em cujo arôma m'embebia então,
Mais bella e casta que a gentil bonina,
Flor purpurina de vergel loução.

A tua imagem n'esta vida errante,
D'amor radiante confortar me vinha;
Quando minha alma de revezes frida,
Já murchecida toda a esp'rança tinha.

Quão grato me era ver os teus cabellos
Ondeando bellos em teu niveo seio!
Ouvir-te falas d'um sublime encanto,
Que exprimem tanto no seu mago enleio!

Fitar teus olhos de saphira pura
Que com ternura para mim volvias,
Patenteando-me eloquentemente
O amor ardente que por mim sentias!...

Mas que subita mudança,
Em teu peito se operou?
Tão depressa se apagou
A scentelha d'esse ardor!
Eras a Sapho mimosa
Dedilhando a eburnea lyra...
Tua alma já não suspira
Suaves threnos d'amor!

Tu fostes a estrella cadente,
Que me guiaste, mentida,
Na aurora da minha vida,
Ao porto da desventura;
Toldaste meus dias lêdos
Com tuas falsas blandicias,
E em vez d'um ceo de delicias
Dás-me o calix da amargura!

Quem de anjo te converteu
Em simples mulher trivial,
Lançando-me ao tremedal
Do barathro da descrença?
Regeitando o aureo sceptro
Que te offertava o poeta,
Libraste-lhe a dura setta
Da tua ervada indiff'rença!

Quem teu coração, outr'ora,
D'amor fervente repleto,
Sacrario de puro affecto,
Tão cruelmente gelou?
E os teus virginaes sorrisos,
Promettendo um goso ethereo
Que antevia em sonho aereo,
Quem, donzella, m'os roubou?

Quando, mulher, te perpassar na mente
Do meu amor recordação subtil,
Se por ventura algum vislumbre ardente
Enternecer teu coração gentil,
Lembra-te quando enternecidamente
Ambos fitavamos um ceo d'anil!

. . . .

Traduz oh! bella lê n'estas endexas
Do triste bardo as mais sentidas queixas.

Francisco Seara Junior

NO FUNDO D'UM POÇO

(Conclusão)

—Tio Claudio, tio Claudio, parece-me que as enchadas batem na terra já mais perto de nós...

—Observaste os affagos com que ella me embalava.

—O ruido é menos surdo! Já distingo o som do ferro nas pedras.

—Observaste como os beijos d'ella me enebriavam. Ouviste muitas vezes os seus protestos de amor, os seus juramentos...

—Já estão perto de nós; sinto tremer a terra em volta de mim... Já pouco falta...

—Pois essa mulher, Onésimo, mentira; essa mulher enganava-me!...

—Já vejo a luz do dia, tio Claudio; a abertura do poço está a desempedir-se; já o ar me bate na cara... Estamos salvos! Já vejo uma nesga de ceo!... Soccorro! Soccorro! Estou salvo!

—Estás perdido, miseravel; estás morto!... Essa mulher enganava-me e tu eras amante d'ella!...

—Tio Claudio, juro...

— E é por isso que vaes morrer!... Vaes morrer esmagado, triturado, achatado por essa enorme pedra que está pendente sobre a tua cabeça... Esmigalhar-te-ha o craneo e os teus ossos serão feitos pedaços! Terás alguns instantes de vida, ai, demasiado curtos, e soffrerás dôres atrozes!... Vaes morrer!

—Ali estão elles, já os vejo! Soccorro, soccorro... Ainda estou vivo... Salvae-me!...

—Vaes morrer, Onésimo!... Então não percebeste que, quando te mandei descer ao poço, era para não sahir d'elle?... Pois não tinhas remorsos na consciencia, ou acreditavas em perpetua impunidade...

—Soccorro! Soccorro! Soccorro!

—Ninguem já te pode subtrahir á minha vingança, Onésimo!... Tudo isto foi previsto, preparado e combinado por mim. Fui eu que fiz essas saliencias na parede para deterem a pedra que te devia esmagar, com o fim de gosar da tua agonia. Fui eu que, fazendo o sacrificio da minha propria vida, arranjei esta especie de nicho em que estou abrigado e d'onde o meu odio vê o teu soffrimento, já que os meus olhos te não podem distinguir na escuridão...

—Ahi estão elles!

—Ainda não! Quando os vires mesmo ao pé de ti, quando não tiveres mais que estender a mão para alcançar a vida, impellirei a pedra com o pé!... E ficarei vingado!...

—Perdôe-me, tio Claudio; tenha compaixão de mim!...

—E tu, infame, tiveste compaixão de mim?...

—Estou innocente; não conheço essa mulher! Nunca a vi! Não a amo; odeio-a!

—Miseravel! Renega o seu amor!...

—Perdão, perdão!... Quero viver! Veja como eu choro!... Tenha compaixão de mim, tio Claudio, em nome de Martha!.. Se eu morrer, ella morre infallivelmente e por tanto vae commetter um assassinato...

—Estão ainda vivos, já vejo Onésimo, disse o cura. Um esforço mais, meus amigos!...

—Pede perdão a Deus, replicou o tio Claudio; faz o acto da contricção, Onésimo, que vaes morrer!...

A enorme pedra abatera finalmente. Ouviu-se ao mesmo tempo um estrondo medonho, que obrigou os trabalhadores a fugirem espavoridos: tivera logar segundo desabamento, consequencia do primeiro, depois do que, seria loucura tentar de novo salval-os.

VIAGENS EM MARROCOS

São d'esta obra, devida á pena de Ruy da Camara e edição da casa Chardron, d'esta cidade, as duas gravuras que adornam esta pagina e a seguinte.

Representa a primeira uns musicos judeus do Mogador e a segunda a praça de Larache, no imperio de Marrocos, de que fallamos a paginas 362 d'este semanario.

OS JESUITAS

(Conclusão)

Em cumprimento da portaria transcripta sahiram de Coimbra para Lisboa no dia 30 de maio os padres jesuitas Alexandre Mallet, reitor; Cypriano Margottet, ministro; José Bukacinscki, Jorge Koulac, Luiz Dericquebourg, Ivo Estanislau Bassin, Luiz Soimier, Jorge Rousseau, Antonio Salles, Theodoro Cotel e Alexandre Fidelis Martin. Além d'estes onze padres iam mais cinco leigos. O padre Miguel Maision, que se achava na Beira, foi-se reunir em Lisboa aos seus companheiros.

Em Coimbra tinham fallecido os padres Pedro Nemkin (em 25 de novembro de 1832), e Firmino Tancard (em 17 de março de 1834.)

Os padres da companhia de Jesus, que vieram para Portugal na missão de 1829 a 1834, e estiveram em Lisboa e Coimbra, foram ao todo vinte e sete. O superior d'elles era o padre José Delvaux, que veiu a fallecer em 21 de fevereiro de 1865 em Quimper.

MUSICOS JUDEUS DO MOGADOR

Em Lisboa entraram para noviços tres portuguezes, Almeida, Dias e Santos.

No dia 7 de julho de 1834 partiram os jesuitas de Lisboa para Genova, a bordo do bergantim sardo *Os verdadeiros amigos*. Em outro navio tambem sahiram ao mesmo tempo para Genova os capuchinhos italianos, que estavam em Lisboa, por não quererem largar o habito da sua ordem, como era determinado pelo decreto de 28 de maio de 1834 que extinguira as ordens religiosas.

Desde então até hoje teem apparecido em Portugal alguns collegios de ensino, com caracter mais ou menos accentuado de jesuitismo, tornando-se sobretudo notavel a instituição das irmãs de caridade francezas, que occasionaram uma grande excitação no publico.

Agora, depois dos acontecimentos de França, os quaes deram logar á expulsão dos jesuitas d'esse paiz, a opinião publica e a imprensa torna a preoccupar-se, receiando em vista de certos symptomas, da intrusão da companhia de Jesus em Portugal.

Estas preoccupações deram logar á seguinte portaria do penultimo ministro do reino:

«Tendo se levantado apprehensões sobre a existencia de uma tentativa de fundação de institutos pertencentes á extincta ordem dos jesuitas; sua magestade el-rei, attendendo a que não foram derogadas, antes se devem considerar em pleno vigor, as disposições da carta de lei de 9 de setembro de 1773, que concedeu o regio beneplacito á bulla de extincção d'aquella ordem, e o decreto de 28 de maio de 1834, que declarou extinctas em Portugal as ordens regulares de religiosos, e tendo em vista que, se não póde contestar-se aos estrangeiros o direito de se estabelecerem no reino, e de gosar dos direitos civis pertencentes a todos os cidadãos, cumpre, todavia, ao governo não só fazer observar as mencionadas leis, mas evitar que as suas disposições sejam por qualquer maneira illudidas ou frustradas: ha por bem ordenar que os governadores civis de todos os districtos do reino e ilhas, depois de procederem ás mais escrupulosas averiguações, informem com urgencia sobre quaesquer factos que possam justificar as alludidas apprehensões, adoptando desde logo, no caso de se reconhecer a sua

existencia, promptas e energicas providencias, a fim de se dar inteiro cumprimento aos preceitos das mencionadas leis. O que sua magestade el-rei ha por muito recommendado aos mesmos governadores civis, esperando da sua intelligencia e zelo que saberão desempenhar-se cabalmente do encargo que lhes é commettido.

Paço, em 12 de novembro de 1880. — *José Luciano de Castro.*»

De toda a exposição que temos feito conclue-se que é tradicção commum de todos os governos legitimos de Portugal desde el-rei D. José, o serem absolutamente contrarios á admissão e conservação dos jesuitas entre nós.

Não obstante o procedimento prudente e cheio de finura dos jesuitas em Portugal, e particularmente em Coimbra, durante o governo de D. Miguel, contrastando com a intolerancia das ordens religiosas, é certo que o paiz nunca manifestou signaes evidentes de reacção contra as disposições tomadas pelos diversos governos de que acima demos conta, o que dá a entender que julga justificados os perigos que da introducção dos jesuitas podem resultar.

MYTHOLOGIA VEGETAL

Existe entre todos os povos do globo um livro sagrado, uma tradicção ou uma legenda, contando a creação da terra. Por toda a parte se mostra um Deus creador, unico, poderosissimo, reunindo os elementos dispersos pelo universo, agrupando-os e formando os mundos que gravitam no espaço, percorrendo distancias sem fim. Em seguida, depois de decorrida uma immensidade de seculos, as terras separam-se das agoas, apparece a luz, o ar cerca o globo que caminha sem cessar, e estabelecem-se as condicções da vida.

Até então só existira a materia inerte; mas em breve tempo a terra arida e nua cobre-se de musgo, de fetos e gramineas; as agoas povoam-se de fucus, d'algas e sargaço; assim se demonstra uma nova phase da creação, preparando uma outra ainda maior.

Existe o reino vegetal e por elle vivem os peixes e os insectos, que se alimentam de folhas e de sementes; depois virão as aves, que acharão abrigo e materiaes para os seus ninhos nos troncos das arvores e subsistencia nos fructos e

PRAÇA DE LARACHE

nos insectos. Mais tarde os animaes domesticos, esses companheiros de trabalho do homem, apparecerão, pastando nas campinas verdejantes, e quando o homem, ao ultimo sopro do creador, erguer a fronte para os ceos, encontrará a terra povoada de seres vivos, abrigados á sombra das florestas copadas.

Não é pois para causar admiração que, desde a mais alta antiguidade, as arvores e plantas tenham sido alvo da veneração, do culto ou da superstição do homem, que, sob essas diversas formas, exprime o reconhecimento devido aos seus bemfeitores.

As arvores foram os primeiros abrigos naturaes do homem, os fructos a sua primeira alimentação, as flores as primeiras alegrias da sua vista e do seu cheiro.

Do succo dos vegetaes tirou os primeiros remedios e adorou esses deuses occultos; dos mesmos succos viu sahir os venenos mais terriveis e tremeu diante d'elles. Em uns residiam os espiritos bemfeitores, nos outros alojavam-se as potencias malfeitoras.

Era no meio das florestas mais sombrias e impenetraveis que elle collocava os altares dos seus deuses, dedicando a cada um d'elles as plantas que julgava possuirem propriedades em relação com o objecto do seu respeito ou do seu temor.

Desde então cada vegetal foi um symbolo, e Noé comprehendeu que Deus cobria com a sua protecção os habitantes da arca quando a pomba conduzia o ramo da oliveira, symbolo da paz.

Os antigos indus attribuiam a cada planta uma virtude secreta; os mysterios mais terriveis da sua religião sanguinaria celebravam-se no fundo das florestas. Sob a figueira dos banians, arvore de ramos pendentes, formando como que arcadas e columnas, reuniam-se os thugs ou estranguladores da India, que devastavam o paiz e adornavam a fronte da sua deusa cruel, Kali, com as flores mortaes do upas-tieté e do antear.

Os egypcios veneravam a flor do lotus, cuja larga corola se espanejava tranquila sobre as agoas sagradas do Nilo, o prodigioso fecundador do Egypto.

A historia dos hebreus, os livros dos dous testamentos, assim como as legendas que lhe andam annexas, fallam a miude das flores e das arvores. Basta recordar a varinha de Moysés, a rosa do Jerichó, o jardim das Oliveiras, a canna

e a coroa de espinhos da Paixão, os ramos de liz ou assucena de S. José, a flor de mil folhas do menino Jesus e o emblema da rosa mystica.

Os gregos davam as plantas por attributos á maior parte dos deuses. O carvalho era dedicado a Jupiter, a oliveira a Minerva, o loureiro a Appollo, o cypreste a Plutão, o myrtho e a rosa a Venus, e é para admirar que, conhecendo a sensitiva, não a considerassem attributo de Diana, a deusa da castidade.

(Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXIV

(Continuação)

—Mas eu não posso deixar de vel-o já. Temo que elle morra antes de vel-o. Quero abraçal-o.

E o mancebo caminhou para a porta do corredor que communicava com o quarto de seu pae. Não o deixaram ir. Seguraram-o os braços robustos de Pedro da Motta.

—Meu pae! continuou o mancebo desesperado, debatendo-se; deixem-me ir ver meu pae.

N'este momento uma criada vinha annunciar que já se podia penetrar no quarto do moribundo.

O mancebo, quando tal ouviu, diligenciou desembaraçar-se dos braços do capitão.

—Espere um pouco, snr. Jorge, disse o medico com sua voz pausada e insinuante. Não convem que appareça de improviso a seu pae. O choque produzido por tão agradavel surpreza poderia matal-o repentinamente. Socegue um pouco. Espere-me dentro em momentos; vou preparal-o para o lance.

O animo de Jorge serenou um pouco ao ouvir aquellas palavras ditadas pelo bom senso. Pedro da Motta fel-o sentar, e Paulo, que sentia profundamente o estado do seu amigo, impoz-se á tarefa de distrahil-o em quanto o medico não viesse.

Decorridos alguns minutos, o doutor voltava com semblante satisfeito.

—Pode vir, snr. Jorge. A minha prudencia pôde conseguir o que eu não esperava. Seu pae está preparado para vel-o.

Ditas estas palavras, o medico travou do braço de Jorge, que se levantara apenas o vira, e encaminharam-se para o quarto do moribundo.

XXV

A frouxa luz d'um candieiro de azeite collocado sobre a banquinha da cabeceira, illuminava o rosto de Ernesto.

Junto ao leito achava-se sentado um sacerdote, cujas cans veneraveis imprimiam um certo cunho de respeito áquelle quadro de si eloquente.

Apenas o moribundo avistou o filho, tentou erguer-se e abriu os braços descarnados, para onde Jorge correu a precipitar-se.

—Meu filho, meu filho! Bemdito seja Deus, que nos deixou abraçar ainda esta vez! exclamou o pae de Jorge com a voz entrecortada de soluços.

O mancebo, apertando de encontro ao peito aquelle corpo, que em breve a terra ia esconder, sentia-se suffocado de dôr. Não pôde articular palavra.

O medico, que previu o perigo que podia provir d'aquelle lance, retirou Jorge para um lado e tratou de confortal-o. No entanto o sacerdote dizia em voz baixa palavras cheias de uncção religiosa ao enfermo, que o escutuva com attenção.

Passados momentos, um estremeção violento agitou o corpo do moribundo. O medico, que se apercebeu d'isso e reconheceu a inutilidade da sua presença n'aquelle sitio, pegou no braço de Jorge e obrigou-o a sahir para a sala onde se achavam Paulo e o capitão.

O mancebo era como um automato; seguia o medico sem consciencia do que fazia.

—Então? interrogou Pedro da Motta, fitando ancioso o semblante do medico.

—O doente está descançando um pouco, respondeu este, trocando um signal de intelligencia com o seu interlocutor.

Tanto Motta como Paulo comprehenderam aquelle signal. Era evidente que o experiente medico poucos momentos de vida julgava ao moribundo.

Jorge fôra sentar-se a um recanto da sala, onde se conservava immerso na mais completa apathia. A's palavras que lhe dirigiam, não respondia senão com monosyllabos, ou palavras sem nexo. Era terrivel o estado d'aquella alma, que tão dolorosos golpes ia soffrendo.

O medico, vendo o estado afflictivo de Jorge, sensibilisou-se.

—Venha comigo, lhe disse elle em tom carinhoso. E' preciso que descance das fadigas da jornada, é necessario que durma. Isto faz-lhe mal.

Jorge não respondeu. Ergueu-se e caminhou com passos vacillantes em direcção ao aposento de seu pae. O medico acercou-se d'elle, offereceu-lhe o braço e pronunciou as seguintes palavras:

—Obedeça-me, snr. Jorge. Dão-me direito sobre si a minha amizade e os annos. Venha repousar. Que faz em voltar ao quarto de seu pae? Se elle ainda vive, a sua presença matal-o-ha mais depressa, pelas fortes commoções que elle pode experimentar, e o senhor peorará tambem com a repetição da scena que ha pouco se deu.

E o medico, que parara em quanto proferira estas palavras, arrastou comsigo Jorge, para um dos aposentos interiores, onde havia uma cama preparada.

Jorge, como instinctivamente, deixou-se cahir sobre o leito. O medico tomou-lhe o pulso.

Estava frequente e irregular. O mancebo estava abrasado em febre.

(Continua) Alberto Carlos

ALICE

Esse teu divino olhar
Que me exalta e alucina,
E' estrella que me illumina
O meu pobre coração.

Myst'rioso como o mar,
E' de minh'alma o encanto,
Que me enxuga o triste pranto
N'esta longa solidão!

Elpidio Pereira

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

COM OS RUMES

(3 DE FEVEREIRO DE 1509)

(EXCERPTO)

Perdida, com a morte de D. Lourenço de Almeida, a victoria alcançada, partiu o resto da frota, deixando nas mãos de Melequiaz desenove captivos.

Os captivos eram os companheiros de D. Lourenço, unicos que sobreviveram a cento e tantos de que se compunha a guarnição.

Com o filho do viso-rei tinham perecido muitos fidalgos, sendo entre elles dous filhos de Manoel Paçanha, Rui Pereira, Souto-Mayor, etc. Entre os captivos contavam-se tambem cavalleiros e fidalgos da primeira linhagem.

Quebrados de animo e profundamente angustiados seguiram os capitães até Cochim, a levar a nova d'aquelle revés, em que avultava, acima de tudo, a morte de D. Lourenço de Almeida.

Nenhum d'elles se atrevia a ser o primeiro a dar a fatal noticia ao pae desventurado, a D. Francisco de Almeida, primeiro viso-rei da India, filho de D. Lopo, conde de Abrantes.

Deitaram sortes.

Cahiu a sorte em Camacho.

A caravella não salvou ao porto.

Fosse que D. Francisco já tivesse tido algum aviso do desbarato, ou que na sua alma de pae sentisse rebates crueis, ao ver que o barco surgiu silencioso, voltou-se para dentro, sentou-se em uma cadeira, encostou a face á mão e disse:

—Esta caravella traz-me a nova que eu tenho no coração. O meu filho é morto.

Depois, com a força de animo superior, que logra abafar no fundo do peito

as grandes dôres, quando Camacho se lhe deitava aos pés debulhado em lagrimas, perguntou-lhe com semblante sereno:

—Porque não salvaste a fortaleza, que é do rei de Portugal e não de meu filho morto?

Depois proseguiu, atalhando as palavras do mensageiro.

—Mandae á caravella que faça a salva costumada. Ide a dascançar. Dêem signal pelo defunto; acudirá gente a rezar, porque, quem o *frango comeu ha de comer o galo ou pagal-o.*

E com effeito bem caro teriam de pagar os que lhe haviam arrebatado o mais illustre brazão da sua casa, aquelle filho unico, a gloria e o amor da sua velhice.

Depois d'esse momento, com espanto de todos, não soltou uma queixa, não se vestiu de luto, nem procurou saber o mais leve promenor a proposito da morte de D. Lourenço. Um romano da tempera dos Catões ou dos Brutos não sería capaz de ostentar, com o coração dilacerado, maior grandeza de espirito e energia de vontade.

Um dia, um fidalgo dos que tinham assistido ao combate, disse ao viso-rei:

—Vossa senhoria sabe como isto passou?

O viso-rei respondeu-lhe:

—Eu sei que meu filho é morto, que o mataram; está vivo no meu coração, o que basta para a minha dôr. Saber mais é escuzado, porque sei quem meu filho era, e que por causa d'elle nada se perdeu; o principal erro foram os meus peccados.

E desde essa hora, guardando profundo silencio sobre tal assumpto, proseguiu nos habitos regulares, com os mesmos vestidos, uma cana na mão, passando mais algumas horas na ribeira a concertar navios, apparelhando a frota e preparando-se para cair sobre os rumes, sorvendo já os primeiros e deliciosos tragos da tremenda vingança que tinha no coração!

Sem que do reino lhe viesse reforço de navios, não ousava D. Francisco ir atacar os rumes em Diu. Eram gente poderosa. Na celebre carta a el-rei D. Manuel o governador expressa-se d'este modo sobre o poder dos adversarios:

«...As guerras passadas eram com bestas, agora as temos com venezianos e turcos do sultão.»

O auxilio esperado não veiu porém de Portugal, e D. Francisco, que não podia protrahir por mais tempo o desaggravo, apercebeu-se o melhor que pôde, e, confiando no esforço da sua gente, saiu na arriscada expedição.

Mir-Hocen, infunado com a victoria que um sinistro lhe pozera nas mãos, e influido pelo rei de Calecut e por Melequiaz, que jogava com elle, jactava-se de que havia de exterminar os portuguezes nas plagas do Oriente.

No dia 1 de fevereiro de 1509 surgiu a armada de D. Francisco á vista de Diu, ficando um pouco amarada porque lhe falharam as brisas para se aproximar de terra.

Apesar dos gabos e feros com que Mir-Hocen protestava aniquilar os nossos, quando deu pela chegada da frota sentiu o animo profundamente abalado, porque já tinha experimentado nas carnes o ferro dos portuguezes, quando em Chaul deveu a victoria ao acaso, tendo perdido o melhorio da sua gente.

Melequiaz, enredador traiçoeiro, assoprava a vaidade de Mir-Hocen para que se batesse com os nossos, calculando, na doblez do seu caracter, que se o triumpho coubesse aos portuguezes lhe entregaria os rumes que se refugiassem em terra, negociando ao mesmo tempo com os captivos que tinha em seu poder. Em qualquer das hypotheses a vantagem seria de Melequiaz, e da boa situação em que o collocava a fortuna sabia o sagaz aventureiro tirar habilmente os resultados praticos.

N'estas circumstancias appareceram cento e cincoenta paraus de Calecut, com gente bem armada e artilharia.

Desafogou-se e cresceu o animo de Mir-Hocen com o inesperado auxilio.

Por seu lado, D. Francisco de Almeida reuniu conselho dos seus para determinar a ordem do combate, no fim do qual rogou instantemente para ser o primeiro no ataque.

Nuno Vaz de Castello Branco, pedindo venia, pondo-se em pé e com o gorro na mão, o que o viso-rei não consentiu obrigando-o a que se sentasse e cobrisse, oppoz-se aos desejos do commandante, allegando rasões com que os do conselho concordaram.

(Continua) BULHÃO PATO

A CASTELLÃ

I

A condessa Alda de Monforte passa largos e solitarios dias no seu gothico castello. Errante pelos vastos salões da sua mansão feudal, consulta sem cessar a todos os que vem d'ambas as Castellas, porque ha mais de tres annos que seu esposo partiu para a guerra, e apesar de tão largo tempo transcorrido, não ha noticia d'elle.

Umas vezes porque as neves e os prolongados temporaes fecham os portas montuosos, incommunicando as terras baixas com as altas, outras porque numerosas partidas d'aventureiros interrompem toda a especie de correios e outras emfim porque a inseguridade dos campos e dos caminhos não está garantida pelas correrias dos cavalleiros, o certo é que nada se sabe do que occorre nas fronteiras castelhanas, onde a mourisma combate sem descanso contra o poder dos reis christãos.

Esta penosa situação agita o coração da formosa Alda, que apenas viu luzir os fachos do hymeneu. Veio o genio da guerra arrancal-a dos braços do esposo a quem amava tanto como a sua propria vida.

Tristes e lentos são os dias da illustre castellã. Tres annos é uma ausencia tão longa para quem espera e para quem ama, que não é possivel resistir aos grandes soffrimentos moraes que d'ahi resultam.

Em vão a condessa sobe ás ameias da torre da menagem do seu castello; em vão observa todas as avenidas; em vão consulta os presentimentos do seu coração... Nada. Passa um dia e outro dia com uma tristeza mortal retratada no rosto.

A's vezes consulta as nuvens que atravessam o azul dos ceos; outras interroga as aves que vem do sul, como se ellas podessem responder-lhe, e ás vezes tambem, passeando-se pelas largas galerias, volta repentinamente a cabeça como se visse retratar-se no largo muro a nobre figura de seu esposo.

II

—Padre meu, disse ao seu esmoler, que era um monge da ordem de S. Bento. Que noticias sabeis?

—Nenhumas, nobre senhora. Sem embargo, espera-se muito breve cheguem noticias positivas.

—Ha annuncios d'alguma batalha?

—E' muito provavel que assim haja succedido. Já tive a honra de manifestar-vos que o nosso heroico monarca Affonso VIII sahiu com o seu exercito contra as hostes agarenas. Toda a flor de Castella o acompanhava. O arcebispo de Toledo levava a cruz na mão; as tropas de Navarra e Aragão deviam unir-se ao resto do exercito.

—Quantos cavalleiros christãos seriam os que acompanhavam o rei?

—Uns dez mil.

—E quantos os mouros?

—Ah! Senhora! Segundo as noticias recebidas eram sem numero. Ha quem affirme que passavam de quatrocentos mil.

—Quem é o formidavel caudilho que commanda tão poderoso exercito?

—O grande Miramamolim.

A formosa condessa estremece ao ouvir estas alarmantes particularidades e só espera a hora de poder emfim saber o desenlace d'aquelle formidavel drama.

Os seus olhos não cessam de derramar ardentes lagrimas pelo incerto destino do conde.

Teria elle morrido em alguma batalha, ou viveria ainda? Estaria prisioneiro dos infieis? Gemeria no fundo d'alguma masmorra? Taes eram os pensamentos da nobre dama.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XLI

A COSTA D'AFRICA

Na costa de Guiné teem os portuguezes a chamada Senegambia portugueza, a qual comprehende os governos de Bissau e Cacheu e as ilhas de Orango, Gallinhas e Bolama, no archipelago de Bijagoz; capital na ilha de Bolama.

Na costa de Mina temos o estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, que, com as ilhas de S. Thomé, Principe e das Rollas, forma o governo subalterno de S. Thomé e Principe. A população d'esta provincia é de 23:000 habitantes. Capital, S. Thomé, 3:000 habitantes.

S. Jorge da Mina, com 15:000 habitantes, é a capital das possessões hollandezas na Africa.

Na costa do Ouro possuem os inglezes Cape-Coast, 18:000 h.; Christiansburgo, etc. Os francezes teem na costa dos Dentes de Marfim os estabelecimentos de Grande Bassan e Assinia.

E' na mesma costa que está o reino dos Achantis, com 3 milhões d'habitantes; capital Cumasia, com 15:000 habitantes. Na costa dos Escravos está o reino de Dahomey, capital Abomey, com 24:000 habitantes, assim como o reino de Benim, capital Benim, 15:000 habitantes.

Os inglezes possuem aqui o territorio de Lagos.

Estes estados negros, onde a auctoridade do rei é absoluta, fazem-se notar pela ferocidade dos costumes. A civilisação christã ainda não penetrou entre esses povos, que vivem no meio da mais profunda barbarie.

No Abomey, a estrada que vae para o palacio do rei, ou antes para o antro do feroz soberano, está semeada de restos humanos; os muros veem-se incrustados de queixadas; o pavimento do quarto de dormir é formado de craneos. Nas grandes ceremonias, o rei caminha por cima das cabeças ensanguentadas dos principes vencidos ou dos ministros cahidos em desgraça.

Na festa dos tributos, á qual toda a gente leva algum presente, sacrifica-se um numero de victimas, cujas cabeças são espetadas na ponta de paos e os cadaveres dependurados dos muros das casas, onde permanecem até cahirem de podres. O rei de Benim é considerado pelos seus subditos como um ser divino, que vive sem comer e só morre apparentemente. Os sacrificios humanos fazem parte do culto expiatorio prestado ao principio mau. Victimas e carrascos demonstram o mesmo estupido despreso da vida.

UM PAGODE CHINEZ

O monarca e os chefes dos Achantis ostentam um luxo extraordinario: anneis d'ouro, plumas fluctuantes, ricos amuletos. Nas suas festas publicas as victimas são numerosas. Quando não teem criminosos nem prisioneiros, as primeiras pessoas que apparecem são degoladas.

Não sahiremos da costa da Africa sem visitar a possessão franceza de Gabon, situada na costa de Guiné, e cujo nome tomou do rio que vem do golfo de Guiné, junto do qual os francezes formaram um estabelecimento fortificado em 1841. As origens do Gabon, como as de tantos rios africanos, são desconhecidas. Os habitantes fazem muito commercio com madeira d'ebano, sandalo e marfim.

Passemos á Senegambia.

Este paiz tira o nome de dous dos seus principaes rios, o Senegal e o Gambia. Exposta aos ardores da zona torrida, pantanosa no littoral, a Senegambia é no interior uma mistura admiravel de planicies e valles, onde se desenvolve a mais rica vegetação; é ahi que cresce o baobab, o gigante das arvores. Ha grande numero d'insectos e reptis; abundam os crocodillos, hippopotamos e macacos.

Os limites da Senegambia são ao norte o Sahara, a leste o Atlantico, ao Sul a Guiné e a oeste o Sudão. Calculam-se em 12 milhões os habitantes. Encerra um grande numero de pequenos reinos negros. Portugal, a Inglaterra e a França teem ali possessões.

As possessões portuguezas são Cacheu, 600 habitantes, e Geba, 700 habitantes.

As possessões francezas, que são as mais importantes d'esta região, teem por capital S. Luiz, cidade fortificada, situada na margem esquerda do baixo Senegal; é pouco salubre. Ao norte, Pertendic, pequeno porto sobre o limite do Sahara; ao sul, a ilha de Gorea, 5:000 habitantes; capital Gorea, cidade fortificada.

Em 1856 o antigo reino de Oualo constituiu-se em provincia franceza; com 12:000 habitantes.

As possessões inglezas teem por capital Bathurst, 3:000 habitantes.

(Continua)

EXPEDIENTE

MUITA ATTENÇÃO

Já se acha reimpresso o numero 1 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Na semana proxima ficará reimpresso o numero 5, entrando no prelo logo em seguida o numero 6, etc.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos em enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa das contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO — PREÇO 20 REIS — NUMERO 50

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 11 DE AGOSTO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— Volta — Zamperini — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — D. Francisco de Almeida com os rumes (excerpto) por Bulhão Pato — Phenix renascida (poesia) por Ernesto — Extravagancias humanas — O relogio da cathedral de Strasburgo — A lithographia — A sociedade dos tres (romance) — A castellã — Scena intima (poesia) por C. d'Abreu — Mythologia vegetal — Os inglezes na India — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Sahara — Zig-Zags: Tenacidade — Immensidade — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Volta — O relogio da cathedral de Strasburgo — Descoberta da lithographia — Estatua de Senefelder

VOLTA

Alexandre Volta, celebre physico italiano, nasceu em Como em 1745, annunciando desde a mais tenra infancia brilhantes disposições para as sciencias naturaes, em que depois tanto se distinguiu.

Aos dez annos compoz um poema latino, onde se descreviam as descobertas dos physicos mais celebres do tempo; aos desoito correspondia-se com o abbade Nollet ácerca das questões mais delicadas da physica. Duas memorias sobre a electricidade que deu á estampa em 1767, valeram-lhe, além dos suffragios dos sabios, a nomeação de professor de physica na escola de Como, contando apenas vinte e sete annos.

Até 1790 os trabalhos d'este sabio esclareceram um grande numero de questões importantes de physica e de chimica, taes como a botelha de Leyde, a electricidade atmospherica, e dotaram a sciencia com uma infinidade de instrumentos uteis: o electrophoro (1775); o condensador electrico (1782); o endiometro para a analyse dos gazes; o electroscopo; a lampada perpetua de gaz, etc.

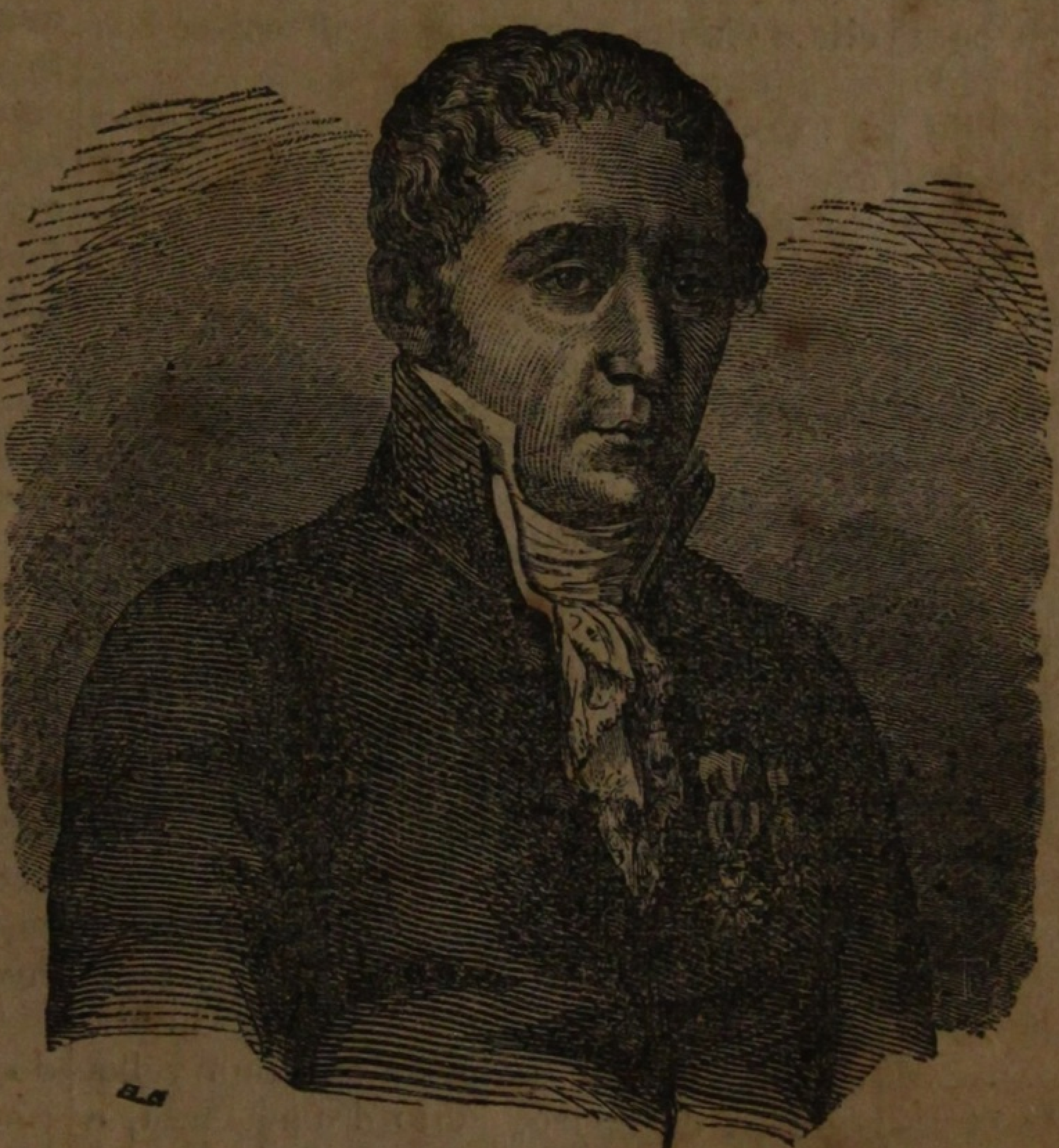
A descoberta de Galvani em 1790 abriu uma nova carreira á sciencia de Volta. Foi em virtude dos trabalhos do seu collega bolonhez que elle chegou a descobrir a producção da electricidade por meio do contacto de metaes heterogenios, estabelecendo em 1800 a pilha de columnas, composta de rodellas de cobre e de zinco, sobrepostas e reunidas aos pares, separadas por uma rodella de panno molhado.

Os effeitos physicos e physiologicos que alcançou por tal methodo excitaram a admiração geral, e foram o ponto de partida d'um grande numero de descobertas. Bonaparte chamou a Paris o sabio italiano, com o fim de repetir as suas experiencias diante do Instituto. Volta recebeu em França a cruz da Legião de honra e a Italia condecorou-o com a cruz da Corôa de ferro, além dos titulos de conde e senador do reino. Todas as academias da Europa inscreveram o nome de Volta no meio dos seus associados illustres.

Desde 1779 que Volta era professor de physica na universidade de Paris. Em 1804 quiz retirar-se do ensino; mas Napoleão oppoz-se. «Se estaes cansado, escrevia-lhe o imperador, dae uma só lição cada anno. Um bom general deve morrer no campo da gloria.»

Volta morreu em 1827.

O retrato do sabio italiano é das *Grandes Invenções*, de Luiz Figuier, edição da casa Chardron.



VOLTA

ZAMPERINI

Pelo anno de 1775, Zamperini, a gentil actriz da Opera, ao retirar-se de Lisboa por mar, de tal maneira ficou atterrada com uma horrivel tempestade, que accommetteu o navio, que caiu em um estado de insensibilidade do qual ninguem foi capaz de a tirar.

Chegada a Veneza, ao seio da sua extremosa familia, prestaram-lhe todos os soccorros, que pode suggerir a medicina, porém inutilmente.

A formosa Zamperini comia, bebia, dormia e desempenhava todas as funcções da vida animal; porém não conhecia pessoa alguma, não se interessava por ninguem, tudo despresava e aborrecia; parecia immersa em um estado de profunda estupidez.

Alguem se lembrou de tocar piano estando ella presente. De repente a doente estremece, commove-se, e pouco depois parece animar-se, a ponto de tomar parte na musica, e até cantar as arias de que mais gostava. Isto repetiu-se muitas vezes durante seis mezes e sempre com os mesmos symptomas e effeitos.

A' primeira vista tomal-a-iam por uma louca. Quando alguem se approximava do piano, e mal principiava a tocar, de repente a sua physionomia mudava completamente, e, insensivelmente, começava a cantar com uma expressão,

mimo e bravura como nunca. Um momento depois recaia no mesmo estado de insensibilidade.

A esposa de Durazzo, embaixador de Austria em Veneza, teve a curiosidade de a ir ver, e ficou tão magoada e enternecida com o seu estado, que a levou para casa, e á força de cuidados, de soccorros medicos, d'uma dedicação sem igual, e sobre tudo de musica, teve ao cabo de dous annos de incessantes trabalhos, a satisfação de ver a joven e meiga Zamperini restituida ao seu primitivo estado de saude, e podendo continuar a ceifar louros na sua brilhantissima, poré n ardua e espinhosa carreira.

Em 1778, Zamperini appareceu no palco do theatro de Veneza, obtendo o mais esplendido successo e sendo saudada com phreneticas acclamações de admiração, sympathia e affecto.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

XXV

(Continuação)

Em seguida o dedicado medico disse a Jorge que o esperasse, e voltou para junto de Ernesto. Este tinha expirado momentos antes. O padre havia sahido.

O medico, achando o quarto deserto, dirigiu-se para a sala, onde ainda se encontravam Paulo e o capitão.

—Como está Jorge? perguntou Motta, apenas avistou o facultativo.

—Está muito doente, respondeu este com voz commovida. A fadiga da longa viagem, e agora este profundo golpe, prostraram aquella organisação delicada. Vou receitar-lhe alguma cousa calmante, para ver se diminue a febre, que é intensa, e como o meu ministerio me chama a outras partes, peço a qualquer dos senhores que véle quanto possa por Jorge, que não póde ficar entregue aos cuidados d'uma criada.

Ditas estas palavras, escreveu uma receita em um fragmento de papel, que collocou sobre uma meza, despediu-se de Paulo e Motta e retirou-se.

Eram dez horas da noute. Paulo sahiu tambem, e Motta dirigiu-se para o quarto onde Jorge se achava.

O mancebo, em consequencia da extrema fadiga e das violentas commoções por que passara, tinha adormecido; mas o seu somno era perturbado por pezadelos.

O capitão velou junto da sua cabeceira até altas horas, e só quando o viu mais tranquillo é que sahiu.

XXVI

Ao cabo de quinze dias de uma perigosa febre, que, por vezes, o tivera á beira da sepultura, Jorge, graças á solicitude dos seus amigos e á virtude dos medicamentos, erguia-se do leito pela primeira vez.

O seu primeiro cuidado foi correr á camara onde seu pae fallecera. Ahi, volvendo os olhos em torno de si, entristeceu-o aquella solidão, assomaram-lhe as lagrimas aos olhos e cahiu de joelhos defronte de uma imagem do Christo crucificado, que pendia da parede por sobre o leito onde seu pae exhalara o derradeiro suspiro.

Curta, mas fervente oração, lhe sahiu dos labios. Orou pelas almas de seus paes e pediu resignação para os seus dolorosos soffrimentos. O dôce rosto do Christo como que perdeu aquella severa tristeza que lhe é peculiar. Pareceu ao mancebo que n'esses labios divinos se deslisara um sorriso de ineffavel bondade.

Ergueu-se satisfeito. E' certo que a oração derrama um balsamo salutar no coração dos que soffrem.

Em seguida Jorge sahiu d'aquelle aposento de tão caras e, ao mesmo tempo, pungentes recordações, e dirigiu-se para o seu quarto.

As suas bagagens ainda estavam intactas.

O mancebo abriu uma das malas e tirou de dentro a roupa e objectos que ella continha e começou a collocal-os nos logares proprios.

Depois de haver disposto por elles esses objectos todos, continuou a praticar de igual forma com o resto da pequena bagagem que o acompanhara do Brazil.

Sobre uma das malas achava-se collocado o casaco que Jorge trouxera vestido na viagem. Quando o mancebo o saccudia para o pendurar em um cabide, cahiu-lhe d'uma das algibeiras um pequeno pacote que lhe despertou a attenção. Abaixou-se para o apanhar e ficou surpreso vendo o que era.

—E sem me lembrar d'isto! Como pude eu esquecer-me de D. Adelina, e d'este objecto que tão mysteriosamente me foi entregue!

Ditas estas palavras, deixou interrompida a sua tarefa de arrumação e dirigiu-se para o seu quarto. Chegado ali, cerrou a porta, sentou-se em uma velha cadeira de couro, junto d'uma meza, e abriu o pacote a que nos referimos.

Dentro encontrou uma carta e uma pequena caixa forrada de velludo. Jorge sentiu tão vivamente despertada a curiosidade, que antes de passar a ler a carta, abriu a caixa. Continha ella uma photographia representando o gracioso busto de D. Adelina. O retrato estava encaixilhado em uma esplendida moldura de madreperola, cravejada de pedras preciosas symetricamente dispostas.

A vista d'aquelle retrato, copia fidelissima do original, trouxe pungentes e, ao mesmo tempo, saudosas recordações ao espirito de Jorge. O mancebo collou os labios ao retrato, com o mesmo ardor e enthusiasmo, com que beijaria a candida fronte da infeliz brazileira.

A serie de factos que haviam tido logar entre a esposa de Francisco d'Almeida e Jorge fizera nascer no seio do mancebo uma viva sympathia por aquella mulher ingenua e apaixonada, sympathia que mais tarde, se o não era já, se poderia transformar em um outro affecto mais ardente.

Jorge tornou a guardar o retrato na caixa, collocou esta em uma gaveta da mesa, e passou a ler a carta, que era concebida nos seguintes termos.

(Continua) ALBERTO CARLOS

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

COM OS RUMES

(3 DE FEVEREIRO DE 1509)

(EXCERPTO)

—

(Conclusão)

A ancia de vingar o filho despertara na alma de D. Francisco de Almeida o fogo juvenil; mas vendo que a rasão estava do lado de Nuno Vaz, porque elle como general não devia expor-se senão quando as circumstancias de todo o ponto o exigissem, conformou-se boamente com a opinião dos seus.

Decidiu se na ordem do combate que o viso-rei, na sua náu *Flor de la Mar*, fosse tomar a boca do rio, para vedar a saida e a entrada.

Nuno Vaz de Castello Branco e Jorge de Mello haviam de abordar a capitania dos rumes e serem os primeiros no ataque.

Pero Barreto, Francisco de Tavora, Garcia de Soisa, Manuel Telles, etc., cairiam sobre o inimigo como podessem.

Martin Coelho, nos caravellões, e sem dar abordagem, devia jogar com a artilheria, ao passo que João da Nova, no batel *Flor de la Mar*, com um tiro grosso, girando livremente apertaria os mouros.

Passou-se a noute nos preparativos do combate, encommendando-se todos com o fervor religioso proprio d'aquellas epocas e d'aquelles lances, para que Deus se apiedasse de suas almas, quando viesse a morte, que todos tinham tão perto dos olhos.

A 3 de fevereiro de 1509, sob a invocação do glorioso bispo S. Braz, pela volta do meio dia, quando se levantava a viração do mar, que era á pôpa para os nossos, desferindo os estandartes, tangendo as trombetas e os atabales, com os brados costumados:—«Senhor Deus, misericordia! Santiago!»— rompeu o combate.

A primeira banda de desoito peloiros foi a do viso-rei. As caravellas e o batel de João da Nova, apanhando atra-

vessadas as galés dos rumes, romperam o fogo. Nuno Vaz de Castello Branco deu abordagem á capitania dos rumes. N'esse momento o condestavel da náu de Nuno Vaz—João de la Camara—disparou um tiro com tanta felicidade que atravessou de banda a banda a náu inimiga.

Travou-se a lucta peito a peito e a ferro frio.

Era um furacão de carne humana, gotejando sangue venoso e espadanando sangue arterial!

A vantagem em todos os pontos, embora cara, era dos nossos.

Mir-Hocen, abandonando o commando, deitou-se a nado, logrou ganhar a terra e escapou-se a unhas de cavallo.

Estava alcançada a victoria.

A sagacidade de Melequiaz aproveitava-se das circumstancias. Os rumes, que apertados dos nossos no mar se refugiavam em terra, eram immediatamente agarrados por elle para serem entregues, assim que entabolasse negociações com os portuguezes. N'aquelle dia tinham-se feito prodigios de valor, e muitos dos nossos, entre os quaes se contavam fidalgos dos mais decididos, os pagaram com a vida.

Ganha a batalha começaram as transacções com Melequiaz. Não convinha ao viso-rei cair sobre Diu á mão armada, e simulou acceitar os protestos de amisade que o astuto aventureiro lhe fazia, e perdoou-lhe pôr a cidade a ferro e a fogo, por tomar como verdadeiros esses protestos.

Melequiaz foi primeiro que tudo obrigado a entregar os captivos.

A scena em que os captivos que haviam sido companheiros de D. Lourenço no combate de Chaul se apresentam a D. Francisco é uma scena tocantissima!

Alguns d'aquelles braços tinham apertado, de encontro ao peito, o moço moribundo.

De seus labios, com as ultimas palavras do fraterno affecto, tinham recebido o derradeiro suspiro. Ao abraçarem-se no pae do joven e mallogrado heroe, que fôra seu commandante, seu camarada e seu amigo, com voz que só rompe dos labios quando o coração transborda em lagrimas, exclamaram:

—Senhor, nós somos desventurados, que ficamos vivos, não morrendo com vosso bom filho, que está na gloria!

O pranto em borbotões corria pelas barbas longas e brancas de D. Francisco d'Almeida; porém, o rosto e as palavras forcejavam por serem alegres.

Commovedor contraste!

Voltando-se para os companheiros de D. Lourenço, disse-lhes:

—Meus filhos, isso já passou e trespassou minh'alma. (1)

(1) Todas as palavras que tenho posto na bocca dos personagens que figuram n'estas scenas, são textuaes e tiradas da melhor fonte.

Todavia aquelle homem de valor indomavel, de vontade de bronze, achou-se finalmente vencido e aniquilado pela saudade do filho!

Redobrando no choro como uma creança, quando pode conter a força d'aquelle impeto, com o lenço na mão, voltou-se para os fidalgos e capitães, dizendo-lhes estas palavras, que na sua simpleza são a mais verdadeira e pathetica de todas as elegias:

—Ver estes homens me causou lembrança com que a fraqueza da carne não pode resistir á dôr do coração, que deu causa a minhas lagrimas, que até agora, por mór tormento meu, nunca sairam senão esta hora, vendo estes parceiros que foram no convite em que meu filho acabou seus dias, e eu comecei meus males, que me atormentarão até minh'alma apartar d'esta fraca carne, que não tem força contra os trabalhos d'este triste mundo!

Aos annaes da India tinha D. Francisco de Almeida dado mais um dia de gloria; ainda mal que, allucinado pela vingança, o fez seguir de outros dias de cruelissimos e pavorosos morticinios.

Era a vendicta e o espirito da epoca; mas quem escrever a historia imparcial e detida d'este illustre personagem encontrará n'elle dois homens: um até á morte do filho; outro—e bem mudado!—depois do golpe fatal.

Bulhão Pato

PHENIX RENASCIDA

O amor extincto é como a secca planta,
Que o vento frigido inclinou á terra,
E que entre as folhas sem aroma encerra
Occulto germen d'uma nova flor:
Cae-lhe a semente, se a agitou a aragem,
E a rosa murcha reproduz mais linda;
Assim dos restos da paixão mal finda
Verás mais forte renascer o amor.

Ernesto

EXTRAVAGANCIAS HUMANAS

(Conclusão)

Raros em tudo, os tibethanos (chins) distinguem-se tambem na materia gastronomica. E' gente que não tem hora fixa para sentar-se á mesa e come quando tem fome. O seu prato especial é o tsan-pa (farinha de cevada tostada) com queijo, carne e leite. Quando succede haver festa, o ceremonial é digno de mencionar-se. Os convidados sentam-se ao redor d'uma mesa grande, tendo sempre em consideração a posição e a idade de cada um, com as pernas encruzadas sobre tapetes de feltro. O primeiro prato é um tsan-pa rodeado com bocados de manteiga. Come-se, bebe-se vinho, e os assistentes, descobrindo-se, recitam uma oração. Em seguida, repete-se a refeição, e por consequencia mais alguns tragos de vinho se bebem. Vem o segundo prato, que consta de arroz com manteiga e assucar; outra oração, outro ataque ao petisco e outro copo de vinho. Levantam-se os convidados e sahem a passear pelo jardim. E' esta a primeira parte.

Segunda parte: quinze minutos de passeio, no fim dos quaes voltam os convidados á mesa. Terceiro prato: carne de vacca crua, ainda salgada, com pimenta e alho. Terceira oração, novo ataque á carne, ao vinho, e novo passeio.

Terceira parte: outros quinze minutos de passeio, provavelmente para fazer a digestão. Voltam á mesa e apparece o quarto prato, que consta de carne e outros guizados. Outra oração. Todos os convivas se acercam então do paliteiro, e munindo-se cada um do seu palito, arremettem novamente furiosos contra a carne e contra o vinho. Muitos pasteis são então levados ás casas dos assistentes. Estes volvem ao pateo, e como já está proxima a hora de ceiar, tornam a comer. Novas orações, novos pratos, novos passeios; muito vinho e outras bebidas, terminando a festa em baile, e para não faltar tudo, em completa bacchanal.

Teem os chinos uma bebida que é por elles considerada como artigo da primeira necessidade, bebida assás forte, e a que só elles estão acostumados; assim, quando querem obsequiar algum estrangeiro, obrigam-o a provar de dez a doze classes de té como elles lhe chamam, e o infeliz obsequiado, com risco d'elle lhe sair pelas orelhas e olhos, vê-se na coalisação de beber até morrer, porque os chinos são bastante susceptiveis de se zangarem. Demais, homens como elles, acostumados a beber a todas as horas, não acham muito que um pobre estrangeiro cáia extenuado nos braços de Bacho.

Terminaremos o artigo fallando do prato selecto dos battas.

Quando um velho batta está cançado de viver, communica-o a seus filhos e vae-se collocar no sitio mais alto da casa. Immediatamente se approxima do ancião toda a familia: homens, mulheres, meninos, acodem ao sitio onde elle está, e cantam com lugubre som:

—Ja chegou a estação: madura está a fructa: é preciso arrancal-a.

Em seguida descem o pobre velho, e os mais robustos, com toda a semceremonia, descarregam sobre a cabeça do infeliz um golpe mortal. Passa-se então o melhor: a familia trata de comer o moribundo, embora esteja descarnado, com toda a solemnidade que requer o successo.

Depois de sabermos tudo isto, quando ouvimos que um homem, alimentado com boas comidas, se queixa de alterações nos orgãos digestivos, comprehendemos que o estomago dos europeus é o

mais infeliz e o mais vaidoso de quantos existem no mundo.

O RELOGIO DA CATHEDRAL DE STRASBURGO

—

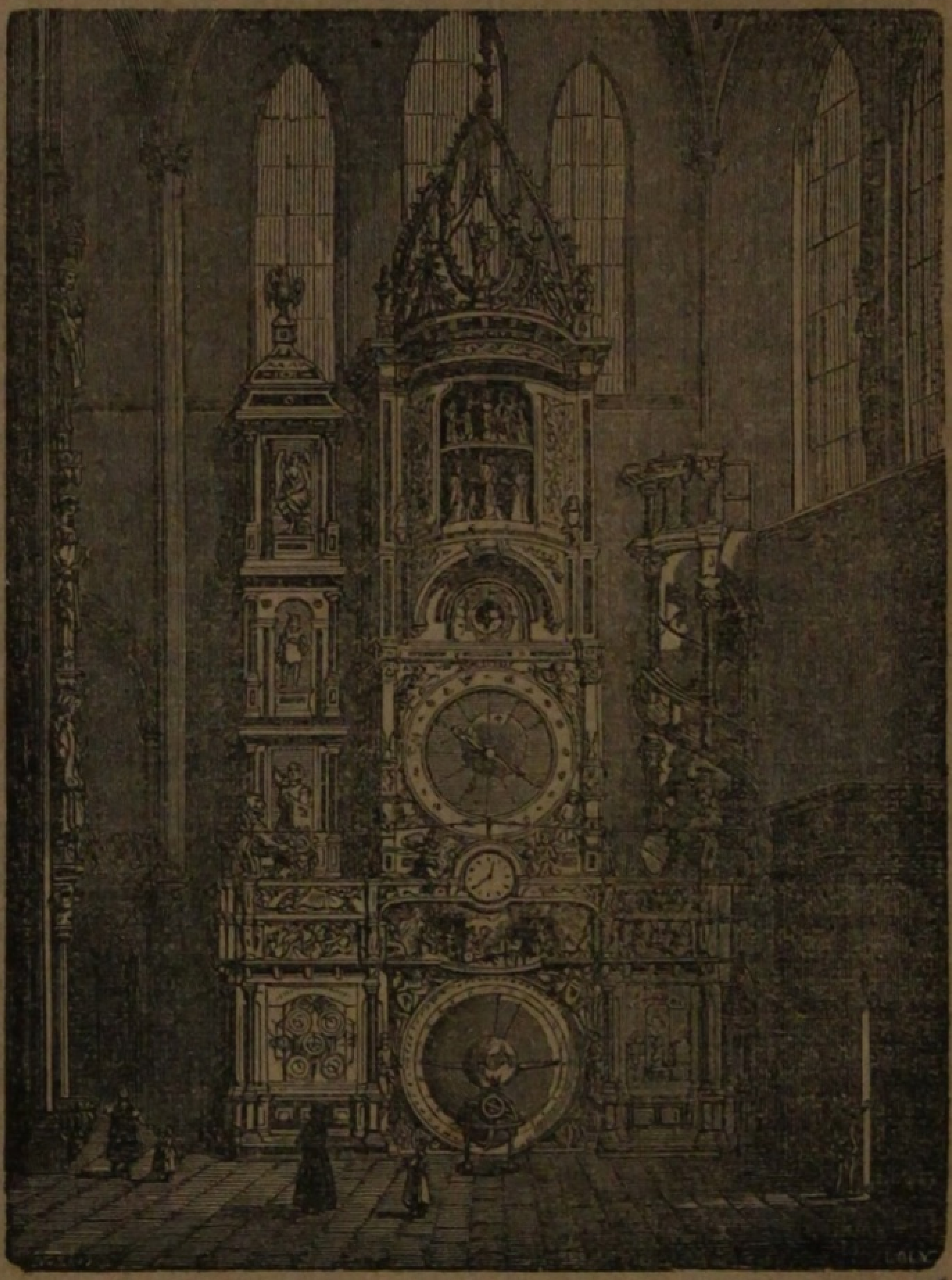
E' ainda uma das maravilhas da celebre cidade que depois de constituir um dos mais virentes florões da corôa de França passou para o imperio allemão em resultado da guerra franco-prussiana, o celebre relogio da cathedral de Strasburgo, cuja gravura apresentamos ao leitor consoante vem nas *Grandes Invenções*, de Luiz Figuier, edição da casa Chardron.

O relogio actual, porém, é uma reminiscencia do que foi nos seculos XVI e XVII, como se póde ver da sua descripção.

Entre outras cousas de veras curiosas contava-se um immenso globo celeste, no qual se notavam tres movimentos bem distinctos: primeiro, o do globo mesmo, que girava de leste para oeste em vinte e quatro horas; o do sol, que gastava um anno em atravessar o signo do zodiaco, e emfim o da lua, que fazia a sua revolução em vinte e oito dias. O machinismo que punha esse globo em movimento estava escondido dentro do corpo d'um pelicano; o polo era indicado por uma estrella de cobre e o zenith por um anjo collocado no meio do meridiano.

Viam-se igualmente dous grandes circulos, sendo um de nove pés, cercando o outro, que tinha oito. O primeiro caminhava de norte para sul; sustentava dous anjos, um ao norte indicando o dia da semana, e o outro ao sul, mostrando o dia que devia vir seis mezes mais tarde. O circulo interior girava de sul a norte, gastando um seculo em voltar ao mesmo ponto. Estavam n'elle representadas varias cousas, como o anno do mundo, o anno de Christo, o cyclo solar, os equinoxios, a mudança dos pontos celestes que se operavam pelo movimento chamado *trepidação*, o anno bissexto, as festas moveis, a letra dominical e o aureo numero. Havia igualmente um index immovel que encerrava todas estas maravilhas para differentes annos: a extremidade inferior do index estava reunida ao seu circulo, immovel tambem, sobre o qual se viam retratadas a Alsacia e Strasburgo. Aos lados do circulo e sobre o muro estavam indicados os eclipses do sol e da lua desde 1573 até 1624.

A terceira cousa digna de menção, era o movimento hebdomadario dos planetas. No domingo via-se o sol guiando o seu carro, e quando o seu giro acabava apparecia a segunda feira, isto é, a lua; os cavallos do carro de Marte mostravam-se em seguida, e assim successivamente até ao fim da semana. A quarta era um mostrador para os minutos. Do lado do norte, um menino com um sceptro na mão avisava da hora que ia soar; do lado opposto estava outro menino mostrando uma ampulheta, que se achava em harmonia com o relogio, e quando a hora soava, voltava a ampulheta. Por cima do mostrador dos minutos estava o das horas. A circumferencia exterior continha as horas e no meio havia um astrolabio mostrando o movimento de cada planeta, o seu aspecto, em que signo, em que grao e a que hora elle estava collocado nas differentes partes do dia. Viam-se da mesma sorte os movimentos do sol e da lua, assim como a cabeça e a cauda do dragão.



O RELOGIO DA CATHEDRAL DE STRASBURGO

Admirava-se ainda um circulo onde estava indicado o levantar e o pôr da lua, assim como o quarto em que ella estava.

Quatro sinetas davam os quartos, as meias e os tres quartos d'hora.

Quando soava o primeiro quarto apparecia um rapazinho, que batia na primeira sineta com uma bola e depois ia collocar-se atraz do quarto, ou ultimo quarto. Então chegava um adolescente, que lançava um dardo sobre duas sinetas e ia esconder-se detraz do rapazito. Ao terceiro quarto um homem armado batia nas tres sinetas com uma halabarda e ia collocar-se ao lado do adolescente. Ao quarto e ultimo quarto apparecia um velho, que batia em quatro sinetas com um pao em forma de gancho. No mesmo momento a morte adiantava-se para bater a hora: fluctuava um pouco sobre as quatro idades afim de apoderar-se d'uma dellas; mas chegava o Salvador do mundo que protegia os mais moços e a morte só podia levar o velho.

Emfim no alto d'este relogio monumental havia uma torre com os seus sinos, que deixavam ouvir uma peça de musica differente ás tres, ás sete e ás onze horas, e nos dias de Pascoa, Natal e Pentecostes tocavam uma peça festiva. Quando a musica cessava, o gallo que coroava a torre estendia o pescoço, abria as azas e cantava duas vezes.

Todo o engenhoso mecanismo d'este curiosissimo relogio estava encerrado na torre, que cahiu em ruinas, e só se restaurou em parte.

E' para notar que foi construido quando a arte da relojoaria ainda estava na infancia, isto é, no meiado do seculo XVI. Foram os auctores dous celebres mathematicos, Dusipadius e Wolkinstenius.

A LITHOGRAPHIA

—

A descoberta da lithographia foi devida ao acaso como muitas outras.

O seu inventor foi Aloysio Senefelder, natural de Praga e corista do theatro de Munich.

Um dia, entretendo-se elle em fazer alguns desenhos sobre uma pedra lithographica, cujas propriedades elle mal conhecia, entrou-lhe a porta a lavadeira, levando a roupa lavada, e, distrahidos um e outro, a lavadeira pousou a roupa, ainda humida, sobre a pedra; quando a levantaram, os desenhos estavam impressos na roupa.

Senefelder nasceu em 1771 e morreu em 1834.

A SOCIEDADE DOS TRES

—

(Continuação)

IX

A CARTA

E' a uma sala elegantemente mobilada do primeiro andar d'um sumptuoso palacete da rua do Gonçalo Christovão que vamos conduzir o leitor.

Meio dia acabava de soar em um vistosissimo relogio que descansa sobre a pedra do fogão, tendo por detraz um custoso espelho, em que se reflete o azul puro do ceo, que uma janella rasgada deixa a descoberto.

A janella está vistosamente guarnecida de flores, cujos aromas se casam com os das exquisitas perfumarias, que, recolhidas em um sem numero de vasos, dispostos artisticamente sobre um elegante toucador, embalsamam o ar que vem do jardim, sobre o qual abre a janella.

A mobilia não pode ser mais rica, nem de melhor gosto.

Junto da janella ha um commodo camapé, forrado de veludo verde, e contigua ao camapé vê-se uma mezinha de pau preto, preciosamente torneada, e sobre a qual estão arrumados alguns livros, uns jornaes illustrados e um cabasinho com cartas e bilhetes de visita.

No camapé está sentada indolentemente uma mulher. E' uma joven de cerca de vinte annos, formosa, respirando *coquetismo*, desculpem a phrase, por todos os poros, isto é, denunciando uma d'estas mulheres, que, sendo bellas, se teem por umas rainhas, cuja belleza deslumbra, seduz, arrebata.

D. Henriqueta tem na mão um periodico de modas e está lendo com especie d'abandono, um artigo em que se descrevem as ultimas *toilletes* de Paris.

Tendo lido uma meia duzia de linhas, atirou para cima da mesa o jornal com um ar de impaciencia febril, levantou-se e dirigiu-se á janella, deitando um olhar furtivo para o espelho quando passou diante d'elle. Depois sorriu, um sorriso de satisfação como quem diz: —«A isto não se resiste!»

E, de facto, o que aquelle sorriso queria dizer era isto:

—Eu sou a mulher mais formosa do Porto!

Realmente D. Henriqueta estava encantadora.

N'este momento bateram á porta do quarto.

—Se fosse o marquez!... pensou comsigo mesmo a formosa e altiva dama.

Em seguida, retrocedendo da janella, de que já estava proxima, perguntou:

—Quem é?

—Um criado de V. Ex.ª, responderam de fóra.

—Ah! E's tu, Fernando! Que pretendes?

—Entregar a V. Ex.ª uma carta que acaba de chegar.

—Pelo correio? perguntou Henriqueta abrindo a porta.

—Não, minha senhora; veio em mão propria, disse o criado fazendo uma profunda venia.

—E disseram de quem era?

—Não, minha senhora. Disseram que era d'uma antiga amiga do collegio...

—Deixa ver.

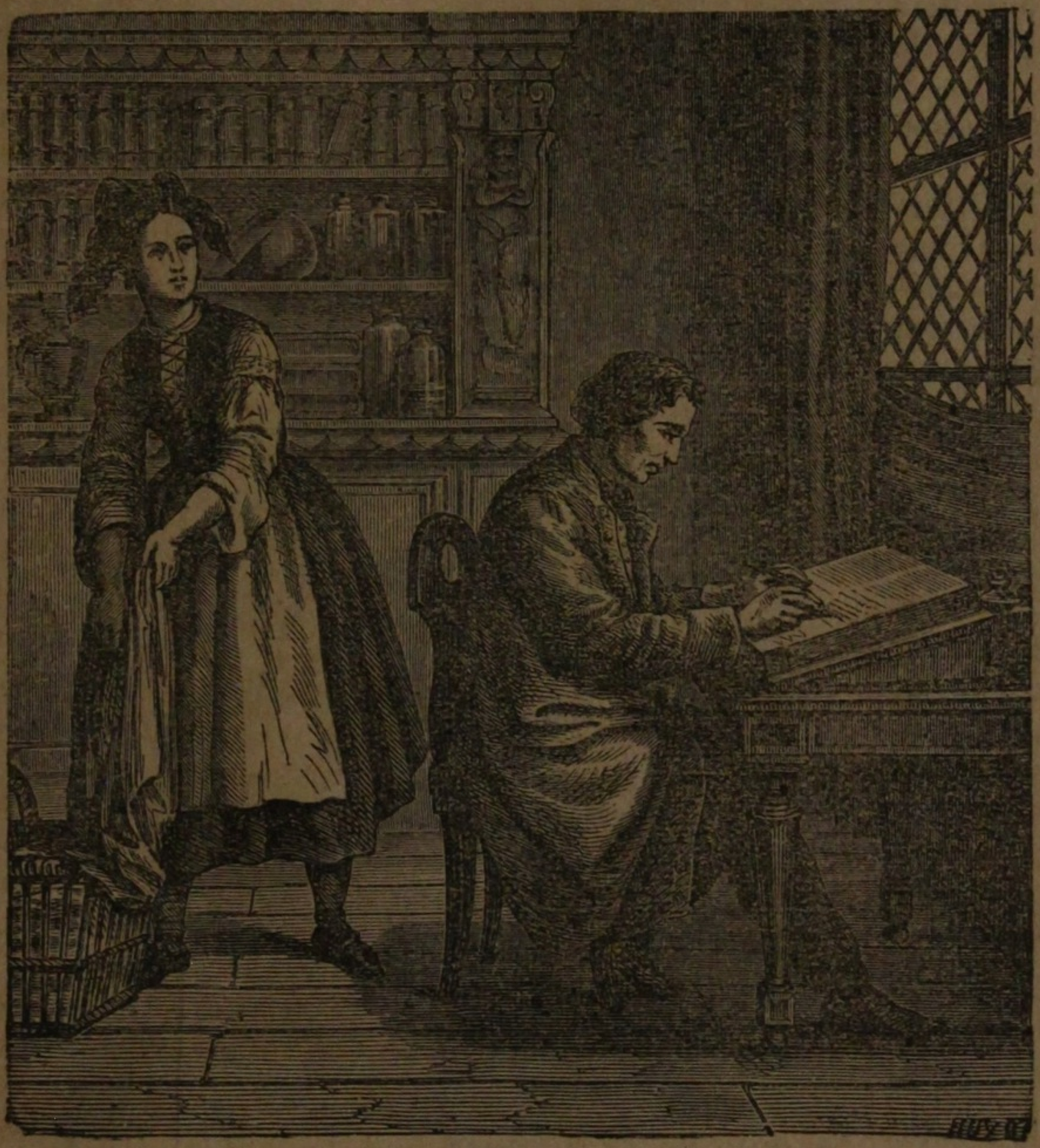
Henriqueta tomou da mão do criado a carta, e abriu-a dizendo ao mesmo tempo:

—Esperam resposta?

—Não, minha senhora. O sujeito que a trouxe apenas a deixou ficar e foi logo embora.

—Bem; podes sahir.

O criado sahiu depois de fazer uma respeitosa reverencia como á entrada.



DESCOBERTA DA LITHOGRAPHIA

Henriqueta, mal abriu a carta, foi ler a assignatura, exclamando em seguida:

—Mathilde do Carmo Pereira!... Este nome não me parece desconhecido. Será d'algum d'esses pobres que eu protejo? Se é, é por força impertinencia.

Sentou-se de novo no camapé, e fincando os cotovellos na mesinha contigua, leu o seguinte:

—«Minha querida e velha amiga.

Ergueu a cabeça e disse mentalmente:

—Se é para pedir esmola, não está mau o tratamento.

Em seguida tornou a lançar os olhos para a carta.

—«Minha querida e velha amiga. Aposto que já não te lembras de mim. Eu sou aquella Mathilde, que era a tua melhor amiga no collegio de D. Joanna. Lembras-te?

Deixando cahir o braço que sustentava a carta, Henriqueta olhou para o espelho e disse:

—Será por ventura a Mathilde, filha do major reformado do Poço das Patas? Mas continuemos.

E continuou a ler:

—Lembras-te da nossa antiga amisade, dos nossos innocentes brinquedos, das horas deliciosas que passavamos juntas?.

Interrompendo de novo a leitura disse:

—E' ella. Não me enganei.

(Continua)

A CASTELLÃ

(Continuação)

III

E' uma noute tormentosa. A sentinella do castello solta de tempos a tempos a voz de alerta, que se vae repercutindo a impulsos da ventania, que muge surdamente na visinha floresta. Grandes nuvens rolam pelo espaço, por sobre as elevadas montanhas ribomba o trovão como presagio de proxima tempestade.

Acham-se levantadas as portas levadiças; todas as precauções foram tomadas; as rondas circulam pelos muros exteriores e os aldeãos que vivem sob a protecção da fortaleza de Monforte, cheios de profundo terror, não se atrevem a abrir as portas de suas cabanas.

No entretanto ainda não tinha soado a sineta do castello, annunciando a hora de deitar.

A condessa Alda entrou na grande cosinha do castello, onde ardia um grande fogo no espaçoso lar. A mesa estava posta e fumegavam os delicados manjares.

O esmoler achava-se ao lado da castellã.

A' cabeceira da mesa ha duas grandes cadeiras de carvalho. Na da esquerda está sentada a dama; a da direita acha-se vasia ha tres annos: é o assento do conde.

Ha um presentimento triste no coração da nobre dama: obedece ao habito mais do que ao desejo de satisfazer uma necessidade. A noute intristece-a, o tem-

poral aterra-a, a agitação do seu espirito domina-a inteiramente.

O senescal da fortaleza, que é o que dá as ordens a toda a criadagem, inclina-se diante da ama e a sua vara branca indica que a ceia principiará quando ella o ordenar.

A castellã olha para o sacerdote e solta um ai que a todos commove.

IV

A condessa sentia-se desfallecer. Depois de contemplar o rosto sereno e venerando do religioso, encarou com infinita tristeza a cadeira que tinha ao lado.

—Pobre esposo! murmuram os seus labios.

Mas bem não acabara de pronunciar esta phrase, cheia dos mais elevados sentimentos, quando o som pavoroso de uma bozina se fez ouvir do lado de fóra do castello.

E' algum viandante que pede hospitalidade.

A condessa manda suspender o serviço da ceia e ordena ao senescal que vá informar-se de quem chega á fortaleza de Monforte, e este funcionario, em cumprimento do seu dever, sae da sala. Quando volta, a condessa, que passara momentos de cruel anciedade, pergunta:

—Quem chama ás portas do castello de Monforte?

-Um trovador, senhora, que pede hospitalidade, respondeu o senescal.

—Um trovador! exclama a condessa. Oh! Que desçam immediatamente a ponte do castello e conduzi-o á nossa mesa. Talvez esse mensageiro nos traga noticias de meu esposo.

Suspende-se a ceia e todos esperam com anciedade a chegada do forasteiro.

V

O trovador apresenta-se emfim á porta da grande cosinha feudal, e todos fixam n'elle os olhos.

E' um arrogante mancebo. De physionomia nobre e pensadora, inclina a cabeça em signal de veneração e fixa o seu olhar profundo no palido rosto da condessa.

Na mão direita sustenta a gorra, adornada com duas ou tres plumas de galo selvagem; a esquerda impunha o braço d'um alaude, cuja caixa pousara sobre uma das cadeiras; emfim o seu trajo, coberto pelo pó dos caminhos, apresenta o gosto mais elegante e apurado.

O seu rosto expressivo, bello, triste e scismador, é d'uma pureza perfeita, e tem a estatura alta e distincta.

Depois d'inclinar-se, caminhou resolutamente para o sitio onde se achava a nobre dama, dobrou ahi novamente o joelho e beijou-lhe a ponta do vestido.

A condessa disse-lhe:

—Vindes talvez fatigado; tomae assento á mesa.

O senescal collocou o trovador ao lado do esmoler e deu-se principio á ceia.

Durante a refeição, os olhos do recem-chegado encontram-se mais d'uma vez com os da condessa. Parece que esta o interroga com a alma e elle responde com a dôr.

(Continua)

SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
—Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me a chamma sublime
D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
N'um sorrir?
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!

E depois se eu te repito,
Que n'esse instante maldito
—Sem querer—
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos,
Mostrando gosos infindos,
Só dos ceos!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo— sem vontade—
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu déra até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdoa um erro innocente,
Minha flor!
Seja grande embora e crime
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem— sem vontade—
Só peccou:
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui 'stou:

Prender-me n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão;
Amena com gesto altivo...
Que te beija este captivo
Essa mão!

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura,
Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só!

C. d'Abreu

MYTHOLOGIA VEGETAL

(Conclusão)

A floresta de Dodona, em Epiro, continha um oraculo dos mais famosos da antiguidade; era dedicado a Jupiter. A' sombra dos negros ramos, que nunca viam o sol, viviam sacerdotizas, que não communicavam com nenhum mortal. Erguia-se no meio do bosque temivel um carvalho immenso, a que davam o nome de arvore *fatidica*. As sacerdotizas interrogavam o ruido do vento por entre as arvores e cuja voz se casava com o som d'umas campainhas de bronze suspensas dos ramos, assim como consultavam igualmente o canto das aves, interpretando as prophecias, a que o povo prestava uma fé cega.

A floresta de Erymantho, os bosques de Idalia, de Cythera, de Paphos e muitos outros, eram alvo de terror e de veneração dos gregos.

Na historia da Roma antiga encontram-se os mesmos usos e as mesmas crenças. As Gallias e a Germania cobriam-se de florestas impenetraveis, onde os druidas tinham estabelecida a sua residencia. Era ali que se erguia o carvalho sagrado, dedicado ao deus Thor, e diante de cujo altar effectuavam os mais crueis sacrificios humanos os sacerdotes e sacerdotizas, coroados de verbena. Todos os annos se realisava a colheita do visco sagrado, com uma pompa desusada.

Os povos pronunciavam com terror o nome da floresta de Irminsul, na Germania. As suas arvores eram alvo de veneração geral; no centro via-se a arvore do deus Irminsul, vestido de guerreiro saxão. Era ali que se preparavam as expedições militares. Foi necessario que Carlos Magno, no anno de 772, destruisse a estatua e tomasse conta da floresta e do castello que a defendia, para tirar aos germanos a firme crença no poder do seu idolo.

Approximando-nos dos tempos modernos, não vemos no Oriente, e tambem no centro da Europa, as plantas servindo á manifestação de sentimentos de toda a ordem? Na Asia, os *selams*, ou ramos de flores symbolicas, servem para a correspondencia amorosa; são a um tempo portadores d'uma oração, de um protesto, da esperança, da saudade ou da desesperação.

Na idade media as castellãs bordavam flores nos laços dos cavalleiros esforçados, que combatiam pelo triumpho das côres escolhidas. Tolosa tornou-se

notavel pelos jogos floraes, que era o culto perpetuo das flores fallantes. Ophelia, arrastada pelas agoas d'uma corrente, morre desfolhando as flores que havia colhido na margem, e a doce castellã, cujo marido brutal quer impedir a caridade, vê o pão do pobre mudar-se em rosas odoriferas.

As ondinas do norte, as kurrigans da Bretanha, de que fallam as legendas, dansam ao clarão da lua sobre os prados em flor, e no dia seguinte o solo via-se juncado de petalas das margaridas brancas que aquelles leves sylphos desfolhavam ao dansar.

E' superfluo citar mais factos em apoio do papel que em todos os tempos representaram as plantas na historia das crenças, superstições e sentimentos da humanidade. O que de tudo quanto deixamos dito resulta é que a lingoagem symbolica das flores pode considerar-se um culto, consagrado pela superstição popular, e d'este culto, que remonta á mais alta antiguidade, que nasceu com as proprias sociedades, e muitas vezes, sob uma forma futil, occulta uma origem seria que escapa em principio a toda a analyse, resulta uma especie de mythologia, que bem se pode denominar mythologia vegetal, porque liga aos vegetaes poderes similhantes aos dos deuses da antiguidade.

Já não fallamos da alcoxofra desfolhada na noute do S. João, ou do alho enterrado na terra, por onde pode saber o namorado se casa ou não n'esse mesmo anno. Diremos que a lingoagem das flores é conhecida desde a mais alta antiguidade, e que um ramo, dado ou recebido, fallará sempre ao coração e á imaginação. A cada flor anda ligada uma ideia de que é inseparavel: a rosa significará sempre belleza, a violeta modestia, a açucena magestade, a sensitiva pudor, assim como o carvallo será o emblema da força, o cypreste o da saudade e a oliveira o da paz.

OS INGLEZES NA INDIA

Sob o nome de India ingleza conhece-se um immenso territorio asiatico, cuja superficie se pode calcular em quatro mil kilometros quadrados. Todo este immenso territorio está submettido ao dominio da Inglaterra. Uma parte pertence directamente á corôa e o resto depende da Companhia das Indias Orientaes.

As possessões da corôa são a ilha de Ceylão, no Industão, o governo de Wellesley, a ilha de Puolo-Pinang e Singapura, na Indo-China. A Companhia das Indias possue o resto, e forma, sob o nome de imperio anglo-indiano, uma vasta empreza commercial e militar, dividida em presidencias ou governos, tendo subditos immediatos e estados vassallos e tributarios:

A origem da Companhia das Indias remonta ao anno de 1599. Vamos dizer como ella conseguiu introduzir-se n'aquelle paiz e abraçar tamanho poder como o que hoje domina quasi a India inteira, com grave detrimento dos interesses das outras potencias, e com especialidade dos interesses de Portugal, pois, como se sabe, fomos nós os que primeiro conquistamos territorios n'aquella parte do mundo, onde hoje quasi só temos uma auctoridade nominal.

Nos fins do seculo XVI o commercio da India era quasi um monopolio dos portuguezes. A Inglaterra, sempre invejosa e egoista, meditou tirar-nos das mãos aquelle poder que tanto nos custara a alcançar. Para ensaiar o commercio na India formou-se em Londres em 1599 uma companhia de negociantes, sob a denominação de *Companhia reunida dos mercadores e traficantes das Indias Orientaes.* A primeira expedição constou d'um só navio; mas a viagem foi feliz e o resultado satisfez plenamente as ambições britanicas.

Então aquelle punhado de aventureiros não pensou só em commerciar tranquilamente com os simples habitantes da beira-mar; tratou d'adquirir terreno e foi entrando pelo interior das terras, levando a audacia a ponto d'atacar os indigenas para os expulsar do paiz, onde tinham entrado sob o falso pretexto de promoverem o seu bem-estar. As primeiras feitorias inglezas foram estabelecidas em Achin (1602), na costa do Malabar, onde os portuguezes tinham os melhores estabelecimentos (1612), e finalmente em Bengala (1634).

E' digna de contar-se a maneira como os inglezes conseguiram apoderar-se da riquissima provincia de Bengala.

No principio do seculo XVIII, reinando Aureng-Zeb, um neto d'este principe, de nome Azin-Ouchan, que então desempenhava o cargo de governador de Bengala, desejando ter alliados poderosos para depois se declarar independente, alliou-se com os inglezes, que por esse tempo principiavam a estender-se por diversos pontos da Asia, e abandonou-lhes Calcuttá, assim como outras partes do seu territorio, deixando os até fortificar-se. Azin morreu em uma batalha contra os seus irmãos, e Mourched-Kulikan, que fôra mandado contra elle, apoderou-se da provincia e declarou-se independente. Mais tarde os seus successores quizeram oppor-se ao estabelecimento dos inglezes, mas em 1757 Seradj-Eddaulah foi derrotado depois de ter obtido algumas victorias importantes, e teve de submetter-se ás condições que o vencedor lhe impoz.

Seradj foi assassinado e os inglezes arrogaram-se o direito de designar o successor, que não conservou mais do que uma sombra de poder. Desde então os inglezes commerciaram com o throno de Bengala, recebendo da mão dos pretendentes sommas enormes, até que Morgas-Schah-Alem, que foi um dos ultimos reis d'aquella nação, não tendo dinheiro para dar, cedeu todos os rendimentos do paiz aos inglezes, mediante uma pensão annual de tres mil contos de reis, e desde esse momento ficou subsistindo o costume de darem uma pensão a todos os seus successores; mas esta pensão foi diminuindo gradualmente até acabar de todo.

Em 1690 fundou a Inglaterra a primeira estação militar na India; foi o forte William, na margem direita do Hougly, uma das embocaduras do Ganges. Este estabelecimento, apesar de situado em um territorio insalubre e humido, tornou-se uma das mais opulentas cidades do mundo e chama-se hoje Calcuttá. Foi a cidade cedida por Azin-Ouchan.

Comtudo as conquistas foram a principio lentas e custosas. A companhia não só tinha rivaes nas outras companhias europeias, mas contava adversarios muito temiveis nos mahrattas, no Nizam, ou principe do Dekhan, primeiramente logar-tenente do grande Mogol e depois soberano real de todos os estados usurpados por elle ao mesmo imperador; o regente de Mysore, o celebre Hayder-Ali, appellidado o *Grande Frederico do Leste*, foi tambem um dos mais implacaveis inimigos que a Inglaterra teve na India. Mas a poderosa organisação da companhia e a solidariedade do governo inglez fizeram-a triumphar de todos os obstaculos.

Não fomos nós os portuguezes que fizemos frente ao movimento usurpador da Gram-Bretanha; o nosso immenso imperio do Oriente declinou por essa epoca até acabar de vez. Foi a França, que já ali tinha entrado, que veio ás mãos com a sua poderosa rival d'além da Mancha. Mas a sangrenta lucta entre os governadores francezes Dupleix, Bussy, Lally-Tollendal, La Bourdonnais e os governadores inglezes Lord Clive, Warren, Hastings e o feroz Matthews, terminou com o triumpho das armas inglezas, que d'ali em diante só tiveram a combater com os indigenas.

As possessões francezas da India já então eram muito importantes. No tempo de Dupleix comprehendiam toda a costa e o paiz dos Circars, desde a foz do Kistuah até á do Mahanaddy, e a maior parte da de Coromandel, e a sua influencia estendeu-se em breve tempo por sobre toda a parte central e oriental do Dekhan. Dupleix, que não passava de director da feitoria de Chandernagor em 1730, foi o fundador e principal sustentaculo d'aquella bella colonia, que durante muito tempo contrabalançou a influencia ingleza, e a supplantaria por certo se o rei de França não fosse um Luiz XV. Mas, chamado á metropole em 1754, por um espirito de mal entendido ciume, teve por successor o celebre Lally-Tollendal.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XLII

O SAHARA

Desde Cabo Verde até ao Nilo, desde Niger ao Atlas, um immenso tapete verde desenrola-se por toda a Africa. O Atlantico, com as suas ondas alterosas, o Mar Vermelho, o Mediterraneo, desenham essas planicies liquidas e espelhentas ao redor d'esse outro oceano de ondas d'areia, chamado o deserto do Sahara.

O sol abrasador do tropico enche a atmosphera d'um vapor irrespiravel. O leão do deserto e a panthera só perturbam com os seus rugidos o silencio d'aquella arida solidão.

Desgraçadas das caravanas se acertam passar quando soprar o *simun!*

—Allah, protege-nos! exclama o camelleiro nomada, anhelante, exausto, espirante.

Bandos de antilopes, de abestruzes, fogem espavoridos á approximação do terrivel inimigo de tudo o que vive. Aquelles bosques copados, aquelles vergeis deliciosos, as fontes tentadoras que lhe sorriem lá ao fundo e para o qual elle caminha, não passam d'effeitos da miragem.

O animal mais util do Sahara é o camello, ao qual os viajantes chamam o *navio do deserto.*

As tribus que passeiam as suas tendas através d'esse inferno, conhecem no meio d'elle alguns oasis, com agoas frescas e vegetação deliciosa. Os *tuaregs*, que eram outr'ora umas tribus de salteadores e são hoje alliados da França, indicam-nos alguns no centro mesmo do deserto: Ghat, Ahir e Asbon; a leste, Bilma e Gonda; a oeste, Tuat e Taghazay.

O Sahara, que é o maior deserto do mundo, confina com a Senegambia, o Sudão, o Oceano Atlantico, os estados Barbarescos, a Nubia e o Egypto, e comprehende um territorio de quatro milhões de kilometros quadrados, habitado por cerca d'um milhão de habitantes.

Alguns viajantes mais atrevidos deram-nos noticias d'esse paiz, habitado por tribus nomadas, arabes, mouros, tuaregs, tuats, tibbus, etc. Parte dos habitantes do deserto são pastores; mas na maioria as hordas errantes são ladrões, que assaltam as caravanas.

ESTATUA DE SENEFELDER

Crê-se que o Sahara é o leito d'um antigo rio, que desappareceu em resultado d'uma commoção geologica.

Visitemos agora o Sudão, pais conhecido igualmente pelo nome de Nigricia, do latim *niger*, negro. E' uma vasta região no centro da Africa, onde existem os rios e lagos mais importantes d'este continente.

Nos ultimos setenta annos o interior da Africa tem sido explorado por viajantes atrevidos, muitos dos quaes morreram assassinados pelos indigenas, ou victimas da fadiga e do calor. Citáremos os nomes de Caillé, Clapperton, Livingston, e, entre os mais modernos, Stanley, Cameron, e os portuguezes Serpa Pinto, Capello e Ivens. E' certo, porém, que já os portuguezes nos seculos XV, XVI e XVII tinham percorrido e explorado o centro da Africa, e esta gloria é que os estrangeiros não nos podem arrebatar, como a tantas outras que fallavam dos nossos feitos n'aquellas regiões inhospitas.

(Continua)

ZIG-ZAGS

TENACIDADE

E' o nome que se dá á resistencia que os corpos oppõem aos esforços tendentes a rompel-os.

Calcula-se que um fio de ferro de dous milimetros de diametro pode supportar sem se romper um peso de 250 kilogrammas; sendo o fio de cobre pode supportar 137 kilogrammas; de platina, 124; de prata, 85; de ouro, 68; de zinco, 50; de estanho, 15.

IMMENSIDADE

Immensidade é a grandeza infinita e sem limites.

Os ceos que apresentam a olho nu essa inumeravel quantidade d'estrellas, além das quaes o telescopio faz descobrir quantidades mais inumeraveis ainda, e onde a nossa imaginação pode ir sempre em progressão, suppondo a existencia d'outros globos luminosos, são o bastante para nos darem uma ideia da immensidade.

Em estylo figurado, dá-se o nome de immensidade ao Oceano, cuja extensão a imaginação humana difficilmente avalia.

EXPEDIENTE

MUITA ATTENÇÃO

Já se acha reimpresso o numero 1 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Na semana proxima ficará reimpresso o numero 5, entrando no prelo logo em seguida o numero 6, etc.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos em enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa das contas.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 51

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis: provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 18 DE AGOSTO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— O barometro — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — O invalido (poesia) por J. A. de Santanna e Vasconcellos — A sociedade dos tres (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Sudão — Os inglezes na India — O Monomotapa — Camões e o Oriente (excerpto) por Edgard Quinet — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Soneto, por Annes Baganha — A castellã — Os homens uteis de todos os paizes: Christovão Colombo — A toutinegra costureira, por Abel M. — Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— O barometro — Preparação do gaz de illuminação — Laboratorio ceramico em Dresde.

O BAROMETRO

Sería suppor os nossos leitores muito destituidos de conhecimentos, ainda os mais rudimentares, dizer-lhes que o barometro é um instrumento, composto d'um tubo de vidro cheio de mercurio, fixado sobre uma lamina de madeira, graduada, e destinado a indicar as differentes mudanças da atmosphera.

Foi Torricelli, sabio italiano, que o inventou em 1643. Muitos outros sabios, depois d'elle, teem feito curiosas experiencias com este instrumento. Um d'elles foi Perier, que está representado na gravura, medindo a altura do mercurio na fralda do monte do Puy de Dome.

O BAROMETRO

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXVI

(Continuação)

Eis o que dizia a carta:

Snr. Jorge de Castro

«Escrevo-lhe prostrada no leito da dôr, ardendo em febre e derramando lagrimas.

«Ha de encontrar, por certo, muitas incoherencias n'estas phrases que lhe dirijo; mas não se admire d'isso, porque o meu estado febril e o continuo receio de ser surprehendida por meu marido me perturbam demasiado.

«E' mais de meia noute. Meu marido recolheu-se aos seus aposentos. Tenho junto a mim uma criada, que, felizmente, dorme, deixando-me assim a liberdade de entregar-me a esta dolorosa e, ao mesmo tempo, doce occupação.

«Como já deve suppôr, viu-nos na gruta, e ouviu o nosso colloquio. Foi isso o que o levou a espiar-me os passos ulteriores, e a praticar a violencia de que fômos victimas.

«Sinto que v. s.ª soffresse tão gran-

de desgosto por minha causa e lamento a infelicidade de meu desgraçado esposo, mais do que a minha propria desventura. Não sei se terei forças para resistir a tanto.

«As exprobrações, as amargas censuras, os pungentes sarcasmos, as crueis ironias que elle me dirigiu em seguida á triste scena de hontem, aggravaram o meu melindroso estado. Receio muito que esta febre ponha termo á minha existencia, ou me aniquile a rasão.

«Estou á beira d'um abysmo. Pensar em qualquer das cousas é-me sobre modo doloroso. A' loucura fôra preferivel a morte; mas não posso deixar de horrorisar-me pensando no anniquilamento, agora que no seio se me ateou a chamma de um ardente e primeiro amor!

«Faço-lhe estas confidencias porque o julgo um cavalheiro, que, embora me não ame, jámais será capaz de escarnecer da minha sincera credulidade.

«Imagino as impressões que receberá ao ler-me; foi por isso que pedi a Bernardo lhe recommendasse com instancia que não abrisse o pacote senão em Portugal. Creio na nobreza dos seus sentimentos. Receei que o ardor da mocidade e a generosidade do seu coração o levassem a alguma imprudencia, lendo a minha carta perto de mim.

«Agora, que já deve ter transposto a immensidade dos mares que separam os dous continentes, agora que já se não expõe a novos desgostos por minha causa, não receio abrir-me comsigo.

«Sei que o aflijo muito; mas tenho certo o perdão, porque sei que comprehende o allivio que sente um coração attribulado quando depara com um ente generoso, que compartilhe das suas magoas.

«Sou digna de compaixão. A minha existencia é dolorosa. O dever manda abafar as vozes do coração. Choro a sua sahida, e, no entanto ella foi providencial, pois veio por ventura obstar a novos e mais pungentes desgostos.

«Faço votos por que seja feliz no seu regresso á patria e peço-lhe que me não julgue uma mulher vulgar. Não se esqueça de mim!...»

Aqui havia uma pequena interrupção na escripta e viam-se claramente vestigios de lagrimas. O que seguia era escripto com caracteres tremidos, e em phrases que denotavam uma grande exaltação febril.

Terminava a carta da forma que segue:

«Pode ser que quando leia estas linhas eu tenha deixado de existir; no entanto escreva-me duas linhas, porque se eu escapar, ainda terei summo praser em saber novas suas.

«Adeus. Não tenho cabeça para mais. Creia na profunda estima da infeliz que se chama

Adelina de Almeida»

Jorge, quando acabou de ler esta carta sentimental, estava commovido em extremo.

—Pobre senhora! exclamou elle, firmando os cotovellos sobre a mesa e pousando a cabeça na mão em ar de meditação. Era mais de meio dia. A criada abriu de mansinho a porta e appareceu com uma tijela em um prato e o guardanapo.

—Snr. Jorge, deixe-se d'essas tristezas; tome o caldinho de gallinha, e depois venha passear um bocadinho para a varanda. Está um dia tão lindo. Não corre aragem!

E a velha Jacintha, que tinha amor de mãe a Jorge, dirigiu-se para elle com ar carinhoso e collocou sobre a mesa a resumida baixella onde se continha a parca refeição do convalescente.

Jorge, ao ouvir aquellas palavas proferidas em tom carinhoso, ergueu a cabeça, sorriu em ar de agradecimento para a boa Jacintha, e, depois de haver arrecadado cuidadosamente a carta, dispoz-se a principiar a sua refeição.

(Continua) ALBERTO CARLOS

O INVALIDO

Perdi a força dos braços,
Arrasto a vida a gemer;
Mas no peito guardo os traços
Do que já soube fazer.
Tenho a vista já cançada,
A mão direita cortada;
Agora mal vejo a espada
Que out'rora sabia erguer!

Maldita seja a saudade
Que tenho no coração!
E' mania d'esta idade
Fallar dos tempos que vão.
Mania!... não, que a memoria
D'uma manhã de victoria
Inda me inflamma de gloria
Como se inflamma um vulcão!

Este mundo d'hoje é novo,
Não n'o posso avaliar;
Soldado filho do povo,
Nunca o soube guerrear!
Que sempre julguei crueza,
Devendo dar-lhe defeza,
Contra as leis da natureza,
I-lo sem dó fuzilar!

Soldados vindos de fora
E' outro caso... esses sim!
Guerra civil como agora
Não me fallem n'ella a mim,
Que antes me q'ria sujeito
A ser em postas desfeito,
Do que luctar peito a peito
Com portuguezes assim!

Bandeiras por mim tomadas
A francezes que matei,
Nunca as eu trouxe contadas;
Foram muitas... não n'as sei!
As f'ridas sim, que não mente
Tanto golpe aqui na frente;
Levei-as como valente,
Já muita vez as contei!

Era filho d'outra raça
Mais forte que esta não é;
Não temia força ou traça,
Tinha crença, tinha fé!
Na Beira a mil as batalhas,
Em Albufeira as mortalhas,
De Badajoz as muralhas,
São feitos que estão de pé!

Agora não... que mudança
N'esta terra se não fez!
Ninguem conserva a lembrança
Dos feitos d'um portuguez!
Já se não vê um soldado,
E' um paiz malfadado,
Ou é sina ou foi olhado
Que lhe deitaram talvez!

Fomos soldados valentes,
Não podem dizer que não;
Se dou co'a lingoa nos dentes
Fallando em cousas d'então,
E' que o pobre veterano
Ainda se sente ufano
Das guerras de ha tanto anno,
Onde perdeu esta mão!

Perdi-a, não me arrependo;
Ficou-me a outra... luctei!
Perdi-a, fui combatendo
Pela patria e pela lei!
Entre ballas que zuniam,
Entre ferros que tiniam,
Entre os gritos que se ouviam,
Um grito só escutei!

Mas era um brado de guerra,
Mas era um brado geral,
Um brado por esta terra,
Mas altivo e collossal!
Fomos sempre portuguezes,
Nunca choramos revezes,
Aos ceos erguemos mil vezes
A gloria de Portugal!

Um dia... que dia horrendo!
Nunca mais o esquecerei!
Foi um combate tremendo,
Uma batalha de lei!
Eu já na fila avançada...
Esta cruz lá foi ganhada:
Comprei-a á ponta d'espada,
Foi sangue o preço que dei!

Hoje, velhinho, cançado,
Lá me espera o mausoléo!
Vivo triste e deslembrado,
Só me confio no ceo!
Mas inda guardo a mania
De dizer com ufania
Que não são os d'hoje em dia
Soldados como fui eu!!..

J. A. DE SANTANNA E VASCONCELLOS

A SOCIEDADE DOS TRES

IX

A CARTA

(Continuação)

—E' ella. Não me enganei.

Depois leu a carta até ao fim:

—«Tu, Henriqueta, não podes ter esquecido nada d'isto, e por consequencia hoje que me encontro em circunstancias apuradissimas por causa de meu marido se achar desempregado ha quatro mezes, atrevo-me a escrever-te para pedir-te o teu valioso auxilio afim de livrar-nos da miseria que nos ameaça. A tua pobre amiga mora na rua do Bomjardim...

Henriqueta ergueu-se e exclamou:

—E' mais um! Sim, eram poucos os pobres que me importunavam e vem mais esta minha velha amiga!...

E atirou a carta para cima da mesa com aborrecimento.

—Mas realmente, continuou pondo-se diante do espelho e compondo uma rosa branca que lhe enfeitava o cabello; realmente fomos amigas e sinto que Mathilde esteja em más circunstancias. Mas que lhe heide fazer? Ella tambem não me diz o que quer. Se me pedisse uma ou duas libras, mandava-lh'as. Assim...

Entrou de passear no quarto, desde o espelho até á janella e desde a janella até ao espelho. Depois de dar umas duas ou tres voltas bateu com o pequenino pé no chão molemente tapetado e exclamou:

—Já sei o que ella quer. Se diz no fim da carta: «Moro na rua do Bomjardim numero tantos,» é porque quer que eu ali vá ou mande. Exactamente. Irei visital-a. Distraio-me, porque estou hoje bastante aborrecida, e além d'isso, como se trata de fazer bem, sempre depois se recebem elogios que tornam uma pessoa bem vista na sociedade elegante. Já se vê: amanhã ninguem fallará de outra cousa e eu terei o cuidado de fazer correr a noticia.

Eis aqui como D. Henriqueta, a filha do abastado banqueiro José Pimenta Sequeira Borges, se resolveu ir a casa da sua antiga amiga do collegio Mathilde do Carmo Pereira.

X

AS DUAS AMIGAS

E' impossivel de descrever a alegria de Mathilde quando viu entrar a sua amiga na miseravel sala em que habitava. O seu primeiro e mais natural impulso foi correr para ella e abraçal-a; mas Henriqueta, adivinhando sem duvida aquelle movimento espontaneo, retirou-se ao lado e estendeu-lhe a mão, que Mathilde apertou com effusão, cobrindo-a de caricias e lagrimas.

—Ha quanto tempo te não via! disse Henriqueta.

—E eu? respondeu Mathilde. Mas olha que nunca me esqueci de ti.

—Acredito, replicou seccamente a formosa dama.

Jeronymo não podia fallar. A belleza d'Henriqueta, o seu rico trajo, deslumbrava-o. Mentalmente dizia:

—E' a mulher que eu suppunha. D'aqui nada ha a esperar, ou, se nos fizer algum bem, será por mera estentação!

Quanto a sua esposa, pensava differentemente.

—Orgulhosa, mas boa. E' exactamente a minha amiga do collegio, dizia ella de si para si.

—Este sujeito é teu marido? perguntou Henriqueta indicando Jeronymo.

—E', respondeu Mathilde, e do nosso casamento ha uma pequena de cinco annos. E' a nossa Carolina. Linda como um anjo! Queres vel-a, Henriqueta?

—Não; não gosto de creanças. Mas dize-me: teu marido porque não tem alcançado emprego? Não o tem procurado?

—Se tenho! disse Jeronymo. E sujeitava-me, fosse elle qual fosse...

—Bom; meu pae fallará ao marquez e elle hade emprega-lo. Senão, espere. Aqui tem um cartão meu. Vá procural-o. O marquez reside no hotel de Francfort. Basta entregar-lhe o cartão e dizer-lhe que vae de meu mando, para elle se informar do que pretende e tratar immediatamente de satisfazer o seu pedido, o que quer dizer que está já empregado.

—Beijo as mãos de V. Ex.ª, disse Jeronymo, inclinando-se até ao chão sem saber como havia d'agradecer tamanho favor.

—Vá, vá, disse Henriqueta entregando-lhe o cartão.

Jeronymo, com o coração saltando d'alegria, desceu as escadas quatro a quatro.

Quando ficaram sós, Henriqueta disse para Mathilde:

—Pelo que vejo casaste com um homem pobre.

—E' verdade; mas ama-me e é quanto basta para uma mulher s r feliz.

—Ama-te! que loucura! Sustenta-te então d'esse amor! exclamou Henriqueta em ar de mofa.

Mathilde não soube o que responder e abaixou os olhos.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XLIII

O SUDÃO

Dá-se approximadamente a população de 21 milhões d'habitantes e uma extensão de 4,850:000 kilometros quadrados ao Sudão, páiz que nos propozemos examinar summariamente, de longe, porque o clima é pernicioso, mesmo para os indigenas. O solo, porém, entrecortado de desertos areentos e onde poucas montanhas se conhecem, a não ser os montes de Kong, que o separam da Guiné, é geralmente fertil em rasão das numerosas correntes d'agoa que o banham.

O Sudão está exposto a calores intensos, que duram de oito a nove mezes e são causa d'uma estiagem immensa; porém mal principia a estação das chuvas, ahi por meiados de junho, a terra reveste-se de brilhante vegetação.

No centro d'esta região pouco conhecida encontra-se o famoso lago Tchad, a que se dá usualmente o nome de Nigricia, e outros rios. O Sudão é tambem banhado pelo Niger e os seus numerosos affluentes, pelo Misselad e outras correntes, que se perdem nos lagos, nos areaes, ou são tributarios do Nilo.

Os habitantes do Sudão exploram o ouro, a prata, o ferro e muito cobre; o sal é ali rarissimo. As producções naturaes constam de milho, arroz, favas, bananas, inhames, gomma, etc. Vivem ali em grande numero os camellos, os dromedarios, os leões, as pantheras, os leopardos, rhinocerontes, os elephantes, as girafas, os hippopotamos, os abestruzes, etc.

Os povos que habitam este paiz pertencem pela maior parte á raça negra, e são idolatras, á excepção dos tuaregs, da raça ethiopia e d'algumas tribus arabes que professam o mahometismo. O negro, quasi por todas as regiões da Africa central, é fetichista; o primeiro objecto que elle encontra é para o resto do dia objecto da sua adoração. Os negros do Sudão são muito mais civilisados e industriosos do que os das costas: sabem forjar o ferro, ha-os bons tecelões e dão-se a um commercio assás extenso. A riqueza do solo torna-os porém preguiçosos; alguns dias de trabalho são o sufficiente para lhes assegurar magnificas colheitas. O vinho de palmeira, de bananeira, a cerveja de milho miudo, banham os seus grosseiros alimentos. Andam nus quasi; as suas cabanas são feitas de troncos apenas desbasta los e cobertas de folhas. A moeda é substituida por grãos de sal ou *caurins*, que são pequenas conchas extrahidas da costa de Guiné e cada uma das quaes vale cerca d'um real.

O Sudão está dividido em perto de um cento de estados particulares, cujo governo é despotico. Geographicamente divide-se em Sudão central, occidental e oriental.

Os estados principaes do Sudão central são: Tombuctu, cuja capital, que é a cidade santa dos negros, foi outr'ora alvo de narrações maravilhosas e phantasticas; hoje sabe-se que tem 20:000 habitantes, ruas estreitas, casas baixas, pela maior parte simples cabanas de folha; o Haoussa; o imperio dos fellatahs, cuja capital é Sakatu, cidade de 80:000 habitantes; o de Bornu, capital Kuka, 80:000 habitantes; Nuffé, Kano, etc. Na Nigricia occidental, o Bambara, capital Segu, 30.000 habitantes; o Kankan; o Uassulo, o Amana, o Mandin, etc. Emfim, na parte oriental, o Waday e o Darfur são os estados principaes. A capital d'este ultimo estado chama-se Tendetti e não passa d'uma reunião d'oatis.

Todas estas regiões não principiaram a ser exploradas senão depois do seculo ultimo pelos celebres viajantes Mungo-Park, Denham, Clapperton, Oudney, Laing, Duppel, Caillié, etc. O Burnu foi visitado por duas expedições eur-

peias, uma em 1823 e outra de 1851 a 1855.

(Continua)

OS INGLEZES NA INDIA

(Continuação)

Foi no governo de Lally-Tollendal e durante a guerra dos sete annos, que começou a lucta armada entre francezes e inglezes na India. Quasi abandonado da metropole, que não lhe mandava reforços sufficientes, Lally defendeu, em 1761, durante muitos mezes, Pondichery, com setecentos homens, contra vinte e dous mil inglezes e deseseis navios. Obrigado a capitular, foi chamado a França, onde o accusaram de traidor, sendo em seguida preso, condemnado e executado em 1766.

Pondichery, entregue aos inglezes pela capitulação de 15 de janeiro de 1761, foi restituida á França pelo tratado de Paris; retomada em 1778, foi tambem restituida pelo tratado de Versailles; emfim, tomada de novo em 1793, voltou definitivamente ao dominio francez pelos tratados de 1815, mas sem territorio, que os inglezes annexaram ao seu. E' ainda para notar que os inglezes, sempre vingativos, haviam reduzido a cidade a um montão de ruinas.

Retrocedamos alguns annos, para atar o fio da narração.

A Inglaterra usou sempre na India, para se engrandecer, uma politica perfida e odiosa. O grande Mogol Schah-Allam, depois de ter visto o seu throno vacilante sustentado pelas armas inglezas, foi por elles derribado, e o descendente de Aureng-Zeb, que disfructava um rendimento de cerca de duzentos mil contos de reis, viu-se na necessidade de receber no seu palacio-prisão de Delhi uma pensão vitalicia de tresentas mil libras das mãos d'uma companhia de negociantes. Obrigada, porém, a empregar todas as forças para luctar contra tantos inimigos indigenas e estrangeiros, a companhia não pôde fazer face ás immensas despezas senão indemnisando-se d'ellas pelo paiz cuja posse disputava. Em resultado d'esta medida oppressora, a India foi espoliada e estava exausta dentro de poucos annos.

PREPARAÇÃO DO GAZ DE ILLUMINAÇÃO (*)

A provincia, ou antes o antigo reino de Bengala, outr'ora tão florescente, não é hoje mais do que um montão de ruinas, e por toda a parte se offerece o aspecto da desolação. O monopolio do arroz causou em 1770 uma fome, que arrebatou cinco milhões de individuos. E no entretanto a companhia não enriquecia; mas os seus agentes voltavam para a Europa disfructar fortunas collossaes; comtudo a companhia sustentou-se e achou recursos na *fé punica*, que forma o fundo do caracter inglez.

Quando sobrevieram as guerras de rivalidades entre o Nizam e os mahrattas contra o sultão de Mysore, Tipoo-Sahib, filho de Hayder-Ali, a Inglaterra auxiliou os povos revoltados, porque toda a ideia de desunião entre os indigenas favorecia o seu plano d'absorpção geral, e quando Tippo-Sahib, derrotado em 1792, foi obrigado a ceder aos inimigos parte dos seus estados e dos seus thesouros, quando foi assassinado sob os muros da sua capital em 1799, a Inglaterra aproveitou-se da fraqueza em que as guerras tinham lançado os seus antigos alliados para lhes fazer repor as conquistas que haviam feito, vencel-os a seu turno e fazel-os pagar um tributo enorme.

Em 1800 os reinos de Oude e Tandjore foram destruidos; em 1815, um grande esforço foi feito pelos mahrattas, que tentaram expulsar os inglezes da peninsula. Mahadja-Scindhia, um dos chefes ou radjahs, confiou a organisação do seu exercito, que contava cincoenta mil homens, a um official piemontez, de nome Boigne. Mas o successo que poderia obter com estas forças, operando isoladamente, foi comprommettido pela juncção d'alguns outros radjahs. As dissensões e rivalidades serviram os inglezes melhor e foram-lhes mais proveitosas do que a victoria de Pounah (1318), e os chefes mahrattas foram reduzidos á obediencia.

(Continua)

(*) Gravura extrahida das «Grandes Invenções» por Luiz Figuier, edição da casa Chardron.

O MONOMOTAPA

Na costa a sudueste da Africa austral demora um extenso paiz, um esta-

do outr'ora muito florescente, conhecido pelo nome de Monomotapa. Este estado é banhado pelo Zambese e confina pelo lado de leste com a costa de Sofala.

O Zambese é um dos rios mais caudalosos da Africa; no dizer dos indigenas, pertencentes á raça cafre, sae d'um lago espaçoso, lago situado no territorio dos cazembos; atravessa o Monomotapa, os montes Lupata, por um estreito desfiladeiro, e os Rios de Sena; passa por Zimbaoé e desagua no canal de Moçambique por quatro embocaduras principaes. De novembro a maio succedem as grandes innundações d'aquelle rio, cuja corrente está obstruida por numerosos baixios e as margens são infestadas de crocodillos e hippopotamos. Os quatro braços do Zambese são como as arterias por onde affluem ao interior do paiz os viajantes, negociantes e missionarios, levados uns do desejo de devassar as bellezas d'aquelle maravilhoso territorio, outros avidos de explorarem as suas immensas riquezas e finalmente os ultimos dedicados á causa sacrosanta da civilisação.

O nome de Monomotapa designa o rei Motapa, que por muito tempo exerceu um imperio absoluto sobre as numerosas tribus que povoam as margens do Zambese; mas os portuguezes, que foram os primeiros a aventurar-se n'aquellas regiões, excitaram os povos indigenas, conhecidos pelos nomes de bororos, cazembos, moviras, maravis, mongas e merapoans, a saccudir o jugo da tyrannia, e em breve aquelle dilatado imperio, que, desde longos seculos, era notavel pelos actos de crueldade dos seus reinantes, adquiriu um bocado de civilisação, mas ficou fraccionado em pequenas tribus, com uma especie d'independencia.

Não devia comtudo aquella mudança realisar-se sem correr sangue.

Um portuguez cujo nome a historia não guardou, mas cuja recordação ainda hoje se conserva apesar do tempo decorrido, poz-se á frente dos negros e tratou primeiramente de vencer o rei Motapa, cuja crueldade dominava pelo terror os subditos pacientes, que não se atreviam sequer a pronunciar o seu nome.

O portuguez adoptou as maneiras, trajos e usos dos naturaes, e um dia (isto passou-se no anno de 1751) apresentou-se na côrte do Motapa, em Butua, com o fim de manifestar a necessidade

LABORATORIO CERAMICO EM DRESDE (*)

de ter uma conferencia com o soberano.

Informado este do pedido, consentiu na entrevista e recebeu o emmissario em uma sala situada ao fundo do palacio, onde o poderoso monarca se achava sentado sob um riquissimo docel e rodeado de guardas caprichosa e fortemente armados.

O portuguez entrou resolutamente, inclinou-se diante do Motapa, segundo o uso oriental, e esperou que aquelle lhe dirigisse a falla.

—Quem és? perguntou o imperador no seu barbaro idioma. Que queres? Falla sem rodeios.

Sempre resoluto e sereno, o portuguez respondeu com voz de trovão:

—Sou o enviado do Zambese e venho participar-te o que o ceo tem destinado ácerca do teu reinado.

Esta lingoagem ousada não póde deixar d'impressionar o soberano.

—Em nome do ceo! exclamou. Que dizes tu?

—Sim; digo que o ceo dispoz ácerca do teu reinado.

—Bem. E qual é a tua missão?

—A minha missão limita-se a dizer-te que soou a ultima hora do teu imperio. Todas as tribus que o constituem vão declarar-se independentes; mas tu tens um meio de conjurar a tempestade, que ruge ameaçadora sobre a tua cabeça.

—E que meio é esse que me propões? perguntou o Motapa.

—E' que me entregues as minas de ouro que só tu e os teus sequazes conhecem.

O rei meditou algum tempo e depois disse:

—Comprehendo o estratagema de que te vales. O que pretendes é intimidar-me com ameaças para conhecer os meus thesouros e entregal-os aos portuguezes que os cobiçam. Sabe pois que se não saes immediatamente d'este palacio, mando-te cortar a cabeça e envial-a-hei para a beira do Zambeze, para que todos te conheçam.

—A minha cabeça, respondeu socegadamente o portuguez, só a Deus pertence e só elle é que pode tirar-m'a. Já que assim o queres, eu parto; mas pensa, ó rei, no que te disse.

O portuguez sahiu do palacio, mon-

(*) Gravura extrahida das «Grandes Invenções» por Luiz Figuier, edição da casa Chardron.

tou no cavallo que tinha preparado e sahiu da cidade.

(Continua)

CAMÕES E O ORIENTE

(EXCERPTO)

—

Não se deve exclusivamente ao genio da industria, ás descobertas, ás viagens, o renascimento das tradições da alta Asia. A imaginação, a par da sciencia, ia-o preparando, a pouco e pouco. Percorria em navios mercantes as plagas novamente descobertas e ligava-as ás do occidente por elos impalpaveis.

As virações da Europa e da Asia casavam seus profumes em rapidos hymeneus.

D'estes esponsaes dos ventos iam nascer, na superficie d'um oceano virgem, formas, imagens, phantasmas novos, que para logo haviam de fluctuar no ceo vastissimo dos poetas.

Até sob uma apparencia sceptica, a poesia moderna tornara-se religiosa, consagrando a alliança dos dous mundos, que se davam as mãos, e os indicios de um renascimento oriental vislumbravam na propria origem da renascença grega e romana.

E, de facto, os portuguezes, que, pela descoberta do Cabo da Boa Esperança, patentearam a Asia á Europa, são tambem os primeiros que pela imaginação coroaram a alliança que a industria acabava de firmar.

Este povo não apparece na historia senão por um momento, e é para realisar aquelle milagre. Terminada a obra, recae no silencio. Assim como não teve senão um momento de esplendor, tambem não teve senão um poeta, um livro.

Mas este poeta é Camões, que descerra á imaginação as portas do Oriente; este livro é *Os Lusiadas*, que reune, com todos os perfumes de Portugal, o ouro, a mirrha, o incenso do Levante, temperados muitas vezes com as lagrimas do Occidente.

O genio poetico da Europa deixa, pela primeira vez, a bacia do Mediterraneo e entra nos oceanos da velha Asia.

E' certo que as recordações da Grecia e do mundo christão acompanham o poeta aventureiro por mares nunca d'antes navegados. Pode até dizer-se que debaixo d'aquelles ceos ardentes ressumbra das suas ardentes estrophes uma tristura que faz lembrar a nostalgia. As imagens, as saudades, as esperanças, os phantasmas divinisados, as cereias do Occidente, emergem no fundo das agoas: agitam-se em torno do navio; e eis porque o poema de Camões é realmente o poema da alliança do Occidente e do Oriente.

Achaes, a um tempo, a recordação da Europa e os tepidos perfumes da Asia, n'aquelle genio, que é o elo da Renascença grega e da Renascença oriental.

Emquanto estaes ouvindo o murmurio das plagas europeas, os eccos do mundo grego, romano, christão, ouvis tambem resoar na extremidade opposta aquelle grande grito — *Terra!*— que faz estremecer o seculo XV, no momento da descoberta das Indias e das Americas. Sentis a cada verso que o baixel da humanidade lança ferro em paragens desde ha muito anheladas; respiraes novas brisas, que vão enfunando as velas do pensamento humano, e o ceo dos tropicos espelhava-se na mais crystallina onda do Tejo.

Se os deuses da antiga civilisação, transportados para outro clima, parecem reforçar-se ahi e remoçar, por outro lado quantas formas, quantas creações inspiradas por aquella natureza que a solidão renovava! O rio Ganges, de ha tanto perdido, apparece personificado, como na epopeia de *Râmâyana*. O Titan grego, embaraçando a passagem ao navio do Gama, que em si levava o futuro, irrompe magestoso dos mares equinociaes, tão amplificados agora, quanta a differença que vae do mar das Indias ao mar das Ciclades. E' verdade que até essa lingoa portugueza, tão energica é tão suave, tão altisonante e tão singela, tão rica de vogaes limpidissimas, parece uma interprete, uma communicação natural entre o genio do Occidente e o genio da Asia oriental. Mas o que produz a alliança de tudo isto, será mister dizel-o? E' o coração do poeta, aquelle coração magnanimo que abrange os dous mundos e os prende em um só abraço de poesia, em uma só humanidade, em um só christianismo. Achaes ali uma alma tão profunda como o oceano, alma que, á similhança do oceano, liga as duas praias oppostas.

Ao fallar de Camões, não posso deslo logo mudar de assumpto; e porque escondo eu a sympathia que me leva para este grande homem? Tudo o que é d'elle me enleva: a sua poesia, o seu caracter, o seu grande coração. Do que eu me espanto é de que o seu nome não seja, em nossos dias, mais vezes pronunciado, porque não conheço poeta algum que corresponda melhor, que melhor se associe a uma grande parte das ideias e dos sentimentos que predominam n'este seculo, visto que essa epopeia sem combates, sem cercos, toda pacifica, cousa inaudita quasi, não exhibe senão a eterna lucta do homem e da natureza, isto é, a lucta que tanto tem preoccupado os escriptores do nosso tempo.

Ha ali dialogos assombrosos entre o marinheiro e o Oceano; de um lado a humanidade triumphante no seu navio empavezado; do outro os cabos, os promontorios, as tormentas, os elementos, vencidos pela industria. Não será este o espirito dos nossos tempos? A epopeia que melhor os representa não é a do Tasso; é nimiamente romanesca. Não é a do Ariosto; onde é que temos hoje a graça, a serenidade, o sorriso dos trovadores? Tambem não é a do Dante; a idade media já vae tão longe de nós!

Mas o poema que abre com o seculo XVI a era moderna é aquelle que, sellando a alliança do Oriente e do Occidente, celebra a idade heroica da industria; não já poema de peregrino, mas de viajante, de commerciante sobretudo, verdadeira *Odissêa* em meio dos emporios e feitorias nascentes das Grandes Indias, no berço do commercio moderno, da mesma forma porque a *Odissêa* de Homero é uma viagem através das nascente sociedades militares e artisticas da Grecia.

EDGARD QUINET

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

Todos os corpos da natureza, sejam pertencentes ao reino animal, vegetal ou mineral, podem soffrer mudanças, transformações ou modificações nos principios constituintes. Estas mudanças, transformações ou modificações chamam-se *chimicas* porque a chimica é a sciencia que trata das suas leis e causas. Por outras palavras, a chimica é a arte de decompor os corpos para constatar pela *analyse* os diversos elementos que entram na sua composição e reproduzil-os em seguida pela *synthese*.

A chimica é a sciencia das moleculas, porque todos os corpos são compostos d'elementos primarios ou moleculas.

A maior parte das sciencias industriaes, a medicina, a agricultura e a metalurgia, tiram á chimica os ensinamentos que lhes são necessarios para se desenvolverem e aperfeiçoar-se. Pode-se dizer que a chimica é uma sciencia muito moderna, pois ha apenas meio seculo que se descobriram os principios reguladores da composição e decomposição dos corpos; é a ella que devemos esses maravilhosos productos da invenção do homem, que, por assim dizer, transformaram a vida domestica dos povos. A chimica, posto sirva d'algum modo de base a tantas outras sciencias, não pôde fazer verdadeiros progressos senão em rasão do desenvolvimento do espirito philosophico; foi necessario que a industria se visse livre das peias e que os inventores tivessem plena liberdade de gosar dos beneficios das suas creações para que a chimica tratasse de vir em seu auxilio. Desde que a industria a chamou como auxiliar, a chimica mostrou-se tal qual era e foi igualmente proveitosa á agricultura quando as terras sahiram do

dominio senhorial e a propriedade estava verdadeiramente constituida.

Os primeiros alchimistas não passavam d'algum modo de empyricos, cujas observações não conheciam principio ou methodo d'especie alguma. Lavoisier teve de luctar durante mais de quinze annos para fazer prevalecer a logica onde dominava só o arbitrio. A hypothese foi desterrada da sciencia, substituindo-a uma rigorosa observação dos factos.

Distingue-se a *chimica theorica* da *chimica applicada* ás artes, á industria, á medicina e á agricultura. A chimica theorica, de per si, subdivide-se em chimica mineral e chimica organica.

A chimica mineral occupa-se mais particularmente dos corpos que constituem a natureza morta, da sua composição, combinações e reações moleculares. A chimica organica observa as leis segundo as quaes se transformam os corpos produzidos pela vegetação e pela economia animal, isto é, que estão submettidos á acção das forças naturaes da vida, do calor e da electricidade.

Os phenomenos chimicos produzem-se nos casos em que a natureza dos corpos, operando uns sobre os outros, soffre uma certa alteração.

A chimica, primeiramente, estuda cada corpo individualmente antes de descer ás combinações de que o mesmo corpo é susceptivel. Esta alteração não se produz senão pela acção molecular de diversas substancias, obrando umas sobre outras, seja naturalmente, seja artificialmente.

A distinção principal que deve estabelecer-se entre os corpos funda-se na sua composição: uns são simples, de modo que não se pode extrahir d'elles nenhuma outra substancia de corpo differente: tal é a natureza do enxofre, do ouro, da prata, etc.; os outros são compostos e encerram varios corpos simples: assim a greda, submettida á acção do calor, produz um composto de carbone e de oxygenio e deixa alem d'isso um residuo que não é outra cousa senão a cal, e na qual se observa a presença do oxygenio e d'um metal brilhante chamado calcio.

Os progressos da chimica, em virtude do aperfeiçoamento dos meios de analyse, augmentam de dia a dia o numero dos corpos simples, que se dividem em metaes e metaloides, segundo a natureza das suas propriedades physicas; os metaloides são geralmente corpos que, combinando-se com outros, dão os compostos acidos. Depois a chimica estuda os corpos binarios, isto é, aquelles em cuja composição entram dous elementos ou corpos simples.

Os compostos binarios dividem-se em tres classes: 1.º, os *acidos*, que tornam vermelha a tintura de tornesol; são electro-negativos nas suas combinações com as bases; 2.º, as *bases*, que restituem a côr azul á tintura de tornesol; estes compostos são electro-positivos nas suas combinações com os acidos; 3.º, os corpos *neutros*, ou indifferentes; estes não teem a propriedade das bases nem dos acidos.

Os compostos ternarios são aquelles em cuja combinação entram tres elementos. Os saes estão comprehendidos n'esta classe. Os saes são compostos que se obtem tratando as bases pelos acidos. O acido e a base são ordinariamente oxygenados e o sal que se obtem por tal modo chama-se oxy-sal.

(Continua) DOUTOR JAYME

SONETO

ESCRIPTO EM UMA «CARTILHA MATERNAL» QUE OFFERECI AO BASAR PROMOVIDO EM FARO PARA AUXILIAR AS ESTAÇÕES CIVILISADORAS EM AFRICA

Quereis derramar n'Africa a torrente
Da civilisação? Sonho brilhante!...
Porém... inda de nós é tão distante
O linitivo d'esta sêde ardente!

Junto de nós, deserto atroz, ingente,
Sem sorrisos de oasis verdejante!
E nós mortos de sêde. —A'vante! ávante!
'Stamos bradando aqui continuamente.

Para o nectar levar á ardente plaga,
Fecundando-lhe o seio perennal,
E' mister que elle jorre d'esta fraga.

Onde a vara? Oh! cegueira sem igual!
Onde a vara de luz que a rocha alaga?
Tomae-a! —E' a «Cartilha maternal!»

ANNES BAGANHA

A CASTELLÃ

(Conclusão)

VI

Quando acabou a ceia a impaciencia d'Alda tinha chegado ao cumulo.

—Trovador, disse ella ao recem-chegado, sem duvida vindes de muito longe, pois é certo que nunca nos vimos por estes sitios. D'onde vindes?

—De Castella, senhora, respondeu o mancebo.

—De Valladolid talvez, disse a formosa dama.

—Ainda de mais longe.

—De Segovia?

—Ainda mais.

—De Toledo?

—De Toledo é que venho.

Alda empallideceu ao ouvir aquella noticia; parecia que uma indomavel inquietação a agitava.

—Toledo! exclama a condessa. Não é ahi a côrte de D. Affonso VIII?

—E' como dizeis; mas esse monarca já assim se não appellida.

—Então como se appellida elle?

—Affonso, o das Navas de Tolosa.

—Porque lhe pozeram esse appellido?

—Porque nas Navas de Tolosa se deu a maior batalha que os seculos teem admirado.

A condessa estremeceu ao ouvir estas palavras. Mas dominando as emoções do seu coração, disse:

—Contra quem foi dada essa batalha?

—Contra o grande Miramamolim, senhora.

—Ah! E quantos mouros morreram n'ella?

—Duzentos mil.

—E quantos cavalleiros christãos?

—Não chegaram a um cento.

Um subito raio d'alegria brilhou no rosto da nobre dama; a esperança renasceu no seu coração.

—Trovador! exclama emfim não podendo mais conter aquella impaciencia que a devora; sem duvida conheceis todos os promenores da terrivel jornada!

—Se os conheço! disse o trovador. Eu fui testemunha presencial d'esse grande feito.

—Assististes acaso á batalha?

—Sim, senhora; assisti, e jamais esquecerei o que vi. Eu canto-a acompanhado do meu inseparavel alaúde e vou de castello em castello referindo o valor dos heroes e a grandeza dos valentes. Ainda parece que o ar estremece com o estrepito do combate e a gritaria d'aquella horrenda carnificina. Os regatos estavam tintos de sangue; a mourisma luctava desesperadamente. Por um lado pelejavam os aragonezes, por outro os navarros; no alto fluctuava a bandeira com as armas de Madrid; além divisava-se o estandarte dos cavalleiros de Santhiago e Calatrava. A cavallaria castelhana levava tudo diante de si. Na planicie brilhava o acampamento de Maramamolim e a sua alta tenda. Os primeiros a investir com o acampamento foram os cavalleiros gallegos.

—Os cavalleiros gallegos?

—Sim, senhora.

—Quem ia na frente, trovador? Falla, trovador; que me estás dando a vida e ao mesmo tempo me levas a morte ao coração!

—Na frente ia um cavalleiro que trazia no escudo uma torre d'ouro sobre um monte de prata.

—Ceos! Meu esposo!... Vistel-o, trovador?

—Ah! Vi-o cahir entre os valentes dos valentes.

VII

A condessa Alda quasi ia desfallecendo.

—Cahiu! exclamou ella.

—Cahiu no chão, crivado de feridas, e chamando-me, porque eu estava perto d'elle, me disse: «Se algum dia, nobre trovador, fôres ás montanhas da Galliza, leva esta banda tinta do meu sangue á condessa Alda. Diz-lhe que morro por Deus, pela minha dama e pelo meu rei.

E o trovador tirou uma formosa banda de seda, que entregou á condessa. Esta olhou-a, beijou-a silenciosamente e exclamou com voz solemne:

—De joelhos todos. Oremos pela alma do conde.

*

Um mez depois a condessa entrava para um convento.

Elle havia morrido nos braços da gloria; ella succumbiu ao pé dos altares, sustentada pela fé e a religião.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

XXX

CHRISTOVÃO COLOMBO

O celebre navegador a quem se deve a descoberta da America, mas que não teve a gloria de dar-lhe o seu nome, que mais tarde Americo Vespucio lhe arrebatou, nasceu em 1442 na republica Genoveza. Era filho d'um tecelão. Dado desde moço aos estudos, imaginou, pelos seus calculos, que além da Asia devia existir um continente em opposição ao hemispherio conhecido. Os governos de Genova e de Portugal, aos quaes se dirigiu successivamente, para lhe elles darem os navios necessarios á empreza que meditara, repelliram-o, tratando-o d'insensato.

Dirigiu-se então á Hespanha, onde, ao cabo de longas instancias, e graças á intervenção d'um amigo, alcançou da rainha Isabel tres navios, com os quaes partiu de Palos, na Andaluzia, em 3 d'agosto de 1492.

Depois de muito tempo de perigosa navegação, durante a qual os marinheiros se revoltaram por diversas vezes, para o obrigar a renunciar aos seus projectos, Colombo descobriu na noute de 11 para 12 d'outubro uma ilha a que deu o nome de S. Salvador, e que faz parte do grupo das Lucayas, e em seguida Haiti e Cuba.

Este successo suscitou-lhe inimigos; mas a rainha não lhes deu ouvidos e declarou-se pelo intrepido navegador, que em 1493, de volta á Europa, foi nomeado vice-rei dos paizes com que tinha dotado a Hespanha. Em seguida partiu novamente com desesete navios. Diversos estabelecimentos que fundou nas grandes e pequenas Antilhas e em S. Domingos, foram o fructo da segunda viagem.

A terceira, menos feliz ao principio, porque o reteve prisioneiro durante quatro annos Bovadilla, agente dos seus inimigos, deu em resultado, depois de recobrada a liberdade, a descoberta do continente americano que abordou, na parte chamada hoje Colombia.

Apesar d'estas preciosas descobertas, Colombo, de volta á Hespanha, só encontrou na côrte frieza e ingratidão; foi despojado de todos os seus bens e morreu na maior miseria em 1506.

A TOUTINEGRA COSTUREIRA

Ha passaros cesteiros, carpinteiros, pedreiros e outros mineiros. Além d'estes ha uma avesinha na India que exerce o officio de alfaiate; é d'esta que vamos fallar. Não ha meio de definir de outro modo a sua industria. Não cose estofos, mas sim folhas; fabríca ella mesma, como os fiandeiros, o fio de que se serve. Isto sería inacreditavel sem duvida, se numerosos specimens dos ninhos d'esta ave, conservados nos capitulos da historia natural, não demonstrassem a realidade.

E' verdade que varios naturalistas, repetindo a affirmação de Darwin, e não tendo visto o ninho senão nas colleções, parecem ter complicado um pouco o processo da ave alfaiate, ou toutinegra costureira (*Sylvia sutoria.*)

Darwin exprime-se assim:

«Esta ave não confia o seu ninho á extremidade de qualquer ramo, por mais segurança que offereça; fixa-o nas folhas. Por isso ella levanta uma folha solta e cose-a a outra, d'um ramo da arvore, que escolhe para sua residencia. O seu bico, fino e agudo, faz as vezes de agulha, e uma fibra vegetal, flexivel e fina, prehenche o logar de fio. Em seguida fórra o interior do bolso, assim formado, com pennas, penugem, e com bocadinhos das mais delicadas teias de aranha.

Como esta avesinha não tem tres pollegadas de comprimento e pesa sómente a terça parte d'uma onça, o seu peso, bem como o dos materiaes que ella emprega, é insufficiente para destruir esta fragil habitação.»

Um observador natural do Industão, e cuja opinião é citada por Bennie, no seu livro sobre a architectura dos passaros, attribue á toutinegra costureira um methodo mais simples e mais verosimil.

Não falla de modo nenhum da folha solta, junta a uma verde, como uma parte do ninho, levada por ella. O que elle diz é isto:

«O passaro alfaiate escolhe ao principio uma planta de largas folhas, depois colhe cotão nas moutas proximas, fia-o, estirando-o com o seu grande bico e os seus pesinhos; em seguida, servindo-se do seu bico como d'uma agulha, cose juntas varias folhas para esconder o ninho.

Tive muitas vezes occasião, diz o mesmo observador, de examinar no jardim, um casal d'estes industriosos passarinhos e seguir o seu trabalho; depois o momento onde fazem escolha de um arbusto até ao acabamento do ninho, o pôr dos ovos e finalmente a separação dos filhinhos.

O passaro alfaiate, ajunta elle, parece-se tanto pela côr como pela forma, com certas aves do paraiso, do Brazil. A femea é parda; mas o macho ostenta uma magnifica plumagem, em que brilham o azul, a purpura, o verde e o ouro.»

ABEL M.

EXPEDIENTE

MUITA ATTENÇÃO

Já se acha reimpresso o numero 1 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Na semana proxima ficará reimpresso o numero 5, entrando no prelo logo em seguida o numero 6, etc.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos em enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa das contas.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Escriptorio da redacção, Praça de D. Pedro 131 — Porto.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 52

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO, 25 DE AGOSTO DE 1881 | ASSIGNATURA: no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 reis (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Aperto de mão (poesia) por A. Cabral — Os inglezes na India — A matança do dia de S. Bartholomeu, por Luiz Mendes — Dieppe — Os homens uteis de todos os paizes: Larrey — — O Monomotapa — O xadrez — A sociedade dos tres (romance) — Comboyo expresso (poesia) por L. A. Palmeirim — A terra (excerpto) por Buffon — As cruzadas — A batalha das pyramides — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Adeus á Africa — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Moscow — Dieppe — O xadrez — Diante das pyramides.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XXVIII

Em quanto Jorge bebia o ultimo gole de caldo e Jacintha limpava o pó a

MOSCOW (*)

uma cadeira, ouviram-se tres vigorosas argoladas na porta da rua.

—Vae ver quem é, disse Jorge para a criada, que se dirigiu com a ligeireza de que podia dispôr para a janella.

D'ahi a momentos, Jacintha vinha annunciar o snr. Paulo de Vasconcellos.

—Manda-o entrar para aqui mesmo, disse Jorge.

Em seguida Jacintha foi communicar ao visitante a ordem que recebera e este appareceu.

—Como vaes, Jorge? perguntou Paulo com voz affectuosa, estendendo a mão ao seu amigo.

—Melhor; obrigado. A febre desappareceu completamente. A minha doença presentemente é apenas a debilidade. D'ella espero restabelecer-me, entretanto, com um tratamento adequado.

—Assim é de esperar, disse Paulo puxando pelo relogio. São duas horas da tarde. Está um tempo muito sereno. Talvez te faça bem o vires tomar ar para a varanda.

Jorge ergueu-se, vestiu um sobretudo por precaução, e ambos se dirigiram

(*) Vid. pag. 373 d'este jornal.

para a varanda. O dia effectivamente estava bom para um convalescente. O ardor do sol do estio desapparecera n'aquelle dia de junho, em que pesadas nuvens forravam a abobada celeste. Respirava-se um ambiente tepido. Não havia a mais leve aragem. Paulo conduziu duas cadeiras para a varanda, e os dous amigos sentaram-se conversando.

A rua era das menos concorridas de aquella parte da cidade; por isso a passagem de um trem sempre despertava, em maior ou menor grao, a curiosidade dos moradores.

Na ocasião em que Paulo acendia um charuto, ouviu-se o rodar de uma carruagem, Jorge olhou na direcção do ruido e viu desembocar d'uma travessa quasi fronteira um luxuoso caleche. Os criados usavam de esplendida libré. Dentro vinham uma dama de incomparavel belleza e um homem moço e elegante, de maneiras distinctas.

A dama era loura e parecia ter pouco mais de vinte annos; o cavalheiro que a acompanhava indicava ter, quando muito, trinta annos; era pallido, tinha as feições correctas, e os cabellos e o bigode, elegantemente retorcido, pretos de azeviche.

Jorge sentiu em presença d'aquella mulher uma commoção estranha, cuja causa não podia explicar. Quem lhe attentasse bem no rosto, leria o abalo que lhe ia dentro.

Paulo percebeu tudo. Lançara um rapido olhar sobre a equipagem, e em seguida fitara Jorge. Entretanto o trem seguiu o seu destino, sem que Jorge desfitasse os olhos d'elle até se encobrir.

—Pelo que vejo, disse Paulo, despertou-te o interesse aquella carruagem? Talvez...

—Quem era aquella senhora? perguntou Jorge interrompendo o seu amigo.

—Pois não a conheceste? interrogou Paulo. Aquella mulher é a celebre Laura que outr'ora conheceste.

—Bem me pareceu que era ella; mas a circunstancia de a ver pelas ruas de Lisboa ao lado de um homem, em luxuosa carruagem, e o ter o rosto mais pallido do que em outro tempo, me fizeram duvidar por alguns momentos. Então Laura casou? perguntou com visivel commoção o mancebo.

Por unica resposta a esta ingenua pergunta, recebeu Jorge uma sardonica risada de Paulo.

—Laura; casar? isso sim!... Não é mulher que commetta tal *loucura!* Tem o senso sufficiente para preferir ás doçuras do lar domestico o ruido das bachanaes e para mercadejar com os seus attractivos. Ainda ha poucos dias lhe ouvi contar a ella propria, no fim d'uma esplendida ceia, em que esgotou algumas garrafas de vinhos generosos, a sua historia. Fallou-me da sua fuga de um collegio no Brazil, seduzida por um devasso, que a abandonou, etc. E' uma chronica escandalosa, que um dia te contarei mais de vagar...

—Não existe duvida alguma, interrompeu Jorge. Já vejo que é a mesma.

Paulo, como que se não tivesse dado pela estranha interrupção que tivera logar, proseguiu:

—Ultimamente Laura abandonou a scena e entregou-se a uma existencia desregrada. No curto espaço de mezes tem tido quatro amantes. Um d'elles, porque não lhe satisfez um de seus loucos caprichos, foi, segundo se diz, apunhalado por ella. A justiça procedeu; mas, ou porque faltaram as provas, ou porque os magistrados se deixaram seduzir pelos encantos da heroina, nunca foi punida aqeulla morte. Bastante se fallou n'este monstruoso escandalo; mas nada se conseguiu. Em seguida a este, mais dous, successivamente, cahiram nos laços armados pela astuta sereia; porém, tanto um como o outro, retiraram-se a tempo, muito contentes por apenas terem gasto alguns centos de libras, sem se exporem ao fim tragico do seu antecessor.

O ultimo amante de Laura, o visconde de X***, aquelle que a acompanhava no caleche, vive com ella ha apenas uma semana. Correm, porém, uns rumores de que a moderna Messalina não está muito satisfeita com o seu novo amante, que, além de grande libertino que é, tem um pulso bastante forte e um genio irritavel em extremo.

(Continua) ALBERTO CARLOS

SCIENCIA PARA TODOS

III

CHIMICA

(Continuação)

Quando se opera uma combinação entre dous compostos binarios, tendo um elemento commum, o composto que se obtem é um chloro-sal. Se a combinação de dous corpos binarios se forma de dous sulfuretos, o composto obtido chama-se um sulpho-sal. A acção dos hydracidos sobre as bases oxygenadas produz compostos binarios, que se chamam saes haloides: taes são os chloruretos, que se obtem tratando as bases oxygenadas pelo acido chlorydrico e os sulphuretos metalicos obtidos pelo tratamento das bases oxygenadas por meio do acido sulphydrico.

Os compostos quaternarios comprehendem os saes duplos.

A chimica deve constatar as circunstancias que acompanham a mudança de estado de cada corpo nas suas diversas combinações, os seus caracteres sensiveis, a sua côr, o sabor, o cheiro, as suas propriedades physicas sob a acção do calor ou da electricidade, o seu peso especifico, a solubilidade nos diversos liquidos, etc.

Em seguida a chimica estuda as analogias que permittem estabelecer a classificação dos corpos.

Os nomes dos corpos simples são arbitrarios; mas quanto aos compostos, designam-se por termos fixos segundo certas regras. Entre os compostos binarios oxygenados distinguem-se os compostos basicos ou neutros e os compostos acidos. O nome dos primeiros forma-se da maneira seguinte: se se trata por exemplo da combinação do ferro com o oxygenio chama-se oxydo de ferro. A quantidade d'oxygenio que contem o oxydo para uma mesma quantidade de ferro exprime-se pelas palavras *proto, deuto* e *per*: assim, o composto menos oxygenado chamar-se-ha *protoxydo de ferro*, o mais oxygenado, *deutoxydo de ferro*, e emfim o mais oxygenado, *peroxydo de ferro*.

Se o composto binario com o oxygenio é um acido, designa-se fazendo acompanhar a palavra *acido* do nome do composto com a terminação *ico*. Assim o carbone, combinado com o oxygenio, forma o *acido carbonico*. Se ha dous compostos, o menos oxygenado termina em *oso* e o mais oxygenado em *al*. Assim, os dous compostos acidos do arsenico com o oxygenio chamam-se *acido arsenioso* e *acido arsenical*.

Certos corpos formam, ao combinar-se com o oxygenio, mais de dous acidos: distinguem-se sempre segundo as proporções do oxygenio, fazendo-os preceder de *hypo*. Assim o phosphoro forma com o oxygenio quatro acidos, a saber: o *acido hypo-phosphoroso*, *acido phosphoroso*, *acido hypo-phosphorico* e *acido phosphorico*.

Quando ha um quinto acido, designa se por *per* ou *hyper*. Assim o chloro com o oxygenio produz um quinto acido, que se chama *acido perchlorico* ou *hyperchlorico*. Se se pretende designar dous corpos simples, que dão geralmente logar a um composto neutro, ou algumas vezes basico, designam-se juntando a terminação *ureto* ao corpo electro-negativo. Assim, o chloro combinado com o azote dá o *chlorureto d'azote*.

A proporção dos corpos que d'este modo se combinam pode variar; o enxofre, por exemplo, combina-se com o ferro nas diversas proporções que se exprimem pelos nomes de *proto-sulphureto de ferro*, *deuto-sulphureto de ferro* e *per-sulphureto de ferro*. Se se trata de designar os compostos ternarios, e por exemplo o composto resultante da combinação d'um acido oxygenado com uma base igualmente oxygenada, o nome especifico do acido toma a terminação *ato* e ao nome junta-se o do oxydo que entra no sal. Assim, o sal formado pelo acido carbonico, combinado com o protoxydo de chumbo designa-se pelas palavras *carbonato de protoxydo de ferro*.

Taes são as denominações mais ge-

ralmente empregadas na chimica. Importa porem conhecer outras expressões particulares a este ramo da sciencia, assim como os nomes de muitos instrumentos necessarios ás suas variadas operações.

1) *Decomposição* exprime a separação das moleculas organicas das substancias.

2) *Pulverisação* significa a separação dos corpos e das mais pequenas partes sem haver decomposição das moleculas integrantes.

3) *Affinidade* exprime a força com que muitos corpos se reunem, seja na natureza, seja nas operações da arte. Esta força não é igual em todos os corpos; depende da tendencia reciproca das moleculas, ou da tendencia das moleculas para com o fluido em que se acham. E' porque não ha preferencia innata d'uma molecula para com outra, e todos os phenomenos da affinidade não passam de mecanicos e relativos.

(Continua) DOUTOR JAYME

APERTO DE MÃO

(AOS ANNOS DE E. G. A.)

E' chegado o mez de abril,
Em que a sábia natureza
Nos prados mostra a belleza
Da primavera gentil;
Aos bafos da roxa aurora
O pomar todo se enflora
Ainda que fraco e senil!

Este infinito poder
Traz comsigo as alegrias,
De que se esmaltam os dias
Que nos inspiram prazer;
E o d'hoje, tão jubiloso,
Mais propicio e venturoso
Eu creio que deve ser.

São alegres annos teus,
Sem uma magoa, nem penas;
As adoradas Camenas
Offrecem-te os cantos seus:
No meio d'este concerto
De mão affectuoso aperto
Exprima-te os votos meus...

A. CABRAL

OS INGLEZES NA INDIA

(Conclusão)

Desde essa epoca a companhia ingleza, dando livre curso ás suas ideias de predominio e á sua politica invasora, que por toda a parte se tem tornado odiosa, reuniu successivamente, por astucia ou violencia, a maior parte dos estados tributarios que hoje tem. Teve, é verdade, a luctar com a poderosa confederação dos seykhs; mas, depois de ter tratado como alliado a Rundjet-Sing, aproveitou-se das desordens que succederam quando elle morreu em 1849 para se apoderar do Pendjab. Em 1850 os inglezes submetteram o territorio além do Sutledge; em 1852 conquistaram o Pegu aos birmans e o territorio do Sindk; emfim apenas ha a considerar como independentes os poucos estados chamados hoje India Cisgangetica, que não chegam a formar a vigessima parte de toda a India.

Não obstante o seu immenso desenvolvimento, esta potencia collossal, que não se sustenta senão pela força, não tem sympathia nenhuma na população e está sempre ameaçada d'uma revolta. A sublevação dos cypayos em 1857, cheia de atrocidades do lado dos oppressores e dos insurgentes, deu á India ingleza um terrivel abalo, de que lhe custou a refazer-se. Em resultado d'estes successos o governo inglez dissolveu a companhia das Indias, occupando o logar d'ella.

O poder governamental nas Indias pertencia, antes d'isso, á companhia, coadjuvada por um conselho de vigilancia. A companhia compunha-se de tres mil e quinhentos accionistas e o capital era de quinhentos mil contos de reis. Os accionistas, reunidos em conselho quatro vezes cada anno, sob o nome de conselho dos proprietarios, nomeava vinte e quatro delegados, que formavam o conselho dos directores, e era a este que pertencia o poder executivo, tanto no interior como no exterior.

A India ingleza está actualmente dividida em tres grandes presidencias, á frente de cada uma das quaes está um governador: são Bengala, Bombaim e Madrasta, dependentes todas do governador geral, que reside em Calcuttá. O palacio do governador é um edificio esplendido, que está situado na ponta do forte Williams, dominando a entrada do rio. Foi construido em 1757 e custou nove mil contos de reis. Encerra um arsenal, uma fundição de peças d'artilheria, e é tão basto, que pode conter uma guarnição de vinte mil homens.

A força militar da India ingleza consta de quarenta e nove mil homens de tropas europeias e duzentos noventa e cinco mil indigenas ou cypayos.

A MATANÇA DO DIA DE S. BARTHOLOMEU

Foi no dia 24 d'agosto de 1572 que teve logar a horrivel mortandade conhecida na historia pelo nome de S. Bartholomeu.

Devastava a França uma guerra civil, a peor de todas as guerras, porque derivava da diversidade de opiniões religiosas, ou por outra, as religiões serviam de pretexto a esses actos de crueldade que formam a maior das calamidades que pode affligir um povo, a guerra com todos os seus horrores. Catholicos e protestantes degladiavam-se mutuamente, desde muitos annos, sem que o sangue derramado podesse fazer triumphar os dogmas d'uma das religiões, porque nenhuma ha que possa impor-se aos espiritos pela cruenta força das armas.

Em 1561 houve em Poissy uma conferencia, na qual se empregaram muitos meios para conciliar as duas opiniões. Todos os esforços foram porém baldados. Os protestantes correram novamente ás armas, tendo á sua frente o principe de Condé, e a guerra, alimentada d'ambos os lados por um falso principio religioso, continuava a affligir a França. Depois d'alguns triumphos ephemeros, os protestantes foram successivamente derrotados em Dreux, pelo duque de Guisa, em 1562, em S. Diniz, pelo condestavel de Montmorency, em 1566, em Jarnac e em Moncontour, pelo duque de Anjou, mais tarde rei de França com o nome de Henrique III, em 1569; e finalmente foi assignada a paz em S. Germain, em 17 de março de 1570, e o casamento de Margarida de Valois, irmã do rei de França Carlos IX, com um principe protestante, o rei de Navarra, ao depois Henrique IV, parecia ser o seguro penhor d'uma reconciliação duradoura entre os dous partidos, conhecidos pelos nomes de armagnacs e huguenotes. O primeiro era o partido catholico, o segundo o protestante.

A princeza Margarida de Valois trouxera para Fraça um enorme sequito de fidalgos e cavalleiros, todos huguenotes, e todos acharam commodo alojamento no proprio Louvre. O almirante de Coligny, chefe do partido protestante, gosava até de certa influencia na côrte e Carlos IX tratava-o com toda a deferencia. Apesar de tudo isto, ou naturalmente por causa de tudo isto, o partido catholico meditou o exterminio do seu rival, e para isso preparou o acto mais cruel de que resa a historia.

E' fora de duvida que a matança de S. Bartholomeu teve por inspiração um pensamento politico tenebrosissimo, mal disfarçado sob a capa do sentimento religioso. Sobre quem foi o iniciador de similhante ideia não estão os historiadores d'accordo; mas ha quem affirme que a rainha-mãe Catharina de Medicis tomou parte muito activa n'esse tenebroso plano, e o que está bem averiguado é que foi este o unico meio que a ambição dos catholicos achou efficaz para aniquilar a influencia do partido protestante, exterminando-lhe por uma geral matança todos os seus membros.

Uma narração que temos á mão affirma que os huguenotes attrahidos a França por occasião do casamento da irmã do rei, o foram já em virtude d'esse plano, d'antemão combinado, para os fazer succumbir; mas o que parece mais provavel é que a resolução d'aquella carnificina foi subita e que a côrte julgou a medida necessaria depois da tentativa d'assassinato do almirante Coligny, porque se temiam as represalias.

Em 23 d'agosto de 1572, ao dar a

meia noute, Catharina de Medicis entrou no quarto do rei, de quem receiava a irresolução ou os remorsos. Carlos IX estava com o duque d'Anjou, os duques de Guisa e outros fidalgos. A rainha disse-lhe:

—Tudo está preparado. E' pena terse de ser cruel; mas crueldade sería ter piedade com similhante gente!

Operou-se então nas feições do rei uma mudança sinistra e deu a ordem fatal, jurando pela morte de Christo, que, uma vez que se approvava a morte do almirante, estava approvada igualmente a de todos os huguenotes que havia em França, para que não ficasse um só que depois podesse censurar o assassinato do seu chefe.

E' de crer que as palavras do rei enchessem d'alegria aquelles fidalgos e a propria rainha-mãe, pois uns e outros tinham disposto o diabolico plano. O duque de Guisa, o duque d'Aumale, o duque de Montpensier, o bastardo de Angouleme e outros dos seus adherentes, depois de terem celebrado repetidos conciliabulos, explorado o fanatismo religioso e aggregado partidarios para a sua causa, dispozeram convenientemente n'essa noute os soldados da guarda real, os archeiros, os suissos e os assassinos assalariados, distribuindo-lhes os seus respectivos postos, em quanto Catharina de Medicis e o duque d'Anjou, seu filho estremecido, espreitavam por detraz das vidraças do Louvre o momento terrivel de principiar aquelle horroroso drama.

Era hora e meia da noute quando o sino da torre do relogio no palacio da justiça deu o signal da carnificina, que foi correspondido, como por encanto, por todos os sinos da capital.

(Continua) LUIZ MENDES

DIEPPE

DIEPPE

Dieppe é a praia de banhos mais frequentada dos bons francezes. Mas não é só isto o que dá celebridade á povoação, que, fundada na idade media, se tornou em breve tempo o imporio do commercio maritimo mais importante da Mancha.

Foram os armadores de Dieppe que fundaram as primeiras colonias francezas nos diversos pontos da America e Africa.

A creação do porto do Havre fez perder a Dieppe toda a importancia commercial.

Foi no tempo de Francisco I que Dieppe chegou ao mais alto grao de prosperidade. Foi ahi que nasceu o celebre almirante Duquesne.

Entre os seus monumentos citaremos a egreja de S. Thiago, principiada em 1200, o antigo castello, a fortaleza encostada a um penhasco quasi inaccessivel, e um aqueducto aberto na rocha viva, destinado a alimentar as fontes da cidade.

Consta a população de deseseis mil habitantes.

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

XXXI

LARREY

Larrey nasceu em Boudeans, perto de Bagneres, no departamento dos Altos Pyreneos, em 1766; estudou a medicina em Tolosa sob a direcção d'um de seus tios, e dirigiu-se em seguida a Paris, onde o chamavam brilhantes destinos.

Os seus talentos e experiencia mereceram-lhe a nomeação de cirurgião em chefe do exercito francez, acompanhando-o primeiramente ao Egypto e depois em todas as campanhas do imperio.

Se os seus talentos o tornavam distincto, o seu proceder mais jus lhe deu ainda á admiração dos contemporaneos. Tão bravo como o soldado cujos trabalhos partilhava, Larrey precipitou-se mais d'uma vez sob o fogo dos canhões inimigos para arrancar á morte as suas victimas; em mais de uma occasião lhes cedeu os seus vestidos, a roupa branca, a propria comida. Cercado de feridos, foi visto por diversas vezes durante mais de trinta horas, sem descanso e sem comer, administrar aos feridos os soccorros da sciencia. Eis os serviços prestados á humanidade por este homem extraordinario durante os vinte e dous annos d'uma guerra sem exemplo nos annaes do mundo.

Sem conhecer distincções nem gerarchias, só attendia ao que soffria, e o mais humilde soldado, quando necessitava primeiramente de soccorros, era de quem elle cuidava, de preferencia a um general. E é para notar que não tratava apenas os soldados francezes; os inimigos recebiam tambem curativo quando os encontrava. Como não havia um tão nobre modo de proceder de conciliar-lhe a veneração de todo o exercito?

Depois de feita a paz foi nomeado cirurgião em chefe d'um hospital militar em Paris. Larrey tinha então sessenta e seis annos. Pediu o cargo de inspeccionar os hospitaes da Algeria, então cheios de doentes, e falleceu durante a viagem.

Morreu como vivera, cercado de soffrimentos humanos, para os quaes a sua vida não passou de uma longa consagração.

O MONOMOTAPA

(Continuação)

Conta a chronica da qual extrahimos esta veridica historia que tres dias depois d'aquelle em que o rei teve a entrevista com o portuguez, viu o mesmo monarca no ceo uma estrella, que de branca passou a encarnada e se poz emfim côr de sangue, espalhando brilhantes scintillações da mesma côr.

O phenomeno fel-o estremecer, apesar da sua ferocidade, e chamando uma especie de mago ou astrologo, que os ha sempre em abundancia entre os povos negros, disse-lhe:

—O que significa este signal?

—Significa que dentro de pouco tem-

po todo o teu imperio estará ardendo em guerras e desastres.

O monarca tornou-se taciturno, e cheio de furor encerrou-se no fundo do seu palacio. Tres dias depois viu outro phenomeno, que não deixou d'aterral-o da mesma maneira que as tres estrellas côr de sangue.

Viu vir quatro bandos de aves raras e singulares. Um dos bandos compunha-se d'aves todas negras, as do outro eram brancas, azues as do terceiro e as do quarto encarnadas; quando estavam mesmo por cima do palacio real, principiaram a brigar umas com as outras, até que o bando das aves brancas venceu todas as mais.

O rei chamou immediatamente o seu astrologo e ordenou-lhe com gesto sombrio que explicasse aquelle mysterio.

—Hasde saber, ó grande rei, exclamou o astrologo, que esses quatro bandos d'aves de rapina que se debateram no espaço representam as quatro grandes tribus do teu imperio. São ellas que se revoltam contra o teu poder, e por este facto se demonstra claramente que se approxima a hora em que deixarás de reinar sobre o teu povo.

O rei ficou ainda mais enfurecido do que estava, e descendo á grande praça onde costumava, por uma tradição antiquissima, receber as queixas dos seus subditos, tomou logar na grande cadeira, para a qual se subia por uma escadaria de vinte e quatro degraos. Por cima estava um grande docel oriental de purpura e ouro e o chão achava-se molemente tapetado com ricas fazendas do Egypto. Era ali que o rei costumava formar o tribunal de justiça.

Tomando pois assento no throno, e rodeado da sua guarda e grandes da côrte, mandou vir á sua presença os quatro chefes das tribus do seu imperio, e sem que estes soubessem qual era a intenção do soberano, mandou-os atar pelas costas, despir até á cintura, e postos os quatro miseraveis de joelhos diante do throno do soberano, sem saberem que genero de crime tinham commettido para merecerem aquelle castigo, exclamou o Motapa:

—Que as cabeças d'esses infames caiam por terra! Veremos se as prophecias podem mais do que a minha vontade!

E immediatamente ordenou aos carrascos que cortassem aquellas quatro cabeças.

A terrivel sentença assim se executou.

O Motapa retirou-se em seguida, satisfeito da sua obra e julgando ter impedido o cumprimento do destino que as prophecias lhe annunciavam. Quando chegou ao palacio, mandou que lhe servissem as mais exquisitas iguarias e os vinhos mais generosos, para celebrar o triumpho sobre os seus inimigos com um esplendido festim.

Mas então entrou de ver uma cousa ainda mais singular.

(Continua)

O XADREZ

Se quizermos estudar a etymologia d'este nome, encontral-a-hemos perfeitamente indicada na sua origem. Xadrez vem da palavra sanscrita e persa *Schah*, que quer dizer rei. Como se sabe, no jogo do xadrez o rei é tudo; é elle que representa o principal papel, a elle é que todos os ataques são dirigidos.

O XADREZ

Os erudictos pouco se importam com o sanscrito e o persa; para elles basta saber que o jogo do xadrez fosse renovado dos gregos, e, por tanto, na opinião dos sabios, é a Palamedes que remonta a origem d'este jogo. Inventou-o elle e ensinou-o aos seus companheiros, para se distrahirem todos, jogando-o, das fadigas do cerco de Troya.

Delille adoptou esta opinião, que se tornou classica. Todavia ha dados para crer que o jogo do xadrez foi inventado na India, no seculo IV da nossa era, espalhando-se em breve tempo pela China e a Persia, e foram os cruzados que o tornaram conhecido na Europa.

As combinações do jogo do xadrez constituem-o uma verdadeira sciencia, com a sua lingoagem especial, as suas regras, a sua historia, a sua litteratura e até os seus jornaes. Tem havido muito celebres jogadores de xadrez.

A SOCIEDADE DOS TRES

X

AS DUAS AMIGAS

(Continuação)

A sua amiga continuou:

—Para que hade casar a gente pobre? Para depois acontecer isto. Bem sabes quanto eu sou rica, e apesar d'isso, o meu papá não quer que eu case senão com um homem que tenha pelo menos tanto como eu. Ainda ha dias elle me dizia, isto é, me tecia o elogio de certo marquez... esse a quem o teu marido foi procurar, dizendo-me ser um excellente partido para mim. Segundo os calculos de meu papá, o marquez deve ter dous ou tres milhões. Ora, além da riqueza, o que mais me agrada é que poderei apresentar nas minhas seges um escudo de nobreza. Que te parece? Não é chic?

—Parece-me bem. Se tu amas o marquez e elle tambem...

—Amal-o, eu? Se não o conheço!

—E sem amor vaes casar com elle!

—O amor! Ahi tornas com o amor! Isso é uma creancice. N'outros tempos teria rasão de ser a tua reflexão; hoje não. Um dote vale por quantos amores se possam imaginar. Actualmente já se não usa casar por amor. Acabaram os Paulos e Virginias. Ora dize-me, tontinha: julgas-te feliz com o amor de teu esposo?

—Julgo.

—Então que especie de felicidade é essa? Em que consiste ella? Em estarem ambos quasi a morrer á fome! Bonita felicidade na verdade! Ai, pobre Mathilde! Tu não conheces o mundo!

Mathilde encolheu os hombros, e como Henriqueta tomasse isso por um signal de duvida, tornou com um modo altivo:

—Sim; não podes negar que com as tuas ideias morrerias á fome e o que te valeu foi lembrares-te de mim. Advirto-te porém que são tantos os pobres que tenho a cargo soccorrer, que não poderei fazer-te tanto bem quanto eu desejaria. Tu não imaginas como me vejo

apoquentada com pedidos. Tu podes verifical-o facilmente. Basta que leias uma semana a fio a secção de communicados dos jornaes mais lidos. Todos os pobres que eu soccorro me fazem os mais rasgados elogios, e os elogios sempre consolam...

N'este ponto Henriqueta interrompeu-se para consultar o relogio.

—Meu Deus! Duas horas! E eu que á hora e meia devia estar em casa para conferenciar com a minha amiga viscondessa, que ficou de procurar-me, ácerca d'uns córtes de vestidos que queremos encommendar para Paris, afim de apparecermos no basar a favor da Creche. Sabes que mais? Adeus. Visitas a teu marido e que me diga o que passou com o marquez.

—Dize antes com o teu noivo.

—E' exacto.

Henriqueta sahiu quasi sem se despedir, deixando a sua amiga mergulhada em um oceano de reflexões.

—Pois é esta a Henriqueta, aquella minha melhor amiga do collegio? disse a boa mulher por fim. Oh! Que bom foi o Jeronymo não estar presente! Que diria elle se a ouvisse discorrer ácerca do amor e do casamento?!... Oh! Se ao menos o marquez lhe alcançasse um emprego, nunca mais pediria nada a esta mulher.

Estas reflexões absorviam-lhe por modo tal a attenção, que se atirou como aniquillada para cima d'uma cadeira, e, cobrindo o rosto com as mãos, iam-lhe a saltar as lagrimas pelos olhos fora quando a porta, que apenas ficara cerrada, se abriu com estrondo e appareceu Frederico, arquejante, pallido, desorientado.

—Snr.ª Mathilde! exclamou quasi lançando-se de joelhos diante d'ella. Por Deus peço-lhe me tire d'esta grande duvida. Acabo de encontrar-me na escada com uma dama que sahiu d'aqui. Quem é aquella mulher? A que veio a esta casa? Estou ancioso, febricitante, louco! Pela voz pareceu-me... Meu Deus! Se fosse ella!... Mas era! Não posso duvidar! Era ella!

Um raio de luz atravessou o espirito da esposa de Jeronymo. Comprehendeu tudo em um momento. A mulher que o poeta amava era ella, era Henriqueta.

—Pobre Frederico! exclamou. Esqueça a ingrata! Esse amor foi um sonho que se dissipou!

—Ah! Que lhe dizia eu ha pouco? Sou o mais infeliz dos homens! bradou Frederico. Está tudo acabado para mim! Que me prende agora a esta terra que me foi berço? Nada. Vou em procura da felicidade ao Brazil. Ali ha almas que comprehendem a desgraça, ha balsamo para as feridas do coração, ha um ceo que sorri e uma natureza que é mãe dos desherdados! Adeus! Adeus para sempre!

(Continua)

COMBOYO EXPRESSO

—

Dizes, chorando, que morreu a chamma
Do meu antigo amor...
Talvez que seja assim; mas não te esqueça
Que vamos a vapor.

Recordas-me que foste o meu enlevo...
Não me esqueceu tambem;
Mas olha, meu amor, não me demores,
Que vae partir o trem.

Cem vezes te jurei ser teu escravo,
E juro agora mil:
Mas tenho que partir e não se espera
N'um ferreo-carril.

Que fomos mui felizes e ditosos
Repetes... e em que tom!...
Mas não me deixa ouvir toda a conversa
A bulha do wagon.

Que o teu amor por mim foi o primeiro
Juras... e tens rasão;
Mas olha que de gente vem chegando...
Não vês?... todos se vão.

Onde ámanhã serei por estas horas
Queres saber? Não é?...
Cem legoas d'aqui. Mas limpa os olhos...
Que não irei a pé.

Dizes que tens saudades... Acredito;
Mas tem poder em ti...
Bem vês que vae partir o trem expresso;
Hei-de ficar aqui?

Não me acuses, cruel, de que inconstante
Me seja o coração;
Mas tu bem sabes, filha, que em viagem
Se muda... de estação!

Eu quizera jurar-te amor eterno...
Mas não o jurarei...
Porque emfim ninguem póde affiançar-me
Se descarrilarei.

E' grande o teu pesar... dil-o o teu rosto
E as lagrimas na voz·
Mas preciso vêr mundo e a ter de vel-o
Seja em um trem veloz.

De que presta o chorar? Limpa esses olhos,
Que são formosos, são;
Mas não podem deter nos seus progressos
A civilisação.

Finalmente apitou!.. O meu desejo
E' que sejas feliz.
Se não houver um choque no caminho
Sou teu... mas em Pariz.

Adeus ind'outra vez!... Lembra-te, qu'rida,
Do que diz o rifão...
Lá sibilla o vapor!... Longe da vista...
Longe do coração.

L. A. Palmeirim

A TERRA

(EXCERPTO)

—

Sem nos ser necessario ir além dos apertados limites do planeta em que Deus nos fez nascer, offerece-nos a natureza as scenas mais variadas, os espectaculos mais grandiosos e mais sublimes. Entre os globos mais protegidos no meio dos astros errantes, o que habitamos parece ter sido privilegiado; menos frio e menos afastado do sol que Saturno, Jupiter ou Marte, é menos ardente do que Venus e Mercurio, que parecem estar proximos de mais ao astro da luz.

E com que magnificencia tambem a natureza se manifesta brilhando na terra!

A luz purissima, que do oriente se estende ao poente, vae dourando successiva os hemispherios do nosso globo; um elemento transparente e ligeiro o circunda, um calor suave e fecundo o anima, e faz desenvolverem-se e produzirem todos os germens da vida; agoas vivas e salutares lhe auxiliam a sustentação e crescimento, elevações distribuidas pelos terrenos represam os vapores do ar, e tornam estas nascentes sempre novas, inesgotaveis sempre, cavidades immensas destinadas a recebel-as dividem os continentes, e o mar não cede em extensão á terra, elle que bem longe de ser elemento esteril e desanimado, é outro imperio tão rico, tão povoado e cheio de animação como o primeiro.

O dedo de Deus marcou-lhe os limites. Se entra pelas praias do occidente, deixa porção igual a descoberto no oriente. Esta massa immensa de agoa inactiva de si, está subjeita á impressão produzida pelos movimentos celestes; baloiça-se com oscillações regulares de fluxo e refluxo, eleva-se e deprime-se pela acção do astro da noute; eleva-se mais ainda quando com a acção d'este concorre a do sol, e que reunidas as forças de ambos nos equinoccios, apparecem as grandes marés.

Nenhuma parte da terra mostra mais evidenciada a nossa correspondencia e ligação com o ceo.

D'estes movimentos constantes e geraes resultam movimentos variaveis e especiaes: transportes de terras, depositos que vão formar no fundo dos mares elevações similhantes ás que encontramos na superficie da terra, correntes que seguindo a direcção d'estas cordilheiras de montanhas submarinas, lhes dão figuras em que se correspondem todos os angulos, e que, correndo pelo meio das ondas, como as agoas correm pelo meio das terras, vem a ser na realidade verdadeiros rios do mar.

O ar, mais fluido, mais ligeiro ainda do que a agoa, obedece tambem a influencias mais numerosas talvez. A acção remota do sol e da lua, a acção immediata do mar, a do calor que o rarefaz, a do frio que o condensa, estão-lhe produzindo sempre continuadas agitações: são-lhe os ventos correntes, impellem e congregam as nuvens, produzem meteoros, levam sobre a superficie arida dos continentes terrestres os vapores humidos das regiões maritimas; determinam tempestades, espalham e distribuem chuvas fecundantes e orvalhos vivificadores; alteram os movimentos do mar, agitam

a superficie movel das agoas, demoram ou precipitam as correntes, fazem-n'as até retroceder, intumecem as ondas, excitam as tempestades. Então vê-se o mar enfurecido erguer-se ameaçando os ceos, e quebrar-se depois rugindo de encontro aos diques inabalaveis, que, apesar dos seus esforços, não pode destruir nem vencer.

E a terra erguida acima do nivel do mar, e livre das suas invasões, esmaltando-se de flores, vestindo-se de verdura, que se renova sem cessar, povoando-se com milhares de milhares de especies de animaes differentes, é logar de repouso, onde o homem, collocado para secundar a natureza, domina e dirige todos os seres que o rodeiam.

Associado, para assim dizer, á creação terrestre, constitue o seu principal ornamento e a sua producção mais nobre, e multiplicando-se, multiplica-lhe o germen mais precioso; e ella parece tambem multiplicar-se com elle, que a exalta, expondo á luz, pelo seu artificio e trabalho, os primores que a sua socia entranhava nas mais reconditas profundidades.

E que thesouros ignorados! Quantas novas e desconhecidas riquezas!

As flores, os fructos, as sementes aperfeiçoadas, multiplicadas até ao infinito; as especies dos animaes uteis transportadas, propagadas e infinitamente multiplicadas; em quanto as especies nocivas se vêem reduzidas, afastadas e cada vez mais limitadas; o ouro e o ferro mais necessario do que o ouro, extrahidos das entranhas da terra, as torrentes contidas, os rios dirigidos, canalisados, o mar submettido, estudado, conhecido, navegado de hemispherio a hemispherio; a terra accessivel por toda a parte, por toda a parte cheia de fecundidade e de vida. Nos valles, prados risonhos, nas planicies pastagens opulentas, ou cearas mais opulentas ainda; as collinas carregadas de vinhas e de fructos, as cumiadas frondeando arvores uteis ou florestas nascentes; desertos transformados em cidades habitadas por uma povoação mansa, que, circulando sem cessar, espalha-se d'estes centros para as extremidades; estradas patentes e frequentadas, communicações estabelecidas por toda a parte, como testimunha da força da união das sociedades; milhares d'outros monumentos, em fim, de poder e de gloria, a demonstrarem que o homem, senhor do dominio da terra, deu-lhe nova fórma á superficie, participando sempre e em toda a parte do poder da natureza.

Entretanto é só pelos direitos de conquistador que vae reinando; gosa, mas não possue, e se os conserva ainda, é á custa de cuidados e cautelas, que está constantemente a renovar. Se estes cessassem affrouxaria tudo, tudo se alteraria, tudo mudaria para tornar ao poder exclusivo da natureza, porque esta vae sempre reconquistando os seus direitos, apaga as obras dos homens, cobre de musgo e de poeira os seus monumentos mais faustosos, destroe-os por fim de tempo, e só lhe deixa o pezar de ter perdido, por sua culpa, o que os seus antecessores tinham conquistado.

BUFFON

AS CRUZADAS

(Continuação)

Os cruzados dividiram-se em diversos corpos, o primeiro dos quaes ficou sendo commandado por Pedro, o Eremita, Gautier *Sem ter nada* e Godescale, frade alemão. Estes chefes assignalaram-se por varios actos de crueldade na Hungria e na Bulgaria, e o resultado foi um exterminio quasi geral em caminho de Constantinopla.

Gautier pôde no entretanto passar o Hellesponto com os restos desmantellados do seu exercito; mas os turcos derrotaram-o e assassinaram-o em Niceia.

O segundo corpo, composto de duzentos mil aventureiros, tomou por guias um ganço e uma cabra, que suppuzeram inspirados por Deus. Antes de partir entenderam tornar a divindade favoravel degolando todos os judeus.

O terceiro e ultimo corpo constava de cem mil cavalleiros e seiscentos infantes e tinha por chefes Godofredo de Bouillon, duque de Lorena, Eustaquio e Balduino, seus irmãos; Raymundo, conde de Tolosa; Roberto, conde de Flandres; Roberto, conde de Normandia; Estevão, conde de Chartres e de Blois; Hugo, irmão do rei de França; Boemundo, principe de Tarento; Tancredo, e Adhemar, bispo de Puy. Chegados a Constantinopla, levaram a audacia a ponto d'insultar o imperador do Oriente, Alexis Commene, no seu proprio palacio, e este, para se desembaraçar de hospedes tão importunos, facilitou-lhes os meios de passarem o Bosphoro o mais depressa possivel.

Os christãos tomaram Antiochia ao cabo d'um cerco de nove mezes. Jerusalem foi em seguida levada d'assalto. Os vencedores immolaram setenta mil musulmanos e queimaram quantos judeus encontraram.

O exercito dos cruzados achava-se n'esse momento reduzido a trinta mil combatentes. Godofredo de Bouillon foi acclamado rei de Jerusalem e a Palestina ficou dividida em districtos, ou antes feudos. Mas a introducção da feudalidade originou a guerra civil entre os vassallos e alguns chegaram a alliar-se com os mahometanos. As ordens dos Hospitaleiros, dos Templarios e dos Teutonicos chegaram muitas vezes a vias de facto por questões d'interesses.

No principio do seculo XII tresentos mil christãos tomaram o caminho da Palestina; mas foram aniquilados na Asia menor.

Em seguida a este desastre o papa Eugenio III pregou uma terceira cruzada e Conrado III, imperador da Allemanha, e Luiz VII, rei de França, accudiram logo a Constantinopla com quatrocentos mil homens.

(Continua)

A BATALHA DAS PYRAMIDES

Toda a gente conhece o celebre dito de Napoleão Bonaparte:

—Soldados! Do alto d'aquellas pyramides quarenta seculos vos contemplam!

Foi assim que aquelle heroe, ao chegar diante das pyramides do Egypto, apontou aos seus soldados o caminho da victoria, e esta coroou os trabalhos da expedição na celebre batalha das pyramides, dada em 21 de julho de 1798, sobre o bey dos mamelukos Murad-Pachá.

A gravura da ultima pagina representa o exercito francez diante das pyramides.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XLIV

ADEUS Á AFRICA

Para dizermos adeus á Africa restanos visitar as ilhas, não só as do Oceano Atlantico, como as do Oceano Indico. E' ahi que encontramos as principaes possessões das nações europeias.

Principiemos por enumerar as nossas ilhas dos Açores, que são dez, com uma população total de 250:000 almas. Angra é a capital de todo o archipelago; é uma formosa cidade de 13:000 habitantes, com um soffrivel castello, na ilha Terceira.

Vem em seguida as Canarias, antigas ilhas Afortunadas, archipelago de vinte ilhas, pertencentes hoje á Hespanha. População, 200:000 h. Capital, Palma, praça forte, 18:000 h.

Na costa de Guiné possuem os hespanhoes as ilhas de Anno Bom e Fernando Pó. A primeira, com uma superficie de 30 kilometros e 1:000 habitantes, foi descoberta pelos portuguezes no dia 1.º de janeiro de 1473; a segunda, igualmente descoberta por um navegador portuguez, tem 1:800 kilometros de circunferencia e está situada na bahia de Biafra, formada pelo mar de Guiné. O solo é muito montanhoso e o clima extremamente insalubre. Os inglezes occuparam Fernando Pó em 1827, fundando o forte Clarendon, destinado a proteger o seu commercio e impedir o trafico da escravatura; abandonaram-a momentaneamente em 1834, tomaram-a de novo e evaquaram-a em 1844.

Chegamos agora ao nosso formoso archipelago de Cabo Verde, composto de dez ilhas e com uma população total de 90:000 habitantes. Capital, a cidade da Praia, 3:600 h. Logo em seguida temos a Madeira, grupo de duas ilhas e algumas ilhotas, com 100:000 h. Capital, o Funchal, 20:000 h. Não passaremos adiante sem visitar a ilha de Santa Helena, descoberta pelo portuguez Lourenço d'Almeida em 1506 e pertencente hoje aos inglezes. População, 7:000 h. A capital é James Town, 3:000 h.

A ilha da Ascenção dista 960 kilometros da de Santa Helena e 1:550 do ponto mais proximo do continente africano. O solo é vulcanico e coberto de cinzas e lavas. Abundam as tartarugas, de que todos os annos se pescam 500 a 1:500, algumas com 350 kilogrammas de peso. A Ascenção foi descoberta em 1510 pelo portuguez João da Nova, e os inglezes, que se apoderaram de ella, estabeleceram ali um posto militar em 1815, afim d'impedir qualquer tentativa para libertar Napoleão quando se achava prisioneiro em Santa Helena. Tal era o medo que tinham!

A ilha de Tristão da Cunha, que lembra igualmente o nome d'um navegador portuguez, está da mesma sorte no Atlantico, a sudueste do cabo da Boa Esperança. E' um grupo d'ilhas, sendo a de Tristão da Cunha a unica habitada.

No Oceano Indico encontram-se as ilhas seguintes:

Madagascar, uma das maiores ilhas do globo, medindo uma superficie de 1:700 kilometros de comprimento e 400 de largura, e com uma população de dous milhões d'habitantes. Foi o portuguez Lourenço d'Almeida, o mesmo que descobriu Santa Helena, que descobriu esta ilha em 1506. Atravessada por uma cadeia de montanhas, onde nascem numerosas correntes d'agoa, tem um clima quente e humido; nas costas reinam as febres intermittentes; mas o interior é salubre. Tem muitas minas d'estanho, ferro e cobre; blocos de crystal de rocha. Vastas florestas pantanosas, quasi impenetraveis, povoadas de leopardos, javalis e macacos; aves de vistosa plumagem. Nos rios habitam numerosos hippopotamos e caimans.

No principio do seculo XIX este povo, governado por Radama I, civilisou-se bastante; mas depois recaiu em um estado semi-selvagem. O governo tem celebrado tratados de commercio com a França, Inglaterra e Estados Unidos.

Capital Tananarive, cuja situação não pode ser mais pittoresca. Fortificações, palacio do rei construido á moda europeia; templo de Jankar (o bom genio); o tumulo do rei Radama. Os missionarios francezes teem ali uma imprensa, que utilisam em fazer publicações destinadas á instrucção d'aquelles povos. Tananarive tem 50:000 habitantes. E' hoje a capital do reino dos howas.

DIANTE DAS PYRAMIDES

Os francezes possuem perto de Madagascar a ilhota de Santa Maria, que, com Nossi-Bé, antigo logar de deportação, forma o governo de Mayotta. Esta possessão está incluida nas ilhas Comores, cuja população é de 24:000 habitantes e está submettida a varios principes indigenas.

A leste de Madagascar está a colonia da Reunião (outr'ora ilha Bourbon), tambem pertencente á França, e que tem 200:000 habitantes. Capital, S. Diniz, 20:000 h., cidade bonita, mas sem porto.

O clima da Reunião é muito saudavel; frequentes furacões repellem os miasmas pestilenciaes.

E' igualmente por aquelle lado que estão situadas as ilhas Mascarenhas, grupo que comprehende a ilha Mauricia (outr'ora ilha de França), hoje em poder dos inglezes. População, 315:000 habitantes; superficie, 1:813 kilometros quadrados. Capital, Porto-Luiz, 70:000 habitantes. As ilhas Chagas dependem do governo da Mauricia.

A ilha Mauricia foi descoberta em 1545 pelo portuguez Mascarenhas, que lhe deu o nome de Cerno. O hollandez Van-Neck apoderou-se d'ella e denominou-a Mauricia em honra de Mauricio de Nassau, em 1712. Os francezes estabeleceram-se ahi e chamaram-lhe ilha de França, em 1715. Os inglezes tomaram-a em 1814. E' celebre a ilha de França por ser ahi que se passa a acção do romance de Bernardin de S. Pierre *Paulo e Virginia.*

Ao norte de Madagascar está o archipelago das Seychelles, cujas principaes são Mahé e Praslin. Pertencem á Inglaterra e teem 9:000 habitantes. Estas ilhas dividem-se em dous grupos, que são as Seychelles e as Almirantes. Estas são umas ilhotas pouco importantes. Emfim temos no mar das Indias a ilha de Socotorá, notavel pela pesca das perolas que ahi se faz e pelo excellente aloes que exporta para todo o mundo.

Situada a cerca de 370 kilometros da Arabia e a 170 do cabo Guardafui, tem Socotorá uma população de 5:000 habitantes e occupa uma superficie de 1:600 kilometros quadrados. Capital, Tamarida, povoação de 150 casas, disseminadas sobre um grande espaço de terreno. Socotorá é tributaria do iman de Mascate; os inglezes occuparam-a e estão-a disfructando.

(Continua)

EXPEDIENTE

Acaba com este numero o primeiro volume d'este jornal.

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 52, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, e com quatro gravuras.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa, é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

FIM DO VOLUME PRIMEIRO

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 53

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 1 DE SETEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs, (adiantados)

BEJAPOOR

SUMMARIO

Texto:— Bejapoor — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A matança do dia de S. Bartholomeu, por Luiz Mendes — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America — Lamego, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio — O desgelo — O Monomotapa — A minha crença (poesia) por Ernesto — A sociedade dos tres (romance original) — Sevilha (poesia) por Annes Baganha — Alda, por Costa Goes — Do meio dia ás duas horas — Cervantes — Zig-Zags: A moda — Expediente — Prospecto.
Illustrações:— Bejapoor — O desgelo — D. Quixote.

BEJAPOOR

Bejapoor, antiga capital da provincia do mesmo nome, no Industão, era ao seculo XVII uma das mais vastas e fortes cidades da India. Cercava-a uma dupla fila de muralhas e no centro da cidadella vinte mil cavalleiros podiam levantar as suas tendas. Os escriptores orientaes, phantasistas sempre, asseguram que na epoca do maior esplendor Bejapoor contava mais d'um milhão de habitantes e mil e seiscentas mesquitas.

Hoje deserta, reduzida a um montão de ruinas, aquella antiga metropole d'um poderoso imperio não tem a menor importancia, não passa d'uma recordação gloriosa dos tempos que tão prosperos correram para aquelle paiz, berço da civilisação universal.

Nas redondezas ainda lhe chamam a *fortaleza* em rasão do papel que a cidade representou no tempo dos imperadores, e d'esse tempo datam igualmente os monumentos que ainda estão de pé. Os mais notaveis são o tumulo de Reza, o de Newaus-Shah, o celebre mausoleu de Mahmud e o reservatorio da grande mesquita, cujas agoas sagradas servem para as abluções. Vê-se ainda ali tambem um templo indu, apoiado sobre uma quantidade inumeravel de pilares de pedra e construido no estylo da architectura brahmanica.

Escondidos n'aquellas veneraveis e pittorescas ruinas vivem por ali salteadores, que atacam os viajantes desprevenidos. Os mais temiveis são os d'uma tribu chamada dos phansegards, que significa estranguladores, porque a sua arma é o *phansi*, ou nó corrediço, que são muito habeis em atirar para segurar a presa, seja gente ou animaes.

Uma cousa notavel d'estes homens ferozes é que, quando matam alguem, poupam as creanças e guardam-as comsigo, ensinando-lhes depois o seu officio; por este motivo são os mais habeis salteadores da India, o que não admira em vista d'aquella excellente escola.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

—

XXVII

(Continuação)

—Ainda hontem, no Marrare, continuou Paulo, um dos meus amigos com quem jogava o bilhar, me disse que Laura fôra esbofeteada pelo visconde, em um accesso de colera. O fundamento que haja para se dizerem estas cousas, ignoro-o; no entanto creio que assim seja a julgar pelos precedentes.

Jorge escutara com attenção a narrativa de Paulo.

—Pois na verdade te digo, Paulo, que até hoje amava esse monstro de formas seductoras, porque ainda não tinha uma certeza da identidade d'essa creatura, de cuja historia ouvira contar parte no Rio de Janeiro. Tu sabes o que é um cerebro allucinado pelo ardor d'uma louca paixão; por isso não te surprehenderás se te disser que uma pessoa em quem deposito toda a confiança me contou os escandalos que Laura commetteu n'aquella cidade. Estava tão cego o meu espirito, que, apesar da notavel coincidencia da mulher em que me fallavam ter o nome de Laura, os cabellos louros, ser uma actriz, signaes d'aquella que eu amava, até hoje duvidei de ser essa creatura miseravel a mesma que ha pouco ahi passou. Esperava pelo meu regresso a Portugal para averiguar a verdade de tudo isto; bemdigo pois o acaso que tão cedo veio desenganar-me. De ora avante, crê-me, votarei o mais solemne desprezo á mulher cynica, que abusou da minha inexperiencia e ingenuidade.

—E é tempo d'isso, respondeu Paulo. Se tu, quando eu t'o disse, tivesses evitado essa mulher, não teria tido logar a serie de fatalidades que tens soffrido.

—Mas porque não me fallaste com a necessaria clareza quando pretendias furtar-me aos laços da perversa? interrogou Jorge.

—Não fui mais claro, porque te vi louco d'amor por ella, e n'esse estado não me acreditarias Além d'isso os boatos que corriam sobre os antecedentes de Laura, ainda não mereciam todo o peso, e o seu procedimento em Lisboa ainda não tinha grandes nodoas.

—Satisfaz-me a tua explicação. No teu caso, provavelmente, procederia do mesmo modo.

Pouco depois das tres horas da tarde os dous amigos dirigiram-se para a sala do jantar.

—Não sabes, Paulo, que a tua companhia n'esta ocasião me é muito necessaria? Se eu estiver só á mesa pouco me apetece a comida, em quanto que, tendo um amigo ao pé de mim, desempenho o meu papel soffrivelmente. Já jantaste?

—Já, respondeu Paulo; no entanto quero beber um copo de vinho do Porto á tua saude.

Jorge acabara de partir um bello bife de vacca; comeu um bocado, botou vinho em dous calices e offereceu um a Paulo.

—A' saude do snr. Jorge de Castro!

—A' saude do snr. Paulo de Vasconcellos!

E os dous tocaram os copos sorrindo e em seguida libaram o delicioso liquido.

XXVIII

Um anno depois da scena a que os leitores acabam de assistir, no conhecido café do Marrare achavam-se reunidos, entre outros individuos, Jorge de Castro, Paulo de Vasconcellos e o visconde de X***.

Paulo, desafiado pelo visconde, fôra jogar com elle uma partida de bilhar. Jorge, sentado a uma mesa, com um copo de cerveja ao lado, entretinha-se lendo um periodico brazileiro. Desde a sua estada na America, Jorge lia com um certo interesse as folhas que encontrava, vindas d'aquelle continente. No curto periodo da sua residencia ali, embora quasi sempre amargurada por profundos desgostos, o mancebo creara uma certa affeição por aquelle solo riquissimo. Agora que, na patria, tinha visto fanarem-se, uma a uma, as suas esperanças, sentia arreigar-se essa affeição.

Desde a morte de seu pae que Jorge trabalhava por arranjar uma collocação segura e decente. Lembrava-se de muitos alvitres; porém, nenhuma das carreiras com que sympathisava podia seguir por falta de meios.

Vivia do juro de algumas inscripções que seu pae lhe legara, á custa de muitas economias, e da collaboração que dava para alguns jornaes da capital. Os seus escriptos eram muito apreciados, e, posto que alguns invejosos tentassem ridicularisal-o, os homens imparciaes e de verdadeiro saber tinham-o em grande conta.

(Continua) Alberto Carlos

A MATANÇA DO DIA DE S. BARTHOLOMEU

—

(Continuação)

No mesmo momento todas as janellas appareceram illuminadas e as ruas encheram-se de soldados e homens armados, com cruzes brancas nos chapeus e um laço tambem branco no bra-

ço esquerdo, soltando gritos sediciosos.

—Viva Deus! Viva o rei!

E foi ao som d'estes nomes que elles entraram de commetter os maiores actos de barbaridade.

Para que melhor podessem acertar os golpes, outros homens trouxeram archotes.

O almirante de Coligny foi a primeira victima. Achava-se elle de cama em consequencia de ter sido ferido dias antes com um tiro de bacamarte que lhe disparara por detraz d'um muro um assassino embuscado.

Os assassinos entraram violentamente em casa do almirante; sentem-se primeiramente acovardados perante a serenidade imperturbavel com que os recebe aquelle respeitavel velho; mas logo um d'elles se atreve a dar o signal da matança cravando-lhe um chuço no ventre; os outros seguem-lhe o exemplo e em breve o infeliz é trespassado por mil golpes e arremessado da janella abaixo.

N'esta heroica empreza figuraram, entre outros, o duque de Guisa, o duque de Aumale e o bastardo de Angouleme. Um dos da turba cortou depois a cabeça ao cadaver, que dizem foi embalsamado para mandar de presente ao papa.

O cadaver do infeliz passou por toda a casta de insultos. Cuspiram-lhe, pisaram-o aos pés, arrastaram-o pelas ruas e foram por fim dependural-o nas forcas de Montfaucon.

Da casa de Coligny as scenas de carnificina estenderam-se por toda a cidade, sem exceptuar o proprio Louvre, onde a matança principiou pelas cinco horas da manhã, sendo surprehendidos ali e assassinados traiçoeiramente os fidalgos huguenotes que Henrique de Navarra tinha trazido comsigo. Tanto o rei de Navarra como o principe de Condé estavam no Louvre. Os soldades assassinaram nos corredores os officiaes que os commandavam, despiram-os e foram pôr os cadaveres na rua, debaixo das janellas do rei. Na propria camara nupcial de Henrique de Navarra houve scenas de sangue, e tanto elle como o principe de Condé foram terminantemente intimados por ordem de Carlos IX a escolherem: a missa ou a morte!

O conde de la Rochefoucauld, que tinha passado a noute toda a jogar com o rei, pensou, ao ver os homens encarregados de o matarem, que era um gracejo real; mas em breve conheceu que era de veras, e cahiu sob os golpes dos assassinos. Caumont de la Force foi encontrado na cama com seus dous filhos. Os assassinos descarregaram o golpe e deixaram-os por mortos; mas o mais moço, que tinha apenas doze annos, fingiu-se morto e deixou-se ficar ensopado no sangue de seu pae e de seu irmão, não se atrevendo a soltar nem sequer um suspiro, que poderia trahil-o. Salvou-o Biron, seu parente.

Depois de degolado, esfaqueado e espingardeado tudo quanto era fidalguia, pois foi pela fidalguia que a carnificina começou, passaram aquelles facinoras a cevar o seu insaciavel furor na classe da magistratura, e por fim até ao elemento burguez, e mesmo aos individuos d'infima condição suspeitos de heresia. Os vereadores, á frente de companhias burguezas, tomaram parte na carnificina, invadindo as casas dos protestantes. Foi assim que succumbiram muitos homens illustres, como o advogado Ferrieres, o secretario d'estado Lomenie, o historiador Laplace, o philosopho Pedro Ramus, etc.

Os corpos d'estas victimas infortunadas do fanatismo e da intolerancia religiosa, eram arrastados pelas ruas, ultrajados pela populaça e deitados ao Sena.

Tudo fazia conta; não se poupou vida, fosse de que idade ou de que sexo fosse. A questão era acabar com os huguenotes por uma vez.

Tavannes, um dos mais inflammados n'aquella carnificina, corria como um possesso d'um lado para o outro, incitando os seus companheiros.

—Tirem-lhes sangue! gritava. Tirem-lhes sangue! Tão boa é a sangria no mez de maio como no mez d'agosto!

(Continua) LUIZ MENDES

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

(Continuação)

Esta preferencia apparente, ou tendencia exclusiva que um dado corpo parece ter para com um outro, fez acreditar que esse mesmo corpo repellia outros; d'ahi, a affinidade composta e dupla, de que a chimica sabe aproveitar-se habilmente nas suas operações.

Chama-se em chimica *reactivo*, ou *copella*, a substancia que decompõe outra.

Um sal é uma *solução* quando está dissolvido na agoa; a essa agoa chama-se *menstruo*.

Quando a agoa não dissolve mais sal ou outra substancia qualquer, diz-se que a agoa está *saturada*.

Para extrahir o sal da agoa, é necessario *evaporar* a agoa pelo calor por meio do alambique; se o vapor passa através d'uma *retorta*, ou tubo aspiral, para um *recipiente*, a agoa está *destilada*; o sal fica no fundo sem ser affectado pela acção que determina a separação das moleculas da agoa.

Ao passo que as substancias frageis são *pulverisadas* por meio de pilão, gral, pedras e moinhos, as solidas reduzem-se a pó por meio da *pulverisação*, a *trituração* e a *levigação*.

A *ensaboadura* e a *lexivia* separam as partes delgadas d'um corpo das partes mais grossas.

A *filtração* opera-se através dos poros do papel, do algodão, da flanella, da areia, etc.; emprega-se para separar os fluidos dos solidos.

A *fusão*, ou mistura de corpos solidos por meio do calor, exige *cadinhos* de differentes especies, capazes de resistir á acção do fogo, feitos de barro ou porcellana, ou d'uma mistura d'argila, ou de plombagina, ou somente de chumbo. Alguns cadinhos são esmaltados de barro; em outros casos o metal em fusão precisa de ser exposto ao ar; tambem se empregam uns cadinhos chatos e largos, chamados *copellas*.

O *maçarico* serve para dirigir a chamma sobre a substancia que se pretende estudar. O calor torna-se intensissimo quando, em vez d'ar commum, se recorre ao oxygenio ou hydrogenio. E' com auxilio d'um *forno* que se obtem os differentes graos de calorico exigidos nas diversas operações chimicas. *Synthese* é a operação que consiste em combinar duas substancias e produzir uma, e *analyse* quando a substancia é decomposta ou resolvida nos seus principios constituintes. Os corpos *simples* ou *elementares* são aquelles que ainda não se conseguiu decompor.

O resultado da repercussão, da fricção ou do transporte chama-se *calorico*, ou principio do calor; é a causa de todas as variações do calor, da chamma, da evaporação, da separação, etc.

Temperatura diz-se dos differentes graos d'intensidade ou de violencia do calorico, que augmenta o tamanho das moleculas e por consequencia o volume dos corpos; assim, o mercurio, solido a 40° abaixo de 0 de Fahrenheit, ferve a 660°; o enxofre, fluido a 218°, ferve a 679; o ether liquefaz-se a 98°.

A' communicação do impulso deu-se o nome de *resistencia*. Um corpo resiste communicando o seu movimento aos atomos que encontra no gaz ou fluido no meio do qual se move.

A *fricção* é igualmente uma communicação do movimento, mas aos corpos fixos.

A *crystalisação* não é mais do que a communicação do calorico em certas circunstancias, mais ou menos favoraveis, e proporcionadas aos atomos de gaz que o cercam e no qual se acha o corpo crystalisante.

Todos os corpos são compostos de moleculas, que, pela variedade das suas combinações, produzem a variedade dos objectos. Chamam-se *qualidades* as differentes affeições mutuas, produzidas pelas cinco formas differentes que se lhes suppõe. Quando postas em movimento,

produzem gaz, e da combinação do gaz com aquellas que são tenuemente solidas resultam os liquidos.

(Continua) DOUTOR JAYME

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XLV

A AMERICA

E' tempo de darmos por terminada a nossa viagem na Africa. Tomemos logar agora em um dos muitos paquetes que se empregam em fazer a travessia entre o velho e o novo mundo e partamos para a America.

A America, o torrão das maravilhas, a patria das florestas virgens, dos longos rios, das montanhas que, á força de quererem escalar o ceo, chegam a rasgar as nuvens; terra onde o sol é outro, onde a natureza é totalmente differente da do velho mundo e o homem se encontra diante do panorama deslumbrante d'uma creação prodigiosa, que o subjuga e lhe enche a alma das impressões mais sublimes!

Antes de mais nada, tracemos em rapidas linhas um quadro do paiz que nos propomos percorrer.

A America compõe-se de duas grandes peninsulas, de sul a norte, ligadas pelo isthmo de Panamá.

O aspecto geral do novo mundo offerece immensas terras rasgadas, especialmente ao norte, por profundos sulcos e atiradas quasi d'um polo ao outro, na extensão de mais de 14:000 kilometros.

A leste a America está limitada pelo Atlantico, que a separa da Africa e da Europa; ao sul pelo estreito de Magalhães, que a separa da Terra do Fogo; a oeste pelo Grande Oceano ou Mar Pacifico, que a separa da Asia e da Australia, e ao norte pelo Oceano glacial arctico; d'este lado porém os seus limites são ainda imperfeitamente conhecidos.

Calcula-se a sua superficie em 42,500:000 kilometros quadrados. O comprimento varía tanto, que no isthmo de Panamá não tem mais de 42 kilometros.

As montanhas Rochosas, extensa cadeia que do lado do sul se chama os Andes e do lado do norte Cordilheiras, atravessam a America d'um lado ao outro, desde o estreito de Magalhães até ao estreito de Behring.

O isthmo de Panamá divide naturalmente a America em duas grandes partes: America septentrional e America meridional. A America septentrional, caprichosamente orlada de bahias e golfos profundos, divide-se em sete partes: 1.°, as Terras arcticas, ou America dinamarqueza, a qual comprehende a Groenlandia, o Spitzberg e a terra de Baffin; 2.°, a America russa, no mar de Behring, composta dos paizes dos esquimós, dos kitegnes, dos kenoizes, etc., e dos archipelagos dos aleútos, kurilas, etc.; 3.°, a America ingleza, comprehendendo a Nova Bretanha, as Terras arcticas inglezas, as Antilhas inglezas, a Guyana ingleza e o archipelago de Magalhães; 4.°, os Estados Unidos, ou Confederação norte-americana; 5.°, o Mexico, formado pela Nova California, a Velha California, o territorio de Colima, etc.; 6.°, Guatimala; 7.°, as Antilhas.

A America do sul, que tem quasi a forma da Africa, divide-se em doze estados: as republicas de Venezuela, a Nova Granada, o Equador, as tres Guyanas, ingleza, franceza e hollandeza, o Peru, a Bolivia, o Chili, as provincias da Plata, o Paraguay, o Brazil, a Patagonia e a Araucania.

Os mares e golfos principaes são: o Oceano Atlantico, o Oceano Pacifico e o Oceano glacial arctico; o Mediterraneo arctico, que, no Atlantico, forma os golfos de Hudson e de Baffin; o Mediterraneo Colombiano, que comprehende o golfo do Mexico e o mar das Antilhas; o Mar Vermelho, denominado tambem golfo da California, no Oceano Pacifico, e o mar de Behring; os golfos de Mackensie, de Kotzebue, de Jorge IV, no Oceano glacial arctico; os golfos de S. Lourenço, Campeche, Honduras, Maracaibo, Panamá; as bahias Repulse, Fundy, Delaware: a entrada de Cook, etc.

Os principaes estreitos são: Lancaster e Barrow, a Furia, o Hecla, Davis, Bahanca, a Florida, Yucatan, Magalhães, Lemaire, Behring. Os cabos são: Farewell, S. Roque, Froward (Oceano Atlantico), Pilar, Blanco, Corrientes, Principe de Galles (Oceano Pacifico), geleiras de Barrow, Bathurst (Oceano glacial arctico), Horn (archipelago de Magalhães).

As peninsulas são: Melville, Labrador, Nova Escossia, Florida, Yucatan, California, Tchugatches, Alaska, Tchuklthis. As ilhas são numerosissimas; notaremos a Terra Nova, as Antilhas, as Maluinas, Madre de Dios, Chéloé, Gallapagos, de Quadra e Vancouver, Aleutinas, a Islandia, a Groenlandia e terra de João Mayen.

(Continua)

LAMEGO

—

Epocas pre-historicas embalaram o berço da cidade de Lamego e velaram-lhe a infancia; a adolescencia e a virilidade enobreceram-lh'as heroicas celebridades, como o estão dizendo seus grandiosos monumentos e os fastos que lh'as registraram.

Fatigada d'essa afanosa lide, a cidade de Heicha Martin foi tomada de lethargico somno e adormeceu tão profundamente, que só abalo de poderosa mão logrou despertal-a.

A veneranda matrona levantou a fronte encanecida de sobre as duras almofadas de granitico leito e prestou ouvido attento ao som de longinquo silvo. Olhou em redor de si, e, á similhança dos dormentes da lenda, perguntou a quanto a rodeava por que maravilhosos processos se tinham operado tão estranhos phenomenos.

Ouviu em resposta que o movimento progressivo que a força dos acontecimentos imprime a todas as cousas, e o impulso das aspirações da nossa propria natureza iam levando a maior desenvolvimento e perfeição tudo o que deriva e se refere á humana especie, e que ella, retrahindo-se a esse urgente convite, ia ficando afastada do convivio da civilisação.

A velha matrona comprehendeu então quanto o seu somno tinha sido longo e inopportuno, e sorrindo a seus habitantes, convidou-os a desenvolverem-a dos entrajos andrajosos e ornaram-lhe com gallas a senilidade.

Consequentemente novas edificações lhe surgiram; as antigas reconstruiram-se; as ruas alargaram-se; outras espaçosas se rasgaram; largas vias de communicação se abriram e em umas e outras se coparam formosas arvores, pequenos jardins brotaram e todos os seus contornos se aprimoraram.

Assim rejuvenescida, a veneranda matrona ostenta-se agora como dama que se presa e que diz na compostura e decencia dos vestidos quanto a sua alma se eleva em nobres attributos.

Mil parabens pois á cidade de Lamego e mil parabens aos iniciadores de seus melhoramentos, que, á similhança dos cavalleiros da idade media, campeam por sua dama, seu Deus e seu rei.

Por sua dama, honrando-lhe o nome, exaltando-lhe as glorias e memorando os homens que a illustraram e estão illustrando com seus talentos e virtudes, os quaes não se limitam só a ella, mas d'elles a patria commum se ufana.

Por seu rei, não renegando as crenças de seus maiores e pugnando pelo bem e pela justiça.

Por seu Deus, acatando e fazendo acatar a religião do crucificado, que é a mais santa e justa de todas as religiões que existem sobre a terra.

BRETIANDE

D. MARIA DO PILAR B. M. OSORIO

O DESGELO

Nos paizes do norte da Europa acontece frequentemente no inverno, quando sobrevem o frio rigoroso, romperem-se os gelos depositados sob a superficie d'um rio ou outra corrente d'agoa, e de repente innundar-se tudo, algumas vezes com grave perigo para os transeuntes.

E' a isto que se chama desgelo, e é uma scena d'esta natureza, passada na Russia, que a gravura representa.

Os acidentes mais graves tem sido ocasionados por successos d'esta ordem, provenientes do desgelo subito dos rios ou regatos.

E' quando o vento sul entra de soprar de repente que o gelo se fende com estrepito; a corrente arrasta então os pedaços de gelo ainda não derretidos, e, a impulso do vento, vão-se amontoando ás vezes até uma altura prodigiosa, causando grandes innundações, como se vê na gravura.

O DESGELO

O MONOMOTAPA

(Conclusão)

Em cada uma das mãos o Motapa tinha duas nodoas de sangue. Procurou laval-as; mas aquelle sangue, que não era outro senão o sangue innocente que elle havia feito derramar, em vez de desapparecer, tornava-se mais claro e mais vigoroso. Pela terceira vez mandou chamar o seu astrologo.

—Olha, disse-lhe com espanto e terror. Depois do acto de justiça a que acabo de presidir, appareceram-me estas quatro nodoas de sangue, que não posso limpar. Que quer isto dizer?

—Quer dizer, respondeu o astrologo, que mandaste assassinar quatro innocentes. Desgraçado de ti, que appellas para a violencia para fortalecer o teu imperio!

O monarca ficou mais espantado com aquellas palavras do que com a obra d'exterminio que anteriormente havia levado a cabo.

A noute foi horrivel. O Motapa adormeceu emfim; mas toda a noute viu diante de si quatro horrendos espectros.

No dia seguinte chegou á côrte a noticia de que as tribus do Zambese se tinham sublevado contra a tyrannia do soberano e que avançavam sobre a capital.

A' frente dos indigenas revoltados marchava um homem branco, e, segundo os rumores que circulavam, caminhava de victoria em victoria.

Pelos signaes que deram ao Motapa, o homem branco era aquelle portuguez que lhe fôra pedir audiencia para annunciar-lhe a divisão e fraccionamento do imperio.

Não tardou que o Motapa se visse cercado na sua capital, e logo em seguida no seu proprio palacio, caindo em poder dos revoltosos porque todos os cortezãos e guardas o desampararam, e na praça publica, no mesmo sitio em que mandara degolar os quatro chefes das tribus, a cabeça do tyranno rodou pelo chão, que tantas vezes manchara com os seus crimes.

Data de então a independencia de aquelles povos, e, segundo a tradicção, hoje contada pelas tribus que habitam as margens do Zambese, deve-se ao facto que vimos de narrar a origem dos diversos estados em que hoje se acha dividida aquella parte do mundo. Segundo a mesma tradicção, o nome de Monomotapa significa o rei Motapa; mas outros auctores escrevem *Beno Motapa*, que, segundo uma observação bastante engenhosa, parece significar em arabe: os *povos de soldados mercenarios.* Como quer que seja, o certo é que o soberano a quem nós os portuguezes chamámos imperador, estendia n'outros tempos o seu dominio a um grande numero de reis, vassallos seus. Os grandiosos edificios de Butua, cobertos d'inscripções em uma lingoa desconhecida, referem os episodios que acabamos de referir, segundo alguns viajantes attestam; de todos os modos, são mudos testemunhas d'uma civilisação que desappareceu através das guerras civis.

Hoje o vasto imperio conhecido pela denominação de Monomotapa está como já dissemos, dividido em um grande numero de estados pequenos e rivaes, que se guerream mutuamente.

Os bororos habitam a parte septentrional do Zambese; os cazembos são pouco conhecidos, mas suppõe-se governados por um rei, que, ao que parece, era um dos principes mais poderosos do antigo imperio do Monomotapa.

Os moviras são pacificos; os maravis são os que possuem maior porção do antigo territorio do Motapa.

A MINHA CRENÇA

Ai! Emilia! Quanto custa
Perder as crenças na vida!
E d'essas que eu tive out'rora
Só uma me resta agora,
Uma de tantas, querida!

Mas essa tenho-a por ti
Bem viva no coração!
Das flores da vida inteira
E' esta a flor derradeira;
Oh! não n'a desprezes, não!

ERNESTO

A SOCIEDADE DOS TRES

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

X

EM TRAZ-OS-MONTES

Ahi pelos annos de 1840 vivia em uma pittoresca aldeia de Traz-os-montes, proximo a Chaves, um moleiro por nome Miguel. Tinha fama de rico este homem, cuja idade regularia por quarenta annos, e era solteiro.

Miguel tivera os seus namoros; mas nunca se captivara de mulher nenhuma. Essa honra estava reservada para uma gentil rapariga, pobre mas bem procedida, e filha da viuva d'um alferes de milicias que morrera no tempo do cerco.

Guiomar, que assim se chamava ella, era formosissima. Nas redondezas todos os rapazes suspiravam por ella; mas, como ajuizada que era, Guiomar nunca deixou correr o coração apoz os enleios de que os namorados a cercavam, o que a tornava quasi venerada dos visinhos, que lhe conheciam as virtudes.

Miguel apaixonou-se de veras por Guiomar; mas não se sentindo com animo de confessar-lhe o seu amor, receiando ser repelido como todos os anteriores pretendentes, dirigiu-se um dia a casa da viuva e confessou-lhe que estava resolvido a casar-se porque não podia habituar-se á ideia de não ter quem lhe fechasse os olhos.

A tia Veronica, depois d'approvar a ideia do moleiro, disse-lhe:

—Pois, tio Miguel, olhe que não lhe faltará rapariga que o queira. Vocemecê tem sido sempre trabalhador e rapariga que casar comsigo não irá mal.

—Parece-lhe isso, tia Veronica?

—Parece.

—Pois exactamente o que lhe parece muito facil é o que a mim se me affigura demasiado difficil.

—Porque?

—Porque já fiz escolha da que deve ser minha mulher.

—Então que mais quer?

—Oh! Resta o mais importante.

—Então o que é?

—E' que ella me queira.

—N'esse ponto asseguro-lhe que o hade querer, porque, como vulgarmente se diz, o tio Miguel é um bom partido para uma rapariga.

—Não sabe quanto estimo ouvir-lhe isso.

—Porque?

—Porque isso me anima a confessar-lhe... que...

A hesitação do moleiro quasi ia convencendo a viuva de que todos os rodeios de que elle se servira iam terminar por uma declaração cathegorica de que a amava e a escolhera para esposa; eis que o tio Miguel atirou *ex abrupto* com esta declaração, que desfez todas as illusões da boa da mulher:

—Tia Veronica, eu amo sua filha.

A viuva, que uma subita commoção agitara levemente, cobrou animo e respondeu:

—Isso, tio Miguel, é um pouco mais serio. Guiomar já me tem dito que não queria casar, e não serei eu que violente a sua vontade. Além d'isso vejo uma desigualdade tal...

—Exactamente. Eu sei que sou um velho e não tenho nada de bonito, ao passo que a sua Guiomar é uma flor que mal acaba de desabrochar. Ahi tem pelo que eu lhe dizia que o que vocemecê achava facil tinha eu por muito difficil.

—Não é a isso que eu me refiro. O tio Miguel não é velho nem feio. A desigualdade em que lhe fallei é outra.

—Já sei o que quer dizer; mas por esse lado não tem duvida.

—Sabe que Guiomar é pobre; isso sabe-o toda a gente da aldeia.

—Sim, sei-o perfeitamente, ponderou Miguel; mas isso que seria obstaculo para outro, não o é para mim, que sou riquissimo. Aqui para nós, que ningem nos ouve, saiba, tia Veronica, que ha vinte e cinco annos, por um feliz acaso, descobri, enterradas junto d'um ribeiro, tres panellas cheias de bons dobrões d'ouro. Aquillo foi thesouro que algum ricaço cá dos sitios tratou de esconder no tempo dos francezes, e depois, tendo morrido na guerra, não teve a quem declarar o sitio em que deixara os seus haveres guardados. E' pelo menos o que eu conjecturo. Ora, voltando ao que iamos dizendo, já vocemecê vê que me é indifferente casar com uma rapariga que não tenha dez reis de seu.

A declaração do moleiro estonteara a viuva. As objecções que oppozera ao pretendido casamento foram-se desvanecendo á proporção que no seu cerebro ruminava a ideia seductora de que sua filha ia ser senhora de tão fabulosa riqueza, e a tal ponto a logica das panellas de dobrões a convenceu, que acabou por assegurar Miguel de que sua filha, a formosa Guiomar, não teria a menor duvida a oppor á pretenção do moleiro.

Para não alongarmos este capitulo, diremos que Guiomar, consultada pela mãe, vacillou a principio; mas, como não podia deixar de ser, encantada pela ideia de tornar-se senhora da immensa riqueza do moleiro, acabou por declarar que consentia em desposal-o, com a condição de elle a dotar com dez contos de reis.

O moleiro annuiu a esta pesada condição, e o casamento celebrou-se com uma pompa nunca vista n'aquelles sitios.

(Continua)

SEVILHA

—

Quem no peito sentir a mão gelada
Que a esp'rança lhe arrancou,
A esp'rança! a meiga flor, a flor sagrada,
Que tanto idolatrou,

Quem, já despido d'illusões bemditas,
As mãos erguer ao ceo,
E o ceo não vir as lagrimas malditas,
Que o coração verteu;

Procure o esquecimento na magia,
No supremo condão
Guardado sob o ceo de Andaluzia
Por mysteriosa mão:

Abra o peito sem fé á doce brisa
Que Murillo aspirou;
As almas este aroma suavisa,
Que a desgraça queimou;

Ouça o canto amoroso d'estas fontes
Aos beijos do luar;
Na luz dos infinitos horisontes
Vá seus olhos banhar.

Como cobra amorosa, reluzente,
Ouça o Guadalquivir
Cantando o seu poema eternamente,
Entre flores, a sorrir,

Abraçando com amor a ardente e linda
Sevilha, a tentação
De quem a viu um dia e julga ainda
Ouvir sua canção.

Sevilha! a odalisca idolatrada
Outr'ora, por seu mal,
Do indolente sultão de tez bronzeada
E boca sensual.

Mas a belleza santa eterna brilha
Em seu collo andaluz,
E a ardente luz dos olhos de Sevilha
E' purissima luz.

Tal a retrata o ceo, onde se mira,
Tal Murillo a pintou,
Como ninguem jámais tão bella a vira
Divina a retratou.

E' mais que um sonho do sultão ardente
A virgem que o luar
E as auras perfumadas meigamente
A' noute vêm beijar.

E' mais que o paraiso decantado
Este eden terreal,
E' um berço de flores transformado
Em leito nupcial!

E' tudo quanto uma alma enamorada
Mais lindo concebeu;
Em teu seio expirar, ó doce amada!
Ambicionára eu!

Mas não! porque não podes tu, Sevilha,
O meu peito alegrar,
Que a luz que te illumina, oh! não, não brilha
No meu soturno olhar.

SEVILHA — ANNES BAGANHA

ALDA

—

I

Morreu!

Ella, a candida flor desprendida, qual violeta sósinha em um vale, bem cedo pendeu para o tumulo.

Outr'ora invejavam-lhe a sorte. Tinha atravessado a sua infancia em um paraiso cheio de rosas; viveu feliz e povoavam-lhe a imaginação uns vislumbres d'um futuro risonha, e trocou a terra pelo ceo!

E hoje todos dizem ao passar pela sua habitação:

—Está no ceo!

Era alegre e prasenteira; mas logo que a doença a fez transpôr os humbraes da jovialidade, innundou-se-lhe então o rosto d'uma pallidez quasi mortal e só a custo deixava passar de seus labios o sorriso magnetico que lhe era natural.

A sinceridade acompanhou-a sempre, e a pureza dos seus costumes foi sua companheira inseparavel. E será esta a maior gloria que se enterlaçará na cruz do seu tumulo. Além, distante da aldeia, lá se vê alvejar por entre o copado arvoredo, a casinha humilde onde viveu rodeada de mil caricias aquella cuja sorte hoje deploramos.

N'aquella habitação abriga-se a innocencia dos ternos pombinhos, casada com a doçura angelical de estremada belleza.

Hoje vagueia por lá um velho ancião, que todos os dias, todos, vae resar junto de sua filha... porque é sua filha o ente de quem fallo. Chamava-se Alda.

Descrever a sua belleza sería attentar em um quadro difficil de pintar. Alda era querida de todos; todos admiravam o seu talento, a sua formosura, e ella, a meiga, tratava-os sempre de um modo encantador.

II

Um dia, Alda, quando sentada á porto de sua vivenda, vê, rasgando o seio aos ares, esboaçar uma pombinha branca como a neve, e pousar na beira do seu telhado.

—Ah! que linda, meu pae! Que linda! Olhe, quer ver?

E elle, com passos vagarosos e firmes, caminha até junto de sua filha e olha para onde ella indica.

—Realmente é uma pomba bonita! exclamou o ancião.

Ambos a ficaram contemplando. Em um instante, a avesinha cruza em um vôo o espaço que medeia entre ella e a porta da habitação e vae pousar na cabeçeira do leito de Alda.

Correram logo, e a gentil menina teve a felicidade de prendel-a. Do pescoço da ave pendia em uma fita côr de rosa um cartão que tinha gravado em letras d'ouro: —*Alda.*

—Que surpreza, meu pae!... Que quer dizer isto?

O velho sorriu e não respondeu.

—Ah! já sei! exclamou a donzella; foi o pae que me preparou este successo inopinado...

—Não, filha, não. Vês acolá aquelle doido que vem correndo todo alegre para nós?

—Henrique!...

E dizendo isto, cobriram-se-lhe as faces d'um rubor que lhe dava graça.

—E' verdade, Alda, disse Henrique entrando.

—E o pae gosta do procedimento de Henrique? perguntou ella.

—E porque não? Se fui eu proprio que o aconselhei!... Henrique é um rapaz elegante...

—Não quero lisonjas...

—Cala-te! Como ia dizendo, Henrique é um rapaz elegante, dotado de um genio particular, mas bondoso, de excellente comportamento, emfim eu gostava que o rapaz vivesse comnosco debaixo do mesmo telhado...

—Quer-me casar com Henrique, não é isso?...

—Exactamente.

—Obedecerei, mas o coração...

—Diz-te que não, Alda? perguntou Henrique.

—Não, Henrique... mas, o convento, meu pae?

—Ora! Queres-te encerrar na clausura, quando a tua alma começa a desabrochar! Sempre tens um gosto!... Foi naturalmente a tua tia beata que te aconselhou essa vida?

—Não, meu pae, não foi. Eu estava agora confundida. O meu coração aconselha-me que devo unir-me a Henrique. Mentia, para não desgostar meu pae.

(Continua) Costa Goes

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

—

I

A ALCOVA DO ENFERMO

Aquella manhã sentia-se Bellini algum tanto adoentado. O cansaço, o trabalho e talvez demasiada felicidade, haviam-lhe valido uma enfermidade. Chamou-se o medico. Receitou uma semana de descanso. Por tanto, por ordem sua, foi prohibido ao doente que saísse de casa. Ordenou-lhe que não recebesse visitas além de cinco ou seis amigos, cujos nomes escreveu em uma lista. Emfim, o implacavel e prudente medico recommendou ao guarda-portão que dissesse a todos os individuos não mencionados na lista, e principalmente ás cantoras, que o snr. Bellini fôra fazer uma viagem de quinze dias. Tendo o medico promulgado e posto em execução estas providencias, Bellini deitou-se em um camapé. O doutor accendeu um charuto e nós imitamol-o.

A conversação divagou por mil assumptos; mas por fim tornou-se seria. Fallamos de religião, das artes, das saudades e das recordações que os finados deixam no coração dos que os amavam. Bellini alisou com a pequenina mão os formosos cabellos, sorriu-se como elle sabia sorrir, e com a sua voz melodiosa, a que o accento italiano dava maior encanto, disse-nos:

—Uma vez representavam nas Variedades certa farça, d'aquellas que desterram a tristeza e o spleen por muito que estejam arreigados; Vernet coloria com os seus chistes e com a sua alegria communicativa não sei que louca historia de um burguez, que andava ao mesmo tempo em procura da mulher e do chapeu de chuva. Entre a hilaridade geral ouvi por detraz de mim uma gargalhada tão sincera, de alegria tão pura, tão reveladora de mocidade e frescura, que não pude deixar de voltar-me para ver que labios a haviam soltado. Vive Deus, que eram dous encantadores labios rosados, formando uma boquinha admiravelmente delicada. Não diziam mal com aquelles labios celestes o nariz fino e elegante, olhos pretos rasgados e a testa coroada de fartos cabellos. Juntem a isto collo de cysne, cintura de vespa, mãos dignas de estatua antiga, e não se admirarão de que eu desprezasse o espectaculo para só prestar attenção á espectadora. E ainda não descrevi senão metade d'aquella formosura, que menos consistia na harmonia e perfeições do que no encanto inexprimivel e na deliciosa serenidade. Continuou com os olhos fitos na scena sem fazer nenhum caso do extasis que me causava. De vez em quando soltavam-se-lhe dos labios risos sedicioso como o que me chamara a attenção.

—Quando acabou a peça, continuou o nosso amigo, levantou-se, cobriu os negros cabellos com uma mantilha de renda, posta com a graça e elegancia que só nas hespanholas se encontram, pediu o braço a um mancebo que a acompanhava, e saiu. Parece-me que a sala se cobria de trevas e se tornava fria de neve. Voltei para casa, pensando sempre n'aquella mulher angelica, resplandecente de belleza, mocidade e ventura.

Depois d'um momento de pausa, Bellini continuou:

—Ainda no dia seguinte pensava n'ella. A saudade perseguia-me até em um baile, sem que lograssem distrahir-me o aspecto de tanta gente, o brilho das luzes, os sons inebriantes da musica e a vista de muitas mulheres moças.

(Continua)

CERVANTES

—

Um dia, achando-se o rei de Hespanha Filippe III, pensativo e meditabundo, á janella do seu palacio, em Madrid, avistou, sentado a um canto e com um livro aberto diante dos olhos, um estudante, que, de tempos a tempos, interrompia a leitura, pousava o livro, e, erguendo os olhos para o ceo, desatava uma gargalhada digna de Democrito.

O rei, de natureza sombrio e melancolico, não pôde furtar-se a esta exclamação:

—Ou esse diabo é doido, ou está lendo o *D. Quixote!*

E não se enganara o rei porque era a obra immortal de Cervantes que arrancava ao estudante as provas ardentes de sincero enthusiasmo.

De facto, quem, lendo o *D. Quixote*, não hade rir, e rir muito?

Digamos alguma cousa do livro; depois fallaremos do auctor.

O *D. Quixote* appareceu no reinado de Filippe III, e teve desde logo um exito assombroso. Cervantes propoz-se uma vingança contra o duque de Lerma, primeiro ministro do rei, um homem perfeitamente ignorante em litteratura e que o havia tratado com menos consideração um dia em que Cervantes sollicitava certo favor.

O duque era affeiçoado á cavallaria, e foi exactamente por esse fraco que o malicioso auctor o atacou. O resultado sabe-se qual foi. A cavallaria, batida, atacada de frente, envergonhada, desappareceu para sempre da scena do mundo, em que tivera uma pagina gloriosa, mas cheia de ridiculos preconceitos, como todas as usanças semi-barbaras da idade media.

E tudo isto o conseguiu um livro, o livro em que Cervantes desenhou os ridiculos d'aquella mania.

A obra de Cervantes está traduzida em todas as lingoas; é forçoso, porém, confessar-se que todas as traducções estão longe do original. Só quem conhece a lingoa de Calderon e de Lope da Vega pode saborear o espirito inimitavel d'essa obra ainda mais inimitavel.

Os quadros estão traçados com mão de mestre; ha naturalidade nas menores particularidades da novella; nos caracteres observa-se uma arte admiravel. O mais que d'este livro se pode dizer, é que desannuviou algumas vezes a fronte do sombrio e feroz Filippe III, que, sem a obra de Cervantes, não teria sabido o que era o rir. Ria, é verdade; mas a posteridade não pode perdoar-lhe hoje, indignada, o ter deixado finar-se aquelle grande talento no leito da miseria, como o nosso grande Camões. Mais infeliz, porém, do que o nosso immortal epico, a sua obra valeu-lhe uma perseguição cruel da parte do ministro ridicularisado, que o obrigou a interromper a obra, e, para cumulo do ultraje, um escriptor obscuro, Alonso Fernandes de Avelaneda, ousou continuar a obra de Cervantes. Uma verdadeira profanação!

D. QUIXOTE

Avelaneda, para lisonjear o duque de Lerma, tratou Cervantes pelo modo mais indigno, alcunhando-o, na sua propria obra, de velho maneta, rabugento, paroleiro, calumniador e miseravel.

(Continua)

ZIG-ZAGS

—

A MODA

A moda é o agente mais efficaz do luxo. E' um deus visivel com que se tropeça em todas as partes, quasi omnipotente nas sociedades modernas, que tem por norma o capricho, por lei a velleidade, por fim tornar loucos os seus adoradores. Tem o seu templo na Babylonia europeia, Paris; vae todos os estios aos banhos e no inverno saracoteia-se entre salões dourados. E' cosmopolita, e tanto vive entre os gelos da capital de todas as Russias como na atmosphera aromatica da sultana do Bosphoro, entre as neves da soberba cidade do Tamisa, como em Lisboa ou no Porto.

Entra nos palacios do opulento magnate da mesma sorte que na agoa-furtada do modesto operario; tem trajos para todos e é capaz de empobrecer a toda a gente.

Nos tempos modernos tem ella causado mais ruinas do que os tyrannos da antiguidade. Todos por seu respeito se abandonam ás maiores loucuras. As damas jovens são as que lhe pagam maior tributo. Mas o peor é que, como mulher e caprichosa, abate hoje os que hontem elevara ao fastigio do poder e da gloria.

A moda, emfim, é a encarnação mais acentuadamente comica, mais ironicamente verdadeira, mas ao mesmo tempo triste, profundamente triste, da epoca que atravessamos.

EXPEDIENTE

—

E' este o primeiro numero do segundo volume d'este semanario.

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 5 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

O numero 6 ficará brevemente reimpresso, e em seguida irão os mais.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 54

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 8 DE SETEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— O Vingador — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America — As rosas (poesia) por Ernesto — Alda, por Costa Goes — A sociedade dos tres (romance original) — A matança do dia de S. Bartholomeu, por Luiz Mendes — As cabras — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Bandolim da desgraça (poesia) por João Barreto — Do meio dia ás duas horas — Cervantes — Os homens uteis de todos os paizes: De Girard — Zig-Zags: Os selvagens da India — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— O Vingador — Cabras do Thibet — Gallileu.

O VINGADOR

—Não ha côres com que se descreva exactamente a scena que o navio apresentava quando tomamos conta d'elle.

A bordo do *Neptuno* o combate continuava encarniçado; mas no *Vingador* já se não combatia. O inimigo tinha-o evacuado e eramos emfim senhores d'esse formidavel barco, que tanto mal nos havia feito.

O VINGADOR

Quando entramos n'elle, um grito porém de horror se escapou de todas as bocas.

As baterias do *Neptuno* haviam-lhe aberto grossas fendas abaixo do lume d'agoa, e o *Vingador*, invadido pelo mar, ia rapidamente a pique. Estivemos a ponto de succumbir uns cincoenta homens. Graças porém ás acertadas providencias do nosso commandante, saltamos a tempo para as lanchas e tivemos o desgosto de ver afundar, diante de nós, uma das mais bellas embarcações que os mares teem visto e que seria um dos mais caros tropheus da nossa victoria.

Quando voltamos para o *Neptuno*, os inglezes estavam completamente derrotados, e este triumpho compensou-nos amplamente da perda do *Vingador*, que já todos olhavamos como um monumento do nosso valor e da nossa coragem.»

Quando o official acabou a narração, a tripulação ergueu-se toda. Ouvira-se o signal de prevenção.

—Inimigo á vista! exclamaram.

E cada qual foi para o seu logar, decidido a portar-se como um heroe.

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXVIII

(Continuação)

A vida de Jorge era monotona. Occupava-se durante quasi todo o dia nos seus trabalhos litterarios, e á noute, quando o resultado do balanço que dava aos seus pequenos fundos lhe parecia lisonjeiro, sahia em direcção de qualquer café, onde se entretinha lendo os jornaes, ou jogando o bilhar. Raras vezes ia aos theatros, especialmente ao lyrico, não porque deixasse de apreciar aquella sorte de diversões, mas porque entendia que a riqueza do pobre, permitta-se-nos a expressão, consiste na boa economia.

Desculpe-se-nos a divagação, aliás necessaria.

Como dissemos, Jorge estava lendo uma folha periodica brazileira. Era do Rio de Janeiro.

As luzes do gaz illuminavam diffusamente o vasto salão do Marrare, de sorte que facilmente se leriam no rosto de qualquer as commoções que n'elle transparecessem.

O visconde de X*** e Paulo haviam jogado a ultima partida. Foram sentar-se junto da mesa, onde Jorge se achava lendo. Mandaram vir refrescos. O visconde lançava olhares distrahidos pela turba de rapazes estouvados, que, em discorde conjunto, faziam aquelle ruido typico das casas de tal natureza.

Paulo corria distrahido os dedos pelo maravilhoso lapidado do copo de crystal que continha o refresco, e, de quando em quando, olhava attento para o rosto de Jorge.

Este, em certo ponto da leitura, empallideceu e em seguida córou; mas isto tudo tão passageiramente, que passaria desapercebido a quem não o olhasse com attenção.

A Paulo, porém, não escapou o estranho phenomeno.

—Que tens? perguntou elle em tom affectuoso a Jorge.

Este, como se fosse surprehendido em um segredo importante, córou ligeiramente, collocou sobre o marmore da mesa o jornal e respondeu visivelmente perturbado:

—Nada absolutamente.

O visconde, ao ouvir a interrogação de Paulo, voltara-se para traz, curioso. Relacionado de alguns mezes com Jorge, sympathisara sobre modo com elle, e quando soube que o mancebo fôra uma das victimas do cynismo torpe de Laura, abandonou a amante. Por aqui se vê que o libertino não era um perverso.

—Que é isso? perguntou elle por seu turno, fitando os dous com olhar interrogador.

—Escusas de pretenderes illudir-me, proseguiu Paulo. Sê franco; tu soffreste agora uma grande commoção?

—Uma vez que assim fallas, dir-te-hei a verdade. Impressionou-me sobre modo a noticia de um crime que ali vem narrado n'esse jornal, crime d'esses que horrorisam o homem mais depravado. Trata-se d'um assassinato commettido traiçoeira e vilmente na pessoa de um millionario por dous dos seus proprios criados.

Ainda antes de Jorge haver concluido, já Paulo procurava avidamente no noticiario do jornal uma epigraphe allusiva ao facto de que se tratava. Deparou finalmente com o seguinte.

«*Crime inaudito.*— O snr. barão de Almeida, opulento commerciante portuguez, ha muitos annos estabelecido entre nós, e recentemente agraciado com aquelle titulo pelo governo do seu paiz, em consequencia de varios actos meritorios que praticou, acaba de ser barbaramente assassinado por dous criados.

«Eis como a voz publica narra o facto.

«Ha dias que S. Ex.ª, acompanhado de dous de seus criados, um d'elles mulato forro e o outro branco, partira em direcção a uma roça sua, propriedade de grande importancia, e onde possuia uma bella vivenda, com uma quinta ajardinada, afim de lá se deter alguns dias, para tomar conta em certos trabalhos e fazer importantes pagamentos. A propriedade era distante algumas legoas da cidade. Como o tempo estivesse assás quente, o snr. barão mandou aparelhar os cavallos para as seis horas da tarde.

«A' hora determinada, S. Ex.ª e os criados montavam a cavallo, convenientemente armados, e atravessavam as ruas da cidade.

«Era já noute. A lua cheia derramava a sua melancolica luz, mostrando aos viajantes os complicados meandros do caminho. O snr. barão ia na frente com um rewolver na mão direita. De quando em quando perguntava aos criados que o seguiam a pouca distancia a direcção que devia tomar.

«Estes consultavam-se em voz pouco audivel; depois um d'elles indicava a direcção que dizia ser mais conveniente, e a pequena caravana seguia ávante. Havia seguramente tres horas que caminhavam fora da cidade. Sem embargo de nenhum incidente notavel os ter vindo perturbar, o snr. barão sentia uma vaga inquietação pesar-lhe no espirito.»

(Continua) ALBERTO CARLOS

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

XLV

A AMERICA

(Continuação)

Os lagos são frequentes na America. Os principaes são: na America do norte, os lagos Superior, Michigan, Huron, Saint-Clair, Erié, Ontario, Uniipeg, etc.; na America do sul: os lagos de Maracaibo, Titicaca, Harayes, etc. Os rios principaes são: o S. Lourenço, o Meschacebé ou Mississipi, o Missuri, o Rio do norte, o Magdalena, o Orenoco, o Amazonas, o Uruguay, o S. Francisco, o Rio da Prata (Oceano Atlantico), o Colombia, o Colorado (Oceano Pacifico), o Mackensie (Oceano glacial arctico).

Os vulcões principaes denominam-se Copiano e Antuco, no Chili; Arequipa e Lehama, no Peru; Cotopaxi e Pichincha, no territorio da republica do Equador; Guatimala e S. Salvador, na America central, etc.

A população da America, composta de europeus, africanos e mestiços, comprehende cerca de 85 milhões de habitantes. Entre os povos indigenas distinguem-se os tchuktches, os aleútos, os esquimós, os iroquezes, os algonquinos, os hurões, os tcherokis, os chactas, os criks, os natchez, os osages, os siux, os azteques, os caraibas, os araucanos, os guaycurús, os guaranis, os peruvianos, os puelches, os patagões, etc.

Diremos agora em breves palavras a historia da America.

Sabe-se que foi Christovão Colombo que a descobriu em 1492; mas pretende-se que muito tempo antes d'esta data a America foi colonisada pelos piratas escandinavos sob o commando de Eric, o Vermelho, que descobriu a Groenlandia em 986 e viu os companheiros estabelecerem-se na ilha da Terra Nova em 1002. Navios phenicios e carthaginezes, acrescentam certos historiadores, abordaram em uma epoca muito mais remota ás costas do Mexico. Fosse como fosse, e sejam quaes forem as probabilidades d'estas versões, é certo que foi o genovez Christovão Colombo que a fez conhecer á Europa, e, por uma ingratidão que é propria da humanidade, nem sequer teve a gloria de dar-lhe o seu nome.

Mal circulou a noticia da descoberta da America, de todos os lados da

Europa accorreram os aventureiros, fidalgos arruinados pela maior parte, que pelas suas paixões e desregramentos, estavam sempre promptos a renegar a patria, para adoptarem uma outra em que a sua avidez se pozesse em actividade e os conduzisse á satisfação dos seus desejos, nem sempre muito puros. Foi uma febre, um delirio geral. A sede do ouro dominava todas as intelligencias; a imaginação mais exaltada não podia sonhar com maior copia de thesouros do que os que se diziam continha o novo mundo. Desertou-se então em massa, emigrou-se por bandos numerosos; os mais atrevidos acompanharam os navegadores e foram em procura d'outros mundos ainda mais novos n'esse mundo recentemente descoberto.

Este movimento foi porém uma desgraça para os indigenas, que se viram de repente a braços com a brutalidade dos europeus, e foram com especialidade os hespanhoes os que mais se tornaram celebres pelos actos de crueldade praticados sobre aquelles povos simples e incapazes de se defenderem.

Durante muito tempo, bandos novos d'aventureiros de todas as nações, seduzidos pelas narrações dos que os precederam, não deixaram de concorrer á America, e os indigenas viram successivamente chegar os hespanhoes, os portuguezes, os inglezes, os dinamarquezes, os hollandezes, os francezes, sob o commando de Fernando Cortez, Pizarro, Almagro, Pinçon, Cabral, Magalhães, Lewis, Clarke, Quadru, Vancouver, Franklin, Parry, etc.

De facto, a nova terra era de molde a excitar as imaginações mais impressionaveis: as producções de todo o genero d'aquelle solo fertil eram como um prodigio; o reino mineral, aquelle que os exploradores mais procuravam, offerecia á avidez dos europeus ricas minas de ouro, prata, estanho, chumbo, ferro, mercurio, cobre, diamantes preciosos, especialmente no Chili e no Peru; o reino vegetal desatava-se em maravilhas de vegetação, como o ananaz, a bananeira, a canna do assucar, o cafezeiro, o cacto, o nopal que dá a cochonilha, o campeche, o acaju, a quinquina, o cautchouc, o tabaco, o topinambo, etc.; emfim o reino animal offerecia-lhes animaes desconhecidos como o bisão, o jaguar, o conguar, o lama, a vigonha, o sarigue, o tapir, o condor, a cobra de cascavel, o caiman, etc.

O ar da America é pelo geral sadio; entretanto certos sitios são propensos a molestias endemicas. O clima é variado; frio nos elevados planaltos e quente nas Antilhas, no Mexico e no Brazil.

A civilisação estava pouco adiantada e as artes pouco cultivadas antes da chegada dos europeus; certas tribus até eram d'uma ferocidade espantosa. Os povos d'origem europeia, submettidos a principio ás potencias de que eram oriundos, foram a pouco e pouco saccudindo esse jugo; os Estados Unidos libertaram-se da Inglaterra em 1776; em 1822 o Brazil, uma das mais bellas joias da coroa portugueza, conquistou a sua independencia e constituiu um imperio florescente.

(Continua)

AS ROSAS

A J. OSORIO GONDIM

Por entre espesso rosal,
Cupido, um dia brincando,
Picou-lhe o pé um espinho,
As rosas ensanguentando.

As flores, que brancas eram,
Tomaram do sangue a côr,
Para perpetua memoria
Do mal que soffrera amor.

Da terna mãe para os braços
Voou Cupido choroso;
O triste caso lhe conta,
E acrescenta vergonhoso:

«Vae mostrar minha vingança
A côr do sangue nas rosas;
Querida mãe, encobri-a
D'apparencias enganosas!»

Por Cyprina bafejada
Então a flor inodóra,
Ganhou o cheiro suave
Com que zephyro namora.

Assim, ó peitos amantes,
No mal d'amor, de mistura,
Se apparecem amargores,
Lá vem sempre uma doçura.

ERNESTO

ALDA

(Continuação)

III

A pombinha veio unir dous corações que estavam bem livres de se amarem. Já havia uma amizade entre aquelles dous entes; mas Alda nunca pensou em se unir a Henrique.

Este, porém, em conversas que tivera com o pae, denunciara-lhe os seus sentimentos, e o ancião exultou d'alegria ao saber o segredo do mancebo.

E' que o velho queria angariar a sua filha um futuro onde nem sequer um sopro de desgosto viesse embaciar o prisma de felicidade humana. E o casamento era o unico meio que elle imaginava poder haver para realisar o seu fim.

Pobre velho!...

Quantas vezes o coração humano, cego com a felicidade a que aspira, se enterra em precipicios profundos, julgando ver n'elles a gloria que deseja!

E' triste, e bem triste, o viver isolado sem o amor e sem a alegria, e para os possuir sacrificamos tudo quanto temos de mais santo.

Alda e Henrique costumavam ir ao cahir da tarde passear junto das margens d'um rio, que deslisava proximo da povoação.

Em um d'esses passeios, sentados sobre uma eminencia que formava a terra, Henrique atreveu-se a perguntar:

—Falla-me franca, Alda; tu amas-me?

O silencio foi a resposta. O cumprimento da sua palavra dizia-lhe que sim; mas o coração não a deixava mentir. Vacillava, portanto, entre o amor e o medo.

—Alda, porque não respondes? Porque me não dizes o que te diz o coração?

—E queres sabel-o? preponderou com impeto a gentil donzella.

—Sim, quero certificar-me.

—E juras nunca revelar este segredo a pessoa alguma?

—Juro, sim.

—Vou então saciar os teus desejos. Nunca pensei ver-me forçada a atirar aos quatro ventos do espaço o que só o meu coração sabia sentir. Não, minto; sabia-o eu e mais uma santa que já lá está. Amo, sim, e muito, mas d'uma maneira diversa do amor ficticio com que se blasona por esse mundo. Não entrego o meu coração a um amor ephemero; quando amo, é eternamente. Foi assim que me ensinou a amar minha mãe!

Houve, então, momentos de silencio. Alda escondeu o rosto entre as mãos; Henrique contemplava-a em extasis. Depois, ella continuou:

—Eu não te amo; nutro, sim, por ti uma amizade... aquella amizade que nos ligou sempre desde creanças. Mas possuir-te como esposo, não posso; prohibe-m'o o coração. Magoei-te, bem o sei, com esta confissão; mas foste tu que m'a exigiste.

—Não, Alda; gostei agora da tua franqueza, embora n'ella existissem verdades bem amargas para mim.

E ficaram silenciosos.

Passados momentos, nos quaes apenas se ouvia o suave marulhar das agoas do rio, Alda e Henrique retiraram-se. Chegados á vivenda, onde o velhote alegremente os esperava á porta, Henrique apresentou-lhe a donzella:

—Aqui tem sua filha...

E retirou-se apressado.

—Então que é isso, Henrique? exclamou o ancião. Oh, rapaz, rapaz!...

E foi um grande pedaço gritando atraz d'elle. O mancebo não lhe deu ouvidos.

IV

Quando o velho voltou a casa vinha offegante de cansaço. As cãs que lhe povoavam a cabeça trazia-as elle innundadas de suor.

—Oh, Alda, Alda! Que terá o rapaz? Elle que te disse e tu que lhe disseste?

Não teve resposta. Rodeou a vista e viu sua filha a um canto a chorar.

—Minha filha, que tens? Porque choras?... Demonio!... O passeio hoje fez-vos mal. Um a fugir, outra a chorar!... Mas que tens tu, Alda?

—Um mau presentimento.

—De que, minha filha?

—Sou muito desgraçada, meu pae!

—Desgraçada!... Quem, tu? De que servem então todos os carinhos que te dispenso e todo o dinheiro que possuo? Não será para te dar a felicidade?...

—Oh! O ouro não me seduz! Fui ingrata e leviana para com Henrique; disse-lhe que o não amava, que nunca me uniria a elle, e o mancebo, louco d'amor, não sei... não sei o que fará! Só agora é que refleti no que disse, e sinto-me criminosa, sem nunca imaginar que o sería! Peço-lhe, meu pae, por alma d'aquella santa que está no ceo, que mande alguem procural-o porque receio muito d'elle...

—Mas... isso foi brincadeira, ou o que demonio foi?

—Não, meu pae; elle pediu-me para que lhe dissesse o que talvez já adivinhasse. Temi dizer-lh'o; elle instou, e porfim, debaixo d'um juramento, confessei-lhe o que na realidade o meu coração me dizia.

(Continua) COSTA GOES

A SOCIEDADE DOS TRES

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XII

TERRIVEL DESENGANO

A principio tudo foi ás mil maravilhas em casa de Miguel. Este idolatrava a esposa; cercava-a de carinhos; não a contrariava emfim em cousa alguma. Guiomar, posto não fosse tão expansiva no seu amor como Miguel, não deixava de tributar-lhe a mesma somma d'affeição. Só era um pouco mais reservada nas manifestações d'esse affecto, e algumas vezes acolhia as caricias do esposo com uma frieza, que gelava o sangue do pobre moleiro.

Miguel, porém, era um bom homem e não attribuia a outra cousa senão ao genio um poucachinho melancolico da joven esposa aquella frieza que algumas vezes ella lhe testemunhava. Nunca no cerebro do moleiro perpassou outra ideia que não fosse esta, e como era todo carinhos para ella e a tinha cercada de todas as commodidades, ao passo que elle se não poupava a nada e trabalhava como um negro, não podia duvidar de que no fundo da sua alma Guiomar lhe consagrava um amor extremoso e se dava por muito feliz com o enlace que a pozera de posse d'uma riqueza tamanha.

Que se passava entretanto no coração de Guiomar? Não amaria esta seu marido, o pobre, o dedicado Miguel, que era todo extremos para ella?

O moleiro attribuia a melancolia da joven esposa ao seu estado physico. Com os primeiros symptomas da maternidade aquelle estado morbido augmentou, e, uma manhã, Miguel surprehendeu a esposa desfeita em pranto, sentada á beira do jardim que delimitava as terras do moinho e ficava sobranceiro á estrada publica.

Evidentemente Guiomar soffria, e Miguel, cujo coração palpitara d'alegria ao saber que ia ser pae, deixou-se arrastar após as mais penosas impressões. Ver soffrer quem amamos não é tambem nós soffrermos?

Miguel observou de longe as lagrimas da esposa e não lhe disse nada, temendo affligil-a ainda mais. No dia seguinte ás mesmas horas, Guiomar foi para o jardim e sentou-se no mesmo sitio. Miguel observou-a do mesmo modo, guardando o mesmo silencio; mas principiou a desconfiar d'aquillo. Ao terceiro dia e á mesma hora, foi um pouco mais cedo, e viu... viu a esposa estremecida fallando com um homem.

Quem era aquelle homem? Miguel não o conheceu porque umas altas e robustas carvalheiras lhe encobriam o rosto. Applicou o ouvido; mas como a distancia era grande não ouviu nada.

Resolveu conservar-se no esconderijo até ao fim d'aquella scena, para se desenganar, pois custava-lhe a acreditar que a esposa o trahisse.

Após um momento de profundo silencio o homem pegou na mão de Guiomar e levou-a aos labios.

Miguel não pôde conter-se, e sahiu do esconderijo, presa do mais violento accesso de furor. Tirando do chão uma grossa estaca, encaminhou-se silenciosamente para o sitio onde estavam os dous amantes, que, no cumulo do arroubamento amoroso, só deram pela presença do moleiro quando a vara, valentemente manejada, se estendeu por sobre a cabeça do homem que ainda conservava a mão de Guiomar entre as suas.

Dissemos que o sitio onde isto se passava era uma beira do jardim; ficava este sobranceiro á estrada, de que estava separado por uma parede da altura d'um homem. A pancada, vibrada em cheio na cabeça do amante de Guiomar, foi tal, que elle, galgando o muro, cahiu redondamente morto no meio da estrada.

Guiomar perdeu os sentidos e cahiu para o lado opposto d'aquelle para onde cahira o amante, isto é, para dentro do jardim.

Desorientado, Miguel ia a descarregar sobre a cabeça da desgraçada uma pancada similhante áquella que prostrara para sempre o amante, quando se recordou de que Guiomar trazia nas entranhas um innocente, que devia ser para o futuro o alvo unico dos seus affectos. Tomando pois nos braços a esposa desmaiada, foi com ella para casa, atirou-a para cima d'uma cama e sentou-se tranquillamente á cabeceira. Cinco minutos depois Guiomar recuperou os sentidos; olhou em torno de si, e, encarando Miguel, soltou um grande grito.

(Continua)

A MATANÇA DO DIA DE S. BARTHOLOMEU

(Continuação)

Muitos huguenotes, residentes extramuros, no arrabalde de S. Germano, ouvindo de manhã os sons d'aquelle estrondoso tumulto que se estava realisando em Paris, pensaram que sería alguma revolta promovida pelos Guisas, e dispunham-se a atravessar o Sena em frente do Louvre, com a ideia d'irem offerecer ao rei o auxilio dos seus braços; mas vendo afinal que do lado opposto do rio se dirigiam para elles os suissos, os soldados da guarda real e até alguns cortezãos, disparando-lhes tiros e mettendo-se em bateis para os perseguirem, trataram de fugir. Foi então que o proprio Carlos IX, diz-se, tomou um arcabuz e da janella do Louvre, de onde presenceava estas scenas, disparou sobre os pobres fugitivos, raivoso e desesperado por ver que os infelizes tentavam evadir-se.

—Matae! Matae! era o grito real.

O rei não poupou a vida senão a Ambrosio Paré, seu primeiro cirurgião, e a sua ama.

Ha quem ponha em duvida o facto de o rei disparar sobre o povo; Brantome porém affirma-o.

No tempo da revolução, em 1789, mandou-se pregar na janella onde a tradição dizia que este facto se passara, o seguinte letreiro:

«Foi d'esta janella que o infame Carlos IX, de execravel memoria, disparou contra o povo tiros de arcabuz.»

Pelas ruas da cidade o phrenesi dos sicarios foi successivamente crescendo. A's scenas da matança propriamente di-

tas juntavam-se as scenas do latrocinio, do saque e do incendio; á sombra dos que officialmente andavam praticando aquella *santa* obra em prol da religião, appareciam tambem os bandidos e os ladrões, espreitando o ensejo de realisarem a descoberto e impunemente os crimes que em tempos normaes só ás escondidas e com risco proprio se atreviam a commetter; aos morticinios ordenados pelos chefes d'este movimento, sob a inspiração das suas conveniencias politicas, e secundados pelo fanatismo ignaro e brutal dos seus adherentes, accresciam agora a cobiça, a vingança e todos os instinctos ruins, perpetrando a seu bel-praser toda a casta de crimes.

Perante um estado de cousas por tal forma assustador, o preboste dos mercados, juntamente com os magistrados municipaes, dirigiram-se por volta do meio dia ao palacio do Louvre, pedindo providencias contra os calamitosos horrores de que estava sendo victima o povo de Paris.

Carlos IX acolheu favoravelmente o preboste e a sua comitiva, prometteu-lhes que iam ser satisfeitos os seus desejos; mas, apesar d'isso, a matança continuou inalteravel durante todo o dia, nas ruas, nas casas, nas prisões, por toda a parte emfim.

Com a noute chegou tambem o cansaço, e na manhã seguinte o furor dos facinoras parecia um pouco apaziguado; mas esta remitencia foi de pequena dura, porque um frade franciscano lembrou-se d'apregoar que no cemiterio dos Innocentes tinha florido durante a noute um pilriteiro; todos viram n'isso um milagre, que attestava a satisfação de Deus, e não foi necessario mais nada para que a matança começasse de novo, ao som dos sinos de todas as egrejas e capellas de Paris.

Sob a influencia do pretendido milagre, a furia dos assassinos redobrou e praticaram-se actos de verdadeiro canibalismo. Chegou-se a rasgar o ventre ás mulheres gravidas para lhes arrancarem das entranhas os huguenotes nascituros e forneciam depois as carnes palpitantes d'estes fetos á voracidade dos cães e dos porcos. Creanças de leite eram amontoadas em canastras e arremessavam-as depois á corrente do Sena, ou então serviam de victimas a rapazes depravados, de dez e onze annos, que se preparavam n'aquella escola para crueis facinoras, revelando já em tão tenra idade os preversos instinctos que possuiam, pois que iam por suas mãos estrangular no berço as infelizes creancinhas, ou as arrastavam pelas ruas com uma corda pelo pescoço até darem cabo d'ellas n'este infame supplicio!

No Louvre os fidalgos, e, o que é mais, as fidalgas, repastavam a vista com curiosidade, rindo-se, nos membros mutilados e nus dos cadaveres!

No dia 26 de agosto ainda a matança continuou com todas as circumstancias aggravantes da vepera e da antevespera, eivada sempre de horrores que a penna se recusa a transcrever.

Estes foram os tres dias solemnes. Ás victimas n'estes tres dias elevaram-se a dez mil. Nos dias seguintes houve ainda casos de morticinios isolados, embora numerosos, mas já sem o caracter de matança geral que distinguiu os primeiros tres dias.

(Continua) LUIZ MENDES

AS CABRAS

Em quasi todas as partes do mundo existem especies differentes de cabras; mas, se se der credito aos viajantes, as especies são bem mais numerosas do que os naturalistas pensam. Estes, pelo seu lado, insinuam que muitas especies, como a cabra amarella dos chinezes, a cabra parda do Cabo da Boa Esperança, a cabra mergulhadora e a cabra saltadora, são antilopes e é por um erro que se classificam entre as cabras.

No estado selvagem ha especies muito variadas; mas são pouco conhecidas porque raras vezes descem das alturas inaccessiveis para o homem.

O buquetim da Siberia é o animal mais forte do genero. São dignas de mensão as cabras selvagens que se encontram no Caucaso e no Tauro, que atravessam o norte da Persia e da India até á China, e que tambem existem nas duas peninsulas da India e até no cabo Comorim. Em estado selvagem são de maior corpulencia do que no estado de domesticidade.

Entre as outras variedades de cabras limitar-nos-hemos a citar a cabra d'Angora, cujo pello, comprido e fino, é muito estimado, a cabra da Syria, de pello raso e hastes curtas, e emfim a cabra imberbe, ou sem barba, a cabra do Thibet, representada na gravura, e cujo pello é o mais estimado de todos, pois é com elle que se fabricam na Persia os ricos chailes, os tapetes, as casimiras mais finas e delicadas, afamadas em todo o mundo.

Convem notar que nunca foi possivel aclimar na Europa as raças de cabras que fornecem o magnifico pello empregado na confecção dos riquissimos estofos que vem da India. Tentou-se isso em França; mas as raças degeneravam em breve.

CABRAS DO THIBET

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

(Continuação)

O calorico, ou calor, produz todos os phenomenos na desorganisação das moleculas.

As moleculas, radiantes por effeito do calor, são, em virtude de reacção e desvio, lançadas em uma orbita circular de differentes proporções, segundo o seu desenvolvimento; d'ahi, a *elasticidade* e a *expansibilidade*.

Como as moleculas tendem a espalhar-se por todos os lados, todo o espaço fica necessariamente cheio de gaz, e a força, como a actividade da materia, espalha-se no espaço; mas, como as moleculas não se apertam igualmente no mesmo espaço, ha em cada porção d'espaço uma igual quantidade de força e por conseguinte uma pressão que restabelece o equilibrio.

O universo está cheio de moleculas movidas pelo calorico, ou um todo composto de forças, e todos os phenomenos da vida animal ou vegetal não são mais do que o resultado d'essas forças differentemente apropriadas.

O calorico parece tambem constituir a vida, a força e a energia da materia, que é passiva, e os phenomenos relativos aos corpos são os resultados do calorico, quando elle obra por contacto ou por impulsão segura e através dos meios. E' o estudo d'estes phenomenos que constitue a physica philosophica; quando esse estudo se refere ás moleculas, quer reunidas, quer separadas, entra no dominio da chimica philosophica.

Os antigos admittiam quatro elementos, ou principios primarios, a saber: o *ar*, a *agoa*, a *terra* e o *fogo*. Os modernos teem analysado estes elementos e chegou-se a descobrir n'elles outros principios. O ar atmospherico compõe-se de nitrogenio ou azote, e oxygenio, que o calor mantem no estado de gaz. A agoa compõe-se de hydrogenio e oxygenio; a terra é formada de nove substancias chamadas *terras;* o fogo não passa do desenvolvimento do calorico.

Os elementos modernos são: o carbone, o oxygenio, o hydrogenio, o nitrogenio, o chloro, o enxofre, o phosphoro, nove terras e cerca de trinta metaes.

Todos os elementos estão encerrados no espectro do prisma, que não é mais do que uma decomposição mecanica dos elementos da atmosphera e uma exposição de todas as variedades naturaes das moleculas, desde a côr violeta ou principio hydrogenio, até á vermelha, ou principio oxygenio, e a calorificação invisivel, ou as moleculas carbonaceas que estão fora do espectro, mas d'uma maneira muito diffusa para produzir a luz.

O carbone é a base de todas as substancias animaes, vegetaes e solidas. O carvão é carbone impuro; o diamante é o carbone puro; combinado com o oxygenio, o carbone forma o oxydo carbonico e o gaz acido carbonico.

O carbone existe em grande quantidade na cal, na pedra, etc.; retira-se sob a forma de gaz por meio do acido sulphurico e vende-se sob o nome de *agoa de soldar*, que não é mais do que a agoa empregnada de gaz acido carbonico. O gaz é o vapor asphyxiante que as minas exalam. O carvão de pedra é formado de carbone e hydrogenio.

(Continua) DOUTOR JAYME

BANDOLIM DA DESGRAÇA

—

I

Tu galgas os degraos d'uma existencia
Cheia d'amores, cheia de doçura;
Eu arrasto a minha alma pelo pó
Do chão ingrato e vil da desventura.

Tu esgotas nos labios coralinos
Doirada taça de ebriosa essencia:
Eu travo os labios com lethal veneno,
Co'as fézes recolhidas da existencia.

Tu afogas tua alma nos prazeres,
E teus olhos nas luzes do salão;
A minha alma se esbate irrequieta
Nas trevas densas de infeliz paixão.

Tu feres com as mãos as cordas d'oiro
Da harpa eolia que te encanta a vida;
Eu sem luzes caminho sobre abrolhos
A' procura da sombra apetecida!

Tu atiras as palmas ao futuro,
Embalada nas scismas do amor;
Eu não tenho uma unica esperança
Que adoce do presente o amargor.

Tu fazes ninho em corações amantes,
Qual colibri que no rosal se abriga:
Eu nunca ouvi em minha vida triste
O som suave de uma voz amiga!

Tu és do baile a virginal rainha,
Que á sua c'rôa junta mais florões:
Eu, Ashaverus da legenda antiga,
Sobre quem chovem tuas maldições.

Tu és formosa a Vestal que guarda
O fogo santo que pediste á lua...
Eu sou o tronco que lançaste ao chão,
Marco que fica da passagem tua!

II

Se eu podesse, meu Deus! na febre do delirio
Abafar as cruezas das dores do martyrio
Que sangra o coração;
Esquecer junto ao seio da minha triste irmã
Os sonhos côr da aurora d'esplendida manhã,
Ainda em embryão;

Se eu podesse apagar dos labios sequiosos
A febre que os requeima em filtros venenosos
Co'o fél da desventura;
E lançando este affecto na tumba do passado,
Riscar do coração o ente venerado,
Sorrir á crença impura:

Se eu podesse, meu Deus, um crepe funerario
Lançar sobre o passado; um crepe mortuario
Signal de morta esp'rança;
E saudar nova vida, saudar novos amores,
Procurando do ceo entre os fulgores
A estrella da bonança;

Se eu podesse rasgar as paginas bemditas,
Pelo dedo da Fé no peito meu escriptas,
De dores inda exangue;
Se eu podesse lavar d'aquella fronte nobre
A sombra que a macula e sua alvura encobre
Embora com meu sangue;

Daria a minha vida, a minha vida inteira,
A minha fé, a crença na hora derradeira,
A crença de christão,
Para ter o prazer de redimil-a,
Lançando no seu seio de Dalila
Os prantos do perdão!

JOÃO BARRETO

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

—

I

À ALCOVA DO ENFERMO

(Continuação)

—De repente, avaliem como fiquei admirado e feliz, via-a no meio de um grupo de senhoras que dansavam. Era ella, que bem o revelavam a alegria ingenua, o animado contentamento de hespanhola. A todas sobresaia na graça voluptuosa com que movia os pés de fada, na graça e correctos contornos do corpo. Com a cabeça enfeitada de flores, de purpura e d'ouro, era a rainha do baile.

—Que está vendo com tanta attenção? perguntou uma voz em quanto uma mão se me apoiava no hombro.

Era D. Antonio de la Riba, capitão da marinha hespanhola, homem por indole e habito frio e severo.

Mostrei a joven hespanhola.

—Sinto-me feliz de a ver tão feliz. Nunca a desgraça imprimiu o sello fatal n'aquella fronte encantadora; nunca nenhum receio pelo futuro perturbou aquelle contentamento, que o passado respeitou, e que até aqui, como facilmente se vê, não foi amargurado por nenhum cuidado, por nenhuma dôr.

O capitão sorriu amargamente, como costumava, e respondeu com a voz sacudida e aspera que devia ao habito de mandar:

—Conheço aquella mulher.

—Conhece-a; tem-a encontrado nas sociedades? exclamei. Capitão, confio na sua amizade; apresente-me áquella senhora, ou, pelo menos, a algum ami-

go seu, a quem possa dever essa ventura.

—Com que o meu amigo pensa, replicou o capitão, que está ali a mais feliz de todas as mulheres? Pensa que o infortunio nunca a feriu; cuida que poucas vezes terão as lagrimas requeimado aquelles olhos, ou a pallidez mortificado aquelle rosto?

—Como podem pensamentos tristes conciliar-se com tanta alegria descuidosa e serenidade tal?

—Pois examine bem a mulher que julga tão feliz.

Adiantou-se para ella e ella saudou-o. Então empalideceu horrivelmente o rosto da bella desconhecida, e foi extremecendo que estendeu a mão a Ribera.

—Creio que o meu regresso não lhe é motivo de tristezas, disse o capitão para desassombral-a de receios, porque parecia que desmaiava.

A hespanhola cobriu o rosto com as mãos e assim esteve alguns segundos; quando as arredou, já não se lhe via vestigio nenhum da terrivel commoção que soffrera. Sorria-se como até então e continuou a dansar com a mesma alegria.

Dei-me pressa de ir ter com o capitão e levei-o para o canto da sala.

—Em nome da nossa amizade, exclamei, conte-me a historia d'aquella mulher.

—D'aquella mulher feliz que a desgraça nunca feriu? Pois sim; assentemo-nos; venha um copo de punch e ouça-me.

Eis o que elle me contou:

—Havia em Lisboa um rico negociante chamado Lopes, que especulava em emprezas industriaes. A sua prosperidade já era proverbial na cidade. Nunca naufragara nenhum dos seus navios; nunca falhara nenhuma das suas combinações commerciaes; sua filha, D. Margarida, ia casar com o filho de um rico armador.

Durante desoito annos a fortuna sorrira prospera a Lopes. Mas, de repente, com um sopro, derrubou o edificio agigantado que levantara. Os navios do negociante naufragaram ou foram apresados por piratas; os capitaes do pobre velho foram devorados por duas ou tres fallencias; teve de renunciar ao rico casamento da filha, a quem já não podia dar o dote. Em dous annos estava completamente arruinado. O seu unico recurso era uma divida de noventa contos sobre um negociante de Madrid. Mas este negava a divida, e para obrigal-o a pagar era necessario intentar um processo.

Em Hespanha a justiça é mais cara e demorada do que n'outro qualquer paiz. Tres annos durou o processo, e n'esse periodo Lopes, sua esposa e filha viveram quasi na miseria. Viviam do seu trabalho. O pae fazia a escripturação de alguns lojistas; as duas mulheres cosiam para modistas.

O adversario de Lopes andou com elle de instancia em instancia; emfim foi condemnado pelo supremo tribunal, e tendo assim esgotado quantos recursos a chicana lhe suggerira, viu-se obrigado a pagar os noventa contos. Uma tarde entrou Lopes na sua pobre casa, e, louco de alegria, mostrou á mulher e á filha uma carteira contendo uma verdadeira riqueza para aquella familia, agora pobre, ainda ha pouco tão rica.

Discutiram como deviam empregar o dinheiro e pôr fim resolveram que Lopes depositasse os fundos na mão de um banqueiro de Madrid, que o mandaria para Portugal afim de empregal-o de modo que desse rendimento certo.

—Vou já tratar d'isso, acrescentou Lopes. Vou a casa do banqueiro e não me demoro um quarto de hora.

Passou uma hora sem que voltasse.

(Continua)

CERVANTES

(Conclusão)

O publico hespanhol, conhecido o engano, teve o bom senso de protestar contra elle, e Cervantes continuou a sua obra, o que não o impediu comtudo de morrer de fome.

O que caracterisa especialmente o *D. Quixote*, é o excitar á irrisão os sentimentos e virtudes mal empregados, censurando-os sem comtudo os escarnecer, mas antes deixando-os brilhar com toda a luz do seu proprio merito. «O unico livro bom de todos os livros hespanhoes, diz Montesquieu, é aquelle que faz ver o ridiculo de todos os outros.»

Que diremos do immortal heroe manchego, do cavalleiro da Triste Figura, de picaresca memoria? E de Sancho Pansa, cujos modos philosophicos se casam tão bem com o andar do seu burro, com o qual se harmonisa perfeitamente; e como a sua sabedoria, que só se exprime em proverbios populares, é mais profunda do que as lições, methodicamente estudadas! E Rossinante, cuja paciencia e sobriedade estão ao nivel das virtudes de seu amo!

Fallemos agora de Cervantes, traçando em poucas palavras a sua biographia.

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de Henares, na Castella Nova, em 1547. Seus paes queriam que elle seguisse a carreira ecclesiastica; mas Cervantes, que já fazia versos, recusou. Propozeram-lhe a medicina; mas elle recusou tambem, como sentindo uma vocação para outra cousa.

Aos vinte e dous annos a miseria obrigou-o a expatriar-se; foi para Roma, e durante muito tempo resignou-se ao papel de criado particular do cardeal Acquaviva.

Anhelando um officio mais nobre e mais independente, alistou-se sob as bandeiras de Marco Antonio Colonna e achou-se como simples soldado na batalha de Lepanto, em 1571, onde perdeu a mão esquerda. Esteve tres annos ao serviço da Italia; depois teve a nostalgia da patria e quiz vel-a. A viagem era difficil. Um corsario argelino surprehendeu a embarcação e Cervantes foi levado para Argel no meio dos escravos. Carregaram-o de ferros e lançaram-o em um carcere com trese companheiros. Cervantes meditou o projecto de quebrar os ferros; mas um dos escravos atraiçoou os outros indignamente. Os desgraçados hespanhoes foram arrastados á presença do dey de Argel, que lhes prometteu a vida se indicassem o auctor do projecto.

—Fui eu, disse Cervantes, que meditei o projecto de salvar meus irmãos. Dae-lhes a liberdade e mandae-me matar!

O dey só viu uma cousa n'esta resposta heroica, e era que aquelle que mostrava tanta nobreza devia ser um grande personagem, cujo resgate lhe daria muito dinheiro. Perdoou-lhe pois a vida, mas sem deixar de o carregar de ferros.

Cervantes conta este triste episodio da sua vida na *Novella do Captivo*, que vem no *D. Quixote*.

Ao cabo de cinco annos e meio de captiveiro, os frades da Trindade que não haviam cessado de trabalhar para o seu resgate, conseguiram comprar-lhe a liberdade, e Cervantes foi restituido a sua familia em 1581, ao cabo d'uma ausencia de doze annos.

Foi então que elle deu á estampa os dous romances pastoraes *Philene* e *Galathea*. Este ultimo foi-lhe inspirado pelo amor que sentia por Catharina Salazar y Palacios, com quem casou, sem que isso o livrasse de viver cercado de miseria, a qual o não abandonou até á hora da morte.

Cervantes deixou-nos o seu retrato no prefacio das novellas:

«Este homem cuja physionomia tem algumas parecenças com as da aguia, que tem os cabellos castanhos, a testa ampla, os olhos vivos, o nariz recurvado, mas bem proporcionado, a barba branca, o bigode bem fornido, a bocca pequena, os dentes separados uns dos outros, a estatura mediana, os hombros altos, este homem é o auctor de *Galathea*, de *D. Quixote* e das *Novellas.*»

As pastoraes são d'um gosto menos delicado do que o *D. Quixote*.

Cervantes prolongou a sua triste existencia até aos sessenta e nove annos. Eis o que elle escrevia dias antes

de morrer ao conde de Lemos agradecendo-lhe uns leves soccorros:

«Sinto-me morrer. Sinto não poder dizer-vos quanto praser me causa a vossa chegada a Hespanha. A alegria poder-me-ia dar a vida; mas que a vontade de Deus seja feita! Vossa Ex.ª saberá pelo menos que a minha gratidão durou até ao ultimo momento da minha vida. Para me curar sería necessario um milagre da Providencia e a esta só peço pela vida de Vossa Ex.ª. Em Madrid, a 19 de abril de 1616.»

Quatro dias depois Cervantes exalava o ultimo suspiro.

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES

XXXII

DE GIRARD

Filippe de Girard nasceu em 1775 em Lourmarin, nas margens do Durance, e mostrou desde tenros annos notaveis disposições para a mecanica. Cultivou com gosto a musica e a pintura e deu-se ao estudo da botanica. A revolução tel-o tomar as armas e depois emigrar. Foi então que, para prover á sustentação da sua familia, utilisou as aptidões que em si sentia para o estudo da chimica e da mecanica.

Depois de tentar a profissão de pintor, vemol-o estabelecer em Leorne uma saboaria, depois em Marselha uma fabrica de productos chimicos e emfim em Nice, depois d'um exame muito brilhante, occupou com distincção uma cadeira de chimica.

Quando se estabeleceu o consulado dirigiu-se a Paris, onde comprehendeu que o seu espirito inventivo acharia meios de desenvolver-se. A exposição de 1806 apresentou numerosas invenções devidas ao seu genio, sobretudo em instrumentos d'optica, aperfeiçoamentos dos meios d'illuminação e das machinas a vapor, etc.

A mais importante das suas invenções foi a machina de fiar linho. Napoleão I havia proposto um premio d'um milhão de francos ao inventor d'uma machina de fiar linho; Girard, que ainda não estava habilitado, por seus anteriores estudos, a similhante empreza, encerrou-se no seu quarto uma noute inteira e no dia seguinte o principio da machina estava resolvido. Dous mezes depois, o inventor tirava um breve de

GALLILEU (*)

invenção e ao cabo de dous annos de estudos pacientes, em 1813, fundou uma fiação mecanica de linho. O milhão estava ganho; mas nunca lhe foi pago. As desordens do imperio desviaram a attenção do governo, e a restauração, mal aconselhada, recusou-se a pagar essa divida sagrada.

A Austria chamou Girard para lhe confiar o estabelecimento das suas fiações; mas como aquelle estado faltasse ás obrigações contrahidas, o artista aceitou os offerecimentos da Russia e fundou na Polonia fabricas muito importantes. Foi ali que inventou uma machina para pentear o linho.

Durante os vinte annos que Girard passou na Russia, o seu genio inventivo creou novos aperfeiçoamentos para a fabricação do assucar de beterraba, rodas hydraulicas e aparelhos engenhosos para fabricar, por meio de machinas de vapor, coronhas d'espingardas.

Apesar do reconhecimento que lhe inspirava a generosa protecção do governo russo, o desejo de tornar a ver a patria, trouxe-o a França. Em 1844 chegou a Paris, tendo a satisfação de encontrar, na exposição do mesmo anno, todas as suas invenções aproveitadas.

De Girard morreu em Paris em 1845. A consciencia dos importantes serviços que prestou e o testemunho imparcial da historia, foram a justa recompensa de tão insano trabalhar em bem dos seus similhantes.

(*) Vid. pag. 129 do 1.º volume.

ZIG-ZAGS

OS SELVAGENS DA INDIA

Apesar dos progressos que a civilisação ha feito na India, a esforços das potencias europeias que ahi teem territorios, existe ainda um certo numero de tribus selvagens e guerreiras, que vivem na mais completa independencia e disputam aos animaes ferozes a morada das montanhas e dos desertos.

Imagina-se por isto facilmente quão horriveis são os seus costumes e como estas tribus constituem uma barreira permanente e perigosa ás luzes da civilisação.

A religião d'estes povos é o budhismo; o christianismo ainda ali não póde entrar. O governo de todos estes estados é um despotismo absoluto. Os subditos são propriedade dos soberanos e estes são considerados como uma raça por forma tal superior ao vulgo, que até lhe é prohibido, sob pena de morte, pronunciar o seu nome.

EXPEDIENTE

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 5 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

O numero 6 ficará brevemente reimpresso, e em seguida irão os mais.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 55

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 15 DE SETEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

AS MARGENS DO RHENO

SUMMARIO

Texto:— As margens do Rheno — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Groenlandia — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Recorda (poesia) por Vieira Natividade — A sociedade dos tres (romance original) — Do meio dia ás duas horas — As cruzadas — O jardim das plantas de Paris — Alda, por Costa Goes — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — O que eu amo (poesia) por G. S. Netto — A matança do dia de S. Bartholomeu, por Luiz Mendes — Uma leitura do Hyssope (excerpto) por L. A. Rebello da Silva — Os beduinos — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— As margens do Rheno — Jardim d'aclimação de Paris — Beduino lavrador.

AS MARGENS DO RHENO

Não ha nada mais a proposito para fixar a attenção do viajante curioso dos espectaculos naturaes do que os sitios pittorescamente selvagens que bordam o Rheno. E' especialmente entre Mayença e Colonia que a paisagem é admiravel. Aqui avistam-se terrenos cultivados e ferteis, vinhedos, cerejeiras, damasqueiros vergando de fructos deliciosos; ali a perspectiva muda de repente; já não ha verdura, não ha fructos, flores nem folhas. São rochedos abruptos, negros, cuja vista contrista a alma.

O rio, que se desdobrava como um lençol de prata por entre margens ridentes, corre agora apertado entre desfiladeiros sinistros, que parecem querer engolil-o, e as agoas, que um pouco acima tinham a limpidez do crystal, apresentam-se agora turbas, mas impetuosas, desfazendo-se em turbilhões de espuma contra os penhascos que pretendem interceptar-lhes a passagem.

Tudo isso é bello, selvagemmente bello, especialmente para nós os povos meridionaes, cujo torrão é um paraiso constante.

Entre os quadros brilhantes e sublimes do Rheno, não é para admirar que a poesia cavalheiresca dos seculos supersticiosos achasse campo de sobra para as legendas e contos medievicos. Basta considerar os nomes de certos sitios para suppor a existencia de uma lenda, acreditadissima nos arredores.

Ora veja o leitor:

Trenenfels, isto é, o rochedo da fidelidade; *Drachenfels*, rochedo do dragão; *Wolkenburg*, castello das nuvens; *Loewenberg*, rochedo dos leões; *Ehrenbreitstein*, pedra de honra.

No cimo d'uma montanha, á esquerda do rio, veem-se as ruinas d'um castello, denominado *Rolandseck*, ou retiro de Rolando. No meio do rio está uma ilha de verdura, sobre a qual se eleva o convento de Nonnenwerther, e um pouco abaixo, á direita para quem desce de Mayença para Colonia, encontra-se o pico de Drachenfels, coroado por um muro velho, restos d'um castello que ali havia.

Eis uma das legendas do Rheno:

Rolando, ou Orlando, o heroico descendente de Carlos Magno, apaixona-se pela bella Hildegonda, e, obrigado a marchar para a guerra, jurou-lhe á fé de cavalleiro nunca a esquecer.

Um dia entrou de correr a noticia da morte do nobre paladino, e a dama, murcha a flor das suas esperanças, renunciou ao mundo e foi tomar o veo no convento proximo.

Apenas feito o sacrificio, ouviu-se o som d'uma trombeta. Era o valente e corajoso guerreiro que voltava depositar aos pés da sua dama os louros da victoria.

Faça-se ideia da desesperação de Rolando.

Depois de chorar a sua desdita, o pobre namorado formou o proposito de não se separar de Hildegonda, e, fazendo construir junto do convento de Nonnenwerther, onde Hildegonda professára, uma ermida, ali se encerrou, resolvido a findar os dias. Mas sobrevindo a morte de Hildegonda, ralada de saudades, o eremita da montanha empunhou novamente a espada e foi procurar a morte no ardor dos combates.

Rolandseck é o nome por que ainda hoje são conhecidas as ruinas do retiro de Rolando.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

XLVI
A GROENLANDIA

Triste paiz este que se nos depara para começarmos por elle a nossa digressão na America! E' nada menos que na terra dos esquimós que nós estamos. Mas não se assuste o leitor, que a sua segurança pessoal não corre o menor perigo.

Além de que o esquimó não é antropophago, os dinamarquezes, que dominam n'estas regiões, introduziram por aqui um bocado de policia.

O groenlandez é um ente inoffensivo; é um pobre diabo, cuja intelligencia lhe não permitte raciocinios de longo alcance. Sabe porém, porque a isso o ensinou a feracidade do solo, que o agenciamento dos meios de subsistencia lhe tem de custar trabalho insano e não se poupa aos maiores perigos.

A industria do esquimó limita-se á caça e á pesca, e não hesita em ir vender os productos em terras muito distantes da sua. A carne de cão marinho é a sua unica sustentação.

O que torna a Groenlandia um paiz tristissimo é o rigor do clima, é o frio excessivo que se faz sentir. Durante nove mezes do anno está tudo coberto de neve.

A Groenlandia é muito montanhosa; o solo não produz mais do que lichens, e uma variedade d'este musgo, chamado *tripa de rocha* porque cresce nas fendas dos rochedos, serve d'alimentação, apesar do seu amargor, aos miseros groenlandezes, quando as inverneiras prolongadas não os deixam ir ao mar.

Pois apesar d'esta ausencia quasi completa de vegetação, o nome Groenlandia significa *Terra verde*. De que provem esta denominação tão mal cabida? Não o sabemos; da historia d'este paiz sabe-se apenas que em 982 descobriu a Groenlandia o norueguez Eric Randa e no seculo XVIII foi que a sua colonisação se activou pela iniciativa do missionario dinamarquez Egede, o qual, auxiliado por sua mulher e dez marinheiros, converteu os naturaes e estendeu as relações commerciaes da sua patria, em 1721. Além de Egede, que mais tarde foi bispo da colonia que fundara, diversos capitães teem explorado aquella vasta região, e mencionaremos o inglez Martim Forbisher e o dinamarquez Graah.

A parte conhecida da Groenlandia está dividida em dous inspectorados ou districtos. A Dinamarca, como já dissemos, é que hoje domina este territorio, que se crê ser uma ilha, e dizemos que se crê, porque ainda não foi possivel averiguar os seus limites do lado do norte. Por sul e leste limitam-a o Oceano Atlantico, por leste o Oceano Glacial Arctico e por oeste o estreito de Davis e a bahia de Baffin.

A população é de 25:000 habitantes, sendo 1:000 dinamarquezes e o resto esquimós.

O solo, em compensação da falta de vegetação, tem pedreiras de marmore, minas de chumbo, de cobre e hulha. O reino animal apresenta vaccas, ovelhas, rennas, cães, ursos, raposas vermelhas e brancas, aguias enormes, lebres brancas, phocas, cães marinhos e sobre tudo baleias. E' a pesca d'este animal que proporciona a principal industria do groenlandez. Ha uma Companhia Groenlandeza, cujo fim é commerciar com os naturaes em oleo de peixe, barbas de baleia, pelles e plumas de uma ave chamada *eider*, que é como um pato grande, e cuja penugem delicada é que fornece a materia prima do estofo chamado *edredon*.

Não sahiremos da Groenlandia sem fazermos uma digressão pela ilha de João Mayen, que lhe fica a oeste. Foi esta ilha descoberta em 1611 pelo viajante hollandez João Mayen, que lhe deu o seu nome. Contentar-nos-hemos porem, com vel-a de longe, porque as suas costas raras vezes são accessiveis, bordadas sempre de grandes amontoamentos de gelo. Do meio d'estes destaca-se o vulcão de Beerenberg, que está 2:085 metros acima do nivel do mar.

Emfim visitaremos o Spitzberg, nome que quer dizer *montanha aguda*, e é muito bem cabida esta denominação, porque todas as ilhas d'este archipelago estão semeadas de rochedos de picos agudos. As baleias frequentam estas paragens; tambem ahi abundam as phocas, ursos, narvaes, raposas azues, etc. Vão ahi pescar os inglezes, hollandezes, norueguezes e russos.

O inverno é temperado no Spitzberg; mas ha uma noute que dura tres mezes, interrompida somente por auroras boreaes.

O Spitzberg, ou Groenlandia oriental, foi descoberto em 1593 pelo viajante inglez Willoughby e explorado em 1595 pelos hollandezes Cornelius e Barentz.

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

III

CHIMICA

(Continuação)

O oxygenio é uma variedade particular das moleculas espalhadas por toda a natureza e as suas differentes combinações são essenciaes á vida animal e á combustão; obstando-se ao seu movimento circular, as moleculas formam gaz oxygenio.

Cem partes d'ar atmospherico contem 22 partes de gaz oxygenio e 78 de nitrogenio e em 100 partes d'agoa entram 85 d'oxygenio e 15 de hydrogenio. O gaz oxygenio distingue-se de todas as outras materias gazosas. As substancias inflammaveis ardem n'elle nas mesmas condições que o ar commum, mas muito mais rapidamente. Introduzindo uma vela apagada em um vaso cheio d'aquelle gaz, acende-se de repente e com grande arruido. Se se introduzir em uma campanula cheia do mesmo gaz um fio d'aço, tendo na ponta uma haste de madeira a arder, o aço inflamma-se, produzindo phenomenos brilhantissimos.

Chama-se ao gaz oxygenio *gaz vital* porque é indispensavel á sustentação da vida; este gaz é o que absorvemos pela respiração. Logo que a respiração ou combustão tem absorvido 22 partes, o que resta não passa de nitrogenio, que se tornara mephytico e mortal. Este gaz representa tambem um papel importante no reino vegetal; as plantas salutares, sendo expostas ao ar, como encerram pequenas quantidades d'acido carbonico, aniquilam o fluido elastico e exalam o gaz oxygenio.

O oxygenio, durante a combustão d'um corpo, expelle o ar atmospherico, combina-se com o residuo, augmenta o seu peso e forma um acido ou um oxydo.

Chama-se a este phenomeno *oxydação*.

Combinado com o enxofre, o phosphoro, o carbone e outras substancias em graos differentes, o oxygenio dá oxydos e acidos d'uma força proporcional ao grao d'oxygenação, differença que se indica pelas terminações em *oso* e *ico*, como já dissemos.

Combinado em differentes graos com os metaes, o oxygenio produz oxydos de differentes côres, como o oxydo cinzento de chumbo, o oxydo vermelho de chumbo, etc.

O hydrogenio é um dos principios mais abundantes na natureza; 15 partes de hydrogenio combinadas com 85 d'oxygenio formam a agoa. Só se obtem sob a forma de gaz; como é 12 vezes mais leve do que o ar, emprega-se para encher os balões aerostaticos.

Este gaz é o principio dos phenomenos da combustão, que se produzem pelas acções e reacções do oxygenio e do hydrogenio. Chama-se-lhe vapor inflammavel e é muito amiudadas vezes funesto aos mineiros. E' o constituinte principal das hulhas, das gorduras, dos espiritos, do ether, do betume e do carbone.

O hydrogenio é sempre o producto da agoa e a agoa é formada pela união do oxygenio e do hydrogenio. Reconhece-se a sua existencia na agoa sob a forma de vapor, fazendo a experiencia com um fio de ferro em braza. O oxygenio da agoa combina-se com o ferro, a agoa desapparece e o hydrogenio fica no fundo.

Enche-se os balões misturando cinco partes d'agoa com uma d'acido sulphurico e lançando esta mistura sobre limalha de ferro; o gaz produzido pela decomposição da agoa enche o balão. Este, sendo 12 vezes mais leve do que a atmosphera, passa através d'ella e sobe.

(Continua) Doutor Jayme

RECORDA

ANNITA

Partiste, anjo adorado!
Fiquei soffrendo aqui.
Quem sabe se olvidado
Eu já serei de ti!

Não esqueças um momento
De que és o anjo meu;
Desfaz meu soffrimento,
Eleva esta alma ao ceo.

Eu amo esse teu rosto,
Complexo de belleza,
Como amo ao sol já posto
Da luz a tibieza.

Em ti tudo eu adoro
Porque és só tu que eu amo,
E' só por ti que eu choro,
Que eu soffro e por quem chamo.

Eu amo, virgem pura,
Os teus longos cabellos.
Oh! dá... dá-me a ventura
Só de os beijar e vel-os!

Não esqueças, virgem pura,
A dor que me tortura,
A dor que não tem fim.
Nas horas de praser,
Ou n'outras de soffrer,
Ai! lembra-te de mim!

Vieira Natividade

A SOCIEDADE DOS TRES

ROMANCE ORIGINAL

XII

TERRIVEL DESENGANO

(Continuação)

—Desejas alguma cousa? perguntou o moleiro com voz perfeitamente segura.

Aquella serenidade assustou Guiomar.

—Queria, balbuciou por fim. Quero... que me mande... para casa de minha... mãe!

—Tranquilise-se, respondeu Miguel. Não lhe farei mal algum. Escusa de sahir d'esta casa. O homem com quem estava não a perseguirá mais.

—Que quer dizer com isso? perguntou anhelante Guiomar.

—Que está na eternidade.

—Morto! exclamou Guiomar lançando-se da cama e fechando as mãos na cabeça.

—Morto, sim! respondeu friamente o moleiro.

—Augusto, o unico homem que me mereceu amor! E' possivel?!... O senhor é um assassino!

—Silencio, Guiomar! bradou Miguel. Silencio! Eu não lhe peço a confissão do seu passado, não quero indagar qual foi o homem que amou; o que me importa é que reconheça o seu erro e se emende. Casei comsigo porque a amava, porque a idolatrava, porque a adorava como se adora a Deus; não lhe pedi que me consagrasse a mesma copia d'amor. O que queria, aquillo que tinha direito a esperar de si, uma vez que consentiu em casar comigo, era que se conduzisse como mulher honesta. Podia ter tido um cento de namoros quando solteira; casada, devia renunciar ás creancices que a podiam comprometter aos olhos da sociedade. Não procedeu assim; não importa. Esqueçamos tudo. Esse Augusto já não existe. Amava-o; rese-lhe agora por alma.

—E' possivel?!... Oh! Engana-me! exclamou Guiomar. Deixe-me ir verificar. Quero ver por meus proprios olhos até que ponto o senhor é um monstro!

—Não sae d'aqui, digo-lh'o eu! bradou o moleiro com voz de trovão, indo d'um salto desandar a chave da porta que havia cerrado ao entrar com o corpo inanimado da esposa.

—O senhor é um monstro, indigno de dó! exclamou Guiomar, Irei denuncial-o á justiça! Assassino! Assassino!

—E' verdade! uivou com modo sinistro Miguel. Assassino por sua causa! Porque a amava! Porque era seu marido! Porque não pude conter a minha indignação ao ver que a senhora cavava a minha deshonra! Que lhe fiz eu para me castigar d'este modo? E' assim que se paga um amor como o que eu lhe tinha?...

—Falla em amor! disse a indigna esposa com ar sarcastico. Que culpa tinha eu se me amava? Eu é que nunca o amei! Oh! Não! Eu odeio-o!

—Guiomar! Não provoque mais a minha colera! Lembre-se o estado em que anda!

—Quer dizer que era capaz de matar-me e de matar tambem o innocente que trago no ventre! Oh! Capaz d'isso é o senhor! Mas eu não o temo. Venha. Mate-nos a ambos!

—Não é por ti, desgraçada! disse Miguel. Tu nem sequer é digna de dó. E' por elle, é pelo innocente de que acabas de fallar!

—Por elle! Não o poupe. E' indifferente que elle viva depois que o senhor lhe matou o pae!

Uma bomba que estalasse aos pés de Miguel não produziria mais effeito do que esta inesperada revelação.

—E' de mais! exclamou elle no cumulo do desespero e agarrando a esposa pelos cabellos. Vaes morrer, infame, prejura, sacrilega!

Desorientado, alongou a vista pelo quarto como procurando um instrumento, ou qualquer cousa com que fizesse justiça por suas mãos. Apoz um momento d'exame, avistou uma arma caçadeira dependurada a um canto e correu buscal-a soltando um grito de alegria feroz.

Vendo-se livre das mãos de ferro do marido, Guiomar precipitou-se por uma janella que por esquecimento Miguel deixara aberta quando entrara.

—Não me escapas! disse Miguel apontando e disparando contra a janella no momento mesmo em que Guiomar a saltava.

A sala estava situada ao rez do chão. Ainda assim, ouviu-se o baque de um corpo cahindo sobre o solo pisado do terreiro que circundava o moinho por aquelle lado.

Tudo isto se passou em um momento. Levou com toda a certeza menos tempo do que o que nós gastamos em contal-o.

(Continua)

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

—

(Continuação)

II

UMA DESGRAÇA

As duas mulheres começaram a assustar-se. Mas julguem quaes seriam as suas angustias e desespero, quand soou meia noute sem que Lopes tivesse regressado! Toda a noute se passou n'aquelle mortal esperar. De madrugada foram procural-o. Nada souberam. Loucas de desespero, recorreram á policia.

De noute tinha sido encontrado o cadaver de um homem ferido com dez punhaladas. Reconheceram horrorisadas que esse cadaver era o do unico protector que tinham no mundo. Inutil é dizer que desapparecera a carteira com o dinheiro. Sem duvida tinha algum ladrão sabido que Lopes o recebera, e por isso o assassinara para roubal-o. A mãe de Margarida não pôde resistir áquelle golpe cruel e foi atacada de paralysia á vista do cadaver ensanguentado do marido. Os soccorros da sciencia foram baldados; nunca mais pôde mover as mãos para trabalhar. Enlouqueceu. Margarida viu-se obrigada a consagrar todo o tempo a cuidar da infeliz paralytica.

Já lhes disse que havia muito tempo viviam as duas senhoras pobrissimamente; á pobreza succedeu a miseria, com frio, com fome, cobertas de farrapos.

Margarida, tendo que tratar da mãe, não podia dar-se ao trabalho.

Chegou um dia em que até pão lhes faltou.

A mãe, assentada sobre uma enxerga velha, unico resto da mobilia, murmurava com o sorriso espantado e a voz monotona dos idiotas:

—Tenho fome! Tenho fome!

Margarida já não tinha moveis, nem fato que podesse vender, e em vão procurava meios de matar a fome de sua mãe. De repente contraiu-lhe os labios um sorriso de amargura; levantou-se e dirigiu-se como louca para a loja de um cabelleireiro francez estabelecido no bairro mais rico de Madrid.

—Quer comprar-me os cabellos? disse desatando as magnificas tranças que chegavam até ao chão.

Nunca o francez vira tão formosos cabellos. Quando desenredou as tranças, cobriam a donzella como o faria um manto de velludo.

Offereceu-lhe certa quantia, que Margarida acceitou sem hesitar. Não queria demorar-se em fazer aquelle sacrificio, talvez o mais doloroso que a miseria lhe impuzera.

O cabelleireiro lançou mão da tesoura e chegou-a á cabeça da pobre rapariga, que estremeceu. O condemnado á morte não aguarda com maior terror o golpe do cutello do que ella esperava o ranger da tesoura.

—Em nome da Santissima Virgem, avie-se por piedade! exclamou.

—E' pena cortar tão lindos cabellos e separal-os d'essa formosa cabeça, redargiu o cabelleireiro.

—Avie-se, avie-se, pelo amor de Deus!

—Este sacrificio custa-lhe, não é verdade?

—Avie-se, avie-se, ou podem faltar-me as forças!

—Se eu lhe offerecesse, continuou o francez, um meio de conservar os cabellos, acceitaria?

—De certo. Se algum ha, diga depressa; ficar-lhe-hei eternamente agradecida. Mas não; ignora qual seja a minha triste posição. Não posso trabalhar. Todo o tempo é pouco para cuidar de minha mãe, louca, enferma.

—A venda dos cabellos só lhe dará meios para viver uma semana, quando muito; depois que fará, a que hade recorrer?

Margarida olhou para o ceo com desespero.

(Continua)

AS CRUZADAS

—

(Continuação)

Os novos cruzados foram trahidos pelos gregos, porque eram mais temiveis do que os proprios infieis, e, por outro lado, a divisão dos vassallos e a indisciplina dos soldados desorganisaram os dous exercitos, que foram derrotados sobre o monte Tauro, em 1148. Alguns restos, comtudo, conseguiram refugiar-se em Constantinopla.

Luiz e Conrado ainda chegaram a emprehender o cerco de Damasco; mas foram abandonados, e até trahidos pelos christãos de Jerusalem, que recearam ter de repartir o fructo das suas conquistas com os novos companheiros.

Não conseguindo nada, os dous soberanos tomaram o caminho da Europa.

Foi então que appareceu o famoso Saladino, o qual desafiou a Guy de Lusignan, rei de Jerusalem, acabando por tomar a mesma cidade.

Quando isto se soube na Europa, tudo se preparou para uma nova cruzada. O imperador Frederico Barbaroixa, Filippe Augusto, rei de França, e Henrique II, rei de Inglaterra, fizeram voto d'ir combater na Palestina; Saladino, pelo seu lado, alliou-se com o imperador de Constantinopla.

Frederico Barbaroixa, á frente de cento e cincoenta mil homens, obrigou

Isaac o Anjo, imperador do Oriente, a deixal-o passar; mas a fortuna depois negou-lhe os seus favores. O duque de Suabia, seu filho, experimentou diversos revezes e só pôde salvar oito mil homens, com os quaes marchou sobre S. João d'Acre, que os christãos estavam cercando havia longo tempo sem resultado.

Filippe Augusto e Ricardo I, rei de Inglaterra, desembarcaram então; mas isso de nada valeu; antes pelo contrario mais se augmentou a confusão entre os sitiantes. Houve porém mais; é que as divisões acabaram de perder a causa dos christãos. Ao passo que Ricardo abraçava o partido de Guy de Lusignan, que não conservava mais do que uma sombra de poder, Filippe declarou-se por Conrado, marquez de Tyro, seu competidor.

Rebentou a peste entre os musulmanos. Saladino, atacado da epidemia, não pôde sustentar mais tempo o cerco de S. João d'Acre e foi vencido por Filippe Augusto. Apesar, porém, d'esta victoria, o rei de França voltou para a Europa sem ter levado a cabo a conquista da Terra Santa.

Em 1204, Foulques, cura de Neuilly, pregou uma nova cruzada, e, sob o commando de Balduino, conde de Flandres, um exercito francez abalou para a Palestina. Juntou-se-lhe um troço de tropas venezianas, com alguns navios, fornecidos sob condição d'uma enorme retribuição.

Antes d'alcançar a Asia, Balduino apoderou-se de Constantinopla, manchando a sua victoria com um saque e uma matança geral. Em seguida cingiu a coroa do Oriente e abandonou aos venezianos a Morea, as ilhas do Archipelago e as ilhas Jonicas.

Tal foi o resultado da quarta cruzada.

(Continua)

JARDIM D'ACLIMAÇÃO DE PARIS

O JARDIM DAS PLANTAS
DE PARIZ

Em 1635, o medico de Luiz XIII, Guy de la Brosse fundou, a expensas do mesmo rei, o vasto estabelecimento scientifico chamado jardim das plantas, e o qual se divide em tres partes, que são assim denominadas: Valle suisso, Labyrintho e Jardim francez.

Esta ultima parte comprehende largas divisões, nas quaes se encontram todas as especies de plantas e arvores uteis á medicina, á agricultura, etc.

As duas primeiras partes comprehendem um jardim de paisagem, onde se acha uma collina, denominada o labyrintho medindo trinta e cinco metros d'altura, e sobre a qual ha um pequeno kiosque, d'onde se disfructa todo o panorama de Paris e dos arrabaldes.

O valle suisso é, por ventura, a parte mais interessante do jardim das plantas. E' o jardim d'aclimação, onde se acha o amphitheatro, o laranjal, a rotunda dos animaes vivos, os viveiros e as cabanas onde existem os animaes inoffensivos.

A superficie do jardim das plantas mede duzentos vinte e cinco mil quatro centos e trinta metros.

Ha n'aquelle estabelecimento diversas escolas publicas e gratuitas, cursos de geologia, mineralogia, botanica, historia, anatomia natural do homem, anatomia comparada, cultura, physiologia comparada, chimica organica, chimica inorganica e physica applicada á historia natural.

Foi Buffon que elevou o jardim das plantas ao grao d'explendor em que se acha, augmentando não só a area que elle occupava, mas completando a collecção d'historia natural, então bastante imperfeita.

ALDA

IV

(Continuação)

—Então tu nunca amaste Henrique? perguntou o velho.

—Nunca, meu pae.

—E eu a pensar que vocês eram doudinhos um pelo outro!... Mas então aquellas brincadeiras que Henrique fazia contigo?... Aquelles passeios fluviaes, a ver qual dos dous remava melhor?... Se vos entendo!... Pois olha, Alda: Henrique era um rapaz que te convinha, e, de mais, elle que está tão apaixonado....

—Mande procural-o, meu pae; tenho um mao presentimento.

—Eu mando, filha, eu mando.

E sahiu a dar as suas ordens.

Alda nunca quiz revellar o seu segredo a ninguem. Era um segredo que, dizia ella, só na hora extrema revellaria.

N'aquelle rosto lia-se a candidez da sua alma, a pureza dos seus sentimentos e a nobreza do seu coração.

Não sabia mentir; e se alguma vez o fazia, era para não contradizer a vontade de seu pae.

Veio depois o ancião.

—Lá mandei, Alda, dous homens a procural-o; mas aquillo, se tu lhe disseste isso, já cá não volta. Conheço bem o genio d'aquelle rapaz, e por ahi posso avaliar o que se passaria no intimo da sua alma, quando lhe lançaste em rosto uma injuria que elle nunca pensou merecer.

Alda não respondeu; chorava copiosamente.

—Para que serve chorar agora? disse o velho. Não tiveste coragem para affogar em teu peito a indifferença que mostravas por Henrique, e choras quando já não existe remedio para esse mal. Se elles ainda o encontrarem!

—Se Henrique vier, meu pae, digo-lhe que o amo, que o amo muito, Sacrificarei os meus sentimentos á pai-

xão immensa que domina aquelle mancebo.

—Terás coragem para isso, Alda?

—Oh! sim, terei. Gosto immenso de fazer a felicidade d'uma pessoa, quando eu possa dispor dos meios a empregar.

—E's boa. A par d'uma acção menos justa, devida á impetuosidade do teu genio, praticas uma acção d'uma alma nobre.

—Não, meu pae; faço o que me dita a consciencia.

E sahiram a ver se recebiam alguma nova. O velho perguntava a todos quantos passavam se tinham visto Henrique. Uns diziam-lhe que não, e outros davam-lhe umas vagas informações ácerca do mancebo.

Estavam, portanto, aquelles dous entes em uma incerteza cruel.

Eram altas horas da noute, quando bateram á porta da vivenda dos dous.

Antunes, o pae de Alda, veio á janella e a voz dos seus enviados se fez ouvir, dizendo-lhe que ninguem dava relações de Henrique. Tinham procurado, tirado investigações, mas tudo em vão.

O velho veio para dentro, chegou junto do leito de sua filha, e reconheceu que dormia. Não a accordou. Disse só:

—Fica em paz!

(Continua) Costa Goes

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXVIII

(Continuação)

«Uma vez o snr. barão aventurou-se a dizer:

«—José, não sabes que estranho o caminho? E' verdade que ha já bastante tempo que não faço esta jornada; mas se a memoria me não representa fielmente a topographia do caminho, o que sei com certeza é que tenho gasto mais tempo do que de costume. Já devia de ha muito ter avistado a matta de coqueiros da minha propriedade, e comtudo ainda a não vejo!

«—Descance V. Ex.ª, respondeu o mulato, cujos olhos scintillavam com expressão satanica. Eu sou um bom pratico por estes caminhos. Deixe estar o snr. barão que hade chegar ao seu *destino*.

«Estas ultimas palavras foram pronunciadas intencionalmente e em tom tão estranho, que o desgraçado estremeceu. Atravessou-lhe o espirito uma ideia sinistra.

«O snr. barão, homem pouco acostumado a perigos da natureza do que se lhe antolhou, sentiu-se agitado por um tremor convulso. O cavallo parou instinctivamente. O cavalleiro puxou a redea e voltou-se para traz. Os dous criados haviam parado tambem.

«—Que é isto? perguntou em tom afflictivo o infeliz fidalgo, olhando a tremer para os dous criados.

«Estava-se em um labyrintho inextricavel de matto e arbustos. Algumas arvores seculares erguiam magestosas as suas ramagens. O sitio era asado para um crime. Parecia ter sido de antemão escolhido. O mundo podia sempre ignorar a scena que ali ia ter logar; mas Deus, para cuja vista penetrante não ha obstaculos, havia de ver atravez da densidade da floresta.

«A' interrogação do fidalgo não houve resposta. Sibillou no ar um pao grosso e curto, agitado pelo braço robusto do mulato, e o infeliz cahiu atordoado abaixo do cavallo. O animal, espantado, fugiu. Então os miseraveis apearam-se, prenderam os cavallos, e dirigiram-se para o corpo, que jazia estendido no solo e com a fronte banhada em sangue.

«O corpo não se mechia.

«O mulato abaixou-se, applicou attentamente o ouvido ao peito do ferido, e, erguendo a cabeça com ar satisfeito, pronunciou a seguinte cynica phrase:

«—Não é perciso mais nada. Está prompto.

«O criado branco, sem duvida cumplice n'aquelle horroroso attentado, conservava-se silencioso.

«—Então? disse-lhe o mulato. Tu não me ajudas em nada? Estás a modo, com cara de condemnado...

«—Tenho remorsos d'isto! Sinto cá dentro uma cousa, que me tira a respiração. Será a isto que chamam remorso?...

«—Ora adeus, meu tolo! Quem perde és tu. Olha! disse o malvado com infernal alegria, mostrando uma bolsa de malha cheia de ouro. Era isto o que eu queria.

«O outro criado, porém, achou horrivel o brilho d'aquelle ouro. Saltou com ligeireza para cima do cavallo, que já tinha solto, e, picando com força, voltou a galope pelo mesmo caminho. Ainda lhe sibillou uma balla de rewolver perto dos ouvidos; mas não o alcançou.

«Ao outro dia de manhã foi apresentar-se á justiça e ali confessou tudo o que aqui fica dito, affirmando que estava arrependido de ter acompanhado o mulato n'aquella terrivel excursão.

«Antes, porém, do apparecimento do desgraçado cumplice d'aquelle grande crime, já se trabalhava em pesquizas, em consequencia de ter apparecido á porta do palacio o cavallo em que o snr. barão fôra montado.

«Procede-se com actividade nas necessarias diligencias para a captura do mulato. Já partiu uma força militar e empregados da policia para o local do crime, guiados pelas indicações recebidas do cumplice.

«A' snr.ª baroneza de Almeida dirigimos os nossos sentidos pesames pelo profundo golpe que acaba de receber.

«Como preito ao fallecido, bradaremos alto, se assim fôr preciso, para que todo o rigor da justiça caia sobre o malvado, que matou e roubou aquelle que lhe tinha dado a liberdade.»

(Continua) Alberto Carlos

O QUE EU AMO

A M. S. MARRAZES

Eu amo a noute tenebrosa e fria,
O sybillar do vento e o graniso,
Batendo na janella;
Inda amo a noute, quando o mocho pia,
Os mortos indicando que diviso
Em lugubre capella.

Eu amo o raio que os espaços fende,
Bem como o ribombar, altisonante,
Do medonho trovão;
Eu amo a onda que veloz se estende,
Batendo a rocha, febril, espumante,
Em feroz confusão.

Eu amo as lavas d'um vulcão frem ente,
Quando vão a correr vertiginosas
Aniquilando a terra.
Eu amo os ardores d'um sol candente,
A aridez e as formas caprichosas
Dos pincaros da serra.

Eu amo o fundo ao pavoroso abysmo,
Aonde a morte é certa ao descuidado
Que n'elle resvallou,
E as convulsões da terra, o cataclismo,
O combate, o gemido angustiado
De quem ali tombou.

Eu amo a cova onde se acoita a fera,
A onça, o tigre, a panthera, o leão
E a enorme serpente!
Eu amo o ovo que o abutre gera,
Amo o anthropophago do sertão,
O que devora a gente.

Eu amo tudo o que ha de mais horrivel;
Amo o cahos, a desordem, o inferno,
O destino fatal;
Sobre tudo, amo o incomprehensivel,
Deus! esse poder infinito, eterno,
O Deus universal!

G. S. Netto

A MATANÇA DO DIA DE
S. BARTHOLOMEU

(Conclusão)

O clero celebrou com um pomposo *Te Deum* este aggregado de horrores, como agradecendo a Deus conceder-lhe tal victoria contra os herejes. O proprio monarca e a côrte tomaram parte nas procissões e festividades com

que se commemorou tão fausto successo. E quando o cadaver de Coligny, dependurado pelos pés nas forcas de Montfaucon, principiava já a exhalar um cheiro insupportavel, Carlos IX foi com a sua comitiva em passeio regosijar-se com aquelle medonho espectaculo.

—O cadaver dos nossos inimigos cheira sempre bem! exclamou elle para os cortezãos, vendo-se que alguns tapavam o nariz com o lenço, incommodados pelas emanações fetidas do cadaver.

A matança de S. Bartholomeu não se limitou, porém, a Paris. De Paris propagou-se para as provincias, e raras foram as localidades de França que escaparam ás scenas atrozes de similhante carnificina, a qual em certos sitios chegou a prolongar-se por setembro e mesmo até principios de outubro, e deu-se a essa matança o nome de *matinas de Paris*.

Entretanto assignalam-se actos de opposição corajosa da parte d'alguns governadores de provincias. A Provença, o Delphinado, a Borgonha e Bayonna, foram por tal meio perservadas do terrivel flagello. Hennuyer, bispo de Lisieux, impediu o representante do rei de executar na sua diocese as suas ordens sanguinarias. E' digna de menção a resposta dada pelo visconde de Orthez, governador de Bayonna:

«Senhor, escreveu este valente guerreiro a Carlos IX, communiquei a carta de V. M. aos habitantes e á guarnição e não encontrei senão bons cidadãos e homens de coragem, e por mais esforços que empreguei, não consegui descobrir um unico carrasco.» (*)

Não está bem averiguado o numero total das victimas da carnificina de S. Bartholomeu; mas calcula-se que não morreriam em toda a França menos de cincoenta mil pessoas, sendo seis mil em Paris. Os protestantes que então existiam em França eram cerca de dous milhões.

Hade confessar-se que o povo, excitado pelo rei, pensou antes abater um partido da nobreza do que tomar parte nas contendas religiosas, que lhe não eram de nenhum interesse. Os Guisas attribuiam-se a gloria d'esses dias fataes e diziam ter salvado a França. Para impor silencio a uns e outros, Carlos IX celebrou em 28 d'agosto uma sessão no parlamento e tomou sobre si a responsabilidade da carnificina. Christovão de Thon teve a coragem de o felicitar por ter salvado o estado.

O povo applaudiu quando viu o seu rei e a côrte dirigirem-se a Montfaucon, para contemplarem os restos do almirante. Os bispos e os altos magistrados celebraram a victoria do povo e a vingança nacional.

Filippe II de Hespanha e o pontifice Gregorio XII manifestaram loucamente o seu enthusiasmo, quando souberam de similhante matança.

O papa até foi em procissão com o Sacro Collegio dar graças solemnes em tres das egrejas de Roma; além d'isso publicou um jubileu universal, mandou cunhar uma medalha commemorativa e encommendou ao celebre Vasari um quadro que existe na capella Sixtina, quadro que representa a matança dos herejes com a seguinte inscripção latina: *Pontifex Colignii necem probat.*

Alguns mezes depois Carlos IX viu erguer-se diante de si a figura severa da posteridade vingadora; procurou aniquilar as cartas e documentos escriptos que deviam mais tarde chamar sobre a sua cabeça a maldição nacional; mas não o conseguiu e até a carta que elle dirigiu com esse intuito a M. de Cely, seu conselheiro privado, a conservou a historia. Hade confessar-se que Carlos IX tinha rasão. A matança do dia de S. Bartholomeu, bem longe de ser o fim das guerras religiosas, foi o preludio d'outras mais terriveis, produzidas pela indignação que a todos causou este facto, que manchou de sangue as paginas da historia de França.

Luiz Mendes

(*) Ha quem tenha por apocrypha esta resposta porque o visconde foi sempre cruel para com os protestantes.

UMA LEITURA DO HYSSOPE

(EXCERPTO)

Nomeado juiz de fora de Castello de Vide, é natural que n'este logar de primeira instancia Antonio Diniz da Cruz e Silva concluisse o triennio costumado, passando a servir depois o emprego de auditor em um dos regimentos d'infanteria, pertencentes á guarnição da praça de Elvas.

N'esta cidade, para entreter as horas de descanso, e ao mesmo passo para largar as redeas á jovialidade satyrica, foi que Diniz tentou a composição do seu poema heroe-comico, o *Hyssope*, imitando em livres traços, e com galas proprias a *Estante do Côro* (Lutrin) de Boileau, e o *Balde roubado* (Secchia rapida) de Tassoni.

Uma scena digna da risade dos deuses de Homero ministrou-lhe o assumpto.

O deão da Igreja de Elvas, José Carlos de Lara, depois de ter vindo offerecer o bento hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amizade que os ligava.

D. Lourenço não supportou de bom grado a supensão da honraria canonical, e, tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pesada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde appellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

Elpino aproveitou-se habilmente da tela, que se lhe offerecia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo não só aos dous contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boamente a dispensariam.

E' de suppor que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria; mas tambem não pode negar-se que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo ler os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

Imagine-se o effeito d'esta revelação com o caracter do bispo vasio de ideias, abafado em gordura e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

Irado e convulso, jurou ali mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhara o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido cairiam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

Para a vingança corresponder ao ultraje, o meio unico era accusar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos, Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, sua ex.ª ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho para Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

O que é certo, é que o bispo, apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta que lhe requereu, expoz as rasões da sua queixa, exagerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil, que o odio

e a curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe através dos patibulos da praça de Belem e dos rigores d'um ministerio inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto preveniram-o a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e, acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na ideia uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*.

(Continua)

L. A. Rebello da Silva

OS BEDUINOS

Entre os arabes espalhados pelo Egypto, a Syria, os estados barbarescos e outras varias partes da Africa, distinguem-se duas raças principaes d'individuos, que são: os arabes lavradores, ou sedentarios, que habitam as terras, e os beduinos ou arabes nomadas.

E' dos ultimos que trataremos.

Os beduinos habitam principalmente o pequeno Atlas e os desfiladeiros secundarios que conduzem ao grande Atlas.

São tribus quasi selvagens, sempre errantes, fanaticos e que conservam com religiosa solicitude os seus costumes antigos.

Um dos mais singulares dos seus costumes é o de trasladarem sem cessar de um sitio para o outro as suas tendas vagabundas na vasta extensão de territorio que habitam; quasi nunca um beduino dorme á noute no sitio em que acordara de manhã.

Ao grupo de tendas que forma uma tribu chamam *dowar;* teem todas a forma circular. Vivem em familia, tendo por chefes cheikes, que são hereditarios. A sua religião é o islamismo e os seus padres chamam-se marabutos.

O trajo dos beduinos é tão simples como grosseiro. Envolvem a cabeça com um panno, deixando cahir as pontas por diante e por detraz. Este vestido é o bornal.

Não usam camisa, nem calçado de especie alguma. As mulheres usam apenas um pedaço de panno, posto desde o seio até aos joelhos; o resto do corpo anda completamente nu. Trazem o cabello pendente pelos hombros abaixo e nos dias de festa prendem-lhe dentes de peixe, coraes ou pedaços de vidro. E' o maior luxo da beduina. Pintam as sobrancelhas e pestanas com pós metalicos negros e rasgam a fronte, as pernas e os braços com cicatrizes profundas.

BEDUINO LAVRADOR

No primeiro mez de casada, a mulher traz um veo com uns boracos no sitio dos olhos e da boca, e durante esse tempo não pode sahir da tenda do marido, e é obrigada á mais completa solidão.

O beduino tem por occupação a creação do gado; é elle proprio que fabrica a sua roupa e os instrumentos de que necessita. Os nomadas vivem da rapina; esperam as caravanas para atacar e roubar os viajantes.

Quando um beduino exala o ultimo suspiro, a mulher despede grandes gritos á porta da cabana, e respondem-lhe com a mesma gritaria infernal todas as outras mulheres do *dowar*. Em seguida reunem-se todas ao redor da tenda onde está o cadaver e entram de cantar o valor e as virtudes do fallecido, interrompendo-se a espaços para despedir gritos de desesperação e descarregar golpes crueis por todo o corpo, até ficarem escorrendo em sangue. Terminada esta singular ceremonia funebre, dão o cadaver á sepultura.

EXPEDIENTE

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.° volume.

Já se acha reimpresso o numero 5 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

O numero 6 fica esta semana reimpresso, e em seguida irão os mais.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 56

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 22 DE SETEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO: — Os martyres, por Luiz Mendes — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America ingleza — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Visão (poesia) por Francisco Seara Junior — A sociedade dos tres (romance original) — O santuario da Senhora dos Remedios, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A architectura gothica — Uma leitura do Hyssope (excerpto) por L. A. Rebello da Silva — Do meio dia ás duas horas — Alda, por Costa Goes — Attracção (poesia) por João de Deus — Zaphyra — A marinha de guerra — Zig-Zags: A tiara — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Um martyr — Egreja de Longué — Um navio antigo.

OS MARTYRES

—

Não é necessario dizer ao leitor que se chama martyr áquelle homem que se dedica até á morte á defeza d'uma causa ou d'uma ideia. O Christo, morrendo no alto do Golgotha, martyrisado pelos proprios a quem a sua doutrina tão de perto interessava, foi o martyr

UM MARTYR

do novo Evangelho, da fé nova, que devia regenerar a especie humana.

Todas as ideias novas, grandes e generosas, teem tido os seus martyres; no campo da pratica nenhuma tem sido implantada sem o derramamento de sangue.

Os christãos lançados ás feras na antiga Roma, as familias perseguidas no tempo dos imperadores Nero e Diocleciano, e nos tempos modernos os ousados batalhadores do progresso, obreiros infatigaveis da civilisação, os missionarios que vão através dos climas e dos sertões, afrontando a braveza das feras e a brutalidade dos indigenas, feras tambem, e ás vezes mais temiveis, todos são martyres, que se dedicam á causa do bem, á causa da religião, da moral e do bem-estar dos povos.

A liberdade e a sciencia teem tido os seus martyres da mesma sorte que a religião. Gallileu, arrastado diante do sacro collegio e d'ahi mandado para os carceres da inquisição, é o exemplo mais frisante de que ha um martyrio especial para o genio, quando este irrompe através da ignorancia e fita o desconhecido.

LUIZ MENDES

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XLVII

A AMERICA INGLEZA

A America septentrional ingleza, ou Nova Bretanha, que demora ao norte dos Estados Unidos, é uma região immensa, quasi inculta e deshabitada em rasão do rigor do clima. Ao norte estão situadas as terras (ilhas ou peninsulas, não se sabe ao certo), reconhecidas pelos navegadores que procuram uma passagem do Oceano Atlantico para o Grande Oceano pelo norte da America.

A superficie d'este grande paiz mede 7,500:000 kilometros quadrados e a população é de 4 milhões de habitantes.

O clima é muito frio para o lado do norte; mas do sudueste é bastante temperado. Ha bellas florestas e prados extensos d'este lado.

Divide-se a America ingleza em varios paizes, que passaremos succintamente em revista.

Lavrador (14:000 h.), descoberto em 1501 pelo viajante portuguez Corte Real, é um paiz fertil apesar do rigor do clima, e d'ahi lhe proveio o nome, *Terra do Lavrador*, ou simplesmente *Lavrador*. O interior d'esta peninsula é pouco conhecido. Forte William é o seu principal estabelecimento, deposito de pelles.

Dos 14:000 habitantes, são 4:000 esquimós e 10:000 indios. Vivem todos da pesca.

Terra Nova (125:000 h.); o interior da ilha é esteril; mas tem importantes estabelecimentos, nos quaes se prepara o bacalhao, pescado principalmente no grande banco, que mede de comprimento 1:000 kilometros e de largura 300. A industria do bacalhao leva annualmente milhares de navios áquellas paragens.

Lancemos uma vista d'olhos para essa magnifica raça de cães d'agoa, de pello sedoso, que sabem nadar perfeitamente; tornam-se notaveis pela sua docilidade e fidelidade; muitas pessoas lhes devem a vida.

A Terra Nova, cuja capital é Saint John (21:000 h.), foi descoberta pelo viajante francez João Cabot em 1497; em 1525 foi occupada por Verazani em nome da França; passou para a Inglaterra pelo tratado de Utrecht de 1713; os tratados de Paris e de Versailles, de 1763 e 1783, reservaram todavia para a França o direito de pescar a norte e oeste do grande banco.

Quando Portugal era alguma cousa no mar tambem os nossos pescadores algarvios iam em procura do bacalhao á Terra Nova.

As Bermudas, archipelago de cerca de 400 ilhas e ilhotes, rochedos e escolhos; população 12:000 h., sendo a maior parte da raça negra. Capital, Hamilton. Estas ilhas foram descobertas em 1522 pelo hespanhol João Bermudez.

Ilha do Cabo Bretão (4:000 h.); pesca importante e ricas minas de hulha, exploradas apenas desde 1827. Esta ilha está quasi dividida em duas peninsulas por um vasto golfo chamado *Braço d'Ouro*. A capital é Sidney.

Ilha do Principe Eduardo (80:000 h.), antiga possessão franceza; capital, Charlotte-Town, cidade de 5:000 h., o porto mais vasto da America do norte.

Nova Escossia, peninsula dividida em 10 condados, com 30:612 kilometros quadrados e 230:700 habitantes. Invernos longos e rigorosos; calores fortes e curtos no estio. Solo montanhoso e inculto do lado do norte, arido á beira-mar, fertil no interior. Minas de hulha, ferro e cobre; pesca abundante. Universidade celebre. Capital, Halifax (31:000 h.), cidade forte e importante, sede d'um bispado catholico e outro anglicano. Magnifico palacio do governo.

Nova Brunswick (250:000 h.); clima frio, solo coberto de matto. Exploração das florestas de pinheiros e cedros; pesca dos arenques e do bacalhao. Capital, Frederick-Town (5:000 h.), sobre o rio S. João.

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

(Continuação)

O hydrogenio carbonatado emprega-se na illuminação publica; destila-se do carvão, e depois de purificado pela agoa de cal, é conduzido para um reservatorio chamado *gazometro*, e d'ahi, por meio de tubos, vae illuminar as ruas, os monumentos, as casas, etc.

O nitrogenio é um gaz geralmente espalhado na natureza e que se encontra em especial nos corpos animados. Não se encontra no estado solido nem liquido; mas, excitado pelo calorico, forma o azote, contrario á respiração e á combustão, não tendo acção reciproca alguma com o oxygenio. Setenta e duas partes de nitrogenio, combinadas com 22 d'oxygenio, formam 100 partes d'ar atmospherico; em um grao mais alto d'oxygenio, como 10 para 70, produz o gaz nitroso e em um grao ainda mais elevado o gaz nitrico.

O azote produz os acidos nitricos, as areas e a pedra nos intestinos. E' por esse motivo que se prohibe a sustentação animal ás pessoas sugeitas a taes enfermidades.

O chloro, ou gaz acido oxymuriatico, tem a côr parda amarellada; misturado em pequenas proporções com o ar commum, torna-o prejudicial aos pulmões. Introduzindo-se uma vela accesa em uma redoma cheia do mesmo gaz, a luz não se apaga, mas toma uma côr vermelha escura.

O chloro não se encontra na natureza; existe em diversos compostos, especialmente no sal commum, do qual se pode extrahir.

O enxofre é uma substancia inflammavel, que se encontra junto dos vulcões, combinado com as terras e metaes, de que se separa por meio da sublimação. Combinado com o oxygenio, forma, segundo a differença de graos, os acidos sulphurico e sulphuroso. Queima-se ordinariamente o enxofre em camaras de chumbo, cujo fundo está coberto d'agoa; põem-se ahi 9 partes de nitro por uma d'enxofre, o que dá o oxygenio pela formação do acido condensado pela agoa. Tira-se então a agoa, fazendo-a evaporar por meio do fogo, e em seguida destilla-se em retortas. O que resulta é o acido sulphurico, ou oleo de vitriolo. O enxofre combina-se com o hydrogenio, os alcalis, as terras e os metaes. Estas combinações denominam-se *sulphuretos*.

O phosphoro é uma substancia simples que se obtem combinada com os ossos dos animaes, dos quaes se extrae. E' tamanha a sua tendencia para com o oxygenio, que se inflamma sempre ao ar livre; arde em um grao de calor um pouco acima do do corpo humano, e as suas combinações com as terras e metaes formam *phosphoretos*.

Com o phosphoro faz-se um grande numero d'experiencias recreativas; mas como se inflamma de repente e é muito difficil apagal-o, urge haver grande cautella e ter sempre á mão uma bacia com agoa.

Os chimicos consideram todas as materias como um composto d'atomos, ou particulas infinitamente pequenas, ou mais pequenas do que todas as dimensões imaginaveis. Uns consideram os atomos primitivos como d'uma só e mesma forma e devendo as differentes formas só á variedade das suas combinações; outros dão-lhes formas differentes e pretendem que os seus compostos devem a forma á dos seus primitivos.

Os phenomenos sensiveis da natureza attribuem-se á composição variada d'esses principios para o seu estado fixo ou movel. Todas estas variações são notadas mais distinctamente quando os differentes atomos estão submettidos a um mesmo motor commum, por que este as affecta d'uma maneira variada, produzindo resultados variados e complexos.

As qualidades são sempre a medida das affecções d'uma serie d'atomos sobre outra, e como estas differentes affecções derivam da variedade das formas, está averiguado que aquillo que nós chamamos qualidades não passa do resultado da forma, e consequentemente os corpos que denominamos oxygenio, etc., não são mais do que atomos de differentes formas e de differentes densidades, que, em certas circunstancias de movimento, de logar e de juxtaposição, produzem effeitos distinctos, chamados qualidades.

E' dever do chimico determinar, analysar e decompor os atomos ou elementos componentes dos corpos de differentes qualidades. Mas como todo o objecto existe em relação necessaria com outro, esta operação torna-se difficil. A mais perfeita decomposição possivel é talvez a do prisma, que desenvolve, por uma acção mecanica, todos os atomos, desde o do oxygenio puro, ou vermelho, até ao violeta, ou hydrogenio puro.

(Continua) DOUTOR JAYME

VISÃO

—

I

Era noute; a formosa Diana
Nas ceruleas campinas vagava;
Campeando ridente e ufana,
Seu opaco clarão derramava.

O infinito diaphano manto,
Recamado d'estrellas luzia;
Ostentando seu magico encanto,
Mil matizes no espaço espargia.

No mais pleno silencio profundo
Toda a terra jazia engolphada;
Nem sorrisos d'amor pudibundo!
Nem o som d'amorosa toada!

Nem dos bosques o meigo cantor
Seus gorgeios sublimes trinava!
Nem a rôla, penando d'amor,
Pelas fragas do outeiro arrulhava!

Nem a brisa fagueira passando,
Murmurava seus ternos gemidos!
Só meu peito ancioso, arquejando,
Brandos ais espalhava, sentidos.

Já minha alma saudosa vergava
Sob o impulso d'ardente paixão;
Que na mente febril ateava
Viva chamma d'ardente vulcão.

Quando, bella qual alvo jasmim,
Linda virgem surgir então vi;
E julguei-me da Alhambra em jardim,
Tendo ao pé formosissima houri.

Gentil era; seus louros cabellos
Em seus hombros eburneos ondeavam;
Suas faces puniceas; mui bellos
Seus requebros, amor inspiravam.

Os seus labios de nacar, mimosos,
Se entreabriam em mago sorriso;
E seus olhos azues, graciosos,
Me apontavam gentil paraiso.

De repente, dorida expressão
A seu rosto, assomou, de carmim;
E entre crebros suspiros então
Ternos carmes cantou ella assim:

II

Que val tão acerba vida!
Que val tão triste existir!
Se nem uma esp'rança qu'rida
Nos vem dourar o porvir?
Se tudo são dissabores,
Se até os proprios amores,
Em 'spinhos convertem flores,
Que sem dó nos vem pungir!

Já senti meu peito arfar
Sob o imperio da paixão;
Depois, trahido, vergar
Por atroz ingratidão;
E d'essa affeição intensa
Mirrada pela indiff'rença,
Hoje só resta a descrença
N'este pobre coração!

Poeta, amarga é a taça
De teus amargos revezes;
Sê heroico na desgraça,
Como o foi Camões por vezes!
Se a virgem do teu amor
Te deu o calix da dôr...
E' sina do trovador
Libal-o... até ás fezes!...

De teu affecto acendrado
Foi ephemera a illusão!
Cruelmente calcinado
Por hediouda traição!...
Olvida... olvida a perjura,
Que essa tua alma tão pura
Transformou em sepultura
Da mais leal affeição!

III

Librando-se qual phenix radiosa,
A visão se sumiu;
E por sobre uma senda luminosa
Os astros attingiu.

Terriveis e pungentes desenganos
A virgem revelou,
E penetrando os intimos arcanos,
Da illusão me acordou.

Eu desejara ao menos ver minha alma
N'essa doce illusão!
Embora do martyrio e dôr a palma
Fosse o meu galardão!

Ha porém um contraste bem frisante
Em sonho e realidade!
Aquelle, como a flor, vive um instante;
Esta... uma eternidade!

FRANCISCO SEARA JUNIOR

A SOCIEDADE DOS TRES

ROMANCE ORIGINAL

—

(Continuação)

XIII

O ASSASSINO

Ao ruido do tiro accudiu a gente das visinhanças, e como não se sabia precisamente de que lado elle havia sido disparado, entraram uns d'examinar por um lado e outros por outro, munidos todos de ramos seccos accesos, porque a noute havia-se cerrado de todo muito antes de disparado o tiro.

Os que seguiram a estrada do lado do jardim pertencente á casa do moinho não tardaram em encontrar um corpo deitado por terra. Levantaram-o e reconheceram o filho do mestre-escola da terra. Estava morto. D'uma larga ferida, que lhe tomava toda a extensão da nuca, sahia-lhe o sangue e grande parte da massa encephalica.

Quasi ao mesmo tempo aquelles que tinham seguido pelo caminho que costeava o ribeiro encontravam um rasto de sangue. Seguiram-o, uns para um lado e outros para o outro. Os primeiros foram dar á porta da viuva Veronica; os segundos chegaram até debaixo d'uma das janellas da casa do moinho, a qual se abriu como por encanto.

—Procuram um assassino, não é verdade? disse Miguel. Aqui o teem. Escusam de procurar mais. Eu mesmo me dou voluntariamente á prisão.

Por mais que o facto parecesse inacreditavel, a confissão do moleiro e os indicios do crime não deixavam duvidar. O regedor, que fazia parte do povileo, adiantou-se, e pondo a mão no hombro de Miguel, disse:

—Está preso!

Combinou-se, visto ser de noute, que o regedor dormisse aquella noute em casa de Miguel, que a casa ficasse cercada de cabos de policia e que de manhã cedo se pozessem todos a caminho para Chaves afim de Miguel ser entregue ás justiças da comarca.

Quanto á esposa infiel, os chumbos da arma caçadeira apenas lhe rasparam em um hombro, causando-lhe a ferida cujo sangue formara o rasto que os aldeões descobriram desde a casa do moinho até á da viuva, onde Guiomar se recolhera, com grandissimo espanto da boa velha, que não sabia de nada, nem esperava similhante desfecho a um enlace effectuado sob tão bons auspicios.

Miguel deu entrada na cadeia de Chaves no dia seguinte e desde logo lhe instauraram o processo.

O pae d'Augusto tinha influencia com as auctoridades em consequencia de ser trunfo eleitoral, e o processo correu a vapor. Facto talvez unico nos fastos criminaes do paiz, dez mezes depois da prisão estava assignado dia para o julgamento do moleiro. D'esta vez não houve rasão de queixa.

Na audiencia do julgamento Miguel confessou tudo. Guiomar, d'antemão avisada, compareceu e respondeu com o maior sangue frio ás diversas perguntas que lhe fizeram.

Quando declarou que não amava, que nunca amara o marido, e só pelo interesse casara com elle, os jurados indignaram-se e o juiz mandou-a retirar

da sala. Em resultado, e apesar da influencia de que o pae da victima se valera, como todas as testemunhas foram concordes em louvar o bom proceder do réo em epocas anteriores ao crime, e dando-se além d'isso a circunstancia attenuante da hallucinação em que o devia collocar a scena que lhe deu o convencimento da sua deshonra, o tribunal condemnou Miguel em oito annos de degredo para Africa.

Seis mezes depois (ainda d'esta vez a justiça de Portugal andou depressa!) o moleiro partia para o degredo a bordo d'um navio que largara de Lisboa.

Resta-nos fallar da esposa adultera.

Guiomar deu á luz uma menina, que era o vivo retrato da mãe. Tinha os cabellos louros e annellados, os olhos azues, a tez alva como a neve, lisa como o marfim e fresca como as petalas d'uma rosa. A mãe amava-a ternamente, doidamente, porque via n'ella o retrato d'Augusto, o seu primeiro e unico amor.

Quando Joanninha tinha cinco annos, chegou á aldeia uma companhia de ciganos, vinda d'Hespanha, e ao partir levou a filha de Guiomar, de quem nunca mais se soube.

Para se consolar da perda da filha, depois de a chorar baldadamente dous longos annos, Guiomar lançou-se nos braços d'um sargento, que a trouxe para o Porto, onde a abandonou. Como ainda era formosa, não lhe faltaram os amantes, e, depois de ter feito um commercio vil com os encantos com que a natureza prodigamente a dotara, morreu miseravelmente no hospital de Santo Antonio.

(Continua)

O SANTUARIO DA SENHORA
DOS REMEDIOS

Na extrema da cidade de Lamego, para o sul, levanta-se ingreme e aprumada a collina cujo viso coroa o santuario da Senhora dos Remedios.

Dá-lhe suave accesso a estrada, que a torneia, a qual se abre por entre os copados castanheiros que lhe vestem os flancos. Um pouco mais fadigoso dão-lh'o tambem os lanços d'escadarias, que, partindo da base, sobem até á ermida.

De formosa cantaria são os lanços, e os adornam copiosas fontes, que jorram agoas crystalinas, estatuas de pedra, que representam os ascendentes da Mãe do Redemptor, e pequenos jardins onde pullulam matizadas flores.

O santuario da Senhora dos Remedios é um formoso templo, elegante, bem construido e decorado com gosto e riqueza. Tem casa para capellão e missa quotidiana, e o mesmo capellão vela pelo culto da capella e pela boa compostura e conservação dos detalhes que formam todo aquelle precioso conjunto.

A serra onde está fundada a ermida da Senhora dos Remedios foi outr'ora denominada de Santo Estevão por haver n'ella uma pequena capella dedicada áquelle santo, mandada erigir por um bispo de Lamego, que teve por nome D. Durão. Esta capella deu origem á romaria e mercado no dia de aquelle santo, e como se arruinasse e fosse a imagem recolhida no templo da Senhora dos Remedios, apenas resta hoje um mercado de gado suino no dia em que a egreja celebra a festa do santo.

Pelos annos de 1500 a 1560 mandou outro bispo da mesma sé de Lamego, o qual se chamou D. Manoel de Noronha, edificar uma capella de pequenas dimensões, mas elegante e devota, que dedicou á Mãe do Redemptor com invocação dos Remedios. Este pequeno templo é o que se vê abaixo do Santuario, á direita de quem sobe. Deccorreram annos e o conego Francisco Pinto Teixeira, tomando devoção com a imagem venerada na pequena ermida levantada por D. Manoel de Noronha, fundou em terreno mais elevado o Santuario, que se ostenta grandioso, com a mesma invocação dos Remedios.

Pela data gravada no frontispicio do templo vê-se que foi concluido e aberto á devoção publica no anno de 1738.

Vê-se tambem pelo epitaphio gravado na pedra sepulchral que cobre os restos mortaes do conego Francisco Pinto Teixeira, o qual está á porta principal da capella, que elle falleceu no anno de 1782, no dia 25 d'abril.

O templo da Senhora dos Remedios conciliou grande devoção, e d'ella resultaram abundantes esmolas, com as quaes se tem feito as obras que se ostentam e continuam a fazer-se; agora estão em construcção as duas torres parallelas, cujo trabalho é d'aprimorado gosto.

No dia 8 de setembro ha no Santuario da Senhora dos Remedios festa religiosa, que costuma ser esplendida. A vespera celebra-se com fogos d'artificio, musicas e arraial, o qual é sempre concorridissimo. N'este dia e antecedentes as estradas dão passagem a milhares de romeiros, os quaes sobem e descem a montanha de continuo, depondo no altar da Senhora valiosissimas esmolas em dinheiro, ouro, prata, cera e outros objectos de valor.

Em todos aquelles dias e subsequentes ha novenas na ermida e feira em abarracamentos. Tambem ha ali auctorisada irmandade, que vae prosperando.

No decurso do anno é a ermida visitada diariamente por gente de fora, e especialmente pelas familias da cidade, que vão ali passear, confessar-se em dias devotos e até celebrar alguns dos seus casamentos, collocando-se assim debaixo da protecção da Senhora, cujos remedios imploram não só para os males presentes, mas tambem para o futuro da vida.

Do atrio da capella gosa-se um formoso panorama, pois lhe fica ao sopé a cidade e aos lados os profundos e verdes valles e as pitorescas encostas que a tornam tão original e tão bella.

Eis aqui uma breve e incompleta noticia do Santuario da Senhora dos Remedios, um dos mais formosos, mais populares e mais concorridos das provincias do norte.

Bertiande

D. Maria do Pilar B. M. Osorio

JORGE DE CASTRO
ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XXIX

Paulo lera em voz alta a interessante narração que o leitor acaba tambem de ler. Haviam-se reunido alguns rapazes em volta de Paulo. Todos escutaram com attenção aquella leitura.

Em seguida appareceram os commentarios áquelle tragico successo. O caso é que no resto da noute foi aquelle o assumpto predominante das conversações dos frequentadores do café.

Muito natural julgou Paulo a commoção sentida por Jorge, ao ler aquella narração, pois sabia que o seu amigo possuia uma extrema sensibilidade, e, por Pedro da Motta, tambem tivera noticia de que Francisco d'Almeida fôra o protector de Jorge no Rio de Janeiro. O que Paulo ignorava, era que só as duas palavras— *baroneza d'Almeida*, haviam impressionado o seu amigo, muito mais do que a leitura dos episodios d'aquelle espantoso crime.

Pouco antes de se fecharem as portas do café, Jorge retirou-se para casa tristemente impressionado. Os seus amigos seguiram em varias direcções, provavelmente quasi, se não totalmente esquecidos do assassinato do barão d'Almeida.

Jorge chegou a casa sem erguer os olhos do chão, n'aquella attitude propria de quem medita. Aconteceu-lhe durante o transito ser acotovellado por alguns transviados transeuntes; porém, parece que não dava tento ao que se passava em torno d'elle. Tão absorto se achava o seu espirito!

Quando entrou no seu quarto, em vez de se ir deitar, accendeu uma vela, e começou a passear agitado d'um lado para o outro.

Depois de haver atravessado a passos largos algumas dezenas de vezes o

aposento, foi sentar-se junto da mesa, abriu a gaveta e tirou de dentro a caixa onde se achava o retrato de D. Adelina, actualmente baroneza d'Almeida.

—Como és bella! exclamou elle contemplando a primorosa photographia. Mas, acaso te lembrarás tu de mim? Acaso me consagrarás ainda o affecto que me votavas, quando me escreveste aquella carta, elegia inspirada pelo teu infortunio?!

Oh! por certo que te esqueceste de mim; e assim devia de ser, porque te não respondi! Mas eu estou louco! contrariou o mancebo monologando; pois, por ventura, devia eu alimentar a paixão, que sentia essa mulher por mim, e que não era criminosa, só porque se tinha ateiado em um seio angelico? Fiz bem. O homem de sentimentos nobres procede assim.

Jamais se deve abusar da fraqueza da mulher. Ella é toda sentimento, e, por isso mesmo, oblittera muitas vezes os dictames da rasão, e corre para o precipicio, que a aguarda na sua medonha impassibilidade.

Procedi bem. Diz-m'o a consciencia, que não mente. Agora, se tiver a felicidade de ser amado por essa mulher idolatrada que nunca esqueci, já posso offerecer-lhe sem pejo o meu coração.

Depois d'este monologo, meio articulado, meio mental, Jorge meditou por longo espaço e depois foi-se deitar. Tinha tomado uma resolução.

No dia seguinte, de manhã cedo, antes de pegar em trabalhos litterarios, lançou mão d'uma folha de papel tarjada de preto e traçou algumas linhas. Depois fechou a carta e sobscriptou-a para a baroneza d'Almeida. A carta escusamos de transcrevel-a. Em resumo diremos que, sendo de pezames pela morte do barão, deixava transluzir uma certa paixão de algumas phrazes. Aquillo era como que sondar o intimo da joven viuva.

A carta produziu effeito. A tempo competente, Jorge recebeu uma resposta delicada e affectuosa ao mesmo tempo. Aquella carta prehenchia dous fins: mostrar a gratidão da baroneza e dar algumas esperanças.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A ARCHITECTURA
GOTHICA

Se o estylo particular das construcções do tempo dos saxões se torna notavel pelas arcadas semi-circulares e columnas massiças, de que os edificios antigos da Inglaterra apresentam os mais imponentes modelos, o estylo gothico é sem duvida muito mais bello.

EGREJA DE LONGUÉ

Foram os normandos que inventaram esta ordem d'architectura, a qual se torna notavel pela riqueza e profusão dos ornatos, pelos arcos terminados em ponta e pelas columnas caneladas.

Este estylo acha-se em quasi todas as nossas velhas cathedraes, e admira-se tambem em alguns edificios particulares.

Um bello exemplar do estylo é a egreja que a gravura representa. E' a matriz de Longué, no Maine e Loire (França). Uma aldeola quasi, que não merecia uma egreja tão bonita.

UMA LEITURA DO HYSSOPE

(EXCERPTO)

(Continuação)

«Pode v. exc.ª retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. S. Magestade examinará o caso e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte e assistirá ao desaggravo».

Pronunciadas estas palavras com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida lição.

Um aviso da secretaria de estado com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a receiar, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

Saiu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, onde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delito da offensa.

Assim que entrou na sala, o Diniz sobresaltou-se. Diante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de sua exc.ª, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carva-

lho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceremonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correcções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira e ouvir com o respeito devido o que sua exc.ª tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, accrescentou: «Queira v. ex.ª fallar!»

Quem não cabia em si de jubilo, era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrazoado inepto, quando a respiração se lhe cortou e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. exc.ª, pede a justiça que passemos ao corpo de delito; são as ordens d'el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?

«Senhor!... murmurou o poeta encolhendo-se. «Tenha a bondade de ler, continuou o ministro. «Diante de sua exc.ª?!... balbuciou Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; sua ex.ª é um ministro de Deus e deseja ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos, com que vocemecê, pelo que me consta e o sr. bispo affirma, não receiou offender a Deus!...»

O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dous illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e aliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedias faces de sua exc.ª.

Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste do martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

Mas o canto II ia acabando, e o III principiava.

Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de s. exc.ª. Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ia acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

(Continua) L. A. Rebello da Silva

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

II

UMA DESGRAÇA

(Continuação)

O cabelleireiro replicou:

—Pois se acceitar o offerecimento que vou fazer-lhe, ficará sua mãe ao abrigo da miseria.

—Acceito, acceito! exclamou Margarida. Diga depressa!

—Dou-lhe por mez desoito mil reis. Com esse dinheiro poderá pagar a uma criada que cuide de sua mãe, e o resto do ordenado chegar-lhe-ha para poder sustentar-se com decencia.

—E que heide fazer para ganhar esse dinheiro?

—Ser minha caixeira.

Não era possivel hesitar. Aquelle offerecimento em circunstancias tão desesperadas era uma felicidade sem nome, um verdadeiro milagre que Deus fazia, sem duvida por intercessão da santa do seu nome, pela qual tinha particular devoção.

—Acceito, apressou-se a dizer a joven. Serei sua caixeira.

O cabelleireiro não dissimulou a alegria que lhe causava a resposta.

—Vou provar-lhe que os francezes são cavalheiros nos seus negocios. Aqui tem uma libra de luvas, e venha amanhã assignar o contrato e receber um mez adiantado do seu ordenado.

Margarida sahiu da casa d'aquelle homem bemfazejo com o coração palpitante d'alegria e reconhecimento. Pela primeira vez depois da morte de Lopes entrou a esperança em casa de sua familia.

No dia seguinte foi Margarida de manhã cedo para casa do cabelleireiro. Apresentou-lhe este o contrato, e ella assignou-o sem o ler. Estava impaciente; queria receber o dinheiro, que brilhava já sobre o balcão.

Só ficou sabendo que devia estar na loja desde as oito horas da manhã até á meia noute.

Triste dever! Se dous mezes antes lhe tivessem offerecido tal mister, tel-o-hia regeitado com indignação; mas vira sua mãe quasi a morrer de fome; mas ouvira o ranger da tesoura que lhe ia cortar os lindos cabellos, e o que de antes julgaria tormento infernal parecia-lhe agora felicidade celeste. A pobreza ensina bem e depressa, como dizia Montaigne.

Aquelle dia foi de descanço. Levou-o todo a fazer compras para mobilar o quarto, que ficou elegante, mas modesto. Para cuidar na triste mãe achou uma mulher intelligente e honesta. Emfim a desgraça parecia vencida de vez.

III

EM EXPOSIÇÃO

No dia seguinte ás oito horas da manhã, Margarida estava na loja do cabelleireiro, que a esperava impaciente.

—Entre n'aquelle quarto, disse-lhe elle. Tem lá o fato que mandei fazer-lhe, porque, accrescentou olhando com desprezo para o fato de Margarida, a minha caixeira não pode apresentar-se ao balcão coberta de trapos.

O fato não era certamente como a pobre rapariga o desejava; achou-o affectadamente rico e de mau gosto; vestiu-o, porém, suspirando, e entrou na loja.

—Agora, disse o francez, tratemos do penteado.

Margarida olhou para o espelho; estava penteada com uma simplicidade que lhe ficava a matar.

O cabelleireiro, de pente na mão, desmanchou as tranças e deu-se a laboriosas combinações para achar o que, no seu fallar empolado, chamava um penteado digno d'elle. Entrançava e desentrançava os cabellos da donzella, ornava-os com flores, cobria-os d'enfeites ou encerrava-os em um diadema. Nada lhe agradava. Margarida, cheia de paciencia e resignação, deixava-o n'aquella lida sem um queixume, sem murmurar, sem fazer a menor objecção.

De repente o cabelleireiro soltou um grito d'alegria e exclamou dando uma palmada na testa:

—Achei! Sim, é isto!

(Continua)

ALDA

(Continuação)

V

São decorridos cinco annos. Deixemol'os passar nas azas da imaginação.

Penetremos em um aposento quadrilongo, onde a luz entra a passos gigantescos por duas janellas, que davam para um espaçoso quinteiro, e vejamos quem ahi está.

Dous mancebos que conversam animadamente.

—Quem me dera já ver do convez do navio as agoas do meu desejado Tejo!

—Intentas, então, partir?

—E partir brevemente.

—Não posso comprehender a causa que te faz voltar á patria. Disseste-me que não tinhas familia. Aqui és feliz; que desejas mais?

—Olha: tu já sabes o motivo da minha vinda para as terras de Santa Cruz. Foi por causa d'ella, meu Deus! Despedaça-se-me o coração quando volvo o pensamento ao passado e me recorda d'aquelle triste dia, em que Alda me disse impetuosamente que não me amava. Fugi, então, louco d'amor e a sorte trouxe-me a estas paragens. Tenho saudades; gostava immenso de a ver agora. Pedir-lhe o seu amor, não! nem sequer fallar-lhe. Vel-a, só vel-a, admirar-lhe os contornos delicados. E' por isso que anceio o ir para Portugal.

—Essa mulher recusou-te, então, o teu amor!...

—E' verdade.

—Mas porque amava outro...

—Não; eu nunca tive rival.

—Então... era caprichosa.

—Naturalmente... Mas deixemos essa conversação. Mudemos d'assumpto. O navio já chegou?

—Não, Henrique.

Henrique! admiram-se talvez os leitores de virem encontrar o amante apaixonado em terras tão afastadas da sua patria.

O mundo é assim.

Quando a febre do amor dilacera, fibra a fibra, o peito ardente onde elle se nutre, cega-nos essa paixão e corremos sem saber a procurar mundos novos. E se a mulher que nós amamos nos lança em rosto o ferrete da indifferença — Não te amo — meu Deus! que desespero!

Foi o que aconteceu a Henrique.

Os dous mancebos, que um d'elles já sabem os leitores que elle é, continuaram a conversar.

Já eram horas do crepusculo, quando ambos se espraiaram pelo campo a escutarem o cantra poetico do sabiá.

VI

Havia annos já que a fragata *Conceição* fazia viagem entre Portugal e Brazil. A fragata era um bonito navio de boa construcção, que voava immenso através do longo Oceano.

Vamos encontral-a no meio do mar, vagando silenciosa, impelida pela fresca aragem do norte. Os dias tinham estado esplendidos, e o tempo promettia conservar-se bonançoso. A estes bellos dias seguiam-se noutes de luar, que com os seus raios prateava as agoas do Oceano, similhando uma longinqua cortina de prata.

A bordo ia Henrique.

Todo o dia no seu camarote, debruçado sobre o mappa de Portugal, embebia-se no doce contemplar das suas terras patrias.

Percorria com a vista toda a carta e lá descobria d'um lado a terra onde o seu coração ficara retalhado

—E' aqui, é aqui; quem me dera já lá!... Alda do meu coração! Porque não me amaste tu? Porque fizeste com que eu soffresse tanto! Não seria eu capaz de guardar o teu coração!... Não fui, porém, tão orgulhoso que te desprezasse; não, o amor que te dedicava conservo-o ainda e conserval-o-hei sempre. Desejo ainda ver-te, confirmar a belleza que meus olhos já viram e que hoje quasi que vacillam, devido ao espaçoso tempo que tem decorrido.

(Continua) COSTA GOES

ATTRACÇÃO

Meus olhos sempre inquietos,
Que até posso dizer
Só acham n'alma objectos
Que os possam entreter,

Meus olhos... coisa rara!
Porque hão de em ti parar,
Como a corrente pára
Em encontrando o mar?

E's tu aquelle oceano,
Ah! por amor do qual,
D'engano em desengano,
Ando de val em val?

E penso n'isto e scismo...
Mas é tão natural
Cahir-se no abysmo
D'uma belleza tal!...

Olhei!... foi indiscreta
A vista que te puz;
A pobre borboleta
Viu luz, cahiu na luz!

Uma attracção mais forte
Que toda a reflexão
(E' fado, é sina, é sorte!)
Me arrasta o coração.

JOÃO DE DEUS

ZAPHYRA

Transportemos os nossos leitores aos tempos em que Janina, a bella e romantica capital do Epyro, era um dos muitos povos independentes, que, sem conhecer por forma absoluta o poderio da Porta Ottomana, exercia o monopolio da pirataria nos mares do Levante. Não pensem comtudo pelo que fica dito que vamos remontar-nos a epocas lendarias.

E' uma historia de piratas que vamos contar.

Não bastou o combate de Navarino; não bastou que lord Byron, o celebre cantor de *Child-Harold*, transportasse para o Oriente todo o genio do seu coração e o enthusiasmo da sua alma de poeta; os atrevidos piratas do archipelago proseguiram nos seus costumes especiaes, isto é, amavam e roubavam. Porque o roubo era para elles a lucta e a victoria e o amor era a doce compensação de suas fadigas e penalidades.

Janina é hoje uma cidade industriosa e commerciante, que conta mais de quarenta mil almas e enche d'animação o sitio onde outr'ora campeou a soberba Helopia, mirando-se nas agoas do lago chamado em outros tempos Acherusia, e as quaes desapparecem sob conductos subterraneos.

No alto do valle que domina a cidade está o convento de Zitza. Duas fortalezas defendem a entrada da povoação; o Glikis recorda os tempos mythologicos.

O mar está perto, rolando ondas azues.

Do alto das montanhas que contornam Janina do lado do norte veem-se os gelos do Pindo, que, derretendo desde o mez de setembro, alimentam as fontes dos tres rios que vão dar ao valle. A cidade, no tempo a que nos referimos, estava rodeada de torres e arvoredos magnificos.

Seguindo a corrente do Glikis, que era o Acheronte dos poetas, e está perto do Mediterraneo, veem-se hoje os restos d'um formoso pavilhão, que o tempo ou alguma ciscunstancia mysteriosa destruiu. No interior do pavilhão, por entre as plantas trepadeiras que sobem ao correr dos muros ou se prolongam pelo chão, coberto de lindissimos marmores, descobrem-se taças de porfido quebradas, restos de columnatas cobertas de delicados rendilhados, ruinas de cupulas ricamente ornamentadas; tudo revela emfim que ahi existiu a vida, talvez a alegria, a riqueza e o praser que simbolisa o viver oriental; mas hoje só se descobre pelo meio de tudo isto uma solidão desconsoladora. Parece que os proprios habitantes dos contornos evitam aquelle logar.

Uma tarde fui casualmente sentar-me sobre uma columna derrocada, n'aquelles sitios tão encantadores como abandonados, e fiquei-me contemplando os restos eloquentes das grandezas orientaes.

Em breve vi descer da montanha um frade, o qual, sem me ver, foi sentar-se mesmo no centro do pavilhão em ruinas. Era um homem idoso, a julgar pela barba branca, que lhe chegava á cintura, e a côr tostada do seu rosto, que ainda conservava uma certa pureza de linhas, reflectia o typo da belleza oriental.

Contemplei-o em silencio, e sem que elle me visse.

O sol principiava a caminhar para o ocaso, enchendo de reflexos dourados aquella profunda solidão. E eu continuava engolfado na contemplação do

espectaculo, de veras contristador, que me rodeava. Erguendo os olhos, vi o frade, que parecia abysmado em uma abstracção extraordinaria.

E' provavel que a meditação do frade durasse muito tempo; mas, como a minha curiosidade subisse de ponto, approximei-me d'elle e só então é que o veneravel ancião deu pela minha presença.

—Estrangeiro, disse-me elle quando lhe manifestei o desejo de saber que ruinas eram aquellas. Isso que estás vendo são os restos do pavilhão de Zaphyra.

E ao dizer estas palavras, os seus olhos, meio amortecidos, deixaram sahir como uma chamma, comparavel á luz que expelle um vulcão antes d'apagar-se para sempre.

(Continua)

A MARINHA
DE GUERRA

De todas as combinações da industria humana, a construcção d'um navio de guerra é a arte que mais nos deve admirar. Como é que um navio tão collossal pode mover-se e dirigir-se na agoa com uma rapidez e precisão quasi igual á d'um pequeno batel, e como é que a mão do homem pôde fabricar e juntar todos esses materiaes gigantescos?

UM NAVIO ANTIGO

Na natureza encontrou elle as materias primas, o canhamo que fornece as cordas, a madeira, os metaes; mas foi a sua industria que soube repartir e utilisar o que encontrou no estado bruto.

Para fazer uma ideia do que a arte de construir um navio tem de admiravel, basta considerar o que era a navegação nos tempos primitivos e comparal-a ao que é hoje. Que differença enorme entre esses navios informes, pesados e desgraciosos, e os elegantes e magestosos vasos de linha guarnecidos d'uma brilhante equipagem e carregados de toda a especie de provisões para muitos mezes, que transportam d'um ao outro extremo do mundo a carga e os passageiros, são e salvos?

Um homem no estado regular consomme por dia cerca de quatro kilogrammas de viveres e bebidas; são necessarias por consequencia quatro mil kilogrammas de provisões por dia para um navio guarnecido de mil homens. Supponde uma viagem de tres mezes, o navio tem que transportar uma carga de tresentos e sessenta mil kilogrammas.

Uma peça de 42 pesa cerca de tres mil kilos sendo de aço e cerca de dous mil e setecentos sendo de ferro; como um navio de guerra traz geralmente vinte e oito a trinta peças, o seu peso, não comprehendendo os reparos, monta a trinta e sete mil e sete centos kilos. Na segunda coberta costuma ter trinta peças de 24, que podem pesar setenta e seis mil e quinhentos kilos. Acrescentando as munições, que estão calculadas em trinta e dous kilos para cada peça de 42, e que são necessarias cerca de cem cargas para cada peça, temos um peso igual ao das proprias peças.

Consideremos agora que toda a embarcação necessita d'uma porção de cordas, vellas, correntes, o que deve ter um peso importante; os effeitos da equipagem, as armas brancas, bayonetas, espadas, pistolas, etc., o peso total de tudo isto não deve estar longe de dous milhões e duzentos mil kilos, comprehendendo o peso da artilheria. E entretanto, o navio, carregado com esta enorme carga, sulca os mares com a mesma facilidade como se fosse o mais leve barco!

A applicação do vapor á navegação forma uma era nova na arte da marinha, e se se consegue empregar o vapor no movimento das balas e projectis em geral, pode-se prever uma revolução inteira na arte e economia da guerra.

ZIG-ZAGS

A TIARA

Os antigos davam o nome de tiara a uma especie de chapeo, usado sobretudo pelos reis persas, segundo nos diz Herodoto. Hoje é assim que se designa a coroa que o papa usa nas grandes solemnidades.

A tiara é uma mitra elevada, formada de tres coroas sobrepostas e ornadas de pedras preciosas, e termina em ponta, sustentando um globo coroado por uma cruz, com pendentes de diamantes de ambos os lados.

Segundo a tradicção, foi o rei de França Clovis quem mandou ao papa, em 510, a primeira coroa; o papa Bonifacio VIII ajuntou a segunda, em 1303, como signal do poder temporal dos papas acrescentado ao poder espiritual; em 1314 Clemente V acrescentou ainda uma terceira, para indicar que o poder dos papas alcança a um tempo os ceos, os infernos e a terra.

Uma outra versão diz que as tres coroas symbolisam o dominio dos papas nas tres partes do mundo, as unicas conhecidas na antiguidade.

EXPEDIENTE

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 6 d'este semanario. Podem reclamal o os cavalheiros a quem elle falta.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem, e outrotanto pedimos aos snrs. correspondentes em divida.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 57

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 29 DE SETEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

A TORRE DA VIGIA EM BRUGES

SUMMARIO

TEXTO: — Bruges — O monumento da Batalha, mosteiro de Santa Maria da Victoria, por Alfredo Maia — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America ingleza — Pepita (poesia) por Annes Baganha — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Do meio dia ás duas horas — O abbade da minha aldeia, por J. da Silva — Zaphyra — Uma leitura do Hyssope (excerpto) por L. A. Rebello da Silva — Maria (poesia) por Eduardo Véras — Jorge de Castro (romance original) por AlbertoCarlos — Alda, por Costa Goes — Zig-Zags: Temperança — Problema, por Elpidio Pereira Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES: — A torre da vigia em Bruges — O nosso abbade — Na India.

BRUGES

Bruges é uma cidade da Belgica, capital da Flandres occidental, e que dista cento e vinte kilometros de Bruxellas. Foi celebre na antiguidade por ter sido a capital dos condes de Flandres. Foi ali que o rei de França Filippe o Bom instituiu em 1429 a ordem do Tosão de Ouro.

E' uma praça fortificada, com estaleiros para a construcção de navios.

Um dos monumentos mais notaveis de Bruges é a torre da vigia, representada na gravura da primeira pagina.

O edificio que ella coroa é o mercado da cidade. Foi construido em 1364 em substituição d'outro que tinha sido incendiado em 1280. A torre, que é de architectura bastante elegante, torna-se notavel pela sua elevação. Mede cento e setenta metros d'altura; do alto avista-se uma extensão de cerca de quinze legoas em redor.

Em outros tempos coroava-a uma elegante flecha; mas um raio destruiu-a em 1493 e depois foi restaurada conforme se vê na gravura.

Encerra a torre um bello relogio e uma collecção completa de sinos, que passam por ser os mais harmoniosos de toda a Belgica. Vigias estão postados dia e noute no alto da torre para observar o que se passa na cidade e dar signal no caso d'incendio, uma inundação, ou qualquer accidente perigoso.

Bruges tem cincoenta mil habitantes.

O MONUMENTO DA BATALHA

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

Portugal e S. Jorge! Eis o grito que involuntariamente nos escapa dos labios, quando, subindo a estrada real d'Alcobaça para Leiria, chegamos á povoação d'Aljubarrota, mettendo a trote os cavallos do nosso trem.

Portugal e S. Jorge! E logo o nome legendario da heroica padeira, que a historia apresenta á nossa admiração, é soletrada pela memoria.

Portugal e S. Jorge! E os valentes defensores da patria começam a desfilar arrogantes e destemidos, marchando em pelotões para a batalha, organisando-se, formando-se, tomando posisões e aguardando impavidos o formidavel inimigo, que em breve será aniquilado pelos golpes fulminantes das espadas do gran-mestre.

A' vista da planicie, que nos fica á direita, entremeada aqui e acolá de matagaes de pinheiros, parece-nos enxergar ainda o pequeno exercito portuguez, na posição de descanço, com as suas vedetas e postos avançados.

A vanguarda pertencia por direito ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira; devia ser e foi o primeiro a apresentar o seu peito, inteiramente portuguez, aos embates do inimigo. Era preciso que o primeiro João de Castella soubesse quem eram os companheiros do primeiro João de Portugal.

Era preciso que os nobres fidalgos do reino inimigo podessem medir, desde logo, o valor e a força d'aquelles que julgavam facil subjugar; á frente os mais audazes, na vanguarda os mais valentes.

Os mais valentes?!...

Pois elle houve em Aljubarrota, no acampamento portuguez, guerreiro algum que desmerecesse o nome de heroe!

Não. A ordem da formatura não indicava grau de valor; a tactica era aquella e o bravo e destemido D. João I formava na rectaguarda, á frente das reservas. Tudo estava a postos quando o numeroso exercito inimigo, composto de quanto havia de mais valente e nobre nas Hespanhas, começou a apparecer e desfilar no alto do monte fronteiro, descendo para a planicie onde estavam os portuguezes.

Era um espectaculo soberbo o que apresentava tão luzido e numeroso exercito, onde mais de sete mil cavalleiros marchavam ao trote, expondo as suas riquissimas armaduras ao sol, que n'ellas se reflectia em mil raios de sete côres.

Era um quadro aterrador aquelle, em que trinta mil guerreiros, cheios de audacia e confiados na força numerica, formavam um horisonte vivo, proprio a diminuir o animo e a força, ainda dos mais audaciosos.

As bandeiras de mil côres, as armaduras, os capacetes, as lanças e as espadas, agitando-se, movendo-se em scintillantes ondulações de ferro, á luz crepitante d'um sol no meridiano, produziam um effeito deslumbrante, contuso, imponente, soberbo, capaz de affrontar a coragem dos mais valentes.

Desceram, formaram-se, concertaram as suas fileiras e prepararam-se para o combate, quasi envergonhados da cobardia de serem tantos para seis mil e quinhentos!

Seis mil e quinhentos, sim, mas que deviam ser multiplicados por dez, por cem ou por mil, que a tantos igualavam no valor e na coragem.

Seis mil e quinhentos, cada um dos quaes podia ser comparado aos companheiros de Leonidas.

Seis mil e quinhentos, sem contar a formosa Anna Brites, que, a historia o diz, valeu mais de sete hespanhoes...

Eil-os em frente uns dos outros: de um lado está o rei de Castella, desejoso de cingir a coroa de Affonso Henriques; do outro é o rei eleito pelas côrtes de Coimbra, que procura no campo da batalha alcançar um diadema invejavel, aquella coroa que o havia tornar immorredouro na historia e recommendar á gratidão d'um povo desejoso de liberdade.

(Continua) ALFREDO MAIA

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

XLVII

A AMERICA INGLEZA

(Continuação)

Estamos agora no Canadá, isto é, ainda não sahimos da America ingleza. O Canadá prolonga-se ao correr dos grandes lagos, pelo lado do norte, e a oeste dos montes Albany e do golfo S. Lourenço, por ambas as margens do rio do mesmo nome. A sua superficie mede 16:000 myriametros quadrados.

Divide-se em duas provincias, que formam desde 1791 duas colonias distinctas, mas reunidas em 1840 sob um só governo. O Alto Canadá, que tem por capital Toronto (York), e cidades principaes Kingston, Ottawa (Bytown), capital politica dos dous Canadás desde 1858, conta 1 milhão de habitantes; foi colonisada esta provincia pela Inglaterra e povoada pelos emigrados inglezes e sobre tudo irlandezes; as suas leis são as da Inglaterra. O Baixo Canadá tem cerca de 2 milhões d'habitantes e a sua capital é Quebec; a unica cidade importante é Montreal. A população conserva os costumes, a religião e a lingoa franceza. Os primeiros povoadores d'esta provincia foram colonos francezes; os inglezes invadiram-a em 1759, e por mais que teem tentado desterrar os usos dos seus rivaes, ainda o não conseguiram.

O Alto Canadá está separado dos Estados Unidos pela cadeia dos lagos

Ontario, Erié, Saint-Clair, Huron e Superior.

O clima é salubre, muito rigoroso no inverno, especialmente na provincia baixa; calor forte no verão. Immensas florestas; solo fertilissimo, sobre tudo no valle do S. Lourenço. Minas de cobre, prata e ferro; importante commercio de pelles, madeiras de construcção, peixe secco, etc.

Os canadenses teem por varias vezes tentado sacudir o jugo da Inglaterra, para se annexar aos Estados Unidos.

Sebastião Cabot, navegador ao serviço de Henrique VII, rei d'Inglaterra, descobriu a costa do Canadá em 1497; Verazzani, italiano, mandado por Francisco I em 1523, tomou-o para a França, dando-lhe o nome de Nova França.

Ottawa, ou antes Bytown, a capital do Canadá, é uma cidade de 1:200 habitantes. Perto d'ella veem-se as celebres quedas d'agoa denominadas da Caldeira, formadas pelo Ottawa. Para reunir o Alto e o Baixo Canadá lançou-se sobre essas quedas uma magnifica serie de quatro pontes, denominada Ponte da União. Fundada em 1826, principiou a denominar-se Ottawa quando foi declarada capital dos dous Canadás.

Passemos á Nova Galles. E' uma vasta região, quasi deserta; não tem mais de 40:000 h. Clima frio, mas saudavel; pouca vegetação; grande commercio de pelles.

Colombia ingleza, chamada durante muito tempo Nova Caledonia e Nova Georgia, é uma região pouco conhecida; mas sabe-se que tem 200:000 habitantes e encerra ricas minas d'ouro, ferro e hulha. Dependem d'esta provincia o archipelago da Rainha Carlota e a ilha de Vancouver.

Não sahiremos da America ingleza sem fazermos uma excursão á maior curiosidade natural d'estes sitios. Referimo-nos ao Niagara, o gigante das cataractas.

Para visitarmos o Niagara subimos o rio S. Lourenço, que atravessa diversos lagos, entre elles o Ontario, onde se vê a cidade de Kingston (12:000 h.), estação da marinha de guerra ingleza, com um bello arsenal e estaleiros magnificos.

Do lado do sul avista-se logo a cascata com toda a sua imponente magestade. A vista alonga-se ao correr do rio, cujo panorama é limitado pelas colinas que o bordam. A margem está coalhada de moinhos e casas elegantes, cujos moradores, por effeito do habito, se tornaram indifferentes ao grande espectaculo que nos deslumbra. Emfim a nossa vista, depois de ter parado um momento na ilha das Cabras, que parte a grande queda em duas, segue até á beira do abysmo, onde as agoas se precipitam com furor espantoso e despedindo um arruido que se ouve desde muito longe.

Duas pontes lançadas por cima dos rapidos permittem ao viajante ir sem perigo até á ilha formada no meio do rio e gosar ali das commodidades que lhe offerecem os numerosos cafés, restaurantes, hospedarias, casas de banhos, etc.

Os homens de sciencia, que muito se teem occupado da cataracta, dizem que são parte do rio S. Lourenço as duas quedas, cuja altura é de cincoenta metros. De largura tem uma 600 metros e a outra 200. Em um percurso de 60 kilometros, o rio arrasta rochedos e diz-se que faz recuar a cataracta cincoenta metros em cada cincoenta annos, ou um metro por anno.

Os inglezes fundaram em 1792, á entrada do Niagara, no Ontario, uma elegante e pittoresca cidade com o mesmo nome da cataracta. Descansemos ahi um momento e retomemos o fio da nossa viagem.

Dizendo adeus ao Canadá, achamos uma vasta região, o *Rupert's land*, que vae desde Lavrador até ás montanhas Rochosas; governa-a a Companhia do Hudson, que faz com os indigenas um grande commercio de pelles.

Ao norte da America ingleza vivem os grandes esquimós, homens de todo o ponto repugnantes pelo seu grosseiro estado selvagem. Sustentam-se d'animaes marinhos. O paiz está a maior parte do anno coberto d'uma espessa camada de neve.

Visitaremos emfim o territorio de Alaska, que tem nada menos de uma superficie de 495:000 kilometros e 75:000 habitantes. E' quasi um deserto. Commercio de pelles. Alaska, ou Russia Americana, foi cedida em 1867 aos Estados Unidos. A capital é Nova Arkhangel, cidade de 1:000 habitantes.

(Continua)

PEPITA

Como está seria a Pepita,
Tão bonita,
Recostada em seu balcão;
Cercada de lindas flores,
Sonha amores,
Mas não sabe o que elles são!

Ella é branca como a neve,
E não deve
Sua côr nada ao jasmim;
Negros tem os olhos bellos,
E os cabellos
São de esplendido setim.

As linhas do bello rosto
E' meu gosto
A's de Judith comparar;
E os olhos de negra origem
Até fingem
Os olhos da bella Agar.

Singela, mas donairosa,
Uma rosa,
Um pouco pendida já,
Lhe enfeita a cabeça linda,
Como ainda
Outra não vi, e não ha!

Estremece o abanico,
Bello e rico,
Em sua nervosa mão;
E' porque o seu fino pulso
Segue o impulso
Do ardente coração.

Diriam que esta andaluza
Tambem usa
Malicia mostrando o pé;
Mas não creio que ella o faça,
Nem por graça,
Porque é um anjo, não é?!

No azul vivo do horisonte,
Sua fronte
Se desenha com 'splendor
Nãobril ha mais uma estrella,
Viva e bella,
Em noute d'immenso amor!

Passa a brisa delicada,
Saturada
De perfume oriental;
E ella, haurindo o aroma ardente,
Levemente
Ergue o seio virginal.

E suspirou! Quem podera
E soubera
O seu suspiro guardar,
Se ella deixasse, no fundo
Mais profundo
De um coração para amar!

Mas Pepita não suspira,
Nem delira
Em ancias de ardente amor;
Talvez dançou demasiado,
E cançado
E' seu corpo encantador.

Como está seria a Pepita,
Tão bonita,
Reclinada em seu balcão;
Cercada de lindas flores
Sonha amores,
Mas não sabe o que elles são!

Sevilha ANNES BAGANHA

SCIENCIA PARA TODOS

III

CHIMICA

(Continuação)

Os chimicos, ao separarem as terras das suas materias estranhas e d'outras substancias a que costumam andar ligadas, descobriram nove terras primitivas, que não são soluveis na agoa, nem alteraveis ao fogo. São estas: alumina, baryta, glucina, silica, estronciana, yttria, cal, magnesia e zircone.

As terras combinam-se em differentes proporções com os acidos, os alcalis, o oxygenio, o enxofre, o phosphoro, os metaes e outras substancias. Quatro de ellas merecem uma noticia particular:

1. A alumina, argila, ou argila

pura, é infusivel ao maior calor; mas o calor endurece-a a ponto de poder cortar o vidro. Absorve a agoa e a gordura; d'ahi a sua utilidade para o apisoamento e desengorduramento das fazendas.

2. A cal, ou terra calcaria, obtem-se aquecendo a greda, a pedra, etc.; o gaz acido carbonico e a agoa desprendem-se e o que fica é a cal.

Quando se emprega como cimento nas construcções, junta-se-lhe agoa para formar a argamassa, e juntando-se-lhe cinza ou areia em substituição do acido carbonico, restitue-se-lhe a dureza originaria.

A cal tambem se emprega nas fabricas de cortumes, d'assucar e de sabão. Forma 80 partes combinadas com 20 d'acido phosphorico sobre 100 partes d'ossos d'animaes.

A cal é antiseptica; alguns grãos lançados em um vaso d'agoa impura tiram-lhe dentro de pouco tempo toda a impureza.

3. A magnesia é uma terra mole, branca, que ordinariamente se encontra combinada com o enxofre. Unida com o acido sulphurico, forma um sulphato chamado sal d'Epson.

4. A silica é o ingrediente principal das pedras, dos crystaes, das areias, e não é de per si fusivel a nenhum grao de calor; posta em contacto com os alcalis como a potassa e a soda, dá o producto precioso chamado vidro.

As moles communs de pedras de que se compõe o nosso globo, acham-se na terra dispostas por camadas sobrepostas umas ás outras. Os rochedos d'uma especie cobrem os d'outra especie, esta os d'uma terceira, e assim successivamente. Esta combinação não é arbitraria; cada especie occupa o logar que lhe compete, methodicamente, desde a parte mais profunda até á superficie.

Os rochedos dividem-se em cinco classes, ou formações, chamadas primitivas, transitivas, secundarias, d'alluvião e vulcanicas.

1. As primitivas são as mais baixas; suppõe-se que são precipitados chimicos formados pela ocasião do cahos da terra; não se encontram ahi petrificações, nem traços de seres vivos. Compõem-se de terras siliciosas e argilosas, como o granito, a ardosia, etc.

2. As camadas de transicção parecem ter sido formadas durante a passagem da terra para um estado habitavel e differem das primitivas pela variedade das suas côres e restos d'animaes marinhos que n'elles se acharam.

3. As secundarias são dispostas em camadas horisontaes e encerram restos d'animaes e vegetaes; crê-se que foram sem duvida formadas depois de creados os animaes e vegetaes.

4. As d'alluvião offerecem fragmentos de rochedos antigos, separados pelo ar e a agoa e depositados em forma de leitos. Compõem-se d'areia, saibro, lodo, argila, musgo, etc., e encerram plantas, raizes, relva, ossos, assim como vegetaes petrificados e esqueletos de quadrupedes, ruinas d'um mundo destruido.

5. As formações vulcanicas são mineraes vomitados pela cratera d'um vulcão e compõem-se de lavas, basalto e pedra pomes.

Todos os acidos são compostos de certas bases, combinadas com o oxygenio, que se considera como a causa geral da acidez.

Os acidos causam um amargo na lingoa, mudam para vermelho as côres vegetaes e são solidos, liquidos ou gazosos; unem-se com a agoa em qualquer proporção e alguns teem uma tal afinidade com a agoa, que nunca abandonam o estado liquido. Combinam-se tambem com os alcalis, as terras e os oxydos, formando então os saes.

(Continua) DOUTOR JAYME

DO MEIO DIA ÁS DUAS

HORAS

—

III

EM EXPOSIÇÃO

(Continuação)

O cabelleireiro desatou os cabellos de Margarida, alisou-os cuidadosamente e deixou-os pendentes como um comprido veo.

—Agora vá sentar-se ao balcão.

—Sem me pentear?

—Está penteada, redarguiu o francez. Nenhum penteado faria sobresair melhor os seus lindos cabellos. Para vel-os, encher-me-hão a loja todos os curiosos de Madrid.

—Pelo amor de Deus, não me exponha assim a tal humilhação! respondeu Margarida corando de dôr e de pejo. Não faça de mim taboleta; morrerei de vergonha!

—Não quero que morra, replicou o insolente cabelleireiro. Mas já que é tão soberba, dê-me o dinheiro que lhe adiantei e separemo-nos em paz. Consinto em annular o contrato.

Margarida contemplou-o aterrada.

—Então, teimou o francez, que decide?

A donzella foi sentar-se chorando ao balcão.

O cabelleireiro não se havia enganado na sua especulação. Juntou-se-lhe immensa gente diante da loja, e não tinha mãos a medir em aviar os freguezes, que iam comprar para verem de perto a formosa caixeira com o seu excentrico penteado. Margarida teve de soffrer em silencio olhares impertinentes, ditos equivocos e finezas ainda mais insuportaveis.

Quanto ao patrão, esse ria, esfregava as mãos, conversava com os freguezes e principalmente enchia a gaveta.

A' meia noute a victima d'esta vergonhosa especulação pôde emfim ir para casa e chorar á vontade nos braços de sua mãe, que lhe sorria sem comprehender a dôr.

No dia seguinte a multidão era cem vezes mais compacta do que na vespera. Riam e apontavam, ora para a taboleta do cabelleireiro, ora para a caixeira.

Depois das gargalhadas houve vaias; o gentio entrou a atirar pedras ás vidraças do cabelleireiro, e, se não acode a força armada, certamente o dono da loja e Margarida seriam victimas d'alguma violencia. Para socegar o tumulto, foi necessario fechar-se a loja.

A causa de tudo era o ter o cabelleireiro mandado pôr de noute a seguinte taboleta:

POMADA DE LEÃO PARA FAZER
CRESCER OS CABELLOS;
PODEM VER-SE OS EFFEITOS D'ESTA
RECEITA NA CAIXEIRA DE
MR. BERTRAND,
CABELLEIREIRO DE MUITOS SOBERANOS
ESTRANGEIROS

No dia seguinte estava a taboleta tirada da parte exterior da loja; mas o snr. Bertrand mandara-a pôr dentro, mesmo por cima da cabeça de Margarida.

Durante um mez soffreu a pobre todas as humilhações da sua triste posição.

Julgava estarem exhaustas todas as torturas do seu supplicio; mas ai! faltava-lhe a mais dolorosa. Uma manhã viu entrar na loja um moço negociante de Barcelona, o mesmo com quem estivera para casar antes da desventura de seu pae.

Cahiu desmaiada aos pés do mancebo. Quando tornou a si já não o viu. Mas á noute encontrou-o junto de sua mãe.

—Margarida, disse elle, em tempos mais felizes estavamos para casar por vontade de nossas familias; quer que ainda realisemos esse projecto? Venho pedir a sua mão.

A donzella contemplou-o com alegria, surpreza e duvida. Não se atrevia a dar credito ao que ouvia.

—Para tratar de sua mãe, soffreu cruelissimos ultrages sem murmurar, sem queixar-se, bem o sei. Deve ser esposa terna e dedicada quem sabe ser tão boa filha. Seja minha esposa, de joelhos lh'o peço.

Margarida estendeu-lhe a mão, que elle beijou com phrenesi.

(Continua)

O ABBADE DA MINHA ALDEIA

—

Era um excellente homem o abbade da minha aldeia! E a aldeia é um retiro encantador, cujas pequenas cabanas brilham ao longe com os seus tectos cobertos de palha, que ao sol parecem d'ouro!

A egreja estava escondida em um bosque d'arvores seculares, que dominavam a torre, vendo-se só a cruz excedendo as copas das arvores.

A casa do abbade estava ali perto; uma velha cepa, ornada de luxuriante vegetação, subia ao longo do muro, entrelaçando os ramos com os da madresilva, formando uns e outros uma fresca moldura á unica janella que se via na frente da casa.

Tres quartos ao rez do chão eram sufficiente habitação para o digno pastor. Uma sala adornada de quadros religiosos, um quarto de dormir, em que estava um leito de pau preto, fechado com cortinas de chita roixa; á cabeceira um crucifixo, um vaso d'agoa benta e um ramo para espargir a agoa.

Quatro cadeiras de couro, uma mesa de nogueira e um grande armario quasi vazio, eram a unica guarnição do quarto.

Na sala havia uma estante, contendo uma pequena bibliotheca, composta das obras religiosas mais notaveis.

Quanto á cosinha, podia ir-se lá por causa da limpeza que ali ia; comtudo não se viam cassarolas, nem pratos reluzentes. Era tudo d'uma modestia encantadora. Na prateleira havia apenas, arrumados com ordem, uns doze pratos, uma sopeira e tres ou quatro tigellas, tudo de louça grossa, azul e branca.

A velha Brigida cuidava do arranjo domestico com um zelo inexcedivel. Ganhava um cruzado novo por mez, e o velho padre tratava-a mais como irmã do que como criada.

O mais profundo silencio reinava no interior da casa. Só um relogio, collocado ao canto da sala, deixava escapar um som cadenciado e triste.

No meio d'esta simplicidade, digna dos tempos primitivos, o velho sacerdote era feliz, porque toda a aldeia o adorava, e a aldeia tinha boas rasões para isso.

Um dia a cholera invadiu a aldeia. Um infeliz artista, desprovido de recursos, morreu da terrivel infermidade. Ninguem o quiz dar á terra e o abbade viu-se obrigado a cumprir este dever christão. A consorte d'esta primeira victima cahiu doente e foi tratada até ao ultimo momento pelo respeitavel ecclesiastico.

Ainda não era tudo. Foi necessario fumigar a casa, e não se encontrou quem quizesse encarregar-se d'este trabalho; foi ainda o abbade que esqueceu a elevação do seu ministerio para desempenhar os deveres de criado dos pobres. D'outra vez, quando o inverno tinha sido rigoroso e as agoas andavam cobrindo os campos, e as cabanas não tinham communicação entre si, e os pobres estavam morrendo de fome, ninguem queria arrostar a espantosa corrente que levava tudo diante de si. Só o abbade se prestou a entrar em um barco para ir levar soccorros aos seus parochianos mais ameaçados da morte.

Em toda a aldeia, assim como em todas as aldeias circunvisinhas, o saudavam com respeitoso affecto, e os pobres nunca lhe pediam debalde.

No domingo, depois da missa, o abbade subia ao pulpito e dizia com voz serena:

—Meus filhos, tendes trabalhado bem esta semana; que Deus vos abençoe. O tempo está bello, e por isso depois de jantar vireis assistir ás vesperas, que resaremos juntos, e depois tomaremos o sol, de que n'este estio ainda temos visto pouco por aqui.

Depois das vesperas permitto-vos que danseis no terreiro, em frente da egreja; mas recommendo-vos que em tudo se observem as leis do respeito devido ás idades e aos sexos.

E porque em momentos d'alegria é que a gente se deve lembrar dos que soffrem, farei um peditorio a favor do pobre Nicolau, que se acha doente e não tem quem o ampare na velhice.

A tarde decorreu alegre e veloz, e o peditorio produziu cerca de uma moeda, que o abbade foi levar ao doente ao decahir da noute.

Era assim que passava a vida aquelle bom e santo homem. E quando elle morreu foi uma dôr geral, e lagrimas sinceras correram com abundancia sobre a relva, no meio da qual foi sepultado.

J. DA SILVA

O NOSSO ABBADE

ZAPHYRA

—

(Continuação)

Não sei que effeito produziu nos meus ouvidos o nome que o frade acabava de pronunciar, que não pude deixar d'exclamar com certa expressão de surpreza:

—Zaphyra!

O frade notou-o e disse-me:

—Que! Estranhas tal nome? Ah! Elle encerra uma historia de lagrimas; é como um livro mysterioso onde ainda não leu nenhum mortal!

E como a minha surpreza subisse de ponto, tornou o meu interlocutor:

—Bem julguei que este segredo descesse comigo ao tumulo; mas tu chegaste de repente, vieste despertar as minhas recordações; evocaste, sem o saber, as sombras do passado. Porque não heide contar-te a historia do infortunio e da maldição? Estás resolvido a ouvir-me?

—O que acabas de dizer-me, respondi, ainda augmenta mais a minha curiosidade. Estou prompto para ouvir-te, ainda que a tua historia dure até amanhã.

O ancião não me respondeu; mas, como possuido d'uma força que não estava em relação com a sua idade, tomou-me pela mão, levou-me ao interior do pavilhão em ruinas e disse como se fallasse comsigo mesmo:

—Era aqui que ella habitava. N'esta bacia d'alabastro, agora quebrada, banhava o seu lindo corpo; estava ali o seu leito; aquelle espaço coberto de heras e espinhos era o seu jardim. N'essa fonte que hoje não lança uma gotta sequer d'agoa matava ella a sede, approximando da torneira de bronze que o tempo destruiu os labios encarnados como a flor da romã que se abre aos raios do puro sol de maio. Oh! Zaphyra! Zaphyra, sombra da noute, luz do porvir, esperança da tumba! Porque não te posso esquecer?...

O frade levou as mãos ao rosto com um movimento de desespero; depois disse-me, retomando a serenidade habitual:

—Ouve, ou, para melhor dizer, lê no fundo d'um coração que só vive para ella.

Guiando-me para um sitio d'onde se dominava toda a paisagem, proseguiu:

—Queres saber quem foi Zaphyra? Era o que de mais formoso tinha o Oriente. Não sei se era georgiana, se tinha nascido no Caucaso, ou se o seu berço fôra alguma das ilhas gregas. Não perguntes nunca á flor em que terra nasceu. Zaphyra era Zaphyra e isto basta. Era a formosa das formosas; é o que importa saber.

Havia por aquelles tempos um famoso pirata, que era o terror de todas as costas que se estendem desde os Dardanellos até á Albania. Chamava-se Barbaroixa o tyranno. Um dia o atrevido pirata sahiu pelo cabo de Tenedos e deu caça a um barco de traficantes hebreus que vinha da Africa ou da Asia Menor; é o que ao certo se não sabe; mas o que não ha duvida é que Barbaroixa adivinhou que dentro d'elle vinham riquezas immensas e atacou-o denodadamente.

O combate foi terrivel. O navio conduzia riquissimos presentes para o sultão de Constantinopla, tapetes da Persia, cachemiras, aloes, sandalo, myrra, ouro, marfim, e como dom especial para ser conduzida ao harem do turco, vinha Zaphyra.

Barbaroixa apoderou-se de tudo; mas quando viu a escrava, cahiu-lhe aos pés, fascinado por aquella formosura, que o proprio Mahomet teria desejado contemplar.

(Continua)

UMA LEITURA DO HYSSOPE

(EXCERPTO)

(Conclusão)

O suor escorria-lhe em bagas da testa e roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares ou arremettiam contra o solideo, innocente d'aquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina e a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito e vinha expirar nas dobras oleosas da boca; ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade! «Veja v. exc.ª! Veja!» exclamou com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dous punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquilisasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

Durou esta incrivel comedia até ao VI canto. Ah! a paciencia do bispo e a serenidade do marquez naufragaram ao mesmo tempo; foi uma explosão!

A descripção dos agouros da sua sesta e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungira o poeta, acabaram de transtornar a cabeça do bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade em uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda sizo que perder.

O poeta, que, sem atinar porque, se levantara tambem, lia no meio das contorsões e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez:

Finalmente, ao montar á carruagem,
Batendo um grão bisouro as negras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um pardal lhe estercou no tejadilho.

Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farça!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. exc.ª... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o ver sahir, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e, com ar de riso, virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e accrescentou: «Então que é isto, sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas? Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar d'ares. Não quero que s. exc.ª diga que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz foi. Passados dias, entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

Colhi esta anecdota litteraria da boca de meu pae e não é sem grande saudade que a reproduzo, com menos viveza e côr do que elle, porque ninguem narrava com mais graça e animação uma historia contemporanea, ou uma tradição mais ou menos remota.

Se não me engano, a scena do bispo, do ministro e do poeta, foi-lhe descripta por José de Seabra da Silva, e todos sabem que o velho secretario de estado de el-rei D. José e da rainha D. Maria I era um dos nossos mais espirituosos e finos conversadores. Essa escola de homens sabios, probos e agradaveis na intimidade domestica, quasi que finalisou sem deixar herdeiros.

L. A. Rebello da Silva

MARIA

I

Ingrata, porque me foges,
Porque me foges, creança?
Ai, vae-se finando a esp'rança
De te possuir um dia.
Não me fujas, bella esquiva;
Vem escutar meus lamentos...
Se soubesses os tormentos
Que por ti passo, Maria!...
Se soubesses!... Se julgasses
O que eu soffro noute e dia!...

II

Porque sorris e me foges?...
Para que és tão desdenhosa?...
Pois sendo assim tão formosa
Não deves ser tão cruel...
P'ra que vieste accordar-me
Do meu dormir socegado?
P'ra eu me julgar amado
E não o ser? Infiel,
Que passas sempre altaneira,
E eu de rojo— cruel!...

III

Ai, altiva formosura!
Ai, desdenhosa Maria!...
Tu foste a minha alegria,
Tu és a minha tristeza...
Quem me dera naufragar
Nas ondas dos teus cabellos!
Com beijos humedecel-os...
Oh! minha fatal belleza;

Já foste a minha alegria,
E's hoje a minha tristeza.

IV

Se acaso posso mer'cer-te
Um pensamento, mulher,
Relembra o nome, sequer,
Do trovador que te amou!
E olha: nunca te esqueças
(Que ao vêr-se o pobre illudido
Por teu amor fomentido...)
Do pranto que elle chorou...
Lembra-te, lendo meus versos
Do doido que assim te amou.

EDUARDO VÉRAS

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

(Continuação)

XXIX

Jorge não perdeu o ensejo. Escreveu segunda carta, mais franca. Na resposta que recebeu a esta segunda carta, encontrou o mancebo uma cousa que muito agradavelmente o impressionou. A assignatura não era a da baroneza d'Almeida e continha simplesmente o nome de Adelina.

Continuou a correspondencia, a ponto de, passados mezes, se estabelecer uma significativa intimidade. Estava a completar um anno depois da morte do barão. Jorge e a baroneza talvez tambem esperassem com anciedade o fim d'esse praso

Pelo que respeita a Jorge, affirmamol-o desassombradamente, e tanto assim, que, apenas chegou a ocasião por que esperava, escreveu uma carta cheia de poesia e de phrases apaixonadas, em que fallava na incomparavel ventura, que deviam auferir duas almas que se amam, unindo-se por laços indissoluveis.

XXX

A baroneza d'Almeida sentiu grande alegria com a leitura d'aquella carta, e em poucos momentos resolveu declarar francamente a Jorge que se era ella a mulher que podia tornal-o feliz, poderia contar com a realisação dos sonhos dourados que alimentava. A baroneza era uma mulher ingenua e virtuosa; portanto creu piamente na paixão de Jorge. A grandeza de sua alma nunca lhe permittira pensar que Jorge a requestasse por causa da sua immensa fortuna. E n'isto, diga-se de passagem, a formosa brazileira fazia simplesmente justiça ao nosso patricio.

Jorge, quando recebeu tão agradavel decisão, sentiu-se radiante de alegria. Escreveu á baroneza, agradecendo-lhe tanta ventura, e annunciou-lhe a sua proxima ida ao Rio de Janeiro afim de se effectuar o casamento.

Depois o mancebo, em um certo dia, reuniu em casa os seus mais intimos amigos e communicou-lhes o seu projecto de casamento. Foi logo uma alluvião de perguntas.

—E' bonita? perguntava este.

—E' rica? interrogava est'outro.

—E' nova? inquiria um terceiro.

—E' tudo isso, respondeu Jorge. Tem esses tres dotes, e, além d'isso, é titular.

—Oh! exclamaram em côro os amigos de Jorge. Parece muita cousa!

—Creiam que não os engano, meus amigos. Aquella a quem breve vou ligar-me é uma joven viuva, brazileira e possuidora de milhões, boa como um anjo e formosa de enlouquecer. Para, em parte, provar a minha asserção, vou mostrar-lhes o seu retrato.

Jorge levantou-se, atravessou o circulo formado pelos seus amigos e dirigiu-se para a mesa onde tinha o retrato da baroneza d'Almeida. Esta scena passava-se no quarto do mancebo. Todos olharam com curiosidade para Jorge. Este tirou da gaveta a caixa de velludo, abriu-a e apresentou á vista dos seus amigos o maravilhoso medalhão. Todos se levantaram surprezos quando viram o brilho das pedras preciosas. Jorge, por malicia, collocara o medalhão em posição adequada, exposto aos raios do sol que entravam pela janella.

A fascinação causada pelo retrato, foi porém maior e mais duradoura, que o deslumbramento produzido pelo brilho das pedras preciosas.

Um mesmo pensamento assaltou a todos, e esse pensamento, cousa notavel, traduziu-o uma só phrase, que sahiu de todos os labios a um tempo.

—Como é bella! foi a exclamação unanime.

Jorge enthusiasmado, beijou a imagem d'aquelle busto adoravel.

Em seguida communicou aos seus amigos quem era a sua escolhida. Ficaram todos surprezos, quando elle pronunciou o nome da baroneza d'Almeida. Lembraram-se da scena passada no Marrare.

—Agora, disse Paulo de Vasconcellos, é que eu vejo sufficientemente explicada a tua perturbação, ao lores a noticia do assassinato do barão. Já amavas a baroneza!

—E' verdade, respondeu Jorge com sinceridade.

Faltava ali um dos mais intimos amigos do mancebo, o capitão Pedro da Motta. Havia bastante tempo que se não sabia do seu paradeiro

Em seguida á interessante scena, Jorge offereceu um bello jantar aos seus amigos. Quando a exaltação começou a pronunciar-se n'aquelles cerebros juvenis, levantaram-se brindes á futura felicidade de Jorge, que este agradeceu commovido. Havia ali a verdadeira sinceridade.

(Continua) ALBERTO CARLOS

ALDA

VI

(Continuação)

E depois, apontando no mappa para um sitio indicado:

—Aqui está o rio que córre mansamente á beira da povoação. Foi nas suas margens que eu vi toda a minha felicidade desvanecer-se, como a nuvensinha que em breve se espalha pelo immenso horisonte. A estas horas hade ella lá estar, naturalmente sentada n'aquelle montesinho onde tantas vezes lhe contemplei as formas angelicas. E eu, quando o ceo patrio me abrigar, heide ir esconder-me atraz d'aquella arvore que demora lá ao pé, e devisar-lhe todos os perfis d'aquella formosura!

E horas longas e longas ficava n'aquella absorta contemplação.

Alda apparecia-lhe sempre radiante de belleza. Nas estrellas que marchetavam o ceo, era ella que se lhe retratava em cada uma d'ellas; na aragem que levemente lhe passava pelo rosto, julgava-se Henrique bafejado por ella; nas agoas do Oceano que vinham banhar o navio, era ella ainda que lhe enviava um osculo de saudade.

E assim se foram passando os dias.

Era quasi decorrido um mez.

Um dia Henrique, ao sair do seu camarote, foi avisado pelo capitão de que já se avistavam as costas de Portugal.

Foi uma nuvem de alegria que perpassou pelo rosto do mancebo.

Subiu rapidamente ao convez e de facto descobriu a sua patria.

—Oh, patria, patria querida! Sê bem vinda! Ha muito que te aspirava e só agora é que pude vir pisar o teu solo. Não me sejas ingrata; recebe-me como um teu filho que te ama e te estima, e não como um estranho!

VII

D'ahi a dous dias entrava a barra de Lisboa a fragata *Conceição*. Henrique foi dos primeiros que veio para terra.

—Ora, até que emfim, meu Deus! exclamou elle cheio de jubilo. Já.... já partir para a terra onde o meu coração ficou retalhado de saudades. Quero ver depressa a mulher que me repelliu o seu amor, mas a quem eu nunca pude olvidar.

E depois d'uma despedida ao capitão do navio e a alguns dos passageiros

que tinham travado conhecimento com Henrique durante a viagem, este partiu no comboyo para a estação mais proxima da terra onde estavam presas as suas attenções.

Era ao cahir da tarde quando lá chegou. Montou em um soberbo cavallo e dirigiu-se para a povoação.

Achou muito poeticos aquelles campos da Beira, e aquella suave viração d'horas do crepusculo era-lhe salutar. Conhecia bem que eram ares da sua patria.

Depois, no deslisar d'um monte, quando volveu a vista em redor, lá avistou com grande alegria a casinha branca em cujo seio se escondia o seu mais querido anjo.

Lá viu a planicie que se espreguiçava pelo campo fora, e ao lado o rio que o vinha banhar tranquilamente. Teve saudades; sentiu orvalharem-se-lhe as faces. E' que o passado atravessara-o risonho, o presente amargurava-lhe a existencia.

Mas... caminhou ávante.

Teve coragem e dentro em pouco encontrva-se no sitio aprazado. Era já noute. Dos telhados tintos de sangue, brotavam grossas espiraes de fumo, que se extinguiam com a leve viração da noute. Lá dentro ouvia-se o engraçado fallar das creanças sentadas no lar domestico.

Henrique atravessou a povoação e dirigiu-se a casa de Alda.

Estava a poucos passos de distancia da vivenda desejada, e quando pensava como outr'ora ouvir a voz argentina da sua antiga companheira, um silencio profundo o surprehendeu.

Avançou; uniu o ouvido á porta, e nada; sempre o mesmo silencio.

—Meu Deus! disse elle em voz baixa; acaso terá morrido? Ella, a minha Alda, aquella que eu tanto amava! Oh! não, não morreu. A existencia n'aquella idade é a vida cercada de rosas, onde tudo brilha, tudo nos encanta, tudo nos falla, tudo nos sorri, e Deus, que é bom, não roubaria aquelle anjo ao manancial inexgotavel de felicidades...

Calou-se. Pareceu-lhe ouvir uma voz intima, que lhe dizia a todos os momentos que ficasse silencioso.

Assim fez; já ia alta a noute quando se retirou.

(Continua) COSTA GOMES

NA INDIA (*)

(*) Vid. pag. 236 do 1.º volume.

ZIG-ZAGS

TEMPERANÇA

Temperança é o habito da sobriedade. O uso immoderado dos alimentos causa um grande numero de enfermidades; mas o abuso das bebidas alcoolicas é sobretudo funesto á nossa geração.

Em diversos paizes a embriaguez torna-se um verdadeiro flagello, que degrada a população infima da Inglaterra, da Russia e sobretudo dos Estados Unidos da America. Foi para lhe oppor remedio pelo exemplo que n'esses paizes se instituiram as sociedades de temperança. Foi necessario até que enterviesse o legislador. Assim, no estado do Maine, na republica norte-americana, as tabernas foram fechadas e estabeleceram-se penas para os individuos encontrados em estado d'embriaguez. O estado de Nova York adoptou o mesmo systema de repressão.

Na Inglaterra tentou-se pôr em pratica as mesmas medidas; mas não se conseguiu cousa nenhuma.

De resto, é muito duvidoso que as providencias d'este genero sejam o sufficiente para desenraisar o mal. Com effeito, os costumes são quasi sempre mais fortes do que a lei e é pela reforma d'elles que deveria começar-se.

—

PROBLEMA

Certa obra podia ser feita em sete dias por um homem e em 16 por um rapaz.

Pergunta-se: quanto tempo gastariam os dous se por ventura trabalhassem juntos?

Anadia ELPIDIO PEREIRA

A resolução no numero seguinte.

EXPEDIENTE

—

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 6 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem, e outrotanto pedimos aos snrs. correspondentes em divida.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 58

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 6 DE OUTUBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— A Polynesia — Zaphyra — O monumento da Batalha, mosteiro de Santa Maria da Victoria, por Alfredo Maia — Teus encantos (poesia) por Augusto d'Azevedo — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Os Estados Unidos — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — A Bretanha — Do meio dia ás duas horas — Alda, por Costa Goes — A Luiz de Camões (poesia) por D. Dias da Costa Junior — Recordações (excerpto) por Alexandre Herculano — Cidadelhe, por J. J. Gonçalves Pereira — A navegação — Zig-Zags: Artistas illustres — Lição a tempo — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Na Polynesia — Na Bretanha — A navegação.

A POLYNESIA

—

A Polynesia é uma das grandes divisões da Oceania e comprehende um grupo numeroso de ilhas pequenas, sendo as principaes: Havaii, Nuka-Hiva. Pomotou, Taiti, Mangia, Tonga, Samoa, a Nova Zelandia, etc.

As principaes producções da Polynesia são o algodoeiro, a arvore do pão, a bananeira, o inhame, a batata, etc. O clima é muito salubre.

As ilhas da Polynesia foram exploradas e descriptas sobretudo por Quiros, Tasman, Roggewen, Bougainville, Cook, La Perouse e Dumont de Urville.

NA POLYNESIA

A gravura representa o modo como os primeiros exploradores entraram em relações com os indigenas d'aquellas ilhas.

ZAPHYRA

—

(Conclusão)

—A cidade de Janina, proseguiu o frade, era então o centro dos piratas dos mares do Levante, e Barbaroixa trouxe a sua presa para estes sitios onde estamos. Isto era n'aquelle tempo um castello; mas estando n'elle Zaphyra, era forçoso transformal-o em um formoso pavilhão que deslumbrasse os que estão descriptos nas *Mil e uma noutes*, e Barbaroixa assim o fez, de modo que aquelle homem terrivel, espanto dos mares, temor das gentes, transformou-se em escravo submisso de Zaphyra.

Dizer que o pirata a cobriu de diamantes, de perolas, de riquezas custosas, seria offender a tua penetração, ó estrangeiro! Barbaroixa havia exigido da infiel um amor que nunca via recompensado. Fizera tudo quanto humanamente era dado fazer para abrandar aquelle coração de gelo; mas ella desprezava-o desdenhosamente.

Verdade é que o pirata era muito mais velho do que ella.

Um dia...

O frade parou, tornou a passar a mão pela fronte e pareceu luctar com uma recordação horrivel.

—Um dia, tornou, ou para melhor dizer uma noute, Barbaroixa entrou na habitação onde ella se achava. Era

uma sala esplendidamente mobilada. A formosa estava sentada em um rico camapé, tendo os pés apoiados em umas almofadas custosamente trabalhadas. A sua posição indolente tinha um encanto indefinivel. As suas delicadas feições tornavam-se mais bellas com a semi-obscuridade que reinava n'aquelle momento. Junto d'ella havia um vaso no qual ardiam os mais exquisitos perfumes.

Era impossivel soffrer mais. O pirata cahiu-lhe aos pés, pedindo aquelle amor que ella tenazmente lhe negava. Zaphyra recusou, e então Barbaroixa considerou-se no direito de exigir á força o que por outros meios não conseguia.

No momento porém em que o pirata a estreitava nos braços, Zaphyra tirou não se sabe d'onde um punhal e com rapidez incrivel cravou-o no peito do pirata, que cahiu de costas... morto.

O frade fez de novo uma pausa; depois, com um sorriso melancolico, continuou:

—Disse mal; não morreu... Faltava-lhe ver o resto. Segura Zaphyra do golpe que tinha assestado no pirata, levantou-se, deu uma palmada e immediatamente appareceu um joven europeu que estava sem duvida escondido havia muito no pavilhão. Barbaroixa viu tudo isso; viu-o como eu te vejo a ti; mas estava immovel, não podia fazer nada o desgraçado.

A ingrata fugiu com aquelle joven, e quando passaram por junto do que julgavam cadaver, disse ella com ar de desprezo:

—Está morto!

Mas os mortos resuscitam ás vezes e Barbaroixa sobreviveu ao seu infortunio. Quiz Deus que se restabelecesse do ferimento e voltou ao seu antigo mister de pirata. Inquiriu, procurou, investigou, até que encontrou na Italia os dous amantes. Ali, em uma hora maldita, Zaphyra, a formosa ingrata, morreu nos braços do seu amante. Este morreu tambem sob o punhal do pirata enfurecido.

Calou-se o frade e duas lagrimas desceram das suas palpebras.

—E Barbaroixa? perguntei eu passado um momento de silencio, como procurando desvendar o mysterio d'aquella existencia tempestuosa.

—Ninguem mais soube d'elle, disse o frade.

—Morreu?

Um sorriso sardonico brilhou nos labios do ancião.

—Morreu... para o mundo. O nome d'aquelle pirata temivel não tornou a ser pronunciado, nem os seus navios appareceram mais nos mares. Depois de crueis desenganos, depois de perdidas as esperanças da terra, aquelle homem foi buscar as consolações do ceo.

—Então vive? exclamei assombrado.

—Vive e vem todas as tardes a este sitio, apesar dos annos decorridos, recordar o seu amor, chamar por Zaphyra, viver do passado. Mas o seu coração é uma tumba. Barbaroixa morreu; hoje só o representa...

—Quem?

—Eu.

Diante de esta revelação confesso que fiquei aterrado. O monge de Zitza era o pirata. A historia estava comprehendida.

O MONUMENTO DA BATALHA

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

—

(Continuação)

De cá, o caudilho d'um punhado de bravos, resolutos a morrer pela patria; d'além, um grande exercito, desejoso de enriquecer seu rei pela conquista.

Encaram-se, medem-se e parece que se receiam, que a uns causa estranheza o numero e a outros espanto a audacia...

Já o sol descia ao outro lado do meridiano, e as hostes, rosto a rosto, se fitavam rancorosas quando, emfim

Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso.

....

Movem-se as filas, avançam os esquadrões e os dous exercitos, ambos famintos de gloria, se engolfam em medonho turbilhão, redemoinhando, no fervor da peleja, como se dous leões inimigos se houvessem abraçado corpo a corpo e rolassem aos corcovos até á destruição do vencido!

Que medonho embate! Que terrivel choque, que furiosa tempestade aquella!

Portugal e S. Jorge! E o condestavel do reino, brandindo a sua longa espada de dous gumes, abria caminho aos seus por entre fileiras cerradas do valoroso inimigo...

Salvé, heroes d'Aljubarrota! Salvé, defensores da patria, inclitos filhos da Lusitania, fieis imitadores das acções de Horacio, a quem a patria deve a independencia e a historia exalta com freneticos applausos! Salvé!

Que gentilezas, que actos de bravura, que façanhas destemidas, que prodigios de valor, que acções heroicas no campo dos portuguezes!...

Admiram-se os inimigos, espanta-se o mundo e assombra-se a historia de taes prodigios, ao rememorar este dia!

E foi tanta a gloria que a todos coube, tão iguaes eram no valor os portuguezes, que nem a ala dos namorados, capitaneada pelo intrepido Ruy Mendes de Vasconcellos, nem esse punhado de mancebos com todos os desejos de assignalar a sua bravura, nem estes tiveram ensejo de se distinguir, que o pequeno exercito de D. João I mais parecia formado de leões!

Concentra-se o inimigo, unem-se as fileiras castelhanas e agrupam-se os mais valentes; disputa-se nas hostes contrarias a honra de correr os maiores perigos; e, quando o magote é mais crescido, logo que os mais valentes estão juntos, onde a camada é mais densa, cae de improviso Antão Vasques, e, rasgando uma vereda por entre espadas e lanças, arranca o estandarte das mãos do alferes-mór de Castella!

Duas vezes me admiro, duas vezes me espanto, duas vezes me assombro, e maior foi a surpreza dos castelhanos por verem tanto valor em um só homem!

Enfurece-se o D. João de lá, e, reunindo as maiores forças de que dispunha, cae sobre os nossos, como uma avalanche medonha que tudo alue, derruba e esmaga.

Vergam os portuguezes no centro, e por aqui se pode julgar o peso dos castelhanos; mas lá estava o mestre de Aviz, com os seus hombros robustos, e, rompendo por entre o inimigo, é este que foge em debandada, espavorido, confuso, em turbilhão!

Seguem-lhes os nossos o encalço, persegue-os o condestavel e no campo de batalha ficam dez mil dos contrarios.

Metade d'este numero tinham os portuguezes no principio e cinco vezes mais guerreiros acompanhavam o rei castelhano...

Tres dias ficam os nossos no campo, tres dias de folgança, tres dias de festas gosadas ali no palco das suas gentilezas, no meio das maiores alegrias, em exaltações delirantes.

E os restos dispersos do exercito castelhano, fugindo aterrados, como os vencidos em Maratona, vão-se reunir a Santarem e fogem receiosos de que o chão os sepulte.

Fugiram espavoridos, desorientados e atonitos, sem esperarem uns pelos outros e sem pensarem em vingança.

Fugiram!

Tinha D. João I feito o voto, á mãe de Christo, de levantar-lhe um sumptuoso mosteiro, se vencesse esta batalha, e um anno depois, não se sabe quando, deu principio ás obras do monumento.

(Continua) ALFREDO MAIA

TEUS ENCANTOS

—

Teus cabellos luzidios,
Ah! são fios
Do mais fino ouro de lei;
Os teus labios purpurinos
São divinos;
Nunca iguaes eu encontrei!

Teus alvos, pequenos dentes
São diamantes,
Na tua boca a brilhar.
O teu sorriso arrebata;
Tambem mata
O fogo do teu olhar.

Tua mão é, com certeza,
De duqueza,
Eburnea, tão pequenina!
Tua voz tem melodia;
Inebria,
Arrebata, até fascina!

O teu collo palpitante,
Sempre arfante,
E' d'alvura sem ter par.
E', bella, o collo da virgem
Em vertigem,
N'um continuo meditar.

Toda tu és, linda rosa,
Tão formosa,
Que fazes muitas morrer!
Quantas gemem lacrimosas,
Invejosas,
Por tuas graças não ter?

Eu, por mim, linda adorada,
Terna fada,
Só isto qu'ria gosar:
Satisfazer o desejo,
Dar-te um beijo,
Nos teus meus labios collar!

Do teu seio recatado
O nevado
Um momento só olhar:
D'essa tão gentil cintura,
Com brandura,
Contra o meu peito apertar!

Nada mais, isto é bem pouco!
E eu, louco,
Morreria! oh! que prazer!
Sim! que tinha então a morte?
De tal sorte
Não se me dava morrer!

Riodades

AUGUSTO D'AZEVEDO

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XLVIII

OS ESTADOS UNIDOS

Esta grande nação, hoje coberta de luto e justamente indignada pela morte do seu presidente, victima d'um assassino fanatico e estupido, tem 8 milhões de kilometros quadrados de superficie e uma população de 7 milhões de habitantes. Os seus limites são: ao norte a Nova Bretanha, a leste o Oceano Atlantico, ao sul o golfo e o estado do Mexico e a oeste o Grande Oceano.

O territorio d'aquella grande republica offerece tres grandes regiões distinctas, a saber:

1. A região de leste, desde o Atlantico até aos montes Alleghanys, banhada pelo Connecticut, o Hudson, o Delaware, o Susquehannah, o Potomac e o Savannah; é a parte mais povoada e melhor cultivada da America.

2. A região do centro, entre os montes Alleghanys e as montanhas Rochosas, comprehende a bacia do Mississipi, immensos territorios, pantanos incultos. Valles ferteis, vastas florestas.

3. A região de oeste, desde as montanhas Rochosas até ao mar, é um terreno onde a vegetação se apresenta em toda a sua força. Cedros e pinheiros d'uma altura e grossura prodigiosas.

O territorio dos Estados Unidos estende-se desde a extremidade septentrional da zona temperada até ás fronteiras da zona torrida; os invernos são geralmente duros e o calor do estio excessivo. O clima é mais temperado do lado de sudueste; para o lado do golfo do Mexico é onde o calor se faz sentir mais. A vegetação é abundante; mas o numero de pantanos torna-se uma causa permanente d'insalubridade, originando febres perigosas. Nota-se uma grande diversidade na natureza do solo. Nas provincias além do Hudson o terreno quasi que só é proprio para pastagens; as regiões montanhosas não offerecem geralmente mais do que uma vegetação ingrata. A fertilidade dos valles dos Apaches é incrivel.

Nota-se em toda a extensão do territorio um grande numero de florestas virgens, povoadas d'animaes ferozes, que a machada do colono vae fazendo desapparecer a pouco e pouco, e o viajante é frequentes vezes surprehendido ao encontrar uma cidade florescente onde alguns annos antes tudo era solidão.

As riquezas mineraes são muito abundantes: notaremos as minas inesgotaveis de hulha, chumbo, ferro, cobre, sal e petroleo. A California encerra muito ouro, que os mineiros exploram activamente. Os animaes domesticos da Europa dão-se ali perfeitamente; encontram-se tambem numerosos rebanhos de cavallos selvagens e de bisões. A cultura da vinha e a da amoreira nunca poderam ser introduzidas nos Estados Unidos.

A população é de raça europeia, e a raça indigena, obrigada a recuar diante das explorações que se alargam de dia para dia, desapparece, cedendo o logar a uma população d'emigrantes que afflue de todas as partes e cuja actividade se torna muito notavel. O commercio e a industria devem-lhe um grande impulso.

Além da população europeia, a indigena, que é muito variada e está quasi concentrada nos estados de oeste, compõe-se de negros e homens de côr, hontem escravos e hoje cidadãos livres. Apesar porém de a escravidão se achar abolida de direito e de facto, existe ainda uma divisão muito profunda entre as raças. Um homem de côr não é admittido dentro d'um omnibus em Nova York; um negro, ainda que seja muito rico, não pode entrar em um camarote no theatro; um estabelecimento que recebesse um mulato sería evitado pelos brancos. Os homens de côr vingam-se a seu modo, e por forma muito innocente, dos ultrajes dos brancos. Quando são bastante ricos para terem criados, escolhem sempre os de côr mais alva, e nos passeios publicos veem-se com frequencia carros cujo cocheiro e lacaio são de côr branca, ao passo que um negro se vê muito repimpado no centro do vehiculo.

Os indigenas, divididos em pequenas tribus errantes, guerream-se sem dó, e os invasores do solo, os homens de pelle branca, exterminam-os por duas maneiras, pelas armas e pelas bebidas que lhes fornecem, pois é sabido que o indigena americano é doido pela agoardente.

Não passam hoje de 300:000 os indios indigenas; as tribus principaes são: os ottawas, os chippeways, os cherokees, os hurões, os chactas, os natchez, os iroquezes, os creeks e os siux.

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

(Continuação)

A arte pode formar o sal; mas elle tambem existe já formado na natureza. Os saes teem dous nómes; por exemplo, o acido nitrico combinado com a potassa forma o que se chama nitrato de potassa.

Uma só parte d'oxygenio chama-se protoxydo; duas, deutoxydo, e tres ou mais, peroxydo.

Ha ainda uma outra substancia na natureza chamada alcalina, que se distingue das outras pelo gosto picante e resinoso, e, além d'isso, tem a singular propriedade de mudar para verde as côres azues vegetaes.

Os alcalis e os acidos, ao combinarem-se, teem a propriedade de se neutralisar. E' por isso que os acidos combinados com os alcalis formam o que se chama *sal neutro*.

Os alcalis misturados com a gordura formam o sabão, e misturados com a silica, dão logar ao vidro.

A potassa obtem-se dos vegetaes

queimados, e d'ahi provem o seu nome allemão *pot-asche*. Mas a soda e os outros alcalis extraem-se do sal do mar, do natrão e até de minas. O amoniaco retira-se das substancias animaes, como os ossos e a ourina, assim como da destilação do carvão de gaz.

Os acidos descobertos até hoje são em numero de 42, a saber: 11 mineraes, 7 metalicos, 13 vegetaes e 11 animaes.

Os acidos mineraes são: sulphuroso, sulphurico, nitroso, nitrico, muriatico, oxy-muriatico, carbonico, fluorico, boracico, mellitico e hyper-oxy-muriatico.

Os metalicos são: arsenioso, arsenical, tungstico, molybdico, chromico, columbico e coolybdenoso.

Os vegetaes são: acetico, malico, oxalico, citrico, tartarico, tartaroso, benzoico, camphorico, gallico, succinico, suberico, mucoso e moroxylico.

Os animaes são: phosphoroso, phosphorico, bombico, sebacico, laccico, lactico, sacco-lactico, prussico, amniotico, lithico e rosacico.

Os acidos principaes, obtidos pela mistura do oxygenio com outras substancias, são:

O *oxygenio* e o *sulphureto*, que produzem o acido sulphurico, chamado da mesma sorte oleo de vitriolo;

O *oxygenio* e o *nitrogenio*, chamado acido nitrico, que dissolve a prata e foi a origem da arte de modelar em prata;

O *oxygenio* e o *chloro*, chamado acido muriatico, ou acido do sal do mar. Unido á soda, chama-se-lhe muriato de soda; é o sal commum.

O *oxygenio* e o *fluor* chama-se acido fluorico e serve para gravar no vidro.

O acido *nitro-muriatico*, ou *agoa-regia*, dissolve o ouro e a platina.

Os acidos podem combinar-se com dous ou mais metaes, formando então os compostos binarios, trinarios, etc. Assim, o acido sulphurico combinado com a alumina e a potassa forma o alumen, ou sulphato d'alumina e potassa, e o emetico de tartaro é um tartarato metalico d'antimonio e de potassa.

Os saes formados pela combinação dos acidos, dos alcalis, das terras ou dos oxydos, sobem a muitos milhares.

Aquelles de que o acido sulpuhrico ou o oleo de vitriolo forma uma parte, são: sulphatos de soda, de potassa, de baryta, de cal, de magnesia, d'alumina, de ferro, de cobre, etc.

Os d'acido nitrico são: nitratos de potassa, de prata, de mercurio, de cobre, etc.

O acido muriatico é uma parte integrante dos muriatos de soda, d'amoniaco, de barita, de cal, de prata, de mercurio, de cobre, de ferro, de chumbo, de cobalto, etc.

Os acidos oxy-muriaticos formam uma parte dos oxy-muriaticos de potassa, de soda, etc.

Os acidos nitrico e muriatico combinados formam nitro-muriatos, como nitro-muriato d'ouro, d'estanho, de cobalto, etc.

(Continua) DOUTOR JAYME

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXX

(Continuação)

Quinze dias depois Jorge havia disposto tudo para a sua viagem ao Rio de Janeiro.

Despediu-se dos seus amigos, liquidara o dinheiro que podera, e arranjara passagem em um dos paquetes da companhia ingleza, que devia partir depois.

O ultimo dia da sua estada em Lisboa reservou-o para o cumprimento de um dever sagrado.

Era uma linda manhã de outono. A natureza começava a despojar-se das ultimas galas. O tempo estava sereno e morno. Um ligeiro nevoeiro pairava por sobre a formosa rainha do oceano.

Jorge encaminhou-se para o cemiterio dos Prazeres. Ia despedir-se de seu pae, na derradeira morada. Triste visita!

Para o homem de sentimentos é sempre incentivo a dolorosas commoções o entrar em um cemiterio. Abeirar-se do tumulo em que jazem as cinzas de um ente querido, e pensar que em vão se chamará a pessoa que para sempre se occultou sob a lapide marmoria, é doloroso!

Jorge atravessou grande extensão do cemiterio, até chegar ao local onde seu pae fôra sepultado. Quando ali chegou, ficou surprezo porque em vez da tosca cruz de pao que devia encontrar, deparou com um primoroso obelisco de marmore, em que se liam o nome de seu pae, as datas do seu nascimento e morte e esta singela inscripção:

LEMBRANÇA DE AMIZADE

Jorge cahiu de joelhos na terra, ainda humedecida pelo rocio da noute.

O mancebo orou alguns minutos por alma de seu infeliz pae. Quando se ergueu, tinha os olhos marejados de pranto. Eram lagrimas de saudade por aquelle que não tornaria a ver, e de reconhecimento pelo nobre procedimento da pessoa que havia erigido aquelle monumento.

Jorge lembrou-se logo de que fosse aquillo lembrança de Pedro da Motta. E não se enganou.

Mas o que fôra feito do capitão?...

XXXI

Passaram seis annos depois dos ultimos successos.

A baroneza d'Almeida casara com Jorge de Castro havia cinco annos e meio no Rio de Janeiro. Em seguida ao consorcio, os dous jovens haviam abandonado a America em direcção a Portugal. Compraram em Lisboa um bonito palacete na praça do Principe Real, e para lá foram residir.

Jorge formou-se em direito e continuou a votar-se á litteratura. Eram felizes os dous esposos. Para cumulo de ventura, um louro menino de quatro annos, abençoado fructo d'aquella afortunada união, lhes sorria.

Os dous esposos consummiam grande parte dos seus rendimentos em obras de beneficencia. Nunca a indigencia bateu debalde á sua porta; jamais a miseria se acercou em vão dos humbraes d'aquella faustosa habitação. Por isso eram bemquistos por todos.

Quando atravessavam as ruas da capital, fitavam-nos sempre olhares benevolos.

O governo lembrou-se de offerecer um titulo *honorifico* a Jorge; porém elle teve o bom-senso de regeitar a affronta. Não elevam hoje o homem esses titulos, porque toda a gente sabe que se mercadeja vergonhosamente com elles e que não é raro ver-se o emblema mais respeitavel, pendendo do peito do velhaco opulento.

Tempo é de dizermos alguma cousa do capitão Pedro da Motta.

Quando Jorge partira para o Rio de Janeiro, tinha feito já todas as diligencias por saber onde parava aquelle seu amigo. Não logrou porém conseguil-o. Apenas conseguiu saber que a *Eugenia* sahira de Lisboa havia alguns mezes.

Porque sahiria o capitão sem d'elle se despedir?...

Pedro da Motta era homem de tino; lá teria as suas rasões para assim proceder.

Jorge, ao chegar ao Rio de Janeiro, procurou uma das mais modestas hospedarias e ali se alojou. No dia seguinte ao da sua chegada foi procurar a baroneza d'Almeida. Entregou anciosо o seu bilhete de visita a um criado e esperou resposta.

Passados alguns momentos mandaram-o entrar para uma das salas. Achava-se ahi Pedro da Motta.

Jorge ficou surprehendido e summamente alegre com aquelle encontro inesperado.

Abraçou profundamente commovido o seu amigo e perguntou-lhe:

—Que significa isto?

—Silencio! disse o capitão com ar de bondosa auctoridade. Depois lhe explicarei tudo.

Minutos depois abria-se uma porta

e sentia-se o ruge-ruge da cauda de um vestido.

Era a baroneza que entrava.

(Continua) ALBERTO CARLOS

A BRETANHA

Como se sabe, a Bretanha é hoje uma provincia da França, com cerca de seis mil kilometros quadrados. No tempo dos romanos era um territorio habitado por tribus celticas. Chamavam-se então aquelles povos brythons, que queria dizer homens pintados, porque se pintavam á imitação dos selvagens da America. Os romanos mudaram-lhe o nome para britonés

As principaes tribus eram compostas de navegadores celebres.

Chamava-se o seu territorio Armorica, que quer dizer *á beira-mar*.

Os povos primitivos da Bretanha distinguiam-se dos outros gaulezes por certos caracteres particulares. Eram menos vivos e menos alegres, sombrios sempre e ferozes como animaes selvagens. Pintavam-se como dissemos; o seu unico trajo consistia em um cinto de couro, sustentando uma especie de saia, pintada de côres variadas, como as que usam os caledonianos, com os quaes tinham uma origem commum. Eram habeis manejadores de lança e espada, servindo-se de espadas compridas e massas pesadissimas; os seus escudos eram de vime.

O grito de guerra d'aquelles barbaros era: *Terr y benn!* o que quer dizer: Quebra-lhe a cabeça!

Seguiam a mesma religião dos outros gaulezes e tinham os seus druidas

NA BRETANHA

e bardos afamados. Foram os ultimos que inventaram e fizeram circular os contos de fadas, poesias cheias de frescura e simplicidade, que a tradicção conservou e emfim os trovadores da idade media reduziram a escriptura.

O solo da Bretanha ainda hoje apparece coberto de pedras druidicas, que serviam para as ceremonias religiosas dos antigos habitantes; era tambem sobre ellas que effectuavam os sacrificios humanos.

Os armoricanos reuniam-se ao redor d'aquellas pedras, formando assembleias populares, em que se tratavam os negocios publicos, em que se nomeavam os chefes. Serviam igualmente para lembrar o sitio onde estava sepultado um guerreiro illustre, ou a perpetuar a recordação de uma victoria ou de um grande feito historico. Eram pedras compridas, como mesas, e outras vezes recintos circulares, ou monticulos, tendo todos o mesmo fim.

Chateaubriand, filho da Bretanha, deixou-nos uma pintura fiel da sua terra natal.

«Esta extensa peninsula, d'um aspecto selvagem, tem alguma cousa de singular. Nos seus tres valles, ribeiros innavegaveis banham castellos em ruinas, abbadias antigas, cabanas cobertas de palha, onde os pastores vivem de mistura com os rebanhos. Dividem-se estes valles por florestas cobertas de azevinhos corpulentos como carvalhos, ou matagaes semeados de pedras druidicas, ao redor das quaes volteia a ave aquatica ou pastam numerosos rebanhos de vaccas magras.

Um viajante a pé pode caminhar muitos dias sem avistar outra cousa além de pantanos, areaes e um mar que açouta sem dó os grupos de recifes; região solitaria, triste, tempestuosa, envolta em nevoeiros, coberta de nuvens, onde o fragor das ventanias e das vagas é eterno.

Este paiz singular, e os habitantes, de costumes mais singulares ainda, em todo o tempo fallaram á imaginação dos homens. Os gregos e romanos collocaram ahi os restos do culto dos druidas, a ilha de Sague e as suas virgens, a barca que passava em Albion as almas dos mortos, no meio das tempestades e turbilhões de fogo; os francos encontravam ali Mur-Mau e pozeram Rolando de guarda ás suas marcas; emfim os romancistas da idade media fizeram da Bretanha a terra das aventuras, a patria de Artus, de Iseult de mãos alvas e de Tristão o Lyonez.

Nos matagaes e valles bretões encontrará o viajante alguns lavradores vestidos de pelle de cabra, com os cabellos compridos, dispersos e emmaranhados, e verá dansar junto d'uma cruz, ao som d'uma gaita de folle, outros camponezes vestidos como os gaulezes, de saião de côres vivas e variadas, e fallando a lingoa celtica.

De imaginação viva e bastante melancolica, de genio voluvel, mas caracter obstinado, o bretão torna-se notavel pelo bravura, fidelidade, espirito de independencia, affeição á religião, amor á patria. Ousados e susceptiveis, sem ambição, pouco intelligentes, não aspiram a honras ou grandezas; amam a gloria, comtanto que não prejudique em nada a simplicidade dos seus costumes, e não a procuram senão em quanto ella consente em viver familiarmente com elles, como um hospede obscuro e complacente que partilha os gosos da familia.»

Para terminar este artigo diremos que a Bretanha produziu mais homens celebres além de Chateaubriand. Ao lado d'esse grande escriptor, produziu Hardouin, Sevigné, Saint-Foi, Lesage, Descartes e Lamennais, estes para as letras; e para as armas, Duguesclin, Beaumanoir, Duguay-Trouin, de la Motte Piquet, Charette e Moreau.

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

III

EM EXPOSIÇÃO

(Continuação)

—E aqui está como a virtude é sempre recompensada, exclamei interrompendo o capitão, continuou Bellini. Hoje está Margarida casada com o moço e rico negociante, não é verdade? Afinal a pobreza e as provações que padeceu mais lhe tornam agradavel a actual opulencia e felicidade. E essas prova-

ções, por serem extraordinarias, não me parecem mais dolorosas do que mil outras que a desgraça nos faz soffrer. Morrer de fome ainda é peior do que servir de taboleta.

O capitão interrompeu-me:

—Meu caro Bellini, ainda não acabou a historia de Margarida. Ainda não lhe disse como travei conhecimento com ella.

—Aqui estou impaciente por ouvir o resto das aventuras de D. Margarida, repeliquei eu. Mr. Bertrand ter-me-ia vendido bastantes vidros de banha, se eu estivesse em Madrid, quando elle tão honrosamente especulava com a formosura e com os lindos cabellos de Margarida.

O capitão bebeu um copo de punch e continuou a narração, com certa solemnidade, quasi lugubre.

IV

MARGARIDA

Quando Bellini chegava a este ponto, ouviu-se grande barulho na escada. A voz roufenha e abafada do guarda-portão pretendia contender com uma voz grossa e estrondosa, e de accento hespanhol. A' lucta de palavras seguiu-se lucta de corpos. Sentiu-se rebolar pela escada uma cousa que dava gritos de afflição. Tocaram com força a campainha. O criado que foi abrir a porta levou um murro, e vimos entrar um homem alto, trigueiro e com uma cicatriz na testa.

—Marotos! gritava o recem-chegado; queriam-me impedir de visital-o sabendo eu que está doente! A minha pena é não os ter esborrachado.

—Está de volta, meu bom, meu excellente capitão de la Ribera! disse Bellini apertando-lhe a mão. Não sabia que estava em Paris, senão, apesar da doença, já o teria ido visitar.

—Estão feitas as pazes, disse o capitão. Agora diga-me: como está? Não é nada? Venha um charuto.

Sentou-se, e em quanto accendia o charuto, disse-lhe Bellini:

—Quando chegou, estavamos fallando do capitão. Contava eu a estes meus amigos a historia de Margarida, e ia dizer-lhes como o capitão a encontrou pela primeira vez. Dou-lhe a palavra; estou cançado, e é certo que o capitão dará a esta narração a côr propria para o que eu, humilde e terrestre *maestro*, sou incompetente.

—De boa vontade, *caro mio*, respondeu o capitão, que começou assim, sem preambulos:

—Fazia viagem no mar do sul quando me disseram que estava á vista um navio sem bandeira, e cuja manobra parecia feita por doudos e não por gente que soubesse alguma cousa. Na disposição dos cabos e das velas notava-se a mesma irregularidade. O navio, impelido pelo vento, vinha direito sobre nós e parecia querer-nos dar abordagem. A principio julguei que fosse algum corsario. Ordenei á tripulação que se conservasse na defensiva. Logo vi que me enganara; era um navio mercante. A bordo não se via ninguem, e parecia milagre que não tivesse já ido a pique, porque do modo como trazia o velame qualquer brisa mais forte o deveria tombar.

Chamei-o á falla por meio de porta-voz; ninguem respondeu.

Estava realmente embaraçado. O navio não mostrava avarias, e portanto não se podia pensar em naufragio. Entretanto como se achava assim perdido um navio nos mares do sul, sem tripulação, sem capitão? Mandei deitar uma lancha ao mar, e tamanha era a curiosidade que me incitava, que fui eu mesmo a bordo do navio. Mas assim que ali cheguei, não pude conter um grito de espanto e de horror! exclamou o capitão que ainda estremecia com a lembrança. O convez estava cheio de ossos descarnados e de medonhos esqueletos. Os marinheiros que me acompanhavam diziam que era o *Navio hollandez*, especie de navio fabuloso, que, segundo as lendas maritimas, é tripulado por phantasmas.

(Continua)

ALDA

VIII

(Continuação)

No dia seguinte, logo pela manhã, Henrique foi sentar-se junto das margens do rio, que deslisava placidamente.

A todos os instantes figurava-se-lhe vêr ante si a imagem de Alda, porque imaginava que esse anjo ainda viria como d'antes contemplar a paisagem encantadora d'aquelle logar.

Mas não; o mancebo laborava em uma completa illusão.

Depois d'alguns momentos passados entre a duvida e o desespero, viu passar um camponez que se dirigia para o seu trabalho quotidiano. Quando era pequena a distancia que os separava, Henrique chamou-o, e elle, o camponio, promptamente obedeceu.

—Ora viva, meu senhor...

—Adeus, Antonio.

—Antonio! observou comsigo mesmo o aldeão. Conhece-me então...

—Que tens? Ficaste boqui-aberto?

—Nada, meu senhor; não foi nada.

—Olha; vês além aquella casinha branca, cercada de espessa ramagem? perguntou Henrique.

—Bem vejo, senhor; d'antes sim, d'antes havia lá a alegria que nos dá a verdadeira consolação na terra; mas agora...

—Agora que?

—Só lá existe a tristeza.

—A tristeza!...

—Sim, meu senhor. Desde que Henriquinho, um menino que de creança brincara com a senhora Alda...

—Alda! disse Henrique estremecendo.

— Sim, meu senhor, aquella menina que se finou na flor da idade...

—Alda morreu?

— Está no ceo! disse o camponez erguendo as mãos.

—Meu Deus, auxiliae-me! Concedei-me coragem bastante para poder arrostar com este martyrio!

E ficou silencioso. O camponez continuou:

—Pois é verdade; desde que o Henriquinho fugiu, aquella santa começou a entristecer-se, a querer andar sempre só, a chorar, e se alguem lhe perguntava qual a doença que a affligia, ella esforçava-se por sorrir, e aquelle sorriso era a resposta. Nunca, nunca, nem mesmo a seu pae a senhora Alda disse que soffria. Mas... ao cabo d'um anno e meio entregou a alma ao creador!...

E chorou, chorou muito aquelle camponio. Henrique estremeceu ás ultimas palavras do seu interlocutor; depois exclamou:

—Ah! Deus meu!

E correu louco. Dirigiu-se por uma rua tortuosa e ingreme, ultrapassou os umbraes d'um negro portão de ferro, e depois de caminhar por entre alas de cyprestes, foi prostrar-se ante uma cruz.

Estava no cemiterio e junto do logar em que dormia o somno eterno a querida amiga do seu coração.

—Alda, minha Alda, para que fugiste da terra, da terra onde havia quem te amasse, quem te adorasse como se amam e adoram os anjos?... Tu... que abrigavas em ti os mais puros sentimentos, os costumes mais santos, que sabias amar como se deve comprehender o amor, foste-me ingrata, não porque assim quizesse o teu coração, mas sim por um capricho que teus labios nunca pronunciaram. Mas em meu peito existirá immorredouro o amor que te dediquei! E queria agora ver-te, queria mais uma vez admirar a sublimidade da tua alma, queria infundir em meus olhos a tua belleza angelical, e morreste!... E o immenso oceano, interpondo-se entre nossos corações, impediu que me enviasses um sorriso, o ultimo sorriso que se desprendeu de teus labios! Oh, destino cruel, que assim fizeste com que me separasse da mulher por quem eu dava a vida, tudo, tudo! Mas ainda vou ser teu, Alda! Vou unir-me a ti no ceo, já que na terra não o consegui!...

E ficou por muito tempo meditabundo.

(Continua) COSTA GOES

A LUIZ DE CAMÕES

Ingratas podem ser as gerações volvidas,
Mil crimes palpitar na cinza do passado;
Mas chore a humanidade emfim sobre as feridas,
Que póde ainda a tempo remir-se do peccado;

Que póde, embora tarde, em funda contrição
Cahir como se cae no ventre d'um abysmo;
Na queda hão de sustel-a as azas do perdão,
Na queda hão de laval-a as agoas do baptismo.

Por isso, ó Portugal, ao reclinar-te agora
Ante o poeta enorme que assombra as multidões,
Expiaste a culpa que commetteste outr'ora:
Cumprindo o teu dever saudam-te as nações.

Saudam-te a altivez da illuminada fronte,
Os louros que ainda brilham em fulgida epopeia,
E tu, vendo a noute pairar lá no horisonte,
Hasde gemer por força ao peso d'esta ideia;

Has de sentir no peito a magoa qu'enlouquece
Lembrando-te o fulgir de heroica mocidade,
O sol da tua fama, que apenas resplendece
No lirio que é para ti — Poema de saudade;

Poema que te vale um cinto de muralhas,
Poema que te vale a bocca dos canhões,
Poema que te poupa ao fogo das batalhas,
Embora não poupasse á fome o teu Camões!

D. DIAS DA COSTA JUNIOR

RECORDAÇÕES

(EXCERPTO)

I

Era por uma d'estas noutes vagarosas do inverno, em que o brilho do ceo sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tetrica.

Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura do topo das cruzes, e, sósinho, goteja das bordas das campas, em que só elle chora os mortos. As larvas da imaginação e o gear nocturno affastam do campo santo a saudade da viuva e do orphão, a desesperação do amante, o coração despedaçado do amigo. Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquilos em seus leitos macios!... em quanto os vermes iam roendo esses cadaveres amarrados pelos grilhões da morte. Hypocritas dos affectos humanos, o somno enxugou-lhes as lagrimas!

E depois, as louzas eram já tão frias!

Nos seios de um torrão humido o sudario do cadaver tinha apodrecido com elle.

Haverá paz no tumulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que ahi repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Os mares pareciam n'aquella hora recordar-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueiava-se, rolava, e espreguiçando-se pela praia, reflectia a espaços nas golfadas de escuma a luz indecisa dos ceos.

E o animal que ri e chora, o rei da creação, a imagem da divindade, onde é que se escondera?

Temia de frio em aposento cerrado, e sentia confrangido a brisa fresca do norte, que passava nas trevas e sibilava contente nas sarças rasteiras dos maninhos desertos.

Sem duvida, o homem é forte e a mais excellente obra da creação. Gloria ao rei da natureza, que tiritando geme!

Orgulho humano, qual és tu mais? —feroz, estupido ou ridiculo?

II

Não eram assim os godos do oeste quando, ora arrastando por terra as aguias romanas, ora segurando com o seu braço de ferro o imperio que desabava, imperavam na Italia, nas Gallias e nas Hespanhas, moderadores e arbitros entre o Septemtrião e o Meio dia:

Não era assim, quando o velho Theoderik, semelhante ao urso feroz da montanha, combatia nos campos catabaunicos rodeiado de tres filhos contra o terrivel Attila e ganhava no seu ultimo dia a sua ultima victoria:

Quando a larga e curta espada de dous gumes se convertera em fouce de morte nas mãos dos godos, e diante d'ella retrocedia a cavallaria dos gépidas, e os esquadrões dos hunos vacillavam, dando roucos gritos, d'espanto e terror.

Quando as trevas eram mais cerradas e profundas viam-se á claridade das estrellas relampagueiar as armas dos hunos, volteiando em roda dos seus carros, que lhes serviam de vallos. Como o caçador espreita o leão tomado no fojo, os wisigodos os vigiavam, esperando o romper da alvorada.

Lá, o sopro gelado da noute não fazia confranger nossos avós debaixo das armaduras. Lá, a neve era um leito como outro qualquer, e o rugir do bosque, debatendo-se nas azas da tempestade, era uma cantilena de repouso.

O velho Theoderik cahira atravessado por uma frexa despedida pelo ostrogodo Handags, que com os da sua tribu combatia pelos hunos.

Os wisigodos viram-no, passaram ávante e vingaram-no. Ao pôr do sol, gépidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados uns com os outros, tinham mordido a terra catabaunica, e os restos da innumeravel hoste d'Attila, encerrados no seu acampamento fortificado, preparavam-se para morrer; porque Theoderik jazia para sempre, e o frankisk dos wisigodos era vingador e inexoravel.

O romano Aecio teve, porem, piedade d'Attila e disse aos filhos de Theoderik: —Ide-vos, porque o imperio está salvo.

E Torsmund, o mais velho, perguntou a seus dous irmão Theoderik e Friederik: —Está acaso vingado o sangue do nosso pae?

De sobejo o estava elle! Ao apparecer do dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se viam senão cadaveres.

E os wisigodos deixaram entregues a si os romanos, que desde então, não souberam senão fugir diante d'Attila.

Quem contará, porém, as victorias de nossos avós durante tres seculos de gloria? Quem poderá celebrar o esforço d'Eurik, de Theudes, de Leuwghild; quem saberá todas as virtudes de Rekkárel e de Wamba?

Mas, em qual coração resta hoje virtude e esforço no vasto imperio d'Hespanha?

(Continua) ALEXANDRE HERCULANO

CIDADELHE

Esta freguezia está situada em um valle. Pertence ao concelho de Mesãofrio, do qual está distante seis kilometros; torna-se notavel pela sua agradavel posição, salubridade do ar, suas optimas agoas e fertilidade de territorio. E' abundante em vinho, azeite e fructas de varias qualidades.

O povo de Cidadelhe é laborioso e intelligente. Os homens são robustos, fortes e alegres, e as mulheres da classe baixa occupam-se todo o dia no serviço das vinhas. Ao recolherem-se essas pobres mulheres para casa, vão em alegres descantes.

Esta freguezia, pelo recenseamento a que se procedeu no anno de 1878, tinha uma população de quatro centos e dous habitantes, em cento e cincoenta fogos.

Os mais bellos edificios que possue são: a egreja parochial, de robusta e soberba construcção; edificios particulares tem: o do Exmo snr. Antonio Montes Champalimaud; o do Exmo snr. Manoel d'Almeida Carvalhaes, dignissimo juiz da relação do Porto; o do Exmo snr. Antonio Borges Barreto da Gama e Castro e outros tambem dignos d'attenção. Distingue-se entre todos em elegancia, situação e luxo o primeiro.

Tem tambem um morro chamado o Castello, d'onde se disfructa um bello panorama, que se desdobra á vista do observador. Diz o povo que este morro pertenceu aos romanos, e assim o parece pela construcção das paredes que ainda se veem e objectos archeologicos n'elle achados.

J. J. GONÇALVES PEREIRA

A NAVEGAÇÃO

Attribue-se aos phenicios e carthaginezes a descoberta da arte de navegar.

Era por meio de remos, empregados mesmo simultaneamente com as velas, que a navegação se fazia na antiguidade.

Antes do seculo XV nenhum navio se expunha ao mar largo; sem o soccorro da bussola os antigos não podiam quasi afastar-se das costas; assim, não se contam entre elles navegadores que realmente mereçam citar-se, apesar das longas excursões maritimas que então faziam os navios phenicios.

A primeira grande viagem de que a historia faz menção é a que fizeram no tempo de Nechao, rei do Egypto, os navios que, partidos de Arsinoé, porto visinho do sitio onde hoje está Suez, percorreram todas as costas orientaes da Africa, dobraram o cabo das Tormentas, hoje da Boa Esperança, e subiram sempre, seguindo a costa, até ao estreito de Gibraltar, que transpozeram, chegando emfim pelo Mediterraneo, depois de uma ausencia de tres annos, a ancorar no Egypto, na foz do Nilo.

A bussola e o astrolabio, de que a marinha principiou a servir-se no seculo XIV, fizeram uma revolução completa na arte de navegar e os navegadores poderam emfim abalançar-se no Oceano.

Fallando-se da navegação, não póde deixar de dizer-se que foram os portuguezes, nos seculos XV, XVI e XVII, os povos que mais notaveis se tornaram em uma arte que tanta gloria nos deu.

A NAVEGAÇÃO

ZIG-ZAGS

ARTISTAS ILLUSTRES

Um artista, Bernardo de Palissy, inventou o esmalte e foi o primeiro a dar ideia dos poços artesianos; um fabricante de papel, Montgolfier, inventou os globos aerostaticos; a outro artista, Nickolson, deve-se o prelo mecanico, assim como a mola nos relogios de cylindro foi obra de Graham, isto é, d'um simples artista, homem sem instrucção.

Harrison descobriu a compensação dos relogios; Dollon, mecanico como os anteriores, inventou o acromatismo das lentes.

Deve-se a Ramsden a machina de dividir; a Franklin, impressor e relojoeiro, o para-raios; a um cabeleireiro, Arkwright, o tear mecanico; a um tecelão, Jacquard, a celebre machina conhecida pelo seu nome.

Um militar, Niepce, e Daguerre, pintor, inventaram a photographia; Saveri, mineiro, Newcomen, caldeireiro, e Caweley, vidraceiro, inventaram a machina atmospherica; um rapazito, Patter, realisou o grandioso invento do automatismo das machinas de vapor; Watt era um pobre constructor de instrumentos mathematicos; um carreteiro, Evans, foi o que applicou o vapor á alta pressão; um diamantista, Fulton, applicou-o á navegação; um organista e relojoeiro, Dallery, foi o primeiro investigador da propulsão pelo helice, e o immortal Stephenson, inventor das locomotivas, foi um simples operario de minas na Inglaterra.

—

LIÇÃO A TEMPO

Um pintor que tinha pintado um quadro representando um rapaz que levava um cabaz cheio de fructa, com o fim de fazer valer em occasião propicia o seu trabalho, disse que os fructos eram tão naturaes, que até os passaros os vinham picar.

Um camponio de bom senso que ouvira o pintor, respondeu:

—Com certeza que se os fructos estão muito bem pintados, o rapaz deve estal-o pessimamente porque do contrario os passaros teriam medo d'elle.

O pintor, humilhado ante a verdade d'aquella resposta, entendeu que era melhor calar-se.

Resolução do problema do numero passado:

Gastavam 4 dias e $^{20}/_{23}$ d'um dia.

—

EXPEDIENTE

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 6 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem, e outrotanto pedimos aos snrs. correspondentes em divida.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 59

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 13 DE OUTUBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— Bertha — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — O monumento da Batalha, mosteiro de Santa Maria da Victoria, por Alfredo Maia — Loira (poesia) por Eduardo Véras — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Os Estados Unidos — Jorge de Castro (romance original) por Alberto Carlos — Os homens uteis de todos os paizes: Linneu — A cadeirinha, por J. da Silva — Alda, por Costa Goes — Do meio dia ás duas horas — O regato (poesia) por D. Eunes — Recordações (excerpto) por Alexandre Herculano — Julia (poesia) por Silva Mattos — As cruzadas — Os Andellys — Zig-Zags: D. João III e o n.º 5 — Um alho —Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — E não vem! — A cadeirinha no tempo de Carlos IX — Egreja dos Andellys.

BERTHA

Chamava-se Bertha aquella gentilissima donzella, cuja vida decorria tranquilla como a das modestas violetas que tapetavam e perfumavam os caminhos solitarios da sua aldeia.

Bertha nascera e fôra educada na cidade, pois seus paes eram uns opulentos fidalgos, que lhe rodearam a existencia de todos os commodos e conchegos que uma familia extremosa sabe proporcionar ás queridas vergonteas de essa arvore frondosa, que se desata em viçosas flores quando as virtudes lhes foram seiva e depois lhes são perfume.

Era um magnifico palacio aquelle em que Bertha nascera. Na cidade não havia outro que se lhe comparasse. E toda a gente amava aquella familia, que no seio da abundancia e na pratica de todas as virtudes domesticas via deslizar serenos e felizes os dias, cujo brilho nem a mais leve nuvem empanava.

Mas a sorte, que é impiedosa, quiz um dia trocar todas aquellas felicidades em desventuras, e aos sorrisos da felicidade que enchiam d'alegria os salões

E NÃO VEM!

dourados dos condes d'Almar succederam as lagrimas que faziam estalar de dôr os corações das pessoas sensiveis.

A guerra, com todo o seu cortejo d'horrores, passou por ali e arrasou tudo; a familia, o lar, a felicidade, a alegria, as honras, tudo foi assolado sob a mão de ferro do monstro abrumador.

Arrastado para uma masmorra sob a falsa accusação de trahir a sua patria, o conde exalou ali o ultimo suspiro, sem ter sequer a consolação de despedir-se de sua terna esposa, que devia em breves semanas dar á luz o primeiro fructo d'um amor que para aquelles dous entes fôra o laço mais doce, que os prendia ao ceo.

Morreu o conde e a esposa não pôde sobreviver-lhe. As dôres da maternidade acommetteram-a ao receber a nova fatal e falleceu dando á luz uma filha, que foi Bertha.

Foi n'estas tristes circunstancias que a formosa donzella nascera. A pobresinha não conhecera pae nem mãe. Mas valeram-lhe os cuidados de seu avô, um velho e santo homem, para vingar uma existencia, que, sob os embates d'um nascimento tão tempestuoso, devia ser debil e mimosa. Uma velha criada de sua mãe proporcionou á joven as ternas caricias que esta não pôde dar-lhe.

Contava Bertha oito annos quando a familia se trasladou para a aldeia, porque o palacio da cidade estava quasi a cahir em ruinas. E era na aldeia que a existencia de Bertha deslizava tranquilla, ao lado das florinhas, que eram o seu enlevo e com as quaes brincava constantemente, tecendo coroas, que á noute ia collocar na cabeça do velho avô, venerando ancião que uma paralysia retinha quasi sempre no leito.

Nos seus brinquedos infantis e innocentes tinha porém Bertha dous companheiros inseparaveis. Um d'elles era Edgardo, um rapazinho quasi da sua idade, poucos mezes mais velho do que

ella, filho da viuva d'um general, que, por motivos analogos aos que enlutaram o lar a que a familia de Bertha se reunia, mudara para a aldeia a sua residencia, porque uma pequena pensão que o general lhe deixara só lhe permittia uma existencia por demais modesta, que a pobre viuva reduzia o mais que podia, dominada da santa ideia de deixar algumas economias ao filho querido da sua alma.

As duas familias eram como uma só e as duas creanças pareciam irmãos.

Mas quem era o outro companheiro dos innocentes passatempos de Bertha? Era... era... um cão, o fiel Leão, um soberbo animal, que acompanhara a familia do general para a aldeia, que vira nascer Edgardo, que o vigiara no berço, que lhe prodigou quasi os cuidados d'uma ama solicita e dedicada.

E os tres amigos viam assim passar uma existencia descuidosa e feliz, mas que não podia durar muito.

Volveram os annos e Edgardo estava um homem. Um dia chegou a casa da viuva um homem vestido de negro e d'aspecto carrancudo, dizendo-lhe que era necessario que Edgardo fosse á cidade para tirar a sorte, porque tinha chegado á idade de ser soldado.

A estas palavras a viuva estremeceu, não só porque lhe custava separar-se do filho querido, unica companhia da sua desgraça, mas porque lhe occorreram á memoria os factos que originaram a sua viuvez e empenhava-se para que Edgardo seguisse outra carreira menos cortada de perigos e mais em harmonia com o seu caracter delicado e melancolico.

Mas não havia que oppor resistencia. O que o malvado do regedor não disse foi que o sorteio já se tinha feito e que Edgardo não podia deixar d'ir servir a patria, porque a sorte assim o quizera.

Edgardo partiu para a cidade.

A despedida de Bertha não se descreve. A pobre rapariga acompanhou-o até ao cruzeiro onde desembocava a estrada, e ali os dous amigos, ou antes os tres, porque Leão tambem os acompanhou, entregaram-se aos coloquios mais apaixonados, de que emfim foi forçoso apartarem-se.

Bertha recolheu a casa com Leão. Nos seus formosos olhos não haviam lagrimas, porque Edgardo promettera voltar para nunca mais se separar d'ella.

Mas desde esse dia Bertha ia todas as tardes acompanhada de Leão, sentar-se nos degraos da cruz que fôra testemunha das despedidas dos dous jovens; demorava-se por ali horas e horas, alongando a vista pelos campos e veigas visinhas, como pedindo á natureza que tinha diante dos olhos lhe restituisse o companheiro da sua infancia, e a espaços os seus labios murmuravam estas palavras com um acento de indefinivel saudade:

—E não vem!

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

—

III

CHIMICA

(Continuação)

Os metaes encontram-se raras vezes puros; o mais geral é acharem-se combinados com o oxygenio, as terras, o enxofre e os acidos. Chamam-se então mineraes, porque se encontram em minas quasi sempre, combinados com materias estranhas.

Os metaes são fusiveis ao calor, e deixando-os então arrefecer, crystalisam-se; continuando a fusão, absorvem certa quantidade d'oxygenio, perdem o brilho e tornam-se oxydos metalicos. A agoa tambem oxyda os metaes, porque o seu hydrogenio desprende-se e o oxygenio une-se ao metal. Os metaes são soluveis nos acidos e podem ser então precipitados pelos alcalis. Inteiramente fundidos, podem misturar-se com outros metaes, formando as ligas, e podem igualmente misturar-se com outras substancias, como o enxofre, o phosphoro e o carvão.

Na reducção d'um metal do seu oxygenio, é necessario juntar uma substancia combustivel, sendo o carvão a mais usual. Os metaes são excellentes conductores da electricidade. Todos os metaes são combustiveis e alguns ardem ainda antes de o calor ser o sufficiente para os derreter.

A propriedade que os metaes possuem de se combinarem uns com os outros torna-os d'uma grande utilidade. O cobre e o zinco formam o estanho, o chumbo e o estanho dão logar a uma liga chamada estanhadura.

Os metaes hoje conhecidos são 28, sendo 10 maleaveis e 18 frageis; dos ultimos são 5 fusiveis e 13 difficilmente fusiveis.

Os maleaveis são: a platina, o ouro, a prata, o mercurio, o cobre, o ferro, o estanho, o chumbo, o nickel e o zinco.

Os fusiveis são: o bismutho, o antimonio, o tellurio, o arsenico e o chromio.

Os que difficilmente derretem são: o cobalto, o manganez, o tungstenio, o molybdenio, o uranio, o titanio, o columbio, o tantalio, o cerio, o obmio, o iridio, o palladio e o rhodio.

Quando tratarmos da mineralogia, esplanar-nos-hemos ácerca dos metaes.

Todas as agoas mineraes são formadas pela solução ou mistura do gaz oxygenio ou nitrogenio, dos acidos, alcool e saes neutros.

Encontra-se em algumas agoas mineraes acido sulphuroso; n'outras soda e saes communs, como sulphatos, nitratos, muriatos e carbonatos de cal ou soda; nas agoas ferruginosas encontra-se carbonato de ferro.

Para se reconhecer a presença do acido carbonico em uma agoa mineral, basta fazer n'ella uma infusão de litmo, que se transforma logo em vermelho. E' a este acido que o *champagne* deve a petulancia e o gosto acidulado. Reconhece-se facilmente o acido encerrado em um corpo pela propriedade de mudar a côr violeta para vermelha. A infusão de violetas seccas ou um bocado de papel pintado côr de violeta é a melhor prova. A infusão de turmerico ou um bocado de papel pintado da côr do turmerico converte-se em pardo por effeito dos alcalis; torna-se pardo avermelhado se a porção é pequena; se a mudança é repentina, é um alcali volatil. O enxofre e o bitume reconhecem-se pelo gosto. O ferro nas agoas mineraes pode-se descobrir por meio do prussiato de potassa, que elle precipita e tinge d'azul. A solução de noz de galha é tambem um fiador seguro da presença do ferro. Quando a agoa contem cobre, apparece na superficie d'um objecto de ferro que se mergulhe n'ella; se fôr arsenico, o residuo tingirá o cobre de branco.

O reino vegetal fornece as observações mais bellas da chimica natural. A agoa pode ser considerada como o alimento principal dos vegetaes, que, reduzindo-a aos seus principios, se apropriam o seu oxygenio e hydrogenio, para a formação das suas partes constituintes respectivas.

O ar, a luz e o calor secundam todos os processos, porque a applicação dos adubos concorre não só para a quantidade dos alimentos, mas, ao mesmo tempo, estimula a energia vegetativa pela actividade da fermentação.

(Continua) DOUTOR JAYME

O MONUMENTO DA BATALHA

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

—

(Continuação)

Deixando a estrada de Leiria para seguir um pequeno ramal macadamisado que vae direito á fachada principal do mosteiro da Batalha, o nosso espirito recua espantado do que os olhos admiram.

Que belleza, que sumptuosidade grandiosa nos offerece o conjunto d'aquelles corpos ligados, variados na fórma, harmonicos no pensamento, completos, homogenicos no todo, como as

sabias creações d'um talento omnisciente!

Que elegante corpo aquelle, assim coroado de coruchéos ou pyramides de diversas grandezas, cobrindo as escalas helicoidaes, que se dirigem ao cume do edificio, ou limitando os botarêos d'apoio em que descança a abobada do templo!

Descendo a passo, os olhos distraem-se e as vistas dividem-se por mil attractivos de ornato, admirando a harmonia das curvas, que fecham as bandeiras ovigaes das janellas, sem chegar a cansar-nos o gosto, embaraçando os olhos com o peso e complicação dos enfeites.

Os altos e delicados lavores que formam as ricas molduras das janellas, são phantasias d'um desenho graciosissimo e leve, conservando em tudo a severidade elegante e simples do estylo gothico.

Não ha ali ornamentos superfluos; não ha lavores, nem grinaldas ou rendilhados, que interrompam a harmonia geral.

Ao transpormos o portico ogival d'este monumento de triumpho, o coração e a alma se espandem e dilatam, em quanto a imaginação e a phantasia se amesquinham e humilham.

E, entrando e seguindo por entre duas ordens de gigantes, que sustentam os gomos da abobada; penetrando n'aquelle meio d'uma luz diffusa, coada através de vidros corados, quantos sentimentos diversos a tumultuar em nossa cabeça, quantas recordações heroicas nos assaltam e inflamam o coração de portuguezes!...

Sim! as grandes façanhas, que tanto renome deram aos companheiros de Epaminondas, ficam á sombra das proezas dos defensores do mestre d'Aviz.

E, se para commemorar as glorias do primeiro, a historia requinta na escolha de pomposos adjectivos, Camões se encarregou de pôr em relevo a heroicidade dos nossos, para servir de modelo ás gerações briosas, e o talento d'outros portuguezes, o genio creador de Matheus Fernandes e Affonso Domingues fez surgir, do meio descampado d'uma charneca, o primeiro monumento do nosso paiz, uma das maiores bellezas architectonicas da idade media.

Sim! O monumento da Batalha é d'uma belleza incomparavelmente superior a muitas outras creações, que a arte admira e escolhe para modelos.

Uma cousa nos impressionou immediatamente, depois de costumados os olhos áquella especie de penumbra em que nos mergulhamos no templo: é a ausencia, quasi pobreza, de adornos.

O artista que no exterior se mostrou tão rico de talentos e tão admiravel no gosto dos ornatos que revestem o edificio, parecia-nos agora mesquinho e nullo quando o apreciavamos no interior do templo.

Aqui só ha linhas architectonicas, rectas e curvas; nada de fustes, nada de molduras, nada de rendilhados!

Mas não; não foi a falta de gosto, não foi o cançaço do genio que determinou este acaso; pelo contrario, n'isto consiste uma das suas maiores bellezas; é aqui que se patenteia mais assignaladamente o sublime da sua creação estetica.

Cá dentro não haja nada que distraia o espirito; é preciso concentrar os sentidos para que a alma se eleve, espanda e suba até aos ceos.

E se fosse necessario ligal-a mais fortemente ás cousas de Deus, interessal-a, exaltal-a com exemplos mysticos, os olhos procurando naturalmente as fontes da luz baça que illumina o templo, deparavam com os riquissimos paineis que formam as vidraças das altas e estreitas janellas.

Estes paineis, constituindo os unicos ornamentos da egreja, são uma das maiores bellezas, que se admiram na Batalha.

Tudo ali é grande, tudo é bello, tudo é harmonioso e surprehendente!

(Continua) Alfredo Maia

LOIRA

—

I

Loira, tão loira, tão formosa e bella,
Casta donzella!... Quando a vi, amei...
Não sei se é amor o que eu agora sinto...
Será?... Não minto... Se o é, não sei!—
Loira, tão loira, tão formosa e bella,
Rosa singella sem canteiro te...
Ai!... Quem me dera no rosal colher-te,
No seio ter-te p'ra te amar e vêr!...
Loira, tão loira, tão formosa e bella,
Cadente estrella que em meu ceo reluz!
Tu és Maria!— Tens o nome santo!
Virgem, encanto... Só te falta a cruz...

II

Ai, foge, foge d'essa cruz, meu anjo,
Celeste arcanjo de nevada côr...
Eu n'esses olhos tão azues só leio
Um casto anceio de infinito amor!
Amas, creança?...— Infeliz quem ama!—
Foge da chamma... não te vás crestar...
Pois n'esse fogo, divinal vertigem
(Escuta, oh! virgem) já me fez queimar!
Formosa loira, se eu acaso um dia,
Linda Maria, te fallar d'amor...
Oh! vem... não fujas, gentil borboleta
Branca violeta. . minha casta flor!...

....

III

Loira, tão loira, tão formosa e bella,
Casta donzella!... Quando a vi, amei...
Não sei se é amor o que eu agora sinto.
Será?... Não minto... —Que o é, bem sei!

Eduardo Véras

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

XLVIII

OS ESTADOS UNIDOS

(Continuação)

Os Estados Unidos foram sobretudo povoados pelos inglezes. Nos ultimos annos teem ali afluido um crescido numero de allemães, e tambem ha muitos francezes, hollandezes, suecos, hespanhoes e portuguezes. Os habitantes do norte tomaram a designação de Yankees e os do sul a de Virginianos. Os yankees distinguem-se por um rigorismo puritano que tem alguma cousa de glacial; os virginianos assignalam-se por uma certa franqueza, uma vivacidade toda meridional; mas são menos industriosos do que os do norte. Os odios de raça contribuiram pelo menos tanto como a escravidão para a guerra civil que por diversas vezes tem assolado o territorio da União.

Ha a maior liberdade nos Estados Unidos: liberdade de fallar, liberdade d'imprensa, liberdade d'associação. Todo o cidadão pode trazer armas. Ninguem pode ser preso nem alvo d'uma busca domiciliaria sem um mandado do juiz. O exercito permanente recruta-se por meio de alistamentos voluntarios; porém todos os cidadãos estão alistados na milicia nacional. Ha inteira liberdade de cultos.

A actividade dos americanos dirige-se sobretudo para as sciencias physicas, mecanicas e mathematicas. Os principaes focos da industria são Nova York, Nova Jersey, Massachusetts, Rhode-Island, Delaware, Pensylvania e Ohio. A actividade commercial é muito favorecida por um grande numero de canaes, cujo desenvolvimento é de 8:000 kilometros. Os caminhos de ferro apresentam uma rede de cerca de 40:000 kilometros em exploração; assim, os Estados Unidos contam uma extensão de vias ferreas quasi igual ás de todos os estados da Europa reunidas. A linha mais extensa é a de S. Luiz, no Mississipi, a S. Francisco da California.

A historia dos Estados Unidos da America, que occupam hoje um logar tão glorioso entre as grandes nações, não vae além do ultimo seculo.

Os hespanhoes foram os primeiros colonisadores da America do norte. Depois d'elles chegaram os francezes. Os reformistas, fugindo á perseguição, fundaram Nova Orleãs. Em seguida appareceram os inglezes. A rainha Isabel favoreceu os estabelecimentos coloniaes. A Inglaterra aproveitou-se habilmente das loucuras da monarchia franceza, que não sabia proteger aquelles de seus filhos que se dedicavam á prosperidade

do seu commercio e á propagação da sua influencia. A França quasi que não mandava senão aventureiros; a colonisação ingleza era dirigida por homens que se estabeleciam no novo mundo com uma fortuna já adquirida e dominados por fortes crenças religiosas, cuja influencia se fez sentir mais tarde nas instituições politicas do paiz.

As companhias de Londres e de Plymouth já tinham fundado estabelecimentos duradouros quando as colonias se alargaram por meio da emigração das seitas dissidentes, que fugiam ás perseguições. A companhia de Londres encaminhava a emigração para a Virginia; a de Plymouth para os estados do norte. Viram-se então erguer desde 1620 até 1640, cidades, que, como Boston, Charlestown, Massachusetts, Maryland, Rhode-Island e Connecticut, se tornaram mais tarde capitaes de diversos estados.

Carlos I julgou-se na necessidade de prohibir em 1637 a emigração, que ameaçava despovoar a Inglaterra. As consequencias da revolução ingleza fizeram-se sentir na colonia. Os virginianos abraçaram a causa de Carlos I; Cromwel logrou submettel-os e promulgou em 1650 aquella famosa lei que prohibia aos colonos inglezes todo o commercio com as outras nações.

Em 1643 denunciou-se a primeira tentativa de confederação; Massachusetts, Connecticut, New-Hawen e New-Plymouth uniram-se para resistir aos indios e constituir do mesmo passo a unidade d'administração. A restauração dos Stuarts restabeleceu o movimento da emigração, que se acelerou ainda no reinado de Carlos II e seus successores. O celebre quaker Guilherme Penn fundou a Pensylvania em 1681, dando áquella colonia leis que fizeram pasmar Montesquieu. Assembleias coloniaes organisaram-se, ficando os governadores reaes como simples intermediarios entre as colonias e a metropole.

A França deixou que a Inglaterra se apoderasse das suas colonias da Acadia e do Canadá. As colonias inglezas, combatendo pelo engrandecimento da metropole, comprehenderam quanto podiam e principiaram desde logo a aspirar á sua independencia.

(Continua)

JORGE DE CASTRO

ROMANCE ORIGINAL

XXXI

(Conclusão)

Jorge de Castro ficou deslumbrado. A baroneza vinha fascinante. Quando ia tocar na pequenina mão que ella lhe estendia, sentiu vergarem-lhe as pernas; cahiu de joelhos e beijou-lhe a mão.

A baroneza sorriu com bondade e fel-o levantar.

Pedro da Motta, sentado em um camapé, contemplava com um sorriso agradavel esta scena. Depois os dous foram sentar-se em um recanto da sala e ahi conversaram por longo espaço, naturalmente de amor.

No dia seguinte o capitão foi visitar Jorge á modesta hospedaria onde elle se achava e ali lhe desvendou o mysterio.

Fôra o capitão quasi que um medianeiro n'aquelle negocio todo. Logo depois da sua chegada ao Rio fôra visitar a baroneza. Ella, que depositava em Pedro da Motta toda a confiança, consultara-o sobre o que deveria fazer, e este dissera-lhe com franqueza que achava conveniente aquella união, visto o amor que ambos se votavam e as boas qualidades de Jorge. Desde então Pedro da Motta, liquidados os seus negocios maritimos, deixara a vida arriscada do mar, com alguns contos de reis ganhos, e ficara administrando a casa da baroneza, que para isso o convidara.

O capitão nada dissera então a Jorge, porque sabia mais dia, menos dia, elle iria a casa da baroneza de Almeida. Queria fazer-lhe esta agradavel surpreza.

Jorge ficou maravilhado pelo que Pedro da Motta lhe contara.

O que se seguiu, sabem-o já os leitores. Pedro da Motta, quando os dous esposos vieram para Portugal, ficou ainda no Rio de Janeiro liquidando negocios da casa.

Sobre os restantes personagens, eis o que ha a dizer.

Paulo de Vasconcellos conseguiu um modesto emprego publico, em virtude do que abandonou a vida do theatro.

O visconde de X***, esse libertino de bom coração, abandonara a côrte e fôra refocillar o espirito para uma boa propriedade que possuia na provincia. Estava saciado de praseres. Era-lhe necessario aos pulmões um ar mais puro.

A sua vida era toda outra. Caçava e passeava de dia, ou tomava conta nos trabalhadores que trazia na quinta, e á noute lia alguns jornaes, ou duas paginas de algum romance.

Uma noute deparou o visconde em um jornal de Lisboa com a seguinte noticia:

TRAGEDIA

«Hontem pelas nove horas da noute, numeroso concurso de pessoas se reunia na rua de S. Marçal. Perguntadas sobre o motivo do ajuntamento, respondiam apontando para o cadaver de uma mulher que se achava no chão, todo ensanguentado.

«Depois de averiguações, soube a policia por informações dos visinhos, que aquella mulher habitava em uma agoa-furtada havia tres annos, na maior miseria. Era nova ainda.

«Contava-se que essa mulher, annos antes, fôra actriz em um dos theatros da capital, que passara vida dissoluta nos ultimos tempos, e que por fim, enlouquecendo, fôra de todo abandonada, vivendo ultimamente da caridade do dono do predio onde morava, que lhe concedia não só a triste mansarda, mas ainda o sustento.

«Na noute de hontem, quando uma criada do proprietario do predio, que morava no primeiro andar, levava a ceia á desgraçada, esta, tomada de subita allucinação, como que fugindo de um phantasma, sahiu para o telhado, gritando. A criada dirigiu-se para a janella, por onde a desgraçada sahira, e chamou-a com a maior mansidão; porém a infeliz, tomada de pavor, foi recuando até á beira do telhado, a ponto de precipitar-se d'aquella enorme altura.

«Causou profunda sensação no bairro o sinistro acontecimento.

«Brevemente esperamos dar mais alguns pormenores ácerca d'este facto.»

—Pobre Laura! exclamou o visconde commovido. Já do berço trazias estampado na fronte o stygma da desgraça!

Resta-nos dar conta de alguns personagens que desempenharam papeis secundarios n'este romance.

A velha Jacintha morrera durante a estada de Jorge no Rio de Janeiro.

Bernardo, o fiel servidor de D. Adelina, acompanhara os dous jovens esposos para Portugal, na qualidade de escudeiro.

O medico que assistira aos ultimos momentos de Ernesto de Castro, vivia ainda, distructando uma vigorosa saude. Era uma das visitas que Jorge e a baroneza recebiam com mais agrado.

E aqui termina o nosso singelo romance, cujo fim social é mostrar punido o crime e galardoada a virtude. Isso conseguiu-se plenamente.

ALBERTO CARLOS

OS HOMENS UTEIS

DE TODOS OS PAIZES

XXXIII

LINNEU

Carlos Linneu nasceu na Suecia em 1707. Recebeu de seu pae, amador de botanica, as primeiras noções d'aquella sciencia; mas como d'ahi não tirasse lucros alguns, viu-se na necessidade de mandal-o como aprendiz para casa de

um cordoeiro. Um physico chamado Rotomann teve ocasião de ver o joven Linneu, e observando n'elle as melhores disposições para o estudo, aliados a um espirito vivo e applicado, levou-o para casa para lhe ensinar a medicina.

Por acaso cahiram entre as mãos do rapazito os *Elementos de botanica* de Tournefort, e desde então a sua actividade intellectual dirigiu-se para o estudo d'aquella sciencia, e para mais o aprofundar teve a ideia de fazer uma viagem para estudar a natureza sob os diversos climas. Quasi sem recursos, mas cheio de coragem, Linneu visitou a Hollanda e depois a Laponia, onde arrostou com as intemperies das estações com uma coragem que só o amor da sciencia podia suggerir-lhe.

Em 1736 chegou a Inglaterra, estreitando affectuosas relações com os mais habeis physicos e naturalistas inglezes. Um anno depois publicou o seu famoso *Methodo sexual das plantas, baseado nos estames e pistilos*. Este novo systema produziu sensação no mundo sabio. Linneu publicou em seguida o *Systema da natureza nos tres reinos*. Esta obra, cheia d'observações justas e novas, revelava um methodo de classificar as producções da natureza que foi geralmente adoptado e seguido desde esse tempo.

O nome do sabio sueco espalhou-se em breve tempo por toda a Europa; todas as academias lhe abriram as portas. Encarregado da creação d'uma cadeira de botanica na universidade de Upsal, e nomeado em seguida presidente da Academia de Stockolmo, deu provas irrefragaveis do seu vasto saber.

O que torna muito notavel as obras de Linneu é a sua perfeita concisão.

Linneu falleceu em 1778, na idade de setenta e um annos, deixando um nome immortal entre os sabios e a fama d'um perfeito homem de bem.

A CADEIRINHA

Eis ahi um traste que lembra os bons tempos das cabeleiras de rabicho e dos sapatos de fivela de prata! Um traste que, se não desappareceu de todo como os seus congeneres, o carroção e a liteira, é porque tem um destino particular, indispensavel, a desempenhar na economia social. Figura raras vezes, é verdade; mas a cadeirinha ainda reina porque é um vehiculo commodo e altamente sympathico á mais bella metade do genero humano. Eis ahi a rasão porque nunca acabará, porque cousa em que a mulher se empenhe não ha forças humanas que a impeçam.

A cadeirinha tem uma historia, a qual deve offerecer um certo interesse. Foi sem duvida um espirito engenhosissimo que a inventou, e como lhe devia ficar reconhecida a humanidade que aproveitou e explorou o invento depois, sem ter a lembrança de conservar para a posteridade o nome do inventor! Bem se diz que o mundo está cheio d'ingratos!

A CADEIRINHA NO TEMPO DE CARLOS IX

Se até aos nossos dias não chegou esse nome, sabemos apenas que a cadeirinha foi inventada em França, no tempo de Luiz XIV. Não podia deixar de ser inventada em França, d'onde nos vem todas as modas, mesmo as ridiculas e extravagantes. Que a invenção agradou e foi immediatamente posta em voga, dil-o a sua propagação. Não foram só as damas que a tomaram á sua conta; foram os fidalgos e até os reis. O que, de resto, não admira, porque os reis e fidalgos teem os privilegios de mulheres; qualquer ar os encommoda, deviam andar metidos entre algodão em rama.

Considere o leitor a gravura. Representa o rei Carlos IX, aquelle excellente Carlos IX que ordenou a carnificina da noute de S. Bartholomeu, conduzido na sua cadeirinha pelos seus pagens, todos agaloados, e rodeado dos fidalgos que formavam a indispensavel côrte d'aquelle rei fanatico e sanguinario, que a historia marcou com o ferrete da execração.

Que luxuosa cadeirinha! Aquillo era mais uma redoma, ou um andor, e o passeio real tomava as proporções de uma procissão. E quem o duvida! O povo ajoelhava reverente diante do seu tyranno quando elle passava com tão pomposo cortejo.

Hoje a cadeirinha está circumscripta a um circulo muito limitado; mas em compensação, figura nos actos mais solemnes da vida, nos baptisados e casamentos. Tem a protecção das damas, como já dissemos, e tanto basta para não desapparecer de todo.

J. DA SILVA

ALDA

(Continuação)

IX

D'ali dirigiu-se Henrique a casa de Antunes, o infeliz que vira morrer sua filha, o thesouro que mais estimava em vida, sem lhe poder dar sequer um allivio! Chegou lá e escutou. Ouviu os passos firmes e vagarosos do velho e nada mais. Animou-se e bateu tres pancadas seccas na porta.

—Quem está ahi? disse o velho de dentro.

Henrique calou-se; fugiu-lhe a coragem e não respondeu.

Em um momento a porta abriu-se e no limiar appareceu a figura cadaverica de Antunes. Henrique cahiu aos pés do velho e em uma convulsão titubeou:

— Snr. Antunes!... Venho... venho dar-lhe o adeus... do moribundo.

—Quem é o senhor?

—Não o pergunte. Sou um desgraçado... um infeliz, que vae morrer para seu allivio!... Porque só na morte encontro linitivo para tanto soffrimento!

—Morrer!... Mas é tão feio morrer?

—Oh! sim; é horrenda a morte, quando ella vem separar-nos d'um ente a quem amamos; mas, quando se é só na vida, como eu, e lá no ceo existe o unico ente que nos dá a verdadeira alegria, que devemos fazer?

—Soffrer, soffrer até que a mão omnipotente de Deus nos chame á sua presença! Eu tambem sou só n'este mundo; o ceo tambem me roubou uma filha querida, que eu estremecia, e eu resigno-me com a minha sorte, repellindo para bem longe a ideia do suicidio.

—Ah! Tem coragem para viver, sem que os bafejos de sua filha lhe acalentem as faces descarnadas?... sem que os sorrisos da sua Alda lhe deem a consolação de que tanto precisa no fim da vida?... Eu não; não posso soffrer os martyrios que a sorte me imputou! Na terra fui desgraçado; veremos se no ceo tambem o serei!... Oh! não heide ser, porque lá existem anjos, e um d'elles dar-me-ha o conforto que tanto necessito. Alda, minha Alda, recebe-me em teus braços! acolhe-me não como um amigo, mas sim como um criminoso que pede o perdão!...

—Mas... quem é o senhor, para invocar tanto o nome de minha filha?

Houve momentos de silencio. O mancebo vacillava em dar-se a conhecer ao velho. Por fim, impetuosamente, disse:

—Quer saber quem eu sou? Vou dizer-lh'o. Volva o seu pensamento a esse tempo que já lá vae e recorde-se de Henrique!...

—Henrique!... O senhor é Henrique? Quer enganar-me!... Henrique morreu e foi o causador da morte de minha filha!

—Ah! destino cruel!...

....

D'ahi a dias acharam o cadaver do mancebo, envolto em um lençol que lhe servia de mortalha.

(Continua) Costa Goes

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

—

IV

MARGARIDA

(Continuação)

Pediram-me que deixasse aquelle navio fatal. Não os attendi; desci á camara do capitão, e ali encontrei tambem cadaveres cobertos de fatos consumidos pelo tempo, pela chuva e pelas intemperies. Pelos papeis que encontrei na secretária do capitão, soube que o navio era o *Margarida* e que tinha partido de Lisboa para o Mexico, havia mais de um anno.

Em quanto examinava os documentos ouvi de repente uma voz plangente que entoava o *De Profundis*. Julguei que era brincadeira dos marinheiros, que me acompanhavam; mas nem os eu havia habituado a brincarem comigo, nem o terror que tinham demonstrado permittiria que se mostrassem tão facetos. A voz aproximou-se pouco e pouco. Era meiga, melancolica, triste e articulava as palavras do terrivel psalmo com expressão de medonho desespero. Estava escutando com attenção, quando vi entrar um phantasma pallido, vestido de branco e com os longos cabellos caídos até aos pés. O olhar era pasmado e causava medo. A apparição pareceu não dar por mim; assentou-se aos pés da cama, encostou a cabeça ás mãos com profunda melancolia e interrompeu o canto funebre durante alguns segundos; depois murmurou em portuguez:

—As noutes são compridas, os dias sem fim.

Depois do que, continuou soluçando:

—*De profundis clamavi ad'te...*

Adiantei-me para ella.

—Que grande desgraça a deixou só n'este navio? perguntei-lhe eu na sua lingoa patria.

—Silencio! silencio! Os mortos não fallam; querem silencio, silencio, silencio! Só o mar póde elevar a triste voz para fazer acompanhamento ao *De Profundis*.

—Como se chama?

—A morta, a morta! Morta como elle, morta como ella, morta como todos. A morta! a morta!

—Quer que a tire d'este logar e a leve á Europa?

—*Dies iræ, dies illa.* Silencio, silencio! Dormem! dormem!

Evidentemente a infeliz tinha a rasão perturbada pelo terrivel espectaculo a que assistira. Fiz-lhe signal para seguir-me; disse-me com a cabeça que não. Quiz leval-a; empurrou-me. Agarrei-a e levei-a para o convez. Quando os marinheiros a viram, quasi que de terror se deitaram ao mar. Julgavam que era um phantasma.

V

SALVA!

Entreguei a desconhecida a um dos meus officiaes que me tinha acompanhado e voltei á camara do capitão. Levei d'ali uma caixa com dinheiro, alguns papeis que me pareceram importantes, e voltei para bordo do meu navio.

A louca não queria andar; mas deixou sem resistir que a levassem nos braços.

Apenas chegamos a bordo, toda a tripulação nos rodeou para ouvir a narração da nossa triste visita ao navio abandonado e para ver a singular presa que haviamos feito. Levei a joven para o meu camarote, que mandei arranjar de modo que ella podesse ali viver só, e voltei para cima. Os marinheiros conversavam em voz baixa e procuravam indagar quaes seriam as causas de assim ter morrido toda a tripulação de um navio, que não mostrava vestigios de estragos causados por balas; alguns teimavam em dizer que era sobrenatural aquelle caso.

De repente um pronunciou a palavra peste; cessaram as divergencias de opiniões; todos concordaram n'esta ideia.

—E essa mulher, essa mulher que o capitão trouxe para aqui; essa mulher traz comsigo os germens da terrivel doença! exclamaram varias vozes. Devemos livrar-nos d'ella; deitemol-a ao mar!

—Ao mar, ao mar! gritaram todos, correndo para a camara e lançando mão da infeliz antes que eu pudesse defendel-a.

Corri para o paiol da polvora e engatilhei uma pistola.

—Suspendam! gritei quando, depois de a terem agarrado com croques, porque ninguem se atrevia a tocar-lhe, iam deital-a ao mar. Suspendam! Se commetterem crime tão cobarde, se attentarem contra os dias d'essa mulher, pelo ceo que me ouve, largo fogo á polvora e faço voar o navio que vão deshonrar!

(Continua)

O REGATO

—

Limpido arroyo, enlevo-me comtigo;
Amo o teu brando e meigo deslisar;
A' tua margem paro, penso e digo:
D'onde é que vens e aonde vaes findar?

«No seio me formei da rocha nua:
Vou correndo e banhando o musgo e a flôr;
No meu espelho de crystal fluctua
Do ceo azul o quadro encantador.

Sonho, como a creança, um sonho infindo:
Onde eu acabo não o diz ninguem;
Quem me conduz o passo e o vae medindo
E' aquelle que o teu conduz tambem.»

D. Ennes

RECORDAÇÕES

—

(EXCERPTO)

(Conclusão)

III

Era, pois, em uma d'estas noutes como a que desceu do ceo depois do desbarato dos hunos; era em uma d'estas noutes em que a terra, envolta no seu manto d'escuridade, se povoa de terrores incertos; em que o sussurro do pinhal é como um côro de finados, o despenho da torrente como um ameaçar d'assassino, o grito da ave nocturna como uma blasphemia do que não crê em Deus.

N'essa noute fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu ás horas mortas pelos alcantis escalvados das ribas do mar e enxergava ao longe o vulto negro das agoas balouçando-se no abysmo que o Senhor lhes deu para perpetua morada.

Por cima da minha cabeça passava o norte agudo. Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar.

Porque o vento e o Oceano são as duas unicas expressões sublimes do verbo de Deus, escriptas na face da terra quando ainda ella se chamava o cahos.

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer.

E o vento e o mar viram nascer o genero-humano, crescer a selva, florescer a primavera;— e passaram e sorriram-se.

E, depois, viram as gerações reclinadas nos campos do sepulchro, as arvores derribadas no fundo dos valles seccas e carcomidas, as flores pendidas e murchas pelos raios do sol do estio; —e passaram, e sorriram-se.

Que tinham elles, de feito, com essas existencias, mais passageiras e incertas que as correntezas de um e que as ondas buliçosas do outro?

IV

O mundo actual nunca poderá entender plenamente o affecto que, vibrando-me dolorosamente as fibras do coração, me arrastava para as solidões marinhas do promontorio, quando os outros homens nos povoados se apinhavam á roda do lar acceso e fallavam das suas magoas infantis e dos seus contentamentos de um instante.

E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra d'Hespanha gerações que comprehendam as palavras do Presbytero.

Arrastava-me para o ermo um sentimento intimo, o sentimento de haver acordado, vivo ainda, d'este sonho febril chamado vida e de que hoje ninguem acorda, senão depois de morrer.

Sabeis o que é esse despertar do poeta?

E' o ter entrado na existencia com um coração que trasborda d'amor sincero e puro por tudo quanto o rodeia, e ajuntarem-se os homens e lançarem-lhe dentro do seu vaso d'innocencia lodo, fel e peçonha, e, depois, rirem-se d'elle:

E' o ter dado ás palavras— virtude, amor patrio e gloria— uma significação profunda, e depois de haver buscado por dez annos a realidade d'ellas n'este mundo, só encontrar ahi hypocrisia, egoismo e infamia:

E' o perceber, á custa de amarguras, que o existir é padecer, o pensar descrer, o experimentar desenganar-se e a esperança nas cousas da terra uma cruel mentira de nossos desejos, um fumo tenue que ondeia em horisonte áquem do qual está assentada a sepultura.

Este é o acordar do poeta. Depois d'isso, nos abysmos da sua alma só ha para mandar aos labios um sorriso de desprezo em resposta ás palavras mentidas dos que o cercam, ou uma voz de maldição desabridamente sincera para julgar as acções dos homens.

E' então que para elle ha unicamente uma vida real— a intima; unicamente uma lingoagem intelligivel— a do bramido do mar e do rugido dos ventos; unicamente uma convivencia não travada de perfidia—a da solidão.

V

Tal era eu quando me assentei sobre as fragas; e a minha alma via passar diante de si esta geração vaidosa e má, que se crê grande e forte, porque sem horror derrama em luctas civis o sangue de seus irmãos.

E o meu espirito atirava-se para as trevas do passado.

E o sopro rijo do norte affagava-me a fronte requeimada pela amargura, e a memoria consolava-me das dissoluções presentes com a aspiração suave do formoso e energico viver d'outr'ora.

E o meu meditar era profundo como o ceo, que se arqueia immovel sobre nossas cabeças; como o Oceano, que, firmando-se em pé no seu leito insondavel, braceja pelas bahias e enseadas, tentando esmigalhar e desfazer os continentes.

E eu pude, emfim, chorar.

VI

Que fôra a vida, se n'ella não houvera lagrimas?

O Senhor estende o seu braço pesado de maldições sobre um povo criminoso: o pae que perdoara mil vezes converte-se em juiz inexoravel; mas, ainda assim, a Piedade não deixa de orar junto dos degraos do seu throno.

Porque sua irmã é a Esperança, e a esperança nunca morre nos ceos. De lá ella desce ao seio dos maus antes que sejam precitos:

E os desgraçados na sua miseria conservam sempre olhos que saibam chorar.

A dôr mais tremenda do espirito quebrantam-na e entorpecem-na as lagrimas.

O Sempiterno as creou quando nossa primeira mãe nos converteu em réprobos: ellas servem, por ventura, ainda de algum refrigerio lá nas trevas exteriores, onde ha o ranger dos dentes.

Meu Deus, meu Deus!

—Bemdito seja o teu nome, porque nos deste o chorar.

Alexandre Herculano

JULIA

—

Julia, se um dia fôres banhar-me a campa
De lagrimas de dôr,
Nunca te esqueças que esse por quem choras
Morreu, morreu d'amor...

Vae, sim, que eu ahi mesmo congelado
Te hei-de ainda escutar...
Porque o amor que te tenho é tão ardente
Que não pode acabar!...

Ha muito já que anhelo, ó luz suave,
Acabar de soffrer!
Que importa a vida, se viver é triste?
Antes quero morrer!

Silva Mattos

AS CRUZADAS

—

(Conclusão)

No anno de 1212, cincoenta mil creanças foram mandadas pelos fanaticos a uma morte certa. Para as illudir, disseram-lhes que o seu triumpho seria infalivel porque Deus tira a sua gloria das creanças. Acompanhavam-as padres e mercadores, que tiveram a crueldade de as vender como escravos no Egypto.

A quinta cruzada, que foi commandada por André, rei da Hungria, em 1217, foi infructifera como as precedentes, em consequencia do desacordo que se estabeleceu entre os chefes. A sexta cruzada foi emprehendida em 1228 por Frederico II, imperador da Allemanha. Viu-se então um espectaculo muito singular. Frederico II, que tinha jurado ir combater os infieis, recusou-se a cumprir o juramento; o papa ameaçou-o com excommunhão. Partiu então; mas como se demorasse em Brindisi em rasão d'uma enfermidade, o papa pronunciou a sentença.

No anno seguinte Frederico embarcou-se para ir á Terra Santa; mas o papa excommungou-o de novo em consequencia de não se ter feito absolver da primeira excommunhão em antes de partir. Apesar do anathema pontificio, o imperador alcançou victorias importantes, chegando a declarar-se rei de Jerusalem. Mas a Palestina foi pouco depois invadida pelos persas que fugiam diante dos tartaros, e os europeus viram-se a braços com tão terriveis inimigos.

Foi então que Luiz IX, rei de França, tomou a cruz em 1248. O seu exercito desembarcou no Egypto e tomou Damietta.

A estada do santo rei n'aquella cidade alterou a disciplina das tropas; os christãos entregaram-se a scenas de devassidão. «Viam-se, diz Joinville, logares de prostituição até nas proximidades do pavilhão real.»

Apesar dos reforços que lhes levou

o conde de Poitiers, os cruzados viram-se cercados e esfomeados no seu campo fechado entre os dous braços do Nilo. Atravessando porém o rio, mesmo á vista dos inimigos, o rei santo alcançou duas victorias e praticou prodigios de valor na batalha de Massoure. Os sarracenos tiveram pouco depois a desforra. Como a fome e molestias contagiosas obrigassem o exercito real a dirigir-se a Damietta, os infieis atacaram-os no caminho, derrotando-os e matando um grande numero. O proprio rei, perigosamente doente, foi aprisionado junto de Massoure com todos os fidalgos do seu sequito e a flor do exercito.

Na prisão Luiz mostrou-se tão intrepido como no throno. Pagou pelo resgate dos seus companheiros oito mil besantes de ouro (cerca de cento e trinta contos de reis) e pelo seu entregou Damietta, concedendo além d'isso ao sultão uma tregoa de dez annos. Pensou então em voltar a França; mas sabendo que os sarracenos, em logar d'entregarem os prisioneiros, faziam morrer grande numero d'elles nos tormentos ao obrigal-os a mudar de religião, voltou á Palestina, onde ainda se demorou quatro annos, empregando esse tempo a fortificar e reparar as praças dos christãos e pôr em liberdade todos os que ainda estavam prisioneiros no Egypto. A morte de sua mãe, a rainha Branca, determinou-o a voltar á Europa.

A oitava e ultima cruzada marca o fim da occupação da Palestina pelos christãos. Kelaun, sultão do Egypto, e seu filho Khabil, acabaram d'expulsar os christãos; arrasaram as suas cidades, matando os habitantes ou reduzindo-os á escravidão.

A historia assignalou os resultados politicos das cruzadas. Se é fóra de duvida que ellas exaltaram por meio de guerras crueis e injustas, na Europa mesmo, o fanatismo dos povos, não se pode negar que contribuiram para o aniquilamento da feudalidade e foram um incentivo poderoso para o desenvolvimento do commercio e da industria.

OS ANDELLYS

—

E' uma cidade franceza, na provincia do Euro, com tres mil e quinhentos habitantes. Divide-se em duas partes, o Grande e o Pequeno Andelly.

O Grande Andelly foi originado d'um convento fundado por Santa Clotilde, mulher de Clovis, e o porto do convento sobre o Sena veio a ser o Pequeno Andelly.

Estas duas pequenas cidades foram muitas vezes devastadas pela guerra. Em 1119 deu-se não longe d'ali um combate em que Luiz o Gordo esteve a ponto de ficar prisioneiro.

Os Andellys fazem um commercio muito importante de trigo e tem fabricas de pannos e fiações de lan.

Nota-se nos arredores as ruinas do castello conhecido pelo nome de Chateau-Gaillard, celebre fortaleza construida em 1196 por Ricardo Coração de Leão.

EGREJA DOS ANDELLYS

ZIG-ZAGS

—

D. JOÃO III E O N.º 5

Este monarca foi o 15.º rei de Portugal, reinou 35 annos, casou em 1525 com a irmã de Carlos V, morreu de 55 annos e 5 dias, e seu 5.º filho finou-se tendo 5 annos de idade.

—

UM ALHO

Calino passeia em um cemiterio e depara com um tumulosinho onde lê o seguinte epitaphio:

Julio Z... que nasceu no proprio dia da sua morte.

—Pobre creança! exclama Calino contristado; se nasce no dia seguinte estava salvo.

—

EXPEDIENTE

—

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 6 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem, e outrotanto pedimos aos snrs. correspondentes em divida.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 60

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs. provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 20 DE OUTUBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

O CHLAMYDOSAURO

SUMMARIO

Texto:— O chlamydosauro — A inquisição em Portugal — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Minha terra (poesia) por Annes Baganha — O monumento da Batalha, mosteiro de Santa Maria da Victoria, por Alfredo Maia — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Os Estados Unidos — Os pampas — Do meio dia ás duas horas — Cidadelhe, por J. J. Gonçalves Pereira — A. B. (poesia) por Luiz d'Airó — Uma historia extraordinaria — Através da historia — Amor selvagem (poesia) por Nunes d'Azevedo — Os escocezes — Zig-Zags: Amor conjugal e generosidade d'alma — E' curioso — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— O chlamydosauro — A caça ao boi selvagem — Um escocez dos highlanders.

O CHLAMYDOSAURO

—

A Nova Hollanda é sem questão a terra mais extraordinaria do globo que habitamos. Ali nada se parece com o que ha no resto do mundo; dir-se-ia que a natureza obedece a outras leis organicas. As flores teem uma forma extravagante; as florestas de eucalyptos apresentam uma folhagem d'um branco azulado e transparente; povoam-as kangurus que não podem andar sem saltar, phalangeres, que, similhantes a esquilos, podem pelo menos saltar de arvore em arvore; mammiferos cujo corpo está coberto de pellos como as lebres, que tem patas como a lontra, o bico de pato e todos os habitos do rato do mar, mas cujos ovos são iguaes aos das aves; outros mammiferos que não trazem os filhos ao seio, como todos os outros animaes viviparos, mas que os dão á luz muito tempo antes d'estarem formados e que os collocam em uma especie de sacco membranoso, debaixo da barriga, onde aquellas pequenas massas disformes se desenvolvem. Não ha ali nada, nem mesmo os homens que habitam aquelle paiz celebre, que não tenha as suas forma, as côres e os caracteres totalmente differentes dos outros homens e dos outros objectos.

O lagarto de capuz, ou chlamydosauro, não é o menos extraordinario dos seres que habitam a Nova Hollanda.

O tamanho d'este animal é de cerca d'um metro; mas a cauda, cylindrica e delgada, coberta, assim como o resto do corpo, de pequenas escamas embrincadas, mede nada menos de duas terças partes d'aquella extensão. A côr é um arruivado vivo por cima, com listas transversaes mais claras e debruadas de cinzento. A face superior das patas de traz, assim como a ponta da cauda, é reticulada de escuro. Apresenta uma lingoa muito grossa, pouco elastica e um pouco bifurcada na ponta. Os dentes são fortes, numerosos e analogos aos da serpente. Cada pata tem cinco dedos, guarnecidos d'unhas robustas e um pouco arribitadas. O que este animal porém tem de mais singular é uma enorme goleira, de pelle delgada, coberta d'ambos os lados d'escamas occas e rhomboides. Esta especie de capuz é dentada em forma de serra na borda superior.

E' n'este ponto que os partidarios das causas finaes se encontram grandemente embaraçados, quando querem adivinhar para que este exquisito apendice pode servir ao animal. E' uma arma deffensiva, uma especie d'escudo, ou couraça, destinada a aparar os botes do inimigo? Mas essa goleira consiste em uma membrana assás delgada, incapaz de resistir a uma pancada, por leve que seja. Será simples adorno? Em tal caso seria bem mal cabido, de mau gosto e prejudicial ao andar se o animal não tivesse o cuidado de o deixar andar pendente adiante das pernas quando se move. Vejamos se, estudando os costumes do chlamydosauro, chegamos a atinar com o uso que elle pode fazer de tal objecto.

O chlamydorauso, como o lagarto commum, é inimigo declarado dos insectos alados, das moscas, borboletas, etc.; persegue-os na terra e por sobre as arvores, por toda a parte emfim onde os pode encontrar. Não tendo, porém, como muitos dos animaes da sua especie, uma lingoa comprida para os espetar, como o camaleão, por exemplo, vê-se na necessidade de desenvolver toda a sua agilidade para se apoderar do inimigo. Como não é grande trepador, porque lhe faltam as unhas muito enganchadas, e os dedos muito fortes, acontece-lhe algumas vezes, ao saltar d'um ramo para o outro, faltar-lhe um pé e cahir ao chão. Ora arrebentaria infallivelmente se a goleira não lhe servisse de pára-quedas. Mal sente perder o equilibrio, estende o corpo e adelgaça-o, ficando direito como uma bengala; encolhe os braços, une as pernas ao correr da cauda; abre a goleira e deixa-se cahir sem medo. O corpo serve-lhe de lastro; o ar entra por baixo do pára-quedas, sustenta-o e o animal desce docemente para o chão, balanceando-se ao sabor do vento.

(Continua)

A INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

—

Corria o anno de 1536 quando um frade, chamado Pedro Saavedra, natural de Cordova, se apresentou em Lisboa, munido d'umas bullas pontificias, que o diziam nuncio apostolico e encarregado pelo papa d'estabelecer em Portugal a inquisição, já arraigada n'outros paizes.

Ninguem suspeitou do engano, e todos, desde o rei até ao mais simples burguez, se curvaram diante de tão alto personagem, que, escudado com a auctoridade do papa, sabia bem quanto esse nome era de peso em um tempo em que a ignorancia e a superstição eram pasmosas. De facto, n'esse tempo, invocar o nome do successor de S. Pedro era o bastante para todos tremerem e obedecerem d'olhos fechados.

Estabelecido pois o tribunal da inquisição, Saavedra arvorou-se em inquisidor geral e nomeou os competentes empregados, executores da justiça pontifical, os quaes trataram desde logo d'arrastar victimas para os carceres, e os chamados christãos novos foram os primeiros contra quem se virou a sanha dos malvados. Saavedra, ardendo em santo zelo pela causa de Deus, fazia já os preparativos para o primeiro auto de fé, quando se descobriu que as letras pontificias eram falsas. Sabedor do facto, o papa Paulo IV enviou immediatamente por nuncio outro frade, Luiz Lippomano, encarregado de punir o atrevido hespanhol. Saavedra foi preso e posto a tormentos; mas como durante os oito mezes que durara a sua obra tivesse feito cousas realmente boas e meritorias para a religião (são as proprias palavras dos auctores seus contemporaneos) perdoou-se-lhe a morte, e quanto ao tribunal, como já estava creado, entendeu o nuncio que o melhor era conserval-o para gloria da christandade. E assim foi, e eis ahi como foi implantada entre nós tão repugnante instituição. (*)

Confirmado pois o tribunal da inquisição, obra d'um impostor como vimos, foi nomeado inquisidor geral o infante D. Henrique, arcebispo de Braga e irmão d'el-rei D. João III. Este principe não teve a coragem bastante para se oppor a tamanha monstruosidade; antes pelo contrario concorreu quanto pôde para que ella vingasse, e um caso talvez fortuito mais o animou no desejo d'ajudar a estabelecer a inquisição. Um louco, que logo toda a gente acoimou de hereje, entrou em uma egreja na ocasião em que o sacerdote celebrava a missa, e, approximando-se d'elle, tirou-lhe a sagrada hostia quando ia a consagral-a para a adoração. Esta impiedade sem igual foi, dizem, que moveu o rei a auxiliar o estabelecimento da inquisição, que julgou necessaria e indispensavel para conter no respeito devido á religião os mouros, judeus e inimigos

---

(*) Saavedra, julgado pelo proprio tribunal que tinha creado, foi condemnado a galés. Esteve desoito annos preso e foi perdoado por ordem do papa, que queria conhecer homem de tanto engenho.

O cordovez era habilissimo em falsificar firmas, e diz-se que havia, por aquelle meio, levantado grandes sommas em Hespanha.

Ha auctores que negam tudo isto e dão uma origem menos comica á inquisição em Portugal.

da religião catholica que infestavam este reino.

E' fora de duvida, porém, que D. João III não tardou a reconhecer o erro e a arrepender-se quando viu os actos de crueldade, as scenas de sangue e as atrocidades sem nome, que principiaram a revelar os fins sinistros do hediondo instituto. Chegaram a tal excesso as barbaridades dos inquisidores, que os ministros de D. João, justamente assustados das funestas consequencias que teriam para a prosperidade do estado, representaram ao rei que era necessario pôr-lhe termo; mas não se atrevendo o principe a romper abertamente com a côrte de Roma, potentado diante do qual todos os thronos vacillavam, dirigiu-se occultamente ao papa e obteve d'elle um breve de perdão geral para todos os individuos presos por motivos de judaismo (era assim que se dizia), pelo que os inquisidores foram obrigados, mau grado seu, a abrir as portas dos carceres áquelles desgraçados, que não eram poucos. Se tal foi porém o resultado da diligencia do rei de Portugal, o seu reinado não pode lavar-se da nodoa de ter sido n'elle que o primeiro auto de fé se effectuou em Portugal. Foi em um domingo, dia 20 de setembro de 1540, que Lisboa viu esse edificante espectaculo.

No anno de 1541 foi creado um tribunal em Coimbra, outro em Evora e outro em Goa no anno de 1561. O ultimo foi um dos mais sanguinarios de que ha memoria.

Os reis que succederam a D. João III occuparam-se muito dos seus proprios negocios para se importarem com as demasias dos inquisidores, cuja audacia, enfreiada um pouco com a bulla do perdão, alcançada por aquelle rei, em breve tomou toda a amplitude que os seus ferozes instinctos demandavam.

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

III

CHIMICA

(Conclusão)

As substancias vegetaes sujeitas á fermentação produzem, em circunstancias differentes, o vinho, que dá o alcool, ou os acidos aceticos conhecidos sob a denominação de vinagres.

Dos vegetaes obtem-se, além d'isso, os acidos seguintes: o acido benzoico, citrico, galhico, malico, oxalico, phosphorico, prussico, tartarico, etc.

Os bitumes são certos corpos que offerecem uma grande similhança com as resinas e oleos e encontram-se em logares subterraneos. A *naphta* é um fluido amarello e transparente, volatil, de gosto amargo e muito leve. O *petroleo* é uma especie de bitume, que se apresenta sob a forma liquida; mas torna-se solido pela exposição ao ar. O *azeviche* é tambem uma substancia bituminosa, que encerra bastante carbone. O carvão commum tem os seus constituintes bituminosos unidos a porções de carbonato de cal e sulphuretos de ferro.

As substancias animaes, apesar de conterem a maior parte dos principios notados no reino vegetal, offerecem differenças muito sensiveis na respectiva analyse.

A *gelatina*, ou *geleia*, empregada nas artes como colla, obtem-se abundantemente da pelle dos animaes.

A *albumina* é a substancia que geralmente chamamos clara d'ovo.

O *muco*, segundo os mesmos chimicos, é a substancia espessa encerrada na saliva; precipita-se pela addicção de nitrato de prata e mais perfeitamente pelo acetato de chumbo.

As *fibrinas*, ou partes fibrosas do sangue, tiram-se dos musculos dos animaes e obtem-se tambem pela agitação e a lexivia do sangue coagulado.

A *ureia* é uma substancia amarella crystalisada, com um gosto e cheiro particulares, a qual se extrae das ourinas.

A materia saccarina é um processo animal.

Os ossos são formados de cartilagem, gelatina e gordura, obtendo a sua dureza dos saes terrosos que encerram em grande quantidade. São o phosphato e o carbonato de cal e talvez uma pequena quantidade de magnesia.

As conchas são formadas de saes de cal, depositados sobre materia animal e dispostos em laminas.

Nos ossos ha excesso de phosphato de cal; mas nas conchas domina o carbonato de cal.

Os musculos e a carne dos animaes contem alumina, gelatina e extracto; mas consistem principalmente em fibrina.

A pelle divide-se em *epiderme*, ou pelle falsa, e pelle verdadeira. A primeira parece ser apenas formada por albumina coagulada, e a segunda, ou pelle verdadeira, é formada de gelatina.

O *spermaceti* encontra-se no craneo das baleias pequenas, cuja semente dá o oleo de baleia. A gordura d'alguns animaes, como o boi e o carneiro, torna-se uma substancia dura, ao passo que a do porco é muito mais molle.

A *medulla*, que está contida nos ossos grandes dos animaes, é um oleo animal de propriedade particular e que tem muitas similhanças com a manteiga.

Os cabellos apresentam-se sob tres formas differentes: penugem, lan e espinhos.

As plumas parecem ter a mesma composição que os cabellos; o tubo não passa d'albumina endurecida.

O sangue separa-se em duas porções, uma das quaes se chama *cruor*, ou fibrina, e a outra, que é a parte fluida, chama-se *serum*, ou sóro. O *cruor* contem fibrinas, que apparecem sob uma forma branca, solida e elastica, na lavagem dos tecidos; a materia corante do sangue, que durante muito tempo se julgou ser o ferro, é de natureza animal. O *serum* é um fluido de côr verde, que se coagula a 155° e divide-se em albumina e serosidade.

O sangue contem agoa, fibrinas, albumina, acido benzoico, hydro-sulphureto de amoniaco, soda, sub-phosphato de ferro, muriato de soda, phosphato de soda e cal.

A *bilis*, segregada na bexiga do fel dos animaes, é uma substancia de côr verde, atirando para amarello escuro; tem um cheiro especial e gosto acre. Encerra uma resina e uma substancia particular á bilis chamada *picromel*, substancia solida e branca, formada nos globulos e composta d'agoa e differentes saes, principalmente phosphato de cal, muriato, sulphato e phosphato de soda.

DOUTOR JAYME

MINHA TERRA

Como heide em terra estrangeira
Alegres cantos soltar,
Se a minha alma voa inteira
Para a terra do meu lar?

Terra do meu nascimento,
Ai! terra dos meus amores,
Onde escutam meu lamento,
Onde acolhem minhas dores.

Aqui não veem meus olhos,
Porque o pranto os embacia,
Senão espinhos e abrolhos
Nos jardins de Andaluzia.

Não é esta a minha terra,
Não é o meu Portugal,
Que tudo p'ra mim encerra
Quanto ha bello e divinal.

Não vejo na natureza
Mais encantos do que lá,
Nem na mulher mais belleza
Nas graças que a todos dá.

Como eu amo a minha terra,
Meu encantado jardim,
Que em 'spaço tão curto encerra
O universo para mim!

Adeus, terra nomeada
Por encantos sem igual;
Mais bella e menos cantada
E' a minha, é Portugal.

E' Portugal que eu adoro,
Portugal onde nasci,
Onde rio, canto e chóro,
Onde a morte me sorri.

Sevilha — ANNES BAGANHA

O MONUMENTO DA BATALHA

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

—

(Conclusão)

O templo tem a forma d'uma cruz.

O corpo principal é dividido em tres naves, por duas ordens de columnas d'uma altura descommunal, ficando a capella-mór na continuação da nave central e communicando com duas capellas lateraes, que são tambem o seguimento das outras duas naves.

A cruz é formada por duas grandes capellas fronteiras uma á outra.

Aos pés do altar-mór dormem em sepultura D. Duarte e D. Leonor, filho e nora do fundador da dynastia d'Aviz.

As sepulturas são cobertas por dois meios relevos, muito toscos, representando os felizes esposcs que em vida e morte quizeram ficar unidos.

Nas capellas e no templo algumas ossadas illustres tem ali atravessado os seculos; mas o que mais desperta a nossa curiosidade, são os tumulos de D. João I e seus filhos.

O pantheon que encerra os restos venerandos do illustre defensor dos portuguezes, do sabio fundador da dynastia, que nos tornou grandes no mundo, do chefe da raça mais distincta, que na sua epoca governava os povos, está em uma capella á direita de quem vae, proximo á entrada do templo.

Ali ninguem pode penetrar sem sentir-se involuntariamente dominado por um profundissimo sentimento de admiração e respeito!

Ali todos se curvam, venerando ainda os maiores capitães e afortunados politicos.

A' vista da sepultura de D. João I e sua mulher D. Philippa, dormindo um ao par do outro, sob um docel formado por oito gomos d'uma abobada, que outras tantas columnas sustentam, vigiados por quatro filhos, os maiores principes do seu tempo; quando se encara n'este grupo de sepulturas veneradas, quem é que deixa de sentir-se profundamente impressionado, pequeno em presença de tão grandes vultos e orgulhoso de pertencer a um povo, descendente de tamanhos heroes?

Quem é que subindo aos tumulos de D. João e D. Philippa para ver as suas estatuas em alto relevo, encarando d'ali as sepulturas de D. João, o esmoler-mór do reino, D. Henrique, o solitario de Sagres, D. Fernando, o infante santo, o captivo de Fez, e D. Pedro, o illustre viajante, o principe mais esclarecido do seu tempo e um dos homens mais profundamente eruditos da Europa; quem é que deixa de sentir um certo estremecimento de orgulho em ser portuguez?

Saindo d'ali, deixando a capella de D. João I, sente-se involuntariamente um grande desejo de olhar para traz e retiramo-nos com magua, por abandonarmos o logar onde ficam as cinzas de tão inclitos varões...

No claustro de D. João I, á esquerda do templo, ha já trabalhos d'um valor admiravel, pertencentes a D. Manoel.

Não é possivel relembrar aqui todas as bellezas do monumento; é estreito logar que nos reservam e pouco espaço nos resta ainda, se é que o encanto do assumpto nos não levou já a excedel-o.

E, todavia, preciso fallar da sala do capitulo, e como a sua porta dá para o claustro devemos visital-a agora.

Quem se abriga sob esta immensissima abobada, lembra-se logo do seu architecto, Affonso Domingues, para admirar ali quanto póde o seu genio artistico.

A sala do capitulo tem desenove metros de lado, sem uma só columna que lhe sustente a abobada.

Os corpos descriptos formam o todo completo, creado pelo architecto e mandado construir pelo gran-mestre, depois rei D. João I.

Outras edificações lhe foram acrescentadas, taes como o claustro de D. Affonso V; mas o mais notavel é o que hoje chamam capellas imperfeitas e que deviam communicar com a capella-mór do templo.

Eram sete capellas ligadas, formando, com o portico unico, um octogono, que devia fechar por uma abobada.

Este edificio isolado seria de uma sumptuosidade digna d'um rei *afortunado*; ligado, porém, ao monumento da Batalha desappareceria como uma insignificancia e iria tolher o effeito harmonico d'esta esplendida obra d'arte.

Saímos da Batalha quando a noite, envolvendo aquella parte da terra, cercava de trevas o monumento e não deixava distinguir as bellezas que o formam.

Só assim é que podemos quebrar o encanto que nos prendia e extasiava em contemplação d'aquella maravilha. Só assim e com que pena!

ALFREDO MAIA

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

XLVIII

OS ESTADOS UNIDOS

(Continuação)

Já em 1750 Turgot, em um discurso que ficou memoravel, predissera a emancipação da America. A Inglaterra, que parecia ciosa da prosperidade da sua colonia, quiz restringir-lhe o commercio; o parlamento votou em 1764 a famosa lei do sello. Era a primeira vez que as colonias ficavam sujeitas a um imposto directo. A indignação foi geral na America ingleza; mas todas as representações foram desattendidas. Foi então que os tres estados mandaram a Nova York representantes que traçaram a celebre declaração dos direitos. As colonias estavam fortes do apoio que achavam no parlamento, mesmo entre os membros da opposição. As assembleias coloniaes, dissolvidas pelo governo, foram substituidas pelas convenções. Por toda a parte se jurou não comprar mercadorias inglezas. Só o Canadá, a Acadia e a Florida ficaram estranhas ao movimento. O governo respondeu ás reclamações pela presença d'alguns regimentos.

O parlamento, assustado, aboliu os impostos estabelecidos e conservou só o do chá; mas os colonos não acceitaram esta meia satisfação e juraram combater pelo principio estabelecido.

Em 1773 a populaça de Boston atirou ao mar com uma carregação de chá; era uma declaração de guerra. Foi ordenado o bloqueio d'aquella cidade. As colonias responderam com a convocação d'um congresso geral na Philadelphia; os inglezes vingaram-se estendendo o bloqueio a todas as colonias. Não tardou a correr o sangue; formaram-se milicias americanas e em breve os colonos alcançaram a primeira victoria em Lexington, em 1775. Alguns dias depois o general Gage era cercado em Boston por trinta mil americanos.

A Inglaterra suppoz a falta d'união impediria a realisação da independencia; mas as circunstancias produziram um homem cuja prudencia e constancia salvariam a patria; foi George Washington. Em 1775 o congresso nomeou-o generalissimo e o novo chefe estreiou-se com a tomada de Boston em 17 de março do anno seguinte. Em 4 de julho o congresso proclamava a independencia dos Estados Unidos da America.

Entretanto a Inglaterra enviava cincoenta mil homens das suas melhores tropas. A causa da independencia estaria perdida se Washington, que não tinha mais de tres mil homens, não tivesse feito despertar a apathia dos seus concidadãos, organisando um forte exercito permanente. As victorias de Treuton e de Princeton mereceram-lhe o titulo de salvador da patria.

Em 1777 os inglezes tentaram concentrar a insurreição em um só ponto, envolvendo-a de todos os lados; mas os unicos resultados obtidos foi o prolongamento d'uma guerra que parecia interminavel. Foi então que Franklin foi mandado á França para impetrar de

Luiz XVI o reconhecimento dos Estados Unidos, e as suas negociações foram tão bem encaminhados que alcançou um tratado d'alliança offensiva e deffensiva e um tratado de commercio. Isto equivalia a uma declaração de guerra da parte da França. As adhesões da Hespanha e da Hollanda á politica franceza conduziram ás expedições maritimas, de que a Inglaterra sahiu sempre vencedora; mas a questão desviou-se do fim e parece que se tratava mais da liberdade dos mares do que da independencia da America. A Russia, a Suecia e a Dinamarca guardaram uma neutralidade armada. A Inglaterra, obrigada todavia a dividir as suas forças, não teve força bastante para continuar a lucta na America. A chegada de Rochambeau, com cinco mil francezes acabou de desmoralisar o exercito inglez, que não pensou em mais do que sustentar-se.

Depois da queda do ministerio North, em 1782, a Inglaterra resolveu-se a tratar. A França ganhou n'esta questão o direito de tornar a erguer as fortificações de Dunkerque, a Hespanha readquiriu Minorca e as duas Floridas e a Hollanda tomou novamente as suas colonias. Depois que a independencia dos Estados Unidos estava definitivamente reconhecida, Washington depoz os seus poderes. A republica desenvolveu-se com a formação de novos estados. A constituição federal de 4 de outubro de 1767 foi substituida pela de 1787. Washington teve a honra de ser o primeiro chamado para a presidencia. Sob o seu governo, as instituições desenvolveram-se e fortificaram-se de modo a assegurar para sempre a prosperidade da nação.

(Continua)

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

V

SALVA!

(Continuação)

Sabiam-me capaz de fazer o que dissera. Largaram-a. Chamei um dos officiaes, que de pistola na mão me substituiu junto do paiol, e corri a soccorrer a pobre mulher, que desmaiara. Levei-a para a camara e com o auxilio do cirurgião de bordo consegui a custo fazel-a tornar a si. Com grande surpreza minha e não menor alegria vi que ao tornar a si havia recuperado a rasão.

—Onde estou? exclamou olhando para nós admirada. Oh! que horrivel sonho tive! Meu Deus, já acabaria?

—Todas as suas desgraças acabaram, senhora, respondi eu. Aprouve a Deus que terminassem as dolorosas provações que lhe impoz.

—E' pois verdade! disse soluçando. Não, não é um sonho. Alonso! minha mãe! minha filha! todos morreram! Meu Deus, meu Deus! porque me não chamastes tambem para vós.

Julguei tornar a vel-a cahir na sua triste demencia; mas o abalo e o terror causados pelas ameaças e pelas violencias dos marinheiros tinham-lhe causado uma commoção salutar. Alguns cuidados bastariam para assegurar e fortalecer a cura.

Comtudo a convalescente continuava mergulhada em uma tristeza profunda, que apenas podiamos minorar. Demais, se por acaso se fazia qualquer allusão ao passado, era logo victima de ataques nervosos e de um delirio passageiro, que demoravam o completo restabelecimento. Seis mezes que esteve a bordo do meu navio fugimos cautelosamente de tudo quanto podesse commovel-a. A tripulação, tendo querido assassinar Margarida, que era ella, respeitava-a, estimava-a com paixão. Os marinheiros mais rudes davam-se por felizes de lhe agradarem. Por isso não quiz desembarcar no Brazil, nem deixar o navio, em quanto não terminou a viagem.

Voltei por fim a Lisboa e ahi teve de separar-se de mim e da tripulação. Entreguei-lhe então a caixa com dinheiro, que tinha achado na camara do navio abandonado.

—Esta caixa pertencia a meu marido, disse chorando. Pobre Alonso! que morte tão cruel!

Depois de restabelecida, era a primeira vez que fallava das suas desgraças.

Continuou:

—Ai! capitão; quanto soffri a bordo d'aquelle fatal navio! Ainda sinto que a rasão me foge só com a lembrança de tal infortunio.

—Sendo assim, senhora, fuja d'essa triste recordação.

—Não, não devemos assim repellir a saudade pelos mortos só porque é triste. Alonso! meu querido Alonso! Minha pobre filha!

Chorou e as lagrimas abrandaram-lhe o soffrer. Proseguiu:

—Encontrou-me louca e só em um navio cheio de cadaveres. E' terrivel, não é? Pois ainda não sabe, capitão, o mais espantoso da minha sorte. Escute-me, nobre e generoso amigo, e avalie as minhas desventuras.

Alonso tinha-me escolhido para mulher, quando eu era pobre, sem protecção e estava reduzida pela miseria a um mister humilhante e affrontoso. Servia

A CAÇA AO BOI SELVAGEM

OS PAMPAS

Dá-se este nome a umas extensas planicies que ha na America do norte, desde os Andes até ao rio da Prata. Cobrem-as vastas e densas florestas, agitadas por ventos violentissimos, a que os indigenas dão o nome de pamperos.

Os pampas estão largamente povoados de cavallos e bois selvagens, em cuja caça os gauchos se empregam constantemente.

Para um europeu a caça a um cavallo ou boi selvagem tem muitos e verdadeiros attractivos. E' uma d'estas caçadas que a gravura representa.

O boi selvagem da America é muito mais corpulento do que o da Europa; por isso a caça a este animal é muito mais difficil e semeada de episodios curiosos e divertidos.

de chamariz a um cabelleireiro. Tinha que soffrer a curiosidade estulta, insolente e grosseira da populaça. Alonso tirou-me d'essa desprezivel situação; deu-me o seu nome, fez-me rica, feliz, amada e foi para minha mãe filho terno e respeitoso. Avalie quanto amor e respeito lhe dedicaria eu; agora são só amargas saudades.

A fatalidade parecera cansar-se de perseguir-me e em compensação a fortuna felicitava-me de bens sem conta. O bem estar, sem restituir totalmente a rasão a minha mãe, alcançara-lhe momentos lucidos. Se não lhe curou o espirito, reanimou-lhe o corpo. Em fim, capitão, fui mãe. Mãe! comprehende que inebriante felicidade, que divinos extasis ha n'esta palavra? Ai! mal suspeitava então como as alegrias da maternidade podiam ser pagas com soffrimentos infernaes!

A minha filhinha tinha dous annos, e eu vinte, quando uma noticia inesperada se veio ajuntar a todas as venturas que possuiamos. Um parente arredado, que vivia no Mexico, legou ao meu querido Alonso consideraveis bens. Como elle ficou contente! Quanto a mim, não pude deixar de chorar, porque, dizendo-me que era mais rico, participou-me meu marido que devia partir para o Mexico.

(Continua)

CIDADELHE

(Conclusão)

Cidadelhe tem por orago S. Vicente. Quem fôr a esta aldeia, verá em toda a sua extensão que a natureza a adornou prodigamente. Tem dous aprasiveis logares, os quaes são Santa Sabina e Castello. O primeiro sobreleva a todos em formosura. D'ahi se avistam esplendidos quadros campestres e collinas, montes e valles, semeados de casas. Ao poente e sul descobre-se a villa de Mezão-frio, Villa-Marim e Barqueiros.

Circumvagando o olhar para o norte e nascente, vê-se a serra do Marão, com o seu enorme penedo, chamado Ermida, Sediellos, Moura-Morta, Oliveira, Cambres, Penajoia e a montanha de S. Domingos de Queimada, esbatendo-se no azul diaphano do ceo peninsular. Sob nossos pés, vê-se uma limpida fonte chamada do Cotto, que dizem ter dignidade contra a dôr de pedra.

O segundo é o Castello, do qual se disfructam as mesmas vistas. A denominação de Castello deriva-se das ruinas d'uma antiga fortaleza, que o coroam. A sua historia perde-se pelos meandros intrincados e confusos da antiguidade. Sabe-se apenas que era uma estação das tropas romanas quando vinham de Chaves para Amarante. Ao sopé d'este morro, está edificada uma ermida de S. Gonçalo.

Não se sabe quando foi edificada, nem por quem. Foi reparada em 1842 pelo povo, pois era grande o seu estado de ruina. Fazem-lhe a festa de annos a annos; mas no dia proprio ha sempre um grande arraial, quer haja festa, quer não.

Ao fundo d'esta aldeia vê-se a soberba ponte da Sermenha e a tres kilometros de distancia estão os famosos banhos do Moledo.

J. J. Gonçalves Pereira

A. B.

Porque foges do amor? O amor é bello,
E' a gotta que brilha na açucena
Por uma alva louçã, aurora amena,
A elevar para Deus o seu anhello.

O meu sonho ideal quizera tel-o,
Que é todo o meu prazer e a minha pena;
E' um juiz suave que condemna
N'essas formosas tranças de cabello.

Comtudo, como o cerro solitario
Que espera cada noute o lampadario
Que o vem illuminar do ethereo ceo,

Espero em cada dia que amanhece
Ver um raio de luz baixar, que desse
A paz a um coração que é todo teu.

Luiz d'Airó

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA

Era em uma povoação sem casas, situada nas illusorias margens de um rio secco, que nunca tivera agoa e cujo curso nunca ninguem conheceu, porque jamais o viram correr por meio das montanhas rasas, que não chegaram a erguer-se no meio da formosa paisagem que offerecem ao espectador ausente as escarpadas planicies que muito bem podiam existir, mas não existiam, por uma rasão muito simples, e é que nunca houve quem desse por ellas n'aquella povoação sem casas nem habitantes.

Ali, sem nunca ter residido, vivia meia familia, porque a outra meia, que devia ser formada pelos individuos que faltavam, ainda não tinha nascido, apesar de aquelles estarem esperando por estes desde o tempo dos affonsinhos.

Não se admire o leitor de successos na verdade tão extraordinarios como os que lhe estou contando. Isto aconteceu no anno de 1999, isto é, em fins do seculo que hade vir.

Felizmente esta familia, que ninguem conheceu porque só muitos annos depois devia existir, foi sempre muito desgraçada. Todos os seus negocios, que eram muitos, lhe corriam mal. Julgava-se que fôra praga que lhe rogara um primo em quarto ou quinto grao que morrera antes de vir ao mundo.

Os membros principaes da meia familia em questão eram D. Sempreviva, que nunca tivera pae, e uma filha que nunca tivera mãe. A casa em que habitavam sem nunca lá terem entrado, não tinha portas, nem janellas, nem tecto, nem paredes. E sem embargo, além das duas damas (esquecia-me dizer que a filha não tinha nome) moravam lá mais um cão, que tinha morrido alguns annos depois, um gato preto que nunca nascera e um papagayo, que fôra o mesmissimo que esteve dentro da arca de Noé, porque se havia afogado por occasião do diluvio.

Notava-se uma cousa singular, e era que a filha era mais velha do que a mãe, o que se não sabe se era porque a mãe fosse mais nova do que a filha; mas suppunha-se que era porque a filha tivesse nascido antes da mãe, pois não podia ser por modo nenhum porque a mãe contasse mais janeiros do que a filha, que nunca chegou a ser mãe. Servia a ambas um velho criado de vinte e cinco annos, que tinha enviuvado sendo solteiro e era gordo como um vime, e d'estatura colossal como um anão, cego d'uma perna e coxo d'um olho.

Uma noute muito tempestuosa, ahi por cousa das dez e as tres horas da madrugada, quando o sol allumiava o globo com todo o fulgor dos seus raios abrazadores no mez de julho, a neve cahia em torrentes, fazendo suar em bica os habitantes do logar onde jamais se viu viva alma, e foi no meio da maior escuridão sem ter candeia ao menos, que entrou sahindo o criado e chegando em muito segredo ao pé da dama sem nome, lhe disse com uma voz tão inteiramente apagada que ninguem ouviu o mais leve som, estas palavras, que vibraram aos ouvidos da dama como as badalladas do sino grande da Sé:

—Senhora, um homem desconhecido que não veio nem foi, que nunca vi nem verei, acaba de entregar-me esta carta com modos os mais mysteriosos e com uma voz de trovão surdo que me faria gelar o sangue nas veias se eu as tivesse, dizendo-me sem fallar que a nenhum ser futuro entregasse esta carta senão á senhora sem nome.

A joven terna como um boi corrido, amavel como um copo de fel e sensivel como a Serra do Pilar, abriu a carta, que não estava escripta em papel nem cousa que se lhe assimilhasse, e ninguem descobriria n'ella a sombra sequer d'uma letra humana, e leu em voz alta que lhe expirou na garganta estas palavras:

«Mulher sympathica! Um ser invi-

sivel ama-te com o peso do odio mais concentrado e inextinguivel. Ama-te com diabolica ternura e com a aversão mais profunda que jamais engendraram os seculos futuros em um coração vulcanico! Adeus.

Post Scriptum. Dentro de quatorze minutos espero-te junto á estação de Payalvo, ou morrerás se faltas! Juro respeitar a tua vontade até aos extremos da Extremadura se consentires em dar-me o teu coração feito em torresmos em paga d'este amor que Satanaz inspirou no dia em que te vi do alto do monte de Santa Catharina. Adeus! adeus! Espero-te, espero-te!

Nota Bene. Se o comboyo não parar em Payalvo, fica a entrevista aprazada para Maçãs de D. Maria, na noute seguinte áquella em que descarrilar o comboyo com passageiros e tudo.

Não faltes. Todo teu até á morte

Espirito invisivel

(Continua)

ATRAVÉS DA HISTORIA

—

I

EBBA

No periodo terrivel da reforma, o neto de Gustavo Vasa, Segismundo, reuniu as duas coroas da Suecia e da Polonia; mas seu tio, que se appellidou depois Carlos IX, não tardou muito em se declarar o mais implacavel adversario de Segismundo. Era este principe filho d'uma polaca e ardente partidario da religião catholica, que a Suecia tinha já abjurado durante o reinado de Gustavo Vasa.

Em epocas de luctas, de dissenções mais ou menos justificadas, apparece sempre um ou outro feito heroico, digno de passar á posteridade. N'esta guerra que ensanguentou a Suecia não faltou esse particular attractivo das grandes dedicações patrioticas.

O velho barão Fleming, governador da Finlandia, era um dos alliados mais dedicados a Segismundo; depois de ter combatido com a maior energia os finlandezes, que se haviam collocado do lado do duque, ia tomar a offensiva, quando a morte veio surprehendel-o. O seu cadaver foi transportado ao castello de Abo e collocado na capella, esperando que a paz tornasse possivel a trasladação para o tumulo de sua familia.

Ebba, viuva do Fleming, tomou então o commando das tropas e com uma energia igual á de seu defunto esposo, preparou o castello no estado de supportar um sitio. O seu exemplo anima a coragem dos soldados, até o dia em que o duque, detido na Suecia pelas sessões de uma diéta que havia convocado, desembarcou em frente do castello e começou o ataque. Ebba resistiu por mais de um mez, sendo finalmente obrigada a render-se, porque a indisciplina e desmoralisação começavam a manifestar-se nas tropas.

Não falta quem assegure que a traição não foi estranha áquelle desenlace.

Foi assim que Carlos se assenhoreou do castello d'Abo, fazendo ali a sua entrada em 30 de setembro de 1597; mas, receioso ainda de qualquer represalia, obrigou Ebba a recebel-o na ponte levadiça e a acompanhal-o por toda a parte.

Primeiro dirigiu-se á capella mortuaria. Tinha-se espalhado que Fleming vivia ainda e que o caixão estava cheio de ouro e valores. O duque fez levantar a tampa do caixão e pôde ainda contemplar os despojos mortaes do seu antigo inimigo.

Segundo consta d'uma tradicção popular, porque as tradicções acompanham sempre os feitos heroicos, o duque puxou pelas barbas do cadaver, exclamando:

—Se fosses vivo, não terias a estas horas a cabeça pregada aos hombros!

Ebba respondeu com a maior serenidade:

— Se o meu senhor e amo vivesse ainda, Vossa Alteza não entraria aqui.

Resposta nobre e digna d'uma heroina, que não podia contemplar sem assombro um ultraje de tal ordem!

Não diz a chronica qual foi o premio, e não importa, porque a posteridade consagrou o nome de Ebba no altar dos grandes heroismos, que serão sempre o assombro das gerações por vir.

AMOR SELVAGEM

—

Dizer que a idolatro— não revéla
A ideia singular do meu sentir;
—Seria nos crystaes tentar fingir
O quadro tenebroso da procélla.

Da lista das paixões fortes—aquella
Que mais força tiver, que mais rugir,
Não poderá jamais nunca exprimir
O que me faz sentir o vulto d'ella!

Sempre ao vêl-a louçã e rechonchuda,
Voluptuosa e nedia, qual tronchuda,
Eu desejo envolvel-a em môlhos crus;

E o instincto guloso do antropophago
Vem inflammar-me estomago e esophago,
Como se eu fôra—um filho dos macús.

NUNES D'AZEVEDO

OS ESCOCEZES

—

A Escocia forma, como se sabe, um dos tres reinos que compõem a Gram Bretanha. Divide-se aquelle paiz em duas partes: as terras baixas (Lowlandes) e as terras altas (Highlandes).

Nas terras baixas, ou Escocia meridional, a população é rica e commerciante; a lingoa que se falla é o escocez propriamente dito. A natureza e os productos do solo são pouco mais ou menos os mesmos da Ingaterra. O clima é mais agreste, mas mais são.

As terras altas, ou Escocia septentrional, são pouco povoadas. O terreno é montanhoso e arido; a lingoa que ali se falla é a gaelica, que é tambem a que fallam os aldeões irlandezes e na qual se encontram vestigios da antiga lingoa caledoniana. E' para notar que não ha d'ella manuscriptos anteriores á occupação romana.

Os primeiros habitantes da Escocia foram sem duvida da raça celtica. Os romanos que vieram pelos annos de 50 antes de Christo habitar a parte meridional da grande ilha Britanica, deram o nome de caledonianos aos povos que habitavam para além do Tweed. Pelo anno 80 antes de Christo, Agricola repelliu os indigenas até aos golfos de Forth e de Clyde. Adriano, quarenta annos depois, querendo resguardar o territorio romano das invasões dos barbaros, ergueu uma muralha, que ia desde o Tyne até ao golfo de Solway, e em 207, Septimo Severo recuou a mesma fronteira do Clyde ao Forth.

No principio do seculo IV, os habitantes d'além das muralhas foram chamados pictos pelos escriptores latinos. Mais tarde appareceram os scotes, tribu selvagem, d'origem celtica.

Estes dous povos occuparam a Escocia septentrional quando os romanos abandonaram a Gram Bretanha ahi pelo anno de 420.

Para expulsar os barbaros do outro lado da grande muralha, os bretões chamaram em seu auxilio os saxões e inglezes, em 449. Os escocezes, com o principe Fergus á sua frente, fixaram a sua residencia a oeste e nas ilhas visinhas, e os pictos ficaram com os lados de norte e leste.

Por meiados do seculo VI, S. Colombano levou o christianismo para aquellas terras, fundando um mosteiro, cujos religiosos sustentaram a egreja da Escocia independente de Roma até á idade media. Quando acabou a dynastia dos reis pictos, Kenneth II, rei dos escocezes, reuniu as duas partes do paiz, em 843, sob o nome de Scotland, sendo assim verdadeiramente o primeiro rei da Escocia.

Como não nos propomos traçar a historia da Escocia, diremos apenas que a sua anexação á Inglaterra data só de 1707, e passamos a fallar dos escocezes, fim principal d'este artigo.

O escocez é, por via de regra, um homem muito prudente e reflectido; mas, apesar d'este caracter que o approxima do inglez, distanceia-se muito d'este pelo genio alegre e franco. E' valen-

te e não ha meio de demovel-o facilmente de empreza em que se metta. Benevolo e affavel para com os estrangeiros, é ao mesmo tempo altivo, orgulhoso da sua raça e cioso do lar domestico.

E' especialmente no habitante das montanhas que se encontra o typo do verdadeiro escocez.

Os highlanders, ou montanhezes dos Highlandes, encerrados em um territorio quasi inaccessivel, cheio de matas e florestas sombrias, desfiladeiros e pastagens extensas, teem conservado ha longo tempo a vida e costumes patriarcaes dos seus antepassados, pois vivem separados por familias, ou *clans*, sob o governo d'um chefe chamado *laird*, ou *chief-tain*. O clan é uma especie de tribu, cujos membros usam do mesmo nome, precedido da palavra *mac*, que quer dizer filho. Estas associações quasi que desappareceram no seculo passado, e tendem a extinguir-se de todo á medida que a civilisação vae penetrando por aquellas montanhas.

Longo tempo fieis á causa dos Stuarts, isto é, dos seus legitimos soberanos, os highlanders representaram um papel muito importante nos inuteis esforços empregados pelos seus principes para rehaver a coroa usurpada pela Inglaterra, o que nunca viram realisado.

ZIG-ZAGS

AMOR CONJUGAL E GENEROSIDADE D'ALMA

Em desaggravo de offensas e damnos feitos ao rei de Melinde, antigo alliado da coroa de Portugal, pelos habitantes da cidade de Oja, situada na costa de Moçambique, os portuguezes foram pôr cêrco a esta cidade; deram-lhe assalto, tomaram-a, e deixaram-a, depois de saqueada, reduzida a um montão de ruinas. Succedeu no anno de 1507.

N'esta tomada da cidade de Oja, houve um episodio digno de memoria, pela acção generosa de um nosso compatriota.

No mais rijo ataque á praça, um mouro nobre, julgando perdida a cidade, tentou fugir d'ella, salvando sua esposa. Quiz, porém, a sua má estrella, que, ao sahir da praça, fosse encontrar-se com Jorge da Silveira, que, com outros companheiros, ia por ali fazer uma diversão ao inimigo. O mouro, medindo toda a grandeza do perigo, decide-se a dar a vida pela mulher, que amava ternamente. Dizendo a esta que fuja, emquanto elle combate e entretem

UM ESCOCEZ DOS HIGHLANDERS

os inimigos, arremette valorosamente com os portuguezes.

A lucta não podia ser mais desigual, sendo apenas um contra tantos. Mas esse campeão do amor conjugal combatia com tanta bravura, dirigia-lhe o braço um impulso de tamanha raiva e desesperação, que, por alguns momentos, fez jorrar o sangue dos seus contrarios, sem que alguem conseguisse tocar-lhe. Porém esse esforço não podia durar muito. Aquelle valente braço começava a afrouxar, e já as espadas, que por todos os lados o acommettiam, iam, emfim, traspassal-o, quando a esposa, que, em vez de fugir, ficara espectadora da lucta, arremessando-se de improviso no meio dos combatentes, abraça-se ao marido, não para o salvar, que seria loucura pensar em tal; mas para que o mesmo ferro a ambos arrancasse a vida. Então Jorge da Silveira, admirado e commovido com esta scena de tão extremoso affecto, suspende o furor dos seus, e sentindo converter-se-lhe no peito o odio e a ira em compaixão e clemencia, premeia tanto valor e tão sublime dedicação conjugal, concedendo aos dous esposos a vida e a liberdade.

Assim se viram praticadas, n'este curto episodio, tres nobilissimas acções. Os dous conjuges, no meio da catastrophe, que lhes destruiu todos os seus bens, foram em busca de outro asylo, alegres e bemdizendo do seu libertador. E Jorge da Silveira, possuido de intima satisfação pelo bem que fez, viu aquelle seu rasgo de generosidade applaudido e justamente encarecido por todos os seus camaradas.

E' CURIOSO

(COPIA)

Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda, 1.ª Secção.

Constando a S. M. a Rainha que, apezar da insinuação feita aos empregados Civis, dependentes d'este ministerio, para não uzarem de— Bigode— continuam alguns d'elles a pratical-o, em contravenção do que lhes foi recommendado:

Manda a Mesma Augusta Senhora pela Secretaria d'Estado dos Nogocios da Fazenda, q... faça constar aos seus subordinados que achar comprehendidos n'esta desobediencia, que, caso continuem, incorrerão na pena de suspensão dos respectivos empregos, pelo tempo q. S. M. houver por bem. Paço de Belem 2 d'abril de 1846— Conde do Tojal.

EXPEDIENTE

Com um dos seguintes numeros serão distribuidos aos snrs. assignantes, gratuitamente, o frontispicio, indice e capa do 1.º volume.

Já se acha reimpresso o numero 6 d'este semanario. Podem reclamal-o os cavalheiros a quem elle falta.

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o favor de nos embolsarem, e outrotanto pedimos aos snrs. correspondentes em divida.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 61

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 27 DE OUTUBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

A' PROCURA DO OURO

SUMMARIO

TEXTO:— Ao redor do mundo sem sahir de casa: A California — Do meio dia ás duas horas — A' mulher (poesia) por Francisco Seara Junior — A inquisição em Portugal — Alda, por Costa Goes — Através da historia — O aloes — Bibliographia — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Um theatro particular (excerpto) por Manoel Roussado — A' visão (poesia) por Abel Accacio Moutinho — O chlamydosauro — Uma historia extraordinaria — Um castello antigo, por J. da Silva — Zig-Zags: O luto e as côres — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— A' procura do ouro — O aloes — Um castello antigo.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

XLIX

A CALIFORNIA

A capital dos Estados Unidos é Washington, cidade de 62:000 habitantes, edificada sobre o Potomac, a cerca de 400 kilometros do mar. Como todas as cidades dos Estados da União, Washington é de creação recente; é regular, bem construida; mas o numero das casas não corresponde á sua extensão. E' sede do congresso e residencia do presidente. Nota-se entre os edificios o Capitolio, situado no centro da cidade, em um ponto elevado e construido de pedra que imita o marmore. E' ali que se reune o senado, a camara dos representantes e o supremo tribunal. Arsenaes de artilheria e de marinha, fundição de canhões, estaleiros, etc. Industria activa e muito extensa. Esta cidade foi fundada em honra de Washington em 1792; os inglezes tomaram-a e saquearam-a em 1812.

As cidades notaveis depois d'esta são: Nova York, denominada a cidade imperial, a primeira cidade americana em rasão da população, commercio e

riqueza; é um porto excellente e notam-se ahi magnificos monumentos, entre elles a casa da camara, e passeios lindissimos; população, 1 milhão de habitantes; Boston, com os seus immensos arrabaldes; é o berço da liberdade americana e patria de Franklin; Philadelphia (817:000 h.), terra industriosa e commerciante; Baltimore (267:000 h.), vasto mercado de farinhas e porto celebre; Albany, Rochester, Chicago, quasi destruida em 1873 por um incendio espantoso; Nova Orleãs (190:000 h.), fundada durante a regencia do duque de Orleãs; o terreno sobre que assenta foi cedido por Napoleão I aos Estados Unidos. A posição d'esta cidade para o commercio é excellente; o rio immenso que a banha e que recebe as agoas d'uma grande parte da America septentrional desemboca ao norte do golfo do Mexico. Centos de vapores navegam no Mississipi ou nos seus afluentes. Charleston, Natchez, Brooklyn, com 500:000 h., S. Luiz (40:000 h.), centro do commercio da Nova Orleãs com o resto dos Estados Unidos; Cincinatti (216:000 h.); S. Francisco, nas visinhanças das minas d'ouro; Richmond, que foi a capital dos estados do sul quando estes, em 1861, em numero de onze, quizeram sahir da União; Sacramento, capital da California.

Ha poucos annos ainda a população da California não passava de grupos d'homens pallidos, rotos, repellentes, encarniçados a cavar, a revolver as entranhas da terra, a crivar a areia, a quebrar os rochedos, a procurar emfim a riqueza que lhes devia dar a felicidade. Mas a maior parte d'esses desgraçados morriam de fome, succumbiam de fadiga, ou cahiam sob o golpe do punhal do invejoso, sem que uma lagrima, uma saudade, os acompanhasse ao tumulo. Mais felizes, alguns trabalhadores encontravam pedacinhos d'ouro, que elles denominam *pepitas*, ou ouro em pó, em quantidade tamanha, que eram uma verdadeira fortuna; mas tão desgraçados como os outros, iam perder em algumas horas o fructo de annos de um trabalho insano, nas casas de jogo de S. Francisco.

Hoje a California tomou um aspecto mais regular. Os trabalhadores comprehenderam a necessidade de se submetterem ás leis e o que outr'ora não passava d'uma reunião d'aventureiros tornou-se um estado importante, submettido á União americana. Comprehendeu-se que, se o ouro é uma riqueza, é porque se admitte como representação d'outras riquezas, d'outros productos, mas que perderia o valor quando os valores da troca lhe faltassem. Aquella população avida, infatigavel, intelligente, não se limitou a pedir ouro á terra; revolveu-se esta com methodo e creou-se na California a verdadeira riqueza, a riqueza agricola, ao mesmo tempo que o commercio regular veio restabelecer o equilibrio entre o preço de todos os productos.

A California tem uma superficie de 100:000 kilometros quadrados e uma população de 560:000 habitantes, francezes, allemães, hespanhoes, chinezes, americanos, indios, etc.

As minas d'ouro que deram a celebridade a este paiz foram descobertas em 1848. Até 1852 o producto das minas subiu a 22 mil contos de reis.

A legislatura americana designou seis portos como logares de desembarque, com os seus fiscaes e alfandegas. São: S. Francisco, onde estão sempre ancorados mais de seis centos navios, Sacramento, Monterey, San-Diego, Benicia e Stockton. Em 1849 uma convenção se reuniu e formou uma constituição, e em 1856 a California foi admittida como um estado na União federal.

(Continua)

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

—

V

SALVA!

(Continuação)

—Ai! é uma separação, uma prolongada separação que annuncias, meu querido! exclamei eu.

Elle replicou com ineffavel ternura:

—Uma separação, Margarida, uma separação! Eu! deixar por um momento a mulher, que tanto do coração amo; deixal-a e separar-me da minha filha! Nunca! Tenho meios bastantes para fretar um navio só para nós. N'elle reuniremos todas as commodidades, todas as precauções para minorar as fadigas e privações de uma viagem demorada. Partiremos, Margarida; mas havemos de partir com tua mãe e nossa filha. Visitaremos esses formosos paizes que nos são desconhecidos. Se os preferirmos á Europa, lá ficaremos vivendo; se tiveres saudades de Portugal, regressaremos logo a Lisboa. Que dizes a estes planos, Margarida; agradam-te? Porque se te custassem uma lagrima ou um pezar, não pensariamos em tal; a herança receber-se-ha bem ou mal, pouco importa.

Abracei Alonso com a ternura que tão grande amor merecia e um mez depois fazia-se á vela do porto de Lisboa um navio que tinha o meu nome, *Margarida*.

VI

A PARTIDA

O unico incidente triste da partida foi o desapparecimento d'um marinheiro quando iamos levantar ferro. Era tanto mais para admirar, que o marinheiro havia tres dias que tinha vindo viver para bordo. Por isso se acreditou antes em algum desastre, do que em deserção; suppoz-se que o infeliz tinha cahido ao mar sem se dar por isso.

Os primeiros dias da viagem passaram-se com uma tranquilidade e ventura, que nem eu sei dizer. Até o enjoo nos poupava. Minha filha brincava alegremente e muito gostava de ver as manobras e os movimentos dos marinheiros. O ar vivo do mar parecia reanimar minha mãe. Alonso passava os dias assentado ao pé de mim, lendo os nossos queridos poetas.

No terceiro dia de viagem o cirurgião do navio fallou em segredo a meu marido e parecia assustado. Não ouvi o que disseram; mas notei que o rosto de Alonso se contraía e empalidecia. Levantou-se apressado, sahiu com o cirurgião e deu ordens a dous ou tres marinheiros. Cumpriram-as estes com repugnancia. Tinha-se achado no fundo do porão o cadaver do marinheiro, que desappareceu na occasião da partida, e por ordem de meu marido deitaram o cadaver ao mar.

Foi o que me disseram; mas só era uma parte da verdade. A tristeza sombria de meu marido fez-me conhecer que me escondiam alguma noticia assustadora.

No dia seguinte cahiram doentes os quatro marinheiros, que tinham tirado do porão o cadaver do seu companheiro. No outro dia tinham morrido.

Depois adoeceu e falleceu o cirurgião. Alonso não pôde continuar a esconder-me a horrivel verdade; tinha-se declarado a peste a bordo. Fôra trazida pelo infeliz marinheiro que morrera no dia da partida.

Para maior infelicidade estava um calor ardente; o sol calcinava o navio e augmentava a intensidade do medonho flagello. O capitão, o immediato e outros officiaes de bordo morreram uns atraz dos outros; já não havia quem desse direcção ao navio, que vagueava ao sabor do vento e das ondas.

Comtudo a peste tinha até ali poupado minha mãe, meu marido e minha filha. Apesar do cheiro insuportavel de tantos cadaveres accumulados, nenhum dos symptomas da mortifera doença se manifestara na minha familia. Uma manhã pareceu-me minha mãe inquieta; levava afflicta as mãos á cabeça e fallava com febril vivacidade; depois cahiu em um abatimento profundo e meu marido levou-me á força da camara. Havia mais um cadaver a bordo.

A todo o momento espreitava anciosa o rosto de meu marido. Uma tarde veio para junto de mim, fraco e mal podendo suster-se. Estendi-lhe a mão para amparal-o; mas disse-me por signaes que não me approximasse; mos-

trou-me nossa filha e cahiu. Arrojei-me sobre elle, cobri-o de beijos, tentei reanimal-o: estava morto.

(Continua)

A' MULHER

Rosa de Jericó, bella deidade,
Primor da natureza;
Eu admiro em ti, da Divindade
A suprema grandeza!

Curvando-me perante a perspectiva
De teu corpo gentil,
Equiparo-te á mais formosa diva,
Cheia de graças mil!

Se te contemplo, sinto-me enlevado
Ante o teu esplendor!
Com grande profusão lib'ralisado
P'la dextra do Senhor!

E vendo n'esse teu bello conjunto
De Phidias o cinzel,
Creio-te o mais grato e fiel transumpto
Da virgem de Raphael!

Se medito na altissima missão
Que vieste a cumprir,
Tendo só por futuro galardão
De agra dôr o pungir;

Julgo-te archanjo que dos ceos baixaste
A este vil tremedal;
Cuja senda d'espinhos encetaste,
Como ente angelical!

Embora a glacial philosophia
Te venha escarnecer,
Recusando-te em sua alma sombria
Doce culto, mulher;

Embora o regelado scepticismo
Te negue adoração,
E o duro e calcinado pyrrhonismo
Te esmague o coração;

Tu és a mais sublime creatura
De Deus predestinada,
P'ra a vida suavisar-nos, d'amargura
E d'abrolhos juncada!

Teus meigos risos são manancial
De ventura infinita,
Que alimentam a chamma divinal
Que em nossa alma crepita.

As tuas seductoras expressões
De affecto repassadas,
Nos elevam a ethereas regiões
E a estancias douradas.

Que fôra a vida sem o mór portento
Da fertil creação?
Sem o ser que nos dá benigno alento
A' mais doce affeição?

Fôra deserto solitario e immenso
Sem oasis confortavel,
Em que sentiramos desejo intenso
E sêde insaciavel.

Fôra uma noite tenebrosa e escura,
De longa duração,
Onde nem um vislumbre de ventura
Nos scintillasse então.

Mil vezes f'liz, mulher, quem n'este mundo
Te sabe comprehender!
Que as lagrimas convertes em fecundo
E suave praser!

Que importa que Boileau e Juvenal
Te vibrem dura setta,
Se ha em tua figura esculptural
A inspiração do poeta?

Se em Petrarcha tiveste um dos cantores
Em te cantar feliz?
Se Bernardim sentiu castos amores
P'la sua Beatriz?

Que importa que algum genio pifio intente
Empanar teus encantos,
Se Milton te exaltou bem eloquente
Em seus divinos cantos?

Mulher, perdoa as satyras pungentes
Da fraca humanidade:
Que, humanada por ti, dos ceos ingentes
Desceu a Divindade.

E aceita-me esses carmes tão singelos
Da minha debil lyra;
Grata expressão de sentimentos bellos
D'esta alma que suspira.

Não tem as melodias de Amphião,
Nem do sublime Orpheu;
Mas são filhos d'um terno coração
Como o do triste Alpheu.

Francisco Seara Junior

A INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

(Continuação)

Succedeu a perda de D. Sebastião em Africa, onde uma devoção exagerada e o espirito cavalleiresco o levaram a sepultar a coroa e a flor da nobreza do reino, e o resultado d'essa grande loucura foi entregar Portugal nas mãos dos castelhanos, que de ha muito nos cobiçavam.

O dominio hespanhol, tão funesto a Portugal, só foi vantajoso á inquisição. Filippe II, que a protegia altamente em Madrid, guardou-se bem de a destruir em um reino conquistado, que elle se propunha opprimir. Assim, Portugal, elevado ao maior grao de poder quando subiu ao throno D. João III, em poucos annos viu offuscar-se aquelle lustre que lhe legara o rei venturoso. Filippe II e a inquisição rivalisaram em esforços para amontoar calamidades sobre este reino. Esta queimava os homens em nome de Deus; aquelle roubava-os em nome da lei. Se alguns nobres, por suas riquezas, eram suspeitos de ter credito na nação, sem outro exame eram logo declarados herejes pelos inquisidores e traidores por Filippe II; se fugiam para salvar a vida, eram confiscados os seus bens, unico motivo do crime que lhes imputavam, unico objecto das perseguições que lhes suscitavam os seus cobiçosos verdugos. Todos os empregos, todos os logares da magistratura, todos os governos foram postos em mãos estrangeiras; aos portuguezes só se deixou o encargo de pagar os pesados tributos, que em breve deixaram exausta a nação.

Mas esta acordou emfim, passados sessenta annos de cruel tyrannia, do lethargo em que jazia sepultada, e, quebrando os ferros que heroicamente supportara, conquistou a sua independencia, pondo no throno d'Affonso Henriques um rei portuguez.

A inquisição é que não perdeu nada nos instinctos sanguinarios com a mudança de dynastia. Os reis castelhanos tinham-lhe dado uma auctoridade, que não era possivel conter.

D. João IV, a quem não eram estranhas as iniquidades do abominavel instituto, pensou sem duvida em abolir o infame tribunal, e se não teve a coragem sufficiente para o abolir de facto, pensou dar-lhe um golpe mortal mandando que não fossem mais confiscados os bens aos condemnados da inquisição. Elle sabia que a cobiça era o movil das perseguições que o Santo Officio movia á maior parte das suas victimas; conhecia que ali não havia nada de religião, nem de piedade, nem de justiça; pensou que, cerceando os rendimentos d'aquella turba esfaimada, cavava a ruina do nefando tribunal. Mas enganou-se redondamente. Os inquisidores reagiram e queixaram-se secretamente para Roma, obtendo do papa uma bulla, determinando que as confiscações continuassem, apesar da declaração do rei, e acabando por excommungar todos os que se oppozessem á execução d'este breve.

A excommunhão era n'aquelles tempos a arma favorita de Roma, e como os reis tremiam diante d'ella!

Munidos do breve pontificio e senhores do triumpho, antegosando até as delicias d'este, escolheram para mais insolencia os infames uma ocasião em que podessem manifestal-o com estrondo, e para isso esperaram o dia em que o rei recebesse na cathedral a communhão pascal. Ali, reunidos os frades, e no momento em que o rei acabava de receber a hostia, um d'elles, tomando a palavra, lhe rogou permittisse que em sua presença e diante de toda a côrte e povo, ali juntos, se fizesse a leitura d'um breve que Sua Santidade lhes tinha dirigido.

Ouviu el-rei com attenção a leitura do breve, e, concluida, perguntou a favor de quem deviam reverter as confiscações.

—A favor do rei, respondeu o inquisidor.

—Pois visto ser assim, tornou D. João, para mostrar ao papa o profundo respeito que lhe consagro, consinto que confisqueis os bens d'aquelles que prenderdes, comtanto que se faça d'elles um inventario exacto; mas como posso dispor do que é meu, segundo me aprouver, declaro desde já que d'elles faço doação aos accusados e suas

familias, e espero que lhes sejam fielmente restituidos, seja qual fôr a pena que julgueis conveniente impor-lhes.

Os inquisidores furiosos, mas confusos, não ousaram insistir com medo de se trahirem. Elles ficavam sem recurso a Roma, pelo respeito, ao menos apparente, de D. João para com o papa. Foi-lhes pois necessario obedecer, e em todo o reinado d'este principe se entregaram constantemente os bens confiscados, ou áquelles a quem o tinham sido, ou a seus legitimos herdeiros.

Por morte de D. João IV renovaram os inquisidores toda a sua insolencia, e entraria em duvida o excesso a que aquelles homens ousaram leval-a se a historia não referisse o facto que vamos citar.

Era casado D. João IV com D. Luiza de Gusmão, princeza celebre pelos seus talentos e animo varonil, com que algumas vezes o aliviou do peso da coroa e cujo espirito o dirigiu por mais d'uma vez em algumas d'aquellas circunstancias difficeis que offerecem as mudanças de dynastias. Foi ella que com alma elevada e generosa fixou a incerteza de seu esposo, quando os conjurados lhe propuzeram a coroa.

—Acceitae, D. João, lhe disse D. Luiza; excellente cousa é morrer como rei, ainda que não seja senão por um quarto d'hora.

(Continua)

ALDA

—

(Conclusão)

EPILOGO

Para rematarmos o quadro que nos propozemos descrever, transcrevemos um escripto que Alda legou a seu pae.

Diz assim:

«Quando minha mãe me embalava no berço da innocencia, eu a sorrir-lhe e ella a acariciar-me, mal imaginava o futuro que me estava predestinado. Eu era o seu enlevo, ella o unico ente a quem eu confessava os meus soffrimentos, e as minhas alegrias. Se ella chorava, eu sentia orvalharem-se-me as faces; se ria, tambem em meus labios despontava um sorriso. Os meus sentimentos eram a copia fiel dos que se abrigavam no coração d'aquella santa. Eu fui crescendo; o horisonte que me cercava era limpido e sereno; o sol que me aquecia era brilhante; os bafejos que me acalentavam eram ternos, eram os de minha mãe!

Vivia, portanto, feliz; nem uma nuvem sequer toldava o puro anil do meu ceo.

Um dia, minha mãe achou-se doente e ficou no leito. Eu velava junto d'ella; nem um momento a abandonava. A doença augmentou, os soccorros medicos foram inuteis. Minha mãe morria e deixava-me com dez primaveras passadas entre sorrisos! Na sua hora extrema, pediu-me para chegar junto d'ella e disse-me quasi com a voz extincta:

—Tu que tens sido tão minha amiga, far-me-has um favor, o ultimo favor que te pede tua mãe. Se acaso teu pae algum dia te quizer unir pelo matrimonio, ou mesmo se tu te apaixonares por algum mancebo, pedia-te eu, a moribunda, para repudiares o casamento. Quando tu nasceste, eu pedi á Virgem com mais fervor do que nunca, que me auxiliasse, e ella ouviu-me. Prometti-lhe d'ires para um convento, a tua vida da-l'a em favor da Virgem. E' o que te peço. Nunca, porém, revelles este segredo a teu pae. E confessar-lhe-has as tuas ideias, sem que elle ouse suspeitar quem t'as incutiu.

E morreu! Chorei, chorei muito por aquella santa, que morreu contente por eu lhe jurar que cumpriria o seu pedido. Eu era ainda muito nova; mas sabia comprehender a sublimidade de aquelles actos como pessoa já experimentada.

Decorreram os tempos. O horisonte que me cercava escureceu um pouco desde que aquelle fatal golpe me veio ferir. Meu pae consolava-me; Henrique, que era um rapaz da minha idade, fazia tambem por distrahir-me. Algumas vezes andava alegre, outras infundia o pensamento no passado, e chorava.

Assim se passaram dez annos. Depois, meu pae quiz casar-me com Henrique, e o mancebo apaixonara-se bastante por mim. Confessando o que me dizia o coração, eu tambem amava Henrique; mas o juramento que tinha feito impedia-me totalmente de o fazer. Vezes sem numero, disse a meu pae que me julgava feliz se entrasse na clausura; não me dava ouvidos. Queria que eu casasse, porque só no casamento via a minha felicidade. Henrique desejava-o tambem ardentemente.

Por fim, vendo-me forçada a quebrar o juramento, disse impetuosamente que não amava Henrique. Louco de amor, o mancebo fugiu. Temi muito o seu destino. Ainda que se procurasse, ninguem soube dar relações d'elle. Soffri, então, mais que nunca. Tinha sido eu a causadora da desgraça d'aquelle rapaz, sem o querer, porque eu amava-o muito; menti-lhe dizendo-lhe que lhe era indifferente, porque a consciencia bradava-me a todos os momentos que não devia perjurar minha mãe!

Era um soffrimento duplo; mas um soffrimento que o destino me legara. Nunca confessei este segredo a ninguem; escrevo-o agora para que os que na terra me viram soffrer, saibam a causa do meu soffrimento!

Costa Goes

ATRAVÉS DA HISTORIA

—

II

ZISKA

No anno de 1415 foi queimado vivo em Constança, por um acto de perfidia só proprio dos tempos em que o fanatismo subjugava todos os outros sentimentos, o heresiarca João Huss, que havia ido defender-se, por ordem do rei da Bohemia Wenceslao, no concilio que em Constança se constituira para o mesmo fim. Similhante attentado sublevou toda a Bohemia contra o imperador Segismundo e a egreja romana, e foi origem da guerra chamada dos hussistas, que durante mais de cincoenta annos fez tremer Roma e a Allemanha.

A' frente dos bohemios revoltados poz-se um homem de trinta e cinco annos, por nome João de Troczuow, mas mais conhecido pelo appellido de Ziska, que queria dizer cego, ou zanaga, porque em creança, brincando com uns companheiros, ficou sem um olho.

Ziska occupava o cargo de camarista do rei quando teve logar o supplicio de João Huss, e, indignado por aquelle attentado infame, poz-se á frente dos povos revoltados, indo intrincheirar-se em um campo fortificado, denominado Tabor, d'onde veio o nome de *Taboristas* aos bandos de revoltosos, pelo qual tambem são conhecidos na historia.

Em 1419 o exercito de Ziska apoderou-se de Praga, atirou os senadores pelas janellas fora, segundo o uso do paiz, e recusou reconhecer como successor de Wenceslao o traidor Segismundo, derrotando-o em onze batalhas successivas.

O culto catholico foi supprimido na Bohemia: quinhentas e cincoenta egrejas e conventos desappareceram e um grande numero de padres e religiosos foram immolados ao furor do povo armado e destemido.

Ziska perdeu o outro olho no cerco de Raby, em 1419. Mas isso não o impediu de continuar a batalhar e a vencer, batendo-se de dia e de noute, porque não havia distinção para elle, e em caso de necessidade mandava lançar o fogo a uma povoação para allumiar os combatentes, dizia elle na sua lingoagem rude.

O genio da guerra poupou o valente e corajoso caudilho; mas a peste arrebatou-o em 1420. A' hora da morte ordenou aos seus soldados que da sua pelle se fizesse um tambor para que ainda a recordação do seu antigo chefe os guiasse á victoria. Além d'isso, Ziska deixou aos boemios cantos de guerra, que respiram uma profunda fé religiosa, um patriotismo ardente e uma ener-

gia selvagem, qualidades estas que constituiam o caracter d'aquelle heroe.

O ALOES

A especie que a gravura representa é o chamado *aloes arborescens*, cuja haste tem cerca de tres metros d'altura. E' a arvore vulgarmente chamada azevre. As folhas cercam o tronco; são recurvadas para fóra, bordadas de dentes com espinhos e d'um verde escuro. Ao redor d'aquelle exemplar estão representadas outras especies. N'estas não ha haste; as folhas partem immediatamente da raiz.

E' a esta fórma notavel, muito mais do que á belleza, que o aloes deve a attenção curiosa que excita. O seu porte e aspecto affastam-se muito dos outros vegetaes, surprehendem e attraem os olhares nos jardins destinados ás plantas d'ornato, e comprehende-se pelo que fica dito como era que lhe prestavam culto os mahometanos e sobretudo os egypcios, que empregavam aquella arvore nas festas religiosas em testemunho da grande estima que lhe ligavam.

Os viajantes fallam a miude de aloes enormes, que fornecem a certos povos, e especialmente aos mexicanos, os objectos indispensaveis para quasi todas as necessidades da vida, como traves, barrotes, taboas, vestidos, camas, macas, cordas d'arcos, linhas para a pesca, papel, vinho, vinagre, mel, etc. Mas o que nos parece é que a gloria de produzir tudo isto, estas cousas na verdade tão uteis, pertencia mais a uma arvore que se approxima muito do aloes, que é a agave, com a qual durante muito tempo confundiram o aloes. Comtudo tambem não é da agave, mas d'uma especie chamada calumbac, que ha na Cochinchina, que se fazem escrivaninhas, estantes e rosarios, que se tornam notaveis por um cheiro forte e muito agradavel.

Esta arvore é bastante rachitica, cheia de nós e dá um succo lacteo, acre e caustico, de que uma só gotta póde desorganisar um olho, por cujo motivo lhe chamam tambem arvore de cegar, *arbor excœcans*, que lhe foi dado por Rumph e Linneu.

O aloes occupa um dos primeiros logares entre as plantas succulentes e gordurosas; é especialmente para lhe extrahir o succo de que está empregnado que cultivam o aloes no Cabo da Boa Esperança, na Jamaica e na Barbada. Esse extracto obtem-se por varios processos, ora fazendo incisões na base das folhas, onde teem mais espessura, ora cortando em pedacinhos as folhas que já não destillam e fazendo-as ferver em certa quantidade d'agoa até ficar um licor negro e espesso. Então coa-se e deixa-se assentar. Quando o licor está clarificado, da-se-lhe uma fervura para engrossar, depois lança-se em cabaças, onde endurece insensivelmente.

O succo do aloes, chamado *sucrotin*, que o vulgo denomina algumas vezes por corrupção *chicotin*, é empregado

O ALOES

na medicina como purgativo e tonico. Na antiguidade, nos tempos d'extrema ignorancia, este producto teve fama de prolongar a vida, e Paracelso, esse louco sublime, assegurava, no seculo XV, que o seu elixir, cuja base era o aloes, podia produzir a longevidade de Mathusalem. Sabe-se que aquelle rei dos alchimistas, apesar do seu elixir, morreu miseravelmente com quarenta e quatro annos de idade.

Se o aloes fornece á medicina um soccorro poderoso, as artes e a industria empregam-o com não menor successo. Com o seu succo prepara-se um verniz que perserva dos insectos os moveis, as collecções d'historia natural e pode com vantagem ser empregado para conservar os navios e os diques contra a acção destructiva d'uma especie d'insectos chamados *tarés*, animaes marinhos, que, como uma broca furam a madeira mais dura, metendo-se dentro d'ella para trabalhar á sua vontade. Foi uma grande porção d'estes animalculos que em 1731 destruiu uma grande parte da estacaria que sustentava os diques da Zelandia, expondo aquella bella provincia ao perigo d'uma submersão, originando-se d'ahi a differença que ha entre o nivel do mar e o do solo.

Do aloes obtem-se uma linda côr de castanha e do sucrotin uma côr violeta muito solida.

Os habitantes da Cochinchina fazem das folhas do aloes uma fecula muito agradavel ao paladar, preparada com assucar. Os hottentotes fabricam os arcos com as hastes do aloes; algumas variedades d'esta planta fornecem fio muito fino, de que os habitantes da Guyana fazem macas e velas e ha tambem quem faça meias e luvas.

BIBLIOGRAPHIA

Novo livro de leitura para as escolas primarias de Portugal e Brazil, por João Diniz.

Porto, 1881.

O livro que temos diante de nós accusa no seu auctor uma vontade poderosa de ser util aos seus concidadãos. Em um paiz onde a causa da instrucção popular corre tão desprotegida dos governos, que deixam morrer á fome os professores, quão digno d'elogio se torna aquelle que ainda pensa n'isto: ministrar o pão do espirito aos desherdados do saber!

Correm ahi sem duvida muitos livros, mais ou menos volumosos, mais ou menos doutrinarios, com os intuitos que este tem em vista; mas nenhum satisfaz como este. Não é uma amalgama d'artigos massudos, como a maior parte das selectas antigas. Ha aqui um sabor a moderno, uma côr, um tom agradavel, sadio, attrahente, que revela o fino gosto do colleccionador d'aquellas perolas finas, engastadas sob uma fórma primorosa.

João Diniz é um moço muito laborioso, e se lhe não sobejassem outros titulos, este livro que acaba de lançar aos quatro ventos da publicidade bastaria para abonar o seu talento, já com-

provado em muitos outros trabalhos de valia.

Dando-lhe os parabens pela brilhante apparição do seu livro, apetecemos-lhe o exhito que sem favor merece, e não concluiremos sem dizer que o *Novo livro de leitura* é impresso na acreditadissima officina do snr. A. J. da Silva Teixeira, o que basta para se avaliar da sua belleza typographica. Agradecemos emfim o exemplar com que o auctor nos brindou.

SCIENCIA PARA TODOS

—

IV

METALURGIA

Para revolver a terra, abril-a, caval-a, lavral-a, tornou-se necessario a intervenção d'instrumentos mais fortes do que a terra, a intervenção do ferro.

Se a agricultura poz um primeiro termo á vida selvagem do homem, pondo a sua existencia a coberto das contingencias dos fructos espontaneos da terra e dos resultados da caça, a agricultura, de per si, deveu os primeiros progressos á descoberta dos metaes. A Escriptura Sagrada diz-nos que foi Tubal-Cain (provavelmente o Vulcano da fabula) o primeiro dos homens que, antes do diluvio, conheceu a arte de fundir e trabalhar o ferro.

A grande familiaridade que nós temos com os metaes faz com que os consideremos um producto muito ordinario; no entretanto, poucas artes ha tão dignas da nossa attenção como a d'extrahir o metal das terras e minas que o contem.

E' raro d'encontrar o metal inteiramente puro; comtudo é provavel que os primeiros inventores não concebessem a ideia d'extrahir o metal dos mineraes senão depois de o ter visto puro e livre de toda a materia estranha.

Os chimicos modernos consideram a maior parte das terras como oxydos ou ferrugem de metaes que se poderam privar da oxydação e fazer voltar ao estado de metal puro.

A areia d'ouro arrastada por algumas correntes d'agoa e levadas pelas chuvas que descem das montanhas foi naturalmente o que originou a primeira descoberta dos metaes. Uma grande parte do ouro empregado na Inglaterra recolhe-se nos regatos da Guiné, nas costas d'Africa. Deslumbrados com a vista do precioso metal, os primeiros descobridores portuguezes que ali aportaram deram áquella costa o nome de Costa do Ouro.

Os mineiros tomaram a natureza por guia na marcha das suas operações. A primeira cousa que fazem depois de recolhido o mineral, é laval-o para lhe tirar as partes terrosas, e em seguida submettem-o á acção do fogo, o que faz com que o metal appareça em toda a sua pureza.

As terras metalicas não offerecem exterioridades denunciadoras do thesouro que encerram. São ordinariamente pedras ou terras muito grosseiras, que não indicam nada; mas, quebrando-as, lavando-as repetidas vezes, pondo-as ao fogo, veem-se reduzir a ouro, a cobre, ferro ou outro metal.

Os minerios encontram-se nas veias das montanhas, ou entre os bancos ou camadas dos rochedos, geralmente debaixo da superficie da terra. Os poços que se abrem para a busca dos mineraes chamam-se minas; as destinadas á extracção da pedra denominam-se pedreiras.

A Hungria possue as minas mais profundas da Europa; estão cerca d'um kilometro abaixo do chão. Ha-as que offerecem o aspecto d'uma cidade, e a população obreira que mora n'estas cidades subterraneas está como separada do mundo.

Todas as materias que compõem o solo e a terra chamam-se mineraes. A argila é um mineral, a cal é um mineral; emfim tudo que não é vegetal ou animal pertence ao reino mineral.

O estudo dos mineraes foi reduzido a methodo e chama-se sciencia da mineralogia. Mas a arte d'extrahir da terra os metaes n'ella escondidos chama-se metalurgia. Esta arte acha-se estreitamente ligada com a geologia, que ensina a conhecer a natureza dos terrenos onde se acham as minas, a mecanica, a physica e a chimica, que fornecem os processos da exploração.

Na antiguidade certos povos adquiriram fama na arte de trabalhar os metaes; mas foi só no seculo XVI que a sciencia metalurgica foi fundada, graças ás diligencias d'Agricola, sabio naturalista allemão.

(Continua) DOUTOR JAYME

UM THEATRO PARTICULAR

—

(EXCERPTO)

Foi em domingo gordo. Eu morava em um primeiro andar da travessa d'Assumpção. De tarde recebi um papelinho com pretenções a officio, concebido nos seguintes termos:

«Por deliberação da assembleia geral tenho a honra de convidar a v. para assistir esta noute á recita da sociedade — *Os amigos de Gil Vicente* — no quinto andar da escada de v. Lisboa, etc. — Ill.mo snr. visinho dos amigos de Gil Vicente.»

Quem poderia resistir a similhante convite? A's nove horas subi ás apalpadellas os oito lances d'escada que me separavam d'aquelles amigos, acotovelando-me com alguns convidados dos dois sexos, que me beliscavam e puxavam pelo cabello, cuidando talvez que eu não era um estranho. O ultimo patim era alumiado por uma lanterninha de folha, e á porta do quinto andar um homem de casaca, colete branco e luva côr de gemma de ovo declarou-me ser o presidente da assembleia geral, e recebeu-me attenciosamente dizendo:

—Queira subir ao theatro, que o espectaculo vae começar.

—Subir! exclamei eu; mas por onde?

—Por essa escadinha á esquerda.

Subi a escadinha e entrei em um sotão armado em theatro.

As traves e o tecto eram forrados de panninho azul e branco com grinaldas de flores seccas; ao centro pendia um lustre de arame adornado de rosas de papel; o panno de bocca era um lençol com arabescos dourados, tendo no meio o seguinte letreiro, cuja orthographia nunca se me varreu da memoria:

ENOGURACÃO
DA SSUCIADA DE AM
MIGUS DE GILLEVI
SENTI
PRAZERI I CON CORDIA

A platea estava apinhada de senhoras decotadas, e quasi todas vestidas de cassa branca, com os cabellos ainda esbranquiçados das folias da tarde, sustentando quasi todas na cabeça montanhas de flores e fitas variegadas.

Coube-me um logar á porta do fundo, onde me conservei em pé com grandes difficuldades de equilibrio, porque as ondas dos convidados que vinham, carregavam sobre as minhas costas com todo o phrenesi do seu enthusiasmo pela arte, cujo templosinho parecia abafar-me como sete cobertores de papa.

Por espaço de uma hora o apito do contra-regra annunciou que a festa estava prestes a começar; até que ás dez horas e meia uma sineta atordoadora fez acordar os musicos e metade dos concorrentes que já resonavam.

Compunha-se a orchestra de uma flauta e dous cavaquinhos e uma viola franceza, cujos instrumentistas estavam sentados no sobrado, dentro de um esconso á esquerda do proscenio.

Rompe uma symphonia carnavalesca, que passa do *pirolito* para o *cantochão*, e do *Bemdito* para a marcha dos pretos de S. Jorge. O publico applaude enthusiasticamente e o panno vae a cima, quero dizer, vae abaixo, porque se quebram os cordeis que o sustinham, e o lençol habituado ás trevas e á posição horisontal estende-se ao comprido e apaga as luzes da rampa.

Está em scena um personagem, que

faz de marido attribulado; estendido em um camapé enxuga as lagrimas com o lenço, e, alheio á catastrophe, começa assim a sua falla:

—Ha vinte horas que não me levanto d'este logar, debatendo-me em um martyrio que me consome.

N'isto um dos socios vem á scena em mangas de camisa para levar o lençol; mas o actor que espera a entrada da esposa á— *deixa «consome»*— levanta-se e atira-se ao pescoço do novo amigo de Gil Vicente exclamando:

—Maria! Maria! Jura-me que és só minha!

(Continua) MANOEL ROUSSADO

A' VISÃO

—

Quando por noutes amenas,
Ao raiar da branca lua,
Miro a doce correnteza
Que no Douro fluctua;
Julgo então ver desenhada
Tua imagem delicada
N'esse puro crystalino;
Porém inda mais formosa
Aos raios da luz mimosa
Do luar adamantino.

Lembro-me então do passado,
Esses dias venturosos,
Que vi passar a teu lado
Em colloquios amorosos;
Quando eu inebriado
No perfume delicado
Que exalavas incessante,
Poisava sobre teu seio,
No auge de casto enleio,
A fronte d'amor ardente.

E assim, em doce encanto,
Rememorando o passado,
Penso ainda tanto, tanto,
Que julgo ver-te a meu lado;
Mas depois, se ao despertar
Do sonho, d'esse scismar,
Miro a face crystalina,
E não vejo desenhada
Na corrente prateada
A tua imagem divina,

Olho então em derredor
A ver se ainda diviso
Em teu rosto seductor
Mimoso, meigo sorriso:
E a minha alma anciosa
Ouve uma voz mysteriosa
Sem saber de donde vem
A dizer na doce aragem
Que sussurra na folhagem:
—Não está aqui o teu bem!

ABEL ACCACIO MOUTINHO

O CHLAMYDOSAURO

—

(Conclusão)

O chlamydosauro, porém, raras vezes faz uma caça para elle tão perigosa; o mais commum é empregar a astucia para apanhar a preza, entregando-se ao mesmo tempo ao descanço, áquelle *dolce far niente* tão querido dos italianos. Os seus dedos compridos dão-lhe uma grande facilidade para correr por sobre a relva e as folhas seccas. Assim, abandona-se horas e horas, em uma immobilidade completa, á beira da estrada, ou perto d'um monticulo, tomando o sol e esperando ao mesmo tempo a chegada d'um inimigo. Para não ser reconhecido das suas victimas, que fugiriam se o avistassem, enterra-se em um boraco, no meio do matto, tapando a entrada com a especie de goleira de que fallamos e que se parece muitissimo com uma folha secca, deixando apenas a descoberto o focinho e os olhos. N'esta attitude commoda deixa-se adormecer e só acorda quando um insecto descuidado lhe pousa na goleira. Então anima-se, mexe-se, agita-se com rapidez pasmosa. O insecto aturdido já não pode fugir e vae fatalmente cahir na goela do chlamydosauro, que depois torna a adormecer tranquilamente, esperando nova preza.

Este gosto á preguiça, commum a todos os reptis, provém sem duvida da mesma causa que nos paizes temperados os faz engordar durante o inverno. Esta causa reside no pouco calor do seu sangue, pouco mais quente do que a temperatura do ar. Resulta ainda que todos estes animaes não teem necessidade de respirar senão por longos intervallos, o que lhes dá a faculdade de poderem permanecer debaixo da agoa, sem se afogarem, muito mais tempo do que os mammiferos, algumas vezes até muitas horas seguidas. Taes são os lagartos, os crocodillos, as cobras, as rans, etc. Os nossos antepassados, enganados pelas apparencias, tinham estes animaes por amphibios, imaginando que podiam viver indifferentemente na agoa ou em terra; mas os progressos da anatomia comparada rectificaram esse velho erro.

Como quer que seja, como os iguanas, familia a que pertence o chlamydosauro, este lagarto não se limita a comer insectos; ataca facilmente todas as aves pequenas e sobretudo os ovos ou os filhos, quando os pode surprehender no ninho. Quando não tem insectos, nem cousa viva, contenta-se com herva, folhas ou fructos verdes em grão. Este ultimo facto torna-se muito extraordinario para os naturalistas e de facto sería duvidoso se não se encontrasse a prova recentemente no estomago d'um chlamydosauro, ha pouco dissecado no museu d'historia natural de Paris.

O chlamydosauro habita nos troncos das arvores, ou nas fendas dos rochedos, mas sempre em sitio secco e exposto ao sul. Os indigenas da Nova Hollanda, sem lhe fazerem precisamente a caça, não deixam nunca, quando teem ocasião, de se apoderarem d'elle para o comer, e acham a carne muito saborosa e comparavel, quanto a gosto e côr, á da tartaruga nova do mar.

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA

—

(Continuação)

Tinha curiosidade de saber o que faria algum de meus leitores se se encontrasse na apurada situação em que a joven sem nome ficou ao receber a estranha missiva de que demos conta já, não só pelo modo singular como ella estava escripta como pelo convite, a que não podia faltar porque lhe era forçoso dentro de quatorze minutos apresentar-se na estação de Payalvo, que distava de casa d'ella quatro mil quinhentas quarenta e tres legoas e meia por mar e por terra, e devendo suppor-se que n'aquelle tempo não se conheciam os vapores maritimos e terraqueos, quanto mais os globos atmosphericos.

Sem embargo, os historiadores que não se deram ao trabalho d'escrever sobre o facto que não succedeu, nenhum pormenor nos transmittiram do meio que empregou a joven anciã para accudir exactamente ao sitio marcado; só o que sabemos porque ninguem nol-o disse é que dentro dos quatorze minutos estava ella alerta, dormindo como um penedo, á espera do amado do seu coração.

Por tradicção dos defuntos que teem morrido desde aquelle seculo até ao seculo actual sabe-se que um transporte tão veloz não podia deixar de ser feito por um modo novo que deixa a perder de vista o inventado por frei Bartholomeu de Gusmão, pois só podia a joven fazer tão comprida viagem a cavallo em um relampago, cousa muito possivel na verdade se se considerar a grande differença existente entre os relampagos d'esse tempo e os de hoje, ou por outras palavras, entre as exalações antigas e as modernas, como sabiamente o demonstraram a rainha D. Urraca da Polonia e o rei Nabucodonosor, de Fradellos, nas memorias que escreveram ácerca da transformação dos fluidos negativos e do quadrado do globo, e Abderraman, na luminosa dissertação que defendeu perante a academia de Barrosas, ácerca da molestia das batatas.

Emfim, para não nos demorarmos mais em considerações scientificas, em que poderiamos levar a palma a Julio Verne, a Adolpho Bellot e ao Borda d'Agoa, vamos descrever a entrevista dos dous amantes que nunca se viram nem conheceram.

O relogio da cathedral de Campanhã debaixo anunciava á população d'Alvoco da Serra a hora d'ir á missa primei-

ra do dia, isto é, eram treze horas da tarde, porque n'aquelle tempo todos os relogios tinham vinte e quatro horas e pico, e na torre da cathedral de Strasburgo acabava de soar o toque d'Ave Marias, o que accusava a pequena differença de tres horas e meia e um quarto e cinco minutos e desesete segundos, conta que jamais se me varreu da memoria desde que ouvi contar esta historia tenebrosa a meu tio que morreu na guerra do Roussilhão, quinze annos antes d'eu vir ao mundo, mas soube por minha mãe, que havia sido irmã d'elle, que fôra um santo homem, frade bernardo se me não engano, com outras prendas mais que agora não vem ao caso.

Como eu ia pois dizendo, eram as treze horas quando a joven sem nome se apresentou no sitio marcado, e como era extrema a sua anciedade em conhecer o seu gentil cavalleiro que a amava por forma tão extravagante, de prompto adormeceu. Eu creio que tambem já o tinha dito.

O que eu, porém, ainda não disse, foi que o ser invisivel se apresentou immediatamente, cavalgando um animal de muitos pés, cuja especie a sciencia futura nos dirá, porque a mim é que não me compete averigual-o, e mal elle chegou, a joven viu-o sem abrir os olhos e correu para elle sem se mover do sitio onde estava. Tudo aquillo parecia um encanto, ou cousa similhante. Mas isto é a pura verdade como passo a demonstrar.

(Continua)

EXPEDIENTE

MUITA ATTENÇÃO

Com este numero mandamos distribuir aos snrs. assignantes e compradores avulso o frontispicio e indice do primeiro volume.

Não damos a capa, nem a imprimimos ainda, porque a maior parte dos snrs. assignantes nos participaram que tencionavam mandar encadernar os volumes.

Sendo porém certo que temos d'imprimir capas para mandar brochar os volumes com que ficamos, podemos dar aos snrs. assignantes que as queiram capas em papel. Basta que para isso nos avisem até ao dia 31 do corrente.

Aos cavalheiros a quem faltarem numeros do primeiro anno pedimos os reclamem sem demora, pois como vamos fazer collecções com os numeros que temos, só venderemos depois as folhas que nos sobrarem.

Pedimos aos nossos correspondentes o favor de nos avisarem até ao dia 31 do corrente dos numeros que faltam aos seus assignantes, na certeza de que para aquelles com quem estão compromettidos a dar os numeros esgotados, lhes serão enviados logo que se reimprimam os numeros que nos faltam, o que não se demorará.

Igualmente pedimos aos nossos estimados correspondentes nos enviem até ao dia 31 do corrente todas as folhas que lhes houverem sobrado do 1.º volume, do contrario assental-as-hemos nas suas respectivas contas.

Vamos tirar contas correntes com todos os snrs. correspondentes que ainda não saldaram sequer a conta do 1.º volume, pedindo urgentemente a remessa dos saldos.

UM CASTELLO ANTIGO

UM CASTELLO ANTIGO

Ora ahi está uma casa onde eu queria morar, onde eu queria viver. Viver e morrer. Morrer n'aquelle castello, com as honras de principe, que grande cousa!

Mas, fallando serio: como havia de ser bom morar a gente em um castello assim, cercado de amantes sem numero, servido por criados attenciosos, reverenciado dos habitantes das cercanias quando sahisse a tomar o sol! Dar ali bailes esplendidos, fazer estremecer as abobadas da morada senhorial com os sons da orchestra mysteriosa executando os Lanceiros ou a Cana verde, vindo colher-nos a manhã com o copo na mão, como um nababo, de mãos dadas com a mais formosa mulher do universo! Como isto tudo sería bom!

Depois, quando estivessemos aborrecido no interior do nosso castello, iamos dar um passeio a cavallo pelas nossas extensas terras, ou vinhamos para a ponte, munidos d'uma comprida cana, pescar trutas! Delicioso!

Está dito. Vou comprar um bilhete da loteria, e se me sahir a sorte grande, realisarei este meu sonho.

J. da Silva

ZIG-ZAGS

O LUTO E AS CORES

Na Syria, na Cappadocia e na Armenia, é o luto azul celeste; no Egypto é amarello como a côr das folhas seccas das arvores; na Ethiopia é cinzento como a côr do panno apardado; na Europa é preto como a noute em cerração.

Não são usuaes as escolhas d'estas côres de luto. Teem todas ellas a sua significação privativa, assim como as teem todas as côres em geral.

A côr violeta, como mistura que é do azul e do preto, denota por um lado a tristeza e pelo outro o desejo do impyreo para o morto.

A côr branca denota pureza; por isso tem sido consagrada ao luto das virgens.

A côr amarella indica que a morte é qual fim das folhas, amarellecidas nas arvores.

A côr cinzenta denota o pó da terra, em que se desfazem os restos mortaes, quando a Providencia nos risca do catalogo dos vivos.

A côr preta significa a privação da vida, como emblema que é da privação da luz.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro, 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 62

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 3 DE NOVEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— O chinchilha — A manhã do S. João no santuario da Senhora dos Remedios, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio — A minha mãe (poesia) por Eduardo Véras — A inquisição em Portugal — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Mexico — Do meio dia ás duas horas — Nunca mais!..., por Silva Mattos — Os cartuxos — Bibliographia — O conde d'Amarante (romance) — Uma lembrança (poesia) por Ernesto — Sciencia para todos: Chimica, por doutor Jayme — Um theatro particular (excerpto) por Manoel Roussado — O microscopio — Zig-Zags: A imprensa na China — Maxima — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— O chinchilha — Dous cartuxos — O microscopio — Microscopio composto.

O CHINCHILHA

Foi o abbade Molina, no seu *Ensaio sobre historia do Peru*, publicado em Bolonha em 1782, o primeiro que descreveu o chinchilha, que durante muito tempo se confundiu com o hamster, porquê os seus costumes se assimilham muito, sendo por isso ambos da mesma especie. Foram porém dous viajantes inglezes, Bennett e Beccy, que enriqueceram a sciencia com as noções exactas ácerca d'esse pequeno ruminante, cuja forma exquisita a gravura representa. Em 1831, Bennett e Beccy

O CHINCHILHA

fizeram uma viagem á costa noroeste da America e d'ahi trouxeram alguns exemplares de chinchilhas, que apresentaram á sociedade zoologica de Londres, para esta os estudar convenientemente. E' d'estes estudos que nos servimos para fazer este artigo.

O chinchilha tem de comprimento cerca de nove pollegadas e a cauda mede commummente cinco pollegadas. Para estas dimensões os membros da locomoção são bastante curtos, porque a parte anterior é muito menos longa do que a posterior. Tem o pello comprido, espesso, liso, sedoso, mas algumas vezes levantado e emmaranhado, pardo ou côr de cinza por cima e mais pallido por baixo. A forma da cabeça é como a do coelho; tem os olhos bogalhudos, grandes e negros; as orelhas são tambem largas, despidas de pello, redondas na ponta e quasi tamanhas como a cabeça. Os bigodes são grossos e increspados; um dos pellos tem tres vezes o comprimento da cabeça. Muitos são negros; outros são brancos.

Os pés teem quatro dedos, todos guarnecidos de unhas, ou garras, longas, mas escondidas sob tufos de pellos. A cauda é toda igual, da mesma

grossura, e com pellos muito crespos e duros.

O chinchilha está quasi sempre sentado e pode tambem apoiar-se nas patas de trás. Come sentado e leva os alimentos á boca com as patas da frente. A sua alimentação consiste principalmente em hervas seccas, como trevo e luzerna, de que parece gostar immenso.

Os chinchilhas vivem em sociedade, e uma familia consta ordinariamente de oito a dez individuos; muitas vezes veem-se reunidos um numero muito maior. Essencialmente sedentarios, não abandonam as tocas em que nasceram senão quando acontece algum accidente irreparavel ou o excesso de população os obriga a procurar nova habitação. E' raro encontral-os a mais de vinte passos das suas moradas, e é só depois do pôr do sol e tendo-se assegurado de reinar o mais profundo silencio que se aventuram a sahir das tocas. Esta prudencia e cuidado extremo de evitar o perigo não excluem porém uma certa coragem. Os indios affirmaram aos viajantes que os chinchilhas defendem-se com tanta energia como os sarigues, os mofetas e outros pequenos carnivoros que são seus inimigos naturaes.

Os gritos que despedem são muito variados; agudos quando exprimem medo; em outras occasiões são uma especie de rumor surdo. A femea do chinchilha produz cada anno cinco ou seis filhos.

E' de genio tão docil, que se apanha facilmente com a mão sem procurar fugir. Gosta muito de ser acariciado. Além d'esta qualidade, tem uma outra que o recommenda: é que é muito limpo e escusado é recear que suje a quem pegar n'elle.

Os antigos peruvianos, que eram muito mais industriosos do que os modernos, faziam com a lã que cobre o chinchilha mantas e pannos muito afamados.

A MANHÃ DO S. JOÃO

NO SANTUARIO

DA SENHORA DOS REMEDIOS

—

Como é bella a noite de S. João, como crepitam as fogueiras, como mancebos e donzellas as rodeiam e como são alegres os seus cantos e folgares! Como estalam os fogos d'artificio, como se cruzam no ar as centelhas luminosas e como soam no ar os harmoniosos sons da musica! E a manhã seguinte, a graciosa manhã do S. João, como é benefica e milagrosa, e como são saudaveis as suas orvalhadas! E que formosa ella é na ermida da Senhora dos Remedios, onde tantas familias a vão gosar! Sigamos os passos d'essas alegres peregrinações e vejamos se lhes podemos traduzir os sentimentos.

Mal despontam no oriente os alvores da madrugada, mal a aurora esparze rosas sobre o azul do ceo e seus veos fluctuantes velam os luzeiros da noite, já elles vão caminho da montanha e sobem confusamente as escadarias que levam á ermida.

Ao passarem pelas fontes cujas copiosas agoas, cahindo nas marmoreas bacias, reflectem as meias tintas da manhã e seus cambiantes rubores, param elles para lhes contemplarem a transparencia e refrescar os labios e as mãos na sua limpidez. Divagam depois por entre os jardins odoriferos e matizados, aspirando com praser os perfumes das flores, que se embalam nas delicadas hastes, tremulando-lhes nas petalas as tenues gotas que o orvalho n'ellas depositou, as quaes reflectem as primeiras palhetas d'ouro do sol nascente, semelhando as mais bellas confecções d'esse metal e as joias mais preciosas.

As estatuas levantadas n'esses recintos attraem as vistas; os homens que essas pedras ahi representam, —dizem elles— foram tão grandes em si e na sua descendencia, que seus nomes passaram através dos seculos, não só registrados nas Sagradas Escripturas, mas gravados pelo cinzel nas graniticas pedras que os representam.

A alegre cohorte chega aos ultimos degraos e invade o atrio do santuario, cujas portas estão abertas de par em par, patenteando o elevado pedestal em que a suave imagem da mãe do Redemptor se eleva, offerecendo ao culto dos homens seu Filho, que o Eterno chamou pela voz apocalyptica o seu Unigenito.

A devota turma entra, ajoelha e ora!...

O sol já sobe do horisonte e seus raios brilhantes irradiam a terra; alguns dos mais bellos transpõem as portas do santuario e illuminam o ouro dos relevos, o primoroso das talhas e a brancura deslumbrante dos tectos. O orgão agita-se, e seus sons, tantas vezes gemebundos, são agora hymnos e saudações alegres. O ministro do Senhor, revestido de branco e purpura, sobe os degraos do altar e dá principio ao santo sacrificio da missa. Um joven ainda na puericia, envolvido em opa de côr brilhante, responde ás perguntas do sacerdote e completa o incruento sacrificio.

O orgão continua a encher o templo de seus maviosos sons; o sacerdote levanta a mão direita e abençoa os fieis; a missa estava concluida. Os conhecidos dão-se mutuamente os bons dias; deixam o templo e vão-lhe divagar em torno.

Uns sentam-se debaixo dos castanheiros, que, copados e frondosos, lhe dão fresca sombra; outros prestam ouvido attento a um melro, que não mui distante, envolvido na folhagem d'arvore secular, entoa as suaves melodias que lhe inspira a manhã, o sol e seus amores.

(Continua)

D. MARIA DO PILAR B. M. OSORIO

A MINHA MÃE

—

(DEDICATORIA D'UM VOLUME DE VERSOS DO AUCTOR)

I

Rosas já murchas, desfolhadas, seccas,
Perdido o aroma e alterada a côr...
São os meus versos e nasceram todos
Do fogo vivo d'um intenso amor!

II

Amor?... Quem póde asseverar que existes?
Amor!... Phantasma que esvoaça além!
Amor!... Só creio em um amor possivel...
Amor!... Só creio no amor de mãe!..

III

A mãe, aquella que nos traz no seio...
Que nos dá a vida, que nos mostra a luz...
A mãe-exemplo... No calvario a vemos,
Desfeita em prantos abraçada á cruz.

IV

A' cruz aonde lhe morria o filho,
Vergado ao peso de infinita dôr...
—Eu que não creio em affeições do mundo,
Oh! mãe, eu creio no teu grande amor!

V

Oh! mãe, perdôas se eu vier ousado
Meus pobres versos offer'cer a ti?...
Perdoas? Dize... Coração amigo,
No mundo todo— só o teu senti!

VI

Rosas já murchas, desfolhadas, seccas,
Perdido o aroma e alterada a côr,
São os meus versos que offer'cer-te venho
Nascidos todos d'um immenso amor!

EDUARDO VÉRAS

A INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

—

(Conclusão)

Pergunta-se naturalmente como foi que uma mulher tão valorosa se deixou intimidar pelos inquisidores e soffreu o ultraje que elles fizeram á magestade real e ao respeito devido aos tumulos!

E' certo que horas depois do fallecimento do rei, achando-se D. Luiza

sepultada na sua justa magoa, os inquisidores, sem respeitarem as suas lagrimas, sem se compadecerem do abatimento em que a lançara a dôr, sem se importarem se a barbara ceremonia que meditavam ia aggravar a sua profunda ferida, se lhe apresentam e lhe declaram que, tendo D. João illudido por um subterfugio as vontades do papa e por isso contrariado formalmente as suas ordens, incorrera na excommunhão declarada no breve de Sua Santidade contra aquelles que obstassem á sua execução; que elle morrera com o sello da condemnação eterna e que o seu corpo devia ser privado da sepultura em quanto não fosse por elles absolvido. Aquella infeliz viuva, aterrada pelo imprevisto golpe d'este inaudito attentado, ameaçada de ver os sagrados restos d'um monarca entregues, por frades vingativos e fanaticos, ao desprezo e talvez aos ultrajes d'uma plebe estupida; muito timorata para pensar que Deus sem duvida não tinha necessidade d'esperar a absolvição dos inquisidores para julgar este principe no momento em que a sua alma abandonara o seu corpo, nada teve que oppor-lhes. Ordenaram-lhe pois que comparecesse na cathedral com seus filhos, D. Affonso e D. Pedro, onde tudo se dispunha para as exequias de seu augusto marido.

Revestidos das suas vestes sacerdotaes, os inquisidores partiram em procissão do palacio do inquisidor geral, atravessaram Lisboa e entraram na egreja. Uma multidão immensa, cujas lembranças estavam ainda cheias das virtudes d'um principe a quem os portuguezes deveram a sua liberdade e o restabelecimento da felicidade publica, com o coração traspassado da perda que acabava de soffrer, muda por effeito de pasmo e de terror, esperava em silencio o espectaculo inaudito que os inquisidores iam offerecer-lhe.

Chegam com effeito. A sua bocca hypocrita psalmeava o *Miserere*; mas o fel innundava a sua alma e brilhava nos seus olhos o orgulho mal comprimido. Sobem ao altar; trepam á eça os esbirros; apeiam o caixão; abrem-o; tiram para fóra o cadaver; despojam-o das suas mortalhas; estendem-o no chão aos pés do inquisidor geral. Lê-se a sentença que o declara excommungado; proclamam-o morto como inimigo da egreja, insultam o com injurias e vituperios, e depois que estes grandes criminosos de lesa-magestade se fartam de similhante espectaculo, depois que entendem ser já tempo de pôr termo á sua perversa vingança e ridiculos escarneos, pronunciam a absolvição. Concedem á alma do rei a permissão de poder apresentar-se diante do juiz eterno; fazem repor o cadaver no caixão; consentem na continuação dos funeraes; entoam o *Te-Deum*, e orgulhosos, voltam ao seu tribunal, onde entram em paz.

Parece incrivel tudo isto e não se acreditaria se não existissem testemunhos authenticos de tamanha impiedade.

Nem na Hespanha, nem mesmo na Italia, levou tão longe a Inquisição a sua criminosa audacia. No sul da França violou as cinzas dos mortos; ousara n'outros tempos fazer o processo a Carlos, principe de Vienna, filho mais velho de D. João II, rei de Aragão; insultara em Hespanha a memoria de Carlos V; mas até áquelle dia tinham ficado intactos para com ella os tumulos dos reis. Similhante delito estava reservado á Inquisição de Lisboa.

A impunidade d'este attentado não fez senão redobrar a audacia dos inquisidores, e desde então não houve anno em que as margens do Tejo não fossem manchadas por algumas scenas de sangue, nem dia em que a Inquisição não devorasse alguma victima.

Havemos de apresentar aos nossos leitores mais alguns factos como o que fica narrado, para fazerem ideia do que era o intitulado Santo Officio.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

L

O MEXICO

Sahindo da grande republica dos Estados Unidos, da terra da liberdade por excellencia, entramos no territorio do Mexico, o paiz notavel pelas crueldades que ahi exerceram os hespanhoes. Mas não nos antecipemos. Visitemos primeiramente o paiz e depois lhe estudaremos a historia o mais resumidamente que nos fôr possivel, porque urge partir de novo para acabarmos de ver o que nos resta do mundo antigo e moderno.

O Mexico é uma nação cujo territorio occupa 2 milhões de kilometros quadrados, com uma população de 8 milhões de habitantes. Os seus limites são: ao norte os Estados Unidos, a leste o golfo do Mexico, ao sul a republica de Guatimala e a oeste o Oceano Pacifico.

Cortam o Mexico montanhas muito elevadas, que são a continuação das Cordilheiras. Muitos vulcões, sendo o mais elevado o Popocatepelt, que tem mais de 5:400 metros d'altura. Muitos lagos, poucos rios.

Distinguem-se tres regiões, que são: Terras temperadas, onde o clima é bastante salubre; terras frias, nas montanhas, e terras quentes, nas partes visinhas do mar. Esta é a região das febres. A febre amarella, conhecida no Mexico com o nome de *vomito negro*, faz ahi amiudadas victimas.

Minas d'ouro e prata; algodão, canna do assucar, jalapa, anil, cacao, baunilha; o nopal, planta espinhosa, sobre a qual vive a cochonilha.

Apesar de todas as riquezas do seu solo, o Mexico vê-se abarbado com uma grande miseria, em rasão da falta de cultura das terras, que poderiam produzir grandes riquezas agricolas.

Dos habitantes do Mexico, só dous terços são indigenas; o restante compõe-se de brancos e mestiços.

Os primeiros habitantes foram os tolteques, a quem succederam os chichimeques e azteques. O rei dos ultimos fundou a cidade do Mexico em 1325 e os seus successores estenderam a dominação mexicana sobre os povos visinhos. Os mexicanos tinham chegado ao mais alto grao d'esplendor quando Fernando Cortez chegou, reinando o imperador Montezuma, que os hespanhoes submetteram ao cabo de dous annos de guerras deshumanas. Aquelle grande territorio tornou-se então um vice-reino, com o nome de Nova Hespanha, e os novos senhores foram de uma crueldade atroz para com os pobres indigenas, disimados, embrutecidos, esmagados sob o peso de trabalhos excessivos e pelas terriveis torturas da Inquisição. O santo bispo Las Casas reclamou providencias de Carlos V, que fixou a somma dos tributos e a duração dos trabalhos. Entretanto a condição dos agricultores não melhorou senão no seculo XVIII. A Hespanha tirou immenso ouro e prata do Mexico.

Em 1808, quando José Bonaparte occupou o throno de Hespanha, os indios, sob o commando do cura Hidalgo, insurgiram-se contra os hespanhoes do Mexico, tomando-lhes Guanaxuato; mas foram derrotados e submetteram-se tres annos depois. Não foram mais felizes outras tentativas para conquistar a independencia, uma sob o commando d'outro padre, de nome Morelos, e outra sob a do general Mina, em 1818. D'ambas as vezes os revoltosos foram vencidos e fusilados os chefes. Emfim, em 1822, o general do exercito hespanhol Agostinho Iturbide pozse á frente dos independentes e derrotou as tropas do vice-rei Apodaca, tomando o Mexico e fazendo-se proclamar imperador com o nome de Agostinho I, em 1822. Abdicando mezes depois, Vittoria, presidente do congresso, organisou os Estados Unidos mexicanos á imitação dos Estados Unidos da America do norte.

As tropas de Fernando VII foram vencidas em 1829 em Tampico, e esta victoria, fortalecendo os novos estados, assegurou a sua independencia. Mas discordias intestinas estalaram em bre-

ve na nova republica e desordens civis se misturaram com as revoltas militares. O poder, desejado por generaes avidos, ambiciosos e atrevidos, tornou-se o alvo de sangrentas luctas, durante as quaes o Texas se separou do Mexico.

(Continua)

DO MEIO DIA ÁS DUAS HORAS

VI

A PARTIDA

(Conclusão)

Tive então ideia de atirar-me ao mar com minha filha; deu-me Deus força para resistir a essa tentação, indigna de uma christã, e permittiu que vencesse a desesperação. E não sería desculpavel o procurar a morte uma mulher abandonada, só com uma creança, em um navio cheio de cadaveres e vogando sem norte no meio do Oceano? Pois tal foi o supplicio que soffri um mez, um mez longo como a eternidade!

Ai! julgava cheio o calix da desgraça! Ainda me faltava um supplicio cem vezes mais horroroso do que todos os outros.

Assentada no convez com minha filha no collo, chorava; considerando a amplidão illimitada do mar, absolutamente em calmaria, pedia a Deus vento, uma tempestade, que podesse ao menos fazer sahir o navio da immobilidade e dar-me alguma esperança, ou de morrer ou de chegar a terra. Quando ia levantar-me cahi com tonturas no mesmo sitio onde estava. Dominava-me uma indisposição extraordinaria, tinha os olhos deslumbrados e parecia-me ver luzir clarões ardentes, ardia em febre, sentia frio, respirava a custo, sentia-me sem forças, prendia-me um entorpecimento doloroso e não podia mover-me. Victima d'este funesto enfraquecimento, ouvia minha filha, que chorava, chamava-me e se desesperava; e eu não podia correr para ella, dizer-lhe uma palavra para consolal-a, nem fazer um gesto, nem abrir os olhos.

Meu Deus! meu Deus! Quanto os vossos castigos são ás vezes inexoraveis! O que se passou depois não sei. Perdera a rasão; só a recuperei quando os seus marinheiros, segundo creio, queriam deitar-me ao mar. Porque não o fizeram, meu Deus?

Não tentei dar consolações a Margarida. Para taes dôres não ha linitivo; mas esforcei-me por convencel-a de que soffresse resignada os seus infortunios.

—Ouço sempre a voz de minha filha, respondeu ella com uma expressão que me fez tremer; de noute, em sonhos, os seus choros, os seus lamentos: «minha mãe, minha mãe!» perseguem-me e acordam-me. De dia, a cada momento, estremeço, affigurando-se-me que a ouço!

Separamo-nos, e não tornei a ver Margarida, senão quando a encontrei em Paris, no baile, onde o snr. Bellini, admirado da sua formosura, me fez notar como ella dançava com tanta alegria e animação.

—E depois d'isso? perguntou Bellini.

—Depois d'isso fui visital-a. Vive em uma linda casa em um dos melhores bairros de Paris, porque a rica viuva de Alonso é hoje mulher do marquez de Villavicentio. Encontrei-a em um rico toucador, forrado de velludo azul, agaloado de ouro. Por cima da chaminé via-se através de um grande vidro sem aço, uma estufa vastissima, cheia das flores mais bellas e preciosas. Aos pés de Margarida ria e folgava uma menina branca e rosada, que teria desoito mezes. A mãe brincava ternamente com ella, e com sorriso ineffavel escutava o alegre balbuciar e contemplava o andar incerto da menina.

—E o que lhe disse? perguntou um de nós.

—Fallou-me da sua felicidade, do amor, de que lhe dava provas o marquez de Villavicentio, da lindeza de sua filha e de um vestido de baile, que projectava levar a uma festa na embaixada de Inglaterra.

—Como? Nem uma palavra ácerca do passado? Nada a respeito de Alonso? Nada d'essa creança, talvez morta de fome junto da mãe, que em vão chamava com gritos desesperados?

—Senhores, respondeu com ar serio o capitão, quando Cervantes, esse engenho immortal da Hespanha, agonisava na enxerga sobre que devia morrer pobre e despresado, um dos seus amigos, pobre como elle, um dos nossos pintores celebres, fallava da memoria como do dom mais precioso que a Providencia concedera ao homem. «Ha outro mais precioso, disse o auctor do *D. Quijote*, outro sem o qual a vida humana sería um tormento incessante; esse bem divino é o esquecimento.»

—O esquecimento! disse Bellini estremecendo; o esquecimento! Oh! essa palavra gela o pensamento.

—Ahi está como são os homens. Pois será a existencia tão prolongada e feliz que queiramos envenenar a pouca ventura do presente com a recordação dos males do passado? Porque Margarida foi filha, esposa e mãe desgraçada, quereriamos que não fosse agora esposa e mãe feliz? Não blasphemem contra a Providencia, ou antes prostrem-se reverentes e agradecidos perante a sua sabedoria infinita.

Não importa, capitão! Apesar dos seus raciocinios, continuou o *maestro*, é triste pensar que o homem mais estimado não deixa depois de si senão leves vestigios, muitas vezes desapercebidos e ás vezes mesmo perdidos. Eis-me rodeado de amigos verdadeiros e dedicados. Se deixar este mundo, viverão todos como todos no passado; não se lembrarão de mim; telvez ouvirão a minha musica sem ao menos dizerem: «Pobre Bellini!»

—Nós, esquecer-te! exclamaram os presentes correndo para elle com as lagrimas nos olhos e apertando-lhe a mão. Não se esquece assim um amigo, um companheiro, um irmão! Nós esquecer-te, ingrato! Tens animo para calumniar assim os que tão estremecidamente te querem?

—Vamos, nada de fallar de cousas tristes! exclamou uma voz sonora;—era a de Lablache, segundo creio;—deixemo-nos de tristezas. E's novo, perfeito moço, todos prestam ao teu talento o testemunho de admiração que mereçe; e estás a dizer cousas taes! Accende outro charuto, e manda dar *punch* a estes senhores.

Momentos depois não pensavamos em Margarida e haviamos desterrado as ideias tristes que a narração fizera nascer.

D'ahi a quinze dias conduziamos Bellini á ultima morada.

NUNCA MAIS!...

(A L. R.)

A' tarde, quando o sol se occulta nas revoltosas agoas do Oceano, deixando apoz a sua esteira luminosa um rasto esbraseado, que se vae esbatendo a pouco e pouco no azul do firmamento, a essa hora melancolica e seductora, a hora dos namorados, eu sinto uma profunda tristeza, um que de sentimental impossivel de descrever!

Que de ideias me atravessam o cerebro, que agglomeração de pensamentos me cruzam o espirito, que de saudades eu tenho d'aquelle alegre e saudoso tempo que passou e que não volta mais, os dias do nosso amor!...

Quão velozes deccorreram esses momentos felizes da infancia em que tu tinhas para mim um sorriso nos labios!

Quando nós iamos através dos verdes salgueiraes contemplar o aspecto deslumbrante da natureza, aqui a timida violeta brotando nas fendas d'uma denegrida parede, ali um extenso tapete de verdura, cortado aqui e além por uns pinheiros que se erguiam, quaes gigantes mythologicos, e além o mar, o prisioneiro eterno, como uma fita de prata encimada por um docel de purpura!

Que felizes e saudosos dias, que

verdadeira felicidade se não respirava ali!

Como era sublime aquella hora, quando o lavrador, cansado dos trabalhos do campo, se retirava á humilde choupana! Como eram alegres os futuros, os mares de felicidade que nós idealisavamos!

Tu, reclinada a fronte no braço torneado, ouvias-me os protestos d'amor eterno e eu repetia alegre todas as palavras doces que os teus labios rosados proferiam...

Como eras formosa! Nos teus cabellos o desalinho, nos teus olhos uma luz tão meiga!...

* * *

Agora que a terra do sepulchro te cobre, e para sempre, que os teus labios formosos nunca mais pronunciarão essa palavra immensa— *amor*, eu venho desfolhar na tua campa a rosa da saudade.

Agora que tu tens por confidente o triste piar do mocho entre as ramas dos funebres cyprestes e o som rouco do vento, venho eu dizer-te o quanto te amava, o quanto era puro e nobre o affecto que por ti sentia e que o breve espaço que nos separa nunca possa terminar o nosso amor infindo.

* * *

Vinha caíndo a noite e pelo espaço immenso luziam umas estrellas limpidas e scintillantes.

A lua, a amante solitaria, percorria no ceo a sua estrada de luz e pelo ar eccoavam os cantos das negras cotovias.

Caíam-me dos olhos as lagrimas a flux, e eu articulei uns sons entrecortados de soluços:

—Morte, a derradeira esperança!

Nunca mais verei aquelle ideal, aquella estrella luminosa que guiára meus passos vacillantes n'este mundo d'abrolhos! Nunca mais!

E ao longe o ecco repetia:

—Nunca mais!

SILVA MATTOS

OS CARTUXOS

Esta denominação generica, que se liga pela historia ao primeiro estabelecimento fundado por S. Bruno, tem sido applicada a todos os conventos de religiosos da ordem do mesmo santo, quer na Italia, como na Austria, como em França; por exemplo, em Milão, em Bolonha, Pisa, Santo Estevão da Calabria e Maurbach.

No seculo XII houve até religiosas cartuxas, que tinham muitos conventos, sempre com a mesma denominação, tanto em França como em Flandres.

Quanto á fundação da ordem, eis o que nos diz a historia

No anno de 1084, Bruno, que era mestre de theologia em Reims, acompanhado de seis de seus discipulos, dirigiu-se ao Delphinado, onde S. Hugo, bispo de Grenoble, lhes deu uma solidão para elles morarem, perto da aldeia de Chartreuse, Chartrouses, ou Chartroux. Cada qual construiu ali uma cella, e o convento, que depois se tornou tão celebre, foi edificado em 1131.

DOUS CARTUXOS

Foi d'aquelle logar selvagem que a ordem tomou a denominação de Chartreuse, que em portuguez vem a ser Cartuxa.

O fundador de cartuxos morreu na Italia sem deixar regra escripta; mas a ordem nem por isso desappareceu. Em 1223, Guignes, prior geral, dirigiu os estatutos da Grande Cartuxa. Este codigo monastico, que prescreve jejum e silencio quasi continuos, é d'uma severidade extrema.

Os monges andam vestidos de habito de lã branca, com uma corda por cinto; capuz, e por cima capa negra.

A ordem dos cartuxos contava em França, antes da revolução, setenta e cinco conventos e noventa e duas casas nos outros estados catholicos.

As mais bellas Cartuxas são as que estão perto de Pisa, Florença e Pavia. A que foi fundada por S. Bruno está situada a vinte kilometros de Grenoble, no valle de Gui, onde ha uma aldeia, cercada de montanhas elevadas e de accesso muito difficil. Era n'este convento que residia o geral da ordem. O convento ardeu por varias vezes e os edificios em que ultimamente estavam os frades tinham sido construidos em 1678.

S. Luiz levou para Paris alguns cartuxos, dandolhes para habitarem os terrenos que demoravam entre o observatorio e o Luxemburgo. Os frades possuiam ahi uma linda egreja, para a qual o celebre e infeliz Lesueur pintou por uma bagatella a serie de obras primas conhecidas pela denominação de *vida de S. Bruno*, que estão hoje no museu do Louvre.

BIBLIOGRAPHIA

Lyra intima, por Joaquim d'Araujo.

Lisboa, 1881.

Só hoje podemos consagrar duas palavras a este formoso livro, formoso duas vezes, pelo contheudo e pela forma, ambas elegantes e attrahentes.

Joaquim d'Araujo é um rapaz estudioso, scismador e amigo das musas, e sabe engastar os seus pensamentos em joias de primorosos rendilhados, de finos esmaltes, como os architectos antigos. Emfim têm uma qualidade que nem todos os que escrevem em verso possuem: é poeta, e este predicado resalta a cada pagina do seu novo livro, que a gente lê d'um folego, soffregamente, no meio d'uma especie d'enleio, delicioso e apaixonado.

E lendo os versos, fica sympathisando com o auctor, que não pode deixar dè ser um rapaz sympathico.

Aconselhando ao leitor a compra da *Lyra Intima*, cumprimos um dever: recommendar os livros bons, que não são vulgares hoje em dia.

Agradecemos a fineza do brinde.

De Lisboa recebemos o prospecto d'um romance intitulado *Miserias Humanas*, por Antonio Luiz dos Santos, prefaciado e revisto pelo nosso amigo o snr. Portugal da Silva.

Miserias Humanas é um romance nacional contemporaneo, fundado em bases historicas. O auctor dedica-o á commissão da imprensa promotora do tricentenario de Camões, em attenção ao bom desenvolvimento que deu áquella festa nacional, popular e democratica.

Deve sahir ás folhas de 32 paginas por semana, custando 20 reis cada 16 paginas.

Tomam-se assignaturas na rua de S. Lazaro 84, 3.º andar, lado direito, Lisboa.

—

Il Camposanto é o titulo de um opusculo em verso que nos mandou de Florença seu auctor o snr. Francesco Gallo, tenente do exercito e distincto escriptor, collaborador do semanario *Il Sott' Ufficiale*, a quem agradecemos a delicadeza da offerta.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL
POR UMA SENHORA

—

PROLOGO

I

Antes de dar á luz a minha *Historia de Galiza*, encareceram-me muito os conhecimentos sobre antiguidades celticas, que possuia o morgado de Ulla, o snr. D. Xavier de Casa de Naya, e dirigi-me ao seu solar com o grande afan de saber e de elucidar alguns pontos historicos muito obscuros para a maior parte dos eruditos.

O bom archeologo, logo que teve conhecimento do meu nome, recebeu-me como um principe.

Esta recepção por sua parte comprehendia-se bem, porque nos acabavamos de reunir inesperadamente a forma e o fundo d'um grande livro, ou o que é o mesmo, a poesia e a historia. Seus immensos conhecimentos sobre antiguidades galaicas, publicados por elle, isto é, com a sua prosa de chumbo, jamais se teriam difundido; porém depurados no crysol intellectual do trovador d'aquellas montanhas e illuminados com as mais esplendidas inspirações do seu genio, já era outra cousa; completavamo-nos. O bom archeologo obedeceu com praser á lei da gravidade moral, a que inscientemente obedecemos todos na corrente espiritual da epoca, e entregou-me os seus manuscriptos, as riquezas especulativas que enthesourava, a vibração do seu pensamento, emfim, até áquelle dia; conduziu-me pois com candorosa solicitude por aquelles tortuosos logares, onde o Ulla esmalta seus engastes moveis de prata, guiando-me de um *castro* a uma *mámoa*, de um *menhir* a um *dolmen*, e de uma *anta* a um *menshão* ou *pedras tembrantes*.

II

Em uma d'essas excursões sentamo-nos á porta da egreja parochial de S. Pedro Felix de Amarante, aberta muito a proposito, e excitou a minha curiosidade uma sepultura collocada no umbral ou envasamento, cujo epitaphio, em grandes letras recentemente lavradas, dizia:

AQUI JAZ
A VAIDADE DE
HENRIQUE V, DE AMARANTE.

ROGAE A DEUS POR ELLE.

Aquelle epitaphio mysterioso encerrava para mim um logogrypho, que eu tinha necessidade de decifrar; e tanto mais, quanto que a palavra *vaidade* era constituida por letras de duplicado tamanho, como essencia ou verbo do todo.

—Eis ahi outra especie de celticismo, me disse o archeologo, observando a attenção com que me fixava no epitaphio; porém esse pertence ao celticismo moderno. A desigualdade social... o reputarem-se uns por seu nascimento mais do que outros, tornou e torna a muitos mancebos desgraçados. Ainda que Deus desceu dos ceos e disse muito alto *todos sois irmãos e filhos d'um unico pae*, nem por isso! A vaidade inherente a toda a posição social distincta, sublevou-se sempre e continua sublevando-se contra as affirmações divinas do doce cordeiro de Nazareth.

Eu ia a instal-o para que me referisse o drama que se encerrava n'aquelle epitaphio; porém o archeologo proseguiu, como se adivinhasse o meu desejo:

—Quando chegarmos a casa entregar-lhe-hei o manuscripto que possuo de meu sobrinho Henrique V, conde de Amarante; são as paginas intimas da sua vida de amor; a sua alma, desencadeando-se sensação por sensação, á borda d'este tumulo, quando já essa louza sepulchral cahia sobre seu corpo inanimado. Em logar de ser enterrado no pantheon do seu palacio, que está ali, ordenou que o enterrassem n'este logar, para que todos quantos entrassem e sahissem na casa de Deus pisassem os seus restos, a sua memoria! Não façamos nós tal. Em vez de calcar com os nossos pés as cinzas d'um martyr das vaidades sociaes, beijemol-as! Nada excita tanto a piedade como o martyrio!

E inclinando-se sobre aquella louza, beijou-a com o maior enternecimento. Eu tambem a beijei com humildade. Bastava-me que encerrasse o pó que resta d'um grande infortunio.

Porém ao levantar-se o bom do velho, ao despregar os labios da louza funeraria, nos seus olhos fulguraram lagrimas de vivissima angustia.

Respeitei aquella dôr e aquellas lagrimas, não lhe dirigindo mais uma palavra ácerca d'aquelle epitaphio, nem do manuscripto.

(Continua)

UMA LEMBRANÇA

A' EX.ma SNR.a D. P. R. V.

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar;
As estrellas,
Scintillando,
Vão brilhando
Sobre o mar!...

Anjo, oh! anjo
De meus sonhos
Tão risonhos,
Vem, oh! vem!...
Que dormindo
Com a aragem,
Veja a imagem
Do meu bem!...

Uma vista
De bonança
Dá-me esp'rança
No porvir:
D'essa boca
Dá-me, ó bella,
O' donzella,
Um sorrir!...

Não?... Ingrata!...
Desdenhosa
Mariposa
No amor
Nem presente
O que vela
Junto d'ella
Com fervor!...

Triste fado
De quem ama,
E o inflamma
Dama assim!...
Leva a vida
Em queixumes;
De ciumes
Morre em fim!...

Voga a barca,
Beija a vaga,
Ouve-a, em paga,
Suspirar;
Tenho n'ella
Confiança
E uma esp'rança
Salutar!

ERNESTO

SCIENCIA PARA TODOS

IV

METALURGIA

(Continuação)

A mineralogia é a sciencia que trata do conhecimento e classificação dos mineraes que existem na superficie do globo ou no seio da terra. Desde que aos chimicos foi dado analysar os mineraes, a sua ordem natural offerecia-se de per si e bastava procurar um methodo para a nomenclatura.

Em mineralogia é necessario antes de tudo reparar nos signaes particulares que os mineraes fornecem. Os caracteres mais proprios para dar a conhecer as especies são de duas qualidades, uns physicos e outros chimicos. Os primeiros podem ser observados por meio dos nossos orgãos. Nota-se de que maneira um corpo obra sobre os nossos sentidos, qual é a sua côr, a forma, a sua dureza, o peso especifico, a dilatabilidade, as propriedades electricas e magneticas. Os caracteres chimicos estudam-se nas substancias que entram na composição d'um corpo e nas combinações d'esses elementos entre si.

O mineralogista deve habituar-se a conhecer os mineraes com auxilio d'experiencias simples e faceis: um martello, um maçarico, alguns acidos e uma pedra iman devem bastar para as observações.

Esta parte da historia natural é hoje objecto d'estudos que darão sem duvida nenhuma resultados muito preciosos.

Os sabios dividiram os metaes em quatro classes, a saber:

1.ª *Metaes terrosos*. Comprehende esta classe as terras e pedras propriamente ditas, desprovidas de sabor e gosto, taes como a pedra de rebolo, ou mó, a argila, o crystal, o alabastro, a silica, as pedras preciosas, etc.

2.ª *Mineraes salinos*, substancias acidas, como o sal, a alumina, o nitro, o borax.

3.ª *Mineraes inflamaveis*, substancias combustiveis, como o carvão, o enxofre, o chumbo e o alabastro.

4.ª *Mineraes metalicos*, substancias ducteis e malleaveis, como o ouro, a prata, etc.

Alguns metaes tornam-se baços e cobrem-se de ferrugem expostos ao ar; é porque absorvem uma parte do ar chamado oxygenio, pelo que se deu á ferrugem o nome d'oxydo. Postos ao fogo até ao vermelho por um longo espaço de tempo, absorvem igualmente o oxygenio da atmosphera e convertem-se em oxydo. Este modo de proceder chama-se *oxydação*. Dez kilogrammas de chumbo derretido e posto ao fogo até ao vermelho, dão um oxydo chamado do minerio de chumbo e que pesa 22 kilogrammas. Este augmento de peso é devido á absorpção do oxygenio.

Fazem-se voltar os oxydos ao estado metalico tirando-lhes o oxygenio. No exemplo que acabamos de citar, basta queimar o minerio do chumbo com pó de carvão; o carvão apodera-se do oxygenio do oxydo e o chumbo reapparece no seu estado natural. Chama-se a este processo *reducção*.

A platina é o mais pesado dos metaes; é 20 vezes mais pesado do que a agoa. E' mais mole do que a prata; mas endurece consideravelmente ligado com outro metal. A sua tenacidade é pouco mais ou menos como a do ferro; a sua densidade é mais forte do que a de todos os outros metaes. A platina é muito ductil; mas menos malleavel do que o ouro. E' infusivel ao fogo de forja e só derrete á chamma do oxygenio e do hydrogenio; a explosão determina-se por meio da pilha de Volta. Liquifica-se então e ferve, despedindo centelhas. Quando começa a arrefecer pode ser forjado e soldado em si mesmo como o ferro.

A propriedade que tem a platina de resistir ao fogo mais violento, faz adoptal-a para a confecção dos cadinhos e retortas.

Como é o menos dilatavel dos metaes, é o preferido para a fabricação dos modelos para a aferição dos pesos e medidas e tambem se emprega na relojoaria de precisão.

Não a atacam os acidos mais violentos, á excepção da agoa regia, que a converte em chloro. E' inalteravel ao ar.

(Continua) DOUTOR JAYME

UM THEATRO PARTICULAR

(EXCERPTO)

(Conclusão)

Uma girandola de gargalhadas alvares faz tornar a si o actor apaixonado, que ajuda a metter o lençol para dentro, e vae novamente reclinar-se no camapé com o lenço nos olhos, dizendo:

—Ha vinte horas que não me levanto d'este logar, debatendo-me em um martyrio que me consome!

Entra a esposa, representa-se a grande scena de ciumes dolorosos, e no meio das lagrimas e das exclamações que chegam a humedecer os olhos dos espectadores mais sinceros, diz o marido:

—Sinto passos!

Abre a porta do fundo, dá com a ponta do nariz na parede esboracada da trapeira e exclama:

—E' elle! E' o nosso filho; alfim!

E o publico observa cuidadosamente a caliça denegrida da parede á qual se dirigem as exclamações festivas do actor, que assim continua:

—A meus braços! A meus braços!

Demora-se a apparição, e o actor grita para dentro de modo que se ouve na platéa:

—Então vae ou fica?

Começa a notar-se que o bastidor do fundo dá de si, fazendo caír uma cadeira, e em seguida vê-se um braço a estender-se ao longo da parede, e apoz o braço um figurão que se encolhe e se espalma para passar entre a parede e o bastidor; o pae diz:

—Como elle vem correndo para nos abraçar! A meus braços!

O filho consegue desentalar meio corpo, puxa a perna direita que ficou presa e exclama:

—O' meu querido papá! Venho estafado de correr! Posso abraçal-o alfim!

Por este teor continua a representação até ás duas horas. Terminado o espectaculo, convidam-se as damas a descer aos salões do baile, e uma voz corre immediatamente entre os homens, de ouvido em ouvido, e em tom mysterioso:

—Vamos indo a pouco e pouco até á ceia, emquanto *ellas*, coitadas, ficam descançando aqui.

Assim se faz. Os cavalheiros passam ao bufete, onde se demoram tres quartos de hora dando conta de uma larga frigideira de cabrito guisado e de quatro duzias de garrafas do Cartaxo.

Acabado o repasto, entraram novamente na sala, de palito ao canto da bocca, e tomando o ar por entre os dentes para os desembaraçar dos residuos de cabrito, ciciavam como um bando de passarinhos em manhã de primavera.

Minutos depois começaram as danças, e eu peguei no chapeu para me retirar.

Quando chegava á porta da escada fui detido por um cavalheiro, que me declarou ser o secretario do conselho director.

—Já se vae? diz-me elle.

—Desejava demorar-me mais algum tempo; porém, infelizmente, não posso.

—Saiba então que já se fizeram as contas.

—Quaes contas?

— As da sociedade.

—E depois?

—Vem a caber um cruzado por cabeça, porque se resolveu que as *madamas* pagassem só dois tostões.

—Acho baratissimo; é um ovo por um real.

—Quer pagar agora ou paga amanhã a sua parte?

—Pago agora.

Eis aqui um dos milhares de espe-

ctaculos que pelo carnaval alvoroçam as familias menos abastadas, onde os papelinhos perfumados, os pós de gomma, e até os de sapâtos, são grangea preciosa com que o amor polvilha os seus escolhidos desde o nariz até á cova do ladrão.

Manoel Roussado

O MICROSCOPIO

Chama-se *microscopio* o instrumento de que nos servimos para amplificar os objectos cujo tamanho não póde ser apreciado a olho nu.

Ha o microscopio simples e o microscopio composto.

O microscopio simples é uma lente bi-convexa. Esta lente, collocada muito perto do olho do observador, amplia os objetos por effeito de um jogo de optica, isto é, desviando-a ou aproximando-a mais ou menos da vista.

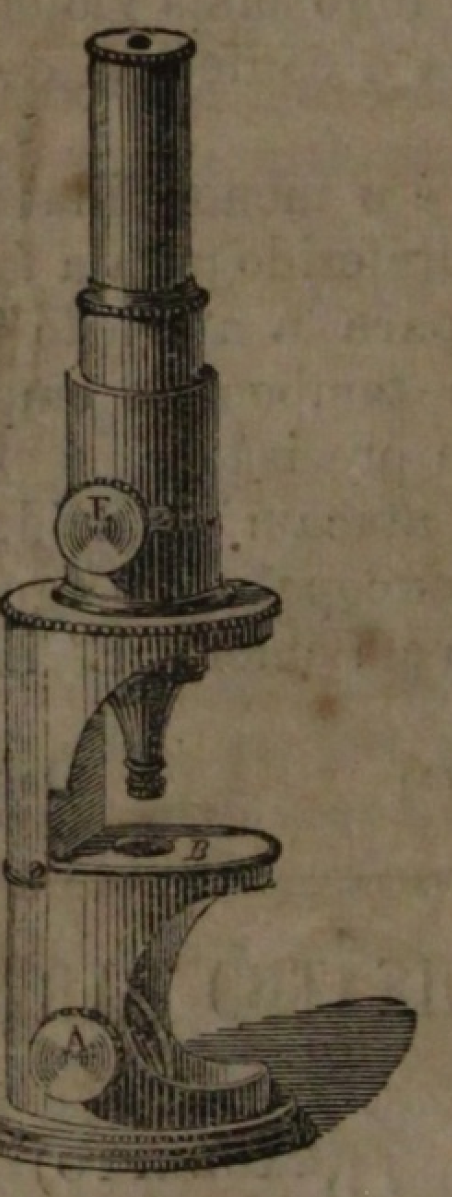
Deu-se durante algum tempo o nome de *microscopio de Raspail* ao microscopio simples, isto é, a uma lente ligada a uma haste metalica, munida de um *porta-objecto*, que pod[illegible] fixar-se, por meio de um parafuso, a differentes alturas da haste.

O microscopio composto é formado pela reunião de duas lentes de dimensões desiguaes: a menor é o objectivo; a maior, o ocular.

Applicado a um grande numero de objectos da natureza, o microscopio enleva-nos e assombra-nos pelas maravilhas de organisação que nos revela no interior dos corpos organisados. Um fragmento da herva do campo, o olho mais imperceptivel de um insecto, submettido á acção d'este admiravel instrumento, manifestam-nos todo um mundo novo, onde se agita a actividade e a vida. Uma gotta de agoa extrahida de um regato carregado de immundicies vegetaes, uma materia organica em via de decomposição, patenteiam, quando observadas pelo microscopio, myriadas de entes vivos, de animaes que possuem todos uma organisação perfeita,

O MICROSCOPIO

e desempenham as suas funcções physiologicas como as grandes especies que conhecemos. A revelação d'este mundo invisivel, que os antigos ignoraram, é, para as gerações modernas, mais uma



MICROSCOPIO COMPOSTO

rasão para admirarem a omnipotencia do Creador.

(Extrahido do *Novô livro de leitura para as escolas primarias de Portugal e Brazil*, por João Diniz.)

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira.

ZIG-ZAGS

A IMPRENSA NA CHINA

E' fora de duvida que a árte typographica foi praticada desde tempo immemorial pelos chins; mas, como o seu alphabeto se compõe de mais de quarenta mil letras, elles não podem servir-se de typos moveis; limitam-se pois a talhar em relevo sobre uma taboa os caracteres, de que teem precisão; a cobrir estes caracteres com a tinta, e a tirar um numero determinado de impressões, applicando successivamente sobre elles differentes folhas de papel. Os encadernadores, ao inverso dos nossos, reunem estas folhas em volumes, unindo-as pelas bordas; uma nota de prefacio indica ordinariamente o ponto, em que se depositaram as taboas, que serviram á primeira edição da obra.

Os chins guardam um respeito tradiccional e quasi religioso á conservação dos papeis impressos ou escriptos; guardam-os com o maior cuidado e queimam-os depois de os lerem, afim de os livrar de toda a profanação.

Ha até quem affirme que se formam sociedades, que pagam a portadores que vão de rua em rua com enormes cestos, encarregados de juntarem todos os fragmentos: estes farrapeiros de novo genero recebem uma gratificação por terem salvado esses perdidos restos do pensamento humano.

Os cidadãos do celeste imperio gosam da liberdade d'imprensa a mais completa, mas com seus riscos e perigos: a auctoridade, que não tem direito d'impedir publicação alguma, vinga-se de repente, valendo-se dos pamphletos ou satyras virulentas, que ella diariamente faz publicar por sua conta. Um grande numero d'imprensas moveis existem nas casas particulares, que d'ellas usam e abusam. Não ha paiz no mundo, onde as paredes estejam mais cheias de cartazes.

MAXIMA

Quem se contenta com pouco, cedo se acha sem nada.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesma praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO — PREÇO 20 REIS — NUMERO 63

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 10 DE NOVEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— Bertha — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Mexico — Através da historia: Nero — Aos irmãos de S. Martinho (poesia) por Ernesto — A manhã do S. João no santuario da Senhora dos Remedios, por D. Maria do Pilar B. M. Osorio — A Capella dos Ladrões, por N. R. — Os processos da Inquisição — Amor da patria, por Abel Accacio Moutinho — O conde d'Amarante (romance) — Rosas de Andaluzia (poesia) por Annes Baganha — Sciencia para todos: Metalurgia, por doutor Jayme — Uma historia extraordinaria — Os homens uteis de todos os paizes: Vauquelin — O fogo grego — Zig-Zags: Resposta d'heroe — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— A despedida — Um oasis — Carro incendiario.

BERTHA

(Continuação)

Passaram-se seis mezes sem que houvesse noticia de Edgardo. Verdade era que se mettera o inverno e os caminhos estavam intransitaveis, a ponto tal que não havia communicação com a cidade, que ficava á distancia de quinze legoas.

Debalde Bertha pedira, rogara, supplicara a seu avô que mandasse um criado á cidade, onde naturalmente devia saber-se alguma cousa que a tranquilisasse a respeito do destino de Edgardo. O avô limitava-se a dizer-lhe que com aquelle tempo não havia em toda a aldeia viva alma que se aventurasse a sahir d'ella por dinheiro nenhum.

Devemos explicar isto aos nossos leitores.

E' que a aldeia estava encravada entre umas altas serranias, das quaes no inverno desciam impetuosas torrentes, que transformavam em caudaloso rio o tenuissimo arroyo que nos restantes mezes do anno até as creanças

A DESPEDIDA

passavam a pé. Alguns annos, quando a miseria era muita, porque os simples aldeãos não poderam precaver-se de mantimentos em consequencia de o inverno vir mais cedo do que elles esperavam, moços robustos mettiam ousadamente hombros á empreza e iam aos povos visinhos pedir soccorros. Mas as victimas eram ameudadas. Annos houve em que o abysmo engoliu quatro e cinco homens. Chegou um anno em que de tres rapazes, que, montados em soberbas mulas, se metteram pelo rio dentro com sentido de o vadearem, porque não havia outro caminho para sahir da aldeia, nem um só foi poupado pela torrente, que lhes deu sepultura no seu antro medonho.

No anno seguinte o inverno foi menos rigoroso; mas, ainda assim, um homem que se aventurou a atravessar a corrente, nunca mais de lá sahiu. Desde então, fosse ou não o inverno rigoroso, houvesse ou não penuria na aldeia, ninguem se prestou por cousa nenhuma de este mundo a ir á cidade.

Está pois explicado um dos motivos porque, durante os seis mezes decorridos desde a partida de Edgardo, não se soube d'elle.

Esta rasão porém não convencia Bertha, que, no excesso da saudade que a ralava, entendia que Edgardo, se não lhe tivesse acontecido algum mal, teria inventado um outro meio de fazer saber á amiga da sua infancia que não lhe succedera nada, que ia bom e que continuava a amal-a Os amantes teem d'isto e nem sempre erram.

A propria mãe de Edgardo não se encommodava tanto como a innocente rapariga, porque suppunha que não havia rasão para isso e acreditava que mal o inverno passasse ver-se-ia chegar á aldeia o portador de noticias, que

não podiam deixar de ser boas, porque aquella excellente alma confiava muito nas orações que todos os dias dirigia á mãe de Deus para que esta velasse pelo seu querido Edgardo.

Chegou o mez de março; as cataractas do ceo fecharam-se; as terras, até ali enxarcadas em agoa, principiaram a seccar; um sol animador entrou de derramar seus raios preciosos sobre campos que estavam reclamando cultura e o lavrador animou-se a cuidar de preparar a terra para as sementeiras.

Com a volta do bom tempo a esperança renasceu mais viva no coração atribulado de Bertha. Então é que ella não deixava passar um só dia sem ir com Leão sentar-se aos pés da cruz junto da qual se despedira de Edgardo, confiada em que não tardaria a ver chegar o portador d'uma carta, ao menos, para ella. Chegaram de facto muitos portadores, com volumosos massos de cartas que durante o inverno não tinham podido ser entregues; Bertha corria ao seu encontro com o coração alvoroçado, mal os avistava ao fundo do extenso caminho que o cruzeiro dominava; interrogava-os com os labios, com os olhos e com as mãos; mas, por desgraça, nenhum d'elles podia pôr termo á febril anciedade d'aquella creança.

Bertha voltava todas as tardes para casa triste e scismadora.

—Não pode ser, dizia ella, enxugando uma lagrima furtiva. Adivinho uma desgraça. Do contrario Edgardo ter-me-ia escripto.

E, chorando copiosamente, lançava-se nos braços do avô, que chorava com ella, não tendo outro meio de consolal-a.

Uma tarde, em que, como do costume, Bertha voltava a casa sem ter alcançado saber noticias do querido da sua alma, correu apressada ao quarto do ancião, que quasi despediu um grito de jubilo porque nos olhos da neta estremecida não via brilhar as lagrimas como nos outros dias. Não; pelo contrario, o seu rosto estava tranquillo, quasi radiante d'alegria, o que era sem duvida um bom presagio. Mas qual não foi o espanto do enfermo quando viu Bertha lançar-se de joelhos diante do leito em que elle se achava sentado e dizer-lhe:

—Meu pae, dê-me a sua benção, que talvez seja a ultima!

O avô estremeceu e perguntou:

—O que quer isso dizer?

—Quer dizer, tornou Bertha, que vou partir.

—Tu?!...

—Sim; vou á cidade saber noticias d'Edgardo.

—E' possivel! exclamou o ancião fazendo um esforço como que para se erguer do leito e cahindo de novo sobre o travesseiro. Estás louca, Bertha!

—Não estou louca, não. Sei muito bem o que digo, respondeu a donzella. Não posso viver mais tempo n'esta incerteza, que é peor do que a morte. Quero saber se Edgardo é morto ou vivo. Ninguem m'o vem dizer; vou eu indagal-o. Na cidade hade saber-se onde está o regimento a que Edgardo pertence, e ainda que elle esteja no fim do mundo, eu hei de encontral-o. Fique certo d'isso.

—Mas é uma loucura! tornou o velho.

O dialogo continuou por este modo; mas não houve que dissuadir Bertha do seu projecto. O mais que o avô conseguiu foi fazer com que a acompanhasse um criado de toda a confiança. A despedida foi pathetica, e quando o velho lhe deu a ultima benção, Bertha ajoelhou diante do leito, tomou-lhe a mão e osculou-a com ardor, exclamando:

—Meu pae, o ceo é justo. Confie n'elle, como eu confio em que, com a sua ajuda, hei de conseguir saber o que o meu coração com tanta ancia deseja!

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

L

O MEXICO

(Continuação)

Em 1836 os francezes, ultrajados, bombardearam S. João de Ulloa e Vera Cruz. Dous annos depois, as tropas da União occupavam muitas cidades importantes e derrotavam os mexicanos, que foram obrigados a abandonar aos Estados Unidos o Novo Mexico, a Nova Caledonia e uma parte do Rio do Norte. Em 1854 Acapulco revoltou-se e o poder tornou a cahir nas mãos de generaes ambiciosos, como Sant'Anna, Carrera, Alvarez, Comonfort, Zuloaga, Miramon e Juarez, que se succederam no poder durante seis annos, desde 1855 até 1861. O proceder do ultimo determinou a intervenção estrangeira; a França, a Inglaterra e a Hespanha mandaram exercitos; mas a França ficou só em 1862, e, depois de brilhantes victorias, substituiu a republica por um imperio, sendo proclamado imperador o archiduque Maximiliano, irmão do imperador de Austria.

Mal as tropas francezas retiraram, Juarez poz-se em campo e venceu as tropas imperiaes. O imperador cahiu prisioneiro em Queretaro, por traição de Lopez, e foi fuzilado com varios dos seus partidarios em 1867. Desde então ficou restabelecida a republica mexicana.

O Mexico está dividido em 25 provincias. A capital é a cidade do Mexico, fundada pelos aztéques e que antes da chegada dos hespanhoes se denominava Tenochtillan. Estava edificada sobre tres ilhas, que hoje fazem parte do continente. E' uma linda cidade de 200:000 habitantes, com magnificos edificios, ruas largas e muito bem alinhadas, etc. São dignos de ver-se, d'entre os seus monumentos, o museu d'antiguidades, os quadros hyerogliphicos dos seus archivos, a estatua de Carlos IV na praça maior, as egrejas e conventos, notaveis pelas suas riquezas. Estes ultimos edificios são cobertos de porcelana, e brilham n'elles os metaes preciosos. Imprensa, que data de 1550. Casa da moeda; fabrica de charutos do estado.

As cidades principaes são as seguintes:

Guadalaxara (90:000 h.), capital do estado de Xalisco, a 420 kilometros do Mexico e junto do Rio Grande de Santiago. Entre os monumentos d'esta celebre cidade, fundada por Nuno de Guzman em 1531, nota-se a cathedral, que encerra ricas joias e quadros da escola hespanhola. A industria consiste em louças e tabacos.

Puebla (85:000 h.), cidade forte, com uma magnifica cathedral, sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, e que encerra grandes riquezas. Fundada em 1533, os americanos occuparam-a em 1847 e foi tomada pelos francezes, ao cabo d'um cerco heroico, em 17 de maio de 1863.

S. Luiz de Potosi (60:000 h.); as minas de prata que outr'ora forneceram incalculaveis riquezas, são tudo o que dá celebridade a esta cidade.

Guanaxuato (50:000 h.), cidade fundada em 1554 sobre uma altura de 1:880 metros. Minas de prata nos arredores; casa da moeda.

Merida (40:000 h.); esta cidade foi devastada por um tremor de terra em 1812.

Queretaro (30:000 h.); foi ali que o imperador Maximiliano foi fuzilado em 1867. Tem um magnifico aqueducto; praças largas e muito lindas.

Valladolid (25:000 h.), patria de Iturbide. Cidade elegante, com bellos aqueductos.

Oaxaca (25:000 h.), cidade edificada por Nuno del Mercado, companheiro de Cortez, em um lindo valle, sobre o Rio Verde. Foi d'ali que Fernando Cortez tomou o nome de marquez del Valle. Os mais notaveis monumentos são a cathedral, o palacio episcopal, bellos aqueductos, admiraveis jardins. Minas d'ouro e prata. Dá-se ahi o nopal, arvore em que vive a cochonilha.

Vera Cruz (16:000 h.), a principal praça do commercio do Mexico e principal porto, no golfo do Mexico, defendido pelo forte de S. João de Ulloa. Edificada em uma planicie arida e cer-

cada de pantanos, o clima é muito insalubre; no estio o calor é excessivo e a cidade fica quasi privada d'agoa. Exporta ouro, prata, couros, tabaco, etc. O commercio é explorado pelos inglezes, francezes e allemães. Tem 7 egrejas, 3 hospitaes, um collegio de frades Agostinhos e um theatro. Foi em Vera Cruz que Fernando Cortez desembarcou quando emprehendeu em 1519 a conquista do Mexico. Esta cidade foi mais tarde o foco principal da insurreição contra a dominação hespanhola. As tropas francezas occuparam-a em 1812.

Cholula (16:000 h.), cidade outr'ora muito florescente. A leste d'esta cidade encontra-se uma immensa pyramide, ou teocalli, erguida pelos antigos mexicanos ao deus do ar, medindo na base 492 metros de cada lado e 59 de altura. Está em parte arruinada.

Xalapa (15:000 h.); cidade situada sobre uma altura, em uma posição admiravel, era outr'ora o emporio do commercio da Europa com o Mexico. E' d'ali que vem a planta medicinal conhecida pelo nome de *jalapa*.

Tampico (8:000 h.), porto importante; commercio d'exportação d'assucar, couros, cochonilha, etc. Em 1829, Sant'Anna, á frente das tropas indigenas, derrotou ali os hespanhoes.

Perto de Guanaxuato está a Valenciana, a mais celebre mina de prata de todo o mundo; tem mais de 500 metros de profundidade.

(Continua)

ATRAVÉS DA HISTORIA

III

NERO

O celebre imperador romano d'este nome (Lucius Domitius Claudius) era filho de Domitius Ænobarbus e d'Aggripina, filha de Germanicus, tendo nascido no anno 37 antes de Christo. Depois da morte de Domitius, Aggripina passou a segundas nupcias com o imperador Claudio, a quem fez adoptar o primeiro filho, Nero, e escolhel-o para successor de preferencia a seu proprio filho, Britannicus. Em seguida, achando que elle tardava muito a ceder-lhe o throno, fel-o envenenar por Locusta.

Nero foi reconhecido imperador pelos pretorianos em 54. Os primeiros mezes do seu reinado foram assignalados por actos de justiça e humanidade, em quanto seguiu os conselhos de seus preceptores Burrhus e Seneca e esteve sob a tutella de sua mãe. Mas dentro de pouco tempo, cessando de attender a uma e outros, rodeou-se de cortezãs e escravos forros e affastou Aggripina dos negocios. Esta ameaçou-o de fazer valer os direitos de Britannicus; Nero mandou-o envenenar e desterrou a mãe.

As reprehensões porém d'esta não cessaram de perseguil-o e o monstro tentou acabar com ella, fazendo-a embarcar em um navio de antemão preparado para se afundar no mar largo. Tendo falhado este meio, fel-a apunhalar por um dos seus favoritos.

A este tempo já Nero tinha repudiado Octavia, irmã de Britannicus, mandando-a matar, e roubando a Othão, que depois foi imperador, sua mulher Poppeia, que não tardou tambem a ser immolada com um ponta-pé que Nero lhe descarregou no ventre.

Desde esse dia, para abafar os remorsos que deviam perseguil-o para todo o sempre, o feroz e brutal imperador entregou-se a toda a depravação dos seus gostos, á baixeza dos seus instinctos, á ferocidade do seu caracter. Os romanos viram-o, corando de vergonha, guiar os carros na arena e cantar nos theatros. As provincias foram pilhadas e as confiscações exercidas em larga escala, para satisfazer ás prodigalidades do imperador para com a populaça de Roma, que o applaudia phreneticamente.

Burrhus e Seneca já a esse tempo tinham sido expulsos, sendo substituidos por Tigellinus, isto é, um bobo. Seneca foi accusado de cumplicidade na conspiração de Calpurnius Pison, no anno 65, com o poeta Lucano e o historiador Petronio, sendo obrigado a matar-se: Thraseas, Silanus, Corbulon e outros tiveram a mesma sorte.

N'esta epoca um terrivel incendio devastou Roma. Nero foi accusado d'esse crime; mas lançou a culpa aos judeus e christãos, entregando-os a horrorosos supplicios. Foi esta a primeira perseguição soffrida pela Egreja.

Apesar d'estas desordens no interior, a gloria militar não deixou de acompanhar o reinado do dissoluto imperador. Corbulon, o mais illustre general da epoca, expulsou os parthos e submetteu a Armenia e a Iberia; Suetonio Paulino reprimiu a insurreição da Bretanha e venceu a rainha Boadiceia; Fonteius Capito, nas margens do Rheno, repellia os germanos para longe das fronteiras. Nero, cioso da gloria dos seus capitães, quiz tambem adquirir coroas. Foi-as pedir á Grecia, concorrendo aos jogos olympicos, isthmicos, nemeanos, fazendo-se decretar a palma em todos os generos, desde as corridas de carros até á poesia. Voltou a Roma, carregado com mil e oito centas coroas; mas o imperio estava cansado d'obedecer a um mao cantor como lhe chamava Vindex. Foi este ultimo que promoveu a insurreição das Galias e da Hespanha, no anno 67, offerecendo a coroa a Galba. Quando se soube de tal, o senado e o exercito abandonaram Nero, que fugiu. Perseguido, estava a ponto de ser descoberto, quando se fez apunhalar por Phaon, escravo forro, e morreu exclamando:

—Que grande artista o mundo vae perder!

AOS IRMÃOS DE S. MARTINHO

(11 DE NOVEMBRO)

Eis o dia, irmãos, da festa
Do padroeiro do vinho!
E' chegado o dia alegre
Do nosso bom S. Martinho.

Dia votado ás moafas,
Aos pifões e cabelleiras,
Carraspanas, bicos, turcas,
Sumatras e bebedeiras.

Reuna-se a irmandade;
Nomeemos um juiz;
Celebremos este dia,
Bebendo como funis.

Façamos da nossa pança
Armazem grande de vinho;
Só assim celebraremos
O dia de S. Martinho.

Venha Porto e Carcavellos,
Tambem o Madeira secco,
E no enxugar de garrafas
Nenhum de nós seja pecco.

Do nosso patrono a festa
Deve ser bem festejada;
Esqueçamos as tristezas
De nossa vida passada.

Mettamos para o bandulho
Quanto lá caiba de vinho,
Para honrarmos a memoria
Do patrono S. Martinho.

Mil brindes e mil saudes,
Em nome da confraria.
Quem riquezas não possue,
Possua paz e alegria.

Se os bens da fortuna avara
Duro fado nos negou,
Deu-nos boca: eia! bebamos
O vinho que Deus creou.

Roguemos ao nosso santo,
Em nome do bem geral,
Finalise o mal das vinhas,
Ao menos em Portugal.

Que acabe com essa praga,
Ruina dos lavradores,
Que tanto aterra e ameaça
Os seus fieis bebedores.

Sim, morramos abrigados
Dentro d'immenso tonel,
Pois morrer de boca secca
E' morte dura e cruel!

Se o milagre faz o santo,
Como devemos esp'rar,
Com boa festa p'ra o anno
Pode o santinho contar.

Vamos beber no emtanto
Do que ha, ou mal ou bem,
Esp'rançosos na colheita
Do futuro anno que vem.

ERNESTO

A MANHÃ DO S. JOÃO

NO SANTUARIO

DA SENHORA DOS REMEDIOS

—

(Conclusão)

Um joven par amante escuta os suaves gorgeios que, entre os arbustos do jardim, solta um terno rouxinol. O joven diz para a que está a seu lado:

—Aquella mimosa ave que estamos ouvindo não tem voz em todo o deccorrer do anno; agora encontra-a em seu pequenino peito para exprimir com ella seu ineffavel amor e para celebrar a felicidade que gosa na esposa e na prole de que é progenitor.

A devota peregrinação, de rodeio em rodeio e de vagueio em vagueio, foi parar diante da porta do santuario e ahi se deteve contemplando o formoso panorama que se lhe desenvolvia ao sopé.

O sol, que subia radiante para o seu zenith, innundava com a sua brilhante luz a cidade de Eicha Martim e reflectia nas vidraças os seus dourados e irisados reflexos. Os palacetes aristocraticos em que abunda a nobre cidade levantavam-se magestosos e adornados de brincados arabescos ou de bem talhadas cantarias. O paço dos bispos ostentava-se magnifico, com seu amplo rocio, no topo do qual a vetusta cathedral ergue os ponteagudos cinzelados, feitura de remotas eras, cinzelados que nos estão dizendo que aos rudes lusitanos não eram estranhas as bellas-artes.

No centro da cidade o castello roqueiro com sua torre de menagem e sua altaneira janella convidava a acatarlhe a senelidade. A' esquerda o alegre bairro de Fafel similhava formosa galeria de quadros de que o tempo tivesse diluido os contextos. De um e d'outro lado desenvolviam-se vicejantes valles e na frente escarpadas e agrestes serras a topetar com as nuvens.

O relogio da ermida, nuncio dos passos do eterno Ashaverus, fez soar onze horas. O calor augmentava; urgia recolher aos tectos. Os alegres madrugadores dispozeram-se a descer. Todos se despediram do santuario, cada um como lh'o dictava o espirito e o coração; algum d'entre elles expressou-se assim:

—Adeus, altiva montanha á qual deu seu nome o proto-martyr que não duvidou sacrificar a vida á religião que do ceo baixava á terra. Adeus, formoso templo, obra d'um alevantado pensamento e d'uma alma generosa. Adeus, pedras graniticas aonde o homem deixa gravada a immortalidade do genio e a poesia da arte. Adeus, agoas crystalinas, que vos ides deslizando até ao grande recipiente para refluirdes depois a elevados alcantis, d'onde desceis de novo a sustentar a vida animal e vegetal; quando voltardes talvez já me não encontreis, talvez os meus labios não mais libem a vossa fresca limpha. Adeus, flores perfumadas, que sois mimo e enlevo dos olhos, adorno dos templos e das sumptuosas habitações humanas e o mais poetico emprego dos pinceis e do escopro. Adeus, estatuas immoveis, que estaes ahi para dar testemunho da sublimidade dos canticos, da elevação dos pensamentos, da sabedoria dos mandatos, da heroicidade das acções e da predestinação do destino dos homens que figuraes. Adeus, vós todos, pormenores de tão bello conjunto; prasa ao ceo que no anno que segue a este a manhã do S. João nos veja aqui reunidos, alegres e descuidosos como nos vê hoje.

D. Maria do Pilar B. M. Osorio

A CAPELLA DOS LADRÕES

—

Na provincia do Rio Grande do Sul, a nove legoas da cidade de Pelotas, no municipio de Cangussú, junto á estrada real que vae a Bagé, encontram-se umas dez habitações denegridas e cobertas de colmo, dispersas sobre um monte rochoso, em cujo cimo se vê uma egrejinha, ao lado da qual uma morada de melhor apparencia serve d'aposento ao presbytero. Chama-se este pequeno povoado a Capella da Luz, nome que os viajantes que por lá passam converteram em *Capella dos Ladrões*.

Se n'aquella humilde e quasi selvagem aldeola se commetteu em dias passados a arte do padre Antonio Vieira, não sei, nem o sabem dizer aquelles que, maliciosamente, a alcunham a *Capella dos homens de bem*. Um ou outro temorista descreve com tintas negras, façanhas terriveis, passadas entre as penedias ou nos profundos fossos que lá se vêem em derredor do povoado, façanhas salpicadas de sangue e cujo movel era sempre o saque; a maioria das opiniões é, porém, favoravel aos creditos da capella, dizendo-se desinteressadamente ser uma boa gente, humilde e serviçal, honrada e trabalhadora, advindo-lhe tão feio nome das continuas *disparadas* das *tropas* de gado que, ao embrenharem-se entre as *bibócas* do solo, por casos imprevistos tinham repetidas vezes logar. Um animal domestico, uma pouca de roupa a secar nos ramos de qualquer arbusto, ou mesmo um ramo secco que o vento faça mover, é o bastante para levar o susto ao gado bravo, que, repentinamente, toma a fuga, perdendo-se grande quantidade de rezes e ás vezes *tropas* inteiras; d'aqui o nome pelo qual geralmente é conhecida a Capella da Luz, attribuindo-se a firmes propositos, tendo por mira o roubo do gado perdido entre as mattas, os successivos desastres que os donos das tropas ali soffriam.

A Capella da Luz, outr'ora com grande animação e vida, contando uns cincoenta fogos, sorrindo-lhe a esperança como visão dourada, promettia tornar-se digna de figurar nos mappas; a adversidade, infelizmente, desviando de si os viajantes da sua estrada, hoje quasi abandonada, fel-a tombar tão rapidamente, que se acha já reduzida á mais miseravel povoação do Brazil, esperando só a demolição da egrejinha, para, desapparecendo, fechar o ultimo capitulo da sua historia.

Um dia, indo eu e um velho *gaúcho* em viagem para o interior da provincia, obrigados pela noute que nos surprehendeu nas proximidades da capella, tivemos de pedir pousada em um dos seus *ranchos*. Não fallando na casa do capellão, porque esse, italiano genovez, não dava pousada nem a Christo, a habitação em que pernoitamos era uma das mais opulentas da aldeia: edificio construido de enormes torrões de terra, acamados uns sobre os outros, formando parede, a que chamam *taipa*, e coberto de *macéga*, especie de palha colhida nos extensos *banhados* ou pantanos.

Quando o meu companheiro, sofreando o seu cavallo *pangaré* á porta d'aquelle tugurio de tão feio aspecto, proferiu o — O' de casa! — eu, estremecendo na sella, senti-me sensivelmente abalado, e, não sei porque, quasi tive medo de ficar uma só noite ali, em um povoado d'horrores, cuja fama tenebrosa se tinha espalhado por toda a parte.

Não foi muito voluntariamente que, tirando o pé do estribo e saltando em terra, metti a minha mão entre umas callosas e enormes, que um negro de feia catadura risonhamente me estendeu. Era o dono do albergue que nos ia servir d'abrigo, aquelle homem espaduado e semi-selvagem, cujo perfil ainda hoje me parece estar vendo.

(Continua) N. R.

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

—

A Inquisição tinha o direito, ou antes tinha-se arrogado o direito de julgar: 1.º, os herejes; 2.º, os suspeitos de heresia; 3.º, os seus fautores, os protectores de todas as pessoas que os favorecessem de qualquer modo que fosse; 4.º, os magicos, os feiticeiros, os encantadores e todos os que usavam de maleficios; os blasphemadores; 5.º, os accusados de resistencia aos officiaes da Inquisição, ou de haverem perturbado a sua jurisdicção. Só o enunciado d'estes differentes artigos d'accusação pro-

va quanto elles abriam a porta á arbitrariedade.

A Inquisição comprehendia debaixo do nome de herejes todos aquelles individuos que haviam dito, escripto, ensinado ou pregado alguma cousa contraria á Escriptura Sagrada, ao symbolo, aos artigos da fé e ás tradicções da Egreja; aquelles que, apostatando da religião catholica, tinham abraçado outra; aquelles que, sendo catholicos, louvassem os costumes e ceremonias dos outros cultos; aquelles que cahiam no erro de pensar que em todas as religiões podia haver salvação comtanto que fossem praticadas de boa fé; aquelles que diziam ou ensinavam alguma opinião contraria á auctoridade soberana e illimitada dos papas, duvidavam da sua superioridade sobre os concilios geraes, ou negavam o poder que os mesmos papas pertendiam ter sobre o temporal dos principes e monarcas; finalmente aquelles que ousavam vituperar ou criticar qualquer determinação emanada do papa, fosse qual fosse o seu objecto.

Para ser suspeito de heresia aos olhos da Inquisição, bastava ter avançado alguma proposição erronea, ou não ter denunciado a pessoa incursa n'esta falta; ter zombado das cousas santas ou despedaçado uma imagem; ter lido, guardado em sua casa ou emprestado a alguem livros prohibidos pela Inquisição; ter despresado deveres de devoção, passado um anno sem se confessar nem commungar, comido carne em dia de jejum e na quaresma; ter assistido, ainda que não fosse mais de uma vez, ás praticas e exercicios de piedade dos herejes; não ter comparecido perante a Inquisição logo que para isso fosse citado; ter algum hereje por amigo, tel-o estimado, hospedado, ou visitado, tel-o embaraçado de ser preso pela Inquisição, induzido a salvar-se e ajudado na fuga. Segundo estes principios, qualquer era obrigado, debaixo da pena de excommunhão, a denunciar seu proprio pae, seu irmão, seu marido, sua mulher, seus filhos, e não o fazendo, a ser tratado como fautor dos herejes.

UM OASIS (*)

Debaixo d'estas mesmas penas, era prohibido favorecer, aconselhar ou soccorrer qualquer pessoa presa ou demandada pela Inquisição, hospedar, esconder ou prestar auxilio a um preso evadido ou ministrar-lhe instrumentos para arrombar a prisão; impedir os officiaes da Inquisição de prender alguem, ou simplesmente ajudar quem os perturbasse em suas funcções.

Incorria-se igualmente no crime de fautor de heresia se se escrevia a um preso da Inquisição, ainda que não fosse senão para o consolar ou dar-lhe noticia da sua familia; se se induziam as testemunhas a lhe serem favoraveis, se se escondiam ou queimavam papeis que podiam compromettel-o. Finalmente todo o commerciante era fautor de heresia se o commercio o obrigava a corresponder-se com um hereje, se lhe remettia mercadorias e dinheiro, se lhe escrevia e recebia as suas cartas.

Os judeus, os musulmanos, os individuos de todas as religiões, emfim, eram, como os christãos, sujeitos á Inquisição, por todos os delictos que acabamos de referir e por outros mais que lhes eram particulares, como impedir que alguem da sua crença abraçasse a religião catholica, ou induzir algum catholico a abraçar a sua, vender, fazer ler, ou simplesmente guardar em casa d'estes os livros da sua doutrina, como o Thalmud, o Alcorão, etc; ter mulheres christãs por amas de seus filhos. A mira que levava a Inquisição em tratar com extremo rigor estes infelizes era para os fazer mudar de religião pelo temor dos supplicios. Que excellente modo d'operar conversões!

Ultimamente todos estes delictos eram de pena capital para todo aquelle que não chegava a justificar-se d'elles. Mas esta justificação era inteiramente impossivel.

(Continua)

(*) Vid. pag. 104 do 1.º volume.

AMOR DA PATRIA

Patria!... Que nome saudoso! Como nossa alma se alegra ao recordarmos o berço querido da nossa infancia, onde passamos as mais gratas illusões da vida!

Patria!... Mãe carinhosa que nos embalaste nos doces sonhos da infancia; flor, que aromatisaste a nossa juventude! Oh! Como o infeliz proscripto acha suave lenitivo á sua dôr, quando se sente transportado pelo archanjo da saudade ao teu seio formosissimo!

Patria!... Tu és o sarcophago sagrado das cinzas de nossos paes, o tumulo saudoso de nossa amante, o variado jardim da nossa adolescencia!

Eis, pois, os sagrados laços que a ti nos prendem, os objectos queridos por quem suspiramos, e por quem derramariamos nosso sangue, se necessario fosse, para obstarmos a que mão impia ou sacrilega ousasse jamais violal-os.

Sois vós que, suscitando em nossa alma o vigoroso sentimento da nacionalidade, haveis produzido esses heroes, cujos feitos gloriosos honrarão eternamente as paginas mais bellas da historia portugueza.

Os Castros, Albuquerques, Tristões, Almeidas e outros muitos, são d'esses vultos grandiosos que a historia commemora em seus annaes, e que tudo sacrificáram nas aras sagradas da patria.

Não ha muito ainda que um pequeno grupo de fidalgos portuguezes, vendo a patria escravisada e abatida, lhe offereceram suas vidas, cortando com suas finas espadas os grilhões que durante sessenta annos haviam algemado os pulsos de seus irmãos.

Ainda hoje se não extinguiu o amor da patria no coração dos portuguezes.

Ainda hoje, se necessario fôr, surgirão os heroes, que, seguindo as virtudes e façanhas de seus antepassados, provarão mais uma vez ao mundo que

somos um povo livre, e livres havemos de morrer!

ABEL ACCACIO MOUTINHO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PROLOGO

(Continuação)

III

Quando, passados poucos dias, me despedi d'elle para regressar ao meu povo natal, entregou-me uma caixinha muito bem embrulhada pelas suas mãos, sem proferir phrase alguma. Em compensação tornaram a brilhar iguaes lagrimas nos seus olhos. Comprehendi bem o que queriam significar, e não me enganei, porque n'aquella caixa levava eu outro tumulo, o tumulo d'uma alma!

Abramos este pequeno tumulo e encontremo-nos frente a frente com as turbulentas paixões d'essa alma!

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

I

MEUS PAES

Naturalmente, ao escrever as primeiras paginas da minha vida intima, a alma saúda com a maior emoção a memoria de minha boa mãe, a condessa Amalia, a mais santa, a mais bella e a mais piedosa das mães.

Adorada mulher que me lançaste á vida... como te recorda o meu espirito apesar de não brilhar já a tua celestial ternura! Carne de tua carne, osso de teus ossos e sangue de teu sangue, conforme diz a Escriptura, eu não posso deixar de recordar todos os dias o teu entranhado affecto, como tu não podias deixar de amar-me creado. Deslisam-se as lagrimas de meus olhos, quando ainda te vejo com os da alma. Contemplo-te, sim, tão espiritual e carinhosa comigo, que não vivias senão onde eu vivia e não pensavas senão o que eu pensava. Tu, minha querida mãe, tu ensinaste-me a fallar, a sentir e a pensar. Jamais te separavas de mim, intimamente ligados como estavamos, e foi preciso que a inexoravel foice da morte te segasse em flor, para que tuas mãos deixassem de enxugar as minhas lagrimas, teus braços d'abraçar-me e teus labios de beijar-me com todo o fogo do amor mais puro e maternal. Eu, pobre creança, não conhecia mais doçuras nas nossas montanhas que a doçura de tuas amorosas caricias, e isto fazia-me muito feliz.

Quando cheguei aos oito annos, recordo-o bem, era em 1846, acabava a guerra civil, e meu pae, general das fileiras de D. Carlos, retirou-se ao nosso palacio, sem se ter convencionado; e ao pôres-me tu em seus braços, elle desviou-me d'elles sem me dar um beijo.

Aquelle teu amor, minha mãe, e aquelle desamor de meu pae, já me impressionaram fundamente desde a infancia.

—Jacob, porque não beijas e não acaricias o filho das nossas entranhas? perguntou ella a meu pae com desalento.

—Amalia, lhe respondeu meu pae, ás creanças não se deve fazer tantos mimos como tu fazes ao nosso. Assenta-te bem a ternura com que o creaste, em quanto estive na guerra; é impossivel em mim essa ternura. Um pae vê seus filhos por distincto prisma que uma mãe.

E, homem formado nas durezas da campanha, voltou-nos as costas, a minha mãe e a mim, retirando-se ao seu gabinete trauteando um *zorzico*, ou canto vascongado.

Era aquella, pode-se dizer, a vez primeira que via meu pae, o qual, sendo capitão do 15 de linha, dous ou tres annos depois de eu ter nascido, tinha desertado de suas bandeiras, fugindo para a Navarra, seu paiz natal, para engrossar as fileiras carlistas.

(Continua)

ROSAS DE ANDALUZIA

—

E' falsa a fama corrente
Das rosas da Andaluzia;
As rosas do Algarve ardente
Não teem menos galhardia.

E teem mais modestia. O aroma
E' mais recondito e fino,
Como o que vela a redoma
De um peito puro e divino.

Ellas trocam seu perfume
Pelo de um amor perfeito
De quem as colhe e resume
Escondidas no seu peito.

Mas se acaso o vento passa
E o aroma lhes roubou,
E' completa essa desgraça,
Inteira a flor se fanou.

As de cá são enganosas,
Pois, tendo o aroma perdido,
Ainda querem ser rosas
Em mão que as não ha colhido...

Sevilha — ANNES BAGANHA

SCIENCIA PARA TODOS

—

IV

METALURGIA

(Continuação)

A platina quasi que não se encontra senão alliada com o palladio, o rhodio, o iridio e o polinio. Os minerios de platina encontram-se especialmente no Peru, no Brazil, na Nova Granada, na Colombia e na Siberia.

São leves como os minerios do ouro. A platina foi descoberta no Peru em 1735. Como se parecia muito com a prata, os hespanhoes deram-lhe o nome de platina, suppondo que era uma modificação da prata. Tem uma côr parda lustrosa. As suas propriedades foram assignaladas por Watson, Lewis e Scheffer.

O ouro é desenove vezes mais pesado do que a agoa. Tem uma propriedade malleavel superior á de todos os outros metaes. Com 65 miligrammas d'ouro pode cobrir-se um espaço de 368 metros quadrados. Uma onça d'ouro pode formar um fio com 13:000 metros de comprimento, e, batido em folhas, 300:000 folhas não chegam a ter a grossura d'um dedo.

O ouro, chamado o rei dos metaes, encontra-se nos terrenos primitivos, ordinariamente ligado com a prata, o tellurio, o rhodio e o palladio. Na America, na Asia e na Africa, os terrenos d'alluvião fornecem grandes porções d'este metal precioso, que se apresenta sob a forma de palhetas, pepitas, ou grãos. As regiões onde hoje se explora o ouro com mais resultado são: a Colombia, o Brazil, o Chili, o Mexico, o Ural, a Siberia, a California e a Australia. Na Europa, muitos rios, como o Ariege e o Rheno, arrastaram palhetas d'ouro; diz-se que o nosso Douro deve o seu nome a ter outr'ora levado nas suas agoas areias d'ouro. El-rei D. João III teve um sceptro feito com as areias d'ouro que o Tejo produzia em grande copia, segundo referem Duarte Nunes de Leão e outros chronistas portuguezes.

O ouro encontra-se quasi sempre misturado com o mercurio, com o qual forma uma amalgama. Para o separar das substancias com que se mistura, é necessario praticar a operação chamada *afinação*, que quer dizer purificação. O ouro allia-se com o cobre para fazer a moeda e os objectos d'enfeite.

Não é só na fabricação da moeda e nas joias que se emprega o ouro; a medicina serve-se d'elle para combater certas molestias, como as escrophulas, a gotta, as impigens, etc. O ouro dissolve-se na agoa regia, e, combinado com o chlorureto, obtem-se o chlorureto d'ouro.

Os antigos conheceram desde a mais alta antiguidade o uso do ouro; alguns povos até exageravam as suas virtudes, attribuindo-lhe faculdades sobrenaturaes. Muitos homens de talento na idade media esgotaram as forças em procura da transmutação dos metaes em ouro.

O ouro possue a preciosa qualidade de não se alterar ao ar.

A prata é 11 vezes mais pesada do que a agoa. E' o metal que, em relação ao brilho, se approxima mais do ouro. E' d'uma extrema ductibilidade; pode-se estender ao fogo até fazer um fio tão delgado como um cabello. E' muito malleavel e muito tenaz.

A America é a região do globo que possue as mais ricas minas de prata; notam-se entre ellas as de Guanaxuato, Catorce, Zacatecas, Yaurichacha e Potosi. As ultimas são as mais nomeadas. O Potosi é um monte (Cerro na lingoagem do paiz) no estado da Bolivia, onde estão as riquissimas minas, que, no dizer de Humboldt, forneceram desde a sua descoberta até ao anno de 1789, 107.736:299 marcos de prata. Está calculado que as minas da America produzem annualmente 1 milhão de kilogrammas de prata, a Europa 112:000 kilos, a Asia 30:000 e a Africa 500. Na Europa o paiz que produz mais prata é a Hespanha; na America é o Mexico; na Asia a Russia; na Africa a Algeria.

O total da producção da prata em todo o mundo represента annualmente um valor de cerca de 4:500 contos de reis.

O mercurio é 14 vezes mais pesado do que a agoa. Este metal torna-se sobretudo notavel pela sua grande limpidez, pois tem a côr da prata. E' o unico metal que se encontra em estado liquido. Solidifica-se a 40° abaixo de zero e entra em ebullição a 360°. Vaporisa-se lentamente á temperatura ordinaria e o vapor que exala pode ocasionar accidentes mortaes.

Encontra-se puro, ou combinado com a prata, o chloro e o enxofre.

(Continua) DOUTOR JAYME

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA
(Continuação)

O ser invisivel, sem dizer palavra, sem fazer um gesto, sem dar o menor signal de admiração, emfim sem se mover do sitio em que se achava, atirou-se sobre a joven anciã e deu-lhe um beijo em cada cotovello. N'aquelle tempo beijar-se os cotovellos era a maior prova d'affecto que os amantes podiam dar-se, assim como se usava, quando elles fallavam, estarem agarrados pelas orelhas um ao outro com a maior força possivel.

Os nossos leitores sabem perfeitamente que os usos mudam com os tempos e por isso não se devem admirar de que assim venha a acontecer em tempos futuros, porque pelo que toca aos passados, bem presentes estão as extravagancias de todas as epocas.

Como iamos pois dizendo, o espirito invisivel atirou-se a ella e depois de lhe beijar enthusiasticamente os cotovellos, exclamou com voz de trovão:

—Eu sou uma recordação espantosa do diluvio universal! Ignoro quem serão os meus paes, que virão dar-me o ser, porque ainda não nasci; só tenho por infallivel que me dará á luz uma princeza, que se chamará Maria Antonia, ou Anna Francisca, segundo o vento corra do norte ou do sul quando as sentinellas postadas no alto do penhasco de Gibraltar derem signal da minha entrada no mundo, a qual terá logar por uma noute de grande nevoeiro, de sorte que os homens andem ás turras uns aos outros. Com o meu nascimento coincidirão cousas espantosas; por exemplo: apparecerá uma grande e monstruosa baleia boiando nas agoas do rio da villa, e, pescada nas alturas das escadas da Esnoga, o seu oleo, derretido no lago da Cordoaria, empregar-se-ha em illuminar o Porto, Villa Nova de Gaya e Avintes, queimado em uma grande candeia, dependurada da torre dos Clerigos.

Eu creio que ainda não disse ao leitor que, ao contrario de todos os discursos proferidos nos mais acreditados parlamentos do mundo, o que acabamos de transcrever, colhido dos labios do proprio ser invisivel, fez acordar a joven, que dormia a somno solto, como já dissemos, e a qual, sem lhe responder nada, nem sequer mover os beiços, lhe perguntou assim:

—E d'onde vens tu, bem amado da minha alma?

Ao que o genio, ou espirito, lhe respondeu por monosylabos, formando um concerto, cuja doce melodia ecooou como a voz da torrente no coração da donzella:

—Venho do reino das trevas para aniquilar-te! Eu sou aquelle nobre estafil, que, cavalgando um rodicio pentaglota, vae de penumbra em penumbra, emergindo suaves asterismos em honra dos deuses atrabiliarios! Eu sou o fogoso anafil, que em incongruentes exsicacções, attesta ao orbe soporifero o poder das conjugações hermaphroditas! Emfim, o meu destino é este!

E sentou-se, cançado do discurso. Podera! E não haver quem lhe chegasse um copo d'agoa.

A menina sem nome desatou as formosas tranças do cabello côr de beterraba que lhe encaixilhava as faces niveas como o mais puro ebano, e deixando-se cahir aos pés do cavalleiro invisivel, cujo halito fazia mover as folhas das acacias que bordavam o caminho, entrou de enxotar-lhe as moscas, que se regalavam em sugar o suor que lhe escorria, grosso como manteiga, pelos bigodes acima. E ao alto da testa assomou um grilo, que desatou em um canto modulado e alegre como o da matraca que em sexta feira santa substitue o toque dos sinos.

Durou muito tempo aquella scena muda, em que os dous entes se comprehendiam muito bem, até que de repente se ouviu o som argentino d'um clarim de barro, por dentro do qual uma voz de gigante disse estas palavras:

—Do alto d'estes arbustos quarenta mochos vos contemplam!

O moço ergueu-se d'um salto e exclamou:

—Aquillo é o meu destino, que por toda a parte me persegue! E' força que nos separemos!

—Pois já? disse a joven.

—Sim e vou dizer-te as minhas ultimas palavras.

—Dize, que toda eu sou ouvidos.

—Se correspondes á somma de odio que te consagro, disse elle, verei acalmada a dita mais desastrosa que a posteridade alcançou. Se me amas com todo o peso do odio que me aniquila, concede-me o favor de dar-me um forte sopro n'este calcanhar, para que a aura que teus crystalinos labios despeçam me faça voar como uma penna e me vejas desapparecer entre as altas nuvens que varrem a terra dos cemiterios!

(Continua)

OS HOMENS UTEIS
DE TODOS OS PAIZES
XXXIV
VAUQUELIN

Vauquelin nasceu em Santo André de Hebertot (Calvados) em 1763. Aos trese annos d'idade, abandonou a cabana de seus paes e dirigiu-se a Rouen, onde entrou para casa d'um pharmaceutico, que era ao mesmo tempo professor de chimica e physica. Assistindo ás lições, tomava notas, lia-as depois e juntava-lhes notas e reflexões suas. O amo surprehendeu-o um dia n'esse trabalho, e, em vez de o animar, reprehendeu-o e rasgou-lhe o manuscripto.

Magoado, Vauquelin partiu para Paris, onde entrou para casa d'um pharmaceutico habil, com o qual esteve dous annos.

No meio dos seus trabalhos habituaes, e sem outro guia além d'um companheiro seu, o pobre rapaz entrou de estudar o latim; mas a sua afabilidade, genio trabalhador e intelligencia em bre-

ve lhe captaram a sympathia do amo, que o recommendou com elogio a Fourcroy, chimico distincto. Este admittiu-o em sua casa como discipulo, e quando assumiu o cargo de director geral da instrucção publica, testemunhou-lhe a alta estima que lhe consagrava nomeando-o professor da escola polytechnica.

Rico, considerado, cercado de alumnos dedicados, admirado de todos, o filho de paes humildes, tendo adquirido tudo pelo trabalho, não alterou nada os habitos da mocidade. Todos os annos ia á sua aldeia natal visitar a mãe.

O celebre chimico falleceu em 1829.

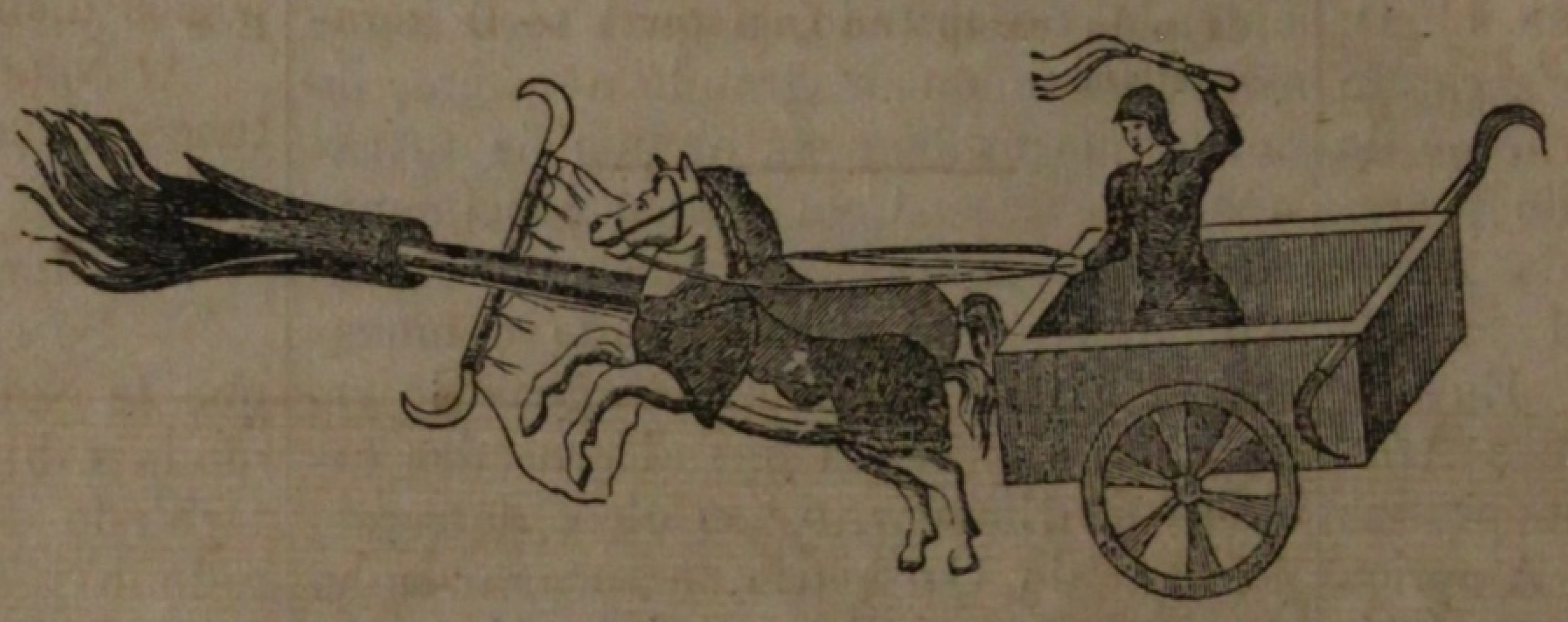
O FOGO GREGO

O emprego do fogo na arte militar remonta a epocas muito remotas. Os chinos serviam-se de projectis incendiarios desde tempo immemorial. Antes do uso do fogo grego, conheciam-se já os falaricos gregos e os malleolos romanos. O uso da polvora para lançar os projectis é muito mais recente.

Foi um architecto de Heliopolis, de nome Callinicus, que no anno 673, reinando Constantino Paganat, fez conhecer aos gregos a substancia incendiaria, que pelo deccorrer dos tempos foi chamado *fogo grego*; mas é fora de duvida que não o inventou, pois que na Asia aprendera a preparal-o. Constantino Porphyrogeneta poz a preparação do fogo grego no meio dos segredos d'estado.

Um manuscripto arabe do seculo XIII declara que o salitre era a base d'aquella composição; mas é certo que o salitre não era então bastante puro para produzir os verdadeiros effeitos das nossas armas de fogo. Era antes um systema de foguetes, destinados a lançar o fogo e mais nada.

Constantino Paganat foi o primeiro a alcançar uma victoria no mar, com o auxilio do fogo grego, sobre os kalifas Umiadas. Os arabes empregaram-o pela primeira vez contra os christãos no cerco de Damietta, em 1218. Lançava-se por meio de tubos, em qualquer direcção, parabolica, horisontal ou descendente. A materia incendiaria collocava-se dentro de canas, que se introduziam dentro de tubos de bronze. Pondo o fogo a uma das extremidades, a chamma rebentava com grande estrondo. Usavam-se tambem tubos portateis, que serviam para atirar o fogo á cara dos soldados.



CARRO INCENDIARIO

Um manuscripto latino do seculo XIV diz que os arabes e sarracenos tinham uns carros incendiarios, de que aqui damos a imagem, que serviam para lançar a divisão pelo terror no meio dos exercitos inimigos. Tambem havia umas machinas muito altas, destinadas a lançar barris a arder por cima das muralhas das praças a que se punha o cerco.

Trata-se geralmente de fabula a pretendida inextinguibilidade do fogo grego. O que parece mais provavel é que não passava d'um meio de aterrorisar. O fogo grego fazia arder a madeira; mas não produzia grande damno aos homens. Contam as chronicas que S. Luiz esteve muitas vezes coberto d'elle, sem que d'ali lhe proviesse mal algum.

Na idade media empregavam-se diversas composições incendiarias, que muitas vezes se confundiram com o fogo grego: não passavam d'uma mistura d'enxofre, bitume, naphta, e algumas vezes tambem pez e resina.

Conta Villaret que as primeiras peças d'artilheria mencionadas na historia serviam para arrojar o fogo grego. Esses engenhos de guerra usaram-se até ao seculo XV.

Em diversas epocas tem-se feito grande barulho com a pretendida descoberta de composições incendiarias que lembravam o fogo grego, ou com resultados ainda muito mais temiveis. Em 1702, Paoli, chimico italiano, propoz a Luiz XIV, de França, um segredo d'essa natureza, e a mesma proposta fez a Luiz XV o celebre auctor de fogos de artificio Torre. E' certo que a descoberta da polvora fez perder toda a importancia áquella composição.

ZIG-ZAGS

RESPOSTA D'HEROE

Francisco de Lorena, duque de Guisa, tendo vencido os calvinistas na batalha de Dreux e cercado Rouen, praça d'armas do partido contrario, lhe trouxeram á presença, um homem que mostrava na inquietação dos olhos forjar na cabeça algum mau designio. O duque fez-lhe varias perguntas e o perverso lhe confessou que intentava assassinal-o.

—Então porque? diz o duque. Que mal te fiz eu?

—Nenhum, respondeu o protestante; é sim porque sois o maior inimigo da minha religião.

—Se a tua religião, lhe tornou o duque, te ensina a assassinar-me, a minha quer que te perdôe; julga por isto qual das duas é a melhor.

Mandando dar-lhe um cavallo e cem escudos, o despediu.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesmo praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 64

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado

PORTO 17 DE NOVEMBRO DE 1881

ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— Os veados e antilopes — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America central — Uma procissão no Porto no seculo passado, por R. Pinto de Mattos— Venezia, la bella! (poesia) por Abel Acacio Moutinho — Os processos da Inquisição — A Capella dos Ladrões, por N. R. — Historia d'um gallo negro por Nunes d'Azevedo — Uma casa de campo na Inglaterra — O retrato de Camões (excerpto) por Arnaldo Gama — O conde d'Amarante (romance) — Desejos do coração (poesia) por Ernesto — Sciencia para todos: Metalurgia, por doutor Jayme — Uma historia extraordinaria — Memorias prodigiosas — O pára-quedas — Zig-Zags: O cabello louro — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Veados e antilopes — Uma casa de campo na Inglaterra — O pára-quedas.

OS VEADOS E ANTILOPES

Reuniremos em um só artigo duas familias d'animaes, que durante muitos annos os naturalistas confundiram em uma só, os veados e antilopes. São especies distinctas, mas similhantes.

O veado commum da Europa pertence a um genero que conta muitas es-

VEADOS E ANTILOPES

pecies. Encontra-se em todas as partes do mundo, mas com especialidade nas florestas do antigo continente. As principaes especies são: o veado, o cabrito montez, o alce, a renna e o gamo. A femea do veado chama-se corça e o veado novo enho. Só o macho tem hastes, como se vê na gravura, a qual apresenta no centro um veado, á direita do leitor uma corça e á esquerda um antilope. As hastes são n'estes animaes objectos puramente d'adorno.

O genero dos antilopes comprehende tambem um grande numero d'especies, a maior parte das quaes vive nos paizes quentes e parece que prefere os logares aridos e montanhosos. As especies variam segundo as hastes, que umas vezes são voltadas para trás, outras vezes para diante, não raras vezes são direitas, e emfim, como na gazella commum, são curvas em forma de lyra.

Buffon commetteu um erro dizendo que a idade dos antilopes era indicada pelo numero dos anneis das hastes.

Quasi todos os antilopes são affaveis e susceptiveis de domesticidade. Em geral, á excepção de certas especies da Africa meridional, vivem em grandes

bandos. Teem a vista, o ouvido e o olfato delicadissimos.

A gazella ordinaria encontra-se na Syria principalmente. E' do tamanho da cabra montez, tem o pello liso e mais curto do que a camurça. A gazella é graciosa, esbelta e ligeira; tem as pernas compridas e finas. Constitue grandes bandos, que, desde a Arabia até ao Senegal, são a alimentação ordinaria dos leões e pantheras que infestam os immensos desertos africanos.

O nome de gazella é arabe; quer dizer ligeira. Este animal é, pela sua affabilidade, graça e belleza, alvo continuado das composições e imagens poeticas dos povos orientaes. Na Arabia, para dizer uns olhos bonitos, um pescoço elegante, diz-se uns olhos, um pescoço de gazella. Uma outra qualidade notavel recommenda a gazella; é a sua excessiva limpeza. Emmagrece no inverno, quando ha falta de pastos, e engorda no verão, que é quando os indigenas a caçam. O modo mais commum de apanhal-a é a laço.

A carne é muito gostosa; parece-se com a da cabra montez.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

LI

A AMERICA CENTRAL

A America central, que até 1821 formou uma capitania da America Hespanhola, é hoje um territorio que tem 452:900 kilometros e 2,500:000 habitantes, os quaes formam uma mistura de brancos, indios mosquitos e mestiços. Compõe-se esse territorio de 5 republicas independentes, a saber:

Guatimala (105:000 k. quadrados e 1 milhão de h.). Era um dos cinco estados unidos da America central, situados entre o Oceano Pacifico ao sul, o Mexico a oeste e ao norte, e os estados de S. Salvador e de Honduras a leste. Em 1821 foi incorporada ao Mexico, e tres annos depois formou uma republica federal, primeiramente com Novo Guatimala por capital e depois S. Salvador. Em 1854 formou cinco republicas independentes, que são: Nicaragua e S. Salvador, ao sul, Guatimala a oeste, Honduras a nordeste e Costa Rica a sueste.

A capital actual é Nova Guatimala, edificada a pequena distancia da velha, que estava situada entre dous vulcões, d'Aguo e de Fuego, tendo-a fundado os hespanhoes em 1524. Erupções d'aquelles vulcões destruiram-a duas vezes e em 1774 um tremor de terra acabou de a arrasar, deixando apenas de pé a cathedral. Era outr'ora uma formosa cidade de 34:000 habitantes; hoje é uma miseravel povoação de 18:000.

A Nova Guatimala, edificada depois do terremoto de 1774, está situada em uma vasta e linda planicie, sobre o Rio das Vaccas, e perto do Grande Oceano. E' uma bella cidade de 60:000 habitantes. As casas são todas d'um só andar, por causa dos frequentes tremores de terra. Tem uma universidade, seminarios, collegios, escolas, uma bibliotheca, um museu d'historia natural, academias e sociedades sabias. Entre os monumentos notam-se os palacios do arcebispo, do governo e da justiça, a casa da camara e uma linda fonte no meio d'uma praça. Commercio d'anil, pelles e caoutchouc. Ourivesaria muito afamada.

S. Salvador (19:000 k. quadrados e 600:000 h.), entre as republicas de Guatimala e Honduras e o Oceano Pacifico. Capital S. Salvador, cidade de 40:000 h., situada sobre o Jiquilisco e ao pé d'um vulcão. Fundada por Alvarado em 1528, foi destruida pela erupção d'um vulcão em 1839 e por um tremor de terra em 1854. Commercio d'anil; exploração de minas de ouro, prata, ferro e chumbo.

Honduras (150:000 k. quadrados e 350:000 h.). Esta republica, limitada pelo mar das Antilhas e as republicas de Nicaragua, S. Salvador e Guatimala, apresenta costas baixas e de difficil accesso; o solo no interior é ondulado e cortado de pantanos e florestas virgens. Banham-o o Ulua e o Novo Segovia. Clima muito humido e insalubre. Cultura de tabaco, baunilha e anil; minas de ouro e prata. Foi Christovão Colombo que descobriu Honduras em 1502; vinte e um annos depois conquistou-o um enviado de Fernando Cortez.

A colonia de Balize pertence aos inglezes desde 1798. Chamam-lhe Honduras inglez; é um territorio que mede 35:000 k. quadrados e tem 25:000 habitantes.

A capital de Honduras é Comayagua, cidade de 18:000 h., sede d'um bispo, suffraganeo do de Guatimala.

Nota-se ali Truxillo, cidade de 4:000 h., no mar das Antilhas. Fundada em 1524 por Las Casas, foi destruida pelos hollandezes em 1643. Depois d'isso foi-se restaurando a pouco e pouco. E' para notar que está assente sobre uma bahia ou ilhas fluctuantes, cobertas d'arvores corpulentas, e muda de posição ao sabor dos ventos.

Nicaragua (121:000 k. quadrados; 400:000 h.). Clima quente e humido; o solo é vulcanico e atravessado pelas ramificações dos Andes. Produz algodão, cacao, anil e fructos exquisitos. A creação do gado é a principal industria do paiz. Capital Leon, cidade de 30:000 h., com uma universidade fundada em 1821. Linda cathedral. A cidade data de 1523.

Costa Rica (55:000 k. quadrados; 135:000 h.). Clima quente, insalubre do lado do mar e são no interior. Solo fertilissimo. Os Andes atravessam o territorio, que está cortado de vulcões, lagos e correntes d'agoa. Este estado pertenceu á Hespanha e fazia parte de Guatimala. A independencia foi proclamada em 1821 e em 1824 formou um dos estados da União central da America. A federação foi dissolvida em 1840 e Porto Rico ficou independente. Em 1848 concluiu tratados de commercio com as tres cidades hanseaticas e em 1849 com a Inglaterra. Em 1850 estabeleceu-se uma diocese catholica e reconheceu-se a liberdade de cultos. A capital é S. José da Costa Rica, cidade de 20:000 habitantes.

(Continua)

UMA PROCISSÃO NO
PORTO NO SECULO PASSADO

—

Meu amigo

Passei pela vista o manuscripto que me mandou, copia de um impresso, no Porto, em 1747, com o titulo *Forma da Procissão de Passo*, que havia de ter logar n'esta cidade em 25 de julho de 1747, em obsequio de Santo Antonio de Lisboa, promovida pelo officio dos tanoeiros, pelos juizes e mordomos e mais devotos, e á sua custa se imprimiu a relação.

Até hoje ainda não puz a vista em nenhum exemplar impresso d'esta relação, ou, como se lê no manuscripto, *Forma da Procissão de Passo*, etc.; nem ainda achei noticia alguma de tal procissão n'aquelle anno, e com aquelle apparato; mas que era muito possivel que tivesse logar e até se repetisse com grande applauso, pois que n'essa epoca estavam muito em uso as procissões com grande figurado allegorico, como acontecia com a de Corpus Christi, e o mesmo se pode ver na *Historia do Senhor de Mathosinhos*, por Cerqueira Pinto, edição de 1737, de pag. 242 por diante, onde se descreve a procissão que ali se fez por igual forma, com a veneranda imagem do mesmo Senhor.

E' certo que a classe dos tanoeiros d'esta cidade tinha por patrono Santo Antonio de Lisboa, com sua confraria, com certos encargos a que o officio de tanoeiro era obrigado a satisfazer: era erecta na capella de Santo Antonio da egreja de S. Francisco d'esta cidade. Esta irmandade ou confraria (de um e d'outro modo a acho designada) esteve aqui muito florescente, e assim se conservou até á extincção das ordens religiosas, e não sabemos se ainda hoje funcciona como tal, posto que sabemos

e temos visto em procissões de S. Nicolau, e até d'outras freguezias, a bandeira de Santo Antonio dos tanoeiros á frente da procissão, como ainda foi este anno por ocasião de ministrarem a communhão aos entrevados.

Os estatutos d'esta confraria foram feitos em 10 de fevereiro de 1621 e confirmados por provisão de 3 de novembro de 1672. Os primeiros do officio foram feitos em 29 de junho de 1621, confirmados pela camara em 22 de março de 1623, por provisão regia de 4 de janeiro de 1624 e 3 de novembro de 1672. Foram addicionados em 29 d'abril de 1664, confirmados pelo corregedor da comarca em 2 de junho do mesmo anno, e por provisão de 3 de novembro de 1672, que igualmente confirma os primeiros estatutos do officio de tanoeiro e os da confraria, e ainda por provisão de 1 de março de 1687. Foram segunda vez addicionados em 1 d'agosto de 1669 e confirmados por alvará regio de 17 de março de 1700. Foram terceira vez addicionados por escriptura publica em 5 de janeiro de 1770 e confirmada por alvará regio de 31 de maio do mesmo anno.

A quarta e ultima addição é de 23 de setembro de 1773 e confirmados por provisão de 7 de junho de 1780. Obtiveram ainda uma provisão da rainha D. Maria I, de 28 de novembro de 1795. Em 12 d'abril de 1821 achamos ainda noticia do registro d'uma provisão d'esta confraria, e por isso dizemos acima que certamente ainda funecionava no tempo da extincção das ordens religiosas em 1834.

Das noticias que temos obtido sobre aquella veneranda egreja de S. Francisco, a respeito da confraria de Santo Antonio dós tanoeiros, sua capella e procissão, eis o que por agora podemos dizer, colhido em varios documentos e nos proprios estatutos.

Ordenam estes que a festa de Santo Antonio se faça em o seu dia, 13 de junho de cada anno, que constará de missa, vesperas cantadas a orgão, sermão e procissão pelos claustros do mosteiro de S. Francisco d'esta cidade, conforme o antigo costume.

Diz assim o capitulo 2.°, que tem por titulo: *Do dia em que se fará a procissão*:

«No domingo antecedente ao dia do Santo, ou depois, como melhor parecer aos mordomos, se fará a procissão que de antigo costume temos fazer-se pelas ruas costumadas com a reliquia do Santo, com os padres do mesmo mosteiro, com a cera da mesma confraria, charamellas e festa que os mordomos quizerem fazer por sua devoção em louvor do Santo, e a esmola que se der aos religiosos que acompanharem a procissão, gasto da cera e charamellas, será á custa da Confraria, e mais á custa dos mordomos querendo-o fazer; porém nunca se deixará de fazer esta procissão por haver mais de 100 annos que se faz em louvor do Santo.»

(Continua) R. Pinto de Mattos

VENEZIA, LA BELLA!

Eu te saúdo, Veneza,
D'Italia esplendida flor;
E's das cidades princeza,
O' casta rosa d'amor!
Quem me déra no teu seio
Ver passar em dôce enleio
Uma noute venturosa,
Ao som das agoas serenas!
Ouvir as canções amenas
Da goudoleira formosa!

Ver a ponte— Suspirosa—
A' luz meiga do luar,
Ou a gondola formosa
Deslizando-se no mar:
Ouvir accordes divinos...
Como cantos matutinos
Dispersos na solidão;
Ver um lindo panorama
Que seduz, que nos inflamma
D'amor puro o coração!

Ver tantas ilhas formosas,
Circundadas de mil pontes;
As egrejas sumptuosas,
Os teus vastos horisontes:
O teu ceo sempre sereno,
Doce, limpido e ameno,
Matizado de mil côres;
As tuas praças formosas,
Alegres, lindas, ruidosas,
Que nos segredam amores!

Ver emfim, linda Veneza,
O' doce imperio d'amor,
Os vestigios de grandeza,
D'um passado d'esplendor!
Os teus velhos monumentos,
Sentinellas d'esses tempos,
Parecem inda bradar:
—Dos meus doges a grandeza,
Valor, poder e riqueza,
Tudo vimos dissipar!

. . . .

Salvé pois, linda Veneza,
D'Italia esplendida flor;
E's das cidades princeza,
O' casta rosa de amor!
Feliz o que no teu seio,
Na primavera da vida,
Passar a illusão querida
D'amor em febril enleio.

Abel Accacio Moutinho

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

(Continuação)

Porém o crime mais irremissivel e que sempre era seguido de morte era a offensa, ainda a mais leve, feita aos officiaes ou ministros da Inquisição. O mesmo acontecia com a mais simples ameaça contra os delactores ou testemunhas em um processo, se por acaso se chegava a conhecel-os. Nascimento, caracter, emprego, representação, dignidade, nada punha a salvo um culpado d'este genero.

O rumor publico, a delação secreta, a descoberta por espionagem, a accusação voluntaria, eram os quatro modos que a Inquisição empregava para tomar conhecimento d'uma causa. Nos tres primeiros casos, o accusado era citado tres vezes para comparecer, e, se não comparecia, era excommungado e condemnado a grandes penas pecuniarias, na certeza de ser castigado exemplarmente quando fosse preso.

Se comparecia, não estava segura a sua vida; se fugia, podia despedir-se para sempre da patria. Nada esquecia ao tribunal da Inquisição, que não conhecia prescripção alguma.

A fuga era difficil, pois como a Inquisição tinha um grande numero de espiões, estes seguiam os simples suspeitos como se fossem a sua propria sombra e não lhes davam ensejo de subtrahir-se aos rigores da Inquisição, em cujas mãos acabavam por cahir tarde ou cedo. Por outra parte a fuga equivalia á convicção e era considerada como uma evasão das prisões do Santo Officio, que sempre era seguida da pena de morte, ou punida com prisão perpetua por favor especial.

Para os inquisidores prenderem alguem nem sempre seguiam as formalidades ordinarias. Se o julgavam conveniente, faziam-o prender d'improviso, e n'estas circunstancias nem asylo nem privilegios alguns o podiam pôr a salvo.

N'este caso se achava o infeliz desamparado de todo o mundo. Preso no meio de seus amigos, de sua familia, de seus domesticos, ninguem se atrevia a tomar a sua defeza. Apenas entrava as portas da casa da Inquisição, ficava morto para o mundo, e encadeiando o terror a propria lingoa de seus mais proximos parentes, não ousavam proferir mais o seu nome.

Apenas entrava no carcere dava-se-lhe uma busca rigorosa para o despojar principalmente dos instrumentos de que podia fazer uso para se privar da vida; mas estas precauções eram muitas vezes vãs, pois lhe não podiam tirar as paredes da masmorra, nas quaes elle partia a cabeça. E' inumeravel a multidão de desgraçados que morreram por este modo, e mais consideravel ainda a d'aquelles que as torturas fizeram perecer.

O inquisidor, seguido dos seus officiaes, ia depois a casa do accusado, fazia inventario dos seus moveis, livros e papeis, e se alguem proferia a menor queixa, era irremissivelmente preso. O inventario era seguido da apprehensão dos seus bens para fiança das custas do processo e das multas a que podia ser condemnado. Era raro sahir da

Inquisição; mas, em todos os casos, o que chegava a alcançar a liberdade, estava de todo arruinado.

Dispostas assim as cousas, começava o processo. Nada era mais lento que estes processos. Um accusado permanecia muitos mezes nas prisões sem que ao menos se fallasse de lhe dar audiencia.

(Continua)

A CAPELLA DOS LADRÕES

(Continuação)

Quando entrei na habitação, uma mulata franzina e delicada, sobraçando um filhinho ainda de peito, levantando-se respeitosamente, veio tambem apertar-nos a mão, offerecendo-nos com toda a humildade umas caveiras de boi que circumdavam um brazido, que no meio do chão derramava em volta uma luz vermelha, fazendo apparecer os objectos que mobilavam a casa, phantasticamente vagos e indistinctos.

Depois de preparar um *mate chimarrão* (chá sem assucar) servido em uma cabacinha a que chamam *cuia* e chupado por uma *bomba*, que é um canudinho de metal com um ralo na extremidade inferior, principiou o negro a conversação.

Dirigindo-se ao gaúcho perguntou-lhe de onde vinhamos e para onde iamos.

—Vimos de Pelotas e vamos para Caçapáva.

—Pelotas como vae? Cada vez mais bonita?

—Cada vez augmenta mais; agora estão lá a fazer um palacio que dizem vae servir de cocheira aos *matungos* de um carro que só anda por cima de ferro e que se chama *bond*.

—São carros americanos, interrompi eu para dizer alguma cousa, que andam sempre em trilhos de ferro, tornando-se por isso dez vezes mais leves.

—Este senhor é portuguez, disse o negro, fitando em mim o seu olhar ensanguentado.

—Sim, senhor.

—Eu logo vi quando chegaram.

—Então o senhor conheceu que eu era portuguez só por me ver chegar?

—Os homens cá da provincia, respondeu o negro medindo-me da cabeça aos pés, teem o olhar da *jaguatiryca*, o faro do *graxahim* e a manha do *gambá*.

—Não conheço essas feras; comtudo faço justiça aos seus dotes, que devem ser sem igual.

—Este moço, disse o negro dirigindo-se ao gaúcho, não é dos mais *matutos*, não; já estou a sympathisar com elle, que até lhe vou fazer uma proposta.

E fallando comigo:

—O moço quer ficar aqui na Capella?

—Para que?

—Eu lhe digo: para me cuidar de uma *crioulita* que tenho ali dentro.

E o negro, levantando a voz, chamou:

—Bibí, vem cá.

No lumiar da porta que dava para um quarto contiguo appareceu uma mulata, que parecia ter uns quinze annos de idade.

—Aquella *cabra*, disse-me o negro, é minha filha; sabe todo o trabalho da roça, cosinha, lava roupa e monta a cavallo como o melhor campeiro da provincia; se ella se casar com negro leva de dote uma *ponta* de vaccas; se se casar com mulato tem uma ponta de vaccas e um *rincão*; se se casar, porém, com um branco, tem metade do meu campo, que regula duas sesmarias, duas mil rezes e mil patacões em onças de pezo.

—Que fortuna! que negra cruz! que sombra! pensei eu olhando attentamente para a *cabra*, que não deixava de ser mulher, lá por ser filha de negro e mulata.

O negro, depois de uma pausa, interrogou-me:

— Moço, ó que lhe parece a minha proposta?

—Não deixa de ser rasoavel, respondi.

—Então quer?

Por algum tempo fiquei a olhar para o meu companheiro de viagem. Aquella pergunta feita assim á queima roupa e no momento em que eu levava á bocca o canudo por onde devia chupar o delicioso e amargo chá, feriu-me momentaneamente como faisca electrica.— Então quer?— Pobre negro! que boas illusões a tua cabeça alimentava! Talvez, que futuros brilhantes, que velhice feliz e gloriosa não imaginavas n'esse sonhar de genio, casando a tua filha com um branco! E então um branco, como tu dizias, dos menos *matutos!* Pobre negro! Deus te perdôe a tua usura paternal, que ella era santa e generosa: santa por quereres para os teus um branco que te chamasse— pae—; generosa porque o compravas a pezo de ouro! Que resposta merecia tal pergunta? Eu nada respondi, contentando-me em olhar para o negro com certo ar de riso, que a custo podia disfarçar.

—Então quer? volveu elle depois de algum tempo.

—Não sei, disse eu rompendo a apathia em que estava.

—Não sabe? Se deshonra por se ligar á familia mais respeitada da Capella dos Ladrões? perguntou-me o negro com ar atrevido e accentuando a ultima palavra.

(Continua) N. Rangel

HISTORIA D'UM GALLO NEGRO

Em casa chamavam-lhe o Tunante. Era um animal forte, com muita rigeza d'esporões, uma riqueza magna de pennas, muito luzidias, a cobrirem-lhe o largo corpo de gigante gallinaceo, em um empavezamento taful de guarda miliciano. No logar, os outros gallos temiam-o, tinham por elle um certo respeito supersticioso, desde que, uma tarde, em um domingo de verão, o viram lacerar um seu companheiro rival, com raiva, deixando-o no chão, inanime, depennado, como se o tiveram immergido em um alguidar d'agoa a ferver.

As gallinhas, as mais bonitas, as brancas, com picos amarellados, quando o presentiam ao longe, enchiam-se logo por dentro de desejos animaes, dando á plumagem fôfa e enervante um tom arripiado, e pondo no ar quente e estagnado do quinteiro uns cacarejos frouxos, cheios de doçura e molanquice, em que a irritabilidade do vicio punha sombras cruas de torpe sensualidade. Faziam-lhe então circulos, elevavam as cabeças pequenas, pintalgadas de negro, onde pompeavam os seus bicos, corneos, aduncos, semi-abertos na branda sensação do desejo ante-sonhado, e miravam com muita avidez, com extraordinaria gula, a crista saliente e rubra d'aquelle D. Juan ornithologico, disputando-se a primazia de serem vistas, de serem olhadas com fervor, por elle, pelo seductor.

Mas o gallo negro passava, arrastando pelo chiqueiro as pennas arqueadas da cauda, cumprimentando-as apenas com o bico, que ciscava no solo com muita melancolia. Elle tinha desde os seus tenros dias evidenciado n'aquella sua sociedade uma vida muito casta, gastando-se na branca suavidade d'uns amores quasi platonicos, inspirados por uma irmã, uma gallinhinha branca, muito pequena, d'uma nitidez d'arminho puro. Dedicara-se só a essa, exclusivamente a essa sua companheira de infancia. Por ella sentia então todo o affecto que é possivel animalmente sentir-se. Nunca a desacompanhava, nas suas excursões pela horta, no esgaravatar das esquinas suspeitas, no mourejar ás tardes pelos campos, pelos sementeiros, pelos caminhos publicos do logar e pelas sentinas escuras da casa. Só recolhia depois que a sua companheira já estava empoleirada, e não sahia do gallinheiro senão a par d'ella, muito encostado á flaccidez das suas azas, como que com vontade de se penetrar n'ella, de lhe communicar todas as suas forças, toda a sua musculatura potente, toda a sua vitalidade exhuberante. Se algum outro gallo ranhoso, cheio de gôgo e constipação, ousava tirar por ella, conquistar-lhe as attenções, requestal-a, querer havel-a por qualquer

forma para sevar as fatalidades do seu temperamento brutal, era então quando o Tunante cohibia a sua força, fazia valer a sua preponderancia positiva.

Atirava-se com odio, com ira, ao grotesco Lovelace, e derrotava-o, lançava-o por terra, ás esporadas; punha-se por cima d'elle, excrementava-o, reduzia-o á lama da mais sordida abjecção.

(Continua) NUNES D'AZEVEDO

UMA CASA DE CAMPO
NA INGLATERRA

Os inglezes dão o nome de *cottage* ás suas casas de campo. São d'ordinario as casas de campo na Inglaterra pequenas em dimensões, mas muito elegantes, muito commodas, porém simples, d'uma simplicidade adoravel, como a que se nota em tudo que respeita aos costumes inglezes.

Cercadas quasi sempre de jardins, são estas casas de campo agradaveis vivendas, em que uma familia vive em alegre retiro. Um commerciante, um industrial, um funccionario publico, quando teem enthesourado algum dinheiro, economisando para isso, fazendo sacrificio sobre sacrificio, compra ou edifica uma casa de campo. E' a sua suprema aspiração. E não é raro tornar-se lavrador, jardineiro ou simples horticultor, o mais grave personagem, o *lord* mais distincto de todo o reino unido.

E' admiravel o aceio que uma casa de campo respira. Desde o trem de cozinha até ás fechaduras, o punho de latão da campainha da porta, tudo parece um espelho, tal é a limpeza que se nota no mais insignificante objecto de uma d'estas habitações, que alliam o util ao agradavel.

O RETRATO DE CAMÕES

(EXCERPTO)

Em 1543, quando Luiz de Camões se achava em Coimbra, contava apenas vinte annos d'idade. Não tinha ainda cegado d'um olho, nem lhe paravam na cabeça os louros da lenda. Era um Camões elegante, desempedido. Os seus contemporaneos retratam-o assim:

Era de estatura mediana, grosso de hombros, e refeito e alentado de corpuratura como homem de grandes forças. Tinha os olhos castanhos claros, scintillantes e cheios de vida e de energia; os cabellos eram côr de açafrão; a fronte um pouco carregada; o nariz comprido, alto no meio e grosso na ponta, e a bocca rasgada e sobre o grande. A barba, que usava inteira e elegantemente penteada em ponta aguda, annellava naturalmente e era verdadeiramente ruiva.

Como se vê, o aspecto de Luiz de Camões, Luiz de Sá de Camões, ou Luiz Vaz de Camões, que por todos estes tres nomes se assignou o Homero dos *Lusiadas*, não se podia chamar bonito. Tinha porém um certo aprumo e desempeno elegante, que lhe davam airosa graciosidade; e quem lhe fitasse o rosto, que era n'elle verdadeiro espelho da alma, sentia-se fascinado por uma certa aureola dominadora, um certo resplendor grandioso, que revelava logo á primeira vista, aquella grande alma e aquella grande inspiração, d'onde brotaram por fim os *Lusiadas*, e d'onde lufavam em torrentes os generosos e audazes pensamentos, que o faziam aspirar ás *grandes emprezas e que a regiões tão apartadas o levaram* mais tarde.

Luiz de Camões, fidalgo pelo sangue, tambem nascera fidalgo pela indole. Era cavalheiresco, generoso, magnifico e liberal até á prodigalidade. Na mocidade gostou de trajar com elegancia e luxo; e, moço e velho, em toda a idade, foi grande admirador de mulheres, no que, pelo que parece, não era ruim de contentar. Dotado de grandes forças e de intrepidez quasi temeraria, nunca voltou a cara aos perigos, nunca os mediu a palmos, nunca receiou affrontar-se fosse com quantos fosse. D'esta coragem verdadeiramente heroica e cega, que lhe valeu dos contemporaneos a alcunha do *Trinca-fortes*, e do genio brioso, susceptivel e ardente, de que era naturalmente dotado, originou-se-lhe o ser rixoso, volteiro, e prompto a arrancar a espada e a armar por qualquer palha um arruido. Era o que se chama um verdadeiro espadachim; do que parece que fazia maior alarde e basofia, do que do grande genio e da grande intelligencia, com que Deus o tinha enriquecido. E cumpre observar aqui que isto n'elle era sestro de familia. Desde o primeiro Camaño até o primeiro Camões; desde o primeiro Camões até o poeta, derradeiro descendente do segundo filho de Vasco Pires, todos foram assim; não só na mocidade mas até na velhice. Abundam as provas d'esta asserção na historia da familia. De uma porém quero eu dar conta ao leitor, porque a acho de veras graciosa. Saiba pois que a ultima vez que Luiz de Camões esteve em Portugal, na cadeia, não foi victima da inveja e da perseguição dos contemporaneos ao seu grande talento, mas sim por ter acutilado em pleno dia e em pleno campo de Sant'Anna, em dia de *Corpus Christi*, a um certo Gonçalo Borges, criado d'el-rei, *no pescoço por baixo do cabello do toutiço*. Do logar dos ferimentos deprehende-se cabalmente que o nosso Homero, quando dava, dava logo a valer. D'esta prisão, em cuja justiça é força concordar, sahiu elle por perdão d'el-rei e do ferido, oito dias antes de embarcar para a India.

UMA CASA DE CAMPO NA INGLATERRA

Ora quer o leitor saber quem elle teve por companheiro de prisão? O pae, que lá fôra mettido por nada menos do que por ter assaltado e invadido o convento de Sant'Anna em Coimbra, e que foi solto muito poucos dias antes do filho. E' de notar a coincidencia; e de notar é tambem que Simão de Camões, pae do nosso Homero, era tambem poeta, como igualmente o tinham sido os volteiros Camões até elle.

Para completar a pintura do caracter d'este vulto grandioso da historia litteraria portugueza, d'este poeta, cujo

nome foi por tantos annos o unico padrão, que recordava á Europa que n'este canto do extremo Occidente existe uma nação chamada Portugal, que foi no seculo XVI a infatigavel e audaz iniciadora da civilisação do mundo moderno, resta-me accrescentar que o poeta dos *Lusiadas* reunia ás grandes qualidades intellectuaes que possuia, um caracter jovialmente epigrammatico e motejador, e conversava tão peregrinamente, que a sua companhia era vivamente estimada e desejada por todos.

Arnaldo Gama

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

I

MEUS PAES

(Continuação)

Deve tambem advertir-se que aquella deserção em nada prejudicou minha mãe mais do que na falta accidental de seu marido, porque minha mãe era filha unica de meus avós maternos, os condes d'Amarante, já fallecidos, e encontrava-se na plena posse das rendas, regalias e titulos d'um condado muito poderoso nas nossas montanhas de Galiza. Era, pois, meu pae conde, porém conde consorte.

Desde o dia do regresso de meu pae, ambos os esposos não faziam mais do que questionar calorosamente sobre a minha educação. Meu pae queria dedicar-me á carreira ecclesiastica, para chegar a ser bispo ou arcebispo, ou á carreira militar para chegar a ser general, ou á carreira maritima para ser almirante. Minha mãe oppunha-se a tudo isso; dizia que melhor era dedicar-me á advocacia ou á medicina para ser util a mim proprio ou aos meus similhantes, e que, em ultimo resultado, o conde Henrique V d'Amarante não necessitava de mais honras e rendas do que as que obteria por meus avós maternos.

Aquellas questões de *sobre-mesa* á mesa do palacio, pareciam interminaveis; e as mais das vezes minha mãe cortava-as levantando-se do seu logar, colhendo-me nos braços e encerrando-se comigo no seu gabinete.

Lembro-me tanto d'estes finaes! Minha mãe, abraçada a mim em uma cadeira do seu gabinete, tremia, e eu, que sentia communicar-se aos meus membros de creança o tremor dos de minha mãe, tambem tremia. Fora, no salão do palacio, ouviam-se as vozes destemperadas de meu pae, e seus doéstos contra a ternura da condessa, que elle chamava a minha perdição.

Não conseguindo nunca o general carlista fazer inclinar minha mãe a dar-me uma educação conforme os seus desejos, terminou por se aborrecer, e, dirigindo-se a Madrid, abandonou-nos.

Eu era a pedra de toque d'aquelle amor dos dous esposos: o ouro puro ficava comigo, minha mãe.

A condessa Amalia, que já padecia muito, terminou por adoecer, definhando-se todos os dias. Quando já lhe foi preciso ir para a cama, eu não me separava d'ella como sempre, e ao tornar meu pae ao palacio d'Amarante para recolher o seu ultimo suspiro, elle proprio teve que desprender os meus labios de seus labios, meus olhos de seus olhos, o meu ser de seu ser; pode dizer-se que até ali a alma de minha mãe e a minha não tinham sido senão uma só na terra.

Quando minha mãe succumbiu, vendo-me sem ella no mundo, vibrou profundamente todo o meu organismo como ao impulso d'essa poderosa impressão, que os dynamicos expressam com a parabolica phrase de *horror ao vacuo*. Aquella vibração que commovia o meu espirito como uma chamma que oscilla, parecia que me transfigurava.

O sentimento da soledade, diffundindo-se por todo o meu ser como uma harmonia interna, condensou-se no éther de meu cerebro, irradiando resplendores sombrios.

A turqueza de crystal purissimo em que se modelara a minha alma, rompera-se em pedaços, e meu ser começava a fluctuar nos espaços da vida sem ponto de apoio algum, como até ali o havia tido na ternura de minha mãe.

(Continua)

DESEJOS DO CORAÇÃO

—

Em meigos transportes pedia minha alma,
Pedia, esse dia, que eu fosse ao rosal
Fazer ramalhetes, colher uma rosa,
Que, prenda d'uns annos, saudasse um natal.

Oh! sim! que faz annos quem hoje quizera
Cingir com meus braços, ter junto de mim!
'Stou longe e não posso de abraços cercal-a,
Sou pobre e só tenho meu parco jardim.

Crueis ventanias, os gelos do inverno,
Varreram-me as flores sem magoa, sem dó:
As rosas murcharam, destroços da guerra,
De tantas que eu tinha ficou-me uma só.

Offerta singela! só esta mandára,
Se fôra mais viva, mais bella do que é;
As folhas são raras, o aroma perdeu-se,
E a seiva não veste de musgos o pé.

Despida d'encantos a triste vegeta,
Ao cru desabrigo da fria estação:
Desfolhe-se embora, que eu mando outra prenda,
Eu mando os desejos do meu coração.

Ernesto

SCIENCIA PARA TODOS

—

IV

METALURGIA

(Continuação)

As mais notaveis minas de mercurio são as de Idria, na Carinthia, as de Almaden na Hespanha e as de Kussel na Baviera rhenana.

O mercurio emprega-se especialmente para construir o thermometro, o barometro e o manometro. Amalgamado com o estanho, forma o aço dos espelhos; amalgamado com o ouro e a prata, serve para dourar ou pratear os metaes. Emfim o mercurio emprega-se para extrahir a prata contida nos mineraes.

A medicina antiga servia-se frequentemente do mercurio; na actualidade está abandonado como meio curativo.

Os antigos alchimistas consideravam o mercurio como um estado particular do ouro e da prata. Segundo elles, o mercurio era o principio de todos os seres.

O cobre é 9 vezes mais pesado do que a agoa. Este metal era empregado pelos povos antigos em consequencia de ser facil a extracção. E' mais duro do que o ouro e a prata, malleavel e ductil como estes metaes, mas em menores proporções. E' uma excellente liga para a composição dos objectos d'ouro ou prata. Derrete ao calor vermelho, isto é, 27 graos pyrometricos. Oxyda-se ao ar humido, formando na superficie um sal venenoso. E' por este motivo que se torna perigoso o emprego dos instrumentos de cobre que não estejam perfeitamente estanhados. O cobre pode alliar-se com todos os metaes, excepto o chumbo e o ferro.

As minas mais abundantes de cobre são as da Suecia.

O ferro é 8 vezes mais pesado do que a agoa. E' o mais util e felizmente o mais abundante dos metaes. Combina-se com os tres reinos da natureza. Funde mais difficilmente do que o ouro, a prata e o cobre. E' talvez o mais tenaz de todos os metaes, porque um fio de 2 milimetros de diametro pode sustentar sem quebrar um peso de 250 kilogrammas.

O homem deve considerar o ferro como o mais poderoso auxiliar da civilisação. E' o metal que a natureza apresenta em maior copia, e o numero de pedras, terras e rochas que o contém

é infinito. A sua extracção é uma das operações mais laboriosas da metalurgia.

O ferro tem diversas e infinitas applicações nas artes. A difficuldade da sua extracção parece ter sido a causa de só muito tarde ser empregado. Com effeito, o conhecimento do ferro e a arte de o trabalhar são muito posteriores ao emprego dos outros metaes.

Attribue-se a descoberta e uso do ferro aos cyclopes e chalybas. A Biblia dá essa honra a Tubal-Cain. Os antigos gregos fazem-o remontar ao reinado de Minos I, isto é, ao anno de 1431 antes de Christo. Seja, porém, como fôr, o uso do ferro parece que não estava muito divulgado entre os povos antigos.

O iman, que possue a singular propriedade de se voltar para o norte e sul, é um minerio de ferro. A occa vermelha ou amarella é um oxydo impuro de ferro. O ferro reconhece-se geralmente no chão por traços vermelhos.

O estanho é 7 vezes mais pesado do que a agoa. E' d'uma grande utilidade nas artes pela liga com o ferro e o cobre. Tem uma côr muito similhante á da prata e do chumbo. Quando se fricciona, exala um cheiro especial e desagradavel e despede um pequeno estalo quando o dobram. E' malleavel, ductil e tenaz; mas só adquire sonoridade pela liga com outros metaes. Estende-se em folhas muito delgadas e serve para estanhar os espelhos e outros usos. Plinio o naturalista conta que Medacritus foi o primeiro que trouxe o estanho das ilhas Cassaterides.

O chumbo é 11 vezes mais pesado do que a agoa. E' muito mole, malleavel, ductil e facil de laminar; derrete a 35°. Quando se corta apresenta um brilho como o da prata; fora d'isso é escuro azulado. E' de fraca tenacidade e oxyda-se de prompto ao contacto do ar. O calor facilita a sua oxydação. Transforma-se então em um pó cinzento chamado cinza de chumbo. Carrega-se facilmente d'acido carbonico pela acção da humidade, produzindo o carbonato de chumbo ou cerusa, a que vulgarmente se dá o nome de alvaiade.

(Continua) DOUTOR JAYME

UMA HISTORIA

EXTRAORDINARIA

(Continuação)

A joven respondeu pelo seguinte modo:

—Eu adoro-te com a mais recondita execração que te consagra o meu coração de pedra hume, ó meu formoso e horrivel amante! Eu amava-te quarenta e tres annos antes de conhecer-te, quatro lustros antes de ter visto a luz publica; ainda antes de tu vires ao mundo eu idolatrava-te com o resplendor escuro do nada, porque comprehendia que tu havias de ser alguma cousa, que havias de ser o ser que havia de soprar á chamma com que te abomino!

—Então, mulher ou demonio, exclamou o espirito pondo-se em um pé só, conheces a eternidade?

—Não, porque nunca lá estive.

—Porque não foste a esse paiz onde ninguem entra?

—Porque não sabia o caminho.

—Então hasde acompanhar-me.

—Mas teu pae estará lá, ou tua mãe, ou...

—Não te assustes. Nenhum de meus progenitores nasceu ainda. Meu pae é posthumo; minha mãe e elle nunca se conheceram.

—Comprehendo, disse a joven.

—E agora vens comigo?

—Vou.

—Oh dita! exclamou o espirito.

Ao pronunciar o espirito invisivel estas palavras, ouviu-se um trovão medonho, triste e alegre ao mesmo tempo, que resoou em todos os pontos do globo aereo, sem exceptuar Athenas e a ilha das Gallinhas, retumbando com a mais deliciosa harmonia pelo mar dentro, a ponto de fazer adormecer os leões e as pantheras nos seus covis. Seguiu-se ao trovão um relampago, que em outros tempos teria precedido aquelle; mas nós já fizemos ver ao leitor que na epoca a que nos estamos referindo andava tudo ás avessas por causa das guerras civis que tinham rebentado entre a republica dos Pelames e o rei do Congo em consequencia do roubo d'umas peras que este fez áquella, no anno mil.

Emfim, pondo de parte divagações, diremos que aquelle relampago apagou todas as luzes do theatro de S. João, onde a companhia de Lopes, o rei dos tambores, estava fazendo as suas melhores partes, acompanhado tudo isso de um eclipse do sol visivel em Pangin e Tombuctu, derretendo de repente todo o queijo que se estava elaborando na Serra da Estrella. Uma chuva copiosa, resultado do queijo derretido, entrou de cahir das nuvens, sem chegar a terra, porque os transeuntes se apressavam a apanhal-a nos seus guarda-chuvas, virando-os de baixo para cima, para apanharem toda aquella manteiga que as nuvens derramavam por sobre a terra toda.

Este successo sem precedentes na historia da philosophia, innundou de horror delicioso os habitantes da aldeia de Paio Pires, que, pondo-se immediatamente a caminho para as Novas Hebridas, conseguiram descobrir o phenomeno da Ursa Maior, em conjunção com Marte, sobre o pico de Regalados, facto este que veio registrado no Almanak das Cacholetas d'aquelle anno.

Entretanto que se davam estes successos maravilhosos, os dous amantes, de mãos dadas, atravessaram em dous minutos e meio o mar Glacial, desde o cabo da Roca até o promontorio de Paranhos, tocando pelo norte com um cotovello em S. João da Madeira e com o outro pelo sul em S. Cucufate, que é o ponto mais austral da ilha Mauricia, á embocadura do Zezere.

E como n'aquelle tempo os conhecimentos geographicos estavam muito mais adiantados do que hoje, os dous amantes singraram pelo estreito de Maria Galante dentro, indo dar em linha recta ao mar Vermelho, que está cercado pelas ilhas dos Amigos, d'onde se avista toda a paisagem do Minho. Em seguida voltaram á esquerda, seguindo pela direita do monte Atlas, e passando do polo norte ao polo sul, entraram no mar Equinocial; d'ali tomaram pelo signo de Capricornio, indo dar ao cabo d'Espichel. Aqui demoraram-se meio segundo para almoçar, constando o almoço d'ovos de baleia postos em vinha d'alhos e fatias de palha painça com molho de genipapo.

Fazendo-se novamente ao mar, sem barco nem vellas, passaram a costa das ilhas de Sottavento, até chegarem ao grao 584 de latitude norte, d'onde se internaram pelo golfo Arabico, até darem com as costellas no monte Pedral. D'ali tomaram o caminho de ferro, em primeira classe, para o Mediterraneo, e chegaram emfim, depois de costearem o Mar Negro, o Caspio, o Adriatico e o Baltico, a casa de D. Sempreviva, que estava commodamente deitada na sua fofa cama de pennas, dormindo como uma pedra, e ao mesmo tempo lançando os olhos para uma janella, pela qual se avistava todo o reino de Granada, pelo qual debalde procurava a filha, que sem dizer— agoa vae— havia sahido de casa pela manhãzinha, sem ter voltado até á hora do recolher das gallinhas, que foi quando ella adormeceu.

(Continua)

MEMORIAS PRODIGIOSAS

A memoria é a faculdade do espirito que percebe e se assimilla as noções de todas as cousas. A rasão concebe as relações das cousas e por consequencia formula ideias; a vontade, que desperta a faculdade de raciocinar, appella em seguida para a memoria, á qual aquella os confia. A memoria é pois inseparavel da associação das ideias.

Esta faculdade nem sempre acompanha no seu desenvolvimento o grao da intelligencia. Podem, porém, citar-se alguns exemplos notaveis de talentos superiores, verdadeiramente privilegiados por uma memoria extraordinaria.

Metrodero, contemporaneo de Diogenes, decorava todos os discursos e conversações que ouvia. Themistocles conhecia pelo nome todos os habitantes de Athenas. Cyro, rei da Persia, sabia o nome de trinta mil dos seus soldados. Mithridates fallava vinte e duas lingoas. Julio Cesar ditava simultaneamente dez cartas a seus secretarios. Simplicio, um dos amigos de Santo Agostinho, sabia de cór as obras de Cicero. Pico de Mirandolla recitava immediatamente e com extrema facilidade tudo o que se lia diante d'elle. José Scaligero decorou em vinte e um dias as obras de Homero, e as dos outros poetas gregos em quatro mezes.

Em Portugal tambem tivemos um verdadeiro prodigio de memoria. O celebre padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o *Voador*, e que foi entre nós o inventor dos balões aerostatos, tinha tal memoria, que, abrindo-se um livro em folha que elle nunca tivesse lido, depois de ler tres ou quatro paginas uma só vez, as tornava a repetir fielmente; e o que mais admirava era repetil-as tambem debaixo para cima.

Isto é attestado pelo padre João Baptista de Castro, que presenciou este facto em 1715, quando aprendia philosophia com o padre Filippe Nery, da congregação do Oratorio.

Um outro contemporaneo do padre Gusmão não só confirma o mesmo, d'elle repetir uma pagina, depois de uma unica leitura, repetindo-a igualmente ás avessas, mas accrescenta que só de ouvir um sermão repetia palavra por palavra.

O nosso rei D. João III foi tambem dotado de excellente memoria. Dizem os historiadores que esta faculdade era n'elle como um fiel espelho, que a todo o instante lhe mettiam á cara os seus vassallos, que se tinham feito credores da sua recompensa. Subia a tal ponto no monarca portuguez este talento que só a natureza dá e com o trabalho se avigora, que, estando um dia em Coimbra, leram-lhe os nomes de todos os estudantes da universidade. Decorou-os D. João todos e a todos chamou depois pelos seus nomes.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira.

O PÁRA-QUEDAS

O PÁRA-QUEDAS

O pára-quedas é um apparelho que se abre como um grande guarda-chuva, servindo para a descida dos aereonautas que vão na barquinha, como se vê na gravura. Quando se effectua uma ascenção, o pára-quedas vae suspenso do balão, de forma que possa ser facilmente desprendido quando o aereonauta quizer descer.

No momento de elle o desprender, o balão sobe de repente; mas o pára-quedas desce, abrindo-se a impulso do ar que lhe entra por baixo.

O pára-quedas toma, por effeito do vento, posições muito variadas e algumas d'ellas são extremamente perigosas. Tal é quando elle descreve oscillações no ar; mas pode-se remediar esse inconveniente praticando uma abertura no alto do apparelho, para a sahida do ar comprimido.

Foi Blanchard, celebre aereonauta que fez mais de setenta ascenções, o inventor do pára-quedas. O primeiro ensaio que fez com elle foi em agosto de 1787 em Strasburgo, mettendo um cão na barquinha, dentro d'uma cesta, e largando-a da altura de cerca de mil e quinhentos metros, o pára-quedas desceu sem novidade com o cão, que chegou a terra ladrando em signal de satisfação.

Em 1797 Garnerin usou do pára-quedas em Paris com os melhores resultados.

ZIG-ZAGS

O CABELLO LOURO

O cabello louro é reputado da maxima estima na raça branca. E isto é tão verdade, que os povos de cabellos negros, os gregos e os romanos, deram uma cabelleira loura ao typo ideal da belleza physica e da perfeição, á sua deusa Venus.

Christo, modelo de todas as perfeições, tinha cabellos louros.

Os pintores italianos sempre ornaram as suas madonas com cabellos louros.

Quando as primeiras captivas da Germania foram conduzidas a Roma, as senhoras romanas polvilharam os seus cabellos para não ficarem inferiores ás suas escravas.

Não fique, porém, triste quem tiver cabellos pretos; mais triste tem rasão de ficar quem não os tem de uma nem outra côr. Ha quem morra pelos pretos e pelos louros, sem esquecer os castanhos.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesmo praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

II ANNO | PREÇO 20 REIS | NUMERO 65

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

PROPRIETARIO ANTONIO AUGUSTO LEAL

PREÇO DA ASSIGNATURA: Porto, 3 mezes 260 rs, provincias, 300 reis, pagamento adiantado | PORTO 24 DE NOVEMBRO DE 1881 | ASSIGNATURA no Brazil, por um anno, moeda forte, com estampilha, 2$000 rs. (adiantados)

SUMMARIO

TEXTO:— La Ferté-Bernard — A casaca do corregedor — Saudade (poesia) por Luiz de Mesquita — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As Antilhas — Uma procissão no Porto no seculo passado, por R. Pinto de Mattos — Os processos da Inquisição — O usurario (excerpto) por D. Maria do Pilar B. M. Osorio — A Capella dos Ladrões, por N. Rangel — Horacio Vernet — Historia d'um gallo negro, por Nunes d'Azevedo — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Metalurgia, por doutor Jayme — Que vale a vida!... (poesia) por Ernesto — Uma historia extraordinaria — Os livros, por J. da Silva — Zig-Zags: O fetichismo — Charada, por Julia Lisse — Expediente — Prospecto.
ILLUSTRAÇÕES:— La Ferté-Bernard — Beduino da Syria — A leitura.

LA FERTÉ-BERNARD

E' este o nome d'uma pequena cidade, capital de provincia, em França. O que a torna notavel é a cathedral, bello especimen da architectura gothica floreada do seculo XIV, e tambem é digno de ver-se o antigo castello, que hoje serve de paços municipaes, e foi outr'ora propriedade dos duques de Guisa.

A cidade tem apenas dous mil e seiscentos habitantes. A sua industria consiste em tecidos de algodão e lan; commercio de cereaes e aves.

Nasceram ali o poeta Roberto Garnier e o arcebispo de Toledo Glapion.

E' a cathedral de La Ferté-Bernard que a nossa gravura representa.

LA FERTÉ-BERNARD

A CASACA DO CORREGEDOR

I

D. Justo Gomes de Soveral morreu em 1793, deixando fama de probidade e de bom genio, como nenhum homem da sua epoca conseguiu deixar.

A' natureza pouco devera elle em quanto á sua pessoa; mas o que é verdade, é que chegou ao importante cargo de corregedor da côrte e cidade de Lisboa.

A primeira qualidade indispol-o com o bello sexo e a segunda com os brigões, larapios e homens de maus costumes, de modo tal que não tinha grandes sympathias, nem muito quem procurasse agradar-lhe.

Só uma vez, sendo moço, abriu o seu coração a uma mulher, a qual por unica resposta, lhe disse que se olhasse ao espelho, que devia ter em casa. D. Justo assim fez e achou-se tão feio, que em todo o resto da vida não quiz expôr-se mais a uma prova como aquella, e desde esse dia deu a demissão do

cargo de galanteador, que todos nós, mais ou menos, desempenhamos n'esta vida.

Sendo corregedor, desempenhava esse logar com toda a gravidade e tomava-o talvez mais a serio do que convinha. Uma occasião recommendaram-lhe a captura d'um afamado e temido salteador, o qual estava quasi a ser alcançado por D. Justo, quando, para evitar o desaire que d'ahi lhe proviria, desfechou um tiro na cabeça, voando para o outro mundo. Este contratempo desgostou profundamente o corregedor, que, julgando-se deshonrado, sem se encommendar a Deus nem ao diabo, deu a demissão do cargo.

Desde aquelle dia D. Justo deu-se á tarefa ingloria de murmurar de toda a gente, de ralhar quotidianamente com seu sobrinho Filippe e de puxar pelas orelhas ao seu criado particular Marcellino, sem o qual não podia passar nem um instante o bom senhor.

Marcellino era um homem *sui generis* e constituia o que hoje chamamos um typo, um verdadeiro typo; era mais velho do que o amo, e, apesar d'isso, tinha-se amoldado ao caracter d'aquelle a ponto tal, que renunciara completamente á sua vontade e livre arbitrio. Era uma especie de complemento de D. Justo; mas um complemento necessario, indispensavel. D. Justo sem elle não era nada. Elles ambos faziam um homem, um homem completo, unico; eram o complemento um do outro e nenhum se atrevia a formular um pensamento, a ter uma ideia, sem a communicar ao outro.

O corregedor uma cousa havia ensinado ao seu criado, dizendo-lhe ser a cousa mais util d'este mundo. Era o calar, recommendando-lhe que a gente não deve intrometter-se onde não é chamado e só quando interrogado é que deve fallar.

Muitas vezes amo e criado passavam juntos horas inteiras sem dizerem uma só palavra, e, sem embargo, nem um nem outro podiam passar sem se verem.

II

D. Justo passava por ser rico, o que fazia conceber as mais risonhas esperanças a seu sobrinho Filippe, que era um estoira-vergas completo.

Filippe não desejava precisamente a morte do tio; mas tambem não lhe agradava a ideia d'uma grande longevidade. A natureza, d'acordo com os bons desejos do rapaz, poz um dia ponto final á preciosa existencia do corregedor.

D. Justo morreu como tinha vivido, isto é, zangando-se com toda a gente que o cercava, com o medico, com os remedios, com o boticario, com o sobrinho, e sobretudo com o pobre Marcellino.

No dia seguinte ao do fallecimento do amo, Marcellino reuniu o sobrinho e tres amigos do defunto para lhes ler o testamento do finado.

Fel-os entrar na alcova onde o corregedor morrera, e levantando o primeiro dos tres colchões de que a cama se compunha, tirou um pedaço de pergaminho, amarello, roto, amarfanhado, embrulhado em um bocado de seda azul, e desembrulhou-o com toda a solemnidade. Sobre o pergaminho appareceram bastante legiveis uns caracteres que diziam o seguinte:

Deixo a minha casa a meu sobrinho Filippe, e não tendo mais bens de que dispor, desejo que a disfructe em paz.

(Continua)

SAUDADE

—

Filha do ceo, que saudade,
Que na sua densidade
Me annuvia o coração!
Ai! viesse a doce aragem
Segredar-me a tua imagem
N'esta triste solidão!

Não sabes, anjo querido,
Que tenho tanto soffrido
N'esta minha soledade!
Tu não sabes o tormento
Que soffro n'este momento;
Ai! não sabes, na verdade.

A' hora que o sol declina
E se esconde na colina,
Sinto grande aperto d'alma,
Lembram-me os lindos recreios,
Aquelles bellos passeios
Por essas noites de calma.

E quando a lua no ceo
Ostenta o brilho sem veo,
Vou sosinho meditar;
E' n'essas horas caladas,
Para mim amarguradas,
Que vou comtigo fallar.

Se a doce, ligeira brisa,
Que a minh'alma suavisa,
Fosse a teus pés murmurar?
Ai! virgem, ella diria
Que não se passa um só dia
Que não me faças pensar.

Luiz de Mesquita

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

(Continuação)

LII

AS ANTILHAS

Passemos ás Antilhas, territorio situado entre as duas Americas e com 300:000 kilometros quadrados de comprimento e 4 milhões d'habitantes.

As Antilhas, que formam o mais consideravel dos archipelagos conhecidos, vão desde a Florida, ao norte, até á foz do Orenoco, ao sul. Vegetação esplendida; mas febres perniciosas e tremores de terra; reptis e insectos prejudiciaes.

Dividem-se em tres grupos principaes: as ilhas Lucayas, ou Bahama, Grandes Antilhas e Pequenas Antilhas.

As Lucayas, grupo de 500 ilhotas assentes em dous bancos d'areia, estão deshabitadas pela maior parte. Pertencem á Inglaterra e teem por capital Nassau, cidade de 6:000 h. Foi em S. Salvador, uma das Lucayas, que Christovão Colombo poz os pés pela primeira vez no novo mundo.

As Grandes Antilhas comprehendem quatro ilhas: Cuba, Porto Rico, Jamaica e Haiti.

O Haiti, ou S. Domingos (á que Christovão Colombo deu o nome de Hespanhola quando ali chegou) tem 800:000 habitantes e está dividida em duas partes: a republica do Haiti, capital Porto do Principe, com 35:000 h., bom porto, cidade edificada em terreno baixo e pantanoso; e republica Dominicana, ou de S. Domingos, 400:000 h.; capital S. Domingos, 16:000 h., cidade fundada em 1496 por Bartholomeu Colombo. S. Domingos foi uma antiga possessão hespanhola, que conquistou a independencia em 1822; Haiti tambem havia pertencido á França, da qual se separou em 1793.

Perto de S. Domingos encontramos a pequena ilha da Tartaruga, onde os aventureiros francezes e inglezes se estabeleceram no seculo XVII, fazendo-se piratas para se vingarem dos hespanhoes, que tinham assassinado as suas familias. Chamaram-se bucaneiros e tornaram-se celebres pelas suas façanhas, atacando sobretudo os galeões que voltavam para Hespanha carregados d'ouro; em seguida iam depositar o fructo da pilhagem na costa de S. Domingos, onde formaram estabelecimentos que o governo francez reconheceu mais tarde.

Cuba, a maior das Grandes Antilhas, é uma florescente colonia hespanhola. Tem 1,400:000 habitantes. Solo fertil, que dá duas colheitas annuaes; as florestas produzem madeiras preciosas para construcções e tinturaria. Riquezas mineraes desconhecidas. Cuba foi descoberta por Christovão Colombo e Diogo Velasquez foi o primeiro que ahi fixou a residencia. Dez annos depois a Hespanha tomava conta d'ella. Os hespanhoes deram-lhe o nome de rainha das Antilhas em consequencia das bellezas que a recommendavam. Os naturaes desappareceram inteiramente, victimas da crueldade dos brancos e dos estragos das bexigas. Em 1812, 1844 e 1848, Cuba foi ensanguentada pelas revoltas de escravos; em 1850 e 1851, o general Lopez, á frente dos corpos francos, tentou emancipar a colonia; mas não foi mais feliz do que os seus pre-

decessores. Repellido duas vezes, foi vencido, capturado e fuzilado.

A capital de Cuba é a Havana, cidade de 150:000 h., sendo 25:000 escravos, fundada em 1511 por Diogo Velasquez. E' a cidade mais importante da America central e a segunda praça commercial do novo mundo, depois de Nova York. O seu aspecto é triste e as ruas são estreitas, sujas e insalubres. Na cathedral está o tumulo de Christovão Colombo. Entre os monumentos tornam-se notaveis os palacios do almirantado e do governo, d'architectura solida e elegante. Importante commercio de tabacos. O porto pode conter mil navios.

Porto Rico pertence igualmente aos hespanhoes. Tem 160:000 h. Capital S. Juan, 35:000 h.

A Jamaica é uma colonia ingleza, com 440:000 habitantes. A capital é Kingstown (35:000 h.); mas o governo reside em Spanishtown (5:000 h.).

A Jamaica foi outr'ora uma colonia hespanhola com o nome de Santiago. Foi ali que os hespanhoes, no seculo XVI, ensinaram grandes cães de fila a caçar os indigenas, que marcavam com um ferro em braza para indicarem que era propriedade sua, e vendiam-os depois aos mercadores, que ficavam tendo sobre aquelles desgraçados o direito de vida e de morte. Este trafico durou muito tempo; mas desappareceu emfim graças aos progressos da civilisação.

(Continua)

UMA PROCISSÃO NO PORTO NO SECULO PASSADO

—

(Continuação)

No capitulo 18 resam assim os estatutos:

«Todos os irmãos serão obrigados a assistir ás vesperas de Santo Antonio, e no dia á missa em S. Francisco, e á pregação, e acompanhar a procissão com a cera; e faltando alguma d'estas cousas pagarão cada um cincoenta reis de pena, e no dia da procissão que se fizer pelas ruas costumadas, acompanharão com suas tochas, ou cirios, e levando o palio, não sendo occupados com figuras, ou outra cousa que pertença á procissão, com pena de quem o contrario fizer pagar quinhentos reis para a dita confraria, e para isso lhe darão recado.» Esta multa é muito maior em uma das addições, como logo se verá.

Capitulo 19: «O juiz e escrivão serão obrigados a armar a capella de Santo Antonio e Cruzeiro, para o dia da sua festa ás suas custas, e não o fazendo os Mordomos a armarão á custa do dito Juiz e Escrivão.»

Capitulo 25: «Os mordomos velhos que acabarem de servir aquelle anno serão obrigados a levar a bandeira nas procissões atrás declaradas, com pena de cada um d'elles pagar de sua casa quatro centos reis, e tendo causa urgente que o escuse, a allegará aos mais officiaes da Confraria, e buscará quem lh'a leve sendo do officio.»

O capitulo 26 falla da bandeira nova que então se acabava de fazer, a qual teria um dos mordomos em seu poder fechada em um caixão com tres chaves, de que elle terá uma, o juiz outra, o escrivão outra, e a não emprestarão com pena de dois mil reis para a Confraria do Santo. Serão obrigados todos os irmãos tanoeiros examinados a acompanharem a bandeira de Santo Antonio no dia em que vae a cera, como no dia em que vae a procissão pela cidade, e no dia da eleição dos mordomos, de S. Francisco até sua casa, e o que o contrario fizer pagará cincoenta reis de pena para a Confraria, e não os arrecadando o Juiz os pagará de sua casa.

Diz o capitulo 27, sob o titulo: *Do Cirio que ia na procissão*:

«Em o anno do Senhor de 1525, no mez d'agosto, os devotos irmãos de Santo Antonio em a cidade de Lisboa, havendo peste, logo todos juntos determinaram que se fizesse um cirio, como se fez á honra do bemaventurado Santo Antonio, que os tivesse em sua guarda; e do tal cirio se não fizesse cousa alguma, salvo se em cabido, estando os irmãos todos juntos, determinassem outra cousa d'elle em melhoramento e serviço do dito Santo, a cuja imitação, e pelo mesmo respeito e devoção esta irmandade dos tanoeiros, e confraria de Santo Antonio da cidade do Porto, e mosteiro de S. Francisco, por seus officiaes manda fazer em cada anno, outro cirio que esperam d'elles e dos devotos do dito Santo vá cada vez de bem em melhor.»

A paginas 44, capitulo 19 dos mesmos estatutos, se diz que, em dia de S. Gonçalo, a 10 de janeiro, se fará um termo em que se declararão as pessoas que hão de servir de Rei n'aquelle anno para a procissão de Corpus Christi, e Mordomo, e que sempre se elegerão os mais antigos dos que não tiverem servido, e que logo se assentará quanto hade dar cada official para a dança, que será muito boa, e se buscará quem leve a bandeira, que será do officio, e o que a levar será escuso de pagar aquelle anno. E os officiaes serão obrigados a acompanharem a bandeira, e passados oito dias o Mordomo chamará o Rei e Escrivão e Juizes do Officio e lhes dará conta pelo rol.

Confirmado tudo isto no Porto, em 23 de março de 1623.

Na primeira addição a estes estatutos, feita em 29 d'abril de 1664 e confirmada em 2 de junho do mesmo anno, e 3 de novembro de 1672 e 1 de março de 1687, no capitulo 6.° de novo se determina que os mordomos que servirem no bemaventurado Santo Antonio farão no dia da sua festa procissão pelas ruas costumadas, com toda a solemnidade, como era antigo costume, para veneração do Santo e augmento da irmandade, e aquelles que o contrario fizessem pagariam cada um dos mordomos dez mil reis para a irmandade, e os novos mordomos que lhes succedessem não tomariam contas sem primeiro lhes serem entregues as ditas penas, que seriam (repete) cada mordomo dez mil reis, livres de gastos da confraria.

(Continua) R. Pinto de Mattos

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

—

(Continuação)

As prisões eram horrorosas. Consistiam em subterraneos infectos, situados em logares apartados de todo o commercio, e ás quaes se descia por muitos torcicolos, afim de não poderem ser ouvidos os gritos e as queixas dos infelizes. N'estes sombrios logares não entrava jamais a luz do dia, para que os presos não podessem ler, nem occupar-se d'outras cousas senão de suas penas e da triste ideia dos males que lhes estavam reservados. N'este estado não lhes era permittido ver nem fallar a pessoa alguma. Se a proximidade da sua masmorra com outra lhes permittia fallarem-se, prohibia-se-lhes toda a communicação, e se os ouviam fallar, ou sós ou com alguem, entravam dentro os guardas e os zurziam com chicotadas.

Depois que um criminoso tinha assim passado muitos dias, e ás vezes muitos mezes, sem apenas saber o crime de que era accusado, nem conhecer as testemunhas que depunham contra elle, lhe faziam saber pelo carcereiro que podia pedir audiencia.

Logo que o accusado apparecia pela primeira vez diante dos seus juizes, perguntavam-lhe, como se o não conhecessem e ignorassem o seu crime, o que queria e se tinha alguma cousa que dizer. O mais seguro, ou menos perigoso, era confessar, mesmo quando fosse innocente, porque não faziam morrer o accusado a primeira vez que era denunciado á Inquisição; mas a sua familia ficava coberta d'infamia e esta primeira sentença excluia os seus parentes de todos os cargos civis e ecclesiasticos.

Outro meio de sahir da Inquisição pela primeira denuncia, era affirmar constantemente que nada tinha que dizer e que de nada se sentia culpado.

Então, se as provas não eram fortes, o mandavam embora.

Mas ordinariamente não deixava de ficar debaixo das vistas da Inquisição, porque os inquisidores o faziam seguir por dous ou tres dos seus esbirros, que se appelidavam familiares da Inquisição. Estes individuos seguiam-o de continuo, com uma osbtinação incrivel, observando todos os seus passos, todos os seus discursos, todas as suas acções; nada lhes escapava, e muitas vezes estes espiões eram amigos do accusado, ou seus proprios criados, ou seus mais proximos parentes.

Ao menor indicio, ou á mais leve suspeita, prendiam-o de novo. Tudo se passava como da primeira vez, á excepção de usar com elle de mais exactidão e rigor. Então é que se podia dizer que o desgraçado estava perdido sem remedio, porque na Inquisição não se sabia o que era perdoar duas vezes.

Depois de haver jazido muitos mezes na prisão, com os mesmos rigores e circunstancias que acabamos de referir, lhe mandavam dizer como da primeira vez que pedisse audiencia.

Ainda que as casas da Inquisição eram magnificas e n'ellas brilhasse com profusão o marmore e todos os ornatos da architectura, aos olhos dos accusados não se apresentavam senão objectos capazes de lhes inspirar terror e espanto. Tudo era lugubre nos logares onde elles compareciam, e os inquisidores e seus officiaes affectavam igualmente um ar triste e severo, que lhes não deixava esperar cousa alguma da bondade e compaixão de seus juizes.

Apresentando o preso, o exhortavam fortemente os inquisidores a confessar o seu crime. Se o negava, o remettiam á prisão, dizendo-lhe que lhe davam tempo para pensar n'elle e recordar a memoria. Depois de o terem ali por muito tempo, se elle nada queria confessar, o faziam jurar sobre um crucifixo e sobre os Santos Evangelhos que responderia com verdade a tudo o que lhe fosse perguntado. Se elle recusava prestar o juramento, era immediatamente condemnado sem outra forma de processo, porque se julgava ou que não professava a religião christã, visto não querer praticar um acto tão authentico como o do juramento exigido pelos juizes, ou que temia jurar falso e que por isso era culpado do que se lhe imputava.

(Continua)

O USURARIO

—

(EXCERPTO)

Entre os numerosos ladrões, que com os seus dentes de aço roem a sociedade, nenhum é tão barbaro, tão desapiedade e tão preverso como o usurario.

O salteador, que surprehende o viandante em sitio remoto, expõe a vida medindo com elle as forças e a coragem; vence muitas vezes, mas tambem algumas é vencido. O ladrão, nas suas excursões nocturnas, não procura o albergue do miseravel, acommette a casa do opulento; rouba-lhe valores, rouba-lhe tudo, mas deixa-lhe os mananciaes da riqueza; o roubado póde em alguns annos resarcir-se do que perdeu.

O usurario não rouba o rico, rouba o pobre; não rouba por uma vez, rouba sempre; não rouba só o que existe, rouba o que ha-de existir; não se esconde nas selvas e nas agruras dos montes, está em casa; não joga a vida,está com toda a segurança; não teme a lei que póde punir o ladrão e o salteador; não teme nada, porque trabalha nas trevas, similhante á aranha que esconde a teia insecticida no canto mais reconditoe obscuro.

O usurario realisa o que é fama se dá entre o sapo e a doninha. O fascinador attrae a victima, que vae, gemendo e descrevendo circulos cada vez mais estreitos, metter-se-lhe nas fauces ascorosas!

Nas florestas virgens da America ha tambem uma serpente que possue igual attracção: a victima fascinada vae, a pezar seu, esconder-se-lhe nas entranhas.

O usurario, similhante ao sapo e á serpente, fascina o necessitado com o reflexo do seu ouro, e a victima, impellida pela cruel necessidade, vae, convicta da sua ruina, meter-se-lhe nas cruentas garras!

O usurario aproveita os momentos criticos da vida do pobre para o roubar; quanto mais pobre fôr o minguado, mais o usurario aperta o laço que lhe estreita a garganta. E' inutil o estrebuchar do miseravel, as garras do tigre não o largarão sem o despedaçar. A sanguesuga que se lhe ferrou na carne, ha-de-lhe beber o sangue até á ultima gota.

O usurario não tem coração. Correm as lagrimas, juntam-se as mãos supplicantes, descobre-se a miseria em todos os seus horrores; tudo é baldado. O usurario fica impassivel. — Aceite se lhe faz conta, diz elle — e se não quer, largue. E' esta a sua primeira e ultima palavra!

D. Maria do Pilar B. M. Osorio

A CAPELLA DOS LADRÕES

—

(Continuação)

O caso estava serio. Buscando sahir-me bem da critica situação em que me achava, disse:

—A proposta que o senhor me faz parece-me razoavel, como já lhe disse; comtudo, não estando o meu espirito preparado para julgar sobre ponto tão importante, como seja mudar inesperadamente a minha vida de solteiro para a de casado, não posso assim de subito dar-lhe uma resposta affirmativa que seja conforme com as nossas vontades.

Pareceu-me que o negro não comprehendeu o sentido do que eu dissera. Levantando-se e tomando pela mão a *cabra*, sua filha, trouxe-a á minha frente e mostrando-m'a exclamou:

—Veja-a bem.

Olhei para a *cabra;* pareceu-me vel-a rir de contentamento; olhei para o *gaucho*, vi em seus gestos o quer que fosse que parecia dizer-me: acautela-te! pensa no que dizes!

O clarão avermelhado do brazido, batendo em cheio nas faces do negro, dava-lhe o aspecto de uma hyena acossada pela fome. A' flor do rosto vinham-lhe uns traços, que pareciam dizer que lá dentro do seu peito havia um vulcão tremendo, já revolto e quasi a rebentar em espumas de sangue.

—Viu-a? perguntou-me o negro quasi em um rugido. Viu-a? Isto não é nenhuma égoa pesteada que só sirva para tirar o couro para *lonca*! O moço me diz que lhe parece a proposta razoavel? Ainda quer mais?... Nós, filhos d'estes *pagos*, dizemos o que sentimos com toda a lealdade e recebemos em resposta palavras *ladinas* que parecem dizer: Negro, o que tu estás a fallar são asneiras; a tua filha, negra e selvagem, não serve...

—Não senhor, interrompi eu; as minhas palavras são francas e sinceras; nunca tive o atrevimento de escarnecer de pessoas que não conheço.

—Para que me diz, então, que não sabe se quer ou não quer? Não lhe agrada uma *cabra* com mil patacões, meia legoa...

—Patricio, exclamou o *gaucho* dirigindo-se ao negro, desejava lhe dizer duas palavras em particular.

O negro e o indio entraram para um compartimento contiguo, onde estiveram em conferencia por mais de meia hora. Durante esse tempo, a *cabra*, que ficara a sós comigo, pois a mulata já se tinha retirado, veio a pouco e pouco aconchegando-se para mim.

—Senhora, disse-lhe eu com toda a etiqueta, o seu pae se a vê tão unida a mim, pode zangar-se.

—Não, disse-me ella tomando-me a mão no momento em que lhe dava a *cuia* do *mate*; meu pae até gostaria de me ver dar-lhe um beijo assim.

E sem ceremonia, assim á similhança de caso romanesco, a *cabra* deu-me um beijo na mão e dar-me-ia mais se não lh'a houvesse retirado um tanto bruscamente.

—O senhor é cruel! disse ella com ar triste.

—Não sei, respondi eu.

—Se o senhor aceitasse...

Lá fora ouvia-se indistinctamente o reboar de trovão longinquo. Approximava-se uma tempestade. O vento *pampeiro* já sibilava nos *cipós* do matto.

A *cabra*, depois de breve silencio, disse-me:

—O senhor ouve a voz do trovão? Ouve o rugir do pampeiro? Ouve o grito do *quero-quero*? Como o trovão, como o pampeiro, como o *quero-quero*, é o genio, a vontade e o entendimento de meu pae. Quando elle está zangado nós choramos; o que elle quizer que se faça nós fazemos; o que elle julgar bom nós applaudimos. Eu amo-o como a Deus.

—Então, entendendo elle que devo casar comsigo, irremediavelmente heide casar?

(Continua)

N. Rangel

HORACIO VERNET

Como a gravura que adorna esta pagina é copia d'um quadro do pintor Horacio Vernet, o qual representa um beduino da Syria, vamos dar alguns apontamentos biographicos acerca de aquelle grande artista.

Horacio Vernet, filho do pintor Carlos Vernet, a quem se devem os quadros representando a maior parte das grandes victorias do imperio, como as batalhas de Marengo, Rivoli, Austerlitz, Wagram, a passagem do monte S. Bernardo, etc., nasceu em Paris em 1789, estudando sob a direcção de seu pae, sob a do seu avô materno Miguel Moreau e sob a de seu tio o architecto Chalgrin.

O imperador Napoleão, que se lhe afeiçoou, encommendou-lhe varios quadros, e pintou varios retratos.

Distinguiu-se em 1814 no cerco de Paris, e n'esta ocasião inspirou-se das glorias nacionaes, como seu pae, dando-se á pintura das victorias francezas, produzindo quadros que, se foram recusados pelo jury no tempo da Restauração, tiveram um successo popular, sendo-lhe necessario transformar a sua officina de trabalho em salão d'exposição publica.

O governo de Carlos X encommendou-lhe alguns retratos e quadros notaveis.

Em 1827 entrou para o Instituto; no anno seguinte foi-lhe dada a direcção da escola de Roma, cargo que exerceu até 1833. A permanencia de Vernet na Italia foi de grande proveito para o grande artista, que se deu a um novo genero de composições cheias de côr local.

Pintor favorito da monarchia de julho, foi encarregado pelo rei da decoração da galeria de Constantino, no museu de Versailles. Este trabalho durou seis annos (1836 a 1842), sendo-lhe necessario fazer algumas viagens a Africa, do que resultaram alguns quadros de costumes orientaes, um dos quaes é o do beduino da Syria.

BEDUINO DA SYRIA

Vernet foi em 1842 agraciado com uma commenda e tería subido ás maiores honras se se não malquistasse com o rei Luiz Filippe, por se recusar a mentir á historia, pintando Luiz XIV tomando parte no assalto de Valenciennes. Dirigindo-se á Russia, foi ali recebido com honras de principe.

Vernet morreu em 1863.

Sería longo enumerar todas as pinturas d'este grande artista; mas o que é indispensavel dizer-se é que o movimento e a clareza foram as principaes qualidades de Horacio Vernet, o que junto á exactidão das minuciosidades de topographia, de vestuarios e de physionomia, forma o admiravel talento d'aquelle grande artista.

HISTORIA D'UM GALLO NEGRO

(Conclusão)

De resto, não fazia mal algum; era o que no logar se dizia um *pax vobis*, um *bonacheirão*. Deixava-se agarrar pelas creanças da casa, mais pequenas do que elle, que o punham no regaço, atiravam-o ao ar, para depois o verem cahir no chão, com um ruido que as fazia rir de judiaria.

Depois, vinha outra vez para ellas, e consentia em que lhe mettessem a cabeça debaixo das azas, abanassem com elle para o fazerem dormir; ou então deixava que lhe puzessem na cabeça um lenço atado para trás, disfarçando-lhe o sexo, chamando-lhe a *sua menina*, cantando-lhe cantigas. Porém, ás vezes, o tepido conchego do colo das creanças, despertava-lhe no ser a sensação d'alguma cousa peccaminosa, e reagia, forcejava por se soltar, ás bicadas, saltando para o chão, dando uma carreirinha. E' que conhecia o mal, sentia que postergava a candidez da sua virtude, tendo outros gosos que não fossem os que lhe dava a sua pequenina amante, a gallinha branca, por quem se apaixonara. As creanças, então, corriam apoz elle, atirando-lhe pedradas, choramingando, cheias de raiva. Mas elle lá se ia, attrahido pelos effluvios de seu instincto, juntar-se á candida odalisca dos seus amores. N'ella estavam-lhe concentrados todos os seus praseres, todos os seus desejos, toda a sua vida.

Porém, um dia veio o Santo André, a matança dos porcos, o sarrabulho em familia. Chovia, e as creanças da casa, refasteladas de verde, atacadas de rojões e figado, chapinhavam fora, no quinteiro, fazendo charcos com as mãos, lançando-lhes naviinhos de papel, com grandes alacridades, de meia bebedice. Ia um pouco de frio, e os seus pesinhos delgados tinham uma côr vermelha, com tons roxeados, em que a lama escura fazia contrastes sujos, de muita porcaria. Era já de tarde, e os paes, um tanto indispostos da fartura do jantar, repimpavam na varanda as suas obesidades burguezas. Estavam a rir, a gostar de ver a alegria das creanças, que saltavam, como batra-

chios, no deleite rijo das suas panças cheias, das suas carnes satisfeitas.

N'isto, de repente, uma d'ellas, uma rapariguinha magricellas, de saias regaçadas, solta um grito muito dolorido, apertando a barriga nos desesperos d'uma colica violenta.

Foram-a buscar, levaram-a para cima, e trataram de lhe dar chás, remedios caseiros, um sem numero de improficuas beberagens. Foi uma criada que lembrou as fricções sobre o ventre, com azeite, com enxundia de gallinha, muito repetidas. —Veriam como sarava, affirmava, como cedia logo a dôr!

Lançou-se mão d'uma gallinha, da primeira que appareceu. Era a branca, a pequenina, a mallograda amante do gallo negro, que tinha por acaso entrado a porta, sosinha, n'este comenos.

A' noute, o gallo, quando se recolheu, que a não viu, tornou a sahir e foi procural-a, desvairado, cheio de temores, por toda a parte. Só quando chegou á pilha dos despejos, attrahido por um dos mais horriveis presentimentos, que pode experimentar o coração amoroso, é que conheceu o terrivel desengano, medindo com uma tarda inspecção o estendal de pennas que cobriam de branco aquelle acerbo de podridões negras.

E ali se ficou, toda uma noute, em um estupor de magoa, como que a prantear a morte da que era para elle a vida!

De manhã, quando a luz auroral, veio tingir de alvo os despojos d'aquella tragedia, o Tunante desappareceu, sem ser possivel encontrar mais vestigios da sua passagem.

NUNES D'AZEVEDO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

(Continuação)

II

NO COLLEGIO

Meu pae, *conde viuvo d'Amarante*, como se assignava desde então, determinou que o acompanhasse até á côrte.

Uma vez em Madrid, longe de terme a seu lado, encerrou-me em um collegio de Padres Esculapios, onde me davam uma excellente educação segundo a sua opinião, porém contraria ao meu temperamento e á minha intellectualidade.

Eu nascera para ser homem em toda a plenitude e liberdade de minhas forças physicas e intellectuaes; e ali, n'aquella mansão, as minhas forças physicas encontravam-se na pressão mais completa para o seu natural desenvolvimento, e as minhas forças intellectuaes eram violentadas por estudos a que não me chamava vocação alguma.

As minhas forças physicas exigiam a beira do mar, onde submergir-me a nadar; planicies e montes que percorrer em um cavallo ou com uma espingarda ao hombro; a gymnastica, a esgrima, tudo, emfim, o que tivesse alguma cousa de perigo e de resistencia material; e no collegio faziam-me dormir á mesma hora, na mesma cama, e comer, não á minha vontade, mas á de não sei quem; e não sahia d'ali; e não respirava o ar livre das montanhas, a que eu estava acostumado.

As minhas forças intellectuaes exigiam de mim estudos para que me sentia apto, como os da astronomia, a chimica e a physica; tudo grande, tudo util, tudo impenetravel; e no collegio ensinavam-me latim e grego, não sei para que; e a caridade artificial ou ostensivel, a humildade hypocrita e outras cousas que eu, intelligencia vigorosa e livre, não podia comprehender, porque para mim não deviam ter applicação alguma.

Meu pae vinha ver-me uma ou duas vezes ao anno, e eu recebia-o com *carinho de educação*, violento, de collegio, insubstancial.

Ah! Quanto me recordava de minha mãe ao vel-o! E quanto me recordava das minhas montanhas do Ulla, desejando chegar á maioridade para levantar as minhas azas e sahir d'aquella jaula horrivel, onde me asphyxiava!

Quando nos compridos serões do outono eu me assomava a uma janella da minha reduzida cella, e, dirigindo a vista para o firmamento, dava tregoas á minha impaciencia por sahir do collegio; contemplando a infinidade de estrellas que brilhavam sobre seu fundo escuro, esta contemplação abstrahiame; absorvia o meu espirito de tal modo, que me esquecia completamente da minha amarga vida de encerramento. E dizia comigo: essas estrellas não as collocou Deus por um capricho, pelo vão capricho de que nós, creaturas da terra, as contemplemos na noute que *tivermos por conveniente* levantar a vista ás alturas do infinito e *conceder um olhar* á sua grande obra. —Não, dizia eu; é impossivel que tudo isso não faça suppor milhares de milhares de mundos habitados, immensamente superiores ao nosso. Eu já presentia d'aquelle modo as revelações scientificas, que mais tarde havia de ouvir em Paris a Camillo Flammarion; eu já, ao fixarme nas estrellas, buscava por instincto o que, ao ser homem pensador, devia constituir o fundo do meu caracter e o caracter do meu ser. N'aquellas noutes de outono, essas ideias que enchiam o meu cerebro, apenas lhe podiam dar côr e vida dentro da illuminação interior da minha existencia; mui rapaz ainda, essas ideias nasciam imperfeitas, e sentia-as desvanecerem-se quando a minha rasão, a minha escassa rasão, filha de uma *falsa educação*, me dizia que o mundo era o planeta que habitamos e que não havia mais mundos.

—Pobre rasão! minha pobre rasão então, ao dizer-me que o mundo era a terra! a terra, grão d'areia comparado com a magnitude dos demais astros que *occupam* o espaço e *existem* no tempo! Ainda que eu então não tinha ideia do espaço e do tempo, duas cousas tão solidarias que não podem existir uma sem a outra, como diz Newton; duas cousas tão increadas e tão invisiveis que *existem por si mesmas*, como o affirma a sciencia, e constituem uma unica espiritual e intrinsecamente.

Lêde cem paginas mais, e vereis o que estas ideias influiram mais adiante nos meus annos e refrearam a altivez do meu caracter, pois prestavam á minha alma consolações que não podia encontrar na terra.

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

—

IV

METALURGIA

(Continuação)

O acido azotico dissolve perfeitamente o chumbo.

Os usos d'este metal são numerosos em rasão da sua malleabilidade. Emprega-se na cobertura das casas, na fabricação de tubos para a conducção da agoa e do gaz; molda-se para formar balas, entra no fabrico dos caracteres d'imprensa na proporção de 4 partes de chumbo e uma parte de antimonio; 2 partes de chumbo e uma d'estanho formam uma excellente solda. O oxydo de chumbo, ou minio, serve para fazer o crystal; diversos compostos de chumbo são empregados como materias corantes.

O chumbo está muito espalhado na natureza; apresenta-se quasi sempre alliado com o enxofre; mas tambem apparece muitas vezes com a prata.

As minas de chumbo mais ricas estão situadas em Hespanha, na Inglaterra, na Austria, França, etc. Os povos antigos exploraram o chumbo desde os tempos mais remotos. As actas

publicas, segundo Plinio, conservavam-se em folhas de chumbo. Este metal era consagrado a Saturno; os alchimistas davam o nome de *extracto de Saturno* a uma dissolução de sub-acetato de chumbo.

O nickel é um metal chinez, d'um cinzento brilhante, 9 vezes mais pesado do que a agoa. E' duro e tão ductil como a prata. E' malleavel e susceptivel de ser polido. O nickel é um pouco mais difficil de derreter do que o ferro, e, depois do ferro, é o metal mais magnetico. Não se altera ao ar e conserva o polido á temperatura ordinaria. N'esse ponto merece ser collocado ao lado da prata, da platina e do ouro.

Este metal é algumas vezes empregado nas artes, mas combinado com o zinco e o cobre, o que forma uma liga branca como a prata. Esta liga, fabricada na Allemanha, pode tomar, pelo polido, um lindo brilho.

Os principaes minerios de nickel encontram-se nos terrenos antigos e nos terrenos de transicção de Saxe, do Delphinado, da Inglaterra, da Suecia, etc. O nickel tem muita analogia com o cobalto e encontra-se sempre nos mesmos minerios. Foi descoberto em 1731 por Cronstedt, celebre mineralogista sueco; Berymann estudou as suas principaes propriedades; mas foi só no principio do nosso seculo que Richter obteve o nickel puro, examinando melhor todas as suas propriedades.

O zinco é 7 vezes mais pesado do que a agoa. E' um metal brilhante, de uma côr branca azulada e muito ductil. Entra em fusão abaixo do calor vermelho e volatilisa-se facilmente. Extrae-se tratando com o carvão o seu oxydo, chamado *calamina*, ou o seu sulphureto, chamado *blende*, que se acham frequentemente com os minerios de chumbo e de cobre, e forma algumas vezes montes isolados; mas em parte nenhuma se encontra no estado nactivo, apesar de Linneu e Valmont de Bomare fazerem d'isso mensão.

Conhecido desde muito tempo no Oriente, o zinco só foi indicado na Europa por Paracelso no seculo XVI.

Ha grandes depositos de zinco na Prussia, na Alta Silesia e nas visinhanças de Aix-la-Chapelle e de Juliers, e na Belgica, onde se encontram as minas da Montanha Velha.

O zinco é d'um uso frequente. Entra na composição das pilhas electricas e na galvanisação dos telegraphos. Serve para branquear e endurecer o estanho. Combinado com o cobre vermelho forma o latão, e juntando a estes dous metaes o bismutho e o arsenico, obtem-se o *similor*, ou *ouro de Manheim*. Como o zinco é mais pesado e resistente do que o chumbo, emprega-se com vantagem em cobrir as casas, na fabricação de tubos, bacias, etc.

Mas as virtudes emeticas que possuem os saes de zinco devem proscrever este metal dos utensilios de cosinha; o vinho, especialmente, decompõe-se rapidamente e toma um gosto muito desagradavel.

(Continua) Doutor Jayme

QUE VALE A VIDA!...

Que importam desejos, esp'ranças que valem!
Praseres e gloria, que valem tambem?
Que valem!... São fumos que o tempo dissipa,
Esquecem co'a morte, não vivem além!

Na face da terra as gerações passam!...
Paixões bem diversas as vão agitando!
São poucos os risos, immensos os choros,
Ao som das algemas que vão arrastando!

E as gerações morrem!... Na senda da vida,
Em longo tumulto, succedem-se mais!...
Depois, já d'aquelles que a louza cobrira
Não se ouvem sorrisos, nem prantos, nem ais.

E a todos que tinham affectos no mundo
A morte lhes trouxe saudosa aflicção!
O impio na morte receia o castigo,
O triste só n'ella verá redempção!

Ah! não, não lamente ninguem seu destino,
Tormentos e magoas que a sorte lhe deu!
Coroa d'espinhos, que cinge o martyrio,
Coroa de flores se torna no ceo!

A vida não vale, não vale o trabalho,
Não vale os cuidados, que em susto nos tem;
E' sonho inconstante que o tempo dissipa:
Os nomes se apagam, as glorias tambem!

Somente a virtude merece desvelos.
Exemplos somente devemos deixar!...
São balsamo santo nos males da terra,
Que premios eternos nos faz alcançar!

Ernesto

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA

(Continuação)

Emfim D. Sempreviva, que estava como morta na posição que vimos no numero passado, viu chegar a filha, isto é, a joven anciã, e não deixou de admirar-se vendo-a a suar de frio e suspensa dos braços d'um homem d'ar. No cumulo da admiração cobriu o rosto com os pés, soltou uma expressiva e melodiosa exclamação d'assombro e poz-se de pé com tal furia, que a casa estremeceu desde os fundamentos. Em seguida, entrou de dar voltas como uma louca ao redor da sala, que teria pouco mais ou menos uma legoa de circunferencia.

E a infeliz corria com tal velocidade, que nem se lhe via tocar com os pés no tecto, e os gritos que lançava espiravam-lhe na garganta, a ponto de alarmar os povos das redondezas, que correram apressados para saber o que aquillo era.

Mas como não podiam chegar tão cedo em rasão da distancia ser grande e os dous amantes estavam tambem assustados por causa da attitude ameaçadora da mãe, que por fim cahira extenuada, trataram de pôr-se em logar seguro.

Não havia pois um momento a perder, tanto mais que ao trovador invisivel acommeteu um somno tenebroso, que o fazia dar cabeçadas nos hombros e orelhas da sua querida, que entendeu que o melhor de tudo era irem-se deitar até ao dia seguinte, em que emprehenderiam então jornada para a eternidade, paiz que estava anciosa por conhecer em consequencia de ali existirem os antepassados do trovador que ainda não tinham vindo ao mundo.

Por consequencia resolveu-se a ir recolher-se; mas como em casa não havia senão uma cama, que tinha oitenta e cinco metros d'elevação, á qual se subia por um cesto feito de teias d'aranha, suspenso d'um extenso macarrão de Napoles passado por um guincho, a dama disse para o mancebo:

—Entra n'esse formoso cesto, que eu te guindo até ao meu thalamo nupcial, onde velarei o teu somno, e depois de lá estarmos tu me guindarás tambem e velarás o meu somno, porque eu receio que a mamá chame a policia para nos pôr no andar da rua, e tu bem vês que é de noute e não seria airoso irmos pedir pousada a nenhum dos povos da montanha, porque os que nos ficam mais perto são os nossos antipodas, que n'este momento se aquecem ao bello sol do meio dia.

O amante, sem dizer palavra, fez o que a dama lhe mandou, isto é, deixou-se guindar para a cama, introduzindo-se na cesta feita de teias d'aranha, na qual só lhe couberam a perna direita e o braço esquerdo, ficando tudo o mais ao dependuro.

Em seguida o cavalleiro repetiu a mesma operação á sua dama, guindando-a a ella.

Mas qual não foi o espanto d'aquella feliz e desgraçada donzella quando chegou ao pé do seu amante! Em vez de homem, como era aquelle espirito invisivel, que a acompanhara através dos mundos desconhecidos, encontrou-se com um esqueleto, sem mais roupa do que umas esporas muito grandes, cheias de ferrugem e lama, nem mais armas do que uma casaca velha, côr de furta-côres, com remendos de papel de chita!

A desgraçada inclinou-se para o esqueleto, demorando-se um instante a contemplar as feições do gigante, quando de debaixo d'uma das abas da casaca remendada sahiu uma voz cavernosa, que com acento adocicado disse estas palavras fatidicas:

—Joven, não te espantes. Olha que tua mãe tambem não é mulher!

(Continua)

OS LIVROS

Diz uma maxima oriental, citada a cada passo, que um bom livro é o melhor dos amigos. Se isto não fosse uma verdade sem replica, propor-me-ia eu, pobre pateta sem sombra de pedantismo, a demonstral-o á face de rasões solidas. Mas qual dos meus leitores ignorará as incontestaveis vantagens da leitura?

A maxima oriental diz ainda que quando a gente já não tem um amigo em quem deposite confiança, toma um livro, o primeiro que o acaso nos depara, e n'elle encontramos o amigo que nos falta, com quem conversamos agradavelmente, sem receio de sermos trahidos nos nossos mais importantes negocios, ou escarnecidos nas nossas mais intimas revelações.

Que amizade sincera não é pois esta!

O auctor d'um bonito livro, *Viagem á roda d'uma bibliotheca*, pronuncia-se d'um modo similhante á opinião da maxima arabe.

Ha quem tenha dito, escreve elle, que os livros são amigos; ninguem mais do que eu está disposto a classifical-os d'esse modo e até mesmo acrescentarei que entre esses amigos existem alguns, para os quaes nos sentimos attrahidos por tantas sympathias, que, por assim dizer, não duvidamos vêr n'elles parentes dignos de todo o nosso respeito e de todo o nosso amor.

Uma bibliotheca que os reuna a todos torna-se uma especie de assembleia de familia, á qual se podem pedir conselhos ou consolações. Escutae-os; vêde como elles fallam, uns jovialmente, outros com gravidade; nenhum deixará de nos dizer em bons termos o que devemos fazer para alcançar a sabedoria e a felicidade; elles nos prodigalizam a instrucção, recreando-nos, e sem nunca se cançarem derramam thesouros inapreciaveis de dôce e sã philosophia. Aquelles mesmo que não podem convencer-nos, encantam os nossos ouvidos com sons harmoniosos, cujas sabias combinações impressionam tanto como a mais deliciosa musica.

Assim reunidos os differentes auctores, formam uma sociedade escolhida, composta das pessoas que mais apreciamos; discretos e espirituosos, só fallam quando se deseja e calam-se quando convém; nunca incommodam e mostram-se sempre complacentes. Alguns tornam-se do nosso conhecimento na tenra idade; outros sómente na idade adulta, ou mesmo na velhice: estes seguem a nossa peregrinação na terra, sem nada perderem da sua eterna mocidade, aquelles dão logar a que se adivinhe que o tempo tanto tem caminhado para elles como para nós.

Que podemos nós accrescentar a estas brilhantes phrases, que encerram thesouros da maior verdade? Que o saber é o unico bem solido d'este mundo.

J. DA SILVA

A LEITURA

ZIG-ZAGS

O FETICHISMO

Os povos que habitam as costas da Guiné adoptam para divindade tutelar o primeiro objecto que encontram, seja uma arvore, uma planta, uma pedra ou uma ave, e dão a esse objecto o nome de fetiche.

Um enorme rochedo chamado Tabra, que entra pelo mar dentro em forma de peninsula, é o fetiche do Cabo Corso. Aquelles povos prestam-lhe honras especiaes, como a um chefe ou ao mais poderoso dos fetiches.

Os negros attribuem aos seus fetiches um poder sem limites e consideram-os como auctores de todos os bens e males que lhes succedem. Teem fetiches pequenos, que trazem ao pescoço ou enfiados nos braços. São ordinariamente pedaços de metaes e de conchas.

No dia correspondente ao domingo dos christãos, os negros reunem-se ao redor de uma arvore sagrada, a que dão o nome d'arvore dos fetiches, e aos pés da qual põem uma mesa coberta d'iguarias. O dia é gasto em dansar ao som do tambor e a beber até que a embriaguez seja geral. Quando chega a noute, a ceremonia acaba despedindo-se ruidosas acclamações de jubilo.

CHARADA

AOS TRES DRAGÕES

A pedir vão encontral-a
Vagando pela cidade; — 1
Nada tem e nada junta, — 2
D'ella tende piedade — 1

Sei que um de vós assim é,
Qual d'elles não sei dizer;
Se ainda não adivinhastes,
Meu todo não podeis ser.

JULIA LISSE

EXPEDIENTE

Acaba com este numero o primeiro trimestre do 2.º anno d'este jornal.

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 65, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesmo praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

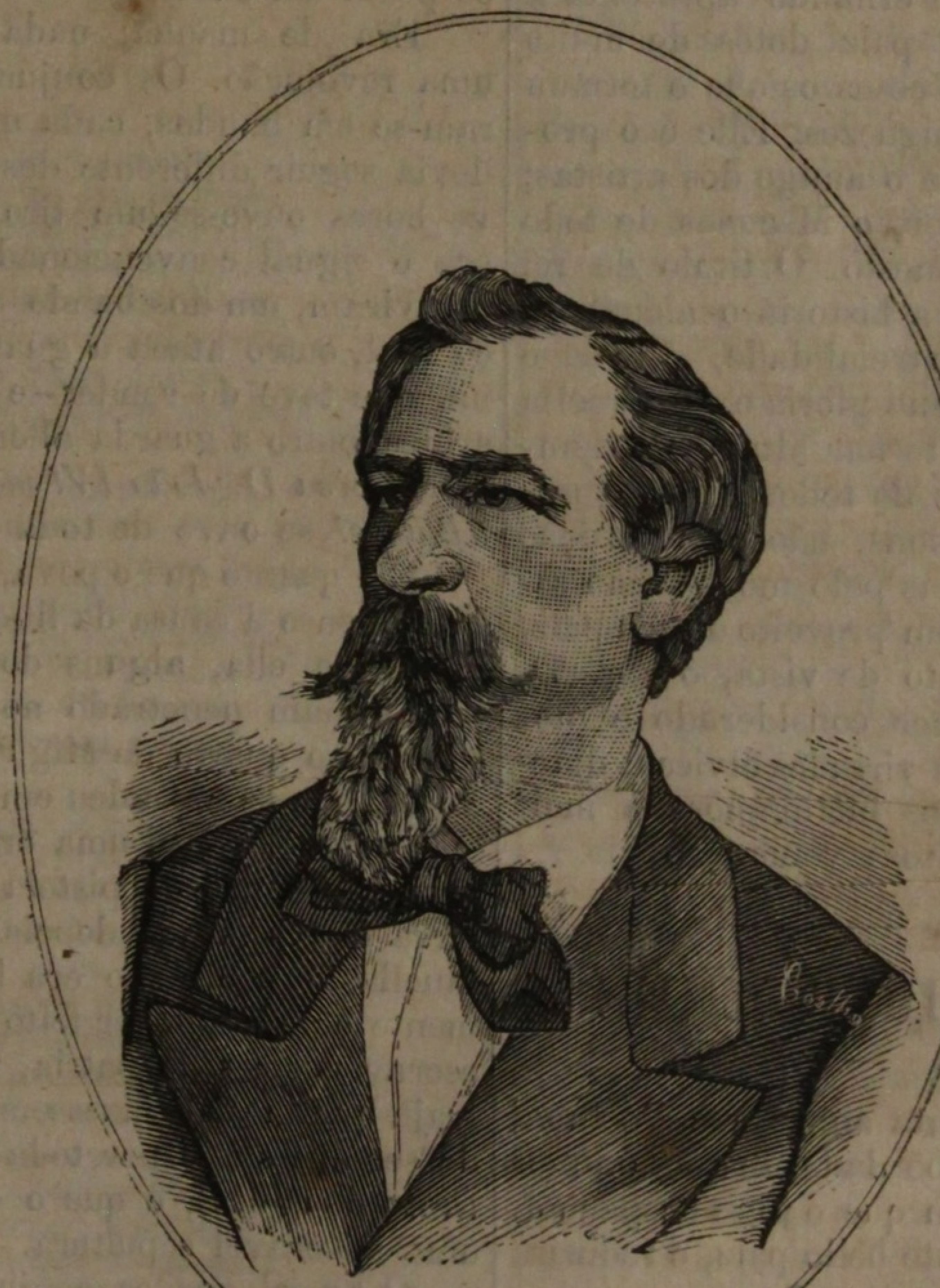
Semanario Popular Illustrado

II ANNO | PORTO, 1 DE DEZEMBRO DE 1881 | NUMERO 66

SUMMARIO

Texto:— El-rei D. Fernando — O dia 1.º de dezembro — Uma procissão no Porto no seculo passado, por R. Pinto de Mattos — C. P. (poesia) por Eduardo Véras — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As Antilhas — Os esquimós — A Capella dos Ladrões, por N. Rangel — Uma familia chineza — Os processos da Inquisição — O conde de Amarante (romance) — A um amigo (poesia) por Annes Baganha — Sciencia para todos: Metalurgia, por Doutor Jayme — A casaca do corregedor — Uma historia extraordinaria — Bernardo de Palissy — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— El-rei D. Fernando — Um esquimó — Na China — Bernardo de Palissy.



EL-REI D. FERNANDO

EL-REI D. FERNANDO

—

O ser rei não é, creio eu, qualidade que, com exclusão de todas as outras, recommende de per si um sujeito de carne e osso tal e qual como eu. Mas quando á alta qualidade de ser uma testa coroada, pae ou filho de reis, se alliam dotes que realmente são d'uma pessoa lhes curvar a cabeça em signal de reverente admiração, então o caso muda muito de figura. E' como quem diz: Isso agora é que é ouro sobre azul.

Tendo que escrever duas palavras para acompanhar o retrato do snr. D. Fernando, o primeiro com que abrimos a galeria de portuguezes illustres, antigos e modernos, que o *Camões* se propõe commemorar, não podemos deixar de pôr bem em relevo as singulares qualidades do vulto que hoje apresentamos ao leitor, e essas qualidades não são por certo as do nascimento, que, se teem valor no quadro social a que dão realce, pouco ou nada significam avaliadas á luz serena da rasão franca e imparcial.

O snr. D. Fernando apresenta á consideração do paiz dotes de muito mais valia, e são esses os que o tornam querido dos portuguezes. Elle é o protector das artes e o amigo dos artistas; é, por assim dizer, o Mecenas de todo o trabalhador honesto. O titulo de rei artista com que a historia o alcunhará na sua fria imparcialidade, é pois o maior titulo da sua gloria e não precisa d'outro para se tornar altamente sympathico aos olhos de todos aquelles que avaliam os homens, não pela posição que occupam, mas pelo modo como sabem usar d'ella em proveito do seu paiz.

Sob este ponto de vista, o snr. D. Fernando pode ser considerado o modelo de todas as virtudes civicas, diante das quaes nos inclinamos na mais humilde e respeitosa veneração.

O DIA 1.º DE DEZEMBRO

—

Havia sessenta annos que Portugal perdera a sua liberdade, sessenta annos de captiveiro, em que o jugo hespanhol, pesando sobre este bello paiz, o reduzira á mais cruel das situações.

Era pois de portuguezes repellir o jugo estrangeiro que os assolava, e restaurar a liberdade perdida, que tanto custara a seus avós, e agora desapparecera debaixo das armas de Castella.

E' bem patente o estado a que Portugal fôra reduzido, como a côrte de Madrid tratava este bando de heroes que n'outras epocas fizeram sentir aos hespanhoes o rigor das suas armas, e como o governo da vice-rainha Margarida de Saboya, duqueza de Mantua, ou antes o do apostata da liberdade Miguel de Vasconcellos, desafiara os odios populares contra os seus maus senhores, muito mais porque ninguem como o duque de Bragança, D. João, neto de D. Catharina, filha e herdeira do infante D. Duarte, possuia mais direitos á coroa portugueza.

Todavia o principe D. João, a quem Filippe IV nomeara condestavel, fosse por timidez, fosse por falta d'ambição, contentava-se com viver tranquillamente á custa das riquezas que lhe deixaram seus antepassados, de sorte que a grande obra do 1.º de dezembro de 1640 pertenceu mais á nobreza opprimida, do que ao principe que por direito devia reinar.

E' ao grande jurisconsulto João Pinto Ribeiro, secretario do duque de Bragança, que se deve a iniciativa da conjuração da nobreza de Lisboa, pois é a um signal d'este que se reunem esses verdadeiros portuguezes, que conferenceiam sobre tão importante assumpto, que desenvolvem seus planos e que no dia sabbado 1.º de dezembro de 1640 os põem em execução.

Era de manhã; nada denunciava uma revolução. Os conjurados repartiram-se em bandos, cada um dos quaes devia seguir differente destino. A's nove horas ouve-se um tiro de pistola; era o signal convencionado, e, apenas o ouviram, um dos bandos entra no paço real, outro ataca a guarda castelhana, que teve de render-se á força das armas, outro a guarda allemã, e os gritos de *viva D. João IV! morram os castelhanos!* se ouve de toda a parte.

Em quanto que o povo, naturalmente propenso á causa da liberdade, se associava a ella, alguns dos conjurados que tinham penetrado no paço dirigiram-se ao quarto de Miguel de Vasconcellos, que se escondeu em um armario; mas a revelação d'uma criada o descobriu, e um tiro de pistola o deitou por terra morto, sendo depois lançado pela janella fôra; e como era homem geralmente odiado por ter feito união com os escravisadores da patria, não houve ultraje que lhe não fizessem, e só depois de ser arrastado por toda a cidade durante dous dias, é que o entregaram a uma miseravel sepultura.

O tropel que os conjurados faziam pelos corredores do paço moveu a vice-rainha a vir informar-se da causa de tamanho ruido, e encontrando-os quando sahiam do quarto do ministro, e depois d'informada de tão graves acontecimentos, lhes disse:

—Pois que a vossa vingança deve estar satisfeita com a morte do ministro, tornae á obediencia que deveis a el-rei D. Filippe, que eu prometto obter-vos o perdão.

Ao que os conjurados responderam que D. Filippe não era já reconhecido como rei de Portugal, mas D. João IV, duque de Bragança, e que se recolhesse Sua Alteza ao seu quarto, se não queria que o povo, já sufficientemente indignado, lhe faltasse ao respeito.

—A mim? perguntou a duqueza admirada.

—A vós, sim, respondeu um fidalgo.

—E como? tornou ella.

—Atirando-a por essas janellas, replicou o conjurado.

Esta resposta, ou antes esta ameaça, intimidou a vice-rainha, de forma que consentiu em tudo quanto queriam os fidalgos portuguezes.

Eis ahi como em menos de quatro horas se ultimou tão arriscada empreza. Mas parece que a Providencia fôra quem guiara os passos de tão esforçados cavalleiros, pois a tradição affirma que a imagem d'um crucifixo que levava o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, quando se dirigia para o paço para tomar conta do governo, em quanto não chegava el-rei de Villa Viçosa, despregara um braço da cruz e fez signal de dar a benção ao povo agglomerado, que via satisfeitos os seus mais ardentes votos.

Tambem se conta que até as mulheres quizeram tomar parte n'esta heroica empreza; e taes foram D. Filippa de Vilhena, D. Maria de Lencastre e outras, que por suas proprias mãos armaram seus filhos para irem combater pela santa causa da independencia nacional.

A duqueza de Mantua, sendo tratada com a distincção que requeria a sua jerarchia, retirou-se brevemente para Castella, levando a noticia de ter Filippe IV perdido esta bella provincia do seu reino.

Quanto ao duque de Bragança, fez a sua entrada em Lisboa na segunda feira 3 de dezembro, em que tomou posse da coroa de seus avós, que um estrangeiro lhe havia usurpado, mas que agora lhe era entregue por um povo, cujo enthusiasmo e esperanças significavam que os tempos do captiveiro se tinham passado e que o antigo Portugal tornaria a surgir esplendido.

UMA PROCISSÃO NO PORTO

NO SECULO PASSADO

—

(Continuação)

Quanto á procissão, foi isto o que pude apurar, por onde se vê que se fazia com grande esplendor; mas não sabemos desde que anno começou a sahir á rua o Santo no seu andor, sendo certo que, como a confraria estava sob a vigilancia dos frades de S. Francisco, elles teriam cuidado em que se cumprissem os estatutos.

De tudo isso parece que só hoje resta a bandeira e a imagem de Santo Antonio, que é veneranda e bem antiga; mas a peanha em que ella está apoiada não é a mesma que teve antes, e se é, então tiraram-lhe os ornatos e o ouro, bem como nos não parecem de ali as duas estatuas que estão aos lados, uma de S. Francisco Xavier e outra de S. Caetano, deslocação esta devida não só ao pavoroso incendio que ameaçou devorar a egreja quando devorou o convento em 1832, como quando aquella egreja esteve servindo d'armazem da alfandega antes de ser doada á ordem terceira de S. Francisco, em 1839, chegando-se até a annunciar a venda da talha dourada que a adorna.

Quanto aos fundadores da capella de Santo Antonio, nada podemos saber por ora com certeza, posto o saibamos d'outras da mesma egreja.

A paginas 25 dos estatutos de 1621 se diz que no dia de S. Gonçalo, 10 de janeiro, seriam obrigados os juizes do officio de tanoeiro que então o acabavam, com o escrivão, que seria o mesmo que servisse na confraria, a ir ao mosteiro de S. Francisco, nos claustros, em a capella dos Figueirós, onde tinham por costume antigo fazer suas reuniões, para haverem de fazer novos officios para aquelle anno.

A familia dos Figueirós, ou Figueiroas, era uma das principaes familias antigas do Porto, já pelos annos de 1400, e morava á cruz do Souto em 1448.

Maria de Figueiroa, mulher de Simão Vaz da Costa, filha de Pantaleão de Figueiroa, instituiu uma capella em S. Francisco do Porto, e a administrou. Em 1525 João de Figueiroa, escrivão dos orfãos, cavalleiro da casa real, instituiu da sua terça a capella do capitulo de S. Francisco do Porto, com o encargo de doze missas cantadas, e ali foi sepultado com sua mulher. Esta era a capella em que os do officio de tanoeiro se reuniam, como acima se diz. O mais que d'esta familia sabemos não vem ao caso para aqui.

Diogo Carneiro Soares, secretario do cardeal infante D. Henrique, casado com Magdalena de Vasconcellos, a qual casou em segundas nupcias com Diogo de Sousa Alcoforado, foi quem instituiu a capella de Santo Antonio, de S. Francisco do Porto, com a obrigação de cincoenta e duas missas resadas e dous anniversarios dos defuntos. Este Diogo de Sousa Alcoforado foi procurador de côrtes da cidade do Porto, no anno de 1619, quando Filippe III veio a este reino. Foi sepultado na sachristia velha de S. Francisco, e d'elle nos parece são as armas que ainda hoje se veem na porta do convento que está na egreja, ou então dos condes de Miranda.

Sabendo nós que este Alcoforado viveu em 1619, sendo segundo marido da mulher que foi do instituidor da capella de Santo Antonio, é de crer que ella seja pelo menos de 1600, ou alguns annos antes, como era a dos condes d'Avintes, e Brandões do outro lado, em 1528, que n'ellas instituiu um vinculo, se não fôr a de Santo Antonio da Porta, que primeiro foi de S. Jorge quando os Sousas a instituiram em 1474, cuja descripção temos em nosso poder. Em conclusão os tanoeiros, por compromisso da confraria, eram obrigados em todas as terças feiras de cada semana a mandarem dizer uma missa cantada no altar de Santo Antonio por todos os irmãos e bemfeitores da confraria, com seu responsorio no fim pelas almas dos irmãos.

Todo o tanoeiro d'esta cidade, quando se examinava, dava d'esmola para a confraria 500 reis, e ficava irmão, e cada pessoa que entrasse para irmão dava 400 reis d'entrada e pela festa do Santo Antonio dava 20 reis cada anno.

(Continua) R. Pinto de Mattos

C. P.

Na face mimosa
De tez côr de rosa
Deixa-me, formosa,
Dar-te um beijo, sim?...
Eu quero beijar-te,
Eu quero adorar-te,
Eu quero deixar-te
Lembranças de mim!...

Tal é meu desejo;
Recebe este beijo...
Oh! não tenhas pejo...
Não sintas pudor...
Ai que noite amena!
Que noite serena...
Loira Philomena,
Que noite d'amor!

Unida a meu seio
Não tenhas receio...
Tu córas d'enleio!
Não sabes sorrir?...
Oh! n'um teu sorriso
Dás-me o paraiso...
Eu já prophetiso
D'amor o porvir...

Tu presa em meus braços
Em loucos abraços...
Presa pelos laços
D'immenso gosar...
Serás como a estrella
Rutilante, bella...
Serás como ella
No puro brilhar...

Que immensa ventura,
Que doida ternura
D'amor e loucura
Gosamos ali...
Acceita o meu canto,
Que é puro, que é santo...
Adeus... ai, que pranto
Eu verto por ti!...

Eduardo Vêras

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

LII

AS ANTILHAS

(Continuação)

As Pequenas Antilhas, divididas em ilhas Virgens, ilhas de Sottavento e de Barlavento, estão repartidas entre os francezes, inglezes, hollandezes, dinamarquezes, suecos e hespanhoes.

Possessões francezas: Guadalupe, com 132:000 h., descoberta em 1492 por Colombo; dividida em Grande Terra, capital Pointe á Pitre, cidade quasi inteiramente destruida por um terremoto em 1843; Terra Baixa, capital Terra Baixa, cujos arredores offerecem um aspecto encantador. Pequenas ilhas dependentes: Maria Galante, Desejada, Santas, perto todas de Guadalupe. A Martinica (140:000 h.), afamada pelo excellente café. Capital, Forte de França, porto excellente. Cidade principal, S. Pedro, centro do commercio da ilha. S. Martinho; a parte meridional pertence á Hollanda.

Possessões inglezas: a Barbada, (140:000 h.), capital Bridgetown; a Trindade (85:000 h.), capital Spanishtown; Antigoa (40:000 h.), capital S. João; Granada (32:000 h.), capital Georgetown; S. Vicente (32:000 habitantes), capital Kingstown; Santa Luzia (27:000 h.), capital Carénage; a Dominica (25:000 h.), capital Charlotte-Town; S. Christovão (25:000 h.), capital Terra Baixa; Tabago (13:400 h.), capital Scaborough. As pequenas ilhas Nevis (9:600 h.), Montserrat (7:000 h.), Anguila (1:650 h.), Granadinas (3:000 h.).

Possessões hollandezas: Santo Eustaquio (13:000 h.), pequena ilha de Sabá (1:800 h.), Curaçao (20:000 h.). A ultima é uma ilha arida e coberta de rochedos, onde os hollandezes, á força de trabalho, conseguiram cultivar o tabaco, o assucar e fructas deliciosas.

Santa Cruz (20:000 h.), é a unica possessão hollandeza, e S. Bartholomeu (16:000 h.) a unica possessão sueca nas Pequenas Antilhas. Os hespanhoes teem ali, além de Cuba e Porto Rico, Borequim e Vique, nas ilhas Virgens.

Margarida (15:000 h.) e mais algumas ilhas pequenas, dependem da republica de Venezuela; S. Tomaz, com 13:000 h., e S. João (6:000 h.), são ilhas pertencentes aos Estados Unidos da America.

As Antilhas foram as primeiras terras descobertas por Colombo, que julgava ter alcançado as Indias occidentaes, nome pelo qual ficou sendo conhecido todo o continente americano.

LIII

A AMERICA MERIDIONAL

Visitaremos agora as republicas da Colombia, Venezuela e Equador, onde ha os bosques famosos, as riquezas mineraes e vegetaes tão afamadas, assim como montanhas elevadissimas e dous vulcões, o Cotopaxi, cujos rugidos se ouvem a mais de cem kilometros, e o Pichincha, que tem 4:851 metros d'altura e cujas erupções mais temiveis tiveram logar em 1535, 1577, 1660 e 1690.

Reinam constantemente n'estas regiões ventos moderados, que temperam os raios do sol; mas as chuvas e as tempestades são ahi espantosas e veem algumas vezes acompanhadas de violentos tremores de terra.

Em seguida a uma bella manhã de primavera, começam a elevar-se vapores espessos; o ceo cobre-se de nuvens e d'ahi a momentos rebenta a tempestade. Então tudo parece abrasar-se ao fogo dos relampagos; o trovão parece que faz estremecer as montanhas; as povoações transformam-se em lagos. Imagine-se a grandiosidade d'este espectaculo. Ao pôr do sol cessa esta perturbação, o ar torna-se sereno e o ceo apresenta a transparencia do crystal.

(Continua)

OS ESQUIMÓS

Já em um dos numeros do primeiro volume descrevemos muito por alto os costumes dos esquimós. Apresentando agora a gravura que representa um esquimó pescando uma baleia, acrescentaremos apenas que esta especie de pesca é muitissimo perigosa; mas o esquimó é um habilissimo marinheiro, que consegue o mais das vezes triumphar do seu terrivel antagonista.

O barco do esquimó tem um feitio particular. E' muito delgado e estreito, coberto pelo lado superior, e tendo apenas no centro um boraco por onde o esquimó mete o corpo, seguro no barco e sentado no fundo d'este.

A lança que elle enterra na baleia tem na ponta uma corda, cuja extremidade está enrolada em uma especie de tambor na borda do barco, para que a baleia, quando fugir para o fundo do mar, depois de ferida, levando comsigo a lança, o pescador lhe não perca a pista. A mesma corda costuma ter presas bexigas, cheias d'ar, para que offereçam resistencia e conservem a baleia em equilibrio á flor da agoa quando ella procura fugir para o fundo do mar, no desespero que o ferimento mortal lhe causa.

A CAPELLA DOS LADRÕES

(Continuação)

A *cabra* suspirou e respondeu-me:

—Se não quer casar, não case; ninguem o obriga.

—Mas o seu pae...

UM ESQUIMÓ

—O meu pae!... Elle é como todos os homens d'esta provincia: conheceu que o senhor é portuguez e está a brincar comsigo.

—A brincar?!

—Sim, a brincar. Se o senhor lhe dissesse que não, havia de o ver puchar a faca e afial-a na bainha como quem vae fazer uma carniça; se o senhor lhe dissesse que sim e elle conhecesse que o dizia obrigado pelo susto veria-o rir... rir até chorar; se lhe dissesse que aceitava de boa vontade e até com alegria, podiamos ser felizes, podia contar com uma boa escrava...

—Escrava? Não, minha senhora; eu não permittiria que a sua submissão a rebaixasse a ser minha escrava, respondi com galanteio e sorrindo.

—Então quer? perguntou ella vivamente e approximando-se ainda mais de mim.

—Maldita pergunta! murmurei baixinho.

—O que disse? Não ouvi, continuou a *cabra* como em transporte; não ouvi; falle mais alto; não tenha medo de o dizer...

E atirando-se a mim e abraçando-se ao meu pescoço, continuou phrenetica e delirante:

—Não tenha medo de o dizer... Quer? quer? Oh! que felicidade!... Casa comigo? Que felicidade! Quer! quer!

N'aquelle momento tão critico appareceu no umbral da porta que dava para a sala contigua, o negro e logo o indio.

—Elle quer! Elle quer! continuou a *cabra* correndo para o negro.

—Casar comtigo? interrogou este com surpreza.

—Sim, pae; elle quer...

—Consinto! gritou o negro com voz cavernosa, mas que exprimia um jubilo immenso; consinto! Estão casados!

—Senhora! Eu não disse similhante cousa!... exclamei tentando cortar aquelle soprar de brizas favoraveis que podiam trazer sobre a minha cabeça a mais formidavel de todas as tormentas.

—Disse, sim, meu pae! Disse que casava comigo!

—Eu? minha senhora!...

—Sim! sim!...

—E se o não disse, proferiu o negro ameaçador e com os punhos cerrados, se o não disse para que estava abraçado á minha filha e a dar-lhe beijos?

—Ella é que se abraçou...

—Mentes, *alarife*; que eu te vi dar-lhe beijos...

—Senhor, a minha dignidade não me permittiria...

—*Maula*...

—Patricio? chamou o *gaucho*.

—O que quer, patricio? disse o negro deixando cahir os braços e abaixando duas oitavas á voz.

—Eu lhe lembrava o que conversamos lá dentro.

—Tem rasão, patricio.

E o negro, voltando-se para a *cabra*, disse-lhe:

—Bibí, vae arranjar um *chorrasco* com *pirão*; faz café e torra umas *pipócas* d'aquelle milho *catête* que está atado com a *sóga* na cumieira do meu quarto; coze tambem umas *origonas* e o *mogango* que trouxeste hoje da *capoei-*

ra, que é para se comer com o leite que está no *porongo*.

Eu, assustado como estava ao ver os gestos ameaçadores do negro, quasi que me esqueci de tudo o que se passara e soltei uma risada que não pude comprimir.

O negro, que não me perdia de vista, disse-me:

—O moço se ri?

—Rio-me das *pipócas*.

E o negro, voltando-se para a *cabra*, acrescentou:

—Olha, Bibí, elle gosta de *pipócas*; torra-lh'as com *graxa*.

Emquanto o negro e o indio travavam uma longa conversa sobre trabalhos do campo, sobre preços de gado e apreciações das engordas que promettiam n'aquelle anno levar ás *xarqueadas* mais alguns milhares de rezes do que no anno anterior, fiquei eu pensando nas pipócas com graxa, petisco de que só o nome me repugnava.

Quando a *cabra* voltou com a refeição pedida por seu pae, a tempestade que desde o principio da noute começara a formar-se, chegava com grande estrondo. Os trovões retumbavam no espaço, e os relampagos, succedendo-se uns aos outros, entravam pelas frestas das portas e janellas, alumiando sinistramente o interior do rancho.

O vento uivava em derredor do miseravel albergue que nos abrigava, parecendo querer de um impeto arrancal-o do solo, que tremia, para o arrojar de queda em queda ao fundo da montanha. Era o *pampeiro*, que, terrivel como a besta-féra, em gritos medonhos, vinha annunciar a procella que chegava com o seu cortejo de granizo, de descargas electricas e innundações.

(Continua) N. Rangel

UMA FAMILIA CHINEZA

A gravura que adorna esta pagina representa uma familia chineza, e nada mais será preciso dizer, porque nas feições sobremaneira acentuadas dos personagens ali representados se adivinham sem grande esforço d'imaginação os subditos do filho do sol e da lua.

NA CHINA

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

(Continuação)

Depois de se lhe tomar o juramento, o interrogavam sobre todas as circunstancias da sua vida, desde o principio até ao fim, e mesmo sobre a vida de seus antepassados, para saberem se algum d'elles tinha sido jamais penitenciado pela Inquisição. Ainda que similhantes faltas sejam meramente pessoaes, ellas punham os inquisidores de má fé contra o infeliz accusado, porque suppunham que elle era igualmente herdeiro dos sentimentos de seus paes, como de seu sangue, e que tendo recebido d'elles a educação, lhe haviam communicado seus erros, como objectos a quem nuturalmente amavam com a maior affeição.

Até ali não lhe davam conhecimento algum do crime de que era accusado, nem das accusações produzidas contra elle. Tentavam somente por mil rodeios colher de suas palavras alguma cousa pela qual o podessem condemnar.

Este laço era dos mais dextros e ao mesmo tempo dos mais difficeis d'evitar. Como as pessoas eram muitas vezes presas por boatos assás vagos e confusos, ou por provas muito leves, que não bastavam para formar uma condemnação, é claro que os juizes se teriam visto muito embaraçados se os mesmos accusados, fallando de mais, lhes não fornecessem materia para os condemnar.

Mas tambem, por outra parte, como os inquisidores lhes promettiam um tratamento mais suave, e até algumas vezes o perdão se espontaneamente confessassem o seu crime e dessem com esta confissão a mostra mais sensivel de um arrependimento sincero, estes desgraçados, incertos se com effeito havia

meios de os convencer, e achando-se além d'isso lisongeados com a esperança d'uma proxima liberdade, commettiam muitas vezes indiscrições que lhes vinham a ser funestas.

Se o accusado, ou porque estava innocente, ou porque era muito habil para dar no laço que se lhe armava, persistia na negativa, entregavam-lhe por escripto a accusação feita contra elle, que era uma peça composta pelos inquisidores, na qual misturavam muitos crimes falsos, e dos mais enormes, com aquelles de que elle era verdadeiramente accusado. Este mixto de verdades e falsidades era outro laço armado áquelle infeliz. Como elle não deixava quasi nunca de clamar contra os horrorosos crimes que se lhe imputavam, tomava-se d'aqui motivos para concluir que eram verdadeiros aquelles contra os quaes clamava menos.

Logo que se entregava ao preso o seu auto d'accusação, se lhe dava um advogado. Vão favor! Pois nem a este era permittido aconselhar o accusado, ou mesmo ter com elle a mais leve conferencia, senão em presença do notario e dos inquisidores; nem o infeliz podia servir-se d'elle para defender a sua causa. Como n'este tribunal eram pessoaes todas as citações e não era permittido comparecer por procurador, por isso o accusado era obrigado a defender-se a si mesmo contra accusadores desconhecidos, pois nunca lhe nomeavam nem os accusadores nem as testemunhas. Quanto á parte, ella lhe era assás conhecida, porque não podia ser outra senão o procurador fiscal da Inquisição. Os delatores nunca appareciam como partes, mas sim como testemunhas.

Alguns dias depois de se ter entregue ao accusado a copia do seu auto de accusação, obrigavam-o a comparecer na audiencia com o seu advogado; mas não se permittia que este fallasse sem primeiro ter consultado os inquisidores sobre o que devia dizer. O seu ministerio só consistia em apertar vivamente com o accusado para que confessasse um crime de que muitas vezes não era culpado.

Em vão insistia o infeliz para saber das testemunhas que tinham deposto contra elle, porque sempre lhe occultavam os seus nomes. Somente lhe era permittido adivinhal-os, perguntando se eram estes ou aquelles; mas nada lhe respondiam os juizes inexoraveis da Inquisição por onde elle podesse orientar-se para uma defeza justa. Proseguia-se depois no interrogatorio, e se o reo continuava a negar, voltava para o carcere.

E eram estes os preliminares dos monstruosos processos instaurados pelo nefando tribunal da Inquisição!

(Continua)

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

(Continuação)

III

MORTE DE MEU PAE

Eu tinha já deseseis annos, e uma manhã vieram da parte de meu pae tirar-me do collegio para o ver, porque estava doente.

Meu pae occupava o andar principal d'uma casa da rua do Principe, e quando subi, encontrei-o prostrado na cama victima d'uma pulmonia.

Entrei no seu gabinete com certo acanhamento; porém ao ver-me, estendeu um braço para mim, e dizendo: meu filho! com voz triste, estampou um beijo no meu rosto.

Era o primeiro e unico beijo de meu pae. E quando elle me beijava, bem podia dizer-se que era o ultimo; bem podia suppôr que meu pae estava a morrer, dado o seu caracter aspero e rudemente militar.

—Henrique, me disse mais pausadamente, eu conheço que morro, e muito breve, d'esta doença. Occupei-me bastante da tua sorte, pois em quanto tu julgavas que eu te olvidava dentro d'um collegio, accrescentei muito as tuas rendas. Attende; até aos desoito annos não deves sahir do collegio; se quizeres seguir alguma carreira, todas se abrirão ao teu nome illustre; se quizeres honras no palacio, ficas bem recommendado, *mais do que poderás imaginar*.

E accentuou muito estas palavras, fixando em mim um olhar profundo, intencional. Meu pae proseguiu:

—Escuta o meu ultimo conselho: a tua renda é de quarenta mil duros; vinte mil nos bens annexos ao condado de Amarante, e vinte mil em papel do estado, que dentro em pouco se te duplicarão. Já vês que com tal renda e uma boa figura como tu tens, pode-se viver muito á vontade na côrte. Quando sahires do collegio, viaja quando te aprouver por Hespanha, Italia, França e Allemanha, pois além das tuas rendas te entregarão milhão e meio de reales, que deixo sem juros para os teus primeiros gastos, e depois, quando regressares a Madrid, logo te farão gentil-homem, e... casar-te-has bem com a filha do conde de Guimarães, general portuguez, miguelista muito rico, que fica teu tutor. Isto, meu filho, quanto á tua sorte. Quanto ao teu coração, não te esqueças nunca de tua mãe... lembra-te muito, muito, de tua mãe...

Meu pae não pôde proseguir; desfazia-se em intenso pranto.

Elle, chorar á memoria de minha mãe! Decididamente ia deixar de existir.

Sahi d'ali e regressei ao collegio.

Ao outro dia annunciaram-me a morte de meu pae e deram-me conhecimento das suas ultimas disposições em harmonia com o que elle me havia dito no acto da sua despedida.

A morte de meu pae occasionou uma mudança repentina nas minhas ideias.

Já não tornei a pensar nas estrellas, na pluralidade de mundos habitados, nem no tempo e no espaço.

Com uma renda de quarenta mil pesos, o que eu queria era que chegasse o *tempo* de a poder gastar no *espaço* mais formoso do mundo.

Delirava, sonhava com grandes trens na Castelhana, com o meu camarote no Real, com as honras, Atalas e Margaridas que teria a meus pés, e que eu cobriria de cachemira, seda, ouro e perolas.

A mulher era para mim o problema mais interessante da vida, cuja *exploração* exigia uma solução energica, e quando via alguma belleza distante desde a janella da minha cella, ameaçava-a com os meus punhos cerrados, como dizendo-lhe: *veremos o que sois para mim*, quando eu sahir d'esta jaula.

Eu encerrava no meu coração thesouros d'amor e de ternura para com as mulheres... Oh! qual sería a primeira que os exploraria? Isso importava-me pouco. Eu amava-as todas, todas, já em sonhos! E não pensava senão n'essas estrellas da terra, cada uma das quaes é um pequeno mundo de gosos encantadores, girando na orbita do amor.

(Continua)

A UM AMIGO

O mundo era p'ra mim um mar immenso e triste;
Mas o bemdito Deus lançou-me um seu olhar;
E n'esse mesmo instante, ó pomba! tu partiste
Do ceo, voando a mim, guiando-me ao altar!

Em Oceano de luz as sombras se mudaram;
Na esposa idolatrada a pomba me appareceu;
Os meus olhos nos seus alegres se fitaram.
—Olha! dizia ella, apontando-me o ceo.

E logo, desprendendo a pomba o vôo aereo,
De novo me deixou em dor mais funda immerso;
Mas junto á sua campa, aqui, no cemiterio,
Alento ella me dá para velar um berço!

ANNES BAGANHA

SCIENCIA PARA TODOS

—

IV

METALURGIA

(Conclusão)

O celebre chimico Guyton de Morveaux obteve do oxydo de zinco um branco preferivel ao de chumbo, ou alvaiade, que tão funesto é aos operarios, quer para a pintura de quadros, quer para a de construcções.

Demos até aqui noticia dos 10 metaes mais importantes; são os malleaveis, como já dissemos quando tratamos da chimica. As outras substancias metalicas extrahidas das differentes terras são: o antimonio, o bismutho, o cobalto, o arsenico, o manganez, o palladio, o rhodio, o potassio, etc. Os antigos não conheciam mais de 7 metaes; nós contamos mais de 50.

O ferro aquecido com carvão converte-se em aço; o bronze compõe-se de zinco e cobre; o metal dos sinos é uma composição de cobre; a estanhagem é uma mistura de chumbo e estanho.

Os carvões de pedra são arvores e vegetaes desfigurados que se retiram do solo. A Inglaterra possue numerosas minas de carvão.

O carvão é uma das mais preciosas producções subterraneas. Offerece não só ao homem um meio economico de aquecer-se; mas é ainda um grande recurso para a industria. Se a Inglaterra está coberta de fabricas e manufacturas importantes, deve-o em grande parte á riqueza das suas minas de carvão.

O carvão de pedra é, segundo todas as probabilidades, o residuo de florestas submergidas, reduzidas ao estado actual por uma serie incalculavel de composições subterraneas.

O conhecimento da metalurgia, ou dos mineraes, a feliz applicação das suas propriedades, alargaram o dominio da industria mais do que todas as outras substancias da natureza. Muitas cidades populosas da Inglaterra, da França da Allemanha e outros paizes da Europa quasi se occupam exclusivamente das artes metalicas.

Já fizemos notar que a agricultura devia ser precedida da arte de fundir e forjar os metaes; acrescentemos que é ainda essa arte que nos fornece as armas para defender as producções do solo contra injustos aggressores. O ferro é tambem o creador e conservador da agricultura.

A moeda, cuja invenção tão rapidamente fez alargar os limites do commercio e apertar os laços da sociedade, é ainda um dos beneficios da metalurgia. Nos tempos primitivos as transacções praticavam-se por meio da estimação do peso dos metaes, como fez Abrahão quando comprou um sepulchro para Sara; mas depois reconheceu-se o inconveniente d'essa especie de troca, e em logar de se pesar o metal, poz-se-lhe uma marca para attestar a finura e o peso.

DOUTOR JAYME

A CASACA DO CORREGEDOR

—

II

(Continuação)

Uma casa! Uma casa apenas! Uma herança havia tanto tempo esperada consistia em uma casa e nada mais! E' verdade que a casa podia ser de tal ordem que valesse milhões.

Mas o que sobretudo attrahiu a attenção de todos os assistentes foi que nunca ninguem soubera que o corregedor fosse proprietario d'uma casa. Onde estava ella situada? Quando a comprara?

Quem poderia dizer alguma cousa a esse respeito era Marcellino, e Filippe não deixou d'interrogal-o, mas sem resultado, porque o pobre diabo não estava mais informado do assumpto do que o sobrinho e os amigos do corregedor.

Era impossivel que, existindo aquella casa, Marcellino não tivesse conhecimento d'ella; mas não podia duvidar-se da seriedade de D. Justo, nem era dado admittir que elle quizesse caçoar com o sobrinho em um momento tão solemne como aquelle em que fez o seu laconico testamento.

III

Visto pois que ninguem lhe dava noticia d'aquella casa, que constituia a sua herança, Filippe deu-se ao trabalho de revolver o quarto de seu tio e ler quantos papeis encontrou, na esperança de que algum d'estes o illucidasse sobre um assumpto que tanto lhe interessava. Havia entre esses papeis contas, apontamentos de varios negocios que o corregedor tratara, receitas caseiras para combater diversas enfermidades e conselhos hygienicos muito convenientes para quem os quizesse seguir, especialmente sendo dado aos praseres da gastronomia.

Havia de tudo na escrivaninha do corregedor; só não apparecia um titulo da propriedade em questão.

Filippe interrogou de novo o criado perguntando-lhe se sabia alguma cousa, se tinha algum indicio, por leve que fosse, de que seu tio era possuidor de uma casa, ao que o criado respondeu por um simples monosylabo, acabando por tal modo de desvanecer-se as esperanças do mancebo, que se via proprietario d'uma casa imaginaria, sem poder visital-a, nem morar n'ella, nem vendel-a, nem ter o praser de mostral-a aos seus amigos.

Isto parecia uma amarga irrisão do destino e teria sido muito melhor que seu tio não se tivesse lembrado d'elle para nada.

IV

Um dia, desesperado d'aquillo tudo, Filippe mandou para o diabo o corregedor e resolveu não se lembrar mais d'elle, nem sequer para resar um Padre Nosso pela sua alma. Por consequencia entendeu que o melhor era desfazer-se de quantos trastes poderiam ser-lhe recordação do fallecido, e chamando para isso um adelo, fel-o carregar com moveis, roupas, relogios, emfim vendeu-lhe quantos objectos encontrou em casa.

Entre a roupa havia uma bonita casaca de seda preta com botões d'aço polido, um pouco maiores do que uma moeda de dous tostões. Era naturalmente aquella casaca a que D. Justo envergava nos dias de grande solemnidade a que era obrigado a assistir em rasão do elevado cargo que desempenhava na côrte. Uma circunstancia notavel era que em toda a guarda-roupa do fallecido não havia mais nenhuma casaca: abundavam os calções, as meias, as camisas, os coletes; mas não havia outra casaca.

O adelo arregalou o olho de contentamento quando a viu, dizendo que não havia de estar muito tempo em seu poder; mas o joven herdeiro, em um rasgo de generoso sentimentalismo, não quiz que a casaca entrasse no ajuste, e brindou com ella Marcellino, que, mudo como uma estatua, assistia áquella scena de desesperação do sobrinho de seu amo. Depois Marcellino e Filippe separaram-se, não sem que o ultimo tornasse a insistir com o primeiro sobre aquella casa mysteriosa de que só D. Justo sabia.

(Continua)

UMA HISTORIA

EXTRAORDINARIA

—

(Continuação)

A joven anceã, tomada de subito horror, levou as mãos á cabeça; mas, cousa extraordinaria!— achou-se sem ella.

Encarando então com o gigante, que continuava estatelado sobre a cama, vendo pela clara-boia a lua que scintillava no ceo á hora do meio dia, ia a dirigir-lhe a palavra para pergun-

tar-lhe pela sua cabeça, pois naturalmente fôra elle que lh'a tirara sem ella ver, quando n'esse momento o gigante descerrou os labios e largou uma sonora gargalhada, que fez estremecer a casa. E então, com o movimento que o esqueleto fizera, a casaca remendada arrebentou pelas costuras, desfazendo-se em farrapos, e a joven viu perfeitamente de novo o ser invisivel nos braços do qual tinha voado até ali.

Louca de contentamento, a menina sem nome ia a atirar-se aos braços do namorado, quando este, affastando-a com uma mão, tirou do bolso um espelho de dez reis, d'estes que os soldados usam, e mostrando-lh'o, a joven contemplou n'elle as suas delicadas feições, não podendo deixar de sorrir de jubilo por se ver mais nova vinte annos pelo menos.

Adivinhando o seu assombro e querendo dar-lhe a explicação, o gigante apontou para a janella, por onde o luar, claro como dia deixava ver, desenhada nitidamente no horisonte, a torre dos Clerigos, cujo relogio dava compassadamente as desesete horas, que a joven contou com dolorosa anciedade.

—Que quer isto dizer? perguntou ella ao cabo das desesete badaladas.

—Quer dizer, respondeu o espirito invisivel, que passou um seculo depois que aqui chegamos. Estamos agora no limiar do seculo XXXIII, ou idade de chumdo, porque toda a gente agora é de chumbo.

A joven tocou-se e achou que era verdade.

—Isto, tornou o ser invisivel, é para que os bichos não entrem com a gente. No seculo seguinte seremos todos de bronze, e no immediato de ferro, e assim successivamente até estarmos todos transformados em pedras. Esta ultima idade é que será a eternidade, porque os homens não morrerão mais. Sendo pedras, o mais que lhes acontecerá, será soffrerem successivas transformações, servindo ora para construir paredes, ora para calçar ruas.

—Muito me contas, disse a joven no cumulo do assombro.

(Continua)

BERNARDO DE PALISSY

Eis aqui um nome, que é a recordação mais notavel de quanto pode o

BERNARDO DE PALISSY

genio do homem, é o exemplo mais frisante do que póde alcançar um homem de talento superior, sem cultura, só animado d'uma vontade firme e perseverante.

Palissy foi a um tempo pintor, esculptor, naturalista, hydraulico, e inventou ou introduziu em França a louça de barro esmaltada conhecida depois pelo nome de faiança.

Principiou a sua carreira artistica por ser pintor em vidro, ajuntando-lhe as regras do desenho, da geometria e da agrimensura. Um dia o acaso poz-lhe nas mãos um vaso de barro esmaltado, que não era senão uma faiança italiana, e desde então não pensou em outra cousa senão em reproduzir aquelle vaso magnifico.

Palissy era casado e tinha dous filhos; mas nem por isso renunciou ás suas esperanças, tratando de preparar differentes terras para chegar a descobrir a composição d'aquella que procurava, construindo fornos, e diz-se que até chegou a mandar queimar toda a mobilia que tinha, por lhe faltar a lenha, para alimentar o forno, do qual esperava ver sahir, esplendido, um vaso como aquelle que o acaso lhe entregara.

Todas as tentativas foram infructiferas; mas não renunciou ás esperanças que concebera, e quanto mais obstaculos surgiam, mais a sua coragem ia em augmento. Teve animo para luctar durante vinte annos contra a fortuna; arruinou-se totalmente, mas triumphou, e dos seus fornos sahiu aquella admiravel louça, de formas graciosas e côres brilhantes, que serviu primeiramente d'adorno aos palacios dos grandes senhores e depois lhe alcançou um breve d'invenção. Henrique II deu-lhe alojamento nas Tuilherias, onde, nas buscas effectuadas em 1865, se descobriu um dos fornos do inimitavel artista.

Os objectos de louça sahidos das mãos de Bernardo de Palissy são muito procurados pelos amadôres e artistas e o seu valor sobe em rasão da raridade.

(Continua)

CHARADA

Sempre me juntas a muitos— 1
Sendo sempre singular— 1
Com os companheiros posso
Uma machina formar.

Explicação da charada do numero 65: — Decifrador.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 65, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesmo praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

II ANNO — PORTO, 8 DE DEZEMBRO DE 1881 — NUMERO 67

SUMMARIO

Texto:— Fernão de Magalhães — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A America meridional — Os processos da Inquisição — Lampejos (poesia) por Amelia R. M. — A Capella dos Ladrões, por N. Rangel — A espera — Sciencia para todos: Agricultura, por Doutor Jayme — O grande Condé — Uma historia extraordinaria — O conde d'Amarante (romance) — A casaca do corregedor — Annita (poesia) por M. Vieira Natividade — Uma aventura (excerpto) por Julio Cesar Machado — Bernardo de Palissy — Antiga machina de guerra — Zig-Zags: O pico d'Adão — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— Fernão de Magalhães — A espera — O grande Condé — Antiga machina de guerra.

FERNÃO DE MAGALHÃES

FERNÃO DE MAGALHÃES

—

O primeiro navegador que effectuou uma viagem á roda do mundo era portuguez e chamava-se Fernão de Magalhães.

De similhante feito provém sem duvida grande gloria a este paiz, apesar de ser ao serviço da Hespanha que aquelle navegador se achava a esse tempo.

Conta a historia que Fernão de Magalhães se achava descontente, julgando-se mal recompensado dos seus serviços relevantes por el-rei D. Manoel, e fôra isso o que o determinara a ir offerecer a sua pericia a Carlos V, que a aceitou, e não teve que arrepender-se, porque o intrepido portuguez acrescentou á coroa castelhana um florão muito virente; mas por infelicidade, ou como cruel ironia do destino, Magalhães não viu o remate da sua grande obra, e foi o seu piloto, João Sebastião del Cano, o que conseguiu voltar á Europa com os cinco navios que Carlos V lhe tinha dado, depois de levada a cabo aquella grande viagem, passados tres annos e um mez e tendo effectuado quatorze mil legoas de navegação.

Foi o arrojado portuguez que descobriu o estreito ainda hoje chamado estreito de Magalhães; foi o primeiro que penetrou no mar do Sul, a que deu o nome de Mar Pacifico; emfim succumbiu ás mãos dos indios em uma das Philippinas, legando como preciosa herança á patria que lhe engeitara o talento um nome immorredouro na historia.

Saudemos este vulto gigante de tempos que passaram e não voltarão mais.

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

LIII

A AMERICA MERIDIONAL

(Continuação)

A republica da Nova Granada, que outr'ora esteve sob o dominio da Hespanha e consta d'um territorio de 1,331:000 kilometros e 2,700:000 habitantos, forma desde 1861 uma confederação sob o nome de Estados Unidos da Colombia, em memoria, bastante tardia é verdade, de Christovão Colombo.

Consta de nove estados e tem por capital Santa Fé de Bogotá, cidade de 50:000 habitantes, celebre pela sua cathedral, na qual se admira uma estatua de Nossa Senhora adornada de 1:358 diamantes.

Esta cidade está assente sobre um vasto planalto que se eleva a mais de 2:000 metros acima do nivel do mar. Foi edificada em 1538, tomada pelos hespanhoes em 1816, libertada por Bolivar em 1819 e quasi destruida por um terremoto em 1827.

O clima da Colombia é temperado e agradavel.

Vem em seguida a republica do Equador, com um territorio de 770:000 kilometros quadrados e uma população de um milhão de habitantes. Foi tambem em outros tempos colonia hespanhola. Capital, Quito, cidade com 80:000 h., outr'ora capital do reino do mesmo nome, situada perto dos vulcões de Pichincha, Cotopaxi e Cayambé. Commercio activo. Os hespanhoes tomaram-a em 1533. Foi poupada por um tremor de terra e uma erupção do Pichincha, que destruiu os arrabaldes em 1797; mas em 1859 um terremoto destruiu a quasi completamente.

Cidades principaes: Guayaquil, com 25:000 h.; Cuenca, 25:000 h.

Encontram-se immediatamente os estados unidos de Venezuela, territorio de 1,600:000 kilometros quadrados e 1,500:000 habitantes.

A republica de Venezuela, outr'ora possessão hespanhola dependente do antigo governo de Caracas, fez parte da republica de Colombia desde 1821 até 1831. Encontram-se na Guyana venezueliana algumas tribus d'indios indigenas.

Capital, Caracas, Leon de Caracas ou Santiago de Leon de Caracas, cidade de 50:000 habitantes, situada a 18 kilometros do mar das Antilhas, no valle d'Aragão e junto do monte Silla. Exportação de cacao muito afamado; emporio do commercio da republica pelo porto de Guayra. Caracas foi fundada em 1567. Os francezes devastaram-a em 1679; em 1812 foi destruida por um terremoto, que matou 10:000 pessoas.

Estamos agora nas Guyanas.

A Guyana, descoberta por Christovão Colombo, esteve durante muito tempo dividida em cinco regiões: a Guyana, portugueza, franceza, hespanhola, hollandeza e ingleza. Os francezes foram os primeiros que ali se estabeleceram; depois o paiz foi dividido entre tres potencias, a Inglaterra, a Hollanda e a França. A Guyana portugueza reuniu-se ao Brazil, a hespanhola ficou dependente da republica de Venezuela.

O territorio total das tres Guyanas mede uma superficie de 1,950:000 kilometros quadrados e tem uma população de 300:000 habitantes.

A Guyana ingleza, cedida pelos hollandezas aos inglezes em 1814, tem 258:795 kilometros e 155:000 habitantes. A capital é Georgetown, 25:000 habitantes.

A Guyana hollandeza (154:870 k. e 65:000 h.) tem por capital Paramaribo, 20:000 h. Tres pequenas republicas de cerca de 10:000 indios e negros fugitivos organisaram-se no interior, sendo a sua independencia reconhecida pelos hollandezes.

A Guyana franceza, a qual conta 90:854 k. e 25:000 h., tem por capital Cayenna, 5:000 h. E' hoje o centro das deportações.

O interior da Guyana pouco mais conhecido é hoje do que ha dous seculos. Moram ahi os caraibas, os galibis e outros povos indios, cujos costumes são pouco conhecidos.

Estes povos, como todos os que habitam nas margens do Oyapock, teem uma confiança illimitada nos sortilegios que exercem os seus feiticeiros, ou *peiis*. O principal instrumento do peii é uma grande cabaça guarnecida de pedras e sementes e atravessada por uma vara adornada de pennas. O *peii*, chamado a casa d'um doente, leva a cabaça, com a qual dá muitas voltas sobre o doente, chamando pelo deus Yowahu, que é o genio do mal; depois receita certas drogas, que, por acaso, curam ou matam o doente.

Algumas partes da Guyana teem um aspecto montanhoso e nu; entretanto o solo é fertil. A terra está todo o anno coberta de verdura, e as arvores dão ao mesmo tempo flores e fructos. Esta fertilidade é devida á reunião do calor e da humidade; mas este clima é pouco favoravel á saude dos europeus recem-chegados, que são quasi sempre atacados da febre.

(Continua)

OS PROCESSOS DA

INQUISIÇÃO

—

(Continuação)

Finalmente depois de terem assim arrastado um desgraçado, ás vezes por espaço de muitos annos, da prisão para a audiencia e da audiencia para a prisão, formavam-lhe o processo. Começavam-o mandando vir o accusado á presença dos inquisidores. Apresentavam-lhe então pela primeira vez os verdadeiros depoimentos das testemunhas, mas truncados, sem os nomes d'estas, sem circunstancias de logares e pessoas, que poderiam indicar-lhes quem eram os seus accusadores.

Se nos seus depoimentos as testemunhas tinham dito alguma cousa em abono do accusado, isso ficava no original, nem de tal se fazia mensão na copia que lhe entregavam. Conseguintemente se taes depoimentos eram verdadeiros, não serviam as mais das vezes senão para embaraçar um accusado e precipital-o em estranhas perplexidades.

Communicados pois os depoimentos pelo modo que deixamos dito, se o reo não queria ou não podia dar immediatamente as suas reprovas e respostas, concediam-lhe tres ou quatro dias para pensar n'ellas, e no entretanto era encerrado na prisão, onde o desgraçado entrava de pensar no modo, inteiramente impossivel, de destruir os depoimentos de testemunhas que não conhecia. Expirado o praso que se lhe concedera, tornavam-o a chamar e ouviam-lhe o que elle tinha a allegar em sua defeza, a qual ordinariamente consistia em negar os factos que as testemunhas allegaram contra elle. Se por acaso contradictava exactamente e produzia em seu favor alguma rasão valiosa, tudo era uma fraca vantagem, porque os juizes, ao julgarem o processo, davam a essas respostas o valor que queriam e muitas vezes nenhum, ainda que fossem boas, ou, para melhor dizer, para elles nada provavam senão que entre o reo e as testemunhas havia profunda inimizade, e isto mesmo, em vez de ser interpretado em favor do reo, pelo contrario tinha-se por muito valioso para a sua condemnação.

Relativamente a testemunhas, não é inutil observar certas regras particulares á Inquisição e desusadas em outra qualquer parte: 1.ª Se nunca se dava a um accusado o nome das testemunhas que haviam deposto contra elle, era para não dar logar ás queixas que elle poderia fazer, ou para que a segurança que as testemunhas tinham de nunca serem conhecidas facilitasse as accusações. 2.ª Pela mesma rasão, não eram as testemunhas obrigadas a provar os seus depoimentes. 3.ª Pelo mesmo motivo, rarissimas vezes havia confrontação de testemunhas. 4.ª N'este tribunal, por causa da enormidade do crime de heresia, recebiam-se todas as testemunhas de qualquer parte que viessem e por mais infames e reprehensiveis que fossem. Prejuros, escandalosos, malvados, herejes, judeus, mahometanos, tudo se recebia, e o seu testemunho era bastante para perder uma pessoa e condemnal-a ao fogo. 5.ª Duas testemunhas d'ouvida valiam por uma que tinha visto e ouvido e bastavam para fazer dar torturas. 6.ª Os mesmos delactores passavam por testemunhas e é por isso que se não queria que elles fossem partes. Finalmente um filho podia ser testemunha contra seu pae, um pae contra seu filho, um criado contra o amo, marido contra a mulher, mulher contra o marido. Horrivel destruição de todas as leis e fatal origem de traições e vinganças!

Depois d'um accusado ter dado as suas reprovas e respostas, se ellas não satisfaziam, e aliás se não achava o crime sufficientemente provado, era condemnado a tratos ou torturas. D'estas havia tres especies: a primeira a da corda, a segunda a da agoa e a terceira a do fogo. A tortura da corda dava-se atando com uma corda os braços do padecente, voltados para traz. Era logo levantado ao ar por uma roldana, e depois de estar por algum tempo suspenso, o deixavam cahir de grande altura até meio pé da terra. Estes balanços deslocavam por todas as juntas o corpo do infeliz, fazendo-lhe dar gritos horriveis. Esta tortura durava meia hora, e ás vezes mais, segundo o julgavam conveniente os inquisidores assistentes e o permittiam as forças do padecente.

Se esta tortura não bastava, empregava-se a da agoa, a qual consistia em fazel-a beber por força ao accusado.

(Continua)

LAMPEJOS

Quando o sol no ocaso se esmorece
E entre côres d'opala transparece
O perfil da longinqua penedia;
A' hora em que o espaço alvinitente
Se abraça á rubra cinta transparente,
A' hora de suavissima harmonia...

Se fitamos ao largo o mar gigante,
Que tem scintilações de diamante
Nas ondas de crystal illuminadas,
Nossa alma erguida em crença verdadeira
E' mais calma e serena, mais ligeira
Tem a alva nitidez das alvoradas.

E em derredor de nós a natureza
Tem uns rumores tristes como a resa
Das mães que são aflictas, lacrimosas;
Ao longe, bem ao longe, ha sombras mansas
Dispersas como grupos de creanças
Ao longo das campinas setinosas.

Depois, se ao roseo livro do passado
Volvemos nosso espirito cançado,
Revendo as impressões, os bons anhelos;
Nossa alma emmurchecida se irradia,
Renasce aos bons instantes, á folia,
A's gratas emoções, aos dias bellos.

E alı, adormecidos castamente,
Deixamos revoar em nossa mente
Um bando d'esp'ranças e paixões.
N'essa hora do futuro a senda escura
Tem alfombras, maciços de verdura,
Recama-se de rosas em festões.

Então n'estes momentos de fulgores,
Reflexos fugitivos dos amores,
Lampejos de ventura, ignoto bem,
Ouvimos divinaes e leves coros,
Fulgem de novo os brancos meteóros
Da paz e felicidade extincta além.

E assim como elles rapidos se apagam,
Assim as emoções que nos affagam
Extinctas tambem logo, findas são;
E apenas, como um rasto luminoso,
Só resta á nossa mente o brando goso
D'essa mercê de Deus —recordação.

Amelia R. M.

A CAPELLA DOS LADRÕES

(Conclusão)

Principiavamos tranquilamente a comer, e eu a analysar as taes *pipócas com graxa*, que era milho torrado com gordura de vacca, quando a mulata veio avisar-nos de que o vento arrancava a palha do tecto do rancho. Corremos a atalhar aquelle desastre. O *pampeiro*, que tinha tomado proporções de tufão, tornou inuteis todos os nossos trabalhos para impedir que o colmo voasse em grandes molhos pelos ares. Alguns momentos depois não restava sobre as paredes da casa mais do que um esqueleto de caibros e vigas.

A chuva, então, cahindo torrencialmente, pareceu dizer-nos: ahi vos offereço uma noute que vos será lembrada entre as noutes mais pessimas da vossa vida.

Eu, encolhido debaixo de um couro de cavallo, soffri resignado as injurias do vendaval. O *gaucho*, emboçado no seu *ponche á prova d'agoa*, cuidava com afan do lume que estava quasi apagado. O negro e sua familia, sentados em volta da fogueira e mal cobertos com couros, arrostavam heroica e alegremente as asperezas d'aquella noute tempestuosa, tomando quasi sem interrupção grandes *tragos* de *caxaça* e *lambissóca*, de que tinham boa provisão. Por varias vezes o negro quizera que eu bebesse da sua *caxaça;* para o satisfazer e para saciar o meu espirito de curiosidade, provei apenas a *lambissóca*: era agoardente de canna com capillé.

A *cabra* tremia de contentamento. Como indifferente a tudo o que se passava, cantava, bebia, dava extensas gargalhadas, que findavam por um grito guttural inexplicavel. Não foi sem espanto que a vi atirar com o couro para trás de si e levantando-se principiar a dansar, meneiando com certa particularidade os quadris, fazia com graça um movimento em todo o corpo como o contorcer rapido e nervoso de uma convulsão; os seus pés agitados em um sapateado infernal, faziam lembrar um desgraçado, que, descalço, saltasse sobre um chão de brazas; para colorir e completar este quadro vivo da dansa sertaneja, a *cabra*, levantando nas pontas dos dedos o seu vestido de algodão mescla, cantou com voz aguda:

Ha quatro dias que não ganho uma pataca;
Triste de mim se não soubesse cortar jáca.
Turrupápos papápos,
Anda á roda, crioula,
Com mulambos e tudo.

E mais nervosa, mais delirante, quasi em um ataque de loucura, a *cabra* renovou o seu bailado com applausos do negro, que não cessava de lhe gritar:

—Assim, Bibi! *Eh! pucha, crioula!* Sacode esses *mulambos! Retóssa*, minhá negra!

Quando terminou, o negro deu-lhe a garrafa de *lambissóca*, d'onde ella bebeu o liquido sufficiente para atirar por terra um bebado de profissão.

A's duas horas da madrugada dormiam todos tranquilamente em differentes posições, meio debruçados sobre a lareira, que se apagava.

A chuva havia cessado.

O gaucho pôde então contar-me que a sua conferencia com o negro fôra um ajuste particular, promettendo-lhe em troca da quantia de cem onças de ouro o meu casamento com a *cabra*, o qual se realisaria tão depressa como eu o permittisse. O meio que elle devia pôr em pratica e que no imaginar do negro daria bom resultado, era uma fortuna fabulosa que a *cabra* tinha para herdar, fortuna que, despertando a minha sêde de ouro, me levaria impreterivelmente aos seus braços. Esta pequena explicação mostrou-me todo o enredo das ideias desencontradas do preto, ideias que, a não ser o ardil astucioso do *gaucho*, poderiam trazer-me alguns desgostos.

Para terminar esta mal regrada, mas verdadeira narrativa, direi que ao primeiro cantar do gallo, depois de havermos tomado *mate*, que bastante nos aqueceu, montamos a cavallo e continuamos a nossa jornada, deixando o negro e sua familia entregues ao somno innocente, que julgamos descortezia interromper.

N. Rangel

A ESPERA

E' uma dama esperando o seu namorado que a gravura representa.

Mas virá elle? Quem sabe se o arisco D. Juan andará a estas horas fazendo a côrte a outras damas, ou se já tomou novos amores?

E' muito possivel, e a triste, consummindo-se em mortal anciedade, talvez o espere debalde.

Decorrem horas após horas e elle não chega. A dama, pallida e com o coração agitado de crudellissima angustia, decide-se a abandonar a janella, aquella janella que tantas vezes fôra testemunha dos encantadores colloquios dos dous amantes. Uma lagrima furtiva escapava-se dos formosos olhos da joven e os seus labios entre-abrem-se para deixar passar um suspiro, que a perfumada brisa da noute transporta nas suas azas d'azul e purpura.

Mas no momento em que a dama vae deixar cahir a cortina, ouve-se um leve rumor e o amante chega.

Oh! Que transportes de mutuo carinho! Que jubilo mal disfarçado, que santa alegria aquella que enlaça duas almas, elevando-as, envoltas na doce fragrancia do intimo affecto, para o throno da felicidade humana, que o amor symbolisa!

E a janella gothicamente rendilhada foi testemunha mysteriosa de mais um nocturno poema d'amor.

A ESPERA

SCIENCIA PARA TODOS

V

AGRICULTURA

A agricultura é a arte de obter da terra, por meio da lavra e outros trabalhos proprios, o maior numero possivel de productos, sem comtudo ella ficar exausta. Divide-se em grande e pequena cultura. A grande cultura pratica-se em largos tractos de terreno e tem por fim a producção dos cereaes; a pequena cultura comprehende os prados, as pastagens, as hortas, os vinhedos, etc.

A agricultura foi sempre tida em grande consideração entre as nações civilisadas, de que forma a riqueza principal, e pode-se affirmar que toda a nação cujo solo está bem cultivado é muito mais rica do que aquellas que não teem outro recurso senão o commercio.

E' por isso que entre todas as nações civilisadas a agricultura merece a maior sollicitude dos governos. A Inglaterra, a França, a Suissa e a Hollanda são, na Europa, os paizes mais bem cultivados. Portugal está bastante atrazado n'este ponto, e não é porque nos falleçam as condições para sermos uma nação essencialmente agricola. E' que ao nosso agricultor faltam os meios, e sobretudo falta-lhe a instrucção, posto alguma cousa se tenha alcançado n'este sentido nos ultimos tempos, porque em algumas partes, em pequena escala é verdade, já os preceitos d'uma bem encaminhada instrucção agricola substituem muito vantajosamente as leis da rotina cega e falsa.

Um dos titulos mais gloriosos com que a historia exorna a fronte do nosso rei D. Diniz, é o de *Lavrador*. Antes d'elle os monarcas portuguezes não tiveram tempo senão para guerrear. D. Diniz concentrou as vistas mais no interior do que no exterior do seu reino e tratou d'aproveitar habilmente as condicções do solo. Foi elle que mandou plantar o pinhal de Leiria, imponente monumento que ficou attestando a poderosa iniciativa d'um monarca esclarecido e prestante.

Era tal no seu tempo a nossa riqueza agricola, que um historiador se espanta da grande producção de cereaes que então havia no reino, chegando abundantemente para o consummo da população e sobrando para vender ao estrangeiro. E' necessario attender que o reino era pouco povoado n'aquella epoca; mas com o florescimento da agricultura, a população augmentou rapidamente e comtudo a producção dos cereaes bastava para satisfazer essas necessidades imperiosas e crescentes. Mas o motivo real e verdadeiro é que D. Diniz protegia e animava por todas as formas a agricultura nas terras da coroa, e, a seu exemplo, outro tanto praticavam os seus vassallos.

Até a rainha Santa Isabel, aquella figura sympathica que avulta na historia de Portugal como anjo de paz e candura, não foi estranha áquelles beneficios do reinado de D. Diniz, fomentando pelo seu lado o desenvolvimento agricola do reino. Junto do seu convento de Santa Clara de Coimbra tundou

a inclita princeza um hospicio, onde recolhia e educava orphãs de lavradores, casando-as depois com lavradores tambem, e distribuindo terras a estas familias formadas debaixo dos seus auspicios. Preparava assim, segundo a phrase d'um historiador moderno, verdadeiras colonias agricolas, com que povoava as terras do seu apanagio.

(Continua) DOUTOR JAYME

O GRANDE CONDÉ

Desde o berço que Luiz II de Borbon, principe de Condé, foi grande. Aos oito annos sabia o latim, aos onze compoz um tratado de rhetorica e sustentou brilhantemente theses de philosophia. Teve jesuitas por mestres; eis o segredo d'esta rara precocidade.

Dedicando-se á carreira das armas, venceu a primeira batalha aos vinte e dous annos, destruindo o prestigio formidavel das armas hespanholas.

No anno seguinte (1644) foi em Friburgo e contra o famoso general Mercy que o joven Condé alcançou uma grande victoria; foi então que atirou o bastão de marechal contra as hostes inimigas, indo em busca d'ellas á frente das suas tropas. Turenne era logar-tenente do duque, que lhe deixou a honra de ligar o seu nome á capitulação de Landau.

Em 1645 derrotou novamente Mercy, que foi encontrar a morte nas planicies de Nordlingue; acabou a campanha de Flandres com a tomada de Dunkerque, ao cabo de treze dias de apertado cerco.

O GRANDE CONDÉ

Tendo cahido no desagrado de Mazarin, contra o qual havia proferido phrases menos cortezes, Condé foi preso e esteve no carcere treze mezes; Luiz XIV, seu primo, deixou-o estar desoito mezes na inactividade, sem lhe dar um commando que elle ambicionava para continuar a illustrar o seu nome. Emfim em 1668 deu-lhe a Franche-Comté a conquistar, o que foi para elle negocio de seis semanas.

As guerras da Hollanda e a victoria de Senef pozeram termo áquella existencia de triumphos.

Quando, de volta, Condé se apresentou em Versailhes, o rei correu ao seu encontro, esperando-o no alto da escada. Como o principe, atormentado pela gotta, tivesse difficuldade em subir, Luiz XIV disse-lhe:

—Primo, não vos apresseis. Concebe-se facilmente que tenha difficuldade em andar quem vem como vós carregado de louros.

Condé retirou-se para Chantilly, onde viveu retirado até á hora da morte, em 1686, tendo sessenta e cinco annos d'idade.

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA

(Continuação)

—Agora, se te parece, disse o gigante, ponhamo-nos a caminho, porque são horas.

—E quando voltaremos? perguntou a joven.

—Voltarmos! exclamou elle. Oh! Nunca! Eu não te disse que iamos para a eternidade?

—Dissesto; mas eu pensava que estavas caçoando. Sim; eu amo-te muito; mas não quero morrer tão cedo.

—Morrer! Mas se a gente não morre! Quem te fallou em morrer? A eternidade é o logar onde a gente não morre mais.

—Agora percebi e podes contar comigo para a vida e para a morte.

—Oh! Ventura! exclamou o espirito invisivel enlaçando nos seus braços o corpo franzino e delicado da joven sem nome, que estremeceu ao contacto das mãos do gigante.

Este atirou-se da cama abaixo, com a força do enthusiasmo, sem calcular os oitenta e cinco metros d'elevação que a cama tinha, e cahindo de cabeça para baixo, como Sapho quando se despenhou do penedo sobranceiro ao mar, deu em cheio com o vasio sobre um cesto cheio d'ovos frescos que a mamá andava reunindo para as goloseimas do Natal proximo, porque era muito amante de doçuras; por fortuna o gigante não padeceu mais do que o susto além de ficar todo sujo, sendo necessario a joven anciã ir buscar uma vassoura e uma pipa d'agoa para o lavar.

Depois do que dispozeram-se para sahir.

Mas a este tempo, a mamá, que tinha ido queixar-se á policia, estava á porta do quarto, d'espeto em punho, acompanhada de quatrocentos homens de cavallo, que só com os bigodes faziam estremecer de medo um christão.

No momento em que a porta se abriu, os quatrocentos sabres dos cavallarias e o espeto da mamá cahiram sobre o gigante, que fôra o primeiro a sahir, e um grito de satisfação sahiu dos labios da velhota, que disse com voz terrivelmente meiga:

—Agora te direi se sou ou não mulher!

Travou-se uma lucta horrivel, em que o gigante, tirando uma das abas da casaca, entrou de distribuir com ella vasta pancadaria, até deixar a mamá estendida no chão, por morta, e encerrou os quatrocentos soldados de cavallaria em um armario, mettendo a chave no bolso.

Da refrega sahiu o gigante ileso: apenas o espeto da velha lhe fez uma leve arranhadura em uma das pontas do bigode.

(Continua)

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

(Continuação)

IV

VIVER E GOSAR

Viver e gosar! Esse era para mim o lêmma da vida: esse era o dogma que o meu materialismo guardava como um thesouro no altar do meu peito.

Completei por fim os desoito annos, e sahi do collegio.

Entrava no jardim da vida com um capital immenso de saude, de dinheiro e de desejos. Já não tinha que obedecer a nenhum preceptor, segundo as disposições de meu pae. Já não viveria encerrado como até ali. Já era livre, livre como o vento das minhas montanhas.

Nada se podia assimilhar tanto á minha situação no dia em que sahi do collegio, como o afeiçoado ás corridas de touros. Onde vaes? se me podia perguntar; eu responderia com alvoroço: *aos touros*! *aos touros*! —Mais tarde, quando me recolhi ao meu palacio de Amarante com o coração secco, tambem se me podia perguntar: d'onde vens? e eu responderia com a cabeça baixa e a voz desfallecida: *dos touros*.

Tudo quanto o refinamento do luxo inventara para adornar uma casa, tudo o enthesourei na minha propriedade, que me deixara meu pae na rua do Principe. Eu occupava o andar principal, como elle.

Nos primeiros dias da minha entrada no mundo, almoçava em casa de Prosper, cosinha ingleza, e jantava em Lhardy, cosinha franceza. Ia á Castelhana em magnificos trens e em carroagens, tudo propriedade minha. Tinha camarote no theatro Real e nos touros. Tinha Curpenel por meu alfaiate; tinha amigos da minha idade, que almoçavam comigo, e amigas vestidas com seda e velludo, que tambem jantavam comigo.

A vida do corpo, a vida da materia, desenrolava-se diante de mim com toda a magestosa pompa com que a sociedade moderna sabe tornal-a imprescindivel e confortavel. Com relação á vida da alma, aos gosos secretos do espirito, que Deus me perdoe, porém eu não a sentia em cousa alguma.

Envolvido n'aquelle torvelinho de praseres variados e esplendidos, em que me sumia com avidez, girando d'aqui para acolá nas aras dos desejos, que se mobilisavam sobre um tapete de flores, correndo, emfim, á redea solta, como um cavallo em prado delicioso, eu nunca me sentia desfallecer de cançaço; eu julgava que a côrte com os seus gosos sempre novos, seria para mim uma mina inesgotavel de praser e felicidade.

E' verdade tambem que meus olhos tinham estado até ali ávidos de luz; meus labios, seccos de sêde; a minha fronte abatida de desejos. Passavam e repassavam as bellezas sobre as alcatifas do meu gabinete, como as fadas, deixando tantos vestigios na alma, como não deixavam nas alcatifas. Eu não sabia o que era a vida das recordações, os gosos ineffaveis da saudade. Não recordava cousa alguma, por não ter para que. Os desgraçados são somente os que recordam a ventura passada; e eu não tinha que recordar felicidade passada alguma, porque me encontrava em plena felicidade material.

Havia uma particularidade, que me favorecia muito para se prolongar aquella vida sem se resentir em cousa alguma a minha renda; não me agradava o jogo. E' um praser que nunca pude experimentar, e eu explico-o. Naturalmente o que vae jogar, é porque quer ganhar; eu não precisava do dinheiro de ninguem; para que, pois, jogar? Que me importaria ganhar ou perder em uma noite cinco ou seis mil duros? Nada; pois não sabia o que era carecer de um objecto qualquer por falta de dinheiro, posto que tinha quanto desejava somente com a minha renda.

A mesma cousa me succedia com a politica. Ouvia fallar de suas caballas com uma indifferença completa. Para que me havia de filiar nas suas cem e cem fracções infinitessimaes em busca d'um titulo e ouro, se já tinha desde que nascera um dos titulos illustres da reconquista e mais ouro do que eu poderia gastar rasoavelmente?

(Continua)

A CASACA DO CORREGEDOR

—

(Continuação)

V

Passou um anno, durante o qual Filippe commetteu toda a qualidade de loucuras, entrando nas extravagancias mais ruinosas e não tardando a ver chegar o momento de estar exausto de meios. Foi então que se lembrou do criado de seu tio, que devia ter algumas economias que repartisse com elle, e n'esse presupposto encaminhou-se para casa d'elle, exactamente em uma occasião em que, sendo tres horas da tarde, ainda estava em jejum.

Quando entrou no estreito quarto de Marcellino, Filippe encarou com uma scena de veras commovedora.

O pobre Marcellino, reduzido á ultima extremidade pelos annos e as enfermidades, estava prestes a expirar. Achava-se deitado em uma cama miseravel e no meio de duas visinhas, que tratavam d'elle, não por caridade, mas com a sollicitude de quem espera uma boa recompensa d'um visinho que gastou toda a sua vida em servir um só amo, e corregedor por signal, o que equivale a dizer que devia ter dinheiro; isto é, suppunham que debaixo de aquelles andrajos, o pobre velho escondia algumas riquezas, que depois de elle morto lhe extorquiriam muito á vontade.

Filippe ficou como petrificado. Os visinhos receberam-o com fortes demonstrações de desagrado, vendo ou receando n'elle um inimigo que ia desmanchar os planos tão bem combinados d'uma recompensa forçada.

Apenas Marcellino viu o mancebo, soltou um suspiro, e, fazendo signal para que se approximasse, disse para Filippe com voz debil:

—Não imagina quanto lhe agradeço a visita. Custava-me tanto morrer levando a pena de não me ter despedido de V. S.ª!...

—E eu, meu pobre Marcellino, como sinto ver-te n'este triste estado!

—Desde que a morte me separou do meu bom senhor D. Justo, tenho reflexionado muito.

—Não me admira, meu amigo. O teu caracter foi sempre propenso á reflexão.

—Entre as cousas que me tem vindo mais a miude á ideia é que um criado não deve fazer sempre ao pé da letra o que o amo lhe encommenda.

—Homem! Essa reflexão é um pouco celebre! exclamou Filippe. Mas a que vem isso agora, meu amigo?

—Ouça-me e depois verá se tenho ou não rasão.

—Bem. Vejamos o que queres provar com as tuas reflexões.

—Meu amo tinha o capricho de querer que eu não fallasse nunca, ou pelo menos que eu só respondesse quando fosse perguntado.

—E' verdade; mas elle pregava-nos longos sermões, ralhando de todo o genero humano. Lembras-te?

—Se lembro! Era aquelle o seu praser. Que queria que fizesse um homem da sua idade, solteiro e sem emprego algum? Mas vamos ao que importa. Sabe como eu cumpria as ordens de meu amo. Sabe como fui o modelo dos criados.

—E' verdade.

—Pois V. S.ª é que podia perder.

—Porque?

—Não se lembra do testamento de D. Justo?

—Se me lembra! Era tão laconico, que qualquer o pode conservar muito bem de memoria.

—Ha n'elle uma circunstancia que talvez a V. S.ª tenha passado desapercebida.

—Pode saber-se que circunstancia é?

—Entre a palavra *casa* e a preposição *a* havia um espaço maior do que o que separava as outras palavras de aquelle singular testamento.

—Não me recordo bem.

—Pois havia, juro-o.

—Bom. Mas que tem isso de notavel?

—Quando o meu bom amo fez o testamento, n'aquelle espaço havia mais duas letras, um *c* e um *a*, que com o tempo e uma dobra que ali fazia o pergaminho desappareceram. Eu bem disse muitas vezes ao meu amo: —«Porque não as aviva de novo?» Mas V. S.ª sabe como elle era teimoso.

—Sei; continua.

—Aquellas duas letras, unidas ás quatro anteriores, formavam uma só palavra, de modo que onde qualquer lia *deixo a minha casa*, devia entender-se: *deixo a minha casaca*.

—Grande Deus!

—Já vê a differença.

—Desgraçado! exclamou Filippe. E porque motivo, quando eu te perguntava pela casa a que o testamento se referia, não me contaste isso tudo?

—Porque o tio de V. S.ª me tinha ensinado a não responder senão áquillo que me perguntassem. Se V. S.ª me perguntasse pela casaca, então ter-nos-iamos entendido.

(Continua)

ANNITA

Queria amar um rosto meigo
Onde a candura imperasse,
Onde n'um olhar achasse
Muitos pretextos d'amor;
E Deus mostrou-me uma virgem
Tão meiga e encantadora
Qual primo raio d'aurora
Envolto em maguo fulgor.

E disse: —«A virgem que visto
E' de certo a mais formosa,
Mais bella, mais graciosa,
Que n'este mundo lancei:
Não olvides um momento
Que foi por mim indicada,
Pois deve ser adorada
A virgem que te mostrei.»

Foi visão! Não via a virgem
Que nosso Deus me indicara;
Era em vão que procurara
No ceo, na terra essa flor!
Mas hoje—doce ventura,
Essa virgem conheci-a,
Porque esse anjo de alegria
Eras tu, ó meu amor.

M. Vieira Natividade

UMA AVENTURA

(EXCERPTO)

Aqui vae uma historia que tem as condições de qualquer aventura verdadeira,—parece mentira; os amadores de casos historicos, todavia, podem entregar-nos sem escrupulo toda a sua confiança.

Levou um aeronauta, uma tarde, um só companheiro de viagem. Era um particular abastado, que pagara por quarenta libras a parte que lhe cabia nos perigos da expedição. O tempo estava favoravel. O balão subiu rapidamente a uma grande altura.

— Que effeito lhe produz? perguntou o aeronauta ao seu companheiro.

—Nenhum, respondeu este laconicamente.

— Dou-lhe os meus parabens! E' o senhor o primeiro que vejo chegar a uma altura similhante sem se affligir!

—Suba mais, disse o viajante.

O aeronauta deitou fóra uma porção de lastro; o balão subiu cincoenta metros mais.

—E agora bate-lhe o coração?

—Nada! respondeu o companheiro em tom impaciente.

—Diacho! O senhor realmente tem vocação para aeronauta!

O balão trepava sempre. A cem metros mais de altura, o francez interrogou pela terceira vez o companheiro.

—E agora?

—Nada! Nada! Nem sombra de medo! resmungou o viajante como homem que passa por uma decepção.

—Pois, meu rico, não sei que lhe faça! disse o aeronauta rindo; tenho de renunciar ao praser de lhe meter um susto. O balão chegou a uma sufficiente altura e vamos descer.

—Descer!

—Está claro. Haveria perigo em subir mais.

—Deixal-o haver. Descer é que eu não quero!

—Que?

—Digo-lhe que quero subir mais, muito mais, incomparavelmente mais. Dei quarenta libras para ter sensações fortes, e não havemos de descer sem eu as sentir!

O aeronauta poz-se a rir, pensando primeiro que era graça.

– Quer subir ou não quer? perguntou o viajante, agarrando-lhe as goellas e sacudindo-o violentamente. Que fez vossê das minhas sensações? Ponha-me para aqui as minha sensações, immediatamente.

Conta o aeronauta que n'esse momento se sentiu perdido. Lêra uma novidade horrivel nos olhos esgazeados do seu companheiro de viagem:—estava a contas com *um doido!*

E vão lá convencer um doido, ou pedir auxilio ás nuvens!

Ainda, se o pobre homem tivesse uma arma, encontrava-se em legitimo caso de defeza, por fim de tudo; mas ninguem se previne com um par de pistolas para uma viagem de balão; não se esperam ruins encontros no meio dos astros!

A terra estava a quinhentos metros. Uma queda medonha em perspectiva! E o menor movimento do doido podia fazer virar a barca.

O aeronauta, com o sangue frio que ganhara em muitas expedições audaciosas, fez todas essas reflexões no espaço de um segundo.

—Ah! vossê cassoa comigo! proseguia o doido. Apanhou-me as quarenta libras para não me dar sensações!... Pois eu agora é que me estou divertindo! Vossê é que hade pagar as duvidas!

O doido era dotado de uma força muscular prodigiosa; o outro não tentou mesmo defender-se.

—Que quer de mim, homem? perguntou-lhe em tom submisso.

—Quero vel-o dar uma cambalhota! disse o doido a rir. Mas primeiro, (uma ideia pareceu sorrir-lhe) quero ir lá acima procurar sensações. Deixe pôr-me a cavallo no semi-circulo!

O doido designava com um dedo a parte superior do balão. Dizendo isto, poz-se a marinhar pelas cordas que prendiam o bote á machina aerostatica. O aereonauta, que não tremera por amor de si, não pôde deixar de estremecer por amor d'elle.

—O' desgraçado, vae matar-se, terá uma vertigem!

(Continua) Julio Cesar Machado

BERNARDO DE PALISSY

(Conclusão)

O castello de Madrid, construido no bosque de Bolonha por ordem de Francisco I, era guarnecido exteriormente das mais bellas faianças, e a grande galeria do castello de S. Germano de Laya encerra ainda grande numero de quadros do mesmo genero.

Esta grande descoberta não podia bastar á pasmosa actividade do genio de Palissy, que quiz ainda abraçar outros ramos de conhecimentos. Guiado pelas observações que tinha feito nas diversas terras e esmaltes que tinha estudado, conseguiu sem saber grego nem latim, qualidades indispensaveis para então se professar a sciencia, abrir em Paris mesmo na presença dos mais habeis physicos do seu tempo, um curso de historia natural, que produziu bons discipulos.

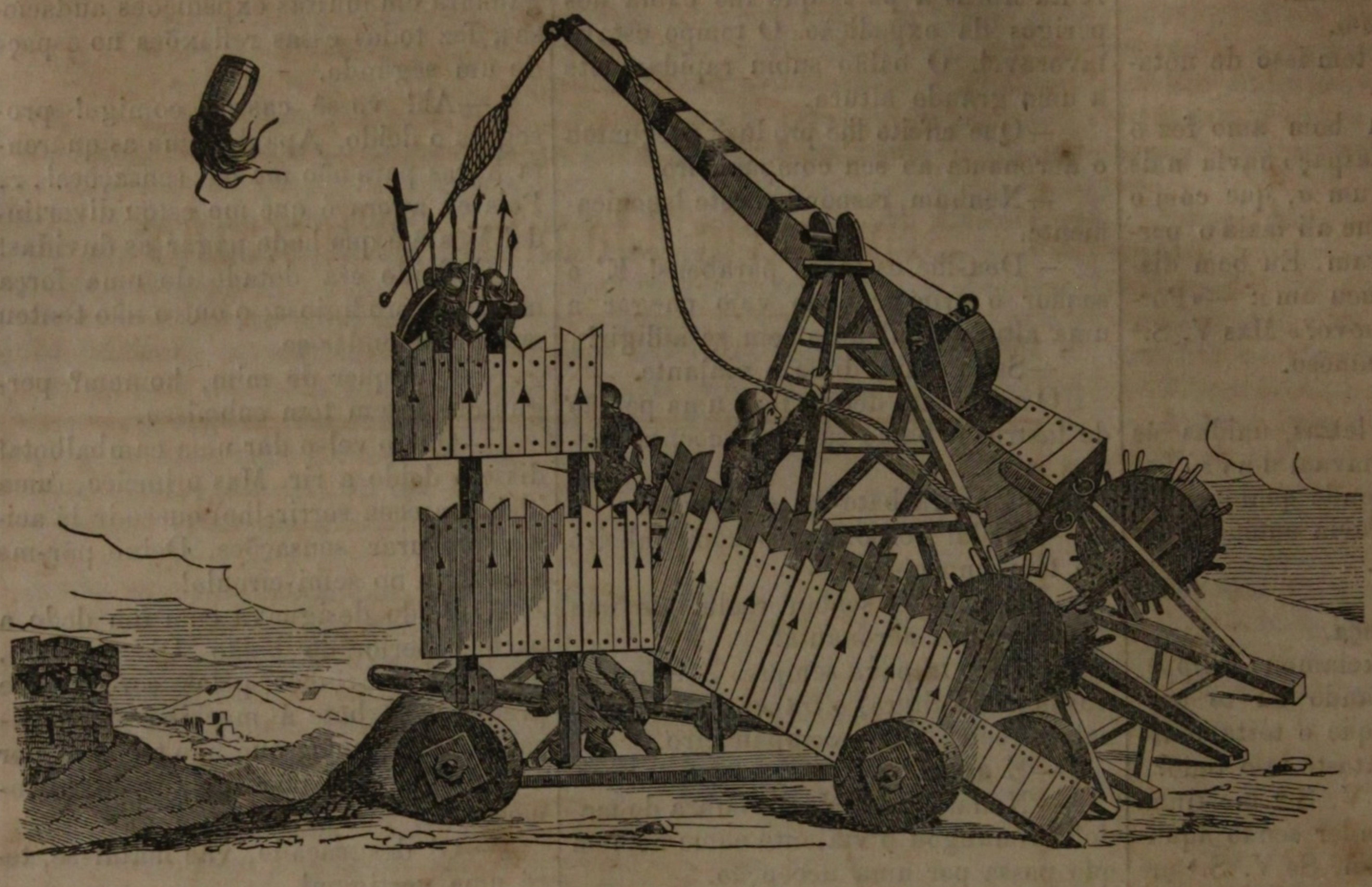
Palissy tinha visto de perto a miseria e soffrera inumeros tormentos. Para a sua gloria ser completa só faltava a perseguição: o edito dado por Henrique II em Ecouen encarregou-se de lh'a levar. Palissy era affecto á religião reformada; foi por consequencia arrastado de prisão em prisão e sería conduzido á forca se o condestavel de Montmorency, seu protector, não diligenciasse até lhe dar a liberdade.

O grande artista morreu em 1589.

ANTIGA MACHINA DE GUERRA

E' copia d'um manuscripto do seculo XVI a gravura que vae n'esta pagina, reproduzida da notavel obra de Luiz Figuier *As Grandes Invenções*, edição da casa Chardron.

Representa a gravura uma machina de funda usada nos fins d'aquelle seculo na Europa oriental, a qual servia para lançar o fogo de guerra e outras vezes balas.



ANTIGA MACHINA DE GUERRA

Era uma especie de funda, ou arco gigantesco de madeira. Por meio de duas rodas, tendia-se muito fortemente uma corda, á qual estava atada uma barrica cheia de fogo incendiario. Este movimento fazia curvar uma especie de arco de madeira flexivel e articulado. Quando se largava subitamente a corda, o arco, em virtude da elasticidade da madeira, indireitava-se com violencia e atirava a grande distancia a barrica cheia de materias inflammaveis.

Estas machinas serviam algumas vezes para atirar por cima das muralhas os soldados aprisionados ao inimigo.

ZIG-ZAGS

O PICO D'ADÃO

No centro da ilha de Ceylão, a cerca de setenta e dous kilometros da cidade de Colombo, ha uma montanha elevada, cujo pico está mil novecentos e desenove metros acima do nivel do mar. E' admiravel o panorama que se gosa do alto do pincaro, que constitue uma das mais celebres peregrinações dos buddhistas.

Ha no alto um pagode de madeira, no centro do qual se vê o traço d'um pé gigantesco, grosseiramente esculpido na pedra, e cujos dedos estão separados por linhas feitas d'estuque.

Os singhalezes e povos da India de além do Ganges dizem que aquelle pé é o signal que deixou Buddha, quando, no fim de novecentas noventa e nove transformações, subiu d'ali para o ceo. Os musulmanos pretendem que é a pegada d'Adão, que, depois d'expulso do paraiso, foi n'aquelle sitio chorar a sua sorte, e esteve sobre um só pé em quanto Deus não lhe perdoou o pecado que commettera, até que, perdoado, d'ali subiu para o ceo. Segundo as lendas christãs, essa pegada é de S. Thomé, o celebre apostolo das Indias.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se regularmente todas as quintas feiras de manhã.

Cada numero consta de 8 paginas, formato grande, a 3 columnas, ou 24 columnas.

Assigna-se no escriptorio da redacção, praça de D. Pedro 131, no kiosque da mesmo praça, em todas as livrarias do Porto e em casa dos nossos obsequiosos correspondentes nas principaes terras da provincia; em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura custa: Porto, 3 mezes 260 reis; provincias, 300 reis, pagamento adiantado.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

II ANNO PORTO, 15 DE DEZEMBRO DE 1881 NUMERO 68

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

SUMMARIO

TEXTO:— Antonio Rodrigues Sampaio — Sciencia para todos: Agricultura, por Doutor Jayme — A casaca do corregedor — Uma aventura (excerpto) por Julio Cesar Machado — Lyra de hontem (poesia) por Nunes d'Azevedo — No ceo (fragmento) por Costa Goes — O auroch — O Tosão d'Ouro, por Narciso Feio — A' sahida da missa — Os processos da Inquisição — O passado, por Abel Accacio Moutinho — Benedicta (poesia) por Alfredo Quartin — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Brazil — Um heroe — Huyghens — Zig-Zags: Um letreiro curioso — Spenser — Boa resposta — Charada — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Antonio Rodrigues Sampaio — O auroch — A' sahida da missa — Huyghens.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Uma das maiores glorias que eu conheço, senão a maior de todas as glorias que podem aureolar a fronte d'um filho do povo, é a d'aquelle que, nascido na humildade do berço, se eleva pelo talento, pelo merecimento proprio, pelo trabalho honesto, ao fastigio das maiores grandezas.

Pois é exactamente essa a qualidade que mais avulta no individuo cujo retrato damos na primeira pagina.

O snr. Antonio Rodrigues Sampaio é inquestionavelmente o primeiro jornalista portuguez, e só pela qualidade do seu talento conquistou as honras que tem merecido e que outros devem muitas vezes somente aos caprichos da sorte.

Estylista elegante, polemista ardente, argumentador vigoroso, a sua penna vibra como o aço que rompe os peitos dos adversarios; é uma lança acerada que nunca se engana na escolha do lado vulneravel d'aquelle a quem vae ferir. Mas no degladiar incessante das luctas da palavra, é sempre nobre, sempre leal, sempre digno. Podem ser contestadas as suas opiniões; o que se lhe não pode negar é o talento superior com que as defende.

Além de jornalista e escriptor notavel, é orador distincto, tendo occupado sempre no parlamento um logar que lhe tem conciliado os respeitos e considerações dos proprios adversarios.

Taes são os dotes, summamente raros hoje em dia, do Sampaio da *Revolução*, titulo que o honra muito mais do que todos aquelles com que a munificencia dos reis adorna algumas vezes os peitos dos vilões indinheirados, porque significa uma lucta trabalhosa e proficua, porque significa o triumpho d'uma alma superior no meio das procellas da inveja e das intrigas baixas e ruins.

SCIENCIA PARA TODOS

V

AGRICULTURA

(Continuação)

A historia aponta um grande numero d'homens celebres que foram lavradores, ou filhos de lavradores. Eis os principaes. Francisco Sforça, duque de Milão, era filho d'um lavrador; Ganello, imperador romano, tinha guardado cabras; Primislau, antes de ser rei da Bohemia, foi lavrador. Outro tanto succedeu com Quinto Cincinatto, que foi dictador em Roma. D'este conta Tito Livio que quando estava com os seus capitães fallava muitas vezes com saudade nos seus bois e campos que havia deixado. Francisco Carmoniola, governador de Genova, primeiro guardou porcos, e o papa Sixto V foi filho d'um guardador de gado. Probo, sendo filho d'um hortelão, chegou a ser imperador de Roma. Tamerlão, rei da Persia, assim como o nosso famoso Viriato, haviam sido pastores. Tulio Hostilio, de pastor de gado chegou a ser rei de Roma. Wamba fôra lavrador.

A profissão agricola é uma das mais nobres que se conhecem. Na Inglaterra, os mais ricos fidalgos não desdenham tornarem-se agricultores, e é assim que elles animam os pequenos cultivadores.

A origem da arte de cultivar a terra remonta aos primeiros dias da humanidade; mas foi com especialidade no momento em que os homens reconheceram os direitos da propriedade que elles presentiram os beneficios da cultura. No principio do mundo, a terra e tudo quanto dizia respeito ás necessidades immediatas do homem, eram propriedade commum de todos, como o ar que nós respiramos. Os primeiros bens de que o homem foi senhor foram os bois, as ovelhas e cabras; os primeiros chefes de familia eram pastores, que conduziam a seu bel-praser os rebanhos de pastagem em pastagem. O livro do Genesis, esse monumento veneravel da antiguidade, offerece-nos um quadro encantador da vida pastoral: Abrahão, Isaac, Jacob e suas familias eram pastores, e todas as suas riquezas consistiam no numero maior ou menor de cabeças de gado. Quando mudavam de terra era sempre em virtude de irem em procura de melhores pastos para os seus rebanhos.

N'esses tempos remotos não se conhecia o direito de propriedade; todos os territorios estavam abertos e eram communs. As producções da terra não tinham dono particular. Assim como hoje, na Africa, entre os naturaes da America, e tambem em uma grande parte da Asia, não ha propriedade territorial de especie alguma, assim, apesar da fertilidade do solo, e a força geradora do clima, essas regiões padeciam falta de cultura e os seus habitantes não gosavam senão d'uma existencia precaria.

Desde o momento em que ao homem foi dado gosar a propriedade exclusiva d'um terreno, elle tratou de cultival-o; semeou; plantou; cuidou de preparar a terra para a producção agricola; trabalhou para si mesmo, porque a colheita proxima lhe promettia a justa recompensa dos seus cuidados e fadigas.

A garantia da propriedade individual pode tambem ser considerada como a base da industria e o primeiro passo para o aperfeiçoamento social.

Em geral os terrenos estão abertos; mas algumas vezes as differentes propriedades são limitadas por muros, avenidas ou sebes, o que é d'uma vista agradavel. Estes modos de fechar os terrenos favorecem o clima d'um paiz contra a inclemencia dos ventos; são como marcos para o trabalho do cultivador e moderam o exercicio do gado, apressando a sua engorda.

Chamam-se terras araveis as que se empregam na cultura dos prados, cereaes e pastagens; são as que servem para entertenimento e sustentação das differentes especies de gado. As terras variam d'extensão desde 25 até 500 hectares, pouco mais ou menos. As terras araveis, como exigem mais trabalho, são as menos extensas. As de 100 a 300 hectares são as mais proveitosas.

As terras dividem-se em terras fortes, que são as terras lodacentas, pedregosas, pantanosas e calcarias, e terras leves, que são as areentas. Um solo é fertil quando ha uma mistura proporcional de differentes terras; é esteril quando ha superabundancia d'uma só materia.

(Continua) DOUTOR JAYME

A CASACA DO CORREGEDOR

(Conclusão)

VI

Filippe teve um accesso de colera e esteve quasi a descarregar um murro sobre a cabeça d'aquelle criado singular que tão ao pé da letra seguia as instrucções quasi d'além da campa de seu amo. Por fortuna conteve-se, apesar de não acertar em explicar-se como era que Marcellino não tivera pena d'elle vendo-o por espaço d'um mez dando-se a perros para decifrar manuscriptos e querendo tirar d'elles o que elles não continham.

Voltando á realidade dos factos, exclamou sem demora:

—O que afinal fico sabendo é que meu tio me fazia herdeiro da sua casaca!

—Assim parece, respondeu o criado com voz desfallecida.

—Parece incrivel que meu tio, quasi nos humbraes da eternidade, se lembrasse de caçoar assim!

—Sirva-se interrogar-me, disse Marcellino. Antes d'isso não posso dizer-lhe nada.

—Interrogar-te? A respeito de que?

—D'aquella casaca; do que ella podia conter.

—Pois bem. Falla. Porque me deixou meu tio essa casaca em herança?

—V. S.ª viu que a casaca tinha cinco botões de cada lado, o que ao to-

do faziam dez, e com dous atrás, eram exactamente uma duzia. Pois bem. Em cado botão, debaixo da capa d'aço que o cobre, ha um diamante que vale por si só uma fortuna.

—E essa casaca?...exclamou Filippe delirante, lembrando-se de que estivera a ponto de vendel-a ao adelo, e Marcellino que o presenceava e sabia o que ella continha, não lhe dissera nada pelo simples motivo de não ser interrogado a tal respeito. Essa casaca onde está?

—Está aqui debaixo da minha cabeça, respondeu o velho.

Filippe deu um puxão ao travesseiro e viu sahir a casaca de seda com os seus botões reluzentes, não se encommodando com o mal que com isto fazia ao enfermo. E, de facto, a cabeça do moribundo, perdendo o seu ponto de appoio, cahiu para diante e deu em cheio em uma beira da cama, e aquella violenta pancada apressou a morte do infeliz, que antes de soltar o derradeiro alento exclamou:

—Bem dizia meu amo! Aqui está o que me acontece por eu fallar antes de ser interrogado!

E o pobre Marcellino expirou, ao passo que Filippe, todo embebido com o seu thesouro, arrancava com uma navalha a capa dos botões da casaca, de dentro de cada um dos quaes viu sahir um diamante, até completarem doze, da mais pura agoa, e que constituiam a fortuna d'um imperador.

UMA AVENTURA

(EXCERPTO)

(Conclusão

—Não quero observações! redarguiu o doido, agarrando-lhe no pescoço. Senão atiro-o por ahi fóra!

—Ao menos dê licença, deixe-me atar-lhe uma corda pela cintura para ficar preso ao balão.

—Vá lá! replicou o doido, que pareceu perceber a utilidade da precaução.

Feito isto, trepou o doido pelas cordas, leve como um cabrito. Chegou ao cimo do balão; poz-se a cavallo, conforme dissera; soltou um grito de triumpho e tirou uma faca da algibeira.

—Que vae o senhor fazer? pergunta o aeronauta, receioso que elle quereria furar o balão.

—Pôr-me á vontade!

Em seguida, cortou a corda de segurança que o outro lhe atara. Se um pé de vento agitasse a machina, o infeliz iria rolar no vacuo. O aeronauta fechou os olhos para não o vêr. O doido batia palmas, não cabendo em si de contente, e principiou a agitar as pernas como quem mettia esporas ao balão.

—E agora, bradava agitando a faca, agora é que se vae vêr! Ah! salteador, quizeste que eu descesse! E's tu que vaes descer, bandido, e descer de catrapuz! Olha!

O aeronauta não teve tempo sequer de fazer um movimento, de soltar uma palavra. Antes de adivinhar a intenção infernal do doido, este, agil como um macaco, cortou tres, quatro... das cordas que tinham o bote suspenso. O barco inclinou horrivelmente, apenas preso a duas amarras, por um fio, como costuma dizer-se.

O que valeu ao aeronauta foi agarrar-se ás amarras que ficaram.

A faca do doido aproximava as ultimas cordas; um momento mais, e estaria tudo perdido.

— Uma palavra! gritou o aeronauta.

—Nada! Hade levar-te a breca! vociferava o doido.

—Não é para pedir misericordia; ao contrario.

—Então que queres agora? redarguiu o doido admirado.

—N'este momento, estamos a uma altura de mil e quinhentos metros.

—Boa patuscada! dizia o doido rindo; hade saber bem saltar de tão alto!

—E' muito baixo ainda!

—Que! pergunta pasmado o doido.

—Tal qual. A minha experiencia tem-me ensinado que um salto d'esta altura nem sempre é mortal. Queda por queda, antes quero morrer do que ficar estropiado. Concede-me isto apenas, não me precipites senão a tres mil metros de altura; sim?

—Está dito! diz o doido, a quem a ideia d'uma queda mais atterradora sorriu gratamente.

Immediatamente, o outro cumpre a sua promessa. Deita fóra uma quantidade de lastro immensa, o balão toma um poderoso impulso e sobe duzentos metros no espaço de alguns segundos.

Unicamente, e em quanto o doido observa esta operação com ar ameaçador, o aeronauta trata de executar outra em sentido contrario. Notara que entre as cordas que o doido havia deixado, estava a corda da valvula, adaptada na parte superior do balão para deixar sahir o excesso do gaz hydrogenio. Formou-se o seu plano. Puchou a corda, abriu a valvula, e o resultado não se fez esperar. A pouco e pouco o doido adormentou-se, asphixiado insensivelmente pelos vapores do gaz.

Assim que o viu sufficientemente asphixiado, o aeronauta deixou descer o balão.

Terminara o drama.

Chegados a terra, não conservou rancor ao doido; tratou logo de lhe restituir a vida, para o conduzir ligado de pés e mãos á auctoridade.

JULIO CESAR MACHADO

LYRA DE HONTEM

Mulher, se eu fôra a maviosa pomba,
Formosa e branca d'etheral candura,
Que o templo ostenta em seus altares d'oiro,
E o sol oscula da celeste altura;

Se acaso eu fôra a peregrina imagem
D'esse mimoso, delicado ser,
Eu desceria sobre ti, n'um vôo,
Para beijar-te, divinal mulher!

Minha aza pura, de nevado arminho,
Languida e frouxa como a luz d'um cirio,
Iria, doce, no teu seio olente
Roçar de leve, qual a briza o lyrio.

Iria cheio d'amoroso enlevo
Das noites quentes, ao fulgor das luas,
Adormecer e mergulhar minha alma
Na treva immensa d'essas tranças tuas.

Mas como apenas sou a estatua negra,
A imagem triste do martyrio, aqui,
Deixa que eu chore no calor do leito
O goso immenso que eu sonhei por ti!

NUNES D'AZEVEDO

NO CEO!

(FRAGMENTO)

No meio da multidão, massa compacta, que se escoava soffrega pelos corredores do theatro de..., um sujeito mal trajado comprimiu-me fortemente; voltei-me em um momento, encarei-o, e elle fallou-me assim:

—Uma carta para o senhor; leia... leia sem perda de tempo.

E fugiu.

Rompi os obstaculos que se me antolhavam, apressei o passo e entrei em casa.

A' luz-mortiça d'um candieiro, li o seguinte:

Adriano

«Lucto com as difficuldades que uma desgraçada encontra ao trilhar o caminho do vicio. Toda a resignação é limitada para arrastar com as miserias mordazes que o sopro da briza viciosa atira insensivel a meu rosto.

Choro, ás vezes choro muito, e nem as lagrimas sinceras que orvalham as minhas faces me servem de lenitivo. Mergulho o pensamento no passado e um furtivo raio de brilhante luz vem até mim; olho para o presente, diviso além o futuro, e a vista perde-se-me na escuridão tenebrosa d'uma noute. A vida tem-me sido uma cadeia de lagrimas, sem que haja o amor que dulcifique. Oh! o amor! Já lá vae o tempo em que o meu coração palpitava anhelante por um ente que estremecia; n'esse tempo raiava-me a felicidade e o meu satellite eras tu, Adriano!

Não te lembras d'aquellas noutes de luar, noutes passadas entre uma alacri-

dade excitante, em que tu, meiga visão dos meus sonhos, me sorrias, com esse sorriso hypocrita que eu nunca devera acreditar?! Dizias-me que me amavas, que nunca na tua vida mulher alguma te despertara o amor, e eu que te apparecera qual aurora bruxuleante de um bello dia.

Mentias-me. Saciaste o goso infame que te corria nas veias, e apontaste-me depois desdenhosamente como uma desgraçada! Abandonei, crente no teu amor, a casa paterna que me sorria alegremente, para viver feliz comtigo apenas alguns dias! Em seguida veio o esquecimento, o desprezo, com elle a miseria, depois a deshonra.

No entanto, posso-me ainda talvez restaurar; no meio do horizonte escuro que me cerca brilha uma estrella... E' a ella que eu recorro. Venha... venha ao menos beijar a innocentinha que se embala no berço da desgraça; venha ensinar-lhe a pronunciar o seu nome, o nome de pae!... Não desdenhe das infelizes, e guie os seus passos até mim... se quizer dizer o ultimo adeus áquella que nunca o esqueceu, que sempre o amou.

Eduarda

(Continua) Costa Goes

O AUROCH

—

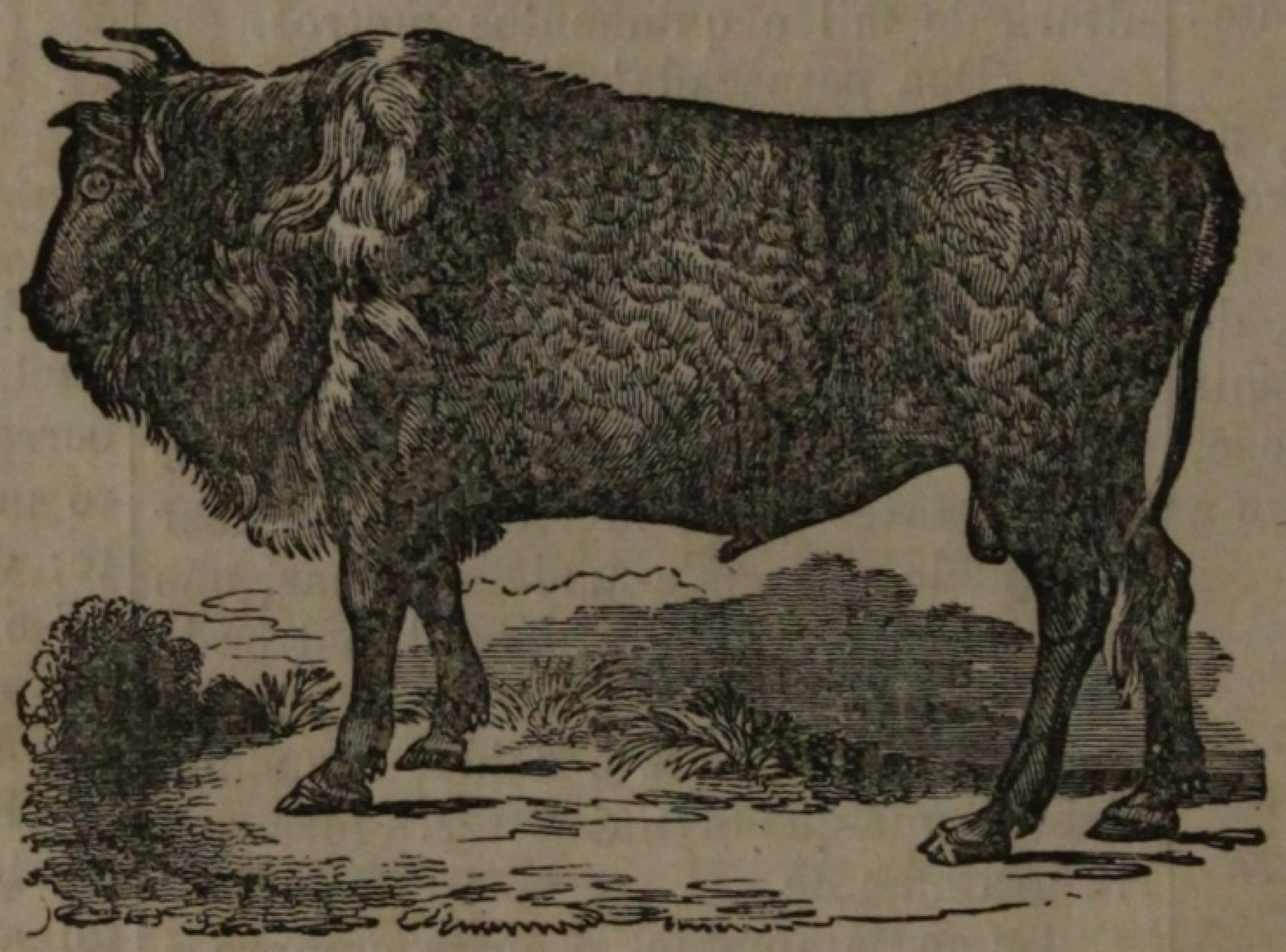
A familia do boi divide-se em oito especies, uma das quaes é o auroch.

A auroch é, segundo Cuvier, o quadrupede maior depois do rhinoceronte e o elephante. O aspecto d'este animal é a um tempo imponente e um pouco magestoso; mas é necessario desconfiar de taes qualidades, porque é bastante feroz e quando vê uma pessoa encolerisa-se a ponto de parecer damnado. Quando a avista, entra de escavar na terra com as pontas, atira-se em seguida contra ella e põe-a em postas.

O auroch era já conhecido dos antigos, que lhe deram o nome de ura, e a sua caça era uma das primeiras occupações dos povos selvagens.

Actualmente só se encontra o auroch na Russia, nos montes Karpathos e nas solidões do Caucaso. Os que viviam nas planicies da Prussia, Hungria e Lithuania, desappareceram inteiramente durante as guerras e invasões do exercito francez n'aquelles paizes.

E' em estado selvagem que elle ahi vive, alimentando-se de hervas, folhas e raizes tenras. A sua força prodigiosa põe-o ao abrigo do ataque de todos os outros animaes.



O AUROCH

Tem-se conseguido domesticar o auroch, mostrando-o em espectaculo e fazendo-o combater com ursos e cães, o que constitue um dos divertimentos mais predilectos dos povos do norte da Europa.

O TOSÃO D'OURO

—

A ordem militar do Tosão d'Ouro é uma das mais nobres da Europa e a primeira da Hespanha. Foi instituida por decreto datado de Bruges em 10 de janeiro de 1431, por Filippe o bom, duque de Borgonha e Flandres. No alvará diz-se que a ordem é instituida sob o patrocinio da Virgem Santissima e de S. Thomé, apostolo, tendo por fim perpetuar a memoria do casamento do instituidor com a infanta D. Isabel de Portugal, filha de D. João I e de Filippa de Lencastre, os fundadores do mosteiro da Batalha.

Outros auctores porém dizem que a instituiu o mesmo monarca em 1429, em Bruges, para honrar uma das suas amantes, que tinha os cabellos louros.

Seja como fôr, o que é certo é que a ordem do Tosão foi approvada pelos papas Gregorio XIII em 1574 e Clemente VII, em 1599.

Por morte de Carlos o Temerario, a collação da ordem passou para a casa d'Austria, pelo casamento da princeza Maria com Maximiliano, e depois á de Hespanha pelo casamento de Filippe o bello com Joanna a louca, mãe de Carlos V. Mas o archiduque Carlos, tendo disputado o throno de Hespanha a Filippe V, em 1700, arrogou-se o direito de conferir o Tosão d'Ouro e conservou-o depois da sua elevação ao imperio, em 1711. De forma que subsistem dous Tosões d'Ouro, um na Austria e outro em Hespanha.

Napoleão I instituiu em Vienna, em 15 d'agosto de 1809, uma ordem militar denominada dos Tres Tosões d'Ouro, para designar a posse do Tosão d'Ouro da Borgonha e a conquista dos da Hespanha e da Austria. Esta ordem devia ter cem grandes cavalleiros, quatrocentos commendadores e mil cavalleiros; mas a difficuldade de reunir as condições exigidas de combates e ferimentos fez com que a denominassem por irrisão *A ordem do sepulchro*. Napoleão supprimiu-a quando voltou a França.

Quanto á verdadeira Ordem do Tosão d'Ouro, esta dignidade é unicamente conferida a principes, grandes de Hespanha e estrangeiros illustres. O numero de cavalleiros, limitado ao principio a vinte e quatro, subiu a trinta e um em 1430, e tornou-se depois illimitado, tanto em Hespanha como na Austria.

A fita é escarlate. A insignia é um carneiro d'ouro, Tosão d'Ouro, suspenso do pescoço por uma fita escarlate, larga, ou um colar d'ouro guarnecido de pedras preciosas. As divisas são: *Anteferit quam flamma micat.* (O golpe fere antes que brilhe a chamma). *Pretium lavorem non ville.* (O premio do trabalho não é para ser desprezado).

Seguindo todo o rigor dos estatutos, os cavalleiros devem vestir beca de velludo encarnado, forrada de tafetá branco, e capa comprida de velludo purpurino, forrada de setim branco, tendo bordadas a ouro sobre o peito as insignias. Devem usar barrete de velludo carmezim, bordado a ouro, e pendente d'elle uma fita larga, que deve cahir pelas costas. Os sapatos e as meias são tambem encarnadas.

Teem o Tosão d'Ouro em Portugal os snrs. D. Luiz e D. Fernando, o actual presidente do conselho de ministros Fontes Pereira de Mello, e tiveram-o o snr. D. Pedro V e o marechal duque de Saldanha.

Os cavalleiros do Tosão d'Ouro teem entrada permanente na côrte de Hespanha.

Narciso Feio

Á SAHIDA DA MISSA

—

E' sobretudo na aldeia que a missa é uma solemnidade. Reunem-se ali os parentes e amigos, e no fim conversa-se um pouco, cá fóra, tomando-se ao mesmo tempo uma restea de sol.

Falla-se de tudo; de politica, de trabalhos agricolas; dão-se as novida-

des do dia; tratam-se negocios; murmura-se um pouco do proximo; ajustam-se os casamentos. Os namorados esperam as namoradas, com quem se retiram em amavel coloquio; emfim todos recolhem a casa satisfeitos, uns porque fizeram bom negocio, outros porque viram aquelles entes a quem mais estimam, estes porque conseguiram saber porque motivo a Josepha do Eido anda mais pallida, aquelles porque alimentam melhores esperanças depois que o mestre-escola lhes disse que o ministerio não podia sustentar-se muito tempo em cima.

Emfim a hora do sahir da missa tem encantos na aldeia. Na cidade não. Aqui desappareceu a poesia de todos os nossos usos. Somos uns entes prosaicos, fosseis. Mas na aldeia ainda ha a poesia singela, a poesia primitiva e adoravel dos campos.

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

(Continuação)

Deitavam o paciente sobre uma especie de leito, cavado no meio, que se fechava e cerrava á vontade, sendo atravessado por um varão de ferro, que, sustentando o corpo do padecente, lhe quebrava as vertebras com dôres incriveis.

A tortura do fogo era a mais horrivel. Acendia-se um fogo activo, ao qual se aqueciam as plantas dos pés do miseravel accusado, esfregando-as ao mesmo tempo com toucinho e outras materias penetrantes e combustiveis, e por este modo lh'as queimavam até elle confessar tudo o que queriam saber. Estas ultimas torturas duravam, como a primeira, por espaço d'uma hora e algumas vezes mais.

Quando o accusado era condemnado á tortura, conduziam-o a um logar destinado para esses supplicios, ao qual se dava o nome de *Casa dos Tormentos*. Era uma gruta subterranea, á qual se descia por uma infinidade de rodeios para que não podessem ser ouvidos os gritos dos infelizes. N'este logar de horror e despotismo não havia assentos senão para os inquisidores, que sempre se achavam presentes ao supplicio. Era alumiado pela luz de duas lampadas, cuja escassa claridade era bastante para fazer ver ao infeliz os instrumentos da tortura. Havia ali sempre um ou muitos verdugos, segundo era necessario, vestidos pouco mais ou menos como os penitentes ou farricocos, com uma samarra de olandilha preta, com a cabeça e rosto cobertos com uma especie de capuz, igualmente preto, com boracos nos logares dos olhos, nariz e boca.

Este espectro, mal entrava o padecente, o agarrava e despojava. Antes de lhe darem a tortura, os inquisidores exhortavam-o a confessar a culpa de que era accusado. Se persistia em negar, applicava-se-lhe a tortura a que era condemnado, por um dos tres modos que acabamos de descrever, a qual era algumas vezes tão violenta, que o padecente chegava a perder o animo e as forças, sendo necessario fazer entrar o medico da Inquisição para ver se elle a podia supportar por mais tempo sem morrer.

Quando o infeliz, á força de tormentos, chegava a dizer tudo quanto os inquisidores queriam saber, isto é, mentira e verdade indistinctamente, nem por isso ficava livre. Restava-lhe ainda soffrer uma segunda tortura sobre a intenção e o motivo que o haviam resolvido a fazer aquillo que elle confessara. Por exemplo: se um homem era arguido de ter casado com duas mulheres, ou uma mulher com dous maridos, se um religioso ou religiosa eram convencidos de ter casado depois de professar, ainda que evidentemente se conhecesse que o desejo de satisfazer uma paixão violenta ou de ceder ao interesse fôra o seu unico motivo, sempre se lhes dava uma segunda tortura para lhes fazer confessar se tinham crido que o matrimonio não fosse um sacramento, os votos não obrigassem em consciencia, ou que fosse impossivel guardar continencia. Se n'isto convinham, tinham ainda de soffrer terceira tortura para se conseguir a revelação de seus cumplices, ou d'aquelles que os haviam ajudado ou favorecido n'estes actos.

(Continua)

Á SAHIDA DA MISSA

O PASSADO

Era por uma d'essas formosas noutes do mez de maio, em que a natureza, ornada das galas da primavera, se ostenta graciosa e bella.

Na abobada celeste, um immenso cortejo d'estrellas, similhando carbunculos engastados em esmalte azul, bruxuleavam com luz tremula.

A lua, a rainha amavel das noutes, essa doce namorada dos poetas, mostrando o rosto ameno lá na orla extrema do horisonte, atravessava tremula e silenciosa um lindo ceo azulado.

A natureza, como que adormecida em um sonho d'amor, escutava em delicado extasi os cantos suavissimos do mavioso cantor da solidão.

N'essa noute de poesia e amor, a minha imaginação passeava comtigo, ó donzella, á hora pensativa do escurecer.

A tua elegante e seductora imagem surgia então a meus olhos como visão etherea, similhante ás apparições indecisas do poeta Ossian.

Teus labios formosos pareciam deslizar esse sorriso divino que illuminava a minha alma com o fogo sagrado da ventura.

Tua voz harmoniosa parecia soltar essas notas divinas que coavam a meus ouvidos como lingoagem do ceo.

Teus louros cabellos, fluctuando ao sopro da briza, tornavam-te ainda mais formosa do que as louras imagens de Richardson, ou as virgens vaporosas que o mimoso pincel de Murillo tão graciosamente debuxara.

Parecias-me formosa como a Castro de Camões, gentil como a Dido de Virgilio, terna e lacrimosa como a amante de Werter.

Era assim que eu te via n'essa hora excruciante da saudade, anjo dos meus sonhos!

Era assim que a tua saudosa imagem, baixando das espheras luminosas, vinha fallar a sós comigo nas horas afflictivas do meu intenso soffrer!

*

E que soffrer, meu Deus! Se de tantos encantos que me doiraram a existencia já nenhum existe!

A voz amiga d'um pae extremoso emmudeceu para sempre no silencio eterno d'um tumulo!

O vulto formoso d'uma mãe carinhosa acaba de finar-se na primavera da vida.

E tu, filho da minha alma, unico ente que podias juncar de flores os dias da minha vida, suavisar a minha existencia nas horas attribuladas do infortunio, abriste as azas formosas e foste occultar-te, finalmente, no seio infinito de Deus.

*

Pae, mãe, amante, tres entes queridos, extremosos todos, já não existem. E' triste!

E no meio da dôr que me dilacera a alma, por entre os soluços que me opprimem o peito, meus labios confusos apenas murmuram:

A fronte curva, abatida,
Os olhos fitos no chão;
Oh! Quem me dera o passado
E os louros annos d'então!

ABEL ACCACIO MOUTINHO

BENEDICTA

Benedicta, vem... escuta...
Timida, sempre és assim!...
Sempre amando, e resoluta
Para fugires de mim.

Creança dos meus encantos,
Com esses olhinhos teus
Hasde causar muitos prantos...
Em todos, menos nos meus.

O teu cabello cahindo,
Faz-me lembrar a palmeira;
A' sombra d'ella sorrindo,
Passava a existencia inteira.

A tua mão, qual encanto,
Do meu seio punha perto,
E em vez de tirar quebranto
Me enfeitiçava por certo.

Teu coração, á noitinha,
Não sinto qasi bater;
Lembra-me inquieta andorinha,
Que então vae adormecer:

A borboleta, os amores,
Que breve te vão cercar,
E os labios teus umas flores,
Que eu só devia orvalhar.

Os teus pesinhos mui breves
Saltitando aqui, além,
Ah! como sendo tão leves
Nas minhas mãos ficam bem!

Vaes enchendo o teu regaço
Das florinhas do jardim?
Prender deixas por meu braço
Este palido jasmim?

Agora estás mais bonita,
Vamos sentar-nos ali:
Quero que tu, Benedicta,
Saibas que gosto de ti.

Inda mais, se posso ver-te,
Contemplado o meigo ceo,
Ou quando vou suprehender-te,
Fitando um retrato meu;

Quando o estio da existencia
Te principie a queimar,
E quando a tua innocencia
Te quizer abandonar;

Então guarda o meu retrato
Junto ao seio com fervor,
Para que seja tão grato
Quanto contenhas amor.

Agora, vae, Benedicta,
Brincar no roseo vergel,
Leva a boneca catita
E o teu mano Raphael.

Vae... foge... pobre creança,
Innocente, tens rasão;
Roubar-te a loura bonança
Era não ter coração.

ALFREDO QUARTIN

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

IV

VIVER E GOSAR

(Continuação)

Possuia uma magnifica bibliotheca, e nunca abria um livro.

Era assignante de mil periodicos nacionaes e estrangeiros, e nunca os lia.

Era para mim um trabalho afanoso o ler! A felicidade da materia embota o espirito.

Quando occorria alguma circunstancia local notavel, que se referia á vida dos salões, ordenava que um dos meus escudeiros m'a lesse, ou algum dos meus amigos intimos.

Meu pae deixou-me de tal forma preparado o campo da ventura, que ás segundas feiras era obrigado a ir jantar em casa do marquez de C... amigo querido d'elle em vida, ás terças em casa d'outro, e assim successivamente quasi todos os dias da semana; jantares esplendidos, onde se desenvolvia a vida do grande mundo. Eu, em compensação, jantava ás quintas feiras em minha casa, e comigo muitos amigos meus, e que o foram de meu pae. Escusado é dizer que aquelles jantares eram uma especie de competencia em vinhos, em manjares e em luxo de mesa.

Nos jantares a que eu assistia em casa dos cavalheiros que foram amigos de meu pae, relacionava-me insensivelmente com mil e mil bellezas, bem como nas suas reuniões, e adquiria com ellas uma confiança *a priori*, o que era então de bom tom. Porém o mais singular, até para mim mesmo, era que nunca me fixava. E como podia fixar-me em alguma belleza, se o torvellinho do praser me arrebatava em suas azas de nacar e de rosa?

Levava já tres annos d'esta vida, tinha vinte e um, e não sabia o que era amar. Só sabia desejar e satisfazer o

meu desejo. Bem podia uma belleza de talento desenrolar diante de mim as manifestações do seu encanto e da sua intelligencia; era em vão. A minha alma não despertava para o amor do espirito; somente apreciava a mulher materialmente, não espiritualmente. Via somente e agradava-me n'ellas a formosura da biblica Eva, não a paixão e a intellectualidade de Carolina Coronado.

Começava a sentir alguma cousa de monotonia na vida, porque o praser tem tambem a sua monotonia, e decidi passar algum tempo em Cadiz. A sua posição no Oceano nada me impressionou, pois eu não sentia despertar a minha alma para admirar obras do Creador, como o crystal movel do mar e os navios cortando-o em todas as direcções; a graça especial de suas bellezas para exprimir as vibrações do amor, seduziu-me alguns mezes.

De Cadiz passei a visitar Sevilha e encolhi os hombros ao contemplal-a desde a Giralda; de Sevilha passei a Granada, e a Alhambra, entrelaçada na transparencia do ar pelos arabes, causou-me uma sensação fugaz. Tinha cerrada a minha alma a toda a admiração, tanto ás obras de Deus como ás dos homens.

De volta a Madrid, dediquei-me como antes á vida do grande mundo; porém começava já a aborrecer-me do Retiro e da Castellana, e procurei com meus amigos emoções novas, porém ruidosas.

Uma vez, passando na minha carruagem pela Cibelis, atropelei expressamente um agoadeiro e lancei-o por terra, partindo-lhe com uma roda uma perna; o agoadeiro cahiu, soltando gemidos como um urso das Asturias; a gente agglomerou-se em redor d'elle e a policia deteve a carruagem. Então eu arremessei uma bolsa com cincoenta onças, e gritei: *Para a cura*... E ninguem se lembrou mais de fazer parar a minha carruagem, e a gente ficou abençoando-me. Eis como é a sociedade; tem o coração na bolsa e a bolsa no coração.

Outra vez, na rua do Arenal, atropelei um menino. A nuvem de pó que se levantou foi immensa. Quantos gritos contra mim! Quantas imprecações! Sobre tudo a mãe parecia uma leoa. Então eu atirei uma bolsa com cem onças, dizendo as mesmas palavras: *Para a cura*... E todo aquelle mar irritado se aplacou; até sahiu o meu nome nos periodicos, como o da pessoa mais caritativa do mundo.

Outra vez, quando ás tres da tarde a concorrencia é maior do que em qualquer outra hora do dia na Carreira de S. Jeronymo, passeando eu com uns amigos pela calçada de Lhardy, dei com uma bengala na vidraça d'um estabelecimento de quinquilherias, os vidros e outros objectos vieram á rua.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

(Continuação)

LIV

O BRAZIL

Chegamos ao Brazil. Saudemos essa grande nação, irmã nossa, onde ouvimos fallar a mesma lingoa que nós fallamos, onde ainda muitas recordações que nos são caras nos fallam dos tempos em que aquelle paiz era um dos mais bellos florões da coroa portugueza.

Ponhamos porém de parte as reflexões e vamos passar em rapida revista um paiz que por tantos titulos se nos recommenda.

O Brazil é um vasto imperio da America do norte. Tem d'extensão 7,700:000 kilometros quadrados. Está limitado ao norte pela republica da Colombia, a Guyana e o Oceano Atlantico; ao sul pelo Paraguay, a Banda Oriental e o Oceano; a oeste pela Colombia, o Perú, a Bolivia, o Paraguay e a Confederação Argentina; a leste pelo Oceano. Os limites d'este imperio não estão ainda perfeitamente determinados.

A população não passa de 11 milhões de habitantes, que estão quasi todos estabelecidos á beira-mar, deixando o interior despovoado quasi. As costas apresentam uma extensão de mais de 5:200 kilometros e offerecem portos magnificos e bahias excellentes. Citam-se especialmente a bahia do Rio de Janeiro, a da Bahia e a de Santos.

Ao norte do Brazil encontram-se algumas cadeias de montanhas, que são ramificações das Cordilheiras. O interior do paiz offerece magnificos planaltos, que se elevam algumas vezes a 2:000 metros acima do nivel do mar.

As montanhas do Brazil separam a bacia do Amazonas da do Rio da Prata. Entre os rios principaes devem mencionar-se o Tocantins ao norte, o Paraná e o Uruguay ao sul. O S. Francisco é o rio mais importante do Brazil. Nasce ao norte, voltando para oeste, e precipita-se no Atlantico.

O Brazil contem muitos lagos. Durante o inverno as margens dos rios convertem-se em vastos pantanos. O lago dos Patos e o lago de Mirim, que communicam juntos, são os mais importantes.

O clima ardente debaixo dos tropicos, é temperado nos logares elevados acima do nivel do mar. As chuvas começam, sob o tropico, de maio a agosto, e ao sul do tropico de maio a outubro; no interior caem entre outubro e abril. Os terrenos pantanosos originam febres periodicas, perigosas para os europeus.

As florestas do Brazil produzem excellentes madeiras de construcção e de marceneria. Ha ali diversas especies de gommas, copahiba, madeiras de tinturaria, o tabahuga, que substitue a cortiça, o sapocaya, que é uma especie de estopa, varias qualidades de quinas, palmeiras, algodoeiros, a salsaparrilha, a ipecacuanha, o ricino, o mate e diversas plantas medicinaes. Cultiva-se ali com especialidade a mandioca, os cereaes da Europa, que se dão muito bem no sul, o café, a cana do assucar, a figueira, a vinha, a oliveira, o algodão, o anil, o tabaco, etc.

As riquezas do Brazil são muito consideraveis; o ouro abunda nas provincias do sul e a prata nas do centro. Ha tambem numerosas minas de ferro e iman; mas o cobre, o estanho e o mercurio são mais raros. Os diamantes do Brazil, os topasios, as amethystas e varias outras pedras preciosas das mais afamadas, encontram-se em muitas provincias. Tambem ha excellentes nascentes d'agoas mineraes e minas de sal gemma.

As florestas estão povoadas de enorme quantidade d'animaes communs á America; mas tambem ali ha um grande numero de crocodillos e diversas especies de cobras perigosas. O ar anda infestado de mosquitos e o solo está minado por grandes formigueiros, que são a desesperação dos lavradores.

Os cavallos selvagens tem-se multiplicado prodigiosamente no Brazil.

As tribus indigenas são ainda numerosas. Vivo, d'um caracter irritavel, o indigena defende a sua independencia com tenacidade. A escravidão foi abolida no Brazil em 1871.

(Continua)

UM HEROE

Em 1657 occuparam os hespanhoes a villa de Mourão, e foi Joanne Mendes de Vasconcellos reconquistal-a. Em quatro dias se rendeu.

O sargento-mór João d'Amorim apressára o rendimento da praça, apoderando-se de uma parte da muralha sem ter recebido ordem para isso. Joanne Mendes, que entendia que o que aos portuguezes faltava mais não era o valor, era a disciplina, julgou que o devia reprehender asperamente, e no calor da sua ira disciplinadora, fez ao seu subalterno o maximo elogio, dizendo-lhe que

o seu procedimento era altamente censuravel por haver dado um assalto «sem ter ordem e sem ter escadas.» Joanne Mendes revelava assim que esse acto de insubordinação fôra ao mesmo tempo um acto de heroismo. Por isso o sargento-mór respondeu serenamente:

—E' verdade, sem ter escadas; olhem que grande façanha seria se as tivesse! Sobre azeitonas quem quer bebe!

Joanne Mendes desatou a rir, e a censura terminou em um aperto de mão dado pelo chefe rigorista ao seu intrepido official.

HUYGHENS

O celebre sabio hollandez Christiano Zuglichem Huyghens era filho d'um ministro de Guilherme III, principe de Orange, e nasceu na Haya em 1629. A sua estreia na carreira das sciencias teve logar em 1656, em que apresentou á apreciação dos homens competentes notaveis trabalhos de geometria.

Em 1656 descobriu com o auxilio d'instrumentos por elle inventados um novo satellite de Saturno e em 1659 o annel que cerca o mesmo planeta. Os seus trabalhos não se limitaram porém a isto. Applicou o movimento do pendulo aos relogios, aperfeiçoou a mola real dos relogios e fez muitas outras descobertas de grande utilidade pratica.

Procurado por todos os monarcas da Europa, visitou a França, a Inglaterra, e foi chamado a Paris em 1655 por Luiz XIV, que o nomeou membro da academia das sciencias e lhe deu uma pensão consideravel. Foi em Paris que compoz a maior parte das suas obras mais importantes.

Voltou á patria depois da revogação do edito de Nantes e falleceu na Haya em 1695, depois de ter empregado os ultimos annos em trabalhos novos, fazendo muitas outras descobertas notaveis, especialmente em optica.

HUYGHENS

SPENSER

Spenser foi um celebre poeta inglez do seculo XVI. Era pobre, o que quasi se torna ocioso dizer tratando-se de um poeta de merecimento.

Tendo escripto um poema com o titulo a *Rainha Formosa*, foi procurar um lord riquissimo, um Mecenas que costumava proteger os poetas, mandando-lhe pelo criado o manuscripto e esperando na ante-sala a resposta.

O amigo principiou a ler o poema, e tendo lido apenas algumas paginas, gostou tanto, que, chamando o seu mordomo, disse-lhe:

—Leva trinta libras ao portador d'este folheto.

E continuou a ler.

D'ahi a pouco toca a campainha, vem o mordomo e diz-lhe:

—Leva mais trinta libras ao poeta.

Continuou a ler, e cada vez gostava mais. Tocou de novo a campainha; vem o mordomo e o Mecenas diz-lhe:

—Põe-me esse homem fora de casa, pois se continuo a dar-lhe libras em quanto leio, fico pobre dentro de pouco tempo.

—

BOA RESPOSTA

Perguntado um lacedemonio que arte sabia, respondeu elle:

—Ser senhor de mim.

ZIG-ZAGS

—

UM LETREIRO CURIOSO

Frederico III, o Pacifico, imperador da Allemanha, tinha por divisa as cinco letras vogaes, isto é, *a e i o u*. Queria dizer: *Austria est imperare orbi universo*, o que traduzido em portuguez significa: «Pertence á Austria mandar sobre todo o universo.»

—

CHARADA

—

Por minha morte o sol á flor desmaia— 1
Da Cytherea ave imito o canto— 2

Bate o mar Erythereo na curva praia,
A filha de Titan desfaz-se em pranto:
Mortal nenhum conhece já n'esta hora
Se prole sou das lagrimas da aurora.

—

Explicação da charada do numero 66:— Osso.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira, Mangualde, Benavente.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

II ANNO | PORTO, 22 DE DEZEMBRO DE 1881 | NUMERO 69

SUMMARIO

Texto.— Diogo Lopes de Sequeira — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Brazil — Uma procissão no Porto no seculo passado — No ceo (fragmento) por Costa Goes — Bom padre e mau prégador (poesia) por Ernesto — Os processos da Inquisição — A Hollanda — Uma historia extraordinaria — Violeta (poesia) por Eduardo Véras — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Agricultura, por Doutor Jayme — O meu gato maltez, por Silvina do Lago — Do uso e abuso das bebidas alcoolicas, por Narciso Feio — Bernardo de Palissy — Zig-Zags: Valor civico — Pensamentos do padre Antonio Vieira — Boa resposta — Problema — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— Diogo Lopes de Sequeira — Camponezes da Hollanda — Cães — Bernardo de Palissy.

DIOGO LOPES DE SEQUEIRA

DIOGO LOPES DE SEQUEIRA

Foi Diogo Lopes de Sequeira o quarto governador e capitão-mor que tivemos na India, quando as nossas armas, manejadas por homens habeis e dedicados á sua patria e ao seu rei, nos alcançaram territorios que depois perdemos por uma imperdoavel incuria. Um dos heroes que mais lidaram por conservar-nos aquelle padrão immorredouro das nossas glorias, foi pois aquelle, e os serviços que nos prestou na defensa d'aquellas conquistas que tanto e tão precioso sangue nos custaram foram os mais alevantados, que somente a posteridade poderá galardoar não esquecendo a memoria honrada do heroe e inscrevendo o seu nome nos fastos da historia portugueza.

Mas não foi só na India que Diogo Lopes de Sequeira deu mostras de alto valor e atilado juizo. El-rei D. Manoel commetteu-lhe varias expedições e de todas se sahiu briosamente. Deve especialisar-se a brilhante defeza da praça d'Arzilla, que o rei de Fez tinha cercado. Foi elle que em uma das suas viagens descobriu a famosa ilha de Sumatra.

Falleceu este illustre portuguez com sessenta e quatro annos d'idade, e jaz na villa do Alandroal, em uma capellinha da invocação de Nossa Senhora da Consolação, cuja imagem elle trouxera da India.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

LIV

O BRAZIL

(Continuação)

A capital do Brazil é o Rio de Janeiro, cidade de 400:000 habitantes, situada no fundo d'uma vasta e segura bahia, com um ancoradouro espaçoso e magnifico, e protegida por tres fortalezas, Santa Catharina, Villaganhou e ilha das Cobras. E' a cidade mais importante da America meridional. Industria florescentissima; commercio activo. E' o emporio principal do commercio, tanto o interior como o exterior do Brazil, e exporta todas as producções do paiz.

Divide-se em duas partes, cidade nova e cidade velha. Na primeira notam-se os palacios imperial e episcopal, a casa da moeda, os dous arsenaes, a cathedral, o theatro de S. Pedro, o aqueducto da Carioca, que tem perto de 2 kilometros d'extensão. Universidade, sociedades sabias, seminario, jardim botanico, etc. A cidade velha offerece ás vistas do viajante casas de miseravel apparencia.

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada pelos portuguezes logo em seguida ao seu estabelecimento n'aquella bella parte da America. Os hollandezes tomaram-a durante as guerras de 1635 a 1640; mas largaram-a depois da insurreição que poz no thrôno a casa de Bragança. Duguay Trouin saqueou-a em 1711; a familia real portugueza residiu ali desde 1808 até 1820.

As outras cidades importantes do Brazil são as seguintes:

Bahia, ou S. Salvador, 160:000 h.; segunda cidade do imperio, magnifico porto; muito commercio. Pernambuco, ou Recife, 120:000 h.; terceira cidade do imperio; porto muito commerciante. Pará, ou Belem, 35:000 h.; commercio activo d'exportação. Maranhão, ou S. Luiz, 32:000 h., na ilha do mesmo nome; bem fortificada. Olinda, 8:000 h., ao pé de Pernambuco. Desterro, 6:000 h., na ilha de Santa Catharina; muito fertil. Parahyba, banhada pelo rio do mesmo nome; commercio d'algodão, assucar, gommas e balsamos. Cidade da Fortaleza, na foz do Ceará; commercio de algodão e couros. Porto-Alegre, fundada em 1743. Rio Grande, porto abrigado; commercio de couros, carne secca, velas e linho. Santos; exportação d'assucar, agoardente, couros, toucinho. Ouro Preto (antiga Villa Rica); commercio com o Rio de Janeiro; nos arredores cultiva-se o chá com bom resultado. Petropolis (ao pé do Rio de Janeiro) fundada em 1844, para onde a côrte e as pessoas abastadas vão passar o verão. Aracajú, fundada em 1855.

Ha ainda mais de 500:000 indigenas selvagens no imperio. Os povos mais notaveis d'entre elles são: os tupis, sobre o rio Uruguay; os guanas, no Matto Grosso; os botocudos, em Minas Geraes; e os mundrucas, no Pará. Os guaranis e brazilienses são as principaes familias indigenas das terras de Santa Cruz.

O Brazil formava antes de 1829 onze capitanias geraes; hoje consta de 20 provincias, cada uma das quaes é governada por um presidente e tem uma assembleia provincial.

Quanto á extensão de cada provincia, e mesmo á do imperio, vamos dar aqui um calculo muito curioso, devido a um pachorrento amigo d'estatisticas.

O Brazil é igual a 16 vezes a França, ou a 99 vezes a Portugal.

Agora quanto ás provincias:

1.ª Amazonas:— Tres Austrias.

2.ª Matto Grosso:— Tres Turquias e uma Grecia.

3.ª Pará:— Duas Franças e dous terços da Inglaterra.

4.ª Goyaz:— Duas Inglaterras e meia.

5.ª Minas Geraes:— Igual á Austria.

6.ª Maranhão:— Superior á Hespanha.

7.ª Bahia:— Igual á Suecia e á Noruega.

8.ª Piauhy:— Um pouco superior á Inglaterra.

9.ª S. Paulo:— Igual á Inglaterra.

10.ª Rio Grande do Sul:— Mais de metade da Suecia e Noruega.

11.ª Paraná:— Meia Hespanha.

12.ª Pernambuco:— Quasi meia Inglaterra.

13.ª Ceará:— Mais de uma terça parte da Inglaterra.

14.ª Parahyba:— Superior a Portugal.

15.ª Santa Catharina:— Pouco inferior a Portugal.

16.ª Rio de Janeiro:— Superior ás duas Hollandas.

17.ª Alagoas:— Quasi igual a Portugal.

18.ª Rio Grande do Norte:— Quasi igual a Portugal.

19.ª Espirito Santo:— Igualissima á Grecia.

20.ª Sergipe:— Igualissima á Hollanda.

Imagine-se o que sería este grande imperio se a população correspondesse á extensão do seu territorio!

(Continua)

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

(Continuação)

Como os nossos leitores viram, fizemos preceder a descripção da procissão de Santo Antonio, que no seculo passado se fazia com o maximo esplendor no Porto, pela carta do nosso erudicto e prestimoso amigo o snr. Ricardo Pinto de Mattos, a quem mostramos a referida descripção para elle a completar com algumas noticias que por ventura soubesse com relação á confraria de Santo Antonio, erecta na egreja dos extinctos franciscanos.

Convem notar que foi igualmente um amigo nosso, curioso investigador d'antiguidades raras, que nos brindou com a descripção ou programma para a procissão, que se realisou em 1747, o qual foi o que o snr. Mattos viu. Mas deu-se o caso de que, depois já de escripta e principiada a publicar n'este jornal a carta do mesmo snr. Mattos, o nosso amigo encontrou tambem entre os seus papeis velhos a descripção da mesma procissão no anno anterior.

Como fazem differença entre si, vamos publical-as ambas, pela ordem de datas.

Devemos declarar que ambas correm impressas em folhetos; mas estes são rarissimos.

APPLAUSO PUBLICO
QUE AO
INSIGNE E PRECLARISSIMO LUSITANO
S. ANTONIO
PROTECTOR E TITULAR

Que o Officio de Tanoeiros da Cidade do Porto tomou por sua devoção, tributarão os seus Mordomos Antonio Soares Barbosa, Paulo Fernandes Vianna e Francisco Monteiro, á sua custa, e com algumas esmolas dos fieis no anno de 1743.

Dado á luz pelos Mordomos da mesma festa.

Porto; na Officina de Manoel Pedrosa Coimbra, anno 1743.

(Com todas as licenças necessarias)

—

No dia 23 de Junho se celebrou a sua festividade na Igreja dos Religiosos de S. Francisco com assistencia do Santissimo, Sermão, Missa cantada; e todas as mais demonstrações costumadas; e na tarde do mesmo dia foy levada para o Mosteiro das Religiosas da Madre de Deus de Monchique a Imagem do mesmo Santo com toda a pompa possivel, para haver de se formar do dito Mosteiro a Procissão Triumfal.

Na tarde de 24 do mesmo mez se publicou este triumfo pela figura da Fama, que vestida á tragica, e montada em hum cavallo acompanhada d'oito andarilhos bem vestidos com o som de muitas trompas, tymbales, e clarins depois de circular toda a cidade gravou em hum eminente mastro (que se levantou no terreiro dos Banhos) hum escudo, que a todos dava a entender a Festa, que se esperava no dia 28 do mez de Julho, a qual aqui se expressa para mayor clareza dos curiosos que a virem, ou a não poderem ver.

(Continua)

NO CEO!

—

(FRAGMENTO)

(Conclusão)

A leitura d'aquella carta, tristes recordações d'uns amores d'outros tempos, impressionou-me profundamente. Parece que uma nuvem de tristeza me sulcou as faces, deixando-me em completo abatimento. Magoas profundas me entraram de tropel no amago do coração, e senti estremecimentos inexperimentados percorrerem-me as veias.

As faces tornaram-se-me lividas; a voz intima da consciencia segredava-me em phrases mysteriosas o mal que praticara; tinha remorsos. Na imaginação, ainda ha pouco impregnada com os aromas embriagantes do theatro, e agora impressionada com as phrases sentimentaes e tristes d'aquella carta, havia um turbilhão de ideias desconjuntadas a que não sabia obedecer.

Um pensamento inquebrantavel, porém, veio pôr termo a tanto meditar.

Sahi; vagueei por algumas ruas quasi que ao acaso e parei por fim em frente d'uma porta. Tremia, vacilava sobre a resolução a tomar.

A dilia ostentava-se palida no horisonte e enviava á terra uns raios beatificos da sua luz.

Ergui o braço e bati tres pancadas, que resoaram na rua erma. Passados instantes, a porta rodou sobre os gonzos, e o mesmo homem que me entregara a carta ao sahir do theatro appareceu ao limiar.

—Veio tarde, me disse elle.

—Tarde! Porque?

—Ainda o pergunta?

E erguendo o braço apontou para o ceo.

—Morta! Eduarda morta!...

E entrei desesperado pela casa dentro até junto do leito de Eduarda.

Estava morta. Aquelle anjo de candura, guiado pela sua estrella funesta, succumbiu no leito da desgraça. Debrucei-me sobre o cadaver livido da minha amante e chorei; peguei na innocentinha, em minha filha, uma creança de dous annos e beijei-a; depois fui segunda vez chorar sobre o corpo inabalavel e gelado pelo sopro da morte. Só agora é que conhecia o grau de torpeza infiltrada em minhas acções e queria implorar o perdão d'aquelles labios inertes, sem vida, que tantas vezes se moveram para me pedir auxilio no desconforto! Implorava-o, porém, em vão. A existencia d'aquella mulher tão fortemente cruciada, tinha-se apagado de todo.

Vinha rompendo a alvorada d'um dia triste, chuvoso. N'esse dia, ao crepusculo, alongando a vista pela rua solitaria que se dirigia ao cemiterio, via-se o tremeluzir monotono das tochas e ouvia-se a toada cadenciosa da psalmodia. Era o enterro de Eduarda que ia passando.

Luiza, a minha filha, entreguei-a aos disvelos carinhosos d'uma senhora idosa, e mais tarde recebeu a instrucção em um collegio.

Eu, desde aquelle nefando dia, ia quotidianamente depor uma lagrima de saudade na campa fria d'aquella que em vida foi martyr do amor!...

....

Aos que me teem lido até aqui devo uma explicação. Nas parteleiras bibliothecarias d'um poeta, foi encontrado um livro manuscripto. Eram as suas memorias, escriptas dia a dia. Um trecho, pois, d'essas memorias foi o que eu reproduzi.

COSTA GOES

BOM PADRE E MAU PREGADOR
(AO MEU AMIGO V. BRANDÃO)

—

Era d'uma vez um padre
Idoso, mas bem disposto,
E um d'esses corações nobres,
Que o dizem logo no rosto.

Letras não tinha, mas obras
D'exemplo de caridade;
O padre n'essas vencia
Os d'aldeia e da cidade.

Morriam todos por elle;
—Lá co'o sôr padre Raymundo
Vamos nós, diziam todos,
Inté ó cabo do mundo.

Entretanto o «cão-tinhoso»
Não lhe passava essa espinha,
Que o démo não as perdoa
A quem direito caminha.

Espera chegue a quaresma,
E em disfarce de vaidade,
O «padre-leigo» a que prégue,
O «caréca» persuade.

E povo e mais povo entrando
(Nunca a ermida teve tanto)
A ouvir de Deus a palavra,
Dita pela boca d'um santo.

Na cadeira da verdade
Eis que o bom padre Raymundo
Ao povo attenções captiva:
Era thema o fim do mundo.

E já, de fervor subindo,
Eil-o diz: —Irmãos, agora
O castigo se avisinha;
Vae soar terrivel hora.

Vae-se ouvir o som tremendo,
Cumprir-se a voz do propheta;
Ora os mortos se levantam!...
Dos anjos soa a trombeta!

Palavras não eram ditas,
Torna o dito verdadeiro
Rija, ronca trombetada,
Que sólta occulto gaiteiro!

E como as tranquillas agoas,
Por comportas represadas,
Já se enrolam, precipitam,
Ao vêl-as despedaçadas;

Assim de roldão, o povo
A ermida prestes despeja;
Qual sem chapeu, qual sem capa,
Quaes feridos, e... salvo seja!

E o caso, que se divulga,
Do prelado, emfim, ouvido,
Trouxe ao padre, por sentença,
De prégar ser prohibido.

Cada qual para o que nasce;
Quem outro norte procura,
A espaços na vida encontra
Mau pesar e má figura.

ERNESTO

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

—

(Continuação)

Depois da tortura eram os reos reconduzidos aos horrorosos carceres que ha pouco descrevemos, nos quaes eram abandonados á sua desesperação e a tudo que tem de mais cruel a dôr dos supplicios que haviam soffrido.

Se com tantos tormentos nada se podia tirar d'elles, faziam succeder ás torturas o artificio e os laços. Introduziam com estes infelizes pessoas subornadas, que fingiam consolal-os e soccorrel-os, que passavam por presos e culpados como elles, que se indignavam contra a Inquisição, tratando-a de tyrannia insupportavel, do maior de todos os flagellos que Deus enviava aos homens para affligil-os, e por este modo o faziam cahir em laços tanto mais inevitaveis, quanto era mais difficil defender-se da amizade, da compaixão e dos serviços recebidos em males tão extremos.

Os inquisidores, pela sua parte, ajudavam estes artificios com todo o seu poder. Consolavam aquelles desventurados, fingiam estremecer-se de seus males, e a ouvil-os, parecia não quererem a sua perda, mas a sua conversão. A menor confissão feita em particular e na qual lhe promettiam guardar um segredo inviolavel, bastava, lhes diziam elles, para os tirar de tantas penas e fazer-lhes recobrar a liberdade.

O resultado de tantos enganos e artificios era que se o accusado sahia convencido na sentença dos inquisidores, ou pelas testemunhas ou por sua propria confissão, era condemnado, ou á morte, ou a prisão perpetua, ou a galés, ou a açoites, ou a qualquer outro castigo similhante.

Quando se não pode evitar uma morte cruel e ao mesmo tempo vergonhosa, o recebel-a quanto antes é uma especie d'allivio; mas este allivio, bem que triste, não se podia achar na Inquisição, que muitas vezes, depois da condemnação, demorava as execuções por um ou mais annos, afim de que, punindo ao mesmo tempo maior numero de culpados, fosse o seu supplicio mais horroroso e ao mesmo tempo de mais exemplo.

O espectaculo de muitos criminosos condemnados por este modo ao ultimo supplicio, sem respeitar sexo nem qualidade, confirmava, diziam os inquisidores, os povos na religião catholica. Que meio este de propaganda!

Os actos geraes da Inquisição, considerados aliás em toda a parte como uma simples execução de criminosos, eram por ella apresentados como uma ceremonia religiosa, na qual se davam provas publicas e estrondosas do zelo que se tinha pela religião, e é por isso que lhes davam o nome de *Autos da Fé*. Faziam-se ordinariamente em Hespanha quando os reis subiam ao throno, na sua maioridade, nos seus casamentos, ou pelo nascimento do successor da corôa, para que com isto fossem mais authenticos.

Como as ceremonias que se praticavam n'estas ocasiões eram pouco mais ou menos as mesmas em todas as partes, descreveremos somente uma. E' em Madrid que a scena se representa.

Um mez antes da execução geral, sahiam a cavallo com grande pompa os ministros da Inquisição, precedidos da sua bandeira, e assim marchavam em procissão desde o palacio do Santo Officio até á praça maior. Ali, perante uma multidão immensa de povo, publicavam ao som de trombetas e timbales que d'ali a um mez, em igual dia, se faria um auto de fé, ou execução geral da Inquisição.

Na mesma praça se levantou um tablado de cincoenta pés de comprimento, elevado á altura da tribuna destinada para o rei. Na extremidade e em toda a largura d'este tablado se elevava á direita da tribuna do rei um amphitheatro de vinte e cinco ou trinta degraos, destinado para o conselho da Inquisição e para os outros conselhos de Hespanha. Acima d'estes degraos se via, debaixo d'um docel, o throno do inquisidor geral, muito mais elevado do que a tribuna real. A' esquerda do tablado e da tribuna tinha-se levantado um segundo amphitheatro da mesma grandeza que o primeiro, onde deviam ser collocados os padecentes.

No meio do grande tablado havia outro mais pequeno, mais comprido do que largo.

(Continua)

CAMPONEZES DA HOLLANDA

A HOLLANDA

—

A Hollanda é actualmente um dos estados da Europa central, ao qual se dão ainda os nomes de Neerlanda e Paizes Baixos.

O territorio da Hollanda é excessivamente maritimo. Uma parte do seu solo foi conquistada ao mar, que, por outro lado, invadiu espaços outr'ora cultivados e habitados. O solo está quasi por toda a parte situado a sessenta centimetros, pelo menos, abaixo do nivel do mar, e foi por isso que deram ao paiz o nome de *Holl-land*, que quer dizer terra cavada. Alguns sitios, chamados *polders*, são terrenos formados por alluviões e situados de dous a cinco metros abaixo das marés vivas. Protegem-os diques e formam jardins, ou antes hortas, extremamente ferteis.

O mar, cujos limites antigos estão marcados por uma serie de ilhas, que, desde a ponta do Helder, segue a costa moderna até ao Weser, formou, por meio de invasões periodicas, um certo numero de cortaduras, ou golfos. O Dollart, ao norte, é o resultado d'uma innundação que em 1277 engoliu trinta e duas aldeias; o Zuydersée, ao noroeste, foi formado em 1225 por uma irrupção das agoas, que cobriram seiscentos kilometros quadrados de territorio. O lago Flevo communicava antigamente com o mar por um regato; o re-

gato tornou-se braço de mar e o lago ficou sendo um golfo. O mesmo lago communicava tambem outr'ora pelo golfo secundario do Y com um pequeno mar interior, o mar de Harlem, que, formado por uma innundação em 1531, tinha alcançado uma superficie de duzentos kilometros. Mas foi especialmente desde 1855 que a Hollanda attingiu maior extensão de territorio, o qual é hoje muito fertil e faz lembrar que os hollandezes não só poderam dizer ao mar: «Tu não irás mais longe,» mas ainda: «Tu recuarás.» E talvez não tarde o dia em que a charrua passe por cima do logar onde esteve o Zuydersée e o Dollart, como já aconteceu com o mar de Harlem.

A Holianda offerece ainda outra particularidade. E' que é a terra dos canaes. Ha-os para a dissecação, ha-os para a irrigação das terras, ha-os para a defensa do paiz, ha-os para a navegação. O mais notavel d'estes é o do Norte, que atravessa a Hollanda desde Amsterdam até ao Helder, em uma extensão de oitenta kilometros, quarenta e tres de largura e sete de profundidade, podendo navegar a par duas fragatas. Quanto aos que servem para a defensa do paiz, estão um pouco elevados acima do nivel do solo. Rompei os diques e o paiz ficará submergido e o inimigo afogado.

Tudo isto torna a Hollanda um paiz notavel, curioso e digno d'estudo, e não são por certo menos para admirar as qualidades apreciaveis dos seus habitantes, cuja industria activissima consiste principalmente na horticultura. E' proverbial o gosto dos hollandezes pelas flores, e com especialidade os jacinthos e tulipas.

UMA HISTORIA
EXTRAORDINARIA

(Continuação)

Quanto á menina sem nome, obrou proezas de valor, conservando-se escondida debaixo da outra aba da casaca

CÃES (*)

do gigante, onde nem sequer lhe chegou o cheiro da carnificina.

Terminado este memoravel combate, o gigante sacudiu a casaca, que ainda estava peguenha do contheudo dos ovos, e viu que a ella tinha adherido um dos cavallos do inimigo, o qual se entretivera durante o combate a roer-lhe os botões da farda, que eram feitos de miolo de trigo e reduzidos á consistencia de massa caustica por meio do processo da galvanoplastia.

Mas este contratempo, que a outro qualquer individuo teria causado serios embaraços, nada foi para o nosso heroe, o qual, agarrando com dous dedos no cavallo, o atirou pela janella fora, depois de o ter feito vomitar os botões, que já estavam convertidos em materia adstringente e supporifera.

Depois do que, sendo urgente porem-se ao fresco com a maior brevidade, entraram de cogitar qual seria o meio de sahirem e porem-se em logar seguro sem demora. Para alcançar a estação mais proxima do caminho de ferro, que era a de Terras do Bouro, tinham de percorrer cinco mil setecentas e oitenta legoas da medida velha, além de quarenta e duas mil jardas, medida ingleza, de travessia pelo canal interoceanico que communica Lourenço Marques com a serra da Falperra, e urgia subir ao monte Pedral para descer depois pelo hemispherio opposto ao cabo de Guarda-fui. O que tudo para outro qualquer mortal levaria sessenta seculos, quatro semanas e tres dias e um quinto, segundo os sabios calculos da sociedade geographica da Biquinha, onde se tratou a questão em successivas reuniões.

Para os nossos heroes, porém, era o caso muito differente; mas dando-se, como se dava, a circunstancia de terem atrás de si todos os regimentos de milicias de Vallongo, que constavam de trinta e sete officiaes e quatro soldados e meio, invalidos todos, urgia estudar o melhor meio d'escapar a tantas forças reunidas.

(Continua)

(*) Vid. pag. 67 e 356 do 1.º volume.

VIOLETA

—

Oh! roixa violeta,
Tão simples e bella,
Tão casta, singela,
D'aroma subtil!...
Que eu vejo no prado
Nas tardes formosas,
Nas tardes calmosas,
Nas tardes d'abril!

Oh! roixa violeta
No prado nascida,
Por lá escondida
Fugindo ao rigor
Da mão pequenina
D'uma camponeza,
Que vae, com certeza,
Colher-te sem dôr!...

Comtigo se enfeita
Formosa donzella
E ficas mais bella
Se possivel é.
E leva-te ufana
A joven trigueira,
Gentil lavradeira,
Pregada ao jaquê.

EDUARDO VÉRAS

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE
NO GRANDE MUNDO
IV
VIVER E GOSAR

(Continuação)

O dono e os caixeiros do estabelecimento sahiram immediatamente e agarraram-me.

—Quanto vale tudo isso? perguntei.

—Cincoenta mil reales pelo menos, me responderam.

—Está bem; tome vocemecê trinta mil, lhe disse, e ficamos em paz.

O dono tomou os trinta mil reales que lhe dei em notas, e começou a dizer bem de mim. Porém eu fil-o parar na ocasião em que ia a entrar em casa.

—Alto! lhe disse; se eu lhe paguei todas essas cousas que estão na vidraça, logo pertencem me.

—Quem o duvida? me respondeu.

—Pois então, prosegui eu, que as apanhem os espectadores. Dou-lh'as a elles; e indiquei a turba dos dandys que passavam e presenceavam a scena.

De repente, como um mar contido por um dique que irrompe, toda aquella *troupe* se precipitou a saquear o estabelecimento, e o dono e os caixeiros tiveram que afugental-os com trancas; houve muitos feridos, interveio a policia, e entretanto morremos de riso, tanto eu como os meus amigos, desde a entrada da calçada do Iris.

Outra vez, eu fui ao theatro Real; cantava-se a *Norma*; e quando a Gazzaniga estava na aria da *Casta diva*, comecei a atirar do meu camarote cousa de cinco mil pesos em pequenas moedas d'ouro, novinhas, todas de um duro, que cahiam na plateia como uma chuva deliciosa. Nos primeiros momentos houve no publico uma manifestação de reprovação; porém ao verificarem o que cahia, todos se calaram, e damas muito elegantes e homens todos muito cheios de sua aristocracia, todas e todos se dobravam a apanhar as moedas disputando-as como maná. A turba do *Paraiso*, ao tomar conhecimento do que se passava na plateia, rugiu furiosa como um furacão, e ali foi Troya; nem a Gazzaniga continuou a cantar, nem continuou a opera, porque a orchestra poz de parte os instrumentos para apanhar as moedas, e tudo concluiu como o rosario da aurora. Eis a sociedade; a mesma cousa tanto nas camadas inferiores, como nas suas mais elevadas; ouro, ouro e nada mais que ouro, e tel-a-heis miseravel a vossos pés.

Esta ultima loucura esteve para me custar cara, pois me começaram a metter em processo no julgado criminal do districto do Palacio. Então comprehendi bem aquellas palavras de meu pae no acto de morrer: *ficas muito bem recommendado nas altas regiões*, pois passados tres dias a voz de um deputado neocatholico resoou eloquente no parlamento, defendendo a minha estroinice, que tomava tanto corpo em Madrid em rasão das victimas, que se deploravam.

—«Como! dizia o deputado; não se atiram coroas e ramalhetes nos theatros? Pois que fez o conde d'Amarante, senão atirar outras flores não menos bonitas em uma chuva d'ouro desde o seu camarote celebrando a arte, a divinal musica?

Acaso atirou essa chuva d'ouro em onças ou em moedas grandes, que podessem ferir as pessoas? Não, senhores, não; e admiremos a sua exquisita previsão; procurou moedas de ouro de duro, e d'esta forma não ha que lamentar desgraça alguma, porque uma moeda de vinte reales *não magoa* ninguem, ainda que caiam d'onde cahirem (*applausos nos bancos*). Todas as feridas que se deploram, são de murros nos olhos (*risadas nas tribunas*) como se uns e outros se quizessem cegar... não sei porque. (*Mais risadas*). Além d'isso, senhores, eu comprazo-me em reconhecer que o publico do theatro Real é o mais escolhido e selecto de Madrid pela sua posição e elegancia; e ainda bem, porque esse publico não estava quieto, e immovel nas suas cadeiras e camarotes vendo cahir suavemente aquellas... aquellas cinco mil moedas d'ouro? Pois que! acaso vale alguma cousa um duro d'ouro, novinho, para que as nossas mais celebres beldades e dandys se *baixem* a colhel-os do solo que pisam? Ah! senhores, isso seria a baixeza das baixezas; (*risadas nas tribunas*). A verdadeira gravidade, a verdadeira educação, é olhar com desprezo para as moedas d'ouro, ainda que caiam sobre os joelhos ou sobre as botas. (*Mais risadas*). O senhor conde de Amarante, na sua admiravel educação, contava com o desprezo d'um publico tão escolhido, e só atirava os duros para que as senhoras, ao sahir do theatro, fossem pisando uma alcatifa de moedas d'ouro, e depois as recolhessem os barredores do theatro! (*Risadas duplicadas*). Precipitaram-se furiosamente sobre as moedas, contrariando a educação que haviam recebido; e d'ahi os murros e os atropellamentos que se lamentam! (*Vivos applausos e risadas nos bancos e nas tribunas*).»

(Continua)

SCIENCIA PARA TODOS

—

V

AGRICULTURA

(Continuação)

Mineraes, terras, vegetaes e animaes, eis as materias que entram na composição do nosso globo. Pela acção do ar, os mineraes convertem-se em terras e as terras produzem os vegetaes, que são os alimentos naturaes dos animaes. Estes ultimos voltam á terra e produzem os vegetaes, que servem de alimentação a novas gerações de animaes. Este circulo de existencia nunca é interrompido. O ar ou o gaz é a causa primaria d'estas differentes revoluções.

Para fertilisar um solo ingrato, é necessario lavral-o muitas vezes para multiplicar a acção do ar: urge cobril-o de estrume, o qual é composto de vegetaes e substancias animaes decompostas pela fermentação; emfim convem empregar os amanhos, que consistem principalmente na addicção de substancias calcarias. Como a fertilidade do solo, isto é, o seu principio de vegetação, se exaure pela continuação, o cultivador deve restituir ao solo, sob as differentes formas d'amanhos, o que lhe ha tirado das suas forças nutritivas; tem que recorrer para isso aos meios artificiaes.

Os principaes instrumentos empre-

gados para os trabalhos do solo são a charrua, a grade e a fouce, para os lavradores; a enchada, a pá e o alvião para os jardineiros.

Como a successão de plantas de raizes do mesmo genero enfraquecem em breve o melhor solo, varia-se o emprego d'ellas, fazendo uso alternativo dos cereaes, plantas de sacha e forragens. O trevo, o trigo, a fava, a aveia, a couve, formam o afolhamento mais conveniente para as terras fortes; o nabo, o feijão, a cevada, a batata, são os mais favoraveis para as terras leves.

Graças a esta variedade de sementeiras, obtem-se annualmente duas ou tres, e ás vezes quatro colheitas do mesmo solo sem o enfraquecer, sendo inutil deixar as terras em pousio. Geralmente semea-se o trigo em setembro ou outubro; a cevada semeia-se em abril e maio; a aveia em fevereiro e março. A aveia pura é a melhor alimentação para os cavallos. Cultivam-se ainda outras especies de grãos, como o milho, a cevada, etc. Nos paizes quentes cultiva-se em grande escala o arroz, que é uma excellente substancia alimenticia.

Distinguem-se mais de cem especies de plantas forrageiras, umas artificiaes, outras naturaes. Podem ser cultivadas juntas ou separadas segundo a natureza do solo ou á vontade do cultivador. As primeiras são a luzerna, o trevo, etc.; as segundas são mais numerosas; da-se-lhes a preferencia para as terras destinadas a pastagens.

As leiterias e queijarias são as partes mais essenciaes da economia rural. A manteiga é a parte oleosa do leite. O leite coalhado serve para confeccionar o queijo.

Ha casas de campo onde se criam até 500 vaccas de leite. A Suissa e a Hollanda são os paizes que teem as queijarias mais importantes.

Entre o gado grosso e miudo escolhem-se para a creação as especies que engordem o mais depressa possivel, que produzam a carne mais saborosa, a lan mais fina, etc. Do gado grosso o preferivel para a lavoura é o que tem as hastes medias; as especies de hastes curtas, as mosqueadas, são as que dão mais leite.

Os carneiros merinos fornecem a lan mais fina. Ordinariamente o melhor carneiro não tem mais de 6 kilogrammas de lan. A tosquia dos carneiros faz-se commummente em junho e contam-se os annos dos carneiros segundo o numero das suas tosquias.

Os cavallos, originarios da Arabia segundo se presume, recommendam-se pelos differentes serviços que prestam ao homem. Uns empregam-se na lavoura; outros são considerados como objectos de luxo. Uns fazem-se notar pelo vigor; os outros pela agilidade e delicadeza das suas formas. Depois do cavallo, o jumento distingue-se pela sua frugalidade e coragem. Mas o animal mais util ao homem é o boi. Vivo, presta immensos serviços á lavoura; depois de morto a sua carne é o alimento mais usual.

(Continua) DOUTOR JAYME

O MEU GATO MALTEZ

—

Tinha o pello tão fino, tão avelludado, tão macio!...

Uns olhos tão ternos, tão suaves! Ficava-lhe tão bem a colleira côr de rosa que eu lhe puz ao pescoço!... Era tão lindo o meu gato maltez!

Em casa ninguem mais sympathisava com elle, coitado! Diziam que elle era lambareiro, ruim... que sei eu!...

Pobre maltez!

Até minha irmã Elvira, ella que se diz tão minha amiga, embirrava com o pobre bichano. Agora os amores d'ella, é o Pomponet...

Um cãosito de raça franceza, de pello encaracollado... Um mimalho, um imbecil.

Um cão que passa a sua vida dormindo sobre as almofadas da cama d'ella. E então Elvira, que é uma rapariga de gosto—não é por ser minha irmã—atou-lhe ao pescoço uma fitinha azul com laço todo catita...

E dorme com elle; que nojo—dormir com um cão!... Eu era muito amiga do meu maltez; mas dormir com elle—Deus me defenda...

Desde que veio para casa aquelle delambido do Pomponet, o meu pobre maltez andava tão assustado, espantadiço! O menor ruido o fazia erguer a espinha dorsal, que se arqueava como o lombo d'um camello; erriçava a cauda, abatia as orelhas, arregalava os olhos, e entreabrindo a bocca, soltava um buffo colerico...

Pobre animal!

O outro então, o miminho, esse andava pela casa —como quem padece de dôr de pedra, enodoando todos os tapetes, transformando a casa em cascata e elle em repucho...

Um dia encontraram-se os dois: o meu maltez erriçou o pello, buffou; era o signal de guerra, era o repto, era a luva que elle havia arremessado. Pomponet, como todos os covardes, olhou para elle cynicamente, soltou um rugido e passou... Maltez porém não ficou satisfeito e záz, atirou-se a elle.

O indolente Pomponet não fez menção de se defender; apanhou, soffreu as unhadas que o maltez lhe corrêra sobre o lombo, e só quando o agressor, por um resto de compaixão, suffocou a sua colera, é que elle ganira a chamar por soccorro.

Elvira appareceu logo, como os pilhas dos jornaes nos logares de sinistros.

Então é que foi! Nunca vi a Elvira assim... Que o seu Pomponet estava ferido! (dizia ella). Que aquelle gato era um tigre, que era uma vibora!

Que era preciso desfazerem-se d'elle.

E poucos dias eram passados, já o maltez não estava em casa!

Para onde irias tu, pobre animal, minha companhia de ha quasi um anno!

Depois do José Corrêa, só o meu gato me fez palpitar o coração! Que paixão eu sinto por elle!... As noites que nós passavamos brincando na varanda! Que de segredos eu lhe confiava! Elle era a minha alegria, a minha inspiração, a minha vida!...

E hoje, que o não vejo, não posso passar um momento, um só momento, sem n'elle pensar!

Agora o vêem, meus senhores: vieram pedir-me um contosinho original, uma filigrana literaria perfumada e bordada de sublimes ideias, e eu apresentei um clarão pallido da tristeza que me vae n'alma! Um esboço rapido dos amores que tive, da paixão que tenho pelo meu maltez!

Pobre bichano!...

....

Tinha o pello macio como velludo e trazia uma colleira côr de rosa.

SILVINA DO LAGO

DO USO E ABUSO DAS
BEBIDAS ALCOOLICAS

—

As bebidas espirituosas causam uma irritação no estomago, que se patenteia com dôres e calor d'este orgão; a isto segue-se a inflamação e ás vezes gangrena. Além da doença local que produzem, obram estas bebidas sobre os nervos do estomago, que, communicando com o cerebro, produzem a insensibilidade e estupidez.

Alguns paizes ha que, comprehendendo a degradação causada pela embriaguez, estudam os meios possiveis para a occultar.

Os indios de Venezuella curam as bebedeiras da seguinte forma:

Cosem tres rãs, cujo dorso tenha uma côr castanho-escura e os musculos rosados; põem-as em maceração durante tres dias no liquido que o bebado mais goste. Ao fim dos tres dias dá-se o liquido a beber. Algumas horas depois sobrevem symptomas insolitos, contra os quaes nada se faz, e que fazem

tome um tal horror ás bebidas, que nunca mais torna a beber.

O livro *O alcool e o tabaco*, por Mr. B. Riant, trata profundamente esta importante questão, e seria conveniente que se traduzisse, fazendo-se uma edição economica.

NARCISO FEIO

BERNARDO DE PALISSY

Quando no numero 66 demos a biographia do celebre artista Bernardo de Palissy, dissemos que chegou a mandar quebrar toda a sua mobilia para com essa lenha alimentar os seus fornos. E' este assumpto que a gravura representa.

BERNARDO DE PALISSY

ZIG-ZAGS

VALOR CIVICO

Depois da morte d'el-rei D. Fernando, intentando o rei de Castella apossar-se de Portugal, e havendo já entrado no reino á frente d'um poderoso exercito, alguns senhores portuguezes, esquecidos da lealdade que deviam á sua patria, se submetteram ao castelhano e lhe entregaram algumas praças que tinham em sua guarda. Estava a ponto de fazer o mesmo o alcaide-mór de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãe, D. Brites de Moura, mulher de singular virtude e de coragem superior ao seu sexo, sendo informada do intento do filho, veio procural-o e lhe fallou d'este modo:

—Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguiram na lealdade e fidelidade á patria. Se vós intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, que não quero eu sobreviver á vossa infamia. Escolhei pois: ou a honra, ou a minha morte... Servi a patria, combatei os inimigos, morrei digno de ser meu filho.

Gonçalo Vasques deixou-se mover das energicas palavras de sua mãe e persistiu na lealdade que devia.

Não foi esta a unica ocasião em que as mulheres portuguezas deram notavel exemplo de coragem, valor e patriotismo.

PENSAMENTOS DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. Passando da infancia á puericia, morre a infancia; passando da puericia á adolescencia, morre a puericia; passando da adolescencia á juventude, morre a adolescencia; passando da juventude á verilidade, morre a juventude; passando da virilidade á velhice, morre a verilidade; e finalmente acabando de viver com tantas mortes, morre a velhice.

—Na casa ou familia, que é uma republica pequena, e na republica que é uma casa ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda, e a sujeição dos que obedecem estejam concordes.

BOA RESPOSTA

Perguntado um lacedemonio porque deixava crescer tanto a barba, respondeu:

—Para todas as vezes que vir as minhas cans, não obre cousa alguma indigna d'ellas.

PROBLEMA

Certo individuo perguntou a outro a idade que tinha e elle respondeu-lhe:

—Se aos annos que tenho juntar outros tantos, obterá um numero cuja raiz cubica é 4.

Qual era a idade d'elle?

EXPLICAÇÃO da charada do numero 67: —Perola.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira, Mangualde, Benavente.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

II ANNO | PORTO, 28 DE DEZEMBRO DE 1881 | NUMERO 70

SUMMARIO

Texto: — Taborda — Sciencia para todos: Agricultura, por Doutor Jayme — Lyra (poesia) por Ernesto — Uma procissão no Porto no seculo passado — A familia (excerpto) por Camillo Castello Branco — O berço, por Gabriel Claudio — Bibliographia, por A. Vieira Lopes — O telescopio — Um romance intermittente e rapido — Pascal — Soneto, por Silvina do Lago — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Brazil — A ordem de S. Bento d'Aviz — A Scandinavia — A aves caçadoras — O Natal — Zig-Zags: Palladio — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Taborda — A descoberta do telescopio — Pascal — As aves caçadoras.

TABORDA

TABORDA

—

O Taborda! Quem não conhece esse typo unico, o rei da gargalhada entre nós?

Dá-se com o actor Taborda um phenomeno raro, que não é predicado ahi de qualquer João Fernandes, e é que, sendo o homem mais serio d'este mundo, sendo a seriedade em pessoa, não ha em Portugal quem tenha feito rir tanto como elle.

Se isto não é um privilegio que a natureza lhe concedeu e que só a poucos escolhidos ella tem dispensado, então não sei que seja senão um phenomeno raro, que torna aquelle sujeito em questão um verdadeiro phenomeno vivo.

A individualidade artistica de Taborda assenta pois n'este principio: só elle sabe fazer rir. Só elle sabe fazer vibrar a mola oculta que faz irromper as multidões em gargalhadas francas, homericas e genuinas, que são como a aureola gloriosa da sua fama d'artista inimitavel.

Dos processos com que consegue tudo isso só elle tem noticia; ninguem mais os sabe; são desconhecidos ao resto da humanidade. Porque no theatro não desce ás truanices nojentas, ou aos esgares de palhaço, que teem perdido tanto actor soffrivel, e cá fora é um excellente chefe de familia, um bom amigo, um cidadão exemplar em pontos de honra e seriedade.

D'onde vem pois aquella qualidade extraordinariamente rara de saber despertar a mola da hilaridade sem recorrer aos processos já sabidos, gastos e postos de parte por todo o actor imminente?

E' claro que Taborda possue em grao subido um dote que é um privilegio especial da Providencia, e é a esse que deve o grande talento que o distingue e o eleva á altura de primeiro actor portuguez.

SCIENCIA PARA TODOS

—

V

AGRICULTURA

(Continuação)

A creação dos porcos faz tambem parte da economia rural, e offerece ao agricultor intelligente um manancial abundante de producções.

A sollicitude do agricultor deve ainda estender-se a uma infinidade d'outros objectos; a capoeira, o pombal, os cortiços, os viveiros, são outras tantas minas abundantes, que elle deve saber explorar com vantagem. Os vegetaes offerecem-lhe recursos para a fabricação de licores agradaveis, que, nos sitios onde falta o vinho, servem para reparar as forças debilitadas pelo trabalho. Em Portugal, Hespanha, França e outros paizes, a vinha é um dos primeiros ramos da cultura e a estação das vindimas é talvez a quadra mais divertida do anno.

Ordinariamente uma herdade comprehende um jardim-pomar, onde crescem indistinctamente os arbustos fructiferos, as flores, etc. A horta é onde ha as couves, de que ha muitas variedades.

A arte da jardinagem é um dos ramos mais productivos e agradaveis dos trabalhos agricolas. Além dos pomares, das hortas e outros compartimentos destinados ás arvores e plantas uteis, costuma haver tambem o jardim propriamente dito, onde crescem as flores, cujos variados matizes tão agradaveis se tornam á vista.

Chama-se horticultura a parte da sciencia agricola que tem por fim tornar mais productivas as plantas destinadas ás nossas necessidades ou ao nosso recreio. Esta parte occupa-se sobretudo da jardinagem. E' uma sciencia nova, por assim dizer, mas que tem produzido os melhores resultados nos paizes mais adiantados, como a França e Inglaterra, onde se celebram amiudadas vezes exposições e se distribuem premios, que são incentivo para o aperfeiçoamento da industria agricola, nos seus variados e infinitos ramos.

Entre os gregos e romanos a arte da jardinagem tinha attingido um grao de prosperidade muito consideravel. Os egypcios, especialmente, compraziam-se em desenvolver uma grande magnificencia na horticultura. Cita-se o jardim de Cleopatra como um modelo do genero. Os jardins suspensos de Semiramis eram uma das sete maravilhas do mundo.

O jardineiro florista carece d'uma certa delicadeza de raciocinio para saber combinar os diversos effeitos que um bosque, por exemplo, deve produzir. A Inglaterra é a patria dos mais afamados jardineiros.

Foi por meio da horticultura que as fructas d'uma parte do mundo foram divulgadas e cultivadas n'outros climas, aos quaes eram totalmente estranhas. As fructas mais deliciosas, como o pecego, a pera, a cereja, o melão, o ananaz e muitas outras, são productos exoticos que a arte ha naturalisado nos nossos climas.

Foi assim ainda que a arvore do pão foi transplantada das ilhas do mar do Sul para as Indias orientaes, e que a maior parte das especiarias, originarias das Indias orientaes, estão hoje naturalisadas nas Indias occidentaes.

(Continua) DOUTOR JAYME

LYRA

(Á EX.^{ma} SNR.^{a} D. AMALIA AUGUSTA FERNANDES)

—

Se tu me queres a teus pés prostrado,
Ufana de me haveres já rendido,
Ou já em mudas lagrimas banhado,
Volve impiedosa,
Volve-me os olhos,
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
Dize-me, ingrata,
Dize-me:—Eu quero!
Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meus,
Porque minha alma tanto em vão suspira,
Dize-me, ó bella,
Dize-me:—Eu te amo!
Basta uma vez!

ERNESTO

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

—

(Continuação)

FÓRMA DA PROCISSÃO

Dous homens a cavallo vestidos á cortezãa, que levarám arvoradas humas bandeiras de seda encarnada. A da mão direita dirá «Jam Christum chorus humilis alacrius in jubilo collaudet, in quo Sacerdos nobilis Antonius de veritate gaudet.» E a da outra parte: «Sono tubæ, tympano, chythara, psalterio, cymbalisque Deum choro, chordis, organo, laudat in Antonio mystice cor meum.» Ex officio Eccles.

Apparecerá logo a figura da Fama vestida á tragica de belas cores acompanhada de seis andarilhos vestidos de seda, e alguns clarins, e tymbales, levará hum estandarte, e nelle dará a entender ser Santo Antonio paraiso delicioso, donde dimanão os melhores gostos, e alegrias; assim como do terreal Paraiso corrião por toda a terra as melhores affluencias divididas em quatro rios; e no escudo a letra: «Fluvius egrediebatur de loco voluptatis, qui inde dividitur in quatuor capita.» Gen. 2. 10.

Seguir-se-ha hum Navio, que nadando sobre as agoas mostrará ser Santo Antonio rio mystico, que fertelizou a terra racional com a luz clara do seu agigantado espirito: «Fons, qui crevit in fluvium, & in lucem, solemque conversus est, & in aquas plurimas redundavit.» Esther 10. 6.

PRIMEIRA ORDEM

Hum carro, que significará o rio Fizon, que passa por Babilonia, levará

adiante alguns homens vestidos á moda d'este paiz, Trompas, e no eminente huma figura, que denote este rio: «Nomen uni Phison.» Gen. 2. 11.

Cidade do Porto montada a cavallo vestida de armas brancas com seus andarilhos, convidando aos mais preclaros luminares para os applausos de Santo Antonio, levará em o escudo as suas armas com esta letra: «Laudate eum Sol, & Luna, laudate eum Stelae.» Psalm. 148. 3.

Sol vestido de cor de ouro levará no rosto hum resplendor brilhante, em huma mão um cetro com dous rayos, e hum escudo: «Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol.» Eccles. 27. 12.

Lua vestida de branco no rosto hum resplendor de Estrellas; em huma mão hum cetro, e na outra hum escudo: «Quasi Luna plena in diebus suis lucet.» Eccles. 27. 12.

Estrella vestida de azul celeste coroada de flores, e ricas perolas com huma estrella na testa, na mão huma flor, e na outra hum escudo: «Quasi Stela matutina in medio nebulae». Eccles. 50. 6.

(Continua)

A FAMILIA

(EXCERPTO)

Na aurora dos tempos ligou Deus a humanidade pelo nó instinctivo e providencial que vincula a natureza physiça e moral dos sexos. A base e o modelo de todas as sociedades é a familia. A humanidade, em toda a sua extensão, é uma mesma familia embalada no mesmo berço, e filha do mesmo pae. A terra e o céo são o seu patrimonio commun, emquanto, victimado á paixão d'aquella, o homem se não desherda da propriedade celestial, que a redempção lhe grangeou no reino eterno.

A mais habil legislação é aquella que, dirigindo a grande familia constituida em nação, melhor soube deduzir a lei dos principios que regem a familia individual e particular.

A palavra *familia* resume o complexo de virtudes sociaes e nobres instinctos que engrandecem o homem e lhe dão ao espirito esses maravilhosos attributos que a historia do christianismo nos faz admirar nos seus lances heroicos, na sua magestosa philosophia. Os doces liames da familia são a candura nas affeições, que não se esvaem com o tempo; são sacrificios espontaneos e agradaveis, que não cançam o coração do pae dedicado ao filho: é o affecto de mãe, fervorosa de ternura, que estabelece a extremosa sociedade de irmãos, fomentando o amor fraternal entre os seus filhos. A providencia não deu aos homens mais dulcificante vida que a dos laços de familia, se consideramos a humanidade no que ella tem de melhor, temporalmente fallando.

O amor da mãe é o raio mais ardente que se irradia d'aquelle fóco de amor de familia. Ao seu calor levedam-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice de um pae lá germinal-os. As lagrimas são raras no homem: e essas poucas estimuladas pelos affectos do coração e pelas paixões violentas da alma, não seriam bom exemplo para filhos. Mas a mulher, anjo das lagrimas, quando é da sensibilidade, essa chora sempre, e faz chorar os que a contemplam com os olhos innocentes e vendados ainda para as impurezas que endurecem o coração e atrophiam a sensibilidade. Não estão n'esta lastimavel situação seus filhos, que aprendem o melindre, a meiguice, os sentimentos ternos na ternura de sua mãe, no melindre d'aquellas sensações e na meiguice que aformoseia suas lagrimas. E de todo este complexo de alegrias e tristezas domesticas, gera-se o fogo que alimenta, uma luz perenne no altar do amor. A palavra *familia* symbolisa a suprema das venturas mundanas, o sacrario mysterioso onde se divinizam as grandes virtudes, que depois se apresentam á luz da publicidade, no commercio do mundo, para serem admiradas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O BERÇO

Expliquem-me, se souberem, a existencia inverosimil e inexplicavel de certas attrações?

Ella era uma excellente rapariga, natural e simples, laboriosa e honesta.

Não invejara nunca a riqueza, a elevada posição social, os triumphos mundanos, a formosura das outras mulheres, e mantinha ácerca da sua propria belleza a mais absoluta e desdenhosa de todas as indifferenças.

Filha de um amanuense, vivendo na contingencia restricta d'uns tristes vinte mil reis, que não suppriam metade das iniludiveis exigencias de uma familia que não podia em rigor prescindir de uma casa para habitar, de um jantar todos os dias, e de dois ou tres vestidos todos os annos, Henriqueta estava de antemão talhada para esposa de um amanuense, de um alferes, de um escrevente de tabellião, ou de um pharmaceutico rural.

Alguns similares d'esta modesta galeria apresentaram-se, desfilando successivamente, ora ao longo das naves da egreja de S. Mamede, onde Henriqueta ouvia a missa do meio dia, ora ao longo da calçada do Salitre, onde ella residia, ora pelas ruas do passeio, onde a familia do amanuense ia ás vezes, aos domingos, sacudir as sombras da pobreza,—essa intoleravel e martyrisante pobreza da classe media, forçada pela caracterisação imposta ao seu personagem a representar o papel de abastada, tomando uma refeição gratuita de musica, poeira, arvores e sol municipal.

Até então, porém, nenhum d'esses bellos exemplares aperfeiçoados, de risca apartada ao meio, chapéo de côco, ou banda á cinta, tinham conseguido, a despeito do fogo latente que esparrinhava em fagulhas de seus olhares abrasados, provocar o incendio e espelhar no distraido iris dos grandes olhos scismadores de Henriqueta uma imagem triumphante.

Os paes assistiram surprehendidos á serie de derrotas amorosas, resultantes da attitude inexpugnavel do inimigo, e, convictos, em resultado do bom senso pratico adquirido na lição rude da experiencia, de que um casamento pobre é ainda menos supportavel do que um celibato indigente, applaudiam-se.

Um domingo de setembro, o amanuense, que recebera gratificação de uns serões extraordinarios, propoz-se levar a familia á feira de Belem.

Amanhecera um formosissimo dia de outomno: no céo, de um azul lavado, esfumavam-se pequeninas nuvens, brancas e diaphanas como flocos de espuma; o vapor, completamente cheio, resvalava serenamente, como um enorme passaro de azas abertas, abrindo no mar transparente, de um verde esmeraldino, faiscante dos raios do sol, um listrão de neve. Henriqueta, risonha e encantada, aspirava sofregamente a aragem matinal que encrespava o Tejo, desmanchando-lhe o cabello sedoso e louro, e, infantilmente, entretia-se a seguir a digressão alada das gaivotas, que immergiam no mar, erguendo-se depois em largos vôos e sacudindo ao sol as pennas molhadas.

Na proa, um rapaz loiro, de chapeo redondo, descaido na nuca, e cigarro atraz da orelha, tocava guitarra.

Um commentario indignado, allusivo á vida airada dos fadistas, feito pelo amanuense, despertou a curiosidade de Henriqueta, que fitou de relance o guitarrista.

Elle, bamboleando-se, e traçando a perna premida na calça estreita, de boca de sino, não despegava os olhos da formosa rapariga.

Ao caír da tarde, o amanuense levou a familia ao theatro, e em seguida mimoseou-a com a contemplação dos prodigios, exhibidos a pataco, e conduziu-a por ultimo,— um dia cheio mette-se em casa e em relação áquelle votara-se por algumas horas a um completo desprezo a palavra economia, á barraca do Lima.

O homem da guitarra não os perdera

de vista, seguira-lhes os passos, e cambaleante sob a alcoolica pressão de uma garrafa de aguardente, entrou na barraca e foi assentar-se na meza fronteira.

Por duas ou trez vezes o casto e sereno olhar de Henriqueta cruzara-se com o olhar vitreo, audacioso, sensualmente avinhado, do fadista.

Horrorisada, experimentando o nojo que desperta nas almas puras a ostentação do vicio, Henriqueta sentia ao mesmo tempo a attracção de aquelle olhar, como a fascinação do abysmo.

Então, passou-lhe pela cabeça um estranho sonho.

Pensou que seria divinamente bom regenerar aquella prevertida mocidade, levantar do lodo onde se afundava lentamente a flor azul d'aquella alma e restituil-a, presa de uma paixão immensa, aos honestos jubilos da virtude, ás purificantes commoções do amor e da familia!

Arrastada por essa doida e perigosa utopia, que desvaira ás vezes de subito as mais bem organisadas cabeças, holocausto obscuro e inglorio, que tantas existencias sacrifica, Henriqueta deixou imprevidentemente tomar posse da sua vida esse funesto amor, que deveria desatar todos os laços, murchar todas as florescencias e apagar todas as alegrias da sua risonha mocidade.

(Continua)

GABRIEL CLAUDIO

BIBLIOGRAPHIA

—

Romances do lar, por Alberto Carlos F. d'Oliveira, com um prologo por J. Simões Dias.

1 vol. em 8.º Porto, 1881.

As letras patrias acabam de ser honradas com mais uma nova e notabilissima producção litteraria, cujo titulo deixamos acima indicado, e que é devida ao engenho do nosso talentoso amigo, o snr. Alberto Carlos.

Este moço, que se infileirou ainda ha pouco no numero dos nossos homens de letras, apresenta-se já com tal distincção, que lhe grangeou os encomios d'aquelles, que são por tantos titulos considerados não só como os mestres da lingoa, mas como exemplo a seguir na boa contextura dos seus trabalhos.

Possue indubitavelmente o snr. Alberto Carlos uma imaginação de fogo, uma alma ardente e ao mesmo tempo melancolica, e um coração sensivel e enthusiastico, manifestando grande disposição para colorir e animar, com o genio do pintor distincto, os quadros da vida humana, que elle tão bem sabe descrever, como se tivesse encanecido no estudo philosophico dos grandes problemas sociaes.

Este livro, de que o snr. Alberto Carlos nos acaba de offerecer um exemplar, foi editado pela acreditada casa dos snrs. Clavel & Comp.ª, editores de obras em que somente transparece verdadeiro e legitimo merecimento; contem dous mimosos romances, um sob o titulo de *Jorge de Castro*, e o outro sob o de *Um poeta*, e é precedido d'uma carta-prologo do snr. Simões Dias, em que este cavalheiro, bem conhecido tambem na republica das letras, classifica este livro como uma obra «despretenciosa e por isso attrahente, delicadamente escripta e por isso appetecivel, recheada de excellente moral e por isso recommendavel, producto d'um espirito culto e d'um coração bondoso, e por isso reveladora d'um grande merito.»

Nunca nos passou pela mente fazer a analyse critica da excellente publicação do snr. Alberto Carlos, porque isso seria de certo superior ás nossas forças, pois que esse encargo delicado pertence a pessoas mais competentes e experimentadas; tivemos em vista apenas desejar e contribuir para que a preciosa publicação d'este cavalheiro, tambem auctor da *Escóla realista e a moral*, das *Impressões aos dezeseis annos*, dos *Anhelos e devaneios*, e da formosa poesia *A' memoria de José Cardoso Vieira de Castro*, fosse bem conhecida entre nós, porque, como muito bem diz o snr. Simões Dias, este livro «se não é uma obra d'arte, que lhe abra as portas das academias, é uma auspiciosa estreia que não envergonha o seu talento, nem deve produzir-lhe remorsos no futuro.»

A. VIEIRA LOPES

O TELESCOPIO

—

Lipershey era um oculista que vivia no seculo XVII em Middleburgo, na Zelandia. Tinha dous filhos, um rapaz e uma rapariga, os ques, estando um dia no estabelecimento do pae a brincar com uns bocados de vidro, notaram uma cousa singular, e era que, pondo duas lentes, uma concava e outra convexa, uma diante da outra, e olhando por ellas para a torre da egreja proxima, a viam mais perto.

Foi esta a origem da descoberta do telescopio; mas Lipershey não conseguiu o privilegio d'invenção que pedia aos estados geraes da Hollanda.

A gravura representa a scena das duas creanças brincando com os vidros, na officina de Lipershey.

A DESCOBERTA DO TELESCOPIO

UM ROMANCE INTERMITTENTE
E RAPIDO

—

Bernardus erat nomen ejus.
Aliquis.

I

Bernardo era o seu nome. Não d'estes nomes raros, meigos, que fallam ao coração e se infiltram na alma; mas era bombastico e como tal attrahente.

Eu, pelo menos, sou um acerrimo admirador d'estes nomes assim. Que encantos na pronuncia de Bernardo!

Sente-se uma sensação deveras agradavel ao demorarmo-nos na primeira syllava... parece que vae de *carrinho*...

Mas emfim cá estava eu a expor as minhas opiniões ácerca de tal nome, sem me lembrar que os gostos são mui relativos; e animado por estes dous dedos de cavaco, ia-me desviando do assumpto.

Era pois Bernardo o seu nome.

E esta, hein? Está-me a dar a tentação de continuar a mostrar o praser que sinto ao pronunciar *Bernardo*. Mas acabemos por uma vez com considerações a proposito do sobredito cujo.

Supponho que é um nome como outro qualquer, supponho até que lhe não acho encantos a mais do que nos outros, e fazendo um esforço para não papaguear mais a respeito do nome, vamos á pessoa.

Bernardo era... mas nada, não era, não posso, não quero continuar a chamar-lhe Bernardo, aliás o romance ficará no tinteiro.

Com permissão d'um bispo qualquer, e attendendo a que em negocios de romance, não irá grande duvida em fazel-o, vou chrismar o nosso heroe, chamando-lhe Anacleto. Ah! Anacleto sim, é menos dado a considerações; que ainda assim, aquelle saltinho que a lingoa dá na pronuncia de *clé*, encerra em si muita cousa de admiravel... Não quero ainda Anacleto: tenho medo de mim mesmo, ao lembrar-me que começava a tecer algum elogio á syllava *clé*.

Esquadrinhemos um nome que nada encerre digno de attenção. Seja por ex: Thomé... mas este ainda tem seus quês; aquelle *mé*... final... Nada, já vejo que estou hoje infeliz com a escolha de nome para o meu protogonista... Ah! espera...

> Cesse tudo quanto a antiga musa diz,
> E chame-se-lhe Luiz.

Custou, mas foi.

Luiz era pois um rapaz bonito, robusto, alegre, nedio e de um genio *pombatico* (seja-nos licito innovar alguma palavrinha)... Poder-se-ia applicar-lhe francamente a phrase popular: E' um rapaz tirado das encolhas.

II

Era em um poetico dia de maio, á hora em que o mavioso cantor das selvas soltava alegre as suas mais amorosas canções, em que a briza ciciando por entre a folhagem do arvoredo dava mil beijos na flor, em que o espirito deixa este mundo de enganos e se engolfa na mais concentrada meditação, em que... em que... etc. A esta hora, pois, o nosso homem, depois de ter soffrivelmente engraixado as botas, penteado o cabello, escovado o fato, e de ter dado duas ou tres graciosas voltinhas junto ao espelho para se convencer de que ia *chic*, rapa d'um classico charuto de vinte reis e desce paulatinamente os degraos da escada. Chegado que foi á rua, accende o charuto, delicadamente encaixado na boquilha, e eil-o que se dirige para o arraial.

III

E a musica da terra fazia as delicias dos seus admiradores, e o *Zé Pereira* não lhe ficava atrás, e as fogaças e as cavalhadas e os descantes populares não ficavam a dever nada ao *Zé Pereira*.

PASCAL

IV

Entretanto o povo ia recolhendo a penates, intimamente satisfeito com os festejos do dia. Formando a rectaguarda, e por tanto fechando o prestito, caminhavam dous racionaes em passo de procissão, segredando mil cousas.

Eram Luiz e Jeronyma.

E' novo personagem no nosso romance esta Jeronyma: figura bonita que ella era!... E o nome?...

Oh! O nome, esse, dava um poema.

Sem a descrevermos physica e moralmente (porque, francamente, não temos habilidade para descrever mulheres) diremos só que era mulher e como tal inclinada ao amor. E que amor o que ella dedicava ao seu Luiz! Não era amor; era loucura.

Até lhe chamava o seu *Lulu*!

V

E ao sahir da egreja, depois de recebidos?!...

Elles eram repiques de sinos, elles eram foguetes, elles eram confeitos e amendoas em tal quantidade, que o nosso noivo houve por bem deixar a descoberto a parte concava do chapeo e assim obteve um exito feliz, porque a encheu!

VI

CONCLUSÃO

Lua de mel excellente, e depois... *c'est fini*.

PASCAL

Blaise Pascal nasceu em Clermont, no Auvergne, em 1623. Foi seu preceptor seu pae, que era um homem de bastante saber. Foi maravilhosa a maneira como estudou as mathematicas. Aos deseseis annos compoz um tratado de secções conicas e aos desoito inventou uma machina arithmetica para a simplificação dos calculos.

Esta invenção gastou-lhe muito tempo, alterando profundamente a saude do sabio.

Diz-se que foi elle que inventou a prensa hydraulica. Torricelli já tinha feito experiencias ácerca do vacuo; Pascal viu-as e executou-as tendo apenas vinte e tres annos. No Puy de Dome, em Rouen e em Paris fez experiencias barometricas, demonstrando claramente que os effeitos que até então se attribuiam ao horror do vacuo são causados pelo peso do ar. Alguns annos depois descobriu, achando-se doente com uma forte dôr de dentes, a solução do problema proposto por Marsenne, e contra o qual haviam naufragado todos os esforços dos mais habeis geometras. Tratava-se n'aquelle problema de determinar a linha curva que descreve no ar o eixo d'uma roda quando ella gira no seu movimento ordinario.

Pascal escreveu obras que lhe deram fama; a mais importante são as *Cartas Provinciaes*, a que escriptores notaveis como Boileau e Voltaire fizeram inteira justiça. Não obstante serem condemnadas pelo Indice em Roma e queimadas pelas mãos do carrasco, as *Cartas Provinciaes* serão sempre uma das primeiras obras da lingoa franceza.

Pascal, minado por uma doença antiga, falleceu em Paris em 1662, contando apenas trinta e nove annos de idade.

SONETO

(A EDUARDO VÉRAS)

—

Que fizeste da tua gargalhada,
Para onde se mudou tua alegria?
Tu vaes entristecendo dia a dia...
Eu vejo a tua fronte anuviada...!

Pois tu cobres de crepes a alvorada,
Que te illumina o ceo da poesia,
Com uns lyricos versos a—Maria,
A quem chamas perjura e loira amada!...

Creança! Pobre vate idealista!
Não és da nova eschola realista;
E's novo e és antigo trovador!...

Hoje presta-se culto ás mulheres
Mas como um instrumento de praseres...
Pois já passou de moda o serio amor!

Silvina do Lago

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

IV

VIVER E GOSAR

(Continuação)

E não se creia que n'aquella minha acção de atirar no theatro Real cinco mil duros em moedas d'ouro, plagiasse algum personagem das novellas inverosimeis, porque d'estes rasgos já eu os tive em creança, tenra idade em que ainda não tinha lido nem visto cousa alguma: eram ingenitos em mim, pois aos oito ou nove annos, quando minha boa mãe me levava pela mão ás romarias do paiz, eu fazia por collocar-me ao lado das canastras das rosquinhas de Mellide, que algumas mulheres levavam para vender, e tomava um punhado e o atirava ao ar, para que cahisse em um grupo de lavradores e lavradeiras, que dansavam a *muñeira*, ficando muito satisfeito vendo como se desfazia o baile em seus periodos algidos. A condessa Amalia gosava com as minhas risadas infantis e satisfazia carinhosamente os quatro ou cinco duros, que eu fizera de gasto ás vendedeiras de roscas. Porém uma tarde tantas atirei desde uma altura, que houve completa borrasca de cabeçadas entre os moços e as moças que dansavam e os pequenos que se metiam de permeio a apanhar as roscas por entre as pernas entrelaçadas dos bailadores; uma ou duas raparigas foram derrubadas; a um rapaz saltaram os dentes com uma bofetada, e quatro pequenos ficaram esmagados. Minha boa mãe reparou taes inconvenientes com grandes esmolas; porém prohibiu-me desde então aquellas minhas diversões, de destruir com um *punhado de roscas* tanto amor, tanto enthusiasmo e tanta vida como superabundava nos grupos dos dansadores da *muñeira*. Tal é a sociedade; o mesmo em suas camadas mais baixas, como nas suas camadas mais altas; tudo n'ella é relativo.

A proposito d'este ultimo acontecimento, dizia no parlamento o mesmo deputado neo, que me defendia:

—«E vós, senhores deputados, vituperarieis o ceo, se em um d'esses impulsos de infinita bondade, fizesse chover sobre vós, agora mesmo, não cinco mil duros em moedinhas d'ouro, mas sim cinco milhões? Impossivel! E' verdade que a gravidade com que me ouvis desappareceria n'esses momentos dados e que a todos, a todos, não seria dado permanecer immoveis nas suas cadeiras e sahir do congresso com os bolsos vasios, deixando essa chuva d'ouro para os varredores; porém eu creio, eu reconheço, eu affirmo que, não por soffrer a sonoridade d'essa chuva, vos resolverieis contra o Olympo, ou o Deus que a enviasse! (*Olhares de estupor entre os deputados; algazarra infernal nas tribunas: o presidente agita-se na sua cadeira como um condemnado, lançando uns olhares de fogo para o orador, para o tecto e para as tribunas*). Desde que nascemos, oh illustres paes da patria! desde que nascêmos, não nos ensinam senão a correr atraz do ouro debaixo de todas as formas mais accentuadas da sciencia, da arte, do officio, da industria, e até da religião... todos os nossos afans utilitarios e profissionaes não teem mais do que um unico objectivo (ouro e mais ouro); quando esse maná nos cae como um orvalho em moedinhas de duro, bellas, luminosas e inoffensivas, mesmo em meio das nossas mais *sonoras* distracções, como a opera, devemos mutilar a mão de Jupiter e não nos deixarmos seduzir por elle como Daphne? Quem resistirá á força poderosa d'essa seducção? Fallae! fallae! Contradictae-me, em nome de Deus! (*Todos os deputados pareciam apatetados: o presidente deixou-se inclinar até aos pés: só as tribunas silvavam como as locomotoras de dupla tracção, como querendo dizer*: «Isto não tem replica, apaga e vamo-nos embora.)»

Graças ao discurso do deputado neo, a cousa não proseguiu. E' verdade que houve controversias na imprensa e nos circulos sobre o fundo d'este discurso, sublevando-se a *opinião official* contra elle; porém tal é a sociedade; quando lhe põem diante um espelho e se vê tão feia, fal-o em pedaços. Visitei depois Valença e Barcellona com a mesma indifferença, e de Barcellona embarquei para Civita Vecchia e Roma. Roma! Essa cidade que tanto diz á religião, á politica, á historia, ás artes, a tudo: Roma, esse esqueleto da antiga sociedade, e esse *mytho* da capitalidade da sociedade moderna, que dizia á minha alma? Nada. A minha vida era puramente material, e Roma é uma cidade de recordações e de esperanças; eu não tinha que recordar, que esperar nada em Roma, pois em todas as partes tinha centro e em nenhuma circumferencia ou termo.

(Continua)

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

LIV

O BRAZIL

(Continuação)

Descoberto em 1500 pelo portuguez Pedro Alvares Cabral, o Brazil foi ao principio um logar de deportação para Portugal. A colonisação começou em 1531. Pouco depois os hollandezes conquistaram-nos quasi todo aquelle riquissimo territorio; mas os indigenas expulsaram-os em 1654 e os portuguezes entraram de novo na posse do Brazil.

Quando nós o possuiamos, ciosos das nossas conquistas como os hespanhoes das suas, não permittiamos que ali entrassem estrangeiros; mas em 1809 o Brazil foi aberto a todas as nações. As suas regiões mais afastadas foram exploradas habilmente; as tribus indianas acercaram-se mais da civilisação; o commercio tomou um grande incremento. E' para sentir entretanto que a exploração das minas de diamantes seja um monopolio da coroa. A agricultura desenvolve-se diariamente; abrem-se fabricas importantes; numerosas vias-ferreas cortam os desertos e vencem as distancias que separam as cidades importantes. A população, emfim, duplicou depois de 1808.

Não foram só os hollandezes que nos disputaram a posse do Brazil. Foram tambem os hespanhoes e os francezes. Os ultimos tentaram de balde estabelecer-se em Pernambuco em 1531 e no Rio de Janeiro em 1555. Esta cidade tornou-se capital do Brazil em 1773. Quanto aos hespanhoes, que chegaram a armar dous navios, commandado um por Pinzon e outro por Americo Vespucio, para nos arrebatar aquelle territorio, fundavam as suas reclamações em uma bulla pontificia datada de 4 de maio de 1493, que lhes concedia todas as terras situa-

das ao sul e a oeste d'uma linha meridiana que passasse a 400 kilometros das ilhas de Cabo Verde, comtanto que ellas não estivessem já occupadas por um principe christão. A linha de demarcação foi fixada a 1:480 kilometros das ilhas de Cabo Verde.

Os portuguezes nem por isso deixaram de continuar a estabelecer fortes e missões ao correr do rio Amazonas, dando á terra que occupavam o nome de Brazil, que designava a côr especial do pao chamado pao Brazil, ou brazilete, que se emprega na tintoraria.

Quando a côrte de Portugal teve necessidade, em virtude da invasão franceza, de fugir do reino, foi residir no Rio de Janeiro, e a sua retirada, em 1821, foi o signal da proclamação da independencia. Os brazileiros fizeram jurar solemnemente uma constituição a D. Pedro, filho de D. João VI. Portugal era então igualmente perturbado por dissenções intestinas. As côrtes portuguezas proclamaram uma constituição, pertendendo tornal-a applicavel a um tempo a Portugal e ao Brazil. Os brazileiros defenderam a sua, e D. Pedro, tendo recusado obedecer á decisão das côrtes, foi proclamado principe regente constitucional e defensor perpetuo do Brazil, em 1822. Pouco depois era aclamado imperador constitucional e a separação do Brazil era um facto consummado.

Mas o novo imperador era a um tempo ameaçado pelos portuguezes e por um forte partido republicano, e as dissenções interiores debilitavam ainda o seu poder. Portugal viu-se emfim obrigado, em 1825, a reconhecer a divisão effectuada.

A morte de D. João VI deu a seu filho D. Pedro a coroa de Portugal; mas como o Brazil se oppozesse á reunião dos dous estados, D. Pedro renunciou á coroa de Portugal, abdicando em sua filha D. Maria da Gloria, que depois reinou sob o nome de D. Maria II. D. Miguel, irmão de D. Pedro, oppoz-se a sua sobrinha, o que obrigou o imperador do Brazil a abdicar em seu filho D. Pedro II, para voltar a Portugal. D. Pedro, o novo imperador, contava sete annos apenas quando subiu ao throno em 1831; mas, apesar das desordens que assignalaram a sua menoridade, soube conciliar tão bem os direitos da coroa com as instituições democraticas, que o imperio não cessou de distructar uma paz muito vantajosa para o seu desenvolvimento.

(Continua)

A ORDEM DE S. BENTO D'AVIZ

Quando mais accesa andava a guerra com os sarracenos, o rei D. Affonso Henriques instituiu, para defensão dos seus estados, uma milicia de cavallaria a exemplo da dos templarios, a qual no começo foi conhecida pela denominação de Ordem Nova. Combater pela fé, pela patria e pelo rei, tal era a sua missão. Por dever tinha de seguir a regra de S. Bento e d'entre si elegiam os differentes dignitarios da ordem.

Dizem alguns, mas não é ponto assentado, que D. Pedro Affonso, irmão bastardo do rei, fôra o primeiro mestre. D'elle contam que, cortado de desgostos, e já gasto pelo mundo no anno de 1165, se recolheu ao mosteiro de Alcobaça, e que no mestrado da ordem lhe succedeu Gonçalo Viegas, filho do famoso Egas Moniz.

Foi no seu tempo que no sitio chamado hoje da Freiria, na cidade de Evora, conquistada havia pouco, se erigiu a primeira egreja da ordem, a qual começou então a intitular-se Ordem de Evora, ficando portanto sujeita á de Calavatra. E só no reinado de D. Affonso II, separando-se d'ella, se estabeleceu em Aviz e d'ahi tomou o nome.

Com grandes proezas tem esta ordem perpetuado, atravéz dos seculos, o glorioso nome do fundador.

Os que hoje cospem injurias no velho Portugal, que para ahi jaz prostrado, abraçando-se aos brazões de passadas glorias coberto de ouropeis e farrapos, esquecem-se das grandezas de esforço do destemido soldado da idade media.

Tinha robustez de crenças, vontade resoluta e força. A defeza da patria era seu culto, derramar por ella o sangue dever que orgulhava a todos.

D'esse modo explica-se, a nosso ver, o cuidado do primeiro rei portuguez em alliar com a fé o heroismo, firmando assim a sua auctoridade.

A vassallagem prestada ao papa e a fundação da primeira das ordens militares que Portugal teve, confirma o nossó dizer.

Dando foraes ás terras que conquistava, creando assim os municipios, satisfazia o seu bom povo; deu á egreja immunidades, reservou para fidalgos a dianteira nas correrias, que n'esses tempos não dormiam elles nos ocios encostados aos pergaminhos.

Assim satisfez a todos, e captivou vontades D. Affonso Henriques, que era grande na guerra e tambem muito atilado na paz.

A SCANDINAVIA

Os geographos antigos davam o nome de Scandinavia aos territorios da Suecia e Noruega, reunidos, mas cujos limites lhes eram pouco conhecidos, e que elles consideravam como formando, com as ilhas da Dinamarca, um archipelago do Oceano Glacial, ou *mare Tigrum.*

Este archipelago comprehendia no tempo de Plinio e Ptolomeu quatro ilhas principaes, porque a profundidade dos golfos ou desfiladeiros (*fiords*) que cortavam as costas, os faziam tomar por estreitos. Essas ilhas eram: Nerigon, que é a Noruega meridional; Bergi, a Noruega Septentrional, onde está Bergen; Scandia, a parte da Suecia chamada Scania, e Dumnos, que se pensa ser a Dinamarca, cujo nome antigo era *Daun-Mœre.*

Quatro povos principaes habitavam estas ilhas. Eram: os hillevions, nação importante, comprehendendo quinhentas tribus e a unica conhecida dos romanos no tempo de Plinio; os guthes, jutes, ou gothes, que deixaram o seu nome á Gothia, ou Jutlandia; foram estes povos que cobriram mais tarde o mundo barbaro e o mundo civilisado de numerosos bandos, o que fez com que se desse á Scandinavia o nome de *laboratorio das nações*: *officina gentium;* os svions, cujo territorio durante muito tempo foi conhecido pelo nome de Sueconia (Suecia); os sitons, separados dos precedentes pelo monte Sevo (Dophrines), e que, sendo governados por mulheres no tempo de Plinio, foram chamadas Amazonas do norte.

Todos estes povos foram reunidos em uma só nação por Odin, principe de origem cimmeriana, que uns auctores dizem ter vivido no seculo II antes de Christo, ao passo que outros o fazem contemporaneo e alliado de Mithridates, fugindo diante da conquista romana.

Davam a Odin os nomes de Woden e Wuotan, na antiga lingoa do norte. Era o primeiro dos deuses, segundo as mythologias germana e scandinava.

O mundo estava creado antes da apparição de Odin, cuja genealogia se acha no *Edda.* Segundo a mythologia dos antigos povos do norte, o culto d'Odin distinguia-se por uma sombria profundidade e sobreviveu muitos seculos ao paganismo romano. O christianismo quasi que só foi introduzido n'aquellas regiões pelo seculo XII; mas a Noruega conservou por muito mais tempo as suas antigas tradicções.

E' em dous poemas reunidos sob o nome de *Eddas*, que encontramos os melhores esclarecimentos ácerca da mythologia scandinava. Esses poemas foram compostos pouco tempo antes da adopção do christianismo.

O homem, ou para melhor dizer o principio da vida, sahiu do espirito do gelo derretido pelo espirito da luz, *Muspelheim.* O primeiro homem chamou-se *Imer.*

(Continua)

AS AVES CAÇADORAS

Ha em todos os mares aves que se occupam em andar á caça dos peixes. Em algumas partes são aguias; em outras, uma especie d'aguias tambem, chamadas albatrozes, grandes aves aquaticas; e uma das grandes curiosidades que estes animaes offerecem é a especie de lucta que se estabelece entre elles e os peixes grandes, como os tubarões, que não raras vezes lhes disputam a preza e saem vencedores d'esta lucta desesperada.

E' uma scena d'estas que a gravura representa.

Dous albatrozes lançam-se sobre um peixe que vae correndo para mergulhar na agoa; mas de repente surge um enorme tubarão, que, de boca hiante, espera o triste peixe, que lhe vae ahi cahir.

E' sempre a sorte dos pequenos, dos fracos. Se escapam d'um inimigo, vão morrer ás mãos d'outro. A questão é que não escapam; tinha de ser, como dizem os fatalistas mouriscos, que algumas vezes teem rasão.

AS AVES CAÇADORAS

O NATAL

Esta palavra é abreviatura de Emanuel, que quer dizer *Deus comtigo*. O Natal é, segundo a tradicção christã, o anniversario do nascimento de Jesus Christo.

E' certo que nem mesmo os primeiros christãos conheciam o dia do nascimento de Christo. Foi no seculo IV que o papa Julio I interrogou os doutores da egreja, com o fim de fixar o dia d'esse anniversario notavel, e sem prova nem fundamento solido, concordaram em marcar o dia 25 de dezembro.

E' d'uso entre os catholicos dizer tres missas no dia de Natal, a primeira á meia noute, a segunda ao romper d'alva e a terceira ao ser dia; mas o mais usual é dizerem-se todas em seguida. A *missa do gallo* esteve em grande voga entre os nossos avós.

Na sua piedade singela, os antigos tinham imaginado fazer figurar nas solemnidades religiosas do Natal personagens vestidos a caracter, representando um S. José, outro a Virgem e outro o menino Jesus. Durante a missa o povo cantava hymnos festivos e em algumas partes até havia dansas.

Em todos os paizes christãos, e especialmente entre os protestantes, o Natal é uma grande festa para a creanças.

ZIG-ZAGS

PALLADIO

Dava-se este nome antigamente a uma estatua de Pallas, deusa da guerra, que tinha na mão direita uma lança e na esquerda uma roca e fuso. Tinha d'altura tres covados.

Jupiter derribou aquella estatua no paiz de Ilium, onde Ilus lhe fez edificar um templo e prestar-lhe honras divinas.

O palladio era o salvaguarda de Troya. Assim, Ulysses e Diomedes procuraram apoderar-se d'elle. Mas parece, segundo o dizer de varias tradicções, que havia dous palladios, sendo um só o verdadeiro.

O que arrebataram Ullysses e Diomedes era o falso, ao passo que o verdadeiro, recolhido por Eneas, foi por elle transportado para a Italia, onde ficou sendo conservado como uma preciosidade no templo de Vesta.

CHARADA

Entre os dons de Lyeu em lauta mesa
Assim pratica o que se diz pollido —3
Não deixe de o fazer o que se preza
Do mal alheio triste e condoido —1

E' doçura no meio da tristeza,
Ou antes sentimento indefinido;
Socio fiel de quem está distante
Da patria, amigos, da familia amante.

Resolução do problema do numero 69: — Tinha 32 annos.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira, Mangualde, Benavente.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 5 DE JANEIRO DE 1882 — NUMERO 71

MANOEL FERNANDES THOMAZ

SUMMARIO

TEXTO:— Manoel Fernandes Thomaz — Sciencia para todos: Agricultura, por Doutor Jayme — A Scandinavia — Noute de estio (poesia) por C. Maxima de Figueiredo — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Uruguay e a Confederação Argentina — Uma procissão no Porto no seculo passado — Bertha — A lenda das neves — O conde d'Amarante (romance) — O berço, por Gabriel Claudio — Scena da vida (poesia) por Ernesto Pires — O theatro chinez — Os processos da Inquisição — Em um album (poesia) por Jayme de Seguier — O negro e o espelho — Zig-Zags: Um alho — Boa resposta — Problema — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Manoel Fernandes Thomaz — A leitura na estalagem — O negro e o espelho (4 gravuras).

MANOEL FERNANDES THOMAZ

—

O nome do homem representado na gravura que hoje pomos diante dos olhos do leitor andará sempre vinculado estreitamente á historia do systema liberal entre nós.

Manoel Fernandes Thomaz foi um dos illustres fautores da revolução de 1820, revolução que foi o primeiro grito d'alerta para a implantação das ideias novas em Portugal.

Sabe-se o que era o systema absoluto e como elle abusou em Portugal d'um poder que só se impunha pelo terror. Mas havia mais. E' que convinha oppor um dique á torrente avassaladora da Inglaterra, que ia fazendo d'este reino uma colonia sua.

Fernandes Thomaz collaborou n'essa obra, e collaborou do coração, com uma firmeza de principios, com um ardor de crenças, cuja recordação será para sempre um nobre estimulo ao sagrado amor da patria, que tão alheio anda hoje dos peitos portuguezes.

Nascido na Figueira em 30 de julho de 1771, formado em leis pela universidade de Coimbra, occupou cargos elevados, que sempre desempenhou com honra e distincção. Em 1817 foi nomeado desembargador da relação do Porto. Membro da junta provisoria organisada em seguida á revolução de 1820, foi eleito deputado ás côrtes, distinguindo-se como orador fluente e escriptor consciencioso, em uma epoca em que as ideias e as paixões se degladiavam fortemente, desvairando talentos aliás robustos.

Falleceu Manoel Fernandes Thomaz em 19 de novembro de 1822, deixando implantada a formosa arvore da liberdade, que outros collegas, menos felizes do que elle, regaram com o seu sangue.

SCIENCIA PARA TODOS

—

V

AGRICULTURA

Conclusão

O chá, cujo monopolio a China guardou durante muito tempo, dá-se hoje muito bem no Brazil. A batata, que nos dá uma alimentação tão substancial e bemfeitora, e que só no principio d'este seculo foi conhecida na Europa, é originaria do Perú. A macieira veio-nos da Asia Menor; foi importada na Europa pela primeira vez pelo anno 500 antes de Christo.

Assim o homem aperfeiçoa tudo aquillo que cultiva. Por meio do enxerto muda o caracter da arvore, manda-lhe que produza novos fructos e ella obedece; graças ao habil amanho das terras e á feliz escolha das sementes, alarga os limites do reino vegetal, enriquecendo-o com novos thesouros.

Para promover os progressos da arte agricola, animando os trabalhos individuaes e divulgando os beneficios da agricultura, ha em todas as nações civilisadas sociedades agricolas, granjas-modelos, e os felizes resultados de taes estabelecimentos teem posto uma immensa barreira entre nós e os nossos antepassados.

Cincoenta ares de terra bastam para a subsistencia de 3 ou 4 pessoas. Nos paizes ainda estranhos aos beneficios da agricultura não se conta mais de 1 homem por 64 hectares de terra e é com difficuldade que elle ahi pode viver. Basta isto para nos mostrar o triumpho da arte sobre a natureza, fazendo-nos apreciar o valor do saber.

Os cavallos consommem uma quinta parte das producções totaes do paiz. Um por outro, cada homem, mulher ou creança consomme por dia 11 onças de sustentação animal, ou 125 kilogrammas por anno, o que representa em substancia animal o producto de 2 acres de terra. Os mesmos 2 acres, semeados de batatas, dariam 88:000 kilogrammas por acre, e por consequencia 220:000 kilogrammas de batatas por dia em todo o decurso do anno. Semeando no mesmo terreno centeio, os 2 acres que não produzem senão 110 kilogrammas de substancias animaes produzirão 2:000 kilogrammas de cereaes, ou 5 kilogrammas por dia, ficando ainda um resto sufficiente para as novas sementeiras. Se se semeam favas ou hervilhas, ha a mesma proporção. A cenoura e o nabo são tão productivos como as batatas.

Cada acre de terra sustenta um homem; mas se elle quer ter uma refeição por dia de substancias animaes, necessita a producção de 4 acres de terreno.

Para concluir, diremos qual é nos diversos paizes da Europa a porção de terra cultivada.

Na Belgica, de 100 partes de terra, estão cultivadas 48; na Dinamarca, idem, 40; na Prussia, idem, 40; na Italia, idem, 30: em Portugal, idem, 30; na Allemanha, idem, 27; na Suissa, idem, 25; na Hollanda, idem, 20; na Austria, idem, 20; na Russia, idem, 19; na Polonia, idem, 19; na Suecia, idem, 14; na Noruega, idem, 14. Nos outros paizes menos.

Doutor Jayme

A SCANDINAVIA

—

Continuação

Durante o somno de Imer, um homem e uma mulher sahiram da sua mão esquerda; dos pés d'estes sahiu um filho. Era uma raça de gigantes, que se sustentavam do leite da vacca Aoudhoumbla. Esta fez sahir um homem, Bur, d'uma pedra de sal que estava lambendo para matar a fome.

Boer, filho de Bur, teve tres filhos, Odin, Vile e We. Estes tres gigantes degolaram Imer, cujo sangue produziu uma innundação que afogou a raça dos Rimthurses.

O cadaver de Imer formou a terra, o seu sangue o mar, o craneo o ceo, os ossos as montanhas, os cabellos as arvores, o cerebro as nuvens negras; das suas palpebras formou-se uma barreira que detinha os gigantes e os impedia de transpor o abysmo, que é a extremidade da terra.

Odin casou com a Terra, filha da Noute e teve um filho, o qual foi Asahor.

As divindades da primeira ordem admittiram os gigantes a participar do seu poder: o sol presidia ao sol, Maan á lua, Nolt ao crepusculo, Dagur ao dia, etc.

A terra ainda não estava habitada; os deuses crearam o homem. Lodur deu-lhe o corpo, Odin a alma, Haener o sôpro vital. Ao mesmo tempo povoaram o espaço intermediario entre o ceo e a terra dos dous mundos: no Alpheim estavam os espiritos bons e no Svartalfheim os espiritos maus, inimigos dos homens, que sahiram dos vermes que haviam devorado a carne d'Imer. Havia mais dous mundos: o dos gigantes e o da morte.

O primeiro homem, Ask, estava symbolisado em um freixo immenso, cujos ramos iam até ao ceo e cujas raizes se estendiam por todo o universo. A arvore de Irminsul era uma memoria d'esta fabula.

A guerra estalou em breve entre a raça dos gigantes e as Wanes; mas os gigantes foram derrotados pela formidavel massa de Thor.

Havia doze grandes deuses e grandes deusas. Odin era o pae dos deuses. Depois d'elle vinha Thor, o vencedor dos gigantes e deus do trovão; Balbur, divindade bemfeitora para os homens; Ngord, deus dos mares; Freyr, que preside ao sol e ás nuvens; Tyr, deus da guerra; Bragi, deus da poesia; Heimdall, que governa os gigantes; Hoedur, que representa o destino; Frigga, esposa do senhor dos deuses, presidia aos casamentos. Outras divindades presidiam á immortalidade, á medicina, etc.

Como se vê, havia relações muito notaveis entre a mythologia grega e romana e a dos scandinavos.

(Continua)

NOUTE DE ESTIO

—

Sobre rosas, se deslisa
Leve brisa a suspirar;
Vae depois nos arvoredos
Mil segredos murmurar.

Cantam aves seus amores;
Cae das flores doce aroma;
Elevada sobre o outeiro
Ergue o olmeiro espessa coma.

Pelo azul do firmamento,
Cento a cento, a pullular,
As estrellas vão surgindo,
E luzindo, sem cessar.

Nasce a lua junto á serra;
Vem na terra, em quietação,
Derramando a luz serena,
Tão amena ao coração,

Sonha a alma, sonho infindo...
Vago, lindo, divinal...
De esperança indefinivel...
Aprasivel, ideal.

Este sonho todo aereo,
Como o ethereo scintillar,
Logo á luz da realidade
Tudo se hade dissipar.

E's da noute flor singela,
Inda bella no arrebol,
Que se murcha quando a aurora
Já descora e surge o sol.

Doce engano fugitivo!...
Meigo, vivo encantamento·
Ai, quizera á vida unir-te,
E cingir-te ao pensamento!...

N'esse enlevo embebecida
Toda a vida emfim sonhara,
Mas um sonho de venturas
Que amarguras olvidara.

C. Maxima de Figueiredo

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

Continuação

LV

O URUGUAY E A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA

Passemos á republica do Uruguay.

Esta nação, limitada ao norte pelo Brazil, a oeste pela Confederação Argentina, ao sul pelo Rio da Prata e a leste pelo Oceano Atlantico, comprehende um territorio de 185:000 kilometros quadrados, com uma população de 380:000 habitantes.

E' uma região pouco montanhosa. O solo é fertil geralmente; tem boas pastagens para a creação do gado.

E' aqui que ha os *pampas*, vastos terrenos incultos, habitados pelos *gauchos*, de quem n'este jornal se tem fallado por varias vezes.

O commercio do Uruguay está quasi inteiramente nas mãos dos estrangeiros, e sobretudo nas dos francezes, cuja influencia se faz sentir por modo tal, que a legislação é quasi a mesma de França. Commercio consideravel de gados, pelles, gorduras, chifres, lans e carnes salgadas.

A republica está dividida em 13 provincias; a capital é Montevideo, ou S. Filippe, cidade de 105:000 habitantes, situada em amphitheatro sobre o Rio da Prata. Bom porto, mas exposto aos ventos do sudueste. Esta cidade soffreu muito durante as guerras com o Brazil e foi bloqueada por Buenos Ayres de 1842 a 1848.

A republica do Uruguay é administrada por um presidente; o poder legislativo está confiado a um senado e a uma camara de representantes.

A historia do Uruguay que outr'ora se chamava a Banda Oriental, é pouco mais ou menos a mesma das outras colonias hespanholas. Aquelle estado estava unido a Buenos Ayres, até que em 1811 a nação se armou para conquistar a independencia. Artigas, antigo chefe de contrabandistas, poz-se á frente dos libertadores. De 1814 a 1818, o Uruguay andou em guerra, ora com o Brazil, ora com Buenos Ayres, porque ambas estas nações disputavam a posse de aquelle paiz. Em 1825 Artigas foi obrigado a fugir e o Uruguay passou para o dominio do Brazil, sob a denominação de *provincia cisplatina*. Entretanto, graças ao auxilio de Buenos Ayres, que receava a extensão territorial do Brazil, o Uruguay pôde definitivamente conquistar a independencia em 1828. Desde então andou sempre em guerra com a Confederação Argentina, que havia acceitado a dictadura de Oronzas, e nem a intervenção do Brazil pôde assegurar-lhe uma epoca de paz.

Do Uruguay á Confederação Argentina é um passo.

Este ultimo estado comprehende um territorio de 2,200:000 kilometros quadrados, com 1,200:000 habitantes. Os nomes, tanto d'esta nação como do Uruguay, são derivados dos rios que as banham. Aqui é o Rio da Prata; ali o Uruguay, que nasce na provincia do Rio Grande do Sul, no Brazil.

A republica Argentina, ou Estados Unidos do Rio da Prata, está situada entre o Atlantico, a Patagonia, o Chili, a Bolivia, o Brazil, o Paraguay e a republica do Uruguay; comprehende 14 estados e todos teem por capitaes cidades dos seus nomes, á excepção do estado de Entre-Rios, cuja capital é Paraná. Esta cidade foi igualmente declarada capital da Confederação em 1852, em substituição de Buenos Ayres, que o fôra até então.

(Continua)

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

—

Continuação

SEGUNDA ORDEM

Hum carro, a quem precederão clarins, levará no eminente a figura do rio Gehon, segundo do Paraiso, que passa pela Ethiopia, acompanharão a este carro alguns homens Ethiopes: «Nomen fluvii secundi Gehon.» Gen. 2. 13.

Humildade montada em hum cavallo com Andarilhos irá vestida de cor honesta com coroa na cabeça, e huma torre na mão; em hum escudo dirá: «Erexit eum ab humilitate ipsius, & exaltavit caput ejus.» Eccles. 11. 13. Levará preza por huma cadea a soberba, que irá a pé vestida de varias plumagens com huma insignia no hombro, e no braço direito esta letra: «Humiliabitur superbia.» Ozeae. 7. 10.

Liberalidade a cavallo toda vestida de flores com Andarilhos, coroada de ouro; em huma mão levará hum Sol, que com tres letras do seu nome dirá na circunferencia: «Sua omnia largiens.» Alludindo a Santo Antonio dar-se todo a Deus, o que dirá em hum escudo esta letra: «Totus in te sitiens.» Ex Off. Eccles. Levará preza por huma cadea a Avareza, que irá vestida de cor de ouro, e prata, e levará ao hombro huma ave de rapina com huma preza nas unhas, e no braço esta letra: «Avaritia, nec nominetur.» Ad Ephes. 5. 3.

Castidade a cavallo com Andarilhos vestida de cor de perola com coroa de Assucenas na cabeça; levará em huma mão hum Anjo, e na outra hum escudo com esta letra: «Eo quod castitatem amaveris... ideo manus Domini confortavit te.» Judith 15. 11. Levará preza por uma cadea a Luxuria, que irá vestida de fogo toda cercada de bichos, em os quais se irá recreando com a letra: «His vescor.»

Mansidão a cavallo com Andarilhos vestida de cor honesta com coroa na cabeça, levará hum Cordeiro na mão, e hum escudo com a letra: «Mansueti autem hereditabunt terram.» Ps. 36. 11. Levará preza por huma cadeia a Ira vestida de cor de fogo com os olhos fechados e huma espada una entre os braços, e esta letra: «Vasa irae apta in interitum.» Ad Rom. 9. 22.

Temperança irá a cavallo vestida de cor verde coroada, levará na mão huma balança, e no escudo a letra: «Libravit in pondere montes, & colles in statera.» Isai. 40. 12. Levará preza por huma cadea a Gula, que irá vestida de varias cores; em huma mão levará hum prato de iguarias com a letra: «Comede, bibe, epulare.» Luc. 12. 19.

Caridade, irá a cavallo com Andarilhos vestida de cor de fogo com coroa

formada á imitação de chamas; em hum braço levará hum menino, e no outro gravada em escudo esta letra: «Charitas Dei manet in eo.» Joan. 3. 13. Levará preza a Inveja, que irá vestida de amarelo com olhos abertos, em huma mão levará hum globo dourado, e na outra esta letra: «Invidebant ei igitur fratres sui.» Gen. 37. 11.

Diligencia irá a cavallo com Andarilhos vestida de primavera de flores, e das mesmas coroada, em huma mão levará hum coração com azas, e na outra esta letra: «Contemplatus est diligenter.» Isai. 21. 7. Levará preza a Preguiça, que irá vestida de cor honesta com huma remora na mão, e esta letra: «Cura superflua est.» Ecclesiastes. 4.4.

(Continua)

BERTHA

Continuação

Tinham decorrido quinze longas semanas sem que Bertha podesse descobrir o menor signal do querido do seu coração. Todas as suas diligencias eram baldadas, e nem as orações, nem o ardor com que diariamente se entregava á sua penosa tarefa conseguiam fazer com que ella descobrisse o paradeiro de Edgardo.

Bertha escrevia todas as semanas a seu avô e ao mesmo tempo á mãe de Edgardo, para a qual dirigia um papel com duas ou tres linhas dentro da carta do avô. E' certo que não dava noticia que consolasse a uma nem a outro; mas tambem é verdade que a sua firmeza era inabalavel, que todas as suas cartas, todas as phrases, todas as palavras demonstravam aquella fé profunda, a convicção arraigada no fundo da alma de que havia de desobrir o seu querido Edgardo.

—Vivo ou morto, dizia ella todas as manhãs depois de encommendar-se á Virgem mãe de Deus, hei de saber onde Edgardo pára!

Mas o tempo corria e nada sabia d'aquillo que tanto desejava saber. Nem o mais leve indicio da passagem do triste mancebo que a sorte impia quasi lhe arrancara dos braços.

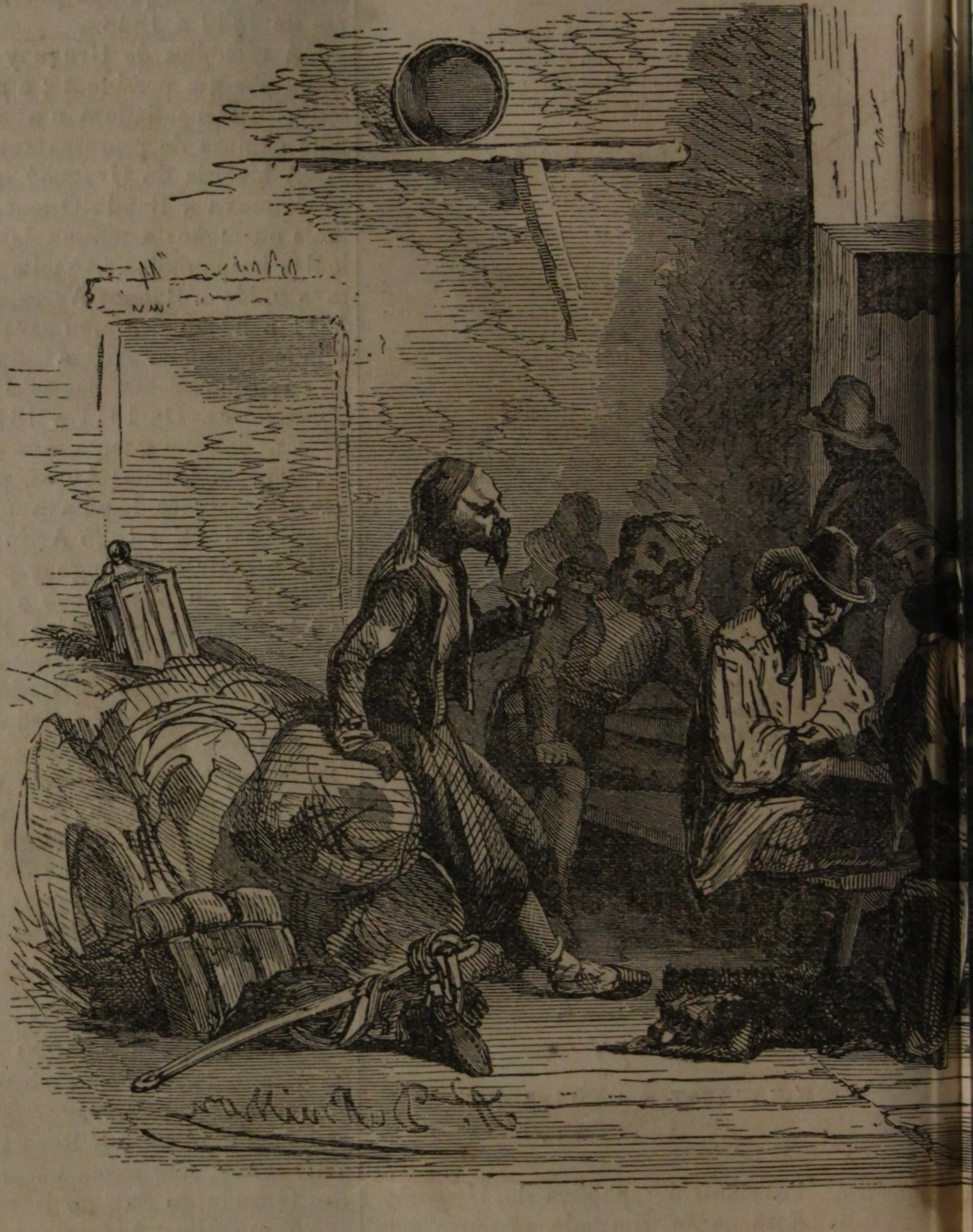
A provincia andava em guerra. Hoje chegava aqui um regimento desconhecido; amanhã partia outro; no dia seguinte, quando menos se esperava, ouviam-se toques de tambor e ahi passava um troço de tropa, que vinha ás vezes fugindo derrotado e disperso.

Bertha, com aquelle valor que dá a convicção, com a firmeza que a fé presta á creatura mais fragil, mettia-se por meio dos soldados, procurava, investigava, interrogava; mas nada. Ninguem lhe dava noticia do triste Edgardo.

Um dia Bertha recebeu uma carta com a nota de *urgente*. Abriu-a com mão tremula. Davam-lhe parte de que seu avô estava ás portas da morte e que era indispensavel que ella voasse se queria receber a sua ultima benção. Imagine-se como a pobre creança ficaria. Mas ir receber a benção do velho era um dever indeclinavel.

—Depois voltarei, dizia ella. Hei de encontrar Edgardo. Não posso viver sem elle.

Dispoz-se tudo para a partida. Era uma frigidissima noute de novembro. Tanto Bertha como o velho e fiel criado que a acompanhava deram a ultima demão aos preparativos da jornada e recolheram-se aos seus quartos na modesta hospedaria em que se haviam alojado.



A LEITURA N...

Bertha deitou-se depois de resar durante mais d'uma hora diante da imagem da mãe de Deus, que estava dentro d'uma redoma, sobre a commoda que ficava fronteira á cama. Deitou-se; mas não lhe foi possivel conciliar o somno.

Então passou em revista toda a sua vida; recordou a sua infancia, os innocentes brinquedos com Edgardo, os passeios, os braçados de flores que colhiam juntos, as phrases affectuosas que trocavam; e como tudo isto lhe causasse profunda e crudellissima saudade, as lagrimas romperam copiosas dos seus formosos olhos azues.

Lá pela madrugada, cansada de chorar e de recordar o passado, adormeceu. Mas mal tinha passado pelo somno, um ruido estranho e notavel a despertou em sobresalto.

Eram muitas vozes que fallavam

animadamente; ouviam-se risadas estridentes; espadas retiniam passando por sobre as lagens; era emfim o crepitar d'um bom fogo no lar da hospedaria.

Bertha vestiu-se á pressa, chamou por Domingos e ambos desceram á cosinha.

Então aos olhos d'ambos apresentou-se uma scena estranha.

Eram soldados, eram camponezes, sentados uns, outros de pé, outros deitados; este fumando no seu comprido cachimbo; aquelle empunhando um copo de agoardente; o outro sentado ao pé do lume. Emfim o quadro não podia ser mais animado. Sete ou oito pessoas rodeavam a mesa de nogueira, collocada diante do lar, cuja chamma azulada e crepitante imprimia reflexos phantasticos nas feições tão differentes dos varios personagens d'aquella scena inesperada.

ESTALAGEM

Quasi a uma das cabeceiras da mesa, um velho, d'oculos, calvo, vestido á moda dos camponezes da terra, lia um jornal em voz alta e todos os circunstantes lhe prestavam religiosa attenção.

Mal Bertha entrou na sala, a estalajadeira, sem estranhar a sua presença ali, correu para ella, e, abraçando-a carinhosamente, exclamou tomada de jubilo:

—Uma victoria, menina! Foi uma grande victoria, que alcançaram as nossas armas!

(Continua)

A LENDA DAS NEVES

Desde pela manhã que Walter não tinha proferido sequer uma palavra. Ajoelhado diante do esquife d'aquella que n'essa mesma tarde devia ser sua esposa e de quem se via separado pela brutalidade implacavel da morte, quasi que se tinha petrificado no pavimento do quarto, entorpecido pela sua dôr, esmagado por esta subita separação, imprevista, horrivel, e que assim rasgara em um momento o poema da sua vida.

Em todo o dia, rogara, amaldiçoara e dissera blasphemias... As lagrimas tel-o-iam salvado; mas elle não podia chorar...

Na tarde d'esse dia fatal tinha-se collocado inconscientemente diante da sua amada, vestida com a sua tunica branca, e apertando com mão febril um pedaço da coroa de larangeira, fitava a encantadora creança, que parecia adormecida e embalada em dourados sonhos luminosos, esperando do esposado do seu coração o primeiro beijo de amor...

Era pelos fins de março.

Anoutecera... e Walter então estava só...

A's horas religiosas do crepusculo a graciosa creança tinha sido sepultada; e elle, allucinado, envolto nas trevas espessas do torpor e da duvida, não se afastara do leito e do quarto nupcial.

A' força de penetrar no escuro dos seus pensamentos e de concentrar raivosamente seu desespero profundo, terminara, espiritualisando a materia e a forma, por perder a consciencia da sua realidade.

Debaixo da pressão de um cerebro em delirio, a sua esposada, perdida eternamente para os seus olhos, ficava-lhe bem gravada na alma, não no estado de corpo humano com dimensões determinadas, mas como uma sombra leve, uma visão impalpavel, que, fluctuando no espaço, apenas conservava d'aquella adoravel creança a côr immaculada da sua tunica virginal, branca como o seu nome (chamava-se Branca) e como a coroa de flores que Walter tinha ainda nas mãos.

A corrente das ideias fugia-lhe... O sangue affluia-lhe ás fontes... A respiração faltava-lhe e sentia-se morrer...

Pela meia noute abriu a janella, e, apoiando-se ao balcão, estendeu por momentos um olhar cheio de desespero pela campina socegada...

—Ella esteve além, dizia elle; sim, lembra-me perfeitamente. Ah! como estava formosa então!... Tão suave, tão meiga!... Até as creancinhas a amavam. Era encantadora como uma visão! O que ella tocava transformava-se.

A este pensamento pairou um leve sorriso nos seus labios

—Mas, ai! Ella partiu! exclamou amargamente, cahindo em uma prostração completa.

(Continua)

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

IV

VIVER E GOSAR

Continuação

O mundo antigo! o mundo moderno! E que me importava estudar as phases da sociedade desde a sua origem até ao desenvolvimento no futuro? Eu deixava isso aos desgraçados, aos que não tinham gosos em que pensar; porém eu tinha que pensar em mim proprio, nos gosos sensuaes de mim mesmo. Não era minha divisa e meu culto *viver e gosar?*

Deduzi d'isto, sabios, que quanto mais gosa materialmente o homem, mais se embrutece. Porem, para que essa deducção? Não está provado até á saciedade que se a sociedade progride, não é derramando dinheiro para gosar, como se vivia, *senão soffrendo, trabalhando e esperando?* Na marcha litteraria ou intellectual das nações, por cada obra d'um homem rico tereis milhares de milhares de obras d'um homem pobre. As obras intellectuaes, as obras que tendem ao aperfeiçoamento social, são filhas da pobreza, da dôr e da soledade. Os que, como eu, viviam derramando ouro, não tinhamos *Tempo* nem *Espaço* senão para... *viver e gosar.*

V

PARIS

Vem, entra em minhas recordações, caldeira do mesmissimo inferno, onde se derrete toda a prata e o ouro da terra.

Ah! quando penetrei em teus *boulevards*, quando vivi a tua vida, foi quando eu conheci que era muito pequeno para uma cidade tão sensualmente grande.

Quem como tu, Paris, sabe fazer a illusão da vida ou a reproducção do paraiso na terra, com teus hoteis *á merveille*, e tuas fadas fluctuando entre nuvens de cachemira e veludo, purpura e nacar?

Eu levava o melhor trem de Madrid, e ao chegar aos teus *boulevards* julgo ter-me envergonhado até das minhas camisas de Duboze.

Tudo, tudo tive que fazer de novo, e quando me instalei em uma casa, que aluguei junto dos Campos Elyseos, só na instalação gastei cousa de dous a tres milhões de reales. Até então tinha vivido da minha renda. Desde então escrevi a Madrid para que o meu mordomo negociasse papel do Estado e me mandasse fundos.

Oh! quanto gastei em Paris; porém quanto gosei em Paris!

Ir a Paris como um estudante, gastar dez ou doze francos por dia, isso não é estar em Paris; correspondia a ir a Madrid e gastar quinze ou vinte reales diarios.

Ir a Paris e gastar oito ou dez onças diarias, isso é que é ir a Paris, porque já não se pode gosar mais na terra materialmente. Que principe pode disfructar então mais do que a gente n'aquelle Oceano, que tem por ondas adoraveis cabeças de mulher, sorrindo para o amor e para a vida?

Passei assim em Paris cinco annos; e como além d'isso era primo segundo da imperatriz Eugenia, por parte de minha mãe, a imperatriz não sabia como distinguir-me, e como ella as damas da côrte.

Uma unica das minhas aventuras, que vou referir, bastará para dar uma ideia da vida de praser e dissipação, que eu levava em Paris. Uma tarde, passeando a cavallo pelo bosque de Boulogne, aproximei-me d'uma cavalgata de *dandys*, que caminhavam preoccupados, como se tratassem d'um grande acontecimento. O que os preoccupava era, effectivamente, um grande acontecimento na esphera do grande mundo. Tratava-se entre os meus amigos de adivinhar quem sería uma belleza da primeira ordem, que passeava só em uma magnifica carruagem descoberta; tudo n'ella e em volta d'ella era formosura, juventude, luxo e elegancia; era, finalmente, deslumbrante perola em não menos deslumbrante concha. Eu disse-lhes que dentro em pouco descobriria a incognita, e, tirando um bilhete de visita da minha carteira, escrevi por detrás: *Quando... onde....e quanto?*

(Continua)

O BERÇO

—

Conclusão

Alguns mezes depois, revoltando-se contra a auctoridade do pae, cavando a sepultura da mãe, Henriqueta casou com José Martins, o homem da calça de bôca de sino, proprietario de um armazem de sola.

José regenerou-se, pelo menos apparentemente; a guitarra desappareceu, corrida de pejo, e a agoardente foi posta de parte durante esse periodo embriagador da lua de mel, que transfigura e illumina todos os seres humanos, desde o sapo do pantano até ao salteador da estrada.

Não tardou, porém, que o vicio readquirisse a supremacia sobre esse organismo incuravelmente defeituoso.

A nostalgia do alcool pronunciou-se, com a violencia exaltada de um desejo temporariamente suffocado; a taverna alliciou a guitarra...

José começou a recolher de madrugada, livido, bebado, caindo ás vezes á porta, como uma massa inerte e pesada, e arrastando-se em seguida como um reptil aos pés da mulher, que o segurava nos braços franzinos.

Ella queixou-se, timidamente; alludiu ás promessas de emenda; teve impetos de angustia, a que a sua doce voz argentina dava uma fascinadora eloquencia.

José fez protestos, cobriu-a de beijos supplices, e durante oito dias não foi á taberna.

Mas uma noite de janeiro, uma tempestuosa noite em que a chuva caía a jorros, José entrou em casa aos bordos, medonho de vergões encarnados, que resaltavam na face de uma palidez baça, com os joelhos injectados, cheio de palavras brutaes, hostis, que affluiam espumantes, ennovelando-se em ondas de agoardente.

Henriqueta chorou, lamentou-se, accusou indignada o vil que a enganara.

Então o ebrio, enraivecido, levantou o braço, e, pela primeira vez, brandindo a grossa bengala bateu-lhe.

Batia-lhe depois d'isso todos os dias grandes sovas que a despedaçavam, aniquilando-lhe o corpo depois da alma, que ella sentira havia muito extinguir-se como uma lampada a que faltara o oleo...

De repente, no escuro antro onde agonisava esse destino outr'ora tão puro e bello, desabrochou um lyrio, vibrou uma voz immaculada, abriram-se umas azas brancas, nasceu uma creança.

A' noite, José recolheu cambaleante, entrou no quarto em ziguezagues.

Henriqueta, deitada ao lado do berço onde dormia o estremecido filho das suas entranhas, enroscou-se, tremula e humilde como um pobre cão sovado, e, atterrada, viu agitar-se no ar a bengala.

Inesperadamente a bengala resvalou da mão do ebrio, José caiu de joelhos, e, curvando-se para o berço, na alvura do qual destacava, como uma rosa, o rostinho vermelho do recem-nascido, desatou a chorar.

Henriqueta, estupefacta, não podendo dominar o assombro que a agitava, ergueu a cabeça do travesseiro, e com voz fraca e tremula perguntou:

—Não me bates?

—Silencio! respondeu elle soluçando, arrastando-se para ir beijar as mãos

da mulher, e voltando-se para o berço:
—Não o acordemos...

GABRIEL CLAUDIO

SCENA DA VIDA

Rachitica, faminta, maltrapida,
Uma velha estendia a sua mão
Aos que passavam, implorando a medo:
—Meus bemfeitores, tende compaixão.

Eu tenho em casa um filho quasi cego,
Meu marido entrevado e sem rasão!
Valei-me! Por piedade, meus senhores,
Dae-me dez reis p'ra lhes levar de pão.

A insana multidão ia passando,
Tumultuosa, feliz, febricitante.
Seguindo sempre alem no boulevard.

Um policia prendeu a pobre velha;
N'estes tempos de tanta liberdade
E' um crime o ser pobre e mendigar!

ERNESTO PIRES

O THEATRO CHINEZ

O drama na China não se limita a uma só acção, mas abrange a vida inteira do heroe desde o berço até ao tumulo. E' uma especie de biographia dialogada e dividida em mais ou menos partes. Todas as partes são precedidas de um prologo e todos os actores teem cuidado, a primeira vez que apparecem ao publico, de declarar o nome que lhes compete na peça e o caracter que devem representar.

Um actor desempenha muitas vezes muitos papeis na mesma peça, cousa bem pouco a proposito para manter a illusão. Nos movimentos apaixonados o actor cessa de declamar e exprime os seus sentimentos por meio do canto. Uma orchestra muito ruidosa acompanha os trechos lyricos que são escriptos em verso e a comedia chineza adquire por tal motivo alguma similhança com a nossa opera.

Só na capital e em algumas cidades importantes do imperio é que ha theatro. Os actores viajam de provincia em provincia, ganhando a vida em dar representações por occasião das festas e banquetes.

Quando os convidados estão prestes a sentar-se á mesa, tres ou quatro actores ricamente vestidos entram na sala do festim. Depois de muitas reverencias humilissimas, um dos artistas entrega ao mais considerado dos convivas um livro, no qual estão escriptos em letras douradas os titulos de cincoenta ou sessenta peças que formam o repertorio da companhia. O livro corre toda a roda dos convidados e o chefe do banquete designa emfim a peça que escolhera.

A representação realisa-se na sala mesmo do festim. Os actores occupam o espaço comprehendido entre as mezas, ordinariamente dispostas em duas fileiras.

Por ocasião das grandes festas e procissões publicas levantam-se theatros nas ruas e dão-se espectaculos desde pela manhã até á noute.

Um auctor chinez que gose d'uma certa reputação não se atreve a escrever para o theatro. O imperador Jnuschden prohibiu severamente que os mandarins frequentassem os theatros. Esta prohibição foi repetida já n'este seculo, e o official manschu que quer ir ao theatro tira em antes da gorra os vidros de côr que são o signal distinctivo do cargo.

Os jornaes chinezes são sollicitos em dar publicidade a tudo quanto possa concorrer para melhorar os costumes, e caracter da nação; mas um jornalista expor-se-ia a penas severas se se atrevesse a publicar a discripção d'uma festa dramatica, ou a fazer a menor allusão ao acolhimento recebido por uma peça nova.

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

Continuação

Sobre o tablado collocaram-se duas especies de gaiolas abertas no cimo, onde deviam ser mettidos os condemnados durante a leitura de suas sentenças. Havia tambem sobre o grande tablado tres cadeiras destinadas, duas para os relatores ou leitores das sentenças, e a terceira para um prégador. Tambem havia um altar junto do amphitheatro dos conselhos.

Os assentos dos reis catholicos estavam dispostos de modo que a rainha ficava á esquerda do rei e á direita da rainha mãe. Todas as damas das duas rainhas occupavam o resto do comprimento da tribuna, para um e outro lado. Havia tambem tribunas destinadas para os embaixadores, para os grandes e damas da côrte, e palanques para o povo.

Passado um mez depois da publicação do auto da fé começou a ceremonia por uma procissão, que sahiu da egreja de Santa Maria pela ordem seguinte: Na frente marchavam cem carvoeiros armados de lanças e mosquetes, para fornecerem a lenha empregada no supplicio dos infelizes condemnados ao fogo. Seguiam-se logo os dominicos, precedidos d'uma cruz branca. Vinha depois o duque de Medina Sidonia, conduzindo o estandarte da Inquisição, segundo o privilegio hereditario da sua familia. Este estandarte era de damasco vermelho; em um dos lados estava bordada uma espada nua sobre uma corôa de louro, e no outro as armas de Hespanha.

Apparecia depois uma cruz verde, envolta em uma especie de crepe negro. Seguiam-se logo muitos fidalgos e grandes do reino e outras pessoas de qualidade, familiares da Inquisição, cobertos com capas ornadas de cruzes brancas e negras, bordadas d'ouro. Fechavam o prestito cincoenta alabardeiros, ou guardas da Inquisição, vestidos de branco e preto e commandados pelo marquez de Pouar, protector hereditario da Inquisição do reino de Toledo.

A procissão, depois de ter passado na ordem referida pela frente do palacio, chegou á praça maior, e o estandarte e a cruz verde foram collocados sobre o tablado, R tiraram-se então todos, excepto os dominicos, que passaram parte da noute a psalmear, e apenas rompeu o dia celebraram muitas missas no altar até ás seis horas da manhã.

Uma hora depois appareceram na tribuna o rei e a rainha de Hespanha, rainha mãe e todas as damas.

A's oito começou a marchar a procissão como no dia anterior, trazendo na frente a companhia de carvoeiros, que foram postar-se á esquerda da tribuna do rei, ficando á direita as suas guardas. Trinta individuos conduziam depois effigies do tamanho de homens, das quaes umas representavam os que tinham morrido na prisão e cujos ossos vinham em caixões pintados de chammas; outros designavam os que, havendo escapado ás mãos da Inquisição, tinham sido condemnados por contumazia. Todas estas figuras foram postas em uma das extremidades do amphitheatro. Depois chegaram doze pessoas, homens e mulheres, com baraço ao pescoço, tochas na mão e carochas ou gorras de papelão, da altura de tres pés, sobre as quaes estavam escriptos ou representados por differentes maneiras seus pretendidos crimes.

A estes primeiros seguiam-se outros cincoenta, com tochas na mão, cobertos d'um sambenito, ou casula sem mangas, de côr amarella, com uma grande cruz vermelha de Santo André por diante e por detraz.

(Continua)

EM UM ALBUM

O teu olhar que seduz
Suspira vagos desejos...
Pareces feita de beijos...
Pareces feita de luz!

JAYME DE SEGUIER

O NEGRO E O ESPELHO

CONTO EM DOZE GRAVURAS

I

Um negro, no deserto do Sahara,
Um espelho encontrou, ó cousa rara!

II

—P'ra que pode servir um traste assim?
Pega n'elle? Não pega?... Pega emfim!

III

Volta e torna a voltar e não atina...
Um negro emfim no vidro descortina!

IV

Pensativo ficou... e não se ria!
Dizendo: —Isto por força é bruxaria!

(Continua)

ZIG-ZAGS

UM ALHO

Em uma egreja:

O sachristão, indignado, dirige-se nas seguintes palavras a um homem que fumava junto d'um altar:

—Então o senhor não sabe que quem quizer fumar aqui dentro tem de ir lá para fora?

BOA RESPOSTA

O nosso Bernardim Ribeiro achava-se uma vez em uma luzida companhia, e tão embebido estava na contemplação da sua dama, que, tropeçando, cahiu no chão.

Mandou-lhe ella perguntar de que altura cahira, pois tanto estrondo fizera, ao que elle respondeu:

—Da altura dos seus pensamentos.

PROBLEMA

Um individuo comprou um livro por um certo preço, um binoculo pelo dobro do custo do livro e um relogio de ouro por 22 vezes e meia o custo do binoculo. Para fazer estas compras tinha 13 moedas portuguezas d'ouro de tres differentes valores, tendo as maiores 4 vezes as menores e estas metade das medias. Pago tudo, ficou apenas com 3$000 reis.

Quanto custou o livro, o binoculo e o relogio respectivamente? Quantas moedas tinha de cada valor e este qual era?

Explicação da charada do numero 70: — Saudade.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o Camões pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Aceitamos assignaturas a pagar todas as semanas, ou aos mezes, á vontade do assignante.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 12 DE JANEIRO DE 1882 | NUMERO 72

JOÃO DE BARROS

SUMMARIO

Texto:— João de Barros — Sciencia para todos: Acustica e musica, por Doutor Jayme — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Uruguay e a Confederação Argentina — A Scandinavia — Saudades (poesia) por Alberto Correa — O padre Antonio Vieira, por Narcizo Feio — O ponto, por Frei Gerundio — Villa Real, por Abel Accacio Moutinho — A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco — A engeitada (poesia) por Alfredo Quartin — O conde d'Amarante (romance) — A lenda das neves — Uma procissão no Porto no seculo passado — Os processos da Inquisição — O negro e o espelho — Zig-Zags: Boa resposta — O amor — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— João de Barros — Musicos — O pára-quedas — O negro e o espelho (4 gravuras).

JOÃO DE BARROS

—

Nasceu o Tito Livio portuguez no anno de 1496. Era de nobre familia e alcançou de verdes annos emprego na côrte d'el-rei D. Manoel.

Um romance de cavallaria foi a primeira tentativa litteraria do joven escriptor. Mas esse livro fez desde logo adivinhar o genio que pulsava no auctor, indicando que estava apto para obra de maior tomo.

Na côrte de D. João III teve o joven Barros o mesmo, ou ainda mais lisongeiro acolhimento, do que na do seu antecessor, o rei Venturoso. N'aquella epoca conheciam-se melhor os homens; apreciava-se mais o talento; occupavam-se todos mais de cousas grandes do que hoje.

Enviado a Africa na qualidade de governador dos nossos estabelecimentos na costa de Guiné, houve-se no exercicio do seu emprego de modo a só merecer encomios. O governo de D. João III entendeu que podia ser-lhe commettido um cargo mais elevado e nomeou-o thesoureiro das colonias.

Foi durante o exercicio d'este emprego que elle juntou os documentos indispensaveis para a historia das nossas glorias maritimas. Barros tencionava ampliar aquelle trabalho; cada parte do mundo (e não faltou uma só onde não obrassemos maravilhas) devia ser tratada em obra separada. A morte não o deixou sequer completar o trabalho relativo á Asia, o qual foi continuado por Faria e Sousa.

A João de Barros cabe a gloria de ter sido o primeiro escriptor que fez conhecer bem a India aos europeus.

O que mais se admira em Barros é o estylo elegante e florido, o primor de lingoagem, o poetico das descripções, pois tudo encanta o leitor.

A morte privou-o de concluir a sua importante obra. Diogo do Couto foi encarregado de a continuar; mas não conseguiu imital-o.

SCIENCIA PARA TODOS

—

VI

ACUSTICA E MUSICA

A acustica é a parte da physica que trata da theoria do som e tem por fim a indagação das leis que regem a sua formação, propagação e transmissão.

Os philosophos antigos, sem deixarem de conhecer o modo de formação e transmissão do som, tinham, por assim dizer, adivinhado d'algum modo a acustica, sem jamais a terem elevado á altura d'uma sciencia. Galileu e Bacon lançaram-lhe os fundamentos, que os trabalhos de Newton, Euler, Laplace e outros sabios completaram.

O som é o effeito da vibração; é produzido pelas ondulações divergentes do ar, propagadas como a luz, de particulas em particulas, pelos meios mechanicos. Tudo isto se prova pelo effeito dos vidros harmonicos sobre a agoa e pelas vibrações dos instrumentos de corda.

A luz e o som dependem da reflexão dos corpos circumdantes e da densidade do ar. E' por tal motivo que os aeronautas não podem ouvir-se reciprocamente quando estão em um ponto elevado da atmosphera, e por falta de corpos reflectores um tiro de pistola não produz ruido.

Para uma pessoa se convencer de que o som faz mover ou tremer a terra, basta prestar attenção ao effeito dos instrumentos cujas vibrações são muito perceptiveis, como o tambor, as campainhas, etc.; é igualmente claro quando tal vibração é excitada no ar. E' pelo motivo de as campainhas, os baixos e outros instrumentos musicos não formarem som senão pela acção prolongada sobre outros corpos sonoros, que elles não teem som no vacuo.

Podem comparar-se as vibrações produzidas pelo som ao circulo que descreve uma pedra atirada á agoa; mas essas ondulações são mais pronunciadas. Debaixo da agoa, uma campainha produz o mesmo som que no ar; a agoa é, em outras circunstancias, um conductor do som, e outrotanto acontece com a terra e a madeira.

O som percorre 300 metros por segundo, ou cerca de 16 kilometros por minuto. Pode-se por este facto calcular com exactidão a distancia do trovão ou dos tiros da artilheria.

O som reflecte-se como a luz; o ecco pode ser comparado a um espelho liso e as galerias e abobadas sonoras a espelhos concavos. Independentemente dos effeitos mechanicos da sua reflexão, os porta-vozes concentram e limitam o som.

As casas isoladas formam ecco quando o som parte de distancia conveniente; assim, os differentes sons destroem-se uns aos outros se ha arvores ou outra cousa dos lados.

Ha eccos duplos, triplos, etc.; multiplos são aquelles que repetem uma palavra muitas vezes.

A voz humana provem da expulsão do ar dos pulmões e das vibrações excitadas no ar por um pequeno orgão chamado *glote* quando passa através das tracheas, ou ductos da respiração, e pelas modificações subitas da boca, dos labios e da lingoa.

O canto é formado pela contracção delicada da *glote*, auxiliada pela lingoa e a boca.

A musica natural das aves e o encanto da voz humana foram, pelo decorrer dos seculos, a origem dos instrumentos de corda, como a lyra, a harpa, etc., e dos instrumentos de vento, como a flauta, a gaita, etc. Nos instrumentos de corda, as vibrações do ar, ferido pela arcada, produzem um som correspondente no ouvido; na flauta, o ar é expulso contra as paredes pelo peito, e as vibrações ou os tons nascem da reacção das aberturas.

O som varia segundo o movimento e rapidez dos corpos postos em vibração e tambem em rasão do comprimento, grossura e tensão da corda. Quanto mais curta fôr a corda, maior será a vibração e mais claros e agudos serão os sons produzidos. Em virtude do mesmo principio, uma flauta curta e delgada prduz sons agudos, ao passo que a de maiores dimensões só produz sons graves e profundos.

Continua DOUTOR JAYME

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LV

O URUGUAY E A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA

Continuação

O territorio, atravessado pelos Andes e banhado por diversos rios, como o Paraná e seus affluentes, o Uruguay, o Rio Colorado e o Rio Negro, encerra mineraes preciosos e é muito productivo; mas está mal cultivado. Ha ali numerosos rebanhos de cavallos, bois, vigonhas e alpacas. Ao norte estende-se a planicie do Gran-Chaco, e entre o Salado, o Vermejo e o Paraguay, demora o deserto de Salinas.

A confederação de *la Plata* estava antigamente comprehendida na vice-realeza hespanhola do Peru, e de 1776 a 1810 formou com o Paraguay e o Uruguay a vice-realeza de la Plata e de Buenos Ayres. O congresso de Tucuman deu em 1816 uma constituição regular á Confederação, que se revoltara em 1811 para assegurar a sua independencia. Em 1826 rebentou uma guerra com o Brazil por causa dos limites da Confederação. A Inglaterra interveio; o Uruguay separou-se da Confederação e em 1828 formou-se uma republica independente. Mas as luctas civis não tinham acabado entre os unitarios e os federalistas, e em 1835 Rosas declarou-se dictador.

Em 1859, a provincia de Buenos Ayres, isolada durante alguns annos da Confederação, tornou se-lhe a juntar.

Cidades principaes: Buenos Ayres,

fundada em 1535 por D. Pedro de Mendoza e chamada ao principio cidade da Trindade. População, 120:000 h., sendo 20:000 estrangeiros, inglezes e francezes. Universidade fundada em 1821; observatorio, casa da moeda, bibliotheca. Citam-se entre os edificios notaveis a cathedral, a casa da camara, a fortaleza e o palacio do congresso. Commercio importante; exportação de couros. Foi ali que em 1816 se proclamou a republica de la Plata, ou Argentina. Corrientes, 20:000 h., cidade pouco importante, defendida por uma cidadella; Santa Fé, 15:000 h.

LVI

O PARAGUAY

Chegamos agora a esse notavel estado que ha poucos annos chamou sobre si a attenção de toda a gente em rasão da guerra sustentada com o Brazil.

Não esqueçamos que era no Paraguay que havia aquellas tribus selvagens sobre as quaes os hespanhoes praticaram inauditas atrocidades. Depois d'elles terem vencido os pobres indios, escorraçavam-os como animaes ferozes por meio de cães ensinados a caçar a gente; se os pilhavam, descarregavam sobre os miseros chicotadas valentes; condemnavam-os a trabalhos excessivos nas minas, e pelas faltas mais leves, faziam-os morrer nos mais atrozes tormentos.

Por honra da humanidade passaram epocas de tanta barbaria e hoje pretos e brancos olham-se como irmãos.

A republica do Paraguay, cujo territorio tem 326:000 kilometros quadrados, com 1 milhão de habitantes, está situada entre a Confederação de la Plata e o Brazil. O seu nome deriva-se do rio Paraguay, cujas fontes estão nos Sete Lagos, na provincia de Matto Grosso, e ao fim de 2:000 kilometros de curso lança-se no Paraná. A largura d'este rio varía de 200 a 450 metros.

Está dividido o territorio da republica em 25 provincias. Clima quente; solo fertil. Florestas vastas e povoadas de animaes ferozes. Commercio importante d'exportação de madeiras de construcção.

Continua

A SCANDINAVIA

Conclusão

Baldur, deus dos mares, o mais bello dos deuses, foi assassinado por Hoedur, em obediencia a decretos a que a fatalidade o não deixava resistir; os gigantes e os homens que tinham encontrado um protector em Baldur viram nascer uma era de calamidades. Aqui o poeta faz uma descripção que parece relacionar-se com a tradicção do diluvio. As montanhas abateram, a terra estremeceu nos fundamentos, o sol e a lua foram devorados pelos lobos, os homens comeram-se uns aos outros; os proprios guerreiros mortos nos combates tomaram parte n'esta lucta terrivel.

A guerra não cessaria senão quando fossem encontradas as taboas d'ouro perdidas nos primeiros tempos do mundo. As taboas encontraram-se emfim, e uma era de felicidade começou para uma nova raça humana. Os bons e os virtuosos irão habitar o Gimlé; os maos nadarão no meio de serpentes, sobre ondas de veneno. Emfim o livro annuncia que o reinado de Odin acabará e que um deus que elle não ousa nomear virá depois.

Tal é a doutrina religiosa dos livros sagrados dos antigos povos scandinavos. Estas eram as bases da mythologia do norte.

Pelo que respeita a Odin, de quem vinhamos fallando, a tradicção historica mostra-nol-o como um chefe de guerreiros, vindo do fundo da Asia á frente dos *ases*, e como o legislador dos povos do norte. Aquella raça conquistadora povoou a Germania e a Russia. Os barbaros offereciam sacrificios humanos a Odin, e o seu templo principal estava situado em Upsal.

Odin, tendo sido o implantador de uma sombra de civilisação, passou em breve por ser o pae da nação. A cosmogonia scandinava funda-se n'aquelle heroe fundador da Sigtuna, ou Suecia, e Odensée, ou Dinamarca. Consideram-o como inventor dos Runes, que foram o primeiro alphabeto dos scandinavos, e que, como os hieroglyphos do Egypto, só se escreviam sobre pedra.

O palacio de Odin chamava-se Walhalla e estava situado na cidade de Midgard. Era ali que as almas dos heroes cahidos corajosamente no campo da batalha gosavam da felicidade suprema. Andavam o dia todo occupados na caça e na guerra, e á noute, recolhidos aos penates, saboreavam os manjares mais delicados e embriagavam-se com hydromel, ou nectar da Scandinavia, que bebiam pelos craneos dos seus inimigos.

Sleepner era o corsel de Odin.

Os scandinavos nem por isso deixavam de ter uma litteratura brilhante, cujas producções, poemas mysticos, didacticos, mythologicos e historicos, transmittidos pela tradicção de idade em idade, foram recolhidas, com ou sem interpolação, por Sœmundo, Sigfusson, Are Frode, Saxo Grammaticus e outros antiquarios islandezes e dinamarquezes, desde o seculo XI. Estes poemas formam um cyclo epico e theologico chamado os *Eddas*. A *Voluspa* é uma rapida e obscura exposição da cosmogonia scandinava, desde a creação até á destruição do universo: o *Grugaldar* é uma collecção de praticas magicas; o *Grymnis-mal* é um tratado de astronomia; o *Hava-mal* é uma collecção de maximas em verso e poesias allegoricas. Vem em seguida os poemas contando a vida dos deuses e heroes; emfim a *Skalda*, especie d'arte poetica para uso dos novos scaldes, ou aprendizes de poetas.

Para dar ideia da importancia do papel que os scandinavos representaram na scena do mundo, lembraremos que deram origem á nação dos godos (goths) que possuiram a Italia e a Hespanha; que fundaram os estados da Russia, da Normandia, da Inglaterra, de Napoles, e que descobriram a America mais de quinhentos annos antes de Christovão Colombo.

SAUDADES

Tu viveste entre nós cá sobre a terra;
Mas ai! eras do ceo, p'ra lá fugiste;
Anjos em si o mundo não encerra;
Os braços de Deus sim, p'ra lá subiste.

Por mim pede innocente, que preciso
Das tuas orações perante Deus,
E deixa-me sonhar com teu sorriso
Já que o não posso vêr senão nos ceos.

Repara, qu'rida irmã, e nos meus olhos
Verás ainda o pranto da amizade.
Tu evitaste os miseros escolhos,
As lagrimas de dôr e de saudade.

O mundo era pequeno, era mesquinho
P'ra comportar em si tão lindo anjo,
Por isso nos fugiste, e eu sosinho
Nem o ceo, onde estás, sequer abranjo.

Tu viveste entre nós cá sobre a terra;
Mas ai! eras do ceo, p'ra lá fugiste;
Anjos em si o mundo não encerra;
Os braços de Deus sim, p'ra lá subiste.

ALBERTO CORREA

O PADRE ANTONIO VIEIRA

Aos desoito dias do mez de julho de 1697 falleceu na Bahia o padre Antonio Vieira, com noventa annos d'idade. Era prégador de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, e membro da Companhia de Jesus.

São conhecidas de todos as suas famosas cartas epistolares.

Os seus sermões são lidos com sofreguidão; a doutrina, tirada das entranhas do Evangelho, é um fortissimo propugnador da virtude e expugnador dos vicios.

Fallava de tudo e sobre tudo, quer nas artes, quer nas sciencias.

Nos seus sermões muitas vezes reprehendeu o povo, a nobreza, e até as magestades, dizendo as verdades sem temor, mas com prudencia.

Ninguem como elle soube unir a liberdade com a madureza e a doutrina com a doçura.

NARCISO FEIO

O PONTO

—

Nem o supplicio de Sisipho, nem o de Tantalo, nem o de Prometheu, nem o de Ixion, nada que signifique escravidão, tortura ou martyrio, pode comparar-se á existencia do desditoso a quem a negra fortuna obriga a passar a vida n'esse mesquinho logar chamado o buraco do ponto.

Quanto eu lamento aquelle pobre diabo! E comtudo é um ente digno de toda a nossa estima.

Este homem ignorado e invisivel, esse ser sem nome, essa creatura de Deus que se ha resignado a não ser mais do que um ecco, ecco quasi sempre das maiores loucuras do mundo, é, sem questão nenhuma, o principal fundamento da arte dramatica.

Posto no seu logar, o ponto, com a sua suprema intelligencia, dá o alerta, o signal, o movimento, a respiração, a luz, o realce á obra dramatica. O actor, que allonga os braços, a actriz com os seus gestos desgraciosos, não passam de figuritas, de bonecos, cujos fios estão nas mãos do ponto. Elle brinca com todos a seu gosto.

Vêde-o no seu buraco. Não pode haver condição mais humilde; mas observae quanto fazem e dizem os personagens do drama ou da comedia, ouvi os gritos que saem do buraco e da boca do ponto. Todos os prodigios que o publico admira se devem unicamente ao triste sujeito de quem venho fallando.

O ponto deve ver tudo, saber tudo, prevenir tudo, preparar com grande antecipação todos os effeitos havidos e por haver d'uma obra dramatica; deve comprehender com exquisita sabedoria a menor differença de tom no actor que entra ou que sae, no rosto, no andar, na attitude do heroe; deve adivinhar se elle comprehende o papel que representa; deve emfim guial-o como se fosse o mestre.

Se o actor sabe bem o seu papel, o ponto permanece callado; mas sem o perder de vista. Pelo contrario, se aquelle titubeia, se se engasga, se se calla, desgraçado d'elle se não vem em seu auxilio o ponto, especie de cão do monte de S. Bernardo, tirando-o do abysmo em que principiava a submergir-se. O pobre diabo deve evitar do seu buraco dous escolhos: apontar demais ou apontar pouco.

Aquelle desditoso martyr da arte dramatica desempenha todos os papeis: elle é a um tempo o tyranno, o pae, o criado, a ingenua, a coquette, o noivo, a noiva, o gracioso, o protogonista, etc. Elle tem na sua mão todos os fios da intriga; chora, ri, vocifera, suspira, declama, degola, envenena, mata-se, assassina, enamora-se, casa-se, conspira, é rico, é pobre, vê-se coberto de glorias e honras, pertence a todas as nações, a todos os seculos, a todos dá dôres, a todos proporciona alegrias. E tudo isto encolhido, encaixado no seu buraco, como o caracol na sua concha, durante cinco horas, uma noute, e outra, e outra!

Mas ha mais; e é que o ponto tanto trabalha de dia como de noute. Dentro ou fora do seu buraco, está condemnado a um supplicio eterno. Tem de assistir ao parto de toda a novidade antiga ou moderna, e é victima d'essa aluvião de jovens e velhos auctores que augmentam diariamente com os seus disparates o reportorio da companhia.

Se os actores, que são muito entendidos na materia, gostam da obra, chamam immediatamente o ponto e dizem-lhe que tire os papeis, isto é, que copie cinco ou seis vezes cada um dos cinco actos do drama em questão. Estas são as partes, cada uma das quaes é entregue ao actor ou actriz que tem papel no drama. Depois tem ainda que tirar outra copia, para apontar por ella.

Não é este o maior dos seus martyrios. E' que essa comedia que copiara já cinco ou seis vezes, e tem de apontar pelo menos vinte ou trinta noutes seguidas, deve em antes ser apontada nos ensaios, apontada ou antes ensinada, como quem ensina a lição ás creanças, e isso representa pelo menos vinte ou trinta sessões d'um martyrio inexplicavel.

Ha a notar que dous dias depois nem o proprio auctor conhece a sua obra, tantas são as emendas, as entrelinhas, as raspaduras, as marcas que o ponto lhe põe.

Tenho deveras dó d'este pobre homem, e tanto mais que, quando uma peça agrada, o publico não o chama fora, não o cobre d'applausos, sendo elle a alma de tudo aquillo.

FREI GERUNDIO

MUSICOS

VILLA REAL

—

Ao dedicar estas linhas á formosa capital de Traz-os-Montes, não imaginem os meus leitores que lhes vou apresentar alguma preciosidade litteraria, recamada das mais bellas flores de rhetorica; os debeis recursos da minha pouca intelligencia e as côres da minha obscura palheta não me permittiriam jamais debuxar-lhes, em resumido quadro, as bellezas que exornam a fronte altiva d'esta formosa filha do rei-poeta, a quem a historia appelidou o Lavrador.

Se eu fosse um talento privilegiado como Victor Hugo ou Camillo Castello Branco, e muitos outros, e me adornasse a fronte a aureola da inspiração, descreveria como Byron, uma Cintra formosa e risonha, rodeada de bosques amenos e prados saudosos, ou phantasearia como Garrett, uma alvorada de maio... as formas seductoras do vulto feminino da janella... e os rouxinoes de Bernardim Ribeiro...

Mas o meu fim principal é outro.

Afastado para longe do berço querido da minha infancia, onde passara ditoso as mais gratas illusões da vida, a imagem saudosa da patria vem, meiga e consoladora, suavisar a minha al-

ma nas horas mais tristes da minha soledade.

E' então que com magoa me recordo das amenas collinas que a rodeiam, do murmurio de suas cascatas, do ruidoso rumor das agoas que fendem os rochedos, do trinar melodioso dos rouxinoes, dos seus formosos horisontes, das roxas violetas que bordam os prados e dos saudosos campos, tapetados de vecejante relva, através dos quaes deslizam docemente as limpidas agoas que dimanam de suas fontes crystalinas, onde a lua segreda em noutes formosas a sua lingoagem do ceo.

De tudo, pois, me recordo com saudade, e na minha imaginação se reproduz essa formosa e encantadora Villa Real.

Villa Real!... Oh! Tu és a princeza das villas, a mimosa flor de Traz-os-Montes e a seductora imagem de um anjo gosando a plenitude das delicias do paraiso.

Ufana-te e orgulha-te, patria minha, porque de teu seio teem sahido homens illustres na poesia, na pintura, na arte dramatica, na musica e na oratoria; e, n'esta parte, tens tu o Demosthenes portuguez, que é o Ex.mo Snr. Dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, esse orador por excellencia, cuja eloquencia, adornada de tão bellas imagens, fazendo taes persuasões e convicções no audictorio, que derruba como um raio, parece um caudaloso rio que arrasta após de si todos os objectos que encontra, ainda os mais graves.

E' sua voz magica tão sympathica, que a todos encanta e seduz, parecendo qual outro Orpheu, filho d'Apollo, que, dedilhando a lyra, conduziu após de si os proprios rochedos.

Se nos tempos em que vivemos existisse o erudito José Estevão, ornamento da tribuna portugueza, de certo se extasiaria ao ouvir fallar o distincto orador Dr. Azevedo Castello Branco.

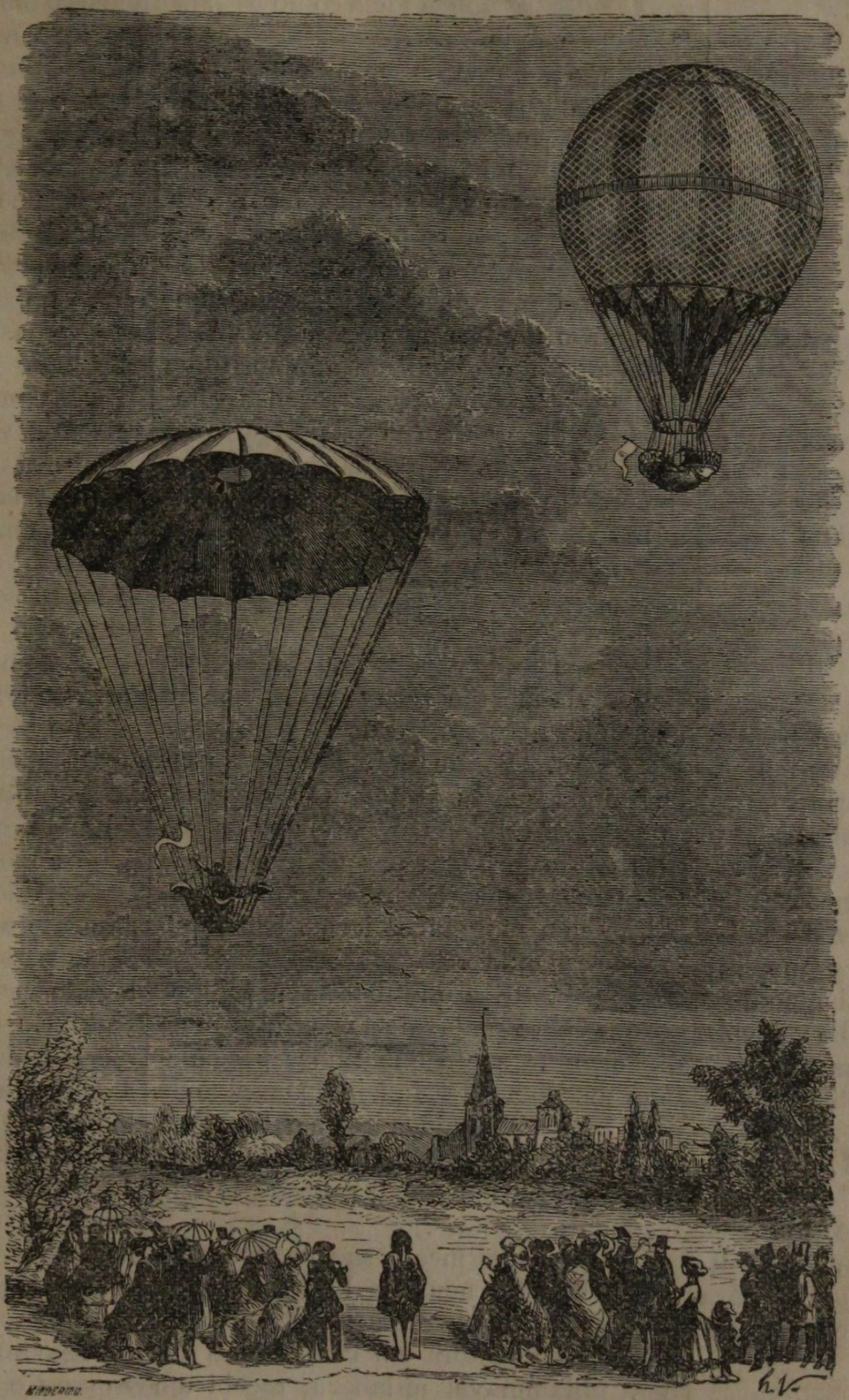
Inumeraveis são pois tuas bellezas, ó meu patrio ninho.

Para as poder descrever, para evocar tuas saudosas recordações, para cantar tua formosura sem rival, era preciso que eu possuisse essa inspiração pura e sublime que só é concedida ás almas puramente poeticas e apaixonadas.

Eu te saudo, pois, real villa dos reis, patria minha, mãe dos heroes da litteratura, rosa candida de Portugal.

Acceita saudades d'um filho extremoso, que de longe t'as envia.

Abel Accacio Moutinho



O PÁRA-QUEDAS (*)

A INNOCENCIA DAS ALDEIAS

(EXCERPTO)

Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, casa e reproduz-se, envelhecè e morre sempre á sombra das suas arvores, em cujas ramarias as gerações dos pintasilgos lhe cantaram o nascer e o amar, parecendo choral-o no morrer.

Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! como aquillo é tôrpe e melancolico! como tudo ali degenerou para nojos e tristezas!

A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda e Bernardes; Lobo e Fernão Alvares; Camões e Braz Garcia; Sá de Miranda e Quita, os quatro pontos cardeaes tomados de poetas que melodiavam bucolicas, louvores da santa vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam corar as rosas de puro envergonhadas! Eu não acreditava isto, embora o attrito de dous seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remanços do sertão, nem as justiças dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

Continua

Camillo Castello Branco

(*) Vid. pag. 96 do 2.º volume.

A ENGEITADA

Suja e rôta pela estrada
Pede uma esmola a quem vae:
Diz ter fome a desgraçada
Por não ter nem mãe, nem pae.

Viandante compungida
Lhe mitiga a dôr hostil,
E na boça ennegrecida
Um beijo lhe dá subtil.

Mas n'isto, a creança chóra;
—Porque chóras? perguntou.
—Ah! chóro, minha Senhora,
Nunca ninguem me beijou!

Alfredo Quartin

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

V

PARIS

Continuação

Ao deparar de novo com a belleza mysteriosa e solitaria, separei-me do grupo, galopando ao seu encontro, inclinei-me com galanteria e atirei-lhe o bilhete na saia do vestido. Continuamos passeando; e em volta encontrada, quando aquella formosura joven e soberana me distinguiu entre o grupo, inclinou-se para mim aristocraticamente e ao passarem os nossos cavallos devolveu-me o bilhete. A's minhas tres perguntas atrevidas, trazia o bilhete como resposta: *Esta noute ás oito... Rua de Provença, 17... Um milhão de francos.*

A este milhão de francos, todos os meus amigos me encararam como dizendo: Estarás munido de fundos para tanto? Eu guardei o bilhete e disse com desenfado:

—Pois irei.

—Muito bem, irás, me disse um mancebo americano, que depois plagiou aquella minha aventura, fazendo uma cousa similhante em Madrid; porém eu no teu caso, conde, reuniria um milhão de francos em bilhetes falsos... e a peripecia seria deliciosa.

—Não, respondi; demasiada desgraça tem essas divindades do nosso olympo com soffrer as inconsequencias das nossas adorações; hão de ser dos melhores os bilhetes que eu levar.

—A belleza é digna d'um grande sacrificio, disse o visconde de Arfabre; porém... cotisa-se em um preço fabuloso, quasi impossivel.

—Senhores, lhes disse, não fallemos mais do assumpto: ás oito estarei em casa d'essa beldade, e ás dez leval-a-hei ao meu camarote da Opera; e como o visconde de Arfabre tem o seu camarote em frente do meu, d'elle podereis saudar a minha felicidade, ou a minha infelicidade.

—Oh! sim... sim... prorompe-ram todos; porém... um milhão de francos!

E *mascavam* esta ideia como os seus cavallos o freio.

A's oito horas da noute fui a casa da adoravel incognita, e ás dez apresentei-me com ella no meu camarote da Opera. Quando os meus amigos me viram entrar com aquella formosura arrebatadora, todos prorompe
ram em grandes applausos, com a precaução de olhar para o scenario, onde cantava a Alboni; o publico applaudiu ao vêl-os applaudir, e eis aqui um applauso que a celebre *diva* contaria em seus triumphos, porém que em rigor pertencia ao milhão de francos, que eu invertia em comprar uma rosa. Desde essa noute poz-se em moda aquella belleza de Milão, que debutava comigo no theatro amoroso de Paris, e se fez poderosissima.

Em meio da sua faustuosa opulencia, vivia-me tão reconhecida, que eu não tinha necessidade de ir visital-a a sua casa... Porém, coincidencia singular! ainda que eu gastava tão caprichosamente um milhão de francos, para o caso não o gastava, porque isso que se chama *sorte* encarregou-se de me reembolsar com magnificos juros. Eis o que me succedeu:

Eu já disse que detestava o jogo, porque para nada me fazia falta mais dinheiro do que o que tinha; porém o meu mordomo de Madrid, por saldo de uma conta insignificante, em logar de enviar-me cem duros, julgou mais facil mandar-mos em um bilhete da loteria nacional.

Eu nem ao menos me occupei d'aquelle bilhete, nem me lembrava onde o guardara; e nove ou dez dias depois da minha aventura em Paris com a minha inflammavel milaneza, recebi um telegramma de felicitação do mordomo por me terem tocado os seis milhões do premio grande.

Continua

A LENDA DAS NEVES

Continuação

A's vezes, no entretanto, contemplava com um olhar onde se reflectia o ardor da febre o frio ceo escuro das noites de março...

Tal contemplação deveria commovel o profundamente; parecia inquieto, e, como se estivesse á espera d'uma commoção imprevista, permanecia á janella com a cabeça descoberta, insensivel ao rigor do vento que lhe açoutava o rosto...

N'aquella noite a natureza estava sombria e lutuosa... As estrellas pallidas e velladas similhavam lagrimas de prata cahidas em um sudario preto... O ribeiro, escondido na sombra, corria silenciosamente junto das casas... Por debaixo de Walter, a rua deserta, e por toda a parte a tranquillidade pavorosa d'um paiz abandonado.

N'esta meia obscuridade apenas podia distinguir os telhados agudos ou algum palacio não muito afastado. Ao longe, uma estreita janella d'ogivas estava ainda allumiada a esta hora por uma pequena luz vermelha e vacillante, que, rompendo as trevas, dava á paizagem um aspecto extravagante e romantico.

No campanario as horas soaram lentamente, vibrando na solidão nocturna como a gargalhada d'um reprobo. Depois... nada. A escuridão profunda, o silencio imponente...

—Oh! minha doce amada! Eu espero-te, disse Walter. Porque tardas tanto?...

E com um ar d'inquietação interrogava todos os pontos do horisonte onde subiam já umas nuvens negras, immensas e ameaçadoras.

De repente teve um estremecimento singular, e levantando-se diante da janella impellido por mão invisivel:

—Ah! vejo-te emfim! disse elle doudamente a um floco branco de neve que então passava por cima da sua cabeça levado pela força do temporal. Vem, vem! Eu esperava-te...

E a neve ia cahindo ligeira e miuda. Era a ultima d'esse anno e espalhava-se silenciosamente pelo chão como um manto immaculado...

A's vezes o vento, como um amante brutal, arrastava-a, levantando-a, para a apertar mais estreitamente com seus frios braços; outras vezes, fazendo-a volteiar em um turbilhão vertiginoso, obrigava-a a descer mais rapida, mais espessa e mais brilhante.

—Emfim, emfim, vejo-te! minha adorada Branca!... Escutaste a minha voz... Ah! bemdita sejaes!...

E Walter, beijando os flocos de neve que passavam e vinham roçar nos seus labios, julgava achar n'estes affagos aereos o halito da sua amada.

Estava tudo branco... tudo branco... Passou-se a noite assim...

Ao romper da manhã a neve estava por toda a parte, em festões, nos telhados, nas grimpas, nas cornijas, cahindo em rendilhados musgosos, nos beiraes das casas... Na praça principal os pla-

tanos de folhagem esbranquiçada recordavam esses formosos velhos que são a alegria da familia e cuja presença respeitosa é a benção do lar. Nada tinha manchado a superficie tranquilla do rio, o seu leito gelado.

Unicamente alguns arbustos sombrios e despojados de folhas que vegetavam nas margens, pareciam pelo aspecto monotono e desolado, tecer na sua sepultura uma corôa funebre d'espinhos... Walter assim o pensou e poz-se de joelhos...

—Bem vês, minha adorada Branca: a natureza inteira auxilia-me para te festejar... O sol contempla-te, illumina-te e beija-te... e os teus raios mais scintillantes penetram na parte mais recondita da minha alma... Ah! Sim! As nossas arvores queridas cobrem-te com a sombra suave da sua folhagem melancolica, ó minha pallida amante! Ah! não ser eu o unico a amar-te... a admirar-te e a repetir-t'o! Estás tão formosa!... Mas tão fria... tão fria, como a morte!...

Continua

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

Continuação

TERCEIRA ORDEM

Hum carro, a quem precederão Trompas, e alguns homens de pé vestidos a modo dos Assyrios, naturais do paiz por donde passa o terceiro rio do Paraiso, que irá significado em huma figura posta no lugar eminente do mesmo carro: «Nomen vero fluminis tertii Tygris: ipse vadit contra Assyrios.» Gen. 2. 11.

Pobreza irá montada em hum cavallo vestida de pardo, a quem precederão Andarilhos, levará na cabeça huma coroa de louro, na mão huma coluna de ouro e esta letra no escudo: «Simul in unum dives, & pauper.» Ps. 48. 3. Levará prezo por huma cadea ao mundo com hum globo perfeito, que mostre todas as suas quatro partes.

Conhecimento proprio, irá em hum cavallo com Andarilhos vestida de cor de prata com coroa na cabeça, levará na mão hum espelho, em que se irá vendo, e na outra hum escudo, que dirá: «Substantiam meam tanquam nihilum.» Ps. 38. 6. Levará prezo ao Demonio, que irá em forma horrivel acompanhado de alguns da sua facção; em huma mão mostrará um laço, e huma rateira, e do hombro direito levará pendente esta letra: «Praevenerunt me laquei.» 2 Reg. 22. 6.

Mortificação irá a cavallo com Andarilhos vestida de varias cores honestas, coroada de flores, em huma mão levará hum cypreste, e delle pendente disciplinas, e cilicio, e hum escudo, que diga: «Dominus mortificat, & vivificat.» 1 Reg. 2. 6. Levará preza a figura da carne, que hirá vestida de encarnado bem toucada; em huma mão ostentará hum cupido, e na outra esta letra: «Non glorietur omnis caro in conspectu ejus.» 1. Ad Corinth. 1. 29.

QUARTA ORDEM

Hum carro, que levará diante de si clarins, e alguns Indios, ou Chinos gente propria da terra por onde passa o quarto rio do Paraiso chamado Eufrates, o qual irá significado em huma figura posta no lugar superior do mesmo carro: «Fluvius autem quartus ipse est Eufrates.» Gen. 2. 14.

Natureza humana vestida de cores ricas, e de belas flores adornada, levará em huma mão huma arvore com flores, folhas, e fructos, e na outra hum escudo com esta letra: «Invisibilia enim ipsius... per ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur.» Ad Rom. 1. 20.

Igreja catholica, hirá montada em hum cavallo vestida de ricas cores, com Teara na cabeça, e Cruz Pontifical na mão. No escudo dirá: «Hic est gratia Dei.

Seguir-se-hão alguns bixos de varias especies.

Hum carro com quatro Anjos cantando a letra do texto de David no Psalmo 44 n. 3. «Diffusa est gratia in labiis tuis, propterea benedixit te Deus in aeternum.» Hirá entronizada a figura da Graça vestida de branco, coroada de flores com resplendor de luzes.

Apparecerá logo a Carroça de Santo Antonio, que irá na figura de hum menino com as suas insignias acompanhado dos seus Religiosos na mesma idade. Logo se seguirá a Irmandade do mesmo Santo, que em hum rico andor levará a sua prodigiosa Imagem com quatro Anjos á qual se seguirá a Communidade dos Religiosos de São Francisco com a veneranda Reliquia da Arvore da Redempção.

(Continua)

OS PROCESSOS DA
INQUISIÇÃO

Continuação

Eram judeus, presos pela primeira vez e arrependidos, condemnados a alguns annos de prisão, ou a trazerem o sambenito. Cada um d'elles era conduzido por dous familiares da Inquisição.

Atrás d'estes vinham vinte judeus relapsos, homens e mulheres, condemnados ao fogo. Os que tinham dado demonstrações d'arrependimento deviam ser estrangulados, segundo o costume, antes de serem lançados ao fogo; os outros que presistiam obstinadamente no erro, deviam ser queimados vivos, e por isso traziam sambenitos de panno de linho pintado, que representavam demonios e chammas, e carochas com iguaes pinturas. Cinco ou seis d'entre elles, mais obstinados do que os outros, tinham mordaças na boca para lhes impedir que blasphemassem.

Estes infelizes passaram na ordem que referimos por baixo da tribuna do rei de Hespanha, e depois de darem volta em torno do tablado, foram collocados sobre o amphitheatro, á mão esquerda, cada um entre os familiares e os religiosos que os tinham acompanhado. Alguns grandes do numero dos familiares tomaram assento em dous bancos, que já lhes estavam destinados debaixo do outro amphitheatro.

Os condemnados ao ultimo supplicio, além da escolta dos dous familiares, estavam rodeados de quatro ou cinco frades de diversas ordens, que os exhortavam durante a marcha.

Chegando depois o clero da parochia de S. Martinho, collocou-se junto do altar. Logo em seguida entraram a cavallo na praça os officiaes do conselho supremo da Inquisição, os inquisidores, os qualificadores, os officiaes de todos os outros conselhos e outras muitas pessoas de consideração, tanto seculares como regulares, e tomaram logar no amphitheatro, á mão direita, aos dous lados da cadeira destinada para o inquisidor geral, que vinha em ultimo logar, vestido de roxo, e acompanhado do presidente do conselho de Castella, o qual se retirou logo que elle subiu á cadeira.

Começou então a missa, no meio da qual deixou o celebrante o altar e foi sentar-se em uma cadeira que lhe estava preparada. O inquisidor geral desceu do seu logar, fez-se revestir d'uma capa e pôr a mitra na cabeça, e depois de ter feito venia ao altar, dirigiu-se á tribuna do rei e subiu os degraos do fim do amphitheatro com alguns officiaes da Inquisição, que levavam a cruz, os Evangelhos e um livro que continha o juramento pelo qual os reis de Hespanha se obrigavam a proteger a fé catholica, estirpar as heresias e apoiar com toda a sua auctoridade os processos da Inquisição.

O rei de Hespanha, de pé e descoberto, tendo a seu lado um grande com a espada real levantada, jurou observar o juramento que acabava de ler um conselheiro do conselho real e da Inquisição, ficando n'esta postura até que o inquisidor geral voltou ao seu logar, onde tirou os habitos pontificaes.

Continua

O NEGRO E O ESPELHO

CONTO EM DOZE GRAVURAS

V

Desanuvia a fronte n'um instante.
—A cara tem d'experto o tal tratante!

VII

Faz-lhe caretas, gestos e momices,
E o vidro reproduz-lhe as macaquices.

ZIG-ZAGS

BOA RESPOSTA

Perguntado Affonso, rei de Aragão, que cousa haveria no mundo que o podesse empobrecer, respondeu:

—A sciencia, se se vendera, porque daria por ella tudo quanto possuo.

O AMOR

El-rei de Babylonia, sabendo que um criado seu namorava uma dama do palacio, considerou como o castigaria, e para isso aconselhou-se com o philosopho Apollonio, que lhe merecia grande conceito. Respondeu este:

—Senhor, que maior castigo lhe quereis dar que deixal-o viver?

Admirou-se o rei e concluiu o sabio:

—O seu amor em breve será o seu maior verdugo, pois não haverá tormento a que não o condemne o seu amor.

CHARADA

Eu dou firmeza —1
Sou relativo —1
E compressivo
Por natureza —1

Sempre apoucado
E sem grandeza.

Resolução do problema do numero 71:

Custo do livro	. . .	1$500 reis
« binoculo	. .	3$000 «
« relogio	. .	67$500 «
4 moedas de	. . .	10$000 «
5 «	. . .	5$000 «
4 «	. . .	2$500 «

Foi-nos enviada a solução pelo snr. S. S. C. Assumpção, 2.º sargento de caçadores n.º 9.

VI

O negro afaga o vidro de contente,
E o vidro corresponde exactamente.

VIII

Por diante e por detrás elle investiga;
Mas não dá co' o segredo que o intriga.

(Continua)

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o Camões pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Aceitamos assignaturas a pagar todas as semanas, ou aos mezes, á vontade do assignante.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua de S. Lazaro 84.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

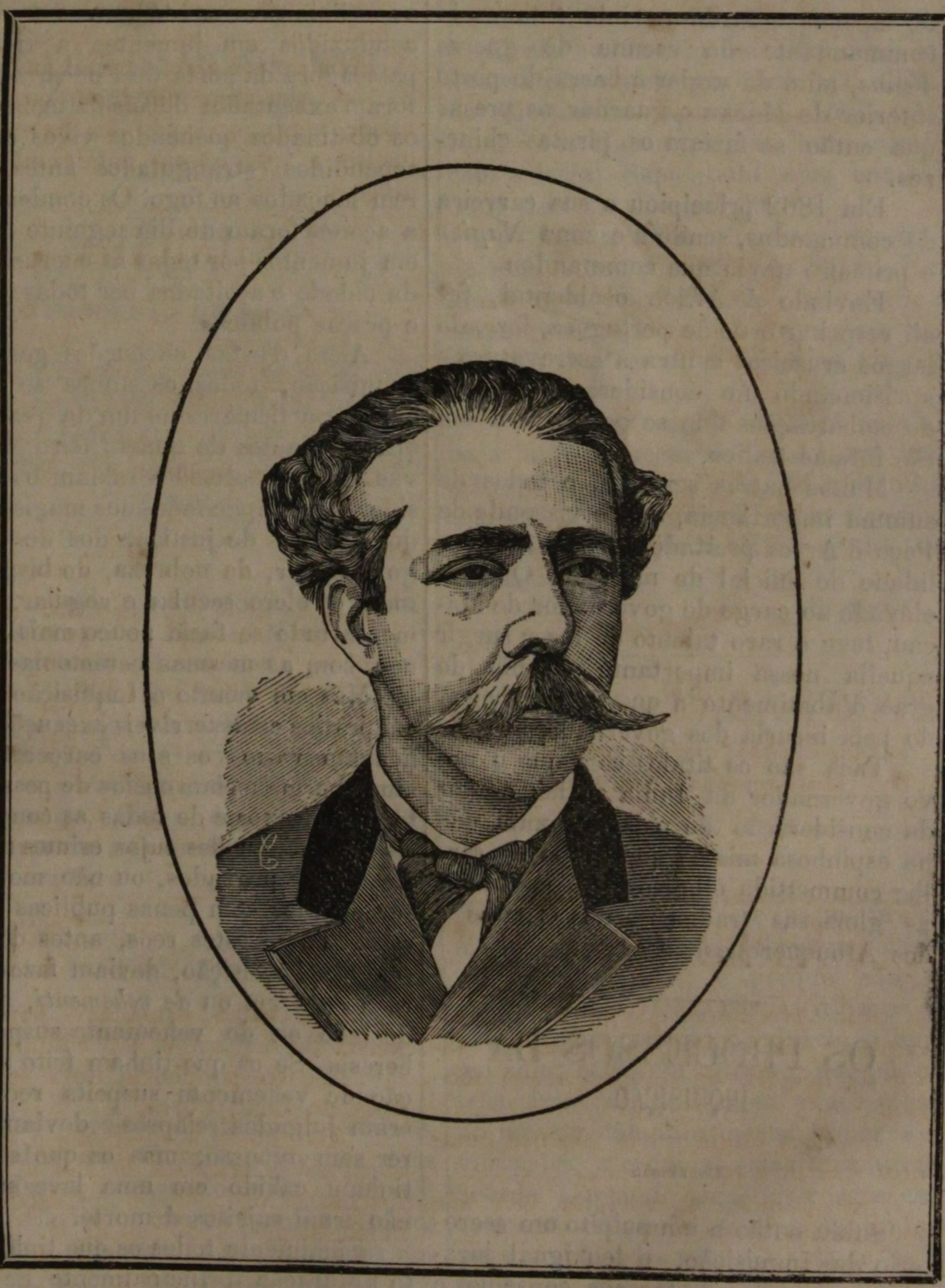
Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 19 DE JANEIRO DE 1882 | NUMERO 73

SUMMARIO

Texto: — Visconde de Paço d'Arcos — Os processos da Inquisição — Desalento (poesia) por Alberto Malheiro — A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco — Uma procissão no Porto no seculo passado — Sciencia para todos: Acustica e musica, por Doutor Jayme — — A lenda das neves — Diniz Papin — Chegar a tempo — A Africa mysteriosa — O conde d'Amarante (romance) — Dorme, acorda (poesia) por J. P. S. Macario — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Paraguay — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A ordem da Annunciada, por Narciso Feio — O negro e o espelho — Zig-Zags: Astapa — Um alho — Problema.

Illustrações: — Visconde de Paço d'Arcos — Diniz Papin — Um acto de vandalismo — O negro e o espelho (4 gravuras.)



VISCONDE DE PAÇO D'ARCOS

VISCONDE DE PAÇO D'ARCOS

Carlos Eugenio Correia da Silva, actual visconde de Paço d'Arcos, é filho de uma honrada familia de commerciantes da Covilhã, a qual se transportou para Paço d'Arcos...

Ora ahi iamos nós cahindo nos logares communs de todos os biographos, sem nos lembrarmos de que estes pequenos artigos, destinados a acompanhar os retratos dos varões illustres de Portugal, não podem por forma alguma aspirar ás honras de biographias, e nem sequer ás d'apontamentos biographicos.

São apenas umas breves noticias dos individuos retratados, e como tal proseguiremos dizendo que o visconde de Paço d'Arcos, ultimamente nomeado governador da India portugueza, é um dos nossos mais distinctos officiaes de marinha, que, tendo aprendido na escola dos cruzeiros e viagens ás nossas possessões d'além-mar, teve a honra de ser aos desenove annos d'idade, sendo apenas guarda-marinha, nomeado commandante da escuna de guerra *Venus*, afim de vigiar a barra do porto interior de Macau e guardar as presas que então se faziam os piratas chinezes.

Em 1862 principiou a sua carreira de commandos, sendo a escuna *Napier* o primeiro navio que commandou.

Enviado á Africa occidental, fez ali respeitar o nome portuguez, fazendo largos cruzeiros contra a escravatura e aprisionando um consideravel numero de embarcações que se occupavam em tão infame trafico.

Muitos outros serviços, e todos de summa importancia, tem o visconde de Paço d'Arcos prestado ao paiz na qualidade de official de marinha. Quando elevado ao cargo de governador de Macau, teve o raro talento de fazer surgir aquella nossa importante colonia do grao d'abatimento a que havia chegado pela incuria dos governadores.

Taes são os titulos com que o novo governador da India se faz credor da consideração do paiz, e oxalá que na espinhosa missão que acaba de ser-lhe commettida elle consiga continuar as gloriosas tradicções dos Castros e dos Albuquerques.

OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

Conclusão

Subiu então a um pulpito um secretario da Inquisição, e leu igual juramento, que fez prestar aos conselhos e a toda a assembleia. Depois subiu ao mesmo pulpito um dominico e fez uma pratica toda cheia de louvores á Inquisição.

Era quasi meio dia quando se começaram a ler as sentenças dos condemnados. Leram-se primeiro as dos culpados que haviam morrido na prisão, ou que tinham sido julgados por contumasia, trazendo-se para cima do pequeno tablado as suas effigies, que foram mettidas nas gaiolas, e continuou-se depois a leitura das sentenças a cada condemnado, que se fez entrar, um depois do outro, nas mesmas gaiolas, para serem vistos de todos.

Fez-se depois a leitura das sentenças dadas contra os accusados de bigamia, de sortilegio, de profanação das cousas santas e d'outros muitos crimes, como tambem contra os judeus arrependidos, e isto durou até ás nove horas da noute.

Acabada a missa, vestiu-se o inquisidor geral dos seus habitos pontificaes e deu a absolvição solemne aos que se arrependeram. Retirando-se então o rei, foram entregues ao braço secular os criminosos condemnados ao fogo e conduzidos em jumentos a tresentos passos fora da porta de Foncarral, onde foram executados depois da meia noute, os obstinados queimados vivos e os arrependidos estrangulados antes de serem lançados ao fogo. Os condemnados a açoites foram no dia seguinte levados em jumentos por todas as encruzilhadas da cidade e açoitados por todas as ruas e praças publicas.

Além d'estas execuções geraes da Inquisição, todos os annos se faziam outras particulares no fim da quaresma, oito dias antes de quarta feira de trevas. N'estas occasiões sahiam os inquisidores, acompanhados dos magistrados, dos officiaes de justiça, dos do rei, do governador, da nobreza, do bispo e de todo o clero secular e regular. Finalmente tudo se fazia pouco mais ou menos, com as mesmas ceremonias.

Mas em quanto a Inquisição punha em pratica estas terriveis execuções, não ficavam vasios os seus carceres, pois ainda permaneciam cheios de pessoas de todos os sexos e de todas as condições, a saber, d'aquelles cujos crimes não poderam ser provados, ou não mereciam ser punidos com penas publicas corporaes. Todos estes reos, antes de sahirem da Inquisição, deviam fazer abjuração *de levi* ou *de vehementi*, isto é, de leve ou de vehemente suspeita de heresia. Se os que tinham feito abjuração de vehemente suspeita recahiam, eram julgados relapsos e deviam morrer sem recurso; mas os que somente tinham cahido em uma leve suspeita não eram sujeitos á morte.

Finalmente todos os que tinham feito abjuração, principalmente *de vehementi*, deviam trazer o sambenito, uns por toda a vida, outros por certo numero d'annos, e isto era o ultimo signal de infamia, tanto para elles como para as suas desgraçadas familias.

Aquelles a quem a Inquisição deixava alguns bens serviam se d'elles para se resgatarem da necessidade de trazer um vestido tão infamatorio.

Rarissimas vezes se concediam taes dispensas. Além de custarem muito a obter, o seu exorbitante preço offerecia uma difficuldade, pois o menor mal que podia acontecer áquelles a quem o seu infeliz destino fazia cahir nas garras dos inquisidores era a perda de seus bens. Primeiramente eram confiscados todos os effeitos moveis e immoveis dos condemnados á morte, e quanto aos outros, tendo-se os inquisidores apossado dos seus bens desde o momento da prisão, quasi todos se achavam consummidos antes de elles serem soltos pela má administração dos sequestros, pelos roubos, pelas confiscações e pelas multas que se lhes impunham.

Tal era a forma dos processos e das execuções da Inquisição, que, como uma peste, tirou a vida a milhares de pessoas, especialmente na Hespanha, onde ella reinou despoticamente. Ainda havemos de dizer mais alguma cousa sobre o assumpto.

DESALENTO

Não sei que devaneio,
Que fado ou que mysterio
Me chama do teu seio
A's frias solidões!
Porque esse olhar ethéreo,
De luz como aziaga,
O coração me alaga
Dos pállidos clarões!

Quando eu me elevo ao cume
Das grandes serranias,
Teu rosto porque assume
O vago azul do ar?
Porque é que tu me envias
Dos largos horisontes
A' solidão dos montes
Esse adorado olhar?

Mal sabes que tormento
Meus dias amargura!
Que grande desalento
Devora o peito meu!
Em breve á sepultura
Irei da vida fatua,
E tu serás a estatua
Do negro mausoleu.

Alberto Malheiro

A INNOCENCIA DAS ALDEIAS

(EXCERPTO)

Continuação

Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas al-

deias do Minho, graças á proverbial estupidez nativa d'aquelle gentio, era assim mesmo de tal tolice que dir-se-ia ser eu de lá.

Vivi anno e meio n'um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que simpleza devia parelhar com a innocencia. Quaes as mulheres trescalando a raposinho e ao incodeado da lama, teriam as almas limpas. Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffreriam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo medo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revesadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros da volta da lavoira cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas d'um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fosse de grêda tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

Passei á orla das cortinhas onde moirejavam as moças da aldeia, e ouvi-as cantar ladainhas, e versos de S. Gregorio. Quedavam de cantar, e romperam n'um murmurio monotono: resavam a coroa.

Procurei-as nos dias santificados á tarde, entre as carvalheiras da suave sombra, no recosto dos valados, ou nas escadas do cruzeiro, conversando os innocentes requebros dos seus affectos, já de ante-mão legitimados pela pureza da intenção.

Não as vi.

Estavam no templo resando o terço em altos brados, alternadamente com o vozear cavo d'um homem de batina, pastor d'aquelle rebanho triste e sujo por penitencia.

Depois, vi-as sahir da igreja, com os olhos em terra e as mãos cruzadas sobre os seios tumidos.

Aqui ha virtude, disse eu entre mim. O padre matou o contentamento d'esta mocidade, bafejou halito do inferno ao coração d'estas raparigas e queimou-lhes as flores, sobrepoz-lhes á carga do trabalho incessante um demonio que as cavalga, metteu-as á via dolorosa e escura do temor do diabo, figurou-lhes Deus propriamente peor do que o seu inimigo, envelheceu estas mulheres aos quinze annos; mas, se ellas se conformaram, se renunciaram, se conhecem o valor da renuncia, vão bem, vão impreterivelmente ao ceo. Certo é que Deus não queria tanto d'estas pobresinhas que tão suado com'm o seu pão. Deus que veste as arvores, e aveluda as flores, e aloireja as cearas, consentiria que ellas, uma vez por outra, folgassem, volteando as suas sarabandas e cantando as harmoniosas cantilenas que já foram o contentamento das serras. Deus não impediria, que, ao domingo, em vez de resarem o terço em uma ermida que trescala á podridão dos cadaveres, estivessem ao ar livre das devezas planeando com os seus amigos da infancia o futuro dos filhos do seu amor abençoado pelo cura affavel, que, ao prepassar por elles, dizia entre grave e risonho alguma palavra docemente reprehensiva. Emfim, estas raparigas podiam salvar-se, por mais desempecido caminho. Vida tão sem luz, sem coração, sem riso, valia bem a pena melhoral-a ainda á d'alguns annos de purgatorio, por causa dos peccados veniaes, se não ha livrar-se d'elles quem sente o goso, de viver alternando canceira e repouso de corpo e alma.

Disse isto de mim para mim e agora o digo aos leitores com grande vergonha da minha cara e muitas lagrimas n'estes olhos que a terra ha-de comer.

Continua CAMILLO CASTELLO BRANCO

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

Continuação

FORMA
DA
PROCISSÃO DE PASSO

Que na Cidade do Porto se ha de celebrar em 25 de julho deste presente anno, (1747) em obsequio do Preclarissimo Portuguez o Senhor Santo Antonio de Lisboa

Tributa-lhe esta festa o Officio dos Tanoeiros pelos Juizes, Mordomos, e mais Devotos, e á sua custa se imprime a relação. Funda-se nas acçoens posthumas, que se ordenarão para a Canonização do Glorioso Santo; e se divide em tres Sequitos: Hum da preciosa morte. Outro da inquirição das suas virtudes. O terceiro trata da sua Canonização.

SEQUITO I

Mostra os dons com que adquirio gloríoza morte.

Dous homens vestidos á Cortezãa montados em Cavallos, levarão dous estandartes encarnados com as letras: «Jam Christum chorus humilis alacrius in jubilo collaudet; in quo Sacerdos nobilis Antonius de veritate gaudet. E, Sono tubae &c. Laudet in Antonio mystice cor meum.» São estas palavras do Officio do mesmo Santo.

Tymbales, Trompas, e Clarins todos de Cavallo, logo 6 Andarilhos vestidos de seda precedendo a primeyra figura de Cavallo.

I figura. *Cidade do Porto.* Vestida á tragica de rica primavera de Ouro, na cabeça levará as suas armas; em huma mão hum Clarim dourado, e na outra o estandarte com a letra: «Sol occidit, & ad locum Suum revertitur ibique renascens gyrat.» Eccles. 1. 5. Dará a fama de que o brilhante Sol do Emisferio serafico acabou a vida mortal; renasceu porém como engraçado Sol na sua Canonização.

Andará um Navio sobre fingidas ondas, aludindo ser o Occeano propria sepultura do Sol material. Seguirão algumas Baleyas. E se o Espirito de Deus andou sobre as aguas na Creação do Mundo, tambem repartio dos seus graciosos dons no Espirito de Santo Antonio.

2 figura. *Sapiencia.* Vestida á tragica de primavera de matizes, em Campo azul com coroa de Estrellas na Cabeça; em huma mão um cofre cerrado, que na circumferencia dirá: «O' altitudo divitiarum sapientiae Dei!» Ad Rom. 11. Em outra mão hum escudo com a letra: Sapientiam ejus enarrabunt gentes.» Eccles. 39. 14.

3 figura. *Entendimento.* Vestida de ricas cores, Coroada de flores. Em huma mão hum Cetro, e em outra o escudo com a letra: «In thesauris sapientiae intelectus, & scientiae religiositas.» Eccles. 1. 26

4 figura. *Concelho.* Levará na Cabeça hum capacete de prata, em hua mão hu livro, e na outra hum escudo, com a letra: «Non sedi cum Concilio vanitatis.» Ps. 25. 4. Hirá vestida de varias cores.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

VI

ACUSTICA E MUSICA

Continuação

E' em virtude d'esse mesmo principio que os selvagens fabricam instrumentos grosseiros; é porque são os mais ruidosos. Duas cordas d'harpa do mesmo comprimento produzem o mesmo som; estão em unisono, ou, por outras palavras, produzem exactamente no mesmo tempo o mesmo numero de vibrações, e reunidas estas formam um acorde. Cortando uma das cordas exactamente pelo meio, a vibração diminue para metade das vibrações da corda inteira e a nota é duas vezes mais aguda; mas como cada vibração da meta-

de da corda corresponde a cada vibração da corda inteira, a consonancia entre ellas não é interrompida e os sons que resultam são perfeitamente harmonicos, havendo uma vibração na corda maior por cada duas da mais curta. Não ha discordancia; o accordo é perfeito; mas, com relação á sua divisão, chama-se-lhe *oitava*.

Uma harpa que tivesse cordas só de dous comprimentos produziria sons muito pouco variados; juntando-lhe outras cordas, cujas vibrações se correspondem menos frequentemente do que a oitava, varia-se a escala harmonica. Como o numero das vibrações d'uma corda é um, ao passo que a oitava é dous, a nova divisão terá tres vibrações, ao passo que a original terá duas, e esta nota, que tem dous terços da original, chama-se *quinta*. Se a corda original é de 120 partes, a oitava é de 60 e a quinta de 80, ou $^2/_3$. Da mesma sorte, uma outra corda está dividida de maneira a corresponder a cada quatro vibrações da original e esta ultima a tres quartos do seu comprimento e chama-se *quarta*. Dá-se a mesma cousa para as outras, cujas vibrações se correspondem na mesma progressão, até que a corda original dê 7 vibrações melodiosas.

Construida de cordas diversas d'esta maneira, uma harpa produz uma melodia original; as vibrações combinam-se, ainda que em tons differentes.

Se uma corda tiver 120 partes, a oitava terá 2 vibrações para uma, ou 60 partes de 120; a quinta, 3 para 2, ou 80 partes; a quarta, 4 vibrações para 3, ou 80 partes; a terceira maior, 5 vibrações para 4, ou 96; a terceira menor, 6 vibrações para 5, ou 100; a sexta maior, 10 vibrações para 6, ou 5 por 3, ou 72 partes; a sexta menor, 16 vibrações por 10, ou 8 por 5, ou 75 partes.

Estas divisões da corda constituem a escala diatonica, que não tem outro fim senão produzir a maior variedade de tons, com o unisono e o accordo das vibrações, ou uma serie exacta de vibrações no intervallo mais curto de tempo.

As cordas do piano, da harpa, do violino, etc., estão postas d'accordo para a justeza e experiencia do ouvido.

As sete notas são a base de toda a musica; com os cinco meios tons formam o alphabeto musical e prehenchem todos os intervallos da escala.

Continua — DOUTOR JAYME

A LENDA DAS NEVES

Continuação

E Walter, com os olhos esgasiados, mettia horror...

—Deixa que o meu halito te aqueça... Porque desappareces com o calor de meus beijos?... Esperei-te por tanto tempo! Sim, eu bem te vejo com o teu vestido de noiva immaculado e puro; mas ai! quanto mais quero aproximar-me de ti, mais tu me foges!...

E n'este sonho impossivel permanecia exhausto com a cabeça appoiada nas mãos.

Durante este espaço de tempo, a neve, como uma virgem doida, dançava ao redor d'elle uma walsa infernal, ao soprar agudo da ventania que a levava para longe...

Walter sahiu então... E correu... Atravessou as ruas, as aldeias e as cidades.

Por onde quer que passasse perguntava se alguem a tinha visto... e o povo fazia o signal da cruz diante do desgraçado louco, que não comprehendia...

—Quero possuil-a eternamente, dizia elle aos caminhantes que encontrava pelos campos; quero-a eterna, eterna como o meu amor...

E caminhava sempre.

De longe viu-a pairande sobre um lago prateado...

A lua, que a illuminava com seus pallidos olhares, fel-o sorrir por instantes. Julgava que ella o tinha chamado.

Em toda a noute lhe serviu de guia, envolvendo-a em um transparente e delicado veo, que fluctuava no espaço...

Ao romper do sol estava sosinho. Comtudo cuidou vel-a ainda ao longe, nas leves neblinas, escondida na sua tunica d'orvalho, como uma vaidosa na brancura opulenta das rendas... Fortalecido por uma energia sobrehumana, dominado por um pensamento unico, vel-a, Walter apressou o passo...

Em uma volta da estrada, os raios inflexiveis do sol rasgaram bruscamente as cortinas vaporosas que a occultavam ao seu olhar, e, ali... diante d'elle... viu-a repentinamente, na maravilhosa radiação da sua esplendida formosura, no meio do fulgor inalteravel do seu palacio magico, que dominava tudo e cuja frente elevada se coroava de nuvens.

—Vem, gritava ella; é no ceo que eu te espero; é lá unicamente que serei tua para sempre.

A' tarde, o sol illuminava-a com os raios dourados, vertendo sobre o seu seio virginal torrentes de rubins e diamantes...

No entretanto Walter, fascinado, doudo d'amor, subia a custo a montanha, agarrando-se ás arestas dos rochedos, aos musgos e ás raizes dos pinheiros...

Subia sempre, transpondo as quebradas e caminhando ao longo dos precipicios. Impellido por uma potencia invencivel, o desejo, e com os olhos fitos nos encantos attrahentes da sua amada, deslumbrado, arquejante, nunca parava...

Chegara a primavera...

Continua

DINIZ PAPIN

DINIZ PAPIN

Diniz Papin foi, como dissemos a paginas 230 do 1.º volume, o inventor dos principios essenciaes da machina de vapor, que hoje tantos serviços presta, sendo a ella principalmente que se deve o desenvolvimento da industria.

Papin tem incontestavelmente o direito de ser considerado um dos benemeritos da humanidade; é certo porém que o seu invento, applicado ao principio somente ás embarcações, levantou uma grande celeuma entre os barqueiros do Weser, aos quaes tanto prejudicava o invento do seu compatriota.

Concitados, amotinados, e correndo ao sitio onde se achava ancorado a bar-

co de Papin, o destruiram sem piedade.

E' esta scena de vandalismo que representa a gravura d'esta pagina. Na da pagina anterior está representado o celebre auctor d'uma descoberta que devia produzir uma revolução quasi no mundo.

CHEGAR A TEMPO

Ao cabo d'uma longa e penosa infermidade, Serapião, antigo negociante com loja de seccos e molhados na rua da Quitanda, no Rio de Janeiro, d'onde se transportara para Portugal com quatrocentos contos de reis, em bom metal, e uma mulher, joven e bonita, que cahira na patetice de unir o seu destino ao d'um homem de olhos verdes e nariz vermelho...

Voltemos porém ao nosso ponto de partida.

Ao cabo d'uma longa e penosa infermidade, Serapião deixou esta vida por outra de descanso eterno.

D. Sophia, sua esposa, mulher galante, como é natural, ficou viuva. Perda tamanha, não obstante a differença de idades, de genios e de qualidades physicas, porque elle era feio como o diabo e ella linda como um anjo, chorou-a D. Sophia por uma maneira nunca vista. Os seus lindos olhos converteram-se em caudalosas torrentes de lagrimas e perderam aquella expressão que tinham em dias mais felizes.

A situação da pobre viuva era demasiado critica.

Achava-se só no mundo, sem uma pessoa que velasse por ella, que a defendesse em caso de necessidade, sem aquelle ente que satisfaz os pueris e exigentes caprichos que teem todas as mulheres, emfim sem um editor responsavel, que outra cousa não é um marido.

Apesar de as más lingoas dizerem que a magoa depressa lhe passaria, porque, formosa e rica, não lhe haviam de faltar maridos, ella, como que muito de proposito para desmentir todas as lingoas viperinas que ferem as mais firmes reputações, não cessava de prantear a perda do seu bom senhor, que era como ella se habituara a chamar ao marido desde tenros annos, porque de desesete se havia unido a Serapião, tendo elle quarenta e oito e alguns mezes mais.

Vinte e tres dias esteve encerrada em sua casa, uma casa muito elegante da rua da Boa Vista, sem receber uma só visita, nem mesmo as de mais amizade e confiança.

—Assim, dizia ella, poderei chorar mais á vontade a irreparavel perda do meu bom senhor. Ai! Aquillo não se recupera mais. Onde encontrar outro como elle?

As más lingoas, e nós já dissemos que a vida de D. Sophia dava largo pasto ás parolices das más lingoas; estas affirmavam que Sophia, á força de desgostos e sensaborias que Serapião lhe causava com as suas caturrices de velho ciumento, resolvera desfazer-se d'elle; outras porem eram d'opinião que o velho, avarento e sovina como aquelle que ganhara á custa de muito suor uma fortuna que depois vê desbaratar nos mil nadas que uma esposa joven e elegante inventa a cada momento, tomara a resolução de deixar-se morrer para se livrar do tyranico jugo que Sophia lhe posera aos hombros.

Apesar de tudo, Sophia chorava amargamente a morte do seu bom Serapião e dizia que não tornaria a encontrar outro marido como aquelle.

Sería verdadeira a sua dôr? Esta pergunta, um pouco offensiva do caracter angelical de Sophia, tem no entretanto logar, fundada no rifão que diz que a mulher é o animal que melhor sabe fingir.

Continua

UM ACTO DE VANDALISMO

A AFRICA MYSTERIOSA

A corveta *Amphitrite*, da matricula de Toulon, estava-se preparando havia tempos para uma expedição importante. Apesar de o navio achar-se com todas as condições proprias para um veleiro vaso mercante, apesar de se encontrar completo de tudo quanto é necessario para navegar, desde a popa até á proa, o capitão mandou ainda reforçar em certos pontos a armação, o que indicava que o *Amphitrite* se propunha fazer uma longa e perigosa viagem. A que ponto se dirigia, era o que ninguem sabia dizer.

O capitão Grandpré, homem affavel ao contrario dos da sua classe, sorria bondosamente quando interrogado sobre o particular; mas não dava uma resposta satisfactoria; e quando os curiosos da terra quizeram ver nos assentos da capitania do porto o rumo que levava a corveta, depararam com as seguintes linhas:

«A corveta *Amphitrite* destina-se ao sul.»

Saber isto e não saber nada era quasi a mesma cousa; mas com estas indicações, á falta d'outras, se contentaram os curiosos, que, uma bella manhã do mez de março, viram sahir a elegante embarcação, com todo o panno solto, enfunado por uma briza fresca de leste, e graciosamente inclinada para o lado de bombordo, como uma *coquete* que se dispõe a fazer conquistas.

Em breve se perdeu nas brumas do horisonte a figura airosa da corveta.

Para onde ia ella? E' o que vamos ver.

O palhabote *S. Jorge*, que no dia seguinte entrou no porto de Toulon, declarou que tinha encontrado a *Amphitrite* na altura do golfo de Fox; dous dias depois chegava o brigue *Rhodano*, procedente das costas de Argel, e o capitão referiu que tinha visto na altura das Baleares uma formosa corveta com a bandeira da matricula; cinco dias depois o bergantim *João Bart* dava noticias da corveta, que havia encontrado na sua derrota, como as precedentes embarcações; emfim o vapor *Ville de Paris*, chegado de Mogador, declarou que passara por junto da corveta.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

PRIMEIRA PARTE

NO GRANDE MUNDO

V

PARIS

Continuação

Quando encontrei o bilhete, fiquei olhando-o com tristeza... porque, a quantos infelizes não teria salvado si milhante fortuna, e a mim quasi que me era indifferente! E' possivel, dizia eu, que a Providencia distribua assim os seus dons? E comtudo, quão grande é a nossa ignorancia a respeito dos designios da Providencia, pois precisamente o milhão de francos, que eu me resolvi atirar aos pés da encantadora milaneza, foi logo distribuido em soccorrer bastantes infelizes. Não ha um facto isolado na sociedade, tudo se encadeia, tudo se corresponde como a sombra e a luz, o mais absurdo com o mais sensato, o mais condemnavel com o mais piedoso, com differença de que nós, no nosso modo de ver as cousas moral e philosophicamente, não paramos a profundar as cousas, encarando-as objectivamente, e não subjectivamente.

Eu disse, pois, que a seductora milaneza se havia feito poderosissima em Paris, e na sua opulencia e no seu carinho especial para comigo, não sabia como reintegrar-me d'aquelle milhão de francos sem offender a minha delicadeza. Aconteceu por essa ocasião que o general O' Donnell se sublevou em Pamplona contra o governo de Hespanha, e como abortou o movimento, tiveram que emigrar para França muitos militares hespanhoes. A bella milaneza aproveitou a ocasião, e reembolçou-me virtualmente, pois destinou um milhão de francos como donativo aos pobres emigrados meus compatriotas, noticia que os periodicos inglezes communicaram, commentando-a absurdamente, attribuindo o rasgo de magnanimidade a uma pessoa real de Hespanha por essa ocasião tambem emigrada. Pao de cego! Prismas politicos!

Disfructei da vida, é verdade, como ninguem; porém em compensação perdi duas cousas: quinze milhões de reales dos vinte de capital, que me deixaram meus paes, e a sensibilidade até material.

Já não sabia que gosar, nem como gosar.

As bellezas, a mesa, os theatros, os *chalets*, os passeios no bosque de Boulogne, a cavallo e de carruagem, os jantares no palacio e nas embaixadas, nada e nada me satisfazia. Obtive condecorações das mais distinctas de França, Hespanha e Italia; de tudo, porém, me aborrecia depois de apurar os seus ephemeros e redobrados gosos.

A grande enfermidade do fastio, essa enfermidade que o pobre não conhece, levava-me direito á sepultura. A *anorexia* moral apoderava-se de mim, e se continuasse a viver mais tres mezes em Paris, teria ficado no cemiterio do Pére-Lachaise.

Consultei um medico dos mais afamados, e depois de me ouvir com muita attenção, levantou-se, estendeu o braço para o Occidente, onde o sol se punha n'aquelle momento, e disse-me:

—Ali, e só ali, podereis salvar-vos, conde, da atonia ou *dyspepsia* sensual que sentis.

—O meu paiz... Galiza... tartamudeei.

—Sim, affirmou o doutor; certos males só se curam com a renovação de ar, d'agoas, d'alimentos, de impressões. Aqui em Paris, se continuardes a estar, morrereis irremissivelmente dentro em pouco. Assim, pois, experimentae se podeis supportar a vida das montanhas do vosso condado, onde vos creastes, e se o conseguirdes, sereis homem; vivereis, vivereis muito, eu vol-o asseguro.

Eu senti aquelle conselho no fundo de minhas entranhas. Pareceu-me, por seu turno, que ouvia a voz de minha mãe desde a sua tumba de Amarante, que me dizia:

—Vem... vem, Henrique!

E eu, o homem do mundo, o homem dos gosos materiaes, perdido em um pélago de praseres sem nome, cahi aos pés do doutor Aury, colhi-lhe as mãos, e enchi-lh'as de lagrimas e balbuciei:

—Conheço que me salvaes com esse conselho, senhor.

Era a primeira vez que chorava desde que me sentia homem.

Foram tambem aquellas lagrimas a primeira manifestação do meu espirito, desviando os gosos grosseiros da materia, que se revelava para a vida do sentimento e da paixão.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Continua

DORME, ACORDA

—

Repousa, tenro filho innocentinho,
Dorme esse teu dormir consolador,
Que no berço onde estás, caro filhinho,
Embalam-te os archanjos do Senhor.

O berço symbolisa o paraizo,
Uma porção do ceo dado ao innocente,
Onde não ha tormentos, ha sorrizo,
Onde paixões não ha, ha paz sò nente.

Tu vives docemente acalenta lo,
De mãe entre os affagos e ternura:
E' teu somno d'amor, somno dourado,
E' vida o teu viver, vida inda pura.

Tu gosas essa paz do innocentinho,
O bem que pouco dura entre os mortaes:
Se a vida te hade ser agudo espinho,
Do berço d'onde estás não te ergas mais.

Não te ergas, que esta vida é só d'enganos!
E' vida d'illusões, torpezas vis;
Não deixes p'ra viver entre os humanos,
A vida dos archanjos tão feliz.

Com elles tens no ceo pompa e grandeza;
No throno do Senhor sagrado altar·
Dos anjos na mansão reina a pureza
Que os homens jamais podem macular.

O mundo não encerra um só abrigo
Onde possa o infeliz ir acoitar-se;
No peito que julgar-mos mais amigo
Ali mesmo a traição vae encontrar-se.

O mundo só nos mostra desenganos;
O mundo é mar sem fim de dissabores;
Quando mais sobre nós passam os annos,
Mais se augmentam da vida os amargores.

Eu tive!... oh!...sim!... já tive a tua idade;
Como tu já no berço repousei;
Mas cresci, e do mundo a falsidade,
Bem prompto entre amarguras encontrei!

Tambem eu já gozei amor, desvelo,
Tambem com mil affagos me embalaram;
Como ao pé do teu berço eu hoje velo,
Meus paes tambem assim por mim velaram.

Tambem eu como tu quando creança
Tive o mesmo viver que te sorri;
Mas hoje o meu viver é sem esp'rança,
Carinhos, pae e mãe, tudo perdi!

E as horas vou passando tristemente
Da vida, té chegar ao termo, ao fim!
Ai! dorme!... dorme em paz, tenro innocente;
Ai! dorme!... dorme em paz ao pé de mim!

J. P. S. Macario

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LVI

O PARAGUAY

Continuação

O Paraguay foi descoberto por Sebastião Cabot, francez, em 1546, e Alvaro Nunes, hespanhol, conquistou-o em 1536. As missões, especie de estado theocratico, fundadas pelos jesuitas hespanhoes, estabeleceram-se nas margens do Paraguay por 1608; converteram os guaranis e trataram da agricultura até 1767, epoca em que foram expulsos.

Em 1760 os hespanhoes trocaram com os portuguezes o Paraguay pela colonia do Sacramento; mas o nosso

dominio não foi ali avante e tivemos d'entregar aquella colonia aos antigos senhores em 1777. Pouco depois o Paraguay revoltou-se. O doutor Francia foi nomeado consul em 1813 e dictador em 1814. Por morte d'este, em 1840, succedeu Vibal, que governou até 1844. A republica foi n'esta data estabelecida formalmente com um congresso e um presidente, que foi Carlos Antonio Lopez.

Um dos actos mais notaveis do governo de Lopez foi a abertura do paiz aos estrangeiros, fechado, como no tempo dos jesuitas, por Francia e Vibal.

A capital do Paraguay é Assumpção, cidade de 25:000 habitantes, situada sobre a margem esquerda do Paraguay, a 1:300 kilometros de Buenos Ayres. E' a residencia do presidente da republica e sede d'um bispo, suffraganeo do de La Plata, erecto em 1547.

O territorio d'Assumpção é fertil em algodão, mate, ou chá do Paraguay, canna do assucar, e rica em abelhas e gado. Commercio muito importante de madeiras, pelles, tabaco e cera

LVII

O PERU

Eis-nos na terra dos Incas, na patria de Montezuma, aquelle infortunado principe que os hespanhoes martyrisaram horrivelmente por elle lhes não entregar todo o ouro que a sua insaciavel avidez cobiçava. E' horrivel, é monstruoso o espectaculo que os historiadores contemporaneos nos pintam de todas essas atrocidades. E tudo em nome da lei, da lei da força, do mais forte sobre o mais fraço!

E que consideraveis riquezas não encerrava n'esse tempo o opulentissimo imperio dos Incas! Pois nada d'isso era bastante a locupletar os ferozes conquistadores!

O Peru era ao tempo da conquista dos hespanhoes uma terra de riqueza fabulosa e proverbial, onde os lingotes d'ouro eram representados como lagrimas do sol, onde os templos e os palacios d'ouro se erguiam no meio de planicies cobertas de luxuriante vegetação, ao pé de montanhas gigantescas, cobertas de neves eternas.

Tem variado muito a extenção do Peru, tanto no tempo dos Incas, como no da dominação hespanhola, como ainda nos nossos dias. No tempo dos Incas, ia desde o Equador até ao grao 40 de latitude sul, comprehendendo em um comprimento de 1:000 legoas e largura de 200 a 250, as republicas actuaes do Equador, Peru, Bolivia, Chili e de La Plata. Cuzco, que, em lingoa peruviana, quer dizer *umbigo da terra*, era a capital.

Fundada no seculo XIII por Manco-Capac, tronco da raça dos Incas, o imperio do Peru tinha chegado ao mais alto grao de prosperidade quando o invadiu, no seculo XVI, um punhado de aventureiros hespanhoes, commandados por Pizarro, Almagro e o padre Valverde.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

I

VIDA INTIMA

Era em uma casa velha, de paredes musgosas e sujas, humidas, esverdeadas...

Corria o mez de janeiro; a chuva cahia desapiedada sobre as pedras da rua, uma rua solitaria, escura, fazendo resaltar a agoa em um rumor sinistro.

O vento impetuoso, forte, fazia estremecer as vidraças das poucas casas que ali se erguiam.

O fundo negro; um ceo pardacento que se illuminava de momento a momento com o clarão, de vermelho esmaiado, de successivos relampagos.

Os cyprestes do adro, que ficava a pouca distancia, vergavam-se ao sopro da ventania e ouvia-se ranger a lanterna mortiça que allumiava uma cruz mal distincta do cemiterio.

Em uma casa de apparencia indigente, descobria-se atravez dos vidros baços e mal limpos da janella uma luz tremeluzindo indeciza.

Era a habitação de André Bazilio.

Em uma sala retangular, desprovida de moveis, as paredes sujas, o soalho carunchoso e enodoado, estava um velho sentado a uma escrivaninha coberta de immensos papeis.

Encostado a uma das paredes via-se um cofre, um armario, o quer que fosse, um traste antiquissimo de pau preto marchetado de prata.

André Bazilio era o unico ser vivo que ali se via, alterando de momento a momento o silencio que então reinava com uma tosse secca, gutural, unica. Era um homem dos seus sessenta annos aproximadamente.

Uma d'essas caras anthipaticas.

O nariz aquilino talvez melhor afilado, onde encavalgava uns oculos, cujos vidros azues abrigavam os olhos pequeninos, redondos, vivos, do exquisito personagem, dos raios de qualquer luz.

O queixo sahido, levantado, fazia sumir a boca do velho, e os labios finos e descorados raras vezes se frangiam em um sorriso, para não deixarem ver uns dentes apodrecidos, amarellos, desiguaes, raros...

Um chambrão de chita envolvia o corpo alquebrado, magro, anemico, do velho Bazilio.

Debruçado sobre a mesa, revolvia nos muitos papeis que lá se agglomeravam, com as mãos descarnadas, seccas, magras...

Espetada em uma palmatoria de lata, ardia uma vela de cebo com um enorme morrão, e mal espargia a sua luz no aposento.

André Bazilio era usurario. O povo dizia que elle era immensamente rico e elle asseverava o contrario.

Um d'estes homens cuja vida é um mysterio.

Emprestava dinheiro a cincoenta por cento e descontava letras a vinte e cinco.

Deitava-se ás nove horas da noute e ás quatro da manhã já se encontrava no seu escriptorio, porque é no seu escriptorio de trabalho, onde o encontramos agora.

Conta-se a respeito de André Bazilio uma historia assombrosa, sanguinolenta.

Continua — Eduardo Véras

A ORDEM DA ANNUNCIADA

Apesar de ser hoje somente conhecida a ordem da Annunciada do reino de Italia, esse nome é commum a muitas ordens religiosas e militares, instituidas em honra do mysterio da Annunciação. Temos pois:

1.ª A ordem dos Servitas, fundada em 1232.

2.ª A ordem da Annunciada, da Saboya (1434). E' a de que vamos fallar.

3.ª A ordem das Annunciadas de Bruges, instituida por Joanna de Valois, filha de Luiz XI.

4.ª As Annunciadas celestes (1604) em Genova.

5.ª A sociedade da Annunciada, em Roma (1460). Dota todos os annos mais de quatrocentas donzellas pobres.

A ordem da Annunciada, fundada na Saboya, é a primeira da Italia. Teve origem na ordem do Collar, reformada por Carlos III, duque de Saboya.

O collar, d'ouro e d'uma forma lindissima, não tem fita. Tem pendente a insignia da ordem, com a figura da Annunciação.

Além dos membros da familia real só tem o collar da Annunciação em Portugal o snr. Fontes. Teve-o o marquez de Sá da Bandeira.

Narciso Feio

O NEGRO E O ESPELHO

CONTO EM DOZE GRAVURAS

IX

No chão pousa o espelho a toda a pressa;
Depois leva-o acima da cabeça.

X

Um grito o negro solta dolorido:
—Aonde este maroto está mettido?

XI

O vidro não responde aos seus cavacos.
—Espera! Dá-lhe um murro; fal-o em cacos.

XII

—Ai! ai! Este diabo é um malvado,
E na mão me ha mordido o condemnado!

ZIG-ZAGS

ASTAPA

Estepa la Vieja é o nome d'uma antiga cidade hespanhola, situada na Betica e denominada então Astapa.

Durante a segunda guerra punica, Mario, logar-tenente de Sipião, cercou-a, defendendo-a os habitantes com uma coragem heroica, e resistindo até que, perdida de todo a esperança do triumpho, recorreram ao maior acto de desespero de que resa a historia.

Então, para não se entregarem ao vencedor, levantaram uma fogueira immensa, sobre a qual collocaram todas as riquezas que possuiam e ali se queimaram com as suas familias.

—

UM ALHO

Dous burguezes conversam amigavelmente.

—A electricidade cura paralysias! Historias, meu amigo. E' cousa em que não acredito.

—Como assim?

—Historias, já lh'o disse. No outro dia cahiu uma faisca electrica sobre um paralytico e o homem morreu instantaneamente.

—

PROBLEMA

O estampido d'uma peça d'artilheria vae d'um logar a outro em 28 segundos sendo a temperatura de 24° centigrados. Que distancia ha entre os dous logares?

—

Explicação da charada do numero 72: —Pequeno.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos enviam escriptos para o Camões pedimos o favor de declararem sempre a sua morada.

Pedimos tambem que não nos mandem escriptos anonymos.

Restituimos os escriptos que não publicamos.

Aceitamos assignaturas a pagar todas as semanas, ou aos mezes, á vontade do assignante.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 26 DE JANEIRO DE 1882 | NUMERO 74

D. NUNO ALVARES PEREIRA

SUMMARIO

TEXTO: — D. Nuno Alvares Pereira — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Peru — Uma procissão no Porto no seculo passado — Harmonias intimas (poesia) por Teixeira de Carvalho — A lenda das neves — A Africa mysteriosa — O castello de Comburgo — Duas palavras ácerca da exposição da arte ornamental e decorativa, por A. Vieira Lopes — A Dieta de Pesth — Anjinho (poesia) — O conde de Amarante (romance) — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco — Sciencia para todos: Acustica e musica, por Doutor Jayme — Herschel — Zig-Zags: A terra — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — D. Nuno Alvares Pereira — Castello de Comburgo — Dieta de Pesth — Telescopio de Herschel.

D. NUNO ALVARES PEREIRA

—

O nosso grande epico chamou a D. Nuno Alvares Pereira o *açoute de soberbos castelhanos*, e, com effeito, ninguem como o condestavel soube mostrar o que era o valor portuguez em peitos inflammados pelo santo amor da patria.

Foi a batalha dos Atoleiros a primeira em que D. Nuno mostrou a pujança do seu animo varonil; mas a de Aljubarrota, que fez perder de todo ao atrevido monarca hespanhol as esperanças de dominar só na peninsula, foi aquella em que mais se distinguiu, contribuindo efficazmente para a insigne victoria que as nossas armas então alcançaram.

Conseguida aquella victoria, não lhe consentiu o animo estar ocioso, e, entrando por Castella dentro, foi derrotar os inimigos da patria em Valverde.

Em recompensa de taes e tão assignalados serviços, D. João I doou-lhe varias terras e fel-o conde de Barcellos, sendo-o já de Ourem.

Convencionada uma tregoa entre as duas coroas, portugueza e castelhana, retirou-se D. Nuno para as suas terras; mas em breve teve de tomar novamente as armas, porque os castelhanos quebraram o contracto, e não hesitou em ir oppor aos antigos inimigos a espada, genio e valor.

Acompanhou D. João I na conquista de Ceuta, e quiz el-rei fazel-o governador d'aquella praça; mas o condestavel escusou-se dando como pretexto os annos e as enfermidades; e quando voltou á patria, retirou-se á solidão d'um claustro, onde morreu com setenta e nove annos d'idade.

Os restos venerandos de tão insigne varão estão depositados, segundo se crê, no jazigo real, em S. Vicente de Fora.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LVII

O PERU

Continuação

Os ultimos Incas, Huescar e Atahualpa, 13.º successores de Manco-Capac, foram aprisionados e mortos á traição em 1532; o Peru tornou-se uma vice-realeza hespanhola, onde os trabalhos das minas e a inquisição fizeram morrer a maior parte dos indigenas.

A invasão da Hespanha por Napoleão I foi para o Peru, como para as outras possessões hespanholas da America, o signal da independencia. Mas a lucta com os realistas foi longa e só acabou em 1821, com a tomada de Lima.

Em 1825 o Peru foi dividido em duas republicas independentes: a do Baixo-Peru, propriamente dito, e a do Alto-Peru, ou Bolivia.

A republica do Baixo-Peru, que é a de que estamos tratando, está cercada ao norte pela republica do Equador, a leste pelo Brazil e a Bolivia, ao sul por este ultimo territorio e a oeste pelo Grande Oceano. Avalia-se a sua superficie em 1,300:000 kilometros quadrados e a população em 2,500:000 habitantes, sendo d'estes 500:000 brancos, 360:000 mulatos, 1,600:000 indios e 40:000 negros, dos quaes 12:000 escravos.

Atravessado pela cadeia dos Andes, que apresenta picos elevados como os d'Omata, Arequipa, Pichupichu, Sorata e Illimani (5:000 a 6:700 metros), cobertos de neves eternas e lançando quasi continuamente chammas, o Peru está dividido physicamente em tres regiões: a Costa, com a largura de 60 a 110 kilometros, entre os Andes e o mar, deserto areento, atravessado por alguns valles ferteis, onde a população é muito compacta; a Sierra, que demora nos altos planaltos dos Andes, formando planicies chamadas *Paramos*, dominadas por cimos a pique e cortadas de profundos valles de lados perpendiculares; a Montaña, vasta região pouco conhecida, a oeste dos Andes, coberta pelos flancos d'aquella cadeia e por immensas florestas virgens.

Ha no Peru as ricas minas d'ouro de Carabaya; as minas de prata de Pasco, de Puno, etc.; as minas de mercurio de Guancobelica; ha além de isso ricas minas de chumbo, cobre e sal. Ha madeiras preciosas para construcções e ornamentações; plantas comestiveis e medicinaes; rebanhos de bois, lamas, alpacas e vigonhas.

A capital do Peru é Lima, sobre o Rimac, a 35 kilometros da Cordilheira. População, 150:000 habitantes. Fortificada e protegida por 34 bastiões, entra-se n'ella por 10 portas. Commercio consideravel, mas muito menor do que antigamente. As egrejas são notaveis pela sua riqueza. Tem uma celebre universidade fundada no seculo XVI.

Fundada em 1535 por Pizarro, esta cidade tomou rapidamente um incremento espantoso; mas os tremores de terra arruinaram-a muito. O mais terrivel foi o de 1746, que só deixou de pé 20 casas.

Foi em Lima que a independencia do Peru foi proclamada em 28 de julho de 1821 pelo general San-Martin.

Em 1778 a realeza do Peru formava tres audiencias. Actualmente comprehende 62 provincias, 625 districtos, 32 cidades, 74 villas e 1:500 aldeias.

Os portos principaes são Callao, Islay, Arica, S. José e Chincha. Arequipa e Cuzco são as cidades mais importantes depois da capital.

As pequenas ilhas do litoral estão cobertas de guano.

O Chili separou-se do Peru em 1567 para formar uma vice-realeza separada.

Continua

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

—

SEQUITO I

Continuação

5 figura. *Fortaleza*. Vestida de branco, Coroada de perolas. Levará huma torre e o escudo com a letra: «Turris fortitudinis a facie inimici.» Psalm. 60. 4.

6 figura. *Sciencia*. Vestida de ouro sobre azul; coroada de flores. Em hua mão levará hu coração, e na outra o escudo com a letra: «Cor prudens possidebit scientiam.» Prov. 18. 15.

7 figura. *Piedade*. Vestida de cor de perola; em huma mão levará hum monte, e na outra o escudo com a letra: «In diebus peccatorum corroboravit pietatem.» Eccles. 49. 4.

8 figura. *Temor de Deus*. Vestida de sedas escuras com huma espada de fogo na mão direyta, e na esquerda o escudo com a letra: «Timorem Domini docebo vos.» Psalm. 33. 12.

1 Carro, em que hirá Santo Antonio morto, acompanhado dos seus Religiosos, e Anjos cantando a letra do Profeta Jonas 4. 3. «Nunc Domine tolle quaeso animam meam a me, quia melior est mihi mors, quam vita.

SEQUITO II

Manifesta as virtudes para a sua Canonização.

Trompas, e Clarins de Cavallo, a que se seguirá a figura da *Gloria* tambem montada; e acompanhada de Andarilhos. Hirá vestida de bellas cores. Levará huma palma, e no escudo a letra: «Sedeat cum principibus, & solium gloriae teneat. I Reg. 2. 8.

10 figura. *Humildade*. Vestida de branco, coroada de flores. Levará huma escada, e hum escudo com a letra: «Vidit Dominus humilitatem meam.» Gen. 29. 32.

11 figura. *Mortificação*. Vestida de cor honesta. Na cabeça Coroa de Espinhos. Levará a arvore com as insignias da penitencia, e no escudo se lerá: «Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circunferentes, ut & vita

Jesu manifestetur in corporibus nostris. 2 Ad Corinth. 4. 10.

12 figura. *Obediencia*. Vestida de branco com uma fita nos olhos, e uma cadea ao pescosso. Levará uma pyra de fogo, e a letra do escudo dirá: «Melior est enim obedientia, quam victimae. I Reg. 15. 22.

13 figura. *Pobreza*. Vestida de azul celeste. Levará hum menino despido, e no escudo a letra: «Ecce ego in paupertate mea praeparavi impensas domus Domini. Paralipom.» 1. 22. 14.

14 figura. *Castidade*. Vestida de branco coroada de asucenas levará hum Anjo, e hum escudo que diga: «Erat etiam virtuti castitas adjuncta.» Judith 16. 26.

15 figura. *Oração*. Vestida de ricas cores com coroa de pedras preciosas. Na mão direita levará hum thuribulo acezo com prefumes odoriferos, e na outra o escudo em que se lea: «Dominus orationem meam suscepit.» Psalm. 6. 10.

(Continua)

HARMONIAS INTIMAS

I

Se a nossa vida é um sonho e a valla escura e fria
O esquecimento, a paz dos tristes como eu,
O' pomba, vem comigo ao declinar o dia
Buscar sob um cypreste a paz do mausoleu!

II

Ha momentos na vida em que choramos
As lagrimas crueis da intensa dôr!
Instantes em que tristes supplicamos
O descanço da morte ao Creador.

Mas, se n'esse luctar dos infelizes
Temos, ao pé de nós, a esposa e os filhos,
Ah! então a nossa alma tem matizes
E encontramos na vida ignotos brilhos.

TEIXEIRA DE CARVALHO

A LENDA DAS NEVES

Conclusão

A natureza sorria graciosamente.

Em vão o murmurio suave do arroio trepidante lhe suspirava aos ouvidos as mais alegres canções.

—Meu bom viajante, repousa aqui, murmurava elle; eu sou fresco e sou bello; vem no meu seio matar a sede que te devora...

—Não, respondia Walter; eu só quero a minha doce amada...

E desviava os olhos...

Nos prados altos e ondeantes os tojos vermelhos lhe sorriam docemente... Walter calcava-os aos pés sem mesmo olhar para elles. Inaccessivel ás cousas mundanas, caminhava sempre.

As aves de plumagem azulada e luminosa pairavam em torno; as gallinholas e as perdizes brancas á sua passagem levantavam o vôo, lançando pelos ares as notas dos seus cantos amorosos... Nada o podia distrahir...

Nem a cascata espumosa que vinha refrescar a sua cabeça ardente, involvendo-o em um nevoeiro rosado; nem os rebanhos de gazellas intimidadas que desappareciam no escuro dos abysmos... nada o podia fazer parar na sua marcha insensata... Além... sempre além... Elle unicamente via a sua amada, esplendendo em toda a sua gloria, deitada no seu leito de granito, brilhante de pedrarias e d'ouro, roubadas ao fogo moribundo d'um sol purpureo, que fazia realçar os contornos phantasticos de seu palacio azulado, de columnas de crystal, de grutas scintillantes e de proporções colossaes...

Extenuado, arquejante, com as mãos em sangue e o fato rasgado, Walter estende-se por terra, levanta-se. Sem forças e sem poder respirar, arrasta-se ainda até ás orlas d'um rochedo, onde difficilmente se pôde sustentar.

—Ah! rainha do meu coração!... minha Branca!... meu doce amor!... como é aspero o caminho!... Mas, que importa? Emfim vejo-te como te tinha sonhado, cercada dos esplendores admiraveis da tua sublime poesia e d'uma aureola digna de ti!... As minhas feridas embriagam-me... Ah! como te adoro!... Aqui tu és inteiramente minha e ninguem virá perturbar a alegria do nosso amor. Porque toda a gente ficou lá embaixo... ao longe... na planicie... N'esta montanha estamos nós apenas... Só ha a nuvem, o vento, a tempestade, esses rivaes odiosos, essa trilogia implacavel de que o meu coração é cioso... Sim, elles amam-te tambem... mas não te amam como eu. Olha, não sentes o meu coração que esmorece?... Não sentes os meus labios sequiosos que procuram teus beijos? Ah! vem pois apagar com o teu halito fresco o fogo que me queima... Eu morro por ti... morro por ti... na embriaguez da minha conquista ideal!

E Walter, desfallecido, vagueava em um extasis mystico... Por fim deitou-se sobre o vestido nupcial da virgem eterna... Ella veio então tocar-lhe docemente no rosto...

Elle, depois, louco d'amor, adormeceu pouco a pouco na morte sobre o leito gelado da montanha. Ella cobriu-o ainda algum tempo com os seus ultimos beijos; mas ao contacto das suas faces ardentes desfez-se em lagrimas... O pobre louco não devia viver mais.

Reinava pela natureza um silencio concentrado, um socego aterrador e solemne!... Mas como a alma de Walter voava aos ceos, para junto da sua adorada Branca, um sibilar agudo, estridente e ironico, fez estremecer de repente a montanha desde o seu vertice até aos mais profundos abysmos...

Era a gargalhada do vento, que, passando por cima da neve, vinha procurar a sua amante.

A AFRICA MYSTERIOSA

Continuação

Depois não se tornou mais a fallar da *Amphitrite*, até que, passados quatro annos, a corveta entrava o porto de Toulon.

Por onde tinha andado aquelle formoso navio?

Vinha de visitar todas as costas do continente africano, ou, para melhor dizer, d'essa Africa mysteriosa para onde estão voltados os olhos de todos os geographos do mundo.

Tomado, pois, do livro de bordo, do caderno da bitacula, eis aqui um extracto, ou antes um fragmento d'essa notavel expedição:

«Antes de chegarmos á colonia do Cabo, demoramo-nos a estudar a costa deserta que se estende desde o Cabo Negro até ao rio Fisch, ou da Angra Pequena.

Na travessia do Brazil para Benguella, só os portuguezes reconhecem o Cabo Negro, em cuja ponta está levantada uma columna de marmore com as armas de Portugal. Ao sul do Cabo desemboca no mar o rio Bemba-Rughe, que tem meia legoa de largura e cujas margens são habitadas.

Tivemos necessidade de fazer agoada e fundeamos para isso á entrada de aquelle tranquillo afluente, cujas agoas se confundem com as do mar, sem se conhecer o sitio em que se misturam umas e outras, a não ser por uma lista azulada pela parte superior e verde pela inferior.

Era ao cahir da tarde de um dia abrasador.

A' nossa esquerda estendiam-se costas baixas, com alguns monticulos desguarnecidos de vegetação. Tudo tinha o caracter de essas infinitas solidões de que só a contemplação infunde a maior tristeza. Parecia que não havia habitantes, e, sem embargo, n'aquelle ponto principiava a desconhecida Cimbebasia, terra cujos exploradores mais atrevidos nunca souberam descrever exactamente.

Sabiamos que toda aquella costa tinha sido detidamente visitada por fins do seculo XVIII, assim como, em 1824, a visitou uma expedição ingleza, que tinha por encargo especial escolher um logar apropriado para deportações. Esta expedição, porém, não encontrou si-

tio conveniente por ser a agricultura completamente nulla por aquellas regiões.

Todos os navegadores haviam passado de largo, como que fugindo de aquella terra maldita.

Os portuguezes foram os unicos que deixaram signaes da sua passagem. O Cabo Frio, a Angra Fria, a Praia das Neves, nomes dados por aquelles audaciosos navegadores, demonstram exhuberantemente o modo como elles consideraram o paiz, em demasia inhospito.

Com estes antecedentes, e desejosos de conhecer o mysterioso paiz dos cimbebas, lançamos ferro por uma noute esplendidamente coroada d'estrellas.

Acendemos uma luz na proa do *Amphytrite*, além do quarto de vigia, e lançando ao mar uma lancha para rondar durante a noute em volta do navio, esperamos tranquilamente a chegada do dia.

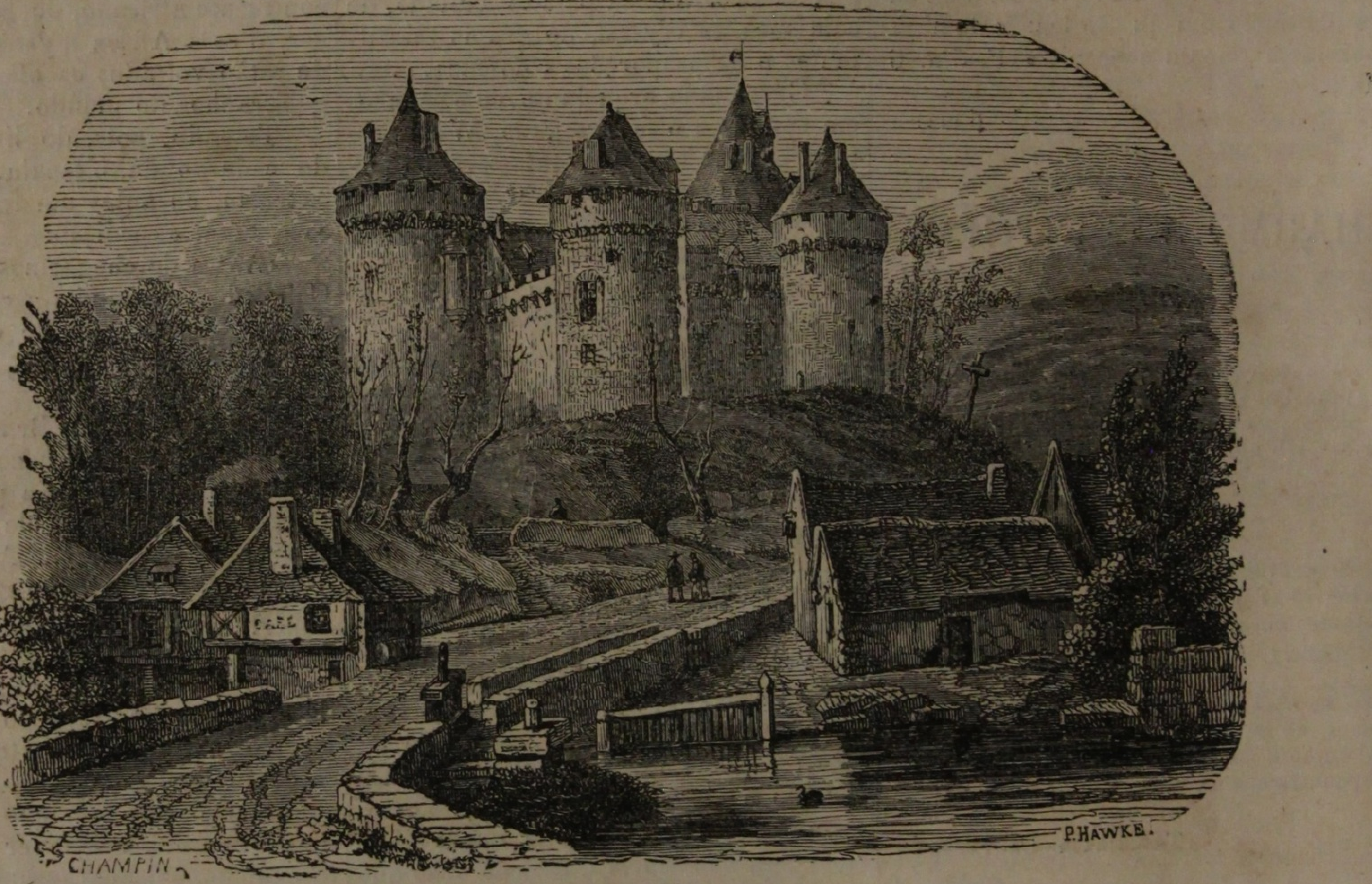
Continua

O CASTELLO DE COMBURGO

Foi no castello de Comburgo, construcção feudal do seculo XII, com as suas quatro torres bem defendidas por ameias, que o auctor do *Atala* e *René* passou os primeiros annos da sua infancia descuidada.

Os seus primeiros annos deslisaram placidos, sonhadores e solitarios entre os copados bosques de Comburgo e por sobre as praias arenosas da Bretanha.

Foi talvez a solidão d'este castello que inspirou a um dos maiores escriptores d'este seculo a sua viagem á America do Norte, que elle explorou como poeta e artista. Foi a solidão scismadora, a que se entregou nos seus primeiros annos, que na America lhe despertou o desejo de se embrenhar nas florestas do Canadá, n'aquellas solidões sem limites, de viver com as tribus indianas e de se deslumbrar com a magestade d'essa natureza grandiosa, passeando nos desertos a sua melancolia precoce, o seu desgosto pela vida, pelos homens e pelas sociedades e sonhando



CASTELLO DE COMBURGO

a epopeia da vida selvagem, o idylio das raças primitivas.

Seis seculos atravessaram aquellas torres sem que a historia as assignalasse. Atraz d'aquellas ameias, quantas mortes ignoradas e quantos crimes escondidos, sem que a historia eternizasse o nome do castello de Comburgo! Mas, ao terminar do seculo XVIII, aquelle castello desconhecido abrigou os primeiros annos d'um genio e o seu nome gravou se para sempre nas paginas da historia.

Comburgo, sem importancia, adquiriu a notoriedade do auctor do *Genio do Christianismo*; Francisco René, visconde de Chateaubriand, tornou celebre o castello de Comburgo.

DUAS PALAVRAS
ÁCERCA DA EXPOSIÇÃO
DA ARTE ORNAMENTAL E DECORATIVA

Meu caro snr. Leal

Bem desejava poder-lhe dar uma desenvolvida descripção de tudo quanto se encontra reunido no palacio das Janellas Verdes, onde a Academia real das sciencias de Lisboa levou a cabo a esplendida Exposição da arte decorativa e ornamental; não o faço, porém, por muitas rasões, figurando em primeiro logar a minha incompetencia, e a falta do catalogo, que dizem só estar prompto para o fim do mez, e tambem porque tenho receio de que a minha memoria me atraiçõe, fazendo figurar como expositores individuos, ou que o não são, ou que expozeram cousas, que foram expostas por outros.

As singelas indicações que em seguida lhe apresento, são apenas o resultado das minhas impressões fugazes, que no meio d'uma multidão compacta eu podia formar no meu espirito, que se distrahia com frequencia por immensas exclamações, perguntas e interrupções dos visitantes.

Se bem me recordo, os objectos estão expostos em 14 salas, e em todas ellas ha motivo para a gente ficar extasiada, admirando sempre o quanto certas artes subiram a tão sublime grao

de desenvolvimento, como hoje (no seculo das luzes) ninguem attingirá.

Entre outras é digna de especial menção a sala dos objectos expostos por El-Rei o snr. D. Fernando e pelo actual reinante, o snr. D. Luiz 1.º; mas antes de lá chegar deve tambem especialisar-se a sala, onde se encontram os objectos de Hespanha, na qual se depara com uma *vitrine*, em que se vêem: um Christo de marfim, que dizem ter pertencido a Fernando Magno, e uns cofres de marfim hispano-arabes, tudo de um valor immenso; o visitante depara tambem ali com uns esmaltes de Limoges, que são admiraveis. Ha igualmente umas *escopetas*, que me pareceram de grande valor artistico, por uns bellos lavrados que teem na coronha, etc., mas que eu, nem expositor algum, pode apreciar bem, porque proximo e pelo lado de baixo está uma grande arca, que estorva o accesso áquella *vitrine*.

No centro da sala, pendente d'um varão de ferro, que serve igualmente para apoio dos candelabros da luz electrica, com que se illuminam de noite as salas da Exposição, vê-se a notavel lampada, que ainda allumiou na Alhambra o ultimo Abencerragem. E' um delicado trabalho de ferro fundido, em que se vê um gracioso desenho, mas oh infelicidade! este magnifico candieiro está mutilado em uma das suas faces.

Depara-se tambem á esquerda com um pulpito, que o rotulo indica ser de estylo wisigodo. Forram uma das paredes do lado do norte uns bellos pannos tecidos em Hespanha, e que se parecem muito com os celebres tapetes de Gobelins. Apresentam um colorido natural e as figuras são todas d'um desenho correctissimo.

Muitos outros objectos se encontram n'esta sala, e que bem dignos eram de especial menção: mas falta-me o grande subsidio do catalogo, que me serviria de grande auxilio.

A sala contigua a esta contém as preciosidades, que o snr. D. Fernando

DIETA DE PESTH

possue, as quaes são apreciadas e examinadas com certa attenção pelos visitantes, não só pelo seu valor e estimativa, mas tambem pelo modo artistico por que estão dispostos. Entre outros objectos apresentam-se muito bem tres magnificas esculpturas em madeira, e proximo uma collecção de faianças de Lucca de la Robia, ás quaes um competente, que nos acompanhou desde o principio, deu um subidissimo valor.

Encontram-se n'esta sala uns poucos de contadores, cadeiras, cofres, leques, caixas de rapé, d'ouro e prata esmaltadas, relogios de differentes tamanhos; alguns d'estes objectos d'uma antiguidade pasmosa e de grande valor; mas tudo ficará sem se fazer menção pela razão já adduzida da falta de catalogo, pois esse era o unico que nos poderia dar alguns elementos á nossa memoria.

El-Rei, o snr. D. Luiz, é indubitavelmente um dos primeiros expositores, e um dos que revela mais aprimorado gosto e disposição por esta ordem de trabalhos. S. M. não descura este assumpto, e franqueou tudo o que possuia n'este genero com a melhor vontade, e d'isso deu testemunho bem manifesto e publico, apresentando tudo com grande methodo.

Continua

Lisboa 15 de janeiro de 1882

A. Vieira Lopes

A DIETA DE PESTH

—

Pesth é uma cidade da Hungria, situada sobre a margem esquerda do Danubio e fronteira a Bude.

Tem uma boa universidade, a unica da Hungria, que conta 800 estudantes matriculados nas differentes faculdades, e um notavel jardim botanico. A sua população é de 30:000 habitantes, approximadamente. Pesth é desde ha muitos annos a séde de um tribunal de justiça e o berço de numerosa nobreza.

O magestoso e vasto edificio que apresenta a gravura é a Dieta, isto é, o palacio onde se reune o corpo legislativo.

ANJINHO

Filhinha do meu amor,
Alva rosinha em botão,
Aurora de luz divina
Que me inunda o coração,

Tu és a tenra plantinha
Da linda flor que hade ser,
Cultivada no jardim
Do meu ancioso viver.

Filha, filha, meu anjinho,
Ai! encanto da minha alma;
Foste o meu sonho innocente,
E's do meu martyrio a palma!

Quando, em teus sonhos angelicos,
Deus te beija e te sorri,
Ai! pede-lhe, meu anjinho,
Piedade para mim.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR
UMA SENHORA

Continuação

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS

I

NO PALACIO DE AMARANTE

Sahi de Paris tão convencido de que só os ares e as impressões do paiz natal podiam fazer-me reviver, que mal parei em Madrid.

E, assim como antes, para viajar, me rodeava das maiores commodidades, evitando toda a classe de privações, d'esta vez quasi proscrevia umas e anhelava as outras, porque sentia que cada vez mais me tornava a fortalecer á medida que havia alguma cousa de claro escuro na minha vida, alguma cousa de praser e de dôr em jogo.

O doutor Aury deu-me tambem outro conselho de que eu tratei de me não esquecer: —«Para a vida do espirito, me disse elle, para obter a vida do sentimento, amae alguma arte, alguma sciencia, alguma cousa que o desperte; dedicae-vos a alguma cousa, alguma cousa que occupe a vossa mente, e a fatigue, e a exalte pelo desejo de superar as contrariedades que se oppõem ao conseguimento d'um fim proposto.»

Porém, eu sempre tinha encarado com a maior indifferença as artes e as occupações intellectuaes. Nada melhor para mim, porque assim accrescentaria as rendas do condado, dedicando-me a melhorar o desenvolvimento da agricultura e dos gados, de que era dono; porém conhecia não ter nascido para olhar para a terra, mas sim para o céo. Deixaria pois aos meus mordomos o cuidado da producção territorial, e dedicar-me-ia á sciencia astrologica, que, desde a minha infancia, absorvia o meu espirito. Viajava pela Galiza com essa esperança, bem munido de livros e instrumentos d'optica, adquiridos em Paris por grande preço, e a elles e ao paiz confiaria a reconstituição do meu ser, aniquilado no mais grosseiro materialismo.

Já em Vierzo experimentei melhor esta satisfação; e ao descobrir innumeraveis alamos, castanheiros, nogueiras e arvores de fructa, depois de passar a cordilheira de Pedra-fita, rios azues bordados de prata, casinhas disseminadas por onde quer, eu começava a respirar com mais gosto, e a recordar-me dos bosques, das florestas, as culturas de linho, de milho, e quedas d'agoa de Castro Amaral (*), que fluctuavam confusamente por entre as minhas recordações de creança.

Ao chegar a Lugo, longe de me apresentar com o luxo e a importancia, com que d'antes entrava nas localidades, evitei passeios e visitas, e hospedei-me bem, sim, porém modestamente.

Pelo menos eu já sentia alguma cousa, que até ali não sentira desde a minha enfermidade em Paris; sentia a vida dos contrastes; do luxo mais refusado do mundo passava á vida do fidalgo solarengo das nossas montanhas, ainda que sem privações de genero algum, porque ainda era rico, e para a Galiza immensamente rico.

Desde logo me dirigi para Castro Amaral, indo pelas faldas das altas e revoltas montanhas, que, encadeadas, tendem a formar a bacia do Ulla; e como não podia ir em carruagem pela falta de caminhos vicinaes, ia a cavallo seguido dos meus criados e das minhas bagagens.

Atravessando aquellas pittorescas montanhas da velha Galiza, berço dos celtas, eu não podia deixar de prestar attenção ás diversas paisagens, que se me apresentavam a todos os instantes, porque é impossivel que haja região mais accidentada e que mais excite, por isso mesmo, a curiosidade do viajante. Acostumado fora do meu paiz a immensas perspectivas, porém monotonas pela inconstancia dos longes, ao regressar a elle depois de tantos annos de ausencia e admirar a sua variedade de horisontes, eminencias e prados concentrados em pequenos raios, parecia-me encontrar em tudo aquillo alguma cousa de pessoal, ou intimo, que encadeava a minha alma ou a fazia adherir ao territorio encantador em que se deslisava a minha infancia. Aquelles sinuosos caminhos de ferradura que seguia, quer remontando as altas curvas de ondulantes desfiladeiros, povoados de rochas e d'arvores, quer arrastando-se encerrados pelo fundo dos valles, que esmaltavam d'azul e nacar as agoas precipitadas dos rios, excitavam o meu sentimento, transfigurando-me, isto é, fazendo-me esquecer completamente do mundo artificial de hontem, pelo novo mundo, sempre virgem, em que entrava, onde não se sabe se é a gente que se encadeia na natureza, ou a natureza em nós.

Continua

(*) Por erro dos copistas do manuscripto do conde de Amaral, collocou-se até aqui Amarante, em logar de Amaral.

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

I

VIDA INTIMA

continuação

Diz-se que sendo empregado em casa de um tio, onde fôra creado, pois ficara orfão de pae e mãe aos sete annos, havia roubado o honrado negociante, o velho parente que lhe dera gasalhado, e que, por ocasião da invasão franceza, se vendera aos soldados de Napoleão, e entregara as filhas de seu tio, as suas proprias primas, umas creanças innocentes, umas virgens de quinze annos, ás injurias brutaes da soldadesca imperial, deixando-as assassinar depois de maculadas, matando tambem seu tio, o velho que lhe chamara filho.

Com a fortuna que ninguem ao certo podia calcular, roubada ao seu protector, fugiu para o Brazil, entregando-se lá ao commercio infamante da escravatura.

Voltando á patria, fizera-se um usurario em toda a extensão da palavra.

Tomou para o seu serviço uma criada velha, talvez tanto como elle, beata, superstíciosa, uma relação viva da vida de todos os santos.

Precisava, porém, d'um empregado e escolheu um afilhado que tinha, um pobre rapaz, que elle mandou educar, isto é, aprender a ler, escrever e contar, para depois fazer d'elle seu caixeiro.

Chegado aos quinze annos, Alvaro era um rapaz vivo, inteligente para o commercio. Conhecia perfeitamente a praça e negociava soffrivelmente os cambios por conta de seu padrinho.

Bazilio estava muito satisfeito com elle, e sobretudo porque lhe não dava ordenado.

Alvaro foi crescendo, e hoje tem vinte annos.

A chuva continuava e o velho examinava impassivel os papeis amontoados sobre a mesa.

Recostou-se no espaldar largo da velha poltrona e tirou do bolso das calças um saquinho prenhe de moedas d'oiro. Despejou-o sobre a mesa, encastellou as *loiras Victorias*, olhou-as com um ar de satisfação, e disse olhando para o dinheiro que tinha na sua frente:

—Meu, é só meu! E' esta a minha vida de ha quarenta annos! Juntar, amontoar thesouros, thesouros que um dia hão de ficar para ahi abandonados, que outro ha-de gosar, desperdiçar talvez... Oh! isso é que não!... disse elle depois de breve pensar.

—Ouro! continuou. Eis o que faz d'um ladrão um homem de bem!...

Depois levantou-se, e a passos curtos foi abrir as portadas do movel de pau preto. Lá dentro viam-se amontoados immensos saccos de dinheiro, e grandes rollos de notas de banco, acções, inscripções, apolices, emfim um thesouro infinito.

—Dinheiro! Dinheiro! Que satisfação eu sinto ao contemplal-o!... E' elle o rei do mundo!... E' elle a minha vida!... Mais... disse; e correu á meza, pegou com as mãos tremulas de enthusiasmo no dinheiro que ali tinha, deitou-o de novo ao sacco e foi collocal-o no armario.

—Mais... mais.... mais este ainda!... E... ainda me faltam os alugueres das casas... concluiu com um ar pensativo, melancolico.

E ali se ficou a olhar para o thesouro, como querendo devoral-o com os olhos...

—Ah! exclamou de repente!

E como um louco correu ao armario, fechou lhe as portas, tirou as chaves e encostou-se a elle; os oculos desceram-lhe para a ponta do nariz e descobriram uns olhos vivos, sanguineos, capazes de lançar fogo.

Continua EDUARDO VÉRAS

A INNOCENCIA DAS ALDEIAS

(EXCERPTO)

Continuação

Fui ter-me com os anciãos da terra. Contei-lhe a minha edificação; e elles, os velhacos, riram-se como cynicos.

Por que riam os anciãos da terra, cujas netas cantavam a ladainha nas varzeas e o terço na igreja.

Entendi que a velhice estava cancerada até á medula dos ossos, quando um lavrador de cabello branco me disse: «Isto de beaterio é uma desgraça. Os missionarios vem aqui prégar e confessar. Do pulpito abaixo, é infernos para aqui, diabos para acolá, tormentos sem fim, almas que vieram do outro mundo porque não resavam o terço, outras porque morreram sem a venera e os livrinhos que elles vendem. Dizem ás raparigas que, se querem salvar-se, deixem os paes e mães, os maridos e os filhos.

«E vae as raparigas pegam a ir todos os dias para o confesso, não põem mão em trabalho nenhum, cortam os cabellos, atam cordas á cinta, e ficam tristes como a noute. Quando os missionarios abalam para outra freguezia, ellas ahi vão atrás d'elles sosinhas por essas serras fora, carregadas de comestiveis, e por lá dormem por casa dos lavradores, e Deus sabe por onde.

«Quando tornam para casa, veem tolhidinhas; e arrumam-se ali para um canto com o rosario, e pegam a jejuar e a seccar-se até que, á certa confita, mudam de rumo.

—Mudam de rumo? atalhei eu; então ellas não levam ao fim a vida virtuosa?

«Tó carocha!— respondeu o velhaco, fechando o olho direito e arregaçando o beiço de esguelha. Aquillo passa-lhe, consoante ellas são de sua natureza. Umas ainda se ficam confessando com o vigario todos os oito dias, e nas idas e voltas lá pelos caminhos, se acertam de encontrar rapazes da sua áquella, lá lhe dizem as arolas do seu systema de vida, e ás duas por tres deixam crescer a carapinha e tornam a comer ás horas. A final casam. Outras, valha-me Deus, que não sei como o patife do diabo arma certas desgraças. Quando a gente mal se precata... sim, um homem que tem filhas como eu, e cuida que as tem seguras, lá com as suas resas, e vae se não quando, como aconteceu a...»

Aqui, o informador nomeou algumas creaturas que eu não conhecia, e desdobrou umas biographias, á conta das mesmas, muito para lastimas e desenganos da minha boa fé.

Nem a virtude do pejo!

Em uma estreita área d'uma legoa a devassidão competia com a estatistica de qualquer povoado em que as almas, sem missionarios conservadores, se contassem aos milhares.

Continua CAMILLO CASTELLO BRANCO

SCIENCIA PARA TODOS

VI

ACUSTICA E MUSICA

Continuação

Podem-se comtudo collocar diversas oitavas umas atraz das outras, como nos pianos que teem 5 e 7 oitavas, ou 5 fileiras de notas naturaes e 5 meios tons, em cada oitava.

A medida é de per si lenta ou precipitada.

Chama-se canto, melodia e aria uma serie de notas dispostas com arte e gosto.

Quando as notas estão combinadas com as notas correspondentes nas differentes oitavas, ou para outros instrumentos, o todo produz um effeito agradavel e cheio: chama-se *harmonia.*

O canto é uma modificação da voz humana, que produz uma certa variedade de sons. As notas servem para indicar a medida, as differenças d'entonação e os intervallos que devem observar-se.

Sendo a musica, como é, a quinta essencia da poesia, avalia-se a difficuldade de crear cantos novos. As difficuldades da interpretação não são menores e torna-se indispensavel uma certa somma de gosto e de genio para cantar bem.

A musica só progressivamente chegou ao ponto em que a vemos hoje; o canto seguiu as mesmas evoluções. O canto ambroziano, o canto gregoriano, especie de canto-chão, não passam de reminiscencias da arte tal como era applicada entre os gregos e romanos. Estes cantos, apesar da sua gravidade e melodia, estão longe de comportar a variedade e extensão do canto moderno. Os grandes compositores do seculo XIX applicam-se a dar vida e movimento a essas cantillenas, que se assimilham muito na monotonia ao hymno de Themistocles.

A harmonia é a sciencia dos accordes; é a simultaneidade de sons, ao passo que a melodia exprime a sua successão. A harmonia comprehende o estudo das differentes combinações dos sons e suas relações; acompanha a melodia e dá-lhe um encanto especial.

Os compositores antigos não conheciam a harmonia; foi Rameau, compositor francez do seculo XVIII, o primeiro que estudou com profundeza a sciencia dos accordes. O seu livro *Demonstração do principio da harmonia* mereceu-lhe com justa rasão o titulo de *Newton da harmonia.*

Distingue-se a harmonia propriamente dita da harmonia applicada. A primeira constitue a arte de procurar a variedade dos sons que convem a uma ideia particular ou a uma situação. A harmonia applicada é, d'algum modo, a parte mathematica; faz conhecer os accordes consonantes e dissonantes, assim como as modulações. O acompanhamento e a instrumentação fazem parte da harmonia applicada.

A melodia tem por fim apresentar um accordo de sons que se faz ouvir simultaneamente. Assim, a voz d'um cantor é melodiosa; um coro é harmo-

nioso. A composição musical trata a um tempo da melodia e da harmonia. Esta ultima acrescenta, com effeito, ao canto, modulações e cadencias que augmentam o interesse da composição

Pode-se censurar os compositores modernos por se dedicarem mais ao estudo da sciencia da harmonia e inspirarem-se muito pouco das regras da melodia. E' por uma melodia original que se revela o grande compositor; mas, por desgraça, os compositores modernos quasi que não fazem outra cousa senão revestirem de formas novas, ou com novas harmonias, melodias antigas.

O piano tem sobre os outros instrumentos a vantagem de offerecer a um tempo o canto e o acompanhamento, vantagem realmente preciosa para o compositor.

As composições dos grandes mestres offerecem partituras de mais de 1:000 vozes e instrumentos, os quaes todos formam um accordo perfeito.

Continua

Doutor Jayme

HERSCHEL

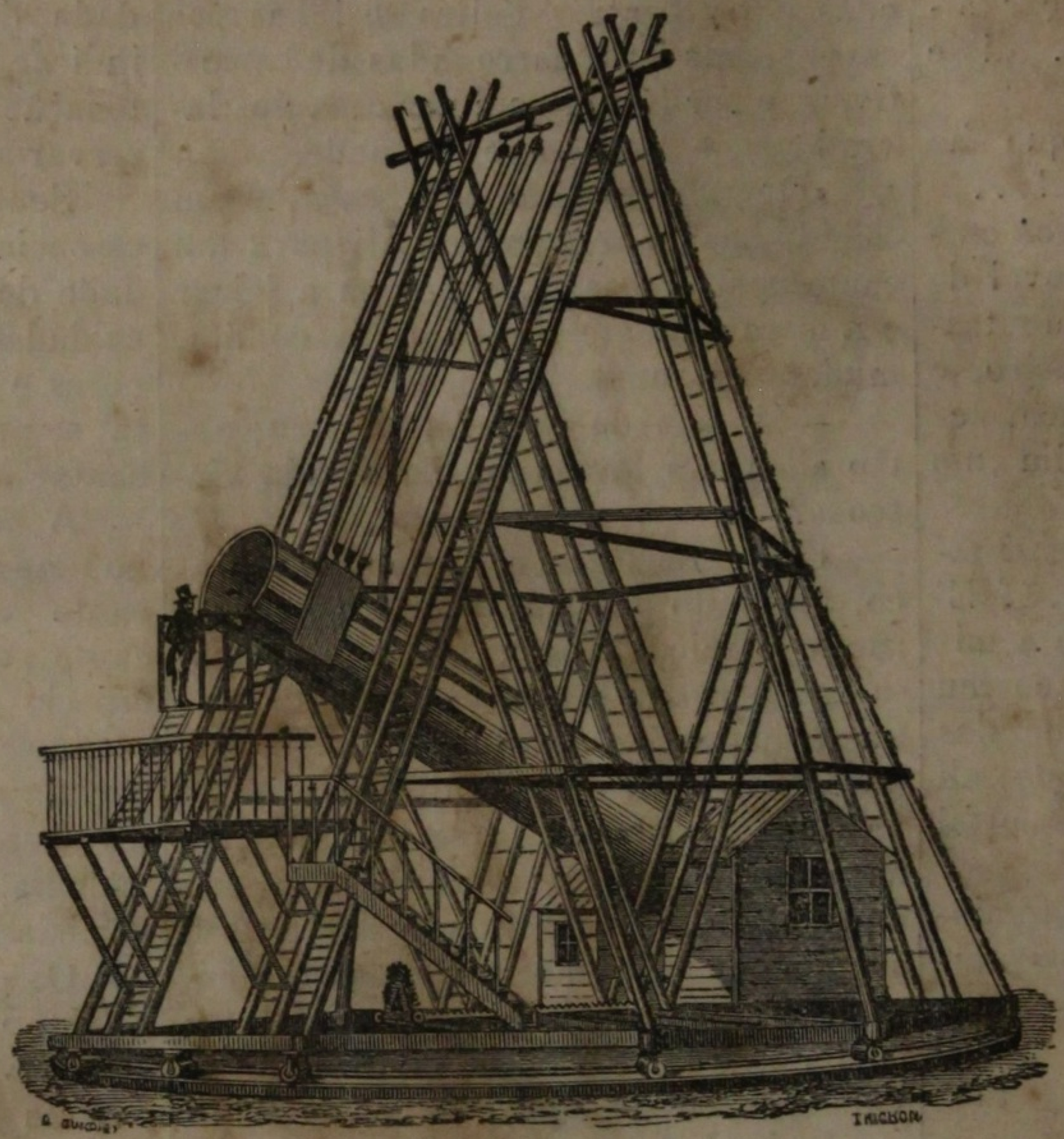
Herschel era um simples musico. Por acaso cahiu-lhe entre as mãos um telescopio, e transportado com as maravilhas que o ceo lhe manifestava, graças a esse instrumento d'optica, apaixonou-se pelas observações astronomicas e tratou de adquirir um telescopio de maior força e apto para aquelle fim. Porém, como era pobre, não pôde comprar um instrumento de tão alto preço, pelo que se viu na necessidade de construir um por suas proprias mãos.

E foi assim que, de simples curioso, Herschel se tornou mathematico, constructor e optico. O numero de espelhos reflectores para telescopios que elle construiu passou de quatrocentos.

O maior telescopio de que o celebre astronomo se serviu tinha um espelho de cerca de metro e meio. O tubo tinha doze metros e o observador collocava-se na extremidade d'elle, com uma forte luneta na mão. A amplificação podia elevar-se até seis mil vezes o diametro aparente do objecto observado.

Toda a armação estava assente em carretas para poder girar á vontade por meio d'um guincho.

E' este telescopio que a gravura representa.



TELESCOPIO DE HERSCHEL

ZIG-ZAGS

A TERRA

Nada mais vil do que a terra. Os infelizes calcam-a aos pés; mas não é senão para a possuirmos que dispendemos os maiores thesouros.

Se fosse mais dura, o homem não poderia rasgar-lhe o seio para a cultivar. Se fosse menos dura, não o poderia sustentar; enterral-o-ia, como elle se enterra na areia, ou na lama.

E' no seio inesgotavel da terra que se encontra o que ha de mais precioso. Essa massa informe, vil e grosseira, toma todas as formas, ainda as mais diversas; só ella nos dá todos os bens que lhe pedimos.

Aquelle lodo tão sujo transforma-se em mil objectos que encantam os olhos. Em um só anno ella torna-se ramos, botões, folhas, flores, fructos e sementes, para renovar as suas liberalidades em favor dos homens. Nada a cança, e quanto mais se lhe tira das entranhas, mais ella dá. Ao cabo de tantos seculos, durante os quaes tudo tem sahido d'ella, ella ainda está como era.

O homem tem a terra por berço ao morrer, porque o morrer é o nascer para a eternidade, e é no seio d'ella que elle dorme o somno eterno. Basta isto para ella nos ser cara.

Solução do problema do numero 73: — 9752,m 904.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Pombal, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Caldas da Rainha, Vizeu, Guarda, Elvas, Aveiro, Marinha Grande, Peniche, Thomar, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Valle de Vez, Caldas de Vizella, Ourique, Tavira, Mangualde, Benavente, Oliveira d'Azemeis.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO PORTO, 2 DE FEVEREIRO DE 1882 NUMERO 75

D. IGNEZ DE CASTRO

SUMMARIO

Texto.— D. Ignez de Castro — Sciencia para todos: Acustica e musica, por Doutor Jayme — Duas palavras ácerca da exposição da arte ornamental e decorativa, por A. Vieira Lopes — Oh! riso! (poesia) por Nunes d'Azevedo — A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco — Uma procissão no Porto no seculo passado — O castello de Vincennes — Chegar a tempo — Uma floresta em Ceylão — Idolatria (poesia) por Miranda Azevedo — O conde de Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Peru — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A mulher — O telegrapho electrico — Zig-Zags: O Alcorão — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— D. Ignez de Castro — Castello de Vincennes — Uma floresta em Ceylão — Samuel Morse.

D. IGNEZ DE CASTRO

—

Quem não conhece a lenda, a historia tão piedosamente dramatisada pelo immortal cantor dos *Lusiadas*, da

> misera e mesquinha,
> Que depois de ser morta foi rainha?

E' de Ignez de Castro que fallamos, pois foi essa a heroina do drama que ensanguentou o reinado austero e semi-selvagem do nosso D. Affonso IV.

Ignez de Castro! Que suave poesia respira este nome, divinisado pela aureola do martyrio, que foi o epilogo do romance perfumado, dos ideaes devaneios, *d'aquelle engano d'alma ledo e cego*, como lhe chamou Camões, da regia amante de Pedro I!

Altas rasões d'estado, dizem as velhas chronicas, determinaram e até certo ponto absolvem, o assassinio da infeliz, que outro crime não tinha além do seu amor; mas as gerações porvindouras, as almas sensiveis, commovidas pela pintura tocante d'aquelle grande infortunio, não podem deixar de exprobrar o crime dos que aconselharam e levaram a cabo o nefando attentado, desculpando o d'essa martyr e infeliz amante, ente delicado e adoravel, que hade ser sempre um dos vultos sympathicos, refulgindo e esparzindo luz suave sobre os traços varonis e sombriamente tostados dos homens que abriram as primeiras paginas da nossa historia.

SCIENCIA PARA TODOS

—

VI

ACUSTICA E MUSICA

Conclusão

Para terminar, resta-nos dizer que a musica é a arte de commover ou recrear os sentidos e o espirito por meio das modificações do som. Em todos os tempos foi considerada como um manancial d'impressões irresistiveis, que muitas vezes se teem traduzido por effeitos prodigiosos, de que a fabula e a historia fazem menção.

Amphião obrigou as pedras a juntarem-se cadenciosamente, ao som da sua lyra, para construir as muralhas de Thebas; Orpheu reuniu á sua roda as feras e tornou-as mansas como cordeiros; Josué fez cahir os muros de Jerichó ao som das trombetas do seu exercito; a harpa de David curou Saul dos seus ataques de furor; a musica dos coros de Euripides, cantada pelos prisioneiros athenienses, derrotados em Sicilia, acalmou a colera dos vencedores, obrigando-os a darem-lhes a liberdade. Que direi mais? Será necessario citar o poder maravilhoso dos cantos nacionaes que tantas vezes teem guiado á victoria os exercitos do mundo, infiltrando valor e enthusiasmo em peitos demasiado jovens e inexperientes?

Quando, em 1792, a França, invadida por todos os lados, não tinha para se defender mais do que soldados novos, esfomeados, rotos, de pé descalço, que nunca tinham pegado em uma arma, quem metamorphoseou esses rapazes, tornando-os uns heroes, que se precipitaram com a sanha de soldados velhos sobre as velhas hostes europeias em Valmy e Jemmapes, senão o canto da *Marselheza*?

A musica é pois uma arte de paz e uma arte de guerra. Encanta nos momentos de descanso, contribue para os praseres do homem; mas excita a nossa coragem e embriaga-nos nas horas do perigo.

A sua origem é das mais antigas; Moysés cita-nos muitos nomes de inventores, e de dous ou tres que menciona, dá em primeiro logar o inventor da musica, Jubal, filho de Lamech, que viveu antes do diluvio.

A musica era muito estimada pelos judeus, como se vê por Moysés, David e Salomão; os livros santos, assim como os nossos representam-a como uma das grandes felicidades dos anjos e bemaventurados no ceo. Os gregos consideravam a musica como um dom immediato da divindade. Appollo fôra para elles o inventor; Orpheu e Lino eram tidos como os primeiros musicos; eram filhos de Apollo. Do mesmo passo, a musica foi durante muito tempo consagrada exclusivamente á divindade e fez sempre parte das honras que se lhe prestam.

DOUTOR JAYME

DUAS PALAVRAS

ÁCERCA DA EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL E DECORATIVA

Meu caro snr. Leal

—

Conclusão

Um dos objectos com que logo se depara, é a celebre custodia de Belem, que em verdade é um primoroso trabalho d'arte, que faz honra ao artista que a executou, e que é, segundo a opinião dos competentes, devida ao buril do celebre e celebrado Gil Vicente. A par d'esta custodia veem-se alguns calices e patenas tambem d'ouro, que em nada desdizem do merito, que as teem tornado notaveis.

Na mesma *vitrine* depara o visitante com as cruzes de Sancho I e da capella real de Villa Viçosa. Esta ultima está adornada com um grande numero de pedras preciosas, que lhe augmentam o seu valor real.

A egreja da Graça está tambem ali representada por um magnifico cofre de crystal de rocha, que tem um subido valor.

Em ourivesaria religiosa é indubitavelmente a egreja de S. Roque a que mais distinctamente figura n'este certamem da arte, não só em numero, como em objectos de ouro e prata, principalmente duas preciosas custodias, em uma das quaes se vêem um grande numero de brilhantes e outras pedras preciosas.

A Sé do Porto e a Misericordia da mesma cidade, fizeram-se representar mui dignamente; vê ali o visitante uns missaes com capas de prata com bellissimos relevos, que demonstram bem o grão de perfeição a que attingiu a gravura n'aquellas epocas, em que a religião fallava ao coração de todos n'este bom paiz, que se deixou guiar pelo impulso do christianismo.

Muitos outros objectos notaveis se deparam á contemplação dos visitantes, e se não fôra por tornar extensa esta carta, dariamos uma noticia mais desenvolvida dos objectos expostos pelo nosso patricio Augusto Moreira, e por muitos outros que ali exhibiram objectos, que são dignos de serem observados com muita attenção.

A cidade de Guimarães apresenta ali, entre outras cousas, o celebre altar de campanha, que é todo de prata, e que uns dizem ter sido tomado aos hespanhoes na batalha de Aljubarrota; porém outros asseveram pertencer a D. João I, e que fôra este monarca quem o offerecera, depois d'essa batalha, á cidade (então villa) berço da monarchia portugueza. Braga não quiz ficar atrás das outras povoações, que expozeram tão primorosos trabalhos d'arte, e diga-se a verdade, foi uma das cidades do reino que melhor se fez representar.

E' magnifica tambem a collecção de manuscriptos illuminados, tornando-se dignos de especial menção: o celebre missal de Estevam Gonçalves, que suppomos pertencer á bibliotheca da Academia real das sciencias, o notavel livro de horas da Universidade de Coimbra, a biblia de Belem, e tambem um codice do seculo XII, que, se bem nos recordamos, pertence ao mosteiro de Lorvão.

Em tapessarias, ha uma profusa collecção de cobertas, pannos, colchas e objectos bordados muito antigos e de grande valor, entre os quaes vimos uma colcha exposta pelo nosso conterraneo, o snr. Martinho Montenegro, e que apresenta uma variedade de côres, que dão um grande realce a este magnifico objecto, que tem, além d'isso, grande merecimento pelo seu excellente estado de conservação.

Ha igualmente uma enorme quantidade de objectos de marcenaria antiga, como contadores, arcas, mesas de pés torneados, cofres e cadeiras, que denotam o grande adiantamento de Portugal em eras que já lá vão.

A exposição foi pouco visitada no primeiro dia; mas em compensação, nos dous seguintes, que ali fomos, pode dizer-se que chegava a ser incommodo o andar nas salas, sendo por consequencia impossivel fazer-se um exame vagaroso, porque todos queriam ver, sendo por tanto impossivel examinar todos os objectos com aquella minuciosidade que todos elles reclamavam.

A nossa pequena demora na capital não nos permittiu ir ainda mais uma vez, como desejavamos; mas ainda assim não demos o tempo por mal empregado, lamentando só que á Commissão executiva escaceasse o tempo para organisar convenientemente o seu catalogo, para que melhor podessem ser analysados e estudados tantos primores.

Ahi ficam pois, meu caro amigo, archivadas as minhas impressões, que lhe envio para inserir no seu excellente jornal, se lhe parecerem dignas de tamana fineza.

Lisboa 15 de janeiro de 1882

A. Vieira Lopes

OH! RISO!...

(TO ONE YOUNG LADY'S PRIDE)

—

Se alguma vez me viste, humilde, aniquilado,
Cahir junto a teus pés, em supplice postura,
E triste a soluçar um threno ignorado,
Nos tons sentimentaes d'amante sem ventura;

Não creias, não, mulher, que eu era a imagem pallida
Do candido Jesus a victima rendida,
Que tinha no perdão a sua espada unica
Com que feria os máos e dava a luz e a vida!

Eu era a sphinge negra, a sombra temerosa
Do Judas legendario, o cynico judeu.
Que tinha por condão, em phrase insidiosa,
Trahir, fazer o mal, mentir á terra e ao ceo.

No peito meu rugia a serpe nua, esqualida,
Da vingança fatal, que mata, que envenena,
Como ruge e se agita em dores mil famelicas
O rabido Satan nos fundos da gehena!

Eu tinha a accumulação infinda, immensuravel,
Dos gelos boreaes occulta no meu ser;
E se dizia «amor» o labio irresponsavel,
O labio, santo Deus! mentia-te, mulher!

Eu nunca pude ler os magicos idylios
Do Tasso e de Camões, sem rir ás gargalhadas,
Como quando, na praça, o povo hilar, estupido,
Se ri do bôbo alvar que ingere fogo e espadas!

E nunca pude amar senão o Vinho novo
E o rijo estrepitar das cruas Marselhezas,
Esse outro vinho audaz, que faz turvar o povo,
E faz erguer pendões e altares sobre as mezas.

Amante da Rasão, da qual eu sou um idolatra,
Detesto os mil ideaes cantados nas novellas,
Onde o vicio campeia, occulto em roseas petalas,
E as torpes barregãs se trajam de donzellas!

Por isso, já tu vês, ó doida flor myrrada,
Que eu sempre te mentia, e muito, immensamente,
Quando te quiz vender, suprema mascarada,
O amor que não sentia o peito indifferente!

Não fiques, pois, mulher, na crença doida, illogica,
De que fizeste um mal, faltando aos juramentos;
Eu não te amava, não, e as minhas fallas tremulas
Trahiam, simplesmente, os meus fataes intentos.

Nunes d' Azevedo

A INNOCENCIA DAS ALDEIAS

—

(EXCERPTO)

Conclusão

Os mancebos, os Bicitos e Dosinos das éclogas enchiam as tavernas por noite morta e jogavam a esquineta e o monte. As velhas, que não podiam aquecer-se ao fogo da mocidade e dos vicios d'essa rasão, eram ladras. O ovelheiro d'este rebanho tinhoso, o vigario, com uma cauda de beatas, que lhe queriam como aos seus olhos, ia tomar chá com ellas, em secreto agape, e sahia da catacumba com o rosto beatifico a resplandecer santidade. Os meninos beijavam-lhe as mãos, que nunca se abriram com uma esmola para os necessitados. As moças das nalgas anchas e caras escarlates beijavam-lhe a fimbria da batina. E elle, com quarenta sadios annos de idade, inclinava-se ás filhas espirituaes e dizia-lhes: «Andae, andae, minhas filhas. Coroae-vos de flores amanhã, na volta das ceifas, e ide assim para vos distinguirdes d'elles.»

Ora aconteceu que os impios era eu e minha familia. E as operarias da casa do vigario coroavam-se de flores e passavam á minha porta cantando o *Bemdito e louvado seja*.

O pastor, commensal do hysson e da manteiga das minhas seraphicas visinhas, odiava os meus pequeninos e os meus criados, porque elles cantavam as coplas do *Alfageme* de Garrett, que diziam assim:

Viva o nosso padre, padre capellão,
Que é o nosso santo de mais devoção,
Que me hade casar. E a mim porque não?
A todas, a todas, quer queira quer não.

O padre cuidou que eu inventara as trovas para ultrage do sacerdocio, e levou a minha vituperosa invenção rhitmica até á presença do arcebispo primaz. Salvou-se a minha orthodoxia n'este lance; mas quem sabe o que a posteridade dirá de mim quando o *Alfageme* de Garrett estiver esquecido, e viverem ainda na memoria das gerações por vir as minhas desavenças heresiarcas com um vigario do Minho.

No centro d'uma provincia em que a desmoralisação compete com a ignorancia, perguntava eu á minha pachorrenta philosophia como era que a freguezia onde eu demorei anno e meio sobrepujava as outras em vicios de todas as naturezas? Era porque o pastor de aquella rez gafada sentado na cathedra de doutrina, nunca disse aos seus freguezes: «Não roubeis, não calumnieis, não hombrieis com Deus no juizo das consciencias alheias: Amae-vos uns aos outros.»

Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vede-me que com aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahi, tirante algum lombo de porco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.

Camillo Castello Branco

UMA PROCISSÃO NO PORTO
NO SECULO PASSADO

—

SEQUITO II

Conclusão

16 figura. *Caridade.* Vestida de cor de ouro coroada de chamas. Em huma mão mostrará huma cadea dourada; e na outra hum escudo em fórma de coração com a letra: «Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris. Ad.» Rom. 5. 5.

2 Carro. Levará ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo Espoletano com os Reverendos Prelados de S. Bento, e S. Domingos formando o processo sobre as virtudes de Santo Antonio para a sua Canonização.

SEQUITO III

Declara os empenhados com a Santa Fé Apostolica para a Canonização de Santo Antonio.

17 figura. Trompas, e Clarins a Cavallo. Andarilhos vestidos de seda precedendo a *Portugal*, que hirá a Cavallo vestida de ouro, com coroa imperial na cabeça. Levará as armas, e hum Cetro com a letra: «Regnum ipsius omnibus dominabitur.» Psalm. 102. 19.

18 figura. *Lisboa.* Vestida de cor alegre coroada de diamantes levará hum Navio, e nelle hum corvo, e no escudo a letra: «Qui sapientem genuit, laetabitur in eo.» Prov. 22. 24.

19 figura. *Roma.* Hirá de Cavallo com Andarilhos levará suas armas, e hum escudo, que diga: «Nunc exaltavit caput meum super inimicos meos.» Psalm. 26. 6.

20 figura. *Padua*. Vestida de branco com plumas na cabeça levará as suas armas, e no escudo a letra: «Alienigenæ amici facti sunt mihi.» Psalm. 107. 10.

21 figura. *Mundo*. Coroado de flores. Levará hum globo e hu escudo com a letra: «Multi vociferantes in laetitia.» I Esdr. 3. 12.

22 figura. *Igreja Catholica* a Cavallo acompanhada de Andarilhos, hirá vestida de Pontifical com Tiára na cabeça. Em huma mão a Cruz Pontificia, e na outra o escudo com a letra: «Laus ejus in Ecclesia santorum.» Psalm. 149. 1.

23 figura. *Religião Serafica*. Vestida de seda parda com seis azas brancas. Levará huma Cruz com as suas insignias, e huma letra no escudo: «Sicut Mater unicum amat filium, ita ego te diligebam.» 2 Reg. 1. 26.

24 figura. *Graça Divina*. Montada em hum Cavallo acompanhada de Andarilhos; vestida de branco, e coroada de perolas. Levará uma faxa de fogo, e a letra do escudo dirá: «Diffusa est gratia in labiis tuis.» Psalm. 44. 3.

Seguir-se-hão Clarins a cavallo.

3 Carro. Levará hum baile de Muzica acompanhado de instrumentos.

Bandeira Lateranense, Pavilhoens, e Cruz Pontifical.

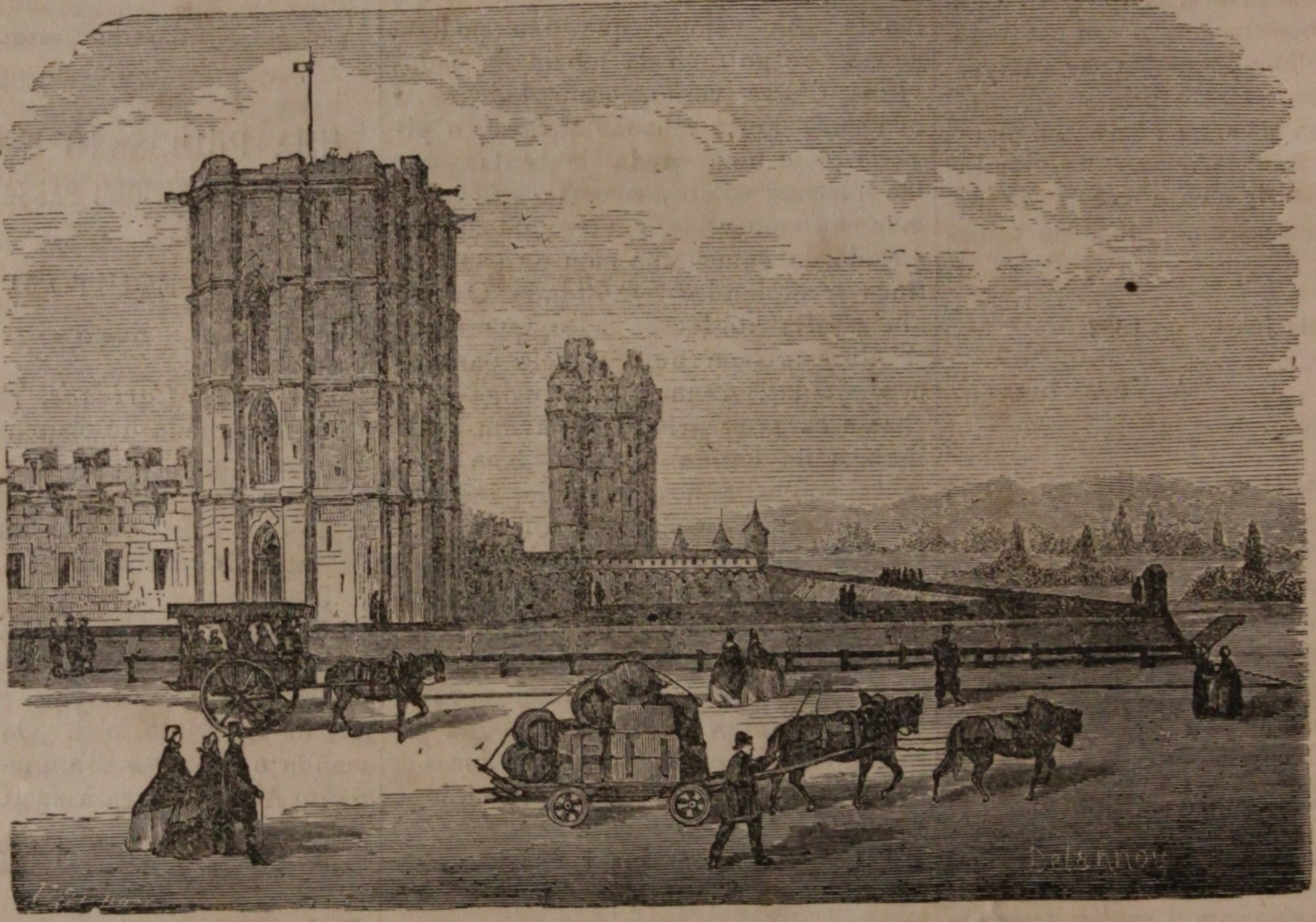
4 Carro. Que levará os Bispos assistentes ao Solio Pontificio.

5 Carro. Em que estarão sentados os Cardeaes da comitiva de Sua Santidade.

6 Carro. Ricamente ornado em que hirá o Summo Pontifice Gregorio IX acompanhado de Cardeaes, e pessoas domesticas, Canonizando a Santo Antonio.

Seguem-se os Irmãos da Confraria com tochas acezas; quatro Anjos lançando flores; e a prodigiosa imagem de S. Antonio em hum andor magnificamente ornado a impulsos da devoção das Religiosas do Mosteyro de Monchique.

Ultimamente concluirá a Procissão a Communidade dos Religiosos de S. Francisco com a Sagrada Reliquia da verdadeyra Cruz.



CASTELLO DE VINCENNES

O CASTELLO DE VINCENNES

—

No meio do bosque de Vincennes, de que já aqui fallamos, eleva-se o castello, em parte arruinado.

O castello tem uma historia muito extensa; teve a sua epoca d'esplendor, que passou como todas as glorias d'este mundo. Hoje é uma simples caserna, onde se aquartela uma força do exercito de Paris.

A parte do edificio que está em ruinas não se vê na nossa gravura; a que se observa mostra ainda a feição predominante da velha fortificação.

CHEGAR A TEMPO

—

Conclusão

Passado aquelle tempo, D. Sophia principiou a receber visitas, primeiramente as mais intimas, que lhe iam dar os pesames pela irreparavel perda que ella acabava de soffrer.

Para todas as pessoas se mostrava a joven viuva inconsolavel. A sua dôr era sem limites; jamais podia riscar da memoria o muito que devia ao defunto, cuja lembrança a acompanhava por toda a parte e em todas as ocasiões.

—Ai! pobre Serapião! Era tão meu amigo! Ao seu lado fui a mulher mais feliz da terra! Elle era para mim mais do que um marido desvelado; era um pae sollicito em velar por mim. Vinte e dous annos estive casada com elle e jamais tivemos uma disputa. Pobre homem! Jamais encontrarei outro como elle.

Esta historia repetia-se um sem numero de vezes, porque cada uma das pessoas que a visitava entendia ser-lhe agradavel fazendo o elogio do defunto, a que ella se não descuidava de pôr o epilogo de que: —vinte e dous annos, etc. Apesar do que, as más lingoas diziam que não se passava um só dia que os dous esposos não jogassem as cristas.

Entre as pessoas que acudiram a apresentar os seus cumprimentos á viu-

vinha, contava-se um rapaz da visinhança, amigo de Serapião, e com quem este travara relações um verão que estivera a banhos na Foz, e lá sympathisara muito com elle pela elegancia com que o vira dansar no club, tendo tirado para par Sophia.

Serapião, ao recolher ao Porto, offereceu a sua casa ao mancebo, que effectivamente lá foi algumas vezes, poucas, porque o bom do homem adoeceu quasi em seguida, e morreu depois, chegando as más lingoas a dizer que ao caso não fôra estranho o mesmo joven. O que era a maior falsidade d'este mundo, porque Serapião morreu de morte natural, a mais natural que pode haver, muito estendido na sua cama e sem se queixar de ninguem.

Depois sim, depois da morte do brazileiro é que Julio, era assim que o visinho elegante se chamava, amiudou as suas visitas á viuva, o que com certeza queria dizer alguma cousa.

As pessoas menos expertas em questões de amor podiam ver n'esta circunstancia um facto demasiadamente visivel, e nós que tomamos a cargo narrar fielmente o que se passou, diremos que o fim das visitas de Julio não era outro senão o de agradar a Sophia.

Não se atrevia porém a tocar-lhe no assumpto especial das suas visitas, porque Sophia era toda lamurias a respeito do seu bom senhor; mas um dia formou o seu proposito e dirigiu-se a casa da viuva.

Encontrou-a, como do costume, banhada em lagrimas.

—Sempre chorosa! disse elle. Sempre inconsolavel!

—Que quer, meu amigo? atalhou Sophia. A perda irreparavel de meu marido...

—Irreparavel não, interrompeu Julio.

—Como! disse a viuva.

—Supponho que não faltaria um homem dotado de qualidades tão recommendaveis como as de Serapião, que lh'o fizesse esquecer completamente. Eu proprio... sim, eu proprio...

—Meu amigo, respondeu Sophia, acceitaria com gosto a proposta que acaba de fazer-me, porque não deixo de sympathisar com o senhor; mas ha apenas uma difficuldade.

—Qual é? perguntou Julio.

—E' que vem tarde. Já prometti a minha mão a um joven não menos galante do que o senhor.

Julio cahiu das nuvens.

Aquella confissão inesperada não era para menos.

—Já vê, concluiu Sophia, que não posso faltar á minha palavra.

—Sinto ter chegado tarde, respondeu Julio.

—Tambem eu o sinto.

—Comtudo, atreveu-se a dizer Julio, uma vez que a senhora não deixa de sympathisar comigo e a unica differença é eu ter chegado tarde, peço-lhe que se não esqueça de mim quando tornar a enviuvar, porque assim tenho a certeza de chegar a tempo.

UMA FLORESTA
EM CEYLÃO

UMA FLORESTA EM CEYLÃO

A gravura de esta pagina representa o aspecto de uma floresta de coqueiros em Ceylão, grande ilha da India ingleza, proxima á extremidade meridional da India, áquem do Ganges.

O aspecto de Ceylão é o mais bello que póde imaginar-se.

O solo é fertilissimo; produz canella, nós moscada, cardamomo e plantas equinoxiaes. As suas vastas e magnificas florestas, em que a natureza se revela em toda a sua grandeza, abundam de animaes, como bufalos, elefantes tigres, hyenas, gazelas, uma variedade enorme de serpentes, aves, e insectos em grande abundancia.

A população divide-se em cingalezes e ueddas, malabares musulmanos das diversas regiões da Africa e europeus

A religião é o buddhismo.

Os portuguezes tomaram todo o littoral da ilha em 1518; os hollandezes expulsaram-os por meiados do seculo XVIII; em 1795 os inglezes apoderaram-se do littoral e occupam a ilha inteira desde 1815.

Na gravura está reproduzido um dos pontos mais pittorescos da ilha, aquelle onde europeu nenhum pôde ainda penetrar.

IDOLATRIA

—

Ditoso quem por ti só pensa e vive
N'um mundo d'illusões e de incerteza:
Que da tua voz maviosa escuta os threnos,
Rescendentes do aroma da deveza.

Ditoso o que cantar, preso de affectos,
As graças que te enfloram o sorriso;
E que, para possuir-te, der a vida
E as mil ficções gentis do paraizo.

Amar-te com paixão e com delirio
E' meu unico praser, deleite ou gôso:
Mer'cer-te affecto igual e tão profundo
Eis meu sonho constante e venturoso.

MIRANDA AZEVEDO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR
UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
I
NO PALACIO DE AMARANTE

Continuação

N'aquellas montanhas, as mais ao norte da Hespanha, e as mais ao oeste da Europa, não só a vegetação como as pessoas, tudo revestia certo matiz de novidade para mim, como se nunca, mesmo em creança, eu visse tanta formosura immanente e sombria. Com especialidade os habitantes d'aquellas montanhas, que conservam não só o typo, mas tambem os costumes celticos, impressionavam-me immensamente pela expressão triste e pensativa da sua physionomia: distinctivo dos povos que viram desapparecer a sua nacionalidade, sem que o elemento evolutivo e demolidor apresentasse forma ostensivel.

Uma legoa antes de chegar ao meu palacio, quando já pisava as terras do condado, esperavam-me em grandes grupos muitos colonos, arrendatarios e foreiros meus, com gaitas, tamborilhos e foguetes, e todos se agrupavam a saudar-me, sabedores do meu regresso á patria.

Eu tive uma grata sensação de praser pelas suas demonstrações de affecto. O mais d'elles conheceram-me em creança, porem não me conheceram homem.

Mais adiante, já não eram só os homens que me esperavam; tambem mulheres e creanças com os seus melhores vestidos; as freguezias de Amaral, S. Pedro Feliz, Santo Estevam, S. Martinho, Santa Marinha e as freguezias de Arbol, Barreiros, Castri, Facha, Jiam e Reboredo, que constituiam o nervo do condado, pareciam que se animavam para receber alguma cousa mais que seu senhor, pois dir-se-ia que não só as pessoas, mas as cousas, atiravam ramos de flores diante do meu cavallo.

Era pela primavera, e, ao pisar aquelle formoso e extenso valle do Ulla, cercado de pittorescas cordilheiras, não só as arvores e as plantas, mas até os passaros, pareciam tambem saudar-me com as suas melhores folhas, as suas melhores flores e os seus melhores cantos.

Eu já não era o joven *dandy*, que percorria a Fonte Castelhana e o bosque de Boulogne, mostrando um magnifico *coupé* ou um cavallo inglez *pur sang*. Ia cabisbaixo sobre um dos melhores alazões de Amaral, mas a passo preguiçoso e abandonado.

De repente, ao descer um pequeno monte, por onde serpeava o caminho, enuveou-se a minha vista e agarrei-me ás crinas do cavallo, como se estivesse para cahir em consequencia da emoção do que via na minha frente.

Ali estava!... Lá, sobre a ladeira proxima, debuxava-se o macisso castello de meus avós, sombrio e formidavel, cortando o pincaro da montanha. Ali estava o meu berço; ali estava o sepulcro de minha mãe.

Pouco a pouco, á medida que me aproximava do solar, ia-se desenvolvendo a sua massa escura de granito, como as folhas d'um album, e destacava o portão, as janellas de pedra, as torres, e entre as torres o largo e prolongado terraço de louza azul, com balaustrada de ladrilhos; terraço onde minha mãe me ensinou a ver, a orar e a andar.

Via mais; via sobre a balaustrada uma mulher vestida de preto, talvez minha mãe... já não pude resistir áquella emoção tão poderosa; as minhas lagrimas agglomeraram-se em meus olhos, e chorei pela segunda vez em minha vida.

Ao descer da ladeira para atravessar o rio de crystal, onde brincava na minha infancia, o rio de Ponte Mercêde, braço do Ulla, fiquei immovel, olhando para o palacio e chorando silenciosamente. Queria fallar e não podia; dir-se-ia que até me faltava a respiração... Oh força de sentimento da infancia quando reappareces em nós depois de transcorrida uma existencia desordenada! Em tua irradiação de pureza, em tuas emanações de purissima luz, alguma cousa havia do ceo na terra, alguma cousa havia do olhar de Deus, banhando o fundo da minha alma!

Era já a hora do crepusculo... fechou a noute, desci do cavallo e cahi desfallecido, beijando aquellas pedras queridas da ponte. Depois... não me recordo do mais; conduziram-me ao palacio em uma cadeira antiga de braços, pois eu desmaiara.

Bemdita hora!... Por fim sentia! E sentir é viver.

Continua

. ERRATA. No numero passado, n'este mesmo artigo, escapou um erro de revisão. Na columna 2 da pagina 174, onde se lê «Luxo mais refusado», leia-se «luxo mais refinado».

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LVII
O PERU

Continuação

O governo dos Incas era um governo muito paternal. Os peruvianos adoravam o sol; tinham vestaes que fiavam a lan das vigonhas para os vestidos do Inca e dos pontifices; eram as que entretinham o fogo sagrado, imagem do sol. Os principes não entravam no goso das prerogativas do seu nascimento senão depois de satisfazerem a provas muito difficeis. Em todos os districtos havia celeiros, para que o povo não passasse penuria. Emfim *quippos*, ou cordelinhos de muitas côres, serviam para exprimir o pensamento por meio de nós. Os seus astronomos tinham chegado a calcular exactamente a marcha no zodiaco do deus resplandecente que elles adoravam.

Perto de Puno está o lago elevadissimo de Titicaca. Sem escoamento apparente, recebe as agoas de muitos ribeiros e do derreter das neves. Margens pittorescas, agoas profundas, perturbadas por immensas florestas. Foi em uma d'essas ilhas que residiu Manco-Capac.

A tradicção diz que os Incas lançaram os seus thesouros n'aquelle lago quando os hespanhoes devastaram o Peru.

LVIII
A BOLIVIA

Entremos agora na Bolivia, ou Alto-Peru, republica limitada ao norte e oeste pelo Oceano Pacifico e o Peru, ao sul pela Confederação Argentina e o Paraguay e a leste pelo Brazil. Superficie de 1,200:000 kilometros quadrados; população, 2 milhões de habitantes, sendo uma quarta parte somente d'origem europeia e especialmente hespanhola.

A parte occidental é atravessada pela cadeia dos Andes. O Nevato de Sorata, que é o pico mais elevado de-

pois do do Himalaya, eleva-se a 7:696 metros acima do nivel do mar. As montanhas são habitadas até alturas superiores aos mais altos cimos dos Alpes e dos Pyreneos; assim, Potosi está a 4:166 metros acima do nivel do mar. A parte montanhosa está coberta até certa altura de cereaes da Europa, que se entremisturam com as producções tropicaes. Parece que se gosa ali de uma primavera eterna.

O clima das terras baixas é muito variavel; o calor é excessivo no estio e na estação das chuvas tornam-se aquelles sitios verdadeiros pantanos. Montanhas cobertas de neve; frequentes tremores de terra nas costas.

A areia movediça do littoral forma o deserto de Atacama, que separa a Bolivia do Chili.

As minas de prata d'essa região são de uma grande riqueza: ha tambem minas de cobre.

A Bolivia está dividida em sete provincias. A capital é Chuquisaca, ou La Plata, cidade de 24:000 habitantes, junto da montanha de Porco, onde ha uma importantissima mina de prata. Cidades principaes: La Paz (76:000 h.); Potosi (23:000 h.); Cochabamba e Santa Cruz.

A historia da Bolivia está ligada á do Peru até a epoca em que se tornou independente. Em 1808 os bolivianos revoltaram-se contra os hespanhoes, que tres vezes expulsaram do paiz e tres vezes ahi tornaram a entrar. Emfim o general colombiano Sucre veio em soccorro dos bolivianos, vencendo sobre os hespanhoes a victoria de Ayacucho, que foi decisiva. Bolivar, que acabava de libertar a Colombia, deixou a Bolivia livre para se constituir em republica independente. Os bolivianos encarregaram-o de lhes redigir uma constituição; Bolivar satisfel-os e o congresso boliviano proclamou a constituição em 1826.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

—

I

VIDA INTIMA

Continuação

—Quem anda ahi?! perguntou com voz pouco segura voltando-se para a porta da sala que dava para o interior da casa.

—Quem anda ahi, não responde?! Ladrões! bradou elle. Acudam que me querem roubar! E cingiu-se mais ao cofre. A mim, a mim todos d'esta casa!

—Que é?! Que foi?!! Que aconteceu?!!!... vinha dizendo uma mulher em saias brancas, com uma voz aflautada, que entrou na sala correndo esbaforida, afflicta...

—Ladrões!... respondeu André.

—Viu-os? Como eram?! Jesus, Santo nome de Jesus! E eu nem o meu rosario! Tinham barbas, vinham armados? Seja pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo!...

—Não os vi, ouvi-os, andam ahi no corredor... Querem roubar-me!... disse com voz indecisa o usurario, ainda encostado ao movel que encerrava o dinheiro.

—Vou fazer o credo em cruz, e amanhã hei de trazer da Igreja das Almas agoa benta para borrifar esta casa. Aqui anda cousa ruim! Todas as manhãs isto...

—E por volta da meia noute tambem... disse sentenciosamente o velho.

—E' verdade, á meia noute e ao romper do dia... Jesus! Será alguma alma penada ali do cemiterio... Será, será... Hei de amanhã defumar a casa! Isto é espirito, snr. Bazilio; isto é espirito! Hei de pedir ao senhor padre Januario para vir aqui fazer uma reza.

—Não, snr.ª Lourença, benza vocemecê, defume, reze, borrife, faça o que quizer; mas não me traga cá ninguem de fora. Nada, que ás vezes as apparencias enganam... E Alvaro? continuou o velho mudando de tom; e Alvaro?...

—Está no seu quarto, de certo... respondeu a snr.ª Lourença.

—E a chave? perguntou de novo Bazilio.

—Está debaixo do meu travesseiro.

—Vá chamar Alvaro...

Lourença sahiu benzendo-se e murmurando umas orações. André Bazilio apalpou de novo as portas do cofre que encerrava o seu *erario*, pegou na luz e veio ao corredor examinar se em verdade por lá estava alguem. N'isto ouviu-se o rumor das vozes de Lourença e Alvaro.

—Meu padrinho, meu padrinho, que é? vinha perguntando elle com um sorriso mal disfarçado e aconchegando o casaco que trazia pelos hombros.

—Ladrões... respondeu Bazilio.

—Melhor dirá espiritos, almas do outro mundo, duendes, o diabo... talvez o mafarrico... disse a snr.ª Lourença revolvendo o rosari nas mãos.

—Vamos revistar a casa, ordenou André.

E caminhou seguido do afilhado e da criada.

No fim de tudo, não encontraram nada.

Nem ladrões, nem duendes!

A snr.ª Lourença foi então tratar do almoço e André Bazilio voltou para o escriptorio.

Alvaro, só Alvaro se ria d'aquellas supposições tolas de seu padrinho e da criada. E' que só elle sabia o segredo d'aquillo tudo.

Foi para o seu quarto a ver se ainda podia conciliar um pouco o somno.

A chuva cahia ainda e o vento soprava com violencia.

Começava a alvorecer.

Continua — EDUARDO VÉRAS

A MULHER

—

A mulher, esse ente amavel, fadado por Deus para adoçar as amarguras da vida do homem, sempre mereceu em todos os tempos e logares a estima e veneração d'aquelles em cujo coração brilha, embora em simples lampejos, a sensibilidade e o amor.

E' de todas as creações terrenas aquella que mais se presta a um estudo sempre agradavel e variado. As differentes phases por que vae passando, desde o berço ao tumulo, produzem a mais bella historia da humanidade. E a prova irrefragavel do que avanço, está na homenagem e respeito, sempre crescente, que os primeiros homens de todas as nações, nas sciencias, litteratura e artes, lhe votam.

O poeta idealiza-a e pinta-a com as mais finas côres que lhe suggere a sua mente phantasiosa; o romancista descreve minuciosamente as suas formas divinaes; o philosopho estuda-a psychologicamente; o anatomista, o historiador, o esculptor, o estatuario e todos aquelles, emfim, que conhecem mais ou menos os restantes conhecimentos humanos, todos á porfia, e qual melhor, apresentam bellos especimens da mulher e das qualidades que lhe são inherentes.

A influencia que exerce sobre o homem é infinita. Os mais robustos succumbem ao effeito dos effluvios magneticos que de seus olhos se expedem. Não ha sciencia ou ouro que lhe resista. Tudo submette ao seu imperio; tudo conquista. E a sua força dominadora não está nas forças physicas, porque de ellas é ella por natureza fragil; mas sim nas bellas qualidades moraes com que Deus a dotou.

E assente que o ideal da mulher é a perfectibilidade, continuarei a estudal-a no seu estado mais interessante para a sociedade: quando é mãe. Pergunto qual é aquelle que no seu viver intimo não se tem sentido arrebatado para essas regiões do desconhecido, ao contemplar a mulher velando o fructo dos seus licitos amores? Com que caricias não se vê enxugar ella as lagrimas d'aquelles que a hão de vir substituir no labutar continuo d'este mundo que habitamos? Com que ternura não esprei-

ta o seu riso angelical? Com que solicitude não trata de lhe desenvolver as forças em embrião, procurando ao mesmo tempo ensinar-lhe com bondade de mãe, a produzir esses sons com que nós passamos os nossos sentimentos aos outros? Uma das mais admiraveis e surprehendentes obras do Creador: — a palavra!

Continua

O TELEGRAPHO
ELECTRICO

Sabe-se como eram os telegraphos antigos.

O telegrapho aereo, com todas as suas imperfeições, bastou, no entretanto, em quanto não houve caminhos de ferro. Mas estes mataram aquelle.

Já em 1774 um sabio genovez estudara um systema de telegrapho electrico, composto d'uma machina electrica e vinte e quatro electrometros, a cada um dos quaes correspondia um fio. Vinte annos depois, um allemão, Reiser, propoz o emprego d'uma mesa de vidro, na qual estavam incrustadas letras de metal, em frente de cada uma das quaes havia um fio de ferro isolado. Este systema foi applicado em 1798 na Hespanha. Franklin concorreu muito para animar os inventores. Em França, o abbade Claudio Chappe inventou o telegrapho moderno em 1790. Na Inglaterra foi o celebre physico escossez Carlos Marchal que inventou o telegrapho electrico.

Em 1811, Soemmering lembrou-se d'applicar a pilha ao telegrapho electrico. O seu apparelho compunha-se de uma pilha e trinta e cinco placas metalicas, para representar as letras e os algarismos.

A descoberta do principio de que uma corrente electrica faz desviar a agulha magnetica deu novo impulso á questão. Ampere tentou a applicação d'esta descoberta á telegraphia, estabelecendo o telegrapho electrico por meio de tantas agulhas magneticas quantas as letras, e postas em movimento por conductores, que communicavam successivamente com a pilha por meio de teclas, que se abaixavam á vontade.

A descoberta do galvanometro por Schweigger tornou a ideia de Ampere praticavel.

Schilling foi o primeiro a experimentar, em 1832, um telegrapho construido segundo estes dados. Comtudo o verdadeiro inventor do telegrapho electrico foi o physico Samuel Morse, natural dos Estados Unidos, o qual, voltando de França para a America abordo do vapor *Sully*, inventou o telegrapho no dia 19 de outubro de 1832.

O telegrapho Morse, tal com hoje trabalha nos principaes estados da Europa, é um telegrapho que escreve por si proprio os telegrammas que transmitte.

A Inglaterra foi o primeiro paiz da Europa que teve uma linha telegraphica electrica; o segundo foi a Allemanhã. A França só em 1854 inaugurou a primeira linha, que foi de Paris a Rouen.

SAMUEL MORSE

Em Portugal fizeram-se as primeiras experiencias do telegrapho electrico em 1853, no Porto, sendo a machina construida pelo snr. Francisco Antonio Gallo, fabricante de instrumentos mathematicos, coadjuvado pela sciencia do snr. José de Parada e Silva Leitão, reitor da escola da associação industrial portuense.

ZIG-ZAGS

O ALCORÃO

Os mahometanos teem um respeito tamanho pelo *Alcorão*, ou livro da sua lei, que sabem até o numero de palavras e letras que elle contém.

As palavras são 77:639 e as letras 323:015.

Isto não admira; já houve tambem quem contasse as letras da *Biblia*, senão por superstição ao menos por curiosidade.

CHARADA

E' defeito de organismo
A primeira repetida — 1.
E' defeito porque tem
Uma curta, outra comprida — 2

No solo não ponho a sola,
A sola trago-a no peito;
Se no solo ponho a sola,
E' depois de ter defeito.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Ourique, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: nó Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

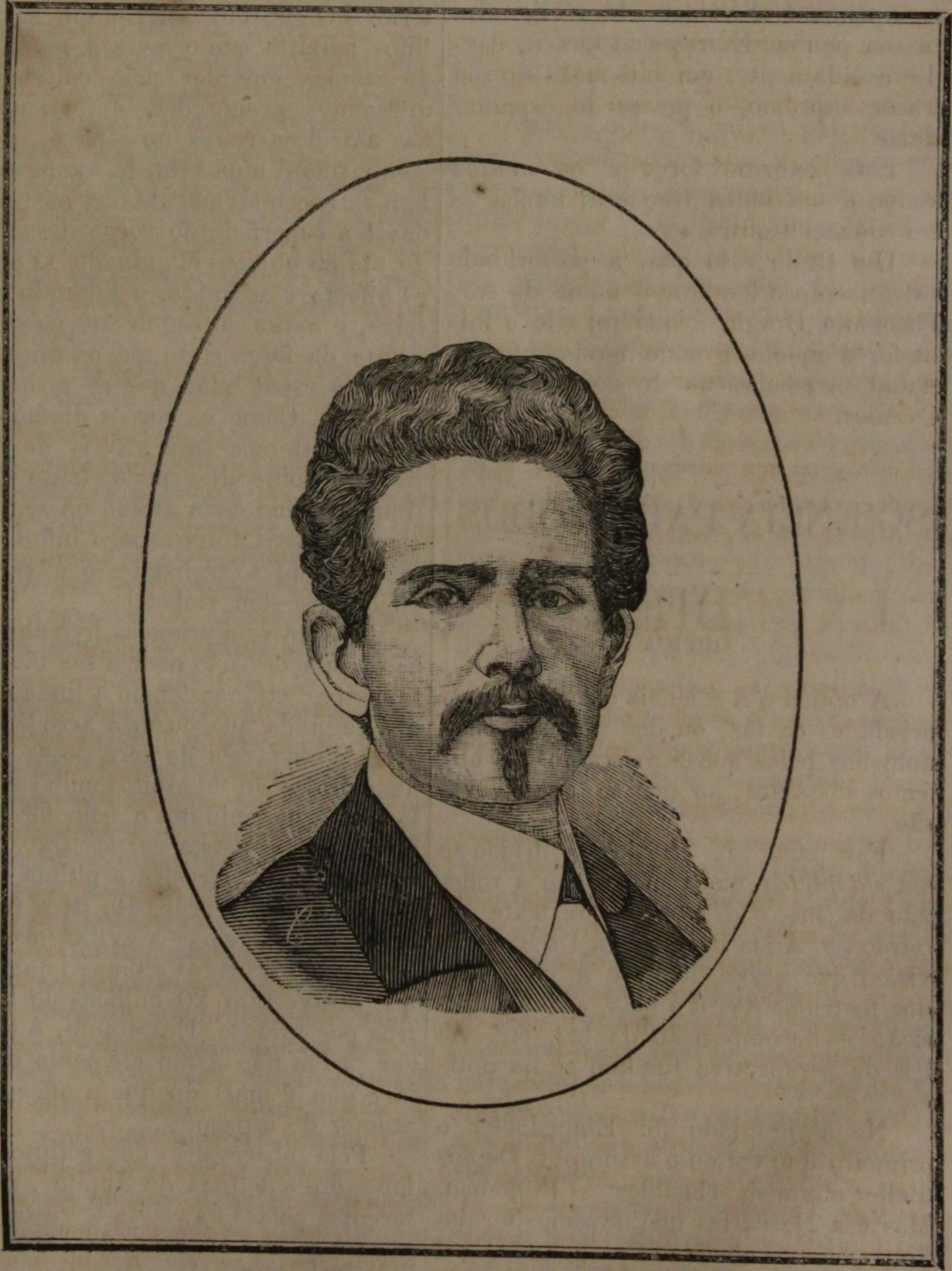
Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 9 DE FEVEREIRO DE 1882 | NUMERO 76

SUMMARIO

Texto. — Theophilo Braga — Sciencia para todos: Optica, por Doutor Jayme — alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — Harmonias intimas (poesia) por Teixeira de Carvalho — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Expedição scientifica á serra da Estrella, por H. B. — A cathedral de Bordeus — O palacio real de Madrid — Guiton — Maria (poesia) por Alberto Corrêa — O conde de Amarante (romance) — A Africa mysteriosa — Bibliographia — Ao redor do mundo sem sahir de casa: O Chili — A mulher, por Barbosa Travessa — Luneta astronomica — Zig-Zags: Pygmeos — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Theophilo Braga — Cathedral de Santo André em Bordeus — Palacio real de Madrid — Luneta astronomica.



THEOPHILO BRAGA

THEOPHILO BRAGA

Um dos homens mais trabalhadores da geração presente, um dos espiritos mais nobremente aberto ás ideias elevadas e generosas, o mais ardente e fanatico sectario da ideia nova; taes são as qualidades, verdadeiramente superiores, que tornam o snr. Theophilo Braga credor da consideração geral, como uma individualidade muito excepcional no meio acanhado em que vivemos.

Ninguem melhor do que o snr. Ramalho Ortigão fez em poucas palavras o elogio do infatigavel escriptor:

«Simples, sobrio, duro, com habitos d'uma austeridade spartana, sabendo reduzir as suas necessidades a toda a restricção a que lhe reduzam os seus meios, vivendo no isolamento como Robinson na sua ilha, Theophilo Braga tem uma unica paixão, a paixão proselytica da sciencia. Não publica um volume por semana pela rasão unica de que não ha prelos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua penna. Escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu praser supremo, o praser de espalhar ideias.

Esta enorme força é ao mesmo tempo a sua unica fraqueza; nunca se lhe conheceu outra.»

Um titulo pelo qual a posteridade ha de sempre lembrar o nome do snr. Theophilo Braga, é que foi elle o iniciador d'aquelle grande movimento nacional, a celebração do centenario de Camões.

SCIENCIA PARA TODOS

VII

OPTICA

A optica é a sciencia das leis e propriedades da luz, ou dos meios e phenomênos pelos quaes avistamos os objectos distantes, ao que se chama visão.

Faz parte da physica e divide-se em *catoptrica*, que tem por fim a reflexão da luz, e *dioptrica*, que trata da refracção. Anda-lhe annexa a theoria da visão, que serve de base á confecção dos instrumentos d'optica, a da composição e decomposição da luz, etc. As leis da perspectiva fundam-se na optica.

Na antiguidade foi Empedocles o primeiro que tratou o assumpto. Depois d'elle citam-se Euclides e Ptolomeu. Mas é a Descartes que devemos ter definitivamente elucidado as questões relativas á refracção. Newton resolveu o problema da decomposição da luz; Euler, o das ondulações já indicada por Huyghens; Biot, Arago, etc., nos tempos modernos, estudaram a polarisação e sua applicação á analyse chimica.

Para conhecer a utilidade da luz, basta introduzir uma vela acesa, ou deixar penetrar um raio do sol em um quarto escuro: a luz torna então tudo visivel. Os innumeros raios da luz dirigem-se sobre os objectos, produzindo no olho a imagem dos mesmos objectos e uma sensação correspondente no cerebro.

As observações da luz teem dado logar a tres hypotheses. Euler considerava o foco luminoso como o centro de vibrações impressas a um fluido, eminentemente subtil, espalhado no espaço, vibrações que, transmittidas até nós, constituem as sensações visuaes e todos os outros phenomenos causados pelos raios solares e terrestres. Newton, a seu turno, considerou a luz como um fluido particular, emanado dos focos luminosos com grande velocidade e cujos movimentos são susceptiveis de modificações diversas na superficie ou no interior das substancias. Emfim, sir Phillipps admitte que o espaço está cheio de atomos movidos pelo calorico, de differentes proporções, e que, quando ha um desarranjo no espaço, como a combustão d'uma vela, os atomos affectam-se successivamente uns aos outros, desde a superficie do corpo desarranjado até ao objecto illuminado. O primeiro affecta o segundo, o segundo o terceiro, e assim a seguir até ao esgotamento da força e até que os raios estejam tão espalhados que se tornem insensiveis. Como os corpos diafanos encerram atomos susceptiveis de desarranjo, é sobre elles que o effeito se continua, e como cada atomo no seu corpo passa através d'um espaço infinitamente pequeno, a transmissão é rapida e effectua-se sem violencia.

Objecta-se á primeira hypothese que as ondulações não podem ser tão exactamente rectilineas como a linha de luz, e á segunda que custa a acreditar que a luz d'uma vela de cera possa operar uma projecção de muitos milhões de kilometros por minuto e com força bastante para penetrar corpos transparentes solidos. A terceira e ultima theoria parece a mais a proposito para resolver todos os problemas e evitar-nos o embaraço de procurar atomos imaginarios que atravessam 20 milhões de kilometros por minuto. Entretanto, a bem dizer, a luz não é um elemento particular; não é mais do que a affecção dos atomos do espaço.

Pela observação dos eclipses regulares dos satellites de Jupiter, nas differentes partes da orbita terrestre, reconheceu-se que os raios da luz atravessam 20 milhões de kilometros por minuto, e que esta andar, cuja rapidez é incrivel, effectua-se sem o menor encommodo do olho e sem perturbar em nada o equilibrio.

São necessarios doze successões de luz por segundo para produzir uma percepção constante do objecto de que procedem os raios, ou as pulsações. E' facil convencer-se a gente da successão necessaria dos raios para produzir a visão, fazendo girar um pedaço de madeira a arder até que todos os pontos do circulo pareçam luminosos.

Continua — DOUTOR JAYME

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

II

EMILIA

Pobre perola!

Pobre flor, que assim vicejas n'esse miseravel canteiro!...

Pobre, ser pobre... ai que tristeza tamanha!... E tu, Emilia, fresca rosa, como tão florescente e cheia de tanta vida te apresentas quando é a fome que te está regando a haste!

Pobre flor!...

E' que tens deseseis annos, é que amas, e a mulher que n'essa idade ama, é sempre feliz. O amor apresenta-se-lhe como um sentimento delicioso, uma cousa que ella sente e não sabe definir, um enigma que ella não sabe decifrar.

E tu amas, Emilia!

Ha pouco deixaste os brinquedos de creança para tomares a teu cargo o trafego da casa! E' que Deus, quando chamou para o seu lado aquella boa mulher chamada Ignacia, e que tu mal conheceste, aquella santa que te deu ao mundo e que te chamou filha, pensou que tu ficarias tomando o logar d'ella ao lado do pobre Matheus.

E assim foi.

Teu pae estima-te muito, muito; e porque não? Não és tu a unica companheira do velho militar?

Não és tu que passas horas e horas conversando com elle e ajudando-o a pensar a enorme quantidade de canarios e pintasilgos em que elle negoceia?

Pobre Emilia! E, no entanto, ha quasi seis mezes que não vejo no teu rosto aquella alegria que antes o animava.

Vejo-te agora pensativa... Sim. A's vezes, quando estás costurando á varanda, largas insensivelmente a costura, que fica abandonada sobre o teu regaço, encostas a face á mão e ficas meditando. Se soubesses como és bella assim, estavas meditando sempre!

A pallidez das tuas faces, o teu olhar sereno, os largos festões das loiras tranças, que caprichosamente te cahem sobre os hombros, tornam-te adoravel.

Até o velho Matheus, teu pae, já n'isso reparou tambem.

Lembras-te quando elle, ha ainda poucos dias, te veio surprehender n'essa posição e te deu um beijo?

Lembras-te de o ver chorar?

E' que elle recordou o tempo em que vira tua mãe tambem assim, e quando te beijou duas grossas lagrimas lhe vieram cahir sobre o farto bigode.

Mas... tu córas, teu seio palpita, arfa com mais violencia, um sorriso te anima os labios...

Ah... Eu comprehendo tudo.

E' que de uma das janellas da casa de André Bazilio alguem te está acenando com um lenço branco. E tu correspondes a esse acenar, e, sobresaltada, rubra, afflicta, tratas de arrumar a costura.

Em seguida vaes tratar da ceia; pouco depois ahi estás na sala de jantar dispondo tudo sobre uma modesta mesa de pinho.

Teu pae olha-te cheio de satisfação e tu mal podes socegar. Creança!...

Começa a parca refeição, e, terminada, teu pae retira-se vibrando-te um olhar penetrante.

E' noute.

E' noute ha muito.

Retiras-te para o teu quarto e ahi esperas impaciente alguem que tarda. Chegas á janella entre-aberta, e onde costumas debruçar-te a todo o instante; apenas ouves na rua os passos d'alguem que se aproxima; a luz que conservas aceza ainda, é o signal de que tu velas. Dá meia noute. A tempestade lá fóra restruge impaciente.

Continua — Eduardo Véras

HARMONIAS INTIMAS

—

III

Quando beijo os teus cabellos
N'esses hombros de alabastro
E preso d'amor, ao vel-os,
Languidamente os desnastro,

Eu penso que um dia a campa
Hade acabar este anceio...
E' então que a dôr se me estampa
E vou chorar em teu seio!

IV

Que martyrio! se até nas almas que adoramos
Nasce o veneno e o fel em vez de paz e amor!
E se ha dias de sol na vida em que luctamos,
Ha procellas tambem da mais cruenta dôr!

Dor que aniquila e mata os ultimos lampejos
Do pobre que sustenta a luta com a Desgraça,
Condemnado a sentir-lhe os regelados beijos
E a exhaurir-lhe o licor da venenosa taça!

E o parca vae passando a vida sem conforto,
Triste, como um phantasma entre ossos e caveiras,
Legando á cova escura o coração já morto
E ao mundo o esquecimento e as ancias derradeiras.

E a campa já tão perto! ó magoa, vem comigo
Já que não tenho aqui as lagrimas d'alguem.
E'que a terra escondeu-me um coração amigo
E eu já não tenho o amor de minha santa Mãe.

Teixeira de Carvalho

O ESCRAVO MALDITO

—

I

Em 1875 moravam na cidade de Pelotas, (Brazil) para as bandas da Tablada, Rodrigo de Mendonça e seus filhos, Sergio, de vinte e cinco annos, e Cecilia, a quem sorria a primavera enflorecida da idade juvenil.

Senhores de alguns haveres, possuiam dous escravos. Caxibache, negro de estatura elegante e feições expressivas, e sua mãe, mulher robusta e sadia, de raça africana, herança de D. Eulalia, fallecida poucos annos depois do seu casamento com Rodrigo.

Proximo á casa em que esta familia morava, um subdito britanico, agronomo, chamado Manoel Menter, tinha tambem a sua residencia.

Manoel Menter, ou Manduca inglez, como o povo lhe chamava, era rapaz de imaginação viva e intelligente, alimentando em sua mente mil esperanças, mil visões encantadoras de paz e felicidade.

Como era natural, Cecilia vinha muitas vezes á janella da sua casinha côr de rosa, e Manduca, não sei se por acaso, se de proposito, todas as vezes que Cecilia se debruçava no seu balcão, lá estava a admirar-lhe as feições emmolduradas em ricas tranças negras. Cecilia, que tambem o olhava de soslaio, sorria e corava ao ver que o mancebo a contemplava com tanto interesse.

Decorridos tempos, trocaram-se cartas entre os dous enamorados, e já o amor tinha raizes, quando Sergio teve conhecimento do que se passava. Tentar por todos os meios obrigar Cecilia a abandonar o inglez, foi obra de poucas, mas positivas palavras; esta, porém, que possuia uma imaginação bastante exaltada para quebrar assim de subito a mais florida das suas aspirações, continuou, ainda que mais em segredo, a correspondencia com o escolhido do seu coração. Sergio voltou-se então para o inglez, ameaçando-o de morte se elle continuasse a rondar a casa de seu pae.

Ainda baldado intento! Depois de varias ameaças feitas ao pobre amante, em uma noute, estando elle á janella a contemplar a lua que no ceo passava refulgindo entre umas nuvensinhas, as quaes voavam velozes, aproximaram-se d'elle dous vultos embuçados em *ponches de palla* e com os rostos cobertos com lenços. Um d'elles, tomando a palavra, disse-lhe:

—Manduca, deixas de namorar *Cecy*?

—Que lhe importa? respondeu o inglez.

—Pois se não deixas, toma lá! disse um dos vultos disparando um tiro de pistola sobre o mancebo, que recuou para o interior da casa.

—A elle, Caxibache! gritou o sicario que era Sergio, saltando de faca em punho para o interior da habitação do inglez.

Travara-se uma lucta renhida entre os tres. Momentos depois, sahiram os dous assassinos, deixando o desgraçado Manduca estendido no assoalho da sua casa, cadaver, cravado de punhaladas.

Continua — Nuno Rangel

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA

—

Vamos dizer algumas palavras sobre a expedição levada a effeito pela Associação de Geographia em agosto do anno passado. Não tendo até hoje apparecido ainda o relatorio da mesma associação, por onde se podesse aquilatar o resultado obtido da expedição, nós resumiremos no entanto, em algumas linhas, o que será de certo assumpto de uma volumosa obra.

A expedição, a cuja frente se achava o nosso sympathico e corajoso explorador africano Brito Capello, tomou como ponto de partida a cidade da Guarda, erro sem duvida alguma, desculpado só por um certo reconhecimento do engenheiro Marrecas áquella cidade, no que não foi, digamol-o tambem, recompensado... O caminho a seguir devia ser a villa de Cêa, ao sopé da montanha e onde começaram já todos os trabalhos da expedição.

A tres kilometros acima corre já o Alva, riacho formado no alto da serra, no valle do Conde, pela ribeira do mesmo nome, e que junto ao Monte Crastro (*Crastra romanorum?*) recebe as agoas da ribeira Caniça, que tem a sua origem na lagoa comprida.

Marchando sobre sudoeste e subindo já a alta serra está o plató da *coitada rasa*, tendo a norte a povoação do Sabugueiro e a sul o covão do *Vidoal*, tendo logo em cima a Lagoa *secca* e a do *Canoriz*.

No Sabugueiro encontram-se os melhores guias para a alta serra, pastores interessantes pelas suas historias e narrações da serra. Eduardo Coelho,

esse *touriste* sympathico e bondoso, gastou dias em descrevel-as! Do *Vidoal*, ou melhor da lagoa do *Canariz* já se conhece bem a vastidão da serra; a norte temos a lagoa *redonda* e a *comprida*. Sempre subindo, chegamos ao *chafariz d'El-Rei*, esplendido lago triangular, em seguida ás *Salgadeiras* e em uma hora de caminho, subindo constantemente, pode-se já descobrir o alto do *Cantaro gordo* e *magro* e a Estrella, uma pequena torre de granito levantada para o estudo chorographico em tempos da regencia de D. João VI.

Visinho e em uma planicie immensamente extensa, junto á *Fonte dos Perus* levanta-se o abarracamento destinado aos expedicionarios. Nada ahi faltava; dir-se-ia que a solidão da serra se tinha transformado em uma airosa aldeota, cheia de vida e de elegancia. O trabalho, as mortificações, o esforço empregado pelo encarregado d'aquellas construcções não é facil imaginar-se: basta dizer-se que a madeira empregada nas seis ou sete barracas construidas, foi toda levada ás costas de homens, em uma ascensão constante d'alguns kilometros, em oito dias, antes de chegar a expedição! Cabe-me aqui tirar do olvido o nome de esse brioso membro da commissão auxiliar, tão injustamente esquecido em tudo o que se tem escripto, e até pela propria Associação... Chama-se Norberto d'Almeida Campos e é tenente do exercito. A Associação mandara os seus membros para a Guarda; Patricio e elle installaram-a na serra; do contrario nunca lá iriam.

Vamos parar aos *Cantaros*; sabem os leitores o que se chamam cantaros? São duas saliencias da montanha, que se destacam d'ella, como sendo uma formação subsequente. Não são, como geralmente se pensa, os seus pontos mais altos; parecem-o por estarem destacados. O cantaro magro, o maior, tem a sua origem no valle da *Candieira*; é uma molle de granito, que se eleva perpendicularmente, completamente destacado de todas as partes da serra, excepto pelo lado sul, por onde é visitavel. A vista turba-se em vel-o e parece que dentro em nós sentimos uma sensação estranha de medo, ou de respeito! Aquillo não se descreve... A natureza quiz fazer um dia um dos seus medonhos caprichos, cavando abysmos sobre abysmos, e não contente em profundal-os medonhamente grandes, fez irromper do intimo d'um d'elles aquelle gigante austero! De toda a expedição somente dous tentaram devassal-o; e conseguiram-o! Da base do gigante nasce o Zezere, que se chama Candieira, seguindo o valle de Manteigas para tomar o seu verdadeiro nome.

Contar a descida á base d'esse cantaro, por uma ladeira quasi perpendicular, formada de pedras soltas, já deixando-nos escorregar pela herva, que aos lados se creara, já servindo-nos das mãos, procurando maior base para a nossa gravidade, é assumpto que demandaria muito espaço e contrario ao nosso proposito de historiar rapidamente tudo o que vimos na serra da Estrella. A vegetação no cantaro magro escassea rapidamente; o zimbro, a genciana e a tremazeira foi o que vi.

O zimbro é abundantissimo em toda a serra. E' um arbusto rasteiro, que se encosta a todos os rochedos e os cobre a todos com a sua folhagem escura. A baga é hoje já objecto de um commercio que pode vir a ser importante, porque com ella se fabrica a genebra. E' muitissimo oleosa. A tremazeira, de flor umbellifera e fructo encarnado; o folhado de flor aromatica; a nogueira, cuja raiz dá a torga, carvão muito usado em toda a Beira, immensa variedade de herbaceos povoam toda a serra. Com surpreza de Julio Daveau, encontram-se na *Fonte dos Perus* enormes quantidades do sfagnum, *Drasera rotundifolia*, da familia das carnivoras, ou papa-moscas. Nada, completamente, se encontrou desconhecido.

Na fauna a expedição foi igualmente infeliz, sendo vulgarissima a vibora em toda a serra; a secção zoologica não apanhou uma! Uma vez trouxeram ao Batalha Reis, com a maxima precaução, com um susto indiscriptivel, uma pequena cobra viva. Ninguem se chegava para o desgraçado reptil; era uma vibora, cuja mordedura causava logo a morte.

Daveau estava á porta do abarracamento.

—Que é isso? disse.

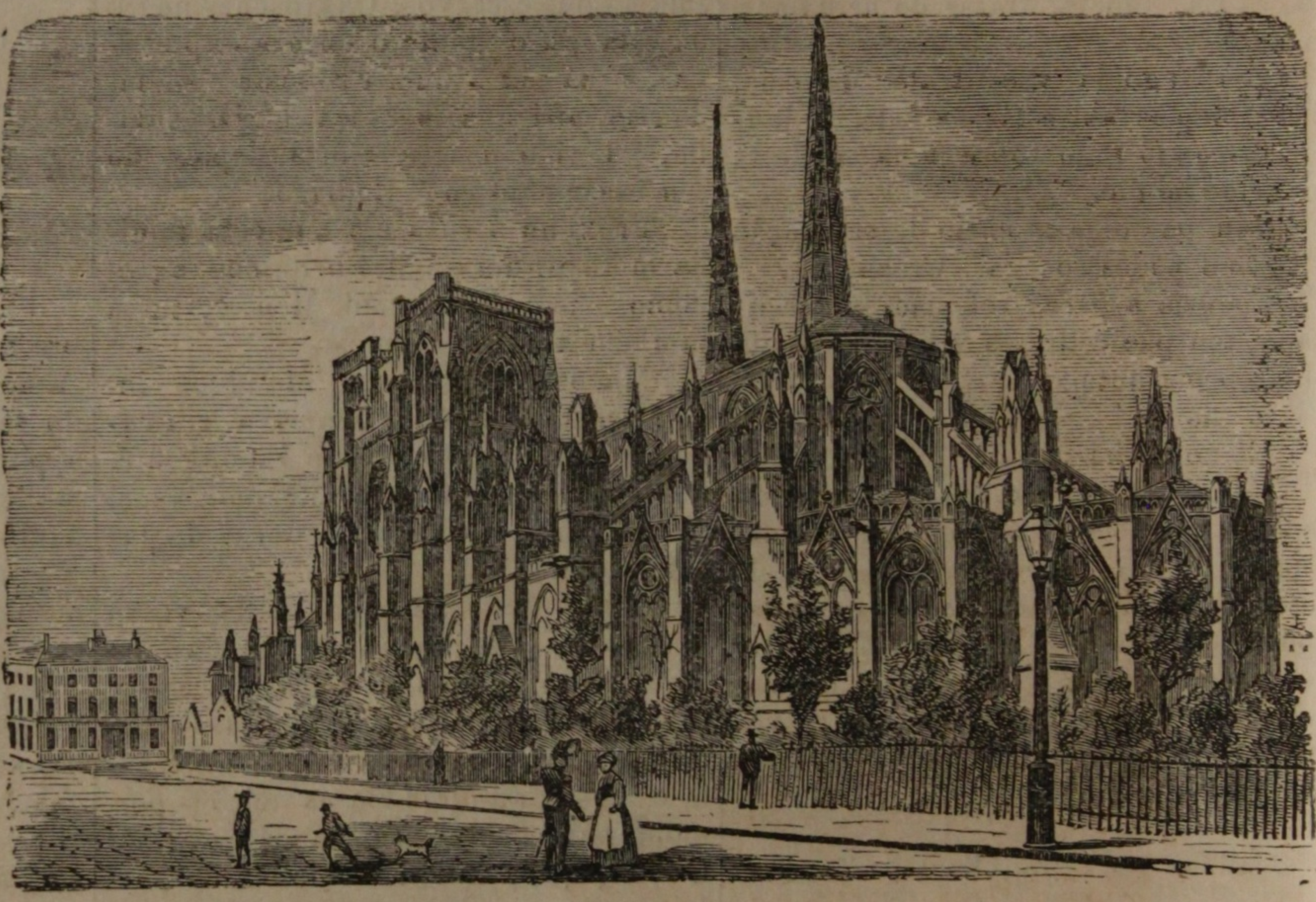
—E' uma vibora, senhor.

—Morde?

—Uma ferradella é morte certa, meu senhor.

E pegando na tal vibora com toda a semceremonia, metteu na boca a cabeça do animal!

Continúa H. B.



CATHEDRAL DE SANTO ANDRÉ EM BORDEUS

A CATHEDRAL DE BORDEUS

E' um edificio esplendido, mandado construir em 1096 pelo papa Urbano II e em parte reconstruido em diversas epocas.

Uma grande variedade de estylos se nota na ornamentação d'este templo. As paredes da nave teem na sua parte inferior uns arcos romano-byzantinos, denticulados, d'uma belleza nada vulgar; na parte superior corre uma galeria d'estylo ogival. As abobadas,

demolidas por um tremor de terra em 1427, foram reedificadas no seculo XVI; as pilastras, que as sustentam, são umas romanas, outras gothicas. O altar-mór é do tempo da renascença.

E toda esta diversidade d'architecturas e todas estas diversas ordens architectonicas ali reunidas, misturadas, que, parece, deviam dar áquelle monumento uma falta de harmonia de mau gosto, dão-lhe um pitoresco e uma excentricidade, que nos apraz e até maravilha.

Vista exteriormente a cathedral, do lado do coro, não menos nos surprehende agradavelmente. A fachada occidental, onde deveria ser a entrada principal, foi ha poucos annos expurgada d'uns predios, que, ha seculos, a abafavam, sem que as suas muitas bellezas podessem ser apreciadas.

Entra-se na egreja por duas portas lateraes. A porta do sul tem interessantes esculpturas do seculo XIV e XV; a porta do norte é muito mais pobre de ornamentação, devendo o *touriste* ali passar sem fixar maior attenção.

As duas torres elegantes, finas e bastante elevadas, esperam ainda hoje por um remate; de todas as imagens, que primitivamente as embellezavam, apenas hoje apparecem algumas estatuas vandalicamente mutiladas.

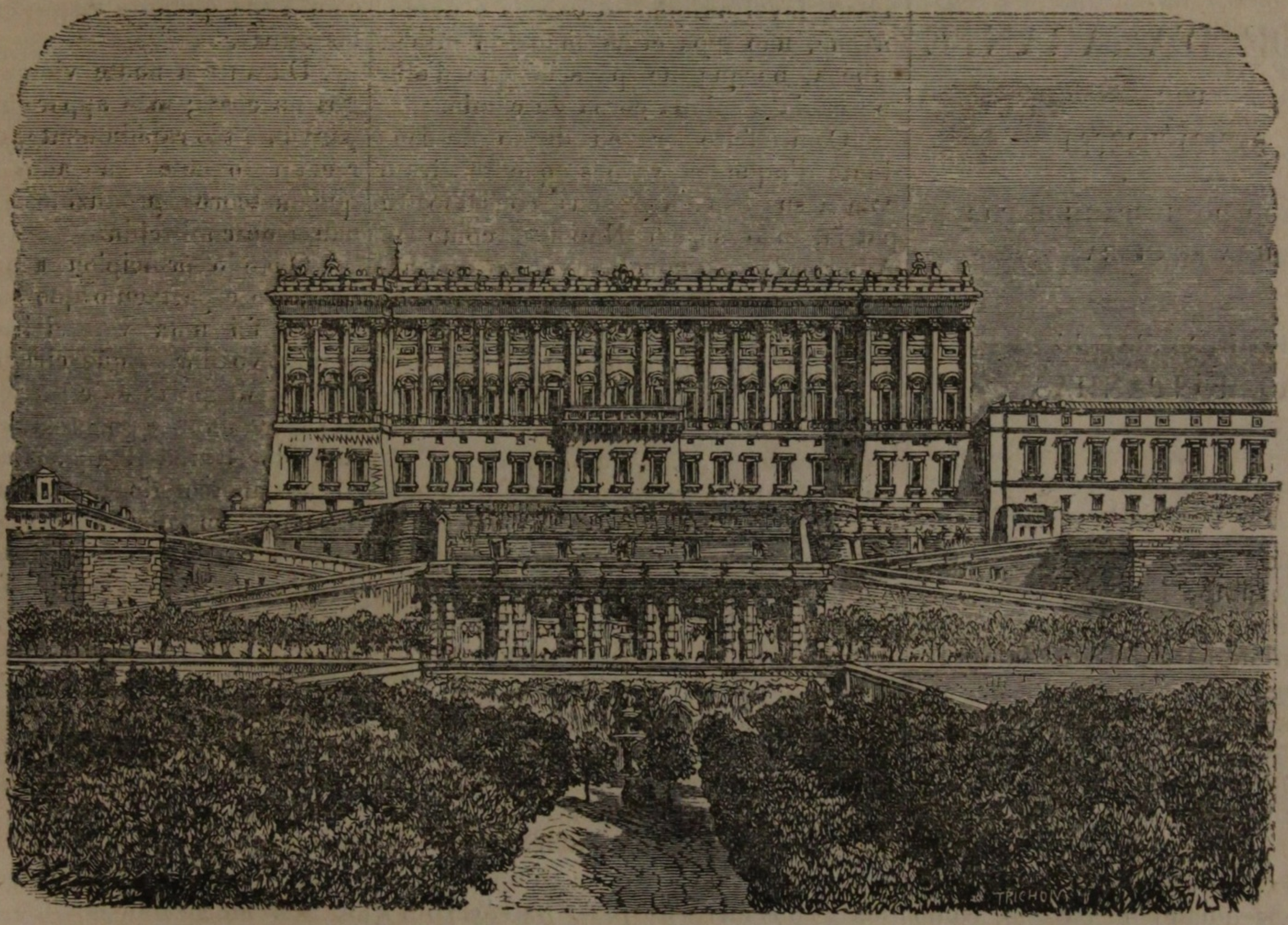
Para o curioso e para o artista é este um dos templos que bem merece, da parte d'um e d'outro, a comtemplação e o estudo.

O PALACIO REAL DE MADRID

Este palacio começou a ser edificado em 1837 no local aonde antigamente se levantava um castello, destruido em 1734 pelo fogo.

E' um quadrado, com cento trinta e dous metros de lado, divergindo as quatro fachadas, apenas, na altura e em pequenos detalhes architectonicos.

O palacio, com os contra-fortes, terrassos e jardins, tem um aspecto imponente e destaca-se com uma apparencia magestosa.



PALACIO REAL DE MADRID

Entrando no palacio, pelo sul, encontra-se um vestibulo circular, logo em seguida um portico, aonde termina a escada d'honra, toda de marmore branco e preto.

Nos quartos notam-se magnificas pinturas e quadros dos primeiros mestres.

No primeiro andar contam-se trinta salões principaes, qual d'elles o mais ricamente ornado, distinguindo-se entre todos o dos *Embajadores*.

Este salão é de riquissimo marmore, está enfeitado com doze magnificos espelhos, a mobilia e decorações são de veludo carmezim, e no tecto Tiepola pintou a apologia da monarchia espanhola.

E' digna de menção tambem n'este palacio a capella, a bibliotheca, o theatro, os tapetes flamengos e muitas outras curiosidades e riquezas que possue.

GUITON

João Guiton, almirante dos rochelezes, morto por 1646, só acceitou o cargo de governador da Rochella, cercada pelo cardeal de Richelieu em 1627, com a condição de ter constantemente sobre uma mesa um punhal para assassinar aquelle que fallasse em render-se.

—Pouco importa, disse elle, que os habitantes morram á fome, uma vez que fique um para fechar as portas da cidade.

Quando os rochelezes foram obrigados pela fome a render-se, Guiton retirou-se para Londres, d'onde mais tarde voltou a França, tomando parte em diversas batalhas navaes contra os hespanhoes.

Guiton era genro do celebre almirante Duquesne. Não admira, pois, que lhe herdasse o valor e genio marcial, do que a historia falla com tanto elogio.

MARIA

Em vendo-te curvada
No templo do Senhor,
Eu sinto, meu amor,
A alma magoada.

Pois tu, no ceo creada,
Oh! minha linda flor,
Que queres do Creador
Assim tão humilhada?!

Que pedes tu aos ceos,
Que custa tanto a Deus
A dizer-te que sim?!

Já sei, pobre creança!
Mas perde essa esperança,
Não peças mais por mim!

ALBERTO CORRÊA

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

Continuação

II

RECEPÇÃO

Dormi perfeitamente aquella noute, rendido pelas impressões consoladoras do dia, e pouco depois da madrugada despertaram-me as gaitas, os tamborilhos e os foguetes.

Vesti-me e chamei ó escudeiro.

—Que é isto? lhe perguntei; tambem hoje festejam o meu regresso ao palacio?

—Sim, senhor conde, respondeu; como V. Ex.ª adoeceu ao chegar, não pôde ser obsequiado no palacio, como devia. Se V. Ex.ª visse a escada principal! Tudo estava semeado de flores, rosmaninho e outras hervas cheirosas. Se V. Ex.ª visse os fogos artificiaes nas torres e no portão! Era cousa maravilhosa. Se V. Ex.ª visse que ceia tiveram na margem do rio os colonos, arrendatarios e foreiros, á custa d'elles!... uf!

—Pois bem, lhe disse; não me pesa ver tudo isso pela minha chegada com saude á casa onde nasci. Agora vou sahir, e ver-me-hão e eu os verei.

—E' que...

—O que? que é o que passa, Davidson?

—Diz-se, senhor conde, que na ante-sala esperam o signal para que V. Ex.ª receba os comprimentos dos criados de Amaral, e depois a dos colonos, arrendatarios e foreiros.

— E' verdade, recordei; porém para isso é preciso passar ao salão senhorial.

—Elles assim dizem, senhor conde.

—Vou ver se me lembra onde está o salão. Vem comigo, e depois que estiver n'elle, abril-o-has.

O gabinete que eu occupava no palacio, era o que occuparam meus avós maternos. Sahi d'elle, atravessei outras salas antigas destinadas á bibliotheca, sala d'armas e archivo, e penetrei no salão senhorial, seguido do escudeiro.

Uma vez no salão, senti que me fraqueavam as pernas vendo os grandes retratos dos antigos condes de Amaral, tal como os vira em creança. Diante d'aquelles retratos, immoveis em seus caixilhos, porém moveis no seu olhar penetrante á medida que eu dava um passo, levei as mãos á cabeça e descobri-me; não separei as mãos da minha cabeça, porque me parecia que d'ella me cahia a minha coroa de conde.

Com effeito, era eu digno descendente d'aquelles varões, que serviram com a sua espada e seus conselhos a patria, não só em Napoles, como na America?... d'aquelles varões que arrojaram o ouro aos montões para soccorrer as necessidades do condado? que fizera eu em honra da minha patria e em auxilio dos meus colonos e arrendatarios? que tinham estes ultimos que me agradecer... algum caminho, alguma ponte, alguma obra de utilidade local? Ao fixar-me especialmente no de meu tataravô, Vasco de Lemos, que foi um dos condes lucences que, com o *régulo montanhez* Affonso I, o Catholico, tomaram Lugo ao poder dos mouros, primeira cidade episcopal que a Hespanha christã reconquistou á Hespanha arabe; ao fixar-me, pois, n'aquelle retrato tisnado, com os seus compridos cabellos fluctuando em desordem debaixo do seu capacete de batalha, senti uma especie de angustia comparando a sua atmosphera de *fazer patria*, com a que eu respirava de corinas e margaridas.

Ah! confesso que n'aquelle momento me senti um miseravel. Confesso que a vida de dissipação, que levava até ali, se me apresentou com as côres mais negras e repugnantes.

Não se equivocou o doutor Aury, pois eu começava a viver a vida do sentimento... Que mais sentimento do que a gente exprobrar-se a si proprio a má vida passada?

Davidson, meu escudeiro, que era inglez, ia abrir as portas do salão n'aquelle momento, e eu detive-o com um gesto.

Esperava-me outra emoção.

Em frente do salão arrojava aos ares seu dourado remate ogival a porta do gabinete de minha mãe, onde ella vivera e onde fallecera.

Os meus olhos humedeceram-se de lagrimas recordando quantas vezes cruzara os seus humbraes, levando-me minha mãe pela mão para me acostumar com ella, fazendo-me beijar antes um crucifixo, que tinha á cabeceira do seu leito, e que eu, morto de somno, beijava machinalmente: crucifixo que a boa da senhora queria que eu beijasse com os olhos abertos;— doce lucta em que invertiamos meia hora.

Continua

A AFRICA MYSTERIOSA

Continuação

A nossa galharda corveta rompia com a sua quilha a virgindade d'aquellas agoas.

Durante a noute vimos alguns fogos na costa; mas appareciam e desappareciam tão rapidamente, que mais pareciam foguetes lançados de terra do que meteoros produzidos por alguma causa desconhecida.

Quando principiou a amanhecer, o primeiro espectaculo que se nos apresentou foi uma verdadeira nuvem de peixes voadores, que circulavam como arestas de prata ao redor do nosso navio. Erguiam-se por grandes bandos do lado do Bemba-Rughe, para cahirem a alguns metros de distancia nossa; outros ficavam sobre a coberta, agitando vistosamente as azas prateadas.

Depois d'este inesperado espectaculo, que nos distrahiu durante muito tempo, vimos que da margem proxima principiaram a deslizar se algumas pirogas, que sahiam com timidez dos recantos que a costa ali formava. Algumas d'ellas, mal os tripulantes descobriam a corveta, voltavam rapidamente para o ponto d'onde haviam partido; outras porém chegaram até muito perto de nós, pronunciando a gente que as tripulava a palavra *Mataman*.

Esta palavra, segundo depois podemos saber, era o nome do seu rei, e queriam dizer-nos aquelles selvagens que o rei nos offerecia generosa hospitalidade. Presenteamos os cimbebas com alguns objectos de pouca importancia, afim de que perdessem o receio que lhes infundia a nossa visita, e como entre aquelles indigenas podessemos encontrar algumas palavras dos idiomas d'outras familias africanas, tornou-se-nos muito facil entender-mo-nos.

Disseram-nos os cimbebas que o rei Mataman nos receberia muito cordealmente, e, com effeito, apresentamo-nos ao monarca, que estava como que enterrado em uma funda cabana, da qual sahia quasi que de gatas. Depois da recepção, em que os naturaes entoaram um certo canto estranho e exquisito,

acompanhado de movimentos oscillatorios, o rei deu-nos licença de visitar os seus estados, os quaes percorremos e estudamos nos seguintes oito dias.

Continua

BIBLIOGRAPHIA

Plutarcho Portuguez, collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza.
Desenhos de Julio Costa e phototypias de Emilio Biel & C.ª, com a collaboração de Theophilo Braga, Oliveira Martins, Joaquim de Vasconcellos, Julio de Mattos e Paiva e Pona.

1 vol. in folio. Porto, 1881, 1.º tomo.

Com o fasciculo ultimo, que acaba de ser distribuido aos assignantes, fica completo o primeiro volume da obra, cujo titulo deixamos enunciado acima, e que é publicada n'esta cidade pelos seus editores, os snrs. Julio Costa e Emilio Biel & Companhia.

Poucas vezes se tem visto realisar uma publicação tão esmerada e de tamanho merecimento como esta, e em que os seus editores tenham sido tão escrupulosos no rigoroso cumprimento de compromissos, que estabeleceram com os seus subscriptores; e se grande tem sido o empenho dos editores em levarem a cabo, como prometteram, um verdadeiro monumento levantado aos grandes homens d'este paiz, que bem dignos são de tão sublime glorificação, o favor do publico, em geral, e da imprensa periodica, e mesmo o applauso consciencioso de muitas pessoas competentissimas, em particular, não lhe tem escaceado, como era proprio e devido a tão bem conceituada empreza, que soube rodear-se de homens tão eminentes para escrever as biographias das celebridades que honraram o nosso paiz.

Esta publicação, que é congenere d'uma, que em tempos viu a luz em França com identico titulo, é uma especie de repositorio, onde ficam archivados os feitos illustres d'esses homens, quasi semi-deuses, que em Portugal se esforçaram por firmar os solidos alicerces da sociedade e civilisação moderna.

Agradecemos aos editores do *Plutarcho Portuguez* o exemplar com que nos brindaram e fazemos votos por que continuem cumprindo para de futuro com a religiosidade de até aqui, para terem a satisfação de ouvirem a declaração unanime, de que esta publicação é incontestavelmente a primeira do seu genero n'este paiz.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LIX

O CHILI

Estamos a dizer adeus á America. Resta-nos visitar o Chili, a Patagonia, ou Terra de Magalhães, e concluiremos com uma rapida visita ás Terras Austraes da America, que são pela maior parte desertas e inhabitaveis.

O Chili, que tem 343:000 kilometros d'extensão e uma população de 2 milhões de habitantes, está limitado ao norte pela Bolivia, a leste pelos estados de La Plata, ao sul pela Patagonia e a oeste pelo Oceano Pacifico.

O clima é temperado e salubre. No littoral ha poucas neves; nos Andes os invernos são muito rigorosos.

Os tremores de terra são frequentes, e o paiz tem sido muitas vezes devastado desde o principio d'este seculo.

Solo fertil ao sul. Colheita de trigo, centeio, vinhos, azeitonas, fructas da Europa; creação de gado grosso. Aves domesticas da Europa e da America. Grande exportação de cereaes para a California. Nas provincias meridionaes ha extensas florestas. Minas de cobre, prata, ouro, ferro, chumbo, mercurio, zinco, antimonio, etc. Numerosas nascentes d'agoas mineraes frias e thermaes. Jazigos de pedras preciosas.

Ha no Chili grande numero de montanhas, que encerram muitos vulcões, sempre em erupção. Os principaes picos são os de Aconcagua (7:299 metros) e do Tupungato, mais altos do que o do Chimboraço.

A maioria da população compõe-se de creoulos hespanhoes, indios, ou aborigenes, e mestiços, oriundos das duas raças. O hespanhol é o idioma nacional.

Os chilenos são bons cavalleiros. As armas de que se servem são a faca, o laço, ou nó corredio, e a espingarda. O laço é uma correia de cerca de 10 metros, com um annel de ferro em uma das pontas para receber a outra ponta. O nó corredio que se forma por este modo fica reduzido a alguns palmos de diametro. O cavalleiro aperta na mão o resto da correia, lança-se em perseguição do animal que quer caçar e atira-lhe o nó durante a corrida. Raras vezes erra o golpe. Quando alcança o animal, corre ao redor d'elle para o envolver.

Entre as raças indigenas que habitam o Chili contam-se os araucanos, ainda hoje numerosissimos. Foram os que deram o nome de Araucania á parte sul do Chili. E' um povo bellicoso e semi-civilisado, que os hespanhoes não poderam submetter. Formam uma confederação de quatro estados, governados por chefes hereditarios.

A republica do Chili está dividida em 7 provincias. A capital é Santiago, cidade de 100:000 habitantes, logar delicioso, mas assolado por frequentes tremores de terra. As cidades principaes são: Valparaiso e Concepcion.

O archipelago Chiloé, de que só 26 ilhas são habitadas por uma população de 61:000 almas, pertence ao Chili, assim como as ilhas de João Fernandes e de S. Felix. Foi na primeira que viveu o marinheiro Seltskirh, cujo abandono n'aquella ilha deserta inspirou o romance de *Robinson Crusoé*. O archipelago de Chilon foi descoberto em 1558 por Garcia de Mendoza. A mais importante das ilhas é Isla-Grande, com os seus numerosos ilhotes quasi inhabitados. Capital, S. Carlos, bem fortificada e excellente porto.

Antes dos hespanhoes chegarem á America, os Incas tinham-se apoderado do Chili. Pizarro mandou Almagro conquistar a parte meridional do paiz. Pedro de Valdivia acabou em 1549 a conquista do Chili. Foi elle que fundou Santiago e Concepcion.

Sob a dominação hespanhola, o Chili dependia da vice-realeza do Peru. Em 1810 os chilenos sacudiram o jugo; mas a guerra da independencia, auxiliada por um exercito de Buenos Ayres, durou muitos annos. A Hespanha reconheceu a independencia do Chili em 25 d'abril de 1844, sob a presidencia do general Bulnes.

Continua

A MULHER

Continuação

E mais tarde, quando já principiam a papaguear esses dous suaves nomes de papá e mamá, que beijos d'amor não lhe são impressos nos labios rosados, como paga do esforço que já vão fazendo em patentear aos seus progenitores que, assim como lhe deram o ser, tambem elles logo no entrar da vida repetem constantemente os seus nomes abençoados! E' desde então que essas lindas borboletas caseiras começam a fazer o enlevo da sua querida mãe, que se orgulha, e com rasão, de ver coroados de tão bom exito os esforços que empregou para que a obra da sua creação sahisse perfeita. A' força d'exercicios já não ha incerteza de passos, nem difficuldade na pronuncia de palavras.

Tudo desappareceu, devido a essa perseverança de que só são capazes nossas mães; doce nome que só por si

significa toda a contextura da lingoa que fallamos.

Creio que, á vista do que deixo dito, ninguem deixará de acreditar que o papel que a mulher representa n'esta grande comedia mundana, em que todos somos actores, é bello, sublime e arrebatador.

Vamos agora encontrar a mulher-mãe a escolher os perceptores que hão de acabar a obra por ella principiada. A primeira difficuldade que se lhe apresenta, é ver-se privada por algumas horas do dia d'esses penhores sagrados que Deus confiou á sua guarda e carinho. A segunda, é se aquelles a quem os vae confiar os continuarão a tratar com aquelle dulcissimo amor com que ella os tem tratado. Não, de certo não; porque teem de lhe impor obrigações, que, por muito que se queiram suavisar, hão de encerrar sempre em si algum azedume.

Mas que fazer, senão conformar-se com estes encommodos, visto a sociedade e a rasão esclarecida a isso a obrigar? Ella bem sabe que esses luminares da sciencia que marcam as epocas mais brilhantes da sua nação e fazem a inveja do mundo inteiro, tambem tiveram que sujeitar-se a prescripções severas e a longas lucubrações. Mas é por isso que os seus illustres nomes passam através dos seculos sempre respeitados e venerados. Motivo bastante para que ponha de parte o amor de mãe e seja a primeira a aconselhar e instigar as suas tenras vergonteas, afim de que tambem lhe pertença alguma gloria d'aquella que está reservada para as futuras camadas sociaes.

Continua — Barbosa Travessa

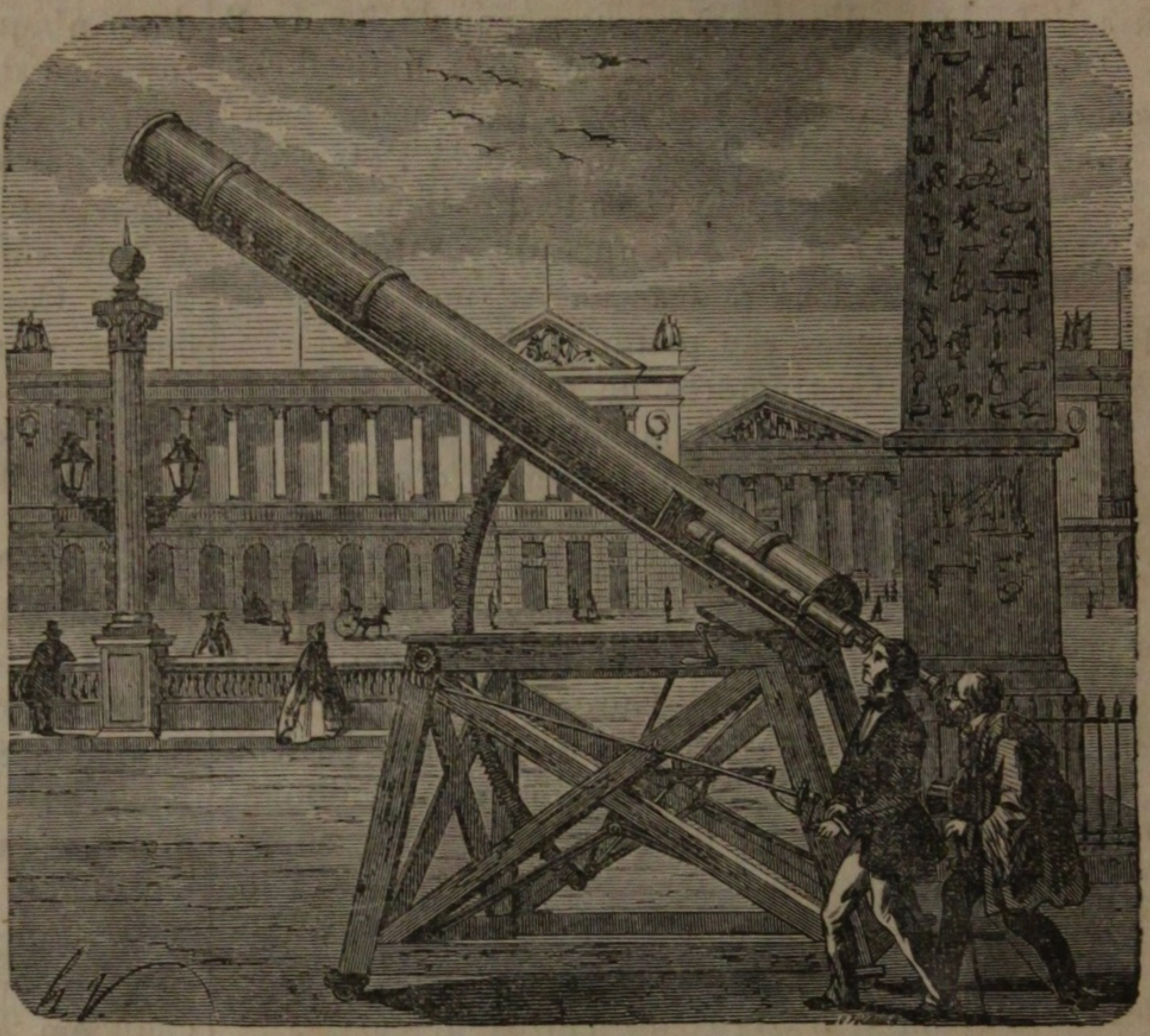
EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Barcellos, Villa Real, Estremoz, Anadia, Gollegã, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Ourique, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro.



LUNETA ASTRONOMICA

A LUNETA ASTRONOMICA

Este instrumento, destinado á observação dos corpos celestes, compõe-se de um tubo comprido, de cobre, guarnecido nas duas extremidades de lentes convexas, de modo a dar as imagens ás avessas. Um dos vidros chama-se *objectivo* e o outro *ocular*.

A luneta está disposta de modo a augmentar ou diminuir o augmento produzido pelo ocular; mas á maneira que augmenta a luz do objecto observado, diminue d'intensidade.

Ha lunetas astronomicas que augmentam os objectos de mil a mil e duzentas vezes.

A luneta de Galileu é formada de dous vidros; um convexo e outro concavo, e não dá as imagens ás avessas. E' por este modelo que são construidos os oculos de theatro, que não permittem abranger um grande espaço.

O oculo de longa vista, baseado no mesmo systema, é composto de quatro vidros, formando os dous primeiros o *objectivo* e o *ocular*; os outros dous estão collocados nos intervallos para porem ao alto a imagem. Este oculo é especialmente empregado para a arpentagem e operações trigonometricas.

A luneta de Galileu, apesar da sua inferioridade, foi bastante para que o grande astronomo descobrisse as montanhas da lua, as manchas do sol e os satellites de Jupiter.

ZIG-ZAGS

PYGMEOS

Uma prova incontestavel de que existem pygmeos, é a seguinte anecdota referida pelo Padre Eusebio.

Conta elle que reinando Filippe III de Castella, lhe trouxeram Bonomi, homem de tão pequena figura que um cavalleiro o pendurou com um alfinete em um panno de raz dos que ornavam as paredes.

—

Explicação da charada do numero 75: — Tamanco.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO PORTO, 16 DE FEVEREIRO DE 1882 NUMERO 77

DUQUE DE SALDANHA

SUMMARIO

Texto.— Duque de Saldanha — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Os confins da America — Triste!... (poesia) por A. Malheiro — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Koenisberg — O carnaval em Roma — Aurora do amor (excerpto) por D. Antonio da Costa — Peccadora (poesia) por Ernesto Pires — O conde d'Amarante (romance) — A Africa mysteriosa — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A mulher — O padre Secchi — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Duque de Saldanha — Koenisberg — O carnaval em Roma — Angelo Secchi.

DUQUE DE SALDANHA

Um dos mais estrenuos defensores das liberdades e franquias populares; um paladino fervoroso e ardente das regalias constitucionaes; um dos campeões denodados que ajudaram a implantar entre nós o systema liberal; um militar valente e illustrado: taes foram as qualidades que avultaram no nobre marechal duque de Saldanha, cujo retrato damos na primeira pagina.

Se outra gloria faltasse a aureolar-lhe o nome, bastaria considerar que foi um dos bravos, que pertenceu á illustre pleiade de heroes que escreveram, á ponta da espada victoriosa, as paginas mais brilhantes da nossa moderna historia militar.

O seu nome teve no exercito um prestigio, que depois d'elle nenhum dos nossos generaes alcançou. E' sempre esta a aureola que decretam ao verdadeiro heroe aquelles a quem elle tantas vezes guiara á victoria.

Além de general habil e feliz, foi um politico distincto, um diplomata que honrou o nosso nome, hoje assás decahido; foi emfim um escriptor correcto, que deixou o seu nome vinculado a algumas publicações uteis.

Se as qualidades da alma podem entrar por alguma cousa n'este rapido esboço dos dotes que adornaram o duque de Saldanha, não podemos deixar d'acrescentar que o seu caracter leal, honrado e bondoso não foi menos digno d'apreço do que a qualidade de militar valente e atrevido, pelo qual o considerará sempre a historia recta e imparcial.

O CHAPEO BRANCO (*)

Continuação

Ao tempo em que começa esta historia, Alexandrina era uma formosa moça dos seus deseseis annos. Adornavam-a todas as graças com que a Providencia pode dotar uma mulher adoravel, e no que toca ás qualidades moraes, seu pae, o opulento negociante da rua da Bainharia, mandara dar-lhe uma instrucção solida, no que se destacáva muito das filhas de todos os negociantes que o Porto então contava, os quaes, seja dito sem offensa dos seus herdeiros e descendentes, entendiam pela maior parte que uma mulher não precisa de saber mais do que fazer umas meias e talhar uma camisa.

Quando muito, pelo que pertence a letras, os negociantes d'então mandavam ensinar as filhas a ler e a escrever, e quantos tinham isso mesmo por um luxo escusado!

Francisco do Nascimento, pelo contrario, mandou ensinar francez á filha; quiz que soubesse tocar um pouco de cravo, que era o piano na infancia; emfim nada poupou para que ella se tornasse digna d'occupar um dia um logar muito distincto na sociedade.

Era cousa curiosa ouvir os commentarios da visinhança. Como os honrados velhotes, collegas de Nascimento, aquelles bons portuenses de casacos de saragoça, luxo que nem todos se davam, porque muitos nem á mão de Deus Padre largavam os calções e a casaca de brixe, sem se importarem de passar por menos patriotas, ou incorrer nas iras do marquez de Pombal, que lhes dera um exemplo frisante do seu genio irascivel na punição dos inculpados na revolta contra a companhia dos vinhos; esses, diziamos nós, como commentavam o proceder de Nascimento no tocante á educação que dava á filha!

—Destina-a a algum principe! dizia algum mais epigrammatico.

—Para filho meu não a queria eu! dizia outro. Aposto que não é capaz de tomar uma rede ou pespontar um lenço! dizia outro.

—Que lindo hade ser, acrescentava um terceiro, quando ella tiver um namoro tão pespauterio como ella, entenderem-se ambos em francez e combinarem uma fuga mesmo nas proprias barbas do pae!

Quem pode, porém, livrar-se das más lingoas e como fazer callar as bocas do mundo!

Nascimento sabia do modo como os seus honrados visinhos encaravam o seu modo de proceder; mas nem por isso entendia que devia varial-o e deixava fallar quem queria fallar, no que andava muito avisadamente.

E' certo que tinha o exemplo de casa. Seu sogro fôra um dos homens mais ricos do Porto, fizera uma figura brilhante, e d'um momento para o outro viu-se reduzido á miseria quasi. E elle, sabia lá onde poderia chegar? A vida commercial não tem azares como qualquer outra? Ainda os tem mais, e quantos desastres temos nós presenciado! Entendia elle que, se um dia, por um capricho da sorte, viesse a perder as suas riquezas e não podesse legar á filha bens de fortuna, o saber, com que a dotava, ninguem lh'o poderia tirar e quem sabe até se elle lhe poderia vir a ser um ganha-pão?

Dissemos que Alexandrina tinha deseseis annos ao começar esta historia e que era uma moça dotada de graças as mais invejaveis em uma filha d'Eva. Ora, dizendo isto, quasi escusado é dizer que não lhe faltavam adoradores.

Eram no geral os adoradores d'Alexandrina, os requestadores da sua mão, isto é, das suas graças e das suas riquezas, os caixeiros das lojas do mesmo genero da de seu pae, que as havia em grande copia n'aquelle tempo nas ruas da Bainharia, Mercadores e de S. João, esta recentemente aberta, porque todos aspiravam a obter, além da mão da moça, o negocio do pae.

Continua — JORGE DE MACEDO

(*) Vid. pag. 222 e 228 do 1.º volume.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LX

NOS CONFINS DA AMERICA

Estamos nos confins da America. O solo que pisamos n'este momento chama-se a Patagonia; a dous passos de aqui temos o estreito de Magalhães; depois a Terra do Fogo, ou archipelago de Magalhães.

Como é consolador, para nós os portuguezes, os filhos d'uma nação que, não contente com ganhar á força das armas o seu territorio no mundo velho, alargou os seus dominios no novo mundo por meio de viagens e emprezas perigosas e arriscadas, o que deu logar a que o nosso inimitavel poeta dissesse com a maior verdade, que

se mais mundo houvera lá chegara;

como é consolador, diziamos nós, encontrar por aqui um nome portuguez, que nos traz á memoria os nossos heroes de outros tempos, de quem somos filhos degenerados!

O estreito de Magalhães, a Terra de Magalhães, é como se denomina aquelle territorio, descoberto pelo ousado navegador Fernão de Magalhães, cujo retrato demos já n'este jornal, e foi por ali que elle effectuou a passagem para o mar do Sul, a que deu o nome de Oceano Pacifico, na sua viagem á roda do globo, que foi a primeira effectuada por um navegador europeu.

E' certo que era ao serviço da Hespanha que Fernão de Magalhães se achava áquelle tempo; mas isso em nada deslustra o nome do audacioso portuguez, que será sempre uma das nossas maiores glorias.

A Patagonia, paiz que occupa a extremidade sul do continente americano, está situada entre o estreito de Magalhães, que a separa da Terra do Fogo, o Oceano Atlantico, o Chili, o Plata e o Oceano Pacifico. Tem uma superficie de um milhão de kilometros quadrados e 10:000 habitantes.

As costas são apenas frequentadas pelos navios baleeiros.

O clima é frio; solo esteril e selvagem. Corta-o a cadeia dos Andes, e é ali que ha o Corcovado, pico que mede 2:286 metros d'altura.

Os chilenos fundaram alguns estabelecimentos por estes sitios.

Os patagões teem sido representados como gigantes; mas, na realidade, pouco maiores são do que os europeus. Ha muitos, não obstante, que teem mais de 2 metros d'altura. São excellentes cavalleiros. Vivem da caça e da pesca. A sua industria está muito atrazada.

Foi Magalhães que em 1519 descobriu a Patagonia, tomando posse d'ella em nome do rei de Hespanha. O commodoro inglez Byron visitou-a em 1764, Walles em 1766 e de Orbigny em 1828; comtudo ainda hoje é pouco conhecida dos europeus.

Buenos Ayres reivindicou a soberania da Patagonia.

A Terra do Fogo, que está separada da Patagonia, como já dissemos, pelo estreito de Magalhães, é um territorio mais desolado ainda do que aquelle. O nome vem-lhe dos seus vulcões. Os picos das differentes ilhas estão cobertos de neves eternas.

Terreno esteril e clima muito rigoroso. Vegetação quasi nulla. Cães selvagens, phocas, penguins, aves de rapina. Os habitantes são de pequena estatura; feios, sujos, embrutecidos e miseraveis. Vivem da pesca e da caça, e alimentam-se com os peixes, especialmente com a carne das phocas e lontras. Grandes riquezas metalurgicas.

A Terra do Fogo, ou Archipelago de Magalhães, forma a extremidade meridional da America do sul. Compõe-se de 11 ilhas principaes, banhadas pelo Grande Oceano austral e o Oceano Atlantico meridional. As ilhas e grupos principaes são: a Terra do Fogo, onde se nota o vulcão e monte Sarmiento, coberto sempre de neve, as ilhas occidentaes, o grupo do Ermita, do qual o cabo Horn forma a extremidade meridional do archipelago, e a ilha dos Estados. Estas ilhas são pela maior parte desertas e inhabitaveis.

Continua

TRISTE!...

—

E's triste! como a bonina
Que á sombra o aroma exhala;
Que a aurora não illumina
E a viração não embala!

Como a lampada que espalha
Doce luz em chão funereo!
Como a perola que orvalha
As rosas do cemiterio!

E's triste; mas a tristura
Fica-te bem! porque és bella!
Nunca vi tal formosura
Senão em palida estrella!

E's triste! porque te anima
O coração a saudade
De quem veio lá de cima
Para esta soledade!...

E's triste! Deus comprehende
Tua dôr. Não é da terra
O orvalho que se desprende
Pelas alturas da serra.

Pensas que a ninguem magoa
Acaso a mesma tristeza?
O' anjo d'alma tão boa!
Eu peso a dôr que te pesa!

Eu aspiro em tua fronte
As flores d'alma suave;
Como vejo no horisonte
O passar d'alguma ave...

Custa a achar um bom amigo
N'um ermo desterro agreste;
N'este misero jazigo
Sem a sombra d'um cipreste!

Mas eu amo! eu sinto! eu peno
Com este amor indizivel...
Que á sepultura condemno!
Que condemno ao impossivel!

....

Desvia palidos versos
D'uns olhos de luz tão pura!...
—Na campa lyrios dispersos...
Perpetuas na sepultura...

A. Malheiro

O ESCRAVO MALDITO

—

I

Continuação

Este assassinio, que ficara impune ante a justiça criminal, porque as auctoridades nada poderam saber sobre tão mysterioso attentado, praticado a horas mortas da noute, não o ficou porém ante a justiça de Lynch, porque Manduca tinha um irmão, mancebo de genio vehemente e exaltado, a quem confiara por muitas vezes o segredo dos seus amores por Cecilia e as ameaças terriveis que lhe faziam da parte da familia d'ella.

Quando a cidade de Pelotas bradava quasi em voz unisona uma praga contra os sicarios, contra os auctores de tão barbaro crime, John Menter, limpando umas lagrimas que lhe resvalavam pelas faces afogueiadas, rugiu feroz em voz suffocada essa palavra maldita que a agonia invoca como balsamo consolador nos momentos de desesperação, — vingança!

A maldição, atirada sobre a cabeça de Sergio, não se fez esperar: oito dias depois era o corpo do infeliz encontrado á porta de sua casa trespassado por duas balas, que lhe roubaram a vida instantaneamente.

O preto Caxibache, ao ver o seu senhor morto, temeu achar-se ameaçado de vingança, e, sem julgar que, fugindo n'essa ocasião, chamava sobre si a responsabilidade de dous crimes de homicidio, montou a cavallo e desappareceu, formulando-lhe a justiça os competentes processos, e John Menter mais uma jura, porque via n'elle um cumplice no assassinato de seu irmão.

II

A quatro legoas da cidade que fôra theatro das scenas sanguinolentas narradas no capitulo antecedente, no alto de uma *coxilha*, ha um logar aonde duas estradas se cruzam, a que chamam Encruzilhada. Vê-se ali uma casinha humilde, mas pittoresca, circundada de arvores sombrias, construida de *pau-a-pique* e coberta de palha, como quasi todos os *ranchos* de campo da provincia.

N'aquella casinha, alguns dias depois do assassinato do malaventurado Sergio, moravam Rodrigo de Mendonça, Cecilia e a escrava Joanna.

Depois que o luto lhe annuviou os sorrisos de felicidade que lhe douravam a existencia, Rodrigo de Mendonça, triste e pensativo, passava os dias calado, sem proferir um monosyllabo, arrazando-se-lhe os olhos de lagrimas todas as vezes que Cecilia apparecia diante de si. Uma dôr tremenda lhe opprimia o coração: era a lembrança de que aquella formosa creança, que elle muito amava, tivesse lá em seus pensamentos um pouco do martyrio que o remorso faz soffrer atrozmente, quando inabalavel como um pezadelo medonho, baila na consciencia, estiolando as mais bellas flores da esperança.

Esta ideia, que era para Rodrigo uma sombra negra que muito concorria para o seu profundo silencio, Cecilia mal a sonhava e não bem a comprehendia. Innocente, creança ainda, sem pensar maduramente nas causas que lhe roubaram o irmão e o amante estremecidos, Cecilia chorava de saudade, muitas vezes durante o dia, lagrimas que eram para seu pae espinhos cahidos da coroa de tormentos do seu angustioso arrependimento.

—Pobre Cecy! pensava o ancião entre soluços; pobre filha! Tu não és culpada dos desvarios dos outros. Perdoe-te o ceo essas lagrimas!

E dos olhos de Rodrigo umas bagas de crystal cahiam, humedecendo-lhe as barbas brancas.

Um dia Rodrigo de Mendonça, sentado debaixo de uma das arvores plantadas em derredor do *rancho*, estava, como quasi sempre, entregue aos seus

pensamentos incertos, em que apparecia como flor tristissima a sua querida Cecy. Os seus olhos, fitos na serra das Asperezas, que a muitas legoas de distancia se avista d'ali como nuvem azulada no extremo horisonte, pareciam dizer alguma cousa do que lhe ia dentro d'alma.

Umas rugas que lhe encrespavam a testa a miude confirmava esta supposição.

Continua NUNO RANGEL

KOENISBERG

Koenisberg é uma cidade de noventa mil habitantes, situada á beira do Pregel, sobre o qual estão lançadas sete pontes. E' a capital da provincia da Prussia, comprehende cinco quarteirões e muitos arrabaldes e é uma cidade muito industrial e commercial.

A historia de Koenisberg pode limitar-se a poucas linhas. Foi fundada em 1255 pela ordem Teutonica e bem depressa se tornou uma importante praça de commercio. Em 1523 adoptou a Reforma; em 1626 transformou-se em fortaleza. Em 1701, o eleitor Frederico I fez-se sagrar ali rei da Prussia. Em 1806, depois do desastre de Yena e da entrada dos francezes em Berlin, serviu de refugio á familia real.

O castello real é uma das curiosidades mais notaveis d'esta cidade. Fundado em 1257 por Ottokar, rei da Bohemia, foi successivamente a residencia do grão-mestre da ordem Teutonica e dos duques da Prussia.

Serve actualmente de residencia ás auctoridades administrativas.

Foi na sua egreja que Frederico I se coroou a si mesmo com o titulo de rei da Prussia. A sua estatua em bronze está collocada na porta oriental do castello.

O CARNAVAL EM ROMA

Uma das epocas mais notaveis de Roma é o tempo do carnaval; a eleição dos novos consules não produzia outr'ora mais movimento. E' o tempo dos bailes e festins; todas as classes, todas as idades tomam parte nos folguedos; mas as bacchanaes duram apenas uma semana. O sino do Capitolio e a artilheria do castello de S. Angelo dão o signal e a população inteira responde ao convite. A policia não permitte que nenhum mascara appareça antes do signal.

Quando se rompem os diques d'um canal novamente aberto, a torrente não se precipita com mais furia do que a multidão que invade o Corso n'aquelles dias. Esta grande e bella rua, que vae da porta do Povo á praça Colonna, enche-se em um momento de trens, equipagens brilhantes e curiosos que se acotovelam por entre os cavallos empenachados. Os passeios, convertidos em amphitheatros, offerecem aos espectadores pacificos refugio contra a turba-multa; mas nem por isso estão a salvo dos apupos dos mascaras e da chuva de confeitos que se atiram de todos os lados.

Veem-se carros cheios de mulheres e creanças; outros representam scenas comicas d'incontestavel originalidade. O que mais notavel se torna é a perfeição das mascaras.

As nossas mesquinhas mascaradas não podem dar ideia, nem ainda fraca, das festas carnavalescas de Roma. Ali reina a loucura no seu mais alto grau, porque os personagens mais ricos e distinctos desenvolvem pelo carnaval todo o luxo e magnificencia. Mas o que ha de mais agradavel n'estas solemnidades consagradas ao praser, é a musica deliciosa que se junta ao arruido dos mascaras. E depois, que risos, que jubilo ao contemplar aquella multidão de figuras caricatas! No meio d'aquella confusão, que lindas mulheres disfarçadas sob trajos os mais pittorescos! Como aquellas roupagens de camponezas de Frascati dizem bem áquellas damas tão bellas e tão naturalmente graciosas!

Em Roma, pelos dias do carnaval, o tempo costuma estar esplendido, o que concorre para a belleza da festa.

KOENISBERG

A rua do Corso tem cerca d'uma milha de comprimento; adornam-a palacios lindissimos, que lhe dão o aspecto d'uma magnifica galeria. As janellas estão coalhadas de damas, vistosamente enfeitadas, o que é de um effeito deslumbrante.

Quando a noute chega, a multidão retira-se a um signal dado; mas continua a entregar-se ao praser no interior das casas, dos palacios e até nos tugurios mais miseraveis da cidade eterna. Os theatros enchem-se em um momento e estremecem ao som das acclamações delirantes d'aquelle povo que se julga feliz porque esquece por um momento quanto é desgraçado.

Antigamente os papas tinham um costume muito singular. A terça feira d'entrudo era destinada á execução de um criminoso, espectaculo a que o povo se dirigia sem abandonar os trajos carnavalescos. Era um refinamento de barbaridade, ou uma lição dada á populaça, prompta a entregar-se aos mais reprehensiveis excessos? Fosse o que fosse, era um horrivel contraste o que offerecia o corpo d'um enforcado no meio da festa vertiginosa.

Depois da execução, o papa dirigia-se ao Corso, atravessando-o a passos lentos e abençoando todos aquelles que ia encontrando, vestidos uns de Pierrots, outros de Cassandras, este de Polichinello, aquelle de Pantalon, e que todos pediam em altos brados a benção apostolica.

AURORA DO AMOR

—

(EXCERPTO)

Ali está aquella arvore.

Foi uma semente que o caminhante

O CARNAVAL EM ROMA

podera ter esmagado. Da semente brotou um rebento. Aqueceu-o o sol, bafejou-o a brisa, deu-lhe alentos o creador mysterio da terra. Ainda virgem, tudo lhe era innocencia: tronco, braços, ramos, folhas. Gerou. Despontam-lhe os gomos, vão apparecendo mais viçosos, e crescendo aos milhares convertem-se em pomos dourados, que enfeitiçam a vista. Tendo-se rebustecido com os elementos da natureza, a grande arvore, com os braços abertos, com a copa abundante, já forte e soberba, deu a sua sombra á nossa calma, ao nosso olphato o seu aroma, ao nosso paladar os seus fructos, aos nossos ouvidos o doce queixume das suas ramas, aos nossos olhos o encanto da sua elegancia.

Desenvolveu-se na quadra risonha do seu progresso. Produziu tudo quanto podia produzir, e obedecendo á lei, não de morte, mas de reformação, principiaram as folhas a cahir-lhe, a copa a encalvecer-lhe, e abatida, e já outra, tendo só a vitalidade necessaria para se concentrar na raiz d'onde haveria de restaurar-se. Quando era formosa e abundante, quem a anteveria tão nua e feia? Feia e nua, quem a diria tão abundante e formosa outra vez? E a magestosa arvore a renovar-se de continuo entre as suas tempestades e as suas bonanças, e moribunda de periodos a periodos para reproduzir novos fructos!

Aquella arvore é a humanidade.

E' a humanidade, no seu constante labutar, nas suas duas e successivas quadras, na antithese completa.

A quadra romano barbara fôra o inverno mais rigoroso de quantos invernos a humanidade atravessara.

A humanidade estuda-se no coração do homem. E que mysterioso que elle não é!

Continua D. ANTONIO DA COSTA

PECCADORA

—

Custa-me ver-te tão formosa e meiga,
Tendo rasgados da innocencia os veus.
Salva-te ainda! A' peccadora acode,
Quando contricta, a protecção de Deus.

Ergue-te á luz, que nos deslumbra a vista,
A' luz eterna do brilhante sol!
Seja-te a vida expiação suprema,
Formem-te as lagrimas subtil crysol.

Chora, creança, que esse pranto é vida,
Chora, creança, que esse pranto é luz;
A Magdalena redimiu as culpas,
Chorando aos pés da immaculada cruz.

ERNESTO PIRES.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

II

RECEPÇÃO

Continuação

Aproximei-me então da porta, ajoelhei-me e beijei o umbral com o maior respeito. Quando se abririam para mim aquellas folhas, cerradas desde a morte de minha mãe? Eu presentia que nunca, porque não teria valor para ver aquella habitação que devia exhalar ainda o seu perfume de amor maternal.

De repente assaltou-me uma recente recordação, e levantei-me correndo para Davidson.

—Olha, lhe disse tremulo de emoção, eu não creio em apparições; porém juraria que hontem vi sobre a balaustrada do terraço minha mãe, vestida de luto, que olhava muito para mim.

—Ah, senhor conde!... era a menina Florentina.

—A menina Florentina! repeti eu altamente surprehendido.

—Eu a vi como V. Ex.ª a viu, quando chegamos. Estava sobre o terraço, vestida de preto.

—Porém quem é a menina Florentina?

—A menina Florentina, como a designam todos, é a administradora do condado de Amaral.

Aquella explicação de Davidson, simplicissima, foi um raio de luz para mim. Recordei-me que dous annos antes, achando-me em Paris, me escreveu o meu tutor dizendo-me que, tendo morrido o administrador de Amaral, tenente coronel carlista não *convencionado*, que estivera muitos annos emigrado em França, e a quem meu pae collocara á frente dos seus estados, que tendo morrido o administrador, repito, se eu não tinha inconveniente algum, podia continuar n'aquelle cargo uma filha que tinha deixado, pois prestava as contas melhor que ninguem, e era uma especialidade pela sua intelligencia e aptidão para o governo da casa solar.

Aquella recordação explicou-me o *mytho*, o enigma do que queria dizer esta denominação no meu palacio: *a menina Florentina.*

—Effectivamente, disse eu a Davidson, tranquilamente: seria a menina Florentina a que estava no terraço. Porém, que coincidencia! a mesma postura e a mesma côr do vestuario que minha mãe costumava trazer!...

Soceguei logo d'aquella perturbação, que experimentara com a revelação de Davidson; fiz-lhe signal para que abrisse as portas, e colloquei-me na cadeira de braços de meus avós, respaldada com as armas de Amaral e encimada com a coroa de conde.

Abertas as portas do salão senhorial, appareceram no fundo do marco, como dentro d'uma decoração de theatro, Florentina, o capellão do palacio e o medico, no primeiro termo; e depois os demais empregados e criados pela sua ordem e com seus vestidos de festa.

Todos se aproximaram lenta e ceremoniosamente até junto da cadeira que eu occupava e inclinaram-se com o maior respeito.

Só Florentina, que vinha adiante, fez uma unica reverencia e tomou a palavra em nome dos demais.

—Senhor conde, me disse, os que temos a honra de formar parte dos empregados da casa de V. Ex.ª, e que a maior parte formaram a de seus illustres paes, vêem prostrar-se respeitosamente a seus pés e reiterar a V. Ex.ª a submissão mais completa a quanto ordenar, rogando ao Senhor do ceo conceda muitos annos de vida e felicidade ao mais bondoso dos senhores da terra.

Eu agradeci-lhe em breves palavras pelos seus bons sentimentos e fiz um ademan com o braço para que passassem para a minha direita e deixassem logar aos caseiros, arrendatarios e foreiros, todos, em fim, os que antigamente constituiam os subditos de meus pequenos estados.

A' frente d'aquelle grupo vinham os parochos das freguezias do condado de Amaral, apresentação da casa, e um d'elles tomou a palavra felicitando-me tão realistamente como Florentina.

Eu respondi-lhe que agradecia muito os votos que faziam pela minha saude e ventura, e voltando-me em seguida para Florentina, disse-lhe que n'aquelle mesmo dia désse um anno de salario *gratis* aos servidores do palacio desde ella até ao ultimo, e que aos colonos e demais que me pagavam renda, *lhes perdoava as d'aquelle anno.*

Continua

A AFRICA MYSTERIOSA

—

Continuação

Em primeiro logar, são duas as tribus que habitam o paiz: a primeira é a dos cimbebas e a segunda a dos makossos. Os ultimos são como que a gente mais illustrada e rica da nação. Todo o territorio não excede a umas trinta legoas d'extenção e offerece tal abundancia de lebres, que facilmente podem ser mortas á paulada. Bois e vitellas constituem a riqueza d'aquelles nomadas, que ordinariamente mudam de pastagens de dous em dous annos.

Em vez d'apresentarem uma repugnante nudez como tantos outros selvagens, estes andam vestidos de pelles de bois, o que lhes dá a apparencia d'individuos das primeiras gerações humanas. Praticam a circuncisão aos desoito annos; não comem peixe; acreditam em bruxedos, nos magos, feiticeiros, e em um genio mau, que é o que lhes manda a chuva, o trovão e as tempestades. Com a saborosa semente d'uma planta que nasce rapidamente até tres a quatro metros d'altura, fabricam uma especie de pão, e da semente de outra planta extrahem uma bebida, que embriaga.

Taes são as principaes particularidades d'aquellas tribus. Os cimbebas, propriamente ditos, acham-se em um atraso muito deploravel relativamente aos makossos.

Levantamos ancora depois de nos orientarmos ácerca da natureza e usos dos habitantes d'aquelle paiz tão singular e fizemos rumo para a Hottentotia, que, no territorio da colonia do Cabo, forma uma só região physica. As provincias mais ou menos conhecidas d'aquelle paiz são regadas por dous rios muito caudalosos, que correm igualmente de leste para oeste. São o Fiech, ou Peixe, e Gariep, ou Orange.

N'estas regiões as feras teem desapparecido diante da presença do homem. Somente os leões assomam pelas margens do rio Zondags; mas os desertos visinhos retumbam com os rugidos dos lobos, das hyenas e das pantheras. O chacal e o gato-tigre distinguem-se no meio da espessura dos bosques. Os caçadores perseguem toda a

especie d'antilopes, veado commum em ambas as margens do rio Peixe. O mais formoso de todos é o antilope purpureo, que ás vezes anda em manadas de mais de dous mil individuos. O antilope azul é muito raro. A gazella, propriamente dita, é uma das que se encontram mais a miude. Nos bosques do interior passeam-se innumeras especies de macacos, alguns de tamanho descomunal.

Os hottentotes e cafres expulsaram os buffalos; mas chegaram a domestical-os.

Nos desertos interiores ha abestruzes, que algumas vezes andam em grandes bandos devastando as plantações Os flamingos ostentam por toda a parte a sua plumagem encarnada.

A Hottentotia tem a configuração d'um quadrado, pouco mais ou menos, de mil e cem kilometros de costa. O interior é muito pouco conhecido. Ao norte e sul está coberto de montanhas e d'areaes no centro.

Os hottentotes dividem-se em diversas tribus, sendo as principaes os boschimans, namaques, koroas, etc. São d'uma fealdade repellente, com as faces muito proeminentes, o nariz achatado, os beiços grossos e pendentes e a cabeça triangular. Nas mulheres nota-se um desenvolvimento muito pronunciado da parte posterior dos rins.

Este povo, apesar de miseravel e de viver somente de raizes d'arvores e dos productos da caça, é docil e hospitaleiro; mas nota-se-lhe uma apathia e desaceio extraordinarios. Habita em cabanas, construidas com troncos enterrados no chão e cobertas de pelles ou esteiras. Os hottentotes deixam a terra sem cultura, andam quasi sempre em guerra com os seus visinhos, conduzem os rebanhos ou trabalham em cobre. A sua religião é um grosseiro fetichismo, que os missionarios hollandezes teem comtudo chegado a destruir em parte, fundando varios estabelecimentos, afim de fazer penetrar o christianismo entre aquelle povo.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

—

Continuação

II

EMILIA

Passados momentos, ouvem-se os passos apressados e cautelosos de alguem que chega. Tu debruças-te mais no peitoril carunchoso, olhas, e cheia de jubilo reconheces que é elle.

E' o mancebo que tu amas e que a altas horas te vem fallar d'amor!

E' Alvaro emfim.

Que de segredos, que de protestos, que de esperanças no futuro!

Foi Alvaro que te acenou da janella de André Bazilio. Foi Alvaro que tu viste ha seis mezes pela primeira vez na egreja das Almas e que logo amaste.

E quem poderia resistir ao olhar com que elle te envolvia?!...

Desde esse momento começaste a pensar mais seriamente, deixaste de rir com aquella alegria que d'antes te animava... E' que amaste aquelle rapaz com todas as illusões dos deseseis annos, com todas as doidices d'um primeiro amor!

E Alvaro bem merece a affeição que tu lhe tens.

E' elle que, arrostando as iras de seu padrinho, rouba todos os dias algumas horas aos seus negocios para vir ver-te.

E' elle que, rompendo o habito caseiro de se deitar cedo, mandou fazer uma chave para poder abrir o quarto em que dorme e outra para a porta da rua.

E' elle que, á meia noute, atravessa o corredor da casa, e que interrompendo o silencio que lá reina, faz sobresaltar André Bazilio.

E' elle ainda que, recolhendo quando o dia apparece, depois de passar horas e horas fallando d'amor comtigo, faz acreditar á velha Lourença que a casa está povoada de espiritos, duendes e cousas más.

E elle então diz-te o que sempre te diz.

Que ainda estão muito novos, que seu padrinho é muito, e muito rico, que elle bem o sabe pelas transações commerciaes que faz na praça, que Bazilio está muito velho e que o unico herdeiro é elle...

E tu sorris satisfeita do futuro!...

Creança!

Ruim, que, para sentires cingir-se mais, e muito, os laços do teu amor, estás, talvez, desejando a morte ao velho milionario! E tu fallas-lhe do futuro, quando fôres mulher d'elle, quando tiveres muito dinheiro, quando fôres ao theatro onde nunca foste, quando te esperarem muitos vestidos nas gavetas da commoda... Ai!... mas que nunca deixarás os teus canarios, os teus companheiros da indigencia... tambem lhe dizes...

E assim passas a noute fallando de amor, fallando do futuro.

Quando o primeiro alvor da madrugada tinge o horisonte, lá se despede o teu amado, promettendo voltar na noute seguinte.

E elle vae...

E tu ficas pensando n'elle!...

Pensando no lenço branco que te ha de avisar de que elle vem á noute.

Pobre Emilia!

Linda flor, que assim vicejas no teu canteiro tão pobre!...

E, só, ficas, então.

Depois, vaes cautelosa deitar-te, e mal podes conciliar o somno.

Quando elle vem cerrar-te as palpebras, que sonhos felizes te esvoaçam pela mente, te afagam o pensamento, te innebriam!

E despertas ao som alegre do cantarolar dos pobres prisioneiros, dos formosos pintasilgos, dos innocentes canarios, que estão saudando a manhã.

Levantas-te, e, como boa mulher de casa, principias logo a tarefa de todos os dias; preparas o almoço, e quando teu pae se apresenta na sala da refeição e te encara, murmura aquellas palavras que todos os dias lhe ouves:

—Isto vae mal! Cada vez estás mais desmaiada; fugiram-te as côres do rosto... Que demonio tens tu?

Abaixas os olhos e não lhe respondes.

E elle lá vae com as gaiolas na mão a vender os passaritos, seu unico negocio, seu unico ganha-pão.

Então vaes tu cuidar da tua costura, d'aquellas camisas que te encommendou a outra semana aquelle velho brazileiro insolente, que se atrevera a fazer-te propostas indecorosas...

E então tu pensas que, se fosses mulher de Alvaro e elle tivesse a fortuna que hoje é de seu padrinho, tu não estavas ahi costurando, não... E assim te corre a vida, linda Emilia!

E és feliz assim!...

Continua EDUARDO VÉRAS

A MULHER

—

Continuação

E' a tão ridente esperança de alcançar esses florões com que se engrinaldam as frontes d'aquelles que do coração se entregam ao estudo de qualquer sciencia ou arte, que faz com que a mãe extremosa tenha resignação bastante para soffrer compridas ausencias, esperando que o seu soffrimento será recompensado com esses diplomas distinctos, que as academias famosas conferem aos seus mais dilectos filhos.

E, embalada com tão sorridente ideia, espera anciosamente o fim dos seus cursos e os premios dados ao merito com que hão de voltar laureados aos seus lares domesticos.

Fallemos agora d'essas a quem a natureza sem algum perigo não permitte levar essa vida livre, que podem levar os homens em qualquer idade. Passemos em claro a sua educação em acreditados collegios e deixemos em paz as suas bonecas e mais entretenimentos da infancia, e vamos encontral-as a levantar os primeiros voos para essa atmos-

phera impregnada de suaves fragrancias e encantadoras illusões.

Não posso marcar bem a epoca das suas primeiras tentativas, porque isso depende de certas circunstancias que não tenho em vista estudar. Mas o que geralmente está assente é que as mulheres, aos desoito annos, tambem as ha, e muitas, mais precoces, tratam de estudar o seu fim cá na terra; estudo difficil pela variedade dos seus pensamentos e tambem dos seus desejos. Pois hoje amam a solidão e a vida contemplativa; amanhã aborrecem-a. N'outro dia despedem-se com impressões gratas d'um baile em que foram alvo de respeitosas attenções e estudadas galanterias, e afinal tambem desapparecem. Tudo n'ellas é volubilidade; tudo variedade. Porém um dia chega que lhes apparece a realidade do fim para que Deus as destinou: amarem e serem amadas. Eis ao que se reduz as aspirações terrenas d'aquellas para quem a vida é um sonho de ineffaveis contentamentos. Ora sendo assim, como não ha de ser poetica e risonha essa senda alcatifada de flores de subido preço e perfumes, que conduz as mulheres ao fim dos seus desejos? Como não hão de ser bellos e iriados de brilhantes côres os horisontes das suas vidas? Que alegres e dôces miragens não hão de ser as suas? Que inebriantes aromas não hão de saturar o ambiente que respiram? Só ellas o podem saber, porque o experimentam.

E haverá alguem que conheça a mudança que se operou nos seus espiritos, depois que o sol consolador das suas primaveras da vida lhes começou a aquecer o coração? Oh! de certo que ha. E ninguem melhor do que aquellas que lhes ouviram os primeiros vagidos, e enxugaram com ardentes beijos as suas primeiras lagrimas: suas mães, que teem lido em seus corações como em livro aberto, tendo-se calado por ver que o perigo que as pode vir a ameaçar ainda está longe. Do contrario já teriam apparecido com os seus beneficos conselhos e lições de experiencia, a retiral-as de qualquer abysmo que se podesse vir a abrir nas suas passagens.

Mas por emquanto nada d'isso tem sido preciso, porque ainda só estão em simples ensaios. Ainda não fizeram a escolha d'esses que hão de trazer aos seus corações aquella tranquillidade muitas vezes sonhada. Mas quando isso se realise, ahi apparecem suas mães.

Continua BARBOSA TRAVESSA

O PADRE SECCHI

Pertencia á congregação dos jesuitas este sabio. Esta associação que tantos males sociaes produziu e que, por todos os meios ao seu alcance, e alguns pouco dignos, quer impedir, para interesses seus, a acção incessante do progresso, tem tido por membros homens colossaes pelo seu saber. O padre Secchi é um d'estes. Angelo Secchi nasceu em Reggio em 1818. Na edade de quinze annos entrou em um collegio de jesuitas; mais tarde, mandado para Roma, para o Collegio romano, onde completou os seus estudos, dedicou-se freneticamente ao estudo das sciencias naturaes. Nomeado professor do mesmo collegio, tornou-se tão distincto nos seus trabalhos mathematicos, que lhe deram o logar de director do observatorio da egreja de Santo Ignacio.

Depois do completo desmoronamento do poder temporal, obrigados os jesuitas a abandonar o Collegio romano, o governo de Victor Manoel conservou o padre Secchi director do observatorio.

O governo liberal conhecia-lhe o merecimento; a sua tolerancia era um acto de justiça muito digno de louvor.

Em toda a parte era ouvido com respeito o nome de tão illustre sabio. Todos os estabelecimentos scientificos lhe deram distincções. Era um incansavel trabalhador; as suas obras, todas sobre assumptos de sciencias naturaes e todas tratadas com vasta erudição, firmaram-lhe um nome immorredouro; mas de todos os seus trabalhos os que mais o immortalizaram, foram, sem duvida, os que fez para apreciar a constituição chimica do sol.

O jesuita Secchi foi um sabio profundo e principalmente um distinctissimo astrologo, e a sciencia com verdadeiro sentimento ainda hoje chora a sua morte, sucedida em Roma em fevereiro de 1880.

ANGELO SECCHI

EXPEDIENTE

Aos srs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 78, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

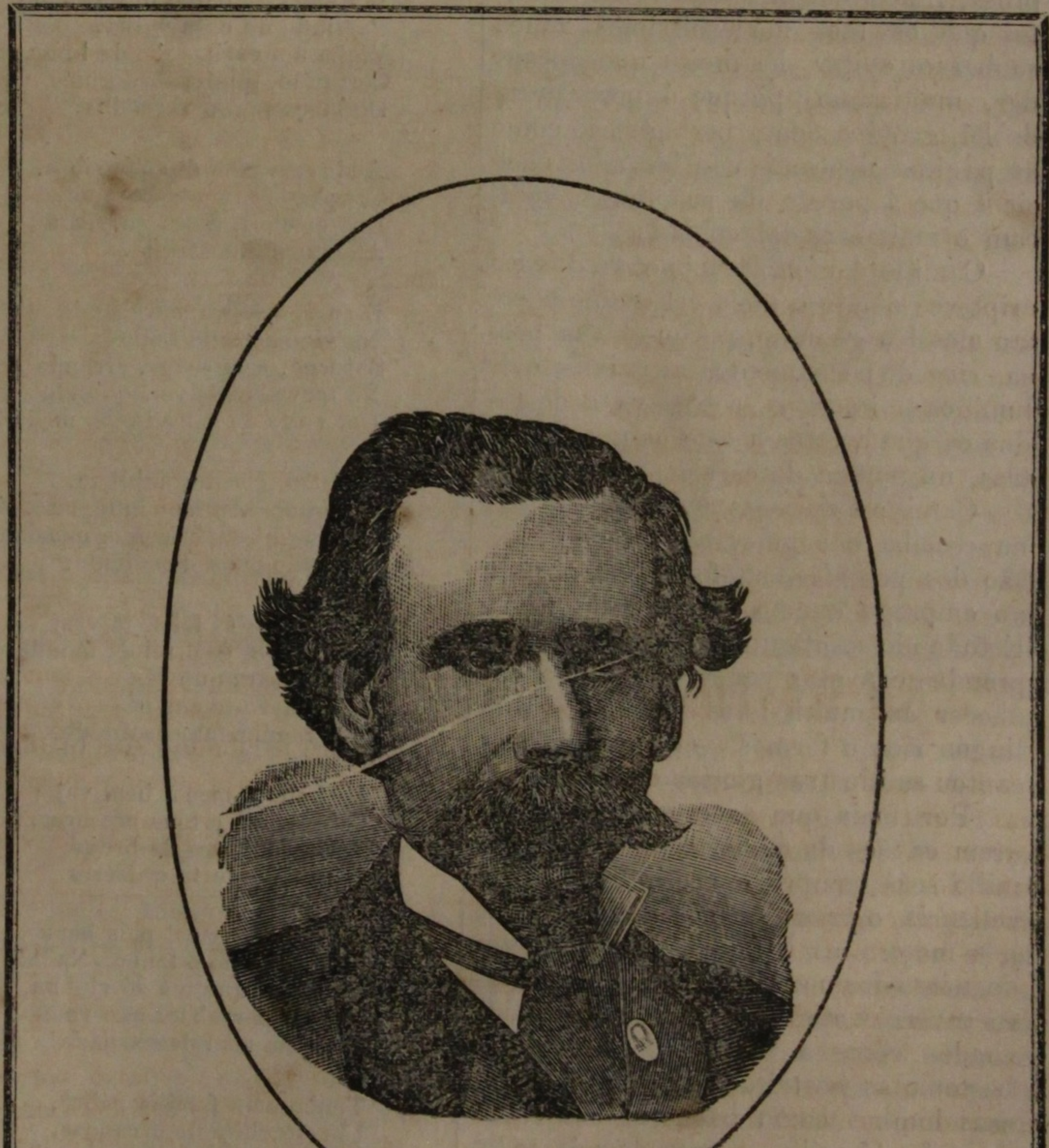
Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 23 DE FEVEREIRO DE 1882 — NUMERO 78



CAMILLO CASTELLO BRANCO

SUMMARIO

Texto: — Camillo Castello Branco, por Firmino Pereira — Digressões (poesia) por Nunes d'Azevedo — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Nos confins da America — Aurora do amor (excerpto) por D. Antonio da Costa — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Dowletabad — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A torre de Londres — Em um album (poesia) por Luiz de Mesquita — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Optica, por Doutor Jayme. A mulher, por Barbosa Travessa — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Barometro e thermometro — Zig-Zags: Preservativos do raio — O homem — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Camillo Castello Branco — Fortaleza de Dowletabad — Torre de Londres — Barometro — Thermometro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Seduz-nos a prosa brilhantissima d'este fecundo e inimitavel romancista, o mais poderoso e o mais decidido obreiro das letras portuguezas. Camillo, no dizer petulantissimo dos rabiscadores modernissimos, assignala-se apenas pela sua imaginação vivissima, manifestada no entrecho d'alguns romances sentimentaes; de resto, a geração litteraria d'hoje, melhor orientada pelo advento da philosophia de Conte e pelo processo naturalista de Zola, nada lhe deve, absolutamente nada!

E' de crer que Camillo, no isolamento a que voluntariamente se condemnou, não oiça os latidos da caiuçada; e mesmo que os ouvisse o eminente escriptor, no cumulo da sua condescendencia amiga, seria ainda capaz de afagar carinhosamente os rafeiritos que, de focinho no ar e rabo arqueado, lhe ladrassem aos calcanhares!

Temos por Camillo a respeitosa attenção que se deve aos mestres; na sua prosa, limpa das maculas e dos defeitos que os taes modernissimos nunca souberam evitar, ha muito que aprender, muitissimo, porque é portugueza de lei, genuinamente portugueza, como as paginas dos mais considerados classicos que á pureza da sua lingoa votaram o mais especial cuidado.

Camillo é indubitavelmente dos escriptores d'hoje o mais correcto e puro, um classico genuino, porque a sua prosa, rica de pensamentos altissimos e de luminosas imagens, sobreleva a de todos os que arroteam este campo das letras, na pureza do estylo.

Camillo é rigorosamente portuguez, na escolha das palavras, na construcção dos periodos, na forma da phrase, no emprego exacto e fiel dos termos. Estudando-se attentamente Camillo, aprende-se a escrever portuguez, a conhecer as muitissimas bellezas d'esta lingoa rica e formosa, em que Camões cantou as illustres glorias da sua terra.

Por mais que se esganicem e ladrem os taes da moderna confraria, Camillo será sempre o escriptor por excellencia, o prosador brilhantissimo que nos mostra as bellezas mais salientes da nossa formosissima lingoa e o critico severo e rude, que aos basofios inchados como a rã da fabula applica bastonadas certeiras, que eccoam nos seus lombos como baquetas em caixa de rufo. Camillo merece de nós todos as homenagens mais respeitosas, e os que em conta temos o esplendor das letras devemos lastimar a quasi retirada de tão illustre mestre e fazer votos sinceros por que, do seu refugio de Seide, nos mande para cá os primores do seu subidissimo engenho.

Firmino Pereira

DIGRESSÕES

Eu ia uma noute d'estas
Pela estrada mudo e vario,
Como um transfuga das festas,
Qual mandarim visionario.

Bruavam nas ramarias
Do vento os rijos açoites,
E do ceo nas arcarias
Ninguem via ha quatro dias
As vagabundas das noites.

Apenas a lua, a boia
D'aquelle mar na espessura
Servia de clara-boia
Ao salão negro, a natura.

Na tela suja dos rios,
Como um retab'lo afumado,
Os amieiros sombrios
Par'ciam, que desvarios!
Cabeças do apostolado.

A fita branca da estrada,
Cingindo a base d'um monte,
Lembrava a serpe damnada
Do mythico Laocoonte.

A's vezes, d'entre o negrume,
Partindo de casa velha,
Vinha um carbunc'lo de lume
Cortando, qual rubro gume
De lança muito vermelha.

Andavam pelo ar, nas ribas,
Canções de ignota harmonia
Dos mochos, esses guaribas
Affectos de nostalgia.

E eu ia sempre marchando
Na via-sacra do tedio,
Soturno, sem scopo, errando
Na treva, invizivel, quando
Um vulto da estrada em medio,

Sinistro, erecto, sublime,
Como um Anthen indigente,
Brada n'essa voz que exprime
O estado mais decadente:

«Mancebo, és feliz, talvez;
Tens ouro, és o rei do mundo!
Esta natura que vês
Ajoelha-se-te aos pés
Com rendimento profundo.

E's bello e moço, bem vejo;
Tens saude e tens praseres;
Essas mulheres do brejo
Fazem o que tu quizeres.

E's nobre e rico! pois bem:
Eu sou velho e tenho «Nada!»
Ha muito que um só vintem,
Um só, percebes? não vem
Cahir na mão descarnada!

Tenho uma familia pobre,
Um ranchito de creanças,
Sem pão, sem lar e sem cobre,
Sem leito e sem esperanças.

Eu, por mim, velho e doente,
Já não posso trabalhar
Trabalho suficiente,
Com que a fome impertinente
Lhes possa vir a matar!

Que fazer? deitar-me ocioso
Em frente do sol aos brilhos,
E deixar que o lobo iroso
Da fome estrangule os filhos?

. . . .

Fiz-me bandido: eis aqui
O partido que tomei!
Para alguns que eu já ouvi,
Para muitos, para ti,
Sou criminoso, bem sei.

Embora! a virtude ignara
De vocês não a percebo!
(E pondo a espingarda á cara)
—A tua bolsa, mancebo!»

Ouvi de principio a cabo
Tão estupendo sermão,
Dando esta noite ao diabo
E ao tal «Monsieur» calabro
O meu dinheiro, «um tostão»!

Porém qual não foi o espanto
De minh'alma aterrorada,
Ao ver sahir d'entre o manto
Do bandido atroz risada?!

Era um amigo, o Theodoro,
Que fôra ver o namoro!

Nunes d'Azevedo

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

LX

NOS CONFINS DA AMERICA

Continuação

O archipelago das Maluinas, ou Falkland, serve de escala aos navios que dobram o cabo Horn. Consta este archipelago de 9 ilhotas e 2 grandes ilhas, que são East-Falkland, ou Oriental, e West-Falkland, ou Occidental, que separa o estreito de Falkland, de 72 kilometros de largura. População, 625 habitantes. Superficie, 33:800 kilometros quadrados.

Os inglezes teem ali Porto-Luiz e Porto-Egmont. O solo é pouco fertil e cheio de minas de terra combustivel.

Antigamente só habitavam esta ilha os gauchos, originarios dos estados do Plata, que iam ali á caça dos cavallos e bois selvagens, que andam na maior liberdade; mas hoje os inglezes e irlandezes estão iniciados na arte de se apoderarem d'elles.

O nome de Falkland foi dado a estas ilhas por Strong, que visitou o archipelago em 1688. Bougainville levou para ali em 1763 uma colonia de maluinos, que foram expulsos em 1765 pelos hespanhoes, e estes cederam os seus direitos á Inglaterra em 1771. Em 1820 a republica de Buenos-Ayres possuia as Maluinas, que os inglezes tomaram novamente em 1833.

Quanto á Terra do Fogo, foi descoberta em 1520 pelo nosso patricio

Magalhães, como já dissemos; Cook, sir Banks e Solander visitaram-a successivamente no seculo XVIII; os inglezes fundaram um estabelecimento em 1818 na ilha dos Estados.

Dobremos agora o cabo Horn, que é a ponta meridional da Terra do Fogo e extremidade sul da America meridional. Este cabo foi descoberto em 1578 por Drak; mas Schouten, viajante hollandez, que o visitou em 1616, foi o que lhe deu o nome de Horn, em memoria da sua cidade natal, na Hollanda. Atravessemos o grande Oceano e vamos visitar a quinta parte do mundo, a ultima descoberta, ainda muito pouco conhecida.

Aquelles monticulos de terras, aquelles grupos de ilhas ou ilhotas, isoladas ou reunidas em archipelagos, aquelles continentes que mal se avistam através das vagas, aquelles paizes de tão variadas producções, climas e costumes, aquelle mundo velho que parece novo para o nosso seculo curioso e novo, é a Oceania. E' ahi que nos propomos levar o leitor, para lhe mostrarmos os prodigios d'uma natureza tão differente da nossa.

Continua

AURORA DO AMOR

(EXCERPTO)

Continuação

Offereçam-lhe o amor com as suas immensas ternuras; colloquem-lhe ao lado uma creatura que lhe seja imagem do ceo na terra; coroem de gloria aquelle espirito ardente; illuminem-o com a arte; deem-lhe o pincel que produza *Madonas della sedia*, o escopro que arranque do marmore *Apollos* e *Laocoontes*, o estro que desentranhe da imaginação *Eneidas* e *Jerusalens;* e nem amor, nem gloria, nem arte lhe satisfarão completamente a ancia que dentro da alma lhe sonha com o infinito. De aquelle vacuo lhe vem o desejo do bem quando está mal, do mal quando está bem, e por ultimo o cansaço quando já está saciado e ainda se sente insaciavel.

O que o homem sente, sente-o a humanidade e sentiu-o o mundo romano.

Se hoje, com dezenove seculos de regeneração moral, com a vida da liberdade, com a lucta das discussões, ainda o monopolio prevalece contra a justiça, se o mundo ainda n'este momento é o inimigo do mundo, que não seria quando só a força imperava? quando a qualidade de pequeno era um titulo legitimo de inferioridade legal? quando faltava ao mundo o coração da humanidade?

Não era só o predominio do despotismo politico, era sobretudo a oligarchia humana; em termos mais claros: uns poucos de livres e de ricos subjugando milhões de humildes e de escravos. Era o despotismo social completando o despotismo politico. Sobre o oceano da humanidade navegava uma nau, chamada a *Tyrannia*; tinha por piloto um despota, e por marinhagem os cumplices que exploravam em todo aquelle oceano as riquezas que elle enthesourava.

Sobre dominar o despotismo social, o mundo romano delirára positivamente, pois que não era senão delirio aquelle caminhar da carne sobre o espirito.

Então a humanidade, fatigada do delirio como fatigam todos os delirios, conheceu que necessitava de descanço. Entre-sonhou que devia haver uma existencia mais nobre do que a sensualidade em que até ali vegetára. Sentia-se gelado d'aquelle immenso inverno, e desejoso de uma nova reflorescencia Anceava por cousas a que não sabia ainda dar nome, e que se haviam de chamar pureza, perdão, caridade, pudor, benevolencia. N'aquelle deserto em que se achou sequiosa despontou-lhe no horisonte uma luz, e, como o cego a quem fossem caindo as nevoas sem ainda comprehender a formosura que o esperava, entreviu a claridade de que havia de romper o sol da justiça.

Era o amor que tinha faltado ao mundo, e no amor o poema do bello. Jesus appareceia então como o grande artista da belleza moral.

A belleza moral, o amor, foi a proclamação da fraternidade universal, e com ella a semente da liberdade universal, porque, desde o momento em que todos os homens são irmãos, todos os irmãos são igualmente livres.

Continua D. ANTONIO DA COSTA

O CHAPEO BRANCO

Continuação

N'aquelle tempo, porém, a classe dos caixeiros era uma classe desgraçada. O caixeiro era um pária, era um ser sem nome, um ente desprezivel. Victimas d'insupportavel tyrannia da parte dos patrões, não lhes era dado ter outras aspirações que não fossem as de darem o seu tempo amarrados ao balcão, em uma submissão d'escravos; não tinham vontade propria; eram uns manequins nas mãos dos patrões, que ás vezes os tratavam com um desdem de metter dó.

Hoje um caixeiro fuma, usa bigode, vae ao theatro. Mas n'aquelle tempo! Isso sim! Desgraçado d'elle se em um domingo em que obtivesse licença do patrão para sahir a passeio, se demorasse por fora depois do toque de Ave Marias! E se alguem o ia accusar ao patrão de o ter visto entrar para um botequim! Estava servido se em vez de ir á Lapa, ou ao Carmo, visitar o Santissimo, que era para o que obtinha licença de sahir, ao domingo de tarde, elle ia ver o *Pedro Sem* ao theatro de Liceiras! Era contar que, se o patrão o soubesse, estava ali e estava no andar da rua. E, o que é mais, não encontrava nova arrumação.

Estes desgraçados, no entanto, submettidos a um jugo contra o qual se revoltava a sua consciencia de homens, reagiam no intimo e não deixavam de aproveitar a ocasião, mal ella se lhes apresentava, de livrar-se da tyrannia insupportavel que os torturava. A suprema aspiração d'um caixeiro d'aquelles tempos era entrar para uma casa cujo patrão tivesse uma filha, casar com esta, ter interesse no negocio e vir mais tarde a ficar com a loja do patrão.

Dizer isto equivale a dizer que para casa de Francisco do Nascimento entraram em grande quantidade os caixeiros com o fito na mão de Alexandrina. Mas a verdade manda tambem que se diga que nenhum conseguiu ver os seus esforços coroados de melhor exito.

Alexandrina não se sentia inclinada para os caixeiros, pela maior parte rapazes desgraciosos e lorpas, e posto para o negociante mais aferrado aos seus principios o melhor genro a tomar, o marido mais conveniente para dar a uma filha, seria sem duvida um rapaz educado nos principios da ordem, da economia, da pacatez, como eram todos os caixeiros portuenses da epoca a que nos estamos referindo, Nascimento não interferia na questão e deixava que sua filha escolhesse o melhor marido que lhe conviesse, fosse elle de que classe fosse.

Alexandrina teve varios amores. Dous ou tres caixeiros, a nata dos caixeiros do Porto, o guarda-livros d'uma casa ingleza, um estudante de preparatorios, um alferes de linha, o filho de um negociante de cabedaes da rua dos Pelames, etc., etc. Mas aquelle com quem manteve relações mais duradouras foi um joven advogado, filho d'um desembargador da relação, rapaz de maneiras distinctas, de figura elegante, emfim um rapaz a todos os respeitos digno de ser seu esposo.

Duraram estes amores cerca de tres annos.

Demonio! Um rapaz com tão boas qualidades, tão digno de ser genro de Francisco do Nascimento, e não se effectuar logo um enlace tão auspicioso? Que difficuldades se oppunham ao casamento? E' o que vamos ver.

José Maria de Miranda e Vascon-

cellos se chamava o desembargador da relação, cujo filho, Henrique de Miranda, requestava a joven Alexandrina, da rua da Bainharia. Era o magistrado um homem cheio de basofia, um fidalgo antigo, grande amigo dos frades e que na rigidez de principios dizia tomar por norma o grande ministro de D. José I, com quem se dizia até um pouco aparentado pelo lado da mãe.

Todo cheio da sua nobreza, entrincheirado nos seus pergaminhos, não seria elle por certo quem de bom grado desse o seu consentimento para um enlace tão pouco honroso como o de seu filho com a herdeira dos burguezes, honrados sim, mas extremamente plebeus da rua da Bainharia.

Quando elle soube dos amores de Henrique, mandou-o chamar ao seu quarto e em termos asperos o admoestou a que abrisse mão áquellas relações, que nada o honravam, nem á sua familia. Henrique pretextara que não passava de puro divertimento aquelle namoro, que d'um momento para o outro acabaria, porque o coração em nada entrava no negocio.

Continua — JORGE DE MACEDO

DOWLETABAD

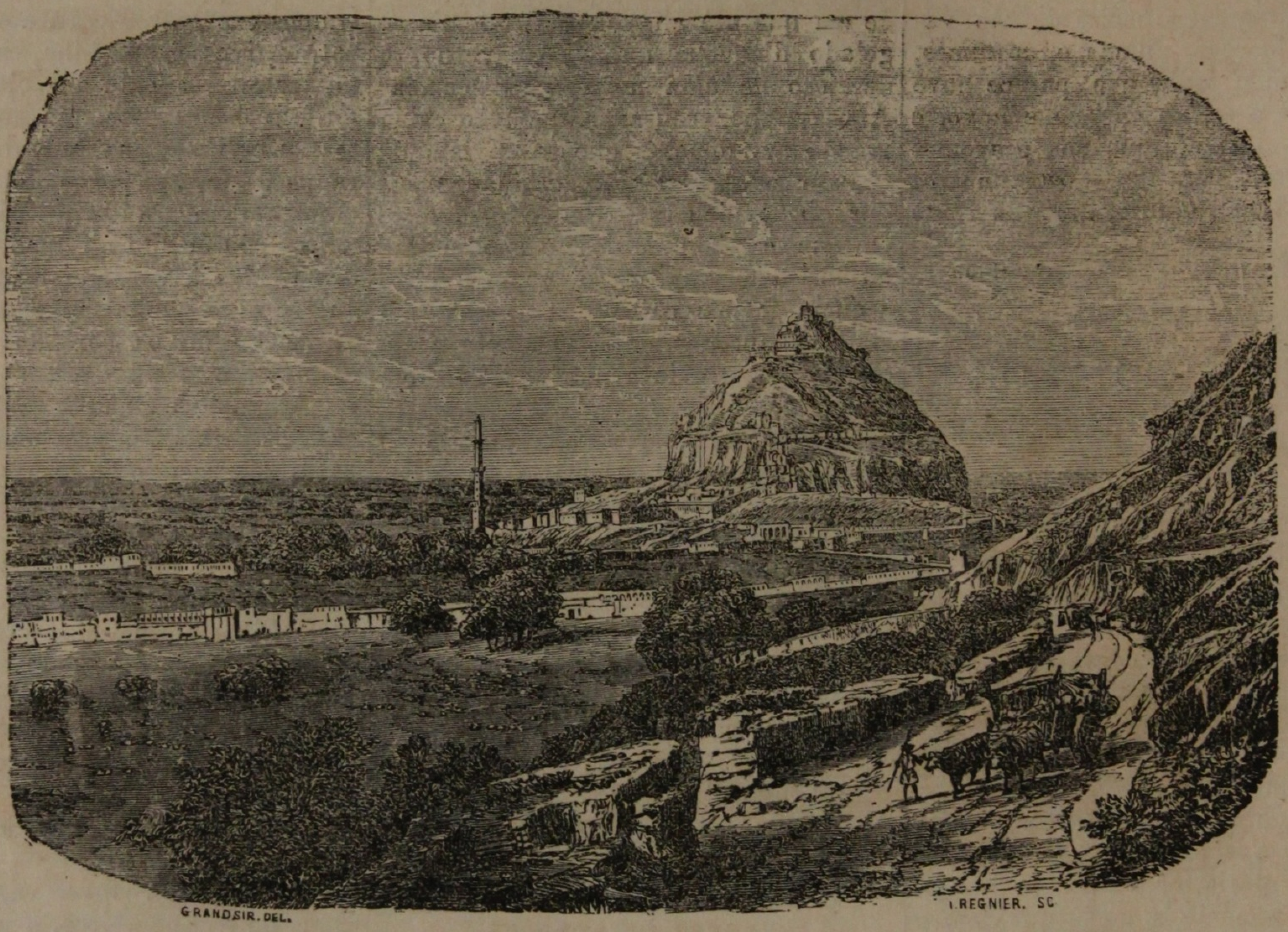
Dowletabad, em hindu *Déoghir* e na nossa lingoa *Cidade feliz*, é uma cidade do Indostão inglez, na antiga provincia d'Aurengabad.

Os inglezes, que não são homens que se illudam com as manifestações de affecto dos povos por elles esmagados e explorados mercantilmente, teem ordinariamente, para acrisolar o amor dos subjugados, custosas e potentes machinas de guerra.

A fortaleza Dowletabad, que a nossa gravura representa, é um dos taes brindes, com que a britanica gente mimoseou o indigena, que não sabe como manifestar-lhe a sua muita gratidão.

No meio d'uma vasta planicie, formosa, cheia de juncaes, ergue-se um morro, que os inglezes fortificaram e tornaram inexpugnavel. Mil peças de grosso calibre, por todos os lados mostram as suas profundas fauces, repletas de sorrisos amaveis para os naturaes.

O indigena tem algumas vezes, raras, sentimentos de revolta contra o paternal governo dos seus senhores; mas o inglez faz-lhe notar a sua ingratidão, fusilando alguns milhares e a população detem os seus allucinados movimentos e recomeça a aspirar o veneno, que, com tanto carinho, a Companhia das Indias lhe destilia.



FORTALEZA DE DOWLETABAD

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

III

POBRE!

Que linda é a primavera! Como as flores desabrocham os seus calices, cujo aroma embalsama o ar!

Como o sol é bello!

Como o ceo é azul!

Como as mariposas brancas, doidas, andam saltitando de flor em flor!

Como os passaros cantam alegres!

Como tudo respira vida!...

Só em casa de André Bazilio tudo é mudo, tudo denota tristeza!

E' que está chegando o velho usurario á hora fatal!

E' que esse momento solemne, da transição da vida para a morte, não tarda que surja!

No seu antigo leito de pau preto repousa o velho usurario sem acordo.

Uma paralysia o havia fulminado.

Sem rasão, sem movimento, ha oito dias que assim vive aquelle *morto*.

Quando uma syncope mais demorada veio avisar Alvaro e a velha Lourença de que era chegada a hora fatal, ambos se sentiram commovidos.

O pobre velho não podia fallar. Os

seus olhos já não viam, não se podiam mover. Foi no dia 3 d'abril que elle deixou de existir.

Os funeraes modestos, quasi pobres, que teve André Bazilio vieram desnortear um pouco o povo, que o suppunha millionario.

E' que Alvaro, quando seu padrinho partiu para não mais voltar, abriu aquelle precioso armario que suspeitava encerrar uma quantia enorme, e achou-o varrido, vasio de todo.

Então as suas illusões desvendaram-se: estava pobre! Em uma das gavetas da escrivaninha encontrou algumas libras e papeis sem importancia.

Com esse pouco dinheiro fez as despezas do enterro escasso, do velho que todos julgavam rico!

Estava morto o futuro que Alvaro tinha sonhado! Emilia, ao receber a noticia, ficou assombrada!...

Ninguem sentiu a morte de André Bazilio porque todos lhe chamavam o *mao homem*.

Só Alvaro, ao vêr que ficava sem protecção, sentiu as faces orvalhadas de pranto sincero. Só elle sentiu a morte do pobre velho!

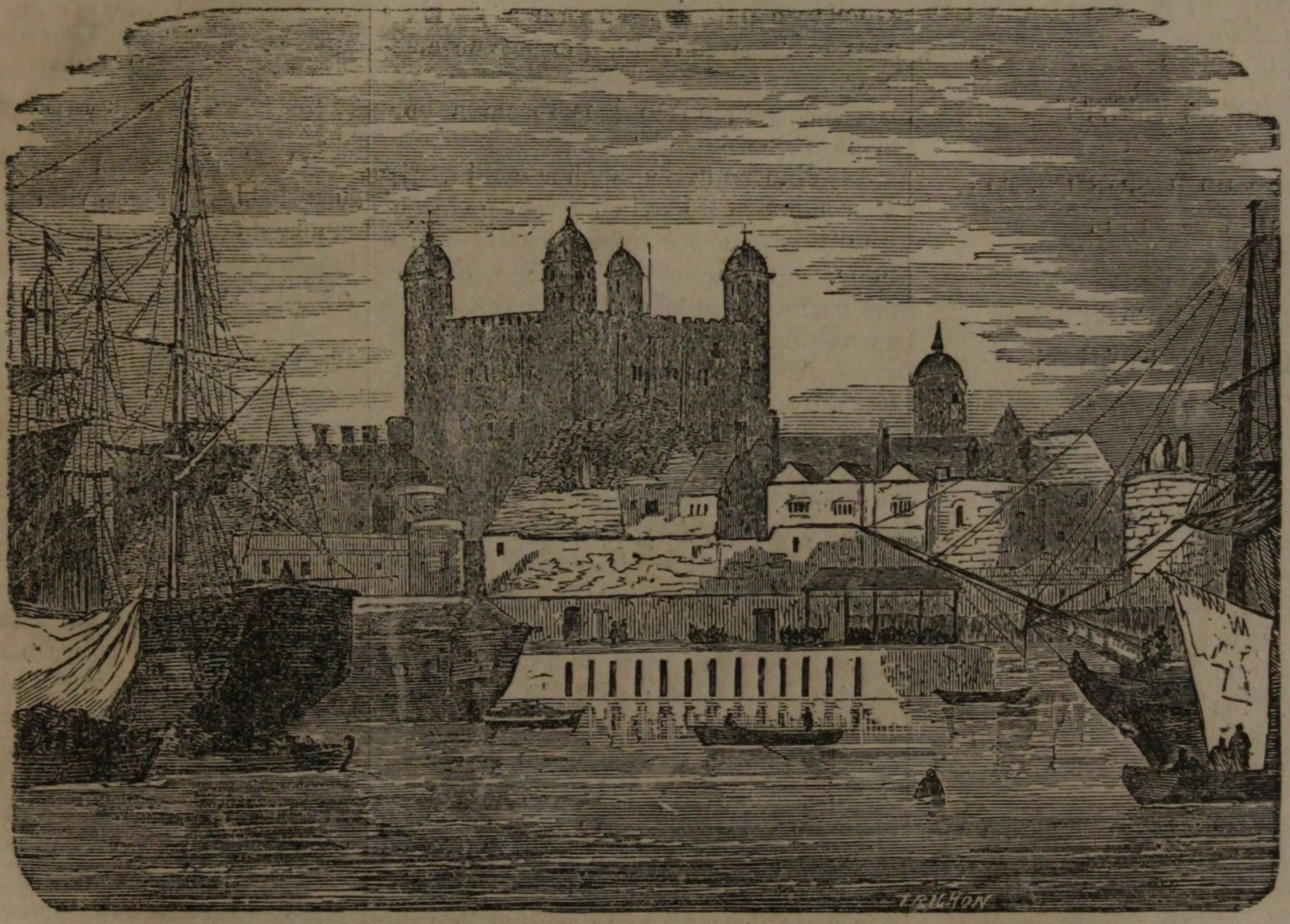
Pois elle, que sabia que seu padrinho era possuidor de enormes cabedaes, não encontrava agora senão papeis sem importancia, apontamentos de antigas transacções!

Ai, pobre Emilia! Que de lagrimas tens chorado ao vêres morto o teu futuro que sonhaste tão feliz! Ai, pobre Alvaro, como tão depressa findou aquelle ancear de felicidade! Como em um momento se desfizeram, se apagaram as tuas crenças no porvir!... O mundo de venturas que ambos haviam sonhado, estava agora ahi desfeito, morto!

Até, infeliz mancebo, só te restava como herança aquella casa velha, arruinada, em que vivias.

As outras propriedades tinha-as Bazilio vendido dias antes de ser acommettido da molestia que o matou.

Continua EDUARDO VÉRAS



TORRE DE LONDRES

A TORRE DE LONDRES

—

A torre de Londres é o mais antigo e mais celebre monumento da capital da Inglaterra.

Quer a tradicção que os primeiros fundamentos sejam devidos a Julio Cesar. O que é certo é que tudo que hoje resta do edificio é da epoca normanda.

A torre compõe-se de duas partes, duas massas de edificios distinctos. A parte interior comprehende o castello geralmente chamado a *Torre Branca*, galerias, habitações dos reis, jardim da rainha, etc. Esta parte é defendida por doze torres.

O exterior é composto de ruas e varias obras defensivas, protegidas por diversas torres tambem.

A Torre Branca, a parte mais antiga, foi mandada construir pelo Conquistador, sobre os planos de Gondolpho, bispo de Rochester.

A Torre de Londres tem sido ao mesmo tempo uma cidadella para defender a cidade, um palacio real, uma prisão do Estado para os criminosos mais perigosos, um arsenal de guerra, um thesouro das joias da corôa e o deposito geral dos archivos judiciarios do reino.

Foi a habitação dos antigos reis; muitos tiveram ali a sua elevação e muitos tambem a sua queda; alguns a sua morte.

Ali estiveram presos varios monarcas e outros personagens celebres; o poeta Chaucer compoz n'aquella prisão o *Testamento d'Amor*.

Como prisão do Estado, a Torre de Londres tem uma historia muito longa. Hoje não é mais que um museu e um arsenal.

Possue uma collecção historica de armas muito completa. O arsenal conta duzentos mil armamentos e equipamentos modernos completos.

As riquissimas joias da corôa são actualmente o attractivo objecto de especial curiosidade dos viajantes e sobre tudo das mulheres.

EM UM ALBUM

—

Leonor, queres um beijo,
Puro, repleto d'amor?
Deixa ver a tua face
Cheia de mimo e frescôr.

Ora vá; um beijo só,
N'essa face tão mimosa,
Não desbota, nem desmaia
Tua linda côr de rosa.

Tremes! Escondes o rosto
Com tanto pejo e rubor!
Se beijos dessem a morte,
Quem viveria, Leonor?

Luiz de Mesquita.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS

II

RECEPÇÃO

Continuação

Desci a fazer menção d'estas bagatellas, para que se veja que, se bem contra o espirito liberal da epoca, eu seguia o costume de receber debaixo do docel as felicitações d'aquellas boas gentes, em compensação ficaria aquelle anno sem vinte mil duros de renda.

Para o criterio de qualquer homem pensador, este rasgo seria uma loucura, porém uma loucura de transição. Não tinha eu gasto em Paris, Veneza e Napoles, mais de meio milhão de pesos em comprar rosas para o meu gabinete? Pois d'esta loucura, a derramar vinte mil duros entre os habitantes de minhas terras, loucura por loucura, uma faria desapparecer a outra aos olhos de Deus.

Eu felicitava-me interiormente por este rasgo de caridade, porque este sentimento se evidenciava em mim, ainda que tarde, certo e altamente beneficioso. Além d'isso, para que queria eu dinheiro, se morria sem deixar mulher e filhos? Para o dissipar, como eu até ali, algum parente que nem ao menos conhecia? Tambem ainda me ficavam seis milhões em papel do Estado, e com a sua renda e a renda do Condado podia assegurar a de mais de quarenta mil duros ao anno, que, talvez, *nenhuma pessoa só teria na Galiza.*

III

A MISSA

Quando toda aquella gente que occupava o grande salão do palacio comprehendeu a *graça* que eu acabava de lhe fazer, não podia conter a sua immensa alegria. Quantos vivas! Quantos elogios! Aquillo parecia um paraiso.

Sahi enternecido do salão, e encerrado no meu gabinete, saboreava a minha boa dita de sentir sensações nermaes, que até ali não tinha sentido, e recordava-me de minha mãe, não já com receio, mas com lagrimas do praser mais puro.

Davidson entrou.

—Senhor conde, me disse, os criados e os caseiros, agrupados á porta da capella do palacio, esperam a V. Ex.ª para a missa cantada, que se vae celebrar.

—E porque não lhes abrem a porta para que entrem?

—Não pode ser, senhor conde, disse o capellão do palacio; não pode entrar ninguem até que, segundo o costume, entre primeiro V. Ex.ª, conforme certo ceremonial que elle explica e eu não entendo.

—Ah, sim! recordei; effectivamente, antes tenho de entrar e receber a benção... Vamos lá.

E sahi do gabinete.

Meus avós não tinham tribuna na capella do palacio, porém sim uma porta no grande terraço que dava para o portão, d'onde irrompia uma escada que terminava no recinto sagrado. Aquella escada servia somente para os condes de Amaral; os criados e o publico entravam pela porta principal.

Cheguei ao terraço e um criado esperava-me com a chave collocada na fechadura da porta. Ao ver-me, abriu respeitosamente e desci como *homem* á morada de Deus, pelos mesmos degráus por onde descera como *menino* com minha mãe.

A capella estava deserta, porém profusamente illuminada.

Ao baixar da escada e ao pôr o pé na capella, dirigiu-se para mim o capellão do palacio, vestido com alba sem manipulo e com estolla.

Parou em frente, como para me receber, e lançou-me a benção.

Em seguida entregou-me o hissope para tomar agoa.

Eu estendi a minha mão tremula e pronunciei as seguintes palavras segundo o ritual:

—Por esta agoa benta, que tomo, me sejam perdoados todos os meus peccados e offensas feitas a Deus, se elle assim m'o permittir.

O capellão respondeu-me gravemente, conforme a formula:

—Assim seja.

E depois caminhou para diante, para o presbyterio, e eu segui-o para ir occupar o *tronco de geração*, ou banco senhorial de meus avós maternos, que ficava proximo do dos celebrantes.

Uma vez sentado no meu logar, abriu-se a porta da capella e penetrou a criadagem, os caseiros, arrendatarios, foreiros, etc., occupando a nave da egreja com a maior ordem; porém, perdoe-lhes Deus, pois que desde o primeiro até ao ultimo, olhavam mais para mim do que para o altar.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

—

VII

OPTICA

Continuação

O calculo provou que os eclipses das luas de Jupiter estavam a menor distancia da terra; no entretanto essa distancia varía á medida que a terra está menos perto de Jupiter.

A luz passa livremente através do ar, a agoa, o vidro, os lados e os humores do olho e outras substancias transparentes; mas a côr transmittida é a dos corpos transparentes.

Por detrás do olho ha um tecido de nervos chamado nervo optico, destinado a receber a impressão e a communical-a ao cerebro. Os raios passam através d'uma pequena abertura chamada pupilla e formam sobre o nervo optico uma pintura perfeita do objecto collocado diante dos olhos. A *camara escura* opéra segundo o principio dos olhos, e um binoculo, ou oculo de theatro, produz os mesmos effeitos posto a uma certa distancia d'um muro.

Comtudo, sem deixar de ser certo que a luz passa em linha recta através de todo o meio, experimenta um desvio de caminho todas as vezes que penetra obliquamente d'um corpo transparente em outro; é a este effeito que se chama retracção.

Lance-se obliquamente uma pedra na agoa; é evidente que cahirá no fundo em uma direcção mais perpendicular do que em antes do seu contacto com a agoa. Tal é tambem o effeito dos raios da luz quando passam através da agoa ou d'um outro corpo transparente.

Para verificar e tornar palpavel este principio, basta pôr uma peça de dinheiro, uma moeda qualquer, dentro de um copo vasio e collocar-se a gente a certa distancia, a uma distancia que não deixe ver a moeda. Em seguida lance-se agoa no copo e a moeda tornar-se-ha vizivel. Isto procede da re-

fracção que experimenta a luz ao passar pelo ar na superficie da agoa.

O crepusculo, o affastamento dos astros, estimação falsa da altura d'esses corpos, são phenomenos da refracção.

Reflectem-se as particulas da luz na superficie de cada corpo em que ella pousa em um angulo igual áquelle em que ella cae sobre a superficie, como uma balla lançada sobre o solo ou uma pequena pedra lançada na agoa.

A propriedade da refracção conduziu o homem á construcção de meios, de forma tal, que todos os raios que recebem se reunissem em um ponto, em logar de caminharem direitos para a frente.

As superficies que dão este resultado são convexas, e todos os raios de luz que cahem sobre a superficie convexa d'um vidro, etc., convergem do outro lado em uma serie de pontos correspondentes representando os objectos de que procede a luz.

Taes são os telescopios e vidros chamados lentilhas, ou lentes d'oculos.

E' facil adquirir duas ou tres lentes de differentes graos de convexidade, com as quaes se podem fazer numerosas experiencias.

Continúa — Doutor Jayme

A MULHER

Conclusão

Primeiramente as mães costumam principiar por estudar as qualidades d'aquelles que podem trazer aos seus corações muitas felicidades ou desgraças e depois ensinando a esses seus pedaços d'alma certos principios, por meio dos quaes é certa a sua gloriosa reputação de boas filhas e donzellas honestas: qualidades de subidissimo preço perante Deus e os homens. Porque, creiam as minhas estimaveis leitoras, a modestia, honestidade e comedimento de acções, sempre foi, é e ha de ser o principal e mais precioso ornamento da mulher. E mal vae áquella que segue outra norma de vida: julgando alcançar a triste celebridade de mulher da moda, encontra mas é a sua desgraça e o desprezo da sociedade seria. Agora, minhas presadissimas senhoras, emquanto ouvem as sabias prelecções de suas mães, educando-as em tudo quanto tende a conservar a sua honra e dignidade immaculada, hão-de-me permittir que vá prescrutar os seus virginaes corações, e que desentranhe de lá alguns pequenos segredos e sensações agradaveis que se dão quando amam.

Não creiam que o resultado das minhas indagações lhes ha de fazer subir o rubor ás faces. Não; porque, sendo como são uma obra tão perfeita da natureza, de certo que nada encerrarão em si que não possa ser contado. Posto isto, vou começar a cumprir a minha promessa, surprehendendo-as já n'esse logar de repouso, onde os despreoccupados mortaes dormem tranquillamente, e V. Ex.as muitas vezes velam, relembrando mentalmente essas provas de extraordinario affecto e humilde vassallagem, que constantemente lhes teem dado e continuam a dar aquelles que escolheram para idolos das suas adorações.

Não me admira, minhas senhoras, que n'estas considerações gastem noites inteiras; não me admira que as suas phantasias n'essas horas de repouso criem novos mundos de suprema felicidade. Tudo isso é justo, porque é proprio da mulher que ama e se vê amada.

E será só ás horas do alto silencio que V. Ex.as se occupam n'estes trabalhos, cujo movel é o amor? Não. Muitas vezes, em pleno dia e no meio dos mais agradaveis divertimentos, são tambem encontradas, não ao tomar essa parte alegre e distractiva que tomam os outros, mas sim a mirar docemente os objectos dos seus sonhos d'ouro.

E quando isso não é possivel, então são vistas com muita tristeza e recolhimento a enviar-lhes muito do amago do coração uns suspirosinhos cheios de ardente amor, que, levados pelo vento, lá vão até ás suas moradas.

Vou me calar, deixando-as encaminhadas para o templo de Deus, afim de legalisar esses contratos que teem permittido a suas mães representar um papel muitissimo importante cá na terra

Barbosa Travessa

O ESCRAVO MALDITO

II

Continuação

Havia algum tempo que assim estava quando a um lado da casa appareceu Cecilia.

—E' agora, disse ella involuntariamente.

Cecilia aproximou-se d'elle e parou á sua frente. Depois de o fitar por instantes, cahiu-lhe aos pés, banhada de lagrimas e exclamando com voz meiga:

—Meu pae! Porque está tão triste? Ha tantos dias que anda assim! Ha tantos dias que não me beija!...

—Deus te perdoe, Cecy, como eu te perdoei, proferiu Rodrigo beijando-a na testa.

—Perdoar-me? Pois eu fiz algum mal para o meu pae me perdoar? interrogou Cecilia espantada como que se em sua mente acordasse a ideia de um crime ignorado.

- Perdoei-te, filha, porque tu não és culpada da morte de teu irmão; elle é que foi um doido!...

—Da morte de meu irmão? Mataram-o por minha causa?

Rodrigo, assim interrogado, ficou confuso e sem saber o que responder. Elle julgava que Cecilia se via culpada no desastre que lhe roubou o filho; porém, pelas palavras que lhe ouviu pronunciar conheceu que estava em erro e por isso a sua hesitação na resposta que devia dar.

Em quanto coordenava uma ideia qualquer para a offerecer como balsamo consolador a sua filha, esta, mudando o seu ar melancolico para aquelle que exprime o desespero e anciar concentrado do coração que soffre, perguntava novamente com voz supplicante:

—Meu pae! Eu sou criminosa? Oh! diga-m'o, que o meu coração me estala no peito! Meu pae!...

—O que é isso, Cecy! O que tens? Eu não te disse nada.

—O meu irmão...

—Ah! sim, o teu irmão... foi um louco!... Prouvera a Deus que elle estivesse innocente!... O Caxibache!... sim, foi o Caxibache que o assassinou!

—O Caxibache? interrogou Cecilia assombrada.

—Sim, o Caxibache... ao jogo... Tu não sabes que elle jogava?...

—Sergio jogava?

—Não, filha; o Manduca inglez.

Quando Rodrigo proferiu o nome do desgraçado agronomo, Cecilia soltou um grito estridente e cahiu convulsa em seus braços. Aquelle nome e aquella revelação feita por seu pae soaram-lhe aos ouvidos como uma maldição tremenda.

III

Triste, de apparencia gelada, indifferente a tudo o que se passava em derredor de si, e como que embebida em uns pensamentos intimos, Cecilia assim andou por muito tempo. O seu coração, que ainda ha pouco pulsava com alegria sorrindo a tudo que era bello, batia-lhe agora contra o peito umas pancadas doloridas que lhe acordavam por vezes o choro amargo da desventura.

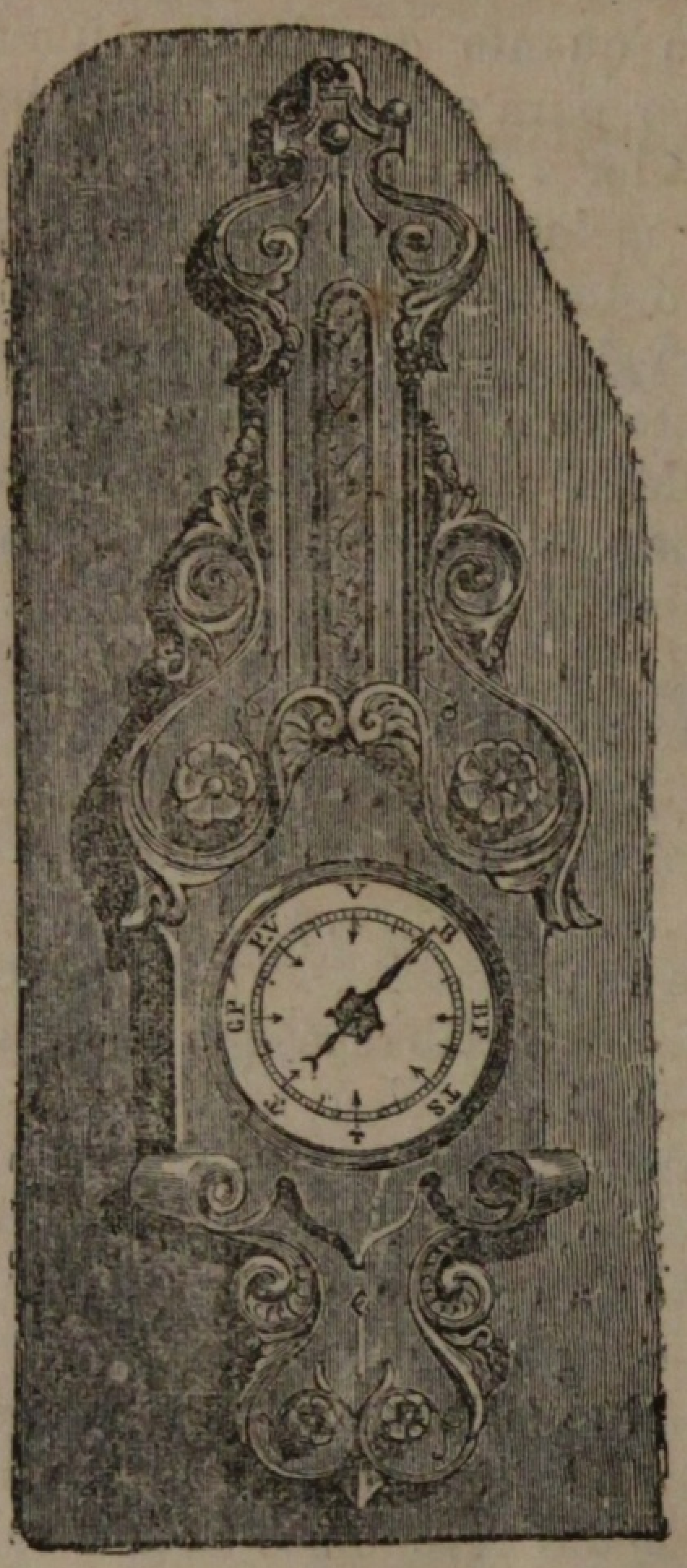
Pelo seu mimoso rosto, cavado e abatido, de uma bellissima pallidez, apparecia quasi sem interrupção esse ar revelador das tempestades d'alma que tão tristes signaes deixam por onde passam.

Rodrigo de Mendonça, não menos triste do que ella, via-a assim desanimada, e, como quem busca afugentar um mau pesadello, passava os dedos pelos seus cabellos brancos, que dia a dia se lhe punham mais de neve. Não ousava fallar-lhe: o bom ancião tinha me-

do de com suas palavras ir aggravar os padecimentos moraes da desconsolada creança.

Continua NUNO RANGEL

ERRATA. No numero passado, no principio do segundo capitulo d'este romance, onde se lê «A quatro legoas» leia-se «A quatorze legoas».



BAROMETRO

BAROMETRO E THERMOMETRO

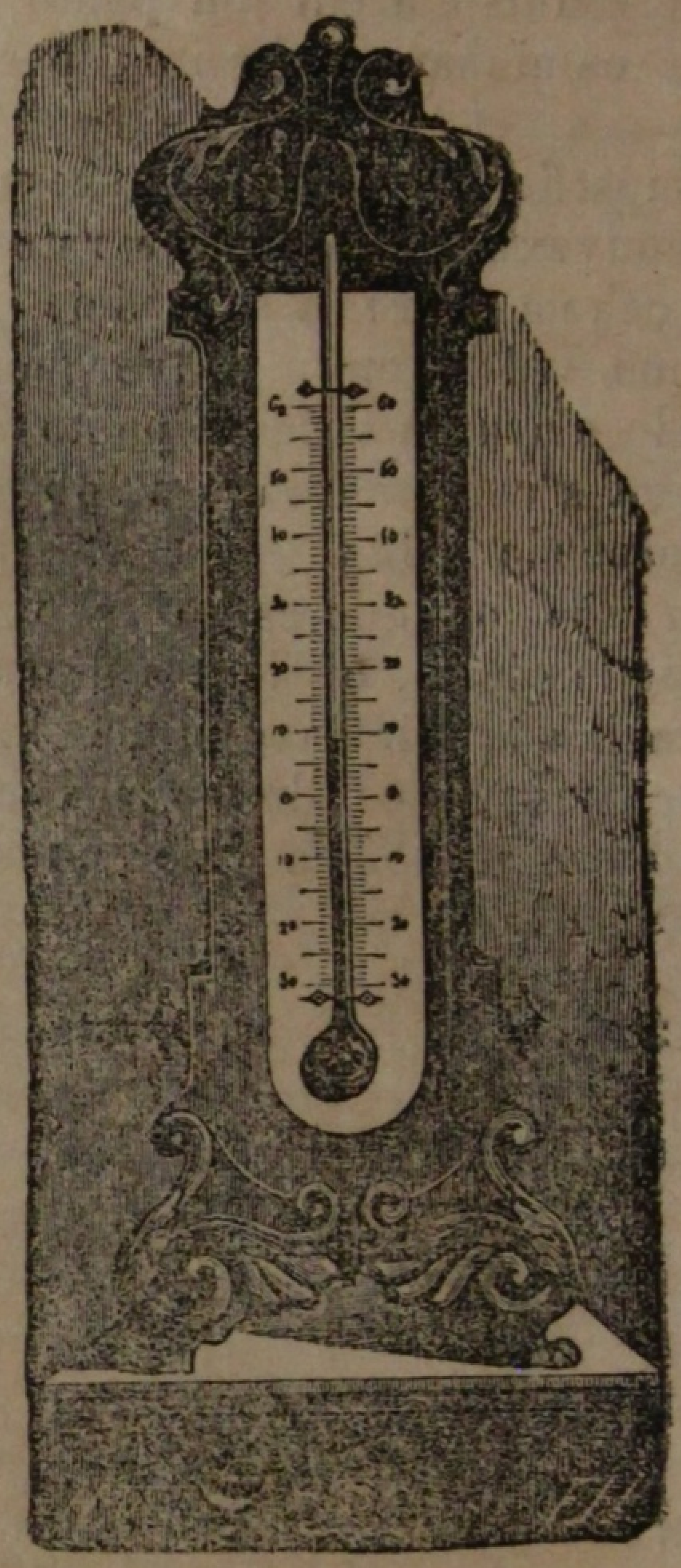
Pensaria erradamente quem suppuzesse que o fim essencial do barometro é prever as mudanças de tempo. Esta applicação do instrumento é de somenos importancia e pouco tem de scientifica. O verdadeiro fim do barometro é apreciar a pressão ou peso do ar, e medir as modificações continuas que se produzem com essa pressão.

O barometro serve tambem para medir a altura das montanhas. Com effeito, diz Figuier, quanto mais ultrapassarmos o nivel do mar, tanto menos pressão exercerá a columna de ar, porque a sua massa fica sendo menor. Por conseguinte o barometro, que traduz a pressão do ar, tambem serve para medir a altura dos logares. E este é realmente um grande serviço prestado pelo instrumento de que fallamos.

Pelos mesmos motivos serve o barometro ao aeronauta para saber a altura em que se encontra o seu balão. Quando este sobe, o mercurio do barometro baixa; quando aquelle desce, o mercurio sobe: o aeronauta, olhando para o barometro, sabe se o balão sobe ou desce.

O thermometro, destinado a medir as variações do calor, é de invenção moderna, pois que os principios em que se funda a sua construcção e uso, pertencem á physica pura, sciencia absolutamente ignorada pelos antigos.

Foi nos primeiros annos do seculo XVII, epoca de verdadeira creação das sciencias physicas, que se construiu o primeiro thermometro. Cornelio Drebbel sabio hollandez, fallecido em 1634, foi o inventor d'este instrumento, do qual se fez uso pela primeira vez na Allemanha no anno de 1621.



THERMOMETRO

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 78, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura póde ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

ZIG-ZAGS

PRESERVATIVOS DO RAIO

Escreve um auctor antigo que o loureiro e a figueira nunca são feridos pelo raio, assim como são preservados d'elle a pelle da hyena e a videira branca. Por tal motivo, diz o mesmo auctor, os pilotos guarnecem as velas de seus navios com esses objectos, para que, fulminadas do raio, não sejam queimadas e consumidas. Com taes preservativos se fortificava o imperador Octavio contra a violencia do raio, e igualmente Tiberio Cesar tomava o loureiro por defensor, coroando a cabeça com elle, porque estas plantas não somente escapam á violencia do raio, mas tambem são dotadas da virtude de repellirem a sua injuria.

—

O HOMEM

Que é o homem, pergunta o nosso padre Fr. Antonio das Chagas, senão fabula da infelicidade, theatro da fortuna, exemplo de fraqueza, imagem da inconstancia, espelho da corrupção, breve despojo do tempo, escravo da morte, cadaver animado, sepulchro movediço, fragil simulacro, tumulo loquaz, ataúde com voz, sonhada sombra, e morte viva?

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 2 DE MARÇO DE 1882 — NUMERO 79

SUMMARIO

Texto:— D. Gualdim Paes — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Carmo (poesia) por Eduardo Véras — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Oceania — O palacio ducal de Nevers — Sciencia para todos: Optica, por Doutor Jayme. — O valle de Goldau — Hespanholadas (poesia) por Alberto Corrêa — O conde d'Amarante (romance) — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — Aurora do amor (excerpto) por D. Antonio da Costa — A cavallaria, por Heliodoro A. Salgado — Arago — Zig-Zags: Vantagens de ser mulher — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— D. Gualdim Paes — Palacio ducal de Nevers — Valle de Goldau — Arago.

D. GUALDIM PAES

D. GUALDIM PAES

—

Nos principios da monarchia portugueza, quando tudo respirava o sentimento da nacionalidade, cujos fundamentos apenas haviam sido lançados em Ourique, não faltaram os nobres paladinos da nossa independencia. Foi um d'elles o heroe da nossa gravura.

D. Gualdim Paes nasceu no anno de 1118 em Marecos (hoje Amares), perto de Braga. Era de nobre estirpe. Foi creado junto com D. Affonso Henriques, que o armou cavalleiro no campo d'Ourique. Alistou-se na ordem do Templo e partiu com uma cruzada para a Terra Santa. Na volta foi nomeado grão-mestre d'aquella ordem, para a qual edificou em Thomar, sede dos Templarios, o forte castello ainda hoje conhecido pelo nome do fundador.

Em Braga tambem ha uma rua denominada de D. Gualdim. Crê-se que esteve ali algum tempo a casa da ordem do Templo.

Foi D. Gualdim o modelo dos heroes d'outros tempos. Combateu valorosamente ao lado de D. Affonso Henriques, tomando uma parte muito brilhante nas conquistas de Lisboa e de Santarem. Mas o que dá a medida do seu valor é a heroica resistencia que oppoz ao rei de Marrocos, Aben-Joseph, quando no anno de 1190 atacou o castello de Thomar, á frente de quarenta mil homens de cavallo e cincoenta mil infantes.

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

O desembargador, convencido de que seu filho, um fidalgo dos quatro costados, não podia mentir, contentou-se com estas rasões, e mandou o filho embora, depois de o admoestar e de o fazer jurar sobre um volume da *Historia Genealogica*, leitura sua predilecta, que tudo aquillo era verdade.

Alexandrina soube da entrevista que o amante tivera com o pae, e a primeira vez que o viu lançou-lhe tudo em rosto. Respondeu o mancebo que a resposta que dera ao pae fôra simplesmente uma desculpa, que a amava, que a amava ardentemente, que nunca deixaria de a amar, que havia de casar com ella acontecesse o que acontecesse, desse por onde desse, ainda que para isso tivesse que incorrer no desagrado do pae. A simples donzella acreditou quanto Henrique lhe disse, e julgando que o sacrificio a que elle se impunha por sua causa, era digno de uma recompensa, senão maior, pelo menos igual, protestou-lhe que igualmente havia de ser sempre sua, ainda que lhe fosse necessario ir d'encontro á vontade paterna.

—D'esse lado, disse Henrique, parece que nada temos a receiar. Teu pae não olha com maus olhos o nosso amor.

—Até aqui assim tem sido, respondeu Alexandrina. Mas eu desconfio, por uns monosylabos que o vi trocar com o guarda-livros, que elle sabe do juramento que tu fizeste a teu pae, e é possivel que tal conhecimento o faça mudar de opinião.

—Parece-te isso?

—Isto são apenas desconfianças minhas. Notei que meu pae e mais o Vieira fallavam a teu respeito e se calaram mal eu entrei. Foi quando iamos cear.

—Sabes uma cousa, Alexandrina? disse o bacharel. E' que embirro muito com o tal Vieira. Aquelle homem não o consentia eu em casa.

—Isso é uma injustiça da tua parte. Além de ser quasi da mesma idade de meu pae, o que é motivo para eu o respeitar, viu-me nascer e trouxe-me muitas vezes ao collo, pelo que me tem uma grande affeição. Acredita que ninguem mais do que elle deseja a minha felicidade; elle e meu pae são os maiores amigos que conheço.

—E eu? disse Henrique.

—Ah! Tu, respondeu Alexandrina dando uma pequenina risada; tu, é differente.

Separaram-se os dous amantes e a melhor harmonia ficou reinando entre elles.

Esquecia-nos dizer que os seus colloquios e entrevistas tinham logar ás noutes por uma sacada que dava para a Biquinha.

Não será mau dizermos agora alguma cousa ácerca do dialogo que tivera logar entre Francisco do Nascimento e o seu primeiro caixeiro e a que Alexandrina alludira, como vimos.

Havia tocado a campainha; eram pouco mais de Ave-Marias; José Vieira dos Santos subiu ao terceiro andar, onde estava a sala do jantar, e ahi encontrou já o patrão, sentado á mesa. Nascimento fez-lhe signal e Vieira tomou assento ao seu lado. Do outro lado da mesa estava o assento d'Alexandrina. Como era natural, a criada ia a trazer a ceia; mas Nascimento disse-lhe que esperasse que a menina viesse.

—A menina ainda tem demora, disse a criada. Anda tão entretida com o seu bordado, que não quereria comer, nem dormir...

—Não importa, interrompeu o patrão. Nós esperaremos.

E, mal a criada saiu, Nascimento voltou-se para o caixeiro e disse-lhe:

—E que lhe parece o que me disse o compadre Sequeira a respeito do desembargador? E' possivel que as cousas se passassem como elle me contou? Eu cá não acredito!

—Pois acredito eu. Nem nós temos dados para duvidar da auctoridade do compadre. Elle sabe tudo quanto se passa em casa do desembargador por seu primo Frei João do Ceo, que ali tem entrada a toda a hora. Havia de ser o primo que o informou do occorrido.

—Assim o creio, disse Nascimento. Mas é inaudito o proceder d'aquelles dous homens.

Continua JORGE DE MACEDO

CARMO

—

EXCERPTO

Tu que foste na vida tão amada,
Dormes agora ahi no pó do nada,
No pó da sepultura...
Eu entrevejo sempre nos meus sonhos,
Tão cheios de visões, vultos medonhos...
A tua sombra pura.

Diaphana visagem! Anjo bello...
Que vens, no meu dormir, solto o cabello,
Fallar-me do passado...
E se eu então desperto, nada vejo...
E não posso, dormindo, dar-te um beijo
No labio desbotado!

P'ra que me vens tentar, sombra querida?
Se pertences agora a outra vida,
Se és já d'um outro mundo?
Descança, pobre virgem, socegada!
D'essa humida e eternal morada
Descança lá no fundo!

Que inda nos olhos sinto aquelle pranto
Tão cheio de saudade... e tanto... e tanto
Quando vergaste a côma,
E voaste d'aqui p'ra o infinito
Saturada de luz, qual aerolitho,
Quando perdeste o aroma,

E me deixaste aqui ficar sem tino;
Errante, vagueando sem destino...
Do pranto mal enxuto.
E o meu coração, que palpitava
'Stando junto de ti. e se alegrava,
Agora é todo luto!

. . . .

Hoje vivo talvez d'essa saudade
Que me deixou ficar na soledade
A tua fuga, filha.

. . . .

Ai! meus sonhos d'amor, façam-se em nada!
Descança, dorme em paz, oh, sombra amada,
Ao pé da mancenilha!...

EDUARDO VÉRAS

O ESCRAVO MALDITO

—

III

Continuação

Muitos dias se passaram assim. Cecilia, sempre taciturna, buscava de pre-

ferencia para descanso um dos lados da casa d'onde se avistava a pouca distancia o alto edificio da invernada da Coronilha e mais além o rio Cocuruto, que sombrio corria entre espessas mattas, murmurando um arruido surdo, que ella ouvia indistinctamente. Rodrigo, sempre timido em fallar-lhe, retirava-se para o interior do *rancho*, entreabrindo uma pequena janella, d'onde a vigiava em silencio.

Um dia, Cecilia, depois de permanecer por algum tempo na sua habitual contemplação da paisagem formosissima que se lhe offerecia aos olhos, levantou-se repentinamente, tremula e como que tresvairada. O pae, ao vel-a assim, correu a ella abraçando-a e interrogando-a com a vista, com a vista porque d'aquella vez as suas palavras, apertadas na garganta, recuaram ainda mais timidas do que nunca.

No dia seguinte, Cecilia foi sentar-se no lado opposto áquelle em que se sentara na vespera. Descortinava-se d'ali um quadro de altas *coxilhas*, entre as quaes sobresahia o monte da Cruz, hoje chamado Posto Branco. Rodrigo, a uma esquina do rancho, espreitava a medo o olhar inquieto de sua filha.

Estava assim havia bastante tempo, quando de subito Cecilia vibrou um grito agudo, estremecendo e levantando-se machinalmente. A este grito, a escrava Joanna, que trabalhava na cosinha, correu, parando logo ao limiar da porta, extatica, fitando um matto situado a pouca distancia da casa.

Por entre as ramas d'esse matto escoava-se um vulto: era seu filho.

Cecilia, afflicta, anciosa, com o coração a bater violentamente, arrojou-se ao collo de seu pae, estreitando-o agitada e exclamando com voz tremula:

—Oh! meu pae! Que visões medonhas a minha imaginação me mostra!

—Visões, Cecy?

Cecilia, conchegando-se com mais força a seu pae, como para se proteger de um perigo, e apontando temerosa para o matto por onde o preto entrou, disse com voz sumida:

—Ali, meu pae! O Caxibache!... Hontem tambem o vi!...

—Tu viste o Caxibache? interrogou Rodrigo com espanto.

—Doida ou com rasão eu o vi! respondeu Cecilia firmemente.

—Creança, a tua imaginação engana-te! Vem para casa, que a solidão te envenena o espirito! Tu nada viste; e que visses? olha que não é nenhuma cousa do outro mundo; elle em alguma parte hade estar...

E Rodrigo, affagando meigamente sua filha, foi encaminhando-a para casa, dando-lhe conselhos ricos de rasão e sabedoria, inspirados sublimemente pelo amor paternal.

VI

Em meio de um matto secular, formado na sua totalidade de *umbus*, *aroeiras*, *cambarás*, e outras arvores frondosas enleadas de *cipós*, *qciumes* e *barbas-de-bode* e entermeiado de lindos palmitos, via-se na epoca em que se passaram as scenas que vamos relatando, um pequeno *rancho*, de construcção tosca formado apenas de alguns toros de pau mal collocados a servir de parede e coberto por sebe não muito abundante. Ao lado d'este rancho, o rio Cocuruto, preguiçoso e poetico nas estiadas quanto feroz e brutal em dias d'inverno, corre mansamente em mil voltas troncadas pelas arvores que o peso das agoas derrubaram.

Habitava aquelle rancho o preto Caxibache. Tendo escapado por varias vezes ás caçadas que lhe fizeram nos logares onde apparecia, veio por ultimo firmar a sua residencia ali, no coração de um matto, que, pela sua extensão e longitude dos povoados, lhe garantia a liberdade.

Continua — NUNO RANGEL

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXI

A OCEANIA

Antes de nos internarmos por aquellas terras quasi desconhecidas, que formam a quinta parte do mundo que nos propomos visitar, estudemos um pouco esse novo continente em que vamos entrar. E' uma preparação indispensavel e em que o leitor nos hade acompanhar de bom grado, se, como cremos, até aqui tem dado por bem empregado o seu tempo. Realmente custa tão pouco viajar assim!...

A Oceania, cujos mysterios d'aqui a pouco teremos devassado, é um aggrupamento d'ilhas, montanhosas e cobertas de matagaes, com as costas bordadas de recifes perigosos, que devem a sua origem ao coral. Foram formadas por vastos bancos de coral, para os quaes os ventos levaram as sementes vegetaes. O coral, cremos que os nossos leitores já o sabem, é um pequeno animal sub-marino, que construe no fundo do mar cellulas compostas de substancias pedregosas, que sobrepondo-se umas ás outras, se amontoam ao fim de muitos seculos, até chegarem á flor da agoa. As aves, os ventos, as correntes depositam ali os detrictos, os fragmentos, as sementes de todas as especies de vegetaes conhecidos; a terra vegetal vae-se formando por este modo e afinal ahi está como se cria uma ilha e se forma um vasto continente.

A Oceania está situada a oeste da Asia e a leste da America. Cerca-a o Grande Oceano, formando numerosos estreitos, sendo os principaes o da Sonda, de Macassar, de Torres, de Bass e de Cook. Os rios e lagos são sem importancia; em compensação ha muitos vulcões. Clima quente e humido. O solo produz em abundancia fructos variados e differentes dos nossos. Os mares estão cheios de rochedos de coral e nas costas pescam-se peixes, moluscos e zoophytos os mais raros.

Superficie 10,110:000 kilometros quadrados. População, 36,000:000 habitantes. Já se vê que para a extensão que tem é uma terra muito pouco habitada. As ilhas estão separadas por immensos mares.

Algumas regiões da Oceania são conhecidas ha ainda poucos seculos. Divide-se em cinco partes principaes, que são: a Melanesia, ao sudueste; a Malasia, a oeste; a Micronesia, a noroeste; a Polynesia, a leste, e as Terras austraes ao sul do circulo polar antarctico.

Os portuguezes, os francezes, os hespanhoes, os inglezes, teem ali possessões. Nós só possuimos hoje a parte oriental da ilha de Timor.

Os povos antigos não conheciam a Oceania. Vasco da Gama, ao dobrar o cabo da Boa Esperança, abriu o caminho do Oceano, por leste, aos navegadores. Marco-Polo já havia visitado as ilhas Malasias; mas nós os portuguezes fomos que exploramos aquelle novo continente: Sumatra em 1511, e as Molucas, onde nos estabelecemos pouco depois. Em 1513 estabelecemo-nos em Borneo e Java. Era bom tempo aquelle; aquella foi a idade d'ouro de Portugal. Magalhães descobriu as ilhas Philippinas em 1521. A seu turno os hespanhoes e hollandezes, os inglezes e francezes, visitaram aquella parte do mundo: Byron, Carteret, Wallis, Cook, Bougainville, Doumont de Urville acabaram de reconhecer a Oceania. La Perouse ia juntar as suas observações scientificas ás dos sabios seus predecessores quando naufragou junto da ilha de Vanikoro.

Uma das cousas mais notaveis da Oceania, é a grande quantidade de religiões que ali se contam, o que se explica pela diversidade de raças. Os malaios professam o islamismo; o catholicismo é professado nas ilhas Mariannas, nas Philippinas e em Timor; o calvinismo domina especialmente nas Molucas; nas colonias inglezas predomina o anglicanismo; o budhismo é a religião dos chinezes que habitam a Malasia; o brahmanismo é professado em Java e o polytheismo é a religião

dos indigenas da Micronesia e da Polynesia.

Continua

O PALACIO DUCAL DE NEVERS

O palacio ducal, que a nossa gravura representa, occupa o sitio onde antigamente se elevava o antigo castello, construido no seculo XII.

Este bello specimen da architectura da Renascença, foi edificado em 1485, pelo conde de Nevers e modificado mais tarde, no seculo XVI. E' ladeado por duas torres redondas, que se elevam dos angulos do palacio, e tem ao meio duas pequenas torres octogonaes.

A escada de honra é muito notavel pelo lavor architectonico, e pela sua elegancia.

A ornamentação do edificio do mais aprimorado gosto, muito carregado de detalhes no meio, vae diminuindo e desapparecendo até terminar de todo nos angulos.

Este edificio sumptuoso faz frente para a praça ducal, que tem tres mil e oito centos metros quadrados de superficie e que é de bello aspecto.

SCIENCIA PARA TODOS

VII

OPTICA

Continuação

O olho consta, do lado de fóra, de um lado corneo chamado *cornea*; dentro ha um liquido puro chamado *humor aquoso*, e no humor aquoso ha uma lentilha convexa como um oculo de theatro, a que se dá o nome de *humor crystalino*; ha além d'isso um humor viscoso chamado *humor vitreo*, que enche a menina do olho, ou pupilla, e detrás do olho está o nervo optico, chamado retina, que recebe as impressões dos raios da luz.

PALACIO DUCAL DE NEVERS

A cornea, a lentilha chamada humor crystalino e os outros humores transparentes correspondem interiormente aos elementos d'um binoculo.

Para comprehender os differentes effeitos visuaes da lentilha, basta pôr um binoculo a pequena distancia d'uma parede. A parede representa o fundo do olho. Ponha-se uma luz a certa distancia e applique-se a lentilha e ver-se-ha na parede uma bella representação da luz ás avessas. Fixe-se a lentilha e approxime-se a luz; a imagem será menos distincta e apagar-se-ha á medida que se fôr approximando a luz. Colloque-se a luz do lado de trás, a maior distancia do que da primeira vez, e a imagem será mais distincta. No primeiro caso, os raios caem com tal grao d'obliquidade, que, quando a gente se serve da refracção d'um vidro, elles convergem inteiramente, produzindo em uma direcção opposta uma imagem de cada lado da luz; mas approximando-a, a força refractiva do vidro é desigual da convergencia requerida e a imagem não pode produzir-se a grande distancia.

A visão depende do parallelismo ou da obliquidade dos raios que partem d'um objecto e da força do olho a conformar-se com a obliquidade; quando esta é maior do que a força, torna-se necessario recorrer á arte para diminuir ou augmentar a obliquidade dos raios, de maneira a ficar em harmonia com a força do olho. As pessoas idosas teem necessidade d'augmentar a convergencia porque então os humores diminuem, o crystalino torna-se baço e a cornea fica menos convexa; d'ahi a força da convergencia diminue e a imagem dos objectos não affecta o nervo optico senão do lado ou por trás.

E' facil experimentar isto, tomando duas lentilhas de differentes convexidades e collocando-as a igual distancia d'uma parede: ver-se-ha então que se a mais convexa, que é a lentilha da idade moça, produz uma representação distincta, a outra, a da velhice, dá só uma imagem confusa.

As distancias differentes a que as lentilhas produzem uma representação sobre uma parede chamam-se a sua distancia focal; é o centro do circulo, cuja superficie da dupla lentilha commum é uma parte.

Trataremos agora dos effeitos dos espelhos concavos e convexos. A lentilha concava tem o effeito opposto. Diverge ou espalha os raios em vez de os *convergir* para o foco. Segue-se d'ahi que, quando o olho está muito apertado na velhice, os vidros convexos prestam-lhe a sua força convergente.

Continua — Doutor Jayme

O VALLE DE GOLDAU

A Suissa, rica em pontos de vista pittorescos, é um manancial sempre abundante para o pincel de todos os artistas.

A nossa gravura representa um d'esses formosos logares que atraem áquella republica os viajantes de todas as partes do globo.

VALLE DE GOLDAU

O valle de Goldau, uma das mais bellas paizagens que a fantasia febril d'um artista póde ambicionar, tornou-se ainda mais celebre por uma catastrophe, que em poucas palavras vamos narrar.

Em 1806, uma parte do monte Ropberg, que faz parte dos Alpes que separam o cantão de Schwytz dos lagos Zug e Egeri, desmoronou-se em quatro kilometros de extensão, tresentos vinte e quatro metros de largura e trinta e dous metros de espessura.

Em cinco minutos o valle de Goldau, um dos mais esplendidos da Suissa, transformou-se no mais arido deserto. Quatro povoações importantes, Goldau, Bœthen, Ober e Unterbusingen, seis egrejas, cento e vinte casas, duzentos *chalets*, quatrocentos cincoenta e sete habitantes, ficaram sepultados sob as ruinas do Ropberg.

Ainda hoje, em muitos pontos, o valle de Goldau conserva os vestigios d'este triste quadro de destruição e morte.

HESPANHOLADAS

TU Y DIOS

—

«Tem p'ra mim mais mer'cimento
Um volver dos olhos teus,
Que todos os bens possiveis
Que me possam vir de Deus!

Ha, não sei que, no teu todo,
Tão bello, tão seductor!
Que antes, meu bem, quero ver-te
Do que ver Nosso Senhor!

Eu amo, creança, tanto
Esses teus olhos, só meus,
Que os não trocava por quanto
Me podesse vir de Deus!

O meu amor é tão puro,
Tão sincero, tão profundo,
Que o não vendia, meu anjo,
Por todo... por todo o mundo!

Vale mais um teu sorriso
Que todos os bens dos ceos!
Vale mais um teu pedido
Que ordens mil dadas por Deus!»

Traduzimos do hespanhol
As quadras que vão ahi:
Quanto mais diria elle
Se fossem feitas a ti?!

ALBERTO CORRÊA

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

II

A MISSA

Continuação

Começou a missa.

A gaita, no côro, acompanhava os cantores, seguindo-os nota por nota; tambem é verdade que para isto se escolhe sempre o gaiteiro mais intelligente e exercitado.

O tamborilho era o unico que estava impassivel.

Só ao levantar a Deus...

Então, em quanto o gaiteiro *modulava* em um *crescendo* delicadissimo, parecido ao da *alvorada*, porém mais prolongado, o tamborilho começou a fazer-se ouvir no ambito da capella com um toque redobrado e vibrante como o da retreta militar, percorrendo toda a sonoridade desde a pelle do tambor até ao arco com cadenciosa vivacidade.

Persisto n'estes detalhes, porque tudo me parecia n'aquella hora e n'aquella situação, augusto e sublime.

Quem me havia de dizer a mim, um ou dous annos antes, quando apenas me commoviam cantos e orchestras d'opera dirigidas pelo proprio Verdi, que me haviam de commover uma gaita e um tamborilho nos meus estados de Amaral?

Oh santa e adorada casa onde nasci e me creei! Oh doce e estimadissima recordação de minha mãe, ambas me haveis resuscitado!

Ambas as cousas me fizeram sentir a *vida da paixão*, depois da vida borrascosa e desordenada que passara, onde *sentir* não era viver á moda, onde se sentia com a cabeça e não com o coração!

O capellão do palacio, que officiava a missa maior, voltou-se para os espectadores para lhes deitar a benção, e disse o evangelho resado; e então foi quando tornou o tamborilho a encher o espaço com seus toques redobrados, acompanhando a gaita em quanto não sahiu da capella o ultimo caseiro.

Ao desapparecer a concorrencia, tive eu de permanecer immovel na minha cadeira, conforme os costumes tradiccionaes da antiga aristocracia galaica, esperando o meu capellão, o qual, desvestindo-se e deixando as vestes sobre o altar, veio acompanhar-me até ao pé da escada, repetindo-se as mesmas ceremonias á minha sahida da egreja, como quando entrava n'ella, excepto a benção.

IV

O ALMOÇO

Chegado ao terraço, em logar de me dirigir á minha camara, permaneci ali apoiado na balaustrada.

O extenso horisonte que abrangia, e que me era tão familiar em creança, parecia centuplicar os seus incidentes pintorescos n'aquella manhã. Nunca me agradara mais paisagem da Andaluzia, Suissa ou Italia. Tambem é verdade que aquella agradavel impressão era enriquecida pelas ternissimas recordações de meus primeiros annos.

Em baixo, em volta do palacio e junto do rio, agitavam-se os frocos de gala das gaitas, os manteletes das lavradeiras e as monteiras de seus paes, maridos ou irmãos, adornados de grandes pennas de pavão, ou rôxas, ou das mais vivas côres. Diante de mim tinha a poesia da perspectiva; debaixo, a poesia animada.

A vida começava a ter para a alma algum matiz de encanto. Olhando para as planicies que se estendiam na minha frente, com seus prados e seus quadros de trigo, centeio e linho, onde existe uma grande abundancia de lebres, perdizes, etc., disse eu: *caçarei e isso me distrahirá*. E abrangendo com a vista tanto homem e tanta mulher dansando a meus pés, dizia: *os seus praseres serão os meus praseres, e as suas dôres serão as minhas dôres.*

Ao desencanto de Paris, a esse desencanto produzido pela sociedade mais completa de tudo e de todos, começava a vislumbrar uma existencia virgem nas soledades de Amaral, preparada pela minha vida de menino n'ellas.

Ali, n'aquelles logares, via minha mãe em espirito como nunca a vira; sentia-a e amava-a cada vez mais. Parecia-me que a sua voz estava na aura que respirava e os seus olhares dulcissimos nas ondas da luz.

No meio d'esta deliciosa esperança, que acariciava a minha mente e refrescava o meu coração, veio Davidson dizer-me que o almoço estava prompto.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

—

III

POBRE!

Continuação

Lourença estava tambem desanimada porque, com a morte de André Bazilio, perdera a soldada, que estava vencida, mas não recebera ainda.

Assim passaram quinze dias n'este angustiar, n'este anceio, n'esta inquietação...

E o futuro, o futuro tão brilhante, que Alvaro sonhara, nos braços da sua Emilia, no meio do goso que a riqueza dá...

E agora pobre, tão pobre, que nem roupa preta tinha para se apresentar de luto na rua.

Voltou á escrivaninha que fôra do defunto. Examinou um por um todos os papeis que lá encontrara e nada achou que lhe podesse mostrar, provar a ruina de seu padrinho.

Então desesperou deveras! Que era feito de tanto dinheiro que elle bem sabia que André tinha?

Faltava-lhe só revistar a carteira que André Bazilio sempre trazia comsigo.

Começou pois o exame.

Entre diversos papeis, apontamentos de vendas, de compras, de emprestimos, de cambios, etc... etc... encontrou uma folha de papel sellado, onde André Bazilio declarava como uma publica-forma, que instituia seu universal herdeiro, seu afilhado Alvaro Pinto da Costa, que com elle vivia, com a condição de conservar, emquanto viva fosse, ao seu serviço, aquella boa velha que era sua criada, por nome Lourença Rosa. Que, no caso de que Alvaro, fallecesse antes de Lourença, elle lhe

estipulasse uma quantia que assegurasse o viver decentemente á velha criada, podendo do resto da fortuna dispôr á vontade.

Nada mais dizia o documento.

A assignatura de André Bazilio estava reconhecida, e com elle assignavam mais duas testimunhas.

Alvaro chamou Lourença, contou-lhe a descoberta que fizera e leu-lhe o documento.

E' indiscriptivel o pasmo d'aquella mulher.

—Mas... que nos lega êlle se nada ha n'esta casa?... perguntou a velha.

—Espere, respondeu Alvaro; aqui vejo mais estes papeis cuidadosamente lacrados...

—E que dizem estas letras que estão por fora?

—Dizem, disse Alvaro lendo: —«A meu afilhado Alvaro Pinto da Costa.»

—E' talvez para designar-lhe o banco em que está o dinheiro depositado.

—Não é, disse Alvaro depois de ter lido aquelles papeis; são as contas do collegio em que andei, com os competentes recibos, alguns esclarecimentos relativos ao commercio de cambios, apontando-me tambem os banqueiros mais acreditados de Inglaterra...

—E nada mais?...

—Nada mais, respondeu Alvaro atirando com os papeis para longe de si...

E ali ficou largo espaço com os cotovellos firmados na mesa e a cabeça sumida entre os punhos.

—Pobre!... Estou pobre!... bradou elle.

Continua — Eduardo Véras

AURORA DO AMOR

(EXCERPTO)

Conclusão

E, comtudo, a fraternidade que Jesus proclamava em nome da natureza, e que ainda hoje não passa d'um preludio, não só estava no espirito humano, como até para exemplo esteve no mundo irracional, espelho onde nem sequer a humanidade queria pôr os olhos. O trabalho das abelhas é um trabalho fraterno. Para utilidade propria se reunem os lobos nos descampados. Com o instincto de se defenderem das féras se auxiliam outras raças de animaes. As proprias aves se irmanam para se coadjuvarem. Dispersas, chega o momento de partirem, e como se fosse a uma palavra dada, n'um dia certo, em logar convencionado se congregam todas para a longa viagem e lá vão em demanda do seu intento com uma só vontade.

Era no arrabalde de uma das nossas povoações mais florescentes. A atmosphera estava tepida, ia-se pôr o sol. Por entre o arvoredo de espaçosa varzea uma ninhada immensa de avesinhas pipillava docemente como quem aguardava; tão parecido com a esperança era o seu pipillar! Passado tempo, d'um campo extensissimo, dividido por silvados e arbustos, vem uma nuvem de passaros chilreando. Ao verem chegar os paes, as avesinhas batem as azas de contentes. Alli gorgearam, grandes e pequenas. De repente, como que depois do festejo, levanta todo aquelle mundo, voando na direcção da seara, indo na frente uma tribu dos paes, no centro os filhos, e por ultimo o resto das grandes.

Uma das pequenas não póde encher o vôo, cansa, cáe. Destacam então da rectaguarda duas aves, descem á terra, com os bicos pegam na pobre fatigada pelas azas, e de novo elevando o vôo juntam-se á turbamulta, que parecendo commentar o caso continúa a viagem aerea, deixando alli um exemplo d'entre milhões de exemplos despercebidos que no decorrer dos seculos ainda mais demonstrariam a sublime harmonia da natureza.

Sim; a fraternidade, completamente desconhecida nas sociedades antigas, é que Jesus veiu plantar dentro da familia, da patria e da humanidade.

O soberbo, o hypocrita, o usurario, o avarento, sentiam-se despedaçar á palavra ardente do zurzidor dos vendilhões e das ruinas da orgulhosa oligarchia nasciam os fundamentos democraticos do bem geral, iniciados pela boa nova.

O christianismo apparecia com a grande revolução em nome da natureza. Mandando respeitar os poderes constituidos, atacava com a sua doutrina todas as instituições, todas as injustiças, para firmar o *direito justo*. «Vim para fazer a guerra, dizia, e venci o mundo».

Julgavam matar a sedição com o sedicioso, e pelo contrario aquelle sangue fecundava os novos principios. A milicia do progresso levantava-se ao redor do labaro onde estava escripta a emancipação das gentes, e, combatendo assim, o christianismo abria os braços á sua filha, á liberdade do mundo, para o mundo se transformar á sombra d'elle.

O genero humano tinha vivido arrebanhado e em noite escura. O *homem* nascia n'aquelle momento, e cada individuo ia ser um homem.

Raiava a aurora do amor.

D. Antonio da Costa

A CAVALLARIA

I

No meio das desordens em que o feudalismo lançou a velha Europa no vasto periodo da idade media, surgiram pelos fins do seculo X umas *confrarias*, de caracter simultaneamente religioso e guerreiro, com o fim de *defender o fraco contra o forte*. Este era o fim apparente. O verdadeiro porém era dellimitar bem o villão do nobre de sangue. A estas confrarias chamou-se *cavallaria* e aos seus membros *cavalleiros*.

Como a denominação tomada o indica, pellejavam a cavallo, em quanto que os *peões* os seguiam a pé.

Ninguem poderia tomar o grao de cavalleiro sem haver completado vinte annos, e ter dado provas de valor, força e agilidade, bem como sem ter passado pelo noviciado, durante o qual apprendiam os deveres da sua ordem. Aquelles que pertendiam chegar a tão alta dignidade entravam aos sete annos como pagens ao serviço do senhor. Acompanhavam-o á guerra; serviam-o á mesa; faziam o officio desempenhado hoje pelos escudeiros. Os filhos dos reis não estavam isemptos d'esta lei. Aos quatorze annos era então elevado a *escudeiro*, sendo encarregado de cuidar das armas e dos cavallos do senhor, seguil-os nas viagens e na guerra, batalhar a seu lado e velar pelos prisioneiros.

Aos vinte annos terminava o noviciado. O futuro cavalleiro purificava-se pelo jejum, confessava-se e commungava, e na vespera do grande dia da sua investidura passava a noute na egreja velando pelas suas armas. Purificava-se em um banho, e entrava no templo com a espada pendente do pescoço. O sacerdote abençoava-o em nome de Deus; elle ajoelhava aos pés do senhor que então o armava. Como na ceremonia do baptismo, eram exigidos dous padrinhos, que lhe punham as esporas douradas e lhe entregavam a couraça e os braceletes um, em quanto o outro lhe cingia a espada.

O senhor adiantava-se então, d'espada desembainhada. O candidato inclinava a fronte para o peito, e o senhor, batendo-lhe com a espada tres pancadas no topo do capacete, dizia: *Em nome de Deus, de S. Miguel, S. Jorge e Santa Maria, faço-te cavalleiro.* Abaixava a espada, e com as pontas dos dedos batia tres pancadinhas na face do novo cavalleiro, e dizia-lhe: *Sê generoso e leal.* Estava ordenado cavalleiro.

Levantava-o então nos braços, abraçava-o em signal de boa fraternidade e dava-lhe a beijar uma cruz ou uma reliquia, e dava-lhe o osculo de paz.

Os assistentes durante esta ceremonia guardavam um religioso silencio. Concluida ella, traziam-lhe o cavallo em que elle montava com toda a gentilêza, empunhando a lança ou brandindo a espada, no meio dos applausos e dos hurrahs da multidão, que de toda a parte accorria a ver estes espectaculos tão queridos, apesar de tão vulgares n'aquelle tempo.

As luctas religiosas que então agitavam todos os povos de raça latina; o fervor da propagação do Evangelho levado até ao ponto de o quererem impôr pelas armas; a necessidade que a egreja sentia da espada dos valentes; a alliança entre a lança e a cruz, o castello e a egreja, para honra de Deus e da Virgem, tal a causa principal da fundação das ordens de cavallaria, que os povos teem enaltecido nas historias litterarias com as perolas e as flores da sua poesia brilhante.

Continua

HELIODORO A. SALGADO

ARAGO

Domingos Francisco Arago, um dos sabios mais distinctos do presente seculo, nasceu em 26 de fevereiro de 1786. Recebeu as primeiras luzes da sciencia em Perpinhão e aos desesete annos entrou para a Eschola Polytechnica, de que foi um dos melhores alumnos. Entrando para o observatorio, trabalhou com Biot na investigação da refracção dos gazes.

Em 1806 os dous sabios partiram para Hespanha, onde foram encarregados de continuar os trabalhos do meridiano. Quando dous annos depois succedeu a invasão franceza, Arago foi preso sob a falsa accusação d'espião; mas fugiu da prisão embarcando-se para voltar a França. Uns piratas hespanhoes tomaram a barca e levaram-a para Argel.

Posto em liberdade a esforços do consul francez, embarcou-se Arago afim de voltar á patria; mas uma tempestade arremessou-o á costa de Bugia. Emfim, depois de varios lances aventurosos, desembarcou em Marselha em 2 de julho de 1809.

ARAGO

Nomeado membro da academia das sciencias, condecorado com as mais honrosas distincções a que o seu merito tinha jus, dedicou-se todo ao estudo, sem deixar de tomar parte activa pelo partido do povo quando rompeu a revolução de 1830; nos dias de julho de 1848 chegou a expor a vida nas barricadas; emfim em 2 de outubro de 1853 apagou-se a luz d'aquelle grande espirito, que abraçava todos os conhecimentos humanos.

No que mais brilhou o genio infatigavel do grande sabio, foi nas admiraveis descobertas em physica. Graças á sua clareza e faculdades poderosas de tornar as cousas evidentes, soube surprehender os proprios sabios pela profundeza e instruir o povo pela maneira simples d'apresentar os seus principios.

Os trabalhos mais notaveis d'Arago são a polarisação colorida, o photometro, o polariscopo, etc. Explicou a scintillação das estrellas; mediu o diametro dos planetas; descobriu o magnetismo por meio da rotação, provando que todos os corpos adquirem magnetismo; tratou do nivel dos mares, da temperatura, do ar que cerca o polo boreal; destruiu o principio de Newton, admittindo a theoria das ondulações da luz; trabalhou emfim com ardor para os progressos da sciencia, que na sua mão foi um elemento para acreditar o seu nome.

ZIG-ZAGS

VANTAGENS DE SER MULHER

Haller pretende que as mulheres podem supportar melhor a fome do que os homens; Plutarco diz que são mais difficeis de embriagar; Huzer, que tem a vida mais longa; de la Porte, que enjoam com menor facilidade, e não perdem o cabello tão cedo; Agrippa, que se conservam mais tempo á superficie da agoa; finalmente, Plinio assevera que são mais respeitadas pelas feras do que os homens, e que mesmo os raios costumam poupal-as

Em todo o caso ninguem póde negar-lhes grande perspicacia e presença de espirito, que em mil circunstancias da vida as põem acima do sexo forte, tão fraco ás vezes!

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 78, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura póde ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dosnossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 9 DE MARÇO DE 1882 | NUMERO 80

S. DAMASO

SUMMARIO

Texto:— S. Damaso — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Bibliographia, por A. Vieira Lopes — A minha patria (poesia) por F. Palha — A cavallaria, por Heliodoro A. Salgado — O lago Enghien — O castello de Blois — Recordação, por Elpidio Pereira — O conde d'Amarante (romance) — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Malasia — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— S. Damaso — Lago Enghien — Castello de Blois — Catharina II.

S. DAMASO

—

S. Damaso, ou Damaso I, pontifice, nasceu na Lusitania pelo anno 304 e teve o berço em Guimarães.

Da Lusitania sahiu em tenros annos para a Italia, onde o seu porte exemplarissimo lhe grangeou logo as sympathias e a protecção do papa Liberio, o qual successivamente o investiu nas ordens de diacono e presbytero, acabando por nomeal-o vigario da egreja de S. Lourenço, em Roma.

Quando vagou o solio pontificio, foi Damaso eleito em 366 para o occupar, seguindo-se uma longa serie de discordias, em que chegou a haver derramamento de sangue, porque um seu competidor, por nome Ursino, ou Urciano, conseguiu arranjar um partido e se apresentou como o eleito d'esse partido a disputar a thiara; finalmente, porém, as auctoridades imperiaes, tomando o partido do pontifice Damaso, acabaram por lhe garantir a validade da eleição.

Durante os desoito annos que occupou a cadeira de Roma, grangeou a estima de todos os homens sensatos pelo que trabalhou para a conservação dos bons costumes e da disciplina ecclesiastica.

Damaso, que foi o primeiro d'este nome a cingir a thiara papal, não só se distinguiu por uma inexcedivel severidade de costumes, mas inclusivamente soube sempre ser um perfeito modelo de caridade e de coragem apostolica.

Protector das letras, era tambem seu desvelado cultor. D'elle restam quarenta composições poeticas (de que ha uma edição publicada em Roma em 1754, formando um vol. in fol.), assim como varias *Cartas*, impressas em Paris em 1672. Morreu em Roma aos 11 de dezembro de 384. Succedeu-lhe Siricio. Canonisando-o mais tarde, a egreja catholica determinou celebrar-lhe a commemoração no anniversario do seu passamento, a 11 de dezembro. Guimarães escolheu S. Damaso para seu padroeiro.

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

Houve um breve momento de silencio, durante o qual os dous homens se olharam como admirados.

Foi o caixeiro que rompeu o silencio.

—Eu só culpo o filho, obtemperou Vieira. O tal doutor sem clientes sahiu-nos uma boa peça.

—De quem é necessario desfazermos, custe o que custar! exclamou Nascimento.

—E' exactamente essa a minha opinião; mas como, que meios havemos de pôr em pratica?

—E' o que convem estudar. Bem sabe que o compadre Sequeira ficou de me dizer quanto obtivesse saber pelo primo frade, que é mettidiço como um piolho. Elle ficou de me informar de tudo quanto podesse saber relativamente ao doutor.

—Se é verdade o que eu desconfio d'elle!... ponderou Vieira. Oh! Mas eu o averiguarei, esteja certo d'isso!

—E' fóra de duvida que eu não deixava de sympathisar com elle, tornou o negociante. Pouco me importava a recusa do pae, que, afinal, de nada valia. Que o desherdasse, elle, que não tem nada! O que abunda no desembargador é prosapia; todo elle é pergaminhos e fidalgarias. Espero em Deus que um dia hade chegar, e talvez não venha longe, em que todos os homens serão iguaes e nobres e plebeus se hão-de alliar sem escrupulo. A verdadeira nobreza, creio eu, é a das acções; a dos papeis velhos não valle nada.

—Apoiado! disse Vieira com emphase. Eu cá embirrei sempre muito com fidalgos e com frades. Estou persuadido que mais cedo ou mais tarde uns e outros receberão um golpe tremendo!

—Confundidos sejam elles, exclamou Nascimento, já que os filhos dos taes nobres andam a divertir-se á custa das pobres filhas dos plebeus, como acontece á minha...

N'este momento entrou na sala a criada com a ceia.

—Ahi vem a menina, disse ella.

Nascimento fez um gesto significativo para o caixeiro e ambos se callaram.

Alexandrina entrou na sala, deu as boas noutes e tomou o seu logar. A ceia principiou, fallou-se pouco, e no fim deram-se as graças a Deus e cada um se retirou ao seu aposento.

Quando Vieira se recolheu á cama, murmurou estas palavras:

—Pobre Alexandrina! Eu que te quero como ás meninas dos meus olhos, heide ver-te caminhar assim pelo caminho da perdição! Oh! Não. Não pode ser!

Pelo seu lado, o pae, depois de considerar o abysmo que se abria diante dos pés da filha, protestou de envidar todos os meios para a afastar d'elle e deitou-se pensando que era necessario empregar todos os meios para que ella esquecesse o doutor.

—Amanhã, disse Nascimento, fallarei com Alexandrina. Eu lhe farei ver o mau proceder d'ella, e parece-me que a vontade paterna prevalecerá. Convem usar com brandura. Nada de empregar termos asperos. Primeiramente devo fallar com ella e talvez que a persuada. E' indispensavel que acabe este namoro. Que case com um plebeu como nós, com um caixeiro, com um rapaz que não tenha cinco reis de seu. Não me opporei a isso. Sou rico e só quero a felicidade de minha filha. Mas não sei o que me diz o coração a respeito d'esse negregado doutor. Oh! Não. Alexandrina não pode ser feliz com similhante peralvilho! E elle não a namora para casar, d'isso tenho eu a certeza! E' para se divertir com ella, é para a enlouquecer e deixal-a, abandonal-a quando ella, a pobre creança, mais embebida andar no seu amor. E' isto o que heide dizer-lhe. Representar-lhe-hei a inconveniencia de continuar a alimentar esperanças inuteis e parece-me que ella me hade prestar ouvidos. Se fôr necessario, pedir-lh'o-hei em nome de sua mãe, uma santa que no ceo está velando por ella!

E uma lagrima furtiva cahiu pela face austera do negociante.

Continua JORGE DE MACEDO

BIBLIOGRAPHIA

—

Guimarães, apontamentos para a sua historia, pelo padre Antonio José Ferreira Caldas.

Dous vol. em 8.º — broch. — Porto, 1881 e 1882.

Acaba de apparecer á luz o complemento d'esta obra, o segundo volume, devido ao muito talento d'um illustrado sacerdote, o rev.^{do} padre Antonio José Ferreira Caldas, que apesar de ser ainda bastante moço, é já indubitavelmente um dos mais dignos e instruidos membros da classe sacerdotal, não só pelo seu muito saber, como pelos seus apreciaveis dotes moraes.

Guimarães tem a subida honra de lhe ser o berço natal; deve orgulhar-se de que um tal filho tanto a honre e lhe accrescente os titulos, de que elle já hoje está de posse.

A primeira parte d'esta obra contém apenas dados estatisticos e considerações muito aproveitaveis ácerca da cidade de Guimarães, desde a sua fundação até á epoca presente, que elle, apesar da indicação modesta de simples *apontamentos* para a historia, trata com a proficiencia d'um homem acostumado desde muito a manusear archivos pulverulentos. Na segunda parte depara o leitor com a historia dos monumentos religiosos e outros, com a relação dos objectos preciosos de certas egrejas, taes como os da Egreja da

Collegiada, etc., com a historia dos monumentos nacionaes, no que se descobre, a par d'um estylo elevado, um grande talento na descripção do que ha de mais nobre e notavel no berço da monarchia portugueza.

E' digna, por tanto, esta obra de ser compulsada por todos os que se interessam pelas cousas da sua patria, e pode servir de incentivo para ser aproveitado pelos nossos homens de letras, para lhe seguirem a vereda e deixarem archivado o que ha de interessante em muitas localidades do nosso paiz, e que passará desapercebido e ignorado pela incuria em tal ordem de trabalhos.

Felicitamos o snr. Caldas pelo modo como se desempenhou do seu arduo e improbo trabalho, esperando que não desanime em levar á conclusão o que promette ácerca do concelho de Guimarães.

Aproveitamos aqui a opportunidade de lhe agradecer a offerta, com que nos honrou, do seu precioso livro, que por todos os titulos é digno de ser lido com detenção por todos os que se dedicam ao estudo dos interessantes assumptos historicos dos monumentos da nossa terra.

A. Vieira Lopes

A MINHA PATRIA

Vou erguer singelo canto
A' minha terra natal.
Patria, que inspire tanto
Não houve, não ha igual
Quem não treme ouvindo a fama
Que os altos feitos proclama
D'este nobre Portugal?
Quem não sonha com amores
Vendo o ceo e vendo as flores,
Vendo o Tejo de crystal?

Quem nas margens do Mondego
Póde um suspiro abafar?
Quem ali será tão cego
Que de ver não fique a amar?
O que fôr Mondego acima
Dil-o-ha rival do Lima
No seu terno murmurar,
Nas suaves, brandas queixas
Que aos poetas mil endeixas
Fizeram ambos soltar!

Tu és, ó patria formosa,
O mais formoso jardim!
Cahiste aqui, linda rosa,
Da fronte de um cherubim!
Nem a Alhambra, nem Granada,
Nem Veneza festejada
Tiveram belleza assim!
Não te excedeu em riqueza
Nem na rara fortaleza
A decantada Pekin!

Veiu aqui soberba Roma
A quebrar sua altivez;
Que com ferro e fogo a doma
Viriato, o montanhez!
Ao braço do lusitano
Verga e cae audaz romano,
Em sangue banhada a tez!

Ainda as cinzas do imperio
Repetem no cemiterio:
Viriato, o Portuguez!

Hoje ainda os mouros tremem
De Geraldo sem pavor;
De raiva convulsos fremem,
Recordando o seu valor!
Em Ourique Affonso talha
Com sua espada a mortalha
Dos descrentes do Senhor;
Ao som dos hymnos de guerra
João segundo os enterra
Em Arzila e Azamor!

Hespanha, vaidosa Hespanha,
Gemendo curva a cerviz,
Que quasi a c'rôa lhe apanha
D. João, Mestre d'Aviz.
Portugal, bem fez teu povo
Quando em seu esforço novo
D. João por seu rei quiz;
Foi então que a Hespanha escrava
Tremendo seus olhos crava
Na patria d'Egas Moniz.

Aljubarrota, Valverde!
Repete do mundo a voz;
Ao longe o ecco se perde
Onde os gelos vivem sós.
Era a espada formidavel
De D. Nuno, o Condestavel,
O sol dos nossos avós!
Todos os loiros da gloria,
Das batalhas a victoria,
Tudo então era por nós.

Onde vão essas galeras
Cortando as ondas do mar?
Onde vão, que novas eras
Portugal hade marcar?
Nas ondas que não conhecem,
Que nunca... nunca adormecem,
Que tentam ellas buscar?
Oh! Quem é esse valente
Que olhando p'ra o Oriente
Vae o caminho a apontar?

Oh! Quem é, como se chama
Esse guerreiro da cruz?
E' portuguez, é o Gama
Que á patria dá nova luz!
Lá brada:— Não temo a morte
Que a vida confio á sorte
Por meu rei e por Jesus!
Da patria o nome não finde;
Que Moçambique e Melinde
Na sua historia eu já puz!

Oh! Vasco, teu alto feito
E' grande, mas tem rival;
Que os brios ardem no peito
D'Albuquerque e de Cabral!
Tambem em terra estrangeira
Pregaram nossa bandeira
Sem medo do vendaval;
Descobriram, conquistaram;
Como tu tambem bradaram
Por Jesus e Portugal!

Se o braço dos portuguezes
Era como o de Sansão,
Tão forte como os arnezes
Tambem era o coração.
Nem vis promessas, nem medo,
Nem oiro dado em segredo
Lhes comprava uma traição;
Que lá 'stão, e d'isso timbra
O castello de Coimbra
A lançar esse pregão!

Mas não foi sómente a guerra
Quem tanto nome lhe deu;
Que importam coisas da terra
A quem as teve do ceo?
O oiro trocar-se em rosas
N'essas eras milagrosas
Uma rainha mer'ceu.
Virtude na monarchia
Meigo amor, doce poesia
Tudo Deus nos concedeu.

Oh! que amor terno e constante
Foi esse da pobre Ignez!
Que o diga o cedro gigante
Que a escutou tanta vez,
Quando triste e pensativa
Vinha ao bosque fugitiva
Quebrar da noite a mudez.
Ai! Que o repita, que o conte
O murmurio d'essa fonte
Que vinha beijar-lhe os pés.

E que amor, e que poesia
Teve Luiz de Camões!
Foi o senhor da harmonia,
Foi o rei dos corações!
Curvae-vos, genios do mundo,
Que o Camões não tem segundo
Em tão sublimes canções!
Tu, ó patria, o rosto cobre
Que o teu Camões morreu pobre
Da miseria nas soidões!

Eu bem sei, sendo teu filho
Não devera assim fallar;
Mas desde então o teu brilho
Começou de se apagar!
Na batalha que perdeste,
Tu cançada adormeceste
Do teu sceptro procurar!
Camões, a patria desculpa,
Que a pobre não teve a culpa,
Não pôde a tempo acordar.

Tanto sangue derramado
Lá n'esse Alcacer Kebir!
Fez-lhe o somno tão pesado,
Que teus ais não pôde ouvir!
Que só deu signaes de viva
Quando de Hespanha captiva
Quiz o jugo sacudir.
Mas desde então até agora,
N'esse somno que a devora,
Tornou de novo a cair!

Acorda, que o tempo corre,
Que o dormir não é viver.
Uma nação tambem morre,
Tambem a tumba hade ter.
Patria, patria, ouve este canto
D'um filho que te quer tanto,
Qual nenhum te pode qu'rer.
Ergue-te d'esse teu leito,
Que inda tens dentro no peito
Um coração a bater!

Se os loiros murcharam tanto
Que se precisem regar,
Todo o meu sangue, o meu pranto
Aqui te venho offertar.
Eu daria a minha vida
Por não ver mais abatida
A minha terra sem par.
Oh! deixa de ser espectro;
Patria, toma o teu sceptro
E tornarás a reinar!

F. Palha

A CAVALLARIA

Continuação

II

O movimento geral europeu das cruzadas deu origem a varias ordens de cavallaria.

O enthusiasmo da fé, exaltado pela eloquencia dos prégadores, animava de tal zelo as populações catholicas d'aquelle tempo, que todos se *cruzavam*, attribuindo um caracter de martyrio pela fé, á morte que affrontavam no campo da batalha, unicamente por uma piedade mal entendida.

Ora este periodo de luctas continuas que decorre desde o pontificado do opulento e soberbo Gregorio VII até ao pontificado do Borgia no tempo de Fernando e Isabel, devia naturalmente ser proprio á fundação d'estas ordens, que nas cruzadas achavam justamente o seu fim principal— combater por Deus, pela patria e pelo rei.

Assim, temos a mencionar:

A Ordem dos Cavalleiros de S. João de Jerusalem, fundada pouco depois da primeira expedição, sendo os seus estatutos approvados pelo papa Gelasio II e confimados por Calixto em 1120.

Formada quasi que só por homens de nobreza, aquelles homens propozeram-se pela reunião dos meios indispensaveis para tal fim, dar agasalho e protecção aos peregrinos que visitassem o santo sepulchro, recolher e tratar dos doentes em um hospital fundado sob a invocação de S. João, e pelejar pelo Evangelho contra o Koran logo que se lhes offerecesse ensejo. Tanto o hospital como a egreja, foram construidos á custa das esmolas que de toda a parte accudiam a sustentar a monarchia christã fundada na Palestina pelos valentes soldados de Godofredo de Bouillon.

Distinguia-se esta ordem por uma cruz branca de oito pontas, representando, segundo dizem, as oito bemaventuranças, sobre um habito preto.

O fundador da monarchia portugueza concedeu terras e honrarias a esta confraria, naturalmente para que elles o ajudassem no resgate do sul da Lusitania, dominado ainda pelo crescente dourado dos estandartes do Islam.

Quando a Palestina saccudiu de si os christãos que a haviam conquistado, os cavalleiros de S. João refugiaram-se na ilha de Chypre (1291) até ao anno de 1310, em que tomaram a ilha de Rodes e n'ella se installaram. Os governadores da Ordem em Portugal foram chamados *priores do Crato*. Em 1530 o imperador Carlos V deu-lhes a ilha de Malta, com a condicção de darem um falcão por anno ao rei das Hespanhas. O tributo não era pesado, e os cavalleiros acceitaram gratos tão vantajosa protecção.

LAGO ENGHIEN

No seu itinerario para a expedição do Egypto, que tanta admiração causou aos francezes que o julgavam partido para a conquista da Inglaterra. Napoleão, tropeçando no seu caminho com a ilha de Malta, fez ali arvorar o pendão triumphante de França, e desde então os cavalleiros de S. João ou de Malta, se acham espalhados por todos os paizes, não obstante o grão-mestre Thomazi haver fixado a sua residencia em Catania, depois da morte do imperador da Russia Paulo I. Desde Gregorio XVI, comtudo, a sede da Ordem parece ser em Roma, e o papa Pio IX em julho de 1854 reformou os seus estatutos no tocante aos votos solemnes.

Como todas as ordens ainda existentes, esta está condemnada á morte breve e ingloria, pela sua nullidade n'este seculo, em que ninguem se lembra já de batalhar pela fé.

Fundadas no tempo das cruzadas, ha mais a dos Templarios e a Teutonica.

Dos templarios fallaremos um dia largamente. Agora vamos fallar das ordens admittidas em Portugal.

Continua — HELIODORO A. SALGADO

O LAGO ENGHIEN

O lago Enghien tem mil metros de comprimento e quinhentos metros de largura; a profundidade varía entre um e quatro metros. As suas agoas são alimentadas pelos pequenos rios Loisy,

Ecanbornne e Ermont, por algumas nascentes e por numerosos poços artezianos. O lago é abundante em peixe; uma pescaria que é costume fazer-se de tres em tres annos produz, segundo dizem, a quantia de dois contos cento e sessenta mil reis.

Como veem, nenhuma importancia tem este lago, e, se tanto é fallado no mundo elegante, a sua fama provem-lhe d'uma pequena cidade que se ergue encantadora em uma das suas margens.

A pequena cidade, denominada *Enghien-les-bains*, está situada a doze kilometros de Paris; é de recente data o seu engrandecimento. Ha cem annos tinha apenas um habitante, era um moleiro; hoje Enghien, como todas as cidades que a moda tomou sob sua protecção, é um logar de delicias para os que teem saude e um logar salutar para os doentes, que vem procurar nas suas mirificas aguas sulphurosas, allivios ás suas dores.

Ali ha remedio para tudo, desde a mais asquerosa molestia de pelle até ao mais entranhado aborrecimento. Tanto isto é assim, que ainda se conta o caso famoso de uma filha de Horacio Vernet, particular amigo de Talma, conseguir de feia que era, tornar-se formosissima, banhando-se nas maravilhosas aguas de Enghien.

Como todas as cidades de banhos, Enghien é o ponto de reunião d'uma parte do *fashionable* parisiense.

Como todas as povoações d'este genero no estrangeiro, esta offerece aos que a visitam as mais completas commodidades, magnificos hoteis, admiraveis vistas de campo, formosos passeios, casinos, onde se dança, onde se joga e onde se faz a côrte a mulheres deslumbrantes que nos pedem um milhão por um olhar meigo dos seus.

O CASTELLO DE BLOIS

O castello de Blois não é só interessante pelas recordações historicas, que nos aviva, mas tambem pelas suas bellezas d'architectura.

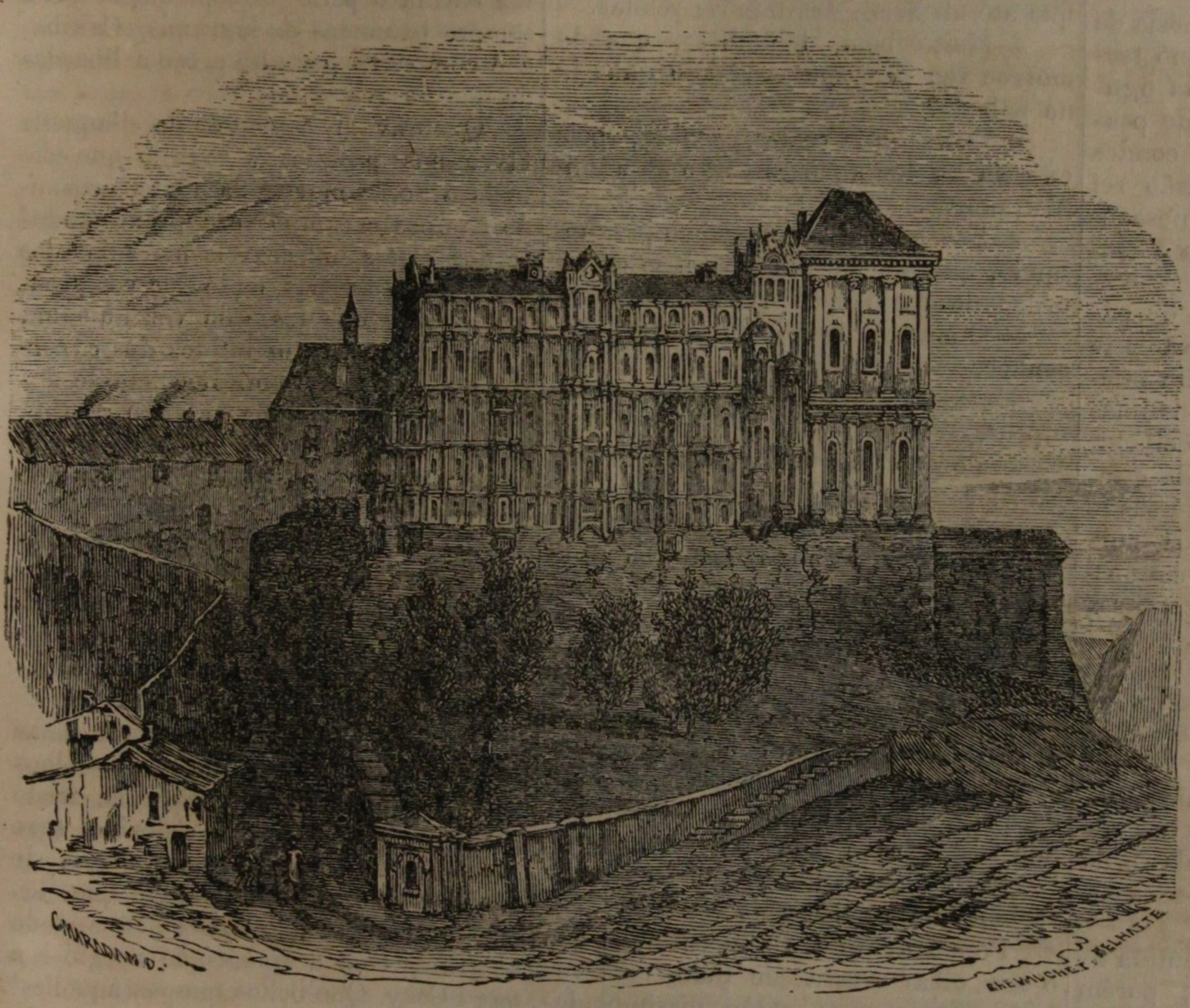
O todo da edificação não tem uma grande unidade; compõe-se até mesmo de partes irregulares e devidas a epocas differentes. A parte do edificio que tem a sua frente para o lado de leste e que forma a fachada principal foi construida no reinado de Luiz XII; aquella construcção de tijolo e pedra dá um conjuncto em extremo agradavel; as janellas, as trapeiras e as chaminés são adornadas com delicadissimas esculpturas, cuja belleza artistica é muito superior á decencia do assumpto.

A porta de entrada que se abre no centro d'esta fachada, é guarnecida de duas columnas de grande ornamentação e era antes da Revolução encimada por uma estatua equestre de bronze dourado, representando Luiz XII.

O corpo do castello do lado do norte, chamado a galeria de Francisco I, estava em construcção quando Luiz XII morreu; foi concluida em 1515 ou 1518. Não se conhecem os nomes dos architectos que presidiram a este magnifico trabalho, que pertence ao estylo mais brilhante da Renascença.

A parte occidental d'este monumento tambem appelidada a galeria de Gastão foi por este principe mandada construir segundo os planos do architecto Francisco Mansard. Tem a grandeza e a fria magestade das edificações d'aquelle tempo.

Depois de muitas e grandes mutilações devidas ao estrago do tempo, das revoluções e á incuria das administrações, o castello de Blois foi ha poucos annos o objecto de importantes reparações, que são uma grande honra para o architecto que as delineou. Foi com apuradissimo gosto e alto conhecimento da arte na Renascença, que o architecto completou, tanto no interior como no exterior, as ricas ornamentações destruidas.



CASTELLO DE BLOIS

RECORDAÇÃO

Recordação, base fundamental, sentimento, nobre commoção de ideias que nos inspira uma cousa que passou!

Nobre pensamento que nos acompanha; nobre ideia que nos cinge, eleva e suggere a mais intima e saudosa paixão dos tempos da adolescencia. Adolescencia, epoca d'encantos e divertimentos! Para que nos deixas gravadas em nossos corações estas grandes e vivas saudades? Porque não voltas? Esses tempos passam rapidos, deixando assignaladas na mente, vivas e infindas recordações, que não mais esquecerão.

Na adolescencia tudo brilha. Saudoso tempo, porque foges e não voltas?

Após da adolescencia a velhice. Que desencanto!

ELPIDIO PEREIRA.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
IV
O ALMOÇO

Continuação

Dirigi-me para a mesa, e surprehendeu-me o golpe de vista que apresentava.

Era o mesmo local que conhecia de creança, o mesmo andar, o mesmo tecto, as mesmas paredes, a mesma figura da mesa, a mesma baixella de prata, emfim, com as armas dos condes de Amaral; porém havia um não sei que fluctuando em tudo, aformoseando-o como se a mão de uma fada o houvera disposto.

Ainda que a baixella era a do palacio, parecia que se extremava pelo seu puro brilho. Além d'isso levantavam-se no centro da mesa vistosissimas pratas e altos fructeiros de porcellana, formando cestinhos com flores da estação, que guardavam fructas de suave perfume. Não posso indicar mais pormenores; porém havia em tudo um gosto tão francez, que me fazia recordar a mesa de Paris.

Fui directamente occupar a cadeira dos condes de Amaral, á cabeceira da mesa: ao lado estava vasia a de minha mãe.

Depois de me sentar, foram occupando o seu assento os padres das parochias do condado, em seguida o do palacio e o medico; e serviu-se o almoço.

Ao começar notei que Florentina ficou de pé por detrás de mim; porém isto não me chamou logo a attenção; chamou-m'o comtudo, e muito, quando ella colheu uma garrafa e me encheu o copo de vinho.

Então não pude deixar de me voltar e disse-lhe:

—Porque me serve de vinho?

—Senhor conde, disse inclinando-se, é costume antigo do palacio, de que talvez V. Ex.ª não se lembre.

—Não, respondi; não me lembro d'isso.

Florentina proseguiu:

—Quando os senhores condes de Amaral teem convidados, serve-lhes de copeiro a pessoa do palacio que n'elle tem maior ordenado.

—Ah! alguma cousa me lembro d'isso, disse, porém confusamente. E que ordenado tem? prosegui.

—Hoje oito mil reales annuaes, respondeu Florentina.

E accentuou a palavra *hoje*.

—Porque disse *hoje* d'essa maneira?

—Porque d'aqui a dous annos terei mais quatro mil... se V. Ex.ª não ordenar outra cousa.

—Não entendo...

—Senhor conde, os administradores de Amaral teem nos primeiros quatro annos oito mil reales; doze aos oito, deseseis aos doze, e assim successivamente de quatro em quatro annos vae augmentando o ordenado, sempre que desempenharem bem a administração.

Era singular tudo aquillo, e que eu entrasse no meu palacio perguntando cousas d'interesse. Isto provava o caso que até ali fizera das minhas rendas.

—Muito bem, lhe disse; quando morreu seu pae, que ordenado tinha já no palacio?

—Doze mil reales, senhor, pois exercia ha dez annos o cargo de administrador.

—Isto quer dizer, segui eu perguntando, que a senhora tem já hoje maior ordenado que o medico e o capellão.

—O maior ordenado do palacio, sim, senhor.

Entretinha-me aquella conversação, e prosegui:

—Porque diz maior ordenado do palacio?

—Porque o medico e o capellão, senhor, teem 6:800 reales por anno pelo palacio, casa e mesa como o administrador, ganhando fóra d'isso pela sua profissão outros 6·000 mais.

—Muito bem, disse; comprehendo tudo. Agora deixe esse costume antigo de ser meu copeiro e tome o seu assento á mesa, pois me recordo perfeitamente de que o administrador do palacio comia sempre com meus paes.

Florentina inclinou-se e foi situar-se junto do medico e do capellão.

Porém durante o almoço notei que o seu olhar estava em tudo, com relação ao serviço; e tão dissimuladamente, que, em logar de reprehender os criados com algum olhar furioso pela sua inhabilidade, pelo contrario, parecia que o raio azul dulcissimo de seus olhos os animava para bem servirem.

Florentina tinha vinte e tres annos; porém representava vinte.

Como aquelle almoço tinha caracter de festa, e os padres das freguezias ruraes julgam que quanto mais bebem mais honram uma mesa senhorial, ao servir-se o Champagne, começaram a brindar por turno; porém depois, brindavam em desordem, já em prosa, já em verso.

Continua

O ESCRAVO MALDITO

—

IV

Continuação

Caxibache, só, sem ter um unico ser humano com quem trocasse uma palavra, passava os dias pensativo, ora sentado á beira do rio, olhando para as agoas que lhe espelhavam a tez negra como azeviche, ora fixando os olhos no ceo, que lhe sorria lindissimo em azul profundo por entre os claros das franças das arvores copadas, que por sobre elle se baloiçavam á mercê do vento.

Com uma vida isolada, tendo por companheira apenas a imaginação, que lhe enchia o peito de esperanças quasi sempre banhadas de lagrimas, Caxibache comprava por alto preço a liberdade de que gosava.

Quebravam a monotonia d'aquelle viver uns passeios a cavallo que elle fazia a horas mortas da noute, cruzando campos e campos e approximando-se dos *postos*, miseraveis moradias dos piões das estancias, onde por vezes ouvia o quer que fosse de voz humana, sumida por entre os latidos dos *caxorros* que o presentiam. Recolhia-se depois, pela madrugada, ao seu rancho, deitando-se em um *girão* de *taquaras*, amaciado por dous *pellegos*, dormindo um somno curto.

Quando acordava, fazia lume e assava o *tatu* ou a *mulita*, caçada na vespera, que, junto ao *mate* que os *piões de tropas* lhe davam a troco de lenha que elle lhes levava, era o seu sustento habitual.

Um dia, Caxibache, limpando umas lagrimas que lhe rebentaram dos olhos ao pensar mais detidamente na triste condição a que se via reduzido, teve saudades dos tempos de creança, de aquelles tempos formosos em que, innocente e sem cuidados, brincava, todo alegrias, com o *sinhôzinho* Sergio e a *yayá* Cecy. Que bellos tempos aquelles! Sem avaliar a negra sorte que a escravatura lhe destinara, julgava-se o negro igual ás creanças com quem brincava, ria, discutia e até guerreiava! Os seus desejos, muitas vezes humilhados pelo chicote de Sergio, que, de mais idade do que elle, já conhecia em si o direito supremo de *senhor*, eram mudados em impetos de colera, sofreada pela educação servil que lhe davam.

Mais tarde, já conhecedor do verdadeiro sentido da palavra *escravo*, tendo já córado debaixo da mascara que o fazia infeliz, ao ser insultado e negado como o ultimo dos animaes, a sua colera, fundida em odio e raiva, fizera-lhe gottejar dolorosamente sangue do coração.

E estas ideias e recordações voa-

vam-lhe pela mente, encastellando mil nuvens, que logo se desfaziam.

Para se distrahir de outros pensamentos que lhe vinham successivamente á imaginação, principiou a andar pelo matto de uma *sanga* que nascia na Encrusilhada.

Quando chegou ás ultimas arvores, uma fascinação doida o abalou vivamente: reconhecera Cecy, a bella creança que sempre o tinha tratado com meiguice e que algumas vezes intercedera com seu pae no perdão de açoutes.

Depois de a haver contemplado muito tempo, Caxibache voltou ao seu rancho. Uma especie de delirio moral o atacou durante o resto do dia: era um ceo de delicias que lhe suavisavam a febre que lhe requeimava o craneo.

No dia immediato e nos outros que se seguiram, Caxibache, sempre á mesma hora, lá estava entre os ramos das arvores mais proximas da casa de Cecilia.

Doido de alegria, via-a chegar ao logar em que se sentava. A sua presença dava-lhe encantos de inexplicavel goso, que lhe faziam esquecer todo o fel de martyrios que lentamente lhe envenenava a existencia.

Uma attracção irresistivel o levava áquelle sitio, para elle adoravel. Mais de uma noute o somno ali o surprehendeu; quando o ar frio da madrugada, arripiando-o, lhe fazia descerrar as palpebras, via-se elle, com espanto, sentado sobre um dos galhos superiores de um alto zambujeiro que ali havia. Recolhia-se então ao seu *rancho*, d'onde voltava pouco tempo depois.

Um dia, allucinado, vendo-a mais formosa do que nunca, avançou automaticamente para ella, sahindo fóra do matto. Logo que se mostrou todo a descoberto, uma dôr aguda lhe opprimiu o peito: foi no momento em que Cecilia, parecendo-lhe uma visão a sua presença, se retirava, afflicta, arrimada aos braços de seu pae.

No dia seguinte, scena quasi igual lhe feriu o espirito. Desde esse dia, infructiferos foram os seus passeios ás proximidades da casa de Rodrigo, porque Cecilia nunca mais lhe surgiu á vista.

Continua — Nuno Rangel

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXII

A MALASIA

Esta região da Oceania é um archipelago, situado a oeste, entre a Melanesia ao sul, o imperio chinez ao norte, e a Micronesia a leste. Chamavam-lhe antigamente Notasia, nome que foi trocado pelo de Malasia segundo o parecer do naturalista Lesson. Consta este archipelago das ilhas de Timor, Sumbava, Java, Sumatra, Borneo, Celebes, Molucas, Philippinas, etc.

Habitam a Malasia os malaios, povos que formam uma das grandes raças do genero humano, achando-se hoje espalhados pelas ilhas da Sonda e Malasia. Vieram estes povos de Sumatra, Borneo, ou da peninsula de Malaca. São de estatura mediana; teem os cabellos compridos, negros e corredios, os olhos grandes e brilhantes, o nariz grosso e curto, e a côr da pelle é como um tijolo escuro, ou acobreado. São pelo geral maliciosos, ferozes e entregam-se á pirataria.

Má gente é esta entre a qual nos achamos. Percorramos pois de fugida estes logares.

Visitemos as ilhas da Sonda. E' um archipelago com cerca de 24 milhões de habitantes e pertence quasi todo aos hollandezes. As ilhas principaes são estas:

Java, 12,000:000 h.; capital Batavia (200:000 h.); é igualmente a capital dos estabelecimentos hollandezes na Malasia. Porto defendido por uma cidadella; cidade formosa e uma das mais bem dispostas para o luxo oriental. Palacio do governador, hospital militar, casa da camara, theatro, arsenal da marinha; sociedades d'artes e sciencias, escolas diversas, imprensa, monumentos numerosos. Commercio immenso, cuja prosperidade cresceu com espantosa rapidez: café, arroz, especiarias, tabaco, assucar, ninhos de andorinhas, anil. Batavia foi fundada em 1619; os inglezes possuiram-a desde 1811 até 1816.

A cidade antiga é muito insalubre: os europeus habitam a cidade nova, cujas ruas são largas e as casas espaçosas.

Nos arredores veem-se ruinas curiosas. Em Boro-Doro visitaremos as ruinas d'um templo antigo, coroado por um zimborio e cercado de setenta e duas torres.

O planalto chamado da Montanha dos Deuses encerra alguns templos arruinados.

O Campong é o arrabalde habitado pelos chinezes.

Java é atravessada por altas cadeias de montanhas, 15 das quaes são vulcões; os principaes são: Smiru, com 3:898 metros, e o Tagal (3:578 metros). O clima é muito quente e insalubre. Ha febres endemicas, que dizimam amiudadas vezes a população. Em 1822 mais de 100:000 pessoas morreram do cholera.

Esta ilha é d'uma fertilidade admiravel; dão-se os productos de todas as zonas; as plantas dos tropicos prosperam tão bem como as da zona temperada. Minas d'ouro, cobre, estanho, ferro, sal e enxofre. Em 1853 descobriram-se ricas minas de carvão de pedra em Tagal. E' ali que cresce a celebre herva *upas*, cujo succo serve para envenenar as armas. Animaes domesticos europeus: ha tigres, chacaes, giboias, rhinocerontes e crocodillos.

Os habitantes, de raça malaia, são mahometanos: a sua industria está pouco desenvolvida. Os javanezes, ou rhumis, habitantes primitivos do paiz, são affaveis, credulos, indolentes.

Os hollandezes teem estabelecimentos em Java desde o seculo XVIII. Em 1811 os inglezes tiraram Java aos hollandezes; mas restituiram-lh'a em 1816.

Passemos á ilha de Sumatra.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

IV

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

E todos tinham medo!

Todos os que moravam proximo da casa em que habitou o usurario se sentiam horrorisados, porque se dizia que a alma de André Bazilio andava por ali. Que á meia noute ella apparecia vagueando pelo quintal, onde se demorava, e que ao romper d'alva desapparecia, para voltar na noute seguinte.

Era uma luzinha pallida e frouxa que ali se via! Ouvia-se um rumor abafado como produzido por alguem que estava revolvendo a terra. Dizia-se, então, que era a alma de André Bazilio, que, condemnada por Deus, andava buscando os corpos de seu tio e primas para elles lhe perdoarem! Que por isso andava cavando em toda a parte!

Aquella luzinha desapparecia por momentos e tornava a apparecer...

Uma visinha interrogou a tal respeito a velha Lourença, e esta, que de nada sabia, ficou horrorisada. Quando Alvaro veio jantar, Lourença disse-lhe:

—Menino, muito me custa; mas... eu vou-me embora...

—Como, senhora Lourença? Vae-se embora?...

—Vou. Disseram-me, Deus me perdoe! que a alma do senhor André Bazilio apparece todas as noutes no quintal, e...

—A alma de meu padrinho! Como?

—Eu ainda não vi, nem mesmo quero ver, porque se eu a visse... Ai,

Nossa Senhora dos Remedios me accuda! Se eu a visse, era capaz de desmaiar! Lá que o senhor André Bazilio tinha um genio muito arrebatado, isso é verdade. Sempre me hade lembrar quando aquella senhora D. Paulina aqui veio, quando ficou viuva, coitada, pedir-lhe para elle lhe esperar pelo aluguer visto ter-lhe morrido o homem e ella não o poder pagar assim de prompto, e o senhor André Bazilio, Deus o tenha lá, lhe respondeu:— Pois se não tem por onde pague, fóra da casa! Eu não quero caseiros que me fiquem devendo os alugueres.... Fóra, fóra! Amanhã irei pôr escriptos.

E a pobre senhora, desfeita em lagrimas, até se botou de joelhos, menino, até ajoelhou diante d'elle, Deus lhe perdoe, e elle sem ter dó d'ella... E é por estas e outras que por cá fazia que agora a alminha lhe anda por ahi penando!

—Mas... Como?... Como?...

—Apparece feita em luz! Assim m'o disse aqui a visinha, a mulher do João da tenda. Assim que dá meia noute, ella ahi apparece, parando aqui e ali, até que se fixa em um ponto certo. D'ahi então, começa a ouvir-se um estrondo, um barulho surdo... Ai, menino! eu nem me quero lembrar. Vou-me embora!... Visto tambem não apparecer o dinheiro que *elle* nos legou...

—Mas, senhora Lourença, como se retira assim sem saber o que ha de verdade n'isso tudo? Talvez a mulher do João estivesse caçoando comsigo...

CATHARINA II (*)

—Não, menino; ella não é capaz d'isso! Além de que todos por ahi o dizem, é voz geral! Tanto assim que ao anoutecer já todos estão recolhidos... E então n'estas lindas noutes de verão que esta gente tanto gosta de gosar, sentada nas soleiras das portas... Emfim, seja ou não seja, eu n'esta casa já não passo mais noute nenhuma. Venho cá fazer-lhe a comida e arranjar-lhe a casa e ao cahir da tarde vou-me embora...

—Mas para onde vae, então?

—Vou para casa de minha irmã Libania. Deus me defenda! Estar eu dormindo aqui em quanto uma alma penada anda pelo quintal... Deus me defenda!

—Faça como entender! observou Alvaro.

—Faço, faço, tornou Lourença, e tanto que ja hoje cá não fico.

O jantar, durante o qual se travou este dialogo, findou, e com elle a conversa tambem. Lourença, depois de ter arrumado tudo, poz a capa e veio ter com Alvaro á sala que serviu de escriptorio a André Bazilio e onde elle hoje fizera quarto para dormir.

—Cá vou! Se apparecer por ahi alguma cousa que o assuste, chame pela visinha, que eu já a preveni d'isso...

—Então adeus.

—Adeus, adeus; quem me dera ter o genio d'elle! pensou a velha sahindo a porta.

E caminhou tão depressa quanto o seu reumatismo consentia. Ao passar á porta da tenda de João, alguem a chamava de traz do balcão enodoado e sebento d'aquella suja bodega.

Continua — Eduardo Véras

(*) Vid. pag. 340 do 1.º volume.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 78, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 16 DE MARÇO DE 1882 | NUMERO 81

DUQUE DE LAFÕES

SUMMARIO

Texto: — Duque de Lafões — Uma reliquia historica, por A. Vieira Lopes — Tentação!... por Nunes d'Azevedo — Jasmim no lago (poesia) por Alberto Malheiro — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Sumatra — Narbonna — A Sorbonna — O pensamento da mulher (poesia) por Alexandre Braga — O conde d'Amarante (romance) — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Uma poesia popular do seculo XVI, por J. Leite de Vasconcellos — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — O helice — Zig-Zags: Evangelho democratico — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Duque de Lafões — Casa da camara de Narbonna — Sorbonna — O helice.

DUQUE DE LAFÕES

O segundo duque de Lafões, de quem hoje apresentamos o retrato, pertenceu a uma das mais illustres familias de Portugal.

Nasceu em Lisboa a 6 de março de 1719; em 1750 sahiu de Portugal e percorreu quasi toda a Europa e parte da Asia, visitando o Egypto, a Turquia, a Laponia, etc. Em 1779 voltou ao reino, onde mostrou quanto aproveitara n'aquellas viagens e os estudos que fizera.

O duque de Lafões concorreu poderosamente para a fundação da Academia das Sciencias, em 1779, á qual soube attrahir os melhores engenhos de aquelle tempo, sendo nomeado seu presidente perpetuo.

Ao cuidado com que protegia as letras portuguêzas, seguiram-se os trabalhos da vida publica.

Durante o reinado de D. Maria, soube o duque, no exercicio de cargos importantissimos que exerceu, conservar Portugal em uma neutralidade vantajosa.

Com a regencia do principe D. João seguiu-se outra politica. O duque de Lafões foi collocado á testa do exercito, cargo que acceitou contra sua vontade e apesar de contar oitenta annos de idade. Os revezes que então experimentamos e o tratado de Badajoz forneceram occasião aos emulos do duque para o perderem no animo do infante regente; sacrificado ao odio dos adversarios, demittido dos seus cargos e reduzido á vida privada, voltou ainda aos seus estudos litterarios, até que falleceu em 10 de dezembro de 1806.

O duque de Lafões foi grã-cruz de Christo e da Legião de Honra, conselheiro de Estado, marechal general, ministro e mordomo mór de D. Maria I e presidente perpetuo da Academia das Sciencias de Lisboa, onde está o seu busto em marmore.

UMA RELIQUIA HISTORICA

Na nossa carta, publicada nos n.os 75 e 76 d'este semanario, a proposito das impressões que nos causou a Exposição da arte ornamental e decorativa, em Lisboa, dissemos, fallando do celebre altar de prata exposto ali, entre outros objectos, pela Collegiada de Guimarães, que uns asseveravam ter sido tomado aos hespanhoes na batalha d'Aljubarrota e outros affirmavam pertencer a D. João I, e não apresentamos opinião nossa propria, por nos faltarem dados, com que nos podessemos pronunciar definidamente por uma ou outra das opiniões que correm sobre tal assumpto; hoje, porém, depois de ter lido o excellente livro do rev.do padre Caldas, de Guimarães, em que este infatigavel investigador das cousas antigas d'aquella cidade, apresenta a sua opinião a proposito das preciosidades que constituem o thesouro da Collegiada do berço da monarchia, entendemos que a abalisada opinião d'este archeologo deve ser tomada na devida consideração e deve prevalecer sobre todas as outras, pois que elle para mim é auctoridade, como o deve ser para toda a gente que respeitar o estudo consciencioso d'este indefesso cultor das letras patrias.

Agora que se nos offerece opportunidade, não podemos nem devemos furtar-nos ao imperioso dever de apresentar aos leitores do *Camões* a opinião do rev.do Caldas sobre este assumpto, dando ao mesmo tempo na integra a descripção de tão notavel objecto historico, que foi e será sempre motivo de admiração das pessoas que teem tido a felicidade de o contemplar.

Eil-a, tal qual vem estampada na obra do reverendo padre Caldas, a quem sollicitamos respeitosamente a devida venia para fazer a transcripção para este logar:

«Guarda-se na sacristia da collegiada, em um grande armario, embebido na parede, com portas chapeadas de ferro, o magnifico thesouro de vasos sagrados, cruzes, joias d'ornato da imagem da Senhora, e outras muitas alfaias, algumas das quaes são verdadeiros primores d'arte, e outros padrões gloriosos da nossa historia, formando por isso o thesouro mais rico d'objectos d'arte antiga, que existe no nosso paiz.

Sem attender á ordem chronologica apresentamos em primeiro logar o famoso oratorio de D. João I de Castella, que tomado por D. João I de Portugal, foi por este monarca, com outros mais objectos de valor offerecido á Santa Virgem. E' exteriormente de madeira e em forma de armario, com duas meias portas, tendo de altura 1m 34, de largura, estando fechado, quasi um metro, e se estiver aberto dous metros approximadamente. No interior é todo de prata dourada e com obra d'esmalte. O corpo do armario, que terá de fundo uns dez centimetros, divide-se na largura em duas partes: a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma camara; a superior apresenta a forma d'uma fachada gothica, puxada á frente do armario, e fazendo abobada á inferior. N'esta acha-se a cama em que está deitada uma imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus: e aos pés da cama S. José sentado e encostado ao seu bordão. Por cima da cama e das imagens resalta da parede da camara, no centro, uma representação da manjadoura, que serviu de berço ao Menino, com as cabeças do boi e da mula, e nos lados dous meios corpos d'anjos com thuribulos, como incensando o recem-nascido. As imagens da Virgem e de S. José, de vulto inteiro, teem o rosto e as mãos com encarnação e o resto é de prata dourada. As paredes e abobada da camara são vestidas de folha de prata dourada com seus lavores.»

Continua — A. Vieira Lopes

TENTAÇÃO!...

Eu fôra mais cedo para a romaria, com uns amigos, fanaticos pelas impressões, um tanto barbaras, dos exercicios venatorios. Chegados ao alto, fatigados da trabalhosa ascenção de aquelle caminho mal praticado, deitamo-nos, morbidamente, sobre o solo, escassamente coberto de carrascos, parolando jovialmente, como gentes felizes, sem cuidados, que veem as cousas do mundo pelo prisma salutar do optimismo panglosseano.

Além, pelas quebradas do monte, começava a destacar-se a linha movel dos romeiros, que se arremessavam doidamente, impellidos uns pelos outros, pelas subidas difficeis, offerecendo a ideia vaga de um cardume espesso de golfinhos, marchando ao arrepio das grandes correntes oceanicas. Uma branquidão crua de roupas feminis assoalhava-se espalhafatosamente, em fila, pelos carreiros convergentes da capella, e sobre o tecido reles, mal toante, dos coletes vermelhos, deselegantemente affogado, das matronas e donzellas, toda uma ourivesaria burgueza de rocões, de cruzes, de medalhas e corações mal obrados, formava uma outra especie de tecido, muito amarello, muito brilhante, muito espectaculoso.

Gargalhadas fartas, cheias de saude e saturadas d'um leve tom de vinho alegre, bebido no trajecto, começavam a ferir a pacatez d'aquelle ar de provincia, todo bonacheirão, na branda satisfação d'uma bambochata de serralho, d'uma ebriedade de meretrizes, *sem escola*; e o sol das dez horas, picando intencionalmente a epiderme, de garoto, espreitava do ceo, fixamente, aquella basta scena humana, cheia de poeira e deboche, como um válido sultão, egoista e caprichoso, gosando de longe, muito a seu modo, os preludios irritantes d'uma mancebia legal.

Perto de nós erguia-se a capella em um altinho, muito vizivel de longe, caiada de pouco, garrida e fresca como a *toilette* d'uma noiva. A sua torre singela, de cantaria lavrada, furava o azul do ar, em uma dominação infinita, e punha lá em cima, nas profundezas

do ceo, um como rombo largo, geometrico, regular, muito branco.

Era d'inverno. A vegetação agreste do local simples, rudimentar, excessivamente pobre, sem a doce nota de uma flor a colorir d'alegre aquella vasta extensão de terreno esteril, parecia retrahir-se, modestamente, aos folguedos dos homens, e protestar, na sua mudez humilde e discreta, contra os ruidos da festa, tão expansiva, quanto inopportunos n'aquelle tempo. Dir-se-ia uma boa dona de casa, uma prudente *menagere*, entregue á languidez pacata do seu *dolce far niente* domestico, contrariada pela surpreza d'uma visita de ceremonia. Os sinos repicavam uma toada jovial, frenetica, muito aguda, sob as mãos nervosas dos rapazes do povo proximo, e as collinas distantes, verdadeiros *clichés* acusticos, reproduziam aquelles sons, com afan, muito demoradamente.

E o povo approximava-se, a passos rapidos, cansado, respirando a custo, na ancia de chegar. O adro da pequena capella, estreita tira circular, calçada de pedregulho, enchia-se precipitadamente de gente que vinha primeiro, em um *brouhahá* ensurdecedor.

A cada momento, os que chegavam mettiam-se com arrojo, acotovelavam, furavam por baixo, faziam esforço por entrar, fender a meio aquella roda de gente insubordinada, e mãos indiscretas de rapazes gaiatos prevaleçiam-se do aperto para beliscar as mulheres, cheias de obezidades obscenas, que desmaiavam de susto, soltando gritos. Dentro em pouco o terreno do adro desapparecera totalmente e só se via mover dentro uma agitação de chapeos, de carapuças, de lenços, de barretes, em uma confusão inextricavel de sexos e côres, tomando a fórma d'aquelle molde extravagante, como se fôra um metal derretido, muito denso, em cuja superficie fizessem fluctuar, a capricho, muitas cabeças de bonecos pintados. A capella regorgitava tambem de romeiros, entalicados entre as acanhadas paredes, á cunha, como sardinhas em canastra.

Uma enchente real. Um delirio.

Continua NUNES D'AZEVEDO

JASMIM NO LAGO

(FABULA)

Um lago côr do ceo, deixando o leito,
Manou junto das fraldas d'um rosal;
A margem que deixou fez antes preito:
—Levar-te, Julia minha, em seu crystal.

Espelhando um jasmim gentil, mimoso,
Suppoz logo espelhar o rosto teu:
Parou, e, ao vel-o em si, prestes, vaidoso,
Volteia para o leito que esqueceu.

Montanhas não encontra, turvo mana,
Saudoso já do valle, que o atrae;
De louco, presumindo a gloria insana,
Da brenha aos agros chãs dizendo vae:

Deixae que eu passe válido,
O' chãs da brenha intrépida,
Que levo a face tépida...
Que levo o rosto pallido,
Da Julia branda e lépida.

Eil-o emperla a relva, que tapiza
De seu languido ninho o floreo val;
Inchado entra ali; porém a briza
Lhe acorda no tremente salgueiral:

–Que trazes, pois, oh louco? que buscavas
Debaixo do jasmim, parado além?
Julguei, passando ali, que doudo estavas
Da flor, que te prestava só desdem.

Agora, turvo e lévido, que trazes,
Depois d'haver penado angustias taes!
Roçaste duros bosques, e inda jazes
Sem ella e turvo e feio mais a mais!

Soffrendo escarneo este, o pobre lago,
Cahindo em si, na sombra a luz notou,
Jurando-se vingar (protesto vago)
Da flor, que a falsa imagem lhe prestou.

Mas... qual mais tarde após, se vergonhoso
Se extingue pouco a pouco á luz do sol;
As arvores murcharam-se: saudoso,
Apenas ali trina um rouxinol!

Finou-se, como eu fino,
O lago crystalino
Do val,
Em sonhos, que me inspiras,
Visões d'aureas mentiras...
Qual, tal.

Eu sonho assim comtigo,
Gosando enlevo amigo
Em vão:
Eu sonho... que te beijo...
Não cores, foi gracejo;
Perdão!

Depois, no assombro vago,
Diviso, como o lago,
A luz:
A ti lanço meus braços,
E acordo, dando abraços
A' cruz.

Então projecto mudo
D'um beijo vingar tudo,
Ou... dois;
Mas caio vergonhoso
N'um somno deleitoso
Depois.

Finou, pois, como eu fino,
O lago crystalino
Do val,
Em sonhos, que me inspiras,
Visões d'aureas mentiras...
Qual, tal.

ALBERTO MALHEIRO.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXIII

SUMATRA

Sumatra é a maior das ilhas da Malasia: é banhada a norte, sul e oeste pelo Oceano Indico, ao sudueste pelo estreito da Sonda e o mar de Java, a leste pelo mar da China e a noroeste pelo estreito de Malaca. População, 6 milhões de habitantes, sendo a quarta parte hollandezes; superficie, 480:000 kilometros quadrados.

As costas são geralmente pantanosas; o mar que as banha está coberto d'ilhas e bancos de areia. Rica em vegetação e florestas. Grandes riquezas mineraes. Commercio importante de coral, arroz, camphora, especiarias, etc.

Entre as feras podemos collocar as hordas selvagens e anthropophagas dos *battahs*. Entre estes homens a punição de certos crimes consiste em ser devorado: antigamente tinham o costume de comer os parentes quando chegavam á velhice. Os habitantes do interior, com especialidade, são preguiçosos, dissimulados, sanguinarios.

A ilha é atravessada pelo monte Gounang-Api, ou Ophel, que tem a altura de 4:500 metros, e do qual descem varios cursos d'agoas.

Descoberta em 1508 pelo nosso Diogo Lopes de Sequeira, Sumatra foi submettida pelos hollandezes em 1599. Os hollandezes são ainda hoje senhores da maior parte da ilha. Os inglezes tinham ali um estabelecimento; mas abandonaram-o em 1824, em troca de possessões hollandezas na India. Esta ilha foi durante muito tempo pouco conhecida dos europeus.

A capital é Padang, cidade de 25:000 habitantes. Muitos estados, alguns tributarios da Hollanda, occupam o territorio de Sumatra. Entre os estados independentes devemos mencionar o reino d'Achem, o de Siak, etc.

Achem merece que nos detenhamos um pouco para considerar a sua importancia.

Este estado forma a parte septentrional da ilha de Sumatra e comprehende uma superficie de cerca de 60:000 kilometros quadrados. A população é de 500:000 habitantes. Achem, a capital, está situada sobre o rio do mesmo nome, na extremidade noroeste de Sumatra. Sem ser, como no seculo XVI, o emporio geral do commercio da India e da Arabia, faz comtudo ainda hoje um commercio consideravel com a costa de Coromandel e as ilhas Maldivas. O objecto principal do seu commercio é a pimenta e o ouro em pó, que se recolhe nas montanhas. O sultão de Achem tem o monopolio de tão lucrativo commercio.

A historia do reino de Achem, que durante muitos annos foi um dos nossos mais poderosos inimigos do Oriente, offerece uma longa serie de conquistas gloriosas desde o fim do seculo XVI até ao meio do seculo XVII. N'esse tempo o reino de Achem era o mais im-

portante da Malasia. O seu dominio comprehendia metade de Sumatra, as ilhas da Sonda e uma grande parte da peninsula de Malaca, e contava entre os seus alliados muitas nações commerciantes, desde o Japão até a Arabia. Foi quando Affonso d'Albuquerque fundou a metropole de Malaca, em 1511, que começou a sua longa lucta contra os portuguezes. Achem, a capital, defendida pelo radjah Ibrahim, resistiu em 1521 a um ataque de tropas portuguezas, commandadas por Jorge de Brito. Depois, a nosso turno, tivemos que oppor-nos aos ataques de Ibrahim. O sultão Siri-al-Radin dirigiu contra Malaca em 1537, 1547 e 1567, expedições formidaveis, constantes de 15:000 infantes e 200 peças d'artilheria, e em 1575 apresentou-se com uma esquadra que cobria todo o estreito de Malaca. Em 1583, Redouka-Siri, o mais poderoso dos reis de Achem, commandou uma nova expedição, constante de 500 velas e 60:000 homens; mas foi repellido e obrigado a fugir com grande perda. Em 1628 fez uma nova tentativa, com um resultado ainda mais desastroso; emfim, auxiliado pelos hollandezes, apoderou-se de Malaca em 1640.

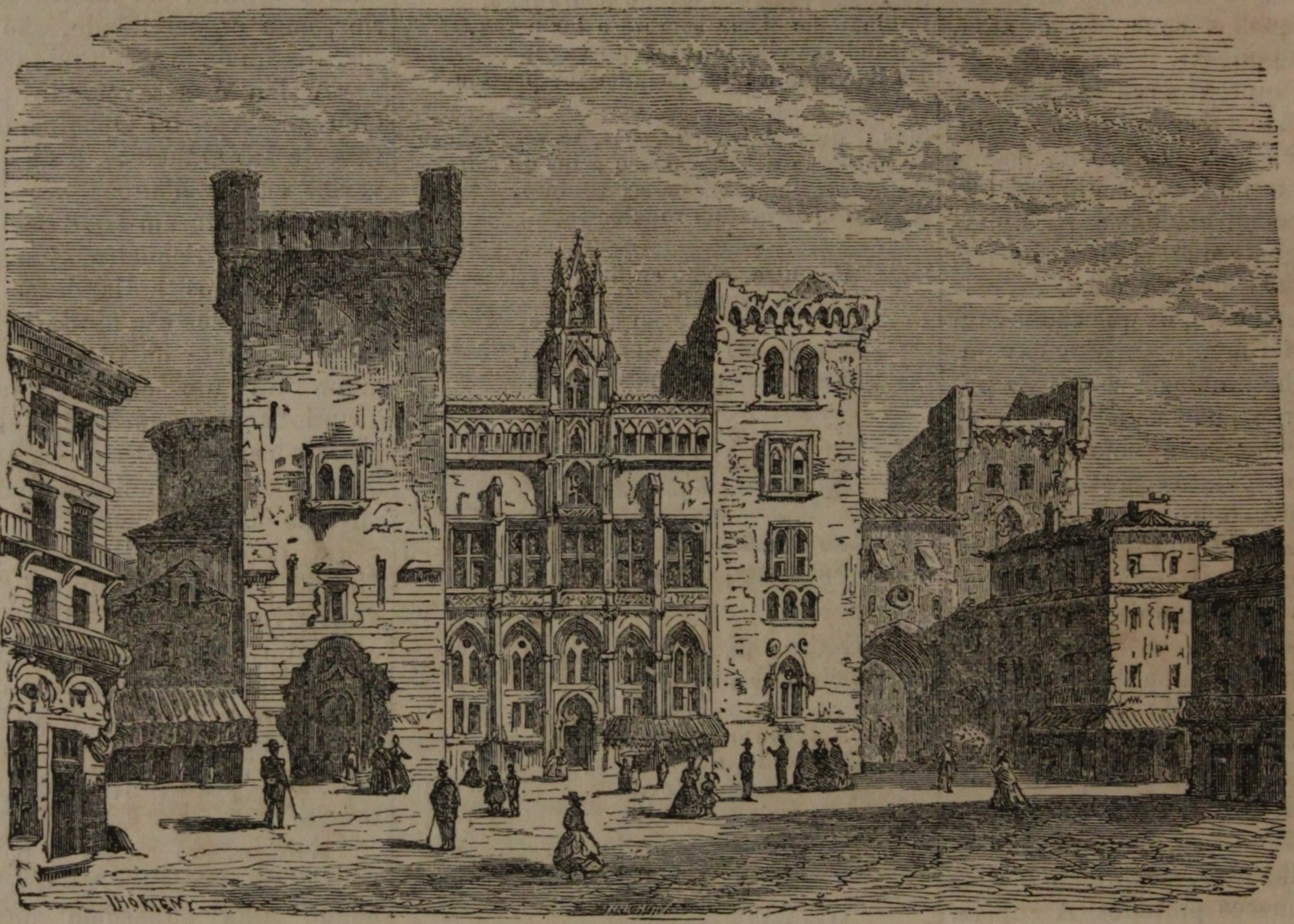
Depois d'aquelle monarca, os que lhe succederam foram escravos submissos dos seus alliados. Os hollandezes eram os senhores do paiz; os francezes appareceram diante dos muros da capital em 1721, sob o commando de Beaulieu.

Ainda que muito decahidos do seu antigo poder, os achemezes, ou achinezes, são ainda hoje um dos povos da Malasia mais dados ao commercio e á navegação.

LXIV

BORNEO

A ilha de Borneo, que é a maior do globo depois da Australia, tem de comprimento 1:080 kilometros e de largura 900; a superficie é de 164:000 kilometros quadrados. Cerca-a um grande numero de pequenas ilhas, sendo as Sulus as principaes.



CASA DA CAMARA DE NARBONNA

Situada sob o equador, o clima é quente, humido, insalubre; temperam-o porém os ventos e as chuvas, que duram desde novembro até maio. E' para os europeus sobretudo que o clima é prejudicial; os tremores de terra são muito frequentes.

O interior, excessivamente montanhoso, é pouco conhecido dos europeus, que apenas frequentam as costas infectadas dos piratas. Sabe-se somente que ha vastas florestas e um grande lago, de que saem rios que banham aquella região. Como em toda a Malasia, sob a dupla influencia do calor e da humidade, a vegetação é poderosissima. As florestas produzem varias especies de madeiras de construcção. Minas numerosas de ouro, estanho, antimonio, cobre, ferro; carvão de pedra, crystaes, diamantes. O reino animal é muito abundante.

A população da ilha avalua-se em 5 milhões de habitantes.

Continua

NARBONNA

Narbonna está situada no meio de uma planicie, cortada por um canal.

As suas ruas são geralmente estreitas e tortuosas. Do alto das muralhas que a circumdam disfructa-se um panorama bellissimo.

Narbonna possue alguns monumentos dignos de menção.

A casa da camara, que a nossa gravura representa, antigo palacio archiepiscopal, situada no centro da cidade sobre a margem esquerda do canal, compõe-se de construcções de diversas epocas. Uma das fachadas, a que faz frente para um mercado, deixa vêr tres torres quadradas, desiguaes na altura, construidas nos seculos XIII, XIV e XV. As construcções levantadas entre as duas torres são do estylo ornamentado, em uso no fim do XV seculo.

O palacio offerece ainda algumas particularidades interessantes; a pequena egreja da Magdalena, algumas capellas, entre ellas a de Santa Maria Maior, outr'ora destinada ás assembléas synodaes, que é flanqueada de duas torres circulares; uma portada romana de marmore branco; uma fonte do XVI seculo, etc.

O museu, installado na parte superior do edificio, compõe-se de numerosas curiosidades, entre as quaes citaremos muitas antiguidades phenicias, romanas e visigothicas, mosaicos antigos, collecções de esmaltes, fayanças e outras inscripções funerarias romanas, quadros antigos, baixos-relevos, gravuras, etc., e uma livraria composta de seis mil volumes.

A SORBONNA

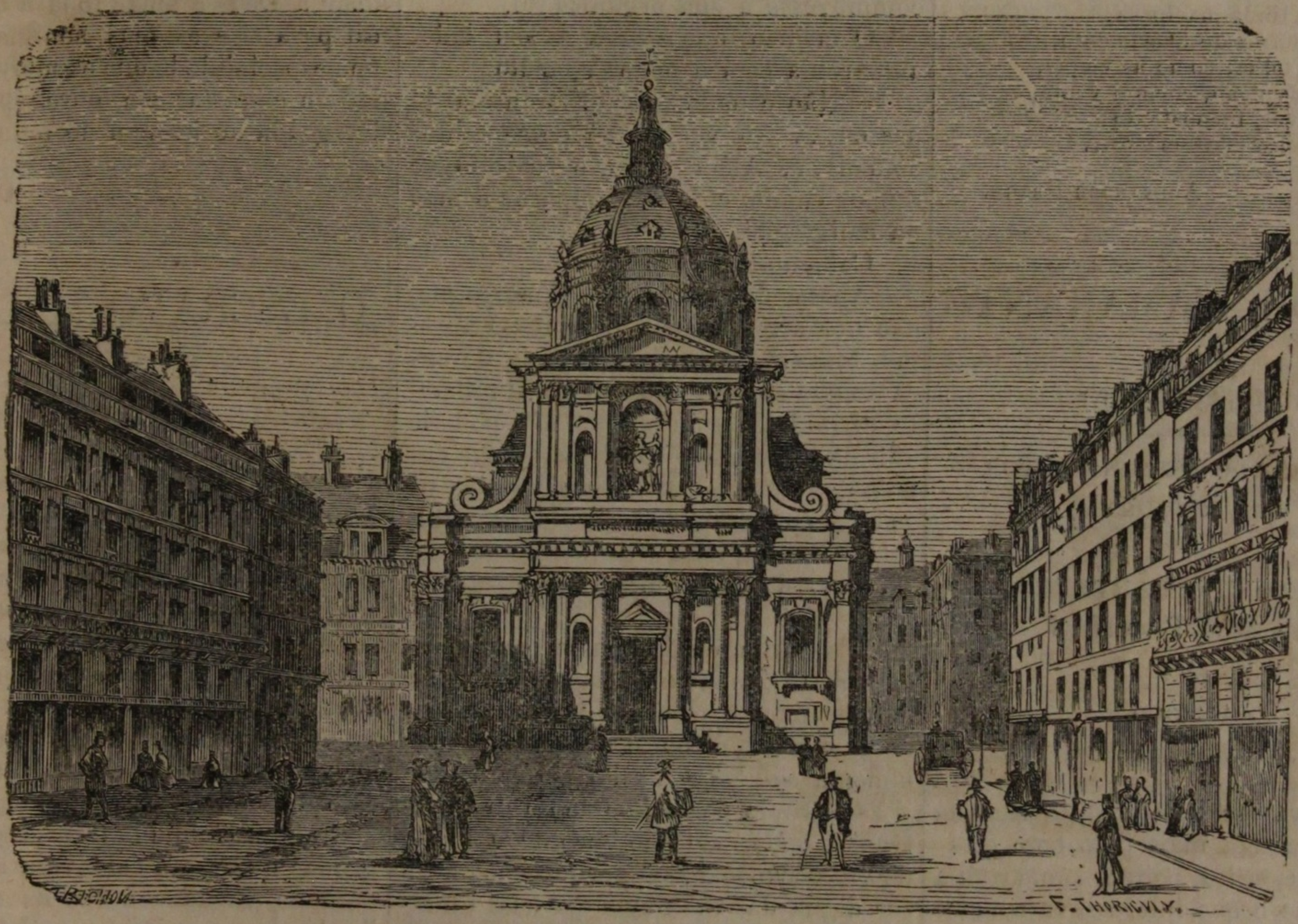
Os actuaes edificios da Sorbonna, em Paris, foram começados em 1627 por determinação do cardeal de Richelieu.

A sua architectura, se não é um typo maravilhoso da arte, é comtudo digna de ser admirada pelos especialistas.

As edificações estão regularmente dispostas, tendo no centro um pateo rectangular, que mede por um lado cento e cincoenta metros e pelo outro quarenta e cinco.

A capella, ou antes egreja, pertencente á Sorbonna, foi principiada em 1635 e terminada em 1653; a fachada fronteira á praça da Sorbonna compõe-se de quatro columnas de ordem corinthia, que teem superiormente collocadas uma serie de pilastras de ordem composta, finamente trabalhada, para sustentação d'um frontão de lavores primorosos.

Uma torre circular, encimada por uma cupula de quinze metros de diametro e cuja altura total é de trinta e



SORBONNA

nove metros, torna o edificio ainda mais grandioso.

Internamente a egreja, não menos magnifica, é ornada de pilastras corinthias artisticamente cinzelladas. E' mui digno de especial menção e de ser observado o mausoleo do seu fundador, Richelieu, devido ao talento de Girardon.

A Sorbonna, cedida á Universidade de Paris em 1808, deu em tempos remotos abrigo a uma instituição, collegio de Sorbonna que teve em assumptos de religião extraordinaria influencia no seu paiz, e os proprios papas, muitas vezes, tiveram de lhe admittir as censuras e aproveitar-lhe os conselhos.

Quando os jesuitas entraram em França, a convite de Henrique II e escudados com a protecção d'este e dos principes da casa de Lorena, e ahi pretendiam estabelecer-se, o collegio de Sorbonna, a pedido do parlamento, deu a seguinte opinião: «A ordem dos jesuitas é nas sociedades um elemento de desordem e de discordia e os seus membros scelerados, bastardos e infames (*personas fascinorosas, illegitimas et infames.*)

A resposta d'aquelle collegio, enviada a Roma, foi condemnada pela inquisição a ser queimada, e se todavia os jesuitas por aquella occasião abriram collegios em França, foi com a condição de não usarem do nome de jesuitas.

Seria longo desenrolar aqui o papel politico que o douto collegio da Sorbonna desempenhou; mas podemos assegurar que a sua influencia religiosa e politica foi tão grande, que muitas vezes serviu de freio a muitos despotismos e iniquidades

A historia do collegio da Sorbonna terminou em 1790, epoca em que deixou d'existir.

Como já acima dissemos, a Sorbonna é uma dependencia da universidade, que ali estabeleceu os cursos publicos da faculdade de letras, de sciencias e de theologia.

O PENSAMENTO DA MULHER

—

Mulher, ai! que és inconstante
Como o sopro do tufão!
Cada volver de teus olhos
Presagia uma traição...
Ao voar dos teus cabellos
Vae-te preso o coração.

Tu és como a borboleta,
Que, adejando no rosal,
Namora todas as flores,
E a todas é desleal;
E's como a folha que arrasta
Sem cessar o vendaval.

Como o brilho das estrellas
E' constante o teu amor,
Como a vaga d'esses mares,
Ora em paz, ora em furor:
Como o vulcão que ora dorme,
Ora ergue horrido clamor!

Como a linda mariposa,
Quaes astros do firmamento,
Como a folha, como as vagas,
Como o vulcão, como o vento,
E' voluvel, inconstante
Teu ligeiro pensamento...

Alexandre Braga.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

IV

O ALMOÇO

Continuação

Agradava-me tudo aquillo e cada vez me felicitava mais pelo bom estado do meu espirito, porque começava a interessar-lhe o que interessava a meus avós, e a mim, até ali, ter-me-ia sido repugnante.

—A menina Florentina não brinda? disse um dos parochos accusando-a.

—Que brinde a menina Florentina! proromperam todos.

Effectivamente, todos tinham brindado á minha saude; somente Florentina o deixara de fazer.

—Que brinde em francez! gritou o medico, ella que foi educada em Bourges.

—Não, disse o capellão, porque, excepto o senhor conde, todos os demais ficariamos em jejum.

—Que brinde em hespanhol! disseram todos, pois nascida em França, isso terá mais merito.

Florentina ficou callada. Tambem é verdade que ainda que quizesse dizer alguma cousa não podia, pois a algazarra dos padres e do medico ia subindo de ponto, debaixo da força expansiva do Champagne.

Por fim houve um momento de silencio, fixando-se todos n'ella como para que tomasse um copo e brindasse.

Florentina não se fez esperar: colheu um calix, levantou-se resolutamente, e todos colhemos tambem os calices e levantamo-nos.

Porém no momento preciso de fallar, quando os seus ademanes delicados, a sua figura esbelta e elegante, os seus olhos azues, a alvura de sua tez e o brilho de seus cabellos negros, quasi a todos parecia impressionar-nos com força de magia, turvou se ostensivamente, languesceu e apoiou-se na cadeira como se alguma vertigem, mui fugaz, commovesse a sua organisação.

O medico, que estava a seu lado, amparou-a com o maior respeito.

—Não é nada, disse Florentina; já passou... Ao ver-me só entre tantos homens... Além d'isso, o respeito ao senhor conde, cujo pae amparou o meu na emigração...

Callamo-nos todos...

Apesar dos vapores do Champagne, não nos atreviamos a dizer cousa alguma, temendo destruir a especie de encanto que aquella mulher, em similhante attitude, nos infundia: não poderia affirmar-se em que consistia aquelle encanto, se no metal da sua voz, se na sua belleza ou na sua dignidade natural; havia um tom harmonioso que sería impossivel determinar estheticamente.

Florentina endireitou-se por fim: os seus olhos banhavam-nos com um olhar indeterminado, pelo que tinha de vago, doce e triste como o de uma ave que lamenta *saudades* na floresta, e disse:

—Brindo por este famoso paiz de Galisa, onde meu pae encontrou asylo, pão e occupação; e porque cheguei a ser digna das maximas que elle infundiu no meu espirito, baseadas no amor de Deus, e no amor do trabalho, fontes de toda a vida e de toda a saude para a alma e para o corpo.

Nada mais vulgar que o fundo e a forma d'aquelle brinde, e causou a todos uma sensação triste. Parecia uma lição de moral, e eu mais que ninguem sentia a serpente do remorso nas entranhas. Apesar dos bons costumes de Florentina, apesar do respeito e consideração que inspirava a todos pelos seus habitos de religião e trabalho, n'aquelle almoço os circunstantes esperavam encontrar algum gracejo d'ella, alguma cousa que fizesse rir pelo seu donaire, *á franceza*, como elles diziam; por isso, em logar de a applaudir e celebrar, escoaram os seus calices e deixaram-se cahir nas suas cadeiras com a maior frialdade.

Eu, que, por acaso, não me tinha fixado até então n'aquella mulher, não sei porque, se ao principio a encarava com a indifferença natural que experimenta o homem enfastiado de bellezas, então comecei a fixar-me n'ella com repulsão, porém uma repulsão que eu não podia explicar, pois a sua figura era muito bella e extraordinariamente sympathica, possuia essa attracção que dá Deus e que não ha modista nem estudo especial que a dê.

Coincidia para mim tão mal a belleza physica com a belleza moral, que aquella mulher me parecia um vice-versa, um contrasenso. Ser bella e fallar do amor a Deus e do amor ao trabalho, parecia-me um absurdo; ou aquella mulher era uma hypocritasinha, ou, se effectivamente tinha nascido para amar a Deus e amar toda a occupação util para si e os seus similhantes, era uma especialidade que os moralistas poderiam engastar em ouro, porém que desagrada ao homem do mundo.

Continua

O ESCRAVO MALDITO

—

V

Continuação

A ausencia é briza, que, ou apaga lentamente a chamma do amor, ou a ateia, tornando-a lava vulcanica.

E a attracção que Caxibache tinha por Cecilia era amor que, com a sua ausencia, se lhe volveu em paixão ardente, desregrada!

A sós pelas mattas, triste, de uma melancolia profunda, aquelle amor, nascido da contemplação divina de sua alma, ainda candida, fazia-o chorar lagrimas que lhe escaldavam as faces.

Sem attender á voz da rasão, que lhe lembrava a infima posição que occupava na sociedade; sem ouvir a voz da consciencia, que lhe dizia ser impossivel aquelle affecto, porque, escravo, fugitivo e accusado de dous crimes, só tinha a esperar antipathia e odio, Caxibache abraçava dia a dia com mais fervor o sentimento que o dominava.

—E porque não? perguntava elle nas suas meditações de todos os momentos; porque não a hei de possuir? Sou escravo? Não, que hoje sou livre, livre até para lhe chamar minha!

Terriveis são os desvarios da alma! Medonhas as consequencias dos affectos violentos!

Ia em meio a noute. O ceo, conglobado de nuvens escuras e pesadas, parecia fundido em tella de chumbo. As trevas eram insondaveis.

Cosido ás paredes da casa de Ro-

drigo, Caxibache escutava com attenção todo o menor sussurro.

Quasi no mesmo momento em que um trovão longinquo reboava no espaço, a sua voz, tremula, chamou baixinho:

—Mãe!

Joanna, ainda acordada, estremeceu ao ouvir a falla de seu filho.

—Mãe! volveu o fugitivo instantes depois.

Com toda a precaução Joanna abriu uma porta e sahiu. Caxibache recebeu-a nos braços.

Depois de curto dialogo a negra exclamava:

—Impossivel, filho! Não t'o consinto em quanto tiver vida!

—Eu amo-a muito e quero possuil-a, retorquiu o negro.

—Impossivel! Isso é loucura...

—Não, mãe; não é loucura; é amor!

—Não t'o consinto! Vae-te embora. Não venhas revolver ainda mais as infelicidades d'esta familia.

—Mãe; o meu amor, nascido do veneno que me verteram na alma desde a hora do nascimento, é tão vehemente e tão cego que desconhece os impossiveis! Escolhe: ou eu entro por bem, assegurando-te a liberdade, ou emprego a força... maltratando-te!

—Podes passar por cima do meu cadaver! Nunca t'o consentirei, maldito!

Joanna, assim dizendo, correu para a porta. Caxibache de um salto embargou-lhe a fuga.

—Deixas? perguntou elle quasi em um rugido.

—Nunca! respondeu a escrava firmemente.

Ainda a palavra não tinha acabado de lhe sahir da garganta, já o seu corpo estava em terra, sem movimento. Quando Caxibache acabou de manietar e amordaçar sua mãe, voou ao interior do rancho e entrou no quarto de Cecilia. Esta, que ainda velava, ao ouvir rumor por detraz de si, voltou-se repentinamente, soltando um grito pungente. No mesmo instante era arrebatada nos braços do negro, que, veloz como o raio, desappareceu na escuridão da noute.

Rodrigo, acordado com o grito da filha e ouvindo ainda as passadas do fugitivo, saltou da cama e como doido correu em sua perseguição; mal sahiu, porém, fora de casa cahiu, tropeçando no corpo de Joanna. Se os seus olhos não se houvessem n'esse momento abaixado para a terra, teriam visto, á luz instantanea de um relampago cuspido do seio das nuvens, as roupagens brancas de Cecilia, que se sumiam entre os arbustos do matto fronteiro.

Continua — NUNO RANGEL

UMA POESIA POPULAR
DO SECULO XVI

O templo de S. Miguel de Creixomil, perto de Guimarães, situado em meio de campos fecundos e arvorisados, como a rica provincia do Minho os sabe produzir, chama a attenção do archeologo e do ethnographo por dous motivos: pela seguinte inscripção romana que tem exteriormente em uma das paredes

IVLIAE
AVITAE
NIGRI
SEMPRO

e porque no seculo XVI ia a elle (isto é, ao templo de que o moderno é reconstrucção) uma notavel romaria, durante a qual, segundo a auctoridade do padre Torquato Peixoto (*Memorias Resuscitadas da antiga Guimarães*, Porto, 1845), se cantavam estes versos, que eu copio de um manuscripto da Bibliotheca Municipal do Porto, n.º 527, onde estão mais correctos que na obra impressa:

S. Miguel de Creixomil,
Dainos favas e perrexil.
Castaninhas temolas nós.
Snr. Deus, ouvinos a nós.
Santiago es,
Que de Christo Apostolo ès,
Madalena, rogo a vós
Que rogueis a Ds. por nós,

(Ms. fl. 144)

Além da importancia que estes singelos versos teem para a litteratura, porque são uma reliquia da poesia popular do seculo XVI; para a ethnographia, porque nos revelam uma phase da vida social portugueza, o sentimento religioso, a paixão das romarias, a confiança na Providencia: elles dão-nos conta d'um ponto curioso; é que em volta de Guimarães havia d'antes abundancia de castanheiros, o que hoje não acontece assim.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

IV

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

Era a senhora Gertrudes, que precisava saber o que se tinha passado depois da revelação que lhe fizera da apparição da alma de André Bazilio.

—Oh, senhora Lourença! Então vae passear? perguntou Gertrudes.

—Não, menina; vou passar a noute a casa da minha irmã!

—E diga-me: sempre é certo...

—O que? Apparecer a alma?...

—Sim.

—Eu ainda não a vi; mas creio que sim... Todos os visinhos o dizem.

—E' verdade, é... Eu tambem já vi... disse do lado um velho que estava bebendo a breves gollos uma composição qualquer liquida, a que davam o nome de agoa-ardente, mas que, em verdade, de agoa-ardente era do que ella tinha menos!

—Já viu, senhor Bernardo? Então conte-nos, conte-nos, disse sempre curiosa a senhora Gertrudes, que, para ser curiosa, bastava ser mulher.

—E' verdade! principiou narrando o senhor Bernardo. Eu pouco quero crer n'estas cousas; mas emfim ha casos!... Olhe, para não ir mais longe; o cunhado de minha filha Thereza... eu ainda lhe não contei este caso?...

—Não; a mim, não... respondeu a senhora Gertrudes; e depois voltando-se para Lourença, disse, indicando-lhe um banco besuntado que estava ali perto: Porque se não senta, senhora Lourença?...

—Obrigada; eu saio já, respondeu esta.

—Pois a cousa foi assim, continuou Bernardo: o homem começou por perder a vontade de comer, depois foi indo, indo, e já estava tão fraco, não faz ideia. Magrinho que mettia dó! Uns diziam-lhe que era a espinhella cahida, outros que era uma bicha que elle tinha na barriga, e no fim de tudo sabe o que era, senhora Gertrudes? Sabe o que era, senhora Lourença?... Era um mao olhado!...

—Ah!... fez a senhora Gertrudes cruzando os braços.

—T'arrenego! Cruzes!... dizia a senhora Lourença, ao tempo que fazia o signal da cruz.

—E quem lhe fez a reza e a benzedella, foi a Rita do Manco, mulher de muita virtude; e elle começou logo a comer e a ficar bom, concluiu Bernardo.

—E então isto da alma?

—Ah! Sim, senhora Lourença; vinha eu a dizer na minha que não acredito n'estas cousas; mas ha casos!... Olhe esta cousa da alma, ninguem me tira da cabeça que é alguma remissão de grande peccado que lhe roía a consciencia, disse elle baixando a voz. Dizem que elle fôra um mao homem e então está agora pagando o que fizera! Anda-lhe a alminha por ahi a correr fado! Eu vi-a, disse confidencialmente o credulo Bernardo; eu vi-a, ha dous dias, feita em cão...

—Jesus, Santo nome de Jesus! Feita em cachorro a alma de meu patrão!... exclamou a velha horrorisada.

—E' verdade; feita em cão... Era um cão preto, grande!... Quando eu o

encontrei, vinha elle a sahir do cemiterio. Caminhou direito a mim e uivou tres vezes!...

Continua EDUARDO VÉRAS

O HELICE

O helice é um apparelho com a forma de parafuso, ou saccarolhas, que na industria tem um grande numero d'applicações. Mas a applicação mais notavel é a que consiste em tornal-o um propulsor submarino de grande força, para fazer andar os navios.

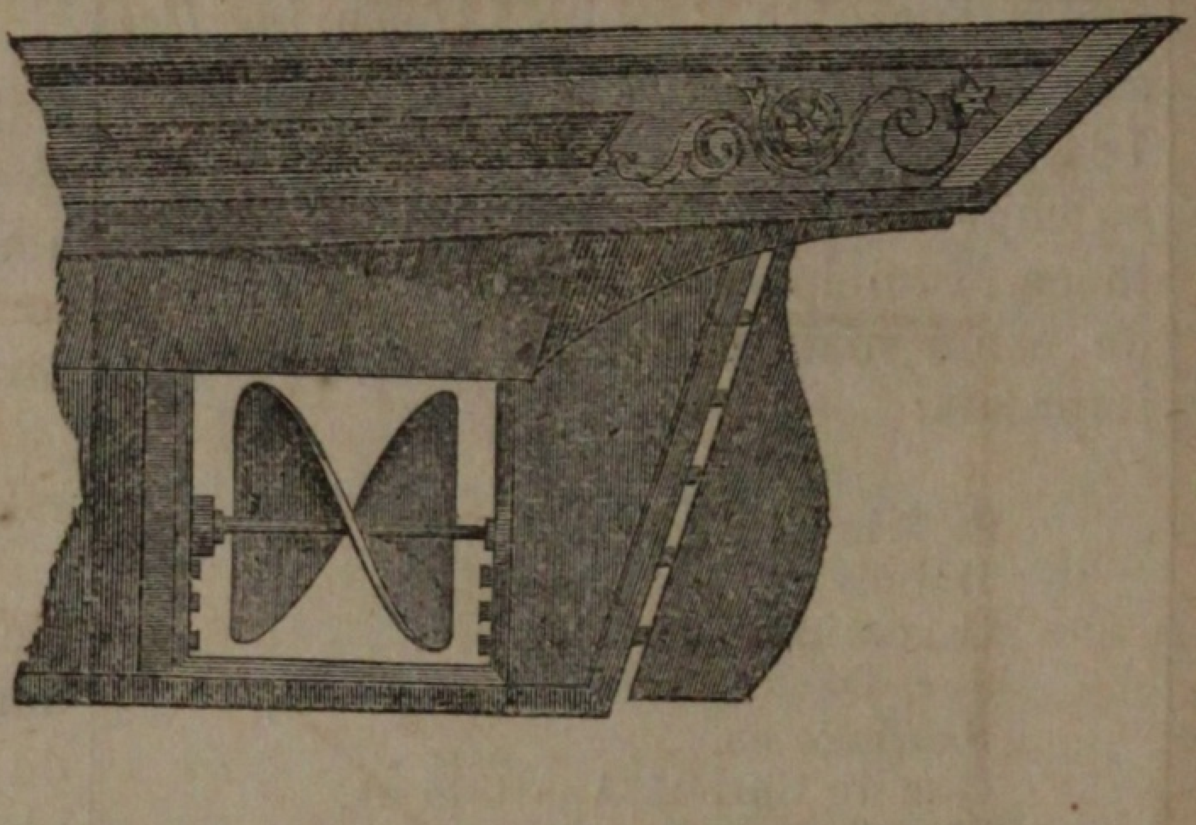
A invenção do helice propulsivo é devida a Du Quet, do Havre, o qual em 1727 fez a discripção d'um apparelho da mesma natureza. Em 1803 Carlos Dallery pediu um breve d'invenção para um systema d'helice propulsivo, que não chegou a pôr em pratica por falta de meios. Ericson, capitão sueco, construiu em 1836 o primeiro helice, que foi experimentado e cujas vantagens se tornaram desde logo evidentes.

Esse helice compunha-se d'um cylindro de ferro, junto no meio do eixo por tres segmentos d'heliçoide, que funccionavam como propulsores pela inclinação do logar. Os segmentos prolongavam-se exteriormente á maneira d'azas. O helice estava montado em um cabouco, no qual se achava fixada a arvore horisontal.

O helice propulsivo substituiu as rodas de rodisios na navegação a vapor. Colloca-se na retaguarda da embarcação, ou popa, junto do cadaste, e põe-o em movimento uma machina a vapor estabelecida no interior do navio.

A velocidade da rotação varía de cem a duzentas voltas por minuto; o navio pode com o impulso andar dez a doze milhas por hora.

Os navios a helice funccionam tambem como navios de velas.



O HELICE

ZIG-ZAGS

EVANGELHO DEMOCRATICO

E' Victor Hugo que falla:

Senhores, o seculo XIX glorifica o seculo XVIII. O XVIII propõe, o XIX conclue. E as minhas ultima palavras serão a rectificação tranquilla, mas inflexivel, do progresso.

Chegaram os tempos. O direito encontrou a sua formula— a Federação humana.

Hoje a força chama-se a violencia e começa a ser julgada; a guerra está posta em accusação; a civilisação, a requerimento do genero humano, instrue o processo e levanta o grande auto criminal dos conquistadores e capitães. Esta testemunha, a historia, é intimada para depôr. Apparece a realidade severa. Dissipam-se as fascinações ficticias. Em muitos casos o heroe é uma variedade de assassino. Os povos começam a comprehender que o engrandecimento d'um attentado não pode ser a diminuição; que se matar é um crime, matar muitos não pode ser circumstancia attenuante; que se roubar é uma insania, invadir não pode ser uma gloria, que o *Te Deum* não lava culpas, que o homicidio é o homicidio, que o sangue derramado é o sangue derramado, que de nada serve chamar-se Cesar ou Napoleão, e que aos olhos de Deus eterno não se muda a figura ao assassino, quando em logar d'um bonet de grilheta se lhe põe na cabeça uma corôa de imperador.

Ah! proclamemos as verdades absolutas. Deshonremos a guerra. Não, não se pode consentir que a vida trabalhe para a morte. Não, ó mães, que me escutaes; não se póde tolerar que a guerra, esta ladra, continue a roubar-vos os vossos filhos. Não se póde consentir que a mulher dê á luz na dôr, que os povos laborem e semêem, que o lavrador fertilise os campos e que o operario fecunde as cidades, que os pensadores meditem, que a industria faça maravilhas, que o genio realise prodigios, que a vasta actividade humana multiplique, á face do ceo estrellado, os esforços e as creações, para dar esta espantosa exposição internacional que se chama um campo de batalha.

CHARADA

A primeira é voz do ceo,
Doce lei da natureza;
Dá-lhe imperio irresistivel
A só vista da belleza— 2

O coração dos humanos
Suave praser innunda
Se do fito da primeira
Pode alcançar a segunda— 2

Mas se este bem, negro fado
Perturba de qualquer modo,
A doçura do praser
Torna-se em fel como o todo.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 78, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de quaquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dosnossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 23 DE MARÇO DE 1882 | NUMERO 82

SUMMARIO

Texto:— Viriato — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Uma reliquia historica, por A. Vieira Lopes — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Borneo — Do Intermezzo (poesia) por J. Leite de Vasconcellos — Tentação!... por Nunes d'Azevedo — Milão — A casa da moeda em Paris — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — O conde d'Amarante (romance) — A cavallaria, por Heliodoro A. Salgado — Incomprehensivel (poesia) por C. Maxima de Figueiredo — O escravo maldito, por Nuno Rangel — A egreja de S. Miguel em Bordeus — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Viriato — Milão — Casa da moeda em Paris — Egreja de S. Miguel em Bordeus.

VIRIATO

VIRIATO

—

Pelos annos de 149, antes de Christo, achava-se a peninsula luso-hespana sujeita á dominação romana, sendo aqui delegado da poderosa republica o pretor Servio Galba, homem cruel e avarento, que ninguem podia ver com bons olhos.

Era o jugo d'este tyranno que os lusitanos ardiam por saccudir.

Mas Roma era forte e os seus exercitos assolavam tudo. Ai do que se queixava!

No principio d'aquelle anno, porém, os lusitanos, tomando valorosamente as armas, cahiram sobre as tendas dos romanos, desbaratando-os, matando-lhes sete mil homens e pondo em fuga o proprio pretor, com o resto das suas tropas.

Galba jurou vingança, e voltando d'ahi a pouco com um exercito muito mais numeroso, atacou os lusitanos, fazendo n'elles uma horrivel mortandade. Em trinta mil calculam os historiadores os assassinados á traição.

D'aquella grande carnificina escapou por milagre um mancebo, um pobre pastor, natural das visinhanças de Vizeu, que sobre os restos fumegantes dos seus compatriotas assassinados jurou tirar uma vingança terrivel dos inimigos da sua patria.

E compriu o juramento o moço pastor, que se transformou, quasi sobrenaturalmente, em um audaz guerreiro.

Viriato foi, depois de Anibal e Mithridates, o mais terrivel inimigo que a poderosa republica teve de combater. Combateu-o sim, mas não o venceu. Quando desesperou de vencel-o pela força das armas, Roma estipendiou uns infames, que sob pretexto de conferenciarem com o general lusitano, se introduziram na sua tenda e o assassinaram.

Só assim pôde aquella que se apregoava a rainha das nações ver-se livre d'um inimigo como Viriato. Mas que vemos nós nos tempos modernos? Quando deixará a força e a traição de ser o apanagio de todos os conquistadores?

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

Frei João do Ceo era n'aquelle tempo um dos homens de mais importancia do Porto. Tinha entrada em todas as casas de certa ordem, quer fossem de fidalgos, quer da burguezia endinheirada, que era então em muito maior numero, e entre todas as familias que elle frequentava contava verdadeiras sympathias pelo genio serviçal que o distinguia.

Não era um hypocrita frei João do Ceo; sabia conciliar os deveres do seu ministerio com um caracter affavel; era risonho até ao ponto das velhas beatas não poderem levar a melhor com elle quando caiam em ir-lhe para os pés com as suas impertinencias requentadas, de que elle zombava até mais não. Só as velhas é que não lhe tinham grande affeição; mas elle desforrava-se bem, gracejando com as novas, que se não eram beatas de todo, eram pelo menos devotas de Deus e... do fradinho loyo.

Tería os seus cincoenta annos o frade; mas era tão bem apessoado, sabia tão bem a arte de conservar-se moço, que ninguem lhe daria mais de trinta e cinco. Dissemos que frei João tinha entrada em casa do desembargador, e que fôra por elle, e por entermedio do compadre Sequeira, que Francisco do Nascimento soubera noticias relativamente ao namoro do doutor Henrique de Vasconcellos com Alexandrina.

Depois vimos que tanto Nascimento como o seu caixeiro Vieira formaram o firme proposito de estorvar por todos os meios a que aquelle namoro se prolongasse.

Vieira, sem que o patrão o soubesse, procurou o compadre Sequeira, e, depois de pedir-lhe todo o segredo, rogou-lhe que indagasse do primo frade todas as circunstancias, o menor detalhe ácerca do viver do doutor, para d'ahi ver qual o meio que convinha empregar afim de fazer cessar aquelles amores inconvenientes.

E' certo que o frade informou o primo e este fez sabedor o caixeiro de Nascimento de cousa que a elle, o caixeiro, o alegrou muito, pois declarou immediatamente que não precisava de saber mais. Quando Vieira, n'essa noute, se recolheu ao seu quarto, antes de se deitar e tendo-se encommendado a Deus, exclamou entre jubiloso e triste:

—Já não tenho duvida nenhuma em alcançar o que tanto desejo. Agora é certo que tenho na minha mão o fio da meada e que eu a desenvencilharei. Mas cautella, que não o saiba ninguem! Nem meu proprio patrão! Esse, na qualidade de pae, fazia por ahi um barulhão e compromettia o negocio. Nada. Eu andarei com mais tino. Sei o modo de chegar ao fim que desejo sem recorrer ao espalhafacto. Mas Alexandrina! Oh! Como essa o sentirá! Aquella creança, aquella innocente ia-se perdendo. Salvemol-a, ainda que lhe custe!

E quando já se ia aconchegando na cama e o somno lhe principiava a fechar as palpebras, Vieira dizia:

—Mas o tal doutor!... Quem o diria!... Eu cá nunca sympathisei com elle! Mas quem o havia de dizer? Ora o maroto!...

E adormeceu com esta palavra a expirar-lhe nos labios.

Continua — JORGE DE MACEDO

UMA RELIQUIA HISTORICA

—

Conclusão

«A fachada gothica é toda de prata dourada com esmaltes de differentes côres e compõe-se de dous corpos distinctos: o superior apresenta a parede ornamentada d'um edificio gothico, no qual se estende uma galeria de nove janellas contiguas, delineadas segundo o mais puro gosto d'aquelle estylo architectonico, resaltando da dita parede sobre a galeria das janellas dous anjos, um em cada extremidade, segurando dous escudos d'armas d'el-rei D. João I de Portugal: o corpo inferior consta de quatro arcos, que formam a abobada da camara ou presepio, e sustentam outros tantos pavilhões sextavados, em que se abrem brincadas janellas ogivaes, tudo guarnecido de lindos esmaltes. São preparados os quatro pavilhões por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capellinhas, que se encostam á galeria acima referida. Nas cinco misulas dos quatro arcos veem-se cinco pequenas estatuas d'anjos, de vulto inteiro, com tochas nas mãos, fazendo-lhe docel cinco formosos coruchéos, rendilhados, que terminam em esbeltas e delicadas agulhas.

As duas meias portas do oratorio teem o mesmo fundo d'este, e dividem-se tambem em duas partes, superior e inferior, tendo em cada divisão uma camara ou capellinha, com as paredes vestidas de folha de prata dourada com lavores, e coberta por dous arcos ogivaes, que sustentam uma como parede toda lavrada com diversidade de desenhos esmaltados. Na meia porta do lado direito está representada a Annunciação na parte superior, e na inferior a Apresentação; na outra meia porta está figurada na parte superior a Adoração dos pastores e na inferior a Adoração dos Reis. Todas as figuras são igualmente de vulto inteiro, de prata dourada, com encarnação no rosto e nas mãos, e da mesma altura das da Senhora e S. José, que estão no presepio.

Em tudo quanto respeita a architectura e ornamentação é este oratorio obra muito para se ver e admirar; mas emquanto ás figuras deixa muito a desejar, principalmente em correcção de desenho.

Nos escudos das armas, que os dous anjos sustentam, foram substituidos os leões de Castella pelas quinas de Portugal, por ordem dos conegos, que de

este modo quizeram mostrar, que tal preciosidade fôra dadiva d'um monarca portuguez, sem se lembrarem que tal alteração vinha escurecer a gloria, com que foi ali trazido, e daria occasião a ignorar-se a sua procedencia, como aconteceu a Gaspar Estaço, que nas suas *Varias antiguidades de Portugal* diz que este oratorio se fizera da prata, a que se pesou D. João I, e dera d'esmola á Senhora.

O costume de se expôr este oratorio no altar da capella-mór desde o dia de Natal até á Epiphanea e na festa de Nossa Senhora, já cahiu em desuso, porque actualmente não sabe do thesouro. (*)»

A. Vieira Lopes

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

LXIV

BORNEO

Continuação

A população da ilha de Borneo offerece uma grande variedade de typos: malaios, arabes, javanezes, macassares, chinezes, papuas; mas as raças negras e acobreadas são as predominantes. Seguem todas o culto de Mahomet.

Distinguem-se ahi dous povos de costumes muito differentes: os biadjus, ou viahdjas, e os alforezes, ou haraforas. Os primeiros approximam-se da raça malaia; denominam-os tambem eidaans, ou dayaks. São robustos e atrevidos; empregam-se na pirataria. Não teem outro vestuario além d'um cinto e vivem em cabanas miseraveis. Um eidaan não pode casar sem provar que matou um inimigo pelas suas proprias mãos, cortando-lhe a cabeça e levando-a como tropheo da victoria. Combatem com flechas envenenadas e comem os inimigos. Cultivam as terras e traficam com os chinezes. A sua moeda são medidas de sal.

Os alforezes vivem da caça e da pesca.

Borneo está dividida em um grande numero de principes independentes. Os hollandezes possuem duas provincias.

O estado mais poderoso que se encontra na ilha é o de Borneo, governado por um sultão. A capital é Borneo, cidade de 40:000 habitantes, edificada sobre estacaria e com canaes em logar de ruas. Para as casas sobe-se por escadas. Os inglezes bombardearam esta cidade em 1846.

O Madurá é uma região de 218:000 habitantes. Capital, Bankallang, dominada pelos hollandezes, que possuem quasi todo o territorio das ilhas de Bali, Sumbawa, etc.

Na ilha de Bali ainda está em uso o *sutti*, que vem a ser o sacrificio dos seres vivos para honrar os mortos: ignorancia e crueldade!

Chegamos emfim á ilha de Timor, uma parte da qual nos pertence.

Timor é uma das ilhas que formam o grupo de Sumbawa e está situada no mar e archipelago da Sonda, ao sul das Molucas e entre o Oceano Indico e o mar das Molucas. Tem uma superficie de cerca de 450 kilometros de comprimento por 120 de largura. A população consta de 1,700:000 habitantes. A população da parte da ilha que pertence á coroa de Portugal calcula-se em 100:000 habitantes. As suas principaes povoações são Lifáo e Dilly.

Esta ultima cidade é a capital das possessões portuguezas n'esta ilha. Tem uma população de 120:000 habitantes. E' uma cidade fortificada, com um porto sobre a costa Norte. Commercio de ninhos d'andorinhas, cera, sandalo, cobre, ferro: exportação para Macao e a China.

Timor, apesar de governada por principes indigenas, está quasi inteiramente sob a suzerania dos hollandezes, que possuem a parte do sudueste, com Compang por capital, e dos portuguezes, que dominam do lado do norte.

O clima é insalubre. O solo produz arroz, milho, algodão, especiarias. As florestas são extensas e cheias de reptis, gatos selvagens e macacos. Os crocodillos e escorpiões abundam em toda a ilha. Commercio importante de madeiras preciosas.

Continua

(*) «Guimarães. Apontamentos para a sua historia, pelo Padre Antonio José Ferreira Caldas. 1882.»

DO INTERMEZZO
(H. HEINE)

I

Se me não queres amar,
Ai! eu não, não chorarei...
Ante a luz do teu olhar
Fico alegre como um rei.

Tu vaes deixar-me, bem vejo;
Essa rosea bocca o diz;
Mas, ó amor, dá-me um beijo
E logo serei feliz.

II

Meus canticos estão envenenados;
E como assim não fôra, se lançaste
Veneno sobre a flor da minha vida?

Meus canticos estão envenenados;
E como assim não fôra, se em meu peito
Te tenho a ti e a monstros, ó querida?

III

Sempre que dous amantes se separam,
Apertam com fervor as mãos, e ficam
Suspirando e chorando ambos os dois:

Nós não choramos, nós não suspiramos;
Mas os suspiros intimos e os prantos
Vieram ao depois...

J. Leite de Vasconcellos

TENTAÇÃO!...

Conclusão

II

Cá por fóra estavam os mendigos, esses cães sociaes que não teem entrada em parte alguma, que são escorraçados dos proprios templos, a pontapés, como tinhosos, como onagros lazarentos. Circuitavam, por largo, o adro da capella, expondo as ulceras do seu corpo, o estado, não menos ulceroso, do seu espirito, e pondo no meio d'aquelle ruido vertiginoso e multiplice as suas exclamações impetrativas, no tom sombrio e lugubre dos threnos da miseria. Todos passavam, sem ver, virando de proposito a cara para o lado, rindo na turva ebriedade do seu estomago satisfeito, da sua pelle bem resguardada da intemperie, dos seus bolsos providos do superfluo, dos seus apetites bem regalados e a tempo.

A's vezes, d'entre o grupo das gentes felizes, uma vozinha de creança, alegre como a nota d'um passaro, cortava a paspalhice d'aquelle palrar continuo e burguez, na ideia beneficente de lembrar, de chamar a attenção dos paes sobre o desgraçado que implorava a esmola, de barrete na mão, fazendo tregeitos de dôr. Mas uma onda humana levava aquella creança diante de si, em uma raiva de temporal, como que para a reprehender, castigar a sua curiosidade impertinente.

Os meus amigos tinham-me deixado por um momento, attrahidos pela volupia d'uma mulher, *que servia*, que sabia vender a retalho, as palpitações animaes da sua carne, um tanto usada, e eu continuei no mesmo logar, occulto, como um mysantropo, a fazer raciocinios de philosopho, a tirar illações escandalosas d'aquelle viver da plebe. A minha observação seguia de perto como um espião invizivel aquelle arrastar da alma pelas immundicies dos gosos baratos, e perfilava-se, muda, como uma interrogação arrogante, n'aquelle ponto fatal em que se estabelecia a linha divisoria de ricos e pobres, dos homens que gosam e dos entes que

teem fome, dos privilegiados que vendem e dos indigentes que não podem comprar!

N'este longo trabalhar de espirito ia gastando o meu tempo, divagando largamente pelos tristes escombros da vida social, quando um velho mendigo, aleijado de pés e mãos, disformemente mutilado, muito similhante a um kágado, me attrahiu mais de perto as attenções. Estava por detrás d'uma padeira, como que entertido a escutar, sem ser visto, a conversa que ella tinha com um marmanjo de suissas largas, sedosas, chapeo derreado para traz, e faixa escarlate, de gallego, a cingir-lhe a cinta e a barriga. O mendigo agitava-se, movia-se em um bamboamento de vaevem, levantava e retrahia a mão em um sentido qualquer, que me escapava á penetração, que eu não podia attingir nitidamente. No entanto, percebia-se que tinha uma ideia que o excitava, que lhe punha a tratos o espirito, a consciencia.

De repente, o *marmanjo* abaixou-se para dizer ao ouvido, alguma cousa á padeira, e vi então, distinctamente, na clara evidencia da luz, a perpetração positiva d'um crime abominavel, pelo qual João Valgean, o grande personagem de Victor Hugo, soffrera já uma sentença condemnatoria, uma proscripção deshonrosa!

—O mendigo furtara um pão!

Mas este ficou impune, e desappareceu outra vez ás escondidas, arrastando-se como um reptil, por entre a turba que folgava, que não attentava n'elle.

Fôra matar a fome!

NUNES D'AZEVEDO

MILÃO

Milão, situada no meio d'uma planicie fertil, está cercada de muralhas sem importancia alguma militar.

MILÃO

Compõe-se de duas partes: cidade antiga e moderna.

Tres canaes alimentam o commercio de Milão: o Naviglio Grande, o canal de Pavia e o de Martesana.

Milão é o centro d'um commercio e d'um movimento intellectual muito importante. Pode applicar-se-lhe uma observação feita a proposito de Turim: que o seu aspecto recorda o d'uma cidade franceza. Montagne dizia que Milão se assimilhava a Paris. Esta cidade de dia para dia torna-se um centro de praser e de luxo, que deve attrahir a attenção dos estrangeiros.

As ruas estreitas e tortuosas teem sido consideravelmente melhoradas pelo municipio. Do centro dirigem-se para as portas das cidades as grandes vias de communicação, designadas com o nome de *Corso*

A principal, a mais elegante e a mais frequentada é a que parte da praça do Dôme e que toma as denominações de Corso Francesco, Corso e Borga di porta Orientale, e vem terminar em um boulevard extenso. A parte de este corso comprehendido entre a Porta Nova e a Porta oriental serve de logar de passeio e de ponto de reunião de numerosas equipagens: pode chamar-se-lhe os Campos Elyseos de Milão.

A população de Milão é de cento e noventa mil habitantes.

E' limitado o numero de ruinas romanas que existem n'esta cidade, o que facilmente se explica pelos desastres que tem soffrido, e sobre tudo pelas devastações de Atila (452) e pela destruição ordenada em 1116 por Frederico I.

A CASA DA MOEDA EM PARIS

A planta da casa da moeda em Paris foi posta a concurso pelo governo de Luiz XV; homens de grande reputação, taes como Moreau, Boullée, Barreau e muitos outros concorreram; comtudo os seus projectos não foram approvados e acceitaram o de um artista ainda obscuro e desconhecido, Jacques Denis,

A construcção começou em 1768 e terminou em 1775. E' mui digna de estudo esta edificação; a harmonia das suas proporções, o estylo de architectura, a magnificencia do todo e a sabia disposição das suas partes, a boa disposição e a perfeição da mão d'obra tornam este palacio um modelo.

O palacio tem duas frentes, cada uma de cento e vinte metros.

Uma das fachadas é paralella ao Sena, e o seu corpo principal, extremamente elegante, é formado por seis columnas jonicas, que teem por base cinco arcos ricos em ornamentação. O arco do centro é a entrada de honra do edificio; portas de carvalho, extraordinarias pelo seu tamanho e pelos lavores em bronze, fecham as entradas. Seis estatuas, de pé em cima de pedestaes, encimam o corpo principal de tão monumental edificio. As figuras devidas ao talento de Pigalle, Moncky e Leconte, representam a Lei, a Prudencia, a Força, o Commercio, a Abundancia e a Paz.

A segunda fachada, não menos ornamentada do que a primeira, olha para a rua Guenegaud. Sobre o corpo principal ha unicamente quatro estatuas, representando os quatro elementos, cinzeladas por Caffier e Dupré.

A casa da moeda tem dentro tres enormes pateos e um sem numero d'elles mais pequenos. Chega-se ao pateo principal entrando pela frente parallela ao rio, tendo-se primeiramente atravessado um soberbo vestibulo, ornado com quatro columnas doricas, dando accesso a uma escada esplendida, igualmente decorada por dezeseis columnas de ordem jonica.

Muitos criticos teem achado diversos defeitos n'esta construcção; mas os homens da arte, verdadeiramente conscienciosos, unicamente lhe notam o acanhado das officinas, culpa que não pode ser lançada á conta do architecto, mas sim ao ministro que presidiu á sua construcção. Este, em vez de dar maior espaço para edificio, preferiu roubar-lhe um lote de terreno para construir um

CASA DA MOEDA EM PARIS

palacio, que foi a sua vivenda até ao rebentar da revolução franceza.

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

IV

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

—Virgem Santissima! ia dizendo a meia voz Lourença, em quanto a senhora Gertrudes se contentava em abrir muito a bocca e arregalar desmedidamente os olhos.

—Uivou tres vezes, e á terceira, ia eu já a pegar em uma pedra para lh'a atirar, porque é azango os cães uivarem...

—E' agouro, é... disse do lado Gertrudes, e naturalmente só para dizer alguma cousa. E' agouro peior do que o azeite entornado.

—E vae elle, continuava o narrador, diz-me, assim com uma voz como sahida das profundezas da terra: Eu sou a alma do André Bazilio, que não tem entrada nem no ceo nem no inferno, e ando por aqui vagueando sem paradeiro certo. Não me faças mal! A's vezes tambem me faço em luz e por ahi ando... Quando chega a madrugada, então torno-me em uma nevoa transparente até que á noute me transformo. Não me batas, não? Não me faças mal, que eu sou a alma de André Bazilio...

—Ai, credo, anjo Bento! S. Miguel Archanjo! diziam em côro as duas mulheres...

—Eu nem quero saber mais, tornou Lourença. Vou-me já d'aqui embora! Valha-me S. Gonçalo, meu patrono! Adeus, senhora Gertrudinhas; adeus, senhor Bernardo, adeus!...

E sahiu

E já longe, pelo caminho, pensava ella:

—A alma do senhor Bazilio feita em cão... Jesus! Jesus!...

E mais diria o farçante Bernardo se ouvintes tivesse ali.

As palavras d'elle, decoradas pela senhora Gertrudes, foram repetidas a quantas pessoas frequentaram a loja n'aquelles dias. Ella, porém, addicionava mais á historia, já extravagante, do cão preto, tudo quanto a sua ideia lhe fornecera, e acabava sempre acrescentando:

—Quem o disse aqui, foi o Bernardo fabricante, e todos sabem que elle é um homem de confiança e credito!

E sempre, e sempre apparecia a luz vagueando pelo quintal!

Afinal, um dia, deixou d'apparecer! Tinha acabado o seu fadario, diziam todos!

Tinha cumprido a sua condemnação...

E se tal não acontecesse estariam ainda a esta hora inventando assombros, fundindo cousas medonhas sujeitos taes como o senhor Bernardo fabricante, que tão bem combinou a historia do cão preto.

Dias depois de se ter apagado a luz mysteriosa, mudava Alvaro a sua residencia para um formoso e elegante palacete, situado em uma das principaes ruas da cidade.

A repentina mudança que se operara na posição social de Alvaro, foi o assumpto das conversas na loja do João da tenda, onde a senhora Gertrudes, sentada atrás do mostrador, fazia os seus commentarios de parceria com os seus freguezes.

Alvaro, o simples caixeiro de André Bazilio, o pobre que se desesperara ao ver-se sem recursos, estava agora tornado em leão da moda.

E' que talvez tivesse descoberto a pedra philosophal!

Continua — Eduardo Véras

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

IV

O ALMOÇO

Continuação

Para mim nunca haviam existido as duas bellezas, a physica e a moral, em um mesmo ser. Estava tão acostumado a ver as mulheres feias fazendo ostentação ridicula de suas bellas qualidades moraes, como ás mulheres formosas fazer ostentação voluptuosissima d'essa formosura physica que o céo lhes concedera.

Florentina, além d'isso, não dedicara um brinde á minha feliz chegada ao palacio de Amaral, quando todos m'os haviam dedicado á porfia. E' verdade que na recepção me cumprimentara já horas antes em sentido *ad hoc*; porém, comtudo, bem podera dirigir-m'o tambem no almoço.

Todos esses sentimentos que na occasião e atropelladamente experimentei, faziam nascer em mim uma aversão, talvez injusta, com relação áquella orphã, sem mais amparo no mundo que a sua moralidade e o seu amor ao trabalho.

Esta aversão conhecia eu que nascia poderosa para com Florentina: concebi, debaixo da sua bella apparencia de mulher nova, uma alma hypocrita, que obedecia a algum calculo malicioso, porém inexplicavel para mim, e desde aquelle momento condemnei Florentina ao maior despreso no fundo da minha consciencia.

Desde este momento, que determinou a sorte de Florentina, pode dizer-se que comecei a viver e a sentir, e aqui começa o interesse do drama da minha vida.

V

VISITAS DA VISINHANÇA

Retiramo-nos da mesa e eu dirigi-me para o terraço.

Desejava estar só n'elle e consegui-o.

Então a imagem de Florentina occupou a minha mente e conheci que a anthipathia que me inspirava era cada vez mais profunda.

Em meio das reflexões insolitas, que me abstraiam com relação áquella mulher, decidi despedil-a do palacio.

Para isso procuraria um pretexto, como passar um exame aos livros de arrendamento ou administração, qualquer cousa, e disporia a sua sahida; além d'isso, para que havia de ter como administrador uma mulher, fosse qual fosse o seu talento administrativo? E' verdade que tendo-a, continuaria a prestar veneração á memoria sagrada de meu pae, que protegera o seu; porém tudo isso, se me importunava, poderia conciliar-se com o conceder uma pensão á orphã do tenente coronel de Cabreira ou de Carlos V. *de montanha*, e ficava do outro lado respeito á minha consciencia.

Como continuaria eu tolerando em Amaral um ser perigoso, um ser hypocrita? Como havia eu de tolerar em Amaral, como uma vibora nas entranhas, uma mulher, que fingisse certa *exterioridade catholica* com calculo malévolo, talvez para se apoderar do meu espirito e cingir na sua fronte uma corôa de conde? Não, não; eu vinha procurar em Amaral, meu berço, tranquillidade, vida da alma, porém vida pacifica, e aquella mulher collocava-se no meio do meu caminho como um grande penedo, que, rodando de ladeira em ladeira, vem obstruir uma via ferrea.

Arreigou-se, pois, em mim a ideia de que Florentina tinha pretenções sordidas, occultas, para se apoderar do meu ser e submetter-me ao imperio do sensualismo, quando o sensualismo seccara talvez para sempre o meu coração.

Porém, porque essa ideia vaga e mysteriosa do meu espirito, nascida á mesa, tomava corpo e proporções formidaveis, até chegar a assustar-me, a mim, homem do theatro Real e dos boulevards? Em ultimo resultado, que era Florentina? Uma minha serva. E isto, porque me havia de alarmar e predispor contra ella?

Então não podia comprehender o mysterio d'esta impressão, sempre candente no ether do meu cerebro.

Hoje, mais socegado, posso manifestal-o: era porque eu presentia n'aquella belleza uma força de attracção, que, fossem quaes fossem as circunstancias da minha vida, jamais poderia subtrahir-me a ellas: era porque sempre experimentamos *á priori* animosidade e repulsa para com aquelles seres, que, tão somente ao vel-os, conhecemos que podem dominar espiritualmente a nossa altivez e a nossa independencia ingenita, e principalmente se são nossos dependentes.

Abstrahido n'estas profundidades da minha alma, chegou a hora de pôr-se o sol, e ainda me encontrava immovel no terraço principal. Envergonhado d'aquella abstracção indeclinavel, envergonhado da minha debilidade perante uma minha criada, eu, o famoso *dandy* do Retiro, da Fonte Castelhana e do bosque de Boulogne; eu, o que tinha contado as conquistas como o menino as flores d'um jardim immenso, fiz um *tour d'esprit* e imprimi outra direcção aos meus pensamentos, concentrando-os na dulcissima memoria de minha mãe.

Continua

A CAVALLARIA

—

Continuação

III

Nos seculos passados, em que o papa fallava e era escutado em religioso silencio por todos os povos, porque se elle batia com o baculo pontificio no solo fazia oscilar os imperios, um desejo manifestado pelo successor de S. Pedro equivalia para os principes a uma ordem do Espirito de Deus. Assim foi

que, quando em 1157 a Italia se viu ameaçada pelos turcos, o papa Callixto III proclamou contra elles uma cruzada, e a sua voz achou ecco no extremo occidente da peninsula, e Affonso V de Portugal preparou uma expedição e em memoria do facto mandou cunhar pela primeira vez os cruzados com o ouro da Guiné. Mandou os soccorros ao papa, e aproveitou o ensejo para vibrar golpe de mestre nos mouros d'Africa, gente por quem tinha singular *predilecção*, e pelo que os historiadores lhe chamaram o *africano*.

Instituiu então a ordem da Torre e Espada, que tirou este nome do emblema (uma torre com uma espada no alto) allusivo á torre de Fez, atravessada no capitel por uma espada que os mouros acreditavam dever ser tirada por um principe christão. Admittia esta ordem apenas vinte e sete cavalleiros em memoria dos annos contados pelo rei quando pela primeira vez ergueu as vistas para a cidade de Fez. Com a commenda d'esta ordem condecorou elle os seus mais valentes cavalleiros das conquistas d'Africa, especialmente os soldados d'Arzila e Tanger.

Quasi absolutamente esquecida pela cessação da causa primitiva, D. João IV restaurou-a para premiar os militares não catholicos, impossibilitados de usarem as insignias das outras ordens.

D. Sebastião instituiu em 1576 a ordem da Frecha, em memoria do santo do seu nome morto á frechada pela sua constancia na fé em 228. Está hoje esquecida.

No tempo do conde D. Henrique dizem que um eremita portuguez chamado Armando, que vivia vida asceta junto do rio Coa, perto da villa do Pereiro, induzira o nobre mancebo D. Soeiro a fundar a ordem do Pereiro, a qual mais tarde passou para Castella, chrismada com o nome de Ordem de Alcantara.

Já agora digamos duas palavras ácerca da ordem dos Templarios. Esta ordem foi assim cognominada porque tanto o seu templo como o hospital estavam levantados nas proximidades do sitio em que fôra o templo edificado por Salomão. Foi instituida em 1118 com o fim de proteger os peregrinos christãos á Palestina contra as atrocidades dos sectarios do propheta d'Yatrib. A sua divisa era a cruz vermelha sobre habito branco. Entrou em Portugal em 1126, tendo por primeiro grão-mestre Gualdim Paes.

Esta ordem, espalhada por todo o orbe catholico, foi talvez a mais famosa de todas. A sua immensa riqueza e poderio causaram ciumes ao miseravel que se chamou Philippe o Bello, rei de França, e que, para os poder exterminar e confiscar-lhe as fazendas, os fez accusar d'atheismo, de feiticeria, d'idolatria, e de cuspirem em um crucifixo. D'aqui vem a crença geralmente espalhada entre o povo ignorante, de que os maçons cospem e dão tiros em Christo. Aquella accusação infundada e contradictoria levou o papa Clemente V a condemnar a ordem, levado tambem mais pela cobiça do que pelo zelo da religião. A bulla que os condemna foi dada em 1312. Cincoenta e nove cavalleiros foram queimados vivos em Paris com o seu grão-mestre Jacques Molay. Philippe o Bello consummou a sua infamia com este acto de brutal selvageria.

Parece que data d'então a maçonaria, formada a principio pelos templarios escapados ao supplicio.

Continua — HELIODORO A. SALGADO

INCOMPREHENSIVEL

A lua em plena altura
Paira no azul do ceo,
Toda a ave em seu ninho
Soltára o canto seu.

Orvalhos copiosos
Cobrem da terra a face,
E junto a escuro monte
Já da alva a estrella nasce.

Subi comigo ao cimo
Do outeiro rociado,
Onde uma cruz se eleva
De esperanças porto amado;

Depois, já quando a aurora
Ao longe despontar,
E toda a natureza
Poderdes contemplar;

Feliz, vós, se souberdes
Por mar, por terra e ceos,
Ler esse livro immenso
E comprehender a Deus!

C. MAXIMA DE FIGUEIREDO

O ESCRAVO MALDITO

Continuação

VI

Uma tempestade desenfreada rugia com os mil uivos do *pampeiro* em volta do *quilombo* de Caxibache. A chuva, batendo nas folhas das arvores, estalava em arruido infernal. Parecia que a colera dos vendavaes, feroz e indomavel, se tinha revoltado contra a terra, querendo espedaçal-a.

Trovões sobre trovões, atordoadores, medonhos, retumbavam no espaço; relampagos de luz insupportavel á vista, fuzilando incansaveis, allumiavam quasi sem cessar a arena da lucta tremenda dos elementos.

Ceo e terra, abalados pelos impetos furiosos da electricidade, gemiam: aquelle em gargalhadas roucas nas gargantas das nuvens, ao chocarem-se; esta em lamentações nos reconcavos mais fundos, onde a agoa barrenta borbulhava cahindo em jorros das alturas. Era um coro horrivel!

As aves, arrancadas aos ninhos, iam parar a grandes distancias, quasi moribundas; os animaes bravios, assustados e sem tino, corriam pelos campos ou deitavam-se no solo, onde a enxurrada, misturando-os com as victimas da sua destruição, os surprehendia levando-os á corrente do rio; arvores gigantescas rolavam nas azas do vento em estalidos continuos, ao partirem-se-lhe os ramos; enormes rochedos, cavados no pedestal, desciam do topo das montanhas ao fundo dos abysmos!

Em meio d'aquelle cataclysmo medonho, um só coração, talvez, batia mais tranquillo do que nunca: era o coração de Cecilia.

Prostrada com uma syncope sobre o *girão* de *taquaras* do *quilombo* de Caxibache, a desgraçada, pallida e com os negros cabellos dispersos por sobre o seu vestido branco, similhava um anjo de pureza, adormecido na enxerga da miseria.

Caxibache, de pé, junto ao leito, com os braços encruzados, indifferente a tudo que se passava fora do rancho, e mal sentindo o bater desordenado do coração e o calor da febre que lhe requeimava a fronte, deixava cahir o olhar sobre o rosto da bella creança que os clarões electricos alumiavam. A dôr indizivel que lhe ia na alma por ver que se prolongava por largos momentos a immobilidade do ser dos seus affectos, foi de subito mudada em um assomo d'alegria, quasi satanica, ao ver que as palpebras se lhe entreabriam.

Como o despertar após sonho terrivel que nos encheu de terror um somno curto, apparecendo-nos ainda em formas phantasticas multidões de sombras a bailarem sinistramente no espaço, foi o despertar de Cecilia. Os relampagos, os trovões, os zunidos do vento e o vulto do negro proximo ao seu leito afiguraram-se-lhe a continuação d'um pesadelo que a aniquilava.

Com os olhos muito abertos e esgazeados e com as mãos a apertar as fontes, Cecilia parecia tomada de um ataque de loucura. Caxibache, que não cessava de a olhar, vendo-a assim á luz d'uma faisca que descrevia zig-zags na atmosphera, gemeu um grito d'agonia similhante a uma blasphemia selvagem.

Cecilia, que, ainda sem consciencia de si, julgava achar-se possuida d'uma d'essas oppressões do espirito em noutes mal dormidas, ao ouvir a voz do negro, sentiu abalar-se-lhe o corpo em uma contracção dolorosa.

Passou-se curto silencio.

Uma enxurrada d'agoas barrentas, arrastando comsigo grandes troncos d'arvores, galhos, silvas, pedras e tudo quanto a força da corrente podia arrancar ao solo para envolver em torvelinho na sua carreira impetuosa, passava no rio Cocurúto, que transbordava nivelando sempre em crescimento a extensa *varzea* coberta de matto, no meio da qual se achava o *quilombo*. Esta alluvião fez o negro desprender um novo grito, mais terrivel e medonho, significando o anciar immenso de quem periga de morte.

Estupefacta, sem saber o que se passava, a infeliz creança ajoelhou no leito, levantou as mãos cerradas ao ceo e proferiu fervorosamente essa exclamação consoladora dos que creem na religião do Christo:

—O' meu Deus!

Em seguida, Caxibache fugia com ella nos braços pela habitação fóra. Logo adiante foi obrigado a parar e a retroceder porque as *restingas* parallelas ao rio tinham-se tornado em torrentes caudalosas.

A chuva havia cessado.

No entanto a cheia crescia sempre. Era mister um esforço supremo para vencer tantos perigos.

Continua NUNO RANGEL

EGREJA DE S. MIGUEL EM BORDEUS

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

A EGREJA DE S. MIGUEL
EM BORDEUS

Depois da cathedral de Bordeus, é este o mais grandioso edificio religioso. A sua fundação data do anno de 1160; mas por diversas vezes foi já restaurada e augmentada. No seu maior comprimento a nave central mede setenta e quatro metros e tem na sua maior largura trinta metros e meio

O estylo ogival predomina n'este templo; todavia a parte inferior do coro parece pertencer ao seculo XIII ou XIV. E' fóra de duvida que, ao attentar-se na architectura das capellas, se nos entranha a convicção de muito mais tarde terem sido construidas.

A capella do Santo Sepulchro é adornada com uma Descida da cruz, trabalho magnifico de esculptura, devido ao seculo XVI; a de S. José tem um bem trabalhado altar, da mesma epoca, ornado com esplendidas estatuas. A capella, em que se venera Nossa Senhora de Montuzet, patrona dos marinheiros, é decorada com brilhantes vidraças, trabalho magnifico d'um artista bordelez. Outras capellas ha enfeitadas com este genero de trabalhos artisticos; mas esses são devidos ao talento de M. Marechal de Metz.

Não é menos curioso para o viajante as mumias guardadas em um dos subterraneos d'esta egreja As mumias provém do cemiterio proximo, cujo terreno tinha a propriedade de conservar intactos os cadaveres que lhe eram confiados.

EXPLICAÇÃO da charada do numero 81: — Amargoso.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

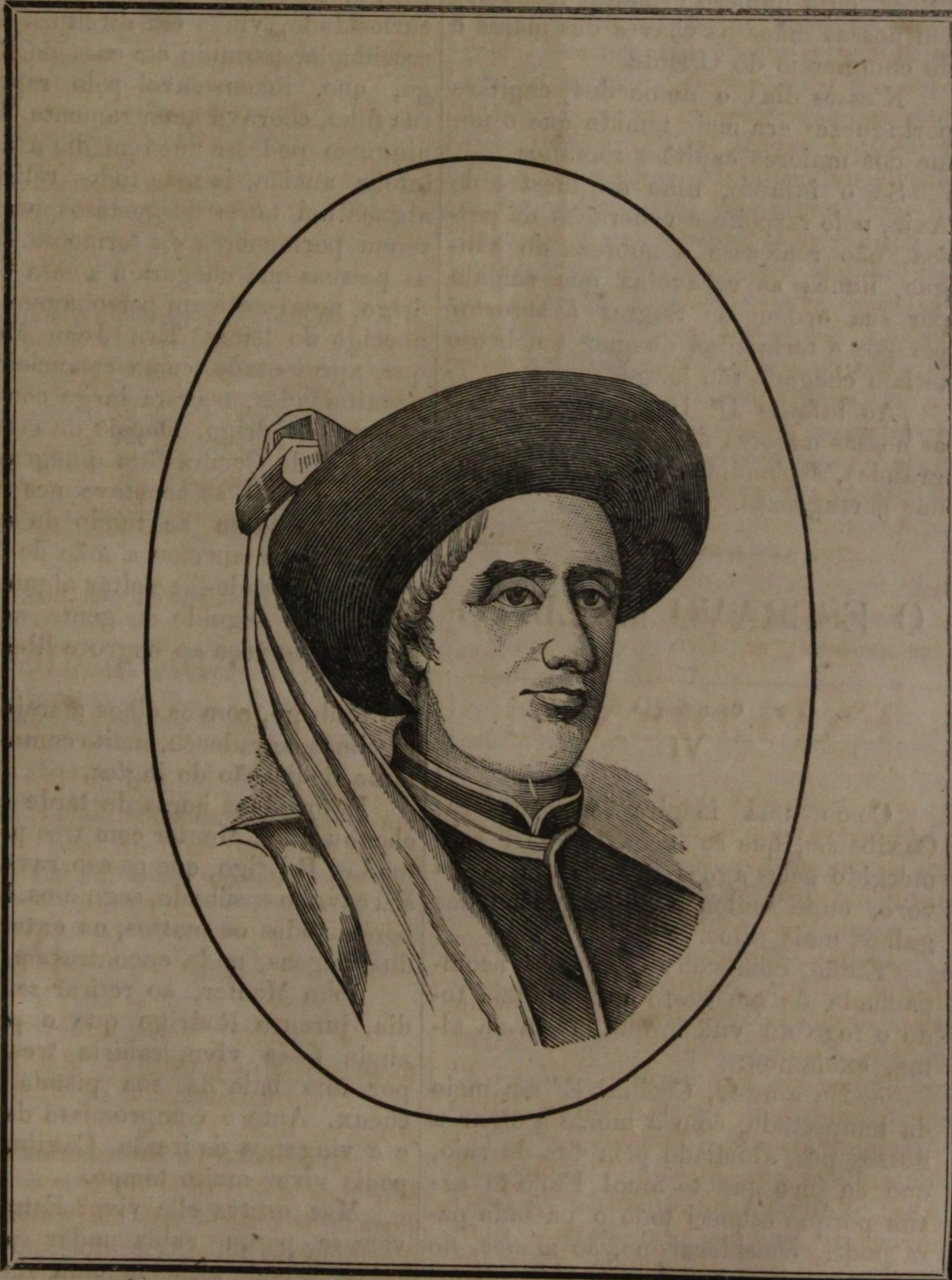
A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 30 DE MARÇO DE 1882 | NUMERO 83



INFANTE D. HENRIQUE

SUMMARIO

Texto: — Infante D. Henrique — O escravo maldito, por Nuno Rangel — A cavallaria, por Heliodoro A. Salgado — O mausoleo de Phrinea (poesia) por J. M. Velloso — A expedição scientifica á serra da Estrella, por H. B. — O Pantheon em Paris — A escola central em Paris — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As Celebes — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A Africa mysteriosa — A bussola — Zig-Zags: A força do coração — Vontade e rasão — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Infante D. Henrique — Pantheon em Paris — Escola central em Paris — Rosa dos ventos — Bussola.

INFANTE D. HENRIQUE

—

O infante D. Henrique foi o herdeiro de um passado, cuja expressão era a heroicidade; fadado para abrir as portas a todas as conquistas do pensamento, percursor das profundas revoluções do espirito que trilharam os caminhos para a revolução de 1789.

Bastariam para o illustrar as suas navegações e descobrimentos, se tantos rasgos e arrojos diversos o não louvassem.

A Portugal coube em sorte ser um dos primeiros, se não o primeiro, na carreira que elle apontou.

Não ignoramos o que nos custaram as conquistas tão pouco proporcionadas com o poder; mas tentamos o impossivel e vencemol-o por annos.

Tivemos os regulos asiaticos como vassallos a nossos pés, e as potencias da Europa como supplicantes em nossos portos; fizemos armadas, que hoje parecem fabulosas; desbaratamos multidões, cujo numero espanta; fechamos em nossas mãos as chaves dos mares e do commercio do Oriente.

N'esses dias o nome dos capitães portuguezes era mais temido que o nome dos maiores capitães romanos.

Se o infante, filho do mestre de Aviz, pelo respeito e veneração da pessoa, não realçasse a nobreza do sangue, nunca as caravelas que sahiam por sua ordem de Sagres a arrostar perigos e tormentas do mar tenebroso teriam chegado tão longe.

Ao infante D. Henrique devem-se as nossas maiores descobertas e as mais grandes, esplendidas e heroicas armadas portuguezas.

O ESCRAVO MALDITO

—

Continuaçao

VI

Como uma inspiração salvadora, Caxibache, que se achava quasi sobmergido pelas agoas, trepou a uma arvore, onde sentou Cecilia em um dos galhos mais altos.

Então, com voz apaixonada, acompanhada de um gesto que traduzia todo o fogo do vulcão que lhe ia na alma, exclamou:

—Eu amo-te, Cecilia! E' em meio da tempestade, com a morte a uivar a nossos pés, alumiado pela luz do raio, que eu juro que te amo! Fallo-te assim porque esqueci todo o passado para poder considerar-me, ao menos no coração, na altura de t'o poder dizer! Amo-te e és só minha!

Mal tinha acabado de pronunciar a ultima palavra, a arvore que se baloiçava aos impulsos da corrente vergou estalando e cahiu. Dous gritos se misturaram aos rugidos das agoas que se abriram para receber mais aquellas victimas poupadas á furia da procella.

A' luz da lua, que assomava entre espessas nuvens que corriam impelidas pelo vento *minuano*, viu-se então, já muito ao longe, fluctuando como escuma alvissima, um vulto branco que se sumia lentamente no seio negro das agoas!

VII

No dia seguinte dizia-se em todo o municipio da villa de Piratiny, que tinha cahido uma enorme *manga* sobre o rio Cocurúto, nos campos da estancia da Coronilha.

Contavam que haviam grandes prejuizos nos gados, morrendo milhares de rezes.

Dizia-se tambem que o logar em que a tromba cahira estava transformado em abysmo insondavel.

Por isso muito povo, movido pela curiosidade, vinha em direitura á Encruzilhada, parando em casa de Rodrigo, que, inconsolavel pelo rapto de sua filha, chorava amargamente. Como ninguem podesse dar remedio á dôr do infeliz ancião, iam-se todos retirando, alguns um tanto desgostosos por não terem pormenores da tormenta. Entre as pessoas que chegaram a casa de Rodrigo, notaremos um personagem já conhecido do leitor. Era John Menter, que, apresentado como estancieiro das proximidades, travara larga conversação com Rodrigo. Depois de saber que o raptor de Cecilia fôra o negro Caxibache, o qual se acoutava nos mattos que negrejavam ao fundo do campo, John Menter apertou a mão de Rodrigo, promettendo-lhe voltar algumas horas depois, seguido de gente armada, para darem caça ao negro e libertarem Cecilia.

Rodrigo, com os olhos marejados de lagrimas, agradeceu, muito commovido, tanta dedicação do inglez.

Eram duas horas da tarde quando chegou John Menter com tres piões armados. Rodrigo, que os esperava com o seu cavallo ensilhado, seguiu-os. Batidos porém todos os mattos, na extenção de duas legoas, nada encontraram.

John Menter, ao retirar-se, n'esse dia, jurou a Rodrigo que o preto, se ainda fosse vivo, cahiria trespassado por uma bala da sua pistola Lefaucheux. Ante o compromisso do inglez e a vingança de irmão, Caxibache não podia viver muito tempo.

Mas estava elle vivo? Estava. Salvara-se, porque sabia nadar como um peixe, e pôde alcançar uma das margens. Affirmava-o tambem uma serie de crimes, que desde aquella noute, assignalada por uma catastrophe, principiaram a encher de espanto e terror os moradores circumvisinhos.

Assassinatos mysteriosos; ataques á mão armada aos *posteiros* das *estancias* que se defendiam a tiro; *tropas disparadas* nas estradas sem se saber qual a causa que obrigava o gado a tomar a fuga, etc.

Corria de bocca em bocca que uma *malóca* de salteadores temiveis, capitaneada por Simplicio e da qual faziam parte os celebres João Castelhano, Juca Rosa, Paraguay e o Degolado, occultava-se nas mattas da serra do Espirito Santo, d'onde sahia ás noutes para atacar e roubar a tudo e a todos. *Malóca*, ou um só, a verdade era que o sol não deixava nem um dia de seccar grandes manchas de sangue humano vertido nas estradas.

As auctoridades do districto, incansaveis em pôr cobro aos males que as deslustravam, faziam diligencias importantes. Em todas estas diligencias, John Menter desempenhava um papel digno de elogios, pela sua coragem, risco de vida e actividade.

Passado um mez, sempre em continuas pesquizas e buscas aos mattos mais emmaranhados que se conheciam, encontraram em uma pequena *sanga*, que ninguem desconfiava fosse coito de malevolos, um quilombo construido haveria pouco tempo. Apprehenderam n'elle muitos couros seccos, garrafas de agoardente e mil objectos que depois foram reconhecidos pelos seus donos, não se distinguindo ahi nem sequer as pegadas dos seus habitadores.

Aquella descoberta, de tão alta importancia, serviu apenas para pôr de sobreaviso os facinoras.

Continua — NUNO RANGEL

A CAVALLARIA

—

Conclusao

IV

Além da ceremonia da iniciação, já descripta no primeiro d'estes nossos insignificantes artigos, e que com poucas variações accidentaes foi adoptada por todas as ordens, havia o anathema dos perjuros, isto é, expulsão da communidade, e o castigo da traição, tambem geralmente adoptado.

Arrastado pelos pares até á beira do cadafalso, o cavalleiro perjuro via as suas armas espedaçadas pelo superior, como signal d'infamia. Os escudos ganhados em heroicos feitos d'armas eram atados á cauda d'um cavallo, que os arrastava na lama, apagadas antecipadamente as suas armas.

O cavalleiro era então insultado pe-

los arautos, que proclamavam a sua vilania, e a multidão, sempre cruel n'estas occasiões para com o paciente, com os seus uivos o atterrava e confundia. E emquanto os padres entoavam lugubremente os terriveis versiculos do psalmo CVIII, o infeliz nem sequer tinha direito a defender-se. E quantas vezes não era elle um homem mais honesto e mais heroico do que os seus accusadores! quantas vezes contra as paredes d'um peito do condemnado não bateu um coração indignado com arguições falsas e por isso mesmo infames, e outras vezes por ver arguir como enormes crimes o emprego das faculdades do espirito, e os mais santos affectos da alma humana!

Deitavam-lhe um vaso d'agoa quente pela cabeça para o desapossarem do seu caracter sagrado de guerreiro da cruz; passavam-lhe uma corda por baixo dos braços e assim o desciam do cadafalso para a tumba, onde era levado para um catafalco funerario, para que os padres lhe cantassem o officio de defuntos.

Se é licito ao historiador fazer reflexões suaves ao procedimento d'aquelles cujos actos historia, eu perguntarei apenas: para que cantavam os padres o psalmo CVIII, carregado d'anathemas contra o cavalleiro, se depois lhe iam cantar o officio de defuntos, cheio de bençãos e de preces?

Estes castigos eram porém só para as faltas graves. Para faltas leves havia a exclusão da mesa commum até prestar novo juramento ou se tornar distincto em um combate pela fé e pelo throno.

Apesar da nenhuma significação das commendas d'esta ou d'aquella ordem no seculo actual, os ridiculos amantes d'um passado que não volta ainda as cobiçam, e se por acaso as alcançam, vel-os-emos pavoneando-se orgulhosos entre a multidão.

Em Portugal existem ainda a concurso no palacio de Suas Magestades medalhas das ordens seguintes:

S. Bento d'Aviz;

S. Thiago da Espada;

Nosso Senhor Jesus Christo;

Antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito;

Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Isto porém vae a pouco e pouco, e parece-nos que á geração nova, mais seria e mais digna, bafejada pelo espirito da democracia moderna, cabe varrer de vez com todos os prejuizos arreigados na mente do povo, est'outros prejuizos arreigados na cabeça da aristocracia. Como tudo quanto se passou na historia, teve já sua rasão de ser. Hoje porém já não ha cruzadas. Ha só a gargalhada de Cervantes perseguindo na sombra os phantasmas andantes d'uns cavalleiros de ha tres seculos.

Heliodoro A. Salgado

O MAUSOLEO DE PHRINEA

Viajor, sustem teus passos,
Avante não corras, não;
Não calques esses pedaços
De pedra por esse chão.
Não profanes essa lousa!
Sabes tu quem lá repousa?
Qual o heroe, que jaz ahi?
Oh! deixa que durma em paz
A cinza, que dorme, e jaz
Na terra, que não sorri!

Não sorri, não; já passaram
Sorrisos por essa terra!
Os homens, que lá folgaram,
Muito ha que a campa os cerra.
Ahi agora é tudo pó!
Columnas de marmore só
Eil-as são juntas c'os reis!
Não ha templos sacrosantos,
Não ha jardins, nem encantos
Na antiga terra das leis.

Mas de quem é o mausoleo,
Que assoma, avulta d'além?
Que alto vae mirando o ceo?
De quem é? dize: de quem?
—E' o mausoleo de Phrinea,
Da prostituta, que Dea
Foi em Athenas julgada!
Amargosa realidade
Da humana fragilidade
Da raça mais illustrada!

Ergue-se o marmore... encobre
Os restos da meretriz,
Ante a cidade, que nobre,
Culta e sabia, em mal, se diz,
Quando as cinzas de Pythagoras,
De Platão e d'Anaxagoras,
De Dracon e de Pericles
Em terra vil confundidas,
Nem de campas protegidas,
As calcam do vulgo os pés!

Mulher, és genio do bem,
Ou antes genio do mal?
Ninguem resiste, ninguem
A teu condão divinal!
A' tua voz curva-se o mundo!
O homem grande, profundo
Em saber põe face em terra;
E, rude, não rude falla
O zagal com a zagalla
Na encosta alpestre da serra!

Alto e grande é o teu condão,
Condão de muita ventura,
Sahido da etherea mão,
Archanjo de formosura!
E polluida, e prostituta,
Inda assim se move, ou nuta,
Ou lança, ou solios reaes;
E o cinzel de Praxiteles,
E o pincel do divo Apelles
Só por ti são immortaes!

Athenas, tambem pagaste
Tributo da natureza!
Os teus sabios olvidaste
Em face d'uma belleza.
Demosthenes, teu amigo,
Onde tem o extremo abrigo?
Milthiades onde está?
Themistocles onde pousa?
Oh!... nenhum tem uma lousa!
Mas Phrinea... Eil-a acolá.

J. M. Vellozo

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA

Continuação

II

No dia immediato á chegada de todo o pessoal da expedição ao abarracamento da *fonte dos perus*, os espiritos naturalmente irrequietos para conhecerem os pontos mais notaveis da serra e quiçá os mais importantes, scientificamente fallando, não socegaram sem que saíssem. A secção zoologica e botanica partiu em direcção aos valles a colher specimens para o seu estudo; outros porém, ou pelo desejo ardente de conhecerem a serra, ou porque mesmo estivessem desligados das differentes secções em que se subdividiu a expedição, caminharam em direcção ás lagoas. Nós acompanhamos estes ultimos e a nossa primeira visita foi á surprehendente *lagoa escura*. Não se pode descrever o effeito produzido á vista d'esse bello lago, quasi circular, circundado de altissimas montanhas, que reflectiam a sua sombra escura na tranquilla superficie do lago, dando uma côr carregada ás suas agoas, mansas e bellas, onde uma brisa fria as fazia maretar, beijando dolentemente a margem de alvas e finissimas areas! A nossa surpreza foi completa: a lagoa escura rodeada de lendas phantasticas e poeticas, tinha na verdade toda a poesia das fadas encantadas e tinham tambem rasão as lendas pastoris.

Aquellas agoas frigidissimas e tranquillas; aquella côr negra da sua superficie, onde se reflectia a sombra baça das montanhas circundantes e a côr verde escura dos zimbros, que lhe esmaltavam as margens, fazia effundir no animo do visitante uma poesia triste de admiração e de respeito. Era um quadro esplendido, que nós tinhamos, que lhe desconheciamos o enlevo, a poesia e os encantos. Envolvida em lendas phantasticas dos pastores, a lagoa merecia um estudo geologico profundo e teve-o até certo ponto.

Foi-lhe levantada a planta e sondado o leito; a primeira deu-lhe um polygono de lados pequenissimos, que o desgastar das maretas tornara circular, com quasi vinte e sete metros de diametro; a segunda uma profundidade constante de vinte e tres metros a partir de tres metros da margem. Os pastores guardam um como respeito religioso áquelle lago, onde não balam as ovelhas, nem avesinha a transpõe sem que

a fulmine a morte. Era a antiga Stigia do passado, phantasticamente lendaria e horrivelmente lugubre!

Não lhe faltava nada; de quando em quando, nos momentos em que a lua derramava pallidamente a luz n'aquellas solidões agrestes, mais que um pastor havia visto surgir do intimo do lago uma barcaça negra, que o referver das agoas fazia aportar á margem, e algum, talvez, Charonte ou fada, saltar tranquillo á terra e sumir-se e fugir! Por isso era profunda a veneração que lhe guardavam; não bebiam as agoas os rebanhos, nem se banhavam n'ellas os pastores. O quadro que apresentava aquella lagoa era surprehendente.

Além da evaporação, que devia ser grande, attenta a epoca em que se conservou no planalto da serra a expedição, a superficie das agoas não deu uma diminuição sensivel. Esse facto podia talvez provar que a lagoa tinha fontes de alimentação inferiores á sua superficie. A altitude quasi constante de vinte e tres metros, verificada pelas sondagens, poderia levar-nos á consideração da sua formação e indicar talvez ali uma cratera extincta em tempos remotissimos. Essas considerações porém pertencem ao relatorio, que a sociedade de geographia prometteu apresentar, e onde naturalmente virá estudada aquella lagoa.

Continua H. B.

O PANTHEON EM PARIS

Por toda a parte, em todas as civilisações, a memoria dos homens, que pelos seus feitos, ou pelo seu engenho, se tornaram notaveis ou dignos da admiração sincera da humanidade, teve sempre a glorifical-a a saudade dos que lhes sobreviviam e a historia a immortalisal-a.

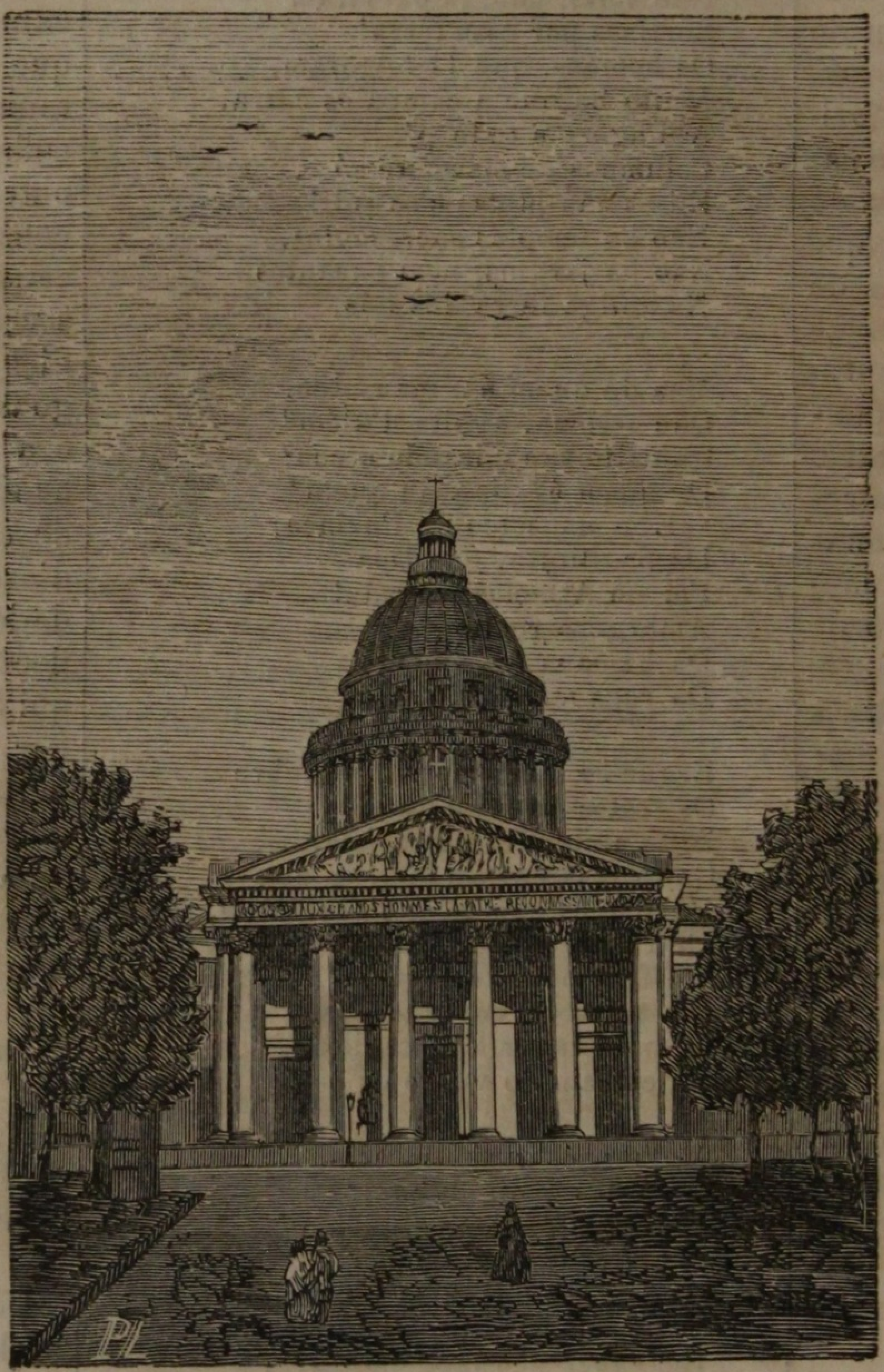
Em todos os agrupamentos chamados nacionalidades, os restos mortaes dos que, em vida, concorreram para o progredir da civilisação, tiveram sempre o respeito universal a santificar-lhe as virtudes, a recompensar-lhe os talentos, a commemorar-lhe as acções gloriosas.

O Pantheon de Paris, primitivamente destinado ao culto d'uma santa do catholicismo, Santa Genoveva, foi por um decreto da assembleia constituinte, pela occasião da morte do grande tribuno Mirabeau, consagrado ao culto da memoria dos grandes homens francezes.

A França queria tambem ter o seu Westminster. O povo francez erguia tambem um templo aos martyres da sua causa. Um culto valia bem o outro.

O Pantheon tem a forma d'uma cruz grega. A fachada compõe-se de vinte e duas columnas pertencentes á ordem corinthia, erguendo-se sobre um atrio, a que dão acesso doze degraos.

Seis columnas sustentam o magnifico frontão, devido ao talento de David d'Angers, e onde está gravada a eloquente consagração do templo: *Aux grands hommes la patrie reconnaissante.*



PANTHEON EM PARIS

A ESCOLA CENTRAL EM PARIS

Nos paizes em que o ensino é o pensar constante dos homens de governo, existem desde muito instituições escolares, muitas, como esta, devidas á iniciativa particular, que são uma verdadeira novidade, quando contadas aos nossos compatriotas.

Pelo tempo da Convenção, em França, foi promulgado um decreto com data de sete de ventose, anno III (25 de fevereiro de 1793), em virtude do qual eram creadas, em todas as capitaes dos departamentos, escolas centraes, em que as bellas letras, as sciencias e as artes fossem estudadas.

Em these, a doutrina do decreto não podia ser melhor; todavia, na sua realisação encontraram-se attritos, que os tempos de então, por pouco pacificos, não permittiram desvanecer.

A organisação dada a estas escolas tinha dous defeitos capitaes. Entre o ensino primario e o ensino superior não havia a transição gradual do ensino secundario, de maneira que os alumnos, por pouco habilitados, não podiam seguir aquelles cursos com o aproveitamento desejavel; e por outro lado, e era esse, sem duvida, a sua maior imperfectibilidade para a epoca da sua instituição, as grandes despezas de installação e de custeio aggravavam desmedidamente as finanças francezas, já muito sobrecarregadas com os encargos que as luctas intestinas e externas lhes impunham.

Estas instituições foram, se não completamente destruidas, pelo menos inteiramente reformadas pela lei de 25 de outubro de 1795.

Apesar da sua pouca duração, estas escolas e o legislador bem mereceriam da patria, ainda mesmo que ellas, para sua gloria e da França, só houvessem tido por discipulos Laplace, Noel e o celebre Dulong, orgulho da sua nação e da humanidade.

Um decreto creara estes utilissimos estabelecimentos, um decreto os revogara; mas a ideia, como tudo o que é bom, havia de germinar e fructificar.

Os fundadores da actual escola central das artes e manufacturas adoptaram o plano d'aquella benefica ideia e com o seu amor pela sciencia e desejo de serem uteis ao seu paiz, crearam a escola, cujo edificio a nossa gravura representa, e que, ao contrario das primitivas escolas, rapidamente progrediu, chegando a ser um dos mais acreditados estabelecimentos scientificos da França.

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

Estavam as cousas n'este estado quando chegou ao Porto a noticia de que uma casa commercial de Lisboa, a mais importante das casas commerciaes que n'aquelle tempo havia na capital, tinha quebrado com um enorme passivo, em resultado da quebra d'uma outra casa da Bahia.

Um dos maiores credores da casa era Francisco do Nascimento.

De Lisboa vieram cartas d'alguns credores interessados em que o desastre não chegasse a tomar as proporções que eram para temer, convidando os credores do Porto a entrarem em um acordo, acceitando á firma fallida uma proposta para que a liquidação da casa se fizesse amigavelmente, porque contando com o que a casa da Bahia podesse ainda dar, e era a liquidação d'esta que convinha esperar, o prejuizo não sería grande, se os credores tivessem o bom senso de não deixarem ir a massa para o tribunal.

Francisco do Nascimento, como um dos maiores credores da casa, foi convidado a ir a Lisboa tratar d'essa combinação em nome dos credores do Porto, que para tal fim lhe passaram procuração.

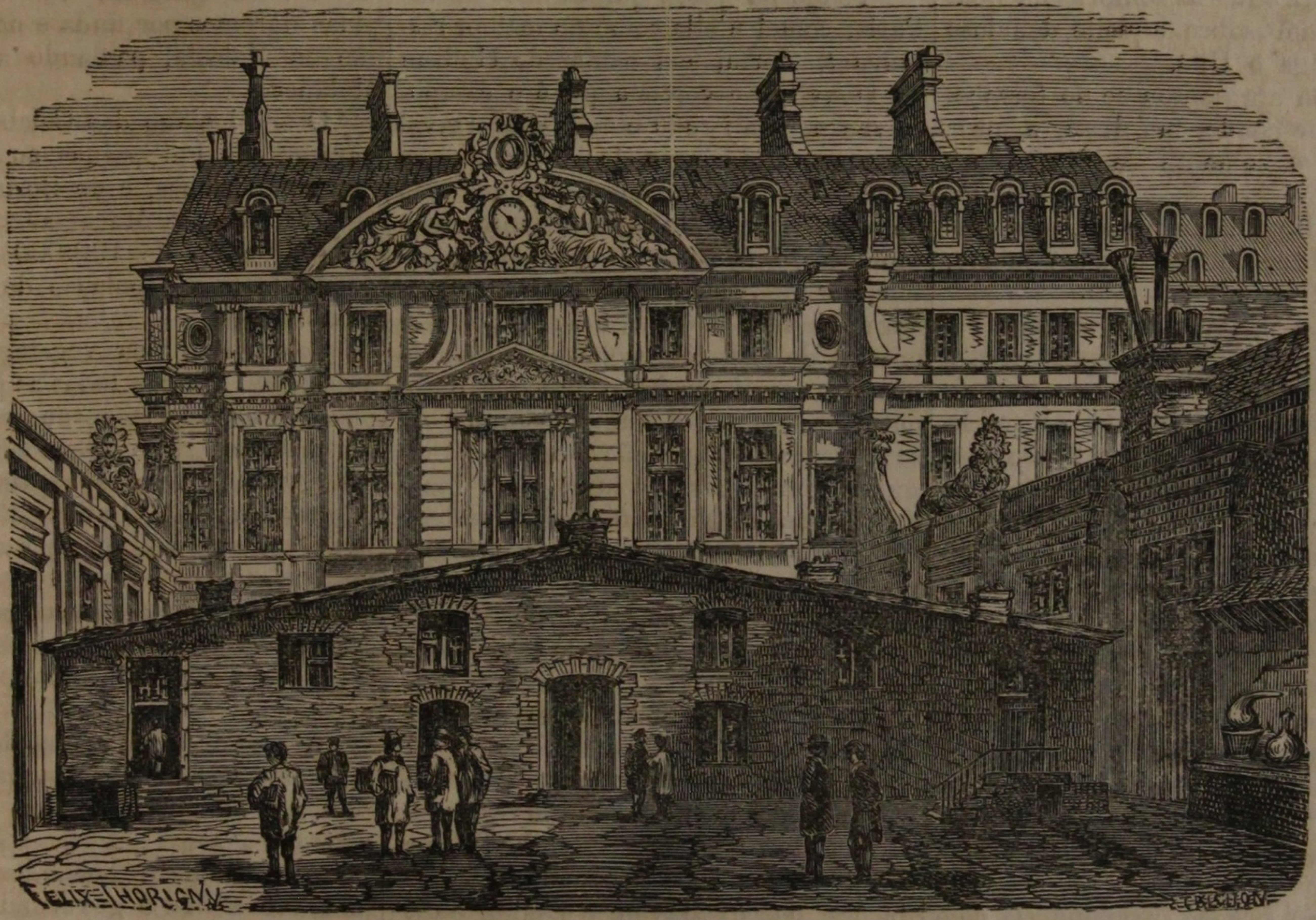
Deve suppor-se quanto lhe custaria a acceitar o encargo; mas era força resignar-se, e por maiores pretextos que para isso apresentou, os seus collegas não quizeram attendel-o, e forçoso lhe foi preparar as malas.

N'aquelle tempo ir a Lisboa era o mesmo que hoje ir ao Rio de Janeiro, ou peor ainda. Era necessario fazer testamento e despedir dos parentes e amigos, como duvidando de que se voltasse de tão arriscada viagem.

Havia dous modos de viajar no reino, isto é, d'ir do Porto a Lisboa, e vice-versa. A primeira por mar: eram uns hiates que se empregavam n'isto, conduzindo gente e carga, tudo muito mal acondicionado, com incrivel encommodo das pessoas que se resignavam a tomar passagem em taes barcos. Durava a viagem d'ordinario quatro a cinco dias, e ás vezes prolongava-se mais, segundo o estado do mar e as qualidades navegaveis do barco. Os naufragios na barra eram sem conta, devido á impericia dos pilotos, homens ignorantes e fanaticos, que chamavam pelos santos em vez de manobrarem quando se viam em perigo. Já se vê por tudo isto que era este o meio menos usado, principalmente por quem tinha meios de optar e preferir o outro, que não era menos isento de riscos e encommodidades.

Consistia este em uns grandes carros, que depois se tornaram mais elegantes e vieram a ser chrismados mais tarde, já nos nossos dias, com o nome de mala-postas, umas seges muito grandes, muito desgraciosas, que andavam aos solavancos pelas más estradas, puxadas por mulas pouco ensinadas, o que tudo formava um tormento horrivel para o pobre que lhe confiasse a sua personalidade. O tempo que durava uma jornada em mala-posta é cousa que não se pode dizer, porque o itenerario estava sujeito a muitas contingencias, desde a de cahir aquella torre de Babel a um atoleiro, d'onde levasse dous dias e duas noutes a tiral-a, ficando os passageiros com pernas e braços quebrados, até ao encontro provavel d'uma quadrilha de ladrões, que obrigasse os passageiros a saltar para a estrada, aliviando-os do peso de todos os effeitos d'algum valor.

Ainda assim, os perigos d'este modo de viajar eram menores do que os d'uma viagem por mar, porque se acontecia um desastre na barra ou no alto-mar, lá ia tudo para o charco, vidas e fazendas, ao passo que nas mala-postas raras vezes o caso era fatal, limitando-se a algumas cabeças quebradas, ou algum braço partido, e pelo que toca ao caso provavel do encontro d'uma quadrilha, os ladrões d'aquelles tempos eram tão honrados que não faziam guerra senão ás algibeiras.



ESCOLA CENTRAL EM PARIS

Continua — JORGE DE MACEDO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

V

VISITAS DA VISINHANÇA

Continuação

O sentimentalismo, que produzia em mim a recordação de tão bella e santa mulher, abysmava-me em uma doce melancolia, do que eu mesmo não me dava conta entre as sombras da noute, que cahiam sobre aquelle delicioso valle que rega o Ulla.

Davidson apresentou-se no terraço.

—Senhor conde, me disse, a mesa está posta, e somente se espera por V. Ex.ª.

—Davidson, lhe respondi, sinto-me fatigado e desejo jantar no meu quarto; serve-me ali o jantar.

Davidson inclinou-se e sahiu.

Eu dirigi-me pouco depois para o meu gabinete.

Quando entrei n'elle, já estava illuminado por um magnifico lustro pendente do tecto, coberto de seda.

A' sua luz distingui com agradavel surpreza que o meu gabinete se achava arranjado d'uma maneira tal, como se andassem n'elle as mãos d'uma fada. Tudo estava tão perfumado e tão bem disposto desde que o deixara pela manhã na maior desordem, que, ainda que eu estava acostumado aos arranjos de Davidson, juraria que Florentina, e não elle, tivera aquelle cuidado. Por todas as partes soberbos jarrões ostentavam flores escolhidas, e a chaminé, de marmore branco, resplandecia com as ricas bijouterias collocadas em cima d'ella.

Mais ainda: no centro havia um vellador com um talher, o que denotava uma promptidão admiravel em secundar o vôo dos meus desejos.

Dentro em pouco entrou Davidson com duas sopas, uma de massa e um *consomé*, seguindo-se todo o jantar assim em duplicado: cozinha hespanhola e franceza. Até nos vinhos havia-os de duas classes para mesa, tostado do Ribeiro e Bordeus; e duas classes para sobremesa, Amaudie e Champagne. Se aquelle jantar fosse servido a um galego e a um parisiense, nada teriam ambos que dizer, porque, ao lado dos pratos mais suculentos do paiz, havia salmão a *la bayonese*, as enxovas *en sulmi* que cosinha Lhardy, e o riquissimo queijo gelado, que se saborea no hotel de Paris e na Porta do Sol, tudo admiravelmente *apresentado*.

Eu, que procurava pretextos para me queixar d'alguma cousa, não encontrava um; de modo que podia dizer que, com relação á vida domestica, vivia em Amaral como poderia viver em Rocher de Cancale.

E' assim como agrada a vida do campo.

Ha pessoas abastadas, que vão veranear a uma habitação campestre, e comem com talheres de páo, em uma só mesa e em uma má sala de jantar, e o que Deus quer; que dormem sobre pessimos catres e carecem das commodidades e do *conforto* indispensavel para o *sport* da vida.

Isso não é veranear; isso não é disfructar o campo.

Tende na vossa quinta moveis de Paris, comei n'ella como no melhor *restaurant*, dormi em camas de Hudson ou Douville, e vereis o que é o campo. Levae para ali tudo o mais confortavel do quarto e da mesa de jantar, que as montanhas vos darão o que vos não dará Paris nem Madrid: os cantos harmoniosos de suas aves, as sombras de seus formidaveis castanheiros, a frescura de seus prados, o azul, prata e crystal de seus rios sonoros, correndo por entre as douradas pedras que estão entre as hervas, a aura purissima de suas soledades, que não empana pó algum, e um horisonte luxuoso de luz e de extensão, que não limita nenhum telhado nem torre, e que se extingue no lapis-lazuli immovel e poetico dos montes distantes, ou no verde movel e phantastico das culturas de linho e de milho.

Comi bem, e dormi com a maior tranquilidade.

Ao despontar o seguinte dia vestime apressadamente e sahi do palacio, divagando pelas suas agradaveis cercanias para me distrahir com as recordações, que excitavam em mim, e evitar com isto a monotonia do *far niente*, pois tinha a sua monotona rudeza.

Divagava, pois, por aquellas soledades, concebendo mil e mil projectos de obras e melhoras no arvoredo, particularmente em Toando e Villarinho. Tudo me agradava, tudo vigorisava o meu espirito e despertava o meu sentimento: o lavrador que se dedicava aos seus trabalhos, o gado pastando nos *cómmoros* ao cuidado d'um pequeno, ou de uma velha, a lavradeira que trabalhava nas *eras* cantando, a arvore que me dava sombra, a ave que trinava n'ella, o rio que corria fertilisando os prados, os campos de linho com suas flores azues que se agitavam como a superficie d'um lago frisado por amante brisa; o poetico e retorcido monte Fradegas esmaltando suas vigorosas ondulações no azul do oeste; todas, emfim, essas mil e mil incidencias da vida das montanhas, me abstrahiam completamente e parecia que levavam ao meu coração a frescura dos onze annos, sua propensão amante a encontrar attractivo em tudo.

Continua

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

Continuação

LXV

AS CELEBES

Com uma visita aos archipelagos das Celebes e Molucas e ás ilhas Philippinas daremos por finda a nossa excursão na Malasia, passando a visitar a Melanesia.

O archipelago das Celebes está separado das Philippinas ao norte pelo mar das Celebes, e de Borneo a oeste pelo estreito de Macassar. A superficie é de cerca de 190:000 kilometros quadrados e a população de 3,000:000 d'habitantes.

Solo fertil; rica vegetação, graças ás chuvas. Produz todas as plantas tropicaes e especiarias estimadas. Immensas florestas, ricas de madeiras preciosas. Animaes ferozes, reptis perigosos. Alguns vulcões. O clima d'esta ilha é muito quente, mas são; chuvas frequentes.

Celebes foi descoberta pelos portuguezes em 1525; os hollandezes apoderaram-se d'ella em 1660 e ainda hoje a possuem.

A grande e bella ilha de Celebes é a unica importante do archipelago. A capital é Macassar, cidade de 17:000 habitantes

A dominação hollandeza é quasi nominal: a ilha é governada por principes indigenas, alliados dos hollandezes.

As Molucas são um outro archipelago, chamado tambem ilhas das especearias, porque as produzem em abundancia. Dependem tambem da Hollanda.

Acha-se aquelle archipelago situado entre a Australia ao sul, as Celebes a oeste, as Philippinas ao norte e a Papuasia a leste. População, 568:000 habitantes, por uma superficie de 11:000 kilometros quadrados. Ilhas principaes Amboine, Banda e Ternate, declaradas portos francos em 1853. Amboine é a capital. Tem 17:000 habitantes e defende-a um forte muito importante. A ilha toda, que tem 60:000 habitantes, é notavel pela plantação dos goiveiros, ou arvores que dão o cravo da India, e que produzem cerca de 125:000 kilo-

grammas de cabeças de cravo por anno.

Os portuguezes descobriram Amboine em 1515; mas não a poderam defender contra os hollandezes, que a tomaram em 1605. Os inglezes possuiram-a desde 1796 até 1801 e de 1810 até 1814.

O solo das Molucas tem soffrido grandes tremores de terra e contém muitos vulcões. Cultura das arvores que produzem as especiarias; colheita de plantas tinctoriaes. O povo, composto de alforezes e malaios, é guerreiro e feroz. Ainda ali ha tribus indigenas: são homens barbaros, que vivem da pirataria.

Foram os portuguezes que descobriram estas ilhas em 1511; mas para ficarem senhores d'ellas tiveram de pagar, em 1529, a Carlos V, 350:000 ducados. A Hollanda apossou-se d'ellas em 1607, e a Inglaterra disputou-lh'as de 1809 a 1814.

Chegamos ás Philippinas, ilhas vulcanicas, em parte submettidas á Hespanha. Estão situadas estas ilhas no mar da China, entre a China, as Molucas e a Cochinchina. Teem 4 milhões de habitantes, por uma superficie de 136:000 kilometros quadrados.

As principaes são Luçon, capital Manilha, Mindanao, etc. As montanhas d'esta ultima ilha são povoadas de negros independentes, sempre em lucta com os hespanhoes e os indios submettidos a estes ultimos. Os hespanhoes possuem uma parte da ilha; o reino de Mindanao occupa a segunda; o resto é habitado pelos indigenas, piratas. Os lubos e subanis são anthropophagos.

A capitania geral das Philippinas comprehende 30 provincias.

Luçon tem 2 milhões de habitantes. Manilha, a capital, tem 140:000 habitantes. E' uma linda cidade defendida pela fortaleza de S. Tniago. Dividida pelo rio de Passeg em cidade mercante e cidade militar, é construida com grande regularidade. Commercio activo com a Europa, e sobretudo com a China e a Malasia. Um tremor de terra devastou-a em 1863. Doze mil individuos empregam-se na fabricação dos charutos.

Clima quente, insalubre e sujeito a violentas tempestades. O solo, coberto de montanhas, vulcões e florestas virgens, produz differentes especies de madeiras e encerra minas d'ouro, ferro e carvão de pedra, não exploradas.

Em 1521 Magalhães descobriu estas ilhas, que o tratado dos Pyreneos deu a Portugal e de que se apoderou Philippe, rei de Hespanha, que lhes deu o seu nome, em 1568.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

Continuação

V

RICO!...

Quando Alvaro, depois de muito cogitar, encontrou em um dos bolsos reservados da carteira de seu padrinho uns papeis que lhe vieram fazer luz n'aquellas trevas, julgou-se por momentos rico. Os papeis diziam o seguinte, escripto pelo proprio punho de André Bazilio:

«Julgando que esta casa que habito é assaltada por alguem a altas horas da noute, e como depois de a revistar toda, nada se encontra cá, eu, para me livrar de encommodos, para afastar suspeitas e desnortear os ladrões, se é que são elles que vem de noute accordar os eccos adormecidos d'estas salas, mudei todos os meus haveres (dinheiro em metal e papeis de credito) para o quintal d'esta mesma casa, em fevereiro do corrente anno. Tudo se acha cuidadosamente encerrado em um caixão de pao, forrado de zinco. Foi enterrado pelas minhas proprias mãos. Se ao tempo que eu fallecer não poder declarar onde se acha o meu thesouro, este papel servirá de guia á pessoa a quem eu o legar.»

André Bazilio

Alvaro, lendo este papel, julgou-se outro; pensou ressuscitada para elle a felicidade que morta havia julgado já.

N'aquelle documento, porém, não se designava o logar onde estava enterrado o caixão.

Era ainda o usurario a revellar-se!

Alvaro tinha portanto de procurar, de cavar no quintal todo. Nada d'isto confiara á velha criada Lourença. E quando esta estava já deitada, elle ahi ia, de lampeão na mão e enchada ao hombro, procurar o thesouro.

Era elle a supposta alma de André Bazilio.

Era elle que trazia a luzinha, que os visinhos viam brilhar n'aquellas trevas!

Assim se passaram n'esta lida quinze dias...

No fim do decimo quarto já Alvaro ia desesperando de encontrar o thesouro, quando debaixo do gume da enchada julgou sentir um som choco, abafado... Havia encontrado o caixão.

Cavou com cuidado a terra e então avistou perfeitamente uma caixa de tres palmos quadrados, que ali estava. Tirou-a, com cautella, da terra; o peso porém era assombroso.

Elle mal a podia arrastar! Com bastante difficuldade carregou com ella até ao seu quarto.

A velha Lourença já a este tempo não dormia em casa por causa do susto; podia elle á vontade examinar o contheudo da caixa.

Abriu-a, e os seus olhos mergulharam-se em uma infinidade de moedas d'ouro...

Foi despejando em cima da cama a grandissima quantidade de dinheiro em metal que a caixa tinha.

Contou todas as libras e perfaziam a quantia de duas mil! No fundo haviam grossos rolos de notas de banco no valor de tresentos e sessenta contos de reis.

Alvaro contou tudo isto em um momento.

Voltou de novo a examinar a caixa; havia só lá um cartão onde estavam escriptas estas palavras:

«Enterrado ao pé da laranjeira encontrarás o resto!»

A letra era a de André Bazilio. Alvaro correu outra vez ao quintal, cavou no sitio indicado e encontrou um rolo de lata bastante volumoso.

Mais ao pé descobriu elle uma caixa justamente igual á primeira que encontrou.

Começava a aclarar o dia e Alvaro então deu por finda a tarefa.

Dessoldou o tubo de lata e encontrou dentro d'elle trinta e seis inscripções de credito publico e vinte e tres acções de diversas companhias, cheques sobre alguns bancos e letras a vencer.

Na caixa encontrou desenove brilhantes, valendo cada um sessenta libras, aproximadamente; uma esmeralda formosissima, umas duzentas e vinte e tres perolas de diversos tamanhos e tres mil libras em metal!

Emfim uma fortuna talvez aproximada a seiscentos contos.

Alvaro estava doido d'alegria.

Continua EDUARDO VÉRAS

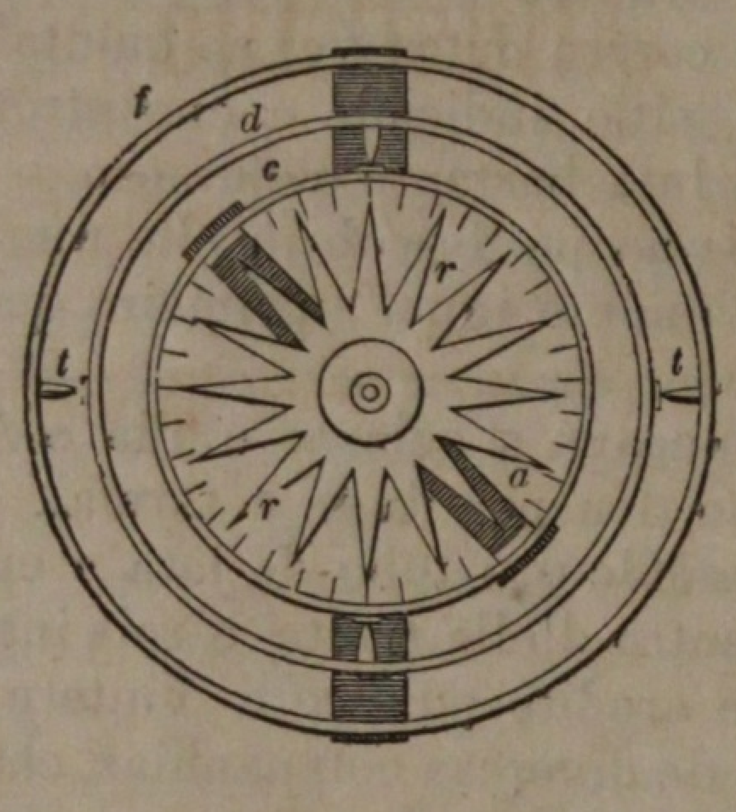
A AFRICA MYSTERIOSA

Conclusão

Coberto com uma pelle de carneiro, leão ou gazella, untado com uma gordura negra ou encarnada, e armado com uma pequena maça, o hottentote selvagem anda por aquelles montes, errante, cantando e bailando no meio dos rebanhos que constituem toda a sua riqueza. Estes povos, cousa extranha, são adversos á polygamia e teem o maior horror ao adulterio e ao incesto. O modo como os magos, ou sacerdotes do paiz, celebram o casamento, é borrifar d'agoa suja e quente os dous esposos.

Entre as diversas tribus em que está fraccionada a raça hottentote, deve notar-se a dos zuanas, ou sabs. Estes povos estão sem duvida chegados ao

ultimo limite da degradação a que a especie humana pode chegar. Um olhar feroz, incerto e sinistro; umas feições confusas, froixas e insidiosas; um certo embaraço em todas as maneiras d'estes selvagens, annunciam sem demora a depravação da sua alma. São excessivamente fracos. A côr amarella que tem naturalmente a sua pelle não se reconhece senão debaixo dos olhos, porque as lagrimas que provoca o fumo do lume, ao redor do qual se comprazem em acocorar-se, levantam ás vezes a espessa capa de cinza e gordura que lhes cobre o corpo todo. Sem embargo, os homens podem passar, de certo modo, de bem apessoados, comparados com as mulheres, que são verdadeiramente horrorosas. Não as desere-



ROSA DOS VENTOS

veremos porque isso repugnaria aos leitores.

Até aqui a relação que tomamos do caderno de viagem ou para melhor dizer, dos apontamentos do capitão Grandpré. Como não será esta a ultima vez que fallaremos da Africa, essa parte do mundo tão afamada hoje e tão desconhecida ainda, guardamos para outra occasião dados mais curiosos, para ir levantando, quanto possivel, o espesso veo que hoje torna aquelle continente immenso uma região mysteriosa.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

A BUSSOLA

—

Ignora-se a epoca e o logar em que a bussola foi descoberta. Julga-se comtudo que foi na epoca das cruzadas que os europeus a receberam dos arabes, tendo-a estes recebido dos chinezes. Affirmam varios auctores que estes povos a empregaram mais de mil annos antes de Christo.

A sua introducção na Europa parece que não vae além do seculo XIII, pois foi então que pela primeira vez se observou que uma agulha magnetica, oscillando livremente ao redor d'um eixo, se dirige sempre para o norte.

Foi o italiano Flavio Gioja o primeiro que se lembou de suspender a agulha magnetica na ponta d'um eixo, d'onde pode mover-se em todos os sentidos, tornando-se assim as observações mais faceis e mais exactas.

A bussola consta d'uma agulha de aço magnetico, chata e de pouca espessura, cujas pontas acabam em flecha. Tem no centro uma chapa de cobre, que descansa sobre um eixo do mesmo metal, e gira ao redor d'um circulo graduado, no qual estão marcados os quatro pontos cardeaes. Chama-se polo austral da agulha a ponta que olha para o sul e polo boreal a que está virada para o norte. O circulo percorrido pela agulha está dividido em trinta e duas partes e chama-se *rosa dos ventos*.

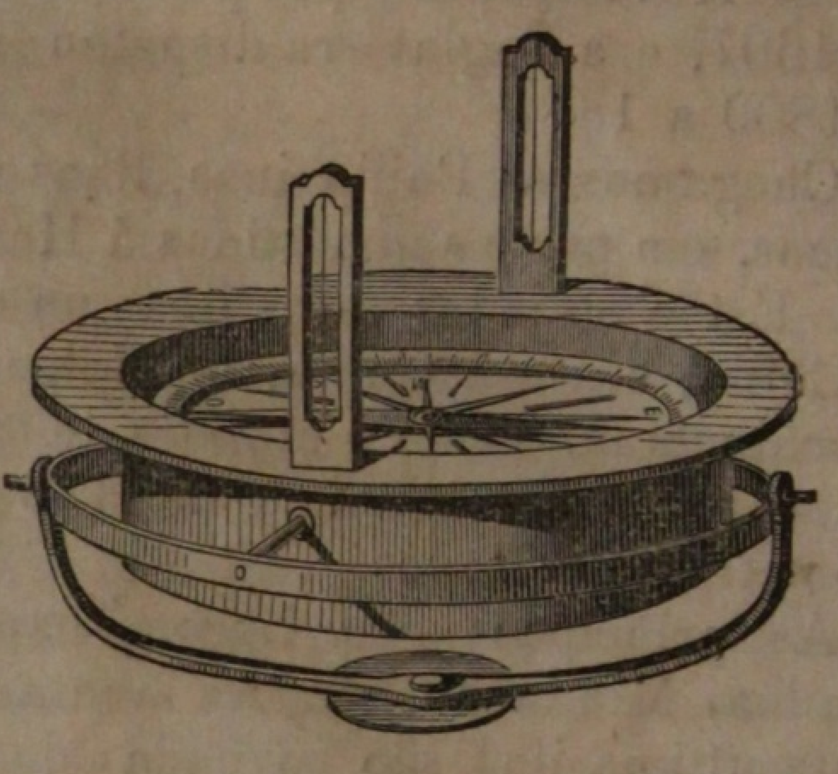
Esta util invenção quebrou as barreiras que separavam os povos d'uma extremidade do mundo dos da outra extremidade, e exerceu uma grande influencia sobre o progresso das sciencias e as relações commerciaes. A bussola serve aos marinheiros para se orientarem e representa um papel importante no levantamento de planos topographicos.

ZIG-ZAGS

—

A FORÇA DO CORAÇÃO

Pode-se formar uma ideia da enorme energia do coração humano pelo calculo de que o melhor ascensor só póde elevar-se a nove mil pés em nove horas, isto é, que póde elevar seu proprio peso a mil pés por hora por qualquer espaço de tempo, emquanto que a força activa do coração é capaz de elevar seu proprio peso (dez mil e dous) a trese mil oitocentos e sessenta pés. Ainda se póde fazer sobresahir mais isto, observando que a mais potente machina fabricada pelo homem, a saber, a *Bavaria*, locomotora do caminho



BUSSOLA

de ferro de Vienna e Trieste, só póde levantar seu proprio peso a dous mil e setecentos pés em uma hora, de modo que a sua força não chega a uma quinta parte da do coração humano. Portanto, se a quantidade effectiva de força desenvolvida por uma machina ou ascensor é muito maior que a produzida pelo coração, mas só com relação ao peso, a energia do coração é-lhe muito superior.

—

VONTADE E RASÃO

Foi sentença de D. Francisco de Portugal, conde do Vimioso, que quem tem vontade, não tem razão.

PROSPECTO

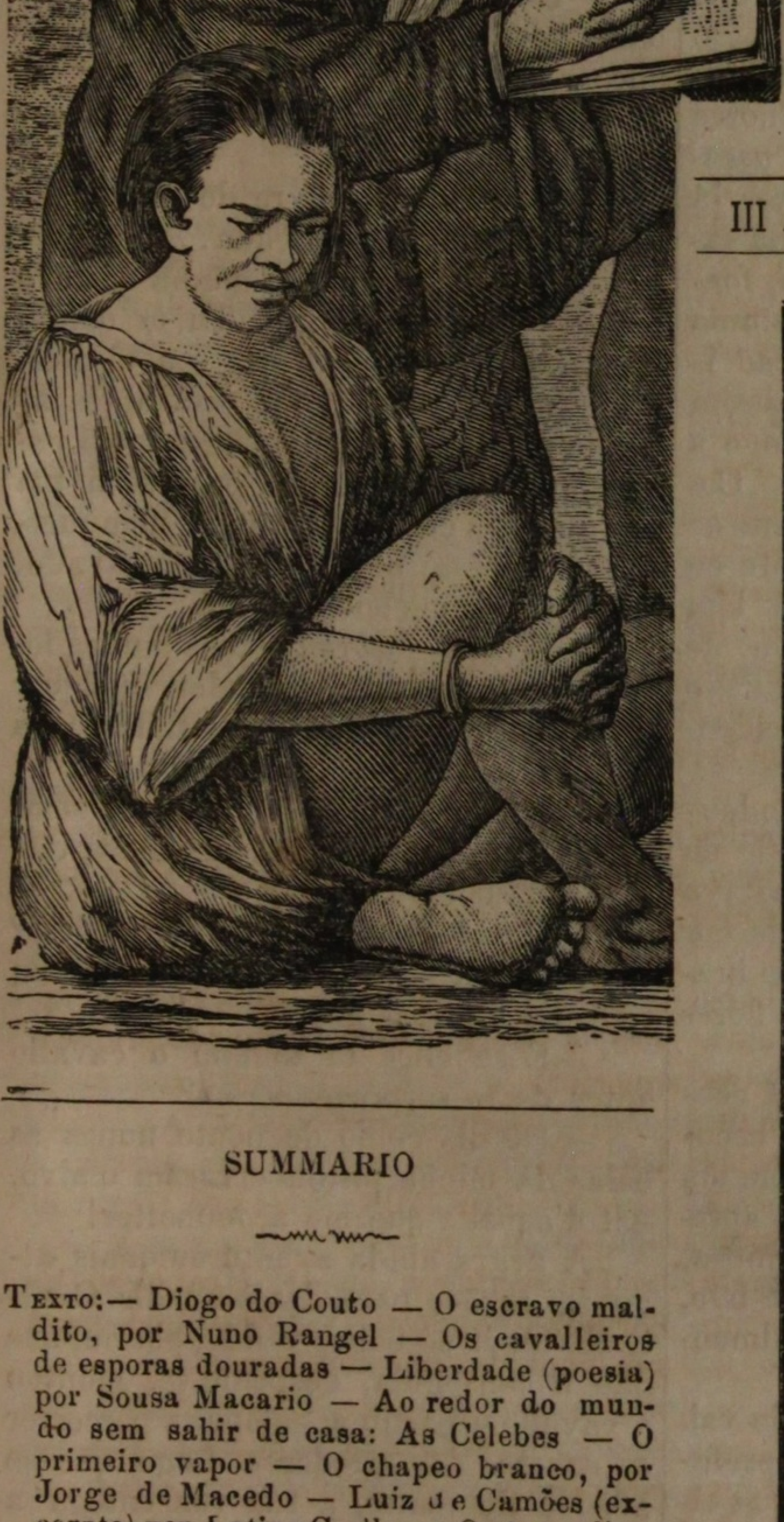
O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dosnossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis; oito dias depois da data 40 reis.



Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 6 D'ABRIL DE 1882 | NUMERO 84

DIOGO DO COUTO

SUMMARIO

TEXTO:— Diogo do Couto — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Os cavalleiros de esporas douradas — Liberdade (poesia) por Sousa Macario — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As Celebes — O primeiro vapor — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Luiz de Camões (excerpto) por Latino Coelho — Os teus olhos (poesia) por Gonçalo Moreira — O conde d'Amarante (romance) — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A expedição scientifica á serra da Estrella, por H. B. — Bibliographia — Buffon — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:— Diogo do Couto — O primeiro vapor — Uma machina do caminho de ferro — Buffon.

DIOGO DO COUTO

—

Na India vivia um homem, em quem todos reconheciam e respeitavam um talento notavel e uma profunda erudição.

Constava que elle, empunhando em uma das mãos a espada e na outra a penna, como o seu contemporaneo e amigo Camões, fôra consignando os feitos a que assistira e que o livro d'essas memorias já constava da narração do que se passara na India no tempo de Filippe I de Portugal e II de Castella.

Era tal a reputação do historiador soldado, que domou a inveja dos émulos e o amor proprio dos escriptores seus conterraneos, de forma que, desejando el-rei de Hespanha, tanto para lisongear os seus novos subditos, como tambem para illustrar o seu nome, como os dos reis seus predecessores portuguezes haviam sido illustrados, desejando elle, pois, que se continuassem as *decadas* de João de Barros, e que se gravassem nas bronzeas taboas da historia os subsequentes annaes das conquistas no Oriente, a voz publica logo lhe indigitou Diogo do Couto como o unico homem capaz de se abalançar a tal empreza e de não desmaiar na ardua tarefa de ser continuador de Barros, e isto apesar d'elle residir na India e longe da côrte.

E' certo que o nome de Diogo do Couto, sem ser conhecido e respeitado pelos estrangeiros como o de João de Barros, cinge-se entre nós d'uma auréola, que, sem ser reflexo da do seu antecessor, não empallidece demasiado, comparada com o fulgido clarão da luminosa corôa do Livio portuguez.

Diogo do Couto, empunhando o lapis severo do historiador, em vez do pincel maravilhoso do colorista, desenhou com perfeita exactidão as scenas que se passavam no Oriente, inundando-as de luz quando era necessario, mas não poupando as sombras, quando as sombras lhe appareciam.

Nas suas *decadas* apparece o quadro, escrupulosamente verdadeiro, das nossas guerras indianas.

O ESCRAVO MALDITO

—

Continuação

VIII

Dona Candonga, negra *mina* liberta, de alta categoria por possuir um *rincão* e perto de quinhenta rezes de *invernada*, além do gado manso, as onças de pezo e as patacas de prata antigas que possuia no fundo d'uma semi-arca forrada de couro cru, que tinha no quarto interior da sua vivenda de *taipa*, fazia annos, se bem me recordo, no dia 1 de abril de 1876. Para festejar o anniversario deliberou dar uma *soirée*.

Depois de ordenar a uma negrinha, sua criada, que montasse a cavallo e fosse convidar todos os visinhos dignos de serem recebidos em sua sala, entregou-se ella aos arranjos da casa.

Arrumou tudo, varreu, limpou, fez um caldeirão de café, que seria aquecido e offerecido pela noute adiante aos convidados; coseu batatas doces; fez um *quitute* de mel e farinha de mandioca frito com *graxa*; assou um sem numero de espigas de milho *catete* e torrou *pipocas*, as celebres *pipocas* tão particulares á provincia, que pena é não façam parte do elenco culinario das cosinhas portuguezas.

Em quanto no terreiro dous mulatos robustos carneavam uma das melhores vaccas do *rodeio* e preparavam os *assados com couro*, que de certo o leitor já conhece, D. Candonga levantava na sala do baile uma especie de throno, formado com duas mesas sobrepostas uma á outra e encimadas por uma cadeira cantante: cantante, porque assim que se sentassem n'ella, erguia logo a sua voz, que era um gosto ouvil-a. Coberto o throno com colxas de chita de côres vivas, D. Candonga pendurou nas paredes varios castiçaes de lata com florões immensos a servirem de reflector, obra d'um mascate italiano assignalado por grandes invenções identicas.

Tudo posto em ordem, D. Candonga recolheu-se ao *toilette*. Quando de lá sahiu parecia uma rainha: arrastava meio metro de cauda de cambraia côr de rosa, estava decotada e com os braços nus e tinha um ramalhete de flores de *maracujá* no peito.

O tempo que lhe sobrou até á chegada dos primeiros convidados, occupou-o D. Candonga em mirar-se em um espelhinho que lhe dava delicias, apresentando-a a seus olhos, bella, formosa, um tanto córada, e melhor do que isso, gorda, muito gorda! descommunalmente gorda!

Que exclamações repassadas de vaidade os seus beiços grossos não proferiam em louvor da sua pessoa, que ella acreditava ser um modelo de elegancia!

—Essas *crioulas*, dizia ella alegremente, que estão ná *fiusa* que são bónitas que se cheguem cá para á minhá *cancha*. A'qui a meu lado não passam de *chimbés mátungueiras*.

Mas deixemos D. Candonga em sua persuasão de formosura sem igual, e entremos por momentos em um *quilombo* escondido nos mattos quasi impenetraveis que se estendem ao longo da serra do Espirito Santo. N'esse quilombo a negrinha enviada por D. Candonga a fazer os convites para a festa anniversaria, conversa com Caxibache.

—Ainda hontem, dizia ella, passou lá por casa uma *comitiva* que anda em diligencia para te prender. Ah! Caxibache, eu temo que te matem se tu não te entregares á força do subdelegado quando te encontrar.

—Não tenhas medo, Zizica, que eu tambem não tenho. Sou forte e valente. Para me prenderem será necessario que me deem caça como a uma onça *cangussù*: muito caxorro terá de morrer a meus pés antes que um só me fira!

—A comitiva é muito grande.

—Quanto maior fôr o numero dos que me ataquem, maior será a carnificina da minha vingança!

—Eu não queria que tu fosses ao baile; vae lá muita gente e podem-te conhecer.

—Para que me servem estas armas?

—Tu não estás livre de uma traição... de uma embuscada...

—Não se escapa á minha vista o menor indicio de perigo. Tu és doida, Zizica; tu não sabes o que é a vida sobresaltada d'aquelle que está ameaçado de morte! Quando tu vens aqui para me fallar, se eu não ouvisse a tua voz alegre a cantar a *tyranna*, nem mesmo conhecesse o galope do teu cavallo, crês que me encontravas?

—N'estas *quebradas* tens muitos logares onde te podes esconder; qualquer *bibóca* te servirá para te occultares; mas na varzea... longe dos mattos...

—Tenho um bom cavallo, o melhor *parelheiro* da provincia! respondeu Caxibache com accentuação.

—O *malacara* do Passo das Pedras?

—Ainda melhor: o baio da Serra; roubei-o ha duas noutes.

—E se elles te tomam o cavallo antes de te surprehenderem?

—De dia como de noute nunca as balas da minha pistola erraram o alvo. Ai! d'aquelle que me acommetter!

A negra ainda aventurou mais algumas razões para despersuadir Caxibache de ir ao baile; vendo, porém, que não o conseguia, despediu-se, montou a cavallo e partiu a galope, a percorrer os *ranchos* dos arredores. Logo que se afastou do matto, a sua voz entoou a *tyranna*, mas com um rhytmo mais plangente e sentimental do que o do costume.

Continua — NUNO RANGEL

OS CAVALLEIROS DE ESPORAS DOURADAS

—

Como em um dos passados numeros d'este jornal, em um artigo firma-

do pelo snr. Helliodoro A. Salgado, este senhor se referiu aos cavalleiros de esporas douradas, vou dizer que qualidade de milicia era esta.

Depois da destruição da Hespanha, como á sua reparação concorriam varios cavalleiros de todas as partes da Europa, não havendo premios dignos do valor d'estes campeões, com politica attenção inventaram os reis com que remunerar os serviços ou a gloriosa ambição dos illustres, armando-os cavalleiros, a quem chamaram d'esporas douradas; dignidade tão excelsa que, por merecel-a, vieram a Hespanha muitos principes estrangeiros.

Em Portugal, os infantes, filhos de el-rei D. João I, só pela gloria de serem cavalleiros d'esporas douradas, emprehenderam a tomada de Ceuta; el-rei D. João II, sendo principe, a d'Arzilla, etc.

As ceremonias da sua creação faziam-se d'esta sorte: Recolhia-se a um templo o candidato, onde desde o meio dia antecedente á solemnidade velava as suas armas e com religiosas preces pedia a Deus dispozesse aquelle acto para maior gloria do seu nome.

Depois da vigilia, que era até a manhã, adornava-se preciosamente o candidato. Assistia á missa, celebrada com grande solemnidade; lançava-se de joelhos diante do padrinho, o qual, depois de lhe perguntar se queria receber aquella honra, lhe intimava as altas obrigações que se impunham com aquella excelsa dignidade, cuja maior gloria era sacrificar a vida pela patria e pela fé.

Vinham logo dous cavalleiros, um dos quaes lhe calçava as esporas douradas e o outro lhe cingia a espada, com a qual, tirada da bainha pelo padrinho, este lhe dava no elmo tres golpes, repetindo como em forma de sacramento estas palavras:

—Eu te armo cavalleiro em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Logo o abraçava, assim como todos os mais cavalleiros, que com luzida pompa o acompanhavam até sua casa.

Estas eram as ceremonias usadas na paz, porque as da guerra, ainda que menos aparatosas, eram de mais gloria, pois faziam-se á vista do inimigo, ou antes da batalha, ou depois da victoria.

Os reis armavam-se a si proprios, como fez o nosso inclito rei D. Affonso Henriques, tomando por suas proprias mãos as armas, que para esse fim estavam postas sobre um altar, como em feliz auspicio das que depois recebeu da omnipotente mão.

Foi assim que principiaram e se divulgaram por toda a christandade as ordens militares; d'aqui provieram tambem as ceremonias praticadas ao armarem-se os cavalleiros.

Para os d'este reino poderem casar, mandou D. Duarte, no anno de 1435, ao concilio de Basileia pedir por seus embaixadores a dispensa ao papa. Concedeu Eugenio IV, a instancias d'el-rei, que os cavalleiros de Christo e das mais ordens militares que d'ahi por diante tomassem o habito podessem contrahir matrimonio; mas não se expediu logo esta bulla, que só veio a ter effeito no tempo do papa Alexandre III, sendo rei de Portugal D. Manoel.

LIBERDADE

Liberdade, infinito de venturas,
Sonho do Redemptor, condão do ceo!
Estrada do progresso, liza, esplendida!
Farol d'immensa luz, astro sem veo!

Salve! tres vezes salve, etherio Nume!
Anjo de redempção! do ceo sorriso!
Archanjo conductor da humanidade
A' vida fraternal do paraiso.

As detestaveis sombras da ignorancia
Fogem ao teu fulgor, aureo, brilhante;
Embora haja inda alguem que diga: Pára»
A voz universal dirá: «Avante!»

Avante, bradarão o ceo e a terra;
Avante, bradarão o sol e o mar;
Avante, bradarão dias vindouros;
Avante, o proprio Deus hade bradar.

E tu caminharás até á gloria,
Vencendo o fanatismo, a iniquidade;
E quando a estupidez ficar vencida,
Todos te prezarão, ó Liberdade!

Ergue portanto a espada illustradora;
Emprega a tua força de gigante;
Embora alguem das trevas brade: Basta
Caminha sem parar, caminha avante.

Conduz a illustração aos povos rudes;
Colloca a humanidade em campo igual;
Converte o mundo inteiro n'um p'raiso,
Estreita o doce abraço fraternal.

Avante pois! caminha, ethereo Nume!
Rizo do Creador na immensidade!
Avante, doce bem que o mundo encerra,
Resgate salvador da humanidade!

SOUSA MACARIO.

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

LXV
AS CELEBES
Continuação

Os indios fizeram então o commercio com diversas regiões; mas os chinezes estabelecidos em Manilha revoltaram-se e foram immolados em grande numero, em 1638 e 1639. A Inquisição, depois de ter feito numerosas victimas, apoderou-se do poder no seculo XVIII. Os inglezes tomaram Manilha em 1672; mas foram repellidos pelos indios, sublevados pelo frade Anda, e a ilha tornou para a Hespanha em 1764. Anda foi nomeado governador e fez prosperar a ilha; mas esta decahiu rapidamente e o seu commercio acabou quasi de todo. Em 1820 o cholera devastou a ilha; os habitantes de Manilha accusaram d'aquelle flagello os francezes, os inglezes e americanos, fazendo n'elles uma horrivel matança. Novalés tentou dar a independencia ás Philippinas, em 1823; mas não o conseguiu e foi condemnado á morte.

LXVI
A MELANESIA

Melanesia, nome composto de duas palavras gregas *melas*, negro, e *nesos*, ilha (ilha dos negros) é uma das grandes divisões da Oceania, situada a sudueste, e conprehendendo um grande continente, a Australia, a Tasmania, a Papuasia, as Novas Hebridas e outras ilhas menos importantes.

A Australia, ou Australasia, é uma das quatro grandes divisões geographicas do Oceano Austral, situada entre a Malasia e a Polynesia. A Nova Hollanda forma a maior parte. O resto divide-se em dez grupos, a saber: a Papuasia, ou Nova Guiné; as ilhas, ou archipelago da Luisiada; o archipelago de Quiros; o grupo da Nova Caledonia; o archipelago de La Perouse; o archipelago da Nova Granada; o archipelago de Salomão; o grupo de Norfolk; o grupo da Nova Zelandia, ou Tasmania; o grupo de Diemen.

Attribue-se aos portuguezes e hespanhoes a primeira descoberta d'estas terras no seculo XVI. Em 1605 os hollandezes reconheceram o continente e em 1614 tinham estudado uma parte da costa. A Tasmania foi descoberta em 1642 por Tasman. No principio do seculo XIX a costa do continente estava quasi toda reconhecida.

A Australia, continente austral, ou Nova Holanda, está situada ao sul da Asia. E' pouco conhecida. Em extensão é quasi igual á Europa. A sua população consta de 1,200:000 habitantes. Está separada da Papuasia, ao norte, pelo estreito de Torres; da Tasmania, ao sul, pelo estreito de Bass; da Nova Zelandia e da Nova Caledonia, a leste, por um canal de 1:300 kilometros; e banha-a a oeste o Oceano Indico.

A costa oriental designada pelo nome de Nova Galles meridional, é a mais frequentada: é ali que está situado o porto de Macquarie, a bahia Jervis, o porto Jackson, ou Sydney, Bo-

tany-Bay, etc. A costa meridional comprehende as terras de Nuyts, de Flinders, de Freycinet e de Gand; offerece a bahia do Rei Jorge, o porto Filippe, o de Western na ilha dos Kangurus, etc. A costa occidental comprehende as terras de Leenwin, Edees, Endracht, ao passo que ao norte estão situadas as terras de Witt e de Arnheim; ao sudueste acham-se os montes Darling, ao sul os montes Warragong, ou Alpes australianos, e as montanhas Negras; a leste as montanhas Azues. Estas montanhas elevam-se a curta distancia das costas, e durante muito tempo julgou-se que defendiam a entrada para o interior do continente. As montanhas Azues só foram transpostas em 1813.

O PRIMEIRO VAPOR

—

Estava uma tarde Napoleão I no seu acampamento de Bolonha, quando se lhe apresentou um mancebo d'aspecto varonil, atitude resoluta e olhar firme. Como se adivinhasse o pensamento do imperador, o desconhecido disse-lhe:

—Quereis atravessar a Mancha, e desembarcar em Inglaterra, com um poderoso exercito, d'um dia para o outro? Se me auxiliardes, prometto-vos realizar essa travessia, sem receio dos ventos, das marés e das correntes, não em uma noute, mas em poucas horas.

Napoleão fitou o desconhecido e perguntou-lhe:

—Quem sois para fazer-me similhante proposta?

—Sou um norte-americano.

—Como vos chamaes?

—Fulton.

—E que especie d'embarcação é essa em que vos propondes obrar tal prodigio?

—São barcos a vapor.

—E' a theoria de Blasco de Garay que intentaes pôr em pratica?

—E'; mas as minhas ideias são differentes.

E Fulton passou a explicar a Napoleão as suas ideias relativamente á applicação do vapor; mas Napoleão, no fim, desatou a rir e despediu bruscamente aquelle homem, que lhe parecia um simples maniaco.

Passaram-se muitos annos. A fragata *Amphitrite* navegava para a ilha de Santa Helena, com intuito de levar ao famoso Hudson Lowe instrucções ácerca do captiveiro de Napoleão, prisioneiro então dos inglezes n'aquella ilha. Uma manhã o capitão da fragata avistou uma columna de fumo, que avançava por sobre as ondas. O seu primeiro pensamento, foi que era um navio incendiado; mas em breve mudou de opinião, avistando perfeitamente o navio, que cortava placidamente os mares, despedindo fumo por um longo tubo.

O vapor foi-se aproximando da fragata, que poz no tope bandeira de parlamento. Toda a officialidade correu á coberta.

Quando o commandante do vapor subiu á coberta da fragata, para cumprimentar o commandante britanico, este descobriu-se com o maior respeito.

—Que extranha embarcação é a vossa, que sulca ligeira por meio do mar, ao passo que nós estamos aqui ha tres dias, detidos pela calmaria?

O PRIMEIRO VAPOR

—E' o primeiro vapor que cruza o Atlantico. Este barco é o *Cometa*.

—E para onde ides?

—Vou á Europa, propagar a boa nova. Sou o representante da industria, do commercio, do futuro.

Quando o commandante do *Amphitrite* referiu em Santa Helena o encontro que tivera, Napoleão deixou escapar um profundo suspiro e exclamou:

—Ah! Se eu não tivesse desprezado a offerta de Fulton, outro destino sería o da Europa!

O presentimento do imperador realisou-se. O vapor transformou não só a Europa, mas o mundo inteiro. Os mares são cruzados por milhares de barcos a vapor e em terra silva a locomotiva, levando a toda a parte a noticia de que o genio do homem não pára e as maravilhas succedem-se, a impulso d'essa força prodigiosa chamada o progresso.

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

Francisco do Nascimento, antes de partir para Lisboa, teve uma larga conferencia com o caixeiro, e n'esta conferencia, além dos assumptos importantes do negocio, tratou-se muito principalmente de Alexandrina. Era este um dos pontos que mais preocupava o negociante e pelo que elle quizera perder toda a sua fortuna antes do que separar-se da filha, posto tudo indicar que a sua ausencia não podia ir além de oito a dez dias. Além d'isso, elle confiava plenamente no seu caixeiro. Mas um coração de pae, e um pae extremoso como elle, tendo ainda o coração dilacerado pelo espinho do receio, podia conformar-se de bom grado áquella separação, áquella ausencia, durante a qual podiam occorrer successos que para sempre compromettessem o futuro da filha estremecida?

Dissemos já que Vieira, um dia, soltara uma exclamação jubilosa, julgando-se senhor do meio mais seguro, infallivel, de desviar Alexandrina do abysmo, para o qual corria impetuosamente. Qual fosse esse meio, não o explicaremos agora; nem mesmo elle o declarou ao patrão na conferencia que tiveram antes d'este partir para Lisboa. E' certo porém que Vieira tranquillisou o pae d'Alexandrina, dizendo-lhe que tivesse a certeza de que a honra da sua casa não correria o menor risco durante a sua ausencia e que até lhe podia assegurar que, ao voltar, as cousas teriam soffrido uma profunda modificação quanto ao ponto em que ambos se empenhavam, que era fazer cessar os amores d'Alexandrina com um homem que não podia ser seu esposo.

Quasi com as lagrimas nos olhos, Nascimento agradeceu ao caixeiro todos os serviços que este podesse prestar-lhe n'aquella grave conjunctura, rogou-lhe que todos os dias lhe participasse o que se passava em casa, e partiu emfim, depois de ter uma affectuosa despedida com a filha, vertendo ambos copioso pranto.

Desde esse dia, Vieira tornou-se o Argus vigilante d'aquella casa. Não ha côres com que pintar os extremos cuidados que elle prestava a tudo, tanto

aos negocios da casa, como aos assumptos particulares d'ella.

Alexandrina, sem o suspeitar, foi alvo d'uma vigilancia especial. Convinha tambem vigiar os menores passos do doutor, para estar d'atalaia. Foi o que Vieira fez. De combinação com o compadre Sequeira, e auxiliados ambos pelo primo frade, estabeleceu uma policia tão rigorosa, que não podia escapar-lhe a menor circunstancia que o illucidasse sobre a regra do seu proceder.

O doutor não faltava uma noute á entrevista com Alexandrina pelo lado da Biquinha. Vieira, por uma janella da loja, ouvia tudo quanto os dous namorados diziam. Uma noute o doutor fallou vagamente á namorada em uma fuga da casa paterna. Alexandrina repelliu a ideia com dignidade e Vieira esteve a ponto de trahir-se e apparecer n'esse momento para significar ao doutor a indignação que lhe causava a infamia da sua proposta. Conteve-se porém e esperou. Na noute seguinte o doutor voltou á ideia da fuga, que Alexandrina repelliu, mas não com a mesma aversão da vespera, d'onde Vieira, escondido ao canto da janella, colligiu que aquella ideia já ia ganhando raizes na mente da joven inexperiente.

—O maroto convence-a! exclamou Vieira na terceira noute.

Com effeito, n'essa noute, o doutor insistiu em que não havia outro meio, para realisarem ambos a sua felicidade, senão Alexandrina fugir, e a ocasião não podia ser mais opportuna, por se achar o pae ausente. Promettia-lhe o doutor conduzil-a a casa d'umas parentas, que tinham uma quinta para os lados da Arca d'Agoa e ali se conservaria até se darem os passos necessarios para o casamento.

—Não! exlamou Vieira quando tal ouviu. Não! D'essa não te hasde tu gabar! Juro-o por Deus! Tal não conseguirás sem que primeiro passes por cima do meu cadaver! Era o que faltava! Juro que a honra d'esta casa não soffrerá a menor quebra até á chegada do meu patrão!

Continua JORGE DE MACEDO

UMA MACHINA DO CAMINHO DE FERRO

LUIZ DE CAMÕES

EXCERPTO

—

Quando um povo intenta mostrar ao mundo quaes são os titulos, que lhe asseguram o direito á independencia, não é apontando na carta as suas fronteiras e allegando a existencia material, que póde nos amigos excitar o respeito da sua liberdade e conter nos cubiçosos os impulsos da ambição.

Não lhe basta ser apenas uma fortuita aggregação de homens consociados para mais commodamente subsistirem no estreito circulo de uma vida sem nome e sem reflexo. E' preciso que na seiva da nação exista insufflado e vivacissimo o bafejo, que um espirito alimentado de uma ideia, de uma tradição e de uma gloria, lhe esteja animando o corpo sem cessar. E' forçoso que os seus feitos lhe assignalem logar illustre no presente contubernio das nações, e attestem que esse povo, cooperando efficazmente na progressão da humanidade, é necessario ao concerto e harmonia do mundo civilisado.

Não é pois porque tem riscados no mappa desde seculos os limites convencionaes do territorio, que Portugal mantém a sua independencia e soberania. Sobre as fronteiras dos povos, que já nada representam na historia ou no presente, vôa, arrasando-as como um tufão, o gladio impetuoso do feliz conquistador. Contra a vitalidade puramente physica dos povos, sem fastos e sem raizes na historia do progresso universal, prevalece a doutrina fatal e inevitavel das nacionalidades grandes e poderosas, e da união das raças e das familias ethnographicas sob a mesma denominação. Quando as nações tem apenas um organismo, sem ter o sopro e a inspiração, que o possa vivificar, quando são apenas corpo e não espirito, a ambição dos estranhos potentados passa por sobre ellas esmagando-as, como a charrua do agricultor, ao abrir o sulco direito, vae troncando e escondendo as hervas humildes e rasteiras.

Continua LATINO COELHO

OS TEUS OLHOS

Eu quero tirar uns sons
Da minha lyra sonora,
Para cantar os teus olhos,
Minha bella Leonora.

Teus a doçura e meiguice
No teu luminoso olhar.
E' terno como uma esperança,
Tão meigo como o luar.

Mais formosos que as boninas
São os teus olhos, pequena;
Mal sabes como te brilham
No lindo rosto, morena.

Eu não canso de admirar
Esses lindos olhos teus.
São dois pontos luminosos,
Parecem 'strellas dos ceos!

Quando te vejo, formosa,
Teus olhos em mim fitar,
Eu sinto o louco desejo
De ir a teus pés me curvar!

Eu quero tirar uns sons
Da minha lyra sonora,
Para cantar os teus olhos,
Minha bella Leonora!

GONÇALO MOREIRA.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
V
VISITAS DA VISINHANÇA

Continuação

Regressei ao palacio satisfeito com a minha excursão, e ao entrar disseram me que me esperavam no salão senhores da visinhança, que vinham visitar-me.

Dirigi-me para o salão, e ao entrar distingui um grupo de tres senhoras, que fallavam com Florentina, e outro de dous cavalheiros, com o medico e o capellão.

Depois que todos trocamos os primeiros cumprimentos, aproximou-se de mim o cavalheiro e a senhora mais velha, os senhores da casa de Naya, que me chamaram *segundo sobrinho*. Eu desconhecia aquelles parentes, e elles explicaram-me o grão de parentesco que tinham com minha mãe, accrescentando a senhora com notavel lentidão que era um dos dias mais felizes da sua vida aquelle, porque podia cumprimentar o seu *herdeiro* antes de morrer.

E deu-me umas pancadinhas carinhosas com o leque.

—Como! lhe disse, e seus filhos, minha senhora? E indiquei-lhe o outro cavalheiro mais novo e as outras duas meninas, que ficaram sentadas diante de mim.

—Ah! disse a boa senhora da casa de Naya sorrindo-se piccarescamente; tomas por meus filhos aos senhores de Dorra! Prouvera a Deus que assim fosse, meu conde! Xavier e eu tivemos a desconsolação de nos morrerem os nossos filhos, assim como este cavalheiro e estas meninas tiveram a desconsolação de ver morrer seus paes.

Então fixei-me mais no senhor e nas meninas de Dorra, que formavam o grupo d'outra familia.

O morgado de Dorra era um individuo de trinta annos, alguma cousa obeso, porém de muitas pretenções senhoreaes; era uma especie de *morgado* portuguez, no vestir, na sua barba espessa e no modo emphatico de fallar. Suas irmãs, moças como Florentina, eram brancas e alouradas, typo vulgar, porém não desagradavel, e com apparencias de modestia freiratica.

Como era a hora de almoçar, eu convidei-os a passar á sala de comer e que me acompanhassem á mesa. Todos aceitaram, fazendo mil genuflexões de agradecimento pelo que chamavam *tão alta honra*.

Não póde imaginar-se cousa mais fastidiosa que os primeiros momentos d'uma comida com pessoas que teem pretenções senhorís; tanto aborrecem as grosserias da gente ordinaria, quanto enfastiam as ceremonias da exquisitice refinada. A senhora da casa de Naya não fazia uso de cousa alguma sem que seu marido lhe fizesse o prato e lhe cortasse até o pão em pequeninas partes; Florentina não tomava nada sem que o senhor de Dorra se antecipasse a servil-a; e as duas meninas acharam-se com o medico e o capellão entre Scyla e Carybdes.

Não era bastante que dous escudeiros passassem em redor da mesa com travessas d'uma mesma cousa, já começando a servir pelo centro d'ella, já pelos dous extremos; o velho costume dos homens fazerem prato ás senhoras retardava o serviço, e aquella mania desgostava-me.

Florentina, a quem não passava nada por alto, prohibiu formalmente o morgado de Dorra de o servir; porém este, tenaz nos seus costumes, que julgava de bom tom, persistiu em a importunar com o *tome a menina d'esta aza, tome d'este figado de gallinha... esta azeitona, esta roda de salame*, etc., etc.

Cada vez mais me desgostavam aquellas fastidiosas attenções do morgado de Dorra com Florentina; porém, porque seria isto? Porque me haviam de desagradar similhantes bagatellas, e mais ainda as palavras que o insulso morgado lhe dirigia a *sotto voce*? Não me repugnava a mim Florentina com as pretenções de intelligencia e disposição?... não ia despedil-a do meu serviço? Para que, pois, fixar a minha attenção n'ella e no de Dorra d'aquelle modo?

Para cumulo da semsaboria, a senhora da casa de Naya começou a fazer a apologia das distinctas qualidades das meninas de Dorra.

—Amelia, dizia, que é a mais velha, sustenta o peso da casa tão bem como Florentina, que é o que se póde dizer; e tambem como Florentina borda e faz os lavores do seu sexo. Sira, que é a mais nova, já é outra cousa; canta e toca piano como a mais consummada artista. Em quanto a Atilano, que era o morgado, Atilano é um poço de sciencia, *sobrinho*! E' litterato... poeta, e escreve nos periodicos catholicos do paiz e de Madrid.

—Meu Deus! exclamei eu interiormente; isto é que é uma familia feliz!

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

V
RICO!...

Continuação

Quando, como de costume, chegou pela manhã a senhora Lourença de ter passado a noute em casa de sua irmã Libania, e Alvaro lhe mostrou aquelle immenso thesouro, a velha, que nunca tinha visto tanto dinheiro na sua longa vida, ficou perplexa!

—Meu isto tudo! exclamou Alvaro quasi com a rasão perdida. Acabou hoje de penar a alma de meu padrinho.

—Como?...

—Como? Pois não sabia?... Ah! Sim, sim, eu não lhe tinha dito nada; a luz que andava no quintal era eu que a trazia. Era eu que andava procurando esta immensa fortuna, que meu padrinho me legou. Oh! como eu sou feliz!... Vou hoje mesmo comprar uma casa, uma casa muito grande, muito bonita! E vocemecê, senhora Lourença, irá habitar comigo. Terá em minha casa tudo quanto necessitar... Não quero que trabalhe mais... está cansada, pobre velhinha, minha segunda mãe...

E, chorando e rindo ao mesmo tempo, Alvaro fazia saltar as libras sobre a colcha da cama com as suas mãos nervosas...

—Então agora é preciso mandar

dizer algumas missinhas por alma de seu padrinho... Tão boa pessoa!...

—Sim, sim; tudo se fará... respondeu Alvaro, sempre allucinado á vista d'aquelle dinheiro que era seu.

N'aquelle dia não jantou e nem sequer se lembrou de ir participar a Emilia a sua felicidade. Comprou um elegante palacete; mobilou-o com um luxo asiatico, comprou cavallos, etc., etc...

Oito dias se tinham passado n'esta faina e Emilia estava triste, assustada, sem nada saber que motivasse aquella ausencia.

Se Alvaro estaria doente!... Era esta a ideia fixa da innocente Emilia.

E tinham já passado dez dias e Alvaro sem apparecer...

Então pediu a uma visinha para lá ir, a casa de Alvaro, levar-lhe uma carta. A visinha foi e Emilia ficou impaciente esperando a resposta.

Passado um quarto d'hora, que a Emilia parecera um seculo, voltou a mulher com a mesma carta que levara, e disse que Alvaro já lá não morava. Que elle e a criada haviam sahido de aquella casa e não se sabia para onde tinham ido.

—Ah! Que infeliz eu sou! exclamou Emilia. Esqueceu-se de mim o ingrato! Desesperado, pela miseria em que ficara, poz em pratica o que tanta vez me dissera e foi para o Brazil!... E eu que o amava tanto!

E Emilia soluçava e as lagrimas cahiam-lhe em abundancia pelas faces abaixo.

—E' porque elle lhe não tinha amor, menina. Mas não se afflija, que não val a pena; os homens são todos assim! observou do lado a visinha.

—Pois seria falso o seu amor! Seria mentira!... Ai, que eu morro, suppondo isto!...

E cahiu sem sentidos no soalho.

A prestavel visinha, mensageira da noticia do desapparecimento de Alvaro, bem se esforçava para erguer do chão o corpo inanimado de Emilia. A este tempo entrou Matheus, que ficou pasmado com a scena que mal podia comprehender.

Emilia fez um movimento, vindo a si, e Matheus, informado pela visinha do que se passara, exclamou:

—Bem o dizia eu que as tristezas d'ella eram causadas por algum namorico!...

—Perdão, meu pae; mas eu amava-o muito, muito!... soluçava Emilia...

N'este instante ouviu-se bater na porta do aposento. Matheus foi abrir. Era um lacaio, de libré agaloada, de chapeo na mão e que, curvado, lhe entregara um cartão em que se lia:

«Alvaro Pinto da Costa deseja fallar com o snr. Matheus Carneiro de Brito, para negocio urgente.»

— Quem lhe deu este bilhete? perguntou Matheus ao lacaio.

—Meu amo, que está á porta, esperando no trem, respondeu elle.

—Queira dizer-lhe que estou ás suas ordens.

O lacaio curvou-se mais e desceu a escada. Matheus, então, voltou-se para Emilia e entregou-lhe o cartão...

—E' elle! E' Alvaro!... exclamou Emilia depois de ter lido...

—Sou eu! Sou eu, Emilia! disse Alvaro do limiar da porta.

Continua — EDUARDO VÉRAS

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA

Continuação

II

Em plano muito inferior e em direcção norte fica situada a lagoa comprida, com quasi um kilometro de extensão e forma muito irregular. E' pouco profunda e como a sua irmã da solidão completamente inhabitada.

Parece comprovado que a *lagoa comprida* recebe da *redonda*, em tempos de inverno, por uma unica garganta, que apresenta em direcção áquella, as agoas, que naturalmente trasborda, as quaes, juntas ás formadas pelo desgello das neves e d'uma ou outra nascente, dão origem a essa lagoa.

E' certo que a sua evaporação é muito sensivel e que nos tempos de calor chega a ficar secca em alguns pontos. As suas agoas teem uma temperatura superior á da lagoa redonda, tornando-se por isso perfeitamente habitavel. Seria esse ponto muito conveniente que a sociedade geographica o promovesse. A sua posição é um pouco N. E.

Immediatamente a esta lagoa, e simplesmente separada por uma pequena faxa de terreno, encontramos a Ribeira Caniça, oriunda da lagoa comprida, da qual recebe as agoas, e que engrossada por algumas nascentes naturaes, vae formar o rio Alva junto ao monte Crastro. Nós dissemos, vae formar o rio Alva, e de proposito o fizemos. O Alva, de que já aqui nos occupamos, não tem denominação propria, nem mesmo curso, antes de receber as agoas da *Ribeira Caniça* junto ao Crastro. Depois apparece já grosso e sussurrante com as agoas da ribeira do Covão do urso e do vale de Cabaças.

O mesmo succede com o Zezere, que nascendo na base do Cantaro magro, confunde-se immediatamente com as lagoas da *Candieira*, e formando um pequeno regato, sempre engrossado com pequenos affluentes, atravessa a villa de Manteigas, onde começa então a chamar-se Zezere.

Fallamos acima do monte Crastro, cuja denominação provém da corrupção Crastrum romanorum. Está confirmado que n'aquellas solidões da Estrella, esse povo gigante, que foi o ultimo na historia antiga e quiça o mais possante e formidavel e que apesar de mais de vinte seculos decorridos admiramol-o hoje na sua intelligencia, assentara ahi os seus arraiaes de guerra. Foi bastante copiosa a colheita de specimens ceramicos que a secção archeologica colhera.

Deve-se sem duvida esse resultado ao nosso intelligente amigo Joaquim de Vasconcellos, um dos mais infatigaveis membros da expedição.

Na base d'esse monte, em um reconcavo das rochas que o formam, existe uma pequena gruta, denominada *cova da moura*, digna de ser estudada, mas a qual, como muitos outros pontos, não mereceu a attenção dos exploradores. Uma pequena abertura, de forma irregular, cavada na rocha, forma-lhe a entrada. Segue-se um como corredor estreito, que dá ingresso a um vasto amphitheatro, onde uma luz tenue, escoada por uma ou outra fresta das rochas, derrama uma claridade frouxa.

E' um vasto salão abobadado, onde a natureza caprichou em attractivos luxuosos, dando-lhe uma forma regular, esplendida. Um sussurrar estrepitoso de agoas, que se deslizam em corrente impetuosa, vem logo ferir o ouvido ao visitante, que, affeitos os olhos pela dilatação das pupillas, procura avidamente a causa d'aquelle extranho motim. E' uma extensa lagoa que n'aquellas solidões subterraneas atravessa a gruta em toda a extensão!

Continua — H. B.

BIBLIOGRAPHIA

Temos ultimamente recebido diversas publicações, de que, por falta d'espaço, não temos podido dar conta, pedindo desculpa aos seus auctores e editores:

O *Semanario dos Filhos de Maria* é uma publicação religiosa, de que já estão publicados dous numeros. Destina-se este semanario a levantar os principios religiosos, actualmente um pouco decahidos, a reanimar o fogo da fé, a moralisar os costumes por meio das doutrinas sans, em que se basea a ordem social. E' bem escripto e merece ter entrada no seio de todas as familias. Não lhe faltará leitores, cremos nós, em uma terra que tem por um dos seus

mais gloriosos titulos o de cidade da Virgem.

O editor do *Semanario dos Filhos de Maria* é o snr. Manoel Malheiro e a redacção é na rua da Picaria n.º 97.

Sciencia para todos. Vae no numero 11 esta publicação d'ensino scientifico, que promette formar uma encyclopedia, em que os menos instruidos possam aurir valiosos conhecimentos sobre todos os ramos das sciencias humanas.

Revista Universal. Temos á vista o 1.º numero, adornado com o retrato do visconde d'Almeida Garrett e mais duas gravuras. E' uma publicação muito apreciavel, e oxalá vingue consolidar-se em um paiz tão pouco animador do commercio das letras.

O Pero Gallego. Recebemos o numero 9 d'este semanario litterario, que vê a luz da publicidade em Vianna do Castello. As suas paginas são abrilhantadas por nomes muitos distinctos, que lhe dão uma valia de todo o ponto justificada.

O Gymnasta. E' este o titulo d'um jornal quinzenal que principiou a publicar-se n'esta cidade, sob a direcção do snr. Paulo Lauret, conhecido professor de gymnastica. Desejamos-lhe longa vida, semeada das mais apeteciveis prosperidades.

BUFFON

Não se pode dizer ao certo o que mais digno se torna de admiração n'este homem superior, qual a qualidade que n'elle sobreleva mais. Buffon foi um homem verdadeiramente admiravel, foi uma das maiores glorias do seculo XVIII. Philosopho profundo, sabio universal, escriptor inimitavel, poeta sublime, foge a toda a analyse e confunde a imaginação. O seu genio parece igualar a magestade da natureza, como declara uma inscripção gravada no pedestal da estatua, que, em sua vida ainda, lhe ergueram no gabinete do rei Luiz XIV: *Magestati naturæ par ingenium.*

Buffon concebeu o vasto projecto de reunir em um só todo os factos, até então dispersos, da historia natural, estudando o nosso mundo planetario, a composição do globo, a theoria da geração, e percorrendo em seguida toda a creação desde o homem até aos mineraes. Este plano parecia não caber nas forças d'um só homem; Buffon porém levou-o a cabo com a sciencia d'um de aquelles philosophos antigos, para quem os obstaculos eram um estimulo mais. A carreira do illustre sabio principiou com a *Theoria da terra* e acabou com as *Epocas da natureza*; dous monumentos que immortalisaram o seu nome!

BUFFON

Daubenton, o abbade Bexon, Guesneau de Montbeliard prestaram o seu concurso a Buffon; mas nunca chegaram a igualal-o, porque o *estylo é o homem*, e o estylo inimitavel de Buffon é um dos titulos á sua immortalidade. Por fortuna a natureza forneceu-lhe um assumpto grandioso, porque é fóra de duvida que era incapaz de descer a um estylo simples.

«Buffon, diz Madame Necker, não podia escrever sobre materias de pouca importancia. Quando queria cobrir com o seu grandioso manto as cousas pequenas, deixava-o cheio de dobras.» Mas, em compensação, que riqueza de colorido, que poder d'imaginação! Buffon foi o artista da natureza, de que Linneu se fazia ao mesmo tempo o operario.

Foi na solidão do jardim do rei, ou nas socegadas avenidas do parque de Montbard, que se formou, durante cincoenta annos de trabalho assiduo, aquella imponente encyclopedia da natureza. O *Espirito das leis*, de Montesquieu, foi tambem composto na solidão do castello de Breda. «Estas duas grandes obras do seculo XVIII, diz Flourens, são o fructo do genio que teve a coragem da solidão.»

Não faltaram a Buffon os inimigos, e sobretudo os invejosos. D'Alembert, Montesquieu e Voltaire cobriram-o de epigrammas. Este ultimo, ouvindo um dia fallar na *Historia Natural*, soltou esta exclamação, que encerra uma ideia cheia de bom senso:

—E nada mais natural!

Quanto a Rousseau, conta-se que indo a Montbard e ao entrar no pavilhão onde Buffon tinha composto aquella grande obra, se pozera de joelhos e beijara o limiar da porta. Interrogado a tal respeito, disse Buffon com simplicidade:

—E' verdade: Rousseau prestou uma homenagem.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dosnossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

O preço avulso é apenas 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 13 D'ABRIL DE 1882 | NUMERO 85

AFFONSO DOMINGUES

SUMMARIO

TEXTO: — Affonso Domingues — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Australia — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — Portugal e Camões (poesia) — A expedição scientifica á serra da Estrella, por H. B. — O cego, por H. A. Salgado — O homem do capuz vermelho — Madame du Barry — Saudade (poesia) por A. E. de Macedo Ort gão — O conde d'Amarante (romance) — Luiz e Camões (excerpto) por Latino Coelho — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — A minha terra, por Barbosa Travessa — O clepsydro e a ampulheta — Zig-Zags: Tres bens — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Affonso Domingues — Telegrapho electrico — Franklin — Clepsydro simples — Clepsydro aperfeiçoado — Ampulheta.

AFFONSO DOMINGUES

—

Enfileira-se hoje na nossa galeria de portuguezes illustres o nome d'um homem que não se recommenda por titulos nobiliarchicos de especie alguma, um homem que, não obstante ter nascido fadado para os grandes commettimentos, se chamou apenas Affonso Domingues.

Foi um homem sahido do povo; isso dil-o o seu nome; mas a historia conta que no seu espirito lucidissimo brilhou em todo o explendor a chamma do genio.

Os seus contemporaneos decoraram-o simplesmente com o titulo de *mestre*, e como tal passou o seu nome á posteridade.

Affonso Domingues foi o primeiro architecto da Batalha. Foi elle que ideou aquelle grandioso monumento, erguido por um rei phantasioso e artista, em memoria d'uma batalha que para sempre decidia da nacionalidade d'um povo, cujas aspirações eram nobres e generosas, e cujas acções tinham o cunho das concepções arrojadas e das emprezas felizes.

Se fosse hoje que se tratasse de erguer um monumento de tal ordem, ir-se-ia procurar um architecto estrangeiro: n'aquelle tempo, todo de heroismo, todo de maravilhas, confiou-se a um portuguez, a um simples filho do povo, uma obra que seria para sempre o enlevo dos naturaes e a inveja dos estranhos.

Houve quem pozesse em duvida que um projecto tão grandioso fosse devido a um homem tão pouco conhecido, a um artista quasi obscuro; está hoje, porém, provado que foi Affonso Domingues o primeiro architecto da Batalha, que foi elle que delineou aquella vasta fabrica, mas que não teve a gloria de vel-a concluida, porque a obra se prolongou por muitos annos. Estrangeiros, sim, lhe succederam, e aponta a historia o nome do mestre Huet, ou Ouguet, irlandez, e os d'outros architectos que ali trabalharam, o que por forma alguma póde offuscar o nome do primitivo artista, antes, ao contrario, lhe forma uma aureola de gloria immarcessivel.

O ESCRAVO MALDITO

—

Continuação

IX

O baile em casa de D. Candonga corria animadissimo. Depois de se dansarem interrompidamente, polkas, walsas, *havaneras* e quadrilhas incluindo a *imperial*, passaram á *fieira*, dansa particularissima da provincia, de grande effeito para almas apaixonadas. No meio da *grande roda* formada por todos os dansantes, Caxibache e Zizica *sapateavam* em requebros e tregeitos, acompanhando o compasso da musica com estalinhos dados com as pontas dos dedos.

—*Ué, crioula*! exclamou D. Candonga lá do alto do solio, applaudindo Zizica, que fazia prodigios na arte de bailar.

—Párece *cápoeira*, disse um negro.

—*Ué, crioula*! como ella *saracoteia*! exclamou de novo D. Candonga, abanando-se violentamente com um leque de palha furtado á cozinha.

—*E' pucha*! olha áquelles *muáfos*! olha como ella *rebimba*! bradou enthusiasticamente outro negro.

—Ué, gentes! Zizica é a ráinha dá festa, disse com ironia uma *cabra*.

—*Capengas* não dansam, retorquiu Zizica amiudando mais o passo.

—Negra sem *bunda*. te dou um tapa, ameaçou a mulata.

—E eu te dou dois, replicou Zizica.

—Pensas que te tenho medo por estares com o Caxibache? interrogou atrevidamente a *cabra*.

Esta pergunta fez parar de subito o baile. O nome de Caxibache, ouvido nos serões como o nome do mais barbaro assassino, produziu em todos uma excitação estranha e nervosa como a do choque electrico.

D. Candonga, furiosa, pondo-se em pé no throno e com os braços levantados, bradou:

—Quem é áqui o Caxibache?

—Aquelle negro, respondeu a *cabra*, mostrando o par de Zizica.

—Mentes, *reuna;* áquelle negro é meu afilhado, que chegou hoje de Bágé.

—Eu bem o conheço de Pélotas, contradisse a mulata.

—Mentes, mulambeira; sae de minha casa, que já te não vejo!

A esta ordem, a mulata sahiu resmungando não sei que promessa. A festa, interrompida pelo incidente, continuou instantes depois com o mesmo enthusiasmo do principio.

No intervallo de uma quadrilha, D. Candonga observou que a luz espalhada na sala era pouca porque as luzes das velas de cebo estavam muito mortiças; e, como quizesse gosar melhor o soberbo espectaculo do baile, chamou um *moléque* e pediu-lhe que, com um garfo que lhe deu, as espivitasse. O *moléque*, obediente ao pedido, subiu a um banco, espetou o garfo no pavio de uma vela collocada ao lado do throno e torceu, fazendo saltar um murrão enorme, que se sumiu entre o corpo do vestido e as costas de D. Candonga, a qual, soltando um berro medonho, pulou do cume da ara, vindo cahir no meio da sala, dando em cheio com a barriga no chão, aonde esperneando, ficou a uivar nomes que ninguem comprehendia:

—Brrah! Brrah! Eh! Ih!

O espanto, causado por esta scena inesperada, foi geral. Admirados todos, sem saberem o que se passara, principiaram a julgar que D. Candonga ou tinha endoudecido ou estava com o diabo no corpo.

Algumas negras, aproximando-se d'ella, perguntaram-lhe os seus males; como não tivessem por resposta senão palavras sem nexo, benzeram-a e apalparam-a em todo o corpo, o que a fez redobrar de berros e convulsões.

—E' *mandinga*! exclamou um negro.

—E' *mandinga*! fizeram côro muitas vozes.

E quasi todos os negros e negras, como que movidos por um pensamento unico, entraram a dansar, a correr e a saltar em volta de D. Candonga, fazendo mil pantomimas diabolicas e cantando em algazarra descommunal.

Continua — NUNO RANGEL

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

Continuação

LXVII

A AUSTRALIA

A Australia encerra immensas planicies aridas ou pantanosas, cortadas por terrenos lodacentos, que se perdem no interior.

O clima é muito variado. Ao norte os calores são insupportaveis; na parte media o clima é mais temperado, as estações pouco determinadas, as variações repentinas. Ao sudueste encontra-se a temperatura da Africa central.

Importantes minas de hulha. O ouro abunda na Nova Galles. A 50 kilometros de Porto Melburne (provincia de Victoria) ha 26 minas auriferas. Animaes e vegetaes especiaes.

Aqui tudo muda de physionomia. As costas apresentam um aspecto esteril, monotono; os habitantes do interior, rachiticos, repelentes, parecem collocados no ultimo grao do embrutecimento. Vulcões, que ardem sem expellir lava; arvores gigantescas, cysnes e aguias brancas.

A superstição produz entre os naturaes da Australia os mais deploraveis effeitos. A's raparigas, não se sabe porque motivo, cortam as phalanges do dedo minimo da mão esquerda; aos rapazes, para lhes conferirem o titulo de homem, arrancam-lhes com grande ce-

remonial um dos dentes da frente e furam-lhe uma das cartilagens do nariz para introduzirem n'elle um pedaço de osso ou de cana. Sustentam-se de caça, d'aves, d'uma pasta feita de raizes, trituradas com formigas, vermes e lagartos.

Os indigenas da Australia, ou negros papuas, são de baixa estatura e de constituição muito fraca. Vivem miseravelmente da caça e da pesca. O contacto dos europeus não os tem podido civilisar; mas tem-lhe apegado os vicios. E' uma raça que tende a desapparecer.

Foram os hollandezes os primeiros que descobriram as costas d'este vasto paiz, em 1605. Em 1616, Dick Hartighs, hollandez tambem, descobriu as costas occidentaes; em 1627, Picter Nuyts, ainda hollandez, explorou quasi toda a costa sul. Abel Tasman, mandado pela companhia hollandeza das Indias orientaes, visitou a costa septentrional em 1642 e em 1644 explorou muitas partes desconhecidas da costa oriental. Dampier, Cook, Furneaux, Vancouver, King, Freycinet, Dumont de Urville, Hargreaves, e outros viajantes, fizeram successivamente descobertas importantes n'este paiz notavel.

Em 1852 a descoberta de preciosos jazigos auriferos attrahiu á Australia um grande numero d'estrangeiros.

Os inglezes formaram aqui seis estabelecimentos importantes, que são: a Nova Galles Meridional, Victoria, Australia meridional, Australia occidental, Australia septentrional e Tasmania.

Os indigenas desappareceram já inteiramente da Tasmania. Esta ilha ficou substituindo a Nova Galles meridional como logar de deportação.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

V

RICO!...

Continuação

Aquelle ar submisso, melancolico, acanhado, que Alvaro tinha, havia desapparecido. A excessiva elegancia com que vestia, o ar de nobre franqueza do seu rosto, a distincção do seu porte, fizeram profunda impressão no animo dos tres personagens que o esperavam.

Emilia, até Emilia recuou espantada por causa da metamorphose de Alvaro.

—Não me fujas, Emilia, disse este com meiguice; não me fujas n'este instante, em que venho solicitar de ti o cumprimento da tua promessa. Estou rico, muito rico!... Queres ser minha esposa? Falta-me só a tua resposta para pedir a teu pae o seu consentimento. Não respondes, Emilia; queres ser minha esposa?...

—Sim... sim... quero... disse ella, rubra de pudôr, e escondendo o rosto no seio do pae.

Então Alvaro dirigiu-se a Matheus, explicou-lhe o motivo porque hoje se achava possuidor da immensa fortuna de André Bazilio, o tempo, já, desde que amava Emilia, e concluiu pedindo ao velho o consentimento para se unirem para sempre.

Matheus consentiu e dous mezes depois Emilia entrava na camara nupcial conduzida pela mão de Alvaro, seu marido.

Estavam satisfeitos os desejos de Emilia. Era esposa de Alvaro e era rica!... Matheus foi viver com os noivos e a velha Lourença tambem lá estava... Alvaro cumpria fielmente as ultimas disposições de seu padrinho!

VI

FELICIDADES CONJUGAES

Era no outono

Um vento leste, impertinente, morno, varria com um murmurio triste as folhas seccas que tapetavam as largas avenidas da quinta do Pilar.

As nuvens d'um cinzento pardo galopavam pelo espaço, levadas pela impetuosidade do vento.

Os passaros, assustados, acolhiam-se ás arvores, onde só esperavam achar guarida. Ouvia-se de instante a instante o ecco sibilante de tiros e apitos de caçadores.

—Por aqui, avôsinho; por aqui... dizia uma formosa creança de cabellos dourados, conduzindo um velho, bastante velho, que segurava uma gaiola, onde saltitavam alguns passaritos.

—Por onde, filho; por onde?...

—O avôsinho não vê, acolá, n'aquelle ramo?... Olhe, olhe; ainda tem a varita pegada nos pés... dizia a creança, mostrando ao velho um dos ramos d'uma oliveira, aonde um pardal luctava com uma vara de visco em que se havia pegado.

—Não vejo nada, Carlos; mesmo nada... dizia o velho examinando sempre attentamente a oliveira.

—E' porque o avô Matheus é velho; senão via... via como eu estou vendo...

E o velho bem olhava para a oliveira a ver se descortinava o tal pardal!

N'esse momento uma voz fresca, d'um timbre melodioso, chamou:

—Carlos?...

—Mamã?... respondeu a creança loura que ali estava, correndo ao encontro da pessoa que para ali caminhava tambem.

Continua EDUARDO VÉRAS

PORTUGAL E CAMÕES

Da rainha da terra, celebrada
Nos feitos e batalhas d'além-mar,
Onde jaz essa raça laureada
Que um nome a Portugal soube ganhar?
Onde é hoje essa gloria levantada,
Dos thronos e dos reis ao baquear?
Onde é hoje? E' no povo, que proclama
Das velhas tradicções a nobre fama.

E' sim, é n'esse povo magestoso
Que inda hoje, altivo, pode a voz erguer...
Que pode, do passado glorioso,
A's gerações por vir livre dizer:
Houve outr'ora um guerreiro mui famoso
Que soube a Portugal enobrecer,
Marcando sua gloria muitas vezes,
De Cambaia e Mombaça nos pavezes.

E' o Gama, argonauta tão temido,
Que caminha em seu forte galeão!
O cabo das tormentas, atrevido,
Eil-o passa: das terras d'Hydhalcão,
Descrente povo foge espavorido,
Vendo alçado dos luzos o pendão;
Ceuta, Arzilla e Ormuz depõem riquezas
Como escravas das quinas portuguezas.

De Cabral, Albuquerque e o forte Gama,
Nas lides, sempre dignos de louvor,
Que seria d'ingente, altiva fama
Se não fôra Camões, o seu cantor?
O poeta gigante, que proclama:
Respeitae Portugal conquistador!
Portugal que as coroas esmagava
E ao seu povo os reis avassallava!

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA

Continuação

III

Não nos demoraremos na descripção d'essa bellissima gruta, ainda que tudo o que sobre ella dissessemos seria completamente extranho ao relatorio da sociedade de geographia, cujos membros, á excepção do nosso amigo Joaquim de Vasconcellos, não se dignaram visitar o Monte Crastro. Ao norte da gruta, na descida rapida da encosta do monte, encontramos uma extensissima penedia, cuja configuração se assimilha a uma barca, d'onde provém o nome do valle, que immediatamente se segue. A este segue-se o valle do Conde, o maior da serra, cortado ao centro pela ribeira do mesmo nome, que alguem quer que seja a origem do Alva. Já dissemos o sufficiente sobre esse rio e deixo este ponto para ser devidamente explicado pelo relatorio, já tanto demorado, da sociedade de geographia. Seguem-se depois as penhas douradas (pyramides conicas de granito côr de

ouro,) aos valles do Rocio e da Perdiz, chegando-se por fim aos lapões (extensas fragas) vê-se o Covão do bicho, onde tem sua origem o Mondego. Fadado á poesia, desde a sua nascente á sua foz, o Mondego appresenta-se sempre cheio de encantos e de bellezas.

No Covão do bicho, em um pequeno monticulo formado caprichosamente pelas alluviões do terreno, rebenta como que repuxando um pouco uma fonte de fria e crystalina agoa. Esta fonte é conhecida na serra pelo nome de Mondeguinho. Quasi secca de verão, nunca comtudo se extingue completamente. Percorrendo-se aquelle finissimo fio de prata, que serpenteia por entre hervas, ficamos admirados como logo a uns cincoenta metros de distancia elle vae recobrando alento e formando com as agoas das differentes barrocas um regato conhecido ainda pelo nome de *regato Mondeguinho*, que correndo em direcção de nordeste e parallelamente ao Zezere, por detrás da montanha, domina a villa de Manteigas, chamada Campo romano, e toma então o seu verdadeiro nome.

Para dar uma ideia um tanto exacta do curso d'estes dous rios, um nascido na base do Cantaro magro, o Zezere, o outro no Covão do bicho, o Mondego, imaginamos um S, de que cada uma das extremidades fosse os pontos acima nomeados; se um plano cortasse o S e tivesse um movimento de trasladação em uma das partes cortadas, teriamos duas curvas de ramos parallelos e cada uma sería o curso do rio. Em seguida os ramos abrem-se excessivamente e os dous rios tomam direcções completamente oppostas.

Vamos rematar estas nossas rapidas descripções da magestosa serra da Estrella contando dous factos succedidos com a expedição e cujas recordações ficaram imorredouras. Um foi o nosso passeio á base do Cantaro magro, pela *rua dos mercadores*, com o fim de visitarmos a nascente do Zezere; o outro a prisão uo Cantaro gordo de parte do pessoal da expedição zoologica. Ambos estes factos dão uma ideia bem perfeita do que é a serra, dos seus vastos precipicios, e da magestade da sua grandeza.

Continua H. B.

O CEGO

Sentado á sombra d'um carvalho, soffrendo o insupportavel pó da estrada, o desgraçado estende a mão a implorar a compaixão dos que passam, uns seres que não vê, mas cujas passadas lhe soam aos ouvidos, como o bater de um martello sobre a tampa d'um tumulo, hade soar aos ouvidos d'aquelle que foi enterrado em vida. Na intensidade da sua noute eterna ha apenas uma luz consoladora, que apparece lá ao fundo, a distancia d'um seculo: é a imagem de sua mãe querida, que elle pôde ainda ver. De cada vez que esta ideia toma corpo na sua alma fatigada com o peso de tantas trevas, um sorriso de dolorosa saudade lhe surge nos labios, tão triste, tão triste, que nos retalha o coração.

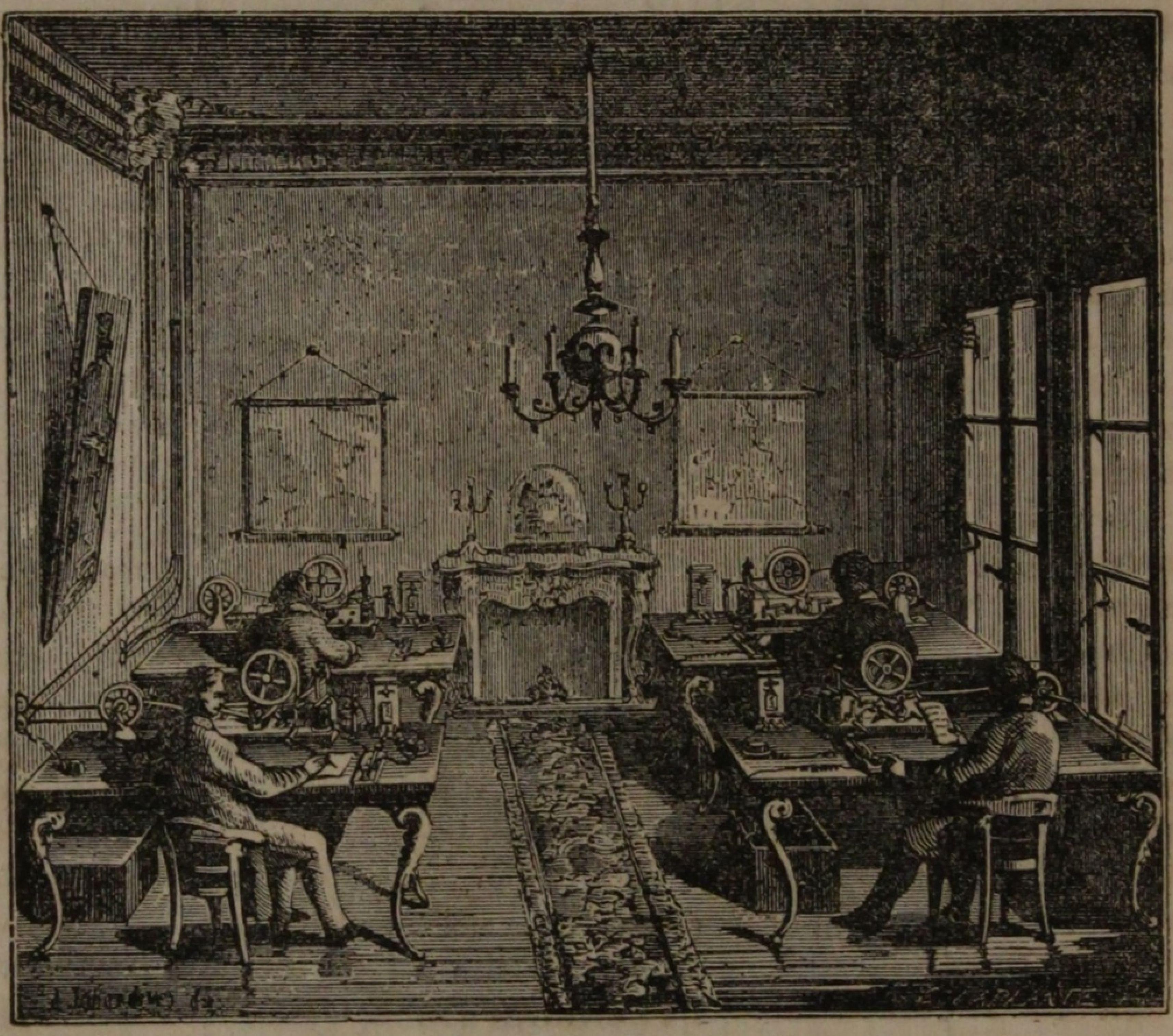
Não pede. Sentindo-se só, porque a ninguem vê, elle apenas conserva a mão estendida para o abysmo negro que o envolve. Havia de jurar o pobre que se afogou em um mar de escuridão para não mais poder voltar á vida abandonada. Sente-se vegetar, porque não vive. Alma bem formada, fadara-a o destino para bem differente fim. A vida comprehendia-a ell) passada em um labor quotidiano, ao lado da consorte amada, vendo sorrir uns filhos louros, cheios d'ingenuidade e d'innocencia. Mas aquillo, aquelle carcere sombrio do inferno em que a existencia se lhe tornara, sería por ventura viver?...

Na sua mente incendida pela febre do desespero passava constantemente uma procissão d'espectros, como um acompanhamento funebre de monges que cruzassem, solemnes, a passo compassado, as sombrias arcadas dos claustros, de noute, para deitarem á sepultura o corpo d'um irmão desventurado.

Todo o seu passado lhe corria em desfilada pelos olhos do espirito, que conservavam ainda toda a sua luz. Via-se pequenino, affagado pelos beijos maternos. Sentia-se cansado de brincar com os rapazes da sua idade, lá longe, no largo da egreja da freguezia natal, via morrer o pae assassinado por um bandido mysterioso, via arder a casa que fôra de seus avós, via-se errante de povoação em povoação pela mão de sua mãe, e por fim, punha-se o sol, e para elle não tornava a nascer.

Aquelle homem é um martyr. E todos passam sem n'elle attentarem sequer. Para lhe dar affagos e consolações ha apenas aquell) cão, que, companheiro inseparavel da desgraça, lhe lambe as mãos enternecido.

H. A. Salgado



TELEGRAPHO ELECTRICO (*)

O HOMEM DO CAPUZ VERMELHO

I

O homem de quem vamos fallar, apesar de ter morrido ha muitos annos, ha cento e vinte pelo menos, ainda hoje é lembrado nas costas proximas da Mauritania, cujos habitantes o conhecem sob a denominação particular de *homem do capuz vermelho*. E' um heroe legendario, que vive na imaginação das tribus arabes, como tantos outros homens de veras extraordinarios.

Para os habitantes de Tunis, Argel e Oran, o homem do capuz vermelho é mais um phantasma do que uma

(*) Vid. pag. 184 do 2.º volume.

realidade, é um ser mais invisivel do que palpavel.

Estava em todas as partes e em parte nenhuma; quando o julgavam navegando em uma esguia e desconjuntada barca para o cabo da Gata, ou o de Palos, pois sabia-se que entre ambos os promontorios tinha o covil, roubava as formosas filhas do paiz, indo-as immediatamente vender em Tanger ou Rabat, para o serralho do sultão de Marrocos, e deixava por toda a parte os vestigios da destruição e da morte, que semeava sem dó.

As noticias que ácerca d'este homem mysterioso podemos colher dizem que se chamava João, o Destemido; é natural que fosse outro o seu nome, mas não se conhece.

II

João era um d'esses marinheiros intrepidos, amigo dos ventos, filho da tempestade, invencivel pelo seu valor e audacia. Como os piratas argelinos não cessavam, sempre que podiam, de infestar as costas de Hespanha, matando e roubando quando se lhes offerecia occasião, João, o Destemido, quiz seguir igual profissão, mas em sentido inverso. Roubava e matava nas costas das regencias d'Argel e Tunis.

Erguido á popa da sua pequena embarcação, envolto em um manto negro com capuz vermelho, João tinha lançado a pique os barcos mais atrevidos que sahiam d'Argel com destino á Hespanha. Não respeitava bandeira nem direitos. Onde quer que apparecesse o galhardete azul com a meia lua, ahi estava elle, de dia como de noute, com vento, com calma, com brizas, com tempestades. Tanto sepultava nos abysmos do Mediterraneo a galera que se dedicava ao commercio, como o brigue que corria em perseguição d'uma presa de valor.

João era tão afortunado nas suas emprezas, que o seu nome havia-se tornado o espanto de naturaes e estranhos. Onde estava elle? O que fazia? Ninguem o sabia dizer até ao momento de se apresentar como se fosse o anjo da destruição.

O bey d'Argel tinha chegado a temel-o; os seus melhores marinheiros declararam-se impotentes ante aquelle ser que tudo vencia e dominava. O golpe principal, o facto que mais immortalisou o homem de capuz vermelho, é aquelle que vamos contar.

Nas margens do golfo de Stora, onde hoje existe a cidade franceza de Philippeville, achava-se levantado n'aquelle tempo um castello antigo, que, segundo dizia a fama, era onde o bey d'Argel guardava os seus mais preciosos thesouros, as suas mulheres mais bellas e queridas.

Aquelle castello, em cujo interior brilhava todo o luxo oriental, onde existiam os mais frescos e poeticos jardins, as habitações mais encantadoras, apresentava-se exteriormente como uma fortaleza destinada a defender a costa, com uma guarnição numerosa e com não poucas peças d'artilheria, assestadas nas suas muralhas. Ninguem podia imaginar que aquillo fosse um completo paraiso. Sob pretexto de evitar que se observassem as fortificações, a ninguem se permittia que se approximasse da fortaleza; mas, não obstante, sabia-se perfeitamente o que se passava no interior.

FRANKLIN (*)

Como soube João o Destemido que o castello de Stora era o ponto onde o bey tinha as suas principaes riquezas? E' o que as chronicas não dizem; tudo o que se sabe é que o atrevido pirata se tornou heroe d'uma aventura terrivel. E' este facto que vamos levar ao conhecimento do leitor.

Foi em uma noute tempestuosa do mez de setembro.

Soprava fortemente o vento do nordeste, que é o mais perigoso n'aquellas paragens, e espessas nuvens velavam o firmamento. Rugiam as ondas, quebrando-se enfurecidas contra os rochedos da praia, e ninguem se atreveria a entregar-se ao mar em noute tão perigosa.

Comtudo, se as sentinellas do castello estivessem mais attentas, teriam visto, talvez, acercar-se lentamente da praia uma lancha, guiada por um só homem. Esta lancha tinha-se desprendido d'uma galera, que acabava de fundear em um pequeno recesso da bahia.

A lancha atracou sem difficuldade. O homem que a guiava saltou lestamente em terra, amarrando o barco em uma pedra, e, silenciosamente, mas com passo firme, dirigiu-se a um ponto determinado, não muito longe da fortaleza, onde se via um muro velho, encoberto em parte pela folhagem espessa d'umas arvores gigantescas que se erguiam do outro lado do muro.

A escuridão era tão profunda que ninguem poderia dar-se conta dos movimentos do estranho personagem. Este avançou silencioso até um sitio, onde parou. Levava pelos hombros uma especie de capa com seu capuz. Inclinou-se para a terra e em logar que sem duvida conhecia d'ante-mão escavou na area até descobrir uma lousa quadrada. Levantou-a com os seus braços robustos e depois soltou um silvo, imitando perfeitamente o grasnar da ran.

Continua

MADAME DU BARRY

Algum tempo antes da condessa du Barry ser guilhotinada, (8 de dezembro de 1793), um padre irlandez achou meio de ir vel-a á prisão da Conciergeria, e offereceu-se para a salvar, se ella lhe podesse fornecer uma certa quantia de dinheiro, para subornar os carcereiros e para a viagem.

A senhora du Barry perguntou-lhe se não podia salvar duas pessoas; elle respondeu que o seu plano não lhe permittia salvar mais do que uma.

—N'esse caso, disse a condessa, vou dar-vos uma ordem sobre o meu banqueiro para receberdes a quantia de que careceis; porém tenho muito mais empenho que seja a duqueza de Montemart a que escape á morte, do que eu. Ella acha-se escondida em umas agoas-furtadas de tal casa em Calais: eis uma ordem sobre o meu banqueiro; voae em seu soccorro.

O padre acceita a ordem, recebe o dinheiro e vae buscar a duqueza, que se disfarça em mulher do povo, e dando-lhe o braço, todos os deixam passar, exclamando:

—E' sua mulher! Bravo!

Atravessaram assim o exercito francez, e chegando a Ostende, embarcaram-se para Inglaterra, onde chegaram sem novidade.

(*) Vid pag. 37 do 1.º volume.

SAUDADE

Á MORTE DA EX.ma S.ra

D. LUZIA G. P. GUIMARÃES

—

Despertou risonha um dia,
Qual a flor que ao sol abriu...
E ao crepusculo da tarde
Tremeu, murchou e cahiu!

Teve ao menos ainda a sorte
De a não levar o tufão...
Porque o seu anjo da guarda
Não a quiz murcha no chão.

Foi um anjo d'azas candidas
Que a sorrir do ceo baixou,
E nas azas vaporosas
Para o empyreo a flor levou.

Mais uma flor cá da terra
Quiz esse anjo em seu jardim,
E de vicejante rosa
Tornou-se em alvo jasmim!

Onde irá, bem sabe o mundo,
Da pobre martyr a alma?
Sabe sempre Deus ser justo
E ao martyrio é certa a palma.

Sabe, sim, que no seu seio
Com desvelo o anjo a tem;
As preces puras da terra,
Vão sempre eccoando além.

Só no ceo não é ouvida
A falsa prece, vasia,
D'aquelle que illude o mundo
Com a vil hypocrisia.

Mas não... o que illude o mundo
Não illude o rei dos ceos,
Porque as preces vãs, perjuras,
Não chegam aos pés de Deus.

Ouve pois, ó rei dos astros,
Minha fervida oração!
Se os meus labios a não dizem,
Bem a diz o coração!...

A. E. DE MACEDO ORTIGÃO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
V

VISITAS DA VISINHANÇA

Continuação

Minha boa tia proseguiu:

—Aqui, Henrique, vaes passar uma vida deliciosa, já o verás; se fores afeiçoado a antiguidades, o meu Xavier passa o dia em curiosas investigações sobre os *castros*, as *mámoas* e os *lubres* dos celtas, as pontes e vias militares dos romanos.

—Jesus! exclamei eu *in pectore*.

—Se fôres afeiçoado á bella litteratura, continuou a boa da senhora, Atilano te lerá as suas *Baladas do Ulla*, preciosa collecção de poesias, porém sobre tudo os seus poemas á *Virgem Mãe de Deus*, e ao benditissimo e nunca muito louvado e reverenciado *S. José*. Se quizeres fallar de politica, o medico e o capellão te distrahirão com suas eternas disputas, porque o medico é progressista, assignante da *Iberia*; o capellão é neo-catholico, assignante da *Esperança*.

—Boa distracção! exclamei comigo.

—Eu tambem sou neo-catholica, proseguiu minha tia com a sua loquacidade, e o capellão e eu entendemonos... Pois nunca houve mais paz na nação do que quando os arcebispos e bispos eram ministros da coroa e capitães generaes de provincia...

—Sim, exclamei eu de viva voz, a paz das tumbas.

Nunca eu dissera similhante phrase. Levantou-se o medico e applaudiu-me ruidosamente.

—Bem o dizia eu, exclamou elle com jubilo; bem dizia eu que o senhor conde era liberal!

—Não, não pode ser liberal, gritavam minha tia e o capellão, porque não pode degenerar do seu sangue: seu pae foi general carlista e sitiou Madrid ás ordens do infante D. Sebastião.

—Mais serenidade, senhores, interrompi eu desejando pôr termo áquella algaravia: meu pae terá sido o que lhe tiver agradado; porém eu sou... o que sou: um pobre afeiçoado tambem como todos os senhores, porém afeiçoado ás cousas do ceo.

—E' isso, é isso! ás cousas do ceo! proromperam minha tia e o capellão como vencedores.

—Sim, porém ás cousas do ceo, não da terra, affirmei eu; sou affeiçoado á astronomia, senhores, affeiçoado a contemplar as obras do que é eterno no tempo e infinito no espaço; não a contemplar as obras dos fabricantes de prata e esculptores.

Todos emmudeceram: pareciam encarar-me com terror.

Eu prosegui:

—Talvez a minha affeição seja para os senhores uma loucura; porém loucura por loucura, a que mais valor tem? Não é meu tio louco pela archeologia? Não é o senhor de Dorra louco pelas bellas letras delirando como Byron e Espronceda? Não é o medico louco pela liberdade dos povos delirando pela liberdade da consciencia, liberdade de todas as liberdades para o espirito? Não estão loucos minha tia e o capellão porque tornem os conventos, as via-sacras pelas ruas e a inquisição?

Ninguem me respondeu; parecia que a minha voz, mais do que os meus raciocinios, os tornava immoveis nas cadeiras em volta da mesa.

Transcurreram alguns momentos de silencio.

Eu conheci que fizera gelar a todos os concorrentes, e aquillo desgostoume, pois sou partidario da liberdade do espirito e de não coartar a opinião de ninguem pela superioridade de posição.

Então dirigi-me a minha tia, e disse-lhe com amavel vivacidade:

—Minha querida tia, prosiga pintando-me tão bem como o fez, as delicias da minha vida moral em Amaral.

Minha tia tossiu duas ou tres vezes como para expellir a especie de vertigem que se apoderara d'ella pelo meu livre pensar, e continuou:

– Tudo o que te disse, Henrique, é em relação aos homens, pois com relação ás mulheres, verás como Amelia te distrahirá com a sua conversação agradabilissima. Sira, com as suas arias e romanzas, e sobre tudo Florentina, pois Florentina sabe francez e inglez, lê, escreve e sabe contabilidade como ninguem, borda e canta, e toca piano, e até faz versos... emfim, verás em Florentina, reunida á sabedoria e aptidão do homem, a intelligencia exquisita e encantadora da mulher. Oh! Florentina!

E baixou a voz, como inclinando-se para mim, e continuou:

—Florentina é um anjo, a cujos encantos ninguem resiste; o alcaide de Antas, que é muito rico e advogado, sollicitou-a para casar e ella não quiz; e esse morgado de Dorra fez-lhe mais de oitocentas poesias ao seu desamor, porque Atilano está apaixonado por ella cegamente; quer casar com ella e ella não quer.

—Pois deve querer, lhe disse, porque na sua orphandade encontrava um apoio mais vantajoso. Além d'isso, tia, eu, em respeito á memoria de meu pae, dotal-a-ia com cinco ou seis mil duros.

—Sim! exclamou minha tia admirada.

—Sim, affirmei; arranjem esse casamento se isso só depender de mim.

Continua

LUIZ DE CAMÕES

EXCERPTO

—

Continuação

A gloria das emprezas immortaes ainda illumina a fronte das nações, quando tem já pendentes e enferrujados nos tropheus e nas panoplias, as armas, com que venceu e conquistou. A luz, que a espada ainda refulge, fascina com sua deslumbrante claridade,

quando o braço, que a vibrou, jaz inerte e cansado para a victoria.

E' honra e interesse dos povos, que foram grandes, venerar as suas memorias. N'ellas está como que cifrada a acropole ideal, que as defende e presidia contra a insolencia e cubiças dos extranhos. Ellas dão animo, vigor e esforço sobrehumano nos trances mais acerbos, em que a patria invoca e applida em seu amparo e defensão a todos os seus filhos extremosos.

Em dous nomes está resumida principalmente, a vida e a essencia de Portugal: o Gama e o Camões. N'um feito sem exemplo, e em um poema sem modelo. Estes são os gloriosos abonadores da nossa independencia e liberdade. Mas honrar o Camões é igualmente venerar os heroes, que elle cantou.

Sagremos, pois, ao epico immortal o preito da nossa admiração e saudemos nos *Luziadas* ao mesmo tempo o estro divino, que dictou as suas strophes e a gloria nacional, que as inspirou. O poema é a historia de Portugal gravada em laminas de bronze para assombro das nações. O poeta é a propria nacionalidade encarnada em um só homem, respirando um só espirito, e soltando por uma só bocca as expansões da sua gloria.

Nenhum povo, ou nenhum homem jámais houve no mundo, que depois de levantado ás mais altas eminencias da gloria e do poder, não viesse a espirar na humilhação e decadencia as jactancias da fortuna e as soberbas da victoria. Parece que aos laureis, de que se tecem as coroas immortaes, ja vem desde o principio entresachados os espinhos, para que as frontes, que se afiguram divinas pela gloria, mostrem que são humanas pela dôr.

Elevam-se em voos desassombrados os Cesares e os Bonapartes até onde não ha já mais alturas que subir. E quando lhes parece que tem de sua mão o orbe inteiro para com elle jogar a seu talante os lances da ambição, vem a fortuna demonstrar-lhes que é ephemero e fugaz o seu favor.

Levanta-se desde humillimo berço em burgo estreito a ser metropole e arbitra do mundo a vangloriosa Roma. Enlaça aos seus magnificos destinos a sorte das nações. Passeia as suas legiões e as suas aguias desde o Tibre até ás paragens mais remotas. Delega os seus proconsules para que vão governar nas terras de Asia e de Africa, onde floresceram arrogantes as mais illustres monarchias e as mais antigas civilisações.

E quando ainda refulge a estrella do povo conquistador, já lá vem descendo das terras boreaes a torrente que, avolumando-se com o tempo, adensando-se com a successão veloz de novas migrações, tornando-se por fim impetuosa, vem um dia transbordar dos Alpes e anegar e subverter com a velha cidade quiritaria o imperio e senhorio d'esta gente, que a si mesmo se chamou *populum laté regem*, o povo largamente rei, dominador.

Onde está hoje Roma, a grande, a vencedora, a immortal? A Roma severa de Paulo Emilio e dos Scipiões, a Roma ambiciosa de Julio Cesar e de Pompeio, a Roma devassa de Caligula e de Nero? A Roma, que diffunde ao mesmo passo por toda a terra a depravação dos seus costumes, e a gloria das instituições? Lá está junto do Tibre uma cidade, cuja grandeza reside nas ruinas, cuja vida está cifrada nas tradições. Algumas pedras, alguns letreiros, um nome, e nada mais. O tumulo de um gigante, mas tumulo deserto e derrocado.

Continua LATINO COELHO

O CHAPEO BRANCO

—

Continuação

O doutor chegou a convencer Alexandrina da urgente necessidade de fugir com elle antes da chegada do pae. Planisou-se tudo para a fuga. Combinaram que ao dar a meia noute o doutor faria parar uma sege á entrada da rua das Flores, e que Alexandrina, depois de descer por uma escada de corda, pelo lado da Biquinha, iria com o doutor entrar na sege, que os conduziria a ambos á quinta das senhoras Menezes, na Arca d'Agoa. Que Alexandrina ficaria ali e o doutor iria immediatamente tratar de dar os passos necessarios para o casamento.

Vieira, informado de tudo isto, sem ter perdido uma palavra sequer da conversação dos dous amantes, sem esquecer a menor particularidade da combinação feita entre ambos, pensou só em uma cousa: em estorvar aquelle passo errado que Alexandrina estava a ponto de dar; mas estorval-o de modo a inutilisar todos os passos e tentativas do doutor, e ainda mais, sem escandalo, nem arruido, que comprometteria o futuro da joven.

De que meio pois lançaria mão?... Elle que tinha promettido, jurado ao patrão, que a honra da sua casa não soffreria a menor quebra durante a ausencia a que fôra forçado!...

Vieira scismou e scismou muito. Era forçoso descobrir um meio de desenganar Alexandrina, de a obrigar a repellir o amante, e, por agora, o que convinha, era destruir pela base o projecto d'este.

Que tratos não deu á imaginação aquelle pobre homem!

Elle sabia perfeitamente que o doutor era um infame, que o projecto de fuga encerrava uma cilada infernal para a donzella inexperiente, que Alexandrina estava prestes a cahir n'essa cilada, habilmente armada por um homem já acostumado a emprezas iguaes, e de tudo isto concluia que era necessario obrar com energia, de forma a evitar uma grande desgraça.

Mas que havia elle de fazer? Por que meios havia de conseguir isso?

Imagina-se facilmente qual foi o tormento do pobre caixeiro.

O que é fóra de duvida é que se aproximava a hora aprasada para a fuga, que, combinada entre os dous amantes, nada podia evitar, a menos que não se desse um grande escandalo. Mas era isto exactamente o que não convinha a Vieira.

Chegou a noute marcada para a fuga de Alexandrina, e, conforme esta tinha combinado com o amante, ás onze horas e meia da noute, uma sege estacionava á entrada da rua das Flores, do lado de S. Domingos: sahia d'ella um homem embuçado em uma capa, que se dirigiu para a Biquinha, com passo rapido e seguro, e, tendo parado debaixo da janella da loja de Francisco do Nascimento, deixou escapar um pequeno grito, correspondendo-lhe sem demora a voz fresca e argentina de Alexandrina, que lhe disse:

—Já te esperava.

—Então vem, respondeu debaixo o homem da capa, que, com admiravel firmeza de mão, atirou para a janella uma corda, sustentando na ponta um gancho de ferro, que ficou preso no peitoril da janella.

Puxou em seguida pela corda, que, ao retezar-se, mostrou uns nós, por onde era facil operar uma descida.

—Desce sem cuidado, disse depois. A corda está firme. Mas avia-te, que o tempo urge.

Alexandrina desceu resolutamente pela escada, e d'ahi a um momento achou-se nos braços do amante.

Em seguida, muito embuçados ambos, dirigiram-se para a sege que os esperava, e que, mal elles entraram, se poz em marcha pela rua das Flores acima.

Continua JORGE DE MACEDO

A MINHA TERRA

A minha terra é uma humilde e simples aldeia. Nada possue d'essas grandezas architectonicas que produzem a admiração dos que passam. Apenas aqui e alem se veem algumas pequenas casas, cuja brancura exterior e situação pittoresca as tornam verdadéiramente encantadoras.

Umas, sobranceiras ao rio Sousa, com elle vivem em amavel e singular amplexo quando o sol ardente do estio lhe diminue a corrente.

Outras, mais acima, no topo d'uns pequenos montes, isentas do perigo a que por muitas vezes se veem expostas as primeiras, por toda a parte descobrem bellas e risonhas paisagens, e veem-se desde que o sol nasce até que se esconde no seu ocaso, visitadas pelos raios consoladores do astro-rei, que as illumina e aquece.

Os seus moradores são d'ordinario bons e não teem aquella rusticidade quasi sempre propria dos habitantes do campo. No seu tracto familiar são amenos, agradaveis e delicados até ao exagero. Pena é que a fertilidade do solo que os viu nascer não contente os seus ambiciosos desejos. Pois muitos, para haver maiores riquezas, lá vão para essas terras d'alem-mar, d'onde uns não voltam, e outros vem, mas em circunstancias mais tristes do que quando deixaram a patria, pois alem de não trazerem o ouro com que sonhavam locupletar-se, vem com a saude arruinada pelas molestias endemicas dos climas inhospitos onde foram parar os infelizes.

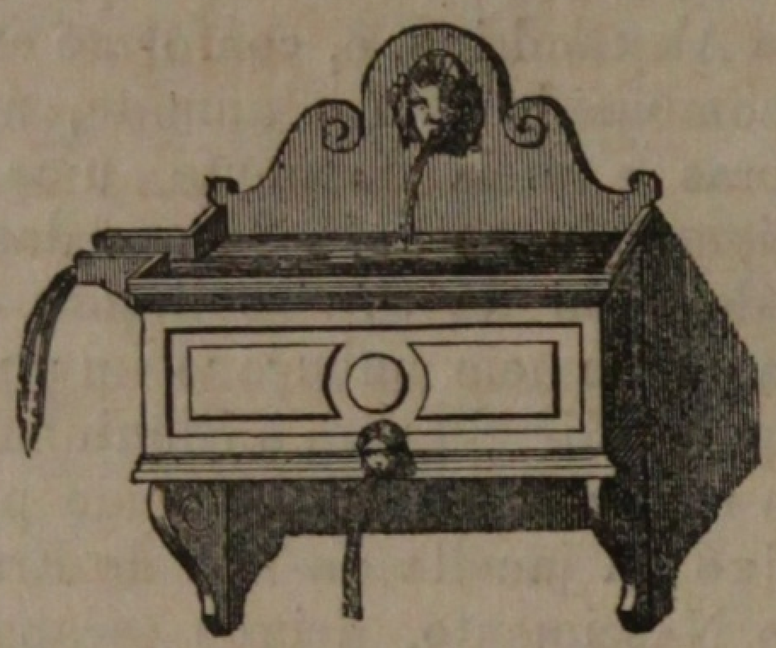
E' esta a triste verdade, que quasi sempre se está vendo n'aquelles que trocam o doce romance do viver campestre, por essa vida aventurêira e cortada d'incidentes perigosos.

Quando acabará este engano fatal?

BARBOSA TRAVESSA

O CLEPSYDRO E A AMPULHETA

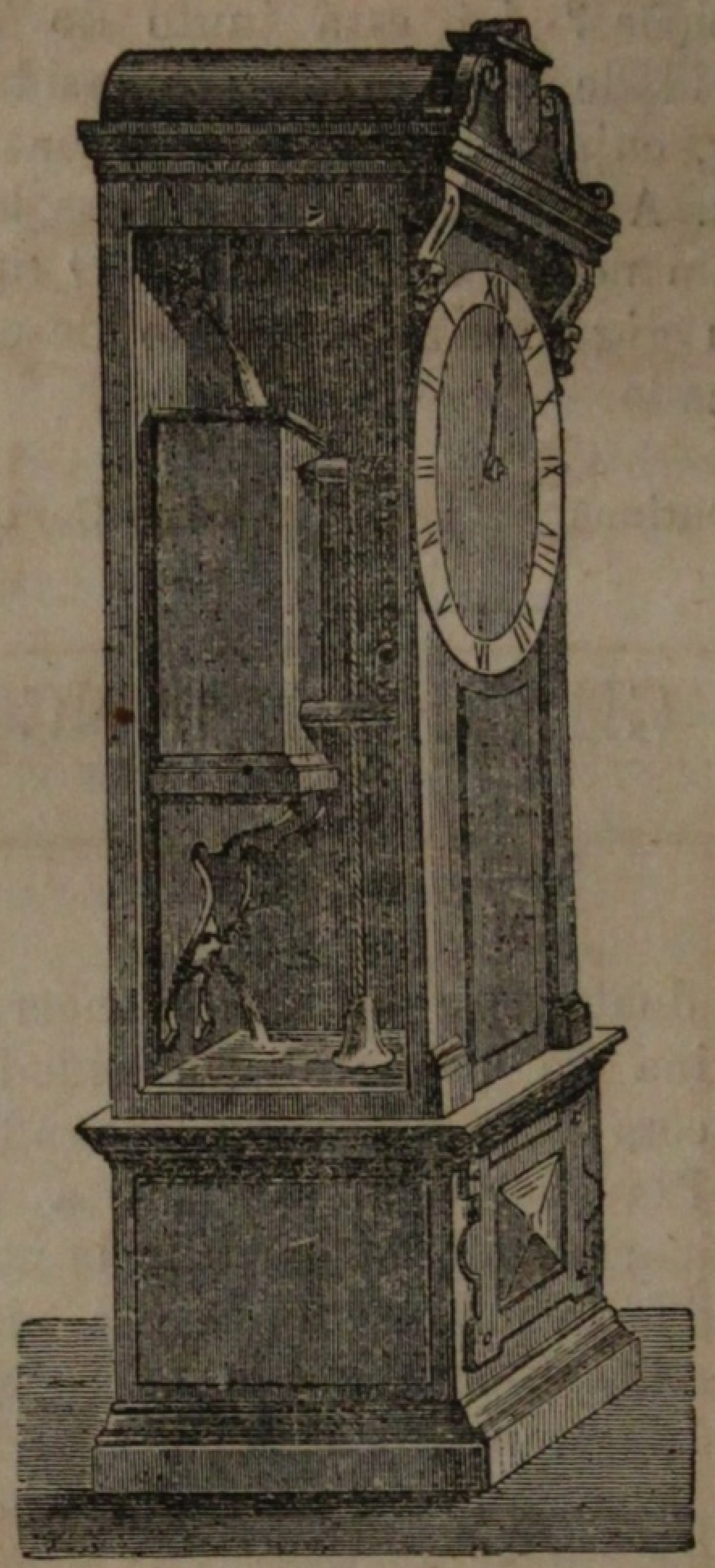
O clepsydro é o primeiro relogio mencionado pela historia. Funda-se no principio de que certa quantidade d'agoa, encerrada em um vaso, escoa-se em quantidades iguaes e em tempos



CLEPSYDRO SIMPLES

iguaes se se conservar constante a altura da agoa.

Attribue-se a sua invenção aos egypcios. Platão introduziu-o na Grecia; Scipião Nasica levou-o para Roma cento e cincoenta annos antes de Christo. Em Roma o clepsydro servia para marcar o tempo durante o qual os oradores deviam fallar.



CLEPSYDRO APERFEIÇOADO

Os gregos e romanos usaram longo tempo este instrumento sem modificação alguma. Foi mais tarde, principalmente entre os povos orientaes, que elle recebeu modificações importantes, chegando-se a construir aparelhos tão perfeitos, que nada deixavam a desejar.

Os antigos tinham ainda dous instrumentos para medir o tempo: o relogio do sol e a ampulheta.

A ampulheta consta de duas peque-

AMPULHETA

nas garrafas de vidro, cujos gargalos, muito estreitos, se acham reunidos. Uma das garrafas contém area fina, que se vae escoando para a outra garrafa; o tempo que a area gasta a passar d'uma garrafa para a outra serve de medida do mesmo tempo.

A ampulheta foi usada no Egypto desde a mais remota antiguidade. Ignora-se quem a inventou.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

ZIG-ZAGS

TRES BENS

Dizia um philosopho que tres bens desejava aos seus inimigos: Pedir, mas que lhes dessem; pleitear, mas que vencessem; jogar, mas que ganhassem.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 20 D'ABRIL DE 1882 | NUMERO 86

VISCONDE DE BENALCANFOR

SUMMARIO

Texto: — Visconde de Benalcanfor — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Australia — O homem do capuz vermelho — O rouxinol (poesia) — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Luiz de Camões (excerpto) por Latino Coelho — Saudade (poesia) por João de Deus — O conde d'Amarante (romance) — A alma de André Bazilio, por Eduardo Véras — A expedição scientifica á serra da Estrella, por H. B. — Pero da Covilhã, por F. Bastos — Carro a vapor — Zig-Zags: A legenda do chá — O gelo — Longa existencia — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Visconde de Benalcanfor — Telegrapho electrico — Berthelot — Carro a vapor.

VISCONDE DE BENALCANFOR

—

Era em 1852. Achava-se no Porto a rainha D. Maria II. Um grupo de patriotas intentava significar á soberana que a reforma da carta constitucional sería o complemento da revolução do marechal duque de Saldanha, que um anno antes tinha acabado com o poder dos Cabraes. Alvitrou-se que uma poesia escripta n'esse sentido e recitada no theatro, diante da rainha, produziría muito bom effeito.

Abraçou-se a ideia; Arnaldo Gama, um talento precocemente extincto, escreveu a poesia, que principiava assim:

São estes os muros, Rainha, que outr'ora
Dos livres o sangue espargido regou:
Os muros são estes que preito negaram
A'quelle que aos livres a voz abafou.

E acabava por estes quartetos:

Nós q'remos a Carta, Senhora, e com ella
Progresso e reformas que o tempo indicou;
Nós q'remos a Carta e da Carta a reforma,
Que o povo no Porto mantel-a jurou.

São estes os votos de todos que sabem
Que os cyclos que volvem na historia os selou
A mão do destino, terrivel, mas justa,
Que aos reis e que aos povos sua sina marcou.

—Está optima! disse-se de todos os lados.

Mas uma nova difficuldade se apresentou. Quem sería assás corajoso para a ir recitar?

Apresentou-se então um mancebo e disse:

—Vou eu.

E foi, e recitou-a com todo o enthusiasmo da idade juvenil.

Aquelle mancebo chamava-se Ricardo Guimarães e é hoje visconde de Benalcanfor.

Já hoje poucas pessoas se lembrarão do elegante folhetinista do *Nacional*, do audacioso recitador do theatro de S. João; mas em compensação, muito mais valiosa sem duvida, conhece o escriptor fecundo, vigoroso e enthusiasta, que tem assignalado o seu profundo talento em tantos livros d'incontestavel merecimento, que serão sempre lidos com avidez. Ao ultimo, *Realidades e Phantasias*, editado pela casa dos snrs. Clavel & Companhia, pertence o retrato que adorna a nossa primeira pagina.

O ESCRAVO MALDITO

—

Continuação

X

A festa do exterminio do *mau olhado* do corpo de D. Candonga durou tanto tempo quanto foi preciso para cahirem extenuados de cançaço todos os personagens que tomaram parte n'ella.

Logo que se restabeleceu a ordem e que todos souberam a verdadeira causa que levou a martyrisada senhora áquelle excesso de dôr, continuou o baile, dansando-se a *chimarrita*, o *anú*, a *jacara* e a *tyranna*, dando esta ultima a Zizica mais alguns louros de gloria.

A orchestra, composta apenas de uma *gaita* (harmonica), tocava sempre todas as modas em uma toada monotona, compassada, um tanto vagarosa e triste, enternecendo estheticamente as almas dos convivas.

Casava-se com as notas anti-harmoniosas da musica um cheiro miasmatico, combinação da agoa florida, *xulé*, *catinga* e outras exalações inimigas de Labarraque.

As negras absorviam em grandes folegos pelas largas narinas o ar pestilencial carregado de poeira levantada do chão, que era de terra *copim*, parecendo-lhes quasi etherea a realidade da festa, para ellas perfumada e sensual.

Affoguciadas, arfantes, porejando um suor immundo, dansavam com delirio, saltavam com furor, comiam com fome insana, bebiam *caxaça* com sede louca, ou, acompanhadas dos seus pares, davam pelos campos uns passeios longos... muito longos... demorados... o que lhes restituia a vida, salvando-as da asphyxia e do veneno do acido mephitico, espalhado abundantemente no interior do *rancho*.

Como todos os bailes de negros, a festa anniversaria de D. Candonga devia de se prolongar por tres dias, dansando-se sem descanso dia e noute.

Entre mil episodios grotescos, entre mil gargalhadas e cantigas populares, esquecidos e inebriados todos os convivas da bacchanal, entraram na segunda noute, sempre animados e alegres. O tocador da gaita era o unico que mostrava um pouco de enfado, e bem o dava a conhecer, porque já não variava de modas, cingindo-se somente a bater o compasso.

Lá em uma dansa mais desenvolta e enfurecida, um negro pisou o pé a uma negra, que primava em ditos espirituosos.

—Arre, burro! bradou ella abaixando-se para acariciar o pé molestado.

—Alto a trilha, que se mancou uma egoa! gritou o negro em resposta.

A estas duas phrases uma gargalhada unisona estrugiu na sala, abafando um gemido agudo de Zizica, que tinha percebido o subdelegado e alguns policias, que, com as pistolas engatilhadas, se aproximavam da porta.

—Inferno! rugiu Caxibache pulando por uma janella para fóra do *rancho*.

—Aqui! aqui! ouviram-se umas quantas vozes seguidas de estampidos de tiros.

Caxibache, atacado por mais de trinta pessoas montadas em cavallos soberbos, mal teve tempo para saltar no dorso d'um potro *maneiado*, que pastava perto do rancho, e que partiu pelo campo fóra em uma carreira desenfreada e em grandes corcovos.

Continua NUNO RANGEL

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LXVII

A AUSTRALIA

Continuação

A Nova Galles meridional comprehende uma população de 360:000 habitantes e tem por capital Sydney, cidade de 95:000 habitantes, sobre o porto Jackson, um dos mais bellos do mundo. Docas celebres. E' a sede do governo da colonia. Commercio activo d'ouro, cobre, pelles, chifres, lan e hulha. Esta cidade, fundada pelo capitão Arthur Philipp em 1788, foi o primeiro estabelecimento inglez na Australia.

E' perto d'esta região que se acha a bahia de Botany-Bay, junto da qual os inglezes fundaram em 1788 uma colonia penitenciaria, supprimida em 1841.

O nome Botany-Bay significa bahia botanica; foi assim que a denominaram os inglezes em razão das immensas riquezas vegetaes que ahi encontrou o naturalista José Banks. Demora esta bahia a sueste da Australia e apresenta costas baixas, pantanosas e areentas. Foi Cook que a descobriu em 1770. Hoje dá-se o nome de Botany-Bay a toda a costa da Nova Galles do Sul.

Victoria tem 550:000 habitantes. Comprehende 21 condados. O solo é atravessado pelos Alpes australianos, e ha ali abundantes jazigos auriferos e hulheiros. Creação de gado graudo. A capital é Melburne, cidade florescente sobre o Yarra, a 14 kilometros de Porto-Philippe, que lhe serve de foz. População, 250:000 habitantes. Esta cidade, que data apenas de 1837, alcançou rapidamente uma grande importancia.

A Australia meridional tem uma população de 136:000 habitantes. A capital é Adelaide, sobre o Torrens, a cerca de 12 kilometros do seu porto, que se abre junto do golfo de S. Vicente. População, 30:000 habitantes. Esta cidade, em cujas visinhanças ha muitas minas de cobre e chumbo, que constituem uma parte da prosperidade da colonia, contém muitas e bellas praças,

ruas magnificas, um palacio, varias casas de campo, um banco e egrejas sumptuosas. E' digna de ver-se uma cruz gothica, com 11 metros d'altura, erguida em honra do coronel Ligth, fundador da cidade. Adelaide é centro d'uma industria activa. Publicam-se ali muitos jornaes.

As cidades principaes da Australia meridional são Amelia e Porto-Lincoln.

A Australia occidental tem 17:000 habitantes. Capital Perth.

A Australia septentrional tem por capital Victoria, estabelecimento fundado em 1838 e devastado em 1842 por uma tempestade.

A Tasmania, ou Terra de Van-Diemen, está separada da Nova Hollanda pelo estreito de Bass e tem 90:000 habitantes, sendo a maior parte degredados. Estes ultimos teem duas grandes colonias na ilha de Maria e na peninsula de Tasman, na costa sueste. Divide-se a ilha em 15 districtos e governa-a um general. Clima são; solo muito fertil, coberto de bellas florestas. Minas d'hulha e ferro. Creação de gado, exportação de lans, oleo de baleia, etc. As costas apresentam um grande numero de ancoradouros seguros.

As principaes cidades são Hobart-Town e Launcestown. A primeira é a capital E' onde residem o governador militar e o bispo anglicano. E' o porto d'escala dos baleeiros que se dirigem á Nova Zelandia.

Continua

O HOMEM DO CAPUZ VERMELHO

Conclusão

III

Cousa extranha! Ao cabo de breve tempo, a cabeça horrivel d'um negro appareceu no orificio que ficava a descoberto.

—Ab-Dir! exclamou o homem do capuz vermelho. E's tu?

—Eu, senhor, respondeu o negro.

—Posso contar com o teu auxilio?

—Como sempre.

—Pelo subterraneo pode-se ir até ao interior do castello?

—Tudo está preparado para isso.

—Muskar onde está?

—Acha-se nos braços de Fatima.

—Jaz descuidado?

—Jaz.

—E os soldados?

—Estão muito longe de pensar em vós.

—Então espera.

O homem do capuz vermelho affastou-se com a mesma cautella com que tinha vindo e dirigiu-se a certo ponto da costa, onde tornou a soltar o silvo agudo que fizera apparecer o negro.

D'esta vez, uma lancha maior do que aquella do que elle desembarcara, abicou á praia, saltaram d'ella vinte e quatro homens bem armados, e momentos depois punham-se todos a caminho, precedidos de João, o Destemido, para o sitio onde os esperava Ab-Dir.

O pirata introduziu-se pelo orificio, seguido da sua comitiva, e a tampa tornou a fechar-se sobre elles. Era o exterminio e a morte que se aproximavam do castello.

Ab-Dir chegou a uma pequena porta que dava entrada para um pateo interior da fortaleza, e depois de ali chegar, guiou os piratas, que foram caminhando atrás d'elle até se acharem todos no centro d'outro pateo mais rico, cercado de muros cobertos de esculpturas delicadas.

Em uma das habitações interiores é que se achava Muskar, o governador.

João, o Destemido, penetrou só na sala, e quando Muskar, que se achava recostado docemente aos pés de Fatima, encarou de repente com o pirata, não pôde deixar de soltar um grito de terror. Sem embargo, tomou precipitadamente o seu alfange e investiu contra o recem-chegado. A lucta foi rapida, instantanea, tremenda. Alguns momentos depois Muskar rolava pelo chão entre as vascas da agonia.

IV

Escusado é pintar as scenas que se seguiram á morte do governador. Os vinte e quatro homens de João, o Destemido, espalharam-se pela fortaleza, levando a morte, o estrago e a desolação adiante d'elles. Os argelinos cahiam degolados antes de saberem o que se passava.

O saque foi geral. Duas horas depois João, o Destemido, era senhor da fortaleza, em que não ficara vivo nem sequer o negro Ab-Dir, que tinha sido o instrumento da traição.

Na manhã seguinte os thesouros, as telas esplendidas, as pedras preciosas, as mulheres mais formosas, metaes, moveis e objectos de immenso valor, tudo se achava a bordo da galera do homem do capuz vermelho.

O castello foi incendiado, e quando os naturaes do paiz deram pela catastrophe, já as chammas se elevavam até ás nuvens e a galera do pirata voava na direcção de oeste.

As mulheres foram vendidas em Tanger. João, o Destemido, tirou d'esta empreza uma somma fabulosa.

Durante muito tempo as povoações argelinas conservaram a memoria d'este feito extraordinario. O arabe que mostra ao viajante as ruinas do castello falla ainda com terror do atrevido pirata, que foi por muitos annos o espanto d'aquelles sitios. O homem do capuz vermelho é o heroe legendario, de quem se contam cousas extraordinarias nos aduares dos arabes.

Comtudo nunca mais se soube d'elle. Sería esta a sua ultima façanha, ou andaria semeando o terror por outras paragens? E' o que ninguem sabia dizer.

O deserto é quem conserva a tradicção das suas terriveis emprezas.

O ROUXINOL

Parabens, minha tristeza,
Foi-se a luz aborrecida;
N'esta sombra apetecida
Posso ao menos respirar.
Aqui meus ais, meus gemidos,
Aqui prantos amargosos,
Não vem olhos curiosos
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sobre esta penha,
Entre espessos arvoredos,
Só hade ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.
Vem, mago cantor da noute,
Vem fazer-me companhia;
Não receies, foi-se o dia;
Não temas, é longe o sol.

Eil-o vem, eil-o se apressa
O sensivel passarinho;
Lá pousou no seu raminho,
Lá principia a cantar.
Silencio, florestas, bosques!
Silencio tambem, meu pranto!
Co'a doçura d'este canto
Minha dôr quero ameigar.

Que doce melancolia
N'aquelle som tão carpido!
Quanto é suave o gemido
Em que exhala a sua dôr!
Como é seu canto expressivo!
Oh! se a ingrata aqui o ouvisse!
Parece que Lilia disse;
Parece que disse amor!

Quem te ensinou esses nomes,
Singela, incauta avesinha?
Não os digas, pobresinha,
Se o teu socego te apraz.
São doces? Assim dizia
A minha cega ternura;
Mas custou-me essa doçura,
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios,
Eu cantava a minha amada;
Mas a lyra desmontada
Nem tristes ais sabe dar.
Nos olhos seccou-se o pranto,
Emmudeceu meu gemido;
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro;
Sê feliz nos teus amores;
A provar meus dissabores
Oh! jámais te dem os ceos!
Foste alivio ás minhas penas,
Escutaste o meu lamento...
Mas, já me causas tormento...
Fiel companheiro, adeus!

O CHAPEO BRANCO

Continuação

Mal a sege principiou a andar, o sujeito que acompanhava Alexandrina embuçou-se cuidadosamente na sua capa, enterrou até aos olhos o chapeo, que era branco, e atirando-se para o fundo da sege, guardou o mais profundo silencio.

O espanto d'Alexandrina crescia de ponto á medida que a sege rodava.

De repente uma ideia terrivel a assaltou. Aquelle homem não era o doutor. Mas a estatura era a mesma; o metal da voz; o chapeo branco, sobretudo o chapeo branco, que ella muito bem distinguira da janella de sua casa mal o sujeito assomou á entrada da Biquinha, tudo aquillo a persuadia de que aquelle era o seu amante. E quem havia de ser? Quem sabia dos seus amores, do plano de fuga combinado entre ella e o doutor, para a enganar, aproveitando-se de taes circunstancias?

Mas aquelle silencio terrivel, a immobilidade do seu companheiro gelavam-lhe o sangue nas veias.

Nada. Aquelle não era o doutor. Se fosse elle, não lhe diria nada? Elle que era tão expansivo!

Alexandrina, assustada, no auge da desesperação, levantou-se e encarando o seu companheiro, bradou:

—Quem é o senhor?

—Sou o seu amante, respondeu o interrogado.

—Oh! Engana-me! tornou Alexandrina. Em nome do ceo peço-lhe que me diga quem é!

O embuçado mostrou o rosto e Alexandrina cahiu muda e assombrada no assento.

Era Vieira.

Quando Alexandrina tornou a si do seu espanto, juntou as mãos supplicante e exclamou:

—Pelo que ha de mais sagrado no mundo peço-lhe me reconduza a casa de meu pae!

Vieira, sempre impassivel e sereno, respondeu:

—Não póde ser. O doutor está-a esperando na Lapa. Foi elle que me encarregou de acompanhal-a.

—Isso é falso! exclamou Alexandrina. Aqui anda uma intriga, que o senhor não quer declarar-me Mas não importa. Não o acompanharei. Farei parar a sege e seguirei d'aqui a pé para casa.

Vieira cruzou os braços e respondeu:

—Vejamos.

Alexandrina entrou de bater nos vidros, de chamar pelo cocheiro; mas este, fiel ás ordens que havia recebido, continuava tranquilamente o seu caminho. Afinal Alexandrina, vendo que toda a resistencia era impossivel, deixou-se cahir no assento e desatou a chorar.

Aquellas lagrimas enterneceram Vieira.

—Não chore, disse elle; não tenha receio, que não lhe acontecerá mal algum.

—Mas que quer isto dizer? tornou Alexandrina.

—Quer dizer que a salvei.

—A mim?

—Sim.

—Mas como?

—A sua fuga com o doutor era a sua perdição, Alexandrina. Eu surprehendi todas as suas conversas, eu illudi os planos do doutor, que a estas horas a estará esperando debalde debaixo da janella da Biquinha.

—Oh! meu Deus! O passo que eu ia dar com elle era assim fatal! exclamou Alexandrina cobrindo o rosto com as mãos.

—Era a sua perdição, Alexandrina.

—Mas elle que me ama tanto...

—O doutor é um infame! bradou Vieira.

—Como sabe isso? atalhou Alexandrina.

—Breve o saberá tão bem como eu.

A sege andava sempre. Vieira aproximou a cabeça da portinhola e inquiriu da rua onde iam. Estavam na rua da Sovella.

—E' aqui, disse elle. O cocheiro sabe o numero da porta.

—De que porta? perguntou Alexandrina assustada.

—Silencio! Apeemo-nos.

A sege parara.

TELEGRAPHO ELECTRICO (*)

(*) Vid. pag. 184 do 2.º volume.

Vieira deu a mão a Alexandrina, que desceu depois d'elle.

Continua JORGE DE MACEDO

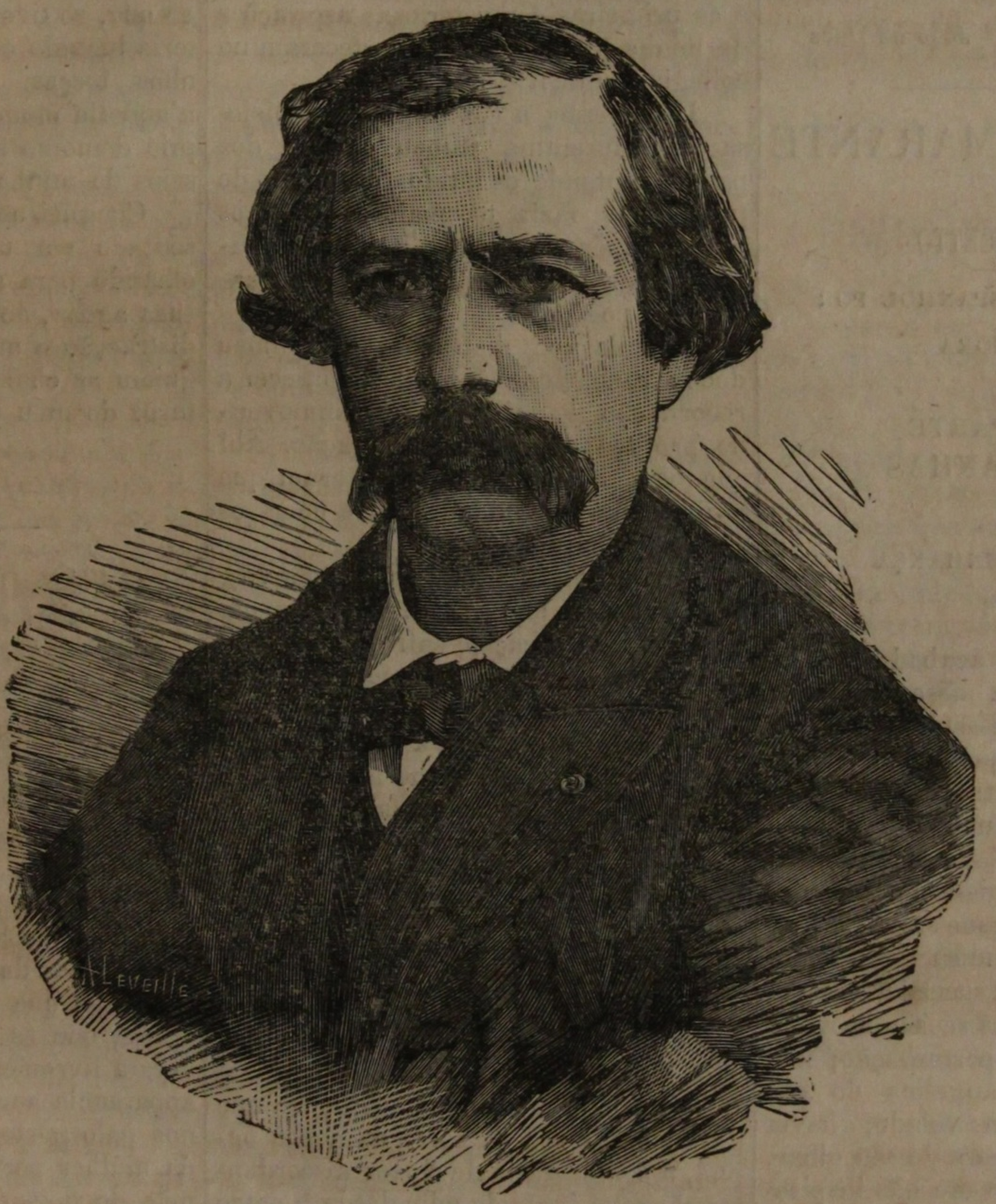
LUIZ DE CAMÕES

EXCERPTO

Conclusão

A lucta pela existencia é a lei fundamental da natureza e da historia. A vida aperfeiçoa-se e progride com a propria destruição dos antecedentes organismos. A civilisação accrescenta-se e melhora-se quando brota das ruinas de antigas civilisações. Nos dominios da natureza ha sempre um organismo, que a todos antecede na excellencia e no vigor. Nas regiões da humanidade ha sempre uma raça, uma nação que a todas leva a palma no arrojo das emprezas e nos quilates da valia. Mas a especie, que n'uma dada conjunctura, durante uma evolução lenta e progressiva mais se approximava ao archétypo ideal da perfeição, lá chega um dia, em que já como forma obsoleta, antiga, incompativel com as externas condições da natureza, desapparece finalmente, deixando sepultadas suas memorias no seio da terra, em que viveu. Assim tambem o povo, que um dia foi preexcellente, diriamos eleito, para exercer o principado moral entre as mais gentes, virá forçosamente a decaír, cedendo o seu primado glorioso a alguma nação ha pouco obscura.

Em berço quasi ignoto nasce o povo predestinado, como a arvore gigante, que hoje entesta com as nuvens, e teve por incunabulo uma cellula invisivel. Ergueu-se, avultou, cresceu, agigantou-se. Commetteu uma empreza gloriosa. Sagrou ao bem commum da humanidade um principio novo, um novo aspecto de grandeza e civilisação A gestação de uma grande ideia é quasi sempre funesta á nação, que lhe serviu de mãe. As emprezas gloriosas e immortaes deixam depois de commettidas o braço sem vigor e o animo sem brio para novas e mais brilhantes ou sadias. O heroe individual ou collectivo, é sempre como nas lendas myticas da Grecia, um personagem tragico, fadado pelo destino irrevogavel a pagar a preço doloroso o ter excedido por algum tempo a estatura commum da humanidade. O desenlace da gloria foi sempre no mundo uma dura e cruel expiação.



BERTHELOT

Quando a fortuna está sorrindo tem já escripta e chancellada a revogação dos seus favores. Tem Hercules por epilogo das suas façanhas a tunica de Nesso; Achilles a frecha do troiano. A Cesar e a Augusto, que fundam e consolidam o imperio universal, respondem Attila e Genserico; á torrente das victorias imperiaes na França gloriosa e dominadora, o diluvio de revezes na França vencida e humilhada.

Parece que a natureza se affronta e se assoberba com a grandeza sobrehumana dos povos e dos heroes. Tenham uma vez o poder, a gloria, o primado, o senhorio, mas que na sua mão não possam nunca envelhecer.

Que sejam como estas estrellas temporarias, que apparecem no firmamento e crescem e fulguram, para que em breve trecho vão perdendo a intensidade luminosa, e a final deixem vasio como d'antes o logar. Commettam e acabem emprezas maravilhosas; mas, como o heroe thebano, vistam fatalmente a perfida roupagem do centauro. Dominem soberanos, irresistiveis, durante largo tempo vencedores nas paragens mais remotas e alongadas, como os Gamas, os Albuquerques, os Pachecos. Mas tenham a dous passos do seu solar a rota de Alcacer-Kibir, e dentro da propria casa e torrão patrio as hostes do duque de Alba, a lastima e a deshonra da extranha dominação.

LATINO COELHO

BERTHELOT

Nascido em Paris em 1827, Pedro Eugenio Marcelino Berthelot seguiu com muita distincção os estudos superiores, sendo em breve um dos luminares da sciencia, de que se orgulha a França.

Em 1859 foi nomeado professor de chimica organica na escola de pharmacia, e desde 1864 é professor do Instituto.

Varias obras tem dado á estampa, todas sobejamente estimadas pelos homens competentes. A mais notavel é a que tem por titulo *Chimica organica, fundada sobre a synthese.*

E' um dos maiores trabalhadores dos tempos modernos. Illustra o seu nome, honrando ao mesmo tempo a patria. A França, que sabe premeiar os trabalhadores honestos, nomeou-o ha pouco senador inamovivel.

SAUDADE

Em elevando o espirito ancioso
A esse mundo a que inda não pertenço,
Das vagas nuvens d'esse mar immenso
Destaca-se-me um vulto mais formoso.

E' minha santa mãe, de olhar piedoso,
O mesmo santo olhar em que inda penso...
O mesmo collo, aonde andei suspenso
Como avesinha em ninho o mais mimoso!

Como linguas de fogo que se attrahem,
Ao vermo-nos tão proximos, abrimos
Um para o outro os braços, que nos caem

No momento em que olhamos e medimos
A immensa distancia d'onde saem
Os ais da saudade que sentimos...

João de Deus

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
V
VISITAS DA VISINHANÇA

Continuação

Como tinhamos já acabado de almoçar, levantei-me da mesa vivamente, pois sentia um mal-estar incomprehensivel ao fallar d'aquella mulher tão singular pelos seus attractivos e pela posição que occupava na minha casa.

Eu queria, eu anhelava ardentemente que Florentina sahisse do palacio, pois sem saber porque, me succedia junto d'ella o que nunca me succedera com nenhuma outra mulher; succedia-me que não podia olhar para os seus olhos sem baixar os meus com perturbação; não resistia á delicadeza angelica do seu azul purissimo, porém velado; havia um não sei que na doçura do seu olhar, sempre dulcissimo, que me não inspirava desejos impuros, carinho, amor, não; inspirava-me uma emoção repulsiva de que eu não podia dar a rasão. Em uma palavra, o que n'ella era natural, eu me empenhava em que era hypocrisia, e d'ahi essa repulsão.

Tudo isto, somente considerando Florentina physicamente, pois intellectualmente apenas ainda tinhamos cruzado duas palavras.

VI

A ESMOLA DAS SEXTAS FEIRAS

Despediram-se os meus visinhos depois de almoçar, convidando-me para passar com elles o dia seguinte, conforme o programma disposto pelo bom do antiquario, meu tio Xavier: havia de almoçar em um *castro* que existe na altura de Suar, logar da freguezia da casa de Naya; jantar na *mámoa* de Olveda, e passar a *soirée* no *lubre* ou *loco* de Dorra.

Eu acompanhei-os até á ponte da *Mercê;* e voltei pouco depois ao palacio e sentei-me no terraço, meu logar predilecto de dia por causa das vistas pittorescas que se disfructavam d'ali.

Além d'isso, ali, n'aquelle sitio, parecia-me que eu ainda estava fallando com minha mãe, e que só a boa senhora entendia os meus murmurios infantis e as primeiras e mysteriosas aspirações da minha alma, que se amorteceram no collegio levitico.

De repente, a voz original e deliciosa de Florentina resoou em um dos patins, contendo os latidos d'um cão de presa, que fazia os maiores esforços para romper a cadeia e lançar-se contra alguns pobres, que se agglomeravam ao portão.

Aquella voz distrahiu-me do meu doce arroubamento e fez desapparecer a recordação de minha mãe, commovendo profundamente o meu coração. Ah! que bem dizem os que asseveram que o *amor*, na humanidade, corre como os rios, para baixo!

A' impressão amante d'aquella voz, começou uma lucta entre a minha cabeça e o meu coração, entre a minha intelligencia e o meu sentimento: o meu coração pertencia todo áquella voz e a minha cabeça censurava aquella tracção, aquella força que me attrahia.

N'aquella lucta do momento, n'aquelle antagonismo do meu espirito, que os physiologistas explicarão conforme lhes aprouver, venceu por fim a minha intelligencia, e determinei com mais decisão que nunca despedir Florentina do meu serviço, ou quando menos humilhal-a; humilhal-a d'uma maneira que offendesse a sua extremada delicadeza.

N'aquelle mesmo momento, em que decidi outra vez da sorte da pobre orphã, um murmurio de vozes discordantes chegava junto de mim desde o pateo do portão.

Aproximei-me da balaustrada do terraço e vi que mais de cincoenta pessoas andrajosas, as mais d'ellas anceães e creanças, se agglomeravam junto á janella baixa do palacio; aquillo parecia um motim nos ademanes e nas vozes; por parte da minha criadagem não se via ninguem para a resistencia.

Baixei vivamente do terraço ao pateo principal e um quadro singular se offereceu á minha vista. Florentina, só, no meio d'aquelles mendigos, repartia-lhes uma torta de tres libras de milho a cada um, a mesma cousa que fazia minha mãe todas as sextas feiras.

Dominei a recordação de minha mãe e gritei-lhe furioso, cego de coragem:

—Isso é uma desordem! Bem podia evitar estes escandalos na minha casa!

Florentina ficou pallida como um cadaver; os pobres ajoelhavam-se tremendo, aterrorisados pela minha apparição e pelas minhas palavras, e eu, sem olhar mais para ella e sem lhe dirigir mais palavra, atravessei o portão a largos passos, e internei-me entre os castanhos do souto proximo ao palacio, afastando a madeira irritado e estropeando a ramagem, que ficava ao meu alcance.

Em quanto me animava aquelle acto de soberba que me dominava, julgo que, se tivesse encontrado uma fera, teria luctado com ella com todas as minhas forças. Eu não era Henrique n'aquelle momento; parecia que o proprio demonio se agitava com furia nos seios da minha alma.

Cheguei ao rio e deixei-me cahir sentado em uma pedra da margem, olhando para a corrente diamantina de suas agoas, ao mesmo tempo com uma distracção e uma firmeza, que extinguiam as chammas dos meus olhos e o furor do meu pensamento.

Continua

A ALMA DE ANDRÉ BAZILIO

VI

FELICIDADES CONJUGAES

Conclusão

Era Emilia!...

Emilia, a simples filha do passarinheiro, a costureira de ha seis annos, transformada hoje em uma das principaes damas da sociedade moderna.

Hoje, que tem quasi vinte e dous annos, que as formas se lhe desenvolveram livremente, que deixou aquella apparencia acreançada dos deseseis annos pelo porte voluptuoso e fascinante da mulher perfeita, hoje que ella já é mãe de dous filhos, está, talvez, mais formosa do que fôra então.

Carlos era o seu primeiro filho. Uma creança intelligente, viva...

Tinha quasi quatro annos; os seus cabellos louros, crescidos, encaracolados, os seus olhos d'um azul claro, as faces mimosas, rosadas, lindas...

Fazia lembrar aquellas cabecinhas d'anjos que vemos aos pés da Virgem da Conceição.

Carlos, durante o tempo que estava na quinta, passava os dias com o avô o velho Matheus, caçando passaros com varinhas de visco e armadilhas á rede!

Cahia a tarde!...

Ouviu-se badalar a sineta do por-

tão; era Alvaro que chegava da caça.

Emilia, Carlos e o velho Matheus foram ao encontro d'elle...

—O caçador foi infeliz d'esta vez, observou Matheus; pouco traz no correão...

Alvaro sorriu. Beijou o filho e abraçou Emilia com effusão d'entranhado amor.

Todos entraram em casa.

Na sala de jantar estava Lourença, corcovada á força d'annos, trajando rigoroso luto por sua irmã Libania, que morrera havia mezes.

Defronte d'ella, de mãos erguidas, estava uma creança de dous para tres annos, repetindo as palavas que a velha lhe dictava.

Era a oração das Ave-Marias.

A senhora Lourença tomara n'aquella casa o logar d'uma pessoa de familia.

Todos eram amigos d'aquella velhinha, que não fazia mais nada do que rezar.

Alvaro, depois de mudar de fato, foi para a sala, onde Emilia estava dedilhando no piano uma formosissima walsa.

O pequeno Carlos, que trepara a uma cadeira, estava folheando mui gravemente um album, em quanto sua irmã Julieta, a galante creança que ha pouco estava rezando, passeava a todo o comprimento da sala, pela mão de Alvaro que andava cantarolando.

De repente, Emilia cessou de tocar, e voltando-se para Alvaro, perguntou-lhe entre sorrisos:

—E se nós fossemos para a cidade? Estarmos ainda aqui na quinta com este tempo...

—Pois vamos, respondeu Alvaro.

—E os pintasilgos? disse do lado Carlos. Eu ainda não pilhei nenhum e o avôsinho disse que eram precisos para o viveiro... Mas...

Mas, apesar de Carlinhos dizer que queria caçar mais pintasilgos, dous dias depois tudo estava na cidade, no formoso palacete que Alvaro comprara.

São felizes, Alvaro e Emilia!

A sua vida é matisada de mil pequenos nadas, cheios d'amor e de ventura!...

De André Bazilio já quasi ninguem se lembra.

EDUARDO VÉRAS

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA

III

Continuação

Começaremos pelo primeiro. Depois de almoçar no abarracamento da serra, uma parte da expedição tomou a direcção da Estrella, no intuito de visitar o Cantaro magro e conjuntamente o Zezere. Seriam nove horas da manhã. Depois de visitarmos varios pontos, como o chafariz d'El-rei, as Salgadeiras, a Estrella, etc., achamo-nos de repente em frente do gigantesco Cantaro magro.

Já dissemos o bastante para dar uma ideia aos nossos leitores da difficuldade da sua ascensão e mesmo da descida á base; no entanto espiritos fogosos e irrequietos tentaram uma e outra cousa. A ascensão foi tentada simplesmente por Mousinho da Silveira, abbade de Miragaya e dr. Fonseca. Alguns mais ficaram assombrados ante a vista d'aquelle medonho abysmo, e como eu muitos experimentaram a impressão que no intimo sente a nossa alma ante a grandeza d'um abysmo. Parecia que um poder sobrenatural nos attraía ao precipicio, um como que magnete immenso cuja força superior á nossa vontade nos chamava lá e o espirito vencido convidava a despenharmo-nos na profundeza d'elle. Ficamos pois sentados, com a anciedade propria de corações d'amigos que veem os companheiros em lances arriscados.

Passamos horas contemplando aquelle magestoso horisonte, em quanto o sublime Mendes, desenhista da expedição, esboçava alguns *croquis* naturaes. O abbade havia voltado; não tivera forças para subir; mas com aquelle genio inquieto, que lhe ia custando a vida, intentou a descida á base do collosso, cujo risco era igual ao da ascensão. Patricio, Lopes Mendes, Eduardo Coelho, Silva, etc., cheios de coragem pelo exemplo, determinaram seguil-o. E' mister dizer que não nos enganamos dizendo que a pendente d'aquelle declive era talvez de setenta por cento. Ora deixando-nos escorregar na relva, ora servindo-nos das mãos, nós haviamos simplesmente vingado descer alguns metros de descida; era talvez um kilometro a distancia a vencer; de quando em quando alguns calhaos que se despenhavam d'aquelle medonho abysmo ao despedaçar-se d'encontro a algum rochedo e algumas lascas zumbindo por sobre as nossas cabeças similavam o ribombar do trovão, quando nos é perpendicular a tempestade.

Soados, cheios de fadiga, anhelavamos o fim da nossa temeridade, quando ouvimos alguns gritos de alegria, como que vindos do ceo. Eram os nossos companheiros, que attingiam o cimo do collosso e de lá nos felicitavam! Nós já cançados perguntavamos ao guia:

--E' longe ainda?

E elle só nos dizia:

—Pernoutamos aqui nas covas; amanhã pela manhã chegaremos ao fim.

Nós divisamos ao fundo uns campos lavradios e homens em uma eira malhavam trigo. Mas chegar lá? Voltar era impossivel; já não tinhamos tempo! O abbade, no meio da descida, exhortava-nos com o exemplo e ria-se da nossa morosidade. De repente (era a sua mania predilecta) lembra-se; accende um phosphoro e eil-o que deita o fogo ao zimbro, que cobria quasi toda a descida!

Ficava cortada a nossa retirada, pois que o fogo se alastrou rapidamente; mas, ao mesmo tempo, ficavam os nossos companheiros, que estavam no cimo do Cantaro, empedidos de descer! Como por encanto tambem, isto é vulgar na dita serra, a atmosphera toldou-se repentinamente e uma chuva copiosa veio apagar aquelle incendio do malevolo abbade.

Continua H. B.

PERO DA COVILHÃ

Como o nome o indica, era natural da Covilhã este celebre navegador do seculo XVI, cuja morte teve logar por 1550.

Passando muito moço para o serviço de D. Affonso, duque de Sevilha, as dissenções que sobrevieram entre Portugal e Hespanha obrigaram-o a voltar á patria, onde encontrou emprego muito honroso na côrte de D. Affonso V, e tomou parte activa nas guerras contra a Hespanha.

Foi porém D. João II quem verdadeiramente lhe conheceu a aptidão; intelligente e conhecedor do idioma castelhano, desempenhou Covilhã á satisfação do soberano as diversas missões secretas de que elle o incumbira.

Enviado aos estados barbarescos, concluiu habilmente diversas negociações com o rei de Tlemcen e o imperador de Marrocos, aproveitando-se da estada na Africa para aprender o arabe.

De regresso a Portugal, foi encarregado, conjuntamente com Affonso de Paiva, de visitar as regiões desconhecidas da Africa e do Oriente, em que toda a Europa scientifica d'aquelle tempo tinha os olhos fictos. Esta expedição foi a um tempo scientifica e commercial e abriu o caminho á de Vasco da Gama, que nos devia cobrir de gloria.

Paiva e Covilhã partiram de Lisboa em 7 de maio de 1787, dirigindo-se para paizes de cuja existencia mal se suspeitava. Chegados ao Egypto, ao cabo de diversas aventuras, detidos em Alexandria por uma violenta molestia endemica que lhes roubou todas as pessoas da comitiva, juntaram-se a uma caravana numerosa que ia em marcha para Aden.

Depois de visitarem o littoral da

Abyssinia, munidos de documentos preciosos pela sua exactidão, separaram-se com ideia de dirigirem os seus estudos sobre dous pontos differentes e tendo combinado reunirem-se em um tempo dado no Cairo.

O pobre Paiva succumbiu na Ethiopia. Covilhã, mais feliz do que o seu companheiro, embarcou-se para as Indias e visitou successivamente Cananor, Calecut e Goa. Encontrando por ali dous compatriotas, ambos judeus, Joseph e Rabbi Abraham, mandados com instrucções por D. João II, Covilhã enviou por elles para Portugal os preciosos esclarecimento que havia obtido n'esta perigosa viagem. Em seguida alcançou internar-se na Abyssinia, onde reinava o mysterioso *Preste João*, nome phantastico dado n'aquelle tempo ao soberano africano.

A recepção que teve na côrte do Negus foi sem duvida muito amigavel; mas, segundo o costume do paiz, Covilhã nunca mais teve licença de sahir d'ali. Casou com uma mulher riquissima, o que por certo o não consolou do desgosto de não tornar a ver a patria. Nos ultimos annos, porém, da sua vida, teve o praser de saber pelo embaixador portuguez Francisco Alvares até que ponto soubera Portugal aproveitar-se das suas corajosas explorações.

F. Bastos

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

—

As terras onde já temos correspondentes são:

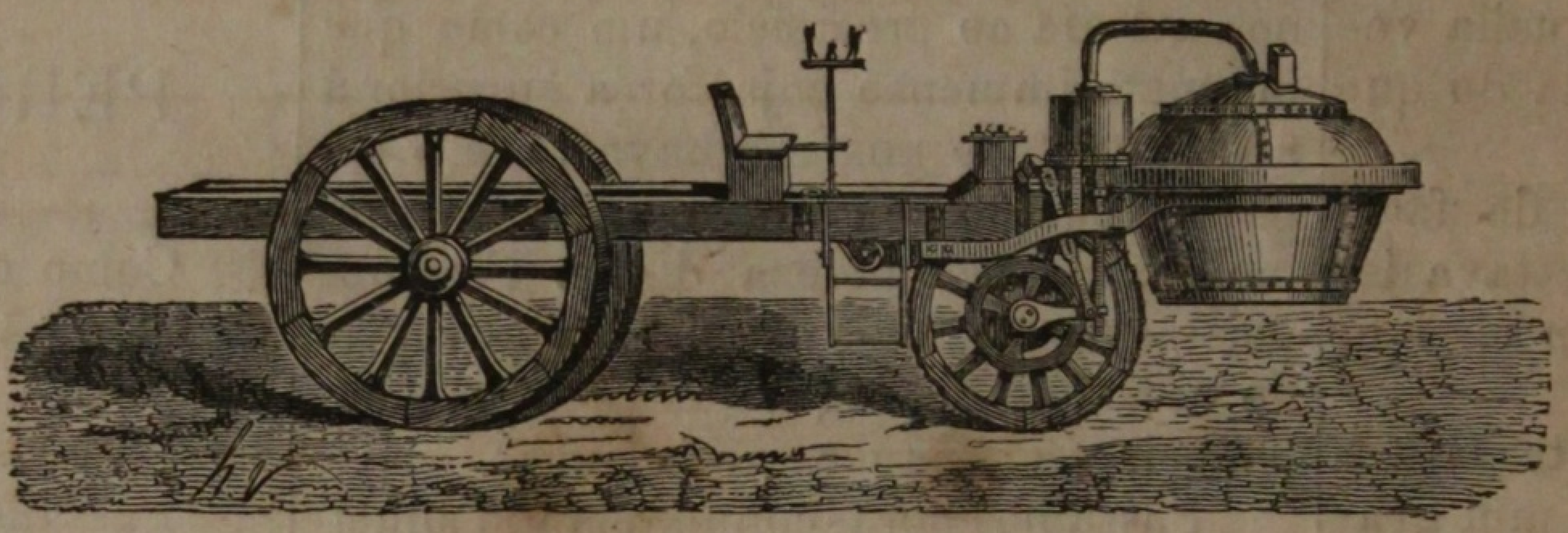
Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

CARRO A VAPOR

—

Tem-se feito varias tentativas, todas infructiferas, para applicar o vapor ao transporte de gente e mercadorias pelos caminhos ordinarios. E' a Inglaterra, sobretudo, que mais tem teimado n'essas experiencias, cujo exito, a principio, não pode ser melhor; mas sobrevem logo difficuldades insuperaveis, o que faz com que tal systema, que poderia ser de muito proveito para a viação acelerada, seja immediatamente posto de parte.

A gravura d'esta pagina dá ideia d'um carro a vapor. Foi Cugnot, engenheiro francez, que o inventou em 1770. Com elle demonstrou aquelle engenheiro que o principio do vapor applicado á viação por estradas ordinarias não era impraticavel; mas não passou d'aqui o seu invento.



CARRO A VAPOR

ZIG-ZAGS

—

A LEGENDA DO CHÁ

Transcripção d'um manuscripto chinez:

Quinhentos annos antes da nossa era existia um homem piedoso chamado Durma.

Commovido da ignorancia dos habitantes do Celeste Imperio emprehendeu revelar-lhe a palavra divina; o santo homem partiu para a sua missão, sem provisões, e confiando apenas na palavra dos deuses.

Um dia, morto de fadiga e de fome, cahiu por terra e adormeceu. Ao acordar, envergonhado da sua fraqueza e de ter cedido ás necessidades da natureza, arrancou as sobrancelhas, para castigo, e lançou-as em torno de si.

Immediatamente irromperam do solo arbustos graciosos; as folhas pareciam muito agradaveis, e communicaram vigor ao seu corpo e espirito.

E foi elle que propagou a planta que dá vida e não embriaga.

—

O GELO

O gelo offerece grandes resistencias para o transito. Quando tem 5 centimetros de espessura, supporta bem o peso de um homem; 10 centimetros, a marcha de infanteria; 15 centimetros, o tropel de cavallaria; 20 centimetros, a passagem de artilheria de pequeno calibre; 25 centimetros, as peças de reserva, e 40 centimetros, a pressão dos volumes mais pesados que acompanham um exercito em operações de campanha.

—

LONGA EXISTENCIA

Ha arvores cuja antiguidade é quasi fabulosa.

O celebre castanheiro do monte Etna deve ter mil annos de existencia.

Segundo a espessura das arvores boabal, de Cabo Verde, e a quantidade de zonas em algumas das suas ruinas, reconhece-se que existem ha cousa de quatro mil annos. O agigantado cypreste de Santa Maria de Rule, a seis milhas de Oajaca, no Mexico, tem 124 pés de circumferencia.

Suppõe-se que a grande arvore do Dragão, na Orotavia, em Tenerife, existe ha mais de quatro mil annos.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 27 D'ABRIL DE 1882 — NUMERO 87

SUMMARIO

TEXTO: — Antonio Pedro — O escravo maldito, por Nuno Rangel — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Australia — Os hindus — Tunneis — O salteador dos mares — Como morre um sabio — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — O conde d'Amarante (romance) — A aldeia, por Publius Scena — O soldado (poesia) por L. P. Borges — Uma vingança — Leon Gozlan — Zig-Zags: A grande muralha da China — A mulher — Um alho — Pensamento — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Antonio Pedro — Tunnel do S. Gothardo — Morte de Richman — Leon Gozlan.

ANTONIO PEDRO

ANTONIO PEDRO

—

Daria para largas divagações a biographia de Antonio Pedro, porque não ha muitas carreiras tão brilhantes e gloriosas como a sua.

Não é porém d'uma biographia que se trata, apesar de ser forçoso dizer que Antonio Pedro nasceu em Lisboa, de paes modestos e honrados, a 15 de maio de 1836. Os seus progenitores lembraram-se de o fazer pentieiro, como que se aquella fronte sympathica e illuminada pela vivida centelha do genio podesse emoldurar-se em uma reles loja de pentes d'osso. O moço artista reagiu, como era de esperar, ás imposições paternas, e em vez d'alisar os cabellos da humanidade, fez-se actor, atirando comsigo para o velho theatro das Variedades Dramaticas, esse templo vetusto que a mão poderosa do primeiro municipio portuguez houve por bem deitar a terra.

Tinha Antonio Pedro vinte e dous annos quando debutou em um insignificante papel da magica *Loteria do Diabo*, e revelou-se-nos logo como um talento promettedor e esplendido. Bastaram duas ou tres simples phrases, para que os seus creditos ficassem completamente firmados; estava feito o actor.

Antonio Pedro sabe como ninguem amoldar-se a todos os personagens que define no palco. O gesto, o olhar, a expressão, cada um dos seus movimentos, variam segundo o typo que representa, mas sem difficuldade e sem exforço, natural e espontaneamente.

Interpreta tão bem o juiz severo e rispido, como o rei grutesco das magicas. Tem cara, voz e gesto para todas as creações, para todos os caracteres.

A gloria d'este notavel artista está feita. Contando vinte e quatro annos da vida do palco, chegou até onde póde chegar um actor n'este paiz pequenino e acanhado, onde as artes se definham e morrem á nascença por falta de incentivo, e, o que é ainda mais, por falta de quem as patrocine e ampare.

O ESCRAVO MALDITO

—

Continuação

XI

A policia do subdelegado, desorientada com a fuga de Caxibache, ficou nos primeiros momentos sem saber o que fazer; a um grito, porém, de John Menter, que já exercia n'ella mais poder que a propria auctoridade, partiram todos a grande brida no encalço do assassino. Já ouviam distinctamente o arfar do cavallo do fugitivo, quando viram chegar uma negra montada em um lindo cavallo baio, passar avante de todos e unir-se a elle, exclamando:

—Salta aqui na garupa, Caxibache, que estás salvo!

A' voz da negra, todos conheceram o auxilio prestado ao criminoso. Muitos gritos de raiva se misturaram com o *tilintar* das *chilenas* de prata, cravadas com energia nas barrigas dos animaes. Era preciso evitar que o fugitivo mudasse de cavallo, porque o que lhe traziam tinha a velocidade do raio, que bem o mostrou na carreira vertiginosa com que passou entre os perseguidores.

Um *indio*, victima de Caxibache, que lhe assassinara toda a familia em sua ausencia, puxou das *bolas*, deu-lhe duas voltas no ar e atirou-as, sibilando, ás patas do cavallo do fugitivo, succedendo-se um momento de confusão.

Caxibache, derrubado do seu cavallo, puchou a pistola e esperou. Os dous primeiros homens que se chegaram a elle cahiram em terra dando gemidos afflictivos; em seguida chegaram outros, que lhes foram fazer companhia. Quando Caxibache erguia de novo a pistola para atirar sobre um *gaucho* que o atacava violentamente, Zizica, segurando-o no braço, disse-lhe:

—Monta e salva-te!

—Quero matal-os primeiro! respondeu Caxibache.

—Monta e salva-te! Peço-t'o pelo meu amor! supplicou Zizica.

—Salvar-me quando tenho aqui tantas vidas ao alcance das minhas balas? Impossivel!

—Foje, meu amigo, que elles te matam e eu morro d'afflição!

Caxibache já se achava em meio de uma muralha formada de cavalgaduras, que mordiam os freios e resfolegavam e escarvavam a terra.

—Entrega-te, Caxibache, que não te fazemos mal! gritavam alguns cavalleiros ao criminoso.

—Quero morder o ultimo cartucho, bandidos! respondia o negro.

—Entrega-te, Caxibache, ao senhor delegado! continuavam a gritar.

—E' assim que eu me entrego! dizia Caxibache rangendo os dentes a cada detonação da sua pistola.

Depois de luctarem por mais de meia hora, John Menter, que se mantivera silencioso fóra do combate, avançou tranquilamente para o negro e disse-lhe:

—Caxibache, dize-me aonde está Cecy, que te dou a liberdade!

—Está no ceo assim como tu estás no inferno!

—Vaes morrer, negro!

—E tu tambem, cobarde!

Ouviram-se dous tiros e tres gritos. John Menter cahiu sem vida e Caxibache, mortalmente ferido, mal póde montar o cavallo que Zizica lhe apresentava e dar-lhe um grito particular. O animal deu um salto, e repentinamente cruzou entre a multidão, desapparecendo na escuridão da noute.

XII

Era ao amanhecer quando Caxibache chegou ao seu *quilombo*, já quasi sem consciencia de vida. Zizica, que o amparava angustiosamente, orvalhava-lhe as faces com lagrimas que elle não sentia.

Logo que o cavallo parou á porta do *rancho*, a negra apeou-se com o seu amigo nos braços e foi deital-o no catre que ella durante muitas noutes sonhara ser o seu leito nupcial.

—Agoa... dá-me agoa... bello anjo! balbuciou Caxibache entreabrindo as palpebras e olhando para Zizica. Deus t'o pague... e perdoe-me o ceo... Aqui... ai!... Deita-me agoa aqui! disse em agonias o negro depois de ter bebido e pondo a mão no peito.

Continua — NUNO RANGEL

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

LXVII

A AUSTRALIA

Continuação

A Tasmania foi descoberta por Tasman em 1642. Depois visitaram-a successivamente Marjon, Furneaux, Cook, Bligh, Vancouver e outros navegadores celebres. O primeiro estabelecimento que ali fundaram os inglezes foi para os deportados em 1804.

Atravessemos agora o estreito de Torres, nome que lhe deu o seu descobridor Luiz de Torres, em 1606, e que mais tarde os inglezes chrismaram com o nome de Endeavour, e chegaremos á Papuasia, ou Nova Guiné, má terra, habitada por negros antropophagos, que veremos de longe.

A navegação que vamos fazendo por este estreito é muito perigosa, pois está semeado de ilhotas e recifes. Tem 150 kilometros de comprimento. Cook atravessou-o em 1770; em 1840 exploraram-o as corvetas francezas *Astrolabio* e *Zelea*.

A Papuasia comprehende duas grandes ilhas. Os navegadores só exploraram o littoral; o interior ainda está desconhecido. Foi o portuguez Antonio d'Abreu que descobriu estas ilhas em 1511. Os hollandezes tentaram em

vão estabelecer-se ali em 1828: depois vingaram submetter a parte occidental e em 1872 cederam á Inglaterra o direito de soberania sobre a Nova Guiné e as ilhas Arrow.

Contemplemos aqui dous montes notaveis: o Arfak, que tem 4:300 metros d'altura, e o Astrolabio, de 1:314 metros.

A vegetação é riquissima e produz madeiras preciosas: ha perolas e ouro.

Passemos por diante da Luiziada, archipelago que demora a leste da Nova Guiné e consta d'um grande numero de recifes e escolhos, sendo as ilhas principaes Entrecasteaux, Rossel e Saint-Aignan. Foi Bougainville que as descobriu em 1789: os francezes que andavam em procura de La Perouse visitaram-as em 1793.

Não teremos nós essa coragem e seguiremos a nossa derrota, indo encontrar a Nova Bretanha, archipelago de 4,000:000 d'habitantes, distribuidos por varias ilhas, sendo duas as principaes: Nova Bretanha e Nova Irlanda.

O archipelago de Salomão apresenta-se em seguida, com as suas ilhas bordadas de recifes perigosos e povoadas de negros papuas e malaios. As ilhas principaes são Anson, Bougainville, Santa Isabella, Guadalcanar, Choiseul, Carteret, etc. Este archipelago foi descoberto em 1567 por Mendanha, viajante hespanhol; Carteret visitou-o em 1767, Bougainville em 1768 e Surville em 1769. Este ultimo deu-lhe o nome de ilhas Arsacides em consequencia da perfidia dos habitantes. Shortland deu-lhe o nome de Nova Georgia em 1832. D'Entrecasteaux, em 1792, e Dumont d'Urville, em 1838, exploraram este archipelago, tornando-o mais bem conhecido.

O archipelago de La Perouse tem 1:500 habitantes apenas. São ilhas quasi desertas. Foi nos recifes da ilha Vanikoro que o celebre navegador francez que deu o nome ao archipelago naufragou em 1788. Em 1828 Dumont d'Urville ergueu um monumento n'essa ilha á memoria do infortunado La Perouse e dos seus companheiros.

Chegamos ás Novas Hebridas, archipelago situado a nordeste da Nova Hollanda e povoado de 200:000 habitantes, homens debeis e feios, mas industriosos e hospitaleiros alguns, porque outros são d'uma ferocidade incrivel, o que não é raro por estes sitios.

As principaes ilhas d'este archipelago, a que se junta o grupo de Banks, e que se compõe de 37 ilhas, são: Mallecolo, Tanna, S. Bartholomeu, Aurora, Pascoa, Koromango, Immox, Sandwich, Espirito Santo e Erronan. O solo é fertil, coberto em parte de florestas e montanhas, onde ha dous vulcões, e produz cana de assucar, laranjeiras, figueiras, etc. Os unicos quadrupedes que ha são o porco, a cabra e o rato.

Em 1606 Quiros descobriu estas ilhas, que a principio se denominaram Terra Austral do Espirito Santo; depois foram denominadas Grandes Cyclades por Bougainville, que as visitou em 1786, e emfim Novas Hebridas por Cook, em 1773.

Eis-nos agora na Nova Caledonia, que nos vae fornecer assumpto para o capitulo seguinte.

Continua

OS HINDUS

Suppomos que aos nossos leitores não é estranho que o nome *hindu* designa o habitante da peninsula indiana.

A população da India está dividida em duas classes distinctas: a primeira é a dos hindus, ou aborigenes; a segunda é a dos povos d'origem estrangeira. Os hindus, que, no respeitante a religião, seguem pela maior parte o brhmanismo e uma pequena parte o budhismo, comprehende quatro castas, ou *dchadis*, cada uma das quaes tem privilegios, funcções e leis especiaes.

Quanto mais elevada é a classe, mais honrosas são as suas prerogativas; mas tambem são em muito maior numero os deveres e obrigações que o individuo tem a cumprir.

Desde os tempos mais remotos a India foi habitada por differentes raças. A mais importante d'estas raças, pela influencia que teve sobre a civilisação d'aquelle paiz, foi a que fallava o sanscrito. Chamavam-se *aryas* (homens veneraveis) e *vicas* (seres animados).

Os aryas formavam o ramo principal da raça europeia. Esta raça distingue-se ainda das outras por feições caracteristicas: rosto oval, cabellos finos e ondeados, fronte alta, nariz aquilino, olhos á flor do rosto, e sobre a mesma linha horisontal as duas fileiras de dentes encontram-se verticalmente. Dos aryas sahiram as tres classes: dos padres, dos guerreiros e dos lavradores. A quarta classe, composta dos homens de condicção servil, representava os vencidos.

Os aryas vieram depois d'uma população autochtona, que elles aniquilaram e é conhecida pelo nome de *mlechchas*, isto é, os fracos, dos quaes se encontram ainda vestigios nas montanhas.

No Dekhan meridional fallam-se diversas lingoas differentes do sanscrito; no entretanto é facil reconhecer que partem da mesma origem.

Este paiz foi povoado pelos *dravidas*, povos cahidos hoje na miseria e na escravidão. Os dravidas são anteriores aos aryas.

Outras raças habitam ainda a India. Ha ali até negros que se assimilham muito dos papuas da Australia.

A India foi quasi desconhecida dos antigos até ao momento em que Alexandre o Grande emprehendeu a sua conquista. Comtudo os phenicios e carthaginezes já ali tinham desembarcado para commerciar. Depois da queda do imperio romano a India ficou d'algum modo fora do commercio com a Europa. No seculo XV quiz-se conhecer essa parte do mundo e achar o caminho por mar. Foi então que Colombo tomou a rota de oeste, descobrindo o archipelago da America, que tomou pela India, e á qual se deu o nome de Indias occidentaes. O resto sabem-o os leitores. Vasco da Gama, o nosso intrepido navegador, dobrando o cabo da Boa Esperança, achou o verdadeiro caminho das Indias. Desde então a India ficou aberta aos europeus, e foi-nos dado conhecer a historia, os costumes, a religião d'um dos povos mais interessantes do globo.

Pelo que pertence á historia da India, diz-nos a tradicção que remonta a uma antiguidade immemorial. Sendo porém certo que aquella é uma das nações mais antigamente povoadas, a sua historia não apresenta um testemunho authentico anterior ao anno dous mil antes de Christo e teremos que remontarnos até Alexandre se quizermos ter documentos positivos.

Sabe-se que Alexandre submetteu uma parte do Lahore, onde reinava Porus, Taxile e Musicanus, e que Seleuces, rei da Syria, avançou até ao Ganges, o rio sagrado dos hindus, vencendo em uma das suas margens Sandracottus, ou Chofra-Gutta. Depois de essa data as relações da India com o Occidente foram muito raras e durante trese seculos aquella nação devia ser muito feliz se é verdadeira a asserção de Fenelon: «Felizes os povos que não teem historia!»

Pelo anno mil antes de Christo a India foi conquistada pelos gaznevidas, dynastia musulmana, cujo imperio se estendeu desde o mar Caspio até ao Ganges. Mahmud, primeiro principe d'aquella raça, tratou os indios com a maior crueldade, chegando a destruir a forma de governo paternal instituida por Brahma. A India não cessou, depois d'isso, de ser a presa das nações conquistadoras, attrahidas pelas riquezas do seu solo. Aos gaznevidas succederam os guridas, depois os afghans, emfim os mongoes de Tamerlão, para quem a conquista da India foi negocio de cinco mezes.

Continua

TUNNNEIS

Foi no paiz de Galles, em Inglaterra, que se abriu no presente seculo o primeiro tunnel. Era destinado á passagem d'um canal e tinha quinhentos pés de comprimento. O constructor foi Telford, que mais tarde construiu outro, de duas milhas de comprimento, o de Harecastle, acabado em 1827.

Desde então muitos trabalhos d'esta ordem teem sido executados, como exigencia das linhas ferreas.

A primeira obra realmente notavel d'este genero foi o tunnel que Brunel construiu por baixo do Tamisa, e cujos trabalhos duraram desoito annos. Uma empreza similhante foi executada nos Estados Unidos, por baixo do lago Erié, para abastecer d'agoa a cidade de Chicago. Seguiu-se o tunnel do monte Cenis, por Grathoni e Somelien. Custou dous milhões e seiscentas mil libras. Cortaram-se dous milhões de toneladas de rocha em tres annos. Tem doze mil tresentos e trinta e tres metros de comprimento. Estava a obra concluida em dezembro de 1870.

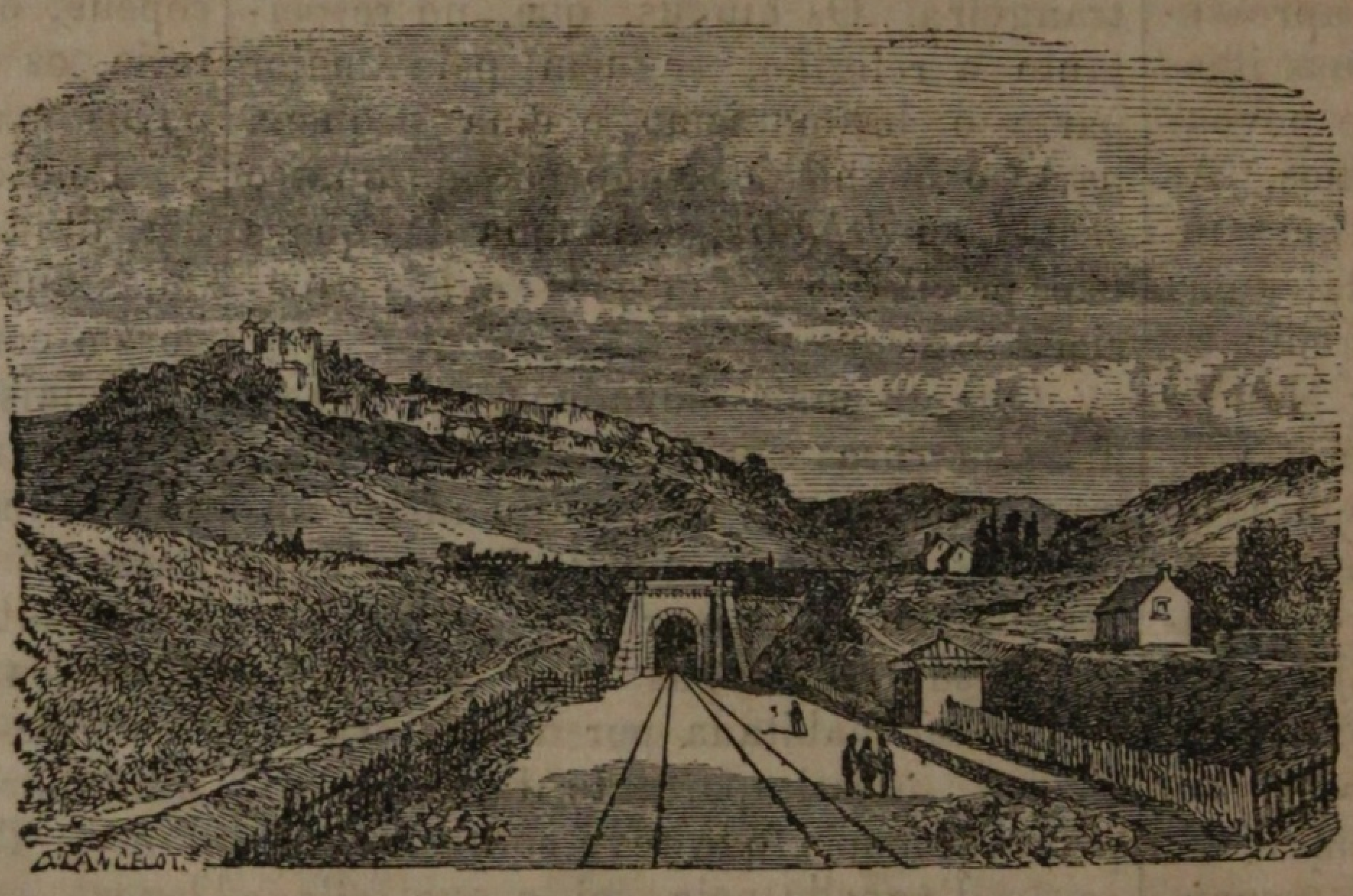
A tudo excede porém o tunnel do S. Gothardo, que levou nove annos e tres mezes a construir, se bem que em 29 de dezembro de 1879 se ouviram já de lado a lado os primeiros ruidos dos trabalhos comprehendidos nas galerias de ensaio. O tunnel mede de comprimento quatorze mil oitocentos noventa e dous metros e está mil cento cincoenta e tres metros acima do nivel do mar. Para o romper empregaram um milhão e duzentos mil kilogrammas de dynamite e trabalharam n'elle tres mil e quinhentos operarios, muitos dos quaes foram victimas da sua dedicação, a começar logo pelo engenheiro director das obras.

A galeria das minas de Lutro, na Nevada, America, tem sete mil cento quarenta e sete metros.

A galeria da secção José II, em Chemnitz, na Allemanha, tem de comprimento quatro legoas e meia, tres metros e meio d'altura e metro e meio de largura. Foram necessarios cento e sete annos para executar os trabalhos, sendo tão variaveis os progressos, que havia annos em que apenas se abriam tresentos metros, outros cento e quarenta e outros ainda menos.

Actualmente está-se abrindo um tunnel através d'um contraforte dos Alleganis, para levar a agoa a Baltimore.

Não deixaremos de mencionar os trabalhos preliminares para a abertura do tunnel submarino de Calais para Dover, ligando a França com a Inglaterra, o qual deve ser uma obra monumental.



TUNNEL DO S. GOTHARDO

O SALTEADOR DOS MARES

I

Nos ultimos numeros demos a conhecer ao leitor um d'aquelles typos tenebrosos e sombrios, tão ousados como temerarios, tão valentes como afortunados, que passam a existencia sob as tempestades do ceo e as borrascas dos mares. João, o Destemido, o heroe legendario das costas argelinas, devia crear proselytos, e um d'estes foi Ben-Hamet, o mais bravo dos piratas arabes, um homem como que predestinado para ser o terror dos povos fronteiros ás plagas africanas.

Quem era Ben-Hamet? Não podemos encontrar a origem verdadeira da sua familia, ou do seu nascimento.

Estes heroes, que não teem o nome escripto na historia, mas que fica impresso na imaginação do povo e em algum romance de situações palpitantes, que enthusiasma e arrebata; esses heroes, diziamos, brilham como os cometas funebres que passam com espanto pelo fundo da aboboda celeste e logo se perdem para nunca mais tornarem a apparecer.

Por tanto Ben-Hamet era unicamente Ben-Hamet. Tinha sahido do deserto? Animava-o um espirito de vingança? Era a sede das riquezas a que o trazia ás costas de Hespanha para atacar povoações tão importantes como Adra, Almeria e outras povoações do littoral? Não o sabemos.

A unica cousa que convem dizer é que aquelle extranho personagem preferia praticar as suas excursões desde o cabo de Palos até ao de Gata, como se se propuzesse algum objecto desconhecido com tão singular insistencia.

E' certo que, se João, o Destemido, o famoso homem do capuz vermelho, não tivesse terminado, havia alguns annos, as suas correrias, Hamet, a quem denominavam o *salteador dos mares*, teria encontrado um adversario terrivel, e um ou outro, ou ambos mutuamente, se teriam exterminado completamente. Mas João, o Destemido, já não defendia as costas hespanholas e o terrivel pirata argelino tomava a desforra em territorio europeu do mesmo modo que aquelle o havia feito na costa fronteira.

Era moço ou velho o salteador dos mares? Ninguem o sabia. Apresentava-se ou antes burlava das mais exquisitas precauções e levava tudo a ferro e fogo. Pobre d'aquelle que cahisse nas suas garras! Desditosa da donzella que fosse sua prisioneira!

Hamet não aprisionava; matava. Os povos da costa tinham de fortificar-se, e seus filhos, convertidos em vigias do mar, não cessavam d'estar de atalaiá. Quando havia algum receio, o sino da egreja tocava a rebate para se armarem todos contra o inimigo commum.

II

Em uma povoação que já não existe, perto de Macael e cujo nome não sobreviveu á sua total ruina, estavam os habitantes fortemente assustados em principios do seculo XVIII.

Segundo os marinheiros mais velhos, affirmava-se que se tinha visto uma galera para os lados de sudueste, a qual depois desappareceu por entre a cerração que cobria a superficie do mar.

O susto podia ser justificado, e os habitantes, aterrorisados, accudiram com as suas armas, a porem-se em estado de defeza. Como era natural, todos se collocaram ao lado do vigia, que era o unico que podia dar noticias certas.

Que a galera se tinha visto era cou-

sa que jurava e tornava a jurar o vigia; mas não era menos verdade que por mais que todos abrissem os olhos, não viam mais do que as ondas, um tanto furiosas, quebrando d'encontro aos recifes da praia.

—Má noute nos espera! exclamou um dos velhos do logar. O mais conveniente sería que as mulheres e creanças se retirassem para o interior, afim d'evitarmos um desastre.

—Sim, sim, respondeu um gracejador. Escondam as raparigas bonitas, porque Hamet, o pirata, morre por ellas; quanto ás velhas, essas trazem em si mesmo o passaporte para elle as deixar em paz.

O gracejo passou desapercebido, pois nem todos estavam no caso de zombar quando o caso era tão apurado e se temia a visita do corsario que tamanha fama tinha alcançado.

Continua

COMO MORRE UM SABIO

Richman era um sabio physico russo, que dedicava particularmente os seus estudos ás propriedades da electricidade.

Em 6 d'agosto de 1753, no meio d'uma violenta tempestade, o sabio, com um electrometro na mão, preparado para medir a intensidade da corrente electrica, estava collocado ao pé da haste do seu apparelho, para evitar as fortes faiscas que d'ella jorravam. N'esse momento entrou um individuo seu amigo no gabinete, e Richman, ao correr para o receber, tropeçou no conductor electrico e um globo de fogo azulado, do volume da mão fechada, fulminou-o na fronte, fazendo-o cahir instantaneamente morto.

D'este martyr do estudo e da sciencia não se pode dizer que não morreu no seu posto.

O CHAPEO BRANCO

Continuação

Alexandrina tremia como varas verdes açoutadas pela nortada. No seu coração desatava-se uma tempestade que ella não sabia dominar.

—Por Deus! exclamou ella. Diga-me onde me leva, ou eu morro.

Vieira, que já tinha batido á porta, contentou-se com um aceno tranquilisador, porque quasi no mesmo momento, como se tudo aquillo estivesse combinado, a porta abriu-se, deixando ver uma mulher idosa, coberta d'andrajos e com uma candeia na mão direita.

—Pode-se entrar? inquiriu Vieira.

Alexandrina volveu rapidamente os olhos por todos os cantos da casa, que não podia ser mais pobre.

A velha respondeu:

—Queiram entrar, que a noute está fria.

Vieira deu a mão á sua companheira e entraram ambos.

MORTE DE RICHMAN

A velha foi dependurar a candeia, e depois, apontando para duas cadeiras de pau que estavam encostadas a uma das paredes, disse:

—Queiram sentar-se, que minha neta não tarda. As cadeiras são ordinarias; tudo aqui é pobre; mas não tenham medo de sujar-se. Quer ver?

E tomando uma das cadeiras, apresentou-a a Alexandrina.

—Não tenha receio, acrescentou. Está muito limpinha.

Alexandrina, que nada comprehendia de toda aquella scena, olhou significativamente para Vieira, que lhe disse:

—Sentemo-nos.

E sentaram-se. Depois, dirigindo-se á velha:

—Não podemos demorar-nos muito.

—Minha neta não tarda.

—Sería bom ir chamal-a, tornou Vieira.

—Então eu vou.

A velha afastou-se, e Vieira, como se esperasse anciosamente o momento de achar-se só com Alexandrina, disse-lhe quasi ao ouvido:

—Convem deixar-me fallar, confirmando quanto eu disser.

—Mas que casa é esta? interrogou rapidamente Alexandrina. Quem mora aqui? Que viemos nós aqui fazer?

Continua — Jorge de Macedo

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
VI

A ESMOLA DAS SEXTAS FEIRAS

Continuação

Aquella calma, aquella quietação, aquella soledade fez-me tanto bem que, ao cabo de breves instantes, a imagem de Florentina dominava a minha intelligencia e magoava o meu coração; o arrependimento surgia do fundo de minhas entranhas e arrojava-me á face a minha grosseria, a minha impiedade com uma mulher decente, ainda que aquella mulher comia o meu pão.

Eu comportava-me como um villão, insolente e vándalo, com uma pobre creatura, que não fazia mais do que o que fazia minha propria mãe; pois que se os pobres se aggrupavam sem ordem a receber o pão da caridade perante Florentina, com a mesma desordem se agglomeravam tambem quando minha mãe lh'o dava.

A' medida que o arrependimento de ter obrado tão mal se assenhoreava do meu coração, a minha fronte ia-se inclinando languida e tremula sobre o peito, tanto que tive de a amparar com as mãos apoiando os cotovellos nos joelhos.

Queria voltar ao palacio e sentia uma especie de medo, medo de encontrar o doce olhar da minha victima.

De repente ouvi a sua voz junto de mim, e então fiquei immovel, petrificado de terror, sem acertar como desprenderia as mãos da fronte e olharia para Florentina

—Senhor conde, me disse humildemente, V. Ex.ª permitte-me que lhe dirija algumas palavras?...

—Diga, lhe respondi fracamente e sem a encarar.

Florentina proseguiu:

—Que censurou em mim o senhor conde? O costume de dar a esmola ás sextas feiras no palacio, ou a desordem com que os pobres se agglomeravam no acto de a receber?

A pergunta não podia ser mais natural em um bom servo; o tom não podia ser mais humilde; comtudo, o demonio da minha soberba tornou a agitar as minhas entranhas.

—Que é isso?... perguntei eu por meu turno, voltando-me para Florentina desdenhosamente; é uma reconvenção?

—E' uma pergunta humilde, senhor conde, affirmou Florentina com a voz mais doce do mundo e lançando-me um olhar de infinita angustia.

E inclinou-se ao mesmo tempo.

Eu fiquei pallido, desconcertado, guardando o maior silencio. Florentina olhava-me de frente com profundissima ternura, e eu não tinha valor para elevar meus olhos até ao ceo do seu rosto, eu era um condemnado que me estorcia no inferno do meu arrependimento.

Vendo Florentina que eu não respondia, disse com a mesma doçura:

—Se o senhor conde, reprehendendo-me por dar a esmola, quiz acabar com as tradicções do palacio de Amaral, a esmola das sextas feiras aos pobres acabará desde hoje, pois eu só vivo para obedecer cegamente ao senhor conde; o contrario sería desconhecer a minha posição...

Eu permaneci callado, tremulo, em vibração latente.

Florentina continuou:

—Se o senhor conde, reprehendendo-me, quiz castigar a minha pouca previsão em não repartir o pão pelos pobres com mais silencio e ordem, n'isso obedeci ao costume que adquiri desde creança, quando meu pae m'o ensinava a repartir; e eu peço mil perdões por isso a V. Ex.ª.

Eu continuava na mesma, sem voz, sem acção, sem vista; porém nos seios da alma parecia ouvir os silvos de mil serpentes.

Passaram-se alguns instantes...
Para Florentina de anciedade.
Para mim de lucta.

Porque o demonio da soberba tornava a sacudir furiosamente os abysmos do meu peito e a sombra de minha mãe parecia elevar-se ao mesmo tempo da sua tumba e murmurar aos meus ouvidos palavras de amor e doçura.

Florentina, vendo que eu nada respondia, proseguiu tristemente:

—O senhor conde tem a bondade de responder á pessoa mais humilde do seu serviço?

A'quellas palavras de Florentina, á electricidade d'aquelle accento com que as pronunciou, que me partia as cordas do coração, eu pedi á minha alma a sua voz mais suave e respondi-lhe com uma ternura velada, a meia voz:

—Florentina, desculpe-me; eu não quero romper com as tradicções da casa. A mim... o que me exasperou...

E eu tratava de subordinar o meu sentimento, a força do meu sentimento, á minha intelligencia para achar uma desculpa qualquer, que não fosse de encontro com a força moral que devia conservar.

Continua

A ALDEIA

(CARTA A UMA SENHORA)

—

Minha senhora

Em grande responsabilidade incorri eu quando prometti a V. Ex.ª dar-lhe noticias d'este logar sertanejo em que ora me acho.

Escrever a uma senhora, com todos os pequenos *tics* de estylo, com todo o fino rendilhado da fórma, não é para todos; a bem poucos é dado attingir esse alvo. Não se ria V. Ex.ª com esse seu fino sorriso ironico, incredulo, pois fallo verdade. Para se escrever uma carta a uma senhora, e mormente a uma senhora com o formosissimo talento, dotada do peregrino espirito de V. Ex.ª, é mister possuir uma penna de ouro, feita d'um raio de luz, que se amolde a todos os cambiantes da imaginação, que saiba revestir a ideia ainda a mais vulgar de trajos luminosos, que lhe deem o encanto, o chiquismo d'uma chuva de pequeninas perolas faiscantes cahindo sobre um branco e perfumado veo de noiva. E isto só o podem fazer os grandes artistas, os mestres. Por aqui, pois, já póde V. Ex.ª imaginar o meu supplicio.

Estou mettido em um dilemma atroz: ou não escrevo a V. Ex.ª, e falto á minha promessa, ou então escrevo... e faço asneira. De qualquer dos modos fico mal. Entre Scylla e Charybdes, nem mais nem menos. Bem me dizia um d'estes dias o cura da minha freguezia: o maior defeito do homem não é ser fraco, é ser fraco e julgar-se forte. Tal qual o que se dá comigo na presente occasião. Julguei-me forte e sou fraco como um boneco de *biscuit!*

Podia, é verdade, fallar a V. Ex.ª de modas, dos ultimos figurinos de Paris, das *toilettes* que presentemente mais se teem feito admirar no *Bois*, passeando em volta do lago, d'aquella grande saphira liquida; mas V. Ex.ª, que se não prende com similhante frivolidade, zangava-se, e estava no seu direito. Poderia, tambem, fallar-lhe de musica, dissertar sobre arte, com todo o aprumo d'um velho lente de prima; mas este não foi o assumpto sobre que fiquei de traçar duas desgraçadas linhas. Assim, pois, não me resta outro remedio senão escrever sobre a aldeia...

Na cidade, quando se falla do campo, imaginamos, idealisamos logo um pequeno paraiso a nosso bel-praser, todo cheio d'uma suave poesia, uma especie de idylio á Florian. E, no entanto, ás vezes nada de mais prosaico, de mais melancolicamente insipido.

Imagine-se V. Ex.ª, por um momento, na minha aldeia.

O povoado limita-se a tres ou quatro ruas estreitas, mal calçadas, ladea-

das de pequenas casas terreas com as paredes escuras, sulcadas de parasitas, e os telhados desbotados, cobertos de musgo. Aqui e além oliveiras erguem-se, esgalhando-se, destacando a sua côr acre, metalica. Nos campos, mordidos por uma larga luz, sobre os quaes o sol, o grande principio vital, despeja uma chuva de pequeninas flechas douradas, cotovias e pintarroxos cantam.

Um pouco retirado do povoado uma egrejinha levanta-se melancolicamente. Contigua á egreja vê-se uma modesta casa, ensombrada por um extenso pomar: é a casa do cura.

Ao longe, montanhas enquadram-se no horisonte. Pelos caminhos, gallinhas cacarejam, esgaravatando a terra. Um carro de bois passa, chiando muito, dando grandes solavancos.

Horas ha, porém, em que nada d'isto se vê na aldeia: é á noute. A essas horas, debruçado á janella, é suave contemplar aquella natureza adormecida; mas não raro acabamos tambem por aborrecer aquella calma, aquelle silencio.

Todavia, quando nos achamos longe, é com saudade que relembramos aquelle doce viver, aquellas manhãs claras e festivas, aquelle largo e limpido ceo azul.

Ahi tem V. Ex.ª, ainda que imperfeitamente, o que é a aldeia.

De V. Ex.ª

Respeitoso admirador e criado

PUBLIUS SCENA

O SOLDADO

Minha missão de soldado
E' honrosa... mas, oh dor!
Sou de muitos desprezado,
Votam-me mesmo rancor.
Muitos esquecem que a vida
Eu leguei á patria q'rida:
Esquecem a minha lida
E tambem o meu valor!

Esquecem que sou soldado,
Que pela patria morrer
Fiz juramento sagrado
Que jamais heide esquecer:
Pois que morrer combatendo,
Nossos lares defendendo,
Não me custa, porque attendo
Só a livres vos fazer.

E' verdade que é custoso,
Muito custoso p'ra mim,
P'ra mim que sou orgulhoso,
Ser por vós tratado assim.
Eis de que vingança quero
E conseguil-a eu espero,
No combate, sendo austero,
Porque comsigo o meu fim.

Quero ser simples soldado,
Quero o cartucho morder,
Quero em passo accelerado..
A marche-marche, a correr...
E, a bayoneta calando,
Ir fileiras derribando
Dos que errarem ousando
Portugal accommetter!

Porém vós só com desprezo
Qu'reis esta offerta pagar!
Embora! Quero eu o peso
Das armas exp'rimentar!
Quero marchar na fileira,
E quero ir na primeira,
Entre nuvens de poeira,
Sem susto a morte encarar!

Quero, sim, ser esforçado
Em defender Portugal;
Quero ante mim ver prostrado
Tudo que fôr seu rival!
Quero emfim ver desmentido
O conceito em que me ha tido
Quem me crê destituido
D'espirito nacional!

Quem julga já acabado
O caracter portuguez?
Caracter que tem forçado
E forçado tanta vez
A retirar a empreza
Da estrangeira avareza
Que a Portugal julgou presa,
Mas que nunca presa o fez!

Quem ha ahi já esquecido
Da invasão do francez?
E do genio decidido,
Do valor, da intrepidez
Com que o altivo soldado,
D'amor da patria inflammado,
Fez fugir desanimado
Massena mais d'uma vez?

E que o diga Albuera,
Que o diga Fontes de Honor,
Se acaso será chimera,
Se é fingido este louvor,
Se é fazer justiça recta;
Sou soldado e sou poeta
E do praser toco a meta
Ao cantar tanto valor.

Mas de que servem desejos,
De que me serve este ardor?
De que me servem ensejos
De praticar um valor?
Se de mim ninguem faz caso,
Porque sou soldado raso!
E' que já findou o praso
Em que havia patrio amor.

Já se acabou esse tempo,
Esse tempo tão feliz,
Quando sem constrangimento
P'ra defender o paiz,
Todos ás armas corriam,
Jugo estranho sacudiam
E o nobre exemplo seguiam
Do grande mestre de Aviz.

Hoje, oh magoa! são forçados
Para as armas empunhar;
Vem os presos algemados
As fileiras engrossar.
D'estes muitos não conhecem
As attenções que merecem;
Por isso d'elles se esquecem
A ponto de os desprezar.

Mas eu o que sou conheço;
Sou soldado e portuguez!
Soffrer não quero o desprezo,
Tenho orgulho e altivez
P'ra não ser assim tratado.
Quero ser simples soldado;
Mas quero ser consid'rado
Como homem de honradez!

Quero ser simples soldado,
Quero o cartucho morder;
Quero a passo accelerado...
A marche-marche, a correr..,
E, a bayoneta calando,
Ir fileiras derribando
Dos que errarem ousando
Portugal accommetter!

L. P. BORGES

UMA VINGANÇA

No tempo do rei de Hespanha Philippe III, andava na côrte das magestades catholicas um fidalgo de alta estirpe, o conde de Peña Cerrada. Tinha dous filhos o conde, dous gentis rapazes, valentes e cavalheirosos.

Um dia o cavallo em que a rainha montava desbocou-se e a soberana de Castella teria perecido se os dous fidalgos lhe não accudissem. Mas, pelo facto de tocarem com as suas mãos o corpo da rainha, embora para salval-a, foram condemnados á morte.

Todo aquelle que pozer mão na rainha morrerá por ella, dizia a lei, e a lei foi cumprida.

Dura lex, sed lex.

Desgostoso, em um profundo abatimento moral, o conde de Peña Cerrada fez-se monge. Encerrou-se em um convento, para chorar na solidão religiosa a morte de seus dous filhos.

Um dia o rei adoeceu. Pediu que lhe trouxessem um monge que lhe fallasse de Deus. Veio aquelle. O conde estava desfigurado pelos annos e pelo soffrimento. O soberano de Castella não o conheceu.

Na camara real havia um calor excessivo, quasi asphyxiante.

--Senhor, exclamou o religioso; morre-se aqui dentro!

Um brazeiro enorme affogueava o ar; o rei tinha vertigens; sentia-se mal; urgia tirar d'ali o brazeiro.

O rei acenou ao monge, que, comprehendendo a vontade real, disse:

—Não me compete a mim tiral-o, senhor. Eu sou um pobre frade, e a etiqueta prohibe que...

O rei chamou então pelos seus criados, que foram chamar outros para que esses fossem finalmente chamar o fidalgo a quem, segundo a etiqueta, competia retirar o brazeiro.

Mas o fidalgo não apparecia. O rei asphyxiava; a morte punha-lhe já na fronte o suor da agonia, nas faces a lividez do cadaver...

Entretanto o frade, sereno, impassivel, acompanhou com olhar penetrante, mas frio, o estertor do rei, que em um arranco extremo, pôde articular com difficuldade estas palavras:

—Reconheço-te, frade! E's o conde de Peña Cerrada que se vinga!

E dizendo isto, o rei de Hespanha expirou.

Quando chegou o fidalgo a quem a etiqueta permittia que retirasse o brazeiro, o frade resava tranquilamente as orações dos mortos junto do cadaver do rei.

LEON GOZLAN

Leon Gozlan nasceu em Marselha em 21 de setembro de 1806. Era filho d'um armador riquissimo, que, tendo perdido subitamente toda a fortuna, nem sequer teve com que continuar a custear as despezas da educação do filho.

Aos desoito annos fez-se este de vela para Alger, depois foi para o Senegal e por fim appareceu em Paris com um livro de poesias ligeiras. Era toda a sua bagagem litteraria. Mery, seu compatriota, fez-se seu protector e introduziu-o no jornalismo. Foi então que elle principiou a escrever romances para os folhetins dos jornaes parisienses, dando-lhe uma certa celebridade.

Depois escreveu para o theatro, para o qual sentia uma propensão irresistivel; mas o romance foi inquestionavelmente onde mais brilhou.

Entre nós o mais conhecido dos seus romances é *Les Nuits du Pere-la-Chaise*, titulo que está traduzido por: *Os Segredos d'um Cemiterio*. E'um romance cheio d'interesse.

Leon Gozlan falleceu em 1866.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira do Bairro, Faro, Monchique.

ZIG-ZAGS

A GRANDE MURALHA DA CHINA

Esta famosa muralha, que foi construida perto de dois seculos antes da era christã para pôr a China a coberto das invasões dos tartaros, foi ultimamente visitada por Mr. Vudank, engenheiro americano, encarregado de construir um caminho de ferro no Celeste imperio.

LEON GOZLAN

A muralha tem de comprimento dous mil e quatro centos kilometros e de altura seis metros por cinco de largura: a base é de granito. Em distancias que varíam de sete a cem metros, elevam-se torres de altura de oito e dez metros e de oito metros de diametro.

Ao longo da muralha ha parapeitos, que permittem aos defensores dirigir-se d'uma a outra torre sem poderem ser hostilisados pelo inimigo. A muralha segue atravez de montanhas, desfiladeiros, rios e torrentes. Não se pode calcular o tempo que levou a construir esta gigantesca obra d'arte, nem os milhões de homens que n'ella trabalharam.

A MULHER

Ha na Herzegovina um proverbio-dialogo, que é muito curioso. Diz assim:

O que é a mulher?

Para o turco, uma captiva;

Para o albanez, uma escrava;

Para o servio, uma serva:

Para o bulgaro, uma companheira;

Para o grego, uma soberana;

Para o francez, uma mulher.

UM ALHO

O dono d'uma hospedaria do quarteirão da Magdalena, em Paris, mandou pôr na taboleta o seguinte:

«Aqui falla-se inglez, hespanhol, italiano e allemão.»

Um dia entra no hotel um inglez, e em um francez mais ou menos atravessado pediu o interprete.

—Não ha, responde o criado.

—Como? Não ha? exclamou o inglez. Mas então quem é que falla aquellas lingoas annunciadas na taboleta?

—São os hospedes, respondeu o criado.

PENSAMENTO

Uma das mais fortes razões do desgosto que sobrevem nos casamentos, é que o prazer da posse não corresponde á extensão da esperança, nem á violencia do desejo.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

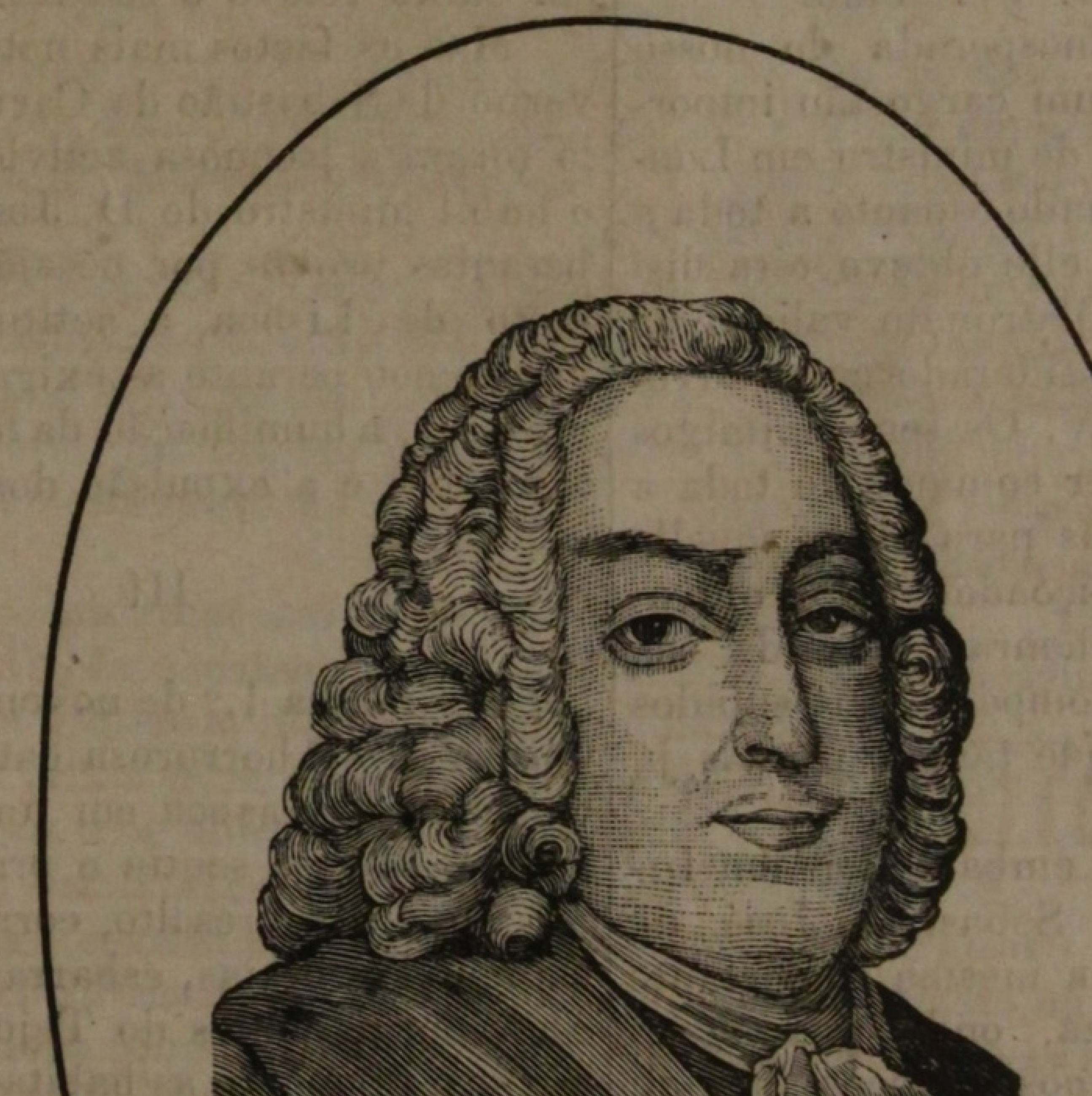
Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 4 DE MAIO DE 1882 | NUMERO 88

SUMMARIO

Texto: — O marquez de Pombal — O escravo maldito, por Nuno Rangel — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Caledonia — Anna Bolena — O conde d'Amarante (romance) — Anhelo (poesia) — Os hindus — Um naufragio (excerpto d'um livro) por Heliodoro A. Salgado — Os dramas do mar — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Marquez de Pombal — Uma locomotiva — Anna Bolena — Tear á Jacquard.



MARQUEZ DE POMBAL

O MARQUEZ DE POMBAL

—

I

Sebastião José de Carvalho e Mello nasceu em Lisboa, a 13 de maio de 1699.

Depois de ter frequentado com distincção a universidade, alistou-se no exercito; mas, ou porque não tivesse grande vocação para a carreira das armas, ou porque lhe não dessem n'ella a graduação a que se julgava com bem fundados direitos, abandonou depressa a vida militar.

O periodo que vae desde esta epoca até ser nomeado enviado extraordinario á côrte de Londres, é pouco conhecido e não tem quasi nenhuma importancia.

Abandonando o serviço do exercito, casou Carvalho e Mello, aos trinta e quatro annos de idade, com D. Thereza de Noronha, sobrinha do conde dos Arcos. Esta senhora illustre morreu cinco annos depois do casamento, sem lhe deixar filhos.

Foi por este tempo que o distincto estadista foi eleito membro da Academia de Historia e encarregado de escrever uma memoria sobre a vida de D. Pedro I e de D. Fernando.

A nomeação inesperada do nosso biographado para um cargo tão importante, como era o de ministro em Londres, causou profundo espanto a toda a gente. Diz-se que elle obteve esta distincção graças ao patronato valioso do cardeal Motta, considerado como favorito de D. João V. Os seus inimigos accusaram-o de ter commettido toda a especie de baixezas para obter aquelle cargo; os seus affeiçoados, pelo contrario, não veem na honra concedida senão uma justa recompensa aos subidos merecimentos de que tantas provas já havia dado.

Depois de ser embaixador em Inglaterra, exerceu Sebastião José de Carvalho e Mello a mesma importante missão em Vienna, onde prestou ao seu paiz valiosissimos serviços. Foi ali que desposou D. Leonor Ernestina d'Aun, filha do conde d'Aun, não sem lhe ter custado muito a vencer o orgulho d'este fidalgo, que se oppunha tenazmente á realisação de tal enlace. Algum tempo depois de haver voltado a Portugal, confiou-lhe D. José a direcção da pasta dos negocios estrangeiros. Elevado á dignidade de ministro da corôa, começou o habil politico a exercer sobre o espirito do monarca uma influencia poderosa. Tendo conquistado de todo a confiança d'este, tratou Carvalho e Mello de regularisar os differentes ramos de administração publica, que se achavam em uma completa desordem, fazendo florescer a marinha, o commercio, a industria, a agricultura e as finanças.

II

Os estreitos limites d'esta curta biographia não comportam uma resenha minuciosa de todas as leis uteis promulgadas, nos primeiros quatro annos do reinado de D. José, pela iniciativa vigorosa e intelligente do illustrado ministro.

A principio, prohibiu a exportação do numerario; depois diminuiu o poder da Inquisição e por fim reuniu para a corôa um grande numero de dominios que haviam sido indevidamente separados d'ella. O exercito teve uma organisação regular; as colonias povoaram-se; formou-se uma Companhia das Indias e organisou-se a Companhia do Grão Pará e do Maranhão. A' sua iniciativa se deve tambem a fundação do collegio dos Nobres, o estabelecimento do Deposito publico, a reforma da Junta do Commercio, a instituição da Companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro, a creação do Erario regio, a abolição da escravatura em Portugal e a creação da estatua equestre de D. José, na praça do Commercio, em cujo pedestal foi esculpido em baixo relevo o seu retrato.

Mas os factos mais notaveis do governo de Sebastião de Carvalho e Mello foram a pasmosa actividade de que o habil ministro de D. José deu exhuberantes provas por ocasião do terremoto de Lisboa, a actitude energica que tomou perante as exigencias da Inglaterra, a humilhação da fidalguia presumpçosa e a expulsão dos jesuitas.

III

Foi no dia 1.º de novembro de 1755 que se deu a horrorosa catastrophe que transformou Lisboa em um montão de ruinas. Mal se sentiu o primeiro abalo, o povo, em sobresalto, correu tumultuosamente ás praias, esbarrando no caminho com as ondas do Tejo, que pouco a pouco invadiam as habitações. Os predios caíam com fracasso, sepultando entre as ruinas montões de cadaveres. Os homens, as creanças e as mulheres, semi-nus, desgrenhados, ajoelhavam a chorar, pelas ruas, bradando misericordia. O clarão sinistro do incendio afogueava-lhes as carnes. Os seus gritos afflictivos eram acompanhados pelo estalar das cantarias e pelo crepitar das madeiras.

Lisboa parecia um vasto brazeiro. O roubo, o assassinato e o estupro exerciam-se em todos os cantos, por entre as ruinas e as chammas. Os escravos e os pobres vingavam-se da sua escravidão e da sua miseria, commettendo violencias de toda a especie.

Pombal, então, firme e resoluto ante o perigo, construia albergues para os dispersos; organisava a força militar em companhias de coveiros; recolhia todos os salvados do incendio; comprava cereaes; prohibia a exportação dos viveres; defendia as praias contra os argelinos, que vinham por certo explorar o campo da sinistra batalha; prendia os vagabundos e os mendicantes; enforcava sem processo previo os ladrões e incendiarios, deixando-lhes as cabeças pregadas no patibulo.

Morreram n'essa horrivel hecatombe do dia 1.º de novembro cerca de quinze mil pessoas.

O terremoto de Lisboa deu logar a que D. José podesse fazer reedificar a cidade, dando-lhe o plano regular que hoje se vê na *baixa*.

Para isso, creou-se um imposto de quatro e meio por cento sobre todas as mercadorias estrangeiras importadas. Este imposto affectou sobremaneira a Inglaterra, uma das nações que mais commerciava comnosco. Mas Sebastião de Carvalho não se dexava intimidar pelo poder ameaçador da nossa perfida alliada e foi sempre para ella d'uma energia que abona o seu grande patriotismo.

A falta de pannos em Portugal por essa epoca, pois que os existentes no paiz tinham sido devorados pelo incendio e os do estrangeiro não eram importados, fez com que toda a gente recorresse ás *saragoças* e *briches* nacionaes, vestindo-se o proprio rei com esses grosseiros tecidos. Resultou d'aqui que os fabricantes portuguezes ganharam em pouco tempo mais de um milhão de cruzados, que a Inglaterra nos teria levado.

A reedificação de Lisboa estava completa vinte annos depois do terremoto e no dia 6 de junho de 1775 inaugurava-se com grande pompa, na praça do Commercio, a estatua equestre de D. José I, que serviu de remate a esse grande emprehendimento.

Foi para dar a Sebastião de Carvalho um testemunho do apreço pelas singulares qualidades que mostrou por ocasião do terremoto, que D. José I o elevou á dignidade de seu primeiro ministro, conferindo-lhe mais tarde, em 1759, o titulo de conde de Oeiras. O de marquez de Pombal foi-lhe dado em 1770.

IV

A conspiração de 3 de setembro de 1758, contra o rei, que constitue um dos factos mais notaveis d'esta epoca, fez do marquez de Pombal um homem temido e serviu-lhe de pretexto para deitar por terra a aristocracia soberba, a quem elle, apesar de fidalgo, não era muito affeiçoado.

D. José, dirigindo-se na noute de

aquelle dia, em carruagem, para uma das suas quintas de Belem, chamada *Quinta de Cima*, fôra acommettido no caminho com tiros de bacamarte, ficando gravemente ferido.

O rei, depois de pensado, chamou o marquez de Pombal e resolveu-se entre ambos que do acontecimento se guardasse absoluto segredo. Apesar dos boatos espalhados ácerca do attentado, em Lisboa, o habil e astuto ministro assegurava a toda a gente que os ferimentos do monarca haviam tido uma outra causa, procurando assim illudir os verdadeiros criminosos com a sua estudada dissimulação.

Decorridos tres mezes, e tendo obtido todas as provas do delicto, passou mandados de captura contra os conspiradores, que estavam inteiramente desprevenidos e já contavam com a impunidade. O processo foi rapido e summario. A 12 de janeiro de 1759 publicava-se a sentença, e a 13 executavam-se no largo de Belem os reos do attentado, quasi todos nobres.

D. Leonor de Tavora foi degolada e morreu nobremente. Seguiu-se seu segundo filho, uma creança loura e imberbe. Estenderam-o sobre a aspa, quebraram-lhe os ossos e garrotaram-o. Appareceram então o marquez de Tavora, cuja mulher era amante do rei, o conde de Athouguia, o duque d'Aveiro, e mais tres cumplices plebeus: todos tiveram o mesmo fim, depois de lhes serem esmigalhados os ossos barbaramente. Alvares Ferreira, que dera os tiros contra o rei, foi untado de breu, com um sacco de pez e de enxofre ao pescoço, e queimado vivo.

A medonha tragedia tivera principio ao romper da aurora e findou ás quatro horas da tarde.

Escapou á execução José Polycarpo d'Azevedo, que podera fugir a tempo. Foram tambem implicados no processo da conspiração, entre outros, os jesuitas João Alexandre, João de Mattos e o padre Malagrida, que mais tarde foi condemnado a morrer em uma fogueira.

V

O estabelecimento da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, creada em 1756, produzira no Porto uma revolta popular, que pôde ser abafada pela força militar, castigando-se alguns dos insurgentes com a forca, outros com as galés e muitos com o degredo.

A essa revolta do povo não haviam sido, ao que parece, estranhos os jesuitas. Pombal, que lhes votava um odio de morte, declarou-os cumplices e expulsou do paço os tres confessores do rei, na noite de 21 de setembro de 1757. Foi o começo do duello. Restava-lhe todavia banir inteiramente de Portugal a roupeta jesuitica, e o habil ministro de D. José conseguiu esse intento com uma tenacidade e firmeza espantosas. Em fevereiro de 1758 iniciou a campanha em Roma, pedindo o castigo para os jesuitas rebeldes, que «excitavam o povo á revolta contra as leis do Estado, amedrontavam o povo com vaticinios pavorosos, e usurpavam as colonias.»

O attentado de 3 de setembro serviu a Pombal para dar o golpe decisivo no jesuitismo. O ministro convenceu o monarca de que a conspiração fôra tramada pelos discipulos de Loyola Formulou-se contra elles o libello accusatorio e foram-lhes confiscados os bens. Roma protestou; mas o nuncio foi expulso de Lisboa, em junho de 1760, e em agosto intimada a saída a todos os subditos dos Estados pontificios.

Os bens confiscados aos jesuitas foram applicados a hospitaes, egrejas, asylos de orphãos e escolas.

Depois d'esta energica medida contra a nefasta seita dos jesuitas, tratou Pombal de organisar a instrucção publica, secularisando e propagando o ensino. A Universidade de Coimbra voltou ao poder do Estado e foi reformada em 1772. Das quatro casas dos jesuitas em Lisboa, S. Roque, Arroyos, Santo Antão e Cotovia, a ultima applicou-se ao Collegio dos Nobres, escola superior militar e patricia, creada em 1761; as outras foram transformadas em Misericordia, hospital e convento de freiras.

Na Universidade crearam-se as faculdades de mathematica e de philosophia e lançaram-se os fundamentos do museu de historia natural, do gabinete de physica, do observatorio e do jardim botanico.

Pelo paiz estabeleceram-se muitos lyceus, e aulas de irmandades e de primeiras letras. Para as disciplinas superiores vieram do estrangeiro professores abalizados e distinctos.

Tudo isto foi devido á iniciativa util e fecunda do marquez de Pombal, que até á hora da morte de D. José I conservou aquelle prestigio a que tinha jus pelos seus elevados dotes de ministro recto e imparcial. Morto, porém, D. José, e tendo subido ao throno a rainha D. Maria I, foi o marquez de Pombal demittido de todos os seus cargos, por suggestões da nobreza e do clero, que lhe eram adversos, e desterrado para a villa de Pombal, onde morreu no dia 8 de maio de 1782, com 83 annos d'idade.

Quando Pombal cahiu no desagrado da rainha, foi mandado arrancar o seu retrato da estatua de D. José, e só a 12 de outubro de 1833 o restituiram novamente ao mesmo logar, por intervenção de D. Pedro IV.

O ESCRAVO MALDITO

—

XI

Conclusão

Zizica abriu-lhe o peito da camisa e descobriu uma ferida, por onde o sangue jorrava ainda, mas já com pouca força.

—Sentes-te melhor? perguntou a negra enchendo-lhe a ferida de pannos.

—Sinto, sim... estou quasi salvo. Tu não vês?... Olha, ahi vem chegando a liberdade... não a vês?

Zizica, olhando para toda a casa, teve um momento de susto; depois, julgando que o seu amigo delirava, perguntou-lhe para o chamar á razão:

—Quem era aquella Cecy de quem o teu assassino te fallou?

—Cecy!... era... eu é que estava innocente... Dá cá a tua mão e ouve. Eu era escravo... O meu senhor, um dia, quiz que eu fosse assassino... Obedeci, porque era escravo; mas não assassinei... Eu tinha coração e era humano, humano até para aquelles que me roubavam a liberdade!... O amor de Cecy, d'essa bella creança que Deus tem junto de si, provocou o primeiro crime... O segundo foi a vingança d'irmão... O terceiro... devia ser a minha morte... Tive medo e fugi... Vagueei um anno sem fazer mal a ninguem, sem ver ninguem... Vi-a e amei-a... Ouves? Amei Cecy! Amei-a como amam os brancos, como amam os que podem amar... Os que podem amar? Não; eu não podia, e comtudo amei-a!...

Caxibache fez uma pausa e continuou com vehemencia:

—Amava-a!... Para a possuir, ainda que fosse uma hora, daria toda a minha vida!... Amava-a e roubei-a! O ceo! Oh! O ceo ouviu a voz de minha mãe, porque o ceo castigou-me!... Teme sempre o castigo do ceo, Zizica... E' terrivel como o acordar do maldito!... Ouves? do maldito!... O que podia eu esperar, sem pão, sem liberdade e sem amor?... O amor do negro é um crime!... E' um crime, sim, meu anjo; o negro que ama é um criminoso, e eu amei!

Zizica, com o ultimo pedaço do seu vestido com que enxugava as lagrimas, tapou a ferida, d'onde o sangue rebentara borbulhando outra vez.

Caxibache continuou:

—No dia em que o ceo me arrancou dos braços todo o amor do meu coração... n'esse dia fiz-me assassino! Matei por prazer! Roubei para que os outros não possuissem o que eu não possuia... Em toda a provincia se fallava de mim... Quem pronunciasse o meu nome tremia... Tinham medo! E nem um só dia deixaram de fallar

de mim, porque nem um só dia se passava que eu não fizesse uma morte!... Trago-as contadas: São trinta e cinco! Trinta e cinco dias de martyrio!... E' horroroso!

— E o que foi que te disse a tua mãe que o ceo te castigou? interrogou Zizica a medo.

—O que foi?... queres saber o que foi?... Chamou-me *maldito!*

Os olhos do negro esgazearam-se e a sua mão soltou a mão de Zizica, que, angustiosa, perguntou-lhe:

—Quem é a tua mãe? Dize-me quem é a tua mãe, que eu quero ir pedir-lhe o teu perdão!

—A minha mãe!... ah! a minha mãe!... Só diante de Deus... direi o seu nome!

Caxibache soltou uma golfada de sangue, contorceu-se mais agonisante e ficou immovel. O seu corpo tinha n'esse momento a frialdade dos cadaveres.

Zizica, ajoelhada junto ao leito, com os olhos firmes e enxutos, parecia querer seguir o destino d'aquella alma talhada para o bem, mas transviada no caminho de todas as desgraças.

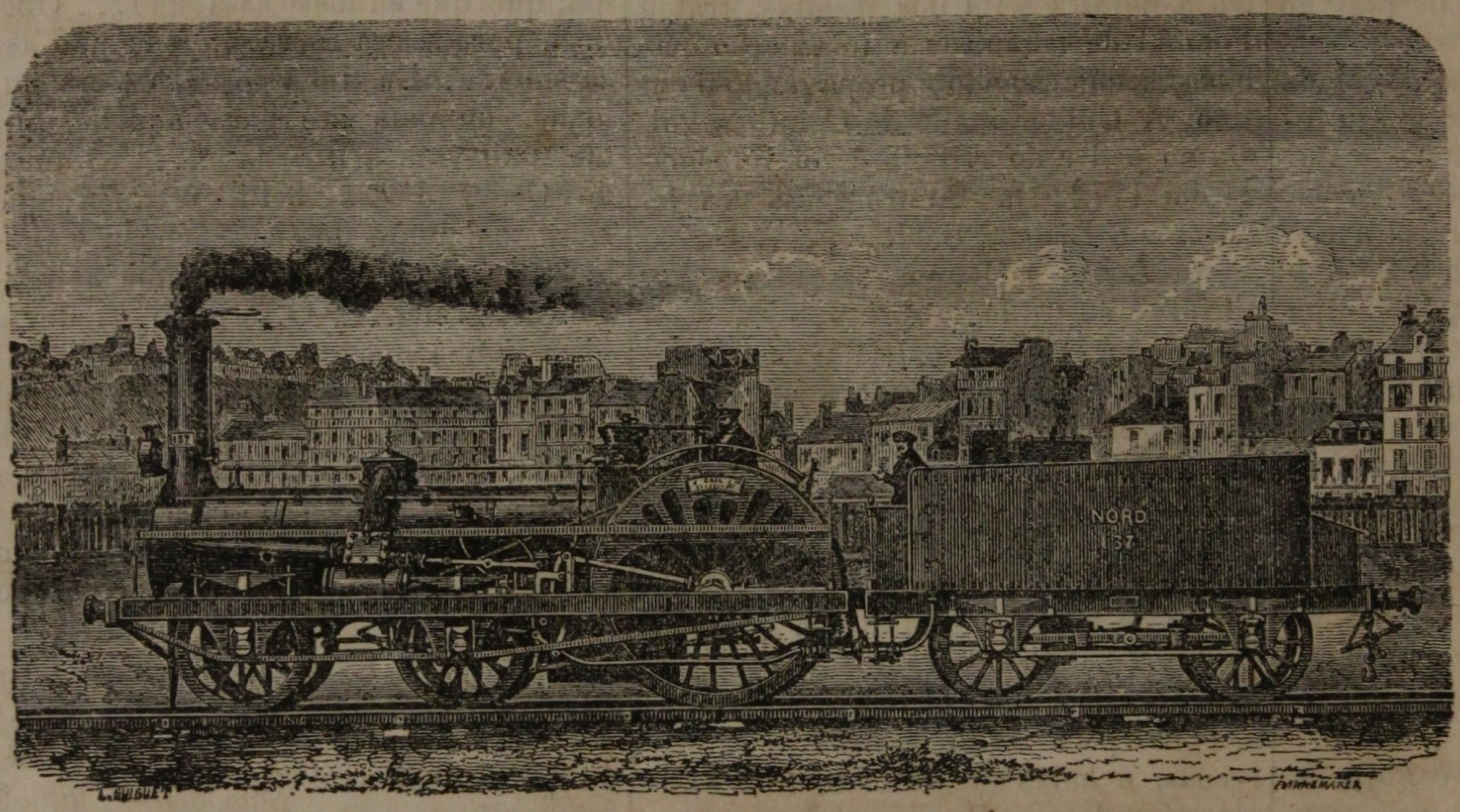
Depois, soluçante e banhada em pranto, sahiu para ir pedir a alguem uma sepultura para o *Escravo maldito*, que morrera fallando em Deus e temendo pronunciar o nome da creatura que lhe havia dado a luz da vida.

NUNO RANGEL

O CHAPEO BRANCO

Continuação

—Socegue, que não lhe acontece mal algum. Então não confia em mim? disse com ternura Vieira a Alexandrina.



UMA LOCOMOTIVA (*)

—Confio; mas tudo isto me assusta.

—E já não pensa no doutor? Que fará elle a estas horas? Deixal-o. Não tarda a saber quem elle é.

N'este momento entrou uma mulher, nova, mas em cujo rosto se lia uma historia de soffrimentos acerbos. Devia ter sido bella; mas a sua pallidez mortal, o embaciado dos olhos, as rugas que lhe cortavam as faces, denunciavam uma existencia atrophiada por um grande infortunio. Era alta e muito magra. Trajava miseravelmente, e tinha o cabello, basto e comprido, cahido desordenadamente por sobre os hombros, mal cobertos por um lenço de algodão.

(*) Vid pag. 252 do 2.º volume.

Atrás d'ella vinha a velha de quem já fallamos, com uma criancinha pela mão.

Depois de cumprimentar com uma inclinação profunda os recem-chegados, aquella creatura pallida e doentia, como se estivesse dominada por uma dolorosissima commoção, levou as mãos aos olhos para limpar uma lagrima; depois deixou cahir os braços negligentemente e deixou-se ficar immovel, com os olhos grandes e formosos fitos no chão.

—Sente-se, disse-lhe affavelmente Vieira, apresentando-lhe a sua cadeira e ajudando-a quasi a sentar-se n'ella, tal era a fraqueza d'aquella infeliz. Creio que vae melhor, proseguiu; comtudo não deve estar de pé.

Depois que ella se sentou, Vieira tomou nos braços a formosa creança que a velha trazia pela mão e encheu-a de caricias. Apresentou-a em seguida a Alexandrina, dizendo:

—Não é bonita esta menina!

Continua JORGE DE MACEDO

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXVIII
A CALEDONIA

A Nova Caledonia é uma ilha com a superficie de 20 kilometros quadrados e 60:000 habitantes, negros antropophagos. E' montanhosa e cercada de recifes. Bellas florestas, solo fertil, vastos bancos de coral, ricas minas de hulha. Produz bananeiras, a arvore do pão, sandalo, etc.

A maior das ilhas que formam o grupo da Nova Caledonia chama-se Balada, na linguagem dos indigenas, e está situada quasi no parallelo da Australia, de que dista cerca de 250 legoas. E' ali que ha o principal ancoradouro, ou porto a que se dá o mesmo nome da ilha, isto é, Balada; mas ainda ha outros, como o porto de S. Vicente e havre Enganador. Funda-se esta ultima denominação em que nem sempre os navios estão seguros n'este ultimo ancoradouro, apesar de ser extenso e commodo. O almirante d'Entrecasteaux diz que não pôde ali entrar; mas Kent visitou-o. Está escondido por uma longa cadeia de rochedos muito elevados, que bordam a costa pelo lado do norte. O porto de Balada é o unico que os navios europeus frequentam.

As outras ilhas do grupo caledoniano são as ilhas do Observatorio, Beaupré, Loyalty, dos Pinheiros, Botanica e Hohohma. As tres primeiras formam um pequeno grupo separado.

O grande recife que borda a Nova Caledonia do lado de oeste, e cuja extensão para o lado do norte se calcula em 90 a 100 legoas, é excessivamente perigoso para os navegadores que para ahi forem impellidos pelos ventos e as

correntes. Além d'isso, da Nova Caledonia até á Australia, o mar está semeado de bancos de coral ou madreporas muito extensas, visiveis á flor d'agoa e que offerecem muitos e serios perigos. Foi em um d'esses recifes que Flinders naufragou.

Admira-se na Nova Caledonia um rochedo vulcanico de forma muito pittoresca, chamado vulcão Matheus, ilhote de 2 milhas de circuito e de cerca de 150 metros d'altura. Está situado a leste do grupo e parece que é o mais pequeno dos vulcões isolados que se conhecem.

Atravessa a Nova Caledonia uma cadeia de montanhas nuas e aridas, á excepção da parte meridional, onde as cobre uma vegetação esplendida. O ponto culminante das montanhas calcula-se em 2:400 metros acima do nivel do mar. Os valles e planicies, banhados por numerosas correntes d'agoa, são muito ferteis. Muito tempo antes da descoberta do ouro na Australia, os naturalistas julgavam que o devia haver na maior parte dos grupos polynesianos e especialmente na Nova Caledonia. Em Balada conhecem-se poucos animaes. Cook introduziu ali o cão e o porco, que se multiplicaram extraordinariamente. As aves ordinarias são o pato, varias especies de corvos e pegas. Abunda a pesca no littoral.

Este paiz offerece bastante similhança com as Novas Hebridas e a Nova Galles do Sul: os habitantes d'esses tres paizes parecem-se muito. Os indigenas da Nova Caledonia teem a pelle negra, o cabello lanzudo, a pelle gordurenta; são feios, desgraciosos e miseraveis, mas de estatura alta. Vivem em cabanas que parecem cortiços d'abelhas. Os recursos da cultura do solo estão muito longe de bastar para as necessidades dos habitantes; o que vale é que se limitam a pouco e sustentam-se quasi que só de inhames e batatas.

A capital da Nova Caledonia, é Numea, onde ha uma importante colonia penitenciaria.

Esta ilha foi descoberta pelo celebre capitão Cook em 1771, e Entrecasteaux explorou-a em 1792 e 1793. Pertence á França desde 1853. Em 1844 fundou-se ali uma missão catholica. Desde 1866 que recebe degredados.

Continua

ANNA BOLENA

O rei de Inglaterra Henrique VIII contava apenas desoito annos quando casou com a princeza Catharina de Aragão, filha de Fernando e Isabel e tia de Carlos V.

ANNA BOLENA

Havia entre as damas da rainha Catharina uma donzella gentil, filha do conde de Ormond e de Wilshire, por nome Anna Bolena. Não era tanto pela belleza, como pelas graças e maneiras distinctas, que Anna se fazia notar entre as damas da côrte. O rei apaixonou-se d'ella e quiz fazel-a sua amante. Anna deu-se por offendida e declarou que só accederia aos desejos do rei se elle casasse com ella.

Catharina d'Aragão foi repudiada e Anna Bolena ficou sendo rainha de Inglaterra. A sua coroação em Westminster foi uma festa até então nunca vista.

Quando a primeira mulher de Henrique VIII morreu, cercada de desgostos e mortificações, Anna Bolena prohibiu que os seus servidores tomassem luto e vestiu-se de gala. Como porém devia pagar este acto de crueldade inaudita e miseravel orgulho!

Foi uma das suas damas, Joanna Seymour, que representou para com ella o mesmo papel que ella tinha representado para com Catharina d'Aragão. O rei apaixonou-se d'ella, e tomou por pretexto, para romper o casamento com Anna Bolena, umas relações amorosas com um musico.

Preso este, por nome Smetton, induziram-o a confessar o supposto crime, dizendo-lhe que recobraria a tal preço a liberdade. O desgraçado confessou; mas foi enforcado. Anna Bolena foi tambem condemnada á morte. O rei quiz em antes divorciar-se d'ella para casar com a sua nova amante. Anna consentiu, com a condição de ser modificada a sentença, pois achava mais nobre deixar cortar a cabeça a ser atirada a uma fogueira. Antes de morrer recommendou ao rei sua filha Isabel, aquella celebre princeza, que, quando rainha de Inglaterra, illustrou a coroa manchada de tantos crimes.

Mandando chamar a mulher do governador da torre de Londres, onde estava encarcerada, a rainha poz-se de joelhos diante d'ella e disse-lhe:

—Ide procurar a princeza Maria, filha de Catharina d'Aragão; ponde-vos de joelhos diante d'ella como eu estou agora diante de vós, e pedi-lhe perdão por todos os males que eu fiz cahir sobre ella e sobre sua mãe.

Em seguida entregou-se ao carrasco e recebeu a morte com admiravel firmeza, em 19 de maio de 1536.

Tinha trinta e seis annos d'idade.

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
VI
A ESMOLA DAS SEXTAS FEIRAS

Continuação

—O que me exasperou, prosegui, foi a gritaria, a desordem, o que me parecia, emfim, falta de respeito para com o palacio. N'esse caso, combinaremos em um meio que concilie tudo, sem faltar ás tradicções de familia. Qualquer dia, e se fôr possivel antes de sexta feira proxima, proponha-me uma formula que evite a má impressão da gritaria e a desordem, dando mesmo dinheiro em logar de pão.

Então chegou-me a minha vez de soffrer, pois ao deixar de fallar, ella permaneceu callada e immovel.

O silencio era embaraçoso para ambos; porém a mim, mesmo apesar de aquella anciedade, parecia-me estar no ceo entre nuvens de coral e nacar.

Transcorreram ainda uns momentos mais, continuando os dous n'aquella critica situação, sem fallar-mos, sem dizer-mos nada. Parecia que, durante aquelle silencio, se enlaçavam os nossos corações para sempre, aproveitando o tempo para a inhalação dos fios mais delicados do sentimento.

Florentina, a final, inclinou-se e perguntou-me:

—O senhor conde tem a dar-me mais algumas ordens?

—Não, filha, lhe respondi com ternura.

E Florentina retirou-se para o palacio vagarosamente, pisando com seus pés de fada a finissima herva do souto.

Porém que era aquillo? Porque chamava eu minha filha a quem teria cinco ou seis annos menos do que eu? Vamos; decididamente eu tornava-me estupido em tudo e a estupidez é uma das manifestações mais infalliveis do amor espiritual.

VII
O CASTRO DE SUAR

No dia seguinte, á primeira luz d'alva, Florentina, o medico e o capellão, sahiram para a casa de Naya, onde devia ter logar o almoço, que dispozera meu tio Xavier. Eu sahi de Amaral mais tarde, seguido do monteiro-mór do palacio e do meu jokey.

Eu já não parecia o mesmo que dias antes chegara áquellas soledades, cabisbaixo e doente; montado em um dos meus melhores cavallos inglezes e em um trajo igual ao que poderia usar em Paris o mais delicado *sportman*, saltava já a trote, já a galope, as asperezas de Senande, Fonte Cotarelo e Pelvas; ora seguia o curso do Ulla mirando-me nos espelhos de sua limpida corrente, ora caminhava pelo flanco escabrosissimo d'um monte por onde ninguem subia a cavallo, exposto a rolar cem e cem vezes pelos abysmos que se abriam a meus pés.

De rodeio em rodeio, chegamos a Aboy, já logar da freguezia de Santa Maria da Casa de Naya, e me surprehendeu a perspectiva, que se offerecia á minha vista, sobre as alturas do Suar.

Chegamos ao castro, ou antiquissima *briga*, ou abrigo dos nossos primitivos povoadores, os brigantinos; e junto á entrada adiantou-se o meu jokey a segurar-me o estribo.

Desde o momento em que saltei o fôsso do castro e penetrei dentro do talude circular, ou cinta de terra de seus muros, já não pisei senão flores e hervas aromaticas.

Ao ver-me, meus tios adiantaram se a receber-me, offerecendo-me, segundo o costume de não sei que raça antiga que elles nomearam, pão e vinho sobre dous pratos de cera da epoca dos celtas, como asseveravam. Por detrás d'elles estava Florentina e as meninas de Dorra, tendo nas mãos calices de genebra, cognac e coração, com os seus correspondentes copos d'agoa.

—Que acceitas? me perguntou meu tio Xavier gravemente; o mundo antigo, ou o mundo moderno?

E mostrava-me a sua offerta, ao que elle dava o nome de mundo antigo, ao mesmo tempo que me mostrava a de Florentina e as de Dorra, ao que elle chamava moderno.

—Tio, respondi, antes de almoçar, prefiro o mundo moderno. Assim, pois, beberei um calice de genebra com um copo d'agoa, porque galopei muito.

—Que venha á frente a belleza que tiver a genebra! ordenou meu tio.

Eu estremeci, porque vi dirigir-se para mim Florentina.

—Não, não! gritei vivamente; disse genebra e nunca tomei genebra; coração, coração, tio.

Florentina parou gelada, a poucos passos de mim, e seus olhos pareceram humedecer-se por uma lagrima. Conhecia a infeliz que eu a feria... aquella mudança que eu fizera pedindo coração era o resultado de eu não querer que ella me servisse cousa alguma.

De prompto, senti como um desejo em tornar a humilhal-a; não o podia remediar; o demonio da repulsão injustificavel de que fallei, tornava a abalar com furia as minhas entranhas contra a pobre orphã.

—Que se approxime a belleza que tiver o coração! tornou a ordenar meu tio, que se achava nas suas glorias com aquellas ceremonias que inventava.

Continua

ANHELO

—

Quero brilhantes adornos
P'ra te enfeitar, meu amor;
A melhor gala do valle,
Do mar um lindo primor;
Um rico esmalte do ceo
Eu quero com todo o ardor.

Teu raro genio, bem sei,
Aureas telas não anhela;
Como a candida violeta
Apraz-te andar tão singela;
Mas quero ver se enfeitada,
E's, minha deusa, mais bella.

Vou-me enternar pelos prados
Ao primeiro alvor d'aurora,
Quando a diva destoucada
Sobre as flores d'elles chora,
Que o mais grave de seus mimos
Hade dar-me a esbelta Flora.

Depois, á briza da tarde,
Na praia me irei sentar,
Que hão-de ao meu conjuro as vagas,
Que estão na area a rolar,
Trazer-me rubros coraes
Do fundo do liso mar.

E pela soidão da noite
Que tanto os poetas amam,
D'alto cume irei pedir
Aos ceos que meu estro inflammam,
D'essas magas lentejoulas
Que o seu manto azul recamam.

Que finos adornos quero
P'ra te enfeitar, meu amor;
A melhor gala do valle,
Do mar um lindo primor,
Um rico esmalte do ceo
Eu quero com todo o ardor.

. . . .

Pobre de mim! fui.. pedi...
Ao vento dei vãos clamores!
Nem um brinco o mar me deu,
Nem o prado me deu flores;
Insensivel a meu rôgo,
Nem o ceo me deu fulgores!

As vagas me disseram que em teus labios
Coraes, meu amor, tens de melhor gosto;
Os prados, que mais bellas flores viam
Nas lindas rosas do teu lindo rosto;
O ceo, que menos brilho nas estrellas,
Do que nos olhos teus havia posto.

OS HINDUS

—

Continuaçao

Esta primeira invasão mongolica não passou d'uma pilhagem e esteve muito longe de ser uma conquista e um estabelecimento definitivo. Foi Baber,

um dos descendentes de Tamerlão, que destruiu, em 1526, o imperio afghan, ou patane, fundando em Delhy o imperio do *Grande Mogol*, ao passo que algumas tribus militares, indigenas umas e outras não, intrincheiradas nas montanhas, ahi conservaram a sua independencia, formando mais tarde estados mais ou menos poderosos, sob as designações de mahrattas e seykhs.

O imperio mongol, illustrado e engrandecido por Humayum e Akhbar, chegou ao maior esplendor no tempo de Aureng-Zeb, que morreu em 1707. Este monarca reinou sobre mais de setenta e cinco milhões de subditos. Mas os seus fracos successores tiveram de defender-se contra os afghans, o shah da Persia, os mahrattas e seus proprios capitães. Durante uma lucta de cincoenta annos a India esteve entregue á pilhagem, e a batalha de Delhy, em 1761, na qual morreram duzentos mil hindus e mahrattas, foi um golpe irreparavel no imperio mongol.

Os europeus, e especialmente os inglezes, que andavam farejando os nossos passos, para se aproveitarem dos nossos descuidos e reunirem ao seu imperio os territorios que nós perdiamos por incuria, cahiram como abutres sobre aquella nação exausta. Debalde Haider-Ali e Tipoo-Sahib, auxiliados pelos francezes, tentaram defender o Dekhan e o Mysore na segunda metade do seculo XVIII. A morte de Tipoo-Sahib entregou a India nas mãos dos inglezes, cuja influencia dominou em breve todas as populações, e as conspirações ou revoltas parciaes que depois tiveram logar não serviram senão para affirmar o poder da orgulhosa Albion.

Com ter soffrido todos estes males, os hindus não perderam de todo os seus costumes com a invasão dos estrangeiros.

Já dissemos que os hindus são os povos aborigenes; ha outra raça, que é a dos povos d'origem estrangeira, formados depois das successivas invasões que a India teve de soffrer. Os ultimos são designados pelos primeiros pelo nome de *mylitch*, isto é, barbaros. Esta população compõe-se de tartaros, mongoes, afghans, malaios, parsis, ou guebros, arabes, judeus, portuguezes, negros, mistura de antigos portuguezes e de hindus. Ha além d'isso as colonias europeias. Estes povos praticam diversos cultos: mahometismo, religião de Zoroastro, judaismo e christianismo.

Quanto aos hindus propriamente ditos, que seguem, uns, o buddhismo, e os outros, o maior numero, o brahmanismo, dividem-se em quatro castas como já dissemos. A primeira é a dos brahmanes, ou padres, sabios, legistas e funccionarios; a segunda é a dos kchatrias, ou soldados, que teem todos uma origem real ou principesca; o valor feroz, a ambição d'esta casta, contrasta singularmente com a apathia e fraqueza do resto da nação hindu. A terceira, a dos vasshias, ou banians, comprehende os lavradores e commerciantes. A quarta é a dos sudras, artistas e trabalhadores.

Estas quatro castas são consideradas como nobres; mas ha ainda tres outras compostas de hindus expulsos das outras castas como indignos e que formam os burum-sanker, os warmasanka, e finalmente os parias, que são os individuos da ultima camada social.

Paria, ou chandala, é todo aquelle individuo que tem violado as leis divinas e humanas. E' desprezado, coberto de ignominia e expulso das cidades. Considera-se o seu contacto como uma mancha impura; é-lhe prohibido banhar-se no Ganges.

O caracter hindu apresenta em geral uma mistura admiravel de fraqueza e de coragem, de doçura e ferocidade. Naturalmente bom e intelligente, tem a desgraça de não passar nunca pelos diversos graos d'uma civilisação livre; pelo contrario, tem jazido sempre escravisado a um systema a um tempo theocratico e despotico. Prompto a sacrificar a vida para não ir d'encontro a um dos privilegios da sua casta, não é capaz d'erguer mão contra os oppressores da sua patria. Defenderia uma vacca sagrada e veria impassivel immolar a nação inteira.

A coragem entre os homens consiste em deixarem-se esmagar debaixo das rodas dos carros em que são passeados os seus deuses; entre as mulheres consiste em atirarem-se ás chammas depois da morte dos maridos.

Tal é este povo singular, verdadeiramente admiravel.

Continua

UM NAUFRAGIO

(EXCERPTO D'UM LIVRO)

—

A confusão do cahos em perspectiva. O ceo irado era rasgado pelo raio que deixava na tella negra da tempestade um rasto brilhante de luz sinistra. Aos eccos do trovão ameaçador respondia o mar com seu imponente rugido e com seu alçar de vagas para o ceo. Dir-se-ia que o titan-espaço reptava o gigante-oceano para um duello tremendo. O vento soprava maldições agudas, que ao longe retiniam como casquinadas do riso de Satanaz. Escuridão crescente em todo o campo. O sol já se não via.

E aquelle navio continuava a sua derrota fatal, impellido para a frente pelos tufões desencadeados do abysmo de cima e alçado para as nuvens pelos braços espumosos do abysmo de baixo.

Medonho quadro!

Os mastros foram já partidos. O leme arrebatado por mão invizivel. O navio, como leve casca de noz, é jogado sem piedade contra os rochedos pelas ondas do mar em furia. Os tripulantes cahem de joelhos e pedem misericordia ao Deus das tempestades, que lhes responde em cima redobrando a violencia da trovoada.

Supplicas e blasphemias. Choros e risadas satanicas. Gritos de desespero e invectivas extremas. Tudo isto se confundia e fazia uma medonha orchestra humana a acompanhar o horrendo concerto dà natureza em lucta.

Nenhumas esperanças de soccorro. A morte ali, á distancia de dous pés. A vida approximando-se do fim na plena posse da sua seiva e do seu vigor. Os elementos arvorados em salteadores e não haver a quem pedir soccorro! Quem hade ser accusado á justiça? O abysmo. E' este o assassino. Juiz para elle, não o ha. E hade morrer-se ali sem esperança de vingança, sequer?

Suprema ironia do Destino! A terra é avistada ali, a dous passos. Uma hora de caminho, e tudo haveria chegado ao seu destino. Parecia que a maldição de Deus perseguia aquella pobre gente, como dizem que persegue o Ashaverus.

—O navio a metter agoa! bradou com o terror da agonia um tripulante. Estamos perdidos!

E estavam. D'ahi a cinco minutos o mar teria engulido vinte vidas. No dia seguinte talvez fossem ter á praia rolando sobre as ondas, os corpos despedaçados de vinte cadaveres, que nem sequer seriam reconhecidos por aquelles que mais os amavam. E o bom sol, *agasalho do pobre*, passaria triumphante no espaço, rindo ironicamente das miserias humanas. Manifestação positiva da clemencia de Deus . .

N'aquelle supremo momento a vida de cada um passou-lhe pela mente como nota longinqua d'um canto de saudade o d'amargura. A lembrança da nossa infancia buliçosa, da nossa mocidade jovial; a lembrança do affecto de nossos irmãos e dos carinhos de nossa mãe; a memoria dos amigos da nossa juventude aniquillada; tudo isto, accudindo-nos á mente quando vamos cahir todos n'essa sepultura de que não ha resuscitar, o mar: oh! isto deve ser a maior das torturas do coração humano.

E a terra ali, a dous passos de distancia!

O navio ia-se afundando pouco a pouco. De repente um grito enorme sublevou ao rumor da tempestade. A embarcação havia desapparecido no seio

do Oceano, e a tempestade, como se apenas esperasse este desenlace do terrivel drama, serenou immediatamente.

D'ahi a momentos o sol reapparecia de novo, e o povo d'Aveiro sahia á rua a despedir-se do astro rei, já perto do occaso.

Era o dia d'anno bom de 1881.

HELIODORO A. SALGADO

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

I

1619

Pelo fim do mez de maio de 1619, tres navios hollandezes, o *Nieuw-Zeeland*, capitão Pedro Thysz, o *Enekuisen*, capitão João Jansz, e o *Nieuw-Hoorn*, capitão Bontekoe, depois de terem dobrado o cabo da Boa Esperança, sem abordarem, alcançaram, com tempo magnifico, a terra do Natal.

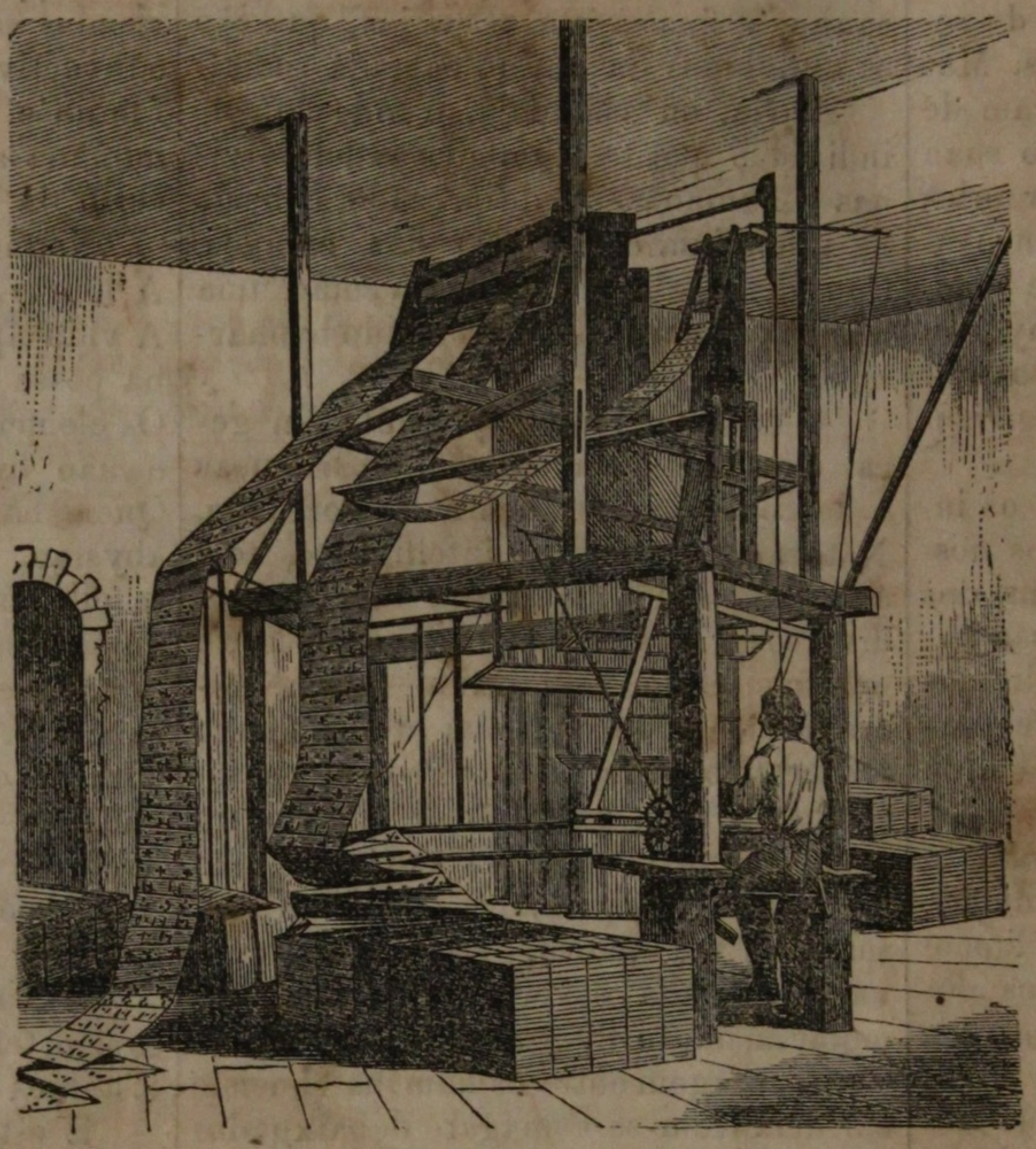
Havia cento trinta e dous annos que o nosso Bartholomeu Dias, mandado em procura do famoso Preste João, aquelle patriarca do Oriente com quem debalde os povos do occidente procuravam havia tres seculos travar relações, havia dobrado aquelle cabo involuntariamente, impellido por uma tempestade que o arrojara de sul para leste.

Desde esse dia ficou traçado um novo caminho para as Indias e foi por ali que nos veio a gloria.

Quando Bartholomeu Dias voltou a Lisboa, D. João II, com o intuito de encorajar os futuros navegadores, trocou o nome de cabo das Tormentas pelo cabo da Boa Esperança, que depois ficou conservando.

Dez annos depois Vasco da Gama completava a obra de Bartholomeu Dias, ligando a India com Portugal, Calecut com Lisboa.

Tendo dado o nome de terra do Natal á região a que aportou no dia 25 de dezembro, depois de lançar ancora em Sofala, que tomara pela antiga Ophir; tendo feito successivamente escala por Moçambique, Quiloa, Mombaça e Melinde; depois de ter recebido um piloto experimentado que lhe deu o rei d'esta ultima cidade, Gama enternou-se resolutamente pelo mar de Oman, passou segundo todas as probabilidades entre as Laquedivas e as Maldivas, e em 20 de maio de 1498 chegou a Calecut, centro do espantoso commercio de toda a India com aquelle vasto continente que demora entre Zanzibar e o estreito de Malaca.



TEAR Á JACQUARD (*)

Em seguida á brilhante expedição do Gama, a Europa inteira poz os olhos com avidez no Oriente. O poema de Camões tornou popular a India, que alguns seculos antes se tinha como um sonho das *Mil e uma noutes*. Organisaram-se por toda a parte as expedições, e em breve por onde tinham passado Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Luiz de Camões passou o commerciante hollandez Van Noort, só com a differença que este vingava chegar á India pelo lado opposto, seguindo a costa da Patagonia e transpondo o terrivel estreito descoberto por Fernão de Magalhães em 28 de maio de 1520, e, seguindo o exemplo de Sebastião del Cano, voltava ao Atlantico pelo cabo da Boa Esperança, depois de ter dado em tres annos uma volta ao mundo.

Foi este o principio da fortuna maritima dos hollandezes, esses phenicios da Europa, que deviam ser, em um dia de orgulho, os varredores dos mares.

Quatorze annos depois, o almirante hollandez Jorge Spilbergen derrotava a esquadra hespanhola nas costas do Peru, estabelecendo a dominação hollandeza nas Molucas.

Continua

(*) Vid. pag. 307 do 1.º volume.

EXPEDIENTE

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Olievira do Bairro, Faro, Monchique.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 11 DE MAIO DE 1882 | NUMERO 89

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

SUMMARIO

Texto: — Affonso d'Albuquerque — O Cavalleiro negro (poesia) por Alberto Cruz — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — Vasco da Gama (excerpto) por Bulhão Pato — Os aerostatos — Os hindus — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Micronesia — Os dramas do mar: Bontekoe — Bibliographia — Mery — Zig-Zags: Como se viaja na India — A cerveja — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Affonso d'Albuquerque — O encher d'um balão — A primeira ascenção aerostatica — Mery.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Foi Affonso d'Albuquerque o maior vulto dos nossos annaes indianos. Dos seus feitos assombrosos fallam alto as chronicas; por isso não repetiremos aqui o que tantas vezes se tem escripto.

A vida d'este heroe foi realmente uma maravilha. Era assombroso o seu poder em todo o Oriente, a ponto de os reis musulmanos procurarem a sua alliança, ou a sua protecção.

Os povos admiravam-lhe a coragem e a rectidão de caracter. No entretanto Affonso de Albuquerque tinha inimigos poderosos, que lhe invejavam a gloria. O titulo de duque de Goa foi-lhe recusado, como se elle por tantos titulos não o merecesse.

Acabrunhado e ralado pela ingratidão da realeza, cujos dominios tanto alargára no Oriente, com risco da propria vida e á custa de sacrificios enormes, morreu o *Grande* Affonso, em Goa, a 16 de dezembro de 1515, proferindo, antes de exhalar o derradeiro suspiro, estas memoraveis palavras:

—Estou mal com o rei por amor dos homens e mal com os homens por amor do rei.

Em Goa fizeram-lhe exequias magnificas e solemnes: todos os velhos soldados que o tinham seguido tantas vezes nas suas difficeis e perigosas expedições, o acompanharam á ultima morada. Affonso d'Albuquerque era conduzido em caixão descoberto e a sua barba veneranda fluctuava-lhe sobre o peito, agitada pelo sopro da briza. Os hindus e os musulmanos, vendo o cadaver, exclamavam em coro:

—Não morreu; foi commandar as esquadras do ceo!

A historia deu a este vulto o nome de *Grande* e a posteridade conservar-lh'o-ha intacto, recordando os seu feitos gloriosos.

Affonso d'Albuquerque, elevado a toda a altura da sua magestade arrogante, do seu valor inexcedivel e do seu caracter sem mancha, cobre a patria com o esplendor vivissimo que irradia e deixa que os lampejos fulgurantes da sua espada intrepida vão illuminar a corôa que cinge a fronte do rei afortunado.

O CAVALLEIRO NEGRO

I

Quem fôr em demanda da ermida da encosta
A' volta do atalho, se ao longe mirar,
Verá um castello decrepito e negro,
Com torres e agulhas que rasgam o ar.

Outr'ora foi bello; ruidosos festejos
Soavam lá dentro de inverno e verão:
Agora põe medo deserto e sombrio,
Cercado de silvas, que brotam do chão.

Já foi n'outros tempos morada de nobres,
Castello roqueiro, mui alto solar;
Mas hoje nas juntas se mettem os mochos,
E ás vezes lá dentro se vão acoitar.

Tão triste abandono começa no tempo
Em que este meu conto vier a ter fim.
Ao caso, que tenho por mui verdadeiro,
Vou já dar principio... Psiu... Foi assim:

II

Herdeira de alto renome
Vivia n'esse solar.
Todos diziam á uma
Ser formosa sem ter par.
A final era bem vista
Pelos povos do logar.

Entre muitos candidatos
A' sua mui nobre mão,
Um havia que cahira
Por desgraça em eleição:
Trovador e cavalleiro,
Cortez, de boa feição.

Mas chamara temeroso
«A' guerra, á guerra!» o clarim.
A mãe patria agonisava:
«Filhos, meus filhos, a mim!»
Parte o guerreiro; mas antes
A' bella fallou assim:

—A patria, por mim bradando,
Pede meu braço, mulher.
Adeus!... escuta: promettes
Teus votos não dissolver?
—Morto ou vivo, serei tua,
Volve a dama, até morrer.

Parte o guerreiro. Foi triste
Lacrimoso aquelle adeus.
Na agonia a dama quebra
O cinto de camapheus.
Corre, voa ao miradouro
Mais alto dos paços seus.

De lá segue com a vista
Longe ao longe o cavalgar
Do ginete donairoso,
Que mal se ouve relinchar.
O cavalleiro responde
Da dama ao longo acenar.

E em uma volta da estrada,
Por entre nuvens de pó,
Sumiu-se o vulto adorado
Por Bertha, chorosa e só,
Que trajou pesado luto
Em signal de pena e dó.

Mas já tornavam da lucta,
Que foi tremenda, cruel,
Os vencedores, os nossos,
Com triumphante laurel.
Só não vem de Bertha o amante;
Nem elle, nem seu corcel.

As noticias são confusas,
Contradictorias até,
Pois uns affirmam que o viram
Expirar brigando em pé,
Dizem outros que partira
Para a fresca Siloé.

Assim foi correndo um anno
N'uma angustia de matar
Para a desolada Bertha,
Que se via definhar.
Mas saudades cura o tempo;
Passa Bertha a perjurar.

E toda se entrega a falsa
A recente e doido amor,
Quando circula na aldeia
Um boato de terror.
«Passa um cavalleiro negro
A' meia noute! que horror!»

Iam festas no castello
Até o dia raiar,
E sempre dizia a gente:
«Vi-o esta noute passar!
Ai, o cavalleiro negro
Não sei que vem cá buscar!»

—Vi-o ao redor do castello
—E eu no fundo de este valle,
Pois passou-me rente á porta,
Parecia um vendaval.
—Credo, credo, como é negro!
Foi bater ao meu portal!

Tal dizia á bocca cheia
Toda a gente do logar.
Todas as noutes se via
O cavalleiro passar.
No castello e em toda a parte
O caso deu que fallar.

Ninguem sabe o seu destino,
P'ra onde vae, de onde vem,
Se é alma das que penando
Nem ceo nem inferno tem;
Se é o demo disfarçado
Para ver se tenta alguem.

Entretanto a linda Bertha,
Dada ao pensamento seu,
Toda é disvello e ternura
Para quem a enlouqueceu.
Emfim chega o suspirado,
Doce dia do hymeneu.

III

E' noute. No paço vae longo e profundo
Ruido de festa, que accorda a soidão.
Dos risos o estrepito se casa co' as notas
Da orchestra melliflua, que inunda o salão.

E' tudo delirio. Nos vidros da ogiva
Se côa, refrange lá do intimo a luz;
E vae lá ao longe no adro extinguir-se,
E' chamma sinistra nos braços da cruz.

Escutam-se brindes, risadas e motes,
E ás vezes sonoro dos copos o tlim.
Bateu meia noute... Que fundo silencio
Transforma o ruido do louco festim!

Dão na porta tres pancadas,
Solemnes, graves, pausadas.

Calou-se tudo: somente
Como quem sem lingoa está,
Perguntavam os convivas,
Com os olhos: Quem será?
Mas de subito se expandem
As portas de par em par;
Ficaram como se um raio
Os viera fulminar.

Grito agudo e penetrante
Retumbou pelo salão.
Era o cavalleiro negro
Com seu bem negro condão.

«E' elle!» bradaram todos.
«E' elle!» em côro soou.
Mais que todos hirta, immovel,
A linda Bertha ficou.

Seu amante desvairado
Assim diz ao embuçado:

—Pára ahi, vulto das trevas!
Tira a mascara, villão!
Quando não o cavalleiro
Cahirá como peão!

Inda não bem acabava,
E já tiniam no ar
Duas espadas polidas
De aço fino a chammejar.

Terçaram com desespero;
A lucta foi surda e atroz.
Davam embates tremendos,
Quaes se chocam duas mós.

Que a final foi um duello
Braço a braço, mão a mão,
Quando baqueou um corpo
Ensanguentado no chão.

Firme em pé, o cavalleiro
Para Bertha falla assim:
—Chora-o tu já que lhe deste
Morte nefasta e ruim!

N'este ponto a escura mascara
Toda de ferro saccou.
«Roberto!» bradaram todos.
«Roberto!» em côro soou.

Vinha magro e macillento,
Como a estatua do terror,
E nos olhos encovados
Tinha sinistro fulgor.

Ninguem o passo lhe tolhe,
Desce lento ao patamar,
E do cavalleiro negro
Ninguem soube mais contar.

Desde então, como se disse,
O castello ficou só,
E assim negro em abandono
Symbolisa triste dó.

Mas ainda n'este conto
Algum ponto me faltou:
D'esta vez a triste Bertha
De saudades expirou.

ALBERTO CRUZ

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

I

INTRODUCÇÃO

—

No decorrer dos seculos, seguia por seu turno o anno de 1832, quando principiaram a ter logar os successos de que nos vamos occupar no presente romance.

Em um dos primeiros mezes d'este anno, quando já se previa que o ultimo esforço dos liberaes contra os absolutistas ia, por suprema necessidade, tornar de novo encarniçada a lucta fratricida que de ha muito enlutava a nossa formosa patria e divorciava esta hoje tão amiga e sensata familia portugueza, pouco antes do desembarque do exercito libertador nas praias do Mindello, D. Alvaro de Castro, filho segundo d'uma antiga e nobre familia da provincia do Minho, capitão do exercito liberal que já se achava na ilha Terceira, entre as fileiras das hostes do Imperador, preveniu confidencialmente seu irmão mais velho D. Francisco de Castro, que habitava na cidade do Porto, de que o exercito liberal estava prestes a partir para o continente e de que sem duvida a cidade do Porto e seus arredores deveriam vir a ser theatro d'uma contenda tenaz, e que achava por isso conveniente se retirasse com a familia para o seu solar junto do rio Lima.

D. Francisco, homem de quarenta a quarenta e dous annos de idade, era o morgado e senhor d'uma avultada fortuna, de caracter nobre, mas um pouco austero e aferrado aos seus privilegios de nobreza e feudalismo; encarava portanto com rancor a causa constitucional, que considerava erronia e absurda. Era d'esses homens que, julgando-se sobranceiros a todos os outros, parecem crentes de que os chamados fidalgos descendem d'outra genealogia, d'outra raça de humanidade, como que se Deus tivesse collocado em diverso paraiso outro Adão e Eva diversos no sangue e nas condições; por isso o governo de D. Miguel era o que lhe convinha. Havia herdado já estas ideias dos antepassados; mas previa que os raios luminosos da aurora da liberdade viriam mostrar aos pobres de fortuna, ás victimas da escravidão, o quanto quebradiços e aviltantes eram os grilhões que os opprimiam.

D. Francisco, no entanto, nunca passou d'um simples particular, que vivia em paz do farto rendimento dos seus avultados bens de fortuna.

Posto que D. Alvaro, como filho segundo, tivesse seguido a carreira das armas com o fim de ter uma independencia e posição e fosse por convicção affecto á causa liberal, D. Francisco prezava-o e tinha em muita consideração os seus conselhos, porque D. Alvaro era respeitavel, instruido e dotado de todas as qualidades que constituem o verdadeiro homem de bem.

D. Francisco, portanto, aproveitando o conselho de seu irmão, resolveu abandonar a cidade do Porto, onde habitava havia desoito annos, e ir para o seu palacio das Torres, solar de seus paes, em que fôra creado e aonde ia encontrar ainda motivos de recordações, bem gratas, da sua mocidade, a par de todas as commodidades que deve desejar o homem para quem a vida agitada e illusoria que se passa em uma grande cidade, já deve principiar a perder as fascinações, que na juventude tanto seduzem e se apreciam.

Este fidalgo, ficando sem os seus maiores na idade de vinte e tres annos, casara em primeiras nupcias com D. Clementina de Castro, que pertencia a uma familia das mais antigas e nobres da cidade de Vianna do Castello (n'esse tempo ainda villa de Vianna do Minho), e d'este matrimonio houve uma filha com o nome de Cacilda, e onze annos depois d'esta, outra, a quem deram o nome de Adelia. O seu famoso palacio e quinta, junto das margens do rio Lima, denominavam-se *Palacio* ou *Quinta das Torres*.

Este palacio e quinta achavam-se confiados a um antigo feitor, que D. Francisco prezava pela sua muita actividade, zêlo e honradez. Chamava-se elle João do Valle; do Valle, era a alcunha por que o tratava a gente do povoado em consequencia de possuir um pequeno casal em um sitio proximo, denominado *Valle Formoso*.

João do Valle tambem era casado e tinha filhos, de quem mais tarde nos occuparemos.

Continua SOUSA MACARIO

VASCO DA GAMA

PRESO EM CALECUT

1498

—

(EXCERPTO)

A cidade de Calecut era povoada de muitos mouros, tanto nascidos no paiz como forasteiros. Ali concorriam do Cairo e de Meca poderosas armadas, com grossas mercadorias, levando em troca a pimenta, drogas e artefactos da India, com que faziam grande commercio. O desprezo e o odio que os nayres (raça nobre) votavam aos miseros malabares, levava estes a acolherem-se á sombra dos musulmanos, professando a sua religião, resgatando-se assim da prepotencia e do ferro dos nayres. Tinham grande predominio os mouros em Calecut. A' nossa chegada, e quando sentiram que procuravamos entabolar negociações e assentar feitoria na cidade de Samorim, principiaram a enredar e indispôr os animos contra os portuguezes, que começavam a ganhar certo numero de sympathias. Conheciam, alguns d'elles, os nossos planos e tratavam de os combater tenazmente.

Com que rancor profundo não veriam tremular as nossas quinas n'aquellas remotas paragens!

Era a bandeira de Christo contra o crescente; eram seculos de sanguinolentas perseguições, desde Tripoli até Granada, de que havia poucos annos tinham sido expulsos; eram, finalmente, os mais terriveis de todos os odios, odio de raça e de religião.

A ideia de que os portuguezes podessem assentar pazes em cidade para elles tão importante, produzia-lhes vivas inquietações. Anteviam, e com sagacidade, que a sua influencia e o seu commercio viriam a resentir-se profundamente desde o momento em que os nossos lograssem chegar a um accordo com o Samorim grangeando as sympathias dos naturaes da terra e estabelecendo uma feitoria em Calecut.

Dispunham para isso de grandes meios. Os portuguezes, prevenidos a tempo por um hespanhol, que fôra captivo em verdes annos, dos planos e maquinações dos mouros, procuraram todos os meios de combater a malefica influencia.

Não poderam, todavia, destruil-a.

O gosil e vedor da fazenda deixaram-se corromper pelas dadivas e grandes promessas dos mouros.

O mesmo succedeu com o catual, que tão nocivo nos foi, summa auctoridade, sem intervenção da qual ninguem podia fallar a elrei.

Com a inflexivel vontade, que era a feição mais viva do caracter de Vasco da Gama, decidido a morrer mil vezes, como elle proprio dizia, antes do que deixar de cumprir a sua missão, resolveu apresentar-se ao Samorim para lhe entregar a carta de el-rei de Portugal e firmar com elle um tratado de boa alliança.

Quando Vasco da Gama foi na embaixada ao rei de Calecut, trajava um saio bastardo quasi até aos pés, de setim alionado, forrado de brocado raso, e por baixo um saio de setim azul; borzeguins brancos; na cabeça um gorro de veludo azul com pluma branca, preso por uma rica medalha. Ao peito um precioso collar de esmalte; um cinto de grande valor, e no cinto um punhal primorosamente lavrado. Ao lado trazia um pagem vestido de setim roxo. Adiante iam os da comitiva, caminhando a um por um. O primeiro levava uma bacia de prata, o segundo o gomil, e assim se seguiam os presentes, onde figurava uma rica peça de purpura; n'outra bacia de prata lavrada, os gorros e as facas. Um espelho de Veneza, de portas, dourado, magnifico. O espelho ia aberto, o que fazia o espanto do povo. Coraes dos mais finos e varias outras cousas de muito valor.

Seguiam por uma larga rua, mas o povo confluia ás ondas, apertando os nossos, apesar dos nayres o afastarem rudemente. De envolta com o povo iam muitos mouros armados de adagas e espadas, não podendo dissimular nos olhos e nos meneios o seu desamor pelos portuguezes.

Continua BULHÃO PATO

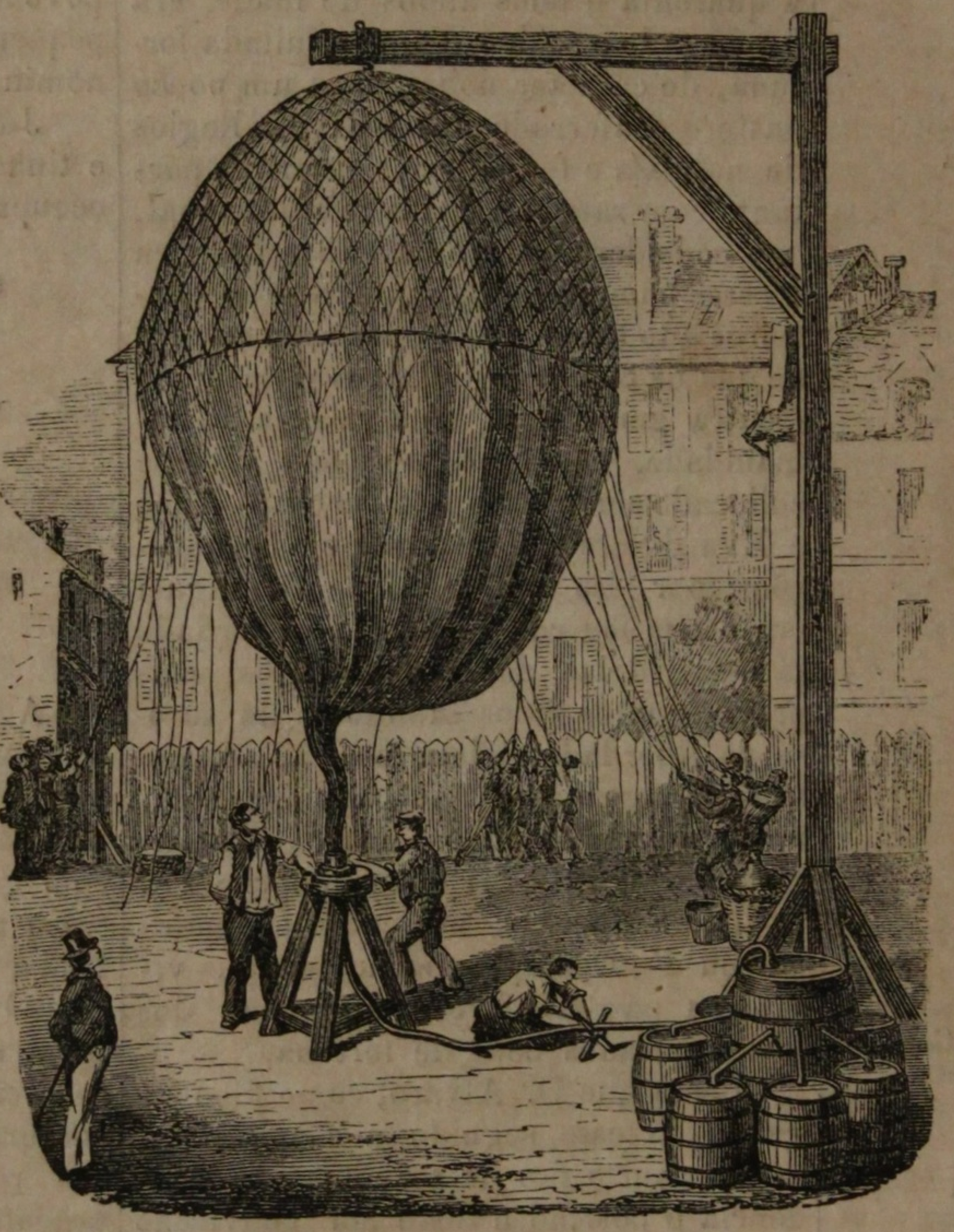
OS AEROSTATOS

Todo o corpo solido, mergulhado em um fluido qualquer, é impulsado de baixo para cima com uma força igual ao peso do volume do fluido que elle desloca. Tal é o principio de Archimedes, cuja descoberta lhe causou, diz-se, tamanha alegria, que o grande sabio sahiu do banho, onde uma observação vulgar acabava de o levar ao caminho d'aquelle grande principio, deitando-se a correr pelas ruas de Syracusa e gritando:

—Achei! Achei!

O aerostato é a applicação do principio de Archimedes. Este aparelho, a que vulgarmente se dá o nome de balão, consta d'um envolucro leve, mas volumoso, que se ergue até consideravel altura, quer dilatando-se, por meio do calor, o ar que elle contém, quer enchendo-o d'um fluido aeriforme especificamente mais leve do que o ar atmospherico. E' o fluido, pois, que o faz elevar-se, até chegar a camadas assás rarefactas, para que a differença do peso do ar deslocado e do gaz interior seja igual ao peso do envolucro e da barca que costuma levar pendente.

O aeronauta vae munido d'uma provisão de lastro, que deita fora quando quer subir mais. Para descer basta abrir, por meio d'uma corda, a valvula posta no alto do balão, por onde sae uma porção do gaz interior.



O ENCHER D'UM BALÃO

A primeira ideia dos balões aerostaticos parece que pertence ao jesuita italiano Sana Terzi; mas o que parece fóra de duvida é que os verdadeiros inventores foram os irmãos Carlos e Roberto Montgolfier, de Annonay, que fizeram a primeira experiencia do seu invento em 5 de junho de 1783.

Sobre o modo e circunstancias como esta descoberta foi feita variam as opiniões. Pertendem alguns auctores que os irmãos Montgolfier imaginaram encerrar dentro d'um envolucro leve uma nuvem ficticia, composta de vapores produzidos pela combustão de diversas substancias animaes e vegetaes, e que estas experiencias os levaram a notar que o balão podia erguer-se simplesmente pela dilatação do ar, por meio do calor. Lunier, porém, attribue esta descoberta a um acaso feliz. A mulher de Montgolfier poz a seccar em uma armação de arame uma saia de seu uso e não tardou a notar que o ar se foi rarefazendo pelo calor, de sorte que a saia chegou a subir do chão. Foi d'ahi que os irmãos Montgolfier vieram a imaginar o aerostato.

Ha quem affirme que muito antes de Montgolfier pôr em pratica o seu systema de viajar pelo ar, um portuguez, o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventara uma machina de voar, sendo por tal causa appellidado o *Voador*. Effectivamente o padre Bartholomeu, no segundo lustro do seculo passado, effectuou uma ascenção em Lisboa e obteve de D. João V um privilegio de invenção. No seu invento o padre Gusmão applicava a electrici-

dade e o magnetismo combinados ao apparelho, que tinha a forma d'um barco ou canoa.

Nas primeiras experiencias dos irmãos Montgolfier não foram na barquinha senão animaes. Pilatre de Rosiers e o marquez de Alandes foram os primeiros que se aventuraram a ir suspensos do balão, subindo, no dia 21 de novembro de 1782, até á altura de cerca de mil e seiscentos metros. Mais tarde Biot e Gay-Lussac attingiram seis mil novecentos setenta e sete metros d'altura.

A primeira ascenção feita na Inglaterra teve logar em 1784, por Luardi. No mesmo anno Blanchard atravessou a Mancha, de Douvres a Calais. Em 1785, o desgraçado Pilatre de Rosiers e o seu companheiro Romain, combinando os dous processos do fumo e do gaz hydrogenio, tentaram o mesmo trajecto; mas o fogo pegou ao balão e os aeronautas foram arrojados de grande altura, fazendo-se em pedaços. Tres mezes depois, em Inglaterra, acontecia a mesma infelicidade a Arnold, que cahiu em terra. O filho, mais feliz, cahiu no Tamisa e foi salvo.

Os balões teem sido até hoje simples objecto de curiosidade. Debalde se tem tentado darlhes direcção. Não admitte duvida que esse poder existe; o que falta é a resistencia e o ponto de apoio. Não obstante, não desesperemos do futuro do balão, e n'isto imitemos Franklin. Algum tempo depois da descoberta dos irmãos Montgolfier, diziam ao sabio americano:

—Para que pode servir o balão aerostatico?

Franklin respondeu:

—E' o senhor capaz de dizer-me que prestimo pode ter a creança que acaba de nascer?

OS HINDUS

—

Continuação

O sanscrito é a lingoa primitiva dos hindus. Esta lingoa soffreu alterações profundas e transformou-se no hindui, que era a lingoa usada no seculo X e precedeu o hindustani, lingoa geralmente adoptada hoje entre o povo. O hindui foi vulgarisado pelos reformadores religiosos; o hindustanismo principiou a usar-se por ocasião da invasão musulmana.

A PRIMEIRA ASCENÇÃO AEROSTATICA

A litteratura dos hindus conta algumas obras notaveis, pertencentes a estes ultimos seculos; taes são: o *Bhatamal*, vida dos santos hindus da seita de Wichnu; a historia de Prithwi, ultimo rei hindu de Delhy, a historia de Chhatra-Prakasch, os poemas mysticos de Wall, appelidado o pae da poesia hindustani; as aventuras de Kamrup, etc. Além d'isto, a litteratura hindu enriquece-se sem cessar com numerosas traducções do sanscrito, do persa e do arabe.

A sociedade hindu divide-se em quatro classes, que não podem dispensar-se dos deveres particulares impostos a cada classe. Estas são hereditarias. Os prejuizos religiosos corrigem esta injustiça e consolam os desherdados d'aquelle estado de inferioridade: cada individuo tem a esperança de elevar-se, pela metempsycose, a uma casta superior. Comtudo a influencia do budhismo descarregou sobre este systema social um golpe irremediavel. Pode-se dizer que a religião de Buddha foi para a de Brahma o que a religião de Jesus foi para a de Moysés. Proclamando o principio da igualdade, Buddha preparou a fusão das diversas classes e é facil prever que não está longe a epoca em que aquellas distincções desapparecerão, graças á influencia civilisadora dos costumes europeus. Os casamentos já são frequentes entre as diversas castas, ao passo que eram formalmente prohibidos n'outros tempos.

Os brahmanes decahiram muito com a dominação ingleza. Os padres, outr'ora venerados, e cuja funcção unica consistia na meditação da alta philosophia dos Vedas, proclamam agora que «por causa da barriga é permittido fazer todas as figuras.» Assim são medicos, corretores, soldados, mercadores, correios, e, em caso de necessidade, espiões por conta do governo inglez, que não hesita em lançar mão de todos os meios para envilecer aquelles sobre quem governa. Os templos tornaram-se asylos da superstição mais grosseira.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

VII

O CASTRO DE SUAR

Continuação

Approximou-se de mim Sira.

Eu inclinei-me com galanteria e tomei o calix, dirigindo-lhe algumas lisonjas.

N'aquelle momento olhei para Florentina com orgulho, como dizendo-lhe com o olhar: —Já vês que eu não me havia de inclinar diante de ti, pois comes o meu pão. E ella baixou os olhos tremendo... e o prato com o calix cahiu-lhe da mão.

—Florentina! exclamou minha tia admirada; tu que nunca quebraste um prato!...

—Algum dia havia de ser, senhora, respondeu a infeliz humildemente.

E continuou immovel, com a vista baixa.

Aquelle accento e aquella actitude de Florentina provocaram instantaneamente a reacção do meu espirito. Causou-me tanta pena, que apanhei o calix, colloquei-o no prato, pois nada se quebrara ao cahir sobre as flores, e entreguei-lh'os como se tal cousa não succedera.

Ao receber Florentina tudo aquillo das minhas mãos, olhou para mim com tanta ternura, tanto agradecimento, havia, finalmente, tanto de minha mãe no seu olhar, que não sei o que passou por mim, pois pareceu turvar-se-me a vista e o pensamento, como se perdera a consciencia do meu ser.

—Para a mesa, para a mesa! gritou meu tio n'aquelle momento.

Eu offereci o braço a minha tia, o morgado de Dorra a Florentina, meu tio Xavier a Sira, etc., etc.

Porém ao ver Florentina pelo do de Dorra, tornei a desgostar-me. Pareciam-me tão mal aquellas suissas espessissimas do morgado poeta, proximo do rosto angelical de Florentina, que não podia supportar a sua vista; e como na mesa tornaram a sentar-se proximos, eu não sei o que sentia... Sentia tamanho desasocego d'alma e do corpo, que não podia estar socegado, como se estivesse em umas brazas.

—Graças, graças, meu Deus! Por fim sentia, por fim sentia a vida da alma e a vida sensual ao mesmo tempo, ainda quando esta ultima revestia as mais castissimas formas. Eu, que não tinha sentido nada espiritualmente por mulher alguma; eu, que as tinha tido nas minhas mãos como o menino as maçãs, esta por esta côr, aquella por aquell'outra; eu, emfim, coração gasto e secco, sentia circular em todo o meu ser a seiva da paixão, que nunca sentira circular até então!

Aquelle *sotto voce* scintillante de variabilidade amorosa, que, ao que parecia, sustentavam Florentina e o morgado de Dorra, enfurecia-me no meu interior, sem poder aplacar a tempestade que estalava potente nas trevas da minha alma, então, ao agitar a luz do meu espirito o demonio dos ciumes, accusei-me a mim proprio de miseravel, pois recolhera do solo o prato e calix, que uma minha criada deixara cahir.

Envergonhado d'aquella acção nobre, que eu julgava informe, na perturbação em que me achava, determinei pela terceira vez a sahida de Florentina de minha casa; e não sabia como buscar um meio para poder humilhal-a publicamente.

Meu tio Xavier, para animar a mesa, começou a explicar um curso d'antiguidades sobre os *castros*, definindo, ethnographicamente, a sua verdadeira origem celtica, e não romana, como tinhamos julgado até ali os que apreciavamos a historia regional á luz falsa e oscillante da tradicção. E explicava esta origem com um colorido sinderico tão interessante, que attrahiu a attenção de todos, concluindo com os apartes ou *sotto voce* dos concorrentes, o que lhe agradeci do fundo da alma.

—Em Galiza, dizia meu tio Xavier, como em quasi todos os povos peninsulares, todos os monumentos antigos que se levantavam nos campos, todos eram attribuidos aos mouros. Mais adiante, á medida que os conhecimentos historicos se foram concentrando nos claustros, e desenvolvendo-se n'elles por essa propria accumulação ou gravidade, penetrou-se na epoca dos romanos, e já tudo se começou a ver por este prisma mais luminoso, isto é, de mais alcance. Modernamente, quando esses conhecimentos vinculados nos claustros poderam romper seu circulo de pedra e encher as academias e os gabinetes obscuros do pensador, assignou-se aos monumentos antigos uma filiação mais remota, já hellenica, já tyria, já celtica, já emfim pre-historica. A abobada de ferro que opprimia a historia nacional fez estallar, saltar o metal do tecto em pedaços, e horisontes esplendidos de luz fulguraram reflexos deslumbrantes.

Acham-se n'este caso, como monumentos antiquissimos, os lubres, as mámoas e os castros do nosso territorio; tres manifestações archeologicas que a Galiza, acantonada em um angulo da Europa, conserva talvez por isso, e como testemunhos incontrovertiveis da sua nacionalidade brigantina ou celtica.

Continua

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXIX

A MICRONESIA

Resta-nos visitar as ilhas Viti, ou Fidji, para sahirmos da Melanesia e passarmos á Micronesia.

São duas as ilhas principaes e cerca de 200 pequenas aquellas que se conhecem sob a denominação de Fidji. Contém cerca de 150:000 habitantes, quasi todos anthropophagos, apesar dos esforços que para os dissuadirem d'esse costume repugnante teem empregado os missionarios europeus.

O solo d'estas ilhas é fertil: a madeira de sandalo é um dos principaes productos. Esta madeira é objecto de um commercio muito activo feito pelos americanos com a China.

A ilha Norfolk é uma colonia de degredados inglezes.

Foi Tasman que descobriu os archipelagos em 1643.

Passemos agora á Micronesia, nome que é formado de duas palavras gregas, a saber: *micros*, que quer dizer pequeno, e *nesos*, ilhas. Do que se vê que aquella denominação significa *pequenas ilhas*. De facto, é um grupo de archipelagos e pequenas ilhas. As Mariannas, as Carolinas, Marshall e Gilbert são os principaes archipelagos.

Cercam a Micronesia: a Melanesia ao sul, a Malasia ao oeste e a Polynesia a leste.

As Mariannas, ilhas dos Ladrões, ou archipelago de S. Lazaro, pois por todos estes nomes são conhecidas, estão situadas entre as Philippinas ao sudueste e o archipelago de Magalhães ao norte. População, 5:400 habitantes, por uma superficie de 3:078 kilometros quadrados. Capital, Santa Ignacia de Agana.

As ilhas principaes são: Guam, Rota, Tiniam, Seypan, Agrigan e Assumpção. São as unicas habitadas. O clima é quente; mas refrescam-o as brizas do mar. Solo vulcanico, mas fertil, especialmente nos valles. Produz o coqueiro, a arvore do pão, cana do assucar, milho, cacao, algodão e anil.

Magalhães descobriu estas ilhas em 1521 e Legaspi tomou posse d'ellas em nome de Philippe II de Hespanha, em 1565. Os hespanhoes immolaram um grande numero d'habitantes, praticas-

do toda a qualidade de crueldades. Mais tarde tomaram aquellas ilhas o nome de Maria Anna d'Austria, esposa de Philippe V, que para ahi mandou missionarios. Ainda hoje pertencem á Hespanha.

As Carolinas tambem pertencem á Hespanha. Teem uma população de 9:000 habitantes. Pertencem-lhe igualmente as ilhas Palaos, cujos habitantes são robustos e crueis, e o archipelago de Magalhães.

Estamos emfim na Polynesia, nome que, como a Micronesia, é formado de duas palavras gregas, *polys*, que significa muito, e *nesos*, ilhas. E' um grupo de archipelagos. As ilhas principaes são: Havaii, Nuka-Hiva, Pomotu, Taiti, Mangia, Tonya, Samoa, a Nova Zelandia, etc. As principaes producções são: o coqueiro, a arvore do pão, a bananeira, o inhame e a batata. Clima temperado.

Estas ilhas foram exploradas e descriptas especialmente por Quiros, Tasman, Roggeween, Bougainville, Cook, La Perouse e Dumont d'Urville.

Passaremos em revista muito rapida as differentes ilhas, principiando pela Nova Zelandia.

Este archipelago, conhecido tambem pela denominação de Tasmania, Terra de Cook e ilhas dos Estados, está situado a 900 kilometros sueste da Australia, quasi nos antipodas da Hespanha e Portugal. Compõe-se de duas ilhas grandes e muitas pequenas. As duas grandes são Ika-na-Mawi, ao norte, e Tawai-Punamu, ao sul. Separa-as o estreito de Cook e apresentam pouco mais ou menos a configuração da Italia ás avessas. Cada uma d'ellas tem cerca de 900 kilometros de comprimento, por 280 de largura. As ilhas pequenas são: a do Sul, ou Stewart, ainda bastante importante (92 kilometros por 90): as ilhas Longa, Bench, Solander, Tepin, Manawa-Tawi, Motu-Roa, Tarangua, Shuluru, etc.

A superficie é de cerca de 152:000 kilometros quadrados e a população consta dos indigenas, que se calculam em 120:000 almas, e colonos inglezes, cujo numero excede a 75:000.

Continua

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

I

1619

Continuação

Era cinco annos depois d'esta victoria que dobravam o cabo da Boa Esperança os tres navios hollandezes commandados por Pedro Thysz, João Jansz e Bontekoe.

Porque motivo navegavam de conserva aquelles tres baleeiros? Vejamos.

Guilherme Isbrantz Bontekoe fôra nomeado pela Companhia hollandeza das Indias Orientaes, em 1618, capitão do *Nieuw-Hoorn*, navio de mil e cem toneladas, tripulado por duzentas e seis homens e destinado ao commercio. Partiu do Texel em 28 de dezembro, e sahindo da Mancha em 5 de janeiro, foi assaltado o navio por tres furiosas rajadas de vento, que quasi o fizeram sossobrar. Mas a Providencia não quiz que ali acabasse a viagem de Bontekoe, e ao cabo de vinte dias de tempestade, o perigo cessou, veio calma e o navio seguiu viagem, ignorando ainda o capitão se tomaria pelo estreito de Magalhães se pelo cabo da Boa Esperança. O vento é que devia decidir a questão.

Antes de chegar ás Canarias, encontrara os dous navios com os quaes o vimos dobrar o cabo das Tormentas.

Seguiram-se tres semanas de calmaria, passadas nas proximidades da linha; emfim uma briza de sueste impelliu-os para o mar das Antilhas, para o meio d'aquelles terriveis bancos de rocha, chamados os Abrolhos, dos quaes se livraram felizmente, indo procurar a ilha de Tristão da Cunha, que não poderam encontrar. Depois, impellidos por ventos variaveis para o cabo da Boa Esperança, aproximaram-se d'elle com tanta rapidez, que, receando ser arrojados á costa, seguiram para o sul, e confiados na excellente saude da tripulação e na farta provisão d'agoa, resolveram passar o cabo sem n'elle se deterem.

Foi por tal meio que chegaram á altura da terra do Natal. Ali o capitão Jansz, que se destinava á costa de Coromandel, separou-se dos seus dous companheiros e enfiou pelo canal de Moçambique. Um pouco mais adiante surgiram certas questões entre Thysz e Bontekoe e o primeiro fez-se de vela, deixando só o *Nieuw-Hoorn*.

II

A ILHA BOURBON

Achava-se no 23° grao de latitude quando perdeu de vista o *Nieuw-Zeeland*.

Depois da passagem do cabo o estado sanitario da tripulação mudara muito. Pelo 30° grao surgiram as infermidades, e cinco ou seis dias depois de Bontekoe se separar do seu companheiro de viagem eram quarenta os homens em bom estado. Como a terra mais proxima era Madagascar, resolveu-se fazer escala por ali, e fizeram-se de vela para a bahia de S. Luiz. Mas toda aquella costa estava mal explorada, e, apesar de o proprio capitão procurar ancoradouro seguro com a sua lancha, ao passo que o navio ia correndo pequenas bordadas, apesar de os naturaes que corriam por toda a costa os chamarem por meio de signaes amigaveis, apesar de taes signaes lhes parecerem indicar um logar de desembarque, como elles lhes não offereciam especie alguma de refresco e o mar quebrava com furia contra a praia, depois d'uma tentativa baldada feita por um marinheiro que se lançou a nado e se viu forçado a voltar á lancha sem ter chegado a terra, resolveu-se tornar para bordo.

A tripulação tinha acompanhado com olhos avidos, da coberta do navio, as evoluções da lancha e viu-a voltar no meio da maior desesperação; mas Bontekoe, que era amado pelos seus marinheiros, tranquilisou-os sem difficuldade, animando-os a terem paciencia. Resolveram então procurar ancoradouro subindo para o sul. Chegaram ao 29° grao; depois, como as mesmas difficuldades se offereciam, aquelles homens mudaram mais uma vez d'opinião e de derrota, tomando o caminho das ilhas Mascarenhas, afim de lançarem ferro em uma d'ellas. Mascarenhas era a denominação que então se dava ás ilhas Mauricia e Bourbon.

Bontekoe governou de modo a passar entre as duas ilhas. Foi a que depois se chamou ilha Bourbon a primeira que elle avistou. Abordaram-a e lançaram ferro a duzentos passos pouco mais ou menos de terra e por quarenta braças de profundidade.

Continua

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos ultimamente as seguintes publicações:

Catalogo do Repositorio Camoneano. E' um elegante opusculo de 56 paginas, impresso na typographia da Academca real das sciencias, e no qual o seu auctor o snr. Carlos Cyrillo da Silva Vieira enumera todas as publicações relativas ao tricentenario do grande epico, de que alcançou exemplares, e que conserva devidamente collecionados.

A' hora da festa. Com este poemeto concorreu o nosso amigo e collaborador o snr. Teixeira de Carvalho para a glorificação do grande vulto do marquez de Pombal, no primeiro centenario da sua morte. Precede o poemeto uma carta-prologo do snr. doutor José Simões Dias. Ha versos magnificos na composição do snr. Teixeira de Carvalho.

Frederico Frœbel. Opusculo de 39 paginas, devido á penna do distincto

professor o snr. Rodrigues de Freitas e editado pela sociedade de instrucção como preito ao grande pedagogo allemão, cujo centenario a mesma aggremiação celebrou por modo que muito a honra.

Agradecemos os exemplares d'estas publicações.

MERY

—

A vida litteraria de José Mery reduz-se a isto: foi um talento excepcional, uma das illustrações da França, que hade chorar sempre a sua perda, como a d'um dos seus filhos mais dilectos.

Mery escreveu em todos os generos e em todos se tornou notavel pelo seu estylo brilhante e pelo arrojo das suas concepções. Folhetins, romances, peças theatraes, e sobretudo poesias, tudo brotou d'aquella penna privilegiada com um vigor e espontaneidade extraordinarios.

Não se pode dizer ao certo em qual dos campos ceifou mais louros. Todos elles lhe foram como terreno vasto, em que o seu raro talento contou os triumphos pelo numero das peças litterarias que atirou á publicidade.

Da vida particular de Mery só sabemos as duas phases mais importantes. Nasceu em 21 de janeiro de 1798 nas Ayglades e morreu e.n Paris no anno de 1861.

EXPEDIENTE

—

Necessitamos correspondentes nas localidades onde os não temos, para angariarem assignaturas e promoverem a venda avulsa.

Commissão vantajosa.

As terras onde já temos correspondentes são:

Lisboa, Coimbra, Leiria, Setubal, Borba, Moura, Nazareth, Evora, Monsão, Regoa, Povoa de Lanhoso, Vidigueira, Fundão, Vagos, Santa Martha de Penaguião, Guimarães, Valença, Pinhel, Santarem, Vizeu, Guarda, Elvas, Marinha Grande, Idanha a Nova, Villa Real, Estremoz, Anadia, Figueira, Teixoso, Valle Passos, Celorico da Beira, Arcos de Val de Vez, Tavira, Benavente, Oliveira d'Azemeis, Villa Real de Santo Antonio, Vallongo, Lagos, Villa Nova de Famalicão, Olievira do Bairro, Faro, Monchique.

ZIG-ZAGS

—

COMO SE VIAJA NA INDIA

Na India ninguem se põe a caminho sem levar pelo menos vinte e cinco criados, a saber: um para o cachimbo, outro para a poltrona de retrete, sete ou oito para plantar a tenda, tres ou quatro para a cosinha, e além d'estes ainda uns doze homens de sobresente para levar o palanquim quando o viajante se sente cansado d'ir a cavallo.

Um magistrado inglez ao serviço da companhia, anda sempre acompanhado da familia, que ordinariamente consta de mulher e um filho. A sua equipagem consta d'um elephante, oito carros para as bagagens, duas seges, um carrinho para a creança, seis cavallos de sella e de tiro, e para transporte do *bengalow*, que é uma especie de cabana com os seus quatro muros, mais uns sessenta a oitenta homens, além de sessenta criados para os arranjos domesticos.

Mas isto não é nada em comparação do acompanhamento do governador da India ingleza. Este, quando visita as provincias do seu governo, leva tresentos elephantes, mil e quinhentos cavallos, oito centos carros de bois e assim em proporção. Dous regimentos, um d'infanteria e outro de cavallaria, lhe servem d'escolta.

O inglez, mesmo em viagem, é methodico e regulado. Veste-se de tres maneiras ao dia, faz a barba, almoça, janta bem e á noute toma o seu café, exactamente como se estivesse em Calcutá, sem supprimir cousa nenhuma á etiqueta. Pratos, crystaes, porcellanas, roupa branca, tudo é empaquetado e desempaquetado incessantemente desde pela manhã até á noute.

MERY

—

A CERVEJA

A cerveja é uma bebida fermentada, preparada com a cevada e aromatisada com o lupulo. Já era conhecida em tempos antiquissimos. O seu nome parece que deriva de *cervitia*, que tem a sua origem em *cereris vitis*, vinho de Ceres.

Os gregos sabiam preparal-a e usavam-a a miude. Aristoteles falla da embriaguez que ella produz e Theophrasto chamava-lhe vinho de cevada. Na França, Allemanha, Belgica, Hollanda, Hespanha, etc., tambem é usada desde os tempos remotos. E' a bebida alcoolica mais popular nos paizes em que a vinha é pouco cultivada. O uso da cerveja é saudavel e só é prejudicial o excesso. Mitiga a sede; produz bom effeito em muitas febres e é remedio efficaz contra os calculos urinarios.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

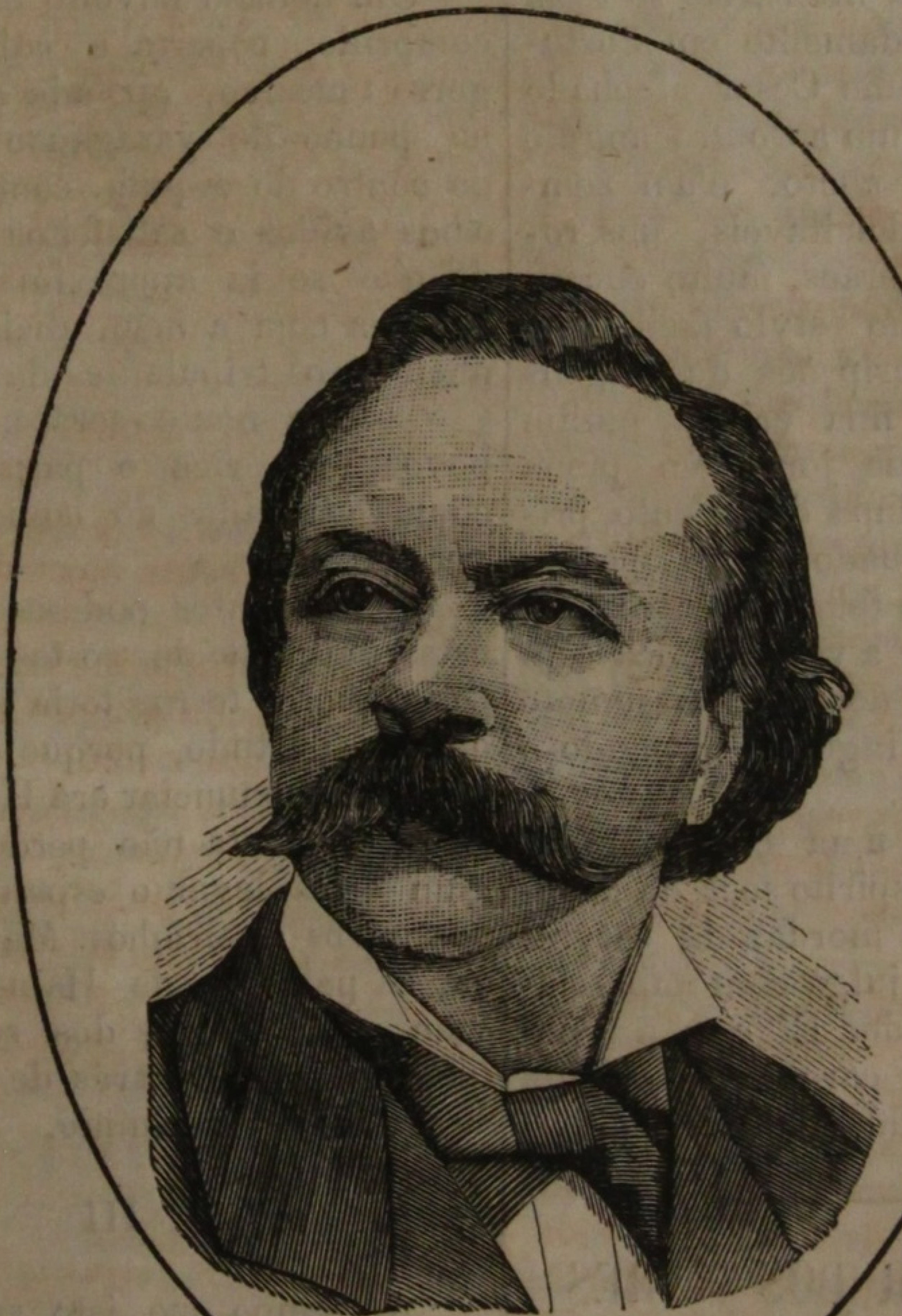
Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa: no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 18 DE MAIO DE 1882 — NUMERO 90



JULIO CESAR MACHADO

SUMMARIO

Texto: — Julio Cesar Machado — O salteador dos mares — Os hindus — Pombal (poesia) por Annes Baganha — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — Thiers — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — Vasco da Gama (excerpto) por Bulhão Pato — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: A Nova Zelandia — Os dramas do mar: Bontekoe — De luto (poesia) por Eduardo Véras — Um episodio da vida do marquez de Pombal — A primeira exposição industrial portugueza — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Julio Cesar Machado — Uma locomotiva para mercadorias — Thiers — O primeiro balão dos irmãos Montgolfier.

JULIO CESAR MACHADO

—

Camillo Castello Branco, no livro *Esboços e apreciações litterarias*, conta que sendo um dos redactores do periodico litterario *A Semana*, de camaradagem com João de Lemos, Bruschi, Lopes de Mendonça e outros eminentes escriptores, se estava ali publicando um romancito sob o titulo *Estrella d'Alva*, cujo auctor era um rapazelho de trese annos.

Julgava Camillo que o pequeno auctor, antes de mandar o original para a imprensa, se detinha a compor e recompor, emendar, riscar e alterar o romancito. Mas qual não foi o seu espanto quando uma vez, tendo ido visital-o, o rapazelho lhe pediu penna e papel, e, ao mesmo tempo que conversava em variados assumptos, concluia brilhantemente o seu trabalho!

O auctor da *Estrella d'Alva*, aquella creança cujo nome principiou a tornar-se tão precocemente conhecido no mundo das letras, era Julio Cesar Machado. A sua irresistivel vocação litteraria manifestou-se por este modo quasi assombroso, fazendo prever o vasto horisonte que o seu talento devia alcançar dentro de breve tempo.

Poucas carreiras litterarias se teem effectuado tão rapidamente em Portugal. O nome de Julio Cesar Machado é hoje conhecido d'um ao outro angulo do paiz como o do auctor d'um semnumero de livros deleitaveis, uns romancinhos muito moraes, muito encantadores, escriptos em estylo facil, mas adoravel, umas descripções de viagens cheias d'espirito e fina critica, emfim uns folhetins em que jorra em plena florescencia a catadupa do talento privilegiado do continuador de Lopes de Mendonça, o rei do folhetim entre nós.

O folhetim! Eis a vara magica com que Julio Machado domina o assumpto mais esteril, mais ingrato, tornando-o fecundo e aprasivel.

Na sua critica, uma critica fina e elevada, não ha o espirito soez da lisonja, nem o estilhaço mordaz da satyra. Anima, aconselha, julga com imparcialidade, nunca offende. E' esta a especialidade que mais caracterisa aquella poderosa individualidade litteraria.

O SALTEADOR DOS MARES

—

I

Continuação

—Se ao menos andasse por aqui João, o Destemido! exclamou um ancião.

—E quem nos affirma que não anda? interrogou um rapaz.

—Se elle por aqui andasse, tornou o velho, viriam por acaso esses malditos argelinos, esse endiabrado Hamet, esse salteador dos mares, que tanto nos está dando que fazer? Nada. João morreu, ou está fazendo penitencia em algum convento da montanha.

As considerações do velho não podiam ser mais acertadas e todos convieram em que elle tinha rasão. Tratou-se pois da defeza que convinha oppor ao pirata. Adoptaram-se todas as precauções que se julgaram opportunas, e ao cahir da tarde toda a povoação estava naturalmente em armas, porque outro vigia da costa tinha mandado aviso affirmando ter visto para o lado do norte uma galera suspeita.

A noute apresentou-se serena, mas escura, e convem advertir que a noticia mandada pelo vigia era verdadeira. A galera tinha apparecido e desapparecido graças aos conhecimentos do piloto que a dirigia; mas d'ella havia-se desprendido uma lancha, que, impulsada por tres remadores arabes, se deslizou por sobre as ondas, formando um ponto quasi imperceptivel.

A lancha avançou para a costa, e á incerta claridade do crepusculo viram-a os moradores avançar até ao povoado, no meio da maior angustia.

Um homem envolto em um manto comprido, coberta a cabeça com um gorro tunezino, apoiada a mão direita no punho do yatagan e posto de pé no centro do esquife, contemplava com olhos avidos e satisfeitos a povoação, de que se ia approximando, e, indicando-a com a mão, dizia aos companheiros, os tripulantes da lancha:

—Esta noute será nossa. Aquella povoação é rica e pagará parte das contas atrasadas do homem do capuz vermelho.

Se os ventos podessem transmittir estas palavras ás costas visinhas, de certo que o terror teria sido a consequencia de tudo, porque o que as acabava de pronunciar era Hamet, e o formidavel pirata não perdoava meio algum para levar o espanto e o terror aos povos ribeirinhos. Mas, por desgraça, as palavras de Hamet não chegavam nunca antes dos seus feitos, os quaes deixavam atrás de si o terror, o sangue e o exterminio.

III

Ao tempo que isto succedia, perto já da noute, quando os ultimos reflexos do crepusculo se perdiam na superficie do mar, alerta toda a gente e em muda espectativa todos os povos ribeirinhos pelo aviso dos vigias, viu-se avançar um peregrino, que, descendo por um atalho da montanha proxima, foi parar na venda, que estava situada á entrada da povoação e fronteira ao mar, de sorte que podia ver-se d'ali grande parte da costa. O taberneiro estava no meio dos outros habitantes, tratando dos preparativos da defeza; mas a mulher, que, apesar da chegada dos piratas, não deixava de pensar nos seus negocios, foi avisal-o da chegada do hospede.

—Um peregrino dizes tu?

—Nem mais nem menos, replicou a mulher.

A chegada d'um peregrino n'aquelles tempos era uma novidade nas povoações, e alguns homens mais curiosos dirigiram-se á taberna para conhecerem o hospede.

—Diabo! exclamou um rapaz, o mesmo que gracejava a respeito das mulheres. Se esse homem fosse o proprio pirata!...

Esta ideia produziu geral espanto. Hamet, o salteador dos mares, era capaz de tudo, e quem sabe se se tinha lembrado de disfarçar-se para entrar na povoação!

A maior parte dos habitantes dirigiram-se á taberna, e, com effeito, ali estava o peregrino, homem de barba branca, olhar sombrio e tez bronzeada, mas demonstrando no porte e maneiras um homem de energia pouco commum.

—Que temos, senhores? perguntou elle ao ver que era alvo de tão viva curiosidade.

—Não é elle, disse um dos homens presentes. Hamet não falla o castelhano tão bem.

A auctoridade popular julgou-se no direito de exigir os documentos de garantia pessoal do peregrino; mas este, pondo-se de pé e lançando para trás o chapeo d'aba larga, exclamou:

—Eu não tenho documentos; mas tenho um nome diante do qual todos dobrareis o joelho. Sou... João, o Destemido.

—João, o Destemido! exclamaram todos assombrados.

—Sou eu, tornou a responder o peregrino. Sei que estaes ameaçados d'um ataque do pirata Ben-Hamet, e como eu jurei a sua morte, eis-me aqui.

Continua

OS HINDUS

—

Conclusão

Pode-se censurar aos inglezes não terem feito quanto podiam em favor da educação d'uma raça que precedeu as outras no caminho da civilisação e que tem mostrado de quanto é capaz.

Os parias formam ainda hoje uma raça á parte, numerosa entretanto, porque conta nada menos de uma quarta parte da população. São como cães

damnados, que a lei religiosa permitte matar sem piedade. E' especialmente entre elles que a superstição domina em rasão da supina ignorancia d'aquelles entes abjectos. Só a esperança de uma vida melhor pode obstar a toda a ideia de revolta da sua parte contra este estado de cousas. Como o escravo, o paria é vicioso, preguiçoso, bebado; mas a sua degradação mesmo é uma satyra viva contra os oppressores do seu paiz.

Antigamente os hindus estavam submettidos ao despotismo oriental; hoje teem um governo europeu e sabio; mas por desgraça aquelles homens não são tidos em outra conta além da de instrumentos de producção. O espirito mercantil dos inglezes ha despertado a cobiça dos hindus e estes parece que são os herdeiros dos vicios d'aquelles.

Os hindus governam-se pela lei de Manu. E' um codigo sabiamente redigido e que se casa admiravelmente com os costumes d'aquelles povos; o que porém se torna muito curioso é vel-o interpretar por juizes inglezes, acompanhados de jurisconsultos indigenas.

As sciencias tiveram outr'ora um grande desenvolvimento entre os hindus, sobretudo as mathematicas, a medicina e a cirurgia. A conquista ingleza imprimiu ainda n'este ramo um movimento de retrocesso.

Certos monumentos hindus podem ser considerados como maravilhas da arte; mas pertencem ao passado, e os hindus chegaram a um grao tamanho d'abatimento em materia d'arte, que vão buscar ás fundições de Birmingham os monstruosos fetiches com que adornam os seus pagodes.

POMBAL

Eia, gigante! A sombra
Do teu sepulchro rompe.
Genio immortal, irrompe
Da treva, e nos assombra.

Vem ver a liberdade
Saudar teu despotismo.
Ergue-te d'esse abysmo
E surge á nossa idade.

Vem ver a tua obra:
A sombra que sonhaste;
O sec'lo que fundaste,
Que novo alento cobra.

Vem ver os homens d'hoje,
Alçando a fronte ao ceo.
Vem ver a luz sem veo
E como a sombra foge.

Vê como a gran cidade,
Que do sepulchro ergueste,
De galas se reveste,
Qual noiva em florea idade.

O vasto monumento,
Que o braço teu fundou,
O nosso o sustentou
Até este momento.

Da arvore da sciencia,
Que n'este chão plantaste,
Vem ver, em cada haste,
Dos fructos a excellencia.

Do sul até ao norte,
Um povo se levanta
N'um cantico, que espanta,
Lá no seu antro, a morte!

A vida ferve e anceia
Sem tregoa, em toda a parte;
E sobre industria e arte
Se expande a luz da ideia.

Não é tão densa a treva
Que envolve o povo agora:
A luz que a colora
Brilhante a ti se eleva.

Lançaste o olhar profundo
E viste um povo escravo:
D'outr'ora o leão bravo,
Que dera leis ao mundo.

Vence-o a dura algema
Do atroz jesuitismo;
Dos nobres o cynismo
O afoga em dôr suprema.

O jesuita, a ideia,
O nobre, o puro sangue
Lhe roubam... Cego, exangue,
Prostrado, geme e anceia!

Surgiste! Treme a terra!
O genio do mal surge.
A'van'e! o tempo urge!
Teu braço o toma e aterra!

O torvo olhar te lança,
E tenta derribar-te.
De ti sobre elle parte
O raio da vingança!

Venceste! algoz sublime,
Tingindo a mão possante;
E um sec'lo triumphante
Nos deste com teu crime.

Se a historia, pois, te chama
Flagello de innocentes,
Escuta os sons ardentes
Da voz que hoje te aclama:

Da livre voz ingente
Do povo, que memora
Em ti, a luz que adora
E busca eternamente.

ANNES BAGANHA

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

I

INTRODUCÇÃO

Continuação

D. Francisco, como o leitor já sabe, tinha em muita consideração os conselhos de seu irmão Alvaro, e por isso, e mesmo porque a vida na cidade lhe não offerecia o remanso e a paz que de certo encontraria no campo, retirou-se com a familia da cidade do Porto para a sua deliciosa habitação das Torres, em março do já dito anno.

Aquelle palacio, tão magestosamente architectado, sob o qual se abrigou por tantos annos e aonde gosou innocente aquelles risonhos dias da infancia, entre os cuidados, desvellos e carinhos dos seus maiores; aquella magestosa quinta, tão productiva, ornada de galerias formadas por annosas e copadas arvores, por entre as quaes brincava quando ainda era adolescente; aquelle ar livre, perfumado e vivificante das campinas; aquelles pittorescos horisontes; o rio Lima, deslizando-se a pouca distancia em listões de prata, que em diversas e tortuosas correntes crystalinas serpeava por derredor de pequenas e multiplicadas ilhas d'areia, tudo vinha lembrar-lhe as scenas da mocidade que jamais podia alcançar; tudo parecia fazel-o volver áquelles dias de verdor e innocencia que realmente atravessava, quando, em companhia de seus paes, d'ali se havia retirado. A liberdade e a paz que ia experimentar n'aquelle grato refugio, eram-lhe mais agradaveis do que a liberdade em que sonhavam e por que pugnavam seu irmão e toda a haste resgatadora. Portanto D. Francisco resolveu fixar alli a sua residencia effectiva.

O palacio das Torres estava situado em um pequeno logarejo sete kilometros a éste de Vianna do Castello, sobre uma ampla campina, na margem esquerda do Lima. No exterior notava-se-lhe um aspecto sombrio e pesado; paredes de granito ennegrecido pelos tempos, mas d'architectura magestosa, vasto e bem conservado. Era em forma rectangular, tendo nas extremidades da frontaria duas largas torres, que duplicavam em altura á do resto do edificio. Ligava estas duas torres uma varanda de balaustrada de granito, apoiada sobre o prumo da fachada do primeiro pavimento, que se via pouco acima do rez do chão, tendo um elegante portico ao centro, com quatro janellas de forma ogival aos lados d'este.

Sobre as duas torres apoiavam-se dois vistosos terraços, igualmente cercados de balaustradas de granito.

Em frente do palacio estendia-se tambem um extenso terreiro, cercado de muro e orlado de buxeiros, com seu portão de ferro na entrada. Era na rectaguarda do palacio que se encontrava a ampla e famosa quinta, para a qual davam entrada dois porticos em forma d'arcos de ponte que ficavam por baixo das torres.

Aos lados do palacio e a pouca distancia viam se, aqui e acolá, algumas casas humildes do povoado que sem du-

vida se não elevariam em numero a cincoenta, e mais a éste, a menos d'um kilometro de distancia, avistava-se a modesta vivenda de João do Valle.

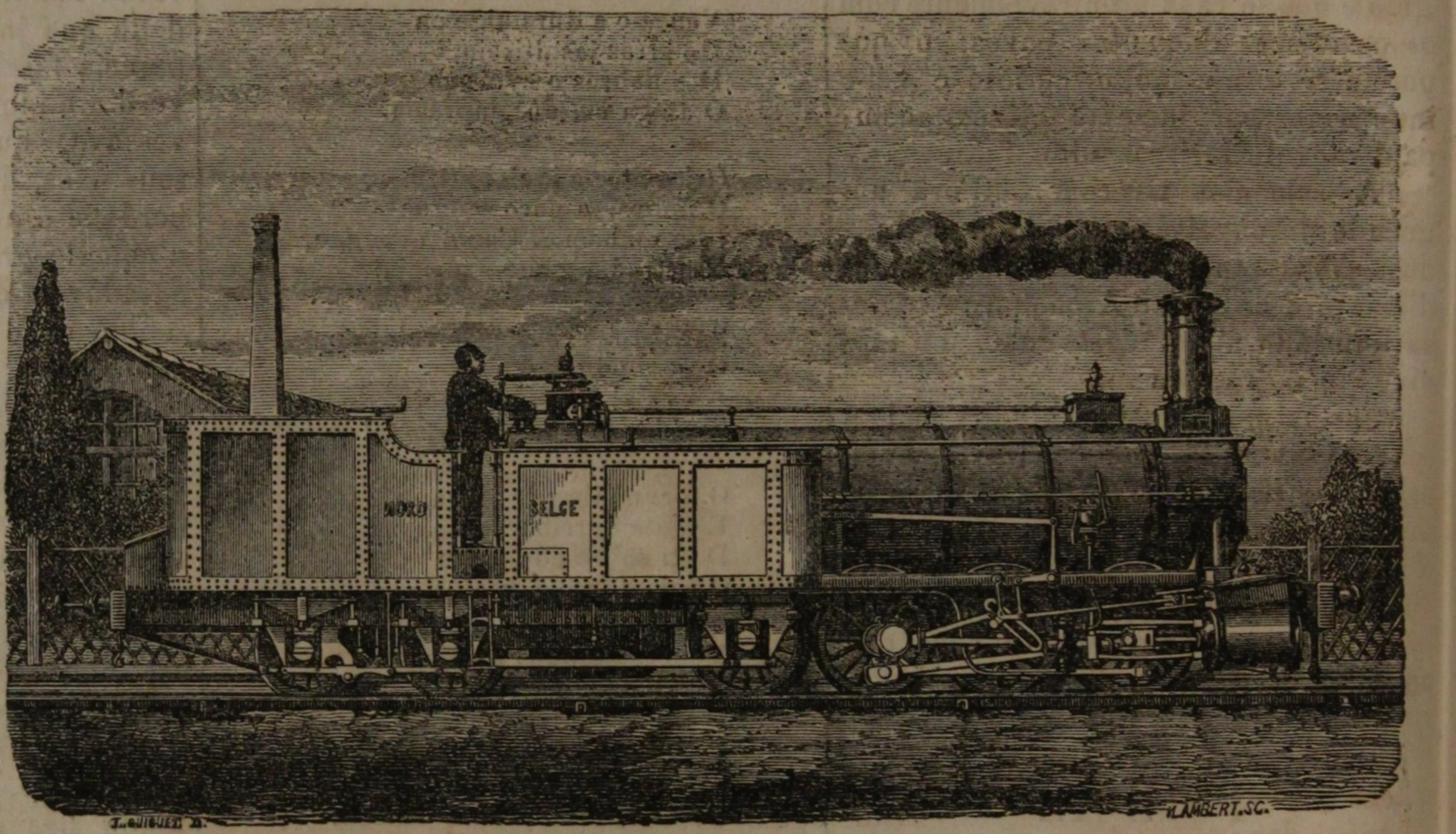
Na rectaguarda do palacio e contiguo a este revestia um largo recinto que occupava quasi toda a extensão do edificio e em forma quadrangular, um bem traçado jardim, cercado de gradaria de ferro apoiada em base de cantaria, tendo sobre os umbraes das portas de entrada estatuas de marmore symbolisando as quatro estações do anno, e no centro, sobre uma taça circular, uma figura de sereia derramando jorros d'agoa pelos cabellos.

Logo ao fundo do jardim havia um elevado portico, todo revestido de roseiras, que dava entrada para uma avenida espaçosa e elegante que denominavam *Carreira dos Jogos*.

Era melancolico, mas poetico, este sitio, rico de magestade e magia. Quem ali entrasse pela primeira vez não podia deixar de contemplar aquelle recinto encantador com certa admiração e enlevo de agradavel effeito, assim como de louvar o bom gosto e primor de quem imaginou aquella obra de tanta belleza e magnificencia.

Continua

Sousa Macario



UMA LOCOMOTIVA PARA MERCADORIAS (*)

THIERS

Em 19 de setembro de 1880 a França pagou uma grande divida. Tratava-se da glorificação d'um dos seus filhos mais illustres, o grande Thiers, o profundo historiador, o primeiro presidente da republica.

S. Germano, que lhe recolheu o ultimo suspiro, foi n'esse dia o ponto de reunião d'uma sociedade escolhida, convidada para a inauguração do monumento que por subscripção publica se erigiu na praça chamada hoje de Thiers.

Toda a gente sabe os grandes serviços que o eminente historiador prestou á sua patria quando ao desastre da invasão estrangeira succederam os horrores da communa, e ninguem deixará de louvar a nação que por um modo tão solemne prestou um tributo de reconhecimento áquelle homem extraordinario.

O monumento é digno da França e de Thiers.

O grande homem está sentado, com o casaco abotoado; a mão direita descansa sobre o joelho; a esquerda empunha o mappa do nordeste da França. A expressão do rosto é meditativa, um pouco triste. Aos pés tem um ramo de loureiro.

Foi Mercié o auctor da estatua, que é de bronze.

Na face principal do pedestal, obra de Fauvel, lê-se esta inscripção:

A THIERS
Libertador do territorio
Primeiro Presidente da Republica
Homenagem nacional
19 setembro 1880

Adolpho Thiers nasceu em Marselha em 15 de junho de 1797 e morreu em S. Germano em 3 de setembro de 1877.

O CHAPEO BRANCO

Continuação

Alexandrina respondeu affirmativamente com a cabeça. Vieira collocou a creança sobre os joelhos da mãe, a quem disse:

—Domine a sua commoção, menina. Socegue, que está entre amigos.

—Bem o sei, respondeu ella com voz desfallecida. O senhor tem sido para mim mais do que pae.

—Ora! exclamou Vieira. O que eu lhe tenho feito não é nada. Aqui tem a quem deve muito mais. Esta senhora é a quem de veras deve agradecer. Eu tenho sido apenas intermediario entre ella e a menina.

A senhora a quem Vieira alludia era Alexandrina. A desconhecida lançou-se de joelhos diante d'ella, e, tomando-lhe as mãos, cobriu-as de beijos.

—Ah! Senhora! Como lhe heide agradecer!... exclamou a infeliz.

Alexandrina obrigou-a a levantar-se e Vieira fel-a sentar-se de novo, collocando-lhe a creança sobre os joelhos.

Aquella infeliz desatou em um choro, que denunciava toda a angustia da sua alma.

— Não se desespere, disse Vieira. Não foi para a affligirmos que aqui viemos. Foi apenas para que a sua bemfeitora a conhecesse, para que visse até que ponto a menina é infeliz. Agora nada mais temos que fazer aqui, e vamos deixal-a em socego. Vamos. Tenha animo, que não a desampararemos. Agora parece-me que não padece privações, e quando precisar d'alguma cousa, sabe onde hade mandar.

Por unica resposta, Vieira recebeu um affectuoso aperto de mão, porque aquella infeliz não pôde articular uma palavra sequer de despedida.

Continua — Jorge de Macedo

(*) Vid pag. 252 do 2.º volume.

VASCO DA GAMA

PRESO EM CALECUT

1498

(EXCERPTO)

Continuação

Vasco da Gama caminhava de vagar, parando com aspecto grave, porém resoluto, em quanto os nayres afastavam a gente.

A' varanda do palacio estava el-rei mui satisfeito com a ordem com que vinha a comitiva e o esplendor dos riquissimos presentes,

Antes da chegada aos paços veiu o catual, por mandado de el-rei, receber o capitão-mór Vasco da Gama. O catual era o guarda-mór dos paços reaes e tinha como direito inherente do seu cargo poder de mandar immediatamente cortar a cabeça áquelle que sem sua ordem entrasse as portas do palacio.

El-rei de Calecut estava sentado na sua cadeira, na sala grande, debaixo d'um sobreceo branco, de finissimo lavor, que tomava toda a casa. Homem muito negro, nu até á cintura, da cintura para baixo involto em uns pannos brancos; na ponta de um dos pannos enfiavam-se muitos anneis de ouro com grandes rubins.

No braço esquerdo uma manilha até ao cotovello, ou antes tres manilhas, sendo a do meio mais grossa, cravejadas de riquissima pedraria, principalmente a do meio, onde as gamas eram de subido preço. Da manilha pendia um brilhante das mais finas agoas e de tamanho extraordinario. Ao pescoço, cahindo até á cintura, dois fios de grossas perolas. Suspensa a uma cadeia de ouro, que lhe cingia o collo, uma joia em fórma de coração, cercada de perolas ainda mais grossas, de rubins, e tendo ao centro uma enorme esmeralda.

Esta esmeralda, o brilhante da manilha e uma perola de extraordinarias dimensões, que el-rei tinha nos cabellos pretos, compridos e apanhados no alto da cabeça, pertenciam ao antigo thesouro de Calecut e eram joias de valor inapreciavel.

A um lado de el-rei estava um pagem envolto em pannos de seda, com uma adaga vermelha guarnecida de ouro e pedraria; uma espada curta, nua e romba, com punhos de ouro, cravejados de pedras e perolas pendentes. A outro lado estava outro pagem com uma copa de ouro lavrada. Nas costas da cadeira o seu bramane-mór, que lhe dava uma folha verde dobrada, contendo dentro especiarias aromaticas, que el-rei mascava e lhe deixavam gengivas e dentes mui vermelhos.

Vendo entrar o embaixador, el-rei estendeu-lhe a mão, tocando-lhe nas pontas dos dedos da mão direita. Vasco da Gama, depois de uma allocução, que foi traduzida pelo lingoa, entregou-lhe a carta de el-rei D. Manuel, beijando-a primeiro, pondo-a nos olhos, e levando-a á altura da cabeça. El-rei de Calecut então a tomou das mãos do embaixador, chegando-a ao peito em signal de affecto, dando-a depois ao vedor da fazenda e ordenando-lhe que a mandasse transladar.

Em seguida disse a Vasco da Gama que se fosse a descançar e que toda a sua gente podia sair a folgar na cidade, que ninguem lhe faria mal, e que o gosil assim o mandasse apregoar.

O vedor da fazenda, o gosil e o catual, apesar do suborno e peitas dos mouros, pareciam inclinar o animo a favor dos nossos, levados até certo ponto pelo esplendor dos presentes de setim, armas, gorros de veludo, peças de gram, caixas de coral, cousas que tinham como do mais alto valor.

Todavia a inveja, fermento de todas as paixões ruins, mordeu o coração do gosil e do catual, que julgavam mais valiosos os presentes dados ao vedor do que os dados a elles, dispondo-lhes o animo cubiçoso e malevolo contra os portuguezes.

Os mouros, que tinham visto com grande desgosto as nossas relações com o rei de Calecut, aproveitaram o ensejo, acenando com avultadas quantias aos dois altos funccionarios do Samorim, que já picados pela amulação e cegos agora pela cupidez, se deixaram corromper.

Sería imprudente para elles cair de mão armada sobre os nossos depois do tratado de boa harmonia celebrado entre o embaixador de Portugal e o rei de Calecut.

Aproveitando-se o catual da faculdade que a lei lhe dava, de ninguem poder fallar com el-rei sem sua intervenção, traçou, combinado com os mouros, o seguinte plano:

Simular que o Samorim se retirara para a sua residencia habitual, que era d'ali a duas legoas, e que mandára recado a Vasco da Gama para que ahi lhe fosse fallar.

No caminho prendel-o, e, á força de provocação, obrigal-o a romper a elle e aos seus n'alguns excessos que auctorisassem aos olhos do rei de Calecut a morte dos nossos por ordem do catual.

Vasco da Gama partiu sem desconfiar da cilada. Caminharam durante o dia por atalhos e impervios, e ao cair da noite metteram-nos dentro de umas casas onde havia esteiras de palha ruim, arroz cosido n'agoa e um calor suffocante.

Continua — BULHÃO PATO

THIERS

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
VII
O CASTRO DE SUAR

Continuação

Remontando-nos por necessidade á epoca primitiva, que constitue a mythologia historica peninsular, quando o *thobelio* Brigo passou o Douro desde Setubal e explorou e povoou o nosso littoral, arraigou n'elle essas tres manifestações monumentalmente hebraicas: o lubre, ou *luco*, bosque sagrado onde se adorava a Deus nos plenilunios; a *mámoa*, ou monticulo tumular, onde se queimavam os corpos dos que morriam para não serem devorados pelas feras, pois só assim julgavam gosar de Deus na outra vida; e o *gha*, *briga*, ou *gastro*, onde se albergavam por tribus aquelles primeiros povoadores, como ovelhas no aprisco. Estas familias, ou tribus brigantinas, desdobrando-se em artábrigos, celticos ou galaicos, deram o nome a essas brigas, ou gastros, e até aos promontorios da região como o Artábrigo ou Ártabro.

Que outros *albergues* senão esses havia na antiguidade, dada a rudeza d'aquellas raças primitivas, que, vestidas de pelles, povoaram Brigantia, ou região Brigantina da Galiza? Conhecia-se então a choça, ou o *lar*, a localisação arbícola, ou vi-lar? Não. Raças aquellas puramente patriarcaes, a familia era a tribu, e o domicilio o castro, ou briga; recinto circular este ultimo, como aquelle em que estamos, e os milhares e milhares que vemos no paiz, guarnecido d'uma valla de terra e pedras, coberto de ramagens, construido sobre a coroa d'um monte conico, e resguardado além d'isso por um fôsso. E estas *brigas*, ou castros, foram os unicos abrigos de nossos primeiros povoadores, os thobelios ou hebreus, progenitores dos nossos brigantinos, como estes dos nossos celtas, os primeiros do mundo, que, alargando-se para o norte, constituiram com os iberos, tambem noeritas, a Celtiberia, e com o nome de galaicos, ou galles, as Gallias.

Tal foi a origem e objecto das nossas brigas, ou gastros.

Agora devo destrinçar uma incognita social de summa importancia historica, explicando por meio de que revoluções passaram as sociedades d'aquelles dias para viver hoje em cidades, ou *villas*, os descendentes d'aquella nacionalidade celtica, ou galaica, que só conhecia essas brigas, ou gastros, para localisar-se em bandos, ou tribus.

Chegam os tyrios ou phenicios ao littoral galaico, para explorar o estanho das nossas Cassitérides, e fundam n'elle pharoes, como o de Hercules e a Lançada, e feitorias, ou grandes centros de exploração, como Tyria (hoje Iria, ou Padrão) e Brigattia (hoje Betanços), porém descuidando-se de melhorar as condições urbículas e sociaes dos seus naturaes.

Os hellenos, ou gregos da Asia, menos exploradores ou mercantis, ao estabelecerem-se em seguida aos phenicios nas nossas costas, colonisam-as de tal modo, que não só inculcam n'ellas a sua civilisação productora nas artes uteis e bellas-artes, mas mystificando-se com os celtas do littoral, criam n'ella a vida economica e social, formando os seus principaes portos, ou localidades maritimas. Eis aqui então o nosso paiz dividido, para o caso, em dous: um, a massa da povoação celti-grega da costa, vivendo em pequenas agrupações de choças, ou lares; outro, a massa de povoação indigena, vivendo terra dentro, nas suas brigas, ou gastros; de modo que, em quanto a civilisação do mundo antigo orlava de luz o littoral galaico, a parte central, ou interna, do paiz permanecia sumida nas trevas de seus gastros, ou localidades primitivas.

Chega a epoca da conquista e dominação romana, e então levantam estes conquistadores tres grandes cidades militares centraes, Braga, Lugo e Astorga; origem de pontes de utilidade publica; calçadas que hoje nos causam admiração, como os Codos de Larouce, *tremhas*, etc.; obrigam os indigenas a abandonar as suas brigas ou gastros e a levantar *lares* nos valles; generalisa-se a choça, e d'aqui os innumeraveis *vi-lares* ou *villas* do territorio. E como com esta epoca da dominação do imperio coincidiram as prégações do christianismo, erigindo templos por todas as partes, a instituição do matrimonio catholico, que appareceu como elemento basico das novas familias e do novo modo de ser do povo indigena, ajudou a terminar com as tribus e brigas, ou gastros, vindo a parochia rural *espalhada* a substituir o patriarcado celta, ou hebraico, *centralisado* no gastro.

Não são, pois, as nossas *ghas*, brigas ou gastros, localidades romanas, não, por mais que os filhos do Latio latinisaram o seu nome em *Castrum*, fazendo crêr com isto que era nome inventado por elles. Pelo contrario, quem desalojou os nossos avós d'estas brigas ou d'estes gastros, ou castros, obrigando-os a viver urbicolamente em povos e em *vi-lares*, ou *villas*, ou freguezias ruraes, foram os romanos.

Callou-se meu tio Xavier, e ainda continuamos a olhar para elle com assombro.

A largos traços, e como quem não quer fatigar a imaginação dos seus ouvintes, innundara-nos de luz da aurora.

Continua

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXX
A NOVA ZELANDIA

O clima é temperado e salubre, muito similhante ao da Bretanha. Costas rocheas e escarpadas, mas com boas bahias e ancoradouros. Solo coberto de montanhas: o pico Egmont, que attinge 2:550 metros, na ilha do Norte, está constantemente coberto de neves. Seis vulcões, um dos quaes, o Tangerero, está ainda em plena actividade. Numerosos cursos d'agoa: um d'elles, o Dusky, apresenta a magnifica cascata Core, que tem 300 metros de altura. Minas de ferro, cobre, hulha, esmeraldas. Florestas copadas; o solo é favoravel á cultura dos cereaes, legumes, etc. Poucos quadrupedes indigenas: os animaes domesticos da Europa dão-se ali bem; ha enormes lagartos de tres metros de comprimento, que chegam a atacar os homens. Não ha insectos, nem animaes venenosos. As costas abundam de peixe.

Os habitantes pertencem á raça polynesiana: teem a tez baça, estatura alta, feições regulares, saude robusta. São intelligentes, activos e valentes; mas em contraposição d'estas qualidades teem a de serem anthropophagos. Foram estes os unicos selvagens da Oceania que resistiram aos europeus quando estes chegaram á sua terra. Hoje mais de metade da população indigena está civilisada e convertida ao christianismo, a esforços dos missionarios protestantes e catholicos.

Descoberta em 1642 pelo navegador hollandez Abel Tasman, foi visitada em 1769 pelo celebre capitão Cook, que traçou um mappa completo da configuração das costas e descobriu o canal que separa as duas terras grandes.

Em 1772 Marion morreu ali com 27 homens ás mãos dos barbaros habitantes. Cook voltou em 1773 e 1777. Muitos outros navegadores visitaram successivamente a ilha.

Em 1823 os methodistas inglezes introduziram ali o christianismo; mas foram obrigados a retirar-se em 1827. Alguns annos depois, uns missionarios francezes desembarcaram em Kororareka, na bahia das Ilhas, e tentaram a

fundação d'uma colonia de bordelezes em Akaroa, na ilha do Sul. Mas foi só em 1840 que uma companhia ingleza formou na ilha um estabelecimento definitivo, que veio a prosperar muito.

Hoje ha ali um governador, muitos consules, um bispo, residentes todos em Auckland, a capital, linda cidade de 80:000 almas, na ilha do Norte. Toda a colonia se divide em 6 provincias, que são: Auckland, Wellington, Nelson, New-Plymout, Canterbury e Otago.

Passemos ás Marquezas, ilhas situadas no archipelago de Mendanha, ou Nuka-hiva, no grande Oceano equinoxial.

Comprehende este archipelago as ilhas Marquezas propriamente ditas e as ilhas Washington. População, 20:000 habitantes; superficie, 1:300 kilometros quadrados.

O clima é temperado, agradavel e sadio. Solo vulcanico, mas fertil; produz o coqueiro, a palmeira, arvore do pão, cana do assucar, anil; legumes e plantas alimenticias; madeiras de tinturaria e de construcção. Creação de porcos e de aves.

O accesso das costas torna-se difficil em rasão dos recifes e rapidas variações do vento. A maior parte d'estas ilhas devem a sua origem ao coral Nuka-hiva, a mais importante, encerra no valle de Vaitahu (ilha de Tahuata) uma colonia de degredados.

A França possue ali os estabelecimentos de Taiohae e do forte Collet, na ilha de Nuka-hiva.

Este archipelago foi descoberto pelo hespanhol Mendanha em 1544; Cook visitou-o em 1774, Ingraham em 1791 e Marchand em 1791. Este ultimo denominou-o ilhas da Revolução. Foi em 1842 que o almirante Dupetit-Thouars tomou conta d'elle em nome da França.

Os indigenas são anthropophagos e obedecem a chefes nomeados pelas diversas tribus em que se divide a nação. Tornam-se notaveis pela brancura da pelle e regularidade das feições.

Chegamos agora ás ilhas Sandwich; trataremos d'ellas no seguinte capitulo.

Continua

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

II

A ILHA BOURBON

Continuação

Surgiu porém um obstaculo terrivel: as vagas quebravam com tal violencia contra os rochedos, que foi necessario mandar na lancha tripulantes robustos em procura d'um sitio para o desembarque. Ao cabo de duas horas a lancha voltava, declarando os tripulantes que tinham descoberto um tracto de terreno, assombreado de magnifica vegetação, e onde colheram uma grande quantidade de tartarugas, que levaram para bordo.

Sabe-se que a carne da tartaruga é um maná precioso para os doentes de escorbuto; assim o achado foi festejado com aclamações jubilosas e os marinheiros doentes pediram que os pozessem em terra, o que a principio lhes foi recusado porque o navio podia dar á costa e desembarcando os tripulantes, estavam completamente perdidos. Bontekoe, porém, não podendo ser insensivel ás supplicas d'aquelles desgraçados, declarou que, acontecesse o que acontecesse, ia mandar desembarcar toda a tripulação. E' indiscriptivel a alegria da marinhagem.

Os doentes, como os mais apressados, foram os primeiros que desembarcaram. O capitão deu-lhes uma vela para fazerem uma tenda em que se abrigassem durante o tempo que estivessem em terra; carregou a lancha com as provisões necessarias e utensilios de toda a sorte, e, acompanhado de um cosinheiro, foi elle proprio pôr em terra os doentes. Estes, á medida que a lancha se approximava da praia, soltavam gritos d'alegria cada vez mais ruidosos. Alguns nem paciencia tiveram para esperar que a lancha abicasse: lançaram-se á agoa e alcançaram a nado a terra, onde, mal chegaram, se deitaram sobre a herva, e os companheiros não tardaram a reunir-se-lhes no meio da maior alegria

Com effeito, fosse resultado da imaginação, fosse realidade, o certo é que d'ahi a momentos todos os doentes declaravam que se sentiam quasi restabelecidos.

N'esse momento um bando de pombos bravos veio pousar junto dos marinheiros. Não se assustaram porque a ilha era deserta e nunca tinham visto gente, e deixaram-se apanhar á mão e matar á pancada. Mais de duzentos foram caçados no primeiro dia. Depois, para variarem de iguarias, os viajantes foram á caça das tartarugas, pilhando cincoenta.

Bontekoe, vendo que, de facto, nada havia a temer n'aquella plaga tão hospitaleira que a Providencia lhes havia deparado, deixou ahi os doentes e voltou a bordo, convidando os marinheiros a irem em procura do melhor ancoradouro, no que elles concordaram apesar da impaciencia com que queriam tambem desembarcar na ilha deliciosa.

Era noute, uma bella noute de luar; o mar estava tranquillo. Para não perderem tempo, pozeram-se á obra. Embarcaram-se na lancha e foram encontrar o que desejavam a umas cinco milhas de distancia. Era uma bahia commoda com o fundo d'areia.

De madrugada o capitão principiou as suas indagações. A cousa d'um quarto de legoa para o interior encontrou um lago; mas a agoa não era completamente doce. As margens porém achavam-se cobertas de ganços e patos; na ramaria das arvores que as ensombravam balouçavam-se muitas aves de côres variegadas, cujas especies os exploradores não conheciam; junto dos troncos encontraram vinte e cinco tartarugas reunidas, e tão gordas que mal podiam andar.

Bontekoe deixou-se ficar com tres ou quatro homens e mandou a boa nova, ou antes a dupla boa nova: aos doentes, que achara um acampamento melhor do que o primeiro; á marinhagem, que o navio ia ter um ancoradouro mais seguro. Duas horas depois o navio e a lancha chegavam de conserva. O primeiro lançou ancora na bahia por vinte e cinco braças d'agoa e os homens da tripulação desembarcaram aos turnos em quatro viagens da lancha.

Passaram-se depois horas d'indiscriptivel alegria. Toda a costa apresentava o aspecto d'uma festa; alguma cousa qualquer, menos mulheres, como uma *kermesse* de Teniers.

Continua

DE LUTO

Como és formosa assim! Assim vestida,
Com esse ar de tristeza magoada,
Que mostra muita lagrima chorada
Por alguem que partiu p'ra a outra vida!

Como és formosa assim! Mal sabes, qu'rida,
Que bem te fica a face desmaiada,
Ao pé da roixa palpebra pisada
Por a noute fatal, tão mal dormida...

Como és formosa assim! Como a belleza
Do teu rosto se dá com a tristeza
Que a muito custo, agora, o allumia!

Como és formosa assim! Mas, sempre triste,
Parece-me que nunca mais sorriste...
E eras bella a sorrir!... Eras, Maria!...

Eduardo Véras

UM EPISODIO DA VIDA DO MARQUEZ DE POMBAL

A paginas 293 do livro que tem por titulo *Le Marquis de Pombal, esquisse de sa vie publique*, devido á penna do snr. Francisco Luiz Gomes, medico e deputado pela India, já fallecido, encontra-se o seguinte:

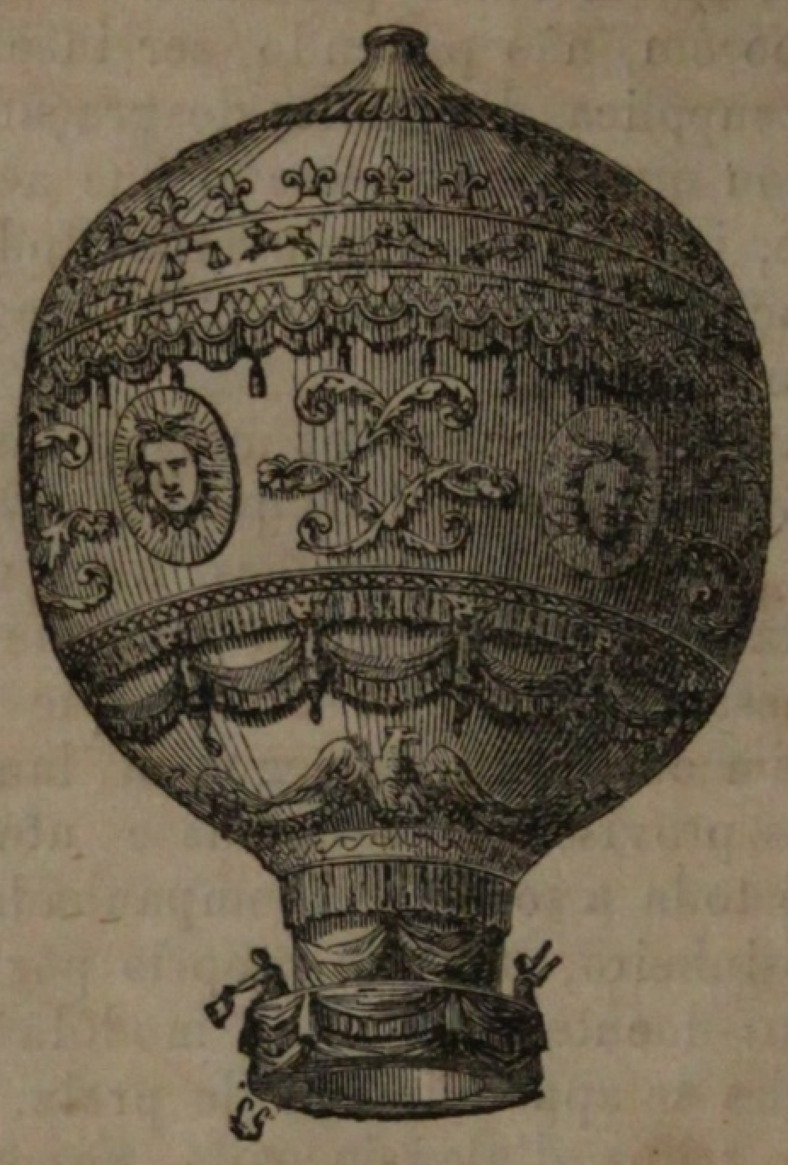
«Antes d'entrar, pelo favor real, na primeira nobreza do reino, o marquez de Pombal tinha procurado alliar-se ás primeiras casas de Portugal. D'esta forma conseguiu casar seu filho mais velho, o conde de Oeiras, com D. Maria Antonia de Menezes, filha de D. José de Menezes; a sua filha, D. Thereza, com o cavalleiro de Sampaio, alliado ou parente de todos os grandes do reino; a sua filha, D. Maria Francisca, com D. Christovão de Vilhena, e sua filha D. Maria Amalia com João de Saldanha. O receio de se exporem á implacavel vingança do marquez de Pombal, tinha decidido os representantes da primeira nobreza de Portugal a consentirem n'estas allianças, que, no fundo da sua alma, lhes deviam desagradar.

A unica pessoa que ousou oppôr-se aos ambiciosos projectos e a todo o poder do marquez de Pombal, foi uma joven portugueza, chamada Isabel, de idade de quinze annos e herdeira das duas casas de Sousa Coutinho e dos condes d'Alva. Arrastada ao pé dos altares, para ahi desposar o filho mais novo de Pombal, o conde da Redinha, ella simulou ao principio ceder á vontade do terrivel ministro; mas, terminada que foi a ceremonia religiosa, ella declarou a seu esposo com a mais tocante franqueza, que elle jámais poderia usar para com ella de direitos, que elle não obtivera senão pela violencia. Esta menina tinha já escolhido esposo do seu coração; não podia entregar-se a outro.

Por espaço de dous annos ella fortifica-se no seu amor, para resistir a um esposo e a um sogro que viviam a seu lado e debaixo do mesmo tecto. O marquez de Pombal, depois de muitos expedientes, resolveu pôr á tortura este coração nobre e esta alma pura; fel-a encerrar em um convento de religiosas, d'ordem muito austera. Isabel submetteu-se a estas perseguições com a resignação d'um amor, que não conta os sacrificios. A sua firmeza tornou-se inquebrantavel, a sua paixão immensa.

Uma tocante tradição existe ainda a respeito d'esta joven portugueza.

D. Alexandre de Sousa, o noivo da sua escolha, ia com frequencia disfarçado em mendigo, até á porta do convento onde languescia a sua amante. Ali, com as mãos estendidas como para implorar a caridade, elle procurava com



O PRIMEIRO BALÃO
DOS IRMÃOS MONTGOLFIER (*)

os olhos uma sombra querida por detrás das grades d'uma janella. Os dous amantes confundiam em seus olhares as suas inquietações, as suas esperanças e as suas almas. Era um espectaculo tocante o dos dous amantes compellidos a occultar o seu amor, um no segredo d'uma cellula, o outro debaixo dos andrajos d'um mendigo.

Tendo o marquez de Pombal perdido toda a esperança de fazer mudar de sentimento a joven Isabel, sollicitou juridicamente o divorcio a favor de seu filho. O esposo, repellido com tanta firmeza, foi procurar uma esposa no seio da familia condemnada e proscripta dos Tavoras, uma esposa cujo pae, o infeliz Nuno de Tavora, estava ainda em ferros. Extranha e deploravel contradicção d'espirito d'este altivo marquez de Pombal, que parece ambicionar o sangue das suas victimas para enobrecer o seu! Uma religião que ensina o perdão e o esquecimento das offensas não poderia recusar-se a abençoar com boa vontade uma alliança entre duas familias separadas outr'ora pela recordação d'um cadafalso.

Depois da acclamação de D. Maria I, Isabel deixou o convento d'Evora, onde soffrera tantas humilhações, e desposou diante dos altares o que possuia já desde muito tempo o seu coração e que era tão digno. Foi d'esta forma que a religião consagrou um amor levado pela perseguição até aos ultimos limites da dedicação.»

(*) Vid. pag. 292 do 2.° volume.
Esta gravura, assim como a de paginas 299, pertencem á curiosissima obra de Luiz Figuier «As grandes invenções», edição da casa Chardron, d'esta cidade.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO
INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Querendo o marquez de Pombal apresentar a el-rei um espectaculo magnifico, para elle apreciar os resultados praticos das suas reformas commerciaes e industriaes, mostrar aos estrangeiros o progresso da nação e responder ás accusações dos seus inimigos, ordenou que se fizesse na villa de Oeiras, em 1775, uma exposição a que concorressem todos os productos da industria fabril portugueza.

Expediram-se circulares ás auctoridades de todas as provincias, para que ordenassem aos proprietarios de fabricas que concorressem ao certamen.

Ninguem faltou, e aquella terra foi uma verdadeira exposição de tudo que se fabricava no paiz. A côrte, o corpo diplomatico, os consules, funccionarios publicos, os moradores de Lisboa, foram admirar os productos nacionaes.

El-rei, depois d'examinar minuciosamente todos os aperfeiçoamentos devidos ao seu grande enthusiasmo, apertou agradecido a mão ao marquez de Pombal e estreitou-o contra o peito.

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 91, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura póde ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietaria Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 25 DE MAIO DE 1882 — NUMERO 91

SUMMARIO

Texto: — O infante santo — O salteador dos mares — Creanças (poesia) por Guerra Junqueiro — Vasco da Gama (excerpto) por Bulhão Pato — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — O microscopio solar — O resgate do pintor — Na praia (poesia) — O conde d'Amarante (romance) — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As ilhas Sandwich — Os dramas do mar: Bontekoé — Ricardo Wagner — Zig-Zags: O uso da agoa — O olfato — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — O infante santo — Côrte de nma locomotiva — Microscopio solar — Wagner.

O INFANTE SANTO

O INFANTE SANTO

Filho d'el-rei D. João I e da rainha D. Philippa de Lencastre, foi o infante D. Fernando destinado desde tenros annos á vida ecclesiastica, e como tal foi dirigida a sua educação. Chegado, porém, á idade de trinta e quatro annos, e julgando-se com valor bastante para adquirir, como seus irmãos, nome honroso na milicia, intentou sahir de Portugal, passando a Tanger a convite de seu irmão D. Henrique.

Todos sabem o que succedeu em Tanger e quaes os revezes experimentados pelos expedicionarios portuguezes. Os mouros forçaram os nossos valentes soldados a render-se, ficando em poder dos barbaros o infante, quatro fidalgos e alguns criados, que se offereceram para o acompanhar.

D. Fernando foi primeiramente encerrado em uma torre, onde lhe deram muito maus tratos. Trasladaram-o para Arzila e d'Arzila para Fez, onde os infieis redobraram os maus tratos vendo que no reino se não resolvia a capitulação e promettida entrega de Ceuta.

O infante foi dado como escravo a um mouro chamado Lazaraque.

Em poder d'este verdugo, recebeu D. Fernando todo o genero de tormentos. Na estreita masmorra, onde jazia carregado de ferros, não entrava alimento algum: o infeliz nem agoa tinha para beber, muitas vezes. Lazaraque obrigava-o a limpar os cavallos, a varrer as estrebarias, e a cavar na horta, causando-lhe penas e dores enormes.

Tudo isto o infante soffria com resignação evangelica, mandando sempre dizer a D. Duarte, seu irmão, que não entregasse Ceuta, pois que esta praça era bem mais importante que a sua vida.

Quasi seis annos durou o captiveiro, ou antes o martyrio, do misero infante. Por fim estava elle encerrado em uma escura e infecta casa, contigua ás latrinas do alcaçar, onde o tinham como enterrado nos ultimos quinze mezes que precederam a sua morte, sem ter com quem fallar nem a quem podesse queixar-se. Estas derradeiras e pesadas affrontas aproximaram-lhe a hora do passamento. D. Fernando expirou aos 5 de junho de 1443, legando ao seu paiz um nome immorredouro e venerando.

O verdugo Lazaraque, ao saber da sua morte, mandou tirar-lhe os grilhões, abrir e embalsamar-lhe o corpo, e pendural-o nu, em signal de desprezo, nas ameias da muralha, junto da porta da cidade, com a cabeça para baixo.

Passados quatro dias, foi o cadaver mettido em um caixão de madeira e pendurado por cadeas sobre a mesma muralha, onde esteve muitos annos, até que, no tempo de D. Affonso V, foi trazido para o reino.

Em Lisboa, esteve no convento de Freiras do Salvador, sendo depois trasladado para a capella de D. João I, seu pae, no mosteiro da Batalha. Tem ali altar particular, onde todos os dias se celebra missa por elle.

No retabulo está retratada a sua imagem, com os grilhões do captiveiro, nos varios episodios da penosa existencia que viveu em Africa.

O SALTEADOR DOS MARES

Conclusão

IV

Era effectivamente João, o Destemido, o recem-chegado, o peregrino da taberna. Ainda que os annos não tinham passado em vão por sobre aquelle temivel inimigo dos argelinos, conservava ainda todo o seu vigor e aquella valentia que o tornava respeitado.

Tomou immediatamente as suas medidas. Mandou apagar todas as luzes da povoação; collocou sentinellas ao correr da praia e recommendou o mais profundo silencio a todas as pessoas que sem demora o tomaram por chefe.

—Obedecei somente ás ordens que eu vos transmittir com o meu assobio, disse-lhes elle. Por este sabereis tudo o que convem fazer.

—Mas pensa, perguntou um ancião tremendo, que os piratas virão?

—Dentro d'uma hora estarão aqui. Cuidado e alerta.

João encaminhou-se para a praia e poz-se a escutar. O vento soprava do poente, e posto a noute estivesse escurissima, elle sabia distinguir os objectos como se fosse dia claro.

Com effeito, o calculo d'aquelle homem experimentado não podia falhar. A galera que se avistara durante o dia no fundo do horisonte acabava d'apparecer por um dos promontorios proximos. Deu em seguida fundo, e Ben-Hamet, seguido de mais de cento e cincoenta homens, dirigiu-se resolutamente á povoação depois de effectuado o desembarque.

Se n'aquelle momento se houvesse pretendido perceber algum ruido, não se teria escutado senão o tenue murmurio das ondas. Hamet não esperava, não julgava que o estavam esperando. Avançou com os seus, julgando segura a presa. Já distinguiam as casas da povoação, quando de repente se sentiu uma terrivel descarga d'arcabuzaria, á qual respondeu immediatamente. Era mister vencer a resistencia, e deu ordem aos seus para avançarem. Começou então uma lucta terrivel. Por toda a parte os recem-chegados encontravam resistencia e a surpreza converteu-se em combate.

O famoso Ben-Hamet estava desesperado. Quem sería que observara a sua chegada?

N'este momento ouviu um assobio que resoava no meio da obscuridade.

—Ah! exclamou. Já comprehendo. Já sei quem adivinhou a minha chegada, quem preparou esta resistencia. Conheço muito bem este signal. E' o homem do capuz vermelho, aquelle que penetrou no golfo de Stora para atacar o palacio do bey, aquelle que, por alta noute, no meio da matança, roubou minha filha Fatima. Ah! Vingança! Alah põe-o nas minhas mãos!

E com a ferocidade propria do seu caracter, avançou até onde tinha sido soltado o assobio.

O instincto fez comprehender a João, o Destemido, que tinha de vencer ou morrer. O velho pirata hespanhol e o terrivel corsario argelino, o homem do capuz vermelho e o salteador dos mares encontravam-se face a face. A lucta sería digna de ser descripta pelo Tasso, ou Ariosto, se a luz do dia podesse alumial-a.

V

Os dous rivaes bateram-se encarniçadamente; mas as suas forças achavam-se tão niveladas, que a victoria não se inclinava para nenhum dos lados. O punhal, a espada, a pistola, a força muscular, tudo se poz em jogo. Hamet encontrava-se com um contrario invencivel.

Entretanto continuava o fogo. Os argelinos eram repellidos de todos os lados e tiveram d'ir cedendo o terreno pouco a pouco, tornando a embarcar-se sem terem podido lograr uma noute de saque e libertinagem.

Mas onde estava Ben-Hamet, o valente caudilho que os guiara ao combate? Ninguem sabia dizel-o. Deviam fugir? Deviam esperar? A necessidade obrigou-os a affastar-se da praia; tinham perdido a terça parte da gente ao cabo de tres horas de combate.

O povo, conhecedor da victoria, quiz, como era de justiça, pagar o legitimo tributo de admiração ao valente que os havia organisado para se defenderem; mas onde estava João, o Destemido?

Procuraram-o, mas inutilmente.

VI

No dia seguinte, quando o sol fez resplandecer com seus raios luminosos a natureza inteira, todos os habitantes sahiram em procura d'aquelle heroe, encontrando-o a final em um recanto da praia, morto, mas abraçado com um mouro.

O mouro era Ben-Hamet, que, morto

tambem, tinha expirado na lucta de titans.

Cousa horrivel!

A morte unira-os com o abraço do odio.

O abraço da vingança era ali o abraço da eternidade.

Os dous piratas tinham-se exterminado mutuamente.

CREANÇAS

Chamaste-me creança:
Longe de me offender,
Gostei... só peço a Deus
Que nunca em dias meus
Me tire a doce esperança
De o continuar a ser.

Minha alma pura e santa
E' creancinha loura
Que ri e chora e canta
A' luz do sol que a doura.

Creança é João de Deus,
Pomba que não tem par,
Olhando para os ceos
A ver se a pode achar.

Creança é a branca imagem
Do collo mais suave
Que a candida plumagem
Do collo d'uma ave...

Creança é a estrella calma,
A estrella que allumia
A noute do meu dia,
O dia da minha alma.

Creança é o lyrio santo;
O lyrio que eu adoro,
Que chora quando eu choro,
Que canta quando eu canto.

Creança é ella, a flor,
O balsamo bemdito
Que encerra o infinito
N'um circulo d'amor.

Ah! eu prefiro até
(Pobres loucuras minhas!)
Ao Deus dos grandes homens
O Deus das creancinhas!

E' n'esse, sim, que eu creio,
No Deus que s'insinua,
Bem como a luz da lua
Nas magoas do meu seio.

No Deus que ao vir d'aurora
Da flor suspende o aljofre,
No Deus que tambem chora,
No Deus que tambem soffre.

E' esse a quem á tarde,
Cá n'este val profundo,
Eu peço que me guarde
Das tentações do mundo.

E' esse o Deus que eu amo,
O Deus que não se esconde,
O Deus que me responde,
O Deus por quem eu chamo.

Doce, virginio labio,
Que um nome balbucia
E ensina mais que um sabio
N'um sec'lo ensinaria.

Quem trouxe a luz do bem,
Quem trouxe ao mundo a esp'rança
Senão essa creança
Nascida em Bethelem?

Creança é o luar,
Creanças as estrellas,
Ou não chorassem ellas
Em vendo alguem chorar!

Creança é tudo quanto
Caminha para a luz
E vae diluindo em pranto
A amargurada cruz.

Creanças somos nós,
Os monges do ideal,
Que andamos n'esta vida
A' espera do signal
E hora da partida.

GUERRA JUNQUEIRO

VASCO DA GAMA
PRESO EM CALECUT
1498

(EXCERPTO)

Conclusão

N'este momento o hespanhol Alonso Peres, que vivia entre os mouros e prestou grandes serviços aos nossos, passando por Vasco da Gama, disse-lhe:

«*Suffrir e callar*...

Realmente, ninguem podia soffrer com mais resignação as affrontas e ultrages, nem calar com maior prudencia os impetos de colera, do que Vasco da Gama, que ao mesmo tempo tinha mão no animo prompto dos seus, confortando-os com palavras de consolação e esperança.

Ao cabo de alguns dias de inqualificaveis vexames, com a morte imminente sobre a cabeça, não perdendo nem por instantes o pasmoso sangue frio e valor inquebrantavel, Vasco da Gama teve meio de communicar com seu irmão Paulo. Paulo da Gama estava prompto a sacrificar tudo para o salvar.

São nobres, são grandes, são dignas de um heroe as palavras de Vasco da Gama n'aquelle apertado lance!

Pedia-lhe que mandasse os refens a terra com muitas honras e presentes; mas vendo que nem assim o deixavam embarcar, que como irmão verdadeiro e amigo lhe pedia que se fizesse á vela:

«Porque ficando eu, se me matarem, não se perde nada, e se as naus não chegarem a Portugal perder-se-ha um tamanho bem de que terei de dar muitas contas a Deus.»

Os mouros e o catual, vendo que não podiam lograr facilmente os seus intentos, pela prudencia e commedimento do capitão-mor e da sua gente, sentindo que um golpe de mão violento podia ter funestas consequencias porque a bordo das naus estavam os refens, que eram nayres de posição importante na cidade, parentes de familias poderosas, que não consentiriam que elles fossem sacrificados, procurou com enredos e maquinações aballar o animo do rei contra os nossos, para dar um caracter legal aos seus actos caso o Samorim, como de facto aconteceu, lhe mandasse cortar a cabeça.

Estava dada a sentença e por um fio a vida de Vasco da Gama. N'estes extremos, Paulo da Gama, que votava o mais fraterno amor ao irmão, appellou para os nayres seus refens. Soube fallar ao coração d'aquelles homens, que se haviam dado como garantia das vidas dos nossos; dizendo-lhes que os deixava livres para se irem a el-rei contar-lhe a traição de seus servidores, e que elles, os portuguezes, proclamariam por toda a parte por onde andassem como n'aquella terra e com aquelle rei se cumpriam as leis da honra e da lealdade. Mas que pela cabeça do monarcha de Portugal lhe jurava que, se tocassem n'um cabello dos nossos, que estavam em terra, a ferro e a fogo os haviam de pagar. E cobrindo-os de presentes, declarou-lhes que se podiam ir livres para terra, simulando que incontinente levantaria ancora, saindo d'aquelle porto.

Não apellou em vão para os brios dos nayres; encontrou n'elles a elevação de sentimentos propria da sua raça nobre e guerreira.

Pediram a Paulo da Gama que não partisse antes que elles fossem fallar com el-rei, a quem tudo haviam de contar, jurando que, se o embaixador fosse condemnado á morte, todos elles, diante do proprio rei, se matariam. Paulo da Gama, affectando que não dava credito ás palavras dos nayres, nem tinha esperança na justiça do rei de Calecut, assim que os nayres saíram nas almadias, soltou as velas, como se estivera resolvido a largar definitivamente do porto.

O Samorim revogára a sentença de morte a rogos do seu bramane-mor e do seu vedor da fazenda. Ouvindo agora os nayres, cuja posição e influencia lhe eram conhecidas, vendo que as naus deixavam o porto sem praticarem a mais leve violencia, caiu em si, e mandando chamar Vasco da Gama, não só o poz em plena liberdade, como lho mandou pagar a fazenda que desembarcara em terra, dando-lhe as mais amplas satisfações pelo procedimento que, com sua completa ignorancia, os seus serviçaes tinham tido com elle.

Promettia o rei de Calecut fazer severa justiça n'aquelles que, a seu despeito, tinham praticado actos de tal natureza, depois d'elle haver firmado um

pacto de boa alliança com os enviados de el-rei de Portugal. O promettido castigo, que devia recaír principalmente sobre o catual e os mouros mais influentes que haviam tecido o tenebroso enredo— não vem a realisar-se.

Chegando a bordo, Vasco da Gama, no meio de lagrimas de prazer que se viam em todos os semblantes, abraçou-se ao irmão com todo o impeto de fraternal affecto, e, aquelle homem inabalavel nos perigos e na adversidade, não póde conter as lagrimas, que, rompendo do coração, lhe saltaram aos borbotões dos olhos, alagando-lhe o rosto marcial.

Ao partir, Vasco da Gama deu ao hespanhol, que tanto lhe havia servido, cinco portuguezes de ouro, dez covados de grã, quatro barretes vermelhos e um papel em que dizia:

«Senhores portuguezes. Este castelhano, chamado Alonso Peres, é verdadeiro amigo nosso, e por tanto n'elle podem ter muita confiança, porque n'elle achei toda a verdade como fiel christão.»

«Assignado— *Vasco da Gama.*»

Assim partiram as naus para Portugal, trazendo a nova da grande descoberta da India, mas deixando em Calecut o germem de monstruosas vindictas, vindictas que se haviam de converter, em um futuro proximo, nas paginas mais barbaramente ensanguentadas da historia d'aquella brilhante, mas terrivel conquista!

BULHÃO PATO

O CHAPEO BRANCO

Continuação

D'ahi a momentos Vieira e Alexandrina encaminhavam-se para casa na sege que os conduzira.

Foi Alexandrina a primeira a romper o silencio mal entraram para a sege.

—Quem é aquella infeliz? perguntou.

—Ainda não o adivinhou? disse Vieira.

—Tenho um presentimento, tornou Alexandrina.

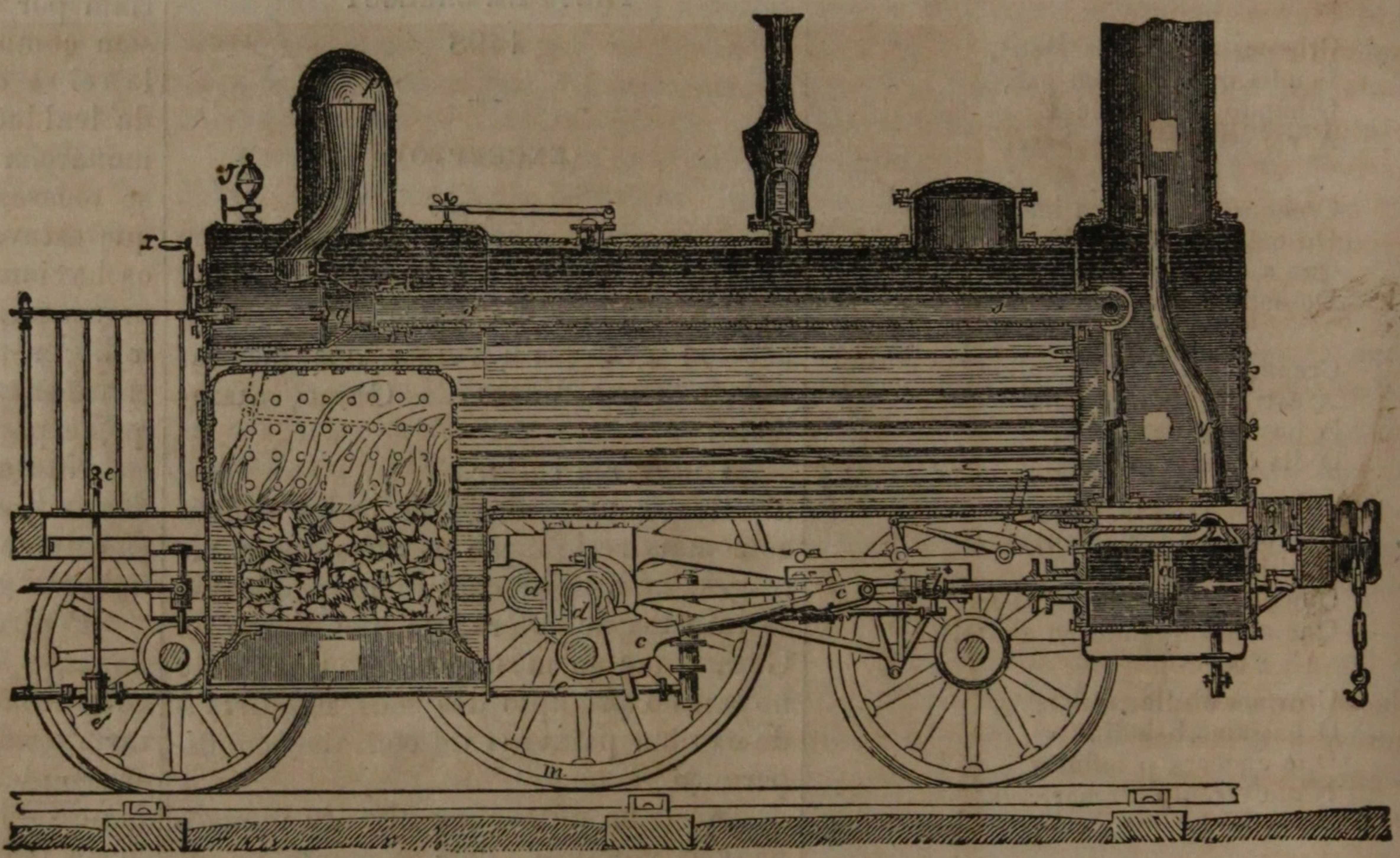
—Aquella mulher tem uma historia, que lhe contarei em quatro palavras. Chama-se Ricarda e nasceu em Leiria. O pae era um pobre, mas honrado artista. Ella era formosa como um serafim. Namorou-a um fidalgo, seduziu-a e fugiu com ella para o Porto. Quando Ricarda se tornou mãe, o fidalgo abandonou-a. Eis a sua historia. Eu não lhe disse que se contava em quatro palavras? Agora quer saber quem foi o seductor? Esse monstro chamava-se...

—Não diga mais! exclamou Alexandrina. O que acaba de dizer faz-me adivinhar o resto.

—E agora, disse Vieira com uma entonação grave e pausada, ainda continuará a amar aquelle monstro, que se chama Henrique de Vasconcellos?

—Oh! Não! exclamou Alexandrina com os olhos rasos de lagrimas. Se ha um homem a quem eu deva tributar todos os santos affectos da minha alma, é aquelle que acaba de desviar-me da estrada da perdição em que ia despenhar-me pela minha inexperiencia do mundo. Eu não sabia que havia homens tão perversos! Havemos de continuar a olhar por Ricarda, não é verdade?... Heide mandar-lhe parte da minha roupa; heide...

Alexandrina foi interrompida pela voz do cocheiro, que fazia parar os cavallos. Estavam no largo de S. Domingos. D'ahi a momentos os dous estavam em casa.



CÓRTE D'UMA LOCOMOTIVA (*)

—Convem, disse Vieira, guardar o mais profundo segredo ácerca de tudo quanto acaba de passar-se. Jura-o assim, Alexandrina?

—Juro. Nem a meu proprio pae revelaria o que me aconteceu.

—A esse, mais que a ninguem, deve ser desconhecido o motivo porque os amores de sua filha acabaram. Mas acabaram elles, Alexandrina?

—Juro-lhe que voto ao doutor o mais absoluto desprezo depois do que venho de saber.

Quando Vieira se viu só, deu graças a Deus pela mudança que acabava de operar-se no animo de Alexandrina.

—Que venha agora o pae. Jurei-lhe que a honra da sua casa não correria o menor risco em quanto elle estivesse ausente e Deus permittiu que o meu juramente se cumprisse.

Francisco do Nascimento voltava a sua casa oito dias depois. Quando o caixeiro lhe disse que Alexandrina já não amava o doutor, o negociante ficou admirado; mas quando realmente cahiu das nuvens, foi quando, no dia immediato ao da sua chegada, Alexandrina lhe pediu uma entrevista e depois de lhe confessar com todo o desassombro que estava resolvida a casar-se, pediu a seu pae lhe desse o consentimento.

—Casar-te! disse Nascimento. E quem é o escolhido do teu coração? Sabe que se fôr homem da minha sympathia, não só consinto, mas...

—Tenho a certeza de que não o pode ser mais.

—Então quem é elle? Como se chama?

—Chama-se José Vieira dos Santos.

(*) Vid pag. 252 do 2.º volume.
Esta gravura, assim como a de paginas 309, pertencem á curiosissima obra de Luiz Figuier «As grandes invenções», edição da casa Chardron, d'esta cidade.

—E' possivel! exclamou Nascimento dando um salto na cadeira. Pois um homem que tem o dobro da tua idade!

—Não importa. E' o escolhido do meu coração. Não darei a outro a minha mão. Não o acha digno da escolha?

—Acho-o muito digno de ser teu marido e de ser meu genro. Mas que resolução esta? Sabe-o elle? Que cousas se passaram n'esta casa durante a minha ausencia?

—Não se passou nada d'extraordinario, disse Alexandrina com a maior serenidade. A minha resolução, de que Viéira não tem conhecimento, é o resultado d'uma profunda meditação do meu espirito. Tenho notado que meu pae lhe chama o seu melhor amigo, que elle lhe é, por seu lado, um amigo dedicado e fiel. Ora, se meu pae quer a minha felicidade, hade forçosamente applaudir a minha resolução. Era-me absolutamente impossivel escolher marido mais do agrado de meu pae.

Continua

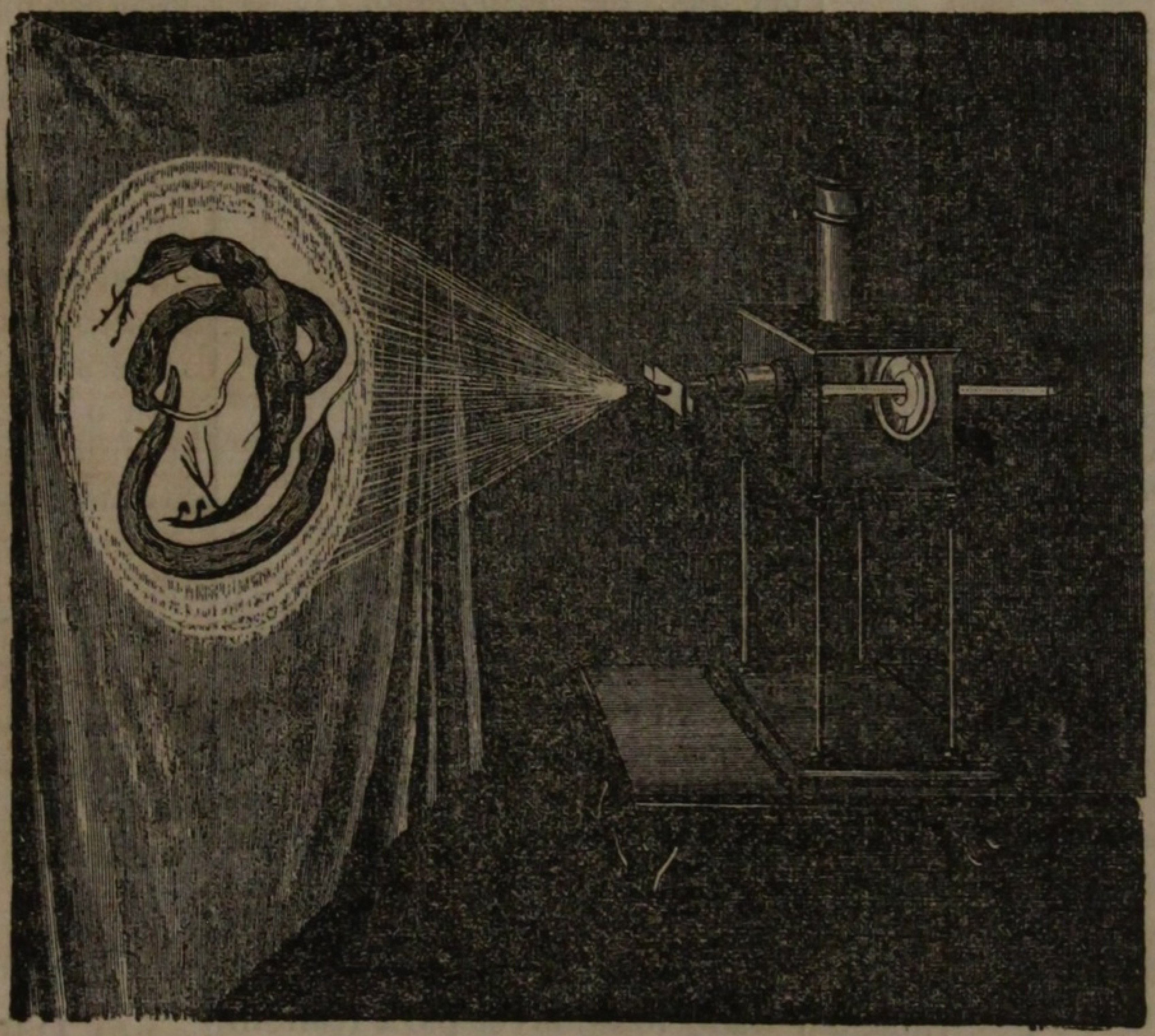
JORGE DE MACEDO

O MICROSCOPIO SOLAR

O microscopio solar é uma simples lente que serve para amplificar consideravelmente a imagem d'um objecto illuminado por meio da luz do sol.

Um feixe de raios solares é recebido dentro d'uma camara completamente privada de outra luz. Este feixe passa por um estreito orificio circular aberto em uma das meias portas da janella e vem allumiar mui vivamente um objecto estendido sobre uma lamina de vidro, collocada no trajecto dos raios solares. Uma lente de vidro, fixa no pequeno tubo, situada diante do objecto, amplifica consideravelmente este objecto, o qual, assim amplificado, vae projectar-se e desenhar-se sobre um diaphragma. As dimensões da imagem augmentam á proporção que se affasta o diaphragma.

Vê-se pois que o microscopio solar não é mais que a lanterna magica fortemente illuminada pelos raios solares. A imagem produzida é de grandes dimensões, mas indecisa, e quanto mais augmenta, tanto menos nitida se mostra, como succede com as imagens formadas pela lanterna magica.



MICROSCOPIO SOLAR

O RESGATE DO PINTOR

—Ah! Que rochedos selvagens! exclama um rapaz debruçado á beira do abysmo. Devia ser em um sitio como este que Prometheu esteve captivo Parece que estas profundas cavernas foram feitas para servirem d'asylo á força e á astucia, essas duas divindades que Eschylo cantou. Se eu tivesse pretenções a fazer passar o meu nome á posteridade por meio d'algum dos grandes trabalhos que denunciam um artista habil, esta montanha sería o meu Caucaso. Eu faria descer o abutre que devora sem cessar as entranhas do generoso mortal cuja mão audaciosa tinha roubado aos deuses a chamma celeste!

Em quanto o rapaz se entregava a esta meditação e dava largas ao seu enthusiasmo d'artista, um salteador dos Abruzzos, que o tinha seguido sem elle o presentir, tomou-lhe a dianteira e fez ouvir com acento terrivel a formula consagrada:

—A bolsa ou a vida!

O rapaz voltou a cabeça com a indifferença d'um viajante que desde muito longe esperava por aquelle encontro.

—A bolsa! disse elle. Vá pedil-a ao ultimo estalajadeiro do valle. Só me resta a vida, e está á sua disposição; mas advirto-o de que para nada lhe pode servir.

Havia tão amarga ironia no acento com que o rapaz acompanhou estas palavras, que o cano da arma se abaixou como por encanto, e o salteador, movido por um sentimento d'interesse, encarou o rapaz com um gesto amigavel.

—Ah! Tu és infeliz, meu pobre rapaz! Queres então ser dos nossos?

N'este momento surgiram outros bandidos, e no meio d'elles divisou o viajante uma rapariga admiravelmente bella, a qual correu para o salteador que primeiro vimos approximar-se do rapaz, sem duvida para verificar se entre os dous teria havido lucta.

—Não te assustes, Marietta, disse-lhe o salteador. E' um pobre rapazelho, sem armas para se defender sequer.

—E' um pintor, respondeu Marietta. Não vês ali sobre aquelle rochedo um pedaço de lapis?

—E' verdade.

—Nada de piedade para elle! exclamou um salteador velho e d'aspecto feroz. Nada de piedade! Estes marotos d'estes pintores são outros tantos espiões que vem reproduzir-nos as feições para nos denunciarem ás auctoridades. Espalham os nossos retratos por cidades e aldeias, e quando a gente vae á missa, todos nos apontam ao dedo. Eu que o diga, que com essa graça, tenho perdido um bom par de missas! Nada; dê-se cabo d'elle!

—Alto! replicou o outro bandido. Este rapaz tem cara de pouco habil para grandes emprezas; no entanto, visto ter vindo até aqui sem conhecer os caminhos, deve ser homem de resolução. Sabem que perdemos o pobre Francesco, que havia de ter a sua idade. Eu proponho que o tomemós para a nossa quadrilha.

—E aceita elle?

—Não aceito, respondeu o rapaz. Não sinto propensão para tal modo de vida.

—Eu pensei, tornou o bandido, que tu eras napolitano e que fugias á perseguição dos nossos tyrannos, os hespanhoes.

Continua

NA PRAIA

Na espadua negra de crestada penha
Fremente a vaga se desfaz em 'spuma;
Em furna algosa o vendaval braveja,
Abre-se o abysmo, que estuando fuma!

Phantasma livido, a extensão dos mares
Se envolve em frio, pardacento veo,
Sudario immenso de gigante enorme,
Que tem por campa a amplidão do ceo.

E' sem limite a cerração medonha;
Da noute o dedo impõe silencio ao ar;
Só dos trementes pavorosos labios
Sua voz desprende o truculento mar.

Na nudez funda dos desertos d'alma
O luto obumbra os pensamentos meus,
Legiões sombrias, que esvoaçam timidas,
Quaes mariposas, ao clarão de Deus.

E eu só, pendido sobre o eterno enigma,
As trevas densas com horror palpei!...
Par'ceu-me o mundo recuar ao cahos,
E além do mundo a minha voz soltei.

«Sublime lynce, ó fé, que lês no incognito,
Que vês na sombra, que a rasão circunda,
Abre-me o livro da sapiencia augusta,
De Deus escripto pela mão fecunda.

Abre-me o livro, d'onde foge a duvida,
Fonte de balsamo á pungente dôr;
Abre-me o livro, que uma só palavra
Enche e perfuma repetindo — amor.»

E eu quasi immerso em desalento extremo
Aos pés do Eterno a minha dôr vazei...
Correu minh'alma a Deus, qual rio aos mares,
E em Deus somente a paz e luz achei.

B. Wernéck

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
VII

O CASTRO DE SUAR

Continuação

Quantos ensinamentos radicavam as suas palavras, aprofundando-as em toda a sua accepção social! Quão claro viamos todos n'aquelle instante, e dentro d'aquelle mesmo castro de Suar, em que nos achavamos, alargarem-se, onda após onda, as sociedades primitivas, para vir constituir a sociedade actual depois de multiplas e contrariadas evoluções! Quão bem se comprehendia a vida d'aquellas tribus celticas, sem outra personalidade individual do que a collectiva da propria tribu com seu patriarca! Então a familia era uma tribu, a tribu dos ártabros, ou arrotrebas, por exemplo. Depois, com a colonisação grega, a civilisação romana especialmente, e o christianismo, a tribu se transformava em povo, ou villar, e o povo ou villar em pequenas familias, em que o lar ou a choça occulta ou não occulta no sombrio conducto das montanhas, marcava uma personalidade material, base da personalidade moral moderna. Junte-se a isto o abarracamento que se agrupou ás immediações do castello feudal e do mosteiro, não menos senhorial durante a monarchia gallo-sueva, e a verdade do quadro ethnographico não pode resplandecer com mais pureza.

—Porém, tio Xavier, lhe disse, como é que os homens eminentes em historia nacional não illucidaram a origem e objecto de nossos antiquissimos castros como o tio o acaba de fazer em tão poucas palavras?

—Pois que, me respondeu, soube ou sabe algum academico da historia, o que suppõe ácerca dos nossos castros ou jámais os viu?

—Cornide! exclamei triumphantemente.

—E' o unico, respondeu meu tio Xavier mais triumphantemente do que eu; eis o unico que poderia illucidal-os; porém Cornide via tudo pelo prisma romano; era a encarnação d'aquella sabedoria historica, a que alludi ha pouco, e que não sabia sahir d'esse circulo estreito do romanismo. Tanto que violentou ou transfigurou tudo geographica e historicamente, por fazer romana a origem phenicia da torre de Hercules da Corunha, confundindo a sua renovação no imperio de Trajano com a sua primitiva erecção puramente tyria. Se não fosse por esse romanismo, que o cegava, Cornide, reconhecendo a sua verdadeira origem no farol brigantino, tinha um dado formidavel para restituir aos mares da Galiza as Cassitérides, que os publicistas inglezes queriam levar aos mares da Britania, não comprehendendo Estrabão, que as colloca *in Artabris* (Galiza), e Mela, que as colloca tambem *in Celticis* (Galiza).

Em seguida meu tio Xavier, como não nos quizesse ver todos tão serios e preoccupados, como nos achavamos, pediu ao morgado de Dorra que lê-se algumas das suas poesias, particularmente as balladas do Ulla, balladas que o bom do archeologo tanto gabou.

VIII

AS BALLADAS DO ULLA

—Senhor conde, disse-me Atilano, eu quizera ler a V. Ex.ª as minhas oitavas reaes á Virgem, e ao mesmo tempo uma ou duas das do Ulla, para que visse em mim mesmo um Jano poetico, isto é, duas phases poeticas distinctas; a que se adapta ás conveniencias sociaes da minha epoca, como o é a minha phase religiosa, e a outra, em que meu espirito, livre como o vôo da aguia sobre os pinheiraes de nossos rios, se manifesta pura, sem liga moral alguma, que é, como se disseramos, o *meu eu* na sua plenitude de ser.

—Como lhe aprouver, Atilano, lhe respondi preferindo o horror de o ouvir recitar versos ao de o ver em *ápartes* com Florentina.

O poeta começou então a recitar a sua poesia á Virgem, apresentando-a com todo o ardor queixoso da oratoria mystica:

«Mãe do Creador, que em teu palacio
E's a Mãe do Pae dos paes,
E o Rei dos reis, como diz Horacio...»

—Basta... basta, Atilano, interrompi ao ouvir rolar aquella *avalanche* de mysticismo; leia antes as suas poesias amorosas, porque, francamente, eu creio que os versos só foram inventados para o amor. Cança-me ouvir tratar em verso assumptos religiosos, ou militares e politicos. Nunca pude ler em verso esses mil poemas sagrados, heroicos ou satyricos que ha, porque os versos só foram inventados pelo amor para o amor. Prova d'isso, que só sobrevivem no sentimento publico os versos amorosos a quantos d'outra indole se inventaram. Dizendo-lhe isto, talvez não esteja no melhor terreno; porém é uma supplica humilissima que lhe faço. No dia em que puzeram em verso o *Padre Nosso*, essa admiravel inspiração do Mestre dos mestres, adeus sentimento! adeus aroma do candor que constitue a sua poesia!

Continua

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXXI

AS ILHAS SANDWICH

A nação onde chegamos na nossa digressão através do mundo, tem para nós um interesse especial, e por isso nos obriga a fazer uma paragem mais demorada. E' que é ali em grande numero a colonia portugueza, porque a corrente da emigração dos nossos compatriotas, não sabemos se bem, se mal dirigida, tem-se encaminhado para ali de um modo quasi assombroso nos ultimos tempos, graças ás varias agencias que nos estão roubando os braços cuja falta a nossa agricultura padece, com promessas que não sabemos se são ou não completa burla.

Só o tempo o pode decidir. Vamos no entretanto visitando essas terras, vendo-as de longe, o que sem duvida é muito melhor.

As ilhas Sandwich ou archipelago de Hawaii, que formam parte da Polynesia, isto é, da Oceania, são um grupo de 15 ilhas, sendo 5 as mais importantes. Eis os nomes d'estas: Hawaii, Mawi, Oahu, Lanei e Kaulaui.

Calcula-se a superficie das ilhas Sandwich em 15:300 kilometros quadrados. O solo é montanhoso e vulcanico; costas cheias de rochas de coral, mas com bons ancoradouros. E' grande a fertilidade de plantas tropicaes e vegetaes europeus, aclimados pelos missionarios. Uma das industrias mais importantes é a da engorda do gado. Ha muitas fabricas de pannos e de papel, feito com a casca da amoreira; construcção de navios. Exploração de sal. Commercio de café, araruta, assucar, pelles de cabras, couros, tabacos, madeiras preciosas.

O clima é quente, mas são.

Calcula-se a população das ilhas Sandwich em 70:000 almas, sendo a maior parte da raça malaia. Quasi todos seguem a religião protestante; o maior numero de catholicos que hoje ali ha são os portuguezes que se encontram trabalhando.

Devido aos incessantes esforços do actual monarca, David Kalakaua, que ha pouco nos visitou, a nação tem prosperado a olhos vistos; em um curto espaço de tempo o archipelago tem soffrido uma grande transformação sob o ponto de vista intellectual, politico e material.

O que não melhorarou ainda, são as tendencias d'aquelle povo, a sua proverbial indolencia e a affeição pronunciadissima aos divertimentos pagãos, que formam o caracter dominante da raça hawaiana.

A natação é um dos seus divertimentos prediletos. Procuram avidamente as encostas do mar, rios e lagos, onde saciam aquella verdadeira paixão.

Trabalham pouco, porque a indolencia impera fortemente nos seus corpos e espiritos. E' por isso que tanto apreço se dá aos colonos europeus, que ainda não aprenderam a ser preguiçosos como os indigenas.

Os seus vestuarios teem soffrido com o correr dos tempos muitas e uteis modificações. Nas cidades os homens usam o trajo europeu, inclusivé o calçado. Esta ultima innovação principalmente constitue um dos signaes mais caracteristicos do seu progresso e civilisação. Os povos primitivos mostravam sempre grande repugnancia em aprisionarem os pés no calçado. No campo os trabalhadores conservam o antigo calção, e as mulheres uma larga bata que lhes chega aos pés sem estar sujeita á cintura: é um perfeito sacco.

Gostam immenso de adornar a cabeça com flores de jasmim, ou outras mimosas, collocando-as graciosamente nas tranças de seus cabellos.

A maior parte das antigas cabanas de palha teem sido substituidas por casas, solidamente construidas, espaçosas e mais hygienicas.

Continua

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

Continuação

III

EM SANTA MARIA

Uns entraram de deitar a rede no lago; outros foram á caça das tartarugas e patos bravos; outros emfim, tendo-se afastado um pouco, reconheceram em breve que tinham encontrado um regato d'agoa doce.

Grandes fogueiras acenderam-se; fizeram se espetos de pau e assaram-se patos previamente untados com gordura de tartarugas, cozidas na sua casca. Vieram depois os pescadores com anguias muito grossas que tinham pescado e com as quaes o cozinheiro fez apetitosas caldeiradas.

Tres dias depois os doentes estavam muito melhores. Levaram-os para o navio, á excepção de sete, que, achando-se ainda bastante atacados, alcançaram ordem de ficar em terra até ao momento do navio se fazer de vela.

Os marinheiros fizeram uma grande colheita de aves, tartarugas e anguias, que foram salgadas e augmentaram as provisões do navio.

Emfim levantou-se ferro, deixando deserta, como até ali estivera, aquella magnifica ilha Bourbon, que devia ser, cento e cincoenta annos mais tarde, uma das mais florescentes colonias francezas.

A intenção de Bontekoe era fazer escala pela Mauricia, como o havia feito pela Bourbon, para que a segunda ilha completasse sobre a equipagem a obra de curação iniciada pela primeira ilha. Mas os calculos foram mal feitos; tinham descido muito, e a Mauricia, vista de longe, ficava-lhes á esquerda.

Principiaram então as angustias. A tripulação ainda contava alguns doentes, que com mais dous ou tres dias de demora na ilha teriam sarado. Porque não se sacrificaram esses dous ou tres dias, que são cousa tão insignificante em uma viagem como esta, á saude, o primeiro bem do marinheiro, a grande riqueza do capitão?

A' amargura d'estas reflexões veio em breve ajuntar-se uma inquietação terrivel.

Por pouco conhecedor que se fosse dos caprichos d'aquelle mar quasi desconhecido, ignorando mesmo a paragem em que se estava, havia motivos graves de temor, adivinhava-se que havia a percorrer ainda por muito tempo as latitudes do sul antes de encontrar os ventos alizados que deviam impellir o navio para Bentem ou Batavia. Este receio decidiu os nossos viajantes a virar de bordo, tomando por ponto de escala a ilha de Santa Maria, situada a sessenta legoas de Madagascar, quasi defronte da bahia de Antão-Gil.

Chegaram ahi naturalmente pelo lado oriental da ilha e fundearam em uma depressão da costa, por trese braças d'uma agoa tão pura, que se via claramente o fundo do mar.

A ilha de Santa Maria achava-se povoada. Os habitantes, apesar de menos acostumados ainda do que os de Madagascar a ver europeus, apressaram-se a ir a bordo, levando galinhas, limões e arroz, e além d'isso fizeram comprehender por meio de signaes que tinham tambem vaccas, carneiros e outras provisões.

Para lhes captar as sympathias, o capitão deu-lhes a beber vinho em uma bacia de prata. Beberam com avidez, como bebe um cão, ou outro qualquer animal, isto é, mettendo a cabeça dentro da bacia; depois, logo em seguida, como o effeito foi rapido, porque não estavam acostumados áquelle liquido, entraram de dansar como doudos e de gritar como furiosos.

Aquelles selvagens pertenciam á segunda raça, á raça amarella, provenientes dos planaltos da Asia, e estavam nus, á excepção d'um pedaço de fazenda posto á maneira d'avental.

Do navio todos os dias se ia a terra e se faziam trocas com os habitantes: campainhas, colheres, facas, contas de vidro ou coral, taes eram os meios poderosos de seducção empregados por Bontekoe. Por cada um d'estes objectos obtinha-se um anho, um porco, carneiros, arroz, melancias, e leite, que levavam em grandes folhas entrançadas formando cestos tão seguros como gamellas ou vasos de porcellana. Mas como entre os fructos, os que mais falta faziam, os limões e laranjas, eram justamente os mais necessarios para homens atacados de escurbuto, Bontekoe resolveu, para os procurar, fazer uma excursão a Madagascar.

Armou-se uma lancha, com todos os aprestos necessarios para a expedição.

Continua

RICARDO WAGNER

—

Quem não conhece, de nome pelo menos, o celebre auctor da *musica do futuro*, que ultimamente tem pretendido, com os ares d'um Messias visionario, imprimir na sciencia musical um movimento, que é nem mais nem menos do que a revelação d'uma nova phase em que ninguem sonhava na divina arte, tão velha quasi como o mundo?

Visionario chamamos-lhe nós, e é fazer-lhe favor, porque os menos enthusiastas das suas concepções extravagantes, chegam a apodal-o de louco rematado.

Wagner quer submetter tudo a este principio: a philosophia, a politica, a religião, a sociedade, tudo quanto o espirito humano ha produzido, hade soffrer uma reforma, cuja iniciativa pertence á arte do futuro, a qual, no seu dizer, hade resolver com facilidade todas as questões que os grandes pensadores não resolveram em muitos seculos.

Ninguem havia de dizer que á musica estava reservado um papel tão importante na scena das grandes reformas sociaes; já agora resignamo-nos a esperar que os meios empregados pelo maestro allemão produzam os resultados por elle tão pomposamente annunciados.

Limitemo-nos por agora a assignalar as phases mais notaveis da vida de Wagner.

Nascido em Leipzig em 22 de maio de 1813, ficou entregue á tutella materna em verdes annos, dedicando-se á musica mais tarde e produzindo a primeira opera em Paris em 1839. Tres annos depois voltou a Allemanha, onde, arrastado pela corrente revolucionaria de 1848, se comprometteu a ponto de ter de emigrar, facultando-lhe o seu amigo Liszt os meios de se trasladar a Paris.

Quando subiu ao throno da Baviera o rei Luiz II, Wagner voltou á sua patria, onde encontrou no novo soberano, moço generoso e amigo das emprezas grandes, um protector desvelado. E' á sombra d'esta protecção que o maestro se tem entregado nos ultimos annos ás suas phantasiosas ideias, que accusam um cerebro enfermiço, ao passo que nada util teem produzido para a humanidade.

WAGNER

ZIG-ZAGS

—

O USO DA AGOA

Com o uso das agoas para beber deve haver o maior escrupulo. A falta de cuidado n'este ponto é a origem de doenças graves nos homens e nos animaes. São sobretudo as agoas turvas estagnadas que produzem febres intermittentes, febres typhoides, e muitas doenças perigosas nos gados. Deixar beber o gado nos pantanos, nas valas, nas agoas enxarcadas, é correr o risco de o ver morrer com um verdadeiro envenenamento. Algumas vezes falta a agoa corrente e pura; n'esse caso convem modificar-lhe as qualidades nocivas, senão tirar-lh'as de todo.

O uso de filtrar a agoa de beber é antigo e bom, mas é caro; comtudo convem empregal-o, quando se trata da agoa destinada para os homens. Camadas alternadas de carvão pisado e de areia fina e bem lavada, constituem um bom filtro. O lavrador, obrigado a viver em localidades onde a agoa escasseia ás vezes, não deve por isso conhecer-lhe os defeitos e saber-lh'os corrigir; depende d'ahi muitas vezes a saude e a vida, e dependem tambem as suas industrias ruraes.

Na India costumam purificar a agoa, pondo-a em potes de barro, cujas paredes internas esfregam com uma amendoa oleaginosa. A agoa clarifica-se, porque o corpo gorduroso faz coagular toda a cal que a agoa tem em suspensão. Processo melhor é o emprego do alumen, na proporção de dez grammas d'esta substancia por cada hectolitro de agoa turva.

—

O OLFATO

Afirma-se que ha na Africa negros com o olfato tão fino, que conhecem só pelo cheiro se foi um branco ou um negro que passou.

As abelhas teem o olfato tão apurado, que o cheiro do mel as attrae da cidade ao campo.

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 91, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150 1.° andar.

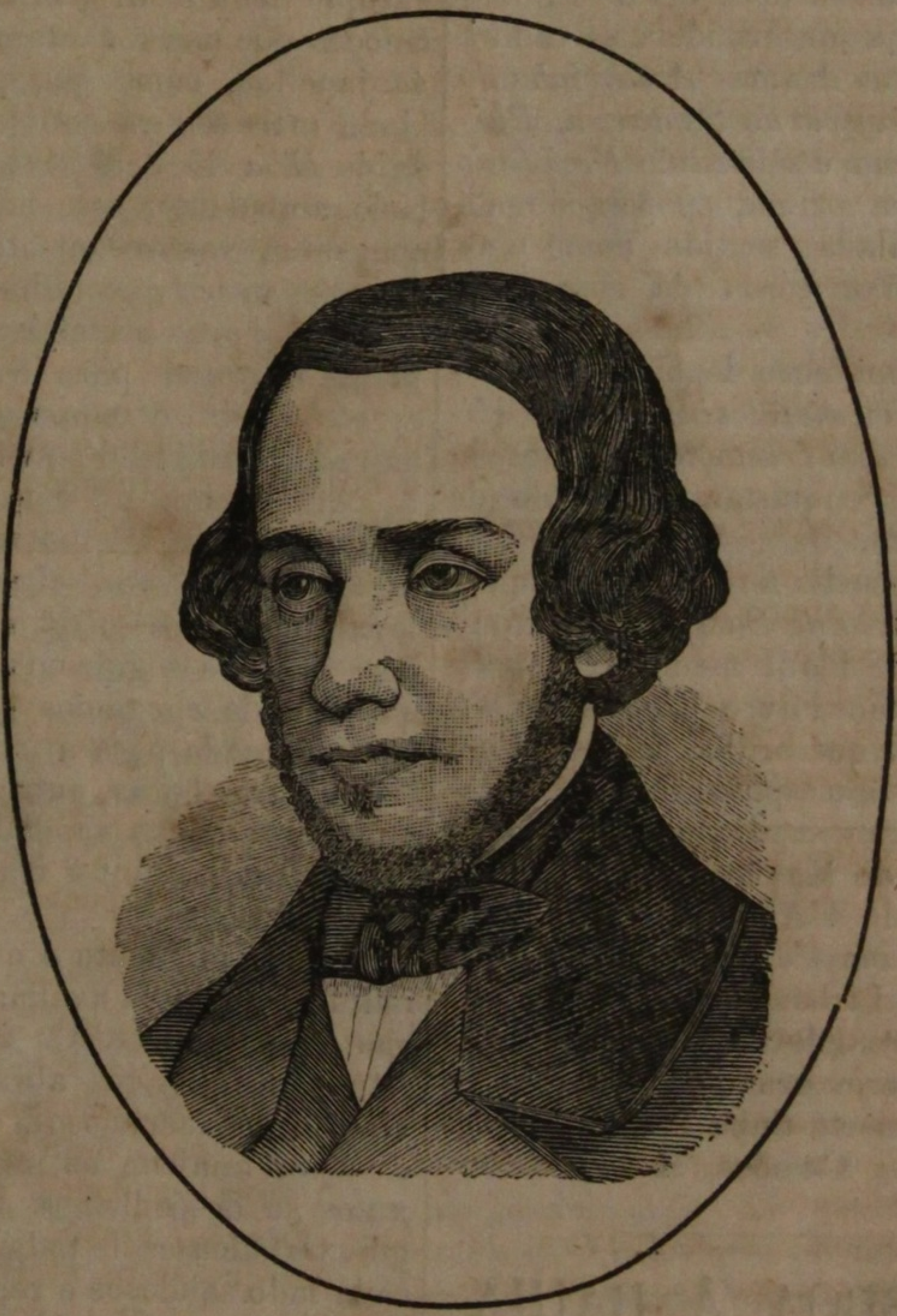
A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 1 DE JUNHO DE 1882 | NUMERO 92



VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

SUMMARIO

Texto: — Visconde d'Almeida Garrett — De Lisboa á Bahia, por M. J. Leite Galvão — Uma amiga (poesia) por Anthero do Quental — O resgate do pintor — Um passeio na minha aldeia, por J. J. Gonçalves Pereira — Os aerostatos na guerra — Francisco d'Almada, por R. F. — Victor Hugo — Sciencia para todos: Optica, por Doutor Jayme. — O hymno do menino ao despertar (poesia) — O conde d'Amarante (romance) — Os dramas do mar: Bontekoe — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As ilhas Sandwich — Experiencias electricas — Bibliographia — Zig-Zags: O corpo humano — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Visconde d'Almeida Garrett — Os aerostatos na guerra — Victor Hugo — Experiencias electricas.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

Camões na litteratura antiga e Almeida Garrett na moderna, ambos estes genios deixaram bem assignalada a sua passagem através do horisonte litterario da nossa patria. O primeiro foi o cantor das nossas glorias; deve-se-lhe o immortal monumento erguido pela alma mais portugueza aos feitos heroicos dos nossos antepassados; o segundo foi a glorificação do primeiro, imprimindo em magnificos versos as linhas iniciaes do padrão indelevel que a patria devia ao cantor dos seus dias de gloria.

Mas o traço caracteristico da individualidade litteraria retratada na nossa primeira pagina, é que o visconde d'Almeida Garrett foi o reformador do nosso theatro. Foi essa a ideia patriotica com que escreveu o *Auto de Gil Vicente*, representado pela primeira vez no theatro da rua dos Condes em 15 de agosto de 1828 e que veio marcar uma epoca nova nos annaes do theatro nacional. «O que eu tinha no coração e na cabeça, diz elle na introducção de aquelle drama, —a restauração do nosso theatro, seu fundador Gil Vicente, seu primeiro protector El-rei D. Manoel, aquella grande epocha, aquella grande gloria, —de tudo isto se fez o drama.»

Foi ainda a mesma ideia salvadora que lhe ditou os dramas *A sobrinha do Marquez*, *Alfageme de Santarem*, *Philippa de Vilhena*, e sobretudo *Frei Luiz de Sousa*, obra prima, epopeia singela como uma balada, sentida como uma elegia, que foi a coroa da sua gloria dramatica.

Camões appareceu depois, seguindo-se-lhe *D. Branca*, *Adosinda*, *João Minimo*, *Flores sem fructo*, etc. Todos estes livros lhe conquistaram o titulo de poeta distincto.

No romance diz-nos o que foi aquelle auctor o *Arco de Sant'Anna*, chronica-romance da idade media, e o excellente e espirituoso livro *Viagens na minha terra*, em que brilha, ao lado d'um estylo delicioso, o espirito finamente ironico de Sterne e a veia profundamente observadora de Xavier de Maistre.

O visconde d'Almeida Garrett nasceu no Porto em 4 de fevereiro de 1798 e falleceu em Lisboa com sessenta e seis annos d'idade. Elevou-se pelo seu talento ás maiores grandezas do reino e na hora da morte tinha tantas riquezas quantas as de Camões, Milton e Cervantes.

DE LISBOA Á BAHIA

O que vae ler-se não passa d'umas simples notas de viagem.

Depois de regressarmos da aldeia natal, onde nos levou a mais cordeal amizade e a mais saudosa despedida, a nossa demora no Porto foi breve. Chegados a Lisboa no dia 10 d'outubro, com tenção d'embarcarmos no dia 13, foram taes os affazeres que ali tivemos e estes tão urgentes, e as visitas que recebemos até a ultima hora tantas, que o tempo se escoou sem que podessemos ao menos dirigir aos nossos amigos algumas expressões que significassem o nosso saudoso adeus.

Eram oito horas da manhã do dia 13 d'outubro; annunciava o *Elba* com um tiro de canhão a sua entrada no Tejo.

Esse paquete da companhia da mala real ingleza, do qual nós iamos ser passageiros para a Bahia, era esperado em Lisboa n'esse dia; por isso a sua entrada não causou surpreza senão áquelles que, como nós, tinham o coração opprimido pelas saudades das pessoas que nos eram caras, de quem já estavamos afastados e iamos continuar a afastar talvez por largo tempo. Esses, bem como nós, sentiriam aggravar-se aquelle soffrimento ao ouvir a detonação, que annunciava a entrada d'aquelle vapor.

O hotel inglez do caes do Sodré, onde estavamos hospedados, tem janellas para o Tejo; almoçavamos á hora em que soou o tiro, e tal foi a nossa emoção que nos levantamos e corremos ás janellas, como que para obtermos ainda mais segura convicção da entrada do *Elba* Era effectivamente esse palacio ambulante, esse hotel fluctuante, que subia vagarosamente o Tejo, em direcção ao seu ancoradouro, para d'ahi a breves horas principiar a sua derrota de Portugal para o Brazil. Como correu ligeiro o tempo que medeou da entrada á sahida d'aquelle vapor!

Até á hora do embarque, que foi ás duas horas, tivemos sempre amigos a acompanhar-nos, alguns dos quaes levaram o excesso da sua generosidade e affecto a seguir-nos a bordo, do paquete, onde chegamos pouco antes da hora marcada para a partida.

A's tres horas, outro tiro de canhão annunciou que o vapor ia sahir. Cumpria pois a visitantes e auctoridades retirarem-se.

N'esse momento é que o espectador indifferente podia avaliar o que são scenas de despedida. Os grupos onde se estreitavam longos abraços e onde se viam olhos lacrimosos, eram não poucos; nós tambem os não tinhamos enxutos ao despedir-nos dos nossos amigos. Os adeuses de todos ecchoavam de cada lado saudosos e repetidos, e quando as nossas vozes já não podiam ser ouvidas pela distancia, os nossos lenços os continuaram em quanto o espaço o permittiu.

A's quatro horas já nós desciamos o Tejo.

Os passageiros, que eram mais de tresentos, haviam-se enfileirado na tolda, sentados em bancos e cadeiras, que ali havia em profusão, e todos com os olhos ainda humidos miravam aquellas esplendorosas margens, de que nos iamos afastando, e saudavam com indizivel saudade as torres de Belem e do Bogio, esses dous vetustos baluartes, sentinellas do Tejo, que resistem altaneiros aos constantes embates do Oceano. Quando o sol mergulhava nas ondas e o manto da noute principiava a desdobrar-se, já nós perdiamos de vista os ultimos pincaros da terra da patria e só viamos ceo e mar!

O Oceano tinha-se agitado um pouco com a briza, que soprava forte do S. O. A maior parte dos passageiros, que aos ultimos clarões do crepusculo ainda se achavam sentados no convez, principiaram a retirar para os seus camarotes, quasi todos enjoados. Passou-se mal a noute, e no dia seguinte estava esta magnifica habitação fluctuante transformada em enfermaria.

Continua M. J. Leite Galvão

UMA AMIGA

Aquelles que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que á noite evoca o sentimento.

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu vejo...
Passam por mim... mas como que tem pejo
Da minha soledade e abatimento!

D'aquella primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gelo!

Tu só foste fiel— tu, como d'antes.
Inda volves teus olhos radiantes
Para ver o meu mal... e escarnecel-o!

Anthero do Quental

O RESGATE DO PINTOR

Continuação

—Sou de Napoles, sou, disse o viajante, e odeio o vice-rei tanto quanto vós o odiaes. Quando se tratar de expulsal-o e de restituir a liberdade á patria, não heide ser dos ultimos a tirar a espada da bainha; mas o que nunca farei, pela minha salvação o juro, é atacar, aproveitando-me das calamidades publicas, pessoas inoffensivas para lhes tirar o dinheiro.

—Fuzilado! Fuzilado immediatamente! uivou o bandido velho.

Calaram-se todos. Nenhuma voz se ergueu para tomar a defeza do atrevido. Só a rapariga o observou com particu-

lar curiosidade; mas não ousou fallar diante dos seus chefes.

—Não vos peço outra graça, disse o pintor, além da de me deixardes admirar, antes de morrer, o esplendido panorama que se deve descobrir do outro lado d'estas rochas. Vêde. O sol acaba de triumphar d'uma nuvem que o velou por um momento e dardeja os seus raios d'ouro por sobre a campina florida. Oh! Deixae-me, peço-vol-o, contemplar pela ultima vez o grandioso espectaculo da natureza!

—Se é só isso, disse o salteador mais velho, que era o chefe da quadrilha, concedido. Podes chegar-te até á beira do rochedo. Por ali não foges tu. Além d'isso, se a bala que vou mandar-te te não matar logo, da queda é que não escapas. Será uma morte suave, que a mim me poupa o trabalho de tornar a carregar a arma.

—Pois bem, respondeu o rapaz. Farei tudo quanto me recommendas.

E dizendo isto, metteu-se por uma pequena garganta, que ia dar, por meio de rochedos abruptos, a um valle immenso, d'onde se disfructava toda a magnificencia do solo italiano. O primeiro bandido, admirado de tanto sangue-frio em tão verdes annos, pousou a espingarda, que chegara a ter apontada contra elle, fazendo signal aos companheiros para esperarem.

—Ceos! exclamou o joven pintor encantado do magnifico panorama que se desenrolava diante dos seus olhos deslumbrados. Que riqueza de vegetação! Onde se viu um contraste mais notavel? Aqui todos os rigores d'uma natureza selvagem; além todas as maravilhas, todas as voluptuosidades d'um clima privilegiado! Oh! Pode-se morrer depois de se ter admirado este sublime espectaculo! Meu Deus, eu te agradeço do fundo do coração o quadro grandioso que me deste a gosar nos ultimos momentos da minha vida!

E o rapaz ajoelhou no fervor do seu extasi d'artista apaixonado.

—Alto lá, disse o salteador idoso. Deixemol-o resar.

O rapaz não se levantava.

—Mas que diabo de ladainha estará elle resando que tanto tempo lhe leva? disse outro salteador que começava a impacientar-se.

—Esperem, tornou o velho. Eu o acordarei se é que adormeceu no meio das suas orações.

Approximando-se do rapaz, viu-o, por cima do hombro, com o lapis na mão e uma grande folha de papel sobre o joelho, desenhando tudo quanto via diante de si. Do meio dos cerrados matagaes destacava-se uma casa, uma cabana abandonada, cahindo em ruinas, na vertente d'uma montanha coberta de espesso arvoredo, por entre o qual se deslizava um limpido regato.

O velho salteador, que lançara os olhos para o papel, não pôde furtar-se ao praser de soltar um grito penetrante de admiração.

—E' a minha casa! exclamou elle. E' a casa onde eu nasci. Pobre lar, devastado pelos soldados do usurpador, que hoje estás cahindo em ruinas e amanhã não passarás d'uma recordação querida da minha mocidade!... E' ella. Bem a conheço!

—Havia de ser em outros tempos uma morada deliciosa, disse descuidosamente o pintor.

—Oh! Se tu a tivesses visto!... exclamou o velho. Era como um ninho d'aguias suspenso da rocha solitaria. Mas a montanha enflorava-se de rosas e louros duas vezes cada anno e aquella casa era um verdadeiro paraiso. Eu disse que era como um ninho d'aguias, porque meu pae vivia ali como um rei. Era a casa mais poderosa de toda a comarca. Mas um dia a adversidade chegou. Meu pae estava pobre e não pôde pagar o imposto de guerra lançado pelo vil oppressor da nossa patria. Soldados hespanhoes e allemães appareceram e levaram tudo a ferro e fogo. Meu pae morreu defendendo-se; minha mãe não pôde resistir á saudade e expirou poucos dias depois. Quanto a mim, fugi para a montanha. Sem casa e sem familia, apossou-se do meu ser um odio mortal a todos os homens. Desde então commetti os maiores crimes. As represalias foram horriveis. O meu coração estava empedernido á força de soffrer. Ah! Queimei um sem numero de casas, vi correr rios e rios de sangue. Vinguei-me, tornei-me o flagello do meu similhante; mas, apesar de tudo, não posso contemplar d'olhos enxutos a casa em que vim ao mundo!

E o salteador derramava grossas bagas de pranto.

Qual não foi porém a sua admiração, quando, lançando novamente o olhar para o papel, viu no sitio da cabana arruinada uma preciosa vivenda, cercada de arvores em flor, a qual acabava de surgir do lapis magico do pintor em quanto aquelle se entregava aos amargos pensamentos da sua vida aventurosa.

Continua

UM PASSEIO NA MINHA
ALDEIA

Nada ha tão encantador como um passeio na aldeia. E' o que vou descrever.

Uma manhã agradavel e fresca me convidava a passear. Sahi. Depois de ter recreado no ceo a minha vista, gostosamente a fiz descançar sobre a terra. As gotas do orvalho, tão brilhante como o crystal, similhantes a outros tantos prismas, reverberam as mais vivas côres. Quão suave é a frescura que espalha o orvalho! Dei aos meus olhos a liberdade de discorrerem pelos campos. Que encantadora perspectiva! Com que praser a minha vista a contempla! Já os campos se douram com os dons de Ceres; as espigas abrem aos raios do sol; o grão toma côr e amadurece; o lavrador vê jubilosamente crescer a sua esperança e louva o supremo Ser que coroa as suas fadigas. Os prados apparecem guarnecidos de capellas de florões, tecidas pela natureza. Aqui vê-se um claro e puro regato por longas e tortuosas direcções correr á maneira de serpente pela praia tranquilla. As flores nascem sobre as suas margens, e conservam o brilhantismo da sua côr ainda á hora do meio dia.

Além está um bosque solitario, cujas arvores copadas elevam suas comas até ás nuvens e offerecem a sua fresca sombra aos amantes embebecidos e ao homem que ahi vae meditar. Talvez que bem depressa sirva de apoio ao torro do tecto de nossas casas e de alimento ao fogão d'aquelle decrepito velho, que se lembra dos bons dias da sua mocidade e se recreia a contar a historia á sua attenta familia.

A vista d'esta magnificencia e d'esta profusão surprehendeu as funcções da minha alma. Que espectaculo quando os nossos montes estão cobertos de rebanhos e pastores e retumba o valle com suas cantigas! Quem deixará de ser sensivel a tão geral alegria?

O sol está no meio do seu curso; o calor do astro-rei penetra os meus languidos membros.

Vou descansar debaixo da sombra d'este bosque. Estendo a minha refeição sobre uma toalha de relva e de flores. Finda a qual, inclino-me sobre uma cama de musgo, embalsamada com os perfumes das flores que opprimo, e elevo os meus pensamentos a Deus. O sol está no seu zenith; o ar inflammado transmitte-nos todo o fogo de seus raios; os caminhos obscurecem com nuvens de pó; o queimado viajante apressa o seu cavallo, procurando um abrigo; o lavrador, banhado de suor, abandona a fouce e o trabalho; o gado procura a sombra, onde, arquejando, se afflige com o calor do meio dia: tudo está opprimido por este diluvio de fogo, ao passo que eu goso d'uma doce frescura no meio d'este bosque onde o sol pode apenas introduzir uma escassa claridade.

O calor está já dissipado. São horas de voltar a casa. A minha vista, depois de ter-se felizmente recreado por sobre as mais graciosas regiões, ia emfim descansar e perder-se na immensidade dos ceos. Os passaros, alegres e agradecidos dos praseres do dia, pagavam ao Crea-

dor um tributo de harmonia e se dispunham para um somno socegado, por meio de melodiosos concertos, em quanto ao longe, do outeiro visinho, uma flauta distribuia no ar sons que chegavam aos meus ouvidos fracos e cheios de suavidade.

J. J. Gonçalves Pereira

OS AEROSTATOS NA GUERRA

Dissemos a paginas 292 d'este jornal que nunca se conheceu o genero de utilidade que os balões aerostaticos podiam ter para a humanidade; não obstante é fora de duvida que se ha tentado mais d'uma vez applical-os na arte da guerra.

Sem irmos mais longe, por ocasião da ultima guerra franco-prussiana os balões foram empregados como correios para transmittir as cartas dos sitiados de Paris e as ordens do governo provisorio para as delegações das provincias.

Foi na batalha de Fleurus, em 1794, que pela primeira vez se empregaram os balões, tendo-se observado que, presos por cordas e lançados de determinadas posições, podiam servir de ponto de observação das forças e movimentos dos exercitos inimigos. Um joven physico chamado Coutelle, promovido depois a capitão, encarregou-se das operações necessarias para o fim que se tinha em vista.

O balão era lançado, retido por duas cordas, cada uma das quaes era entregue a um grupo de soldados. O commandante ia na barquinha e transmittia as ordens aos soldados por meio de bandeiras de differentes côres.

Os soldados encarregados d'este serviço foram denominados *aerostateiros*.

Chegou a haver em Meudon uma escola de aerostateiros, sob a direcção de Coutelle; mas quando Napoleão assumiu os destinos da França mandou-a fechar porque os resultados não correspondiam ás vistas do grande homem.

OS AEROSTATOS NA GUERRA

FRANCISCO D'ALMADA

Uma das feições mais caracteristicas e notaveis do genio fecundo de Francisco d'Almada, aquelle poderoso reformador a quem o Porto deve a iniciativa dos mais uteis melhoramentos materiaes que tem tido a partir dos fins do seculo passado e principios do actual, era a sanha, com que elle se dedicava á perseguição dos criminosos. Não é necessario dizer-se que n'aquelles tempos os caminhos publicos não offereciam a menor condição de segurança, e a nenhuma policia que então havia animava a audacia dos rapinantes.

Em quanto occupou o importante cargo de corregedor e provedor da comarca do Porto, Almada velou de tal sorte pela segurança das vidas e fazendas dos habitantes d'esta cidade, que nenhum d'elles teve a queixar-se da minima offensa contra tão sagrados direitos. Os ladrões temiam-o e acobardavam-se diante da lembrança da inteireza d'aquelle honrado magistrado, que sabiam não lhes perdoava se lhes cahissem nas mãos.

Almada era tão atilado na procura dos criminosos, que o povo dizia francamente que elle conhecia os ladrões pela cara.

Foi em virtude d'estas preciosas qualidades, que o intendente geral da policia da côrte e reino, Diogo Ignacio de Pina Manique, escolheu a Francisco d'Almada para ir a Coimbra no anno de 1802, capturar uma quadrilha de vinte e cinco salteadores, ciganos pela maior parte, os quaes, em virtude das acertadas medidas que aquelle magistrado tomou, não tardaram a cahir nas mãos da policia, sendo condemnados á pena ultima os mais compromettidos e os outros a degredo perpetuo.

Concluiremos com um facto narrado por um dos seus biographos.

Nas visinhanças de Lisboa, antes da instituição da guarda real da policia, era a segurança dos viandantes mui precaria. Alguns assaltos continuados na estrada entre Queluz e a capital, especialmente no caminho por Belem, davam indicios de quadrilha estabelecida n'aquelles contornos. Foi Francisco d'Almada o que se offereceu na côrte para aniquillar aquelle bando, que trazia Lisboa sobresaltada.

Deu as providencias mais minuciosas e secretas para que a uma hora certa, por direcções marcadas, sahissem de Lisboa escoltas de cavallaria e infanteria, que em passo e tempo calculado deviam chegar, com prasó infallivel, a varios pontos do sitio enfestado, e elle, intrepido e armado, sahiu de Queluz á meia noute, em uma sege d'aluguer. No sitio ordinario foi mandado parar por uns vultos, que apontaram as suas armas contra o boleiro, a quem seguraram. Francisco de Almada deixou-se ficar com as cortinas cerradas e muito quieto.

—Quem está ahi dentro?... Falle! gritou um dos salteadores, chegando-se á portinhola e abrindo as cortinas.

Como o vulto não desse resposta e o ladrão julgasse que era effeito do medo, curvou-se para metter a cabeça na sege, e replicou com mais arrogancia:

—Quem é você?

—Sou Francisco d'Almada. Conhece-me? respondeu este.

E apontando uma pistola e agarrando pelo colete o salteador, tocou com força um apito, e em um momento foi rodeado pelas escoltas de cavallaria, as quaes, pelo tropel com que de toda a parte corriam, tranziram de pasmo os ladrões que estavam em torno e que ficaram de tal modo assombrados, que se deixaram prender sem a minima resistencia.

Os outros salteadores, que estavam

mais distantes, foram cahir nas emboscadas que a infanteria formara em varias direcções, prevista a sua retirada pelo magistrado cautelloso.

O chefe da quadrilha tinha sido tambor-mór do primeiro regimento do Porto (depois infanteria 6), e foi condemnado á pena ultima.

R. F.

VICTOR HUGO

Um poeta distincto, sublime, inimitavel, e ao mesmo tempo o apostolo mais ardente da ideia nova; uma cabeça que é um vulcão, alvejando como as neves do monte Branco e despedindo chammas como o alto pincaro do Vesuvio: tal é Victor Hugo, o poeta da *Legenda dos seculos*, das *Folhas do Outomno*, das *Vozes interiores*, dos *Raios e sombras*: tal é essa poderosa organisação que ha sido o assombro do mundo e que já d'antemão tem assegurada a coroa da immortalidade.

Resume-se n'isto a sua carreira litteraria: Ninguem como elle tem trabalhado pela causa do bem, pondo toda a sua alma, o seu talento, aquelle genio que o torna um ente privilegiado, ao serviço da humanidade, combatendo pelo fraco contra o forte, pelo escravo contra o tyranno, odiando todas as cousas injustas, pugnando por tudo que é nobre e santo e digno.

VICTOR HUGO

SCIENCIA PARA TODOS

VII

OPTICA

Continuação

Quando, ao contrario do que deixamos dito, o olho é muito convexo, como nos myopes, os vidros concavos contractam a convexidade do olho, espalhando os raios e tornando a visão distincta.

Todo o objecto visivel é de um tamanho proporcional ao angulo que o olho descreve e este angulo está em proporção inversa da distancia desde o olho até ao objecto.

A expressão *inversa* significa quasi tanto como contraria. A extensão não é como a distancia; á medida que a distancia é maior, a extensão é mais pequena, a proporção não é directa, mas opposta, contraria ou inversa.

Como prova d'este principio tome-se um microscopio sem vidro algum, e ver-se-ha distinctamente á distancia d'uma pollegada um objecto que á simples vista não se poderia distinguir senão á distancia de oito pollegadas: se o objecto fôr um grão d'areia, parecerá que tem 8 vezes mais o seu diametro (8 × 8, 64 mais de diametro e 8 × 8 × 8 ou 512 vezes mais de espessura). O microscopio de que vimos fallando pode ser apenas um pequeno buraco feito com uma agulha em um cartão negro. O buraco, limitando o numero dos raios do objecto, torna-o maior e demonstra que a extensão está em relação com o angulo, ou na rasão inversa da distancia. E' pela mesma rasão que um homem á distancia de cem passos nos parece mais pequeno do que á de cincoenta, augmentando um decimo por cada dez passos de distancia.

O fim principal que se tem em vista nos vidros e lentes dos microscopios e telescopios, é produzir a imagem dos objectos; depois é dispersar os raios divergentes da imagem de forma que esta possa ser vista distinctamente pelos olhos.

A força do microscopio depende da condensação pelo meio da qual o vidro visual permitte aos olhos ver a imagem produzida pelo vidro objectivo, ou a convexidade do vidro visual; por outras palavras, a força visual está na rasão da distancia focal do vidro objectivo ao vidro visual.

Se uma arvore á distancia de 400 passos offerece um angulo de um grao a olho nu, e por meio da convexidade d'um vidro visual esta imagem se concentra no ponto em que o angulo visual augmenta até 40 graos, o effeito é o mesmo que se eu me tivesse approximado até 10 passos da arvore, ou o seu angulo a olho nu teria augmentado 40 graos: a arvore é, por consequencia, augmentada pelo vidro visual 40 vezes em altura e largura.

Como o microscopio approxima os objectos, o microscopio simples não passa de uma lentilha; mas o composto consta d'uma serie de vidros visuaes que permittem ao olho ver as imagens reduzidas a uma quinquagessima parte de uma pollegada. Estes microscopios augmentam os objectos comparativamente com a visão natural 300 vezes á altura e largura, ou 90:000 vezes em superficie.

Os telescopios são refractarios quando o effeito é simplesmente produzido pela refracção através de lentilhas transparentes; e reflectores quando a imagem é produzida pelos raios convergentes d'um espelho concavo. Mas o principio da força augmentadora é a mesma em todos.

Assim, sem a luz, sem o mecanismo dos olhos, sem a faculdade dada ao nervo optico de communicar ao cerebro as differentes sensações da luz, todas as bellezas da natureza que derivam da variedade das côres, a alternativa do dia e da noute, em uma palavra ametade dos gosos da existencia, não nos seriam conhecidos.

A causa das differentes côres que embellezam a materia é uma investigação das mais interessantes; a sua descoberta é uma das mais importantes de que os sabios se glorificam.

Continua

Doutr Jayme

O HYMNO DO MENINO
AO DESPERTAR
(TRADUCÇÃO DE LAMARTINE)

—

O' pae, que meu pae adora
Com os joelhos no chão;
A cujo nome se inclina
Minha mãe com devoção!

Do teu poder tenho ouvido
Que é o sol uma centelha:
Dizem que oscilla a teus pés
Como a alampada vermelha.

Nos campos as avezinhas
Dizem fizeste nascer;
Que nos déste instincto e alma
P'ra te amar e conhecer.

Dizem que és tu que produzes
Dos jardins as lindas flores,
Que o vergel sem ti sería
Avaro dos seus primores.

Aos dons que esparges bondoso
Todo o universo é conviva,
Déste um logar ao insecto
Na tua meza festiva.

Trepa a cabra ao medronheiro,
Roe o cordeiro o serpão,
Na taça de leite a mosca
Vem comigo ter quinhão.

A gran que das eiras salta
Aproveita a cotovia;
Segue o pardal o ceifeiro;
O menino a mãe que o cria.

E para obter estes mimos,
Que fazes desabrochar,
Basta só a qualquer hora
Teu nome, ó Deus, invocar!

Teu nome d'anjos temido,
Que esta bocca balbucía,
Tu distingues entre os córos
Da celeste melodia.

Dizem que os rógos da infancia
Tu folgas mais de acolher,
Por causa d'esta innocencia,
Que nós temos sem saber.

Que nossas preces singelas
Vão melhor aos teus ouvidos,
Talvez porque os ceos teem anjos,
Com quem somos parecidos.

Oh! já que ouves de tão longe
Preces que os labios agitam,
Quero pedir-te incessante
O que os outros necessitam.

Dá, ó meu Deus, agoa ás fontes,
Dá pennas aos passarinhos,
Dá orvalho e sombra aos campos,
Dá a lã aos cordeirinhos.

Aos doentes dá saude,
Aos pobrezinhos o pão,
Aos presos a liberdade,
Aos orphãos a habitação.

Ao pae que teme o Senhor
Dá familia numerosa;
A mim dá-me siso e ditas,
Torna minha mãe ditosa.

Faz-me bom desde menino,
Como o anjinho do templo,
Que de manhã, junto ao leito,
Sempre a sorrir-me contemplo.

Põe na minh'alma a justiça,
Nos meus labios a verdade;
Em meu peito a tua lei
Ache— amor, fidelidade.

Minha voz a ti se eleve
Como o incenso perfumado,
Que em ondas sahe do thuribulo,
Por meninos embalado.

O CONDE D'AMARANTE
POR
D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR
UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
VIII
AS BALLADAS DO ULLA

Continuação

—Ah, senhor conde! exclamou Atilano, quando a poesia deistica se remonta a essas espheras, estará em pleno horisonte de luz. A poesia, como tudo, primeiro poz os seus pés na terra; depois, como tudo, porá a sua fronte nas nuvens, pois ha poetas que cantam:

Eu aguia sou que mede o infinito
E ali vão sem cessar meus pensamentos!

—Porém que é o infinito? perguntei de repente a Atilano, como para apreciar a sua intelligencia.

—Bem simples é a sua comprehensão, senhor conde, me respondeu; só ha um espirito puro sem o qual não podemos conceber existir cousa alguma, e este espirito puro congénere é o Tempo e o Espaço. Elle é o unico infinito absoluto e qualquer outro infinito é relativo, porque para existir tem que existir precisamente no Tempo e no Espaço. O infinito do calculo, o do numero, o do ponto, etc., para existir, tem que existir no Tempo e no Espaço, ao passo que este espirito puro existe por si mesmo, é o unico que existe por si mesmo! Podemos conceber o universo sem nada (a mesma noute escura nos dá a ideia d'esse nada a que alludo); porém não a podemos conceber sem esse infinito Tempo e Espaço (em que é esse mesmo nada) e constitue o ser supremo, ou Ether divino e absoluto, em que se desvanece o nosso pensamento ou éther relativo. Todos existimos, vivemos e morremos no espirito puro Tempo e Espaço; tão somente elle, nem existe, nem vive, nem se move senão em sua propria immanencia de existir. Elle contém-o todo. Nada o contém a elle, porque não pode conceber-se essencia alguma fóra d'esse éther divino, vulgó *vacuo*.

Causou-me admiração aquelle esplendor de intelligencia em Atilano, o qual proseguiu:

—Veja V. Ex.ª, agora, a minha phase anthitese, senhor conde, n'esta balada.

E Atilano recitou o seguinte:

A PASTORA DO ULLA

Já o sol os raios de ouro
Ledo esparge na montanha;
Pastora do Ulla, observa,
Observa o sol que te chama.

Já a calhandra sobe, sobe,
E lá nos ceos canta, canta;
Pastora do Ulla, escuta,
Escuta como te chama.

Já nos pinheiros sombrios
Dou ao vento esta ballada;
Pastora do Ulla, attende,
Attende á voz que te chama!

Tudo te diz, ó Pastora,
Que saias d'essa cabana;
Tudo t'o diz, bella, tudo,
Sol e calhandra e minh'alma!

A' medida que Atilano recitava esta balada, não desviava a vista de Florentina, envolvendo-a no raio embriagador do seu olhar.

Todos reconhecemos em Florentina a pastora do Ulla; a allusão amorosa não podia ser mais velada e ostensiva ao mesmo tempo; e, se bem que nas trevas do meu espirito senti um abalo violento de ciumes, esta sensação foi instantanea ao verificar o desamor de aquella belleza pelo obeso morgado.

Applaudi a balada de Atilano: primeiro, porque era curta e expressiva ao mesmo tempo; e segundo, porque reconheci n'ella genio, arte e suavidade de imagens, o que me surprehendeu n'aquelle trovador obscuro das montanhas do Ulla.

Continua

OS DRAMAS DO MAR
II
BONTEKOE
III
EM SANTA MARIA

Continuação

Bontekoe guarneceu a lancha de quanto lhe pareceu de mais valor para os indigenas, e, transpondo a distancia que separa Santa Maria de Madagascar, internou-se por um rio, que principiou a subir á força de remos. Mas á medida que avançava, como o rio ia estreitando, as arvores das duas mar-

gens que começavam a formar um docel de verdura e de sombra, iam abaixando a pouco e pouco os ramos, de sorte que, mergulhande na agoa, interceptavam logo adiante a passagem. As margens pareciam desertas e não davam indicios dos fructos que procuravam; por isso o capitão deu o signal da retirada e voltaram a bordo. Por fortuna, dous dias depois, acharam em outro sitio da ilha de Santa Maria o que tinham ido procurar tão longe, laranjas, limões e bananas em abundancia.

Passaram nove dias em Santa Maria. Durante este espaço de tempo, os tripulantes do *Nieuw-Hoorn* recobraram a saude completamente.

Todos os dias desembarcavam alguns marinheiros, fazendo-se acompanhar d'um musico que tocava sanfona. A musica era um dos grandes praseres dos indigenas. Imagine-se pois o divertimento que lhes proporcionavam os excursionistas. Uns sentavam-se em circulo ao redor do musico, fazendo estalar os dedos; outros dansavam ou saltavam como animaes selvagens, e, de tempos a tempos, como para prestarem graças aos seus deuses do praser que lhes dava, iam pôr-se de joelhos diante das cabeças de boi espetadas na ponta de paus e que pareciam ser os seus fetiches. Emfim os nove dias passaram; a saude da tripulação era tão boa como quando partiram do Texel; o navio tinha sido reparado com todo o cuidado; fizeram-se de vela, com direcção ao estreito da Sonda.

IV

O INCENDIO

Em 19 de novembro de 1619, estando na latitude do estreito, isto é, por cincoenta graos e trinta minutos, pelas duas horas da tarde, o dispenseiro desceu ao porão para tirar, como de costume, a agoardente que devia ser distribuida no dia seguinte, pendurando o candieiro de ferro em um barril mais alto do que aquelle que ia abrir. Então, por um d'aquelles acasos terriveis que fazem depender as grandes catastrophes d'uma causa miseravel, um morrão caiu pela abertura do batoque; o fogo pegou ao liquido; os dous fundos do barril estalaram, e, similhante a um regato de chammas, a agoardente a arder correu pelo chão, indo esconder-se sob uma rima de carvão, onde pareceu extinguir-se.

Lançaram algumas baldadas d'agoa n'aquelle sitio e todos julgaram o incidente terminado. Foi só então que participaram ao capitão o que tinha succedido. Bontekoe desceu ao porão, mandou lançar mais agoa sobre o carvão e subiu tranquillo á coberta.

Meia hora depois a tripulação era sobresaltada pelo grito de fogo.

Bontekoe atirou-se por uma escotilha e viu uma grande fogueira. O carvão ardia com toda a força. O perigo era tanto mais terrivel, que havia tres ou quatro fileiras de barris cheios de agoardente e postos uns em cima dos outros.

Não havia pois tempo a perder. Era necessario suffocar o incendio cobrindo o carvão d'agoa. Mas então sobreveio um outro incidente. A agoa, posta em contacto com o carvão ardente, levantou uma tal fumarada, que ninguem podia estar no porão.

Bontekoe foi o unico que ficou. Comprehendia toda a responsabilidade que havia tomado, diante de Deus, pela vida da sua equipagem, e diante dos seus armadores, pela carga do navio Deixou-se pois ficar no meio da fumarada, dando ordens, vendo á sua roda os marinheiros cahirem uns sobre os outros.

Continua

AO REDOR DO MUNDO

SEM SAHIR DE CASA

—

LXXI

AS ILHAS SANDWICH

Continuação

Uma das cousas que mais teem concorrido para a emigração dos portuguezes, e especialmente dos nossos irmãos dos Açores, é a liberdade de cultos que ha nas ilhas Sandwich, pois que, além de se lhe remunerar o trabalho, podem livremente professar a religião catholica, para o que ha ali grande numero d'egrejas.

O rei, os funccionarios publicos e uma grande parte dos habitantes seguem a religião protestante.

O pessoal dos missionarios compõese d'um monsenhor, 23 sacerdotes, 13 irmãos e coadjuctores e 23 religiosas da casa do Sagrado Coração e da Adoração perpetua do Santo Sacramento, filial da que existe em Paris.

N'estes ultimos annos, os ministros methodistas americanos eram os verdadeiros senhores do paiz, sob a protecção do rei e seus ministros, que executavam tudo o ordenado por aquelles senhores.

Porém, embora o seu poder continue ainda hoje a ser imperioso e grande, a sua estrella começa a eclipsar-se, porque os catholicos teem conseguido enviar muitos dos seus á Assemblein legislativa e o predecessor de Kalakaua I, cansado da tutela que os estrangeiros exerciam sobre o seu governo e receiando que fizessem cahir o archipelago no poder dos Estados Unidos (dos quaes são agentes quasi officiaes), resolveu em 1863 nomear ministros, não indicados por elles, e abandonar as suas religiões para abraçar a anglicana, exemplo que foi logo seguido por um certo numero de chefes de influencia.

As ilhas Hawaii foram descobertas em 1778 por Cook, que lhes deu o nome de Sandwich para obsequiar lord Sandwich, primeiro lord do almirantado.

Hawaii, Owhyheé, ou Sandwich, é o nome d'uma das mais importantes ilhas d'este archipelago. Tem uma população de 24:000 habitantes. A capital é Kai Rua. O solo d'esta ilha está coberto de montanhas e vulcões, estando a maior parte em continua actividade. Os mais altos são o Muna-Roa (4:057 metros), Muna-Kea (4:029 m.) e Muna-Vororarai (3·228 m.).

Antigamente n'esta ilha sacrificavam os indigenas aos deuses victimas humanas nos *heiaus*, ou templos construidos com lavas. Os missionarios fizeram desapparecer este uso sanguinario. Foi n'esta ilha que Cook foi assassinado em 1779, pelos naturaes do paiz, que mais tarde o collocaram no numero dos seus deuses.

A capital das ilhas Sandwich é a cidade de Honolulu, Honarara, ou Honoruru, situada na parte sul da ilha de Oahu. Ha pouco tempo a esta parte tem adquirido uma extenção e importancia consideraveis. População 10:000 habitantes. E' ali que reside o rei. Desde 1838 que se publica em Honolulu um jornal intitulado *O Observador havaiano*. Tem bonitos estabelecimentos publicos: um bom theatro e um circo. Ha vistosos estabelecimentos, montados á moda europeia, lojas perfeitamente fornecidas de mercadorias importadas de todas as partes do mundo. Importante pesca da baleia. Fabricas de refinação d'assucar, cordoarias, estaleiros; commercio de madeiras preciosas, tabacos, pelles, couros, carnes salgadas, assucar e melaço.

A maior parte das casas são de junco.

Honolulu deve esta prosperidade material ao seu porto, onde entra todos os annos grande numero de embarcações, especialmente americanas.

Das Sandwich dependem as ilhas Mangia, que teem 20:000 habitantes. São de nenhuma importancia.

Continuando a nossa derrota, vamos dar ás ilhas dos Amigos, ou de Tonga, situadas a oeste das ilhas Fidji. Tem este archipelago uma superficie de 2:500 kilometros quadrados e uma população de 50:000 habitantes.

Continua

EXPERIENCIAS ELECTRICAS

—

A gravura d'esta pagina representa as experiencias feitas em Marly com uma haste de ferro, por um physico francez chamado Coiffier, durante uma tempestade, em 10 de maio de 1752.

BIBLIOGRAPHIA

—

Temos por varias vezes alludido n'este jornal a um livro de todo o ponto curiosissimo, ao reproduzir-mos as inumeras gravuras que o embellezam. Esse livro é *As grandes invenções*, de Luiz Figuier, edição da casa Chardron, d'esta cidade.

Pensamos fazer um serviço aos leitores recommendando vivamente este livro; e para se conhecer que não são exagerados os encomios que podemos fazer-lhe, vamos copear os titulos dos 26 capitulos, para se fazer ideia da grande variedade de materias de que elle trata.

I— A imprensa. Epoca do descobrimento da imprensa. Impressão tabular. Gutenberg. Fausto e Schœffer; morte de Gutenberg. Desenvolvimento da imprensa. Imprensas celebres. Impressões celebres. Descripção dos aparelhos e meios de imprimir. Composição. Prelos de mão. Tiragem pelos prelos mecanicos.

II— A gravura. Gravura em talha e em relevo. Data da invenção da gravura. Processos para gravar ao buril e á agoa forte. Prelo para a tiragem das estampas, ou prelo de talha doce. Gravura em madeira, suas applicações. Gravura em relevo sobre metal.

III— A lithographia. Principio theorico da operação lithographica. Descripção d'este processo. Aloys Senefelder, inventor d'esta arte. Proçessos da lithographia nas differentes partes da Europa. Sua utilidade especial.

IV— A polvora. Historia. Antiguidade das misturas inflammaveis usadas nos combates. Emprego dos fogos de guerra entre os orientaes. O fogo comburente. Este fogo introduzido entre os arabes. Invenção da polvora. Os canhões usados pela primeira vez em Florença, no anno de 1325. Pronuncia-se a opinião contra as armas de fogo. Bertholdo Schwartz aporfeiçoa as boccas de fogo. Invenção e processo da artilheria. Causas da explosão da polvora. Fabricação da polvora.

V— A bussola. A pedra de cevar entre os romanos e gregos. Agulha magnetica. A bussola conhecida na Europa no seculo XII. Explicação dos phenomenos que manifesta a agulha magnetica. Bussola maritima. Declinação e inclinação da agulha magnetica. Utilidade da bussola.

VI— O papel. Historia. Papel de linho. Progresso do fabrico do papel. Processos usados para a fabricação do papel. Fabricação do papel á mão. Fabricação do papel á machina. Escolha, lixivia e lavagem do trapo. Desfiamento d'este. Embranquecimento da massa. Reducção a folhas. Fabricação do cartão.

Continua

EXPERIENCIAS ELECTRICAS

ZIG-ZAGS

—

O CORPO HUMANO

O numero d'ossos que tem o esqueleto humano é de 246; 63 d'estes estão na cabeça e cara, 24 nas costas, 16 nos pulsos, 14 nos artelhos e 108 nos pés e nas mãos, contendo um d'estes 27. O coração tem 6 pollegadas de largura e 4 de diametro; palpita 70 vezes por minuto, 1:200 vezes por hora, 100:800 durante o dia, e por anno 36,792:000, e em cada pulsação lança 2 onças e meia de sangue; 175 onças por minuto, 656 libras por hora e 7 toneladas e meia por dia: todo o sangue do corpo passa através do coração em tres minutos.

A pelle compõe-se de tres capas e varía desde um quarto a um oitavo de espessura; cada pollegada quadrada contém 3:500 poros para dar sahida ao suor, que podem comparar-se a pequenos tubos de drenagem de um quarto de pollegada de largura, e formando uma longitude em toda a superficie do corpo de 201:166 pés, ou uma pequena sanja para desaguar o corpo, de uma extenção de 40 milhas.

O coração é o centro do machinismo humano; uma vez offendido, não soffre concerto.

—

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 91, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 8 DE JUNHO DE 1882 — NUMERO 93

JOÃO DAS REGRAS

SUMMARIO

Texto:— João das Regras — Sciencia para todos: Optica, por Doutor Jayme. — De Lisboa á Bahia, por M. J. Leite Galvão – Tricentenario de Camões em Coimbra (poesia) por João de Deus — Os dramas do mar: Bontekoe — O Louvre — Garibaldi — O chapeo branco, por Jorge de Macedo — O conde d'Amarante (romance) — O resgate do pintor — Ao redor do mundo sem sahir de casa: Adeus á Polynesia — O Fim da missa (poesia) por L. A. G. de Freitas — Os mouriscos, por L. F. — Ingres — Bibliographia — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— João das Regras — O Louvre — Garibaldi — Ingres.

JOÃO DAS REGRAS

—

O doutor João das Regras, insigne jurisconsulto portuguez, nasceu em Lisboa, de paes nobres. Estudou leis no estrangeiro e foi discipulo do celebre Bartholo, na universidade de Bolonha, merecendo ahi taes creditos como homem de sciencia, que, quando regressou a Portugal, em 1382, no tempo de D. Fernando, foi alvo das maiores distincções e honrarias por parte d'este monarca.

Logo que o Mestre d'Aviz foi eleito governador e defensor do reino, nomeou João das Regras seu chancellermór, que era n'esse tempo o cargo mais elevado e importante da magistratura na côrte, fazendo-o entrar para o conselho do estado. Estes cargos honrosissimos confirmou-os D. João, depois de acclamado rei.

Nas côrtes de Coimbra, reunidas para a acclamação d'este monarca, em 6 de abril de 1385, foi João das Regras o primeiro motor das prosperidades do paiz e uma das principaes pessoas que mais ardentemente defenderam os direitos do Mestre d'Aviz á coroa de Portugal. Orou d'um modo notavel o famoso jurisconsulto, na presença dos tres estados do reino, e sustentou brilhantemente o direito de D. João, servindo-se para isso dos tres argumentos seguintes: que não havia legitimo sucessor a quem a coroa tocasse por herança; que só ao povo pertencia escolher o rei; e que ninguem era tão digno de o ser como o Mestre d'Aviz. Pode dizer-se que o vigor da logica de João das Regras e a espada valorosa de D. Nuno Alvares Pereira assentaram D. João no throno de Portugal.

Acompanhou sempre João das Regras o seu querido monarca nas maiores emprezas, como o cerco de Lisboa, a batalha d'Aljubarrota e outras, servindo-lhe de poderoso auxiliar no conselho, no esforço e na prudencia. Por tão assignalados serviços deu-lhe o rei o foro de cavalleiro da Casa Real, fel-o seu privado, casou-o em Coimbra com D. Leonor da Cunha e cedeu-lhe todos os bens pertencentes ao pae de D. Leonor, Martins Vasques da Cunha, que se retirara para Castella.

João das Regras recolheu em um livro, por ordem de D. João I e com sua auctoridade, todas as leis portuguezas que até esse tempo andavam dispersas, juntando-lhes muitas do Codigo de Justiniano, mais praticaveis, com interpretações de Bartholo e Acurcio. D'esse codigo extrahiram-se depois as Ordenações do Reino.

João das Regras morreu em 3 de maio de 1404 e as suas cinzas estão sepultadas na egreja de S. Domingos de Bemfica, por elle fundada.

SCIENCIA PARA TODOS

—

VII

OPTICA

Conclusão

O leitor hade ter notado que os ornatos dos lustres e candelabros de crystal devem as suas bellas côres á luz da vela ou ao brilho do sol; igualmente hade ter observado que as gottas da chuva illuminadas pelos raios do sol appresentam as mesmas côres; a forma regular das côres no arco-iris fez julgar aos observadores que essas côres em geral, eram produzidas pelos raios da luz.

Grimaldi fez passar um feixe de raios solares através d'um buraco praticado em uma porta, cahindo sobre um vidro a modo de prisma, obrando como refractor no trajecto para o sol, para se reflectir na parede opposta. Reconheceu pois aquelle physico que o feixe circular de raios se tornava oblongo e regularmente colorido, que a parte superior ou o raio mais refractado tinha a côr violeta, o mais proximo era cor d'anil, e os outros azul, verde, amarello, côr de laranja, e emfim vermelho, que são as cores do arco-iris.

Tambem se ha observado que um feixe de luz branca consiste em raios de todas as cores, e é evidente que as cores variadas de todos os corpos da natureza dependem unicamente da propriedade da superficie a absorver alguns raios e a reflectir outros. Parece tambem que o *branco* é uma mistura de sete, ou, segundo outros, tres côres primarias inteiramente reflectidas, que os objectos negros absorvem todas sem reflectir nenhuma e que o *negro* é um effeito negativo.

D'ahi segue-se que os corpos brancos expostos ao sol são frios e os negros quentes, as superficies brancas refletem toda a luz e as negras absorvem-a; suppõe-se que teem mais força e são por isso encommodas á vista; de ahi, os raios mais refrangiveis são os mais agradaveis.

O arco-iris provém dos raios do sol, que, ao cahir sobre gottas d'agoa, são reflectidos e refractados ao olho do espectador, e por consequencia todas as gottas que se acham no mesmo angulo, ao redor dos olhos, apresentarão as mesmas côres. E como a differença das cores segue a dos angulos, um arco composto de circulos regulares é uma consequencia necessaria da chuva durante a claridade do sol. Comtudo só é visivel do lado opposto ao sol e a linha desde este astro até aos olhos do espectador deve estar no astro.

Como a acção do iris é devida a duas causas, ha ordinariamente dous arcos iris, um mais pequeno do que o outro. O maior, ou arco superior, é produzido pela luz reflectida pelas partes superiores das gottas da chuva; o inferior provém da luz duas vezes reflectida nas gottas da parte inferior e d'ahi refractada ao olho.

A largura d'um arco-iris é pouco mais ou menos de dous graos. Dous espectadores não podem ver os mesmos raios; cada olho é o centro do seu proprio arco. Todos os circulos ao redor do sol e da lua derivam igualmente das modificações particulares dos raios que passam através dos vapores da atmosphera em circunstancias especiaes.

Os raios da luz passam do sol para as gottas d'agoa e das gottas d'agoa para os olhos do espectador e todos os raios para o mesmo angulo do olho ou centro produzem necessariamente as mesmas côres.

O espectador está de costas voltadas para o sol e o seu olho é necessariamente o cento do seu arco; ora como cada gotta da mesma côr tem um angulo igual ao olho do espectador, os arcos iris são mais ou menos visiveis em rasão do sol lançar mais ou menos brilho sobre o plano que lhe está opposto e são mais ou menos perfeitos segundo o plano é mais ou menos diffuso. Pode-se formar um arco-iris artificial com uma fonte; os castiçaes de crystal reflectem as côres exactamente segundo os mesmos principios.

No arco inferior as côres acham-se n'esta ordem: vermelho, laranja, amarello, verde, azul, anil e violeta, e de maneira opposta no arco superior. O arco superior forma com os olhos um angulo de 54° e 51° e o inferior 42° e 40°. O olho do espectador acha-se sobre a linha que une o sol ao centro do circulo.

A lanterna magica funda-se sobre o principio de que a imagem está collocada na lentilha de tal modo que os raios divergem e produzem sobre a parede uma figura do tamanho que se quizer, e a phantasmagoria é produzida por lanternas magicas nas quaes todas as partes dos objectos, exceptuando a figura, são pintadas de negro e de forma opaca.

A lanterna magica era conhecida em tempos immemoriaes no Egypto e na Grecia e foi vulgarisada na Europa pelo padre Kircher no seculo XVII.

A camara escura, destinada ao desenho das paisagens, não passa d'uma lentilha só, com um espelho que reflecte as imagens sobre um vidro bruto, que serve para debuxar a pincel. O movimento instantaneo da luz fez nascer o telegrapho, invenção moderna da mais alta importancia.

DOUTOR JAYME

DE LISBOA Á BAHIA

Continuação

Os criados e criadas, que pouca importancia dão aos encommodos do enjoo, sabem aproveitar estas ocasiões para tirar partido dos seus serviços; tornam-se por tanto ignorantes de todos os idiomas, surdos a todos os chamamentos e abrem desmedidamente os olhos na direcção do bolso dos passageiros, de modo que é preciso dispender algumas peças metalicas para ser ouvido e entendido por estas machinas pedestres.

Passados os tres dias de maior enjoo, d'esse estado de aborrecimento atroz a que tambem paguei o meu tributo, foram-se reanimando os passageiros e sahindo dos camarotes para a tolda, procurando cada qual distrahir-se com os seus, em quanto não entabolava relações com os estranhos, o que, se para muitos é agradavel, é para outros aborrecida necessidade.

O serviço do *Elba* era magnifico e d'uma precisão restricta.

A's oito horas da manhã tocava a sineta, annunciando que estava na mesa o almoço das creanças; ás nove, novo toque de sineta annunciava que almoçavam os outros passageiros; ao meio dia, que ia ser servido o lanche geral; ás tres horas, que jantavam as creanças; ás quatro, que jantavam os demais passageiros; ás oito da noute, que se servia o chá geral.

Este repetido toque de sineta, que era uma necessidade por ser o nuncio do bom regimen d'aquelle importante navegador, encommodou-nos um pouco nos primeiros dias; mas logo nos acostumamos a elle.

As creanças formam a bordo uma communidade geral, não só ás comidas, como no tocante aos seus brinquedos, que algumas vezes servem de distracção mesmo aos adultos.

Assim foram decorrendo os dias até o de 19 d'outubro, no qual nos raiou a manhã ao chegarmos á ilha de S. Vicente, onde ancoramos.

Fiquei agradavelmente surprehendido ao entrar no magnifico porto d'esta ilha, o qual me era desconhecido. Tambem foi grande a minha emoção quando vi o pavilhão portuguez fluctuar em uma fortaleza no meio do oceano. Vieram-me á memoria os nomes de Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, Pedro Alvares Cabral e tantos outros portuguezes esforçados que por tão remotas paragens hastearam e tornaram respeitado este mesmo pavilhão, hoje abatido e vilipendiado pelas proprias nações a que outr'ora demos as leis.

Eu e outros companheiros desembarcamos e fomos ver a ilha.

A ilha de S. Vicente é pequena e quasi deserta em rasão da sua esterilidade, e o que vale aos seus poucos habitantes é a ilha de Santo Antão, que lhe fica fronteira e forma com aquella um magnifico canal.

Vi com praser n'aquella ilha uma povoação regularmente edificada e que tende a progredir graças á importancia do seu porto n'aquellas paragens.

Continua — M. J. Leite Galvão

TRICENTENARIO DE CAMÕES
EM COIMBRA

7 de maio de 1881

Camões, comparado
Aos mais escriptores,
Nem entre os maiores
Será igualado.

Qual d'elles deu brado
Com tantos primores,
Taes fructos e flores
De engenho inspirado?

Com graças tão finas?
Sciencia tamanha?
(Estancias divinas!)

Qual d'elles lhe ganha?
Os mais são collinas...
Elle é a montanha!

João de Deus

OS DRAMAS DO MAR
II
BONTEKOE
IV
O INCENDIO

Continuação

O proprio capitão era obrigado a ir, de tempos a tempos, á escotilha tomar ar; depois voltava para o seu logar, no meio do fumo, em que parecia que aquella poderosa vontade que o animava lhe dava vida.

D'uma das vezes que se chegou á escotilha, chamou o sobrecarga Rol, que accudiu immediatamente.

—Que manda, commandante?

—Parece-me, disse Bontekoe, que será conveniente deitar a polvora ao mar.

—Mas, commandante, objectou Rol, uma vez lançada a polvora ao mar, o que será de nós se encontramos alguns piratas ou se abordamos a qualquer ilha, cujos habitantes se nos mostrem hostis?

—Tens rasão, disse Bontekoe; veremos mais tarde.

E voltou de novo a dar as suas ordens no meio da fumaça, com a mesma coragem como em antes.

Entretanto o incendio ia em augmento e o fumo tornava-se de momento a momento mais espesso. Bontekoe foi obrigado a passar do porão para a coberta. Os marinheiros agarraram nas machadas e fizeram no soalho da coberta largos buracos, por onde entraram de lançar agoa ao mesmo tempo que outros a atiravam pelas escotilhas. Outros marinheiros lançavam ao mar, não só a lancha grande, como o bote, que, como estavam sobre o convez, estorvavam as operações para a extincção do fogo.

De tempos a tempos os marinheiros, anciosos, alongavam a vista pelo mar fora e não viam senão um deserto d'agoa e ceo, o que lhes redobrava a afflição. Nem terra, nem uma vela sequer; nenhuma esperança de soccorro, nenhum meio de salvação.

Quando se creram perdidos, não podendo ser superiores ao instincto da conservação, cada um d'aquelles homens deixou-se escorregar pela borda do navio, do lado de fora, até cahir na agoa, d'onde lhe era facil ganhar a nado a lancha, e ali chegado, escondia-se sob os bancos ou as velas, esperando só o momento favoravel para a partida. Foi assim que muitos d'elles abandonaram miseravelmente o seu capitão e os seus camaradas.

Foi então que o sobrecarga Rol viu um dos marinheiros procurando escapar-se, e não pôde conter-se sem o interrogar:

—O que estás fazendo?

—Estou fazendo o que os meus camaradas já fizeram.

—E que fizeram elles?

—A cousa mais natural d'este mundo: pôr-se a salvo.

Tendo ouvido a conversa, vinte vozes se ergueram da lancha:

—Venha comnosco, Rol; venha!

O sobrecarga refletiu um momento; emfim suppoz que era o melhor meio de fazer com que aquelles homens esperassem o capitão, e transpoz a amurada, deixando-se cahir na agoa, d'onde seguiu para a lancha.

Então, sem lhe darem tempo de elle fallar, mal o viram a bordo, cortaram a amarra que segurava a lancha ao navio, e d'ahi a momentos era consideravel a distancia entre uma e outra embarcação.

O bote seguiu de perto a lancha, cheio tambem de marinheiros.

No mesmo momento ouviram-se a bordo gritos afflictivos:

—Capitão! Capitão!

Bontekoe deixou ver a cabeça fora da escotilha, e viu aquelles homens que tinham ficado a bordo, pallidos, mudos, apontando ao dedo para um objecto que elles viam perfeitamente, mas que o capitão, na posição em que se achava, não podia ver. Somente lhes ouviu es-

tas palavras ao cabo d'um momento de doloroso silencio:

—A lancha! O bote! Os nossos companheiros fogem!

Bontekoe atirou-se pela escotilha fora e mal se achou na coberta comprehendeu tudo, o perigo a que os seus companheiros fugiam e a que elle não podia fugir.

—Se elles nos abandonaram em um momento tão critico, disse elle abanando a cabeça, é para nós não os tornarmos a ver.

—E agora, capitão, perguntou um dos marinheiros, o que havemos de fazer?

Então, como se Bontekoe fosse um Deus, todos aquelles homens ficaram suspensos dos seus labios, esperando com dolorosa anciedade as palavras que elle ia pronunciar.

Continua

O LOUVRE

No principio do seculo XIII o hoje notavel palacio do Louvre não passava d'uma torre grosseira, que Philippe Augusto mandara construir para servir de prisão d'estado. O primeiro preso que ella recebeu foi Fernando, conde de Flandres, que os francezes haviam aprisionado na batalha de Bouvines.

Carlos V foi o primeiro rei que augmentou a torre, tornando-a um palacio confortavel, e estabelecendo uma bibliotheca, que veio a ser o nucleo da bibliotheca imperial. Nos reinados seguintes o Louvre foi transformado em fortaleza; mas no tempo de Francisco I recebeu melhoramentos importantes, em ordem a poderem ahi residir os soberanos, e quando Colbert foi nomeado intendente das propriedades reaes, em 1664, tomou a peito a conclusão do Louvre, que, não obstante, ficou ainda por acabar. Trabalhou-se n'este intuito em todos os reinados seguintes, até que a revolução interrompeu os trabalhos por muito tempo.

O LOUVRE (*)

Foi depois d'isso que o palacio se tornou propriedade nacional.

Em 1803 os architectos Percier e Fontaine foram encarregados pelo primeiro consul Bonaparte da continuação dos trabalhos e foram aquelles artistas que terminaram o Louvre. Comtudo foi Napoleão III que teve a gloria de fazer do Louvre o mais vasto, o mais magnifico palacio, não só de Paris, mas talvez do mundo inteiro.

A gravura representa uma das fachadas, a chamada das columnatas. Foi obra do architecto Claudio Perrault. Tem de comprimento cerca de trinta e seis metros e divide-se em duas partes, separadas pelo vestibulo. Cada parte é composta d'uma fileira de columnas corinthias caneladas e emparelhadas vistosamente.

(*) Reproduzimos esta gravura, que já sahiu a paginas 237, em consequencia de ter ali sahido com a indicação errada.

GARIBALDI

Acaba de fallecer no seu retiro de Caprera o maior caudilho da unidade italiana, Garibaldi, o paladino, o guerreiro illustre, aquelle que depois de ter trabalhado tanto pelas franquias da sua patria, depois de n'ella plantar a sacrosanta arvore da liberdade, anceio supremo dos povos modernos, foi descansar á sombra dos louros, na solidão d'uma ilha, e morreu quasi abandonado como Napoleão I. Sublime ocaso para uma estrella que irradiou tanta gloria, o que se effectuou diante da vastidão dos mares, ao som das ondas, que lhe cantam uma elegia de cada vez que chegam á praia, a beijar-lhe o tumulo!

Foi uma epopeia a vida de Garibaldi.

Nasceu em Niza, em 4 de julho de 1807, e entrando muito moço para a marinha real da Sardenha, ganhou em breve a reputação de bravo e corajoso patriota.

Malograda em 1834 uma conspiração em que tomou parte, emigrou para França, seguindo depois para Africa, onde se alistou no exercito do bey de Tunis. Em seguida embarcou-se para a America do sul e offereceu os seus serviços á republica do Uruguay, que lhe entregou o commando da esquadra que operava contra Buenos Ayres.

Em 1848, quando a Italia acordava ao grito de guerra, o grito unanime em prol da liberdade d'um dos mais bellos torrões do mundo, Garibaldi tomou o caminho da patria e combateu denodadamente pelo principio que sempre defendera com a força d'uma alma superior. Quando no anno seguinte se estabeleceu a republica em Roma, e depois, quando os francezes assaltaram a cidade eterna, Garibaldi praticou actos de verdadeiro heroismo; mas, apertado em um circulo de ferro, foi obrigado a abandonar os seus amigos, emigrando novamente para a America.

Ali tinha diante de si um brilhante futuro. O Peru confiou-lhe o commando em chefe dos seus exercitos; mas a alma do ardente patriota estava toda na Italia, onde voltou mal entraram de crepitar as male x t i n c tas chammas do vulcão revolucionario.

A' frente de dez mil homens, Garibaldi voou de victoria em victoria, principiando por libertar a Sicilia, obrigando Francisco II a fugir, e acabando com a derrota das tropas do papa, commandadas por Lamoriciere, em Castelfidardo.

A obra de Garibaldi estava completa. Em 18 de fevereiro de 1861 abria-se o primeiro parlamento italiano, que proclamou Victor Manoel II rei de Italia.

Garibaldi depoz as armas quando a unificação da Italia era um facto, e desde então, retirado quasi da vida publica, conservou-se isolado em Caprera, onde acaba de evolar-se para os paramos infinitos aquella grande alma que sempre palpitara para os doces e puros affectos patrioticos.

O CHAPEO BRANCO

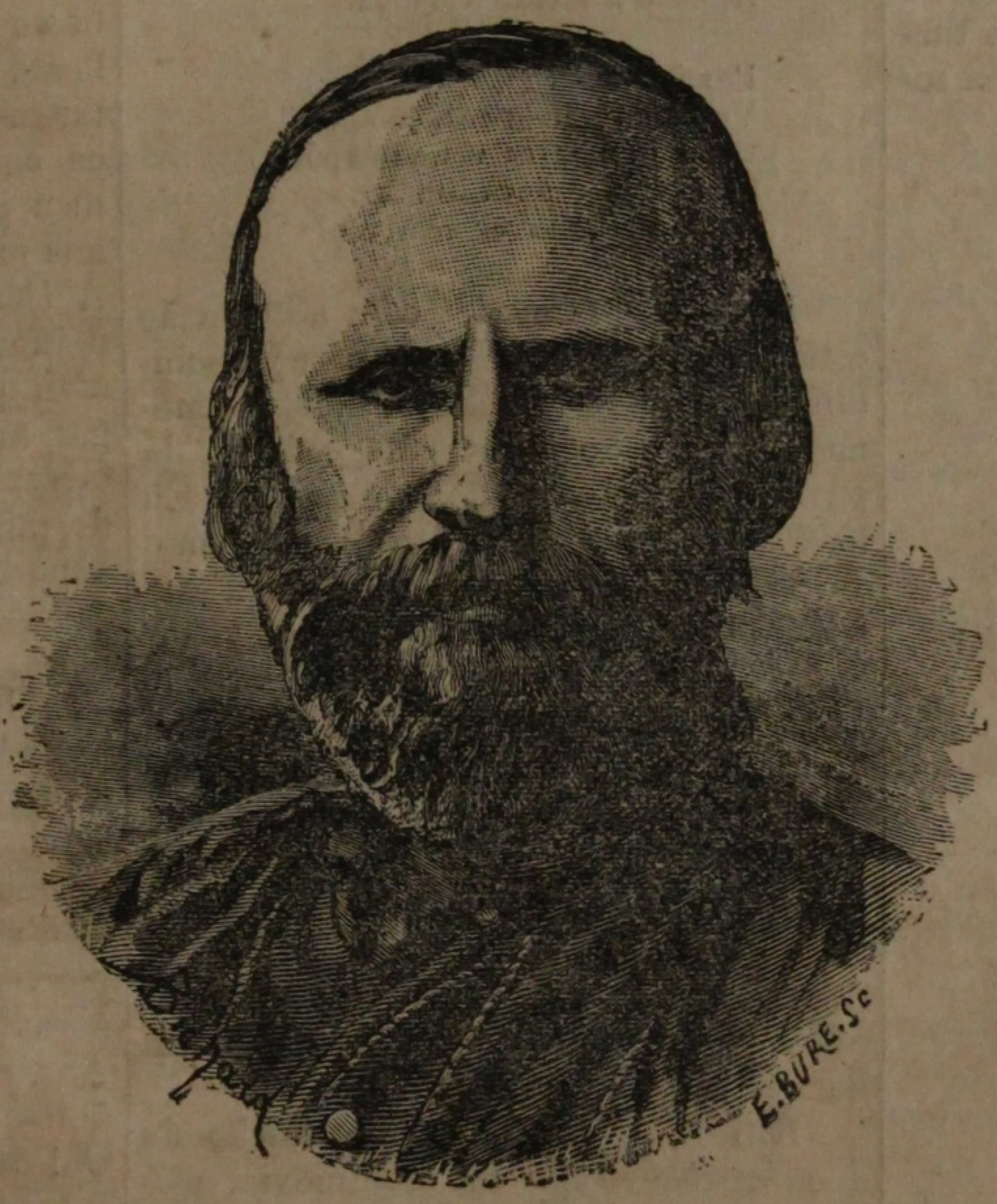
Conclusão

Nascimento encarou sua filha com verdadeiro assombro. De que procederia aquella resolução inesperada em que Alexandrina se mostrava firme e inabalavel?

Era isto o que o negociante da Bainharia não podia comprehender, e, como é natural, o desejo de ser informado de todas as particularidades que precederam uma resolução tão extranha preocupava-o vivamente.

Alexandrina tirou-o d'aquelle especialissimo enleio, dizendo:

—Escusa de perguntar-me quaes os motivos que me levaram a esta resolução. Não foram outros além dos de effectuar um enlace que assegurasse para sempre a felicidade dos entes que me são caros. Não é, depois de meu pae, Vieira a unica pessoa a quem devo affecto? Não foi elle que tantas vezes me embalou no berço, que mais tarde me trouxe muitas vezes ao collo, que ainda ha pouco ficou fazendo por mim as vezes de pae? Eis aqui pois no que se funda a minha resolução.



GARIBALDI

Nascimento, não sabendo que rasões oppor ás de sua filha, contentou-se com um leve sacudimento de cabeça.

—Pois que! accudiu Alexandrina. Não approva meu pae este casamento?

—Se approvo! exclamou Nascimento. Approvo-o plenamente e declaro-te com franqueza que nunca esperei de ti um procedimento que tanto contenta o meu orgulho de pae.

—Oh! disse Alexandrina radiante d'alegria; eu bem sabia que meu pae havia de alegrar-se com esta resolução.

—Mas, atalhou Nascimento, disseste que Vieira não sabia nada!

—E' verdade; mas que importa? Julga que elle recusará? Que sacrificio não faria elle tratando-se da minha felicidade?

—Oh! Aqui não se trata d'um sacrificio, não, disse Nascimento. Bem pelo contrario, Vieira deve dar-se por satisfeito com a tua escolha quando não te faltavam os pretendentes, não é verdade?

—Peço-lhe, meu pae, que não fallemos em mais nada a tal respeito, em antes de consultar Vieira. Ao pae compete fallar-lhe; quer prestar-me este serviço, que é o maior que pode fazer á sua querida filha?

E dizendo isto, Alexandrina approximou encantadoramente a sua cabeça pequenina do rosto de seu pae, que depositou um beijo ardente sobre a aveludada face da joven, murmurando ao mesmo tempo um *sim* quasi inperceptivel.

Separaram-se pae e filha.

No dia seguinte, Nascimento convidou o caixeiro para uma conferencia. O que se passou entre os dous nunca se soube; nem a propria Alexandrina, depois de casada com Vieira, logrou saber d'este se elle tinha dado conta ao futuro sogro de quanto se passara entre os dous na celebre noute em que devia realisar-se a fuga d'Alexandrina e do doutor Henrique de Vasconcellos. E' porém muito de presumir que Vieira contasse tudo ao patrão, porque Nascimento, ao separar-se de Vieira, depois da conferencia, que foi demoradissima, lhe apertou a mão e lhe disse:

—Segredo, muito segredo.

Vieira inclinou a cabeça em signal de completo assentimento.

Oito dias depois realisava-se na egreja da Sé, uma linda manhã d'abril, o consorcio d'Alexandrina e de José Vieira dos Santos.

—

E' tempo de concluir.

Resta dizer que José Vieira dos Santos e Alexandrina foram os meus avós maternos, e quanto ao chapeo branco, aquelle que produzira o feliz engano para minha avó, esse guardo-o eu ainda como uma reliquia de familia.

JORGE DE MACEDO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

VIII

AS BALLADAS DO ULLA

Continuação

Reconhecido então Atilano aos meus sinceros parabens, começou a recitar outra ballada. Eu estremecia d'angustia considerando que não ha nada que faça parar um poeta, quando conhece que o não faz mal, e que n'este caso Atilano me immolaria implacavelmente aos turbilhões de poesia; porém ouvi-lhe a seguinte com admiração:

ÁS MINHAS ILLUSÕES

Mariposas de mil côres
Que voaes até aos ceos
Entre vivos resplendores,
Flores de minh'alma, flores
De esp'ranças, consolos meus!

Sombras de uma realidade
Que tanto anhelo e aprecio;
Esplendente idealidade,
Aromatico rocio
Talvez da Eternidade...

Quanto vos meu coração
Ama, e pulsa de emoção,
Uma ou outra ao conceber!
Se a vida é pura illusão,
Como heide sem vós viver!

Não me fujaes! Desgraçado
Fôra logo que da mente
Vos houvesseis apartado!
Triste humilharia a frente
Qual monarca desthronado!

Como admiro com ardor
Esse magico esplendor,
Com que me daes á memoria,
Se me falta amor, amor;
Se me falta gloria, gloria!

E admiro-vos com praser
Se ao vosso amor me abandono
E me daes á ancia de ser,
Se quero poder, poder;
Se quero thronos, um throno!

Sempre ides em doce calma
Apoz os pezames meus;
Sois-me da existencia a palma,
Sois o puro olhar de Deus
Que me banha o fundo da alma!

Que a vida material,
Se as vossas azas não giram
Para outro mundo ideal,
E' arbusto em areal
Sem flores que os astros miram.

Que de gratas sensações
Causaes a meu alvedrio
Em graves ocasiões!
Sem vós, minhas illusões,
Me mataria o fastio!

Sem vossas azas de rosa
Que fôra do coração,
Quando languido repousa
Victima d'uma paixão
Que o segue e opprime impiedosa?

E que sería a ventura
Sem a illusão inconsciente,
Que palpita com ternura
Nos imos seios da obscura
Immortal alma que a sente?

Que sería d'esta vida
Se empoz não fosseis tambem
De outra mais doce e subida?...
Sois luz que de Deus nos vem
E que a Deus volve em seguida!

Sois a corrente ideal
De um mundo espiritual
Que vislumbra a esperança,
E que em visão celestial
Apenas a mente alcança!

Por isso com emoção
Vos ama o meu coração
De uma e outra voando após...
Se a vida é pura illusão,
Como heide viver sem vós?

Indiquei que ouvira com admiração esta ballada de Atilano, porque prescindindo da sua versificação, mais ou menos sonora e doce, o thema, o fundo da poesia, não podia ser mais graphico. Eu lêra os melhores poetas antigos e modernos e nunca vi que tratassem d'este assumpto basico da poesia e da psychologia. Quem viveu sem illusões?... Não entra a illusão em tudo e para tudo, até para beber um copo d'agoa? Porque, pois, um thema tão profundamente poetico e real ao mesmo tempo, se assim me posso exprimir, tenha percorrido o mundo como uma sensação geral da humanidade, como uma harmonia interna, como uma vibração infinita da sua essencia de ser?

Sob o impulso d'esta impressão de doce assombro que me commovia, não pude deixar de me levantar e estreitar em meus braços aquelle humilde, porém verdadeiro poeta das minhas montanhas. E' certo que n'esta ballada, Atilano se apresentava com a encarnação typica do *sonhador*; porém toda a humanidade não *sonha*, correndo atrás de ideaes que pressente, atrás de percepções de intimo e mysterioso encanto, nem provadas nem provaveis? A vida na terra é mais do que puro reflexo?

Continua

O RESGATE DO PINTOR

—

Conclusão

Emfim, em um transporte d'enthusiasmo, o salteador tomou a mão do pintor e exclamou:

—Era isso! Era isso!

O resto da quadrilha rodeou o pintor, que, orgulhando-se d'aquella especie de admiração, não pôde deixar de exclamar:

—Não é verdade que ha no meu peito um coração d'artista? Pois ouçam. Meu pae mandou-me para o palacio das missões de Somasca, com o intuito de eu estudar para padre. Fui sem me queixar, e aprendi a decorar todos os poetas latinos. Quando porém os frades me quizeram instruir nas leis da philosophia sophistica, a mim, pintor, poeta, musico, mandei-os para o diabo, com os seus silogismos e as disputas metaphysicas de que eu não percebia nada. Fugi do convento. Tinha eu então desoito annos; a minha alma estava repleta d'enthusiasmo e amor. Sentia-me artista e via o mundo curvado a meus pés. Percorri varios paizes, subi ao alto de muitas montanhas, escolhendo aquella de que podesse precipitar-me um dia se a fortuna me virasse as costas. A minha familia é pobre; meu pae, Antonio Rosa, é um artista que mal ganha para sustentar a familia. A Deus prouvera que elle me tivesse deixado trabalhar ao seu lado! Mas não; queria que eu fosse padre para chegar um dia a bispo, a cardeal, a papa talvez! Eis aqui porque motivo eu ando por aqui; eis porque me expuz ao alcance das vossas espingardas.

—Tranquillisa-te, disse o salteador idoso. Tomamos-te sob a nossa protecção. Eu tambem fui pintor, e se agora me vês exercendo um mister tão differente, é porque abandonei a arte, trocando o pincel pela carabina, em rasão de me ter apaixonado pela filha do chefe d'esta quadrilha. Olha para esta mulher. As linhas das suas feições não são puras como as das madonas de Raphael? Amo-a com todas as forças da minha alma. Fiz-me salteador para a possuir. Oh! até me teria feito carrasco!

—E' na verdade formosa, disse o pintor erguendo para a donzella um olhar d'admiração. Sería um bello retrato. Queres que t'o pinte? Offereço-t'o pelo meu resgate.

A donzella sorriu com um sorriso admiravel. O salteador exclamou radiante de alegria:

—Aceito; mas não será o preço do teu resgate, não. Cobrirei d'ouro o teu desenho, como um dia o serão as menores linhas do teu lapis. Desde já te asseguro um futuro brilhante.

O rapaz poz-se immediatamente á obra, não tardando a mostrar reproduzidas no papel as feições maravilhosamente bellas da amante do bandido. Quando o retrato estava acabado, toda a quadrilha ficou encantada.

—Aqui tens duzentos escudos, disse o salteador entregando ao pintor uma saquinha. Chega-te?

—Se chega! respondeu o pintor. Os primeiros especuladores que me compraram desenhos não me acostumaram a tal preço. Foi-me necessario penetrar nos logares mais selvagens dos Abruzzos para encontrar um incitamento! Pois bem. D'oravante consagrarei toda a vida á arte; devolver-lhe-hei quanto lhe devo. A arte foi a minha salvação. Assignarei todos os meus quadros com este nome: *Salvador*.

—Pois bem! disse o salteador contemplando o retrato da amante. Os seculos repetirão o nome de Salvador Rosa!

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

Continuação

LXXII

ADEUS Á POLYNESIA

O archipelago da Tonga compõe-se dos grupos de ilhas Tonga, Hapai e Hafulu-Hu. A primeira, Tonga-Tabu, a que Tasman deu o nome de Amsterdam, naturalmente em rasão d'alguns pontos de similhança que lhe encontrou com esta cidade, é a mais importante das ilhas do archipelago. Tem 18:000 habitantes. O solo é fertil. Tres chefes partilham o poder.

Floresce n'aquellas ilhas a arvore do pão, o algodoeiro, a bananeira; produz madeira de sandalo; lindos papagaios e pombos. Pesca abundante. Os habitantes, de raça malaia, são robustos, affaveis, industriosos; os missionarios inglezes converteram-os ao catholicismo.

Estas ilhas, em numero de cerca de cem, são governadas por chefes independentes.

Foi Tonga que as descobriu em 1643, dando-lhe o seu nome; Cook visitou-as em 1773 e denominou-as Archipelago dos Amigos por causa da cordeal hospitalidade que os habitantes lhe offereceram.

Visitemos agora as ilhas da Sociedade, ou de Taiti, que estão situadas a oeste do archipelago Pomotu. Foi Cook que lhes deu o nome de ilhas da Sociedade para honrar a Sociedade real de Londres.

Tem este archipelago uma superficie de 2:200 kilometros quadrados e uma população de 40:000 almas.

As ilhas principaes são Taiti, Eimés e Borabora. A primeira, que é a mais importante, denominada tambem Otahiti e Nova Cythera, tem uma população de 8:000 habitantes. Clima delicioso; o solo produz cana do assucar, café, algodão, mandioca, tabaco, anil. Dá-se bem a palmeira, a bananeira e a arvore do pão. Madeiras de construcção.

No centro da ilha ergue-se o Orohena, com 2:237 metros d'altura, o Aorai, com 2:130, e o Pitohiti, com 2:000.

Foi visitada por varios navegadores celebres, de 1606 até 1776. Em 1822 recusou o protectorado da Inglaterra e em 1843 aceitou o da França. O primeiro rei da ilha foi Pomaré I (1793-1803). A capital da ilha de Taiti é Papeiti, porto excelente, com estaleiros e arsenal. O movimento maritimo do porto regula por 300 navios cada anno.

Ha nas ilhas de Taiti muitos bancos das ostras que produzem as perolas.

As ilhas da Pascoa, que se encontram n'estas mesmas paragens, teem 2:000 habitantes. Logo em seguida a estas encontramos as ilhas Pomotu, quasi desertas. São pequenas e baixas. As principaes são Ana e Faaite e pertencem á França. Dá-se-lhes o nome de Archipelago Perigoso, Meridional e do Mar Mau, em rasão de ser por aqui a navegação difficil.

Passamos emfim pela frente das ilhas Gambier, que estão sob o protectorado da França desde 1844, e pelas dos Navegadores, cujos habitantes se tornam notaveis pela sua ferocidade.

Os Estados Unidos possuem muitas ilhas dispersas através da Polynesia, e exploram-as especialmente para recolher o guano.

Terminamos a nossa visita á Polynesia; resta-nos examinar as terras antarcticas, com o que daremos fim a esta digressão.

Continua

O FIM DA MISSA

O sol de mil beijos innunda a capella,
O sino da torre festivo soou;
Recebem a benção do cura da aldeia
Lá dentro os devotos: a missa findou.

Ao braço formoso da linda morena
De languidos olhos, que dizem amor,
Apoia-se tremula a boa avósinha,
Andando com custo, perdido o vigor.

Ao ver este grupo, tão meigo, tão bello,
Contraste profundo n'um quadro suave,
Ouvindo por entre o ruido da neve,
Que entorna o inverno, trinar uma ave,

Não sei que transportes a alma exp'rimenta,
Não sei os segredos da magica lei,
Que infunde ao espirito ideias tão bellas,
Tão puras, tão nobres, tão santas: não sei.

A'porta da egreja, um joven esbelto
Espera a morena, p'ra quando passar
Dizer-lhe ao ouvido, baixinho, baixinho,
Palavras repletas d'encantos sem par.

As phrases fagueiras do seu namorado
Com ternos sorrisos a bella pagou;
A avó mais se apoia no braço da neta;
O templo é deserto; a missa findou.

L. A. G. de Freitas

OS MOURISCOS
(CHRISTÃOS NOVOS)

Depois da capitulação de Granada, os hespanhoes, que tinham promettido ser tolerantes para com os mouros vencidos, depresaram completamente todas as convenções. Era politica de frades: Ximenes era primeiro ministro, Torquemada inquisidor-mór. O seu excesso sanguinario foi censurado pela propria corte de Roma.

Tres mezes depois da tomada de Granada, apparece o famoso decreto de 30 de março de 1492, que ordenava a expulsão total dos judeus. A execução rigorosa d'este decreto fez perder aos reis catholicos perto d'um milhão dos seus mais ricos e industriosos subditos. Note-se que esta medida não ia ainda ferir directamente os mouros, mas deixava ver as vontades: elles eram mais odiados que os israelitas.

De principio começou-se por tentar convertel-os, sob a pena de expulsão; aquelles que não quizeram abandonar a Hespanha tiveram de se fingir christãos e baptisarem-se: no dia 18 de dezembro de 1499 quatro mil mouros receberam o baptismo.

Estes infelizes tentaram a revolta, o que lhes custou caro; Fernando II chegou a dizer que «antes os queria ver saír do seu reino mouros, que vel-os christãos como eram.» O decreto de 1502 veio completar a phrase: todos os musulmanos deviam dentro de tres mezes sahir da Andaluzia sob pena de serem reduzidos á escravidão.

Aos crentes do Alcorão que foram obrigados a renegar, é que se deu o nome de *Mouriscos*, que seus descendentes conservaram.

Os reis catholicos não se contentaram em expulsar os mouros e judeus dos seus reinos; mas instaram com o nosso rei D. Manoel para que os expulsasse tambem dos seus dominios.

Apesar da recusa formal dos ministros portuguezes, a vontade absoluta do monarca prevaleceu. Em dezembro de 1496 foram mandados sahir de Portugal até outubro seguinte todos os judeus e mouros fôrros, quer naturaes, quer emigrados, que recusassem baptisar-se, sob pena de morte e confiscação de todos os bens, como se pode ver na Ordenação Manuelina, livro 2.º, tit. 41, e ainda na Philippina, livro 5.º, tit. 69, 94, 110 e 111.

Continua L. F.

INGRES

Este grande pintor foi discipulo e continuador de Raphael.

Era pobre e limitou-se a principio á pintura d'albuns e á copia de quadros d'auctores celebres. Uma copia de Raphael, a Virgem da Cadeira, deu-lhe celebridade.

Na exposição de Paris de 1855 exhibiu todas as suas obras, o que lhe valeu uma fama europeia e o titulo de Raphael francez.

BIBLIOGRAPHIA

As grandes invenções, por Luiz Figuier.

1 vol. edição da casa Chardron, Porto.

SUMMARIO DOS CAPITULOS

Continuação

VII— Os relogios. Historia. O clepsydro ou relogio dos antigos. O relogio d'areia. O relogio do sol. Imperfeição dos processos usados na idade media para medir o tempo. Descobrimento dos relogios de pesos. Applicação do pendulo aos relogios. Descobrimento dos relogios d'algibeira. Descripção dos relogios fixos, dos de sala e d'algibeira. Relogios fixos. Regulador dos relogios. Relogios de sala. O fuso e o tambor. Relogios sabonetes. Machinismo para dar horas. Relogios astronomicos.

VIII— A porcelana e louçaria. Composição geral da louça. Tijolos. Louça ordinaria. Torno de oleiro. Vasos etruscos. Faiança. Historia. Bernardo Palissy. Confecção da louça de faiança. Porcelana. Historia. Preparação da porcelana. Formação das peças. Modelagem e informagem. Envernizamento. Cozedura. Pintura e douradura da porcelana.

IX— O vidro. Historia. Composição geral do vidro. Vidros incolores. Vidro de garrafas. Crystal.

X— Os oculos de ver ao longe. Historia. Frascator e Porta. João Lippershey. Primeiro oculo que appareceu em Paris. Theoria dos oculos de ver ao longe. Lentes. Effeito ampliatorio da lente biconvexa. Oculo astronomico. Oculo terrestre ou de longa vista. Oculo de theatro; binoculo.

XI— O Telescopio. Telescopio de Gregory. Telescopio d'Herschel.

XII— O microscopio. Microscopio simples. Microscopio composto. Historia. Theoria do microscopio composto. Applicações do microscopio. Microscopio solar.

XIII— O barometro. Principio fundamental do barometro; o peso do ar. Consequencias dos phenonenos do peso do ar. Historia do descobrimento do peso do ar e da construcção do barometro. Opinião de Galileu. Torriceli descobre a causa da ascenção da agoa no tubo das bombas. Experiencias de Pascal. Construcção do barometro. Barometro de tina. Barometro de siphão. Barometro de mostrador. Uso dos barometros.

XIV— O thermometro. Cornelio Drebbel, inventor do thermometro. A Academia del Cimento aperfeiçoa o thermometro de Drebbel. Adopção dos pontos fixos para a graduação do thermometro. Thermometro de Newton. Thermometro de Amontons. Thermometro de Farenheit. Thermometro de Réaumur. Thermometro centigrado. Modo de construir o thermometro. Sua graduação. Thermometro d'alcool. Thermometro d'ar e thermometro metalico.

Continua

INGRES

ZIG-ZAGS

A INQUISIÇÃO

Houve em Portugal seis tribunaes da inquisição: um em Lisboa, outro em Evora, que comprehendia o Alemtejo e o Algarve, outro em Coimbra, com jurisdicção n'esta diocese e na da Guarda, outro no Porto, abrangendo o arcebispado de Braga, outro em Lamego, comprehendendo o bispado de Vizeu, e finalmente outro em Thomar, estabelecido em 1541.

Em Evora ainda se vê, na bibliotheca publica, perfeitamente conservado, o pendão da inquisição, assim como os paramentos com que se adornava o altar da capellinha do Senhor Jesus dos Queimados em dia d'*auto de fé*. A imagem tambem ainda existe na egreja do extincto collegio dos jesuitas.

Nos autos de fé d'Evora foram queimadas mais de vinte mil pessoas, Deus sabe quantas innocentes!

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 91, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

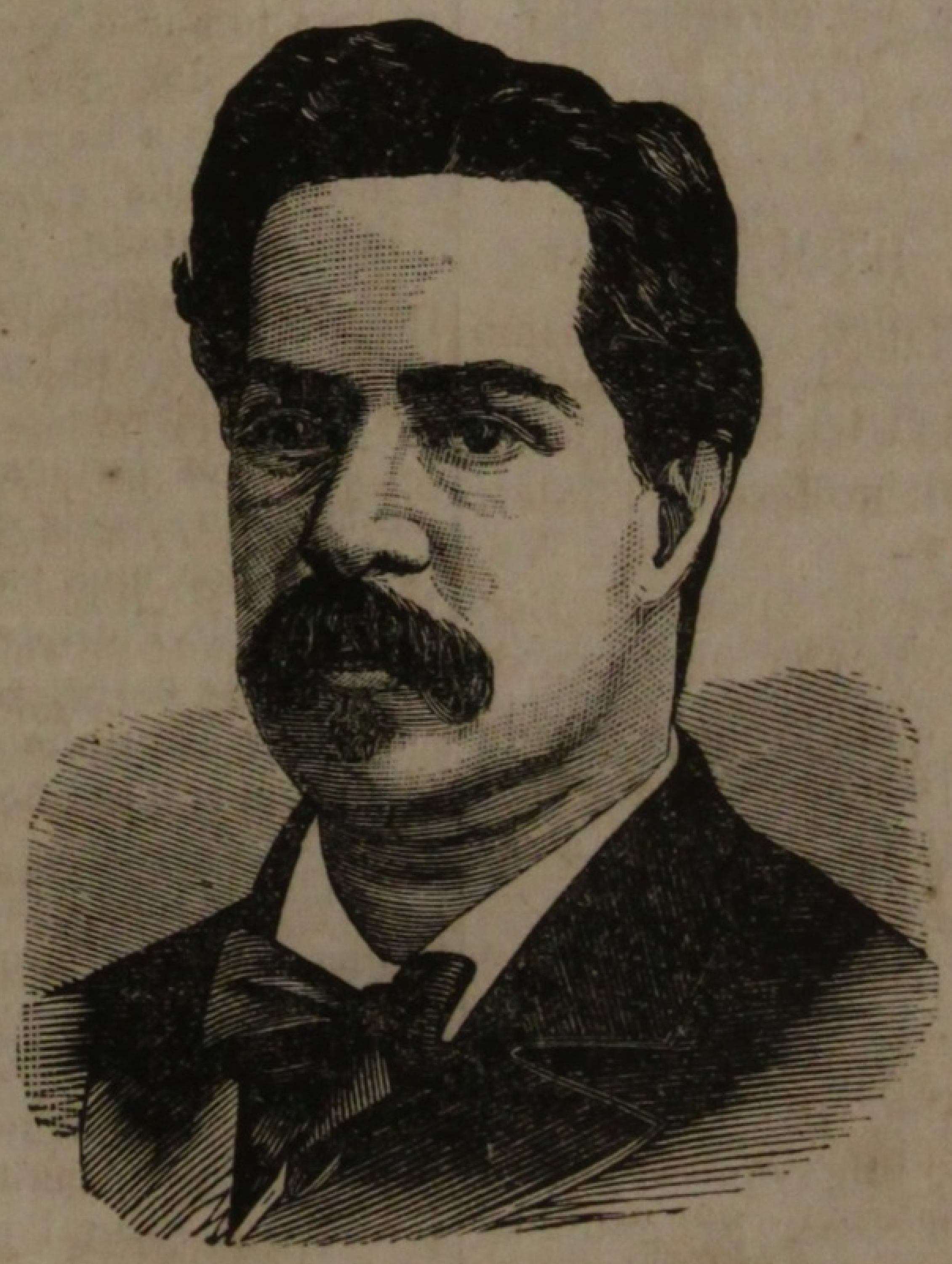
A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 15 DE JUNHO DE 1882 — NUMERO 94



GUILHERME COSSOUL

SUMMARIO

Texto: — Guilherme Cossoul — A vingança d'um morto (romance) — A viscondessa (poesia) por Sousa Viterbo — De Lisboa á Bahia, por M. J. Leite Galvão — Os dramas do mar: Bontekoe — Os irmãos Montgolfier — Os arabes — Os mouriscos, por L. F. — Jorge Sand — O conde d'Amarante (romance) — Um facto historico — Bocage (poesia) por A. F. Barata — Ao redor do mundo sem sahir de casa: As terras Antarcticas — Bibliographia — Zig-Zags: A imprensa na China — Clitarco — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Guilherme Cossoul — Experiencias dos irmãos Montgolfier — Jorge Sand — Irmãos Montgolfier.

GUILHERME COSSOUL

—

O individuo cujo retrato publicamos na primeira pagina foi um d'aquelles raros entes que veio ao mundo de paes humildes, que não teve no berço outras galas além das caricias da familia e cuja infancia deccorreu embalada pela briza fagueira dos bons exemplos, que depois, quando homem, lhe cimentaram o edificio d'um intellecto justo e honrado.

Guilherme Cossoul elevou-se pelo talento, sem favores de ninguem, a uma posição muito invejavel na sociedade. Seguiu a carreira da arte e esta deu-lhe triumphos verdadeiros, de molde a contentar o seu orgulho d'homem e d'artista.

Foi artista de muito talento, d'uma vocação jamais desmentida, e como tal honrou sempre o paiz.

Na vida privada foi o typo do homem de bem.

Não teve outros pergaminhos além d'uma vida isenta de mancha, o que já não é pouco n'esta epoca de podridão social.

Cossoul foi o fundador da companhia dos bombeiros voluntarios de Lisboa e até ao ultimo instante da sua vida dedicou áquella filha dilecta um amor que ia além da mais sublime dedicação.

A sua lembrança jamais se apagará da memoria d'aquelles que tiveram ensejo d'apreciar o seu caracter elevado e austero.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO I

NOUTE DE HORROR!

—

I

Era em 1704, quando mais ateada andava a guerra da successão, que acabou por enthronisar na Hespanha a raça dos Borbons.

Os dous partidos que disputavam o poder, estrangeiros ambos, tratavam a Hespanha como nação a conquistar; as tropas do archiduque, tão bem como as de Philippe V, julgavam-se com o melhor direito para comer as galinhas mais gordas, os patos mais bem nutridos, para talar os campos, destruir povoações, para lançar mão de tudo quanto podiam, isto é, tirar os proventos da guerra.

As povoações mais enthusiastas por um ou outro bando estavam atemorisadas; as menos ruraes tinham tomado as armas, porque sabiam o que tinham a esperar de imperiaes e realistas.

As aldeias e povoações pequenas que não tinham á mão os meios de defeza, eram as que soffriam mais porque as tropas imperiaes saqueavam as casas sob pretexto de que os moradores davam guarida aos realistas e as tropas realistas tomavam á força o que melhor lhes parecia com o fundamento de que os moradores não tinham resistido aos imperiaes, pois taes são sempre as consequencias d'uma lucta que degenera em guerra civil.

Os proprios hespanhoes tinham-se alistado em um dos dous partidos, e havia quem guerreasse nos dous bandos, tanto officiaes como soldados.

II

Na noute do 1.º de junho do já citado anno, os habitantes d'uma pequena aldeia da provincia d'Aragão achavam-se entregues ao aprazivel somno que produzem uma consciencia tranquilla e um dia de trabalho insano, quando de repente o fatidico e secco arruido de algumas descargas e os gritos da soldadesca desenfriada interromperam bruscamente aquelle delicioso socego.

Os uniformes brancos acabavam de entrar na aldeia indefensa, segundo indicavam os gritos lançados pelos habitantes aterrorisados:

—Os imperiaes!... Ahi vem os austriacos!

Em breve, ao silencio anterior succedeu o rumor que se costuma observar ao tomar d'assalto uma povoação, os gritos dos que cahiam por terem commettido a imprudencia de assomar a uma janella e os clamores da multidão espantada, que via com terror uma aggressão inqualificavel, porque a aldeia não tinha tomado as armas contra os austriacos.

Era um destacamento de tres companhias, que havia sido derrotado aquella tarde por uma partida de soldados e paisanos de Philippe V, e, como succede em taes casos, saciavam o seu furor em quem não tinha culpa de que a sorte da guerra se lhes tivesse mostrado adversa.

Os soldados, famintos e cansados d'uma marcha forçada d'algumas legoas, espalharam-se pelas ruas, abrindo as portas ás coronhadas, apoderando-se de quanto havia nas casas que lhes conviesse, maltratando os homens e abusando brutal e infamemente das mulheres, sem que os officiaes tentassem, nem de leve, pôr cobro a taes demasias.

Aquelle quadro horrivel e destruidor contrastava com a aprazivel tranquillidade d'uma noute de verão. As estrellas brilhavam no firmamento, não se preoccupando pelo mais minimo com o que se passava na terra, e a briza era suave e brincalhona.

III

Poucos minutos depois da entrada das tropas na aldeia, quando ainda entremeiados com os gritos d'uns e d'outros se ouvia o estrondo d'algumas descargas, como os ultimos morteiros de um fogo d'artificio, um rapaz de cerca de vinte e cinco annos, segundo a apparencia, e que pelo trajo indicava ser d'uma condição superior á dos labregos da aldeia, sahiu d'uma casa, d'espada em punho e com a cabeça descoberta, e deitou a correr em direcção á praça, derribando quantos soldados encontrava na sua passagem, e procuravam detel-o, e recebendo alguns tiros, que por fortuna não lhe acertaram.

Poucos minutos durou a sua carreira precipitada por aquellas ruas e travessas. Ao desembocar na praça, viu-se cercado por oito ou dez soldados austriacos, que, de sabre em punho, intentaram aprisional-o.

Continua

A VISCONDESSA

—

Conhece-a o rouxinol; como gorgeia
Embebido em phrenetica alegria,
Quando a vê entre a densa ramaria
A' vaporosa luz da lua cheia!

Eu não sei como o peito se enebria
Ante o olhar seductor da semideia!
A sua voz deixou-nos uma ideia
De graciosa e vaga melodia.

Acordou ao rumor da madrugada:
Vem desfolhando a ramaria espessa
Com a varinha tremula de fada.

E' ella, é; curvemos a cabeça.
Formemo-nos em ala namorada...
Vae passando a senhora viscondessa.

Sousa Viterbo

DE LISBOA Á BAHIA

—

Conclusão

Largamos de S. Vicente ás quatro horas da tarde, e em quanto o vapor segue a sua carreira, vou contar um facto que teve logar a bordo e que foi causa de geral sentimento.

Vinha como passageiro no *Elba* um homem que vi pela primeira vez no dia que chegamos a S. Vicente. Quando, ao approximar-se da ilha, o vapor afrouxou a marcha, levantei-me e fui encostar-me á amurada para observar o porto e a ilha. Estava n'esta attitude quando senti acercar-se de mim alguem que o escuro da noute me não deixou descriminar se era tripulante ou passageiro. Quem quer que era, dirigiu-me a palavra em idioma que me era estranho, e como lhe respondesse n'outro,

mais vulgar, que não o comprehendia, replicou-me n'esse, dizendo-me que desejava saber se a população da ilha era importante e se a demora do vapor daria tempo d'ir a terra e voltar, e como eu não podesse satisfazer ao que desejava, pelo não saber, retirou-se.

Depois que o vapor fundeou, eu e alguns amigos fomos a terra e lá vi o homem da madrugada a passear como nós, e depois que voltamos a bordo, tornei novamente a vel-o passeando no convez, por entre os outros passageiros, mas de todos separado e inteiramente só.

Era aquelle individuo uma figura distincta pela gentileza e pela elegancia. Trajava com primor e só se lhe notava usar de sobre-tudo de gutta-percha em estação tão adiantada. Passavam-se estas cousas no dia 19 d'outubro, e no dia seguinte, pelas onze horas da manhã, corria a bordo a noticia de que um passageiro se tinha suicidado e que esse passageiro era um sueco que tinha comprado na ilha de S. Vicente um frasco de chloral e que com elle se envenenara.

Accrescentava-se que o sueco suicidado pertencia a uma familia distincta, e que deixando-se possuir d'amores que a familia não approvava, esta deliberara fazel-o viajar para o distrahir d'essa paixão; porém longe de lhe ser proficuo esse remedio, augmentara os seus pesares, a ponto de ter por mais d'uma vez tentado pôr termo á vida, o que, sendo-lhe impedido, o conseguira agora com o chloral.

A's duas horas da tarde do mesmo dia um sacco recebia o corpo do infeliz, e depois de n'elle cosido, e presa uma bala aos pés, mergulharam-o no seio do oceano.

Que triste foi o destino d'aquelle desventurado, que nem ao menos teve uma lapide a marcar-lhe o fim da existencia e a dizer á mulher por quem se finara que ali jazia o que morrera por ella!

Entre diversas peripecias, mais ou menos agradaveis, viemos seguindo viagem. Uma das mais aprazíveis foi a geral fraternisação de senhoras e cavalheiros, do que resultou fazerem-se frequentes concertos ao ar livre. Eram estes executados especialmente por inglezas e allemãs; os da raça latina ficavam pela maior parte meros espectadores.

Eu tive a ventura d'encontrar entre os passageiros, além d'alguns negociantes portuguezes, dous medicos brazileiros, meus conhecidos, os quaes vinham de viajar na Európa com o fim de obter conhecimentos praticos de alguns ramos de medicina, os quaes pouco poderiam augmentar aos que já possuiam, que eram muitos. Estes bons companheiros amenisaram-me a viagem e tiraram-lhe o que ella podia ter de aborrecimento.

No dia 27 houve a bordo uma *soirée* dada aos passageiros da Bahia, e no dia 28, ás tres horas da manhã, annunciava o vapor com um tiro de peça a sua entrada na Bahia, a que os portuguezes chamaram de Todos os Santos.

M. J. Leite Galvão

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

Continuação

V

EXPLOSÃO!

Bontekoe era um homem mais corajoso do que os outros, talvez; mas era homem. Lançou á roda de si um olhar investigador, um d'aquelles olhares que fazem recuar os horisontes. Mas nada viu, nem terra, nem vela, nada mais do que as duas embarcações que sem conhecerem rumo certo, tripuladas por homens mais loucos do que os seus companheiros, fugiam a toda a força de remos. Em seguida, breve e como tomando uma resolução:

—Iça e solta o panno todo! gritou Bontekoe.

Deram-se todos pressa em executar as ordens do capitão; mas um dos marinheiros perguntou-lhe porque dera tal ordem.

—Porque? exclamou Bontekoe. Porque vamos ver se os alcançamos, e, se o conseguirmos e elles se recusarem a receber-nos, faremos passar o navio por cima das lanchas, para que aquelles miseraveis saibam qual é o seu dever.

Com effeito, graças ás manobras e á ignorancia em que estavam os fugitivos ácerca dos fins a que ella mirava, o navio approximou-se até uma distancia relativamente pequena; mas os miseraveis, manobrando por seu lado e soccorrendo-se das velas e dos remos, ganharam vento e afastaram-se consideravelmente.

Esta ultima esperança do capitão desvanecia-se.

Soltando um suspiro e sacudindo a cabeça como para afastar as suas proprias angustias:

—Vedes, meus amigos? disse. Não nos resta outra esperança além dos nossos proprios esforços e a misericordia de Deus. Redobremos de coragem. Uma parte da tripulação tratará d'apagar o incendio, ao passo que os restantes lançarão a polvora ao mar.

D'esta vez era necessario obedecer, e obedecer promptamente; se restava um recurso n'aquelle caso extremo, era a unidade das manobras.

Cada qual se poz á obra, e, ao passo que uns vinte homens corriam para o paiol da polvora, Bontekoe distribuia trados e serras, dando o exemplo e procurando abrir buracos no porão do navio. Mas até esta tarefa teve um inconveniente. Os instrumentos davam contra a borda do navio e não chegavam a abrir buracos.

Era a ultima esperança. Perdida ella, o navio apresentou uma vasta scena de desolação.

Entretanto Bontekoe conseguiu ainda dominar aquella primeira manifestação de desespero e a polvora continuou a ser lançada ao mar. Elle proprio entrou de trabalhar n'esse sentido, deixando a outros o cuidado de lançarem agoa pelas escotilhas.

Por um momento julgou se o fogo extincto e os tripulantes respiraram. Mas de repente annunciaram ao capitão que o incendio se declarara violentamente n'outro compartimento.

Desde então a perda foi julgada inevitavel. Quanta mais agoa lançavam, mais os oleos inflammados, subindo á tona da agoa, approximavam o fogo da coberta. E apesar d'isso, machinalmente, continuou-se na faina, no meio dos gritos e signaes de desesperação dados por todos os homens, que corriam pelo meio do fumo com ademanes de loucos, como verdadeiros demonios.

Era o exemplo do capitão que os continha.

Tinham lançado á agoa sessenta meios barris de polvora; mas ainda restavam tresentos.

Viam o fogo approximar-se inexoravelmente do paiol, e aquelles homens, posto não tivessem mais esperanças de escapar n'este ou n'aquelle logar, e, com a ancia de ar e de espaço que se experimenta nos grandes perigos, sahiram do paiol e subiram á coberta, gritando:

—A polvora! A polvora!

N'este momento achavam-se ainda a bordo cento e desenove homens.

Bontekoe estava ao lado da escotilha grande: rodeavam-o sessenta e tres homens, que atiravam agoa para o porão. Quando aquelles gritos se fizeram ouvir, voltou-se e viu os recem-chegados, afflictos, anciosos, pallidos, e comprehendeu que estava tudo perdido. Alongou os braços para o ceo e exclamou:

—Meu Deus e Senhor! Tende misericordia de nós!

Não tinha bem acabado a ultima palavra, quando o navio se abriu ao meio, com um arruido terrivel, despedindo chammas como um vulcão, e todos os individuos que se achavam a bordo desappareceram com a rapidez do relampago, arrojados ao espaço, de mistura com os restos inflammados do *Nieuw Hoorn*.

Continua

OS IRMÃOS MONTGOLFIER

Na ultima pagina d'este numero encontrarão os leitores os retratos dos dous celebres inventores dos aerostatos. Vamos dar aqui alguns breves apontamentos biographicos.

José Miguel, o mais velho, nasceu em 1740; o mais novo, Thiago Estevão, nasceu em 1745. Foi a sua patria Vidalon-lez-Annonay.

Desde creanças manifestaram ambos grandes disposições para as descobertas. José fundou duas fabricas de papel e introduziu n'esta industria importantes aperfeiçoamentos; mas umas especulações mal succedidas, aggravadas pela pouca pratica que elle tinha dos negocios financeiros, crearam-lhe difficuldades insuperaveis.

Foi então que se entregou ás experiencias aerostaticas, a que o irmão se associou depois de ter igualmente ligado o seu nome á industria do papel.

As primeiras experiencias dos irmãos Montgolfier tiveram logar em 1783, em Annonay. Depois repetiram-se em Lyon, Paris e outras cidades, causando um enthusiasmo indiscriptivel. A Academia das sciencias inscreveu os nomes dos inventores na lista dos seus socios e de toda a parte os animavam.

Foi José Montgolfier o primeiro que empregou o pára-quedas. Uma das principaes invenções d'estes dous sabios foi a do carneiro hydraulico, que, sem pistão, sem fricção e só pelo impulso d'uma leve queda d'agoa, eleva a agoa a desoito metros d'altura.

José Montgolfier deixou dous livros notaveis: *Discurso sobre o aerostato* e *Memoria sobre a machina aerostatica*.

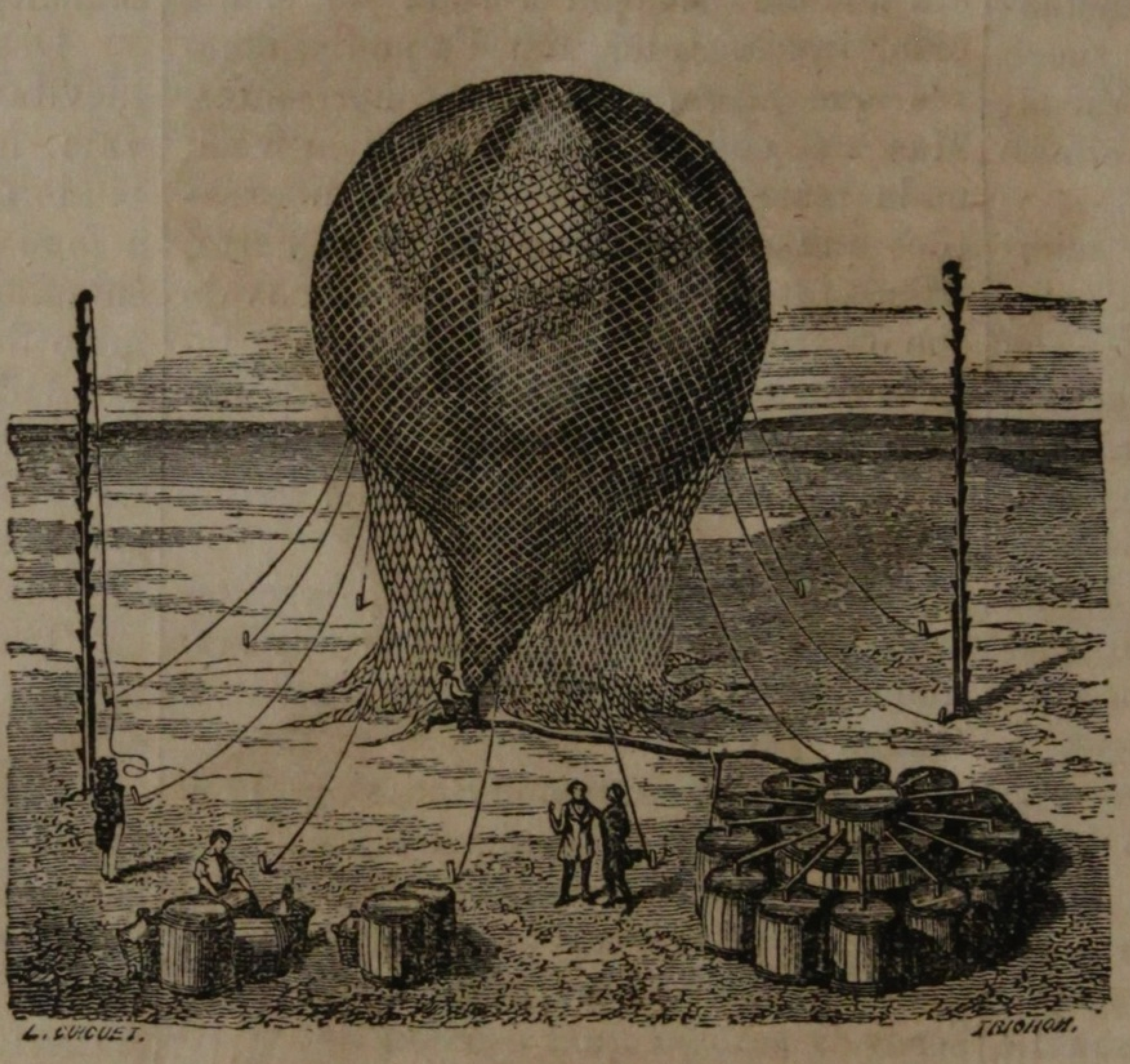
Falleceu José Montgolfier em 1799; seu irmão Thiago viveu até 1810.

OS ARABES

A Arabia foi uma das primeiras nações habitadas do mundo; a sua historia porém não nos é bem conhecida senão desde alguns seculos antes da vinda de Christo, pelo motivo de que os romanos, que tinham sempre historiadores para registrar as suas conquistas, não poderam submetter senão uma pequena parte d'ella, isto é, a Arabia Feliz, no tempo de Trajano.

Os povos mais celebres que a habitaram foram os moabitas, os madianitas, os amalecitas, os ammonitas, etc., tribus a principio nomadas, divididas em duas raças, reconhecendo como fundadores do seu poder Cahtan Yecton (na Escriptura Santa) e mais tarde Adnan, descendente de Ismael; aquellas tribus reuniram-se para resistir ás invasões dos seus inimigos e tomaram desde então a denominação generica de arabes.

Havia muito tempo já que uma dynastia, chamada dos himyaritas (de Himayer, seu fundador) bisneto de Cahtan, se estabelecera na Arabia, e Toba, como Pharaó entre os egypcios, tornou-se o titulo generico d'aquelles principes, que conservaram o poder até á conquista do Yemen pelos abexins, em 570 antes de Christo. Um d'estes reis, pertencente á religião christã, Abraha, quiz apoderar-se da caba dos arabes; mas o seu exercito foi vencido e dispersado.



EXPERIENCIAS DOS IRMÃOS MONTGOLFIER

Os himyaritas foram obrigados a dispersarem-se pelas outras provincias quasi desertas da Arabia, em consequencia da ruptura do celebre dique de Sel-al-Arim estabelecido por Locman, da raça dos aditas, para regular o curso das agoas provenientes das torrentes. Esta emigração forçada foi a origem de dous reinos, o de Hira, no Irak, e o de Ghaçan, na Syria, e da soberania dos khosaitas em Meca, que foram mais tarde expulsos pelos djozomitas, ou adoradores dos idolos.

Uma nova dynastia, a dos coraychitas, apoderou-se do poder no anno 440 e conservou-o até á vinda de Mahomet, que foi o verdadeiro fundador do imperio arabe, desenvolvendo-o e dando-lhe por missão a propagação dos principios da sua nova religião, o islamismo.

O propheta, depois de ter derribado todas as religiões que reinavam na caba, empregou o ferro e o fogo para impor as suas crenças, que se propagaram rapidamente pela Arabia, a Syria, o Egypto, a Persia, o norte da Africa, a Hespanha, as ilhas indianas e até na China, mercê dos seus successores, que continuaram uma obra assente em bases tão fortes.

Aquelles ferozes guerreiros espalharam-se por todas as partes do mundo e chegaram a fazer tremer a Europa inteira, porque parece que nada podia entravar a sua marcha triumphante através dos povos espantados e vencidos. Só a França teve a gloria de deter a sua invasão em 721. Mas em breve aquelle immenso imperio, fundado em um febril transporte religioso, com a espada e o facho, perdeu a sua unidade religiosa e politica estabelecida por Mahomet. Depois dos celebres kalifas Abu-Bekr, Omar, Othman, aquelle corpo gigantesco deslocou-se no meio das dissenções e luctas suscitadas pelas rivalidades. Em Bagdad os abassidas triumpharam dos ommiadas; os aglabitas em Kairwan; os tulorinidas, os fatimitas no Egypto; e os ommiadas, encorralados na Hespanha, em Cordova, arvoravam o estandarte da independencia.

Pelo seculo XII aquelle imperio ephemero tinha passado para as mãos dos mouros d'Africa e de Hespanha, para os turcos e mongoes do Oriente. A propria Arabia já não pertencia aos descendentes de Mahomet; mas tinha resistido ás invasões dos mongoes, dos tartaros e dos turcumanos.

Continua

OS MOURISCOS

(CHRISTÃOS NOVOS)

Conclusão

O odio da plebe degenerou em perseguição; as violencias e crueldades do Santo Officio da Inquisição em breve extirparam os *Christãos novos*.

D. João III completou as medidas

de D. Manoel. As populações foram convertidas por decretos reaes: os mouriscos não eram christãos senão de nome.

Durante os desoito annos do ministerio de Torquemada, 105:284 pessoas foram processadas, das quaes 8:800 queimadas vivas!

Em Portugal o dinheiro dos judeus pôde addiar o *zelo* religioso até ao tempo do *piedoso* D. João III, que obteve em bulla de 23 de março de 1536 o estabelecimento effectivo da *santa* Inquisição. A tortura, as penitencias, o confisco e a fogueira, não contentes com os hereges judeus e mahometanos, começavam a estender-se aos proprios christãos velhos: *a fé avivou-se.*

Até as nossas possessões ultramarinas não escaparam ás vistas de tão santo officio: Gôa, o imperio onde mercadejavam nações de tão variadas origens e crenças, teve tambem o seu tribunal. Assim se cavava o abysmo que nos devia sepultar em breve.

A tyrannia de Carlos V e Philippe II para com estes pobres desgraçados não teem nome! O desespero fez mover os povos das Alpujarras em 1558 e 1571; a carnificina e o desterro acalmaram esta excitação.

Assim mesmo em 1602 existiam no reino de Valencia duzentos mil mouriscos. As denuncias, as accusações e o fanatismo religioso continuaram; a vingança hespanhola não estava ainda satisfeita; veio completar-se com os editos de 1605, 1609, 1610 e 1614, que desterraram completamente de toda a Peninsula (pois que Portugal estava debaixo do jugo de Castella) os mouriscos. Uns chegaram a desembarcar na costa de Africa; mas outros, a maior parte, ficaram moídos de pancadas e mortos de fome, estendidos pelos caminhos. O sul de Hespanha e de Portugal despovoou-se; a cultura da cana do assucar e do arroz ficou abandonada; a agricultura desappareceu d'este solo maldito. Os escrupulos das consciencias dos nossos tyrannos ficaram tranquillos; mas a maldição de Allah caiu sobre este povo sanguinario e uma lucta fratricida as devora desde então!...

L. F.

JORGE SAND

—

Julio Sandeau era um pobre rapaz, que vivia em Paris d'uma pequena pensão que a familia lhe mandava para elle estudar, quando, na verdade, estudar era do que menos tratava. Um dia, andando a passear nos boulevardes, encontrou-se com uma dama, o que o fez soltar um grito d'admiração:

—Aurora! Tu por aqui?

—E' verdade. Sou emfim senhora minha.

—Que significa isso?

—Que obtive de meu marido a separação que ha tanto tempo desejava.

JORGE SAND

Tu sabes que nunca se quadraram os nossos genios, que os seus eternos ciumes...

—E' verdade; de que eu fui victima.

—Uma victima innocente.

—E agora que pensas fazer?

—Estabelecer-me em Paris. Quero respirar o ar das grandes cidades depois de me deixar abafar quasi em uma aldeia mesquinha.

—Offereço-te a minha casa. Viveremos juntos, como bons amigos.

—Aceito. Onde moras?

—No arrabalde S. Miguel.

—Vamos lá para o arrabalde S. Miguel.

Pelo caminho Sandeau fez esta reflexão:

—Se ella não traz dinheiro, como vivermos ambos d'uma pensão pequena de mais para mim só?

Aurora comprehendeu a reflexão do seu amigo em antes de elle fallar.

—Em substituição dos recursos que me faltam, tenho o meu talento.

—Qual talento?

—Sou pintora.

—Bom. E' necessario arranjar trabalho.

No dia seguinte, os dous amigos fallaram a um quincalheiro, que lhes mandou algumas caixas de rapé para pintar.

Viveram assim alguns dias. Depois, como os lucros eram poucos, assentaram que era indispensavel mudar de vida. Resolveram escrever a Latouche, redactor em chefe do *Figaro* e patricio de ambos. Latouche mandou-os apparecer.

Quando Aurora fallou nas caixas de rapé, o jornalista soltou uma gargalhada. Depois, dirigindo-se a Sandeau, disse-lhe:

—Aconselho-o que se faça jornalista. Dou-lhe um logar na minha redacção.

Sandeau abanou tristemente a cabeça.

—Não me sinto com forças sufficientes para escriptor, respondeu Sandeau.

—Eu te ajudarei, accudiu Aurora sorrindo.

Desde aquelle dia a companheira de Sandeau abandonou o pincel e tomou a penna.

—Os vossos artigos não são maus, disse-lhes um dia Latouche; mas não deveis parar ahi: deveis dedicar-vos ao romance.

Os dous collaboradores pozeram mãos á obra. Ao cabo de seis semanas depositaram nas mãos de Latouche um manuscripto. Era o romance *Rosa e Branca*, que Latouche vendeu a um editor por quatrocentos francos.

O resultado era animador. Aurora exclamou:

—Continuaremos a escrever. Mas como havemos d'assignar? Seria um escandalo enorme que o meu nome apparecesse na capa d'um livro.

—Se meu pae soubesse que eu me dedicava á litteratura, é fóra de duvida que me mandaria a sua maldição.

—E nada de dinheiro, acrescentou Aurora.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

Continuação

IX

SAUDADES

Então Atilano me disse que, se as suas balladas me pareciam bem, mais me impressionariam as de Florentina, pelos seus rasgos d'espiritualidade exquisita e seus ideaes de mysteriosa poesia.

—Sim... sim! proromperam todos ao ouvil-o; que recite Florentina a sua poesia *Ar e luz*, as suas *Flores do amor*, ou as suas *Saudades*.

Florentina obedeceu, recitando sem pretenções e com a maior naturalidade esta ballada:

SAUDADES

Querida, de meus cantos a harmonia
Sempre teu bello rosto buscará;
Aroma virginal que a alma te envia,
N'essas ondas de amor te envolverá.

D'estas montanhas nas ingentes rocas
Ou de seus rios rapidos ao pé,
Aonde quer que vá... lá te collocas
Em quanto meu olhar ledo entrevê.

Qual essencia impalpavel, myst'riosa,
Vem tua imagem pallida ante mim,
Do Bocelo entre a nevoa vaporosa
Ou na ondeante saphyra do Ulla alfim.

A alma, absorta na amorosa lucta,
No perfume percebe-te da flor;
E teus brandos suspiros na aura escuta,
Onda trás onda celestial de amor.

Vê-te da noute na orbita sombria
Como rubor d'aurora ao despontar,
E no fundo de luz que ostenta o dia
Brilhando com mais luz te vê girar.

Id'lo da minha fé! se nunca unidos
Nos quiz a sorte impiedosa ver,
No teu e no meu peito estão fundidos
Os desejos que alentam nosso ser.

Da mesma arvore folhas despegadas,
Girando viuvas nossas almas vão;
E, bem que no ar se agitem separadas,
Pela seiva uma em duas sempre são.

Quando da lua á luz serena e summa
Despede nosso amor doce clarão,
Duas almas não somos, não, mas d'uma
Duas metades que pelo ether vão.

Nossa união, nossa dita (cruel martyrio!)
Nunca real veremos sob os ceos:
Nossa união, nossa dita, está no empyreo,
Ao refundir-nos outra vez em Deus!

Calou-se Florentina, e todos a applaudiram.

Eu fiquei immovel, impressionado por aquellas manifestações do seu espirito para com um amor ideal, que revelavam infinita belleza d'alma.

Se até ali a sua formosura natural e modestissima me deslumbrava, procurando subtrahir-me á influencia que exercia em mim, desde então a lucta duplicava nas trevas das minhas entranhas para repelir a tracção que me impunha a belleza exhuberante do seu intellecto.

Via a luz, que penetrava nas cinzas do meu coração, e queria negar o seu esplendor ao innundar-me interna e externamente. O demonio do meu orgulho, sublevando-se no fundo do meu peito, accumulava sombras e sombras para as arrojar phrenetico sobre o rosto d'aquella mulher adoravel, finalmente uma criada minha!

Porém, instantaneamente, tremia esta altivez indomita do meu caracter com resplendores de nacar, á consoladora ideia de que Florentina não tivera nem tinha amante algum, e sim um ideal que, a realisal-o eu, devia satisfazer-me extremadamente.

Aquelle ideal que ella amava com *saudades*, voz celtica ou gallaica de difficil traducção para o castelhano, e que exprime como dôr, melancolia, por um bem ausente, aquelle ideal da alma de Florentina, era tão somente uma irradiação da electricidade do seu espirito, não um objectivo phantastico. Devia eu ter ciumes d'essa idealisação? Impossivel, a menos que não me espiritualisasse tanto, que deixasse de comprehender que, ainda que a minha fronte se banhasse na luz dos ceos, os meus pés estavam nas sombras da terra. O seu amor purissimo sómente reconhecia um ideal não menos puro; essencia immanente do seu ser, creação emfim sua.

E persuadido d'esta verdade luminosa, que por ultimo se assenhoreou do éther do meu cerebro, comprehendi então estas palavras sublimes de lord Byron no seu *Childe-Harold*: «A mesma belleza da alma reacciona e produz uma febre que engendra mentidas creações.»

Continua

UM FACTO HISTORICO

—

Se a honra é o sentimento habitual no homem, que o eleva no conceito da opinião publica, todos procuram por certo, para merecerem as distincções dos seus concidadãos, o ser escrupulosos na pratica dos seus actos. A dignidade pois é procedimento habitual, digno do caracter elevado de cada um, e por isso tambem a sua manutenção, no maior grao de pureza, deve ser o lemma que todos devem seguir.

Ha comtudo aberrações; e para prova vamos transcrever o seguinte facto historico, isto é, verdadeiro.

Pela sua excentricidade só podemos deprehender, que nem por todos é a honra interpretada pela mesma forma.

Como sabemos, o conde de Amarante, estando em Villa Real no dia 23 de fevereiro de 1823, quiz alli acclamar como absoluto o rei D. João VI; batido, porém, pelas tropas constitucionaes, teve de emigrar para Hespanha, asylando se no reino de Leão.

Mais tarde, em 27 de maio do mesmo anno, o infante D. Miguel, de accordo com D. Carlota Joaquina e com o partido absolutista, de madrugada deixou o palacio da Bemposta, e, acompanhado com o 23 de infanteria sob o commando do brigadeiro José de Sousa Sampaio, partiu para Villa Franca, onde fez uma proclamação revolucionaria, seguindo depois para Santarem.

D. João VI fingiu não ir de accordo com seu filho, fazendo uma proclamação, na qual assegurava que o seu intento era conservar a constituição com os melhoramentos necessarios para a felicidade do seu povo.

Mas, como reverso, marchava tambem para Villa Franca, apoz seu filho, acompanhado do 18 de infanteria, e, reunindo-se aos revoltosos, fez vingar o movimento no sentido absolutista, quando se podia fazer abortar mais esta tentativa revolucionaria, empregando-se, debaixo do commando do tenente general conde de Avilez, a guarnição da capital, que se conservara leal, e com a dedicação da qual se podia contar.

As côrtes, reunidas em 2 de junho, fizeram um protesto, sob proposta de Manoel Borges Carneiro, assignado por 61 deputados, contra qualquer alteração que se fizesse na constituição de 1822.

Tres dias depois regressava á capital o rei, acompanhado de toda a força, e foi na occasião da sua entrada, que muitos individuos, e entre elles o conde da Cunha, tiraram as cavalgaduras do coche de el-rei, e todos com o maior garbo o puxaram pelas ruas da capital!

No dia immediato apparecia na *Gazeta de Lisboa* o seguinte annuncio, que mui habilmente fizeram inserir na folha official:

«Vendem-se as parelhas que puxaram pela carruagem de El-rei na sua vinda de Villa Franca: quem as quizer comprar encontral-as-ha á venda em Belem ou no Campo de Sant'Anna.»

Tal annuncio, como bem se pode prever, causou indignação da parte dos absolutistas e as merecidas gargalhadas dos liberaes. A policia, intervindo, fez recolher immediatamente as folhas distribuidas e fez se imprimir nova edicção.

Continua

BOCAGE

—

Salvé! terra portugueza,
Mãe de Camões e do Gama;
Minha terra, que a grandeza
Ainda tens da nossa fama.
Terra d'homens valorosos,
Por grandes feitos briosos,
Hoje em dia tão saudosos,
A' nação que tanto os ama!

Canto um, que da poesia
Chorado sempre hade ser:
E' o cantor da harmonia,
Que jamais hade morrer.
E' Bocage! o rei da lyra,
Que a verdade e que a mentira
Muitas vezes confundira
Quando immerso no soffrer.

Como centelha que passa,
Foi que Bocage viveu;
Libando da vida a taça,
Para o Parnaso morreu.
Da sua patria distante,
Se carpiu, saudoso amante,
E esse Ganges sussurante
Como Camões conheceu!

Como elle poeta e pobre,
Aos baldões por esses mares;
Como elle um peito nobre,
Certo abrigo dos pesares.
Como elle brinco da sorte,
Pagou o tributo á morte;
Mas o nome, esse, mais forte,
Viverá com seus cantares.

Como Camões, foi soldado,
E soldado trovador,
Que até por ferros cercado,
Cantou sempre sem temor;
Toda a vida foi errante!
Foi em tudo similhante,
Ao genio seu inconstante,
Revelado até no amor.

De Leandro a triste sorte
Como Bocage a cantou!
E de Ignez a cruel morte
Como sentido a chorou!
E a illusão da Eternidade
Que prégou á mocidade!...
Contrasta co' a grão verdade
Que arrependido mostrou.

Em tropel a poesia
Pela mente lhe vagava;
Nasceu vate, elle o dizia
Quando infante já cantava.
O' prodigio! ó talento!
Sem uma queixa, um lamento,
Nas horas do passamento
Ainda á musa se entregava.

Como astro que brilhando
Aos da terra se mostrou;
Assim Bocage, cantando,
Por esta vida passou.
Prestou culto á divindade,
Teceu carmes á vaidade;
Mas, temendo a Eternidade,
Foi contricto que expirou.

E das letras na historia
Deixou um nome brilhante:
E dos vates á memoria
Legou um vulto gigante!
Foi da Arcadia um ornamento;
Zombará do esquecimento,
E terá por monumento
Saudade amarga e constante.

Elmano, como Philinto,
Ao paiz possa lembrar;
Não vão um nome distincto
No esquecimento lançar,
E que a patria sua amada,
Por elle tão decantada
Na maga lyra afamada,
Nunca o possa deslembrar!

A. F. Barata

AO REDOR DO MUNDO
SEM SAHIR DE CASA

—

Conclusão

LXXIII

AS TERRAS ANTARCTICAS

Eis-nos nos confins da terra. Aqui termina naturalmente a nossa viagem, porque não ha mais terras conhecidas. Já o aventurarmo-nos por aqui é uma grande temeridade.

As Terras Antarcticas são extensas regiões inhabitaveis, cobertas de geleiras enormes e situadas entre 60 graos de latitude sul e o polo antarctico. As terras conhecidas são: ao sul da America, as Orcades e as Shetland do sul, as terras de Joinville, Luiz-Philippe, Palmer e Graham; as ilhas Alexandre I e Pedro I. Cobertas de gelos e cheias de vulcões em plena actividade, todas estas terras estão desertas.

As Orcades foram descobertas em 1819 pelo capitão Smith, que lhes deu o nome de Orcades Austraes, Novas Orcades e ilhas Powell. As principaes ilhas são Lauria e Coroação. Na primeira ha uma montanha com 1:645 metros d'elevação e na segunda outra com 1:320 metros. São totalmente estereis.

As Shetland, descobertas pelo mesmo individuo e na mesma epoca, demoram a sueste da Terra do Fogo e constam de 12 ilhas principaes: Lewingston, Cornwailles, Robert, Rei Jorge, etc., todas inhabitaveis e pela maior parte estereis. Dumont de Urville explorou-as em 1838.

Foi este mesmo viajante que descobriu, no mesmo anno de 1838, a terra de Luiz Philippe, dando-lhe o nome do rei que então tinha a França. Está situada ao sul das Novas Shetland e a leste do canal de Orleans, que a separa da terra da Trindade.

As ilhas de Alexandre I e Pedro I foram descobertas por viajantes russos, que lhes deram os nomes dos seus reis.

Pelo lado d'oeste, até ao sul da Nova Zelandia, não ha indicios de terras; desde a Nova Zelandia até ao sul de Madagascar encontramos as terras de Enderby e Sabrina, descobertas pelo capitão inglez Balleny, em 1839; estão em seguida os montes Terminação, Knoss e Totteus; as costas Clara e Adelia, esta ultima situada além do circulo polar e descoberta por Dumont de Urville em 19 de janeiro de 1840. E' ao sul d'esta terra e a oeste da terra Victoria que se collocou o polo magnetico austral. Emfim encontra-se a grande terra Victoria, cujas montanhas marcam a extremidade austral do mundo.

A terra de Victoria foi descoberta em 1841 pelo capitão inglez James Ross, o qual pensou honrar a actual soberana d'Inglaterra dando o seu nome áquella terra. E' ali que se veem os vulcões mais meridionaes da terra: o Erebus e o Terror. O primeiro tem 3:780 metros d'altura; o outro é mais baixo.

Não se sabe se estas terras são habitaveis, porque o clima é ainda mais rigoroso para o polo sul do que para o polo norte.

—

Digamos adeus a estas regiões desoladas, para voltarmos á nossa querida Europa. Voltemos sobre os nossos passos. Adeus, Oceania, mar das Indias, mar Vermelho, Aden, Suez! Eis o Mediterraneo com as suas ondas azues!

Saudemos a velha Palestina, o Bosphoro, a Grecia, a bella Italia. Eis-nos nos confins do mundo velho, no estreito de Gibraltar, onde Hercules, depois de ter erguido o Atlas, plantou as suas columnas como uma muralha entre os dous mundos.

Marselha, Lisboa, gritam-nos: *Terra!*

Eis ali a patria!

—

Depois de termos explorado tantas zonas diversas, comparado a esplendida flora indiana com os pampas do Uruguay, as steppes siberianas com os ardentes areaes da Africa; depois de termos interrogado essas variadas tribus, de côres, costumes, lingoagens e religiões differentes; depois de termos assistido aos repugnantes banquetes dos canibaes da Australia e dos antropophagos do Dahomey, ás revoltantes execuções do *knut* e do *shlague* de certas nações; depois de atravessarmos o mundo d'uma extremidade á outra, eis-nos emfim de novo na Europa, é-nos dado gosar o praser de ver parentes e amigos e devemos sentir-nos orgulhosos de recolher aos patrios lares, isto é, de nunca os termos abandonado, porque a viagem que acabamos de fazer teve o singular privilegio de não nos arrancar aos encantos da familia, ao socego da casa; foi uma viagem sem precedentes na historia dos Livingstone, Stanley e Serpa Pinto.

BIBLIOGRAPHIA

—

As grandes invenções, por Luiz Figuier.

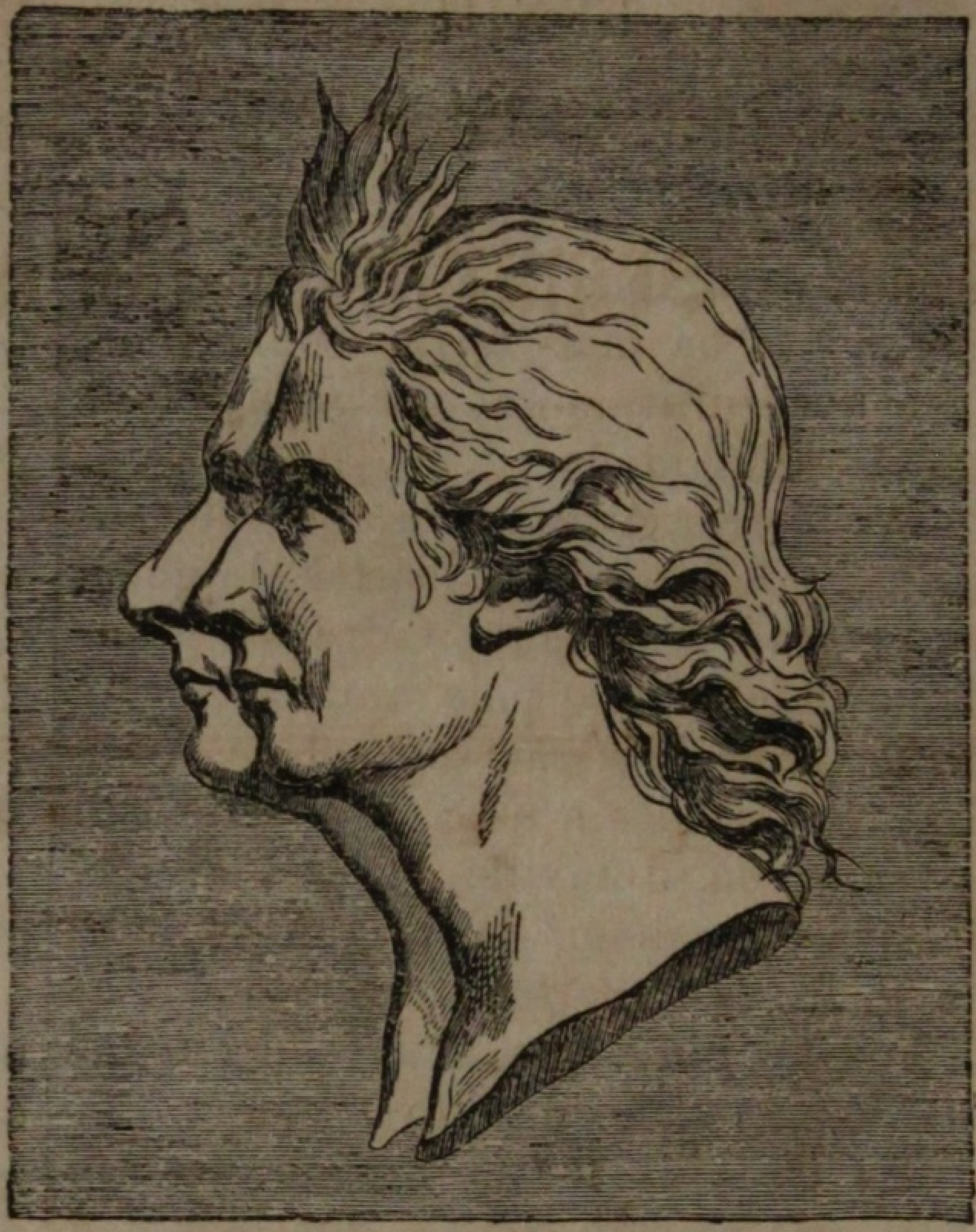
1 vol. edição da casa Chardron, Porto. Preço em brochura 3$000 rs., cartonado 3$600 rs.

SUMMARIO DOS CAPITULOS

Continuação

XV— O vapor. Principio geral da acção mecanica do vapor. Machinas a vapor de condensação e sem condensação. Classificação das machinas a vapor. Machinas a vapor fixas. Historia. Diniz Papin. Newcomen e Cowley. Machina de Newcomen. Esforços de James Watt. Descobrimento da machina a vapor de duplo effeito. Descobrimento das machinas d'alta pressão. Aperfeiçoamento da machina a vapor depois de Watt. Descripção das machinas a vapor fixas. Machinas maritimas. Historia. Diniz Papin. O marquez de Jouffroi. Roberto Fulton. A navegação a vapor dos Estados Unidos. A navegação a vapor na Europa. Descripção das machinas a vapor que servem para a navegação. Meios propulsores; a roda de pás, a helice. Systema das machinas a vapor, usadas nos navios de rodas. Systema das que se usam nos de helice. Locomotivas. Historia. Olivier Evans. Trevithick e Vivian. Origem dos caminhos de ferro actuaes. Caminhos de railes de madeira nas minas e fabricas de Inglaterra. Descobrimento da adherencia das rodas aos railes de ferro. Descoberta das caldeiras tubulares. Concurso de locomotivas em Liverpool. Descripção da machina a vapor, chamada locomotiva. Via ferrea. Wagões. Freios. Locomoveis. Descripção da machina a vapor locomovel.

XVI— A electricidade. A sciencia da electricidade na antiguidade e na idade media. Gilberto e Otto de Guericke. Machina electrica de Hauksbee. Descoberta do transporte da electricidade a distancia. Dufay. Modificações successivas da machina electrica até hoje. Machina electrica de Ramsden. A garrafa de Leyde. Velocidade de transporte da electricidade. Construcção definitiva da garrafa de Leyde. Analyse physica da garrafa de Leyde. Descoberta da electricidade dynamica. Trabalhos de Galvani. Discussão entre Galvani e Volta. Pilha de Volta. Decomposição da agoa pela pilha. Consequencias das applicações da pilha á decomposição electro-chimica dos corpos. Esforços de Davy. Descoberta da pilha de tinas. Novas formas dadas á pilha de Volta. Theoria da pilha. Seus effeitos. Descoberta do electro-magnetismo.



IRMÃOS MONTGOLFIER

XVII— Applicações da electricidade estatica. O pára-raio. Opinião dos antigos sobre a natureza do raio. Estudo scientifico do phenomeno do raio, emprehendido nos tempos modernos. Opinião de Descartes e de Boerhaave sobre a causa do raio. Descoberta da analogia entre o raio e a electricidade. Franklin estabelece a analogia provavel entre o raio e a electricidade. Effeito produzido nos sabios da Europa pelas ideias de Franklin. Demonstrações da presença da electricidade na atmosphera. Morte do physico Richmann em S. Petersburgo. Os papagaios electricos. Papagaio electrico de Franklin nos Estados Unidos. O primeiro pára-raio. Acolhimento feito na Europa á invenção do pára-raio. Principios e regras para a construcção dos pára-raios.

Continua

EXPEDIENTE

—

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminaram com o numero 91, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

—

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

ZIG-ZAGS

—

A IMPRENSA NA CHINA

Ha em Pekin muitos jornaes diarios, entre elles a *Gazeta Official*, jornal do governo, que se assigna por uma piastra por trimestre. Esta folha, impressa em forma de brochura, é um quadrilongo, que conta doze paginas, e cuja capa tem o retrato do philosopho Men-tseen. Ali se contém um resumo de todos os negocios, dos principaes successos, requerimentos e memorias dirigidas ao imperador, seus decretos, os editos dos vice-reis das provincias, os fastos judiciarios, as cartas de mercê, as pautas aduaneiras, o correio da côrte, noticias diversas, incendios, crimes, etc.; emfim os successos felizes ou infelizes da guerra contra os rebeldes Lai-ping. As derrotas tambem ali são narradas.

—

CLITARCO

Foi axioma de Clitarco: Se possues a virtude, possues tudo; se o vicio, nem a ti mesmo possues.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 22 DE JUNHO DE 1882 | NUMERO 95

SUMMARIO

Texto: — Ramalho Ortigão — A vingança d'um morto (romance) — Jorge Sand — Canção do marinheiro (poesia) por Caetano Felgueiras — Um facto historico — A força e o direito, por Pedro Gil — Os arabes — O conde d'Amarante (romance) — Eu e Ella (poesia) por Ernesto Pires — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Os dramas do mar: Bontekoe — Como se fazem as garrafas — Charada — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Ramalho Ortigão — Imperador Guilherme — Bismarck — Como se fazem as garrafas (quatro gravuras)

RAMALHO ORTIGÃO

RAMALHO ORTIGÃO

—

Ramalho Ortigão, hoje em pleno vigor das suas faculdades robustissimas, emancipado de todos os preconceitos a que o acorrentara uma primeira educação official, filha do meio vicioso em que as ultimas gerações conterraneas se teem inutilisado, esteril como todas as que as nossas escolas ainda hoje conferem, tendo conseguido, por assim dizer, refundir-se em uma longa e perseverante assimilação scientifica, é um typo completo do homem energico, superior, que sabe vencer-se e possuir-se, que comsigo mesmo travou porfiada lucta e de si mesmo tirou a mais difficil victoria.

Encontrou-se Ramalho Ortigão naturalmente dotado de quantos predicados podia ambicionar para dirigir a evolução do seu espirito em um certo e calculado destino. Metteu mãos á obra com o impeto fogoso da sua actividade valente e viva, e absolutamente confiado na energia inquebrantavel do seu querer, recomeçou austeramente em um sentimento positivo e critico.

A bagagem litteraria de Ramalho Ortigão não é notavel por copiosa. Uns pequenos contos, um livro de viagens, dous ou tres volumes com phantasias de *touriste*, aqui e acolá uns bons folhetins, tão depressa saboreados como esquecidos, eis, pouco mais ou menos, o que é, na sua obra d'homem de letras, a parte perecivel.

Restam as *Farpas*; mas essas, dizemol-o em consciencia, parecem-nos ser um trabalho que fica. E fica, em dous sentidos. Materialmente, como um livro que se hade ler pelos tempos adiante, em quanto a lingoa portugueza fôr sabida; moralmente, pelo effeito salutar que hade exercer na sociedade portugueza de hoje, decrepita e corrupta, a sua acção caustica e incisiva.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO I

NOUTE DE HORROR!

III

Continuaçao

Sem perder a serenidade do animo, o joven retrocedeu alguns passos, mas sempre tomando para a esquerda, ganhando promptamente a parede antes de que os seus inimigos podessem cercal-o completamente. Ali preparou-se a repellir o ataque e a sustentar uma lucta tão desigual, pois aos oito primeiros inimigos tinham-se unido outros, até formarem um numero respeitavel.

Todos os seus esforços tendiam a encaminhar-se para a esquerda, o que com effeito conseguiu manejando a espada melhor do que os seus contrarios o sabre.

Sem embargo, a desigualdade da lucta começava a cansar-lhe as forças, e ainda quando não houvesse recebido nenhum ferimento, comprehendeu que não tardaria a succumbir, porque os soldados, em vista d'uma resistencia tão tenaz d'um homem só contra vinte, estavam furiosos e cada vez o apertavam com mais encarniçamento.

De repente o hespanhol desappareceu de diante dos austriacos, como se a parede se houvesse aberto para proteger a sua fuga.

Os soldados soltaram um grito de furor.

E' porque o mancebo, tateando com a mão esquerda, tinha dado com a porta da casa que procurava, a qual por fortuna estava apenas encostada. Lançou um grito de satisfação; deu um empuxão para a frente, fazendo retroceder os seus inimigos, e, entretanto, desapparecia, fechando a porta de repente com chave e ferrolhos.

IV

Como quem conhece perfeitamente o terreno que pisa, o mancebo subiu por uma escada que havia á direita do portal, dando communicação com o andar nobre do edificio.

Ao entrar na sala, ficou assombrado. Os moveis jaziam quebrados e espalhados pelo chão, as gavetas d'uma commoda antiga de pao preto estavam voltadas e as roupas disseminadas e feitas pedaços.

Mas este não foi o motivo principal da sua admiração. Junto da janella, como se tivesse querido abril-a, havia um homem estendido no chão e com o rosto coberto de sangue.

O mancebo curvou-se sobre elle e observou-o com cuidado, adquirindo a convicção de que o ferimento não era mortal.

—E ella?... Meu Deus! Corramos! exclamou, desapparecendo por uma porta interior.

Atravessou um corredor, voltou á direita e empurrou uma porta. Quando ia a entrar, um austriaco saltava por uma janella.

O mancebo correu atrás d'elle; mas, em antes, com um olhar rapido que lançou ao redor do quarto, inteirou-se de tudo quanto tinha succedido.

Sobre um leito modesto e limpo viase uma formosissima joven, com o cabello e as roupas em desordem, indicio da lucta que acabava de sustentar. Não estava ferida, mas apenas desmaiada. A tenue luz d'uma lamparina permittia ver estampada no seu rosto angelical uma sublime expressão de dôr.

O mancebo soltou uma terrivel praga e atirou-se pela janella em perseguição do ladrão nocturno d'honras alheias.

V

Os primeiros matizes do crepusculo matutino principiavam a luctar contra a luz da lua; reinava uma claridade opaca no jardim da casa, que era onde se encontravam o perseguido e o perseguidor; jardim pequeno, de pouco extensos canteiros, onde não era possivel esconder-se ninguem.

O austriaco, que ia em procura de uma porta por onde se evadisse, vendo-se perseguido de perto, voltou-se sem demora e fez fogo com uma pistola.

—Miseravel! exclamou o joven sentindo que a bala lhe entrava por um hombro.

Mas o ferimento não lhe impediu o precipitar-se sobre o seu adversario, que recuou para tomar a espada.

Era um official.

—Miseravel! tornou a gritar o mancebo. Vou matar-te como quem mata um cão! Deshonraste a mulher a quem eu amava, com quem ia unir-me dentro de breve tempo, e todo o teu sangue não basta para lavar tamanha offensa!

O official, sem proferir uma palavra sequer, aparava com destreza os golpes furiosos do seu adversario; mais sereno do que elle, observava o jogo, procurando aproveitar-se de tal vantagem. O mancebo, cheio de ira, só procurava matar sem defender-se e foi o que o perdeu. Ao cabo de cinco minutos, cahiu com o coração atravessado por uma furiosa estocada e a morte foi instantanea.

Limpando socegadamente a espada com a roupa do morto, o official abriu a porta que dava para a rua e afastou-se murmurando:

—E' pena!... Não atirava mal.

Continua

JORGE SAND

—

Conclusão

—Proponho o meio de sanar todas as difficuldades, disse Latouche. Divide em duas partes o teu appellido e está acabada a questão.

Seguiu-se o conselho e Julio Sand appareceu como auctor do livro.

Os nossos jovens auctores julgavam que tinham feito a sua fortuna. Julio dormia sobre os seus louros, pensando que aquelles quatrocentos francos não acabariam nunca.

Por este tempo Aurora adoptou o trajo masculino para poder assistir ao

theatro com mais liberdade. Quem encontrasse pelas ruas aquelle par afortunado, julgal-os-ia dous camaradas.

Acabaram-se os quatrocentos francos e começaram outra vez os apuros. Aurora, depois d'haver planeado a *Indiana*, partiu para o Berri afim de legalisar a sua separação e obter uma pensão alimenticia. Ao despedir-se de Sandeau, este jurou-lhe trabalhar durante a sua ausencia; mas Aurora voltou e não tinha escripto nem uma linha.

—Olha, disse a sua companheira. Eu não fui tão preguiçosa.

Effectivamente trazia todo o manuscripto da *Indiana*. Sandeau principiou a enthusiasmar-se desde o primeiro capitulo.

—Não ha nada a corrigir, disse no fim da leitura. Isto é uma obra prima.

—Tanto melhor, respondeu Aurora. Augmentamos a nossa livraria; já temos dous volumes.

—Eu não trabalhei n'esse livro, disse Sandeau com altivez, e não quero usurpar-te a tua gloria. Tu deves apparecer como sua auctora.

—Nunca! respondeu ella. Continuaremos com o mesmo nome que pozemos na capa de *Rosa e Branca*.

—Impossivel! replicou Sandeau.

Latouche foi, como sempre, encarregado de decidir aquella questão. Sandeau presistia na sua ideia.

—Não firmastes o primeiro livro com o nome de Julio Sand? perguntou Latouche. Pois bem: Sand é o appellido commum; agora falta um nome que occupe o logar do de Julio. Vejamos o calendario. Hoje são 23 d'abril, dia de S. Jorge. Ahi tendes. Chamaes-vos Jorge Sand e está acabado.

Um drama foi vendido por seiscentos francos. Esta obra foi alvo d'apaixonadas e acerbas criticas. Jorge Sand deu o primeiro passo na senda da gloria; mas avançou muito mais do que outros auctores em um dia inteiro.

Sollicitada a sua amizade pelos mais eminentes escriptores, e fazendo com que n'ella se fixasse a attenção do publico parisiense, Jorge Sand esqueceu-se em breve do seu companheiro d'infortunio. O pobre Sandeau, ferido no mais profundo da sua alma, partiu só, a pé e sem recursos, para a Italia.

A auctora da *Indiana* tratou em seguida d'ajuntar maiores triumphos aos já adquiridos. A *Revista de Paris* e a *Revista d'Ambos os Mundos* disputavam os seus artigos.

Seguiram-se os romances *Valentina* e *Lelia*.

Mas onde iriamos nós se tentassemos enumerar todas as obras da fecunda escriptora?

Esbocemos um dos mais notaveis rasgos da sua vida aventurosa.

Em 1836 principiou a litigar com seu marido, M. Dudevant, pretendendo que elle lhe restituisse os seus filhos e a sua fortuna, e depois de varios incidentes, Jorge Sand recuperou tudo, e aquella mulher que teve nos primeiros annos da sua entrada no mundo uma vida tão tempestuosa, foi no ultimo periodo d'ella uma mãe dedicada e extremosa, que na companhia dos filhos fez concentrar todas as alegrias da sua alma.

A elegante escriptora, que descendia do rei da Polonia Augusto II e era por seu marido baroneza Dudevant, falleceu na avançada idade de setenta e dous annos.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Ai, menina!... Tu não sabes
Quanto é bom ser marinheiro!
Ficar com o rosto trigueira
Por aventuras no mar!
Trazer, por dentro, lavado
O peito que o sol nos pinta!
Tinir dinheiro na cinta
Sem saber em que o gastar!...

Mar, espuma, ceos e nuvens,
Sargaço, peixes, gaivotas...
Eis aqui os agiotas
Que cercam nosso balcão!
Já vês, portanto, fragata,
Por falta de compradores
Nem mesmo os nossos amores
Nos sabem do coração!

Mas isso foi até quando
Virei no bordo de terra
E te avistei!... Disse: Terra!
Mas era tarde... Bati!
Ao choque na pedra dura
Saltou-me do leme a cana...
Perdi logo a tramontana;
O casco só não perdi!

Mas esse, sobre o teu banco,
De pôpa á proa galgado,
Sem ferro, desarvorado,
Nem signaes póde fazer!
Só tu mesma, amollecendo
A rocha de que és formada,
Podes safar a rascada
Aonde eu me fui metter!

Tem pena de mim, sereia!
Já que não posso em teu porto
Achar o mesmo conforto
Que outr'ora no mar achei,
A nado põe o meu barco,
Que logo, logo, outro rumo
Só de guindola e sem prumo,
Te juro, demandarei!

E depois se á noite, ao quarto,
Na vida parafusando,
Em cada onda boiando,
Em cada estrella eu te vir...
E julgar, n'essa doidice,
Que os tufões são mexericos
Contra os nossos amoricos,
Dos quaes nos fazem fugir,

Que te importa? Talvez role
Pelo rosto magro e sujo
Do malfadado marujo
O pranto, a primeira vez!
Mas a bordo todos dormem...
Ninguem viu. Volto a ampulheta.
Meu navio vae na alheta.
Para elle é que Deus me fez!

N'elle nasci. N'elle tenho
Minha casa e meu futuro.
Se os outros não acham furo
Na vida que em terra tem...
Eu cá... da maca e do soldo,
E do rancho dos gageiros,
Nem mesmo os duros pampeiros,
Por Deus!... arrancar-me vem!

CAETANO FELGUEIRAS

UM FACTO HISTORICO

Conclusão

Nunca poderam saber o nome do satyrico auctor por maiores esforços que empregaram, o que maior indignação lhes causou.

Parece impossivel que o conde da Cunha e os que o acompanharam descessem a tanta baixeza; mas mais ainda que na imprensa depois se viesse contestar a honra de haver substituido as cavalgaduras do coche de El-rei!

No entretanto é veridico.

Em 9 de junho do mesmo anno a *Gazeta de Lisboa* publicou uma carta do capitão do 19 de infanteria, João Moniz Corte Real, em que declarava «não terem sido os paisanos, mas sim os officiaes da 3.ª brigada de infanteria, commandada pelo brigadeiro Amaral, quem puxaram pelo coche.

«Fomos, nós, e não o povo: rogo, pois, Senhor, que em abono da verdade não prive os benemeritos officiaes da «honra» que lhes resulta da publicação do pequeno serviço, que o seu regosijo e enthusiasmo lhes fez praticar «á face de toda a cidade», e que se digne manifestar no seu periodico, que eu e os meus camarados do regimento 16 fomos os auctores da «feliz lembrança, e convidamos para a pôr em pratica aos mais officiaes da brigada» (!)

Reclamada a *distincção* pelo capitão Corte Real, veio logo disputal-a Simão de Moraes Machado com a seguinte carta:

«Como a «gloria deve recahir unicamente sobre aquelles que praticam a acção, rogo-lhe queira dizer no proximo numero da *Gazeta de Lisboa*, que, aquelles que puxaram pelo coche de El-rei, foram os officiaes de differentes corpos da 1.ª e 2.ª linha e não o povo, como na gazeta se diz.................»

Para pôr termo ás reclamações, publicou a *Gazeta de Lisboa* no dia 12 de junho a relação dos benemeritos que tiveram a honra de puxar pelo carrinho em que vinha El-rei nosso Senhor desde os Anjos até á Sé, e d'alli ao paço da Bemposta. Eram 44 officiaes de linha e milicias.

Vendo porem o capitão Joaquim de

Mello e Souza que o seu nome não estava incluido no numero dos 44, a quem fôra conferida a honra de poder substituir as cavalgaduras do coche de El-rei, veio em soccorro do seu direito publicando no mesmo jornal a seguinte carta:

«Apesar das invectivas dos perversos, não quero deixar de lhe fazer conhecer que eu fui tambem dos officiaes que tive a honra de puxar no dia 5 de junho pelo coche de sua magestade, apezar de não apparecer o meu nome na relação...»

Agora perguntaremos nós: quem recebeu a honra? Foi El-rei, os officiaes, ou as cavalgaduras?

Está no modo de interpretar a palavra.

A FORÇA E O DIREITO

A guerra é o flagello das nações; é um grande mal, cujas victimas numerosas pedem em altos brados uma reivindicação social que ponha termo ás scenas de devastação de que o mundo ha sido theatro em todos os tempos. Comtudo os vencedores mereceram sempre as honras do triumpho; desde o principio do mundo, as gerações divinizaram os heroes e prostraram-se-lhes aos pés em reverente adoração.

Era no tempo em que só havia senhores e escravos; em que os reis reinavam pelo terror; em que o direito da força supplantava completamente a força do direito.

IMPERADOR GUILHERME

Desde o *crê ou morres* dos tempos medievicos até ao celebre dito de Luiz XIV *L'etat c'est moi*, sempre a força representou no mundo o principal papel; o mais forte julgou-se sempre no direito de dar leis ao mais fraco.

Mas a epoca devia chegar em que as nações se emancipassem das peias que o fanatismo, o terror e a ignorancia oppunham ao desenvolvimento das ideias e aos progressos da humanidade. E' tempo de derribar os idolos e de votar á execração publica estes flagellos da humanidade, ou elles se chamem Atila ou Mahomet, Carlos Magno ou Frederico Guilherme.

As nações escravisadas hoje, jungidas ao carro do triumphador, hão de cedo ou tarde conquistar os seus foros e resgatar a sua liberdade, abafada sob a pressão dos canhões. E' tempo de que a força do direito triumphe do direito da força. Nada de forte e fraco, de vencidos e vencedores. Sejamos todos irmãos; haja só um direito: o do amor universal.

E' fora de duvida que os povos, que a humanidade inteira, caminha para uma idade nova e que o periodo que vamos atravessando é um tempo de pura transicção. Isto sabe-o toda a gente que medita um pouco sobre os grandes problemas indicativos da evolução que assignalará o nosso seculo. De facto, a ideia velha, o mundo que vae passando, lucta com a ideia moderna, debatem-se os principios, estabelece-se um terrivel antagonismo entre o passado e o futuro que se entrevê mais ou menos proximo.

O movimento acentua-se em todas as espheras da vida; na arte, como na vida pratica, como nas altas regiões do ideal; a acção e a reacção veem-se, sentem-se, palpam-se. Os idolos venerados pelas gerações que passaram vacillam sobre os seus pedestaes carcomidos; as tradicções seculares, as legendas, os mythos que um dia occuparam o logar dos principios, escondem-se, evaporam-se, desapparecem diante dos brilhantes arreboes da nova aurora. As preocupações, o fanatismo, o erro, a ignorancia, são incompativeis com o nosso seculo e cahirão infallivelmente, para darem logar ao reinado do direito moderno.

Tudo indica que se está operando uma transformação social na vida das nações.

Consulte-se a historia. Foi necessario destruir Troya, e uma nação em massa, um povo inteiro, os compatriotas de Agamenon e Achilles, movidos pela mola secreta do enthusiasmo, precipitaram-se como um só homem sobre os muros seculares d'aquella fortaleza, e o Paladium derribou os alcaçares dourados, asylo da impudica Helena. O esforço unido de cem nações reduziu a pó o imperio forjado sob as rapinagens de Cyro; o impulso d'uma colligação europeia arrojou para Santa Helena o tyranno do nosso seculo.

Tudo prova que o movimento é indispensavel.

Mas que é necessario fazer para que triumphe a causa da verdade, para que raie em toda a pureza a estrella da redempção social em que todos cremos, de que todos esperamos o fim das nossas miserias? E' necessario que inscrevamos nos nossos estandartes esta divisa: «Guerra á força! Logar ao direito!» E' necessario unir os esforços de todos para impulsar o que por seu proprio peso ameaça desabar com estrondo inaudito.

Urge que os homens, as sociedades, os povos, se unam com vinculos fortes como o aço, indissoluveis, inquebrantaveis, para darem o golpe de misericordia a todo aquelle que se opozer ao grandioso movimento da humanidade pela orbita brilhante do progresso.

Quando se trata da sorte de nossos filhos, da herança que de nós espera o porvir, é necessario esquecer tudo o que nos torna pequenos e marchar com fé, com enthusiasmo, com coragem, pela estrada luminosa que a historia nos aponta. Philosophos, esquecei as vossas differenças d'escolas; guerreiros, fundi em uma só as vossas armas de combate; politicos, inclinae a fronte diante dos interesses da humanidade; filhos do seculo XIX, esquecei por um momento as fraquezas da vida para pensardes que sois homens. Guerra á guerra! Abaixo a força, os tyrannos, a oppressão, os odios, as ambições; abaixo tudo quanto

pode empanar o brilho da sublime victoria que nos espera! Quereis todos contribuir para a realisação dos grandes destinos da nossa epoca? Trabalhae sempre; trabalhae com afinco até verdes implantada a ideia moderna sobre os restos carcomidos do mundo antigo. Quereis que de prompto, que amanhã mesmo, o sol purissimo da nova sciencia, da arte nova, da vida moderna, innunde com a sua luz divina a face da humanidade? Pois bem, isso se conseguirá; basta que se unam todas as intelligencias e todos os corações; basta que se unam todos os esforços individuaes até produzirem esse resultado grandioso que nenhum mathematico calculou; mas que se torna patente no fundo da nossa sociedade. Venha essa força, venha essa alavanca, mais poderosa do que a do sabio syracusano, e as ruinas do mundo velho servirão de glorioso pedestal ao mundo novo!

PEDRO GIL

OS ARABES

—

Continuação

Nos seculos XVII e XVIII, os wahabitas tentaram, mas sem grande successo, assentar ali o seu poder, levando á frente o seu chefe Adul-Wahhab, guerreiro e propheta; mas Mahomet-Ali, pachá do Egypto, expulsou-os para o Nedjed, sua patria.

Hoje a Arabia é independente, á excepção d'uma grande parte do Hedjaz, que pertence ao Egypto, sob a protecção da Turquia.

No tempo em que a conquistaram, os romanos dividiram a Arabia em tres partes, a saber: Arabia Petreia, ao noroeste; Arabia Deserta, ao centro; Arabia Feliz, ao sueste; mas os indigenas, que conheceram essa divisão, não a respeitaram, porque dividiram a sua extensa nação em cinco partes: 1.º, Hedjaz, que comprehendia a Arabia Petreia e uma porção da Arabia Feliz, correndo ao longo da costa noroeste, e tendo por capital Meca, sede do sherifado, e onde está o tumulo de Mahomet, e por cidade principal Medina. Foi nos desertos da Arabia Petreia que os israelitas divagaram durante quarenta annos, nas visinhanças do isthmo de Suez e da Palestina; 2.º, o Yemen, que, comprehendendo o resto da Arabia Feliz, occupa o sudueste da peninsula e comprehende o imanato de Sana, residencia do iman; certos districtos são governados por sheiks; 3.º, o Oman, situado a sueste, onde ha diversos territorios e o imanato de Mascate, cidade principal Rostoq; 4.º, o Bahreyn, ou Lhahsa, ou Hesse, a leste, onde ha uma longa planicie pedregosa; 5.º, o Barria, ou Nedjed, cuja capital é Deraya, e que comprehende os vastos desertos do centro da Arabia.

A Arabia, cuja população se calcula em cerca de doze milhões d'habitantes, é uma das mais consideraveis regiões da Asia occidental e a sua extensão não é menos de dous milhões cento e cincoenta mil kilometros quadrados. Cercam-a a leste o golfo Persico e o estreito d'Ormuz, a sul o estreito de Bab-el-Mandel, ou Mar d'Oman, a oeste o Mar Vermelho e o isthmo de Suez e ao norte a Palestina e a Syria. Encerra extensos desertos e forma uma vasta peninsula, em cuja parte septentrional estão situados os montes Sinai e Horeb.

BISMARCK

O primeiro, chamado antigamente Djebel-Musa ou Djebel-Tor, foi onde Deus deu a sua lei a Moysés: está situado entre os golfos de Suez e d'Akabah, ao nordeste do Horeb. No cimo, a mil e oito centos metros d'altura, asenta o convento de Santa Catharina, fundado por Justiniano; é a sede de um arcebispado, cujo titular reside no Cairo. O Horeb tem dous mil quatrocentos setenta e sete metros d'altura. Foi ali que, segundo a Escriptura, Deus appareceu a Moysés sob a forma d'uma sarça ardente e lhe ordenou fosse libertar os seus irmãos da servidão do Egypto. Foi tambem ali que se retirou Elias para fugir ás ameaças de Jezabel. Junto do Horeb está o convento do Salvador, fundado pelo imperador Justiniano.

No sopé dos dous montes, ao sul, estende-se o Hedjaz, que vae desde o golfo de Akabah até ao cabo Jachsub, por uma extensão de quatrocentos mil kilometros quadrados. Os cavallos d'esta provincia são os melhores da Arabia e de todo o mundo. A população consta de arabes sedentarios, beduinos, turcos e abexins. As cidades principaes são Meca, Medina, Thaief e Djeddah. Meca foi, como se sabe, a patria de Mahomet. Todo o musulmano ahi deve ir pelo menos uma vez na vida. Estas peregrinações, hoje muito decahidas, levavam ali mais de quarenta mil individuos. No mez de junho faz-se ali uma feira muito importante. Esta cidade santa, defendida por tres bastiões, tem perdido muito do seu esplendor. Os christãos não podem approximar-se d'ella a menor distancia de trinta kilometros.

Em Meca reinou a dynastia dos djorhanitas até Mahomet, e depois d'este, o Hedjaz foi a residencia dos tres primeiros kalifas, governando-a sempre os sherifes descendentes de Ali, que repelliram constantemente a dominação dos ommiadas e dos abassidas.

O Yemen, outra provincia notavel da Arabia, tem por capital Moca, ou Moka, cidade de mil e quinhentas almas, á beira do Mar Vermelho. E' uma praça forte e centro de grande commercio, especialmente de gommas, resinas aromaticas, anil, marfim, e especialmente o excellente café conhecido em todo o mundo pelo nome de café Moka.

A parte sul do Yemen é muito montanhosa.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

Continuação

X

O ESPINHEIRO-ROSA

Levantamo-nos da mesa.

Já era tempo, pois aborrecia-me fallar de litteratura e temia a todos os momentos que o morgado de Dorra me lêsse o seu poema á Virgem, ou ao Sagrado Coração de Jesus. Aquella alluvião de oitavas reaes, que eu presentia, fazia o contraste com o caracter que devia guardar em similhantes circumstancias. Eu sou do parecer de Victor Ducange: a poesia, como o mel, pouca e boa, se não enfastia. Horror a esses poemas interminaveis onde não vê a gente mais do que palavras e palavras, como nos immensos arvoredos não se vê mais do que folhas e mais folhas, ou nos extensos areaes, areias e muitas areias. Quem supporta uma de essas leituras? Ninguem: o homem do mundo foge; o camponio dorme; somente o auctor é que fica gosando da sua obra em um ceo de rosas.

Porém eu tinha conseguido o meu fim: concluir com os *sotto voce* de Florentina e o morgado de Dorra.

Como o dia estava magnifico, e a distancia a Olveda era pequena, fomos todos a pé, seguindo as margens do Ulla, esmaltadas com os campos de linho de flores azues, que ondulavam como a lympha de pequenos lagos, e esmaltados d'extensos campos de milho, cujas palhas lanceoladas e d'um formoso brilho inclinavam graciosamente a sua brilhante côr de esmeralda aos raios do sol.

Eu não perdia de vista a Florentina.

Porém, porque a olhava eu? Que tinha que ver com ella? Não ia despedil-a do meu palacio?

Eis o grande problema que se agitava no meu pensamento, dando-lhe instinctivamente uma solução *ab irato*.

Queria evitar o encaral-a, e não podia; a sua physionomia exercia em mim tamanha tracção, como dizem os dynamicos, que eu não podia deixar de seguir os seus movimentos um a um, como o encanto d'um menino namorado.

Tambem é preciso confessar uma particularidade de Florentina, que a fazia realçar muito. Andasse ou passeasse, movesse um braço, ou deixasse de o mover, tinha tal naturalidade encantadora em seu corpo, que impressionava vivamente. Se pretendesse andar mal, não o poderia fazer, ainda que pisasse seixos; se pretendesse mover mal um braço, ou fazer mal qualquer movimento com o corpo, ser-lhe-ia tambem impossivel. Manancial de poderosas graças, tinha um dom tão caracteristico e attractivo em sua mobilidade ou estabilidade, que desviava toda a ideia de estudo ou pretenções.

Muitas vezes parava diante das flores azues, que faziam desabrochar as suas corolas debaixo da finissima herva das silvas, e contemplava-as com o carinho e a naturalidade d'um adolescente.

O morgado de Dorra ia arrancando muitas flores e offerecia-lh'as amorosamente; porém ella recusava-lh'as debaixo do pretexto de que mais lhe aprazia vel-as no tronco do que na mão, onde morriam, como ella dizia. Então Atilano offerecia-as a suas irmãs, ou a minha tia, e Florentina supplicava-lhe que não colhesse mais, pois que era mais formoso e mais poetico ver o caminho semeado de flores, e deixal-as com vida atraz de nós, do que cortal-as só por espirito de destruição.

Porém, em uma das vezes que acabava de dizer isto, interrompeu-se e disse:

—Esta sim, esta sim, que a vou eu colher.

Era uma magnifica rosa amarella, cujas brilhantes pétalas ella fazia apparecer por entre as silvas d'um vallado, como resguardada pelos espinhos aduncos que a circundavam.

Florentina poz-se nos bicos dos pés para a colher, porém não chegava bem até á flor.

Então Atilano dirigiu-se para a silva para a colher.

—Não, Atilano, disse fazendo-o parar; heide eu colhel-a, eu só; se não, não a quero.

Florentina approximou-se mais, e pôde por fim apoderar-se da rosa, cujo aroma embalsamava o caminho de Calimoure que seguiamos.

Dirigiu-se com ella para mim, e disse-me, com a simplicidade encantadora d'uma menina d'onze annos:

—Senhor conde, permitta-me V. Ex.ª que lh'a offereça, pois é uma rosa summamente aromatica.

—Não, lhe respondi asperamente; não a recebo; é a flor da desgraça.

E continuei andando sem fazer caso d'ella, satisfeito por a ter humilhado diante de gente, sob o pretexto fatidico que o vulgo attribue áquella flor. Florentina não desanimou por aquelle desaire; seguiu-me e me disse com voz firme:

—Senhor conde, esta flor era a predilecta de sua mãe; por isso a offereci a V. Ex.ª

Era verdade. Minha mãe gostava immensamente d'estas flores e sempre me entretinha com ellas no terraço. Agradava-lhe tanto o seu aroma e o ouro pallido da sua côr!

Continua

EU E ELLA

—

Nós iamos sosinhos abraçados
A' beira do oceano transparente,
Felizes como vão dois namorados
Que se amam de ha muito doidamente.

Tu disseste, poisando no meu braço
Essa gentil cabeça inebriante:
—Porque é que vae rolando o sol no espaço
Até cair no mar, agonisante?

Depois, cheio de pranto o rosto lindo,
Perguntaste, e na voz que torvo accento!
—E' como o sol o teu amor, infindo,
Ou tem tambem um mar, o esquecimento?

E' como o sol o meu amor, é certo;
Se agora cae n'uma voraz descrença,
Ergue-se logo mais febril, inquieto,
Fecundo de vigor, de luz immensa.

ERNESTO PIRES

SCIENCIA PARA TODOS

—

VIII

ASTRONOMIA

A astronomia é a sciencia dos astros; tem por objectivo determinar a posição relativa dos astros, a sua configuração, e constatar as leis dos seus movimentos.

A origem d'esta sciencia perde-se na noute dos tempos; mas antes de Pythagoras não existiam mais do que simples noções dispersas. Foi aquelle grande philosopho que adivinhou o movimento quotidiano da terra sobre o seu eixo e o seu movimento annual ao redor do sol, e incluiu os planetas e cometas no systema solar. Cento e quarenta annos antes de Christo, Ptolomeu, celebre astronomo da escola de Alexandria, fundou um systema completo, que foi adoptado por todas as nações do mundo.

Ao contrario de Pythagoras, Ptolomeu admittia que a terra estava collocada no centro do mundo e que todos os astros se moviam á roda d'ella.

No seculo XV, Copernico, astronomo allemão, demonstrou os erros de Ptolomeu e fez voltar a sciencia astronomica aos conhecimentos do tempo de Pythagoras. Sabe-se porém que o systema de Copernico teve a luctar durante muito tempo contra os prejuizos da rotina, e que Galileu foi obrigado a humilhar o seu raciocinio, desdizendo-

se publicamente das suas ideias ácerca do movimento de rotação da terra.

O sol, o chamado com toda a rasão *astro-rei*, é o centro de todo o systema planetario. Em todos os tempos os povos, segundo o testemunho dos sentidos, acreditaram que o sol girava ao redor da terra; hoje, porém, sabe-se que são os planetas, comprehendendo no numero d'estes a terra, que giram ao redor do sol. Esta descoberta, devida a Galileu, é uma das victorias conquistadas pela sciencia sobre o absolutismo dos dogmas e crenças da egreja. Entretanto é quasi certo que o sol não está immovel; pelo movimento das suas manchas reconheceu-se que tinha um movimento de rotação sobre elle mesmo, que se effectua em 25 dias e meio. Alguns astronomos, e entre elles Herschell, attribuiram-lhe ainda outro movimento, pelo qual elle é impellido, com o seu systema, no sentido da constellação de Hercules e gira com as estrellas e todo o universo ao redor do polo celeste.

O sol é o centro vivificador, o astro gerador, ao qual devemos a luz, o calor, a vida e a vegetação; sem elle, a terra que habitamos não passaria de uma massa solida, tenebrosa e gelada. E' o maior e o mais brilhante de todos os astros e todos os beneficios que nos prodiga derivam da luz e do calor que lhe são proprios e que se propagam por irradiação até a terra e os outros corpos que compõem o seu systema. E' por virtude d'essas preciosas qualidades de luz e calor que tudo, no nosso globo, se organisa, desenvolve e chega ao mais alto grao de perfeição.

Assim, deslumbrados pela belleza d'esse astro, e, ainda mais, penetrados da sua immensa e benefica influencia, a maior parte dos povos o tem considerado como o mais poderoso, o mais bello e melhor dos deuses, adorando-o sob differentes nomes. O sol era o Osiris dos egypcios; Bel ou Moloch, entre os chaldeos; Adonis entre os assyrios: Mittza entre os persas e Phebo entre os gregos. Ainda hoje é a divindade principal dos povos da Africa central. Os peruvianos fizeram d'elle o deus Patchacamac, de quem os incas pertendiam ser originarios. Emfim, mesmo nas religiões monotheistas, entre os judeus, mahometanos, etc., a oração faz-se sempre com o rosto voltado para o sol, porque este astro é considerado como a manifestação mais bella, a mais bemfeitora da divindade, e os proprios templos christãos teem quanto possivel o seu santuario, isto é, a parte com que os fieis encaram, voltado para o lado do sol levante.

O sol é incontestavelmente a alma do universo.

Continua — Doutor Jayme

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

Continuação

VI

VIVO!

«No meio do espaço a que fôra arrojado, diz o proprio Bontekoe na narração que deixou d'aquelle terrivel successo, não só eu conservava toda a liberdade do meu espirito, mas ainda conservava no fundo da alma um palido clarão de esperança. Em breve senti que descia, e, cercado de chammas e de fumo cahi e achei-me no meio da agoa, entre os restos do navio, desfeito em mil pedaços. N'esta situação senti redobrar em mim a coragem e pareceu-me que me tornava um outro homem. Lancei o olhar em redor de mim e vi o mastro grande á minha direita e o mastro da mesena á minha esquerda. Alcancei o que me ficava mais perto, que era o mastro grande, e agarrei-me a elle; depois, sentindo-me banhado de lagrimas, diante d'aquelles tristes objectos que me rodeavam, não pude deixar de exclamar, com um grande suspiro:

—O' meu Deus! E' possivel que esse bello navio acabasse como Sodoma e Gomorrha!»

Poucos homens, hade convir-se, seriam tão felizes que podessem escrever linhas iguaes ás que acabamos de transcrever. E todavia Bontekoe não foi o unico que sobreviveu á horrivel catastrophe.

Mal se tinha encarrapitado no mastro, mal tinha pronunciado as palavras acima, quando viu uma vaga abrir-se e surgir á superficie da agoa um rapaz que parecia sahir das profundezas do mar. Chegado ali, olhou ao redor de si, e avistando um pedaço da quilha do navio, que fluctuava algumas braças distante, nadou vigorosamente na direcção do fragmente, agarrou-se com força, subiu acima d'elle e deixou então ver o corpo todo; depois exclamou:

—Ah! Louvado seja Deus! Ainda pertenço ao numero dos vivos!

Bontekoe não acreditava o que os seus olhos viam; mas, quando aquellas palavras lhe feriram os ouvidos:

—Oh! exclamou. Ha aqui mais alguem vivo!

—Sim, sim; sou eu! gritou o rapaz alegremente.

—Quem és tu?

—Sou Hermann Van Knipheusen.

Bontekoe fez um esforço, ergueu-se ao cimo das ondas e reconheceu o seu companheiro.

Junto de Hermann fluctuava um mastareo, e como aquelle que sustentava o capitão não cessava de rolar sobre si mesmo, o que fatigava muito o capitão:

—Hermann, disse-lhe: impurra para cá esse pao. Vou deitar-me em cima d'elle; depois empurro-o para junto de ti, para que corramos juntos os mesmos riscos.

—Ah! Sois vós, capitão! exclamou o marinheiro. Que felicidade!

E, são e vigoroso, apesar do salto que tinha dado pelos ares no momento da explosão, apesar do mergulho que tinha feito na agoa, empurrou o pao até junto de Bontekoe, que lhe trepou acima. Era tempo. Alquebrado, com as costas feridas e a cabeça fracturada em duas partes, ter-lhe-ia sido impossivel resistir por mais tempo.

Foi só então que Bontekoe pensou na sua situação. As dôres causadas pelos ferimentos eram insupportaveis e houve um momento em que cessou de ver e de ouvir.

—Accode, Hermann, que me parece que estou prestes a morrer!

Hermann segurou-o, pois ia a cahir, collocou-o sobre a quilha, e, alguns minutos depois, teve o gosto de o ver reabrir os olhos. Primeiramente elevou a vista para o ceo; depois, abaixando-a para a superficie do mar, entrou de procurar uma cousa em que nem elle nem o seu companheiro ainda tinham pensado: a lancha e o bote.

Avistaram-os, mas a uma distancia que lhes pareceu enorme.

A noute vinha cahindo.

—Ai! meu pobre amigo! disse Bontekoe para Hermann. Creio que quasi nos não resta esperança. E' tarde; o sol mergulha no horisonte. E' impossivel, quanto a mim pelo menos, que eu me sustente toda a noute ao lume d'agoa. Elevemos os corações para Deus e rogue nos-lhe pela nossa salvação com uma resignação completa á sua vontade.

Então os dous homens pozeram-se a resar. Ambos, isolados no meio do Oceano, sem outro amparo além d'um fraco pedaço de taboa, absorveram-se de tal maneira n'aquella humildade da creatura diante do Creador, que esqueceram tudo, até o perigo de que pediam a Deus que os livrasse!

Oraram durante um quarto d'hora.

Hermann, o mais moço, foi o primeiro que cessou de resar, e, erguendo os olhos para o ceo, soltou um grito de alegria.

Continua

COMO SE FAZEM AS GARRAFAS

Não é certamente uma offensa que fazemos ao leitor, perguntando-lhe se sabe como se fazem as garrafas. Nem

todos podem saber tudo, e ha cousas realmente tão insignificantes, tão vulgares, mas que são d'um processo tão complicado, que mal pensa a gente, quando tem um d'esses objectos na mão, que trabalho deram, que tempo levaram a fabricar, por quantas mãos emfim passaram.

O processo da fabricação das garrafas não é dos mais trabalhosos; é porém curioso, e isso nos leva a instruir das suas particularidades o leitor que por ventura ainda não tenha d'elle conhecimento.

Fornece-nos estas explicações Luiz Figuier, no seu precioso livro *As grandes invenções*, ao qual pertencem igual-

mente as gravuras que adornam esta pagina.

O principal instrumento do vidreiro occupado em fabricar garrafas é um tubo, ou canudo, de ferro, com cabo de madeira. Introduzindo a ponta do tubo dentro do cadinho que contem o vidro liquido, tira uma porção de massa de vidro, á qual, soprando pelo interior do tubo, dá primeiramente a forma d'uma pera grande, como se vê na primeira das quatro gravuras. Continuando a soprar, vae augmentando a massa do vidro, até chegar a tomar a forma indicada na gravura seguinte.

Por meio d'outros movimentos de

rotação e oscillação, o vidreiro consegue dar ao vidro a forma d'um cylindro occo e alongado, tal como está representado na gravura que segue.

Com umas tesouras corta a extremidade do cylindro de vidro ainda mol-

le; depois separa o cylindro do canudo, collocando uma gotta d'agoa na ponta e applicando-lhe no corte um ferro em braza, o que produz uma separação nitida e immediata. O cylindro, isto é, a garrafa ainda incompleta, vae depois ao forno d'estender, para adquirir um certo grao de calor que perdera com as manipulações precedentes.

O gargalo da garrafa faz-se por meio d'uma corda de vidro que o operario colloca na ponta do cylindro, espetado ainda na ponta do canudo; emfim o fundo da garrafa faz-se por meio d'uma chapa retangular, sobre a qual se faz descansar a base da garrafa.

Depois resta separar a garrafa do

canudo: em seguida vae para o forno de recoser e deixa-se esfriar lentamente.

CHARADA

Sou uma porta que causo
Dous effeitos bem oppostos;
Quem sae por mim pesar leva,
Quem entra sente mil gostos —1

Iguaes são os meus effeitos
Do santo Archanjo no dia;
Encho a muitos de tristeza,
A muitos dou alegria —2

Tal a sabia natureza
Fez a minha condição,
Que é meu corpo á luz opaco,
Mas dá luz na escuridão.

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Pedimos ao nosso ex-correspondente na Gollegã o favor de responder ás cartas e bilhetes postaes que lhe temos mandado pedindo-lhe as contas das folhas enviadas. Se continuar a desprezar as nossas justas reclamações, deixaremos de ter mais considerações para quem nenhumas tem comnosco.

Esperamos porém que este aviso seja o sufficiente para o fazer entrar no caminho do dever.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 29 DE JUNHO DE 1882 | NUMERO 96

GIL VICENTE

SUMMARIO

Texto:— Gil Vicente — A vingança d'um morto (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Mysterio (poesia) por Eduardo Véras — Gafarias — A telegraphia submarina — Victor Hugo, por Heliodoro A. Salgado — Os dramas do mar: Bontekoe — O conde de Amarante (romance) D. Sebastião (poesia) por L. A. Xavier Palmeirim — Os arabes — A marselheza (excerpto) por Lamartine — Bibliographia — Zig-Zags: Pilhagem — Bons tempos — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— Gil Vicente — O cabo submarino — O desdobramento do cabo — O lançamento do cabo — Vapor que conduziu o cabo para a America.

GIL VICENTE

—

Uma das maiores glorias de Portugal é e hade ser sempre o pae do nosso theatro, o principe dos nossos poetas comicos, o *Plauto portuguez*, emfim, aquelle a quem D. Francisco Manoel de Mello chamou o primeiro cortezão e mais engraçado comico que nasceu dos Pyreneos para cá. E' de Gil Vicente que fallamos; é do peregrino talento que nos reinados de D. Manoel e D. João III se desentranhou por mais de trinta annos em aceradas satyras, cheias de sal, de observações picantes, de verdades amargas, com que divertiu a côrte, a qual em paga quasi o deixou morrer á fome.

D. Manoel foi, no entretanto, até certo ponto, o protector do poeta. O seu successor já não fez pouco em toleral-o, quando a inquisição lhe não podia soffrer com animo quieto as satyras que elle não poupava ao clero devasso.

Nasceu Gil Vicente, segundo as melhores conjecturas, em Lisboa em 1480 e falleceu em Evora em 1557.

O seu theatro consta de cerca de quarenta e duas peças, das quaes desesete somente são escriptas em portuguez; as outras são em castelhano, ou metade em castelhano e metade em portuguez. As mais notaveis são os autos de *Ignez Pereira*, *O Juiz da Beira*, *Os Arrieiros*, *D. Duardos*, *Amadis de Gaula*, *Barca do Inferno*, etc.

As obras completas de Gil Vicente só se publicaram depois da sua morte, por diligencia de seus filhos Luiz Vicente e Paula Vicente, sendo esta que obteve o privilegio para a impressão.

A inquisição vingou-se do poeta que em vida não podera ferir mutilando-lhe despiedadamente as obras. Só em 1834 appareceu pela primeira vez a edição completa d'Hamburgo, publicada pelos snrs. Barreto Feio e Gomes Monteiro.

Concluimos esta breve noticia dizendo que o eruditissimo Erasmo estudou a lingoa portugueza de proposito para poder apreciar as obras de Gil Vicente.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

Continuação

CAPITULO II

S. MIGUEL ARCHANJO

I

Aquella dupla e horrivel tragedia consummou-se em breves minutos.

Quando o official austriaco entrou na casa, já os soldados a haviam devastado, sem que por fortuna dessem com o quarto onde dormia a joven, que, alheia ao que se passava, estava talvez sonhando com o seu noivo.

A que entrou ali o official? Talvez impulsado pela fatalidade.

Como um homem a quem o destino guia pela mão, entrou no quarto de Adelaide. O seu somno, a sua belleza, a solidão em que se achava a casa, o propicio da ocasião fizeram o mais. Quando sentiu passos na sala contigua, reparou que acabava de commetter um crime.

Na manhã seguinte os austriacos abandonaram a aldeia, deixando atrás de si um rasto de sangue e lagrimas.

Ao amanhecer tornavam a si o pae e a filha.

—Estou ferido! exclamou o primeiro.

—Estou deshonrada! disse a segunda.

II

D. Pedro Mendes, fidalgo e cavalheiro, vivia na aldeia havia muitos annos; seu irmão, primogenito, tinha-lhe deixado ali vastas propriedades. Casou-se na aldeia e ali lhe morreu a esposa ao dar á luz Adelaide.

Entregue á dupla tarefa de administrar a sua fortuna e educar sua filha, D. Pedro concentrou-se todo n'essas duas occupações, e amava entranhadamente a filha, em quem punha todas as esperanças do futuro.

Ao calor do amor paternal, Adelaide cresceu e desenvolveu-se como uma planta sob o influxo benefico dos raios do sol. Quando chegou aos desoito annos, isto é, quando estava em todo o vigor da sua esplendida belleza, entrou de ser requestada por um mancebo, filho d'um dos lavradores mais ricos da aldeia. Adelaide e Luiz amavam-se com delirio e o casamento estava tratado para quando o ultimo acabasse os estudos que andava cursando na universidade de Salamanca. Em maio d'aquelle mesmo anno tinha tomado o ultimo grao, voltando á aldeia com o vehemente desejo de alcançar o que tanto desejava.

Estava tudo disposto para a ceremonia nupcial, que se celebraria dentro em breves dias, quando a fatalidade conduziu á aldeia os austriacos.

A fatalidade tem combinações desastrosas e terriveis, e n'aquella doce alvorada de junho, quando Adelaide derramava lagrimas amargas pela perda d'um bem que mais não recuperaria, viu da janella do seu quarto manchas de sangue no jardim, manchas que iam terminar junto ao corpo d'um homem. Os primeiros raios do sol batiam de chapa sobre um rosto cadaverico. Foram elles que lhe descobriram a horrivel verdade.

Era o seu amante que ali estava; mas estava morto. Tinha uma espada na mão; tinha chegado tarde para defender a honra da sua promettida, mas a tempo para morrer.

Adelaide, no meio das suas lagrimas, invejava a sorte de Luiz.

III

Desde aquella noute fatal e desastrosa, em que a ira do inferno adoptou o uniforme branco dos imperiaes para imprimir o seu latego fatal sobre a pacifica aldeia, principiou uma dupla agonia em casa de D. Pedro Mendes, n'aquella casa tão tranquilla e feliz alguns dias antes.

Adelaide sentia sobre o seu coração o peso da sua deshonra e o peso da catastrophe que lhe tinha arrebatado o amante, duplo peso que lhe exgotava as forças e a fazia inclinar-se para o sepulchro como se inclina uma flor sobre a haste quando no seu calix se abriga um reptil ascoroso.

O pae, comtudo, não sabia mais do que metade d'aquelle duplo infortunio, a morte de Luiz. Ignorava a morte da sua honra de fidalgo e cavalheiro, aquella honra que todos os seus ascendentes até elle tinham conservado incolume no meio das tempestades da vida, porque não podia crer que houvesse no mundo um infame que cuspisse nas suas cans venerandas, e no meio d'esta ignorancia afortunada procurava consolar Adelaide, tornando-lhe mais toleravel a dôr que a opprimia.

Sem embargo, os seus conselhos nada podiam, e por mais que elle se esforçava, eram ineficazes para que a pobre menina recobrasse a saude perdida. Adelaide languescia como uma alampada que se apaga, como um sol que desapparece por detrás d'uma nuvem, como um vapor que se desfaz no ether.

Um dia ouviu uns aldeões que diziam ao tempo de o cumprimentarem:

—Pobre senhor! Sua filha não verá fazer este anno a vindima!

Era no mez d'agosto que elles o diziam e a vindima fazia-se no principio d'outubro.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

—

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Conforme dissemos já, o sol é o centro d'um vasto systema de planetas, ou globos como a nossa terra. Todos esses planetas giram ao redor do sol a distancias variadas e em periodos que comprehendem as suas differentes estações e que formam consequentemente o seu anno respectivo.

Medindo-se a terra, pode-se, segundo o seu volume, determinar o volume e a distancia dos outros corpos que giram no espaço.

O sol tem de diametro 8,575:600 metros; por outra, é 1,416:240 vezes maior do que a terra. Está distante do nosso planeta 38 milhões de legoas, ou 136 milhões de kilometros; a sua luz chega-nos em 8 minutos e trese segundos.

Os astronomos consideram o sol como um globo de fogo puro; comtudo pode-se-lhe ver na superficie, com o auxilio do telescopio, um grande numero de manchas e pontos tenebrosos.

O corpo do sol é um nó solido e obscuro, cercado de nuvens luminosas; quando as nuvens se entreabrem, deixam a descoberto o nó obscuro que ellas cobrem. Estas manchas apparentes, que, segundo Herschell, são os picos de montanhas erguidas na superficie do sol, parecem algumas vezes exceder muito a materia luminosa, e mudam de forma tão subitamente, que variam durante o momento de as observarmos. Algumas excedem o volume da terra toda.

Como o sol é um milhão de vezes maior do que a terra, a acção mutua do sol e dos planetas não sería nunca interrompida se um milhão de planetas do tamanho da terra girasse á roda do sol; até hoje, porém, não se conhecem senão onze, maiores ou menores, e mais ou menos afastados do sol. Estes corpos são: Mercurio, Venus, a Terra, Marte, Ceres, Pallas, Juno, Vesta, Jupiter, Saturno e Herschell. O ultimo recebeu o nome do seu descobridor, o sabio hanoveriano Herschell, que o descobriu em 1781 e lhe deu a principio o nome do seu soberano, Jorge III, e depois o de Urano, pelo qual tambem é conhecido.

Alguns d'estes corpos planetarios servem a seu turno de centro a outros corpos mais pequenos, chamados luas. Estes satelites acompanham os planetas na sua orbita ao redor do sol e servem para lhe mandarem a sua luz durante a noute.

A terra tem uma lua de 26:650 kilometros de diametro e que lhe está distante 34:000 kilometros. Jupiter tem 4 luas; Saturno tem 7, e, além d'isso, um grande annel duplo, a uma distancia de 40:000 kilometros do seu corpo. Herschell tem seis luas.

Todas estas luas e todos estes planetas reunidos não formariam mais do que a decima-millesima parte do sol, ou, para melhor dizer, necessitar-se-ia um corpo dez mil vezes mais consideravel do que a massa de todos os corpos celestes para igualar o volume do sol.

Mercurio, Venus e Vesta não teem lua; Ceres, Pallas, Juno e Vesta, as ultimas descobertas do telescopio, são mais pequenos do que as luas; a sua orbita, mais eliptica, desvia-se sensivelmente do plano orbitario dos outros planetas.

Dá-se o nome de *cometas* a uma infinidade de corpos, geralmente maiores do que a terra, e que apresentam phenomenos particulares. Ao passo que os planetas giram ao redor do sol em orbita quasi circular, os cometas, pelo seu lado, tocam quasi o sol em uma parte da sua orbita; depois alongam-se pelo espaço até distancias incalculaveis, descrevendo parabolas com orbitas muito excentricas, cujo foco occupa o sol. Ha cometas cuja marcha e volta podem ser calculadas de antemão com uma certa approximação. O cometa chamado de Halley vem de 75 em 75 annos; ha outro que effectua a sua revolução em 3 annos e meio, outro em 6 annos e 9 mezes, etc.

Os cometas teem projecções luminosas que formam uma linha desde o sol e que segue ou precede o cometa. Estas projecções são, segundo se crê, refracções da luz através da atmosphera do cometa, reflectidas pelo medium, ou gaz do espaço. A essas projecções, ou esteiras luminosas, dá-se o nome de barba do cometa, quando o precede, e cauda quando o segue. O cometa é formado sempre de tres partes muito distinctas: o nó, a nebolusidade que o cerca e a cabelleira, que o precede ou segue como já dissemos. A cabelleira e o nó formam a cabeça do cometa.

Outr'ora attribuia-se aos cometas uma influencia funesta; a sciencia moderna dissipou tal erro.

Continua DOUTOR JAYME

MYSTERIO

Que sonhos, que phantasias,
Que ideias... que pensamento...
Eu tenho todos os dias...
Me assalta a cada momento!
Eu penso ter-te nos braços
A devorar-te com beijos...
No fogo de mil abraços
Pondo termo aos meus desejos!...
No teu seio torneado,
Tão farto, tão branco e lindo,
Eu só diviso o peccado
Que p'ra ti me está atrahindo!
Nos teus cabellos castanhos,
Em desalinho cahidos...
N'esses teus olhos tamanhos,
Que desejos mal soffridos
Estou lendo a toda a hora!...

. . . .

Ai... deixa-me em paz, mulher!...
Vae-te, vae-te, vae-te embora,
Que eu não te quero perder.

EDUARDO VÉRAS

GAFARIAS

Morpheia, lepra, ou elephantiasis, é como se denomina uma terrivel molestia cutanea e contagiosa, que foi muito vulgar na idade media. Parece que é originaria da Asia. Os hebreus, que padeceram horrivelmente de tal enfermidade, sobre tudo durante o captiveiro do Egypto, d'onde a levaram para a terra da promissão, viam n'esse flagello um effeito da colera de Deus. O cantico de Job apresenta-nos o quadro mais completo de similhante doença.

A reprovação publica acompanhava os desgraçados acommettidos da lepra, que, segundo a expressão poetica do tempo, era a filha mais velha da morte. Moysés tomou medidas severas para prevenir o contagio da lepra, que, no fim de tudo, não passa d'uma molestia endemica.

Para a Europa foram os primeiros cruzados que trouxeram tão temivel mal.

Entre os musulmanos era considerada a lepra, como entre os judeus, uma punição da divindade, e os christãos não foram mais tolerantes com os desgraçados leprosos. Sabe-se que S. Lazaro, a quem Christo resuscitou, morrera da lepra; d'ahi proveio dar-se mais tarde aos leprosos as denominações de lazarentos e lazaros. Eram os cavalleiros da ordem de S. Lazaro os encarregados de tratar dos hospitaes de lazaros, que foram conhecidos pelos nomes de leprosorios, lazaretos e gafarias. Esta ultima denominação provém da palavra arabe *ghafa*, que significa lepra.

As medidas tomadas no occidente contra o terrivel mal não surtiram outro effeito além do augmento do terror inspirado no seio das povoações, onde os hospitaes se multiplicaram extraordinariamente. No seculo XIV não contava a Europa menos de desoito mil gafarias. Todas ellas estavam edificadas fora das povoações.

Os medicos deviam, sob penas severas, assignalar os casos de lepra; em seguida o juiz ordenava a sequestração do doente, que era entregue barbaramente nas mãos dos padres. Estes já não cuidavam d'outra cousa além da salvação da alma do desgraçado. O corpo estava perdido. O doente era conduzido para a egreja, onde lhe vestiam uma tunica negra, e depois de estendido sobre um palanque, os padres rodeavam-o e entoavam o officio dos defuntos. Da egreja era trasladado para o hospital, onde o encerravam em uma cellula. Era-lhe prohibido entrar nas egrejas, lavar-se nas fontes, ou mesmo em qualquer regato, e até tocar nos alimentos, que devia levar á bocca espetados na ponta d'um pao.

Os progressos da civilisação fizeram desapparecer a pouco e pouco e quasi completamente de toda a Europa a terrivel enfermidade. Ao uso do assucar, do linho e do algodão, ao augmento da limpeza, attribuem alguns especialistas a sua decadencia. Causas muito limitadas estas, que por certo não satisfazem completamente. E' certo que, como outras molestias, teve a lepra um periodo de rapida propagação, infestando povoações inteiras: no principio do seculo XVI já tinha enfraquecido muito. Hoje desappareceu em certas regiões; n'outras é rara. Em poucas se encontra com certa frequencia. Na metade sul do nosso paiz é raro um caso de morpheia; mas na metade norte ainda apparecem bastantes exemplos.

Os sabios não estão d'acordo sobre os caracteres d'esta ascorosa enfermidade, que ainda hoje faz grandes estragos na Africa, Asia e America.

Continua

A TELEGRAPHIA SUBMARINA

A telegraphia submarina é uma das grandes maravilhas do nosso seculo. Durante muito tempo foi inteiramente impossivel estabelecer este systema de communicações, a que se oppunham difficuldades quasi insuperaveis; foi só em 1849 que se venceram estas em rasão do descobrimento da gutta-percha, substancia importada da China e excellente isoladora do fio electrico.

Em 13 de novembro de 1851 inaugurou-se o telegrapho submarino de Douver a Calais, com o melhor resultado.

O lançamento d'um cabo telegraphico submarino é operação de grande difficuldade pratica. Na gravura d'esta pagina vê-se a primeira parte d'esta operação.

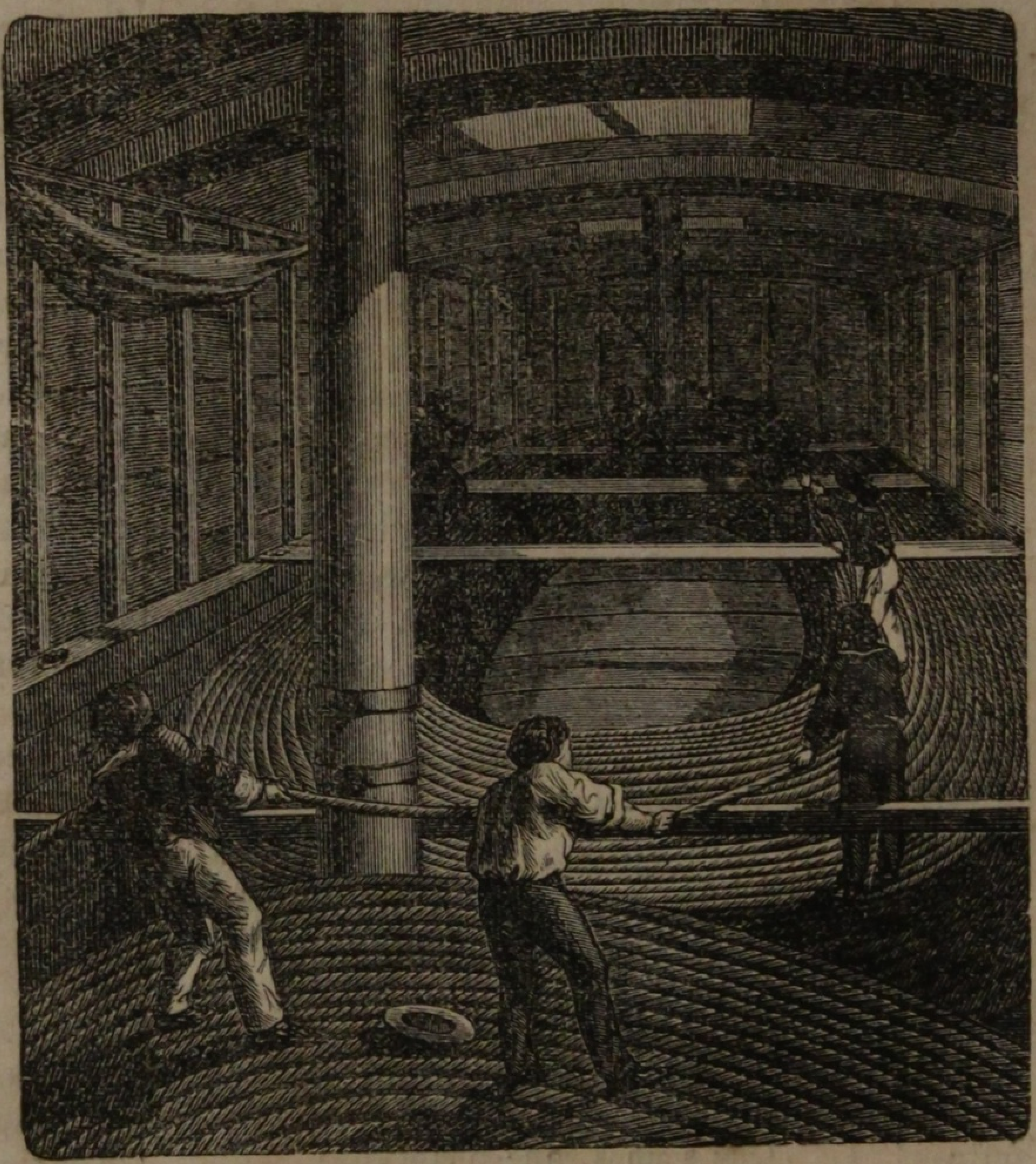
O cabo, depositado no porão do navio, é tirado d'elle, indo em seguida enrolar-se em uma especie de tambor collocado quasi ao centro da coberta, como se vê na primeira das duas gravuras da pagina seguinte. E' d'ahi que os marinheiros vão puxando pelo cabo e lançando a ponta ao mar, como na terceira gravura está indicado.

Estas operações são extremamente delicadas e dependem de grande pericia da parte dos marinheiros n'ellas empregados.

Este systema de communicação submarina fez em poucos annos rapidos progressos: os dous continentes da Europa e da Africa acham-se unidos e podem communicar-se facilmente os dous mundos.

O cabo entre a Europa e a America foi lançado em 1866.

Uma das curiosidades que offerece este cabo é que os telegrammas expedidos da Europa, de Portugal por exemplo, chegam á America cerca de seis horas antes da hora a que são transmittidos, o que se explica pela differença de longitudes, ou, por outras palavras, porque o sol na America nasce seis horas mais tarde do que na Europa.



O CABO SUBMARINO

VICTOR HUGO

O leitor já leu as *Orientaes*? Muito bem. Ahi tem a alma de Victor Hugo. A adoração rendida a Deus por um espirito superior; o amor coberto de flores e de todas as frescuras da primavera; o canto sublime á liberdade; a lagrima dolorosa cahindo como um meteoro brilhante n'aquella noute tenebrosa do proletariado; eis o que são as *Orientaes*: eis o caracter essencial de toda a grande obra d'aquelle que é a um tempo o grande revolucionario do bem; o grande illuminador das consciencias; o grande apostolo da paz; o grande mestre de nós todos.

As *Folhas do Outomno*, as *Odes e Balladas*, os *Cantos do Crepusculo*, as *Vozes interiores*, os *Raios e Sombras*: eis ahi os livros santos da nova religião do novo redemptor da humanidade opprimida pelos despotas, avergada ás dôres que de toda a parte a ameaçam. Ha ali o altaneiro espirito do insondavel Lamenais, ha por vezes o sarcasmo de Byron; ha o elevado mysticismo de Lamartine; ha a fluencia natural de Beranger; porque Victor Hugo, sendo igual a cada um d'esses poetas nos generos que elles cultivaram, é superior a todos, porque não houve campo da grande seara litteraria em que elle não mettesse a founcinha d'ouro dos velhos sacerdotes gaulezes.

Quereis ouvir trovejar Tacito contra as devassidões do imperio? Quereis assistir de novo ás maldicções d'Isaias, cahindo sobre todo um povo reprovado? Aqui tendes os *Castigos*. Vêde como aquelle miseravel aventureiro é arrastado na lama da propria infamia, e precipitado no inferno da condemnação da historia. Elle esbofeteou a estatua da republica e roubou-lhe a bandeira sagrada; elle foi buscar ao lodo a coroa que o grande Napoleão soube conquistar no campo das grandes victorias. Elle deu no papado o osculo sinistro, signal da traição feita ao povo. Mas ha uma consciencia que protesta. O raio desce fulminador e cae sobre o imperador. Mas, quando este esperava ouvir o ribombo do trovão atroador, ouviu apenas uma gargalhada d'escarneo. O miseravel não merecia de certo um Rochefort. Mereceu aquillo: o chicote implacavel da velha honra franceza, o escarro da consciencia humana, o pontapé da historia. Vêde aquella scena do paraiso. O Padre-Eterno joga a bisca com o Diabo. Quando aquelle deitou na mesa a carta que trazia o retrato de Pio IX, o Diabo jogou o imperador...

Mas ha mais. As *Legendas dos seculos*, as *Canções das ruas e dos bosques*, e *O Papa*. N'este ultimo livro o papa apparece-nos meditando seriamente sobre o futuro da theara, opprimido por este pensamento terrivel: tudo o que nasce, vem, palpita e morre. Como

nós hoje olhamos contristados para as ruinas das velhas civilisações, nossos filhos contemplarão tambem as paredes derrocadas do Vaticano vetusto.

Na *Piedade suprema* é altamente commovedor ver aquelle velho heroico, antigo perseguido da realeza, perdoando o passado em homenagem ao futuro, e supplicando aos povos triumphantes um perdão generoso para os reis proscriptos.

No já hoje bem conhecido livro *Religiões e Religião*, o poeta arvora-se em julgador supremo dos velhos cultos decadentes. Fulmina o dogma, mas venera o mysterio. Insulta o milagre, mas adora a Providencia. Abre a historia sombria das religiões salpicadas de sangue, enegrecidas de fumo, chammejantes de fogueiras sagradas, alvejantes de ossadas humanas: solta o grito agudo da condemnação suprema, suffocado pela colera que lhe causa ouvir os gritos lancinantes das victimas d'um culto barbaro. Mas a ideia de Deus lá sobresae ao fundo do quadro negro, em um bocadinho d'azul, puro como um ceo de março.

Continua — HELIODORO A. SALGADO

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

Continuação

VII

UMA ESPERANÇA

O grito fez sahir Bontekoe da especie d'extasi supremo.

O capitão olhou em redor e viu a lancha e o bote que estavam perto. Fazendo um esforço, indireitou-se no meio da agoa e exclamou:

—Salvae! salvae o capitão! Somos dous os que estamos vivos!

Quando ouviram esta supplica, os tripulantes da lancha pozeram-se de pé, olharam-se admirados e exclamaram erguendo os braços para o ar:

—Misericordia! E' possivel! O capitão ainda vive!

—Sim, sim, meus amigos! respondeu Bontekoe. Vinde, vinde depressa!

Os marinheiros acercaram-se dos fragmentos do navio. Hermann não teve paciencia para esperar mais tempo.

O DESDOBRAMENTO DO CABO

Lançando-se á agoa, alcançou a nado a lancha.

Bontekoe, extremamente fatigado, não pôde fazer outro tanto.

—Meus amigos! exclamou. Se me quereis salvar, approximae-vos, porque me é impossivel nadar.

O LANÇAMENTO DO CABO

Mas os marinheiros hesitavam. O mar estava coalhado de pedaços de madeira; um mastro podia dar d'encontro á lancha ou ao bote e fazel-os atundar-se, ou pelo menos abrir-lhes algum boraco. Um dos marinheiros, porém, lançou-se á agoa e foi levar ao capitão a ponta d'um cabo, com que elle se amarrou pela cinta e foi assim que pôde chegar á lancha.

Estavam ali o sobrecarga Rol, o segundo piloto Meinder-Kryns e uns trinta marinheiros. Todos aquelles homens encararam com espanto o capitão, duvidando de que elle ainda estivesse vivo.

Bontekoe achava-se em um estado deploravel, soffrendo cruelmente do ferimento das costas e dos dous boracos da cabeça. Quando estivera na ilha de Santa Maria tinha mandado arranjar uma especie de cabanasinha á popa da lancha, e julgando que não podia sobreviver aos seus ferimentos, pediu que o levassem para ali, para ao menos morrer em paz. Ao deitar-se ali, entendeu dar ainda um conselho, o ultimo sem duvida, aos seus companheiros.

—Meus amigos, lhes disse. Esta noute deveis ficar aqui por perto destes fragmentos. Amanhã podereis salvar alguns viveres e recolher a bussola.

De facto, os marinheiros, na precipitação da fuga, não se lembraram de levar senão alguns barris d'agoa e alguns arrateis de biscoutos. Quanto á bussola, o primeiro piloto, suspeitando dos projectos de fuga da tripulação, tinha-a tirado da bitacula.

Chegou a noute. Então, em vez de seguirem os conselhos do capitão agonisante, Rol mandou remar.

—Para que lado? perguntaram os marinheiros.

—Ao acaso, respondeu Rol. Deus nos conduzirá.

Então os dous barcos separaram-se, navegando juntos um do outro para não se perderem de vista, apesar da escuridão. Quando o dia raiou, estavam tão longe da terra como dos restos do navio, e por mais que interrogassem o horisonte, não viam senão agoa e ceo.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
X
O ESPINHEIRO-ROSA

Continuação

Eu fiquei indeciso.

—Tome-a, senhor conde, repetiu Florentina.

Lembrei-me então do seu *sotto voce* com o de Dorra... que sei eu... Senti-me perturbado, com desejos de a reprehender e humilhal-a... e respondi-lhe desabridamente:

—Não me encommode.

E comecei a amiudar o passo.

Similhante grosseria da minha parte com aquella creatura, não necessitava que ninguem m'a lançara em rosto; bem a sentia eu no fundo das minhas entranhas de tigre, e minha tia teve o mau gosto de intervir, não conhecendo o meu caracter irascivel quando me contrariavam.

—Henrique, me disse, porque não aceitas a rosa?

—Pois que! Tambem a senhora se entretem com estas bagatellas! lhe respondi de mau humor.

—Pobresinha! exclamou minha tia olhando para trás, para Florentina.

Aquella phrase compassiva de minha tia irritou-me cada vez mais. Que era o que se passava em meu coração, que não podia ouvir fallar bem de Florentina, nem podia ouvir compadecel-a? Que revelavam aquellas contradicções do meu espirito, quando se alguem offendesse aquella mulher diante de mim, creio que luctaria em sua defeza, como defenderia minha mãe? Ah! era porque me envergonhava da influencia mysteriosa que Florentina exercia em minha alma, e que não queria receber a ninguem, nem a mim mesmo, como se suffocasse rudemente a voz da minha consciencia.

Tinhamos que passar através d'uma ponte derrocada.

Como eu caminhava a passos precipitados, parei na penumbra e voltei a cabeça para trás, para ver as senhoras que me seguiam com Atilano, pois o capellão, o medico e meu tio Xavier iam discutindo diante, e tinham já passado aquella ponte.

Desde a penumbra, em que parei, comprehendi a situação de Florentina ao abranger a scena com um olhar; todas as senhoras vinham festivas com Atilano, e só Florentina atrás, isolada, pensativa, com o olhar tristissimo, angustiosa. Delicada como uma sensitiva, devorava no seio da sua alma a altivez do meu caracter. Aquella convicção excitou o meu pesar para com a pobre orphã e comecei a enfadar-me comigo mesmo.

Retrocedi para o principio da ponte, porém estava carcomida n'aquelle sitio pelas agoas do Ulla, que passavam por cima, ainda que com pouca profundidade. Sobre estas agoas havia uma grande pedra, e sobre a pedra uma taboa grande.

Parei junto da taboa e dei a mão a minha tia para passar, e depois ás meninas de Dorra.

Em seguida vinha Florentina.

Ia retirar-me... sem lhe dar a mão... porém isso sería mais do que cruel.

Dominei a sensação... e senti-me cheio de piedade.

Então estendi-lhe a mão para se apoiar, e a sua physionomia mudou subitamente; em logar do olhar d'uma Dolorosa, era o olhar rico de ternura e de felicidade de minha mãe, que parecia agradecer-me.

Sob o influxo do seu olhar de infinita expressão, eu não pude conter-me, não pude dominar o meu sangue, e a força que ella delicadamente produzia em mim, e os meus dedos opprimiram dôce e suavemente os seus.

Florentina então estremeceu... desviou a sua mão da minha, baixou os olhos com o pudor d'uma virgem, definhou-se como uma sensitiva, e não tornou a procurar o meu olhar com a naturalidade adoravel com que até então o fizera.

Eu attribui aquillo a desprezo horrivel. Acostumado á mulher, não sabia como sentem os anjos na terra! Acostumado ás almas de *doublé*, não conhecia as almas de ouro puro.

Continua

D. SEBASTIÃO

—

Nos campos d'Alcacer batalha famosa
De crentes e mouros tremenda se deu:
De setta raivada na lucta afanosa,
O rei lusitano na plaga morreu.

Quem pode no peito dizer a saudade,
Esquece dos bravos façanhas leaes.
Talvez que não tenha sequer piedado
De vêr abatidas as quinas reaes.

Monarca mancebo, ousado e valente,
Lembrou-se d'Arzilla, de Ceuta e de Fez:
Soldado de Christo, lembrou-lhe na mente
Vencer resoluto, morrer portuguez.

Que rija contenda nos campos se ateia!
Tornou-se a batalha matança geral.
Vencido na lucta, fundido na areia,
Perderam-se as joias do sceptro real.

Do Deus das batalhas decretos divinos
Quem inda até hoje mostrou sabedor?
Palavras dos homens nao são mais do que himnos,
Que a terra levanta p'r'o seu creador.

Partiram-se todos; a crença os inspira.
Na lucta travada por si, pela fé,
Glorias d'Ourique, luctando as aspira,
Quem menos que Affonso por certo não é.

As quinas frustradas lá rojam por terra,
Lá fica abatido do reino o pendão.
De tantas antigas glorias que encerra
Lá ficam sepultas n'um avido chão.

O povo singello nas crenças herdadas
Do rei a memoria nos peitos sagrou;
E crê que d'Alcacer nas trevas cerradas
O rei lusitano da morte escapou.

Espera inda vel-o com a rija armadura,
Escapo por graça d'amor divinal,
Trazer ao seu reino da paz a ventura,
Entrar triumphante no seu Portugal.

Em dia de nevoa escura e cerrada,
Montado com garbo virá o bom rei,
Que tem n'uma ilha, com vida encantada
Isempto, affrontado dos mortos a lei.

Mas quando elle venha salvar-nos sem medo,
Ninguem, sem mentira, talvez o dirá,
Não só por ser grande, mui grande segredo,
Mas por não saberem d'onde elle virá.

L. A. Xavier Palmeirim

OS ARABES

—

Continuação

Toda a Arabia tem poucos rios e esses com um pequeno curso. Os mais notaveis são o Meidam e o Chabb. O Njed apresenta, no seu planalto, alguns lagos, mas pouco importantes.

A maior parte da Arabia septentrional está coberta d'uma areia ardente, que subleva de tempos a tempos o sopro empestado e mortal do *simun*. Sabe-se quão grandes são os estragos que este vento produz ás caravanas que atravessam os desertos. Em compensação, as plagas contiguas ao mar são muito ferteis, especialmente durante a estação das chuvas. Aquellas regiões produzem as mais afamadas plantas aromaticas, especiarias delicadas, o aloes, o insenso, a myrra, o balsamo chamado de Meca, perolas, algodão, cacao, milho, etc.

Os cavallos arabes são afamados em todo o mundo. Além da sua belleza, tornam-se notaveis pela intelligencia que os distingue. Tambem ali se emprega frequentemente o dromedario, que os arabes denominam *navio do deserto* em rasão dos immensos serviços que elle lhes presta. Os areaes do norte estão infestados de animaes ferozes e insectos muito prejudiciaes.

Os arabes, de estatura baixa, nervosos, tostados do sol, graves, sempre promptos para a rapina, em consequen-

cia dos seus habitos nomadas, teem todos os signaes distinctivos da raça semitica. Apesar dos seus defeitos, teem virtudes que muito os recommendam: tal é a sua sobriedade e o respeito que guardam ao direito da hospitalidade. Este é sagrado para aquelles homens rusticos. Contam-se mil anecdotas a tal respeito, e vamos aqui reproduzir uma que nos parece muito notavel.

Hajji-Ben-Hassuna, chefe d'uma parte das tropas do bey de Tunis, perseguido pelos arabes, foi surprehendido pela noute junto do acampamento inimigo. Ao passar por diante d'uma tenda cuja porta se achava aberta, o mouro deteve o cavallo e pediu agasalho por se achar exhausto de fadiga e de sede. O guerreiro que ouvira estas palavras respondeu que entrasse sem receio e recebeu-o com todas as demonstrações da tão celebrada hospitalidade arabe.

Os arabes, mesmo os mais poderosos, servem os seus hospedes, como os antigos patriarcas, e ha tribus que ainda não perderam o costume, tantas vezes referido na Biblia, de lavar os pés aos estrangeiros, dever que compete ao chefe da familia.

Apesar de os dous guerreiros serem inimigos, cearam amigavelmente juntos e contaram em seguida mutuamente as suas façanhas e as de seus antepassados. De repente uma pallidez mortal pintou-se no rosto do dono da casa, que se levantou e sahiu. Minutos depois mandou dizer ao seu hospede que tinha a cama prompta; que se sentia indisposto para o acompanhar até ali; mas que tinha examinado o cavallo, que estava muito fatigado para continuar a jornada no dia seguinte, mas que encontraria de manhã, á porta da tenda, um outro cavallo que elle punha á sua disposição.

Ao romper da manhã, um criado apresentou ao estrangeiro os primeiros refrescos do dia; mas este não viu pessoa nenhuma da familia.

No momento da partida viu o chefe, que tinha a redea do cavallo e lhe apresentava o estribo. Mal Hajji se achava montado, o arabe declarou-lhe que em todo o acampamento inimigo não contava adversario mais terrivel do que aquelle que o acabava de receber em sua tenda.

—Hontem á noute, quando me contaste as proezas de teus avós, descobri eu o assassino de meu pae. Aqui tens a roupa que elle trazia quando o mataram.

E indicou a roupa, que tinha sido posta á porta da tenda, por sua ordem. Depois proseguiu:

—Sobre estes despojos e diante de toda a minha familia jurei vingar a morte de meu pae, perseguindo o seu assassino desde o nascer até ao pôr do sol. O sol ainda não está erguido; mas logo que elle nasça, eu te perseguirei sem tregoas. Por felicidade para ti, a minha religião manda-me deixar-te sahir em paz da tenda onde vieste asylar-te; mas todas as minhas obrigações cessam mal tenhas partido. O cavallo que tu montas e da ligeireza do qual depende a tua salvação, não é inferior áquelle que eu vou montar.

Ditas estas palavras, o chefe apertou a mão ao seu adversario e os dous inimigos separaram-se. O mouro, aproveitando-se dos poucos momentos que tinha a seu favor, lançou-se a galope para o acampamento do bey, onde chegou a tempo de escapar ao seu temivel adversario, apesar do ardor com que este o perseguia.

Este rasgo de hospitalidade tem alguma cousa de admiravel, e entretanto nem um só mouro, nem um só arabe, deixaria de proceder do mesmo modo em circunstancias similhantes.

Continua

A MARSELHEZA

(EXCERPTO)

—

Os marselhezes, chamados por Barbaroux, a instancia de madame Roland, approximavam-se da capital. Era o fogo das almas do Meio-Dia, que vinha reaccender a pyra revolucionaria, demasiadamente frouxa, no entender dos girondinos.

Esse corpo de mil e duzentos ou mil e quinhentos homens, era composto de genovezes, de ligurianos, de corsos e piemontezes, expatriados e recrutados para uma expedição decisiva em todas as margens do Mediterraneo; a maior parte marinheiros ou soldados aguerridos no fogo, alguns scelerados encanecidos no crime. Eram commandados por mancebos de Marselha, amigos de Barbaroux e de Isnard. Fanatisados pelo sol e pela eloquencia dos clubs provençaes, avançavam ao som dos applausos das populações do centro da França, recebidos, festejados, inebriados de enthusiasmo e de vinho em banquetes patrioticos que se succediam no seu caminho.

O pretexto da sua marcha era fraternisarem na proxima federação de 14 de julho, com os outros federados do reino. O motivo secreto era intimidarem a guarda nacional de Paris, retemperarem a energia dos arrabaldes e serem a vanguarda d'esse acampamento de vinte mil homens, que os girondinos tinham feito votar á Assembleia para dominarem a um tempo os *feuillants*, os jacobinos, o rei e a propria Assembleia com um exercito dos departamentos, todo composto pelas suas creaturas.

O mar do povo refervia quando elles se approximavam. As guardas nacionaes, os federados, as sociedades populares e as creanças, as mulheres e toda essa parte das populações que vive das commoções da rua e que corre a todos os espectaculos publicos, voavam ao encontro dos marselhezes. Os seus rostos queimados, as suas physionomias marciaes, os seus olhos de fogo, os seus uniformes cobertos da poeira das estradas, os seus barretes phrygios, as suas armas extravagantes, os canhões que arrastavam comsigo, os ramos de verdura com que ensombravam os seus barretes vermelhos, a sua linguagem estrangeira, entremeiada de pragas e accentuada com gestos ferozes, tudo isto impressionava vivamente a imaginação da turba. A ideia revolucionaria parecia que se fizera homem e que marchava, debaixo da figura d'essa horda, ao assalto dos ultimos destroços da realeza. Entravam nas cidades e nas aldeias por baixo de arcos de triumpho. Marchando, cantavam estrophes terriveis.

Essas coplas, alternadas pelo compasso regular dos seus passos nas estradas e pelo som dos tambores, assimilhavam-se aos córos da patria e da guerra, respondendo, com intervallos iguaes, ao retinir das armas e dos instrumentos de morte em uma marcha para os combates.

Eis as estrophes mais ardentes d'esse canto, gravado na alma da França:

I

Vamos, surgi, filhos da França!
Da gloria a luz no ceo raiou!
Já de impios reis, em torpe alliança,
Negro pendão se desfraldou!
Já nas campinas vicejantes
Oiço rugir turba servil.
Queima os casaes e em furia vil
Mata sem dó tenros infantes!
A's armas, cidadãos! formae-vos, batalhões!
Marchar, e corra o sangue em rubros borbotões.

. . . .

IV

Sagrado amor da patria ardente
Em nossos peitos vem brotar.
Tu, liberdade, á lucta ingente
Lança o teu gladio a scintillar!
De novo o sopro da victoria
Agite a signa tricolor:
Que deslumbrado o impio invasor
Veja surgir da França a gloria!
A's armas, cidadãos, etc.

ESTROPHE DAS CREANÇAS

Iremos nós brandir a espada
Em succumbindo irmãos e paes!
Caiam na arena ensanguentada,
Legando exemplos immortaes!
Nós, invejando a sua sorte,
E comprimindo acre saudade,
Mostremos só firme vontade
De ir conquistar vingança ou morte!
A's armas, cidadãos, etc.

Continua

LAMARTINE

BIBLIOGRAPHIA

—

As grandes invenções, por Luiz Figuier.

1 vol. edição da casa Chardron, Porto. Preço em brochura 3$000 rs., cartonado 3$600 rs.

SUMMARIO DOS CAPITULOS

Continuação

XVIII— Applicações da electricidade dynamica. O telegrapho electrico. Historia. Primeira menção do telegrapho electrico. Jorge Lesage construe o primeiro telegrapho electrico. Outro projecto de telegrapho electrico. A descoberta da pilha de Volta faz repetir as experiencias da telegraphia electrica. Telegraphos de Sœmmering, Schilling e Alexander. Descoberta da attracção temporaria do ferro, por Arago. Principio geral sobre que se funda a construcção de todos os telegraphos electricos. Telegrapho electrico de Morse, ou telegrapho americano. Telegrapho inglez, ou telegrapho de agulhas. Telegrapho de mostrador. Telegrapho impressor. Telegrapho submarino. Telegrapho trans-atlantico. O relogio electrico. A galvanoplastia. Operações praticas da galvanoplastia. Preparação da fôrma. Maneira de produzir o deposito metalico no interior da fôrma. Applicações da galvanoplastia. Sua origem. O dourado e prateado electrico-chimico. Descripção da operação. Precipitação de diversos metaes uns sobre outros. Objectos prateados e dourados pelos processos electro-chimicos.

XIX— Os diversos systemas de illuminação. A illuminação entre os antigos. Illuminação a oleo nos tempos modernos. Descoberta das lampadas mecanicas. Lampada Carcel. Lampada de moderador. Illuminação a gaz. Historia. Filippe Lebon inventa a illuminação a gaz. Gazometro. Bicos. Causa do brilho do gaz de illuminação. Gaz portatil. Velas de stearina. Composição das velas de stearina. Sua preparação. Illuminação por meio dos hydrocarburetos liquidos. Illuminação pela luz electrica.

Continua

VAPOR QUE CONDUZIU O CABO PARA A AMERICA

ZIG-ZAGS

—

PILHAGEM

Até aos nossos dias a pilhagem foi sempre considerada o direito do vencedor. Os romanos chegaram a fazer leis para a regular. A legião que saqueou Reggium antes de ter recebido ordem para isso foi exterminada pelos lictores consulares. Os barbaros, assim como os exercitos da idade media, não foram tão ceremoniosos. Entretanto introduziu-se o uso de substituir a pilhagem por um resgate imposto ás cidades.

Maria Thereza dizia aos seus hungaros e croatas, chamados a defender o imperio:

—Como não tenho dinheiro, dou-vos tudo quanto poderdes pilhar.

Os reis não se pejavam de entregar-se á pilhagem dos seus subditos revoltados: testemunho, as *dragonadas*, ou perseguições dirigidas no tempo de Luiz XIV, de França, contra os protestantes.

Em França o major general da artilheria tinha direito á melhor parte do despojo: tambem lhe era permittido apoderar-se dos sinos das cidades tomadas, afim d'augmentar o seu material de artilheria.

Napoleão I usou d'esse processo depois da tomada de Dantzig.

Apesar dos exemplos recentes, os progressos da civilisação fazem esperar que um novo direito das gentes abolirá aquelle costume barbaro.

—

BONS TEMPOS

Por decreto d'el-rei D. João VI de 14 de novembro de 1802 foi concedida a mercê do habito de Christo, com 12$000 reis de tença, ao capitão de cavallaria da legião das tropas ligeiras, barão de Saint Mezard, por ter estado de guarda no real paço de Queluz no dia 20 de outubro de 1802, em que nasceu o infante D. Miguel.

Que feliz anno! Uma condecoração e dinheiro.

E os soldados? Que recompensa teriam esses pobres diabos?

Ora adeus; não faltava mais nada!

—

EXPLICAÇÃO da charada do numero 95 — Fosforo.

EXPEDIENTE

—

GOLLEGÃ

Pedimos ao nosso ex-correspondente na Gollegã o favor de responder ás cartas e bilhetes postaes que lhe temos mandado pedindo-lhe as contas das folhas enviadas. Se continuar a desprezar as nossas justas reclamações, deixaremos de ter mais considerações para quem nenhumas tem comnosco.

Esperamos porém que este aviso seja o sufficiente para o fazer entrar no caminho do dever.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 6 DE JULHO DE 1882 | NUMERO 97

SUMMARIO

Texto:— D. Maria Pia — 9 de julho — Camoens (poesia) por Márcos Zapata — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Victor Hugo, por Heliodoro A. Salgado — A illuminação electrica — Gounod — A vingança d'um morto (romance) — O conde d'Amarante (romance) — Gafarias — A tecedeira (poesia) — A marselheza (excerpto) por Lamartine — Pilatre de Rosier — Zig-Zags: O ovo — Resposta ousada — A natureza, a mulher e os livros — Expediente — Prospecto.

Illustrações:— D. Maria Pia — Illuminação electrica — Gounod — Pilatre de Rosier.

D. MARIA PIA

D. MARIA PIA

—

Dentro de poucos dias será o Porto honrado com a visita das magestades portuguezas.

D'entre os membros da familia real destaca-se gentilmente o vulto, a um tempo gracioso e varonil, da rainha, a filha de Victor Manoel e neta de Carlos Alberto, os dous heroes da liberdade italiana.

A senhora D. Maria Pia é, de facto, credora de todas as nossas sympathias. Os elevados dotes da sua alma generosa dão-lhe um logar muito distincto entre o catalogo das rainhas portuguezas, illustrado com tantos exemplos de virtudes publicas e domesticas.

Quando o predicado do nascimento não bastasse para a nossa veneração, n'estes tempos excessivamente democraticos que vamos atravessando, os dotes da sua alma verdadeiramente superior impõe-se-nos irresistiveis á nossa intima admiração. Ella é a mulher forte e a mãe austera, encarnada em uma organisação delicada, mixto de força e fraqueza, que é a feição mais adoravel d'esta metade do genero humano que domina e subjuga a outra metade.

Para nós os portuenses é mais que sufficiente recommendação o ser neta do heroe de Novara, aquelle que escolheu esta terra hospitaleira para n'ella exalar o ultimo suspiro.

---

9 DE JULHO

—

Foi aos sons enthusiasticos das acclamações com que saudavam a terra da patria, a que acabavam d'aportar, que aquelles sete mil e quinhentos bravos que formavam a divisão liberal desembarcaram na praia do Mindello, no dia 8 de julho de 1832, isto é, faz depois d'amanhã cincoenta annos.

Não eram sete mil e quinhentos homens que ali vinham: era a liberdade portugueza, era o principio santo da redempção d'um povo que ia erguer-se, d'escravo que era, em senhor, que ia respirar um ar novo, que ia emfim ver quebradas as algemas que o absolutismo lhe havia lançado.

A expedição fôra preparada em França pelo duque de Bragança, que em 10 de fevereiro embarcou em Belle-Isle com destino para os Açores. Desenove dias depois foi que o general Diocleciano Cabreira pôde tambem sahir de França, com a segunda divisão da expedição organisada por D. Pedro. Em 22 do mesmo mez chegou este a S. Miguel; em 3 de março foi para a Terceira, onde a regencia resignou o poder nas suas mãos e formando D. Pedro novo ministerio.

O duque de Bragança declarou-se generalissimo das forças de terra e de mar. O commando em chefe do exercito foi entregue ao conde de Villa Flor, ao passo que a esquadra que devia operar de combinação com o exercito de terra, tinha por commandante o almirante Sartorius, official inglez, que passara ao serviço de D. Maria II sob o nome de Carlos Ponza.

Em 27 de junho, dividido o exercito em tres divisões, sahiram estas de S. Miguel, e a 7 de julho a expedição tocou em terras de Portugal.

O desembarque effectuou-se no dia seguinte.

Eis a proclamação que o duque de Bragança dirigiu ás suas tropas, ao avistar a barra do Porto:

«Soldados! Aquellas praias são as do malfadado Portugal: ali, vossos paes, mães, filhos, esposas, parentes e amigos suspiram pela vossa vinda e confiam nos vossos sentimentos, valor e generosidade.

Vós vindes trazer a paz a uma nação inteira e a guerra somente a um governo hypocrita, despotico e usurpador. A empreza é toda de gloria; a causa justa e nobre, a victoria certa.

Os vossos companheiros de armas virão engrossar vossas fileiras e ambicionarão a honra de combater ao vosso lado; e se alguns ainda houver que desaccordados pretenderem continuar a defender o despotismo, lembrae-vos que tendes diante de vós aquelles mesmos illudidos portuguezes, que na Villa da Praia fugiram da presença do vosso sanguefrio e da vossa coragem.

Vencedores de S. Miguel e de S. Jorge! de quem nem os combates da Villa das Vellas, da Urselina e Calheta, nem a posição inexpugnavel da Ladeira da Velha poderam conter o enthusiasmo e valentia! Ali tendes a patria que vos chama: ali achareis a recompensa de vossos serviços; o termo de vossos soffrimentos; o complemento da vossa gloria.

Soldados! seja o vosso grito de guerra: —Viva a senhora D. Maria II e a Carta Constitucional: —seja o vosso timbre: Protecção aos inermes, generosidade aos vencidos.»

O brigadeiro José Cardoso commandava a este tempo uma brigada no concelho da Maia, perto das praias do Mindello. D. Pedro mandou a terra como parlamentario o seu ajudante Sá Nogueira, levar-lhe um exemplar do seu manifesto de 2 de fevereiro e outro da proclamação que acabava de dirigir á nação portugueza, afim de que, em vista dos principios consignados n'estes dous notabilissimos documentos, se decidisse a poupar o sangue portuguez, ou a tomar a responsabilidade do que se vertesse por effeito da sua obstinação.

Voltou o enviado de D. Pedro com uma resposta atrevida, pois se lhe respondeu que, se D. Pedro ousasse enviar-lhe mais algum emissario, teria como unica resposta o ser passado pelas armas. Ordenou logo o duque de Bragança o desembarque das tropas: eram duas horas da tarde. A's seis estavam os liberaes senhores da crista da montanha sobranceira á margem direita do Leça, Parafita e Pedras Rubras.

Com estas precauções, as forças de Santa Martha ficavam impedidas de se reunirem ás do brigadeiro Cardoso, que vendo totalmente perdida a causa do absolutismo, fugiu covardemente e só fez alto em Penafiel. Santa Martha, pelo seu lado, fazia retirar a numerosa brigada do seu commando, que se estendia desde a cidade do Porto até Leça, passando-se n'aquella mesma noute para o sul do Douro.

A entrada do exercito libertador realisou-se no dia 9, sem que se derramasse uma só gotta de sangue, como o proprio duque de Bragança o declarou no relatorio que fez ás côrtes na sessão real d'abertura, em agosto de 1834. «A' testa de 7:500 homens desembarquei nas praias de Portugal, no sempre fausto dia 8 de julho de 1832. O terror que o inimigo concebeu, abriu caminho franco a este punhado de leaes portuguezes. E no dia 9, sem perda de um só homem, entramos na honrada e leal cidade do Porto, em cujos habitantes se desenvolveu desde logo o mais ardente enthusiasmo pela causa da rainha e da Carta Constitucional, e uma serie de prodigios de fidelidade, valor, constancia, e patriotica resignação, que poderão talvez um dia repetir-se, mas nunca exceder-se.»

Foi assim que esta cidade invicta, e com ella a nação inteira, viu raiar a aurora da sua redempção social. Tinham emfim os portuguezes a liberdade pela qual tanto anciavam. Era a primeira vez, havia quatro annos, que respiravam livres da oppressão que a tyrannia lhes impozera.

Mas se por um lado este successo era muito para jubilos, o espectaculo que então se desenrolou aos olhos dos portuenses era de muito differente especie. Oito mil duzentos quarenta e sete presos, victimas da odiosa alçada do Porto, jaziam cobertos de immundicie e de farrapos nas cadeias da Relação, e as forcas, onde tinham sido immoladas innocentes victimas das suas crenças politicas, levantavam-se como phantasmas odiosos no meio da Praça Nova.

A's oito horas da manhã do referido dia 9 de julho, o tenente coronel Schwalback, commandando a vanguarda de caçadores n.os 2 e 3, entrou n'esta cidade, no meio das mais vivas e enthusiasticas felicitações do povo, e foi postar-se na Praça Nova. Chegado aqui, levantou vivas á rainha e á Carta Cons-

titucional, vivas que foram delirantemente correspondidos pelo povo, o qual arremetendo contra os horrorosos patibulos, os derrubou e despedaçou para nunca mais se levantarem.

Ao meio dia entrou na cidade o duque de Bragança. Estava consummada a grande obra e satisfeitos os votos de todos que viam romper uma nova era para a nação portugueza. Diziam-o as ovações delirantes, os fremitos do enthusiasmo que irrompia de todos os peitos; indicavam-o as côres da alegria que irradiavam de todos os rostos.

A noticia do desembarque do exercito libertador circulou como uma faisca electrica: de toda a parte corriam os povos para verem aquelles illustres paladinos, que se dedicavam á salvação da patria.

Sempre em marcha triumphal, D. Pedro dirigiu-se tambem á Praça Nova, hoje de D. Pedro, e entrando nos paços do concelho, acompanhado pelos heroes e seus companheiros inseparaveis, Palmella, conde de Villa Flor e muitos outros denodados militares e defensores da liberdade, fallou d'uma das janellas ao povo, levantando vivas á heroica cidade do Porto, ao exercito, á rainha D. Maria II e á Carta Constitucional da monarchia; vivas que foram calorosamente correspondidos pela multidão.

D'ali seguiu o snr. D. Pedro para os aposentos que lhe estavam preparados no palacio dos Carrancas, á Torre da Marca, seguido de innumeros populares, que continuamente o saudavam. Em seguida desfilou o exercito, e os habitantes d'esta cidade disputavam á porfia qual havia de dar aquartelamento a maior numero dos bravos libertadores em suas proprias casas.

Estava emfim implantada no seio da patria a arvore da liberdade. Mas não podia escapar á fina observação do homem pensador que havia ainda muito a fazer. O inimigo não podia abandonar de todo a sua presa e não deixaria de tentar um ultimo esforço para recuperar o que havia perdido. Convinha pois inutilisar-lhe todas as tentativas.

Coube ao tenente-coronel Schwalback recomeçar a gloriosa tarefa, passando ao sul do rio Douro, perseguindo a divisão de Santa Martha e causando-lhe sensiveis perdas, até mais d'uma legoa para o sul de Villa Nova de Gaya, vindo em seguida occupar esta importante villa.

Desde a entrada do exercito libertador até 5 de julho de 1833, em que a esquadra liberal derrotou completamente a esquadra miguelista nas costas do Algarve, feriram-se um sem numero de sangrentas e terriveis batalhas entre os dous exercitos belligerantes, em que milhares de portuguezes morderam o pó da terra da patria, em prol da liberdade, que foi o preço de tantos sacrificios, o que nol'a deve tornar estimada e querida.

CAMOENS

Negro dia! Terrible mauritano!
Al peso de las hordas agarenas
Halla sepulcro en frágiles arenas
La gloria militar del lusitano.

El despotismo de extranjera mano
Deshonra á Portugal com sus cadenas,
Y entre dolores, lágrimas y penas
Aparece tu génio soberano.

Como Cervantes, miserable y triste,
Doblaste ante la fosa la rodilla,
Apurando de um siglo los escesos.

Dichoso tú que en Portugal naciste!...
Pues si naces en tierra de Castilla,
Ya se hubieran perdido hasta tus huesos.

Márcos Zapata

SCIENCIA PARA TODOS

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Aquellas estrellas brilhantes que, similhantes a flores de fogo suspensas sobre as nossas cabeças, derramam uma claridade tão mysteriosa e tão doce durante as nossas noutes, não pertencem ao systema solar: são de per si soes independentes, que teem o seu systema particular.

Tudo leva a crer que cada uma d'ellas é o centro do seu proprio systema e que tem os seus planetas, as suas luas e os seus cometas que giram ao redor d'ella.

Aquelle enxame brilhante de estrellas que povoam a immensidade dos ceos fez dizer ao poeta e ao homem religioso, possuido de nobre e santo enthusiasmo, que a piedade é filha da astronomia e que um astronomo atheu não pode ser senão um louco.

A sciencia divide as estrellas em duas classes: planetas ou estrellas errantes e estrellas fixas. Os principaes pontos de vista sob os quaes a astronomia as considera são a sua grandeza, natureza, numero, especie, distancia e movimentos. As estrellas distinguem-se dos outros astros pelas scintillações, ou tremores luminosos. Dá-se o nome de constellações a certos grupos de estrellas, que se classificam por ordem e segundo a sua grandeza. A classificação das constellações não vae além de 7 ordens de grandeza a olho nu e 16 com o telescopio. A vista de manchas esbranquiçadas que se observa muitas vezes no ceo, provém d'um montão de estrellas muito approximadas, e dá-se a isto o nome de nebulosas.

Vistas pelo telescopio, o numero das estrellas é infinito: mais de 100:000 estão catalogadas; mas vistas a olho nu, não se descobrem mais de 6 a 8:000, pela noute mais clara. Parece que são ellas que enchem o espaço infinito no vasto systema do mundo. Até o nosso sol, á primeira vista, parece que não é mais do que um d'aquelles prodigiosos montões d'estrellas, cujas myriades formam aquelle brilhante feixe de luz que se chama *via lactea*.

A distancia mais approximada das estrellas não pode ser menor de 45 milhões de kilometros, e o seu afastamento umas das outras é muito maior. Nós estamos 280 milhões de kilometros mais perto d'uma estrella do que d'outra.

Estrellas fixas quer dizer que nunca variam de logar.

Para reconhecer e descrever as estrellas, os antigos aggruparam-as sob diversas formas de homens e animaes, em numero de 50, designando-as pelo nome de *constellações*. Os modernos ajuntaram a estas mais 24, de modo que o globo celeste, ou as estrellas, estão exactamente dispostas como se acham no ceo, o qual se acha inteiramente coberto de figuras symbolicas.

No zodiaco, ou parte do ceo onde o sol parece mover-se, ha 12 d'estas constellações. Eil-as, com os mezes que lhes correspondem:

SIGNOS SEPTENTRIONAES

O carneiro........21 março
O touro.........20 abril
Os gemeos......22 maio
O caranguejo....22 junho
O leão...........23 julho
A virgem........23 agosto

SIGNOS MERIDIONAES

A balança......23 setembro
O escorpeão.....23 outubro
O sagittario.....22 novembro
O capricornio....22 dezembro
O aquario.......20 janeiro
Os peixes.......18 fevereiro

D'estes 12 signos pertencem tres a cada uma das estações do anno, a saber:

O carneiro, o touro e os gemeos são os signos da primavera; o caranguejo, o leão e a virgem são os do estio; a balança, o escorpião e o sagittario são os do outono; o capricornio, o aquario e os peixes são os do inverno.

Todas estas constellações são d'invenção egypcia, e os caracteres com que se costumam representar no calen-

dario não passam de hieroglyphos, ou grosseiras figuras emblematicas.

Continua

VICTOR HUGO

Conclusão

Pode-se do mau padre tirar argumento para provar a falta de bondade na religião? Pode, quando o codigo fundamental do culto contiver letra que sanccione a torpeza sacerdotal. Mas pode-se da má religião tirar argumento para mostrar a tyrannia ou imbecilidade de Deus? De certo que não. Deus, desde que se lhe admitte a existencia como um facto incontroverso, deve suppor-se tão alto, tão independente das nossas miserias, que o homem nem sequer possa raciocinar sobre elle. Adora-se com o coração, como dizia Jesus; mas mais nada. Que mais pode fazer o homem?

Se formos a encarar Deus, como um ser á nossa similhança, mau, vingativo, inconstante, etc., aniquilamol-o. A materialisação do culto, é o atheismo mascarado. Eu prefiro-lhe o atheismo franco e sincero do barão Holbach.

Victor Hugo conheceu isto: ridiculisou os cultos, vingou a historia com a lança da poesia, e depois voltou-se para Deus, o grande Ser, cujo equinoxio é a igualdade, o solsticio a justiça, a aurora a liberdade e o calor o amor. Vergou a fronte: comprimiu no peito a blasphemia prestes a soltar-se em vista da hediondez da historia, e os seus labios ciciaram uma oração toda sua, sem a chancella de qualquer falso levita.

E' o maior poeta d'este seculo. Ha mais de meio seculo que este homem extraordinario ergue a voz ora serena como a de Virgilio para cantar os amores suaves, ora enthusiasmada como a de Beranger. O seu evangelho funda-se n'estas tres palavras: Deus, o Amor, a Liberdade. Trindade santissima, perante a qual todo o ser se descobre e sauda sorrindo o futuro, sempre para nós risonho, em quanto para outros é empanado pelos vapores negros do abysmo que entenebreceu o cerebro de Pascal.

No drama Victor Hugo não é o maior de todos. Mas ninguem como elle soube arrancar á historia os seus personagens para os levar ao palco. *Cromwell* é esplendido. *O rei diverte-se* é o latego da indignação que um bufão descarrega despiedoso sobre os lombos conspurcados d'um rei devasso. *Lucrecia Borgia...* é uma pagina da historia dos Borgias.

No romance é ainda Hugo o *inimitavel*. *Nossa Senhora de Paris*, enriquecido com um estudo serio e summamente instructivo sobre a cidade de Paris, é o assumpto do drama a *Esmeralda*. *Os Miseraveis* é a historia enthusiasmada perante a espada invencivel do côrso; é a historia das luctas de 1830, e é sobretudo um modelo da regeneração do criminoso pelo trabalho honrado, n'aquelle forçado sublime. Quereis assistir ás luctas do homem com os elementos? Lêde os *Homens do mar*. Quereis saber o que é a miseria, vós que viveis na abundancia? Lêde o *Homem que ri*. E o *Noventa e tres*? Contemplae ali os paes da Revolução: vêde Marat, o severo; Danton o compassivo, que ruge como o leão e chora como a creança. E Robspierre e Cimordain, toda uma legião d'heroes immaculados, que luctaram muito e soffreram mais, para que os homens d'hoje fossem livres, até para os insultar.

E' o homem extraordinario que tanto tem produzido, que sempre tem espancado as trevas, que quer a humanidade, não possuida, mas guiada, que nós ahi deixamos retratado pelas suas obras.

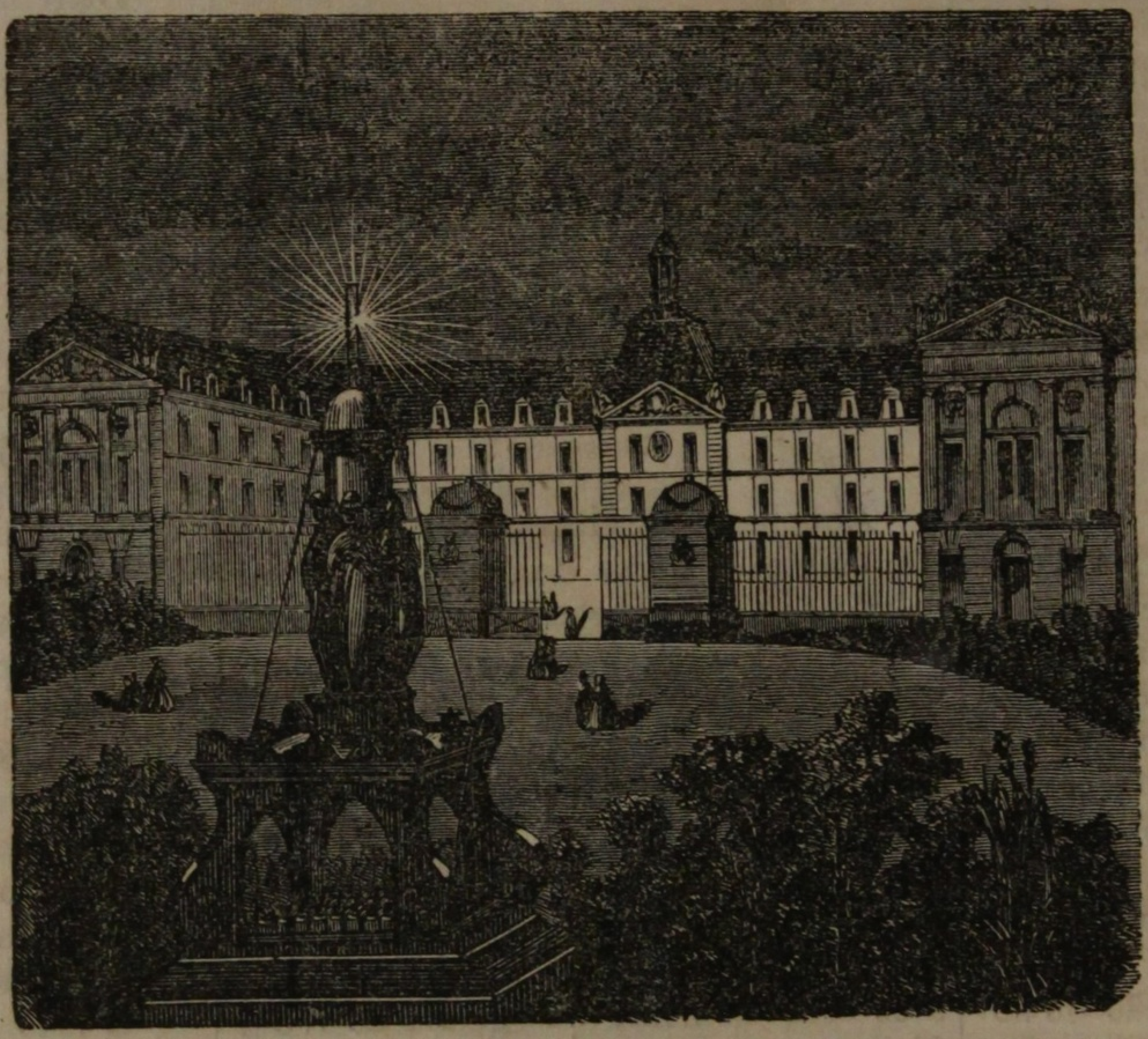
Hoje, que o jesuitismo faz a sua propaganda com a protecção do governo, cremos ser um verdadeiro serviço feito á democracia a appresentação de estas obras, o evocamento d'este sol, no meio da escuridade crescente que nos rodeia.

Garibaldi luctou com a espada: Victor Hugo com a penna. Ambos se immortalisaram. Aos immortaes antigamente concedia-se a adoração.

Heliodoro A. Salgado

A ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

A illuminação electrica não passa do emprego do arco luminoso resultante da descarga electrica d'uma forte pilha voltaica, para produzir uma fonte poderosa d'illuminação.



ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

A corrente electrica estabelecida entre as duas extremidades separadas de um fio conductor faz brilhar entre estas duas extremidades um arco d'um grande esplendor luminoso, que não é mais do que a faisca electrica que tomou largo desenvolvimento pela grande massa d'electricidade devida a uma pilha muito forte de que se usa

E' entre as duas hastes de cobre collocadas nas extremidades dos dous conductores, isto é, nos polos da pilha, que se produz o arco luminoso proveniente da recomposição dos dous fluidos.

Quando se empregam de quarenta a cincoenta elementos da pilha de Bunsen, o arco luminoso tem uma intensidade prodigiosa.

A illuminação pela pilha voltaica ainda não se tem posto em pratica: só é usada em casos especiaes, como por exemplo para produzir, nos theatros ou nas festas publicas, bellos effeitos de luz.

A principal difficuldade que obsta a que se consagre a lampada electrica á illuminação particular é o seu mesmo excesso d'intensidade. Para se produzir luz electrica é necessario, pelo menos, o emprego de quarenta elementos de Bunsen e o menor foco luminoso que se produziu assim não pode depois ser reduzido, pois seria necessario subdividir

em pequenas fracções esta intensissima luz, para ser repartida por differentes partes.

Esta circunstancia é tanto mais lastimavel, que a luz electrica seria o mais economico de todos os systemas de illuminação.

GOUNOD

O auctor do *Fausto* só á força de vontade, de trabalho, de esforços incriveis, chegou á alta posição que hoje occupa no mundo artistico. Aos desenove annos recebeu no conservatorio de Paris o primeiro premio de composição musical.

Em 1843 partiu para Roma, para estudar a fundo os segredos da divina arte, e ali, cercado dos mysticismos da egreja, insinuou-se-lhe pela primeira vez na alma ardente d'artista apaixonado o gosto pela musica sacra.

De volta a Paris, sem mais bagagem do que um apurado gosto e uma vontade energica, teve de mudar de carreira, obrigado pelas circunstancias do momento. Influenciado pela celebre Paulina Viardot, que lhe abriu as portas da Opera, abandonou a primeira tentativa e dedicou-se ao theatro. Foi ahi que alcançou a consagração que era devida ao seu talento privilegiado.

Sapho foi a sua primeira opera, que não foi coroada de grande successo; mas passando para o Theatro Lyrico, deu ahi o *Fausto*, que o recompensou amplamente. Em seguida deu *Romeo e Julietta*, que foi o remate do seu pedestal artistico.

Gounod viu então a seus pés todos os directores das scenas lyricas e todos os editores de musica da grande capital franceza. Estava feita a sua reputação.

A ultima composição do celebre maestro é o *Tributo de Zamora*, opera cheia de musica deliciosa, em que o grande compositor derrama á flux os primores do seu genio poderoso e fecundo.

Gounod é hoje o mais inspirado dos compositores musicaes. A arte nas suas mãos tornou-se vara que prende e arrebata os corações.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO II

S. MIGUEL ARCHANJO

Continuação

IV

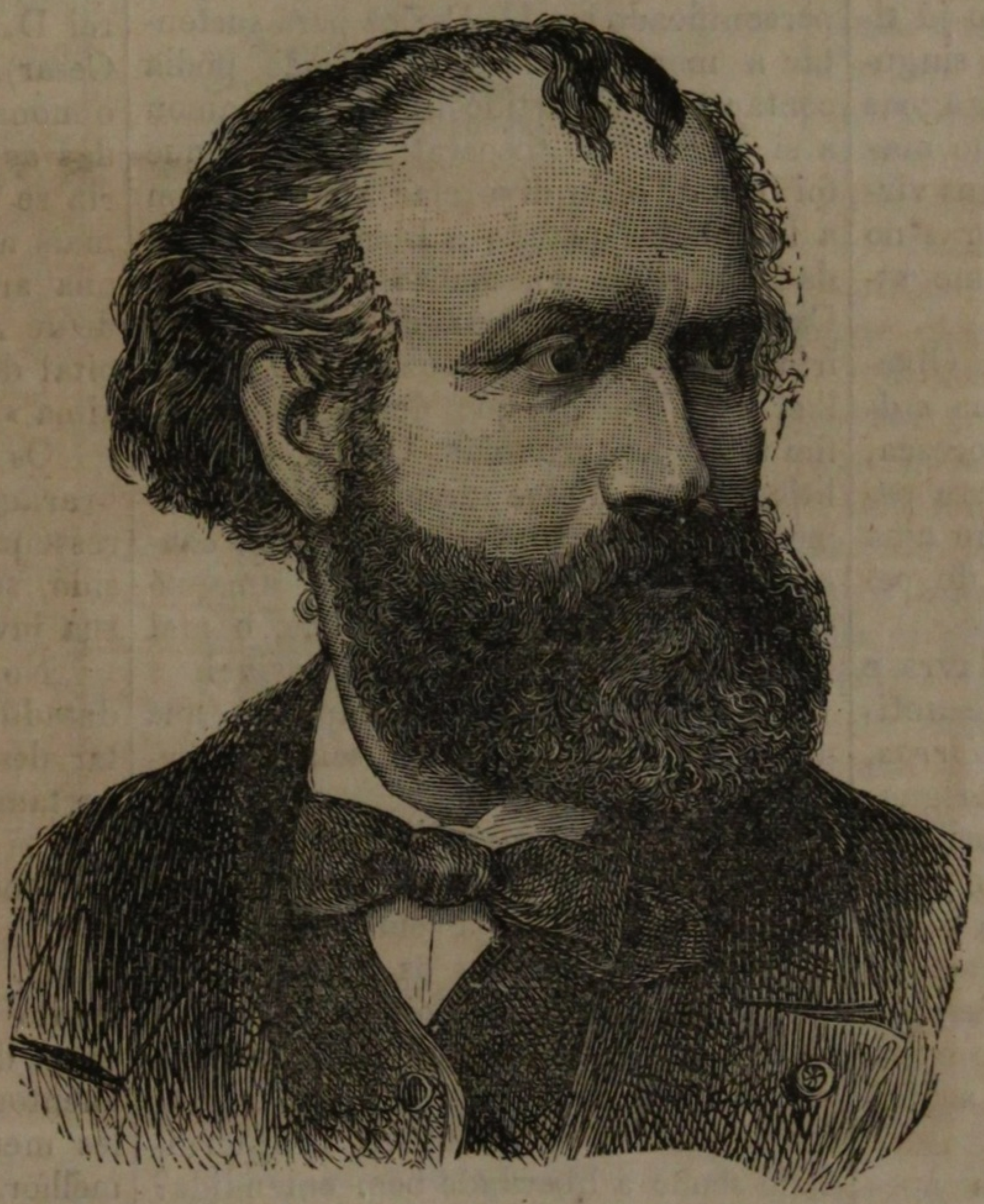
D. Pedro voltou a casa com as lagrimas nos olhos.

—Minha filha, disse-lhe abraçando-a; é necessario consultar um medico.

Adelaide estremeceu.

—Para que! disse tristemente. E' tudo inutil.

—Não, não! atalhou o pae. Eu quero que elle te veja. Já lhe mandei recado e hade vir esta tarde.



GOUNOD

A joven ruborisou-se, como se todo o sangue das suas veias lhe affluisse ao rosto.

—Não me verá, disse com firmeza.

—Adelaide!...

—Nem elle nem ninguem deve saber o que succedeu na noute do 1.º de junho.

—Que dizes?!... exclamou D. Pedro. N'essa noute foi esta casa saqueada pelos austriacos.

—E' exactamente. Pois eu dormia... eu não sabia o que se passava. Quando acordei... Ah! meu pae! Creia que eu dormia! Foi só quando acordei...

D. Pedro soltou um grito agudo; cobriu o rosto com as mãos e depois exclamou:

—Comprehendo tudo!

E apertando a filha entre os braços:

— Tens rasão, infeliz. O medico não deve saber o que se passou n'essa noute maldita!

—Pela alma de minha mãe, juro que estava dormindo! repetiu Adelaide.

—Acredito, respondeu o pae. Sei que és incapaz de mentir.

Depois, fazendo um esforço terrivel como se temesse que as palavras que ia dizer lhe queimassem os labios:

—Quem foi o infame que?... perguntou.

—Só vi um rosto trigueiro e um uniforme branco que tinha as insignias que distinguem os officiaes. N'aquelle momento perdi os sentidos.

—Meu Deus! Meu Deus! Eis o que estava reservado á minha velhice! O terrivel castigo de que um pae não possa vingar a affronta por não conhecer o miseravel que lh'a inflingiu!... A necessidade que tem d'evitar a presença dos mais homens, na horrivel duvida se entre elles estará o infame ladrão da sua honra!...

E, ao pronunciar estas terriveis palavras, D. Pedro ergueu as mãos tremulas para o ceu; depois baixou a cabeça e permaneceu silencioso alguns momentos, ao cabo dos quaes disse:

—Adelaide, pobre filha da minha alma! E' preciso partir, afastar-nos de aqui, onde acabaria por se saber a nossa deshonra quando terminar o praso natural de seres mãe.

—Uma mãe sem esposo!... Meu Deus, que vergonha!

V

Adelaide e seu pae, sob pretexto de que a mudança d'ares podesse ser proveitosa á enferma, abandonaram a aldeia no dia seguinte e tomaram o caminho de Madrid.

A infeliz menina estava ferida de morte. Quando a parte moral não ajuda a parte physica, é inutil tudo quanto se intentar para a salvação d'um ente que soffre.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

Continuação

XI

A MÁMOA DE OLVEDA

Irritado por aquella delicadeza de Florentina, que eu attribuia a um notavel desprezo, tratei de me dominar e romper por uma vez com ella, despedindo-a definitivamente do meu serviço n'aquella mesma noute, como já tinha resolvido tantas vezes. Era singularissimo o meu empenho em ver agoas turvas n'aquelle lago puro como manancial crystalino das nossas fragas virgens. Sempre julgava ver sombras no fundo de tanta luz como a que me attrahia.

Chegámos a Santa Maria de Olveda, e já nos esperava o jantar na *mámoa*, collina summamente pintoresca, formada artificiosamente com terra pelos nossos celtas primitivos, sobre uma das mesinhas mais illuminadas do penhasco do Ulla.

Meu tio Xavier tomou a palavra e começou a dar-nos uma lição de antiguidades sobre as *mámoas* ou *medorras*, primeiras sepulturas dos nossos brigantinos, como descendentes immediatos dos tubalitas, conforme a nossa mythologia historica; porém eu apenas o ouvia, porque me preoccupava mais da attitude de Florentina, a qual, desde a ponte de Casilmoure, já me não encarava por mais que eu procurava ardentemente os seus olhares.

Durante o jantar, Florentina apenas esteve um momento jovial. Sombria, envolta em si mesma como a rosa no seu casullo ao cahir das primeiras sombras da noute, parecia que tinha uma ferida na alma, porém uma doce ferida que concentrava toda a sua espiritualidade.

Minha tia, o medico e o capellão, que questionavam sobre politica, tornaram geral a conversação e metteram-nos a todos n'esse labyrintho de Creta, que se chama a *cousa publica*. Todos fallamos, todos, de politica... Oh prodigio da epoca!...

Florentina fallou então, serena e pausadamente:

—Filha d'um chefe de D. Carlos, disse, são-me indifferentes as pessoas. Em politica não ha pessoas, não ha mais que principios; isto é, o elemento civil e o elemento clerical, sempre em pugna aberta desde o começo das sociedades até ao fim. As pessoas! as pessoas valem tão pouco, que talvez antes de morrer veremos abraçar-se Isabel II em seu tio. Pouco importa que um rei diga: *O estado sou eu*. N'isto não se vê o rei, quer se chame Luiz XIV, ou como quizer; n'isto não se vê mais do que o principio monarchico absoluto em contraposição ao principio monarchico constitucional, que diz: *O estado somos nós todos*. O primeiro principio é contrario á civilisação moderna, filha das doutrinas de Jesus Christo, pois elle proclamou que *todos somos filhos d'um mesmo pae*, e d'aqui as suas leis eternas *igualdade* e *fraternidade*. Pois bem: na guerra civil disputaram-se estes dous principios, ainda que parecia que se disputavam as pessoas de D. Carlos e de D. Isabel II. O primeiro principio, personificado em D. Carlos para sustentar a monarchia absoluta, não podia contar com o partido liberal e chamou a si o elemento theocratico. Este é que foi o mal, o de divorciar a egreja com a liberdade, quando a liberdade é filha das doutrinas do manso cordeiro do Calvario, que fizeram do pobre nosso irmão, que deram personalidade á mulher e ao colono, que derribaram emfim todas as tyrannias. O mal, em politica, está n'esse divorcio. Desde o momento em que se fizeram *duas causas d'uma só causa*, porque uma só causa é a egreja e a liberdade, o mal da patria não tem remedio possivel.

—Como! exclamou o capellão, que não pode existir a egreja sem a liberdade?

— Não, proseguiu Florentina imperturbavel; não pode existir a liberdade sem a egreja, a egreja sem a liberdade. A egreja veio libertar os servos, a tornar *pessoa* a mulher, pois antes de Jesus Christo era uma cousa; a egreja proclamou a igualdade e a fraternidade; o que é a igualdade e a fraternidade senão a liberdade bem entendida? Ama o teu proximo como a ti mesmo; não queiras para outrem o que não queres para ti; é isso mais do que a liberdade bem entendida? Seguindo esses preceitos, não conhecem todos que é impossivel existir um unico tyranno? Estas palavras divinas não extinguem toda a tyrannia? Os senhores bem sabem que está escripto: *aquelle que opprimir, morrerá por seu turno opprimido*.

Então Florentina, ao dizer isto, fixara em mim os olhos com intenção, e eu que pedia um olhar d'ella, baixei os meus como deslumbrado.

Tanto mais nos impressionavam as palavras de Florentina, quanto que as pronunciava com a maior simplicidade, sem pretenções, sem emphase. Um politico, para dizer tudo aquillo que ella dizia em synthese, teria tardado doze dias e teria tomado oitocentos copos de agoa assucarada.

Continua

GAFARIAS

—

Continuação

E' pasmoso o numero de gafarias que havia em Portugal. Varios documentos alludem a esses institutos, fundados, segundo todas as conjecturas, ahi por principios da monarchia, quando o ardor das cruzadas, que tornavam necessarios aquelles hospitaes, andava mais accesso e o zelo religioso tocava as raias do fanatismo.

Segundo todas as probabilidades, o primeiro documento portuguez que falla dos leprosos é o testamento d'el-rei D. Sancho I, feito em 1209 (era de Cesar). N'elle se refere por duas vezes o monarca aos gafos de Coimbra. «Todas as mais cousas de minha repostaria se deem aos gafos de Coimbra.» E mais abaixo: «Dei alem d'isto da minha arca dez mil maravadis ao abbade de Alcobaça, dos quaes faça um hospital de Gafos em Coimbra por minha alma.»

Os reis seguintes tambem se lembraram dos leprosos, e talvez concorresse para esta tendencia o facto de ter sido, segundo tradicção, Affonso II na sua juventude atacado de lepra.

No testamento de D. Affonso II, datado de 1221, lê-se: «E do que restar desta minha terça, mando que repartam, e dispendam com as egrejas pobres do meu reino, pontes, e Leprosos, como mais lhe parecer conveniente.»

D. Sancho II deixou no seu testamento esta verba: «Deixo a todas as casas dos Lazaros do meu reino quinhentos maravedis, divida-os entre elles meu testamenteiro como vir que é melhor.»

Nas inquirições reaes de 1310, no julgado da Maia, e na freguezia de S. Vicente de Queimadella, se mandou ficar como estava a Ferraria, que traziam por honra *todos os gafos de Alfena*, porque tinha sido de D. João Peres da Maia. Joanne Annes fez o seu testamento no anno de 1377, e n'elle deixou aos gafos de Lamego cinco soldos.

Em 1383, Pedro Pires, meio prebendado na sé de Lamego, tambem por seu testamento deixou aos gafos por amor de Deus cinco livras, e mais um alqueire d'azeite para a alampada. E finalmente Luiz Gonçalves, meio-conego na mesma sé, encabeçou em 1428 a Gonçalo Gonçalves no praso que trazia da vinha de Sapos, que era dos gafos.

Ha outros documentos de que cons-

ta a existencia das gafarias em diversas terras do reino.

No Porto, o hospital dos palmeiros, sito na rua da Biquinha, por detrás da capella de S. Chrispim, demolida ha poucos annos, quando se abriu a rua Mousinho da Silveira, era a gafaria do burgo e ficava contigua a este, encostada quasi aos seus muros, não os que foram edificados nos reinados de D. Affonso IV e seus successores, mas os do primitivo burgo, que pouco mais era do que o pincaro do monte da Sé, coroado do castello, que era a um tempo fortaleza e egreja. Os hospitaes de palmeiros tinham sido instituidos com o fim de n'elles se albergarem os peregrinos que iam ou vinham da Terra Santa, e receberam a denominação de palmeiros em rasão de os peregrinos que recolhiam de Jerusalem trazerem como distinctivo palmas colhidas em Jerichó.

O chronista Frei Manoel da Esperança menciona uma escriptura do anno de 1247, em que se falla d'aquelle hospital, ou gafaria, que elle diz não ficava muito distante do convento de S. Francisco, allusão evidente á albergaria da Biquinha; mas áquelle sitio chamavam então a ponte de S. Domingos, porque havia ali uma ponte lançada sobre o rio da villa, e eram os terceiros franciscanos seculares os que cuidavam dos doentes recolhidos n'aquelle hospital.

Continua

A TECEDEIRA

Tecia uma teia nova,
Tecia-a no meu tear,
Quando vi o condesinho
Junto á janella parar.

Era elle moço bem feito,
Cabello louro, alva côr,
Olhos azues, voz affavel,
Mas doudo em cousas d'amor.

Parou; depois encostou-se,
Sorrindo, ao meu peitoril:
—Sempre a tecer, tecedeira!
Até em manhãs d'abril!

Isto disse elle, e eu calada
A tecer sem lhe fallar;
Elle em mim postos os olhos,
Que eu bem lhe sentia o olhar.

—Então, então, tecedeira,
Nem bons dias me darás?
—Pois bons dias, senhor conde,
E olhe se me deixa em paz.

—Vem comigo, tecedeira,
Pára um pouco de tecer:
Ha tantas flores no campo,
Que appetece il-as colher.

A' Virgem, minha madrinha,
Eu puz-me então a cantar:
Nossa Senhora, livrae-nos
De quem nos anda a tentar.

—Tentas-me tu, feiticeira,
Tentas-me com teu rigor;
Tens o coração fechado,
A chave, onde a irias pôr?

—Meu coração não se abre,
Como vós outros julgaes,
Com palavras traiçoeiras,
Com promessas desleaes.

—Qual é pois, ó tecedeira,
A chave que o hade abrir?
—Tem segredo a fechadura,
Que não hade descobrir.

—Segredo tem que me occulta
Com cruel ingratidão,
E que irás revelar breve
A qualquer pobre aldeão.

—A pobreza não avilta:
Porém se não pensa assim,
Repare bem que eu sou pobre;
Não se chegue para mim.

—Tecedeira, tecedeira,
Como heide viver sem ti?
—Não tem que saber, menino;
E' viver como até aqui.

—Quanto mais és rigorosa,
Tanto mais eu te heide amar.
E, dizendo estas palavras,
Ia a entrar no meu tear.

Eu levantei-me tão séria,
Que elle, sem querer, parou;
—Mais devagar, condesinho,
Tal confiança lhe não dou.

'Stava socegada e quêda,
Tecendo no meu tear;
Fuja d'aqui, condesinho,
E não me venha tentar.

Para que lhe dê ouvidos
Ponho eu uma condição.
—Qual? —Ou heide ser condessa,
Ou o senhor tecelão.

—Tecelão? Eu te prometto
Que tecelão me farei,
Porque vou tecer tal teia,
Que n'ella te enredarei.

—Teça, teça, condesinho,
Que outro tanto farei eu,
A ver quem faz melhor teia,
Se é o seu tear, se o meu.

Partiu; mas ai! com tal arte
Soube elle a teia tecer,
Que nas malhas do tecido
Eu me enredei sem querer.

Mas não me dei por vencida,
Que no meu tear teci
Os vestidos de condessa
Com que depois me vesti.

A MARSELHEZA

(EXCERPTO)

Continuação

Estas palavras eram cantadas em notas ora graves, ora agudas, que pareciam rugir no peito com fremitos surdos de colera nacional, depois com o jubilo da victoria. Tinham um não sei que de solemne como a morte, de sereno como a immortal confiança do patriotismo. Dir-se-ia um echo das Thermopylas. Era heroismo cantado.

Ouvia-se n'elle o passo cadenciado de milhares de homens marchando juntos á defeza das fronteiras no solo sonoro da patria, a voz plangente das mulheres, o vagido das creanças, o relincho dos cavallos, o silvo das chammas do incendio, devorando os palacios e as choupanas; depois os golpes surdos da vingança ferindo e tornando a ferir com um machado e immolando os inimigos do povo e os profanadores do solo. As notas d'esta aria escorriam como uma bandeira embebida em sangue ainda quente em um campo de batalha. Faziam estremecer; mas o estremecimento que corria com as suas vibrações pelo coração era intrepido. Davam o impulso, velavam a morte. Era a *agoa de fogo* da revolução, que ia distillando nos sentidos e na alma do povo a embriaguez do combate.

Todos os povos ouvem em certos momentos brotar assim a sua alma nacional em accentos que ninguem escreveu e que todos cantam. Querem todos os sentidos levar o seu tributo ao patriotismo e animar-se mutuamente. O pé marcha, o gesto anima, a voz inebria o ouvido, o ouvido agita o coração. O homem todo se transforma em um instrumento de enthusiasmo. Torna-se a arte santa, a dança heroica, a musica marcial, a poesia popular. O hymno, que se arroja n'esse momento de todas as bocas, não póde já morrer. Não o profanam nas occasiões vulgares. Similhante a essas bandeiras sagradas, suspensas das abobadas dos templos e que só d'alli se tiram em certos dias, guarda-se o canto nacional, como uma arma extrema, para as grandes necessidades da patria. O nosso recebeu das circumstancias em que brotou um caracter particular, que o torna a um tempo mais solemne e mais sinistro: a gloria e o crime, a victoria e a morte pareciam entrelaçados nos seus estribilhos. Foi o canto do patriotismo; mas foi tambem a imprecação do furor. Conduziu os nossos soldados á fronteira; mas acompanhou as nossas victimas ao cadafalso. O mesmo ferro defende o coração do paiz na mão do soldado e assassina as victimas na mão do algoz.

A *Marselheza* conserva uma sonoridade de canto de gloria e de grito de morte; glorioso como o canto, funebre como o grito, tranquilisa a patria e faz descorar os cidadãos. Contemos a sua origem.

Continua

LAMARTINE

PILATRE DE ROSIER

João Francisco Pilatre de Rosier foi um sabio physico e aeronauta, nascido em Metz em 1756. Tendo-se dedicado ao estudo das sciencias naturaes, cursou a chimica em Reims e chegou a ser conservador do gabinete de historia natural do conde de Provença (Luiz XVIII).

A descoberta dos irmãos Montgolfier enthusiasmou-o a ponto de o fazer abandonar todos os mais estudos.

Ao cabo de muitas ascenções felizes, emprehendeu, de companhia com Romain, atravessar a Mancha, e partiu de Bolonha em 15 de junho de 1785. Mas o fogo pegou-se ao balão e os dous sabios morreram, cahindo de mil e setecentos metros d'altura na aldeia de Marquise, onde está o seu tumulo.

ZIG-ZAGS

O OVO

O ovo entre os povos antigos era considerado o principio de todas as cousas

Os gregos antigos, d'acordo com os egypcios, imaginaram que sendo o ovo o principio da fecundidade, todas as forças da natureza estavam concentradas em um germen primitivo, que devia ter apparecido sob a forma d'um ovo. Orpheu, o cantor hellenico, adoptou essa mesma ideia e deu até á terra a forma d'um ovo.

O ovo representa um papel mysterioso em todas as religiões antigas. Os persas celebram ainda a festa do anno novo dando-se mutuamente ovos pintados. Como entre elles o anno começa no dia 20 de março, pensa-se que foi d'ahi que veio o uso de dar os ovos pela Paschoa, costume que ainda se usa em muitas nações. O dos ovos pintados até nas nossas aldeias se usa, tanto pelo Natal como pela Paschoa.

A rigorosa observação que outr'ora se fazia da quaresma prescrevia o uso dos ovos. Como desforra pois d'aquella abstinencia de seis semanas, usava-se no sabbado d'alleluia mandar benzer todos os ovos guardados durante a quaresma e distribuil-os pelos amigos no domingo de Paschoa. Os ovos eram pintados de côres diversas; mas as preferidas eram a amarella, violeta e vermelha.

PILATRE DE ROSIER

Na côrte de França, no tempo de Luiz XIV e Luiz XV, usava-se levar para o quarto do rei, depois da missa solemne do domingo de Paschoa, grandes pyramides d'ovos, dourados. O monarca distribuia-os depois aos fidalgos da côrte, costume que ainda hoje vigora na Russia.

Principiou mais tarde a usar-se, em vez d'ovos, distribuir presentes d'outras especies.

Os romanos começavam os seus banquetes por um serviço d'ovos. Cicero, Catullo, Horacio, Varrão, comiam á mesa de Mecenas, de Lucullo, á de Cesar até, e os jantares começavam sempre por um ovo fresco, assim como terminavam pela sobremesa, em que as maçãs representavam um papel muito importante, o que deu logar ao proverbio: *Ab ovo usque ad mala.*

—

RESPOSTA OUSADA

Lopo Soares de Albergaria succedera no governo da India ao grande Affonso d'Albuquerque. No tempo do seu governo aconteceram aos portuguezes alguns revezes em aquellas partes, revezes que o explendor das victorias d'Albuquerque tornava tanto mais notaveis.

Voltando Lopo Soares ao reino, foi mal recebido d'el-rei e dos cortezãos, o que fez com que logo saísse da côrte, retirando-se para Torres-Vedras. Passados tempos mandou-o el-rei chamar. O Albergaria, irado pelo mau tratamento que recebera, respondeu ao mensageiro:

—Dizei a S. A. que se me manda chamar para me cortar a cabeça, que n'esta villa tem pelourinho; se para me tomar a fazenda, que lá a tem na casa da India; se para me fazer mercês, que eu as escuso.

Esta resposta não moveu a colera d'el-rei; mas tambem não o incitou a premiar os serviços de Lopo Soares, que morreu esquecido, como aconteceu a muitos outros capitães portuguezes, que mais meritos e serviços tinham do que elle.

—

A NATUREZA, A MULHER E OS LIVROS

Mysterioso nó o que liga a natureza, a mulher e os livros! N'aquella admira-se, na segunda adora-se e nos ultimos aprende-se. Magnifica trindade que se impõe aos sentidos, ao coração e á intelligencia!

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Pedimos ao nosso ex-correspondente na Gollegã o favor de responder ás cartas e bilhetes postaes que lhe temos mandado pedindo-lhe as contas das folhas enviadas. Se continuar a desprezar as nossas justas reclamações, deixaremos de ter mais considerações para quem nenhumas tem comnosco.

Esperamos porém que este aviso seja o sufficiente para o fazer entrar no caminho do dever.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 13 DE JULHO DE 1882 | NUMERO 98

SUMMARIO

Texto: — D. Carlos Mascarenhas — A vingança d'um morto (romance) Peccadora (poesia) por Abilio Maia — Os arabes — Os dramas do mar: Bontekoe — O papagaio electrico — Ricardo Wallace — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — O conde d'Amarante (romance) — A marselheza (excerpto) por Lamartine — A Camões (poesia) por D. Antonia Pusich — Gafarias — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Labiche — Zig-Zags: As galinhas sagradas — O cavalleiro negro — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — D. Carlos Mascarenhas — O papagaio electrico — Ricardo Wallace — Labiche.

D. CARLOS MASCARENHAS

D. CARLOS MASCARENHAS

—

O retrato que hoje se publica é de um dos varões mais prestantes, d'uma das maiores glorias do exercito portuguez.

Descendente d'uma familia illustre, onde cada um dos seus maiores conquistou com a espada os titulos da sua nobreza, D. Carlos Mascarenhas, fiel ás tradicções honradas de seus avós, não foi procurar aos archivos da sua casa os pergaminhos com que nobilitasse o seu nome; foi nos campos da batalha que escreveu com a ponta da espada as brilhantes paginas da sua biographia.

Foram seus paes o sexto marquez de Fronteira e a condessa D. Leonor de Oeynhausen. Sentou praça aos desoito annos no regimento de cavallaria 4, de que era commandante seu tio o conde de Oeynhausen, D. João.

Quando a causa de D. Miguel triumphou, D. Carlos, que não passara de simples soldado, foi mandado sahir do reino por se mostrar desaffecto á causa do absolutismo; emigrou para Inglaterra em 1828, acompanhando o seu general, o conde de Villa Flor, de quem fôra nomeado ajudante depois que D. Pedro IV deu a Carta Constitucional.

Foi um dos bravos do Mindello e fez toda a campanha liberal, mostrando-se sempre um militar valente e austero, fiel aos seus principios e zeloso mantenedor da disciplina. Em todos os cargos que occupou, sendo um dos mais importantes o commando da guarda municipal de Lisboa, se mostrou digno da confiança que n'elle depositaram os seus superiores.

Quando acabou a menoridade de el-rei D. Pedro V, e que se organisou a sua casa militar, foi D. Carlos nomeado seu ajudante de campo, e como ainda não era brigadeiro effectivo, foi-lhe dado o commando do 2 de lanceiros, seu antigo regimento, tendo por tenente coronel sua alteza real o snr. infante D. João, o qual tinha a maior sympathia pelo seu commandante, e este a maior dedicação pelo seu augusto subordinado.

Sendo promovido á effectividade do posto de brigadeiro, entregou o commando ao snr. infante D. João, que o foi substituir, e continuou a exercer o cargo de ajudante de campo d'el-rei D. Pedro V.

Foi no desempenho d'esta commissão que a morte veio pôr termo a uma existencia tão preciosa. Estando de serviço no paço, recolheu a casa no fim da semana, já ferido da fatal doença que o havia de prostrar no tumulo, contando apenas cincoenta e oito annos de idade.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO II

S. MIGUEL ARCHANJO

IV

Continuação

Um dia, o ultimo em que sahiu á rua, entrou na egreja, apoiada no braço de seu pae, para pedir a Deus que lhe encurtasse os padecimentos e que desse ventura e paz á creatura que trazia no ventre.

Em um dos momentos em que os seus olhos se cravaram no altar, buscando uma imagem piedosa a quem dirigisse suas ferventes supplicas, Adelaide lançou um grito e cahiu desmaiada nos braços do pae. Ajudado por outras pessoas que estavam no templo, D. Pedro tirou-a para a rua e em uma cadeirinha a fez conduzir a casa, onde chegou em gravissimo estado.

O medico declarou que nada havia a fazer e aconselhou o pae que a mandasse sacramentar.

Adelaide, essa tarde, vendo a morte proxima, indireitou-se no leito, chegou para si a cabeça nevada de seu pae e disse-lhe:

—Sabe porque exhalei aquelle grito de manhã na egreja?

—Falla, minha filha... minha pobre Adelaide.

—Foi porque, ao levantar os olhos, dei com uma imagem de S. Miguel, que estava no altar a cujos pés oravamos...

—E depois?

—E aquella imagem... veja o que faz o acaso, é um vivo e exacto retrato do homem que cavou a ruina...

—Basta, minha filha. Já te comprehendo.

Adelaide, feita aquella confissão, inclinou a cabeça sobre o peito do ancião.

Este estremeceu.

Estava morta.

CAPITULO III

O NINHO ABANDONADO

I

D. Pedro voltou á aldeia natal, da qual estivera ausente apenas mez e meio.

Os que o tinham visto partir e o viam agora chegar diziam que n'aquelles quarenta e cinco dias havia vivido muitos annos. Quando a velhice se antecipa, a morte avança a todo o galope.

D. Pedro não conheceu inteiramente a tristeza da sua situação senão quando entrou em casa. Pareceu-lhe que entrava no sepulchro; desde aquelle dia ficou inutilisado para tudo.

Desde o nascimento de Adelaide, só para ella tinha vivido; Adelaide era para o seu coração o que uma filha é para um pae.

Tinha vivido uma vida doce, tranquilla e aprazivel, sem os desgostos que d'ordinario a amarguram, sem as afflições que fazem desejar a morte: uma vida emfim que não teria trocado pela faustosa existencia d'um magnate, nem por todo o poder absoluto d'um imperador. Aquella vida tinha um sol que a animava, uma aura perfumada que a tornava encantadora, um sorriso innocente que era a coroa d'aquella cabeça branca.

Um vil, um miseravel, apagou em um momento aquelle sol, fez com que aquella aurora cessasse, apagou aquelle sorriso, e as cans veneraveis d'aquella cabeça augusta iam em breve converter-se no pó esbranquiçado dos tumulos.

II

D. Pedro, ao partir de sua casa, deixou um ninho d'andorinha; quando tornou a entrar n'ella viu que o ninho se tinha transformado em sombrio carcere. Todos os objectos com que o seu olhar tropeçava pareciam que lhe perguntavam por Adelaide. O triste pae entrou no quarto da infeliz. Estava ali o seu livro d'orações, aberto ainda na ultima pagina que ella lera.

Triste coincidencia! Aquella pagina principiava com o *De Profundis*...

Ali estava, junto ao seu leito, a pia d'agoa benta com o ramo de palma benzido no domingo de Ramos; estava ali a sua costura, o seu colar com a cruz d'ouro, prenda do dia dos seus annos, os seus vestidos, as ultimas flores que colhera no jardim, murchas e seccas... tudo emfim quanto ella usava diariamente. Ali, por ultimo, estava o seu leito, aquelle leito que já não tinha a pureza da castidade; um leito profanado, cuspido, esbofeteado com os suspiros d'uma paixão insensata e infame, nascida ao resplendor do incendio, entre a pilhagem, ao som dos ais dos moribundos e das obscenas canções da orgia.

Aquelle leito incitava á vingança: aquelle leito podia ficar limpo; mas necessitava-se um braço forte e a casualidade. D. Pedro, velho e ferido no coração, não podia esperar d'um, nem de outro.

Já ninguem o via na povoação. Não sahia de casa. Além de que as forças lhe faltavam, receiava, tinha medo e vergonha de que os seus patricios lessem no seu rosto a sua deshonra.

Continua

PECCADORA

A FELICIANO FERREIRA

—

Tinha no suave olhar
A limpidez constante
Do eterno diamante,
O sol crepuscular.

Olhavam-lhes contentes
Os D. Juans fataes
As formas divinaes,
As formas sorridentes.

E então ella, coitada!
Nem suspeitava ao menos
Os asperos terrenos
Em que ia ser lançada.

Levaram-a, perdida!
Talvez a propria mãe!
(No lodo mau da vida
Ha mães assim tambem!)

Tiveram a lembrança
Terrivel e sombria
De lhe roubar um dia
A derradeira esp'rança.

E ella, ingenua, então,
Modesta e sem receio,
Uniu contra o seu seio
Qualquer um coração.

Sentiu desventurada
A chamma desditosa
Que leva insidiosa
A' vida desgraçada.

E agora no seu rosto
De tremula doçura
Occulta a formosura
Um intimo desgosto.

ABILIO MAIA

OS ARABES

—

Conclusão

Os habitantes do Hedjaz reconhecem o protectorado da Turquia; mas os beduinos independentes são governados por sheikhs, isto é, os homens mais velhos, respeitaveis pelo saber, auctoridade, virtudes e idade. Este titulo é dado não só aos chefes das tribus d'arabes e beduinos, mas tambem aos superiores das differentes ordens religiosas da Turquia, aos sabios, ao governador de Medina, e até ao proprio muphti.

Abu-Bekr, Omar, o monarca dos assassinos, e o primeiro bey mameluko do Egypto usaram esse titulo.

Os arabes professam o islamismo e seguem a lei do Alcorão, que é a um tempo o livro das doutrinas religiosas e o codigo das leis civis, militares, politicas e criminaes. Esta religião espalhada outr'ora no Oriente romano, na Persia, no Egypto, na Africa, na Hespanha, no archipelago indico, na China, na Tartaria e na Siberia, perdeu hoje muito do seu antigo prestigio.

Desde a mais alta antiguidade, os arabes imprimiram grandes progressos ás mathematicas, á astronomia, á physica e á philosophia, analysando-as, commentando-as, e, sobretudo, dissipando as trevas que envolviam aquellas sciencias. Devem-se-lhes numerosas obras sobre geographia, como é o systema desenvolvido de Ptolomeu, d'historia, de philosophia, segundo as doutrinas d'Aristoteles, e de poesia, cujos monumentos mais bellos são os *Sete Moallaquatos*, os *Makomatos* (sessões litterarias) e as *Mil e uma noutes*.

A poesia arabe primitiva é d'uma simplicidade magestosa, que algumas vezes se eleva até ao sublime. Attingiu o apogeu da sua gloria no tempo dos abassidas, cuja influencia fomentou por mais de quatrocentos annos as sciencias, as artes, tudo emfim que caracterisa uma civilisação adiantadissima; mas foi perdendo a pouco e pouco o seu caracter original quando quiz estudar e procurar os effeitos. Hoje, para dissimular a sua decadencia, procura as metaphoras para substituir a singela inspiração que a animava outr'ora.

Antes de Mahomet os poetas recitavam os seus versos nas festas e os vencedores liam os poemas escriptos em letras d'ouro por cima das portas da caba.

Os arabes citam ainda com orgulho os nomes dos sete poetas auctores dos *Moallaquatos*, de Caab, de Nabega, de Chanfara, de Akhtal, de Farasdaq, de Djerir, do auctor dos *Makomatos*, das *Mil e uma noutes*, etc.

Em medicina tinham adoptado o methodo de Galiano e forneceram medicos distinctos, que, pela maior parte, se illustraram igualmente nas outras sciencias, e entre os quaes nós citaremos os dous Mesne, Haly, Rhazés, Isaac, Avicenna, Albucosis, Avinzoar, Averrhoés, Algazel, etc. A astronomia foi cultivada com successo pelos arabes, e o seu kalifa Al-Mamun mandou, em 840, fazer instrumentos para aperfeiçoar aquella sciencia. Como astronomos teem Mohamed-Ben-Geber, Albategné, etc. Em philosophia applicaram-se a commentar, esclarecer os mestres, traduzindo-os: Euclides, Archimedes, Appollonius, Ptolomeu, e sobretudo Aristoteles. Os philosophos Alfarabi, Algazali, Alkendi, Avicenna, Averrhoés, etc., fazem-lhe honra. Em jurisprudencia teem o *Hedaya* (guia), que é o corpo mais completo das suas leis, tiradas principalmente do Alcorão e dos costumes arabes, traduzido em inglez por Hamilton.

Hadji-Khalfa pretende que os arabes tinham escripto mais de mil e trezentas obras de historia; mas quasi todas nos são desconhecidas. Os grammaticos, os commentadores, os scoliastas são muito numerosos. Quanto ás artes, o Alcorão não as protegia, e não foram cultivadas senão pelos arabes da Hespanha, ou sarracenos. Comtudo ainda se encontram na Arabia vestigios de monumentos, templos, mesquitas ou palacios, que provam que aquella nação possuia igualmente o gosto da architectura. Cultivaram a musica com bastante successo, e Alfarabi deixou um livro sobre a divina arte. Em physica devemos aos arabes a invenção dos instrumentos para distilar as agoas, e nas mathematicas, o nosso systema de numeração e a algebra.

Desde longo tempo, os arabes, que se compraziam em dar hospitalidade em suas tendas aos poetas e sabios infelizes, cahiram na impotencia e na ignorancia, e foi em vão que Mehemet-Ali tentou fazer renascer entre elles o amor das bellas-letras, das sciencias e das artes.

OS DRAMAS DO MAR
II
BONTEKOE
VII
UMA ESPERANÇA

Continuação

Resolveram então ir ver se o capitão estava morto, ou se ainda vivia. Bontekoe, durante a noute toda, não tinha, nem mesmo para se queixar, soltado uma palavra. Vivia porém e até ia um pouco melhor.

—Capitão! gritou-lhe Rol. Para onde havemos de dirigir-nos? Nada de terra por estas proximidades; não apparece uma vela; e nós estamos litteralmente sem viveres, sem mappas e sem bussola.

—Vós fostes os culpados, respondeu Bontekoe. Porque não seguistes o conselho que vos dei hontem á noute? Porque não vos deixastes ficar toda a noute junto da catastrophe? Em quanto eu estava agarrado ao mastro, onde me encontrastes, vi boiar ao pé de mim talhadas de toucinho, queijos e todas as especies de comestiveis. Esta manhã ser-vos-ia facil recolher tudo e durante alguns dias pelo menos não estarieis expostos a morrer de fome.

—Andamos mal, é verdade, disse Rol; mas merecemos desculpa. Estavamos como doudos; ninguem sabia o que fazia. Agora, porém, faça um esforço, capitão; pedimos-lhe que se levante da cama e venha guiar-nos.

Bontekoe fez um esforço para se levantar; mas breve cahiu de novo.

—Já veem que me é impossivel, disse elle. Sinto o corpo tão alquebrado, que não me tenho de pé.

Os marinheiros insistiram e levaram-o ao collo. Bontekoe sentou-se no tombadilho e perguntou que viveres ha-

via a bordo. Mostraram-lhe sete ou oito arrateis de biscouto.

—Cessae de remar! gritou o capitão.

—Porque?

—Porque esgotareis inutilmente as forças sem ter com que as reparar.

—Mas então vamos morrer sem fazer um esforço para fugir á morte? perguntaram os marinheiros desesperados.

—Reunireis todas as camizas que trazeis e com ellas fareis uma vela grande, cosendo-as umas ás outras com fio de carrete. Com o que vos crescer fareis escotas e amarras. Isto para ambas as embarcações. Quando nos fôr possivel navegar á vela, menos nos fatigaremos. Depois só Deus nos poderá guiar, e provavelmente Deus, que nos tem poupado até este momento, terá piedade de nós até ao fim.

A ordem dada pelo capitão executou-se sem demora.

Em quanto os marinheiros trabalhavam em fazer as velas, Bontekoe contou-os. Eram oitenta e seis os que estavam na lancha e vinte e seis no bote.

Os marinheiros, terminada a tarefa, lembraram-se do capitão.

Havia na lancha um colchão e um capote azul. Cederam-lh'os em attenção á sua situação excepcional; depois o cirurgião, que por fortuna tinha escapado, lembrou-se de cobrir-lhe as feridas com biscouto mastigado e isso fez-lhe muito bem.

VIII

A' VELA

Durante aquelle dia, e em quanto as velas não podiam ser empregadas, aquelles desgraçados abandonaram-se ao movimento das ondas.

A' noute as velas ficaram nos seus logares e o vento impelliu os barcos.

Era o dia 20 de novembro.

Por fortuna n'aquelles tempos os navegadores guiavam-se através dos mares quasi desconhecidos pelo curso dos astros. Bontekoe conhecia perfeitamente o levantar e o pôr do sol. Entretanto, n'aquelle dia e nos immediatos, entraram de reconhecer a insuficiencia d'aquelles guias celestes e trataram de construir um quarto de circulo para tomar as alturas.

O latoeiro do navio, Tennis Sybrantes que tinha um compasso e possuia alguns conhecimentos da maneira como a flexa devia ser marcada, emprehendeu essa obra difficil; emfim, com a ajuda de todos, contribuindo uns com a sua intelligencia e outros com o seu trabalho manual, vingaram fazer um quarto de circulo, de que podiam servir-se.

Bontekoe gravou em um pedaço de taboa a carta maritima: traçou a posição da ilha de Sumatra, a de Java e o estreito da Sonda, que separa as duas ilhas; e como no dia em que se dera a catastrophe tinha tomado a altura ao meio dia, ficou sabendo que vogava entre cincoenta graos e trinta minutos de latitude sul, podendo governar quasi para a entrada do estreito.

As terras que se avistassem, se tivessem a felicidade de as avistar, serviriam para rectificar os erros, mesmo quando n'ellas não podessem desembarcar.

Com effeito, n'aquellas paragens, tudo era hostil ainda, ilhas e continente. A situação era terrivel: o ar da noute estava glacial; de dia o sol abrasava. Além de tudo isto, não havia mais provisões além de sete a oito arrateis de biscouto.

Continua

O PAPAGAIO ELECTRICO

O papagaio electrico offerece a singularidade de ter sido inventado ao mesmo tempo por dous sabios, um da America, o celebre Franklin, e outro da Europa, de nome Romas, natural de Nerac, em França.

Os dous physicos fizeram com elle experiencias muito interessantes. O papagaio electrico antolhou-se-lhes como o meio d'ir procurar a electricidade a regiões muito elevadas do ar, onde ella anda solta.

O PAPAGAIO ELECTRICO

Fallemos das experiencias de Romas.

Em 1757, este celebre physico, proseguindo nas suas experiencias electricas, tirava da corda d'um papagaio laminas de fogo de nove a dez pés de comprimento, cuja explosão assimilhava um tiro de pistola. Uma enorme multidão assistia a estas experiencias originalissimas.

Houve quem contestasse a invenção a Romas, dizendo que elle fôra apenas um imitador de Franklin, o qual, no mez de setembro de 1752, tinha feito experiencias do mesmo genero, mandando ás nuvens um papagaio electrico em um campo da Philadelphia. Parece porém certo que o physico francez não teve conhecimento d'aquella experiencia. Mas o que é fora de duvida é que foi o sabio americano que soube tirar o maior proveito d'essas experiencias, as quaes o conduziram á invenção do pára-raios, de que fallaremos em outro logar.

RICARDO WALLACE

Nascido em Londres, estudou Ricardo Wallace protegido pela marqueza de Hertford, dama de espirito superior, passando em seguida para os cuidados de lord Henrique Seymour, um fidalgo de antiga linhagem.

Wallace dedicou-se inteiramente á arte, gosto que lhe infiltrou o velho marquez de Hertford, o qual lhe legou, em recompensa dos seus cuidados, a riquissima collecção d'objectos d'arte que possuia. Desde então o rico e intelligente inglez não teve outro pensamento que não fosse o augmento do seu lindissimo museu, fazendo diversas viagens e dedicando-se com verdadeira paixão d'artista á procura d'objectos raros.

Achava-se em França quando rebentou a guerra franco-prussiana e em Paris ao tempo do cerco. Com uma coragem heroica recusou-se a sahir da cidade, promptificando-se a correr os mesmos perigos dos seus amigos. Mas fez mais: tornou-se um verdadeiro philantropo, e o seu nome n'aquelles dias de cruel provação foi synonimo de caridade e dedicação. Fundou uma ambulancia, assim como um hospital, a que deu o nome do seu bemfeitor lord Hertford, na rua Lafitte, destinado a receber os inglezes indigentes. Durante o tempo do

sitio receberam n'elle soccorro mais de oito centos compatriotas de Ricardo Wallace.

Taes são os titulos que recommendam este nome á consideração dos homens de bem.

INFINITO AMOR

ROMANCE
PRIMEIRA PARTE
I
INTRODUCÇÃO

—

Continuação

Media esta avenida perto de cem metros de comprimento, sobre vinte e cinco a trinta de largura. Junto a cada uma das paredes lateraes estendiam-se ordens de bancadas de granito, e, de espaço a espaço, e proximo d'estas, magnificas mezas de pedra, que, pelo andar dos tempos, tinham ganhado sobre si coberturas de musgo verde, que pareciam á simples vista tapetes de veludo.

Do lado de fora das paredes da avenida elevavam-se gigantescas arvores, que, estendendo umas para as outras seus ramos, formavam por cima da carreira dos jogos um perfeito tecto de verdura. Ao fundo, e por baixo d'uns rochedos imitando a natureza, deparava-se com uma gruta, onde se via o vulto de Camões, escrevendo um livro, e aos lados da gruta dous porticos que davam saída para os campos.

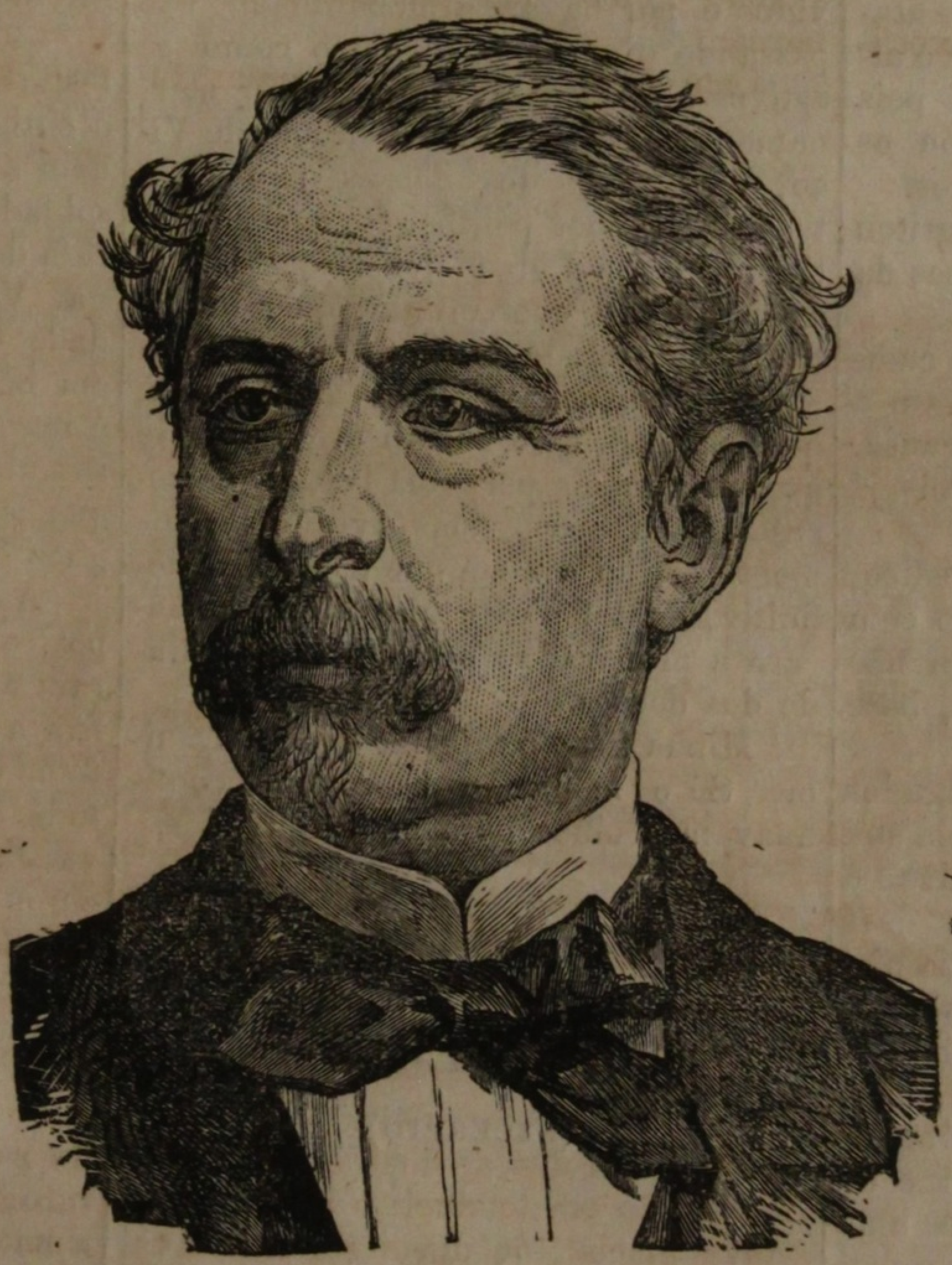
A quinta era composta de pomares e campinas muito notaveis.

Do lado do palacio que deitava para o jardim, havia tres salões com janellas de sacada quasi até ao parapeito, revestindo-lhes as paredes limoeiros e outros arbustos odoriferos. O salão da esquerda denominava-se o salão dos quadros; o do centro, das columnas, e o da direita, salão dos espelhos. Para o lado da frente havia ao centro um outro grande salão, a que davam o nome de salão de espera, e ao lado d'este, ainda outro, que chamavam dos fogões.

Como já dissemos, D. Clementina era natural de Vianna do Castello; falta-nos dizer que tanto esta senhora como D. Francisco tinham n'aquella villa, além da familia de D. Clementina, algumas outras ligadas á sua pelo sangue, e todas de boa linhagem e protegidas de meios da fortuna, com quem tanto ella, como seu marido, sustentavam as melhores relações d'amizade.

Dissemos tambem que o feitor João do Valle era casado e tinha filhos; resta-nos apresentar ao leitor uma breve noticia d'esta honesta familia, que muito tem a figurar no enredo da presente novella.

João Baptista da Silva, que era este o seu verdadeiro nome, descendia d'uma honrada familia de lavradores, que em tempos passados possuiam bastantes meios de fortuna em terras que cultivavam. Todos os da sua linhagem, se não foram nobres e não possuiram instrucção e cargos, eram-o pela sua virtude e honradez, tendo sido muito respeitados por todos os seus visinhos. João do Valle não era em nada inferior aos seus antepassados, posto que menos favorecido de meios. Era homem de mais de sessenta annos de idade na epoca em que se deram as scenas que vamos referir; ainda robusto, pouco instruido, mas intelligente e de consciencia verdadeiramente sã.



RICARDO WALLACE

Sua mulher, quinze annos mais nova, com o nome de Thomazia, era uma d'essas aldeãs como as muitas que se criam na provincia do Minho; corada, robusta e bem parecida, uma d'estas creaturas, como muito bem disse o nosso eminente romancista Gomes Coelho nos *Fidalgos da Casa Mourisca* com respeito a Thomé, sã do corpo e da alma, robusta, galhofeira e cheia de bondade.

Os seus dois filhos, de diverso sexo, chamavam-se: Leonor, que contava na epoca em que os fidalgos recolheram do Porto deseseis annos de idade, e Hermano, que apenas tinha sete incompletos.

Hermano foi o nome que por sua escolha déra ao filho de João do Valle D. Clementina, que, com seu marido foram padrinhos por procuração d'esta creança quando ainda residiam distante d'aquelles logares.

Nascera o tenro infante dentro do palacio de D. Francisco e foi emballado no berço em que foi creada D. Cacilda, a filha primogenita de D. Clementina.

Quando mais se tornou provavel que a cidade do Porto e seus arredores viessem a ser o theatro de grandes turbações, e se presumia que as instituições anti-constitucionaes podiam vir a ser pouco respeitadas, e por ultimo extinctas, o padre Bernardo das Dôres, egresso do convento de S. Francisco do Porto, e que tinha relações, ainda que pouco intimas, com D. Francisco, offerecendo a este os seus serviços, pediu-lhe abrigo no seu palacio, dizendo-lhe que temia as tempestades de que já sentia bem proximos ruidos, e sendo-lhe acceita a proposta, retirou-se do convento para o palacio das Torres no dia 1.º de junho do mesmo anno de 1832.

O padre Bernardo era pobre, mas homem de bem; um tanto instruido, de consciencia sã, d'um genio como convinha, para que D. Francisco lhe não ordenasse expulsão do palacio, como os constitucionaes lhe fariam se elle se conservasse no convento até o fim da lucta.

Frei Bernardo tinha tambem mais de sessenta annos d'idade; era alegre, prasenteiro, bem educado e d'uma bondade inexcedivel.

Continua

SOUSA MACARIO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

XI

A MÁMOA DE OLVEDA

Continuação

Em seguida proseguiu Florentina:

— Os que separaram a egreja da liberdade, dando vivas á religião, quando ninguem a atacava, (porque atacar o abuso não é atacar o uso, porque atacar o sacerdote mau não é atacar o altar bom), a esses perdoe Deus, pois formaram um partido que separou os filhos dos paes e os paes dos filhos.

—Sim; porém a esse partido, gritou o medico, derrotamol-o nos campos da batalha!

—Erro! disse Florentina; nos campos da batalha os liberaes ganharam a pessoa; porém perderam a sua causa. Não gritavam: viva Isabel II? Pois já a teem.

—E' verdade! exclamou o medico, inclinando a cabeça sobre o peito com desalento; temos Isabel II; porém não temos a liberdade de consciencia, base de todas as liberdades possiveis.

Todos estavamos como subjugados pela palavra d'aquella mulher, pela sua attitude humilde, porém attractiva, e pelas verdades tangiveis que se desprendiam de seus labios. Minha tia não me enganara; Florentina tinha talento, porque sentia a influencia logica da sua intellectualidade. E' verdade que, para os politicos do dia, tudo o que ella referia seria classificado de politica de costura; porém que importa que uma verdade social ou politica, propriamente verdade, a pronunciem os labios de um menino, d'uma mulher, ou de um Cavour? E' a verdade? Pois basta.

Ferido no meu amor proprio ao ver que fazia mais papel uma pessoa do meu serviço domestico do que eu, chamei em meu auxilio todas as forças do espirito e propuz-me humilhar Florentina, elevando a maior altura as apreciações de politica geral.

—Florentina, senhores, disse eu pausadamente, tem a vantagem de ter um metal de voz dulcissimo e persuasivo; porém ha a desvantagem da rasão no que acaba de dizer.

O medico do palacio olhou para mim aterrado.

O capellão e minha tia applaudiram-me.

—Florentina, prosegui, a quem respeito por suas distinctas qualidades, abordou uma questão puramente de sciencia politica, e quando as premissas se assentam sophisticamente, a consequencia poderá ser boa para o vulgo, porém não para o homem pensador. Ella tratou de sustentar que em politica não ha pessoas, mas sim principios. Que erro! Abordemos o debate em toda a sua grandeza intellectual e veremos que não ha pessoas nem principios, mas elementos. E assim como tres constituem a atmosphera que respiramos, outros constituem o mundo politico desde o desenvolvimento da humanidade e o constituirão sempre: theocracia, aristocracia e democracia. Porém ainda mesmo que estes tres elementos moraes constituissem e constituem politicamente as sociedades de todos os povos havidos e por haver, a humanidade vae passando d'um para o outro como se estivesse condemnada a percorrer eternamente esse verdadeiro circulo de Vico, e da idade dos deuses (isto é, a theocracia, quer polytheista, quer monotheista) passa á idade dos heroes (isto é, á aristocracia, quer militar, quer industrial), e da idade dos heroes para a dos simples mortaes (isto é, a democracia, quer natural, quer socialista); de modo que, sempre em perpetua lucta a democracia com essas duas tyrannias elementares, no dia em que triumphar definitivamente, n'esse mesmo dia começará a preparar-se o triumpho da idade dos deuses.

Minha tia e o capellão applaudiram-me. Só o medico e Florentina continuavam a olhar para mim aterrados.

Continua

A MARSELHEZA

(EXCERPTO)

—

Conclusão

Havia então um joven official de engenheria, de guarnição em Strasburgo. Chamava-se Rouget de l'Isle. Nascera em Lons-le-Saulnier, n'esse Jura, paiz do sonho e da energia, como o são sempre as montanhas. Esse mancebo amava a guerra como soldado, a revolução como pensador, encantava com os versos e com a musica as lentas impaciencias da guarnição. Requestado pelo seu duplo talento de musico e de poeta, frequentava familiarmente a casa do barão de Dietrich, nobre alsaciano do partido constitucional, amigo de Lafayette e maire de Strasburgo. A mulher do barão de Dietrich, as suas jovens amigas, partilhavam o enthusiasmo do patriotismo e da revolução, que palpitava sobretudo nas fronteiras, como os estremecimentos do corpo ameaçado são mais sensiveis nas extremidades. Estimavam o joven official, inspiravam o seu coração, a sua poesia, a sua musica. Eram as primeiras a executar os seus pensamentos, apenas desabrochavam, confidentes do balbuciar do seu genio.

Era no inverno de 1792. A fome reinava em Strasburgo. A casa de Dietrich, opulenta no principio da revolução, mas esgotada pelos sacrificios que as calamidades do tempo tornavam necessarias, empobrecera; a sua mesa frugal era hospitaleira para Rouget de l'Isle. O joven official sentava-se á mesa á noite e pela manhã, como um filho ou irmão da familia. Um dia, em que não houvera senão pão de munição e algumas fatias de presunto na mesa, Dietrich olhou para de l'Isle com uma serenidade triste e disse-lhe:

—Falta a abundancia aos nossos festins; mas que importa se não falta o enthusiasmo ás nossas festas civicas, nem a coragem ao coração dos nossos soldados? Tenho ainda uma ultima garrafa de vinho do Rheno na minha adega. Vão buscal-a e bebamol-a á liberdade e á patria. Strasburgo deve ter em breve uma ceremonia patriotica, e é necessario que de l'Isle procure n'essas ultimas gottas um d'esses hymnos que levam á alma do povo a embriaguez d'onde brotou.

As damas applaudiram; vieram copos, e Dietrich e o joven official beberam até que se esgotou o licor. Estava fria a noite. De l'Isle ficara pensativo; tinha o coração agitado e a cabeça exaltada. Apossou-se d'elle o frio, entrou vacillante no seu quarto solitario, procurou lentamente a inspiração, ora nas palpitações da sua alma de cidadão, ora no teclado do seu instrumento d'artista, compondo umas vezes a musica antes da letra, outras vezes a letra antes da musica, e associando-as por tal forma no seu pensamento, que nem elle podia saber o que nascera primeiro, se fôra a nota, se fôra o verso, e que era impossivel separar a poesia da musica e o sentimento da expressão. Cantava tudo e nada descrevia.

Acabrunhado por essa inspiração sublime, adormeceu com a cabeça encostada ao seu instrumento e só despertou ao romper do dia. Os cantos da noute voltaram-lhe a custo á memoria, como as impressões de um sonho. Escreveu-os, notou-os, e correu a casa de Dietrich. Achou-o no seu quintal, sachando com as suas proprias mãos alfaces de inverno. A mulher do maire patriota ainda se não levantára. Dietrich foi accordal-a, chamou alguns amigos todos apaixonados como elle pela musica e capazes de executar a composição de l'Isle.

A' primeira estrophe os rostos empallideceram; á segunda correram as

lagrimas; ás ultimas rebentou o delirio do enthusiasmo. Dietrich, sua mulher, o joven official, lançaram-se chorando nos braços uns dos outros. Encontrara-se o hymno da patria! Ai, tinha de ser tambem o hymno do terror. O desgraçado Dietrich marchou poucos mezes depois para o cadafalso, ao som d'essas notas que tinham brotado no seu lar domestico do coração do seu amigo e da voz de sua esposa.

O novo canto, executado alguns dias depois em Strasburgo, voou de cidade em cidade, tocado por todas as orchestras populares. Marselha adoptou-o para ser cantado no principio e nos fins das sessões dos seus clubs. Os marselhezes espalharam-o em França, cantando-o pelo caminho. D'ali lhe veio o nome de *Marselheza*. A velha mãe de l'Isle, realista e religiosa, aterrada pela voz de seu filho, escrevia-lhe: «O que vem a ser este hymno revolucionario cantado por uma horda de bandidos que atravessa a França, e a que anda enlaçado o nosso nome?»

De l'Isle mesmo, proscripto na qualidade de federalista, ouviu-o, estremecendo, resoar como uma ameaça de morte aos seus ouvidos, quando fugia pelas veredas do Jura.

—Como se chama este hymno? perguntou elle ao seu guia.

—A *Marselheza*, respondeu-lhe o camponez.

Foi assim que elle soube o nome da sua propria obra. Perseguia-o o enthusiasmo que semeara atrás de si. A custo escapou á morte. A arma voltara-se contra a mão que a forjara. A revolução em demencia já não reconhecia a sua propria voz.

Lamartine

A CAMÕES

Não morreste, Camões!... Vives na historia;
Vives nos versos teus, de immortal fama!
Vives nos corações e na memoria
De quem a patria tua não desama;
E vives, para tua maior gloria,
Na mente que de ethereo ardor se inflamma
D'alto sentir no glorioso empenho,
Seguindo em voos teu celeste engenho!

Não morreste, Camões!... Tua aurea lyra
Doáste aos lusos teus, irmãos queridos!...
Honrando os vates que o universo admira,
Vivem teus sons divinos repetidos.
E' tua esta saudade que suspira,
Que exhalaste nos ultimos gemidos:
A que por esta patria então sentiste,
Na patria, com teu nome, eterno existe!

No grandioso quadro do universo,
As idades vindoiras meditando,
Um sublime padrão, escripto em verso,
Hão-de ver, qual pharol que as vae salvando
D'um abysmo fatal, onde submerso
Jaz o mundo sem luz, abrolhos dando;
E os nomes hão-de ler, que a historia aclama:
Portugal e Camões, o Oriente e o Gama.

D. Antonia Pusich

GAFARIAS

Conclusão

Em um dos livros do cartorio da camara do Porto ha um documento muito curioso ácerca d'este hospital. E' uma carta de D. João I, da qual consta que até aquelle tempo o corregedor da comarca, quando incidentalmente se achava no Porto, fazia d'elle cadeia, e quando estava ausente os moradores e visinhos transformavam-o em armazem de couros, sal e outras mercadorias. Em consequencia d'isto, os palmeiros moradores no Porto queixaram-se a el-rei, pedindo-lhe que lhes desse aquella casa onde estivera o hospital, para elles a mandarem reparar, em ordem a poder continuar a albergar os peregrinos, como fôra o seu primitivo destino. El-rei mandou-lhes logo entregar a casa, ordenando que se por ventura estivesse n'aquella hora *empachada que lh'a desempachassem*.

Foi talvez d'ahi que se derivou a entrega do hospital á irmandade de S. Chrispim, dos sapateiros, que depois o administrou sempre, e cujos estatutos e compromisso são datados de 25 de setembro de 1592.

Conta-se que n'aquelle hospital se albergou a rainha Santa Isabel, em uma das duas vezes, quando, já viuva, foi em romaria a S. Thiago de Galiza.

Em Guimarães havia ainda pelos annos de 1467 duas casas de leprosos, uma d'homens e outra de mulheres, ambas de terceiros franciscanos.

A casa de S. Lazaro de Evora era fora das muralhas, proxima á porta do Raymundo, e parece que foi destruida em 1663, anno de provação para a cidade, que soffreu dous assedios, um por hespanhoes e outro de portuguezes, em curto intervallo.

Por alvará do cardeal infante D. Henrique, dado em Lisboa a 8 d'outubro de 1567, entrou a misericordia d'Evora a administrar a casa de S. Lazaro.

Poucos leprosos havia então, e da renda ficava boa parte disponivel, que era applicada, ora á sustentação dos engeitados, ora a obras de utilidade publica; por isto durante muitos annos andou esta administração oscillando entre a camara e a misericordia, juntamente com certa renda especial do municipio a que chamavam a renda da Cegonha.

Em 1601 foi a gafaria aproveitada para casa de saude durante algum tempo, e ainda em 1647 serviu de hospital militar; é d'este anno o ultimo auto de posse tomada pela misericordia da velha gafaria e da sua horta.

Em 1663 desappareceu o edificio, e muito antes cessára felizmente a causa; e hoje em Evora ninguem liga ao nome *lazaro* a ideia de leproso, mas sim a d'invalido, que a misericordia acolhe no asylo annexo ao hospital do Espirito Santo.

Mas se em Evora não passa isto de uma tradicção, já assim não acontece em Coimbra, onde ainda existe um hospital ou asylo destinado aos infelizes leprosos, com a sua curiosa capella, modificada em tempo de D. Manoel, ornada d'ameias mouriscas, e encimada por uma formosa cruz de pedra, terminando em flores de liz.

Da gafaria de Setubal resta apenas a porta, cuja verga tem o conhecido versiculo: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*.

SCIENCIA PARA TODOS

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

A mais apparente das constellações é Orion, que se reconhece pelo seu talabarte. Por baixo d'elle está Syrius, que é a mais brilhante das estrellas; á direita estão as estrellas vermelhas de Tauro e as Pleiades, as sete-estrellas, e á esquerda Castor e Pollux, duas estrellas brilhantes. Estas constellações são sempre visiveis nas noutes d'inverno.

Para se observar bem a magnificencia e sublimidade d'um ceo estrellado, é necessario em primeiro logar classificar o ceo em divisões particulares e tomar algum ponto fixo para fazer convergir sobre elle a attenção. Por meio do conhecimento do ponto celeste onde o sol se levanta determina-se facilmente o oriente; lembrando-se da sua situação ao meio dia ter-se-ha o sul, notando o ponto onde elle desappareceu ter-se-ha o poente: o norte é o ponto opposto ao sul.

Agora que sabemos distinguir os 4 pontos cardeaes, o *norte*, *sul*, *este* e *oeste*, elevemos as vistas para aquella abobada brilhante, esclarecida por milhões de fogos.

O primeiro principio a estabelecer é que nós vemos metade de todo o ceo acima do nosso horisonte. O horisonte é esta linha que nos rodeia, onde o ceo e a terra parecem tocar-se. O zenith é o ponto directo acima da nossa cabeça, ou afastado 90 graos do horisonte.

Não nos é pois dado ver todas as constellações e todos os planetas a um tempo.

Para proceder com precisão nos seus estudos, os astronomos applicaram ao ceo os 360 graos pelos quaes os geographos dividem a superficie da terra. Assim toda a circunferencia do horison-

te do ceo suppõe-se medir 360 graos, sendo metade 180 e um quarto 90. Ora, como nós não vemos senão metade do ceo sobre o horisonte, a linha que passa por cima da nossa cabeça d'um lado do horisonte até ao lado directamente opposto, terá 180 graos, e pela mesma rasão terá 90 graos desde o ponto acima da nossa cabeça, chamado zenith, ao horisonte de cada lado.

Uma pouca d'attenção basta para ver o horisonte inteiro correr de leste para oeste: este movimento provém da terra, que se move de oeste para leste. Basta que fixemos o olhar em uma estrella qualquer, entre o zenith e a parte meridional do horisonte, no contacto apparente com a extremidade de qualquer casa, d'uma arvore, ou de qualquer outro objecto fixo, para que em alguns minutos percebamos o movimento da estrella e de todo o ceo, de leste para oeste.

Não esqueçamos porém que este movimento geral do ceo é apparente, ocasionado pela rotação da terra sobre o seu eixo, em direcção contraria, de sorte que se o espectador fôr caminhando de oeste para leste, as estrellas afastadas parecerão mover-se de leste para oeste.

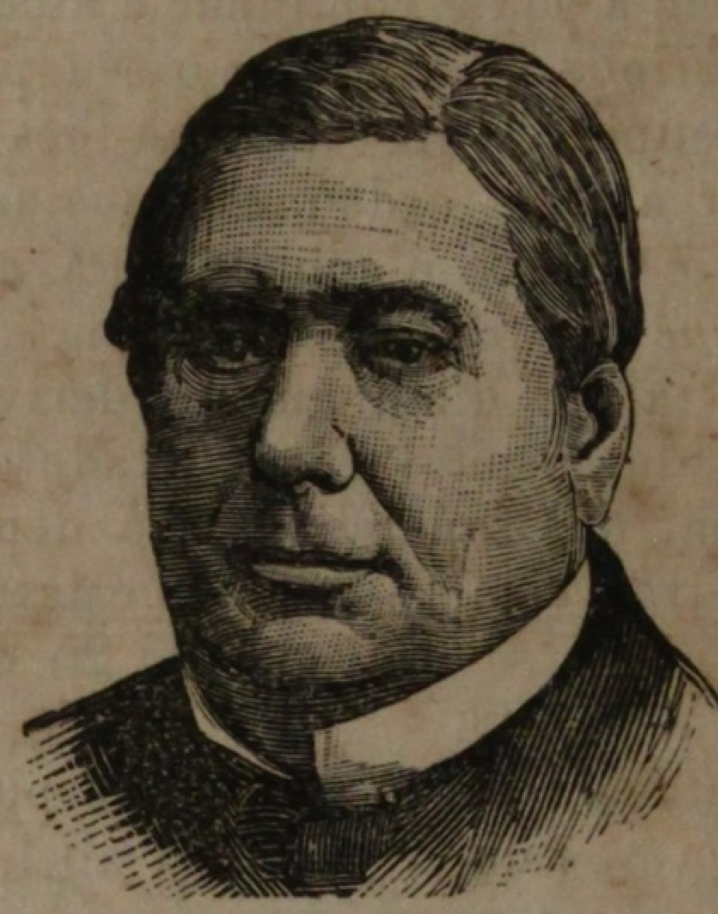
Nada mais simples do que comprehender o nascer e o pôr dos corpos celestes: a terra dá uma volta completa em 24 horas; cada um dos seus habitantes gira em 24 horas ao redor dos corpos afastados d'elle. D'ahi o nascer e o pôr do sol, a successão do dia e da noute, assim como todos os outros phenomenos celestes.

Esta progressão de todo o ceo de leste para oeste, o nascer d'algumas estrellas do lado do oriente e o pôr de outras do lado de oeste, offerecem um espectaculo maravilhoso. Vistos por tal forma, estes objectos deixarão uma impressão muito mais profunda do que a representação artificial d'esses mesmos phenomenos em um globo celeste. A immensidade d'aquella abobada, a uniformidade d'aquelles movimentos, a incommensuravel distancia, a apparente perpetuidade e o numero incalculavel d'aquellas estrellas, tudo isto penetra no espirito e alimenta um terno respeito, fazendo pensar na immensa sabedoria do auctor poderosissimo, eterno e infinito do universo.

Continua — Doutor Jayme

LABICHE

Eugenio Labiche foi um d'estes muitos rapazes destinados pelos paes para uma carreira, para a qual não sentem a menor vocação, e de que desertam afinal para aquella que os chama acenando-lhes com as mil seducções da gloria.



LABICHE

Nascido em Paris em 1815, os paes destinavam-o á magistratura; mas elle abandonou a escola de direito para se lançar nos mares da litteratura. E' que esta era a sua propensão natural, e bem fez seguil-a quem daria um pessimo juiz podendo ser um bom escriptor.

Aos vinte annos escrevia romances para os folhetins de varios jornaes parisienses; em seguida dedicou-se ao theatro e foi n'este genero de litteratura que alcançou verdadeiro exito.

Todas as suas peças são modelos de graça, e ouvem-se sempre com agrado.

Em novembro de 1880 a academia franceza abriu-lhe as suas portas.

ZIG-ZAGS

—

AS GALINHAS SAGRADAS

Os antigos romanos davam o nome de galinhas sagradas áquellas que sustentavam para tirar d'ellas augurios. Os generaes faziam-se sempre acompanhar d'ellas atrás dos exercitos.

Se as galinhas sagradas saltavam com avidez sobre os comestiveis que lhes lançavam, o augurio era favoravel e o general podia dar batalha sem receio; o augurio era contrario se ellas não queriam comer.

Claudio Pulcher, na vespera da batalha naval de Drepane, informado de que as galinhas sagradas não queriam comer, mandou-as lançar ao mar, exclamando:

—Pois bem. Que vão beber!

Os romanos attribuiram a este acto d'impiedade a derrota que o general soffreu n'aquella batalha.

—

O CAÇADOR NEGRO

E' muito popular na Allemanha a lenda do caçador negro, que não é senão uma reminiscencia da vida do rei da Dinamarca Abel.

Este homem subiu ao throno depois de ter assassinado seu irmão Eric VI; mas reinou apenas dous annos.

Querendo castigar os frisões, que se revoltaram contra elle, invadiu a sua provincia; mas cahindo em um pantano, encontrou ahi a morte. Enterraram-o primeiro em uma egreja; mas a sua alma, espicaçada pelo remorso do fratricidio que elle commettera, passava as noutes a gemer. Desenterraram-o e deram-lhe sepultura junto d'um pantano em Gottorpe; mas todas as noutes os aldeões veem o seu phantasma, que é um cavalleiro vestido de negro, e tendo na mão um enorme relicario.

A litteratura do norte conta um grande numero de legendas como esta.

—

EXPEDIENTE

—

GOLLEGÃ

Pedimos ao nosso ex-correspondente na Gollegã o favor de responder ás cartas e bilhetes postaes que lhe temos mandado pedindo-lhe as contas das folhas enviadas. Se continuar a desprezar as nossas justas reclamações, deixaremos de ter mais considerações para quem nenhumas tem comnosco.

Esperamos porém que este aviso seja o sufficiente para o fazer entrar no caminho do dever.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO PORTO, 20 DE JULHO DE 1882 NUMERO 99

SUMMARIO

Texto: — Geraldo Sem Pavor — A renascença, por Heliodoro A. Salgado — A vingança d'um morto (romance) — Tricentenario de Camões (poesia) por João Luiz Correia Junior — Chateaubriand — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Alchimia (poesia) por Nuno Rangel — Scenas da emigração — O pára-raios — Bibliographia — Zig-Zags: A preguiça — O amor — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Geraldo Sem Pavor — Chateaubriand — Uma floresta na America do Sul — Pára-raios.

GERALDO SEM PAVOR

GERALDO SEM PAVOR

—

Os nobiliarios dizem que o famoso Geraldo Geraldes era neto ou bisneto d'aquelle heroe D. João Pestana, que no anno de 1040 ajudou a el-rei D. Fernando de Leão a tomar Coimbra aos mouros, e a quem por este serviço o mesmo rei o armou ali cavalleiro, juntamente com o celebre Ruy Dias de Bivar, a quem os mouros pelas suas façanhas deram o nome de Cid.

Geraldo viveu no tempo de D. Affonso Henriques e foi um dos mais valentes caudilhos que acompanharam aquelle rei cavalleiro. Da sua ousadia diz o cognome *Sem pavor*. Era o açoute dos mouros e era ainda muito moço.

A sua façanha mais importante foi a tomada d'Evora, em cujos arredores tinha vagueado muito tempo, estudando o modo d'arrebatar aquella importante presa aos inimigos da cruz.

Marchando ao anoutecer sobre a cidade, deixou a sua gente emboscada na fralda d'um outeiro e caminhou só para a torre da vigia, onde havia sempre um mouro encarregado de dar parte de todas as occorrencias, de dia com bandeiras e de noute com fachos. Estavam n'esta noute de sentinella um mouro e sua filha, e tendo-se recolhido o pae a dormir, a filha, que o devia substituir, adormeceu descuidosamente á beira da sacada.

Chegou Geraldo á torre, trepou até á janella, e agarrando a moura pelos cabellos, a deitou da janella abaixo, fazendo-se pedaços nos penedos do atalho. Em seguida entrou na torre e degolou o mouro, apresentando-se emfim aos seus companheiros com as duas cabeças na mão, para lhes infundir animo e resolução.

A tomada da cidade foi depois d'isto facil empreza, porque os mouros não esperavam o ataque.

Succedeu isto no 1.º de dezembro de 1166.

Tal é o heroe retratado na primeira pagina.

A RENASCENÇA

—

I

PRELIMINARES

As doutrinas geographicas e philosophicas do sabio Aristarcho de Samos, bem como as elevadas theorias do virtuoso Epicuro, o iniciador da verdadeira philosophia, hoje tão calumniado pelos inimigos fanaticos do sensualismo, tinham sido completamente esquecidas.

A conquista da Grecia pelos romanos deu a estes a faculdade de penetrarem no santuario das suas bellezas poeticas, e o genio essencialmente egoista dos filhos de Lacio, todos dominados pelas maximas despreziveis d'Aristippo, foi profundamente modificado pela poesia grega d'Homero e d'Hesiodo, pelos monumentos oratorios de Demosthenes e Eschino, pela philosophia de Socrates e d'Epicuro. Os romanos, até então povo essencialmente guerreiro, tornou-se um pôvo de pensadores, e no meio da côrte nascente dos Cesares vemos nós erguerem-se os vultos de Tito-Livio, Salustio, Cornelio Nepos; Virgilio, Horacio, Phædro; Tacito, Juvenal, Cicero, Cesar; todos banhados pela luz helenica.

Esta actividade intellectual, esta luz espiritual, era espalhada por toda a parte onde chegava a espada vencedora dos imperadores.

Com a victoria do christianismo, d'origem semitica, o espirito aryano perdeu o seu dominio e cedeu o passo aos homens do Evangelho, de sua natureza anti-philosophicos e anti-scientificos. A politica foi banida, porque a *moral nova* nada tinha que ver com as cousas d'este mundo. O acanhado estylo gothico veio substituir o magnifico estylo grego na arte, a poesia perdeu a sua elevação humana, a sua naturalidade sublime, para se tornar em um jogo d'allegorias e metaphoras, d'antitheses e hyperboles, cujo melhor modelo é sem duvida o *Apocalypse*, attribuido por alguns a S. João evangelista. A philosophia da investigação desappareceu, para ceder o campo á theologia catholica. A sciencia vergou a fronte aos anathemas dos concilios.

Houve um papa piedoso que se lembrou de prohibir a leitura das obras de Aristoteles.

O que os primeiros christãos fizeram inconscientemente, unicamente por uma piedade mal entendida, fel-o então o papado por conveniencia. A edade media correu sobre o mundo o seu denso veo de trevas, e então os maiores abusos surgiram sem protesto. Não havia luz para ver...

Foi então que se representou a maldita tragedia do anno mil; foi então que o feudalismo levantou cabeça; foi então que Santo Anselmo defendeu a escravatura como instituição christã; foi então que Urbano II apostolou as cruzadas e que Innocencio III creou a inquisição; emfim, foi então que Gregorio VII se arrogou a omnipotencia sobre a terra. Não vamos fazer a historia d'este tempo: para uma tal empreza fallece-nos o animo.

Apenas em Constantinopla um carvãosinho candente se occultava por sob as cinzas. Nos mosteiros e nas bibliothecas achavam-se as obras primas do genio do homem.

Quando, no ultimo quartel do seculo XV, Mahomet IV, assenhoreando-se da cidade de Constantino, fez plantar o estandarte verde do Islam sobre a cupula de Santa Sophia, fez na sua passagem agitar-se levemente o ar, e o incendio rebentou d'aquelle pequeno foco de que fallamos.

Ao fugirem de Constantinopla, os seus habitantes, vencidos, espalharam pela Europa as obras da antiguidade. A philosophia retomou o seu logar. A philosophia começou a agitar os espiritos e os povos viram surgir á sua frente os apostolos da Revolução da luz, que se chamaram: João Huss, Savonarola, Campanella, Geordano, Luthero.

A philosophia prepara o caminho á geographia e ás sciencias naturaes. E' o periodo das grandes descobertas. A humanidade assiste a um novo Genesis. O progresso tudo marca com o seu dedo de fogo, e na sua ampla estrada escreve inexoravel: ou avançar, ou morrer.

Continua HELIODORO A. SALGADO

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO III

O NINHO ABANDONADO

Continuação

III

Havia em casa um homem que tinha nascido n'ella e que n'ella esperava morrer, um d'esses criados que se adherem, por assim dizer, a uma familia como a hera ao muro, que emfim cae com elle e morre quando o muro é uma ruina.

Anselmo venerava a D. Pedro, e se bem que nada sabia do que se passara, porque ha segredos que queimam ao sahir dos labios, comprehendeu que no mysterio e na sombra se tinha desenrolado um drama, que tinha causado já duas victimas, Luiz e Adelaide, e que ia causar terceira, seu amo.

Contemplava-o em silencio, abanava a cabeça e suspirava.

Um bom criado nunca interroga seu amo, por maiores desejos que tenha de consolal-o nas suas afflicções. Mas o gelo rompe se, a avalancha desprende-se emfim, e os segredos saem do coração, fazendo abrir os labios como a terra se abre para vomitar a lava do vulcão que ruge nas suas entranhas.

Um dia D. Pedro, que sentia a necessidade de morrer, experimentou o desejo de fallar. D. Pedro, que devia uma satisfação á memoria de seus antepassados, ia dal-a antes de descer ao sepulchro a reunir-se com elles. Mandou chamar Anselmo, e depois d'este

ter entrado no quarto, onde se achava, disse-lhe que fechasse a porta, que se sentasse e escutasse em silencio as palavras que iam sahir dos labios do ancião.

Anselmo obedeceu em tudo: fechou a porta, sentou-se e escutou.

IV

—Jura-me, disse-lhe o amo, que ainda que vivas mil annos não sahirão dos teus labios as palavras que vaes ouvir.

—Juro-o pelo descanso eterno de sua filha, senhor, respondeu Anselmo beijando a mão descarnada do amo.

—Lembras-te da noute do 1.º de junho de 1704?

—Se lembro!... As recordações espantosas nunca se apagam da memoria.

—E sa noute uma soldadesca ebria e desenfreada entrou em minha casa, ao mesmo tempo que em outras da aldeia. Bati-me para o impedir, bem o sabes; mas fiquei ferido. Aquella soldadesca roubou ou estragou quanto pôde apanhar; mas cousa peor do que fez esta, gente sem educação nem temor de Deus, fel-a um official, um infame, que entrou no quarto de minha filha ao tempo que esta dormia descuidada.

—Grande Deus! exclamou Anselmo.

—Adelaide estava dormindo; quando acordou... oh! quando acordou, estava deshonrada!

E D. Pedro abaixou tanto a voz, ao pronunciar esta palavra, que Anselmo mais adivinhou do que ouviu aquella confissão.

—Deshonrada! exclamou erguendo as mãos para o ceo.

—Silencio!

Houve uma pausa, que durou alguns segundos: D. Pedro pesava no fundo da alma a infamia que tinha sido o resultado para elle d'aquella noute; Anselmo lamentava o infortunio de seu amo.

—Escuta, tornou este. Uma casualidade, ou antes a mão da Providencia, deu-me a conhecer o infame.

—O senhor viu-o?

—Não. Vi o seu retrato.

—Diga-me onde elle está... Que eu o veja... Pode morrer descansado. Não ficará sem castigo tamanho crime! gritou o fiel criado.

—Não, Anselmo. Não são essas as ideias que devem acudir á mente d'um moribundo. Um homem moço e forte que pode manejar uma espada vinga-se derramando o sangue do seu offensor; um pobre velho, que, como eu, principia a entrever as trevas do sepulchro, vinga-se tambem... mas perdoando. Não quero que, ao entrar na gloria de Deus, me pergunte este com acento irado: «De que irmão teu é esse sangue que tinge as tuas mãos?»

A voz de D. Pedro era solemne e os seus gestos magestosos. Anselmo chorava commovido. Aquelle homem, que havia perdido uma filha e que estava proximo a perder a vida, só tinha nos labios palavras de perdão.

N'aquelle momento Anselmo pensou entrever alguma cousa do Calvario e alguma cousa de Christo.

Continua

TRICENTENARIO DE CAMÕES

ODE

—Dae esmola a Camões! o Jau dizia.
Mas ecco mal a voz do escravo tinha,
E o pobre vate enfermo, em pobre enxerga,
Em magoas abafava,
E á fome e á morte a vida disputava!

Maldição sobre a patria, que esquecia
Das suas glorias ao cantor sublime;
Ao que lhe erguera em pedestal eterno
Padrão de summo peso!...
Ingrata! deu-lhe negro, atroz desprezo!

Desdens da patria e do amor desgostos,
As continuas saudades d'uma e outro
Triste curtira por estranhos lares.
E quando aos seus voltara,
Novos desdens, desprezo novo achara!

Mas não... não pese sobre a patria o odio!...
Desditosa tambem ella soffria
Em fataes paroxismos: sorte adversa
O seu rei lhe roubara
E na dôr da orphandade a mergulhara.

De nada Portugal então valia,
Ao jugo de Castella acorrentado;
Vencido, não... mas a traições cedendo!
Seu vate o pranteava,
Sob o fado cruel que o sopeava.

Maldição, sim, áquelles que vendidos
Ao ouro de Castella, lhe entregaram
A patria!... Maldição sobre os traidores!...
«Porque dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes!»

Morria a patria, e o Camões com ella.
Apagava-se o facho mais brilhante:
E as quinas, que o mundo avassalaram,
Por terra derrubadas,
Dos hispanos leões eram calcadas!

Maldição, não á patria! Ella, desperta
D'esse lethargo emfim em que jazia,
Inda que tarde, a negra mancha lava
Que sobre ella cahira,
E com labeo d'ingrata a denegrira!

Ella desperta alfim. E jubilosa,
De sec'los tres a divida sagrada
Hoje a pagar começa ao Genio Excelso,
Em prova de respeito,
D'affecto e gratidão, d'amor e preito!

E ao cantor immortal das glorias tuas,
Quem pode encomios recusar, ó Lysia?
Qual filho á patria sua ergueu mais alto?
Quem mais amor lhe teve?
Que patria a filho seu mais honra deve?

Quem mais alto guindou dos seus os feitos,
«As armas e os varões assignalados,»
Qual elle nos Lusiadas divino,
Que das Indias nos mares
Salvara a nado e trouxe aos patrios lares?

Só esse nobre e magestoso vate,
Para quem inda o mundo é campo estreito,
Te deu renome de fulgor eterno,
Que doura a tua historia;
«Escura faz qualquer estranha gloria!»

Não só dos teus cantou acções gloriosas;
Mas elle mesmo de Africa nos plainos,
Nos procellosos mares do Oriente,
Em lides de Mavorte,
Por tua gloria pugna e affronta a morte!

Cantando o amor, a patria, o infortunio,
Guindou-te ao Templo da Immortal Memoria:
Dos Mantuanos, dos Meonios Cysnes,
Hoje as lyras que valem?
Da Fama as tubas os seus nomes câlem!

Se aquelles são gigantes em seus cantos,
E' do Gama o cantor gigante summo:
E dos vates o rei, o sol dos vates:
E' sem rival seu nome,
No passado e porvir sem quem o dome!

Se do cantor da Illiada pleiteam
Cidades sete por gosar seu berço;
Se de Camões, em si, Lisboa ao mundo
O berço não mostrara,
Todo o mundo entre si o disputara!

E tu, do meu Camões ó sombra illustre,
Que no alto Olympo estás de luz cercada,
De viridentes louros cincta a fronte,
Teu despeito se extinga:
Vê como Lysia o seu passado vinga!

Vê; vê como ella exalça jubilosa
Do teu tricentenario a fausta aurora!
Como, em vivas, aos ceos teu nome eleva!
E cheia de alegria,
De festa nacional faz este dia!

Eis-te vingado e bem. Tu que gemeste,
Enfermo e pobre, em teu fatal destino,
Eis-te vingado e bem. Por toda a parte
Os jubilos despertam;
De respeito laureis todos te offertam!

Oh! se eu tivera a milagrosa lyra,
Com que da Lysia honraste o nome excelso;
Com que dos seus barões alçaste aos astros
Os feitos portentosos
Que no Olympo lhes dão brilhos famosos;

N'ella soltara em teu louvor um hymno,
Com que meu nome então fizera eterno.
Entre os mais cysnes decantado eu fôra.
Assoberbava a gloria,
E distincto lugar me dera a historia.

Mas que loucura? Não me é dado tanto;
Embora o Plectro teu eu possuira,
Não ha nas linguas d'homens frases proprias
A poder exaltar-te,
Pois só podes comtigo equiparar-te!

Só é dado ao condor subir em voos,
Ufano, altivo, ao cimo do Hymalaia;
Fitar de perto os Apollineos raios,
Só da aguia vinga o empenho,
Sem de Icaro soffrer fatal despenho.

Brilha mais alto o sol da tua gloria,
O' divino Camões! E eu, pobre bardo,
Lá não posso ascender! Mas posso, posso
Cá de longe fitar-te
E minha adoração eterna dar-te!

João Luiz Correia Junior

CHATEAUBRIAND

A primeira producção da penna que escreveu *Atala* e o *Ultimo dos Abencerragens*, foi uma poesia intitulada *O amor no campo*, que não passava d'um edylio segundo o gosto da epoca, mas sem as extravagancias dos outros escriptores em voga.

Chateaubriand estava então em Paris, onde poderia obter uma brilhante posição official pelas ligações de familia. Nascido em Comburgo, em 1769, a familia quizera-o fazer padre; elle preferiu as armas.

Parece que foi em Paris que se lhe desenvolveu o gosto das viagens. Toda a gente fallava então em descobertas e emprezas maritimas. Chateaubriand propoz-se descobrir, pela bahia do Hudson, uma passagem para as Indias.

Em 1791 chegou á Philadelphia, onde visitou Washington, e quando lhe deu parte do seu projecto, aquelle homem, a quem uma nação devia a liberdade, animou-o á empreza e prometteu-lhe a sua protecção. O poeta internou-se sem receio pelas florestas dos Estados Unidos e viveu muito tempo com os anodagas. Em uma das florestas do alto Canadá, ao tempo que queria ver de perto uma grande cataracta, cahiu e foi até ao fundo do abysmo.

Foi diante d'aquella natureza magnificente que Chateaubriand, se não esqueceu a patria, poucas noticias tinha d'ella. Uma noute, porém, estando deitado em uma cabana, cahiu-lhe por acaso nas mãos um jornal americano, no qual, á luz da lareira, leu em letras grandes: *Flight of the king* (a fuga do rei). Relatava-se ahi a fuga de Luiz XVI.

Fiel ás tradicções da sua familia, moço e poeta, formou desde logo o proposito de voltar á patria e seguir a sorte da realeza.

Acolhido pelos emigrados, entrou como guarda nobre para um regimento dos principes, e assistiu ao cerco de Theonville, onde foi ferido, accommettendo-o depois uma molestia contagiosa, de que esteve ás portas da morte.

Mal restabelecido, foi para Londres, só, sem recursos, e se não fossem os caridosos cuidados d'uma mulher idosa com quem deparou, teria perecido á mingoa. Para adquirir alguns meios de sustentação entrou de dar lições de francez e fazer algumas traducções, que os livreiros lhe pagavam miseravelmente.

Foi então que deu á luz o *Ensaio historico*, obra escripta sob o ponto de vista do scepticismo, reproduzindo contra a religião todas as objecções e argumentos dos philosophos do seculo XVIII. Esta obra não dava logar a esperar-se o *Genio do Christianismo*.

Quando recebeu a noticia da morte de sua mãe, voltou a França, onde principiou a redigir o *Mercurio de França*, de camaradagem com Fontanes. *Atala* appareceu então e obteve um verdadeiro successo, multiplicando-se as edições e as traducções. Em 1802 deu o *Genio do Christianismo*.

N'esta obra gigantesca Chateaubriand limita-se a traçar a poetica do christianismo e sob este ponto attingiu alturas sublimes; mas a parte dogmatica é fraca e incompleta e a parte historica está apenas esboçada. Quanto ao movimento scientifico, o estudo pouco adiantado da sciencia do seu tempo não lhe permittiu a analyse imparcial. O fogoso poeta queria que o seu seculo fosse christão; para isso entendeu que o melhor caminho a seguir era fallar ao coração e á alma.

Napoleão, que adivinhava os homens de talento, tinha os maiores desejos de attrahir a si o nosso poeta. Comprehendeu-o elle e preveniu os seus desejos dedicando-lhe o *Genio do Christianismo*.

Foi o principio da sua carreira publica, na qual, digamol-o com franqueza, não foi nada feliz.

Nomeado primeiro secretario da embaixada franceza em Roma, Chateaubriand partiu para a Italia em 1804.

Continua

CHATEAUBRIAND

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

I

INTRODUCÇÃO

Continuação

Frei Bernardo ficou por tanto sendo capellão da casa e mestre de primeiras letras de D. Adelia e de Hermano, que tinham, este, sete annos de edade, e D. Adelia seis.

Hermano, que era uma creança loura, interessante e formosa, por estas inclinações, graças e meiguices seductoras e inexplicaveis que alguns innocentes sabem empregar, captou toda a estima não só de D. Francisco e do padre Bernardo, mas muito principalmente de D. Clementina, que lhe queria como se elle fôra seu filho. Os carinhos e a opulencia cercaram portanto esta creança desde o berço.

Das familias de que já fallamos, aparentadas com D. Clementina, havia uma de mais intimas relações de D. Francisco, posto que de parentesco muito afastado, ou para melhor dizer-mos, tratavam-se por primos, porque, n'aquelle tempo, os chamados fidalgos, era por este agradavel vinculo de parentesco que se julgavam unidos, quando igualmente fossem ricos e morgados, embora o parentesco lhes tivesse terminado na vigesima geração, ao passo que, d'ordinario, negavam o sagrado nome de irmãos aos que realmente o eram, quando estes fossem pobres ou estivessem em más circumstancias; no entanto esta familia era uma d'essas que merecia de D. Francisco o franco acolhimento e o grao de parentesco, não só pela avultada fortuna de que dispunha, como por serem todos como D. Francisco affectos d'alma e conveniencias ao partido da bandeira azul e vermelha.

Compunha-se esta familia de tres irmãos e duas irmãs, não sendo aos primeiros a tradicção muito favoravel pelas *gentilezas* pouco honrosas dos seus tempos passados. Das irmãs, a mais nova era casada e tinha um filho, de nome Fernando, de quinze annos de edade, que, por causa dos assomos do seu genio vigoroso e indomavel, tinha sido pelo pae mandado educar com recommendado rigor em um collegio em Lisboa. Era esta familia conhecida em toda a provincia pelo nome de Fidalgos da Quinta da Praia.

Da familia propriamente dita de D. Clementina, apenas existiam duas irmãs, uma casada e residindo na praça de Valença e outra que habitava em Vianna do Castello, na antiga casa de seus paes.

Eis pois os personagens que temos a apresentar ao leitor e que teem maior ou menor acção no enredo d'esta novella.

II

D. Alvaro, posto que bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, não querendo fazer uso da profissão d'advocacia, nem viver debaixo da tutella de seu irmão, preferiu ir alistar-se como cadete nas fileiras do exercito, escolhendo para servir o regimento d'infanteria 18, um dos corpos que fazia a guarnição da cidade do Porto; e annos depois da sua praça, pertencendo a este corpo como tenente, foi um dos maiores influentes para que se proclamasse a constituição, o que teve logar no dia 16 de maio de 1828, sendo este heroico regimento um dos primeiros a quem compete a honra d'esse glorioso feito por ser o primeiro que fez tremular aos olhos dos partidarios de D. Miguel a bandeira azul e branca, esse symbolo da côr do ceo e das vestes dos anjos como preanuncios de futura paz e felicidade.

UMA FLORESTA NA AMERICA DO SUL

Depois, quando o phantasma do despotismo se volveu de novo impavido e terrivel, refreiando o bem da patria e o progresso da humanidade, quando os tyrannos opressores continuaram a lavrar a pagina negra na immaculada historia d'este abençoado solo de Camões, este brioso pugnador da liberdade viu-se pouco depois, como outros seus companheiros d'armas, obrigado a emigrar para o estrangeiro e a refugiar-se no exilio.

O fidalgo, que desde o berço vivera afeito ás grandezas e commodidades com que foi creado, passou por todas as privações, tormentos e saudades que no exilio tanto definham o corpo e o espirito; conheceu então mais a fundo as adversidades da vida humana e o quanto são loucos e vãos os orgulhos do mundo; por isso a ideia da igualdade cada vez se lhe tornava mais grata, rasoavel, precisa; cada vez mais conhecia que o despotismo era sombra que enlutava, veneno que dava morte, torpor que paralisava, ao passo que a liberdade e igualdade eram a ideia de Deus, facho do ceo illuminando o caminho do engrandecimento, o sentimento do amor, da fraternidade e do raciocinio; por isso, mais acerrimo se tornava como partidario da santa causa da liberdade.

Desde que o mesmo amor, a mesma necessidade, a mesma ideia guiou esse grande mundod e victimas que se achavam espalhadas pelas diversas nações da Europa, e o mesmo ardor patriotico os fez reunir na ilha Terceira, D. Alvaro foi um dos primeiros que chegaram áquellas paragens açorianas para fazer parte d'esse exercito heroico, d'essa aurora resgatadora que nos aplanou o caminho da felicidade.

Ahi o exilado fidalgo ainda verteu sentidas lagrimas com saudades das terras do continente.

Continua

SOUSA MACARIO

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
XI
A MÁMOA DE OLVEDA

Continuação

Eu prosegui:

—Crer, pois, que em politica ha pessoas e principios, é pura illusão. Não ha mais do que essa trindade de seus elementos basicos, aos quaes obedecem inconscientemente as correntes sociaes impellidas pelo seu proprio peso collectivo, e não pelos esforços de individualidades ou de idealisações que parecem encarnar situações politicas dadas. Para essa marcha cega, inconsciente, da humanidade, para esse fluxo e refluxo em que se vae desdobrando, primeiramente vemol-a significar-se em revoluções ou aggrupamentos de raças como gottas d'agoa espalhadas pela face do planeta, que terão de se condensar para constituir fluido corrente. Vêde-o assim marcadamente no plano historico da peninsula, que encontramos na raça celtica (a do norte peninsular) e a iberica (a do sul peninsular), que tendem a unir-se pelo seu proprio peso, e que effectivamente se unem e mystificam, constituindo a Celtiberia, e engrossando-se a torrente, essas raças passam além dos Pyreneos; as dos galaicos constituem as Galias e continuam avançando ainda mais para além; e a dos nossos iberos estende-se pelo Meio dia do Mediterraneo até á Asia. Porém, ao mesmo tempo que essas correntes sociaes alargavam o seu horisonte desde o Occidente até ao Oriente, outra corrente social mais illustrada verificava a sua revolução em sentido opposto pelo littoral norte d'Africa, sulcando o Mediterraneo desde a Asia até á Europa; eram os phenicios. Aos phenicios succedem os gregos; aos gregos os carthaginezes; aos carthaginezes os romanos; aos romanos os suevos; aos suevos os visigodos, e aos visigodos os arabes, até que das nossas borrascas baixa a avalancha da reconquista, e Lugo é a primeira cidade episcopal que a Hespanha christã recupera da Hespanha arabe, como Granada foi a ultima. Apparece a imprensa e o telegrapho, e já não ha evoluções ou transmigrações de raças para se desenvolver a humanidade; a folha periodica, actualmente, que conduz com rapidez as locomotoras terrestres e maritimas d'um a outro ponto do planeta, solidarisa as sociedades mais antitheticas, encadeia-as cada vez mais em uma vibração intellectual incessante, e essa electricidade do pensamento humano, communicando-se pelas entranhas da terra e as profundidades do mar, em cima das montanhas e sobre as ondas, faz de toda a humanidade um unico cerebro, uma unica corrente politica, para preparar melhor o triumpho definitivo da democracia. De modo que não são as personalidades, nem os principios, os que constituem as correntes sociaes, por mais que nos pareça assim na nossa phantasia; são os elementos constitutivos a que alludi, e dos que todos formamos parte inconscientemente, como operarios mais ou menos obscuros, á maneira que formam parte d'essa arvore que ahi está, todas as folhas que n'ella vemos, por mais que umas estejam mais altas, outras mais baixas e outras apenas se vejam no seio da sua copa.

D'esta vez todos me applaudiram, como se comprehendessem bem o alcance da minha logica.

Eu prosegui:

—No nosso orgulho individual, todos nos julgamos predestinados á iniciação de grandes pensamentos e de grandes melhoras, e não somos mais que pobres gottas d'agoa, que formamos ondas nas correntes sociaes, e que não indo incorporadas n'ellas, seccar-nos-iamos na soledade. Nada é nosso proprio; tomamos tudo de todos; e a nossa marcha progressiva em um aperfeiçoamento, que apenas sabemos formular, estriba-se n'essa cohesão, n'esse peso intellectual que nos dá a collectividade. Annibal, atravessando os Alpes para penetrar no fundo de Roma, não obedece ao seu proprio pensamento, obedece á avalancha carthagineza da sua epoca, que o impelle; sobe, sobe como a folha d'essa ramagem que está mais alta, porque alguma folha tem que contribuir para a extremidade da arvore. Colombo, descobrindo um novo mundo, não obedece á sua propria inspiração, ainda que o pareça assim no nosso modo de ver, ou modo de apreciar apparentemente os factos; obedece á corrente social da sua epoca, em que já á maior parte dos pilotos preoccupa esse descobrimento; que não nos digam alguma cousa ácerca das suas fadigas para encontrar caravelas em que embarcar; que não nos refiram as mil e mil conversações que terá ouvido desde a sua infancia a todos os navegantes com quem vivia, e a estatua cahirá do seu pedestal. Newton, formulando a sua theoria sobre a gravitação dos astros, não obedece a um pensamento proprio, intimo; obedece ás correntes scientificas da sua epoca; se tivesse nascido e se se tivesse creado n'estas montanhas do Ulla, longe das nações em que recebeu as impressões proprias do scenario em que as ondas intellectuaes embalaram a sua estatua, as leis da attracção se descobririam sim, porque tinha-lhes chegado a hora; porém não seria Newton isolado nas vertentes do Ulla quem as descobriria.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

VIII
ASTRONOMIA

Continuação

O gaz occupa o espaço que separa todos estes corpos: elle serve para os reunir e torna os seus movimentos dependentes uns dos outros. O effeito resultante d'este acordo pode ser comparado ao produzido pela queda d'um corpo solido no meio d'um tanque de agoa. Graças ao effeito da acção e da reacção, as ondulações que se produzem estendem-se irradiando e diminuindo em rasão do quadrado das distancias. Por tanto da distancia do ponto d'acção depende a força, obrando uns sobre os outros; todos estão submettidos ás leis acima. Com effeito, tudo demonstra uma causa uniforme, tudo revela uma harmonia universal.

Agora que já conhecemos os movimentos das estrellas de leste para oeste, ou antes o movimento da terra em sentido contrario; agora que consideramos o espaço em que as estrellas estão situadas, dirijamos a nossa attenção para as consequencias da rotação da terra. Uma leve reflexão basta para conhecer que os astros immediatamente superiores ao eixo supposto da terra parecem permanecer estacionarios. Fazendo girar uma roda á volta do seu eixo, todos os lados da circunferencia se apresentam successivamente; mas o eixo, em si, dirigir-se-ha sempre sobre o mesmo ponto. Em vez d'uma roda supponhamos a rotação do globo terrestre e o effeito será o mesmo: os pontos do eixo, chamados *polos*, conservarão a mesma direcção, ao passo que todos os pontos do globo formarão circulos mais ou menos extensos, á medida do seu afastamento ou approximação dos polos.

Importa pois determinar os pontos no ceo que estão oppostos aos polos da terra. Aquelles parecem estacionarios, ao passo que os outros parecem que fazem mover á sua roda um circulo diario. Exceptuados aquelles que vivem sob o equador, de que todos os polos estão afastados 90 graos, nenhum habitante da terra póde ver os dous polos, pela rasão de que desde o ponto acima das nossas cabeças não podemos ver mais de 90 graos. Podem pois ver-se,

sob o equador, os dous polos exactamente sobre o horisonte, a norte e sul; mas se avançarmos um grao para o norte do equador, de modo a ficarmos a 89 graos do polo norte, veremos um grao além do polo norte e um grao menos do polo sul, porque, pelo principio já estabelecido, não podemos ver a um tempo mais de 90 graos acima do nosso zenith.

Chama-se *estrella polar* uma estrella que se acha de tal modo perto do polo norte, que se tomaria irreflectidamente pelo polo mesmo. Reconhece-se facilmente por meio de duas outras estrellas que se dirigem para ali em linha recta. Estas ultimas pertencem á constellação da *Grande Ursa*. Durante o inverno veem-se a leste do polo; estão afastadas cerca de 6 graos; a mais proxima, chamada *Cão de caça*, está a 30 graos da estrella polar, que parece conter em respeito.

As outras estrellas parecem girar á roda da estrella polar a differentes distancias, ao passo que ella permanece constantemente no mesmo ponto.

Os outros objectos notaveis que se offerecem, nas noutes d'inverno, á vista, são as *Pleiades*, ou Sete-Estrello; para o sudueste, e abaixo, um pouco para leste, a constellação de *Orion* e um pouco mais abaixo ainda *Syrius*, a mais brilhante das estrellas fixas. Estas tres estrellas brilhantes reunidas em linha, chamada o *talabarte de Orion*, estão a igual distancia das Pleiades e de Syrius, isto é, a 35 graos d'uma e d'outra.

Das tres estrellas, no talabarte de Orion, a mais septentrional é precisamente a que está acima do equador, tão exactamente que, d'esta estrella á estrella polar septentrional, ha 90 graos exactos.

Continua — DOUTOR JAYME

ALCHIMIA

Tomei do teu olhar
O brilho diamantino
E logo o fui guardar
Em vaso crystalino.

Juntei-lhe o palpitar
Do teu seio divino,
E a côr do teu corar,
E o teu sorrir ladino.

Uni o vaso a mim
E do meu coração
Dei-lhe todo o calor;

Em alchimia assim
— Oh! doce inspiração,
Nasceu o meu amor.

NUNO RANGEL

SCENAS DA EMIGRAÇÃO

Está sendo alvo da curiosidade publica um bando d'infelizes, que, pensando encontrar em terras estranhas o conforto e as commodidades que na patria não vingaram alcançar, se tinham deixado seduzir pelas pomposas promessas dos engajadores, tendo ainda a fortuna de livrar-se a tempo das garras dos infames exploradores do seu trabalho e da sua vida.

E' certo que nem todos os que deram ouvidos aos especuladores foram tão felizes e que muitos teem pago cara a sua ingenuidade, pois não é só hoje que apparecem nos jornaes annuncios, convidando trabalhadores de todas as classes a emigrarem, com uma exhuberancia de pomposas promessas, que devem por certo seduzir os incautos, que não conhecem da emigração mais do que as phantasiadas delicias descriptas pelos engajadores.

Afigura-se-nos, por tanto, optimo o ensejo para descrevermos alguns episodios da vida que passam n'essas longiquas terras os infelizes emigrados; e felizes nos julgaremos, se com este trabalho lograrmos desviar algum compatriota d'esse voraz abysmo.

Em 187... partiu de diversas terras para a America do Sul (Nova Orleans) grande numero de colonos, que um celebre Carlos Nathan engajou em diversos paizes, e inclusivé em Portugal, e de certo está ainda na memoria de toda a gente este engajamento, que se tornou celebre pelas numerosas reclamações que d'elle resultaram, e pelo que da triste sorte d'esses colonos contaram os jornaes; todavia a intensidade do soffrimento d'esses pobres martyres só a pode apreciar quem a analysou de perto.

Descreveremos apenas uma scena das muitas que nos são descriptas por uma testemunha occular.

—Uma tarde, conta aquella testemunha, tendo-me desviado dos meus companheiros, perdi-me na floresta, o que não era a primeira vez que me succedia. Disparei alguns tiros, afim de fazer saber aos meus companheiros onde me achava, e esperei.

Pouco depois senti afastar cautelosamente os numerosos arbustos que me cercavam e vi surgir ante mim dous individuos, cujas physionomias desconheci, mas que todavia me pareceram agradaveis, por serem de europeus.

Com aquella intimidade que facilmente se estabelece entre pessoas que se encontram no meio d'uma floresta, em breve fui informado da posição social dos meus novos companheiros e do fim que os trouxera á floresta, o que de certo não lhes captou a minha sympathia.

Eram inglezes e proprietarios de uma feitoria proxima, onde traziam tresentos e tantos colonos dos *arrebanhados* por sir C. Nathan em todos os paizes do mundo, pobres párias que se entregavam á escravidão, procurando a fortuna esquiva. O maior numero de aquelles infelizes eram dinamarquezes, e nos primeiros mezes de captiveiro haviam morrido ás dezenas, victimados pelas febres, por um trabalho violento sob um sol ardente e sobre tudo pela amargura da desillusão.

Os que restavam procuravam a todo o transe reconquistar a liberdade, e por isso eram frequentes as evasões, apesar dos severos castigos com que os *senhores* puniam aquelles que conseguiam colher ás mãos.

Os meus novos companheiros andavam n'este momento em busca de duas engajadas, mãe e filha, evadidas havia dous dias, e que segundo todas as prescripções, se haviam embrenhado na floresta afim de desnortearem os seus perseguidores.

—A mãe pouco importa, diziam elles: é já velha e não pode trabalhar, porque lhe minaram a existencia; além d'isso tem o corpo coberto de chagas, resultado da mordedura dos mosquitos, que eram numerosos no sitio onde ella trabalhava; até nos admira como ella conseguiu arrastar se até aqui.

Continua

O PÁRA-RAIOS

Demonstrada a presença da electricidade livre na atmosphera, o que Franklin vingou saber por meio do papagaio, de que fallamos no numero anterior, restava estudar o modo de fazer com que o effeito d'uma descarga electrica, ou, por outras palavras, o raio, fosse neutralisado de qualquer modo por meio d'uma corrente opposta. O pára-raios foi o resultado das investigações do sabio americano.

O pára-raios tem a propriedade de attrahir e condensar a electricidade das nuvens para uma haste metalica ponteaguda. Uma cadeia metalica, servindo de conductor, guia o fluido desde a haste até ao solo. Ali, conductores feitos de tijolo, em forma de poços, dirigem-o para um poço, ou reservatorio, cheio d'agoa, onde elle se perde.

Foi em 1760 que Franklin fez construir o primeiro pára-raios, que foi assente em casa d'um negociante na Philadelphia. O resultado não podia ser mais satisfatorio. Logo á primeira trovoada que rebentou sobre a cidade, o instrumento foi despedaçado; mas a casa nada soffreu.

A America recebeu, desde logo,

com immenso alvoroço o novo invento, que só muito tarde pôde atravessar os mares para se naturalisar no novo mundo. Um mal entendido espirito de inveja fez com que na Inglaterra se lhe fizesse grande opposição. Só em 1788 ali começou a usar-se o pára-raios. Em França quasi aconteceu outro tanto, porque o padre Nollet, o maior entendedor da materia n'aquella epoca, foi de parecer que tal instrumento não podia produzir bons resultados. A experiencia demonstrou o contrario, para bem da humanidade.

Chappe e Berthelon, francezes, aperfeiçoaram o pára-raios.

Desde fins do seculo passado, o pára-raios generalisou-se em todo o mundo, por forma que não ha hoje povoação importante onde elle não funccione para preservar dos effeitos do raio os edificios d'alguma importancia.

BIBLIOGRAPHIA

—

As grandes invenções, por Luiz Figuier.

1 vol. edição da casa Chardron, Porto. Preço em brochura 3$000 rs., cartonado 3$600 rs.

SUMMARIO DOS CAPITULOS

Conclusão

XX— Os aerostatos. Os irmãos Montgolfier inventam os balões de fogo. O physico Charles Montgolfier em Paris. Primeiro balão de fogo que transportou aeronautas. Primeira ascensão d'um balão de gaz hydrogeneo com aeronautas. Blanchard transpõe em um balão o Passo de Calais. Morte de Pilatre de Rosier. Aerostatos usados nas guerras da republica. Viagens aereas emprehendidas para interesse das sciencias. Theoria da ascensão dos aerostatos. Operações que se hão-de executar para lançar um balão ao ar. O cesto, a valvula, o lastro, o pára-quedas. Direcção dos aerostatos.

XXI— Poços artesianos. Esboço historico. Os poços artesianos da Europa. Considerações geraes sobre os poços artesianos. Poço de Grenelle. Poço de Passy.

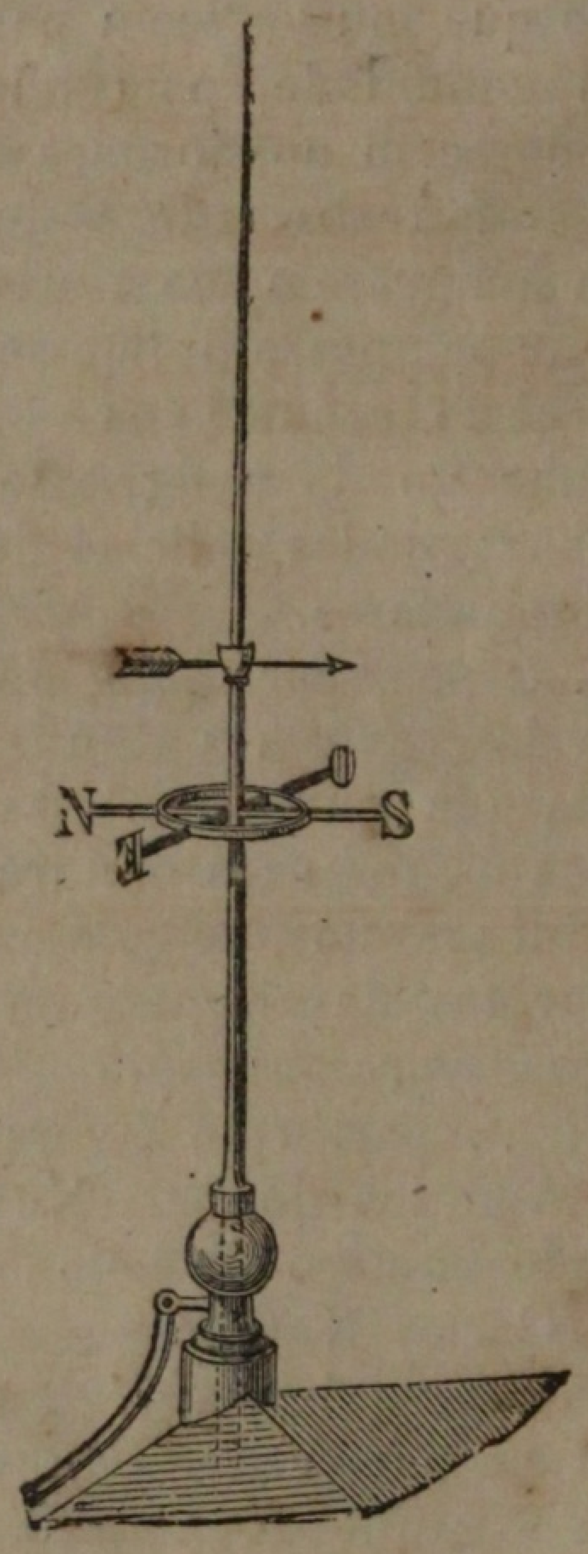
XXII— Pontes Pensiles. Considerações geraes. Resumo historico. Construcção das pontes pensiles. Cabos. Cadeias. Taboleiros. Maciços. Prova da ponte pensil. As mais notaveis pontes pensiles.

XXIII— O tear á Jacquard.

XXIV— A photographia. José Niepce inventa a photographia. Daguerre. Descripção do processo photographico de Daguerre. Aperfeiçoamento da descoberta de Niepce e Daguerre. Processo actualmente usado para se obter uma prova photographica sobre metal. Photographia sobre papel. Theoria e pratica das operações da photographia sobre papel. Photographia sobre vidro; uso do collodio.

XXV— Estereoscopio. Considerações previas. Historia. Estereoscopio de espelho. Estereoscopio de refracção, ou de Brewster. Theoria e descripção d'este instrumento. Imagens estereoscopicas.

XXVI— A drenagem. Seus bons effeitos. Resumo historico. Solos que convem drenar. Signaes exteriores da necessidade do drenamento. Maneira de executal-o. Sondagem. Traçado. Abertura e profundidade dos drenos. Composição dos drenos. Tubos. Machinas de fabricar os tubos.



PÁRA-RAIOS

ZIG-ZAGS

—

A PREGUIÇA

Os antigos fizeram da preguiça uma divindade, filha do somno e da noute. Foi metamorphoseada em tartaruga, por ter dado ouvidos ás propostas galantes de Vulcano.

Pretende-se que as horas d'ocio dos ricos são favoraveis á preguiça; é certo que a extrema miseria não o é menos. Com effeito, estes dous estados fazem odiar o trabalho, no primeiro caso porque parece que não se receia a miseria e no segundo porque se está affeito a ella. O lazarone de Napoles, o negro, o indigena da America do sul, não trabalham senão obrigados pela necessidade de adquirir meios de sustentação.

As calamidades que affligiram o Oriente foram devidas á estupida indolencia d'aquelles povos. O despotismo enervou-os; depois agradou-lhes esse meio, que os privava de toda a actividade politica. Roma, transformada em rainha do mundo, abandonou o trabalho aos escravos, e quando estes foram alforriados pelo christianismo, o imperio romano, privado do trabalho do escravo, achou-se perdido e não tardou a sua ruina.

A hygiene, d'acordo com a moral, eis o que pode exterminar a preguiça.

—

O AMOR

Aquelle que nunca sentiu penas, nunca sentiu amor.

EXPEDIENTE

—

GOLLEGÃ

Tendo sido baldadas todas as diligencias empregadas para que o snr. ANTONIO JOSÉ MADEIRA, nosso ex-correspondente na GOLLEGÃ, nos PAGUE o saldo das folhas que para ali enviamos, lançamos mão d'este meio, como ultimo recurso, afim de evitar que aquelle CAVALHEIRO continue a abusar da BOA FÉ de quem não lhe conhecer as qualidades.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

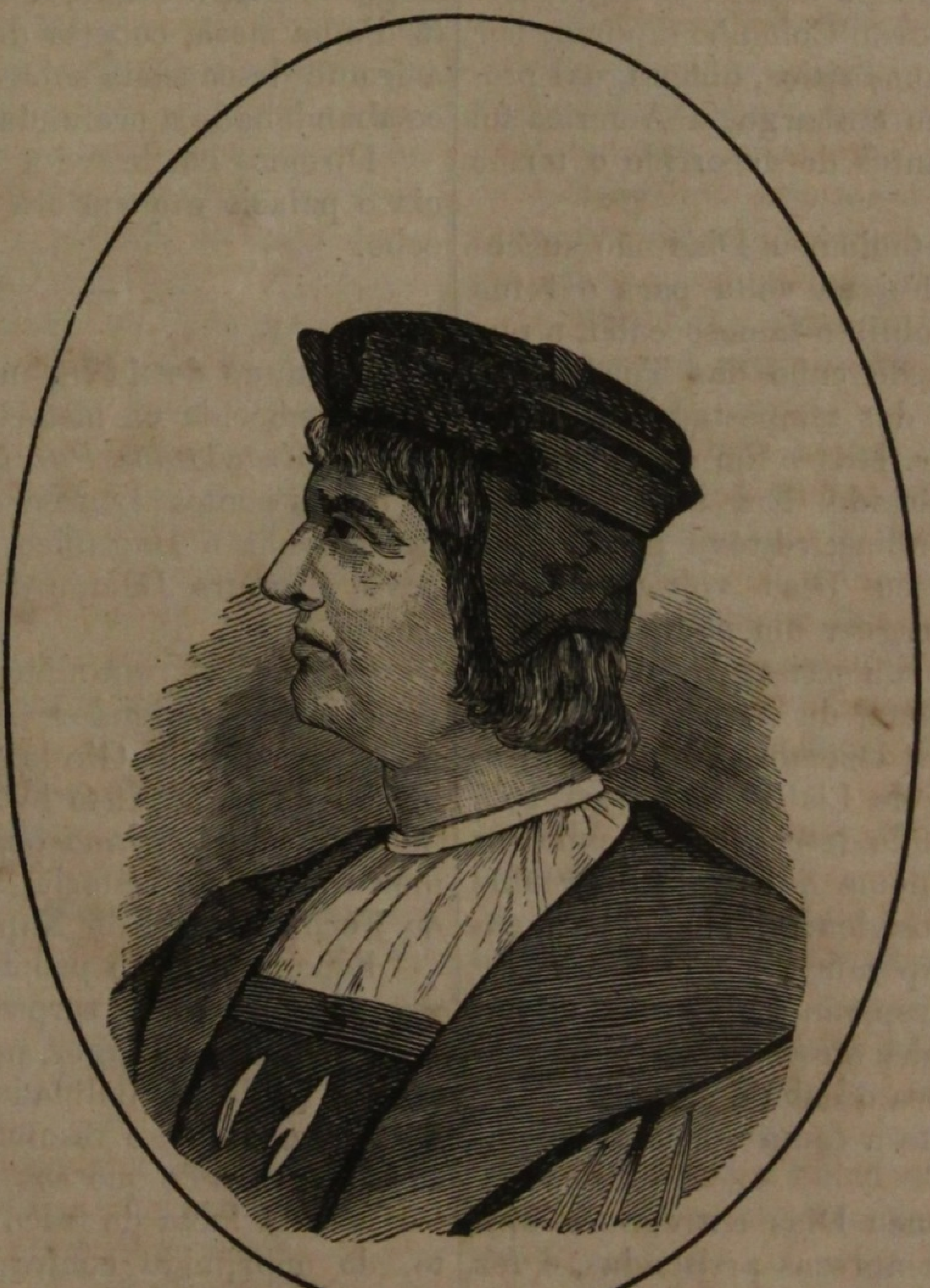
A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 27 DE JULHO DE 1882 | NUMERO 100



BARTHOLOMEU DIAS

SUMMARIO

TEXTO: — Bartholomeu Dias — Bianca Capello (romance) — A renascença, por Heliodoro A. Salgado — A boa nuncia (poesia) por E. A. Vidal — A vingança d'um morto (romance) — O Amazonas — Littré — Scenas da emigração — O conde de Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — (J. M.) (poesia) por Eduardo Véras — Herodiades — Chateaubriand — Charada — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Bartholomeu Dias — O Amazonas — Emilio Littré — Herodiades.

BARTHOLOMEU DIAS

—

No tempo d'el-rei D. João II prepararam-se duas expedições para irem em procura do famoso Preste João, que as lendas da idade media adornavam com as côres do mysterio. Uma d'ellas foi a de Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, de que já aqui fallamos; a outra foi a de Bartholomeu Dias, de que vamos tratar.

Partindo de Lisboa no dia 2 d'agosto de 1486, Bartholomeu Dias chegou sem novidade á costa da Hottentotia, onde deparou com um cabo, diante do qual esteve cinco dias sem o poder dobrar, em consequencia da ventania ser muita.

D'ahi por diante a navegação tornou-se difficilima. Durante treze dias os navios vogaram á mercê dos ventos e das ondas, por mares inteiramente desconhecidos.

Até ali a expedição não tinha produzido resultados que valessem os esforços empregados. Os tripulantes, desesperados, recusaram-se ir além, e, não podendo ser insensivel aos seus rogos, o capitão prometeu-lhes que, se dentro de tres dias não lograssem alcançar melhor resultado, voltariam ao reino. Cousa notavel! Annos depois, os marinheiros de Christovão Colombo deviam, por aquelles mesmos sitios, obter igual promessa, e, sem embargo, a America foi descoberta antes de decorrido o termo fatal.

Com Bartholomeu Dias não succedeu assim. Foi na volta para o reino que elle descobriu o famoso cabo, a que deu o nome de cabo das Tormentas, em memoria das tempestades com que teve de luctar. Mas o fim da expedição estava preenchido. Era aquelle o caminho das Indias; restava percorrel-o; e Bartholomeu Dias voltou ao reino depois d'erguer um padrão commemorativo da sua passagem na extrema ponta meridional da Africa.

Em 19 de dezembro de 1487 entravam a barra de Lisboa os navios, com a feliz noticia da descoberta do cabo das Tormentas, nome que el-rei, por uma inspiração providencial, mudou para cabo da Boa Esperança. E não foram desmentidas as esperanças do rei e da nação, porque dez annos depois Vasco da Gama dobrava o cabo e espalhava por todo o Oriente a fama do nome portuguez.

Bartholomeu Dias entregou-se ainda a outras emprezas arriscadas, e fez parte da expedição em que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil. Mas em 29 de maio de 1500, ao ir para dobrar mais uma vez o famoso cabo, uma tempestade engoliu a flotilha do audacioso navegador. Assim se cumpriu o protesto do genio das tempestades, que o nosso invicto Camões põe nos labios do gigante Adamastor, por estas palavras:

Sabe que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

BIANCA CAPELLO

PRIMEIRA PARTE
O RAPTO

—

I
EM VENEZA

Estamos em Veneza, no dia da Ascenção, no anno 1563. Depois de termos penetrado em um palacio cuja porta dá para o rio de Santo Apollinario, entremos em um quarto, cujas janellas altas e ovaes dão para uma galeria aberta, guarnecida de columnas e balaustradas.

No meio d'aquelle quarto sumptuoso, um mancebo, vestido com a mais elegante simplicidade, está sentado junto d'uma mesa, coberta de papeis. Com a fronte descansada sobre a mão, parece abandonado a profundas meditações

Diremos em breve a quem pertencia o palacio e quem era aquelle mancebo.

—

No anno de 1478, uma conspiração, conhecida na historia pelo nome de *conspiração dos Pazzi*, estalara em Florença contra Lourenço de Medicis, por alcunha o Magnifico, ou o Pae do povo, e contra Juliano de Medicis, seu irmão.

Os filiados eram numerosos; mas os verdadeiros instigadores foram os Pazzi, os Salviati e Girolamo Riario, sobrinho do papa Xisto IV. Ora, a cumplicidade do soberano pontifice foi demonstrada pela historia, assim como a de Fernando, rei de Napoles.

Esperar ocasião propicia, não deixar nada ao acaso, surprehender o inimigo, pol-o, pelo vigor, pela rapidez do ataque, na impossibilidade de defender-se; emfim atacal-o resolutamente, atacal-o primeiro do que aos seus satelites: eis como a lucta do fraco contra o forte, do opprimido contra o oppressor, deve ser combinada para vingar. Mas as emprezas d'esta natureza, aconselhadas quasi sempre pela cegueira da paixão, nascidas no delirio do odio, não se executam senão com indecisão, com a duvida e o temor, que acompanham sempre as tentativas criminosas.

Os conjurados tiveram d'arrepender-se da sua precipitação.

Lourenço e Juliano de Medicis, attrahidos a uma ceremonia religiosa preparada pelos seus inimigos, com o fim secreto de proporcionar aos conjurados os meios de obrarem com as maiores probabilidades d'exito, tinham ido ouvir missa a Santa Maria-dei-Fiori, *il Duomo*, a cathedral de Florença, em companhia do cardeal Rafaelo Riario, legado do papa Xisto IV. O arcebispo de Pisa, Francisco Salviati, fingira que se ausentara da sua diocese, expressamente para assistir á solemnidade, mas na realidade para assistir ao golpe fatal.

No momento da Elevação, quando os dous principes ajoelhavam, os conjurados precipitaram-se sobre elles.

Juliano cahiu morto ao pé do altar, apunhalado por Bernardo Bandini. Lourenço, que apenas recebera uma ferida leve no pescoço, fugiu para a sachristia, onde teve a fortuna d'encontrar um bando dos seus, que o protegeram. Os seus guardas, os seus partidarios fieis, refeitos do natural assombro, proprio do successo, juntaram-se, desembainharam as espadas, e, auxiliados pela multidão que á noticia do attentado invadira a egreja, conduziram-o a casa triumphalmente.

Na primeira effervescencia o arcebispo de Pisa foi immolado pelo povo, e o cardeal-legado encarcerado no *Bargello*.

A prisão do legado forneceu pretexto ao papa para excommungar Lourenço de Medicis, assim como os principaes magistrados, e para lançar até o interdito sobre a cidade de Florença. Entretanto, n'este ponto, as bullas do papa não chegaram a executar-se porque o povo obrigou os padres a celebrar os officios divinos apesar da prohibição de Xisto IV. Pelo seu lado, Lourenço de Medicis recorreu a Luiz XI, rei de França, que achou ensejo para fazer um grande alarde de forças, dizendo que ia emancipar-se da tutella do papa, reunir um concilio em Orleans para abolir as *annatas* e restabelecer a *pragmatica-sanção*. O papa, intimidado, fez as pazes com Lourenço de Medicis, que era tudo quanto este desejava.

—

Assim, a conspiração dos Pazzi abortara.

Dos conjurados, uns morreram na refrega; outros foram presos e acabaram no cadafalso; poucos escaparam á vindicta publica.

Os membros da familia Salviati, que tiveram a felicidade de escapar á prisão, refugiaram-se em Veneza. Compraram ali um palacio, que conservaram ainda depois de voltarem a Flo-

rença, e que um d'elles ficou sempre habitando. Como negociavam em fundos, genero d'especulação muito bem visto entre as camadas da nobreza florentina, o estabelecimento d'uma succursal em Veneza favorecia muito as suas relações com os negociantes da localidade.

Continua

A RENASCENÇA

Continuação

II

DESCOBERTAS DOS PORTUGUEZES

Por este tempo grandes e importantes questões agitavam os espiritos. Tratava-se de determinar positivamente qual a forma da terra, de saber quaes os limites do Oceano, e de achar um caminho por mar para as vastas regiões indianas. Renovavam-se velhas doutrinas dos philosophos gregos, egypcios e chaldaicos. Contestava-se. A egreja intervinha algumas vezes com o seu poder brutal.

Aristarcho, Ptolomeu, Aristoteles, Epicuro, todos os grandes legionarios da antiguidade luminosa, eram chamados ao certamen; mas nada se resolvia.

Houve então uma pequena nação do occidente da Europa, que hoje apenas conta quatro milhões d'habitantes, e que então ainda menos tinha, que se encheu d'animo para se lançar á empreza gigantesca. Fallamos de Portugal.

Bem sabiam os intrepidos nautas portuguezes que tinham de se haver com o vago terrivel do pégo insondado: bem sabiam que tinham de romper

por mares nunca d'antes navegados;

mas nada os podia deter. Elles, que, quer quando unidos ainda á Hespanha, quer depois de proclamada a sua independencia, haviam sempre luctado contra os mouros em recontros terriveis, estavam affeitos a toda a sorte de perigos, e pouca impressão poderia produzir pelo lado terrifico a magestade sombria dos mares em quem vira quotidianamente essa outra cousa magestosa e horrenda, um campo de batalha.

Eleito o rei João I o povo tudo confiou da sua valente espada, e, sem mais preoccupações patrioticas, votou-se ao serviço da humanidade. O mar, o largo mar que beija as plantas de Portugal desde o mais alto Minho, até ao extremo Algarve, estava ali, convidando-o a novas emprezas, mais uteis certamente do que as conquistas iniquas d'um povo vencedor, que ergue o direito da força sobre a força do direito d'um pobre povo opprimido.

Estava-se no anno de 1411.

O rei conhecia bem o espirito aventureiro do seu povo. Terminada a grande obra da independencia nacional, sellada no campo d'Aljubarrota com a espada do condestavel, e depois, com a brilhante administração interna do valido João das Regras, não havendo mais mouros a expulsar da Lusitania, não tinha o povo portuguez em que empregar a sua actividade, e, certamente, viria a haver desordem, se não apparecessem novos perigos a vencer, novos louros a conquistar. O rei e seus filhos trataram pois de animar o mais possivel as viagens aventureiras dos portuguezes, que sentiam desejo de ser não só um povo guerreiro, mas tambem um povo maritimo, um povo descobridor.

Primeiramente uma grande esquadra composta de navios portuguezes e alguns estrangeiros, foi organisada no porto de Lisboa, e partiu a levar a guerra aos mouros das costas da Barbaria.

Em quanto esta frota se estava organisando, alguns navios partiram em derrota á volta das terras d'Africa, beijadas do Atlantico, com o fim de descobrir terras.

Por aqui se vê que o fanatismo que assoberbava o animo d'outros povos não era aqui conhecido, e que os portuguezes tanto sabiam que a terra se não limitava ao velho continente, que se aventuravam a ir descobrir. O terror que guardava as agoas dos grandes mares das profanas vistas dos homens, cahiu perante a audacia de meia duzia de marinheiros intrepidos.

O terrivel cabo de *Não* era temido por todos: ninguem ousava passal-o. Dir-se ia que algum velho Deus olympico ali se erguia ameaçador, forjando raios como Vulcano, e fulminando-os como Jupiter. A parte oriental d'Africa era-nos pois absolutamente desconhecida.

Os portuguezes quebraram este encanto. Transpuzeram o terrivel cabo, sahiram victoriosos do abysmo. As portas do Oriente fomos nós que as franqueamos ao mundo.

Continua HELIODORO A. SALGADO

A BOA NUNCIA

Tu vens cantando, avesinha,
Bem te ouvi, minha palreira;
N'aquella encosta fronteira
Não tardas em saltitar;
E emquanto o dia aprazivel
Encher de luz os balsedos,
Não quebrarás teus folguedos,
Não deixarás de cantar.

Tinha saudades, sim, tinha
D'esses gorgeios festivos;
Dezembro faz pensativos
Inda os risonhos de si.
Como havia eu d'alegrar-me
Na fria quadra invernosa,
Sem te ver, ó minha rosa,
Meu ceo limpido, sem ti!

Agora aquella indiscreta
Veio dizer-me apressada
Que é já linda a madrugada,
Que a primavera chegou;
E poz-se a cantar-me logo,
Como quem magoas não tinha,
A doce palreira minha
Que além na encosta pousou.

Oh, deixae correr os annos,
E murchar-me a flor da vida;
Sempre em minh'alma escondida
Uma semente hei de ter,
Que por mais que a neve caia
Romperá verde e florente,
Aos raios do sol ardente,
E aos beijos d'uma mulher!

E. A. VIDAL.

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO III

O NINHO ABANDONADO

Continuação

V

D. Pedro proseguiu:

—Sinto que poucas horas me restam de vida. Quando eu morrer receberás o premio dos teus serviços.

—Senhor...

—Verás que não me esqueci de enxugar o suor que derramaste em minha casa, por mim e pelos meus.

—Não é farta recompensa a prova de apreço que acaba de dar-me com essa revelação?

—Escuta, Anselmo. Vou fazer-te mandatario da minha vingança, que pode realisar-se, e que se realisará, se Deus quizer.

—Falle, senhor. Serei instrumento cego dos seus planos, fiel executor das ordens que me der.

—Apenas eu tenha exalado o ultimo suspiro, irás á côrte.

—Pôr-me-hei immediatamente a caminho.

—Ha na rua Mayor uma egreja da invocação de S. Salvador. Entrando n'ella, procurarás o altar colateral da esquerda, em que está uma imagem de S. Miguel, de tamanho natural, esmagando aos pés o dragão infernal e ameaçando a cabeça do monstro com a espada nua, que esgrime com a mão direita.

—Que mais?

—Repara bem no rosto do archanjo. Por uma coincidencia singular, e creio que providencial, aquelle rosto é o exactissimo retrato do infame que...

—Grande Deus! exclamou Anselmo ao inteirar-se d'uma circunstancia tão notavel.

—Não sería para estranhar que o miseravel se parecesse com o dragão que ha aos pés do santo; mas tambem Luzbel era formoso e foi o primeiro que se revoltou contra Deus.

—Pois bem, senhor. Copiarei na memoria as feições de S. Miguel. Diga-me porém o motivo.

—Os homens dão muitas voltas pelo mundo e algumas vezes encontram-se. Se tiveres a felicidade de encontrar no teu caminho o auctor da desgraça de toda a minha familia, lhe dirás, não importa que diante esteja gente que possa ouvir te...

—Continue: eu escuto-o.

—Dir-lhe-has: «Na noute do 1.º de junho de 1704 entraste com um destacamento de austriacos em uma aldeia do Aragão. Deshonraste uma joven que dormia e mataste no jardim da mesma casa um mancebo, seu futuro esposo, que queria vingar a infamia. A joven morreu em consequencia d'aquella dupla catastrophe. Seu pae, a quem a dôr da vergonha e as saudades da filha conduziram ao sepulchro, perdoou-te á hora da morte e lega-te este annel, para que, fixo na tua mão, a tua vista fixe tambem o remorso na tua consciencia e á força de acções boas apagues da tua vida aquella pagina de sangue e infamia.»

Ao terminar estas palavras, D. Pedro entregou a Anselmo uma caixinha de veludo, que, aberta, deixava ver um annel d'ouro, figurando uma cabeça de leão mordendo uma maçã.

—Foi presente, disse, d'um pobre almocreve, a quem salvei a vida na montanha, onde o encontrei sepultado entre a neve. Recebi-o como mostra de agradecimento; entrego-o como signal de perdão.

IV

D. Pedro sobreviveu pouco tempo á morte da filha. No seu testamento nomeou por herdeiro da sua modesta fortuna o fiel criado que lhe fechou os olhos, deixando certa quantia para ser distribuida pelas familias pobres das redondezas.

A sua morte foi sentida de todos e chorada com verdadeira dôr. E mais todos ignoravam a abnegação e piedade do ancião, que perdoava ao morrer a quem fôra a causa de tantas desventuras.

Continua

O AMAZONAS

O AMAZONAS

Enthusiasmados pelas poeticas recordações da Grecia e Roma, os primeiros navegadores que chegaram ás margens do famoso rio americano, conhecido hoje pelo nome de Amazonas, pozeram-lhe este nome, que recorda as ferozes guerreiras da mythologia antiga, porque viram os bosques visinhos povoados de mulheres que manejavam os arcos e as flexas com summa destreza.

O primeiro viajante que reconheceu inteiramente o Amazonas foi Francisco Orellana em 1540; mas a sua foz já tinha sido descoberta em 1500 por Vicente Pinçon.

O Amazonas é o maior rio do mundo. Nasce no lago Lauricocha, nos pantanos do Peru, a tres mil metros acima do nivel do mar, atravessa toda a America meridional, de oeste a leste, e lança-se no Oceano Atlantico depois d'um percurso de quatro mil e oitocentos kilometros. A duzentas e cincoenta legoas da sua foz a largura varía de meia legoa a cincoenta legoas maritimas. Tem de profundidade cem braças, e pontos ha onde se não encontra fundo. O sitio em que se lança no mar tem a figura d'um immenso delta. A oitenta legoas da foz, as suas agoas produzem uma corrente, que repelle os navios para o largo, e a sua força é tal, que diminue o gosto salgado da agoa do mar. Durante quarenta legoas correm as suas agoas sem se misturarem pelo mar dentro.

Formam o Amazonas dous braços principaes: o Tanguragua e o Ucaiala. No seu immenso percurso recebe todas

as correntes que descem das cordilheiras. Povoam-o tartarugas, crocodillos, vaccas marinhas e grande quantidade de peixes ainda não conhecidos. Tem por margens extensos desertos, vestidos d'immensos matagaes, por entre os quaes, só de longe a longe, apparece uma ou outra povoação, formada pelas tribus indigenas.

Nada mais esplendido do que aquellas regiões solitarias, banhadas pelo Amazonas, onde os tres reinos como que porfiam em qual hade encantar mais os sentidos. Só ali falta uma cousa: braços que desentranhem d'aquelle terreno privilegiado as riquezas com que a natureza o dotou generosamente.

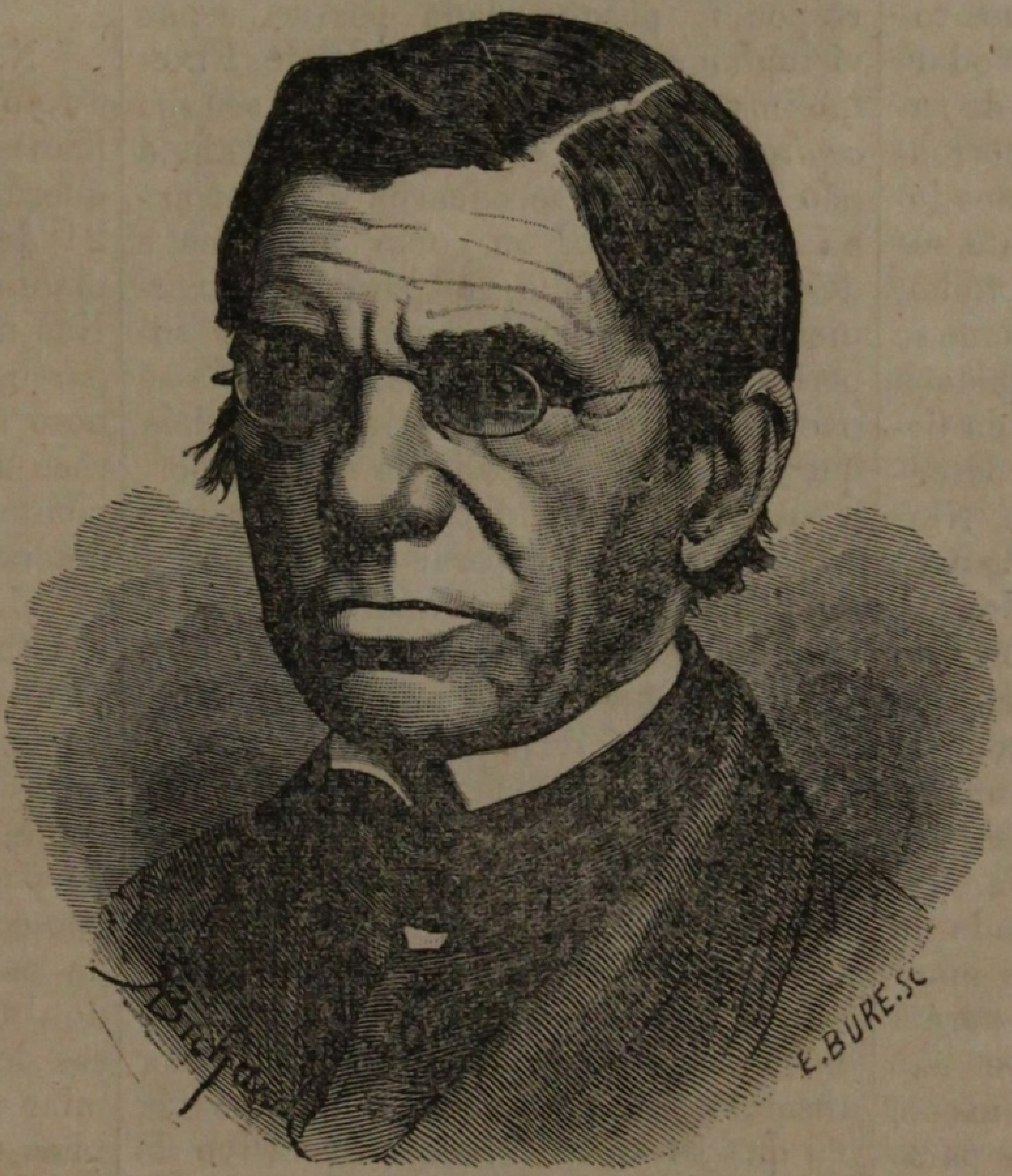
LITTRÉ

Tarde ou nunca será preenchido o logar que o grande sabio e philosopho eminente, arrebatado aos oitenta e um annos d'idade, deixou vago na republica das letras.

Dedicado todo ao bem da humanidade, o profundo philosopho, cujo nome é hoje tão conhecido d'um a outro angulo do mundo, breve comprehendeu que a escola de Conte, o primeiro chefe da philosophia positiva, era a unica que satisfazia as aspirações dos homens que verdadeiramente pretendam ser iniciados nos altos segredos que conduzem á perfectibilidade humana. Todos os seus estudos, dirigidos n'este sentido, accusam uma firmeza de vontade inexcedivel, através das muitas invejas e das grandes inimizades que as suas doutrinas lhe crearam.

Cercado d'uma aureola que a sua grande reputação lhe grangeou, falleceu Emilio Littré em Paris em 1 de fevereiro de 1881.

As suas obras são monumentos indeleveis do amor com que aquelle sabio tratou as letras, pretendendo chegar por esse caminho ao grande objectivo que tinha em vista: o bem da humanidade.



EMILIO LITTRÉ

SCENAS DA EMIGRAÇÃO

Continuação

Achavamo-nos n'este momento em um d'aquelles trilhos que os animaes ferozes abrem nas florestas e denunciam a existencia proxima d'uma caverna ou d'um regato. Bem depressa avistamos uma estreita toalha liquida, onde vinham procurar lenitivo aos ardores do clima os selvagens habitantes do deserto; além d'ella estendia-se uma vasta planicie, quasi totalmente desprovida de vegetação. Este logar era-me totalmente desconhecido, pois nunca até ali estendera as minhas excursões.

Repentinamente os meus companheiros detiveram-se e fizeram-me observar um estranho grupo que avançava penosamente n'aquella planicie. Compunha-se de duas pessoas: uma rapariga de vinte annos, cujo corpo apenas estava coberto por um vestido velho, que os espinhos da floresta haviam rasgado, conduzia sobre os hombros e como vulgarmente se diz, *ás cabritas*, uma pobre velha, cujos membros descarnados e cobertos de pustulas estavam ainda mais mal vestidos que os da rapariga.

Eram as fugitivas.

A rapariga detinha-se n'aquelle momento: depoz a pobre velha no solo arido, e cahiu junto d'ella sem alento. Ambas se estreitaram em um affectuoso amplexo e começaram a chorar copiosamente.

Esta scena actuava fortemente no meu espirito. Involuntariamente recordei os meus pobres compatriotas, que, como aquellas desgraçadas, haviam ido procurar n'aquelle paiz a realisação da enganadora miragem, que os seduzira. Quantos não teriam chorado lagrimas tão amargas como as que via n'aquelle momento derramar? Infelizes!...

Olhei para os meus dois companheiros, que eu suppunha commovidos tambem; mas... ah! o coração dos tyrannos é estranho á dôr dos desgraçados que dominam!... Elles avançaram sobre a presa atravessando a vau a estreita toalha d'agoa que não era profunda.

Assisti então a um espectaculo doloroso! A pobre mãe, avistando os dois homens, revellou por um gesto o terror que se apoderára d'ella e repelliu a filha como dizendo-lhe que fugisse; esta deu ainda alguns passos, mas depressa volveu a enlaçar-se com a pobre velha, que já não podia erguer-se.

Então dirigiram na sua lingoa, para mim desconhecida, uma ardente supplica aos seus perseguidores, supplica que deveria ter commovido corações de pedra. Os inglezes, porém, ouviram-as indifferentes, e lançando-se sobre ellas, como abutres sobre a presa, separaram-as, ligaram os braços da joven com uma corda e regressaram arrastando-a para o meu lado.

Quando aquellas infelizes comprehenderam a intenção dos seus verdugos, partiram de seus corações gritos violentos.

—Miseraveis! presumo que diria a infeliz mãe. Não vedes que a minha vida está por pouco! Deixae-me ao menos morrer ao lado d'essa infeliz, a quem dei o ser! Tende compaixão de mim! Deixae-me a minha... a minha querida filha!

E afogava-se em soluços dolorosos.

Da sua parte a pobre rapariga parecia dizer aos seus captores:

—Pois atreveis-vos a abandonar uma creatura humana n'este sitio trilhado pelas bestas feras? Não vedes que aquella desgraçada não poderá sequer accender uma fogueira protectora! Quereis que ella seja devorada em vida?! Ah! pelo amor de Deus, não a abandoneis. Eu abençoarei a mão que me punir ao ter tentado evadir-me; mas não abandoneis minha mãe!... a minha querida mãe!... gritava ella com uma expressão impossivel de descrever.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS
XI
A MÁMOA DE OLVEDA

Continuação

Todos tornaram a applaudir-me, deslumbrados mais do que illuminados por aquelles raios de luz.

Eu continuei:

— Não, não! Em politica não ha principios nem pessoas. Não somos todos mais do que vaidade, para rodarmos inconscientes como as bolas de sabão nas ondas do ar; e se uma corrente social nos leva a Iena, outra nos leva a Waterloo; e se uma corrente social leva o primeiro Cesar ao Capitolio, outra corrente social, em cujo extremo se encontra o punhal de Bruto, despedaça a purpura ou o brilhante girasol da bola de sabão. Não! não ha homens determinados que guiem a humanidade. Ninguem jamais levou uma luz na mão para o guiar pelas trevas do seu destino. A collectividade, ao rolar pela sua propria fluidez, produz essas gottas d'agoa na superficie, ou essas ondas mais ou menos avançadas, e não essas ondas o peso ou marcha da humanidade. No nosso orgulho, ou melhor phantasia, cremos ter encerrada toda a sociedade na palma da mão, porque queremos marchar na frente da sua corrente; porém se nos desviamos um instante, se não marchamos com ella, inspirando-nos em suas inspirações geraes, ficaremos parados á beira para dar passagem a outras ondas ou gottas d'agoa, que nos parecem retardadas. Nada é nosso proprio em politica; o todo é o que recebe ou dá impulso para girarem sempre as sociedades n'esta rotação fatal ou circulo de Vico, a que alludi: theocracia, aristocracia e democracia. As que julgamos ideias originaes proprias do individuo, não o são senão d'um modo relativo, porque as nossas ideias são filhas de quanto lemos, de quanto ouvimos, de quanto vemos; em uma palavra, são filhas das nossas impressões externas, ou, o que é o mesmo, da corrente social em que nos achamos envolvidos. Como me occorreram agora estas manifestações a mim ou a qualquer outra pessoa, ao que parece, senão pelos meus estudos e pelas minhas impressões externas? Eu não posso explicar d'outro modo a absorpção e irradiação d'estas ideias no meu cerebro, por mais que me innunde de luz a verdade politica, que ellas trazem comsigo. Expostas aqui, n'estas soledades, aqui morrerão, porque lhes não chegou a hora de se fazerem verbo. Quando forem emittidas em algum periodico importante da côrte, é então que lhes chegou a hora de virem á superficie na corrente social da minha epoca, e então receberão o baptismo do martyrio, como tudo aquillo que ataca a vaidade individual do homem, pobre verme da terra, que se julga imagem de Deus, imagem, sim, como a luz fumegante e o artificial d'um candieiro podem ser imagem da luz purissima ou immanente do sol.

—Pôrém então... prorompeu o capellão, o homem nada faz por si proprio.

—Nada; o homem nada faz, lhe respondi, porque nada possue, senão virtualmente, não absolutamente. Fixemo-nos na sua base de ser, no seu *ego cogito ergo sum*, e veremos que ainda não sabe como se encarna e desencarna n'este astro, ou como apparece e desapparece n'elle, e porque. Instrumento cego d'uma essencia de ser superior a elle, que o impelle, chama-se pae de seu filho, e a primeira noticia que tem d'elle, é a voz de sua mulher, e para saber se é varão ou femea, *o que fez*, tem que esperar que a creança veja a luz. Grande auctor! Grande pae! Imagem de Deus o homem! Que absurdo! Onde está a imagem, quando o homem está formado para o exterior de si mesmo, e Deus está dentro de si, porque fora de si (Tempo e Espaço) não ha cousa alguma? Veja-se o organismo do homem; todos os seus sentidos são para o exterior, nada para o seu interior, o que prova que o ether relativo do seu cerebro está pendente do ether absoluto em que existe, em que vive, em que se move. Nada é exclusivo do homem: tudo é de todos. Não ha personalidades, não ha principios em politica: ha sim elementos. O maior politico que considerasseis como tal, não apparecia assim se não o tivessem precedido outros, que lhe servem de escabello, de maneira que ninguem poderá ser grande artista se não se erguer sobre os conhecimentos dos que o precederam, por mais que julgara esses conhecimentos propriamente seus. Em uma palavra, se somos alguma cousa em politica, em sciencias, em tudo, é por transfusão, é pela corrente social em que fluctuamos. Depois do que acabo de dizer, abrangendo a politica á vista d'aguia que vem a proposito suppor personalidades, como Isabel II e Carlos V, senão pobre gottas d'agoa mais ou menos avançadas, que impelliram aqui e acolá as correntes sociaes da peninsula, e que ficarão talvez mais depressa paradas nas suas margens? Que fazem suppor os seus principios senão as ultimas convulsões laboriosas dos tres elementos politicos, sempre em constante lucta, que preparam o advento definitivo da democracia á vida publica? Porém, ai! não esqueçamos que n'esse ceo historico, ou circulo de Vico, detrás d'esse triumpho, talvez universal, da democracia, está o triumpho da religião do futuro, uma nova theocracia, uma nova idade dos deuses!

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

—

VIII
ASTRONOMIA

Continuação

No zodiaco as Pleiades estão do lado do sul e os outros dous astros brilhantes a cerca de 40 graos para a esquerda, a 5 graos norte do sol, no dia 21 de julho. Estes dous astros chamam-se *Castor* e *Pollux*, ou Gemeos. Nas noutes d'inverno a via lactea apparece a oeste como um espaço luminoso sem estrellas, e outras vezes parece uma columna d'estrellas, infinitamente numerosas, mas a distancias indeterminadas.

Um globo celeste adaptado aos dias e ás horas dá a conhecer os outros objectos: o almanach indica o logar e o nome dos planetas que estão sobre o horisonte; emfim, por meio d'um telescopio, a vista distingue uma multidão de phenomenos admiraveis. Pequenos telescopios bastam para ver uma grande parte dos corpos celestes. As luas de Jupiter, o annel de Saturno, as phases de Venus, as Pleiades, o espaço luminoso na espada do Orion, as montanhas da lua, as manchas do sol, tudo isto se pode ver assim facilmente.

O movimento da lua na sua orbita pode ser traçado de noute pelo seu afastamento ou approximação de certas estrellas: outro tanto acontece com o movimento dos planetas nas suas orbitas.

As estrellas da manhã e da noute são planetas brilhantes: nascem e põem-se com o sol; d'ahi os nomes. Marte é vermelho, Saturno é d'um branco cinzento, Mercurio está tão perto do sol como Herschell está afastado d'elle: os quatro planetas novos são tão pequenos que mal se distinguem pelo telescopio.

Muito mais luminosas e mais brilhantes do que os planetas, as estrellas dividem-se em estrellas de 1.ª, 2.ª, 3.ª grandeza, etc , até as de 7.ª grandeza, que não podem ser vistas a olho nu.

E agora que temos entrado na apreciação das maravilhas que cercam a terra e escapam ao nosso entendimento

e á nossa imaginação, contemplemos a terra em si mesma, lembrando-nos que as estrellas fixas e todos os outros corpos celestes servem constantemente para determinar a situação relativa dos logares, pela rasão de que são guias infalliveis para medir o tempo e os logares.

Além da rotação annual ao redor do sol, a terra e os planetas executam ainda um outro movimento sobre o seu eixo. E' por meio d'essa dupla rotação que elles proporcionam aos habitantes da terra a alternativa da luz e das trevas, o dia e a noute, de forma que as suas estações e os seus annos são o resultado da grande evolução ao redor do sol; os seus dias e as suas noutes são igualmente o resultado das suas evoluções sobre o seu proprio eixo.

A bala lançada, além da sua direcção para a frente, dá outra volta ao redor d'ella mesma; tal é a acção da terra e dos planetas. E' como a bola do bilhar, que posta em circulação, gira ao mesmo tempo sobre o seu eixo. O gaz do espaço, chamado *medium*, impellido pela moção central do sol, obra sobre os planetas com uma força radiante, que diminue em rasão do quadrado das distancias, e como elle é maior do lado mais proximo do sol do que do lado mais afastado, a mesma força, assim modificada, faz girar os planetas sobre o seu eixo. E' com esta simplicidade que a sabedoria eterna procede e chega aos effeitos mais sublimes.

Continua DOUTOR JAYME

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

—

II

Continuação

Essa palavra exilio, porém, resumindo para o homem todas as amarguras d'alma, esse despedaçar lento de todas as fibras do coração, já não atormentava tanto a D. Alvaro, nem aos seus companheiros, pela esperança que lhes animava o espirito de voltarem á patria e poderem ainda ver as terras dos seus anceios.

Foi depois de organisado o exercito, que, não com pouca difficuldade, escreveu a seu irmão D. Francisco a carta de que o leitor já tem conhecimento.

O exercito esperava a toda a hora ancioso a ordem do embarque. Uma voz occulta parecia que do intimo do peito dizia a todos que o triumpho era certo. Essa consciencia, essa voz, era a presença do imperador, do rei soldado, que lhes inspirava alta confiança, e era mais ainda a confiança no valor de que vinham movidos.

O momento chegou em fim!

A hora da partida do exercito para o continente foi para D. Alvaro, assim como para os seus companheiros, momento de esperanças e d'alegrias, de valor e de receios, de lagrimas e de sorrisos. Não temiam a morte, porque eram valorosos, e preferiam-a ao exilio ao verem a patria humilhada; mas receiavam encontrar nas praias do desembarque os corpos dos seus irmãos estrebuchando ainda sobre milhares de forcas, victimas da ferocidade de seus proprios irmãos.

Felizmente os inimigos não se lembraram de lhes apresentar este espectaculo horrivel.

A esquadra, finalmente, depois de ter atravessado os mares em demanda da patria, avançou para terra em sitio pouco distante do Mindello, e as desejadas praias estavam desertas!

A' vista de tão suspiradas paragens, o signal d'alegria manifestava-se em todos os semblantes! O enthusiasmo era indiscriptivel! Os marinheiros entoavam canticos de victoria! Os soldados, por sobre as toldas dos navios, redobrando d'animo, saudavam a patria, com brados e expressões de verdadeiro amor! O dia benigno e risonho, as ondas estendendo-se em frente dos navios em brancos tapetes de espuma, as virações rumorejando brandas e perfumadas por entre os mastareos, as terras da patria como que a estenderem-lhes os braços, o sol, o mar, o ceo, parecia que tudo os saudava e lhes bradava: Avante!...

Que momento, meu Deus!... Que momento tão compensador de todas as amarguras do exilio!

Nos seus corações agitava-se um mar d'alegrias, e sobre as suas cabeças baixavam do ceo aureolas de louros, de que ninguem até hoje os despojou e jámais serão despojados!

Tendo o exercito realisado o desembarque no dia 8 de julho de 1832, D. Alvaro acompanhou-o em todas as luctas até pouco depois da convenção de Evora-Monte; depois do que, desejando descançar das fadigas da guerra e ir visitar a sua familia, pediu alguns mezes de licença e foi para a quinta das Torres.

No palacio das Torres, apenas se soube a noticia da proxima chegada de D. Alvaro, tudo foi preparado para o receber com a maior demonstração de alegria.

D. Alvaro, finalmente, deu entrada no palacio em agosto de 1834. D. Francisco não se demorou em rogar-lhe que pedisse a sua reforma e não mais se separasse da sua companhia, ao que elle annuiu da melhor vontade, obtendo a sua reforma no posto de tenente coronel. Todos os d'aquella casa se esmeravam em lhe serem agradaveis; apenas o padre Bernardo por algum tempo lhe custou a encarar com bons olhos aquelle aspecto marcial que lhe infundia medo, e por ver n'elle um *malhado*, um *mata-frades*, gente a que elle julgava nunca poderia ser affeiçoado; porém, a sua complacencia natural, as maneiras francas o genio folgazão de D. Alvaro, a boa hospitalidade que encontrava na companhia d'aquelles bons fidalgos, tudo concorreu imperiosamente para que em pouco as nuvens de desagrado que em principio lhe anuviaram o horisonte se convertessem em verdadeira sympathia e estima.

Poucos dias se passaram desde o da chegada de D. Alvaro áquelle em que o padre Bernardo veio, na qualidade de mestre, mostrar-lhe o progresso a que as duas creanças suas discipulas tinham chegado em menos de dois annos que lhes ensinava as primeiras letras. D. Adelia e Hermano, com effeito, sabiam perfeitamente ler, escrever e contar, graças ao cuidado e bom methodo do esmerado egresso.

Hermano, principalmente, ou porque tivesse menos desculpa nas suas faltas, ou porque fosse realmente mais talentoso, é certo que estava muito desenvolvido, e o padre Bernardo, antevendo n'elle um talento superior, presava-o como se elle fosse seu filho.

Era o egresso o unico encarregado de vigiar por aquellas duas creanças, que, por uma natural inclinação, se presavam mutuamente e nunca se apartavam um do outro.

O padre e o pae d'Hermano, no entanto, ensinavam a este a tratar a filha do fidalgo com o respeito e deferencia que era conveniente.

Hermano costumou-se portanto a tratar D. Adelia por senhora e esta áquelle por tu.

Continua SOUSA MACARIO

(J. M.)

—

Tu, fulgurante estrella que luzias
No tão escuro ceo da minha vida...
Vejo-te agora pallida... cahida
Da ideal altura em que vivias!

Com um raio dos teus só me aquecias
E me animavas n'esta immensa lida,
Ao ver-te nas alturas, minha q'rida,
Imaginava, até, que me sorrias!

Astro do meu destino, o fulgor teu
Não reverbera já; lá no espaço,
Que nuvem o teu brilho escureceu?

Amarrada te vejo, e duro laço
Te prende a eterno poste, ao Hymeneu,
P'ra gosar com certeza amor devasso!

EDUARDO VÉRAS

HERODIADES

A heroina representada na gravura, copia d'um quadro do celebre Benjamim Constant, figura na biblia por um modo que a não honra nada. Mas como a celebridade, por desgraça, não depende das acções boas ou más, e tanto acompanha a memoria dos bemfeitores da humanidade como a dos seus verdugos, ahi vae a historia de tal heroina.

Herodiades foi neta do celebre Herodes e casada em primeiras nupcias com Herodes Philippe, de quem teve uma filha, abandonando-o para viver em publica mancebia com seu primo Herodes Antipas.

João Baptista, santo varão que vivia n'aquelle tempo, era um dos mais asperos censores da immoralidade do tetrarca e de sua prima, o que lhe valeu ser atirado para um carcere. Herodiades, cuja vingança ainda não estava satisfeita com isto, protestou lavar no sangue do Baptista a affronta que elle lhe fazia.

Um dia Antipas celebrava com um grande festim o seu anniversario natalicio, e na embriaguez da festa, deslumbrado diante das danças lascivas de Salomé, filha de Herodiades e de Philippe, prometteu-lhe que faria tudo quanto sua mãe lhe pedisse. Foi então que a malvada pediu a cabeça do Baptista, e o rei sacrificou o nosso santo á ambição da amante.

Tendo depois entrado ambos em uma conspiração, foram expulsos e morreram miseravelmente em Hespanha.

CHATEAUBRIAND

Conclusão

Foi sem duvida nas horas de meditação, á sombra do Colliseo, n'aquelles magnificos arrabaldes de Roma, onde tinham eccoado os gritos de triumpho dos vencedores do universo, n'aquelle sitio onde hoje reina silencio glacial, foi n'aquellas catacumbas, berço outr'ora da humanidade, que Chateaubriand concebeu *Os Martyres*.

Em 1806, Chateaubriand, que tinha dado a sua demissão de diplomata, partiu para a Asia, onde visitou a

R.do M.de Vento-60 Cr.chimica

HERODIADES

Palestina e o Egypto, depois de ter feito tambem uma viagem á Hespanha, Italia e Grecia.

Foi da Hespanha que elle levou para a sua patria aquella encantadora narração, toda empregnada do perfume oriental e dos arabescos rendilhados dos palacios phantasticos dos kalifas mouros; é do *Ultimo dos Abencerragens* que fallamos, que só muito tempo depois, em 1826, foi dado á luz da publicidade, porque o illustre poeta, em um dia em que não tinha dinheiro, o empenhara em casa d'um livreiro.

Retirado para a provincia, deu á luz, de 1808 a 1814, os *Martyres*, o *Itinerario de Paris a Jerusalem*, assim como as suas impressões de viagem, publicadas já em extractos no *Mercurio de França*.

Os successos politicos de 1814 foram buscal-o ao retiro de Aunay. Dedicado á causa da realeza, defendeu os direitos de LuizXVIII, a quem acompanhou para Gand, depois que Napoleão desembarcou em Canas. Foi nomeado ministro dos estrangeiros, emseguida ministro plenipotenciario em Londres, e emfim tornou a ser nomeado embaixador em Roma, cargo que occupava quando estalou a revolução de 1830.

Voltando a Paris, a mocidade enthusiastica das diversas escolas fizeram-lhe uma recepção festiva, levando-o em triumpho ao Luxemburgo.

Negou-se a prestar juramento a Luiz Philippe, renunciou a um assento na camara dos pares e abandonou uma pensão de doze mil francos.

A morte surprehendeu-o em Paris em 4 de julho de 1848, no momento d'escrever as suas memorias.

O cadaver, segundo uma disposição testamentaria, foi conduzido a S. Maló e depositado em uma sepultura, em sitio que elle mesmo tinha escolhido, sobre uma pequena ilha proxima, esperando, tinha elle dito, que, em caso de guerra com a Gram Bretanha, algumas balas inglezas lhe fossem beijar o tumulo.

CHARADA

Azas imito no baixel ligeiro —1
D'incultas terras modifico a asp'reza —2
Veloz, ligeira, navegando aos ares,
Do espirito transporto alta riqueza.

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Tendo sido baldadas todas as diligencias empregadas para que o snr. ANTONIO JOSÉ MADEIRA, nosso ex-correspondente na GOLLEGÃ, nos PAGUE o saldo das folhas que para ali enviamos, lançamos mão d'este meio, como ultimo recurso, afim de evitar que aquelle CAVALHEIRO, illudindo os incautos, continue a abusar da BOA FÉ de quem não lhe conhecer as qualidades.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 3 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, praça de D. Pedro 131; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia, em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso unico agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

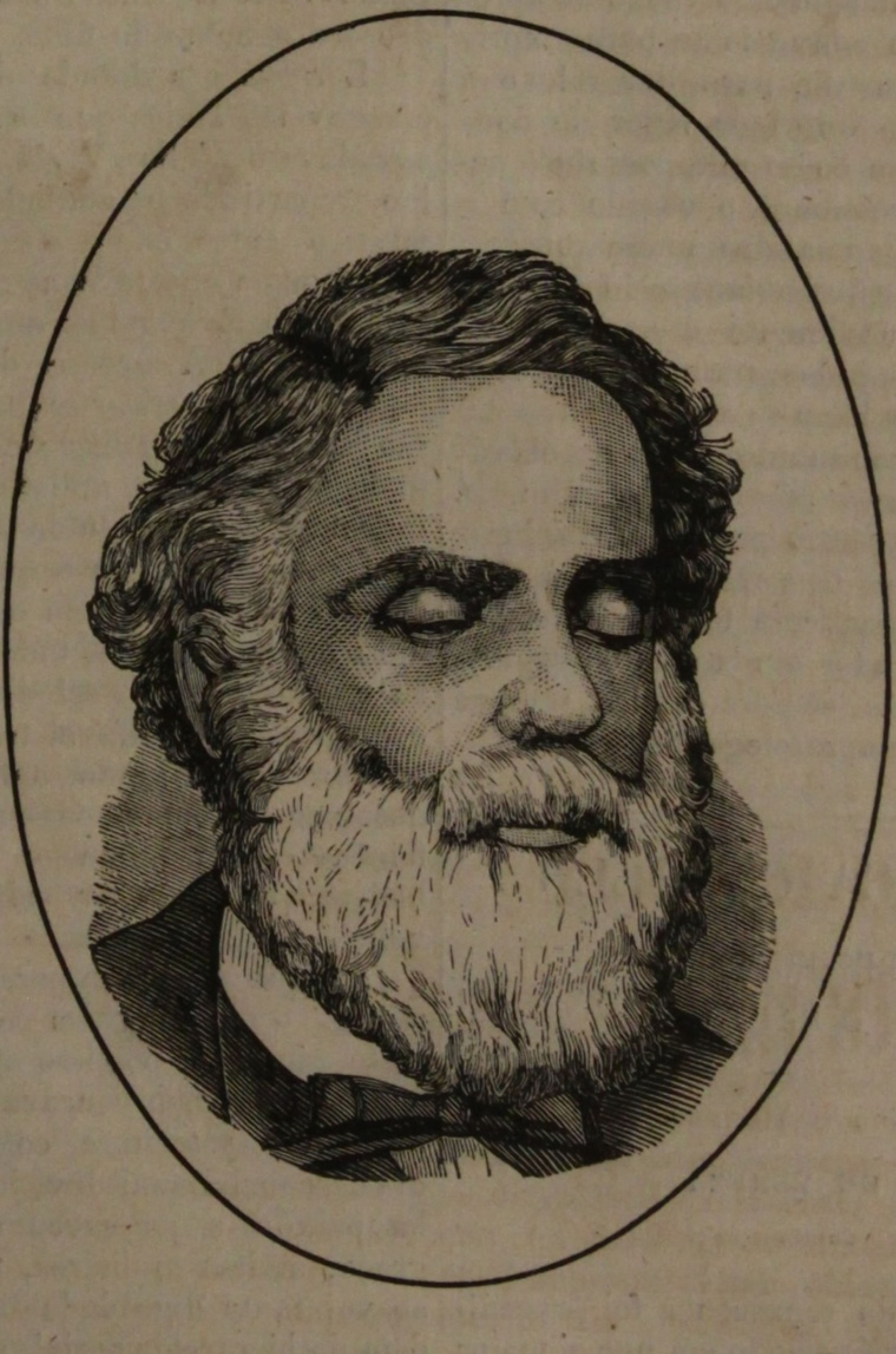
A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 3 D'AGOSTO DE 1882 | NUMERO 101



VISCONDE DE CASTILHO

SUMMARIO

TEXTO: — Visconde de Castilho — Bianca Capello (romance) — Tricentenario de Camões em Coimbra (fragmento) por Antonio Papança — A vingança d'um morto (romance) — Estevão Arago — Tombuctu — Os dramas do mar: Bontekoe — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Brincas!... (poesia) por Nuno Rangel — Campinas, por J. J. Gonçalves Pereira — Scenas da emigração — O capitão Franklin — Zig-Zags: A inquisição — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Visconde de Castilho — Estevão Arago — Tombuctu — Franklin.

VISCONDE DE CASTILHO

—

Diz um biographo illustre do illustre poeta que já dorme ha annos o somno dos justos, que a vida d'elle se pode cifrar n'esta phrase apenas: aprendeu e ensinou.

Nascido em plena Arcadia, baptisado nas agoas de Castalia, tendo as Musas por madrinhas, o Milton portuguez não tardou em alistar-se nas phalanges dos innovadores. Foi consagrada ás letras toda a idade viril de Antonio Feliciano de Castilho, e como em Portugal a litteratura é a irmã gemea da indigencia, o cego poeta, de que todas as nações se ufanariam, viu correr largos dias d'adversidade, procurando no ensino os recursos com que prover ás necessidades da existencia. No empenho constante, no apostolado generoso em prol da instrucção, teria o auctor dos *Ciumes do Bardo* adquirido indefesso direito á veneração dos posteros, se o seu estro como poeta e as suas rarissimas qualidades de prosador lhe não assignalassem um dos primeiros logares no pantheon das grandes glorias da patria.

Verdadeiro artista da palavra, ninguem soube como elle encontrar sempre a phrase adequada, o vocabulo apropriado, o tom conveniente para exprimir o pensamento, para dar relevo á imagem, para imprimir vigor ao conceito; ninguem como elle possuiu o segredo d'impressionar o ouvido com a eloquente cadencia das onomatopeias, de combinar os cambiantes do som, de dar vida e movimento á acção, pelas palavras escolhidas para a desenhar! Os seus livros lêem-se com deleite e terão sempre cabimento entre os classicos, e as suas versões, já do latim, já do francez, teem o primor de naturalisar os alheios pensamentos, com todo o original vigor, com toda a primitiva belleza, realçados ainda com os esplendores da forma, sempre castiça, sempre vernacula, sempre elegante.

BIANCA CAPELLO

PRIMEIRA PARTE

O RAPTO

—

I

EM VENEZA

Continuação

A epoca da renascença foi precedida d'um longo periodo em que a maior parte da peninsula italica foi disimada pelas luctas intestinas, rapido dissolvente de toda a nacionalidade. Entretanto Veneza, graças ás circunstancias muito excepcionaes e á energia do seu governo, primitivamente democratico, tinha chegado a esse gigantesco desenvolvimento de forças, cujas phases se podem acompanhar na historia até ao primeiro quartel do seculo XVI. Das suas relações com o Levante nasceu uma singular mistura architectonica, a das magnificencias orientaes unidas á pureza do estylo grego e á simplicidade mystica do estylo lombardo.

A maior parte dos antigos monumentos de Veneza apresentam os traços da alliança vulgarmente chamada estylo lombardo-bysantino. Todavia este estylo cessou de dominar pelo meio do seculo XIII, substituindo-o o gothico, que, a seu turno, desappareceu diante da Renascença, antes do fim do seculo XV.

O palacio dos Salviati, em Veneza, construido segundo as regras do estylo gothico, offerecia algumas reminiscencias da escola bysantina, o que lhe dava um caracter particular de grandeza e severidade.

Era este o palacio de que fallamos.

—

Um dia chegou a Florença uma mulher, moça ainda, com um filhinho. Chamava-se Lorenza Buonaventuri; Pedro era o nome do filho.

Lorenza era dotada de qualidades estimaveis. Todos que a tratavam se agradavam d'ella. Vivia do seu trabalho, repartindo os cuidados do lar domestico entre elle e a educação do filho, a quem ensinava as maximas mais santas do Evangelho: amar a Deus e ao proximo. A escassez dos seus lucros obrigara-a a retirar-se para o quarteirão das classes pobres; e ali a amenidade do seu trato, a distincção das suas maneiras, a bondade do seu coração lhe captaram em breve o amor e respeito da visinhança. Se bem que trajava como a classe artistica, tudo n'ella revelava que tivera uma origem elevada.

Apesar da affavel tristeza pintada sempre no seu rosto, apesar do nobre desprezo que votava aos enfeites, as suas feições conservavam os traços d'uma belleza que devia ter sido muito notavel.

Porque motivo a perseguia a miseria? E' o que ninguem podia saber. De resto, ninguem, por isso mesmo que ella o dissimulava, procurava desvendar similhante mysterio, e, como não se podia descobrir o mais leve indicio d'aquellas paixões a que succumbem, por desgraça, muitas mulheres, toda a gente, ao ver tanta dignidade cahida, na ordem da hierarchia social, suspeitava naturalmente que a mão do crime ou o braço da fatalidade cahira sobre a boa mulher. E, apesar de tudo, Lorenza sorria através da sua tristeza; é que sabia orar, amar e soffrer em silencio.

Pietro era a sua affeição, a alegria da sua alma.

Ao crescer, Pietro tornara-se para ella um manancial de consolações.

Quando chegou aos quinze annos, Lorenza alcançou-lhe collocação na casa bancaria do conde Salviati, onde elle, pela instrucção modesta, mas solida, que lhe fôra dada, não tardou a distinguir-se. Aos vinte annos tinha um emprego muito importante. Pouco tempo depois, o conde Salviati, que tinha necessidade de dar certo desenvolvimento a umas operações financeiras, mandou-o para Veneza, na qualidade de chefe da succursal da sua casa.

Pietro entregava fielmente os ordenados a sua mãe.

Eis quem era o mancebo.

—

Apesar da deploravel corrupção que dominava nas principaes cidades d'Italia, no seculo XVI, Pietro conservava-se puro: o seu coração ainda não tinha fallado.

Em quanto viveu sob a tutella de sua mãe, habitava com ella, dedicando-lhe todos os seus ocios, escutando os suaves conselhos, submisso ás suas ordens. Pietro, todo entregue a esta felicidade simples, descuidava-se de estudar a sociedade. Bom, simples, credulo, applicava-se a evitar o mal, sem lhe procurar as causas. O seu caracter, um pouco melancolico, o preservava da dissipação, tão commum aos mancebos. Mas quando chegou a Veneza, quando a posição vantajosa de que era devedor á estima que lhe dedicava o conde Salviati, á boa conta em que o tinha; quando aquelle cargo, diziamos, lhe impoz a obrigação de pôr-se em contacto com o mundo, tudo quanto viu ou ouviu pela primeira vez, mil cousas novas, quer dizer, que ainda até esse dia lhe não haviam despertado a attenção, o precipitaram em uma ordem d'ideias, que o surprehenderam e affligiram.

Em vez de palavras ternas d'outros tempos, em vez de tocantes caricias, dos cuidados affectuosos que o cercavam todas as noutes, ao voltar á casa materna, Pietro não encontrava mais do que um frio egoismo, uma ausencia completa de sentimentos delicados, nos homens no meio dos quaes a sua posição o obrigava a viver. Que de lições, que de pensamentos em pouco tempo!

A reflexão tinha deixado um sulco profundo na fronte d'aquelle rapaz: era a marca das intelligencias superiores; o seu olhar tinha o quer que fosse de vago, de doce e energico, sombrio e radioso ao mesmo tempo, que denotava o enthusiasmo d'uma alma ardente.

Continua

TRICENTENARIO DE CAMÕES
EM COIMBRA

7 DE MAIO DE 1881

(FRAGMENTO)

Luiz de Camões contempla a languida figura
Da creança gentil, da flor mimosa e pura,
Que aos beijos da sua alma as pétalas descerra;
E ali, tão perto d'ella, imaginava o louco
Que, para a possuir, annularia em pouco
A infinita extensão que vae do ceo á terra.

No seu vestido branco, estreito e perfumado,
Como as virgens que vão ás festas d'um noivado,
Ou como os cherubins das telas religiosas,
Tinha a doce expressão da castidade altiva,
Que o calice retrae á branda sensitiva
E tinge de rubor as pétalas das rosas.

De branco! e fôra assim que elle a beijava em sonhos,
Nos seus sonhos d'amor, sombrios e risonhos
Conforme o coração lh'os inspirara... assim
Toda de branco, a rir, a rir como as creanças,
Pelas tardes d'abril, soltas as louras tranças,
Alegres e joviaes nas relvas d'um jardim;

Ou como a vira já em pesadelos, fria,
N'uma camara ardente, ao declinar do dia,
Com os labios sem côr e as palpebras cerradas,
E elle sobre o caixão, quasi desfallecido,
A beijar-lhe o setim das pregas do vestido
E o gelo sepulchral das mãos inanimadas!...

E dentro da sua alma illuminada e forte,
Aquelle juvenil e calido transporte
Desdobrava-lhe um veo de fulgidas chimeras,
Como insectos de luz que a noute esmagaria
Quando o sol se escondesse, ao fim do ultimo dia,
Detrás do mausoleo das suas primaveras.

Pelo tranquillo azul dos grandes olhos d'ella,
Inflammava-se o amor, assim como uma estrella
Que rasga o fundo ceo das noutes socegadas,
E adormecia ao som de musicas suaves,
N'um berço casto e bem feito de pennas d'aves,
As suas illusões alegres e douradas!

Mas no paço já lavra a intriga peçonhenta;
O escandalo progride, e á proporção que augmenta
O destino descobre, imperturbavel, mudo,
O caminho que vae do berço ao cemiterio,
Dos paramos da vida ás sombras do mysterio,
D'onde tudo renasce e onde se abysma tudo!

E a sociedade então serena e magestosa
Erguendo a voz, dirá: «Oh corações de rosa,
Que alegres vos abris em peitos de crystal,
Cerrae ao claro dia as urnas pequeninas,
Que jamais ha de o amor em ondas diamantinas,
Inundar-lhes de luz as bocas de coral.

Transgredistes a rir as velhas convenções
Deque eu vivo e por tanto, alegres corações,
Preciso de tirar uma desforra urgente...
Heide-vos esmagar nas minhas mãos de ferro,
E o veneno fatal que no meu peito encerro
Hade-vos corroer a vida lentamente.

E escusaes de gemer de rastos sobre a lama,
Que em quanto uma centelha arder da vossa chamma,
Ella hade illuminar-me um riso desdenhoso;
Não vos escutarei, oh corações magoados,
E só quando vos vir inertes e gelados,
Vos heide então deixar no tumulo em repouso.

. . . .

. . . .

Entrou pelo salão um pagem da rainha;
Dirigiu-se a Camões. Na mão pequena tinha
Uma ordem d'el-rei... Camões, sobresaltado,
Recebeu-a, e fingindo o animo sereno,
Beijou, com a meiguice ideal do Nasareno,
Do pagemsito imberbe o rosto aveludado.

Catharina escutou, cheia de susto, o amante,
Que lia a meia voz a ordem terminante:
«De abandonar o reino o poeta cavalleiro
Luiz de Camões, porque ama uma fidalga rica,
Elle, um poeta pobre!...»
A sociedade fica
Vingada pela mão d'el-rei D. João III.

ANTONIO PAPANÇA

A VINGANÇA D'UM MORTO
ROMANCE

Continuação

CAPITULO IV

UM PINTOR, UM PEDAÇO DE PÃO E VARIAS DILIGENCIAS INUTEIS

I

Anselmo era um homem incapaz de faltar a uma palavra empenhada, muito mais quando aquelle de quem a recebera era um pobre ancião, moribundo, em cuja casa tinha comido o pão diario.

Conforme tinha affirmado a seu amo, mal este exalou o ultimo suspiro poz-se a caminho para Madrid, logar onde nunca tinha estado e ao qual olhava com essa repulsão instinctiva do aldeão que nunca sahiu da sua aldeia para uma cidade populosa.

Antes de pensar em alojar-se convenientemente, guiado pelos signaes que lhe tinham sido dados, encaminhou-se para a egreja do Salvador, parando diante do altar colateral da esquerda, onde permaneceu em muda contemplação mais d'uma hora.

—Já não serei eu, dizia mentalmente, que me ponha a orar ante esta imagem, que me desperta uma recordação sangrenta. Eis aqui como certos homens fazem com que a gente perca a devoção. Mas agora apresenta-se-me uma duvida muito grave: como conservar de memoria estas feições, até ao ponto de conhecer por ellas o infame a quem ando procurando? Eu creio que sim, que o encontrarei; mas... se não succede como eu penso? O melhor seria... sim; deixemol-o para amanhã. Graças a meu bom e infeliz amo, tenho dinheiro sufficiente para chamar um pintor e encarregal-o de pintar-me em um papel as feições do archanjo. Assim é que não as esqueço.

Anselmo principiou por procurar uma hospedaria, onde ceou e passou bem a noute.

Satisfeita esta necessidade, no dia seguinte, mal se levantou, de manhã muito cedo, perguntou por aquillo de que mais necessitava. O moço a quem fizera tal pergunta ficou estatico, como se lhe tivessem fallado em latim, ou em grego, e enviou o perguntador ao dono da casa, que, a seu turno, ficou tão embaraçado como o criado.

Perguntar por um pintor em uma hospedaria era uma cousa muito nova para que deixasse de chamar a attenção.

Com effeito, em um estabelecimento da ordem d'aquelle, ainda poderiam dar noticia da taberna onde deitavam mais agoa no vinho, da hospedaria onde melhor se transformavam os gatos em lebres, dos taberneiros menos delicados ou das espeluncas onde se corria mais risco de ser roubado. Mas indicar a morada d'um pintor! Sem duvida aquelle labrego, aquelle estupido, tinha querido caçoar. Para que precisava elle d'um pintor?

II

Anselmo sahiu da hospedaria desesperado, estranhando que em Madrid, com dinheiro a tinir no bolso, não conseguisse uma pessoa o que desejava, não sendo isso nenhum impossivel, nem cousa de milagre.

Tornou á egreja; poz-se a estudar as feições do archanjo, mas sem desistir da sua ideia para o caso de que a memoria, distrahida ou rebelde, se recusasse a conservar o que se lhe confiava.

—Ah! exclamou por fim. Na egreja mesmo é que me poderão indicar a morada d'algum pintor de santos.

N'esta ideia esperou que da sachristia sahisse algum individuo que pelo trajo indicasse que era da egreja, e foi tão feliz que d'ali a momentos estava na presença do proprio sachristão.

Feita a correspondente pergunta, o sachristão, depois de contemplar dos pés á cabeça aquelle que lh'a fazia, indicou a Anselmo o nome e morada de um pintor a quem a irmandade costumava encommendar os trabalhos de que carecia.

Ebrio d'alegria, Anselmo correu a casa do pintor e explicou-lhe o que desejava. O artista, que n'aquelle momento devia ter pouco trabalho entre mãos, abriu desmedidamente os olhos ao ouvir que aquelle homem estava disposto a pagar conscienciosamente o seu trabalho. Tomou sem demora os instrumentos necessarios, que eram: um lapis, uma carteira, uma folha de papel e um pedaço de pão.

Esta ultima provisão deu que entender a Anselmo.

Realmente o caso não era para menos.

—Naturalmente, disse elle, a operação vae ser demorada e o pintor entende levar com que ir matando a fome.

Continua

ESTEVÃO ARAGO

Tem oitenta e dous annos e ainda conserva todo o vigor das suas prodigiosas faculdades intellectuaes. Irmão do celebre Francisco Arago, cujo retrato demos já n'este jornal, o individuo hoje retratado é uma das mais firmes columnas do partido republicano francez.

A sua fé viva na redempção da humanidade, livre dos preconceitos que acorrentam a sua existencia penosa a um meio social que a aniquila e esmaga; escriptor eminente e philosopho profundo, Estevão Arago medita e escreve, pensa e lucta; mas todas as suas lucubrações teem por objectivo o fim a que visam os esforços collectivos d'esta brilhante pleiada moderna, cruzados da Ideia nova, discipulos da escola que tem por mestre o talento maior do seculo, o astro mais esplendido do firmamento litterario e universal, Victor Hugo.

Estevão Arago, durante os oitenta e dous annos da sua vida trabalhosa, tem escripto para o theatro, para o jornalismo, para a politica e em todos os campos em que a sua penna terceia, é um escriptor honesto, que os proprios adversarios veneram, porque lhe conhecem as convicções, emanadas directamente d'um sentimento digno de todos os respeitos: a honra.

São estas qualidades, tão raras hoje em dia, que lhe dão o direito á estima dos homens de bem.

TOMBUCTU

No centro mesmo da Africa, no coração d'aquella região mysteriosa onde muito poucos europeus teem conseguido chegar, demora a Negricia, que é uma das grandes divisões do continente africano. O reino de Tombuctu forma parte da Negricia.

E' um vasto paiz, cujos limites e dimensões ainda não foi possivel determinar exactamente.

O clima é demasiado quente e o solo esteril, como o de quasi toda aquella parte da Africa.

Pouco se sabe da historia d'este reino. De 1672 a 1795, Tombuctu esteve dependente e tributario do imperio de Marrocos; recobrou depois a independencia e hoje governa-o um rei absoluto, que commerceia e não exige imposto algum dos seus subditos.

Os habitantes são de raça negra; professam o islamismo e em caso de guerra são todos soldados.

A capital é Tombuctu, que a gravura representa. E' uma cidade de vinte mil habitantes, situada no meio de uma planicie areenta, o que faz com que se lhe dê o nome de *Cidade das areias*. Tem um porto commodo sobre o Niger. As casas são baixas e construidas de tijolos. Vista de longe, tem uma apparencia phantastica e agradavel.

ESTEVÃO ARAGO

Os habitantes entregam-se ao commercio, sendo o principal genero o sal, de que ha grandes depositos. Numerosas caravanas frequentam a cidade, que lhes é ponto de reunião nas amiudadas travessias do deserto. Não obstante, a cidade estaria muito mais prospera se os tuaregs, que infestam o Nilo, não impozessem contribuições pesadas aos navios que o frequentam para commerciarem com os povos da Africa central, privados d'outros meios de communicação.

Foi em 1353 que pela primeira vez se teve noticia de Tombuctu. Deu-a a conhecer o geographo arabe Ibn-Batuta. Leão, o Africano, visitou-a duas vezes. As viagens de René Caillié e de Barth, em 1828 e 1853, tornaram-a melhor conhecida dos europeus. Mas aos portuguezes cabe a gloria de ter sido os primeiros que ahi penetraram.

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

VIII

Á VELA

Continuação

Bontekoe encarregou-se da distribuição das provisões, que era necessario economisar o mais possivel. Todos os dias se distribuia um biscouto a cada homem, depois menos d'um, até que um dia se acabou de todo a provisão. Quanto á agoa, havia muito que não tinham outra além da que o ceo lhes mandava quando chovia. Tiravam então as velas, estendiam-as para recolher a maior porção de agoa e espremiam-as em dous pequenos barris, os unicos que poderam tirar do navio, conservando depois aquella agoa de reserva para os dias em que não chovesse.

No meio d'esta penosa situação, como toda a esperança estava no capitão, supplicavam-lhe que tomasse para si dupla ou triplice parte d'agoa e de biscouto; mas elle recusava sempre, dizendo que em frente da morte e sob os olhares de Deus, não era mais nem menos do que os seus companheiros, e que com elles devia ter parte nos perigos e nas privações.

Quando o biscouto acabou foi geral a desesperação. Os rostos d'aquelles infelizes ensombraram-se; depois ouviram-se queixas plangentes e emfim ameaças horriveis.

Passou-se um dia sem comer, depois outro.

Algumas gottas d'agoa eram o unico sustento d'aquelles homens, que se olhavam com olhos turvos, chammejantes d'odio e furor. Foi então que o capitão pensou em usar da sua auctoridade; mas esta diminuia a olhos vistos. Os mais famintos entraram de murmurar que elle se enganara nos seus calculos, ou para melhor dizer, os tinha enganado para se vingar de elles quererem salvar-se abandonando o navio, pois se

havia de guiar a lancha e o bote para terra, os guiara para o mar largo.

Quando o homem chega a similhante grao de loucura, todos os esforços persuasivos são inuteis: ha só a acautellar contra elle porque se tornou como um animal feroz.

Por fortuna, como se o proprio ceo se apiedasse d'aquelle bando de desgraçados, uma nuvem de gaivotas entrou de pairar sobre as embarcações, descendo até ao ponto de se poderem apanhar algumas d'aquellas aves. Cousa milagrosa! Os marinheiros agarravam-as, feriam-as com os dentes, bebiam-lhes o sangue quente e comiam-lhes depois a carne crua.

Bontekoe contemplava tudo isto com horror. Era uma terrivel aprendizagem que os seus homens faziam, para um dia beberem outra qualidade de sangue e comerem outra qualidade de carne!

A carne e o sangue das gaivotas pareceram-lhes um manjar delicioso.

Entretanto aquella provisão acabou mais depressa do que a dos biscoutos, e então, como se não avistava terra, tornaram todos a cahir na mesma consternação.

Os tripulantes da lancha entraram de queixar-se amargamente dos do bote; impulsados pela necessidade de companhia que sente o homem nos momentos supremos do perigo, depois de terem uns e outros trocado algumas palavras, todos, unanimemente, declararam a Bontekoe que queriam correr a mesma sorte, viver ou morrer juntos, e por consequencia, como a lancha era a maior das embarcações, iam passar para ella os vinte e dous homens do bote.

Esta proposta já anteriormente tinha sido feita; mas o capitão vingou dissuadir os seus homens, porque isso seria augmentar o perigo. Da primeira vez haviam-o attendido; mas agora, no ponto em que as cousas estavam, toda a observação seria inutil e o capitão teve por melhor calar-se, limitando-se a vigiar pelo trasbordo, que se fez sem novidade.

Continua

TOMBUCTU

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

Continuação

III

Passaram-se alguns tempos depois da chegada de D. Alvaro, occupando este a maior parte dos dias na caça e em visitar-se com parentes e amigos que tinha em Vianna e em Ponte do Lima; D. Francisco, na direcção dos seus bens e negocios; D. Clementina e Cacilda nos arranjos da casa; o padre Bernardo na instrucção das creanças, e estas estudando e brincando sempre juntas, sem que a menor desharmonia se podesse notar n'aquellas perfeitas similhanças de Paulo e Virginia.

O padre Bernardo tinha-os passado ao estudo de grammatica portugueza e á leitura das estrophes do livro *Marilia de Dirceu*, do nosso poeta Gonzaga, e para que melhor podessem decorar indicou-lhes fossem para a carreira dos jogos, onde elle, collocando cada um á sua mesa, os vigiava lendo no seu breviario.

As creanças, assim d'esta forma em presença do seu mestre e privadas da distracção, decoravam as lições de forma que deixavam o egresso completamente satisfeito.

Não demorou muito tempo que o padre Bernardo se convencesse de que as creanças amavam o estudo, e por isso se tornava inutil ali a sua permanencia, entendendo porém necessario vigial-as de espaça a espaço, para que não houvesse distracção; isto, até que por fim resolveu ser bastante mandal-os a horas certas para ali estudar.

D. Adelia e Hermano, notando em tres dias consecutivos que o mestre os deixava em santa paz, não se tornavam descuidados em ir a tempo e a horas com os seus livros na mão para a carreira dos jogos; no que principiavam a ser descuidadissimos, era no voltar para casa a tempo regular e com as lições sabidas.

O egresso, notando que as lições já não vinham convenientemente decoradas e que as creanças alguma distracção procuravam que a esta falta désse motivo, um dia, foi surrateiramente pelo lado exterior d'uma das paredes da avenida, e, occulto com as ramagens das arvores, ver o que elles estavam fazendo. Poz esta embuscada em pratica, e qual foi a sua surpreza quando deparou com o seguinte quadro!

O rapaz, com toda a accentuação d'um orador que historia, estava sentado sobre uma das mesas com as pernas em cruz, gesticulando com os braços e fallando muito alto, e a sua unica ouvinte achava-se sentada em uma pequena pedra defronte d'elle, e assim, com os cotovellos apoiados nos joelhos e o rosto entre as mãos, escutava sem pestanejar o que aquelle historiador de fresca data lhe estava prégando!

Continua

Sousa Macario

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE NAS MONTANHAS

XI

A MÁMOA DE OLVEDA

Continuação

Todos me applaudiram freneticamente; o medico e Florentina em honra da democracia; o capellão e minha tia pelo triumpho ainda mais distante da theocracia, e meu tio Xavier e o poeta do Ulla pelas sciencias e artes. Por iniciativa do bom archeologo, as meninas de Dorra teceram uma coroa de flores e apresentaram-m'a.

—Que lh'a ponham na cabeça esses anjos! exclamou minha tia.

E eu inclinei-me, e Amelia e Sira collocaram-me a grinalda.

Orgulhoso por ter humilhado Florentina, olhei para ella com altaneria, e a este fulgor da minha soberba vi que empallideceu tremendo.

Com o meu talento annulei o seu.

Qual dos dous valia mais?

O que mais posição possuia com relação áquelle circulo dado. Fora algumas excepções, esta é a lei da gravidade, a que obedecem e obedeceram sempre ephemeramente as correntes da opinião politica da nossa epoca.

XII

A COROA DE FLORES AZUES

A vida do campo é composta de bagatelas tão innocentes, que aos que vivem nos centros de povoação, não se lhes podem referir sem excitar a sua indifferença. Aquella coroa de flores na minha cabeça seguramente excitaria a hilaridade do publico em certas localidades; porém ali, no campo, parecia uma cousa tão simples, tão natural, que satisfazia a alma pela propria bondade do facto.

E' mais; no campo, como a vida é mais antithetica e autonomica, o individuo não está debaixo da pressão de formulas sociaes ou do que se convencionou em chamar conveniencias sociaes; no campo a acção physica e intellectual do individuo é livre, livre como o ar de suas montanhas, e nas cidades, a acção physica e intellectual do individuo está limitada em rasão de restricções de educação e de criterio; no campo sente-se e expressa-se a gente mais distinctamente do que nas cidades, porque como a vida differe, tambem differem as impressões e o caracter do individuo evidenceia-se verdadeiro no luxo da sua natureza esplendida.

Prometti ás meninas de Dorra guardar toda a minha vida aquella coroa de flores, e, ao fazer tal promessa, não mentia; promettia-o do coração e com toda a ingenuidade do acto.

Era uma coroa simplicissima, formada de flores azues *Wergi-mei-nichit*, ou «não me esqueças» dos allemães.

Em seguida dirigi-me a Florentina e disse-lhe que a guardasse para m'a entregar em palacio. Com isto queria humilhal-a mais. A' similhança de Octavio Augusto, queria que as minhas rainhas captivas fossem carregadas com as coroas dos meus triumphos.

Porém, porque sentia eu praser em martyrisar aquella pobre creatura? Não me parecia eu ao chacal que brinca com a sua victima para a devorar depois? Ah! perdoe-me Deus a minha impiedade e a altivez indomavel do meu caracter!

A' medida que Florentina soffria com resignação piedosa os modos grosseiros da minha soberba, duplicava cada vez mais em mim o afan de a humilhar, contrariar e abater. A minha alma, subjugada pelo poderoso influxo que aquella mulher exercia em si sem me encarar, sem ao menos me fallar, pugnava por sacudir esse influxo, porque presentia que havia de abater-se a seus pés tarde ou cedo.

Se Florentina tivesse opposto desattenções ás minhas desattenções, soberba á minha soberba, a gloria da lucta teria sido minha; porém Florentina, pelo contrario, escudada por caracter nas doutrinas de Jesus Christo, oppunha resignação ás minhas grosserias, mansidão á minha altivez, onda atraz onda de doçura.

Isto era insupportavel para mim.

Florentina, desde que me encarara pela primeira vez, parecia que se havia enlaçado no meu espirito. Explicar-mehei melhor. Florentina, desde que me viu, dir-se-ia que conhecia o fundo do meu caracter como minha propria mãe que me dera o ser; conhecia que eu, victima d'uma vida tempestuosa, onde não tinha vivido mais do que puros gosos grosseiros da materia, a minha alma estava virgem; conhecia que se era arrebatado e impetuoso, não encontrando obstaculo algum á força dos meus arrebatamentos e dos meus impetos, os dominaria instantaneamente a reacção. A mulher que quer conhecer um homem, a alma d'um homem, conhece-a ao primeiro volver d'olhos, ou não a conhece nunca. Deus deu-lhe um instincto maravilhoso para isto; a mulher que não vos comprehende immediatamente, é porque vos não quer comprehender, é porque a não interessaes, é porque não quer formar com a sua e a vossa alma, o seu e o vosso corpo, uma unica alma e um unico corpo.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Eis em numeros redondos a distancia dos sete planetas principaes do sol: Mercurio, 48 milhões de kilometros; Venus, 92; a Terra, 128; Marte, 175; Jupiter, 3:300; Saturno, 6:500; Herschell, 24:000. O seu diametro respectivo é de 4, 12; 12, 5; 120, 100 e 48:000 kilometros, e os periodos das suas revoluções são de 3, 7, 12, 22, 144, 340 e 1000 dos nossos mezes.

Na sua orbita, os planetas não se movem exactamente no mesmo logar; cada um tem o seu plano particular. Da mesma sorte, o eixo não está exactamente perpendicular ao plano da sua orbita; esta inclinação produz a differença das suas estações e a extensão das suas noutes e dos seus dias.

A Terra inteira é, segundo se calcula, quatro vezes e meia mais pesada do que a agoa, Mercurio 9 vezes, Venus 6 vezes, o Sol, Jupiter e Herschell tem pouco mais ou menos o peso da agoa; de sorte que, em compensação uma materia por outra, necessitar-se-ia um milhão das nossas terras para formar um corpo d'um volume igual ao do sol.

Depois do sol, a lua é o corpo celeste que tem para nós mais interesse.

Está distante da terra 32:000 kilometros; tem apenas 2:700 kilometros de diametro e 8:400 de circunferencia. Acompanha a terra na sua orbita e gira durante aquelle periodo perto de 13 vezes á volta da terra, na sua orbita particular. A lua faz a sua revolução em 27 dias e 8 horas; mas como a terra se adianta sempre durante este tempo, ella gasta 29 dias e 12 horas até achar-se em conjuncção com o sol.

A terra é 6 vezes maior do que a lua; mas as suas montanhas são menos altas. Por exemplo, o monte Leibnitz tem mais um kilometro do que o Chimboraço. Além d'isso a superficie da lua está coberta de valles, alguns dos quaes teem 6 kilometros de profundidade. A lua mostra sempre o mesmo lado á terra, de sorte que gira uma vez sobre o seu eixo na sua revolução ao redor da terra; os dias e as noutes dependem do periodo entre a lua nova e a lua cheia. A terra, muito mais luminosa do que a lua, obra do mesmo modo a respeito d'ella; assim, quando ha

lua nova para a terra, ha lua cheia para a lua, e vice-versa.

Como a lua não dá mais luz além d'aquella que reflecte do sol, a sua construcção depende da posição em que está relativamente ao sol e á terra. A terra está exactamente no meio; todo o lado illuminado da lua está voltado para a terra; é o que se chama *lua cheia.*

A lua está no meio: apresenta á terra o seu lado tenebroso; é a *lua nova.* Quando ella volta cheia e o seu lado luminoso torna a ser sensivel, diz-se que está em quarto crescente; está em quarto mingoante quando torna a ser nova.

Como a terra e a lua projectam ambas grandes sombras, quando o centro do sol, da terra e da lua se acham na mesma linha, ha eclipse da lua; ha da mesma sorte eclipse do sol quando a lua se acha entre elle e a terra.

Em cada uma das suas revoluções a terra sobe e desce 5 graos, de sorte que a sombra ou fica para cima ou para baixo; mas quando a lua nova ou a lua cheia tem logar no mesmo tempo em que ella passa o plano da orbita terrestre, quer ao subir, quer ao descer, então realisa-se o phenomeno do eclipse.

Continua — DOUTOR JAYME

BRINCAS!...

Alegre e gentil,
Qual branca florinha
Que brinca, doidinha,
Em debil hastil;

Qual linda andorinha
Voando infantil
Nas tardes de abril
Nos ares, sosinha;

Tu brincas e ris
Nas tardes gentis,
Nas tardes de flores,

Passando por mim,
Deixando-me assim
Em tristes amores.

NUNO RANGEL

CAMPINAS

AO EX.^mo SNR. DR. JOSÉ VICTORINO DE QUEIROZ, COMO PROVA DE PROFUNDA AMIZADE E GRATIDÃO

Exmo Snr.

Não pense V. Ex.ª que vou apresentar-lhe uma preciosidade litteraria. Não, porque a tanto não chega a minha intelligencia, nem a minha penna. Vou sómente fazer-lhe uma pequena descripção da minha patria.

Campinas!... Que de recordações e saudades não me vem ao pensamento ao pronunciar o nome da terra que me serviu de berço na infancia!... Ha quatorze annos que d'ella estou ausente; comtudo, não se passa um unico dia que a não traga retratada no meu coração!... Não posso largar este assumpto sem transcrever para aqui uma poesia d'um illustre poeta, porque n'ella se acha espelhado o meu attribulado coração! Eil-a:

Eu soffro. D'esta vida a luz suave,
Que a senda illuminava do porvir,
Lá se summiu no abysmo do passado,
Para não mais esplendida surgir!

Summiu-se, e só por trevas eu caminho,
Sem um alvor d'esp'rança e sem abrigo!
Consola-me tu, deixa-me em teu peito
Esconder estas lagrimas, amigo!

Na quadra d'illusões, que a vida encantam,
Eu só tinha alegrias infantis;
Corria pelos campos tão saudosos,
Brincava pelas veigas tão gentis.

Ai! que fundas saudades ora tenho
Pela terra formosa do Tupá;
Que saudades crueis no peito sinto,
Pela terra, onde canta o sabiá!

Eu dormia embalado p'lo susurro
Da virente palmeira tão gentil;
Mas hoje... só do exilio choro as dores,
E agora só me lembra o meu Brazil.

Ponhamos, porém, de parte estas reflexões, que instinctivamente me acodem ao espirito e entremos definitivamente no assumpto especial d'este artigo, esboçando a traços largos o que de mais notavel ha na cidade de Campinas.

Na riquissima e tão mal aproveitada provincia de S. Paulo, do imperio do Brazil, a cem kilometros ao norte da cidade de S. Paulo, está edificada a florescente cidade de Campinas, em uma planicie denominada Campinas, d'onde lhe porvém o nome. Tem por orago Nossa Senhora da Conceição e foi elevada á cathegoria de cidade em 1842

A alguns passos está o campo coberto de cafeseiros e canas d'assucar, que são dos principaes artigos do seu commercio. A batata doce e o delicioso ananaz ali prosperam e se desenvolvem maravilhosamente. Mais distante circundam esta cidade vastissimas florestas, onde o viajante europeu fica surprehendido, maravilhado, ao ver os collossos de vegetação enlaçados pelos cipós e outras plantas parasitas, formando immensos doceis de verdura, sob os quaes se vê bandos de macacos folgazões, que se balanceiam de arvore em arvore, e saltam por entre grinaldas silvestres os papagaios, os periquitos, as canoras avesinhas, e entre ellas o encantador sabiá.

Campinas conta hoje uma população de nove mil novecentos e cincoenta habitantes livres e seis mil e setecentos escravos em mil oitocentos e oitenta fogos. E' fora de duvida que deve a sua prosperidade maravilhosa ao prodigioso desenvolvimento do seu commercio. Tem estabelecimentos importantissimos e confortaveis hoteis. O caminho de ferro põe esta cidade em communicação com S. Paulo e outras cidades importantes. O clima é regular.

Contem esta cidade bellos edificios, entre os quaes avulta o hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, a respeito do qual vou copear do *Occidente* numero 72, de 15 de dezembro de 1880, um trecho do artigo que acompanha a respectiva gravura.

Continua — J. J. GONÇALVES PEREIRA

SCENAS DA EMIGRAÇÃO

(Continuação)

Os inglezes mostravam-se indifferentes. Com a fleugma habitual nos da sua nação, tiraram os mosquiteiros dos chapeos e formaram com elles uma especie de mordaça com que suffocaram os gritos da infeliz e fizeram-me signal para que os seguisse através da floresta.

Não pude dominar os sentimentos que em mim despertou esta scena.

—E' crivel, exclamei, que essa orgulhosa nação, que se diz emancipadora da raça negra, consinta e trafique em escravatura branca! E' crivel que vós, que tendes exterior de homens, tenhaes instinctos tão ferozes, que vos permittam abandonar uma desgraçada que não póde defender-se, expondo-a a ser devorada pelos animaes carnivoros, ou a morrer de fome, se aquelles a pouparem! E' impossivel!

Um d'aquelles homens encarou-me com a expressão d'um homem que escuta um doido e seguiu o seu caminho; o outro porém dirigiu-se a mim e disse-me com desabrimento:

—Entendes então que devemos carregar tambem com aquelle fardo inutil, que para nada presta e que iria communicar á colonia a sua horrivel molestia! Não póde ser. Se tivesse munições, mandava-lhe uma bala; como as não tenho, deixo-a entregue á sua sorte. Ninguem dirá que maltratamos uma velha doente, apesar de tentar evadir-se com o que nos deve.

— O que lhes deve! exclamei eu.

—Pois não nos deve ella o transporte, os alimentos, os medicamentos e os salarios que temos pago a quem faz os serviços que lhe pertenciam! Tudo isto é regular e consta de documentos que temos na feitoria e está na letra do contracto que ella e os mais assignaram no nosso agente. Que nos importa que ella

morra de fome ou seja devorada? Ella assim o quiz. Não fugisse da plantação.

Continua

O CAPITÃO FRANKLIN

O celebre navegador inglez João Franklin nasceu em 1786 em Spilsby, no condado de Lincoln, e estreou-se na carreira maritima assistindo a um combate naval junto de Copenhague, em 2 d'abril de 1801.

Em 1803 acompanhou o capitão Flinders na viagem de descobertas aos mares austraes, naufragando com elle nas costas da Nova Hollanda. Dous annos depois distinguiu-se brilhantemente na batalha de Trafalgar e em seguida no ataque de Nova Orleans, em que foi ferido.

Tendo entrado para a expedição á America, destinada á descoberta da passagem noroeste, como esta falhou, foi encarregado em 1819 de fazer uma viagem a pé desde a bahia de Hudson até á foz do rio das Minas de Cobre. N'esta viagem soffreu as mais duras contrariedades, devendo a vida ao auxilio d'alguns indios. Ao cabo de tres mil e duzentos kilometros de penosa marcha, vingou chegar, em 29 d'agosto de 1820, ao forte Entreprise, d'onde desceu a Corpemine, e em 18 de julho do anno seguinte chegou ao Oceano polar, seguindo a costa até á ponta Turnagain. Emfim chegou a Inglaterra em 14 de julho de 1822, tendo andado por terra e por agoa oito mil quatrocentos e sessenta kilometros.

Promovido ao grao de capitão da marinha real, emprehendeu segunda viagem pela costa americana, partindo em 16 de fevereiro de 1825 com os mesmos companheiros da viagem anterior; d'esta vez andou mais de quatorze mil kilometros.

De volta á patria, em 1827, o rei Jorge IV condecorou-o com o titulo de baronet pelos serviços que prestara á geographia e á navegação; dous annos depois a sociedade de geographia de Paris dava-lhe a grande medalha d'ouro e a academia das sciencias o diploma de socio correspondente.

FRANKLIN

Em 1843, quando voltava d'exercer o cargo de governador das terras de Van Diemen, acceitou o commando d'uma nova expedição ao polo norte, para completar a descoberta da passagem noroeste. Partiu em 19 de maio de 1845 com dous navios, *Erebus* e *Terror*, guarnecidos de cento trinta e seis homens. Em 4 de julho chegou ás ilhas das Baleias e foi visto pela ultima vez por um balieiro, na bahia de Melville, em 27 de julho do mesmo anno. Desde então não houve mais noticias do celebre navegador. Organisaram-se varias expedições para ir em sua procura, e offereceram-se premios consideraveis a quem désse noticias d'elle. Lady Franklin mandou á sua custa alguns navios aos mares arcticos. Até marinheiros francezes tomaram parte n'estas expedições, que não foram menos de dez e custaram mais de quatro mil contos de reis.

Emfim, em 6 de maio de 1859, o tenente Hobson, detido na ilha do rei Guilherme, encontrou na ponta Victoria um monumento erguido pelos companheiros de Franklin. Estava ahi um pergaminho com esclarecimentos ácerca da morte do celebre navegador. De 1845 a 1846 Franklin invernara na ilha de Beechy; tinha depois ido até ao estreito de Welington d'onde voltou para oeste da ilha Cornowallis; em 12 de setembro chegara ao norte do cabo Felix (ilha do rei Guilherme), onde morreu extenuado a 11 de junho de 1847.

ZIG-ZAGS

A INQUISIÇÃO

Em 7 de setembro de 1579 houve em Madrid um auto de fé, a que assistiu Filippe II. Este rei, fanatico, estupido e cruel, que a historia appellidou com o nome de *Demonio do Sul*, jurou nas mãos do inquisidor geral Valdez defender os direitos do Santo Officio, dizendo:

— Se meu proprio filho fosse herege, eu mesmo traria a lenha para o queimar!

—

Explicação da charada do numero 100— Palavra.

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Tendo sido baldadas todas as diligencias empregadas para que o snr. ANTONIO JOSÉ MADEIRA, nosso ex-correspondente na GOLLEGÃ, nos PAGUE o saldo das folhas que para ali enviamos, lançamos mão d'este meio, como ultimo recurso, afim de evitar que aquelle CAVALHEIRO, illudindo os incautos, continue a abusar da BOA FÉ de quem não lhe conhecer as qualidades.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 4 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

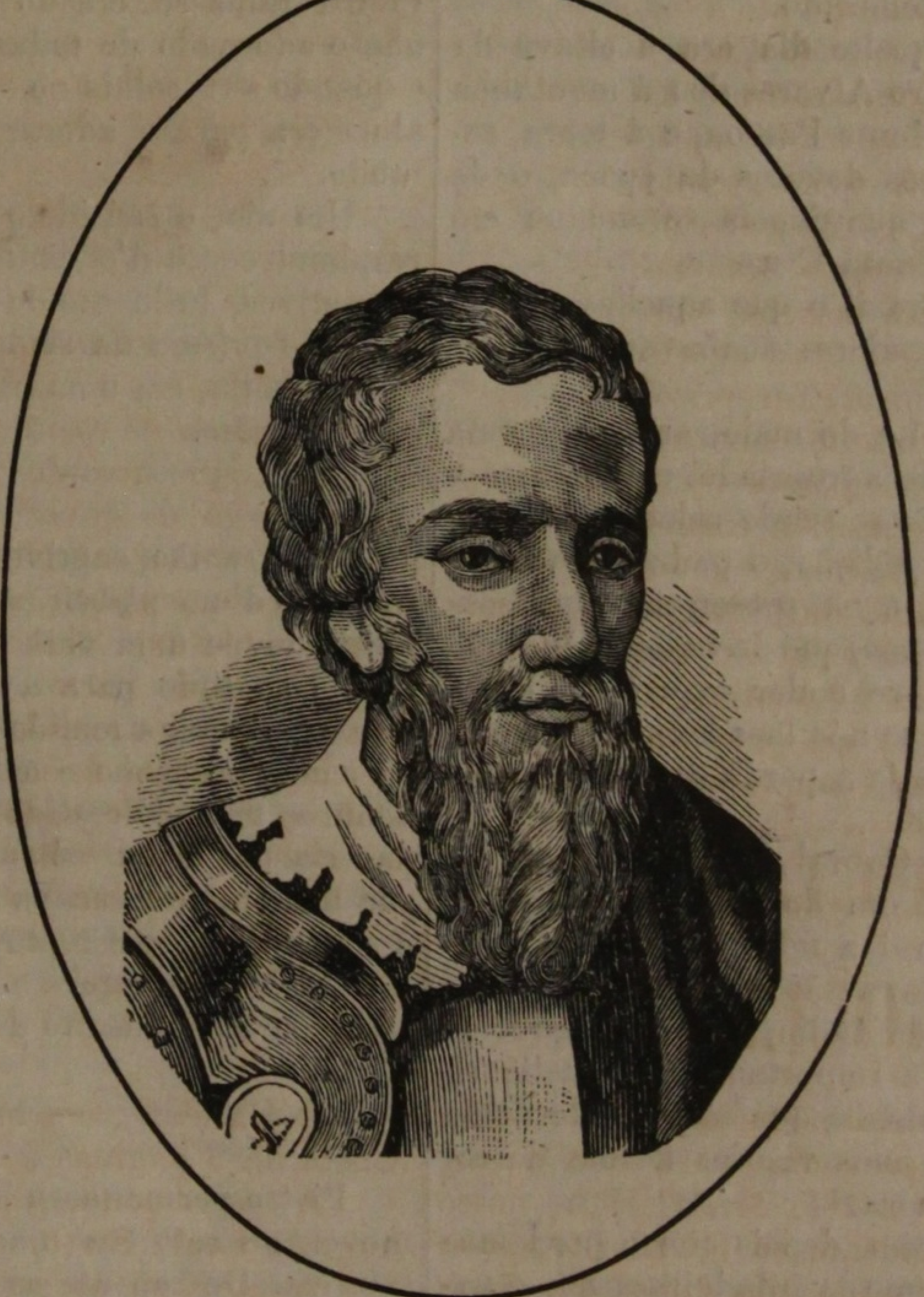
Assigna-se no escriptorio, rua nova do Sá da Bandeira n.os 113 e 115; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

Semanario Popular Illustrado

III ANNO — PORTO, 10 D'AGOSTO DE 1882 — NUMERO 102



PEDRO ALVARES CABRAL

SUMMARIO

Texto: — Pedro Alvares Cabral — Bianca Capello (romance) — Emilia das Neves (poesia) por A. Cabral — A vingança d'um morto (romance) — Campinas, por J. J. Gonçalves Pereira — Sonhos-delirios d'um fumador d'opio, por Eduardo Véras — Frederico Lemaitre — O caminho de ferro do Pacifico, por José Boaventura — A hora do repouso (poesia) por Luiz Guimarães Junior — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — A' luz das estrellas (poesia) por Arlindo Varella — Infinito amor (romance) por Sousa Macario — Scenas da emigração — Stephenson — Zig-Zags: Piedade — A violeta — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — Pedro Alvares Cabral — Frederico Lemaitre — Caminho de ferro do Pacifico — Stephenson.

PEDRO ALVARES CABRAL

O illustre descobridor do Brazil foi filho de Fernão Cabral, alcaide-mor de Belmonte, e neto de Fernão Alvares Cabral, que fôra guarda-mor do infante D. Henrique. Já se vê que os seus ascendentes eram da mais alta estirpe. Quanto aos seus meritos pessoaes, conta-se que foi o proprio Vasco da Gama que o indigitara a el-rei D. Manoel, para a viagem em que elle tanto illustrou o seu nome.

Constava de treze navios, com mil e duzentos tripulantes, a esquadra que lhe foi confiada. Partiu de Lisboa em 9 de março de 1500, navegando sem novidade até 25 d'abril, em que passou a altura de Cabo Verde; mas no dia seguinte um dos navios desgarrou, não havendo mais noticias d'elle, até que afinal se soube que tinha arribado a Lisboa.

No dia 24, navegando sempre para oeste, os tripulantes avistaram terra de subito. Que terra fosse, não o sabiam elles. Primeiramente viram uma montanha alta e redonda, formando um declive suave, para onde se prolongava em forma d'extensa cordilheira, tudo coberto de luxuriante vegetação, que dava um aspecto muito agradavel áquelle paiz desconhecido.

Como aquelle dia era a oitava da Pascoa, Pedro Alvares deu á montanha o nome de Monte Pascoa, e á terra, segundo os usos devotos da epoca, o de Vera Cruz, que depois se mudou em Terras de Santa Cruz.

Era o Brazil o que aquelles afortunados navegadores acabavam de descobrir.

No dia 1.º de maio, arvorada uma cruz em sitio apropriado, celebrou-se a primeira missa, sendo celebrante o capellão da expedição, o padre Henrique, franciscano, e na presença d'uns sessenta indigenas, que de tudo aquillo não podiam comprehender sequer que era a civilisação que nós lhes levavamos, mas que com ella ia a perda da sua liberdade.

Alvares Cabral despachou logo para Portugal um dos seus navios, para trazer a el-rei a feliz noticia; mas D. Manoel andava tão preoccupado com a descoberta da India, que não apreciou desde logo a importancia d'aquella riquissima colonia, que mais tarde devia ser um dos mais viçosos florões da coroa portugueza.

Foi, porém, depois que o perdemos que conhecemos verdadeiramente o valor d'aquelle abençoado torrão, que no abatimento a que chegamos poderia ser-nos uma valiosissima compensação dos nossos males. Mas nem por isso deixemos de saudar uma nação que se tornou digna da sua independencia e que jamais deixaremos de considerar nossa irmã natural, a que nos ligam os laços da mais cordeal amizade.

BIANCA CAPELLO

PRIMEIRA PARTE
O RAPTO

I
EM VENEZA

Continuação

Por um contraste notavel, a sua physionomia era franca e a sua apparencia mysteriosa. Tinha na voz tons que iam até ao intimo da alma. As suas feições, d'uma belleza viril, agradavam logo á primeira vista. Emfim, a distincção das suas maneiras, a elegancia que respirava, tornavam-o um cavalleiro capaz d'aspirar a tudo.

Com taes predicados, não lhe era difficil, se quizesse, dar uma outra direcção á exhuberancia de seiva que n'elle fermentava. Entre as grandes damas de Veneza, poucas d'ellas se mostrariam crueis para com o joven estrangeiro.

Mas no seu ardor candido e juvenil, Pietro tinha-se creado um ideal; tinha-o adornado de todas as perfeições; e quando se recolhia no santuario da sua alma era para o adorar em um extase mudo.

Um dia, o seu idolo appareceu-lhe resplandecente d'encantos, radiante de attractivos, brilhante de mocidade, cercado do prisma da riqueza e do nascimento: bella, em uma palavra, de todas as seducções.

Desde então, captivo d'aquelle amor funesto, d'um plebeu por uma patricia, Pietro viveu uma vida ficticia, magnetica. Impellido para a região das chimeras, porque a realidade se apresentava como um sonho e os seus sonhos tinham-se tornado realidades. Pietro não parecia da terra: só a recordação de sua mãe lhe refrescava os pensamentos e sopeava os seus reptos apaixonados.

Conhece-se agora a situação do nosso heroe no momento de o pôr-mos em scena.

Pietro permaneceu longo tempo immovel, absorto em uma contemplação estatica. De repente as suas vistas cahiram sobre um masso de cartas misturadas com outros papeis, e um raio de commoção se desenhou no seu rosto.

Tomou as cartas e levou as aos labios.

—Tornemos a ler, disse elle, as cartas de minha mãe. E' possivel que esteja ahi o remedio para o meu soffrimento.

Dizendo isto, tirou ao acaso uma das cartas, e, ao acaso tambem, leu estes paragraphos:

«Lembra-te, meu filho, que pertences á classe media da sociedade. Se estás destinado a erguer-te um dia a uma posição elevada, que não a alcances á custa de teres sollicitado honras. A ambição tem fructos de sabor muito amargo.

O amor, emanação divina, flor delicada, que se fana ao ser tocada e cujo perfume vae até ao ceo: o amor é um sentimento que enobrece, que eleva a alma como a oração. As paixões desordenadas degradam o homem. Tem sempre isto em vista.

Os rapazes da tua idade perdem-se quasi sempre pelos olhos. A graça engana, a belleza seduz; só a virtude brilha com inalteravel fulgor.

Não te exponhas, Pietro, a amar aquella que se perderia infallivelmente se te amasse. Sobretudo abstem-te de perder aquella que tivesse a fraqueza d'amar-te. Sê alegre, sê um homem da epoca; diverte-te; mas não respondas a uma leviandade, a uma inconsequencia com uma acção má, para que o arrependimento não venha depois dar-te serios desgostos. Mas, se te sentires no coração subjugado por uma paixão vertiginosa, afasta cuidadosamente da alma todo o pensamento menos puro, lucta corajosamente comtigo mesmo, fecha os olhos aos olhares inebriadores, não dês ouvidos ás promessas enganadoras, evita os sorrisos lisonjeiros e as caricias que perdem. Foge: o abysmo está diante de ti. Ah! Se tu soubesses, meu querido filho, quanto a velhice é doce, quanto é serena para aquelle cuja mocidade não foi perturbada nem pelos remorsos, nem pelas saudades!...

Pelo contrario, se encontrares uma mulher que pelos seus dotes seja capaz de subjugar-te, entra em ti mesmo, sonda os escaninhos da tua consciencia, pergunta a ti mesmo diante de Deus se a tua união com ella quebraria alguma das conveniencias estabelecidas, pergunta a ti mesmo se esse acto solemne não levaria a desordem á existencia d'ella, ou á tua. Quando estiveres seguro de ter encontrado aquella que poderia ser tua esposa sem que ella ou tu tenham porque corar de pejo, sem que ella ou tu tenham de que se envergonharem, toma-a pela mão, leva-a para sob o humilde tecto que abriga tua mãe: ella será nuncia da felicidade para vós ambos e da consolação para a minha velhice.

Estas cousas não as li eu em parte alguma, meu filho; tirei-as do fundo da minha alma de mãe para t'as dizer...»

Pietro, chegando aqui, deixou cahir a carta das mãos.

—Deus meu! Guiada pelo instincto natural, Lorenza suspeitará alguma cousa ácerca do estado do meu coração? «Quando estiveres seguro de ter encontrado aquella que poderia ser tua esposa sem que ella ou tu tenham porque corar de pejo, sem que ella ou tu tenham de que se envergonhar...» Que estranho presentimento!

Mal dissera estas palavras, uma forte detonação fez estremecer o palacio.

Pietro levantou-se, abriu uma das portas envidraçadas do quarto e sahiu para a galeria. Pelo espectaculo que ante a sua vista se desdobrou comprehendeu que aquella explosão annunciava a sahida do doge, que ia celebrar a ceremonia do seu casamento com o mar Adriatico.

Continua

EMILIA DAS NEVES (*)

Oh rainha da scena portugueza!
Eis já glorificado o nome teu!...
Para cantar d'um genio tal grandeza
E' obscuro e pequeno o estro meu.

De Melpómene, Tália, immensa trama
Segura está na tua dextra mão;
Exhibes do passado ingente drama;
Culto recebe em magica ovação!

Conserva-te no palco, Emilia... artista...
Exalça divinaes declamações...
Alcançaste em noss'alma uma conquista,
Pois tens um throno em nossos corações!

Mais'um tropheu da «Luz e Caridade»
Da multidão, frenetica, o applaudir;
De c'roas festivaes a infinidade
Lá te esperam nos mundos do porvir:

Não morre, emfim, teu nome, engrandecido,
Complexo do talento divinal!
Ditosos somos nós!... não pode o olvido
Esta gloria roubar a Portugal!

A. Cabral

A VINGANÇA D'UM MORTO
ROMANCE

CAPITULO IV

UM PINTOR, UM PEDAÇO DE PÃO E VARIAS DILIGENCIAS INUTEIS

II

Continuação

Chegados á egreja e collocados ambos diante da imagem do santo, Anselmo não tardou a saber que o destino do pedaço de pão não era o que elle imaginava. O artista principiou a traçar no papel, linhas que apagava em seguida com o miolo do pão, substituindo-as por outras linhas, que tornava a apagar, e assim successivamente, até que do pedaço de pão não havia mais do que a codea, e appareceu então no papel alguma cousa que lembrava as feições do santo.

Apesar de leigo na materia, Anselmo não ficou muito satisfeito com o desenho, por mais que o pintor lhe encarecia as difficuldades que apresentava o copear exactamente as feições d'um santo de pao, sendo elle como era o primeiro dos pintores de Madrid.

Emfim o desenho não era de todo dissimilhante do original. Anselmo pagou-o com uma moeda d'ouro, quando na realidade nem de prata o merecia pensando de si para si que no dia em que aquelle homem tivesse muito que desenhar encareceria o pão em Madrid.

III

A primeira difficuldade estava vencida. Aquelle rosto já não podia fugir do papel; mas ainda restava muito a fazer, porque o principal era encontrar uma pessoa cujo nome se não sabia. N'este ponto Anselmo não podia fazer outra cousa além de entregar-se nos braços da casualidade: era esta a deusa que o devia conduzir até pôr o remate á espinhosa commissão a que se compromettera.

Na sua simplicidade, quasi primitiva, no seu cego affecto a D. Pedro, o fiel criado chegou a imaginar que a alma d'aquelle não podia gosar o descanso eterno em quanto não desse o perdão ao infame que andava procurando. Com esta crença deu-se á improba tarefa de percorrer todas as ruas de Madrid, sem tregoa nem repouso, correndo como um louco atrás de qualquer militar que encontrava no caminho até lhe ver o rosto, o que não deixou algumas vezes de proporcionar-lhe scenas desagradaveis.

Anselmo, no meio da sua rusticidade, era homem de logica e de deducções claras, como vimos quando se resolveu a ir procurar o pintor. Sabia que os soldados n'aquelle tempo frequentavam os logares de má nota, onde quer que se achassem, e que um monstro que tinha commettido um crime tamanho, como aquelle que procurava, não faria de certo d'uma egreja seu sitio de recreio. Por consequencia principiou por visitar as hospedarias e tabernas de peor fama que havia na capital. Encontrou muitos militares; mas não o que procurava.

—Diabo! dizia. O meu homem militava nas fileiras do archiduque. Hoje creio que já não apparece em Hespanha um só uniforme austriaco. Iria elle com o imperador? Abandonaria o serviço militar? Servirá em alguma terra fora de Madrid, ou morreria?... Oh! N'este ultimo caso, heide dar com o seu cadaver e sou capaz de o fazer voltar á vida para o brindar com este annel!

IV

Havia dous mezes que Anselmo estava em Madrid, e n'esse espaço de tempo não descançara um só momento, mas sempre sem exito. Principiava o desalento a apoderar-se da sua alma. Ao começar as suas pesquizas uma voz interior o advertia que tivesse fé, que não desanimasse, que as suas diligencias não seriam inuteis; mas passado algum tempo a voz calava-se e não lhe dizia nada.

—Tudo pode acontecer, murmurava nas horas interminaveis das suas meditações. Até agora só tenho visitado os sitios menos santos. Mas quem sabe se aquelle homem se arrependeria da sua vida licenciosa e agora frequente os logares da oração e repouso, onde vão as pessoas que teem algum peccado de que accusar-se?

E Anselmo, n'aquella ideia, decidiu-se a ouvir missa em todas as egrejas de Madrid. Assistia ás novenas, ás festas, aos sermões; frequentava emfim todos aquelles logares que eram a viva anthitese dos que em antes tinha visitado. Os padres já o conheciam, as velhas beatas saudavam-o, e não faltou quem lhe propozesse a entrada para uma confraria como meio de ganhar o ceo.

Mas Anselmo dizia de si para si:

—Se esta gente soubesse que a minha devoção não é inteiramente desinteressada! Se soubessem que não é por devoção aos santos, mas sim a um grande peccador, que aqui venho!...

Todas as noutes, ao deitar-se, repetia estas palavras a modo d'oração:

—Meu Deus! Serei mais feliz amanhã?

Continua

CAMPINAS

Conclusão

Em 20 de julho de 1873, a convite do agente consular de Portugal o snr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, reuniram-se no salão do theatro de S. Carlos, em Campinas, grande numero de cidadãos portuguezes, expondo o snr. Ferreira Novo a necessidade de se estabelecer uma Sociedade com o fim de socorrer os compatricios necessitados; e sendo bem acolhida a ideia, deliberou-se ficar instalada a Sociedade Portugueza de Beneficencia de Campinas. Em 6 de janeiro de 1877, tendo já a Sociedade

(*) Foi distribuida esta poesia, por occasião da eximia actriz tomar parte na representação das «Proezas de Richelieu», dada pela Real Sociedade Dramatica de Amadores «Luz e Caridade» em beneficio de uma familia pobre, no Porto, em 14 de julho de 1881.

comprado um terreno, inauguravam-se os trabalhos de construcção de um edificio para servir de hospital, que ficou concluido em 26 de dezembro do mesmo anno. Não sendo possivel utilisal-o logo para o fim que foi creado por se ter esgotado o pequeno capital que a Sociedade possuia e ter ainda ficado onerada com uma divida na importancia de 12:417$000 rs., e tendo que fazer ainda algumas obras complementares, que só poderam ser feitas no anno de 1878, só se amortisou n'esse mesmo anno parte da divida. No anno de 1879 amortisou-se a maior parte da divida; actualmente a Sociedade só deve cerca de dois contos dos titulos sem premio e possuidos na sua totalidade por socios, esperando a actual direcção saldar de todo a divida n'este anno (1880). Em 29 de junho de 1879 inaugurou-se o hospital, que se acha funcionando regularmente até ao presente. Tendo sido eleito na primeira direcção em 1873 o snr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, foi reeleito annualmente até 1878. Tendo-se porém retirado para Portugal (*) n'este anno passou o cargo ao vice-presidente o snr. José Pereira de Andrade, que o exerceu até 31 de janeiro de 1879, sendo n'esta ultima data eleito o snr. João Francisco Ferreira Jorge para o exercicio de 1879 e reeleito para o de 1880.

Campinas tem tres theatros, o Rink, o Circo e o S. Carlos. Os dous primeiros ha poucos annos estão construidos. E' digna de mencionar-se a Praça do Mercado pela sua construcção solida, elegante e em harmonia com todas as condições hygienicas e de commodidade tão necessarias n'este genero de edificações. Para o norte da cidade, está situado o Passeio Publico, que consiste em um pequeno jardim, o qual está cuidadosamente tratado e possue flores e arbustos muito estimados da flora brazileira. O Passeio Publico é guarnecido de bancos para commodidade dos habitantes da cidade, que aos domingos affluem áquelle agradavel sitio.

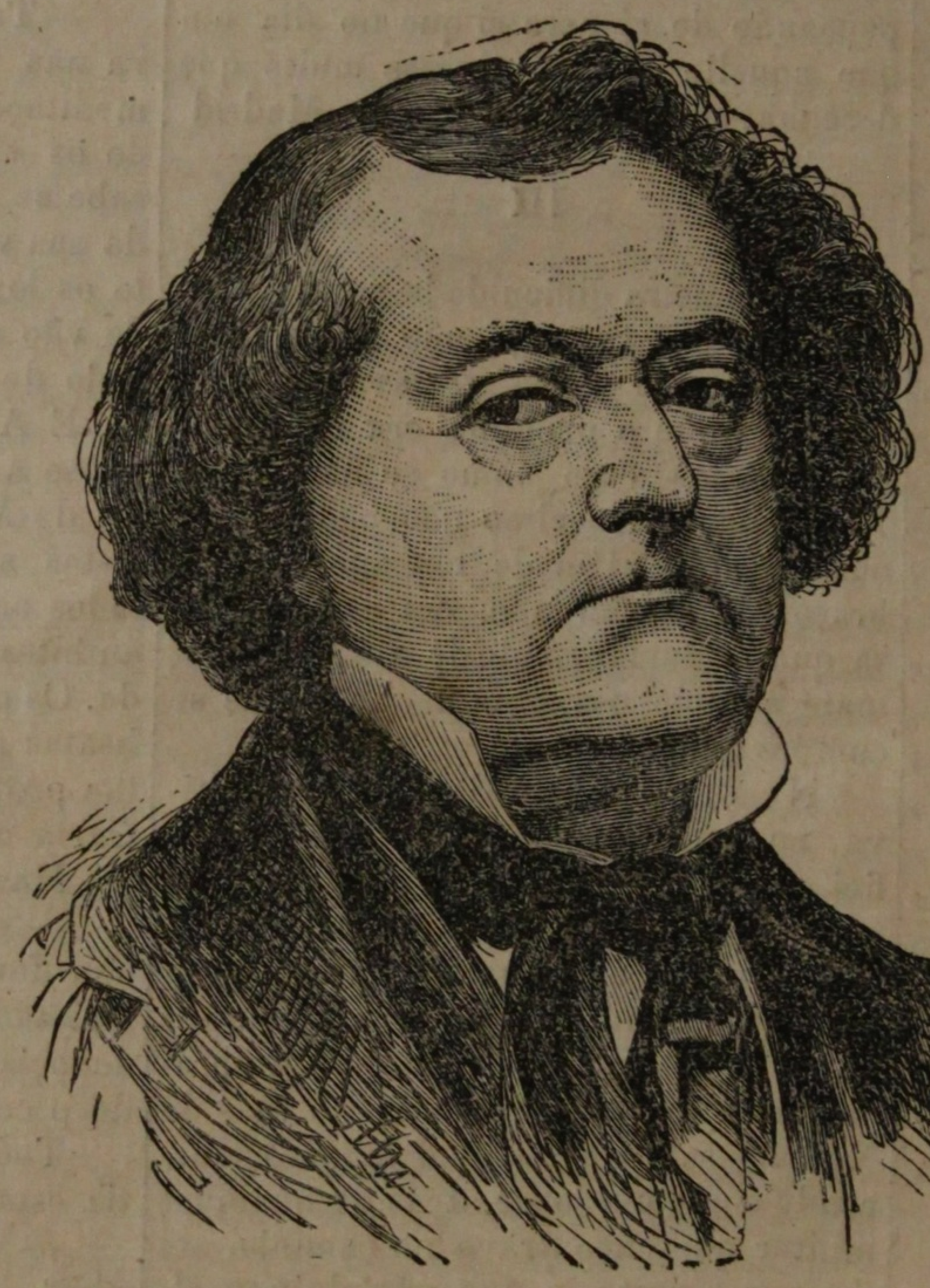
O sul da cidade é atravessado pelo Brejo, onde as lavadeiras vão lavar a roupa ao som das suas cantigas. Pouco distante d'este reacho, anda hoje em construcção outro jardim, por conta do municipio campineiro. Este sobreleva ao outro em grandeza e formosura. Tambem possue um hyppodromo, que rivalisa com o de Mathosinhos.

A alguns annos a esta parte, tem esta cidade tido muitos melhoramentos, entre elles a linha de bonds, inaugurada em 1879. Publicam-se n'esta cidade dous jornaes, *Diario de Campinas* e o *Rink*, e ha um gabinete de leitura com mais de mil e quinhentos volumes.

O caracter dos habitantes é franco e agradavel. O estrangeiro, que reside alguns annos n'esta cidade e sabe comportar-se dignamente, é adoptado como filho da terra e são todos para elle irmãos dedicados. Perdoe-me a modestia dos habitantes de Campinas o exaltar-lhes tanto as virtudes, que as possuem como poucos. Além de serem de justiça estas palavras, são o pagamento de uma divida de gratidão para com a terra de que sou filho.

J. J. Gonçalves Pereira

(*) Cidadelhe, terra da sua naturalidade, já descripta a pag. 47 e 62 d'este volume.



FREDERICO LEMAITRE

SONHOS-DELIRIOS D'UM
FUMADOR D'OPIO

O que ahi se vae ler já eu o li algures em um encebado manuscripto que um velho já de muitos annos conservava.

Chamava-se o antiquario Vicente Lauranth; era emigrado francez e amigo de antiguidades. Tinha em um armario, que cheirava muito a môfo, muitos manuscriptos, cuja letra, já quasi morta e safada, mostrava claramente que muitos annos haviam já roçado por sobre aquellas folhas de pergaminho.

Eu gostava de visitar o velho e de pedir-lhe alguns dos seus livros para ler; li-os todos, um por um.

Uma vez, tinha eu já lido todos os velhos volumes que guarneciam a carunchenta estante do meu amigo, coube a sorte aos pergaminhos do armario.

—Ahi tem, disse-me Vicente; está velhinho; mas ainda se lê bem.

Effectivamente, a letra já amarellecida pelos annos lia-se, no entanto, sem difficuldade.

N'algumas partes o caruncho já havia furado e carcomido o pergaminho e manchas afumadas apagado e obscurecido alguma letra.

Não tinha data o escripto; mas devia já ser muito velho.

O meu amigo Lauranth morreu ha já dous annos, deixando-me os seus amarellos e cebentos pergaminhos.

Com um d'elles gastei eu mais de tres mezes para lhe adivinhar alguma palavra; mas foi baldado todo o trabalho; o tempo tinha lavado de sobre a pagina todos os caracteres, deixando simplesmente umas sombras indecifraveis.

Do pouco que pude ler n'essas manchas que foram letras, pude colligir que se tratava d'um grande assumpto politico, mysterio que morreu nos corredores e saletas do Louvre.

De todos o mais legivel é o que trata dos sonhos d'um fumador d'opio.

E' o que mais depressa pude traduzir e rebocar d'esse idioma proscripto: o idioma latino.

Se eu souber entender os outros e traduzil-os, apresental-os-ei ao leitor.

O pergaminho de que hoje trato diz assim na pagina primeira:

VISUS-AMANTIAE
FUMATORIS
OPII

(Continua) Eduardo Véras

FREDERICO LEMAITRE

—

O Ambigu foi durante muitos annos o throno em que reinou o principe da scena que se chamou cá fora Frederico Lamaitre e lá dentro Roberto Macario.

Quem não conhece Roberto Macario, aquelle personagem extravagante, creado pelo grande actor francez? Aquelle typo esplendido do bilhostre moderno, do tratante *pur sang*, habil e atrevido intriguista, quem o creou, quem o apresentou, quem lhe imprimiu o cunho da popularidade de que gosa senão elle?

Frederico Lemaitre nasceu no Havre em 21 de julho de 1800, e seu pae, um pobre architecto, sentindo-lhe um gosto muito pronunciado para a declamação, mandou-o para o Conservatorio d'onde sahiu, terminados os estudos, para entrar para o Odeon. N'este theatro, e em dous mais em que representou depois, não passou de uma nulidade. No proprio papel de Roberto Macario, no Ambigu, foi pateado fortemente na primeira noute em que o exhibiu. Mas, no dia seguinte, pedindo licença ao auctor para o modificar segundo a sua intuição artistica, conseguiu fazer-se applaudir delirantemente do mesmo auditorio que o pateara na vespera.

Um grande defeito escureceu o brilho de tão profundo talento. Era d'uma inveja excessiva em pontos d'applauso: não tolerava que ao seu lado os seus collegas fossem applaudidos do publico: onde estava queria dominar tudo. Chegava a procurar comprometter os collegas e comprometteu alguns seriamente. Mas ainda tinha outro defeito, não como actor, mas como homem. Sendo possuidor d'uma enorme fortuna, era a sovinice em pessoa. Ahi vae uma anecdota:

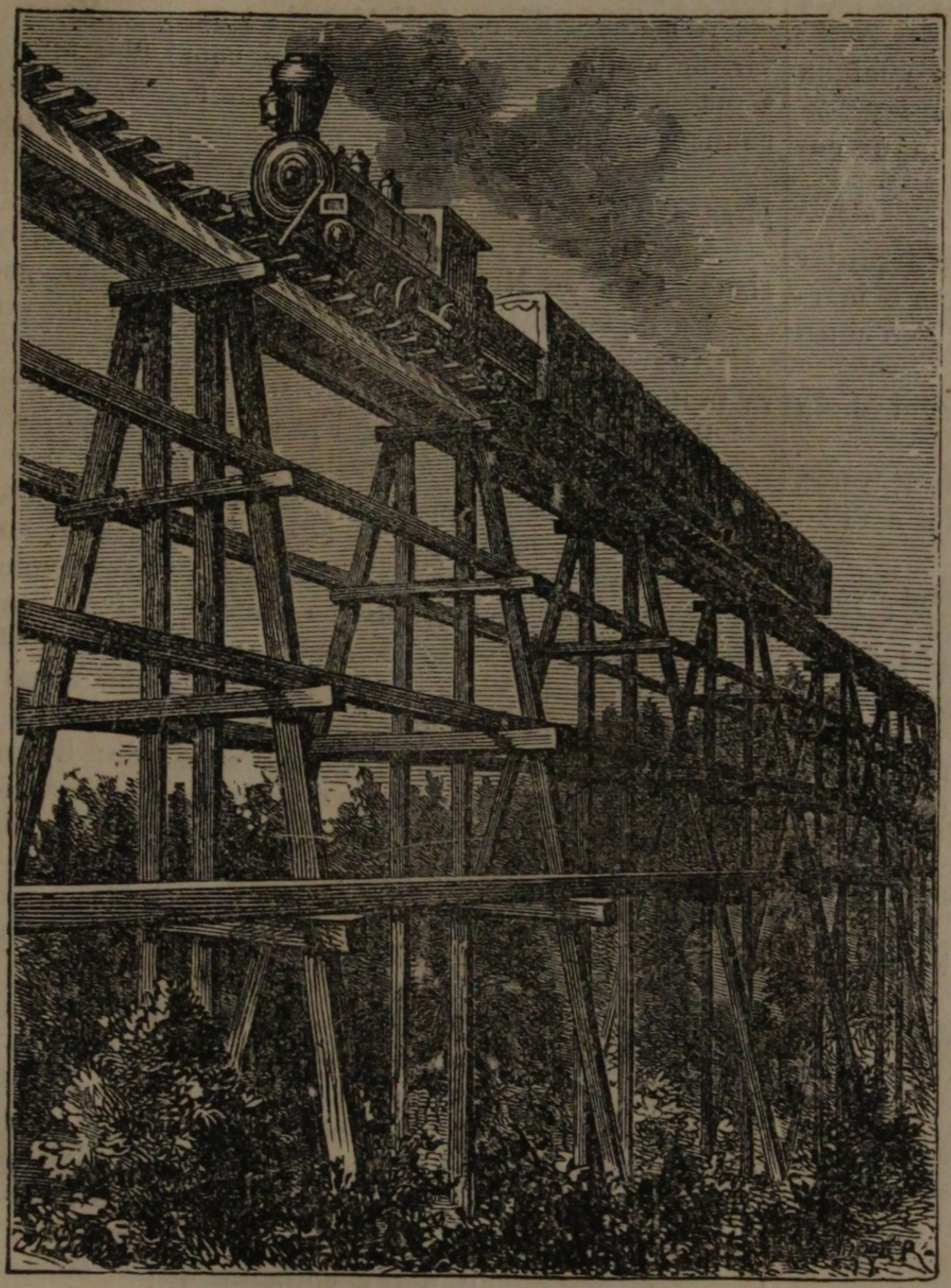
Ia casar a filha do grande actor: assignava-se o contracto nupcial, em que elle apenas lhe dava um dote e enxoval no valor de 2:500$000 reis.

No momento em que o tabellião lia o contracto, ao chegar áquella clausula, Lemaitre levantou-se e disse:

—A filha de Frederico Lemaitre não precisa de dote para casar-se. Senhor tabellião, risque o dote.

Um calafrio percorreu toda a assembleia; quando o genro, levantando-se a seu turno, disse:

—A filha de Frederico Lemaitre pode prefeitamente vestir-se com a gloria de seu pae. Senhor tabellião, risque o enxoval.



CAMINHO DE FERRO DO PACIFICO

O CAMINHO DE FERRO DO PACIFICO

—

Os americanos! Que gente! Que impagaveis aquelles yankees!

Pensam lá que é gente que se preocupe com bagatellas! Ora adeus. Para as emprezas mais audaciosas, para quanto o espirito humano pode inventar de mais perigoso, de mais arriscado, de mais extraordinario, são elles sempre os primeiros. Elles vão sempre na vanguarda de todos os outros povos.

Trata-se de construir um caminho de ferro. Convergem para ahi todas as attenções. A questão é apresental-o prompto, completo, dentro de poucos dias. Do contrario seria uma cousa velha, inutil. Mas ha quebradas no terreno, ha montanhas a furar, ha despenhadeiros a transpor. Que importa isso para quem pouco se preocupa com algumas vidas de mais ou de menos? A questão é andar de pressa: o tempo é dinheiro.

Ahi está como se construiu o caminho de ferro do Pacifico. Onde os accidentados do terreno necessitariam para nós dispendiosas e demoradas obras de arte, lançaram elles umas pranchas ao comprido, outras ao alto, outras emfim encruzadas pelo meio, e no dia seguinte por ahi passava a locomotiva, já cheia de passageiros, que não pensavam n'outra cousa senão n'isto: chegar o mais breve possivel. Mas isto entende-se com os que chegam e quando chegam; o que importa, porém, que nem todos elles cheguem? Vale lá a pena encommodar por tão pouco?

Por isso é que o povo americano é um povo unico e nós ao pé d'elles somos uns patetas, indignos da civilisação que gosamos.

Oh! Os americanos! Tiremos-lhes o chapeo! Confessemos ao pé d'elles a nossa pequenez!

José Boaventura

A HORA DO REPOUSO

—

Põe, minha amiga, põe sobre o meu peito
Tua serena mão...
Sentes? Ha aqui dentro um carpinteiro,
Que trabalha de noite e o dia inteiro
Pregando o meu caixão.

Dia e noite! Prosegue, oh mestre, vamos!
Trabalha sem cessar;
Não deixes a tua obra em abandono,
Depressa! mais depressa! tenho somno
E quero descançar!

Luiz Guimarães Junior

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR

UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE
NAS MONTANHAS

XII

A COROA DE FLORES AZUES

Continuação

Iamos caminhando de Olveda para Dorra.

Eu procurei um *áparte* com minha tia e perguntei-lhe capciosamente:

—Nada me disse, minha tia, do casamento de Florentina.

—Que casamento?

—Não ficou a senhora de arranjar o casamento de Florentina com o morgado de Dorra, dotando-a eu com cinco ou seis mil duros?

—Ah! sim, sobrinho; porém ainda lhe não disse nada.

—Pois aproveite a senhora agora a ocasião; approxime-se d'ella e falle-lhe.

Eu, que ia adiante, fiz uma evolução e colloquei-me pelo lado de trás, para espiar os movimentos da orphã.

Passados poucos momentos, a snr.ª da casa de Naya voltando-se para mim:

—Não fazemos nada, sobrinho, me disse; Florentina não quer casar...

—Pois se lhe parecem pouco seis mil duros, offereça-lhe da minha parte dez mil.

Minha tia olhou para mim assustada.

—Porém... de veras, sobrinho?

—Eu sempre fallo de veras, tia, lhe respondi gravemente.

Minha tia encaminhou-se para Florentina e tornou a fallar-lhe.

Eu, entretanto, felicitava me por aquella inspiração que tivera, porque casando-se Florentina com outro, salvar-me-ia da sua singular influencia.

A senhora da casa de Naya voltou para junto de mim.

—E então?... lhe perguntei com anciedade.

Minha tia encolheu os hombros e respondeu-me:

— Disse que não; que não decidiu casar-se ainda.

Então não pude deixar de me arrebatar e gritei:

—Porém... e se a expulso do palacio, que vae ser d'ella?

—Tambem lhe disse isso.

—E que lhe respondeu?

—Respondeu-me francamente que sabia coser.

—E' isso! gritei furioso; ser *grisette;* ir para S. Thiago ou para a Corunha, e ser... uma Corina... uma *cocotte* talvez!

—Sobrinho! exclamou minha tia irritando-se e tomando a defeza de Florentina.

A'quella reprehensão de minha tia, ao sentir o fogo de seu nobre olhar abrangendo e dominando o meu com pequenas nuvens de ardente luz, eu levei as mãos ao peito, porque me parecia que ardiam as minhas entranhas de panthera.

—Perdoe-me... minha tia, lhe disse humildemente; porém... uma orphã... só em uma cidade... sem amparo...

A senhora da casa de Naya, ao ouvir-me assim exprimir, ergueu-se com a magestade d'uma imperatriz, e interrompeu-me:

—Basta, senhor conde de Amaral! Essa orphã tem ali uma casa.

E estendeu o braço para Santa Maria da Casa de Naya.

Eu fiquei aterrado.

Nunca, em minha vida, me humilhara tanto pessoa alguma.

Busquei com a vista Florentina, que estava proxima, e que parecia ir ouvindo tudo, e busquei-a com a vista, como para me lançar sobre ella e aniquilal-a com o fogo de meus olhos, ainda mesmo que, pouco tempo depois, como Othelo, morresse beijando o cadaver da minha victima.

Florentina olhou para mim suavemente n'aquelle momento, como se comprehendesse a tempestade que devorava o meu seio... e parecia dizer-me no seu olhar: *tu fazes-me padecer, querido da minha alma; porém olha como a teu turno te fazem outros soffrer.*

Olhares como aquelle, são como inhalações d'essas bellissimas flores de amor, que constituem as mulheres que nos amam.

Depois d'aquelle olhar eloquentissimo, approximou-se levemente e disse-me com a voz a mais carinhosa do mundo:

—Senhor conde, desejo sollicitar de V. Ex.ª um favor.

Eu estremeci e tartamudeei algumas palavras com os olhos baixos.

Florentina tornou com a maior humildade e ternura:

—Desejava que V. Ex.ª me concedesse o collocar esta coroa na minha fronte ao cantar a *Casta diva*, de noute, no lubre de Montecelo, pois como temos que sahir de sacerdotisas as de Dorra e eu...

—Muito bem, interrompi sem saber o que dizia.

Davam-me impulsos de a agarrar e aniquilar, porém estou seguro de que ao intental-o teria cahido a seus pés de joelhos e chorando d'amor como uma creança.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

—

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Vista na lua, a sombra da terra demonstra a sua rotundidade, e a sombra da lua projectada na terra prova que aquelle astro está mais proximo de nós do que o sol, do mesmo modo que a passagem da lua por cima dos planetas e das estrellas, chamadas *occultações*, prova que estas estão mais afastadas do que a lua.

Venus e Mercurio, os dous planetas mais approximados do sol do que a terra, passam por sobre a superficie do sol como duas manchas negras. Chama-se passagem de Venus e de Mercurio. Observando-se os differentes pontos da terra, bem como os progressos da passagem, pode-se obter a medida d'um angulo, que serviria para determinar a distancia exacta da terra ao sol. Uma vez estabelecida essa distancia, determinam-se as de todos os outros planetas por aquella lei mathematica de que o cubo das distancias dos planetas é igual ao quadrado das suas respectivas revoluções periodicas.

A reacção da lua influe sobre as agoas do Oceano, produzindo as marés; mas como ella se adianta na sua orbita 12 ou 13 graos, passando por cima do mar 50 minutos mais tarde do que no dia anterior, as marés cheias retardam-se cada dia 50 minutos.

As variações das marés são produsidas pelo concurso da acção do sol e da lua. Quando as acções começam na lua nova e na lua cheia, ha *maré alta*, ou *viva*; quando a lua está a meio caminho, entre a conjuncção e a opposição, ha *maré baixa*, ou *morta*.

Os phenomenos terrestres e os problemas que offerecem os mappas e globos podem todos ser reduzidos a este principio geral: o sol não illumina nunca mais do que metade da terra e a outra metade fica em trevas, e seja qual fôr o ponto da terra a que dirijamos as nossas observações, nunca veremos mais do que metade do ceo, ao passo que a outra metade nos será invisivel.

Ao redor das ilhotas e dos cabos as marés são muito fracas.

As marés não são senão o resultado de reacções mecanicas da lua sobre as agoas e entram nas leis geraes por que se governa o systema da terra e da lua.

A maré pode considerar-se como um pendulo oscillatorio. Os continentes detem, ou, para melhor dizer, interceptam a acção cuja renovação forma a segunda maré dentro das 24 horas. As agoas, agitadas no Oceano como o

seriam dentro d'um vaso qualquer, não apresentam effeito sensivel senão nas bordas: na superficie da terra um grao é de 25 legoas (100 kilometros, pouco mais ou menos); mas a extenção real d'um grao celeste é infinito, porque o espaço é sem limites, e, n'esse caso, um grao não é mais do que a 460.ª parte do todo.

Se o sol allumia a metade da terra, allumia 180 graos, ou 90 graos de cada lado do ponto acima do qual se acha verticalmente collocado; d'ahi ha, d'um polo ao outro, 180 graos, e 90 graos de cada polo ao meio da terra, chamado *equador*.

Continua — Doutor Jayme

A' LUZ DAS ESTRELLAS

—

Quando contemplo tristonho
O brilho ethereo da lua,
Que na abobada fluctua
Como nos craneos o sonho,

A minh'alma dilatada
Volita pelos espaços,
Como ave partindo os laços
A que estava agrilhoada!

Livre na sua expansão
Aspira a luz opalina,
Tepida, meiga, divina,
Lá na siderea mansão...

Assim na luz embebida,
Dissipando negros veos,
Descobre limpidos ceos
Onde encontra alfim guarida.

....

E, inspirada p'lo Senhor,
A' frouxa luz das estrellas,
Lê as estrophes tão bellas
Do grande poema o amor!...

Arlindo Varella

INFINITO AMOR

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

III

Continuação

Este grupo de pura innocencia e poesia, a que graciosamente se juntava a belleza poetica d'aquelle agradavel recinto; a solidão que caracterisava aquelle logar, apenas interrompida pela presença das duas creanças; aquelle tecto de verduras, por onde mal podiam penetrar alguns raios do sol, posto que tudo magestoso e magico, não agradou no entanto ao egresso, que via com magoa o modo como os seus discipulos desperdiçavam o tempo tão preciso para o estudo. Esteve para os acordar d'aquelle encanto em que se encontravam, fallando-lhes do seu esconderijo; porém deteve-se e resolveu escutar todo aquelle innocente colloquio.

O que o rapaz já tinha referido não veio o padre Bernardo a tempo de ouvir; mas é certo que a narração da historia de fadas lhe principiava a causar interesse, e tanto, que se resolveu a escutal-a até ao fim.

Hermano, com toda a clareza, regularidade e acentuação, expressava-se assim:

—O fidalgo tinha uma filha nova e muito bonita, assim como a senhora D. Adelia, e o filho do pescador gostava muito d'ella e ella do rapaz, e elle desejava-a para casar; mas o fidalgo não consentia, e, para os separar, mandou-a para o encantamento das Torres Novas do Cabo do Mundo e depois nunca mais os dois se poderam avistar, nem o filho do pescador tornou a saber da filha do fidalgo.

O encantamento, ou o feiticeiro, era um irmão do fidalgo, muito mau, que as bruxas para ali tinham levado; mas era um homem muito grande e muito forte, que foi lá ser governador de todos que estavam encantados! E tinha uma varinha de condão com a qual tudo podia fazer!... O rapazinho tinha muitas saudades da filha do fidalgo e ella tambem chorava muito com saudades d'elle.

Um dia a tal menina, sabendo que o encantamento podia tudo, pediu-lhe se a deixava andar por debaixo do mar, e foi ter ao sitio onde o pescador ia pescar para ver se podia fallar ao rapaz. E um dia, quando o pescador deitava a rede, abriu-se o mar e o pescador ouviu de dentro uma voz que lhe fallou assim:

—Deita-me aqui o teu filho, que te dou riqueza para toda a tua vida!

E tornou o mar a fechar-se.

E Hermano, dizendo isto, fez uma pausa, em quanto mudou de posição, e o padre a quem já doíam as pernas por estar tanto tempo de pé, disse para comsigo:

—O maganão conta a historia de uma forma tal, que me prendeu ao interesse de lhe ouvir a conclusão. Já agora não ha remedio.

Hermano continuou:

—O pescador retirou-se para casa muito pensativo e todo o dia se conservou triste.

No dia seguinte voltou o pescador, e, no mesmo sitio, e á mesma hora, tornou o mar a abrir-se e a mesma voz repetiu o que havia dito no dia antecedente. Então o pescador disse-lhe:

—E tu que farás do meu filho?

Ao que a voz respondeu:

— Fazel-o-hei meu esposo e feliz, e um dia iremos ter comtigo.

E o pescador retirou-se cada vez mais triste, a ponto que a mulher d'elle já desconfiava de tamanha tristeza.

No dia seguinte o pescador, levando comsigo o filho, que era assim da minha altura, apenas a voz lhe tornou a pedir o rapaz, ajoelhou-se, fez o signal da cruz, e levantando-se, pegou no rapaz, atirou com elle ao mar, que, fechando-se immediatamente, deixou vir á tona d'agoa uma grande taça d'ouro cheia de perolas finas!

E Hermano, dizendo isto, e mudando de tom, fez á sua companheira a seguinte pergunta:

—A senhora D. Adelia sabe o que serão perolas do mar?

Continua — Sousa Macario

SCENAS DA EMIGRAÇÃO

—

Conclusão

O egoismo d'este homem revoltara-me. Aquella gente causava-me horror e repugnancia, e foi em vão que me convidaram a seguil-os. Pareceu-me n'aquelle momento que a companhia dos animaes ferozes era preferivel á d'aquella gente. Fiquei só. Pude ver a infeliz mãe arrastar-se no solo ardente emquanto pôde avistar a filha, e quando ella ia para sempre desapparecer, ergueu-se em um impeto sobre-humano, e, estendendo os braços para o ceo, soltou um grito, que continha toda a amargura do seu coração, atrophiado pela dôr. Em seguida cahiu com o rosto sobre a terra, derramando lagrimas, como só uma mãe sabe derramar.

Approximei-me da infeliz e vi que effectivamente a vida estava a abandonal-a por momentos. Os seus soffrimentos iam findar em breve. Não me atrevi a perturbar a sua dôr; deixei a seu lado as poucas provisões que me restavam e afastei-me d'aquelle logar, onde não podia defendel-a.

As sombras da noute invadiam já a floresta e a planicie; dos cerros afastados partiam os primeiros mugidos das féras, a que breve responderam outros mais proximos; o silvo da serpente fazia ecco ao latido do chacal; o uivo do lobo fundia-se no bramido do tigre, e esse côro de gritos roucos e ferozes subia em um crescendo horrivel, até que o rugido do rei das selvas, dominando todos os outros, impunha silencio por alguns instantes n'aquelle medonho concerto, que não tardava em recomeçar.

Todavia, no meio d'aquelle horrivel côro, parecia-me de quando em quando ouvir, em um grito cheio de afflicção e anciedade, expandir-se a suprema angustia d'aquella infeliz filha, que deixava sua mãe entre féras, em quanto ella

mesma jazia em poder d'outras, não menos crueis.

Era illusão dos meus sentidos, impressionados fortemente, ou a voz do vento gemendo na floresta?

No dia seguinte áquella noute de horriveis tormentos, encontrei, na planicie onde me dirigi, os despojos do banquete nocturno; era um montão de ossos descarnados, sem forma humana, o que restava da infeliz engajada!

Horror!...

Offerecemos este quadro aos que possam tentar-se com os annuncios dos infames agentes da emigração.

STEPHENSON

Jorge Stephenson foi o inventor das locomotivas conforme hoje se usam.

Era filho d'um pobre mineiro, e, nascido em 1781 em Wylam sobre o Tyne, no condado de Newcastle, passou os primeiros annos, como seu pae, occupado na extracção do carvão. O patrão para quem elle trabalhava, conhecendo a intelligencia do joven Jorge, retirou-o d'aquelle humilde mister, e desde então os seus talentos revelaram-se por modo a demonstrar de quanto era capaz.

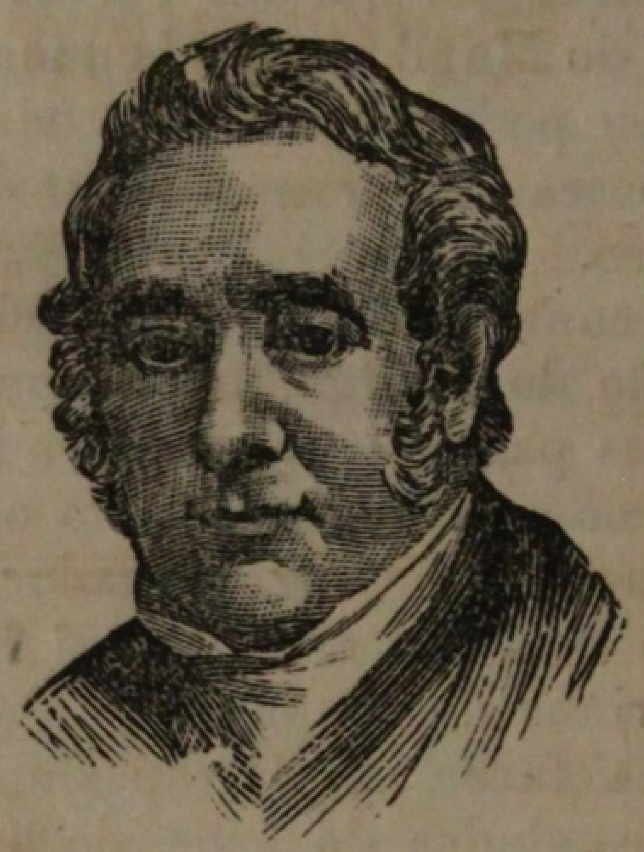
Inventou ao mesmo tempo que o celebre David Humphry a lampada de segurança, destinada a allumiar sem perigo os trabalhadores das minas. Em 1824 vingou executar a primeira machina do caminho de ferro que a Inglaterra teve.

Os seus trabalhos e descobertas deram-lhe o titulo de engenheiro distincto. Falleceu em 1848.

A Inglaterra ainda hoje venera a memoria de Stephenson. Todos os annos, em 27 de setembro, se celebra em Darlington uma grande festa, para commemorar o anniversario da invenção do illustre engenheiro, que venceu a incredulidade dos seus adversarios por forma a deixal-os assombrados.

A propria locomotora construida por Stephenson está cuidadosamente conservada como uma reliquia sobre um pedestal, da qual se desce no dia da festa e se faz funccionar, assim como outras machinas de construcção mais recente, pondo assim em evidencia o aperfeiçoamento gradual de tão poderoso instrumento da industria moderna.

A prophecia de Stefenson, de que um dia chegaria em que o operario, a cuja classe pertencia, viajaria mais barato em caminho de ferro do que a pé, realisou-se completamente em pouco mais de cincoenta annos.



STEPHENSON

ZIG-ZAGS

PIEDADE

E' assim que se denomina aquelle sentimento religioso que faz remontar a Deus os deveres para nós mesmos e para com os nossos similhantes. Os gregos e os romanos fizeram d'elle uma divindade, que representavam sob a figura d'uma mulher coberta com um veo, symbolo da modestia, tendo na mão direita uma cornucopia, signal da abundancia, e pousando a esquerda sobre a cabeça d'uma creança, para indicar que era a deusa protectora.

Terencia penetrou na prisão, onde seu pae estava condemnado a morrer de fome; ella offereceu-lhe o seio e salvou-lhe a vida.

Penetrado d'admiração, o povo romano levantou um templo em sua honra, consagrando-o á *Piedade*.

Esta virtude tinha, de facto, entre os antigos, uma significação mais extensa do que entre nós. Applicava-se ao amor filial do mesmo modo que ao agradecimento para com os deuses.

—

A VIOLETA

A flor dilecta do prado e das donzellas, este delicado mimo da vegetação, foi desde os mais remotos tempos acariciada pelos rosados dedos da mulher, e aspirado o seu odor suave pelas mais delicadas pituitarias.

Entre os gregos e os celtas, tanto adornava o thalamo nupcial da noiva, como o esquife da donzella roubada aos carinhos da mãe.

As bellas athenienses engrinaldavam os seus esplendidos cabellos com as formosas violetas, e os seus collos ondulantes e fascinadores, onde a esthetica tinha um throno de adoração, eram semeados de odoriferos ramalhetes, que enebriavam com os seus mimosos perfumes seus seios divinaes.

Era o valle de Tempsé que fornecia em abundancia estas graciosas florinhas, que tambem nos representam a timidez e a modestia. Todas as manhãs os mercados d'Athenas eram povoados d'um sem numero de cestinhos d'estas flores amadas.

Felizes tempos e feliz Athenas!

Não vive porém somente no campo a violeta, nem nos reconditos aposentos da virgem meiga e vaporosa, ou ensopando o lenço do *vegete*, com pretensões a D. Juan. Tambem a arte culinaria lhe recebe os gratos effeitos nos licores, gelados, sorvetes, doces e outros caprichos de phantasia gastronomica.

E' todavia á industria de perfumarias que mais auxilios presta, visto ser a agoa de violeta o perfume da moda. O commercio é importante, sobre tudo da especie chamada violeta de Parma.

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Tendo sido baldadas todas as diligencias empregadas para que o snr. ANTONIO JOSÉ MADEIRA, nosso ex-correspondente na GOLLEGÃ, nos PAGUE o saldo das folhas que para ali enviamos, lançamos mão d'este meio, como ultimo recurso, afim de evitar que aquelle CAVALHEIRO, illudindo os incautos, continue a abusar da BOA FÉ de quem não lhe conhecer as qualidades.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 4 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, rua nova do Sá da Bandeira n.os 113 e 115; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.° andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 17 D'AGOSTO DE 1882 | NUMERO 103

D. FREI JOÃO D'EVORA

SUMMARIO

Texto: — D. Frei João d'Evora — Bianca Capello (romance) — A vingança d'um morto (romance) — Crepusculos (poesia) por Antonio Correia — Palavras celebres de Napoleão I. — O Zaire — Eugenio Pelletan — Bibliographia — Bertha — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Os dramas do mar: Bontekoe — Terno amor (poesia) por Heliodoro A. Salgado — Sonhos-delirios d'um fumador d'opio, por Eduardo Véras — Erckmann-Chatrian — Zig-Zags: O Quixote — Expediente — Prospecto.

Illustrações: — D. Frei João d'Evora — O Zaire — Eugenio Pelletan — Erckmann-Chatrian.

D. FREI JOÃO D'EVORA

—

D. frei João de Evora, de quem hoje damos o retrato, foi confessor de D. João I e um dos amigos mais devotados d'este monarca. Suppõe-se que teve o seu berço em Evora, vindo-lhe d'esta cidade o appellido de que usou.

Mostrou D. frei João desde tenra idade uma inclinação pronunciada para o estudo das sciencias, e entregou-se á philosophia e theologia mystica, como mais compativeis com o seu espirito religioso, tornando-se eminente n'essas duas faculdades.

Além de confessor de D. João I, cargo que exerceu sempre com a maior honradez e raras virtudes, era conhecido por toda a gente pelo titulo de Confessor maior de todo o reino, que a Sé Apostolica lhe concedera. Mais tarde foi eleito para bispo de Vizeu e confirmado pelo papa João XXIII em 1414. A ceremonia da sagração verificou-se no convento dos religiosos da Santissima Trindade, de Lisboa, de que elle tomara o habito, assistindo D. João I.

D. frei João d'Evora acompanhou este monarca, em 1415, na conquista de Ceuta, e voltando a Lisboa com innumeraveis captivos, que ficaram resgatados n'aquella ocasião, occupou o logar de esmoler-mór e assistiu ás côrtes celebradas em 1418.

Falleceu em Lisboa, no anno de 1426, e foi sepultado na capella-mór do convento da Trindade, fazendo-se o seu enterro com grande pompa e assistencia da nobreza.

BIANCA CAPELLO

PRIMEIRA PARTE

O RAPTO

—

I

EM VENEZA

Continuação

Com effeito, o chefe do estado dirigia-se procissionalmente para o arsenal, onde o commandante do porto devia recebel-o a bordo do *Bucentauro*, para o conduzir ao mar.

O doge achava-se cercado dos conselheiros da Senhoria, que se conheciam pela sua toga de camelão amarello ondeado, de mangas largas, assim como pelo capello d'uma fazenda da mesma côr. Na cabeça do doge brilhavá a coroa ducal. Tinha a toga de brocado de prata e copa larga de escarlate, cuja cauda era sustentada por dous dos seus escudeiros.

Precediam-o os principaes magistrados da republica, todos de trajos roçagantes.

Detrás d'elle marchava um dignitario mascarado, de espada nua na mão, a espada da republica, com que parecia ameaçal-o. Symbolo d'uma magestade terrivel!...

Vinha em seguida o senado, de roupa vermelha, e depois via-se uma multidão de magistrados, ou empregados secundarios.

—

Ainda não tinha decorrido um anno desde que Pietro chegara a Veneza, e por tanto nunca vira a ceremonia que se preparava; porém parece que não o preocupava muito a festa.

Em logar de seguir o espectaculo grandioso que se desenrolava aos seus pés, tinha o olhar singularmente fixo sobre um palacio de que só o separava o canal Santo Apollinario. Em Veneza todas as casas um pouco importantes estão á beira dos canaes.

Do palacio Salviati, o nosso joven florentino avistava a ponte de Rialto, a *ponte Storto* e outras, que ameaçavam vir abaixo com o peso d'uma multidão apressada; os canaes que desappareciam sob uma immensa quantidade de gondolas; a praça de S. Marcos, por onde desfilava o cortejo; os mastros, no topo dos quaes fluctuava o pavilhão tão amado dos venezianos pelas gloriosas recordações de Chypre, de Candia, da Moreia; os famosos *cavallos de bronze*, em frente da egreja metropolitana; as duas columnas coroadas uma pelo leão do evangelista e a outra pela estatua de S. Theodosio, outr'ora patrono da cidade... Era-lhe dado igualmente distinguir as graciosas cupulas dos edificios de Veneza, com suas agulhas rompendo os ares, elegantemente rendilhadas; as galeras do arsenal todas empavesadas; os navios do porto cobertos de flammulas e bandeirolas; o fogo das peças da artilheria que estrondeava do alto dos fortes, expellindo para o espaço nuvens esbranquiçadas, a que os raios d'um sol brilhante prestavam as côres da opala...

Mas este esplendido espectaculo não era de molde a distrahil-o da preocupação que o absorvia. De repente a sua physionomia anima-se...

O palacio que elle contemplara com attenção extrema acaba de abrir-se para dar passagem a uma multidão de criados. Uns levam tapetes, outros almofadas. Estes objectos são depositados dentro d'uma gondola muito luxuosa, que se acha amarrada junto do palacio; e muitos remadores erguem um baldaquino de veludo verde, franjado d'ouro, indo em seguida para os seus logares, junto dos remos.

Apparece um outro grupo sob o portico dourado; as pessoas que o formam atravessam o caes, descem á beira do canal e entram para a gondola, que parte como uma flexa em direcção ao sitio das *regatas*.

Pietro tinha observado aquelles diversos movimentos com uma ancieda-de cada vez maior.

—Ah! Vou vel-a! exclamou acompanhando a gondola com a vista.

Mal cessou de a ver, lançou sobre os hombros um leve manto á florentina, tomou um gorro de pluma vermelha, e dirigindo-se rapidamente para o caes, saltou para dentro d'uma barca.

—Alerta, alerta, Joachim! disse ao gondoleiro. Dou-te um ducado de gorgeta se alcançares a gondola de verde e ouro que desapparece na volta do canal, lá abaixo!

O gondoleiro fez um signal afirmativo e a barca entrou de fender a agoa.

II

AS REGATAS

Veneza, hoje dominada pelo estrangeiro, era outr'ora uma cidade meio asiatica; as suas festas lembravam as de Byzancio. Comprazia-se em ostentar ali o fausto, a pompa, a magnificencia d'aquelle imperio oriental, cuja ruina tinha acelerado para lhe arrebatar os despojos.

Em 1563, comtudo, a republica de Veneza já estava muito decahida do seu antigo esplendor.

A memoravel batalha de Lepanto, que devia, alguns annos mais tarde (em 1571) salvar a christandade da invasão dos turcos, derramou, é verdade, um pouco de lustre sobre as armas da republica; mas a republica tinha declinado muito para que aquella victoria lhe restituisse a preponderancia d'outros tempos.

Com effeito, desde os ultimos dous seculos os turcos arrebataram-lhe, uma a uma, as suas mais bellas conquistas: a Macedonia, a Moreia, tudo quanto ella possuia na Asia, Zante, Cephalonia, Negroponto, etc. A liga de Cambraya (1508) reunindo contra ella os esforços dos principes christãos, descarregou tambem um terrivel golpe sobre o seu poder. Emfim, o incendio do arsenal privara-a de uma parte dos seus recursos e meios d'acção.

Todavia, porque entrava nas vistas da Senhoria, porque estava nos seus costumes tradicionaes disfarçar os revezes sob as demonstrações d'uma prosperidade ficticia, a festa da Ascenção foi celebrada, no anno em que estamos, com mais esplendor, com mais pompa, do que nos annos precedentes.

Continua

A VINGANÇA D'UM MORTO
ROMANCE

Continuação

CAPITULO V
O IMPREVISTO

I

Chegou um dia em que o proprio excesso do desalento que ia minando a existencia do pobre Anselmo produziu uma agitação febril, uma ancia d'andar e de mover-se, uma intemperança tal de locomoção, que não lhe permittia estar quieto, nem deter-se a repousar em parte alguma; alguma cousa emfim do que devia sentir Ashaverus, o judeu errante, ao emprehender a sua marcha pelo mundo.

Era no verão.

Anselmo gastou toda a manhã e parte da tarde a andar, quasi sem saber por onde, automaticamente, com uma sede devoradora. Atravessou seis ou sete vezes a cidade, e por ultimo, ahi por cerca de sete horas, parou de repente como se fosse um boneco cuja corda acabara.

Suava extraordinariamente. Estava cansado, aniquillado.

Ao orientar-se do sitio em que tinha dado fim á sua peregrinação de quatorze ou quinze horas, viu que se achava na rua Mayor e que á sua esquerda havia uma hospedaria. Lembrou-se então que nem sequer tinha almoçado. O estomago preveniu-o d'isto desapiedadamente. Não podia dar uma passada; necessitava lastro para fazer nova viagem. Com passo vacilante entrou na hospedaria, subiu á casa de jantar, que era situada no andar principal, e disse a um criado que lhe servisse sem demora uma perdiz e uma garrafa de vinho, que desappareceram em cinco minutos.

Já mais tranquilo, Anselmo pôde reflectir que antes de pedir outra cousa devia dar algum descanso ao estomago e tempo sufficiente para elle se preparar a receber novos alimentos.

A primeira cousa que faz um homem em situação identica, é informar-se do sitio onde o conduzira o seu apetite ou a casualidade.

II

A sala em que se achava era pequena, occupada por duas ou tres mesas e algumas cadeiras. As toalhas que cobriam as mesas não eram das mais limpas; as cadeiras denunciavam uma respeitavel velhice, pois algumas já não tinham sombra sequer de palhinha. As paredes estavam forradas de papel de chita, ostentando grandes boracos, por onde a cal cahia a pedaços.

A ideia que Anselmo ficou fazendo da hospedaria não era nada favoravel para os brios do dono do estabelecimento.

Um largo biombo dividia ao meio a sala, para formar dous quartos. O biombo tinha pouco mais altura do que a d'um homem; por isso era facil ver de um lado o que se fazia no outro.

D'ali partia um arruido infernal, em que Anselmo não pôde de prompto reparar occupado como estava em satisfazer as justas exigencias do seu estomago; mas depois que acabou de comer foi despertada a sua attenção pelo bom humor que reinava n'aquella parte da sala. Entre aquellas vozes alegres não se ouvia a de nenhuma mulher.

—Andam muito bem esses homens, disse Anselmo de si para si. Se tivessem trazido uma mulher, teria que tapar os ouvidos, se não quizesse ir-se embora.

Das palavras que chegaram aos ouvidos de Anselmo colheu este que se tratava d'um homem que no dia seguinte devia casar-se e que reunira alguns amigos para despedir-se dignamente da vida de solteiro. Conhecia-se que estavam todos chegados áquelle momento critico em que um copo mais de licor torna indiscreto o homem mais reservado. Ali brindava-se por tudo: pelas louras, pelas morenas, pelo calor, pelo frio, pelo matrimonio, pelo celibato, emfim os brindes só eram um pretexto honrado para beber mais.

Um brinde que um dos convivas fez ás aragonezas chamou ainda mais a attenção de Anselmo.

—Dou-te graças em nome da minha futura, cujo paiz acabas de saudar, respondeu uma voz, que sem duvida era a do amphitrião.

—Olá! Parece que a noiva é minha patricia! exclamou Anselmo jubilosamente.

E mandou vir outra garrafa de vinho, para brindar tambem á futura que não conhecia.

Continua

CREPUSCULOS

I

Ai! Quantas vezes teu olhar se fita
Na minha fronte, que rugada vês...
E tu perguntas, anceiada, aflicta:
—Que tens? E ficas a scismar, talvez...

Creando sonhos e pensando, triste,
Que já meu peito não se aquece ao teu,
Que o amor foi sonho que na infancia viste,
Luz que da terra só voltou ao ceo!

Meu rosto fica na tristeza absorto,
E sem que o pranto te rebente á dôr,
Vês-me e lamentas, sem chorar o morto,
Que na mortalha te envolveu o amor.

Pobre creança! No meu lar mesquinho
Vejo-te, e digo: —Que será de ti,
Ave que implumas em gellado ninho,
Flor que despontas n'este solo, aqui?...

Porque baixaste n'esse voo ardente,
Que pelo espaço te levava além,
A ethereos mundos, a olhar de frente
A luz que á terra só vellada vem?

Porque não foste, lá dos astros perto,
Juntar-te aos anjos, abraçar irmãos?
Ai! triste mundo! n'este rumo incerto,
Mancham-te as azas maculadas mãos.

E assim me fico na tristeza absorto,
E tu perguntas, a olhar p'ra mim:
—Que teus? E ficas a chorar o morto
Com muita vida, porque vive assim.

II

Que vem dizer-me o fogo que em teus olhos
Tão puro se revella?
Foi longa a tempestade d'esta vida:
Perdido o leme; a bussola perdida,
Vaguei tempo de mais por sobre escolhos.
Foi longa a cerração. Vens tarde, estrella!
Por noutes sem dormir d'angustias cheio
Sonhando delirava;
Via um anjo; eras tu, que manso vinha
Trazer a esperança á existencia minha;
Eu pousava a cabeça no teu seio,
Via teus olhos negros e acordava!
Grito do coração, grito d'um louco,
—Seria uma loucura!...
Eu chamava-te assim n'um grito agudo:
Quando se sobe ao ceo, ai tudo, tudo
Quanto a terra ensinou é pobre, é pouco.
Como chamar-te, pois, visão tão pura?
Anjo, tu vens dizer-me: —O ceo existe.
Cysne, vens com teu canto
Annunciar o fim aos meus martyrios?
Sejam teus olhos pois funebres cyrios;
Quando a morte vier, olha-me triste!
Quando á campa descer, molha-os em pranto!

ANTONIO CORREA (*)

PALAVRAS CELEBRES DE NAPOLEÃO I

São muitas as palavras sublimes que se conhecem de Napoleão I, o qual sabia tão bem desenvolver os seus planos de campanha como expressar-se com eloquencia. Entre outras citaremos as seguintes:

Ao commissario da convenção nacional em Toulon dizia o joven artilheiro:

—Cumpri o vosso dever de representante do governo e deixae-me o meu d'artilheiro.

A's tropas que retrocediam da pon-

(*) O auctor d'esta poesia, o malogrado escriptor, que ha poucos dias desceu ao tumulo no meio do pranto sincero d'uma duzia d'amigos, tinha brindado ha tempos o nosso amigo e collaborador Eduardo Véras, com esta poesia e outras ineditas, que publicaremos.

N'estas estrophes adivinha-se aquella grande alma, cujo martyrio mundano terminou, deixando porém um rasto luminoso que a morte não pode apagar.

te de Arcole, onde as balas cahiam como saraiva:

—Para a frente! Segui o vosso general!

Aos soldados do Egypto:

—Do alto d'aquellas pyramides quarenta seculos vos contemplam!

Aos plenipotenciarios de Leoben:

—A republica franceza é como o sol: deve ser cego quem a não vê.

Ao exercito de Marengo:

—Soldados! Lembrae-vos que tenho por costume dormir sobre os campos de batalha!

Aos soldados de artilheria amotinados em Turin:

—Esta bandeira que abandonastes será dependurada no templo de Marte e coberta com um veo negro. O vosso corpo está dissolvido.

Ao ouvir o primeiro tiro de peça de Fiedland:

—Soldados! hoje é dia de felicidade. E' o anniversario da batalha de Marengo.

Aos quatro regimentos de linha:

—Que fizestes da vossa bandeira! Um regimento que perdeu a sua bandeira perdeu tudo!

—Sim, respondeu um official. Mas temos aqui duas bandeiras inimigas que tomamos.

—Ah! Bem, tornou Napoleão sorrindo. Restituir-vos-hei a vossa bandeira.

Ao general Moreau, offerecendo-lhe um par de pistolas ricamente adornadas:

—Quiz fazer gravar o nome das vossas victorias; mas não havia logar sufficiente para todas.

A um granadeiro, surprehendido pelo somno estando de sentinella:

—Depois de tantas fadigas é permittido dormir a um valente veterano.

A um soldado que pretendia desculpar-se por ter deixado entrar, contra a ordem, o general Jaubert:

—Aquelle que forçou o Tyrol pode com maior rasão forçar uma sentinella.

A um general cortezão que sollicitava o bastão de marechal:

—Não sou eu que faço os marechaes, mas sim a victoria.

A um joven commandante d'artilheria russa que lhe dizia em um accesso de desesperação:

—Senhor, mandae-me fusilar immediatamente. Perdi as minhas peças; é justo que perca tambem a vida!

—Socegae, mancebo; o ser vencido pelos meus soldados não indica falta de brio nem exclue o direito á gloria.

Ao duque de Montebello, rechaçado por uma balla d'artilheria e cujo corpo Napoleão estreitava entre os braços e regava com as suas lagrimas:

—Lannes, não me conheces? Sou Bonaparte, o teu amigo.

Ao exercito, ao abrir-se a campanha da Russia:

—Soldados! A fatalidade arrasta a Russia. Cumpra-se o seu destino.

Na manhã da batalha de Moscow, ao ver levantar-se o sol sem nuvens:

—E' o sol de Austerlitz!

Aos seus granadeiros, que se inquietavam ao vel-o apontar os canhões em Montereau:

—Não tenhaes receio, meus amigos. A balla que hade matar-me ainda não está fundida.

Em Grenoble, ao voltar da ilha de Elba, na frente d'um regimento que hesita, desce precipitadamente do caballo e descobrindo o peito:

—Se ha algum entre vós que queira acabar com o seu general, com o seu imperador, pode fazel-o: aqui me tem.

Quando tratava de acommodar pacificamente as dissensões da republica franceza com Veneza, soube que umas baterias venezianas tinham feito fogo sobre um navio francez que se tinha introduzido no porto para fugir a dous navios austriacos. Similhante noticia não deixou de excitar a um alto grao a sua indignação. Os deputados venezianos, cheios de temor, procuravam encaminhar a questão para uma indemnisação pecuniaria; mas a resposta de Napoleão foi digna d'um romano:

—Ainda que me offerecesseis todos os thesouros do Peru, ainda que cobrisseis d'ouro todo o vosso territorio, não poderieis resgatar o sangue francez derramado por uma traição.

O ZAIRE

O ZAIRE

O Zaire, ou Congo, rio da Africa austral, na Guiné meridional, nasce nos montes Chingues, entre os Regas, e lança-se no Oceano Atlantico após um curso pouco conhecido, mas avaluado em tres mil kilometros, tendo atravessado os reinos de Henné, de Muchingir, dos Cassanges, de Cancobella e de Holo-ho, e recebido os rios Hogi, Luimbi e o Bancora, que lhe engrossam a corrente.

Na foz tem quatro kilometros de largura.

A rapidez do Zaire, povoado de crocodillos e hypopotamos, é tal, que na foz nenhum navio pode luctar contra a corrente, e para o subir é necessario costear as numerosas ilhas de que está semeado. A' medida que se sobe,

as ilhas são mais numerosas e abundam as cascatas.

Foi o navegador portuguez Diogo Cão que descobriu o Zaire, em 1484; o nome que lhe deu é de origem indigena e significa grande rio.

EUGENIO PELLETAN

O progresso! Eis o alvo d'este trabalhador infatigavel, cujo espirito, profundamente investigador, se denuncia na *Profissão de fé do seculo* XIX e no *Mundo marcha.*

Filho d'um tabellião, nasceu Pedro Clemente Eugenio Pelletan em 29 de outubro de 1813 em Royan, estudando em Poitiers e seguindo depois para Paris, para cursar o direito.

Foi em Paris que se estreiou na carreira litteraria.

E' difficil dizer quaes as producções d'este notavel escriptor. Basta dizer que o livro e o jornal tem sido o vasto campo em que maneja valentemente a penna, tomando parte em todas as controversias politicas, religiosas e sociaes, que assignalam o seculo actual.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o ultimo relatorio da direcção da Sociedade Nova Euterpe.

Foi com verdadeira satisfação que lemos este notavel documento dos progressos d'aquella bellissima instituição, que dia a dia vae adquirindo jus ás sympathias de todos os que se empenham pelo desenvolvimento das ideias uteis e fecundas.

Vemos que um dos pontos para que mais tem convergido as attenções dos que superintendem n'aquella casa é a instrucção, não só a elementar, como a profissional, já dotando com bons livros a sua importante bibliotheca, já abrindo uma aula e creando um museu commercial, o que tudo pode ser d'um alcance muito vantajoso para a classe que n'aquelles estudos emprega as horas d'ocio.

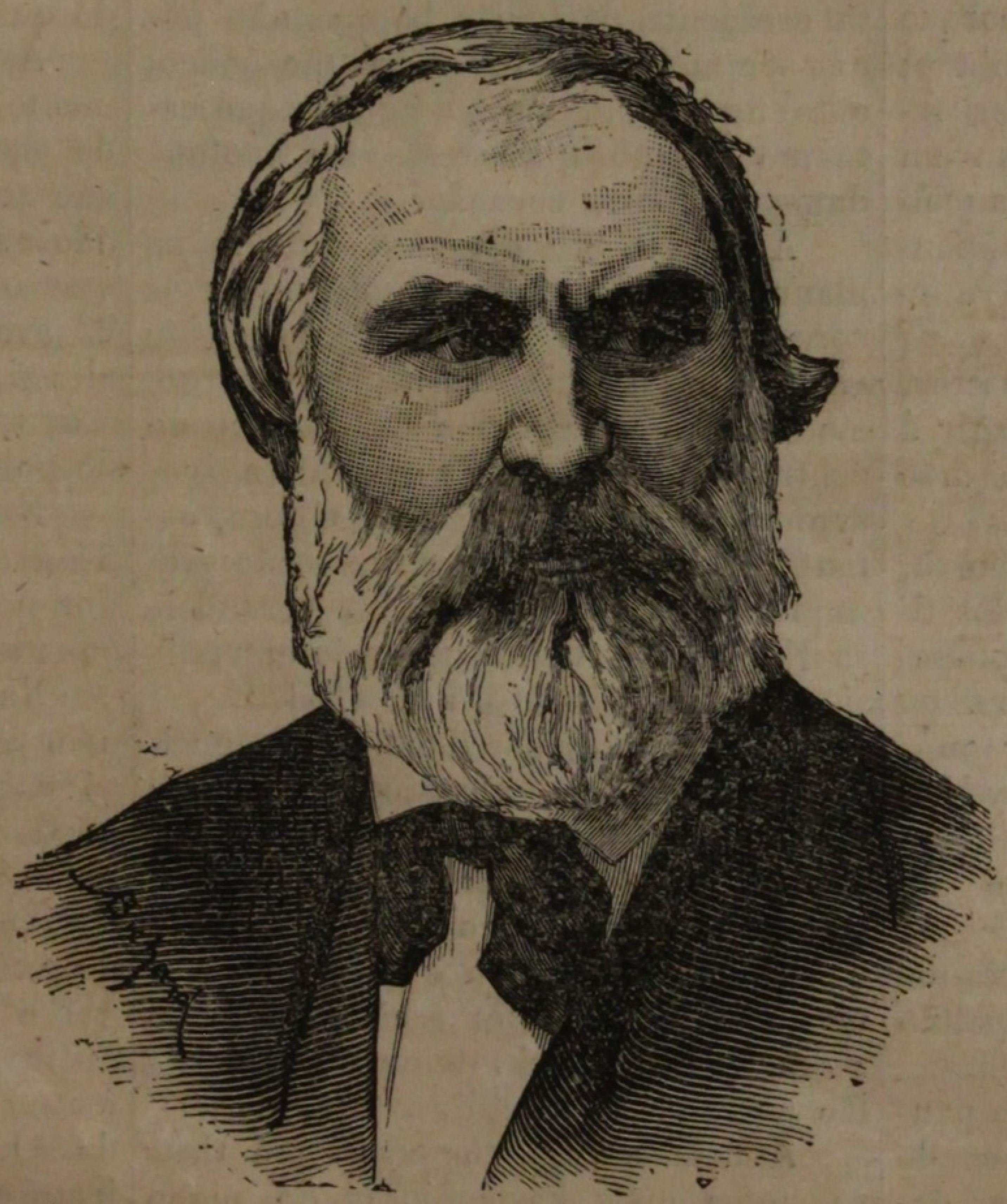
Ora isto é tanto mais para louvar, vendo-se que parte da iniciativa particular, quanto é certo que, ainda da iniciativa do governo, habilitado com muito maior somma de meios, nada se faz em proveito da instrucção, que jaz em um estado deploravel d'abandono e miseria. Na sua limitada orbita, a sociedade Nova Euterpe torna-se benemerita da patria, e tudo quanto se possa dizer em seu elogio é pouco para o muito que merece.

Oxalá não afrouxe o zelo dos que estão á frente d'aquella aggremiação, para que ella prospere de mais em mais.

—O dignissimo director do collegio Pestalozzi, o snr. Augusto Gustavo de Almeida, acaba de mandar-nos o regulamento do mesmo collegio, que está montado de forma a satisfazer as exigencias do ensino consoante o ideiou o sabio allemão.

O snr. Gustavo tem trabalhado com ardor na realisação d'este melhoramento com que dotou o ensino entre nós e deve em um futuro mais ou menos proximo ver realisadas amplamente as suas aspirações generosas.

O collegio e escola froebeliana já não é entre nós um problema, e o snr. Gustavo, que o implantou em Portugal, torna-se credor dos maiores encomios.



EUGENIO PELLETAN

BERTHA

Continuação

Eis pouco mais ou menos o que dizia a noticia do jornal que o mestre-escola estava lendo:

Um troço das nossas tropas, ahi cousa de cinco regimentos, tinham-se encontrado á sahida da povoação proxima, com uma columna das forças inimigas. O combate não se fez esperar. Era mister desalojar d'ali o inimigo, custasse o que custasse, porque se elle ali permanecesse, dominaria por aquelle extenso desfiladeiro até á fralda da montanha, cortando-nos a communicação com os povos do outro lado da serra.

Era perigosissima toda a tentativa, porque além da differença do numero, que era muito sensivel, a posição do inimigo dava-lhe enorme vantagem se elle ahi se quizesse intrincheirar. O caso era pois expulsal-o d'ali sem demora, immediatamente.

O commandante da nossa brigada ordenou o ataque; as primeiras fileiras avançaram e uma descarga geral recebeu-as, deitando por terra os mais bravos combatentes. A segunda e terceira fileiras foram successivamente recebidas da mesma maneira. Era evidente que iamos soffrer uma derrota. O inimigo não cedia um palmo de terreno; os nossos soldados cahiam ás dezenas debaixo do fogo desesperado que elle nos fazia.

Foi então que um joven official se lembrou de um estratagema tantas vezes usado na guerra. Chamando a si um punhado de soldados, metteu-se com elles por um atalho, vadeou um pequeno rio e subiu uma collina a pique, d'onde se dominava todo o campo inimigo.

Foi tão inesperada a apparição dos nossos, que o inimigo, julgando-se envolvido por uma força numerosa, bateu immediatamente em retirada.

Quando o mestre-escola chegou a este ponto da narração, uma pergunta sahiu de todos os labios.

—Como se chamava o official?

Tal foi a pergunta que a propria Bertha fez.

—O official chamava-se Edgardo, respondeu o mestre-escola.

Um raio que estalasse aos pés da donzella não produziria o effeito que aquelle nome produziu.

—E onde está elle? ia a perguntar, quando um arruido extraordinario se fez ouvir na rua. Manifestou-se uma desordem indiscriptivel na hospedaria.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

—

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

Continuação

XIII

O LUBRE DE MONTECELO

Era a hora do crepusculo, quando chegavamos a Dorra.

A' medida que nos iamos afastando do Ulla para chegar até á plata-forma de Montecelo, logar da freguezia de S. Thiago de Dorra, não sei porque me ia achando cada vez mais isolado; parecia que todos se pozeram d'accordo para me desampararem e deixarem só, desde o momento que tivera aquella ligeira altercação com minha tia, pouco depois de passar a ponte de Riva do Ulla ou Casilmoure...

A susceptibilidade do meu caracter, que sentia pela primeira vez surgir á vida o sentimento, punha-me de mao humor.

Florentina, as meninas de Dorra, o morgado, e até meus tios, todos tinham desapparecido da minha companhia instantaneamente, e só ficava eu com o capellão e o meu monteiro-mór e o meu jockey, que vinham atrás. Não havia duvida alguma, para a altivez latente da minha soberba, que me abandonavam como a uma féra e me deixavam só; esta suspeita levava-me tão preoccupado, que seguia o capellão como um automato.

O capellão guiava-me com uma pausa extremada, como se se tratasse de ganhar momentos no *complot* com os demais.

De repente parou, e indicando-me a elevada planicie de Montecelo, disse-me:

—Já chegamos, senhor conde.

Eu olhei para a altura, e o espectaculo do lubre dos brigantinos ou do luco, *lucus*, ou bosque sagrado dos romanos, era originalissimo.

O lubre, ou luco, era constituido por um pinhal, formando um circulo perfeito; o circulo estava demarcado pelo centro e areado de finissima areia de côres, e os pinheiros, de cinco em cinco de espessura, cerravam tão hermeticamente o bosque sagrado, que para penetrar n'elle era preciso fazel-o pelas duas entradas que tinha.

Não pude abranger mais, porque a noite estava escura.

Quiz penetrar dentro do lubre; porém o capellão supplicou-me que o não fizesse até á sahida da lua, que ia apparecer de um momento para o outro.

Effectivamente a lua assomou o seu argentado disco sobre as alturas de Albidron, e similhante ao grande lustre d'um theatro que se accende, illuminou completamente a scena.

Eu fiquei impressionado da maneira a mais agradavel ao penetrar no lubre, pois quando julgava que Florentina e todos me abandonavam, dirigindo-se para o *Paço* de Dorra, appareciam no fundo do bosque sagrado de Montecelo, vestidas de sacerdotisas, e o morgado de Dorra de Orovezo, á frente dos correspondentes coros.

Que quadro tão novo se offerecia á minha vista! Nem no *Scala di Milano*, nem em *San Carlo di Napoli*, eu vira mais natural e poetica scena da *Casta diva*; ali não havia mais luz que a prata crescente da lua; o bosque não podia ser mais positivo; o ceo tão pouco; e as figuras... ah! as figuras que estavam no lubre, interessavam profundamente o meu coração.

Amelia e Sira estavam sentadas ao piano para tocarem a quatro mãos; os coros de jovens aldeãs, escolhidos e ensinados em muitas occasiões, estavam em duas alas conforme o sexo; e no centro a figura de Florentina, altiva, sympathica, vigorosa, arrebatadora, ostentando na fronte a coroa de não-me-esqueças, elevava-se como a verdadeira Norma das Gallias, que immortalisou o genio poderoso de Bellini.

Então comprehendi que todos aquelles seres não me abandonavam, não; tinham-se afastado ás furtadellas, como se costuma dizer, para estarem collocados no seu posto no centro do luco, quando sahisse a lua e penetrasse ao mesmo tempo n'elle; e eis a rasão do vagar pausado e da demora do capellão ao conduzir-me ali.

Amelia e Sira começaram a tirar as notas mais harmoniosas do piano com uma pulsação segurissima e admiravel.

A voz de Florentina, a voz mais delicada, vibrante e suave que ouvi em minha vida, rasgou em seguida as ondas socegadas do ar, e eu estremeci até ao mais profundo das minhas entranhas.

Florentina, olhando para a lua, cantava com *fioriture* e sonoridade exquisita:

Casta Diva, che inargenti
Queste sacre antiche piante,
A noi volgi il bel sembiante
Senza nube e senza vel.

Tempra tu de'cori ardenti,
Tempra ancor lo zelo audace,
Spargi in terra quella pace
Che regnar tu fai nel ciel.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

—

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Como a metade do ceo está sempre visivel, ha 180 graos visiveis; do zenith á linha chamada horisonte, onde a terra e o ceo parecem reunir-se, haverá 90 graos, o que explica o motivo porque um habitante do equador pode ver as estrellas de cada polo, isto é, abranger de cada lado uma extensão de 90 graos. Os habitantes dos polos não podem ver além do equador, isto é, 90 graos. Ao achar-se o sol verticalmente por sobre o equador, allumia os dous polos, porque illumina 90 graos desde o logar acima do qual elle se acha verticalmente.

Assim, quando o sol está verticalmente acima dos graos septentrionaes do equador, os seus raios estender-se-hão até 10 graos além do polo norte e não excederão a 10 graos do polo sul, e se o sol está verticalmente acima de 23 graos e meio ao norte do equador, alluminará 23 graos além do polo norte e os seus raios estarão a 23 graos e $1/2$ do polo sul.

Na sua orbita annual a terra sobe 34 graos e $1/2$ acima do eixo do equador e desce 23 graos e $1/2$ abaixo do equador e reciprocamente.

Na natureza não ha nascer, nem pôr, nem alto, nem baixo; estas expressões só estão aqui para ajudarem a fraqueza da intelligencia humana. A terra é redonda e todos os corpos se dirigem para os seus centros em consequencia do excesso da moção orbicular os obrigar a executar a sua rotação em sentido inverso da sua densidade e a submetter-se á lei commum que regula tudo. O homem, e geralmente todo o objecto que se tem de pé, está em linha recta exactamente para o centro da terra, ficando-lhe esta aos pés e o ceo por cima d'elle. Nós costumamos collocar o polo sul em baixo; mas os habitantes d'esse polo, bem como os do polo norte, teem os pés contra o centro da terra e o ceo por cima da sua cabeça, uma vez que elle cerca a terra. Os habitantes da Nova Galles do Sul são os antipodas dos habitantes da Inglaterra.

A terra é o centro ou iman de todos os seus habitantes; na natureza as expressões alto, meio e baixo não passam de termos relativos. O angulo da orbita diminue um minuto em cada 110 annos e um grao em 6:600 annos. Ha cerca de tres mil annos o angulo estava na China em 23° 54'; actualmente está em 23° 28'; prova manifesta da diminuição e da justeza da observação.

E' incontestavel que durante o tempo em que o sol está acima do equador

os raios espalham-se tantos graos para além do polo sul quantos estiver para o norte do equador, e durante o tempo em que estiver por cima do sul do equador allumiará outros tantos graos além do polo sul.

Continua DOUTOR JAYME

OS DRAMAS DO MAR
II
BONTEKOE
VIII
Á VELA

Continuação

Havia trinta remos na lancha. Amarraram-os uns aos outros e collocaram-os atravessados sobre o barco, dando ás duas extremidades um ponto d'apoio sobre os bancos, em forma de coberta. A lancha tinha altura bastante para conter um homem sentado debaixo da especie de tecto formado pelos remos. A tripulação foi dividida em dous turnos, e como era de setenta e dous homens, trinta e seis ficaram sobre a coberta e outros trinta e seis de baixo.

Todos guardavam profundo silencio, e cada vez que os de baixo vinham a cima para fazer o quarto, podia-se ler no seu rosto um grao mais de tristeza, ou de desespero.

D'esta vez um maná, não menos providencial do que o primeiro, não cahiu do ceo, mas sahiu da agoa. Um bando de peixes voadores, perseguidos por algum reptil invisivel, ergueu-se do mar e cahiu na lancha. Cada homem agarrou dous ou tres. Eram do tamanho de pescadas. Comeram-os crus como as gaivotas.

Passaram mais dous dias, dous dias de paciencia para aquelles pobres homens; mas, ao cabo d'aquelles dous dias, a fome fez-se sentir de novo. A tristeza, que um momento desapparecera dos rostos, denunciou-se outra vez mais viva.

Uns entraram de mastigar as balas de chumbo para enganar a fome; outros mascaram pedras para refrescarem a boca.

E entretanto, apesar dos soffrimentos e fadigas experimentadas, ninguem estava doente, e Bontekoe, o proprio Bontekoe, o mais infeliz de todos, sentia que se lhe cicatrisavam as feridas. Mas era evidente, apesar d'este bem-estar relativo, que estava proxima a catastrophe suprema e que entre aquelles setenta e dous homens amontoados em um espaço tão pequeno ia passar-se alguma cousa de espantoso.

Uma tarde dous homens approximaram-se do capitão.

Bontekoe, que tinha o rosto escondido entre as mãos, sentindo que aquelles homens que pararam diante d'elle tinham alguma cousa a dizer-lhe, levantou a cabeça.

Por um momento nem um nem outos fallaram. O capitão fitou os olhos nos dos seus companheiros, procurando ler n'elles o que elles queriam. Emfim um dos dous homens rompeu o silencio e annunciou a Bontekoe que a tripulação tinha resolvido comer os grumetes.

—Desgraçados! exclamou Bontekoe.

—Teem fome! replicou o marinheiro.

—Ouvi, tornou o capitão, commovido bem contra vontade por aquelle annuncio terrivel; ouvi. Vós tendes ainda um barril d'agoa, que é bastante para vos alimentar durante tres dias. Concedei-me esses tres dias. Foi o praso que Christovão Colombo obteve dos seus marinheiros. Estou certo que não m'o recusareis.

Consultados os tripulantes, os dous homens annunciaram ao capitão que lhe concediam os tres dias. Mas que depois...

—Ah! Se ao menos estivessemos em terra, acrescentou um dos marinheiros, comeriamos hervas.

Bontekoe enxugou uma lagrima furtiva.

Depois de o terem feito tremer, aquelles homens arrancaram-lhe lagrimas.

Continua

TERNO AMOR!...

—

Oh luz do sol formoso,
Amor mais luminoso
Que a face do pod'roso,
Do forte e justo Allah!
Ai! como eu sou feliz
Quando tu, ó Beatriz,
Meu anjo, me sorris,
Deitada no sofá!

Parece-me que vejo
Abrir-se o ceo n'um beijo,
E eu anceio e arquejo
Por te abraçar, ó flor!
Mas não sei eu que encanto
Me conserva no emtanto
Quieto, embora o pranto
Na face corra, á dor

De não te possuir,
O' bella!

Quem te ouvir,
Quem esses olhos vir,
Por força te ha-de amar.
Mas és tão terna, ó bella,
Tens tanta luz, estrella,
Que é forte cidadella
O teu divino olhar.

HELIODORO A. SALGADO

SONHOS-DELIRIOS D'UM
FUMADOR D'OPIO

—

Continuação

«Ouvi fallar sempre do opio com assombro, dos effeitos d'elle com maravilha! O opio! O opio! Era o meu pensar constante; os sonhos, as phantasias, as concepções giganteas occupavam-me o espirito.

Como deve ser bello e grande o caminhar da phantasia, no auge da embriaguez, por mundos desconhecidos!

Invejei, por muitas vezes, o viver dos chins, fumadores d'opio, e julguei-os divagando-lhes a ideia pelo infinito fóra.

Quiz fumar opio tambem, sentir as impressões do embriagado com aquelle fumo...

Era no inverno. Em uma d'aquellas tardes em que os *boulevards* se despovoam, em que os dandys se refugiam nos cafés, olhando pelas vidraças para a neve que se desgella. O ceo pardacento chovia uma poeira grossa; eram flocos de neve, que vinham açoitar os raros transeuntes, e enfarinhal-os como a moleiros.

Foi uma d'essas tardes que eu destinei para a minha embriaguez.

Tinha preparado tudo.

Fumei, fumei...

Recostado voluptuosamente nas almofadas do meu leito, comecei por sentir uma languidez suave, um estonteamento, um enjôo; fugiam-me gradualmente as forças.

As fontes batiam-me violentamente, os pulsos parece que rebentavam... as palpebras cerraram-se-me e um suor glacial me cobriu o corpo todo. Estive n'essa modorra, não sei que tempo. Um zumbido impertinente me soprava de continuo aos ouvidos. Comecei a ver passar na imaginação não sei que figuras athleticas, que vultos gigantescos e extravagantes. Eram umas sombras indefinidas...

Depois... depois, oh! sim!... Começava o sonho!... Era a embriaguez! O delirio!...

Senti-me elevar não sei a que altura. Lembro-me que do logar onde subi descobria o mundo inteiro. Lá em cima, até onde eu me elevei, ouvia-se o ecco d'um pavoroso arruido que na terra se fazia. No meio d'esses sons metallicos e desconhecidos, ouvia-se claramente uma como que harmonia invisivel, cujo som era uma marcha, ou um não sei quê de enthusiasta e guerreiro... talvez aquella mesma inspiração de Rouget de Lisle, a que chamamos mais tarde a Marselheza!

Então começou a visualidade...

Em derredor do mundo um grande cortejo, precissão ou marcha fune-

bre, ou quer que fosse de surprehendente e assombroso, caminhava vagarosamente.

De quando em quando, um grito unisono repercutia pelo espaço, indo ao longe accordar os povos, que vinham á pressa enfileirar-se no prestito.

Esse grito era de:

—Avante, povo! Caminha!

A' luz avermelhada d'immensos fachos resinosos descobri uma especie de sarcophagos, ou urnas funerarias, cobertas de crepes, com umas inscripções a vermelho, letras cabalisticas, que o povo conduzia alegremente.

Na frente d'aquelle cortejo mystico liam-se em um grande estandarte branco estas palavras:

Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

Em uma das negras urnas estava escripto o seguinte:

CHARLES STUART
KING OF ENGLAND
1649

Continua E. Véras

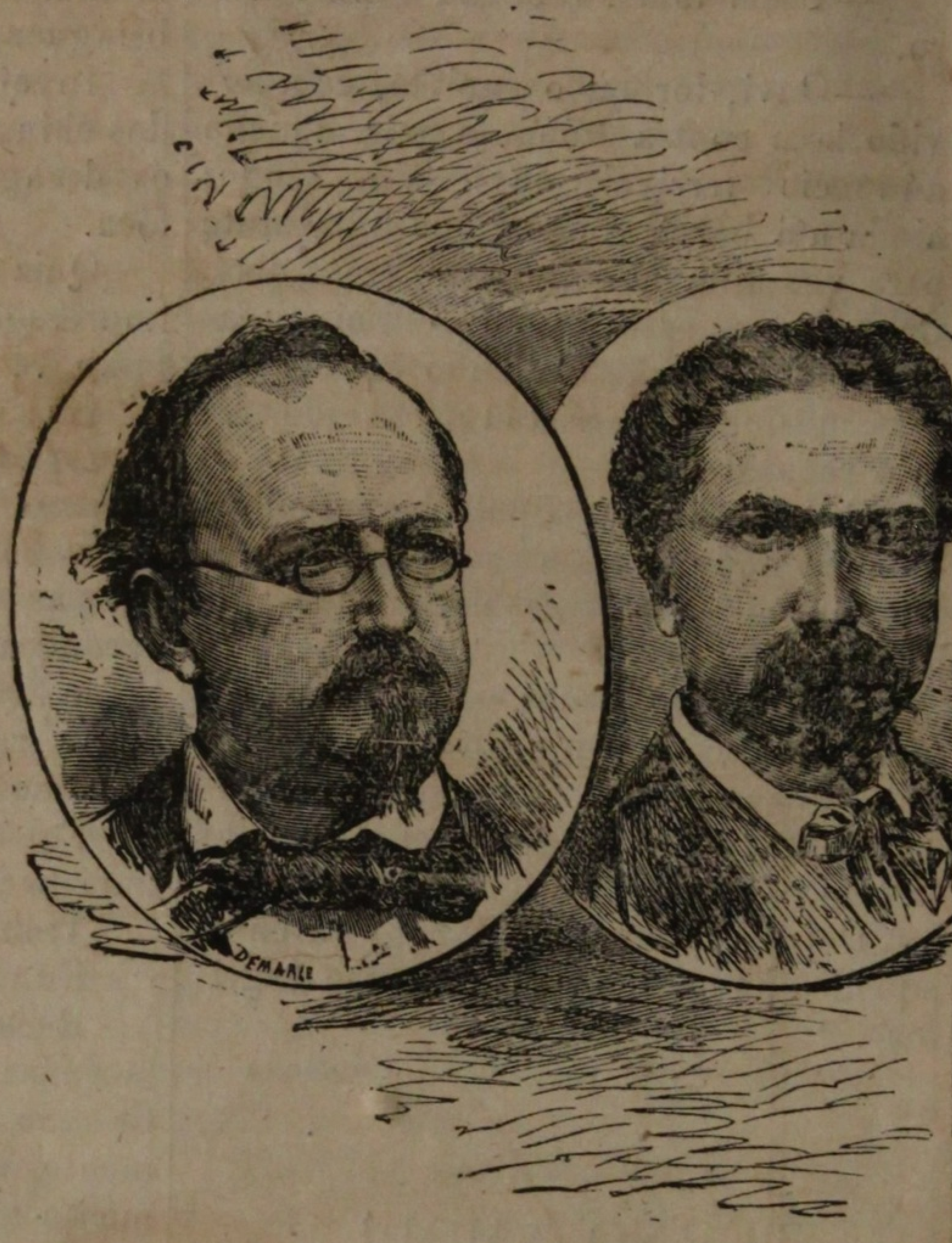
ERCKMANN-CHATRIAN

Aqui está um nome que lembra os irmãos siamezes: dous homens ligados, não pelo cordão humbilical, como a natureza usa, mas com a ideia commum de trabalhar, de viver pela arte. E trabalharam e conseguiram levar o seu nome á posteridade.

Os dous socios d'esta firma literaria foram Emilio Erckmann e Alexandre Chatrian, ambos alsacianos. Estudaram na universidade de Paris quando os accommeteu a febre literaria que a tantos tem engrandecido e para outros tem sido um desengano atroz, um desfolhar d'illusões queridas.

A sua estreia no mundo das letras teve logar em 1848, em que principiaram a publicar em Strasburgo um jornal intitulado *O Democrata do Rheno*. Ali publicaram muitos dos romancinhos que depois foram reeditados em volume.

Mas foi quando deram no theatro o drama patriotico *A Alsacia em 1814* que elles se tornaram mais conhecidos. Para se fazer ideia do que era o drama, basta dizer que foi prohibido á segunda representação.



ERCKMANN-CHATRIAN

Este successo, longe de os desanimar, ainda lhes deu maior coragem para a lucta. Foram para Paris e deram livre curso ás suas ideias. Um romance bastou para lhes dar celebridade: foi o *Illustre Doutor Matheus*. Nem mais era preciso para a glorificação d'aquelles dous trabalhadores distinctos e honestos.

Uma anecdota para concluir:

Os dous amigos trabalhavam em um romance, que um editor promettera pagar generosamente. Estava prompto o romance; leu-se pela primeira vez; mas acharam-o mediocre.

—E agora? perguntou um d'elles. Que faremos?

—Não sei.

—Podiamos emendar, retocar, modificar; mas nunca ficará bom.

—O peor, ponderou o outro, é que o editor espera o romance e promette pagal-o esplendidamente.

—E' verdade. Dando-lh'o, recebemos uma quantia que nos faz certo arranjo; mas não é menos verdade que o enganamos, dando-lhe uma obra má, e esta má acção deve toda a vida pesar-nos na consciencia.

—Pois n'esse caso lancemos o original ao lume.

E assim fizeram com uma constancia heroica.

Bello exemplo de nobre probidade e abnegação o d'estes rapazes. Quantos dos nossos escritores teriam animo para proceder assim?

ZIG-ZAGS

O QUIXOTE

Tem-se publicado em Hespanha quatrocentas e tantas edições da immortal obra de Cervantes *D. Quixote de la Mancha*.

As edições em francez, inglez, portuguez, italiano, allemão, russo, grego, polaco, dinamarquez, sueco e latim são mais de 60).

EXPEDIENTE

GOLLEGÃ

Tendo sido baldadas todas as diligencias empregadas para que o snr. ANTONIO JOSÉ MADEIRA, nosso ex-correspondente na GOLLEGÃ, nos PAGUE o saldo das folhas que para ali enviamos, lançamos mão d'este meio, como ultimo recurso, afim de evitar que aquelle CAVALHEIRO, illudindo os incautos, continue a abusar da BOA FÉ de quem não lhe conhecer as qualidades.

PROSPECTO

O Camões, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 4 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, rua nova do Sá da Bandeira n.os 113 e 115; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto; e nas principaes terras da provincia em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

O CAMÕES

Semanario Popular Illustrado

III ANNO | PORTO, 24 D'AGOSTO DE 1882 | NUMERO 104

ANTONIO DA SILVEIRA

SUMMARIO.

TEXTO: — Antonio da Silveira — Bianca Capello (romance) — Bertha — Qual rispettoso omagio di divozzione a sua maestá la signora D. Maria Pia (poesia) por Giuseppina Battista Azevedo della Croce — A vingança d'um morto (romance) — A fortuna — Von Moltke — Zanzibar — Os dramas do mar: Bontekoe — O conde d'Amarante (romance) — Sciencia para todos: Astronomia, por Doutor Jayme — Nihil (poesia) por Nunes d'Azevedo — As vindimas, por J. J. Gonçalves Pereira — Sonhos-delirios d'um fumador d'opio, por Eduardo Véras — Luiz Ulbach — Zig-Zags: A embriaguez na Asia — Abascal — Relogios — Expediente — Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES: — Antonio da Silveira — Von Moltke — Zanzibar — Luiz Ulbach

ANTONIO DA SILVEIRA

—

Foi este nobre e illustre guerreiro o grande heroe do primeiro cerco de Diu. Distinguiu-se sempre por seu grande valor militar. Havia já praticado muitas acções notaveis nas grandes emprezas em que acompanhara Vasco da Gama e seu cunhado o grande Nuno da Cunha.

Immortalisou, porém, o seu nome na heroica defeza do celebradissimo cerco de Diu, em 1538, onde obrou tão maravilhosas façanhas, que poz em vergonhosa fuga os dous exercitos inimigos com grande assombro de todos os principes da Asia.

Voltando a Portugal, recebeu do povo, da nobreza e da côrte os applausos de que era digno tão grande heroe. Todos os monarcas o mandaram visitar por seus embaixadores em Lisboa, e o rei de França Francisco I quiz ter no seu palacio o retrato de tão inclito capitão. Falleceu a 27 d'abril de 1547.

BIANCA CAPELLO

PRIMEIRA PARTE

O RAPTO

—

II

AS REGATAS

Continuação

O doge e o seu sequito foram recebidos no arsenal pelo *amiraglio*, á frente da sua milicia, os *arsenalotti*.

O almirante, que respondia, sob juramento, para com o senado, pela serenidade das ondas, conduziu a Senhoria abordo do *Bucentaurô*, onde o esperava o clero de Veneza, em vestes de festa; depois fez remar para o largo. Digamol-o de passagem: o almirante soffria a morte se a tempestade se declarasse durante este passeio maritimo.

A apparição do *Bucentauro* no golfo foi saudada com as aclamações da multidão. A artilheria casava a sua voz estridente com o arruido das fanfarras guerreiras; milhares de barcas, gondolas, ou galeras, seguiam o *Bucentauro*, como uma escolta d'honra.

A algumas milhas do porto, o *Bucentauro* largou o panno. Então, no meio do mais solemne apparato, o patriarca de Veneza benzeu as agoas e procedeu ao casamento do doge com o mar Adriatico, segundo o rito da egreja latina; depois do que o doge, tirando do dedo um annel d'ouro, lançou-o no golfo, tomando por este modo conta da sua noiva.

Na volta do galeão para Veneza, observou-se o mesmo ceremonial da partida. O doge foi reconduzido ao palacio ducal; o cortejo dispersou-se. Depois toda a gente tratou d'ir ás *regatas*.

—

Já os *nicolotti* e os *castellani*, habitantes dos dous quarteirões rivaes, se disputavam o premio da intrepidez e da valentia, quando um personagem d'um exterior digno de ser notado appareceu em certo sitio do caes, quasi deserto n'aquelle momento, e onde sete ou oito barqueiros amaldiçoavam a má sorte á qual attribuiam o não lhes apparecer em um dia de festa como aquelle quem lhes alugasse as gondolas.

O recem-chegado era d'estatura elevada. Sombrio o aspecto, as suas feições denunciavam-o fortemente. Entretanto, ao seu exterior não faltava certa distinção. Os seus olhos, enterrados nas orbitas, brilhavam com um fogo e vivacidade, que desmentiam a humildade das suas maneiras; tinha os dentes brancos e salientes, produzindo notavel contraste com o tom bilioso do seu rosto. Uma barba espessa descia-lhe até meio do peito.

O vestuario era sem duvida o d'uma ordem monastica, porque sob uma ampla capa escura, cuja gola elle trazia voltada para cima, se descobria o trajo branco dos camaldulenses.

Quem o examinasse com attenção, adivinharia que devia ter de quarenta e cinco a quarenta e seis annos, isto é, estava n'aquelle periodo da vida em que as paixões, a impulso do ascetismo religioso, tão bem como ao da luxuria mundana, em certos casos, se manifestam com toda a sua violencia.

O monge abeirou-se dos barqueiros e examinou-os. Queria escolher.

Os barqueiros perceberam a intenção. Todos correram para elle, descobrindo-se respeitosamente e convidando-o a entrar na sua gondola; mas desde que o viram entrar para aquella que escolhera, entraram de injurial-o. A populaça é a mesma por toda a parte.

O monge, desprezando os insultos, ordenou com voz serena ao gondoleiro que o conduzisse ao Corso, isto é, ao Grande Canal, onde tinham logar as apostas.

Pelo modo de fallar do religioso, o gondoleiro reconheceu sem demora que se achava com um estrangeiro.

—Esteja descansado, meu reverendo, lhe disse elle; ninguem é capaz como Gerolamo, seu criado, de o fazer ver a festa, ou de mostrar-lhe as curiosidades de Veneza, se o desejar. Desde a idade de dez annos que manejo o remo. Tenho trinta; ha mais de doze annos que governo uma gondola.

Quando chegaram ao Corso o torneio estava a terminar. Uma multidão immensa, sempre avida d'esta especie d'espectaculos, pullulava por sobre os caes e enchia as janellas da dupla fileira de casas, alinhadas por ambos os lados. Sobre a agoa, todo o espaço não occupado pelos jogos estava coberto por um grande numero de barcas infileiradas vistosamente.

Com pequenos intervallos, apupos, assobios, ou palmas, gritos d'admiração, faziam-se ouvir por entre os espectadores, fosse para zombar da inhabilidade dos vencidos, fosse para applaudir a pericia dos vencedores.

Depois d'examinar o modo como as barcas estavam postadas, o frade comprehendeu que Gerolamo não podia romper a linha formada pelas embarcações, tornando-se-lhe impossivel assistir ao desafio. Além d'isso, como era ali onde se achava mais povo miudo, deu ordem ao gondoleiro para tomar outra direcção, o que elle cumpriu, virando de bordo, para ir em demanda do sitio onde se achava o mundo elegante de Veneza, que se divertia passeando em gondola.

—

Aqui a scena, sem deixar de ser tão animada, era mais curiosa.

As barcas seguiam em variadas direcções, passando umas por junto das outras, ao passo que as pessoas que iam dentro se saudavam mutuamente, uns por meio da voz e outros do gesto apenas.

Via-se ali a gondola do fidalgo, mas fidalgo sem meios, que não podia eximir-se do costume de levar a familia ao certame, ainda á custa dos maiores sacrificios. Depois chegava uma barca atulhada de mulheres formosas, de formosas peccadoras, cobertas com as maiores preciosidades para attrahirem as vistas dos homens. Mais longe vinha uma das damas da moda, cercada de adoradores, pavoneando-se vaidosamente, ao passo que elles desprezam de todo a etiqueta e apresentam-se em mangas de camisa. Além apparece um burguez que enriquecera no commercio, e procura, por meio de trajos deslumbrantes, parecer-se com o nobre patricio. Vinham tambem os estrangeiros de posição elevada, com os seus trajos nacionaes. De tempos a tempos via-se passar um dos principaes magistrados ou altos dignitarios da republica.

Continua

BERTHA

—

Conclusão

Era immenso o povo que havia na rua. Todos corriam, todos gritavam.

Parecia que uma subita loucura tinha acommettido toda aquella gente.

Bertha sahiu da hospedaria, acompanhada do seu fiel criado, e tratou de informar-se do que succedia.

Eram as forças victoriosas que iam chegar á cidade.

Imagine-se qual sería a alegria da joven ao saber que ia ver dentro de breves minutos o seu querido Edgardo, o heroe de toda aquella festa. No cumulo da alegria, teve d'apegar-se ao criado, para não cahir, quando d'entre um grupo de populares sahiu esta exclamação:

—Viva! Viva o nosso salvador!

Como por encanto, todas as janellas appareceram illuminadas e por toda a parte o povo se preparava para receber os heroicos combatentes, a cujo esforço se devia o não ter a cidade soffrido um assalto do inimigo.

Bertha deixou-se ir após aquellas ondas de povo, que se dirigiam de tropel para a entrada da cidade.

A breve trecho ouviram-se cornetas e em seguida resoou um grito enthusiastico, febril, entre a multidão:

—Elles ahi vem!

Bertha não pôde deixar d'exclamar:

—Até que emfim torno a ver-te, querido da minha alma!

E correu como louca, pois era indispensavel collocar-se em sitio d'onde o podesse ver bem.

Não tardou a chegar a força, rodeada d'immenso povo, que a aclamava delirantemente.

Bertha rompeu por meio de todo aquelle povo, e no momento em que toda a gente se apressava de todos os lados para ver o official, a cujo heroismo se devia a victoria que todos celebravam, rompeu por entre a multidão e atirou-se aos braços do seu amante.

Qual não sería a admiração de Edgardo, que certamente não esperava tal encontro!

Edgardo não se tinha esquecido da triste Bertha, da sua querida companheira da infancia; mas as aventuras da guerra, que não se podem prever, impossibilitaram-o completamente de dar-lhe novas de si.

Quando as tropas entraram na cidade, todos viram, na sua frente, o joven official dando a mão a uma donzella, que se mostrava tão orgulhosa como reconhecida pela recepção festiva que de toda a parte lhes faziam. E quando entre o povo se perguntava quem era aquella dama, respondia-se:

—E' a sua noiva, que de longe veio ao encontro do amante.

O casamento d'Edgardo e de Bertha celebrou-se d'ahi a um mez no meio das maiores festas.

Foi felicissimo aquelle casamento; Edgardo é hoje general, e dous filhos, herdeiros das nobres virtudes de sua mãe, são o encanto d'aquella casa, onde a bondade d'anjo de Bertha torna agradaveis todas as horas que aquella abençoada familia dedica ao culto dos sentimentos mais ternos no seio do lar domestico.

QUAL RISPETTOSO OMAGGIO DI DIVOZIONE

A SUA MAESTÁ

LA SIGNORA D. MARIA PIA

REGINA DEI PORTOGHESI

ED

AUGUSTA PROTETTRICE DELL'ASSOCIAZIONE ARTISTICA IN OPORTO

D. MARIA PIA

—

Ricche gemme vorrei or possedere
Per offrirvele in pegno del mio affeto,
Aver vorrei la scienza ed il sapere
Per esprimer la gioja del mio petto;
Ma il cuore è la sol cosa che so darvi,
E questo offrendo, sento d'adorarvi,
Ma la sol cosa che so darvi e il core,
Per voi, Signora, ei palpiti d'amore.

Angel di carita V'abbiam chiamata
Per tutto il sommo ben che Voi ne fate,
Ed il modesto asil che m'ha educata
Alle chiari virtu che professate,
Piu d'un palagio m'e piu caro assai,
Perche quivi ad amarvi, Pia, imparai;
Vi benedico qui sera e mattina,
Eccelsa Donna — Magnanima Regina!

Offre riverente la che fu discepola,

GIUSEPPINA BATTISTA AZEVEDO DELLA CROCE

A VINGANÇA D'UM MORTO

ROMANCE

CAPITULO V

O IMPREVISTO

Continuação

III

—Aragão! proseguiu o presumido marido a quem o licor principiava a tornar communicativo. Esse paiz recorda-me uma aventura deploravel, ainda que não para mim.

—Aventura d'amor? perguntaram em côro os convidados.

—Sim; uma aventura d'amor... pelo menos para mim.

—Logo figuraste n'ella!

—Se fui o protogonista, o heroe!

—Vamos, falla; deve ser cousa divertida.

—Divertida? Acabou em tragedia.

—Houve mortes?

—Acabou por um duello em um jardim.

N'aquelle momento, Anselmo, que levava o copo á boca, deteve-se, sentindo como que uma mão estranha opprimindo-lhe o coração.

Já não pôde moderar a impaciencia. Era-lhe necessario ver o heroe da aventura que terminara por um duello em um jardim. Sem querer, lembrou-se de Luiz e Adelaide.

Levantou-se da mesa, e, apesar de ter bebido pouco, cambaleava como um ebrio. Abeirou-se do biombo, rasgou um bocado de papel com a ponta d'uma faca, sem fazer ruido, e olhou pela abertura, tendo que apoiar-se em uma cadeira para não cahir.

Em frente d'elle, no sitio principal da mesa, diante da qual estavam reunidos oito rapazes, estava um, que era o vivo retrato do archanjo S. Miguel, que tinha desenhado no bolso.

O acaso punha-o em frente do seductor d'Adelaide.

IV

O amphitrião proseguiu:

—Era no tempo em que eu servia como official nas fileiras do archiduque. Hoje estou reconciliado com Philippe V.

—Está claro. Fez marquez a teu pae e tu herdarás o titulo.

—Silencio!

—Se me interrompes, não prosigo.

—Não; não; conta.

—Pois ouvi. N'aquella tarde os realistas tinham-nos dado uma lição soffrivel. Depois d'uma marcha de não sei quantas legoas, entre brenhas e perigos, chegamos á meia noute a uma aldeia, cujos habitantes despertamos a tiro. Estavamos cansados, esfomeados, desejosos de nos desforrarmos d'algum modo e sobre alguem; mas aquelles imbecis não pensavam em defender-se e as nossas descargas foram ballas perdidas. Os soldados espalharam-se pelas differentes ruas da povoação, deitando abaixo as portas ás coronhadas. Não sei quantas malfeitorias commetteram; só direi que em toda a aldeia não ficou nada por revolver.

—Pobres galinhas!

—E pobres raparigas!

—Ao chegar á praça, vi uma casa d'apparencia regular. —Bravo! disse de mim para mim. Vou cear aqui como um bispo. Mas a porta estava aberta, o que indicava que já eu não era o primeiro que ali entrava. Comtudo entrei e a poucos passos convenci-me de que por ali tinha passado o cavallo de Atila. Na sala do andar principal havia um pobre velho estendido no chão. Não me detive a ver se vivia ou não.

—Estava claro. Que te podia isso importar?

—Silencio, rapazes! Agora é que vem o bonito.

V

N'aquelle momento o biombo que dividia a sala abriu-se, rasgado violen-

tamente, deixando passar um homem, que com voz firme e tranquilla disse:

—Com sua licença, senhor. Vou encarregar-me de contar a segunda parte da sua aventura.

E adiantou um passo.

Aquelle homem era Anselmo.

Continua

A FORTUNA

A mythologia antiga considerava a fortuna, filha de Jupiter, como uma deusa cega, caprichosa e bizarra, que presidia a todos os acontecimentos e distribuia, segundo o seu capricho, os bens e os males.

O templo da Fortuna, que era o mais afamado da antiguidade, estava situado em Preneste. Não restam d'elle mais do que as ruinas e o primeiro muro inferior, feito de tijolo, vendo-se uma grande quantidade de nichos infileirados em duas linhas e sobrepostos uns aos outros. O templo occupava a parte da montanha onde estavam as habitações dos sacerdotes e sacerdotisas da deusa. O altar ficava quasi no alto da montanha, coroada d'um bosque sagrado e um pequeno templo dedicado a Hercules. O sitio do templo, onde a fortuna ditava os seus oraculos, é hoje occupado pelo palacio Barberini.

A palavra fortuna, nos tempos modernos, indica a posse d'um capital cujo rendimento assegure o bem-estar de aquelle que o gosa.

A ideia da fortuna é puramente relativa, assim como a ideia da felicidade. Ha individuo que se teria na conta de miseravel com um rendimento que para outro seria uma fortuna.

A economia politica tem estudado a influencia das grandes fortunas e das fortunas medias em um estado. Toda a gente é unanime em protestar contra a igualdade das riquezas sonhadas por alguns economistas. Está no entretanto reconhecido que não é a concentração das fortunas nas mãos d'um pequeno numero d'individuos que constitue a riqueza nacional.

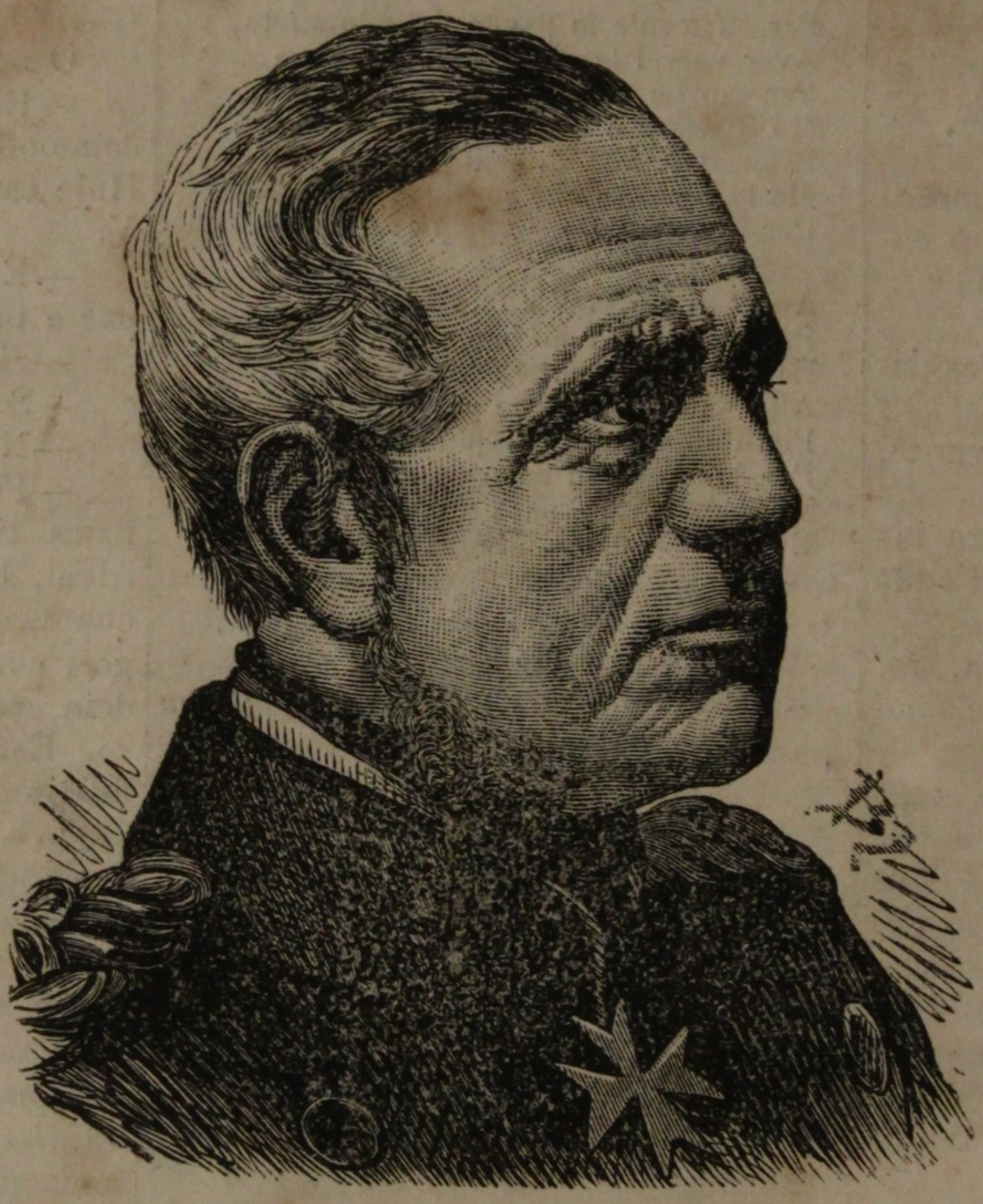
Está, pelo contrario, demonstrado que a participação de todos no bem-estar, como uma recompensa justa do trabalho, era o fim a que devia visar o melhor systema economico e social.

VON MOLTKE

Nasceu em Mecklemburgo e tem hoje oitenta e um annos de idade. E' baixo, direito, cheio, de rosto enrugado, boca severa e olhar firme. Um todo que revela energia e coragem, astucia e reserva.

Principiou a vida publica ao serviço da Dinamarca; aos vinte e dous annos passou ao serviço da Prussia.

Em 1875 fez uma viagem ao Oriente, aproveitando a sua estada na Turquia para organisar o exercito ottomano, por incumbencia do sultão Mahamud. D'esta viagem escreveu um livro, consignando as impressões recebidas durante os annos que esteve fora da patria, tudo sob o ponto de vista da organisação militar dos paizes que visitou.



VON MOLTKE

Os conhecimentos profundos que revelou na sciencia da guerra deram-lhe jus á alta posição a que attingiu, e o papel importante que representou na guerra franco-prussiano é o testemunho insuspeito do seu genio, que lhe deu quasi os foros d'heroe.

Heroe d'uma causa pouco nobre, pouco humanitaria, sem duvida; mas quando deixará a guerra de ser considerada uma necessidade social?

ZANZIBAR

Está situada na costa de Zanguebar, no mar das Indias (Africa oriental) a ilha de Zanzibar, que tem uns oitenta kilometros de comprimento e vinte e cinco de largura. A população é de cerca de cem mil habitantes, sendo metade d'arabes mestiços e a outra metade de negros ou banians.

A capital do reino de Zanzibar é a cidade do mesmo nome, com cerca de vinte e cinco mil habitantes. Como todas as cidades orientaes, as casas dos indigenas não teem janellas exteriores e são de tectos chatos. O porto é commodo e seguro: entram ahi annualmente cem navios de todas as procedencias

O reino de Zanzibar, situado entre o de Quiloa e Melinde, comprehende, além da ilha do mesmo nome, as ilhas de Pemba e de Monfieych, ou Monfia, e um vasto territorio na Africa continental, sobre a costa de Zanguebar. Ignora-se ao certo a sua população; os seus limites são igualmente indeterminados no interior do paiz do lado parallelo ao mar.

Zanzibar esteve durante muito tempo dividido entre diversos chefes indigenas. Arabes de Oman affluiram em grandes bandos áquella parte da Africa, quer para commerciar com os indigenas, quer para os roubar, e fundaram as cidades de Melinde, Mascate e Zanzibar. No seculo XVI os portuguezes apoderaram-se de Mascate e de Zanzibar. Depois os portuguezes foram expulsos pelos persas, que levaram a sua dominação até Oman e uma parte de Zanzibar. Um chefe arabe expulsou a seu turno os persas, em 1741, proclamando-se iman de Mascate. Um neto d'este, Si-Sahid, tomando o poder em 1803, reuniu o estado de Zanzibar ao de Mascate. Por morte d'elle, porém, os filhos dividiram o poder, declarando-se independentes, um como sultão de Mascate e outro de Zanzibar. Este arranjo foi feito de combinação com a Inglaterra, que mandou ali uma expedição, exigindo depois um tributo annual d'oito mil libras do sultão de Zanzibar.

OS DRAMAS DO MAR

II

BONTEKOE

Continuação

IX

TERRA!

No dia seguinte o capitão, para dar alguma coragem aos seus homens abatidos, tratou de inicial-os no seu trabalho de calculo, mostrando-lhes o caminho e as latitudes; mas elles sacudiram a cabeça com desanimo, ficando porém certos da promessa que tinham feito de esperar tres dias para porem em execução o atroz projecto de comer os grumetes.

No segundo dia, como havia sessenta horas que não se sustentavam senão de agoa, as forças principiaram a faltar a todos aquelles desgraçados. A maior parte d'elles não podiam levantar-se nem ter-se de pé. O sobrecarga Rol, entre outros, estava tão abatido, que não podia sequer mexer-se, e, deitado sobre a coberta, apenas indicava com o olhar que não era insensivel ao que se passava á sua roda. Por um milagre da Providencia, á proporção que os outros definhavam, o capitão, ao contrario, ia sarando dos seus ferimentos, parecendo estar breve o seu restabelecimento. Era o unico que achava na sua vontade assás de vigor para ir d'um extremo ao outro da lancha.

Estava-se no segundo dia de dezembro, trese dias depois da catastrophe.

Pelas cinco horas da tarde o ceo cobriu-se de nuvens e começaram a cahir algumas gottas de chuva. Esta chuva, que promettia alguma frescura, deu um pouco de força aos naufragos.

Retiraram as velas das vergas, estenderam-as sobre a coberta, collocaram-se por baixo, e como a chuva augmentasse, cada um bebeu quanto quiz, sem terem de recorrer aos dous barris que levavam com agoa.

Durante este tempo o capitão ia ao leme, e confiando cada vez mais nos seus calculos, estava convencido intimamente de que se approximavam de terra: assim não quiz abandonar aquelle logar, suppondo que quando a chuva abrandasse, o horisonte se descobrisse; mas a chuva continuava, o capitão ia-se tranzindo de frio, e por isso teve de chamar o contra-mestre e deixal-o no seu logar, recommendando-lhe a maior vigilancia. Depois foi deitar-se junto dos seus companheiros, o que lhe deu um pouco de calor.

ZANZIBAR

Mal o contra-mestre substituira o capitão, a chuva cessou e o tempo serenou: um quarto d'hora depois os marinheiros viram-o levantar-se de repente, pôr a mão em forma de viseira por cima dos olhos e gritar com voz forte:

—Terra! Terra!

Toda a gente estremeceu ao ouvir este grito; os mais fracos tiveram forças para se erguerem, e todos se arrojaram para a frente, o que esteve quasi a fazer virar a lancha.

Era, de facto, terra!

Um grito d'alegria, d'acção de graças, de jubilo, de loucura, sahiu de todas as bocas. O amor da existencia irrompia do meio do geral desanimo; todos gritavam:

—Terra! Terra!

Como se n'este simples grito houvesse já um consolo physico e moral para os males que os atormentavam!

Quando porém se abeiraram da praia, viram que o mar quebrava com furia tal contra os escolhos, que resolveram, por maior pressa que tivessem de desembarcar, ir em procura de sitio proprio para ancorar.

O terrivel perigo a que acabavam de escapar fazia com que aquelles homens parecessem mais do que nunca apegados á vida. Assim, ouviram com admiravel docilidade as observações do capitão.

Foram navegando penosamente ao longo da costa; e ao fim de uma hora avistaram uma bahia para a qual se dirigiram, lançando sem difficuldade uma pequena amarra que por fortuna tinha sido salva do naufragio.

Todos se precipitaram para a praia tão esperada, tão desejada; depois, ao passo que o capitão, de joelhos, em seu nome e no de todos os seus companheiros, agradecia a Deus, a tripulação, tanto quanto as suas forças o permittiam, poz-se a percorrer a ilha para matar a fome que os devorava.

A ilha era completamente deserta e o unico fructo que produzia era uma numerosa quantidade de cocos. E já não era pouco.

O licor que cerca a noz e a que se dá o nome de leite de coco, é de sabor agradavel. Cada um colheu os que quiz; comeram a fructa madura; beberam o licor da mais verde.

Como porém aconteceu o que era de prever n'este caso, o excesso com que comeram e beberam originou um encommodo, de que todos entraram de queixar-se dolorosamente.

Continua

O CONDE D'AMARANTE

POR

D. BENITO VICETTO

TRADUZIDO DO HESPANHOL POR UMA SENHORA

SEGUNDA PARTE

NAS MONTANHAS

XIII

O LUBRE DE MONTECELO

Continuação

Não, divina e celestial mulher! Não occultaria o bello semblante da lua, sem nuvens nem denso veo, cantando tu! Não, tudo lhe obedeceria, porque tudo parecia obedecer-lhe já, ceo e terra! Tudo parecia que se extasiava diante das torrentes de suavidade do teu accento adorado, como se extasiava a minha alma até ao ponto de occultar um pouco o rosto entre as ramagens do lubre, pois lagrimas de maior encanto corriam pelas minhas faces pallidas da emoção.

Ah! como olhavas para mim ao cantar, virgem do meu coração! Para mim era todo o teu sentimento, todo, todo, mais do que para a lua; e a tua alma virginal, ao entrelaçar-se soberana na minha de *dandy* nas azas do canto, regorgitava de espiritualidade esplendente, derramando tambem lagrimas de vida e de paixão.

Ai! n'aquella aria coreada eu achava-me historicamente em pleno celticismo, na immobilidade do ether divino Tempo e Espaço!

Ali, ali n'aquellas montanhas, nasceu a adoração a Deus nos lubres, lucus ou bosques circulares, e d'ali surgiu essa adoração para as Gallias.

Aquella aria coreada em que dominava a tua voz com o luxo da suavidade de todas as vozes, casta virgem querida, quer apoiando magistralmente, quer vibrando arrebatadora nos crescendos, lançando onda após onda de sonoridade; aquella aria, a mais melodiosa que ha produzido o sentimento humano, e que resume o genio poetico de Bellini; aquella aria, emfim, ainda me parece resoar continuadamente nos seios da minha alma com immanencia magica.

E n'aquelles momentos e n'aquella situação, que lhe ouvi cantar a *casta diva* pela primeira vez, Florentina da minha alma, não debaixo da abobada d'um theatro, ou d'um templo, mas debaixo da abobada azul do universo, — craneo de Deus! — eu queria que tu e eu foramos immortaes para estar ouvindo-a sempre, sempre.

Oh, quão formosa e purissima estavas, casta pomba do bosque, que eu, tigre da planicie, queria devorar desde as espessuras das minhas embuscadas!

E quando, tremula d'amor, continuaste cantando:

Tempra tu de'cori ardenti,
Tempra ancor lo zelo audace,
Spargi in terra quella pace
Che regnar tu fai nel ciel.

Tu fai in terra
Quella pace
Che regnar
Tu fai nel ciel.

Eu não pude resistir mais ás inflexões e á influencia da voz d'aquella mulher e d'aquella scena. Sim, obedecia aos impulsos do meu coração, tinha que arrojar-me aos seus pés e supplicar-lhe que fosse minha esposa; e, se obedecia aos impulsos do meu orgulho, tinha que afastar-me d'ali e despedil-a de noute do meu palacio, para me ver livre, livre d'aquella sereia perigosa.

XIV

MAZZEPA

Venceu o meu orgulho n'aquella lucta de momento; e quando todos estavam absortos pela magia do canto, eu sahi furtivamente do lubre, ou *lucus*, como uma sombra, sem ser visto, nem mesmo do meu jockey, e montando em Mazzepa, o cavallo inglez que trouxera do palacio pela manhã, cravei-lhe com força as esporas e afastei-me com rapidez do paço ou palacio de Dorra.

Que caminho seguia eu?

Ignorava-o.

Arrebatado nas azas moveis da minha altivez, fazia com que Mazzepa salvasse barrancos e vallados que ninguem, seguramente, salvaria á luz do dia.

Olhava para a lua de quando em quando, ao caminhar rapido e estendido sobre *Mazzepa*, assim denominado em honra do famoso cavallo d'uma das lendas de Byron, e, sem querer, os meus labios repetiam harmonicamente:

Senza nube,
Senza nube,
Senza nube,
E senza vel.

Na minha carreira vertiginosa, olhava tambem para as arvores ao longe, e os troncos dos olmos brancos, animados pela optica da poesia, pareciam-me outros tantos bustos de Florentina, que vinham para mim, e me perseguiam, e me acossavam cantando com fascinação:

Tempra tu
De'cori ardenti
Tempra ancor,
Tempra ancor
Lo zelo audace...

E, no meu desvario, eu repetia aterrado e com a voz desfallecida:

Spargi in terra
Quella pace
Che regnar
Tu fai nel ciel.

Continua

SCIENCIA PARA TODOS

VIII

ASTRONOMIA

Continuação

Como ha 90 graos do equador a cada polo e o sol allumia 90 graos desde o seu ponto vertical, é evidente que allumiará tantos graos para além d'um e outro polo, quanto o numero de graos que elle avançara do equador. Se nós podemos ler um letreiro a uma distancia de 90 passos, é claro que avançando 23 passos e 1/2, poderemos lel-o igualmente recuando-o 23 passos e 1/2. Esta simples proposição basta para dar conta dos phenomenos das estações e da duração variada do dia e da noute.

No seu movimento diurno, a lua dá volta a todas as posições da terra em um circulo e uma distancia igual do equador, e todos os logares exactamente á mesma distancia do equador voltam em um mesmo circulo.

Chama-se *latitude* a distancia ao norte e ao sul do equador. A rasão é que, se o sol allumia verticalmente 10 graos ao norte do equador, todos os logares que estiverem a 10 graos de latitude norte passarão exactamente n'aquelle dia sob o sol.

O sol, abrangendo verticalmente 10 graos ao norte do equador, allumia 10 graos além do norte e 10 graos do lado de cá do polo sul; o que prova que, na rotação da terra, nenhum logar dentro dos 10 graos do polo norte pode subtrahir-se aos raios do sol. Será ahi sempre dia; nos logares dentro dos 10 graos do polo sul onde não podem chegar os raios do sol será noute.

Os raios do sol, quando este está verticalmente sobre o equador, espalham-se exactamente dos dous lados do polo; o dia e a noute cortam todos os circulos do movimento diurno em duas partes iguaes, de maneira que sendo a parte illuminada dos circulos igual á parte obscura, os dias e as noutes são iguaes para todo o mundo.

Em 21 de março o sol está verticalmente por cima do equador; a terra desce na sua orbita annual durante 91 dias até ao dia 21 de junho. Então o sol está acima de todos os logares sob 23 graos e 1/2 ao norte do equador, de maneira que, durante esses 91 dias, o sol ganhou gradualmente 23 graos e

$^1/_2$ e acha-se verticalmente sobre todos os pontos á mesma distancia do equador. Durante o mesmo tempo, illuminou successivamente, avançando na mesma progressão, tantos graos além do polo norte e produziu para aquellas regiões dias continuados e pela mesma rasão um accrescimo de dia por todos os pontos no hemispherio norte, em proporção da sua proximidade do polo.

Os phenomenos oppostos devem necessariamente ter logar no hemispherio meridional da terra. A medida que o sol avança por cima do equador, os seus raios afastam-se do polo sul; as regiões ao redor d'aquelle polo devem estar em trevas e as noutes devem ser tanto mais extensas quanto os dias augmentam no hemispherio septentrional.

Para se comprehender esta theoria, suspenda-se algum corpo redondo por baixo d'um foco qualquer: ver-se-ha que a luz se dirigirá apenas para um dos polos, e que voltando esse corpo ao redor, os circulos formados por algumas partes da superficie serão igualmente divididos pela luz; observar-se-ha que haverá constantemente luz para o norte e que o phenomeno opposto terá logar no outro hemispherio.

Depois de ter descido na sua orbita ao ponto de tornar o sol vertical a 23 graos e $^1/_2$, ao sul do equador, a terra sobe no mesmo sentido, e ao fim de 91 dias, isto é, em 21 de setembro, o sol está verticalmente sobre o equador.

Continua — Doutor Jayme

NIHIL

(NA CARTEIRA D'UM RACIONALISTA)

Cavei no solo agreste e pobre d'um jazigo,
Aonde em tempos fôra um crente sepultado,
Que lia a Imitação, Louiz Veuillot, e atado
Morrera aos pés da cruz do Redemptor amigo.

No fundo, soterrado em torpe desabrigo,
Alvo como o marfim, o craneo descarnado.
Tinha a immobilidade estranha d'um soldado
Cahido no ferir as hostes do inimigo.

E eu disse á podridão da terra que o envolvia:
«Tu viste aqui bater ás portas da enxovia
Alguma sombra alada, ou celica visão?»

E a cova, arregaçando os ossos ressequidos,
N'um riso histrional de cynicos bandidos,
Prestes me respondeu um desdenhoso: Não!

Nunes d'Azevedo

AS VINDIMAS

AO ILL.^{mo} SNR. J. M. GUEDES D'AZEVEDO

Como prova d'amizade e respeito

Meu bom amigo

E' com a maior satisfação que offereço a V. S.ª um fructo do meu trabalho, que, se algum valor tem, é tão somente o de representar um pensamento de gratidão para com o homem modelo da honradez e da bondade. Não é lisonja; é um acto de justiça que faço, repetido por todos aquelles que teem de V. S.ª conhecimento. Cumprido este acto de respeito, principio.

Já os primeiros alvores do crepusculo matutino fazem saber aos vindimadores o tão desejado dia. Com alegres cantigas assignalam o seu contentamento. Está o ar do dia em uma justa proporção. A atmosphera não tem aquelle ardente calor que nos enfraquece e nos opprime, nem aquelle frio penetrante cujo sentimento desagradavel nos afflige e nos persegue. Está justamente n'aquelle grao de calor que faz evaporar suavemente os perfumes das plantas e das flores, sem totalmente as murchar.

O ceo contribue para augmentar a variavel belleza das perspectivas, pois está semeado, não de nuvens negras e espessas, cujas entranhas encerram immensas chuvas, mas de nuvens prateadas, leves e fugitivas, que cobrem de quando em quando o sol e lançam sobre a terra um veo de sombras, que allivia e refrigera o fatigado lavrador.

Entremos n'esta immensa vinha.

Quanto é formoso ver as cepas cobertas com a rica verdura e as tenras hasteas curvadas com o peso dos saborosos cachos, que promettem ao lavrador o fructo de suas fadigas! As vindimadeiras movem-se apressadas na sua laboriosa tarefa. De joelhos umas, inclinadas sobre as cepas outras, cortam os cachos perfumados e lançam-os nas cestas, que gentis creanças despejam nos cestos já humidos de mosto. Em seguida um bando de camponezes conduzem sem obstaculo até ao lagar os pesados cestos e ali preparam o delicioso licor que alegra o homem e enche a taça do praser. Tudo isto no meio d'uma alegria indiscriptivel.

Estes puros e socegados praseres não os gosa o triste habitante da cidade, porque ahi só reina o luxo, que é a perda de muitas familias. A vida da aldeia é mais bella e suave, porque é n'ella que mais se reflectem a innocencia e a felicidade.

Permitta Deus que nunca nos vejamos a braços com uma calamidade como a que n'este momento está affligindo o Alto Douro. Aquella extensa zona vinhateira, outr'ora tão rica e florescente, definha hoje nas garras d'um inimigo implacavel, mortal. Os terrenos onde se colhia a uva, base da riqueza d'aquella região, teem uma apparencia tristissima d'abandono desconsolador. Os habitantes emigram todos os dias, procurando outras terras mais hospitaleiras, e talvez que um dia, não longe, se ache inteiramente despovoada, se outra especie de cultura, por exemplo o tabaco, não vier substituir a vinha. Não exagero. A verdade nua e crua é o que acabo de narrar.

J. J. Gonçalves Pereira

SONHOS-DELIRIOS D'UM FUMADOR D'OPIO

Conclusão

N'outra urna lia-se o seguinte:

LOUIS XVI
ROI DE FRANCE
1793

Estas urnas eram levadas á frente do cortejo; as outras ainda vazias só traziam as palavras: Russia, Allemanha, Italia, Austria, Belgica, Hespanha, Portugal, etc. etc.

Aquelle immenso cortejo encaminha-se agora para a parte septentrional da Europa.

Era magestoso o desfilar d'aquelle povo, symbolo da civilisação!...

Ouvia perfeitamente uns brados enthusiasticos, phreneticos, dizendo:

—Viva a soberania popular!

Comecei a confundir os vultos. O quadro immenso que a embriaguez me fizera sonhar ia-se ennovelando, escurecendo, fugindo. Parece que um grande veo escuro e denso descia diante de meus olhos e me escondia a scena mystica do meu sonhar!

E' que já ia acordando.

Então, já mal distinctos como caracteres magicos, fugitivos, phosphorescentes, li ainda um nome e uma data; eram:

ALEIXOWITZ II
1881

Depois acordei, suado, frio, cançado, como se um grande esforço fizesse. Ao meu lado estava o cachimbo que eu havia largado ao começar a embriaguez.

Quiz erguer-me. As pernas porém tremiam-me; mal me podia suster. Não me recordava de nada...

De repente fez-se a luz nas trevas do meu craneo, lembrei-me de tudo que no sonho vira... e escrevi tudo...

Sonhos... delirio, embriaguez, ou loucura, ahi t'o deixo escripto!

....

E não estava assignado! Só isto dizia o pergaminho, e já dizia muito!...

Se foi grande o sonho, maior devia ser a ideia do sonhador.

Nenhuma apreciação lhe faço porque não cabe em mim apreciar tal escripto.

Se é verdade ou não, não posso dizer, porque as visualidades d'um sonho não teem discussão.

EDUARDO VÉRAS

LUIZ ULBACH

Esteve ha poucos annos entre nós o individuo retratado aqui. Foi por occasião do congresso anthropologico que Luiz Ulbach veio a Portugal.

E' um escriptor vivo e scintillante, verdadeiro nas concepções, feliz nos intuitos. A ideia predominante de todos os seus escriptos é pintar o quadro dos progressos e provações da burguezia, a classe media da sociedade, quiçá aquella que mais padece, em virtude do falso meio em que é obrigada a viver. Uma serie de romances politicos desenvolveu essa ideia, de todo o ponto justa, e o applauso publico, coroando a obra, moldada n'esse principio humanitario, deu o testemunho mais completo de que o profundo romancista não se enganara, attingindo o alvo a que visava.

Critico erudicto e polemista notavel, Luiz Ulbach é um escriptor de primeira ordem e occupa um logar muito importante no meio da brilhante pleiade de romancistas que a França apresenta com orgulho á consideração do mundo civilisado.

ZIG-ZAGS

A EMBRIAGUEZ NA ASIA

Apesar da severa prohibição de Mahomet, a embriaguez é um vicio geral entre todos os povos da Asia central, pois esquecem totalmente que a religião official prohibe o uso, ainda moderado, das bebidas fermentadas, e mais ainda, que a lei civil, n'este ponto, applica vezes amiudadas contra os infractores penas tão duras, tão desproporcionadas á culpa, que chegam á ferocidade.

Pois isto nada pode e os delictos que Mahomet quiz prevenir, são de todos os momentos e de toda a gente.

Os pobres, assim como os principes, passam toda a noute a beber. As damas da familia real, como as raparigas dos bazares, ao dar a meia noute, cahem semi-mortas sobre os ricos tapetes dos palacios, e o *chá frio*, como ali chamam por decencia ao *arak*, e até a agoardente da Europa, enche as chaleiras e corre em ondas. Não é o prazer de banquetear com amigos ou parentes, nem o desejo de percorrer os graos successivos da excitação e da alegria; é ainda menos o gosto da bebida, que os leva a estes funestos excessos. O somno do embrutecimento é o alvo de todos os votos.

«Conheço homens profundamente instruidos, avidos de conhecimentos, diz um viajante, os quaes gosam com delicia os mais exquisitos praseres philosophicos e que não prescindem de cahir de bebados todas as noutes.»

LUIZ ULBACH

ABASCAL

A Hespanha não pode esquecer nunca a veneração que deve a este nome.

D. José Fernandes Abascal viveu nos fins do seculo XVIII. Sentou praça de cadete em 1762, tomou parte na expedição contra Alger em 1775, e depois de passar muito tempo em postos inferiores, foi em 1796 nomeado logartenente do rei em Cuba.

O modo como defendeu a Havana contra os inglezes deu a medida da sua pericia e genio militar. Nomeado governador da Nova Galisa, e depois vice-rei do Peru, desenvolveu tamanho zelo n'esta commissão, sustentando a concordia entre os habitantes, creando arsenaes, fundando cidades e aldeias, emfim elevou aquella provincia, tributaria da Hespanha, a um grao tal d'esplendor, que pôde mandar subsidios para a metropole, afim d'esta sustentar a guerra contra Napoleão. Foi em virtude da sabia administração do governador que o Peru foi a ultima colonia a separar-se da Hespanha.

Em 1816 resignou o commando, no meio das saudades dos peruvianos, e voltou a Madrid, onde morreu em 1821, com setenta e sete annos d'idade.

—

RELOGIOS

A mulher é um relogio de luxo, que tem apenas despertador e muitas vezes musica; nunca varia porém de som.

Procuremos por esse mundo e encontraremos em todas as partes talentos de repetição, modestias de campainha, virtudes de surdina. Todos vivem, todos roem a corda da vida, até que a hora caprichosa da morte se approxima, a passos apressados para o venturoso, lentos para o sabio e inevitaveis para todos.

—

EXPEDIENTE

Aos snrs. Assignantes das provincias cujas assignaturas terminam com o numero 104, pedimos a especial fineza de as renovarem com a maior antecedencia, para nos evitar complicação no expediente.

A importancia da assignatura pode ser-nos enviada em sellos do correio de qualquer especie.

Aos nossos correspondentes que ultimamente se teem tornado remissos de enviar-nos as suas liquidações, pedimos toda a urgencia na remessa dos saldos de suas contas.

PROSPECTO

O CAMÕES, semanario popular illustrado, publica-se ás quintas feiras, e consta de 8 paginas a 3 columnas, com 4 ou mais gravuras.

A correspondencia deve ser dirigida ao redactor e proprietario Antonio Augusto Leal, Porto.

Assigna-se no escriptorio, rua nova do Sá da Bandeira n.os 113 e 115; vende-se em todos os kiosques e livrarias do Porto, e nas principaes terras da provincia em casa dos nossos obsequiosos correspondentes. Em Lisboa é nosso agente o snr. Portugal da Silva, rua do Bemformoso, 150, 1.º andar.

A assignatura (pagamento adiantado) custa no Porto, 3 mezes, 260 reis; provincias, 300 reis; Brazil, 1 anno, 2$000 reis, moeda forte.

Preço avulso, 20 reis.

FIM DO VOLUME SEGUNDO